ZADIG

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

Zadig
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 6
Nélson Jahr Garcia

ZADIG
I — 7
O Caolho
II — 12
O Nariz
III — 16
O Cão e o Cavalo
IV — 22
O Invejoso
V — 29
Os Generosos
VI — 33
O Ministro
VII — 38
Demandas e Audiências
VIII — 43
O Ciúme
IX — 50
A Mulher Batida
X — 55
A Escravidão

XI — 61
A Pira
XII — 66
A Ceia
XIII — 72
As Entrevistas
XIV — 77
O Salteador
XV — 83
O Pescador
XVI — 89
O Basilisco
XVII — 100
Os Combates
XVIII — 107
O Eremita
XIX — 117
Os Enigmas
XX — 122
A Dança
XXI — 128
Os Olhos Azuis

ZADIG

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Voltaire (François-Marie Arouet) foi um dos grandes filósofos do Iluminismo. Dentre as suas qualidades destaca-se a ironia, às vezes gentil, em outras sarcástica e, não poucas vezes, profundamente destrutiva. Suas obras dão sentido à velha máxima: “Ridendo Castigat Mores” (com o riso castigam-se os costumes).

Zadig não é diferente; ironiza o poder, a organização política, a riqueza, o orgulho as pretensões da burguesia, a riqueza, a inveja e muito mais.

Vale hoje como valeu em seu século.

Nélson Jahr Garcia
jahr@jahr.org

ZADIG OU O DESTINO
Uma história oriental
Voltaire

I
O CAOLHO

No tempo do rei Moabdar havia em Babilônia um jovem chamado Zadig e cuja boa índole se aprimorara pela educação. Embora moço e rico, sabia moderar as paixões, não afetava nada; não pretendia ter sempre razão, e costumava respeitar a fraqueza dos homens. Era de espantar que, com tanto espírito, jamais procurasse meter a ridículo esses diálogos tão vagos, tão incoerentes, tão irrequietos, essas temerárias maledicências, esses juízos ignaros, essas grosseiras chocarrices, esse vão palavrório, a que se chamava conversação em Babilônia. Aprendera, no primeiro livro de Zoroastro, que o amor-próprio é um balão cheio de vento, de onde brotam tempestades quando se lhes dá uma alfinetada. Não se vangloriava, principalmente, de desprezar as mulheres e subjugá-las. Era generoso; não se arreceava de prestar serviços a ingratos, conforme este grande

preceito de Zoroastro: “Quando comeres, dá de comer aos cães, ainda que te mordam”. Era o mais sábio possível, pois procurava viver com os sábios. Instruído na ciência dos antigos caldeus, não ignorava os princípios físicos da natureza, tais como se conheciam então e, quanto à metafísica, sabia dessa matéria o que sempre se soube em todas as épocas, isto é, pouquíssima coisa. Estava firmemente convicto de que o ano se compunha de trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto, mau grado a nova filosofia do seu tempo, e de que o sol ficava no centro do mundo; e quando os principais magos, com insultuosa arrogância, lhe diziam que demonstrava, assim, maus sentimentos e que só um inimigo do Estado poderia acreditar que o sol girasse sobre si mesmo e o ano tivesse doze meses — Zadig calava sem cólera e sem desprezo.

Com grandes riquezas, e por conseguinte com amigos, de boa saúde, agradável aparência, espírito justo e moderado, e um coração sincero e nobre, julgou que podia ser feliz. Ia desposar Semira, cujo nascimento e fortuna a tornavam o primeiro partido de Babilônia. Dedicava-lhe um firme e virtuoso afeto e Semira o amava com paixão. Não tardava o feliz momento que os ia unir, quando, passeando os dois pelas proximidades de uma das portas de Babilônia, viram encaminhar-se a seu encontro alguns homens armados de sabres e frechas. Eram os

satélites do jovem Orcan, sobrinho de um ministro, e a quem os cortesãos do tio haviam feito acreditar que tudo lhe era permitido. Não tinha nenhuma das graças ou virtudes de Zadig; mas, julgando valer muito mais, exasperava-se por não ser o predileto. Tal ciúme, que só a vaidade inspirava, o convencera de que amava loucamente a Semira. E queria raptá-la. Os asseclas lançaram-se a ela e, na sua brutalidade, chegaram a feri-la, derramando o sangue daquela criatura cuja vista seria capaz de enternecer os tigres do monte Imaús. Ela feria os céus com seus lamentos.

"Ó meu caro esposo! — bradava. — Arrancam-me àquele a quem adoro!" Não se preocupava com o próprio perigo; pensava apenas no seu Zadig, o qual, ao mesmo tempo, a defendia com todas as forças que empresta a coragem e o amor. Somente com o auxílio de dois escravos, pôs os homens em fuga, carregando-a, desfalecida e ensangüentada, para a casa de seus pais. Logo que Semira voltou a si, deu com os olhos no seu salvador, e disse-lhe: "Ó Zadig! antes eu te amava como a meu esposo; mas agora amo-te como àquele a quem devo a honra e a vida". Nunca houve coração mais comovido que o de Semira. Nunca uns lábios encantadores exprimiram mais tocantes sentimentos, com essas ardentes palavras inspiradas na maior gratidão e nos transportes do justificado amor.

Seus ferimentos eram leves; ficou logo boa. Zadig fora atingido mais gravemente; uma frechada perto de um olho produzira-lhe profundo ferimento. Semira só pedia aos deuses a cura de seu amado. Seus olhos, noite e dia, estavam banhados de lágrimas: esperava o momento em que os de Zadig pudessem gozar de seus olhares; mas um abscesso, que se formou na vista afetada, deu causa às maiores apreensões. Mandaram chamar em Mênfis o grande médico Hermes, que chegou com numeroso séquito, visitou o enfermo, e declarou que este perderia a vista; predisse até o dia e hora em que deveria suceder o nefasto acidente. “Se fosse o olho direito — disse ele — eu poderia curá-lo; mas as feridas na vista esquerda, são incuráveis”. Toda Babilônia, lamentando o destino de — Zadig, admirou a profundeza da ciência de Hermes. Dois dias depois, o abscesso resolveu-se por si mesmo; Zadig ficou completamente são. Hermes escreveu então um livro, em que lhe provou que não deveria ter sarado. Zadig não o leu; mas, logo que pôde sair, aprestou-se para visitar aquela em que fazia consistir toda a sua felicidade e só pela qual desejava conservar os dois olhos. Fazia três dias que Semira se achava no campo. Soube, em caminho, que essa bela dama, depois de declarar, abertamente a sua invencível aversão aos caolhos, desposara Orcan naquela mesma noite. A essa nova, Zadig perdeu os sentidos; a dor o

levou à beira do túmulo; por muito tempo esteve doente; mas enfim a razão venceu o sofrimento, e a própria atrocidade do que experimentava serviu para o consolar.

Já que sofri — disse ele — tão cruel capricho de uma moça da Côrte, devo agora procurar uma burguesa.

Escolheu Azora, a mais recatada donzela e a de família da cidade; desposou-a, e viveu com ela um mês os encantos da mais doce união. Apenas lhe notava certa leviandade e demasiado pendor para achar que eram exatamente os jovens mais bonitos que tinham mais espírito e virtudes.

II
O NARIZ

Um dia Azora voltou de um passeio muito encolerizada e com grandes exclamações.

— Que tens, minha querida esposa? Quem te pôs nesse estado?

— Ah! ficarias como eu, se visses o que acabo de presenciar. Fui confortar a viúva Cosru, que há dois dias edificou um túmulo para seu jovem esposo, junto ao arroio que banha as redondezas. Na sua aflição, prometera aos deuses que ficaria junto do túmulo enquanto lhe corressem ao lado as águas do arroio.

— Pois então! Eis aí uma estimável mulher, que amava; verdadeiramente a seu marido!

— Ah! se soubesses em que se ocupava ela quando a fui visitar!

Em que, minha bela Azora?

— Ela estava mandando desviar o arroio.

E Azora alongou-se em tais invectivas, explodiu criminações tão violentas, que não

agradou em nada a Zadig tamanha ostentação de virtude.

Tinha este um amigo chamado Cador que era um daqueles jovens a quem sua mulher atribuía mais probidade e mérito que aos outros: confiou-lhe os seus pensamentos e assegurou-se, como podia, da sua fidelidade, dando-lhe um valioso presente. Azora, que passara dois dias no campo em casa de uma amiga, regressou no terceiro dia. Criados em pranto anunciaram-lhe que o marido morrera subitamente naquela noite e que, não ousando levar-lhe essa infausta notícia, acabavam de sepultá-lo no túmulo de seus pais, ao fundo do jardim. Ela chorou, arrancou os cabelos, e jurou morrer. À noite, Cador pediu-lhe licença para lhe falar, e choraram ambos. No dia seguinte, choraram menos, e jantaram juntos. Cador confessou que o amigo lhe deixara a maior parte de sua fortuna, e deu a entender que a maior ventura, para ele, seria compartilhá-la com Azora. A dama chorou, irritou-se, voltou às boas; a ceia foi mais longa que o jantar; falaram-se com mais confiança: Azora fez o elogio do defunto; mas confessou que Zadig tivera em vida alguns defeitos de que Cador era isento.

Durante a ceia, Cador queixou-se de uma violenta pontada no baço; a dama, inquieta e solícita, mandou trazer todas as essências com que se perfumava, a fim de ver se alguma não

seria boa para aquilo; lamentou muito que o grande Hermes já não estivesse em Babilônia; dignou-se até a tocar no ponto onde Cador sentia dores tão agudas.

— E tens muito seguido esses cruéis ataques? — perguntou-lhe, cheia de compaixão.

— Levam-me às vezes à beira do túmulo, e só há um remédio que me dá alívio: é aplicar no local o nariz de um homem falecido na véspera.

— Estranho remédio! — espantou-se Azora.

— Não mais estranho — respondeu Cador — que os saquinhos do senhor Arnoult contra apoplexia.

— A esta razão, juntamente com os extraordinários méritos do jovem, rendeu-se afinal a dama. “Em todo caso — disse ela consigo, — quando meu marido, na ponte de Tchinavar, passar do mundo de ontem para o mundo de amanhã, será que o anjo Asrael deixará de lhe dar passagem, só porque ele vai ter o nariz um pouco mais curto na segunda vida do que na primeira?” Tomou, pois, uma navalha; foi ao túmulo do esposo regou-o de lágrimas, e aproximou-se para cortar o nariz a Zadig, que encontrou estendido na tumba. Zadig ergueu-se, defendendo o nariz com uma das mãos e detendo a navalha com a outra.

— Senhora, disse ele, não clame tanto assim contra a viúva Cosru: o projeto de me cortar o nariz vale bem o de desviar um arroio.

III
O CÃO E O CAVALO

Zadig reconheceu que o primeiro mês do casamento é mesmo, como está escrito no Zenda, a lua de mel, e que o segundo é a lua de fel. Viu-se dentro em pouco obrigado a repudiar Azora, que se tornara dificílima de trato, e buscou refúgio no estudo da natureza. “Ninguém pode ser mais feliz — dizia ele — do que um filósofo que lê nesse grande livro colocado por Deus ante nossos olhos. É dono das verdades que descobre; alimenta e eleva a alma; vive tranqüilo; nada teme dos homens, e a sua extremosa mulher não lhe vem cortar o nariz”.

Penetrado dessas idéias, retirou-se para uma casa, de campo à margem do Eufrates. Ali, não se preocupava ele era calcular quantas polegadas de água corriam por segundo sob os arcos de uma ponte, ou se caía mais uma linha cúbica de chuva no mês do rato do que no mês do carneiro. Não planejava fabricar seda com teias de aranha, nem porcelana com cacos de garrafa; ma dedicou-se principalmente ao estudo dos animais e das plantas, adquirindo em breve uma agudeza que

lhe desvendava mil diferenças onde os outros não viam que uniformidade.

Ora, estando um dia a passear pelas proximidades de um bosque, acorreu-lhe ao encontro um eunuco da rainha, seguido de vários oficiais que demonstravam a maior inquietação e vagavam de um lado para outro, como pessoas desorientadas que houvessem perdido a maior preciosidade deste mundo.

— Jovem — disse-lhe o primeiro eunuco, — não viste o cão da rainha?

— É uma cadela, e não um cão respondeu Zadig discretamente.

— Tens razão — tornou o primeiro eunuco.

— É caçadeira, e por sinal que muito pequena — acrescentou Zadig. — Deu cria há pouco; manqueja da pata dianteira esquerda e tem orelhas muito compridas.

— Viste-a, então? — perguntou o primeiro eunuco, esbaforido

— Não — respondeu Zadig, — nunca a vi na minha vida nem nunca soube se a rainha tinha ou não uma cadela. Ao mesmo tempo, por um ordinário capricho da sorte, sucedeu escapar-se das mãos de um palafreneiro o mais belo exemplar das cavalariças do rei, extraviando-se

nos campos de Babilônia. O monteiro-mor e todos os outros oficiais corriam à sua procura com mais inquietação do que o primeiro eunuco em busca da cadela. O monteiro-mor dirigiu-se a Zadig e perguntou-lhe se não vira acaso o cavalo do rei.

— É — respondeu Zadig — o cavalo de melhor galope; tem cinco pés de altura e os cascos pequenos; a cauda mede três pés e meio de comprimento; o freio é de ouro de vinte e três quilates; e as ferraduras de prata de onze denários.

— Que direção tomou ele? onde está? — perguntou o monteiro-mor.

— Não o vi — respondeu Zadig, — nem nunca ouvi falar nele.

O monteiro-mor e o primeiro eunuco não tiveram mais dúvidas de que Zadig houvesse roubado o cavalo do rei e a cadela da rainha; levaram-no perante a assembléia do grande desterham, que o condenou ao knut e a passar o resto da vida na Sibéria. Mal se encerrara o julgamento, foram encontrados o cavalo e a cadela. Viram-se os juízes na dolorosa obrigação de reformar sua sentença; mas condenaram Zadig a desembolsar quatrocentas onças de ouro, por haver dito que não vira o que tinha visto. Primeiro foi preciso pagar a multa; depois concederam-lhe licença para se defender perante

o conselho do grande desterham. Zadig falou nos seguintes termos:

"Estrelas de justiça, abismos de ciência, espelhos da verdade, vós que tendes o peso do chumbo, a dureza do ferro o fulgor do diamante e tanta afinidade com o ouro! Já que me é dado falar perante essa augusta assembléia, juro-vos por Orosmade que jamais vi a respeitável cadela da rainha, nem o sagrado cavalo do rei dos reis. Eis o que me aconteceu. Passeava eu pelas cercanias do bosque onde vim a encontrar o venerável eunuco e o ilustríssimo monteiro-mor, quando vi na areia as pegadas de um animal. Descobri facilmente que eram as de um pequeno cão. Sulcos leves e longos, impressos nos montículos de areia, por entre os traços das patas, revelaram-me que se tratava de uma cadela cujas tetas estavam pendentes, e que portanto não fazia muito que dera cria. Outras marcas em sentido diferente, que sempre se mostravam no solo ao lado das patas dianteiras, denotavam que o animal tinha orelhas muito compridas; e, como notei que o chão era sempre menos amolgado por uma das patas do que pelas três outras, compreendi que a cadela de nossa augusta rainha manquejava um pouco, se assim me ouso exprimir. Quanto ao cavalo do rei dos reis, seja-vos cientificado que, passeando eu pelos caminhos do referido bosque, divisei marcas de

ferraduras que se achavam todas a igual distância.

"Eis aqui — considerei — um cavalo que tem um galope perfeito". A poeira dos troncos, num estreito caminho de sete pés de largura, fora levemente removida à esquerda e à direita, a três pés e meio do centro da estrada. "Esse cavalo — disse eu comigo — tem uma cauda de três pés e meio, a qual, movendo-se para um lado e outro, varreu assim a poeira dos troncos". Vi debaixo das árvores, que formavam um dossel de cinco pés de altura, algumas folhas recém-tombadas e concluí que o cavalo lhes tocara com a cabeça e que tinha, portanto, cinco pés de altura. Quanto ao freio, deve ser de ouro de vinte e três quilates: pois ele lhe esfregou a parte externa contra certa pedra que eu identifiquei como uma pedra de toque. E, enfim, pelas marcas que as ferraduras deixaram em pedras de outra espécie, descobri eu que era prata de onze denários".

Todos os juízes pasmaram do profundo e sutil discernimento de Zadig, o que logo chegou aos ouvidos do rei e da rainha. Só se falava em Zadig nas antecâmaras, na câmara e no gabinete; e, embora vários magos opinassem que o deviam queimar como feiticeiro, ordenou o rei que lhe restituissem as quatrocentas onças de ouro a que fora multado. O escrivão, os meirinhos, os procuradores, compareceram em grande pompa à

presença de Zadig, para lhe entregar as suas quatrocentas onças; apenas retiveram trezentas e noventa e oito para as custas do processo, e os seus ajudantes reclamaram gratificação.

Zadig compreendeu como era às vezes perigoso ser demasiado sábio, e jurou consigo que, na próxima ocasião, nada diria do que acaso houvesse testemunhado.

Essa oportunidade não se fez esperar. Um prisioneiro de Estado, que fugira, passou pelas janelas de sua casa. Zadig, interrogado, nada respondeu; mas provaram-lhe que ele olhara pela janela. Foi multado, por esse crime, em quinhentas onças de ouro, e ele agradeceu a indulgência dos juízes, segundo o costume de Babilônia. “Como é lamentável, meu Deus, — dizia ele consigo, — ir a gente passear num bosque por onde passaram a cadela da rainha e o cavalo do rei! Que perigoso chegar à janela! E que difícil ser feliz nesta vida!”

IV
O INVEJOSO

Zadig procurou consolo, na filosofia e na amizade, dos males que lhe causara a sorte. Possuía, num arrabalde de Babilônia, uma casa arranjada com excelente gosto, onde acolhia todas as artes e divertimentos dignos de um homem de bem. De manhã, franqueava a biblioteca a todos os sábios; e a mesa, de noite, à gente de boa companhia. Mas logo viu como são perigosos os primeiros. Explodiu entre eles uma grande querela acerca da lei de Zoroastro que proibia comer grifo.

— Como proibir carne de grifo — diziam uns, — se esse animal não existe?

— Tem de existir — diziam outros, — visto que Zoroastro não quer que o comam.

Zadig procurou harmonizá-los, dizendo:

— Se houver grifos, não os devemos comer; se não os houver, muito menos os comeremos; e assim, de qualquer modo, obedecemos todos a Zoroastro.

Um sábio, que compusera treze volumes sobre os grifos e que, além disso, era grande teurgista, apressou-se em ir acusar Zadig perante um arquimago chamado Yebor, o mais tolo dos caldeus e, portanto, o mais fanático. Esse homem seria capaz de mandar empalar Zadig para maior glória do sol, recitando depois o breviário de Zoroastro no tom mais satisfeito do mundo. O amigo Cador (um amigo vale mais que cem sacerdotes) foi procurar o velho Yebor e disse-lhe:

— Viva o sol e os grifos! guardai-vos de punir Zadig: é um santo; ele tem grifos no terreiro e não os come; e o seu acusador é um herege que ousa sustentar que os coelhos têm a pata fendida e não são imundos.

— Pois bem — disse Yebor, balançando a calva, — cumpre empalar Zadig por ter pensado mal dos grifos, e o outro por ter falado mal dos coelhos.

Cador contornou a questão por intermédio de uma dama de honor a quem fizera um filho e que gozava de muito crédito junto ao colégio dos magos. Ninguém foi empalado, motivo pelo qual muitos doutores começaram a murmurar, vaticinando a decadência da Babilônia. “Do que depende a felicidade! — exclamou Zadig. — Tudo me persegue neste mundo até os seres que não

existem". Amaldiçoou os sábios, e dali por diante só procurou viver em boa companhia.

Reunia em casa os homens mais distintos da Babilônia e as damas mais amáveis; oferecia delicadas ceias, muita vez precedidas de concertos animadas por encantadoras conversações de que soubera banir o empenho de mostrar espírito, que é a mais certa maneira de não o ter e de estragar a sociedade mais brilhante. Nem a escolha dos amigos, nem a dos pratos, era ditada pela vaidade: pois em tudo preferia o ser ao parecer; e com isso atraíra a verdadeira consideração, à qual não aspirava.

Defronte à sua casa morava Arimaze, personagem cuja mesquinha alma se lhe via pintada na grosseira fisionomia. Vivia corroído de fel e inchado de orgulho; e, para cúmulo, era um aborrecido "espirituoso". Não tendo jamais alcançado sucesso na sociedade, vingava-se falando mal dela. Opulento como era, tinha dificuldade em reunir alguns aduladores nos seus salões. Importunava-o o rumor dos carros que paravam à noite diante da casa de Zadig, e ainda mais o irritava o rumor de seus louvores. Ia algumas vezes visitar Zadig e sentava-se à mesa sem ser convidado: corrompia então toda a alegria da sociedade, como dizem que as harpias envenenam a carne em que tocam. Aconteceu-lhe uma vez oferecer uma festa a certa dama que, em

vez de aceitá-la, foi cear em casa de Zadig. Doutra feita, estando ambos em palácio, abordaram um ministro, que convidou Zadig para cear, sem estender o convite a Arimaze. Os mais implacáveis ódios não têm comumente raízes mais importantes. Esse homem, a quem chamavam o Invejoso, planejou perder Zadig, porque a este chamavam o Feliz. A oportunidade de fazer mal depara-se cem vezes por dia, e a de fazer bem uma vez por ano, diz Zoroastro.

O Invejoso foi ter com Zadig, que passeava no jardim em companhia de dois amigos e uma dama, a quem muita vez dizia coisas galantes, sem maior intenção que lhes dizer. Conversavam sobre a guerra que o rei acabava de ganhar ao príncipe de Hircânia, seu vassalo. Zadig, que se assinalara, pela coragem, nessa curta guerra, louvava muito o rei e ainda mais a dama. Tomou as suas tabuinhas, e escreveu quatro versos de improviso, dando-os a ler à sua bela companheira. Os amigos pediram que lhos lesse; mas a modéstia o impediu, ou antes, um bem compreendido amor-próprio. Sabia que versos improvisados só prestam para aquela em cuja honra são compostos: quebrou em duas a tabuinha onde acabava de escrever e lançou as duas metades numa moita de rosas onde em vão os outros as procuraram Como principiasse a garoar entraram em casa. O invejoso, tendo ficado no jardim tanto procurou que encontrou

uma das metades. Fora rompida de tal modo que cada metade de linha formava sentido e até mesmo um verso de menor medida; mas, por um acaso ainda mais estranho, o conjunto desses quatro pequenos versos também completava um sentido que continha as mais terríveis injúrias contra o rei. Lia-se, pois:

Pelo crime brutal
Venceu o soberano,
Na paz universal
É o único tirano.

O invejoso sentiu-se feliz pela primeira vez na vida. Tinha entre as mãos com que perder a um homem virtuoso a digno. Cheio de cruel alegria, fez chegar ao rei aquela sátira escrita por mão de Zadig; puseram-no em prisão, a ele, aos seus dois amigos e à dama. Em breve foi concluído o processo sem que se dignassem inquiri-lo. Quando foi ouvir a sentença, encontrou de passagem o invejoso, o qual lhe disse que os seus versos não valiam nada. Zadig não tinha pretensões a bom poeta; mas exasperava-se de ser condenado por crime de lesa-majestade e ver que retinham em prisão uma bela dama e dois amigos, por causa de um atentado que ele não cometera. Não lhe permitiram que falasse, porque as suas tábuas falavam o bastante. Tal era a lei de Babilônia. Mandaram-no, pois, ao suplício, através de uma multidão de curiosos, nenhum

dos quais ousava lamentá-lo, e que se precipitavam para examinar-lhe o rosto e ver se ele morria de boa cara. Apenas seus parentes estavam aflitos, pois não herdavam nada. Três quartos de seus bens eram confiscados em proveito do rei, e o último quarto em proveito do invejoso.

Enquanto ele se preparava para a morte, o papagaio do rei voou do seu balcão e foi pousar no jardim de Zadig, sobre uma moita de rosas. De uma árvore vizinha, tombara ali um pêssego, sacudido pelo vento, indo aplastar-se contra um pedaço de tábua de escrever, a que ficara colado. O pássaro carregou o pêssego e a tabuinha, depondo-os sobre os joelho do monarca. O príncipe, curioso, leu no fragmento umas palavras que não formavam sentido e que pareciam finais de versos. Ele amava a poesia, e sempre há algum recurso com príncipes que gostam de versos: a aventura do papagaio deu-lhe que pensar. A rainha, que se lembrava do que vinha escrito na tábua de Zadig, mandou buscá-la. Confrontaram os dois pedaços, que se ajustavam perfeitamente surgiram tão os versos tais quais Zadig os escrevera:

> Pelo crime brutal era assolada a terra.
> Venceu o soberano, e libertos nos vimos.
> Na paz universal somente o amor faz

guerra:
É o único tirano a quem não resistimos.

O rei ordenou em seguida que trouxessem Zadig à sua presença e retirassem da prisão seus dois amigos e a bela dama. Zadig lançou-se de rosto contra o solo aos pés do rei e da rainha: pediu-lhes humildemente perdão de haver feito maus versos; falou com tanta graça, espírito e razão que o rei e a rainha manifestaram desejo de tornar a vê-lo. Voltou, e agradou ainda mais. Deram-lhe todos os bens do invejoso que o acusara injustamente, mas Zadig lhos restituiu, e o invejoso só se comoveu com o prazer de não perder seus haveres. Dia a dia aumentava a estima do rei. Convidava Zadig para todas as suas festas e consultava-o em todos os seus negócios. A rainha começou então a olhá-lo com uma complacência que podia tornar-se perigosa para si mesma, para o rei seu augusto esposo, para Zadig e para o reino. Zadig principiava a crer que não é nada difícil ser feliz.

V
OS GENEROSOS

Chegou a época de uma grande festa que se celebrava de cinco em cinco anos. Era costume em Babilônia proclamar solenemente, ao cabo de cinco anos, qual o cidadão que havia praticado a ação mais generosa. Os grandes e os magos serviam de juízes. O primeiro sátrapa, que regia a cidade, expunha as mais belas ações que haviam ocorrido sob o seu govêrno. Procedia-se à votação; o rei pronunciava a sentença.

Dos quatro cantos da terra, vinha gente assistir a essa solenidade. O vencedor recebia das mãos do monarca uma taça de ouro guarnecida de pedrarias, e o rei lhe dizia estas palavras: “Recebei este prêmio da generosidade, e queiram os deuses conceder-me muitos súbditos que se assemelhem a vós!”

Chegado o memorável dia, sentou o rei no seu trono, cercado dos grandes, dos magos e dos deputados de todas as nações que compareciam a essa justa, onde a glória não era conquistada com a rapidez dos cavalos, nem com a força física, mas tão somente com a virtude. O primeiro sátrapa relatou em voz alta as ações que podiam

fazer jus à inestimável recompensa. Não falou da magnanimidade com que Zadig devolvera a fortuna ao invejoso: não era ação que merecesse concorrer ao prêmio.

Apresentou primeiro um juiz que, tendo feito um cidadão perder considerável processo devido a um equívoco de que não lhe cabia responsabilidade alguma, lhe dera no entanto todos os seus bens, que eram do valor do que o outro havia perdido.

Depois um jovem que, loucamente enamorado da moça com quem ia casar, não hesitara em cedê-la a um amigo prestes a expirar de amor por ela; e ainda concorrera com o dote.

E finalmente um soldado que, na guerra de Hircânia, dera ainda maior exemplo de generosidade. Soldados inimigos procuravam raptar-lhe a sua querida, que ele defendia valentemente, quando lhe vieram dizer que outros hircanianos, a alguns passos dali, se apoderavam de sua mãe: deixou, em lágrimas, a bem-amada e correu a livrar a mãe; voltou em seguida para aquela a quem amava, e encontrou-a moribunda. Quis matar-se; a mãe lhe fez ver que ele era o seu único arrimo, e o soldado teve a coragem de suportar a vida.

As simpatias dos juízes inclinavam-se para esse soldado, quando o rei tomou a palavra e disse:

— Sua ação e a dos outros são belas; mas não me espantam; todavia o que ontem fez Zadig me deixou verdadeiramente admirado. Há poucos dias, privara eu de minha graça a meu ministro e favorito Coreb. Queixava-me dele com violência, e todos os cortesãos me asseguravam que fora demasiado brando; cada qual se empenhava em dizer o pior possível de Coreb. Perguntei a Zadig o que pensava, e ele ousou falar bem do desvalido. Confesso que vi, nas nossas histórias, exemplos de quem indenizasse um erro com a própria fortuna, quem cedesse a noiva, ou preferisse a mãe ao objeto de seu amor; mas nunca li que um cortesão haja falado vantajosamente de um ministro em desgraça, contra o qual ainda estivesse encolerizado o soberano. Concedo vinte mil moedas de ouro a cada um cujas generosas ações acabam de ser relatadas; mas entrego a taça a Zadig.

— Sire — disse este, — é Vossa Majestade quem merece a taça, pois foi quem praticou a ação mais inaudita: sendo rei, não vos indignastes por haver vosso escravo contrariado as vossas paixões.

Admiraram ao rei e a Zadig. O que cedera seus bens, o que casara a noiva com o amigo, o que preferira a salvação da mãe à da mulher a quem amava, receberam os presentes do monarca; tiveram seu nome escrito no livro dos generosos. Zadig ganhou a taça. O rei adquiriu a reputação de bom príncipe, que não conservou por muito tempo. Tal dia foi comemorado com festas mais longas do que o previa a lei, e ainda é lembrado em toda a Ásia. Zadig dizia: “Eis-me enfim feliz!” Mas enganava-se.

VI
O MINISTRO

Perdera o rei seu primeiro ministro. Escolheu Zadig para substituí-lo. Todas as belas damas de Babilônia aplaudiram a escolha, pois desde a fundação do império não houvera um ministro tão jovem. Todos os cortesãos ficaram descontentes; o invejoso chegou a escarrar sangue, e seu nariz aumentou prodigiosamente. Depois de agradecer ao rei e à rainha, Zadig foi também agradecer ao papagaio:

— Belo pássaro, foste tu quem me salvou a vida e quem me fez primeiro ministro: a cadela e o cavalo de suas Majestades me haviam feito bastante mal, mas tu me fizeste bem. Eis do que depende o destino dos homens! Mas — acrescentou ele, — tão estranha felicidade talvez se acabe dentro em breve.

— Sim — respondeu o papagaio. O que não deixou de impressionar a Zadig. No entanto, como era bom físico e não acreditasse que os papagaios tivessem o dom da profecia, logo se tranqüilizou e pôs-se a exercer o ministério da melhor forma possível.

Fez pesar sobre todos o sagrado poder das leis, e a ninguém fez sentir o peso de sua própria dignidade. Não interferiu nos votos do divã, e cada vizir podia ter sua opinião sem lhe cair no desagrado. Quando julgava uma causa, não era ele quem julgava, era a lei, mas, quando esta era demasiado severa, sabia-a temperar, e, se não havia leis sobre a matéria, a sua eqüidade as criava tais que poderiam ser tomadas pelas do próprio Zoroastro.

Foi dele que herdaram as nações este grande princípio: antes arriscar-se a salvar um culpado que condenar um inocente. Acreditava que as leis eram feitas para socorrer os cidadãos, tanto quanto para os intimidar. Seu principal talento consistia em deslindar a verdade, que todos os homens procuram obscurecer.

Logo nos primeiros dias de sua administração, pôs à prova esse inestimável dom. Morrera na Índia um famoso negociante de Babilônia; constituíra herdeiros seus dois filhos varões, em partes iguais, depois que houvessem casado a irmã, e deixava ainda trinta mil moedas de ouro àquele dentre dois filhos que ficasse provado ter-lhe mais amor. O velho erigiu-lhe um túmulo, o segundo aumentou com uma parte da própria herança o dote da irmã. “É o mais velho diziam todos — o que mais ama a seu pai; o mais

moço mais amor à irmã; é ao mais velho que pertencem as trinta mil moedas".

Zadig mandou chamar a ambos separadamente. Disse ao mais velho:

— Teu pai não morreu; curou-se de sua doença e está de regresso a Babilônia.

— Louvado seja Deus — respondeu o jovem. — Mas eis aí um túmulo que me custou bastante caro!

Zadig disse em seguida a mesma coisa ao mais moço.

— Louvado seja Deus — respondeu este. — Vou devolver a meu pai tudo o que tenho; mas desejaria que ele deixasse com minha irmã o que lhe dei por dote.

— Não devolverás nada — disse Zadig e terás as trinta mil moedas: és tu que tens mais amor a teu pai.

Uma jovem muito rica prometera casamento a dois magos e, depois de haver recebido, por alguns meses, doutrinação de um e outro, viu-se em estado de gravidez. Ambos queriam desposá-la.

Tomarei para marido — declarou ela — aquele que me pôs em condições de dar um cidadão ao Império.

— Fui eu que fiz essa boa obra — disse um.

— Fui eu que tive essa vantagem — afiançou o outro.

— Pois bem — concluiu ela, — reconhecerei como pai da criança aquele que lhe puder dar melhor educação.

Nasceu-lhe um menino. Cada um dos magos quer encarregar-se da sua educação. A causa é levada perante Zadig, que manda chamar os dois litigantes.

— Que ensinarás a teu pupilo? — pergunta ele ao primeiro.

— Ensinar-lhe-ei — diz o doutor — as oito partes da oração, e dialética, astrologia, demonomania, e o que vêm a ser a substância e o acidente, o abstrato e o concreto, as mônadas e a harmonia preestabelecida.

— Eu — diz o segundo — procurarei torná-lo justo e digno de ter amigos.

Zadig pronunciou-se:

— Sejas ou não pai da criança, desposarás a sua mãe

VII
DEMANDAS E AUDIÊNCIAS

Assim mostrava ele todos os dias a sutileza de seu gênio e a bondade de sua alma; admiravam-no e, no entanto, o amavam. Passava pelo mais afortunado dos homens; todo o Império estava cheio de seu nome; todas as mulheres o traziam de olho; todos os cidadãos lhe celebravam a justiça; tinham-no os sábios como um oráculo; os próprios sacerdotes confessavam que ele sabia mais que o velho arquimago Yebor. Longe se estava agora de o processar por causa de grifos; só se acreditava no que lhe parecia crível.

Havia em Babilônia uma grande querela que, tendo começado há coisa de mil e quinhentos anos, ainda dividia o Império em duas seitas irreconciliáveis: pretendia uma que jamais se deveria entrar no templo de Mitra a não ser com o pé esquerdo; abominava a outra tal costume, e só entrava com o pé direito. Estava o universo com os olhos pregados nos dois pés, e toda a cidade agitada e suspensa. Zadig entrou no templo saltando de pés juntos, e em seguida provou, numa eloqüente oração, que ao Deus do céu e da

terra, que não faz exceção de pessoa, tanto lhe importa a perna esquerda como a perna direita.

O invejoso e a mulher acharam que no seu discurso não havia figuras suficientes, nem que fizera devidamente dançar os montes e as colinas. “É seco e sem inspiração — diziam. Não se lhe vê nem o mar fugir, nem tombarem as estrelas, nem o sol fundir-se como cera; falta-lhe o bom estilo oriental”. Zadig contentava-se em ter o estilo da razão. Todo o mundo concordou com ele, não porque estivesse no bom caminho, não porque fosse razoável, ou amável, mas porque era o primeiro vizir.

Com igual felicidade se resolveu o grande processo entre os magos brancos e os magos negros. Sustentavam os brancos que era uma impiedade voltar-se, quando se orava a Deus, para o Levante; asseguravam os negros que Deus tinha horror às preces dos homens que se voltavam para o Poente. Zadig ordenou que cada qual se voltasse para onde bem lhe parecesse.

Achou meio de expedir, pela manhã, os negócios particulares e os gerais; destinava o resto do dia ao embelezamento de Babilônia; mandava representar tragédias que faziam chorar e comédias que faziam rir, o que de há muito passara de moda, mas a que o seu discernimento dera novo crédito. Não pretendia saber mais que

os artistas; recompensava-os com benefícios e distinções, e não se enciumava em segredo com o seu talento. À noite, divertia muito ao rei, e principalmente à rainha. Dizia o rei: “o grande ministro!”, e a rainha: “o amável ministro!” e ambos acrescentavam: “Que pena se o tivessem enforcado!”

Jamais um homem na sua posição foi obrigado a conceder tantas audiências às damas. A maioria vinha falar-lhe de complicações que não tinham, para arranjarem alguma com ele. A mulher do invejoso foi das primeiras que se apresentaram; jurou-lhe por Mitra, pelo Zend-Avesta, e pelo fogo sagrado, que fora contra o procedimento do marido; confiou-lhe depois que este era um ciumento, um brutal; deu-lhe a entender que os deuses o puniam recusando-lhe os preciosos efeitos desse fogo sagrado só pelo qual é o homem semelhante aos imortais; acabou por deixar cair a liga; Zadig apanhou-a com a ordinária polidez, mas não a prendeu ao joelho da dama; e essa pequena falta, se o era, foi causa dos mais tremendos infortúnios. Zadig não pensou mais no caso, e a mulher do invejoso pensou muito.

Outras damas se apresentavam todos os dias. Rezam os anais secretos de Babilônia que ele sucumbiu uma vez, mas muito se espantou de o fazer sem volúpia e enlaçar a amante

distraidamente. Aquela a quem dera, quase sem o notar, testemunhos da sua proteção, era uma camareira da rainha Astartéia. Essa terna babilônia dizia consigo mesma, para se consolar: “Que de negócios não terá esse homem na cabeça, para que sempre ande pensando neles, até quando pratica o amor!” No instante em que muitas pessoas não dizem patavina e outras só pronunciam palavras sagradas, Zadig exclamara de súbito: “A rainha!” Julgou a babilônia que ele afinal voltara a si num bom momento e que lhe dizia: “Minha rainha!” Mas Zadig, sempre absorto, pronunciou o nome de Astartéia. A dama que, naquelas felizes circunstâncias, interpretava tudo em proveito seu, imaginou que aquilo queria dizer: “Tu és mais linda que a rainha Astartéia!” Saiu do serralho de Zadig cheia de belos presentes. Foi contar a aventura à invejosa, que era sua íntima amiga; esta se sentiu cruelmente ofendida com a preferência. Ele nem se dignou — disse ela — prender-me esta liga, que eu aliás — não quis mais usar. — Oh! Imagina! — disse a feliz à invejosa. — Essas tuas ligas são idênticas às da rainha! São feitas pela mesma costureira?“ A invejosa ficou absorta em cismas, nada respondeu e foi consultar seu marido, o invejoso.

No entanto, Zadig se dava conta de suas contínuas distrações durante as audiências e julgamentos; não sabia a que atribuí-las: era esse o seu único cuidado.

Teve um sonho: parecia-lhe estar deitado a princípio sobre ervas secas, entre as quais algumas espinhosas, que o incomodavam, e que depois repousava brandamente num leito de rosas, de onde saia uma serpente que o feria no coração com sua língua aguda e peçonhenta. “Ai! — dizia ele, — bem sei que estive por muito tempo deitado naquelas ervas secas e espinhentas e agora me acho num leito de rosas; mas que significará a serpente?”

VIII
O CIÚME

A desgraça de Zadig originou-se da própria ventura, e principalmente de seu mérito. Avistava-se todos os dias com o rei e Astartéia, sua augusta esposa. O encanto da conversação do primeiro ministro era redobrado por esse desejo de agradar que está para o espírito como o ornamento para a beleza; sua juventude e graça causaram insensivelmente em Astartéia uma impressão de que esta a princípio não se apercebeu. Sua paixão crescia no seio da inocência. Astartéia entregava-se sem escrúpulo e sem temor ao prazer de ver e escutar a um homem tão caro a seu esposo e ao Estado; não cessava de o elogiar perante o rei; falava dele às damas de companhia, que ainda acrescentavam os louvores; tudo concorria para lhe aprofundar no coração a frecha que ela não sentia. Fazia presentes a Zadig, nos quais entrava mais galanteria do que supunha; julgava não lhe falar senão como rainha satisfeita de seus serviços, e suas expressões eram, algumas vezes, as de uma mulher sensível.

Astartéia era muito mais bonita do que aquela Semira que tanto odiava aos caolhos, e do que aquela outra mulher que quisera cortar o nariz ao esposo. A familiaridade de Astartéia, suas ternas frases, de que começava a corar, seus olhares, queria desviar, e que se fixavam nos dele, acenderam no coração de Zadig uma flama que o espantou. Lutou; pediu socorro à filosofia, que sempre lhe valera; mas só lhe obteve luzes, não recebendo em troca nenhum alívio. O dever, a gratidão, a soberana majestade violada, apresentavam-se-lhe aos olhos como deuses vindicativos; lutava e triunfava; mas essa vitória que era preciso renovar a todo momento, custava-lhe gemidos e lágrimas. Não mais ousava falar à rainha com aquela doce liberdade que tais encantos tivera para ambos; seus olhos cobriam-se de uma nuvem; suas palavras eram constrangidas e incoerentes; baixava as pálpebras; e quando, sem querer, o seu olhar se voltava para Astartéia, encontrava o da rainha turbado de lágrimas, de onde partiam raios; pareciam dizer um ao outro: “Nós nos adoramos, e temos medo do amor; ardemos os dois num fogo que condenamos.”

Zadig retirava-se desvairado da sua presença, com um peso no coração, que não mais podia suportar; na violência da sua agitação, não pôde evitar que o amigo Cador lhe descobrisse o segredo, como um homem que, tendo agüentado

por muito tempo uma dor profunda, deixa enfim revelar-se o seu mal, por um grito que lhe arranca um acesso mais agudo e pelo suor que poreja a fronte.

— Já desvendei — lhe disse Cador — os sentimentos que a ti mesmo procuravas ocultar; as paixões têm sinais que não enganam. Por aí verás, meu caro Zadig, já que eu li no teu coração, se o próprio rei não irá descobrir um sentimento que o ofende. Não tem ele outro defeito senão o de ser o mais ciumento dos homens. Resistes à tua paixão com mais força do que a rainha combate a sua, porque és filósofo e porque és Zadig. Astartéia é mulher; deixa falar seus olhares com tanto maior imprudência por ainda não se julgar culpada. Infelizmente tranqüilizada pela sua inocência, negligencia as aparências necessárias. Tremerei por ela enquanto não tiver nada que se censurar. Se estivessem ambos em cumplicidade, saberiam enganar todos os olhos: uma paixão nascente e combatida logo se revela; um amor satisfeito sabe ocultar-se.

Zadig fremiu à idéia de trair o rei seu benfeitor; e nunca foi tão fiel ao príncipe como quando se viu culpado para com ele de um crime involuntário. Contudo, tantas vezes pronunciava a rainha o nome de Zadig, tal rubor lhe cobria a fronte ao dizê-lo; ora se mostrava tão animada,

ora tão interdita, quando lhe falava em presença do rei; caía em tão profundas cismas depois que Zadig se retirava, que o rei se sentiu inquieto. Acreditou tudo o que via, e imaginou tudo o não via. Observou principalmente que as babuchas de sua mulher eram azuis, e que as babuchas de Zadig eram azuis, que as fitas da touca de sua mulher eram amarelas, e que o barrete de Zadig era amarelo: indícios terríveis para um príncipe suscetível. No seu espírito envenenado, transformaram-se as suspeitas em certezas.

Os escravos dos reis e das rainhas são outros tantos espias de seus corações. Descobriram logo que Astartéia amava e que Moabdar sentia ciúmes. O invejoso fez a invejosa enviar ao rei a sua liga, que se assemelhava à da rainha. Por cúmulo da desgraça, essa liga era azul, O monarca não pensou senão na maneira de vingar-se. Resolveu uma noite mandar envenenar a rainha, e enforcar Zadig ao raiar do dia. A ordem foi transmitida a um impiedoso eunuco, executor das suas vinganças. Achava-se então na câmara do rei um anãozinho que era mudo, mas não surdo. Toleravam-no sempre em toda parte: era testemunha de tudo o que se passava de mais secreto, como um animal doméstico. Esse pequeno mudo era muito devotado à rainha e a Zadig. Ouviu, com tanta surpresa quanto horror, a sentença de morte. Mas como prevenir essa terrível ordem, que dentro em poucas horas seria

executada? Escrever, não sabia; mas aprendera a desenhar e fazia retratos com muita parecença. Passou uma parte da noite a rabiscar o que desejaria dizer à rainha. O desenho representava o rei furioso, a um canto do quadro; um cordão azul e um vaso sobre uma mesa, com ligas azuis e fitas amarelas; a rainha, no meio do quadro, expirante entre os braços de suas mulheres, e Zadig estrangulado a seus pés. O horizonte representava um sol nascente, para indicar que a horrível execução se efetuaria aos primeiros raios da aurora. Logo que terminou o trabalho, correu a uma camareira de Astartéia, despertou-a, e deu-lhe a entender que era preciso levar imediatamente o quadro à rainha.

Em meio à noite, batem à porta de Zadig; acordam-no; entregam-lhe um bilhete da rainha; pensa que está sonhando; abre o papel com mão tremente. Qual não foi a sua surpresa, e quem lhe poderia exprimir a consternação e desespero, ao ler as seguintes palavras: “Foge imediatamente, senão te arrancam a vida. Foge, Zadig, ordeno-te em nome do nosso amor e das minhas fitas amarelas. Eu não era culpada; mas sinto que vou morrer criminosa.”

Zadig mal teve forças de falar. Mandou chamar Cador e, sem nada lhe dizer, mostrou-lhe o bilhete. Cador forçou-o a obedecer e a tomar logo o caminho de Mênfis. “Se te atreves a ir falar

com a rainha, apressas a sua morte; se falares ao rei, da mesma forma prejudicarás a rainha. Encarrego-me do seu destino; segue o teu. Espalharei o boato de que partiste para a Índia Em breve me encontrarei contigo e te comunicarei o que houver sucedido em Babilônia".

Cador, no mesmo instante, mandou trazer dois dromedários dos mais rápidos a uma porta secreta do palácio; fez com que Zadig montasse tendo até de ampará-lo, pois parecia prestes a entregar a alma. Um só criado o acompanhou; em breve Cador, transido de espanto e angústia, perdeu de vista o amigo.

O ilustre fugitivo, chegando ao alto de uma colina de onde se avistava Babilônia, volveu o olhar para o palácio da rainha, e desfaleceu; só recuperou os sentidos para derramar lágrimas e desejar a morte. Enfim, depois, de se haver ocupado do deplorável destino da mais amável entre as mulheres e a primeira rainha do mundo, voltou o pensamento para si mesmo e exclamou: "Que coisa é então a vida humana? De que me serviste, ó virtude? Duas mulheres me enganaram indignamente; a terceira, que não é culpada, e mais bela que as outras, vai perder a vida. Todo o bem que pratiquei foi sempre para mim uma fonte de maldições, e só fui elevado ao cúmulo da grandeza para tombar no mais horrível precipício do infortúnio. Se eu tivesse

sido mau como tantos outros, seria hoje feliz como eles". Acabrunhado por essas funestas reflexões, cobertos os olhos pelo véu da dor, a palidez da morte nas faces, e a alma abismada no mais sombrio desespero, se guia ele a caminho do Egito.

IX
A MULHER BATIDA

Zadig orientava-se pelas estrelas. A constelação de Orion e o brilhante astro de Sírio guiavam-no para o pólo de Canope. Admirava esses vastos globos de luz que não parecem a nossos olhos mais que fracas centelhas, ao passo que a terra, que em verdade é apenas um imperceptível ponto na natureza, afigura-se à nossa cupidez uma coisa tão grande e tão nobre. Via então os homens tais como são na realidade: insetos a se entredevorarem num pequeno átomo de lama. Essa imagem verdadeira parecia aniquilar suas desventuras, retraçando-lhe o nada da sua existência e a de Babilônia. Sua alma arrebatava-se até o infinito e contemplava, liberta dos sentidos, a imutável ordem do universo. Mas quando, em seguida, de volta a si mesmo e penetrando de novo em seu coração, pensava em Astartéia sacrificada por sua causa, o universo desaparecia a seus olhos, e ele apenas via, em toda a natureza, Astartéia moribunda e Zadig desgraçado.

Enquanto se entregava a esse fluxo e refluxo de sublime filosofia e dor acabrunhante, ia

avançando pelas fronteiras do Egito; e já seu fiel criado se achava na primeira localidade,em busca de alojamento. Enquanto isso, Zadig passeava pelos jardins dos arredores. Senão quando avistou, não longe estrada real, uma mulher que gritava por socorro e um homem furioso que a perseguia. Já o homem a alcançava e ela, caída, enlaçava-lhe os joelhos. O homem enchia-a de pancadas e censuras. Pela violência do egípcio e pelos reiterados perdões que lhe pedia a dama, viu Zadig que ele era ciumento e ela infiel. Mas, depois de atentar naquela mulher, que era de impressionante beleza e até se assemelhava um pouco à infeliz Astartéia, sentiu-se tomado de compaixão por ela e aversão ao egípcio. “Acode-me! — bradou ela a Zadig, entre soluços. — Arranca-me das mãos do mais bárbaro dos homens, salva-me a vida!”

A esses clamores, Zadig lançou-se entre ela e aquele bárbaro. Tinha algum conhecimento da língua egípcia, e assim lhe falou:

— Se tens alguma humanidade, conjuro-te a respeitar a beleza e a fraqueza. Podes assim ultrajar uma obra-prima da Criação, que jaz a teus pés e só tem por defesa as lágrimas?

— Ah! Ah! — exclamou o possesso. Com que então também a amas? É de ti que tenho de vingar-me.

Dizendo tais palavras, deixa a dama, que segurava pelos cabelos, e, empunhando a lança, tenta matar o estrangeiro. Este, que não perdera o sangue frio, evitou facilmente o golpe de um furioso. Segurou a lança perto da ponta. Quer um retirá-la, o outro arrancá-la. A lança parte-se. O egípcio puxa da espada; Zadig também. Atacam-se. Lança este cem golpes precipitados, apara-os aquele com destreza. A dama, sentada na relva, reajusta os cabelos e olha-os. O egípcio era o mais robusto, Zadig o mais ágil. Batia-se o último como um homem cuja cabeça conduzia o braço, e o primeiro como um arrebatado, cuja cólera cega lhe guiava ao acaso os movimentos. Zadig desarma-o. E como o egípcio, mais furioso, procura arremeter contra ele, Zadig segura-o, domina-o, fá-lo cair e, apontando-lhe a espada contra o peito, oferece poupar-lhe a vida. O egípcio, fora de si, arranca o punhal e fere Zadig no mesmo instante em que o vencedor lhe perdoava. Zadig, indignado, lhe mergulha a espada no peito; O egípcio lança um grito horrível e morre, debatendo-se.

Zadig avança então para a dama e lhe diz respeitosamente:

— Foi ele que me obrigou a matá-lo; estais vingada, e livre do homem mais violento que já vi na minha vida. Que quereis agora de mim, senhora?

— Que morras, celerado, que morras; mataste o meu amor; eu quisera estraçalhar-te o coração.

— Na verdade, senhora que tínheis um esquisito amor; ele vos batia com toda a força e queria tirar-me a vida, por me haverdes pedido socorro.

— Quisera que ele me batesse ainda — tornou a dama, aos gritos. — Eu bem que o merecia, pois lhe dei motivos para ciúmes. Quem dera que ele me batesse e que tu estivesses no seu lugar!

Zadig, mais surpreso e encolerizado do que nunca estivera em sua vida, retrucou:

— Senhora, com toda a vossa beleza, merecíeis que eu vos batesse por minha vez, tão incoerente sois; mas não me darei a esse trabalho.

Dito isto, montou no camelo e dirigiu-se para a cidade. Mal dera alguns passos, volta-se ao estrépito que faziam quatro correios de Babilônia. Vinham a toda brida. Um deles, ao ver a mulher, exclamou: “É ela mesma; assemelha-se à descrição que nos fizeram”. Sem dar atenção ao morto, apoderaram-se logo da dama, a qual não cessava de gritar para Zadig: “Socorrei-me outra vez, generoso estrangeiro! Perdoai-me por me

haver queixado de vós. Socorrei-me, que serei vossa até o túmulo". A Zadig, passara-lhe todo e qualquer desejo de se bater por ela. "Arranja-te com outros — respondeu-lhe, a mim é que não me pegas mais!"

Aliás, estava ferido, perdia sangue e necessitava socorro; e a vista dos quatro babilônios, provavelmente enviados pelo rei Moabdar, enchia-o de inquietação. Avança às pressas para a aldeia, sem atinar por que motivo vinham quatro correios de Babilônia apoderar-se daquela egípcia, mas ainda muito mais espantado com o caráter da referida dama.

X
A ESCRAVIDÃO

Ao entrar na cidade egípcia, viu-se cercado pelo povo.

— Eis o que raptou a bela Missuf bradavam — e o que acaba de assassinar Cletófis!

— Senhores disse ele, — Deus me livre de raptar algum dia a vossa bela Missuf! É demasiado caprichosa. E, quanto a Cletófis, não o matei: apenas me defendi contra ele. Queria matar-me, porque lhe pedi com toda a humildade que poupasse a bela Missuf, a quem batia impiedosamente. Sou um estrangeiro que vem procurar asilo no Egito; e não teria cabimento que, vindo solicitar vossa proteção, começasse por me apoderar de uma mulher e por assassinar um homem.

Os egípcios eram então justos e humanos. O povo conduziu Zadig à prefeitura. Começaram por lhe tratar do ferimento, e em seguida o interrogaram, a ele e ao criado separadamente, a fim de saber a verdade. Reconheceu-se que Zadig não era um assassino; mas sendo culpado de ter vertido sangue humano, a lei o condenava à

escravidão. Os seus dois camelos foram vendidos em proveito da comuna, repartido entre os habitantes todo o ouro que trouxera, e sua pessoa exposta em hasta pública, bem como o seu companheiro de viagem. Um mercador árabe, chamado Setoc, arrematou-o; mas o criado, mais resistente à fadiga, foi vendido muito mais caro que o patrão. Nem faziam comparação entre os dois. Zadig ficou, como escravo, subordinado a seu serviçal; ligaram um ao outro por uma cadeia presa aos tornozelos e, nesse estado, acompanharam ambos o seu senhor. Zadig, pelo caminho, consolava o criado e exortava-o à paciência; mas, segundo o seu costume, fazia reflexões sobre a vida humana: "Vejo — dizia-lhe — que os males do meu destino se expandem sobre o teu. Até agora, tudo me saiu muito estranho, na verdade. Multaram-me por causa de um grifo; mandaram-me a suplício por ter feito versos em louvor do rei; estive prestes a ser estrangulado porque a rainha tinha fitas amarelas; e eis-me agora escravizado contigo porque um brutamontes deu uma sova na amante. Mas não percamos a coragem; tudo isso, decerto, acabará; afinal de contas, os mercadores árabes têm de possuir escravos; e por que não seria eu um escravo como qualquer outro, visto que sou um homem como qualquer outro? Esse mercador não pode ser impiedoso, pois terá de tratar bem a seus escravos, se quiser aproveitá-

los". Assim falava ele, mas, no fundo do coração, estava preocupado com a sorte da rainha de Babilônia.

Setoc, o mercador, partiu, dois dias depois, para a Arábia deserta, com os escravos e camelos. Sua tribo habitava para as bandas do deserto de Horeb, e a viagem foi longa e penosa.

Setoc, no caminho, fazia mais caso do criado que do patrão, pois o primeiro sabia lidar melhor com os camelos, e todas as pequenas regalias foram para ele.

Um camelo morreu a dois dias de Horeb; dividiram-lhe a carga pelos escravos; Zadig ganhou o seu quinhão. Setoc pôs-se a rir ao ver todos os escravos marcharem curvados. Zadig tomou a liberdade de explicar-lhe a razão, e fez-lhe conhecer as leis do equilíbrio. O mercador, espantado, começou a olhá-lo de outra maneira. Zadig, vendo que lhe excitava a curiosidade, redobrou-a ensinando-lhe muitas coisas que não eram estranhas a seu comércio: o peso específico dos metais e dos gêneros em volume igual; as propriedades de vários animais úteis; os meios de tornar úteis os que não o eram; em suma, afigurou-se-lhe um verdadeiro sábio. Setoc o preferiu a seu camarada, a quem tanto estimara. Tratou-o bem, e não teve de que se arrepender.

Chegado à sua tribo, Setoc reclamou duzentas onças de prata a um hebreu a quem as emprestara em presença de duas testemunhas; mas estas haviam morrido, e o hebreu disso se aproveitara para ficar com o dinheiro do mercador, dando graças a Deus por lhe haver proporcionado ensejo de enganar a um árabe. Setoc confiou a dificuldade a Zadig, que se tornara seu conselheiro.

— Em que local emprestou suas quinhentas onças a esse infiel? — perguntou-lhe Zadig.

— Sobre uma larga pedra que se acha ao pé do monte Horeb.

— Qual é o caráter de seu devedor?

— O de um legítimo velhaco.

— Mas o que lhe pergunto é se é um homem vivo ou fleugmático, atilado ou imprudente.

— De todos os maus pagadores, é o mais vivo que eu conheço.

— Pois bem! — insistiu Zadig. — Permita que pleiteie sua causa perante o juiz.

Com efeito, citou o hebreu ao tribunal, e assim falou ao juiz:

— Almofada do trono da eqüidade, venho reclamar a esse homem em nome de meu senhor, quinhentas onças de prata, que ele não quer devolver.

— Há testemunhas?

— Não, morreram; mas existe uma larga pedra sobre a qual foi contado o dinheiro; e, se aprouver a Vossa Grandeza mandar trazê-la, espero que ela preste testemunho; aqui ficaremos, o israelita e eu, à espera de que chegue essa pedra; mandarei buscá-la por conta de Setoc, meu senhor.

— Muito bem — concordou o juiz. E pôs-se a despachar outros assuntos.

— E então? — disse ele a Zadig no fim da audiência. — Ainda não chegou a sua pedra?

O hebreu retrucou a rir:

— Poderia Vossa Grandeza ficar aqui até amanhã, que a pedra ainda não chegaria; está a mais de seis milhas de distância e seria preciso uns quinze homens para transportá-la.

— Estais vendo?! — exclamou Zadig. — Bem disse eu que a pedra prestaria testemunho; já que esse homem sabe onde está a pedra, confessa, pois, que foi sobre ela que se contou o dinheiro.

O hebreu, interdito, viu-se logo obrigado a confessar tudo. O juiz ordenou que fosse ele atado à pedra, sem beber nem comer, até devolver as quinhentas onças, que foram pagas sem demora.

O escravo Zadig e a pedra alcançaram grande fama em toda a Arábia.

XI
A PIRA

Setoc, encantado, fez do escravo seu amigo íntimo. Tal como o rei de Babilônia, não podia passar sem ele, e Zadig felicitava-se de que Setoc não tivesse mulher. Reconhecia no seu amo um natural pendor para o bem, muita retidão e bom senso. Doeu-lhe comprovar que este adorava o exército celeste, isto é, o sol, a lua e as estrelas, conforme o antigo costume árabe. E a isso se referia às vezes muito discretamente. Afinal lhe disse que eram corpos como os outros e que não mereciam as suas homenagens, mais que uma árvore ou um rochedo quaisquer.

— Mas — retrucava Setoc, — trata-se de seres eternos de que auferimos todos os benefícios; animam a natureza; regulam as estações; e estão aliás tão longe de nós que é impossível deixar de venerá-los.

— Mais benefícios respondeu Zadig — recebe o senhor das águas do Mar Vermelho, que lhe transportam as mercadorias para a Índia. Por que não há de ser ele tão antigo como as estrelas? E se o caso é adorar o que se acha afastado, devia

então o amo adorar a terra dos gangáridas, que fica nos limites do mundo.

— Não — dizia Setoc, — as estrelas são muito brilhantes para que eu não as adore.

Quando anoiteceu, Zadig acendeu inúmeras velas na tenda onde devia cear com Setoc, e logo que este apareceu, lançou-se ao pé daquelas ceras alumiadas, e exclamou: “Eternas e brilhantes luzes, sêde-me propícias para sempre.” Dito isto, sentou-se à mesa sem olhar para Setoc.

— Que fazes? — perguntou Setoc, espantado.

— Faço como o meu amo; adoro essas luzes e negligencio aquele que é senhor delas, e meu senhor também.

Setoc compreendeu o profundo sentido desse apólogo. Penetrou-lhe na alma a sabedoria de seu escravo; não mais prodigalizou incenso às criaturas, e adorou o Ser eterno que as fez.

Havia então na Arábia um terrível costume, originário da Cítia e que, estabelecido na Índia pelos brâmanes, ameaçava invadir todo o Oriente. Quando morria um homem casado e a sua amada esposa desejava ser santa, fazia-se ela queimar em público, sobre o corpo do marido. Era uma festa solene a que se chamava a pira da viuvez. A tribo em que houvesse mais mulheres queimadas

era a mais considerada de todas. Ora, tendo morrido um homem da tribo de Setoc, sua viúva, chamada Almona, que era muito devota, fez saber o dia e hora em que se lançaria às chamas, ao som de tambores e trombetas. Zadig observou a Setoc o quanto era contrário ao bem do gênero humano esse horrível costume de deixar que se queimassem, todos os dias, viúvas moças que poderiam dar filhos ao Estado, ou pelo menos criar os seus; e fez-lhe ver que deveria, se possível, abolir tão bárbaro costume

— Há mais de mil anos ponderou Setor que as mulheres têm o direito de queimar-se. Qual de nós ousaria mudar uma lei que o tempo consagrou? Haverá coisa mais respeitável do que um antigo abuso?

— A razão é mais antiga — retrucou Zadig. — Dirija-se aos chefes das tribos, e eu vou ter com a viúva.

Fez-se apresentar a ela; e, depois de se lhe haver insinuado no espírito com louvores à sua beleza, e ter-lhe dito como era lastimável entregar ao fogo tamanhos encantos, ainda lhe encareceu a constância e a coragem.

— Decerto amava prodigiosamente a seu marido, não?

— Eu? Qual nada! — respondeu a dama. — Era um bruto, um ciumento, um homem insuportável; mas estou firmemente resolvida a lançar-me às chamas.

— Mas com certeza deve ser delicioso ser queimada viva...

— Oh! até arrepia a natureza — disse a dama. Mas tem-se de passar por isso. Eu sou devota; e perderia a reputação, e todo o mundo riria de mim se eu não me queimasse.

Zadig, tendo-lhe demonstrado que ela se queimava por causa dos outros e por vaidade, falou-lhe longamente, de modo a fazer-lhe amar um pouco a vida e chegando até a lhe inspirar alguma benevolência por aquele que assim lhe falava.

— Que faria, enfim, a senhora, se lhe passasse essa vaidade de ser queimada?

— Ah! — retrucou a dama — Acho que lhe pediria que se casasse comigo.

Muito preocupado ainda estava Zadig com Astartéia para que se deixasse impressionar com essa declaração; mas foi logo ao encontro dos chefes de tribo, contou-lhes o que se passava e lhes aconselhou que baixassem uma lei que só permitiria a uma viúva ir para a fogueira depois

de haver falado durante uma hora, a sós, com um homem jovem. E desde esse tempo, nenhuma viúva árabe se lançou às chamas. Assim se deveu a Zadig o ser abolido, em um dia, tão cruel costume, que vinha durando há séculos. Era, pois, o benfeitor da Arábia.

XII
A CEIA

Setoc, que não podia separar-se daquele homem em quem habitava a sabedoria, levou-o à grande feira de Bassorá, a que deviam comparecer os maiores negociantes do mundo habitável. Foi para Zadig um conforto espiritual ver congregados no mesmo local tantos homens das mais diversas regiões. Parecia-lhe que o universo era uma grande família que se reunia em Bassorá. Encontrou-se à mesa, logo ao segundo dia, com um egípcio, um gangárida, um habitante de Catai, um grego, um celta, e vários outros estrangeiros que, nas suas freqüentes viagens ao golfo arábico, haviam aprendido o suficiente de árabe para se fazerem compreender. O egípcio parecia bastante encolerizado.

— Que abominável terra! — exclamou ele. — Recusam-me aqui mil onças de ouro sobre o melhor artigo do mundo.

— Como! Que artigo é esse? — indagou Setoc.

— O corpo de minha tia — respondeu o egípcio. — Era a mais brava mulher de todo o Egito. Acompanhava-me sempre; morreu em

viagem; mandei fazer dela uma das mais belas múmias que já tivemos; na minha terra eu conseguiria empenhá-la por quanto quisesse. É estranho que aqui não me queiram emprestar ao menos mil onças de ouro sobre um artigo tão sólido.

Enquanto assim se exasperava, dispunha-se a servir-se de uma excelente galinha cozida, quando o indiano, segurando-lhe a mão, exclamou, alarmado:

— Oh! que vai fazer?

— Comer essa galinha — disse o homem da múmia.

— Oh! não faça isto! Suponha-se que a alma de sua tia se haja encarnado nessa galinha, e o senhor certamente não vai expor-se a devorar a senhora sua tia! Ah, cozinhar galinhas é um ultraje à natureza.

— Ora, não me venha com essa história de naturezas e galinhas! retrucou o irascível egípcio. — Nós adoramos a um boi, e nem por isso deixamos de os comer.

— Adoram a um boi? Será possível?! — estranhou o homem do Ganges.

— Nada mais possível; há cento e trinta e cinco mil anos que assim fazemos; e ninguém entre nós achou nada que objetar.

— Ah! cento e trinta e cinco mil anos é exagero! — protestou o hindu. — Há apenas oitenta mil anos que a Índia é povoada e sem dúvida alguma somos o povo mais antigo do mundo; e Brama nos proibiu de comer bois muito antes que os senhores se lembrassem de os pôr nos altares e no espeto.

— Belo animal esse Brama para se comparar a Ápis! Que diabo fez ele que se aproveitasse?

— Foi ele quem ensinou os homens a ler e escrever, e a ele é que deve o mundo a invenção do xadrez — respondeu o brâmane.

— Pois estão muito enganados — aparteou um caldeu vizinho. — É ao peixe Oanes que devemos tamanhos benefícios, e só a ele é justo rendermos homenagem. Todo o mundo lhes dirá que era um ser divino, que tinha uma cauda dourada, uma bela cabeça de homem, e que todos os dias saía das águas para vir pregar em terra — durante três horas. Teve vários filhos, que foram reis, como todos sabem. Tenho em casa a sua imagem, que venero, como é devido. Pode-se comer quanto boi se queira; mas é sem dúvida uma grande impiedade cozinhar peixe; aliás, os senhores todos são de origem muito pouco nobre

e muito recente. A nação egípcia conta apenas cento e trinta e cinco mil anos, e os hindus só se vangloriam de oitenta mil, ao passo que nós temos almanaques de quatro mil séculos. Renunciem a tais loucuras, e eu darei a cada um dos senhores uma bela imagem de Oanes.

O homem de Cambalu tomou então a palavra:

— Respeito muito os egípcios, os caldeus, os gregos, os celtas, Brama, o boi Ápis, o belo peixe Oanes; mas talvez o Li, ou o Tien , como queiram chamar-lhe, valha tanto como os bois e peixes. Nada direi de meu país; é tão grande como o Egito, a Caldéia e a Índia reunidos. De antigüidade não discuto, pois basta ser feliz, e é bem pouca coisa ser antigo; mas, se fossemos falar de almanaques, diria que toda a Ásia copia os nossos, e os tínhamos excelentes antes que soubessem aritmética na Caldéia.

— Uns grandes ignorantes é o que os senhores são — exclamou o grego. — Será que não sabem que o caos é o pai de tudo, e que a forma e a matéria puseram o mundo no estado em que se acha?

Esse grego falou por muito tempo; mas foi interrompido afinal pelo celta, que, tendo bebido à larga enquanto discutiam, julgou-se então mais sábio que todos os outros e disse, praguejando,

que, além de Teutath e do agárico de carvalho, nada mais havia digno de menção neste mundo; que ele tinha sempre um agárico no bolso; que os citas, seus antepassados, foram os únicos homens de bem que jamais existiram sobre a face da terra, que algumas vezes, na verdade, tinham comido homens, mas isso não impedia que se tributasse o máximo respeito à sua nação; e que, enfim, se alguém falasse mal de Teutath, teria de haver-se com ele. A discussão acalorou-se e Setoc viu o momento em que o sangue correria pela mesa. Zadig, que se mantivera em silêncio durante toda a disputa, afinal se ergueu: dirigiu-se primeiro ao celta, que era o mais furioso; disse-lhe que ele tinha razão, e pediu-lhe o agárico; gabou ao grego a sua eloqüência e acalmou os ânimos exaltados. Poucas palavras disse ao homem de Catai, pois fora este o mais sensato de todos. Em seguida lhes disse:

— Iam os meus caros amigos brigar por coisa nenhuma, pois afinal são todos da mesma opinião.

A estas palavras, levantou-se um protesto geral — Não é verdade — disse ele ao celta — que o senhor não adora a esse agárico, mas àquele que fez o agárico e o carvalho?

— Sem dúvida respondeu o celta.

— E o senhor — disse ao egípcio — não venera, sob a aparência de certo boi, àquele que nos deu os bois?

— Sim — concordou o egípcio.

— O peixe Oanes — continuou ele — deve ceder ante àquele que fez o mar e os peixes.

— De acordo — disse o caldeu.

— O natural da Índia acrescentou — e o de Catai, reconhecem, como os senhores, um primeiro principio; não compreendo lá muito bem as coisas admiráveis que disse o grego, mas estou certo de que ele também admite um Ser superior, de que dependem a forma e a matéria.

O grego, a quem admiravam, disse que Zadig lhe apreendera muito bem o pensamento.

— Todos são, pois, da mesma opinião — concluiu Zadig — e não há motivos para disputas. E todos o abraçaram.

Setoc, depois de haver vendido bastante caro as mercadorias, reconduziu o amigo Zadig à sua tribo. Ao chegar, soube este que o haviam processado durante a sua ausência e que seria queimado a fogo lento.

XIII
AS ENTREVISTAS

Enquanto se achava em Bassorá, os sacerdotes das estrelas tinham resolvido puni-lo. A estes pertenciam de direito as pedrarias e adereços das viúvas a quem condenavam à fogueira; não era demais que mandassem queimar Zadig pela peça que lhes pregara. Acusaram-no, pois, de alimentar sentimentos errôneos para com o exército celeste; depuseram contra ele e juraram que o tinham ouvido dizer que as estrelas não se punham no mar. Essa horrenda blasfêmia fez estremecer os juízes; estiveram a ponto de rasgar as vestes, ao ouvir essas ímpias palavras, e sem dúvida o teriam feito se Zadig tivesse com que lhas pagar. Mas, no auge da dor, contentaram-se em condená-lo a ser queimado a fogo lento. Setoc, desesperado, empregou em vão toda a sua influência para salvar oamigo; foi logo obrigado a calar-se. A jovem viúva Almona, que tomara bastante gosto à vida e que devia isso a Zadig, resolveu livrá-lo da fogueira, cujo absurdo ele a fizera reconhecer. Remoeu consigo esse projeto, sem o comunicar a ninguém. Zadig devia ser executado no dia seguinte; ela dispunha apenas da noite para o

salvar. Eis o que fez, como mulher caridosa e prudente.

Perfumou-se, realçou sua beleza com os mais ricos e galantes atavios, e foi solicitar uma audiência secreta ao chefe dos sacerdotes das estrelas. Quando se viu em presença do venerável ancião, falou-lhe nos seguintes termos:

— Filho primogênito da grande ursa, irmão do touro, primo do grande cão (eram os títulos do pontífice), aqui venho confiar-vos meus escrúpulos. Estou com muito medo de haver cometido um enorme pecado, não me queimando na pira de meu querido esposo. Com efeito, que tinha eu a conservar? Uma carne perecível, e que já se vai fanando...

Ao dizer tais palavras, retirou das longas mangas de seda os seus braços nus, admiráveis de contorno e deslumbrantes de brancura.

— Vêde — disse ela — o pouco que isto vale.

O pontífice achou, no íntimo do coração, que aquilo valia muito. Disseram-no os seus olhos, e sua boca o confirmou: jurou que nunca, em sua vida, vira uns braços mais lindos.

— Ai! — suspirou a viúva os braços pode ser que estejam menos mal que o resto; mas haveis

de confessar que o colo não era digno de meu apreço.

Deixou ver então o seio mais encantador que já formara a natureza. Um botão de rosa sobre um pomo de marfim nada seria, em comparação, e os cordeiros recém-saídos do lavadoiro pareceriam de um amarelo sujo. Aqueles seios, seus grandes olhos negros que enlanguesciam, brilhando suavemente num carinhoso ardor, suas faces animadas da mais bela púrpura misturada ao branco do mais puro leite, o seu nariz, que não era como a torre do monte Líbano, os seus lábios, que eram como escrínios de coral, encerrando as mais belas pérolas do mar da Arábia, tudo isso convenceu ao velho de que tinha vinte anos. Fez-lhe, gaguejando, uma declaração amorosa. Almona, vendo-o inflamado, pediu-lhe o perdão de Zadig.

— Ah! minha bela dama — disse ele, — ainda que eu lhe concedesse o perdão, minha indulgência de nada serviria; é preciso que seja assinado por três outros confrades meus.

— Assinai, assim mesmo — insistiu Almona.

— Com muito gosto — disse o sacerdote, — sob a condição de que seus favores sejam o prêmio de minha facilidade.

— Muita honra me concedeis — disse Almona. — Dignai-vos vir a meu quarto depois que o sol se puser, e logo que a brilhante estrela Sheat erguer-se no horizonte. E então me encontrareis num sofá cor-de-rosa, e podereis dispor de vossa serva como bem quiserdes.

Ela então retirou-se, levando consigo a assinatura, e deixando o velho cheio de amor e desconfiança de suas próprias forças. Empregou ele o resto do dia em banhar-se; bebeu um licor composto de canela de Ceilão e preciosas especiarias de Tidor e Ternate, e esperou com impaciência que aparecesse a estrela Sheat.

Enquanto isto, a bela Almona foi procurar o segundo pontífice. Este lhe assegurou que o sol, a lua, e todos os luzeiros do firmamento não passavam de fogos fátuos em comparação com os seus encantos. Almona lhe pediu a mesma graça, e propuseram-lhe o mesmo preço. Ela deixou-se vencer, e marcou encontro com o segundo pontífice ao erguer da estrela Algenib.

Dali, dirigiu-se à casa do terceiro e do quarto sacerdote, sempre recebendo uma assinatura e marcando encontro de estrela em estrela. Mandou então pedir aos juízes que comparecessem à sua residência, para um assunto importante. Ali chegados, mostrou-lhes os quatro nomes e disse-lhes por que preço

haviam os sacerdotes vendido o perdão de Zadig. Cada um destes chegou à hora aprazada, e cada qual se espantou de ali encontrar os seus confrades, e mais os juízes, perante os quais ficou patenteada a sua vergonha. Zadig foi salvo. Quanto a Setoc, ficou tão encantado com a habilidade de Almona que casou com ela. Zadig partiu, após se haver lançado aos pés da sua bela salvadora. Setoc e ele separaram-se em pranto, jurando eterna amizade e prometendo-se que o primeiro dos dois que conseguisse uma grande fortuna o participaria ao outro.

Zadig se dirigiu para as bandas da Síria, sempre com o pensamento na infeliz Astartéia, e refletindo na sorte que se obstinava em o escarnecer e perseguir. “Meu Deus! — dizia ele consigo. — Quatrocentas onças de ouro por causa da passagem de uma cadela! condenado à decapitação por quatro maus versos em louvor do rei! quase estrangulado porque a rainha tinha babuchas da cor do meu barrete! reduzido à escravidão por haver socorrido uma mulher a quem espancavam! e prestes a ser queimada por ter salvo a vida de todas as viúvas árabes!”

XIV
O SALTEADOR

Chegado às fronteiras que separam a Arábia Pétrea da Síria e quando passava por um castelo bastante fortificado, sairam deste uns árabes de arma em punho, que o cercavam, gritando “Tudo o que você tem nos pertence; e sua pessoa pertence a nosso chefe”. Zadig, como resposta, puxou da espada; seu criado, que tinha coragem, fez o mesmo. Estenderam mortos os primeiros árabes que se atreveram a lhes pôr a mão; o número redobrou; eles não se assustaram com isso resolveram morrer lutando. Viam-se dois homens a defender-se contra uma multidão; tal combate não poderia durar muito tempo. O senhor do castelo, por nome Arbogad, que assistia de uma janela aos prodígios de coragem que praticava encheu-se de estima por ele. Desceu às pressas e veio em pessoa afastar seu pessoal e livrar os dois viajantes.

“Tudo o que passa pelas minhas terras é meu — dizia ele — mas você me parece tão bom sujeito, que o dispenso da lei comum”. Fê-lo entrar no castelo, dando ordens para que o

tratassem bem, e, à noite, fez questão de cear em companhia do seu hóspede.

O senhor do castelo era um desses árabes a que chamam ladrões; mas às vezes, em meio a uma multidão de más ações, sucedia-lhe praticar algumas boas; roubava com furiosa rapacidade, e sabia dar liberalmente. Intrépido na ação, bastante tratável em sociedade, intemperante na mesa, alegre na pândega, e sobretudo cheio de franqueza, muito se agradou de Zadig. A conversação, que se animou, prolongou o repasto. Disse ele enfim a seu hóspede:

— Aconselho-o a alistar-se com minha gente; é o que pode fazer de melhor; este ofício, afinal de contas, não é mau; e poderá um dia chegar ao que eu sou.

— Permite-me perguntar-lhe — disse Zadig — desde quando exerce essa nobre profissão?

— Desde rapazinho replicou o senhor. — Servia eu de criado a um árabe muito esperto; e essa situação me era insuportável. Desesperava-me ver que em toda a terra que pertence igualmente aos homens, não me houvesse o destino reservado a parte a que tinha direito. Confiei minhas penas a um velho árabe, que me disse: “Não desesperes, meu filho: era uma vez um grão de areia que se lamentava de ser um átomo ignorado no deserto; ao cabo de alguns

anos tornou-se diamante, e é agora o mais belo ornamento da coroa do rei das Índias". Tais palavras me causaram profunda impressão: eu era o grão de areia, resolvi tornar-me diamante. Comecei roubando dois cavalos; depois associei a mim alguns camaradas; fiquei em condições de roubar pequenas caravanas; e assim fiz cessar pouco a pouco a desproporção que a princípio havia entre mim e os outros homens. Tive a minha parte nos bens deste mundo; e fui até sobejamente indenizado: alcancei grande consideração; tornei-me senhor bandoleiro, adquiri este castelo por direito de conquista. O sátrapa da Síria quis desapossar-me; mas eu já era bastante rico para não temer o que quer que fosse: dei dinheiro ao sátrapa, conservando assim este castelo, e aumentei os meus domínios; ele nomeou-me tesoureiro dos impostos que a Arábia Pétrea pagava ao rei dos reis. Desempenhei o meu cargo de recebedor desdenhando o de pagador.

O grande desterham de Babilônia mandou para aqui, em nome do rei Moabdar, um pequeno sátrapa, para que me fizesse estrangular. Esse homem chegou com a sua ordem: eu estava inteirado de tudo; mandei estrangular na sua presença os quatro personagens que trouxera consigo para apertarem o laço; feito o que, perguntei-lhe o quanto lhe poderia render a incumbência de estrangular-me. Respondeu-me que seus honorários poderiam montar a trezentas

moedas de ouro. Dei-lhe claramente a entender que comigo poderia ganhar muito mais. Fi-lo subsalteador; é hoje um de meus melhores oficiais e dos mais ricos. Palavra que o amigo há de vencer como ele. Para roubar, acredite, nunca esteve melhor a temporada, depois que Moabdar foi morto e tudo é confusão em Babilônia.

Morto, Moabdar?! exclamou Zadig. — E que é feito da rainha Astartéia?

— Não sei — respondeu Arbogad. — Só o que sei é que Moabdar enlouqueceu, que o mataram, que Babilônia é um pandemônio que todo o império está assolado, que ainda há belos golpes a dar e que eu, da minha parte, os dei admiráveis.

— Mas e a rainha? — insistiu Zadig. — Por favor, não sabe mesmo nada da sorte da rainha?

— Falaram-me de um príncipe da Hircânia; ela está provavelmente entre as suas concubinas, se é que não foi morta no tumulto; mas estou mais interessado pelos saques que por novidades. Apoderei-me de várias mulheres em minhas excursões; não conservo nenhuma; vendo-as caro quando são belas, sem me importar o que sejam. Ninguém compra posições: uma rainha feia não seria arrematada. Talvez eu tenha vendido a rainha Astartéia, talvez ela esteja morta; mas

pouco se me dá, e acho que isso não o deve preocupar mais do que a mim.

Assim falando, bebia tão valentemente e confundia de tal modo todas as idéias, que Zadig não pôde obter nenhum esclarecimento.

Permanecia interdito, aniquilado, imóvel. Arbogad não parava de beber, inventava histórias, repetia incessantemente que era o mais feliz de todos os homens, exortando Zadig a se tornar tão feliz quanto ele. Afinal, levemente amodorrado pelos vapores do vinho, foi dormir um sossegado sono. Zadig passou a noite na mais violenta agitação. “Como! — exclamava ele. — O rei enlouqueceu! Foi assassinado! Não posso deixar de o lamentar. O império está devastado, e esse ladrão é feliz. Ó fortuna! Ó destino! Um ladrão é feliz, e o que de mais amável fez a natureza pereceu talvez de um modo horrível, ou vive num estado pior que a morte, Ó Astartéia! que é feito de ti?”

Logo ao raiar do dia, interrogou todos aqueles que encontrava pelo castelo; mas todos estavam ocupados, ninguém lhe respondia; tinham feito novas conquistas durante a noite e repartiam os despojos. Só o que pôde obter, naquela tumultuosa confusão, foi permissão de partir. Aproveitou-a sem demora, mais absorto do que nunca em seus dolorosos pensamentos.

Zadig marchava inquieto, agitado, a pensar na infeliz Astartéia, no rei da Babilônia, no seu fiel Cador, no feliz ladrão Arbogad, naquela mulher tão caprichosa que os babilônios haviam detido nos confins do Egito; enfim, em todos os contratempos e infortúnios que experimentara.

XV
O PESCADOR

A algumas léguas do castelo de Arbogad, achou-se à margem de um ribeiro, sempre a deplorar seu destino e considerando-se o modelo da desgraça. Viu um pescador reclinado à margem, segurando frouxamente a rede, que parecia abandonar, e erguendo os olhos para o céu. Sou sem dúvida o mais infeliz de todos os homens — clamava o pescador. — Fui, por consenso geral, o mais famoso mercador de queijo em toda Babilônia, e fiquei arruinado. Tinha a mais linda mulher que um homem jamais possuiu, e ela traiu-me. Restava-me uma modesta casa, que foi pilhada e destruída. Refugiei-me numa choça, tendo a pesca como único recurso, e não apanho nenhum peixe. Ó minha rede, não mais te lançarei, eu é que devo lançar-me à água.

Dizendo tais palavras, ergue-se e avança, na atitude de um homem que se fosse arremessar e dar cabo da vida.

— Como! — dizia consigo Zadig. — Há então outros — mais infelizes do que eu?! — O ardor de salvar a vida ao homem foi tão rápido quanto esta

reflexão. Acorre, detém-no, interroga-o com um ar comovido e animador. A gente acha que é menos infeliz quando não o é sòzinho. Mas isso, segundo Zoroastro, não significa maldade; é uma necessidade, apenas. Sentimo-nos atraídos então para um infeliz, como para um semelhante nosso. A alegria de um homem venturoso nos seria um insulto; mas dois desgraçados são como dois frágeis arbustos que, apoiando-se um no outro, se fortalecem contra a tempestade.

— Por que sucumbes às tuas desditas? — perguntou Zadig ao pescador. — É que não lhes vejo remédio — retrucou o outro.

Fui o homem mais considerado da aldeia de Derlback, e fabricava, com o auxílio de minha esposa, os melhores queijos de todo o império. A rainha Astartéia e o famoso ministro Zadig os apreciavam loucamente. Tinha-lhes fornecido seiscentos queijos. Fui um dia a Babilônia receber o pagamento; soube, de chegada, que a rainha e Zadig haviam desaparecido. Corri à casa do senhor Zadig, a quem jamais vira; ali encontrei os arqueiros do grande desterham, que, munidos de um édito real, saqueavam-na legalmente e com toda a ordem. Voei às cozinhas da rainha; alguns dos despenseiros me disseram que ela morrera; outros que estava presa; outros que fugira; mas todos me asseguravam que não me seriam pagos os meus queijos. Em companhia de minha

mulher, fui falar com o senhor Orcan, que era um de meus fregueses, e lhe pedimos proteção em nossa desgraça; ele a concedeu à minha mulher, e recusou-a a mim. Era ela mais branca que os seus queijos, que começaram minha desgraça; e o esplendor da púrpura de Tiro não era mais brilhante que o carmim que animava aquela brancura. Foi o que fez com que Orcan a detivesse e me escorraçasse da sua casa. Escrevi à minha querida esposa uma carta desesperada. — Ah! sim — disse ela ao portador, — sei quem é esse homem que me escreve, já ouvi falar nele: dizem que fabrica excelentes queijos; tragam-me alguns e não se esqueçam de lhos pagar.

Na minha desgraça, decidi recorrer à justiça. Restavam-me seis onças de ouro: tive de dar duas ao legista que consultei, duas ao advogado que se encarregou do meu caso, duas ao secretário do primeiro juiz. Depois de tudo isso, meu processo ainda não fora encetado, e eu já tinha dispendido mais dinheiro do que valiam os meus queijos e a minha mulher. Voltei à minha aldeia, na intenção de vender a casa para conseguir minha mulher.

Minha casa valia umas sessenta onças de ouro; mas sabiam-me pobre e necessitado de dinheiro. O primeiro a quem me dirigi ofereceu-me trinta onças, o segundo vinte, e o terceiro dez. Estava prestes a liquidar tudo, tão cego me achava, quando um príncipe da Hircânia veio a

Babilônia e assolou tudo na sua passagem. Minha casa foi primeiro saqueada e depois reduzida a cinzas.

Tendo assim perdido o meu dinheiro, a minha mulher e a minha casa, retirei-me para esta região onde o senhor me vê. Procurei viver do ofício de pescador: os peixes zombam de mim, como os homens. Não apanho nenhum, morro de fome; e, se não fosse a sua intervenção, augusto consolador, iria afogar-me no rio.

A narrativa acima, o pescador não a fez sem interrupção, pois a todo momento Zadig, comovido e arrebatado, dizia-lhe:

— Como! Não sabes nada do destino da rainha?

— Não, meu senhor, mas sei que a rainha e Zadig não me pagaram os meus queijos, que me roubaram a minha mulher, e que estou desesperado.

— Creio — disse Zadig que não perderás todo o teu dinheiro. Ouvi falar desse Zadig; é um sujeito honesto e, se voltar a Babilônia, como pretende, há de pagar-te mais do que te deve; mas quanto à tua mulher, que não é honesta, aconselho-te que não procures recuperá-la. Vai a Babilônia; lá estarei antes de ti, porque ando a cavalo e tu a pé. Dirige-te ao ilustre Cador; dize-

lhe que encontraste o seu amigo; espera-me na casa dele. Anda, vai; talvez não sejas sempre desditado. Ó possante Orosmade — continuou ele — tu que te serves de mim para consolar esse homem, de quem te servirás para consolar-me?

Assim falando entregava ao pescador metade de todo o dinheiro que trouxera da Arábia, e o pescador, confuso e maravilhado, lhe beijava os pés e dizia-lhe: — És o meu anjo salvador.

Enquanto isto, Zadig continuava a pedir informações e desfazia-se em lágrimas.

— Como! — exclamou o pescador. — Tu que praticas o bem, serás assim tão desgraçado?

— Cem vezes mais desgraçado do que tu — respondia Zadig.

— Mas como pode ser — estranhava o homem — que aquele que dá seja mais digno de lástima do que aquele que recebe?

— É que a tua maior desgraça — tornou Zadig — era a necessidade; e, quanto a mim, sou desgraçado pelo coração.

— Será que Orcan te roubou a mulher? — indagou o pescador.

Esta frase lembrou a Zadig todas as suas aventuras: rememorava a lista de seus

infortúnios, desde a cadela da rainha até a chegada ao castelo do ladrão Arbogad.

— Ah! — disse ele. — Orcan merece punição. Mas em geral é essa gente que o destino favorece. Em todo caso, vai ter com Cador, e espera-me.

Separaram-se; pôs-se o pescador a andar abençoando o seu destino e Zadig a correr, amaldiçoando o seu.

XVI
O BASILISCO

Chegando a uma bela campina, viu inúmeras mulheres que procuravam afanosamente qualquer coisa. Tomou a liberdade de aproximar-se de uma delas e perguntar-lhe se não poderia ter a honra de auxiliá-las.

— Não faça isto — respondeu-lhe a síria. O que nós procuramos só pode ser tocado por mulheres.

— Eis uma coisa bastante estranha — retrucou Zadig.

— Não seria indiscrição perguntar-lhe que coisa é essa em que só as mulheres podem tocar?

— É um basilisco — disse ela.

— Um basilisco senhora? Mas por que motivo procuram um basilisco?

— É para o nosso senhor e amo Ogul, cujo castelo se avista à margem deste rio, ao fundo do prado. Somos as suas humildes escravas; o senhor Ogul está doente; o médico prescreveu-lhe um basilisco cozido em água de rosas, e como é

um animal muito raro, que só se deixa apanhar por mulheres, o senhor Ogul prometeu escolher, para esposa bem amada, aquela dentre nós que lhe levasse um basilisco: deixe-me procurar, por favor, pois bem vê que me sairia muito caro se as minhas companheiras me precedessem.

Zadig deixou aquela e as outras sírias em busca do seu basilisco e continuava a passear pela campina. Chegando à margem de um arroio, ali encontrou outra dama sentada na relva e que não procurava nada. Seu talhe parecia majestoso, mas o rosto achava-se coberto por um véu. Estava inclinada para o arroio, e brotavam-lhe do peito profundos suspiros. Tinha na mão uma varinha, com que traçava caracteres na fina areia da margem. Zadig teve curiosidade de ver o que escrevia aquela mulher. Aproximou-se; viu a letra Z, depois um A; ficou espantado. Depois apareceu um D; ele estremeceu. Jamais houve surpresa igual à sua quando viu as duas últimas letras de seu nome. Permaneceu algum tempo imóvel; e afinal, rompendo o silêncio com voz entrecortada:

— O generosa dama! perdoai que um estrangeiro, um infeliz, ouse perguntar-vos por que espantosa aventura vejo aqui o nome de Zadig escrito por vossa mão divina. A essa voz, a essas palavras, a dama ergueu o véu com mão trêmula, fitou Zadig, lançou um grito de ternura, de surpresa e de alegria e, sucumbindo aos

diversos sentimentos que lhe assaltavam ao mesmo tempo a alma, tombou desmaiada entre seus braços.

Era a própria Astartéia, era a rainha de Babilônia, era aquela a quem Zadig adorava, e a quem se inculpava de adorar; era aquela a quem tanto havia chorado e por cujo destino tanto receava. Viu-se, um momento, privado do uso dos sentidos; e quando fitou os olhos nos de Astartéia, que se abriam com um langor mesclado de confusão e ternura: — Ó potências divinas! exclamou, — que regeis o destino dos frágeis humanos, então me devolveis Astartéia? Em que tempo, em que lugar, em que estado a revejo!

Lançou-se de joelhos ante Astartéia, tocando com a fronte a poeira de seus pés. A rainha de Babilônia o ergue, e o faz sentar a seu lado, à margem daquele arroio; enxugava por várias vezes os olhos, cujas lágrimas continuavam sempre a rolar. Encetava, vinte vezes, frases que os gemidos interrompiam; interrogava-o sobre o acaso que os reunia e lhe sustava a resposta com outras perguntas. Iniciava a narrativa de seus males, e queria saber os de Zadig. Tendo ambos enfim apaziguado um pouco o tumulto interior, contou-lhe Zadig em poucas palavras por que aventuras se encontrava naquele prado.

— Mas como, ó infeliz e respeitável rainha, vos encontro eu neste remoto lugar, vestida de escrava, e acompanhada de outras mulheres escravas que procuram um basilisco, para o cozinhar em água de rosas, por prescrição médica?

— Enquanto elas procuram o basilisco — disse a bela Astartéia, — vou contar-te o que sofri e tudo o que perdôo ao Céu desde que tornei a ver-te. Sabes que o rei meu marido não levou a bem que fosses o mais amável dos homens; e, por esse motivo, decidiu, uma noite, mandar estrangular-te e, a mim, envenenar-me. Sabes como o Céu permitiu que o meu pequeno mudo me avisasse da ordem de Sua Sublime Majestade. O fiel Cador, logo que te obrigou a que me obedecesses e partisses, ousou penetrar alta noite em meus aposentos, por uma passagem secreta. Raptou-me e conduziu-me para o templo de Orosmade, onde o mago, seu irmão, me encerrou numa estátua colossal cuja base toca os alicerces do templo e cuja cabeça atinge a abóbada. Ali fiquei como sepultada, mas atendida pelo mago, e não me faltava nenhuma coisa necessária. Ao raiar do dia, o boticário de Sua Majestade entrou no meu quarto, com uma poção de jusquiana, ópio, cicuta, eléboro negro e acônito; e um outro oficial foi à tua casa com um laço de seda azul. Não encontraram ninguém. Cador, para me melhor enganar o rei, fingiu vir acusar-nos a

ambos. Disse que havias tomado o caminho da Índia e eu o de Mënfis: enviaram satélites no encalço de nós dois.

Os correios que me procuravam não me conheciam, pois eu nunca havia mostrado o meu rosto senão a ti, em presença o por ordem de meu esposo. Correram em minha busca, fiados no retrato que lhes haviam traçado da minha pessoa. Encontraram na fronteira do Egito uma mulher do mesmo corpo que eu, e que talvez tivesse mais encanto. Estava desamparada, errante. Não duvidaram que fosse a rainha de Babilônia, e conduziram-na a Moabdar. Diante de tal engano, o rei entrou em violenta cólera; mas depois, considerando de mais perto a referida mulher, achou-a bastante linda, e consolou-se. Chamava-se Missuf. Disseram-no, depois, que esse nome significa, em língua egípcia, a bela caprichosa. Era-o, de fato; mas tinha tanta arte quanto capricho. Agradou a Moabdar. Subjugou-a a ponto de fazer com que fosse declarada sua esposa. Seu caráter, então, manifestou-se livremente; entregou-se, sem peias, a todas as loucuras da imaginação. Quis obrigar o chefe dos magos, que era velho e gotoso, a dançar diante dela; e, ante a recusa do mago, fez-lhe violenta perseguição. Mandou o grande escudeiro fazer-lhe uma torta de confeitos. Por mais que o homem alegasse que não era doceiro, foi obrigado a fabricar a torta; e, como a tivesse deixado

queimar-se, despacharam-no sumariamente. Deu o cargo de grande escudeiro ao seu anão, e o de chanceler a um pajem. Foi assim que governou Babilônia. Todos lamentavam a minha falta. O rei, que fora bastante justo até o momento em que resolveu envenenar-me e estrangular-te, parecia ter afogado as suas virtudes no prodigioso amor que dedicava à bela caprichosa. Compareceu ao templo no grande dia do fogo sagrado. Vi-o implorar os deuses, por Missuf, ao pé da estátua onde me achava encerrada. Elevei a voz; gritei-lhe: Os deuses recusam os votos de um rei que se transformou em tirano e que quis matar uma mulher sensata para desposar uma louca. Tão confuso ficou Moabdar ao ouvir tais palavras, que sua mente se perturbou. O oráculo que eu proferira e a tirania de Missuf bastavam para lhe fazer perder o juízo. Enlouqueceu em poucos dias.

Sua loucura, que se afigurou um castigo do céu, foi o sinal da revolta. Ergueram-se em armas. Babilônia, por tanto tempo mergulhada em ociosa moleza, foi teatro de terrível guerra civil. Retiraram-me do interior de minha estátua e puseram-me à frente de um partido. Cador correu a Mênfis para te reconduzir a Babilônia. O príncipe de Hircânia, cientificado dessas funestas novas, voltou com o seu exército para formar um terceiro partido na Caldéia. Atacou o rei, que

correu a seu encontro com a sua extravagante egípcia. Moabdar morreu varado de golpes.

Missuf tombou nas mãos do vencedor. Quis a desgraça que eu também fosse aprisionada pelas hostes hircanianas e que me conduzissem perante o príncipe ao mesmo tempo em que lhe levavam Missuf. Ficarás sem dúvida lisonjeado de saber que o príncipe me achou mais bela que a egípcia; mas hás de arreliar-te ao saber que ele me destinou ao seu serralho. Disse-me peremptoriamente que, mal terminasse uma expedição que ia executar, viria ter comigo. Imagina qual não foi a minha dor! Meus laços com Moabdar estavam rompidos, eu poderia pertencer a Zadig; e caía nas mãos daquele bárbaro. Respondi-lhe com toda a altivez que comportavam a minha posição e os meus sentimentos. Sempre ouvira dizer que o Céu concedia às pessoas de minha qualidade uma espécie de grandeza que, com uma palavra ou um olhar, compeliam ao mais profundo respeito os temerários que ousavam infringi-lo. Falei como rainha; mas fui tratada como aia. O hircaniano, sem ao menos se dignar dirigir-me a palavra, disse ao eunuco negro que eu era uma impertinente, mas que me achava linda. Ordenou-me que cuidasse de mim e me submetesse ao regime das favoritas, a fim de me suavizar a cútis e me tornar mais digna de seus favores, no dia era que lhe aprouvesse honrar-me

com eles. Disse-lhe que me mataria; replicou a rir que ninguém se matava por isso, que estava acostumado a tais cenas, e deixou-me como um homem que acabasse de meter um papagaio no seu terreiro. Que situação para a primeira rainha do universo e, direi mais, para um coração que pertencia a Zadig!

A estas palavras, Zadig lançou-se aos joelhos de Astartéia e banhou-os de lágrimas. Astartéia ergueu-o carinhosamente, e assim continuou:

— Via-me em poder de um bárbaro, e como rival de uma louca, com quem me achava encerrada. Contou-me a sua aventura no Egito. Pelos traços com que te pintava, pelo tempo, pelo dromedário que montavas, por todas as circunstâncias, compreendi que fora Zadig quem combatera por ela. Não duvidei que estivesses em Mênfis, e resolvi partir para lá.

— Bela Missuf — disse-lhe então, — és muito mais sedutora do que eu, e saberás divertir o príncipe de Hircânia. Facilita a minha fuga, e reinarás sòzinha; e assim farás a minha felicidade, ao mesmo tempo que te desembaraças de uma rival.

Missuf combinou comigo os preparativos da fuga. Parti, pois, secretamente, com uma escrava egípcia.

Estava perto da Arábia, quando um famoso salteador, chamado Arbogad, me raptou, vendeu-me a mercadores que me trouxeram a este castelo, de propriedade do senhor Ogul. Este me adquiriu sem saber quem eu era. É um homem voluptuoso, que só procura passar bem e que acredita que Deus o pôs no mundo para banquetear-se. É de uma gordura excessiva, que sempre parece a ponto de sufocá-lo. Seu médico, que pouca fé lhe merece quando ele, Ogul, digere bem, governa-o despoticamente quando apanha uma indigestão. Persuadiu-o que o curaria com um basilisco cozido em água de rosas, O senhor Ogul prometeu a mão de esposo à escrava sua que lhe conseguisse um basilisco. Bem vês que eu as deixo se esforçarem à vontade por merecerem tal honra, e nunca tive menos desejo de encontrar esse basilisco do que depois que o Céu permitiu que eu tornasse a ver-te.

Astartéia e Zadig disseram-se, então, tudo o que sentimentos longamente retidos, tudo o que as suas desditas e amores podiam inspirar aos corações mais nobres e mais apaixonados; e os gênios que presidem o amor levaram suas palavras até a esfera de Vênus.

As mulheres se recolheram sem haver encontrado coisa alguma. Zadig fez-se apresentar a Ogul e falou-lhe nos seguintes termos:

— Que a saúde imortal baixe do Céu para tomar a seu cuidado todos os vossos dias! Sou médico; acorri ao saber de vossa doença, e vos trouxe um basilisco cozido em água de rosas. Não que eu pretenda desposar-vos. Só vos peço a liberdade de uma jovem escrava de Babilônia que tendes há alguns dias em vosso poder; e consinto em ficar como escravo no seu lugar, se não tiver a ventura de curar o magnífico senhor Ogul.

A proposta foi aceita. Astartéia partiu para Babilônia — com o criado de Zadig, prometendo enviar-lhe continuamente um correio, a fim de o trazer a par de tudo o que se passasse. A despedida foi tão terna como o reencontro. O momento em que nos tornamos a encontrar e o momento em que nos separamos são as duas maiores épocas da vida, como diz o grande livro do Zenda. Zadig amava a rainha tanto quanto lho jurava, e a rainha amava a Zadig mais do que lho dizia. Entrementes, assim falou Zadig a Ogul:

— Senhor, o meu basilisco não é de comer, toda a sua virtude deve penetrar em vós pelos poros. Coloquei-o num pequeno odre bem inflado e recoberto de fina pele: é preciso que arremesseis esse odre com toda a força e que eu vô-lo rebata inúmeras vezes; e, em poucos dias de regime vereis o que pode a minha arte.

Ogul, logo no primeiro dia, sentiu-se sem respiração e julgou morrer de fadiga. No segundo, cansou-se menos e dormiu melhor. Em oito dias, recuperou toda a força, saúde leveza e alegria de seus verdes anos.

— Jogastes bola e fostes sóbrio — disse-lhe Zadig. — Sabei, senhor, que não há basilisco na natureza, que sempre nos damos bem com sobriedade e exercício e que a arte de combinar a intemperança com a saúde é uma arte tão quimérica quanto a pedra filosofal, a astrologia judiciária e a teologia dos magos.

O primeiro médico de Ogul, reconhecendo o quanto aquele homem era perigoso para a medicina, uniu-se com o boticário do corpo para mandar Zadig procurar basiliscos no outro mundo. Assim, depois de ter sido sempre castigado por haver procedido direito, estava na iminência de perecer por haver curado um senhor glutão. Convidaram-no para uma excelente ceia. Deveria ser envenenado no segundo prato; mas recebeu um recado da bela Astartéia durante o primeiro. Retirou-se da mesa e partiu. “Quando somos amados por uma bela mulher — disse o grande Zoroastro, — sempre nos livramos de dificuldades neste mundo.”

XVII
OS COMBATES

A rainha foi recebida em Babilônia com o entusiasmo que sempre inspira uma bela e infeliz princesa. Babilônia parecia agora mais tranqüila. O príncipe de Hircânia fora morto em combate. Os babilônios, vencedores, declaravam que Astartéia desposaria aquele a quem escolhessem para soberano. Não queriam que a mais alta posição do mundo, que seria a de marido de Astartéia e de rei da Babilônia, dependesse de intrigas e cabalas. Juravam reconhecer como rei ao mais valente e mais sábio. A algumas léguas da cidade, preparavam uma grande pista cercada de anfiteatros magnificamente ornamentados. Os combatentes deviam comparecer armados de ponto em branco. Cada qual devia ter, por detrás dos anfiteatros, um apartamento separado onde não deveriam ser vistos por ninguém. Haveria quatro jogos preliminares. Aqueles que tivessem a felicidade de vencer quatro cavaleiros deveriam combater em seguida uns contra os outros; de maneira que aquele que restasse por último senhor do campo seria proclamado campeão dos jogos. Devia voltar quatro dias depois, com as mesmas armas, e decifrar os enigmas propostos

pelos magos. Se não os resolvesse, não seria rei, e recomeçariam as justas, até que se encontrasse um homem que fosse vencedor nas duas competições; pois queriam exclusivamente para rei o mais corajoso e o mais sábio. A rainha, durante todo esse tempo, deveria ser estritamente guardada: apenas lhe era permitido assistir aos espetáculos coberta com um véu; mas não lhe era concedido falar com nenhum dos pretendentes, a fim de que não houvesse favor nem injustiça.

Eis o que a rainha fazia saber a seu enamorado, esperando que este demonstrasse, por ela, mais valor e espírito do que ninguém. Zadig partiu, rogou a Vênus que lhe fortalecesse a coragem e esclarecesse o espírito. Chegou à margem do Eufrates na véspera do grande dia. Inscreveu sua divisa entre as dos competidores, ocultando o rosto e o nome, como o ordenava a lei, e foi repousar no apartamento que lhe coubera por sorte. Seu amigo Cador, que voltara a Babilônia depois de o haver procurado inùtilmente pelo Egito, mandou levar-lhe aos aposentos uma armadura completa que lhe enviava a rainha. Mandou-lhe também o mais belo cavalo da Pérsia. Zadig reconheceu o dedo de Astartéia em tais presentes, nos quais sua coragem e amor cobraram novas forças e esperanças.

No dia seguinte, alojada a rainha sob um dossel de pedrarias, e cheios os anfiteatros de todas as damas e todas as ordens de Babilônia, penetraram no circo os lidadores. Cada qual foi depor sua divisa aos pés do grande mago. Tiraram à sorte as divisas; a de Zadig foi a última. O primeiro que avançou era um senhor muito rico, chamado Itobad, vaidoso em demasia, pouco corajoso, muito inábil, e falto de espírito. Seus familiares haviam-no convencido de que um homem como ele devia ser rei, e Itobad lhes replicara: “Um homem como eu deve reinar”. De modo que o haviam armado a preceito. Trazia uma armadura de ouro com esmaltes verdes, um penacho verde, uma lança ornada de fitas verdes. Viu-se logo, pela maneira como Itobad governava o cavalo, que não éra a um homem como ele que o Céu reservara o cetro de Babilônia. O primeiro cavaleiro que o acometeu fez-lhe perder os estribos; o segundo derribou-o sobre a anca do cavalo, com as duas pernas para o ar e os braços estendidos. Itobad rergueu-se, mas tão desajeitadamente, que todo o anfiteatro se pôs a rir. Um terceiro não se dignou servir-se da lança; mas, hábil manobra, pegou-o pela perna direita, e fazendo-o dar meia volta, derribou-o na arena; os escudeiros dos jogos acorreram, a rir, e recolocaram-no sobre a sela. O quarto combatente toma-o da perna esquerda e o faz tombar pelo outro lado. Conduziram-no, abaixo

de vaias, para o seu alojamento, onde devia passar a noite, segundo a lei; caminhando a custo, dizia “Que aventura para um homem como eu!”

Os outros cavaleiros tiveram melhor desempenho. Houve alguns que venceram dois cavaleiros sucessivamente; chegaram a três. Apenas o príncipe Otame venceu quatro. Afinal chegou a vez de Zadig; este desmontou a quatro cavaleiros, com a maior graça possível. Viu-se, pois que a competição se resumiria a Otame e Zadig. O primeiro usava armas azuis e ouro, com um penacho das mesmas côres; as Zadig eram brancas. Todos os votos se dividiam entre o cavaleiro azul e o cavaleiro branco. A rainha, com o com o coração a palpitar, rezava pela cor branca.

Os dois campeões fizeram passes e voltas com tanta agilidade, trocaram tão belos golpes de lança, tão firmes estavam nos estribos, que todos, menos a rainha, desejavam que houvesse dois reis em Babilônia. Enfim, cansados ambos cavalos e rôtas as duas lanças, Zadig usou de um expediente, Passa por trás do príncipe azul, salta-lhe à garupa, toma-o pela cintura, lança-o por terra, monta na sela em seu lugar e caracoleia em torno de Otame estendido na arena. Todo anfiteatro brada: “Vitória ao cavaleiro branco!” Otame indignado, ergue-se, puxa da espada;

Zadig apeia, de sabre em punho. Ei-los ambos na arena, empenhados em novo combate, em que vencem alternadamente a agilidade e a força. As plumas dos capacetes, os pregos dos braçais, as malhas das armaduras saltam ao longe, sob mil golpes precipitados. Golpeiam de ponta e de fio, à direita, à esquerda, na cabeça, peito; recuam, avançam, medem-se, chocam-se, enlaçam enroscam-se como serpentes, atracam-se como leões; a todo instante saltam chispas dos golpes mùtuamente vibrados. Enfim Zadig, refazendo-se um momento, estaca, faz finta, derruba Otame, desarma-o. E Otame exclama: “Ó cavaleiro branco! és tu que deves reinar em Babilônia”. A rainha estava no auge da alegria. Conduziram o cavaleiro azul o cavaleiro branco a seus respectivos alojamentos, bem a todos os outros, conforme a lei. Mudos vieram servi-los e trazer-lhes alimento. Logo se vê que foi o pequeno mudo da rainha quem atendeu a Zadig. Em seguida, deixaram-nos dormir a sós até o dia seguinte de manhã, quando o vencedor devia levar sua divisa ao grande mago, para conferí-la dar-se a conhecer.

Zadig dormiu bem, apesar de enamorado, tão exausto se achava. Itobad que pousava no alojamento próximo, não pregou olho Ergueu-se durante a noite penetrou no quarto do vizinho, tomou as armas, brancas de Zadig, juntamente com a sua divisa, e pôs sua armadura verde no

lugar da do outro. Ao amanhecer, compareceu orgulhosamente perante o grande mago, declarando que um homem como ele era o vencedor. Ninguém o esperava; mas foi proclamado como tal enquanto Zadig ainda dormia. Astartéia, surpresa, e com o dezespêro no coração, regressou a Babilônia. Já estava quase vazio o anfiteatro quando Zadig despertou. Procurou as suas armas, e só encontrou aquela armadura verde. Viu-se obrigado a usá-la, pois não tinha mais nada junto a si. Atônito e indignado, veste-a com furor e avança, em tal equipagem.

Todos os que ainda se achavam no teatro e no circo receberam-no com assuadas. Rodeavam-no; insultavam-no em cara. Jamais homem algum experimentou tão humilhantes mortificações. Perdeu então a paciência; dispersou a golpes de sabre o populacho que ousava ultrajá-lo; mas não sabia que partido tomar. Não podia avistar-se com a rainha; não podia reclamar a armadura branca que esta lhe enviara: seria comprometê-la. Assim, enquanto se achava ela abismada na dor, estava Zadig cheio de furor e inquietação. Passeava ele às margens do Eufrates, persuadido de que a sua estrela o destinava a ser irremissivelmente infeliz, e repassando no espírito todas as suas desgraças, desde a aventura da mulher que odiava os caolhos até a da sua armadura. “Eis em que deu

— dizia ele consigo — ter-me acordado tarde; se houvesse dormido menos, seria rei de Babilônia e possuiria Astartéia. As ciências, o caráter, a coragem; só serviram, pois, para meu infortúnio.” Escapou-lhe enfim murmurar contra a Providência, e foi tentado a crer que tudo era governado por um destino cruel que oprimia os bons e fazia prosperarem os cavaleiros verdes. Um de seus pesares era carregar aquela armadura verde que lhe atraíra tamanho escárnio.

Vendeu-a barato a um comerciante que passava e comprou-lhe uma túnica e carapuça. Nessa indumentária, passeava à margem do Eufrates, cheio de desespero, e acusando em segredo a Providência, que não deixava de o perseguir.

XVIII
O EREMITA

Assim caminhando, encontrou um eremita, cuja venerável barba branca lhe tombava até a cintura. Tinha na mão um livro que lia atentamente. Zadig parou e fez-lhe uma profunda reverência. O eremita saudou-o com um ar tão nobre e tão bondoso, que Zadig teve curiosidade de conversar com ele. Perguntou-lhe que livro lia.

— É o livro dos destinos — disse o eremita.- Quer ler um pouco?

Pôs o livro nas mãos de Zadig que, embora versado em várias línguas, não pôde decifrar-lhe uma única letra. Isso ainda mais lhe aumentou a curiosidade.

— Pareces bastante aborrecido — disse-lhe o ancião.

— Motivos não me faltam! — exclamou Zadig.

— Se me permites que te acompanhe — tornou o velho, — talvez eu te possa ser útil: tenho às vezes derramado sentimentos de consolação na alma dos infelizes.

Zadig sentiu-se tomado de respeito ante o ar, as barbas e o livro do eremita. Achou-lhe superiores luzes na conversação. Falava o eremita do destino, da justiça, da moral do soberano bem, da fraqueza humana, das virtudes e dos vícios, com tão viva e tocante eloqüência, que Zadig sentiu-se atraído para ele por invencível encanto. Pediu-lhe com insistência que não o deixasse até chegarem a Babilônia.

— O mesmo favor te peço — disse-lhe o velho. — Jura, por Orosmade, que não te separarás de mim, por mais estranhos que te pareçam os meus atos.

Zadig jurou, e partiram juntos.

Chegaram os dois viajantes a um soberbo castelo. O eremita pediu hospitalidade para si e para o jovem que o acompanhava. O porteiro, que se poderia tomar por um grão-senhor, os introduziu com uma espécie de desdenhosa complacência. Foram apresentados ao criado-mor, que lhes mostrou os magníficos apartamentos do amo. Permitiram-lhes que sentassem à extremidade da mesa deste, sem que o senhor do castelo se dignasse honrá-los com um olhar, durante a ceia; mas foram servidos, como os outros, com refinamento e profusão. Fizeram com que se lavassem em uma bacia de ouro, guarnecida de esmeraldas e rubis.

Levaram-nos a deitar-se em um belo apartamento, e no dia seguinte um criado entregou a cada qual uma moeda de ouro; após o que, foram despedidos.

— O dono da casa — disse Zadig em caminho — parece-me um homem generoso, embora um pouco altivo; exerce nobremente a hospitalidade.

Dizendo tais palavras, percebeu que uma espécie de bôlsa muito grande que usava o eremita parecia distendida e inflada viu ali a bacia de ouro guarnecida de pedrarias, que este havia furtado. Não ousou dizer coisa alguma; mas sentia-se tomado da estranha surpresa.

Pelo meio-dia, o eremita apresentou-se à poria de uma casa muito pequena onde morava um rico avarento; pediu hospitalidade por algumas horas. Um velho criado mal vestido recebeu-o rudemente e fez entrar o eremita e Zadig na estrebaria, onde lhes serviram algumas azeitonas podres, pão duro e cerveja estragada. O eremita bebeu e comeu com um ar tão contente como na véspera. Depois, dirigindo-se ao velho criado, que os observava para ver se não roubavam nada e os instava a partirem, deu-lhe as duas moedas de ouro que recebera de manhã e agradeceu-lhe muito as suas atenções.

— Peço-lhe acrescentou — que me leve à presença de seu amo.

O criado, atônito, introduziu os dois viajantes.

— Magnífico senhor — disse o eremita, não posso deixar de agradecer-vos humildemente a nobre maneira como nos recebestes: dignai-vos aceitar esta bacia de ouro como modesto penhor de minha gratidão.

O avarento quase caiu para trás. Sem lhe dar tempo para que voltasse a si do assombro, o eremita partiu às pressas com o seu jovem companheiro.

— Senhor, que vejo eu? — diz-lhe Zadig. — Não vos pareceis em nada com os outros homens, roubais uma bacia de ouro guarnecida de pedrarias a um senhor que vos recebe magnificamente e a presenteais a um avarento que vos trata com indignidade.

— Meu filho — respondeu o velho, — esse homem magnífico, que só recebe os estranhos por vaidade e para fazê-los admirar suas riquezas, se tornará mais sensato; — o avarento aprenderá a praticar a hospitalidade: não te espantes de nada, e segue-me.

Zadig não sabia ainda se tratava com o mais louco ou o mais sábio dos homens; mas o eremita falava com tanta autoridade que Zadig, ligado aliás pelo juramento, não pôde deixar de segui-lo.

Chegaram de noite a uma casa de aspecto agradável mas simples, onde nada denunciava prodigalidade ou avareza. O dono era um filósofo retirado do mundo, que cultivava em paz a sabedoria e a virtude, e que no entanto não se aborrecia. Aprouvera-lhe construir aquele retiro, onde recebia os visitantes com uma nobreza que nada tinha de ostentação. Foi em pessoa ao encontro dos dois viajantes, a quem primeiro fez repousar num cômodo apartamento. Algum tempo depois veio convidá-los para uma refeição sadia e variada, durante a qual se referiu discretamente às últimas revoluções de Babilônia. Pareceu sinceramente devotado à rainha e mostrou-se desejoso de que Zadig tivesse comparecido ao torneio para disputar a coroa. “Mas os homens — acrescentou — não merecem um rei como Zadig”. Este enrubescia e sentia redobrarem seus sofrimentos. Convieram, na conversação, em que as coisas deste mundo não marchavam sempre ao agrado dos mais sensatos. O eremita sustentava que não se conheciam os caminhos da Providência, e que os homens faziam mal em julgar um todo de que só percebiam a mais ínfima parte. Falaram em seguida sobre as paixões.

— Ah! como são funestas! dizia Zadig.

— São como os ventos que enfunam as velas do barco — retrucou o eremita: — submergem-no

às vezes; mas, sem o seu auxílio, o barco não poderia vogar. A bílis nos torna coléricos e doentes; mas, sem a bílis, não poderíamos viver. Tudo é perigoso neste mundo, e tudo é necessário.

Falou-se do prazer, e o eremita provou que é um presente da divindade: “Pois — disse ele o homem não pode dar a si próprio nem sensações nem idéias, recebe tudo; a dor e o prazer lhe vêm de fora, como a sua existência.”

Zadig admirava-se de como um homem que fizera coisas tão extravagantes podia raciocinar tão bem. Enfim, depois de uma palestra tão instrutiva quão agradável, o proprietário conduziu os hóspedes ao quarto, bendizendo o Céu por lhe haver enviado dois homens tão sábios e virtuosos. Ofereceu-lhes dinheiro de um modo natural e nobre que não podia melindrar. O eremita recusou-o e despediu-se, dizendo que partiria para Babilônia antes do raiar do dia. A separação foi comovente; Zadig, sobretudo, sentia-se cheio de estima e simpatia por aquele homem tão amável.

Quando o eremita e ele se viram a sós no apartamento, fizeram por muito tempo o elogio de seu hospedeiro. O velho, alta madrugada, despertou Zadig.

— Temos de partir — disse ele. — Mas, enquanto todos ainda estão dormindo, quero deixar a esse homem um testemunho de minha estima e afeição.

Dizendo tais palavras, tomou um archote e ateou fogo à casa. Zadig, horrorizado, pôs-se aos gritos, e quis impedi-lo de cometer tão revoltante ação. O eremita arrastava-o com uma força superior; a casa estava em chamas. Quando já se achava bastante longe com o companheiro, o velho pôs-se a contemplar tranqüilamente o incêndio. “Graças a Deus! — disse ele. — Eis a casa do nosso querido hospedeiro completamente destruída! Que homem feliz!” A estas palavras, Zadig viu-se tentado, a um tempo, a romper em gargalhadas, a encher de injúrias o venerável ancião a bater-lhe, e a fugir, mas não fez nada disso e, sempre dominado pela ascendência do eremita, seguiu-o, a contragosto, até a próxima pousada.

Era em casa de uma viúva caritativa e virtuosa que tinha um sobrinho de catorze anos, cheio de atrativos e que era a sua única esperança. Fez, o melhor possível, as honras da casa. Na manhã seguinte, ordenou ao sobrinho que acompanhasse os viajantes até uma ponte que, estando meio arruinada, se tornara de passagem perigosa. O jovem, solícito, marchava à

frente deles. Ao chegarem à ponte, disse-lhe o eremita:

— Vem cá, devo dar uma amostra de gratidão à tua tia. Toma-o então pelos cabelos e arremessa-o ao rio. O menino tomba, reaparece um instante à tona dágua, e é engolido pela torrente.

— O monstro! ó celerado! — bradou Zadig.

— Tu me havias prometido mais paciência — disse-lhe o eremita, interrompendo-o. — Pois fica sabendo que, debaixo das ruínas dessa casa que a Providência incendiou, o proprietário encontrou um tesouro imenso; e é bom que saibas que esse jovem, a quem a Providência torceu o pescoço, teria assassinado a sua tia dentro em um ano, e a ti daqui a dois anos.

— Quem te disse tal coisa, bárbaro? gritou Zadig. — E, mesmo que houvesses lido esse acontecimento no teu livro dos destinos, acaso te será permitido afogar uma criança que não te fez mal nenhum?

Enquanto assim falava, Zadig percebeu que o velho já não tinha barba, que o seu rosto adquiria os traços da juventude. Desapareceu-lhe o hábito de eremita; quatro belas asas recobriam um corpo majestoso e resplandecente de luz.

— Ó enviado do Céu! Ó anjo divino! exclamou Zadig, prosternando-se. — Desceste então do empíreo para ensinar um frágil mortal a submeter-se às ordens eternas?

— Os homens — disse o anjo Jesrad — julgam tudo sem nada conhecer: eras tu, dentre todos os homens, quem mais merecia ser esclarecido.

Zadig pediu permissão para falar.

— Desconfio de mim próprio — disse ele, mas ousarei pedir-te que me esclareças uma dúvida: não seria melhor corrigir esse menino, e torná-lo virtuoso, em vez de afogá-lo

Se ele tivesse sido virtuoso, e vivido — tornou Jesrad, — a seu destino seria o de ser assassinado com a mulher que deveria desposar, e com o filho que deveriam ter

— Como! — exclamou Zadig. — É então necessário que haja crimes e males, e que os males tombem sobre as pessoas de bem?

— Os maus — respondeu Jesrad — são sempre infelizes: servem para experimentar um pequeno número de justos espalhados sobre a terra, e não há mal de que não provenha um bem.

— Mas — disse Zadig — e se só houvesse bem, e nenhum mal?

— Então — replicou Jesrad — este mundo seria outro; o encadeamento dos fatos obedeceria a uma outra ordem de sabedoria; e essa outra ordem, que seria perfeita, só pode existir na morada eterna do Ser Supremo, de quem o mal não pode aproximar-se. Criou Ele milhões de mundos, nenhum dos quais se pode assemelhar ao outro. Essa imensa variedade é um atributo de seu poder imenso. Não há nem duas folhas de árvore na terra, nem dois globos nos campos infinitos do céu, que sejam semelhantes; e tudo o que vês sobre o pequeno átomo em que nasceste devia estar no seu lugar e no seu tempo fixo, conforme as ordens imutáveis daquele que tudo abrange. Os homens pensam que esse menino que acaba de perecer caiu no rio por acaso: tudo é prova, ou punição, ou recompensa, ou providência. Lembra-te daquele pescador que se julgava o mais infeliz dos homens. Orosmade te enviou para lhe mudar o destino. Frágil mortal, cessa de arguir contra aquilo que cumpre adorar.

— Mas — disse Zadig... E, enquanto dizia mas, já o anjo alçava o vôo para a — décima esfera. Zadig, de joelhos, adorou a Providência, e submeteu-se. O anjo gritou-lhe das alturas:

— Segue para Babilônia.

XIX
OS ENIGMAS

Zadig, fora de si, e como um homem a cujos pés houvesse tombado um raio, caminhava ao acaso. Entrou em Babilônia no dia em que aqueles com quem combatera se achavam já reunidos no vestíbulo do palácio, para decifrar os enigmas e responder às perguntas do grande mago. Todos cavaleiros tinham chegado, exceto o da armadura verde. Logo que Zadig apareceu na cidade, o povo se reuniu em torno dele; os olhos não se saciavam de o ver, as bocas de o abençoar, os corações de desejar-lhe o império. O invejoso o viu passar, estremeceu e desviou-se; o povo o levou até o local da assembléia. A rainha, a quem haviam comunicado a sua vinda, sentia-se agitada de temores e esperanças; a inquietação a devorava: não podia compreender nem como Zadig estava sem armas, nem como Itobad trazia a armadura branca. Á vista de Zadig, elevou-se um confuso murmúrio. Estavam surpresos e encantados de tornar a vê-lo; mas só aos cavaleiros que haviam combatido era permitido ingresso na assembléia.

— Combati como qualquer outro — declarou ele. — Mas alguém está usando aqui as minhas armas; e, enquanto aguardo a honra de o provar, peço licença para apresentar-me no concurso de enigmas.

Puseram a proposta em votação: tão arraigada estava nos espíritos a sua reputação de probidade, que ninguém hesitou em admiti-lo.

O grande mago propõe primeiro a seguinte questão:

— Qual é, de todas as coisas do mundo, a mais longa e a mais curta, a mais rápida e a mais lenta, a mais divisível e a mais extensa, a mais negligenciada e a mais irreparavelmente lamentada, que devora tudo o que é pequeno e que vivifica tudo o que é grande?

Cabia a Itobad falar. Respondeu que um homem como ele nada entendia de enigmas e que lhe bastava ter batido os adversários a lançaços. Disseram uns que a chave do enigma era a fortuna, outros a terra, outros a luz. Zadig disse que era o tempo. “Nada é mais longo — acrescentou ele, — pois que é a medida da eternidade; nada é mais curto, pois que falta a todos os nossos projetos; nada mais lento para quem espera; nada mais rápido para quem desfruta a vida; estende-se, em grandeza, até o infinito; divide-se, até o infinito, em pequenez;

todos os homens o negligenciam, todos lhe lamentam a perda; nada se faz sem ele, faz esquecer tudo o que é indígno da posteridade, e imortaliza as grandes coisas". A assembléia deu razão a Zadig.

Perguntaram em seguida: "Qual é a coisa que se recebe sem agradecer, que se desfruta sem saber como, que damos aos outros quando não sabemos onde é que estamos, e que perdemos sem o perceber?"

Cada qual deu a sua explicação. Apenas Zadig adivinhou que se tratava da vida. Resolveu todos os outros enigmas com igual facilidade. Itobad dizia sempre que nada era mais fácil e que ele também o descobriria, se se tivesse dado ao trabalho. Propuseram questões sobre a justiça, o soberano bem, a arte de reinar. As respostas de Zadig foram julgadas as mais sólidas. "É pena — diziam — que tão bom espírito seja tão mau cavaleiro".

— Ilustres senhores — declara Zadig, — tive a honra de vencer na liça. É a mim que pertence a armadura branca. O senhor Itobad apoderou-se dela durante o meu sono: com certeza julgou que lhe sentaria mais que a verde... Estou disposto a provar perante todos, com esta túnica e esta espada, contra toda essa armadura branca que

ele me tomou, que fui eu que tive a honra de vencer o bravo Otame.

Itobad aceitou o desafio com a maior confiança. Não duvidava que, estando de capacete, couraça e braçais, facilmente venceria a um galã de camisola e barrete de dormir. Zadig puxou da espada, saudando a rainha, que o contemplava cheia de alegria e temor, Itobad puxou a sua, sem saudar ninguém. Avançou para Zadig como homem que nada tivesse a temer. Estava prestes a lhe fender a cabeça. Zadig soube aparar o golpe, opondo o que se chama o forte da espada ao fraco do adversário, de modo que a espada de Itobad se rompeu. Então Zadig enlaçando o inimigo, derrubou-o por terra; e, colocando a ponta da espada na frincha da couraça, disse-lhe: “Deixa-me desarmar-te, ou eu te mato”. Itobad, sempre surpreso das desgraças que aconteciam a um homem como ele, deixou que Zadig lhe tirasse tranqüilamente o magnífico capacete, a soberba couraça, os belos braçais, os brilhantes coxotes. Zadig os vestiu e, assim equipado, correu a lançar-se aos joelhos de Astartéia. Cador provou facilmente que a armadura pertencia :a Zadig. Foi proclamado rei por assentimento de todos, e sobretudo de Astartéia, que, após tantas adversidades, gozava da doçura de ver o seu enamorado digno, perante o universo, de ser seu esposo. Itobad foi fazer-se chamar de senhor em sua casa. Zadig foi rei, e rei

feliz. Tinha presente ao espírito o que lhe dissera o anjo Jesrad. Lembrava-se até do grão de areia convertido em diamante. A rainha e ele adoraram a Providência Zadig deixou a bela caprichosa, Missuf, correr mundo. Mandou chamar o salteador Arbogad, a quem confiou um honroso pôsto no exército, com a promessa de elevá-lo às mais altas dignidades se se comportasse como legítimo guerreiro, e de o enforcar se se entregasse às atividades de salteador.

Setoc foi chamado dos confins da Arábia, com a bela Almona, para dirigir o comércio babilônio. Cador obteve a posição e estima que mereciam seus serviços; era o amigo do rei; e este foi o único monarca da terra que teve um amigo. O pequeno mudo não ficou no esquecimento. O pescador ganhou uma bela casa. Orcan foi condenado a pagar-lhe uma grande soma e a devolver-lhe a mulher; mas o pescador, que ganhara juízo só ficou com o dinheiro.

Nem a bela Semira se consolava de haver acreditado que Zadig era caolho, nem Azora cessava de chorar por lhe haver querido cortar o nariz. Zadig abrandou o pesar de ambas com uns bons presentes. O invejoso morreu de raiva e de vexame. O império gozou da paz, da glória e da abundância; foi o mais belo século da terra: era esta governada pela justiça e o amor. Bendiziam a Zadig, e Zadig bendizia ao Céu.

XX
A DANÇA

Setoc devia ir para assuntos comerciais, à ilha de Serendib; mas o primeiro mês de seu casamento, que é, como se sabe, a lua de mel, não lhe permitia deixar a esposa, nem supor que jamais pudesse deixá-la: pediu a Zadig que fizesse a viagem em seu lugar. “Ai! — suspirava este. — Devo ainda colocar maior distância entre mim e a bela Astartéia?! Mas estou na obrigação de servir a meus benfeitores”. Assim disse, chorou e partiu.

Não demorou muito em Serendib sem que fosse considerado um homem extraordinário. Tornou-se árbitro. de todas as questões entre os negociantes, amigo dos sábios e conselheiro do pequeno número de pessoas que ouvem conselhos. O rei manifestou desejos de o ver e ouvir. Reconheceu logo o valor de Zadig; confiou na sua sabedoria e fez dele seu amigo. A familiaridade e estima do rei fizeram-no tremer. Dia e noite recordava os males que lhe haviam acarretado as boas graças de Moabdar. “Se agrado ao rei — pensava ele, não estarei perdido?” Não podia, contudo, furtar-se às

gentilezas da Sua Majestade: pois cumpre confessar que Nabussan, rei de Serendib, filho de Nussanab, filho de Nabassun, filho de Sanbusná, era um dos melhores príncipes da Ásia e que, quando se lhe falava, tornava-se difícil deixar de amá-lo.

Esse bom príncipe era sempre louvado, enganado e roubado; esforçavam-se, à porfia, a ver quem mais lhe pilhava os tesouros. O recebedor geral da ilha de Serendib dava o exemplo, seguido fielmente pelos outros. O rei sabia-o: por várias vezes mudara de tesoureiro; mas não pudera mudar o costume estabelecido de dividir os proventos do rei em duas partes, a menor das quais cabia sempre à Sua Majestade, e a maior aos administradores.

O rei Nabussan confiou seus cuidados ao sábio Zadig.

— Tu que sabes tão belas coisas — disse-lhe ele, — não saberias encontrar-me um tesoureiro que não roube?

— Sem dúvida — respondeu Zadig. — Sei um meio infalível de conseguir-lhe um homem de mãos limpas.

O rei, encantado, perguntou-lhe, abraçando-o, como deveria proceder.

— É só fazer dançar todos aqueles que se candidatem à dignidade de tesoureiro, e aquele que dançar com mais leveza será infalivelmente o homem mais honrado.

— Estás zombando — disse o rei. — Eis um modo bastante esquisito de escolher um tesoureiro... Como? Julgas então que aquele que fizer melhor um entrechat será o financista mais probo e mais hábil?

— Não garanto que seja o mais hábil — retrucou Zadig, — mas asseguro que será indubitavelmente o mais honesto.

Falava Zadig com tamanha segurança que o rei o julgou possuidor de algum segredo sobrenatural para reconhecer os financistas.

— Não me agrada o sobrenatural — disse Zadig, — sempre detestei as pessoas e livros mágicos: se Vossa Majestade deixar-me fazer a prova que lhe proponho, há de convencer-se de que o meu segredo é a coisa mais simples e mais fácil deste mundo.

Nabussan, rei de Serendib, ficou muito mais espantado de ouvir que esse segredo era simples do que se lho houvessem apresentado como um milagre.

— Está bem — disse ele, — fase como bem entenderes.

— Deixe o caso comigo — tornou Zadig — e Vossa Majestade ganhará com essa experiência muito mais do que supõe.

No mesmo dia mandou afixar que todos os pretendentes ao cargo de recebedor-mor dos dinheiros de Sua Graciosa Majestade Nabussan, filho de Mussanab, deveriam apresentar-se, vestidos de seda leve, a 1a. da lua do crocodilo, na antecâmara do rei. Ali compareceram, em número de sessenta e quatro. Tinham reunido rabequistas num salão vizinho; tudo achava pronto para o bailado; mas a porta desse salão estava fechada, e, para ali entrar, era preciso passar por uma pequena galeria bastante escura. Um guarda vinha buscar e introduzir cada candidato, um após outro naquela passagem, onde o deixava sòzinho alguns minutos. O rei, que estava a par de tudo, expusera todos os seus tesouros na referida galeria. Depois que todos os pretendentes chegaram ao salão, Sua Majestade lhes ordenou que dançassem. Jamais se dançou tão pesadamente e com menos graça; tinham todos a cabeça baixa, o busto encolhido, as mãos coladas ao corpo. “Que velhacos!” — dizia Zadig em voz baixa. Um só dentre eles dançava com agilidade, de cabeça alta, olhar seguro, braços estendidos, corpo direito e jarretes firmes; “Ah!

que homem honrado! que excelente homem!” — dizia Zadig. O rei abraçou aquele bom dançarino, proclamou-o tesoureiro, e todos os outros foram punidos e multados com a maior justiça do mundo: pois cada qual, durante o tempo em que estivera na galeria, atulhara os bolsos e mal podia andar. Muito vexado se sentiu o rei com a natureza humana pelo fato de haver, entre aqueles sessenta e quatro dançarimos, sessenta e três gatunos. A galeria escura foi chamada o corredor da tentação Se fosse na Pérsia, teriam empalado aqueles sessenta e três senhores; em outros países, formariam um tribunal de justiça que consumiria nas custas do processo o triplo do dinheiro roubado e que nada reporia nos cofres do rei; em outro reino, os sessenta e três se justificariam plenamente e fariam cair em descrédito aquele dançarino tão leviano: em Serendib, apenas foram condenados a aumentar o tesouro público, pois Nabussan era muito indulgente

Era também muito reconhecido: deu a Zadig uma quantia mais considerável do que qualquer tesoureiro jamais roubara a el-rei seu senhor. Zadig se utilizou da soma para enviar correios a Babilônia, que deviam informá-lo do destino de Astartéia. A voz tremeu-lhe ao dar essa ordem, o sangue lhe fluiu para o coração, seus olhos cobriram-se de trevas, a alma esteve a ponto de abandoná-lo. O mensageiro partiu, Zadig o viu

embarcar; entrou no palácio, sem ver ninguém, como se estivesse em seu quarto, e pronunciando a palavra amor.

— Ah! o amor — disse o rei, — é precisamente do que trata; adivinhaste a minha pena. És um grande homem! Espero que me ensines a descobrir uma mulher acima de qualquer suspeita, como me fizeste encontrar um tesoureiro desinteressado.

Zadig, voltando a si, prometeu servi-lo no amor como em finanças, embora a coisa lhe parecesse ainda mais difícil.

XXI
OS OLHOS AZUIS

— O corpo e o coração... — começou o rei. A estas palavras, o babilônio não pôde deixar de interrompê-lo:

— Como lhe sou grato por não haver Sua Majestade dito o espírito e o coração! pois só se ouvem estas palavras nas conversações de Babilônia; não se vê mais que livros a respeito do coração e do espírito, escritos por pessoas que não têm nem uma coisa nem outra; mas tenha a bondade de prosseguir, Sire.

— Nabussan assim continuou:

— O corpo e o coração estão, em mim, destinados a amar; a primeira dessas duas potências tem todos os motivos para se achar satisfeita. Tenho aqui cem mulheres a meu serviço, todas belas, complacentas, solícitas, voluptuosas até, ou que o fingem ser comigo. Quanto a meu coração, já não é tão feliz. Por demais tenho visto que agradam muito o rei de Serendib e pouco se importam com Nabussan. Não que eu julgue infiéis as minhas mulheres; mas desejaria encontrar uma alma que fosse

minha; daria por esse tesouro as cem belezas cujos encantos possuo: vê se podes, dentre as cem sultanas, achar-me uma de quem eu possa ter certeza de ser amado.

Zadig respondeu como no caso dos financistas:

— Deixe tudo a meu cuidado, Sire; mas permita primeiro que eu disponha do que Vossa Majestade expôs na galeria da tentação; dar-lhe-ei conta de tudo e não perderá coisa alguma.

O rei deixou-o como senhor absoluto. Zadig escolheu em Serendib trinta e três pequenos corcundas dos mais feios que pôde achar, trinta e três pajens dos mais belos, e trinta e três bonzos dos mais eloqüentes e dos mais robustos. Concedeu a todos plena liberdade de entrarem nas celas das sultanas. Cada corcundinha ficou com quatro mil moedas de ouro a seu dispor, e logo no primeiro dia todos eles foram felizes. Os pajens, que nada tinham a dar senão a sua própria pessoa, só triunfaram ao fim de dois ou três dias. Os bonzos tiveram um pouco mais de trabalho; mas afinal trinta e três devotas se renderam a eles. O rei, por gelosias que davam para todas as celas, viu todas essas provas, e maravilhou-se. De suas cem mulheres, noventa e nove sucumbiram às suas próprias vistas.

Restava apenas uma jovem, bastante novinha, de quem Sua Majestade jamais se aproximara. Enviaram-lhe um, dois, três corcundas, que lhe ofereceram até vinte mil moedas; ela foi incorruptível, e não pôde deixar de rir de que aqueles corcundas julgassem que o dinheiro os tornaria mais bem feitos de corpo. Apresentaram-lhe os dois pajens mais belos; ela disse que achava o rei ainda mais belo. Largaram-lhe o mais eloqüente dos bonzos, e em seguida o mais intrépido; ela achou o primeiro um papagaio e não se dignou nem mesmo a suspeitar o mérito do segundo. “O coração é tudo — dizia ela. — Nunca cederei, nem ao ouro de um corcunda, nem às graças de um jovem, nem às seduções de um bonzo; amarei ùnicamente a Nabussan, filho de Nussanab, e esperarei que ele se digne amar-me”. O rei sentiu-se transportado de alegria, de espanto e de ternura. Recolheu todo o dinheiro que causara o sucesso dos corcundas e presenteou-o à bela Falide; era esse o nome da jovem criatura. Deu-lhe o seu coração: ela bem o merecia. Jamais foi tão viçosa a flor da juventude, jamais tiveram tal sedução os encantos da formosura. Que ela não sabia fazer direito a reverência, é coisa que a verdade histórica não permite calar; mas dançava como as fadas, falava como as sereias e cantava como as graças: era cheia de prendas e virtudes.

Nabussan, amado, adorou-a; mas Falide tinha olhos azuis, e foi isso a fonte das maiores desgraças. Havia uma antiga lei que proibia aos reis amarem uma dessas mulheres que os gregos depois chamaram de boópis. Fazia mais de cinco mil anos que o chefe dos bonzos tinha estabelecido essa lei; fora com o intuito de se apoderar da amante do primeiro rei da ilha de Serendib que esse primeiro bonzo introduzira o anátema dos olhos azuis na Constituição do Estado. Todas as ordens do império vieram apresentar advertências ao rei. Dizia-se pùblicamente que eram chegados os últimos dias do reino, que a abominação atingira o auge, que toda a natureza se achava ameaçada de uma catástrofe; que, numa palavra, Nabussan, filho de Nussanab, amava dois grandes olhos azuis. Os corcundas, os financistas, os bonzos e as morenas encheram o reino com suas queixas.

Os povos selvagens que habitam o norte de Serendib aproveitaram-se do descontentamento geral. Fizeram irrupção nos Estados do bom Nabussan. Este pediu auxílio financeiro aos súditos; os bonzos, que possuíam metade das rendas do Estado, contentaram-se em erguer as mãos ao céu e recusaram-se a metê-las no cofre para ajudar ao rei. Fizeram belas preces com música, e deixaram o Estado à mercê dos bárbaros.

— Ó meu caro Zadig, será que ainda me tirarás deste horrível embaraço? — exclamou dolorosamente Nabussan.

— De bom grado — respondeu Zadig. — Vossa Majestade terá dos bonzos todo o dinheiro que quiser. Deixe desguarnecidas as terras onde eles têm os seus castelos, e defenda ùnicamente os de Vossa Majestade.

Nabussan assim fez; os bonzos vieram lançar-se aos pés do rei e implorar-lhe assistência. O rei respondeu-lhes com uma bela canção, cuja letra era uma prece pela conservação de suas terras. Os bonzos afinal deram dinheiro e o rei acabou a guerra com felicidade. Deste modo Zadig, com os seus sábios e oportunos conselhos, e pelos grandes serviços que prestava, atraíra a irreconciliável inimizade dos homens mais poderosos do Estado. Os bonzos e as morenas juraram a sua perda; os financistas e os corcundas não mais o pouparam; tornaram-no suspeito ao bom Nabussan. Os serviços prestados ficam muita vez na antecâmara, e as suspeitas entram no gabinete, segundo a sentença de Zoroastro: eram todos os dias novas acusações; a primeira é repelida, a segunda roça a pele, a terceira fere, a quarta mata.

Zadig, intimidado, já que tratara dos negócios de seu amigo Setoc e lhe salvara o dinheiro, não pensou mais senão em partir da ilha, e resolveu ir em pessoa saber notícias de Astartéia. — “Pois — pensava ele — se fico em Serendib, os bonzos me farão empalar; mas aonde ir? Serei escravizado no Egito, queimado, segundo todas as aparências, na Arábia, estrangulado em Babilônia. Mas preciso saber o que é feito de Astartéia: partamos, e vejamos o que me reserva o meu triste destino.”

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Maio 2000

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos
GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

Voltaire

Os Pensadores

Voltaire

"De tal modo a idéia de justiça parece-me uma verdade de primeira ordem, a que todo o universo dá seu assentimento, que os maiores crimes que afligem a humanidade são cometidos sob um falso pretexto de justiça. O maior dos crimes, pelo menos o mais destrutivo, e conseqüentemente o mais oposto à finalidade da Natureza, é a guerra. E, no entanto, não há um agressor que não tinja essa malfeitoria com o pretexto da justiça."
VOLTAIRE: *O filósofo ignorante.*

"O fanatismo, em relação à superstição, é o mesmo que o arrebatamento é para a febre ou a raiva para a cólera. Aquele que experimenta êxtases, visões, que confunde os sonhos com as realidades e as suas imaginações com profecias, é um entusiasta; aquele que alimenta a sua loucura com o crime, é um fanático."
VOLTAIRE: *Dicionário Filosófico.*

"Ser verdadeiramente livre é poder. Quando posso fazer o que quero, eis minha liberdade; mas quero necessariamente aquilo que quero, pois de outro modo eu quereria sem razão, sem causa, o que é impossível. Minha liberdade consiste em andar quando quero andar, desde que não sofra de gota."
VOLTAIRE: *O filósofo ignorante.*

Os Pensadores

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

V899c
3.ed.

Voltaire, François Marie Arouet de, 1694-1778.
Cartas inglesas ; Tratado de metafísica ; Dicionário filosófico ; O filósofo ignorante / Voltaire ; seleção de textos de Marilena de Souza Chauí ; traduções de Marilena de Souza Chauí, Bruno da Ponte e João Lopes Alves. — 3. ed. — São Paulo : Abril Cultural, 1984.
(Os pensadores)

Inclui vida e obra de Voltaire.
Bibliografia.

1. Filosofia francesa 2. Voltaire, François Marie Arouet de, 1694-1778 I. Chauí, Marilena de Sousa. II. Título: Cartas inglesas. III. Título: Tratado de metafísica. IV. Título: Dicionário filosófico. V. Título: O filósofo ignorante. VI. Série.

83-0815

CDD-194
-190.92

Índices para catálogo sistemático:
1. Filosofia francesa 194
2. Filósofos modernos : Biografia e obra 190.92
3. Filósofos franceses 194
4. França : Filosofia 194
5. Voltaire: Obras filosóficas 194

VOLTAIRE

CARTAS INGLESAS
TRATADO DE METAFÍSICA
DICIONÁRIO FILOSÓFICO
O FILÓSOFO IGNORANTE

Seleção de Textos de **Marilena de Souza Chauí**
Traduções de **Marilena de Souza Chauí** *(Cartas Inglesas, Tratado de Metafísica, O Filósofo Ignorante* e verbetes assinalados com asterisco do *Dicionário Filosófico)*
e
Bruno da Ponte e João Lopes Alves *(Dicionário Filosófico)*

1984
EDITOR: **VICTOR CIVITA**

Títulos originais:
Lettres Anglaises
Traité de Métaphysique
Dictionnaire Philosophique
Le Philosophe Ignorant

© Copyright desta edição, Abril S.A. Cultural,
São Paulo, 1973 - 2.ª edição 1978 - 3.ª edição 1984.

Tradução publicada sob licença de
Editorial Presença Ltda., Lisboa *(Dicionário Filosófico)*.

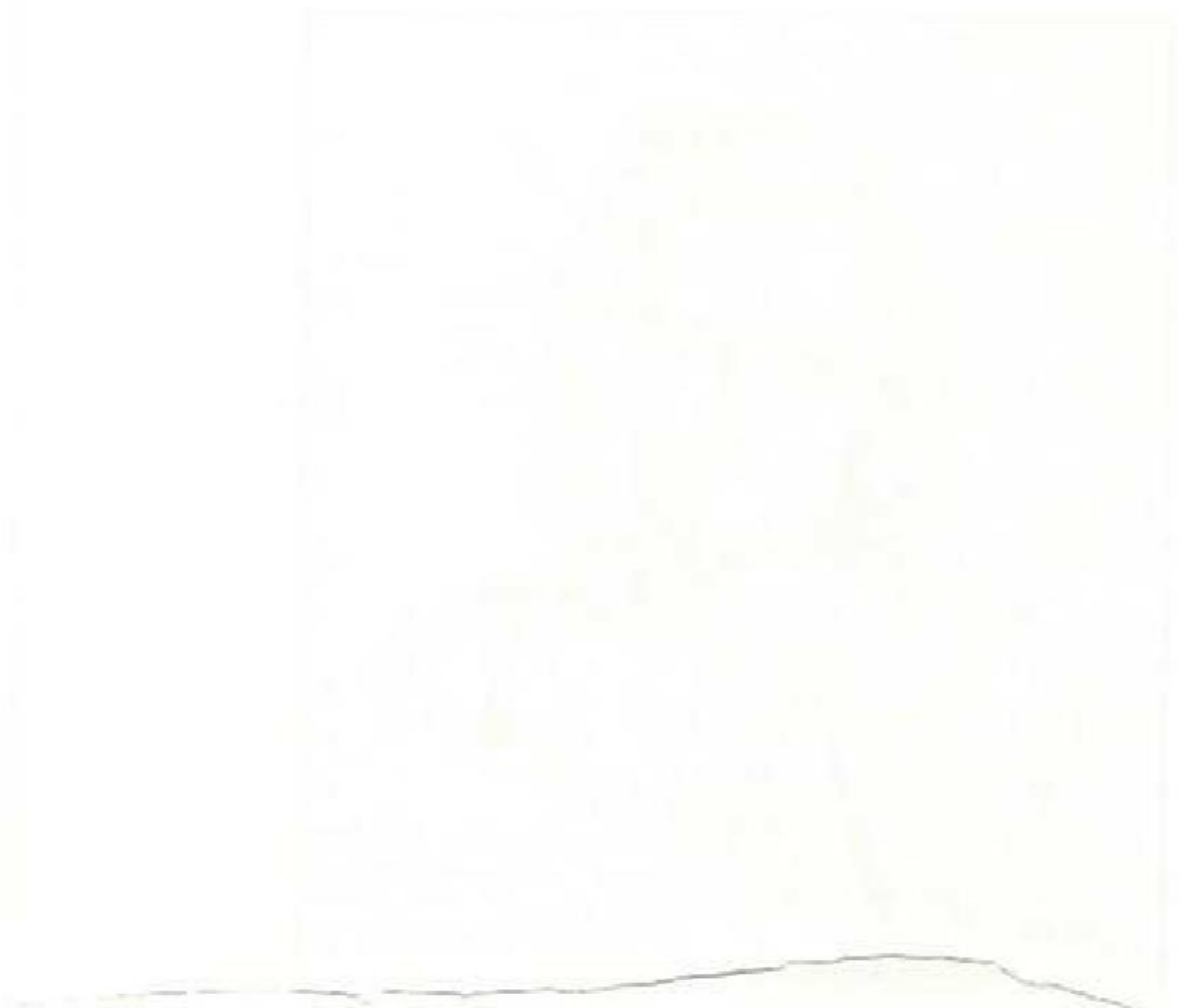
Direitos exclusivos da Abril S.A. Cultural, São Paulo, sobre as demais traduções deste volume, incluindo-se também os verbetes do *Dicionário Filosófico* assinalados com asterisco.

Direitos exclusivos sobre "VOLTAIRE — Vida e Obra",
Abril S.A. Cultural, São Paulo.

VOLTAIRE

VIDA E OBRA

Consultoria: **Marilena de Souza Chauí**



No dia 28 de setembro de 1752, encontra-se reunido um grupo de intelectuais na sala de refeições do castelo real, na capital da Prússia. Em suas conversações, decidem escrever um dicionário contra os preconceitos, a superstição e o fanatismo.

Um dos participantes entusiasma-se mais do que os outros e, nos dias seguintes, redige alguns verbetes: Abraão, alma, ateu, batismo, Juliano, Moisés... Enquanto isso, os companheiros esquecem-se do projeto e ele fica só, o que talvez lhe tenha aumentado ainda mais o estímulo para levar a cabo a tarefa, pois é um homem bastante exclusivista. Demora alguns anos na redação do livro; apesar de ser escritor fecundo e rápido, outros afazeres ocupam seu tempo e só em 1764 consegue publicar o primeiro volume. Intitula-se *Dicionário Filosófico Portátil* e obtém um êxito extraordinário: é colocado debaixo das portas, pendurado nos cordões das campainhas e freqüentemente os bancos dos passeios públicos estão repletos de exemplares. A razão do sucesso residia, à primeira vista, no fato de que era o primeiro livro de bolso da história, mas o motivo mais importante era seu conteúdo, que constituía um sólido alimento intelectual para todos os descontentes com a ordem social então vigente. Em suma, tratava-se de um poderoso instrumento revolucionário e não foi sem motivo que seu autor foi celebrado como glória nacional, algumas décadas depois, quando o Terceiro Estado tomou o poder na França.

O autor do *Dicionário* chamava-se François Marie Arouet, mas era mais conhecido pelo pseudônimo de Voltaire. Tinha nascido em 1694, em Paris, e era filho de Marguerite Daumard, descendente de uma família da pequena nobreza de Poitou. O pai era tabelião, pagador das especiarias e recebedor das multas na câmara das Contas; possuía pequena fortuna e desejava ver o filho estudando direito para tornar-se advogado do rei. Com esse objetivo coloca o menino no colégio Louis, le Grand, onde ele estuda com os jesuítas, revelando-se "rapaz de talento mas patife notável", segundo as palavras de um relatório dos professores.

Na mesma época, seu padrinho, o abade de Châteauneuf, introduziu-o nos círculos literários de Paris e no salão da famosa cortesã Ninon de Lenclos. Voltaire é ainda um menino e já conhece os meios desregrados, onde o modo de viver é comandado por epicuristas voluptuosos e poetas galantes.

O pai não vê com bons olhos aquela vida e providencia-lhe uma ocupação mais séria, logo que o jovem completa o curso no colégio. Voltaire torna-se pajem do Marquês de Châteauneuf, em missão diplomática na Holanda. Nessa época, apaixona-se por Olympe Dunoyer (Pimpette) e trama para que a moça vá morar com ele na França. Como Pimpette é protestante, a solução é convencer o padre Tournemine e o bispo de Evreux de que se trata de obra piedosa fazê-la voltar ao seio da Igreja Católica, mas para isso ela precisaria estar na França. Os padres, no entanto, não se deixam enganar pelo astuto apaixonado e o romance chega ao seu ponto final: Voltaire é mandado de volta à casa paterna.

Triste e desolado, põe-se a escrever versos. Compõe uma ode a Luís XIII, submete-a a concurso na Academia Francesa, mas é vencido por um concorrente. Vinga-se compondo uma sátira contra o rival e o resultado é uma briga espalhafatosa, que o obriga a fugir de Paris.

Não seria a primeira briga nem a primeira fuga. Voltaire começa a tornar-se conhecido como turbulento e um relatório policial o descreve como um moço magro, lábios finos e apertados, sem barba, olhos vivos e perspicazes, jeito de sátiro, terrivelmente malicioso, encantador e muito bem tratado com perfume de essência de cravo.

Torna-se amante de Susanne de Livry, freqüenta os salões mundanos, agrada à jovem Rainha Maria Leczinska, faz versos galantes para as damas e pequenos poemas satíricos. Pretensioso ao extremo, quer tornar-se o grande trágico do século, em substituição a Corneille e Racine. Escreve, então, uma peça, *Édipo*, em 1715, e compõe um poema épico sobre a Liga e Henrique IV, a *Henríada*.

Em 1717, algumas anedotas contra o regente, Duque de Orléans, são atribuídas a Voltaire e valem-lhe uma primeira passagem pela Bastilha. Na mesma época, começa a aparecer como homem de negócios, nem sempre muito honesto. Com o sucesso do *Édipo* faz investimentos financeiros, empresta dinheiro a nobres arruinados, torna-se fornecedor dos exércitos e rouba no abastecimento. Financia todo tipo de tráfico, inclusive o de escravos, excelente negócio na época.

No entanto, não passava de um burguês e as distâncias sociais precisavam ser mantidas na França absolutista. Mas ele não as mantém e um incidente com o Duque de Sully, cavaleiro de Rohan, resulta numa surra comandada pelo próprio duque. No dia seguinte o poeta burguês desafia o aristocrata para um duelo, mas um nobre não cruzava armas com qualquer um e, além do mais, tinha poderes para mandar os inimigos para a Bastilha, ou desterrá-los. Voltaire prefere o exílio e dias depois está na Inglaterra.

Inglaterra Prússia, Ferney

A permanência na Inglaterra é muito importante para a formação intelectual de Voltaire. Freqüenta as reuniões no salão de Walpole (1717-1759), é recebido pelo Príncipe de Gales e relaciona-se com os poetas Edward Young (1683-1765) e Alexander Pope (1688-1744), o escritor Swift (1667-1745) e os filósofos Berkeley (1685-1753) e Clarke (1675-1729). Entusiasma-se com a tolerância religiosa e com a

relativa igualdade política entre burgueses e nobres. Essas experiências, vividas durante três anos, farão dele o principal propagandista do pensamento inglês no continente, fato de profundas conseqüências especialmente na França. Através de intensa correspondência, difunde principalmente a teoria empirista de John Locke (1632-1704) e a nova visão do mundo revelada pelo método experimental-matemático de Newton (1642-1727). Essa correspondência seria posteriormente publicada na França sob o título de *Cartas Filosóficas* e constituiria um acontecimento escandaloso. Condenadas à fogueira, por desrespeito às autoridades e por serem contrárias à religião e aos bons costumes, as *Cartas* fazem Voltaire sentir de novo a possibilidade de ser preso na Bastilha. Mas ele escapa a tempo, refugiando-se no castelo de Cirey, propriedade da Marquesa de Châtelet, Émile de Breteuil, sua amante.

Antes que isso aconteça, entre 1729 e 1734, escreve e encena as peças *Brutus, Eriphyle* e *Zaire* e redige a *História de Carlos XII*, obra de grande sucesso.

Em Cirey, a partir de 1734, passa a maior parte dos quinze anos seguintes estudando física, metafísica e história, sempre acompanhado pela Marquesa de Châtelet, mulher culta, tradutora de Newton e que deseja fazer de Voltaire um adepto de Leibniz (1646-1710), o que lhe parecia detestável. Escreve *Alzire, Mérope, O Filho Pródigo, Maomé,* e *O Mundano*. Aos poucos retoma contatos com Paris e, protegido por Madame Pompadour (1721-1764), favorita de Luís XV (1710-1774), acaba por ser nomeado historiógrafo real e, em 1746, é eleito para a Academia Francesa.

Nesse meio tempo, as relações com a Marquesa de Châtelet tornam-se difíceis e Voltaire acaba por atender aos insistentes convites de Frederico II, da Prússia, a fim de que se transferisse para Potsdam e integrasse o círculo de intelectuais que viviam na corte. Sua função principal seria dar aulas de francês ao monarca.

A tarefa não lhe agrada, mas o amável tratamento dispensado pelo rei faz com que Voltaire continue na corte. Não deixa, contudo, de realizar seus negócios nem sempre impecáveis, o que desagrada Frederico II. A situação torna-se irremediável quando o filósofo polemiza com Maupertuis, presidente da Academia de Berlim, e publica o panfleto *Diatribe do Dr. Akakia* (1752), sem conhecimento do soberano. Isso era intolerável e o escrito é condenado à fogueira. Voltaire é obrigado a deixar a Prússia.

Em Paris estava proibido de entrar. Passa, então, mais de um ano em Colmar, até encontrar asilo em Genebra, onde adquire uma residência chamada "As Delícias". Aí completa suas duas maiores obras históricas: *O Século de Luís XIV* e o *Ensaio sobre os Costumes e o Espírito das Nações*. Vive em boas relações com os pastores evangélicos da cidade e entra em contato com os enciclopedistas, que desejavam sua colaboração. Escreve alguns artigos para a *Enciclopédia* e inspira o verbete *Genebra*, redigido por D'Alembert, que sugere a construção de um teatro na cidade. Isso é considerado um verdadeiro escândalo e provoca certa turbulência, da qual participa ativamente Rousseau, contrário à sugestão. O resultado foi a ruptura entre Rousseau e Voltaire e a permanência deste em Genebra torna-se impraticável.

Retira-se, então, para Ferney, onde viveria quase até o fim da vida, cuidando de sua propriedade rural, escrevendo muito e combatendo incessantemente as injustiças, como a condenação do inocente Jean Calas (1762) e os casos de Sirven (1764) e do cavaleiro de La Barre (1766), todos vítimas do fanatismo clerical. Defende suas idéias liberais no *Tratado sobre a Tolerância* (1763) e publica o *Dicionário Filosófico*, uma de suas muitas armas para "esmagar a infame" (Igreja Católica). O mesmo alvo têm as novelas satíricas *Cândido* (1759), *O Ingênuo* (1767), *O Homem de Quarenta Escudos* (1767) e o poema heróico-cômico *A Donzela* (1755-1771).

O resultado de todas essas críticas e lutas pelos ideais da razão e da liberdade foi a glória pública. Em 1778 é recebido entusiasticamente em Paris, ao ser representada sua última peça teatral, a tragédia *Irene*. É coroado de louros pelo ator Brizard e intensamente aplaudido pela assistência. Dois meses depois, no dia 30 de maio, falece aos 84 anos de idade.

Crítico e defensor de filosofias

A rigor, Voltaire não foi propriamente um filósofo. Detestava toda a especulação abstrata e suas obras não contêm maior originalidade como reflexão analítica; limitam-se à exposição e defesa do pensamento de outros. Isso, no entanto, ele o faz de maneira brilhante: tem o dom de apaixonar o leitor, fazê-lo compreender as idéias mais complexas e convertê-lo às suas opiniões. Desempenhou, assim, importante papel dentro da história das idéias.

Seu desenvolvimento intelectual teve um momento decisivo quando viveu na Inglaterra. Anteriormente, Voltaire tinha aderido à dúvida metódica cartesiana, ao ceticismo de Montaigne (1533-1592), ao epicurismo dos seguidores de Gassendi (1592-1655), e ao espírito crítico de Pierre Bayle (1647-1706). Contudo, foi o contato com a atmosfera social, política e intelectual inglesa o fator determinante na articulação final de seu pensamento. As *Cartas Filosóficas* ou *Cartas Inglesas* expressam nitidamente essa influência e, de um ponto de vista estritamente filosófico, as mais ricas de conteúdo são as referentes a Newton, John Locke e Pascal (1623-1662).

Com relação ao primeiro, os princípios metodológicos da física fundada na observação e experimentação encorajaram Voltaire a criticar todas as teorias e hipóteses puramente especulativas. Por outro lado, a lei da gravitação universal inspirou seu permanente temor pela grandeza dos céus, em comparação com a pequenez da terra, e sua crença na existência de um ser supremamente inteligente e criador do Universo.

Mais significativas são as opiniões de Voltaire sobre Locke e a teoria empirista do conhecimento. Louva-lhe a análise paciente dos processos de formação do conhecimento, a negação da existência de idéias inatas independentes da experiência e a afirmação das limitações da mente finita, ao pretender o conhecimento do universo infinito. Locke foi, para Voltaire, o homem que, modestamente, escreveu a história da alma. Antes do filósofo inglês, uma "multidão de racioci-

nadores", desde Anaxágoras até Malebranche (1638-1715), teria feito apenas o romance da alma.

Na carta sobre Pascal, delineiam-se os elementos essenciais do pensamento ético e social de Voltaire. Ele critica Pascal por ter este encontrado valor nos sofrimentos da existência terrena do homem como preparação para as glórias da vida futura. Para Voltaire, os *Pensamentos* de Pascal foram escritos com o intuito de mostrar o homem sob uma luz odiosa, pintando-o como um ser malvado e infeliz, para sempre condenado em virtude do pecado original. Voltaire insurge-se contra isso e toma o partido da humanidade. "Ouso assegurar que não somos tão malvados nem tão infelizes". Deseja apresentar um programa de melhorias sociais para o aprimoramento do homem e, para isso, acha necessário combater as doutrinas defendidas por Pascal: pecado original, graça, predestinação, providência divina.

A metafísica é uma quimera

A partir das *Cartas Filosóficas*, Voltaire foi o grande divulgador de algumas doutrinas correntes no século XVIII francês, tornando-as acessíveis a um público muito numeroso: o empirismo, o ceticismo, o deísmo, a religião natural e o humanismo ético.

O empirismo voltairiano não ultrapassa os limites da teoria do conhecimento formulada por Locke, consistindo apenas na crença de que todo conhecimento provém da experiência.

O ceticismo não chega a ser, em Voltaire, uma doutrina sistemática, como a desenvolvida pelos céticos da Antiguidade greco-latina ou, mais modernamente, por David Hume (1711-1776). É antes uma atitude espiritual e refere-se, sobretudo, à impossibilidade de conhecimento em matéria de metafísica. Paradoxalmente, ele, que escreveu um *Tratado de Metafísica*, não acredita ser possível chegar ao desvendamento dos segredos últimos do Universo. "Como pensamos", "por que os pés e as mãos obedecem aos ditados da vontade" ou "o que é a matéria" seriam questões insolúveis. Sobre a alma, Voltaire afirma numa carta a Boswell: "Você parece apreensivo com relação a essa coisa chamada alma. Devo declarar que nada sei dela; nem se ela existe, nem o que ela é, tampouco o que virá a ser. Jovens sábios e padres sabem tudo isso perfeitamente; de minha parte, não sou mais que um camarada muito ignorante". A metafísica, para Voltaire, é feita "de duas coisas: a primeira, aquilo que todas as pessoas de bom senso sabem; a segunda, aquilo que jamais saberão". Em suma, todo conhecimento seria quimérico, a não ser o resultado do cálculo da medida e da observação, vale dizer, o que se refere ao mundo físico.

Não obstante todo o ceticismo metafísico, expresso freqüentemente em suas obras, Voltaire acredita numa certa ordem inerente à natureza, na qual encontram-se objetivos e desígnios; ela não é caótica. Dessa ordem Voltaire deduz como válidas as três provas da existência de Deus, formuladas por Santo Tomás de Aquino (c. 1224-1274): primeira causa, motor imóvel e inteligência suprema. Voltaire é, assim, um filósofo teísta, pois acredita na existência de um ser supremo, criador de todas as coisas, mas não aceita os demais atri-

butos que a tradição judaico-cristã confere a Deus. Para ele, o criador de todas as coisas fez o mundo e abandonou-o à própria mercê.

A negação da providência divina e o questionamento da bondade de Deus encontram-se no *Poema sobre o Desastre de Lisboa* e no *Cândido*. Ambos atacam a teoria da harmonia preestabelecida e o otimismo de Leibniz e Pope. Da mesma forma, Voltaire não aceita o dogma do pecado original e a doutrina cristã segundo a qual Deus deixou o homem livre para escolher entre o bem e o mal, a fim de testar sua alma. Se assim fosse, pergunta o filósofo, como se pode explicar que, no terremoto de 1755, só a cidade de Lisboa tenha sido destruída? E que inocentes tenham sido punidos juntamente com culpados?

Voltaire, no entanto, não foi um pessimista, como se poderia pensar à primeira vista. Ele combate apenas o otimismo metafísico, segundo o qual o homem vive no melhor dos mundos possíveis e dentro do qual exclui-se a existência do mal. Ao contrário, o mal estaria sempre presente, mas seria possível superá-lo através das luzes da razão e através do trabalho.

O mal que é preciso combater e o bem que deve ser preservado são esvaziados pelo autor do *Cândido* de todo significado metafísico e tornam-se realidades sociais. A ética de Voltaire, como em geral a de seus contemporâneos, é uma ética social. Seus valores são humanísticos e a felicidade do indivíduo dentro da sociedade, sua principal preocupação. As virtudes teologais da fé, esperança e caridade são substituídas pela fé na capacidade de o homem resolver seus problemas, pela esperança de uma sociedade melhor e pelo amor ao semelhante.

Entretanto, o valor pelo qual Voltaire lutou toda a vida foi a justiça, que é para ele o concomitante necessário da liberdade intelectual. A idéia de justiça foi sempre a base de seus princípios éticos e a paixão principal de sua vida. Batia-se por todas as causas que pudessem colocá-la em risco e odiava a intolerância, a superstição e o fanatismo. Defendeu o protestante Jean Calas, não descansou enquanto não conseguiu a absolvição de Sirven e lutou pela reforma dos procedimentos judiciais, como essencial ao progresso da civilização. Nesse sentido escreveu um comentário ao *Ensaio sobre os Delitos e as Penas* de Cesare Beccaria (1738-1794), que é sempre publicado com a obra principal e ajudou a promover reformas judiciárias nas Américas e em vários reinos europeus.

A mesma preocupação humanística encontra-se nos trabalhos históricos de Voltaire. A *História de Carlos XII*, além de constituir uma inovação do ponto de vista metodológico, procura mostrar como as ambições políticas causam desastres às nações, mesmo quando se trata de governantes excepcionais. O *Século de Luís XIV* desenvolve o tema de que os verdadeiros benfeitores da humanidade não são os generais mas os filósofos, cientistas e poetas. O *Ensaio sobre os Costumes* e o *Espírito das Nações* inverte totalmente a concepção da *História Universal* de Bossuet (1627-1704), mostrando como o cristianismo teria herdado dos hebreus a superstição, o fanatismo e a hipocrisia e teria causado mais guerras e feito jorrar mais sangue do que qualquer outra religião.

Cronologia

1694 — *Voltaire nasce em Paris.*
1704 — É publicado o *Tratado de Ótica* de Newton.
1710 — *Voltaire publica sua primeira obra,* Imitação da Ode de R. P. Lejay sobre Santa Genoveva, *sob o nome de François Arouet.*
1715 — Morte de Luís XIV.
1716 — *Voltaire é exilado em Sully-sur-Loire.*
1717 — *É encarcerado na Bastilha.*
1718 — *Adota o pseudônimo de Voltaire.*
1726 — *É novamente preso na Bastilha. Segue-se o exílio na Inglaterra.*
1729 — *Regressa à França.*
1733 — *Liga-se à Marquesa de Châtelet.*
1734 — *Expede-se um mandado para sua captura, devido ao escândalo provocado pelas* Cartas Filosóficas.
1735 — *Obtém autorização para retornar a Paris.*
1738 — *Concorre, junto com a Marquesa de Châtelet, ao prêmio da Academia de Ciências acerca da "natureza do fogo". Perdem ambos.*
1741 — A França toma parte na Guerra de Sucessão da Áustria. *Voltaire começa a escrever o* Ensaio sobre os Costumes.
1745 — *É nomeado historiógrafo real.*
1746 — *É eleito membro da Academia Francesa.*
1747 — *É impressa, na Holanda, a primeira versão de* Zadig, *de Voltaire.*
1752 — *Inicia o projeto do* Dicionário Filosófico.
1755 — *Começa a escrever o* Poema sobre o Desastre de Lisboa.
1756 — *Tem início a Guerra dos Sete Anos: a Inglaterra declara guerra à França.*
1758 — *Voltaire escreve* Cândido, *impresso no ano seguinte.*
1760 — *Recebe uma carta insultuosa de Rousseau, que implica a ruptura entre ambos.*
1761 — Destruição da Igreja de Ferney. *Voltaire é acusado de sacrilégio.*
1778 — *Voltaire morre em Paris, no dia 30 de maio.*

Bibliografia

VOLTAIRE, *Oeuvres Complètes,* Ed. Beuchot, 72 vols., Paris, 1829-1834.
POMEAU, RENÉ: *La Religion de Voltaire,* Paris, 1956.
CRESSON, ANDRÉ: *Voltaire, sa Vie, son Oeuvre, sa Philosophie,* Presses Universitaires de France, Paris, 1948.
LANSON, GUSTAVE: *Voltaire,* Paris, 1910, reimpresso em 1960.
TORREY, NORMAN: *The Spirit of Voltaire,* Nova York, 1938, reimpresso em Oxford, 1962.
CARRÉ, J. R.: *Consistance de Voltaire, le Philosophe,* Paris, 1938.
WADE, I. O.: *Studies on Voltaire,* Princeton, 1941.
CASSIRER, ERNEST: *Filosofía de la Ilustración,* Fondo de Cultura Económica, México e Buenos Aires, 1950 (original alemão: 1932).
PAPPAS, JOHN N.: *Voltaire and D'Alembert,* Blomington, 1962.
BOTTIGLIA, W. F.: *Voltaire's "Candide": Analysis of a Classic,* Genebra, 1959.
LJUBLINSKIJ, W. S.: *Voltaire-Studien* in *Coleção de Escritos do Grupo de Estudos de História do Humanismo Francês e Alemão n.° 14,* Academia Alemã de Ciência, Berlim, 1961.
CHAUÍ, M.: *Da Realidade sem Mistérios ao Mistério do Mundo — Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty,* Editora Brasiliense, São Paulo, 1981.

VOLTAIRE

CARTAS INGLESAS OU CARTAS FILOSÓFICAS

Tradução de Marilena de Souza Chauí

Primeira Carta

Sobre os Quacres

Acreditei que a doutrina e a história de um povo tão extraordinário mereciam a curiosidade de um homem sensato. Para informar-me a esse respeito procurei um dos mais célebres quacres da Inglaterra, que, após trinta anos de comércio, soubera impor limites à sua fortuna e aos seus desejos, retirando-se para um campo próximo de Londres. Fui procurá-lo em seu retiro — casa pequena, mas bem construída, muito limpa e sem enfeites. O quacre era um velhote viçoso que nunca ficara doente porque jamais conhecera paixões e intemperança. Em toda minha vida nunca vi um ar mais nobre nem mais acolhedor do que o seu. Estava vestido, como todos os de sua religião, com uma roupa sem pregas nos lados, sem botões nos bolsos e nas mangas, trazendo um chapelão de abas caídas, como o de nossos eclesiásticos. Recebeu-me de chapéu, adiantou-se até mim sem inclinar o corpo, e, no entanto, havia mais delicadeza no ar franco e humano de seu rosto do que aquela presente no hábito de puxar uma perna para trás da outra e de carregar na mão aquilo que foi feito para cobrir a cabeça. "Amigo", disse-me. "Vejo que és estrangeiro. Se te posso ser útil, basta que o digas." "Senhor", respondi-lhe, curvando o corpo e deslizando um pé em sua direção, segundo nosso costume, "estou certo de que minha justa curiosidade não vos desagradará, e que gostareis de instruir-me a respeito de vossa religião." "A gente de teu país", respondeu-me, "faz muitos cumprimentos e reverências, mas nunca vi alguém com a mesma porque ninguém se desfaz de seus hábitos duma só vez. Após uma refeição sadia e frugal, iniciada e terminada com uma prece a Deus, comecei a interrogar meu homem. Iniciei pela questão que os bons católicos puseram mais de uma vez aos huguenotes: "Meu caro senhor, sois batizado?" "Não", respondeu-me o quacre, "nem meus confrades o são." "Como? Raios!", retorqui. "Então não sois cristãos?" "Meu filho", retomou ele docemente, "não pragueje. Somos cristãos e tentamos ser bons cristãos, mas não pensamos que o cristianismo consista em jogar água fria com um pouco de sal sobre a cabeça." "Ei, diabos!", retruquei, indignado com tal impiedade. "Esquecestes que Jesus Cristo foi batizado por João?" "Amigo, nada de pragas", disse o benigno quacre. "O Cristo recebeu o batismo de João, mas nunca batizou alguém: não somos discípulos de João, mas do Cristo." "Ai, como sereis queimado em país de Inquisição, pobre homem", respondi-lhe. "Que eu vos batize e vos faça cristão!" "Se precisássemos condescender com a tua fraqueza, nós o faríamos de bom grado", disse-me gravemente; "não condenamos quem pratica a cerimônia do batismo, mas cremos que aqueles que professam uma religião saudável e espiritual devem abster-se, na medida do possível, das cerimônias judaicas." "Ora, vejam só! Cerimônias judaicas!" "Sim, meu filho", continuou, "tão judaicas que muitos judeus ainda hoje realizam o batismo de João. Consulta a Antiguidade. Ensinar-te-á que João apenas renovou essa prática, já em uso desde havia muito entre os hebreus, como a peregrinação a Meca entre os ismaelitas. Jesus aceitou receber o batismo de João, assim como se submeteu à circuncisão, mas essas duas práticas devem ser abolidas pelo batismo de Cristo. Batismo do espírito, ablução da alma, que salva os homens. O precursor João dizia: 'Em verdade, vos batizo com água, mas um outro virá depois de mim, mais potente do que eu e cujas sandálias sou indigno de usar; esse batizará com fogo e com o Santo Espírito'. Da mesma maneira, o grande apóstolo dos gentios, Paulo, escreve aos Coríntios: 'O

Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o Evangelho'. E este mesmo Paulo só batizou com água duas pessoas e, ainda assim, contra sua própria vontade. Circuncidou seu discípulo Timóteo, e os demais apóstolos também circuncidaram todos os que o quiseram. És circunciso?", acrescentou. Respondi-lhe que não tinha essa honra. "Pois bem, amigo", concluiu, "és cristão sem seres circunciso e eu, sem ser batizado."

Eis como meu santo homem abusava especiosamente de três ou quatro passagens das Santas Escrituras que pareciam favorecer sua seita, mas com a melhor boa fé do mundo esquecia uma centena de passagens que a esmagavam. Cuidei para não contestá-lo em nada. Com um entusiasta nada se tem a ganhar. Não se deve ter a lembrança de mostrar a um homem os defeitos de sua amante, nem a um defensor, a fraqueza de sua causa, nem razões a um iluminado. Assim, passei a outras questões. "Com respeito à comunhão, como estais habituados?" "Não estamos habituados", respondeu. "Como? Nada de comunhão?" "Não. Nenhuma, senão a dos corações." E citou-me, então, ainda uma vez, as Escrituras. Fez-me um belíssimo sermão contra a comunhão e falou-me, num tom inspirado, para provar-me que todos os sacramentos não se encontravam uma única vez nos Evangelhos. "Perdoa minha ignorância", disse-me, "não te forneci a centésima parte das provas de minha religião, mas podes vê-las na exposição de nossa fé por Robert Barclay. É um dos melhores livros que já saíram das mãos de um homem. Nossos inimigos concordam em que é muito perigoso, o que prova como é razoável." Prometi-lhe ler o livro e meu quacre já acreditou-me convertido.

Em seguida, explicou-me em poucas palavras algumas singularidades que expõem sua seita ao desprezo das outras. "Confessa que tiveste dificuldade para impedir o riso quando respondi a todas as tuas cortesias com meu chapéu sobre a cabeça e te tuteando. No entanto, pareces bastante instruído e não podes ignorar que no tempo do Cristo nenhuma nação caía no ridículo por substituir o plural pelo singular. Dizia-se a César Augusto: amo-te, peço-te, agradeço-te. Aliás, não suportava que o chamassem de Senhor, Dominus. Só muito depois dele os homens resolveram fazer-se chamar por 'vós' em vez de 'tu', como se fossem duplos, e usurpar os títulos impertinentes de Grandeza, Eminência, Santidade, dados pelos vermes da terra a outros vermes da terra, assegurando-lhes, com profundo respeito e infame falsidade, que são seus servidores muito humildes e obedientes. Como nos precavemos contra esse indigno comércio de mentiras e adulações, tuteamos igualmente os reis e os sapateiros, não saudamos ninguém. Temos pelos homens apenas a caridade, e o respeito apenas pelas leis."

"Nossa roupa, um pouco diferente da dos outros homens, é um aviso contínuo para que não nos assemelhemos a eles. Os outros trazem as marcas de suas dignidades; nós, as da humildade cristã. Fugimos das assembléias de prazer, dos espetáculos, do jogo, porque seríamos lastimáveis se enchêssemos com tais bagatelas corações que Deus deve habitar. Nunca fazemos juramento, mesmo em justiça. Pensamos que o nome do Altíssimo não deve ser prostituído nos debates miseráveis dos homens. Quando é preciso que compareçamos diante dos magistrados pelos negócios dos outros (pois nunca temos processos), afirmamos a verdade por 'sim' e por 'não', e os juízes nos acreditam sob simples palavra, enquanto tantos cristãos perjuram sobre o Evangelho. Nunca vamos à guerra, não porque temamos a morte; ao contrário, bendizemos o momento que nos une ao Ser dos Seres, mas porque não somos lobos, tigres ou cães e sim homens, cristãos. Nosso Deus, que ordenou o amor aos inimigos e o sofrimento sem lamúrias, não há de querer, sem dúvida, que atravessemos o mar para ir degolar nossos irmãos, só porque assassinos vestidos de vermelho, com um gorro de dois pés de altura, recrutam cidadãos, fazendo ruído com dois bastões sobre uma pele de asno bem esticada. Quando, após as batalhas ganhas, Londres inteira brilha iluminada, o céu incendiado de fogos, o ar ressoando com o barulho das ações de graças, dos sinos, dos órgãos, dos canhões, gememos em silêncio sobre os assassínios que causam a alegria pública."

SEGUNDA CARTA

Sobre os Quacres

Foi essa, aproximadamente, a conversa que tive com esse homem singular, e para minha surpresa, no domingo seguinte, levou-me à igreja dos quacres. Possuem várias capelas em Londres. Aquela aonde fui está próxima do famoso pilar denominado "Monumento"[1].

Ao entrar com meu guia, os demais já se encontravam reunidos. Havia mais ou menos quatrocentos homens e trezentas mulheres: estas escondiam o rosto sob os leques, e aqueles permaneciam cobertos com seus chapelões. Estavam todos sentados, num profundo silêncio. Passei por eles sem que um só erguesse os olhos para mim. O silêncio durou por volta de um quarto de hora. Por fim, um deles levantou-se, tirou o chapéu e, depois de algumas caretas e de alguns suspiros, despejou, em parte pela boca, em parte pelo nariz, um galimatias tirado do Evangelho, segundo acreditava, e incompreensível tanto para ele como para os outros. Quando o contorcionista terminou seu belo monólogo e a assembléia se separou, muito edificada e estúpida, perguntei ao meu homem por que os mais sábios dentre eles suportavam tais bobagens. "Somos obrigados a tolerá-las", disse-me, "porque não podemos saber se um homem que se levanta para falar será inspirado pelo espírito ou pela loucura. Na dúvida, escutamos pacientemente. Permitimos até mesmo que as mulheres falem. Muitas vezes, dois ou três de nossos devotos sentem-se inspirados ao mesmo tempo e, então, faz-se um bonito barulho na casa do Senhor."

— Não tendes padres? — perguntei.

— Não, meu amigo — disse o quacre. — E estamos muito bem. Praza a Deus que não ousemos ordenar a alguém que receba o Espírito Santo aos domingos, com exclusão de todos os outros. Graças aos céus, somos os únicos sobre a terra a não ter padres. Quererias arrancar-nos uma distinção tão feliz? Por que abandonaríamos nosso filho nas mãos de amas mercenárias quando temos leite para lhe dar? As mercenárias logo dominariam a casa, oprimindo a mãe e a criança. Deus disse: recebeste grátis, dai grátis. Iremos, depois dessa palavra, comerciar o Evangelho, vender o Espírito Santo e fazer de uma assembléia de cristãos uma loja de comerciantes? Não damos dinheiro algum a homens vestidos de negro para que assistam nossos pobres, enterrem nossos mortos, preguem aos nossos fiéis. Estas santas tarefas nos são muito caras para que as descarreguemos sobre outros.

— Mas — insisti —, como podeis discernir se é o Espírito de Deus que vos anima em vossos discursos?

— Quem orar a Deus para que o esclareça e quem anunciar as verdades evangélicas que sinta estará seguro de que Deus o inspira.

E, então, cumulou-me com citações das Escrituras que, em sua opinião, demonstravam só haver cristianismo com revelação imediata, acrescentando estas palavras notáveis: "Quando moves um de teus membros, é tua própria força que o mexe? Não, sem dúvida, pois tal membro freqüentemente possui movimentos involuntários. É, portanto, aquele que criou teu corpo de terra que o faz mover-se. E as idéias que tens na alma? Por acaso serias tu o seu formador? Menos ainda, pois surgem mesmo contra tua vontade. É, portanto, o criador de tua alma que te dá idéias. No entanto, como deixou a liberdade para teu coração, dá a teu espírito as idéias que teu coração merece. Vives em Deus, ages e pensas em Deus. Tens apenas que abrir os olhos para a luz que ilumina todos os homens. Então, verás a verdade e farás com que seja vista".

— Ei! Aí está o mais genuíno Padre Malebranche — gritei.

[1] A coluna elevada para comemorar o incêndio de Londres em 1666. (N. do A.)

— Conheço teu Malebranche — disse-me. — Era um tanto quacre, mas não o suficiente.

Essas foram as coisas mais importantes que aprendi no tocante à doutrina dos quacres. Na primeira carta lereis sua história, que achareis ainda mais extraordinária do que sua doutrina.

Terceira Carta

Sobre os Quacres

Já percebestes que os quacres existem desde Jesus Cristo, primeiro quacre, segundo eles. Logo após sua morte, a religião teria sido corrompida, assim permanecendo durante quase dezesseis séculos. No entanto, houve sempre alguns quacres escondidos pelo mundo, cuidando da conservação do fogo sagrado, extinto em todos os outros lugares, até que, finalmente, sua luz propagou-se pela Inglaterra no ano de 1642.

Nessa época, três ou quatro seitas dilaceravam a Grã-Bretanha com guerras civis, empreendidas em nome de Deus. Foi então que um tal de George Fox, do condado de Leicester, filho de um operário da seda, resolveu pregar como um verdadeiro apóstolo, isto é, sem saber ler nem escrever. Era um jovem de vinte e cinco anos e santamente louco. Vestia-se de couro da cabeça aos pés, indo de aldeia em aldeia a clamar contra a guerra e contra o clero. Se tivesse pregado apenas contra os guerreiros, nada teria a temer, mas atacava a gente da Igreja: foi logo jogado na prisão. Levaram-no diante do juiz de paz, em Derby. Fox apresentou-se ao juiz mantendo seu gorro de couro sobre a cabeça. Um sargento deu-lhe uma grande bofetada, dizendo: "Patife, não sabes que é preciso descobrir-se diante do senhor juiz?" Fox apresentou a outra face e pediu ao sargento que lhe desse mais uma bofetada, pelo amor de Deus. O juiz de Derby quis que prestasse juramento antes de ser interrogado. "Sabe, meu amigo", disse ao juiz, "que nunca tomo em vão o nome de Deus."

O juiz, vendo que o homem o tuteava, enviou-o às Pequenas-Casas de Derby para ser chicoteado. Louvando a Deus, George Fox foi ao Hospital dos Loucos, onde a sentença do juiz foi rigorosamente executada. Aqueles que lhe infligiram a penitência do chicote surpreenderam-se ao vê-lo pedir que lhe dessem ainda mais algumas chicotadas, para o bem de sua alma. Os bons senhores não se fizeram de rogados: Fox teve dose dupla, agradecendo-lhes cordialmente. Pôs-se a pregar. Começaram rindo e acabaram escutando. E como o entusiasmo é uma doença contagiosa, muitos foram persuadidos e os carrascos tornaram-se discípulos.

Liberto da prisão, correu os campos com uma dúzia de prosélitos, pregando sempre contra o clero, chicoteado de tempos em tempos. Um dia, estando no pelourinho, arengou ao povo com tamanha força que converteu uns cinqüenta ouvintes e pôs o restante a seu favor, sendo arrancado com tumulto do buraco onde se encontrava. Procurou-se o cura anglicano que condenara Fox ao suplício, e foi supliciado em seu lugar.

Ousou converter alguns soldados de Cromwell: abandonaram o ofício das armas e recusaram-se a prestar juramento. Cromwell não queria saber de seita que não combatesse, como Sisto V agourava uma seita "dove non si chiavava". Serviu-se de seu poder para perseguir os recém-chegados, lotando as prisões com eles. Mas as perseguições só servem para fazer prosélitos: saíam das prisões fortalecidos em sua crença e seguidos pelos carcereiros que haviam convertido. Eis, porém, o que mais contribuiu para ampliar a seita: Fox acreditava-se inspirado. Conseqüentemente, achou que deveria falar de um modo diferente do dos outros homens. Pôs-se a tremer, a contorcer-se, a caretear, a reter o fôlego e soltá-lo com violência — nem a pitonisa de Delfos faria melhor. Em pouco tempo habituou-se muito à inspiração e logo já não sabia mais falar de outra maneira. Foi o primeiro dom que comunicou a seus discípulos. De boa fé imitaram as caretas do mestre: tremiam com todas as suas forças no momento da inspiração. Daí o nome quacres: treme-

dores[2]. O povinho divertia-se a arremedá-los. Tremia-se, falava-se pelo nariz, tinha-se convulsão, acreditava-se ter o Espírito Santo. Careciam de alguns milagres — e os fizeram.

O Patriarca Fox disse publicamente a um juiz de paz, na presença de uma grande assembléia: "Amigo, cuida-te. Deus logo te punirá por perseguires santos". O juiz era um bêbado que tomava diariamente má cerveja e aguardente. Morreu de apoplexia dois dias depois, justamente ao acabar de assinar uma ordem de prisão contra alguns quacres. A morte súbita não foi atribuída à intemperança do juiz: foi encarada por todo mundo como um efeito das predições do santo homem.

Essa morte fez mais quacres do que mil sermões e convulsões poderiam fazer. Cromwell, vendo-os crescer em número diariamente, quis atraí-los ao seu partido. Ofereceu-lhes dinheiro, mas foram incorruptíveis, e admitiu, um dia, que essa religião fora a única contra a qual seus guinéus não prevaleceram.

Sob o reinado de Carlos II foram perseguidos algumas vezes, mas não por motivos religiosos, e sim porque se recusavam a pagar o dízimo ao clero e a prestar os juramentos prescritos pela lei, e porque tuteavam os magistrados.

Enfim, Robert Barclay, escocês, em 1675 apresentou ao rei sua "Apologia dos Quacres", obra tão boa quanto poderia ser. A epístola dedicatória a Carlos II não contém baixas adulações, mas verdades ousadas e conselhos justos.

"Fruíste", diz a Carlos II no final da epístola, "a doçura e a amargura da prosperidade e das grandes infelicidades: foste expulso dos países onde reinas, sentiste o peso da opressão e deves saber quão detestável é o opressor diante de Deus e diante dos homens. Se, depois de tantas provações e bênçãos, teu coração se endurecesse e esquecesse o Deus que se lembrou de ti em tuas desgraças, teu crime seria maior e tua condenação mais terrível. Em vez de escutares os aduladores de tua corte, escuta a voz de tua consciência, que nunca te adulará. Sou teu amigo fiel e teu súdito, Barclay."

O mais surpreendente é que essa carta, escrita a um rei por um particular obscuro, teve seus efeitos e a perseguição cessou.

QUARTA CARTA

Sobre os Quacres

Por essa ocasião surgiu o ilustre Guilherme Penn, que estabeleceu a potência dos quacres na América e que poderia tê-los tornado respeitáveis na Europa, se os homens pudessem respeitar a virtude sob aparências ridículas. Era filho único do Cavalheiro Penn, vice-almirante da Inglaterra, favorito do duque de York desde Jaime II.

Guilherme Penn, aos quinze anos, encontrou um quacre em Oxford, onde estudava. O quacre persuadiu-o e o jovem, vivo, naturalmente eloqüente, fisionomia e maneiras nobres, logo ganhou alguns companheiros. Insensivelmente estabeleceu uma Sociedade dos Jovens Quacres, que se reuniam em sua casa, tornando-se chefe de seita aos dezesseis anos.

Saindo do colégio e regressando à casa do vice-almirante, seu pai, em vez de ajoelhar-se diante dele para pedir-lhe a bênção, segundo o costume inglês, abordou-o de chapéu na cabeça, dizendo-lhe: "Fico muito contente, amigo, por ver-te de boa saúde". O vice-almirante julgou que o filho tivesse enlouquecido, mas logo percebeu que se tornara quacre. Usando todos os recursos fornecidos pela prudência, procurou convencê-lo a viver como os outros. O rapaz respondia exortando o pai a tornar-se quacre também.

Por fim o pai afrouxou, pedindo-lhe apenas que fosse ver o rei e o duque de York de chapéu

[2] Porque um dos membros da seita, quando visitado pelo Espírito Santo, era sacudido pelos tremores da inspiração. Tomava, então, a palavra e seus irmãos o ouviam num silêncio cheio de recolhimento. (N. do A.)

na mão e sem tuteá-los. Guilherme respondeu que sua consciência não lho permitia, e o pai, indignado e desesperado, expulsou-o de casa. O jovem Penn agradeceu a Deus porque já sofria por Sua causa. Foi pregar na cidade e fez muitos prosélitos.

As prédicas dos ministros esclareciam todos os dias seus ouvintes, e como Penn era jovem, belo e bem feito, as mulheres da corte e da cidade acorriam devotamente para ouvi-lo. O Patriarca George Fox veio dos confins da Inglaterra para vê-lo em Londres, tal era sua reputação. Ambos resolveram realizar missões nos países estrangeiros. Embarcaram para a Holanda, depois de deixarem um bom número de operários para cuidar da vinha londrina. Seus trabalhos obtiveram êxito feliz em Amsterdam, mas sua maior honra e o maior perigo para sua humildade foi a recepção que lhes fez a princesa palatina Elisabeth, tia de Jorge I, rei da Inglaterra, mulher ilustre por seu espírito e por seu saber, a quem Descartes dedicara seu *Romance de Filosofia*.

Vivia retirada em Haia, onde viu seus "amigos", pois na Holanda os quacres passaram a ser chamados assim. Conferenciou com eles várias vezes; freqüentemente pregaram em casa dela e se não a tornaram uma perfeita quacre, pelo menos admitiram que não estava longe do reino dos céus.

Os amigos também semearam na Alemanha, mas colheram pouco. Não se pode apreciar muito a moda do tuteamento num país onde a boca sempre está cheia dos termos Alteza e Excelência. A notícia da doença do pai levou Penn a regressar logo à Inglaterra, para vê-lo morrer. O vice-almirante reconciliou-se com o filho, apesar da diferença religiosa. Em vão Guilherme exortou-o a não receber o sacramento e a morrer como quacre. Inutilmente o ingênuo velhinho recomendou a Guilherme que pusesse botões nas mangas e alamares no chapéu.

Guilherme herdou muitos bens, entre os quais dívidas da Coroa por adiantados que o vice-almirante fizera para expedições marítimas. Nessa época nada era menos seguro do que dinheiro devido pelo rei. Penn foi obrigado mais de uma vez a ir tutear Carlos II e seus ministros para obter o pagamento. Em 1680, o governo deu-lhe em lugar do dinheiro a propriedade e a soberania de uma província da América, ao sul de Maryland. Eis um quacre transformado em soberano. Partiu para seus novos estados com dois navios, carregados de quacres que o seguiram. Chamou-se o país de "Pennsylvania", por causa do nome de Penn. Fundou aí a cidade de "Philadelphia", hoje muito florescente. Começou fazendo uma liga com os americanos, seus vizinhos. Foi este o único tratado entre americanos e cristãos que não foi jurado nem rompido. O novo soberano foi também o legislador da Pensilvânia. Fez leis sábias, nunca mudadas depois dele. A primeira é a de não maltratar alguém por questão de religião e encarar como irmãos todos os que acreditarem em Deus.

Mal o governo se estabeleceu, alguns comerciantes da América vieram instalar-se na colônia. Os nativos, em vez de fugirem para as florestas, acostumaram-se insensivelmente com os pacíficos quacres. O ódio que votavam aos outros cristãos, conquistadores e destruidores da América, era proporcional ao amor que tinham pelos recém-vindos. Em pouco tempo, um grande número desses pretensos selvagens, encantados com a doçura de seus vizinhos, vieram em massa pedir a Guilherme Penn que os recebesse entre seus vassalos. Era um espetáculo bastante novo ver um soberano tuteado por todo mundo, a quem se falava de chapéu na cabeça, um governo sem padres, um povo sem armas, cidadãos iguais e vizinhos sem ciúme.

Guilherme Penn poderia vangloriar-se de ter trazido à terra a tão falada idade de ouro, que parece ter existido apenas na Pensilvânia. Os negócios de seu novo país levaram-no de volta à Inglaterra, após a morte de Carlos II. O Rei Jaime, que amara o pai, teve a mesma afeição pelo filho, não o considerando mais como a um sectário obscuro, mas como a um grande homem. A política do rei era conforme ao seu gosto: queria adular os quacres abolindo as leis feitas contra os não-conformistas, para poder introduzir a religião católica a favor dessa liberdade. Todas as seitas inglesas perceberam a armadilha e não caíram nela. Reuniram-se contra o catolicismo, seu inimigo comum. Mas Penn não acreditou que devesse renunciar aos seus princípios para favorecer os protestantes que o odiavam, contra um rei que o amava. Havia estabelecido a liberdade de consciência na América; não desejava destruí-la na Europa. Permaneceu, pois, fiel a Jaime II, a ponto de ser acusado de jesuíta. A calúnia afligiu-o sensivelmente. Foi obrigado a justificar-se com escritos públicos. Entretanto, o infeliz Jaime II, misto de grandeza e de fraqueza, como todos

os Stuarts, fez pouco e fez muito, como todos eles, e acabou perdendo o reino sem que soubesse como.

Todas as seitas inglesas receberam de Guilherme III e de seu parlamento aquela liberdade que haviam recusado das mãos de Jaime II. Foi então que os quacres começaram a gozar, pela força das leis, todos os privilégios que possuem hoje. Penn, depois de ter visto sua seita estabelecida sem contradição em seu país de origem, regressou à Pensilvânia. Os seus e os americanos o receberam com lágrimas de alegria, como a um pai que voltasse para ver seus filhos. Todas as suas leis haviam sido observadas religiosamente durante sua ausência, coisa jamais sucedida a um legislador antes dele. Permaneceu alguns anos em Filadélfia e partiu, enfim, malgrado seu, para solicitar em Londres novas vantagens em favor do comércio da Pensilvânia. Desde então viveu em Londres até a extrema velhice, considerado como chefe de um povo e de uma religião. Morreu em 1718.

A propriedade e o governo da Pensilvânia continuaram para seus descendentes, que os venderam ao rei pela quantia de doze mil peças de ouro. Os negócios do rei só lhe permitiram pagar mil. O leitor francês julgará que foram pagos com promessas pelo ministério, que se apoderou do governo. De jeito nenhum. Como a Coroa não pôde saldar sua dívida no tempo previsto, o contrato foi declarado nulo e a família Penn recuperou todos os seus direitos.

Não posso adivinhar qual a sorte da religião dos quacres na América, mas vejo que perece dia a dia em Londres. Por todo o país, a religião dominante, se não persegue, engole todas as outras a longo prazo. Os quacres não podem ser membros do Parlamento nem ocupar um posto público porque precisariam prestar juramento e não querem jurar. Estão reduzidos à necessidade de ganhar dinheiro pelo comércio. Seus filhos, enriquecidos pela engenhosidade de seus pais, querem gozar, querem ter honras, botões e punhos. Envergonham-se de serem chamados quacres e fazem-se protestantes para andar na moda.

QUINTA CARTA

Sobre a Religião Anglicana

Aqui é o país das seitas. Um inglês, como homem livre, vai para o céu pelo caminho que lhe agradar.

Entretanto, embora cada um possa servir a Deus à sua moda, sua verdadeira religião, onde faz fortuna, é a seita dos episcopais, chamada Igreja Anglicana ou Igreja por excelência. Não se pode ter um emprego, tanto na Inglaterra como na Irlanda, sem se estar no número dos fiéis anglicanos. Esta razão, excelente prova, converteu tantos não-conformistas, que hoje em dia só a vigésima parte da nação está fora do regaço da igreja dominante.

O clero anglicano manteve muitas cerimônias católicas, sobretudo a de receber os dízimos com uma atenção bem escrupulosa. Também têm a piedosa ambição de serem senhores.

Ademais, tanto quanto podem, fomentam em suas ovelhas um santo zelo contra os não-conformistas. Zelo muito vivo sob o governo dos tóris, nos últimos anos da Rainha Ana, mas não indo além da quebra das vidraças das capelas dos hereges, porquanto a raiva das seitas terminou na Inglaterra com as guerras civis, sob a Rainha Ana reduzia-se a ruídos surdos de um mar ainda bastante agitado muito tempo depois da tempestade. Quando os *Whigs* e os tóris dilaceraram seu país, como outrora os guelfos e os gibelinos, foi preciso que a religião entrasse nos partidos. Os tóris eram pelo episcopado; os *Whigs* queriam aboli-lo, mas contentaram-se em rebaixá-lo quando foram os senhores.

No tempo em que o Conde Harley de Oxford e Lorde Bolingbroke bebiam à saúde dos tóris, a Igreja Anglicana encarava-os como defensores dos santos privilégios. A assembléia do baixo clero, espécie de Câmara dos Comuns composta de eclesiásticos, tinha então algum crédito.

Gozava, pelo menos, da liberdade de reunir-se, de raciocinar sobre controvérsias e de fazer queimar, de tempos em tempos, alguns livros ímpios, isto é, escritos contra ela. O Ministério, hoje *Whig*, não permite que tais senhores mantenham sequer sua assembléia. Na obscuridade de suas paróquias, estão reduzidos ao triste emprego de rogar a Deus pelo governo que não se envergonhariam de perturbar. Quanto aos bispos, vinte e seis ao todo, reúnem-se na Câmara Alta, apesar dos *Whigs*, porque subsiste ainda o velho preconceito de tomá-los como barões. Entretanto, têm tanto poder na Câmara quanto os duques e pares no Parlamento de Paris. Há uma cláusula no juramento prestado ao Estado que exercita bastante a paciência cristã desses senhores.

Nela, promete-se pertencer à Igreja tal como é estabelecida pela lei. Não há bispo, deão ou arcediago que não se julgue de direito divino. Ora, é uma grande mortificação para eles serem obrigados a admitir que devem tudo a uma lei miserável, feita por leigos profanos. Um religioso (o Padre Courayer) escreveu há pouco um livro para provar a validade e a sucessão das ordens anglicanas. Essa obra foi proscrita na França, mas acreditais que tenha agradado ao ministério da Inglaterra? De modo algum. Os malditos *Whigs* pouco ligam se a sucessão episcopal foi ou não interrompida em seu país, ou se o Bispo Parker foi consagrado num botequim (como se diz) ou numa igreja. Preferem que os bispos tenham autoridade outorgada pelo Parlamento a que a tenham herdada dos apóstolos. Lorde B.[3] considera que a idéia do direito divino só serve para fazer tiranos de camal e sobrepeliz, enquanto a lei faz cidadãos.

Com relação aos costumes, o clero anglicano é mais regrado do que o da França. Causa: todos os eclesiásticos são educados na Universidade de Oxford ou na de Cambridge, longe da corrupção da capital. São chamados às dignidades da Igreja só muito tarde e numa idade em que as paixões humanas se reduzem à avareza, quando falta alimento para sua ambição. Os empregos aqui são recompensa por longos serviços na Igreja ou no exército, de modo que não se vêem rapazes saindo do colégio como bispos ou coronéis. Além disso, quase todos os padres são casados. Os maus modos contraídos na universidade e o pouco contato com as mulheres obrigam ordinariamente um bispo a contentar-se com a sua. Algumas vezes os padres vão aos botequins, porque o uso lhes permite. Embebedam-se com seriedade e sem escândalo.

Aquele ser indefinido, nem eclesiástico nem secular, em suma, aquilo que se chama abade, é uma espécie desconhecida na Inglaterra. Aqui, todos os eclesiásticos são reservados e quase todos pretendem ser pedagogos eruditos. Agradecem a Deus por serem protestantes, quando ficam sabendo que na França os rapazes, conhecidos por seus deboches e educados para a prelazia por intrigas femininas, fazem amor publicamente, divertem-se compondo ternas canções, oferecem diariamente ceias longas e delicadas, indo depois implorar as luzes do Santo Espírito, e ousadamente nomeiam-se sucessores dos apóstolos. Mas um protestante é um vil herege, a ser queimado para o diabo, como diz mestre François Rabelais — por isso não me meto em seus negócios.

Sexta Carta

Sobre os Presbiterianos

A religião anglicana espalha-se apenas pela Inglaterra e pela Irlanda. Na Escócia, a religião dominante é a presbiteriana, calvinismo puro tal como instalado na França e subsistindo em Genebra. Como os padres desta seita vivem de pagas muito medíocres, não podendo gozar os mesmos luxos que os bispos, decidiram naturalmente clamar contra as honras que não podem alcançar. Imaginai Diógenes pisoteando o orgulho de Platão: os presbiterianos escoceses assemelham-se muito àquele raciocinador orgulhoso e velhaco. Trataram o Rei Carlos II com menos consideração do que Diógenes tratou Alexandre, pois quando tomaram armas por ele contra

[3] Bolingbroke, a despeito de suas idéias conservadoras. (N. do A.)

Cromwell, que os enganara, faziam o pobre rei agüentar quatro sermões por dia. Proibiam que jogasse; exigiam que penitenciasse, a tal ponto que Carlos II cansou-se de ser rei desses mestres enfatuados e fugiu de suas mãos como um estudante escapole do colégio.

Diante de um jovem e vivo bacharel (francês), de manhã a berrar nas escolas de teologia e de noite a cantar com as damas, um teólogo anglicano é um Catão. Mas quão galante ao lado de um presbiteriano da Escócia! Este simula afetadamente um andar grave, um ar zangado, traz um enorme chapéu, um longo manto sobre o casaco curto, prega pelo nariz e chama de prostituta da Babilônia toda igreja cujos eclesiásticos estão bem contentes por terem cinqüenta mil libras de renda, e cujo povo é muito bom por suportá-los e ainda chamá-los de Monsenhor, Vossa Grandeza, Vossa Eminência.

Possuidores de algumas igrejas na Inglaterra, esses senhores introduziram na região a moda do ar grave e severo. Deve-se a eles a santificação do domingo nos três reinos: nesse dia é proibido trabalhar e divertir-se, portanto a severidade é dupla comparada à da Igreja Católica. Nada de ópera, nem de comédia, nem de concertos aos domingos em Londres. Até mesmo o baralho é expressamente proibido, e só as pessoas de qualidade — chamadas gente honesta — jogam nesse dia. O resto da nação vai ao sermão, ao botequim e ao bordel.

Embora a seita episcopal e a presbiteriana sejam dominantes na Grã-Bretanha, todas as outras também são bem-vindas e convivem muito bem, enquanto a maioria dos seus pregadores se detesta reciprocamente, quase com a mesma cordialidade com que um jansenista atormenta um jesuíta.

Entrai na Bolsa de Londres, praça mais respeitável do que muitas cortes. Aí vereis reunidos, para a utilidade dos homens, deputados de todas as nações. O judeu, o maometano e o cristão negociam reciprocamente como se pertencessem todos à mesma religião. Só é infiel quem vai à bancarrota. O presbiteriano confia no anabatista, e o anglicano, na promessa do quacre. Ao sair dessas assembléias livres e pacíficas, uns vão à sinagoga, outros vão beber. Um vai ser batizado numa grande cuba de água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Outro leva o filho para que lhe cortem o prepúcio e despejem sobre sua cabeça resmungos hebraicos incompreensíveis. Outros vão à sua igreja e, enchapelados, esperam a inspiração de Deus. E todos estão contentes.

Se houvesse uma única religião na Inglaterra, o despotismo seria temível; se houvesse duas, uma degolaria a outra; mas como há trinta, vivem felizes e em paz.

Sétima Carta

Sobre os Socinianos ou Arianos ou Antitrinitários

Há aqui uma pequena seita, composta de alguns eclesiásticos e de alguns leigos muito sábios, que não tomam o nome dos arianos, nem o dos socinianos, mas que não têm a mesma opinião de Santo Atanásio, no capítulo referente à Trindade, dizendo-vos claramente que o Pai é maior do que o Filho.

Estais lembrados daquele bispo ortodoxo, que, para convencer um imperador da consubstanciação, resolveu pegar o filho do imperador pelo queixo, arrancando-lhe o nariz na presença de Sua Sagrada Majestade? O imperador ia zangar-se com o bispo quando o velhote pronunciou estas belas e convincentes palavras: "Senhor, se Vossa Majestade se encoleriza porque se falta com o respeito a vosso filho, como pensais que Deus Pai tratará aqueles que recusam a Jesus Cristo os títulos que lhe são devidos?" As pessoas de quem vos falo acham que o bispo estava mal informado, que seu argumento não era concludente e que o imperador deveria ter-lhe respondido: "Sabei que há duas maneiras de faltar-me com o respeito: a primeira não honrando bastante meu filho; a segunda, honrando-o tanto quanto a mim".

Seja como for, o partido de Ário começa a reviver na Inglaterra, e também na Holanda e na

Polônia. O grande Sr. Newton honrava essa opinião favorecendo-a, pois julgava que os unitários raciocinam mais geometricamente do que nós. Mas, o patrono mais decidido da doutrina ariana foi o Dr. Clarke, homem de virtude austera e caráter doce, mais amante de suas opiniões do que empenhado em fazer prosélitos, ocupado apenas com cálculos e demonstrações. Uma verdadeira máquina de raciocinar.

Foi o autor de um livro sobre a existência de Deus, muito pouco compreendido, mas muito estimado. Compôs também um outro, sobre a verdade da religião cristã, mais inteligível, mas muito desprezado.

Não se empenhou nas belas disputas eclesiásticas, que nosso amigo . . . chama de patranhas veneráveis. Contentou-se em mandar imprimir um livro contendo todos os testemunhos dos primeiros séculos pró e contra os unitários, deixando a cargo do leitor o cuidado de contar os votos e julgar. Este livro do doutor deu-lhe muitos partidários, mas impediu-o de ser arcebispo de Cantuária. Creio que o doutor enganou-se nos cálculos e que valeria mais ser primaz da Inglaterra do que cura ariano. [4]

Vede: ocorrem revoluções nas opiniões como nos impérios. O partido de Ário, após trezentos anos de triunfo e doze séculos de esquecimento, renasce, enfim, das cinzas. Mas perde tempo reaparecendo numa época em que o mundo está saciado de disputas e seitas. Ademais, é muito pequeno para obter a liberdade das assembléias públicas; conseguir-lo-á tornando-se mais numeroso, mas tudo anda tão morno hoje em dia que não há muita oportunidade para que surja uma religião nova ou renovada. Não é engraçado que Lutero, Calvino, Zuínglio, e todos os escritores que não podemos ler, tenham fundado seitas que dividem a Europa; que o ignorante Maomé tenha dado uma religião à Ásia e à África, e que os Srs. Newton, Clarke, Locke, Le Clerc, os maiores filósofos e as melhores penas de seu tempo, tenham conseguido com dificuldade estabelecer um pequeno rebanho que diminui dia a dia?

Isto, sim, é vir ao mundo no momento azado! Se o cardeal de Retz reaparecesse hoje, não amotinaria sequer dez mulheres em Paris.

Cromwell, que mandou decapitar seu rei e tornou-se soberano, se renascesse, seria um simples comerciante de Londres.

Oitava Carta

Sobre o Parlamento

Sempre que podem, os membros do Parlamento da Inglaterra gostam muito de comparar-se aos antigos romanos.

Não faz muito tempo, o Sr. Shipping, na Câmara dos Comuns, começou seu discurso com as seguintes palavras: "A majestade do povo inglês seria ferida . . . etc.". A singularidade da expressão provocou uma explosão de riso. Entretanto, sem desconcertar-se, repetiu as mesmas palavras com ar firme e ninguém riu mais. Confesso que nada vejo em comum entre a majestade do povo inglês e a do povo romano, e menos ainda entre seus governos. Há em Londres um senado e alguns de seus membros são suspeitados, embora erradamente, sem dúvida, de venderem ocasionalmente suas vozes, como se fazia em Roma: eis toda a semelhança. Ademais, as duas nações parecem-me inteiramente diferentes, tanto no bem quanto no mal. Entre os romanos, a loucura das guerras de religião sempre foi desconhecida; essa abominação estava reservada a devotos, pregadores da humildade e da paciência. Mário e Sila, Pompeu e César, Antônio e Augusto nunca se bateram para saber se o flâmine deveria usar a camisa por cima do hábito, ou este por cima daquela, e se os frangos sagrados deveriam comer e beber, ou apenas comer, para que se tor-

[4] Teria perdido o posto porque alguém que o desejava teria dito à Rainha Ana: "O Sr. Clarke é o mais sábio e o mais honesto dos homens; só lhe falta uma coisa: ser cristão". (N. do A.)

nassem os augúrios. Outrora, os ingleses mandaram enforcar-se reciprocamente em tribunais e destruíram-se em batalhas planejadas por querelas dessa espécie. Durante muito tempo a seita dos episcopais e o presbiterianismo atordoaram cabeças sérias. Imagino que tolices como essas não acontecerão mais. Parece que se tornaram sábios a suas expensas e não os vejo mais com vontade de se estrangularem por silogismos.

Eis uma diferença mais essencial entre Roma e a Inglaterra, vantajosa para esta última: em Roma, o fruto das guerras civis foi a escravidão; na Inglaterra, a liberdade. A nação inglesa é a única da terra que chegou a regulamentar o poder dos reis resistindo-lhes, e que de esforço em esforço chegou, enfim, a estabelecer um governo sábio, onde o príncipe, todo-poderoso para fazer o bem, tem as mãos atadas para fazer o mal; onde os senhores são grandes sem insolência e sem vassalos, e onde o povo participa do governo sem confusão.

A Câmara dos Lordes e a Câmara dos Comuns são os árbitros da nação. O rei, o super-árbitro. Faltou essa balança aos romanos: em Roma, os grandes e o povo estavam sempre divididos, sem um poder intermediário que os pusesse de acordo. O Senado de Roma, cheio de um orgulho injusto e punível, nada querendo dividir com os plebeus, só conhecia um segredo para afastá-los do governo: ocupá-los sempre nas guerras estrangeiras. Encarava o povo como a uma besta feroz que deveria ser atiçada contra os vizinhos, com medo de que devorasse seus senhores. Assim, o maior defeito do governo dos romanos tornou-os conquistadores. Por serem infelizes na pátria, tornaram-se senhores do mundo, até que suas divisões os escravizaram.

O governo da Inglaterra não foi feito para um brilho tão grande, nem para um fim tão funesto. Sua finalidade não é a brilhante loucura das conquistas, mas impedir que sejam feitas por seus vizinhos. Seu povo zela não apenas por sua própria liberdade, mas também pela dos outros. Os ingleses encarniçaram-se contra Luís XIV unicamente por acreditá-lo muito ambicioso, combatendo-o com alegria de coração e seguramente sem interesse algum.

Sem dúvida, custou caro estabelecer a liberdade na Inglaterra. Nos mares o sangue afogou o ídolo do poder despótico, mas os ingleses não julgam ter pago um preço muito alto por boas leis. Outras nações não tiveram menos perturbações do que eles, nem verteram menos sangue; e, no entanto, o sangue que espalharam pela causa da liberdade apenas cimentou sua escravidão.

Uma revolução na Inglaterra equivale a uma simples sedição em outros países. Uma cidade toma armas para defender seus privilégios tanto na Espanha quanto na Barbaria ou na Turquia: imediatamente é subjugada por soldados mercenários, punida por carrascos, e o resto da nação beija suas correntes. Os franceses julgam que o governo dessa ilha é mais tempestuoso do que o mar que a cerca — é verdade. Mas somente quando o rei começa a tempestade, querendo apoderar-se do navio, onde é apenas o primeiro piloto. As guerras civis da França foram mais longas, mais cruéis, mais fecundas em crimes do que as da Inglaterra, e, no entanto, em nenhuma das guerras francesas o objetivo foi a sábia liberdade.

Nos tempos detestáveis de Carlos IX e de Henrique III, tratava-se somente de saber se seríamos ou não escravos dos Guise. A última guerra de Paris só merece vaias. Parece-me estar vendo estudantes amotinados contra um diretor de colégio e acabando chicoteados. O cardeal de Retz tinha muito espírito e muita coragem mal empregados. Rebelde sem motivo, faccioso sem propósito, chefe de partido sem exército, conchavando por conchavar, parecia fazer a guerra civil só para seu prazer. O Parlamento não sabia o que o cardeal queria ou deixava de querer; suspendia tropas com um decreto, cassando-as; ameaçava, pedia perdão, punha a prêmio a cabeça do Cardeal Mazarino e depois vinha cumprimentá-lo numa cerimônia. Nossas guerras civis sob Carlos VI foram cruéis; as da Liga, abomináveis, e a da Fronda foi ridícula.

Na França, o que mais se reprova nos ingleses é o suplício de Carlos I, tratado por seus vencedores como ele próprio os teria tratado se tivesse sido bem sucedido.

Ao fim e ao cabo, olhai Carlos I, vencido numa batalha planejada, prisioneiro, julgado e condenado em Westminster, e de outro lado, Henrique VII, aprisionado por seu capelão durante a comunhão, Henrique III assassinado por um monge, ministro da cólera de um partido inteiro, trinta assassinatos premeditados contra Henrique IV, vários deles executados e o último privando, enfim, a França de um grande rei. Pesai esses atentados e julgai.

NONA CARTA

Sobre o Governo

Nem sempre subsistiu essa feliz mistura no governo da Inglaterra, esse acordo entre a Câmara dos Comuns, a dos Lordes e o rei. Durante muito tempo a Inglaterra foi escrava: romanos, saxões, dinamarqueses, franceses a escravizaram. Guilherme, o Conquistador, governou-a com cetro de ferro, dispondo dos bens e da vida de seus novos súditos como um monarca do Oriente. Proibiu, sob pena de morte, que algum inglês ousasse ter um fogo ou uma luz em casa depois das oito horas da noite. Tentava impedir assim suas assembléias noturnas? Ou quis, com uma proibição tão esquisita, experimentar até onde vai o poder de um homem sobre os outros?

É verdade que antes de Guilherme, o Conquistador, os ingleses tiveram parlamentos. Vangloriam-se disso, como se essas assembléias, chamadas então parlamento, compostas de tiranos eclesiásticos e de saqueadores chamados barões, tivessem sido guardiãs da liberdade e da felicidade públicas.

Os bárbaros, que, partindo das margens do mar Báltico, se estabeleciam no resto da Europa, trouxeram consigo o costume desses estados ou parlamentos, a cujo respeito tem sido feito muito estardalhaço e que são tão pouco conhecidos. Nessa época, os reis não eram déspotas, é verdade, mas os povos gemiam ainda mais numa servidão miserável. Os chefes desses selvagens, devastadores da França, da Itália, da Espanha e da Inglaterra, fizeram-se monarcas. Seus capitães partilharam entre si as terras dos vencidos, dando origem aos margraves, aos lordes, aos barões, subtiranos que freqüentemente disputam com seu rei os despojos dos povos. Eram aves de rapina, combatendo contra uma águia para sugar o sangue das pombas. Cada povo tinha cem tiranos no lugar de um senhor. Logo os padres entraram no jogo. Em todos os tempos, a sina dos gauleses, dos germanos, dos insulares da Inglaterra submeteu-os ao governo dos druidas e dos chefes de suas aldeias, antiga espécie de barões, mas menos tirânicos do que seus sucessores. Os druidas diziam-se mediadores entre a divindade e os homens; faziam leis, excomungavam e condenavam à morte. Os bispos os sucederam pouco a pouco na autoridade temporal do governo gótico e vândalo. Os papas os encabeçaram e com encíclicas, bulas e monges fizeram os reis tremer, depondo-os, assassinando-os e roubando todo o dinheiro da Europa. O imbecil Inis, um dos tiranos da heptarquia da Inglaterra, numa peregrinação a Roma, foi o primeiro a submeter-se ao pagamento da "esmola de São Pedro" (mais ou menos equivalente a um escudo da moeda francesa) por cada casa de seu território. Logo toda a ilha seguiu esse exemplo. Pouco a pouco a Inglaterra tornou-se uma província do papa. O santo padre enviava periodicamente legados que recolhiam impostos exorbitantes. João sem Terra acabou fazendo uma cessão de seu reino à Sua Santidade, que o excomungara. Os barões, que nada receberam, expulsaram o miserável rei, colocando em seu lugar Luís VIII, pai de São Luís, rei da França. Mas desgostaram-se logo com o recém-chegado, fazendo-o cruzar novamente o mar.

Enquanto barões, bispos e papas dilaceravam a Inglaterra, todos querendo dirigir o povo, uma parte dos homens, mais numerosa, mais virtuosa e, conseqüentemente, mais respeitável, composta de homens estudiosos das ciências e das leis, de negociantes e artesãos, enfim, todos os que não eram tiranos, em suma, o povo, era encarada pelos primeiros como animais superiores ao homem. Foi preciso, portanto que os Comuns também tomassem parte do governo. Eram vilões, cujo trabalho e cujo sangue pertenciam aos seus senhores, chamados nobres. A maioria dos homens era na Europa aquilo que muitos ainda são em certos lugares do norte: servos de um senhor, espécie de gado que se compra e se vende com a terra. Foram precisos muitos séculos para praticar-se justiça pela humanidade, para sentir-se como era horrível que a maioria semeasse e a mino-

ria colhesse. Não é uma felicidade para o gênero humano que a autoridade desses bandidos tenha sido extinta na França pela potência legítima do rei, e na Inglaterra, pela do rei e do povo?

Felizmente, as sacudidas que as querelas entre os reis e os grandes davam nos impérios afrouxaram os ferros das nações. Na Inglaterra, a liberdade nasceu das querelas entre os tiranos. Os barões forçaram João sem Terra e Henrique III a promulgar essa famosa carta, cujo fim principal era, na verdade, colocar os reis sob a dependência dos lordes, mas que favorecia boa parte da nação a fim de que esta se pusesse ao lado de seus pretensos protetores. Essa Magna Carta, vista como origem sagrada das liberdades inglesas, mostra bem quão pouco a liberdade era conhecida. Só o título já prova que o rei acreditava-se absoluto de direito, e que os barões e o clero só o forçaram a afrouxar esse direito porque eram mais fortes do que ele.

Eis o início da Magna Carta: "Por nossa livre vontade atribuímos os seguintes privilégios aos arcebispos, bispos, abades, priores e barões de nosso reino, etc.".

Nos artigos da Carta não há uma palavra referente à Câmara dos Comuns, prova de que ainda não existia, ou de que existia sem poder. São especificados os homens livres da Inglaterra: triste demonstração de que havia aqueles que não o eram. Vê-se pelo artigo 32 que esses supostos homens livres deviam serviços aos seus senhores. A liberdade conservava muito da escravidão.

Pelo artigo 21, o rei ordena que seus oficiais não poderão daí em diante tomar à força cavalos e carroças dos homens livres, a menos que paguem. Para o povo, esse regulamento pareceu uma verdadeira liberdade porque afastava uma tirania maior.

Henrique VII, usurpador feliz e grande político, que fingia apreciar os barões, mas que os odiava e temia, lembrou-se de promover a alienação de suas terras. Com isto, os vilões, que em seguida adquiriram bens com seu trabalho, compraram os castelos dos ilustres pares, arruinados por suas loucuras. Pouco a pouco todas as terras mudaram de dono.

A Câmara dos Comuns foi-se tornando cada vez mais forte. As famílias dos antigos pares extinguiram-se com o tempo, e como na Inglaterra só os pares são nobres, segundo o rigor da lei, não haveria mais nobreza no país se os reis não tivessem criado novos barões de vez em quando, e conservado a ordem dos pares, muito temidos antes, para opô-los à dos comuns, muito temíveis agora.

Todos os novos pares compõem a Câmara Alta, recebem seu título do rei, e mais nada. Quase nenhum possui a terra cujo nome carrega. Um é duque de Dorset, mas não tem um palmo de terra em Dorsetshire; outro é conde de uma aldeia que mal sabe onde está situada. Têm poder no Parlamento e não alhures.

Aqui não ouvireis falar em alta, média e baixa justiça, nem do direito de caçar nas terras de um cidadão, que não pode dar um tiro sequer em seu próprio campo.

Porque nobre ou padre, um homem não está isento de pagar certas taxas. Todos os impostos são regulamentados pela Câmara dos Comuns, segunda por seu grau, mas primeira por seu critério.

Os senhores e os bispos podem rejeitar o projeto de lei dos Comuns no tocante às taxas, mas não podem alterá-lo em nada — devem aprová-lo ou rejeitá-lo sem restrição. Quando o projeto de lei é confirmado pelos lordes e aprovado pelo rei, então todo mundo paga. Cada um dá, não segundo sua qualidade (o que seria absurdo), mas segundo sua renda. Não há tarifa ou imposto per capita, mas uma taxa real sobre as terras. Foram todas "avaliadas" sob Guilherme III e postas abaixo de seu preço.

A taxa permanece sempre a mesma, embora as rendas fundiárias tenham aumentado; desse modo ninguém é pisoteado nem se queixa. O camponês não tem os pés feridos pelos tamancos, come pão branco, veste-se bem, não teme aumentar sua criação nem cobrir seu teto com telhas com medo que lhe aumentem os impostos um ano depois. Há aqui muitos camponeses com dois mil francos em bens e que não desdenham continuar cultivando a terra que os enriqueceu e onde vivem livres.

DÉCIMA CARTA

Sobre o Comércio

Enriquecendo os cidadãos ingleses, o comércio contribuiu para torná-los mais livres, e, por sua vez, a liberdade ampliou o comércio. A grandeza do Estado veio como conseqüência. O comércio estabeleceu pouco a pouco as forças navais, tornando os ingleses senhores dos mares. Atualmente possuem duzentos navios de guerra. A posteridade saberá, talvez com surpresa, que uma ilhota, dotada apenas de um pouco de cobre, de estanho, de lã grosseira e de argila para desengordurar os tecidos a serem curtidos, tornou-se, graças ao comércio, tão potente que pôde em 1723, enviar simultaneamente três frotas às três extremidades do mundo — uma a Gibraltar, conquistada e conservada por suas armas; outra a Porto Belo, arrancando do rei da Espanha o usufruto dos tesouros das Índias; e a terceira ao mar Báltico, para impedir a guerra entre as potências do norte.

Quando Luís XIV fazia a Itália tremer, suas armas já senhoras da Sabóia e do Piemonte e prontas para tomar Turim, foi preciso que o Príncipe Eugênio marchasse dos confins da Alemanha em socorro do duque de Sabóia, desprovido de dinheiro, sem o qual uma cidade não pode ser defendida. Recorreu, então, aos comerciantes ingleses. Em meia hora foram emprestados cinqüenta milhões com os quais libertou Turim, derrotou os franceses e escreveu aos que lhe emprestaram tal soma: "Senhores, recebi vosso dinheiro e gabo-me de tê-lo usado para vossa satisfação".

Isto enche de orgulho um comerciante inglês, levando-o a comparar-se, ousadamente, mas não sem alguma razão, com um cidadão romano. O caçula de um par do reino não desdenha o negócio. Milorde Townshend, ministro de Estado, tem um irmão que se satisfaz como negociante no centro da cidade. Na época em que Milorde Oxford governa a Inglaterra, seu caçula era fabricante em Alep, donde não quis sair e onde morreu. Esse costume, que entretanto começa a expandir-se bastante, parece monstruoso aos alemães, obstinados com suas árvores genealógicas. Não poderiam conceber que o filho de um par da Inglaterra fosse um mero burguês rico e potente, uma vez que na Alemanha tudo é príncipe e já se viram trinta altezas do mesmo nome cujos bens consistiam exclusivamente em armaduras e orgulho.

Na França é marquês quem quer e qualquer um que chegue a Paris vindo dos confins de uma província, com muito dinheiro para gastar e um nome em "ac" ou em "ille", pode dizer "um homem como eu" ou "um homem de minha qualidade", e desprezar soberanamente um negociante. Este, de tanto ouvir falar com desprezo de sua profissão, acaba sendo bastante tolo para enrubescer-se. Contudo, não sei o que é mais útil a um Estado: um senhor empoado que sabe a que horas o rei se levanta e se deita, com ares de grandeza fazendo papel de escravo na antecâmara de um ministro, ou um negociante que enriquece seu país, dá ordens a Surata e ao Cairo sem sair de seu gabinete, e contribui para a felicidade do mundo.

DÉCIMA PRIMEIRA CARTA

Sobre a Inoculação da Varíola

Delicadamente, diz-se na Europa cristã que os ingleses são loucos e raivosos. Loucos, porque dão varíola a seus filhos para impedi-los de contraí-la; raivosos, porque lhes transmitem alegremente uma doença certa e terrível, visando preveni-los contra um mal incerto. Os ingleses, de seu lado, dizem: "Os outros europeus são covardes e desnaturados. Covardes, porque temem

fazer um pequeno mal a seus filhos: desnaturados, porque os expõem a morrer um dia de varíola". Para julgar quem tem razão nessa disputa, eis a história dessa famosa inoculação, de que se fala com tamanho pavor fora da Inglaterra.

Desde tempos imemoriais, as mulheres da Circássia costumam dar varíola a seus filhos, fazendo-lhes uma incisão no braço e inserindo nela uma pústula retirada cuidadosamente do corpo de outra criança. O efeito dessa pústula assemelha-se ao lêvedo num pouco de massa: fermenta e espalha no sangue as qualidades nela impressas. As brotoejas da criança que recebeu a varíola artificial também servem para passar a doença às outras. A inoculação é quase contínua na Circássia, e quando não há varíola no país a população sente-se embaraçada como num ano mau.

A ternura materna e o interesse, causas comuns em toda a terra, introduziram na Circássia esse costume que parece tão estranho aos outros povos.

Os circassianos são pobres, e suas filhas, belas e por isso o elemento que mais traficam. Fornecem belezas para os haréns do Grande Senhor, para o sufi da Pérsia, e para todos aqueles bastante ricos para comprar e manter essa preciosa mercadoria. Educam as moças no bem e na honra para dançar com lascívia e langor, para inflamar com todos os artifícios mais voluptuosos o gosto dos senhores desdenhosos a quem são destinadas. Todos os dias, as pobres criaturas repetem a lição com as mães, como nossas meninas repetem o catecismo sem entender nada.

Ora, freqüentemente sucedia que um pai ou uma mãe, depois de tanta dificuldade para bem educar suas crianças, viam-se frustrados em sua esperança: a varíola surgia na família. Uma filha morria, outra perdia um olho, uma terceira aparecia com um narigão. A pobre gente ficava arruinada e sem recursos. Muitas vezes, quando a varíola se tornava epidêmica, o comércio ficava interrompido por vários anos, causando grande diminuição nos serralhos da Pérsia e da Turquia.

Uma nação comerciante está sempre muito alerta aos seus interesses e nunca negligencia conhecimentos que possam ser úteis ao seu negócio. Os circassianos perceberam que para cada mil pessoas dificilmente se encontrava uma atacada duas vezes por uma varíola bem completa; que, na verdade, algumas vezes se pode ter três ou quatro varíolas leves, mas nunca duas decisivas e perigosas. Em suma, que nunca se tem verdadeiramente essa doença duas vezes na vida. Observaram ainda que quando as varíolas são benignas e sua erupção só consegue atravessar uma pele delicada e fina, não deixam marcas sobre o rosto. Dessas observações naturais concluíram que se uma criança de seis meses ou de um ano tivesse uma varíola benigna, não morreria, não ficaria marcada e estaria livre da moléstia até o fim de seus dias.

Para conservar a vida e a beleza das crianças bastava, pois, dar-lhes a varíola bem cedo, o que foi feito. Inoculava-se no corpo da criança uma pústula de varíola completa e ao mesmo tempo a mais favorável que se pudesse encontrar. A experiência não poderia deixar de ser um sucesso. Os turcos, gente sensata, logo adotaram o costume e atualmente não há paxá, em Constantinopla, que não dê varíola a seu filho e a sua filha ao cevá-los.

Muitos pretendem que os circassianos adquiriram esse costume com os árabes, mas deixo esse ponto de história para que um beneditino erudito o esclareça, compondo vários volumes *in-folio* e com provas. Tudo o que tenho a dizer sobre o assunto é que no início do reino de Jorge I, a senhora Wortley-Montagu, uma das mulheres inglesas de mais espírito e de mais força de espírito, estando com seu marido numa embaixada em Constantinopla, resolveu, sem maiores escrúpulos, dar a varíola a uma criança que parira nesse país. Seu capelão cansou-se de dizer-lhe que tal experiência não era cristã, só podendo ser bem sucedida nos infiéis — o filho da senhora Wortley passou muito bem. A dama, de volta à Inglaterra, contou sua experiência à princesa de Gales, hoje rainha. É preciso admitir, títulos e coroas à parte, que esta princesa nasceu para encorajar todas as artes e para fazer o bem aos homens. É uma filósofa amável no trono. Nunca perdeu uma oportunidade para instruir-se nem para exercer sua generosidade. Tendo ouvido dizer que uma das filhas de Milton ainda vivia, e que vivia na miséria, enviou-lhe imediatamente um presente considerável. Protege o pobre Padre Courayer. Dignou-se ser mediadora entre o Dr. Clarke e o Sr. Leibniz. Desde que ouviu falar da inoculação ou inserção da varíola fez uma experiência em quatro criminosos condenados à morte, e cujas vidas salvou duplamente, pois não somente retirou-os da forca, como ainda, graças à varíola artificial, imunizou-os contra a natural, que provavelmente teriam contraído e de que poderiam morrer numa idade mais avançada.

A princesa, segura da utilidade dessa experiência, mandou inocular seus filhos. A Inglaterra seguiu seu exemplo e, desde então, dez mil crianças de família devem suas vidas à rainha e à Sra. Wortley-Montagu, e muitas moças lhes devem a beleza.

De cada cem pessoas no mundo, sessenta, pelo menos, contraem a varíola. Destas, vinte morrem em seus anos mais favoráveis e vinte conservam seus restos desagradáveis. Eis, pois, a quinta parte dos homens que essa moléstia mata ou enfeia seguramente. De todos os que são inoculados na Turquia ou na Inglaterra, nenhum morre, se não estiver enfermo ou condenado à morte por um outro motivo. Nenhum fica marcado. Nenhum contrai a varíola pela segunda vez, se a inoculação foi perfeita. É certo, portanto, que se alguma embaixatriz francesa tivesse trazido esse segredo de Constantinopla para Paris, teria prestado um favor eterno à nação e o duque de Villequier, pai do atual duque d'Aumont, o homem mais bem constituído e mais sadio da França, não teria morrido na flor da idade.

O príncipe de Soubise, de saúde brilhante, não teria sido levado aos vinte e cinco anos. Monsenhor, avô de Luís XV, não teria sido enterrado aos cinqüenta. Vinte mil pessoas, mortas de varíola em 1723 em Paris, ainda viveriam. Como?! Então os franceses não amam a vida?! Suas mulheres não se preocupam com a beleza?! Na verdade, somos gente estranha! Talvez daqui a dez anos adotemos o método inglês, se os curas e os médicos permitirem. Ou então, daqui a três meses, por puro capricho, os franceses se servirão da inoculação, se por inconstância os ingleses estiverem enjoados dela.

Acabo de saber que os chineses a praticam há mais de cem anos. É um grande preconceito o exemplo de uma nação considerada a mais sábia e a mais policiada do universo. É verdade que os chineses a praticam de modo diferente. Não fazem incisão, mas inoculam pelo nariz, como o fumo e o rapé. É um modo mais agradável, mas que dá no mesmo, e serve igualmente para confirmar que, se tivesse sido praticada na França, a vida de milhões teria sido salva.

Décima Segunda Carta

Sobre o Chanceler Bacon

Não faz muito tempo, gente célebre punha esta questão gasta e frívola: quem foi o maior homem? César? Alexandre? Tamerlão? Cromwell? etc.

Alguém respondeu: Isaac Newton, indubitavelmente. Quem o disse tinha razão, pois, se a verdadeira grandeza consiste em receber do céu um gênio poderoso e em servir-se dele para se esclarecer e aos outros, um homem como o Sr. Newton, raro em cada dez séculos, é verdadeiramente um grande homem. Os políticos e conquistadores, que todo século não deixa de possuir, ordinariamente são apenas ilustres malfeitores. Devemos nosso respeito àquele que domina sobre os espíritos pela força da verdade, e não àqueles que os escravizam pela violência; àquele que conhece o universo e não àqueles que o desfiguram.

Visto que exigis que vos fale dos homens ilustres produzidos pela Inglaterra, começarei pelos Bacon, pelos Locke, pelos Newton. Os generais e os ministros virão quando chegar a sua vez.

É preciso começar pelo famoso conde de Verulam, conhecido na Europa sob o nome de Bacon, seu nome de família. Era filho de um ministro da Justiça e foi chanceler no reinado de Jaime I. Entretanto, no meio das intrigas palacianas e das ocupações de seu cargo, que requeriam integralmente um homem, encontrou tempo para ser um grande filósofo, um bom historiador e um escritor elegante, coisa surpreendente, aliás, pois vivia num século em que não se conhecia muito a arte de bem escrever e, ainda menos, a boa filosofia. Foi, como é hábito entre os homens, mais estimado após a sua morte do que durante sua vida. Seus inimigos: gente da corte londrina. Seus admiradores: gente de toda a Europa.

Ao conduzir à Inglaterra a Princesa Maria, filha de Henrique, o Grande, para desposar o príncipe de Gales, o marquês d'Effiat, ministro do rei, visitou Bacon, nessa ocasião doente no

leito. Foi recebido com as cortinas fechadas. "Pareceis com os anjos", disse-lhe Effiat. "Ouve-se falar deles, crê-se que são superiores aos homens, e nunca se tem o consolo de vê-los."

Sabeis, senhores, que Bacon foi acusado de um crime que não é próprio de um filósofo: o de deixar-se corromper pelo dinheiro. Sabeis que a Câmara dos Lordes condenou-o a uma multa de aproximadamente quatrocentas libras (em nossa moeda) e a perder sua dignidade de chanceler e de par.

Hoje os ingleses reverenciam sua memória a ponto de não admitirem que fosse culpado. Se me perguntardes o que penso, usarei uma expressão de Milorde Bolingbroke. Falava-se, em sua presença, da acusação de avareza de que fora vítima o duque de Malborough, citando-se alguns traços para os quais se pedia o testemunho de Milorde Bolingbroke, seu inimigo declarado e capaz de dizer convenientemente o que o outro era. "Era um homem tão grande que esqueci seus vícios", respondeu.

Limitar-me-ei, portanto, a falar-vos daquilo que fez o Chanceler Bacon merecer a estima da Europa.

Sua obra mais interessante e melhor é atualmente a menos lida e a mais inútil. Trata-se de seu *Novum Scientiarum Organum*, andaime para a construção da nova filosofia, abandonado depois que parte do edifício se achava construído. O Chanceler Bacon ainda não conhecia a natureza, mas conhecia e indicava todos os caminhos que conduziam a ela. Cedo desprezou aquilo que as universidades denominavam filosofia. Fazia o possível para que essas companhias, instituídas para a perfeição da razão humana, não continuassem a estragá-la com suas "qüididades", seu "horror ao vazio", suas "formas substanciais", e todos os termos impertinentes que apenas a ignorância tornara respeitáveis e que a mistura ridícula com a religião quase sacralizava.

É o pai da filosofia experimental. É bem verdade que antes dele segredos surpreendentes foram descobertos. Havia-se inventado a bússola, a imprensa, a gravura de estampas, a pintura a óleo, os espelhos, a arte de devolver de algum modo a vista aos velhos, por meio de lunetas chamadas óculos, a pólvora, etc. Havia-se procurado e conquistado um novo mundo. Quem não acreditaria que tais descobertas sublimes teriam sido feitas por filósofos, em tempos mais esclarecidos do que os nossos? De jeito nenhum. Essas mudanças ocorreram na época da mais estúpida barbárie. O acaso produziu quase todas essas invenções e parece ter participado também na descoberta da América. Pelo menos, sempre se acreditou que Cristóvão Colombo empreendeu sua viagem pela crença num capitão cujo navio fora lançado por uma tempestade até a altura das ilhas Caraíbas.

Seja como for, os homens sabiam ir ao fim do mundo, destruir cidades com um trovão artificial mais terrível do que o verdadeiro; mas não conheciam a circulação do sangue, o peso do ar, as leis do movimento, a luz, o número dos planetas, etc. E um homem que defendesse uma tese sobre as categorias de Aristóteles, sobre o universal "a parte rei", ou qualquer outra bobagem, era encarado como um prodígio.

As invenções mais surpreendentes e mais úteis não são as que mais honram o espírito humano.

Não devemos todas as artes à sã filosofia, mas a um instinto mecânico, existente na maioria dos homens.

A descoberta do fogo, a arte de fazer o pão, de fundir e preparar os metais, de construir casas, a invenção da lançadeira, satisfazem necessidades diferentes daquelas satisfeitas pela imprensa ou pela bússola, e, no entanto, estas artes foram inventadas por homens ainda selvagens.

Mais tarde, como foi prodigioso o uso da mecânica por gregos e romanos! Contudo, acreditavam que havia céus de cristal, que as estrelas eram lampadazinhas por vezes caindo no mar. E um de seus maiores filósofos, após muitas investigações, concluiu que os astros eram cascalhos que se destacaram da Terra.

Em uma palavra: antes do Chanceler Bacon ninguém conhecera a filosofia experimental. Quase todas as experiências físicas feitas depois dele já estão indicadas em seu livro. Ele próprio fizera algumas. Fabricou uma espécie de máquina pneumática com que adivinhou a elasticidade do ar; chegou perto da descoberta de seu peso, feita mais tarde por Torricelli. Logo depois a física experimental começou a ser cultivada simultaneamente em toda a Europa. Era um tesouro escon-

dido, de cuja existência Bacon desconfiava e que todos os filósofos, encorajados por suas promessas, esforçaram-se para desenterrar.

Porém, o que mais me surpreendeu em seu livro foi encontrar em termos explícitos essa atração cuja invenção costuma-se atribuir ao Sr. Newton.

Diz Bacon: "É preciso procurar se há uma espécie de força magnética, operando entre a Terra e as coisas pesadas, entre a Lua e o oceano, entre os planetas, etc.".

Num outro lugar, diz: "É preciso que os corpos graves sejam levados rumo ao centro da Terra, ou que sejam mutuamente atraídos, e neste caso é evidente que, ao cair, quanto mais os corpos se aproximarem da Terra, tanto mais fortemente atrair-se-ão. É preciso experimentar se um relógio de pêndulo vai mais depressa no alto de uma montanha ou no fundo de uma mina; se a força do pêndulo diminuir na montanha e aumentar na mina, tudo indicará que a Terra parece possuir uma verdadeira atração".

Precursor da filosofia, Bacon foi também um escritor elegante, um historiador, um homem cultivado.

Seus *Ensaios de Moral*, embora muito estimados, são feitos para instruir e não para agradar. Entretanto, não sendo uma sátira da natureza humana, como as *Máximas* de La Rochefoucauld, nem escola cética, como Montaigne, são menos lidos do que os dois outros, mais engenhosos.

Sua *História de Henrique VII* foi considerada uma obra-prima. Mas eu me enganaria se a comparasse com a obra do nosso ilustre de Thou.

Falando do famoso impostor Parkins, judeu de nascença, que ousadamente atribuiu a si o nome de Ricardo IV, rei da Inglaterra, e encorajado pela duquesa de Borgonha disputou a coroa com Henrique VII, eis como se exprime o Chanceler Bacon: "Mais ou menos nessa época, o Rei Henrique vivia obcecado com espíritos malignos por causa da magia da duquesa de Borgonha, que evocava a sombra infernal de Eduardo IV para que viesse atormentar o Rei Henrique. Depois de instruir Parkins, a duquesa começou a deliberar de que região do céu deveria fazer surgir o cometa, e decidiu que o faria eclodir inicialmente no horizonte da Irlanda".

Parece-me que nosso sensato de Thou não cai nesse excesso, outrora tido por sublime e hoje, com razão, por galimatias.

Décima Terceira Carta

Sobre o Sr. Locke

Talvez nunca tenha havido espírito mais sensato, mais metódico, um lógico mais exato do que o Sr. Locke; não era, contudo, um grande matemático. Nunca pôde submeter-se à fadiga dos cálculos nem à secura das verdades matemáticas, que de início não apresentam algo sensível ao espírito. E ninguém provou melhor do que ele que se poderia ter o espírito geométrico sem o apoio da geometria. Antes dele, grandes filósofos haviam decidido positivamente o que é a alma do homem, mas como nada sabiam sobre ela, era muito justo que todos tivessem opiniões diferentes.

Na Grécia, berço das artes e dos erros, onde a grandeza e a tolice do espírito humano tanto se desenvolveram, raciocinava-se sobre a alma como nós o fazemos.

O divino Anaxágoras, a quem foi erguido um altar por ter ensinado aos homens que o Sol era maior do que o Peloponeso, que a neve era negra e os céus, de pedra, afirmou que a alma era um espírito aéreo, mas imortal.

Diógenes (não aquele que se tornou cínico depois de ter sido falsário) assegurava que alma era uma porção da própria substância de Deus. Esta idéia era brilhante, pelo menos.

Epicuro compunha-a de partes, como o corpo. Aristóteles, explicado de mil modos, porque ininteligível, acreditava, a fiar-se em alguns de seus discípulos, que o entendimento de todos os homens era uma só e mesma substância.

O divino Platão, mestre do divino Aristóteles, e o divino Sócrates, mestre do divino Platão, diziam a alma corpórea e eterna. O demônio de Sócrates certamente lhe ensinava que assim era.

Na verdade, há muita gente que acha que um homem que se gabava de ter um gênio familiar era indubitavelmente um louco ou um velhaco, mas essa gente é muito difícil.

Quanto aos nossos Padres da Igreja, nos primeiros séculos muitos acreditaram que a alma humana, os anjos e Deus, eram corpóreos.

O mundo sempre se refina. São Bernardo, segundo o Padre Mabillon, ensinou que após a morte a alma não vê Deus, mas conversa somente com a humanidade de Jesus Cristo. Dessa vez não foi acreditado sob palavra: a aventura das Cruzadas havia desacreditado um pouco seus oráculos. Mil escolásticos vieram em seguida, como o Doutor irrefragável, o Doutor sutil, o Doutor angélico, o Doutor seráfico, o Doutor querúbico, todos bem seguros de conhecer a alma muito claramente, mas sem deixar de falar nela como se quisessem que ninguém entendesse coisa alguma.

Nosso Descartes, nascido para descobrir os erros da Antiguidade, a fim de substituí-los pelos seus próprios, e arrastado pelo espírito sistemático que cega os maiores homens, imaginou ter demonstrado que a alma era a mesma coisa que o pensamento, como, segundo ele, a matéria é a mesma coisa que a extensão. Assegurou que se pensa sempre e que a alma vem ao corpo já provida de todas as noções metafísicas, conhecendo Deus, o espaço infinito, tendo todas as idéias abstratas, cheia de belos conhecimentos que, infelizmente, esquece ao sair do ventre da mãe.

O Sr. Malebranche, do Oratório, em suas sublimes ilusões não somente admitiu as idéias inatas, como também não duvidou de que víssemos tudo em Deus, e que este, por assim dizer, fosse nossa alma.

Tantos raciocinadores tendo escrito o romance da alma, veio enfim um sábio que modestamente escreveu sua história. Locke desenvolveu a razão humana para o homem, como um excelente anatomista explica as molas do corpo humano. Apóia-se no archote da física; algumas vezes ousa falar afirmativamente, mas também ousa duvidar. Em vez de definir dum só golpe aquilo que não conhecemos, examina por graus aquilo que queremos conhecer. Toma uma criança no momento de seu nascimento; segue passo a passo os progressos de seu entendimento; vê o que possui em comum com os animais e o que possui acima deles; consulta seu próprio testemunho, isto é, a consciência de seu pensamento.

Diz: "Deixo discutir aqueles que sabem mais do que eu se nossa alma existe antes ou depois da organização do nosso corpo. Mas confesso que, na partilha, calhou-me uma alma grosseira que não pensa sempre, e tenho até a infelicidade de não conceber que seja mais necessário à alma pensar sempre, do que ao corpo estar sempre em movimento".

Quanto a mim, gabo-me de ser tão estúpido quanto Locke nesse ponto. Ninguém há de me fazer crer que penso sempre. E não estou mais disposto do que ele a imaginar que algumas semanas após minha concepção fosse uma alma muito sapiente, sabendo mil coisas que esqueci ao nascer, tendo possuído muito inutilmente, no útero, conhecimentos que me escaparam assim que precisei deles e que nunca pude reaprender direito depois.

Locke, após arruinar as idéias inatas, após renunciar à vaidade de crer que se pensa sempre, estabelece que todas as nossas idéias nos vêm pelos sentidos, examina nossas idéias simples e as compostas, acompanha o espírito humano em todas as suas operações, mostra como as línguas faladas são imperfeitas e como abusamos das palavras a todo momento.

Por fim, considera a extensão, ou melhor, o nada dos conhecimentos humanos. Nesse capítulo ousa proferir modestamente as seguintes palavras: "Talvez nunca sejamos capazes de conhecer se um ser puramente material pensa ou não".

Esse discurso sensato soou para mais de um teólogo como uma declaração escandalosa de que a alma é material e mortal.

Alguns ingleses, devotos à sua maneira, deram o alarma. Numa sociedade, os supersticiosos são como os poltrões num exército: têm e provocam terrores pânicos. Gritou-se que Locke desejava derrubar a religião, e não havia nada religioso no caso. Tratava-se de uma questão puramente filosófica, muito independente da fé e da revelação. Bastava examinar sem acrimônia se há contradição em dizer: "a matéria pensa", e se Deus pode comunicar o pensamento à matéria. Mas os teólogos começam freqüentemente dizendo que Deus foi ultrajado, desde que não se tenha a

mesma opinião que eles. Assemelhavam-se bastante aos maus poetas, acusando Despréaux de difamar o rei porque zombava deles.

O Dr. Stillingfleet adquiriu uma reputação de teólogo moderado por ter injuriado Locke. Entrou na liça, mas foi vencido porque raciocinava como doutor e Locke, como filósofo, cônscio da fraqueza e da força do espírito humano, batendo-se com armas cuja têmpera conhecia.

Se ousasse falar dum assunto tão delicado após o Sr. Locke, diria: os homens discutem de longa data sobre a natureza e sobre a imortalidade da alma. Quanto à sua mortalidade, a demonstração é impossível visto que ainda se discute quanto à sua natureza, e seguramente é preciso conhecer a fundo um ser criado para saber se é ou não imortal. A razão humana é tão incapaz de demonstrar por si mesma a imortalidade da alma, que a religião viu-se forçada a revelá-la para nós. O bem comum de todos os homens pede que se creia a alma imortal; a fé o ordena. Não é preciso mais. A coisa está decidida. O mesmo não ocorre com sua natureza, pouco importando à religião qual seja a substância da alma; o importante é que seja virtuosa. É um relógio que nos foi dado para que o governemos, mas o obreiro não nos disse do que era composta sua corda.

Sou corpo e penso — é tudo que sei. Irei atribuir a uma causa desconhecida aquilo que posso atribuir facilmente apenas à causa segunda que conheço? Neste ponto todos os filósofos da Escola me interrompem, argumentando: "No corpo há apenas a extensão e a solidez, só pode ter movimento e figura. Nenhum destes elementos pode produzir um pensamento; portanto, a alma não pode ser matéria". Esse grande raciocínio, tantas vezes repetido, reduz-se ao seguinte: "Não conheço a matéria; adivinho imperfeitamente algumas de suas propriedades; ora, ignoro totalmente se estas podem estar unidas ao pensamento; portanto, como nada sei, asseguro positivamente que a matéria não pode pensar". Eis, posta claramente, a maneira da Escola raciocinar. Com simplicidade, Locke diria a tais senhores: "Confessai, pelo menos, que sois tão ignorantes quanto eu. Nem vossa imaginação nem a minha podem conceber como um corpo tem idéias; como, então, compreendeis melhor que uma substância, seja qual for, tenha idéias? Não conheceis a matéria nem o espírito; como, então, ousais assegurar alguma coisa?

Por sua vez, o supersticioso também aparece dizendo que é preciso queimar, para o bem de suas almas, aqueles que suspeitam ser possível pensar apenas com a ajuda do corpo. Mas que diria, se ele próprio fosse culpado de irreligião? Com efeito, que homem ousará assegurar, sem uma impiedade absurda, que seja impossível ao Criador dar sentimento e pensamento à matéria? Vede, peço-vos, em que embaraço vos meteis ao limitardes assim a potência do Criador! Os animais possuem os mesmos órgãos que nós, os mesmos sentimentos, as mesmas percepções; são dotados de memória, combinam algumas idéias. Se Deus não pôde animar a matéria e dar-lhe sentimento, então, de duas, uma: ou os animais são puras máquinas, ou têm uma alma espiritual.

Parece-me quase demonstrado que os animais não podem ser simples máquinas. Aqui está minha prova: Deus fez exatamente os mesmos órgãos de sentimento neles e em nós. Portanto, se não sentem, Deus fez uma obra inútil. Ora, segundo vossa própria confissão, Deus nada faz em vão. Portanto, não fabricou tantos órgãos de sentimento para que não sentissem. Portanto, os animais não são puras máquinas.

Segundo vossa opinião, os animais não podem ter uma alma espiritual. Assim sendo, sois obrigados, apesar de vós próprios, a dizer que Deus deu aos órgãos dos animais (que são matéria) a faculdade de sentir e de perceber, faculdade que neles chamais de instinto.

Ora, o que pode impedir Deus de comunicar aos nossos órgãos, mais penetrantes, essa faculdade de sentir, de perceber e de pensar que chamamos razão humana? Para qualquer lado que vos volteis, sereis obrigados a admitir vossa ignorância e a potência imensa do Criador. Não vos revolteis, então, contra a sábia e modesta filosofia de Locke. Longe de contrariar a religião, servir-lhe-ia de prova, se precisasse. Pois, que filosofia poderia ser mais religiosa do que aquela que concebe e admite sua fraqueza dizendo ser preciso recorrer a Deus quando se examinam os primeiros princípios?

Ademais, nunca se deve temer que algum sentimento filosófico possa prejudicar a religião de um país. Por mais que nossos mistérios contrariem suas demonstrações, nunca deixam de ser reverenciados pelos filósofos cristãos, pois sabem que os objetos da religião e da filosofia são de

natureza diferente. Nunca os filósofos farão uma seita religiosa. Por quê? Porque não escrevem para o povo e porque não são entusiastas.

Dividi o gênero humano em vinte partes: dezenove trabalham manualmente e nem sabem que Locke existe. Na vigésima, quão poucos os que lêem! E entre estes, vinte lêem os romances, enquanto apenas um estuda filosofia. O número dos que pensam é excessivamente pequeno e não têm a lembrança de perturbar o mundo.

Nem Montaigne, nem Locke, nem Bayle, nem Spinoza, nem Hobbes, nem Shaftesbury, nem Collins, nem Toland carregaram a tocha da discórdia em sua pátria. Foram os teólogos que a trouxeram, começando com a ambição de chefiar seitas e logo passando a ambicionar a chefia de partidos. Que digo! Todos os livros dos filósofos modernos, ajuntados, nunca farão tanto barulho como fez outrora a simples disputa dos franciscanos sobre o formato de sua manga e de seu capuz.

Décima Quarta Carta

Sobre Descartes e Newton

Ao chegar a Londres, um francês encontrará tudo muito mudado em filosofia, e também no resto. Deixou o mundo cheio, encontrou-o vazio. Em Paris, vê-se o universo composto de turbilhões de matéria sutil; em Londres, não se vê nada disso. Entre nós, a pressão da Lua causa o fluxo do mar; entre os ingleses, o mar gravita em direção à Lua, de sorte que quando acreditais que ela deveria provocar maré alta, esses senhores sentem-se no direito de ter maré baixa. Infelizmente isso não pode ser verificado. Para tal seria preciso examinar a Lua e as marés no primeiro instante da Criação.

Notareis ainda que o Sol, que na França nada tem a ver com o caso, aqui contribui para ele com uma quarta parte, no mínimo. Entre vossos cartesianos tudo ocorre graças a um impulso incompreensível. Para o Sr. Newton, graças a uma atração cuja causa não é melhor conhecida. Em Paris imaginais a Terra feita como um melão. Em Londres, achatada dos dois lados. Para um cartesiano a luz existe no ar. Para um newtoniano, vem do Sol em seis minutos e meio. Vossa química opera com ácidos, alcalóides e matéria sutil. A atração domina até a química inglesa.

A própria essência das coisas mudou totalmente. Não concordareis quanto à definição da alma, nem quanto à da matéria. Descartes assegura que a alma é a mesma coisa que o pensamento. Locke prova muito bem o contrário.

Descartes assegura que a matéria é constituída somente pela extensão. Newton acrescenta-lhe a solidez. Eis aí contradições furiosas.

"Non nostrum inter vos tantas componere lites." [5]

O famoso Newton, destruidor do sistema cartesiano, morreu no mês de março do ano passado (1727). Viveu honrado por seus compatriotas e foi enterrado como um rei que tivesse feito o bem para seus súditos.

Leu-se com sofreguidão e traduziu-se para o inglês o elogio do Sr. Newton que o Sr. de Fontenelle pronunciou na Academia das Ciências. Na Inglaterra, esperava-se que o Sr. de Fontenelle fizesse uma declaração solene da superioridade da filosofia inglesa, mas ao ver que comparava Descartes e Newton, toda a sociedade real de Londres sublevou-se. Em vez de concordar-se com o juízo, criticou-se o discurso. Muitos (os que não são bastante filósofos) chocaram-se com a comparação só porque Descartes é francês.

É preciso admitir que esses dois grandes homens se diferenciaram bastante pela conduta, pela sina e pela filosofia.

Descartes nasceu com uma imaginação viva e forte, tornando-se um homem singular tanto

[5] Virgílio, *Eneida*, canto I: "Não é nosso encargo sustentar entre vós tão grandes causas". (N. do A.)

na vida privada quanto no modo de raciocinar. A imaginação não pôde ocultar-se nem mesmo em suas obras filosóficas, cheias de comparações engenhosas e brilhantes. A natureza o fez quase poeta, e, de fato, compôs para a rainha da Suécia uma serenata em versos que, para honra de sua memória, não se mandou imprimir.

Tentou durante algum tempo o ofício da guerra, e depois de tornar-se muito filósofo não acreditou que fosse indigno fazer amor. Sua amante deu-lhe uma filha, Francine, que morreu jovem e foi muito pranteada por ele. Assim, experimentou tudo que é próprio da humanidade.

Por muito tempo acreditou que para filosofar em liberdade precisaria fugir dos homens e sobretudo de sua pátria. Tinha razão. Os homens de sua época não conheciam a liberdade de filosofar para poder esclarecê-lo e só eram capazes de prejudicá-lo.

Deixou a França porque procurava a verdade, então perseguida pela miserável filosofia da Escola. Mas não encontrou mais razão nas universidades da Holanda, para onde se retirara, pois, na época em que na França as únicas proposições verdadeiras de seu sistema eram condenadas, também foi perseguido pelos pretensos filósofos da Holanda, que não o compreendiam melhor e que, vendo sua glória mais de perto, odiavam ainda mais sua pessoa. Foi obrigado a sair de Utrecht; agüentou a acusação de ateísmo, último recurso dos caluniadores. E ele, que empregara toda a sagacidade de seu espírito procurando novas provas da existência de Deus, foi acusado de não reconhecê-la.

Tantas perseguições supõem um grande mérito e uma reputação brilhante: Descartes possuía ambos. A razão manifestou-se um pouco no mundo, em meio às trevas da Escola e aos preconceitos da superstição popular. Seu nome fez tanto barulho que se quis atraí-lo para a França com recompensas. Foi-lhe proposta uma pensão de mil escudos. Voltou com esperança, pagou as despesas da patente, que então se vendia, não teve a pensão e regressou para filosofar na solidão da Holanda, no tempo em que o célebre Galileu, com oitenta anos, gemia nas prisões da Inquisição por ter demonstrado o movimento da Terra. Por fim, em virtude de um mau regime, morreu prematuramente em Estocolmo entre sábios, seus inimigos, e nas mãos de um médico que o odiava.

A carreira do Cavaleiro Newton foi completamente diferente. Viveu oitenta e cinco anos, sempre tranqüilo, feliz e honrado em sua pátria. Sua grande felicidade foi não somente a de nascer num país livre, mas também numa época em que, banidas as impertinências escolásticas, apenas a razão era cultivada. E assim, o mundo só poderia ser seu discípulo e não seu inimigo.

Uma oposição singular entre ele e Descartes reside no fato de que no curso de uma vida tão longa não teve paixões nem fraquezas; nunca se aproximou de mulher alguma — o que me foi confirmado pelo médico e pelo cirurgião em cujos braços morreu. Newton pode ser admirado por isso, o que não significa, porém, que se deva censurar Descartes.

A opinião pública inglesa considera este último um sonhador, e o outro, um sábio.

Pouca gente em Londres lê Descartes, cujas obras tornaram-se inúteis efetivamente. Muito poucos lêem Newton, porque é preciso ser muito sábio para compreendê-lo. Mas todo mundo fala sobre os dois. Nada é atribuído ao francês; tudo, ao inglês. Alguns acreditam que se deve a Newton a perda do horror ao vácuo, o conhecimento do peso do ar, o uso do telescópio. Aqui ele é o Hércules da fábula, a quem os ignorantes atribuem todos os feitos dos outros heróis.

Em uma crítica feita ao discurso do Sr. de Fontenelle, em Londres, ousou-se dizer que Descartes não era um grande geômetra. Os que assim falam podem censurar-se por baterem em sua nutriz. Descartes impulsionou a geometria tanto quanto Newton depois dele. Foi o primeiro a encontrar equações algébricas para as curvas. Graças a ele sua geometria é hoje bastante conhecida, mas em seu tempo era tão profunda que somente Fermat, na França, e Schooten, na Holanda, puderam compreendê-la.

Transportou o espírito de geometria e de invenção para a dióptrica, que se tornou uma arte nova em suas mãos. Se por acaso enganou-se em alguma coisa, é porque um homem, ao descobrir uma nova terra, não pode de um só golpe conhecer também todas as suas propriedades. Os que vierem depois dele e fertilizarem essa terra devem-lhe pelo menos a obrigação da descoberta. Não negarei que os erros fervilham nas outras obras do Sr. Descartes.

A geometria era um guia que de algum modo ele próprio havia formado, e que poderia tê-lo

conduzido com segurança na física; no entanto, abandonou o guia em favor do espírito de sistema. A partir de então, sua filosofia foi apenas um romance engenhoso e, quando muito, verossímil para os ignorantes. Enganou-se a respeito da natureza da alma, das provas da existência de Deus, da matéria, das leis do movimento, da natureza da luz. Admitiu idéias inatas, inventou novos elementos, criou um mundo, fez o homem à sua moda, e com razão diz-se que o homem de Descartes é apenas o de Descartes, muito distante do homem verdadeiro.

Impeliu seus erros metafísicos até o ponto de pretender que dois mais dois são quatro porque Deus o quis. Mas nunca é demais dizer que era estimável mesmo em seus extravios. Enganou-se, mas pelo menos com método e com um espírito conseqüente. Destruiu as quimeras absurdas com que se enfatuava a juventude há mais de dois mil anos. Ensinou os homens de sua época a raciocinar e a servir-se de suas armas contra ele próprio. Se não pagou com a moeda boa, já é muito que tenha desmascarado a falsa.

Não creio que se ouse comparar sua filosofia à de Newton: a primeira é um ensaio, a segunda uma obra-prima, mas aquele que nos pôs na via da verdade talvez valha tanto quanto aquele que encontramos depois, no final desse caminho.

Descartes deu a visão aos cegos e estes viram os enganos da Antiguidade e os dele. A estrada aberta por ele tornou-se imensa. Outrora, o livrinho de Rohaut apresentava uma física completa. Hoje, todos os compêndios das academias da Europa não chegam a ser um começo de sistema. Aprofundando-se o abismo, viu-se que era infinito. Trata-se de ver agora o que o Sr. Newton cavou nesse precipício.

Décima Quinta Carta

Sobre o Sistema da Atração

As descobertas do Cavaleiro Newton, que lhe deram reputação universal, referem-se ao sistema do mundo, à luz, ao infinito em geometria e, enfim, à cronologia, divertimento de suas horas de descanso.

Vou dizer-vos (sem verborragia, se puder) o pouco que pude agarrar dessas idéias sublimes.

No que tange ao sistema do mundo, desde longa data se discutia sobre a causa que fez os planetas girarem e manterem-se em órbita, e sobre aquela que faz todos os corpos terrestres descerem rumo ao centro da Terra.

O sistema de Descartes, explicado e bem transformado depois dele, parecia fornecer uma causa plausível para esses fenômenos, razão que parecia tanto mais verdadeira por ser muito simples e inteligível para todo mundo. Mas em filosofia é preciso desconfiar tanto daquilo que se crê entender muito facilmente, quanto daquilo que não se entende.

O peso, a queda acelerada dos corpos caindo sobre a Terra, a revolução dos planetas em suas órbitas, suas rotações em torno do seu eixo, tudo isso é apenas movimento. Este, porém, só pode ser concebido por impulso, portanto todos aqueles corpos foram impulsionados. Mas, por quê? O espaço é pleno, preenchido por uma matéria muito sutil, já que não a percebemos. Essa matéria vai do ocidente para o oriente, visto que todos os planetas são arrastados nessa direção. Assim, de suposição em suposição, de verossimilhança em verossimilhança, imaginou-se um vasto turbilhão de matéria sutil, que arrasta os planetas à volta do Sol. Criou-se também um turbilhão particular, flutuando no grande, e girando diariamente em torno do planeta — julga-se que o peso depende desse movimento diário. Supondo-se que a matéria sutil que gira em torno de nosso pequeno turbilhão deve possuir uma velocidade dezessete vezes maior do que a da Terra, neste caso, sua força centrífuga é maior e deve empurrar todos os corpos para a Terra. Eis a causa do peso no sistema cartesiano.

Entretanto, antes de calcular a força centrífuga e a velocidade dessa matéria sutil, era preciso assegurar-se de sua existência. E mesmo supondo-se sua existência, foi demonstrado ser falso tomá-la como causa do peso.

O Sr. Newton parece aniquilar sem apelo todos os turbilhões, grandes e pequenos, aquele que carrega os planetas à volta do Sol e aquele que faz cada um deles girar sobre si mesmo.

1.º) Está provado que o pretenso pequeno turbilhão da Terra deve perder seu movimento pouco a pouco. Está provado que se a Terra bóia num fluido, este deve possuir a mesma densidade que aquela e neste caso todos os corpos que removemos devem oferecer uma extrema resistência — ou seja: seria preciso uma alavanca do comprimento da Terra para levantar um peso de uma libra.

2.º) Os grandes turbilhões, por sua vez, são ainda mais quiméricos. É impossível pô-los de acordo com as regras de Kepler, cuja verdade está demonstrada. O Sr. Newton mostra como a revolução do fluido, onde se supõe Júpiter arrastado, não está para a revolução do fluido da Terra assim como a revolução de Júpiter está para a da Terra.

Prova que todos os planetas, revolucionando em elipse, estando conseqüentemente bem afastados uns dos outros pelos afélios e bem próximos pelos periélios, a Terra, por exemplo, deveria ir mais depressa quando próxima de Vênus e de Marte, pois o fluido que a impulsiona teria mais movimento porque estaria com pressão maior nessa hora. Ora, é justamente nessa ocasião que o movimento da Terra é mais lento.

Prova que não há matéria celeste indo do ocidente para o oriente, pois os cometas atravessam o espaço nas duas direções.

Para liquidar de uma vez as dificuldades, prova ou pelo menos torna muito provável, até com experiências, que o pleno é impossível, reconduzindo-nos ao vácuo, banido do mundo por Aristóteles e Descartes.

Com todas essas razões e com muitas outras desbaratou os turbilhões cartesianos, e, no entanto, desesperava de poder conhecer se há um princípio secreto na natureza, causa simultânea dos movimentos de todos os corpos celestes e do peso da Terra. Retirando-se em 1666 para o campo, perto de Cambridge, passeando um dia em seu jardim e vendo os frutos caírem de uma árvore, entregou-se a uma meditação profunda sobre o peso, cuja causa os filósofos havia tanto procuravam em vão, e cujo mistério passava despercebido do vulgo. Disse a si próprio: "De qualquer altura que um corpo caísse na Terra, sua queda certamente estaria na progressão descoberta por Galileu, e os espaços que percorresse seriam o quadrado dos seus tempos. O poder que faz os corpos grandes descerem é o mesmo, sem nenhuma diminuição sensível, quer estejam em grande profundidade ou no alto de uma montanha. Por que esse poder não se estenderia até a Lua? E se assim for, parece ser ele que a mantém em órbita e que determina seu movimento. Mas se a Lua obedecer a tal princípio, não será razoável crer que também os outros planetas estarão submetidos a ele?

"Se tal poder existir, deverá (o que aliás está provado) aumentar na razão inversa dos quadrados das distâncias. Só há, pois, que examinar o percurso de um corpo grave caindo na Terra de uma altura média e o percurso que faria simultaneamente um corpo caindo da órbita da Lua. Para sabê-lo basta ter a medida da Terra e a distância da Terra à Lua."

Assim raciocinou o Sr. Newton. Mas na Inglaterra só havia medidas falsas de nosso globo. Confiava-se na estimativa incerta dos pilotos, que contavam sessenta milhas inglesas como um grau, quando deveriam contar mais ou menos setenta. Esse cálculo falso, discordando das conclusões que o Sr. Newton queria tirar, fê-lo abandonar a questão. Um filósofo medíocre e vaidoso teria encaixado como pudesse a medida da Terra em seu sistema. O Sr. Newton preferiu abandonar seu projeto. Mas, desde que o Sr. Picart mediu exatamente a Terra, traçando o famoso meridiano que tanto honrou a França, o sr. Newton retomou suas primeiras idéias e suas contas concordaram com os cálculos do Sr. Picart. Parece-me admirável que coisas tão sublimes tenham sido descobertas com a ajuda de um quarto de círculo e de um pouco de aritmética.

A circunferência da Terra é: cento e vinte e três milhões, duzentos e quarenta e nove mil e seiscentos pés de Paris [6]. O sistema da atração decorre inteiramente apenas disso.

Conhece-se a circunferência da Terra, a da órbita da Lua e o diâmetro dessa órbita. A revo-

[6] Pés de Paris — medida antiga equivalente a 0,324 m; o pé inglês equivale a 0,3048 m. (N. do T.)

lução da Lua nessa órbita realiza-se em vinte e sete dias, sete horas e quarenta minutos. Está, pois, demonstrado que a Lua, em seu movimento médio, percorre cento e oitenta e sete mil, novecentos e sessenta pés de Paris por minuto; e por um teorema conhecido demonstra-se que a força central que faria um corpo cair da altura da Lua fá-lo-ia cair apenas quinze pés de Paris no primeiro minuto.

Se for verdadeira a regra segundo a qual os corpos pesam, gravitam, atraem-se na razão inversa dos quadrados das distâncias e se o mesmo poder agir segundo essa regra em toda a natureza, é evidente que, estando a Terra a sessenta semidiâmetros de distância da Lua, um corpo grave deve cair sobre a Terra quinze pés no primeiro segundo, e cinqüenta e quatro mil pés no primeiro minuto.

Ora, com efeito, um corpo cai quinze pés no primeiro segundo e percorre no primeiro minuto cinqüenta e quatro mil pés, e este número é o quadrado de sessenta multiplicado por quinze. Portanto, os corpos pesam na razão inversa dos quadrados das distâncias. Logo, o mesmo poder produz o peso na Terra e mantém a Lua em órbita.

Estando, pois, demonstrado que a Lua pesa sobre a Terra, centro de seu movimento particular, fica demonstrado que ambas pesam sobre o Sol, centro de seus movimentos anuais.

Os outros planetas devem submeter-se a essa lei geral e, se tal lei existir, os planetas devem obedecer às regras encontradas por Kepler. Todas essas regras, todas essas relações são mantidas efetivamente pelos planetas com a maior exatidão. Portanto, o poder da gravitação faz com que todos os planetas pesem com relação ao Sol, assim como nosso globo. Enfim, a reação de todo corpo sendo proporcional à ação, permanece certo que a Terra, por sua vez, pesa sobre a Lua e que o Sol pesa sobre ambas, que cada um dos satélites de Saturno pesa sobre os quatro e estes sobre ele, os cinco sobre Saturno e este sobre eles. O mesmo ocorre com Júpiter e com todos os globos atraídos pelo Sol e, reciprocamente, este é atraído por eles.

O poder da gravitação age proporcionalmente à quantidade de matéria que os corpos encerram, verdade que o Sr. Newton demonstrou com experiências. Essa nova descoberta serviu para mostrar que o Sol, centro de todos os planetas, os atrai na razão direta de suas massas, combinadas com suas distâncias. Elevando-se daí, gradativamente, até conhecimentos que não pareciam ser feitos para o espírito humano, ousa calcular quanta matéria o Sol contém, e quanto há em cada planeta. Dessa maneira, mostra através de simples leis mecânicas que cada globo celeste ocupa necessariamente o lugar que deve ocupar. Seu princípio único da gravitação dá conta de todas as desigualdades aparentes no curso dos globos celestes. As variações da Lua tornam-se uma seqüência necessária dessas leis. Além disso, vê-se evidentemente por que os nós da Lua fazem sua revolução em dezenove anos e os da Terra em vinte e seis mil anos. O fluxo e refluxo do mar também é um simples efeito da atração. A proximidade da Lua quando cheia e quando nova, e seu afastamento na minguante e na crescente, combinados com a ação do Sol explicam de maneira sensível a elevação e o abaixamento do oceano.

Depois de dar conta do curso e das desigualdades dos planetas, através de sua teoria sublime, o Sr. Newton submeteu os cometas ao jugo da mesma lei. Esses fogos, por tanto tempo desconhecidos, terror do mundo e escolho da filosofia, colocados por Aristóteles abaixo da Lua, e por Descartes acima de Saturno, foram enfim postos em seus lugares por Newton.

Prova que são corpos sólidos, movendo-se na esfera de ação do Sol, descrevendo uma elipse tão excêntrica e tão aproximada da parábola, que alguns deles precisam de mais de quinhentos anos para realizar sua revolução.

O Sr. Halley acredita que o cometa de 1680 é o mesmo que apareceu no tempo de Júlio César, e é a prova que melhor serve para mostrar que os cometas são corpos duros e opacos: com efeito, como desceu tão perto do Sol, que se afastou dele somente pela sexta parte de seu disco, deve ter adquirido, então, um grau de calor duas mil vezes mais violento que o do ferro mais incandescente; assim, teria sido dissolvido e consumido em pouco tempo, se não fosse um corpo opaco. A moda de adivinhar o curso dos cometas começou a se espalhar. O célebre matemático Jacques Bernoulli concluiu por seu sistema que o famoso cometa de 1680 reapareceria a 17 de maio de 1719. Nenhum astrônomo europeu dormiu nessa noite, mas nenhum cometa apareceu. Há pelo menos mais correção, se não houver segurança, em dar-lhe quinhentos e setenta e cinco

anos para voltar. Um geômetra inglês, chamado Wilston, não menos quimérico do que geômetra, afirmou seriamente que no tempo do Dilúvio houve um cometa que inundou nosso globo. Foi injusto que zombassem dele. A Antiguidade pensava mais ou menos no mesmo estilo que Wilston. Acreditava que os cometas eram sempre os batedores de alguma grande desgraça que deveria cair sobre a Terra. Newton, ao contrário, suspeita que são muito benéficos, a fumaça que sai deles servindo para socorrer e vivificar os planetas que se embebem, em seus cursos, de todas as partículas que o Sol destacou dos cometas. Esse sentimento é pelo menos mais provável do que o outro.

Não é tudo: se a força da gravitação, da atração, age em todos os globos celestes, sem dúvida age sobre todas as partes desses globos, pois se os corpos se atraem na razão de suas massas, só pode ser na razão da quantidade de suas partes, e se esse poder estiver alojado no todo, também estará na metade, na quarta, na oitava parte e assim até o infinito. Além disso, se esse poder não estivesse igualmente em cada parte, haveria lados do globo que gravitariam mais do que outros, o que não ocorre. Portanto, esse poder existe realmente em toda matéria e nas suas menores partículas.

Assim, a atração é a grande mola que move toda a natureza.

Newton havia previsto, depois de demonstrar a existência desse princípio, que só seu nome já seria motivo para revolta. Em mais de um trecho de seu livro previne o leitor contra a própria atração, advertindo-o para que não a confunda com as qualidades ocultas dos antigos, e para que se contente em conhecer a existência de uma força central que age de uma ponta a outra do universo sobre os corpos mais próximos e sobre os mais afastados, segundo leis imutáveis da mecânica.

É surpreendente que após esses protestos do grande filósofo os Srs. Saurin e de Fontenelle, também filósofos, o censurem por quimeras peripatéticas. O primeiro, nas Memórias da Academia, de 1709; o segundo, no próprio elogio a Newton.

Quase todos os franceses, sábios ou não, repetiram essa censura. Em toda parte ouve-se dizer: "Por que Newton não usou o termo impulso, tão compreensível, em vez do termo atração, que não se compreende?"

Newton poderia responder a tais críticas: "Em primeiro lugar, não entendeis melhor o termo impulso do que o termo atração, e se não concebeis por que um corpo tende para o centro de um outro, não imaginareis também que virtude permite a um corpo empurrar um outro. Em segundo lugar, não pude admitir o impulso, pois para isto seria preciso que soubesse se a matéria celeste empurra efetivamente os planetas; ora, não somente não conheço tal matéria como ainda provei que não existe. Em terceiro lugar, sirvo-me do termo atração apenas para exprimir um efeito que descobri na natureza, efeito certo e indiscutível de um princípio desconhecido, qualidade inerente à matéria, cuja causa outros mais hábeis do que eu poderão encontrar".

— Que nos haveis ensinado, então? E para que tantos cálculos para dizer-nos aquilo que nem mesmo vós compreendeis?

— Ensinei-vos que a mecânica das forças centrais faz com que todos os corpos pesem proporcionalmente às suas matérias e sozinhas movem os planetas e os cometas em proporções determinadas. Demonstro-vos que é impossível haver uma outra causa do peso e do movimento de todos os corpos celestes, pois os corpos graves caindo sobre a Terra segundo a proporção demonstrada das forças centrais, e os planetas acabando seus cursos segundo essas mesmas proporções, se ainda houvesse um outro poder que agisse sobre todos esses corpos, aumentaria suas velocidades ou mudaria suas direções. Ora, nunca qualquer desses corpos possui um só grau de movimento, de velocidade, de determinação que não seja demonstrado como efeito das forças centrais. Portanto, é impossível que haja um outro princípio.

Permitam-me deixar Newton falar ainda. "Estou numa situação bem diferente da dos antigos. Vendo a água subir nas bombas, diziam: a água sobe porque tem horror ao vazio. Eu, ao contrário, estou na situação daquele que teria sido o primeiro a observar que a água sobe nas bombas, deixando a outros o cuidado de explicar a causa desse efeito. O primeiro anatomista que disse que o braço se mexe porque os músculos se contraem ensinou uma verdade incontestável

aos homens. Deveríamos sentir-nos desobrigados diante dele por não ter sabido por que os músculos se contraem? A causa da elasticidade do ar é desconhecida, mas quem descobriu tal elasticidade prestou grande serviço à física. A elasticidade que descobri é mais escondida e mais universal; portanto, dever-se-ia agradecer-me. Descobri uma nova propriedade da matéria, um dos segredos do Criador; calculei e demonstrei seus efeitos. Podem ironizar o nome que lhe dei? Os turbilhões é que devem ser considerados qualidades ocultas, pois sua existência nunca foi provada. A atração, ao contrário, é uma coisa real, pois seus efeitos são demonstráveis e suas proporções calculáveis. A causa desta causa mora no seio de Deus."

Procedes huc, et non ibis amplius. [7]

DÉCIMA SEXTA CARTA

Sobre a Óptica do Sr. Newton

Um novo universo foi descoberto pelos filósofos do último século. Mundo novo, difícil de conhecer porque nem se desconfiava que existisse. Aos mais sábios parecia uma temeridade ousar somente sonhar que se pudesse adivinhar quais as leis que movem os corpos celestes e como a luz age.

Galileu com suas descobertas astronômicas, Kepler com seus cálculos, Descartes pelo menos com sua dióptrica e Newton em todas as suas obras viram a mecânica das molas do mundo. Na geometria, o infinito foi submetido ao cálculo. A circulação do sangue nos animais e a da seiva nos vegetais transformaram a natureza para nós. A máquina pneumática deu aos corpos uma nova maneira de existir. Os objetos se aproximaram de nossos olhos com a ajuda de telescópios. E enfim, depois de tantas novidades, o que Newton descobriu sobre a luz é digno de tudo o que a humanidade poderia esperar de mais ousado.

Até Antonio de Dominis, o arco-íris parecera um milagre inexplicável. Esse filósofo adivinhou que se tratava de um efeito necessário da chuva e do sol. Descartes imortalizou seu nome pela explicação matemática desse fenômeno tão natural; calculou as reflexões da luz nas gotas da chuva e sua sagacidade pareceu quase divina.

Mas, que teria retrucado se lhe tivessem dito que se enganara sobre a natureza da luz, não possuindo nenhuma razão para afirmar que fosse um corpo globuloso? Que é falso que essa matéria, espalhando-se por todo o universo, só aja quando empurrada pelo Sol, como um longo bastão que agiria numa ponta ao ser pressionado na outra? Que é verdadeiro que seja dardejada pelo Sol, sendo transmitida do Sol à Terra mais ou menos em sete minutos, embora uma bala de canhão, mantendo sempre sua velocidade, só pudesse realizar esse percurso em vinte e cinco anos?

Como se surpreenderia se lhe tivessem dito: "É falso que a luz se reflita diretamente ricocheteando sobre as partes sólidas dos corpos; é falso que os corpos sejam transparentes por terem poros largos; virá um homem que demonstrará esses paradoxos e que anatomizará um único raio de luz com mais destreza do que a de um artista ao dissecar o corpo humano!"

Este homem veio. Newton, contando apenas com o recurso do prisma, demonstrou aos olhos que a luz é um amontoado de raios coloridos que, juntos, formam a cor branca. Um único raio foi dividido por ele em sete raios que vêm depositar-se sobre um lençol ou sobre um papel branco em ordem, um acima do outro em distâncias desiguais. O primeiro é cor de fogo; o segundo, limão; o terceiro, amarelo; o quarto, verde; o quinto, azul; o sexto, índigo; o sétimo, violeta. Cada um deles, jocirado por cem outros prismas, nunca mudará de cor, como o ouro depurado nunca muda nos cadinhos. Para provar sobejamente que cada um desses raios elementares traz em si mesmo aquilo que produz sua cor em nossos olhos, tomai, por exemplo, um pedacinho de madeira amare-

[7] Avançarás até lá, e dali não prosseguirás. (N. do A.)

la, expondo-o ao raio cor de fogo: a madeira tingir-se-á instantaneamente de cor de fogo; se exposta ao raio verde, tomará a cor verde, e assim por diante.

Qual a causa das cores na natureza?. Apenas a disposição dos corpos para refletir os raios de uma certa ordem e absorver todos os outros. Que disposição secreta é essa? A espessura das partículas constituintes de um corpo. Como ocorre a reflexão? Supunha-se que era causada pelo ricocheteio dos raios sobre os corpos sólidos, como se fossem balas. De jeito nenhum. Newton ensinou aos filósofos surpresos que os corpos são opacos apenas porque seus poros são largos e a luz se reflete em nossos olhos do seio desses próprios poros; que quanto menores os poros de um corpo, mais este é transparente. Assim, o papel que reflete a luz quando seco transmite-a quando encerado, porque a cera, fechando seus poros, torna-os muito menores.

Examinando a extrema porosidade dos corpos, cada parte tendo seus poros, e cada parte das partes tendo os seus, mostra que não é possível assegurar que exista um milímetro cúbico de matéria sólida no universo. Como nosso espírito está longe de conceber o que seja a matéria!

Tendo decomposto a luz e levando a sagacidade de suas descobertas até demonstrar o meio de conhecer a cor composta pelas cores prismáticas, mostrou que os raios elementares, separados por meio do prisma, só estão arranjados em sua ordem porque são refratadas nessa mesma ordem. Denomina refrangibilidade a propriedade, desconhecida até ele, de romper-se nessa proporção, bem como a refração desigual dos raios, o poder de refratar o vermelho mais do que o laranja, etc.

Os raios mais reflexíveis são os mais refrangíveis. Mostra, portanto, que a reflexão e a refração da luz possuem uma só e mesma causa.

Tantas maravilhas são apenas o começo de suas descobertas. Encontrou o segredo de ver as vibrações e os saltos da luz, que vão e vêm ininterruptamente e que a transmitem ou refletem segundo a espessura das partes que encontram. Ousou calcular a espessura necessária das partículas de ar entre dois vidros sobrepostos, um chato e um convexo num dos lados, a fim de operar esta ou aquela transmissão ou reflexão, e para produzir esta ou aquela cor.

A partir de todas essas combinações, descobriu em que proporção a luz age sobre os corpos e estes sobre ela.

Conheceu tão bem a luz, que pôde determinar os limites da arte de aumentar e ajudar nossos olhos por meio de telescópio.

Descartes, cheio de uma confiança perdoável no ardor provocado pelos albores de uma arte quase descoberta por ele, esperava que as lunetas de alcance lhe permitissem enxergar nos astros objetos tão pequenos como os que distinguimos na Terra.

Newton mostrou não ser possível aperfeiçoar mais as lunetas justamente por causa da refração ou da refrangibilidade que, aproximando os objetos, separa muito seus raios elementares. Calculou nos vidros a proporção do afastamento dos raios vermelhos e azuis. Transportando a demonstração para coisas cuja existência nem suspeitávamos, examina as desigualdades que produz a figura do vidro e aquela produzida pela refrangibilidade. Descobre que se o vidro objetivo da luneta for convexo de um lado e chato de outro, e se este estiver voltado para o objeto, o defeito vindo da construção e da posição do vidro é cinco mil vezes menor do que aquele vindo da refrangibilidade. Assim, não é a figura dos vidros que impede o aperfeiçoamento das lunetas, mas a própria matéria luminosa.

Eis por que inventou um telescópio que mostra os objetos por reflexão e não por refração. Esse novo tipo de luneta é muito difícil de ser feito, mas diz-se na Inglaterra que um telescópio por reflexão de cinco pés tem o mesmo efeito que uma luneta de alcance de cem pés.

DÉCIMA SÉTIMA CARTA

Sobre o Infinito e sobre a Cronologia

O labirinto e o abismo do infinito: caminho novo também percorrido por Newton, de quem recebemos um fio condutor.

Descartes é ainda seu precursor nessa novidade surpreendente. Em sua geometria caminhou a largos passos até o infinito, mas deteve-se às suas margens. O Sr. Wallis, em meados do século passado, foi o primeiro a reduzir uma fração, por uma divisão perpétua, a uma seqüência infinita.

Milorde Brauneker serviu-se dessa seqüência para encontrar o quadrado da hipérbole.

Mercator publicou uma demonstração dessa quadratura. Mais ou menos nessa época, Newton, com vinte e cinco anos, havia inventado um método geral para fazer com todas as curvas o que se fizera com a hipérbole.

Esse método de submeter o infinito ao cálculo algébrico é denominado cálculo diferencial ou das fluxões e cálculo integral. É a arte de numerar e medir com exatidão aquilo cuja existência nem se consegue conceber.

Com efeito, não acreditarieis que se quereria zombar de vós quando vos dizem que há linhas infinitamente grandes que formam um ângulo infinitamente pequeno? Que uma reta, que o é enquanto for finita, mudando infinitamente pouco de direção torna-se uma curva infinita? Que uma curva pode tornar-se infinitamente menos curva? Que há quadrados de infinito, cubos de infinito, infinitos de infinito cujo penúltimo nada é com relação ao último?

Tudo isso, que à primeira vista parece excesso de irrazão, na verdade é o efeito da finura e da extensão do espírito humano e o método para encontrar verdades até então desconhecidas.

Esse edifício audacioso está fundado sobre idéias simples. Trata-se de medir a diagonal de um quadrado, de obter a área de uma curva, de encontrar a raiz quadrada de um número que não existe da aritmética ordinária.

E tantas ordens de infinitos não devem revoltar a imaginação mais do que a proposição: entre um círculo e uma tangente pode-se fazer passar sempre mais curvas; ou do que esta outra: a matéria é divisível. Desde há muito essas duas verdades estão demonstradas e nem por isso são mais compreensíveis do que o resto.

Durante muito tempo disputou-se com Newton a invenção desse cálculo. Na Alemanha, o Sr. Leibniz passou por inventor das diferenças que Newton denomina fluxões. Bernoulli reivindicou o cálculo integral. Mas a honra da primeira descoberta pertence a Newton — fica para outros a glória de terem podido suscitar dúvidas entre eles e ele.

Assim também contestou-se que Harvey tivesse descoberto a circulação do sangue; Perrault, a da seiva; que Hartsoeker e Leeuwenhoek tivessem sido os primeiros a ver os minúsculos vermezinhos com que somos feitos. Este mesmo Hartsoeker disputou com Huygens a invenção de uma nova maneira de calcular a distância de uma estrela fixa. Ainda não se sabe qual o filósofo que descobriu o problema da roleta.

Seja como for, graças à geometria do infinito, Newton galgou os conhecimentos mais sublimes.

Falta falar ainda de uma outra obra, mais ao alcance do gênero humano, mas que exala o mesmo espírito criador que Newton depositava em todas as suas investigações. Trata-se de uma cronologia totalmente nova, pois tudo que empreendia acabava transformando as idéias admitidas pelos outros homens.

Acostumado a desenredar o caos, quis trazer pelo menos alguma luz ao das fábulas antigas, confundidas com a história, fixando uma cronologia incerta. É verdade que não há família, cidade, nação que não procure recuar sua origem, e além disso, os primeiros historiadores foram sempre os mais negligentes na marcação das datas. Os livros eram mil vezes mais raros do que hoje,

conseqüentemente, menos expostos à crítica — enganava-se o mundo mais impunemente. E visto que se até os fatos foram supostos, muito provavelmente as datas também o foram. De um modo geral, segundo Newton, o mundo seria quinhentos anos mais novo do que dizem os cronologistas. Para fazer tal afirmação Newton recorre à observação do curso ordinário da natureza e a observações astronômicas.

Entende-se por curso ordinário da natureza o tempo de cada geração dos homens. Os egípcios foram os primeiros a usar essa maneira incerta de contar. Ao escreverem os começos de sua história contaram trezentas e quarenta e uma gerações desde Menes até Setão. Não possuindo datas fixas, avaliaram as gerações em trezentos anos. Contaram de Menes a Setão onze mil trezentos e quarenta anos.

Antes de contar por olimpíadas, os gregos contavam como os egípcios e ampliaram um pouco a duração das gerações, elevando cada geração para quarenta anos.

Nesse ponto, gregos e egípcios enganaram-se nos cálculos. É verdade que, segundo o curso ordinário da natureza, três gerações fazem aproximadamente cem anos. Mas não é preciso de modo algum que três reinos tenham esse número de anos. É bastante evidente que, em geral, os homens vivem mais tempo do que os reis a reinar. Assim, um homem que quiser escrever a história sem datas precisas e que souber que houve nove reis numa nação, errará muito se contar trezentos anos para os nove. Cada geração dura aproximadamente trinta e seis anos; cada reino, vinte, um depois do outro. Tomai os trinta reis da Inglaterra, de Guilherme, o Conquistador, a Jorge I. Reinaram seiscentos e quarenta e oito anos, o que, repartido entre os trinta reis, dá mais ou menos vinte e um anos e meio de reino. Sessenta e três reis da França reinaram, um depois do outro, mais ou menos vinte anos cada um. Eis o curso ordinário da natureza. Assim, os antigos se enganaram ao igualar a duração dos reinos e a das gerações. Contaram muito e por isso deve-se diminuir um pouco seus cálculos.

As observações astronômicas parecem trazer uma ajuda maior ao nosso filósofo. Parece mais forte combatendo em seu terreno.

Sabeis, senhor, que além do movimento anual em torno do Sol de ocidente para oriente, a Terra possui ainda uma revolução singular, totalmente desconhecida até os últimos tempos. Seus pólos têm um movimento muito lento de retrogradação do oriente para o ocidente, fazendo com que diariamente sua posição não corresponda exatamente aos mesmos pontos do céu. Essa diferença, insensível num ano, torna-se muito grande com o passar do tempo e no fim de setenta e dois anos a diferença é de um grau, isto é, a tricentésima sexagésima parte de todo céu. Assim, após setenta e dois anos, o coluro do equinócio da primavera, que passava por uma fixa, corresponde a uma outra fixa. Vem daí que o Sol, em vez de estar na parte do céu onde estava o Carneiro no tempo de Hiparco, corresponde à parte do céu onde estava Touro, e os Gêmeos ocupam o lugar que Touro ocupava então. Todos os signos mudaram de lugar. Entretanto, conservamos sempre o modo de falar dos antigos. Dizemos que o Sol está no Carneiro na primavera pela mesma condescendência com que dizemos que gira.

Hiparco foi o primeiro entre os gregos a perceber alguma modificação nas constelações com relação aos equinócios, ou melhor, aprendeu isto com os egípcios. Os filósofos atribuíram esse movimento às estrelas, pois naquela época estava-se longe de supor uma revolução na Terra — acreditava-se que era imóvel em todos os sentidos. Criaram, então, um céu onde pregaram todas as estrelas, deram-lhe um movimento particular que o fazia dirigir-se para o oriente enquanto todas as estrelas pareciam fazer seu caminho diário do oriente para o ocidente. Acrescentaram a esse erro um outro mais essencial: acreditaram que o céu das supostas estrelas fixas avançava cada cem anos um grau para o oriente. Enganaram-se em seus cálculos astronômicos como em sua física. Assim, por exemplo, um de seus astrônomos teria dito então: "O equinócio da primavera esteve, no tempo do observador tal, no signo tal, na estrela tal; desse observador até nós, caminhou dois graus; ora, dois graus equivalem a duzentos anos, portanto, esse observador viveu duzentos anos antes de mim". É certo que um astrônomo que houvesse raciocinado dessa maneira ter-se-ia enganado exatamente em cinqüenta e quatro anos. Foi assim que, duplamente enganados, os antigos compuseram seu grande ano do mundo, isto é, uma revolução do céu todo, durando trinta e seis mil anos. Mas os modernos sabem que essa revolução imaginária do céu das estrelas

é apenas a revolução dos pólos da Terra, feita em vinte e cinco mil e novecentos anos. É bom notar aqui, de passagem, que Newton, determinando a figura da Terra, explicou de um modo muito feliz a razão dessa revolução.

Posto isso, para fixar a cronologia resta ver por qual estrela o coluro do equinócio corta atualmente a eclíptica da primavera e saber se não há algum antigo que nos tenha dito em que ponto a eclíptica era cortada em seu tempo pelo mesmo coluro dos equinócios.

Clemente de Alexandria informa que Chirão, da expedição dos Argonautas, observou as constelações na época da expedição, fixando o equinócio da primavera no Carneiro, o do outono no meio da Balança, o solstício de verão no meio de Câncer, e o de inverno, no meio de Capricórnio.

Muito tempo depois, um ano antes da guerra do Peloponeso, Metão observou que o ponto do solstício de verão passava pelo oitavo grau de Câncer.

Ora, cada signo do zodíaco é de trinta graus. No tempo de Chirão o solstício estava na metade do signo, isto é, no décimo quinto grau; um ano antes da guerra do Peloponeso estava no oitavo. Retardou-se, portanto, em sete graus. Um grau equivale a setenta e dois anos. Assim sendo, entre a expedição dos Argonautas e a guerra do Peloponeso passaram-se quinhentos e quatro anos e não setecentos anos, como diziam os gregos. Comparando-se o estado atual do céu com o de então, vemos que a expedição dos Argonautas deve ser colocada aproximadamente novecentos anos antes de Jesus Cristo e não mil e quatrocentos anos aproximadamente. Conseqüentemente, o mundo tem quinhentos anos menos do que se pensava. Desse modo, todas as épocas se tornaram mais próximas e tudo foi feito mais tarde do que se pensa.

Não sei se esse engenhoso sistema terá grande prestígio e se provocará uma reforma da cronologia do mundo. Talvez os sábios achassem muito atribuir a um só homem a honra de ter aperfeiçoado a física, a geometria e a história. Seria uma espécie de monarquia universal que não agrada muito ao amor-próprio. Por isso, enquanto muitos filósofos atacavam seu sistema da atração, outros combatiam seu sistema cronológico. O tempo, que deveria apontar a quem cabe a vitória, talvez só consiga tornar a disputa ainda mais indecisa.

Décima Oitava Carta

Sobre a Tragédia

Os ingleses (e também os espanhóis) já possuíam um teatro na época em que os franceses só possuíam tablados. Shakespeare, considerado o Corneille inglês, florescia mais ou menos na mesma ocasião em que Lope de Vega. Criou o teatro. Tinha um gênio cheio de força e de fecundidade, natural e sublime, sem a menor chama de bom gosto e sem o menor conhecimento das regras. Vou dizer uma coisa um tanto temerária, mas verdadeira: foi o mérito desse autor que perdeu o teatro inglês. Há cenas tão belas, trechos tão grandiosos e terríveis espalhados em suas farsas monstruosas, chamadas tragédias, que suas peças foram sempre representadas com sucesso. O tempo, único responsável pela reputação dos homens, acaba tornando respeitáveis seus defeitos. A maioria das idéias bizarras e gigantescas desse autor ao cabo de duzentos anos adquiriu o direito de passar por sublime. Quase todos os autores modernos as copiaram, mas o que era êxito em Shakespeare torna-se um fiasco nos outros. E podeis crer: a veneração pelo antigo aumenta à medida que cresce o desprezo pelos modernos. A reflexão deveria mostrar que não se deve imitá-lo. Em vez disso, o insucesso de seus copiadores faz somente com que se creia que é inimitável.

Sabeis que na tragédia do *Mouro de Veneza*, peça muito tocante, um marido estrangula sua mulher no palco, e quando a pobre mulher já está estrangulada, grita que está morrendo injustamente. Não ignorais que, no *Hamlet*, coveiros cavam uma cova bebendo, cantando canções satíricas e gracejando sobre as cabeças dos mortos que encontram, duma maneira digna da gente de seu ofício. Mas o que há de surpreender-vos é que essas tolices foram imitadas no reinado de Carlos II, que, no entanto, foi a idade de ouro das belas-artes e da polidez.

Otway, em sua *Veneza Salva*, introduz o Senador Antônio e a cortesã Naki em meio aos horrores da conspiração do Marquês de Bedmar. O velho Senador Antônio realiza junto à sua cortesã todas as macaquices de um velho debochado, impotente e fora do bom senso. Imita o touro e o cachorro, morde as pernas de sua amante, que lhe dá pontapés e chicotadas. Essas palhaçadas, feitas para a canalha mais vil, foram retiradas da peça de Otway, e, no entanto, deixaram no *Júlio César* de Shakespeare gracejos de cordoeiros e sapateiros romanos, introduzidos na peça com Brutus e Cassius. É que a tolice de Otway é moderna, e a de Shakespeare, antiga.

Sem dúvida estais a lamentar que aqueles que vos falaram do teatro inglês e do famoso Shakespeare só tenham mostrado seus erros e que ninguém tenha traduzido qualquer dos trechos que pedem perdão por todas as suas faltas. Respondo-vos que é muito fácil contar em prosa os erros de um poeta, mas muito difícil traduzir seus belos versos. Todos os rabugentos que se erigem em críticos dos escritores célebres compilam volumes; preferiria duas páginas que me mostrassem algumas belezas, pois manterei sempre, com as pessoas de bom gosto, que se aproveita mais com doze versos de Homero e Virgílio do que com todas as críticas feitas a respeito desses dois grandes homens.

Arrisquei traduzir alguns trechos dos melhores poetas ingleses. Aqui está um de Shakespeare. Perdoai a cópia em favor do original e lembrai-vos, sempre, quando virdes uma tradução, que vedes uma fraca estampa de um belo quadro.

Escolhi o monólogo de *Hamlet*, conhecido de todos, e que começa com estes versos: "To be or not to be, that is the question".

Hamlet, príncipe da Dinamarca, fala:[8]

"Fica. É preciso escolher e passar num instante
Da vida à morte, ou do ser ao nada.
Deuses cruéis! se existis, iluminai minha coragem.
É preciso envelhecer curvado sob a mão que me ultraja?
Deve suceder talvez às doçuras do sono.
Ameaçam-nos. Dizem-nos que esta curta vida
De tormentos eternos é logo seguida.
Ó morte! Ó momento fatal! terrível eternidade!
Todo coração só ao teu nome enregela, apavorado.
Oh! quem poderia sem ti suportar esta vida,
De nossos Padres mentirosos suportar a hipocrisia?
De uma indigna amante incensar os erros?
Arrastar sob um Ministro, adorar sua altivez?
E mostrar os langores de sua alma abatida
A amigos ingratos que desviam a vista?
A morte, seria muito doce nesses extremos;
Mas o escrúpulo fala e nos grita: Parai!

Suportar ou acabar minha infelicidade e minha sina?
Quem sou? Que me detém? Que é a morte?
É o fim dos males, é meu único asilo;
Após longos transportes, um sono tranqüilo.

[8] Seria muito útil que o leitor confrontasse o texto de Shakespeare com o de Voltaire. Hamlet, nos versos voltairianos, perde sua universalidade trágica para converter-se num atormentado nobre francês católico, às voltas com a corte decadente de Versalhes! A crítica da tradução literal, feita logo a seguir por Voltaire, é muito sugestiva. De um modo geral, a tradução de Voltaire é uma transposição da problemática inglesa para a francesa. Isto é bem nítido nas poesias das próximas páginas, onde o tom anticlerical e antifilosófico é muito pouco inglês e bastante francês. Há uma espécie de tráfico ideológico na base das traduções "livres" feitas pelo autor. (N. do T.)

Dorme-se e tudo morre. Mas um terrível despertar
Proíbe às nossas mãos este horrível homicídio,
E de um herói guerreiro faz um cristão tímido".

Não acrediteis que traduzi o inglês palavra por palavra. Infelizes os que fazem traduções literais, que traduzindo cada palavra enervam o sentido! É nessa hora que se pode dizer que a letra mata e o espírito vivifica.

Eis ainda uma passagem de um famoso trágico inglês, Dryder, poeta do tempo de Carlos II, autor mais fecundo que judicioso, cuja reputação teria sido sem mancha se tivesse escrito a décima parte de suas obras e cujo grande defeito foi o de ter desejado ser universal.

"When I consider life, t'is all a cheat.
Yet fool'd by hope men favour deceit".

"Dos propósitos aos remorsos, dos erros aos desejos
Os mortais passeiam sua loucura.
Nas infelicidades presentes, na esperança dos prazeres
Não vivemos nunca, esperamos a vida.
Amanhã, amanhã, diz-se, vai cumular todos os novos votos.
Amanhã vem, e nos deixa ainda mais infelizes.
Qual o erro, ai de nós! do cuidado que nos devora?
Nenhum de nós quereria recomeçar seu caminho:
De nossos primeiros momentos amaldiçoamos a aurora,
E da noite que vem esperamos ainda
O que em vão prometeram os mais belos de nossos dias".

Nesses trechos isolados os trágicos ingleses se sobressaem. Suas peças, quase todas bárbaras, desprovidas de conveniência, de ordem, de verossimilhança, têm lampejos surpreendentes no meio dessa noite. O estilo é muito empolado, muito artificial, muito copiado dos escritores hebraicos, tão cheios de ênfase asiática. Mas é preciso admitir que as pernas de pau do estilo figurado, sobre as quais a língua inglesa torna-se pomposa, também elevam bem alto o espírito, embora numa marcha irregular.

O primeiro inglês que escreveu uma peça razoável e elegante, do começo ao fim, foi o ilustre Sr. Addison. Seu *Catão de Utica* é uma obra-prima pela dicção e pela beleza dos versos. Para meu gosto, o papel de Catão é muito superior ao de Cornélio no *Pompeu*, de Corneille, pois Catão é grande sem afetação e Cornélio, aliás personagem desnecessária, chega às vezes ao galimatias. O Catão do Sr. Addison parece-me a mais bela personagem do teatro, mas os outros papéis da peça não estão à sua altura, e a obra, embora bem escrita, é desfigurada por uma intriga de amor fria, espalhando pela peça um langor que a mata.

O costume de introduzir o amor a torto e a direito nas obras dramáticas passou de Paris a Londres por volta de 1660, com nossas fitas e perucas. As mulheres que enfeitam os espetáculos, como aqui, só querem que se lhes fale de amor. O sábio Addison teve a fraca complacência de dobrar a severidade de seu caráter aos costumes de seu tempo e estragou uma obra-prima porque quis agradar.

Depois dele, as peças se tornaram mais regulares, o povo mais difícil, os autores mais corretos e menos ousados. Vi peças novas muito sábias, mas frias. Parece que até agora os ingleses foram feitos só para produzir belezas irregulares. Os monstros brilhantes de Shakespeare agradam mil vezes mais que a sabedoria moderna. O gênio poético dos ingleses assemelha-se, até agora, a uma árvore espessa plantada pela natureza, lançando ao léu mil ramos e crescendo irregularmente e com força. Morrerá se quiserdes forçar sua natureza e podá-la como as árvores de Marly.

DÉCIMA NONA CARTA

Sobre a Comédia

Não sei como o sábio e engenhoso Sr. de Muralt, de quem tendes cartas sobre os ingleses e sobre os franceses, falando da comédia, limitou-se a criticar um cômico chamado Shadwell, autor muito desprezado em seu tempo. Não era o poeta da gente honesta. Suas peças, saboreadas pelo povo durante algumas representações, eram desdenhadas por toda gente de bom gosto e assemelhavam-se a tantas peças que vi, na França, atraírem a massa e revoltarem os leitores. Delas pôde-se dizer:

"Paris inteira as condena: Paris inteira as celebra".

O Sr. de Muralt deveria ter-nos falado de um autor excelente que vivia nessa época: o Sr. Wicherley, por muito tempo amante declarado da favorita mais ilustre de Carlos II. Esse homem, vivendo na alta roda, conhecia perfeitamente seus vícios e ridículos, pintando-os com pincel firme e cores verdadeiras.

Fez um misantropo copiado de Molière. Todos os traços de Wicherley são mais fortes e ousados do que os do nosso misantropo, mas menos finos e convenientes. O autor inglês corrigiu um único defeito que existe na peça de Molière: a falta de intriga e de interesse. A peça inglesa é interessante, a intriga, engenhosa, muito ousada para nossos hábitos. Um capitão de navio, cheio de valor, de franqueza e de desprezo pelo gênero humano, tem um amigo sábio e sincero de quem desconfia, e uma amante por quem é ternamente amado, mas sobre a qual não se digna lançar os olhos. Ao contrário, depositou toda a sua confiança num amigo falso e homem indigno, e deu seu coração à mais vaidosa e pérfida das mulheres. Está certo de que esta mulher é uma Penélope e de que o amigo é um Catão. Parte para combater os holandeses, deixando todo seu dinheiro, pedrarias e todos os bens a esta mulher, recomendando-a ao amigo, com quem conta muito. No entanto, o verdadeiro homem honesto, de quem desconfia, embarca com ele; e a amante, a quem nem se dignou olhar, disfarça-se de pajem e viaja sem que o capitão se aperceba de seu sexo durante toda a campanha.

Tendo seu navio explodido numa batalha, o capitão volta a Londres sem recursos, sem navio e sem dinheiro, com seu pajem e seu amigo, desconhecendo a amizade de um e o amor da outra. Vai diretamente à casa da pérola das mulheres, que espera reencontrar com seu baú e com sua fidelidade. Encontra-a casada com o honesto patife em quem confiara. Guardaram seu depósito tanto quanto o resto. O homem tem a maior dificuldade do mundo para crer que uma mulher de bem possa pregar tais peças. Para melhor convencê-lo, a dama honesta toma-se de amores pelo pajenzinho e quer tomá-lo à força. Mas como é preciso que se faça justiça e que, numa peça de teatro, o vício deva ser punido e a virtude recompensada, acontece que no final das contas o capitão se põe no lugar do pajem, dorme com a infiel, corneia seu amigo traidor, dá-lhe uma boa estocada no corpo, retoma seu baú e casa-se com o pajem. Notareis ainda que se entremeou na peça uma Condessa de Pimbesche, velha intrigante, parente do capitão, e a mais divertida criatura e o melhor caráter existentes no teatro.

Wicherley tirou ainda de Molière uma peça não menos singular e ousada, uma espécie de *Escola de Mulheres*.

A principal personagem da peça é um gozador muito rico, terror dos maridos de Londres, que resolveu espalhar a notícia de que durante sua última doença os cirurgiões resolveram torná-lo eunuco. Com esta bela reputação todos os maridos levam-lhe as mulheres e o pobre homem só tem o embaraço da escolha. Dá preferência a uma camponezinha, muito inocente e temperamental, que corneia o marido com uma boa fé que vale mais do que a malícia das damas experientes. Essa peça não é bem uma escola de bons costumes, mas, na verdade, uma escola de espírito e de bom cômico.

Um tal de Cavaleiro Vanbrugh escreveu comédias ainda mais engraçadas e menos engenhosas. Era um homem do prazer e, acima disso, poeta e arquiteto. Pretende-se que escrevia como construía: um tanto grosseiramente. Foi o construtor do famoso castelo de Blenheim, monumento pesado e durável de nossa infeliz batalha de Hochstedt. Se os apartamentos fossem tão grandes como são espessas as muralhas, o castelo talvez fosse bem cômodo.

Colocou-se em seu epitáfio: espera-se que a terra não lhe seja leve, visto que, enquanto vivo, sobrecarregou a desumanamente.

Esse cavaleiro, tendo feito uma viagem pela França antes da guerra de 1701, foi posto na Bastilha, aí permanecendo algum tempo, sem nunca saber o que lhe teria valido essa distinção da parte de nosso Ministério. Escreveu uma comédia na Bastilha. Em minha opinião é muito estranho que não haja na peça nenhum traço contra o país onde agüentou essa violência.

Dentre todos os ingleses, foi o Sr. Congreve quem alçou mais alto a glória do teatro cômico. Escreveu poucas peças, mas todas excelentes em seu gênero. Nelas as regras do teatro são rigorosamente observadas. Estão cheias de caracteres matizados com extrema finura. Não tenta nenhum gracejo de mau gosto. Em toda parte vê-se a linguagem de gente honesta nas ações de patife — o que prova que conhecia bem o seu mundo e que vivia naquilo que se chama de boa companhia. Estava enfermo e quase moribundo quando o conheci. Seu defeito era estimar pouco seu primeiro ofício de autor, que lhe dera reputação e fortuna. Falava-me de suas obras como se fossem bagatelas abaixo dele. Em nossa primeira conversa, disse-me que o encarasse apenas como a um gentil-homem que vivia muito simplesmente. Respondi-lhe que se fosse um gentil-homem que vivesse como todos os outros nunca teria vindo vê-lo e fiquei muito chocado com essa vaidade tão deslocada.

Suas peças são as mais espirituais e exatas; as de Vanbrugh, as mais alegres, e as de Wicherley, as mais fortes.

É notável que nenhum deles tenha falado mal de Molière. Só os maus autores ingleses o fizeram. São os maus músicos italianos que desprezam Lullio, mas um Buononcini o estima e lhe rende justiça, assim como um Mead diante de Helvetius e de Silva.

A Inglaterra tem também bons poetas cômicos, como o Cavaleiro Steele e o Sr. Cibber, excelente comediante e poeta do rei, título que parece ridículo mas que lhe rende mil escudos e belos privilégios. Nosso grande Corneille não conseguiu tanto.

Não me peçais que entre em menores detalhes sobre essas comédias inglesas de que sou grande partidário, nem que vos conte um trocadilho ou um gracejo dos Wicherley ou dos Congreve: não se ri numa tradução. O único meio para conhecer a comédia inglesa é vir a Londres, permanecer três anos, aprender bem o inglês e ver comédia todos os dias. Não tenho grande prazer lendo Plauto ou Aristófanes. Por quê? Porque não sou romano nem grego. A finura dos trocadilhos, a alusão, o a calhar perdem-se para um estrangeiro.

O mesmo não ocorre com a tragédia. Nela só há grandes paixões e tolices heróicas, consagradas por velhos erros de fábula ou de história. *Édipo*, *Eletra* pertencem aos espanhóis, aos ingleses e a nós, como aos gregos. Mas a boa comédia e a pintura falante dos ridículos de uma nação e se não conheceis a nação a fundo não podereis julgar a pintura.

Vigésima Carta

Sobre os Senhores que Cultivam as Letras

Houve um tempo, na França, em que as belas-artes eram cultivadas pelos primeiros do Estado. Sobretudo os cortesãos se metiam nisso, malgrado a dissipação, o gosto das insignificâncias, a paixão pela intriga, divindades do país.

Atualmente parece que o gosto da corte nada tem a ver com o das letras. Talvez com o

tempo a moda de pensar volte — basta que um rei queira. Faz-se dessa nação tudo que se quiser. Na Inglaterra o hábito de pensar é comum e as letras são mais honradas aqui do que na França. Essa vantagem é uma conseqüência necessária da forma de governo. Há em Londres aproximadamente oitocentas pessoas com o direito de falar em público e de defender os interesses da nação; por sua vez, mais ou menos umas cinco ou seis mil pretendem a mesma honra; o restante erige-se em juiz daqueles e cada um pode mandar imprimir o que pensa sobre os negócios públicos. Resultado: toda a nação necessita instruir-se. Fala se muito dos governos de Roma e de Atenas; embora fastidioso, é preciso ler os autores que escreveram a esse respeito. Tal estudo conduz naturalmente às belas-letras. Em geral, os homens possuem o espírito de sua posição. Por que, ordinariamente, nossos magistrados, nossos advogados, nossos médicos e muitos de nossos eclesiásticos conhecem mais as letras, têm mais gosto e espírito do que os outros profissionais? É que realmente sua condição social consiste em ter um espírito cultivado, como a de um comerciante consiste em conhecer seu negócio. Não há muito tempo, um jovem lorde inglês veio ver-me em Paris, ao voltar da Itália. Fizera uma descrição em versos do país tão bem escrita como tudo o que escreveram o Conde de Rochester, nossos Chalieu, nossos Sarrasin e nossos Chapelle.

Minha tradução perdeu muito da força e da graça originais, por isso peço perdão ao autor e aos que conhecem o inglês, mas, como não há outro meio para divulgar os versos de Milorde. . ., aí vão em minha língua:

"Que vi, pois, na Itália?
Orgulho, astúcia e pobreza,
Grandes cumprimentos, pouca bondade
E muita cerimônia.
A extravagante comédia
Que freqüentemente a Inquisição
Quer que se denomine religião;
Mas que nós chamamos loucura.
A natureza, em vão benéfica,
Quer enriquecer esses lugares encantadores;
Dos padres a mão desoladora
Sufoca seus mais belos presentes.
Os Monsignors, que se dizem grandes,
Solitários em seus palácios magníficos
Neles são ilustres desocupados,
Sem dinheiro, sem domésticos.
Quanto aos pequenos, sem liberdade,
Mártires do jugo que os domina,
Fizeram votos de pobreza,
Orando a Deus por ociosidade
E sempre jejuando por fome.
Esses belos lugares, pelo Papa benditos,
Parecem habitados pelos diabos
E os habitantes miseráveis
São condenados no paraíso".

Talvez se diga que são versos de um herege. Mas traduzem-se todos os dias, e freqüentemente mal, os de Horácio e Juvenal, que tinham a infelicidade de serem pagãos. Sabeis que um tradutor não precisa ter os mesmos sentimentos que o autor. Tudo o que pode fazer é rezar a Deus por sua conversão — é o que não me canso de fazer por milorde.

VIGÉSIMA PRIMEIRA CARTA

Sobre o Conde de Rochester e o Sr. Waller

Todos conhecem a reputação do conde de Rochester. O Sr. de Saint-Évremond falou muito dela, mas só nos deu a conhecer o homem do prazer, o felizardo. De minha parte, gostaria de mostrar o homem de gênio e o grande poeta. Entre outras obras onde brilha a imaginação ardente que só ele possui, também escreveu algumas sátiras sobre os mesmos assuntos que nosso célebre Despréaux. Nada melhor para aperfeiçoar o gosto do que comparar os grandes gênios que se exercitaram sobre a mesma matéria.

Eis o que diz Despréaux sobre a razão humana, na sátira sobre o homem:

"Entretanto, ao vê-lo, cheio de leves vapores
Acalentar-se com suas próprias quimeras,
Só ele da natureza a base e o apoio
E o décimo céu girando apenas para ele.
De todos os animais está aqui o senhor.
Quem poderia negar, prossegues? Eu, talvez.
Esse pretenso senhor, quem lhe dá leis?
Esse rei dos animais, quantos reis há?"

Eis como se exprime Rochester, embora volte a lembrar que a versificação francesa não consegue ser fiel à inglesa; as decências delicadas de nossa língua deixam escapar a licença impetuosa do estilo inglês:

"Este espírito que odeio, este espírito cheio de erro,
Não é minha razão, é a tua, Doutor;
É tua razão frívola, inquieta, orgulhosa,
Dos sábios animais rival desdenhosa,
Que crê entre eles e o Anjo ocupar o meio,
E pensa ser a imagem de teu Deus,
Vil átomo importuno, que crê, que duvida, que disputa,
Rasteja, levanta, cai e nega ainda sua queda:
Que nos diz 'sou livre', mostrando seus ferros,
E cujo olho perturbado e falso crê transpassar o universo,
Ide, reverendos loucos, bem-aventurados fanáticos!
Complicai bem a montoeira de vossos nadas escolásticos!
Pais de visões e de enigmas sagrados,
Autores do labirinto onde vos perdeis,
Ide obscuramente esclarecer vossos mistérios,
E correi à escola adorar vossas quimeras.
Esse mistério enclausurado, orgulhoso de sua indolência,
Tranqüilo no seio de Deus, que pode fazer aí?
Pensa,
Não, não pensas, miserável, dormes,
Inútil à terra e posto entre os mortos,
Desperta, sê homem e sai de tua embriaguez.
O homem nasceu para agir, e tu pretendes pensar!"

Falsas ou verdadeiras, essas idéias são expressas com energia por um grande poeta. Não examinarei a coisa como filósofo, não trocarei o pincel pelo compasso. Nesta carta pretendo apenas revelar o gênio dos poetas ingleses, mais nada. E continuo no mesmo tom.

Na França, ouviu se falar muito sôbre o célebre Waller. Os Srs. de Le Fontaine, de Saint-Évremond e Bayle fizeram seu elogio, mas na verdade só se conhece seu nome. Em Londres teve a mesma reputação que Voiture em Paris, mas creio que merecia coisa melhor. Voiture viveu num tempo de barbaria e de ignorância. Queria-se ter espírito, mas ainda não se tinha. Buscavam-se torres em vez de pensamentos, e os falsos brilhantes são mais encontradiços do que as pedras preciosas. Voiture nasceu com um gênio fácil e frívolo; foi o primeiro a brilhar na aurora da literatura francesa. Se tivesse vivido depois dos grandes homens da época de Luís XIV, teria sido um desconhecido, ter-se-ia falado dele para corrigi-lo ou desprezá-lo. Waller, melhor do que Voiture, ainda não era perfeito. Suas obras galantes respiram graça, mas a negligência as enlanguesce e, freqüentemente, pensamentos falsos a desfiguram. Os ingleses ainda não haviam chegado ao seu tempo de escrita escorreita. Suas obras sérias são cheias de vigor, inesperado ante a suavidade de outras peças. Fez o elogio fúnebre de Cromwell, que apesar dos defeitos é tido por obra prima. Para compreender essa obra é preciso lembrar-se de que Cromwell morreu num dia de tempestade.

"Ele não existe mais; foi-se. Sejamos submissos ao destino:
O céu assinalou o dia com tempestades,
E a voz do trovão, explodindo sobre nossas cabeças,
Acaba de anunciar sua morte.
Por seus últimos suspiros, abala esta ilha,
Esta ilha que seu braço fez tremer tantas vezes
Quando em suas empresas quebrava a cabeça aos reis
E submetia o povo a seu jugo, único dócil", etc.

Tendo feito versos para Carlos II, o dicionário de Bayle conta que Waller teria sido criticado pelo rei porque o elogio de Cromwell fora superior ao seu. Ao que Waller teria respondido: "Sire, nós, poetas, temos mais êxito na ficção do que na verdade". Resposta menos sincera do que a do embaixador da Holanda ao mesmo rei e pelas mesmas lamúrias: "Ah! Sire, Cromwell era outra coisa".

Minha intenção não é comentar o caráter de Waller ou de qualquer outro; considero os mortos apenas por suas obras, o resto não me concerne. Observo somente que Waller, nascido na corte, com sessenta mil libras de renda, nunca teve o orgulho tolo nem a moleza de abandonar seu talento. Os condes de Dorset e de Roscommon, os dois duques de Buckingham, Milorde Halifax e tantos outros nunca acreditaram faltar à dignidade por se tornarem grandes poetas e escritores ilustres. Suas obras vêm honrá-los mais do que seus nomes. Cultivaram as letras como se esperas sem delas sua fortuna. Tornaram as artes respeitáveis aos olhos do povo que, em tudo, precisa ser corrigido pelos grandes, e que, no entanto, se regula menos por eles na Inglaterra do que em todos os outros lugares.

VIGÉSIMA SEGUNDA CARTA

Sobre o Sr. Pope e Alguns Poetas Famosos

Gostaria de falar-vos sobre o Sr. Prior, um dos poetas mais amáveis da Inglaterra, que vistes em Paris como plenipotenciário e enviado extraordinário em 1712. Esperava também dar-vos alguma idéia das poesias de Milorde Roscommon e de Milorde Dorset. Entretanto, sinto que preci-

saria escrever um volume muito grande e que depois de muito trabalho só vos ofereceria uma idéia muito imperfeita de todas essas obras. A poesia é uma espécie de música: é preciso ouvi-la para julgá-la. Quando traduzo alguns trechos dessas poesias estrangeiras, anoto imperfeitamente sua música, mas não posso exprimir o sabor de seu canto.

Há especialmente um poema inglês que gostaria que conhecêsseis. Chama-se *Hudibras*, a guerra civil dos puritanos ridicularizada. É *D. Quixote* mais nossa *Sátira Menipéia* fundidos. De todos os livros que li, é o mais espirituoso e também o mais intraduzível. Quem acreditaria na impossibilidade de traduzir um livro que apanha todos os ridículos do gênero humano, tendo mais pensamentos do que palavras? É que nele quase tudo alude a aventuras particulares. O ridículo maior recai sobre os teólogos, que poucuíssimos compreendem. E assim, a cada momento seria preciso um comentário e o gracejo explicado deixa de ser gracejo: todo comentador de piadas é um tonto.

Por isso nunca os franceses entenderão os livros engenhosos do Dr. Swift, chamado o Rabelais da Inglaterra. Tem a honra de ser padre como Rabelais, e de zombar de tudo, como este. Mas em minha modesta opinião, é uma grande injustiça chamá-lo assim. Rabelais, em seu livro extravagante e ininteligível, espalhou muita hilaridade e muita impertinência; prodigalizou erudição, lixo e tédio. Um bom conto de duas páginas é comprado com volumes de tolices. Só algumas pessoas de gosto muito esquisito gabam-se de entender e de gostar da obra toda. O resto da nação ri das graças de Rabelais e despreza o livro. Encarando-o como o maior dos bufões, as pessoas zangam-se porque um homem de tanto espírito o tenha usado tão miseravelmente. É um filósofo ébrio que só escreveu no tempo de sua embriaguez.

O Sr. Swift é Rabelais em seu bom senso e vivendo em boa companhia. Na verdade não tem a alegria deste, mas possui a finura, a razão, a escolha, o bom gosto que faltam ao nosso cura de Meudon. Seus versos têm um gosto singular e quase inimitável. O bom gracejo é a parte que lhe toca em verso e em prosa. Mas para bem compreendê-lo é preciso fazer uma pequena viagem até seu país.

Podeis fazer mais facilmente certa idéia do Sr. Pope, que creio seja o poeta mais correto, mais elegante e, o que é bem raro, mais harmonioso da Inglaterra. Reduziu os silvos azedos da trombeta inglesa aos sons doces da flauta. Pode se traduzi-lo porque é extremamente claro, e seus assuntos, muito gerais e da alçada de todas as nações.

A França logo conhecerá seu *Ensaio sobre a Crítica*, na tradução em versos feita pelo Abade du Resnel.

Eis um trecho de seu poema *A Madeixa de Cabelo*, que acabo de traduzir com a liberdade de sempre. Ainda uma vez, repito que não vejo coisa pior do que traduzir um poeta palavra por palavra.

"Umbriel, num instante, velho gnomo mal humorado,
Vai, com uma asa pesada e um ar carrancudo,
Procurar, murmurando, a caverna profunda
Que, longe dos doces raios que espalha o olho do mundo,
A Deusa dos vapores escolheu para sua morada.
Os tristes aquilões silvam em volta
E o sopro malsão de seu árido hálito
Traz aos arredores a febre e a cefaléia.
Sobre um rico sofá, atrás de um biombo
Longe das chamas, do ruído, das vozes e do vento
A caprichosa deusa incessantemente repousa,
O coração cheio de pena, sem saber a causa,
Não tendo jamais pensado, o espírito sempre perturbado,
O cenho carregado, a tez pálida e o abdômen inchado.
A maledicente Inveja está sentada aos seus pés.

Velho espectro feminino, decrépita donzela,
Com ar devoto dilacerando seu próximo
E zombando das gentes, o Evangelho nas mãos.
Sobre um leito florido negligentemente jogada
Uma jovem beleza não longe dela está deitada.
É a Afetação, que fala guturalmente,
Ouve sem escutar e esguelha ao olhar,
Que enrubesce sem pudor e ri de tudo sem alegria,
De cem males pretende ser a presa
E cheia de saúde sob o rouge e a máscara
Lamenta-se com langor e desfalece com arte."

Já é o suficiente para ser honesto com os poetas ingleses. Já vos falei um pouco sobre seus filósofos. Quanto a seus historiadores, ainda não os conheço — foi preciso que um francês lhes escrevesse a história. Talvez o gênio inglês, frio ou impetuoso, ainda não tenha alcançado a eloqüência singela e nobre da história. Talvez, também, o espírito partidário, que perturba a visão, tenha desacreditado seus historiadores: metade da nação é sempre inimiga da outra. Encontrei gente que me assegurou que Milorde Bourough era um poltrão, e o Sr. Pope, um tolo, como na França alguns jesuítas acham Pascal medíocre, e alguns jansenistas consideram o Padre Bourdaloue um tagarela. Maria Stuart é uma santa heroína para os jacobitas; uma debochada, uma adúltera, uma homicida, para outros. Na Inglaterra têm-se *facta* e não história. É verdade que atualmente o Sr. Gordon, excelente tradutor de Tácito, é bem capaz de escrever a história de seu país, mas o Sr. Rapin de Thoyras o precaveu. Enfim, parece-me que os ingleses não possuem tão bons historiadores como nós, nem tão bons trágicos, mas possuem boas comédias, trechos admiráveis de poesia e filósofos que deveriam ser os preceptores do gênero humano.

Os ingleses aproveitaram muito as obras de nossa língua. Por nossa vez, deveríamos tomar emprestado deles, depois de tanto lhes darmos. Nós e os ingleses viemos só depois dos italianos, nossos mestres em tudo e que ultrapassamos em algumas coisas. Não sei a qual das três nações devemos dar a preferência, mas feliz daquele que sabe perceber suas diferenças!

Vigésima Terceira Carta

Sobre a Consideração que se Deve Ter pela Gente de Letras

Na Inglaterra, como em todos os países do mundo, não existem estabelecimentos em favor das belas-artes como na França. Em quase toda parte há universidades; somente na França encontram-se esses úteis encorajamentos para a astronomia, para todas as partes da matemática, para a medicina, para as investigações sobre a Antiguidade, para a pintura, a escultura e a arquitetura. Luís XIV imortalizou-se por todas essas fundações, que não lhe custaram duzentos mil francos por ano.

Confesso minha grande surpresa ao ver que o Parlamento da Inglaterra, que resolveu prometer vinte mil guinéus a quem fizesse a descoberta impossível das longitudes, não tenha nunca pensado em imitar Luís XIV em sua magnanimidade para com as artes.

Na verdade, na Inglaterra o mérito encontra outras recompensas mais honrosas para a nação. O respeito que seu povo tem pelo trabalho faz com que um homem de mérito sempre alcance fortuna. Na França, o Sr. Addison teria pertencido a alguma academia, teria podido obter, pelos créditos de alguma mulher, uma pensão de mil e duzentas libras, ou melhor, ter-lhe-iam criado um caso sob o pretexto de que em sua tragédia *Catão* percebera-se algum trecho contra o porteiro de um homem de posição. Na Inglaterra, foi secretário de Estado. O Sr. Newton era intendente da Casa da Moeda; o Sr. Congreve possuía um cargo importante; o Sr. Prior era

plenipotenciário. O Dr. Swift é deão da Irlanda e mais considerado do que o primaz. Se a religião do Sr. Pope não lhe permite ter um lugar, não lhe impede, contudo, de receber duzentos mil francos por sua tradução de Homero. Na França vi o autor de *Rhamadisto* quase morrer de fome; e o filho de um dos maiores homens que a França já teve e começava a seguir os passos de seu pai, reduzido à miséria se não fosse o Sr. Fagon. O que mais encoraja as artes na Inglaterra é a consideração que se tem por elas — o retrato de um ministro encontra-se no alto da lareira de seu escritório, mas vi o do Sr. Pope em vinte casas.

O Sr. Newton era honrado enquanto vivo e assim continuou depois de morto. Os principais da nação disputaram carregar o caixão dele. Entrai em Westminster. Não são os túmulos dos reis que aí são admirados, mas os monumentos que o reconhecimento da nação erigiu aos maiores homens que contribuíram para sua glória. Vereis suas estátuas como em Atenas as de Sófocles e Platão. Estou certo de que a simples vista desses gloriosos monumentos excitou mais de um espírito e formou mais de um grande homem.

Chegou-se mesmo a censurar os ingleses por terem ido muito longe nas honras que prestam ao simples mérito. Achou-se o que recriminar lhes por terem enterrado em Westminster a atriz Srta. Oldfield quase com as mesmas honras que recebeu o Sr. Newton. Outros pretenderam que os ingleses honraram dessa maneira a atriz apenas para nos fazerem sentir ainda mais a bárbara e covarde injustiça que cometemos lançando o corpo da Srta. Lecouvreur num monturo.

Posso assegurar-vos, porém, que nas pompas fúnebres da Srta. Oldfield, enterrada no St. Denis da Inglaterra, os ingleses consultaram apenas seu gosto. Estão longe de infamar a arte de Sófocles e de Eurípedes, excluindo do corpo de seus cidadãos aqueles que se consagram a declamar diante deles as obras de que a nação se glorifica.

No tempo de Carlos I e no início das guerras civis, começadas pelos rigoristas fanáticos, suas próprias vítimas afinal, escrevia-se muito contra os espetáculos, sobretudo porque eram muito apreciados pelo rei e por sua mulher (filha de nosso Henrique, o Grande).

Um doutor chamado Prynne, escrupuloso a mais não poder, que acreditaria estar condenado se usasse uma sotaina em vez de um casaco curto, e que teria querido que a metade dos homens massacrasse a outra para a glória de Deus e a "Propaganda Fidei", resolveu escrever um livro muito ruim contra comédias muito boas, representadas diariamente com inocência diante do rei e da rainha. Citou a autoridade dos rabinos e alguns trechos de São Boaventura para provar que o *Édipo*, de Sófocles, era obra do maligno, que Terêncio deveria ser excomungado ipso facto, que Brutus, transformado em severo jansenista, havia assassinado César só porque este era grão-sacerdote e compusera uma tragédia de *Édipo*. Enfim, dizia que todos os que assistiam a espetáculos eram excomungados, renegando sua crisma e seu batismo. Ultrajava, pois, toda a família real. Os ingleses respeitavam Carlos I e não suportaram que se falasse em excomungar este príncipe, cuja cabeça depois eles próprios acabaram cortando. O Sr. Prynne foi citado diante da Câmara estrelada, condenado a ver seu belo livro queimado pelo carrasco e a ter suas próprias orelhas cortadas. Seu processo pode ser lido nas atas públicas.

Na Itália tem-se o cuidado de não desonrar a ópera nem de excomungar o Signor Senesino ou a Signora Cuzzoni. Quanto a mim, ousaria dizer que na França deveriam ser queimados alguns maus livros contra os espetáculos, pois quando italianos e ingleses ficam sabendo que manchamos de infâmia uma arte em que nos sobressaímos, que condenamos como ímpio um espetáculo representado para os religiosos e nos conventos, que desonramos os jogos nos quais Luís XIV e Luís XV foram atores, que declaramos obra do demônio peças revistas pelos mais severos magistrados e representadas diante de uma rainha virtuosa, quando, digo, os estrangeiros tomam conhecimento dessa insolência, dessa falta de respeito pela autoridade real, dessa barbárie gótica ousadamente dita severidade cristã, que quereis que pensem de nossa nação? E como podem conceber que nossas leis autorizem uma arte declarada infame, ou que infamemos uma arte autorizada pelas leis, recompensada pelos soberanos, cultivada por grandes homens e admirada pelas nações? Como podem conceber que encontremos na mesma livraria a declamação do Padre Le Brun contra nossos espetáculos ao lado das obras imortais de Racine, de Corneille e de Molière?

VIGÉSIMA QUARTA CARTA

Sobre as Academias

Muito antes de nós, os ingleses tiveram uma Academia de Ciências, mas não tão bem regulamentada como a nossa, e por uma única razão: porque é mais antiga. Se tivesse sido criada após a Academia de Paris, teria adotado certas leis muito sábias e aperfeiçoado outras.

A Sociedade Real de Londres carece das duas coisas mais necessárias aos homens: recompensas e regras. Em Paris, ter um lugar na Academia é uma pequena fortuna assegurada para um geômetra, para um químico. Em Londres, ao contrário, custa muito pertencer à Sociedade Real. Na Inglaterra, qualquer um que diga "amo as artes" e quer ser da Sociedade entra para ela imediatamente. Mas na França, para ser membro e pensionista da Academia não basta ser amador. É preciso ser sábio, disputar o lugar com muitos concorrentes, tanto mais temíveis quanto mais animados pela glória e pelo interesse, pela própria dificuldade e pela inflexibilidade de espírito que nasce ordinariamente do estudo obstinado das ciências do cálculo.

A Academia das Ciências limitou-se prudentemente ao estudo da natureza, campo bem vasto para ocupar cinqüenta ou sessenta pessoas. A de Londres mistura indiscriminadamente literatura e física. Parece-me que é melhor ter uma academia particular para as belas-letras, para que nada seja confundido e não se veja uma dissertação sobre os penteados das romanas ao lado de uma centena de curvas novas.

Visto que a Sociedade de Londres possui tão pouca ordem e nenhum encorajamento, e que a de Paris está no extremo oposto, não é surpreendente que as memórias de nossa Academia sejam superiores às deles: a longo prazo soldados bem pagos e disciplinados devem superar os voluntários. É verdade que a Sociedade Real teve um Newton, mas não o produziu. Aliás, tinha poucos confrades capazes de compreendê-lo. Um gênio como o de Newton pertencia a todas as academias da Europa porque todas tinham muito a aprender com ele.

O famoso Dr. Swift, no final do reino da Rainha Ana, pretendeu formar uma academia para a língua, nos moldes da francesa. O projeto recebeu apoio do conde de Oxford, grão-tesoureiro, e também do visconde Bolingbroke, secretário de Estado, tão dotado que falava de improviso no Parlamento com tamanha pureza quanto Swift escrevendo em seu gabinete. Bolingbroke teria sido protetor e ornamento da nova academia. Os membros que deveriam compô-la eram homens cujas obras durarão tanto quanto a língua inglesa. Eram eles: o Dr. Swift, o Sr. Prior (que tem na Inglaterra a mesma reputação que La Fontaine entre nós), o Sr. Pope (o Boileau da Inglaterra), o Sr. Congreve (que pode ser chamado o Molière inglês), e muitos outros cujos nomes me escapam no momento e que teriam feito o grupo florescer desde seu nascimento.Mas a rainha morreu subitamente, os *Whigs* meteram na cabeça enforcar os protetores da academia, o que, como vedes, foi mortal para as belas-letras. Os membros desse corpo teriam maiores vantagens do que seus predecessores franceses porque haviam fixado a língua inglesa em seus textos, enquanto os nossos primeiros acadêmicos eram o opróbrio da nação e seus nomes tornaram-se tão ridículos que, se algum autor passável tivesse a infelicidade de chamar se Chapelain ou Cotin, seria obrigado a mudar de nome. Teria sido preciso sobretudo que a academia inglesa propusesse ocupações diferentes das nossas. Um dia um belo espírito inglês pediu-me as memórias da Academia Francesa. Respondi-lhe: "Ela não escreve memórias, mas manda imprimir sessenta ou oitenta volumes de cumprimentos". Percorreu um ou dois, não podendo nunca compreender o estilo, embora compreendesse muito bem todos os nossos bons autores. "Tudo que enxergo nesses discursos é que o novo membro, tendo assegurado que seu predecessor era um grande homem, que o Cardeal Richelieu era um muito grande homem, que o Chanceler Séguier era um bastante grande homem, que Luís XIV era ainda mais do que um muito grande homem, o diretor lhe responde a mesma coisa, acrescentando que o novo membro poderia também ser uma espécie de grande homem e que ele, diretor, não deixa de ter parte nisso."

É fácil ver qual a fatalidade que tornou esses discursos tão pouco honrosos para seus membros: vitium est temporis potius quam hominis[9]. O uso estabeleceu-se quase insensivelmente e todo acadêmico termina repetindo esses elogios em sua recepção. Tornou-se uma espécie de lei para entediar o público. Se se quiser saber por que espíritos tão brilhantes fizeram péssimas arengas, a razão é ainda mais fácil: porque quiseram brilhar, tratando de forma nova uma matéria já gasta. Há três coisas capazes de ridicularizar mesmo um grande homem: a necessidade de falar, o embaraço por nada ter a dizer e o desejo de ter espírito. Não podendo encontrar pensamentos novos, tentaram novos rodeios, falando sem pensar, como gente que mastigasse vácuo e morresse de inanição fingindo comer.

Em vez de ser uma lei da Academia Francesa mandar imprimir tais discursos, deveria ser lei não imprimi-los.

A Academia das Belas-Letras propôs uma finalidade mais sábia e mais útil: apresentar ao público uma coletânea de memórias, cheias de investigações e de críticas curiosas. Essas memórias já são muito estimadas no estrangeiro, desejando-se apenas que certas matérias fossem mais aprofundadas e que outras não fossem tratadas. Assim, por exemplo, não faria a menor falta uma dissertação sobre as prerrogativas da mão direita sobre a esquerda, e outras cujos títulos menos ridículos escondem investigações mais frívolas.

A Academia das Ciências, em suas investigações mais difíceis e de utilidade mais sensível, abarca o conhecimento da natureza e o aperfeiçoamento das artes. É de crer-se que estudos tão profundos e conseqüentes, cálculos tão exatos, descobertas tão finas, visões tão grandes, produzirão, enfim, alguma coisa que servirá para o bem do universo.

Como já observamos, até agora as descobertas mais úteis foram feitas em séculos mais bárbaros. Parece que a tarefa dos séculos mais iluminados e das companhias mais sábias tem sido raciocinar sobre aquilo que os ignorantes inventaram. Sabe-se hoje, depois das discussões intermináveis entre o Sr. Huygens e o Sr. Renaud, qual a determinação do ângulo mais vantajoso do leme com a quilha de um navio. Mas Cristóvão Colombo descobriu a América sem ter a menor idéia desse ângulo.

Estou longe de inferir que seja preciso deter-se apenas numa prática cega, mas seria uma felicidade se os físicos e geômetras, tanto quanto possível, unissem a prática à especulação. Será preciso que aquilo que mais honra o espírito humano seja freqüentemente o menos útil? Um homem, com as quatro regras da aritmética mais o bom senso, torna-se um grande negociante, um Jacques Coeur, um Delmet, um Bernard, enquanto um pobre algebrista passa sua vida procurando nos números relações e propriedades surpreendentes, mas sem uso, e que não lhe ensinarão o que seja a troca. Todas as artes estão mais ou menos no mesmo caso: passando um certo ponto, as investigações só são feitas para a curiosidade. Essas verdades engenhosas e inúteis assemelham-se a estrelas que, situadas muito longe de nós, já não nos dão claridade.

Que belo serviço a Academia Francesa prestaria às letras, à língua e à nação se, em vez de mandar imprimir todos os anos cumprimentos, mandasse imprimir todas as belas obras do tempo de Luís XIV, purificadas de todos os vícios de linguagem que deslizaram nelas! Corneille e Molière estão repletos deles; fervilham em La Fontaine. Aqueles que não pudessem ser corrigidos seriam pelo menos assinalados. A Europa inteira, que lê esses autores, aprenderia nossa língua com segurança; sua pureza estaria fixada para sempre; os bons livros franceses, impressos com cuidado às expensas do rei, seriam os monumentos mais gloriosos da nação. Ouvi dizer que o Sr. Despréaux fizera outrora uma proposta semelhante, renovada por um homem cujo espírito, cuja sabedoria e cuja crítica salutar são bem conhecidos[10]. Mas, ao que parece, a idéia teve o mesmo destino que outros projetos úteis: aprovada e negligenciada.

[9] A culpa é do tempo mais do que do homem.
[10] Este homem formidável é o próprio Voltaire. (N. do T.)

VIGÉSIMA QUINTA CARTA

Sobre os Pensamentos do Sr. Pascal

Envio as observações críticas que há muito fiz sobre os *Pensamentos* do Sr. Pascal. Não me compareis a Ezequias querendo queimar os livros de Salomão. Respeito o gênio e a eloqüência de Pascal, mas quanto maior meu respeito, tanto maior minha convicção de que ele próprio teria corrigido muitos de seus "pensamentos", lançados ao acaso sobre o papel, para serem examinados depois. Admirando seu gênio, combato algumas de suas idéias.

De um modo geral, parece-me que, ao escrever os *Pensamentos*, a intenção do Sr. Pascal era mostrar o homem sob uma luz odiosa. Encarniça-se para pintar nos malvados e infelizes. Escreve contra a natureza humana quase como escrevia contra os jesuítas. Imputa à essência de nossa natureza aquilo que só pertence a alguns homens. Eloqüentemente profere injúrias contra o gênero humano. Ouso tomar o partido da humanidade contra esse misantropo sublime. Ouso assegurar que não somos nem tão maldosos nem tão infelizes como diz. Além disso, estou bastante persuadido de que, se, no livro que planejava escrever, tivesse seguido a ordem que aparece em seus *Pensamentos*, teria escrito um livro cheio de paralogismos eloqüentes e de falsidades admiravelmente deduzidas. Aliás, creio até que todos os livros escritos recentemente para provar a religião cristã são mais capazes de escandalizar do que de edificar, pois seus autores pretendem saber mais do que Jesus Cristo e os apóstolos! Querem sustentar o carvalho rodeando-o de caniços. São inúteis. Podem ser afastados sem temer prejudicar a árvore.

Escolhi com discrição alguns pensamentos de Pascal. As respostas estão embaixo. Fica por vossa conta julgar se estou certo ou errado.

I — "As grandezas e as misérias do homem são tão visíveis que a verdadeira religião precisa necessariamente ensinar-nos que há nele algum grande princípio de grandeza mesclado a algum grande princípio de miséria, pois é preciso que a verdadeira religião conheça nossa natureza a fundo, isto é, tudo que nela é grande e tudo que nela é miserável, e conheça também a razão dessa grandeza e dessa miséria. É preciso, ainda, que nos dê a razão das contradições surpreendentes que aí se abrigam."

Esta maneira de raciocinar parece falsa e perigosa, pois a fábula de Prometeu e de Pandora, os andróginos de Platão e os dogmas dos siameses também poderiam explicar essas contradições aparentes. A religião cristã permanecerá sempre verdadeira mesmo que não retiremos dela conclusões tão engenhosas e que só servem para fazer o espírito brilhar.

O cristianismo só ensina a simplicidade, a humanidade, a caridade. Querer reduzi-lo à metafísica é transformá-lo numa fonte de erros.

II — "Que se examinem todas as religiões do mundo para ver se alguma, com exceção da cristã, satisfaz tais exigências. A dos filósofos, propondo-nos como Bem um bem que está em nós? É o verdadeiro Bem? Encontram remédios para nossos males? Igualar o homem a Deus é curar sua presunção? E aqueles que nos igualam às feras e nos dão os prazeres da terra como Bem, trazem remédio para nossa concupiscência?"

Os filósofos não ensinaram religião; portanto, não se trata de combater suas filosofias. Nunca um filósofo se disse inspirado por Deus, pois cessaria de ser filósofo para tornar-se profeta. Não se trata de saber se Jesus Cristo deve vencer Aristóteles, mas de provar que a religião de Jesus Cristo é verdadeira, enquanto a de Maomé e a de todos os pagãos são falsas.

III — "E no entanto, sem esse mistério, de todos o mais incompreensível, somos incompreensíveis para nós próprios. O nó de nossa condição apanha suas voltas e dobras no abismo do pecado original, de sorte que o homem é mais inconcebível sem esse mistério do que este inconcebível para o homem."

Dizer "o homem é inconcebível sem esse mistério inconcebível" é sofismar. Por que desejar

ir mais longe do que as Escrituras? Não há temeridade em crer que elas precisam de apoio e que as idéias filosóficas são capazes de lho dar?

O que o Sr. Pascal teria respondido a um homem que lhe dissesse: "Sei que o mistério do pecado original é o objeto de minha fé e não de minha razão. Concebo muito bem sem nenhum mistério o que é o homem. Vejo que vem ao mundo como os outros animais; que o parto das mães é mais doloroso se são muito delicadas; que algumas mulheres e algumas fêmeas dos animais morrem de parto; que há algumas crianças mal conformadas, vivendo privadas de um ou dois sentidos e da faculdade do raciocínio; que os de melhor conformação têm paixões mais vivas; que o amor de si próprio é igual em todos os homens, sendo-lhes tão necessário quanto os cinco sentidos; que esse amor-próprio nos foi dado por Deus para a conservação de nossa espécie, e que Ele nos deu a religião para regrá-lo; que nossas idéias são justas ou inconseqüentes, obscuras ou luminosas, conforme nossos órgãos sejam mais ou menos sólidos, ou conforme sejamos mais ou menos passionais; que dependemos completamente do ar que nos cerca, dos alimentos que apanhamos e que não há contradição alguma nisso tudo. O homem não é um enigma como imaginais, só para terdes o prazer de decifrá-lo. Parece estar em seu devido lugar na natureza: superior aos animais (aos quais se assemelha pelos órgãos), inferior a outros seres (aos quais se assemelha provavelmente pelo pensamento). Como tudo o que vemos, está mesclado de bem e de mal, de prazer e de dor. Está provido de paixões para agir e de razão para o governo das ações. Se fosse perfeito, seria Deus. E as pretensas contrariedades a que chamais contradições são os ingredientes necessários que entram na composição do homem. O homem é aquilo que deve ser"?

IV — "Acompanhemos nossos movimentos, observemo-nos e vejamos se não encontramos os caracteres vivos dessas duas naturezas. Tantas contradições num sujeito simples? A duplicidade do homem é tão visível que muitos chegaram a pensar que tínhamos duas almas, um sujeito simples parecendo-lhes incapaz de tais e tão súbitas variações, desde uma presunção desmesurada até um horrível abatimento do coração."

Nossas diversas vontades não são uma contradição na natureza, e o homem não é, de modo algum, um sujeito simples. É composto de uma quantidade inumerável de órgãos; se um destes altera-se um pouco, necessariamente muda todas as impressões do cérebro e faz com que o animal tenha novos pensamentos e novas vontades. É verdade que ora estamos abatidos de tristeza, ora inchados de presunção — isto deve ocorrer quando estamos em situações opostas. Um animal, acariciado e nutrido por seu dono, e um outro, esganado lentamente com perícia para uma dissecação, experimentam sentimentos bem contrários. O mesmo ocorre conosco. E as diferenças que existem entre nós são tão pouco contraditórias que seria contraditório justamente se não existissem.

Os loucos que disseram que tínhamos duas almas, pelo mesmo motivo poderiam nos dar trinta ou quarenta, pois numa grande paixão um homem possui trinta ou quarenta idéias diferentes da mesma coisa e necessariamente deve tê-las porque o objeto lhe aparece sob múltiplas facetas.

A suposta "duplicidade" do homem é uma idéia tão absurda quanto metafísica. Preferiria dizer que o cão que morde e acaricia é duplo; que a galinha tão cuidadosa com os pintinhos e que depois os abandona até desconhecê-los é dupla; que o espelho, que representa simultaneamente objetos diferentes, é duplo; que a árvore, ora carregada de folhas, ora desfolhada, é dupla. Admito que o homem seja inconcebível, mas todo o resto da natureza também o é, e há nele tantas contradições aparentes quanto em tudo o mais.

V — "Não apostar que Deus é, é apostar que Ele não é. Que escolhereis? Pesemos o ganho e a perda, apostando que Deus é. Se ganhardes, ganhareis tudo. Se perderdes, nada perdereis. Sem hesitar, apostai, então, que Ele é. — Sim, é preciso apostar, mas talvez eu aposte muito. — Vejamos: já que há um risco igual de ganho e de perda, se tiverdes duas vidas a ganhar por uma, poderieis ainda apostar."

Evidentemente é falso dizer: "Não apostar que Deus é, é apostar que Deus não é", pois aquele que duvida e pede esclarecimentos seguramente não aposta nem pró nem contra.

Ademais, esse artigo parece-me um pouco indecente e pueril. A idéia de jogo, de perda e ganho não convém à gravidade do assunto.

Além do mais, o interesse que tenho em crer numa coisa não é prova da existência dela. Podeis dizer-me: "Dar-vos-ei o império do mundo para acreditar que tendes razão. Desejo de todo meu coração que tenhais razão, mas até que mo proveis não poderei acreditar-vos".

Poder-se-ia dizer ao Sr. Pascal: começai convencendo minha razão. Sem dúvida, tenho interesse em que haja um Deus, mas se em vosso sistema Deus tiver vindo para uns poucos, se o pequeno número dos eleitos for assustador, se nada posso por mim mesmo, dizei-me, que interesse tenho para crer em vós? Meu interesse visível não seria justamente persuadir-me do contrário? Com que cara podeis mostrar-me uma felicidade infinita destinada a um só dentre um milhão de homens? Se quiserdes convencer-me tentai outro recurso e não me venhais falar de jogo de azar, de aposta, de cara ou coroa, nem aterrorizar-me com os espinhos que semeais pelo caminho que quero e devo seguir. Vosso raciocínio só serviria para produzir ateus, se a voz da natureza não nos gritasse que há um Deus, com força tanto maior quanto maior a fraqueza de vossas sutilezas.

VI — "Vendo a cegueira e a miséria do homem, e as contradições surpreendentes descobertas na natureza, olhando todo o universo mudo e o homem sem luz, abandonado a si mesmo, perdido num recanto do universo, sem saber quem o pôs ali, o que veio fazer ali, o que se tornará ao morrer, fico aterrorizado como um homem que tivesse sido transportado adormecido para uma ilha deserta e assustadora e despertasse sem saber onde está e sem meios para sair. Admira-me que não se caia no desespero por um estado tão miserável."

Quando lia essas reflexões recebi uma carta de um amigo que vive num país muito afastado. Eis suas palavras:

"Estou exatamente como me haveis deixado: nem mais alegre, nem mais triste, nem mais rico, nem mais pobre, gozando perfeita saúde, tendo tudo o que torna a vida agradável, sem amor, sem avareza, sem ambição, sem inveja. Enquanto isso durar direi ousadamente que sou um homem feliz".

Há muitos homens felizes como este. Com os homens tudo se passa como entre os animais: um cão come e dorme com sua amante e fica muito contente; um outro gira a manivela e também está muito contente; um outro, ainda, torna-se raivoso e o matam. Quanto a mim, olhando Paris ou Londres, não vejo motivo para cair no desespero de que fala o Sr. Pascal. Vejo uma cidade que não se parece com uma ilha deserta, povoada, opulenta, policiada, onde os homens estão felizes tanto quanto a natureza humana o comporta. Que homem sensato estará prestes a enforcar-se porque não sabe como se vê Deus face a face, e porque sua razão não consegue desembaraçar o mistério da Trindade? Poderia desesperar-se também por não ter quatro patas e duas asas.

Por que abominar nosso ser? Nossa existência não é tão infeliz como querem que acreditemos. É idéia de um fanático encarar o universo como uma prisão e todos os homens como criminosos a serem executados. É divagação de um sibarita acreditar que o mundo seja um lugar de delícias onde só experimentaremos prazeres. É ser um homem sensato pensar que a terra, os homens e os animais são o que devem ser na ordem da Providência.

VII — "Os judeus pensam que Deus não deixará os outros povos nas trevas eternamente, que virá um libertador para todos; que estão no mundo para anunciá-lo, que foram criados expressamente para serem os arautos desse grande acontecimento e para convocar todos os povos a fim de que se unam a eles na espera desse libertador."

Os judeus sempre esperaram um libertador, mas para eles e não para nós. Esperam um Messias que os tornará senhores dos cristãos, e nós esperamos que o Messias reúna, um dia, judeus e cristãos. Pensam exatamente o contrário de nós.

VIII — "A lei que governa esse povo é, em seu conjunto, a mais antiga do mundo, a mais perfeita e a única conservada sem interrupção num Estado. É o que em vários lugares mostra Filão, o judeu, e admiravelmente José, contra Apião, indicando que é tão antiga que o próprio nome de 'lei' só foi conhecido pelos antigos mais de mil anos depois, de sorte que Homero, que falou de tantos povos, nunca se serviu do termo. A simples leitura permite julgar a perfeição dessa lei, onde tudo é previsto com tanta sabedoria, tanta eqüidade, tanto juízo que os mais antigos legisladores gregos e romanos, recebendo certa luz, emprestaram dela suas principais leis. Isto

aparece claramente naquelas que denominam 'das doze tábuas' e em outras provas trazidas por José."

É falso que a lei dos judeus seja a mais antiga, pois antes de Moisés, seu legislador, viviam no Egito, país dos mais afamados pela sabedoria de suas leis.

É falso que o nome de lei só foi conhecido depois de Homero. Este fala nas leis de Minos, e o termo já está presente em Hesíodo. E mesmo que não estivesse em Homero e em Hesíodo isso nada provaria. Havia reis e juízes, portanto havia leis.

É ainda mais falso que os gregos e os romanos tenham tomado as leis judaicas. Isso não pode ter ocorrido no início de suas repúblicas porque nesse período não conheciam os judeus. Também não pode ter ocorrido no tempo de seu apogeu porque nessa ocasião tinham profundo desprezo por tais bárbaros.

IX — "Esse povo também é admirável pela sinceridade. Conservam com amor e fidelidade o livro onde Moisés declara que foram sempre ingratos para com Deus e que o serão ainda mais após sua morte, mas que convoca céus e terra como testemunhas contra eles, que os aconselhou muito, e que, enfim, irritando-se contra eles, Deus os dispersará por todos os povos da terra, e que, assim como eles O ofenderam adorando deuses que não eram seus deuses, Ele os ofenderá chamando um povo que não era seu povo. No entanto, conservam ao preço de suas vidas esse livro que os desonra. É uma sinceridade que não encontra exemplos no mundo, nem raízes na natureza."

Tal sinceridade é exemplificada em muitos lugares e sua raiz está na natureza. O orgulho de cada judeu tem interesse em crer que o que o perdeu não foi sua política detestável, sua ignorância das artes, sua grosseria, mas a cólera de Deus que o puniu. Pensa com satisfação que foram precisos milagres para abatê-lo e que sua nação é sempre a bem-amada do Deus que a castiga.

Se um pregador subir ao púlpito e disser aos franceses: "Sois miseráveis sem honra e sem direção; fostes vencidos em Hochstedt e em Ramillies porque não soubestes defender-vos", certamente seria apedrejado. Mas se disser: "Sois católicos queridos de Deus; vossos pecados infames irritaram o Eterno, que vos abandonou aos heréticos em Hochstedt e em Ramillies, mas quando voltastes ao Senhor, Ele abençoou vossa coragem em Denain", tais palavras o farão amado pelo auditório.

X — "Se há um Deus, somente ele deve ser amado e não as criaturas."

É preciso amar as criaturas, e amá-las ternamente. É preciso amar sua pátria, sua mulher, seus pais, seus filhos. É preciso amá-los tão bem que Deus nos faz amá-los malgrado nós mesmos. Os princípios contrários servem apenas para raciocinadores bárbaros.

XI — "Nascemos injustos, pois cada um tende para si próprio, o que é contrário a toda ordem. É preciso tender para o geral. A tendência para si próprio é o começo da desordem na guerra, na polícia, na economia, etc."

Tudo isso está conforme à ordem. É tão impossível que uma sociedade possa formar-se e subsistir sem o amor-próprio quanto seria impossível gerar filhos sem concupiscência, nutrir-se sem apetite, etc. O amor por nós próprios preside o amor pelos outros. Nossas mútuas carências nos tornam úteis ao gênero humano, e são o fundamento de todo comércio, o vínculo eterno dos homens. Sem amor-próprio não haveria invenção da arte, nem formação de uma sociedade de dez pessoas. É o amor próprio, dom da natureza para cada animal, que nos adverte para respeitarmos o dos outros. A lei o dirige e a religião o aperfeiçoa. É bem verdade que Deus poderia ter feito criaturas atentas unicamente ao bem de outrem. Neste caso os comerciantes teriam ido às Índias por caridade e o pedreiro teria quebrado pedras para dar prazer ao seu próximo. Mas Deus estabeleceu as coisas de outra maneira. Não acusemos, pois, o instinto que nos deu e usemo-lo como nos manda.

XII — "O sentido escondido das profecias não poderia induzir ao erro e somente um povo muito carnal como aquele poderia ter-se enganado. Pois, se os bens foram prometidos em abundância, quem o impediria de compreender os verdadeiros bens? Somente sua cupidez, que lhes atribuía um sentido terrestre."

O povo mais espiritual da terra teria compreendido diversamente de boa fé? Era escravo dos romanos; esperava um libertador que o tornasse vitorioso e que fizesse Jerusalém respeitada pelo

mundo todo. Com as luzes de sua razão, como poderia ver o vencedor e o monarca em Jesus pobre e crucificado? Como poderia entender pelo nome de sua capital uma Jerusalém celeste se o Decálogo nem sequer lhe falava da imortalidade da alma? Como um povo preso à sua lei e sem uma luz superior poderia reconhecer nas profecias, que não eram de sua lei, um Deus escondido sob a figura de um judeu circunciso, que através de sua nova religião tornou abomináveis a circuncisão e o sabat, fundamentos sagrados da lei judaica? Ainda uma vez, adoremos a Deus sem querer varar as obscuridades de seus mistérios.

XIII — "O tempo do primeiro advento de Jesus Cristo foi predito. O do segundo, não, porque o primeiro deveria ficar escondido, enquanto o segundo deverá ser esplendoroso e tão manifesto que seus próprios inimigos o reconhecerão."

O tempo do segundo advento de Jesus Cristo foi predito ainda mais claramente do que o primeiro. Aparentemente o Sr. Pascal teria esquecido que no capítulo 21, de São Lucas, Jesus Cristo diz expressamente: "Quando virdes um exército rodear Jerusalém, sabereis que a desolação estará próxima... Jerusalém será pisoteada e haverá sinais no Sol, na Lua e nas estrelas, as ondas do mar farão grande ruído... As virtudes dos céus serão abaladas, e então verão o Filho do Homem que virá sobre uma nuvem com grande potência e majestade".

O segundo advento não está claramente predito nessas palavras? Mas se isso não ocorreu até agora, não nos cabe a ousadia de interrogar a Providência.

XIV — "Segundo os judeus carnais, o Messias deve ser um grande príncipe temporal. Segundo os cristãos carnais, veio dispensar-nos de amar a *Deus* e dar-nos sacramentos que *tudo operam* sem nós. Nenhum desses Messias pertence à religião judaica ou cristã."

Esse artigo parece mais um fragmento de sátira do que uma reflexão cristã. Vê-se que os jesuítas são o alvo do ataque. Mas alguma vez um jesuíta disse que Jesus Cristo veio "dispensar-nos de amar a Deus"? A disputa sobre o amor a Deus é uma pura disputa de palavras, como a maioria das querelas científicas, causadoras de tantos ódios ardentes e de tantas desgraças horríveis.

Há ainda outro engano nesse artigo: supor que a espera de um Messias fosse um ponto de religião entre os judeus, quando, na verdade, era apenas uma idéia consoladora difundida pela nação. Os judeus esperavam um libertador, mas não lhes era ordenado que cressem em sua vinda como num artigo de fé. Toda sua religião estava encerrada nos livros da lei. Os profetas nunca foram encarados como legisladores.

XV — "Para examinar as profecias é preciso compreendê-las. Pois se se acredita que têm um único sentido, torna-se certo que o Messias ainda não terá vindo. Mas se tiverem dois sentidos, é certo que veio em Jesus Cristo."

A religião cristã é tão verdadeira que não carece de provas duvidosas. Ora, o pensamento do Sr. Pascal é desses que podem abalar a religião cristã, se houver algo que possa abalar os fundamentos dessa religião santa e razoável. Fala em dois sentidos nas Escrituras, mas um homem que tivesse a infelicidade de ser incrédulo poderia dizer-lhe: "Aquele que diz palavras com duplo sentido quer enganar os homens, e a duplicidade é sempre punida pela lei. Como, então, podeis admitir, sem enrubescer, que há em Deus aquilo que é punido e detestado nos homens? Que digo?! Com que desprezo tratais os oráculos pagãos justamente porque tinham duplo sentido! Não deveríamos dizer que as profecias referentes a Jesus Cristo têm um único sentido, como as de Daniel, de Miquéias e de tantos outros? Não poderíamos até dizer que, mesmo que fôssemos incapazes de compreender as profecias, a religião permaneceria provada?"

XVI — "A distância infinita dos corpos aos espíritos afigura a distância infinitamente mais infinita dos espíritos à caridade, pois ela é sobrenatural."

É de crer se que o Sr. Pascal não usaria esse aranzel em seu livro, se tivesse tido tempo de escrevê-lo.

XVII — "As fraquezas mais aparentes são forças para aqueles que compreendem bem as coisas. Por exemplo, é óbvio que as duas genealogias, a de São Mateus e a de São Lucas, não são concordantes."

Será que os editores dos *Pensamentos* de Pascal deveriam ter imprimido esse pensamento, cuja simples exposição parece capaz de prejudicar a religião? De que serve dizer que as duas

genealogias, pontos fundamentais da religião cristã, são discordantes, se não se disser em que ponto concordam? Seria preciso apresentar o antídoto junto com o veneno. Que pensaríamos de um advogado que dissesse: "Minha parte se contradiz, mas essa fraqueza é uma força para os que sabem apanhar convenientemente as coisas?"

XVIII — "Que não mais nos censurem a falta de clareza, pois fazemos profissão dela, mas que se reconheça a verdade da religião na própria obscuridade da religião, na pouca luz que possuímos e em nossa indiferença para conhecê-la."

Estranhas marcas da verdade traz Pascal! Que marcas terá a mentira? Como?! Então para ser crido bastaria dizer: "Sou obscuro, sou ininteligível!" Seria muito mais sensato apresentar aos olhos apenas as luzes da fé em vez das trevas da erudição.

XIX — "Se houvesse apenas uma religião, Deus ficaria muito manifesto."

Como?! Dizeis que se houvesse uma única religião Deus ficaria muito manifesto?! Ora, então vos esqueceis de que a cada página afirmais que um dia haverá só uma religião? Neste caso Deus ficará muito manifesto, segundo vossa opinião.

XX — "Digo que a religião judaica não consistia em nada disso, mas apenas no amor de Deus e que Deus reprovava todas as outras coisas."

Como?! Deus reprovava tudo que Ele próprio ordenara aos judeus com tantos cuidados e com detalhes prodigiosos!? Não seria mais verdadeiro dizer que a lei de Moisés consistia tanto no amor quanto no culto? Reduzir tudo ao amor de Deus é invenção de jansenista que odeia seu próximo molinista — nada tem a ver com o amor de Deus.

XXI — "A escolha de um ofício é a coisa mais importante para a vida. O acaso dispõe e o costume faz pedreiros, soldados e telhadores."

O que poderia determinar os soldados, os pedreiros e todos os obreiros mecânicos, se não o acaso e o costume? Nós nos autodeterminamos somente nas artes de gênio. Mas é muito natural e razoável que o costume disponha para os ofícios que todo mundo possa exercer.

XXII — "Que cada um examine seu pensamento: encontrá-lo-á sempre ocupado com o passado e com o futuro. Quase não pensamos no presente e se o fazemos é apenas para usar sua luz para dispor do futuro. Nunca o presente é nosso alvo. O passado e o presente são nossos meios, somente o futuro é nosso objetivo."

Em vez de lamentar-se, é preciso agradecer ao Autor da Natureza por ter-nos dado esse instinto que nos arrasta incessantemente rumo ao futuro. O tesouro mais precioso do homem é a *esperança*, que ameniza nossas penas e antevê os prazeres futuros na posse dos prazeres presentes. Se os homens fossem bastante desgraçados a ponto de só se ocuparem com o presente, ninguém semearia, construiria, plantaria ou proveria alguma coisa. No meio desse falso gozo tudo faltaria. Um espírito como o do Sr. Pascal poderia cair num lugar-comum tão falso? A natureza estabeleceu que cada homem desfrutaria o presente nutrindo-se, gerando filhos, executando sons agradáveis, ocupando sua faculdade de pensar e de sentir e que saindo desses estados, ou mesmo no meio deles, pensaria no amanhã, pois, se assim não fosse, pereceria hoje na miséria.

XXIII — "Mas quando olhei mais de perto, descobri que há uma causa efetiva para os homens se afastarem do repouso e da permanência consigo mesmos: a desgraça natural de nossa condição fraca e mortal, tão miserável que nada pode consolar-nos quando não somos impedidos de pensar nela e quando só olhamos para nós próprios."

Esta expressão "só olhamos para nós próprios" me parece sem sentido.

O que há de ser um homem que não age e que fica contemplando a si próprio? Não somente digo que seria um imbecil, inútil à sociedade, mas digo que não pode existir, pois o que contemplaria? Seu corpo, suas mãos, seus pés, seus cinco sentidos? Ou seria um idiota ou usaria tudo isso. Ficaria contemplando sua faculdade de pensar? Mas só pode contemplá-la exercendo-a: ou não pensará em coisa alguma, ou pensará nas idéias que já lhe vieram, ou comporá outras novas. Ora, só pode ter idéias a partir do exterior. Ei-lo, pois, necessariamente ocupado com seus sentidos e com sua idéias. Ei-lo, pois, ou fora de si ou imbecil.

Ainda uma vez, é impossível à natureza humana permanecer nesse entorpecimento imaginário. É absurdo pensá-lo e insensato pretendê-lo. O homem nasceu para a ação, como o fogo tende

para o alto e a pedra para baixo. Para o homem, não se ocupar e não existir é a mesma coisa. Toda diferença consiste nas ocupações amenas ou tumultuosas, perigosas ou úteis.

XXIV — "Os homens têm um instinto secreto, proveniente do ressentimento de sua miséria contínua, que os leva a buscar diversão e ocupação no exterior. Têm, ainda, um outro instinto secreto, remanescente da grandeza de sua primeira natureza, e que lhes mostra que só há felicidade no repouso."

Esse instinto secreto, sendo o primeiro fundamento necessário da sociedade, vem da bondade de Deus e é antes o instrumento de nossa felicidade do que o sentimento de nossa miséria. Não sei o que nossos primeiros pais faziam no paraíso terrestre, mas se cada um deles tivesse pensado apenas em si próprio, a existência do gênero humano teria corrido risco. Não é um absurdo pensar que eram dotados de instrumentos de ação perfeitos para dedicarem-se unicamente à contemplação? E não é engraçado que cabeças pensantes possam imaginar que a preguiça é um título de grandeza, e a ação, um rebaixamento de nossa natureza?

XXV — "Quando Pirro se propôs a desfrutar o repouso com seus amigos após a conquista de uma grande parte do mundo, Cineas disse-lhe que seria melhor que adiantasse sua felicidade gozando desde logo o repouso, sem procurá-lo com tantas fadigas. Este conselho era difícil e tão pouco razoável quanto o propósito do jovem audacioso. Um e outro supunham que o homem poderia contentar-se consigo mesmo e com seus bens presentes, sem encher o vazio de seu coração com esperanças imaginárias — o que é falso. Pirro não poderia ser feliz nem antes nem depois de conquistar o mundo."

O exemplo de Cineas está bom para as sátiras de Despréaux, mas não para um livro filosófico. Um rei sábio pode ser feliz em sua pátria. E não é porque Pirro passa por um louco que se pode concluir alguma coisa sobre o resto dos homens.

XXVI — "Deve-se reconhecer que o homem é tão infeliz que se entediaria ainda que não houvesse nenhuma causa exterior para o tédio. É o estado próprio da sua condição."

Pelo contrário. O homem está muito feliz com sua condição e temos muitas obrigações para com o Autor da Natureza, que, para forçar-nos a sermos úteis ao próximo e a nós mesmos, vinculou o tédio à inação.

XXVII — "Por que este homem, que perdeu há pouco seu filho único, que se abateu com querelas e processos, que hoje pela manhã achava-se tão perturbado, agora já não pensa mais nisso? Não vos espanteis. Está ocupado em ver por onde passará o gamo que seus cães perseguem ardorosamente há seis horas. Não é preciso mais para o homem, por muito entristecido que esteja. Desde que se possa convencê-lo a entrar numa diversão, ei-lo feliz durante um tempo."

Esse homem age maravilhosamente: a dissipação é um remédio mais seguro contra a dor do que o quinino contra a febre. Não censuremos a natureza, sempre pronta a socorrer-nos.

XXVIII — "Imagine-se um certo número de homens acorrentados e condenados à morte, cada um sendo degolado diante dos outros, os sobreviventes vendo sua própria condição na de seus semelhantes, encarando-se dolorosa e desesperançadamente, à espera de sua vez. É a imagem da condição humana."

Seguramente essa comparação não é justa: os infelizes acorrentados, degolados uns depois dos outros, são infelizes não somente porque sofrem, mas porque experimentam aquilo que os outros homens não suportam. A sina natural de um homem não é ser acorrentado ou degolado, mas todos os homens são feitos, como os animais e as plantas, para crescer, viver um certo tempo, reproduzir seu semelhante e morrer. Numa sátira pode se mostrar à vontade o homem por seu lado mau, mas por pouco que usemos a razão admitiremos que o homem é o mais perfeito dos animais, o mais feliz e o que vive mais tempo. Portanto, em vez de nos espantarmos e de nos lamentarmos pela infelicidade e pela brevidade da vida, devemos surpreender-nos e congratular-nos com nossa felicidade e com sua duração. Raciocinando apenas como filósofo, ouso dizer que há muito orgulho e temeridade em pretender que por nossa natureza deveríamos ser melhores do que somos.

XXIX — "Entre os pagãos, os sábios que disseram que havia um só Deus foram perseguidos; os judeus, odiados, e os cristãos, ainda mais."

Algumas vezes foram perseguidos e o mesmo ocorreria hoje se viessem ensinar a adoração de um Deus independente do culto admitido. Sócrates não foi condenado por dizer: "Só há um Deus", mas por ter-se erguido contra o culto exterior do país e por ter muito impropriamente adquirido inimigos potentes. Com respeito aos judeus, eram odiados, mas não porque adorassem um só Deus, e sim porque ridiculamente odiavam as outras nações, porque eram bárbaros que massacravam impiedosamente seus inimigos vencidos, porque esse povo vil e supersticioso, ignorante, privado do comércio e das artes, desprezava os povos mais civilizados. Quanto aos cristãos, eram odiados pelos pagãos porque tendiam a destruir sua religião e seu império, o que conseguiram enfim, exatamente como os protestantes que se tornaram senhores nos próprios países onde foram odiados, perseguidos e massacrados.

XXX — "Os defeitos de Montaigne são grandes. Está cheio de palavras sujas e desonestas. Não vale nada. Seus sentimentos sobre o homicídio voluntário e sobre a morte são horríveis."

Montaigne fala como filósofo e não como cristão — apresenta o pró e o contra a respeito do homicídio voluntário. Filosoficamente falando, que mal faz à sociedade um homem que a deixa quando já não pode mais servi-la? Um velhinho tem cálculos e sofre dores atrozes. Dizem-lhe: "Se não vos operarem, morrereis. Se fordes operado podereis ainda arengar, babar, rastejar por um ano, carga para vós mesmo e para os outros". Suponho que o velhote decide não ser carga para mais ninguém. É mais ou menos este o caso que Montaigne expõe.

XXXI — "Quantos astros, inexistentes para os filósofos de outrora, as lunetas nos permitiram descobrir? Ousadamente as Escrituras foram atacadas porque nelas encontramos grande número de estrelas. Sabemos que só há vinte e duas mil, dizia-se."

É certo que as Santas Escrituras, em matéria de física, sempre se adaptaram às idéias admitidas, tanto assim que supõem a Terra imóvel, o Sol girando, etc. Não é por um refinamento em astronomia que afirmam a existência de inumeráveis estrelas, mas para adaptarem-se às idéias populares. Com efeito, embora nossos olhos descubram aproximadamente vinte e duas mil estrelas, entretanto, quando olhamos fixamente para o céu, a vista deslumbrada crê, então, ver uma infinidade. As Escrituras falam, pois, segundo o preconceito popular, pois não nos foram dadas para tranformar-nos em físicos. E parece que Deus não revelou a Habacuc, a Baruc ou a Miquéias que um dia um inglês chamado Flamsteed iria anotar em seu catálogo mais de sete mil estrelas vistas com o telescópio.

XXXII — "É coragem o que leva um homem moribundo, na fraqueza e na agonia, a enfrentar um Deus onipotente e eterno?"

Isso nunca aconteceu. E só num violento ataque cerebral um homem pode dizer: "Creio num Deus e venho desafiá-lo."

XXXIII — "Creio de bom grado nas histórias cujas testemunhas são degoladas."

A dificuldade não está somente em saber se se acreditará em testemunhas que morrem por sustentarem seus depoimentos, como fizeram tantos fanáticos, mas ainda em saber se essas testemunhas morreram efetivamente por isso, se seus depoimentos foram conservados, se habitaram nos países onde se diz que morreram. Por que José, nascido no tempo da morte de Cristo; José, que odiava o judaísmo e que era inimigo de Herodes, por que não disse uma palavra sobre essa morte? Eis aí algo que o Sr. Pascal teria destrinçado com sucesso, como o fizeram mais tarde tantos escritores eloqüentes.

XXXIV — "As ciências têm duas extremidades que se tocam. A primeira é a pura ignorância natural em que se encontram todos os homens ao nascer. A outra extremidade é aquela aonde cegam as grandes almas que, tendo percorrido tudo o que os homens podem saber, descobrem que nada sabem e se reencontram na ignorância de onde partiram."

Esse pensamento é um puro sofisma. Sua falsidade reside no termo "ignorância", usado em dois sentidos diferentes. Aquele que não sabe ler nem escrever é um ignorante. Mas um matemático não está no mesmo ponto de ignorância de onde partiu ao começar a ler, só porque ignora os princípios escondidos da natureza. O Sr. Newton não sabia por que o homem mexe o braço quando quer, mas não era menos sábio no resto. Aquele que não conhece o hebraico e sabe o latim é sábio em comparação com aquele que só sabe francês.

XXXV — "Não é ser feliz poder alegrar-se com divertimentos, pois vêm de fora, de alhures, sendo, portanto, dependentes e sujeitos a serem perturbados por mil acidentes que provocam aflições inevitáveis."

É atualmente feliz aquele que desfruta um prazer e este só pode vir de fora. Só podemos ter sensações e idéias graças aos objetos exteriores, como só podemos nutrir nosso corpo fazendo entrar nele substâncias estranhas que se transformam na nossa.

XXXVI — "O excesso de espírito e a excessiva falta de espírito são chamados loucura. Só a mediocridade é tida por boa."

Não se acusa de loucura o excesso de espírito, mas a vivacidade e volubilidade excessivas. O excesso de espírito é a justeza extrema, a finura extrema, a extensão extrema, diametralmente oposta à loucura.

A excessiva "falta de espírito" é uma ausência de concepção, um vazio de idéias — não é a loucura, mas a estupidez. A loucura é um desarranjo nos órgãos, fazendo com que vejamos vários objetos muito rapidamente, ou que retêm a imaginação num só e com muita violência. Não é a mediocridade que é tida por boa, mas a distância desses dois vícios opostos. É o que se chama "o justo meio", e não "mediocridade".

XXXVII — "Se nossa condição fosse verdadeiramente feliz, não seria preciso desviar-nos de seu pensamento."

Nossa condição é precisamente a de pensar nos objetos exteriores, com os quais mantemos relações necessárias. É falso que se possa desviar um homem do pensamento de sua condição, pois qualquer coisa a que aplique seu espírito, aplica-o a alguma coisa necessariamente vinculada à condição humana. E, ainda uma vez, pensar em si com abstração das coisas naturais é não pensar.

Longe de impedir o homem de pensar em sua condição, só é possível entretê-lo com os atrativos dela. Com um sábio fala-se de reputação e de ciência; com um príncipe, daquilo que se relaciona com sua grandeza; com todo homem, de prazer.

XXXVIII — "Os grandes e os pequenos têm os mesmos acidentes, as mesmas zangas, as mesmas paixões. Mas uns estão no topo da roda, outros mais próximos do centro e, assim, menos agitados pelos mesmos movimentos."

É falso que os pequenos se agitem menos do que os grandes. Pelo contrário, seus desesperos são mais vivos porque dispõem de menos recursos. De cem pessoas que se matam em Londres, noventa e nove são do baixo povo, e somente uma de condição mais alta. A comparação com a roda é engenhosa, mas falsa.

XXXIX — "Não se ensina a honestidade aos homens, mas ensina-se-lhes todo o resto, e, no entanto, é disto que mais se gabam. Assim, gabam-se de saber a única coisa que não aprenderam."

Ensina-se a honestidade aos homens, senão poucos chegariam a tê-la. Deixai vosso filho, desde a infância, agarrar tudo que lhe caia nas mãos: aos quinze anos roubará pelas estradas. Louvai-o por ter mentido: tornar-se-á uma testemunha falsa. Vangloriai-o por sua concupiscência: certamente será um debochado. Ensina-se tudo aos homens: a virtude e a religião.

XL — "O tolo projeto de Montaigne: pintar a si próprio! E não de passagem e contra suas máximas, como pode ocorrer a qualquer um num momento de fraqueza, mas por suas próprias máximas e propositadamente. É um mal corrente dizer tolices por acaso e por fraqueza, mas é insuportável dizê-las expressamente, e, sobretudo, aquelas ditas por Montaigne."

Que encantador o projeto de Montaigne; pintar-se ingenuamente! Pintou a natureza humana. Como é pobre o projeto de Nicole, Malebranche e Pascal: desacreditar Montaigne!

XLI — "Considerando a confiança que as pessoas depositam nos impostores que afirmam possuir remédios, a ponto de deixarem suas vidas nas mãos deles, perguntei qual seria a causa disto. Pareceu-me que a verdadeira causa é a existência de verdadeiros remédios, pois seria impossível que houvesse tantos falsos e, no entanto, tão acreditados, se não houvesse verdadeiros. Se nunca tivessem existido, se os males fossem incuráveis, seria impossível que os homens imaginassem que poderiam dar, e que efetivamente dessem, tanto crédito aos que se gabassem de

possuí-los. Teriam o mesmo descrédito que têm por um homem gabando-se de impedir a morte, pois nunca houve quem o tivesse feito. Mas como houve remédios que se revelaram verdadeiros ao conhecimento de grandes homens, a crença dos outros curvou-se desde então, pois a coisa não podendo ser negada genericamente (visto que há efeitos particulares verdadeiros), o povo, não discernindo quais dos efeitos particulares são verdadeiros, passou a acreditar em todos. Assim também, o que nos faz crer em tantos efeitos falsos da Lua é a existência dos verdadeiros, como as marés. E do mesmo modo, parece-me que há tantos falsos milagres, falsas revelações e sortilégios, justamente porque há verdadeiros."

Parece-me que a natureza humana não precisa do verdadeiro para cair no falso. Imputaram-se mil falsas influências à Lua, antes que se imaginasse sua relação verdadeira com as marés. O primeiro doente acreditou sem dificuldade no primeiro charlatão. Ninguém viu lobisomens nem feiticeiros, e muitos creram nisso. Ninguém viu a transmutação dos metais e muitos se arruinaram pela crença na pedra filosofal. Os romanos, os gregos, todos os pagãos teriam acreditado nos falsos milagres porque tinham visto verdadeiros?

XLII — "O porto guia aqueles que estão num navio; mas onde encontraremos o porto na moral?"

Nesta única máxima, admitida por todas as nações: "Não faças aos outros o que não quiseres que te façam".

XLIII — "Ferox gens nullam esse vitam sine armis putat.[11] Preferem a morte à paz. Outros, a morte à guerra. Toda opinião pode ser preferida à vida, cujo amor parece tão forte e tão natural."

Tácito disse isto a respeito dos catalães. Contudo, não existe gente de quem se tenha dito ou se possa dizer: "Prefere a morte à guerra".

XLIV — "À medida que se possui mais espírito descobre-se que há mais originais. O vulgo não percebe diferenças entre os homens."

Há poucos homens verdadeiramente originais. Quase todos se governam, pensam e sentem por influência do costume e da educação. Nada mais raro do que um espírito trilhando uma estrada nova. Mas na massa de homens que caminha junta, cada um tem uma pequena diferença no andar, perceptível para um olhar agudo.

XLV — "Há, pois, dois tipos de espírito. Um penetra viva e profundamente nas conseqüências dos princípios — é o espírito de justeza. O outro compreende um grande número de princípios sem confundi-los — é o espírito de geometria."

Atualmente, parece-me que o uso quer que chamemos "espírito de geometria" o espírito metódico e conseqüente.

XLVI — "É mais fácil suportar a morte sem pensar nela, do que pensar numa morte sem riscos."

Não se pode dizer que um homem suporte a morte fácil ou dificilmente quando não pensa absolutamente nela. Quem nada sente, nada suporta.

XLVII — "Supomos que todos os homens concebem e sentem da mesma maneira os objetos que se apresentam a eles, mas tal suposição é bastante gratuita, pois não dispomos de prova alguma. Vejo bem que as mesmas palavras são aplicadas nas mesmas ocasiões. Assim, por exemplo, todas as vezes que dois homens vêem a neve, exprimem a visão deste objeto com a mesma palavra, ambos dizendo que é branca. E dessa conformidade do uso conjectura-se firmemente sobre a conformidade da idéia, mas isso não é absolutamente convincente, embora seja possível apostar na afirmativa."

A cor branca não deveria ter sido trazida como prova. O branco, reunião de todos os raios, parece brilhante para todo mundo, ofusca um pouco com o passar do tempo, produzindo o mesmo efeito sobre todos os olhos. Poder-se-ia dizer, talvez, que as outras cores não são percebidas da mesma maneira por todos os olhos.

XLVIII — "Todo nosso raciocínio se reduz a ceder ao nosso sentimento."

[11] Um povo violento acha que a vida sem armas é nada. (N. do E.)

Nosso raciocínio se reduz a ceder ao nosso sentimento em matéria de gosto, mas não em matéria de ciência.

XLIX — "Em comparação com outros, aqueles que julgam uma obra segundo regras estão na mesma situação daqueles que possuem um relógio, se comparados aos que não o possuem. Um diz: 'Há duas horas que estamos aqui'. O outro retruca: 'Faz apenas três quartos de hora'. Olho meu relógio e digo ao primeiro: 'Estais entediado', e ao segundo: 'O tempo não dura muito para vós'."

Nas obras de gosto, na música, na poesia, na pintura, é o gosto que ocupa o lugar do relógio. Aquele que as julga apenas segundo regras julga-as mal.

L — "César era muito velho, parece-me, para sair à conquista do mundo. Essa distração era boa para Alexandre, jovem difícil para conter. Mas César deveria estar mais amadurecido."

Imagina-se comumente que César e Alexandre saíram de casa com o propósito explícito de conquistar a terra. Não foi assim. Alexandre sucedeu a Felipe no generalato da Grécia e foi encarregado da justa empresa de vingar os gregos das injúrias do rei da Pérsia; venceu o inimigo comum e continuou suas conquistas até a Índia porque o reino de Dario estendia-se até lá. Do mesmo modo o Duque de Marlborough não teria vindo até Lyon sem o Marechal de Villars.

César era um dos primeiros da república; enredou-se com Pompeu como os jansenistas com os molinistas, a vitória ficando para quem exterminasse o adversário. Tudo foi resolvido numa batalha onde foram mortos apenas dez mil homens.

Ademais, o pensamento do Sr. Pascal é completamente falso. Era preciso maturidade para que César desenredasse tantas intrigas. E é surpreendente que Alexandre, com sua idade, renunciasse ao prazer por uma guerra penosa.

LI — "É divertido considerar que há gente no mundo que, tendo renunciado a todas as leis de Deus e da natureza, tenha feito por si própria algumas outras, respeitando-as escrupulosamente. É o caso, por exemplo, dos ladrões, etc."

Considerar-se esse fato é muito mais útil do que divertido, pois prova que nenhuma sociedade de homens pode subsistir um único dia sem regras.

LII — "O homem não é anjo nem fera. Por desgraça, aquele que quer passar por anjo passa por fera."

Quem quiser destruir as paixões em vez de regrá-las quer passar por anjo.

LIII — "Um cavalo não procura ser admirado por seu companheiro; nota-se entre eles uma espécie de emulação durante uma corrida, mas sem maiores conseqüências, pois no estábulo o mais pesado ou mais disforme não cede por isso sua aveia ao outro. O mesmo não acontece entre os homens: sua virtude não se satisfaz consigo mesma, não estão contentes se não tiram alguma vantagem dos outros."[4]

O homem mais disforme também não cede seu pão a outro, mas o mais forte rouba do mais fraco. E entre os animais, como entre os homens, os grandes comem os pequenos.

LIV — "Se o homem começasse estudando a si mesmo veria como é incapaz de ir além. Como poderia fazer com que uma parte conhecesse o todo? Aspirará, talvez, a conhecer pelo menos as partes que lhe são proporcionais. Mas as partes do mundo estão de tal modo relacionadas e encadeadas umas com as outras, que creio seja impossível conhecer umas sem as outras e sem o todo."

Não se deve afastar o homem do conhecimento daquilo que lhe é útil, só por considerar que não pode conhecer tudo.

Conhecemos muitas verdades, encontramos muitas invenções úteis. Consolemo-nos por não sabermos quais poderiam ser as relações entre uma aranha e o anel de Saturno, e continuemos a examinar o que está ao nosso alcance.

LV — "Se o raio caísse em lugares baixos, os poetas e aqueles que só sabem raciocinar sobre coisas desse teor ficariam sem provas."

Uma comparação não é prova nem em poesia nem em prosa. Na poesia serve para embelezar; na prosa, para esclarecer e para tornar as coisas mais sensíveis. Os poetas, que compararam as desgraças dos grandes com o raio que vergasta montanhas, fariam comparações contrárias, se o contrário acontecesse.

LVI — "Foi a composição do espírito com o corpo que levou quase todos os filósofos a confundir as idéias das coisas, atribuindo aos corpos o que pertencia aos espíritos e a estes aquilo que só pode convir aos corpos."

Se soubéssemos o que é um "espírito" poderíamos lamentar que os filósofos lhe tivessem atribuído o que não lhe pertence. Mas não conhecemos o espírito nem o corpo; não temos idéia alguma de um, e temos idéias muito imperfeitas do outro. Portanto, não podemos saber quais são seus limites.

LVII — "Assim como se diz 'beleza poética' dever-se-ia também dizer 'beleza geométrica' e 'beleza medicinal'. Entretanto, não se diz, e isto por uma razão bem simples: sabe-se qual é o objeto da geometria e o da medicina, mas não se sabe em que consiste o encanto, objeto da poesia. Não se sabe o que é esse modelo natural que se deve imitar e por falta desse conhecimento inventaram-se certos termos esquisitos: 'século de ouro', 'maravilha de nossos dias', 'fatal laurel', 'belo astro' etc. e denomina-se tal jargão beleza poética. Mas quem imaginar uma mulher vestida com esse modelo verá uma linda donzela coberta de espelhos e de correntes de latão."

Tudo isso é bastante falso. Não se deve dizer 'beleza geométrica' ou 'beleza medicinal' porque um teorema ou um purgativo não afetam agradavelmente os sentidos, e porque se dá o nome de 'beleza' a coisas que encantam os sentidos, como a música, a pintura, a poesia, a eloqüência, a arquitetura etc.

A razão dada pelo Sr. Pascal também é falsa. Sabe-se muito bem em que consiste o objeto da poesia: pintar com força, pureza, delicadeza e harmonia. A poesia é a eloqüência harmoniosa. Seria preciso que o Sr. Pascal tivesse muito pouco gosto para dizer que "fatal laurel" ou "belo astro" ou outras tolices do mesmo jaez são belezas poéticas. E seria preciso que os editores dos *Pensamentos* fossem tão pouco versados nas belas-letras para que imprimissem uma reflexão tão indigna de seu ilustre autor.

*

Não vos envio as outras observações minhas sobre os *Pensamentos* do Sr. Pascal porque acarretariam discussões muito longas. Já é bastante ter acreditado perceber alguns erros de desatenção nesse grande gênio. É um consolo para um espírito tão limitado como o meu ficar bem persuadido de que os grandes homens podem enganar-se como o povo.

VOLTAIRE

TRATADO DE METAFÍSICA

Tradução de **Marilena de Souza Chauí**

INTRODUÇÃO

Dúvidas sobre o Homem

Poucas pessoas se preocupam em ter uma noção do que seja o homem. A única idéia que os camponeses de uma parte da Europa têm da nossa espécie é a de um animal de dois pés, de pele trigueira, articulando algumas palavras, cultivando a terra, pagando, sem saber por que, tributos a um outro animal a que chama *rei*, vendendo suas colheitas tão caro quanto puder, reunindo-se com outros em certos dias do ano para entoar preces numa língua incompreensível.

Um rei sempre encara tôda a espécie humana como seres feitos para obedecer-lhe e aos seus semelhantes. Uma jovem parisiense ao entrar no mundo vê apenas o que possa servir à sua vaidade: a idéia confusa que tem da felicidade e o estrondo de tudo que a rodeia impedem sua alma de escutar a voz de todo o resto da natureza. Um jovem turco, no silêncio do serralho, olha os homens como seres superiores, obrigados por certa lei a dormir todas as sextas-feiras com suas escravas; e sua imaginação não vai muito além disso. Um padre divide todo o universo em eclesiásticos e leigos e, sem dificuldade, considera a parte eclesiástica como a mais nobre e feita para conduzir a outra etc. etc.

Estaríamos profundamente enganados se acreditássemos que os filósofos têm idéias mais completas sobre a natureza humana. Se excetuardes Hobbes, Locke, Descartes, Bayle e um pequeno número de espíritos sábios, todos os outros têm uma opinião particular sobre o homem, tão limitada quanto a do vulgo e somente mais confusa. Perguntai ao Padre Malebranche o que é o homem. Ele vos responderá que é uma substância feita à imagem de Deus, muito deturpada depois do pecado original, e, no entanto, mais unida a Deus do que ao seu próprio corpo, vendo tudo em Deus, pensando, sentindo tudo em Deus.

Pascal encara o mundo inteiro como uma coleção de malvados e de infelizes, criados para serem condenados, entre os quais, porém, algumas almas (isto é, uma entre cinco ou seis milhões) foram escolhidas por Deus desde toda a eternidade para serem salvas.

Um diz: o homem é uma alma unida a um corpo e, quando o corpo está morto, a alma vive sozinha para sempre.

Outro assegura: o homem é um corpo que pensa necessariamente. E nem um nem outro provam o que afirmam. Na investigação do homem gostaria de conduzir-me como faço no estudo da astronomia: meu pensamento se transporta algumas vezes para fora do globo terrestre, acima do qual todos os movimentos celestes parecem irregulares e confusos. E após ter observado o movimento dos planetas como se estivesse no Sol, comparo os movimentos aparentes que vejo sobre a Terra com os movimentos verdadeiros que veria se estivesse no Sol. Assim farei também ao estudar o homem: colocar-me-ei primeiramente fora de sua esfera, fora de compromissos, despojar-me-ei de todos os preconceitos de educação, de pátria e, sobretudo, dos preconceitos de filósofo.

Suponho, por exemplo, que, nascido com a faculdade de pensar e de sentir que tenho presentemente, mas não tendo a forma humana, desço ao globo vindo de Marte ou de Júpiter. Posso dar uma olhada rápida em todos os séculos e países, e, conseqüentemente, em todas as tolices desse glóbulo.

É tão fácil supor isso quanto imaginar-me no Sol para dali considerar os dezessete planetas que giram regularmente no espaço em torno desse astro.

Capítulo I

As Diferentes Espécies de Homem

Descendo sobre este montículo de lama e não tendo maiores noções a respeito do homem, como este não tem a respeito dos habitantes de Marte ou de Júpiter, desembarco às margens do oceano, no país da Cafraria, e começo a procurar *um homem*. Vejo macacos, elefantes e negros. Todos parecem ter algum lampejo de uma razão imperfeita. Uns e outros possuem uma linguagem que não compreendo e todas as suas ações parecem igualmente relacionar-se com um certo fim. Se julgasse as coisas pelo primeiro efeito que me causam, inclinar-me-ia a crer, inicialmente, que de todos esses seres o elefante é o animal racional. Contudo, para nada decidir levianamente tomo filhotes dessas várias bestas. Examino um filhote de negro de seis meses, um elefantezinho, um macaquinho, um leãozinho, um cachorrinho. Vejo, sem poder duvidar, que esses jovens animais possuem incomparavelmente mais força e destreza, mais idéias, mais paixões, mais memória do que o negrinho e que exprimem muito mais sensivelmente todos os seus desejos do que ele. Entretanto, ao cabo de certo tempo, o negrinho possui tantas idéias quanto todos eles. Chego mesmo a perceber que os animais negros possuem entre si uma linguagem bem mais articulada e variada do que a dos outros animais. Tive tempo de aprender tal linguagem e, enfim, de tanto observar o pequeno grau de superioridade que a longo prazo apresentam em relação aos macacos e aos elefantes, arrisco-me a julgar que efetivamente ali está *o homem*. E forneço a mim mesmo esta definição:

O homem é um animal preto que possui lã sobre a cabeça, caminha sobre duas patas, é quase tão destro quanto um símio, é menos forte do que outros animais de seu tamanho, provido de um pouco mais de idéias do que eles e dotado de maior facilidade de expressão. Ademais, está submetido igualmente às mesmas necessidades que os outros, nascendo, vivendo e morrendo exatamente como eles.

Após ter passado certo tempo entre essa espécie, desloco-me rumo às regiões marítimas das Índias Orientais. Surpreendo-me com o que vejo: os elefantes, os leões, os macacos e os papagaios não são exatamente como eram na Cafraria; mas o homem, esse parece-me absolutamente diferente. Agora são homens de um belo tom amarelo, não possuem lã, mas têm a cabeça coberta de grandes crinas negras. Parecem ter sobre as coisas idéias totalmente contrárias às dos negros. Sou, portanto, forçado a mudar minha definição e a classificar a natureza humana sob duas espécies: a negra com lã e a amarela com crina.

Mas, na Batávia, em Goa e em Surata, ponto de encontro de todas as nações, vejo uma grande multidão de europeus. São brancos, não possuem lã ou crina, mas cabelos louros bem soltos e barba no queixo. Mostram-me também muitos americanos, que não possuem barba. Eis minha definição e minhas espécies de homem bastante ampliadas.

Em Goa encontro uma espécie ainda mais singular do que todas essas. Trata-se de um homem vestido com uma longa batina negra, dizendo-se feito para instruir os outros. Todos esses homens que vedes, diz-me ele, nasceram de um mesmo pai. E, então, conta-me uma longa história. No entanto, o que diz esse animal soa-me bastante suspeito. Informo-me se um negro e uma negra, de lã negra e nariz chato, engendram algumas vezes crianças brancas, de cabelos louros, nariz aquilino e olhos azuis, se nações imberbes vieram de povos barbados e se os brancos e as brancas engendraram povos amarelos. Respondem-me que não, que os negros transplantados, por exemplo, para a Alemanha continuam produzindo negros, a menos que os alemães se encarreguem de mudar a espécie, e assim por diante. Acrescentam que um homem instruído nunca diria que as espécies não misturadas degeneram, a não ser o Padre Dubos, que disse tal besteira num livro intitulado *Reflexões sobre a Pintura e sobre a Forma* etc.

Quer me parecer que agora estou muito bem fundamentado para crer que os homens são como as árvores: assim como as pereiras, os ciprestes, os carvalhos e os abricoteiros não vêm de uma mesma árvore, assim também os brancos barbados, os negros de lã, os amarelos com crina e os homens imberbes não vêm do mesmo homem.[1]

Capítulo II

Se Existe um Deus

Devemos examinar o que é a faculdade de pensar nessas diferentes espécies de homem, como lhes vêm as idéias, se têm uma alma distinta do corpo, se essa alma é eterna, se é livre, se tem virtudes e vícios etc. Entretanto, a maioria dessas noções dependem da existência ou da não-existência de um Deus. É preciso, creio, começar sondando o abismo desse grande princípio. Despojemo-nos, agora mais do que nunca, de toda paixão e de todo preconceito e vejamos de boa fé o que nossa razão pode ensinar-nos sobre a questão: Existe ou não existe um Deus?

Noto, inicialmente, a existência de povos sem nenhum conhecimento de um Deus criador. Tais povos, na verdade, são bárbaros e em pequeno número, mas, enfim, são homens, e se o conhecimento de Deus fosse necessário à natureza humana, os selvagens hotentotes teriam uma idéia do Ser Supremo tão sublime quanto a nossa. Mais ainda: não há criança alguma, entre os povos policiados, que tenha em sua cabeça a menor idéia de um Deus. É com dificuldade que lhe inculcamos tal idéia e, freqüentemente, pronuncia durante toda sua vida a palavra Deus sem atribuir-lhe qualquer noção precisa. Vedes, aliás, que as idéias de Deus entre os homens diferem tanto quanto suas religiões e suas leis. A esse respeito não consigo impedir a seguinte reflexão: é possível que o conhecimento de um Deus, nosso criador, nosso conservador, nosso tudo, seja menos necessário ao homem do que um nariz e cinco dedos? Todos os homens nascem com um nariz e com cinco dedos e nenhum com o conhecimento de Deus. Que seja ou não deplorável, tal é, contudo, a condição humana.

Vejamos se com o tempo adquiriremos o conhecimento de um Deus assim como chegamos às noções matemáticas e a algumas idéias metafísicas. Numa investigação tão importante, o melhor que poderemos fazer será considerar os prós e os contras, para nos decidirmos por aquilo que parecer mais conforme à nossa razão.

Sumário das Razões a Favor da Existência de Deus

Existem duas maneiras de alcançar a noção de um ser que preside o universo. A mais natural e mais perfeita para as capacidades comuns é a de considerar não somente a ordem que existe no universo, mas também o fim com que cada coisa parece relacionar-se. Muitos e grossos livros foram compostos centrados nessa única idéia, e todos os calhamaços juntos contêm apenas este argumento: quando vejo um relógio cujo ponteiro marca as horas, concluo que um ser inteligente arranjou as molas dessa máquina para que o ponteiro marcasse as horas.[2] Assim, quando vejo as molas do corpo humano, concluo que um ser inteligente arranjou os órgãos para serem recebidos e nutridos por nove meses na matriz; que os olhos são dados para ver, as mãos para pegar etc. Porém, só posso concluir desse único argumento que é provável que um ser inteligente e superior tenha preparado e modelado a matéria com habilidade, mas não posso concluir apenas disso que

[1] Todas essas diferentes raças de homens produzem juntas indivíduos capazes de se perpetuar, o que não pode ser dito a respeito das árvores de diferentes espécies. Mas teria havido um tempo em que só existissem um ou dois indivíduos de cada espécie? Isto ignoramos totalmente. (N. do A.)

[2] "O universo desconcerta-me e não posso supor
Que esse relógio exista e não haja relojoeiro."
(Versos 111-112 da sátira intitulada *As Cabalas*.) (N. do A.)

tal ser tenha feito a matéria com nada e que seja infinito em todos os sentidos. Cansei de procurar em meu espírito a conexão das seguintes idéias: "é provável que eu seja a obra de um ser mais potente do que eu", portanto, "esse ser existe desde toda eternidade", portanto, "criou tudo", portanto, "é infinito" etc. Não vejo a cadeia que conduza diretamente a essa conclusão. Vejo apenas que há alguma coisa mais potente do que eu, e nada mais.

O segundo argumento é mais metafísico, menos apto para a compreensão dos espíritos rudes e conduz a conhecimentos bem mais vastos. Eis seu resumo:

Existo, portanto alguma coisa existe. Se algo existe, existiu desde toda a eternidade, pois aquilo que é, ou é por si mesmo ou recebeu seu ser de outro. Se é por si mesmo, é necessariamente, sempre foi necessariamente e é Deus. Se recebeu seu ser de outro, e este segundo de um terceiro, aquele de quem este último recebeu seu *ser* deve ser necessariamente Deus, pois não podeis conceber um ser que dê o ser a um outro se não tiver o poder de criar. Além disso, se disserdes que uma coisa recebe, não digo a forma, mas sua existência de uma outra coisa, e esta de uma terceira, e esta terceira ainda de uma outra e, assim, regredindo ao infinito, direis um absurdo, porque nesse caso tais seres não terão causa alguma de existência. Tomados todos juntos não terão nenhuma causa externa de existência; tomados cada um em particular, não terão nenhuma causa interna. Ou seja: tomados todos juntos não devem sua existência a nada; tomados em particular, nenhum existe por si mesmo, portanto, nenhum existe necessariamente.

Dessa maneira, sinto-me reduzido a confessar que há um ser que existe necessariamente por si mesmo desde toda a eternidade, sendo a origem de todos os outros seres. Disso decorre essencialmente que esse ser é infinito em duração, em imensidade, em potência, pois o que poderia limitá-lo? Mas, dir-me-eis, o mundo material é precisamente esse ser que procuramos. Examinemos de boa fé se tal coisa é provável.

Se o mundo material existir por si mesmo com uma necessidade absoluta, será uma contradição nos termos supor que a menor parte desse universo possa ser diferente do que é nesse momento com uma necessidade absoluta, excluindo esta única palavra todo outro modo de ser. Ora, esta mesa sobre a qual escrevo, esta pena de que me sirvo, não foram certamente sempre o que são; estes pensamentos que traço sobre o papel não existiam nem mesmo há um momento, portanto, não existem necessariamente. Ora, se cada parte não existir com uma necessidade absoluta, será impossível que o todo exista por si mesmo. Produzo movimento, portanto, o movimento não existia necessariamente antes, portanto, o movimento não é essencial à matéria, portanto, esta o recebe de fora, portanto, há um Deus que lho dá. Assim também, a inteligência não é essencial à matéria, pois um rochedo e uma espiga não pensam. De quem, então, as partes da matéria que pensam e que sentem terão recebido a sensação e o pensamento? Não pode ser delas próprias porque sentem apesar delas mesmas. Não pode ser da matéria em geral, visto que o pensamento e a sensação não pertencem à essência da matéria. Receberam, portanto, esses dons da mão de um ser supremo, inteligente, infinito e causa originária de todos os seres.

Eis, em poucas palavras, as provas da existência de um Deus e o resumo de vários volumes, volumes que cada um poderá esticar como lhe aprouver.

Eis agora, com a mesma brevidade, as objeções que se podem fazer a esse sistema.

Dificuldades sobre a Existência de Deus

1.° Se Deus não é o mundo material, ele o criou (ou então, se quiserdes, deu a um outro ser o poder de criá-lo, o que vem a dar no mesmo); mas fazendo esse mundo, ou tirou-o do nada ou tirou-o de seu próprio ser divino. Não pode tê-lo tirado do nada porque este não é; não pode tê-lo tirado de si próprio porque, então, esse mundo faria essencialmente parte da essência divina e, assim sendo, eu não poderia ter uma idéia da criação, donde se segue que não posso admitir a criação.

2.° Deus teria feito esse mundo ou necessariamente ou livremente. Se o fez por necessidade, deve tê-lo feito desde sempre, pois tal necessidade é eterna. Neste caso, portanto, o mundo seria eterno e criado, o que implica uma contradição. Se Deus o fez livremente, por pura escolha, sem

alguma razão antecedente, é ainda uma contradição, pois é contraditório supor o Autor infinitamente Sábio fazendo tudo sem uma razão que o determina e supor o Ser infinitamente Potente passando toda a eternidade sem fazer o menor uso de sua potência.

3.° Se para a maioria dos homens parece que um ser inteligente imprimiu o selo da sabedoria sobre toda a natureza e que cada coisa parece estar feita para um certo fim, é ainda mais verdadeiro, aos olhos dos filósofos, que tudo se faz na natureza segundo as leis da matemática, eternas, independentes e imutáveis, e a construção e a duração do corpo humano, segundo o equilíbrio dos licores e da força das alavancas. Quanto mais descobrimos sobre a estrutura do universo, tanto mais o encontramos organizado segundo leis imutáveis, desde as estrelas até o verme do queijo. É, portanto, permitido acreditar que tais leis, tendo operado por sua própria natureza, delas resultem efeitos necessários, tomados, porém, como determinações arbitrárias de um poder inteligente. Por exemplo, um campo produz erva porque tal é a natureza de seu terreno, regado pelas chuvas, e não porque existam cavalos que precisam de feno e de aveia. E assim com todo o resto.

4.° Se o arranjo das partes do mundo e tudo o que se passa entre os seres que têm vida sensível e pensante provasse um Criador e um Senhor, provaria ainda mais um ser bárbaro, pois, se admitirmos causas finais, seremos obrigados a dizer que Deus, infinitamente sábio e infinitamente bom, deu vida a todas as criaturas para que entre si se devorassem. Com efeito, se considerarmos todos os animais, veremos que cada espécie tem um instinto irresistível forçando-a a destruir uma outra espécie. Diante das misérias do homem, há o suficiente para dirigirmos censuras à Divindade durante toda nossa vida. Podem dizer-nos à vontade que a sabedoria e a bondade de Deus não são feitas como as nossas. Tal argumento não terá força alguma sobre o espírito de muitas pessoas, que responderão dizendo: só podemos julgar a justiça a partir de sua idéia e esta, suponhe-se, foi-nos dada por Deus. Só se pode medir com a medida que se tem, e assim sendo, é tão impossível não crermos bárbaro um ser que se conduza como um homem bárbaro, quanto é impossível não pensarmos que um ser qualquer tenha seis pés quando o medimos com uma toesa e pareça ter esse tamanho.

E acrescentarão: se nos replicarem que nossa medida é defeituosa, estarão dizendo algo que implica uma contradição, pois será o próprio Deus quem nos terá dado essa idéia falsa, e, portanto, nos terá feito apenas para nos enganar. Ora, isso equivale a dizer que um ser que só possui perfeições lança suas criaturas no erro, que é, propriamente falando, a única imperfeição. É contradizer-se visivelmente. Enfim, os materialistas acabarão dizendo: engoliremos menos absurdos no sistema do ateísmo do que no do deísmo, pois, de um lado, é preciso na verdade que concebamos o mundo que vemos como eterno e infinito, mas, de outro lado, é preciso que imaginemos um outro ser infinito e eterno ao qual acrescentaremos a criação, cuja idéia, no entanto, não podemos conceber. Portanto, concluirão: é mais fácil não crer em Deus do que crer nele.

Resposta a essas Objeções

Os argumentos contra a criação se reduzem em mostrar que nos é impossível concebê-la, isto é, não que ela seja impossível em si, mas que nos é impossível conceber seu modo. Com efeito, para que a criação fosse impossível seria preciso provar primeiro que é impossível que haja um Deus. Ora, longe de provar tal impossibilidade somos obrigados a reconhecer a impossibilidade de sua não-existência. O argumento — é preciso que haja fora de nós um ser infinito, eterno, imenso, todo poderoso, livre, inteligente — faz com que as trevas que acompanham essa luz sirvam apenas para mostrar que ela existe, pois aquilo que nos demonstra a existência de um ser infinito vem também demonstrar-nos que para um ser finito deve ser impossível compreendê-lo.

Parece-me que só se pode sofismar e dizer absurdos quando se procura esforçar-se para negar a necessidade de um ser existente por si mesmo ou quando se quer sustentar que a matéria

é esse ser. Mas a coisa é muito diferente quando se trata de estabelecer e de discutir os atributos desse ser cuja existência está demonstrada.

Os mestres na arte de raciocinar, os Locke, os Clarke, nos dizem: "Tal ser é um ser inteligente, pois aquele que produziu tudo deve ter todas as perfeições que colocou naquilo que produziu, se não o efeito seria mais perfeito do que a causa ou, ainda de uma outra maneira, haveria no efeito uma perfeição que não teria sido produzida por nada, o que é visivelmente absurdo. Portanto, já que existem seres inteligentes e que a matéria não pode dar a si mesma a faculdade de pensar, é preciso que o ser existente por si mesmo, Deus, seja um ser inteligente". No entanto, poderíamos retorquir a esse argumento dizendo: *É preciso que Deus seja matéria*, visto que existem seres materiais, pois sem isso, a matéria não teria sido produzida por nada, e uma causa teria produzido um efeito cujo princípio não estava nela. Acredita-se contornar tal argumento encaixando-se nele a palavra *perfeição*. O Sr. Clarke parece tê-lo previsto, porém não ousou colocá-lo às claras, fazendo unicamente a seguinte objeção: "Dir-se-á que Deus comunicou a divisibilidade e a figura à matéria, *embora não seja figurado nem divisível*". E dá uma resposta muito sólida e muito fácil à objeção: a divisibilidade e a figura são qualidades negativas e limitações, e embora uma causa não possa comunicar ao seu efeito qualquer perfeição que ela não possua, o efeito entretanto pode e deve necessariamente ter limitações e imperfeições que a causa não tenha. Mas, que teria respondido o Sr. Clarke àquele que lhe tivesse dito: "A matéria não é um ser negativo, uma limitação, uma imperfeição. É um ser real, positivo e que tem seus atributos exatamente como o espírito. Ora, como Deus terá podido produzir um ser material se não é material?" É preciso então ou que admitais que a causa pode comunicar algo positivo que ela não possui ou que a matéria não possui a causa de sua existência ou, enfim, que sustenteis que a matéria é uma pura negação e uma limitação. Se essas três vias forem absurdas, será preciso que admitais que a existência dos seres inteligentes não prova que o ser existente por si mesmo seja um ser inteligente, assim como a existência dos seres materiais não prova que o ser existente por si mesmo seja matéria, pois ambos os casos são absolutamente semelhantes. O mesmo será dito do movimento. A respeito da palavra *perfeição*, aqui abusa-se visivelmente dela, pois quem ousará dizer que matéria é uma imperfeição e o pensamento uma perfeição? Não creio que alguém ouse decidir assim sobre a essência das coisas. E depois, o que quer dizer *perfeição?* Seria perfeição em relação a Deus ou em relação a nós?

Sei que se pode dizer que esta opinião reconduziria ao spinozismo. A isto responderei que nada posso fazer e que meu raciocínio, se for bom, não pode tornar-se mau pelas conseqüências que dele se possam tirar. Além disso, nada seria mais falso do que essa conseqüência, pois provaria somente que nossa inteligência não se assemelha à inteligência de Deus, assim como nosso modo de ser extenso não se assemelha à maneira como Deus preenche o espaço. Deus não está na situação das causas que conhecemos; pôde criar o espírito e a matéria sem ser matéria ou espírito. Nem um nem outro derivam dele, mas são criados por ele. É verdade que não conheço o *quomodo;* (o como); prefiro deter me a perder-me. Sua existência me é demonstrada, mas acredito que me é demonstrado também que não sou feito para compreender seus atributos e sua essência.

Dizer que Deus não pode fazer o mundo nem necessariamente nem livremente é apenas um sofisma que cai por si mesmo, desde que se tenha provado que há um Deus e que o mundo não é Deus. A objeção reduz-se unicamente a isto: Não posso compreender que Deus tenha criado o universo num tempo mais do que noutro, portanto, não pôde criá-lo. É como se se dissesse: Não posso compreender por que um tal homem ou um tal cavalo não existiu milhares de anos antes, portanto, sua existência é impossível. Além disso, a vontade livre de Deus é uma razão suficiente do tempo em que criou o mundo. Se Deus existir, será livre, e não o seria se estivesse sempre determinado por uma razão suficiente e se sua vontade não lhe servisse. Ademais essa razão suficiente estaria nele ou fora dele? Se estiver fora dele, não se determina livremente; se estiver nele, será justamente sua vontade.

Embora seja verdade que as leis matemáticas são imutáveis, não seria necessário que tais leis fossem preferidas a outras. Não seria necessário que a Terra fosse colocada onde está. Nenhuma lei matemática pode agir por si mesma. Nenhuma age sem movimento, o movimento não existe por si mesmo, portanto, é preciso recorrer a um primeiro motor. Admito que os planetas, situados a tal distância do Sol, devem percorrer suas órbitas segundo leis que observam, e que até

mesmo a sua distância pode ser regulada pela quantidade de matéria que concentram. Mas, poder-se-á dizer que seria necessário que houvesse tal quantidade de matéria em cada planeta, que houvesse um determinado número de estrelas, que esse número não possa ser aumentado nem diminuído, que sobre a Terra haja um determinado número de seres por uma necessidade absoluta e inerente à natureza das coisas? Não, sem dúvida, uma vez que esse número muda todos os dias: portanto, toda a natureza, desde a estrela mais longínqua até um pedacinho de erva, deve estar submetida a um primeiro motor.

Quanto ao que se objeta, que um prado não é feito essencialmente para os cavalos, etc., não se pode concluir daí que não haja causa final, mas unicamente que não conhecemos todas as causas finais. Daí é preciso, sobretudo, raciocinar com boa fé e de forma alguma procurar enganar-se a si mesmo. Quando se vê uma coisa que tem sempre o mesmo efeito, que tem unicamente esse efeito, que é composta de uma infinidade de órgãos nos quais há uma infinidade de movimentos todos concorrendo para a mesma produção, parece-me que não se pode, sem uma repugnância secreta, negar uma causa final. O germe de todos os vegetais e de todos os animais está nesse caso. Não seria preciso ser um pouco ousado para afirmar que tudo isso não se relaciona a algum fim?

Concordo que não existe demonstração propriamente dita que prove que o estômago seja feito para digerir, como não existe demonstração de que é dia, mas os materialistas estão bem longe de poder demonstrar também que o estômago não é feito para digerir. Que se julgue somente qual é a opinião mais provável, com a mesma equidade com que se julgam as coisas em seu curso ordinário!!

Com respeito às críticas de injustiça e de crueldade endereçadas a Deus, respondo primeiramente que, supondo-se que haja um mal moral (o que me parece uma quimera), parece-me tão impossível explicá-lo pelo sistema da matéria como por aquele de Deus. Respondo, em seguida, que os únicos ideais de justiça que temos são aqueles tomados de toda ação útil à sociedade e conformes às leis estabelecidas por nós para o bem comum. Ora, a idéia de justiça, sendo somente uma idéia da relação homem a homem, não pode ter analogia alguma com Deus. É tão absurdo, nesse sentido, dizer que Deus é justo ou injusto quanto dizer que é azul ou quadrado.

É, portanto, insensato censurar a Deus porque as moscas são comidas pelas aranhas e porque os homens só vivem oitenta anos, (porque) abusam de sua liberdade para se destruírem uns aos outros, (porque) têm doenças, paixões cruéis, etc., pois não temos, certamente, nenhuma idéia de que os homens e as moscas devessem ser eternos. Para nos assegurarmos bem de que uma coisa é um mal, seria preciso ao mesmo tempo vermos se poderíamos fazê-la melhor. Certamente só podemos julgar uma máquina imperfeita pela idéia da perfeição que lhe falta. Não podemos, por exemplo, julgar que os três lados de um triângulo sejam desiguais se não tivermos a idéia de um triângulo equilátero. Não podemos dizer que um relógio é mau se não tivermos uma idéia distinta de um determinado número de espaços iguais que o ponteiro desse relógio deve percorrer igualmente. Mas, quem terá uma idéia em que se mostre a sabedoria divina derrogada neste mundo?

A opinião de que há um Deus enfrenta dificuldades, mas a opinião contrária profere absurdos. É o que precisamos examinar, fazendo um pequeno resumo daquilo que o materialista é obrigado a crer.

Conseqüências Necessárias da Opinião dos Materialistas

É preciso que digam que o mundo existe necessariamente e por si mesmo, de maneira que haveria contradição nos termos se dissessem que uma parte da matéria poderia não existir ou poderia existir diferentemente do que é. É preciso que digam que o mundo material tem em si essencialmente o pensamento e o sentimento, pois não pode adquiri-los, porque nesse caso viriam do nada. Ora, não pode recebê-lo de alhures porque está suposto que é tudo o que é. É preciso, portanto, que o pensamento e o sentimento lhe sejam inerentes, como a extensão, a divisibilidade, a capacidade de movimento são inerentes à matéria. E, assim, é preciso confessar que há somente

um pequeno número de partes que têm esse sentimento e esse pensamento essenciais ao total do mundo; que esses sentimentos e esses pensamentos, embora inerentes à matéria, entretanto, perecem a cada instante; ou então será preciso adiantar que há uma alma do mundo que se propaga nos corpos organizados. E, então, será preciso que esta alma seja diferente do mundo. Assim, de qualquer lado que nos viremos, só encontraremos quimeras que se destroem.

Os materialistas devem ainda sustentar que o movimento é essencial à matéria. São por isso reduzidos a dizer que o movimento nunca pôde nem nunca poderá aumentar ou diminuir. Serão forçados a adiantar que cem mil homens marchando juntos e cem tiros de canhão que disparam não produzem nenhum movimento novo na natureza. Será preciso ainda que assegurem que não há liberdade alguma, e assim, que destruam todos os laços da sociedade, crendo numa fatalidade tão difícil de compreender como a liberdade, mas desmentida por eles próprios na prática. Que um leitor equânime, tendo maduramente pesado o prô e o contra da existência de um Deus criador, veja agora de que lado está a verossimilhança!

Depois de nos arrastarmos assim, de dúvida em dúvida, e de conclusão em conclusão, até poder encarar a proposição *Existe um Deus* como a coisa mais verossímil que os homens possam pensar, e após ter visto que a proposição contrária é uma das mais absurdas, parece natural pesquisar qual a relação existente entre Deus e nós; ver se Deus estabeleceu leis para os seres pensantes, assim como existem leis mecânicas para os seres materiais; examinar se existe uma moral e o que pode ser; se há uma religião estabelecida pelo próprio Deus. Estas questões são, sem dúvida, de tal importância que diante delas tudo cede o passo, e as pesquisas com que divertimos nossa vida tornam-se bem frívolas se comparadas a elas. No entanto, essas perguntas só estarão no devido lugar quando considerarmos o homem como um animal sociável.

Examinemos, primeiramente, como lhe vêm as idéias e como pensa, antes de vermos que uso faz ou deve fazer dos seus pensamentos.

Capítulo III

Que Todas as Idéias Vêm pelos Sentidos

Quem quer que submeta tudo o que se passou em seu entendimento a uma avaliação fiel admitirá sem dificuldade que seus sentidos lhe forneceram todas as idéias. E, no entanto, os filósofos que abusaram de sua razão pretenderam afirmar que tínhamos idéias inatas. E o asseguraram usando apenas o mesmo fundamento que lhes servira para dizer que Deus, tomando cubos de matéria e esfregando-os uns contra os outros, formara o mundo visível. Formaram sistemas com os quais se vangloriavam de poder arrisear qualquer explicação aparente dos fenômenos da natureza. Essa maneira de filosofar é ainda mais perigosa do que o jargão desprezível da Escola. Pois esse jargão, sendo absolutamente vazio de sentido, basta um pouco de atenção para que um espírito reto, num único lance, aperceba-se do seu ridículo e procure alhures a verdade. Mas, uma hipótese engenhosa e ousada que tenha de início algum lampejo de verossimilhança estimula o orgulho humano a crê-la; o espírito se congratula por tais princípios sutis e serve-se de toda sua sagacidade para defendê-los. É claro que nunca se deve levantar hipóteses; nunca dizer: Comecemos por inventar princípios com os quais trataremos de explicar tudo. Mas, é preciso dizer: Façamos a análise exata das coisas e em seguida trataremos de ver, com muita desconfiança se se relacionam com alguns princípios. Os que fizeram o romance das idéias inatas se vangloriaram de dar explicação das idéias do infinito, da imensidão de Deus e de algumas noções metafísicas que supunham ser comuns a todos os homens. Entretanto, se antes de se empenhar nesse sistema tivessem querido refletir sobre o fato de que muitos homens não têm durante toda sua vida a menor tintura dessas noções; que nenhuma criança as tem sem que se lhes dê; e que, enfim, quando as adquirimos, temos apenas percepções muito imperfeitas, idéias puramente negativas, tais reflexões os levariam a envergonharem-se de suas opiniões. Se há alguma coisa demonstrada fora da matemática é que não há idéias inatas no homem. Se houvesse, todos os homens ao nascer teriam

a idéia de Deus e teriam todos a mesma idéia; teriam todos as mesmas noções metafísicas. Acrescentais a isso o absurdo ridículo em que nos lançamos quando sustentamos que Deus nos deu, quando ainda no ventre materno, noções que precisam ser-nos totalmente ensinadas em nossa juventude.

É, portanto, indubitável que nossas primeiras idéias sejam nossas sensações. Pouco a pouco recebemos idéias compostas daquilo que atinge nossos órgãos; nossa memória retém estas percepções; nós as classificamos em seguida sob idéias gerais, e todos os vastos conhecimentos do homem resultam dessa única faculdade de compor e arranjar as idéias.

Os que objetam que as noções do infinito em duração, em extensão, em número, não podem vir dos nossos sentidos, só têm que se voltar sobre si mesmos por um instante. Primeiramente, verão que não têm nenhuma idéia completa, e nem sequer positiva do infinito, mas que foi somente acrescentando as coisas materiais umas às outras que chegaram a compreender que nunca verão o fim de sua conta, e chamaram infinito essa impotência, que é antes uma confissão da ignorância humana do que uma idéia acima de nossos sentidos. Se se objetar que há infinito real em geometria, respondo: não. Prova-se somente que a matéria será sempre divisível; prova-se que todos os círculos possíveis passarão entre duas linhas; prova-se que uma infinidade de superfícies não possui nada de comum com uma infinidade de cubos, mas isto nos dá tanta idéia do infinito quanto a proposição *Existe um Deus* nos dá uma idéia do que é Deus.

Mas não é suficiente estarmos convencidos de que todas as nossas idéias nos vêm pelos sentidos. Nossa curiosidade leva-nos também a querer conhecer como elas nos vêm, e, assim, todos os filósofos escreveram belos romances, o que lhes teria sido poupado se tivessem examinado com boa fé os limites da natureza humana. Quando não temos o apoio do compasso da matemática nem do archote da experiência e da física, é certo que não podemos dar um só passo. Até que tenhamos os olhos bastante agudos para distinguir as partes constituintes do ouro das partes constituintes de um grão de mostarda, é certo que não poderemos raciocinar sobre suas essências. E, até que o homem seja de uma outra natureza, e que tenha órgãos para perceber sua própria substância e a essência de suas idéias, como tem órgãos para sentir, é indubitável que lhe será impossível conhecê-las. Perguntar como pensamos e como sentimos, como nossos movimentos obedecem à nossa vontade, é perguntar sobre segredo do Criador. Nossos sentidos não nos fornecem vias para chegar a esse conhecimento, como não nos fornecem asas quando desejamos ter a faculdade de voar. Em minha opinião, isso prova suficientemente que todas as nossas idéias nos vêm pelos sentidos, já que, quando nossos sentidos nos faltam, as idéias nos faltam igualmente. Também é impossível saber como pensamos e, pela mesma razão, é impossível ter a idéia de um sexto sentido, pois faltam-nos órgãos que nos ensinem tais idéias. Eis por que aqueles que tiveram a ousadia de imaginar um sistema sobre a natureza da alma e de nossas concepções foram obrigados a supor a opinião absurda das idéias inatas, vangloriando-se de que, entre pretensas idéias metafísicas vindas do céu ao nosso espírito, encontrar-se-iam algumas que descobririam esse segredo impenetrável.

De todos os raciocinadores ousados que se perderam na profundeza dessas investigações, o Padre Malebranche é o que pareceu extraviar-se de modo mais sublime.

Eis a que se reduz seu sistema, que provocou tanto estardalhaço.

Nossas percepções, que nos vêm por ocasião dos objetos, não podem ser causadas por esses próprios objetos, e certamente não têm neles mesmos a potência de produzir um sentimento; não vêm de nós mesmos, pois a esse respeito somos tão impotentes quanto os objetos; é preciso, pois, que seja Deus que nô-las dê. *Ora, Deus é vínculo dos espíritos, e os espíritos subsistem nele;* portanto, é nele que temos nossas idéias e que vemos todas as coisas.

Ora, pergunto a todo homem que não tenha a cabeça repleta de entusiasmo: que noção clara nos dá este último raciocínio?

O que quer dizer *Deus é o vínculo dos espíritos?* E mesmo que as palavras *sentir e ver tudo em Deus* formassem em nós uma idéia distinta, o que ganharíamos com isso e em que seríamos mais sábios do que antes?

Certamente, para reduzir o sistema do Padre Malebranche a algo inteligível, somos obriga-

dos a recorrer ao spinozismo, imaginando que o total do universo é Deus, que este Deus age em todos os seres, sente nos animais, pensa nos homens, vegeta nas árvores, é pensamento e pedregulho, tem todas as partes de si mesmo destruídas a todo momento, e enfim todos os absurdos que decorrem necessariamente de tal princípio.

Os extravios de todos aqueles que quiseram aprofundar o que é impenetrável para nós devem ensinar-nos a não querer ultrapassar os limites de nossa natureza. A verdadeira filosofia é saber interromper onde é preciso e jamais caminhar sem um guia seguro.

Resta bastante terreno a percorrer sem viajar nos espaços imaginários. Contentemo-nos, portanto, em saber pela experiência apoiada no raciocínio, única fonte de nossos conhecimentos, que nossos sentidos são as portas por onde todas as idéias entram em nosso entendimento, e relembremos bem que nos é absolutamente impossível conhecer o segredo dessa mecânica, porque não possuímos instrumentos proporcionais às suas molas.

CAPÍTULO IV

Que Há Efetivamente Objetos Exteriores

Não passaria por nossa cabeça tratar desta questão se os filósofos não tivessem procurado duvidar das coisas mais claras, como se vangloriaram de conhecer as mais duvidosas.

Nossos sentidos nos fazem ter idéias, dizem eles, mas talvez nosso entendimento receba essas percepções sem que haja algum objeto no exterior. Sabemos que durante o sono vemos e sentimos coisas que não existem; talvez nossa vida seja um sonho contínuo e a morte será o momento de nosso despertar, ou o fim de um sono que não será sucedido por nenhum despertar.

Nossos sentimentos nos enganam mesmo na vigília; a menor alteração em nossos órgãos nos faz ver, algumas vezes, objetos e escutar sons cuja causa está unicamente no desarranjo do nosso corpo; portanto, é bem possível que nos aconteça sempre o que nos acontece algumas vezes.

Acrescentam que quando vemos um objeto, percebemos uma cor, uma figura, escutamos sons, e que nos agradou denominar tudo isto de: *os modos deste objeto;* mas, qual é a substância desse objeto? É aí, com efeito, que o objeto escapa à nossa imaginação. O que tão ousadamente denominamos *a substância* é somente a reunião desses modos. Despojai esta árvore desta cor, desta configuração que nos dava a idéia de uma árvore, que lhe restará? Ora, o que chamei *modos* são somente as minhas percepções. Posso muito bem dizer: *tenho idéia da cor verde e de um corpo configurado assim, assim,* mas não tenho prova alguma de que este corpo e esta cor existam: eis o que diz Sexto Empírico, sem poder encontrar uma resposta.

Concedamos a esses senhores, ainda por um momento, mais do que pedem. Pretendem que não podemos provar-lhes a existência dos corpos. Permitamos-lhes que eles próprios provem que não há corpos. Que decorrerá disso? Conduziremo-nos diferentemente em nossa vida? Teremos idéias diferentes sobre nada? Bastará mudar somente uma palavra em seus discursos. Assim, por exemplo, se tiver ocorrido alguma batalha, será preciso dizer que dez mil homens *pareceram* ter sido mortos, que um tal oficial *parece* ter quebrado a perna e que um cirurgião *parecerá* cortá-la. Assim também, quando tivermos fome, pediremos a *aparência* de um pedaço de pão para fingirmos digerir.

Mas, eis o que poderemos responder mais seriamente:

1.º A rigor não podeis comparar a vida ao estado dos sonhos, porque dormindo sonhais apenas com as coisas cuja idéia tivestes quando despertos. Estais seguros de que vossos sonhos são apenas uma fraca reminiscência. Ao contrário, durante a vigília, quando temos uma sensação, nunca podemos concluir que seja por lembrança. Se, por exemplo, uma pedra caindo quebrar-nos o ombro, parecerá bastante difícil que isto se dê por um esforço de memória.

2.º É verdade que nossos sentidos freqüentemente se enganam, mas que entendemos por isso? Só temos um sentido propriamente dito, o do tato. A visão, o som, o olfato são o tato dos corpos intermediários que partem de um corpo distante. Só tenho idéia das estrelas pelo contato.

Como o contato da luz, que atinge meu olho a mil milhões de léguas, não é palpável como o contato de minhas mãos, e depende do meio que aqueles corpos atravessaram, tal contato é chamado, impropriamente, enganador, pois não me deixa ver os objetos nos seus verdadeiros lugares, não me dá a idéia da sua grandeza. Nenhum desses contatos não-palpáveis fornece-me idéia positiva dos corpos. A primeira vez que sinto um odor sem ver o objeto de onde vem, meu espírito não encontra relação alguma entre um corpo e esse odor, mas o contato propriamente dito; a aproximação do meu corpo de um outro, independentemente dos meus outros sentidos, me dá a idéia da matéria, pois quando toco uma rocha sinto perfeitamente que não posso colocar-me em seu lugar, e que, por conseguinte, há qualquer coisa extensa e impenetrável. Assim, supondo (pois o que não supomos?) que um homem tivesse todos os sentidos fora o do tato propriamente dito, tal homem poderia muito bem duvidar da existência dos objetos exteriores e talvez até permanecer muito tempo sem ter a menor idéia deles. Entretanto, aquele que fosse surdo e cego, mas tivesse o tato, não poderia duvidar da existência das coisas cuja dureza experimentasse, pois não está na essência da matéria que um corpo seja colorido ou sonoro, mas sim extenso e impenetrável. Como os céticos indignados responderão às duas questões seguintes:

1.° Se não há objetos exteriores, e se minha imaginação faz tudo, por que me queimo quando toco o fogo e não me queimo quando, em (um) sonho, creio tocar o fogo?

2.° Quando escrevo minhas idéias sobre este papel e um outro homem vem ler o que escrevo, como posso escutar as palavras que escrevi e pensei se esse outro homem não as ler efetivamente? Como posso reencontrá-las se não estiverem aí? Enfim, qualquer que seja o esforço que faça para duvidar, estou mais convencido da existência dos corpos do que de várias verdades geométricas. Embora pareça espantoso, nada posso fazer. Podem faltar-me demonstrações geométricas para provar que tenho pai e mãe, e pode ter sido em vão demonstrar-me, ou seja, não se ter podido responder ao argumento que prova que uma infinidade de linhas curvas podem passar entre um círculo e sua tangente. No entanto, sinto perfeitamente que se um ser todo-poderoso viesse dizer-me que, das duas proposições seguintes, "há corpos" e "uma infinidade de curvas passam entre o círculo e sua tangente", uma é falsa, acrescentando: adivinhais qual delas? Adivinharia que é a última, pois, sabendo que ignorei durante muito tempo esta proposição, e que tive necessidade de uma atenção concentrada para compreender sua demonstração; que acreditei aí encontrar dificuldades; que, enfim, as verdades geométricas só têm realidade em meu espírito, poderia suspeitar que este se enganou.

Seja como for, como aqui minha principal finalidade é examinar o homem sociável, e só podemos ser sociáveis se houver uma sociedade, e, por conseguinte, objetos fora de nós, os pirronianos me permitirão começar por crer firmemente que há corpos, sem o que seria preciso que eu recusasse a própria existência desses senhores.[3]

Capítulo V

Se o Homem Tem uma Alma, e o que Pode Ser

Temos certeza de que somos matéria, de que sentimos e de que pensamos. Estamos persuadidos da existência de um Deus de quem somos a obra, e as razões que nos levam a tal convicção não permitem que nosso espírito se revolte contra elas. Provamos a nós mesmos que Deus criou o que existe. Convencemo-nos de que nos é impossível e de que nos deve ser impossível saber como Ele nos deu o ser. Entretanto, podemos saber o que pensa em nós? Qual é essa faculdade que Deus nos deu? É a matéria que sente e que pensa? É uma substância imaterial? Em uma palavra, o que é uma alma? Aqui, mais do que nunca, é necessário recolocar-me no estado de um ser pensante vindo de um outro globo, não tendo os preconceitos daqui e possuindo a mesma capaci-

[3] Vide verbete *Existência*, pelo Cavaleiro de Jaucourt, na *Enciclopédia*; é a única obra em que a questão da existência dos corpos foi bem tratada e completamente resolvida até hoje. (N. do A.)

dade que eu, mas não sendo o que se chama homem, e capaz de julgar o homem de uma maneira desinteressada.

Se eu fosse um ser superior a quem o Criador tivesse revelado seus segredos, vendo o homem, logo diria o que é esse animal. Definiria sua alma e todas as suas faculdades com conhecimento de causa, com tanta ousadia como o definiram tantos filósofos que nada sabiam. Porém, confessando minha ignorância e experimentando minha fraca razão, não posso fazer outra coisa senão servir-me da via da análise, bastão dado aos cegos pela natureza. Examino tudo parte por parte e vejo em seguida se posso julgar o todo. Suponho, então, que cheguei à África, cercado de negros, de hotentotes e de outros animais. Noto inicialmente que os órgãos da vida são os mesmos em todos eles, todas as operações de seus corpos partem dos mesmos princípios de vida; todos têm, a meu ver, os mesmos desejos, as mesmas paixões, as mesmas necessidades, exprimindo-os cada um em sua língua. A primeira língua que escuto é a dos animais, e não poderia ser de outra forma; os sons pelos quais se exprimem não parecem arbitrários, mas caracteres vivos de suas paixões; os signos trazem a marca do que exprimem: o grito de um cachorro que reclama comida, reunido a todas as suas atitudes, tem uma relação sensível com seu objeto. Distingo incontinenti os gritos e os movimentos com que adula um outro animal daqueles com que caça, e daqueles com que se queixa. Distingo ainda se sua queixa exprime a ansiedade da solidão, ou a dor de uma ferida, ou as impaciências do amor. Assim, com um pouco de atenção, compreendo a linguagem de todos os animais. Não há sentimento algum que não exprimam, embora talvez não aconteça o mesmo com suas idéias; mas como parece que a natureza lhes deu pouquíssimas idéias, parece-me também que seria natural que tivesse uma linguagem limitada, proporcionada às suas percepções.

Que diferença encontro nos animais negros? Que posso ver aí, se não algumas idéias e algumas combinações a mais na cabeça, expressas numa linguagem articulada diferentemente? Quanto mais examino todos esses seres, mais devo suspeitar que são espécies diferentes de um mesmo gênero. A faculdade admirável de reter idéias é comum a todos, todos têm sonhos e fracas imagens durante o sono, idéias que receberam na vigília; sua faculdade sensível e pensante cresce com seus órgãos, como eles se enfraquece e perece. Se vertermos o sangue de um macaco e de um negro, haverá em breve num e noutro um grau de esgotamento que os tornará incapazes de me reconhecer. Logo depois seus sentidos exteriores não agem mais e enfim morrem.

Pergunto agora o que lhes dava a vida, a sensação e o pensamento. Não era sua própria obra, também não era a da matéria, como já provei. Portanto, foi Deus quem dera a todos esses corpos a potência de sentir e de ter idéias em graus diferentes, proporcionais aos seus órgãos. Eis, seguramente, o que eu suspeitaria de início.

Enfim, vejo homens que me parecem superiores aos negros, como estes o são em relação aos símios, e como estes, comparados aos outros animais dessa espécie.

Os filósofos dizem-me: Não vos enganeis, o homem é inteiramente diferente dos outros animais, tem uma alma espiritual e imortal, pois (notai bem isto), se o pensamento é um composto da matéria, deve ser necessariamente aquilo de que é composto, deve ser divisível, capaz de movimento, etc. Ora, o pensamento não pode dividir-se, portanto não é um composto da matéria, não possui partes, é simples, é imortal, é a obra e a imagem de um Deus. Escuto esses mestres e lhes respondo, sempre desconfiando de mim mesmo, mas nem por isso confiando neles. Se o homem tem uma alma, tal como assegurais, devo crer que este cão e esta toupeira têm uma semelhante. Todos me juram que não. Pergunto-lhes qual a diferença que existe entre este cão e eles. Uns me respondem: este cão é uma forma substancial; outros me dizem: não acrediteis nisso, as formas substanciais são quimeras; este cão é uma máquina como uma manivela, e nada mais. Pergunto ainda aos inventores das formas substanciais o que entendem por essa expressão, e como só me respondem com galimatias, volto-me para os inventores das manivelas e lhes digo: se estes animais são puras máquinas, certamente sereis, em comparação com eles, apenas como um relógio de repetição em comparação com a manivela de que falais; ou, se tendes a honra de possuir uma alma espiritual, os animais terão uma também, pois são tudo o que vós sois. Possuem os mesmos órgãos com os quais tendes sensações, e se não lhes servirem para a mesma finalidade, dando-lhes

tais órgãos Deus terá feito uma obra inútil. Mas de acordo com vossa própria opinião, Deus nada faz em vão. Escolhei, portanto: ou atribuís uma alma espiritual a uma pulga, a um verme, a um bicho do queijo, ou sois autômatos como eles. Tudo que tais senhores podem responder-me consiste em dizer que conjecturam a respeito das molas dos animais, molas que parecem ser os órgãos de seus sentimentos, necessárias às suas vidas, mas que neles são unicamente molas de vida. Esta resposta é apenas uma suposição irrazoável.

É certo que para viver não se precisa nem de nariz, nem de orelhas, nem de olhos. Há animais que não possuem sentidos e vivem. Portanto, esses órgãos dos sentidos são dados apenas para o sentimento, donde se conclui que os animais sentem como nós e, assim, só um excesso de vaidade ridícula pode levar os homens a se atribuírem uma alma de uma espécie diferente daquela que anima os brutos. É claro, pois, que até agora nem os filósofos nem eu sabemos o que seja a alma. Está somente provado ser alguma coisa comum entre o animal chamado *homem* e aquele que se denomina *besta*. Vejamos se essa faculdade comum a todos os animais é matéria ou não.

É impossível, dizem-me, que a matéria pense. Não vejo esta impossibilidade. Se o pensamento fosse um composto da matéria, como me dizem, admitiria que o pensamento deveria ser extenso e divisível; mas se o pensamento é um atributo de Deus dado à matéria, não vejo por que seja necessário que tal atributo seja extenso e divisível, pois vejo que Deus comunicou à matéria outras propriedades que não possuem extensão nem divisibilidade. Assim, por exemplo, a gravitação, que age sem corpos intermediários e na razão direta da massa e não das superfícies, e na razão inversa do quadrado das distâncias, é uma qualidade real demonstrada, mas cuja causa está tão escondida como a do pensamento.

Em uma palavra, só posso julgar segundo o que vejo, e segundo o que me parece mais provável. Vejo que em toda a natureza os mesmos efeitos supõem uma mesma causa. Assim, julgo que a mesma causa age nas bestas e nos homens proporcionalmente aos seus órgãos, e creio que este princípio comum aos homens e às bestas é um atributo dado por Deus à matéria. Pois, se o que se chama *alma* fosse um ser à parte, qualquer que fosse sua natureza, eu deveria crer que o pensamento é sua essência, ou, então, eu não teria idéia alguma dessa substância. Mesmo todos os que admitiram uma alma imaterial foram obrigados a dizer que esta pensa sempre. Faço, então, apelo à consciência de todos os homens. Pensam sem cessar? Pensam quando dormem um sono pleno e profundo? As bestas têm idéias em todos os momentos? Alguém que desmaiou tem muitas idéias nesse estado, que é realmente uma morte passageira? Se a alma não pensa sempre é, portanto, absurdo reconhecer no homem uma substância cuja essência seja pensar. Que poderíamos concluir senão que Deus organizou os corpos para pensar assim como para comer e para digerir? Informando-me sobre a história do gênero humano, vejo que durante muito tempo os homens tiveram a mesma opinião que eu sobre esse assunto. Leio um dos livros mais antigos do mundo, conservado por um povo que se pretende ser o povo mais antigo, e tal livro me diz que o próprio Deus parece pensar como eu. Ensina-me que outrora Deus deu aos judeus leis mais detalhadas do que quaisquer outras recebidas por uma nação. Digna-se prescrever-lhes até a maneira como devem ir à privada, mas não lhes disse uma única palavra sobre a alma, falando-lhes apenas de castigos e recompensas temporais, o que prova, pelo menos, que o autor desse livro não vivia numa nação que acreditasse na espiritualidade e na imortalidade da alma.

Dizem-me que, dois mil anos depois, Deus veio ensinar aos homens que sua alma é imortal, mas eu, que pertenço a uma outra esfera, não posso deixar de me espantar com esse disparate debitado na conta de Deus. Parece estranho para minha razão que Deus tenha feito os homens crerem no pró e no contra, mas tratando-se de um ponto de revelação, onde minha razão nada vê, calo-me e adoro em silêncio. Não cabe a mim examinar o que foi revelado. Noto somente que os livros revelados não dizem que a alma seja espiritual, dizem apenas que é imortal. Não tenho dificuldade alguma para acreditar nisso, pois parece tão possível a Deus tê-la formado (seja qual for sua natureza) para conservá-la como para destruí-la. Esse Deus, que pode conservar ou aniquilar o movimento de um corpo conforme lhe agrade, pode seguramente fazer durar para sempre a faculdade de pensar numa parte desse corpo. Com efeito, se ele próprio nos disse que essa parte é imortal, é preciso persuadir-se de que assim é.

Mas, de que é feita a alma? Isto o Ser Supremo não julgou de bom alvitre ensinar aos homens. Contando apenas com minhas próprias luzes, com o desejo de conhecer alguma coisa e com a sinceridade do meu coração para conduzir-me nessas investigações, procuro sinceramente o que minha razão pode revelar-me por si mesma. Experimento suas forças, não por crê-la capaz de carregar todos esses pesos imensos, mas para fortificá-la pelo exercício, e para saber até onde vai seu poder. Assim, sempre pronto a ceder desde que a revelação me apresente suas barreiras, continuo minhas reflexões e minhas conjecturas unicamente como filósofo, até que minha razão não possa mais avançar.

Capítulo VI

Se o que Chamamos Alma é Imortal

Este não é o lugar adequado para examinar se efetivamente Deus revelou a imortalidade da alma. Continuo supondo que sou um filósofo de um outro mundo julgando apenas com minha razão. Esta ensinou-me que todas as idéias dos homens e dos animais lhes vêm pelos sentidos e confesso não poder segurar o riso quando me dizem que os homens ainda terão idéias quando não tiverem mais sentidos. Se um homem perdeu o nariz, assim perdido, este é uma parte dele tanto quanto a estrela polar. Ao perder todas as suas partes e não ser mais um homem, não seria estranho dizer, então, que ainda lhe sobra o resultado de tudo o que pereceu? Preferiria dizer que come e bebe após sua morte a dizer que lhe restam idéias depois dela. Essas duas suposições são igualmente inconseqüentes, mas certamente escoaram-se muitos séculos antes que se ousasse fazer uma proposta tão surpreendente como a segunda. Bem sei, ainda uma vez, que Deus, tendo atado a uma parte do cérebro a faculdade de ter idéias, pode conservar essa pequena parte do cérebro com sua faculdade, pois conservar essa faculdade sem a parte seria tão impossível como conservar o riso de um homem ou o canto de um pássaro após a morte do homem e do pássaro. Deus pode também ter dado aos homens e aos animais uma alma simples, imaterial, conservando-a independentemente de seus corpos. Isso lhe é tão possível como criar um milhão de mundos a mais do que criou, bem como dar aos homens dois narizes e quatro mãos, asas e garras. No entanto, para crer que de fato fez todas essas coisas possíveis, parece-me que é preciso vê-las.

Não vendo, portanto, que o entendimento, a sensação do homem, seja coisa imortal, quem provará que ela o é? Como?! Eu, que nem sei qual é a natureza dessa coisa, afirmarei que é eterna?! Eu, que sei que o homem não existia ontem, afirmarei que há nele uma parte eterna por sua natureza?! E, enquanto recusarei a imortalidade àquilo que anima este cão, este papagaio, esta gralha, irei concedê-la ao homem só porque o homem a deseja?

Com efeito, seria bem doce sobreviver a si mesmo, conservar eternamente a parte mais excelente de seu ser sob a destruição da outra, viver para sempre com seus amigos, etc.! Esta quimera (ao encará-la só nesse sentido) seria consoladora para as misérias reais. Eis, talvez, por que se inventou outrora o sistema da metempsicose. Entretanto, seria ele mais verossímil do que as *Mil e Uma Noites*? Não seria fruto da imaginação viva e absurda da maioria dos filósofos orientais? Suponho, porém, malgrado todas as verossimilhanças, que Deus conserva após a morte do homem o que se chama sua *alma*, e que abandona a da fera com o ritmo comum da destruição de todas as coisas. Pergunto o que o homem ganhará com isso; pergunto o que o espírito de Tiago terá em comum com Tiago depois de morto.

O que constitui a pessoa de Tiago, fazendo com que Tiago seja ele mesmo e o mesmo que era ontem a seus próprios olhos, é a lembrança das idéias que tinha ontem, e que no seu entendimento une sua existência de ontem à sua existência de hoje, pois se tivesse perdido inteiramente a memória, sua existência passada lhe seria tão estranha quanto a de um outro homem. Não seria mais o Tiago de ontem, a mesma pessoa, como não seria Sócrates ou César. Ora, suponho que Tiago, em sua última doença, tenha perdido totalmente a memória, morrendo conseqüentemente sem ser

o mesmo Tiago que viveu. Deus devolverá à sua alma essa memória que perdeu? Criará novamente essas idéias que não mais existem? Neste caso não será um homem completamente novo, tão diferente do primeiro quanto um hindu de um europeu?

Mas pode-se dizer também que, Tiago tendo perdido inteiramente a memória antes de morrer, sua alma poderá recobrá-la assim como é recobrada após um desmaio ou após uma congestão cerebral, pois um homem que perdeu inteiramente a memória numa grande doença não deixa de ser o mesmo homem quando a recupera. Portanto, a alma de Tiago, se tiver uma, e se for imortal pela vontade do Criador, como se supõe, poderá recuperar a memória após sua morte, exatamente como a recupera após um desmaio durante a vida. E assim, Tiago será o mesmo homem.

Vale a pena propor tais dificuldades, e aquele que encontrar uma maneira segura de resolver a equação dessa incógnita será, penso, um homem hábil.

Não consigo avançar mais nessas trevas. Detenho-me quando me falta a luz de meu archote. Já é suficiente que consiga ver até aonde posso ir. Não asseguro que tenha demonstrações contra a espiritualidade e a imortalidade da alma, mas todas as aparências são contra elas. É igualmente injusto e desarrazoado querer uma demonstração numa pesquisa susceptível somente de conjecturas.

É preciso unicamente prevenir o espírito dos que acreditariam a mortalidade da alma contrária ao bem da sociedade, e fazê-los relembrar que os antigos judeus, cujas leis admiram, acreditavam a alma material e mortal, sem contar as grandes seitas de filósofos que valiam como os judeus e que eram gente muito honesta.

Capítulo VII

Se o Homem é Livre

Talvez não haja questão mais simples do que a da liberdade, mas também não há outra que tenha sido mais emaranhada pelos homens. As dificuldades com que os filósofos eriçaram tal matéria, a temeridade com que se quis arrancar de Deus seu segredo e conciliar a presciência com o livre arbítrio, obscureceram a idéia de liberdade com a pretensão de esclarecê-la. Acostumou-se tanto a não mais pronunciar a palavra *liberdade* sem acompanhá-la com a seqüência de todas as dificuldades em que se desdobra que hoje em dia ninguém se entende quando se pergunta: o homem é livre?

Agora não há mais lugar para fingir um ser dotado de razão sem ser humano e que examina com indiferença o que é o homem. Ao contrário, agora é preciso que cada homem entre em si mesmo e dê testemunho de seu próprio sentimento.

Iniciemos despojando a questão de todas as quimeras com que se costumou embaraçá-la, e definamos o que entendemos pela palavra *liberdade*.

Liberdade é unicamente o poder de agir. Se uma pedra se movesse por sua escolha, seria livre. Os animais e os homens têm esse poder, portanto, são livres. Posso com todas as minhas forças contestar essa faculdade aos animais, posso afigurar-me, se quiser abusar de minha razão, que as bestas, semelhantes a mim em todo o resto, diferem de mim nesse único ponto. Posso concebê-las como máquinas que não têm nem sensações, nem desejos, nem vontade, embora aparentem tê-los. Forjarei sistemas, isto é, erros, para explicar sua natureza, mas, no momento de interrogar-me a mim mesmo, será preciso confessar que tenho uma vontade e que tenho o poder de agir, de mexer meu corpo, de aplicar meu pensamento em tal ou qual consideração, etc. Se alguém vier me dizer: acreditais ter essa vontade, mas não a tendes; tendes um sentimento que vos engana, como acreditais ver o Sol com dois pés de largura, embora em grandeza esteja para a Terra mais ou menos como um milhão para a unidade; responderei a esse alguém: o caso é diferente. Deus não me enganou fazendo me ver o que está distante de mim com uma grandeza proporcional à sua distância. As leis matemáticas da óptica provaram que não posso e não devo perceber os objetos senão na razão direta de seus tamanhos e de seu afastamento, e a natureza de

meus órgãos é tal que, se minha vista pudesse perceber a grandeza real de uma estrela, eu não poderia ver nenhum objeto sobre a Terra. O mesmo acontece com o sentido da audição e com o do olfato. Sendo todas as coisas iguais, só terei sensações mais ou menos fortes conforme os corpos sonoros e odoríferos estejam mais ou menos longe de mim. Não há nisso erro algum. Entretanto, se eu não tivesse vontade, crendo tê-la, Deus ter-me-ia criado expressamente para enganar-me, assim como se me fizesse acreditar que há corpos fora de mim sem que realmente houvesse. Nada resultaria dessa mentira senão um absurdo na maneira de agir de um Ser Supremo infinitamente sábio.

E que não se diga ser indigno de um filósofo recorrer a Deus nesse ponto. Pois, primeiramente, estando provado esse Deus, está demonstrado que é a causa de minha liberdade, caso eu seja livre, e que é o autor absurdo de meu erro, se, tendo-me feito um ser puramente paciente sem vontade, me fizesse acreditar que sou agente e que sou livre.

Em segundo lugar, se não houvesse Deus, quem me teria lançado no erro? Quem me teria dado o sentimento de liberdade, colocando-me na escravidão? Seria uma matéria que alcança a inteligência de si mesma? Não posso ser ensinado nem enganado pela matéria, nem receber dela a faculdade de querer; não posso ter recebido de Deus o sentimento da minha vontade sem ter uma; tenho realmente uma vontade, portanto sou um agente.

Querer e agir é precisamente o mesmo que ser livre. O próprio Deus só pode ser livre nesse sentido. Quis e agiu segundo sua vontade. Se supuséssemos sua vontade determinada necessariamente, dizendo que teve necessidade de querer o que fez, cairíamos num absurdo tão grande quanto se disséssemos "há um Deus" e "não há um Deus", pois se Deus fosse determinado necessariamente não seria mais agente, seria paciente e não seria mais Deus.

Nunca se deve perder de vista essas verdades fundamentais encadeadas umas às outras. Algo existe, portanto algum ser existe eternamente, portanto tal ser existe por si mesmo com uma necessidade absoluta, portanto é infinito, portanto todos os outros seres vêm dele sem que se saiba como, portanto pôde comunicar lhes a liberdade assim como lhes comunicou o movimento e a vida, portanto deu-nos esta liberdade que sentimos em nós, assim como nos deu a vida que sentimos em nós.

Em Deus a liberdade é o poder de pensar e de operar sempre tudo o que quer.

A liberdade dada por Deus ao homem é o poder fraco, limitado e passageiro, de dedicar-se a alguns pensamentos, e de operar certos movimentos. A liberdade das crianças que ainda não refletem e das espécies animais, que nunca refletem, consiste somente em querer e operar movimentos. Sobre qual fundamento podemos imaginar que a liberdade não existe? Eis as causas desse erro: de início, notou-se que temos freqüentemente paixões violentas que nos arrastam malgrado nós mesmos. Um homem quereria não amar uma amante infiel, e, no entanto, seus desejos, mais fortes que sua razão, o reconduzem para ela; somos arrebatados por ações violentas, em movimentos coléricos incontroláveis; desejaríamos levar uma vida tranqüila, e, no entanto, a ambição nos impele para o tumulto dos negócios.

Tantas cadeias visíveis a prostrar nos durante quase toda nossa vida fizeram-nos crer que estamos igualmente acorrentados a todo o resto, e dizemos: ora o homem é arrastado com rapidez e violência por sacudidas que o agitam, ora é conduzido por um movimento tranqüilo de que também não é senhor; é um escravo que nem sempre sente o peso e a infâmia dos seus ferros, mas é sempre escravo.

Tal raciocínio, que é apenas a lógica da fraqueza humana, é em tudo semelhante a este: os homens ficam doentes algumas vezes, portanto, nunca têm saúde.

Ora, quem não vê a impertinência desta conclusão? Quem não vê, ao contrário, que sentir a doença é uma prova indubitável de que se teve saúde, que sentir a escravidão e a impotência prova invencivelmente que se teve a potência e a liberdade?

Quando tivestes uma paixão furiosa, vossa vontade não era mais obedecida por vossos sentidos; nessa ocasião éreis tão livres como numa paralisia que vos impedisse de movimentar o braço que quisésseis mexer. Se um homem fosse durante toda sua vida dominado por paixões violentas ou por imagens que passam incessantemente em seu cérebro, faltar-lhe-ia a parte de humanidade que

consiste em poder pensar algumas vezes naquilo que se quer. Tal é a situação de muitos loucos que trancafiamos e mesmo a de muitos outros que não estão trancafiados.

O mesmo motivo que faz com que não sejamos todos igualmente esclarecidos, igualmente robustos, faz com que haja homens mais livres do que outros. A liberdade é a saúde da alma e em poucas pessoas é completa e inalterável. Nossa liberdade é fraca e limitada como todas as nossas outras faculdades. Nós a fortificamos acostumando-nos a refletir, e este exercício torna a alma um pouco mais vigorosa. Mas quaisquer que sejam os esforços que façamos, nunca podemos chegar a tornar nossa razão soberana de todos os nossos desejos; haverá sempre movimentos involuntários em nossa alma como em nosso corpo. Somos livres, sábios, fortes, sãos e espirituais num grau muito reduzido. Se fôssemos sempre livres, seríamos o que Deus é. Contentemo-nos com uma partilha conveniente ao lugar que ocupamos na natureza. Mas não imaginemos que nos faltam as coisas que fruímos, nem renunciemos às faculdades de um homem por não termos os atributos de um Deus.

No meio de um baile ou de uma conversa animada, ou nas dores de uma doença que me oprima a cabeça, em vão poderei querer encontrar quanto é a trigésima quinta parte de noventa e cinco terços e meio multiplicados por vinte e cinco décimos nonos e três quartos; não terei a liberdade de fazer tal combinação. Mas um pouco de recolhimento devolver-me-á essa capacidade, perdida no tumulto. Os mais encarniçados inimigos da liberdade são, portanto, forçados a admitir que temos uma vontade obedecida algumas vezes por nossos sentidos. "Mas essa vontade", dizem eles, "é necessariamente determinada, como uma balança sempre é inclinada para o lado do peso maior. O homem só quer o que julga melhor, seu entendimento não é senhor de não julgar bom o que lhe parece bom. O entendimento age necessariamente. A vontade é determinada pelo entendimento; portanto, a vontade é determinada por uma necessidade absoluta, conseqüentemente o homem não é livre."

Tal argumento deslumbrante é, no fundo, apenas um sofisma, seduzindo muita gente, porque os homens quase sempre só entrevêem o que examinam.

Eis em que consiste o defeito desse raciocínio: certamente o homem só pode querer coisas cujas idéias lhe estejam presentes. Não poderia ter vontade de ir à ópera se não tivesse a idéia da ópera e não desejaria ir nem se determinaria a ir, se seu entendimento não lhe representasse o espetáculo como uma coisa agradável. Ora, sua liberdade consiste exatamente nisso, ou seja, no poder de se autodeterminar a fazer o que lhe parece bom. Querer o que não lhe dará prazer é uma contradição formal e uma impossibilidade. É incontestável que o homem se determina pelo que lhe parece o melhor, mas o nó da questão é saber se tem em si esta força movente, este poder primitivo de se determinar ou não. Aqueles que dizem que *o assentimento do espírito é necessário e determina necessariamente a vontade* supõem que o espírito age fisicamente sobre a vontade. Dizem um absurdo visível, pois supõem que um pensamento é um pequeno ser real que age realmente sobre um outro ser chamado vontade, e não refletem que as palavras *vontade, entendimento*, etc. são somente idéias abstratas, inventadas para clarificar e ordenar nossos discursos, e que significam apenas o homem *pensando* e o homem *querendo*.

O *entendimento* e a *vontade*, portanto, não existem realmente como seres diferentes, e é impertinente dizer que um age sobre o outro.

Se não supuserem que o espírito age fisicamente sobre a vontade, é preciso que digam ou que o homem é livre ou que Deus age pelo homem, determina o homem, está eternamente ocupado a enganar o homem; e neste caso pelo menos admitem que Deus é livre. Se Deus é livre, então a liberdade é possível e o homem pode tê-la. E assim, não têm razão alguma para dizer que o homem não a tem. Em vão podem dizer: o homem é determinado pelo prazer. Ao dizê-lo, admitem, sem pensar, a liberdade, pois fazer o que dá prazer é ser livre.

Deus, ainda uma vez, só pode ser livre desse modo: só pode atuar segundo seu prazer. Todos os sofismas contra a liberdade do homem atacam igualmente a liberdade de Deus.

O último refúgio dos inimigos da liberdade é o seguinte argumento: "Deus sabe certamente que alguma coisa acontecerá; não está, portanto, no poder do homem deixar de fazê-la".

Primeiramente, notai que esse argumento atacaria novamente a liberdade de Deus que, no

entanto, somos obrigados a reconhecer. Pode-se dizer: Deus sabe o que acontecerá e não está em seu poder deixar de fazer aquilo que acontecerá. Que prova esse argumento tão banal? Nada, senão que não sabemos e nem podemos saber o que é a presciência de Deus, e que todos os seus atributos são abismos impenetráveis para nós.

Sabemos demonstrativamente que, se Deus existe, é livre. Sabemos, ao mesmo tempo, que sabe tudo, mas sua presciência e sua onisciência são tão incompreensíveis para nós quanto sua imensidão, sua duração infinita já passada, sua duração infinita por vir, a criação, a conservação do universo e tantas outras coisas que não podemos negar nem conhecer.

A disputa sobre a presciência de Deus causou tantas querelas só porque somos ignorantes e presunçosos. Que custaria dizer: não sei o que são os atributos de Deus e não fui feito para abarcar sua essência? Mas um bacharel ou um licenciado dificilmente admitirão isso. Essa atitude tornou-os os mais absurdos dos homens, e fez de uma ciência sagrada um miserável charlatanismo [4].

Capítulo VIII

Do Homem Considerado como um Ser Sociável

O grande designio do Autor da natureza parece ser o de conservar cada indivíduo um certo tempo e perpetuar sua espécie. Todo animal é arrastado por um instinto invencível a tudo o que pode tender para sua conservação e há momentos em que é arrebatado ao acasalamento e à propagação por instinto quase tão forte como o anterior, sem que jamais possamos dizer como tudo isso se passa.

Os animais mais selvagens e os mais solitários saem de suas tocas quando o amor os chama e sentem-se ligados durante alguns meses por cadeias invisíveis às fêmeas e aos filhotes que nascem deles. Depois esquecem essa família passageira e retornam à ferocidade de sua solidão até que o aguilhão do amor os force de novo a sair dela. Outras espécies são formadas pela natureza para viverem sempre juntas, umas numa sociedade realmente policiada, como as abelhas, as formigas, os castores e algumas espécies de pássaros; outras, estão simplesmente agrupadas por um instinto mais cego que as une sem objeto e sem desígnio aparente, como os rebanhos em terra e os arenques no mar.

O homem, certamente, não é levado por seu instinto a formar uma sociedade policiada tal como as formigas e as abelhas, mas, considerando suas carências, suas paixões e sua razão, vê-se bem que não pode permanecer muito tempo num estado completamente selvagem.

É suficiente, para que o universo seja o que é hoje, que um homem tenha estado enamorado de uma mulher. O cuidado mútuo que terão tido um com o outro e seu amor natural para com seus filhos terão logo despertado sua engenhosidade e dado nascimento ao começo grosseiro das artes. Duas famílias precisarão uma da outra tão logo se tiverem constituído e dessas carências nascerão novas comodidades.

O homem não é como os outros animais, que têm apenas o instinto do amor-próprio e do acasalamento: não somente possui esse amor-próprio necessário à sua conservação, como também uma benevolência natural por sua espécie, o que não se nota nos animais.

Se uma cadela ao passar vê um cão, nascido da mesma mãe que ela, dilacerado em mil pedaços e todo ensangüentado, agarrará um pedaço sem ter a menor piedade, e continuará seu caminho. No entanto, essa mesma cadela defenderá seu filho e morrerá combatendo antes de deixar que o levem.

[4] Ver-se á nas obras seguintes que o Sr. Voltaire nem sempre teve a mesma opinião sobre a liberdade metafísica dos homens; seus sentimentos a esse respeito mudaram numa idade mais avançada, e na discussão dessas matérias abstratas pôs uma força e uma clareza que raramente se encontrarão em outros escritores. (N. do T.)

Ao contrário, se o homem mais selvagem vir uma bela criança quase sendo devorada por algum animal, sentirá, apesar de si mesmo, uma inquietação, uma ansiedade que a piedade faz nascer e um desejo de ir em seu socorro. É verdade que esses sentimentos de piedade e de benevolência são freqüentemente asfixiados pelo furor do amor-próprio. Aliás, a natureza sábia não poderia dar-nos mais amor pelos outros do que por nós mesmos. Já é muito que tenhamos benevolência, que nos dispõe à união com os homens.

Mas essa benevolência seria ainda um fraco socorro para fazer-nos viver em sociedade; nunca poderia servir de fundamento para os grandes impérios e as cidades florescentes, sem nossas grandes paixões.

Estas, cujo abuso faz tanto mal à verdade, são a principal causa da ordem que vemos hoje sobre a terra. O orgulho, sobretudo, é o principal instrumento para a construção do belo edifício da sociedade. Tão logo a necessidade agrupou alguns homens, os mais hábeis perceberam que todos haviam nascido com um orgulho indomável e também com uma tendência invencível para o bem-estar.

Não foi difícil persuadi-los para que fizessem qualquer coisa que, embora lhes custasse um pouco do bem-estar pessoal, revertesse para o bem comum da sociedade; seu orgulho sentia-se amplamente gratificado.

Assim, desde cedo os homens se distinguiram em duas classes: a primeira, dos homens divinos que sacrificam seu amor-próprio ao bem público; a segunda, dos miseráveis, que só amam a si mesmos. Todo mundo quis e ainda quer pertencer à primeira classe, embora, no fundo do coração, todo mundo seja da segunda. Os homens mais covardes e mais agarrados aos seus próprios desejos gritaram mais alto do que os outros que era preciso imolar tudo ao bem público. O desejo de comandar, um dos ramos do orgulho, tão visível num professorzinho pedante e num bailio de aldeia como num papa ou num imperador, também excitou potentemente a engenhosidade humana para levar os homens a obedecer a outros homens, mostrando-lhes claramente que se sabia mais do que eles e que lhes seria útil.

Foi preciso, sobretudo, servir-se de sua avareza para comprar sua obediência. Não se podia dar-lhes muito sem ter muito, e o furor de adquirir os bens da terra acrescentava diariamente novos progressos às artes.

A máquina da sociedade também não teria ido longe sem o apoio da inveja, paixão muito natural, que os homens disfarçam sempre sob o nome de emulação. A inveja obrigou a preguiça a despertar e afiou o gênio de todo aquele que viu seu vizinho poderoso e feliz. Assim, pouco a pouco, só as paixões reuniram os homens e tiraram do seio da terra todas as artes e todos os prazeres. Foi com essa mola que Deus, chamado por Platão o eterno geômetra, e que chamo aqui o eterno maquinista, animou e embelezou a natureza: as paixões são as engrenagens que fazem andar todas as máquinas.

Os raciocinadores de hoje em dia que desejam estabelecer a quimera do homem nascendo sem paixões e só as tendo por haver desobedecido a Deus, poderiam ter dito que o homem é a bela estátua que Deus formou e o diabo animou.

O amor-próprio e todos os seus ramos são tão necessários ao homem como o sangue que corre em suas veias, e os que lhe querem arrancar as paixões por serem perigosas assemelham-se àquele que desejasse arrancar todo o sangue de um homem porque poderia ficar apoplético.

Que diríamos daquele que pretendesse que os ventos são uma invenção do diabo porque submergem alguns navios, sem perceberem que são um benefício de Deus por cujo intermédio o comércio reúne todos os recantos da terra separados pelos mares imensos? É, portanto, muito claro que devemos às nossas paixões e às nossas carências a ordem e as invenções úteis com que enriquecemos o universo e é bem verossímil que Deus só nos tenha dado essas carências, essas paixões, a fim de que nossa engenhosidade as usasse em nosso proveito. Se muitos homens abusaram delas, não nos cabe queixar-nos de um benefício mal usado. Deus dignou-se colocar sobre a terra mil alimentos deliciosos para o homem: a gula dos que transformaram o alimento em veneno mortal para eles não pode servir de reprimenda contra a Providência.

CAPÍTULO IX

Da Virtude e do Vício

Para que uma sociedade subsista, é preciso que haja leis, como é preciso haver regras para cada jogo. A maioria dessas leis parecem arbitrárias, dependem dos interesses, das paixões, das opiniões dos que as inventaram e da natureza do clima onde os homens se reuniram em sociedade. Num país quente, onde o vinho torna o homem furioso, julgou-se adequado considerar um crime bebê-lo. Em outros climas mais frios é uma honra embebedar-se. Aqui, um homem deve contentar-se com uma mulher, acolá, é-lhe permitido ter tantas quantas puder alimentar. Num lugar, os pais e as mães suplicam aos estrangeiros que aceitem dormir com suas filhas, em todos os outros lugares uma moça que se entregar a um homem estará desonrada. Em Esparta encorajava-se o adultério; em Atenas, era punido com a morte. Entre os romanos, os pais tinham o direito de vida e de morte sobre seus filhos. Na Normandia, um pai não pode tirar um óbolo sequer dos bens de um filho, mesmo do mais desobediente. O nome do rei é sagrado em muitas nações e abominado em outras. Mas todos os povos que se conduzem tão diferentemente reúnem-se sob o mesmo ponto: denominam *VIRTUOSO* o que é conforme às leis estabelecidas e *CRIMINOSO* o que lhes é contrário. Assim, um homem que na Holanda se opuser ao poder arbitrário será um homem muito virtuoso; e aquele que na França quiser estabelecer um governo republicano será condenado aos piores suplícios. O mesmo judeu que, em Metz, seria enviado às galeras se tivesse duas mulheres, terá quatro em Constantinopla e será mais estimado pelos muçulmanos.

A maioria das leis contrariam-se tão visivelmente que aquelas que governam um Estado importam muito pouco: o que importa é que, uma vez estabelecidas, sejam executadas. Assim, não há maiores conseqüências em que as regras para os jogos de dados ou de cartas sejam estas ou aquelas, mas ninguém poderá julgar um só momento se não seguir rigorosamente as regras arbitrárias convencionadas [9].

A virtude e o vício, o bem e o mal moral são, portanto, em todos os países aquilo que é útil ou danoso à sociedade; e, em todos os lugares e em todos os tempos, aquele que mais se sacrificar ao público será considerado o mais virtuoso.

Parece, portanto, que as boas ações são apenas aquelas de que retiramos alguma vantagem, e os crimes, as ações que nos são contrárias. A virtude é o hábito de fazer coisas que agradam aos homens, e o vício as que lhes desagradam.

Embora o que chamamos virtude em um clima seja precisamente o que chamamos vício em outro, e a maior parte das regras do bem e do mal difiram como as línguas e o vestuário, entre-

[9] Cremos, ao contrário, que não deve haver quase nada arbitrário nas leis. 1.º A razão é suficiente para nos fazer conhecer os direitos dos homens, direitos que derivam todos desta máxima simples: entre dois seres sensíveis, iguais por natureza, é contra a ordem que um faça sua felicidade à custa do outro. 2.º A razão mostra igualmente que, em geral, é útil para o bem de muitas sociedades que os direitos de cada um sejam respeitados. Assegurando tais direitos de uma maneira inviolável, pode-se conseguir ou proporcionar à espécie humana toda a felicidade de que seja suscetível, ou dividi-la entre os indivíduos com a maior eqüidade possível. Se examinarmos, em seguida, as diferentes leis veremos que umas tendem a manter esses direitos e que outras atentam contra eles, que umas são conformes ao interesse geral e que outras são contrárias a ele. São, portanto, justas ou injustas por si mesmas. Assim, não é suficiente que a sociedade seja regida por leis, é preciso que estas sejam justas. Não é suficiente que os indivíduos se conformem às leis estabelecidas, é preciso que as próprias leis sejam conformes ao que exige a manutenção do direito de cada um.
Dizer que é arbitrário fazer tal lei ou uma contrária, ou nenhuma é unicamente confessar que se ignora se tal lei é conforme ou contrária à justiça. Um médico pode dizer: é indiferente dar a este doente um emético ou uma ipecacuanha; mas isto significa que é preciso dar-lhe um vomitório e ignoro qual dos dois remédios há de convir mais a seu estado. Na legislação, como na medicina, como nos trabalhos das artes físicas, o arbitrário só existe porque ignoramos as conseqüências de dois meios que de imediato nos parecem diferentes. O arbitrário nasce da nossa ignorância e não da natureza das coisas. (N. do A.)

tanto, parece-me certo que há leis naturais que os homens são obrigados a respeitar em todo o universo, malgrado as demais leis que possuam. Na verdade, Deus não disse aos homens: "Eis as leis que de minha boca vos dou, para que vos governeis por elas." Mas, fez no homem o que fez em muitos outros animais: deu às abelhas um instinto poderoso graças ao qual trabalham e alimentam-se juntas, e deu ao homem certos sentimentos dos quais jamais poderá desfazer-se, vínculos eternos e primeiras leis da sociedade, prevista por Ele como forma da convivência humana. A benevolência por nossa espécie, por exemplo, nasceu conosco e age sempre em nós, a menos que seja combatida pelo amor-próprio, que deve sempre vencê-la. Assim, um homem é sempre levado a auxiliar um outro quando nada lhe custa fazê-lo. O selvagem mais bárbaro, voltando da carnificina e saboreando o sangue do inimigo que comeu, se enternecerá vendo os sofrimentos de um seu companheiro, dando-lhe todos os socorros que dele dependerem.

O adultério e a pederastia serão permitidos a muitos em muitas nações, mas não encontrareis nenhuma onde seja permitido faltar à palavra, pois a sociedade pode subsistir entre adultérios e rapazes que se amam, mas não entre pessoas glorificadas por enganarem umas às outras.

O latrocínio era honrado em Esparta porque todos os bens eram comuns; mas desde que tenhais estabelecido o *teu* e o *meu*, ser-vos-á, então, impossível não encarar o roubo como contrário à sociedade e, por conseguinte, como injusto.

É tão verdadeiro que o bem da sociedade é a única medida do bem e do mal moral que somos forçados a modificar, conforme a necessidade, todas as idéias do justo e do injusto que formáramos.

Temos horror do pai que dorme com sua filha, e consideramos infame, com o nome de incestuoso, o irmão que abusa da irmã. Mas numa colônia nascente, onde somente sobrasse um pai com o filho e duas filhas, o cuidado tomado por esta família para não deixar perecer a espécie seria encarado por nós como uma ótima ação.

Um irmão que mata seu irmão é um monstro, mas um irmão cujo único meio para salvar sua pátria fosse sacrificar seu irmão seria um homem divino.

Todos amamos a verdade e dela fazemos uma virtude, porque é de nosso interesse não sermos enganados. Atribuímos mais infâmia à mentira do que a todas as outras más ações, porque é a mais fácil de esconder e a que menos custa cometer. Porém, em quantas ocasiões a mentira não se torna uma ação heróica! Quando se trata, por exemplo, de salvar um amigo, aquele que dissesse a verdade seria coberto de opróbrio; e não se faça diferença entre um homem que caluniasse um inocente e um irmão que, podendo conservar a vida de seu irmão por uma mentira, preferisse abandoná-lo, dizendo a verdade. A memória do Sr. de Thou, cujo pescoço foi cortado por não ter revelado a conspiração de Cinq-Mars, é uma bênção para os franceses. Se não tivesse mentido, seria abominado por eles.

Mas, dir-me-ão, não será, portanto, com relação a nós mesmos que haverá crime e virtude, bem e mal moral, de sorte que não haverá bem em si, independente do homem? Perguntarei aos que me propõem tal questão se há quente ou frio, doce ou amargo, bom ou mau odor, a não ser com relação a nós. Um homem que pretendesse que o calor existe sozinho não seria um raciocinador muito ridículo? Por que, então, aquele que pretende que o bem moral existe independente de nós raciocinaria melhor? Nosso bem e nosso mal físico só têm existência com relação a nós; por que nosso bem moral e nosso mal moral estariam em outro caso?

As intenções do Criador, que desejou os homens vivendo em sociedade não foram suficientemente cumpridas? Se houvesse alguma lei, caída do céu, que tivesse ensinado aos seres humanos bem claramente a vontade de Deus, então o bem moral seria apenas a conformidade a essa lei. Se Deus tivesse dito aos homens: "Quero que haja muitos reinos sobre a terra e nenhuma república; quero que os caçulas tenham todos os bens dos pais e que se puna com a morte qualquer um que coma perus ou porcos", então, essas leis se tornariam certamente a regra imutável do bem e do mal. Mas como Deus não se dignou, que eu saiba, imiscuir-se assim em nossa conduta, é preciso que nos atenhamos às dádivas que nos deu: a razão, o amor-próprio, a benevolência para com a nossa espécie, as carências, as paixões, todos os meios pelos quais estabelecemos a sociedade.

Muita gente estará prestes a dizer-me: "Caso meu bem-estar esteja em desorganizar vossa sociedade, em matar, roubar, caluniar, acaso não deveria eu ser detido? Acaso poderia abandonar-me sem escrúpulos a todas as minhas paixões?" Nada tenho a dizer a essa gente senão que provavelmente será enforcada, assim como mandarei matar os lobos que quiserem roubar minhas ovelhas. As leis foram feitas precisamente para tal gente, como as telhas foram inventadas contra o granizo e a chuva.

No tocante aos príncipes, que têm a força nas mãos e que abusam dela para desolar o mundo; que enviam uma parte dos homens à morte e reduzem a outra à miséria, o defeito está nos homens que sofrem esses estragos abomináveis, freqüentemente chegando mesmo a honrá-los com o nome de virtude. Só devem culpar a si mesmos pelas más leis que fizeram, ou pela pouca coragem para exigir a execução das boas.

Todos os príncipes que tanto mal fizeram aos homens são os primeiros a gritar que Deus deu as regras do bem e do mal. Não há um desses flagelos da terra que não faça atos solenes de religião, mas não vejo que se ganhe muito tendo tais regras. É uma infelicidade ligada à condição humana que, malgrado todo nosso desejo de autoconservação, nos destruamos mutuamente com furor e com loucura. Quase todos os animais comem-se uns aos outros, e na espécie humana os machos se exterminam pela guerra. Parece que Deus previu essa calamidade, fazendo nascer entre nós mais machos do que fêmeas. Com efeito, os povos que parecem ter chegado mais perto dos interesses da humanidade e que têm registros exatos dos nascimentos e das mortes, aperceberam-se de que, um pelo outro, nascem todos os anos um doze avos de machos mais do que de fêmeas.

Será muito razoável notar como todos esses assassinatos e banditismos são funestos à sociedade e sem nenhum interesse para a Divindade. Deus colocou os homens e os animais sobre a terra, deixando-lhes a tarefa de conduzirem-se o melhor possível. Infeliz a mosca que cair na teia da aranha; infeliz o touro que for atacado por um leão, e infelizes os carneiros que forem encontrados pelos lobos! Porém, se um carneiro dissesse a um lobo: "Faltas ao bem moral, Deus te punirá", o lobo lhe responderia: "Faço meu bem físico, e parece que Deus não se preocupa muito de que eu te coma ou não". O melhor que o carneiro poderia fazer seria não se afastar do pastor e do cão, capazes de defendê-lo.

Prouvera aos céus, que um Ser Supremo nos tivesse dado leis e proposto penas e recompensas! Que nos tivesse dito: "Isto é vício em si, isto é virtude em si". Mas estamos tão longe de possuir as regras do bem e do mal que, de todos aqueles que ousaram dar leis aos homens da parte de Deus, não houve um que tenha dado a décima milésima parte das regras de que precisamos na conduta da vida.

Se alguém inferir disso tudo que só resta abandonar-se sem reservas a todos os furores dos seus desejos desenfreados, e que, não havendo nem vício nem virtude em si, possa fazer tudo impunemente, primeiro esse homem precisará verificar se possui um exército de cem mil soldados bem afeiçoados ao seu serviço; ainda assim arriscar-se-á muito declarando-se inimigo do gênero humano. Mas se tal homem for somente um simples particular, por pouca razão que tenha, verá que escolheu um partido mau e que será punido infalivelmente, seja por meio dos castigos, tão sabiamente inventados pelos homens contra os inimigos da sociedade, seja tão-somente pelo temor do castigo, suplício bastante cruel em si mesmo. Verá que a vida daqueles que desafiam as leis geralmente é a mais miserável. Moralmente é impossível que um homem perverso não seja reconhecido, e tão logo seja somente suspeitado, perceberá que é objeto de desprezo e de horror. Ora, Deus dotou-nos sabiamente de um orgulho incapaz de suportar que os outros homens nos odeiem e nos desprezem. Ser desprezado por aqueles com quem se vive é coisa que ninguém pode e jamais poderá suportar. Talvez seja esse o maior freio que a natureza tenha posto nas injustiças dos homens. Foi pelo temor mútuo que Deus julgou de bom alvitre vinculá-los. Assim, todo homem razoável concluirá que obviamente é do seu interesse ser honesto. O conhecimento que terá do coração humano irá persuadi-lo de que, embora não exista nem virtude em si nem vício em si, nada o impedirá de ser bom cidadão e de cumprir todos os deveres da vida. Também observamos que os filósofos (batizados com o nome de incrédulos e libertinos), em todos os tempos, foram as pessoas mais honestas do mundo. Deixando de fazer aqui uma lista de todos os grandes homens da Antiguidade, sabemos que La Mothe Le Vayer, preceptor do irmão de Luís XIII,

Bayle, Locke, Spinoza, Milorde Shaftesbury, Collins e outros foram homens de virtude rígida. Não foi apenas o temor do desprezo dos homens que os fez virtuosos, mas o gosto pela própria virtude. Um espírito reto é um homem honesto pela mesma razão que aquele que não tendo o gosto depravado prefere o excelente vinho de Nuits ao de Brie, e as perdizes de Mans à carne de cavalo. Uma educação sadia perpetua esses sentimentos em todos os homens, vindo com ela o sentimento universal que chamamos *honra*, do qual mesmo os mais corrompidos não podem desfazer-se, e que é o eixo da sociedade. Aqueles que necessitassem do socorro da religião para serem pessoas honestas seriam lastimáveis, e monstros da sociedade, se não encontrassem em si próprios os sentimentos necessários a essa sociedade, obrigados a buscar alhures o que deve ser encontrado em nossa natureza.

VOLTAIRE

DICIONÁRIO FILOSÓFICO

Tradução de **Bruno da Ponte** e **João Lopes Alves**
e
Marilena de Souza Chauí *(verbetes assinalados com asterisco)*

A

Abraão

Abraão é um nome famoso na Ásia Menor e na Arábia, como Tot entre os egípcios, o primeiro Zoroastro na Pérsia, Hércules na Grécia, Orfeu na Trácia, Odin para os povos nórdicos, e tantos outros, mais conhecidos pela sua celebridade do que por uma história documentada. Refiro-me apenas, agora, à história profana; quanto à dos judeus, nossos amos e inimigos nossos em que acreditamos e que odiamos, como é evidente que a história desse povo foi escrita pelo próprio Espírito Santo em pessoa, temos por ela o respeitinho que nos deve merecer. Aqui, apenas nos reportamos aos árabes; estes vangloriam-se (e lá sabem o que fazem) de descender de Abraão por parte de Ismael; acreditam que aquele patriarca fundou Meca e que expirou nesta cidade. A verdade, diga-se: a raça de Ismael foi infinitamente mais favorecida por Deus que a raça de Jacó. É certo, também, que qualquer das duas raças era ratoneira a valer; mas os ladrões árabes foram prodigiosamente superiores aos ladrões dos judeus. Os descendentes de Jacó só conseguiram conquistar um país muito pequenino e miserável, que afinal acabaram por perder; ao passo que os descendentes de Ismael conquistaram e submeteram parte da Ásia, da Europa e da África, fundaram um império ainda mais dilatado que o dos romanos e expulsaram os judeus das cavernas onde se acobertavam e a que pomposamente chamavam Terra da Promissão.

Se formos julgar os fatos à luz dos exemplos da história moderna, seria bastante difícil que Abraão tivesse sido o pai de duas nações tão diferentes; diz-se que nasceu na Caldéia e era filho de um pobre oleiro, que ganhava miseravelmente a vida a fazer pequenos ídolos de barro. Não é verossímil que o filho dum miserável oleiro tenha ido fundar Meca, distante dali quatrocentas léguas, sob os trópicos, e forçado a atravessar desertos inóspitos. Se fora um conquistador, sem dúvida que dirigia seus passos para a bela terra assíria; e se fosse apenas o pelintra que nos pintam, não andaria tão longe da pátria a fundar reinos e cidades.

O *Gênesis* afirma que ele tinha setenta e cinco anos quando deixou o país de Harã, após a morte do pai, o oleiro Taré; mas no mesmo *Gênesis* se lê que Taré, tendo gerado Abraão aos setenta anos, viveu até os duzentos e cinco anos, e que Abraão só partiu de Harã depois de o pai ter morrido. Fazendo as contas é mais que evidente (a acreditar no que diz o *Gênesis)* que Abraão contava já cento e trinta e cinco anos quando saiu da Mesopotâmia. Foi de uma terra que era tida por idólatra para outra terra igualmente idólatra: Siquém, na Palestina. Por que foi para lá? Por que trocou as férteis margens do Eufrates por uma região tão distante, tão estéril e pedregosa, como é a de Siquém? A língua caldaica devia ser muito diferente da que se falava em Siquém, que tampouco era terra onde se pudesse comerciar fosse o que fosse; Siquém dista mais de cem léguas da Caldéia; há que atravessar desertos áridos para aí chegar; mas Deus queria que ele fizesse aquela viagem, queria mostrar-lhe a terra que os seus descendentes deviam ocupar vários séculos depois. O espírito humano só com muita dificuldade consegue compreender as razões de tal viagem.

Mal chegou a esse tamanhinho país montanhoso de Siquém, a fome obriga-o a sair de lá para fora. Parte para o Egito com a mulher, à procura de paparoca. De Siquém a Mênfis são duzentas léguas bem medidas; será coisa natural que alguém vá buscar trigo tão longe e, ainda por cima,

a uma terra de que se ignora a língua? Eis viagens bem extravagantes levadas a cabo por quem já conta a bonita idade de quase cento e quarenta anos.

Leva para Mênfis na sua companhia a mulher, Sara, que era muito nova, por assim dizer uma criança em comparação com ele, pois só tinha sessenta e cinco anos. Como era mui formosa, resolveu tirar partido da beleza dela. Disse-lhe: "Faze de conta que és minha filha". O rei apaixonou-se pela jovem e bela Sara e logo ofereceu ao pretenso irmão muitas ovelhas, bois, burros, burras, camelos, servos e servas: o que prova que o Egito de então era um reino muito poderoso e muito civilizado, por conseguinte muito antigo, e que ali se recompensavam, condignamente com toda a magnificência, os irmãos que vinham oferecer as manas, novas e bonitas, aos reis de Mênfis.

A jovem Sara contava já noventa anos quando Deus lhe prometeu que Abraão (que por essa altura ia nos seus cento e sessenta) lhe faria um filho.

Abraão, que adorava as viagens partiu para o horrível deserto de Cades na companhia da mulher, já pejada mas sempre jovem e bonitinha. Um rei desse deserto não tardou a ficar apaixonado por Sara, como já o estivera o rei do Egito. O pai dos crentes repetiu a peta que pregara no Egito: apresentou a esposa como irmã, e nessa negociata arranjou mais um milionário à custa da mulher. Os comentadores da Bíblia encheram um espantoso número de calhamaços a justificar a conduta de Abraão e para congraçarem a cronologia. Recomendamos ao leitor esses comentários. São todos escritos por gente sutil e profunda, metafísicos excelentes, criaturas sem preconceitos nenhuns e muito menos pedantes.

De resto o nome de *Brão, Abrão*, era famoso na Índia e na Pérsia: há eruditos sábios que pretendem, até, que era ele o mesmo legislador que os gregos chamaram Zoroastro. Outros afirmam que era o Brama dos indianos; o que, aliás não foi demonstrado.

Mas o que se antolha mais provável para muitos sábios é que este Abraão fosse caldeu ou persa: com o correr dos tempos os judeus gabaram-se de ser seus descendentes, tal como os francos se dizem descendentes de Heitor e os bretões de Tubal. Uma coisa é certa: o povo judaico era uma horda bastante recente, que só muito tarde se estabeleceu na Fenícia; que estava cercada de povos primitivos; que adotou a língua destes e deles tomou o nome de Israel que é caldeu, segundo o testemunho do judeu Flávio Josefo. Sabe-se que inclusive os nomes dos anjos foi ele buscar aos babilônios; finalmente, que foi por imitação dos fenícios que chamou DEUS pelo nome de Eloi, ou Eloá, de Adonai, de Jeová, ou Hião. Muito provavelmente por intermédio dos babilônios conheceu o nome de Abrão ou Ibraim; porque a primitiva religião de todas as terras entre o Eufrates e o Ôxus chamava-se *Kish-Ibrahim, Milai-Ibrahim*. Todas as pesquisas efetuadas nos próprios locais pelo sábio Hyde no-lo confirmam.

Portanto, os judeus fizeram com a história e a lenda antiga o que os seus adelos fazem com as roupas velhas: voltam-nas do avesso e vendem-nas como novas o mais caro que podem.

Singular exemplo da estupidez humana, este, de durante tanto tempo termos considerado os judeus como um povo que tudo ensinou aos demais, quando o próprio Josefo, seu historiador, confessa o contrário.

É difícil penetrar com segurança nas trevas da Antiguidade, mas torna-se evidente que todos os reinos da Ásia desfrutavam já grande esplendor muito antes que essa vagabunda horda de árabes a que chamavam judeus possuísse um cantinho de terra exclusivamente seu; antes que tivesse fundado uma cidade, que fixasse leis próprias, que criasse uma religião definida. Por onde se conclui que, ao observarmos um antigo rito, uma idéia antiga estabelecida no Egito ou na Ásia e igualmente entre os judeus, é-nos lícito pensar que foi o minúsculo povo mais moderno, ignorante, boçal, sem capacidade nem gosto artístico, que copiou, mal ou bem, conforme pôde, a nação antiga, florescente e industriosa.

E é à luz destes princípios que temos de julgar a Judéia, a Biscaia, Cornualha, Bérgamo, a terra de *Arlequim*, etc.: de certeza que Roma, a sempre vencedora, nada imitou da Biscaia, da Cornualha, nem de Bérgamo; e é preciso ser um ignorante de calibre ou um traste muito atrevido para afirmar que os judeus teriam ensinado fosse o que fosse aos gregos.

Adão

A piedosa Madame Bourignon tinha a certeza que Adão era hermafrodita, como os primeiros homens do divino Platão. Fora Deus quem lhe revelara esse terrível segredo; eu, menos feliz em matéria de revelações, abstenho-me de falar nisso. Os rabinos judeus leram os livros de Adão; sabem o nome do seu preceptor e da sua segunda esposa; como nunca li os livros do nosso primeiro pai, não abrirei a boca a tal respeito. Certas cabecinhas ocas, quando muito sabichonas, ficam espantadíssimas quando lêem o *Veidam* dos antigos brâmanes e ali topam que o primeiro homem foi criado nas Índias, etc., que se chamava Adimo, palavra que quer dizer "o gerador"; e que a mulher dele se chamava Procrite, que significa "a vida". Dizem que a seita dos brâmanes é incontestavelmente mais antiga que a dos judeus; que os judeus só muito tarde puderam escrever na língua cananéia, porque só muito depois se estabeleceram na terra de Canaã; dizem que os indianos sempre deram provas de espírito inventivo e os judeus foram sempre uns grandes imitadores; os indianos, sempre sutis e hábeis e os judeus, sempre grosseiros e boçais; dizem ser coisa bem difícil que Adão, ruivo e com uma bela cabeleira, seja o pai dos pretos, escuros como a tinta da China e de carapinha eriçada. E que mais dirão eles? Por mim, cala-te boca!, deixo de bom grado essas pesquisas ao reverendo Padre Berruyer, da Companhia de Jesus; é o maior inocente que já conheci. Queimaram o seu livro como o de um homem que quisesse ridicularizar a Bíblia: mas posso garantir que não havia ali a menor malícia.

Alma

Bela coisa seria podermos ver a nossa alma. *Conhece-te a ti mesmo* é um excelente preceito, mas só a Deus cabe pô-lo em prática: quem, além d'Ele, poderá conhecer a Sua essência?

Chamamos alma àquilo que anima. Não sabemos muito mais do que isso, por culpa dos limites da nossa inteligência. Três quartas partes do gênero humano não vão mais longe e em nada as preocupa o ser pensante: a outra parte indaga, interroga-se: até agora ninguém descobriu nada, nem descobrirá.

Pobre pedante, vês uma planta que vegeta e falas em *vegetação* ou até mesmo de *alma vegetativa*. Notas que os corpos têm e produzem movimento e falas de *força;* vês um galgo aprender a arte da caça e logo clamas: é o *instinto, alma sensitiva;* tens associações de idéias e falas de *espírito*.

Mas, por favor, que queres dizer com tal palavreado? Esta flor vegeta, mas há algum ser real que se chame *vegetação?* Aquele corpo empurra um outro, mas contém em si um ser distinto que se chame *força?* O teu cão traz-te uma perdiz, mas haverá algum ser que se chame *instinto?* Não ririas de um argumentador (ainda que fosse o próprio preceptor de Alexandre) que te dissesse: "Todos os animais vivem, logo neles existe um ser, uma forma substancial que é a vida"?

Se uma tulipa pudesse falar e te dissesse: "A minha vegetação e eu somos dois seres evidentemente ligados em conjunto", não troçarias da tulipa?

Vejamos primeiro aquilo que sabes e de que tens certeza: que caminhas com os pés; que digeres com o estômago; que tens sensações no corpo todo e que pensas com o cérebro. Vejamos agora se a tua razão, e só ela, te poderá ter esclarecido o suficiente para concluíres, sem ajuda sobrenatural, que possuis uma alma.

Os primeiros filósofos, quer caldeus, quer egípcios, disseram: "É forçoso que haja em nós algo que produza os nossos pensamentos, algo de muito sutil; um sopro, um fogo, um éter, uma quinta-essência, um espectro pouco denso, uma entelequia, um número, uma harmonia". Finalmente, e segundo Platão, é um composto do *próprio* e do *outro*. "São átomos que pensam em nós", afirmou Epicuro na esteira de Demócrito. Mas diz lá agora, amigo meu, como é que um átomo pensa? Confessa que não fazes a mínima idéia a tal respeito.

A idéia a que, sem dúvida, devemos aderir é esta: a alma é um ser imaterial; mas por certo não tendes a noção de como é esse ser imaterial. "Não", respondem os sábios, "mas sabemos que a sua natureza é pensar." E como o sabeis, senhores? "Sabemos, porque pensa." Ó sábios! ó sabichões!... receio bem que sejais tão ignorantes como Epicuro: a natureza duma pedra é cair, porque cai; mas o que vos pergunto é quem a fez cair.

"Sabemos", insistem os sábios, "que uma pedra não tem alma." Assim o creio, também. "Sabemos que uma negação e uma afirmação não são divisíveis, não são partes da matéria." Igualmente perfilho essa doutrina. Mas a matéria, aliás desconhecida para nós, possui qualidades que não são materiais, que não são divisíveis: tem a gravitação para um centro, que Deus lhe destinou. Ora, esta gravitação não tem partes, não é divisível. A força motriz dos corpos não é um ser composto de partes. A vegetação dos corpos organizados, a sua vida, o seu instinto, também não são seres à parte, seres divisíveis; não se pode cortar em dois a vegetação de uma rosa, a vida de um cavalo, o instinto de um cão, tal como não se pode cortar em dois uma sensação, uma negação, uma afirmação. O vosso belo argumento, extraído da indivisibilidade do pensamento, não prova portanto absolutamente nada.

A que chamais, então, *alma*? Que idéia fazeis dela? Vós próprios não podeis, sem ser por intermédio da revelação, admitir em vós outra coisa mais que a existência duma força, que ao certo desconheceis o que é, uma capacidade de sentir, de pensar.

Chegados aqui, dizei-me de boa fé: essa força, essa capacidade de sentir e de pensar, é a mesma que vos faz digerir e andar? Confessais que não, porque a vossa inteligência pode cansar-se e ordenar ao estômago: *Digere!*, que ele nada fará se estiver doente; é em vão que o vosso ser imaterial mandaria aos pés que caminhassem, porque não darão um passo se sofrerem de gota.

Os gregos bem perceberam que, com freqüência, o pensamento não podia intervir no jogo dos nossos órgãos; e admitiram para esses órgãos uma alma animal e para os pensamentos uma alma mais fina, mais sutil.

Mas em mil ocasiões esta alma do pensamento dirige a outra alma animal. A alma pensante ordena às mãos que agarrem num objeto qualquer, e elas agarram-no. Mas já não diz ao coração que bata, ao sangue que corra, ao estômago que faça o quilo; tudo isto acontece e se faz sem ela, fora do seu poder: aí temos, pois, duas almas numa embaraçosa situação e bem pouco senhoras do mando em sua casa.

Ora, essa primeira alma animal por certo não existe, não é mais que o movimento dos vossos órgãos. Acautela-te e desconfia, ó homem!, porque, usando apenas a tua razão tão mesquinha, não tens nenhuma prova de que a outra alma exista. Só pela fé podes sabê-lo. Nasceste, vives, atuas, pensas, acordas, dormes, sem saber como. Deu-te Deus a faculdade de pensar, como te deu tudo o mais; e, se não te tivesse vindo ensinar, nos tempos marcados pela sua providência, que possuías uma alma imaterial e imortal, não terias nenhuma prova disso.

Vejamos agora os belos sistemas que a tua filosofia engenhocou a respeito dessas almas.

Um diz que a alma do homem faz parte da substância do próprio Deus; outro que ela é parte do grande todo; um terceiro, que foi criada por toda a eternidade; um quarto, que foi feita e não criada; outros garantem que Deus as forma à medida que vai precisando delas e que chegam no momento da cópula. "Estão alojadas nos animálculos seminais", proclama este. "Não", assevera aqueloutro, "vão habitar nas trompas de Falópio." "Enganam-se todos redondamente", opina um recém-vindo: "a alma espera seis semanas até que o feto se forme e só então ocupa a glândula pineal; mas, se depara com um germe falso, volta para trás, aguardando ocasião mais propícia." A última doutrina, a mais moderna, põe a alma a residir no corpo caloso, esta a sede que lhe destina La Peyronie; mas havia que ser primeiro-cirurgião do rei de França para assim dispor, com tanto à-vontade, da instalação da alma. Apesar disso, o tal corpo caloso não conseguiu fazer fortuna, tão duradoura e acrescida, como a que o dito cirurgião amealhou.

Santo Tomás, na questão 75.ª e seguintes, diz que a alma é uma forma *subsistente per se*, que está toda em tudo, que a sua essência difere da sua potência, que há três almas *vegetativas*, a saber: a *nutritiva*, a *aumentativa*, a *generativa*; que a memória das coisas espirituais é espiritual

e a memória das corporais, corporal; que a alma racional é uma forma "imaterial quanto às operações e material quanto ao ser". Santo Tomás encheu duas mil páginas com a solidez e a clareza que estão a ver; por isso é considerado o anjo tutelar da escola.

Não se ergueram menos sistemas a discutir o modo como a alma sentirá quando abandonar o corpo através do qual sentia, como poderá ouvir sem orelhas, cheirar sem nariz e apalpar sem mãos; se o corpo que reocupará depois será aquele que tinha aos dois anos ou aos oitenta; como o *eu*, a identidade da própria pessoa, subsistirá: como a alma de um homem que ficou pateta na idade de quinze anos e pateta morreu com setenta retomará o fio das idéias, a lucidez que possuía na puberdade; por que hábil escamoteação uma alma, cuja perna foi amputada na Europa e que tiver perdido um braço na América, tornará a encontrar essa perna e esse braço, os quais, tendo-se entretanto transformado em hortaliças, andariam já no sangue doutro animal qualquer. Nunca mais acabaríamos, se quiséssemos enumerar todos os extravagantes dislates que a coitada da pobre alma humana imaginou sobre si própria.

Muito singular é o fato de que nas leis do povo eleito nada conste sobre a espiritualidade e a imortalidade da alma, nem no *Decálogo*, nem no *Levítico*, nem no *Deuteronômio*.

O que é certo, indubitável, é que Moisés em parte nenhuma propõe aos judeus recompensas e castigos numa vida futura, que nunca lhes fala na imortalidade das suas almas, que nunca lhes prometeu que alcançariam o céu, que nunca os ameaçou com o inferno: tudo nele é temporal.

Antes de morrer disse-lhes no *Deuteronômio:*

"Quando, pois, gerardes filhos, e filhos de filhos, e vos corromperdes, e fizerdes mal aos olhos do Senhor, certamente perecereis depressa na terra, a qual, passado o Jordão, ides possuir. Não prolongareis os vossos dias nela, antes sereis de todo destruídos. E o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as gentes, às quais o Senhor vos conduzirá.

"... porque eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus zeloso, que castigo a maldade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração.

"Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias.

"Se ouvirdes outros deuses, e os servirdes, e vos inclinardes perante eles, certamente perecereis...

"O Senhor teu Deus te mete numa boa terra, terra de trigo e cevada, e de vides, e figueiras, e romeiras; terra de oliveiras, abundante de azeite e mel: terra em que comerás o pão sem escassez e nada te faltará nela...

"E será que, se diligentemente obedecerdes a meus mandamentos, então darei a chuva da vossa terra a seu tempo, a temporã e a serôdia, para que recolhais o vosso grão, e o vosso mosto e o vosso azeite; e darei erva no vosso campo aos vossos gados, e comereis e fartar-vos-eis.

"Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma, e atai-as por sinal na vossa mão, para que estejam por testeiras entre os vossos olhos; e escrevei-as nos umbrais de vossa casa, e nas vossas portas; para que se multipliquem os vossos dias.

"Tudo o que eu vos ordeno, observareis; nada lhe acrescentarás nem diminuirás.

"Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti, e te der um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, dizendo: 'Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los...', não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos, nem o teu olho o poupará, nem terás piedade dele, nem o esconderás; mas certamente o matarás; a tua mão será a primeira contra ele, para o matar, e depois a mão de todo o povo.

"Quando o Senhor teu Deus te tiver introduzido na terra, a qual vais possuir, e tiver lançado fora muitas gentes de diante de ti: e o Senhor teu Deus as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás. Não farás com elas concerto, nem terás piedade delas.

"Não comereis aves imundas, como a águia, o grifo, a coruja, etc.

"Todo o animal que tem unhas fendidas, que tem a unha dividida em duas, que remói, entre os animais, isso comereis. Porém estes não comereis, dos que somente remoem, ou que têm a unha fendida: o camelo, e a lebre, e o coelho, porque remoem mas não têm a unha fendida; imundos vos serão; nem o porco, porque tem unha fendida mas não remói; imundo vos será.

"E será que, se ouvires a voz do Senhor teu Deus, tendo cuidado de guardar os seus mandamentos, bendito serás tu na cidade, e bendito serás no campo. Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais, e a criação das tuas vacas, e os rebanhos das tuas ovelhas. Bendito o teu cesto e a tua masseira.

"Será porém que, se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, para não cuidares em fazer todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então sobre ti virão todas estas maldições, e te alcançarão: maldito serás tu na cidade, e maldito serás no campo. Maldito o teu cesto e a tua masseira... O Senhor mandará sobre ti a maldição, a turbação e a perdição em tudo que puseres a tua mão para fazer, até que sejas destruído, e até que repentinamente pereças... O Senhor te fará pegar a pestilência... O Senhor te ferirá com a tísica e com a febre, e com a quentura, e com o ardor, e com a secura, e com a destruição de sementeiras e com ferrugem... O Senhor te ferirá com as úlceras do Egito, com hemorróidas, e com sarna, e com coceira, de que não possas curar-te; o Senhor te ferirá com loucura, e com cegueira, e com pasmo do coração... serás oprimido e roubado todos os dias e não haverá quem te salve. Desposar-te-ás com uma mulher, porém outro homem dormirá com ela... O Senhor te ferirá com úlceras malignas nos joelhos e nas pernas, de que não possas sarar, desde a planta do teu pé até ao alto da cabeça.

"O estrangeiro te emprestará a ti, porém tu não lhe emprestarás a ele; ele será por cabeça, e tu serás por cauda... portanto não haverás servido ao Senhor teu Deus com alegria e bondade de coração.

"E comerás o fruto do teu ventre, a carne de teus filhos e de tuas filhas, etc."

É evidente que em todas estas promessas e em todas estas ameaças nada há que não seja temporal e não se encontra ali uma palavra só que seja sobre a imortalidade da alma e sobre a vida futura.

Alguns ilustres comentadores julgaram que Moisés estava perfeitamente a par desses dois graves dogmas; e provam-no com as palavras de Jacó, o qual, julgando que o filho fora devorado pelas feras, clamava na sua dor: Descerei com o meu filho à fossa, *in infernum*, ao inferno; isto é, morrerei já que o meu filho morreu.

Provam-no, ainda, com os passos de Isaías e de Ezequiel; mas os hebreus a quem Moisés se dirigia não podiam ter lido Ezequiel nem Isaías que viveram séculos depois.

Inútil será disputarmos a propósito dos secretos sentimentos de Moisés. O fato é que nas leis públicas nunca falou de uma vida futura, que limitou todos os castigos e todas as recompensas ao tempo presente. Se conhecia a existência da vida futura, por que razão não expôs então, expressamente, tal dogma? E se a não conheceu, qual era o objetivo e a importância da sua missão? Pergunta formulada por várias personagens de tomo, e à qual respondem que o Senhor de Moisés e de todos os homens se reservava o direito de, a seu tempo, explicar aos judeus uma doutrina que ainda não estavam em situação de compreender quando viviam no deserto.

Se Moisés tivesse proclamado o dogma da imortalidade da alma, uma grande seita dos judeus não a teria combatido sempre; essa grande seita dos saduceus não teria sido autorizada no Estado; os saduceus não teriam ocupado, como se pode verificar, os cargos mais importantes; da sua seita não teriam saído eminentes pontífices.

Parece que foi só depois da fundação de Alexandria que os judeus se dividiram em três seitas: os fariseus, os saduceus, e os essênios. O historiador Josefo, que era fariseu, diz-nos, no Livro XIII das *Antiguidades Judaicas*, que os fariseus acreditavam na metempsicose; os saduceus acreditavam que a alma perecia com o corpo; os essênios, acrescenta Josefo, consideravam as almas imortais: era sua crença que as almas desciam em forma aérea para os corpos, vindas da mais elevada região do ar; eram para eles arrastadas por uma atração violenta e, depois da morte, as que pertenceram a pessoas de bem ficam para lá do oceano, numa terra onde não há calor nem frio, vento ou chuva. As almas dos maus vão para um clima totalmente oposto. Tal era a teologia dos judeus.

Aquele a quem, unicamente, coube a tarefa de instruir todos os homens acabou por condenar essas três seitas; mas sem ele nunca teríamos podido conhecer a nossa alma, já que os filósofos nunca tiveram sobre o assunto idéias definidas e que Moisés, único autêntico legislador antes do nosso, Moisés, que falava com Deus cara a cara, deixou os homens numa profunda ignorância

sobre tão grave artigo. É só, pois, de há mil e setecentos anos para cá que temos a certeza da existência da alma e da sua imortalidade.

No espírito de Cícero ainda dominava a dúvida; mas o neto e a neta já puderam aprender a verdade da boca dos primeiros galileus que vieram pregar a Roma.

Antes dessa época, porém, e ainda depois, em todas as restantes partes da Terra onde os apóstolos não chegaram, cada um devia perguntar à sua alma: "Quem és? donde vens? o que fazes? para onde vais? Tu és algo que desconheço, algo que pensa e sente, e embora sentisses e pensasses cem milhões de anos nada mais conseguirás saber pelas tuas próprias luzes, sem o auxílio de um Deus".

Homem! Esse Deus concedeu-te a inteligência não para penetrares na essência das coisas que criou, mas para que te conduzas pela senda do Bem!

Foi isto mesmo que pensou Locke, e já antes de Locke, Gassendi, e antes de Gassendi um ror de sábios; mas temos agora por aí uns senhores bacharéis que sabem tudo o que estes grandes homens ignoravam.

Cruéis inimigos da razão ousaram protestar e rebater essas verdades por todos os espíritos sábios e prudentes reconhecidas. Levaram a má fé e a sua impudência ao ponto de imputarem aos autores desta obra que eles teriam garantido que a alma é matéria. Ó perseguidores da inocência, bem sabeis que dissemos aqui coisa totalmente oposta. Páginas atrás, pudestes ler as seguintes palavras contra Epicuro, Demócrito e Lucrécio: "Mas, amigo meu, como é que um átomo pensa? Confessa que não fazes a mínima idéia a tal respeito". Sois à evidência, portanto, uns caluniadores.

Ninguém sabe o que é o ser chamado *espírito*, a que dais esse nome material de espírito que significa vento. Todos os primeiros Padres da Igreja acreditaram na alma corporal. É impossível que nós, criaturas limitadas, saibamos se a nossa inteligência é substância ou faculdade: não podemos conhecer a fundo nem o ser como extensão nem o ser pensante, ou o mecanismo do pensamento.

Bem se vos proclama, alto e bom som, na companhia respeitável de Gassendi e Locke, que entregues a nós próprios nada sabemos dos segredos do Criador. Por acaso sois deuses para saberdes tudo? Diz-se e repete-se nas vossas barbas que só podemos conhecer a natureza e o destino da alma pela revelação. Homessa! A revelação não vos basta? Grandes inimigos haveis de ser dessa revelação que nós apregoamos, já que, com tal sanha, perseguis aqueles que tudo esperam dela e só nela crêem.

Confiamos na palavra de Deus; e vós, inimigos da razão e de Deus, vós que blasfemais duma e doutro, tratais a humilde dúvida e a submissão humilde do filósofo como outrora o lobo tratou o cordeiro nas fábulas de Esopo; dizeis-lhe: "Disseste mal de mim no ano passado, vou-te beber o sangue". Mas a filosofia nunca se vinga; ri em santa paz dos vossos esforços vãos; ilumina e ensina suavemente, calmamente os homens, que quereis embrutecer ainda mais para os tornardes semelhantes a vós.

Amizade

É um tácito contrato entre duas pessoas sensíveis e virtuosas. Digo sensíveis, porque um monge, um eremita pode não ser mau e viver sem conhecer a amizade. Digo virtuosas, porque os malvados só conhecem cúmplices, os lúbricos têm companheiros de deboche, os ambiciosos, associados, os políticos arrebanham os de feitio faccioso, os homens vulgares e ociosos têm ligações apenas, os príncipes, cortesãos; mas os homens virtuosos e só eles têm amigos. Cetego era o cúmplice de Catilina e Mecenas o cortesão de Otávio; mas Cícero era amigo de Ático.

Que contém então esse contrato entre duas almas ternas e honestas? As suas obrigações são, por isso mesmo, maiores e mais tênues, conforme o grau de sensibilidade e o número dos serviços prestados, etc.

O fervor pela amizade foi mais intenso entre os gregos e os árabes do que entre nós. As histórias que esses povos inventaram sobre a amizade são admiráveis; nada temos que se lhe compare, somos um tanto rudes em tudo.

A amizade era um tema de religião e de legislação entre os gregos. Os tebanos tinham até o regimento dos amantes: que belo regimento! Houve quem supusesse que se tratava de um regimento de sodomitas; puro engano; tomavam o acessório pelo fundamental. Entre os gregos, a amizade era prescrita pela lei e pela religião. A pederastia era tolerada pelos costumes de então; mas não se devem imputar à lei abusos vergonhosos. Adiante falaremos disso.

Amor

Amor omnibus idem.[1] Temos aqui de recorrer ao físico; é o estofo da natureza que a imaginação bordou. Se queres fazer uma idéia do que seja o amor, olha os pardais do teu jardim; contempla os teus pombos; repara no touro que levam para junto da bezerra, nesse altivo garanhão que dois palafreneiros conduzem ao pé da meiga égua que o espera e desenrola a cauda para o receber; vê como os seus olhos brilham; ouve os seus relinchos; contempla aqueles saltos, aqueles caracoleios todos, as orelhas espetadas, a boca que se abre em breves convulsões, as narinas arfando, dilatadas, a respiração ofegante, as crinas erguidas que padanam, o imperioso movimento com que ele se lança à conquista do objetivo que a natureza lhe destinou; mas não tenhas inveja e pensa nas vantagens de que a espécie humana desfruta: compensam em amor tudo o que a natureza concedeu aos animais em força, beleza, agilidade, rapidez.

E há até animais que desconhecem o prazer. Os peixes escamosos estão privados desse regalo: a fêmea expele para o lodo milhões de ovos; o macho que os encontra casualmente passa sobre eles e fecunda-os com o seu sêmen, sem para nada se importar com a fêmea donde provinham.

A maioria dos animais que copulam atinge o prazer por um único sentido; e, logo que esse apetite foi satisfeito, tudo acabou. Nenhum animal, além de ti, conhece a delícia do beijar; o teu corpo é todo ele cheio de sensibilidade; são principalmente os teus lábios que gozam duma voluptuosidade que jamais se cansa e esse prazer só da tua espécie é apanágio; finalmente, em qualquer altura podes entregar-te ao amor, enquanto nos animais apenas numa época determinada é concedido. Se meditares nestas superioridades, dirás como o Conde de Rochester: "Num país de ateus, o amor faria adorar a Divindade".

Como os homens possuem o dom de aperfeiçoar tudo o que a natureza lhes deu, também aperfeiçoaram o amor. O asseio, os cuidados com o nosso corpo, tornando a pele mais delicada, aumentam o prazer do tato, e a vigilância da saúde torna os órgãos da voluptuosidade mais sensíveis ainda.

Todos os outros sentimentos penetram a seguir no de amor, tal como os metais se amalgamam com o ouro: a amizade, a estima vêm em seu auxílio; os talentos do corpo e do espírito forjam novas e ternas cadeias.

Nam facit ipsa suis interdum foemina factis,
Morigerisque modis, et mundo corpore cultu,
Ut facile insuescat secum vir degere vitam.[2]

(Lucrécio, *Livro IV.*)

É principalmente o amor-próprio que aperta todos estes laços. Aplaudimo-nos intimamente com a nossa escolha e um ror de ternas ilusões é o ornamento da obra de que a natureza rasgou os alicerces.

Também aí és superior aos animais; mas, se gozas tantos prazeres que eles ignoram, quantos desgostos não virás a padecer e de que eles não fazem a mínima idéia! Para ti, o que resulta mais

[1] O amor é o mesmo para todos. (N. do E.)

[2] Muitas vezes a própria mulher, pelos seus costumes, pelos seus modos, pela maneira por que trata seu corpo, leva facilmente a que vá alguém partilhar a sua vida. (N. do E.)

horroroso ainda é que a natureza, em três quartas partes da Terra, envenenou os prazeres do amor e as fontes da vida com uma doença terrível, à qual somente o homem está sujeito e que só a ele ataca, nos seus órgãos procriadores.

Não sucede com esta malvada peste o que se verifica com tantas outras doenças, que são a conseqüência dos nossos excessos. Não foi o deboche que a introduziu no mundo. As Frinéias, as Laís, as Floras e as Messalinas não foram atacadas por ela; nasceu nas ilhas onde os homens viviam na mais completa inocência e daí se espalhou pelo Antigo Mundo.

Se algum dia foi possível acusar a natureza de desprezar a sua obra, de contradizer os seus próprios planos, de agir contra os seus fins, foi nessa ocasião. É então este o melhor dos mundos possíveis? Homessa! Pois se César, Antônio, Otávio nunca tiveram tal doença, era assim coisa tão impossível que ela poupasse Francisco I e não o levasse à cova, como aconteceu? Não, dizem os entendidos, o destino ordenou tudo pelo melhor... Quero crê-lo, mas é bem triste que seja assim.

Amor Dito Socrático

Se o amor que vulgarmente se chama socrático e platônico fosse apenas um sentimento honesto, devíamos aplaudi-lo; se for uma devassidão, seremos forçados a sentir vergonha pela Grécia.

Como é possível que um vício que, generalizando se, viria destruir o gênero humano, que um tão nefando atentado contra a natureza seja coisa assim natural? Afigura-se-nos ser o último estádio da perversão endurecida e, todavia, é a herança comum daqueles que ainda não tiveram tempo de serem corrompidos. Penetrou nos corações muito novos, que não conheceram ainda a ambição, nem o dolo, nem a sede de riquezas; é a juventude cega que, por uma confusão dos instintos, se precipita nessa voragem mal sai da infância.

A atração entre os dois sexos manifesta-se muito cedo; mas, apesar de tudo quanto se afirma das africanas e das mulheres da Ásia meridional, essa tendência é geralmente mais violenta no homem do que na mulher; é uma lei que a natureza estabeleceu para todos os animais. É sempre o macho que ataca a fêmea.

Os machos jovens da nossa espécie, educados uns com os outros, sentindo essa força que a natureza começa a fazer desabrochar neles e não achando o objeto natural para o seu instinto, deixam-se atrair por aquilo que mais se assemelha a tal objeto. Freqüentemente um rapazinho, pela frescura da pele, pelo garbo das suas cores e a meiguice do olhar, durante dois ou três anos mais parece uma linda rapariga; se o amarmos, é porque a natureza se equivoca: prestamos homenagem ao sexo feminino, mostrando-nos rendidos a quem se adorna com as suas belezas, e, quando a idade faz desaparecer essa semelhança, a confusão finda.

Citraque juventam
Aetatis breve ver et primos carpere flores.[3]
(Ovídio, Met., X, 84-85.)

É por demais sabido que este equívoco da natureza é muito mais freqüente nos climas temperados do que nas geladas terras setentrionais, porque ali o sangue é mais ardente e as ocasiões mais propícias; por isso, o que no moço Alcibíades nos surge como uma simples fraqueza, torna-se uma abominação repugnante num marujo holandês ou num vivandeiro moscovita.

Não posso admitir que se afirme que os gregos teriam permitido tal libertinagem. É costume citar o legislador Sólon, porque disse em dois versos de pé quebrado:

[3] E colher antes da mocidade a breve primavera e as primeiras flores da vida. (N. do E.)

Gozarás um rapaz a teu gosto
Enquanto não tiver pêlos no rosto.

Mas, em boa fé, seria na qualidade de legislador que Sólon escreveu esses dois versos ridículos? Era então ainda muito novo, mas quando o debochado atingiu a idade da razão não incluiu tal infâmia entre as leis da sua república; é como se acusássemos Théodore de Bèze de ter pregado a pederastia na sua igreja só porque na juventude fizera versos para o jovem Candide, em que dizia:

Amplector hunc et illam. [4]

Abusa-se do texto de Plutarco que, nas suas tagarelices, põe um dos interlocutores do *Diálogo do Amor* a dizer que as mulheres não são dignas do verdadeiro amor; mas um outro interlocutor defende a causa das mulheres como é de direito.

Certo é, e tanto quanto o nosso conhecimento da Antiguidade pode garanti-lo, que o amor socrático não era um amor infame: foi esse nome de amor que baralhou tudo. O que então se chamava os amantes de um rapaz eram, precisamente, o que entre nós são os gentis-homens ao serviço dos nossos príncipes, o que eram os pajens, moços adidos à educação de uma criança fidalga, partilhando os mesmos estudos, os mesmos exercícios militares: instituição guerreira e santa da qual se abusou com folguedos noturnos e orgias.

A legião dos amantes criada por Laio era uma tropa invencível de moços guerreiros obrigados por juramento a darem a vida uns pelos outros; e nunca a disciplina antiga teve nada de tão belo.

Sexto Empírico e outros bem se cansam a dizer que a pederastia era recomendada pelas leis da Pérsia. Pois que nos citem a letra da lei: que nos mostrem o código dos persas e mesmo que o fizessem nem assim os havia de acreditar, diria que o fato não é verdadeiro pela simples razão que é impossível. Não, não é próprio da natureza humana fazer uma lei que contrarie e que ultraje a natureza, uma lei que destruiria o gênero humano se fosse observada à letra. Quantas pessoas não se equivocaram com os hábitos vergonhosos e tolerados, supondo que eram as leis do próprio país! Sexto Empírico, que duvidava de tudo, devia também ter duvidado daquela jurisprudência. Se vivesse hoje e visse dois ou três jovens jesuítas abusarem dalguns estudantes, estaria no direito de dizer que tal jogo lhes é permitido pelos regulamentos de Inácio de Loiola?

O vício pelos rapazes era em Roma coisa tão vulgar, que ninguém se lembraria de punir essa tolice na qual a maioria incorria alegremente ou com discreta vergonha. Otávio Augusto, esse carrasco debochado e poltrão que ousou exilar Ovídio, achou perfeitamente natural que Virgílio cantasse Alexis e que Horácio compusesse graciosas odes em louvor de Ligurino; mas a antiga lei Scantinia, que proibia a pederastia, nunca foi abolida: o imperador Filipe aplicou-a com todo o rigor, expulsando de Roma os rapazolas que se prostituíam como profissionais. Finalmente, não acredito que haja ou possa ter havido, em nenhuma época, uma nação civilizada que promulga leis contra os costumes.

Animais (Os)

Que néscio é afirmar que os animais são máquinas privadas de conhecimento e de sentimentos, agindo sempre de igual modo, e que não aprendem nada, não se aperfeiçoam, etc.!

Pode lá ser... Então esse pardalzinho que constrói o ninho em semicírculo quando o prende a uma parede, que o constrói num quarto de círculo quando o faz num ângulo e em círculo num

[4] Abraço a este e aquela. (N. do E.)

ramo de árvore — faz tudo de igual modo? O cão de caça que ensinaste a obedecer-te durante três meses não estará a saber mais ao cabo desse período do que sabia no início das lições? O canário a quem tentas ensinar uma melodia repete-a logo no mesmo instante, ou não levarás um certo tempo a fazer-lha decorar? E não reparaste como se engana, com freqüência, e vai corrigindo depois?

É só por eu ser dotado de fala que julgas que tenho sentimentos, memória, idéias? Pois bem, não te direi nada; mas vês-me entrar em casa com um ar preocupado, aflito, andar a procurar um papel qualquer com nervosismo, abrir a secretária onde me recorda tê-lo guardado, encontrá-lo afinal, lê-lo jubilosamente. Calculas que passei de um sentimento de aflição para outro de prazer, que sou possuidor de memória e conhecimento.

Transfere agora esse teu raciocínio, por comparação, para aquele cão que se perdeu do dono, que o procura por todos os lados soltando latidos dolorosos, que entra em casa, agitado, inquieto, que sobe e que desce, percorre as casas, umas após outras, até que acaba, finalmente, por encontrar o dono de que tanto gosta no gabinete dele e ali lhe manifesta a sua alegria pela ternura dos latidos, em pródigas carícias.

Algumas criaturas bárbaras agarram nesse cão, que excede o homem em sentimentos de amizade; pregam-no numa mesa, dissecam-no vivo ainda, para te mostrarem as veias mesentéricas. Encontras nele todos os órgãos das sensações que também existem em ti. Atreve-te agora a argumentar, se és capaz, que a natureza colocou todos estes instrumentos do sentimento no animal, para que ele não possa sentir? Dispõe de nervos para manter-se impassível? Que nem te ocorra tão impertinente contradição da natureza.

Mas os mestres-escola perguntam o que é e onde está a alma dos animais? Não entendo tal pergunta. Uma árvore tem a faculdade de receber nas suas fibras a seiva que nelas circula, de desabrochar os botões e criar os seus frutos; e ainda me haveis de perguntar o que é a alma dessa árvore? Esta beneficiou de alguns dons, como o animal beneficiou doutros, dos do sentimento, da memória, de um certo número de idéias. Quem criou todos esses dons? Quem lhes concedeu todas essas faculdades? Aquele que faz crescer a erva nos campos e gravitar a Terra à roda do Sol.

As almas dos animais são formas substanciais, afirmou Aristóteles; e, depois de Aristóteles, a escola árabe; e, depois da escola árabe, a escola angélica; e, depois da escola angélica, a Sorbonne; e, depois da Sorbonne, mais ninguém no mundo.

As almas dos animais são materiais, proclamam outros filósofos. Mas também não têm tido mais sucesso que os primeiros. Foi sempre em vão que se lhes perguntou o que é uma alma material; viram-se forçados a convir que é matéria passível de sensações; mas quem foi que lha deu? É uma alma material, isto é, trata-se de matéria que dá sensações à matéria; e não saem deste círculo vicioso.

Escutai agora outros animais discutindo acerca de animais: a alma destes é um ser espiritual que morre com o corpo: mas que provas tendes disto? Que idéia fazeis desse ser espiritual que, com efeito, experimenta sentimentos e sensações, memória, e a sua dose de idéias e de combinações de idéias, mas que nunca poderá vir a saber o que é uma criança de seis anos? Em que base imaginais que esse ser, que não tem corpo, pereça com o corpo? Mas, de todos, os maiores animais ainda foram aqueles que afirmaram que a tal alma não é corpo nem espírito. Que rico sistema! Só podemos encarar como espírito algo de desconhecido que não é corpo; logo, o sistema destes cavalheiros vem a dar nisto: a alma dos animais é uma substância que não é corpo nem outra coisa qualquer que seja ainda menos que um corpo.

Qual a origem de tantos e tão contraditórios despautérios? Do hábito que os homens sempre tiveram de examinar e definir o que é uma coisa, antes de saberem se ela existe. Costuma chamar-se à lingüeta, que é a válvula dum fole, a alma do fole. Que alma vem a ser esta? Apenas um nome que dei a essa válvula, que desce, sobe, deixa entrar o ar e impele-o para um canudo, quando aperto o fole. Ali não há, pois, alma nenhuma distinta do instrumento. Mas quem faz mover a válvula dos animais? Já vo-lo disse, aquele que faz mover os astros. O filósofo que afirmou *Deus est anima brutorum* tinha razão; mas não devia ter ficado por aí.

Anjo

Anjo em grego significa enviado, mensageiro; não ficaremos muito mais instruídos se soubermos que os persas tinham os Péris, os hebreus os Malakim, os gregos os seus Daimonoi.

Mas o que talvez já melhor nos elucide é o fato de que uma das mais antigas idéias dos homens foi sempre esta de colocar seres intermediários entre nós e a Divindade; são esses demônios, esses gênios que a Antiguidade inventou; o homem sempre concebeu os deuses à sua imagem e semelhança. Viam os príncipes transmitir as suas ordens por mensageiros, logo a Divindade também envia os seus correios: Mercúrio, Íris eram correios, mensageiros dos deuses.

Os hebreus, esse povo eleito que era o único que a Divindade conduzia, a princípio não atribuíram nomes especiais aos anjos que Deus se dignava finalmente mandar-lhes; tomaram de empréstimo os nomes que lhes davam os caldeus, quando o povo judaico esteve no cativeiro de Babilônia: Miguel e Gabriel são nomeados pela primeira vez por Daniel, escravo desses povos. O judeu Tobias, que vivia em Nínive, conheceu o anjo Rafael, que viajou com seu filho para ajudar este a receber o dinheiro que lhe devia o judeu Gabael.

Nas leis dos judeus, isto é, no *Levítico* e no *Deuteronômio*, não se faz qualquer menção da existência dos anjos, e com melhores razões ao seu culto; por isso os saduceus não acreditavam nos anjos.

Mas nas histórias dos judeus fala-se muito neles. Estes anjos eram corporais; tinham asas no dorso, tal como os gentios fingiram que Mercúrio as tinha nos calcanhares; por vezes, escondiam as asas debaixo das túnicas. E como não haviam eles de ter um corpo, se bebiam e comiam à grande, e os habitantes de Sodoma foram tentados e quiseram cometer o nefando pecado de pederastia com os anjos que foram à casa de Lot?

Segundo Ben Maimon, a antiga tradição judaica admite dez graus, dez ordens de anjos: 1. Os *chaios acodesh*, puros, santos. 2. Os *ofamin*, rápidos. 3. Os *oralim*, os fortes. 4. Os *chasmalim*, as chamas. 5. Os *serafim*, faíscas. 6. Os *malakim*, anjos, mensageiros deputados. 7. Os *eloim*, os deuses ou juízes. 8. Os *ben eloim*, filhos dos deuses. 9. Os *querubim*, imagens. 10. Os *ychim*, os animados.

A história da queda dos anjos não se encontra em parte nenhuma nos livros de Moisés; o primeiro testemunho que dela possuímos é o do profeta Isaías, o qual, apostrofando o rei de Babilônia, exclama: "Em que se transformou o exator dos tributos? Até as faias e os cedros rejubilam com a sua queda; como caíste do céu, ó Hellel, ó estrela da manhã, filha da alva?" [5] Traduziu-se este Hellel pela palavra latina Lúcifer; e depois por um sentido alegórico, deram o nome de Lúcifer ao príncipe dos anjos que fizeram a guerra no céu; e esse nome, que quer dizer fósforo e aurora, tornou-se afinal no nome do diabo.

A religião cristã tem seu fundamento na queda dos anjos. Aqueles que se revoltaram foram lançados das esferas onde habitavam para o inferno no centro da Terra, e tornaram-se diabos. Um diabo tentou a Eva sob o disfarce de serpente, e condenou às penas eternas o gênero humano. Jesus veio redimir o gênero humano e triunfar do diabo, que continua ainda a tentar-nos quanto pode. Todavia, esta tradição fundamental apenas se encontra no livro apócrifo de Enoch, e mesmo ali duma maneira completamente diferente da que a tradição aceita.

Santo Agostinho, na sua centésima nona carta, não opõe a menor dúvida em atribuir corpos livres e ágeis aos bons e aos maus anjos. O Papa Gregório II reduziu a nove coros, a nove hierarquias ou ordens, os dez coros de anjos reconhecidos pelos judeus. Assim, temos: os serafins, os querubins, os tronos, as dominações, as virtudes, as potências, os principados, os arcanjos e, por fim, os anjos, que dão o nome geral às outras oito hierarquias.

[5] *Isaías*, 14, 4 a 12. (N. dos T.)

Os judeus tinham no templo dois querubins, cada um com duas cabeças, uma de boi e outra de águia, e seis asas. Agora pintamo-los sob a imagem de uma cabeça que voa, com duas asinhas debaixo das orelhas. Representamos os anjos e os arcanjos sob a figura de jovens com duas asas nas costas. Com respeito aos tronos e dominações ainda não se arranjou maneira de os pintar.

Santo Tomás, na questão 108, artigo 2.º, diz que os tronos estão tão perto de Deus como os querubins e os serafins, porque Deus está sentado em cima deles. Escoto contou até mil milhões de anjos. Tendo transitado do Oriente para a Grécia e Roma a antiga mitologia dos génios bons e maus, consagramos nós também essa crença, admitindo para cada homem um anjo bom e outro mau, um que o ajuda e outro que o tenta prejudicar desde o nascimento até a hora da morte; mas ainda não sabemos se estes anjos, bons e maus, mudam continuamente de um posto para outro, ou se serão revezados por outros. Consultai sobre esta matéria a *Súmula* de Santo Tomás.

Não se sabe ao certo onde os anjos moram, se será no ar, no vácuo ou nos planetas: Deus não quis que ficássemos a saber tanto.

Antropófagos

Já falamos do amor. É penoso passar de pessoas que se beijam a pessoas que se comem. Mas é mais do que certo que houve antropófagos; na América foram topados alguns; talvez ainda lá os haja quem sabe, e os ciclopes não eram os únicos que, na Antiguidade, por vezes se alimentavam de carne humana. Conta Juvenal que entre os egípcios, esse povo tão sábio, tão louvado e afamado pelas suas leis, um povo tão piedoso que adorava até crocodilos e cebolas, os tintiritas comeram um dos seus inimigos que caíra prisioneiro nas suas mãos; e não conta esta história por tê-la ouvido narrar a outrem, já que esse crime foi cometido quase à sua vista; achava-se então no Egito e perto de Tintire. A propósito, cita os gascões e os saguntinos que se alimentaram, outrora, com a carne dos compatriotas.

Em 1725 trouxeram quatro selvagens do Mississipi para Fontainebleau e foi-me dada a honra de conversar com eles; do grupo fazia parte uma grande dama do país a quem perguntei se já tinha comido gente e com perfeita ingenuidade me respondeu que sim. Devo ter ficado um tanto escandalizado, mas ela desculpou-se, dizendo que mais valia comer um inimigo morto que deixá-lo devorar pelas feras, e que os vencedores mereciam ter a preferência. Quanto a nós, matamos em batalha campal ou não campal os nossos vizinhos, e na mira da mais vil das recompensas trabalhamos como cozinheiros dos corvos e dos vermes. Aí é que está o horroroso da questão, é nisso que consiste o crime; se nos matarem, que importa ser comido por um soldado, ou por um corvo ou um cão?

Respeitamos mais os mortos que os vivos. Devíamos respeitar tanto uns como outros. Os povos que se dizem civilizados têm toda a razão em não porem os inimigos vencidos a assar no espeto; porque, se fosse permitido comer os vizinhos, depressa se comeriam também os compatriotas; o que seria grave inconveniente para as virtudes sociais. Mas os povos civilizados nem sempre assim o foram; durante muito tempo eram selvagens; e no número infinito de revoluções por que o nosso globo tem passado, o género humano ora foi numeroso, ora muito raro. Aconteceu já aos homens o que hoje em dia acontece aos elefantes, aos leões, aos tigres, cuja espécie tem diminuído muito. Nos tempos em que uma região era escassamente povoada, os homens tinham pouca sorte, eram caçadores. O hábito de se alimentarem normalmente com aquilo que tinham morto na caça levou-os com facilidade a tratarem os inimigos como tratavam os veados e os javalis. Foi a superstição que fez imolar vítimas humanas, foi a necessidade que as fez comer.

Qual é o maior crime: juntarem-se muitas pessoas com férvida religiosidade para enterrar um punhal no coração duma rapariga ornada de faixas, em honra da Divindade, ou comer um pobre homenzinho que matamos em legítima defesa?

Todavia temos muitos mais exemplos de raparigas e rapazes mortos nas aras do sacrifício do que raparigas e rapazes comidos: quase todas as nações que se conhecem sacrificaram rapazes e raparigas. Os judeus imolavam-nos. A isto chamava-se o anátema; era um autêntico sacrifício, e está estipulado no capítulo vigésimo sétimo do *Levítico* que não sejam poupadas as almas vivas que tiverem sido votadas ao sacrifício; mas em parte alguma se indica que as comam, apenas as ameaçam disso; Moisés, como já vimos, disse aos judeus que, se não respeitarem as cerimónias do culto, não só serão atacados de sarna, mas que até as mães virão a comer os filhos. É verdade que no tempo de Ezequiel os judeus deviam ter o costume de comer carne humana, porque é ele próprio quem lhes preceitua, no capítulo 39, que Deus lhes dará a comer não só os cavalos dos seus inimigos, mas também os cavaleiros e os outros guerreiros.[6] Isto é indubitável. E, com efeito, por que é que os judeus não haviam de ter sido antropófagos? Era até a única coisa que faltava para o povo eleito de Deus ser o mais abominável e repugnante povo da terra.

Li nas anedotas da história da Inglaterra no tempo de Cromwell que uma cerieira de Dublim vendia excelentes velas de sebo feitas com gordura de ingleses. Um belo dia uma das freguesas queixou-se de que as velas já não prestavam. "Que havemos de fazer?", respondeu a cerieira. "Este mês houve tanta falta de ingleses..." Agora pergunto eu quem era mais culpado: se aqueles que degolavam os ingleses ou esta boa mulherzinha que os aproveitava para velas de sebo?

Ápis

O boi Ápis era adorado em Mênfis como um deus, um símbolo ou como boi? É de crer que os fanáticos viam nele um deus, os sábios e sensatos, um simples símbolo, e que o povo ignaro o adorava como boi. Teria Cambises procedido bem quando matou este boi pelas próprias mãos, ao conquistar o Egito? E por que não? Demonstrava assim aos imbecis que era possível pôr o deus deles a assar no espeto, sem que a natureza parecesse irritada ou se incomodasse para vingar tal sacrilégio. Elogiaram-se muito os egípcios. Quanto a mim, não conheço povo tão desprezível como este; sempre deve ter havido, no seu caráter como no seu governo, um vício de raiz que fez dele sempre um povo de vis escravos. Concedo que em tempos quase imemoriais tenham conquistado a terra; mas nos tempos históricos foram subjugados por todos aqueles povos que quiseram dar-se a esse trabalho, pelos assírios, pelos gregos, pelos romanos, os árabes, os mamelucos, os turcos; enfim, por toda a gente que lhes apeteceu, exceção feita para os nossos cruzados, visto que estes ainda tinham mais de inexperientes e desastrados que de poltrões os egípcios. Foi a milícia dos mamelucos que derrotou os franceses. Talvez haja só duas coisas toleráveis neste povo: a primeira é que aqueles que adoravam um boi nunca pretenderam coagir a mudar de religião os que adoravam um macaco; a segunda, que sempre puseram os pintos a chocar no forno.

As suas pirâmides são muito elogiadas; mas quem não vê que são monumentos de um povo escravizado? Foi indispensável obrigar toda a nação a participar na sua construção, sem o que nunca teriam podido erguer tão pesadas massas de rocha. E para que servem? Para conservar numa estreita câmara a múmia de algum príncipe, ou de qualquer governante ou intendente, na mira que a alma deste vá dar vida à múmia ao cabo de mil anos. Mas se eles tinham assim tanta fé na ressurreição dos corpos por que é que então lhes extraíram o cérebro antes de os embalsamarem? Ou será que os egípcios deviam ressuscitar sem mioleira?

Apocalipse

Justino, o mártir que escrevia à volta do ano 270 da nossa era, foi o primeiro que falou no *Apocalipse:* atribuiu-o ao apóstolo João, o evangelista: no seu diálogo com Trifon, este judeu

[6] "Comereis a carne dos poderosos e bebereis o sangue dos príncipes da terra, dos carneiros, dos cordeiros e dos bodes, e dos bezerros... e vos fartareis à minha mesa, de cavalos, e de carros, de valentes, e de todos os homens de guerra, diz o Senhor Jeová." (*Ez.* 39, 18 e 20.) (N. dos T.)

pergunta-lhe se ele não acredita que Jerusalém há de ser reconstruída um dia. Justino responde-lhe que sim e que todos os bons cristãos pensam o mesmo. "Viveu entre nós", disse, "um certo personagem chamado João, um dos doze apóstolos de Jesus; profetizou que os fiéis passarão mil anos em Jerusalém."

Este reinado de mil anos foi durante muito tempo uma crença profundamente arraigada entre os cristãos. Este espaço de tempo já gozava de muito crédito entre os gentios. As almas dos egípcios regressavam aos seus corpos passados mil anos; segundo Virgílio, as almas do purgatório eram postas à prova durante igual período de tempo, *"et mille per annos"*. A nova Jerusalém de mil anos devia ter doze portas, em memória dos doze apóstolos; devia apresentar forma quadrada; o comprimento, largura e altura deviam ser de doze mil estádios, isto é, quinhentas léguas, de modo que as casas deviam também ter quinhentas léguas de altura. Imagine-se como seria desagradável morar no último andar; mas, que querem?, é o que vem no *Apocalipse*, capítulo 21.

Se Justino foi o primeiro que atribuiu o *Apocalipse* a São João, houve logo algumas pessoas que rejeitaram o seu testemunho, visto que, no mesmo diálogo com o judeu Trífon, ele afirma que Jesus Cristo (de acordo com o que referem os apóstolos), mergulhando nas águas do Jordão, fez ferver as águas deste rio e incendiou-as, o que em nenhum escrito dos apóstolos se encontra.

O mesmo São Justino cita confiadamente os oráculos das sibilas; ademais, pretende ter visto os vestígios das celas onde foram encerrados os setenta e dois intérpretes no farol do Egito, no tempo de Herodes. Ora, o testemunho de um homem que teve a infelicidade de ver tão de perto essas celas de doidos parece indicar que o autor merecia também lá ter sido encafuado.

Santo Ireneu, que veio depois, e que também acreditava no tal reinado de mil anos, disse que soube por um velho que São João fizera o *Apocalipse*. Mas é costume censurar a Santo Ireneu o ter escrito que só devia haver quatro Evangelhos porque só há quatro partes do mundo e quatro ventos cardiais, e que Ezequiel só viu quatro animais. Chama ele a este raciocínio uma demonstração. Forçoso é confessar, aqui, à puridade, que o modo como Ireneu demonstra equivale, na perfeição, ao modo como Justino viu o que viu.

Clemente de Alexandria apenas fala nos seus *Electa* dum *Apocalipse* de São Pedro, de que na época faziam grande caso. Tertuliano, um dos maiores partidários do reinado de mil anos, não só garante que São João profetizou essa ressurreição e esse tal reinado de mil anos na cidade de Jerusalém, como pretende ainda que esta nova Jerusalém começava já a formar-se no espaço; que todos os cristãos da Palestina, e até mesmo os pagãos, a tinham visto quarenta dias a fio pelo cabo da noite; infelizmente, a cidade levava sumiço mal rompia a manhã.

Orígenes, no seu prefácio ao Evangelho de São João, cita os oráculos do *Apocalipse;* mas igualmente cita nas suas homílias os oráculos das sibilas. Contudo, São Dionísio de Alexandria, que escrevia por meados do século III, afirma num dos seus fragmentos, conservados por Eusébio, que quase todos os doutores da Igreja rejeitaram o *Apocalipse* como sendo um livro destituído de razão; que esse livro não fora escrito por São João, mas por um tal Cerinto, que abusivamente utilizara um nome célebre para emprestar mais consistência às suas fantasias.

O concílio de Laodicéia, realizado em 360, não contou o *Apocalipse* entre os livros canônicos. Coisa muito singular seria que Laodicéia, que era uma igreja a quem o *Apocalipse* era dirigido, rejeitasse um tesouro como esse e a ela destinado; e que o bispo de Éfeso, que assistia ao concílio, rejeitasse também um livro de São João, o apóstolo sepultado em Éfeso.

A toda a gente era bem visível que São João se revolvesse constantemente na tumba, fazendo subir e descer a terra. Todavia, essas mesmas altas personagens que tinham a certeza que São João não estava morto de todo tinham também a certeza que não fora ele o autor do *Apocalipse*. Mas os que teimavam na crença do famoso reinado de mil anos ficaram inabaláveis na sua posição. Sulpício Severo, na sua *História Sagrada*, livro IX, trata de insensatos ímpios todos os que não acreditavam no *Apocalipse*. Afinal, após muitas dúvidas, de oposições de concílio para concílio, prevaleceu a opinião de Sulpício Severo. Tendo ficado esclarecida essa matéria, a Igreja decidiu que o *Apocalipse* é incontestavelmente da autoria de São João; e assim ficou resolvido, sem possibilidades de apelo.

Cada comunidade cristã a si própria atribui as profecias contidas nesse livro; os ingleses

descobriram nele as revoluções da Grã-Bretanha; os luteranos, as guerras civis na Alemanha; os reformados de França, o reinado de Carlos IX e a regência de Catarina de Médicis: todos tinham igualmente razão. Bossuet e Newton comentaram ambos o *Apocalipse;* mas, pensando bem, as grandiloqüentes tiradas de um e as descobertas sublimes do outro honraram-nos mais que os seus comentários apocalípticos.

Ateu, Ateísmo

I

Noutros tempos, qualquer pessoa que fosse detentora de um segredo numa arte, corria logo o perigo de ser tomada por feiticeiro; qualquer seita nova era logo acusada de imolar criancinhas nos seus sacrifícios e atos de culto; e o filósofo que se afastasse da terminologia da escola era acusado de ateísmo pelos fanáticos e pelos velhacos, e condenado pelos idiotas.

Anaxágoras atreve-se a afirmar que o Sol não era guiado por Apolo montado numa quadriga; chamam-lhe ateu e é obrigado a dar às de vila-diogo.

Aristóteles é acusado de ateísmo por um sacerdote; como não pode mandar punir o acusador, retira-se para Cálcis. Mas a morte de Sócrates é decerto ainda o caso mais odioso da história grega.

Aristófanes (esse homem que os comentadores tanto admiram só porque era grego, parecendo esquecer-se de que Sócrates era grego também), Aristófanes foi o primeiro que levou os atenienses a considerarem Sócrates um ateu.

Esse poeta cômico, que não é cômico nem poeta, entre nós não lhe teriam consentido que fizesse representar as suas farsas farsalhonas na feira de São Lourenço; a mim se me afigura ainda mais vil e mais desprezível do que o descreve Plutarco. Eis o que diz o sábio Plutarco deste truão: "A linguagem de Aristófanes tresanda ao seu miserável charlatanismo: nunca se ouviram graçolas tão baixas e tão repugnantes; nem a própria ralé lhe acha graça e torna-se verdadeiramente insuportável para as pessoas de senso e honra; a sua arrogância não se pode tolerar e as pessoas de bem detestam a sua evidente malevolência".

Eis aí, diga-se de passagem, o Tabarin que a Sra. Dacier, admiradora de Sócrates, ousa admirar: é este o homem que preparou antecipadamsnte o veneno com que os infames juízes fizeram morrer o homem mais virtuoso da Grécia.

Os tintureiros, os sapateiros e as costureiras de Atenas aplaudiram uma farsa em que Sócrates aparecia, suspenso no ar dentro dum cesto, proclamando que Deus não existe e gabando-se de ter roubado uma túnica quando ensinava filosofia. Um povo inteiro, cujo governo corrupto autorizava tão infames licenças, merecia com toda a justiça o que lhe aconteceu depois: tornar-se escravo dos romanos e sê-lo hoje ainda dos turcos.

Passemos em branco o período que medeia entre a república romana e nós. Os romanos, muito mais sensatos que os gregos, nunca perseguiram nenhum filósofo por causa das suas idéias. Já o mesmo não aconteceu com os povos bárbaros que sucederam ao império romano. Mal o imperador Frederico II tem querelas com os papas, logo o acusam de ser ateu e também de autor do livro dos *Três Impostores*, de parceria com o seu chanceler de Vinéis.

O nosso grande chanceler de L'Hospital afirma-se contrário às perseguições: imediatamente é acusado de ateísmo, "Homo doctus sede verus atheus". [7] Um jesuíta, tão abaixo de Aristófanes como Aristófanes está abaixo de Homero, um pobre pateta cujo nome se tornou ridículo até entre os próprios fanáticos, o jesuíta Garasse, para falar sem papas na língua, em todo o lado descobre *ateístas;* pois é assim que apelida todos quantos são alvo do seu descabelado furor. Chama ateísta a Théodore de Bèze; foi ele, também, que induziu o público em erro a respeito de Vanini.

O desgraçado fim de Vanini não nos impressiona nem indigna tanto como o de Sócrates,

[7] *Commentarium rerum Gallicarum*, Liv. XXVIII. (N. do A.) A tradução da frase citada é: "Homem sábio mas verdadeiro ateu". (N. do E.)

porque Vanini não passava de um pedante estrangeiro sem mérito nenhum; mas Vanini não era nada um ateu, como se tentou fazer crer; era justamente o oposto disso.

Era um pobre padre napolitano, pregador e teólogo de seu ofício, discutindo até o absurdo sobre as essências e sobre os universais, "et utrum chimaera bombinans in vacuo possit comedere secundas intentiones".[8] De resto, não tinha a menor queda para o ateísmo. A sua noção de Deus é teologia da mais sã e mais acatada. "Deus é seu princípio e seu fim, pai de um e de outro e não tendo necessidade nem dum nem doutro; eterno sem estar no tempo, em toda a parte presente sem estar em parte alguma. O passado e o futuro não contam para ele; está em todo o lado e fora de tudo, governando tudo e tendo criado tudo, imutável, infinito, sem partes; o seu poder é a sua vontade, etc."

Vanini entusiasmava-se ao rubro em renovar aquela bela idéia de Platão, perfilhada por Averrois, de que Deus criara uma cadeia de seres, desde o mais pequeno ao maior, cujo último elo está ligado ao seu trono eternal; idéia, com efeito, mais sublime que verdadeira, mas que está tão distante do ateísmo como o ser do nada.

Viajou muito, para fazer fortuna e para polemicar; infelizmente, a polêmica está no caminho oposto ao da fortuna; criam-se tantos inimigos irreconciliáveis como se encontram sábios ou pedantes com quem disputar. E não foi a origem da infeliz sorte de Vanini: o feitio impetuoso e a sua grosseria nas controvérsias valeram-lhe o ódio de alguns teólogos; e porque tivesse tido uma querela contra um tal Francon, ou Franconi, esse Francon, amigo dos inimigos dele, não tardou em acusá-lo de ser ateu e de propagar o ateísmo.

Esse Francon ou Franconi, auxiliado por várias testemunhas, teve a ferocidade de, numa acareação com Vanini, sustentar o que anteriormente afirmara. No banco dos réus, Vanini, interrogado sobre o que pensava da existência de Deus, respondeu que adorava como a Igreja um Deus em três pessoas. E tendo apanhado uma palha do chão, acrescentou: "Basta esta simples palhinha para nos provar que há um criador". Então embrenhou-se numa formosa discursata acerca da vegetação e do movimento, e ainda sobre a necessidade de um ser supremo sem o qual não haveria movimento nem vegetação.

O presidente Grammont, que nessa altura estava em Tolosa, transcreve essa arenga na sua *História de França*, hoje tão esquecida; e é o dito Grammont quem, por um preconceito disparatado, pretende que Vanini dizia tudo aquilo mais por *vaidade ou medo do que por íntima convicção*.

Em que base poderá fundar-se este juízo temerário e cruel do presidente Grammont? Pelas respostas que deu, é evidente que Vanini devia ser absolvido da acusação de ateísmo. Que sucedeu, então? O desditoso padre estrangeiro era também um curioso por assuntos de medicina e foi dar em casa dele um grande sapo, que conservava vivo num vaso cheio de água; foi suficiente para o acusarem de feitiçaria. Afirmou-se que o sapo era o deus que ele adorava; atribuíram um sentido ímpio a vários passos dos seus livros, o que é coisa muito fácil e muito comum, tomando as objeções como respostas, interpretando malevolamente alguma frase mais ambígua, envenenando uma expressão. Finalmente, a facção que o atacava conseguiu arrancar dos juízes a sentença que condenou à morte o infeliz.

Para justificarem essa morte, acusaram o desgraçado de tudo quanto há de mais horroroso. O mínimo e menos que mínimo[9], o insignificantíssimo Mersenne, levou o despautério a imprimir que Vanini *saíra de Nápoles com doze dos seus apóstolos para converter todos os povos ao ateísmo*. Que lástima! Como podia um miserando padre manter ao seu serviço doze homens e pagar-lhes de sua bolsa? Como teria conseguido convencer doze napolitanos a viajarem com grandes despesas, para propagar por toda a parte, em risco das próprias vidas, aquela abominável e revoltante doutrina? Um rei seria suficientemente poderoso para pagar a doze pregadores do ateísmo? Ninguém, antes do padre Mersenne, ousara aventar atoarda tão absurda. Mas, depois, muitos a repetiram, uma e mais vezes; encheram com ela os jornais, os dicionários históricos; o vulgo, que

[8] "Se uma quimera sussurrando no vácuo pode comer segundas intenções." (N. do E.)

[9] Trocadilho entre mínimo, frade da Ordem de São Francisco de Paula, e o adjetivo mínimo, forma irregular do superlativo absoluto simples de pequeno. (N. dos T.)

aprecia as coisas extravagantes, acreditou sem mais delongas, sem pensar um só momento naquela patranhosa fábula.

Até o próprio Bayle, nos *Pensamentos Diversos*, fala de Vanini como se este fora um ateu: serve-se do seu exemplo para sustentar o paradoxo de que *uma sociedade de ateus pode subsitir;* garante que Vanini era um homem de costumes muito morigerados e que foi um mártir das suas idéias filosóficas. Engana-se redondamente nos dois pontos. É o padre Vanini em pessoa quem nos elucida, nos seus *Diálogos*, feitos à maneira dos de Erasmo, que tivera uma amante chamada Isabelle. Era uma criatura tão livre no que escrevia como na sua conduta; mas não era um ateu.

Um século depois da sua morte, o sábio La Croze e aquele que tomou o nome de Philalète quiseram reabilitá-lo, prestando-lhe justiça; mas, como ninguém se interessa com a memória de um infeliz napolitano, péssimo autor ainda por cima, quase ninguém lê tais apologias.

O jesuíta Hardouin, mais sabichão que Garasse, mas não menos atrevido e impudente, no livro intitulado *Athei Detecti*, acusa de ateísmo os Descartes, os Arnauld, os Pascal, os Nicole, os Malebranche; felizmente nenhum deles sofreu o destino de Vanini.

De todos estes fatos passo para o problema de moral levantado por Bayle, a saber: *se poderia subsistir uma sociedade de ateus*. A propósito deste artigo, anotemos, para começar, como os homens se contradizem no ardor da polêmica: os que protestaram com mais furor contra a opinião de Bayle, aqueles que lhe negaram da mais injuriosa maneira a possibilidade de existir uma sociedade de ateus, foram precisamente os mesmos que a seguir afirmaram, e com igual intrepidez, que o ateísmo é a religião do governo da China.

Enganaram-se por certo bem enganados acerca do governo chinês; bastava que lessem os éditos dos imperadores desse vasto país, logo teriam percebido que tais éditos são sermões e que constantemente ali se faz referência ao Ser Supremo, que tudo governa, tudo castiga e premia.

Mas, ao mesmo tempo, não menos se enganaram acerca de uma sociedade de ateus; e não percebo como Bayle pôde esquecer um exemplo assim tão frisante que teria podido dar a vitória à sua causa.

Por que razão será impossível uma sociedade de ateus? Porque se considera que homens sem freio nunca poderiam fazer vida coletiva — viver juntos; que as leis nada podem contra os crimes secretos — ocultos; que faz falta um Deus justiceiro que castigue, neste mundo ou no outro, os malvados que conseguiram ludibriar a justiça humana.

É certo que as leis de Moisés não falavam de uma vida futura, não ameaçavam com castigos depois da morte, em nada inculcavam aos primeiros primitivos judeus a crença na imortalidade da alma; mas os judeus, longe de serem ateus, longe de acreditarem que podiam esquivar-se à vingança divina, eram os mais religiosos de todos os homens. Não somente criam na existência de um Deus eterno como acreditavam que estava sempre presente entre eles; tremiam perante a hipótese de serem punidos nas suas pessoas, ou nas pessoas das mulheres, dos filhos, de em toda a sua posteridade até a quarta geração: ora, esse era já um freio muito poderoso.

Mas entre os gentios várias seitas não tinham freio algum: os céticos duvidavam de tudo; os acadêmicos[10] adiavam o seu juízo a respeito de tudo; os epicuristas estavam persuadidos de que a Divindade não podia ingerir-se nos assuntos dos homens e bem no íntimo não admitiam nenhuma divindade. Estavam convencidos de que a alma não é uma substância, mas sim uma faculdade que nasce e morre com o corpo; por conseguinte, não conheciam outro jugo que não fosse o da moral e da honra. Os senadores e os cavaleiros romanos eram autênticos ateus, porque os deuses não existiam para homens que deles já nada receavam nem desejavam. No tempo de César e de Cícero, o Senado romano era, na realidade, uma assembléia de ateus.

O grande orador, na sua alocução a favor de Cluentius, declarou perante o Senado: "Que mal lhe faz a morte? Rejeitamos todas essas lendas ineptas que falam nos infernos: portanto, o que é que a morte lhe roubou? Nada, exceto o sentimento das dores".

César, o amigo de Catilina, querendo salvar a vida deste contra o dito Cícero, alega as seguintes objeções: que de modo algum se castiga um criminoso condenando-o à morte; que a morte *não é nada*, que é, simplesmente, o termo dos nossos males e que é um momento mais feliz

[10] Acadêmicos, sectários da escola de Platão. (N. dos T.)

que fatal. E Cícero e com ele o Senado inteiro não se rendem a estas razões? É certo que os vencedores e os legisladores do universo conhecido de então formavam visivelmente uma sociedade de homens que em nada se arreceavam dos deuses, que eram autênticos ateus.

Bayle em seguida examina se a idolatria é mais perigosa que o ateísmo; se será maior crime não acreditar na Divindade ou ter a respeito dela opiniões indignas: neste ponto está de acordo com Plutarco; acho que mais vale não ter opinião nenhuma a ter uma opinião má; mas, apesar do que afirma Plutarco, é óbvio que valia infinitamente mais para os gregos temerem a Ceres, Netuno ou Júpiter, que não terem medo de nada. Torna-se claro como água que é indispensável a santidade dos juramentos e que de preferência devemos fiar-nos naqueles que pensam que um falso juramento será castigado, não naqueles que pensam que o podem fazer impunemente. É indubitável que numa cidade civilizada é infinitamente mais útil haver uma religião, por má que seja, a não haver nenhuma.

Parece, portanto, que Bayle devia primeiro examinar qual era mais perigoso, se o fanatismo ou o ateísmo. O fanatismo é, decerto, mil vezes mais funesto; porque o ateísmo nunca inspira paixões sanguinárias, mas o fanatismo sim; o ateísmo não se opõe aos crimes, mas o fanatismo leva a praticá-los. Suponhamos, como o autor do *Commentarium Rerum Gallicarum*, que o chanceler de L'Hospital fosse ateu; mas só lhe devemos leis sensatas e prudentes e só o vimos recomendar a moderação e a concórdia; ora, os fanáticos cometeram os massacres da noite de São Bartolomeu. Hobbes foi tido por ateu; viveu vida tranqüila e inocente; mas os fanáticos do seu tempo inundaram de sangue a Inglaterra, a Escócia e a Irlanda. Spinoza não só de certeza era ateu mas até pregou o ateísmo; o que também é garantido é que não participou no assassinato jurídico de Barneveldt; nem foi ele que esquartejou os dois irmãos de Vitt e que os comeu assados na grelha.

Na sua maioria os ateus são sábios audaciosos e desgarrados que raciocinam erradamente e que, não podendo compreender a criação, a origem do mal e outras dificuldades, recorreram à hipótese da eternidade das coisas e da necessidade.

Os ambiciosos, os voluptuosos nem sequer têm tempo de raciocinar e perfilhar um mau sistema; têm mais que fazer que comparar Lucrécio a Sócrates. Entre nós, é o que se verifica.

Mas já assim não era no Senado de Roma, quase todo constituído por ateus, ateus na teoria e na prática, isto é, que não acreditavam na Providência nem numa vida futura; esse Senado era uma assembléia de filósofos, de voluptuosos e ambiciosos, muito perigosos todos e tanto assim que acabaram por dar com a República em pantanas. O epicurismo subsistiu sob o jugo dos imperadores, e os ateus do Senado, que tinham sido uns facciosos e indomáveis nos tempos de Sila e de César, sob Augusto e Tibério foram ateus escravos. Não desejaria mesmo nada ter uma demanda com um príncipe ateu, que julgasse ser de seu interesse mandar-me pisar num almofariz: estou convencido que o faria e eu ficaria esmagado. Não desejaria, se fosse eu o soberano, ter quesílias com cortesãos ateus, cujo interesse fosse envenenarem-me: ver-me-ia obrigado a beber antídotos ao acaso todos os dias. É pois em absoluto necessário, para os governantes como para os povos, que esteja profundamente gravada nos espíritos a idéia de um Ser supremo, criador, que premia e castiga.

Há povos ateus, diz Bayle, nos *Pensamentos sobre os Cometas*. Os cafres, os hotentotes, os topinambus e muitos outros povos pequenos não conhecem Deus; nem o negam nem o afirmam; nunca ouviram falar nisso. Se lhes disserem que há um Deus, facilmente acreditam; digam-lhes que tudo se faz pela natureza das coisas, e acreditam-vos também. Pretender que são ateus vale o mesmo que dizer que são anticartesianos; ora, não são a favor ou contra Descartes. São autênticas crianças; e uma criança não é ateu nem deísta, não é nada.[1]

Que conclusão devemos tirar de tudo isto? Que o ateísmo é coisa monstruosa e mui perniciosa naqueles que governam; que também o é nos homens da corte (ainda que levem uma vida inocente), porque dos seus gabinetes e altos postos podem furar até os que detêm o mando e influenciá-los; que, embora não tão funesto como o fanatismo, é quase sempre fatal para a virtude. Acrescente-se, principalmente, que há hoje menos ateus do que nunca, desde que os filósofos

[1] Parece que as crianças são politeístas e fetichistas. Nenhum dos psicólogos que as estudaram (Prayer, Binet, Wallon) admitiria que em matéria religiosa a criança não é nada. (Nota de Jullien Benda.)

reconheceram que não existe nenhum ser vegetando sem germe, nenhum germe sem uma finalidade, etc., e que o trigo não provém da podridão.

Alguns geômetras que não eram filósofos rejeitaram as causas finais, mas os filósofos autênticos admitem-nas; e, como disse um autor conhecido, um catequista anuncia Deus às crianças e Newton demonstra a sua existência aos sábios.

II

Se existem ateus, a quem devemos culpar senão aos tiranos mercenários das almas que, provocando em nós a nossa revolta contra as suas velhacarias e hipocrisia, levam alguns espíritos fracos a negarem o Deus que esses monstros desonram? Quantas e quantas vezes essas sanguessugas do povo não levaram os cidadãos oprimidos a revoltarem-se contra o seu próprio rei?[12]

Homens que engordaram como bácoros à nossa custa, à custa do nosso suor, não se cansam de nos gritar aos ouvidos: "Podeis estar certos que uma burra falou; acreditem a pés juntos que um peixe engoliu um homem e cuspiu-o na praia, são e salvo, ao cabo de três dias: não ponham em dúvida que o Deus do universo tenha ordenado a um profeta judeu que comesse merda (Ezequiel) e a um outro profeta que comprasse duas putas e lhes fizesse filhos de puta (Oséias) (são as palavras textuais que põem na boca de um Deus de verdade e de pureza), acreditem em coisas tais como estas evidentemente abomináveis ou matematicamente impossíveis: caso contrário, o senhor Deus de misericórdia vos lançará nas chamas, não somente durante milhões de bilhões de séculos a arder no fogo infernal, mas por toda a eternidade, e quer tenhais um corpo, quer não".[13]

Estas inconcebíveis parvoíces revoltam os espíritos fracos e temerários tanto quanto os espíritos firmes e sensatos. Dizem uns e outros: "Se os nossos mestres nos pintam Deus como o mais disparatado e o mais bárbaro de todos os seres, então é porque não há Deus"; mas deviam dizer: "É então certo que os nossos mestres atribuem a Deus os seus próprios absurdos e rancores, logo Deus é o oposto daquilo que eles pregam, logo Deus é tão sábio e tão bondoso como no-lo querem fazer crer louco e malvado". Assim falam as pessoas avisadas e inteligentes. Mas, se algum fanático as ouvir, vai denunciá-las a um magistrado, agente dos padrecas; e este esbirro manda queimá-las a fogo lento, julgando deste modo vingar e imitar a majestade divina, que do mesmo passo ultraja.

B

Babel

Sempre a vaidade ergueu grandes monumentos. Foi por vaidade que os homens construíram a torre de Babel: "Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra"[14]. A empresa foi tentada no tempo de um tal Faleque, que contava o bom do Noé como seu quinto avô. A

[12] Veja o artigo "Fraude". (N. do A.)

[13] "Palavra do Senhor, que foi dita a Oséias: Vai, toma uma mulher de prostituição, e filhos de prostituição, porque a terra se prostituiu desviando-se do Senhor." *(Os* 1, 1 e 2.)
"E o que comeres será como bolos de cevada, e o cozerás com o esterco que sai do homem, diante dos olhos deles. E disse o Senhor: Assim comerão os filhos de Israel o seu pão imundo, entre as nações, para onde serão lançados." *(Ez* 4, 12 e 13.)
"Deparou, pois, o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe." *(Jon* 1, 17.) (N. dos T.)

[14] *Gên* 14, 4. (N. dos T.)

arquitetura e todas as demais artes suas subsidiárias tinham, como se vê, feito grandes progressos em cinco gerações. São Jerônimo, o mesmo que diz que viu faunos e sátiros, viu tanto como eu a torre de Babel; no entanto, garante que ela tinha vinte mil pés de altura. Não é coisa por aí além. O antigo livro *Jacult*, escrito por um dos judeus mais eruditos, demonstra que a sua altura era de oitenta e um mil pés judaicos; e não há ninguém que não saiba que o pé judeu era, aproximadamente, do comprimento do pé grego. Esta dimensão é muito mais verossímil que a de São Jerônimo. A torre resiste ainda; mas já não está é de tamanha altura. Vários viajantes, muito de acreditar, a viram; eu, que nunca a vi, não direi acerca dela mais que do meu pobre avozinho Adão, com quem nunca tive a honra e proveito de conversar. Mas consultai o reverendo padre dom Calmet: este homem sabe tudo! Alia uma inteligência bastante perspicaz a uma profunda filosofia; explicar-vos-á a coisa. Não sei por que se diz no *Gênesis* que Babel significa confusão; porque *Ba* quer dizer pai, nas línguas orientais, e *Bel* quer dizer Deus; Babel, portanto, será a cidade de Deus, cidade santa. Os antigos davam este nome a todas as suas capitais. Mas é incontestável que Babel quer dizer confusão, seja porque os arquitetos ficaram confusos após terem erguido a sua obra até oitenta e um mil pés judaicos, seja porque se deu a confusão das línguas; e é evidente que desde então os alemães já não conseguem perceber os chineses; porque é óbvio, conforme opina o sábio Bochart, que o chinês é originariamente a mesma língua que o alto-alemão.

Batismo

Batismo, palavra grega que significa imersão. Os homens, que se guiam sempre pelos sentidos, facilmente imaginaram que aquilo que lavava o corpo lavava também a alma. Havia grandes cubas nos subterrâneos dos templos do Egito para os sacerdotes e para os iniciados. Os indianos desde tempos imemoriais que se purificam nas águas do Ganges e esta cerimônia está ainda muito em voga. Os hebreus adotaram-na: até batizavam todos os estrangeiros que abraçavam a lei judaica, e que não queriam submeter-se à circuncisão[15]; principalmente as mulheres, a quem não obrigavam a essa operação (a que só na Etiópia eram sujeitas), eram batizadas. O batismo era uma regeneração: aquilo dava uma alma nova, tal como no Egito. Consultai a este respeito Epifânio, Maimônides e Gemara.

João batizou no Jordão e batizou até Jesus, que todavia nunca batizou ninguém, mas se dignou consagrar esse antigo ritual. Todo e qualquer sinal é indiferente por si e Deus concede a graça ao sinal que lhe apraz escolher. O batismo em breve se tornou o primeiro rito e o cunho da religião cristã. Contudo, os quinze primeiros bispos foram circuncidados, mas não há a certeza de que fossem batizados.[16]

Abusou-se deste sacramento nos primeiros séculos do cristianismo; era muito vulgar estarem à espera da hora da agonia para receberem o batismo. Exemplo significativo é o do imperador Constantino, que pensava assim: o batismo purifica tudo; logo, posso matar a minha mulher, o meu filho e restante parentela, depois do que me faço batizar e vou para o céu; e foi mesmo o que

[15] Variante à edição de 1770: "Até batizavam todos os estrangeiros que vinham estabelecer-se na Palestina; chamavam-lhes prosélitos de domicílio. Não obrigados à circuncisão, mas apenas a seguirem os sete preceitos dos noaquidas e a não sacrificarem a nenhum deus estrangeiro. Os prosélitos de justiça eram circuncidados e batizados; também batizavam as mulheres prosélitas, nuas em pêlo, na presença de três homens. Os judeus mais devotos iam receber o batismo da mão dos profetas mais venerados pelo povo. Daí a razão da afluência a São João, o qual batizava no Jordão". (N. dos T.)

[16] Várias outras sociedades cristãs aplicaram um cautério ao batizado com um ferro em brasa, e o que as levou a esta espantosa operação foram as palavras de São João Batista, que São Lucas refere: "Eu batizo pela água, mas o que vier depois de mim batizará pelo fogo".
Os seleucianos, os herminianos e outros mais assim procediam. Estas palavras "batizará pelo fogo" nunca foram explicadas. Divergem as opiniões sobre o batismo de fogo, de que falam São Lucas e São Mateus. A mais verossímil, talvez, é que era uma alusão ao antigo costume dos devotos da deusa de Síria que, após terem mergulhado na água, faziam imprimir caracteres no corpo com um ferro em brasa. Tudo era superstição na mísera humanidade; e Jesus substituiu estas ridículas superstições por uma cerimônia sacra, um símbolo eficaz. (N. dos T.)

fez. Este exemplo era perigoso; pouco a pouco foi sendo abolido o costume de esperar pela morte para tomar o banho sagrado.[17]

Os gregos conservaram sempre o batismo por imersão. Os latinos, nos fins do século VIII, tendo dilatado a sua religião pela Gália e pela Germânia e vendo que a imersão podia ser fatal para as crianças, nesses países frios, substituiram-na pela simples aspersão, o que muitas vezes os fez anatemizar pela Igreja grega.

Perguntaram um dia a São Cipriano, bispo de Cartago, se estariam realmente batizados aqueles cujo corpo fora apenas salpicado com água. Respondeu, na sua septuagésima sexta carta, que "há várias igrejas que não acreditavam que os só salpicados fossem cristãos; quanto a ele, pensa que são cristãos, mas gozam duma graça infinitamente menor do que aqueles que foram mergulhados três vezes como era costume".

Entre os cristãos consideravam como iniciado aquele que se tivesse submetido à imersão; antes disso, não passava de catecúmeno. Para ser iniciado tornava-se indispensável ter abonadores, fianças, a que davam um nome que corresponde a *padrinhos*, a fim de que a Igreja possuísse garantias da fidelidade dos novos cristãos e que os mistérios nunca fossem divulgados. Foi esse o motivo por que, nos primeiros séculos, os gentios ficavam geralmente tão mal instruídos sobre os mistérios dos cristãos, como estes o eram dos mistérios de Ísis e de Eleusina.

Cirilo de Alexandria, num panfleto contra o imperador Juliano, exprime-se assim: "Falaria do batismo, se não temesse que as minhas palavras cheguem aos ouvidos dos que não são iniciados".[18]

A partir do século II, começaram a batizar as crianças; era natural que os cristãos desejassem que os filhos recebessem esse sacramento, sem o qual estariam condenados às penas do Inferno. Finalmente, acabaram por concluir que era necessário administrar-lhes o batismo aos oito dias de vida porque, entre os judeus, era com essa idade que se circuncidavam as crianças. A Igreja grega conserva ainda este uso. Todavia, no século III, dominou novamente o costume de só se fazerem batizar à hora da morte.

Todos os que morriam na primeira semana ficavam condenados às penas infernais, segundo opinavam os mais austeros Padres da Igreja. Mas Pierre Chrysologue, no século V, imaginou os limbos, espécie de Inferno atenuado, nos arredores do Inferno, para onde vão as criancinhas que morrem sem batismo e onde já estavam os patriarcas antes da descida de Jesus Cristo aos infernos; de modo que a idéia de que Jesus Cristo tinha descido aos limbos, e não aos infernos, prevaleceu desde então.

Debateu-se o seguinte problema: se um cristão nos desertos da Arábia podia ser batizado com areia. Concluiu-se que não. E também se se poderia ser batizado com água de rosas: acabaram por decretar que era indispensável água pura, mas que podiam servir-se de água lodosa.

[17] *Do Batismo dos Mortos* — Também batizavam os mortos. Verifica-se isso pelo seguinte passo de São Paulo, na carta aos Coríntios: "Que farão os que se batizam pelos mortos, se de modo algum os mortos ressuscitam? Por que se batizam eles então pelos mortos?" Isto é fato averiguado. Ou batizavam os próprios mortos ou recebiam o batismo em seu nome, como mais tarde se receberam as indulgências para livrar do Purgatório as almas de amigos e parentes.
Santo Epifânio e São Crisóstomo informam-nos que nalgumas seitas cristãs, e principalmente entre os marcionitas, colocavam uma pessoa viva debaixo do leito do morto; perguntavam-lhe se ele queria ser batizado; o vivo respondia que sim; então pegavam no morto e mergulhavam-no numa cuba. Em breve este costume foi condenado: São Paulo faz-lhe menção, mas não o condena; pelo contrário, até se serve dele como de um argumento irrespondível que prova a ressurreição. (N. dos T.)

[18] Não havia nessa época nenhum culto que não tivesse os seus mistérios, associações, catecúmenos, iniciados, professos. Cada seita exigia novas virtudes e recomendava aos seus penitentes uma vida nova, *initium novae vitae*; e daí o termo "iniciação". A iniciação dos cristãos e das cristãs era serem mergulhados completamente nus numa cuba de água fria; a remissão de todos os pecados estava associada a este sinal. Mas a diferença entre o batismo cristão e as cerimónias gregas, sírias, egípcias, romanas era a mesma que existe entre a verdade e o erro. Jesus Cristo era o grande sacerdote da nova lei. (N. dos T.)

Facilmente se depreende que estes regulamentos dependeram todos da prudência dos primeiros pastores que os fundaram.[19]

Idéias dos Unitários Rígidos sobre o Batismo

"Para todos aqueles que quiserem raciocinar sem preconceitos, é evidente que o batismo não é um sinal de graça conferida, nem um selo de aliança, mas uma simples marca de profissão de fé;

"Que o batismo não é necessário, nem por necessidade de preceito, nem por necessidade de meio;

"Que não foi instituído por Jesus Cristo e que o cristão pode dispensá-lo muito bem, sem que lhe advenha qualquer inconveniente;

"Que não se devem batizar as crianças nem os adultos, nem nenhum homem em geral;

"Que o batismo podia ser um uso nos primeiros tempos do cristianismo para todos os que abandonavam o paganismo, a fim de tornarem pública a sua profissão de fé e dar-lhe um sinal autêntico; mas agora é absolutamente inútil e totalmente indiferente."

(Extraído do Dicionário Enciclopédico, *no artigo sobre os Unitários".)*[20]

Adição Importante

O imperador Juliano, o filósofo, na sua imortal *Sátira dos Césares*, põe estas palavras na boca de Constâncio, filho de Constantino: "Todo aquele que se sentir culpado de violação, assassínio, rapina, sacrilégio e de qualquer outro crime, mesmo os mais abomináveis, ficará limpo e puro logo que eu o tiver lavado com esta água".

Foi com efeito esta fatal doutrina que levou todos os imperadores e todos os grandes do império a adiarem o seu batismo até a morte. Julgavam eles ter assim descoberto o segredo de viverem no pecado e morrerem como virtuosos.[21]

Outra Adição

Que idéia estapafúrdia, inspirada na barrela, essa de um jarro de água lavar todos os crimes! Hoje em dia, que se batizam todas as crianças, porque uma outra idéia não menos absurda a todas considerou como criminosas, ei-las agora todas salvas até que atinjam a idade da razão e

[19] Os anabatistas e algumas outras comunidades não-ortodoxas consideraram que não se devia batizar, iniciar ninguém, sem um prévio conhecimento de causa. Dizem que os católicos fazem prometer àquele que se batiza que vai pertencer à sociedade cristã; mas uma criança não pode comprometer-se seja ao que for. Mesmo que se lhe dê um fiador, um padrinho, isso mais não é que um abuso de um antigo costume. Essa precaução era muito conveniente na primitiva instituição. Quando aos primeiros discípulos vinham apresentar-se indivíduos desconhecidos, homens feitos, mulheres e raparigas adultas, para serem admitidos na comunidade, para comparticiparem das esmolas, era necessária uma caução que respondesse pela sua fidelidade: havia que garanti-la; eles juravam pertencer à sociedade cristã; mas uma criança está num caso diametralmente oposto. Muitas vezes aconteceu que uma criança batizada em Constantinopla pelos gregos fosse depois circuncidada pelos turcos; cristão com oito dias, muçulmano aos treze anos, a criança traiu os juramentos feitos pelo padrinho. Esta, uma das razões que os anabatistas podem alegar; mas tal razão, que seria boa na Turquia, nunca foi admitida nos países cristãos, onde o batismo assegura o estado de um cidadão. Temos de nos conformar com as leis e os ritos da nossa pátria.

Os gregos tornam a batizar os latinos que transitam de alguma das nossas comunidades latinas para a comunhão grega; no século passado era de uso que esses catecúmenos pronunciassem as seguintes palavras: "Escarro em cima do meu pai e da minha mãe que me mandaram batizar mal". Talvez este costume dure ainda e nas nossas províncias esteja ainda para durar por muitos anos e bons. (N. dos T.)

[20] Adição de 1767. (N. dos T.)

[21] Adição de 1767. (N. dos T.)

que possam tornar-se culpadas. Degolai-as o mais depressa possível, para que tenham o Paraíso garantido. É tão lógica esta conseqüência, que houve em tempos uma seita devota que envenenava ou matava as crianças recém-batizadas. Estes sacripantas raciocinavam com lógica. Diziam: "Prestamos aos inocentes o melhor bem que se pode imaginar; impedimos que sejam maus e infelizes nesta vida e garantimos-lhes a vida eterna".[22]

Beleza, Belo

Perguntem a um sapo o que é a beleza, o belo admirável, o *to kalón*. Responder-vos-á que é a fêmea dele, com os seus dois grandes olhos redondos, salientes, espetados na pequenina cabeça, um focinho largo e achatado, barriga amarela, dorso acastanhado. Interrogai um preto da Guiné: para esse, o belo é uma pele negra, oleosa, os olhos sumidos nas órbitas, venta esborrachada.

Interroguem o diabo: dirá que o belo é um par de cornichos, quatro garras afiadas e um rabiosque enrolado. Consultem, por fim, o filósofo: responder-vos-á por uma algaravíada desconexa, numa gíria arrevesadíssima; é-lhes indispensável algo de conforme ao arquétipo do belo em essência, ao *to kalón*.

Um dia assistia eu a uma tragédia na companhia de um filósofo. "— Como isto é belo! — exclamava ele. — Mas onde está a beleza disto? — perguntei-lhe. — Está em que o autor atingiu a finalidade que pretendia." No dia seguinte o tal filósofo tomou um purgante que lhe fez grande efeito. "Atingiu a finalidade", comentei. "Ora, aí está um purgante belo!" Então percebeu que não se pode dizer que uma purga é bela e que para darmos a qualquer coisa o título de beleza será indispensável que vos cause admiração e prazer. Concordou comigo que a tal tragédia lhe proporcionara esses dois sentimentos, e que consistia nisso o *to kalón*, o belo.

Fizemos uma viagem pela Inglaterra: ali vimos representar a mesma peça, traduzida na perfeição; pois obrigou a bocejar todos os espectadores. "Oh! Oh!" exclamou o nosso filósofo, "o *to kalón* não é o mesmo para ingleses e franceses." Concluiu, depois de refletir maduramente no caso, que o sentimento do belo é coisa muito relativa, do mesmo modo que aquilo que é decente no Japão é indecente em Roma, e o que está em moda em Paris é detestado em Pequim; e desistiu de elaborar um longo tratado sobre o belo que em tempos projetara fazer.

Bem (supremo bem)

O bem-estar é raro. O supremo bem neste mundo não poderia ser encarado como supremamente quimérico? Os filósofos gregos longamente discutiram, segundo o seu costume, este problema. Fazeis alguma idéia, caro leitor, de ver mendigos a discorrer sobre a pedra filosofal?

O supremo bem! Que coisa bombástica! Vale o mesmo que inquirir o que será o supremo azul, ou o supremo guisado, o supremo caminhar, o supremo ler, etc.

Cada um de nós põe o seu bem onde pode e cada qual a seu modo possui tanto quanto pode.

Quid dem? quid non dem? Renuis tu quod jubet alter...
Castor gaudet equis; ovo prognatus eodem pugnis...[23]

O maior bem é aquele que vos deleita com uma tal violência, de tão intensa maneira, que vos coloca na impotência total de sentir outra coisa, como o maior mal é aquele que chega a privar-

[22] Adição de 1767. (N. dos T.)
[23] "O que darei? O que não darei? Recusas tu o que o outro exige... Castor gosta de cavalos; o nascido do mesmo ovo (Pólux) gosta de lutas." (N. do E.)

nos de todo e qualquer sentimento. Eis dois extremos da natureza humana e esses dois momentos são breves.

Não há delícias extremas nem extremos tormentos que possam durar a vida inteira: o supremo bem e o supremo mal são quimeras.

Recordemos a bela fábula de Crantor: faz comparecer aos jogos olímpicos a Riqueza, a Voluptuosidade, a Saúde, a Virtude: cada uma delas solicita a maçã. A Riqueza diz: "Eu é que sou o supremo bem, porque por meu intermédio se adquirem todos os bens". A Voluptuosidade diz: "Cabe-me a maçã, porque a riqueza é desejada só para me terem". A Saúde garante que sem ela não pode haver voluptuosidade e a riqueza é inútil. Finalmente a Virtude argumenta que é superior às outras três, porque com o ouro, prazeres e saúde podemos proceder como miseráveis e conduzir-nos mal. E foi a Virtude que ganhou a maçã.

A fábula é muito engenhosa e mais o seria se Crantor tivesse dito que o supremo bem é o conjunto das quatro rivais reunidas: Virtude, Saúde, Riqueza e Voluptuosidade; mas esta fábula não resolve o absurdo problema do soberano bem. A virtude não é um bem, é um dever; pertence a um gênero diferente, uma categoria superior. Nada tem a ver com sensações dolorosas ou agradáveis. O homem virtuoso, com pedra na bexiga e gota, sem amparo, sem amigos, privado do indispensável, perseguido, posto a ferros por um tirano voluptuoso e saudável, é muito infeliz; e o odioso perseguidor, acariciando uma nova amante no seu leito de púrpura, é felicíssimo. Agora direis que o sábio perseguido é preferível ao odioso perseguidor; dizei que venerais um, tanto quanto detestais o outro; mas mesmo assim haveis de confessar que o sábio, alquebrado ao peso das grilhetas, desespera e está furioso. E quem não for capaz de perceber isto, não é sábio, é um charlatão.

Bem (tudo está)

Rebentou enorme escândalo nas escolas filosóficas, e até mesmo entre as pessoas estudiosas e inteligentes, quando Leibniz, parafraseando Platão, ergueu o seu edifício do melhor dos mundos possíveis e imaginou que tudo ia pelo melhor. No Norte da Alemanha afirmou que Deus podia fazer só um mundo. Platão, pelo menos, dera-lhe a liberdade de fazer cinco, pela simples razão de que só há cinco corpos regulares: o tetraedro, ou a pirâmide de três faces, com a base igual; o cubo, o hexaedro, o dodecaedro e o icosaedro. Mas, como o nosso mundo não tem a forma de nenhum dos cinco corpos de Platão, devia permitir a Deus uma sexta maneira.

Abandonemos por agora o divino Platão. Leibniz, que era com certeza melhor geômetra do que ele e metafísico mais profundo, prestou, pois, ao gênero humano o serviço de lhe fazer ver que devemos estar muito contentes e que Deus não podia fazer por nós mais do que fez; que tinha forçosamente escolhido, entre todas as possíveis decisões, a melhor de todas sem contradita.

"Que será então do pecado original?", espantavam-se. "Será o que puder ser", diziam Leibniz e os amigos; mas, em público, escrevia que o pecado original fazia necessariamente parte do melhor dos mundos.

Homessa!, ser assim expulso de um lugar de prazer, onde se teria vivido para sempre se não tivesse comido uma maçã! Procriar filhos na miséria, filhos mais que miseráveis, que hão de sofrer tudo, que farão sofrer tudo aos outros! Padecer de todas as doenças, sentir todos os desgostos, morrer na dor e como refrigério ser queimado ou assado pela eternidade dos séculos fora! Esta herança que nos coube seria com efeito o que há de melhor? Nada disso é bom em demasia para nós; e no que poderá, então, ser bom para Deus?

Leibniz sentia que não podia responder fosse o que fosse a isto; e encheu grossos calhamaços que nem ele mesmo entendia.

Negar que o mal existe é coisa para ser dita a rir por um tipo como Lúculo, que goza de excelente saúde e está a pagar um delicioso jantar em companhia dos amigalhaços e da amante no

salão de Apolo; basta, porém, que ponha a cabeça fora da janela, logo verá gente infeliz; e sinta um pouco de febre, até ele próprio será infeliz.

Não gosto de fazer citações; regra geral é uma tarefa ingrata: despreza-se o contexto e expomo-nos a mil controvérsias. É necessário todavia que cite Lactâncio, Padre da Igreja, o qual, no capítulo 13, "Da Cólera de Deus", põe Epicuro a falar nos seguintes termos: "Ou Deus quer extirpar o mal deste mundo, e não pode, ou pode e não o quer; ou não pode nem quer; ou, finalmente, quer e pode. Se quer e não o pode, é sinal de impotência, o que é contrário à natureza de Deus; se pode e não o quer, é malvadez, o que não é menos contrário à sua natureza; se não quer nem pode é simultaneamente malvadez e impotência; se quer e pode (o que de todas estas hipóteses é a única que convém a Deus), qual é então a origem do mal sobre a terra?"

O argumento é de força; por isso Lactâncio o rebate debilmente, dizendo que Deus quer o mal mas nos concedeu a sabedoria pela qual podemos alcançar o bem. Temos de convir que esta resposta é bem frágil se a compararmos com a objeção; porque subentende que Deus não podia conceder-nos a sabedoria se não tivesse criado o mal; e que sabedoria agradável é essa!

A origem do mal foi sempre um abismo de que ninguém até hoje chegou a ver o fundo. Foi o que obrigou tantos filósofos antigos e antigos legisladores a recorrerem aos dois princípios, um bom, outro mau. Tifou era o princípio mau entre os egípcios. Ariman entre os persas. Como é sabido, os maniqueus adotaram esta teologia; mas, como esses povos nunca falaram com o princípio do bem nem com o do mal, não nos devemos fiar muito no que dizem.

Entre as coisas absurdas que neste mundo abundam e podemos colocar no número dos nossos males, não é ligeiro disparate ter suposto que existiam dois entes todo-poderosos, em luta um com o outro, a ver qual dos dois dominava mais neste mundo e fazendo um tratado parecido com o dos dois médicos de Molière: Passai-me o vomitório, tomai lá a sangria.

Depois dos platônicos, Basílide pretendeu, desde o primeiro século da Igreja, que Deus dera o nosso mundo a fazer aos seus últimos anjos e que estes, pouco hábeis, fizeram a linda obra que está à vista. Esta fábula teológica cai por terra feita em pó pela terrível objeção de que não é próprio da natureza de um Deus todo-poderoso e sagaz mandar construir um mundo por arquitetos que nada percebiam disso.

Símon, que compreendeu o alcance da objeção, previne-a, dizendo que o anjo que presidia na oficina foi condenado às penas infernais por se ter desempenhado tão mal da sua tarefa; mas a queimadura que sofreu não nos serve a nós de consolação.

A aventura de Pandora, entre os gregos, não responde melhor à objeção. A caixa onde se guardam todos os males, e no fundo da qual permanece a esperança, é com efeito uma alegoria encantadora; mas foi Vulcano que criou essa Pandora e apenas para se vingar de Prometeu que fizera um homem com a alma.

Os indianos não descobriram coisa muito melhor: Deus, tendo criado o homem, deu-lhe uma droga que lhe garantia uma saúde permanente; o homem guarda a droga nas garupelhas do burro, o burro teve sede, a serpente indicou-lhe uma fonte; e, enquanto o burro bebia, vai a serpente e rouba-lhe a droga.

Os sírios imaginaram que, tendo sido o homem e a mulher criados no quarto céu, se lembraram de comer um bolo folhado em vez de ambrosia, que era o seu alimento natural. A ambrosia eliminava-se pelos poros; mas, após terem comido o tal empadão folhado, sentiram necessidade de ir dar de corpo. Então o homem e a mulher pediram a um anjo que lhes ensinasse onde era a retrete. "Vêem aquele pequeno planeta lá embaixo, tamanhinho como um bago, que dista daqui coisa como sessenta milhões de léguas?", perguntou-lhes o anjo. "Aí é que é a retrete do universo. Vão lá e não se demorem." Foram, e deixaram-nos lá ficar; e, desde então, o nosso mundo transformou-se naquilo que é.

Por todos os séculos se há de indagar dos sírios a razão por que Deus permitiu que o homem comesse empadão folhado e que depois nos caíssem em cima um ror de males tão horríveis.

Transito apressadamente deste quarto céu para milorde Bolingbroke, para não me aborrecer ainda mais. Esse homem, que decerto possuía um vasto gênio, deu ao famoso Pope o seu plano do *tudo-está-bem* que, com efeito, vamos encontrar tintim por tintim nas obras póstumas de milorde Bolingbroke, e que milorde Shaftesbury anteriormente incluíra nas suas *Características*.

Queiram ler em Shaftesbury o capítulo dedicado aos moralistas e achareis ali estas palavras:

"Há muitos argumentos a opor a essas lamentações sobre os defeitos da natureza. Como foi possível que tivesse saído assim, tão impotente e tão defeituosa, das mãos de um ser perfeito? Mas eu por mim nego que seja defeituosa... A sua beleza resulta do jogo dos contrários, e a concórdia universal nasce de um perpétuo combate... É necessário que um ente seja imolado a outros: os vegetais aos animais, os animais à terra...; e as leis do poder central e da gravitação, que emprestam aos corpos celestes o seu peso e movimento, não poderão ser transgredidas por um mesquinho animal que por muito protegido que esteja por essas mesmas ditas leis, em nome delas ficará, pouco depois, reduzido a cinzas, pó e nada".

Bolingbroke, Shaftesbury e Pope (inovador à custa das idéias e projetos dos outros dois) não resolvem melhor o nosso problema: o seu tudo-está-bem significa apenas isto: que o todo é comandado por leis imutáveis; ora, quem o não sabe? Nada nos ensinam, quando observam, como se de crianças se tratasse, que as moscas nasceram para serem comidas pelas aranhas, as aranhas pelas andorinhas, as andorinhas pelos lanieiros, os lanieiros pelas águias, as águias para serem abatidas pelos homens, os homens para se matarem uns aos outros e serem depois comidos pelos vermes e a seguir pelos diabos todos, pelo menos à razão de mil para um.

Eis uma hierarquia evidente e constante entre os animais de toda a espécie; a ordem reina em tudo. Quando se forma uma pedra na minha bexiga, trata-se duma mecânica admirável: sedimentos calcários passam pouco a pouco no meu sangue, vão sendo coados pelos rins, passam pelos ureteres, depositam-se na bexiga, aglomerando-se ali por uma excelente atração newtoniana: forma-se a pedra, engrossa, padeço de males mil vezes piores que a morte, tudo em nome do melhor arranjo do mundo; um cirurgião, tendo aperfeiçoado a arte inventada por Tubalcain, espeta-me um ferro agudo e cortante no períneu, agarra a pedra com as suas pinças: parte-a ao cabo de grandes esforços, tudo em nome de um mecanismo necessário; e ainda em nome desse mesmo mecanismo acabo por morrer no meio de horrorosos sofrimentos. Tudo isto está bem, tudo isto é a evidente sucessão dos princípios físicos inalteráveis: estou completamente de acordo convosco e já o sabia tão bem como vós.

Se fôssemos insensíveis, nada haveria a dizer de tal física. Mas não é disso que se trata; gostaríamos de saber se não haverá males sensíveis, e donde provêm. "Não há males", assevera Pope na quarta epístola sobre o *tudo-está-bem*; "ou, se houver males particulares, formam o bem geral."

Ora, aqui está um singular bem geral, formado pela pedra da bexiga, a gota, formado por todos os crimes que se cometem, todos os sofrimentos, pela morte e a danação.

A queda do homem é o emplastro que aplicamos a todas essas doenças particulares do corpo e da alma, a que chamais saúde geral; mas Shaftesbury e Bolingbroke troçam do pecado original; Pope nem disso fala; é óbvio que o sistema deles ataca a religião cristã nos seus fundamentos e sem explicar em absoluto nada que se veja.

Todavia, esse sistema foi, não há muito, aprovado por alguns teólogos que de boa mente admitem os contrários; está dito e redito que não se deve invejar a ninguém a consolação de raciocinar como bem entenda e possa, acerca do dilúvio de males que nos inunda. É justo permitir aos doentes desenganados de todo comerem aquilo que lhes apetecer. Chegou-se ao ponto de pretender que tal sistema é consolador. "Deus", afirma Pope, "observa com igual impassibilidade a morte do herói como a do pardalzinho, um átomo ou mil plantas que se desintegram, formar-se uma bola de sabão ou um mundo novo."

Ei-la aqui, confesso-vos, uma curiosa consolação; não achais um forte lenitivo na receita de milorde Shaftesbury ao dizer que Deus não irá modificar as suas leis eternas por um animal tão mesquinho como é o homem? Devemos, pelo menos, confessar, e tentar compreender, protestando, por que é que essas leis eternas não foram feitas para o bem-estar de cada indivíduo.

Este sistema do *tudo-está-bem* apresenta o autor de toda natureza como um rei poderoso e malfazejo que pouco se incomoda que, por causa dele, percam a vida quatrocentos ou quinhentos mil homens, e que os outros vegetem na miséria e na dor, contanto que os seus desígnios sejam atingidos.

Muito longe, por conseguinte, de que a opinião do melhor dos mundos possíveis sirva de

refrigério e consolo, verifica-se, pelo contrário, que é desesperadora para os filósofos que a perfilham. O problema do bem e do mal permanece como um caos indecifrável para aqueles que se interrogam de boa fé; é um jogo de inteligência para os que discutem: estes são como forçados que joguem com as próprias grilhetas. Para o povo ignaro, que não pensa, parece-se bastante com peixes que tivessem sido levados de uma ribeira para um viveiro; não fazem a menor idéia de que os levaram para ali a fim de serem comidos durante a Quaresma: também nós, por nós próprios, nada de nada sabemos sobre as causas do nosso destino.

Assim, escrevamos no final de quase todos os capítulos de metafísica as duas letras dos juízes romanos quando não entendem uma causa: *N. L., non liquet*, isso não é claro.

C

Cadeia dos Acontecimentos

Dizem que no presente se partureja o futuro. Os acontecimentos estão encadeados uns nos outros por uma fatalidade invencível: é o Destino que, em Homero, está acima do próprio Júpiter. O soberano dos deuses e dos homens dá-o claramente a entender quando afirma que não pode impedir Sarpedon, seu filho, de morrer na data fixada. Sarpedon nascera no momento em que devia nascer e não podia nascer noutro momento qualquer; não podia morrer noutro lado senão diante de Tróia; só na Lícia havia de ficar sepultado; o seu corpo havia de produzir legumes no tempo estabelecido, legumes que deviam transformar-se na substância de vários licianos; os seus herdeiros deviam fundar uma nova ordem nos seus Estados; essa ordem nova havia de influir nos reinos vizinhos, donde resultaria um novo arranjo de guerra e de paz com os vizinhos da Lícia; assim, gradualmente, o destino da terra inteira esteve dependente da morte de Sarpedon, a qual já dependia de um outro acontecimento, que estava ligado por outros à origem das coisas.

Bastava que um só destes fatos tivesse acontecido de maneira diferente para que um outro universo resultasse daí; ora, não é possível que o universo atual não exista tal qual é; logo, não era possível que Júpiter, apesar de ser quem era, salvasse a vida do filho.

Este sistema da necessidade e da fatalidade foi, em nossos dias, inventado por Leibniz, segundo ele afirma, sob o nome de razão suficiente, mas é muito antigo: não é de hoje que não há efeito sem causa e acontece com freqüência que causas mínimas produzem graves defeitos.

Milorde Bolingbroke confessa que as ridículas questiúnculas da sr.ª de Marlborough com a sr.ª Masham lhe deram ensejo de celebrar o tratado privado da rainha Ana com Luís XIV: esse tratado ocasionou a paz de Utreque; essa paz de Utreque consolidou Filipe V no trono de Espanha; Filipe V tomou Nápoles e a Sicília à Casa de Áustria; o príncipe espanhol, que é hoje rei de Nápoles, deve evidentemente o seu reino a milady Masham; e não o teria obtido, não teria até talvez nascido, se a riqueza de Marlborough tivesse sido mais amável, mais lisonjeira com a rainha de Inglaterra. A existência desse príncipe em Nápoles dependia, afinal, dum salamaleque a mais ou a menos na corte de Londres. Examinai as situações de todos os povos do universo: estabelecem-se deste modo numa sucessão de fatos que parecem não depender de nada e em verdade são conseqüência de tudo. Tudo é rodagem, roldana, corda, mola, nesta engrenagem colossal.

E o mesmo se verifica na ordem física. Um vento que sopra dos confins da África e dos mares austrais arrasta consigo uma parte da atmosfera africana, que cai em forma de chuva nos vales dos Alpes; estas chuvas fertilizam os nossos campos; o nosso vento do Norte, por sua vez, empurra os nossos barcos para as terras dos gregos; fazemos bem à Guiné e a Guiné faz-nos outro tanto. A cadeia estende-se de um lado ao outro do universo.

Mas, ao que me quer parecer, abusa-se de modo estranho da verdade contida naquele princípio. Por ele somos levados a concluir que não há um átomo, por mais pequenino, cujo movimento

não tenha influído na situação atual do mundo inteiro; que não aconteça o mais insignificante acidente, quer entre os homens, quer entre os animais, que não seja um elo essencial da grande cadeia do destino.

Entendamo-nos: todo o efeito tem, evidentemente, a sua causa, a remontar de causa em causa no abismo da eternidade; mas nem toda causa tem seu efeito a influir até ao fim dos séculos. Todos os acontecimentos são produzidos uns pelos outros, reconheço; se o passado partureja o presente, o presente partureja o futuro; todos têm pais, mas nem todos têm filhos. Sucede aqui precisamente o mesmo que numa árvore genealógica: cada linhagem ascende, como se sabe, até Adão, mas na família há muitas pessoas que morreram sem descendência.

Há uma árvore genealógica dos sucessos deste mundo. É incontestável que os habitantes das Gálias e da Espanha descendem de Gomer e os russos de Magog, seu irmão mais novo: lê-se esta genealogia em tantos e tão volumosos calhamaços! Visto que assim é, não há que negar que devemos a Magog os sessenta mil russos que estão agora em pé de guerra lá para as bandas da Pomerânia e os sessenta mil franceses que estão agora perto de Frankfurt. Nem se pode negar que o grão-turco, que também descende de Magog, não lhe deva o obséquio de ter sido derrotado e bem derrotado, em 1769, por Catarina da Rússia. Esta aventura depende evidentemente doutras grandes aventuras. Mas que Magog tenha escarrado à direita ou à esquerda, junto do monte Cáucaso, que tenha feito dois círculos num poço ou três, que tenha dormido para o lado esquerdo ou para o lado direito, não vejo que influência possa ter tido isso na resolução tomada pela imperatriz Isabel da Rússia ao enviar um exército em auxílio da imperatriz dos romanos, Maria Teresa. Que o meu cão sonhe ou não sonhe enquanto dorme, não enxergo a relação que tão importante fato possa ter com a política do Grão Mogol.[24]

Temos de pensar que nem tudo é compacto na natureza, há vazios, lacunas, e que nem todo movimento se propaga progressivamente, até dar a volta ao mundo. Lançai na água um corpo com uma densidade semelhante, facilmente calculareis que, ao fim de certo tempo, o movimento desse corpo e aquele que o dito corpo comunicou à água se extinguiram; o movimento perde-se e restabelece-se; logo, o movimento que Magog produziu ao cuspir num poço não pode ter influído no que hoje se passa na Rússia e na Pérsia. Logo, os acontecimentos presentes não são as crias de todos os acontecimentos do passado; têm as suas linhas diretas; mas, de nada lhes servem mil pequenas linhas colaterais. Mais uma vez afirmo: todo o ser tem pai, mas nem todo o ser tem filhos. Diremos algo quando falarmos do Destino.

Cadeia dos Seres Criados

A primeira vez que li Platão e deparei com essa gradação de seres que se elevam desde o mais insignificante átomo até o Ser supremo, encheu-me de admiração essa escala; mas, tendo-a depois considerado mais atentamente, esse grandioso fantasma desvaneceu-se, como noutros tempos as aparições fugiam pela manhãzinha, ao cantar do galo.

A imaginação compraz-se, a princípio, em ver a passagem imperceptível da matéria bruta à matéria organizada, das plantas aos zoófitos,[25] dos zoófitos aos animais, destes ao homem, do homem aos duendes, desses duendes que são revestidos de um pequeno corpo gasoso às substâncias imateriais e, finalmente, mil ordens diferentes destas substâncias que, aumentando de beleza em perfeições, se elevam até ao próprio Deus. Esta hierarquia agrada muito à gentinha simples, que julga ver nela o papa e os seus cardeais, seguidos dos arcebispos e bispos; após o que se seguem os curas, os vigários, os padres, os diáconos, os subdiáconos;depois os monges e, a fechar a marcha, os frades capuchinhos.

[24] Voltaire tem todo o cuidado em só apresentar, como exemplos, fatos originados na vontade humana. Noutra obra *(Il Faut Prendre un Parti, ou le Principe d'Action,* 1772) recusa formalmente a liberdade de querer. (N. dos T.)

[25] Classe de animais invertebrados, cuja forma se aproxima, mais ou menos, da das plantas. (N. dos T.)

Mas há uma distância um tanto maior entre Deus e as suas criaturas, inda as mais perfeitas, do que entre o Santo Padre e o deão do Sacro Colégio: o deão pode vir a ser papa, mas até o mais perfeito dos gênios criados pelos Ser supremo não pode tornar-se Deus; há o infinito entre Deus e ele.

Esta cadeia, esta pretensa escala, tampouco existe entre os vegetais ou animais; a prova é que há espécies de plantas e de animais hoje completamente extintas. Já não há múrex.[2 6] Os judeus estavam proibidos de comer grifo e ixion: tais espécies desapareceram deste mundo, diga o que disser Bochart: onde está então a cadeia?

Embora se tivessem perdido totalmente algumas espécies, é evidente que as podemos destruir. Os leões, os rinocerontes começam a tornar-se muito raros.

É muito provável que tenha havido raças de homens que já desapareceram. Mas já quero que tenham subsistido todas, tanto brancos como negros, e os cafres, a quem a natureza dotou com um avental formado pela própria pele, o qual lhes pende do ventre até ao meio das coxas; os samoiedas, cujas mulheres têm um mamilo de um belo ébano, etc. . .

Não há visivelmente um vácuo entre o macaco e o homem? Não nos é fácil imaginar um animal com dois pés e sem plumas, que seria inteligente sem ter o dom da palavra nem o nosso rosto, o qual poderíamos aprisionar e domesticar, que responderia aos nossos sinais e nos serviria? E, entre esta nova espécie e a do homem, não seria possível imaginar ainda outras?

Alojais no céu, ó divino Platão, uma quantidade de substâncias celestes todas superiores ao homem; nalgumas dessas substâncias acreditamos, sim, porque a fé no-lo ensina. Mas tu que razão tinhas para crer nelas? Tudo nos leva a supor que não tivesses falado com o gênio de Sócrates, e o pateta-alegre do Heres, que ressuscitou de propósito para te ensinar os segredos do outro mundo, nada te ensinou acerca dessas substâncias.

A pretensa cadeia não se interrompe menos no universo sensível.

Que gradação existe entre os planetas, dizei lá. A Lua é quarenta vezes mais pequena que o nosso globo. Viajante da Lua através do vácuo, topareis com Vênus, que é quase do tamanho da Terra. Daí ireis a Mercúrio; gira numa órbita elíptica muito diferente da circunferência que Vênus percorre: Mercúrio é vinte e sete vezes menor do que nós; o Sol, um milhão de vezes maior; Marte, cinco vezes menor; Marte perfaz uma translação em dois anos, o seu vizinho Júpiter em doze, Saturno em trinta; e este, que é o mais afastado de todos, não é tão grande como Júpiter. Onde está a pretensa gradação?

E depois como queres que nos grandes espaços vazios haja uma cadeia que liga tudo? Se alguma existe, é decerto a que Newton descobriu; é ela que faz gravitar todos os globos do mundo planetário nesse vácuo infinito.

Ó admirável Platão! Apenas contaste fábulas, mas veio da ilha das Cassitéridas, onde no teu tempo os homens andavam nus, um filósofo que ensinou na terra verdades tão importantes como as tuas fantasias eram pueris.

Caráter

Deriva da palavra grega *impressão, gravura*. É aquilo que a natureza gravou em nós. Podemos apagá-lo? Grave pergunta é essa. Se eu tiver um nariz torto e dois olhos de gato, posso escondê-los com uma máscara. Terei mais poder sobre o caráter que me atribuiu a natureza? Um homem naturalmente violento, de feitio arrebatado, apresenta-se a Francisco I, rei da França, para reclamar contra uma injustiça que sofrera; a expressão do príncipe, o porte respeitoso dos cortesãos, o ambiente especial do lugar onde se encontra, provocam forte impressão no ânimo desse homem; baixa maquinalmente os olhos, a rude voz suaviza-se e é já com evidente humildade que expõe a sua queixa; ao vê-lo assim, julgar-se-ia que nascera tão calmo e delicado como o estão (naquele momento pelo menos) os cortesãos entre os quais se sente tão desconcertado e pá-

[2 6] Múrex ou múrice, género de conchas univalves onde se cria a púrpura. (N. dos T.)

vido; mas, se Francisco I fosse bom fisionomista, facilmente teria notado naqueles olhos baixos, mas que um clarão sombrio ilumina, nos músculos contraídos da face, naqueles lábios cerrados com força, que esse homem não era tão submisso e cordato como ali se via forçado a aparentar. O mesmo homem segue o rei a Pávia, é feito prisioneiro com ele, acompanha-o no cativeiro em Madri; a majestade de Francisco I já não lhe provoca igual impressão: familiariza-se com o objeto do seu respeito. Um belo dia, quando tirava as botas ao rei, puxou-as desajeitadamente e o rei, de humor irritado, amargurado pelo seu infortúnio, zanga-se com ele: o nosso homem manda o rei passear, e atira as botas janela afora.

Sisto V nascera petulante, obstinado, soberbo, impetuoso, vingativo, arrogante: este seu caráter parece atenuado ou modificado para melhor durante as provações do noviciado. Logo, porém, que começa a desfrutar de algum valimento na sua Ordem, enfurece-se com um guardião[27] e desanca-o a murro; mais tarde, inquisitor em Veneza, exerce o cargo com insolência; feito cardeal, ei-lo possuído *della rabia papale:* este furor domina o seu temperamento natural; esconde, então, e disfarça a sua personalidade e o seu caráter; finge-se humilde, finge-se moribundo; elegem-no papa: esse momento restitui à mola, que a política vergara, toda a sua elasticidade por tanto tempo contida; transforma-se no mais altivo e no mais despótico dos soberanos.

Naturam expellas furca, tamen usque recurret.[28]

A religião, a moral põem um freio à força do temperamento natural, mas não podem destruí-lo. O bêbado, metido num convento e reduzido a beber meio-sesteiro de sidra a cada refeição, não se embriagará, mas continua a gostar de vinho.

A idade debilita o caráter; é uma árvore que já só produz frutos degenerados, sempre da mesma espécie; cobre-se de nós e musgo, fica carcomida, mas é sempre carvalho ou pereira. Se pudéssemos modificar o caráter, arranjando outro, dominaríamos a natureza. Mas podemos dar algo a nós próprios? Não recebemos já tudo pronto, tudo feito? Experimentai espertar o indolente com uma atividade contínua, resfriar, pela apatia, a alma turbulenta do impulso, inspirar o gosto pela música e pela poesia ao que carece de sensibilidade e ouvido: não o haveis de conseguir nunca, como não conseguireis dar vista a um cego de nascença. Podemos aperfeiçoar, burilar, esconder as virtudes e defeitos com que a natureza nos dotou: nada mais.

Diz-se a um criador: "Tendes peixes em demasia neste viveiro e, por via disso, não vão crescer; há gado a mais nos vossos pastos, a erva escasseia para tantos animais, emagrecerão". Acontece que, depois deste conselho, as solhas comem metade das carpas do nosso homem e os lobos metade dos carneiros dos seus rebanhos; o resto engorda. Terá ficado contente com a sua economia? Este campónio, és tu: tu, que julgas ter triunfado de ti, lá porque uma das tuas paixões devorou as outras. Não nos parecemos quase todos com aquele velho general caturra de noventa anos que, encontrando-se com uns moços oficiais que fazim grande algazarra e galhofa com umas gentis donzelas, lhes ralha, furibundo: "É esse, então, senhores, o exemplo que vos dou?"?

Certo, Certeza

"— Quantos anos tem o vosso amigo Christophe? — Vinte e oito; vi a certidão do casamento dele, e o registro do batismo; conheci-o de pequeno; tem vinte e oito anos, tenho a certeza disso, estou certíssimo."

Mal acabei de ouvir a resposta daquele homem, tão seguro do que dizia, e de vinte outros mais, que me confirmaram coisa igual, vim a saber que, por razões secretas e um truque qualquer, o registro de batismo de Christophe foi datado com antecipação. Todas as pessoas com quem falara, nada sabiam; contudo, continuam a ter a certeza duma coisa que não é como elas julgam.

[27] Nesta acepção: superior de um convento. (N. dos T.)
[28] "Expulsai o que é natural, voltará a galope." (Destrouches, *Glorieux*, III ato, V cena.) (N. dos T.)

Se antes do tempo de Copérnico tivésseis perguntado à terra inteira: "O Sol nasceu? Pôs-se hoje?", todos os homens vos teriam respondido: "Temos a certeza absoluta disso". Tinham a certeza e laboravam num erro.

Os sortilégios, as adivinhações, as obsessões foram durante tempos sem conta a coisa mais certa deste mundo aos olhos de todos os povos. Que multidão inumerável de pessoas não viram tanta coisa bela, e estavam certíssimas de as ter visto! Hoje em dia, já esta certeza é menos firme.

Veio procurar-me um rapazola, que começou a estudar geometria; ainda nem passou da definição dos triângulos. "Não tendes a certeza", digo-lhe, "de que a soma dos três ângulos internos de um triângulo é igual a dois ângulos retos?" Responde-me que não tem a certeza disso e mais: que nem faz idéia muito clara desse teorema: faço-lhe a respectiva demonstração; só então adquire a certeza, e ficará com ela o resto da vida.

Eis uma certeza muito diferente de outras: algumas destas não eram mais que probabilidades e examinadas tais probabilidades posteriormente verificou-se que eram errôneas; mas a certeza matemática é imutável e eterna.

Existo, penso, sinto a dor: tudo isso será tão certo como uma verdade geométrica? Sim. Por quê? É que tais verdades provam-se pelo mesmo princípio de que uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Não posso, ao mesmo tempo, existir e não existir, sentir e não sentir. Um triângulo não pode, ao mesmo tempo, ter cento e oitenta graus, que é a soma de dois ângulos retos, e não os ter.

A certeza física da minha existência, do meu sentir, e a certeza matemática têm, por isso, o mesmo valor, embora sejam dum gênero diferente.

Já não acontece, porém, a mesma coisa na certeza baseada em aparências, ou nos relatórios unânimes que nos fazem os homens.

"Homessa!", direis, "então não tendes a certeza de que Pequim existe? Não tendes já visto sedas de Pequim? Pessoas de diferentes países, de diferentes opiniões, e que escreveram com violência umas contra as outras, proclamando todos a verdade de Pequim, não vos asseguraram a existência dessa cidade?" Responderei que é coisa extremamente provável que haja agora uma cidade de Pequim; mas não desejaria apostar a vida em como tal cidade existe; e apostarei, quando quiserem, a minha vida em como os três ângulos de um triângulo somados são iguais a dois ângulos retos.

Publicou-se no *Dicionário Enciclopédico* uma coisa muito engraçada: afirma-se ali que um homem devia ter a certeza, certeza total, que o marechal de Saxe ressuscitara, se toda a gente em Paris lho dissesse, como tem a certeza de que o marechal de Saxe vencera a batalha de Fontenoy, quando toda a gente em Paris lho afirma. Ora, reparem, por favor, como este raciocínio é admirável: "Acredito em toda a gente de Paris quando me diz uma coisa que é moralmente possível; portanto, devo acreditar em toda a gente de Paris quando me diz uma coisa moral e fisicamente impossível".

Aparentemente, o autor daquele artigo queria era rir, e o outro autor que se maravilha no final do artigo, e escreve contra si próprio, queria era rir-se também.[29]

China

Vamos à China buscar terra, como se não a tivéssemos por cá; estofos, como se tivéssemos falta de sedas; uma ervazinha para pôr de infusão na água a ferver, como se nos nossos climas não houvesse também muitos simples. Em paga de tudo isso queremos à viva força converter os chineses: eis um zelo muito louvável, o que não devemos é contestar a antiguidade deles nem dizer que são idólatras. Seria, em verdade, justo que um frade capuchinho, recebido no castelo dos Montemorency, quisesse convencê-los de que são nobres de fresca data, tal como o são os secretá-

[29] Veja o artigo "Certeza" do *Dicionário Enciclopédico*. (N. do A.)

rios do rei, e ainda acusá-los de idólatras, só porque encontrara no castelo duas ou três estátuas de condestáveis, para com as quais eles teriam revelado um respeito profundo?

O célebre Wolf, professor de matemática na Universidade de Halle, pronunciou um dia um magnífico discurso em louvor da filosofia chinesa; elogiou essa raça tão antiga, que difere de nós pela barba, pelos olhos, nariz, orelhas e pela capacidade de raciocínio; louvou os chineses por adorarem um Deus supremo e por amarem a virtude; prestava justiça aos imperadores da China, aos *kalao*, aos tribunais, aos letrados. A justiça que se presta aos bonzos é dum gênero diferente.

Convém saber que o dito Wolf atraía a Halle uma multidão de estudantes de todas as nações. Ora, havia na mesma Universidade um professor de teologia, chamado Lange, que não tinha assistência nenhuma às suas aulas; no pesespero de gelar de frio, sozinho, de que se havia ele de lembrar? Pois deitar a perder o professor de matemática, como bem se calculará; e, para não faltar à regra dos seus pares, logo ali o acusou de não crer em Deus.

Alguns escritores europeus, que nunca tinham posto os pés na China, nem lá perto, afirmavam que o governo de Pequim era ateu. Wolf louvara os filósofos de Pequim, portanto Wolf era ateu; a inveja e o ódio não são capazes de inventar silogismos melhores do que estes. Ora, a argumentação de Lange, apoiada numa cabala bem organizada, e num protetor, foi julgada concludente pelo rei do país, o qual enviou ao matemático um dilema formal; dava-lhe a escolher entre sair de Halle no prazo de vinte e quatro horas ou ser enforcado. E como Wolf raciocinou de maneira justa deu-se pressa em fazer as malas; a sua retirada privou o rei de duzentos ou trezentos mil escudos por ano, que o dito filósofo fazia entrar no país pela afluência dos seus discípulos.

Este exemplo deve fazer sentir aos soberanos que nem sempre devem dar ouvidos à calúnia e sacrificarem um grande homem por causa da raiva ciumenta de um pateta qualquer. Mas falemos da China.

Para que nos servirá, aqui no extremo do Ocidente, discutir com paixão e torrentes de injúrias, só para ficarmos com a certeza se teria ou não havido catorze príncipes antes do imperador da China, Fo-hi, e se o dito Fo-hi vivera no ano 3 000 ou 2 900 antes da nossa era? Então eu acharia bem que dois irlandeses se lembrassem de discutir em Dublin para saberem quem foi, no século XII, o proprietário das terras que hoje ocupo? Pois não é mais do que evidente que deviam dirigir-se a mim, que tenho em meu poder os arquivos e documentos respectivos? Sucede o mesmo ou coisa semelhante, segundo me parece, com os imperadores da China: devem dirigir-se aos tribunais do país.

Mas podeis discutir tanto quanto vos aprouver a respeito dos catorze príncipes que reinaram antes de Fo-hi, porque a vossa querela não conseguirá provar senão isto: que a China era já então muito povoada e era um país onde a lei dominava. Agora, pergunto-vos se uma nação unida, que possui leis e príncipes, não nos leva a acreditar na sua prodigiosa antiguidade. Pensai quanto tempo é necessário para que um singular conjunto de circunstâncias permita encontrar o ferro nas minas, depois para que o apliquem na lavra dos campos, até que se inventem a charrua e todas as demais artes.

Aqueles que fazem tudo no ar imaginaram num cálculo muito engraçado. Por exemplo, o jesuíta Petau, por um cálculo extravagante, dava à Terra, duzentos e oitenta e cinco anos depois do dilúvio, uma população cem vezes superior àquela que não ousamos hoje supor-lhe. Os Cumberland e os Whiston fizeram cálculos tão cômicos como esse; a estas boas almas bastava-lhes consultar os censos das nossas colônias na América, para ficarem por certo muito espantadas: teriam sabido que o gênero humano se multiplica pouco e que, em vez de aumentar, com freqüência diminui.

Deixemos, pois, nós que nascemos ontem, nós descendentes dos celtas, nós que ainda mal exploramos as florestas das nossas regiões selváticas, deixemos os chineses e os indianos gozarem em paz o seu belo clima e a sua antiguidade histórica. Deixemos, principalmente, de chamar idólatras ao imperador da China e ao *subabo* do Deão. Nem nos é necessário sermos fanáticos do mérito dos chineses: a constituição do império deles é, na verdade, a melhor que há no mundo, a única totalmente baseada no poder paternal (o que não impede que os mandarins apliquem bastonadas nos filhos); a única em que um governador de província é punido quando, ao abandonar o cargo, não tiver as aclamações do povo; a única que institui prêmios para a virtude, ao passo que,

no resto do mundo, as leis se limitam a castigar o crime; a única que forçou os seus vencedores a adotar as suas leis enquanto nós estamos ainda sujeitos aos costumes dos borguinhões, francos e godos, que nos ocuparam e dominaram. Mas, há que confessá-lo, a arraia-miúda chinesa, influenciada pelos bonzos, é tão velhaca e ladra como a nossa; que ali se vende tudo muito caro aos estrangeiros, tal como cá; que, no campo científico, os chineses encontram-se ainda no estádio em que nos encontramos vai para duzentos anos; que têm, tal como nós, mil ridículos preconceitos: acreditam nos talismãs, na astrologia judiciária, como durante tanto tempo também nós acreditamos.

Confessemos, ainda, que ficaram espantados com o nosso termômetro, a nossa maneira de pôr os licores no gelo com salitre e que muito se maravilharam com todas as experiências de Torricelli e de Otto de Guericke, tal qual ficamos nós quando, pela primeira vez, vimos essas divertidas demonstrações da física; acrescente-se que os médicos chineses, nesse ponto iguaizinhos aos nossos, não são capazes de curar as doenças mortais e que, cá e lá, é afinal a natureza que sara os males sem importância; mas nada disso impede que os chineses, há quatro mil anos, quando nós nem sequer ler sabíamos ainda, não soubessem já todas aquelas coisas essencialmente úteis de que tanto nos vangloriamos agora.

A religião dos letrados, repito-o, é admirável. Superstições, nenhumas; lendas absurdas, nenhumas; nenhuns daqueles dogmas que insultam a razão e a natureza e aos quais os bonzos dão mil sentidos diferentes porque, no fundo, não significam nada. O culto mais simples foi o que lhes pareceu ainda o melhor, a cabo de quarenta séculos. Realizam deste modo a imagem que nós temos de Seth, Enoch e Noé; contentam-se em adorar um só Deus, como o fazem todos os sábios da terra, enquanto na Europa as opiniões e as almas se dividem entre Santo Tomás e São Boaventura, entre Calvino e Lutero, entre Jansênio e Molina.

Circuncisão

Quando Heródoto narra aquilo que lhe contaram os bárbaros entre os quais viajou, só diz tolices; e é o que acontece, na grande maioria, com todos os viajantes; por isso ele não exige que o acreditemos quando fala da aventura de Gygés e de Candaule; de Arionte ser transportado por um delfim; e do oráculo consultado para saber o que fazia Creso, o qual oráculo respondia que, nesse momento, Creso mandava cozer uma tartaruga numa panela tapada; e do cavalo de Dario, que tendo sido de todos o primeiro a relinchar, fez com que Dario fosse proclamado rei, e mais um cento de patranhas deste gênero, mais próprias para distraírem crianças de colo e mais tarde serem compiladas pelos oradores retóricos; mas quando fala daquilo que ele próprio viu, dos costumes dos povos que analisou, dos monumentos que visitou e coisas antigas que consultou, então, sim, fala para homens o ouvirem e acreditarem.

"Parece", diz, no livro de *Eutérpio*, "que os habitantes da Cólquida são originários do Egito; por mim o creio, mais do que por tê-lo ouvido dizer, porque reparei que na Cólquida se lembravam mais dos antigos costumes egípcios do que no Egito se recordavam os antigos costumes da Cólquida.

"Estes habitantes das margens do Ponto Euxino pretendiam ser uma remota colônia ali estabelecida por Sesóstris; em meu entender, assim o conjeturava, não só porque são morenos e têm os cabelos crespos, mas ainda porque os povos da Cólquida, do Egito e da Etiópia são os únicos da Terra que, desde sempre, se fizeram circuncidar: porque os fenícios e os da Palestina confessam que adotaram esse uso dos egípcios. Os sírios, que hoje habitam as margens do Thermodon e do Partênia, e os macrões, seus vizinhos, confessam que não há ainda muito tempo que se conformaram com esse hábito egípcio; e é principalmente por esse motivo que são conhecidos como tendo origem egípcia.

"Como a prática da circuncisão é muito remota, tanto na Etiópia como no Egito, não saberia dizer qual dos povos a tomou do outro; é todavia verossímil que os etíopes a imitaram dos

egípcios; como, oportunamente, os fenícios aboliram o costume de circuncidar as crianças recém-nascidas, logo que tiveram maior convivência com os gregos."

Por este passo de Heródoto é evidente que diversos povos aprenderam o uso da circuncisão com o Egito; mas nenhuma raça pretendeu ter imitado a circuncisão dos judeus. A quem é que se há de, pois, atribuir a origem deste costume: à nação de quem outras cinco ou seis confessam tê-lo ido buscar, ou àquela nação que, muito menos poderosa, de comércio menor, menos guerreira, escondida num recanto da Arábia Petréia, nunca transmitiu o mais insignificante dos seus usos e costumes a outro povo qualquer?

Os judeus dizem que foram outrora recebidos por caridade no Egito; não é tão possível, e verossímil, que o povo fraco imitasse um hábito do povo poderoso e que os judeus tenham aprendido alguns costumes com os seus senhores?

Clemente de Alexandria conta que Pitágoras, quando viajava entre os egípcios, viu-se forçado a fazer-se circuncidar, a fim de poder ser admitido nos seus mistérios e atos de culto; concluise, portanto, que era absolutamente necessário estar circuncidado para pertencer ao número dos sacerdotes, no Egito. Tais sacerdotes já existiam quando José chegou ao Egito; aqui a forma de governo era muito antiga e os ritos observados com escrupulosa exatidão.

Os judeus confessam que permaneceram duzentos e cinco anos no Egito; dizem que durante todo esse tempo não praticaram a circuncisão; é, pois, evidente que durante esses duzentos e cinco anos os egípcios não adotaram a circuncisão dos judeus. Tê-lo-iam feito após os judeus roubarem todos os vasos sagrados que lhes tinham sido emprestados, e fugirem para o deserto com a presa, conforme o seu próprio testemunho? Um senhor adotaria a principal característica da religião do seu escravo, para mais ladrão e fugitivo? Nada disto se coaduna com a natureza humana.

Lê-se no livro de Josué que os judeus foram circuncidados no deserto: "Libertai-vos do que fazia o vosso opróbrio entre os egípcios". Ora, qual podia ser esse opróbrio, para um povo que se encontrava entre os povos da Fenícia, os árabes e os egípcios, senão aquilo mesmo que os tornava desprezíveis aos olhos das três nações? Como livrá-los desse opróbrio? Cortando-lhes um pedacinho do prepúcio. Não será este o sentido natural do citado passo de Josué?

O *Gênesis* refere que Abraão fora anteriormente circuncidado; mas Abraão viajou pelo Egito, que havia muito tempo era um reino florescente, governado por um rei poderoso. Nada nos impede de conjeturar que, nesse reino tão antigo, a circuncisão não estivesse em uso desde tempos imemoriais, muito antes de formada a nação judaica. Acresce que a circuncisão de Abraão não teve conseqüências de maior; a sua descendência só foi circuncidada na época de Josué.

Ora, antes de Josué, os israelitas são os primeiros a declarar que adotaram muitos dos costumes dos egípcios; imitaram estes em diversos sacrifícios, em várias cerimônias rituais, como os jejuns que guardavam nas vésperas das festas de Íris, nas abluções, no costume de rapar a cabeça dos sacerdotes; o incenso, o candelabro, o sacrifício da vaca ruça, a purificação com o hissope, a abstinência da carne de porco, o pavor pelos utensílios de cozinha dos estrangeiros, tudo isso atesta que o pequeno povo hebreu, apesar da sua aversão pela grande nação egípcia, conservara uma infinidade de usos dos antigos senhores. O bode Azazel que mandaram para o deserto, carregado com os pecados do povo, era uma visível imitação duma prática egípcia; os rabinos estão de acordo que a palavra *Azazel* nem judaica era. Nada impede, portanto, que os hebreus tenham imitado a circuncisão dos egípcios, tal como o fizeram os seus vizinhos árabes.

Não é coisa extraordinária que Deus, que santificou o batismo, prática tão remota entre os povos asiáticos, tenha também santificado a circuncisão, não menos remota entre os africanos. É coisa notória que Deus é senhor de atribuir as suas graças aos signos que se digna eleger.

Aliás, desde que no tempo de Josué o povo judeu foi circuncidado, conservou tal uso até nossos dias; os árabes também se lhe mantiveram fiéis; mas os egípcios, que, nos tempos primitivos, circuncidavam os rapazes e as raparigas, com o decorrer dos anos deixaram de proceder a essa operação nas raparigas e, finalmente, acabaram por limitá-la aos sacerdotes, astrólogos e profetas. É o que nos afirmam Clemente de Alexandria e Orígenes. Com efeito, não se ignora que os Ptolomeus não sofreram a circuncisão.

Os autores latinos, que tratam os judeus com tão profundo desprezo que até lhes chamam

curtus Apella, por zombaria, *credat Judaeus Apella, curti Judaei*[30], não dão tais epítetos aos egípcios. Todo o povo do Egito é presentemente circuncidado, mas o motivo é outro: foi porque o maometismo adotou a antiga circuncisão da Arábia.

Foi esta circuncisão árabe que transmitiu para os etíopes, onde agora ainda os rapazes e raparigas são circuncidados.

Havemos de confessar que esta cerimônia da circuncisão parece, à primeira vista, uma coisa estapafúrdia; mas deve-se notar que, desde sempre, os sacerdotes orientais se consagravam às suas divindades por características particulares. Nos sacerdotes de Baco era gravada a um buril uma folha de hera. Luciano diz-nos que os devotos da deusa Íris faziam-se tatuar no pulso e no pescoço enfeitados a caracteres. Os sacerdotes de Cibele eram castrados.

É muito possível que os egípcios, que veneravam o instrumento da procriação e conduziam a sua imagem, com grande pompa, nas suas procissões, imaginaram oferecer a Íris e a Osíris, por intermédio de quem tudo se engendrava na terra, uma pequenina parte daquele membro estimável, pelo qual os deuses tinham querido que o gênero humano se perpetuasse. Os costumes orientais primitivos são tão prodigiosamente diferentes dos nossos, que nada deve parecer extraordinário a quem tiver um pouco de leitura. Um parisiense fica muito espantado quando ouve dizer que os hotentotes cortam um testículo aos filhos machos. Se calhar, os hotentotes ficariam muito espantados quando soubessem que os parisienses usam os dois.

Concílios

Todos os concílios são infalíveis, sem dúvida; e a razão é porque são constituídos por homens. É impossível que reinem nessas assembléias as paixões, as intrigas, o espírito de luta, o ódio, o crime, os preconceitos, a ignorância.

Mas então, perguntar-se-á, qual o motivo por que tantos concílios se fizeram por oposição a outros? Foi para experimentar a nossa fé; todos estavam na razão, cada qual na respectiva época.

Entre os católicos romanos, presentemente, só se faz fé nos concílios aprovados no Vaticano; e entre os católicos gregos só se acredita nos aprovados em Constantinopla. Os protestantes trocam duns e doutros; deste modo, toda a gente fica contente.

Aqui apenas falaremos dos grandes concílios; dos pequenos não vale a pena.

O primeiro concílio foi o de Nicéia. Celebrou-se no ano de 325 da era vulgar, após Constantino ter escrito e enviado por Ózio, ao clero um tanto turbulento de Alexandria, esta bela carta: "Disputais por causa de um assunto muito insignificante. Taís sutilezas são indignas de pessoas sensatas". O assunto era este: tratava-se de saber se Jesus era criado ou incriado. Isso em nada feria a moral, que é o essencial. Que Jesus tenha sido no tempo, ou antes do tempo, lá por isso não foi menos um homem de bem. Depois de muitas altercações, ficou finalmente decidido que o Filho era tão antigo como o Pai, e *consubstancial* com o Pai. Esta decisão não se entende lá muito bem; mas não deixa de ser sublime e mais sublime ainda por não se perceber. Dezessete bispos protestaram contra a sentença e uma antiga crônica de Alexandria, que se conserva em Oxford, diz que dois mil padres protestaram também; mas os prelados não fazem geralmente grande caso dos simples padres, que são quase todos pelintras. Seja como for, neste primeiro concílio nem por sombras se debateu o problema da Trindade. A fórmula ali consagrada reza assim: "Cremos em Jesus consubstancial ao Pai, Deus de Deus, luz de luz, engendrado e não feito; cremos também no Espírito Santo". O Espírito Santo, força é confessá-lo, foi ali tratado de modo muito inconveniente, grosseiramente quase.

[30] *Curtus* (plural: curti) é palavra de significação rica: truncado, mutilado; castrado, circuncidado; curto; pequeno. *Apela*, nome dum judeu que viveu no tempo de Horácio (séc. I a.C.); era sinônimo de homem crédulo. *Credat Judaeus Apella* = "Creia o o judeu Apela". *Curti Judaei* = "judeus circuncidados"... (N. do E.)

Está escrito no suplemento do concílio de Nicéia que os padres, vendo-se muito embaraçados para saber quais eram os livros autênticos e os apócrifos do Antigo e do Novo Testamento, colocaram-nos baralhados numa grande barafunda em cima de um altar; e os livros que deviam ser rejeitados foram os que caíram no chão. É forte pena que uma tão bela receita esteja atualmente em desuso.

Depois do primeiro concílio de Nicéia, constituído por trezentos e dezessete bispos infalíveis, efetuou-se outro em Rimini; e o número dos bispos infalíveis dessa vez ascendeu a quatrocentos, sem já contar um grande destacamento em Selêucia, de cerca de duzentos mais. Esta bispalhada toda, após quatro meses de zaragatas e comezainas, arrebatou unanimemente a Jesus a sua *consubstancialidade*. Foi-lhe porém restituída pouco depois, exceto entre os socinianos; assim tudo acabou em bem.

Um dos grandes concílios foi o de Éfeso, em 431; Nestório, bispo de Constantinopla, terrível perseguidor de heréticos, foi então ali mesmo condenado como herético, por ter sustentado que em verdade Jesus era bem Deus, mas que sua mãe em absoluto não era a mãe de Deus. Foi São Cirilo que fez condenar Nestório; mas os partidários de Nestório igualmente fizeram destituir São Cirilo no referido concílio: o que deixou muito atrapalhado o Espírito Santo.

Aqui chegados, leitor, repara muito atentamente em que o Evangelho nunca diz uma só palavra da consubstancialidade do Verbo, nem da honra que teria tido Maria em ser mãe de Deus, e igual coisa sucede com outra data de bagatelas teológicas, que fizeram reunir concílios infalíveis.

Eutichés era um monge que tinha protestado muito contra Nestório, cuja heresia era tão pequena ou tão grande, de um quilate tal, que não queria nada menos que supor duas pessoas em Jesus: o que é tremendo. O frade, para melhor contradizer o antagonista, garante que Jesus só tinha uma natureza. Um certo Flaviano, bispo de Constantinopla, assegura-lhe que era absolutamente necessário que houvesse duas naturezas em Jesus. Reúne-se um concílio numeroso em Éfeso, no ano de 449; este foi dirimido com muita pancadaria à mistura de valentes paulitadas duma banda e doutra, tal como aconteceu no pequeno concílio de Cirte, em 355, e em certa conferência realizada em Cartago. A natureza de Flaviano ficou moída e remoída de tanta traulitada que apanhou e a Jesus foram fixadas duas naturezas. No concílio de Calcedônia, em 451, Jesus tornou a ficar reduzido a uma só natureza.

Dou um salto sobre concílios que apenas se ocuparam de minudências, e faço alto no sexto concílio geral de Constantinopla, celebrado para se saber ao certo se Jesus, tendo só uma natureza, não teria duas vontades. Percebe-se quanto isso seria importante para dar graças a Deus.

Este concílio foi convocado por Constantino, o Barbudo, como todos os outros tinham sido, também, pelos precedentes imperadores; os legados do bispo de Roma ficaram à esquerda; os patriarcas de Constantinopla e de Antioquia ficaram à direita. Não sei se os caudatários de Roma achavam que a esquerda é o lugar de honra. Em qualquer caso, dessa vez Jesus obteve as duas vontades.

A lei mosaica proibia as imagens. Os pintores e os escultores nunca tinham feito fortuna entre os judeus. Sabe-se que Jesus nunca teve quadros, exceto, talvez, o de Maria, pintado por Lucas. Mas, enfim, em lado nenhum Jesus Cristo recomenda que se adorem as imagens. Os cristãos, todavia, adoraram-nas a partir do final do século IV, quando se familiarizaram com as belas-artes. O abuso foi tal que, no século VIII, Constantino Coprônimo reuniu em Constantinopla um concílio de trezentos e vinte bispos, que anatematizou o culto das imagens, considerando-o pura idolatria.

A imperatriz Irene, a mesma que tempos depois mandou arrancar os olhos ao filho, convocou o segundo concílio de Nicéia, em 787: aí foi restabelecida a adoração das imagens. Pretende-se hoje em dia justificar o dito concílio, dizendo que tal adoração era um culto de dulia e não de latria.[31]

Mas quer de latria, quer de dulia, Carlos Magno, em 794, mandou celebrar, em Francfort, outro concílio, que acusou de idolatria o segundo concílio de Nicéia. O papa Adriano I enviou ali dois legados, mas não foi ele que o convocou.

[31] *Dulia*, culto que se presta aos santos e aos anjos. *Latria*, culto de adoração que se presta somente a Deus. (N. dos T.)

O primeiro grande concílio convocado por um papa foi o primeiro concílio de Latrão, em 1139; ali estiveram cerca de mil bispos; mas muito pouco obraram, a não ser anatematizar aqueles que diziam que a Igreja estava demasiado rica.

Noutro concílio de Latrão, em 1179, promovido pelo papa Alexandre III, pela primeira vez os cardeais tiveram predomínio sobre os bispos; apenas se versaram ali problemas de disciplina eclesiástica.

Outro grande concílio em Latrão, no ano de 1215. O papa Inocêncio III despojou o conde de Tolosa de todos os bens, em virtude da excomunhão com que o fulminou. Foi este o primeiro concílio em que se falou de *transubstanciação*.

Em 1245, concílio geral de Lião, ao tempo cidade imperial, no qual o papa Inocêncio IV excomungou o imperador Frederico II, depondo-o por conseguinte, e proibiu-lhe o fogo e a água: foi também neste concílio que deram aos cardeais um chapéu vermelho, para os ajudar a lembrar-se que deviam tomar banho no sangue dos partidários do imperador deposto. Este concílio deu azo à destruição da Casa de Suábia e provocou trinta anos de anarquia na Itália e na Alemanha.

Concílio geral em Viena, no Delfinado, em 1311, onde foi abolida a ordem dos Templários, cujos principais membros tinham sido condenados aos suplícios mais horríveis, com base em acusações que nunca foram provadas.

Em 1414 houve o grande concílio de Constança, onde se contentaram em destituir o papa João XXIII, reconhecido réu culpado de mil crimes, e onde queimaram João Huss e Jerônimo de Praga, por serem heréticos contumazes, e atendendo a que a contumácia é um delito muito mais grave que o assassinato, o rapto, a simonia e a sodomia.

Em 1431, o grande concílio de Basiléia, não reconhecido nem acatado por Roma, porque ali depuseram o papa Eugênio IV, que não quis nem se deixou depor.

Os romanos consideram como concílio geral o quinto concílio de Latrão, em 1512, convocado contra Luís XII, rei de França, pelo papa Júlio II; mas este belicoso papa deixou-se morrer, e o concílio desfez-se em vento.

Finalmente, temos o grande concílio de Trento, que não foi acatado em França no que respeita à disciplina; mas quanto ao dogma era incontestável, pois o Espírito Santo ia todas as semanas de Roma a Trento, na mala do correio, a crermos no que nos diz *fra* Paolo Sarpi; mas *fra* Paolo Sarpi tresandava um tanto a heresia.

(Pelo Sr. Abausit J.º . . .)

Confissão

Mantém-se problemático saber se a confissão, a menos que a consideremos manobra política, tem feito mais bem do que mal.

Havia a confissão nos mistérios de Ísis, de Orfeu e de Ceres, perante o hierofante e os iniciados; dado que tais mistérios eram expiações, forçoso era que se confessassem os crimes que deviam expiar.

Os cristãos adotaram a confissão nos primeiros séculos da Igreja, como imitaram quase todos os ritos da Antiguidade: os templos, os altares, o incenso, as velas, as procissões, a água lustral, as vestes sacerdotais, diversas fórmulas dos mistérios: o *Sursum corda*, o *Ite missa est*, e tantos outros. O escândalo provocado em Constantinopla, no século IV, pela confissão pública duma mulher, fez abolir a confissão.

A confissão secreta que um homem faz a outro *homem* somente no século VII foi admitida no nosso Ocidente. Os abades dos conventos começaram a exigir que os monges viessem duas vezes por ano confessar-lhes todas as faltas. Foram também esses abades que inventaram a fórmula: "Absolvo-te conforme posso e tu necessitas". Parece que teria sido muito mais respeitoso para com o Ser supremo, e mais justo, dizer: "Possa Ele perdoar as tuas faltas e as minhas!"

O bem que a prática da confissão fez, foi, algumas vezes, ter conseguido que furtos insignificantes fossem restituídos aos donos. O mal é, por vezes, ter levado, nas convulsões políticas dos Estados, os penitentes a serem rebeldes e sanguinários, ficando com a consciência muito tranqüila. Os padres guelfos, por exemplo, recusavam a absolvição aos gibelinos e os padres gibelinos recusavam-se a absolver os guelfos. Os assassinos dos Sforzas, dos Médicis, dos príncipes de Orange, dos reis de França, dispuseram-se a cometer parricídios pelo sacramento da confissão.

Luís XI, La Brinvilliers confessavam-se após terem cometido algum grande crime, e confessavam-se com freqüência, como aqueles glutões que tomam remédios para terem mais apetite.

Se existisse uma razão para ficarmos espantados com alguma coisa, decerto o ficaríamos por causa de uma bula do papa Gregório XV, emanada de Sua Santidade no dia 30 de agosto de 1622, pela qual ordenou que, em determinados casos, o segredo da confissão seja revelado.

A resposta do jesuíta Coton a Henrique IV perdurará mais do que a Ordem dos Jesuítas: "Revelaríeis a confissão de um homem que estivesse disposto a assassinar-me? — Não; mas pôr-me ia de permeio entre ele e o vosso corpo".

*Consciência

Seção Primeira

Da Consciência do Bem e do Mal

Locke demonstrou (se for permitido usar este termo em moral e metafísica) que não temos idéias inatas, nem princípios inatos. E foi obrigado a demonstrá-lo longamente, porque nessa época o erro contrário era universal.

Daí segue-se evidentemente precisarmos muito que nos ponham na cabeça boas idéias e bons princípios, desde que possamos usar a faculdade do entendimento.

Locke mostra o exemplo dos selvagens que matam e comem seu próximo sem nenhum remorso na consciência, e soldados cristãos bem educados, que, numa cidade tomada de assalto, pilham, esganam, violam, não somente sem remorso, mas com um prazer encantador, com honra e glória, com aplausos de todos os seus companheiros.

Seguramente, nos massacres da noite de São Bartolomeu, e nos *auto-de-fé*, nos santos atos-de-fé da Inquisição, a consciência de nenhum assassino jamais se reprovou ter massacrado homens, mulheres, crianças; ter feito gritar, desmaiar, morrer nas torturas os infelizes que tinham como único crime celebrar a Páscoa de modo diferente do dos inquisidores.

Resulta disso tudo que só temos a consciência que nos é inspirada pelo tempo, pelo exemplo, por nosso temperamento, por nossas reflexões.

O homem nasceu sem princípio algum, mas com a faculdade de receber todos. Seu temperamento torná-lo-á mais inclinado à crueldade ou à doçura; seu entendimento fá-lo-á compreender um dia que o quadrado de doze é cento e quarenta e quatro, que não se deve fazer aos outros aquilo que não se quer que lhe seja feito, porém não compreenderá por si mesmo estas verdades na sua infância; não entenderá a primeira e não sentirá a segunda.

Um pequeno selvagem tendo fome e a quem seu pai terá dado para comer um pedaço de um outro selvagem, pedirá o mesmo no dia seguinte, sem imaginar que se deve tratar o próximo do mesmo modo que nós próprios quereríamos ser tratados. Faz maquinalmente, insensivelmente, exatamente o contrário do que ensina essa verdade eterna.

A natureza preveniu contra esse horror dando ao homem a disposição para a piedade e o poder de compreender a verdade. Esses dois presentes de Deus são o fundamento da sociedade civil: por isso sempre houve poucos antropófagos e a vida tornou-se um pouco tolerável entre as nações civilizadas. Pais e mães dão a seus filhos uma educação que logo os torna sociáveis e conscientes.

Uma religião e uma moral puras, convenientemente inspiradas, modelam de tal forma a

natureza humana, que mais ou menos dos sete aos dezesseis ou dezessete anos não se pratica qualquer má ação sem que a consciência deixe de reprová-la. Em seguida, vêm as paixões violentas, combatendo a consciência e conseguindo, algumas vezes, sufocá-la. Durante o conflito, os homens, atormentados pela borrasca, consultam em algumas ocasiões outros homens, como em suas doenças consultam aqueles que têm a aparência sadia.

Foi isto que produziu os casuístas, isto é, pessoas que decidem casos de consciência. Um dos maiores sábios casuístas foi Cícero, que no seu livro *Officios*, isto é, os deveres do homem, examina os pontos mais delicados. Entretanto, muito antes dele, Zoroastro pareceu regulamentar a consciência com o mais belo preceito: Na dúvida quanto à bondade ou à maldade de uma ação, abstém-te.

Seção Segunda

Se um Juiz Deve Julgar Segundo sua Consciência ou Segundo as Provas

Tomás de Aquino, sois um grande santo, um grande teólogo, e não há dominicano algum que tenha por vós mais veneração do que eu. Entretanto, haveis decidido em vossa *Suma Teológica* que um juiz deve dar sua voz segundo as alegações e as pretensas provas contra um acusado cuja inocência lhe é perfeitamente conhecida. Pretendeis que as deposições das testemunhas, só podendo ser falsas, as provas resultantes do processo são impertinentes, e, no entanto, devem sobrepor-se ao testemunho de seus próprios olhos. Viu o crime ser cometido por um outro, e, segundo vós, deve conscientemente condenar o acusado quando sua consciência lhe diz que é inocente.

Seria preciso, então, segundo vós, que, se o próprio juiz tivesse cometido o crime de que tratamos, sua consciência o obrigaria a condenar o homem falsamente acusado desse crime.

Em sã consciência, grande santo, creio que vos enganastes da maneira mais absurda e mais horrível. É pena que, possuindo tão bem o direito canônico, tenhais conhecido tão mal o direito natural. O primeiro dever de um magistrado é ser justo antes de ser formalista. Se, em virtude das provas, que somente são probabilidades, condenasse um homem cuja inocência me fosse demonstrada, crer-me-ia um tolo e um assassino.

Felizmente todos os tribunais do universo têm um pensamento diverso do vosso. Não sei se Farinatius e Grillandus são de vossa opinião. Seja lá como for, se alguma vez encontrardes Cícero, Ulpiano, Triboniano, Dumolin, o chanceler de Hospital, o chanceler de Aquesseau, pedi-lhes perdão pelo erro em que caístes.

Seção Terceira

Da Consciência Enganadora

O que talvez melhor se tenha dito sobre essa importante questão encontra-se no livro cômico *Tristam Sandhy*, escrito por um cura chamado Sterne, o segundo Rabelais da Inglaterra. Parece-se com os pequenos sátiros da antiguidade, que encerravam essências preciosas.

Dois velhos capitães a meia-paga, auxiliados pelo dr. Slop, fazem perguntas muito ridículas. Nelas os teólogos franceses não são poupados. Insistem particularmente sobre uma *Memória*, apresentada à Sorbona por um cirurgião que pede permissão para batizar as crianças no ventre das mães, por meio de uma cânula que se introduziria convenientemente no útero, sem ferir a mãe nem a criança.

Enfim, fazem com que um cabo leia um antigo sermão sobre a consciência, composto pelo próprio cura Sterne.

Numa pintura superior a muitas de Rembrandt e ao *crayon* de Callot, pinta um mundano homem honesto, passando seus dias nos prazeres da mesa, do jogo e do deboche, não fazendo nada que a boa companhia pudesse reprovar-lhe e, por conseguinte, não se reprovando de nada. Sua consciência e sua honra o acompanham aos espetáculos, ao jogo, e sobretudo quando paga liberalmente à jovem que o entretém. Quando encarregado, pune severamente os pequenos furtos do povinho; vive alegremente e morre sem o menor remorso.

O dr. Slope interrompe o leitor para dizer que isso é impossível na Igreja anglicana, só podendo acontecer entre os papistas.

Finalmente, o cura Sterne cita o exemplo de Davi, que tem, diz ele, ora uma consciência delicada e esclarecida, ora muito dura e tenebrosa.

Quando poderia matar seu rei numa caverna, contenta-se em cortar uma aba da sua vestimenta: eis uma consciência delicada. Passa um ano inteiro sem ter o menor remorso de seu adultério com Betsabá e do assassinato de Uriel: eis a mesma consciência endurecida e privada de luz.

Assim é, diz ele, a maioria dos homens. Admitimos ao cura que os grandes do mundo geralmente estão neste caso: a torrente de prazeres e de afazeres os arrebata, não têm tempo para ter consciência (o que é bom para o povo) e também não a possuem quando se trata de ganhar dinheiro. É, portanto, muito bom de vez em quando despertar a consciência das costureiras e dos reis com uma moral que possa impressioná-los, mas para isto é melhor falar como não se fala hoje.

Seção Quarta

Liberdade de Consciência

Traduzido do alemão

[*Não adotamos todo este parágrafo, mas, como há nele algumas verdades, não cremos dever omiti-lo e não nos encarregamos de justificar o que se puder aí encontrar de pouco comedido e muito duro.*]

O capelão do príncipe de. . . , católico romano, *ameaçava um anabatista de expulsá-lo dos Estados do príncipe*. Dizia-lhe haver somente três seitas autorizadas no império, que para ele, anabatista, sendo de uma quarta, não era digno viver nas terras de monsenhor, e, enfim, a conversa se esquentando, o capelão ameaçou mandar enforcar o anabatista.

"Tanto pior para sua alteza", responde o anabatista; "sou um grande manufatureiro, emprego duzentos operários, faço entrar duzentos mil escudos por ano nos seus Estados, minha família irá estabelecer-se em outro lugar e monsenhor perderá mais do que eu."

"E se monsenhor mandar enforcar teus duzentos operários e tua família?", replica o capelão. "E se der tua manufatura a bons católicos?"

"Eu o desafio", diz o velhote. "Não se dá uma manufatura como se doa uma herdade, porque não se dá a engenhosidade. Seria loucura maior do que se mandasse matar todos os seus cavalos poorque um deles te derrubou e porque és um mau escudeiro. O interesse de monsenhor não está em que eu coma pão sem levedura ou levedado. Mas está, isto sim, em que eu forneça o que comer a seus súditos, e que eu aumente seus lucros com meu trabalho. Sou um homem honesto e, se tivesse a infelicidade de não ter nascido tal, minha profissão forçar-me-ia a tornar-me, pois nos negócios não é como na corte e na tua igreja: não há sucesso sem probidade. Que importa se fui batizado na idade chamada da razão, enquanto o foste sem o saber? Que importa se adoro Deus à maneira de meus pais? Se seguisses tuas belas máximas, se tivesses a força nas mãos, irias de uma ponta à outra do universo, mandando ao teu bel-prazer enforcar o grego que não crê o Espírito Santo procedente do Pai e do Filho, todos os ingleses, todos os holandeses, dinamarqueses, suecos, irlandeses, prussianos, hanovrianos, saxões, holsteneuses, hesseuses, virtemburgueses, berneuenses, hamburgueses, cossacos, valacos, russos que não crêem o papa infalível, todos os muçulmanos que crêem num só Deus, e os indianos cuja religião é mais antiga que a judaica, e os letrados chineses, que há quatro mil anos servem um único Deus sem superstição e sem fanatis-

mo? Não é o que farias se fosses o senhor?" "Seguramente", diz o monge, "pois estou devorado pelo zelo da casa do Senhor: *Zelus domus suae comedit me.*"

"A propósito, caro capelão", retorquiu o anabatista, "diga-me: és dominicano ou jesuíta, ou diabo?" "Sou jesuíta", diz o outro. "Ah! meu amigo, se não és diabo, por que dizes coisas tão diabólicas?"

"É que o reverendo padre reitor ordenou-me dizê-las."

"E quem ordenou essa abominação ao reverendo padre reitor?"

"Foi o provincial."

"De quem o provincial recebeu essa ordem?"

"Do nosso geral, e para agradar a um senhor maior do que ele — o papa."

"Deuses da terra, que com três dedos encontrastes o segredo de tornar-vos senhores duma grande parte do gênero humano, se no fundo de vossos corações admitis que vossas riquezas e vossa força não são essenciais à vossa salvação e à nossa, gozai-as com moderação. Não queremos tirar-vos a mitra ou a tiara, mas não nos esmagueis. Gozai e deixai-nos tranqüilos. Desenredai vossos interesses com os reis e deixai-nos nossas manufaturas."

Convulsões

Por voltas do ano de 1724, dançou-se no cemitério de Saint-Médard; deram-se ali muitos milagres; um deles até mereceu a honra de vir citado numa cançoneta da duquesa do Maine:

Un décrotteur à la royale,
Du talon gauche estropié,
Obtint pour grâce spéciale
D'être boiteux de l'autre pied.[32]

Como é do conhecimento geral, as convulsões miraculosas continuaram até que foi colocado um guarda no cemitério.

De par le roi, défense à Dieu
De plus fréquenter en ce lieu.[33]

Os jesuítas, como também é do conhecimento geral, não podendo já obrar milagres tais depois que São Francisco Xavier esgotara as graças da Companhia, ressuscitando duma assentada nove mortos, bem contados, resolveram, para compensar o crédito que os jansenistas tinham adquirido entretanto, mandar gravar uma estampa, com uma imagem de Jesus Cristo vestido de jesuíta. Uma mariola dum gracejador do partido jansenista escreveu, como também é sabido, por debaixo da imagem esta versalhada:

Admirez l'artifice extrême
De ces moines ingénieux:
Ils vous ont habillé comme eux,
Mon Dieu, de peur qu'on ne vous aime.[34]

Os jansenistas, para melhor demonstrarem que Jesus Cristo nunca teria vestido o hábito dos jesuítas, encheram Paris de convulsionados e assim lograram atrair muita gente ao seu claustro.

[32] "Um engraxador que usava pêra e era aleijado do calcanhar esquerdo obteve por uma graça especial ficar coxo também do outro pé." (N. dos T.)

[33] "Por ordem do rei, Deus fica proibido de voltar a freqüentar este local." (N. dos T.)

[34] "Admirai, meu Deus, o artifício supremo com que esses frades habilidosos vos vestiram como eles, com receio de que não vos amassem." (N. dos T.)

Carré de Montgeron, conselheiro no Parlamento, foi apresentar ao rei uma recolha in-4.º de todos esses milagres, atestados por mil testemunhas. Como era lógico, agarraram nele e levaram-no logo para um castelo, onde tentaram restabelecer a saúde do seu cérebro por uma dieta rigorosa; mas a verdade acaba sempre por vencer todas as perseguições: a febre milagreira continuou, sem parança, durante mais de trinta anos. Faziam vir à casa a irmã Rosa, irmã iluminada, irmã prometida, e sujeitavam-se aos açoites, sem que, no dia seguinte, houvesse marcas das chibatadas; aplicavam-lhes bordoadas com toros no estômago, bem recheado de iguarias, sem que lhes fizessem nenhum mal; deitavam-nos diante duma grande fogueira, com o rosto besuntado de graxa, sem que se queimassem; finalmente, como todas as artes, incluindo as da bruxaria, têm tendência para se aperfeiçoar, acabaram por enterrar espadas nas carnes dos convulsionados e por crucificá-los. Até um famoso teólogo teve, também, o benefício de ser crucificado: tudo isto, apenas, para convencer o mundo que determinada bula era ridícula, o que igualmente seria possível provar sem tantos perigos. Apesar disso tudo, porém, os jesuítas e os jansenistas deram as mãos contra o *Espírito das Leis*, e contra isto... e contra mais aquilo... e contra aqueloutro... e contra... Depois disto, ainda temos a ousadia de troçar dos lapões, dos samoiedas e dos pretos!

Corpos

Do mesmo modo que não sabemos o que é um espírito, ignoramos também o que seja um corpo; notamos algumas das suas propriedades; mas em que sujeito é que tais propriedades residem? Só existem os corpos, diziam Demócrito e Epicuro; não há corpos nenhuns, diziam os discípulos de Zenão de Eléia.

Berkeley, bispo de Cloyne, foi o último que, empregando cem capciosos sofismas, pretendeu provar que os corpos não existem. Afirmava que os corpos não têm cores, nem cheiros, nem calor; essas modalidades existem nas nossas sensações e não nos objetos. Podia ter evitado o trabalho de provar essa verdade, que já era bastante conhecida. Mas daí passa à extensão, à solidez, que são essências do corpo, e julga poder provar que não há comprimento numa peça de pano verde, porque, em verdade, o pano não é bem verde: essa sensação do verde apenas existe em nós: logo, essa sensação do comprimento só em nós existe. E, após ter deste modo anulado o comprimento, conclui que o volume, que com ele se relaciona, se anula por si próprio e que, por isso, nada há no mundo a não ser as nossas idéias. De maneira que, na opinião deste douto sabichão, dez mil homens mortos por dez mil tiros de canhão apenas representam no fundo dez mil percepções do nosso entendimento. E, quando um homem faz um filho a sua mulher, é apenas uma idéia que aloja, instalada noutra idéia, da qual nascerá uma terceira idéia.

Só a sua eminência, o bispo de Cloyne, competia cair nestes ridículos excessos. Supõe poder demonstrar que a extensão não existe, porque determinado corpo, observado através da sua luneta, lhe pareceu quatro vezes maior do que visto a olho nu, e quatro vezes mais pequeno com a ajuda duma outra lente. Daí conclui que, não podendo determinado corpo ter ao mesmo tempo quatro pés, dezesseis pés e um só pé de comprimento, tal comprimento não existe; logo não há nada. Ora, bastava agarrar num metro, numa medida qualquer, e dizer: mesmo que um corpo me apareça com várias dimensões, tem a extensão de tantas medidas destas.

Ter-lhe-ia sido muito fácil verificar que não sucede com o comprimento e a solidez o mesmo que acontece com os sons, cores, sabor, cheiros, etc. É claro que existem entre nós sentimentos produzidos pela configuração das partes; mas o comprimento não é um sentimento. Basta que este cavaco de lenha se extinga na braseira, e deixo logo de sentir calor; que este ar não vibre, e já não ouço; que aquela rosa murche, e não sentirei o seu perfume; mas o cavaco de lenha, o ar, aquela rosa, são objetos que existem sem mim. Não vale a pena refutar o paradoxo de Berkeley.

Convém saber o que o terá arrastado para tal paradoxo. Há muito tempo já, travei com ele alguns diálogos; disse-me que a origem da sua opinião provinha de que não se pode conceber o que é esse sujeito que recebe a extensão. E, com efeito, triunfa no seu livro, quando pergunta a

Hilas o que é esse tal sujeito, esse *substratum*, essa substância. "É o corpo estendido", responde Hilas. Então o bispo, sob o nome de Filonaus, troça de Hilas; e o pobre Hilas, vendo que disse que a extensão é o sujeito da extensão, e que disse uma tolice, fica atrapalhado e acaba por confessar que não compreendeu nada, que não existem os corpos, que o mundo material não existe, que apenas existe o mundo intelectual.

Hilas devia dizer apenas isto a Filonaus: Nada sabemos acerca do fundo desse sujeito, dessa substância extensa, sólida, divisível, móvel, figurada, etc.; conheço-a tanto como ao sujeito que pensa, que sente e é dotado de vontade; mas esse sujeito também existe, pois possui propriedades essenciais, das quais não pode ser despojado.

Somos um pouco como a maioria das damas de Paris: comem regaladamente, sem saberem os condimentos que entram nos guisados; de igual modo, usamos os corpos sem saber o que os compõe. De que se faz um corpo? De várias partes, e essas tais partes dividem-se noutras partes. E o que são estas últimas partes? Ainda e sempre corpos; podeis dividir sem parar, que nunca adiantareis mais do que isto.

Finalmente, um filósofo sutil, reparando que um quadro se faz de ingredientes de que nenhum é um quadro, e uma casa é feita de materiais dos quais nenhum é uma casa, imaginou (de uma maneira um pouco diferente) que os corpos são constituídos por uma infinidade de pequenos seres que já não são corpos; e a isto e àquilo chamam-se *mónadas*. Este sistema não deixa de ter um lado bom e, se proviesse da revelação, crê-lo-ia muito possível; todos esses pequenos seres seriam pontos matemáticos, espécie de almas que somente estariam à espera de uma veste para se meterem dentro dela; seria uma contínua metempsicose; uma mónada tão depressa andaria numa baleia, como dentro duma árvore ou encafuada num jogador trapaceiro. Este sistema vale tanto como o outro; gosto tanto dele como da declinação dos átomos, das formas substanciais, da graça versátil e dos vampiros de dom Calmet.

Credo[35]

Recito o meu *Pater* e o meu *Credo* todas as manhãs; não sou como Broussin de quem Reminiac dizia:

Broussin, dès l'âge le plus tendre,
Posséda la sauce-Robert,
Sans que son précepteur lui pût jamais apprendre
Ni son Credo *ni son* Pater.

O *símbolo* ou a *colação* derivam da palavra *symbolein* e a Igreja latina adota essa palavra, tal como surripiou tudo da Igreja grega. Os teólogos com alguma cultura sabem que o símbolo que se chama *dos apóstolos* não era nada dos apóstolos.

Entre os gregos chamava-se *símbolo* às palavras, aos sinais, pelos quais se reconheciam os iniciados nos mistérios de Ceres, de Cibele, de Mitra[36]; com o decorrer dos anos, os cristãos tiveram o seu símbolo. Se este já existisse no tempo dos apóstolos, é de crer que São Lucas tivesse falado nisso.

Atribui-se a Santo Agostinho uma história do símbolo no seu sermão 115; põem-no a dizer nesse sermão que Pedro começara o símbolo dizendo: *Creio em Deus pai todo-poderoso;* João acrescentara: *Criador do céu e da terra;* Jaime ajuntou: *Creio em Jesus Cristo, um só seu filho,*

[35] Artigo publicado em 1769. (N. dos T.)

[36] Arnobe, Liv. V. *Symbola qual rogata sacrorum*, etc. Veja-se também Clemente de Alexandria no seu sermão protréptico ou *Cohortatio ad Gentes*. (N. do A.)

nosso Senhor; e assim por diante. Eliminaram esta fábula na última edição de Agostinho. Daqui me dirijo aos reverendos padres beneditinos, para saber, ao certo, se seria necessário ou não eliminar esse trecho, que é tão curioso.

A verdade é que ninguém ouviu falar desse *Credo* durante mais de quatrocentos anos. O povo costuma dizer que Paris não se fez num dia: o povo fala freqüentemente com acerto nos seus provérbios. Os apóstolos tiveram o nosso símbolo no coração, mas não o escreveram. Compuseram um, no tempo de Santa Irene, que nada se parece com aquele que nós hoje rezamos. O nosso símbolo, tal como agora é, manteve-se assim, sem nunca variar, desde o século V. É posterior ao símbolo de Nicéia. O artigo que diz que Jesus desceu aos infernos, o que fala da comunhão dos santos não se encontra em nenhum dos símbolos anteriores. Com efeito, nem nos Evangelhos, nem nos *Atos dos Apóstolos,* se faz referência a que Jesus tenha descido aos infernos. Mas era uma doutrina estabelecida desde o século III que Jesus descera ao Hades, ao Tártaro, palavras que traduzimos por Inferno. O Inferno, nesta acepção, não é o termo hebreu *scheol,* que significa o subterrâneo, a fossa. E é por isso que Santo Atanásio nos ensinou mais tarde como o nosso Salvador descera aos infernos. "A sua humanidade", diz, "não ficou por completo no sepulcro nem toda inteira no Inferno. Ficou no sepulcro segundo a carne, e no Inferno segundo a alma."

Santo Tomás garante que os santos que ressuscitaram no momento da morte de Jesus Cristo morreram outra vez, para, em seguida, ressuscitarem com ele: é a opinião mais seguida. Todas estas doutrinas são absolutamente alheias à moral: devemos ser homens de bem, quer os santos tenham ressuscitado duas vezes, quer Deus os tenha feito ressuscitar apenas uma. O nosso símbolo foi arranjado tarde, forçoso é confessá-lo; mas a virtude é eterna.

Se nos é permitido citar autores modernos em tão grave matéria, transcreverei aqui o *Credo* do abade de Saint-Pierre, tal como ele o escreveu pelo próprio punho, no seu livro a respeito da pureza da religião, o qual não foi impresso e que fielmente copiei.

"Creio num só Deus, e amo-o. Creio que ilumina todas as almas deste mundo, tal como diz São João. Refiro-me a todas as almas que o procuram de boa fé.

"Creio num só Deus, pois não é possível que haja mais do que uma só alma do grande todo, um só ser vivificante, um só criador.

"Creio em Deus pai todo-poderoso, porque é o pai comum da natureza e de todos os homens que são igualmente seus filhos. Creio igualmente que quem a todos deu vida, que organizou as energias da nossa vida da mesma maneira, que lhes deu os mesmos princípios de moral, que é por eles entendida logo que adquirem a capacidade de raciocínio, não pôs nenhuma diferença entre os seus filhos, a não ser aquela que separa o crime da virtude.

"Creio que o chinês, justo e caritativo, é mais precioso perante ele que um sábio da Europa, caturra e arrogante.

"Creio que, sendo Deus o nosso pai comum, somos obrigados a olhar todos os homens como nossos irmãos.

"Creio que o fanático perseguidor é uma criatura abominável e que na escala do crime vem imediatamente a seguir ao envenenador e ao parricida.

"Creio que as disputas teológicas são, simultaneamente, a farsa mais ridícula e o flagelo mais horroroso da Terra, logo a seguir da guerra, da peste, da fome e da sífilis.

"Creio que os eclesiásticos devem ser pagos e bem pagos, como servidores do público, preceptores de moral, conservadores dos registros dos nascimentos e mortes; mas que não se lhes devem dar as riquezas dos arrendatários gerais, nem a categoria de príncipes, porque umas e outra corrompem a alma e não há coisa mais revoltante que ver homens, tão ricos e tão orgulhosos, pregarem a humildade e o amor da pobreza a pessoas que nada mais têm que cem soldos de salário.

"Creio que todos os padres que prestam serviço numa paróquia devem ser homens casados, não só para terem na sua companhia uma mulher honesta, que tome conta do governo da casa, mas para serem cidadãos melhores, darem bons súditos ao Estado e terem filhos bem educados.

"Creio que é absolutamente necessário acabar com a fradalhada, no que se prestará um

grande benefício à pátria e aos próprios frades; são homens que Circe transformou em porcos; o sábio e prudente Ulisses deve restituir-lhes a forma humana."

Paradis aux bienfaisants!

Cristianismo

Pesquisas históricas sobre o cristianismo

Vários foram os sábios que manifestaram a sua surpresa por não encontrarem no historiador Flávio Josefo o menor rasto de Jesus Cristo; porque hoje em dia todos os autênticos sábios estão de acordo em que o breve passo onde se lhe faz referência, na sua *História*, foi interpolado posteriormente.[37] O pai de Flávio Josefo havia de ter sido, porém, testemunha de todos os milagres de Jesus. Josefo era da raça sacerdotal (os levitas) e parente da rainha Mariana, mulher de Herodes; descreve até aos mais ínfimos pormenores os atos deste monarca; todavia, não tem uma palavra a respeito da vida e da morte de Jesus; e esse historiador, que não dissimula nenhuma das crueldades cometidas por Herodes, nunca fala do massacre, por ele ordenado, de todas as crianças (o massacre dos inocentes), em conseqüência da notícia que lhe chegara aos ouvidos de ter nascido um rei dos judeus. O calendário grego calcula em catorze mil crianças que foram degoladas nessa ocasião.

É a ação mais horrível cometida em todos os tempos por um tirano. Nem se encontra exemplo semelhante na história mundial.

Apesar disso, o melhor escritor que os judeus tiveram, o único estimado por romanos e gregos, não faz a mínima alusão a um acontecimento tão singular como pavoroso. Nunca fala da nova estrela que aparecera no Oriente após o nascimento do Salvador; fenômeno famoso seria esse, que é estranho ter escapado ao conhecimento de um historiador tão esclarecido como era Josefo. Guarda ainda silêncio sobre as trevas que cobriram a terra inteira, em pleno meio-dia, durante três horas, na morte do Salvador, acerca da enorme quantidade de sepulcros que nessa altura se abriram; e sobre a multidão dos justos que ressuscitaram.

Os sábios não param de exteriorizar a sua surpresa ao notarem que nenhum historiador romano falou de tais prodígios, acontecidos no reinado de Trajano, perante os olhos de um governador romano e de uma guarnição romana, que devia ter enviado ao imperador e ao Senado um relato circunstanciado do mais milagroso sucesso de que os homens em tempo algum ouviram falar. A própria cidade de Roma devia ter ficado mergulhada em espessas trevas durante três horas; e tal prodígio ficaria registrado nos fastos de Roma e nos de todos os povos. Mas Deus não quis que estas coisas divinas fossem escritas por mãos profanas.

Os mesmos sábios deparam ainda com muitas outras dificuldades na história relatada pelos Evangelhos. Notam, por exemplo, que, em São Mateus, Jesus Cristo disse aos escribas e aos fariseus que todo o sangue inocente derramado na terra havia de cair sobre eles, desde o sangue do justo Abel até Zacarias, filho de Barac, o qual foi morto entre o templo e o altar.

Dizem os sábios que na história dos hebreus não há Zacarias nenhum morto no templo, antes da vinda do Messias, nem no seu tempo; mas na história do cerco de Jerusalém, escrita por

[37] Os cristãos, por uma dessas fraudes ditas piedosas, falsificaram grosseiramente um passo do Josefo. Atribuem a este judeu, tão fanático da sua religião, quatro linhas ridiculamente interpoladas; e no final do passo acrescentam: *Era o Cristo*. Ora, ora! Então, se Josefo tivesse ouvido falar de tantos e tão espantosos sucessos, ter-lhes-ia apenas dedicado quatro linhas na *História* do seu país! Então esse judeu cabeçudo havia de dizer: *Jesus era o Cristo!* Que coisa absurda, pôr Josefo a falar como um cristão! E como é que ainda há teólogos imbecis o bastante, ou bastante insolentes, para tentarem justificar essa impostura dos primitivos cristãos, declaradamente reconhecidos como fabricantes de fraudes cem vezes maiores do que essa! (N. do A.)

Josefo, um tal Zacarias, filho de Barac, foi morto no meio do templo pela seita dos zelotas. Vem no capítulo XIX do livro IV. Daí os sábios terem a suspeita que o evangelho segundo São Mateus fora escrito antes da tomada de Jerusalém por Tito. Mas todas as dúvidas e todos os reparos deste gênero se desvanecem logo que se considere a infinita diferença que deve haver entre os livros escritos por inspiração divina e os livros dos homens. Deus quis envolver numa nuvem, tão respeitável como obscura, o seu nascimento, vida e morte. As suas vias são, em tudo, diferentes das nossas.

Os sábios também se preocuparam muito com a diferença existente entre as duas genealogias de Jesus Cristo. São Mateus aponta Jacó como sendo pai de José; Mathan como pai de Jacó; Eleazar de Mathan. Pelo contrário, São Lucas diz que José era filho de Heli; Heli de Matthat; Matthat de Levi; Levi de Melqui, etc. Os sábios torturam-se porque não conseguem conciliar os cinqüenta e seis ascendentes que Lucas atribui a Jesus, remontando até Abraão, com os quarenta e dois antepassados diferentes desses que Mateus lhe dá depois do dito Abraão. E ficam apavorados porque Mateus, apesar de falar em quarenta e duas gerações, apenas se refere a quarenta e uma.

Também se levantam dificuldades pelo fato de Jesus não ser filho de José, mas de Maria. Surgem também algumas dúvidas acerca dos milagres do nosso Salvador, citando Santo Agostinho, São Hilário e outros quejandos, os quais deram às narrativas desses milagres um sentido místico, um sentido alegórico: como o da figueira amáldiçoada e seca por não ter figos, quando não era tempo de dar figos; os demônios introduzidos nos corpos de porcos, numa terra onde não se criam porcos; na água transformada em vinho, no final dum repasto em que os convivas já estavam bem animados. Mas todas estas críticas dos sábios são confundidas pela Lei, que não fica menos pura por causa delas. O objetivo deste artigo é, unicamente, seguir o fio histórico e proporcionar uma visão precisa daqueles fatos a respeito dos quais não há discussão, nem dúvidas.

Jesus nasceu sob a lei mosaica, foi circuncidado de acordo com essa lei, cumpriu todos os seus preceitos, celebrou todas as suas festividades e somente pregou a moral; nunca revelou o mistério da sua encarnação; nunca disse aos judeus que fora concebido por uma virgem; recebeu a bênção de João nas águas do Jordão, cerimônia à qual muitos judeus se submetiam, mas nunca batizou fosse quem fosse; nunca falou dos sete sacramentos, nem instituiu, em vida sua, qualquer hierarquia eclesiástica. Ocultou dos contemporâneos que era filho de Deus, engendrado por toda a Eternidade, consubstancial com Deus e que o Espírito Santo procedia do Pai e do Filho. Nunca afirmou que a sua pessoa se compunha de duas naturezas e de duas vontades; pretendeu, ao que parece, que tão grandes mistérios fossem transmitidos aos homens no decorrer dos tempos, por aqueles que fossem esclarecidos pelas luzes do Espírito Santo. Enquanto foi vivo, em nada se desviou da lei dos antepassados; apenas mostrou aos homens que era um justo, grato a Deus, perseguido pelos que o invejavam e condenado à morte por magistrados cheios de preconceitos. Quis que a sua Santa Igreja, por ele fundada, fizesse tudo o mais.

Josefo, no capítulo XII da *História*, refere-se a uma seita de judeus rigoristas, recentemente fundada por um tal Judas da Galiléia. "Desdenham", diz Josefo, "os males da terra; triunfam das torturas pela constância; preferem a morte à vida, quando o objetivo dela é honroso. São torturados a ferro e fogo e vi que lhes quebravam os ossos, mas não disseram uma palavra só que fosse contra o seu legislador, nem comeram carnes proibidas."

Parece que este retrato assenta melhor nos judaítas que nos essênios. Eis o que diz textualmente Josefo: "Judas foi o criador de uma nova seita, totalmente diferente das outras três, isto é, dos saduceus, fariseus e essênios". Continua depois e afirma: "São judeus de nação (de raça); vivem muito solidários entre si e consideram a voluptuosidade como um vício". O sentido natural desta frase revelará que o autor fala dos judaítas?

Seja como for, estes judaítas já eram conhecidos antes que os discípulos de Cristo começassem a formar um partido considerável no mundo.

Os terapeutes eram uma sociedade diferente dos essênios e dos judaítas; assemelhavam-se,

antes, aos gimnosofistas das Índias e aos brâmanes. "São possuídos por transportes de amor celeste que nos lançam nos arroubos das bacantes e dos coribantes e que os levam a um estado contemplativo a que aspiram", afirma Filon. "Esta seita teve origem em Alexandria, estava repleta de judeus e propagou-se intensamente por todo o Egito."

Os discípulos de João Batista espalharam-se também um pouco pelo Egito, mas principalmente na Síria e Arábia; também houve alguns na Ásia Menor. Lê-se nos *Atos dos Apóstolos* (cap. 19) que Paulo encontrou alguns em Éfeso; perguntou-lhes: "Receberam o Espírito Santo?" Responderam-lhe: "Nem sequer ouvimos falar que havia um Espírito Santo". E Paulo disse-lhes: "Então que batismo foi o vosso?" E eles responderam: "O batismo de João".

Nos primeiros anos logo após a morte de Jesus, havia sete sociedades ou seitas diferentes entre os judeus: os fariseus, os saduceus, os essênios, os judaítas, os terapeutes (espécie de monges judaicos), os discípulos de João e os discípulos de Cristo, a qual seita Deus conduziu por atalhos desconhecidos ao humano entendimento.

Quem mais contribuiu para fortalecer a pequena seita nascente foi aquele mesmo Paulo que antes a perseguira com tanta crueldade. Paulo nascera em Tarso, na Cilícia, e foi educado pelo famoso médico hebreu Gamaliel, discípulo de Hillel. Os judeus afirmam que ele se zangou com Gamaliel, porque este se recusou a dar-lhe a filha em casamento. Restam-nos vestígios desta anedota na continuação dos *Atos de Santa Teela*. Estes referem que ele possuía uma testa larga, era calvo, tinha as sobrancelhas unidas, o nariz aquilino, o tronco baixo e gordo. Luciano, no *Diálogo de Filopatris*, fornece-nos retrato bastante parecido com este. Duvida-se grandemente que fosse cidadão romano, porque nessa época não concediam tal título a nenhum judeu. Os judeus tinham sido expulsos de Roma por Tibério, e Tarso só se tornou colônia romana cerca de cem anos mais tarde, no tempo de Caracala, como registrara Celário na *Geografia*, livro III, e Grotius, nos *Comentários sobre os Atos*.

Os fiéis adotaram o nome de cristãos em Antioquia, cerca do ano 60 da nossa era vulgar; mas foram conhecidos no império romano, como adiante teremos ocasião de ver, por outros nomes. Anteriormente só se distinguiam pelo nome de irmãos, santos ou fiéis. Deus, que descera à terra para ser ali um exemplo de humildade e pobreza, dava assim à sua Igreja os mais débeis começos e dirigia-a no mesmo grau de humilhação em que tinha querido nascer. Todos os fiéis dos primeiros tempos foram homens humildes; todos trabalhavam em misteres manuais. O apóstolo Paulo afirma que ganhava a vida a fazer tendas. São Pedro ressuscitou a costureira Dorcas, que confeccionava as túnicas dos irmãos. A assembléia dos fiéis reunia-se em Joppé, na casa de um correeiro chamado Simão, conforme se lê no capítulo 19 dos *Atos dos Apóstolos*.

Os fiéis espalharam-se secretamente pela Grécia e dali alguns foram até Roma, para junto dos judeus que viviam nesta cidade, aos quais os romanos consentiam que mantivessem uma sinagoga. A princípio, os fiéis não se separam dos judeus; praticam a circuncisão e, como já o apontamos noutra altura, os quinze primeiros bispos de Jerusalém foram todos circuncidados.

Quando o apóstolo Paulo trouxe para a sua companhia Timóteo, que era filho de um pai gentio, circuncidou-o, fato ocorrido na pequena cidade de Listre. Mas já outro discípulo seu, Tito, não quis sujeitar-se à circuncisão. Os irmãos, discípulos de Jesus, estiveram unidos aos judeus até ao momento em que Paulo sofreu e foi perseguido em Jerusalém, por ter introduzido estrangeiros no Templo. Nessa altura, os judeus acusaram-no de tentar destruir a lei mosaica por causa de Jesus Cristo. Foi para se lavar desta acusação que o apóstolo Jaime propôs ao apóstolo Paulo que mandasse rapar o cabelo e fosse purificar-se no templo com mais quatro judeus que tinham feito voto de raparem o cabelo. "Vai com eles", disse-lhe Jaime (cap 21, *Atos dos Apóstolos)*; "purificai-vos na companhia deles e que toda a gente fique a saber que é falso o que dizem de vós e que continuais a guardar a lei de Moisés."

Foi pois deste modo que Paulo, a princípio encarniçado e sanguinário perseguidor da seita fundada por Jesus; Paulo, que depois quis governar essa seita nascente; Paulo, um cristão, pratica atos de culto judaico, judaíza, para que todos saibam que estão a caluniá-lo quando dizem que é cristão; Paulo faz o que hoje se considera um crime abominável, crime que é punido pela morte na fogueira em Espanha, em Portugal e na Itália; e procede assim a conselho do apóstolo Jaime e depois de ter recebido o Espírito Santo, isto é, após ter sido instruído pelo próprio Deus que se deve renunciar a todos os ritos judaicos, outrora instituídos também pelo próprio Deus.

Paulo não se livrou, no entanto, de ser acusado de impiedade e heresia, e o seu processo criminal durou ainda muito tempo; mas percebe-se à evidência, e até pelas acusações levantadas contra ele, que viera a Jerusalém para observar os ritos judaicos.

A Festo diz ele o seguinte (cap. 25, dos *Atos):* "Não pequei contra a lei judaica, nem contra o templo".

Os apóstolos proclamavam que Jesus Cristo era judeu, cumpria a lei judaica, fora enviado por Deus para a fazer observar.

"A circuncisão é útil", diz o apóstolo Paulo (cap. 2, *Epístola aos Romanos),* se respeitais a lei; mas, se a violardes, a vossa circuncisão transforma-se em prepúcio. Se um não circuncidado guarda a lei, será como se circuncidado fosse. O judeu verdadeiro é aquele que é judeu só no seu íntimo."

Quando este apóstolo fala de Jesus Cristo nas *Epístolas,* nunca revela o mistério inefável da sua consubstancialidade com Deus. "Somos libertados por ele", diz no capítulo 5, *Epístola aos Romanos,* "da cólera de Deus. O dom de Deus espalhou-se sobre nós pela graça concedida a um único homem, que é Jesus Cristo . . . A morte reinou pelo pecado de um único homem; os justos reinarão na vida por um único homem, que é Jesus Cristo."

E no capítulo 7: "E se somos filhos, também herdeiros; herdeiros verdadeiramente de Deus e co-herdeiros de Cristo" (8, 17). E no capítulo 16: "A Deus, que é o único sábio, honra e glória por Jesus Cristo . . . — Estais em Jesus Cristo, e Jesus Cristo está em Deus" *(Primeira Epístola aos Coríntios,* cap. 3).

E (também na *Primeira Epístola aos Coríntios,* cap. 15, versículo 27): "Tudo lhe está sujeito, excetuando sem dúvida Deus, que lhe sujeitou todas as coisas".

Houve certa dificuldade em explicar o seguinte passo da *Epístola aos Filipenses:* "Nada façais por porfia ou vanglória; mas com humildade, tendo cada um aos outros por superiores" . . . "E haja entre vós o mesmo sentimento que houve também em Jesus Cristo; o qual, tendo a natureza de Deus, não julgou que fosse nele uma usurpação o ser igual a Deus" (3, 5 e 6). Este passo parece aprofundado e claramente explícito numa carta, que se conserva, das igrejas de Viena e de Lião, escrita no ano de 117, a qual é um precioso monumento de antiguidade. Louva-se nesta carta a modéstia de alguns fiéis: "Não quiseram", diz a carta, "assumir o grandioso título de mártires (por algumas atribulações), a exemplo de Jesus Cristo, que, sendo da natureza de Deus, não julgou ser nele uma usurpação o ser igual a Deus". Orígenes diz também, no seu *Comentário sobre João:* a grandeza de Jesus brilhou mais quando se humilhou "do que se tivesse feito um direito seu o ser igual a Deus". Com efeito, a explicação oposta é um contra-senso evidente. Que significado teria afirmar: "Creiam os outros superiores a vós; imitai Jesus que não julgou que era uma usurpação igualar-se a Deus"? Seria visivelmente uma contradição evidente, seria apresentar um exemplo de orgulho com um exemplo de modéstia; seria atentar contra o senso comum.

A sabedoria e prudência dos apóstolos fundava assim a Igreja nascente. Esta sabedoria não foi alterada pela disputa que veio a verificar-se entre os apóstolos Pedro, Jaime e João, por um lado, e Paulo, por outro. Essa discussão deu-se em Antioquia. O apóstolo Pedro, também chamado Cefas, ou Simão Barjão, comia à mesa com os gentios convertidos e não guardava com eles os preceitos da lei, nem a escolha das carnes; Pedro, Barnabé e outros discípulos comiam indiferentemente carne de porco, animais de pata rachada e que não eram ruminantes; mas tendo chegado, entretanto, alguns judeus cristãos, São Pedro guardou com eles abstinência das carnes proibidas e nas cerimônias da lei mosaica.

Esta atitude parecia muito prudente: São Pedro não queria escandalizar os judeus cristãos, seus companheiros; mas São Paulo enfrentou-o com certa dureza. "Censurei-o cara a cara, porque o seu ato era condenável" *(Epístola aos Galatas,* cap. 2).

Tal querela afigura-se-nos extravagante da parte de São Paulo, o qual, tendo sido de início um perseguidor, devia ser mais moderado e porque também fizera sacrifícios no templo de Jerusalém, e circundara o seu discípulo Timóteo e acatara os ritos judaicos, que censurava agora a Cefas. São Jerônimo pretende que a dita querela entre Paulo e Pedro era a fingir. Diz ele, na sua primeira *Homilia,* tomo 3, que ambos procederam como dois advogados que se mostram exaltados e ofendidos numa audiência de tribunal, para terem mais autoridade e impressionarem melhor os clientes; afirma que, estando Pedro Cefas destinado a pregar aos judeus e Paulo aos gentios,

simularam zangar-se um com o outro, Paulo para conquistar as boas graças dos gentios e Pedro para congraçar os judeus. Mas já Santo Agostinho não é da mesma opinião. "Estou desgostoso e zangado" diz na *Epístola ao Jerônimo*, "que um tão grande homem se torne no patrão da mentira, *patronum mendacii.*"

De resto, se Pedro estava encarregado dos judeus judaizantes e Paulo dos estrangeiros, é muito provável que Pedro nunca tenha ido a Roma. Os *Atos dos Apóstolos* não fazem qualquer menção da viagem de Pedro à Itália.

Seja como for, cerca do ano 60 da nossa era, os cristãos começaram a separar-se da comunidade judaica e esse foi o motivo de tantas lutas e perseguições que lhes moveram as sinagogas disseminadas por Roma, na Grécia, Egito e Ásia Menor. E foram acusados de impiedade, de ateísmo, pelos seus irmãos judeus, que nas sinagogas os excomungavam três vezes nos dias de sabá [38]. Mas Deus sempre os amparou, mesmo no meio das maiores aflições.

Pouco a pouco, foram-se formando várias igrejas e a separação entre judeus e cristãos era total antes do final do século I. O governo romano ignorava esta separação. O Senado de Roma e os imperadores alheavam-se daquelas dissensões de um pequeno partido que Deus até ali conduzira na obscuridade e que ia fazendo progredir de maneira quase insensível.

Vejamos em que estado se encontrava a religião no império romano, nessa época. Os mistérios e as expiações eram coisas correntes em todos os lados e em que todos acreditavam. É certo que os imperadores, os poderosos e os filósofos não depositavam a mínima crença nesses mistérios; mas o povo, que em matéria de religião dá a lei aos grandes e poderosos, impunha-lhes a necessidade de, na aparência, se conformarem com o seu culto. Para manter o povo amordaçado e algemado, os grandes e poderosos senhores fingiam suportar as mesmas cadeias que o povo. O próprio Cícero foi iniciado nos mistérios de Eleusina. O conhecimento de um só Deus era o dogma principal que se anunciava nessas festividades misteriosas e magníficentes. Somos forçados a confessar que as orações e os hinos que até nós chegaram desses mistérios são tudo o que o paganismo nos legou de mais piedoso e admirável.

Os cristãos, que também adoravam um só Deus, tiveram por isso certa facilidade em converter muitos gentios. Alguns filósofos da seita de Platão tornaram-se cristãos. É esta a razão por que todos os Padres da Igreja, dos três primeiros séculos, foram platônicos.

O zelo exagerado de alguns deles de modo algum prejudicou as verdades fundamentais. Censuraram a São Justino, um dos primeiros Padres, o ter dito, no *Comentário sobre Isaías*, que os santos gozariam todos os prazeres sensuais num reinado de mil anos sobre a Terra. Ficou a dever-se-lhe a gentileza de ter dito, na *Apologia do Cristianismo*, que Deus, ao criar a Terra, deixou-a entregue à guarda dos anjos, os quais, apaixonando-se pelas mulheres, lhes geraram filhos, que são os demônios.

Lactâncio e outros Padres foram condenados por terem acreditado nos oráculos das sibilas. Lactâncio pretendia que a sibila Eritréia compusera estes quatro versos gregos, cuja versão literal é a seguinte:

Com cinco pães e dois peixes
Alimentará cinco mil homens no deserto;
E juntando as migalhas
Encherá com elas doze cestos.

Censuraram, também, aos primitivos cristãos a crença ingênua nuns versos acrósticos de uma antiga sibila, os quais começavam todos pelas letras iniciais do nome de Jesus Cristo, cada qual na sua ordem. Censuraram-lhes terem forjado cartas de Jesus Cristo ao rei de Edessa; terem forjado cartas de Maria, cartas de Sêneca a Paulo, cartas e atos de Pilatos, evangelhos falsos, falsos milagres e mil outras imposturas mais.

Temos ainda a história ou o Evangelho da natividade e do casamento da Virgem Maria,

[38] Sábado, sétimo e último dia da semana entre os judeus, consagrado ao descanso. (N. dos T.)

onde se lê que, na idade de três anos, a levaram ao templo e que subiu os degraus sozinha, sem ajuda de ninguém. Ali se relata que uma pomba desceu do céu para avisar que era José quem devia desposar Maria. Temos ainda o proto-evangelho de Jaime, irmão de Jesus, filho do primeiro casamento de José. Diz-se ali que, quando Maria ficou grávida na ausência do marido, e que este se lamentou do aborrecido fato, os padres deram a beber água do ciúme a um e outro e que ambos foram declarados inocentes.

Temos o Evangelho da infância, atribuído a Santo Tomás. Segundo este Evangelho, Jesus, quando contava cinco anos, brincava com outras crianças da sua idade divertindo-se a modelar barro, com que fazia pequenos pássaros; como o repreendessem, deu vida aos pássaros, que logo voaram. Doutra vez, fez morrer de morte imediata um rapazinho que lhe batera. Temos também em árabe um outro Evangelho da infância, que é obra mais séria. Temos um Evangelho de Nicodemo, o qual nos deve merecer maior atenção, porquanto nele se encontram os nomes daqueles que acusaram Jesus perante Pilatos; eram eles os principais membros da sinagoga, os seus chefes: Anás, Caifás, Sumas, Datam, Gamaliel, Juda, Neftalim. Nesta história deferem-se fatos que se conciliam bastante bem com os Evangelhos aceites e outros pormenores que não se lêem em mais parte nenhuma. Ali se diz que a mulher curada de um fluxo de sangue se chamava Verônica. Sabe-se tudo quanto Jesus obrou nos enfermos, quando da sua descida ali.

Temos depois duas cartas que se supõe que Pilatos tenha escrito a Tibério, a propósito do suplício de Jesus; mas o péssimo latim em que estão redigidas logo denuncia a fraude.

Levaram o falso zelo a pôr em circulação várias cartas de Jesus Cristo. Conservaram a carta que se diz ele ter escrito a Abgare, rei de Edessa; mas nesse tempo já não havia reis em Edessa.

Fabricaram cinqüenta Evangelhos, que depois foram considerados apócrifos. São Lucas é o próprio a declarar que muitas pessoas os fizeram. Acreditou-se que havia um evangelho chamado *Evangelho eterno*, conforme aquilo que se diz no *Apocalipse*, capítulo 14: "Vi um anjo a voar no meio do céu e que levava o Evangelho eterno". No século XIII, os frades franciscanos, abusando dessas palavras, redigiram um *Evangelho eterno*, segundo o qual o reinado do Espírito Santo devia substituir o de Jesus Cristo; mas nos primeiros séculos da Igreja nunca houve livro algum com aquele título.

Inventaram também cartas da Virgem, escritas ao mártir Santo Inácio, aos habitantes de Messina e outras.

Abdias, que viveu pouco tempo depois dos apóstolos, escreveu a história destes, nela introduziu fábulas tão absurdas que, com o correr dos anos, essas histórias dos apóstolos ficaram completamente desacreditadas; mas de início tiveram larga divulgação. É o dito Abdias que descreve o combate entre São Pedro e Simão, o mágico. Com efeito havia em Roma um mecânico muito habilidoso que não só conseguia voar nos teatros, como hoje se faz, mas renovou o prodígio atribuído a Dédalo. Fabricou umas asas, voou e caiu como Ícaro; é, pelo menos, o que nos contam Plínio e Suetônio.

Abdias, que vivia na Ásia Menor e escrevia em hebreu, pretende que São Pedro e Simão se encontraram em Roma, no tempo de Nero. Morrera nessa ocasião um rapaz, parente chegado do imperador, e toda a corte rogou a Simão que o ressuscitasse. São Pedro, pelo seu lado, ofereceu-se para fazer outro tanto. Simão utilizou todos os segredos da sua arte; a certa altura, parecia que conseguira o que queria, porque o morto mexeu a cabeça. "Não basta", gritou São Pedro, "é necessário que o morto fale; Simão que se afaste do leito e logo se verá se o rapaz está vivo." Simão afastou-se, o morto não se tornou a mexer mais e Pedro restituiu-o à vida apenas com uma palavra que lhe disse.

Simão foi dali queixar-se ao imperador contra um miserável galileu que se gabava de fazer maiores prodígios do que ele. Pedro compareceu na corte, juntamente com Simão, e cada qual tentou exceder o outro em artes milagreiras. "Vê se és capaz de dizer o que estou agora a pensar", gritou Simão para Pedro. "Nesse caso, que o imperador ordene que me dêem um pão de cevada", respondeu Pedro, "e verás se sei ou não aquilo que tens na alma." Deram-lhe um pão. Imediatamente, Simão faz surgir dois enormes mastins, que se atiram ao seu antagonista. Pedro lança-lhes o pão de cevada; e, enquanto os cães o comem, brada: "Então, sabia ou não sabia o que estavas a pensar? O que tu querias era fazer-me devorar pelos teus cães".

Depois desta primeira exibição, propuseram a Simão e a Pedro o combate do vôo, a ver quem subia mais alto. Simão foi o primeiro a elevar-se nos ares, mas São Pedro fez o sinal da cruz e Simão caiu e partiu as pernas. Este conto era imitado daquele que se encontra no *Sepher toldos Jeschut*, onde se diz que Jesus, em pessoa, voou e Judas, que o quis imitar, foi derrubado.

Nero, irritado com Pedro por este ter causado a queda de Simão, seu favorito, e tê-lo deixado de pernas partidas, mandou crucificar Pedro de cabeça para baixo; e foi daí que se espalhou a lenda da estadia de Pedro em Roma, do seu suplício e do seu sepulcro.

O já referido Abdias divulgou a crença de que São Tomás fora pregar o cristianismo às Índias, na corte do rei Gondafer, e ali vivera na qualidade de arquiteto.

É verdadeiramente prodigiosa a data de livros deste gênero que se escreveram nos primeiros séculos do cristianismo. São Jerônimo e o próprio Santo Agostinho pretendem que as cartas de Sêneca e de São Paulo são autênticas, sem falha de dúvida. Na primeira carta, Sêneca deseja que o seu irmão Paulo esteja bem de saúde: *Bene te valere, frater, cupio*. Paulo não fala o latim tão corretamente como Sêneca. "Recebi ontem com alegria a tua carta", diz: *Litteras tuas hilaris accepi;* e teria logo respondido "se aqui estivesse o rapaz que vos mandaria": *si praesentiam juvenis habuissem*. Aliás, tais cartas, que estaríamos no direito de supor recheadas de noções instrutivas ou elevadas, não passam de simples troca de cumprimentos e banalidades.

Tantas mentiras forjadas pelos cristãos mal esclarecidos e erradamente zelosos não redundaram em prejuízo da verdade do cristianismo, em nada prejudicaram o seu fundamento; pelo contrário, demonstram que a sociedade cristã aumentava todos os dias e que cada um dos seus membros diligenciava servir e ajudar o seu desenvolvimento.

Os Atos dos Apóstolos nunca dizem que os apóstolos tivessem convencionado algum Símbolo. Se, em verdade, tivessem redigido o *Símbolo*, o *Credo*, tal como o possuímos hoje, São Lucas não teria omitido na sua história esse fundamento essencial da religião cristã; a substância do *Credo* encontra-se dispersa pelos Evangelhos, mas os artigos só muito mais tarde é que foram reunidos.

O nosso *Símbolo*, numa palavra, é incontestavelmente a crença dos apóstolos, mas não é um texto escrito por eles. Rufino, padre de Aquiléia, foi o primeiro que se referiu a isso; e uma homília atribuída a Santo Agostinho é o primeiro monumento que nos leva a perceber como o *Credo* foi feito. Pedro diz na assembléia: *Creio em Deus pai todo-poderoso;* André diz: *e em Jesus Cristo;* Jaime acrescenta: *que foi concebido pelo Espírito Santo;* e assim de seguida.

Tal fórmula chamava-se em grego *symbolos* e em latim *collatio*. Devemos no entanto reparar que onde o texto grego diz: *Creio em Deus pai todo-poderoso, fazedor do céu e da terra*, o latim traduziu *fazedor, formador*, por *creatorem* (criador). Mas depois, quando traduziram o símbolo do primeiro concílio de Nicéia, puseram *factorem*.

O cristianismo estabeleceu-se primeiramente na Grécia. Aqui, os cristãos tiveram de lutar contra uma nova seita de judeus, transformados em filósofos à força, devido à sua convivência com os gregos; era a seita da gnose ou dos gnósticos; com eles se confundiram os novos cristãos. Todas estas seitas gozavam então de inteira liberdade para dogmatizar, reunirem-se e escrever; mas no tempo de Domiciano a religião cristã começou a causar certa preocupação ao governo.

Mas o zelo de alguns cristãos, que não estava de acordo com a doutrina, não impediu a Igreja de fazer os progressos que Deus lhe destinava. A princípio, os cristãos celebraram os seus mistérios em casas retiradas, em caves, durante a noite; daí o nome que lhes deram de *lucifugaces* (segundo exara Minúcio Félix). Filon chama-lhes *gesséens*. Entre os gentios, os nomes mais comuns, como os chamavam nos quatro primeiros séculos, eram os de galileus e nazarenos; mas sobre todos prevaleceu o de cristãos.

A hierarquia e os usos não foram fixados duma vez; os tempos apostólicos foram diferentes dos tempos posteriores. São Paulo, na *Primeira Epístola aos Coríntios*, diz-nos que, estando os irmãos reunidos em assembléia, quer os circuncidados quer os não circuncidados, quando vários profetas queriam falar, apenas a dois ou três era permitido fazê-lo, e, se nessa altura alguém tivesse uma revelação, o profeta no uso da palavra devia calar-se.

É de acordo com este antigo costume da Igreja primitiva que ainda hoje se fundam algumas comunidades cristãs, as quais realizam assembléias sem distinções de hierarquia. Naquele tempo, a todos era permitido falar na igreja, com exceção das mulheres. Paulo, na *Primeira Epístola aos*

Coríntios, proíbe-lhes que falem; mas é certo que parece autorizá-las a pregar, a profetizar, no capítulo 11, versículo 5, da mesma epístola: "Toda mulher que prega e profetiza de cabeça descoberta suja a cabeça"; era como se a tivessem rapada. Por isso as mulheres julgaram que lhes era permitido falar, desde que usassem véu.

A cerimônia que é hoje a santa missa (que se celebra de manhã) era a ceia, que se realizava à noite; estes usos mudaram à medida que a Igreja se foi fortalecendo. Uma sociedade mais lata exigiu mais regulamentos e a prudência dos doutores conformou-se com os novos tempos e lugares.

São Jerônimo e Eusébio contam que, quando as igrejas foram ganhando forma, a pouco e pouco se foram distinguindo cinco ordens diferentes: os vigilantes, *episcopoi*, donde provieram os bispos; os decanos da sociedade, *presbyteroi*, os padres; os *diaconi*, os serventes ou diáconos; os *pistoi*, fiéis iniciados, isto é, os batizados, que participavam nas ceias; e os catecúmenos e energúmenos, que aguardavam o batismo. Nestas cinco ordens, ninguém vestia hábito diferente uns dos outros; ninguém era obrigado ao celibato, como testemunha o livro de Tertuliano dedicado à esposa, como o demonstra o exemplo dos apóstolos. Durante os três primeiros séculos, não houve também qualquer imagem, em pintura ou escultura, nas assembléias. Os cristãos escondiam cautelosamente os seus livros dos gentios; apenas os confiavam aos iniciados; aos catecúmenos nem sequer era permitido rezarem a oração dominical.

O que melhor distinguia os cristãos, e se manteve até aos nossos tempos, era o condão que tinham de expulsar os diabos fazendo o sinal da cruz. Orígenes, no *Tratado contra Celso*, confessa, no n.º 133, que Antínoo, divinizado pelo imperador Adriano, fazia milagres no Egito por meio de encantamentos e prestígios; mas afirma que os demônios saem do corpo dos possessos à simples invocação do nome de Jesus.

Tertuliano vai mais longe e dos confins da África, onde se encontrava, diz na *Apologética*, no capítulo 23: "Se os vossos deuses não confessarem que são diabos na presença de um verdadeiro cristão, queremos que derrameis o sangue desse cristão". Haverá demonstração mais clara?

Com efeito, Jesus Cristo enviou os seus apóstolos para que expulsassem os demônios. Os judeus também tinham, noutros tempos, o condão de expulsar os demônios, porque, quando Jesus purificou os possessos e transferiu os diabos dos corpos deles para uma vara de dois mil porcos, os fariseus exclamaram: "Expulsa os demônios pela potência de Belzebu".

"Se é por intermédio de Belzebu que os expulso", respondeu-lhes Jesus, "por quem é então que os vossos filhos os expulsam?" É incontestável que os judeus se gabavam desse poder; entre eles havia exorcistas e exorcismos. Invocavam o nome de Deus, de Jacó e de Abraão. Punham ervas consagradas no nariz dos endemoninhados (Josefo relata uma parte destas cerimônias). Esse poder sobre os diabos, que os judeus perderam, foi transmitido aos cristãos, que o parecem ter perdido também, de há uns tempos para cá.

No condão de expulsar os demônios estava incluído o de destruir os efeitos das operações mágicas, porque a magia existiu sempre em todos os povos. Todos os Padres da Igreja prestam homenagem à magia. São Justino confessa no livro 3 da *Apologética*, que com freqüência se invocam as almas dos mortos, e tira daí um argumento a favor da imortalidade da alma. Lactâncio, no livro 7 das *Instituições Divinas*, diz que, "se alguém ousasse negar a existência das almas depois da morte, os mágicos depressa vos convenciam, fazendo-as aparecer diante dos olhos". Ireneu, Clemente Alexandrino, Tertuliano, o bispo Cipriano, todos afirmam a mesma coisa. É verdade que hoje tudo mudou, e que já não há mágicos nem endemoninhados; mas descansem, que tornarão a aparecer outra vez, quando for do agrado de Deus.

Foi só quando as sociedades cristãs aumentaram em número e que várias protestaram contra o culto oficial do império romano que os magistrados procederam severamente contra elas e também as populações as perseguiram cruelmente. Ninguém até então perseguia os judeus, que tinham privilégios especiais e se encerravam nas suas sinagogas; permitiam-lhes o exercício da sua religião, como ainda hoje acontece em Roma; todos os cultos espalhados pelo império eram tolerados, embora o Senado os não adotasse.

Mas os cristãos, ao declararem-se inimigos de todos esses cultos e sobretudo do culto oficial do império, ficaram por várias vezes sujeitos a cruéis provações.

Um dos primeiros e mais célebres mártires foi Inácio, bispo de Antioquia, condenado pelo

próprio imperador Trajano, que então se encontrava na Asia Menor, e enviado, por ordem do imperador, para Roma, onde foi exposto às feras, numa época em que ainda não massacravam em Roma os cristãos. Nada se sabe de que o acusaram perante o imperador, cujo caráter clemente era bem conhecido; Santo Inácio devia ter inimigos de força, para o deitarem assim a perder. Fosse como fosse, o relato do seu martírio registra que lhe acharam o nome de Jesus Cristo gravado no coração a letras de ouro, daí o nome de *teóforos*, que os cristãos adotaram em certas regiões, nome que a si próprio dera Inácio.

Guardaram uma carta dele em que suplicava aos bispos e outros cristãos que não se opusessem ao seu martírio, quer porque os cristãos já nesse tempo fossem bastante poderosos para o livrarem, quer porque entre eles houvesse alguns com o crédito suficiente para tentarem obter o seu perdão. O que é notável, ainda, é que se tolerasse que os cristãos de Roma fossem admitidos à sua presença, quando foi levado para a capital; o que prova, à evidência, que nele puniam a pessoa e não a seita.

As perseguições não foram contínuas. Orígenes, no livro 3, contra Celso, diz o seguinte: "Contam-se pelos dedos os cristãos que morreram pela sua religião, porque foram poucos e somente de tempos a tempos, e por longos intervalos".

Deus cuidou tão bem da sua Igreja, apesar dos inimigos desta, procedeu de modo que ela realizou cinco concílios, isto é, assembléias toleradas, no primeiro século, dezesseis no segundo e trinta no terceiro. Tais assembléias foram proibidas algumas vezes, quando, por falsa prudência, os magistrados temiam que se tornassem tumultuosas. Poucos processos intentados pelos procônsules e pretores, condenando os cristãos à morte, chegaram até nós e seriam esses os únicos documentos por onde poderíamos hoje verificar as acusações feitas contra eles e os martírios que padeceram.

Possuímos um fragmento de Dinis de Alexandria, em que se transcreve a sentença de um procônsul do Egito, no tempo do Imperador Valeriano:

"Tendo sido introduzidos em audiência Dinis, Fausto, Máximo, Marcelo e Cheremon, o prefeito Emiliano disse-lhes: 'Já conheceis, pelas conversas que tivemos e por tudo aquilo que acerca disso vos escrevi, quanta bondade os nossos príncipes vos testemunharam a vosso respeito; quero repeti-lo aqui mais uma vez: de vós depende a vossa salvação e o vosso destino está agora nas vossas mãos. Nada mais se vos pede que uma única coisa, aquilo que a razão exige de qualquer pessoa normal: é que adoreis os deuses protetores do império e abandoneis esse outro culto, tão contrário à natureza e ao bom senso'.

"Dinis respondeu: 'Nem todos têm os mesmos deuses e cada um adora aquele que julga ser o deus verdadeiro'.

"O prefeito Emiliano insistiu: 'Já vejo que sois uns ingratos, que abusais da bondade que os imperadores têm demonstrado por vós. Pois seja assim, não haveis de ficar nem mais um minuto nesta cidade e vou mandar-vos para Cefro, nos confins da Líbia; será esse o lugar do vosso exílio, conforme a ordem que recebi dos nossos imperadores; de resto, não penseis em fazer também aí as vossas assembléias, nem em rezar nos sítios a que chamais cemitérios, é-vos proibida em absoluto tal coisa e a ninguém o hei de tolerar'."

Este processo mantém um evidente caráter de autencidade. Por ali se vê que em certas alturas as assembléias foram proibidas. Tal como entre nós é proibido aos calvinistas reunirem-se no Langudoque; e por vezes mandamos enforcar ou torturar na roda ministros ou predicantes que efetuavam reuniões clandestinas, não permitidas pelas leis. Do mesmo modo, foram interditas na Inglaterra e na Irlanda as assembléias dos católicos romanos e até houve ocasiões em que os transgressores foram condenados à morte.

Apesar de todas estas proibições impostas pelas leis romanas, Deus inspirou a diversos imperadores que tivessem indulgência pelos cristãos. Até o próprio Diocleciano, que entre as pessoas ignorantes faz figura de cruel perseguidor; Diocleciano, cujo primeiro ano de reinado ainda está abrangido na era dos mártires, foi durante mais de dezoito anos o protetor confesso do cristianismo, a tal ponto que vários cristãos ocuparam elevados cargos na corte. Chegou até a con-

sentir que em Nicomédia, onde residia, houvesse uma magnífica igreja, erguida defronte do seu palácio. Por fim, casou com uma cristã.

O césar Galério, tendo sido infelizmente advertido contra os cristãos, dos quais supunha ter razões de queixa, convenceu Diocleciano a mandar destruir a catedral de Nicomédia. Um cristão, mais zeloso do que sensato, rasgou em pedaços o édito do imperador; donde resultou essa tão famosa perseguição, em que houve mais de duzentas pessoas condenadas à morte, em toda a extensão do império romano, sem já contarmos aquelas que a cólera da arraia-miúda, sempre fanática e sempre bárbara, pôde massacrar à margem das decisões judiciais.

Houve por diversas alturas um número de mártires tão elevado, que devemos ter o maior cuidado em não menosprezar o mérito desses que se sacrificaram pela nossa santa religião, incorrendo numa perigosa baralhada de fábulas e falsos mártires.

O beneditino Dom Ruinart, por exemplo, aliás criatura tão instruída como estimável e zelosa, devia ter escolhido com mais discrição os *Atos Sinceros*. Não basta que um manuscrito seja encontrado na abadia de Saint-Benoît-sur-Loire, ou num convento de celestinos, de Paris, ou conforme a um manuscrito de fuldenses, para que seja autêntico: é necessário, também, que seja antigo, escrito por contemporâneos e apresente ademais todas as características de verdade.

Assim, bem teria podido dispensar-se de relatar a aventura do moço Romanus, caso passado em 303. Romanus obtivera o perdão de Diocleciano, em Antioquia. Afirma, todavia, que o juiz Asclepíade o condenou a ser queimado. Alguns judeus que assistiam ao espetáculo troçaram do jovem santo Romanus e censuraram os cristãos porque o Deus deles os deixava assim morrer queimados, ele que livrara Sidrac, Misac e Abdenago da fogueira; logo ali se levantou uma tempestade que extinguiu o fogo, quando o tempo estivera até então o mais calmo que é possível; o juiz ordenou que cortassem a língua ao jovem Romanus; encontrando-se no local o melhor médico do imperador, desempenhou oficiosamente a função de carrasco e cortou-lhe a língua pela raiz; e o rapaz, que antes disso era gago, falou com desembaraço, de tal modo que o imperador ficou muito espantado de que alguém falasse com tanta perfeição, não tendo língua; o médico, então, para confirmar a sua eficiência, cortou ali mesmo a língua a um homem que passava, o qual morreu subitamente.

Eusébio, donde o beneditino Ruinart surripiou esta fábula, devia ter mais respeitinho pelos autênticos milagres praticados no Antigo e no Novo Testamento (dos quais nunca ninguém poderá duvidar) e não misturar com eles histórias assim suspeitas, que poderiam escandalizar os fracos.

Esta última perseguição não se estendeu por todo o império. Havia então na Inglaterra algum cristianismo, que depressa se eclipsou, para reaparecer no tempo dos reis saxônicos. As Gálias meridionais e a Espanha estavam pejadas de cristãos. O césar Constâncio Cloro protegia-os muito nessas províncias. Tinha uma concubina que era cristã e foi a mãe de Constantino, conhecida pelo nome de Santa Helena. Nunca houve casamento declarado entre ela e ele, e Constâncio Cloro até a renegou no ano de 292, quando desposou a filha de Maximiano Hércules; mas ela conservara um grande ascendente sobre ele e inspirara-lhe uma certa devoção pela nossa santa religião.

A Divina Providência preparou o triunfo da sua Igreja por vias que parecem humanas. Constâncio Cloro morreu em 306, em Iorque, Inglaterra, quando os filhos que tinha duma filha de um césar eram ainda crianças pequenas e não podiam ter a pretensão de suceder-lhe na chefia do império. Constantino fez-se eleger em Iorque por cinco ou seis mil soldados, na sua maioria alemães, gauleses e ingleses. Não havia a menor possibilidade de que esta eleição, feita sem o consentimento de Roma, do Senado e dos exércitos, pudesse vingar, mas Deus concedeu-lhe a vitória sobre Maxêncio, que entretanto fora eleito em Roma, e por fim desembaraçou-o de todos os rivais. Não se pode esconder que, nos primeiros tempos, ele se tenha tornado muito pouco digno dos favores que recebia do Céu, assassinando, como fez, os parentes mais chegados, como a própria mulher e um filho.

É legítimo duvidar do que Zósimo relata a tal respeito. Diz que Constantino, torturado pelos

remorsos após ter praticado tamanhos crimes, rogou aos pontífices do império se haveria expiação para eles e que estes lhe responderam que a não conheciam. Valha a verdade confessar que também a não houvera para Nero, tanto assim que este não ousou assistir aos sagrados mistérios na Grécia. Contudo, os taurobólios[39] estavam em moda e é muito difícil acreditarmos que um imperador todo-poderoso não tivesse podido achar um padreca que lhe quisesse celebrar um sacrifício expiatório. Talvez, até, seja ainda mais incrível que Constantino, ocupado pela guerra, dominado pela ambição e os seus projetos, cercado de bajuladores, tivesse tempo para sentir remorsos. Zósimo acrescenta que um padreca egípcio, vindo de Espanha e que freqüentava a corte, lhe prometeu, cheio de ronha, a expiação de todos os seus crimes pela religião cristã. Suspeita-se que fosse Ózio, bispo de Córdova.

Seja como for, o certo é que Constantino comungou com os cristãos, embora nunca tivesse sido catecúmeno, e adiou o batismo para a hora da sua morte. Mandou construir a cidade de Constantinopla, que veio a ser depois o centro do império e da religião cristã. Nessa altura, a Igreja tomou uma forma augusta.

Deve-se registrar que, desde o ano de 314, ainda mesmo antes que Constantino viesse residir para a sua nova cidade, aqueles que no passado tinham perseguido os cristãos foram por estes punidos à conta das crueldades anteriores. Os cristãos atiraram a mulher de Maximiano no Oronto; degolaram todos os seus parentes; no Egito e na Palestina massacraram os magistrados que mais se tinham manifestado contra o cristianismo. A viúva e a filha de Diocleciano, que se tinham escondido na Tessalonica, foram ali reconhecidas e os seus corpos atirados ao mar. Talvez fosse para desejar que os cristãos tivessem escutado menos nas suas almas o espírito de vingança; mas Deus, que pune com justiça, quis que as mãos dos cristãos ficassem tingidas com o sangue dos seus antigos perseguidores, logo que esses mesmos cristãos tiveram liberdade de agir.

Constantino convocou em Nicéia, sita defronte de Constantinopla, o primeiro concílio ecumênico, ao qual presidiu Ózio. Ali se resolveu o grave problema que, por então, dividia a Igreja, a respeito da divindade de Jesus Cristo. Uns fundavam-se na opinião de Orígenes, que afirma no capítulo 6 contra Celso: "Fazemos as nossas preces a Deus por intermédio de Jesus, que se conserva entre as naturezas criadas e a natureza increada, que nos traz a graça de seu Pai e leva as nossas orações ao grande e poderoso Deus, na qualidade de nosso pontífice".

Apoiavam-se, também, em certos passos de São Paulo, alguns já aqui transcritos. Mas acima de tudo fundavam-se nestas palavras de Jesus Cristo: "O meu Pai é maior do que eu"; e consideravam Jesus como o primeiro nascido da criação, como a mais pura emanação do Ser supremo, mas não exatamente como Deus.

Os outros, que eram ortodoxos, alegavam passos mais conformes à divindade de Jesus, como o seguinte: "O meu Pai e eu somos a mesma coisa", palavras essas que os adversários interpretavam com a seguinte significação: "O meu Pai e eu temos o mesmo desígnio, igual vontade; não tenho outros desejos que não sejam os de meu Pai". Alexandre, bispo de Alexandria, e nas pisadas deste, Atanásio, chefiavam os ortodoxos; e Eusébio, bispo de Nicomédia, seguido por dezessete bispos, o padre Ário e mais padres, militavam na facção oposta. De começo, a querela foi violenta, porque Santo Alexandre apodou os adversários de anticristos.

Finalmente, após muita controvérsia, o Espírito Santo decretou assim no concílio, pela boca de duzentos e noventa e nove bispos contra dezoito: "Jesus é o Filho único de Deus, luz de luz, autêntico Deus de autêntico Deus, consubstancial ao Pai; e cremos também no Espírito Santo etc.". Foi esta a fórmula do concílio. Pelo exemplo dado, se percebe o modo como os bispos arrebatavam a vitória aos simples padrecas. Duas mil individualidades de segunda ordem partilhavam a doutrina de Ário, conforme se lê no relato de dois patriarcas de Alexandria que escreveram a crônica de Alexandria em árabe. Ário foi exilado por Constantino; mas Atanásio também o foi pouco depois, e Ário voltou a ser chamado para Constantinopla; mas São Macário com tal fervor rogou a Deus que fizesse morrer Ário, antes que este padre pudesse pôr os pés na catedral, que Deus atendeu favoravelmente súplica tão piedosa, mandando Ário desta para melhor: morreu

[39] Sacrifício de expiação, em que se imolava um touro. (N. dos T.)

quando se dirigia para a catedral, no ano de 330. O imperador Constantino despediu-se deste mundo em 337. Depositou o testamento nas mãos do padre ariano e apagou-se nos braços do chefe dos arianos, Eusébio, bispo de Nicomédia, apenas se tendo deixado batizar no leito de morte e deixando a Igreja triunfante, mas dividida.

Os partidários de Atanásio e os apaniguados de Eusébio travaram uma guerra cruel; e, durante muito tempo ainda, aquilo a que se chama arianismo manteve-se firmemente em todas as províncias do império.

Juliano, o filósofo, por cognome o Apóstata, tentou, sem o conseguir, limitar essas divisões.

O segundo concílio geral celebrou-se em Constantinopla, no ano de 381. Ali se explicou, muito bem explicado, o que o concílio de Nicéia não julgara oportuno e conveniente dizer sobre o Espírito Santo, e à fórmula de Nicéia acrescentaram que "o Espírito Santo é senhor vivificante que procede do Pai, e que é adorado e glorificado com o Pai e o Filho".

Foi só no século IX que a Igreja latina determinou gradualmente que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.

Em 431, o terceiro concílio geral, celebrado em Éfeso, resolveu que Maria era em verdade mãe de Deus e que Jesus possuía duas naturezas numa só pessoa. Nestório, bispo de Constantinopla, o qual pretendia que a Virgem Santa fosse chamada mãe de Cristo, foi insultado de Judas pelo concílio e as duas naturezas foram mais tarde de novo confirmadas pelo concílio de Calcedônia.

Passarei rapidamente pelos séculos seguintes, cujos episódios deste gênero são bastante conhecidos. Infelizmente, não houve uma só dessas disputas de teólogos que não degenerasse em cruéis e sangrentas guerras e a Igreja viu-se sempre obrigada a combater. Deus permitiu ainda, para pôr à prova a paciência dos fiéis, que os gregos e os latinos para sempre se separassem no século IX; permitiu, também, que no Ocidente houvesse vinte e nove cismas sanguinolentos, por causa da cátedra de Roma.

Entretanto, quase toda a Igreja grega e toda a Igreja da África se tornaram escravas sob o jugo dos árabes e a seguir dos turcos, que ergueram a religião maometana sobre as ruínas do cristianismo. A Igreja romana subsistiu, mas sempre manchada pelo sangue de mais de seiscentos anos de discórdia entre o império do Ocidente e o sacerdócio. Mas até as próprias lutas a fizeram mais poderosa. Na Alemanha, os bispos e os abades transformaram-se todos em príncipes e os papas adquiriram pouco a pouco o domínio absoluto em Roma e num país de cem léguas. Assim, devemos concluir que Deus pôs à prova a sua Igreja pelas humilhações, as desordens, as lutas, os crimes e o esplendor das riquezas e do mando.

Essa Igreja latina perdeu no século XVI metade da Alemanha, a Dinamarca, a Suécia, a Inglaterra, a Escócia, a Irlanda, a melhor parte da Suíça, a Holanda; ganhou mais terreno na América, pelas conquistas dos espanhóis do que aquele que perdera na Europa; mas tendo um território maior, possui muito menos súditos.

A Providência Divina parecia destinar o Japão, o Sião, a Índia e a China a alinharem sob a obediência do papa, para o recompensar da Ásia Menor, da Síria, da Grécia, Egito, África, Rússia e dos outros Estados que perdera e de que já falamos. São Francisco Xavier, que levou o Santo Evangelho às Índias orientais e ao Japão, quando os portugueses ali foram à cata de especiarias, fez muitos milagres, todos atestados e bem atestados pelos reverendos padres jesuítas, milagres de que não é bonito alguém desconfiar; alguns até dizem que ressuscitou nove mortos; mas o reverendo padre Ribadeneira, na sua *Flor dos Santos*, mais modestamente limita-se a indicar quatro: já não é nada mau. A Providência conseguiu que em menos de cem anos se contassem por milhares os católicos romanos nas ilhas do Japão; mas o diabo, sempre atrás da porta, espalhou joio no meio dessa farta seara de trigo. Os cristãos travaram uma conspiração, seguida duma guerra civil, na qual foram exterminados até ao último em 1638. Depois disso, a nação japonesa fechou as portas a todos os estrangeiros, com exceção dos holandeses, que eram considerados mercadores e não cristãos e que nos primeiros tempos foram obrigados a caminhar sobre a cruz para obterem permissão de vender as mercadorias na prisão, onde os encerram quando desembarcam em Nagasáqui.

A religião católica, apostólica e romana nos últimos tempos foi proscrita da China, mas de

modo menos cruel. É bem verdade que os reverendos padres jesuítas não tinham ressuscitado nenhum morto na corte de Pequim; contentaram-se em ensinar astronomia, fundir canhões e ser mandarins. As suas infelizes disputas com os dominicanos e outros padrecas a tal ponto escandalizaram o grande imperador Yong-tcheng, que este monarca, que era a justiça e a bondade personificadas, foi bastante cego para não consentir que eles ensinassem por mais tempo a nossa santa religião, perante a qual nem os nossos missionários chegavam a um acordo.

Expulsou-os a todos com uma gentileza paternal, fornecendo-lhes víveres e transportes até aos confins do seu império, radiante por os ver, alfim, pelas costas.

A Ásia inteira, toda a África, metade da Europa, as hordas americanas selvagens, todas as terras austrais, um quinto do globo, em suma, continuaram na posse do demônio, para atestar as santas palavras: "Muitos serão os chamados e poucos os escolhidos". Se vivendo na face da Terra, como pretendem alguns sábios, existem cerca de mil e seiscentos milhões de homens, a Santa Igreja romana católica conta aproximadamente sessenta milhões de adeptos: o que sempre é um tanto mais que a vigésima sexta parte dos habitantes do mundo conhecido.

D

*Dejeção

Excrementos, sua relação com o corpo do homem, com suas idéias e suas paixões.

Nunca o homem pode produzir pela arte o que a natureza faz. Acreditou fazer ouro e nunca pôde fazer sequer lama, embora esteja cheio dela. Mostraram-nos um pato artificial que andava, bicava, mas foi impossível fazê-lo digerir e formar verdadeiras dejeções.

Que arte poderia produzir uma matéria que, tendo sido preparada pelas glândulas salivares, em seguida pelo suco gástrico, depois pela bílis hepática e pelo suco pancreático, tendo fornecido no seu caminho um quilo que se transformou em sangue, torna-se finalmente esse composto fétido e pútrido que sai dos intestinos pela força surpreendente dos músculos?

Sem dúvida alguma, há tanta engenhosidade e poténcia para assim formar essa dejeção que repugna a vista e para preparar-lhe os condutos que servem à sua saída, quanto para produzir a semente que gerou Alexandre, Virgílio e Newton, e os olhos com os quais Galileu viu novos céus. A descarga desses excrementos é necessária à vida como a nutrição.

O mesmo artifício os prepara, os impele e os evacua, tanto no homem como nos animais.

Não nos espantemos de que o homem, com todo seu orgulho, nasça entre a matéria fecal e a urina, uma vez que estas partes dele mesmo, mais ou menos elaboradas, mais freqüentemente ou mais raramente expulsas, mais ou menos pútridas, decidem seu caráter e a maioria das ações de sua vida.

Sua merda começa a formar-se no duodeno quando os alimentos saem do estômago e impregnam-se com a bílis do fígado. Se tiver uma diarréia, fica lânguido e doce, falta-lhe força para ser maldoso. Se estiver constipado, os sais e o enxofre de sua merda entram no quilo, trazendo a acrimônia para seu sangue, fornecendo freqüentemente a seu cérebro idéias atrozes. Tal homem (e o número é grande) só comete crimes causados pela acrimônia de seu sangue, vinda unicamente dos excrementos que alteram seu sangue.

Oh! homem, que ousas dizer-te à imagem de Deus! Dize-me se Deus come e se tem tripas!

Tu, imagem de Deus! E teu coração, tua alma, dependendo de uma evacuação!

Tu, imagem de Deus sobre tua privada! O primeiro a dizer essa impertinência proferiu-a por ser extremamente idiota ou por ser extremamente orgulhoso?

Mais de um pensador (como vereis alhures) duvidou que uma alma imaterial e imortal

pudesse, vinda não sei de onde, alojar-se por tão pouco tempo entre a matéria fecal e a urina.

Que temos nós, dizem, acima dos animais? Mais idéias, mais memória, a palavra e duas mãos destras. Quem no-las deu? Aquele que dá asas aos pássaros e escamas aos peixes. Se somos suas criaturas como podemos ser sua imagem?

Respondemos a esses filósofos que só somos a imagem de Deus pelo pensamento. Respondem-nos que o pensamento é um dom de Deus, que não é sua pintura e que não somos a imagem de Deus de maneira alguma. Nós os deixamos falar e os enviamos aos senhores da Sorbona.

Muitos animais comem nossos excrementos e nós comemos os de muitos deles, os dos tordos, das galinholas, dos hortulanos, das cotovias.

Vede no artigo "Ezequiel" por que o Senhor lhe ordenou que comesse merda no seu pão, limitando-se daí por diante ao excremento da vaca.

Conhecemos o tesoureiro Paparel, que comia as dejeções dos lactentes, entretanto, este caso é raro e gosto não se discute.

Delitos Locais

Podeis percorrer a terra inteira: por todo o lado haveis de verificar que o roubo, o assassinato, o adultério, a calúnia são considerados os delitos que a sociedade condena e reprime; mas os atos tolerados na Inglaterra e condenados na Itália devem ser punidos na Itália como um atentado contra toda a Humanidade? É a isto que chamo delito local. Tudo aquilo que é criminoso apenas no espaço limitado por algumas montanhas, ou entre dois rios, não há de então exigir mais indulgência dos juízes do que esses outros atentados, abomináveis em todas as regiões? O juiz não deverá dizer consigo: "Ousaria punir em Ragusa o que condeno no Loreto?" E esta reflexão não terá o condão de suavizar, no seu íntimo, a dureza que foi levado a adquirir no longo exercício do seu ministério?

Todos sabemos o que eram as quermesses da Flandres no século passado: a indecência atingia ali um grau tão elevado que podia revoltar os olhos das pessoas desacostumadas de tais espetáculos.

Nalgumas cidades festejavam o Natal do seguinte modo: primeiro, aparecia um rapaz seminu, de asas nas costas; rezava a *Ave-Maria* a uma moça que lhe respondia *fiat*, e o anjo beijava-a na boca; a seguir, um garoto metido dentro dum galo de cartão, muito grande, gritava, imitando o cantar do galináceo: *Puer natus est nobis*. Um boi anafado, mugindo, dizia: *ubi;* uma ovelhinha balia *Belém*. Um burro zurrava *hihanus*, que queria dizer *eamus;* encerrava o cortejo uma longa procissão, precedida de quatro orates que agitavam guizos e chocalhos. Ainda hoje se encontram vestígios destas devoções populares, as quais, entre os povos mais civilizados, seriam consideradas profanações. Uma vez em Lovaina, um suíço de maus fígados, e se calhar ainda muito mais embriagado que os figurantes que faziam de boi e de burro, meteu-se com eles: choveu grossa pancadaria, quiseram enforcar o suíço, que escapou por um triz.

Esse homenzinho travou violenta discussão em Haia, na Holanda, por ali ter ousado defender, com galhardia, o partido de Barneveldt contra um fanático gomarista. [49] Em Amsterdão foi preso por ter dito que os padres são o flagelo da Humanidade e a origem de todas as nossas desgraças. "Homessa!", espantava-se o bom do homem, "se uma pessoa acredita que as boas ações ajudam à nossa salvação, metem-na na cadeia; se a gente desata a rir de um galo e de um burro, arrisca-se a ficar dependurado na forca." Por muito burlesca que seja esta anedota, demonstra-nos claramente que se pode ser condenado à forca num ou dois pontos de nosso hemisfério e, no entanto, consideram-nos inocentes no resto do mundo.

[49] Calvinista holandês da seita de Gomar. (N. dos T.)

*Democracia

"O pior dos Estados é o Estado popular", assim se exprime Cina diante de Augusto. Porém, Máximo também sustenta que "o pior dos Estados é o Estado monárquico."

Bayle, tendo mais de uma vez sustentado no seu *Dicionário* o pró e o contra, no verbete PÉRICLES traça um retrato muito hediondo da democracia e sobretudo daquela de Atenas.

Um republicano, amante da democracia e um de vossos fazedores de perguntas, envia-nos sua refutação de Bayle e sua apologia de Atenas. Exporemos suas razões. É privilégio de qualquer um que escreve julgar os vivos e os mortos, porém nós próprios somos julgados por outros, que o serão por sua vez, e de século em século todas as sentenças são reformadas.

Bayle, portanto, após alguns lugares-comuns, diz estas palavras: "Em vão se procuraria na história de Macedônia tanta tirania como a que está presente na história de Atenas".

Talvez Bayle estivesse descontente com a Holanda, quando assim escrevia, e provavelmente meu republicano, que o refuta, está contente, no momento, com sua cidadezinha democrática.

É difícil pesar numa balança bem justa as iniqüidades da república de Atenas e aquelas da corte da Macedônia. Reprovamos, ainda hoje, aos atenienses o banimento de Cimão, Aristides, Temístocles, Alcibíades, os julgamentos de morte feitos contra Focião e contra Sócrates, julgamentos que se assemelham aos de alguns dos nossos tribunais, absurdos e crueis.

Enfim, o que não perdoamos aos atenienses é a morte de seus seis generais vitoriosos, condenados por não terem tido tempo de enterrar seus mortos após a vitória, porque foram impedidos por uma tempestade.

Tal sentença é ao mesmo tempo tão ridícula e tão bárbara, tão supersticiosa e ingrata que não são inépcias mais atrozes as sentenças pronunciadas pela Inquisição contra Urbano Grandier, contra a Marechala d'Ancre, contra Morin e contra tantos feiticeiros.

Em vão tenta-se desculpar os atenienses dizendo-se que, segundo Homero, acreditavam que as almas dos mortos permaneceriam errantes se não recebessem as honras da sepultura ou da pira. Uma tolice não desculpa uma barbaria.

Que grande mal: as almas de alguns gregos passeando uma ou duas semanas à beira-mar! Mal é lançar os vivos aos carrascos! Vivos que vos ganharam uma batalha e a quem deveríeis agradecer de joelhos!

Eis, portanto, os atenienses convictos de terem sido os juízes mais tolos e mais bárbaros da terra.

Mas, é preciso agora colocar na balança os crimes da corte da Macedônia. Ver-se-á que esta ultrapassa prodigiosamente Atenas em matéria de tirania e de perversidade.

Comumente não há comparação alguma a fazer entre os crimes dos grandes, sempre ambiciosos, e os crimes do povo, que somente quer e sempre quis a liberdade e a igualdade. Estes dois sentimentos, *liberdade* e *igualdade*, não conduzem diretamente à calúnia, à rapina, ao assassinato, ao envenenamento, à devastação das terras dos seus vizinhos, etc., porém, a grandeza ambiciosa e o desejo imoderado do poder provocam todos esses crimes em todos os tempos e em todos os lugares.

Só se vê nessa Macedônia, cuja virtude Bayle opõe à de Atenas, um tecido de crimes espantosos durante duzentos anos seguidos.

Ptolomeu, tio de Alexandre, o Grande, assassina seu irmão Alexandre para usurpar o reino.

Filipe, seu irmão, passa sua vida enganando e violando seus juramentos e acaba sendo apunhalado por Pausânias.

Olímpio manda jogar a rainha Cleópatra e seu filho numa cuba de bronze incandescente. Assassina Arideu.

Antígono assassina Êumenes.

Antígono Gonatas, seu filho, envenena o governador da cidadela de Corinto, esposa sua viúva, expulsa-a e apodera-se da cidadela.

Filipe, seu neto, envenena Demétrio, enxovalhando com crimes toda a Macedônia.

Perseu mata sua mulher com suas próprias mãos e envenena seu irmão.

Essas perfídias e essas barbarias são famosas na história. Assim, portanto, durante dois séculos o furor despótico torna a Macedônia teatro de todos os crimes: no mesmo espaço de tempo vereis o governo popular de Atenas enxovalhado somente com cinco ou seis iniqüidades judiciárias e cinco ou seis julgamentos atrozes, dos quais o povo sempre se arrependeu e dos quais sempre se retratou. Pediu perdão a Sócrates após sua morte e ergueu-lhe o pequeno templo de *Socrateion*. Pediu perdão a Focião e ergueu-lhe uma estátua. Pediu perdão aos seis generais condenados tão ridiculamente e tão indignamente executados. Colocou a ferros o principal acusador, que escapou à vingança pública com dificuldade. O povo ateniense era, portanto, naturalmente tão bom quanto leviano. Em que Estado despótico alguma vez chorou-se a injustiça de suas sentenças precipitadas?

Desta vez, Bayle errou e assim meu republicano está com a razão. O governo popular é, portanto, por si mesmo menos iníquo, menos abominável que o poder tirânico.

O grande vício da democracia não é certamente a tirania ou a crueldade. Houve republicanos montanheses, selvagens e ferozes, mas não foi o espírito republicano que os fez assim, mas a natureza. A América Setentrional estava toda republicanizada, e seus habitantes eram ursos.

O verdadeiro vício de uma república civilizada aparece na fábula turca do dragão com várias cabeças e do dragão com várias caudas. A multiplicidade de cabeças se prejudica. A multiplicidade de caudas obedece a uma só cabeça, mas esta quer devorar tudo.

A democracia só parece convir a um país muito pequeno, e ainda é preciso que esteja situado favoravelmente. Por menor que seja, cometerá muitos erros porque será composta de homens. A discórdia reinará como num convento de monges, mas não haverá nem noite de São Bartolomeu, nem massacres da Irlanda, nem vésperas sicilianas, nem Inquisição, nem condenação às galés por ter pego água do mar sem pagar, a menos que se suponha uma república composta de diabos e jogada num canto do inferno.

Após ter tomado o partido de meu suíço contra o ambidestro Bayle, acrescentarei:

Que os atenienses foram guerreiros como os suíços e polidos como os parisienses sob Luís XIV.

Que triunfaram em todas as artes que requerem o gênio e a mão, como os florentinos do tempo dos Médicis.

Que foram os mestres dos romanos nas ciências e na eloqüência no próprio tempo de Cícero.

Que esse pequeno povo, tendo apenas um território, hoje reduzido a uma tropa de escravos ignorantes (cem vezes menos numerosos do que os judeus), e tendo perdido até seu nome, contudo leva a melhor sobre o Império Romano por sua antiga reputação, triunfa dos séculos e da escravidão.

A Europa viu uma república dez vezes ainda menor do que Atenas, atraindo o olhar europeu durante cento e cinqüenta anos com seu nome colocado ao lado do de Roma, no tempo em que esta ainda comandava os reis, condenava um Henrique, soberano da França, absolvia e chicoteava um outro Henrique, primeiro homem de seu século: no tempo em que Veneza conservava seu antigo esplendor, e que a nova república das Sete Províncias Unidas espantava a Europa e as Índias com seu estabelecimento e com seu comércio.

Esse formigueiro imperceptível não pôde ser esmagado pelo rei-demônio do Meio-Dia e dominador dos dois mundos, nem pelas intrigas do Vaticano, que faziam mover as molas de metade da Europa. Resistiu pelas palavras e pelas armas, e com a ajuda de um Picard, que escreveu, e de um pequeno número de suíços, que combateu, afirmou-se e triunfou, podendo dizer: "Roma e eu". Dobrou todos os espíritos, divididos entre os ricos pontífices sucessores de Cipião, *Romanos rerum dominos*, [41] e os pobres habitantes de um pedaço de terra ignorado, terra da pobreza e dos papudos.

Tratava-se, na época, de saber como a Europa pensaria sobre questões incompreensíveis

[41] Romanos donos de tudo. (N. do E.)

para todos. Era a guerra do espírito humano. Teve seus Calvinos, seus Bezes, seus Turretinos, para os Demóstenes, os Platões, e os Aristóteles.

Tendo sido, enfim, reconhecido o absurdo da maioria das questões controvertidas, a pequena república voltou-se para aquilo que parecia sólido: a aquisição de riquezas. O sistema de Law, mais quimérico e menos funesto que o dos supralapsários e o dos infralapsários, empenhou na aritmética os que não podiam mais fazer um nome em Teo-moriânica. Tornaram-se ricos e não foram mais nada.

Acredita-se que atualmente haja república somente na Europa. Engano-me ou já disse isto em algum lugar, porém foi uma grande inadvertência. Os espanhóis encontraram na América a república de Tlaxcala, muito bem estabelecida. Tudo que não foi subjugado naquela parte do mundo ainda é república. Havia no continente inteiro, quando foi descoberto, somente dois reinados, o que bem poderia provar que o governo republicano é o mais natural. É preciso ter-se refinado muito e ter passado por muitas provas para submeter-se ao governo de um só.

Na África, os hotentotes, os cafres e muitas populações negras são democracias. Pretende-se que os países onde se vendem mais negros são governados por reis. Trípoli, Túnis, Argel, são repúblicas de soldados e de piratas. Hoje existem semelhantes na Índia. Os maratas, muitas hordas de patanos, os seiks, não possuem reis; elegem chefes quando vão pilhar. Várias sociedades tártaras ainda permanecem assim. Mesmo o Império Turco foi durante muito tempo uma república de janízaros, que freqüentemente estrangulavam seu sultão, quando este não os mandava dizimar.

A todo momento se pergunta se um governo republicano é preferível ao de um rei. A disputa termina sempre convindo que é muito difícil governar os homens. Os judeus tiveram por senhor o próprio Deus; vede o que lhes aconteceu: foram quase sempre vencidos e escravizados. Não achais que hoje fazem bela figura?

Destino

De todos os livros que até nós chegaram o mais antigo era o de Homero: aí ficamos a saber os costumes da Antiguidade profana, heróis grosseiros e brutais concebidos à imagem do homem: mas, é também ali que se encontram as origens da filosofia e, principalmente, a idéia do destino, que é o senhor dos deuses tal como os deuses são os senhores do mundo.

Júpiter em vão tentou salvar Heitor; consulta os fados: pesa numa balança os destinos de Heitor e Aquiles; logo fica a saber que o troiano há de ser infalivelmente morto pelo grego; não poderá evitá-lo; e, desde esse momento, Apolo, o gênio guardião de Heitor, é obrigado a abandoná-lo (*Ilíada*, canto 22). Com freqüência Homero apresenta no seu poema idéias completamente opostas, seguindo o privilégio da Antiguidade; mas, seja como for, é nele que, pela primeira vez, achamos a noção do destino. Estava, pois, muito em voga no seu tempo.

Entre o povo judeu, só muito mais tarde os fariseus adotaram a idéia do destino; porque esses fariseus, que foram os primeiros letrados do povo judaico, eram muito recentes. Em Alexandria tinham misturado uma parte dos dogmas estóicos com antigas idéias judaicas. São Jerônimo pretende, até, que a seita dos fariseus não é muito anterior à nossa era vulgar.

Nunca os filósofos precisaram de Homero ou dos fariseus para estarem convencidos de que tudo obedece a leis imutáveis, de que tudo é interdependente, de que tudo tem um efeito necessário.

Ou o mundo subsiste pela própria natureza, pelas suas leis físicas, ou um Ser Supremo o formou de acordo com leis supremas: tanto num caso como noutro, essas leis são imutáveis; quer num caso como noutro, tudo é necessário; os corpos graves tendem a cair no centro da Terra, sem poderem pairar na atmosfera. As pereiras nunca podem dar ananases. O instinto de um *épa-*

gneul [42] não pode ser o mesmo que o duma avestruz. Está tudo determinado, interdependente, limitado.

O homem só pode ter um certo número de dentes, de cabelos e idéias; e chega a uma idade em que forçosamente os dentes, cabelos e idéias lhe começam a faltar.

É contraditório que aquilo que ontem aconteceu não tenha acontecido, que aquilo que acontece hoje não aconteça; é tão contraditório como que aquilo que deve acontecer possa não chegar a acontecer.

Se pudesses modificar o destino duma mosca, nenhuma razão havia que te pudesse impedir de o fazer e determinar o destino de todas as outras moscas da Natureza inteira; e, afinal de contas, tornar-te-ias mais poderoso que Deus.

Há patetas que dizem: o médico salvou a minha tia de uma doença mortal, e conseguiu que ela vivesse mais dez anos do que devia. Outros, ainda, armando em inteligentes e capazes de tudo, afirmam: o homem prudente cria o seu próprio destino.

Nullum numen abest, si sit prudentia, sed te
Nos facimus, fortuna, deam, coeloque locamus.

A fortuna é nada; em vão a veneram.
A prudência é o deus que devemos implorar.

Muitas vezes, porém, o homem prudente sucumbe ao peso do destino, em vez de o dirigir; é o destino que faz prudentes os homens.

Certos políticos garantem que, se Cromwell, Ludlow, Ireton e uma dúzia doutros parlamentares tivessem sido assassinados oito dias antes da cabeça de Carlos I ser cortada, o rei teria podido viver e vinha a morrer muito descansado na cama: têm toda a razão; e podiam acrescentar, ainda, que, se a Inglaterra inteira tivesse sido engolida pelas águas do mar, esse monarca não teria perecido no cadafalso, perto de Whitehall ou sala branca; mas as coisas estavam dispostas de maneira que Carlos I ficasse com o pescoço cortado.

O cardeal d'Ossat com certeza que era mais prudente que um maluquinho de Rilha-Foles; mas, não é evidente que os órgãos mentais do sábio e sagaz d'Ossat seriam constituídos de modo mui diverso do que os do doidinho, tal como os órgãos duma raposa diferem dos duma cegonha ou duma cotovia?

Sim, sim, o médico salvou a tua tia, mas por certo não contrariou as leis da Natureza: obedeceu-lhes. É claro que a tua tia não podia evitar que, em determinada altura, certa doença a atacasse, que o médico não podia estar algures senão na cidade onde então se encontrava, que a tua tia havia de mandar chamá-lo, que ele devia receitar lhe os remédios que a curaram.

Um camponês está convencido que foi por acaso que caiu granizo na sua seara; mas o filósofo sabe que o acaso não existe, e que era impossível, tal como está constituído o mundo, que naquele dia não caísse granizo naquele local.

Há pessoas que ficam apavoradas com uma verdade tão simples e apenas admitem metade dela, como aqueles devedores que entregam metade aos credores e pedem uma moratória para pagarem o resto da dívida. Afirmam os tais que há acontecimentos necessários e outros que o não são. Havia de ser coisa engraçada essa de uma parte do mundo ser regulada por leis e outra não; que uma parte daquilo que acontece tenha de acontecer e uma outra parte daquilo que acontece não deva acontecer. Mas quando se analisa mais de perto repara-se que a doutrina contrária à doutrina que admite o destino é absurda; mas há muitas pessoas condenadas a raciocinar mal, outras a não raciocinarem nada e outras, ainda, a perseguirem como feras aqueles que raciocinam.

E há pessoas que vos dizem: "Não acrediteis no fatalismo; porque, se tudo vos parecer inevitável, não fareis mais nada, tornar-vos-eis indiferentes de todo, não dareis apreço às riquezas, nem

[42] Raça de cães de caça, de pêlo comprido e orelhas pendentes, originária de Espanha. (N. dos T.)

às honrarias, nem aos louvores; não haveis de querer adquirir nada, acreditareis que não tendes mérito nem poder algum; nenhum dos vossos talentos será cultivado, tudo perecerá na apatia".

Ora, evitai esses temores, cavalheiros, porque sempre havemos de ter paixões e preconceitos, já que o nosso destino é sermos dominados pelos preconceitos e paixões; demais, sabemos que não depende de nós termos muito mérito e grandes talentos, tal como não depende de nós possuirmos bonitos cabelos anelados e as mãos esguias e finas; ficamos convencidos de que de nada podemos ser vaidosos e, contudo, a vaidade sempre há de existir.

Eu cá tenho forçosamente a vaidade de escrever isto; e tu tens a paixão de me condenar; ambos somos igualmente idiotas, ambos somos de igual modo joguetes do destino. A tua natureza leva-te a praticar o mal, a minha é de amar a verdade e publicá-la, apesar da tua oposição e perseguição.

O mocho que se alimenta de ratos no pardieiro onde vive disse um dia ao rouxinol: "Pára de cantar de sob essas belas ramadas, vem até aqui à minha toca, para eu te devorar"; e o rouxinol respondeu: "Nasci para cantar aqui onde estou, e para assim me divertir à tua custa".

Perguntais me agora o que acontecerá à liberdade. Não vos percebo. Não sei que liberdade é essa de que falais; há tanto, tanto tempo que divagais acerca da natureza dela que, é mais do que certo, nem a conheceis. Se quiserdes, ou melhor, se puderdes examinar calmamente comigo o que a liberdade é, tende a bondade de passar à letra *L*.

Deus

Sob o império de Arcádio, Logomaco, teologal de Constantinopla, foi à Cítia e deteve-se no sopé do Cáucaso, nas férteis planuras de Zefirim, já nas fronteiras da Cólquida. O bom velhote Dondindac estava na sua grande sala baixa, entre o aprisco e a vasta granja; ajoelhado, e com ele também ajoelhados estavam a mulher, cinco filhos e outras tantas filhas, todos entoavam louvores a Deus, após um ligeiro repasto. — "Que fazes aí, idólatra?" perguntou-lhe Logomaco. — "Não sou idólatra", respondeu Dondindac. — "Hás de sê-lo, por força, pois és um cita e não um grego. Ora, dize-me cá, que entoavas tu nesse teu bárbaro linguajar de cita?" — "Todas as línguas são iguais, aos ouvidos de Deus", respondeu o cita: "louvávamos o Senhor, em nossos hinos." — "Que coisa estapafúrdia", admirou-se o teologal. "Uma família cita que reza a Deus sem nunca ter sido ensinada por nós!" E, sem mais aquela, iniciou uma conversa com o citado Dondindac, porque o teologal — valha-nos isso! — sabia um poucochinho da língua cita e o outro — ainda bem! — sabia seu naco de grego. Esta instrutiva palestra, meio em cita meio em grego, foi achada num manuscrito que se conserva (quase por milagre) na biblioteca de Constantinopla. Foi como se segue:

LOGOMACO

Ora, vamos lá a ver se sabes o teu catecismo. Por que rezas a Deus?

DONDINDAC

É porque é justo adorar o Ser Supremo, que nos deu tudo quanto possuímos.

LOGOMACO

Não está nada mal observado, não senhor, para um bárbaro como tu! E que lhe pedes nas tuas orações?

DONDINDAC

Agradeço-lhe todos os bens de que desfruto e também os males de que sofro; mas não lhe peço nada: Ele sabe melhor do que nós aquilo de que carecemos, e não é só por isso: temia pedir-lhe bom tempo enquanto o meu vizinho era muito capaz de lhe estar a pedir chuva.

LOGOMACO

Ah! já estava mesmo à espera de que me dissesses qualquer tolice. Vamos recomeçar, mas com mais elevação. Ora dize-me lá, bárbaro duma figa, quem te disse que Deus existe, sim, que há um Deus?

DONDINDAC

A Natureza inteira.

LOGOMACO

Não basta. Que idéia fazes tu de Deus?

DONDINDAC

A idéia de que é o meu criador, o meu senhor, que me há de recompensar se eu praticar o bem e castigar se fizer o mal.

LOGOMACO

Tudo o que dizes são frioleiras e lugares comuns! Vamos ao essencial, que é o que importa. Deus é infinito *secundum quid*, ou segundo a essência?

DONDINDAC

Não percebo cá disso.

LOGOMACO

Forte besta! Estúpido! Deus está nalgum lugar, ou fora de qualquer lugar, ou em toda a parte?

DONDINDAC

Não sei, não sei . . . será como quiserdes.

LOGOMACO

Estúpido! Ignorante! Pode fazer com que o que foi não foi, e que um pau não tenha dois bicos? Vê o futuro como futuro ou como presente? Como procede Deus para fazer sair o ser do nada ou para aniquilar o ser?

DONDINDAC

Nunca pensei nisso . . .

LOGOMACO

Oh! como és lorpa! Seja, há que ser humilde, ter a noção das distâncias . . . Dize-me cá, amigo, julgas que a matéria pode ser eterna?

DONDINDAC

E que me importa a mim que seja eterna ou não? Eu cá não tenciono existir eternamente! Deus sempre foi o meu senhor: deu-me a noção de justiça, hei de obedecer-lhe: não pretendo de modo algum ser filósofo, quero ser apenas um homem.

LOGOMACO

Isto, com pinhas tão duras, dá um trabalhão! Bem, vamos lá a ver se, devagarinho . . . por exemplo: quem é Deus?

DONDINDAC

Meu rei, meu juiz e meu pai.

LOGOMACO

Não é nada disso que te estou a perguntar. Qual é a sua natureza?

DONDINDAC

Ser poderoso e bom.

LOGOMACO

Mas é corporal ou espiritual?

DONDIDAC

E como quereis que o saiba?!

LOGOMACO

O quê?! Não sabes ao menos o que é um espírito?

DONDINDAC

Nem pouco nem muito! E de que é que isso me servia? Se o soubesse, seria mais justo? Seria melhor marido, melhor pai, melhor patrão, melhor cidadão?

LOGOMACO

Bem. Já estou a ver que tenho de te explicar duma vez por todas, tintim por tintim, o que é um espírito. Olha: um espírito é . . . é . . . assim uma coisa . . . é . . . Pra outra vez te digo.

DONDINDAC

O meu medo é que me direis não aquilo que é mas o que não é. Agora, permiti me que seja eu quem vos faça uma perguntinha. Aqui já há muito tempo, entrei num templo dos vossos. Explicai me: por que pintais Deus com umas grandes barbaças?

LOGOMACO

Essa pergunta é muito difícil e necessita de muitas instruções preliminares.

DONDINDAC

Antes de receber as vossas instruções, tenho de vos contar um caso que me aconteceu um dia destes. Tinha acabado mesmo nessa altura de construir um caramanchão num canto do jardim;

e ouvi uma toupeira a falar com um escaravelho. Dizia ela assim: — "Ora, aqui está uma linda obra; isto é que devia ser uma toupeira poderosa, alguma nova-rica! que mandou erguer este edifício". — "Falais assim por troça", respondeu o escaravelho, "pois foi um amigo meu, um escaravelho cheio de talento, aliás, que foi o arquiteto disto tudo." Desde então, resolvi que nunca mais havia de discutir fosse com quem fosse.

Direito

Direito das gentes, direito natural, direito público.

SEÇÃO PRIMEIRA

Não conheço nada melhor a esse respeito do que os versos de Ariosto, no canto XLIV (st 2):

"Reis, imperadores e sucessores de Pedro,
Em nome de Deus assinais um belo Tratado:
Amanhã as gentes guerrearão.
Por quê? É que a piedade,
A boa fé, quase não os atormenta
E malgrado São Tiago e São Mateus
O interesse é o seu único Deus."

Se houvesse somente dois homens sobre a terra e estivessem juntos, como viveriam? Ajudar-se-iam, prejudicar-se-iam, acariciar-se-iam, injuriar-se-iam, combater-se-iam, reconciliar-se-iam, não poderiam viver um sem o outro, nem um com o outro. Fariam como fazem todos os homens hoje. Têm o dom do raciocínio, sim, mas possuem também o dom do instinto e sempre sentirão, raciocinarão e agirão como foram destinados pela natureza.

Um Deus não veio sobre nosso globo para reunir o gênero humano e dizer-lhe: "Ordeno aos negros e aos cafres que andem nus e comam insetos.

"Ordeno aos samoiedos que se vistam com peles de rena e comam sua carne insípida com peixe seco e fétido, e sem sal. Os tártaros do Tibete acreditarão em tudo que o dalai-lama lhes disser, e os japoneses, em tudo que lhes disser o dairi.

"Os árabes não comerão carne de porco e os vestfalianos só se nutrirão com ela.

"Tirarei uma linha do monte Cáucaso até o Egito e do Egito ao monte Atlas: todos os que habitarem a oriente dessa linha poderão desposar várias mulheres e os que estiverem a ocidente só terão uma.

"Se em direção ao golfo Adriático, desde Zara até a Polesina, ou em direção aos pântanos do Reno e do Mosela, ou em direção ao monte Jura ou mesmo na ilha de Albion ou no território dos sármatas, ou dos escandinavos, qualquer pessoa resolver tornar um único homem despótico, ou pretender ele próprio sê-lo, que se lhe corte rapidamente o pescoço, até que o destino e eu tenhamos ordenado de outra maneira.

"Se qualquer pessoa tiver a insolência e a demência de querer estabelecer ou restabelecer uma grande assembléia de homens livres sobre o Manzanares ou sobre a Propôntida, que seja empalado e arrastado por quatro cavalos.

"Qualquer um que fizer suas contas seguindo uma determinada regra aritmética em Constantinopla, Cairo, Tafilelt, Delhi, Andrinopla, será imediatamente empalado sem se formar processo; e qualquer um que ousar contar segundo uma outra regra em Roma, Lisboa, Madri,

Champanha, Picardia e em direção ao Danúbio, desde Ulm até Belgrado, será devotamente queimado sob o canto dos *Miserere*s.

"O que será justo às margens do Loira será injusto às margens do Tâmisa, pois minhas leis são universais, etc., etc. . . ."

É preciso confessar não termos prova clara, nem mesmo no *Diário Cristão*, nem na *Chave do Gabinete dos Príncipes*, de que um Deus tenha vindo à terra promulgar esse direito público, que, no entanto, existe. É seguido à risca tal como acabamos de enunciá-lo e compilaram-se, compilaram-se, compilaram-se belos comentários sobre esse direito das nações, embora tais comentários nunca tivessem rendido um escudo sequer aos que foram arruinados pela guerra, pelos editos ou pelos empregados das herdades.

Essas compilações parecem-se muito com o *Casos de Consciência*, de Pontas. Eis um caso da lei para examinar: é proibido matar. Todo assassino é punido, a menos que tenha matado em companhia de muitos e ao som de trombetas. É a regra.

No tempo em que havia ainda antropófagos nas florestas de Ardenas, um bom aldeão encontra um antropófago que levava uma criança para comer. O aldeão, tomado de piedade, mata o comedor de crianças e livra a prisioneira, que logo foge. Dois passantes vêem de longe o bom homem e o acusam diante do preboste de ter cometido um assassinato na estrada. O corpo de delito estava sob os olhos do juiz, duas testemunhas falavam, devia-se pagar cem escudos ao juiz pelo seu tempo, a lei era precisa. O aldeão foi enforcado ali mesmo, por ter feito o que Hércules, Teseu, Rolando e Amadis teriam feito em seu lugar. Dever-se-ia enforcar o preboste por seguir a lei à risca? Escreveram-se mil volumes para resolver casos dessa espécie.

Puffendorf estabeleceu inicialmente a existência de seres morais. "São", diz ele, "certos modos que os seres inteligentes unem às coisas materiais, ou aos movimentos físicos, tendo em vista dirigir ou restringir a liberdade das ações voluntárias do homem, para colocar alguma ordem, alguma conveniência e alguma beleza na vida humana."

Em seguida, para dar idéia clara do justo e do injusto aos suecos e aos alemães, nota "que há duas espécies de espaço, um a respeito do qual diz-se que as coisas estão em algum lugar, por exemplo, aqui, ali; outro, a respeito do qual dizemos que as coisas existem num certo tempo, por exemplo, hoje, ontem, amanhã. Concebemos, assim, duas espécies de estados morais, um que marca qualquer situação moral e que tem alguma conformidade com o lugar natural; outro, que designa um certo tempo, enquanto provenha dele qualquer efeito moral, etc.".

Não é tudo. Puffendorf distingue muito curiosamente os modos morais simples e os modos de estima, as qualidades formais e as qualidades operativas. As qualidades formais são simples atributos, mas as operativas devem dividir-se cuidadosamente em originais e derivadas.

Entretanto Barbeyrac comentou essas belas coisas que são ensinadas nas universidades. Nestas, as opiniões estão divididas entre Grotius e Puffendorf sobre questões dessa importância. Acreditai-me, lede os *Ofícios*, de Cícero.

Seção Segunda

Nada contribuirá mais para tornar um espírito falso, obscuro, confuso, incerto, do que a leitura de Grotius, de Puffendorf e de quase todos os comentaristas do direito público.

Nunca se deve fazer um mal na esperança de um bem, diz a virtude, e ninguém escuta. É permitido guerrear contra uma potência que se torna muito preponderante, diz o *Espírito das Leis*.

Quando os direitos devem ser constatados pela prescrição? Neste ponto, os publicistas chamam em seu socorro o direito divino e o direito humano. Os teólogos entram no jogo. Abraão e sua posteridade, dizem, tinham direito sobre a terra de Canaã, porque viajaram por ela e foi-lhes dada por Deus, numa aparição. Contudo, nossos sábios mestres discutem há quinhentos e quarenta e sete anos para saber, de acôrdo com a Vulgata, de quem é o direito: se de Abraão, que compra uma cripta no local, ou de Josué, que saqueia uma parte. Não importa, seu direito era claro e limpo. Mas, e a prescrição? Sem prescrição. Mas, o que se passou antigamente na Pales-

tina deve servir de regra à Alemanha e à Itália?... Sim, pois Ele disse que assim deveria ser. Seja, senhores, não discuto contra vós. Deus me livre!

Os descendentes de Átila estabeleceram-se, segundo dizem, na Hungria. Em que época os antigos habitantes começaram a ter a consciência de serem servos dos descendentes de Átila?

Nossos doutores, que escreveram sobre a guerra e a paz, são bem profundos. A crê-los, tudo pertence de direito ao soberano para o qual escrevem. Não pode alienar nada do seu domínio. O imperador deve possuir Roma, Itália, e França, tal era a opinião de Bartole. Primeiramente, porque o imperador intitula-se rei dos romanos; em segundo lugar, porque o arcebispo de Colônia é chanceler da Itália e o arcebispo de Trevas é chanceler das Gálias. Mais ainda, o imperador da Alemanha traz um globo dourado em sua sagração, portanto é senhor do globo da terra.

Em Roma, não há padre que não tenha aprendido em seu curso de teologia que o papa deve ser soberano do mundo, pois está escrito que foi dito a Simão, filho de Jonas da Galiléia, apelidado Pedro: *"Ês Pedro e sobre esta pedra construirei minha assembléia"*. Em vão dizia-se a Gregório VII: "Não se trata dos homens, trata-se apenas do reino celeste". "Maldito condenado", respondia, "trata-se do terrestre." E se pudesse, vos condenaria e enforcaria.

Espíritos ainda mais profundos fortificam esse raciocínio com um argumento sem réplica. Aquele de quem o bispo de Roma se diz vigário declarou que seu reino não é deste mundo, portanto este mundo deve pertencer ao vigário, desde que o Senhor renunciou a ele. Quem deve vencer: o gênero humano ou as decretais? As decretais, claro!

Pergunta-se, em seguida, se há alguma justiça no massacre de dez ou doze milhões de homens desarmados na América. Responde-se que não há nada mais justo e mais santo, já que não eram católicos, apostólicos e romanos.

Não faz um século, em todas as declarações de guerra dos príncipes cristãos, a ordem de ataque imediato era sempre dada a todos os súditos do príncipe aos quais a guerra era anunciada por um arauto em cota de malhas e mangas pendentes. Assim, uma vez feito o anúncio, se um auvernhate encontrasse uma alemã, era obrigado a matá-la, salvo violá-la antes ou depois.

Aqui está uma questão bastante espinhosa nas escolas: se toda gente estiver comandada para ir matar e fazer-se matar na fronteira, os suábios, estando persuadidos de que a guerra ordenada é a mais horrível injustiça, deverão ir? Alguns doutores diziam sim, alguns justos diziam não. Que diziam os políticos?

Quando já se discutiu muito sobre essas grandes questões preliminares, que, por sinal, nunca embaraçaram nenhum soberano, nem embaraçarão, foi preciso discutir os direitos respectivos de cinqüenta ou sessenta famílias do condado de Alost, da cidade de Orchias, do ducado de Berg e de Juliers, do condado de Tournai, do de Nice, do de todas as fronteiras de todas as províncias. O mais fraco sempre perdeu a causa.

Durante cem anos discutiu-se com veemência se os duques de Orléans, Luís XII e Francisco I, tinham direito ao ducado de Milão, em vista do contrato de casamento de Valentina de Milão, neta bastarda de um bravo camponês chamado Jacob Muzio. O processo foi julgado pela batalha de Pávia.

Os duques de Sabóia, Lorena e Toscana reclamavam o ducado Milanês, porém, acreditava-se que havia no Friul uma família empobrecida de gentis-homens saída em linha reta de Alboim, rei dos lombardos, que tinha um direito bem anterior.

Os publicistas escreveram grossos livros sobre os direitos ao reino de Jerusalém. Os turcos não os escreveram, mas Jerusalém lhes pertence, pelo menos até o presente ano de 1770, e Jerusalém não é um reino.

Dogmas

No dia 18 de fevereiro do ano de 1763, da era vulgar, entrava o Sol no signo dos Peixes, subi ao céu, como todos os meus amigos sabem. Mas não foi a burra Borac, de Maomé, que me serviu de montada; tampouco foi o carro em chamas de Elias que me levou lá; não me transportou o ele

fante de Samonocodão, o Siamês, nem o belo cavalo de São Jorge, patrono da Inglaterra, nem o porco de Santo Antônio: confesso com toda a ingenuidade que a viagem se fez sem eu saber bem como.

Pensarão, por certo, que estava fascinado; mas talvez já ninguém seja capaz de acreditar-me, se disser que vi julgar todos os mortos. E os juízes, quem eram? Eram, embora isso vos desagrade, todos aqueles que fizeram algum bem aos homens: Confúcio, Sólon, Sócrates, Tito, os Antoninos, Epicteto, todos aqueles grandes homens que, tendo ensinado e praticado as virtudes que Deus exige, pareciam ser os únicos com direito a pronunciarem as sentenças.

Não direi em que tronos se sentavam, nem quantos milhões de seres celestes estavam prosternados diante do Criador de todos os globos, nem que a multidão de habitantes desses globos inumeráveis compareceu perante os juízes. Só contarei aqui certos e breves pormenores, muito interessantes, que mais me impressionaram.

Assim, reparei que cada morto defendia a sua causa e alardeava os seus bons sentimentos; tinha ao lado todas as testemunhas dos seus atos. Por exemplo, quando o cardeal de Lorena se vangloriava de ter feito aprovar algumas das suas opiniões pelo Concílio de Trento e, pelo preço da sua ortodoxia, rogava a concessão da vida eterna, apareciam subitamente à roda dele umas vinte cortesãs ou damas da corte, todas elas trazendo gravado na testa o número de entrevistas amorosas que tinham tido com o cardeal. Viam-se também aqueles que, com ele, lançaram os fundamentos da Liga; e todos os cúmplices dos seus perversos desígnios ali estavam a rodeá-lo.

Mesmo defronte do cardeal de Lorena estava Calvino, o qual, no seu grosseiro dialeto, se gabava de ter dado alguns valentes pontapés no ídolo papal, após outros que o tinham derrubado. "Escrevi contra a pintura e a escultura", dizia, "e demonstrei sem possibilidade de refutação que os atos bons não têm qualquer valor e que dançar o minuete é coisa diabólica; vamos, depressa, depressa, expulsem daqui para fora esse cardeal de Lorena e me ponham já sentado ao lado de S. Paulo."

Enquanto assim perorava altissonante, viu-se surgir ao lado dele uma fogueira ardendo; um horroroso espectro, trazendo ao pescoço um cabeção meio queimado, surgiu de entre as chamas, soltando gritos de estarrecer. "Monstro", clamava, "monstro, execrável, treme! Treme, agora! Reconhece em mim aquele Miguel Servet que mandaste matar no mais cruel dos suplícios, apenas porque tinha discutido contigo acerca da maneira pela qual três pessoas podem formar uma única substância." Então, todos os juízes ordenaram que o cardeal de Lorena fosse precipitado no abismo, mas que Calvino fosse punido ainda com muito mais rigor.

Vi uma multidão prodigiosa de mortos, que diziam: "Eu era crente, eu era crente"; mas na testa traziam escrito: "Eu fiz"; e ficavam logo condenados. Aparecia depois, impando de altivez, o jesuíta Le Tellier, com a bula *Unigenitus* muito espetada na mão. Mas eis que ao lado dele, de súbito, se elevou uma rima de duas mil cartas de prego régias. Vai um jansenista e lança-lhes fogo: Le Tellier ficou torrado até os ossos; e o jansenista, que não era menos useiro e vezeiro que o jesuíta em intrigalhadas tenebrosas, também apanhou a sua conta de chamuscadelas, para aprender.

Pela direita e pela esquerda, via chegar magotes de faquires, talapões,[43] bonzos, monges brancos, negros e cinzentos, que tinham encasquetado na cachimônia que, para render preito ao Ser Supremo, haviam de cantar a bom cantar, ou açoitarem-se uns aos outros, ou andarem completamente nus. Ouvi então uma voz tremenda que lhes perguntou: "Qual foi o bem que fizestes aos homens?" A essa voz tonitruante seguiu-se um profundo silêncio; ninguém ousou responder-lhe, e, daí a nada, foram todos arrastados para o Rilha-foles do universo, que é um dos maiores edifícios que jamais se viu.

Um energúmeno bradava: "É nas metamorfoses de Xaca que temos de acreditar", e um outro redagüia, em altos berros: "Não é nada, mas é nas Samonocodão". "Baco fez parar o Sol e a Lua", dizia este. "Eis a bula *In Coena Domini*", dizia um recém-chegado; e o bedel do tribunal

[43] Talapão, membro de uma ordem religiosa da Ásia oriental. (N. dos T.)

não parava de berrar: "Tudo já para Rilha-foles! Vá, vá, depressa, é andar para Rilha-foles!"

Quando todos esses processos terminaram, ouvi proferir a sentença seguinte: "Em nome do Eterno Criador, conservador, remunerador, vingador, absolvedor, etc., ficai sabendo todos aqueles, ó habitantes dos cem mil milhões de biliões de mundos que nos aprouve formar, que nunca aqui havemos de julgar nenhum dos ditos habitantes com base nas suas idéias ocas e vãs, mas unicamente pelos atos; porque tal é a nossa justiça".

Confesso que foi aquela a primeira vez que ouvi um édito destes: todos aqueles que lera neste minúsculo grão de areia em que nasci, acabam fatalmente por estas palavras: *Porque tal é a nossa vontade.*

E

*Economia

Na acepção ordinária, esta palavra significa a maneira de administrar seus bens. É comum a um pai de família e a um superintendente das finanças de um reino. Os diferentes tipos de governo, as inquietações da família e da corte, as guerras injustas e mal conduzidas, a espada de Têmis colocada nas mãos de carrascos para fazer perecer o inocente, as discórdias intestinas, são objetos estranhos à economia.

Aqui não iremos tratar das declamações desses políticos que governam um Estado do fundo do seu gabinete, valendo-se de brochuras.

Economia Doméstica

A primeira economia, de que todas as outras dependem, é a do campo, pois fornece as três únicas coisas de que os homens carecem necessariamente: o sustento, o vestuário e o abrigo. Não existe uma quarta, a menos que seja o aquecimento nos países frios. Se bem realizados, os três garantem a saúde, sem a qual não há nada.

Algumas vezes o estabelecimento no campo é chamado de *a vida patriarcal*, mas em nosso clima a vida patriarcal seria impraticável e nos faria morrer de frio, de fome e de miséria.

Abraão vai da Caldéia ao país de Siquém. Daí é preciso que faça uma longa viagem pelos desertos áridos até Mênfis para comprar trigo. Com todo o respeito devido, descarto sempre tudo que for divino na história de Abraão e de seus filhos. Só considero aqui sua economia rural.

Não vejo que tenha uma só casa. Abandona a mais fértil região do universo e cidades onde havia casas cômodas para errar por países cujas línguas não podia entender.

Vai de Sodoma ao deserto de Gerara sem ter um único estabelecimento. Quando manda embora Agar e o filho que teve com ela, ainda está num deserto, e só lhes dá como viático um pedaço de pão e uma bilha de água. Quando vai sacrificar seu filho ao Senhor, é ainda num deserto. Vai, ele próprio cortar a lenha para queimar a vítima, colocando-a sobre as costas do filho que irá imolar.

Sua mulher morre num lugar chamado Arbeia ou Hebron e não possui nem seis pés de terra para enterrá-la. É obrigado a comprar uma caverna para aí colocá-la. Foi o único pedaço de terra que possuiu.

Entretanto, teve muitos filhos, pois sem contar Isaac e sua posteridade, teve de sua outra mulher, Cetura, na idade de cento e quarenta anos, segundo cálculo comum, cinco filhos machos, que se foram em direção da Arábia.

Não é dito que Isaac tivesse possuído um único pedaço de terra no lugar onde seu pai mor-

reu. Pelo contrário, vai para o deserto de Gerara com sua mulher Rebeca, em casa desse mesmo Rei Abimelec, rei de Gerara, que tinha amado sua mãe.

O rei do deserto toma-se de amores também por Rebeca, cujo marido a faz passar por sua irmã, como Abraão havia feito Sara passar por sua irmã diante deste mesmo Rei Abimelec, quarenta anos antes. É um pouco espantoso que nessa família se faça sempre passar sua mulher por sua irmã, a fim de ganhar alguma coisa, porém, já que esses fatos são consagrados, devemos guardar um silêncio respeitoso.

As Escrituras dizem que Isaac se enriqueceu nessa terra horrível, tornada fértil para ele, que se tornou extremamente poderoso. É dito também que não havia água para beber, que teve uma grande querela por causa de um poço com os pastores do reizinho de Gerara e não se sabe que tenha tido casa própria.

Seus filhos, Esaú e Jacó, não possuem mais estabelecimentos que seu pai. Para viver, Jacó é obrigado a ir para a Mesopotâmia, de onde Abraão havia saído. Serve sete anos para ter uma das filhas de Labão e sete outros anos para obter a segunda filha. Foge com Raquel e os rebanhos de seu sogro, que o persegue. A fortuna não lhe está bem assegurada.

Esaú é representado tão errante quanto Jacó. Nenhum dos doze patriarcas, filhos de Jacó, possuem residência fixa, nem um campo de que sejam proprietários. Só repousam sob tendas como os árabes beduínos.

Está claro que a vida patriarcal não convém de modo algum à temperatura do nosso ar. Um bom cultivador, como os Pignoux do Auvergne, precisa de uma casa sadia, voltada para o oriente, de vastas granjas, de não menos vastas cavalariças, de estábulos mantidos limpos e isso tudo pode custar pelo menos cinqüenta mil francos em nossa moeda atual. Deve semear todos os anos cinqüenta jeiras de trigo, reservando outro tanto para pastagens, possuir algumas jeiras de vinha, cerca de vinte e cinco jeiras para os grãos de miúdos e os legumes, uma quinzena de jeiras de bosques, uma plantação de amoreiras, bichos-da-seda e colmeias. Com todas essas melhorias bem economizadas manterá na abundância uma família numerosa. Sua terra melhorará dia a dia, suportará sem nada temer os aborrecimentos das estações e o fardo dos impostos, tendo em vista que um bom ano repara os prejuízos de dois maus. Em seu domínio desfrutará de uma soberania efetiva, submetida apenas às leis. É o estado mais natural do homem, o mais tranqüilo, o mais feliz e desgraçadamente o mais raro.

O filho desse verdadeiro patriarca, vendo-se rico, logo se desgosta com o pagamento humilhante da taxa do imposto senhorial. Infelizmente aprendeu algum latim, corre à cidade, compra um mandato que o isenta dessa taxa e que dará nobreza ao seu filho no fim de vinte anos. Vende seu domínio para pagar sua vaidade. Uma moça, criada no luxo, casa-se com ele, desonra-o e arruína-o. Morre na mendicância e seu filho veste libré em Paris. Eis a diferença entre a economia do campo e as ilusões das cidades.

A economia na cidade é muito diferente. Vivei em vossa terra: não comprareis quase nada e o solo produzirá tudo para vós. Podereis alimentar sessenta pessoas quase sem vos aperceberdes. Trazei para a cidade a mesma renda: comprareis tudo a preços altos e podereis alimentar apenas cinco ou seis domésticos. Um pai de família que vive na sua terra com doze mil libras de renda precisará ser muito cuidadoso para viver em Paris, na mesma abundância, com quarenta mil. Essa proporção sempre subsistiu entre a economia rural e a da capital. Sempre vale a pena reler a curiosa carta da Sra. de Maintenon à sua cunhada, Sra. de Aubigné.

. . . . . .

"Credes que conheço Paris melhor do que vós. Assim sendo, eis, minha cara irmã, um projeto de despesa que executaria se vivesse fora da corte. Sois doze pessoas: senhor e senhora, três mulheres, quatro lacaios, dois cocheiros, um camareiro.

15 libras de carne a 5 vinténs a libra		3 libras 15 vinténs
2 peças de assado	2	10
Pão	1	10
Vinho	2	10

Lenha	2	
Frutas	1	10
Velas		10
Candela		8
	14	13

Conto 4 vinténs de vinho para vossos 4 lacaios e vossos 2 cocheiros. É o que a Sra. de Montespan dá aos seus. Se tendes vinho na adega não vos custará 3 vinténs. Coloco 6 para o camareiro e 20 para vós dois, que não bebeis por três.

Coloco uma libra de candela por dia, embora seja preciso só meia libra. Coloco 10 vinténs em velas; duram três dias, são 6 em cada libra e a libra custa dez vinténs.

Coloco 2 libras para a lenha; entretanto, só queimareis três meses por ano e só são precisos dois fogos.

Coloco uma libra e 10 vinténs para as frutas. O açúcar só custa 11 vinténs a libra e apenas é preciso um quarto de libra para uma compota.

Coloco duas peças de assado; economiza-se uma quando o senhor ou a senhora almoça ou janta na cidade, mas também esqueci uma ave cozida para a sopa. Entendemos da administração da casa. Podeis muito bem, sem ultrapassar quinze libras, ter uma entrada, quer de lingüiça, quer de línguas de ovelha ou de tripas de vitela, pernil de carneiro, a pirâmide eterna e a compota que tanto amais.

Isto posto, e mais o que aprendo na corte, creio, minha querida, que vossas despesas não deverão ultrapassar cem libras por semana. São quatrocentas libras por mês. Digamos quinhentas, para que as bagatelas que esqueci não se queixem de que lhes faço injustiça. 500 libras por mês fazem:

Para despesas de boca	6.000 libras
Para vossas roupas	1.000
Para aluguel de casa	1.000
Para salários e roupas dos criados	1.000
Para as roupas, a ópera e as grandezas do senhor	3.000
	12.000 libras

Tudo isso não é honesto, etc."

. . . . . .

O marco de prata valia então mais ou menos a metade do numerário de hoje. O absolutamente necessário custava a metade do preço, e o luxo normal que se tornou necessário e que não é mais luxo custava três a quatro vezes menos do que hoje em dia. Assim, o Conde d'Aubigné teria podido, com suas 12.000 libras de renda, que gastaria muito obscuramente em Paris, viver como um príncipe na sua terra.

Há em Paris trezentas ou quatrocentas famílias municipais que ocupam a magistratura há já um século e cujos bens consistem em rendas sobre a Prefeitura. Suponho que cada uma tenha vinte mil libras de renda e estas vinte mil libras faziam exatamente o dobro do que fazem hoje. Assim sendo, tais famílias realmente só têm a metade do seu antigo ganho. Desta metade subtraí-se a metade, segundo o tempo inconcebível do sistema de Law. Essas famílias, portanto, não gozam realmente senão de uma quarta parte da renda que possuíam quando da elevação de Luís XIV ao trono. E o luxo tendo aumentado três quartos, sobra pouco mais do que nada para elas, a menos que tenham reparado sua ruína com ricos casamentos ou com sucessões ou com uma engenhosidade secreta. E foi o que fizeram.

Em todo lugar, se aquele que vive de rendas não aumentar seus bens numa capital, perdê-los-á com o tempo. Os proprietários rurais auxiliam-se mutuamente porque, aumentando o dinheiro numericamente, o ganho de suas terras aumenta proporcionalmente. Entretanto, estão expostos a uma outra infelicidade que reside neles próprios. São conduzidos à ruína por seu luxo e sua falta de atenção, tão perigosa quanto o primeiro. Vendem suas terras a financistas que

amealham e cujos filhos, por sua vez, dissipam. É um círculo perpétuo de elevação e decadência, por falta de uma economia razoável e que consiste unicamente em não gastar mais do que se recebe.

Da Economia Pública

A economia de um Estado não é exatamente como a de uma grande família. Foi o que levou o Duque de Sully a dar o nome de *Economias* às suas memórias. Todos os outros ramos de um governo são mais obstáculos do que auxílios à administração dos dinheiros públicos. Tratados, por vezes concluídos a preço de ouro, e guerras infelizes arruínam um Estado por muito tempo (mesmo as felizes o esgotam). O comércio interceptado e mal realizado ainda o empobrece. Os impostos excessivos provocam a miséria.

O que é um Estado rico e bem econômico? É aquele onde todo homem que trabalha está seguro de uma fortuna condizente com a sua posição, começando pelo rei e terminando pelo serviçal.

Tomemos como exemplo o Estado onde o governo das finanças é mais complicado, a Inglaterra. O rei está quase sempre seguro de ter que gastar anualmente um milhão de libras esterlinas com sua casa, sua mesa, seus embaixadores e seus prazeres. Esse milhão volta inteiro ao povo pelo consumo, pois se os embaixadores despendem seus ordenados em outros lugares, os ministros estrangeiros consomem seu dinheiro em Londres. Todo proprietário de terras está certo de gozar seus ganhos, fora as taxas impostas pelos seus representantes no Parlamento, quer dizer, por ele próprio.

O comerciante joga um jogo de azar e de engenhosidade contra quase todo o universo e fica incerto muito tempo se casará sua filha com um par do reino ou se morrerá num hospital.

Os que, sem serem negociantes, colocam suas precárias fortunas nas grandes companhias de comércio, parecem-se com os ociosos da França que compram fundos reais, e cuja sorte depende da boa ou má fortuna do governo.

Aqueles cuja única profissão é vender e comprar promissórias públicas de acordo com as felizes ou infelizes notícias que se fornecem, e traficar o temor e a esperança, estão, na subordem, no mesmo caso que os acionistas, e todos são jogadores, fora o cultivador que fornece com que jogar.

Uma guerra sobrevém; é preciso que o governo empreste dinheiro vivo, pois não se pagam frotas e exércitos com promessas. A Câmara dos Comuns imagina um imposto sobre a cerveja, sobre o carvão, sobre as chaminés, sobre as janelas, sobre os acres de trigo e de pastagem, sobre a importação, etc.

Calcula-se o que esse imposto mais ou menos irá produzir. Toda a nação é informada. Um decreto do Parlamento diz aos cidadãos: "Os que quiserem emprestar para a pátria receberão quatro por cento do seu dinheiro durante dez anos, ao final dos quais serão reembolsados".

Esse mesmo governo faz um fundo de amortização do excesso do que produzem os impostos. Esse fundo servirá ao reembolso dos credores. Chegado o tempo do reembolso, diz-se-lhes: "Quereis vossos fundos ou quereis deixá-los a três por cento?" Os credores que crêem sua dívida assegurada deixam, na maioria, seu dinheiro nas mãos do governo.

Nova guerra, novos empréstimos, novas dívidas; o fundo de reembolso está vazio, não se reembolsa nada.

Enfim, o amontoado de papel representativo de um dinheiro que não existe atingiu cento e trinta milhões de libras esterlinas, que perfazem cento e vinte e sete milhões de guinéus, no ano de 1770 da nossa era vulgar.

Digamos, de passagem, que a França está mais ou menos neste caso. Deve fundos de cerca de cento e vinte e sete milhões de luíses de ouro. Ora, essas duas importâncias (a inglesa e a francesa), montando a duzentos e cinqüenta e quatro milhões de luíses de ouro, não existem na Europa. Como pagar? Examinemos primeiramente a Inglaterra.

Se cada um pedisse de volta seu fundo a coisa seria visivelmente impossível, a não ser por meio da pedra filosofal ou de alguma multiplicação semelhante. Que fazer? Uma parte da nação emprestou para toda a nação. A Inglaterra deve à Inglaterra cento e trinta milhões de libras esterlinas, com juros de três por cento. Paga, portanto, nesse único artigo muito módico 3 900 000 libras esterlinas de ouro, cada ano. Os impostos são cerca de sete milhões: restam, portanto, para satisfazer os encargos do Estado, três milhões e cem mil libras esterlinas, com o que se pode, economizando, extinguir pouco a pouco uma parte das dívidas públicas.

O banco do Estado, dando vantagens imensas aos diretores, é útil à nação porque aumenta o crédito, suas operações são conhecidas, e não poderia fazer mais papel-moeda do que é preciso, sem perder o crédito e sem arruinar se a si mesmo. Está aí a grande vantagem de um país comerciante, onde tudo se faz em virtude de uma lei positiva, onde nenhuma operação é escondida, onde a confiança é estabelecida sobre cálculos feitos pelos representantes do Estado e examinados por todos os cidadãos. A Inglaterra, diga-se o que disser, vê sua opulência assegurada enquanto possuir terras férteis, rebanhos abundantes e um comércio vantajoso.

Se os outros países chegarem a não ter necessidade de seu trigo e a virar contra ela a balança do comércio, pode acontecer então uma grande subversão nas fortunas particulares. Mas a terra permanece, a indústria permanece e a Inglaterra, então, menos rica em dinheiro, o é sempre em valores renascentes que o solo produz. Volta ao mesmo estado em que estava no século XVI.

Todo um reino é absolutamente igual às terras de um particular. Se o fundo da terra for bom, nunca ela ficará arruinada. A família que a fazia valer pode ser reduzida à esmola, mas o solo prosperará sob outra família.

Existem outros reinos que jamais serão ricos, por mais que se esforcem. São os que, situados sob um céu rigoroso, só podem ter o estritamente necessário. Os cidadãos só podem pagar as comodidades da vida fazendo-as vir do estrangeiro a um preço excessivo. Dai à Sibéria e ao Kamtchatka reunidos, que perfazem quatro vezes a extensão da Alemanha, um Ciro como soberano, um Sólon como legislador, um Duque de Sully, um Colbert como superintendente das finanças, um Duque de Choiseul como ministro da guerra e da paz, um Anson como almirante: com todo seu gênio aí morrerão de fome.

Ao contrário, fazei governar a França por um louco sério assim como Law, por um louco divertido como o Cardeal Dubois, por ministros como já temos visto algumas vezes: poderíamos dizer deles o que um senador de Veneza dizia dos seus confrades ao Rei Luís XII, conforme pretendem os contadores de anedotas. Luís XII, encolerizado, ameaçava arruinar a república: "Eu vos desafio", disse o senador. "A coisa me parece impossível, pois há vinte anos que meus confrades fazem todos os esforços imagináveis para destruí-la, sem, contudo, consegui-lo".

Nunca houve algo mais extravagamte, sem dúvida alguma, do que criar uma companhia imaginária do Mississípi, que deveria render ao menos cem por um a todos os interessados, triplicar de um só golpe o valor necessário das espécies, reembolsar, em quimérico papel, as dívidas e os encargos do Estado e terminar, enfim, louca e tiranicamente, proibindo a todo cidadão guardar em sua casa mais de quinhentos francos em ouro ou em dinheiro. Esse cúmulo de extravagância sendo inusitado, o espanto geral foi tão grande como deveria ter sido: todo mundo gritava que a França havia acabado para sempre. Ao cabo de dez anos isso ainda não tinha acontecido.

Um bom país restabelece-se sempre por si mesmo, por pouco que seja toleravelmente governado; um mau só pode enriquecer graças a uma engenhosidade extrema e feliz.

A proporção será sempre a mesma entre a Espanha, a França, a Inglaterra propriamente dita e a Suécia. Contam-se comumente vinte milhões de habitantes na França (talvez seja muito). Ustariz admite apenas sete na Espanha, Nichols dá oito à Inglaterra, não se atribuem cinco à Suécia. O espanhol (um pelo outro) tem o valor de oitenta de nossas libras para gastar por ano. O francês, melhor cultivador, tem cento e vinte libras; o inglês, cento e oitenta; o sueco, cinqüenta. Se quisermos falar do holandês, acharíamos que só tem o que ganha, porque não é o seu território que o alimenta e o veste. A Holanda é uma feira contínua, onde só se é rico pela própria engenhosidade, ou pela de seu pai.

Que enorme desproporção entre as fortunas! Um inglês, que possui sete mil guinéus de renda, absorve a subsistência de mil pessoas. Esse cálculo assusta ao primeiro olhar, mas ao fim

de um ano, repartiu seus sete mil guinéus pelo Estado e cada um obteve mais ou menos o seu contingente.

Em geral, o homem custa muito pouco à natureza. Na Índia, onde os rajás e nababos acumulam tantos tesouros, o povo comum vive, no máximo, com dois vinténs por dia.

Entre os americanos, aqueles que não estão sob dominação alguma, só tendo seus braços, não gastam nada. A metade da África sempre viveu da mesma forma, e não somos superiores a todos esses homens senão em cerca de quarenta escudos por ano. Porém, esses quarenta escudos fazem uma prodigiosa diferença, cobrindo a terra com belas cidades e enchendo os mares de embarcações.

É com nossos quarenta escudos que Luís XIV teve duzentas embarcações e construiu Versalhes. E enquanto cada indivíduo, um pelo outro, puder gabar-se de pagar quarenta escudos de renda, o Estado poderá florescer.

É evidente que quanto mais homens e mais riquezas possua um Estado, mais abusos sejam encontrados. Os atritos são tão consideráveis nas grandes máquinas, que elas estão quase sempre desreguladas. Esses desarranjos causam tal impressão nos espíritos, que na Inglaterra, onde é permitido a todo cidadão dizer o que pensa, encontra-se todos os meses algum calculador que caridosamente adverte seus compatriotas de que tudo está perdido e de que a nação está arruinada sem apelo. A permissão de pensar sendo menor na França, queixa-se de contrabando; imprime-se furtivamente, mas com freqüência, que jamais sob os filhos de Lotário, nem no tempo do Rei João, de Carlos VI, da batalha de Pavia, das guerras civis e de São Bartolomeu o povo foi tão miserável quanto hoje.

Se se responde a essas lamentações com uma ordem de prisão, que não parece ser uma razão bem legítima, mas que é muito peremptória, o queixoso foge gritando aos aguazis que só viverão seis semanas e que, graças a Deus, morrerão de fome como os outros antes desse tempo.

Bois-Guillebert, que atribuiu tão imprudentemente seu insensato "dízimo real" ao marechal de Vauban, pretendia no seus *Pormenores sobre a França* que o grande Ministro Colbert já havia empobrecido o Estado em um bilhão e quinhentos milhões, esperando-se pior.

Um calculador de nosso tempo, que parece ter as melhores intenções do mundo, embora queira absolutamente que nos embebedemos após a missa, pretende que os valores renascentes da França, que formam a renda da nação, montam a apenas quatrocentos milhões aproximadamente, no que parece enganar-se em somente cerca de um bilhão e seiscentos milhões de libras, a vinte vinténs a peça, estando o marco de prata em moeda a quarenta e nove libras e dez. E assegura que o imposto para pagar os encargos do Estado não pode ser mais do que de setenta e cinco milhões, quando na realidade é de trezentos, e que quase não são suficientes para saldaras dívidas anuais.

Uma só em todas essas especulações, cujo número é considerável, parece-se com os erros cometidos nas medidas astronômicas tomadas sobre a Terra. Duas linhas correspondem a espaços enormes no céu.

Na França e na Inglaterra a economia pública é a mais complicada. Não se tem idéia de uma tal administração no resto do globo, desde o monte Atlas até o Japão. Há apenas cento e trinta anos começou a arte de tornar metade de uma nação devedora de outra metade, de fazer passar com papéis as fortunas de mão em mão, de tornar o Estado credor do Estado, de fazer um caos de tudo o que deveria estar submetido a uma regra uniforme. Esse método estendeu-se à Alemanha e à Holanda. Forçou-se tal requinte e tal excesso a ponto de se estabelecer um jogo entre o soberano e os súditos: a loteria. Vosso capital é em dinheiro vivo; se ganhardes, obtereis espécies ou rendas; e quem perder não sofrerá grande dano. O governo normalmente retira dez por cento por seu trabalho. Essas loterias tornam-se cada vez mais complicadas a fim de atordoar e iscar o público. Todos esses métodos foram adotados na Alemanha e na Holanda e quase todo mundo ficou endividado. Isso não é muito sensato, mas quem o é? Os pequenos, que não podem arruinar-se.

*Endemoninhados

Possuídos pelo demônio, energúmenos, exorcizados ou, sobretudo, doentes do útero, pálidos, hipocondríacos, epilépticos, catalépticos, curados pelos emolientes do Sr. Paumme, grande exorcista.

Os exaladores, os epilépticos, as mulheres com furor' uterino, foram sempre considerados vítimas dos espíritos malignos, dos demônios malfeitores, das vinganças dos deuses. Este mal foi denominado *mal sagrado* e em toda parte os padres da Antiguidade apoderaram-se dessas doenças, porque os médicos eram grandes ignorantes.

Os sintomas muito complicados indicavam que se estava com muitos demônios no corpo: um demônio da fúria, um da luxúria, um da contração, um do endurecimento, um do deslumbramento, um da surdez. Seguramente o exorcista estava com um demônio do absurdo e mais um da intrujice.

Sabemos que os judeus expulsavam os diabos dos corpos dos possuídos com a raiz *barath* e com palavras; que nosso Salvador expulsava-os por uma virtude divina, comunicada também a seus apóstolos, mas muito enfraquecida hoje em dia.

Quis-se renovar há pouco tempo a história de São Paulino. Este santo viu na abóbada de uma igreja um pobre endemoninhado que caminhava de ponta-cabeça sob ou sobre ela, mais ou menos como uma mosca. São Paulino viu bem que o homem estava possuído e mandou rapidamente procurar, a algumas léguas dali, as relíquias de São Félix de Nole: aplicou-as ao paciente como vesicatórios. O demônio, que sustentava o homem contra a abóbada, logo fugiu e o endemoninhado despencou sobre o lajeado.

Podemos duvidar dessa história, conservando o mais profundo respeito pelos milagres verdadeiros, e ser-nos-á permitido dizer que não é assim que curamos os endemoninhados atualmente. Nós os sangramos, os banhamos, os purgamos suavemente, damos lhes emolientes. É assim que são tratados pelo Sr. Paumme, que já realizou mais curas do que os milagres que os padres de Ísis, de Diana e outros realizaram.

Quanto aos endemoninhados que se dizem possuídos para ganhar dinheiro, em lugar de banhá-los, açoitamo-los.

Acontecia freqüentemente que os epilépticos, tendo as fibras e os músculos secos, pesavam menos do que um volume semelhante de água e boiavam quando eram metidos num banho. Gritava-se: Milagre! Dizia-se: É um possuído ou um feiticeiro! Ia-se procurar água benta ou um carrasco. Era uma prova indubitável de que o demônio se assenhorara do corpo da pessoa que boiava, ou então de que ela se tinha oferecido a ele. No primeiro caso era exorcizada; no segundo, queimada.

Foi assim que raciocinamos e agimos durante quinze ou dezesseis séculos, e ousamos zombar dos cafres!

Em 1603, numa pequena cidade do Franco-Condado, uma grande senhora mandava sua enteada ler a vida dos santos diante de seus parentes. Esta jovem pessoa, um pouco instruída, mas não sabendo ortografia, substituiu a palavra "vidas" por "histórias". Sua madrasta, que a odiava, disse-lhe asperamente: Por que não lês como está escrito? **

A jovem enrubesceu, tremeu, não ousou responder. Não queria revelar qual das suas companheiras havia-lhe ensinado o nome mal ortografado, tendo o pudor de não pronunciá-lo. Um monge, confessor da casa, pretendeu haver sido o diabo que lhe ensinara a palavra. A moça

** Em francês: *vies* (vidas) e *vis* (parafuso) lêem-se do mesmo modo. O livro deveria chamar-se "Vies des Saints", o que, na leitura da jovenzinha, deveria dar "Parafusos dos Santos", donde a troca por "histórias" e seu rubor. (N. do T.)

julgou melhor calar-se do que justificar-se. Seu silêncio foi tomado como confissão. A Inquisição convenceu-a de ter feito um pacto com o diabo. Foi condenada a ser queimada, porque possuía muitos bens herdados de sua mãe e o confisco pertencia de direito aos Inquisidores. Foi a centésima milésima vítima da doutrina dos endemoninhados, dos possuídos, dos exorcismos, e dos verdadeiros diabos que reinaram sobre a terra.

Entusiasmo

Esta palavra grega significa *emoção das entranhas, agitação interior.* Os gregos inventaram esta palavra para exprimir os abalos que experimentam os nervos, a dilatação e o aperto dos intestinos, as violentas contrações do coração, a corrida apressada desses espíritos de fogo que sobem das entranhas ao cérebro, quando estamos vivamente emocionados?

Ou, então, davam a princípio o nome de entusiasmo, de agitação nas entranhas, às contorções da pítia, a qual, na trípode de Delfos, recebia o espírito de Apolo por um sítio que parece feito apenas para receber corpos?

Que devemos entender por entusiasmo? Quantos graus existem nas nossas afeições? Acordo, sensibilidade, emoção, perturbação, surpresa, paixão, arrebatamento, demência, furor, raiva: eis todos os estados por que pode passar esta nossa pobre alma humana.

Um geômetra assiste a uma tragédia comovente; repara apenas que está bem representada. A seu lado, um rapaz está tão comovido que não repara em mais nada; uma mulher chora; um outro rapaz ficou tão enlevado que, para sua infelicidade, resolve também escrever uma tragédia: a doença do entusiasmo contagiou-o.

O centurião ou o tribunal militar, que considerava a guerra apenas como um ofício no qual podia ganhar uma pequena fortuna, marchava tranqüilamente para a batalha, tal como um pedreiro sobe para um telhado, para o consertar. César chorava quando via a estátua de Alexandre.

Ovídio falava sempre espirituosamente do amor. Safo exprimia o entusiasmo desta paixão; e se é verdade que isso lhe custou a vida, é que nela o entusiasmo se transmudou em loucura.

O espírito de partido predispõe maravilhosamente para o entusiasmo; não há facção que não possua os seus energúmenos.

O entusiasmo é, principalmente, a herança da devoção mal compreendida. O jovem faquir, que somente vê a ponta do nariz ao fazer as suas orações, exalta-se gradualmente até acreditar que, se conseguir suportar o peso de correntes pesando cinqüenta libras, o Ser Supremo lhe ficará muito agradecido. Adormece com a imaginação recheada de Brama até acima e não falha de o ver em sonhos. Até, algumas vezes, nesse estado de vigília em que não se está completamente a dormir nem acordado, saltam-lhe centelhas dos olhos; vê Brama resplandecente de luz, cai em êxtase, e tal doença acaba, com freqüência, por se tornar incurável.

A coisa mais rara de se encontrar é haver quem alie a razão ao entusiasmo; a razão consiste sempre em ver as coisas como elas são. Aquele que, durante a bebedeira, vê as coisas a dobrar, está nesse momento privado da razão.

O entusiasmo é tal qual o vinho: pode excitar tanto tumulto nos vasos sanguíneos e tão violentas vibrações nos nervos, que a razão fica totalmente abolida. Pode provocar leves agitações que apenas façam dar ao cérebro um pouco mais de atividade: é o que acontece nos grandes gestos da eloqüência e, sobretudo, na poesia sublime. O entusiasmo sensato é só pertença dos grandes poetas.

Esse entusiasmo razoável é a perfeição da arte dele; é isto que, noutros tempos, levou a acreditar que os vates eram inspirados pelos deuses, o que nunca se disse dos outros artistas.

Como poderá o raciocínio comandar o entusiasmo? É que um poeta desenha primeiramente a disposição do seu quadro; é a razão, nessa altura, que lhe governa o lápis. Mas se quiser animar as suas personagens e dar-lhes o caráter das paixões, então a imaginação escalda, o entusiasmo atua; é como um cavalo de corrida que se lança impetuosamente para a meta; mas a pista foi traçada regularmente.

*Escravos

Seção Primeira

Por que chamamos *escravos* aqueles a quem os romanos chamavam *servi*, e os gregos, *douloi*? Faz falta aqui a etimologia e os Bochart não poderão fazer com que esta palavra venha do hebraico.

O monumento mais antigo que temos do termo escravo é o testamento de um Ermangaut, arcebispo de Narbona, que lega ao bispo de Fredelou seu escravo Anaph, *Anaphun slavonium*. Anaph foi um felizardo pertencendo seguidamente a dois bispos.

Não é inverossímil que os eslavos (Slavi), vindos dos confins do Norte, como tantos povos indígenas e conquistadores, para pilhar o que o Império Romano tinha arrebatado às nações, e sobretudo à Dalmácia e à Ilíria, levassem os italianos a chamar *schiavitù* a infelicidade de cair em suas mãos, e *schiavi* os que estavam cativos nos seus novos antros.

Tudo que se pode recolher do emaranhado da história da Idade Média é que no tempo dos romanos nosso universo conhecido dividia-se em homens livres e em escravos. Quando os eslavos, alanos, hunos, hérulos, lombardos, ostrogodos, vândalos, borguinhões, francos, normandos vieram dividir os despojos do mundo, não parece que a multidão de escravos tenha diminuído. Antigos senhores viram-se reduzidos à servidão, uma minoria acorrenta a maioria, como se vê nas colônias onde se empregam negros, e como se pratica em mais de um gênero.

Nada encontramos nos escritores antigos concernente aos escravos dos assírios e dos egípcios.

O livro que mais fala em escravos é a *Ilíada*. Inicialmente, a bela Briséia é escrava em casa de Aquiles. Todos os troianos, e sobretudo as princesas, temem ser escravos dos gregos e fiar para suas mulheres.

A escravidão é tão antiga quanto a guerra, e a guerra tão antiga quanto a natureza humana.

Estava-se tão acostumado a essa degradação da espécie, que Epicteto jamais se espantou de ser escravo, e seguramente valia mais do que seu senhor.

Nenhum legislador da Antiguidade tentou anular a servidão; pelo contrário, os povos mais entusiastas da liberdade, como os atenienses, os lacedemônios, os romanos, os cartagineses, foram os que tiveram as leis mais duras contra os servos. O direito de vida e de morte sobre eles era um dos princípios da sociedade. É preciso admitir que de todas as guerras a de Espártaco é a mais justa, e talvez a única justa.

Quem acreditaria que os judeus, que pareceem formados para servirem todas as nações que os conquistaram, também tivessem tido alguns escravos? Está afirmado em suas leis que poderão comprar seus irmãos por seis anos e os estrangeiros para sempre. Está dito que os filhos de Esaú deviam ser os servos dos filhos de Jacó. Contudo, mais tarde, sob uma outra economia, os árabes, que se diziam filhos de Esaú, reduziram os filhos de Jacó à escravidão.

Os Evangelhos não colocam na boca de Jesus Cristo nem uma só palavra que lembre ao gênero humano sua liberdade primitiva e para a qual parece ter nascido. Nada é dito no Novo Testamento do estado de opróbrio e de pena a que metade do gênero humano estava condenada; nenhuma palavra nos escritos dos Apóstolos e dos Padres da Igreja para mudar as bestas de carga em cidadãos, como se começou a fazer entre nós no século XIII. Se falaram de escravidão, foi sobre a do pecado.

É difícil compreender como, em São João, os judeus podem dizer a Jesus: *"Jamais servimos sob alguém"*. Eles, que eram então súditos dos romanos; eles, que tinham sido vendidos no mercado após a tomada de Jerusalém; eles, cujas dez tribos levadas escravizadas por Salmanazar tinham desaparecido da face da terra e cujas duas outras tribos foram colocadas a ferros durante setenta anos pelos babilônios; eles, sete vezes reduzidos à escravidão na sua Terra Prometida, como eles próprios confessavam; eles, que em todos os seus escritos falavam de sua servidão no Egito, nesse Egito que detestavam e para onde correram em massa para ganhar algum dinheiro,

desde que Alexandre dignou-se permitir-lhes que se estabelecessem ali. O Reverendo Padre Dom Calmet diz que é preciso entender aqui uma *servidão intrínseca*, o que também é difícil compreender.

A Itália, a Gália, a Espanha e uma parte da Alemanha eram habitadas pelos estrangeiros, que se tornaram senhores, e pelos nativos, que se tornaram servos. Quando Opas, bispo de Sevilha, e o Conde Juliano chamaram os mouros maometanos contra os reis visigodos cristãos, que reinavam dali até os Pirineus, os maometanos, segundo seu costume, exigiram que o povo visigodo se submetesse à circuncisão, ou se batesse e pagasse um tributo em dinheiro e em moças. O Rei Roderico foi vencido e só foram escravizados os que foram presos na guerra.

Mediante pagamento, os colonos guardaram seus bens e sua religião. Foi assim que os turcos fizeram depois na Grécia. Mas impuseram aos gregos um tributo de seus filhos: os machos, para serem circuncisos e servirem como icoglans e janízaros; as moças, para serem criadas nos serralhos. Esse tributo foi depois comprado a peso de ouro. Para o serviço interior das casas, os turcos só possuem escravos comprados dos circassianos, dos mingrelianos e dos pequenos-tártaros.

Entre os africanos muçulmanos e os europeus cristãos, o costume de pilhar e de escravizar tudo que se encontra sobre o mar subsistiu sempre. São aves de rapina que caem uns sobre os outros: argelinos, marroquinos, tunisinos vivem da pirataria. Os religiosos de Malta, sucessores dos religiosos de Rodes, juram pilhar e acorrentar todos os muçulmanos que acharem. As galeras do papa vão prender argelinos ou são presas nas costas setentrionais da África. Os que se dizem brancos vão comprar negros a bons preços para revendê-los na América. Só os pensilvanianos renunciaram solenemente, há pouco tempo, a esse tráfico, que lhes pareceu desonesto.

Seção Segunda

No monte Krapack, onde sabem que moro, li há pouco tempo um livro feito em Paris, cheio de espírito, de paradoxos, de visão e de coragem, de alguma forma como os de Montesquieu, e escrito contra Montesquieu. Nesse livro prefere-se muito mais a escravidão à domesticidade e sobretudo ao estado livre de serviçal. Lamenta-se a sorte desses infelizes homens livres que podem ganhar suas vidas onde queiram pelo trabalho para o qual o homem nasceu e que é tanto o guardião da inocência como o consolador da vida. Ninguém, diz o autor, está encarregado de alimentá-los, de socorrê-los e, no entanto, os escravos eram nutridos e cuidados pelos senhores assim como seus cavalos. Isso é verdade, mas a espécie humana prefere prover-se a depender, e os cavalos nascidos nas florestas as preferem às estrebarias.

Nota com razão que os operários perdem muitos dias de trabalho para ganhar a vida, porque lhes são proibidos. Ora, isso não ocorre porque sejam livres, mas porque temos muitas leis ridículas e muitas festas.

Diz muito corretamente que não foi a caridade cristã que quebrou as correntes da servidão, uma vez que essa caridade as apertou durante mais de doze séculos. Poderia também acrescentar que entre os cristãos, os próprios monges, tão caridosos, ainda possuem escravos, reduzidos a um estado horroroso sob o nome de "amortalháveis", "mãos-mortáveis" e "servos da gleba".

Afirma, o que é verdadeiro, que os príncipes cristãos franquearam os servos só por avareza. Foi, com efeito, para ter o dinheiro amontoado por esses infelizes que lhes assinaram patentes de franquia. A liberdade não lhes foi dada, foi-lhes vendida. O Imperador Henrique V começou: franqueou os servos de Spire a Worms, no século XII; os reis da França o imitaram. Isso prova qual é o preço da liberdade, pois esses homens grosseiros pagaram um preço muito alto por ela.

Enfim, cabe aos homens cujo estado se discute, decidir qual preferem. Interrogai o mais vil serviçal, coberto de andrajos, nutrido com pão preto, dormindo sobre a palha numa cabana entreaberta; perguntai-lhe se quer ser escravo, melhor nutrido, melhor vestido, melhor acomodado. Não somente responderá recuando horrorizado, mas haverá alguns a quem nem mesmo ousareis fazer a proposta.

Em seguida, perguntai a um escravo se deseja ser franqueado e vereis o que vos responderá. Só por aí a questão já está decidida.

Considerai ainda que o serviçal pode tornar-se fazendeiro, e de fazendeiro, proprietário. Na França, pode até mesmo chegar a ser conselheiro do rei, se ganhou bastante. Na Inglaterra, pode ser rendeiro livre, nomear um deputado ao Parlamento. Na Suécia, ele próprio pode tornar-se um membro dos estados da nação. Essas perspectivas são preferíveis à de morrer abandonado num canto do estábulo do senhor.

Seção Terceira

Puffendorf diz que a escravidão foi estabelecida "com um consentimento das partes e por um contrato para fazer a fim de receber".

Só acreditarei em Puffendorf quando mostrar-me o primeiro contrato.

Grotius pergunta se um homem feito cativo na guerra tem o direito de fugir (notai que não fala de um prisioneiro sob palavra de honra). Decide que não tem esse direito: pois não diz que tendo sido ferido não tem o direito de se fazer curar? A natureza decide contra Grotius.

Eis o que avança o autor de *O Espírito das Leis* após ter pintado a escravidão dos negros com o pincel de Molière:

"O Sr. Perry diz que os moscovitas vendem-se facilmente; sei bem a razão. É que sua liberdade não vale nada."

O Capitão Jean Perry, inglês, que descrevia em 1714 o estado presente da Rússia, não diz uma palavra do que *O Espírito das Leis* o faz dizer. Encontramos em Perry somente algumas linhas a respeito da escravidão dos russos, ei-las: "O czar ordenou que em todos os seus Estados ninguém, no futuro, se diga seu *golup* ou escravo mas somente *raap*, que significa súdito. É verdade que esse povo não tirou nenhuma vantagem real, pois ainda hoje é efetivamente escravo".

O autor de *O Espírito das Leis* acrescenta que, segundo a descrição de Guilherme Dampier, "todo mundo procura vender-se no reino de Achem". Seria um estranho comércio. Não vi nada na *Viagem de Dampier* que se aproxime de tal idéia.

É pena que um homem com tanto espírito tenha arriscado tantas coisas e citado falsamente tantas vezes.

Seção Quarta

Servos de corpo, servos da gleba, mãos-mortas etc.

Diz-se comumente que não há mais escravos na França; que é o reino dos francos e que escravo e franco são contraditórios; que se é tão franco que muitos banqueiros são os últimos a morrer, deixando mais de trinta milhões de francos adquiridos às expensas dos descendentes dos antigos francos, se ainda os há. Feliz a nação francesa por ser tão franca! Entretanto, como conformar tanta liberdade com tantas espécies de servidão como, por exemplo, a mão-morta?

Mais de uma bela dama em Paris, brilhando num camarote da Ópera, ignora descender de uma família borgonhesa ou burbonesa ou do Franco-Condado, ou da Marca ou do Auvergne e que sua família ainda é escrava de mão-mortável, mão amortalhável.

Desses escravos, uns são obrigados a trabalhar três dias por semana para seu senhor, outros, dois. Se morrem sem filhos, seus bens pertencem ao senhor; se deixam filhos, o senhor toma somente os animais mais belos, os melhores móveis à sua escolha, em mais de um costume. Em outros costumes, se o filho do escravo mão-mortável não está na casa de escravidão paterna depois de um ano e um dia da morte do pai, perde todos os seus bens e permanece ainda escravo, isto é, se ganhar algum bem por sua engenhosidade, ao morrer o pecúlio pertencerá ao senhor.

Eis ainda melhor: um bom parisiense vai ver seus pais na Borgonha ou no Franco-Condado, permanece um ano e um dia numa casa mão-mortável e retorna a Paris. Todos os seus bens, em qualquer lugar que estejam situados, pertencerão ao senhor fundiário, no caso de o homem morrer sem deixar linhagem.

Pergunta-se, a esse propósito, como o condado de Borgonha recebeu a alcunha de *Franco* com uma tal servidão? Sem dúvida assim como os gregos deram às fúrias o nome de Eumênides, *bons corações*.

Mas, o mais curioso, o mais consolador de toda essa jurisprudência, é que os monges são senhores da metade das terras mão-mortáveis.

Se por acaso um príncipe de sangue, ou um ministro de Estado, ou um chanceler, ou algum de seus secretários lançasse os olhos sobre esse artigo seria bom, na ocasião, lembrar-se que o rei da França declarou à nação, no seu decreto de 18 de maio de 1731, que "os monges e os beneficiários possuem mais da metade dos bens do Franco-Condado".

O marquês de Argens, no *Direito Público Eclesiástico*, diz que em Artois, dos dezoito arados existentes, os monges possuem treze.

Os monges chamam-se a si próprios de *gente de mão-morta*, pois possuem escravos. Talvez isso deva ser colocado na categoria das "contradições".

Quando fizemos algumas censuras modestas sobre essa estranha tirania das pessoas que juraram a Deus serem pobres e humildes, responderam-nos: Há seiscentos anos, mais ou menos, que gozam desse direito, como despojá-las? Replicamos humildemente: Há trinta ou quarenta mil anos, mais ou menos, que as fuinhas estão na posse de comer nossos frangos, mas deram-nos permissão para destruí-las quando as encontrarmos.

N. B. Comer meia onça de ovelha é um pecado mortal para um cartuxo, mas pode em sã consciência comer a substância de uma família inteira. Vi os cartuxos da minha vizinhança herdarem cem mil escudos de um de seus escravos mão-mortáveis, que havia feito essa fortuna com o comércio em Frankfurt. E como é preciso dizer tudo, é verdade que a família despojada teve permissão para vir pedir esmola à porta do convento.

Digamos, portanto, que os monges têm ainda cinqüenta ou sessenta mil escravos mão-mortáveis no reino dos francos. Não se pensou até o presente em reformar essa jurisprudência cristã que acaba de ser abolida nos Estados do rei da Sardenha, mas pensar-se-á nisso. Esperemos somente alguns séculos, quando as dívidas do Estado estiverem pagas.

*Espírito

Seção Primeira

Um homem que tinha alguns conhecimentos do coração humano foi consultado sobre uma tragédia que deveria ser representada. Afirmou que havia tanto espírito nessa peça que duvidava do seu sucesso. O que!?, dir-se-á, é isso um defeito, numa época em que todos querem ter espírito, onde só se escreve para mostrar possuí-lo, onde o público chega a aplaudir os pensamentos mais falsos, quando são brilhantes? Sim, sem dúvida, aplaudir-se-á no primeiro dia, aborrecer-se-á no segundo.

Chamamos espírito tanto uma comparação nova quanto uma alusão fina; tanto o abuso de uma palavra apresentada num sentido para que se entenda num outro, quanto uma relação delicada entre duas idéias pouco comuns; uma metáfora singular, uma busca daquilo que não está imediatamente visível num objeto, e que efetivamente não existe nele. É a arte de reunir duas coisas longínquas, ou de dividir duas coisas que parecem juntar-se, ou de opô-las uma à outra. É dizer um pensamento pela metade para que se adivinhe o resto. Enfim, falar-vos-ia de todas as diferentes maneiras de mostrar espírito, se mais o tivesse eu. Entretanto, todos esses brilhos (e não falo de falsos brilhos) não convêm ou convêm muito raramente a uma obra séria e de interesse,

porque seu uso faz com que só o autor apareça e o público só quer ver o herói. Ora, este último está sempre apaixonado ou em perigo. O perigo e as paixões não procuram espírito. Príamo e Hécuba não fazem epigramas quando seus filhos são degolados em Tróia incendiada. Dido não suspira em madrigais, voando à pira sobre a qual será imolada. Demóstenes não tem belos pensamentos quando anima os atenienses para a guerra; se os tivesse, seria um retórico, mas é um homem de Estado.

A arte admirável de Racine está bem acima do que chamamos *espírito*, mas se Pirro se exprimisse sempre neste estilo: *"Vencido, carregado de ferros, de remorsos consumido,/ Queimado com mais fogos que hei acendido,/ Ai de mim, fui alguma vez tão cruel como o sois?"* ou se Orestes continuasse dizendo: "Que os citas são menos cruéis que Hermione", estas duas personagens não comoveriam de modo algum. Perceberíamos que a verdadeira paixão muito raramente ocupa-se com semelhantes comparações e que há pouca proporção entre os fogos reais em que Tróia foi consumida e os fogos do amor de Pirro. Entre os citas que imolam homens e Hermione que não amou Orestes. Cina, falando de Pompeu, diz:

"O céu escolheu sua morte para servir dignamente/
De marca eterna a essa grande mudança/
E deveria essa honra aos manes dum tal homem/
Levar consigo a liberdade de Roma".

Esse pensamento tem um brilho muito grande. Tem muito espírito e mesmo um ar de grandiosidade que impõe. Estou seguro de que esses versos pronunciados com o entusiasmo e a arte de um bom ator serão aplaudidos. Mas estou seguro de que a peça de Cina, escrita nesse gosto, nunca seria representada por muito tempo. Com efeito, por que o céu deveria honrar Pompeu por tornar os romanos escravos após sua morte? O contrário seria mais verdadeiro: os manes de Pompeu deveriam sobretudo obter do céu a manutenção eterna dessa liberdade pela qual se supõe que combateu e morreu.

Que seria, então, uma obra cheia de pensamentos rebuscados e problemáticos? Quão superiores a todas as idéias brilhantes são estes versos simples e naturais:

"Cina, tu te lembras e queres me assassinar!
Sejamos amigos, Cina, sou eu que te convido".

A verdadeira beleza é feita pelo sublime e pelo simples, não pelo "espírito".

Em "Rodogune", Antíoco diz à sua amante, que o deixa após haver-lhe indignamente proposto matar sua mãe: "Ela foge, mas como um parta, trespassando-nos o coração". Antíoco tem espírito. Faz um epigrama contra Rodogune, comparando engenhosamente as últimas palavras que ela diz, ao partir, às flechas que os partas lançavam ao fugir. Mas não é porque a amante o abandona que a proposição de matar sua mãe é revoltante. Que vá ou fique, o coração de Antíoco está igualmente trespassado. O epigrama é, portanto, falso, e se Rodogune não partisse, não haveria lugar para tão mau epigrama.

Escolhi propositalmente esses exemplos nos melhores autores a fim de que sejam mais chocantes. Não relevo os chistes e os jogos de palavras perceptivelmente falsos. Não há quem não ria quando na tragédia do *Velocino de Ouro*, fazendo alusão aos seus sortilégios, Hipsípilo diz a Medéia: "Só tenho atrativos e vós tendes encantos".

Corneille encontrou o teatro e todos os gêneros literários enfeitados com essas puerilidades, mas raramente chegou a permiti-las em sua obra. Não quero falar aqui desses traços de espírito admissíveis alhures e que o gênero sério reprova. Poderíamos aplicar a seus autores o mote de Plutarco, traduzido por Amyot com feliz ingenuidade: "Sem propósito fazes boas propostas".

Volta me à memória um dos traços brilhantes que vi citar como modelo em muitas obras de gosto e mesmo no *Tratado dos Estudos*, do finado Sr. Rollin. O trecho é tirado da bela *Oração*

Fúnebre, do grande Turenne, composta por Fléchier. É verdade que nessa oração Fléchier quase iguala o sublime Bossuet, que chamei e chamo ainda "o único homem eloqüente" entre tantos escritores elegantes. Parece-me que o traço de que falo não foi empregado pelo bispo de Meaux. Ei-lo:

"Potências inimigas da França, viveis, e o espírito da caridade cristã impede-me fazer algum voto por vossa morte, etc. Mas viveis, e lastimo neste púlpito um sábio e virtuoso capitão, cujas intenções eram puras, etc."

Uma apóstrofe nesse gosto conviria a Roma durante a guerra civil, após o assassinato de Pompeu, ou a Londres, após a morte de Carlos I, porque, com efeito, tratava-se dos interesses de Pompeu e de Carlos I. Mas é decente desejar-se destramente em púlpito a morte do imperador, do rei da Espanha e dos eleitores, e colocar na mesma balança um general do exército do rei inimigo? As intenções de um capitão, que só podem ser as de servir seu príncipe, devem ser comparadas com os interesses políticos das cabeças coroadas contra as quais servia? Que diríamos de um alemão que desejasse a morte do rei da França por causa da perda do General Merci, cujas intenções eram puras? Por que, então, essa passagem foi sempre louvada por todos os retóricos? Porque a figura é nela bela e patética em si mesma, porém não examinam o fundo e a conveniência do pensamento. Plutarco teria dito a Fléchier: "Fizestes sem propósito uma bela proposta".

Volto ao meu paradoxo, ou seja, que todos esses brilhos, a que damos o nome de espírito, não devem aparecer nas grandes obras, feitas para instruir ou para comover. Direi que devem ser banidos mesmo da ópera. A música exprime as paixões, os sentimentos, as imagens; mas onde estão os acordes que um epigrama possa fornecer?

. . . . . .

Esses jogos da imaginação, essas finuras, esses rodeios, esses traços inopinados, essas graças, essas pequenas sentenças cortadas, essas familiaridades engenhosas que se prodigalizam hoje, só são convenientes às pequenas obras de pura recreação e adorno. A fachada do Louvre, de Perrault, é simples e majestosa. Um escritório pode receber com graça pequenos ornamentos. Tende tanto espírito quanto quiserdes ou quanto puderdes num madrigal, em versos leves, numa cena de comédia, nem apaixonada nem ingênua, num cumprimento, num pequeno romance, ou numa carta, onde vos alegrais para alegrardes vossos amigos.

Longe de mim reprovar Voiture por ter posto espírito em suas cartas. Pelo contrário, considero que não possuía muito, embora o procurasse sempre. Diz-se que os mestres da dança fazem mal a reverência porque querem fazê-la muito bem. Creio que Voiture freqüentemente esteve neste caso. Suas melhores cartas são estudadas, sente-se que se cansa para procurar o que se apresenta tão naturalmente ao Conde Antoine Hamilton, à senhora de Sevigné e a tantas outras senhoras que, sem esforço, escrevem essas bagatelas melhor do que Voiture, que as escrevia a duras penas. Despréaux, que havia ousado comparar Voiture a Horácio nas suas primeiras sátiras, quando seu gosto amadureceu com a idade mudou de opinião. Sei que importa muito pouco aos negócios deste mundo que Voiture seja ou não um grande gênio, que tenha feito somente algumas belas cartas, ou que todos os seus gracejos sejam modelares. Mas nós, que cultivamos e amamos as artes, prestamos grande atenção ao que é indiferente ao resto do mundo. Para nós, o bom gosto em literatura é o mesmo que o vestuário nas mulheres. Desde que não se confunda opinião com partido, parece-me que ousadamente poderíamos dizer que há em Voiture poucas coisas excelentes, e que Marot facilmente se reduziria a umas poucas páginas.

Não queremos roubar-lhes a reputação, pelo contrário, queremos saber justamente o que lhes valeu essa reputação que tanto respeitamos e quais são as verdadeiras belezas que esconderam seus defeitos. É preciso saber o que devemos imitar e o que devemos evitar. Este é o verdadeiro fruto do estudo aprofundado das belas-letras. Assim fazia Horácio quando examinava criticamente Lucílio, e, embora isto lhe tivesse valido inimigos, estes acabaram sendo esclarecidos também.

O desejo de brilhar e de dizer de uma maneira nova o que outros já disseram é a fonte de expressões novas e de pensamentos amaneirados. Quem não pode brilhar por um pensamento quer fazer-se notar pela palavra. (. . .) Por que evitar uma expressão de uso corrente para introduzir outra que diz precisamente a mesma coisa? Uma palavra nova só é perdoável quando é absolutamente necessária, inteligível e sonora. Em física, uma nova máquina, uma nova descoberta

exigem uma palavra nova e se é obrigado a criá-la. Porém, há novas descobertas no coração humano? Existe uma outra grandeza fora aquela de Corneille e de Bossuet? Outras paixões diferentes das manejadas por Racine, afloradas por Quinault? Outra moral evangélica que a do Padre Bourdalove?

Os que acusam nossa língua de não ser bastante fecunda devem encontrar esterilidade, com efeito, mas neles próprios: *Rem verba sequuntur.* [45]

Quando se está bem invadido por uma idéia, quando um espírito justo e cheio de calor é senhor de seu pensamento, este sai de seu cérebro já ornado de expressões convenientes, como Minerva saiu já armada do cérebro de Júpiter. Enfim, tudo nos leva a concluir que não é preciso procurar os pensamentos, nem os rodeios, nem as expressões, e que a arte em todas as grandes obras está em raciocinar bem sem colocar muitos argumentos; em pintar bem, sem querer pintar tudo; em emocionar, sem querer excitar sempre as paixões. Sem dúvida, dou aqui belos conselhos. Eu próprio os segui? Infelizmente, não!

Pauci, quos aequus amavit
Jupiter, aut ardens evexit ad aethera virtus,
dis geniti potuere. [46]

Seção Segunda

A palavra *espírito*, quando significa *uma qualidade da alma*, é um desses termos vagos, pronunciados quase sempre num sentido diferente por todos os que os empregam: não exprime o mesmo que julgamos, gênio, gosto, talento, penetração, extensão, graça, finura, mas deve ter todos esses méritos. Poderíamos defini-lo como *razão engenhosa*.

É uma palavra genérica que sempre necessita de uma outra palavra que a determine, e quando se diz: "Eis uma obra cheia de espírito", "um homem que tem espírito", tem-se muita razão ao perguntar: qual? O espírito sublime de Corneille não é o espírito exato de Boileau, nem o espírito ingênuo de La Fontaine. O espírito de La Bruyère, que é a arte de pintar singularmente, não é o de Malebranche, que é o da imaginação com a profundidade.

Quando se diz que um homem tem um espírito judicioso, entende-se que tem uma razão apurada e não aquilo que chamamos espírito. Um espírito firme, macho, corajoso, grande, pequeno, fraco, leve, doce, arrebatado, etc., significa *o caráter e a têmpera da alma*, e não tem relação com o que se entende na sociedade pela expressão: "ter espírito".

O espírito, na acepção comum da palavra, contém muito do belo espírito e, entretanto, não significa precisamente a mesma coisa, pois jamais o termo "homem de espírito" pode ser tomado maldosamente e "belo espírito" é algumas vezes pronunciado ironicamente.

Donde vem essa diferença? É que um "homem de espírito" não significa "espírito superior", "talento notável" tal como "belo espírito" significa. Esta expressão, "homem de espírito", não anuncia pretensão, e "belo espírito" é um cartaz, é uma arte que pede erudição, é uma espécie de profissão e por isso expõe à inveja e ao ridículo.

Nesse sentido, o Padre Bouhours teria razão ao dizer, segundo o Cardeal Duperron, que os alemães não tinham pretensões a ter espírito porque seus sábios ocupavam-se unicamente com obras laboriosas e pesquisas penosas, que não lhes permitiam espalhar flores, nem que se esforçassem para brilhar ou que o belo espírito se misturasse com a sabedoria.

Os que desprezam o gênio de Aristóteles em vez de condenar apenas sua *Física*, que não poderia ser boa estando privada da experiência, talvez ficassem bastante espantados vendo que Aristóteles ensinou perfeitamente em sua *Retórica* a maneira de dizer coisas com espírito. Diz que tal arte consiste em deixar de usar a palavra própria (que já não diz nada novo) e em seu lugar

[45] As palavras seguem a coisa. (N. do E.)
[46] Só os poucos, que Júpiter benevolente amou, ou a virtude excelsa ao éter elevou, alcançaram a condição de filhos dos deuses. (N. do E.)

empregar uma metáfora, uma figura cujo sentido seja claro e a expressão enérgica. Mostra muitos exemplos e, entre outros, o de Péricles ao falar de uma batalha onde a mais florescente juventude de Atenas perecera: "O ano foi despojado da sua primavera".

Aristóteles tem bastante razão ao dizer que é preciso o novo.

O primeiro que, para exprimir a mistura dos prazeres com a amargura, os comparou com rosas cheias de espinhos teve espírito; aqueles que o repetiram não tiveram nenhum.

Não é sempre por uma metáfora que nos exprimimos espirituosamente. Pode ser através de um novo circunlóquio, deixando-se adivinhar sem dificuldade uma parte do pensamento. É o que chamamos "finura", "delicadeza", e que são tanto mais agradáveis quanto mais exercitem e valorizem o espírito dos outros.

As alusões, as alegorias, as comparações são um vasto campo de pensamentos engenhosos. Os efeitos da natureza, a fábula, a história apresentados à memória fornecem uma imaginação feliz dos traços que o espírito empregará depois propositalmente.

. . . . . .

O ponto principal é saber até onde o espírito deve ser admitido. Está claro que nas grandes obras deve-se empregá-lo com sobriedade e por isso mesmo nelas é um ornamento apenas. A grande arte está na pertinência.

Um pensamento fino e engenhoso, uma comparação justa e florida são defeitos quando só a razão ou a paixão deveriam falar, ou então quando se deve tratar de grandes interesses. Nesses casos não há o falso belo espírito mas o espírito deslocado, e toda beleza fora de lugar deixa de ser beleza. Virgílio nunca teve esse defeito que entretanto se pode censurar algumas vezes no Tasso, por mais admirável que seja. Esse defeito ocorre porque o autor, cheio de suas próprias idéias, quer exibir-se quando deveria mostrar suas personagens.

A melhor maneira de conhecer o uso que devemos fazer do espírito é ler um pequeno número de boas obras de gênio que temos nas línguas cultas e na nossa.

O *falso espírito* é diferente do *espírito deslocado*. Não é somente um pensamento falso, pois poderia ser falso sem ser engenhoso, é um pensamento falso e rebuscado.

. . . . . .

O gosto falso é diferente do falso belo espírito, porque este é sempre uma afetação, um esforço mal feito, enquanto o outro é freqüentemente um hábito de compor mal sem esforço e de seguir por instinto um mau exemplo estabelecido.

A intemperança e a incoerência das imaginações orientais é um falso gosto, mas é mais uma falta de espírito do que um abuso de espírito.

As estrelas que caem, as montanhas que se fendem, os rios que recuam, o Sol e a Lua que se dissolvem, comparações falsas e gigantescas, a natureza sempre ultrajada, são as características desses escritores, porque nesses países, onde nunca se falou em público, a verdadeira eloqüência não pode ser cultivada e é muito mais fácil ser empolado do que justo, fino e delicado.

O falso espírito é precisamente o contrário de idéias triviais e empoladas. É uma procura fatigante de traços finos, uma afetação para dizer em enigma o que os outros já disseram naturalmente, para aproximar idéias que parecem incompatíveis, para dividir o que deve ser reunido, para tomar relações falsas, para misturar indecentemente a galhofa com o sério e o pequeno com o grande.

Seria um trabalho supérfluo amontoar citações onde se encontra o termo *espírito*. Examinaremos apenas uma de Boileau, que é citada no grande *Dicionário de Trévoux:* "É próprio dos grandes espíritos, quando começam a envelhecer e a declinar, satisfazer-se com contos e fábulas". Essa reflexão não é verdadeira. Um grande espírito pode cair nessa fraqueza, a qual não é, porém, própria dos grandes espíritos. Nada é mais capaz de extraviar a juventude do que citar erros dos bons escritores como exemplo.

Não se pode esquecer de dizer aqui em quantos sentidos diferentes a palavra *espírito* é empregada. Não é um defeito da língua; é, pelo contrário, uma vantagem ter assim tantas raízes ramificando-se em várias direções.

Espírito de corpo, de sociedade: para exprimir os usos, a maneira de falar e de se conduzir, os preconceitos de um grupo.

Espírito de partido: que está para o espírito de corpo como as paixões para os sentimentos comuns.

Espírito de uma lei: para distinguir a intenção; é nesse sentido que se diz: "A letra mata e o espírito vivifica".

Espírito de uma obra: para exprimir-lhe o caráter e o fim.

Espírito de vingança: para significar *desejo* e *intenção* de vingar-se.

Espírito de discórdia, de revolta, etc.

Foi citado num dicionário *espírito de polidez*, baseado num autor denominado Bellegarde, que não tem autoridade alguma. Devem-se escolher com um cuidado escrupuloso os autores e os exemplos. Não se diz *espírito de polidez* como se diz *espírito de vingança*, de *dissensão*, de *facção*, porque a polidez não é uma paixão animada por um forte motivo que a conduza, e que metaforicamente chamamos *espírito*.

Espírito familiar diz-se num outro sentido e significa esses seres intermediários, esses gênios, esses demônios admitidos na Antiguidade, como por exemplo, o *espírito de Sócrates*, etc.

Espírito significa algumas vezes a parte mais sutil da matéria: fala-se em *espíritos animais, espíritos vitais*, para significar o que nunca se viu e que dá movimento à vida. Esses espíritos que cremos correr rapidamente nos nervos são provavelmente um fogo sutil. O Dr. Mead é o primeiro que parece tê-lo provado, no prefácio do *Tratado sobre os venenos*.

Espírito, em química, é ainda um têrmo que recebe várias acepções diferentes, mas que significa sempre a parte sutil da matéria. Neste sentido há longinquamente *espírito* no *bom espírito* e no *belo espírito*. Como tudo é metáfora em todas as línguas, a mesma palavra pode dar idéias diferentes sem que o vulgo se aperceba.

Sução Terceira

Essa palavra não é uma grande prova de imperfeição das línguas, do caos onde estão ainda e do acaso que dirige quase todas as nossas concepções?

Agradou aos gregos, assim como a outras nações, chamar "vento", "sopro", "pneuma", o que entendiam vagamente por respiração, vida, alma. Assim, em certo sentido, na Antiguidade, alma e vento eram a mesma coisa. E se dissessemos que o homem é uma máquina pneumática só teríamos traduzido os gregos. Os latinos imitaram os gregos e serviram-se da palavra "spiritus", espírito, sopro. "Anima" e "spiritus" eram a mesma coisa.

O *rouhak* dos fenícios e, conforme se pretende, dos caldeus, significa o mesmo: "sopro" e "vento".

Quando se traduziu a Bíblia em latim, empregou-se sempre indiferentemente a palavra sopro, espírito, vento, alma. *Spiritus Dei ferebatur super aquas*, o vento de Deus, o espírito de Deus pairava sobre as águas.

Spiritus vitae, o sopro da vida, a alma da vida.

Inspiravit in faciem ejus spiraculum, ou *spiritum vitae*: e ele soprou sobre sua face o sopro da vida, o espírito da vida. E, segundo o hebraico, soprou em suas narinas um sopro, um espírito de vida.

Haec quum dixisset, insuflavit et dixit eis: Accipite spiritum sanctum. Tendo dito isso, soprou sobre eles e lhes disse: Recebei o sopro santo, o espírito santo.

Spiritus ubi vult spirat, et vocem ejus audis, sed nescis unde veniat: o espírito, o vento sopra onde quer, e ouvis sua voz (sem barulho), mas não sabeis de onde vem.

Isso está longe das nossas brochuras do Quai des Augustins e do Pont-Neuf, intituladas *Espírito de Marivaux, Espírito de Desfontaines*, etc.

O que em francês entendemos comumente por espírito, belo espírito, traço de espírito, etc.

significa: pensamentos engenhosos. Nenhuma outra nação fez tal uso da palavra *spiritus*. Os latinos diziam *ingenium;* os gregos, *euftia*, ou então empregavam adjetivos. Os espanhóis dizem *agudo, agudeza*.

Os italianos empregam comumente o termo *ingegno*.

Os ingleses servem-se da palavra *wit, witty*, cuja etimologia é bela! Pois significava antigamente *sábio*.

Os alemães dizem *verständig;* quando querem exprimir pensamentos engenhosos, vivos, agradáveis, dizem "ricos em sentido", *sinn-reich*. Por isso os ingleses, que mantiveram muitas expressões da antiga língua germânica e francesa, dizem: *sensible man*.

Assim, quase todas as palavras que exprimem as idéias do entendimento são metáforas. O *ingegno* ou *ingenium* é tirado do que engendra; a *agudeza*, do que é pontudo; o *sinn-reich*, rico em sentido; o espírito, do vento; e o *wit*, da sabedoria.

Em todas as línguas aquilo que corresponde ao espírito em geral varia, e quando dizeis: "Este homem tem espírito", estamos no direito de perguntar-vos qual.

Girard, no seu útil livro de definições, intitulado *Sinônimos Franceses*, conclui assim: "No comércio com as damas é preciso ter espírito ou o jargão que aparenta espírito" (o que não é honrá-las; merecem melhor). "O entendimento é próprio dos políticos e das cortesãs". Parece-me que o entendimento é necessário em todos os lugares e é bastante extraordinário ver um entendimento *próprio de*.

"O gênio convém a gente que faz projetos e gastos." Ou me engano, ou o gênio de Corneille era feito para todos os espectadores; o gênio de Bossuet para todos os ouvintes e também, em particular, para as pessoas que gastam.

As palavras que correspondem a *spiritus*, espírito, vento, sopro, em todas as nações dão necessariamente a idéia de ar. Por isso todas supuseram que o ar fosse nossa faculdade de pensar, de agir, o que nos anima. E a partir dessa suposição, julgou-se que nossa alma fosse ar sutil. Pelo mesmo motivo, os manes, os espíritos, as almas-do outro-mundo, as sombras foram compostos de ar. Por isso dizíamos, não faz muito tempo: "Um espírito apareceu-lhe"; "tem um espírito familiar"; "aparecem espíritos neste castelo". E o populacho ainda o diz.

Somente as traduções dos livros hebraicos em mau latim empregaram a palavra *spiritus* nesse sentido.

Manes, umbrae, simulacra, são expressões de Cícero e de Virgílio. Os alemães dizem *geist*, os ingleses *ghost*, os espanhóis *duende, trasgo*, os italianos parecem não ter um termo significando *alma-do-outro-mundo*. Só os franceses serviram-se da palavra *espírito*. Para todas as nações a palavra própria deve ser *fantasma, imaginação, sonho, parvoice, intrujice*.

. . . . . .

Seção Quinta

Na Inglaterra, para exprimir que um homem tem muito espírito, diz-se que tem grandes partes, *great parts*. Donde poderia vir essa maneira de falar que espanta hoje em dia os franceses? Deles próprios. Outrora nos servíamos comumente da palavra *partes* naquele sentido. Clélia, Cassandra, os demais antigos romanos só falam das partes de seus heróis e heroínas, e essas partes são seu espírito. Não poderiam melhor se exprimir. Com efeito, quem pode ter tudo? Cada um de nós só possui sua porçãozinha de inteligência, de memória, de capacidade, de profundidade de idéias, de extensão, de vivacidade, de finura. A palavra *partes* é a mais conveniente para seres tão fracos como o homem. Os franceses deixaram escapar de seus dicionários uma expressão que os ingleses apanharam, e mais uma vez enriqueceram-se à nossa custa.

Vários escritores filósofos espantaram-se com o fato de que, todo mundo pretendendo ter espírito, ninguém ouse gabar-se de tê-lo.

"A inveja", segundo dizem, "permite a cada um ser o panegirista de sua probidade e não de seu espírito." A inveja permite que se faça a apologia de sua probidade, não de seu espírito: por quê? É que é necessário passar por homem de bem e não é absolutamente necessário ter a reputação de homem de espírito.

Levantou-se a questão de saber se todos os homens nascem com o mesmo espírito, as mesmas disposições para as ciências, ou se tudo depende de sua educação e das circunstâncias em que se encontram. Um filósofo, que tinha o direito de acreditar-se nascido com alguma superioridade, pretendeu que os espíritos são iguais. Entretanto, é sempre o contrário que se tem visto. De quatrocentas crianças educadas juntas pelos mesmos mestres, sob a mesma disciplina, apenas cinco ou seis fazem progressos bem nítidos. O grande número é sempre de medíocres, e entre estes ainda encontramos matizes. Em uma palavra, os espíritos diferem mais do que os rostos.

Seção Sexta

Falso Espírito

Existem cegos, zarolhos, vesgos, caolhos, há vista comprida, vista curta, ou distinta, ou confusa, ou fraca, ou infatigável. Isso também é uma imagem bastante fiel do nosso entendimento, mas não se conhece quase nada de vista falsa. Não há muitas pessoas que tomem sempre um homem por um cavalo, nem um urinol por uma casa. Por que encontramos tão freqüentemente espíritos, aliás muitos justos, que são absolutamente falsos sobre coisas importantes? Por que o mesmo siamês, que jamais se deixará enganar quando for questão de pagar-lhe três rupias, crê firmemente nas metamorfoses de Samonocodão? Qual a estranha bizarrice que leva homens sensatos parecerem-se com Dom Quixote, que acreditava ver gigantes onde os outros homens só viam moinhos de vento? Dom Quixote era mais desculpável do que o siamês crente de que Samonocodão veio várias vezes à terra, ou do que o turco persuadido de que Maomé colocou metade da Lua em sua manga. Dom Quixote, atacado pela idéia de que devia combater gigantes, podia imaginar que estes deveriam ter o corpo tão grande quanto um moinho e os braços tão longos quanto suas asas, mas de que suposição pode partir um homem sensato para se persuadir de que metade da Lua entrou numa manga e de que um Samonocodão desceu do céu para empinar papagaio em Sião, cortar uma floresta e fazer passes de mágica?

Os maiores gênios podem ter espírito falso sobre um princípio que admitiram sem exame. Newton tinha o espírito muito falso quando comentou o *Apocalipse*.

Tudo o que certos tiranos da alma desejam é que os homens a quem ensinam tenham o espírito falso. Um faquir cria uma criança que promete muito. Emprega cinco ou sêis anos a meter-lhe na cabeça que o deus Fô apareceu aos homens como um elefante branco e persuade a criança de que será chicoteada após sua morte, durante quinhentos mil anos, se não acreditar nessas metamorfoses. Acrescenta que no fim do mundo o inimigo do deus Fô virá combatê-lo.

A criança estuda, torna-se um prodígio e argumenta a partir das lições de seu mestre. Acha que Fô só pode transformar-se em elefante branco porque este é o mais belo dos animais. Os reis de Sião e Pegu, diz, guerrearam por um elefante branco; certamente se Fô não estivesse escondido nesse elefante esses reis não teriam sido tão insensatos de combaterem pela posse de um simples animal.

O inimigo de Fô virá desafiá-lo no fim do mundo. Certamente esse inimigo será um rinoceronte, pois este combate o elefante. É assim que raciocina numa idade madura o sapiente aluno do faquir e torna-se uma das luzes da Índia. Quanto mais seu espírito for sutil, mais falso será e, em seguida, formará espíritos falsos como o seu.

Mostra-se a todos esses energúmenos um pouco de geometria, que aprendem facilmente, mas, coisa estranha, seu espírito não se endireita com isso! Percebem as verdades da geometria, mas estas não lhes ensinam a pesar as probabilidades. Pegaram o costume e raciocinarão atravessado para o resto de suas vidas. Estou desolado por eles.

Infelizmente há muitas maneiras de se ter falso espírito: 1.º não examinar se o princípio é verdadeiro, mesmo quando dele deduzimos conseqüências justas. Essa maneira é comum. 2.º tirar conseqüências falsas de um princípio reconhecido como verdadeiro. Por exemplo, um doméstico é interrogado por pessoas que suspeita quererem matar seu amo, que se encontra em seu quarto. Seria bastante tolo se lhes dissesse a verdade, sob o pretexto de que não se deve mentir. Está claro

que teria tirado uma conseqüência absurda de um princípio muito verdadeiro. Como o homicídio é proibido, um juiz que condenasse um homem porque matou um outro que queria assassiná-lo seria tão iníquo quanto mau raciocinador.

Casos semelhantes se repartem em mil matizes diferentes. O bom espírito, o espírito justo, é o que os desenreda. Foi por isso que vimos tantos julgamentos iníquos, não que o coração dos juízes fosse maldoso, mas porque não estavam bastante esclarecidos.

Estados, Governos

Qual é o melhor?

Ainda não conheci até hoje ninguém que tenha governado um Estado. Não falo dos senhores ministros que, em verdade, governam dois ou três anos, uns; seis meses, outros; seis semanas, ainda outros; falo de todos aqueles homens que, à hora da ceia ou no íntimo dos gabinetes, explanam o seu sistema de governo, reformando os exércitos, a Igreja, o vestuário e a finança.

O abade de Bourzeis começou a governar a França cerca do ano de 1645, sob o nome de cardeal de Richelieu e fez esse *Testamento Político* pelo qual pretende alistar a nobreza na cavalaria por três anos, manda pagar a derrama aos tribunais de contas e aos parlamentos, priva o rei da receita da gabela [47]; garante sobretudo que, para entrar em campanha com cinqüenta mil homens, devem-se por economia recrutar cem mil. Afirma que "só a Provença tem muito mais portos de mar que a Espanha e a França juntas".

O abade de Bourzeis nunca tinha viajado. De resto, a sua obra está inçada de anacronismos e dislates; põe o cardeal de Richelieu a assinar duma forma como ele nunca assinou, bem como o faz falar como ele jamais falou. Acresce que preenche um capítulo inteiro a dizer que "a razão deve ser a regra de um Estado", e a tentar provar essa descoberta. Essa obra diabólica, produto bastardo do abade de Bourzeis, durante muito tempo passou por filha legítima do cardeal de Richelieu; e todos os acadêmicos, nas suas arengas, nunca se esqueciam de exaltar desmedidamente essa obra-prima da política.

O Sr. Gatien de Courtilz, ao ver o êxito do *Testamento Político*, de Richelieu, mandou imprimir, em Haia, o *Testamento de Colbert*, com uma formosa carta de Colbert dirigida ao rei. É evidente que se esse ministro fosse autor de semelhante testamento, teria de ser dado por interdito e suspenso do cargo; contudo, este livro foi citado por alguns autores.

Um outro patifório, de quem se desconhece o nome, arranjou logo processo de lançar a público o *Testamento de Louvois*, ainda pior, se possível, do que o de Colbert; um abade de Chevremont pôs também a testar o Duque Carlos da Lorena. Tivemos seguidamente os testamentos políticos do Cardeal Alberoni, do Marechal de Belle-Isle e, finalmente, o de Mandrin.

De Bois-Guillebert, autor do *Pormenor da França*, impresso em 1695, apresentou o projeto inexeqüível do dízimo real, sob o nome do Marechal de Vauban.

Um louco chamado La Jonchère, que não possuía cheta, magicou em 1720 um projeto financeiro em quatro volumes; e alguns imbecis citaram essa produção como uma obra de La Jonchère, o tesoureiro-geral, supondo que um tesoureiro não pode fazer um mau livro de finanças.

Mas havemos de concordar que alguns homens houve, muito sábios e sensatos, talvez até muito dignos da governação, que têm escrito acerca da administração pública, quer em França, quer na Espanha ou na Inglaterra. Os seus livros foram de grande utilidade: não se julgue que tenham corrigido os ministros então no exercício do poder, quando tais livros apareceram, porque um ministro nunca se corrige nem deixa corrigir por outrem. Segue uma linha determinada; não lhe valem instruções nem conselhos alheios; não tem, sequer, tempo para os ouvir; a acumulação, o ritmo dos assuntos a resolver arrastam-no num autêntico turbilhão; mas esses livros bons educam a juventude, que virá mais tarde a ocupar funções de chefia; educam os príncipes e a segunda geração fica mais instruída e mais competente.

[47] A gabela era um direito sobre o sal que se cobrava em França antes da Revolução de 1789. (N. dos T.)

A fraqueza e a força de todos os governos foi mui de perto examinada nos últimos tempos. Dizei-me, pois, vós que tendes viajado, que muito tendes lido e visto, em que Estado, sob qual regime político, gostaríeis de ter nascido? Percebo perfeitamente que um grande senhor latifundiário de França não ficaria aborrecido por ter nascido na Alemanha; ali seria soberano em vez de súdito. A um par de França havia de ser-lhe grato ter os privilégios do pariato inglês, pois seria legislador.

O homem togado e o financeiro achar-se-iam melhor em França que algures.

Mas que pátria deveria escolher um homem sensato, livre, um homem de parca fortuna e sem preconceitos?

Um membro do Conselho de Pondichéry, criatura bastante ilustrada, regressava à Europa por terra na companhia de um brama, bastante mais instruído do que vulgarmente os bramas costumam ser. — "Como achais o governo do grão-mogol?" perguntou o conselheiro. — "Abominável", respondeu o brama. "Como quereis que um Estado seja governado capazmente, e com êxito, por tártaros? Os nossos *raias*, os nossos *omras*, os nossos nababos, estão todos muito satisfeitos, mas já não assim os cidadãos, e alguns milhões de cidadãos ainda devem valer qualquer coisa."

O conselheiro e o brama atravessaram a Ásia inteira, observando e discutindo. — "Reparai numa coisa", disse o brama; "não há nenhum Estado republicano nesta vasta parte do mundo." — "Houve outrora a república de Tyr", disse o conselheiro, "mas pouco durou. Também havia outra para os lados da Arábia Pétrea, num recanto chamado Palestina, se podemos honrar com o nome de república uma horda de gatunos e usurários, tão depressa governada por juízes como por uma espécie de reis, ora, ainda, por grandes pontífices, horda que foi submetida e escravizada sete ou oito vezes e acabou por ser expulsa da região que tinha ocupado."

— "Compreendo que devem encontrar-se à face da Terra muito poucas repúblicas", disse o brama. "Raramente os homens são dignos de se governarem a si próprios. Essa felicidade apenas deve pertencer aos pequenos povos que se escondem nas ilhas, ou entre as montanhas, como coelhos bravos que se esquivam dos animais carnívoros; mas, por fim, são descobertos e acabam também por ser devorados."

Quando os dois viajantes chegaram à Ásia Menor, o conselheiro disse ao brama: — "Sereis por acaso capaz de acreditar que houve uma república formada num cantinho da Itália, a qual durou mais de quinhentos anos e que dominou esta Ásia Menor, a Ásia, a África, a Grécia, as Gálias, a Espanha e a Itália inteira?" — "E transformou-se depois numa monarquia?" indagou o brama. — "Advinhaste-lo", disse o outro; "mas essa monarquia caiu e todos os dias lemos belas dissertações para encontrar as causas da sua decadência e da sua queda." — "Incomodais-vos por nada", respondeu o indiano: "esse império caiu porque existia. Tudo vem a cair: e tenho esperança de que aconteça outro tanto ao império do grão-mogol." — "A propósito", disse o europeu, "acreditais que seja necessária mais honra num Estado despótico e mais virtudes numa república?" Depois de lhe ter sido explicado o que se entende por honra, o indiano respondeu que a honra era mais necessária numa república e que era mais necessária a virtude num Estado monárquico. — "Porque", disse, "um homem que pretenda ser eleito pelo povo não o conseguirá se estiver desonrado; ao passo que numa corte facilmente poderá obter um cargo, conforme aquele preceito de um alto príncipe que costumava dizer que um cortesão, para triunfar, não devia ter honra nem mau humor. No que respeita à virtude, é prodigiosamente precisa numa corte, mas para ousar dizer a verdade. O homem virtuoso está muito mais à vontade numa república, pois ali não tem que lisonjear seja quem for."

— "Acreditais", inquiriu o homem da Europa, "que as leis e as religiões sejam feitas para os climas, tal como fazem falta as peles em Moscou e os tecidos de gaze em Delhi?" — "Decerto", respondeu o brama; "todas as leis que dizem respeito à física são calculadas pelo meridiano onde se habita; uma só mulher chega e sobeja para um alemão, ao passo que um persa possui três ou quatro. Os ritos da religião são da mesma natureza. Como podia eu, se fosse cristão, dizer missa na minha província natal, onde não há pão nem vinho? Acerca dos dogmas, porém, já o caso é outro; o clima para aí não conta nada. A vossa religião não começou na Ásia, donde a expulsaram? Não é agora praticada para as bandas do mar Báltico, onde era desconhecida?"

— "Qual é o Estado, sob qual regime, gostaríeis mais de viver?" perguntou o conselheiro. — "Em qualquer parte fora da minha pátria", respondeu lhe o companheiro; "e tenho encontrado

muitos siameses, tonquineses, persas e turcos que afirmam outro tanto." — "Mas", insistiu o europeu, "qual Estado escolheríeis?" O brama respondeu: — "Aquele onde todos obedecem às leis". — "É essa uma antiga resposta", disse o conselheiro. — "Lá por isso, não se diga que é uma resposta má", redargüiu o brama. — "E onde é esse país?" perguntou o conselheiro. O brama disse: — "Há que procurá-lo." [48]

Evangelho

Constitui um grande problema saber quais são os primeiros evangelhos. É uma verdade indubitável, diga Abbadie o que disser, que nenhum dos primeiros Padres da Igreja [49] até Ireneu, inclusive, cita qualquer passo dos quatro evangelhos que nós hoje conhecemos.

Pelo contrário, os teodosianos rejeitaram constantemente o Evangelho de São João e falaram dele sempre com desprezo, como afirma Santo Epifânio na sua homilia trigésima segunda. Os nossos inimigos apontam ainda que não só os mais antigos padres nunca citam nada dos evangelhos, mas referem ainda vários passos os quais apenas se encontram nos evangelhos apócrifos, rejeitados pelo cânone.

São Clemente, por exemplo, conta que tendo sido Nosso Senhor interrogado acerca do tempo em que viria o seu reino, respondeu assim: "Será quando dois forem só um, quando o que está de fora se assemelhe ao que está dentro e quando não houver macho ou fêmea". Ora, devemos confessar que este passo não se encontra em nenhum dos nossos evangelhos. Há cem outros exemplos que provam esta verdade; podem ser recolhidos no *Exame Crítico*, de Fréret, secretário perpétuo da Academia de Literatura de Paris.

O sábio Fabrício dedicou-se à tarefa de reunir os antigos evangelhos que o tempo poupou; o de Tiago parece ser o primeiro. É certo que goza ainda de grande autoridade nalgumas igrejas do Oriente. Chamou-se-lhe o primeiro Evangelho. Dele nos ficaram a paixão e a ressurreição, que se supõe tenham sido escritas por Nicodemo. Este Evangelho de Nicodemo é citado por São Justino e por Tertuliano; é aí que se encontram os nomes dos acusadores do Salvador: Anás, Caifás, Summas, Datam, Gamaliel, Judas, Levi, Neftalim. O cuidado em mencionar esses nomes dá uma certa aparência de sinceridade a toda a obra. Os nossos adversários concluíram logo que já que tantos falsos evangelhos foram, a princípio, considerados autênticos pode-se também ter suposto como autênticos aqueles que são, ainda agora, objeto da nossa crença. Insistem muito na fé dos primeiros heréticos que morreram por causa desses evangelhos apócrifos. Houve com certeza, afirmam eles, falsários, sedutores e pessoas seduzidas que morreram no erro; não é isso então uma prova da verdade da nossa religião, que tenha havido mártires que se sacrificaram até à morte por ela?

Acrescentam, ainda, que nunca se pergunta aos mártires: "Acreditais no Evangelho de João ou no Evangelho de Tiago?" Os pagãos não podiam basear interrogatórios sobre livros que não

[48] Veja o artigo *Genebra*, na *Enciclopédia*. (N. do A.)

[49] Padres da Igreja — expressão (mais célebre do que explícita) pela qual se designam os autores de uma literatura religiosa que, começando a partir do século II, se espraia pelos séculos seguintes. Padres da Igreja é um termo que evoca, nas prateleiras das bibliotecas de conventos e seminários, as majestosas séries de in-quartos publicados há cem anos pelo Abade Migne, sob o título geral de *Patrologiae Cursus Completus* — 277 volumes de patrologia latina e 161 de patrologia grega, limitando-nos aos textos gregos e latinos e deixando de lado os Padres Sírios, Coptas e Arménios; e, por outro lado, tem o termo um sentido cronológico muito vasto, estendendo-se, no que respeita ao Ocidente, até à morte de Inocêncio III (1216), e até o século XV no que diz respeito ao Oriente. Só por extensão se poderá chamar "Padre da Igreja" a São Bernardo; os primeiros padres, aqueles que verdadeiramente fundaram o pensamento cristão, são os dos cinco primeiros séculos, até à queda do Império Romano. O termo *padre* designava, na origem, os chefes das igrejas, os bispos; foi este o sentido que conservou para o primeiro dos bispos, o de Roma, o papa. Neles residia toda a autoridade, quer doutrinária, quer disciplinar. Mais tarde, o termo passou a aplicar-se aos defensores da doutrina, principalmente àqueles que, perante os hereges, lutavam pela fé, embora não tivessem caráter episcopal. Mas nem todos os autores cristãos que versaram temas religiosos são denominados Padres da Igreja. (N. dos T.)

conheciam: os magistrados puniram alguns cristãos como perturbadores da ordem pública; mas nunca os interrogaram sobre os nossos quatro evangelhos. Estes apenas foram um pouco conhecidos entre os romanos no tempo de Trajano e não andaram nas mãos do público antes dos últimos anos de Diocleciano. Os socinianos rígidos consideram, pois, os nossos quatro evangelhos como obras clandestinas, fabricadas cerca de um século depois de Jesus Cristo e cuidadosamente escondidas dos gentios durante o século seguinte; afirmam que são obras grosseiramente redigidas por homens grosseiros, obras que durante muito tempo se destinavam ao uso da população. Não queremos repetir aqui as outras muitas blasfêmias que diziam. Essa seita, embora bastante divulgada, anda hoje tão escondida como andavam nesse tempo os primeiros evangelhos. São muito difíceis de converter, porque só acreditam na razão. Os outros cristãos combatem contra eles apenas com a voz sagrada da Escritura: por isso, é impossível que uns e outros, continuando a ser sempre inimigos, algum dia possam reconciliar-se.

(Pelo abade de Tilladet.)

Ezequiel

Acerca de alguns passos singulares deste profeta e de alguns usos antigos.

Sabe-se hoje perfeitamente que não devemos julgar os hábitos antigos pelos modernos: quem quisesse reformar a corte de Alcínoo, na *Odisséia*, pela do grão-turco ou a de Luís XIV, não teria decerto bom acolhimento entre os sábios; quem censurasse Virgílio por ter apresentado o Rei Evandro coberto com uma pele de urso e acompanhado por dois cães a receber os embaixadores seria considerado mau crítico.

Os costumes dos antigos egípcios e judeus ainda não são mais diferentes dos nossos do que os do Rei Alcínoo, de sua filha Nausicaa e do bonacheirão Evandro.

Ezequiel, que era escravo entre os caldeus, teve uma visão perto da pequena ribeira de Chobar, a qual deságua no Eufrates. Em nada nos devemos espantar que, nessa altura, tenha visto animais com quatro focinhos e quatro asas, com patas de veado, e também rodas que andavam sozinhas e possuíam o espírito da vida: todos esses símbolos deleitam a nossa imaginação; mas vários críticos ficaram revoltados com a ordem que lhe deu o Senhor de comer, durante trezentos e noventa dias a fio, pão de cevada, de trigo e de milho coberto de excrementos humanos. [50]

O profeta exclamou, protestando: "Pu! fu! fu!... a minha alma, até aqui, não está contaminada"; e o Senhor respondeu-lhe: "Está bem! Então, ordeno-te que comas soltura de boi em vez de excrementos de homem e amassarás o pão com essa caca rala".

Como agora já se não usa comer tais compotas com pão, a maioria dos homens modernos acham essas ordens indignas da majestade divina. Contudo, havemos de confessar que a bosta de vaca e todos os diamantes do grão-mogol são rigorosamente iguais, não apenas aos olhos de um ser divino como aos de um verdadeiro filósofo; e com respeito às razões que Deus podia ter para ordenar semelhante almoço ao profeta, não será a nós que caberá indagá-las.

Basta verificarmos que essas ordens, que tão estapafúrdias nos parecem, não o eram assim para os judeus.

É verdade que a Sinagoga não permitia, no tempo de São Jerônimo, a leitura de Ezequiel antes da idade dos trinta anos; mas isso era porque, no capítulo 18, ele diz que o filho já não sofrerá a iniqüidade do pai e que não mais se dirá: "Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados".

Dizendo isto, achava-se em contradição expressa com Moisés, o qual, no capítulo 28 dos *Números*, garante que os filhos sofrem as iniqüidades dos pais até à terceira e quarta geração.

[50] Era o que hoje podíamos chamar deliciosos sanduíches de merda... (N. dos T.)

Ezequiel, no capítulo 20, põe o Senhor a dizer que ele, Senhor, dera aos judeus *preceitos que não são bons*. Eis a razão por que a Sinagoga proibia aos jovens uma leitura como essa que os podia levar a descrer da infalibilidade das leis de Moisés.

Os censores contemporâneos ainda ficam mais espantados com o capítulo 16 de *Ezequiel*; eis a maneira como o profeta dá a conhecer os crimes de Jerusalém: introduz o Senhor a falar com uma rapariga e diz-lhe o Senhor: "Quando nasceste, ainda não te tinham cortado a tripa do umbigo, ainda não te tinham salgado, estavas completamente nua e tive pena de ti; cresceste, ficaste uma mulher, as tuas mamas altearam-se, o teu corpo viu crescerem pêlos em certos sítios, eu passei, vi-te, percebi que chegado era o tempo dos amantes; tapei as tuas vergonhas; deitei-me em cima de ti com o meu manto; foste minha; lavei-te, perfumei-te; vesti-te do bom e do fino, calcei-te; ofereci-te um manto de algodão, braceletes, um colar; pendurei-te no nariz um amuleto de pedrarias, e brincos nas orelhas, e coloquei-te uma coroa na cabeça, etc..

"Então, confiante na tua beleza, fornicaste por tua conta com todos os viandantes... E montaste um local mal-afamado e até chegaste a te prostituir nas praças públicas e para todos os que passavam abriste as pernas... e dormiste com egípcios... e, afinal, acabaste por ter de pagar aos teus amantes, e deste-lhes presentes para que fossem contigo para a cama... e, pagando o amor em vez de ser a ti que pagassem, fizeste o contrário do que fazem geralmente as raparigas... O provérbio diz: *tal mãe, tal filha;* e é isso mesmo que dizem de ti, etc."

Protestam também, e com mais vigor, contra o capítulo 23.

Havia uma mãe que tinha duas filhas, as quais ainda muito novinhas perderam a virgindade: a mais velha chamava-se Oolla e a mais pequenita, Ooliba... "E Oolla era uma doidivanas por moços fidalgos, magistrados, cavaleiros; fornicou com egípcios desde garotinha... A irmã, Ooliba, não lhe ficava atrás, antes pelo contrário: fornicou que se fartou com oficiais, magistrados e garbosos cavaleiros; a todos deu a conhecer a sua indecência e vícios; multiplicou as fornicações; desejava, com apaixonado transporte, ser possuída por aqueles machos que têm o membro viril como o de um burro e que espirram sêmen como cavalos..."

Essas descrições, que tanto apavoram os espíritos fracos, apenas significam as iniqüidades existentes em Jerusalém e Samaria; e as expressões que ali nos parecem licenciosas, ao tempo não o eram. Semelhante simplicidade nos dizeres transparece descuidadamente em mais de um passo da Sagrada Escritura: fala-se ali muitas vezes de abrir a vulva. Os termos de que se servem para exprimir a cópula de Booz com Rute, de Judá com a enteada, de modo algum são desonestos em hebreu, embora assim possam ser considerados na nossa língua.

Ninguém se cobre com um véu quando não tiver vergonha da própria nudez; como é que nesses recuados tempos haviam de corar por se falar nos órgãos genitais, se se tocava nos testículos daqueles a quem se fazia qualquer promessa? Era esse um sinal de respeito, um símbolo de fidelidade, como outrora entre nós os fidalgos colocavam as mãos entre a dos seus suseranos.

Nós, então, traduzimos genitais por coxa. Eliezer põe a mão sob a coxa de Abraão; José põe a mão sob a coxa de Jacó. No Egito, esse costume era muito remoto. Os egípcios estavam tão longe de considerar indecente aquilo que nós hoje não ousamos mostrar nem nomear, que levavam em procissão uma grande imagem do membro viril, chamado *phallum*, a fim de agradecerem aos deuses o serviço desse membro, precioso para a propagação do gênero humano.

Tudo isto prova suficientemente que as nossas conveniências não são as conveniências dos outros povos. Em que época houve, entre os romanos, maneiras mais polidas do que no século de Augusto? Todavia, Horácio não revela qualquer relutância em dizer numa peça moral:

Nec vereor ne, dum futuo, vir rure recurrat. [51]

E Augusto serve-se de igual expressão, num epigrama contra Fúlvia.

Um cavalheiro que entre nós pronunciasse o termo vernáculo que corresponde a *futuo* seria tomado como um cocheiro bêbado; essa palavra, e outras de que se servem Horácio e vários auto-

[51] Nem receio que, enquanto fornico, o marido volte do campo. (N. do E.)

res, ainda nos parecem mais indecentes que as expressões de Ezequiel. Ponhamos de lado todos os preconceitos ao lermos autores antigos, ou quando viajarmos entre povos distantes. Em toda a parte a Natureza é a mesma, só os usos e costumes é que variam.

Encontrei um dia, em Amsterdam, um rabino muito ancho pela leitura deste capítulo. — "Ah! meu nobre amigo", disse-me, "como vos estamos agradecidos! Que bela ação a vossa, ao dardes a conhecer toda a sublimidade da lei mosaica, o almoço de Ezequiel, as suas belas atitudes para o lado esquerdo; Oolla e Ooliba são tipos admiráveis, irmão, tipos que anunciam que um dia virá em que o povo judaico será dono e senhor da terra inteira; mas por que razão omitistes tantos outros pormenores semelhantes? porque não falaste do Senhor dizendo ao sábio Osias, logo no segundo versículo do primeiro capítulo: 'Osias, pega numa prostituta e faz-lhe filhos de prostituta'. São estas as suas palavras exatas. Osias arranjou uma rapariga nessas condições, teve dela um filho, depois uma rapariga, e ainda um rapaz; e essa situação durou três anos. 'Não é ainda o bastante', diz-lhe o Senhor no terceiro capítulo: 'Tens de ir arranjar uma mulher que não seja apenas debochada, mas adúltera, também'. Osias obedeceu; mas isso custou-lhe quinze escudos e um sesteiro [52] e meio de cevada; porque, como sabeis, na Terra Prometida o trigo escasseia. Mas sabeis o que tudo isso significa?" perguntou o rabino. — "Não", respondi. — "Nem eu", disse o rabino.

Um sábio compenetrado e grave aproximou-se nessa altura de nós e explicou-nos que eram tudo invenções engenhosas e engraçadas. "Ah! senhor", respondeu-lhe logo um moço muito instruído, "então, se apreciais invenções, acreditai no que vos digo, mais valem as de Homero, Virgílio e Ovídio. Quem gostar e achar graça às profecias de Ezequiel, merece, para seu castigo, ser obrigado a comer com ele aquelas iguarias que Ezequiel papava ao almoço".

F

Fábulas

As mais antigas fábulas não serão visivelmente alegóricas? A primeira que conhecemos, segundo o nosso processo de calcular o tempo, não será a referida no nono capítulo do livro dos Juízes? Foi preciso escolher um rei entre todas as árvores; a oliveira, porém, não quis abandonar os cuidados com o azeite, nem a figueira deixou os seus figos ao deus-dará, nem a vinha o vinho, nem as outras árvores os frutos respectivos; o cardo, que nenhum préstimo tinha, foi coroado rei, porque possuía espinhos e podia agredir os outros.

A antiga fábula de Vênus, tal como Hesíodo a narra, não será uma alegoria da natureza inteira? O leite fecundante das partes genitais tombou do éter nas praias do mar; Vênus nasce dessa espuma preciosa; o seu primeiro nome é o de amante da procriação: haverá imagem mais imediata? Vênus é a deusa da beleza; a beleza deixa de ser atraente, se abandona as graças; a beleza faz nascer o amor; o amor tem setas que atravessam os corações; traz uma venda que oculta os defeitos daquele a quem se ama.

A sabedoria é concebida no cérebro do rei dos deuses sob o nome de Minerva; a alma do homem é um fogo divino que Minerva mostra a Prometeu, que se serve dele para dar vida ao homem.

É impossível não reconhecermos nessas fábulas uma pintura viva da natureza inteira. A maioria das outras fábulas são a corrupção de antigas histórias ou o resultado dos caprichos da imaginação. Acontece com as fábulas antigas o mesmo que com os nossos contos modernos: há apólogos morais que são deliciosos e também os há muito sensaborões.

[52] Antiga medida de secos. (N. dos T.)

As fábulas dos povos primitivos, os quais possuíam qualidades inventivas, foram mais tarde grosseiramente imitadas por povos rudes e sem imaginação; para prova, basta citar as fábulas de Baco, Hércules, Prometeu, Pandora e tantas mais; todas elas foram o entretenimento espiritual da Antiguidade. Os povos bárbaros, que delas ouviram falar confusamente, introduziram-nas na sua mitologia selvagem; e, a seguir, atreveram-se a dizer: "Fomos nós que as inventamos". Ai deles, coitados, povos ignorados e ignorantes, que nunca conheceram uma arte agradável ou útil, que até o nome de geometria desconheciam, como podiam afirmar que inventaram fosse o que fosse? Pois se nem descobrir novas verdades, nem mentir com habilidade souberam?

Fanatismo

O fanatismo, em relação à superstição, é o mesmo que o arrebatamento é para a febre ou a raiva para a cólera. Aquele que experimenta êxtases, visões, que confunde os sonhos com as realidades e as suas imaginações com profecias, é um entusiasta; aquele que alimenta a sua loucura com o crime, é um fanático. Jean Diaz, retirado em Nuremberga, o qual estava firmemente convencido que o papa é o Anticristo do Apocalipse e quem tem a marca da besta demoníaca, não passava de um entusiasta; Barthélemy Diaz, seu irmão, que partiu de Roma para assassinar santamente o irmão e que, com efeito, o matou por amor de Deus, era um dos mais abomináveis fanáticos que a superstição alguma vez criou.

Polieucte, que num dia solene vai ao templo derrubar e partir as estátuas e os paramentos, é um fanático menos horrível que Diaz, mas não menos tolo. Os assassinos do Duque Francisco de Guise, de Guilherme, príncipe de Orange, do Rei Henrique III, do Rei Henrique IV e de tantos outros, eram uns energúmenos, todos doentes da mesma raiva de que padecia Diaz.

O exemplo do mais detestável fanatismo foi dado pelos burgueses de Paris, que, na noite de São Bartolomeu, desataram a assassinar, a degolar, a atirar das janelas abaixo, a esquartejar os seus concidadãos só por estes não irem à missa.

Há também fanáticos de sangue frio: são os juízes que condenam à morte aqueles cujo único crime consiste em não pensarem como eles, juízes; e tais juízes são tanto mais culpados, tanto mais dignos da execração do gênero humano quanto, não estando nesse momento possuídos por nenhum acesso de furor, como os Clément, os Châtel, os Ravaillac, os Damiens, à primeira vista parece que poderiam escutar a voz da razão.

Mas desde que o fanatismo atacou o cérebro de alguém, como se se tratasse duma gangrena, a doença é quase incurável. Vi pessoas atacadas de convulsões as quais, quando se falava dos milagres de São Páris, insensivelmente se iam exaltando, mesmo sem elas quererem: os olhos inflamavam-se-lhes, os membros tremiam, a ira descompunha-lhes o rosto, totalmente desfigurado, e teriam nessa altura morto fosse lá quem fosse que os contradissesse.

Não há outro remédio, para este mal epidêmico, que o espírito filosófico, o qual, divulgando-se pouco a pouco, acaba por suavizar os costumes dos homens e conjura os acessos do mal; porque, logo que a doença faz progressos, há que fugir a sete pés e esperar que o ar fique purificado de novo. As leis e a religião não são suficientes contra a peste das almas; a religião, longe de ser para elas um alimento salutar, transforma-se em veneno nos cérebros infectados. Esses miseráveis têm constantemente no espírito o exemplo de Aod, que assassinou o Rei Eglon; de Judite, que cortou a cabeça a Holofernes, quando dormia com ele; de Samuel, que fez em postas o Rei Agag. Não vêem que esses exemplos, que na Antiguidade são toleráveis, nos tempos de hoje são abomináveis; e extraem os seus furores da própria religião que os condena.

As leis são muito impotentes contra tais acessos de raiva; é tal e qual como se lerdes uma sentença do conselho a um fanático. Essa gentinha está persuadida de que o espírito sagrado, que as penetra, é superior às leis, que o seu entusiasmo é a única lei que devem ouvir e acatar.

O que é que se há de responder a um homem que vos diz que gosta mais de obedecer a Deus

do que aos homens e que, por conseguinte, está seguro de alcançar a glória divina quando vos corta o pescoço?

Geralmente é gente velhaquíssima que chefia os fanáticos e lhes mete o punhal na mão. Parecem-se com aquele Velho da Montanha que, segundo dizem, fazia gozar as alegrias do Paraíso a imbecis e lhes prometia uma eternidade desses prazeres, de que lhes proporcionara um aperitivo, com a condição de que fossem assassinar todas as pessoas que indicasse. No mundo inteiro, só houve uma religião que não foi contaminada pelo fanatismo: a dos sábios letrados da China. As seitas dos filósofos não só estavam isentas dessa peste, mas até possuíam o remédio para ela; porque uma das vantagens da filosofia é tornar a alma tranqüila, e o fanatismo é incompatível com a tranqüilidade. Se a nossa santa religião foi muitas vezes corrompida por esse furor infernal, a loucura dos homens é a principal responsável.

Ainsi du plumage qu'il eut
Icare pervertit l'usage;
Il le reçut pour son salut,
Il s'en servit pour son dommage. [53]

(Bertaud, bispo de Séez.)

Falsidade das Virtudes Humanas

Quando o duque de La Rochefoucauld escreveu os seus pensamentos sobre o amor-próprio e revelou essa mola oculta do homem, um tal Sr. Esprit, da Congregação do Oratório, escreveu um livro capcioso, sob o título: *Da Falsidade das Virtudes Humanas*. Afirmava ali que a virtude era coisa que não existia; mas, por um curioso chiste, em cada capítulo termina remetendo-nos à caridade cristã. Assim, segundo o Sr. Esprit, nem Catão, nem Aristides, nem Marco Aurélio, nem Epicteto eram pessoas de bem; e só entre os cristãos as virtudes se encontram. Entre os cristãos só há virtudes nos que são católicos; entre os católicos ainda deviam excetuar-se os jesuítas, inimigos confessos dos oratorianos; portanto, a virtude só se encontra entre os inimigos dos jesuítas.

O tal Sr. Esprit começa por dizer que a prudência não é uma virtude e o argumento dele é que é muitas vezes enganada. É o mesmo que dizer que César não era um grande cabo de guerra porque fora derrotado em Dyrrachium.

Se o Sr. Esprit fosse filósofo, não teria analisado a prudência como uma virtude, mas como um talento, como uma qualidade feliz; porque um celerado pode ser muito prudente e não poucos conheci desta espécie. Oh, a grande raiva de querer que:

Ninguém será virtuoso exceto nós e os nossos amigos!

Ora, o que é a virtude, amigo? É praticar o bem; procede sempre assim conosco, e basta. E depois agradeceremos o motivo. Pois podia lá ser! Na tua opinião, então não havia de haver diferença nenhuma entre o Presidente de Thou e Ravaillac, entre Cícero e o Pompílio a quem ele salvara a vida e lhe cortou depois a cabeça por dinheiro? E és capaz de afirmar que Epicteto e Porfírio eram dois velhacos por não terem acatado os nossos dogmas? Uma insolência assim, revolta. Calo-me, já, porque ficaria muito irritado se continuasse.

[53] Assim, das asas que teve, Ícaro perverteu o uso; recebeu-as para salvar-se, usou-as para perder-se. (N. do E.)

Fé

I

Um dia, o Príncipe Pico della Mirandola encontrou-se com o Papa Alexandre VI em casa da cortesã Emília, quando Lucrécia, filha do santo padre, estava em trabalhos de parto e não se sabia, em Roma, se o filho dela era do papa ou de seu filho, o duque de Valentinois, ou do marido de Lucrécia, Afonso de Aragão, que constava que era impotente. A princípio, o diálogo foi muito animado. O Cardeal Bembo conta-nos uma parte da conversa. — "Pico", perguntou o papa, "quem julgas que seja o pai do meu neto?" — "Acho que é o vosso genro", respondeu Pico. — "Eh! Eh! como podes acreditar numa parvoice tamanha?" — "Acredito, pela fé." — "Mas acaso ignoras que uma criatura impotente não pode fazer filhos?" — "A fé consiste", retorquiu Pico, "em crer nas coisas porque elas são impossíveis; e, aliás, a honra da vossa casa exige que o filho de Lucrécia não passe por ser o fruto de um incesto. Quereis que eu acredite em mistérios mais incompreensíveis do que esse. Pois não é forçoso que esteja convencido que uma serpente falou, que desde esse tempo todos os homens ficaram danados, que a burra de Balaão falou também, com grande eloqüência, e que as muralhas de Jericó caíram ao soar das trombetas?" E a seguir, Pico desatou a desfiar todas as coisas portentosas em que era obrigado a acreditar. Alexandre deixou-se cair num sofá e rebolava-se a poder de tanto riso. — "Acredito em tudo isso como vós", dizia, por entre gargalhadas, "porque sinto que só pela fé posso ser salvo e que não o serei pelos meus atos." — "Ah! santo padre", exclamou Pico, "não tendes necessidade de boas obras nem de fé; isso é bom para os pobres profanos, como eu; mas, para vós, que sois uma espécie de vice-Deus, vós, sim, podeis acreditar e fazer tudo quanto vos apeteça. Tendes as chaves do céu; e com toda a certeza, São Pedro não vai dar-vos com a porta na cara. Quanto a mim, porém, confesso-vos que para entrar lá necessitaria de uma poderosa proteção se, sendo apenas um pobre príncipe, tivesse ido para a cama com uma filha minha e tivesse utilizado o estilete e a cantarela tantas vezes como Vossa Santidade dizem que já fez." Alexandre VI não era desconfiado, nem se ofendia com os gracejos que lhe dirigiam. — "Falemos a sério", disse para o Príncipe della Mirandola. "Dize-me lá que mérito podemos ter em dizer a Deus que estamos persuadidos de coisas em que, com efeito, não podemos acreditar? Que prazer pode isso dar a Deus? Cá entre nós, dizer que se acredita naquilo que é impossível de acreditar, é mentir e nada mais."

Pico della Mirandola fez um grande sinal da cruz. — "Homessa! Deus paternal", exclamou, "que Vossa Santidade me perdoe, mas não sois cristão." — "Assim Deus me salve que não", respondeu o papa. — "Pois já tinha cá as minhas desconfianças", rematou Pico della Mirandola.

(Por um descendente de Rabelais.)

II

O que é a fé? É acreditarmos naquilo que parece evidente? Não: é evidente que há um Ser necessário, eterno, supremo, inteligente; mas isso não é artigo de fé, mas, sim, de razão. Não tenho mérito nenhum em pensar que este Ser, eterno, infinito, que conheço como a virtude, a própria bondade, queira que eu seja bom e virtuoso. A fé consiste em acreditarmos, não naquilo que nos parece verdadeiro, mas naquilo que se apresenta como errado e falso ao nosso entendimento. Só pela fé os asiáticos podem acreditar na viagem que Maomé fez pelos sete planetas, nas encarnações do deus Fô, de Visnu, de Xaca, de Brama, de Samonocodão, etc., etc., etc. Coitados, obrigam a inteligência a tratos de polé, submetem-na, tremem de analisar os fatos, não querem ser empalados nem assados vivos e gritam: "Acredito!"

Estamos bem longe de fazer aqui a menor alusão à fé católica. Não somente a veneramos,

mas é a nossa: apenas falaremos da fé embusteira dos outros povos do mundo, dessa fé que não é fé e consiste num palavreado oco.

Há uma fé para as coisas espantosas e outra fé para as coisas contraditórias e impossíveis.

Visnu encarnou quinhentas vezes; isso é bastante espantoso, mas fisicamente ao fim e ao cabo não é impossível; porque se Visnu tem uma alma, pode ter quinhentos corpos para se divertir. Na verdade, o indiano não tem uma fé muito viva: intimamente, não está convencido dessas metamorfoses todas; mas dirá, afinal, ao seu bonzo: "Tenho fé; pretendeis que Visnu passou por quinhentas encarnações, o que, para vós, equivale a quinhentas rupias de rendimento; está dito, é coisa assente; irieis fazer um arranzel contra mim, irieis denunciar-me, trarieis a ruína ao meu negócio, se não tivesse fé. Seja! tenho fé e tomai lá mais dez rupias que vos dou". O indiano pode jurar e trejurar a esse bonzo que acredita, sem fazer um falso juramento; porque, apesar de tudo, não lhe demonstrou que Visnu não tenha vindo quinhentas vezes visitar as Índias.

Mas se o bonzo lhe exigir que acredite numa coisa contraditória, impossível, como, por exemplo: dois e dois são cinco, ou que o mesmo corpo pode estar em mil lugares diferentes, ou que ser e não ser é precisamente a mesma coisa; então, se o indiano disse que tem fé, mentiu, e se jura que acredita, comete um perjúrio. Diz, pois, ao bonzo: — "Reverendo padre, posso garantir-vos que acredito em todos esses disparates, contanto que vos valham dez mil rupias de rendimento em vez de quinhentas".

— "Meu filho", responde logo o bonzo, "passa para cá vinte rupias e Deus te fará a graça de acreditares em tudo aquilo de que ora duvidas."

— "Como quereis", responde o indiano, "que Deus opere em mim o que ele não pode operar sobre ele próprio? É impossível que Deus faça ou acredite em coisas contraditórias. Desejaria dizer-vos, para vos dar prazer, que acredito no que é obscuro; mas não posso dizer-vos que acredito no que é impossível. Deus quer que sejamos virtuosos mas não que sejamos absurdos. Já vos dei dez rupias, toma lá mais vinte; acreditai em trinta rupias, sede homem de bem se puderes e não me tortureis mais os miolos com as vossas fantasias."

* Filosofia

Seção Primeira

Escrevei *filosofia* ou *philosophia*, como preferirdes, mas concordai que desde que apareça é perseguida. Os cães a quem dais um alimento de que não gostam vos mordem.

Direis que me repito, mas é preciso colocar cem vezes diante dos olhos do gênero humano que a Sagrada Congregação condenou Galileu, e que os pedantes que declararam excomungados todos os bons cidadãos que se submeteram ao grande Henrique IV foram os mesmos que condenaram as únicas verdades que podíamos encontrar nas obras de Descartes.

Todos os cães do lodo teológico que ladravam uns contra os outros, ladravam em uníssono contra De Thou, contra La Mothe-le-Vayer, contra Bayle. Quantas besteiras foram escritas pelos estudantezinhos gauleses contra o sábio Locke!

Os gauleses dizem que César, Cícero, Sêneca, Plínio, Marco Aurélio poderiam ser filósofos, mas que não se permite tal coisa entre os gauleses. Responde-se-lhes que é permitida e útil para os franceses, que foi ótima para os ingleses e que já é hora de exterminar a barbaria.

Replicar-me-eis que não chegaremos a uma conclusão. É verdade, mas somente para o povo e os imbecis; entre as pessoas honestas é negócio feito.

Seção Segunda

Uma das grandes pragas, como um dos grandes ridículos do gênero humano, é ver os padres se encarregarem daquilo que é da competência dos filósofos, em todos os países que chamamos

de policiados, talvez com exceção da China. Tais padres puseram-se a regulamentar o ano. Era seu dever, diziam, pois era necessário que os povos conhecessem seus dias de festa. Assim os padres caldeus, egípcios, gregos, romanos, acreditaram-se matemáticos e astrônomos. Qual o quê! Estavam muito ocupados com seus sacrifícios e seus oráculos, suas divindades, seus augúrios para estudar seriamente. Qualquer um que faça da charlatanice uma profissão não pode ter o espírito justo e esclarecido. Foram astrólogos e nunca astrônomos.

Os próprios gregos inicialmente constituíram o ano com somente trezentos e sessenta dias. Foi preciso que os geômetras lhes ensinassem que se enganavam em cinco dias. Reformaram então seu ano. Outros geômetras lhes mostraram que ainda se haviam enganado em seis horas. Ífito obrigou-os a mudar seu almanaque e tiveram que acrescentar em seu ano defeituoso um dia cada quatro anos. Ífito celebrou esta mudança com a instituição das Olimpíadas.

Enfim foram obrigados a recorrer ao filósofo Metão que, combinando o ano lunar com o solar, compôs um ciclo de dezenove anos, ao fim dos quais o Sol e a Lua voltavam ao mesmo ponto, com a diferença de cerca de uma hora e meia. Esse ciclo foi gravado em ouro na praça pública de Atenas. É o famoso *número de ouro* de que nos servimos ainda hoje com as correções necessárias.

Sabemos que confusão ridícula os padres romanos introduziram no cômputo do ano. Seus disparates foram tão grandes que suas festas de verão caíram no inverno. César, o universal César, foi obrigado a fazer vir de Alexandria o filósofo Sosígenes, para reparar os enormes erros pontificais.

Quando foi novamente necessário reformar o calendário de Júlio César, sob o pontificado de Gregório XIII, quem foi solicitado? Algum inquisidor? Não. Um filósofo, um médico chamado Lílio.

Que se peça ao Professor Copê, reitor da universidade, para fazer o livro do "Conhecimento do Tempo" e não saberá nem mesmo do que se trata. Será preciso voltar ao Sr. De Lalande, da Academia de Ciências, encarregado desse trabalho penoso e muito mal recompensado.

O Reitor Copê cometeu um estranho engano quando propôs para os prêmios da universidade este assunto tão singularmente enunciado: "Non magis Deo quam regibus, infensa est ista quae vocatur hodie philosophia" — "Esta, que chamamos hoje filosofia, não é mais inimiga de Deus do que dos reis". Quis dizer *menos* inimiga. Tomou *magis* por *minus*. E o pobre homem deveria saber que nossas academias não são inimigas do rei nem de Deus.

Seção Terceira

Se a filosofia honrou a França com a *Enciclopédia*, é preciso admitir também que a ignorância e a inveja, que ousaram condenar essa obra, teriam coberto a nação de opróbrio se doze ou quinze convulsionários que formaram uma cabala pudessem ser olhados como os órgãos da França, quando na verdade só eram ministros do fanatismo e da sedição que forçaram o rei a quebrar a corporação que tinham seduzido. Suas manobras não foram tão violentas quanto as do tempo da Fronda, mas não foram menos ridículas. Sua credulidade fanática pelas convulsões e pelos sortilégios miseráveis de Saint-Médard era tão forte que obrigaram um magistrado, aliás sábio e respeitável, a dizer em pleno Parlamento *que os milagres da Igreja católica subsistiam sempre*. Somente as convulsões podem ser tais milagres. Seguramente não se fazem outros, a menos que se acredite nas criancinhas ressuscitadas por Santo Ovídio. O tempo dos milagres passou, a Igreja triunfante não tem mais necessidade deles. Em sã consciência, entre os perseguidores da *Enciclopédia* havia um único que entendesse uma palavra dos artigos de astronomia, de dinâmica, de geometria, de metafísica, de botânica, de medicina, de anatomia, que encheu os tomos desse livro tão necessário? Que multidão de imputações absurdas e de calúnias grosseiras não foram acumuladas contra esse tesouro de todas as ciências! Seria suficiente reimprimi-las logo após a *Enciclopédia* para eternizar sua vergonha. É o que ocorre com quem quer julgar uma obra quando não está se-

quer em condições de estudá-la. Covardes! Gritaram que a filosofia arruinava a catolicidade. Como!? Em vinte milhões de homens houve um único que tivesse molestado qualquer rato de igreja? Um único que tivesse faltado alguma vez com o respeito nas igrejas? Um único que tivesse proferido publicamente uma só palavra contra nossas cerimônias, que se aproximasse da virulência das expressões usadas então contra a autoridade real?

Repetimos que nunca a filosofia fez mal ao Estado, enquanto o fanatismo, unido ao espírito de corporação, prejudicou-o sempre.

Seção Quarta

Manual de Filosofia Antiga

Consumi cerca de quatro anos na minha peregrinação em dois ou três rincões do mundo à procura dessa pedra filosofal chamada *verdade*. Consultei todos os adeptos da Antiguidade, Epicuro e Agostinho, Platão e Malebranche,e permaneci em minha pobreza. Talvez em todos esses cadinhos de filósofos existam uma ou duas onças de ouro, mas todo o resto é cabeça morta, lodo insípido onde nada pode germinar.

Parece-me que os gregos, nossos mestres, escreviam para mostrar seu espírito em vez de se servirem dele para se instruir. Não vejo um único autor da Antiguidade que tenha um sistema conseqüente, metódico, claro, indo de conseqüência em conseqüência.

Eis o que pude obter aproximando e combinando os sistemas de Platão, do mestre de Alexandre, de Pitágoras e dos orientais:

O acaso é uma palavra vazia de sentido e nada pode existir sem causa. O mundo está disposto segundo leis matemáticas, portanto disposto por uma inteligência.

A formação do mundo não pode ter sido presidida por um ser inteligente como eu, pois não posso formar sequer um verme do queijo. Portanto, este mundo é obra de uma inteligência prodigiosamente superior.

Esse Ser, que possui inteligência e potência num grau tão alto, existe necessariamente? Deve existir, pois é preciso ou que tenha recebido seu ser de um outro, ou que seja por sua própria natureza. Se recebeu seu ser de um outro (o que é muito difícil de se conceber), é preciso, portanto, que eu recorra a essse outro, que será, então, o primeiro motor. Para qualquer lado que me volte, devo admitir um motor primeiro necessariamente potente e inteligente por sua própria natureza.

Esse primeiro motor produziu as coisas do nada? Isso não é concebível; criar do nada é mudar o nada em alguma coisa. Não devo admitir uma tal produção, a menos que encontre razões invencíveis que me forcem a admitir aquilo que meu espírito não pode jamais compreender.

Tudo o que existe parece existir necessariamente, já que existe. Pois, se há atualmente uma razão para a existência das coisas, houve uma antes e em todos os tempos. E essa causa deve ter tido sempre seu efeito, porque, senão, teria sido durante toda a eternidade uma causa inútil.

Mas como as coisas terão existido sempre, estando visivelmente sob a mão do motor primeiro? É preciso, portanto, que essa potência tenha agido e aja sempre, assim como não há sol sem luz, movimento sem um ser que passe de um ponto do espaço para outro.

Há, portanto, um Ser potente e inteligente que agiu sempre, pois se não tivesse agido de que lhe teria servido a existência?

Todas as coisas são, portanto, emanações eternas desse primeiro motor.

Mas, como imaginar que a pedra e a lama sejam emanações do Ser eterno, inteligente e potente?

É preciso de duas coisas, uma: ou que a matéria dessa pedra e dessa lama exista necessariamente por si própria, ou que exista necessariamente por este primeiro motor. Não há meio termo.

Assim, portanto, só há dois partidos possíveis: admitir a matéria eterna por si própria, ou saindo eternamente do Ser potente, inteligente, eterno.

Mas, quer subsistente por sua própria natureza, quer emanada do Ser produtor, existe por toda a eternidade, já que existe e que não há nenhuma razão para que não tenha existido anteriormente.

Se a matéria é eternamente necessária, é, portanto, contraditório e impossível que não seja. Porém, que homem pode assegurar que é impossível, contraditório, que esse pedregulho e essa mosca não tenham existência? Somos então forçados a engolir esta dificuldade mais espantosa para a imaginação do que contrária aos princípios do raciocínio.

Com efeito, desde que concebestes que tudo emanou do Ser Supremo e inteligente, que nada emanou sem razão, que este Ser sempre existente deve ter sempre agido, que, por conseguinte, todas as coisas devem ter saído eternamente do seio dele, não deveis repelir a crença de que a matéria formadora desse pedregulho e dessa mosca é uma produção eterna, como não repelis a concepção de que a luz é uma emanação eterna do Ser todo-poderoso.

Já que sou um ser extenso e pensante, minha extensão e meu pensamento são, portanto, produções necessárias desse Ser. É evidente que não posso dar a mim mesmo a extensão nem o pensamento. Portanto, recebi um e outro desse Ser necessário.

Pode ter-me dado o que não tem? Tenho inteligência e estou no espaço, portanto, Ele é inteligente e está no espaço.

Dizer que esse Ser eterno, esse Deus todo-poderoso, preenche necessariamente e todo o tempo o universo com suas produções não é tirar-lhe a liberdade. Pelo contrário, pois esta é o poder de agir. Deus sempre agiu plenamente, portanto, Deus sempre usou a plenitude de sua liberdade.

A liberdade denominada de *indiferença* é uma palavra sem idéia, um absurdo, pois seria determinar-se sem razão, um efeito sem causa. Portanto, Deus não pode ter essa pretensa liberdade, que é uma contradição nos termos. Portanto, sempre agiu com a mesma necessidade que constitui sua existência.

É, portanto, impossível que o mundo exista sem Deus e é impossível que Deus exista sem o mundo.

Este está cheio de seres que se sucedem, portanto, Deus produziu sempre seres que se sucedem.

Essas asserções preliminares são a base da antiga filosofia oriental e da dos gregos. É preciso excetuar Demócrito e Epicuro, cuja filosofia corpuscular combateu esses dogmas. Mas notemos que os epicuristas fundavam-se sobre uma física inteiramente errada e que o sistema metafísico de todos os outros filósofos subsiste com todos os sistemas físicos. Toda a Natureza, excetuando-se o vácuo, contradiz Epicuro e nenhum fenômeno contradiz a filosofia que acabo de explicar. Ora, uma filosofia que está de acordo com tudo o que se passa na Natureza e que retém os espíritos mais atentos não é superior a qualquer outro sistema não revelado?

Além das asserções dos antigos filósofos, que nos resta? Um caos de dúvidas e de quimeras. Não creio que tenha existido algum filósofo vinculado a esse sistema que no fim de sua vida não tenha confessado ter perdido seu tempo. É preciso admitir que os inventores das artes mecânicas foram muito mais úteis para os homens do que os inventores dos silogismos. Aquele que imaginou a lançadeira ganha furiosamente daquele que imaginou as idéias inatas.

Filósofo

Filósofo, *amante da sabedoria*, quer dizer, *da verdade*. Todos os filósofos tiveram este duplo caráter: nenhum houve na Antiguidade que não desse exemplos de virtude aos homens e lições de verdades morais. Todos puderam enganar-se sobre a física; mas esta é tão pouco necessária à condução da vida que os filósofos não tinham precisão dela.

Foram necessários séculos para se conhecer uma parte das leis da Natureza. Basta um dia a um sábio para conhecer os deveres do homem.

O filósofo não é entusiasta, não se erige em profeta, não se diz inspirado dos deuses; assim,

não incluirei nas fileiras dos filósofos nem o velho Zoroastro, nem Hermes, nem o velho Orfeu nem qualquer desses legisladores de que se orgulhavam os povos da Caldéia, da Pérsia, da Síria, do Egito e da Grécia. Os que se disseram filhos de deuses foram os pais da impostura; e, se se serviram da mentira para ensinar verdades, eram indignos de a ensinar, não eram filósofos: eram, quando muito, mentirosos cheios de prudência.

Por que fatalidade, talvez vergonhosa para os povos ocidentais, é preciso ir ao extremo do Oriente para encontrar um sábio simples, sem fausto, sem impostura, que ensinava os homens a viverem felizes, seiscentos anos antes de nossa era vulgar, numa época em que todo o Setentrião ignorava ainda o uso das letras e os gregos mal começavam a distinguir-se pela sabedoria? Esse sábio é Confúcio, que, sendo legislador, nunca quis enganar os homens. Alguma vez foram conferidas, depois dele, em toda a terra, regras de conduta mais belas? "Governai um Estado tal qual governais uma família; não é possível governar bem a família sem se dar o exemplo.

"A virtude deve ser comum ao trabalhador e ao monarca.

"Ocupa-te com a preocupação de prevenir os crimes para diminuir a preocupação de os punir.

"Sob os bons Reis Yao e Xu os chineses foram bons; sob os maus Reis Kie e Chu, os chineses foram maus.

"Procede com os outros como contigo mesmo.

"Ama os homens em geral, mas acarinha as pessoas de bem. Esquece as injúrias e nunca os benefícios.

"Vi homens incapazes para as ciências, nunca vi homens incapazes de virtude."

Confessemos que não existe legislador que tenha anunciado verdades mais úteis ao gênero humano.

Uma multidão de filósofos gregos ensinou posteriormente uma moral tão pura. Se se tivessem limitado aos seus vãos sistemas de física, não se falaria hoje nesses nomes senão jocosamente. Se ainda são respeitados, é porque foram justos e ensinaram os homens a sê-lo.

Não podemos ler certas passagens de Platão e sobretudo o admirável exórdio das leis de Zaleuco, sem que, no nosso coração, experimentemos o amor das ações honestas e generosas. Os romanos tiveram o seu Cícero, que sozinho vale talvez todos os filósofos da Grécia. Depois, aparecem homens ainda mais respeitáveis que quase desesperamos de imitar: é Epicteto na escravidão, são os Antoninos e os Julianos sobre o trono.

Que cidadão entre nós se privaria, como Juliano, Antonino e Marco Aurélio, de todas as delicadezas da nossa vida mole, efeminada? Quem dormiria como eles sobre o chão duro? Quem desejaria impor-se a sua frugalidade? Quem marcharia com eles, a pé e de cabeça nua, à testa dos exércitos, expostos ora aos ardores do sol, ora às geadas? Quem comandaria como eles todas as suas paixões? Entre nós, existem os devotos; mas onde estão os sábios? Onde estão as almas inabaláveis, justas e tolerantes?

Houve filósofos de gabinete em França; e todos, exceto Montaigne, foram perseguidos. Parece-me que o último grau da malignidade da nossa natureza está em querermos oprimir os filósofos que a querem corrigir.

Concebo perfeitamente que os fanáticos de uma seita degolem os entusiastas de outra, que os franciscanos odeiem os dominicanos e que um mau artista intrigue para levar à perda quem o exceda; mas que o sábio Charron tenha estado ameaçado de perder a vida, que o sabedor e generoso Ranus tenha sido assassinado, que Descartes fosse obrigado a fugir para a Holanda a fim de escapar à raiva dos ignorantes, que Gassendi tenha sido forçado algumas vezes a retirar-se para Digne, longe das calúnias de Paris, eis o eterno opróbrio de uma nação.

Um dos filósofos mais perseguidos foi o imortal Bayle, honra da natureza humana. Dir-me-ão que o nome de Jurieu, seu caluniador e seu perseguidor, se tornou execrável, reconheço-o; o do jesuíta Le Tellier assim se tornou também; mas os grandes homens que ele oprimia deixaram por isso de acabar os seus dias no exílio e na miséria?

Um dos pretextos usados para acabrunharem Bayle e para o reduzirem à pobreza foi o artigo

Davi, do seu útil dicionário. Censuravam-lhe não ter ele louvado ações que, em si, ora se revelam injustas, sanguinárias, atrozes, ora são contrárias à boa fé, ora fazem corar o pudor.

Na verdade, Bayle não louvou Davi por haver reunido seiscentos vagabundos, cobertos de dívidas e de crimes; por haver pilhado os seus compatriotas, à testa desses bandidos; por ter vindo no desígnio de degolar Nabal e toda a família deste, que não quisera pagar as contribuições; por ter ido vender os seus serviços ao Rei Achis, inimigo do seu povo; por ter traído esse Rei Achis, seu benfeitor; por haver massacrado em certas aldeias as próprias crianças de peito, receoso de que aparecesse um dia alguém que pudesse denunciar as suas depredações, como se uma criança de peito fosse capaz de revelar tais crimes; por ter feito perecer todos os habitantes de outras aldeias sob serras, sob grades de ferro, a machadada e em fornos; por haver roubado o trono a Isboseth, filho de Saul, mercê de uma perfídia; por haver despojado e feito perecer Mifiboseth, neto de Saul e filho do seu amigo e protetor Jônatas; por haver entregado aos gabaonitas dois outros filhos de Saul e cinco dos seus netos, que morreram no cadafalso.

Já não falo da prodigiosa incontinência de Davi, das suas concubinas, do adultério com Betsabé e do assassínio de Uria.

Como assim! Pois os inimigos de Bayle quereriam que este fizesse o elogio de tais crueldades e de tais crimes? Seria preciso que ele dissesse: "Príncipes da terra, imitai o homem que agiu segundo o coração de Deus; massacrai sem piedade os aliados do vosso benfeitor, degolai ou fazei degolar toda a família do vosso rei; dormi com todas as mulheres, fazendo correr o sangue dos homens; e sereis um modelo de virtudes quando se disser que haveis composto salmos"?

Não teria Bayle muita razão quando disse que se Davi era segundo o coração de Deus, o foi pela sua penitência e não pelos seus crimes? Não teria Bayle prestado serviço ao gênero humano ao dizer que Deus, que sem dúvida ditou toda a história judaica, nem por isso canonizou todos os crimes relatados nessa história?

No entanto, Bayle foi perseguido; e por quem? Por homens perseguidos noutros lugares, por fugitivos que na sua pátria seriam lançados às chamas; e esses foragidos eram atacados por outros foragidos chamados jansenistas, expulsos do seu país pelos jesuítas, que, por seu turno, foram finalmente expulsos.

Assim, todos os perseguidores se declararam em guerra mortal, ao passo que o filósofo, oprimido por todos eles, se contentou em lamentá-los.

Sabe-se bem que Fontenelle esteve a ponto, em 1713, de perder as suas pensões, o seu lugar e a sua liberdade, por haver redigido em França, vinte anos antes, o *Tratado dos Oráculos* do sábio Van Dale, de onde expurgara com precaução tudo o que poderia alarmar o fanatismo. Um jesuíta escrevera contra Fontenelle, que não se dignara responder; e foi quanto bastou para que o jesuíta Le Tellier, confessor de Luís XIV, o acusasse junto do rei de ateísmo.

Sem o Senhor de Argenson, aconteceria que o digno filho de um falsário, procurador em Vire, e ele próprio falsário reconhecido, conseguia proscrever a velhice do sobrinho de Corneille.

É tão fácil seduzir-se o seu penitente que devemos dar graças a Deus por esse Le Tellier não ter feito ainda mais mal. Há dois covis no mundo em que não é possível fazer frente à sedução e à calúnia: a cama e o confessionário.

Sempre vimos os filósofos perseguidos por fanáticos; mas será possível que os homens de letras se imiscuam também e eles próprios aticem contra os seus confrades as armas com que todos são trespassados, uns após outros?

Infelizes letrados! Incumbe-vos, pois, ser delatores?

Vede se alguma vez entre os romanos houve gente como Garasse, Chaumeix, Hayer, que acusasse os Posidônios, os Varrões, os Plínios.

Ser hipócrita, que baixeza! Mas ser hipócrita e maldoso, que horror! Nunca houve hipócritas na antiga Roma, que nos contava como uma pequena parte dos seus súditos. Havia malandrins, reconheço-o, mas não hipócritas da religião, que constituem a espécie mais cobarde e mais cruel de todas. Por que já não se vêem em Inglaterra e de onde vem que existam ainda em França? Filósofos, ser-vos-á fácil resolver esse problema.

Fim, Causas Finais

Parece que se há de ser de feitio muito arrebatado para negar que os estômagos foram feitos para digerir, os olhos para ver, as orelhas para ouvir.

Por outro lado, será preciso ter um amor extraordinário pelas causas finais para garantir que a pedra foi formada para construir casas e que os bichos-da-seda nasçam na China a fim de termos cetim na Europa.

Mas, dizem, se Deus fez uma coisa visivelmente com determinado desígnio, fez igualmente todas as coisas com um desígnio determinado. É ridículo admitir a Providência num caso e negá-la nos outros. Tudo aquilo que está feito foi previsto, foi antecipadamente calculado. Não há arranjo sem objetivo, nem efeito sem causa; logo, tudo é igualmente o resultado, o produto duma causa final; logo é tão verdadeiro dizer que os narizes foram feitos para trazer lunetas e os dedos para serem adornados de diamantes, como é verdade dizer que as orelhas foram formadas para ouvir os sons e os olhos para receberem a luz.

Creio que se pode esclarecer facilmente essa dificuldade. Quando os efeitos são invariavelmente os mesmos, em qualquer lugar e em qualquer tempo, quando esses efeitos uniformes são independentes dos seres aos quais pertencem, nesse caso há, visivelmente, uma causa final.

Todos os animais têm olhos e vêem; todos têm orelhas e ouvem; todos têm boca, com a qual comem; estômago, ou coisa parecida, por onde digerem; todos têm um orifício que expulsa os excrementos; todos, também, um instrumento adequado à procriação: e tais dons da Natureza atuam neles sem que nenhuma arte se intrometa. Eis algumas causas finais claramente estabelecidas e é perverter o nosso pensamento negar uma verdade tão universal.

Mas as pedras, em qualquer lugar e em qualquer época, não formam edifícios; nem todos os narizes trazem óculos; nem todos os dedos trazem anéis; nem todas as pernas andam de meias de seda. Um bicho-da-seda portanto não é feito para cobrir as minhas pernas, como a vossa boca é feita para comer e o vosso traseiro para ir à retrete. Portanto, há efeitos produzidos por causas finais e efeitos em grande quantidade a que não se pode dar esse nome.

Mas uns e outros estão igualmente no plano da Providência geral: sem dúvida, nada se faz contra a vontade da Providência, nem, até, sem ela. Tudo o que pertence à Natureza é uniforme, imutável, é a obra imediata do Mestre; foi ele quem criou as leis pelas quais a Lua entra em três quartos como sendo a causa do fluxo e refluxo do oceano, e o Sol como no quarto restante; foi ele que deu um movimento de rotação ao Sol, pelo qual este astro emite em cinco minutos e meio raios de luz nos olhos dos homens, dos crocodilos e dos gatos.

Mas se, após tantos séculos, nos lembramos de inventar tesouras e espetos para assar, e tosquiamos com umas a lã dos carneiros e pomo-los a assar nos espetos para os comer, poder-se-á concluir outra coisa que não seja que Deus nos fez de maneira que, um dia, nos havíamos de tornar forçosamente industriosos e carnívoros?

Os carneiros por certo não foram criados para serem cozidos e comidos, pois vários são os povos que se abstêm desse horrível crime. Os homens não são criados essencialmente para se massacrarem, pois os bramas e os quacres não matam ninguém; mas a massa de que somos moldados produz muitas vezes massacres, tal como produz calúnias, vaidades, perseguições e impertinências. Não é que a formação do homem seja precisamente a causa final dos nossos furores e das nossas parvoíces: porque uma causa final é universal e invariável em qualquer tempo e em qualquer lugar; mas os horrores e absurdezas da espécie humana não são menores por isso, na ordem eterna das coisas. Quando malhamos o trigo, o mangual é a causa final da separação do grão. Mas se esse mesmo mangual, malhando o grão, esmaga mil insetos, tal não acontece pela minha vontade determinante, e também não acontece por um simples acaso: é que esses insetos se encontraram desta vez debaixo do meu mangual e deviam encontrar-se ali mesmo.

É uma conseqüência da natureza das coisas que um homem seja ambicioso, que esse homem

por vezes arregimente outros homens, que seja vencedor ou derrotado; mas nunca se poderá dizer: o homem foi criado por Deus para ser morto na guerra.

Os instrumentos que a Natureza nos deu não podem ser sempre as causas finais em movimento, que provoquem um efeito infalível. Os olhos, concedidos para ver, não estão sempre abertos; cada sentido tem os seus tempos de repouso. Há, até, sentidos que nunca usamos. Por exemplo, uma infeliz idiota, encerrada dentro dum claustro aos quatorze anos, fecha nela para sempre a porta donde devia sair uma geração nova; mas nem por isso a causa final subsiste menos; e agirá se a pobrezinha for libertada.

Fraude

Será necessário empregar fraudes piedosas com o povo?

O faquir Bambabef encontrou-se um belo dia com um discípulo de Confutzeu, a quem nós chamamos *Confúcio*, e esse fulano chamava-se Uang; Bambabef afirmava que o povo precisa de ser enganado e Uang teimava que nunca se deve enganar ninguém. Em seguida, resume-se essa discussão.

BAMBABEF

Devemos imitar o Ser Supremo, que não nos mostra as coisas tal como são; faz-nos ver o Sol com um diâmetro de dois ou três pés, embora o astro seja um milhão de vezes maior do que a Terra; faz-nos ver a Lua e as estrelas pregadas sobre um fundo azul igual, quando estão a distâncias diferentes. Quer que uma torre quadrada de longe nos pareça redonda; quer que o fogo pareça quente, quando não é quente nem frio; finalmente, rodeia-nos de erros convenientes à nossa natureza.

UANG

Aquilo a que chamais erro não o é. O Sol, tal como está situado a milhões de *lis* [54] distante do nosso globo, não é aquele que vemos. Na realidade, apenas distinguimos, e não podemos ver senão isso, o Sol que se retrata na nossa retina, sob um ângulo determinado. Os nossos olhos não nos foram dados para conhecer as grandezas nem as distâncias; para as saber, precisamos socorrer-nos de outros instrumentos e de outras operações.

Bambabef pareceu ficar muito espantado com essa afirmação. Uang, que era dotado de muita paciência, explicou-lhe então a teoria da óptica; e Bambabef, que possuía qualidades de concepção, rendeu-se, aceitou as demonstrações do discípulo de Confutzeu; depois, a disputa recomeçou nos seguintes termos:

BAMBABEF

Se Deus não nos engana com o concurso dos nossos sentidos, como eu supunha, pelo menos confessai que os médicos enganam sempre as crianças para bem delas: dizem-lhes que lhes dão açúcar e na realidade dão-lhes ruibarbo. [55] Logo eu, como faquir que sou, posso enganar o povo, que é tão ignorante como as crianças.

[54] Um *lis* tem 124 passos. (N. do A.)
[55] Planta medicinal. (N. dos T.)

UANG

Eu cá tenho dois filhos e nunca os enganei: se por acaso estão doentes, digo-lhes: "Este remédio é muito amargoso, é preciso um bocadinho de coragem para o tomar; mas se fosse doce, fazia-lhes mal". Nunca consenti que as amas e os preceptores lhes metessem medo com espíritos, almas penadas, fadas e bruxas: e por esse processo, consegui fazer deles cidadãos corajosos e sensatos.

BAMBABEF

O povo não nasceu com tanta felicidade, não foi tão feliz ao nascer como a vossa família.

UANG

Os homens são todos semelhantes uns aos outros; nascem todos com as mesmas faculdades e inclinações. Os faquires é que são culpados, corrompem a natureza dos homens.

BAMBABEF

É verdade que lhes ensinamos coisas erradas, confesso: mas é para o bem deles. Fazemos-lhes crer que, se não comprarem os nossos pregos bentos, se não expiarem os pecados dando-nos dinheiro, tornar-se-ão na vida futura cavalos de posta, cães ou lagartos: ora, isso mete-lhes muito medo e tornam-se pessoas de bem.

UANG

Mas então não vedes que assim contribuís para perverter essa pobre gente? Há entre eles, e muito mais do que se possa pensar, gente que raciocina, que troça dos vossos milagres, das vossas artes milagreiras, das vossas tontas superstições, gente que vê, perfeitamente, que não será transformada em lagartos nem em cavalos de posta. E que sucede, então? Possuem o suficiente bom senso para perceberem que lhes estais a pregar uma religião impertinente e não têm o bom senso bastante para se elevarem a conceber uma religião pura e livre de superstições, tal como é a nossa. As suas paixões fazem-lhes crer que não há religião nenhuma, porque a única que lhes ensinam é grotesca; assim vos tornais culpados de todos os vícios em que se atascam e se afundam.

BAMBABEF

Isso é mentira! Só lhes ensinamos uma boa e justa moral.

UANG

Seríeis decerto lapidados pelo povo se lhes ensinásseis uma moral impura. Os homens são feitos de maneira que, por muito que queiram cometer o mal, não gostam que lho preguem. Apenas era necessário não misturar uma moral sábia com fábulas absurdas, porque enfraqueceis com as vossas imposturas, sem as quais bem podíamos passar, essa moral justa que sois forçados a ensinar.

BAMBABEF

Homessa! Então acreditais que se pode ensinar a verdade ao povo sem a apoiar em fábulas?

UANG

Acredito-o firmemente. Os nossos letrados são feitos da mesma massa que os nossos alfaiates, tecelões e lavradores. Adoram todos um Deus criador, que premia e castiga. Não conspurcam

o seu culto com sistemas absurdos, nem cerimônias disparatadas; e praticam-se muito menos crimes entre a gente letrada que entre o povinho ignorante, a gentinha ignara. Por que razão não nos dignaríamos instruir os nossos operários da mesma maneira como instruímos os nossos letrados?

BAMBABEF

Seria forte tolice; é o mesmo que se quisésseis que tivessem uma delicadeza semelhante, que fossem todos jurisconsultos; mas tal coisa não é possível nem conveniente. Deve haver pão alvadio para os amos e pão escuro para os criados.

UANG

Confesso. Reconheço que os homens não devem ter todos a mesma ciência; mas há coisas indispensáveis a todos. É necessário que cada um seja justo e a maneira mais segura de inspirar a justiça a todos os homens é inspirar-lhes a religião sem superstição.

BAMBABEF

Excelente projeto, mas impraticável. Pensais que basta que os homens acreditem num Deus que castiga e que recompensa? Haveis-me dito que sucede com freqüência que os mais isentos dentre o povo se revoltam contra as minhas fábulas; pois também se hão de revoltar contra as vossas verdades. Vão dizer: "Quem me poderá garantir que Deus castiga e recompensa? Onde está a prova? Que missão é a vossa? Que milagre fizestes para que vos acredite?" E troçarão de vós, muito mais do que de mim.

UANG

É esse o vosso erro. Imaginais que sacudirão o jugo de uma idéia honesta, verossímil, útil a toda a gente, de uma idéia que está de acordo com a razão humana, porque se repelem coisas desonestas, absurdas, inúteis, perigosas, que causam arrepios ao bom senso.

O povo está sempre disposto a acreditar nos seus magistrados; quando os seus magistrados lhes propõem apenas uma crença razoável, perfilham na de boa vontade. Para nada são precisos prodígios. Em nada são precisos prodígios para acreditarmos num Deus justo, o qual lê no coração dos homens; uma idéia como esta é natural demais para ser combatida e repelida. Nem é necessário dizer como Deus punirá ou recompensará; é suficiente o acreditar na sua justiça. Garanto vos que vi cidades inteiras as quais quase não tinham outros dogmas além desse e que são aquelas mesmas onde reparei que a virtude era maior.

BAMBABEF

Tomai cuidado: achareis nessas cidades filósofos que vos hão de negar não só os castigos como também as recompensas divinas.

UANG

Pois haveis de confessar que esses tais filósofos negarão ainda com mais veemência as vossas invencionices; por aí não vos governais. Por essa banda, não vos governareis. E mesmo quando ali houvesse filósofos que não acatassem os meus princípios, não deixariam por causa disso de serem pessoas de bem, lá por isso não cultivariam menos a virtude, que deve ser perfilhada pelo amor e não pelo medo. Aliás, sustento que daqui em diante nenhum filósofo há de garantir que a Providência não reserva castigos aos maus e recompensas aos bons; porque se me perguntarem quem me disse que Deus castiga, eu hei de perguntar-lhes quem disse que Deus não castiga. Final-

mente, afirmo-vos que os filósofos me ajudarão, em vez de me contradizerem. Ora dizei: quereis ser também filósofo?

BAMBABEF

Com todo o gosto; mas não o vás dizer aos faquires.

G

Gênesis

Não vamos antecipar nada do que dizemos de Moisés no seu artigo; limitar-nos-emos a acompanhar alguns traços principais do livro do Gênesis, um após outro.

"No princípio, Deus criou o céu e a terra."

Assim se traduziu, mas esta tradução não é exata. Não haverá homem algum tanto instruído desconhecendo que o texto menciona: "No princípio, os deuses fizeram *ou* os deuses fez o céu e a terra". Esta lição conforma-se, aliás, com a antiga idéia dos fenícios, os quais imaginavam que Deus usava os deuses inferiores para deslindar o caos, o *chautereb*. Os fenícios constituíam, havia longo tempo, um povo poderoso, com uma teogonia própria, muito antes de os hebreus se haverem apoderado de algumas aldeias na região. É, pois, natural supor que quando os hebreus lograram finalmente estabelecer-se numa pequena zona da Fenícia, houvessem começado a aprender a língua, sobretudo desde que ali foram escravizados. Então, os que se ocupavam em escrever alguma coisa copiaram da antiga teologia dos seus senhores: tal é a marcha do espírito humano.

Na época em que situamos Moisés, os filósofos fenícios sabiam provavelmente o bastante para olharem para a Terra como um ponto, confrontada com a infinita multidão de globos que Deus colocou na imensidão do espaço a que se chama *céu*. Porém, a idéia, tão antiga e tão falsa, de que o céu foi feito para a Terra prevaleceu quase sempre entre o povo ignorante. É como se disséssemos que Deus criou todas as montanhas e um grão de areia e imaginássemos que essas montanhas tinham sido criadas para esse grão de areia. É impossível que os fenícios, tão bons navegadores, não fossem também bons astrônomos; mas os velhos preconceitos prevaleciam e esses velhos preconceitos foram a única ciência dos judeus.

"A terra era informe [56] e vazia; as trevas estavam sobre a face do abismo e o espírito de Deus era levado sobre as águas."

Informe significa precisamente caos, desordem; trata-se de uma dessas expressões imitativas [57] que se encontram em todas as línguas, como "de pernas para o ar", "chinfrim", "zabumbada". A terra ainda não estava formada tal qual é; a matéria existia mas ainda não fora organizada pela potência divina. O espírito de Deus significa o *sopro*, o *vento*, que agitava as águas. Esta idéia encontra-se expressa nos fragmentos do autor fenício Sanchoniathon. Os fenícios, como todos os outros povos, supunham eterna a matéria. Nunca na Antiguidade autor algum pretendeu que algo houvesse sido tirado do nada. Não se encontra mesmo, em toda a Bíblia, qualquer passagem em que se diga que a matéria fosse feita de nada.

Sempre os homens se dividiram quanto à questão da eternidade do mundo, mas nunca quanto à eternidade da matéria.

[56] e [57] Voltaire usa a expressão *tohu-bohu*, que traduzimos por informe, perante a dificuldade de no trecho em questão usarmos qualquer expressão imitativa equivalente. (N. dos T.)

Gigni

De nihilo nihilum, in nihilum nil posse reverti:

Eis a opinião de toda a Antiguidade.

"Deus disse: Faça-se a Luz, e a luz foi feita e viu Deus que a luz era boa; e separou a luz das trevas; e à luz chamou dia, e às trevas noite; e a tarde e a manhã foram o primeiro dia. E Deus disse também: Que o firmamento se faça no meio das águas e separe as águas das águas; e Deus fez o firmamento e separou as águas acima do firmamento das águas abaixo do firmamento; e ao firmamento Deus chamou céu; e a tarde e a manhã foi o segundo dia e Deus viu que isso era bom."

Comecemos por examinar se o bispo de Avranches, Huet, e Leclerc não têm evidente razão contra os que pretendem encontrar aqui um rasgo de eloqüência sublime.

Tal eloqüência nunca é afetada em qualquer das histórias escritas pelos judeus. Aqui, como em todo o resto da obra, o estilo é da maior simplicidade. Se um orador, para transmitir o poder de Deus, empregasse apenas esta expressão: "Ele disse: Que a luz seja, e a luz foi", estaríamos então perante o sublime. Tal é a seguinte passagem de um salmo: *Dixit, et facta sunt.* Trata-se de um rasgo que, sendo único no seu contexto e colocado para constituir uma grande imagem, fere e transporta o espírito.

Aqui, porém, a narrativa é das mais simples. O autor judeu não fala da luz de maneira diferente da dos outros objetos da criação; em cada versículo, diz igualmente: E *Deus viu que isso era bom.* Tudo é sublime na criação, sem dúvida; mas a da luz não o é mais que a da erva dos campos: o sublime define-se como aquilo que se eleva acima do restante, ao passo que o mesmo tom reina em todo este capítulo.

A opinião de que a luz não viria do Sol era muitíssimo antiga. Via-se como difusa no ar antes do nascer e após o desaparecimento desse astro; supunha-se que o Sol servia tão-só para a intensificar. Também o autor do *Gênesis* se conforma com este erro popular e, por uma singular reviravolta da ordem das coisas, não faz criar o Sol e a Lua senão quatro dias depois da luz. Não se consegue conceber como há uma manhã e uma tarde antes que haja um Sol. Existe aqui uma confusão impossível de deslindar. O inspirado autor conformava-se com os vagos e grosseiros preconceitos da sua nação. Deus não pretendia ensinar filosofia aos judeus. Podendo elevar o espírito dos judeus até à verdade, preferia descer até eles.

A separação da luz e das trevas não se mostra de melhor física; parece que a noite e o dia estariam conjuntamente misturados, como grãos de espécies diferentes que se separam uns aos outros. Sabe-se bem que as trevas são apenas a privação de luz e que não há luz senão enquanto os nossos olhos recebem esta sensação. À data, porém, estava-se muito longe de conhecer tais verdades.

A idéia de um firmamento remonta também à mais alta Antiguidade.

Imaginava-se que os céus eram muito sólidos, uma vez que os mesmos fenômenos eram aí invariavelmente observados. Os céus rolavam sobre as nossas cabeças, logo tinham de ser de matéria bem dura. E como avaliar quanto as exalações da terra e dos mares podem fornecer de água às nuvens? Nenhum Halley havia capaz de chegar a esse cálculo. Portanto, existiam reservatórios de água no céu. Forçoso era que semelhantes reservatórios fossem sustentados por uma boa abóbada; logo, esta era de cristal. Para que as águas superiores caíssem da abóbada sobre a terra, tornava-se necessário que aí houvesse comportas, diques, cataratas, que se abrissem e fechassem. Tal era a astronomia de então; e, posto que se escrevia para judeus, impunha-se a adoção das suas idéias.

"Deus fez duas grandes luminárias; uma para governar o dia, a outra, a noite; e fez também as estrelas."

Sempre a mesma ignorância da natureza. Os judeus desconheciam que a Lua só ilumina mediante uma luz refletida. O autor fala das estrelas como de uma bagatela, embora elas sejam outros tantos sóis, cada um deles com mundos girando em torno. O Espírito Santo acomodava-se ao espírito do tempo.

"Deus disse também: Façamos o homem à nossa imagem, e que ele domine os peixes, etc."

Que entendiam os judeus por *façamos o homem à nossa imagem?* O que toda a Antiguidade entendia:

Finxit in effigiem moderantum cuncta deorum [58].

Só dos corpos se fazem imagens. Nenhuma nação imaginou um deus sem corpo e é impossível representá-lo diferentemente. Pode-se dizer "Deus nada é do que conhecemos"; mas é impossível ter qualquer idéia do que seja Deus. Os judeus consideraram constantemente Deus como corpóreo, a exemplo de todos os outros povos. Do mesmo modo, os primeiros Padres da Igreja consideravam Deus corpóreo antes de abraçarem as idéias de Platão.

"Ele criou-os macho e fêmea."

Se Deus ou os deuses secundários criaram o macho e a fêmea à sua semelhança, parece, nesse caso, que os judeus consideravam Deus e os deuses como machos e fêmeas. Não se sabe, aliás, se o autor quer dizer que o homem começou por ter os dois sexos ou se entende que Deus fez Adão e Eva no mesmo dia.

O sentido mais natural será o de que Deus formou Adão e Eva ao mesmo tempo; todavia, esse sentido contradiz absolutamente a formação da mulher, feita de uma costela do homem, muito tempo depois dos sete dias.

"E Deus descansou no sétimo dia."

Os fenícios, os caldeus, os indianos diziam que Deus fizera o mundo em seis tempos, pelo velho Zoroastro designados os seis *gahambârs*, tão célebres entre os persas.

É incontestável que todos estes povos tinham uma teologia antes de a horda hebraica habitar os desertos de Horeb e do Sinai, antes de, entre essa horda, poder haver escritores. É, portanto, muito verossímil que a história dos seis dias tenha sido imitada da dos seis tempos.

"Do lugar das delícias saía um rio que regava o jardim e de lá se repartia em quatro rios: ao primeiro se chama Pison, que torneia a terra de Hévilath de onde vem o ouro... ao segundo se chama Géhon, que rodeia a Etiópia.... o terceiro é o Tigre e o quarto o Eufrates."

Segundo esta versão, o paraíso terrestre conteria perto de um terço da Ásia e da África. O Eufrates e o Tigre têm as suas nascentes a mais de sessenta vastas léguas um do outro, em montanhas horríveis que por nada se assemelham a um jardim. O rio que bordeja a Etiópia, e que não pode ser senão o Nilo ou o Níger, começa a mais de setecentas léguas das nascentes do Tigre e do Eufrates; e se Pison é o Fase, não deixa de surpreender a inclusão no mesmo local das nacentes de um rio da Cítia e de um rio de África.

[58] Modelou-os à imagem dos deuses que tudo governam. (N. do E.)

De resto, o jardim do Éden é visivelmente uma versão dos jardins de Éden em Saana, na Arábia Feliz, famosa em toda a Antiguidade. Os hebreus, povo muito recente, eram uma horda árabe. Honravam-se pois com o que de mais belo existia no melhor cantão da Arábia. Aliás, sempre fizeram uso próprio das antigas tradições dos grandes povos entre os quais constituíam um enclave.

"O Senhor tomou, pois, o homem e o pôs no jardim das delícias para que o cultivasse."

Cultivar o seu jardim [59] é algo de muito louvável, mas seria bem difícil para Adão cultivar um jardim de setecentas ou oitocentas léguas de extensão: tudo leva a crer que lhe deram ajudas.

"Não comerás o fruto da ciência do bem e do mal."

É difícil conceber que existisse uma árvore capaz de ensinar o bem e o mal, tal como existem pereiras e damasqueiros. De resto, por que razão não quereria Deus que o homem conhecesse o bem e o mal? Não seria o contrário muito mais digno de Deus e muito mais necessário ao homem? Parece à nossa pobre razão que Deus deveria ordenar ao homem que abundantemente comesse desse fruto: mas há que submeter a nossa razão.

"Se dele comeres, morrerás."

No entanto, Adão comeu e não morreu disso. Pelo contrário, fizeram-no viver ainda novecentos e trinta anos. Muitos Padres encararam tudo isto como uma alegoria. Com efeito, poder-se-ia querer dizer que os outros animais não sabem que morrerão, ao passo que o homem o sabe em virtude da sua razão. Assim, a razão é a árvore da ciência que o faz prever o seu fim. Esta explicação seria talvez a mais razoável.

"O Senhor disse também: não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe uma coadjutora a ele semelhante."

Fica-se a esperar que o Senhor lhe vá dar uma mulher; nada disso: o Senhor traz-lhe todos os animais.

"E o nome que Adão deu a cada animal é o verdadeiro nome de cada um deles."

O que se poderá entender por verdadeiro nome de um animal será um nome que abriga todas as propriedades da sua espécie ou, pelo menos, as principais; em língua alguma, porém, existem semelhantes nomes. Todos contêm palavras imitativas, como *coq* em celta que de certo modo designa o canto do galo, *lupus* em latim, etc. Todavia, estas palavras imitativas são em número reduzido. Além disso, se Adão conhecesse assim todas as propriedades dos animais, ou já tinha comido o fruto da ciência, ou Deus não precisava de lhe proibir esse fruto.

Reparemos ser esta a primeira vez que Adão é nomeado no Gênesis. O primeiro homem, para os antigos brâmanes, prodigiosamente anteriores aos judeus, chamava-se Adimo, o filho da terra, e sua mulher, Procriti, a vida; é o que reza o *Veidam*, talvez o mais antigo livro do mundo. Adão e Eva significavam estas mesmas coisas na língua fenícia.

"Logo que Adão adormeceu, Deus tomou-lhe uma das costelas e pôs carne em seu lugar e da costela que tirara a Adão formou uma mulher, e trouxe-a a Adão."

O Senhor, um capítulo antes, havia já criado o macho e a fêmea; portanto, por que subtrair uma costela ao homem para daí fazer uma mulher já existente? Tem-se respondido que o autor anuncia num sítio e que explica noutro.

[59] Provável alusão à célebre frase final de *Cândido ou o Otimismo*. (N. dos T.)

"Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais da Terra, etc.; e disse à mulher, etc."

Não se faz neste artigo qualquer menção ao diabo; tudo aí é físico. A serpente era olhada não só como o mais astuto dos animais mas ainda como imortal. Entre os caldeus havia a fábula de uma querela entre Deus e a serpente, fábula essa conservada por Phérécyde. Orígenes cita-a no Livro VI contra Celso. Nas festas de Baco, era transportada uma serpente. Os egípcios associavam uma espécie de divindade à serpente, segundo o relato de Eusébio na sua *Preparação Evangélica*, Livro I, cap. 10. Na Arábia e nas Índias, na própria China, a serpente era olhada como o símbolo da vida: daí resultou que os imperadores da China, anteriores a Moisés, trouxessem sempre no peito a imagem de uma serpente.

Eva não se admira nada que a serpente lhe fale. Em todas as histórias antigas os animais falaram e, por isso mesmo, quando Pilpai e Loqman fizeram falar os animais, ninguém se surpreendeu.

Toda esta aventura é tão física e tão desprovida de qualquer alegoria, que nos damos conta do motivo por que a serpente rasteja desde então sobre o ventre, do motivo por que sempre a procuramos esmagar e do motivo por que sempre a serpente procura morder-nos; precisamente como, nas antigas metamorfoses, todos se davam conta do motivo por que o corvo, outrora branco, é agora negro, do motivo por que o mocho só de noite sai do seu buraco, do motivo por que o lobo gosta da carnagem, etc.

"Multiplicarei as tuas misérias e as tuas concepções; e terás os teus filhos com dor; e sob o poder do homem ficarás e ele te dominará."

Não se percebe que a multiplicação de concepções constitua um castigo. Sustenta-se, pelo contrário, que era uma grande bênção, principalmente entre os judeus. As dores do parto só são consideráveis nas mulheres delicadas; as acostumadas ao trabalho conceben muito facilmente, sobretudo nos climas quentes. Por vezes, há animais que sofrem grandemente durante a gravidez; em alguns casos, chegam mesmo a morrer. E quanto à superioridade do homem sobre a mulher, trata-se de uma coisa inteiramente natural: é o efeito da força do corpo e, até, da do espírito. Em geral, os homens dispõem de órgãos mais capazes de atenção persistente que as mulheres e são mais aptos para os trabalhos da cabeça e do braço. Porém, quando a mulher tem o pulso e o espírito mais fortes que o marido, torna-se, em qualquer lado, a dominadora: nesse caso, é o marido que fica submetido à mulher.

"O Senhor fez-lhes túnicas de peles."

Esta passagem prova bem que os judeus supunham Deus corpóreo, uma vez que o fazem exercer o ofício de alfaiate. Um rabino chamado Eliezer escreveu que Deus cobrira Adão e Eva com a pele da própria serpente que os tentara e Orígenes pretende que esta túnica de pele era uma nova carne, um novo corpo que Deus fez ao homem.

"E o Senhor disse: Eis Adão, que se tornou como um de nós."

É preciso renunciar ao senso comum para não admitir que os judeus começaram por admirar numerosos deuses. Já é mais difícil apurar o que entenderiam eles pela palavra Deus, *Eloim*. Alguns comentadores pretenderam que a expressão *um de nós* significa a Trindade, mas é indubitável que nunca a Bíblia põe em causa a Trindade. A Trindade não é um composto de vários deuses, mas é o próprio Deus triplo, e os judeus jamais ouviram falar de um deus em três pessoas.

Pela expressão *semelhante a nós* é verossímil que os judeus entendessem os anjos, *Eloim*, e, por conseguinte, o livro só teria sido escrito depois de adotarem a crença nestes deuses inferiores.

"O Senhor o pôs fora do jardim das delícias, para que ele cultivasse a terra."

Contudo, o Senhor havia-o posto no jardim das delícias *para que ele cultivasse esse jardim*. Se de jardineiro Adão se tornou lavrador devemos confessar que o seu estado não piorou muito com a mudança: um bom lavrador vale bem um bom jardineiro.

Toda esta história se refere, em geral, segundo comentadores demasiado arrojados, à idéia que todos os homens tiveram, e ainda têm, de que os primeiros tempos valiam mais que os novos. Sempre o presente foi lamentado e gabado o passado. Os homens, sobrecarregados de trabalhos, localizaram na ociosidade o bem-estar, sem se darem conta de que o pior dos estados é o do homem sem nada que fazer. Tantas vezes se viram infelizes, que forjaram a idéia de um tempo em que todo o mundo conhecera a felicidade. É pouco mais ou menos como se disséssemos: "Houve tempos em que nenhuma árvore perecia, em que nenhum animal era doente, nem fraco, nem devorado por outro". Daí, a idéia do Século de Ouro, do ovo varado por Ariamane, da serpente que furtou ao asno a receita da vida feliz e imortal que o homem pusera sob a albarda; daí, o combate de Tifon contra Osíris, de Ofioneu contra os deuses, e essa famosa caixa de Pandora, e todos esses velhos contos, alguns divertidos, nenhum instrutivo.

"E Deus pôs no jardim das delícias um querubim que brandia circularmente um gládio flamejante, para guardar a entrada da árvore da vida."

A palavra *Kerub* significa boi. Um boi armado com um sabre flamejante constitui uma estranha figura ao pé de uma porta. Todavia, os judeus representaram, posteriormente, anjos sob a forma de bois e de gaviões, isto não obstante lhes ser proibido construir qualquer figura. Esses bois e esses gaviões, recolheram-nos visivelmente no Egito, onde imitaram tantas coisas. Os egípcios, nos primeiros tempos, veneraram o boi como símbolo da agricultura e o gavião como símbolo dos ventos; mas nunca transformaram um boi em porteiro.

"Os deuses, Eloim, *viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram para esposas as que escolheram."*

Ainda uma imagem comum a todos os povos. Não há nação alguma, salvo a China, em que um deus qualquer não tenha vindo fazer filhos às moças. Estes deuses corpóreos desciam com freqüência à terra, em visita aos seus domínios, viam as nossas filhas e lançavam mão das mais bonitas; as crianças nascidas do comércio entre estes deuses e os mortais deviam ser superiores aos outros homens e, assim, o *Gênesis* não deixa de afirmar que os deuses que dormiam com as nossas filhas produziam gigantes.

"E farei virem sobre a terra as águas do dilúvio."

Aqui, notarei somente que Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, n.º 8, diz: *Maximum illud diluvium Graeca nec Latina novit historia:* nem a história grega nem a latina conhecem este grande dilúvio. Com efeito, só foram conhecidos os de Deucalião e Oxyges, na Grécia, vistos como universais nas fábulas recolhidas por Ovídio, mas inteiramente ignorados na Ásia oriental.

"Deus disse a Noé: Vou fazer um pacto contigo e com a tua semente depois de ti, e com todos os animais."

Deus fazer um pacto com os animais! Que pacto!, exclamam os incrédulos. Mas, se Deus se alia com o homem, por que não com o animal? O animal tem sentimentos e há algo de tão divino no sentimento como no mais metafísico dos pensamentos. De resto, os animais sentem melhor do que pensa a maior parte dos homens. Aparentemente, foi em virtude deste pacto que Francisco de Assis, fundador da ordem seráfica, dizia às cigarras e às lebres: "Canta, irmã cigarra; rói, irmã lebre". Em que consistiram, porém, as condições do tratado? Que todos os animais se devorariam uns aos outros; que se alimentariam da nossa carne e nós da deles; que, depois de os comermos, os exterminaríamos raivosamente e que só nos faltaria comer os nossos semelhantes que degolássemos. Tal pacto, a existir, teria sido feito com o diabo.

Provavelmente toda esta passagem quer significar que Deus é igualmente senhor absoluto de tudo o que respira.

"E porei o meu arco nas nuvens e ele será um sinal do meu pacto, etc."

É de notar que o autor não diz "Pus o meu arco nas nuvens", mas "porei", o que leva evidentemente a supor que, segundo a opinião comum, o arco-íris nem sempre existira. Trata-se de um fenômeno provocado pela chuva e dão-nos aqui como algo de sobrenatural a advertir que a terra não voltará a ser inundada. É estranha esta escolha do sinal da chuva como garantia de que se não será afogado. Mas pode também responder-se que, em perigo de inundação, se é tranqüilizado pelo arco-íris.

"E, pela tarde, os dois anjos chegaram a Sodoma, etc."

Toda a história dos dois anjos que os sodomitas quiseram violar é talvez a mais extraordinária que a antiguidade inventou. No entanto, convém considerar que, em quase toda a Ásia, acreditava-se na existência de demônios íncubos e súcubos; e que, além disso, sendo esses dois anjos criaturas mais perfeitas que os homens, deveriam ser mais belos e acender entre um povo corrompido maiores desejos do que suscitariam homens vulgares.

De Ló, que propõe aos sodomitas as suas duas filhas em lugar dos dois anjos, e da mulher de Ló transformada em estátua de sal, e de todo o resto da história, que se poderá dizer? A antiga fábula arábica de Cinyra e de Myrrha tem alguma relação com o incesto de Ló e das filhas; e a aventura de Filêmon e de Baucis não deixa de se assemelhar à história dos dois anjos que apareceram a Ló e a sua mulher. Quanto à estátua de sal, ignoramos a que se assemelhe: talvez à história de Orfeu e Eurídice.

Apareceram alguns sábios pretendendo que se deveria cortar dos livros canônicos todas estas coisas incríveis que escandalizam os fracos; afirmou-se, contudo, que esses sábios eram corações corrompidos, homens dignos da fogueira e que é impossível ser-se um homem decente sem se acreditar que os sodomitas quiseram violar dois anjos. Assim raciocina uma espécie de monstros, desejosa de dominar os espíritos.

Alguns célebres Padres da Igreja, e sobretudo Filon, tiveram a prudência de transformar estas histórias em alegorias, para exemplo dos judeus. Alguns papas, mais prudentes ainda, quiseram impedir a tradução destes livros em língua vulgar, temerosos de que os homens ficassem em posição de julgarem o que lhes era proposto para adoração.

Impõe-nos certamente concluir que quem entender perfeitamente este livro deve tolerar os que o não entendem; porquanto aqueles que nada entendem, não é por sua culpa que o não entendem. Mas os que nada compreendem devem tolerar também os que compreendem tudo.

Guerra

A fome, a peste e a guerra são os três ingredientes mais famosos deste mundo rasteiro. Podemos incluir na rubrica da fome todos os maus alimentos a que a dieta nos força a recorrer para abreviarmos a nossa vida na esperança de a prolongarmos.

São compreendidas na peste todas as doenças contagiosas, em número de duas ou três mil. Estes dois presentes são dádivas da Providência. Mas a guerra, que reúne todos estes dons, é dádiva da imaginação de trezentas ou quatrocentas pessoas espalhadas pela superfície do globo, sob o nome de príncipes ou de ministros; e talvez seja esta a razão por que, em numerosas dedicatórias, são apelidados de imagens vivas da Divindade.

O mais obstinado dos lisonjeadores concordará sem esforço que a guerra arrasta sempre consigo a peste e a fome, por pouco que conheça os hospitais de campanha alemães e tenha atravessado algumas aldeias onde houvesse ocorrido este ou aquele grande feito militar.

Sem dúvida que é uma arte muito bela, esta de desolar os campos, destruir as habitações e

fazer perecer, em ano normal, quarenta mil em cem mil homens. Semelhante invenção foi, inicialmente, cultivada por nações reunidas em assembléia para a realização do seu bem comum; por exemplo, a dieta dos gregos declarou à dieta dos frígios e povos vizinhos que ia partir num milheiro de barcos de pesca para os exterminar, se pudesse.

O povo romano reunido em assembléia julgou que seria de seu interesse ir combater, antes das ceifas, o povo dos veias ou o dos volscos. E, alguns anos mais tarde, estando todos os romanos encolerizados contra todos os cartagineses, bateram-se longamente sobre o mar e sobre a terra. Hoje, as coisas não se passam assim.

Um genealogista prova a um príncipe que este descende em linha reta de um conde cujos pais tinham celebrado um pacto de família, há trezentos ou quatrocentos anos, com uma casa de que nem sequer resta memória. [60] Esta casa tinha pretensões afastadas sobre uma província cujo último possuidor morreu de apoplexia: de tudo isto o príncipe e o seu conselho concluem sem dificuldade que a província pertence àquele por direito divino. A província, sita a alguns centenares de léguas do príncipe, bem pode protestar que não o conhece, que nenhum desejo tem de ser governada por ele; que para ditar leis às gentes é necessário pelo menos dispor-se do seu consentimento: tais discursos não alcançam sequer as orelhas do príncipe, cujo direito é incontestável. Sem demora, encontra um grande número de homens que nada têm a perder; veste-os com espesso tecido azul a cento e dez vinténs a vara, enfeita-lhes os chapéus com fio branco grosso, fá-los volver à esquerda e à direita, e marcha para a glória.

Outros príncipes, ouvindo falar desta equipagem, associam-se cada qual segundo o seu poderio, e cobrem uma pequena parcela de território com mais assassinos mercenários do que quantos Gêngis Can, Tamerlão e Bajazeto trouxeram na sua esteira.

Povos bastante afastados ouvem dizer que vai haver combate e que há cinco ou seis vinténs por dia guardados para eles se quiserem fazer parte da companhia: dividem-se imediatamente em dois bandos, como os ceifeiros, e vão vender os serviços a quem os quiser empregar.

Estas multidões encarniçam-se umas contra as outras não só sem terem qualquer interesse no litígio mas até sem saberem mesmo do que se trata.

Depararam-se-nos às vezes cinco ou seis potências beligerantes, ora três contra cinco, ora duas contra quatro, ora uma contra cinco [61], todas detestando-se igualmente umas às outras, unindo-se e atacando-se à vez; todas de acordo num só ponto, o de fazerem o maior mal possível.

O maravilhoso nesta empresa infernal é que todos os chefes de assassinos fazem benzer as bandeiras e invocam solenemente Deus antes de irem exterminar o próximo. Se um chefe não teve senão a sorte de fazer degolar dois ou três mil homens, nem agradece a Deus; mas que lhe caibam cerca de dez mil exterminados pelo ferro e pelo fogo e que, para cúmulo da Graça, uma cidade qualquer tenha sido destruída de alto a baixo, e logo será cantada [a quatro vozes] uma canção assaz longa, composta numa língua desconhecida por todos os combatentes e, para mais, recheada de barbarismos. A mesma canção serve para casamentos e nascimentos, bem como para os morticínios: o que é imperdoável, sobretudo na nação de mais nomeada quanto a novas canções. [62]

A religião natural mil vezes impediu os cidadãos de cometerem crimes. As almas bem nascidas não os desejam cometer; as almas ternas vêem-nos com terror, tendo presente a imagem de um Deus justo e vingador. A religião artificial encoraja, porém, a todas as crueldades perpetradas em bando, conjuras, sedições, assaltos, emboscadas, ataques de surpresa, pilhagens, morticínios. Todos marcham alegremente para o crime, sob a bandeira do seu santo.

Por todo o lado se paga a um certo número de predicadores para celebrarem estas jornadas

[60] Provavelmente, Voltaire quis aludir às habilidades genealógicas argüidas por Frederico II quando invadiu a Silésia. (N. dos T.)

[61] Voltaire deve querer referir-se a mudanças recentes no panorama das alianças européias: a França aliando-se à Áustria (1756), a Rússia e Prússia, potências inimigas, tornando-se aliadas (1762). (N. dos T.)

[62] A França provavelmente. (N. dos T.)

de morte; uns envergam um longo balandrau negro, sobrecarregado com um manto aberto; [63] outros usam camisa por cima de uma toga e outros ainda dois pendentes de estofo colorido sobre a camisa. [64] Todos falam estiradamente e citam o que se fez, outrora, na Palestina, a propósito de um combate na Veterávia. [65]

No resto do ano, estes sujeitos declamam contra os vícios. Provam em três pontos e por antíteses que as damas que espalham um pouco de carmim nos rostos frescos serão eterno objeto das eternas vinganças do Eterno; que *Polieucto* e *Atalia* são obras do demónio; que um homem que faz servir à sua mesa peixe de duzentos escudos, em dia de quaresma, garante a salvação, ao passo que o pobre homem que come carneiro, por dois vinténs e meio, irá para todos os diabos eternamente.

Entre cinco ou seis mil declamações desta espécie, há quando muito três ou quatro, compostas por um gaulês chamado Massilon, que um homem decente pode ler sem repulsa; mas, em todos os discursos, apenas encontrareis dois em que o autor ousa erguer-se contra o flagelo e o crime da guerra, que contém todos os flagelos e todos os crimes. Os infelizes predicadores falam sem cessar contra o amor, que é a única consolação do gênero humano e a única maneira de o resgatarmos; nada dizem dos nossos esforços abomináveis para o destruirmos.

Fizeste um muito mau sermão sobre a impureza, ó Bourdaloue!, mas nenhum sobre esses morticínios de tantas maneiras variados, sobre essas rapinas, esses assaltos, sobre esse furor universal que desola o mundo. Todos os vícios reunidos, de todas as idades e de todos os lugares, nunca igualarão os males produzidos por uma só campanha.

Miseráveis médicos das almas, vós gritais durante cinco quartos de hora sobre algumas picadas de alfinete e nada dizeis sobre a doença que nos despedaça em mil bocados! Queimai todos os vossos livros, ó filósofos moralistas. Enquanto o capricho de alguns homens conduzir ao massacre de milhares dos nossos irmãos, a parte do gênero humano consagrada ao heroísmo constituirá o que de mais atroz há na natureza inteira.

Em que se tornam e que me importam a humanidade, as benfeitorias, a modéstia, a temperança, a doçura, a sabedoria, a piedade, quando uma meia-libra de chumbo atirada a seiscentos passos me rebenta o corpo e eu morro aos vinte anos em tormentos inexprimíveis, entre cinco ou seis mil moribundos, quando os meus olhos, que se abrem pela última vez, vêem a cidade em que nasci destruída pelo ferro e pela chama e os últimos sons que meus ouvidos escutam são os gritos das mulheres e das crianças expirando sobre as ruínas, tudo em atenção aos pretendidos interesses de um homem que não conhecemos?

O pior é que a guerra mostra ser um flagelo inevitável. Reparando bem, todos os homens adoram o deus Marte: Sabaoth, entre os judeus, significa deus das armas; mas Minerva, segundo Homero, chama a Marte deus furioso, insensato, infernal.

H

* História

Seção I

Definição

A História é a narração de fatos considerados verdadeiros, ao contrário da fábula, narração de fatos considerados falsos.

[63] Os pastores protestantes. (N. dos T.)
[64] Os padres católicos quando usam sobrepeliz e estola. (N. dos T.)
[65] Antiga designação da Renânia. (N. dos T.)

Há também a história das opiniões, simples coletânea dos erros humanos.

A história das artes pode ser a mais útil de todas, se unir o conhecimento da invenção e do progresso das artes à descrição de seus mecanismos.

A história natural, impropriamente denominada "história", é uma parte essencial da física.

A história dos acontecimentos divide-se em sagrada e profana. A primeira é uma seqüência de operações divinas e miraculosas com que aprouve a Deus guiar outrora a nação judaica e provar agora a nossa fé.

Primeiros fundamentos da História

Os primeiros fundamentos de toda História encontram-se nas narrativas que os pais fazem aos filhos e que são transmitidas depois de geração em geração. Em sua origem são mais ou menos prováveis (desde que não choquem o senso comum), mas perdem gradualmente a probabilidade em cada geração. Com o tempo a fábula cresce e a verdade diminui: por este motivo todas as origens dos povos são absurdas. Assim, por exemplo, durante muitos séculos os egípcios teriam sido governados por deuses e semideuses, até que finalmente teriam tido reis durante onze mil e trezentos anos, sendo que nesse espaço de tempo o sol teria mudado quatro vezes de origem e de ocidente.

Na época de Alexandre, os fenícios pretendiam ter-se estabelecido em seu país havia mais de trinta mil anos, durante os quais teriam ocorrido tantos prodígios como na cronologia egípcia. Confesso que fisicamente é muito possível que a Fenícia tenha existido não somente trinta mil anos, mas trinta mil milhões de séculos, e tenha experimentado, como o resto do globo, trinta mil revoluções. No entanto, não temos conhecimento disso.

Sabe-se como impera o maravilhoso ridículo na história dos gregos.

Os romanos, tão sérios, também não deixaram de envolver em fábulas a história de seus primeiros séculos. Povo mais recente do que os asiáticos, permaneceu quinhentos anos sem história. Assim, não é surpreendente que Rômulo seja filho de Marte, que uma loba o tenha amamentado, que tenha marchado com mil homens da aldeia de Roma contra vinte e cinco mil combatentes da aldeia dos sabinos, e que tenha virado um deus. Também não é surpreendente que Tarqüínio, o Velho, tenha cortado uma pedra com uma navalha e que uma vestal tenha puxado um navio para a terra auxiliada apenas por seu cinto.

Os anais de todas as nações modernas não são menos fabulosos. As coisas prodigiosas e improváveis devem ser relatadas algumas vezes como prova da credulidade humana — pertencem à história das opiniões e das tolices, mas seu campo é vasto.

Dos monumentos

O único meio para conhecer com relativa certeza alguma coisa sobre a história antiga é ver se restam alguns monumentos incontestáveis. Por escrito, dispomos de apenas três: o primeiro é a coletânea das observações astronômicas feitas durante mil e novecentos anos seguidos na Babilônia e enviados à Grécia por Alexandre. Tais observações revelam que os babilônios formavam um povo organizado muitos séculos antes delas, pois as artes são obra do tempo e a preguiça natural dos homens deixa-os por milhares de anos reduzidos aos conhecimentos e aos talentos necessários para a alimentação e para a defesa contra as injúrias do clima e do ataque recíproco. Pode-se julgar a veracidade dessa afirmação examinando-se os germanos e os ingleses, no tempo de César, os tártaros, hoje em dia, dois terços da África e todos os povos encontrados na América, com exceção dos reinos do Peru e do México e da república de Tlascala. Lembremo-nos ainda de que nesse Novo Mundo ninguém sabia ler ou escrever.

O segundo monumento é o eclipse central do Sol, calculado na China dois mil, cento e cinqüenta anos antes de nossa era e tido como verdadeiro por todos os astrônomos. Deve-se dizer

dos chineses o mesmo que se disse dos babilônios: já constituíam um vasto império organizado. Mas os chineses estão acima de todos os outros povos da Terra porque suas leis, seus costumes e a língua falada pelos letrados não mudaram há mais de quatro mil anos. E, no entanto, a China e a Índia foram sempre omitidas de nossas pretensas histórias universais, embora sejam as duas nações mais antigas de todas as que subsistem ainda hoje, as que possuem os países mais belos e mais vastos, as que inventaram quase todas as artes antes que tivéssemos conhecido algumas. Quando espanhóis e franceses fazem o catálogo das nações, não deixam de colocar seus próprios países como a primeira monarquia do mundo e seu rei como o maior rei do mundo, com a esperança de receber uma pensão assim que o rei ler o livro.

O terceiro monumento, bem inferior aos dois primeiros, subsiste nos mármores de Arundel: a crônica de Atenas aí foi gravada duzentos e sessenta e três anos antes de nossa era, mas vai apenas até Cecrops, isto é, mil e trezentos anos antes da gravação.

Estas são as únicas épocas incontestáveis que possuímos a respeito de toda a Antiguidade.

É preciso dar grande atenção às crônicas dos mármores trazidos da Grécia por lorde Arundel. Começam mil, quinhentos e noventa anos antes de nossa era (portanto, atualmente têm uma antiguidade de três mil, trezentos e cinqüenta e três anos) e não contêm qualquer fato miraculoso ou prodigioso. O mesmo comentário pode ser feito quanto às Olimpíadas — não são elas que permitem o epíteto *Graecia mendax*, a Mentirosa Grécia. Os gregos sabiam distinguir muito bem a fábula e a história, os fatos reais e os contos de Heródoto, tanto assim que seus oradores, ao falarem de assuntos sérios, nunca empregavam os discursos dos sofistas nem as imagens dos poetas.

A data da tomada de Tróia está marcada nos mármores, mas nada se diz sobre as flechas de Apolo, o sacrifício de Ifigênia ou sobre os combates ridículos dos deuses. A data das invenções de Triptolemo e Ceres também está indicada, mas Ceres não é chamada de "deusa". Menciona-se o rapto de Prosérpina, mas não se diz que seja filha de Júpiter e uma deusa, ou que seja mulher do deus dos infernos.

Hércules é indicado nos mistérios de Eleusina, mas não há uma palavra sobre seus doze trabalhos, sua passagem pela África, sua taça, sua divindade, sobre o grande peixe que o engoliu e o manteve em seu ventre três dias e três noites, segundo Licofrão.

Entre nós, pelo contrário, um estandarte é trazido do céu por um anjo aos monges de St. Denis; um pombo traz uma garrafa de óleo para a igreja de Reims; dois exércitos de serpentes combatem na Alemanha; um arcebispo de Mayence é sitiado e comido por ratos, e, para o cúmulo, tem-se até o cuidado de assinalar o ano dessas aventuras. O abade Lenglet compila tais impertinências; os almanaques as repetem cem vezes e é assim que se instrui a juventude e os próprios príncipes.

Toda história é recente. Não é surpreendente a ausência de história antiga profana para além de quatro mil anos. Causas: as revoluções do globo e o longo e universal desconhecimento dessa arte que transmite os fatos pela escrita. Há muitos povos que ainda não têm o hábito da história e esta arte só é comum a um número muito pequeno de nações policiadas, e, nestas, foi cultivada por poucas mãos. Saber escrever é muito raro entre franceses e germanos — até o século XIV de nossa era os atos só eram atestados por testemunhas. Na França, só a partir de 1454, sob Carlos VII, começaram-se a redigir alguns costumes franceses. Entre os espanhóis a arte de escrever era ainda mais rara e por isso sua história é tão seca e incerta até Fernando e Isabel. Vê-se por aí como o pequeno número dos que sabiam escrever podia impor-se e como lhes foi fácil obrigar-nos a crer em enormes absurdos.

Há nações que subjugaram uma parte da Terra sem conhecer o uso dos caracteres. Sabemos que Gêngis Can conquistou uma parte da Ásia no começo do século XIII, mas não foi por ele nem pelos tártaros que o soubemos. Sua história, escrita pelos chineses e traduzida pelo padre Gaubil, afirma que não conheciam ainda a arte de escrever.

É quase certo que, pouco antes do reinado de Ciro, não havia em cem nações mais que duas ou três que soubessem escrever. É possível que num antigo mundo destruído os homens tivessem conhecido a escrita e as outras artes. No nosso, porém, são recentes.

Restam ainda monumentos de outra espécie e que servem somente para constatar a grande antiguidade de certos povos. São monumentos que precedem todas as épocas conhecidas e todos

os livros: os prodígios da arquitetura. É o caso, por exemplo, das pirâmides e palácios do Egito, que resistiram ao tempo. Heródoto, que viveu há dois mil e duzentos anos e que os viu, não conseguiu saber dos padres egípcios em que tempo haviam sido construídos.

É difícil atribuir menos de quatro mil anos à mais antiga das pirâmides. A ostentação dos reis só pode ter começado quando já havia cidades. Ora, construir cidades num país inundado todos os anos exigiu que se elevassem os terrenos das cidades sobre pilastras para torná-los inacessíveis à inundação. Antes de chegar a isto e tentar grandes trabalhos, as populações devem ter feito retiradas durante as enchentes do Nilo, alojando-se no meio dos rochedos que formam duas cadeias à direita e à esquerda do rio. Também foi preciso que tais populações tivessem instrumentos de lavoura, de arquitetura, um conhecimento de agrimensura, leis e polícia. Tudo isto requer um tempo prodigioso, exigindo gerações inteiras e muito obstinadas.

Entretanto, seja Quéfren ou Quéops ou Miquerinos ou Ramsés, o construtor de dois ou três desses prodígios, nem por isso nosso conhecimento do antigo Egito se torna maior, pois a língua desse povo se perdeu. Sabemos, pois, somente uma coisa: antes dos historiadores antigos já havia com que escrever uma história antiga.

Seção II

Como já há mais de vinte mil obras, a maioria em vários volumes, somente sobre a história da França, e como um homem estudioso que vivesse cem anos não teria tempo de lê-las, é preciso que nos limitemos. Além disso, é preciso que conheçamos também a história de nossos vizinhos, bem como a dos gregos e dos romanos, pois muitas de suas leis são ainda as nossas. Se, porém, recuássemos ainda mais, faríamos como um homem que, tendo deixado Tácito e Tito Lívio, fosse estudar seriamente as *Mil e Uma Noites*. Todas as origens dos povos visivelmente são fábulas. A razão disso deve ser o fato de que os homens certamente viveram por muito tempo agrupados como povoações, tiveram que aprender a fazer pão e o vestuário (o que era difícil) antes de aprender a transmitir todos os seus pensamentos à posteridade (o que era mais difícil ainda). A arte de escrever seguramente não tem mais de seis mil anos entre os chineses e, digam o que disserem, não parece que egípcios e caldeus tenham sabido ler e escrever convenientemente mais cedo.

A história dos tempos anteriores só pode ter sido transmitida de memória, e sabe-se como a lembrança das coisas passadas altera-se de geração para geração. As primeiras histórias foram escritas apenas pela imaginação. E cada povo inventou não somente sua própria origem, mas também a do mundo inteiro.

. . . . . .

Qual é a história útil? Aquela que nos mostra nossos deveres e direitos sem ter a aparência de nos querer ensiná-los.

Pergunta-se freqüentemente se a fábula do sacrifício de Ifigênia foi tomada da história de Jefté; se o dilúvio de Deucalião é uma imitação do de Noé; se a aventura de Filemon e Baucis é uma cópia da de Ló e sua mulher. Os judeus afirmam que não se comunicavam com os estrangeiros e que seus livros só foram conhecidos pelos gregos através de uma tradução feita por ordem de um dos Ptolomeus. Entretanto, os judeus foram durante muito tempo corretores e usurários entre os gregos de Alexandria e os gregos nunca foram vender roupa em Jerusalém. Parece que nenhum povo imitou os judeus, mas estes tomaram muitas coisas dos babilônios, dos egípcios e dos gregos.

Todas as antiguidades judaicas são sagradas para nós, apesar de nosso desprezo e de nosso ódio por esse povo. Não podemos crê-las pela razão, mas submetemo-nos aos judeus pela fé. Há mais ou menos oitenta sistemas para sua cronologia e muitas maneiras para explicar os acontecimentos de sua história. Não sabemos quais as verdadeiras mas damos-lhes nossa fé para o tempo em que forem descobertas.

Temos que acreditar em tantas coisas desse povo sábio e magnânimo que toda nossa crença acha-se esgotada, de modo que não nos sobra nenhuma para os prodígios das outras nações.

O que mais aprecio em nossos modernos compiladores é a boa fé com que nos provam que tudo o que aconteceu outrora nos maiores impérios do mundo só aconteceu para instruir os habitantes da Palestina. Se os reis da Babilônia, em suas conquistas, caem de passagem sobre o povo hebreu, é unicamente para corrigir os pecados deste povo. Se o Rei Ciro torna-se senhor da Babilônia, é para dar aos hebreus a permissão de retornarem a seu país. Se Alexandre vence Dario, é para estabelecer alfaiates em Alexandria. Quando os romanos acrescentam a Síria ao seu vasto império e englobam o pequeno reino da Judéia, ainda é para instruir os judeus. Os árabes e os turcos vieram apenas para corrigir esse povo amável. É preciso admitir que recebeu uma excelente educação. Nunca se tiveram tantos preceptores — quão útil é a história!

Mas o mais instrutivo é a justiça rigorosa dos clérigos para com todos os príncipes que os desgostam. Com que candura imparcial São Gregório de Nazianzo julga o Imperador Juliano, filósofo! Declara que este não temia o diabo e que mantinha contato secreto com ele, mas que um dia os demônios lhe apareceram envoltos em chamas e sob figuras hediondas e que os expulsou fazendo por inadvertência o sinal da cruz. Chama-o de "furioso", de "miserável". Assegura que imolou rapazes e moças todas as noites em sua adega. É assim que fala do mais clemente dos homens, que nunca se vingou sequer das invectivas do próprio Gregório. E como o melhor método para caluniar um inocente é fazer a apologia de um culpado o santo de Nazianzo não teve dúvidas em fazer o elogio do predecessor e tio de Juliano, Constâncio, que mandara matar seu tio Júlio mais seus dois filhos, os três declarados augustos. Mandou matar também Galo, irmão de Juliano. Aprendera todas essas crueldades com seu pai, Constantino, e, não contente de exercê-las sobre sua própria família, exerceu-as também sobre o império. Mas era um devoto e orava muito. E, assim, Gregório faz seu panegírico. Se é dessa maneira que os santos nos ensinam a verdade, que não devemos esperar dos profanos, sobretudo quando são ignorantes e apaixonados?

Atualmente usa-se a história de um modo muito esquisito. Desenterram-se constituições suspeitas e mal compreendidas, datando da época de Dagoberto, e quer-se que voltem a vigorar mais os costumes, os direitos e as prerrogativas de antanho. Os historiadores que assim procedem seriam como um homem que chegasse à praia e dissesse ao mar: outrora banhavas Águas-Mortas, Frejus, Ravena, Ferrara. Retorna imediatamente para lá!

Seção III

Da certeza em história

Toda certeza que não encontre uma demonstração matemática é uma simples probabilidade. A certeza histórica é dessa espécie.

Quando Marco Pólo sozinho narrou coisas sobre a China, não pôde ser acreditado. Quando os portugueses, séculos depois, entraram nesse vasto império, começaram a tomar as descrições de Marco Pólo mais prováveis. Hoje todas são certas porque a certeza decorre dos depoimentos unânimes de mais de mil testemunhas oculares de diferentes nações, sem que alguém tenha reclamado contra eles.

Eu teria suspendido meu juízo se somente dois ou três historiadores tivessem escrito a aventura do Rei Carlos XII, que se obstinava em permanecer nos Estados do sultão seu benfeitor, contra a vontade deste, e que se batia acompanhado de seus domésticos contra um exército de janízaros e de tártaros. Mas, tendo falado com várias testemunhas oculares, e nunca tendo visto essas ações postas em dúvida, tive de crê-las, pois não são contrárias às leis da natureza nem ao caráter do herói, embora não sejam sensatas nem comuns.

O que contraria o curso ordinário da natureza não deve ser acreditado, a menos que seja atestado por homens animados verdadeiramente pelo espírito divino e que seja impossível duvidar de sua inspiração. E que seus testemunhos sejam todos concordantes (o que é bastante difícil).

Incerteza da história

Distinguem-se os tempos em fabulosos e históricos, mas estes últimos deveriam ser distinguidos em verdades e fábulas. Não me refiro às fábulas reconhecidas como tais e sim àquelas que estão presentes em fatos admitidos.

Assim, por exemplo, é preciso considerar que a república romana permaneceu quinhentos anos sem história, que Tito Lívio deplora a perda dos monumentos que pereceram no incêndio de Roma, que nos primeiros trezentos anos a arte de escrever era muito rara, e então será permitido duvidar de todos os acontecimentos que não se enquadram na ordem humana das coisas.

Sobre a máxima de Cícero concernente à história:

"Que o historiador não ouse dizer uma mentira nem esconder uma verdade."

A primeira parte desse preceito é incontestável. É preciso examinar a segunda. Se uma verdade puder ser útil ao Estado, silenciá-la será condenável. Mas suponhamos que escreveis a história de um príncipe que vos confiou um segredo: deveis revelá-lo? Deveis dizer à posteridade aquilo de que sereis culpado se o dissésseis até para um único homem? O dever do historiador deverá vencer um dever maior?

Suponhamos, ainda, que fostes testemunha de uma fraqueza que não teve influência sobre os negócios públicos — deveis revelá-la? Neste caso a história seria uma sátira.

É preciso admitir que a maioria dos escritores de anedotas é mais indiscreta do que útil. Mas que dizer dos compiladores insolentes que, fazendo da maledicência mérito, imprimem e vendem escândalos como se estivessem vendendo peixe?

SEÇÃO IV

Do método, da maneira de escrever a história e do estilo

Discutiu-se tanto sobre essa matéria, que agora é preciso falar um pouco a seu respeito. Sabe-se que o método e o estilo de Tito Lívio, sua gravidade, sua eloqüência sábia, convêm à majestade da república romana; sabe-se também que Tácito é feito mais para pintar tiranos, Políbio, para dar lições de guerra, Dionísio de Halicarnasso, para desenvolver as antiguidades.

Mas, se hoje em dia nos modelarmos por esses grandes mestres, teremos que suportar um fardo mais pesado do que eles. Exigem-se dos historiadores modernos mais detalhes, fatos mais constatados, datas precisas, autoridades, mais atenção aos costumes, às leis, aos usos, ao comércio, às finanças, à agricultura, à população. Ocorre com a história o mesmo que com a matemática e a física: a estrada alongou-se prodigiosamente. Atualmente é mais fácil fazer uma coletânea de jornais do que escrever a história.

Daniel julgou-se historiador porque transcreveu datas e fez descrições de batalhas incompreensíveis. Deveria informar-me sobre os direitos da nação, sobre os direitos dos principais corpos dessa nação, sobre suas leis, usos e costumes e sua transformação. A nação tem o direito de dizer-lhe: peço-vos minha história mais do que a de Luís, o Gordo, ou a de Luís, o Briguento. Dizeis que, segundo uma velha crônica escrita ao acaso, Luís VIII, atacado por uma doença mortal, extenuado, enfraquecido, não podendo mais, os médicos ordenaram ao corpo

cadavérico que se deitasse com uma mocinha para se refazer, mas o rei rejeitou essa vilania. Ah! Daniel. Não sabeis, então, o provérbio italiano: "Donna ignuda manda l'uomo sotto la terra"? Deviàs ter um pouco mais de tinturas de história política e de história natural.

Exige-se que a história de um país estrangeiro não seja modelada na mesma forma que a de vossa pátria. Se escreveis a história da França, não sois obrigado a descrever o curso do Sena e do Loire. Mas, se contais ao público uma conquista portuguesa na Ásia, exige-se uma topografia dos países descobertos. Deveis conduzir o leitor pela mão através da África, da Pérsia e da Índia. Espera-se que informeis sobre os costumes, as leis e os usos dessas nações novas para a Europa.

Temos vinte histórias dos estabelecimentos portugueses nas Índias, mas nenhuma nos dá a conhecer os governos desses países, as religiões, as antiguidades, os brâmanes, os discípulos de São João, os guebros. Foram conservadas, é verdade, as cartas de Xavier e de seus sucessores. Temos histórias sobre as Índias escritas em Paris, segundo as narrativas dos missionários que não sabiam a língua dos brâmanes. Repetem em todos os escritos que os indianos adoram o diabo. Os capelões de uma companhia de comércio já partem com esse preconceito e assim que vêem figuras simbólicas nas costas de Coromandel não deixam de escrever que são retratos do diabo, que estão em seu império e que vão combatê-lo. Não percebem que somos nós os adoradores do diabo Mamon, e que vamos levar-lhe nossos votos a seis mil léguas de nossa pátria para dele obter dinheiro.

O importante, pois, é saber que o método conveniente à história de seu país não é próprio para descrever as descobertas do Novo Mundo; que não se deve escrever sobre uma aldeia como se escreve sobre um império, que não se pode escrever a história privada de um príncipe como se fosse a da França e a da Inglaterra.

Se só tendes a nos dizer que um bárbaro sucedeu outro bárbaro às margens do Oxus ou do Iaxarte, qual é vossa utilidade?

Essas regras são bem conhecidas, mas a arte de bem escrever a história sempre será rara. Há leis para escrever a história como há para todas as artes de espírito, mas, como nestas, naquela também há mais preceitos do que grandes artistas.

I

Idéia

O que é uma idéia?

É uma imagem que se imprime no meu cérebro.

Todas as nossas idéias são, portanto, imagens?

Seguramente, porquanto as idéias mais abstratas não passam de conseqüências de todos os objetos que percebi. [**] Se pronuncio a palavra *Ser*, em geral, é porque conheci seres particulares. Se pronuncio a palavra *infinito*, é porque já me dei conta da existência de limites e afasto esses limites no meu entendimento tanto quanto o possível; se disponho de idéias, é porque disponho de imagens na cabeça.

E quem foi o pintor que compôs esse quadro?

Não eu, que não desenho suficientemente bem; aquele que me fez, e às minhas idéias.

Sois, portanto, da opinião de Malebranche, que afirmava que vemos tudo em Deus?

Pelo menos, estou certo de que, se não vemos as coisas em Deus, vemo-las por intermédio da sua ação todo-poderosa.

[**] Neste capítulo, Voltaire associa algumas teses dos grandes empiristas ingleses do século XVIII com o agnosticismo temperado de deísmo racionalista que lhe é peculiar. Vide o desenvolvimento do mesmo ponto de vista no capítulo "Sensação". (N. dos T.)

E como se desenvolve essa ação?

Disse-vos cem vezes nas nossas conversas que a esse respeito nada sei e que Deus não comunicou o seu segredo a ninguém. Ignoro o que faça bater o meu coração, correr o sangue nas minhas veias; ignoro o princípio de todos os meus movimentos; e ainda quereis que vos diga como sinto e como penso! Não está certo.

Mas sabeis ao menos se a vossa faculdade de ter idéias está ligada à extensão?

Nem por sombras. É verdade que Taciano, no seu discurso aos gregos, diz que a alma é manifestamente composta por um corpo. Irineu, no capítulo XXV do segundo livro, diz que o Senhor ensinou que as nossas almas guardam a figura do nosso corpo para dele conservarem memória. Tertuliano assevera, no seu segundo livro de *A Alma*, que esta é um corpo. Não é outra a opinião de Arnóbio, Lactâncio, Hilário, Gregório de Nissa, Ambrósio. Há quem pretenda que os outros Padres da Igreja asseguram que a alma não tem qualquer extensão, nisso seguindo as opiniões de Platão; mas esta pretensão é muito duvidosa. Por mim, não me atrevo a ter opinião; num e noutro sistema, só descubro incompreensibilidade e, depois de haver pensado sobre o assunto durante toda a minha vida, não estou mais adiantado que no primeiro dia.

Não valeria, portanto, a pena pensar nisso.

É verdade; aquele que goza sabe mais a esse respeito do que aquele que reflete, ou, pelo menos, sabe-o melhor, é mais feliz. Mas que quereis? Não dependeu de mim o receber ou rejeitar todas as idéias que ao meu cérebro vieram combater-se e que se apropriaram das minhas células medulares como campo de batalha. Depois de bem se baterem, não recolhi dos seus despojos senão a incerteza.

É bem triste ter tantas idéias e nada saber ao certo sobre a natureza das idéias.

Admito-o; mas bem mais triste e muito mais tolo é supor-se que se sabe o que se não sabe.

Ídolo, Idólatra, Idolatria

Ídolo deriva do grego *eidos*, figura; *eidolon*, representação de uma figura; *latrêuein*, servir, reverenciar, adorar. A palavra *adorar* é latina e goza de muitas acepções diferentes: significa levar a mão à boca falando com respeito, curvar-se, pôr-se de joelhos, saudar e, enfim, comumente, prestar um culto supremo.

Convém assinalar aqui que o *Dicionário de Trévoux* começa este artigo por afirmar que todos os pagãos eram idólatras e que os indianos são ainda povos idólatras. Primeiro, não se chamava a ninguém *pagão*, antes de Teodósio, o Jovem. Este nome foi então atribuído aos habitantes dos burgos da Itália, *pagorum incolae, pagani*, que conservavam a sua antiga religião. Segundo, o Industão é maometano e os maometanos são os inimigos implacáveis das imagens e da idolatria. Terceiro, não se deve, de modo algum, designar por idólatras muitos dos povos da Índia que seguem a antiga religião dos persas, nem certas castas que não têm ídolos.

Sobre se alguma vez houve um governo idólatra

Ao que parece, nunca existiu sobre a terra povo algum que houvesse adotado a designação *idólatra*. Esta palavra é uma injúria, um termo ultrajante, como o de *gavaches*, que os espanhóis davam outrora aos franceses, e o de *maranes*, que os franceses davam aos espanhóis. Se alguém houvesse perguntado ao senado de Roma, ao areópago de Atenas, à corte dos reis da Pérsia: "Sois idólatras?", mal seria escutado. Ninguém responderia: "Adoramos imagens, ídolos". Não se encontram as expressões *idólatra, idolatria*, nem em Homero, nem em Hesíodo, nem em Heródoto, nem em qualquer autor da religião dos gentílicos. Nunca houve edito, nenhuma lei que impusesse a adoração de ídolos, ou que a estes se servisse como a deuses, que fossem olhados como deuses.

Quando os capitães romanos e cartagineses celebravam um tratado, invocavam todos os seus deuses. "É na sua presença", proclamavam, "que juramos a paz." Ora, as estátuas de todos

estes deuses, cujo desdobramento era enorme, não estavam na tenda dos generais. Os deuses eram olhados como estando presentes nas ações humanas, como testemunhas, como juízes. E não era seguramente o simulacro que constituía a divindade.

Com que olhos viam eles, portanto, as estátuas das suas falsas divindades nos templos? Com o mesmo olhar, se me permitem exprimir-me assim, que nós dirigimos às imagens dos objetos da nossa veneração. O erro não era a adoração de um pedaço de madeira ou de mármore, mas a adoração de uma falsa divindade representada por essa madeira e por esse mármore. A diferença entre eles e nós não assentava na circunstância de eles terem imagens e nós não: a diferença é que as suas imagens figuravam seres fantásticos de uma religião falsa, ao passo que as nossas figuram seres reais de uma religião verdadeira. Os gregos tinham a estátua de Hércules, nós temos a de São Cristóvão; tinham Esculápio e a sua cabra, nós, São Roque e o seu cão; tinham Júpiter tonitruante, nós, Santo Antônio de Pádua e São Tiago de Compostela.

Quando o cônsul Plínio dirige as suas preces *aos deuses imortais*, no exórdio do *Panegírico de Trajano*, não as dirige às imagens. Estas não eram imortais.

Nem os últimos tempos do paganismo, nem os mais recuados, oferecem um único fato que nos possa levar a concluir que algum ídolo fosse objeto de adoração. Homero só fala dos deuses que habitam o alto Olimpo. O *palladium*, embora caído do céu, não era senão o penhor sagrado da proteção de Palas: somente a ela veneravam no *palladium*.

No entanto, os romanos e os gregos ajoelhavam-se perante as estátuas, ofereciam-lhes coroas, incenso, flores, passeavam-nas em triunfo nas praças públicas. Nós santificamos estes costumes e nem por isso somos idólatras.

Em tempos de seca, as mulheres, depois de jejuarem, transportavam as estátuas dos deuses. Caminhavam com os pés nus, os cabelos esparsos e imediatamente chovia a potes, como diz Petrônio, *et statim urceatim pluebat*. Ora, não consagramos este costume, ilegítimo entre os gentílicos e sem sombra de dúvida legítimo entre nós? Em quantas cidades não se transportam, de pé descalço, enormes carcaças, em vista à obtenção, por seu intermédio, das bênçãos do céu? Se um turco ou um letrado chinês fossem testemunhas destas cerimônias, poderiam, por ignorância, acusar-nos logo de confiarmos nos simulacros que passeamos em procissão; bastaria, porém, uma palavra para os desenganarmos.

Fica-se estupefato com a prodigiosa quantidade de declamações proferidas em todos os tempos contra a idolatria dos romanos e dos gregos; para seguidamente se ficar mais estupefato ainda quando se descobre que não eram idólatras.

Há templos mais privilegiados que outros. A grande Diana de Éfeso gozava de maior reputação que uma Diana de aldeia. Faziam-se mais milagres no templo de Esculápio em Epidauro que em qualquer outro dos seus templos. Mas, já que se torna necessário opor sempre aqui os costumes de uma religião verdadeira aos de uma religião falsa, não é verdade que desde há muitos séculos dedicamos maior devoção a certos altares que a outros? Não levamos mais oferendas a Nossa Senhora de Loreto que a Nossa Senhora das Neves? Cabe-nos verificar se é lícito valer-se alguém deste pretexto para nos acusar de idolatria.

Concebia-se a existência de uma única Diana, de um único Apolo, um único Esculápio, não de tantos Apolos, Dianas e Esculápios quantos templos e quantas estátuas houvesse. Está pois provado, na medida em que pode estar um ponto de história, que os antigos não acreditavam que uma estátua fosse uma divindade, que o culto não se referia a essa estátua, a esse ídolo, e que, por conseguinte, os antigos não eram idólatras.

A populaça grosseira e supersticiosa, que não raciocinava, que não sabia duvidar, nem negar, nem crer, que acorria aos templos por ociosidade e porque os pequenos se igualam aí aos grandes, que levava oferendas por hábito, que continuamente falava de milagres sem ter examinado nenhum e que em nada se elevava acima das vítimas que trazia; essa populaça, digo eu, poderia, à vista da Grande Diana e de Júpiter tonitruante, ficar tocada de horror religioso e adorar, sem o saber, a própria estátua. É o que por vezes sucede nos nossos templos com os rudes camponeses, aos quais, todavia, não deixou de se ensinar que devem pedir a intercessão dos bem-aventurados, dos imortais recebidos no céu, não a das suas figuras de pau e pedra, e que só devem adorar o Deus único.

Os gregos e os romanos aumentaram o número dos seus deuses devido a apoteoses. Os gregos divinizavam os conquistadores, como Baco, Hércules, Perseu. Roma ergueu altares aos imperadores. As nossas apoteoses são de diferente gênero, temos santos em lugar dos seus semideuses, dos seus deuses secundários, mas não atendemos à posição nem às conquistas. Erguemos templos a homens simplesmente virtuosos que, na sua maior parte, seriam ignorados na terra se não os pusessem no céu. As apoteoses dos antigos celebravam-se para lisonjear; as nossas, por respeito pela virtude. Contudo, apoteoses dos antigos são mais uma prova convincente de que os gregos e os romanos não eram propriamente idólatras. É evidente que não atribuíam mais virtude divina às estátuas de Augusto e Cláudio do que aos respectivos medalhões.

Cícero, nas suas obras filosóficas, não deixa transparecer a mais leve suspeita de que houvesse equívocos com as estátuas dos deuses e as confundissem com os próprios deuses. Os seus interlocutores fulminam a religião estabelecida mas nenhum se lembra de acusar os romanos de tomarem o mármore e o bronze por divindades. Lucrécio a ninguém censura semelhante tolice, ele que tudo censura aos supersticiosos. Assim, repito que tal opinião não existia, que ninguém teve qualquer idéia desse gênero; não havia idólatras.

Horácio faz falar uma estátua de Príapo que diz: "Era outrora um tronco de figueira, e um carpinteiro, não sabendo se faria de mim um deus ou um banco, decidiu enfim transformar-me num deus, etc." Que concluir deste gracejo? Príapo era uma dessas pequenas divindades subalternas, abandonadas aos zombadores; o próprio gracejo é a mais forte prova de que a figura de Príapo, posta nas hortas para atemorizar os pássaros, não era objeto de grande reverência.

Dacier, abandonando-se ao espírito comentador, não deixou de observar que Baruch profetizara esta aventura ao dizer: "Eles serão tão-somente aquilo que os operários quiserem"; todavia, poderia observar também que o mesmo era lícito dizer de todas as estátuas.

De um bloco de mármore, tanto podemos tirar uma bacia como a figura de Alexandre, a de Júpiter, ou qualquer coisa mais respeitável ainda. A matéria de que eram formados os querubins do Santo dos Santos teria podido igualmente servir para as funções mais vis. Um trono, um altar serão menos reverenciados só porque se pode fazer deles uma mesa de cozinha?

Dacier, em vez de concluir que os romanos adoravam a estátua de Príapo e que Baruch o predissera, devia, portanto, concluir que os romanos zombavam da figura de Príapo. Consultai todos os autores que falam das estátuas dos seus deuses e não encontrareis um que fale de idolatria: todos dizem expressamente o contrário. Verificai em Marcial:

Qui finxit sacros auro vel marmore vultus,
Non facit ille deos... [67]

Em Ovídio:

Colitur pro Jove forma Jovis. [68]

Em Estácio:

Nulla autem effigies, nulli comissa metallo
Forma Dei; mentes habitare et pectora gaudet. [69]

Em Luciano:

Estne Dei sedes, nisi terra et pontus et aer? [70]

[67] Quem modela as imagens sagradas em ouro ou mármore não os faz deuses. (N. do E.)
[68] Cultua-se a imagem de Júpiter em lugar do próprio Júpiter. (N. do E.)
[69] Mas não há nenhuma imagem, nenhuma forma de Deus feita de metal; ele se compraz em habitar as mentes e os corações. (N. do E.)
[70] Haverá outra morada de Deus que não a terra, o mar e o ar? (N. do E.)

Fazia-se um volume com todas as passagens em que se afirma que as imagens não são senão imagens.

Só o caso de haver estátuas que proferiam oráculos poderia fazer pensar que as estátuas detinham em si algo de divino. Porém, a opinião reinante era certamente a de que os deuses tinham escolhido certos altares, certos simulacros, para aí virem residir algumas vezes, dar audiência aos homens, responder-lhes. Não se descobrem em Homero e nos coros das tragédias gregas senão preces a Apolo, que profere os seus oráculos nas montanhas, em tal templo, em tal cidade; não há em toda a Antiguidade o menor rasto de prece que fosse dirigida a uma estátua.

Os que professavam a magia ou a consideravam ou fingiam considerar uma ciência, pretendiam ter o segredo de fazer descer os deuses às estátuas, não os grandes deuses, mas os secundários, os gênios. É o que Mercúrio Trismegista chamava *fazer deuses*, e Santo Agostinho refuta na *Cidade de Deus*. Isto mesmo, porém, evidencia que os simulacros nada tinham de divino, pois era necessário um mágico para os animar. E parece-me que raramente sucederia que um mágico fosse assaz hábil para dar alma a uma estátua, para a fazer falar.

Em resumo, as imagens dos deuses não eram deuses. Júpiter, e não a sua imagem, lançava o trovão; não era a estátua de Netuno que levantava os mares nem a de Apolo que produzia a luz. Os gregos e os romanos eram gentílicos, politeístas, mas não idólatras.

Sobre se os persas, os sabinos, os egípcios, os tártaros, os turcos foram idólatras e qual a antiguidade da origem dos simulacros chamados ídolos. História do seu culto.

É um grande erro chamar idólatras aos povos que prestaram culto ao Sol e às estrelas. Estas nações não tiveram, durante longo tempo, nem simulacros nem templos. Se se enganaram, foi por prestarem aos astros o que deviam prestar ao criador dos astros. Aliás, o dogma de Zoroastro ou Zerdut, recolhido no Sadder, dá conta de um ente supremo, vingador e remunerador, o que muito se afasta da idolatria. Nunca os governantes da China tiveram ídolos, conservando sempre o culto simples do senhor do céu, King-Tien. Entre os tártaros, Gêngis Can não era de modo algum idólatra e não possuía qualquer simulacro. Os muçulmanos que enchem a Grécia, a Ásia Menor, a Síria, a Pérsia, a Índia e a África designam os cristãos por *idólatras, giaours*, pois supõem que eles prestam culto às imagens. Destruíam muitas estátuas encontradas em Constantinopla, na Santa Sofia ou na Igreja dos Santos Apóstolos, bem como noutras, todas convertidas em mesquitas. Enganou-os a aparência, como sempre engana os homens, e fez-lhes crer que os templos dedicados a santos que outrora haviam sido homens, as imagens destes santos venerados de joelhos, os milagres operados nos templos, eram outras tantas provas incontestáveis da mais completa das idolatrias. No entanto, nada disso é assim. Com efeito, os cristãos adoram apenas um Deus único e veneram nos bem-aventurados tão-só a própria virtude de Deus que atua nos seus santos. Os iconoclastas e os protestantes dirigiram a mesma censura de idolatria à Igreja e foi-lhes dada a mesma resposta. [71]

Como os homens só raramente dispõem de idéias precisas e menos ainda têm exprimido as suas idéias através de palavras exatas e inequívocas, chamamos idólatras aos gentílicos, sobretudo aos politeístas. Escreveram-se volumes imensos, manifestaram-se sentimentos diversos sobre a origem do culto prestado a Deus, ou a numerosos deuses, sob figuras sensíveis: tal multidão de livros e de opiniões prova apenas a ignorância.

Não se sabe quem inventou os trajes e os sapatos e pretende-se saber quem primeiro inventou os ídolos? Que importa uma passagem de Sanchoniathon, que viveu antes da guerra de Tróia? Que nos ensina ele quando afirma que o caos, o Espírito, quer dizer o *sopro*, enamorado dos seus

[71] Censurou-se nomeadamente à Igreja a teoria do batismo, que pressupõe a existência *material* da culpabilidade humana, transmissível com o organismo e que é eliminada pela ação *material* do banho; e a teoria da penitência que implica a *materialidade* da qualidade do pecador, atingida e destruída pela parte instrumental, considerada indispensável, do Sacramento. (Nota de Julien Benda, in Ed. Garnier, 1961.)

princípios, daí tirou o limo, que tornou o ar luminoso, que o vento Colp e sua mulher Baũ engendraram Eon, que Eon engendrou Genos, que Cronos, descendente destes, tinha um par de olhos atrás e um par de olhos à frente, que se tornou deus e ofereceu o Egito ao seu filho Thaũt? E é este um dos mais respeitáveis monumentos da antiguidade.

Orfeu, anterior a Sanchoniathon, não nos ensina mais na sua *Teogonia*, que Damascino conservou. O princípio do mundo é aí representado pela figura de um dragão com duas cabeças, uma de touro, outra de leão, um rosto ao meio, chamado *rosto-deus*, e asas douradas nas costas.

Contudo, podeis recolher destas idéias bizarras duas grandes verdades: uma, a de que as imagens sensíveis e os hieróglifos datam da mais alta antiguidade; a outra, que todos os filósofos antigos admitiram um princípio primeiro.

Quanto ao politeísmo, dir-vos-á o bom senso que, desde que há homens, quer dizer animais fracos, capazes da razão e da loucura, sujeitos a todos os acidentes, à doença e à morte, esses homens sempre sentiram a sua fraqueza e a sua dependência; facilmente reconheceram que algo há mais poderoso que eles, sentiram uma força na terra que lhes fornece os alimentos, uma força no ar que muitas vezes os destrói, outra ainda no fogo que consome e na água que submerge. Nada mais natural, portanto, que venerassem a força invisível que a seus olhos fazia luzir o sol e as estrelas. E, uma vez que se desejasse formar uma idéia desses poderes superiores ao homem, nada mais natural que os figurassem de maneira sensível. Seria sequer possível que procedessem de outro modo? A religião hebraica, que precedeu a nossa e foi dádiva do próprio Deus, estava toda cheia de imagens representativas de Deus. Este digna-se falar numa sarça a linguagem humana; aparece sobre uma montanha; os espíritos celestes que envia assumem todos formas humanas; enfim, o santuário está repleto de querubins, que são corpos humanos com asas e cabeças de animais. Daqui derivou o erro de Plutarco, de Tácito, de Ápio e tantos outros, que censuravam aos judeus o adorarem uma cabeça de burro. Deus, não obstante proibir que se pintasse ou esculpisse qualquer figura, dignou-se, pois, acomodar-se à fraqueza humana que requeria que aos sentidos se falasse através de imagens. [72]

Isaías, no capítulo VI, vê o Senhor sentado sobre um trono e a orla do seu manto que enchia o templo. O Senhor estende a mão e toca na boca de Jeremias, reza o capítulo I deste profeta. Ezequiel, no capítulo III, vê um trono de safira e Deus surge-lhe como um homem sentado nesse trono. Estas imagens em nada alteram a pureza da religião judaica que nunca empregou quadros, estátuas, ídolos para representar Deus aos olhos do povo.

Os letrados chineses, os persas, os antigos egípcios tampouco tiveram ídolos; mas depressa Ísis e Osíris foram figurados; depressa Bel, em Babilônia, foi um enorme colosso; e Brama foi um monstro bizarro na quase ilha da Índia. Os gregos, principalmente, multiplicaram os nomes dos deuses, as estátuas e os templos, embora atribuindo sempre supremo poder a Zeus, nomeado pelos latinos, Júpiter, senhor dos deuses e dos homens. Os romanos imitaram os gregos. Estes povos instalaram sempre os deuses, no céu, sem se saber o que entendiam por céu e pelo seu Olimpo: não parece que esses entes superiores habitassem nas nuvens, que nada mais são que água. Inicialmente, colocaram sete nos sete planetas entre os quais contavam o Sol; mas, depois, a morada de todos os deuses foi a extensão do céu.

Os romanos dispuseram de doze grandes deuses, seis machos e seis fêmeas, que nomearam *Dii majorum gentium:* [73] Júpiter, Netuno, Apolo, Vulcano, Marte, Mercúrio, Juno, Minerva, Ceres, Vênus, Diana, sendo Plutão esquecido e substituído por Vesta.

Vinham em seguida os deuses *minorum gentium;* [74] os deuses indígitos, os heróis como Baco, Hércules, Esculápio; os deuses infernais, Plutão, Prosérpina; os deuses do mar, como Tétis, Anfitrite, as Nereidas, Glauco; depois as Dríades, as Náides; os deuses dos jardins, os dos pastores. Havia-os para cada profissão, para cada ato da vida, para as crianças, para as moças núbeis, para as casadas, para as parturientes; houve o deus Traque. Enfim, foram divinizados os imperadores. Nem estes imperadores, nem o deus Pet nem a deusa Pertunda, nem Príapo, nem Rumília,

[72] Sobre a noção de que o verbo encarna em imagens por condescendência para com a fraqueza humana, ver Malebranche, *Recherche de la Verité*, Liv. IV, cap. I. (Nota de J. Benda, in Ed. Garnier, 1961.)
[73] Deuses maiores (de maior importância). (N. do E.)
[74] Deuses menores (de menor importância). (N. do E.)

a deusa das mamas, nem Stercutius, o deus do guarda-roupa, foram verdadeiramente encarados como senhores do céu e da terra. Os imperadores tiveram por vezes templos; os pequenos deuses penates nunca os tiveram; todavia, a todos cabia uma figura, um ídolo.

Eram bonecos de porcelana com que se ornavam os quartos, brinquedos de velhas e crianças não autorizados por qualquer culto público. Deixava-se à vontade a superstição de cada particular. Encontram-se ainda estes pequenos ídolos nas ruínas das cidades antigas.

Se ninguém sabe quando terão começado os homens a fabricar ídolos, sabe-se que estes datam da mais alta antiguidade. Tharé, pai de Abraão, fabricava-os em Ur, na Caldéia. Raquel furtou e levou consigo os ídolos do seu sogro Labão. Não podemos ir mais além.

Porém, que noção precisa tinham os povos antigos sobre todos estes simulacros? Que virtude, que poder lhes atribuíam? Supunham que os deuses vinham do céu esconder-se nessas estátuas ou que lhes comunicariam uma parte do espírito divino, ou que não lhes comunicariam coisíssima alguma? Também sobre isto se tem escrito inutilmente: é claro que cada qual tinha opiniões concordantes ou com o seu grau de razão ou com a sua credulidade ou com o seu fanatismo. Evidentemente que os padres associavam tanta divindade quanta podiam às estátuas, para atraírem oferendas. Sabe-se que os filósofos reprovavam essas superstições, que os guerreiros as motejavam, que os magistrados as toleravam e que o povo, sempre absurdo, não sabia o que fazia. Tal é, em poucas palavras, a história de todas as nações a que Deus não se deu a conhecer.

Pode-se formar a mesma idéia acerca de um culto que todo o Egito prestou a um boi, e que numerosas cidades prestaram a um cão, a um macaco, a um gato, a cebolas. Há fortes razões para crer que os primeiros ídolos foram emblemas. Em seguida, houve quem adorasse um certo boi Ápis, um certo cão chamado Anúbis; sempre se comeu boi e cebolas mas torna-se difícil averiguar o que pensariam as velhas do Egito acerca das cebolas sagradas e dos bois.

Os ídolos falavam com muita freqüência. Em Roma, no dia de festa de Cibele, eram comemoradas as belas palavras que a estátua pronunciara quando a haviam transladado do palácio do rei Atale.

Ipsa peti volui; ne sit mora, mittite volentem:
Dignus Roma locus quo deus omnis eat.

Quis que me levassem, conduzi-me depressa;
Roma é digna de ser a morada de todos os deuses.

A estátua da Fortuna falara: os Cipiões, os Cíceros, os Césares não o acreditavam, na verdade; mas a velha a quem Encolpo deu um escudo para comprar gansos e deuses poderia perfeitamente acreditar.

Os ídolos também proferiam oráculos e os padres, escondidos no interior das estátuas, falavam em nome da Divindade.

Como foi possível, no meio de tantos deuses e tantas teogonias diferentes, e tantos cultos particulares, que nunca houvesse guerras de religião entre os povos ditos *idólatras?* Essa paz foi um bem nascido de um mal, do próprio erro; porquanto cada nação, ao reconhecer numerosos deuses inferiores, achava bem que os vizinhos tivessem também os seus. Se excetuarmos Cambises, a quem se censura o haver morto o boi Ápis, não se encontra na história profana conquistador que maltratasse os deuses de um povo vencido. Os gentios não tinham nenhuma religião exclusiva, e os padres só pensavam em multiplicar as oferendas e os sacrifícios.

As primeiras oferendas foram constituídas por frutos. Em breve se exigiam animais para a mesa dos padres; eles próprios os degolavam e tornaram-se carniceiros e cruéis; por fim, introduziram o uso horrível do sacrifício de vidas humanas, sobretudo de crianças e raparigas. Nunca os chineses, os persas, os indianos incorreram em semelhantes abominações; mas em Hierópolis, no Egito, segundo o relato de Porfírio, foram imolados homens.

Na Táurida sacrificavam-se estrangeiros; felizmente, os padres da Táurida não deviam ter muitas práticas. Os primeiros gregos, os cipriotas, os fenícios, os tírios, os cartagineses cultivaram esta superstição abominável. Os próprios romanos caíram nesse crime religioso e Plutarco relata

que imolaram dois gregos e três gauleses para expiação das galanterias de três vestais. Procópio, contemporâneo do rei franco Teodoberto, conta que os francos imolaram homens quando entraram na Itália com aquele príncipe. Os gauleses, os germanos praticavam habitualmente esses atrozes sacrifícios. É impossível ler-se a história sem conceber horrores do gênero humano.

Verdade se diga que, entre os hebreus, Jefté sacrificou a sua filha e Saul esteve prestes a imolar o filho; verdade se diga que os votados ao Senhor por anátema não podiam ser resgatados tal como se resgatavam os animais, e tinham de perecer. Samuel, padre judeu, cortou aos bocados com um cutelo santificado o rei Agog, prisioneiro de guerra, a quem Saul perdoara, e Saul foi censurado por ter observado o direito das gentes para com este rei. Porém, Deus, Senhor dos homens, pode privá-los da vida, quando o quiser, como o quiser e porque o quer; e não cabe aos homens porem-se no lugar do Senhor da vida e da morte e usurparem os direitos do Ente Supremo.

Para consolar o gênero humano deste horrível quadro, destes piedosos sacrilégios, importa saber-se que, entre quase todas as nações ditas *idólatras*, havia a teologia sagrada e o erro popular, o culto secreto e as cerimônias públicas, a religião dos sábios e a religião vulgar. Aos iniciados nos mistérios, ensinava-se a crença num Deus único; basta atentar no hino atribuído ao velho Orfeu, que era cantado nos mistérios de Ceres Eleusina, tão célebre na Europa e na Ásia: "Contempla a natureza divina, ilumina o teu espírito, governa o teu coração, marcha pela via da justiça; que o Deus do céu e da terra esteja sempre presente ante os teus olhos: ele é único e por si só existe; todos os seres existem por ele, que a todos sustenta; nunca foi visto pelos mortais e vê todas as coisas".

Leia-se ainda esta passagem do filósofo Máximo de Madaura na sua *Carta a Santo Agostinho:* "Qual o homem tão grosseiro, tão estúpido, para duvidar da existência de um Deus supremo, eterno, infinito, que nada engendrou de semelhante a si, e que é o pai comum de todas as coisas".

Mil testemunhos existem acerca do horror dos sábios não só pela idolatria, como ainda pelo politeísmo.

Epicteto, esse modelo de resignação e paciência, esse homem tão grande de uma condição tão baixa, não fala senão de um Deus único. Eis uma das suas máximas: "Deus me criou, Deus está dentro de mim; comigo o trago por todo o lado. Como poderia maculá-lo com pensamentos obscenos, com ações injustas, com desejos infames? O meu dever é agradecer a Deus tudo, louvá-lo por tudo e não cessar de o bendizer senão ao cessar de viver". Todas as idéias de Epicteto giram à volta deste princípio.

Marco Aurélio, talvez tão grande sobre o trono do Império Romano como Epicteto na escravidão, fala muitas vezes, é verdade, dos deuses, quer para se conformar com a linguagem recebida, quer para designar os entes intermédios entre o Ser Supremo e os homens; mas em quantas passagens não nos faz ver que só admite um Deus eterno, infinito! "A nossa alma", diz ele, "é uma emanação da divindade. Os meus filhos, o meu corpo, os meus espíritos vêm-me de Deus."

Os estóicos, os platônicos admitiam uma natureza divina e universal; os epicuristas negavam-na. Os pontífices falavam nos mistérios apenas de um Deus único. Onde estavam, pois, os idólatras?

Aliás, um dos grandes erros do *Dicionário de Moréri* consiste na afirmação de que, no tempo de Teodósio, o Jovem, só restavam idólatras nas regiões atrasadas da Ásia e da África. Ora, existiam na Itália muitos povos ainda gentílicos, mesmo no século VII. O norte da Alemanha, para lá do Weser, não era cristão no tempo de Carlos Magno. A Polônia e todo o Setentrião permaneceram, muito tempo depois dele, no que se chama *idolatria*. Metade da África, todos os reinos para lá do Ganges, o Japão, a populaça chinesa, cem hordas de tártaros conservaram os seus antigos cultos. Na Europa, só alguns lapões, alguns samoiedos, alguns tártaros perseveraram na religião dos seus antepassados.

Acabemos por notar que, durante os tempos entre nós designados por *Idade Média*, designávamos o país dos maometanos por *Pagania;* tratávamos como *idólatras*, como *adoradores de imagens*, um povo que abolira as imagens. Confessemos outra vez ainda que é mais desculpável os turcos suporem que somos idólatras, quando vêem os nossos altares carregados de imagens e de estátuas.

Igualdade

Que é que deve um cão a outro cão, e um cavalo a outro cavalo? Nada. Nenhum animal depende do seu semelhante; mas por que o homem recebeu da Divindade um raio de luz que se chama *razão*, qual é o fruto disso? É ser escravo em quase toda a terra.

Se a terra fosse o que parece que devia ser, isto é, se por todo lado o homem encontrasse alimentação fácil e garantida, e um clima adequado à sua natureza, é óbvio que teria sido impossível a qualquer homem escravizar outro. Se o globo fosse coberto de saborosos frutos; se o que deve contribuir para a nossa vida não nos causasse as doenças e a morte; se o homem não necessitasse doutra morada e doutra cama que aquelas que têm os gamos e os cabritos: nesse caso, os Gêngis Can e os Tamerlão só teriam como servos os seus próprios filhos, que fossem criaturas honradas e generosas o bastante para os ajudarem na velhice.

Nesse estado natural, de que gozam todos os quadrúpedes, as aves e os répteis, o homem seria feliz como eles o são, a servidão tornar-se-ia uma coisa absurda, em que ninguém havia de pensar; quando não se tem necessidade dos serviços de outrem, para que chamar e ter criados?

Se passasse pela cabeça de qualquer indivíduo de feitio tirânico e braço nervoso escravizar um vizinho menos forte do que ele, a coisa seria impossível: já o oprimido estaria a cem léguas de distância antes que o opressor tivesse tempo de tomar as suas precauções para o agarrar.

Todos os homens seriam, portanto, necessariamente iguais se de nada precisassem. A miséria, condição agregada à nossa espécie, subordina um homem a outro homem; não é a desigualdade que é um mal real, mas a dependência. Muito pouco importa que tal ou tal indivíduo se chame Sua Alteza, e outro fulano Sua Santidade; o que dói, o que é duro de roer, é ter de servir um ou outro.

Uma família numerosa cultivou uma terra fértil; duas famílias vizinhas, mais pequenas, possuem campos sáfaros e rudes no laborar: é preciso que as duas famílias pobres sirvam à família opulenta, ou a degolem, é bom lembrar. Uma das duas famílias indigentes vai oferecer os seus braços à rica, para conseguir ganhar o seu pão; a outra vai atacar os ricaços e é vencida. A família serviçal dá origem à criadagem assalariada e aos operários, a família vencida dá origem aos escravos.

No nosso desgraçado globo é impossível que os homens que vivem em sociedade não estejam divididos em duas classes: a dos ricos, que governam, e a dos pobres, que servem; e estas duas subdividem-se em outras mil e estas mil, ainda, possuem caracteres distintos.

Os pobres não são todos infelizes, em absoluto. A maioria já nasceu nesse estado de miséria e o trabalho constante impede-os de sentirem demasiado a sua triste condição; mas, quando reparam nela, geram-se as guerras, como, em Roma, as do partido popular contra o partido do Senado; a dos camponeses na Alemanha, na Inglaterra, na França. Todas essas guerras acabam, mais cedo ou mais tarde, pela submissão do povo, porque os poderosos têm dinheiro e o dinheiro é o senhor de tudo num Estado; e digo num Estado, porque já o mesmo não acontece de nação para nação. O povo ou nação que melhor souber servir-se do ferro das armas subjugará sempre aquele que tiver mais ouro do que coragem.

Todos os homens nascem com uma tendência bastante violenta e pronunciada para o domínio e os prazeres, e uma queda acentuada para a preguiça: por conseguinte, qualquer homem gostaria de possuir o dinheiro e as mulheres ou as filhas dos outros, ser o amo deles, submetê-los a todos os caprichos seus e não fazer nada ou, pelo menos, fazer apenas o que muito bem lhe apetecesse. Já vêem que, com tão lindas disposições, é impossível que os homens sejam iguais, como é impossível que dois pregadores ou dois professores de teologia não tenham ciúmes e inveja um do outro.

O gênero humano, tal como na realidade é, não pode subsistir a menos que não haja uma infinidade de homens úteis que nada possuam; porque, é mais do que certo, um homem que pos-

sua o suficiente e viva a seu bel-prazer não vai abandonar a sua terra para vir cultivar a vossa; e se tiverdes precisão de um par de sapatos, não será, com certeza, um referendário que vô-lo fará. Por isso, a igualdade é, simultaneamente, a coisa mais natural e mais quimérica que existe.

Como os homens são excessivos em tudo o que podem, elevaram ao cúmulo esta desigualdade; em vários países tentou-se proibir que nenhum cidadão saísse da região onde o acaso o fizera nascer; o sentido desta lei, visivelmente, é o seguinte: *Este país é tão mau e anda tão mal governado, que proibimos a todo indivíduo que saia dele, com medo que toda a gente se raspe a sete pés.* Aconselho que procedam doutra maneira e melhor: dêem a todos os vossos súditos o desejo de ficarem na terra onde nasceram e aos estrangeiros o desejo de a visitarem.

Todo e qualquer homem, no íntimo do coração, está no seu direito de julgar-se inteiramente igual aos outros homens; daí, não se deve concluir que o cozinheiro dum cardeal deva obrigar este a fazer-lhe o jantar; mas o cozinheiro pode argumentar: "Sou um homem tal qual meu amo, nasci como ele a chorar; há de morrer, como eu, nas mesmas angústias e nas mesmas dores da agonia. Ambos fazemos as mesmas funções animais. Se os turcos se apoderarem de Roma e, nessa altura, eu for cardeal e o meu amo cozinheiro, hei de tomá-lo a meu serviço". Esta arenga é razoável e justa, duma ponta a outra; mas, enquanto aguarda que o Grande Turco se aposse de Roma, o cozinheiro tem de cumprir o seu dever, ou toda a sociedade humana está pervertida e dará consigo em pantanas.

Que deve fazer um homem que não é cozinheiro, nem cardeal, nem está revestido de nenhum outro cargo público; um simples particular que não deve nada a ninguém, mas anda aborrecido por ser recebido em todos os lados com um certo ar de proteção ou desdém, que percebe perfeitamente que vários *monsignori* não sabem mais do que ele, nem têm mais espírito do que ele, e que, portanto, se aborrece de estar às vezes na sua antecâmara, que deve fazer?! É pôr-se na alheta.

* Imaginação

Seção Primeira

É o poder que tem cada ser sensível para representar as coisas sensíveis no seu cérebro. Depende da memória. Vêem-se as coisas pelos sentidos, a memória as retém e a imaginação as compõe. Por isso os gregos chamavam as Musas "Filhas da Memória".

É essencial notar que não podemos dar a razão dessas três faculdades — percepção, memória e imaginação. Suas molas invisíveis nascem das mãos da natureza e não das nossas.

Talvez a imaginação, dom de Deus, seja a única faculdade de que dispomos para compor idéias, mesmo as mais metafísicas.

Pronunciais a palavra "triângulo", mas, se não representardes a imagem de um triângulo, tereis uma palavra vazia. Só tendes idéia do triângulo porque haveis visto um (se tiverdes olhos) ou tocado num (se fordes cego). Não podeis pensar no triângulo em geral sem que vossa imaginação figure, mesmo confusamente, algum triângulo particular. Calculais, mas precisais representar unidades duplicadas, pois, se não, apenas vossas mãos trabalham.

Pronunciais termos abstratos — grandeza, verdade, justiça, finito, infinito. Mas a palavra "grandeza", se não tiverdes a imagem de alguma grandeza, será mais do que um movimento de vossa língua no ar? Que querem dizer "verdade", "mentira" se não tiverdes percebido por vossos sentidos que certa coisa que vos disseram existia efetivamente, e que uma outra não existia? E desta experiência compondes as idéias gerais de verdade e mentira. E, quando vos perguntam o que entendeis por tais palavras, podeis impedir que vos venha alguma imagem sensível, que vos faz lembrar que um dia vos disseram que existia, e freqüentemente que não existia?

Tendes noção do justo e do injusto sem a imagem de ações que vos pareceram tais? Quando criança, vistes o salário recusado a um operário que trabalhara, e isto vos pareceu muito injusto, e outras coisas semelhantes. As idéias do justo e do injusto são apenas fatos como esses, misturados em vossa imaginação.

O finito não é apenas a imagem de uma coisa limitada em sua medida? O infinito não é esta mesma medida prolongada sem fim?

Todas essas operações assemelham-se à leitura de um livro: quando se lê, nem se percebem as letras, sem as quais, contudo, não se poderia ler. Basta, porém, um pouco de atenção e elas também são percebidas deslizando sob nossos olhos. Do mesmo modo, todos os vossos raciocínios, todos os vossos conhecimentos estão fundados em imagens traçadas em vosso cérebro. Não vos apercebeis disso, mas atentai um pouco e vereis, então, que as imagens são a base das noções. Cabe ao leitor compreender essa idéia, ampliá-la ou retificá-la.

Todos os sentidos, e não apenas a vista, contribuem para fornecer idéias à imaginação. Um cego de nascença ouve em sua imaginação uma harmonia que não atinge mais seus ouvidos, está à mesa e sonha, os objetos que resistiram ou cederam à sua mão continuam fazendo o mesmo efeito em sua cabeça. É verdade que o sentido da vista é o único que fornece imagens, e, como é uma espécie de *tato* que se estende até às estrelas, sua imensa extensão enriquece a imaginação mais do que todos os outros juntos.

Há duas espécies de imaginação: uma, denominada *passiva*, consiste em reter uma simples impressão dos objetos; outra, denominada *ativa*, arranja as imagens recebidas, compondo-as de mil maneiras. A primeira não ultrapassa muito a memória; é comum aos homens e aos animais. Por isso o caçador e seu cão em seus sonhos perseguem igualmente animais; dormindo, ambos ouvem o ruído dos cervos, um grita e o outro ladra. Os homens e os animais não apenas se recordam, mas compõem, pois o sonho nunca é uma imagem fiel. Essa imaginação passiva compõe, mas não é uma ação do entendimento e sim um engano da memória.

A imaginação passiva não precisa da ajuda de nossa vontade, quer no sono, quer na vigília. Malgrado nós próprios, pinta o que os olhos viram, os ouvidos ouviram, o tato tocou. Acrescenta ou diminui. É um sentido interior que age necessariamente e por isso é tão freqüente dizer-se: "Não se é senhor de sua imaginação".

É por isso, também, que devemos ficar surpresos e convencidos de seu pequeno poder. Por que em sonho somos capazes de pronunciar um discurso eloqüente ou de resolver um complicado problema matemático? Parecem ser idéias muito combinadas que não dependem de nós. Ora, se é incontestável que durante o sono essas idéias conseqüentes se formam em nós, malgrado nós, quem nos assegurará que não se formem também durante a vigília? Quem pode prever a idéia que terá dentro de um minuto? Não parece que nos venha exatamente como os movimentos de nossas fibras? E se o Padre Malebranche se tivesse contido e dito apenas que nossas idéias nos são dadas por Deus, quem poderia tê-lo combatido?

A faculdade passiva, independentemente da reflexão, é a fonte de nossas paixões e de nossos erros. Longe de depender da vontade, determina-a, arrasta-nos para os objetos que pinta, afasta-nos deles, conforme a maneira que os represente. A imagem de um perigo inspira medo; a de um bem inspira desejos violentos; sozinha, produz o entusiasmo da glória, os partidos, o fanatismo. É ela que espalha tantas doenças do espírito, fazendo cérebros fracos, poderosamente excitados, imaginarem que seus corpos se transformavam em outros. Persuadem muitos homens que estavam obcecados ou enfeitiçados e que iam efetivamente ao "sabá" só porque se lhes dizia que fossem. Essa espécie de imaginação servil, quinhão do povo ignorante, foi o instrumento usado pela imaginação forte de certos homens para dominar. É ainda essa imaginação passiva de cérebros facilmente abaláveis que transmite aos filhos impressões recebidas por suas mães. Vi exemplos tão surpreendentes disso, que só não ponho em dúvida porque os vi. É um efeito inexplicável da imaginação. Mas quantos efeitos inexplicáveis a natureza produz? Não sabemos melhor como temos percepções, como as retemos, como as arranjamos. Entre nós e nossas vidas há o infinito.

A imaginação ativa é aquela que une a reflexão, a combinação à memória. Aproxima vários objetos distantes, separa aqueles que se misturam, compõe e modifica. Parece criar, embora somente componha, pois não é dado ao homem produzir idéias — só pode modificá-las.

No fundo, a imaginação ativa também é uma faculdade independente de nós como a passiva. Prova dessa independência: se propuserdes a cem pessoas igualmente ignorantes que imaginem uma certa máquina nova, noventa e nove não conseguirão imaginar coisa alguma, apesar de seus esforços. Se o centésimo imagina alguma coisa, não é evidente que recebeu um dom particular?

Este dom chama-se *gênio*. Foi por causa dele que se admitiu algo inspirado e divino. É um dom da natureza, uma imaginação inventiva nas artes, no ordenamento de um quadro, de um poema. Não pode existir sem a memória, mas serve-se dela como de um instrumento com que faz suas obras.

Depois de ver que se levantara uma pedra pesada exclusivamente com a ajuda de um bastão, a imaginação ativa inventou as alavancas e, em seguida, as forças moventes compostas que são apenas alavancas disfarçadas. É preciso primeiro afigurar no espírito uma máquina para depois executá-la.

Essa espécie de imaginação não pode ser chamada pelo vulgo de inimiga do raciocínio, como a memória. Pelo contrário, só pode agir graças a um juízo profundo. Combina incessantemente seus quadros, corrige seus erros, eleva todos os seus edifícios com ordem. Há uma imaginação surpreendente na matemática prática e Arquimedes tinha tanta imaginação quanto Homero. É com ela que o poeta cria suas personagens, fornece-lhes os caracteres, as paixões, inventa sua fábula, apresenta a exposição, duplica o enredo, prepara o desenrolar, trabalho que requer um juízo ainda mais profundo e, ao mesmo tempo, mais fino.

É preciso grande arte em todas essas imaginações inventivas e mesmo nos romances. Os que não a possuem são desprezados pelos espíritos bem formados. Um juízo inigualável reina nas fábulas de Esopo, que deliciarão sempre todas as nações. Há mais imaginação nos contos de fada, mas essas imaginações fantásticas, desprovidas de ordem e de bom senso, não podem ser estimadas. São tidas por fraqueza e condenadas pela razão.

A segunda parte da imaginação ativa consiste naquela dos detalhes. É o que freqüentemente os mundanos chamam de imaginação. Faz o encanto de uma conversa, porque apresenta incessantemente objetos novos ao espírito, coisa que os homens gostam muito. Pinta vivamente aquilo que espíritos frios mal desenham, emprega as circunstâncias mais fulminantes, apresenta exemplos, e, quando se torna um talento sóbrio como convém a todos os talentos, concilia-se com o domínio da sociedade. O homem é de tal modo uma máquina, que o vinho pode provocar essa imaginação que a embriaguez aniquila. É humilhante mas também espantoso: como um pouco de licor, que impede que se faça um cálculo, pode produzir idéias tão brilhantes?

A imaginação dos detalhes e da expressão deve reinar sobre tudo no pensamento — além de agradável, é necessária. Quase tudo é imagem em Homero, em Virgílio, em Horácio, sem que nos apercebamos. A tragédia exige menos imagens, menos expressões pitorescas, menos metáforas e alegorias do que exigem o poema épico e a ode. No entanto, muitas dessas belezas bem manejadas produzem efeitos admiráveis na tragédia.

. . . . . .

Permite-se menos imaginação na eloqüência do que na poesia. A razão é óbvia. O discurso não deve afastar-se das idéias conhecidas. O orador fala a língua de todo mundo, enquanto o poeta tem a ficção na base de sua obra. Assim, a imaginação é a essência de sua arte, e apenas um acessório para o orador.

Certos toques de imaginação, diz-se, acrescentaram beleza à pintura (. . .). Em geral, a imaginação dos pintores, quando não é engenhosa, honra mais o espírito do artista em vez de embelezar sua arte. Todas as composições alegóricas não valem a bela execução da mão que valorizou o quadro.

Em todas as artes, a bela imaginação é sempre natural. Aquela que reúne objetos incompatíveis é falsa. Aquela que afigura objetos que não têm analogia, nem alegoria, nem verossimilhança é bizarra (. . .). A imaginação forte aprofunda os objetos, a fraca só os aflora. A doce repousa em figurações agradáveis, a ardente amontoa imagem sobre imagem. A imaginação sábia emprega com discernimento todos os caracteres diversos, mas nunca admite a esquisitice e sempre rejeita o falso.

Se a memória bem nutrida e exercitada é fonte da imaginação, quando sobrecarregada faz com que a segunda pereça. Assim, aquele que encheu a cabeça com datas e nomes não tem um armazém para compor imagens. Os homens ocupados com cálculos ou negócios espinhosos têm geralmente a imaginação estéril.

Quando muito ardente e tumultuosa, pode degenerar em demência. Contudo, tem-se notado

que esse tipo de doença cerebral ocorre mais nas imaginações passivas do que nas ativas — isto é, naquelas mais limitadas e fixadas na impressão dos objetos, e não naquelas laboriosas que reúnem e combinam idéias, porquanto a imaginação ativa precisa sempre de juízo, e a outra é independente dele.

Inferno

Desde que os homens vivem em sociedade, já devem ter-se apercebido que autênticos criminosos escaparam à severidade das leis. Estas punem crimes públicos e era preciso arranjar um freio para os crimes secretos; somente a religião podia ser esse freio. Os persas, os caldeus, os egípcios, os gregos imaginaram castigos para depois da morte; e, de todos os povos antigos que conhecemos, os judeus foram os únicos que só admitiram castigos temporais. É ridículo acreditar, ou fingirmos acreditar, baseando-nos nalguns passos muito obscuros, que o Inferno era admitido pelas antigas leis dos judeus, o *Levítico* ou o *Decálogo*, quando é certo que o autor dessas leis não disse uma única palavra que possa ter a menor relação com as punições aplicáveis na vida futura. Sentimo-nos no direito de dizer ao redator do *Pentateuco:* "Sois um homem inconseqüente e sem probidade, indigno do nome de legislador que tendes a arrogância de usar. Homessa! Pois conheceis algum outro dogma mais opressivo, mais necessário para a mentalidade do povo que o do Inferno, e não o declarais expressamente? E, enquanto todos os vossos vizinhos o admitem, contentai-vos em deixar adivinhar esse dogma por certos comentadores que ainda estão para nascer daqui a quatro mil anos e que aplicarão incríveis torturas a algumas das vossas palavras para ali subentender aquilo que vós não dissestes? Ou sois, por acaso, um ignorante, e não sabeis que tal crença era universal no Egito, na Caldéia, na Pérsia; ou sois um homem tão pouco atilado que, conhecendo perfeitamente esse dogma, não fizestes dele o fundamento da vossa religião?"

Os autores das leis judaicas o mais que poderiam era responder: "Confessamos que somos tremendamente ignorantes; que só muito tarde aprendemos a escrever; que o nosso povo era uma horda selvagem e bárbara que, confessadamente, vagueou perto de meio século por desertos impraticáveis; que, finalmente, usurpou um pequeno país, usando das mais odiosas rapinas e das crueldades mais detestáveis que a história registra. Não mantínhamos nenhum comércio nem convivência com os povos civilizados; como quereis, então, que pudéssemos (nós, os mais terra-a-terra de todos os homens) inventar um sistema espiritual?

"Empregávamos o termo que corresponde a *alma* apenas para significar *a vida;* conhecíamos o nosso Deus e os seus ministros e anjos apenas como seres corporais: a distinção entre a alma e o corpo, a idéia de uma vida para além da morte só pode ser o fruto duma longa meditação e duma filosofia muito sutil. Perguntai aos hotentotes e aos pretos, que habitam um país cem vezes mais extenso que o nosso, se conhecem algo da vida futura. Julgamos suficiente tentar persuadir o povo que Deus punia os malfeitores até a quarta geração, quer pela lepra, quer por mortes súbitas, quer ainda pela perda dos parcos bens que possuíam".

Podia retorquir-se a esta apologia: "Inventastes um sistema cujo ridículo salta aos olhos; porque o malfeitor, que vivia na abundância e cuja família prosperava a olhos vistos, por força que se havia de rir de vós".

O apologista da lei judaica então responderia: "Enganai-vos; porque, para um criminoso que raciocinasse com critério, em proporção havia cem que não raciocinavam nada. Aquele que, tendo cometido um crime, não se sentia punido no corpo, nem no corpo do seu filho, sentia temores pelo neto. Ademais, se nem sempre lhe aparecia uma úlcera purulenta, de que éramos atacados com freqüência, mais cedo ou mais tarde vinha a rebentar-lhe pelo corpo: em qualquer família acontecem sempre casos azarentos e facilmente lhes fazíamos acreditar que essas desgraças eram ordenadas por uma mão divina, que assim vingava pecados secretos".

Será fácil replicar a esta resposta, dizendo: "As vossas desculpas não valem nada, porque todos os dias podemos observar o fato de pessoas, muito honradas e tementes a Deus, perderem a saúde e os bens; e se não há famílias onde desgraças não sucedam, e se tais desgraças são castigos de Deus, então todas as vossas famílias seriam redutos de traficantes e ladrões".

O sacerdote judeu poderia ainda argumentar; diria que há desgraças próprias da natureza

humana e outras que são ordenadas expressamente por Deus. Mas fariamos ver a este teimoso argumentador o ridículo que se torna pensar que a febre e a saraiva ora são uma punição divina, ora um fenômeno natural.

Entre os judeus, os fariseus e os essênios admitiram a crença num Inferno a seu modo; esse dogma já tinha transitado dos gregos para os romanos e foi, depois, adotado pelos cristãos.

Vários foram os Padres da Igreja que não acreditaram nas penas eternas: parecia-lhes coisa absurda pôr a assar durante a eternidade inteira um pobre homem, só por ter roubado uma cabra. Por mais que Virgílio diga, no canto sexto da *Eneida:*

. . .Sedet aeternumque sedebit Infelix Theseus. [75]

Em vão o poeta pretende que Teseu para sempre está sentado numa cadeira e que esta postura constitui o seu suplício. Outros acreditavam que Teseu era um herói e não está sentado no Inferno, mas que está nos Campos Elísios.

Não há muito tempo ainda, um bom e honesto ministro huguenote pregou e escreveu que os condenados haviam de ter um dia perdão e que era necessária uma proporção entre o pecado e o suplício e que uma falta momentânea não pode merecer um castigo infinito. Os sacerdotes, seus confrades, destituíram este juiz, demasiado indulgente; um deles disse-lhe: "Meu amigo, acredito tão pouco como tu nas penas eternas; mas é bom que a tua criada, o teu alfaiate e até o teu procurador acreditem nelas".

Inquisição

A Inquisição é, como se sabe, uma invenção admirável e absolutamente cristã destinada a tornar o papa e os monges mais poderosos e a tornar todo um reino hipócrita.

De ordinário, São Domingos é visto como o primeiro a quem se deve esta instituição. Com efeito, conservamos ainda uma patente dada por este grande santo, concebida nas suas próprias palavras: "Eu, irmão Domingos, reconcilio com a Igreja o dito Rogério, portador dos presentes, sob condição de que se faça fustigar por um padre três domingos consecutivos desde a entrada da cidade até à porta da igreja, seja magro toda a sua vida, que durante três quaresmas do ano nunca beba vinho, traga o *sanbenito* com cruzes, reze o breviário todos os dias, diga dez *Pater* por dia e vinte à meia-noite; e de que guarde doravante a continência, se apresente todos os meses ao cura da sua paróquia, etc., tudo isto sob pena de ser tratado como herético, perjuro e impenitente".

Embora Domingos seja o verdadeiro fundador da Inquisição, Luís de Paramo, um dos mais respeitáveis escritores e das mais brilhantes luminárias do Santo Ofício, refere, todavia, no título segundo do segundo livro, que Deus foi o primeiro instituidor do Santo Ofício e exerceu o poder dos irmãos pregadores contra Adão. Antes de mais, Adão é citado para comparecer em Juízo: *Adam, ubi es?* [76] e, com efeito, acrescenta, a falta de citação acarretaria a nulidade do processo divino.

Os trajes de pele que Deus fez a Adão e Eva foram o modelo do *sanbenito* que o Santo Ofício obriga os hereges a envergarem. Verdade seja que por este argumento se prova que Deus foi o primeiro alfaiate; mas não é menos evidente que o primeiro inquisitor.

Adão foi privado de todos os bens imóveis que possuía no grande paraíso terrestre; donde, que o Santo Ofício confisque os bens de todos aqueles que condena.

Luís de Paramo assinala que os habitantes de Sodoma foram queimados como heréticos porque a sodomia é heresia formal. Daí, passa à história dos judeus onde encontra o Santo Ofício em toda a parte.

[75] O infeliz Teseu está sentado e permanecerá sentado eternamente. (N. do E.)
[76] Adão, onde estás? (N. do E.)

Jesus Cristo é o primeiro inquisidor da nova lei; os papas foram inquisidores de direito divino e, finalmente, transmitiram o poder a São Domingos.

Procede, em seguida, à enumeração de todos aqueles que a Inquisição levou à morte; e encontra muito para cima de cem mil.

O seu livro foi impresso no ano de 1598, em Madrid, com a aprovação dos doutores, os elogios do bispo e o privilégio do rei. Não concebemos hoje horrores ao mesmo tempo tão extravagantes e tão abomináveis; mas então nada parecia mais natural e mais edificante. Todos os homens se parecem com Luis de Paramo quando são fanáticos.

Este Paramo era um homem simples, muito exato nas datas, sem omitir nenhum fato interessante e avaliando com escrúpulo o número de vítimas humanas imoladas pelo Santo Ofício em todos os países.

Descreve com a maior ingenuidade o estabelecimento da Inquisição em Portugal e está perfeitamente de acordo com quatro outros historiadores que falaram como ele. Eis o que nos relatam unanimemente.

Havia muito que o papa Bonifácio IX, no começo do século XV, enviara como delegados irmãos pregadores que iam em Portugal, de cidade em cidade, queimando os heréticos, os muçulmanos e os judeus; eram, todavia, ambulantes e os próprios monarcas se queixaram algumas vezes dos seus vexames. O papa Clemente VII quis dar-lhes um estabelecimento fixo em Portugal, como tinham em Aragão e Castela. Houve dificuldades entre a corte de Roma e a de Lisboa; azedaram-se os ânimos; com isso, sofria a Inquisição e não se estabelecia perfeitamente.

Em 1539 apareceu em Lisboa um legado do papa que viera, dizia ele, para estabelecer a Santa Inquisição sob fundamentos inabaláveis. Traz ao rei João III cartas do papa Paulo III. Tinha outras cartas de Roma para os principais funcionários da Corte: as suas patentes de legado estavam devidamente seladas e assinadas; exibiu os poderes mais amplos para criar um grande inquisidor e todos os juízes do Santo Ofício. Tratava-se de um malandrim chamado Saavedra que sabia imitar todas as escritas, fabricar e apor falsos selos e falsos sinetes. Aprendera este mister em Roma e aperfeiçoara-se em Sevilha, donde chegara com dois outros intrujões. O seu séqüito era magnífico; compunha-se de mais de cento e vinte lacaios. Para ocorrer a esta enorme despesa, ele e os seus confidentes contraíram em Sevilha empréstimos de somas imensas em nome da câmara apostólica de Roma; tudo estava concertado com a mais espantosa das ardilezas.

O rei de Portugal começou por se admirar que o papa lhe enviasse um legado *a latere* [77] sem o prevenir. O legado retorquiu altivamente que, em assunto tão premente como o estabelecimento fixo da Inquisição, Sua Santidade não podia sofrer atrasos e que ao rei era concedida honra suficiente pelo fato de o primeiro correio que lhe trazia a notícia ser um delegado do Santo Padre. O rei não ousou replicar. Nesse mesmo dia, o legado estabeleceu um grande inquisidor, mandou cobrar dízimos por toda a parte; e, antes que a Corte pudesse receber respostas de Roma, já fizera queimar duzentas pessoas e arrecadara mais de duzentos mil escudos.

Entretanto, o marquês de Villanova, grande senhor espanhol de quem em Sevilha o legado sacara empréstimos com bilhetes falsos, julgou oportuno pagar-se por suas mãos, em vez de se ir comprometer com o intrujão em Lisboa. O legado fazia então uma excursão junto da fronteira da Espanha. O marquês marcha para aí com cinqüenta homens armados, rapta-o e leva-o para Madrid.

A intrujice foi em breve descoberta em Lisboa e o conselho de Madrid condenou o legado Saavedra ao chicote e a dez anos de galés; mas o admirável é que o papa Paulo IV confirmou depois tudo o que fora estabelecido pelo intrujão. Ratifica com a plenitude do seu poder divino todas as pequenas irregularidades processuais e torna sagrado o que fora puramente humano.

Que importa o braço de que Deus se digna servir-se?

Eis como a Inquisição se tornou sedentária em Lisboa e todo o reino admirou a Providência. [78]

[77] Legado *a latere*: representante plenipotenciário do papa. (N. do E.)
[78] Cf. com estabelecimento da Inquisição em Portugal. (N. dos T.)

De resto, conhecem-se bem todas as regras processuais deste tribunal e sabe-se como são opostas à falsa eqüidade e à cega razão de todos os outros tribunais do universo. É-se aprisionado por simples denúncia das pessoas mais infames: um filho pode denunciar o pai, uma mulher, o marido: nunca se é acareado com os acusadores; os bens são confiscados em proveito dos juízes; é assim pelo menos que a Inquisição se tem conduzido até aos nossos dias: há aí algo de divino; pois, com efeito, é incompreensível que os homens tenham suportado pacientemente este jugo...

Enfim, o conde de Aranda foi abençoado pela Europa inteira ao aparar as garras e ao limar os dentes do monstro; mas este ainda respira.

*Instinto

Instinctus, impulsos, impulsion. Que potência nos impele?

Todo sentimento é instinto.

Uma conformação secreta entre nossos órgãos e os objetos forma nosso instinto.

Somente por instinto fazemos mil movimentos involuntários, do mesmo modo que por instinto somos curiosos, que procuramos a novidade, que a ameaça nos assusta, que o desprezo no irrita, que o ar submisso nos apazigua, que o choro nos enternece.

Somos governados pelo instinto como os gatos e as cabras. É mais uma semelhança que temos com os animais, semelhança tão incontestável como a do nosso sangue, das nossas necessidades, das funções do nosso corpo.

Nosso instinto não é nunca tão industrioso quanto os deles, nem mesmo se aproxima. Desde o momento do seu nascimento, um gamo ou um carneiro correm para a teta de sua mãe; uma criança morreria se a sua não lhe desse seu seio apertando-a em seus braços.

Quando grávida, nunca uma mulher foi invencivelmente determinada pela natureza a preparar com suas próprias mãos um lindo berço de vime para seu filho, como uma toutinegra o faz com seu bico e suas patas: Mas o dom que temos para refletir, unido às duas mãos industriosas que a natureza nos presenteou, eleva-nos até ao instinto dos animais e com o passar do tempo coloca-nos, por bem ou por mal, infinitamente acima deles. Esta proposição foi condenada pelos senhores do antigo Parlamento e pela Sorbonne, esses grandes filósofos naturalistas que, como se sabe, contribuíram muito para o aperfeiçoamento das artes.

Nosso instinto leva-nos inicialmente a surrar nosso irmão que nos magoa, se formos coléricos e mais fortes. Em seguida, nossa sublime razão nos faz inventar as flechas, a espada, a lança e, enfim, o fuzil, com que matamos nosso próximo.

Só o instinto nos leva igualmente a fazer o amor, *amor omnibus idem*, mas só Virgílio, Tibulo e Ovídio falam disso.

É só pelo instinto que um jovem serviçal detém-se com admiração e respeito diante do coche superdourado de um coletor do tesouro. A razão vem ao serviçal. Torna-se empregado do comércio, educa-se, rouba, torna-se por sua vez um grande senhor e enlameia seus antigos companheiros, languidamente estendido num carro ainda mais dourado do que aquele que admirou.

O que é esse instinto que governa todo o reino animal e que em nós é fortificado pela razão ou reprimido pelo hábito? Será a "divina et particula aurae"? Sim, sem dúvida, é alguma coisa divina, pois tudo o é. Tudo é o efeito incompreensível duma causa incompreensível. Tudo é determinado pela natureza. Raciocinamos sobre tudo e não nos damos nada.

*Interesse

Não ensinamos nada aos homens, nossos confrades, quando lhes dizemos que fazem tudo por interesse. O quê?! É por interesse que esse faquir, todo nu, mantém-se ao sol, sobrecarregado de ferros, morrendo de fome, comido pelos vermes e os comendo? Sim, sem dúvida, pois conta ir ao décimo oitavo céu, e olha com piedade aquele que só será recebido no nono.

O interesse de Malabar que se queima sobre o corpo de seu marido morto é o de encontrá-lo no outro mundo e ser, então, mais feliz do que o faquir.

Com sua metempsicose, os hindus acreditam num outro mundo. São como nós: admitem as contradições.

Conheceis algum rei ou alguma república que tenha feito a guerra ou a paz, ou editos, ou convenções, por outro motivo senão o do interesse?

Com relação ao interesse do dinheiro (juros), consultai no grande *Dicionário Enciclopédico* o artigo do sr. D'Alembert sobre o cálculo e o do sr. Boucher d'Arpis sobre a jurisprudência. Ousemos acrescentar algumas reflexões.

1.º — O ouro e o dinheiro são mercadoria? Sim. O autor de *Do Espírito das Leis* não pensa quando diz: "O dinheiro, que é o preço das coisas, aluga-se, não se compra".

Posso alugá-lo e também comprá-lo. Compro ouro com dinheiro e dinheiro com ouro, e o preço muda todos os dias em todas as nações comerciantes.

Na Holanda, a lei determina que as letras de câmbio sejam pagas na moeda do país e não em ouro, se o credor exigir. Neste caso, compro espécies sonantes pagando-as em ouro, fazenda, trigo ou diamantes.

Preciso de dinheiro, trigo ou diamantes para um ano. O comerciante de trigo, dinheiro ou diamantes me diz: "Podereis durante este ano vender vantajosamente meu dinheiro, meu trigo, meus diamantes. Avaliemos o que me fazeis perder em quatro, cinco ou seis por cento, segundo o uso do país. Dar-me-eis, por exemplo, no final do ano, vinte e um quilates de diamantes por vinte que vos emprestei, vinte e um sacos de trigo por vinte emprestados, vinte e um mil escudos por vinte mil que me pedistes. É isso o interesse ou juro, estabelecido em todas as nações pela lei natural. A taxa depende da lei particular do país. Em Roma, por exemplo, empresta-se sob penhora a dois e meio por cento, segundo a lei, e os valores são vendidos se não se paga no tempo estipulado. Na Holanda, não se empresta sob penhora e só se pedem os juros estipulados pela lei do país. Se estivésseis na China pedireis o juro vigente em Macau e em Cantão".

2.º — Enquanto se comercia dessa maneira em Amsterdam, aí chega, vindo de Saint-Magloire, um jansenista (o fato é verdadeiro, o homem chamava-se abade dos Issarts). Diz o jansenista ao negociante holandês: "Tomai cuidado, estai vos condenando, pois o dinheiro não pode produzir dinheiro, *nummus nummum non parit*. Só é permitido receber juros de seu dinheiro quando se aceita perder os cabedais. Ou seja, o único meio para salvardes vossa alma é fazer um contrato com este senhor aqui presente de tal modo que, por exemplo, se emprestardes vinte mil escudos, nunca mais os vereis, mas, em compensação, vós e vossos herdeiros recebereis mil escudos por ano durante toda a eternidade".

"Baneais o engraçado", retruca o holandês; "estais propondo uma usura que é um infinito de primeira ordem. Ao cabo de vinte anos já terei recebido, eu ou os meus, meu capital; em quarenta anos, o dobro; o quádruplo em oitenta. Vedes bem que é uma série infinita. Ademais, só posso emprestar por doze meses, e contento-me com mil escudos de indenização."

O ABADE DOS ISSARTS

Entristeço-me por vossa alma holandesa. Deus proibiu aos judeus de emprestar com juros. E sabeis muito bem que um cidadão de Amsterdam deve obedecer escrupulosamente às leis do comércio, dadas num deserto a alguns fugitivos errantes que não praticavam comércio algum.

O HOLANDÊS

Isto é claro, todo o mundo deve ser judeu, mas parece-me que a lei permite à horda hebraica maior usura do que aos estrangeiros, o que lhe propiciou excelentes negócios com eles.

Aliás, seria preciso que até a proibição de cobrar juros de judeu para judeu caísse em desuso, já que Nosso Senhor Jesus Cristo, pregando em Jerusalém, diz expressamente que em seu tempo os juros eram de cem por cento, pois na parábola dos talentos diz que o servidor que tinha recebido cinco talentos ganhou cinco em Jerusalém, que aquele que tinha dois ganhou dois e que o terceiro que só tinha um e não o fez valer foi aprisionado pelo senhor por não ter feito seu dinheiro

trabalhar com os cambistas. Ora, estes eram judeus, portanto era de judeu para judeu que se exercia a usura em Jerusalém. E a parábola, tirada dos costumes do tempo, indica manifestamente que a usura era de cem por cento. Lede São Mateus (capítulo XXV) que conhecia isso muito bem: foi empregado da alfândega na Galiléia. Deixai-me acabar o negócio que estou realizando com este senhor e não me façais perder meu tempo nem meu dinheiro.

O ABADE DOS ISSARTS

Tudo isso é belo e bom, mas a Sorbonne decidiu que o empréstimo a juros é um pecado mortal.

O HOLANDÊS

Caçoais de mim, meu amigo, citando a Sorbonne para um negociante de Amsterdam. Quando podem, nenhum desses raciocinadores deixa de fazer valer seu dinheiro a cinco ou seis por cento, comprando, no lugar de ações sólidas, ações da Companhia das Índias, prescrições, ações do Canadá. O conjunto do clero da França empresta a juros. Em várias províncias francesas o juro é estipulado com o principal. Aliás, a universidade de Oxford e a de Salamanca decidiram contrariamente à Sorbonne. É o que aprendi nas minhas viagens. Temos deuses contra deuses. E mais uma vez: não me aborreçais.

O ABADE DOS ISSARTS

Senhor, senhor, os maus têm sempre boas razões. Procurais vossa própria perdição, vos digo, pois o abade de Saint-Ciran, que não fez milagres, e o abade de Paris, que o fez em Saint-Michel...

3.º — E, então, o mercador, impacientado, expulsou o abade dos Issarts do seu balcão e, após haver emprestado lealmente seu dinheiro ao último que veio, foi relatar sua conversa aos magistrados, que proibiram ao jansenista expor uma doutrina tão perniciosa para o comércio.

Senhores, diz o primeiro almotacel, sois os mestres, tomai tanto quanto quiserdes da graça eficaz e da predestinação; tomai tão pouco quanto quiserdes da comunhão, mas guardai vos de tocar nas leis de nosso Estado.

Inundação

Terá havido algum tempo em que a terra fosse inteiramente inundada? Eis o que é fisicamente possível.

Pode ser que o mar tenha sucessivamente coberto todas as terras, uma após outra; e isto não poderá ter acontecido senão em lenta gradação, ao longo de uma prodigiosa coleção de séculos. Em quinhentos anos, o mar retirou-se das Aigues-Mortes, de Fréjus, de Ravena, que eram grandes portos, e deixou cerca de duas léguas de terreno em seco. A esta progressão, é evidente que seriam precisos dois milhões e duzentos e cinqüenta mil anos para se dar a volta ao nosso globo. E o notável é que este período se aproxima muito do que necessita o eixo da Terra para se elevar e coincidir com o equador, movimento muito verossímil, de que começa a haver suspeitas desde há cinqüenta anos, e que só poderá efetuar-se no espaço de dois milhões e mais de trezentos mil anos.

Os leitos, os fósseis de conchas descobertos mesmo a algumas léguas do mar são a prova incontestável de que este foi depositando pouco a pouco estes produtos marinhos sobre terrenos que constituíam outrora as margens do oceano; que, porém, as águas tenham coberto inteiramente todo o globo ao mesmo tempo é quimera absurda em física, demonstrada como impossível pelas leis da gravitação, pelas leis dos fluidos, pela insuficiência de quantidade da água. Não que se queira infligir o menor atentado à grande verdade do dilúvio universal, relatado no *Pentateuco:*

pelo contrário, tratando-se de um milagre, impõ-se-nos acreditar: é um milagre, logo não pode ser executado pelas leis físicas.

Tudo é milagre na história do dilúvio: milagre que quarenta dias de chuva inundassem as quatro partes do mundo e as águas subissem quinze côvados acima das mais altas montanhas; milagre que houvesse cataratas, comportas, aberturas no céu; milagre que todos os animais comparecessem na arca, vindos de todas as partes do mundo; milagre que Noé encontrasse com que os alimentar durante dez meses; milagre que todos os animais se agüentassem na arca, com as suas provisões; milagre que a maior parte não houvesse morrido; milagre que encontrassem de comer à saída da arca; milagre ainda, embora de outra espécie, que um tal Le Pelletier tivesse acreditado que conseguira explicar como puderam todos os animais agüentar-se e alimentar-se naturalmente na arca de Noé.

Ora, posto que a história do dilúvio é a coisa mais miraculosa de que jamais se ouviu falar, seria insensato explicá-lo: trata-se de um desses mistérios em que se acredita pela fé; e a fé consiste em se acreditar naquilo em que a razão não acredita, o que é ainda outro milagre.

Assim, a história do dilúvio universal aparenta-se à da torre de Babel, à da jumenta de Balaão, à da queda de Jericó ao som das trombetas, à das águas transformadas em sangue, à da passagem do mar Vermelho e a todos os prodígios que Deus se dignou produzir em benefício dos eleitos do seu povo; são profundezas que o espírito humano não pode sondar.

J

Jó

Bom dia, amigo Jó: és um dos mais antigos excêntricos que os livros referem: não eras judeu: sabe-se que o livro com o teu nome é mais antigo que o *Pentateuco*. Se os hebreus, que traduziram do árabe, se serviram da palavra *Jeová* para significar *Deus*, é porque a pediram de empréstimo aos fenícios e aos egípcios, como nenhum verdadeiro sábio duvida. O termo Satã não era de origem hebraica, mas caldeu, como bem se sabe.

Habitavas nos confins da Caldéia. Comentadores, dignos da profissão, pretendem que tu acreditavas na ressurreição porque, estando deitado no esterco, disseste, no capítulo XIX, que dali *te erguerias* um dia qualquer. Um doente que espera curar se nem por isso espera a ressurreição [79], mas quero falar-te de outras coisas.

Confessa que eras um grande tagarela, se bem que os teus amigos o fossem mais. Diz-se que possuías sete mil carneiros, três mil camelos, mil bois e quinhentas burras. Sempre quero fazer a tua contabilidade.

Sete mil carneiros, a três libras e dois vinténs por cabeça, dão vinte e duas mil e quinhentas libras tornesas, logo	22 500 £
Avalia os três mil camelos a cinqüenta escudos por cabeça	450 000
Mil bois não podem ser avaliados, uns compensando outros, a menos de	80 000
E quinhentas burras, a vinte francos a burra	10 000
O total eleva-se a	562 500 £

Sem contar com móveis, anéis e jóias.

Fui muito mais rico do que tu e embora tenha perdido uma grande parte dos meus bens e,

[79] Vide capítulo "Ressurreição". (N. dos T.)

como tu, seja doente, não resmunguei contra Deus como os teus amigos parecem censurar-te algumas vezes.

Não estou nada satisfeito com Satã, que, para te induzir ao pecado e te fazer esquecer Deus, solicita que lhe seja concedida permissão de te privar dos teus bens e te dar a sarna. Ora, neste estado é que sempre os homens recorrem à Divindade: as pessoas felizes esquecem-na. Satã não conhecia suficientemente o mundo: aprendeu depois e, quando quer assegurar-se de alguém, torna-o intendente geral ou qualquer coisa de melhor, se possível. Isto nos mostrou claramente o nosso amigo Pope na história do cavaleiro Balaão.

Tua mulher era uma impertinente, conquanto os teus pretensos amigos Elifaz, nativo de Théman na Arábia, Baldad, de Suez, e Sofar, de Naamath, fossem ainda mais insuportáveis do que ela. Exortam-te à paciência de uma maneira que impacientaria o mais pacífico dos homens: proferem longos sermões mais fastidiosos que os pregados pelo malandrim V..., em Amsterdam, e o... etc.

É verdade que não sabes o que dizes quando gritas: "Meu Deus! Serei um mar ou uma baleia, para ter sido fechado por vós como numa prisão?", mas os teus amigos não o sabem melhor quando te respondem "que o dia não pode reverdecer sem umidade e que a erva dos prados não pode crescer sem água". Nada menos consolador que este axioma.

Sofar de Naamath censura-te por seres um linguareiro; nenhum destes bons amigos, porém, te empresta um escudo. Eu não te teria tratado assim. Nada mais corriqueiro do que pessoas que aconselham, nada mais raro do que pessoas que socorrem. Vale bem a pena ter três amigos para deles nem receber uma gota de sopa quando se está doente! Suponho que, quando Deus te deu riquezas e saúde, estes eloqüentes personagens não ousaram aparecer na tua frente: assim se transmutaram em provérbio aos *amigos de Jó*.

Deus ficou muito descontente com eles e disse-lhes claramente, no capítulo XLII, que são *aborrecidos* e *imprudentes;* e condena-os a uma multa de sete touros e sete carneiros por haverem dito tolices. Eu condená-los-ia por não haverem socorrido o amigo.

Peço-te que me digas se é verdade que viveste mais cento e quarenta anos depois desta aventura. Gosto de ver que as pessoas de bem vivem longo tempo; mas os homens de hoje não podem deixar de ser uns grandes marotos, tanto a sua vida é curta!

(Para um doente nas termas de Aix-la-Chapelle.)

De resto, o livro de Jó é um dos mais preciosos de toda a Antiguidade. Tudo indica ser este livro de um árabe que viveu antes da época em que situamos Moisés. Diz-se que Elifaz, um dos interlocutores, é de Théman; trata-se de uma antiga cidade da Arábia. Baldad era de Suez, outra cidade da Arábia. Sofar era de Naamath, região da Arábia ainda mais oriental.

Mas o mais notável, e o que demonstra que esta fábula não pode ser de um judeu, é a referência às três constelações qqe designamos por a Ursa, o Órion e as Híades. Os hebreus nunca tiveram o menor conhecimento de astronomia, não dispondo sequer de palavra que exprimisse esta ciência; tudo o que respeita às artes do espírito lhes era desconhecido, inclusive o termo geometria.

Os árabes, pelo contrário, habitando em tendas, estando sempre em condições de observar os astros, foram talvez os primeiros que regularam os anos mediante a inspeção do céu.

Observação mais importante: fala-se apenas de um Deus único neste livro. É um erro absurdo ter-se imaginado que os judeus foram os únicos a reconhecer um só Deus; tal era a doutrina de quase todo o Oriente e nisto os judeus não foram senão plagiários, como de resto o foram em tudo.

No trigésimo oitavo capítulo, o próprio Deus fala a Jó envolto num turbilhão, o que seria imitado no *Gênesis*. Convém repetir que os livros dos judeus são muito recentes. A ignorância e o fanatismo proclamam que o *Pentateuco* é o mais antigo livro do mundo. É evidente que os de Sanchoniathon, os de Thant, anteriores em oitocentos anos aos de Sanchoniathon, os do primeiro Zerdust, o *Shasta*, o *Veidam* dos indianos que ainda conservamos, os cinco *Kings* dos chineses,

o livro de Jó enfim, são de uma antiguidade muito mais recuada que a de qualquer livro hebreu. Está demonstrado que este pequeno povo não pôde ter anais senão quando dispôs de um governo estável; que só sob os reis dispôs desse governo; e que o seu dialeto só com o tempo se formou, de uma mistura de fenício e de árabe. Há provas incontestáveis de que os fenícios cultivaram as terras muito antes dos judeus. As atividades destes consistiam no banditismo e na corretagem, sendo escritores apenas por acaso. Perderam-se os livros dos egípcios e dos fenícios; os chineses, os bramas, os guebros, os judeus conservaram os seus. Todos estes monumentos são curiosos; não passam, porém, de monumentos da imaginação humana, nos quais é impossível aprender uma única verdade, quer física, quer histórica. Não há hoje qualquer pequeno livro de física que não seja mais útil que todos os livros da Antiguidade.

O bom Calmet ou dom Calmet (pois os beneditinos querem que se lhes dê dom), esse ingênuo compilador de tantas fantasias e imbecilidades, esse homem que a sua simplicidade tornou tão útil a quem quiser rir-se das tolices antigas, relata fielmente as opiniões daqueles que desejaram adivinhar a doença de que Jó foi atacado, como se em Jó houvéssemos um personagem real. Não hesita em afirmar que Jó tinha varíola, e acumula passagens sobre passagens, como é seu hábito, para provar o que não existe. Não lera a história da varíola por Astruc; pois, não sendo Astruc Padre da Igreja, nem doutor de Salamanca, mas médico muito sabedor, o bom Calmet ignorava mesmo a sua existência: são uns pobres-diabos, estes monges compiladores.

Justo (Do) e do Injusto

Quem nos concedeu o sentimento do justo e do injusto? Deus, que nos concedeu um cérebro e uma cabeça. Mas quando é que a vossa razão vos ensina que há vício e virtude? Quando nos ensina que dois mais dois são quatro.[80] Não há conhecimento inato pela mesma razão por que não há árvore que traga folhas e frutos ao sair da terra. Nada é o que se chama inato, quer dizer, nada se desenvolve; mas, convém repeti-lo, Deus faz-nos nascer com órgãos, os quais, à medida que crescem, nos fazem sentir tudo o que a nossa espécie deve sentir para a conservação dessa mesma espécie.[81]

Como se opera este contínuo mistério? Dizei-mo, habitantes amarelos das ilhas de Sonda, negros africanos, canadianos imberbes, e vós, Platão, Cícero, Epicteto. Sentis todos igualmente que dar o supérfluo do vosso pão, do vosso arroz ou da vossa mandioca ao pobre que humildemente o pede é melhor do que matá-lo ou furar-lhe os olhos. Para toda a terra é evidente que um benefício se revela mais honesto que um ultraje, que a doença é preferível à exaltação.

Portanto, trata-se apenas de nos servirmos da nossa razão para discernir os cambiantes da honestidade e da desonestidade. O bem e o mal confinam muitas vezes; as nossas paixões confundem-nos: quem nos esclarecerá? Nós mesmos, quando estamos tranqüilos. Quem quer que tenha escrito sobre os nossos deveres escreveu bem, seja em que país for, pois só com a sua razão o escreveu. Todos dizem o mesmo: Sócrates e Epicuro, Confúcio e Cícero, Marco Antonino e Amurath II têm a mesma moral. É preciso repetir todos os dias a todos os homens: "A moral é uma, vêm de Deus; os dogmas são diversos, vêm de nós".

Jesus não ensina qualquer dogma metafísico; não escreve cadernos teológicos[82]; não diz: "Sou consubstancial; tenho duas vontades e duas naturezas numa só pessoa". Deixou aos francis-

[80] Esta noção de uma como que "sabedoria" da espécie influirá fortemente em certas correntes de pensamento do século XIX. (N. dos T.)

[81] Voltaire alude freqüentemente à inexistência de qualquer metafísica ou teologia no cristianismo primitivo. O contraste entre a simplicidade das práticas religiosas e os princípios morais dos primeiros cristãos e o aparato da liturgia e teologia da Igreja foi tema constantemente sublinhado pelos setores pequeno-burgueses anticlericais, durante o século XIX e ainda mesmo no século XX. Lembre-se a propósito, como documento típico, *A velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro. (N. dos T.)

[82] Curiosa aproximação com as teorias contemporâneas sobre o intelectual, visto como "bastardo social" por excelência. (N. dos T.)

canos e aos dominicanos, que deviam chegar mil e duzentos anos depois dele, o cuidado de argumentarem para se saber se a sua mãe foi concebida sem pecado original; nunca disse que o casamento é o sinal visível de uma coisa invisível; nem uma palavra proferiu sobre a graça concomitante; não instituiu monges nem inquisidores, nada ordenou de tudo o que vemos hoje.

Deus concedera o conhecimento do justo e do injusto em todos os tempos que precederam o cristianismo. Deus não mudou nem pode mudar: o fundo da nossa alma, os nossos princípios de razão e de moral serão eternamente os mesmos. De que servem à virtude as distinções teológicas, dogmas fundados nessas distinções, perseguições fundadas nesses dogmas? A natureza, aterrada e erguida com horror contra todas essas invenções bárbaras, grita a todos os homens: "Sede justos e não sofistas intolerantes".

Podeis ler no *Sadder*, que é o compêndio das leis de Zoroastro, esta sábia máxima: "Quando é duvidoso que uma ação que te propõem seja justa ou injusta, abstém-te". Quem alguma vez proferiu regra mais admirável? Que legislador falou melhor? Não existe ali o sistema das opiniões prováveis, inventado por uma gente que se intitulava *Sociedade de Jesus*.

L

* Lei Natural

Diálogo

B — Que é a lei natural?

A — O instinto que nos faz sentir a justiça.

B — Que chamais justo e injusto?

A — O que aparece como tal ao universo inteiro.

B — O universo é composto de muitas cabeças. Diz-se que na Lacedemônia aplaudiam-se os larápios que, em Atenas, eram condenados às minas.

A — Abuso de palavras, logomaquia, equívoco. Não se podia cometer latrocínio em Esparta, pois tudo era comum. O que chamais *roubo* era a punição da avareza.

B — Era proibido em Roma desposar sua irmã. Era permitido desposar a irmã de seu pai entre os egípcios, atenienses e mesmo entre os judeus. Cito a contragosto o infeliz povinho judeu, que seguramente não deve servir de regra para ninguém, e que (colocando de lado a religião) sempre foi um povo de salteadores ignorantes e fanáticos. Mas, enfim, segundo seus livros, a jovem Tamar, antes de ser violada por seu irmão Amon, lhe diz: "Meu irmão, não faças bobagem. Pede-me em casamento a meu pai. Não recusará".

A — Tudo isso são leis convencionais, usos arbitrários, modas que passam; o essencial permanece sempre. Mostrai-me um país onde seja honesto arrebatar o fruto de seu trabalho, violar sua promessa, mentir para prejudicar, caluniar, assassinar, envenenar, ser ingrato para com seu benfeitor, espancar seu pai e sua mãe quando vos dão de comer.

B — Esquecei-vos de que Jean-Jacques, um dos pais da Igreja moderna, disse que *o primeiro que ousou fechar e cultivar um terreno* foi o inimigo *do gênero humano*, que seria preciso exterminá-lo, e que *os frutos são de todos* e que *a terra não pertence a ninguém?*

A — Qual é esse Jean-Jacques? Não é seguramente João (Jean) Evangelista, nem João (Jean) Batista, nem Tiago (Jacques) Maior, nem Tiago (Jacques) Menor. Quem escreveu essa abominável impertinência só pode ser um belo espírito *(bel-esprit)* ou algum bufo magro divertido e de mau gosto que quis zombar daquilo que o mundo inteiro leva tão a sério. Pois, em lugar de ir estragar o terreno de um vizinho sensato e industrioso, só teria que imitá-lo, e, cada pai de família tendo seguido esse exemplo, uma linda cidade logo se teria formado. O autor dessa passagem parece-me um animal bem insociável.

B — Credes, portanto, que, ultrajando e roubando o coitado que cercou com uma cerca viva seu jardim e seu galinheiro, faltou aos deveres da lei natural?

A — Sim, sim, repito. Há uma lei natural que consiste em não fazer o mal a outrem nem regozijar-se com isso.

B — Concebo que o homem só ame e só faça o mal para tirar proveito. Porém, tantas pessoas são levadas a tentar tirar proveito da infelicidade do outro; a vingança é uma paixão tão violenta; há exemplos tão funestos; a ambição, ainda mais fatal, inundou a terra com tanto sangue, que, quando traço o horrível quadro, fico tentado a confessar que o homem é muito diabólico. De nada adianta que eu tenha em meu coração a noção do justo e do injusto. Átila é cortejado por São Leão; Focas, que São Gregório bajulou com a mais baixa covardia; Alexandre VI, manchado com tantos incestos, tantos homicídios, tantos envenenamentos, e com o qual Luís XII, chamado o Bom, faz a mais indigna e estreita aliança; Cromwell, de quem o Cardeal Mazarin procura proteção e por causa de quem expulsa da França os herdeiros de Carlos I, primos-irmãos de Luís XIV, e cem exemplos semelhantes atrapalham minhas idéias e deixam-me desnorteado.

A — Bem! As tempestades impedem que gozemos hoje de um belo sol? O terremoto que destruiu metade da cidade de Lisboa impediu que viajásseis para Madrid muito comodamente? Se Átila foi um salteador e o Cardeal Mazarin um intrujão, em compensação não existirão príncipes e ministros honestos? Não se observou que na guerra de 1701 o conselho de Luís XIV era composto de homens muito virtuosos: o duque de Beauvilliers, o marquês de Torci, o marechal de Villars; enfim, Chamillort, que passou por incapaz, mas nunca por desonesto? A idéia da justiça não subsiste sempre? Sobre ela estão fundadas todas as leis, chamadas pelos gregos *filhas do céu*, quer dizer, filhas da natureza. Não tendes leis em vosso país?

B — Sim, umas boas, outras más.

A — De onde tereis tirado a idéia de justiça senão da lei natural, presente em todo homem cujo espírito for bem constituído? É preciso tê-las tirado daí ou de lugar nenhum.

B — Tendes razão. Há uma lei natural. Mas é mais natural ainda que as pessoas a esqueçam.

A — É natural também ser limitado, corcunda, manco, disforme, doentio; porém preferimos as pessoas bem conformadas e sadias.

B — Por que existem tantos espíritos limitados e disformes?

A — Paz!

Leis (Das)

I

No tempo de Vespasiano e de Tito, quando os romanos exventravam os judeus, um israelita muito rico, que não queria ser exventrado, escapuliu-se com todo o ouro que ganhara no seu mister de usurário e conduziu para Eziongaber toda a família, constituída pela velha esposa, um filho e uma filha. Trazia no séqüito dois eunucos: um, cozinheiro, o outro, lavrador e vinhateiro. Um bom essênio, que sabia de cor o *Pentateuco*, servia-lhe de capelão. Tudo isto embarcou no porto de Eziongaber, atravessou o mar a que chamam *Vermelho* e que o não é, e entrou no golfo Pérsico, para ir em demanda da terra de Ofir, sem saber onde esta ficava. Como podeis supor, sobreveio uma tempestade horrível que atirou com a família hebraica para a costa das Índias; o barco naufragou numa das ilhas Maldivas, hoje chamada Pedrabranca e então deserta.

O velho ricaço e a velha afogaram-se; o filho, a filha, os dois eunucos e o capelão salvaram-se; tiraram como puderam algumas provisões do barco, construíram pequenas cabanas na ilha e aí viveram assaz comodamente. Como sabeis, a ilha de Pedrabranca está a cinco graus do equador e encontram-se aí os maiores cocos e os melhores ananases do mundo; constituía um sítio agradável para se viver enquanto algures eram degolados os restos da nação eleita; contudo, o essênio chorava, considerando que além deles talvez não restassem mais judeus sobre a terra e que a semente de Abraão ia acabar.

— "Se de vós depende ressuscitá-la", disse-lhe o jovem judeu, "desposai a minha irmã."— "Bem o desejaria", disse o capelão, "mas a lei proíbe-o. Sou essênio, fiz o voto de nunca me casar;

a lei manda que se deve cumprir o voto. A raça judaica poderá extinguir-se, se quiser, mas decerto que não desposarei vossa irmã, embora ela seja bem bonita."

— "Os meus dois eunucos não podem fazer-lhe filhos", replicou o judeu. "Portanto, serei eu a fazer-lho se me dais licença, e peço-vos que abençoeis o casamento."

— "Preferia cem vezes ser encontrado pelos soldados romanos do que servir para vos fazer cometer incesto", disse o capelão. "Se fosse uma irmã paterna, ainda passava, pois a lei permite-o; mas ela é vossa irmã materna e isso é abominável."

— "Concebo muito bem", respondeu o rapaz, "que fosse crime em Jerusalém, onde encontraria outras moças. Mas na ilha de Pedrabranca, onde só vejo cocos, ananases e ostras, creio que a coisa é perfeitamente permitida."

Assim, o judeu casou-se com a irmã e teve uma filha, não obstante os protestos do essênio: foi este o único fruto do casamento que um considerava muito legítimo e outro abominável. Ao cabo de catorze anos, a mãe morreu, e o pai disse ao capelão: — "Haveis finalmente removido esses vossos velhos preconceitos? Quereis desposar a minha filha?" — "Deus me livre!", retorquiu o essênio. — "Ora bem! desposá-la-ei eu", disse o pai. "Acontecerá o que tiver de acontecer, mas não quero que a semente de Abraão fique reduzida a nada." O essênio, apavorado com este horrível propósito, não quis continuar com um homem que faltava à lei e fugiu. O recém-casado bem se podia esfalfar a gritar-lhe: "Ficai, amigo; eu observo a lei natural, sirvo a pátria, não abandoneis os vossos amigos"; o outro deixava-o gritar, tendo sempre a lei na cabeça, e fugiu a nado para a ilha vizinha.

Era a grande ilha de Attole, muito povoada e muito civilizada; mal ele abordou, fizeram-no escravo. Aprendeu a balbuciar a língua de Attole e lamentou-se amargamente da maneira pouco hospitaleira como o haviam recebido: disseram-lhe que era lei e que, desde que a ilha estivera prestes a ser surpreendida pelos habitantes da ilha de Ada, haviam sabiamente regulamentado que todos os estrangeiros que abordassem a ilha seriam reduzidos à servidão. "Isso não pode ser uma lei, visto não figurar no Pentateuco", observou o essênio. Retorquiram-lhe que figurava no digesto do país e ele permaneceu escravo: tinha felizmente um amo muito bondoso que o tratava bem e a quem se afeiçoou muito. Um dia, apareceram vários assassinos, decididos a matar o amo e a roubar-lhe os tesouros; perguntaram aos escravos se ele estava em casa e se havia muito dinheiro. "Juramos que não há dinheiro e que ele não está em casa", disseram os escravos.

Todavia, o essênio disse: "A lei não permite a mentira; eu vos juro que ele está em casa e que há muito dinheiro". E assim foi o amo roubado e assassinado. Os escravos acusaram o essênio ante os juízes de haver traído o amo; o essênio disse que não queria mentir e por nada no mundo mentiria; e foi enforcado.

Contaram-me esta história e muitas outras semelhantes no decurso da última viagem que fiz das Índias à França. Quando cheguei, dirigi-me a Versalhes para tratar de alguns negócios; vi passar uma bela mulher seguida de muitas belas mulheres. — "Quem é esta bela mulher?", perguntei ao meu advogado no Parlamento, que viera comigo; pois, tendo um processo no parlamento de Paris devido aos trajes que me fizeram nas Índias, desejava ter sempre o meu advogado ao pé de mim. — "A filha do rei", respondeu, "é encantadora e esmoler; pena que não possa, em caso algum, ser rainha da França". — "Como!", disse eu, "se houvesse a desgraça de se perderem todos os seus familiares e os príncipes de sangue (o que Deus não consinta!), ela não poderia herdar o reino do pai?" — "Não", disse o advogado, "a lei sálica opõe-se formalmente." — "E quem fez essa lei sálica?", perguntei ao advogado. "Não sei", disse ele, "mas pretendem que entre um antigo povo, os sálicos, que não sabia ler nem escrever, havia uma lei escrita que prescrevia que, em terra sálica, a filha não herdaria um chavo; e esta lei foi adotada em terra não sálica." — "Pois eu quero a lei", disse-lhe. "Haveis-me assegurado que esta princesa é encantadora e esmoler; portanto, teria incontestável direito à coroa se acontecesse que de sangue real só ela restasse: minha mãe herdou de seu pai e eu desejo que esta princesa herde do seu."

No dia seguinte, o meu processo foi julgado numa câmara do Parlamento e perdi por unanimidade; asseverou-me o meu advogado que teria ganho por unanimidade numa outra câmara. "É

muito cômico isso", disse-lhe, "portanto, cada câmara, cada lei." — "É verdade", respondeu-me. "Existem vinte e cinco comentários acerca do comum em Paris, o que equivale a dizer que se provou vinte e cinco vezes que o comum em Paris é equívoco; e se existissem vinte e cinco câmaras de juízes, existiriam vinte e cinco jurisprudências diferentes. Temos a quinze léguas de Paris uma província chamada Normandia", continuou ele, "em que seríeis julgado de maneira muito diferente da daqui." Isto deu-me vontade de conhecer a Normandia. Desloquei-me até lá com um dos meus irmãos. No primeiro albergue, encontramos um jovem que se desesperava: perguntei-lhe qual era a sua desgraça ao que ele respondeu que consistia em ter um irmão mais velho. — "Mas onde está a grande desgraça de se ter um irmão mais velho?", objetei-lhe; "o meu irmão é primogênito e vivemos muito bem juntos." — "Ai de mim, senhor", disse ele; "aqui, a lei dá tudo aos primogênitos e nada deixa aos cadetes." — "Tendes razão em estar zangado", respondi-lhe; "entre nós, partilha-se tudo em partes iguais e por vezes os irmãos não se dão melhor."

Estas pequenas aventuras levaram-me a fazer belas e profundas reflexões sobre leis e vi que se passa com elas o mesmo que com os trajes: foi-me necessário usar um "doliman" em Constantinopla e um fato justo ao corpo em Paris.

Se todas as leis humanas são convenções, cogitei, não há senão que saber como fazer bem o negócio. Os burgueses de Delhi e de Agrab dizem que realizaram um negócio muito mau com Tamerlão; os burgueses de Londres gabam-se de haver feito muito negócio com o rei Guilherme de Orange. Afirmou-me, um dia, um cidadão de Londres: "A necessidade faz as leis e a força impõe a sua observância". Perguntei-lhe se algumas vezes a força não faria também leis e se Guilherme, o Bastardo e o Conquistador, não lhes havia dado ordens sem estabular negociações com eles. "Sim", disse-me, "não passávamos de bois, então, Guilherme pôs-nos o jugo e fez-nos andar a golpes de aguilhão; depois, transformamo-nos em homens mas ficaram-nos os cornos e agredimos quem quer que pretenda fazer-nos trabalhar para si e não para nós."

Embebido em todas estas reflexões, encontrei-me a pensar com aprazimento que há uma lei natural independente das convenções humanas: o fruto do meu trabalho deve pertencer-me; devo honrar pai e mãe; não tenho direito algum sobre a vida do meu próximo e este nenhum direito tem sobre a minha, etc. Quando, porém, pensei que desde Chodorlahomor até Meutzel, coronel de hussardos, cada qual mata legalmente e pilha o seu próximo contanto que traga uma patente na algibeira, afligi-me muito.

Disseram-me que entre os ladrões há leis e que as há também na guerra. Indaguei o que eram essas leis da guerra. Disseram-me que consistem em se enforcar o corajoso oficial que houver aguentado um posto desprovido de canhões perante um exército real; em se enforcar um prisioneiro, se um dos nossos for enforcado; em se pôr a fogo e sangue as aldeias que não trouxeram toda a sua subsistência no dia aprazado, segundo as ordens do gracioso soberano das vizinhanças. Bom, observei, eis o *Espírito das Leis*.[83]

Depois de me haver instruído bem, descobri que há umas sábias leis segundo as quais um pastor é condenado a nove anos de galés por ter dado um pouco de sal alheio aos seus carneiros. O meu vizinho foi arruinado por um processo devido a duas azinheiras que lhe pertenciam e fizera cortar num bosque seu, pois não pudera observar uma formalidade que lhe fora impossível conhecer; a sua mulher morreu na miséria e o filho arrasta uma vida mais infeliz ainda. Confesso que estas leis são justas embora a sua execução se mostre um pouco dura; mas reconheço de mau grado as leis que autorizam cem mil homens a irem degolar legalmente cem mil vizinhos. Afigurou-se-me que a maior parte dos homens recebe da natureza o bom senso suficiente para a feitura

Juntai de um extremo da terra ao outro os simples e tranqüilos agricultores: todos facilmente chegarão a acordo quanto a vender aos seus vizinhos os excedentes de trigo[84] e que a lei contrária

[83] Alusão irônica à célebre obra de Montesquieu. (N. dos T.)

[84] "Ils [les peuples] disent que le roi enlève tous les blés et s'enrichit en le leur vendant bien cher." (Madame de Maintenon a Madame de Ursins, 10 de junho de 1709.) (Cit. por J. Benda.) (N. dos T.)

é inumana e absurda; que as moedas representativas dos produtos não devem sofrer mais alterações que os frutos da terra;[85] que um pai de família deve ser o senhor em sua casa; que a religião deve agrupar os homens para os unir e não para os tornar fanáticos e perseguidores; que aqueles que trabalham não se devem privar do fruto dos seus trabalhos para dotar a superstição e a ociosidade:[86] numa hora farão trinta leis desta espécie, todas úteis ao gênero humano.

Mas que Tamerlão chegue e subjugue a Índia e logo não vereis senão legislações arbitrárias. Uma arruinará uma província para enriquecer um publicano de Tamerlão; outra tornará crime de lesa-majestade o falar-se mal da amante do principal criado de quarto de um rajá; uma terceira arrebatará metade da colheita do agricultor e contestar-lhe-á o resto; haverá, enfim, leis que permitirão a um oficial de justiça tártaro vir capturar os nossos filhos no berço, transformar o mais robusto num soldado e o mais débil num eunuco e deixar o pai sem socorro e sem consolação.

Ora, o que valerá mais: ser o cãozinho de Tamerlão ou seu súdito? É evidente que a condição de cão seu se revela muito superior.

II

Os carneiros vivem em sociedade com muita doçura: o seu caráter passa por extremamente afável e por isso não nos damos conta da prodigiosa quantidade de animais que devoram.[87] É mesmo de supor que os comem inocentemente, sem saberem, tal como nós, quando comemos um queijo de Sassenage. A república dos carneiros é a imagem fiel da idade do ouro.

Um galinheiro é visivelmente o mais perfeito dos Estados monárquicos. Não há rei que se compare a um galo. Este, se marcha altivamente no meio do seu povo, não é por vaidade que o faz. Se o inimigo se aproxima, não dá ordem aos seus súditos para irem fazer-se matar por ele, em virtude da sua infalível ciência e onipotência; vai ele próprio, agrupa as suas galinhas atrás de si e combate até à morte. Se sai vencedor, é ele que canta o *Te Deum*. Na vida civil, ninguém há tão galante, tão honesto, tão desinteressado! Possui todas as virtudes. Que tenha no bico um grão de trigo ou um verme e logo o dará à primeira das súditas que se apresente. Enfim, Salomão no seu serralho não se aproximava sequer de um galo de capoeira.

Se for verdade que as abelhas são governadas por uma rainha com quem todos os súditos fazem amor, temos aqui um governo mais perfeito ainda.

As formigas passam por constituir uma excelente democracia. Sobreleva-se aos demais Estados, porquanto toda a gente é aí igual e cada particular trabalha para o bem de todos.

A república dos castores é superior ainda à das formigas, pelo menos se os julgarmos pelas suas obras de alvenaria.

Os macacos assemelham-se mais a saltimbancos do que a um povo policiado; e não parecem reunidos sob leis fixas e fundamentais, como as espécies precedentes.

Nós parecemo-nos mais com os macacos do que com qualquer outro animal, devido ao dom de imitação, à ligeireza das nossas idéias e à nossa inconstância que nunca nos permitiu ter leis uniformes e duráveis.

Quando a natureza formou a nossa espécie e nos deu alguns instintos, o amor-próprio para nossa conservação, a afabilidade para conservação dos outros, o amor que é comum em todas as outras espécies e um dom inexplicável de combinarmos mais idéias que todos os animais juntos — depois de assim nos haver dado o nosso quinhão, disse-nos: "Fazei o que puderdes".

Sempre que mudaram as necessidades, as leis que subsistiram tornaram-se ridículas. Assim,

[85] Crítica ao expediente das quebras de moeda usado com freqüência pelo poder régio para socorrer as dificuldades financeiras. (N. dos T.)

[86] Crítica às doações de bens à Igreja e ordens religiosas. Voltaire volta ao assunto noutros passos desta obra. (N. dos T.)

[87] Benda (ed. cit.) chama a atenção para o prenúncio da teoria darwiniana de luta das espécies à escala universal que este passo de certa maneira envolve. (N. dos T.)

a lei que proíbe que se coma carne de porco e se beba vinho era muito razoável na Arábia, onde porco e vinho são perniciosos, mas absurda em Constantinopla.

A lei que dá todos os bens ao primogênito era muito boa em tempos de anarquia e pilhagem. Então, o primogênito era o comandante do castelo que os bandoleiros assaltariam mais tarde ou mais cedo, os irmãos mais novos os seus oficiais e os lavradores os seus soldados. Só é de recear que o cadete venha a assassinar ou a envenenar o senhor sálico, seu primogênito, para se tornar, por seu turno, senhor da mansão, mas estes sucessos são raros, pois a natureza combinou de tal maneira os nossos instintos e paixões, que temos mais horror em assassinar um irmão primogênito do que desejos de ocupar o seu posto. Ora, esta lei, conveniente para possuidores de castelos no tempo de Chilperico, é detestável quando se trata de partilhar rendimentos numa cidade.

Para vergonha dos homens, sabe-se que as leis do jogo serão as únicas que se mostram em toda a parte justas, claras, invioláveis e executadas. Por que razão o indiano que nos deu as regras do jogo de xadrez é obedecido de bom grado em toda a Terra, ao passo que as decretais dos papas, por exemplo, são hoje objeto de horror e desprezo? É que o inventor do xadrez combinou tudo com justeza para satisfação dos jogadores, enquanto os papas, nas suas decretais, só tiveram em vista as próprias vantagens. O indiano quis exercitar com igualdade o espírito dos homens e dar-lhes prazer; os papas quiseram embrutecer o espírito dos homens. Assim, a base do jogo de xadrez permanece idêntica desde há cinco mil anos e é comum a todos os habitantes da Terra; e as decretais só são reconhecidas em Spolette, Oriviete, Lorette, onde mesmo o jurisconsulto mais superficial as detesta e despreza em segredo.

Leis Civis e Eclesiásticas

Entre os papéis de um jurisconsulto foram encontradas notas que talvez mereçam um pouco de exame.

Que nunca lei alguma eclesiástica vigore, salvo se receber sanção expressa do governo. Foi por este meio que Atenas e Roma nunca tiveram querelas religiosas. Estas querelas constituem a divisão das nações bárbaras ou tornadas bárbaras.

Que só o magistrado tenha poderes para permitir ou proibir o trabalho em dias festivos, pois aos padres não incumbe impedirem homens de cultivar os campos que lhes pertencem.

Que tudo o que diga respeito ao casamento dependa unicamente do magistrado, e que os padres se limitem à augusta função de os abençoar.

Que o mútuo com juros seja exclusivamente objeto da lei civil, pois que só esta preside ao comércio.

Que todos os eclesiásticos sejam submetidos, em todas as circunstâncias, ao governo, pois são súditos do Estado.

Que nunca se verifique o ridículo vergonhoso que é pagar-se a um padre estrangeiro o primeiro ano do rendimento de uma terra doada por cidadãos a um padre concidadão.

Que nenhum padre possa, em caso algum, privar qualquer cidadão da menor prerrogativa, a pretexto de que esse cidadão é pecador, pois o padre pecador deve rezar pelos pecadores e não julgá-los.

Que os magistrados, os trabalhadores e os padres paguem igualmente os encargos do Estado, pois todos pertencem igualmente ao Estado.

Que não haja senão um peso, uma medida, um costume.[88]

Que os suplícios dos criminosos sejam úteis. Se um homem enforcado não serve para nada, um homem condenado a trabalhos públicos serve ainda à pátria e constitui uma lição viva.

Que a lei seja clara, uniforme e precisa: interpretá-la quase sempre é corrompê-la.

Que só o vício seja infamante.

Que todos os impostos sejam proporcionais.

Que nunca a lei esteja em contradição com o costume; pois, se o costume é bom, a lei nada vale.[89]

Letras, Gente de Letras ou Letrados

Nos nossos tempos bárbaros, quando os francos, os germanos, os lombardos, os moçárabes espanhóis não sabiam ler nem escrever, foram instituídas escolas, universidades, quase todas compostas por eclesiásticos, que, sabendo apenas o seu jargão, o ensinaram a quem o quis aprender; as academias que só apareceram muito tempo depois, embora desprezassem as tolices das escolas, mas nem sempre ousaram elevar-se contra elas, porquanto há tolices que são respeitadas, atendendo a que se reportam a coisas respeitáveis.

As pessoas de letras que mais serviços prestaram ao reduzido número de entes pensantes espalhados pelo mundo são os letrados isolados, os verdadeiros sábios encerrados nos seus gabinetes que não argumentaram nos bancos das universidades nem disseram as coisas pela metade nas academias; e esses têm sido quase todos perseguidos. A nossa miserável espécie é feita de tal maneira, que aqueles que marcham em caminhos já batidos atiram sempre pedras aos que ensinam um caminho novo.

Montesquieu conta que os citas cegavam os seus escravos para que estes não se distraíssem ao baterem a manteiga; assim procede a inquisição e quase todo o mundo é cego nos países em que este monstro reina. Há mais de cem anos que se usa um par de olhos na Inglaterra; os franceses começam a abrir um olho; mas por vezes encontram-se homens bem colocados que não querem mesmo permitir que se seja zarolho.

Estes pobres-diabos bem colocados são como o doutor Patarata da comédia italiana que só quer ser servido pelo ignorantão Arlequino e receia ter um criado demasiado penetrante.

Fazei odes em louvor de monsenhor Superbus Fadus, madrigais à amante, dedicai ao seu porteiro um livro de geografia e sereis bem recebido; iluminai os homens e sereis esmagado.

Descartes é obrigado a abandonar a pátria, Gassendi é caluniado, Arnaud arrasta os seus dias no exílio; todos os filósofos são tratados como os profetas entre os judeus.

Quem acreditaria que no século XVIII um filósofo fosse trazido perante os tribunais seculares, e tratado de ímpio pelos tribunais de instrução, por haver afirmado que os homens não poderiam exercer as artes se não tivessem mãos? Não desespero que em breve seja condenado às galés o primeiro que tiver a insolência de sustentar que o homem não pensaria se não tivesse cabeça. "Porquanto", dir-lhe-á um bacharel, "a alma é um espírito puro, a cabeça é apenas matéria; Deus pode colocar a alma no calcanhar, tal como no cérebro; logo, denuncio-vos como ímpio."

A maior desgraça de um homem de letras não será talvez tornar-se o objeto do ciúme dos confrades, a vítima da cabala, do desprezo dos grandes do mundo; a sua maior desgraça é ser jul-

[88] Cf. com as considerações acerca da falta de uniformidade das leis, no capítulo anterior "Das Leis". (N. dos T.)

[89] Atentai no poema de "A lei natural". (N. do A.)

gado por parvos. Os parvos vão longe por vezes, sobretudo quando o fanatismo se junta à inépcia e à inépcia o espírito de vingança. A grande desgraça vem, ainda, de que ordinariamente o homem de letras não se atém a nada. Um burguês adquire um pequeno negócio e ei-lo secundado pelos seus confrades. Se lhe fazem uma injustiça, encontra imediatamente defensores. O homem de letras está sem socorro: assemelha-se aos peixes voadores: se se eleva um pouco, devoram-no os pássaros; se mergulha, comem-no os peixes.

Todos os homens públicos pagam tributo à malignidade; mas são pagos em dinheiro e em honras. O homem de letras paga igual tributo sem nada receber; desceu à arena por prazer, a si mesmo se condenou às feras.

Liberdade (Da)

A — Uma bateria de canhões atira junto às nossas orelhas; sois livre de a ouvir ou não ouvir?

B — Sem dúvida que não posso deixar de a ouvir.

A — Desejais que esse canhão arranque a vossa cabeça e a da vossa mulher e do vosso filho, que passeiam convosco?

B — Que proposta me fazeis? Não posso, enquanto estiver em perfeito juízo, desejar tal coisa; eis o que me é impossível.

A — Bom; vós ouvis necessariamente este canhão e necessariamente desejais não morrer, vós e a vossa família, de um tiro de canhão durante o passeio; não tendes o poder de não ouvir nem o poder de querer permanecer aqui.

B — É evidente.[90]

A — Fareis, por conseguinte, uma trintena de passos para vos colocardes ao abrigo do canhão e tendes o poder de caminhar comigo esses tantos passos?

B — Eis o que é ainda mais evidente.

A — E, se fôsseis paralítico, não teríeis podido evitar o continuar exposto a esta bateria; não teríeis o poder de estar onde estais: teríeis necessariamente ouvido e recebido um tiro de canhão e estaríeis necessariamente morto?

B — Nada mais verdadeiro.

A — Em que consiste pois a vossa liberdade senão no poder que a vossa individualidade exerceu ao fazer o que a vossa vontade exigia com absoluta necessidade?

B — Estais a embaraçar-me; a liberdade não é, pois, senão o poder de fazer o que quero?

A — Refleti e vede se a liberdade pode ser entendida de outra maneira.

B — Nesse caso, o meu cão de caça é tão livre como eu; tem necessariamente de correr quando avista uma lebre e o poder de correr se não estiver mal das pernas. Portanto, nada tenho de superior ao meu cão e vós reduzis-me à condição dos animais.

A — Eis os pobres sofismas dos pobres sofistas que vos instruíram. Eis que ficais doente só com o serdes livre como o vosso cão. E então? Não vos assemelhais ao vosso cão em tantas coisas? A fome, a sede, o despertar, o dormir, os cinco sentidos não são comuns em vós e no vosso cão? Desejaríeis ter olfato sem ser pelo nariz? Por que desejais ter liberdade de maneira diferente da dele?

B — Mas eu tenho uma alma que raciocina muito e o meu cão não raciocina nada. Ele quase não tem senão idéias simples e eu tenho mil idéias metafísicas.

[90] Um pobre de espírito, num escritozinho honesto, polido e, sobretudo, bem pensado, objeta que, se o príncipe ordenar a B que fique exposto ao canhão, ele fica. Sim, sem dúvida, se tiver mais coragem ou, antes, se tiver mais receio da vergonha que amor à vida, como tantas vezes sucede, quando o instinto de medo à vergonha supera o instinto de conservação, o homem é tão forçado a continuar exposto ao canhão como é forçado a fugir quando não tem vergonha de fugir. O pobre de espírito é forçado a formular objeções ridículas e a proferir injúrias e os filósofos sentem-se forçados a zombar um pouco dele e a perdoar-lhe. (N. do A. à ed. Varberg, 1765.)

A — Pois bem, sois mil vezes mais livre que ele: quer dizer, tendes mil vezes mais de pensar que ele; mas não sois livre de maneira diferente da dele.

B — Como! Não sou livre de querer o que quero?

A — Que entendeis por isso?

B — O que toda a gente entende. Pois não se diz todos os dias: "As vontades são livres"?

A — Um provérbio não é uma razão; explicai-vos melhor.

B — Entendo que sou livre de querer como muito bem me agradar.

A — Com vossa licença, isso não tem sentido: não vedes que é ridículo dizer-se: "Eu quero querer"? Vós quereis necessariamente em virtude das idéias que se vos apresentam. Quereis casar-vos, sim ou não?

B — E se eu vos dissesse que não quero uma coisa nem outra?

A — Responderieis como aquele que dizia: "Uns julgam que o Cardeal Mazarin está vivo, outros julgam-no morto e eu não julgo uma coisa nem outra".

B — Pois bem! Quero casar-me.

A — Isso sim, é responder. E por que quereis casar-vos?

B — Porque me enamorei de uma jovem, bela, terna, bem-educada, assaz rica, que canta muito bem, cujos pais são gente séria, e porque me gabo de ser amado por ela e muito bem acolhido pela família.

A — Eis uma razão. Vedes que não podeis querer sem razão. Declaro que sois livre de vos casar; quer dizer, que tendes o poder de assinar o contrato.

B — Como! Não posso querer sem razão? E em que se tornará estoutro provérbio: *Sit pro ratione voluntas:* a minha vontade é a minha razão, eu quero porque quero?

A — Tudo isso é absurdo, meu caro amigo: haveria em vós um efeito sem causa.

B — O quê! Quando jogo ao par ou ímpar, tenho uma razão para escolher par em vez de ímpar?

A — Sem dúvida que sim.

B — E qual é a razão, se fazeis favor?

A — É que a idéia de par se apresentou ao vosso espírito primeiro que a idéia oposta. Seria divertido que houvesse casos em que quisésseis porque existe uma causa de querer e outros em que quisésseis sem causa. Quando quereis casar-vos, sentis a razão dominante, evidentemente; não a sentis quando jogais ao par ou ímpar e, no entanto, impõe-se que haja uma razão.

B — Porém, mais uma vez: não sou portanto livre?

A — A vossa vontade não é livre, são-no as vossas ações. Sois livre de fazer quando tiverdes o poder de fazer.

B — Mas todos os livros que li sobre a liberdade de indiferença...

A — Tolices. Não há nenhuma liberdade de indiferença. É uma expressão tão destituída de sentido como as pessoas que a inventaram.

Liberdade de Pensamento

Pelo ano de 1707, época em que os ingleses ganharam a batalha de Saragoça, protegeram Portugal e deram durante algum tempo um rei à Espanha, milorde Boldmind,[91] oficial general, que fora ferido, estava perto das águas de Barèges. Encontrou aí o conde Medroso, que caíra do cavalo, atrás das bagagens, a légua e meia do campo de batalha, e viera também fazer uma cura de águas. O conde Medroso era familiar da Inquisição, milorde Boldmind era familiar apenas na conversação. Um dia, depois de beber, teve com Medroso a seguinte conversa:

[91] *Boldmind:* espírito forte, audaz. (N. dos T.)

BOLDMIND

Sois, portanto, sargento dos dominicanos? Exerceis um bem vil ofício.

MEDROSO

É verdade; mas gostei mais de ser criado deles do que ser vítima e preferi a desgraça de queimar o meu próximo à de ser eu próprio cozido.

BOLDMIND

Que horrível alternativa! Éreis cem vezes mais felizes sob o jugo dos mouros que vos deixavam estagnar livremente no meio das vossas superstições e que, embora vencedores, não se arrogavam o direito inaudito de pôr as almas a ferros.

MEDROSO

Que quereis? Não nos é permitido escrever, nem falar, nem mesmo pensar. Se falamos, torna-se fácil interpretar as nossas palavras e mais ainda os nossos escritos. Enfim, como não podem condenar-nos a um auto-de-fé pelos nossos pensamentos secretos, ameaçam-nos de sermos eternamente queimados por ordem do próprio Deus se não pensarmos como os dominicanos. Persuadiram o governo que se possuíssemos o senso comum todo o Estado ficaria em combustão e a nação tornar-se-ia a mais desgraçada da Terra.

BOLDMIND

Achais que somos assim desgraçados, nós, ingleses, que cobrimos os mares com os nossos barcos e viemos ganhar para vós batalhas nos confins da Europa? Vede os holandeses que vos desapossaram de quase todas as vossas descobertas na Índia e hoje se enfileiram entre os vossos protetores: pensais que sejam malditos de Deus por haverem concedido inteira liberdade à imprensa e por fazerem o comércio dos pensamentos humanos? Foi menos poderoso o império romano por Cícero haver escrito com liberdade?

MEDROSO

Quem é Cícero? Nunca ouvi falar desse homem; não se trata aqui de Cícero, trata-se de nosso santo pai, o papa, e de Santo Antônio de Pádua, e sempre ouvi dizer que a religião romana está perdida se os homens começam a pensar.

BOLDMIND

Não cabe a vós acreditá-lo, pois estais seguro que a vossa religião é divina e que as portas do inferno não podem prevalecer contra ela. Se assim é, nada poderá destruí-la.

MEDROSO

Não, mas pode ser reduzida a pouca coisa. E foi por terem pensado que a Suécia, a Dinamarca, toda a vossa ilha e metade da Alemanha gemem na pavorosa desgraça de não mais serem súditos do papa. Diz-se mesmo que se os homens continuam a guiar-se pelas suas falsas luzes acabarão em breve por se ater à simples adoração de Deus e à virtude. Se alguma vez as portas do inferno prevalecerem até esse ponto, em que se tornará o Santo Ofício?

BOLDMIND

Se os primeiros cristãos não tivessem a liberdade de pensar, não é verdade que não existiria cristianismo?

MEDROSO

Que quereis dizer? Não vos entendo.

BOLDMIND

Acredito. Quero dizer que se Tibério e os primeiros imperadores dispusessem de dominicanos que houvessem impedido os primeiros cristãos de usar penas e tinta; se durante tanto tempo não tivesse sido permitido pensar livremente no império romano, tornar-se-ia impossível aos cristãos estabelecer os seus dogmas. Portanto, se o cristianismo só se formou pela liberdade de pensamento, por que contradição, por que injustiça desejaria aniquilar hoje essa liberdade sobre a qual está fundado?

Quando vos propõem algum negócio interessante, não o examinais demoradamente, antes de o concluirdes? Haverá no mundo maior interesse que o da nossa felicidade ou eterna desgraça? Existem sobre a Terra cem religiões e todas vos condenam à danação por acreditardes nos vossos dogmas, que essas religiões consideram absurdos e ímpios; examinai, portanto, esses dogmas.

MEDROSO

Como posso examiná-los? Não sou dominicano.

BOLDMIND

Sois homem e isso basta.

MEDROSO

Ai de mim! Sois bem mais homem que eu.

BOLDMIND

A vós apenas cabe aprender a pensar; haveis nascido com espírito; sois uma ave na gaiola da Inquisição; o Santo Ofício aparou-vos as asas mas elas podem voltar a crescer. Quem não sabe geometria, pode aprendê-la; qualquer homem pode instruir-se: é vergonhoso que se deposite a alma nas mãos daqueles aos quais não se confiaria o dinheiro. Ousai pensar por vós mesmo.

MEDROSO

Há quem diga que, se toda a gente pensasse por si, a confusão seria prodigiosa.

BOLDMIND

Pelo contrário. Quando assistimos a um espetáculo, cada qual dá livremente a sua opinião e a paz não é perturbada; se, porém, algum insolente, protetor de algum mau poeta, quiser forçar todas as pessoas de gosto a considerarem bom o que lhes parece mau, os dois partidos podem acabar alvejando-se com maçãs, como já aconteceu uma vez em Londres. São estes tiranos dos espíritos que causaram parte das desgraças do mundo. Na Inglaterra, só somos felizes desde que cada qual goze livremente do direito de exprimir a sua opinião.

MEDROSO

Também nós estamos sossegados em Lisboa, onde ninguém pode exprimir a sua.

BOLDMIND

Estais sossegados mas não sois felizes; tal é o sossego dos forçados das galés que remam em cadência e em silêncio.

MEDROSO

Julgais, portanto, que a minha alma está nas galés?

BOLDMIND

Sim. E gostaria de libertá-la.

MEDROSO

Mas se acontecer que eu me sinta bem nas galés?

BOLDMIND

Nesse caso, é porque mereceis as galés.

Limites do Espírito Humano

Surgem de todos os lados, pobre doutor. Queres saber por que o teu braço e o pé obedecem à tua vontade e por que o fígado não te obedece? Indagas como o pensamento se forma no teu tímido entendimento e como se gera aquela criança no útero da mãe? Dou-te o tempo que queiras, para me responderes. O que é a matéria? Os teus colegas doutores encheram dez mil volumes sobre o assunto; descobriram nela algumas qualidades essenciais: as crianças conhecem-nas tanto como tu. Mas essa substância no fundo o que é? E a que é que chamaste *espírito* (termo cuja origem é a palavra latina que significa *sopro*, não podendo achar melhor porque não fazes a menor idéia do que isso seja)?

Repara no grão de trigo que se lança à terra e dize-me por que brota depois do solo para produzir um canudo carregado com uma espiga. Ensina-me a razão por que a mesma terra produz uma maçã no alto desta árvore e uma castanha na árvore vizinha. Podia arranjar-se um calhamaço recheado de perguntas, às quais não deverias honestamente responder senão por quatro palavrinhas: *Não sei nada disso.*

E todavia és bacharel, és doutorado, possuis vários diplomas, e és togado. Chamam-te *mestre*. E esse orgulhoso pateta, nomeado para um modesto emprego numa cidadezinha, supõe ter comprado o direito de julgar e condenar aquilo de que nada percebe.

A divisa de Montaigne era: *Que sei eu?* e a tua há de ser: *Que não sei eu?*

Literatura

Literatura: esta palavra é um desses termos vagos tão freqüentes em todas as línguas, tal como *filosofia*, pelo qual designam-se tanto as pesquisas de um metafísico quanto as demonstra-

ções de um geômetra ou a sabedoria de um homem desenganado do mundo, etc. Acontece o mesmo também com a palavra *espírito*, prodigalizada indiferentemente e que tem sempre necessidade de uma explicação que limite seu sentido. O mesmo acontece ainda com todos os termos gerais cuja acepção precisa não é determinada em nenhuma língua a não ser pelos objetos a que são aplicados.

A literatura é precisamente o que era a gramática entre os gregos e entre os romanos. A palavra *letra* só significava inicialmente *gramma*. Mas, como as letras do alfabeto são o fundamento de todos os conhecimentos, com o tempo chamavam-se gramáticos não somente os que ensinavam a língua mas também aqueles que se aplicavam à filosofia, ao estudo dos poetas e dos oradores, aos escólios, às discussões dos fatos históricos.

Dá-se, por exemplo, o nome de gramático a Ateneu, que viveu no tempo de Marco Aurélio e foi autor do *Banquete dos Filósofos*, amontoado agradável de citações e de fatos, verdadeiros ou falsos. Aulus Gelius, que chamamos comumente Aulo Gélio e que viveu no tempo de Adriano, é considerado um gramático por causa das suas *Noites Áticas*, onde encontramos uma grande variedade de críticas e de pesquisas. As *Saturnais* de Macróbio, no século IV, obra de erudição instrutiva e agradável, foram também chamadas obras de um bom gramático.

A literatura constituída pela gramática de Aulo Gélio, de Ateneu, de Macróbio designa em toda a Europa um conhecimento de obras agradáveis, uma tintura de história, poesia, eloqüência e crítica.

Um homem que leu os autores antigos, que comparou suas traduções e seus comentários, tem uma literatura maior do que aquele que com mais gosto se limitou aos bons autores de seu país e que tem unicamente como preceptor um prazer fácil.

A literatura não é uma arte particular, é uma luz adquirida sobre as belas-artes, freqüentemente luz enganadora. Homero foi um gênio, Zoile um literateiro. Corneille foi um gênio e um jornalista que fala sobre suas obras-primas é um homem de literatura. Não se distinguem as obras de um poeta, de um orador, de um historiador pelo vago termo literatura, embora seus autores possam demonstrar um conhecimento muito variado e possuir tudo o que entendemos pelo termo letras. Racine, Boileau, Bossuet, Fénelon, que tinham muito mais literatura do que seus críticos, seriam mal definidos se fossem expressamente chamados gente de letras, literateiros. Assim como não nos limitaríamos a dizer que Newton e Locke são pessoas de espírito.

Pode-se ter literatura sem se ser o que chamamos *um sábio*. Todo aquele que tiver lido com proveito os principais autores latinos na sua língua materna possui literatura, mas o saber pede estudos mais vastos e mais aprofundados. Não seria bastante dizer que o *Dicionário* de Bayle é uma coleção de literatura. Não seria bastante dizer que é uma obra muito sábia porque o caráter distintivo e superior deste livro é uma dialética profunda, e, se não fosse um dicionário de raciocínio mais do que de fatos e de observações, na maior parte inúteis, não teria a reputação tão justamente adquirida e que conservará para sempre. Forma literateiros mas está acima deles.

Chamamos de bela literatura aquela que se atém aos objetos possuidores de *beleza:* a poesia, a eloqüência, a história bem escrita. A simples crítica, a polimatia, as diversas interpretações dos autores, os sentimentos dos antigos filósofos, a cronologia não são belas literaturas, são *sem beleza*. Os homens convieram chamar *belo* todo objeto que inspira sem esforços sentimentos agradáveis. Aquilo que é somente exato, difícil e útil não pode pretender ser belo. Assim, não se diz: um belo escólio, uma bela crítica, uma bela discussão, como se diz um belo trecho de Virgílio, Horácio, Cícero, Bossuet, Racine, Pascal. Uma dissertação bem feita, tão elegante quanto exata e que espalha flores sobre um objeto espinhoso também pode ser chamada um belo trecho de literatura, embora numa categoria muito subordinada às obras de gênio.

Entre as artes liberais, que chamamos belas-artes, justamente porque deixam de ser arte quando não possuem beleza ou não atendem à grande finalidade de agradar, há muitas que não são o objeto da literatura, tais como a pintura, a arquiteura, a música, etc. Estas artes por si próprias não têm relação com as letras, com a arte de exprimir pensamentos. Assim a expressão *obra literária* não convém a um livro que ensina arquitetura ou música, fortificações, castramentação, etc., porque são obras técnicas. Porém, quando se escreve a história destas artes . . .

*Loucura

O que é a loucura? É possuir pensamentos incoerentes e conduzir-se da mesma forma. Se o mais sábio dos homens quiser conhecer a loucura, que reflita sobre o curso de suas idéias durante seus sonhos. Se durante a noite sua digestão é difícil, mil idéias incoerentes o agitam. Se comermos muito ou se fizermos má escolha de alimentos, a natureza parece punir-nos dando-nos pensamentos durante o sono, pois só pensamos dormindo se estivermos com má digestão. Os sonhos inquietos são realmente uma loucura passageira.

A loucura na vigília é uma doença que impede necessariamente um homem de pensar e de agir como os outros. Se não puder gerir seus bens, a gerência lhe será proibida. Se não puder ter idéias convenientes à sociedade, será excluído do convívio. Se for perigoso, será encarcerado; se furioso, amarrado. Algumas vezes será curado com banhos, sangria e regime.

Tal homem não está privado de idéias: está de posse delas como todos os outros na vigília e freqüentemente no sono. Pode-se perguntar como sua alma espiritual, imortal, alojada no seu cérebro, recebendo pelos sentidos idéias muito claras e distintas, entretanto nunca julga corretamente. Vê os objetos como eram vistos pela alma de Aristóteles e de Platão, de Locke e de Newton. Escuta os mesmos sons, tem o mesmo sentido do tato. Como, então, recebendo as mesmas percepções que os mais sábios experimentam, não pode deixar de reuni-las de modo extravagante?

Se essa substância simples e eterna conta para suas ações com os mesmos instrumentos que as almas dos cérebros mais sábios, deve raciocinar como eles. Quem pode impedi-la? Concebo, reunindo todas as minhas forças, que, se um louco vê vermelho e os sábios azul, se quando os sábios escutam música o louco escuta o relinchar de um asno, se quando estão no sermão o louco acredita estar na comédia, se quando escutam sim ele escuta não, então sua alma deve pensar às avessas com relação às outras. Porém, o louco tem as mesmas percepções que eles. Não há nenhuma razão aparente que explique por que sua alma, tendo recebido pelos sentidos todos os instrumentos, não possa usá-los. É pura, diz-se, não está sujeita por si mesma a nenhuma enfermidade. Está provida de todos os recursos necessários e, não importa o que se passe em seu corpo, nada pode mudar sua essência. Entretanto, levamo-la no seu estojo para o hospício.

Essa reflexão pode fazer-nos suspeitar de que a faculdade de pensar, dada por Deus ao homem, está sujeita ao desarranjo como os outros sentidos. Um louco é um doente cujo cérebro padece, como o gotoso é aquele que sofre dos pés e das mãos. Pensa com o cérebro como caminha com os pés, sem, contudo, conhecer seu poder incompreensível de andar e seu poder, não menos incompreensível, de pensar. Tem-se gota no cérebro como nos pés. Enfim, após mil raciocínios, talvez somente a fé possa convencer-nos de que uma substância simples e imaterial possa ficar doente.

Os doutos ou os doutores dirão ao louco: "Meu amigo, embora tenhas perdido o senso comum, tua alma é tão espiritual, tão pura, tão imortal quanto a nossa. Porém, nossa alma está bem alojada e a tua mal. As janelas da casa estão fechadas para ela, falta-lhe ar, sufoca". O louco, nos seus bons momentos, responder-lhes-ia: "Meus amigos, como de hábito, estais supondo justamente o que está em questão. Minhas janelas estão bem abertas como as vossas, já que vejo os mesmos objetos e que escuto as mesmas palavras. Portanto, é preciso necessariamente que minha alma faça um mau uso dos seus sentidos ou que ela mesma seja um sentido vicioso, uma qualidade depravada. Em uma palavra: ou minha alma é louca por si própria, ou não a tenho".

Um dos doutores poderá responder: "Meu confrade, Deus talvez tenha criado almas loucas como criou almas sábias". O louco responderá: "Se acreditasse no que me dizeis, seria ainda mais louco do que sou. Vós, que tanto sabeis, por favor dizei-me por que sou louco".

Se os doutores tiverem ainda um pouco de senso, responder-lhe-ão: "Não sabemos". Não compreenderão por que um cérebro tem idéias incoerentes, não compreenderão também por que

um outro tem idéias regulares e conseqüentes. Acreditar-se-ão sábios, serão tão loucos quanto o louco.

Se um louco tiver um momento lúcido, dir-lhes-á: "Pobres mortais, que não podeis conhecer a causa de meu mal, nem curá-lo, tremeis pensando tornar-vos inteiramente semelhantes a mim e até ultrapassar-me. Não pertenceis a melhores casas do que o rei da França, Carlos VI, o rei da Inglaterra, Henrique VI, e o imperador Wenceslau, que perderam a faculdade do raciocínio no mesmo século. Não tendes mais espírito que Blaise Pascal, Jacques Abbadie e Jonathan Swift, que morreram loucos. O último, pelo menos, fundou para nós um hospital. Quereis que eu vos reserve um lugar?"

N.B. — Estou zangado porque Hipócrates prescreveu o sangue de burrico para a loucura, e ainda mais zangado porque o *Manual das Senhoras* diz que se cura a loucura tomando-se excrescências. Eis aí receitas divertidas. Até parecem inventadas pelos doentes.

M

Maldoso

Gritam-nos que a natureza humana é essencialmente perversa, que o homem nasceu filho do diabo e maldoso. Nada menos razoável; porque, meu amigo, quando me pregas que toda a gente nasceu perversa, advertes-me que também nasceste e que devo desconfiar de ti como de uma raposa ou de um crocodilo. "Oh!, de modo algum!", dizes-me, "eu regenerei-me, não sou herético nem infiel, pode-se confiar em mim." Mas o resto do gênero humano, que é herético ou o que tu chamas infiel, não passa, portanto, de uma reunião de monstros; e todas as vezes que falares a um luterano ou a um turco tens de estar seguro de que te roubarão e assassinarão, pois são filhos do diabo: nasceram maldosos; um não se regenerou e o outro degenerou. Seria muito mais razoável, muito mais belo, dizer aos homens: *Todos vós nascestes bons; vede como seria atroz corromper-se a pureza do vosso ser.* Teria sido preciso proceder com o gênero humano como se procede com todos os homens em particular. Se um cônego leva uma vida escandalosa, dizem-lhe: "Será possível que assim desonreis a dignidade de cônego?" A um homem de toga faz-se lembrar que tem a honra de ser conselheiro do rei e que deve dar o exemplo. Dizemos a um soldado para o encorajarmos: "Lembra-te que pertences ao regimento de Champanhe". Deveríamos dizer a cada indivíduo: "Lembra-te da tua dignidade de homem".

E, com efeito, tenha-se ou não essa dignidade, é sempre aí que se volta; pois, que quer dizer essa expressão tão freqüentemente usada por todos os povos, *volta a ti?* Se fosses filho do diabo, se a tua origem fosse criminosa, se o teu sangue fosse constituído por um licor infernal, a expressão *volta a ti* significaria: consulta, segue a tua natureza diabólica, sê impostor, ladrão, assassino, tal é a lei de teu pai.

O homem não é maldoso; torna-se mau, tal como se torna doente. Comparecem os médicos e dizem-lhe: "Haveis nascido doente". Por certo que estes médicos, digam o que disserem e façam o que fizerem, não o conseguirão curar se a doença é inerente à sua natureza; e tais raciocinadores são, eles próprios, doentes.

Reuni todas as crianças do universo. Vereis nelas tão-só inocência, doçura e temor; se houvessem nascido más, malfeitoras, cruéis, revelá-lo-iam por algum sinal, como as pequenas serpentes que procuram morder e os pequenos tigres que procuram despedaçar. Porém, a natureza, que não deu ao homem mais armas ofensivas do que aos pombos e aos coelhos, não poderia dar-lhe o instinto da destruição.

Portanto, o homem não nasceu mau. Mas por que razão tantos homens são infetados pela peste da maldade? É porque aqueles que os comandam, havendo apanhado a doença, transmitem-na ao resto dos homens, como uma mulher atacada pelo mal que Cristóvão Colombo trouxe da América espalha esse veneno dum extremo a outro da Europa. O primeiro dos ambiciosos corrompeu toda a terra.

Dir-me-eis que esse primeiro monstro desenvolveu o germe de orgulho, de rapina, de fraudes,

de crueldade, que existe em todos os homens. Confesso que, em geral, a maior parte dos nossos irmãos pode adquirir estas qualidades; mas pode dizer-se que toda a gente contém a febre pútrida, a pedra e cálculo, só porque toda a gente está exposta a contrai-las?

Há povos inteiros que não são maldosos: os filadelfianos, os banianos nunca mataram ninguém; os chineses, os povos da Turquia, do Laos, do Sião, do próprio Japão, não conhecem guerras desde há mais de cem anos. Dificilmente se assiste, em cada dez anos, a um desses grandes crimes que espantam a natureza humana, mesmo em cidades como Roma, Veneza, Paris, Londres, Amsterdam, onde, no entanto, a cupidez, mãe de todos os crimes, é extrema.

Se os homens fossem naturalmente maldosos, se todos nascessem submetidos a um ser tão maligno como infeliz que para se vingar do seu suplício lhes inspirasse os seus furores, veríamos todas as manhãs os maridos assassinados pelas mulheres e os pais pelos filhos, como, de madrugada, as galinhas estranguladas por uma fuinha que veio sugar-lhes o sangue.

Admitindo que existe um bilhão de homens sobre a terra, o que é muito, isso dá cerca de quinhentos milhões de mulheres que cozem, fiam, alimentam os filhos, mantêm limpa a casa ou a cabana e dizem um pouco de mal das vizinhas. Não vejo que grandes males estas pobres inocentes cometem sobre a terra. Nesse número de habitantes do globo, há, pelo menos, duzentos milhões de crianças que decerto não matam nem pilham, aproximadamente outros tantos velhos e doentes que não têm forças para isso. Restam-nos, no máximo, cem milhões de jovens robustos e capazes do crime. Entre esses cem milhões há noventa continuamente ocupados em forçar a terra, mercê de um trabalho prodigioso, a fornecer-lhes a alimentação e o vestuário; estes, nenhum tempo têm para fazer mal.

Nos restantes dez milhões estarão compreendidas as pessoas ociosas e de trato amável, que só desejam gozar a vida, docemente; os homens de talento, ocupados nas suas profissões; os magistrados, os padres, visivelmente interessados em levar uma vida pura, pelo menos na aparência. Como verdadeiros malvados, ficam-nos apenas alguns políticos, quer seculares, quer regulares, que aspiram sempre a perturbar o mundo, e alguns milhares de vagabundos que alugam os seus serviços a esses políticos. Ora, nunca chega a haver, ao mesmo tempo, um milhão de tais bestas ferozes empregadas; e nesse número conto os ladrões de estrada. Tendes, pois, no máximo, sobre a terra, e nas épocas mais tempestuosas, um homem sobre mil a que podemos chamar mau, e que nem sempre o é.

Assim, existe infinitamente menos maldade sobre a terra do que se diz e se supõe. Existe ainda demais, sem dúvida: assistimos a desgraças e a crimes horríveis; mas o prazer de nos lamentarmos e de exagerarmos é tão grande que, à menor arranhadela, clamamos que a terra se afoga em sangue. Fostes enganados, logo todos os homens são perjuros. Um espírito melancólico que sofreu uma injustiça vê o universo coberto de danados, tal como um jovem voluptuoso que ceia com a sua dama, depois da ópera, não imagina que existam desafortunados.

Matéria

Os sábios aos quais se pergunta o que é a alma respondem que não sabem. Se se lhes pergunta o que é matéria, dão a mesma resposta. Verdade seja que alguns professores e sobretudo alguns estudantes sabem perfeitamente tudo isso; e ao repetirem que a matéria é extensa e divisível acham que disseram tudo; porém, quando se lhes pede que nos digam o que é essa coisa extensa, ficam em embaraços. E de que são compostas essas partes? Os seus elementos são divisíveis? Nesta altura, calam-se ou falam muito, o que é igualmente suspeito. Esse ser quase desconhecido, a que se chama matéria, é eterno? Toda a Antiguidade o acreditou. Contém em si e por si a força ativa? Muitos filósofos o pensaram. Os que o negam terão o direito de o negarem? Vós ignorais qual é a natureza da matéria e nem por isso deixais de lhe recusar modos que participam da sua natureza; porque, enfim, uma vez que a matéria é, impõe-se que seja de certa maneira, que seja figurada, e, uma vez que é necessariamente figurada, será impossível que existam outros modos

adstritos à sua configuração? A matéria existe, vós não a conheceis senão através das vossas sensações. Ai de nós! Para que servem todas as sutilezas do espírito, desde que se raciocina? A geometria ensinou-nos muitas verdades, a metafísica pouquíssimas. Pesamos, medimos e decompomos a matéria; e, para além destas operações grosseiras, se queremos dar um passo, encontramos em nós a impotência e ante nós um abismo.

Por favor, perdoai ao universo inteiro que se enganou ao julgar que a matéria existe por si mesma. Poderia eu pensar de outra maneira? Como não imaginar que aquilo que é, sem sucessão, foi sempre? Se não fosse necessária a existência da matéria, por que existiria ela? E sendo necessário que ela existisse, por que não teria existido sempre? Nenhum axioma, em tempo algum, recebeu aceitação mais universal que este: *nada se faz de nada*. Com efeito, o contrário é incompreensível. O caos precede, em todos os povos, o arranjo do mundo que uma mão divina estabelece. A eternidade da matéria não prejudicou, em nenhum povo, o culto da Divindade. Nunca a religião se exasperou por um Deus eterno ser reconhecido como o senhor de uma matéria eterna. Temos hoje a sorte de saber, pela fé, que Deus tirou a matéria do nada; mas nenhuma nação conhecera semelhante dogma, ignorado pelos próprios judeus. O primeiro versículo do *Gênesis* diz que os deuses Eloim, e não Elói, fizeram o céu e a terra; não diz que o céu e a terra foram criados do nada.

Filon, que viveu durante a única época em que os judeus teriam atingido alguma erudição, afirma, no seu capítulo sobre a criação: "Deus, sendo bom por natureza, não cobiçou a substância, a matéria, que por si mesma nada tinha de bom, que por sua natureza nada tem senão inércia, confusão e desordem. Deus dignou-se torná-la boa, de má que era".

A idéia do caos destrinçado por um Deus encontra-se em todas as antigas teogonias. Hesíodo repetia o que todo o Oriente pensava, ao dizer na sua *Teogonia:* "O caos é o que existiu primeiro". Ovídio era o intérprete de todo o império romano, ao dizer:

"Sicubi dispositam, quisquis fuit ille deorum Congeriem secuit . . ." [92]

Portanto, a matéria era olhada entre as mãos de Deus como a argila sob a roda do oleiro, se é lícito servirmo-nos destas débeis imagens para exprimirmos o poder divino.

Sendo eterna, a matéria devia ter propriedades eternas, como a configuração, a força da inércia, o movimento e a divisibilidade. Mas esta divisibilidade é apenas a conseqüência do movimento, pois sem movimento nada se divide, se separa ou se compõe. Considerou-se, portanto, o movimento como essencial à matéria. O caos fora movimento confuso e o arranjo do universo um movimento regular imprimido a todos os corpos pelo senhor do mundo. Porém, como teria a matéria o movimento por si mesma? Tal como tem, segundo todos os antigos, a extensão e a impenetrabilidade.

Todavia, se não é possível conceber a matéria sem extensão, é possível concebê-la sem movimento. A isto respondia-se: "É impossível que a matéria não seja permeável; ora, sendo permeável, impõe-se que alguma coisa passe continuamente nos poros; para que serviriam passagens se nada por aí passasse?"

De réplica em réplica, nunca mais acabaríamos; o sistema da matéria eterna tem grandes dificuldades, como todos os sistemas. O da matéria formada do nada não é menos incompreensível. Há que admiti-lo e não nos gabarmos de haver resolvido o problema; a filosofia não dá conta de tudo. Quantas coisas incompreensíveis não somos obrigados a admitir, mesmo em geometria? É concebível que duas linhas se aproximem sempre e nunca se encontrem?

Na verdade, dir-vos-ão os geômetras: "As propriedades dos assíntotas foram-vos demonstradas; não podeis deixar de as admitir; mas a criação não é demonstrada: por que a admitis? Que dificuldade encontrais na crença, comum a toda a Antiguidade, da matéria eterna?" De outra

[92] "Se em alguma parte existe matéria organizada, quem quer que a tenha separado foi um deus." (N. do E.)

banda vos acometerá o teólogo, dizendo: "Se acreditais na matéria eterna tereis de reconhecer dois princípios, Deus e a matéria, e cais no erro de Zoroastro, de Manês".

Não responderemos coisa alguma aos geômetras porque esses senhores conhecem apenas as suas linhas, as suas superfícies e os seus sólidos. Mas ao teólogo podemos dizer: "Em que é que eu sou maniqueu? Eis aqui algumas pedras que o arquiteto não criou: com elas ergueu um edifício imenso: com isto, não estou a admitir dois arquitetos; as pedras em bruto obedeceram ao poder e ao gênio".

Felizmente, seja qual for o sistema que se adote, a moral não é prejudicada; pois, que importa que a matéria seja criada ou arranjada? Deus é igualmente o nosso senhor absoluto. Devemos ser virtuosos, tanto sobre um caos deslindado como sobre um caos criado do nada; quase nenhuma destas questões metafísicas influi sobre a conduta da vida: trata-se de disputas semelhantes aos discursos vãos que se proferem à mesa; depois do jantar, cada qual esquece o que disse e vai para onde o seu interesse ou o seu gosto o chama.

*Metafísica

Trans naturam, além da natureza. Mas o que está além da natureza é alguma coisa? Por natureza entende se, portanto, matéria e por metafísica o que não é matéria. Por exemplo, vosso raciocínio, que não é comprido nem largo, nem alto, nem sólido, nem pontiagudo. Ou então vossa alma, que desconheceis, e que produz vosso raciocínio. Os espíritos, de que sempre se falou e aos quais durante muito tempo se atribuiu um corpo tão tênue que já não era mais corpo, e dos quais, finalmente, se tirou qualquer vestígio de corpo e não se sabe mais o que lhes restou. A maneira como esses espíritos sentem sem ter o embaraço dos cinco sentidos, como pensam sem cabeça, como comunicam seus pensamentos sem palavras e sem signos.

Enfim, também é metafísica, Deus, que conhecemos por suas obras, mas que nosso orgulho quer definir: Deus, de quem sentimos o imenso poder: Deus, separado de nós por um abismo infinito e cuja nobreza ousamos sondar.

Poderíamos ainda acrescentar aos objetos da metafísica até mesmo os princípios da matemática, pontos sem extensão, linhas sem largura, superfícies sem profundidade, unidades divisíveis ao infinito, etc. O próprio Bayle acreditava que esses objetos eram seres de razão, mas são apenas efeitos de coisas materiais consideradas em suas massas, superfícies, larguras e comprimentos, e extremidades dessas larguras ou comprimentos. Todas as medidas são justas e demonstráveis e a metafísica nada tem a ver com a geometria.

É por isso que se pode ser metafísico sem ser geômetra. A metafísica é mais divertida; freqüentemente é o romance do espírito. Em geometria, pelo contrário, é preciso calcular, medir. É um embaraço contínuo, e muitos espíritos preferiram sonhar docemente do que se fatigar.

Milagres

Um milagre, segundo a energia da palavra, é uma coisa admirável. Neste sentido, tudo é milagre. A ordem prodigiosa da natureza, a rotação de cem milhões de globos em torno de um milhão de sóis, a ação da luz, a vida dos animais são outros tantos milagres perpétuos.

Segundo as idéias recebidas, designamos por *milagre* a violação destas leis divinas e eternas. Que haja um eclipse do Sol durante a lua cheia, que um morto faça a pé duas léguas de caminho transportando a cabeça nos braços, a isto chamamos milagre.

Muitos físicos sustentam que, neste sentido, não há milagres; eis os seus argumentos.

Um milagre é a violação das leis matemáticas, divinas, imutáveis, eternas. Basta este simples

enunciado para se ver que comporta uma contradição nos próprios termos. Uma lei não pode ser ao mesmo tempo imutável e violada. Mas, objetaram-lhes, posto que a lei é instituída por Deus, não poderá ser suspensa pelo seu autor? Têm eles a audácia de responder que não e que é impossível que um Ser infinitamente sábio tenha feito leis para as violar. Deus não poderia perturbar a sua máquina salvo para a fazer andar melhor, dizem; ora, é evidente que, sendo Deus, fez a sua imensa máquina tão perfeita quanto pôde: se visse que havia qualquer imperfeição resultante da imperfeição da matéria, remediá-la-ia desde o princípio; logo, Deus nunca modificará aí nada.

Além disso, Deus nada pode fazer sem razão; ora, que razão o levaria a desfigurar, durante algum tempo, a sua própria obra?

Fá-lo em benefício dos homens, replicam. Terá de ser pelo menos em benefício de todos os homens, respondem os físicos; pois é inconcebível que a natureza divina trabalhe para alguns homens em particular e não para todo o gênero humano; além de que o próprio gênero humano é bem pouca coisa; revela-se muito menos que um pequeno formigueiro, se o comparamos com todos os seres que enchem a imensidão. Ora, não será a mais absurda das loucuras imaginar que o Ser infinito transtorna, em benefício das três ou quatro centenas de formigas que vivem neste minúsculo montão de lodo, o eterno jogo das forças imensas que fazem mover todo o universo?

Suponhamos, porém, que Deus tenha querido distinguir um pequeno mundo de homens mediante favores particulares: precisaria para tanto modificar o que estabeleceu para todos os tempos e todos os lugares? Não necessita, por certo, de tal modificação, de tal inconstância, para favorecer as suas criaturas: os seus favores estão nas suas próprias leis. Tudo previu, tudo dispôs em vista delas; todas obedecem irrevogavelmente à força que, para todo o sempre, imprimiu na natureza.

Por que razão faria Deus um milagre? Para satisfazer determinado designio acerca de alguns seres vivos! Deus diria, portanto: "Não logrei preencher mediante o estabelecimento do universo, mediante os meus decretos divinos, mediante as minhas leis eternas, um certo designio; vou mudar as minhas idéias eternas, as minhas leis imutáveis, para tratar de executar o que não consegui com elas". Estaríamos perante uma confissão de fraqueza e não de poder. Eis o que seria, parece-nos, a mais inconcebível das contradições em Deus. Assim, pois, ousar supor a prática de milagres por Deus é realmente insultá-lo (se é que nomes podem insultar Deus), é dizer-lhe: "Sois um ser fraco e inconseqüente". Acreditar em milagres é um absurdo, equivale de certo modo a desonrar a Divindade.

Estes filósofos são atacados; afirmam-lhes: "Podeis exaltar a imutabilidade do Ser supremo, a eternidade das suas leis, a regularidade dos seus mundos infinitos; nem por isso o nosso pequeno monte de lama deixa de estar coberto de milagres; as histórias mostram-se tão cheias de prodígios como de acontecimentos naturais. As filhas do grande sacerdote Anius mudavam tudo o que queriam em trigo, em vinho ou em óleo; Atálida, filha de Mercúrio, ressuscitou muitas vezes; Esculápio ressuscitou Hipólito; Hércules arrancou Alceste à morte; Heres voltou ao mundo depois de haver passado quinze dias nos infernos; Rômulo e Remo nasceram do coabio de um deus e de uma vestal; o Palladium caiu do céu na cidade de Tróia; a cabeleira de Berenice tornou-se um montão de estrelas; a cabana de Baucis e Filêmon foi transformada num templo soberbo; a cabeça de Orfeu proferia oráculos depois da sua morte; as muralhas de Tebas construíram-se por si, ao som da flauta, na presença dos gregos; as curas operadas no templo de Esculápio eram inumeráveis, e temos ainda monumentos carregados com os nomes de testemunhas oculares dos milagres de Esculápio".

- Indicai-nos um povo em que não se tivesse operado prodígios incríveis, sobretudo durante os tempos em que mal se sabia ler e escrever.

A estas objeções respondem os filósofos rindo e encolhendo os ombros; mas os filósofos cristãos afirmam: "Nós acreditamos nos milagres operados no seio da nossa santa religião; acreditamos pela fé e não pela razão, que deve ficar muda. Temos uma crença firme e inteira nos milagres de Jesus Cristo e dos apóstolos, mas consenti que duvidemos um pouco de muitos outros; tende paciência, mas acerca, por exemplo, do que nos narra um homem simples a que foi dado o cognome de grande, forçoso nos é suspender os nossos juízos. Assegura-nos ele que um monge menor estava tão acostumado a fazer milagres, que o prior acabou por lhe proibir o exercício do

seu talento. O monge obedeceu: mas, vendo um pobre pedreiro a cair do alto de um telhado, hesitou entre o desejo de lhe salvar a vida e a santa obediência. Limitou-se a ordenar ao pedreiro que ficasse suspenso no ar até nova ordem e correu muito apressado a contar ao seu prior o estado das coisas. O prior deu-lhe a absolvição do pecado que cometera ao começar um milagre sem autorização e permitiu-lhe acabá-lo, contanto que ficasse por ali e não reincidisse. Concedemos aos filósofos que convém usar de certa desconfiança para com esta história.

Mas como ousaríeis negar, dizem-lhes, que São Gervásio e São Protásio apareceram em sonhos a Santo Ambrósio e lhe indicaram o sítio onde estavam as suas relíquias? E que Santo Ambrósio as desenterrou e que elas curaram um cego? Santo Agostinho estava nessa data em Milão, é ele que conta este milagre: *Imenso populo teste*,[93] diz na *Cidade de Deus*, Livro XXII. Eis um milagre dos bem verificados. Os filósofos afirmam que não acreditam em nada disto: que Gervásio e Protásio não apareceram a ninguém: que importa muito pouco ao gênero humano saber se ou não onde se encontram os restos das suas carcaças: que não concedem mais crédito a este milagre que ao de Vespasiano: que é um milagre inútil: que Deus nada faz de inútil: e que se mantêm firme nos seus princípios. O meu respeito por São Gervásio e São Protásio impede-me de partilhar a opinião destes filósofos; limito-me a dar conta da sua incredulidade. Ligam muita importância à passagem de Luciano que se encontra na *Morte de Peregrinus*. "Quando um trapaceiro hábil se torna cristão, pode ficar seguro de que fará fortuna". Porém, como Luciano é um autor profano, não deve gozar de qualquer autoridade entre nós.

Estes filósofos não são capazes de se resolver a dar crédito aos milagres operados no século II. Bem podem testemunhas oculares escrever que, sendo o bispo de Esmirna, São Policarpo, condenado à fogueira e lançado às chamas, ouviram uma voz do céu que clamava: "Coragem, Policarpo! Sê forte, mostra-te homem!"; que então as chamas do braseiro se afastaram do seu corpo e formaram um pavilhão de fogo à volta da cabeça e que do meio da fogueira saiu uma pomba: e que, por fim, não houve outro recurso senão cortar a cabeça de Policarpo. A isto respondem os incrédulos: "Para que tal milagre? Por que razão as chamas perderam a sua natureza e não perdeu a sua a acha do executor? De onde resulta que tantos mártires saiam sãos e salvos do azeite fervente e não possam resistir ao gume do gládio?" Respondem-lhes que tal é a vontade de Deus. Todavia, os filósofos gostariam de ter visto isto com os seus próprios olhos, antes de o acreditarem.

Os que fortificam os seus raciocínios com a ciência dir-vos-ão que os próprios Padres da Igreja confessaram muitas vezes que não se operavam mais milagres no seu tempo. São Crisóstomo afirma expressamente: "Os dons extraordinários do espírito eram atribuídos mesmo aos indignos porque então a Igreja tinha necessidade de milagres: mas hoje nem sequer são atribuídos aos dignos, porque a Igreja não tem precisão deles". Confessa em seguida que já não há ninguém que ressuscite os mortos nem sequer que cure os doentes.

O próprio Santo Agostinho, não obstante o milagre de Gervásio e de Protásio, diz na *Cidade de Deus*: "Por que razão não se fazem hoje os milagres que se faziam outrora?" E dá o mesmo motivo: "*Cur, inquiunt, nunc illa miracula quae praedicatis facta esse non fiunt? Possem quidem dicere necessaria prius fuisse quam crederet mundus, ad hoc ut crederet mundus*".[94]

Objetam os filósofos que Santo Agostinho, apesar de semelhante confissão, fala contudo de um velho sapateiro de Hipona que perdera o fato e fora orar à capela dos *vinte mártires*; de regresso, encontrou um peixe em cujo corpo havia um anel de ouro e o cozinheiro que fritara o peixe disse-lhe: "Eis o que os vinte mártires vos dão".

Ao que os filósofos respondem que nada há nesta história a contrariar as leis da natureza, que a física não é absolutamente nada afetada pelo fato de um peixe ter engolido um anel de ouro e por um cozinheiro dar esse anel a um sapateiro; que não há aí milagre algum.

Se lembrarem a esses filósofos que, segundo São Jerônimo, na sua *Vida do Eremita Paulo*,

[93] Diante de uma grande multidão por testemunha. (N. do E.)

[94] "Por que motivo, perguntam, não se realizam hoje os milagres que se faziam outrora? Poderia, sem dúvida, afirmar que eles foram necessários antes que o mundo cresse a fim de que o mundo cresse." (N. do E.)

este eremita teve várias conversas com sátiros e com faunos, que um corvo lhe trouxe todos os dias durante trinta anos metade de um pão que era todo o seu jantar e um pão inteiro no dia em que Santo Antônio o veio ver, podem os filósofos retorquir que também tudo isto em nada se opõe à física, que é possível que faunos e sátiros tenham existido e que em todo caso, sendo esta história pueril, nada apresenta de comum com os verdadeiros milagres do Salvador e seus apóstolos. Muitos bons cristãos combateram a história de São Simeão Estilita, escrita por Teodorrato. Muitos milagres que passam por autênticos na Igreja Grega foram postos em dúvida por numerosos latinos, tal como milagres latinos se tornaram suspeitos à Igreja Grega: vieram depois os protestantes que maltrataram fortemente os milagres de uma e outra Igreja.

Um sábio jesuíta[95] que pregou longo tempo nas Índias lamentou-se que nunca os seus confrades nem ele foram capazes de fazer um milagre. Xavier lamenta-se, em muitas das suas cartas, de não ser dotado para as línguas; e diz que está entre os japoneses como uma estátua muda. No entanto, os jesuítas escreveram que ele ressuscitara oito mortos: é muito; mas convém considerar que os ressuscitava a seis mil léguas daqui. Apareceram depois pessoas pretendendo que a abolição dos jesuítas em França é um milagre muito maior que os de Xavier e Inácio.

Como quer que seja, todos os cristãos concordam que os milagres de Jesus Cristo e dos apóstolos são de incontestável veracidade: mas que é lícito duvidar fortemente de alguns milagres ocorridos nos últimos tempos e que não tiveram autenticidade segura.

Seria desejável, por exemplo, para que um milagre beneficiasse de uma boa verificação, que fosse feito na presença da Academia das Ciências de Paris ou da Sociedade Real de Londres e da Faculdade de Medicina, com assistência de um destacamento do regimento da guarda para conter a multidão popular que poderia, com a sua indiscrição, impedir a operação milagrosa.

Perguntou-se um dia a um filósofo o que diria ele se visse o sol parar, quer dizer, se o movimento da Terra à volta desse astro cessasse, se todos os mortos ressuscitassem e se todas as montanhas fossem de companhia atirar-se ao mar, tudo isto para se provar uma verdade importante qualquer, a graça versátil por exemplo. "Que diria eu?" respondeu o filósofo. "Tornar-me-ia maniqueu: diria que há um princípio que desfaz o que o outro faz."

Moisés

Em vão numerosos sábios concluíram que o *Pentateuco* não pode ter sido escrito por Moisés.[96] Referem que, segundo as próprias Escrituras, está demonstrado que o primeiro exemplar conhecido foi encontrado no tempo do rei Josias e que esse único exemplar foi apresentado ao rei pelo secretário Safan. Ora, entre Moisés e este episódio do secretário Safan medeiam mil, cento

[95] Ospiniam, pág. 230. (N. do A.)

[96] Será que alguma vez houve um Moisés? Se um homem que comandava toda a natureza tivesse vivido entre os egípcios, acontecimentos tão prodigiosos não deveriam constituir a parte principal da história do Egito? Sanchoniathon, Manéthon, Megastenes e Heródoto não se referiam a eles? Josefo, o historiador, recolheu todos os testemunhos possíveis a favor dos judeus: não ousa afirmar que qualquer dos autores citados tenha proferido uma só palavra acerca dos milagres de Moisés. Como! O Nilo mudar-se ia em sangue, um anjo exterminaria todos os recém-nascidos no Egito, o mar abrir-se ia, as águas suspender-se-iam à esquerda e à direita, e nenhum autor viria a falar disto! E as nações esqueceriam esses prodígios; e só um pequeno povo de escravos bárbaros nos narrará estas histórias, milhares de anos após o acontecimento.
Quem é pois este Moisés, desconhecido por todo o mundo até a época em que, segundo se afirma, um dos Ptolomeus teve a curiosidade de mandar verter em grego escritos dos judeus? Há muitos séculos que as fábulas orientais atribuíam a Baco tudo o que os judeus dizem de Moisés. Baco transformara as águas em sangue, Baco operava diariamente milagres com a sua vara: todos estes fatos eram cantados nas orgias de Baco, antes que houvesse qualquer comércio com os judeus, antes de se saber tão somente se este pobre povo tinha livros. Não será extremamente verossímil que esse povo tão recente, errante durante tanto tempo, conhecido tão tarde, tão tarde estabelecido na Palestina, se apropriasse das fábulas fenícias ao mesmo tempo que se apropriava da língua fenícia, engrossando-as, como fazem todos os imitadores grosseiros? Um povo tão pobre, tão ignorante, tão alheio a todas as artes, poderia fazer mais do que copiar os vizinhos? Pois não se sabe que até os nomes de *Adonai*, de *Ihaho*, de *Elói* ou de *Eloá*, que significam Deus entre a nação judaica, são como tudo o mais, de origem fenícia? (Nota acrescentada por Voltaire na edição Varberg, de 1765, em que constituía as duas primeiras questões que precediam a quinta alínea.) (N. dos T.)

é sessenta e sete anos, pelo cômputo hebraico. Com efeito, Deus apareceu a Moisés na sarça ardente no ano do mundo 2213 e o secretário Safan publicou o livro da lei no ano do mundo 3380. Este livro, encontrado no tempo de Josias, foi desconhecido até o regresso do cativeiro da Babilônia e afirma-se que coube a Esdras, inspirado de Deus, a divulgação de todas as Sagradas Escrituras.

Mas que o redator do livro tenha sido Esdras ou qualquer outro, eis o que é indiferente, uma vez que o livro foi inspirado. Não se diz no *Pentateuco* que Moisés seja o seu autor; seria pois lícito atribuí-lo a outro homem a quem o Espírito Santo o teria ditado, se a Igreja não houvesse decidido que o livro é de Moisés.

Alguns contraditores acrescentam que nenhum profeta citou os livros do Pentateuco, nem há referências a seu respeito quer nos salmos, quer nos livros atribuídos a Salomão, quer em Jeremias, quer em Isaías, quer enfim em qualquer livro canônico dos judeus. As palavras que correspondem a *Gênesis, Êxodo, Números* e *Deuteronômio* não se encontram em qualquer outro escrito por eles reconhecido como autêntico.

Outros mais audaciosos formularam as seguintes perguntas:

1.º — Em que língua teria escrito Moisés, num deserto selvagem? Não podia ser senão em egípcio, pois pelo próprio livro se verifica que Moisés e todo o seu povo tinham nascido no Egito. É provável que não falassem outra língua. Os egípcios não se serviam ainda do papiro, gravavam hieróglifos sobre mármore ou sobre madeira. Afirma-se mesmo que as tábuas dos mandamentos foram gravadas sobre pedra. Seria portanto necessário gravar cinco volumes em pedras polidas, o que exigia esforços e um tempo prodigioso.

2.º — É verossímil que, em um deserto onde o povo judeu não dispunha de sapateiros nem de alfaiates e onde o Deus do universo era obrigado à prática de um milagre continuado para conservar os velhos trajes e os velhos sapatos dos judeus, se encontrassem homens suficientemente hábeis para gravar os cinco livros do Pentateuco, sobre madeira? Dir-se-á que foram encontrados artífices que fizeram um bezerro de ouro numa noite e que, depois, reduziram o ouro a pó, operação impossível à química comum, ainda não inventada; que construíram o tabernáculo, que o ornaram com trinta e quatro colunas de bronze, com os capitéis em prata; que urdiram e bordaram véus de linho, de jacinto, de púrpura e de escarlate: isto, porém, só robustece a opinião dos contraditores. Respondem estes que não era possível num deserto onde tudo faltava fazerem-se obras tão requintadas; que teria sido preciso começar por se fazerem sapatos e túnicas; que os que não têm o necessário não se inclinam para o luxo; e que é uma contradição afirmar-se que existiam fundidores, gravadores e bordadores, quando não havia trajes nem pão.

3.º — Se Moisés houvesse escrito o primeiro capítulo teria havido tão pouco respeito pelo legislador? Se fosse Moisés a ter dito que Deus pune a iniqüidade dos pais até a quarta geração, ousaria Ezequiel dizer o contrário?

4.º — Se Moisés houvesse escrito o Levítico, poderia contradizer-se no Deuteronômio? O Levítico proíbe que se espose a mulher do irmão, o Deuteronômio ordena-o.

5.º — Ter-se-ia Moisés referido, nesse livro, a cidades que não existiam no seu tempo? Teria dito que as cidades que relativamente a ela estavam a oriente do Jordão, ficavam a ocidente?

6.º — Teria atribuído quarenta e oito cidades aos levitas num país onde nunca houve dez cidades e num deserto onde sempre errou sem dispor de uma casa?

7.º — Teria prescrito regras para os reis judeus, quando os reis eram não só inexistentes entre este povo mas ainda objeto do seu horror e não era provável que alguma vez existissem? Como! Moisés teria estabelecido preceitos para a conduta de reis que só vieram quinhentos anos depois e nada diria com respeito aos juízes e pontífices que lhe sucederam? Esta reflexão não levará a admitir-se que o Pentateuco foi composto no tempo dos reis e que as cerimônias instituídas por Moisés não eram senão tradições?

8.º — Como poderia ter acontecido que Moisés houvesse declarado aos judeus: "Fiz com que saísseis, em número de seiscentos mil combatentes, da terra do Egito sob a proteção do vosso Deus"? Não lhe teriam respondido os judeus: "É preciso que fosse muito grande a vossa timidez para que não nos tivésseis guiado contra o faraó do Egito: ele não podia opor-nos nem um exército de duzentos mil homens. Nunca o Egito teve tantos soldados em pé de guerra; teríamos venci-

do os egípcios sem dificuldades, seríamos os senhores do seu país. Como assim! O Deus que vos fala degolou, para nos agradar, todos os recém-nascidos do Egito, o que, se houver nesse país trezentas mil famílias, dá trezentos mil homens mortos em uma noite como nossa vingança, e nós não secundamos o vosso Deus! E vós não nos haveis oferecido esse país fértil que nada podia defender! Vós fizestes com que saíssemos do Egito como ladrões e covardes, para perecermos nos desertos, entre precipícios e montanhas! Vós poderíeis, ao menos, conduzir-nos pelo caminho direto a essa terra de Canaã, sobre a qual não temos direito algum, que nos haveis prometido e onde ainda não pudemos entrar".

"Era natural que da terra de Gessen seguíssemos para Tiro e Sidon, ao longo do Mediterrâneo; mas vós fizestes com que atravessássemos quase todo o istmo do Suez; fizestes com que reentrássemos no Egito, remontássemos até para lá de Mênfis, e encontramo-nos em Beel-Séfon, nas margens do mar Vermelho, virando as costas à terra de Canaã, tendo andado oitenta léguas neste Egito que desejaríamos evitar e prestes a perecer entre o mar e o exército do faraó!

"Se quiséssemos entregar nos aos nossos inimigos, teríeis tomado outro caminho e outras medidas? Deus salvou-nos por milagre, dizeis; o mar abriu-se para nos deixar passar; mas, após semelhante favor, seria preciso fazer-nos morrer de fome e de fadiga nos desertos horríveis de Etham, de Cadés-Barné, de Mara, de Elim, de Horeb e do Sinai? Os nossos pais morreram todos nessas solidões pavorosas e vindes dizer-nos, ao cabo de quarenta anos, que Deus teve cuidados particulares com os nossos pais!"

Eis o que esses judeus murmuradores, esses filhos injustos de judeus vagabundos, mortos nos desertos, teriam podido dizer a Moisés se este lhes houvesse lido o Êxodo e o Gênesis. E o que não teriam podido dizer e fazer a propósito do bezerro de ouro? "O quê! Vós ousais contar nos que o vosso irmão fez um bezerro para os nossos pais, vós que nos dizeis, ora que haveis falado com Deus cara a cara, ora que não haveis podido vê-lo senão de costas! Mas, enfim, vós estáveis com esse Deus e vosso irmão trata de fundir num só dia um bezerro de ouro que nos dá para que o adoremos; e vós, em vez de punirdes o vosso indigno irmão, vindes a nomeá-lo nosso pontífice e mandais os vossos levitas degolarem vinte e três mil homens do vosso povo? Tê-lo-íam suportado os nossos pais? Ter-se iam deixado agredir como vítimas por sacerdotes sanguinários? Vós dizeis que, não contente com essa carnificina inacreditável, haveis ainda feito massacrar vinte e quatro mil dos vossos pobres seguidores, porque um deles dormira com uma madianita, ao passo que vós mesmo haveis desposado uma madianita; e acrescentais que sois o mais benévolo de todos os homens! Mais algumas manifestações dessa benevolência e não restaria ninguém.

"Não, se houvésseis sido capaz de semelhante crueldade, se a houvésseis podido executar, seríeis o mais bárbaro de todos os homens e não chegariam todos os suplícios para expiação de tão estranho crime."

Tais são, pouco mais ou menos, as objeções formuladas pelos sábios àqueles que pensam que Moisés é o autor do Pentateuco. No entanto, respondem-lhes que os caminhos de Deus não são os dos homens; que Deus experimentou, conduziu e abandonou o seu povo com uma sabedoria que nos é desconhecida; que os próprios judeus acreditam, desde há mais de dois mil anos, que Moisés é o autor desses livros; que a Igreja, que sucedeu à Sinagoga e é infalível tal qual esta, decidiu este ponto de controvérsia e que os sábios devem calar-se quando a Igreja fala.

Moral

Acabo de ler estas palavras numa declaração em catorze volumes, intitulada *História do Baixo Império*:

"Os cristãos tinham uma moral; os pagãos, porém, não tinham moral alguma".

Ah! senhor le Beau, autor destes catorze volumes, onde foi aprender semelhante parvoíce? O que é então a moral de Sócrates, de Zaleucus, de Charondas, de Cícero, de Epicteto, de Marco Antônio?

Não há senão uma moral, senhor le Beau, tal como não há senão uma geometria. Mas, dir-

me-ão, a maior parte dos homens ignora a geometria. É certo; contudo, desde que as pessoas se apliquem um pouco no seu estudo, todas se põem de acordo. Os agricultores, os operários, os artesãos nunca freqüentaram cursos de moral; não leram os *De Finibus* de Cícero, nem as *Éticas* de Aristóteles; todavia, contanto que reflitam, são, sem o saberem, discípulos de Cícero: o tintureiro indiano, o pastor tártaro e o marujo inglês conhecem o justo e o injusto. Confúcio não inventou um sistema de moral tal como se edifica um sistema de física. Encontrou-o no coração de todos os homens.

Esta moral estava no coração do pretor Festus quando os judeus o instaram a que fizesse morrer Paulo, que trouxera estrangeiros ao seu templo. "Sabei", disse lhes, "que nunca os romanos condenam pessoa alguma sem a ouvirem."

Se os judeus careciam de moral ou faltavam à moral, os romanos conheciam na e prestavam-lhe homenagem.

A moral não reside na superstição, não reside nos cerimoniais, nada tem de comum com os dogmas. Nunca será demais repetir que todos os dogmas são diferentes e que a moral é a mesma em todos os homens que usam a razão. Assim, a moral vem de Deus, como a luz. As nossas superstições são apenas trevas. Leitor, reflete: ouve esta verdade; tira as tuas conseqüências.

*Mulher

Físico e Moral

Em geral é mais fraca do que o homem, menor, menos capaz de longos trabalhos; seu sangue é mais aquoso, sua carne mais compacta, seus cabelos mais longos, seus membros mais arredondados, os braços menos musculosos, a boca menor, as nádegas mais salientes, as ancas mais afastadas, o ventre maior. Esses caracteres distinguem as mulheres em toda a Terra, em todas as espécies, desde a Lapônia até as costas da Guiné, na América como na China.

Plutarco, no terceiro livro das *Palestras a Respeito da Mesa*, pretende que o vinho não as embebeda tão facilmente como aos homens e eis a razão que apresenta daquilo que não é verdadeiro. Sirvo-me da tradução de Amyot.

"A temperatura natural das mulheres é muito úmida e, com as purgações menstruais, sua camadura torna-se muito suave, lisa e brilhante. Portanto, quando o vinho cai numa umidade tão grande, encontrando-se vencido, perde sua cor e força, torna-se descolorido e aguado. A esse respeito, podemos usar as palavras do próprio Aristóteles, pois diz que os que bebem em grandes sorvos sem tomar fôlego (o que os antigos chamavam *amusiten)* não se embriagam tão facilmente, porque o vinho não permanece muito tempo em seus corpos. Sendo pressionado e empurrado à força, atravessa-os inteiramente. Ora, é muito comum vermos as mulheres beberem assim e se é verossímil que seus corpos, por causa da contínua atração dos humores, feita pelo nível inferior para suas purgações menstruais, estão cheios de muitos condutos e atravessados por muitos tubos e canais por onde o vinho sai rápida e facilmente ao cair, então não pode fixar-se nas partes nobres e principais que são justamente aquelas que quando perturbadas levam à embriaguez."

Esta física é bem digna dos antigos.

As mulheres vivem um pouco mais do que os homens, isto é, numa geração encontram-se mais velhas do que velhos, como foi observado na Europa por todos os que fizeram levantamentos exatos dos nascimentos e das mortes. Deve-se acreditar que o mesmo aconteça na Ásia, bem como entre os negros, os vermelhos, os acinzentados. *Natura est semper sibi consona.*[97]

Num extrato de um *Diário da China*, datado de 1725, conta-se que a mulher do Imperador Yong-Tching, fazendo liberalidades às pobres mulheres chinesas que ultrapassassem setenta anos, contaram-se, só na província de Cantão, entre as que receberam presentes, 98 220 mulheres de setenta anos completos, 40 893 com mais de oitenta anos e 3 453 de aproximadamente cem anos. Os que amam as causas finais dizem que a natureza dá-lhes uma vida mais longa

[97] "A natureza está sempre de acordo consigo mesma." (N. do E.)

do que aos homens para recompensá-las das penas de transportar os filhos nove meses, de pô-los no mundo e de nutri-los. Não é de se acreditar que a natureza dê recompensas, mas é provável que as fibras das mulheres se endureçam mais lentamente porque seu sangue é mais suave.

Nenhum anatomista, nenhum médico jamais pôde conhecer a maneira como concebem. Sanchez em vão assegurou: *Mariam et Spiritum sanctum emisisse semen in copulatione, et ex semine amborum natum esse Jesum.*[98] Esta impertinência abominável de Sanchez, aliás muito sábio, não é adotada hoje por nenhum naturalista.

As periódicas emissões de sangue que sempre enfraquecem as mulheres nessa época, as doenças provenientes da menopausa, o tempo de gravidez, a necessidade de amamentar e velar continuamente sobre as crianças, a delicadeza de seus membros as tornam impróprias para as fadigas da guerra e para o furor dos combates. É verdade, como já dissemos, que vimos em todos os tempos e em quase todos os países mulheres a quem a natureza deu coragem e força extraordinárias, que combateram com os homens e que sustentaram trabalhos prodigiosos. Contudo, esses exemplos são raros.

O físico governa sempre o moral. As mulheres sendo mais fracas de corpo do que nós, tendo mais destreza nos seus dedos, muito mais ágeis do que os nossos, não podendo trabalhar nas obras penosas de construção, de carpintaria, de metalurgia, da lavoura, estando necessariamente encarregadas dos pequenos trabalhos mais leves no interior da casa e sobretudo do cuidado das crianças, e levando uma vida mais sedentária, devem ter o caráter mais doce do que a raça masculina e quase desconhecer os grandes crimes. Isso é tão verdadeiro, que em todos os países policiados há uma mulher para cada cinqüenta homens executados.

No seu *Do Espírito das Leis*, Montesquieu promete falar da condição das mulheres nos diversos tipos de governo. Afirma que "entre os gregos as mulheres não eram encaradas como dignas de participar do verdadeiro amor, e que o amor tinha entre eles apenas uma forma que não ouso dizer". Como garantia, cita Plutarco.

É um engano perdoável apenas num espírito como o de Montesquieu, sempre levado pela rapidez de suas idéias, freqüentemente incoerentes.

Plutarco, no seu capítulo sobre o "Amor", introduz vários interlocutores. E ele próprio, sob o nome de Dafneus, refuta com veemência os discursos de Protógenes a favor do deboche dos rapazes.

Nesse mesmo diálogo chega até a dizer que o amor das mulheres tem algo divino, compara o ao sol que anima a natureza. Coloca a maior felicidade no amor conjugal e termina pelo elogio magnífico da virtude de Eponina, cuja aventura memorável se passou sob os próprios olhos de Plutarco, quando viveu algum tempo na casa de Vespasiano. Essa heroína, tomando conhecimento de que seu marido, Sabino, vencido pelas tropas do imperador, escondera-se numa profunda caverna entre o Franco-Condado e a Champanha, fechou-se ali também, teve filhos, serviu-o e nutriu-o durante muitos anos. Enfim, sendo presa com o marido, é levada a Vespasiano, espanta-o com a grandeza da sua coragem e lhe diz: "Vivi mais feliz nas trevas sob a terra do que tu à luz do sol no cimo do poder". Portanto, Plutarco diz precisamente o contrário do que Montesquieu afirma em seu nome. Sempre o vemos pronunciando-se a favor das mulheres com um entusiasmo muito tocante.

Não é espantoso que em todos os países o homem se tenha tornado senhor da mulher, pois tudo está fundamentado na força e normalmente ele apresenta uma superioridade muito grande tanto na força corporal como também na espiritual.

Vimos mulheres muito sábias, como também guerreiras, mas nunca houve inventoras.

O espírito de sociedade e de recreação habitualmente é seu quinhão. Falando de modo geral, parece que foi feita para suavizar os costumes dos homens.

Em nenhuma república participaram alguma vez do governo. Jamais reinaram nos países

[98] "Maria e o Espírito Santo emitiram o sêmen ao copular, e do sêmen de ambos nasceu Jesus." (N. do E.)

unicamente eletivos. Entretanto, reinam em quase todos os reinos hereditários da Europa: na Espanha, em Nápoles, na Inglaterra, em muitos Estados do Norte, e em muitos feudos que denominamos *femininos*.

O costume que se chama *lei sálica* excluiu-as do reinado da França, mas não, como diz Mezerai, porque fossem incapazes de governar, uma vez que quase sempre a regência lhes foi concedida.

Pretende-se que o Cardeal Mazarin admitia que muitas mulheres eram dignas de reger um reino e acrescentava que o grande perigo estava que se deixassem subjugar *por amantes incapazes de governar doze galinhas*. Entretanto, Isabel de Castilha, Isabel da Inglaterra, Maria Teresa da Hungria desmentiram o suposto chiste atribuído ao cardeal. E hoje vemos no Norte uma legisladora muito respeitada, enquanto os soberanos da Grécia, da Ásia Menor, da Síria e do Egito são pouco estimados.

Entre os maometanos a ignorância pretendeu durante muito tempo que a mulher é escrava durante toda a sua vida, e que após sua morte não vai para o paraíso. São dois grandes erros, como aliás sempre se comete quando se fala do maometismo. As esposas não são escravas. O sura ou o capítulo IV do Corão lhes consignam uma dotação. Uma moça deve ter metade do bem que herda seu irmão. Se houver apenas moças, repartem entre si dois terços da herança e o resto pertence aos parentes do morto: cada uma das duas linhas terá uma sexta parte, e a mãe do morto tem também direito à sucessão. As esposas são tão pouco escravas, que têm permissão para pedir o divórcio, que lhes é concedido quando suas queixas são julgadas legítimas.

Não é permitido aos muçulmanos desposar sua cunhada, sua sobrinha, sua irmã de leite, sua enteada criada sob a guarda de sua esposa. Não é permitido desposar duas irmãs. Nisso são bem mais severos do que os cristãos que, no entanto, todos os dias compram em Roma o direito de contratar casamentos que poderiam fazer "grátis".

Poligamia

Maomé reduziu a quatro o número ilimitado de esposas. Mas, como é preciso ser extremamente rico para sustentar quatro mulheres de acordo com sua condição, somente os maiores senhores podem usar um tal privilégio. Assim, nos Estados muçulmanos a pluralidade de mulheres não faz o mal que tão freqüentemente reprovamos, e não os despovoa, como se repete todos os dias em tantos livros escritos ao acaso.

Os judeus, por um antigo uso estabelecido conforme seus livros, desde Lamich tiveram sempre a liberdade de possuir de uma só vez várias mulheres. Davi teve dezoito. Foi depois dessa época que os rabinos estabeleceram tal número para a poligamia dos reis, embora se diga que Salomão chegou a ter setecentas.

Atualmente, os maometanos não concedem publicamente aos judeus o direito à pluralidade de mulheres: não os crêem dignos dessa vantagem. Entretanto, o dinheiro, sempre mais forte do que a lei, dá algumas vezes aos judeus que são ricos, na África e no Oriente, a permissão que a lei recusa.

Conta-se seriamente que Lélio Cina, tribuno do povo, publicou após a morte de César que o ditador teria querido promulgar uma lei dando às mulheres o direito de terem tantos maridos quantos quisessem. Todo homem sensato há de ver que se trata de um conto popular e ridículo, inventado para tornar César odioso. Assemelha-se a um outro conto onde um senador romano teria proposto ao Senado que desse a César a permissão para dormir com todas as mulheres que quisesse. Inépcias semelhantes desonram a história e fazem mal ao espírito dos que nelas crêem. É triste que Montesquieu tenha dado crédito a essa fábula.

Por outro lado, o Imperador Valentiniano I, dizendo-se cristão, desposou Justina, ainda estando viva sua primeira mulher, Severa, mãe do imperador Graciano, só por ser muito rico, podendo, então, manter várias mulheres.

Na primeira raça dos reis francos, Gontrão, Chereberto, Sigberto, Childerico tiveram muitas

mulheres de uma só vez. Gontrão teve no seu palácio Veneranda, Mercatrude e Ostrogila, reconhecidas como mulheres legítimas. Chereberto teve Mesofleda, Marcovesa e Teodopila.

É difícil conceber como o ex-jesuíta Nonoto pôde, na sua ignorância, forçar a ousadia até negar esses fatos e dizer que os reis dessa primeira raça não foram polígamos, chegando a desfigurar num libelo em dois volumes mais de cem verdades históricas com a confiança de um regente que dita lições num colégio. Livros nesse gosto não deixam de ser vendidos algum tempo nas províncias onde os jesuítas têm ainda um partido. Seduzem também algumas pessoas pouco instruídas.

O Padre Daniel, mais sapiente, mais judicioso, confessa sem nenhuma dificuldade a poligamia dos reis francos. Não nega as três mulheres de Dagoberto I, diz expressamente que Teodoberto esposa Deutéria, embora tivesse uma outra mulher chamada Visigala, e Deutéria tivesse um marido. Acrescenta que imitou seu tio Clotário, que desposou a viúva de Clodomiro, seu irmão, embora já tivesse três mulheres.

Todos os historiadores admitem a mesma coisa. Como, após todos esses testemunhos, suportar a imprudência de um ignorante que discursa como mestre, e que ousa dizer que fala bobagens tão grandes em defesa da religião? Como se se tratasse de nossa religião venerável e sagrada num ponto de história usado por caluniadores desprezíveis para suas imposturas ineptas!

Da poligamia permitida por alguns papas e por alguns reformadores

O Abade de Fleury, autor da *História Eclesiástica*, faz mais justiça à verdade no concernente a todas as leis e usos da Igreja. Admite que Bonifácio, apóstolo da Baixa Alemanha, tendo consultado o Papa Gregório no ano de 726, para saber em quais casos um marido pode ter duas mulheres, Gregório II respondeu-lhe, a 22 de novembro do mesmo ano, as seguintes palavras: "Se uma mulher for atacada de moléstia que a torne imprópria ao dever conjugal, o marido pode casar com uma outra, porém deve dar à mulher doente o socorro necessário". Esta decisão parece de conformidade com a razão e com a política, pois favorece a população, objeto do casamento.

Mas o que não parece conforme à razão, nem à política, nem à natureza, é a lei que reza que uma mulher, separada de corpo e bens de seu marido, não possa ter um outro esposo, nem o marido, uma outra mulher. É evidente que é uma estirpe perdida para o povo e que se este esposo e esta esposa separados tiverem um temperamento indomável estarão necessariamente expostos e forçados a pecados contínuos cuja responsabilidade perante Deus deve recair sobre os legisladores, se . . .

As decretais do papa nem sempre tiveram por objeto o que é conveniente para o bem dos Estados e para o dos particulares. Essa mesma decretal do papa Gregório II, permitindo em certos casos a bigamia, priva para sempre da sociedade conjugal meninos e meninas consagrados por seus pais à Igreja, na mais tenra idade. Essa lei parece tão bárbara quanto injusta. Aniquila de uma vez as famílias. Força a vontade dos homens antes que tenham uma vontade. Forma para sempre crianças escravas de um voto que não fizeram. Destrói a liberdade natural. Ofende a Deus e ao gênero humano.

A poligamia de Filipe, landgrave de Hesse, na comunhão luterana, em 1539, é bastante pública. Conheci um dos soberanos do Império da Alemanha cujo pai, desposando uma luterana, teve permissão do papa para casar-se com uma católica e conservou suas duas mulheres.

É público na Inglaterra, e se quis em vão negá-lo, que o Chanceler Cooper desposou duas mulheres que viveram juntas em sua casa numa singular concórdia honrosa para os três. Muitos curiosos possuem ainda o livrinho que o chanceler compôs a favor da poligamia.

É preciso desconfiar dos autores que relatam que em alguns países as leis permitem às mulheres ter vários maridos. Os homens, que em todos os lugares fizeram as leis, nasceram com muito amor próprio, são muito ciumentos da sua autoridade, em geral têm um temperamento muito mais ardente do que o das mulheres, de modo que dificilmente teriam imaginado tal jurisprudência. O que não está conforme ao procedimento comum da natureza raramente é verdadeiro; mas é muito comum, sobretudo nos antigos viajantes, tomar um abuso por uma lei.

O autor de *Do Espírito das Leis* pretende que na costa do Malabar, na costa do Nairos os homens só podem ter uma mulher e que, ao contrário, uma mulher pode ter vários maridos. Cita

autores suspeitos e sobretudo Picard. Só se deveria falar desses costumes estranhos quando se tivesse sido por muito tempo testemunha ocular. Caso contrário, sempre se deve fazer menção, mas duvidando. Qual, porém, o espírito vivo que saiba duvidar?

O mesmo autor diz ainda que a lubricidade das mulheres em Pátano é tão grande, que os homens são constrangidos a confeccionar certas guarnições para se protegerem de suas empreitadas.

A testemunha de Montesquieu nunca foi a Pátano. O Sr. Linquet observa muito judiciosamente que aqueles que imprimiram esse conto eram viajantes que se enganavam ou que queriam caçoar de seus leitores. Sejamos justos, amemos o verdadeiro, não nos deixemos seduzir, julguemos pelas coisas e não pelos nomes.

Seqüência das reflexões sobre a poligamia

Parece que o poder e não a convenção fez todas as leis, sobretudo no Oriente. Vimos ali os primeiros escravos, os primeiros eunucos, o tesouro do príncipe proveniente daquilo que se tomava do povo.

Quem pode vestir, nutrir e divertir várias mulheres coloca-as em seu viveiro e manda despoticamente.

Ben-Aboul-Kiba, em seu *Espelho dos Fiéis*, relata que um dos vizires do grande Solimão fez este discurso a um agente do grande Carlos V:

"Cão cristão, por quem tenho uma estima toda particular, podes bem reprovar-me por ter quatro mulheres segundo nossas santas leis, enquanto esvazias doze tonéis por ano sem que eu beba sequer um copo de vinho? Que bem fazes ao mundo passando mais horas à mesa do que eu no leito? Todos os anos posso dar quatro filhos para o serviço de meu augusto senhor e tu podes fornecer apenas um. E que é o filho de um bêbado? Seu cérebro será ofuscado pelos vapores do vinho que bebeu seu pai. Que queres que eu me torne quando duas de minhas mulheres estão menstruadas? Não é preciso que me sirva das duas outras assim como minha lei ordena? Que te tornas, que papel fazes nos últimos meses da gravidez de tua única mulher e durante suas menstruações e durante suas doenças? É preciso que permaneças numa ociosidade vergonhosa, ou que procures uma outra mulher. E assim fica jogado necessariamente entre dois pecados mortais que te farão, depois de morto, cair duro nos quintos dos infernos.

"Supondo que em nossas guerras contra os cães cristãos tenhamos perdido cem mil soldados, teremos cerca de cem mil mulheres a prover. Não cabe aos ricos tomar conta delas? Maldito seja todo muçulmano bastante morno para não abrigar em casa quatro belas mulheres como suas legítimas esposas e para não tratá-las segundo seus méritos.

"Em teu país, como fazem a trombeta do dia (que chamas de *galo*), o honesto carneiro, príncipe dos rebanhos, o touro, soberano das vacas? Cada um deles não possui seu serralho? Assenta-te muito bem reprovar minhas quatro mulheres, quando o grande profeta teve dezoito, Davi, o Judeu, a mesma quantidade, e Salomão, o Judeu, setecentas bem contadas e mais trezentas concubinas! Vede quão modesto sou. Cessa de reprovar a gulodice de um sábio que faz refeições tão medíocres. Permito-te beber, permite-me amar. Mudas de vinho, tolera que eu mude de mulheres. Que cada um deixe viver os outros à moda de seu país. Teu chapéu não foi feito para ditar leis ao meu turbante. Teu colarinho e teu casaquinho não devem ordenar ao meu dolimã. Acaba de tomar comigo teu café e vai acariciar tua alemã, já que estás reduzido a ela somente."

Resposta do alemão

"Cão muçulmano, por quem conservo uma profunda veneração, antes de acabar meu café, quero confundir teus ditos. Quem possui quatro mulheres possui quatro harpias, sempre prontas a se caluniarem, a se prejudicarem, a se baterem. O lar torna-se antro da Discórdia e nenhuma pode amar-te. Cada uma só dispõe de um quarto da tua pessoa e não te poderia dar mais do que um quarto de seu coração. Nenhuma pode tornar-te a vida agradável: são prisioneiras que, nunca tendo visto nada, nada podem dizer-te. Só conhecem a ti, por conseguinte tu as entedias. És seu senhor absoluto, portanto te odeiam. És obrigado a guardá-las por um eunuco que as chicoteia quando fazem muito barulho. Ousas comparar-te a um galo! Porém, nunca um galo mandou chi-

cotear suas galinhas por um capão. Toma teus exemplos dos animais, pareça-te com eles quanto quiseres. Quanto a mim, quero amar como homem, quero dar todo o meu coração e que me dêem o seu. Esta noite contarei nossa conversa a minha mulher e espero que fique contente. Quanto ao vinho que me reprovas, fica sabendo que, se é um mal beber na Arábia, é um hábito muito louvável na Alemanha. Adeus."

N

Necessário

OSMIN

Pois não dizeis que tudo é necessário?

SELIM

Se tudo não fosse necessário, resultaria que Deus teria feito coisas inúteis.

OSMIN

Quer dizer que seria necessário à natureza divina fazer tudo o que fez?

OSMIN

Assim o creio, ou, pelo menos, suspeito o. Há quem pense de outra maneira; não os escuto: talvez tenham razão. Temo as disputas sobre esta matéria.

OSMIN

Também quero falar-vos de um outro necessário.

SELIM

De qual? Daquilo que é necessário a um homem honesto para viver? Da desgraça a que se fica reduzido quando falta o necessário?

OSMIN

Não: porquanto o que é necessário a uns nem sempre é necessário a outros; é necessário a um indiano ter arroz, a um inglês ter carne; a um russo é necessário um abafo de peles, a um africano um estofo de gaze; certo homem crê que lhe são necessários doze cavalos de carruagem, outro limita-se a um par de sapatos, outro ainda anda alegremente com os pés descalços: desejo falar-vos do que é necessário a todos os homens.

SELIM

Parece-me que Deus deu tudo o que era preciso a esta espécie: olhos para ver, pés para andar, uma boca para comer, um esôfago para engolir, um estômago para digerir, um cérebro para raciocinar, órgãos para produzir os seus semelhantes.

OSMIN

Como sucede então que nasçam homens privados de uma parte dessas coisas necessárias?

SELIM

É que as leis gerais da natureza provocaram acidentes geradores de monstros; mas, em geral, o homem está provido de tudo o que precisa para viver em sociedade.

OSMIN

Há noções comuns a todos os homens que lhes sirvam para viverem em sociedade?

SELIM

Sim. Viajei com Paul-Lucas e em toda a parte por onde passei, vi que se respeitavam pai e mãe, que se aceitava a obrigação de sustentar uma promessa, que havia piedade pelos inocentes oprimidos, que se detestava a intolerância, que a liberdade de pensamento era olhada como um direito natural e os inimigos desta liberdade como inimigos do gênero humano; os que pensam diferentemente pareceram me criaturas mal organizadas, monstros como os nascidos sem olhos e sem mãos.

OSMIN

Essas coisas necessárias são-no em todas as épocas e em todos os lugares?

SELIM

Sim; sem o que não seriam necessárias à espécie humana.

OSMIN

Assim uma crença nova não seria necessária à espécie. Os homens podiam perfeitamente viver em sociedade e cumprir os seus deveres para com Deus antes de crerem que Maomé teve freqüentes conversas com o arcanjo Gabriel.

SELIM

Nada mais evidente; seria ridículo pensar-se que não fosse possível cumprir os deveres de homem antes da vinda de Maomé ao mundo; não era absolutamente nada necessário à espécie humana acreditar no Alcorão; o mundo andava antes de Maomé tal como anda hoje. Se o maometismo fosse necessário ao mundo, teria existido em todos os lugares; Deus, que nos deu olhos para vermos o seu sol, a todos nos daria inteligência para vermos a verdade da religião muçulmana. Esta seita é, portanto, igual às leis positivas que mudam segundo os tempos e os lugares, como as modas, como as opiniões dos físicos que se sucedem umas às outras.

A seita muçulmana não podia portanto ser essencialmente necessária ao homem.

OSMIN

Mas, uma vez que ela existe, Deus permitiu-a?

SELIM

Sim, tal como permite que o mundo esteja cheio de tolices, de erros e de calamidades. O que não vale dizer que os homens sejam todos essencialmente feitos para serem parvos e infelizes. Deus permite que alguns homens sejam comidos pelas serpentes; mas não podemos dizer: "Deus fez o homem para ser comido pelas serpentes".

OSMIN

O que entendeis ao dizerdes "Deus permite"? Que nada pode acontecer sem sua ordem? Permitir, querer e fazer não são a mesma coisa para Deus?

SELIM

Deus permite o crime mas não o comete.

OSMIN

Cometer um crime é agir contra a justiça divina, é desobedecer a Deus. Ora, Deus não pode desobedecer a si mesmo, não pode cometer crimes; contudo, fez o homem de maneira que este comete muitos: de que resulta isto?

SELIM

Há gente que o sabe, não eu. Tudo quanto sei é que o *Alcorão* é ridículo, embora aqui e ali vejo claramente o que é falso e conheço muito mal o que é verdadeiro.

OSMIN

Supunha que vós pudésseis instruir-me e afinal não me ensinais nada.

SELIM

Não é muito conhecerdes as pessoas que vos enganam e os erros grosseiros e perigosos que vos recitam?

OSMIN

Teria motivos para me queixar de um médico que me fizesse uma exposição de plantas nocivas e não me mostrasse uma só que fosse salutar.

SELIM

Eu não sou médico e vós não sois doente; afigura-se-me, porém, que vos daria uma boa receita se vos dissesse: "Desconfiai de todas as invenções dos charlatães, adorai Deus, sede honesto e acreditai que dois e dois são quatro".

O

Orgulho

Em uma das suas cartas, Cícero escreve familiarmente a um amigo: "Dizei-me a quem desejais que eu mande dar as Gálias". Noutra, lamenta-se de estar cansado das cartas de não sei que príncipes, os quais lhe agradecem o haver elevado as suas províncias a reinos, e acrescenta que nem sequer sabe onde ficam situados esses reinos.

Pode ser que Cícero, que aliás vira muitas vezes o povo romano, o povo rei, aplaudi-lo e obedecer-lhe e que recebia agradecimentos de reis que nem sequer conhecia, houvesse experimentado alguns impulsos de orgulho e de vaidade.

Conquanto este sentimento não seja de todo justificado em tão mesquinho animal como o homem, poderíamos no entanto perdoá-lo a um Cícero, a um César, a um Cipião; mas que nos confins de uma das nossas províncias meio bárbaras um homem que houver comprado um cargo insignificante e feito imprimir versos medíocres decida estar orgulhoso, eis o que dá matéria para nos rirmos longamente.

P

Padres

Os padres são um Estado, aquilo que, mais ou menos, são os preceptores em casa dos cidadãos, feitos para ensinar, orar, dar o exemplo; não podem dispor de qualquer autoridade sobre os donos da casa, a menos que se venha a provar que quem paga salários deve obedecer a quem os recebe. De todas as religiões, a que mais positivamente exclui os padres de toda a autoridade civil é, sem contestação, a de Jesus: *Dai a César o que é de César — Não haverá entre vós nem primeiro nem último — O meu reino não é deste mundo.*

As querelas entre o Império e o sacerdócio que ensangüentaram a Europa durante mais de seis séculos não constituíram, da parte dos padres, senão rebeliões contra Deus e os homens e um contínuo pecado contra o Espírito Santo.

Desde Calcas, que assassinou a filha de Agamenão, até Gregório XII e Sisto V, dois bispos de Roma que quiseram privar o grande Henrique IV do reino de França, o poder sacerdotal foi fatal para o mundo.

Orar não é dominar; exortar não é despotismo. Um bom padre deve ser o médico das almas. Se Hipócrates houvesse ordenado aos seus doentes que tomassem heléboro sob pena de enforcamento, revelar-se-ia mais bárbaro que Falaris e poucos clientes haveria tido. Quando um padre diz: "Adorai Deus, sede justo, indulgente e carinhoso", é bom médico. Quando diz: "Acreditai em mim ou sereis queimado", é um assassino.

O magistrado deve sustentar e conter o padre, tal como o pai de família deve considerar o preceptor dos seus filhos e obstar a que ele abuse. *O acordo do sacerdócio e do Império* é o mais monstruoso dos sistemas; pois, desde que se procure semelhante acordo, logo se supõe a divisão; impõe-se antes dizer: *proteção concedida pelo Império ao sacerdócio.*

Todavia, nos países onde o sacerdócio se apoderou do Império, como em Salém, onde Melquisedeque era sacerdote e rei, como no Japão, onde o dairi foi durante tanto tempo impera-

dor, que se impõe fazer? Responderei que os sucessores de Melquisedeque e os dairi foram desapossados.

Os turcos são sensatos neste ponto. É verdade que fazem a viagem a Meca; mas não permitem ao xerife de Meca que excomungue o sultão. Não vão a Meca comprar a permissão de não observarem o ramadã ou a de se casarem com primas e sobrinhas; não são julgados por irmãs em quem o xerife tenha poder, nem pagam o último ano do seu rendimento ao xerife. Quantas coisas haveria a dizer sobre tudo isto! Leitor, a ti mesmo cabe fazê-lo.

Pátria

Uma pátria é um composto de numerosas famílias; e, tal como de ordinário sustentamos a nossa família por amor-próprio, quando não há interesses contrários, assim sustentamos, devido ao mesmo amor-próprio, a nossa cidade ou a nossa aldeia, a que chamamos a nossa pátria. Quanto mais esta pátria se torna grande, menos é amada, pois o amor partilhado enfraquece. É impossível amar ternamente uma família demasiado numerosa que mal se conhece.

O que arde na ambição de ser edil, tribuno, pretor, cônsul, ditador, grita que ama a sua pátria e apenas ama a sua própria pessoa. Cada qual deseja estar seguro de poder dormir em sua casa sem que outro homem se arrogue o poder de o mandar dormir algures; cada qual quer sentir-se seguro da sua fortuna e da sua vida. Uma vez que todos constituem assim os mesmos desejos, verifica-se que o interesse particular se torna interesse geral: fazem-se votos pela república quando afinal os fazemos tão-só por nós mesmos.

É impossível que tenha existido sobre a terra algum Estado que se não governasse primeiro pela república; tal é a marcha natural da natureza humana. Algumas famílias reúnem-se primeiro contra os ursos e contra os lobos; a que tem sementes fornece-as, por trocas, à que só tem madeira.

Quando descobrimos a América, encontramos todas as populações divididas em repúblicas; apenas existiam dois reinos em toda esta parte do mundo. Em mil nações não encontramos mais que duas subjugadas.

Assim acontecia no mundo antigo; tudo era república, antes dos reizinhos da Etrúria e de Roma. Ainda hoje se encontram repúblicas em África. Tripoli, Tunes, Argel, para o nosso setentrião, são repúblicas de bandidos. Os hotentotes, para o sul, vivem ainda como se afirma que era a vida nas primeiras idades do mundo, livres, iguais entre si, sem amos, sem súditos, sem dinheiro e quase sem necessidades. A carne dos seus carneiros alimenta-os, a pele veste-os, cabanas de madeira e de terra constituem o seu abrigo; são os mais malcheirosos de todos os homens, mas não o sentem; vivem e morrem mais docemente que nós.

Restam na nossa Europa oito repúblicas sem monarca: Veneza, Holanda, Suíça, Génova, Lucarno, Ragusa, Genebra e São Marinho. Podemos, além disso, ver na Polónia, na Suécia e na Inglaterra verdadeiras repúblicas sob um rei, embora a Polónia seja a única que adota esse nome.

Podemos inquirir agora sobre o que vale mais: que a nossa pátria seja um Estado monárquico ou seja um Estado republicano? Há quatro mil anos que esta questão é debatida. Pedi a solução aos ricos, e todos optarão pela aristocracia; interrogai o povo, este quererá a democracia, e só os reis darão preferência à realeza. Como é, então, possível que quase toda a terra seja governada por monarcas? Perguntai-o aos ratos que propuseram que se pendurasse um guizo no pescoço do gato. Mas, na verdade, a razão verdadeira é que, como se tem dito, os homens raramente são dignos de se governarem a si próprios.

É triste que, muitas vezes, para ser bom patriota se seja inimigo do resto dos homens. O velho Catão, esse cidadão exemplar, dizia sempre ao opinar no Senado: "Tal é o meu parecer, e que Cartago seja arrasada". Ser bom patriota é desejar que a sua cidade enriqueça pelo comércio e seja poderosa pelas armas. É claro que nenhum país pode ganhar sem que um outro perca, nem pode vencer sem produzir desgraçados.

Tal é a condição humana: desejar a grandeza do seu país é desejar a desgraça dos vizinhos. O que desejasse que a sua pátria jamais fosse maior ou mais pequena, mais rica ou mais pobre, seria o cidadão do universo.[99]

Pecado Original

Aqui reside o pretenso triunfo dos socinianos e dos unitários. Chamam a este fundamento da religião cristã o seu *pecado original*. É ultrajar Deus, afirmam, é acusá-lo da barbaridade mais absurda, ousar dizer que Deus formou todas as gerações dos homens para os atormentar em suplícios eternos, sob pretexto de que o seu primeiro pai comeu um fruto num jardim. Esta imputação sacrílega é tanto mais indesculpável entre cristãos quanto é certo que não há uma só palavra tocante a este ponto, quer no *Pentateuco*, quer nos Profetas, quer nos Evangelhos, apócrifos ou canônicos, quer entre os escritores que são designados por *primeiros Padres da Igreja*.

No *Gênesis*, nem sequer se refere que Deus tenha condenado à morte Adão por haver engolido uma maçã. Deus diz lhe: "No dia em que a comeres certamente morrerás"; todavia, neste mesmo *Gênesis* faz-se viver Adão mais novecentos e trinta anos depois desse almoço criminoso. Os animais, as plantas que não tinham comido daquele fruto, morreram no tempo prescrito pela natureza. O homem nasce para morrer, como todo o resto.

Enfim, a punição de Adão não era de maneira alguma contemplada pela lei judaica. Adão não era mais judeu que persa ou caldeu. Os primeiros capítulos do *Gênesis* (qualquer que seja a época em que foram compostos) sempre apareceram aos olhos de todos os sábios judeus como uma alegoria e até como uma fábula perigosa, porquanto se proibia a sua leitura antes da idade de vinte e cinco anos.

Numa palavra, os judeus conheceram tão pouco o pecado original como as cerimônias chinesas; embora os teólogos encontrem tudo o que querem nas Escrituras, ou *totidem verbis*, ou *totidem litteris*,[100] podemos estar certos que nenhum teólogo razoável aí encontrará esse mistério surpreendente.

Confessemos que Santo Agostinho foi o primeiro a conferir crédito a esta estranha idéia, digna da cabeça esquentada e romanesca de um africano, debochado e arrependido, maniqueu e cristão, indulgente e intolerante, que passou a vida a contradizer-se.

"Que horror", clamam os unitários rígidos, "é caluniar-se o autor da natureza até o ponto de lhe imputarem milagres contínuos para danar eternamente homens que fez nascer para uma tão curta vida! Ou Deus criou as almas desde toda a eternidade e, neste sistema, elas são infinitamente mais antigas que o pecado de Adão, não tendo qualquer relação com ele; ou as almas são formadas em todos os instantes que um homem se deita com uma mulher e, nesse caso, Deus estaria continuamente à espreita de todos os encontros que ocorrem no universo para criar espíritos que tornará eternamente infelizes; ou o próprio Deus é a alma de todos os homens e, neste sistema, dana-se a si mesmo." Destas três superstições, qual a mais horrível e a mais louca? Não há quarta; pois a opinião de que Deus espera seis semanas para criar uma alma danada em um feto reporta-se àquela que o faz criar a alma no momento da cópula: que importam seis semanas a mais ou menos?

Expus o ponto de vista dos unitários e os homens chegaram a um tal grau de superstição que tremi ao expô-lo.

(Este artigo é do falecido senhor Boulanger)

[99] Estas reflexões sobre os nacionalismos imperialistas e tacanhos (Maurras relacionava o patriotismo autêntico com o ódio ao estrangeiro) conservam hoje uma atualidade que decerto não alegraria nem lisonjearia Voltaire. (N. dos T.)

[100] Quer nas palavras quer nas letras. (N. do E.)

Perseguição

Não chamarei perseguidor a Diocleciano, que durante dezoito anos foi o protetor dos cristãos; e se, nos últimos tempos do seu império, não os salvou dos ressentimentos de Galerius, nisso se comportou como apenas príncipe seduzido e empurrado pela intriga para além do seu caráter, como tantos outros.

Menos ainda darei o nome de perseguidor aos Trajanos, aos Antoninos, pois ficaria convencido de que proferia uma blasfêmia.

Que é então o perseguidor? É aquele cujo orgulho ferido e o fanatismo em furor irritam o príncipe ou os magistrados contra homens inocentes, cujo único crime consiste em não serem da sua opinião. "Imprudente, tu adoras um Deus, pregas e praticas a virtude; serviste os homens e consolaste-os; deste amparo à órfã, socorreste o pobre, transformaste o deserto onde alguns escravos arrastavam uma vida miserável em campos férteis, povoados por famílias felizes; descobri, porém, que me desprezas, que nunca leste o meu livro de controvérsias; sabes que sou um malandro, que falsifiquei a assinatura de G. . . ., que roubei. . . ; como poderias divulgar tudo isto, preciso tomar medidas preventivas. Irei pois à casa do confessor do primeiro-ministro ou à casa do magistrado; demonstrarei, inclinando o pescoço ou torcendo a boca, que tens uma opinião errônea acerca das celas onde foram encerrados os Setenta; que chegas ao cúmulo de falar, desde há dez anos, de maneira pouco respeitosa acerca do cão de Tobias, o qual tu sustentavas ser um cão de água, enquanto eu provava tratar-se de um galgo; denunciar-te-ei como inimigo de Deus e dos homens." Tal é a linguagem do perseguidor, e, embora não sejam precisamente estas as palavras que saem da sua boca, estão-lhe gravadas no coração com o buril do fanatismo, temperado no fel da inveja.

Foi assim que o jesuíta Le Tellier ousou perseguir o cardeal de Noailles e jurou perseguir Bayle.

Quando os protestantes começaram a ser perseguidos em França, não foram Francisco I, nem Henrique II, nem Francisco II que espiaram esses infortunados, se armaram contra eles de um furor premeditado e os entregaram às chamas, para sobre eles exercerem as suas vinganças. Francisco I estava muito ocupado com a duquesa de Etampes, Henrique II com a sua velha Diana e Francisco II era demasiado criança. Por quem começou a vingança? Por padres ciumentos que armaram os preconceitos dos magistrados e a política dos ministros.

Se os reis não houvessem sido ludibriados, se houvessem previsto que a perseguição produziria cinqüenta anos de guerras civis e que metade da nação seria exterminada pela outra metade, teriam extinto com as suas lágrimas as primeiras fogueiras que deixaram acender.

Ó Deus misericordioso! Se algum homem pode assemelhar-se a esse ser malfazejo que nos pintam ocupado sem cessar na destruição das tuas obras, não será tal homem o perseguidor?

Pedro

Em italiano, *Piero* ou *Pietro*, em espanhol, *Pedro*, em latim, *Petrus*; em hebreu, *Cefa*.

Por que motivo obtiveram os sucessores de Pedro tanto poder no Ocidente e nenhum no Oriente? É o mesmo que perguntar por que razão os bispos de Wurtzburgo e Salzburgo se atribuíram direitos realengos em períodos de anarquia, ao passo que os prelados gregos permaneceram sempre súditos. O tempo, a ocasião, a ambição de uns e a fraqueza de outros tudo fizeram e farão neste mundo.

A anarquia juntou-se a opinião e a opinião é a rainha dos homens. Não que, com efeito, tenham uma opinião bem determinada, mas as palavras substituem-na.

Vem relatado nos Evangelhos que Jesus disse a Pedro: "Eu te darei as chaves do reino dos

céus". Os partidários do bispo de Roma sustentaram, por volta do século XI, que quem dá o mais, dá o menos: que os céus envolvem a terra e que, detendo Pedro as chaves do continente, detinha também as chaves do conteúdo. Se entendermos por céus todas as estrelas e todos os planetas, é evidente, segundo Tomásio, que as chaves oferecidas a Simão Barjona, cognominado Pedro, eram uma verdadeira gazua. Se entendermos por céus as nuvens, a atmosfera, o éter, o espaço em que rodam os planetas, não há serralheiros que, segundo Meursius, possam fabricar uma chave que sirva para todas as portas.

Na Palestina, as chaves eram cavilhas de pau ligadas a uma correia. Jesus disse a Barjona: "O que houveres ligado na terra, será ligado no céu". Os teólogos do papa concluíram que os papas tinham recebido o direito de ligarem e desligarem os povos dos juramentos de fidelidade feitos aos seus reis e de disporem a seu belo talante de todos os reinos. Eis o que se chama concluir magnificamente. As comunas, nos Estados-gerais de França em 1302, dizem do requerimento que apresentaram ao rei que "Bonifácio VIII era um b... que supunha que Deus ligava e prendia ao céu o que Bonifácio ligava na terra". Um famoso luterano da Alemanha (Melânchton, parece-me) tinha muita dificuldade em digerir que Jesus houvesse dito a Simão Barjona, Cefa ou Cefas: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha assembléia, a minha Igreja". O luterano não podia conceber que Deus houvesse usado semelhante jogo de palavras, semelhante agudeza, tão extraordinário, e que o poder do papa se fundasse sobre uma gracinha de mau gosto.

Pedro passou por ter sido bispo de Roma, embora se saiba muito bem que nessa época, e durante muito tempo depois, não existiu qualquer bispado particular. A sociedade cristã só assumiu forma perto dos fins do século II.

Pode ser que Pedro tivesse feito a viagem a Roma; pode ser mesmo que o tivessem crucificado de cabeça para baixo, embora não fosse esse o costume; mas não temos qualquer prova de tudo isto. Temos uma carta, sob o seu nome, em que diz estar em Babilônia: canonistas judiciosos pretenderam que por Babilônia se devia entender Roma. Assim, suposto que a houvesse datado de Roma, poderíamos concluir que a carta fora escrita em Babilônia. Durante muito tempo, tiraram-se conseqüências deste quilate e assim foi governado o mundo.

Houve um santo homem a quem tinham feito pagar muito caro um benefício em Roma, o que se chama uma simonia; perguntaram-lhe se acreditava que Pedro tivesse estado em Roma, ao que respondeu: "Não vejo que Pedro tenha estado aqui, mas, quanto a Simão, tenho certeza".

Quanto à pessoa de Pedro, impõe-se reconhecer que Paulo não foi o único a escandalizar-se com a sua conduta; há quem lhe tenha resistido muitas vezes, cara a cara, tanto a ele como aos seus sucessores. Paulo censurava-lhe asperamente o hábito de comer carnes proibidas, quer dizer, porco, chouriço de sangue (lebres, enguias, "ixion" e grifos); Pedro defendia-se invocando que, na sexta hora, vira o céu abrir-se e uma grande toalha que descia dos quatro cantos do céu, cheia de enguias, quadrúpedes e aves, e que a voz de um anjo gritara: "Matai e comei". Trata-se aparentemente da mesma voz que gritou a tantos pontífices: "Matai tudo, e comei a substância do povo", comenta Wollaston.

Casaubon não podia aprovar a maneira como Pedro tratou o simplório Ananias e Safira, sua mulher. Com que direito, interrogou Casaubon, um judeu, escravo dos romanos, ordenava ou consentia que todos aqueles que acreditassem em Jesus vendessem as suas heranças e lhe depusessem aos pés o dinheiro dos preços? Se qualquer anabatista em Londres mandasse depor a seus pés todo o dinheiro dos irmãos, não seria detido como sedutor sedicioso, como um larápio que forçosamente mandariam para Tyburn? Não é horrível fazer morrer Ananias só porque este, depois de vender os seus bens e de ter dado o dinheiro a Pedro, reteve para si e para a mulher alguns escudos, para custear as suas necessidades, sem o declarar? Mal Ananias morre, chega a mulher. Pedro, em vez de a advertir caridosamente que acaba de provocar a morte do marido com uma apoplexia por haver guardado alguns óbolos e de a prevenir para que ela se acautelasse, fá-la cair na armadilha.

Pergunta-lhe se o marido deu todo o seu dinheiro aos santos. A pobre mulher responde que sim e morre imediatamente. Isto é duro.

Corinzius pergunta por que razão Pedro, que matava deste modo todos que lhe davam esmolas, não ia antes matar os doutores que tinham feito morrer Jesus Cristo e que o chicotearam a ele mesmo mais de uma vez. Ó Pedro! Provocas a morte de dois cristãos que te deram esmola e deixas viver os que crucificaram o teu Deus!

Aparentemente, Coringius não vivia em país de inquisição quando formulava estas perguntas audaciosas. Erasmo observava, a propósito de Pedro, algo de muito singular: é que o chefe da religião cristã começou o seu apostolado por renegar Jesus Cristo, ao passo que o primeiro pontífice dos judeus começara o seu ministério por construir um bezerro de ouro e adorá-lo.

Como quer que seja, Pedro é-nos pintado como um pobre que catequizava os pobres. Assemelhava-se a esses fundadores de ordens que viviam na indigência e cujos sucessores se tornaram grandes senhores.

O papa, sucessor de Pedro, ora ganhou, ora perdeu; restam-lhe, todavia, além dos súditos imediatos, cerca de cinqüenta milhões de homens sobre a terra, submetidos em muitos pontos às suas leis.

Atribuirmo-nos um amo que está a trezentas ou quatrocentas léguas de nossa casa; esperarmos, para pensar, que esse homem aparentou pensar; não ousarmos julgar em última instância um processo entre alguns dos nossos concidadãos senão por intermédio de comissários nomeados por esse estrangeiro; não ousarmos entrar na posse dos campos e das vinhas que obtivemos de nosso próprio rei, sem pagarmos uma soma considerável a esse amo estrangeiro; violarmos as leis do nosso país que proíbem o casamento com sobrinha e desposá la legitimamente contra o pagamento a esse senhor estrangeiro de uma soma ainda mais considerável; não ousarmos cultivar os nossos campos no dia em que esse estrangeiro quer que seja celebrada a memória de um desconhecido que ele pôs no céu da sua autoridade privada: tal é em parte o que significa admitirmos um papa; tais são as liberdades da Igreja Galicana.

Há povos que levam mais longe ainda a submissão. Vimos nos nossos dias um soberano pedir ao papa permissão para julgar pelo seu tribunal real alguns monges acusados de parricídio, não conseguir obter essa permissão e não ousar julgá-los.

Sabe-se bem que outrora os direitos dos papas iam mais longe, superando em muito os dos deuses da Antiguidade, pois estes passavam por dispor dos impérios, ao passo que os papas dispunham deles efetivamente.

Sturbinus diz que se pode perdoar àqueles que duvidam da divindade e infalibilidade do papa, quando se fazem as seguintes reflexões:

Quarenta cismas profanaram a cadeira de São Pedro e vinte e sete ensangüentaram-na;

Estêvão VII, filho de um padre, desenterrou o corpo de Formoso, seu predecessor, e mandou cortar a cabeça ao cadáver;

Sérgio III, culpado de assassinatos, teve um filho de Marozia, que herdou o papado;

João X, amante de Teodora, foi estrangulado no leito desta;

João XI, filho de Sérgio III, só se tornou conhecido como crápula;

João XII foi assassinado em casa da amante;

Benedito IX comprou e revendeu o pontificado;

Gregório VII foi o autor de quinhentos anos de guerras civis, sustentadas pelos seus sucessores;

Enfim, entre tantos papas ambiciosos, sanguinários e debochados, houve um, Alexandre VI, cujo nome não se pronuncia senão com o mesmo horror que envolve os dos Neros e Calígulas.

Afirma-se que é prova da divindade do seu caráter que o papado tenha subsistido, apesar de tantos crimes; logo, se os califas tivessem uma conduta ainda mais atroz, mais divinos seriam. É assim que raciocina Dermius, a quem replicaram os jesuítas.

*Política

A política do homem consiste inicialmente em tentar igualar-se aos animais, a quem a natureza deu alimentação, vestuário e habitação.

Os começos são longos e difíceis.

Como conseguir o bem-estar e abrigar-se do mal? O homem resume-se nisso.

O mal está em toda parte. Os quatro elementos conspiram para formá-lo. A esterilidade de um quarto do globo, as moléstias, a multidão de animais inimigos obrigam nos a trabalhar incessantemente para afastar o mal.

Nenhum homem sozinho pode garantir-se contra o mal e promover seu próprio bem. Precisa de auxílio. A sociedade é, pois, tão antiga quanto o mundo, podendo ser muito numerosa ou muito rara. As revoluções do globo destruíram freqüentemente raças inteiras de homens e de animais em vários países, e as multiplicaram em outros.

Para multiplicar uma espécie, é preciso um clima e um terreno favoráveis e, apesar de tais vantagens, ainda é possível que os homens sejam obrigados a andar nus, a suportar a fome, a carecer de tudo e a perecer na miséria.

Os homens são como os castores e as abelhas, ou como o bicho-da seda: não têm um instinto capaz de provê-los do que precisam.

Para cada cem machos, dificilmente encontra-se um dotado de gênio. Para cada quinhentas mulheres, dificilmente uma.

Somente com gênio podem se inventar todas as artes que promovem a longo prazo um certo bem-estar, único objetivo de toda política.

Para tentar essas artes é preciso auxílio, mãos que vos ajudem, mentes bastante abertas para vos compreender e bastante dóceis para vos obedecer. Antes de encontrardes e reunirdes tudo isso, escoam-se milhares de séculos de ignorância e de barbárie, milhares de tentativas abortadas. Por fim, uma arte se esboça, e são necessários milhares de séculos para aperfeiçoá-la.

Política exterior

Assim que uma nação descobre a metalurgia, é seguro que vencerá suas vizinhas e que as escravizará.

Tendes flechas e sabres; nascestes num clima que vos fez robustos. Somos fracos, temos apenas porretes e pedras. Podeis matar-nos, mas se nos deixardes viver será para cultivarmos vossos campos, para construirmos vossas casas. Se tivermos voz, cantaremos algumas árias grosseiras quando vos entediardes, ou então sopraremos em tubos, para obter de vós roupa e pão. Nossas mulheres e filhas são belas, e certamente ireis tomá-las. Monsenhor, vosso filho, aproveita essa política estabelecida e acrescenta novas descobertas à arte nascente. Seus servidores cortam os testículos de meus filhos, honrando os, depois, com a guarda de suas esposas e amantes. Assim foi e assim é a política na Ásia: a grande arte de usar os homens para seu próprio bem-estar.

Tendo algumas hordas servido dessa maneira a outras, os vitoriosos combatem pela partilha dos despojos. Toda pequena nação alimenta e assalaria soldados. Para encorajá-los e contê-los, cada uma possui seus deuses, seus oráculos, suas predições. Todas alimentam e assalariam adivinhos e sacrificadores açougueiros. Os adivinhos começam adivinhando para os chefes da nação, depois adivinham para si próprios e partilham o governo da nação. Por fim, o mais forte e mais hábil subjuga os outros, depois de séculos de carniçarias que arrepiam e de patifarias que fazem rir. É o complemento da política.

Enquanto tais cenas de banditismo e fraudes ocorrem numa parte do globo, outras hordas, retiradas em cavernas nas montanhas ou em cantões cercados de pântanos inacessíveis, ou em alguns recantos habitáveis no meio de desertos de areia ou de ilhas, defendem-se contra os tiranos do continente. Por fim, quando todos os homens dispõem mais ou menos das mesmas armas, o sangue corre de uma ponta à outra do mundo.

Não se pode matar sempre. Faz-se a paz com o vizinho até que se acredite estar bastante forte para recomeçar. Os que sabem escrever redigem tratados de paz. Os chefes de cada povo, para melhor enganar seu inimigos, testemunham pelos deuses que eles próprios fizeram. Inventam-se os juramentos. Um promete por Samonocodão, outro, em nome de Júpiter, viver sempre em boa harmonia, e na primeira ocasião degolam em nome de Júpiter e de Samonocodão.

Nos tempos mais refinados, o leão de Esopo faz um tratado com três animais seus vizinhos.

Trata-se de dividir uma presa em quatro partes iguais. O leão, por boas razões que deduzirá quando chegar a hora e a vez, apanha três partes só para si, e ameaça quem ousar tocar na quarta. É o que se chama de sublime em política.

Política interna

Trata-se de possuir em vosso próprio país o maior poder, as maiores honras e os maiores prazeres que forem possíveis. Para consegui-lo é preciso muito dinheiro.

É muito difícil alcançar tais objetivos numa democracia porque nela cada cidadão é vosso rival. Uma democracia só pode subsistir num país pequeno. Podereis enriquecer-vos quando quiserdes por vosso comércio secreto, ou pelo de vosso avô; vossa fortuna suscitará ciumentos e poucos amigos. Uma casa rica não conseguirá governar muito tempo numa democracia.

Numa aristocracia podem-se obter mais facilmente honras, prazeres, poder e dinheiro, mas é preciso grande discrição. Se se abusar muito, corre-se o risco de uma revolução.

Numa democracia todos os cidadãos são iguais. Atualmente esse tipo de governo é raro e fraco, embora natural e sensato.

Na aristocracia a desigualdade e a superioridade fazem-se sentir. Contudo, estará mais segura de seu bem-estar se for pouco arrogante.

Resta a monarquia. Nela todos os homens são feitos para um só, que acumula todas as honras com que quiser enfeitar-se, goza todos os prazeres que quiser desfrutar, exerce um poder absoluto. Para ter todas essas vantagens precisa possuir muito dinheiro, caso contrário será infeliz no interior e no exterior, perderá logo o poder, os prazeres, as honras e, talvez, a vida.

Enquanto tiver dinheiro, não frui sozinho todas as regalias: também seus parentes e principais servidores fruem. Uma multidão de empregados trabalha o ano inteiro para eles, na vã esperança de desfrutar um dia em suas choças o mesmo repouso que seus sultões ou que seus paxás desfrutam em seus serralhos. Mas eis o que acontece.

Um grande e gordo cultivador possuía outrora um vasto terreno de campos, prados, vinhedos, pomares e florestas. Cem empregados cultivavam para ele, enquanto jantava com sua família, bebia e dormia. Seus principais domésticos, que o roubavam, jantavam depois dele e comiam quase tudo. Os serviçais vinham após e comiam muito mal. Murmuraram, lamentaram-se, impacientaram-se e, por fim, comeram o jantar do dono e o expulsaram de sua casa. O dono disse que aqueles patifes eram filhos rebeldes que combatiam seu pai. Os serviçais disseram que haviam seguido a lei sagrada da natureza que fora violada pelo outro. Relatou-se o sucedido a um adivinho que passava por homem inspirado. O santo homem tomou a herdade para si, deixou os domésticos e o antigo dono morrerem de fome, até que por sua vez também foi expulso. É a política interna.

Já se viu coisa assim mais de uma vez, e alguns dos efeitos dessa política ainda subsistem fortemente. Pode-se esperar que daqui a dez ou doze séculos, quando os homens forem mais esclarecidos, os possuidores das terras, já mais políticos, tratarão melhor seus empregados e não se deixarão subjugar por adivinhos e feiticeiros.

Preconceitos

O preconceito é uma opinião desprovida de julgamento. Assim, em toda terra, se incutem às crianças as opiniões que se quiser, antes de elas poderem julgar.

Há preconceitos universais, necessários, que constituem a própria virtude. Em todos os países se ensinam as crianças a reconhecerem um Deus remunerador e vingador; a respeitarem e amarem pai e mãe; a olharem o furto como um crime, a mentira interesseira como um vício, antes de poderem adivinhar o que é um crime e o que é um vício.

Há, pois, preconceitos muito bons: são os que o julgamento ratifica quando se raciocina.

O sentimento não é um mero preconceito mas algo de mais forte. Uma mãe não ama o filho porque lhe disseram que é preciso amá-lo: acarinha-o, felizmente, malgrado seu. Não é por

preconceito que acorremos em socorro de uma criança desconhecida prestes a tombar num precipício ou a ser devorada por um animal.

Todavia, é por preconceito que respeitareis um homem que envergue certa indumentária, caminhe gravemente e fale da mesma maneira. Os vossos pais disseram-vos que deveis inclinar-vos diante desse homem: vós o respeitais antes de saberdes se merece o vosso respeito: cresceis na idade e em conhecimentos: acabareis por vos aperceber que esse homem é um charlatão inchado de vaidade, interesse e artifício; desprezais o que havieis reverenciado e o preconceito cede ao julgamento. Haveis acreditado por preconceito nas fábulas com que embalaram a vossa infância: disseram-vos que os titãs guerrearam os deuses e que Vênus se enamorou de Adônis; aos doze anos, tomais estas fábulas por verdades, aos vinte, vereis nelas alegorias engenhosas.

Examinemos em poucas palavras as diferentes espécies de preconceitos, para pormos ordem neste nosso assunto. Seremos talvez como aqueles que, no tempo do sistema de Law, se aperceberam de que tinham calculado riquezas imaginárias.

Preconceitos dos sentidos

Não é coisa divertida que os nossos olhos nos enganem sempre, mesmo quando vemos muito bem, e que, pelo contrário, não nos enganem os ouvidos? Quando a vossa orelha, bem conformada, ouve: "Sois bela, amo-vos", é seguro que não vos disseram: "Odeio-vos, sois feia". Mas vedes um espelho liso: está demonstrado que vos enganais, que a superfície é muito irregular. Vedes o Sol, com cerca de dois pés de diâmetro: está demonstrado que é um milhão de vezes mais volumoso que a Terra.

Parece que Deus pôs a verdade nas vossas orelhas e o erro nos olhos: mas estudai óptica e vereis que Deus não vos enganou e que é impossível que os objetos vos pareçam diferentes de como são vistos, no estado presente das coisas.

Preconceitos físicos

O Sol move-se, a Lua também, a Terra está imóvel: eis preconceitos físicos naturais. Mas que os camarões sejam bons para o sangue porque, uma vez cozidos, ficam vermelhos; que as enguias curem a paralisia porque se agitam; que a lua interfira nas nossas doenças porque um dia se observou que um doente teve um agravamento de febre durante o quarto minguante — tais idéias, e mil outras mais, foram erros de antigos charlatães que julgaram sem raciocinar e que, enganando-se, enganaram os outros.

Preconceitos históricos

A maior parte das histórias foi acreditada sem exame e semelhante crença não passa de um preconceito. Fábius Pictor conta que, muitos séculos antes dele, uma vestal da cidade de Elba que ia buscar água para a sua bilha foi violada e deu à luz Rômulo e Remo, que estes foram amamentados por uma loba, etc. O povo romano acreditou nesta fábula; não verificou se nesse tempo haveria vestais no Lácio, se era verossímil que a filha de um rei saísse do seu convento com a bilha, se era provável que uma loba aleitasse duas crianças em vez de as comer. O preconceito estabeleceu-se.

Um monge escreve que Clóvis, em grande perigo na batalha de Tolbiac, fez o voto de se tornar cristão se escapasse; porém, é natural que alguém se dirija a um Deus estrangeiro em tal ocasião? Não é em semelhantes circunstâncias que a religião em que se nasceu atua mais poderosamente? Qual o cristão que, numa batalha contra os turcos, não se encomendaria à Santa Virgem de preferência a encomendar-se a Maomé? Acrescenta-se que um pombo trouxe a santa ampola no bico para ungir Clóvis e que um anjo trouxe a auriflama para o guiar. O preconceito aceita todas as historietas deste gênero. Os que conhecem a natureza humana sabem muito bem que o usurpador Clóvis e o usurpador Rolão ou Rol se fizeram cristãos para mais seguramente governarem cristãos, tal como os usurpadores turcos se fizeram muçulmanos para mais seguramente governarem muçulmanos.

Preconceitos religiosos

Se a vossa ama vos contar que Ceres preside às sementeiras ou que Vichnu e Xaca se tornaram homens muitas vezes, ou que Samonocodão veio cortar uma floresta, ou que Odin vos aguarda no seu salão lá para as bandas da Jutlândia, ou que Maomé ou algum outro viajaram no céu, e se o vosso preceptor vier em seguida mergulhar no vosso cérebro o que a ama aí gravou, estais prontos para o resto da vida. Que o vosso julgamento queira elevar-se contra tais preconceitos, logo os vizinhos, e principalmente as vizinhas, protestarão ante a impiedade e vos aterrorizarão; o vosso derviche, receoso de ver diminuir os seus rendimentos, acusar-vos-á junto do cadi; se puder, mandará que sejais empalado, pois quer comandar imbecis e supõe que os imbecis obedecem melhor que os outros. E isto durará até os vossos vizinhos, o derviche e o cadi, começarem a compreender que a imbecilidade não serve para nada e que a intolerância é abominável.

Profetas

O profeta Jurieu foi assobiado, os profetas de Cévennes foram enforcados ou postos na roda, os profetas que do Languedoc e do Delfinado vieram até Londres foram condenados a diversos suplícios, o profeta Savonarola foi assado em Florença, o profeta João Batizador ou Batista teve o pescoço cortado.

Pretende-se que Zacarias foi assassinado; felizmente isto não está provado. O profeta Jeddo ou Addo, enviado a Betel sob condição de não comer nem beber, comeu infelizmente um bocado de pão e foi por seu turno comido por um leão; os seus ossos acabaram por ser encontrados na estrada, entre esse leão e o seu burro. Jonas foi engolido por um peixe; verdade se diga que só permaneceu na barriga do peixe três dias e três noites; mas sempre são setenta e duas horas muito pouco à vontade.

Habacuc foi transportado pelos ares, preso pelos cabelos, até Babilônia. Não é grande desgraça, valha a verdade; mas sempre é um transporte muito incômodo. Deve sofrer-se muito quando se é levado suspenso pelos cabelos, no espaço de trezentas milhas. Por mim, teria preferido um par de asas; a jumenta Borac ou o hipogrifo.

Miqueu, filho de Jemilla, viu o Senhor sentado no seu trono, com o exército do céu à direita e à esquerda, e ouviu o Senhor pedir alguém que fosse enganar o Rei Achab; como o diabo se apresentou ao Senhor, e se encarregou da comissão, Miqueu foi, por incumbência do Senhor, dar parte a Achab desta aventura celeste. É verdade que, como recompensa, apenas recebeu uma enorme bofetada pela mão do profeta Sékédia; é verdade que foi metido no calabouço, embora só por alguns dias; mas, enfim, sempre é desagradável para um homem inspirado receber bofetões e ser atirado para um buraco fedorento.

Supõe-se que o Rei Amasias mandou arrancar os dentes ao profeta Amós para o impedir de tagarelas; mas é preciso pronunciar distintamente uma profecia, e a um profeta desdentado não o escutam com o respeito devido.

Baruch sofreu bastantes perseguições. Ezequiel foi lapidado pelos seus companheiros de escravidão. Não se sabe ao certo se Jeremias foi lapidado ou se foi serrado em dois.

Quanto a Isaías, passa por seguro que foi serrado por ordem de Manassés, um reizinho da Judéia.

Convenhamos que é mau ofício o de profeta. Por um único, como Elias, que vai passear de planeta em planeta numa bela carruagem de luz, puxada por quatro cavalos brancos, há cem que vão a pé e são obrigados a mendigar o jantar de porta em porta. Assemelham-se muito a Homero, de quem se diz que foi obrigado a pedir esmola nas sete cidades que depois disputaram a honra de o ter visto nascer. Os seus admiradores atribuíram-lhe uma infinidade de alegorias em que nunca pensara. Concede-se frequentemente a mesma honra aos profetas. Não contesto que fossem

pessoas instruídas sobre o futuro. Basta para o efeito dar à alma um certo grau de exaltação, como muito bem pensou um bravo filósofo ou louco dos nossos dias, que queria abrir um buraco até aos antípodas e untar os doentes com pez resinoso.

Os judeus exaltavam tão bem a alma dos profetas, que estes viram distintamente todas as coisas futuras: mas é difícil adivinhar ao certo se por Jerusalém os profetas entendem sempre a vida celeste: se Babilônia significa Londres ou Paris: se, quando falam de um grande jantar, devemos explicá-lo como um jejum: se vinho tinto significa sangue: se um manto vermelho significa a fé e um manto branco a caridade. A inteligência dos profetas é o esforço do espírito humano. Por isso, nada mais direi a este respeito.

*Propriedade

"Liberty and Property"[101] é o grito inglês. Vale mais do que "Saint George et mon droit, Saint Denis et mon joie"[102]: é o grito da natureza.

Da Suíça à China, os camponeses possuem terras próprias. Somente o direito de conquista pôde despojar os homens de um direito tão natural.

Tanto na guerra como na paz, o lucro de uma nação é do soberano, do magistrado e do povo. A posse de terras permitida aos camponeses é útil igualmente ao trono e aos súditos em todos os tempos? Sê-lo-á para o trono se puder produzir uma renda maior e mais soldados.

É preciso, pois, ver se o comércio e a população aumentarão. É certo que o possuidor de um terreno cultivará muito melhor sua herança do que a de um outro. O espírito de propriedade duplica a força do homem. Trabalha-se para si e para sua família com mais vigor e prazer do que para um senhor. O escravo que está sob o jugo de um outro inclina-se pouco ao casamento, temendo gerar escravos como ele próprio. Sua habilidade está sufocada, sua alma embrutecida. Suas forças não exibem toda a elasticidade de que são capazes. O possuidor, pelo contrário, deseja uma mulher que partilhe de sua felicidade e filhos que o ajudem no trabalho. Sua esposa e seus filhos o enriquecem. Um terreno pode tornar-se dez vezes mais fértil do que antes nas mãos de uma família laboriosa. O comércio geral aumentará. O tesouro do príncipe lucrará. O campo fornecerá mais soldados. Portanto, a vantagem está com o príncipe. A Polônia seria três vezes mais rica e povoada se o camponês não fosse escravo.

Também é vantagem para os nobres. Se um deles possuir mil jeiras de terra cultivadas por seus servos, cinco mil jeiras fornecerão uma renda muito fraca, freqüentemente absorvida em reparos e reduzida a nada pela intempérie das estações. Que ocorrerá se a terra for mais extensa e o terreno mais ingrato? Será o senhor de uma vasta solidão. Só será rico quando seus vassalos o forem. Sua felicidade depende da deles. Se essa felicidade se estender a ponto de tornar sua terra bastante povoada, chegando a faltar terreno para tanta mão laboriosa, então o excedente dos cultivadores necessários espalha-se pelas cidades, pelos portos marítimos, pelas oficinas dos artistas, pelos exércitos. A população terá produzido esse grande bem e a posse das terras dadas aos cultivadores, sob a dívida que enriquece os nobres, terá produzido essa população.

Há uma outra espécie de propriedade não menos útil — aquela liberada de toda dívida e que paga apenas os tributos gerais impostos pelo soberano para o bem e a manutenção do Estado. Essa propriedade contribuiu para a riqueza da Inglaterra, da França e das cidades livres da Alemanha. Os soberanos que franquearam os terrenos que compunham seus domínios já de início tiraram vantagem porque cobraram caro as franquias. E atualmente retiram um bem ainda maior, sobretudo na Inglaterra e na França, pelo progresso da indústria e do comércio.

A Inglaterra deu um grande exemplo no século XVI quando franqueou as terras da Igreja e dos monges. Era uma coisa odiosa, prejudicial a um Estado, ver homens votados por seus institu-

[101] "Liberdade e Propriedade". (N. dos T.)
[102] "São Jorge e meu direito, São Dionísio e minha alegria" — era o grito de guerra dos reis franceses cujo patrono é São Dionísio. (N. dos T.)

tos à humildade e à pobreza tornando-se senhores das terras mais belas do reino, tratando os homens, seus irmãos, como bestas de carga. A grandeza dessa minoria de padres aviltava a natureza humana e suas riquezas particulares empobreciam o resto do reino. O abuso foi destruído e a Inglaterra tornou-se rica.

Em todo o resto da Europa, somente quando os servos da Coroa e da Igreja tiveram a propriedade das terras foi possível um florescimento do comércio, das artes e das cidades. Deve-se notar que, se a Igreja perdeu com isso direitos que não lhe pertenciam, a Coroa ganhou a extensão de seus direitos legítimos. Com efeito, a Igreja, cuja primeira instituição é imitar seu legislador humilde e pobre, não foi feita originariamente para engordar com o fruto do trabalho dos homens. E o soberano, que representa o Estado, deve economizar o fruto desses mesmos trabalhos, para o bem do próprio Estado e para o esplendor do trono. Em toda parte onde o povo trabalha para a Igreja, o Estado é pobre; em toda parte onde o povo trabalha para si próprio e para o soberano, o Estado é rico. E, então, o comércio se propaga. A marinha mercante torna-se a escola da marinha militar. Formam-se grandes companhias de comércio. Em tempos difíceis, o soberano encontra recursos antes desconhecidos. Nos Estados austríacos, na França e na Inglaterra vereis o soberano tomar emprestado facilmente de seus súditos cem vezes mais do que poderia arrancar-lhes pela força, quando o povo estagnava na servidão.

Todos os camponeses não serão ricos, e não é preciso que o sejam. Carecemos de homens que tenham seus braços e boa vontade. Mas até estes homens, que parecem o rebotalho da sorte, participarão da felicidade dos outros. Serão livres para vender seu trabalho a quem quiser pagá-los melhor. A liberdade será sua propriedade. A esperança certa de um justo salário os sustentará. Com alegria educarão sua família em seus ofícios laboriosos e úteis. E essa classe de homens, tão desprezível aos olhos dos poderosos, constitui o principal celeiro de soldados. Assim, do cetro à foice e ao cajado, tudo se anima, tudo prospera, tudo ganha força nova graças a uma única mola.

Depois de termos visto quão vantajoso é para um Estado que os cultivadores sejam proprietários, resta vermos até onde tal concessão pode estender-se. Já ocorreu, em mais de um reino, que o servo franqueado se tenha enriquecido graças à sua engenhosidade e labor, e se tenha colocado no lugar dos antigos senhores empobrecidos pelo luxo. Compra suas terras e toma-lhes o nome. A antiga nobreza é aviltada e a nova só consegue ser invejada e desprezada. Tudo foi confundido. Os povos que aceitaram tais usurpações tornaram-se joguetes nas mãos das nações que souberam evitar esse flagelo.

Os erros de um governo podem ser uma lição para os outros. Aproveitam o bem que fez e evitam o mal que cometeu.

É tão fácil opor o freio das leis à cupidez e ao orgulho dos novos ricos, fixar a extensão dos terrenos plebeus que podem comprar e proibir-lhes a aquisição das grandes terras senhoriais,[103] de sorte que nenhum governo poderá arrepender-se por ter franqueado a servidão e por ter enriquecido a indigência. Os exemplos das outras nações advertem, tanto assim, que os povos que se policiam por último ultrapassam freqüentemente os mestres de quem receberam as lições.

[103] Estas duas últimas leis seriam injustas, mas quem quiser opor-se à grande desigualdade das riquezas e não tiver coragem bastante nem uma política bem esclarecida capaz de abolir absolutamente as substituições e os direitos de primogenitura poderia pelo menos restringir esse privilégio aos feudos possuídos pela nobreza antiga ou titulada. Pelo menos seria agir conseqüentemente, é verdade que de acordo com um princípio viciado, que é o de favorecer as distinções entre as posições sociais *(états)*. (N. do A.)

Q

Quaresma

Perguntas sobre a quaresma

As primeiras pessoas que se lembraram de fazer jejum adotaram tal regime a conselho do médico por sofrerem de más digestões?

A falta de apetite que sentimos quando estamos tristes teria sido a primitiva origem dos dias de jejum prescritos pelas religiões tristes?

Os judeus copiaram o costume de jejuar que tinham os egípcios, de quem os judeus imitaram todos os ritos, inclusivamente a flagelação e o bode expiatório.

Por que é que Jesus jejuou quarenta dias no deserto, aonde foi guiado pelo diabo, pelo *Knathbull*? Escreve São Mateus que depois desta quaresma Jesus teve fome: não teve, então, fome durante a quaresma?

Por que é que durante os dias de abstinência a Igreja romana considera um crime comer animais terrestres e uma boa ação devorar à mesa linguados e salmões? O papista ricaço que tiver, à sua mesa, uma mesa regalada e farta de condimentados quinhentos francos de peixe será salvo; e um pobre pelintra, a morrer de fome, que tiver engolido um cruzado de carne de porco salgada e fresca incorre em pecado mortal e fica condenado às penas infernais?

Por que é que será preciso pedir autorização ao bispo para comer ovos? Se um rei ordenasse ao seu povo que este nunca comesse ovos, não pareceria o mais ridículo e odioso dos tiranos? Que estranha, aberrativa aversão é essa dos bispos pelas omeletas?

Pode-se lá crer que entre os papistas tivesse havido tribunais tão imbecis, tão covardes, tão bárbaros, para condenarem à morte pobres cidadãos que outros crimes não tinham cometido do que comerem carne de cavalo durante a quaresma? O caso é que é a pura verdade: aqui tenho à minha frente uma sentença destas. O que ainda é mais estranho é que os juízes que pronunciaram tal sentença se julgavam superiores aos iroqueses.

Padres idiotas e cruéis! A quem ordenais guardar jejum pela quaresma? É aos ricos? Eles nunca o respeitam. É então aos pobres? Coitados, fazem quaresma e jejum todo o ano. O infeliz lavrador quase que já nunca come carne e não tem dinheiro para comprar peixe. Doidos, doidos varridos é o que sois, e quando emendais vossas leis absurdas?

R

Religião

Primeira questão

O bispo de Gloucester, Warburton, autor de uma das obras mais eruditas que alguma vez se fizeram exprime-se deste modo, na página 8, tomo I:

"Uma religião, uma sociedade que não esteja fundada sobre a crença em uma outra vida, deve ser sustentada por uma providência extraordinária. O judaísmo não está fundado sobre a crença em uma outra vida; logo, o judaísmo foi sustentado por uma providência extraordinária".

Muitos teólogos levantaram se contra ele, e, como todos os argumentos são retorquíveis, retorquiram ao seu; disseram lhe:

"Todas as religiões que não estiverem fundadas sobre o dogma da imortalidade da alma e sobre as penas e recompensas eternas são necessariamente falsas; ora, o judaísmo não conheceu este dogma; logo, o judaísmo, longe de haver sido sustentado pela Providência, era, segundo os vossos princípios, uma religião falsa e bárbara que ofendia a Providência".

Teve o bispo alguns outros adversários a sustentarem que a imortalidade da alma era conhecida entre os judeus, mesmo na época de Moisés; provou lhes, contudo, com toda a evidência, que nem o Decálogo, nem o Levítico, nem o Deuteronômio continham uma só palavra acerca de semelhante crença, e que é ridículo querer se torcer e falsear algumas passagens dos outros livros para se extrair uma verdade que não está anunciada no livro da lei.

O senhor bispo, tendo produzido quatro volumes para demonstrar que a lei judaica não propunha penas nem recompensas após a morte, nunca conseguiu responder aos seus adversários de maneira satisfatória. Diziam-lhe eles: "Ou bem que Moisés conhecia esse dogma, e nesse caso enganou os judeus, não o manifestando; ou bem que o ignorava, e nesse caso não sabia o bastante para fundar uma boa religião. Com efeito, se essa religião fosse boa, por que razão teria sido abolida? Uma religião verdadeira deve subsistir em todos os tempos e em todos os lugares; deve ser como a luz do sol, que ilumina todos os povos e todas as gerações".

Este prelado, não obstante o seu muito esclarecimento, experimentou certas dificuldades para se tirar de todos estes embaraços; mas qual sistema se mostra isento deles?

Segunda questão

Outro sábio, muito mais filósofo, que é um dos metafísicos mais profundos dos nossos dias, dá fortes razões para provar que o politeísmo foi a primeira religião dos homens e que se começou pela crença em numerosos deuses antes que a razão fosse suficientemente esclarecida para reconhecer apenas o único Ser Supremo.

Ouso acreditar, pelo contrário, que se começou por reconhecer um só Deus, para, em seguida, a fraqueza humana haver adotado vários; e eis como concebo as coisas.

É indubitável que houve pequenos burgos antes de serem construídas grandes cidades e que todos os homens estiveram divididos em pequenas repúblicas antes de se reunirem em grandes impérios. É natural que os habitantes de uma pequena povoação, aterrados pelo trovão, afligidos pela perda das suas searas, maltratados pela povoação vizinha, em toda a parte sentindo um poder invisível, tenham logo asseverado: "Há algo superior a nós que nos traz o bem e o mal".

Parece-me impossível que tenham afirmado: "Há dois poderes".

Pois, com efeito, por que vários? Em todos os gêneros se começa pelo simples, vem em seguida o composto e muitas vezes regressa se ao simples por ação de luzes superiores. Tal é a marcha do espírito humano.

Qual foi o ser que primeiramente se invocou? Terá sido o sol? Terá sido a lua? Não creio. Examinemos o que se passa nas crianças; são, pouco mais ou menos, como homens ignorantes. Não são impressionadas nem pela beleza nem pela utilidade do astro que anima a natureza, nem pelo socorro que a lua nos presta, nem pelas variações regulares do seu curso; não pensam nisso, essas coisas lhes escapam. Não se adora, não se invoca, não se deseja apaziguar senão aquilo que se receia; todas as crianças vêem o céu com indiferença; mas que o trovão ribombe e logo tremem e se escondem. Os primeiros homens agiram sem dúvida da mesma maneira. Não podem ter existido então mais do que umas espécies de filósofos que reparassem no curso dos astros e os fizessem admirar e adorar, mas os agricultores simples e sem quaisquer luzes não sabiam o bastante para abraçarem erro tão nobre.

Nas aldeias, ter se ão limitado a comentar: "Há um poder que troveja, que neva sobre nós, que faz morrer os nossos filhos: apaziguemo-lo; mas como apaziguá-lo? Já observamos que, graças a pequenos presentes, pudemos acalmar a cólera de gentes irritadas; vamos pois dar pequenos

presentes a esse poder. Temos também de lhe dar um nome. O primeiro que se nos oferece é o de *chefe, senhor, amo;* este poder será portanto designado por *Meu Senhor.* Tal foi provavelmente o motivo por que os primeiros egípcios chamaram ao seu deus *Knef;* os sírios *Adonai;* os povos vizinhos, *Baal* ou *Bel,* ou *Melch,* ou *Moloch;* os citas, *Papa;* tudo palavras que significam *senhor, amo.*

Daí que se tenha encontrado a América partilhada por uma multidão de pequenos povos, cada qual com o seu deus protetor. Os próprios mexicanos e os peruanos, que constituíram grandes nações, adoravam um deus único; uns adoravam Manko Kapac, os outros, o deus da guerra. Os mexicanos davam ao seu deus guerreiro o nome de *Vitzliputzli,* tal como os hebreus haviam designado o seu por *Sabaoth.*

Não foi devido a qualquer razão superior e cultivada que todos os povos começaram, assim, a reconhecer uma divindade única. Se tivessem sido filósofos, teriam adorado o deus de toda a natureza e não o deus de uma aldeia; teriam examinado essas relações infinitas de todos os seres que provam a existência de um ser criador e conservador: mas nada examinaram, limitando-se a sentir. Tal é o progresso do nosso fraco entendimento; cada povoação sentia a sua fraqueza e a necessidade de um forte protetor. Imaginava que esse ente tutelar e terrível residia na floresta vizinha, ou sobre a montanha, ou em uma nuvem. Não imaginava mais do que um, porque a povoação não tinha mais do que um chefe na guerra. Imaginava o corporal porque lhe era impossível representá-lo de outra maneira. Não podia acreditar que a povoação vizinha não tivesse também um deus próprio. Por isso Jefté diz aos habitantes de Moab: "Possuís legitimamente o que o vosso deus Chamos vos fez conquistar; deveis deixar-nos fruir o que nosso deus nos concedeu, mercê das suas vitórias".

Este discurso, dirigido por um estrangeiro a outros estrangeiros, é verdadeiramente notável. Os judeus e os moabitas haviam desapossado os naturais da região; uns e outros tinham como único direito o da força, e uns dizem aos outros: "O teu deus protegeu-te na tua usurpação, resigna-te a que o meu deus me proteja na minha".

Jeremias e Amós perguntam um ao outro "que razão teve o deus Melchom em apoderar se do país de Gad". Parece evidente, por estas passagens, que a Antiguidade atribuía a cada país um deus protetor. Encontram-se traços desta teologia em Homero.

É natural que com o exaltar se a imaginação dos homens e havendo o seu espírito adquirido conhecimentos confusos, a breve trecho multiplicassem os deuses e assinalassem protetores aos elementos, aos mares, às florestas, às fontes, aos campos. Quanto mais houverem examinado os astros, mais os terá tocado a admiração. Como não adorar o sol, quando se adora a divindade de um riacho? Dado o primeiro passo, em breve a terra se cobriu de deuses e, por fim, desce-se dos astros aos gatos e às cebolas.

No entanto, a razão acaba por se aperfeiçoar; finalmente, o tempo forma filósofos capazes de verificar que nem as cebolas, nem os gatos, nem mesmo os astros organizaram a ordem da natureza. Todos estes filósofos, babilônios, persas, egípcios, citas, gregos e romanos, admitem um Deus supremo, remunerador e vingador.

De início, não o dizem aos povos; pois, a quem quer que houvesse dito mal das cebolas e dos gatos ao pé das velhas e dos padres, tê-lo-iam lapidado; quem quer que houvesse reprovado a certos egípcios o hábito de comerem os seus deuses, teria sido comido ele próprio, como conta Juvenal de um egípcio que foi morto e comido cru durante uma disputa.

Que fizeram então? Orfeu e outros instituem mistérios, que os iniciados se comprometem, por juramentos execráveis, a não revelar, e o principal de tais mistérios é a adoração de um só Deus. Esta grande verdade penetra em meio mundo; o número de iniciados torna-se imenso. É verdade que a antiga religião continua a subsistir; mas, como não é contrária ao dogma da unidade de Deus, deixam-na subsistir. E porque haveriam de a abolir? Os romanos reconhecem o *Deus optimus maximus,* os gregos têm o seu *Zeus,* o seu deus supremo. Todas as outras divindades não passam de entes intermediários: colocam se heróis e imperadores no escalão dos deuses, quer dizer, dos bem-aventurados; é, todavia, certo que Cláudio, Otávio, Tibério e Caligula não são olhados como os criadores do céu e da terra.

Numa palavra, parece provado que, no tempo de Augusto, todos os que tinham uma religião

reconheciam um Deus superior, eterno, e numerosas ordens de deuses secundários, cujo culto foi mais tarde designado por *idolatria*.

As leis dos judeus nunca haviam favorecido a idolatria; porque, conquanto admitissem os *malakhim*, os anjos, os seres celestes de uma ordem inferior, a sua fé não ordenava que essas divindades secundárias fossem objeto de culto entre eles.

Adoravam os anjos, é verdade, quer dizer, prosternavam-se quando os viam, mas, como isso não acontecia muitas vezes, não havia cerimonial nem culto legal estabelecido em seu favor. Os querubins arqueiros não recebiam homenagens. É fato assente que os judeus, pelo menos depois de Alexandre, adoravam abertamente um Deus único tal como a inumerável multidão de iniciados o adorava secretamente em seus mistérios.

Terceira questão

Foi nesse tempo em que o culto de um Deus supremo estava universalmente estabelecido entre todos os sábios, na Ásia, na Europa, na África, que nasceu a religião cristã.

O platonismo auxiliou muito a compreensão dos seus dogmas. O *Logos* que, em Platão, significava a sabedoria, a razão do Ser Supremo, torna-se entre nós o Verbo e uma segunda pessoa de Deus. Uma metafísica profunda e acima da razão humana, eis o santuário inacessível em que foi envolvida a religião.

Não repetiremos aqui como, em seqüência, Maria foi declarada a mãe de Deus, como se instituiu a consubstancialidade do Pai e do Filho, e a procissão *Pneuma*, do órgão divino do divino *Logos*, duas naturezas e duas vontades resultantes da hipóstase e, por fim, a manducação superior, a alma alimentada tal como o corpo pelos membros e sangue do Homem-Deus, adorado e comido sob a forma de pão, presente aos olhos, sensível ao gosto e não obstante reduzido a nada. Todos os sistemas foram sublimes.

Começou-se, no século segundo, por expulsar os demônios em nome de Jesus; noutros tempos, eram expulsos em nome de Jeová ou Ihaho; pois conta São Mateus que, havendo os inimigos de Jesus dito que este expulsava os demônios em nome do príncipe dos demônios, ele respondeu-lhes: "Se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem o expulsam vossos filhos?"

Não se sabe em que época os judeus reconheceram como príncipe dos demônios Belzebu, que era um deus estrangeiro; mas sabe-se (e é Josefo que no lo ensina) que havia em Jerusalém exorcizadores encarregados de expulsar os demônios dos corpos dos possessos, quer dizer, dos homens atacados de doenças singulares então atribuídas, em grande parte da terra, a gênios malfazejos.

Estes demônios eram, pois, expulsos com a verdadeira pronunciação de Jeová, hoje perdida, e com outras cerimônias, hoje esquecidas.

Esse exorcismo, através de Jeová ou de outros nomes de Deus, estava ainda em uso nos primeiros séculos da Igreja. Orígenes, discutindo contra Celso, diz-lhe (n.º 262): "Se, invocando Deus ou jurando por ele, o nomeamos como Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, faremos certas coisas devido a esses nomes, cuja natureza e força são tais que os demônios se submetem àqueles que o pronunciam; mas, se o nomeamos com outro nome, como Deus do mar ruidoso, suplantador, tais nomes são desprovidos de virtude. O nome de Israel traduzido em grego nada poderá operar; mas pronunciai-o em hebreu, com os outros nomes necessários, e operareis a conjugação".

O mesmo Orígenes diz, ao número XIX, estas palavras notáveis: "Há nomes que naturalmente têm virtude, como os utilizados pelos sábios egípcios, pelos magos na Pérsia, pelos brâmanes da Índia. O que se designa por magia não é uma arte vã e quimérica, como pretendem os estóicos e os epicuristas; nem o nome de Sabaoth ou o de Adonai foram feitos por entes criados, antes pertencem a uma teologia misteriosa que se refere ao Criador; eis de onde emana a virtude desses nomes quando são compostos e pronunciados segundo as regras, etc.".

Ao falar assim, Orígenes não nos transmite o seu sentimento particular, antes se limita a exprimir uma opinião universal. Todas as religiões então conhecidas admitiam uma espécie de

magia; e distinguiam-se a magia celeste e a magia infernal, a necromancia e a teurgia: tudo era prodígio, adivinhação, oráculo. Os persas não negavam os milagres dos egípcios nem os egípcios os dos persas: Deus permitia que os primeiros cristãos fossem persuadidos pelos oráculos das sibilas, e consentia lhes ainda alguns outros erros pouco importantes que não corrompiam o fundo da religião.

Outra coisa assaz notável é que os cristãos dos dois primeiros séculos abominavam os templos, os altares e as imagens. Confessa-o Orígenes, no n.º 374. Tudo se modificou com a disciplina, quando a Igreja recebeu uma forma fixa.

Quarta questão

Logo que uma religião se estabelece legalmente em um Estado, os tribunais tratam de impedir que seja renovada a maior parte das coisas que eram feitas nessa religião antes de ser publicamente recebida. Os fundadores reuniam-se em segredo, não obstante os magistrados; agora só são permitidas as assembléias públicas sob os olhares da lei e todas as associações não conformes com a lei são proibidas. A antiga máxima era que mais valia obedecer a Deus que seguir as leis do Estado. Só se ouvia falar de obsessões e de possessos, o diabo andava desencadeado sobre a terra: hoje, o diabo já não sai de casa. Os prodígios, as predições eram tão necessárias: deixaram de ser admitidos. Um homem que profetizasse calamidades nas praças públicas seria metido no hospital de loucos. Os fundadores recebiam secretamente dinheiro dos fiés; um homem que cobrasse fundos para sua disposição sem autorização legal ver-se-ia a conta com a justiça. Assim, deixam de ser usados os andaimes que serviram para construir o edifício.

Quinta questão

Depois da nossa santa religião, sem dúvida a única boa, qual seria a menos má?

Não seria a mais simples? Não seria a que ensinasse muita moral e poucos dogmas? A que se empenhasse em tornar os homens justos sem os tornar absurdos? A que não ordenasse a crença em coisas impossíveis, contraditórias, injuriosas para a Divindade e perniciosas para o gênero humano e não se atrevesse a ameaçar com penas eternas quem quer que tivesse um juízo normal? Não seria a que não sustentasse a sua crença com carrascos e não inundasse a terra com sangue por causa de sofismas ininteligíveis? Aquela em que um equívoco, um trocadilho e dois ou três supostos certificados não transformariam um padre tantas vezes incestuoso, homicida e assassino em soberano e Deus? A que não submetesse os reis a esse padre? A que unicamente ensinasse a adoração de um só Deus, a justiça, a tolerância e a humanidade?

Sexta questão

Foi afirmado que a religião dos gentílicos era absurda em muitos pontos, contraditória, perniciosa; mas não lhe terão imputado mais males do que os que fez e mais tolices do que as que pregou?

Pois ao ver Júpiter touro,
Serpente, cisne ou outra coisa qualquer,
Não acho isso nada belo
Nem me admiro que por vezes o comentem.

(Prólogo de *O Anfitrião*)

Tudo isto é, sem dúvida, muito importante; mas poderão mostrar-me em toda a Antiguidade um templo dedicado a Leda que dormiu com um cisne ou com um touro? Houve algum sermão pregado em Atenas ou em Roma encorajando as moças a fazerem filhos com os cisnes do seu pátio? As fábulas recolhidas e enfeitadas por Ovídio constituem a religião? Não se assemelham à nossa *Legenda Dourada*, à nossa *Flor dos Santos?* Se algum brâmane ou algum derviche nos objetasse a história de Santa Maria Egipciaca, que, não tendo com que pagar aos marinheiros que a haviam conduzido ao Egito, concedeu a cada um o que se chama favores, nós diríamos ao brâmane: "Estais enganado, reverendo padre, a nossa religião não é a *Legenda Dourada*".

Censuramos aos antigos os seus oráculos, os seus prodígios; se eles voltassem à vida e pudessem fazer a conta dos milagres de Nossa Senhora de Loreto e os de Nossa Senhora de Éfeso, a quem favoreceria o saldo final?

Os sacrifícios humanos, apesar de estabelecidos entre quase todos os povos, raramente foram postos em prática. Imolados, entre os judeus, só temos a filha de Jefté e o Rei Agag, pois não o foram Isaac e Jônatas. A história de Ifigênia não está bem esclarecida, no que concerne aos gregos; e entre os antigos romanos rarearam muito os sacrifícios humanos. Em suma, a religião pagã pouco sangue fez verter e a nossa cobriu a terra de sangue. A nossa é seguramente a única boa, a única verdadeira; mas tanto mal temos feito por seu intermédio que devemos ser modestos quando falamos das outras.

Sétima questão

Se um homem quiser persuadir da sua religião compatriotas ou estrangeiros, não deverá fazer uso da mais insinuante das doçuras e da mais aliciante das moderações? Se começa por dizer que aquilo que anuncia está demonstrado, deparará com uma multidão de incrédulos; se ousa afirmar que esses incrédulos só rejeitam a sua doutrina na medida em que ela lhes condena as paixões, que neles o coração corrompeu o espírito, que não têm senão uma razão falsa e orgulhosa, revolta-os, anima-os contra si e por si mesmo arruína o que pretendia instituir.

Se a religião que anuncia é verdadeira, torná-la ão mais verdadeira a cólera e a insolência? Encolerizai-vos quando afirmais que é preciso ser pacífico, paciente, benfazejo, justo, cumpridor de todos os deveres da sociedade? Não, pois que toda a gente é da vossa opinião. Então por que motivo proferis injúrias contra o vosso semelhante, quando lhe pregais uma metafísica misteriosa? É que o seu senso irrita o vosso amor próprio. Tendes o orgulho de exigir que o vosso semelhante submeta a sua inteligência à vossa; o orgulho humilhado produz a cólera, que outra fonte não tem. Um homem ferido por vinte tiros de espingarda numa batalha não se encoleriza. Mas um doutor ferido pela recusa de um sufrágio torna-se furioso e implacável.

Oitava questão

Não será necessário separar cuidadosamente a religião do Estado e a religião teológica?[104] A do Estado exige que os imas conservem o registro dos circuncidados e os curas ou pastores, o registro dos batizados; que haja mesquitas, igrejas, templos, dias consagrados à adoração e ao repouso, ritos estabelecidos pela lei; que os ministros de tais ritos gozem de consideração mas não de poder; que ensinem os bons costumes ao povo e que os ministros da lei vigiem os costumes dos ministros dos templos. Esta religião do Estado em nenhuma circunstância poderá causar perturbação.

Não é assim com a religião teológica; esta é a nascente de todas as tolices e de todas as

[104] A necessidade de uma rigorosa separação entre as igrejas e o Estado é sempre insistentemente invocada por Voltaire. Vide p. ex. o capítulo "Leis civis e leis eclesiásticas". (N. dos T.)

perturbações imagináveis; é a mãe do fanatismo e da discórdia civil; é a inimiga do gênero humano. Um bonzo pretende que Fo é um deus; que foi batizado pelos faquires; que nasceu de um elefante branco; que cada bonzo pode produzir um Fo, à custa de caretas. Um macacão sustenta que Fo foi um santo homem cuja doutrina os bonzos corromperam e que Samonocodão é que é o deus verdadeiro. Após cem argumentos e cem desmentidos, as duas facções concordam em confiar o pleito à solução do dalai-lama, que habita a trezentas léguas da região e que é imortal e mesmo infalível. As duas facções enviam-lhe uma deputação solene. O dalai-lama começa, segundo o divino uso que lhe é próprio, por distribuir entre eles o seu bacio.

As duas seitas recebem o bacio com igual respeito, secam-no ao sol e envolvem-no em pequenos rosários que beijam devotamente; todavia, mal o dalai-lama e o seu conselho se pronunciam em nome de Fo, logo o partido condenado atira os rosários ao nariz do vice-deus e intenta aplicar-lhe com bons golpes de azorrague. O outro partido defende o seu lama, de quem recebeu boas terras; ambos se batem longamente; e quando ficam cansados de se exterminarem, de se assassinarem, de se envenenarem reciprocamente, trocam ainda pesadas injúrias; e o dalai-lama a rir-se; e ei-lo que mais uma vez distribuiu o seu bacio a quem quer que deseje receber as dejeções do bom pai lama.

Ressurreição

I

Conta-se que os egípcios construíram as pirâmides apenas porque as queriam usar como túmulos e que os seus corpos embalsamados por dentro e por fora aguardassem que as respectivas almas viessem reanimá-los ao cabo de mil anos. Todavia, se os corpos deviam ressuscitar, por que motivo é que a primeira operação dos embalsamadores consistia em abrir-lhes o crânio com um gancho e tirar-lhes o cérebro? A idéia de ressuscitar sem cérebro deixa suspeitar (se é lícito usar este termo) que os egípcios não o tinham em vida; convém, no entanto, considerar que a maior parte dos antigos acreditava que a alma residisse no peito. E por que motivo estaria a alma no peito, de preferência a outro sítio qualquer? É que, com efeito, em todos os sentimentos um tanto violentos experimenta-se na região do coração uma dilatação ou um aperto que leva a pensar que é ali a morada da alma. Esta alma era algo de aéreo, uma figura ligeira que passeava por onde podia até que reencontrava o seu corpo.

A crença na ressurreição é muito mais antiga que os tempos históricos. Atálida, filha de Mercúrio, podia morrer e ressuscitar conforme lhe aprouvesse; Esculápio restituiu a vida a Hipólito, Hércules e Alceste; Pélops cortado aos bocados por seu pai foi ressuscitado pelos deuses. Platão conta que Heres ressuscitou somente por quinze dias.

Entre os judeus, os fariseus adotaram o dogma da ressurreição muito tempo depois de Platão.

Há nos Atos dos Apóstolos um fato bem singular e digno de atenção. São Tiago e muitos dos seus companheiros aconselham São Paulo a dirigir-se ao templo de Jerusalém para observar todas as cerimônias da antiga lei, apesar de ser tão cristão, "a fim de que todos saibam", dizem eles, "que aquilo que se diz de nós é falso e que continuais a guardar a Lei de Moisés". Isto é o mesmo que dizer claramente: "Ide mentir, ide perjurar, ide renegar publicamente a religião que ensinais".

São Paulo dirigiu-se, pois, ao templo onde permaneceu sete dias, mas ao sétimo foi reconhecido. Acusam-no de ter vindo com estrangeiros e de haver profanado o templo. Eis como ele conseguiu resolver a situação:

"Ora, sabendo Paulo que uma parte dos que ali se encontravam era formada por saduceus e a outra por fariseus, gritou na assembléia: Irmãos, eu sou fariseu e filho de fariseus; é por causa

da esperança numa outra vida e na ressurreição que querem condenar-me". A ressurreição dos mortos nada tinha a ver com o caso: Paulo invocava-a apenas para acicatar, uns contra os outros, fariseus e saduceus.

V. 7. "Assim falou Paulo e logo se desencadeou a discórdia entre fariseus e saduceus e a assembléia ficou dividida."

V. 8. "Pois que os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito, ao passo que os fariseus reconhecem quer um, quer outro, etc."

Houve quem pretendesse que Jó — personagem muito antigo — conhecia o dogma da ressurreição. Citam-se estas palavras: "Sei que o meu redentor está vivo e que um dia ou a sua redenção pairará sobre mim ou eu me levantarei da poeira, que a minha pele voltará e que eu tornarei a ver Deus na minha carne".

Contudo, muitos comentadores entendem estas palavras com o significado de que Jó espera recompor-se em breve da doença e não permanecer para sempre prostrado sobre a terra como então estava. O seguimento prova suficientemente que esta é a verdadeira explicação: com efeito, no momento seguinte, Jó grita para os seus falsos e duros amigos: "Por que motivo então dizeis vós: Perseguimo-lo?" ou então: "Porque vós direis: Porque o temos perseguido". Não quererá isto dizer com toda a evidência: "Haveis de vos arrepender de me terdes ofendido quando voltardes a ver-me no meu primeiro estado de saúde e opulência"? Um doente que diz: "Hei de levantar-me", não quer dizer: "Hei de ressuscitar". Atribuir sentidos forçados a passagens claras é o meio mais seguro de nunca nos entendermos ou de sermos olhados como pessoas de má fé pela gente honesta.

São Jerônimo situa o nascimento da seita dos fariseus muito pouco tempo antes de Jesus Cristo. O Rabino Hittel, que passa por ser o fundador da seita farisaica, era contemporâneo de Gamaliel, o mestre de São Paulo.

Muitos destes fariseus acreditavam que só os judeus ressuscitariam e que não valia a pena ressuscitarem os restantes homens. Outros sustentaram que só na Palestina seria possível ressuscitar e que os corpos enterrados fora dessa região seriam transportados em segredo até junto de Jerusalém para se reunirem às suas almas. Contudo, São Paulo, ao escrever aos habitantes de Tessalônica, diz-lhes que "a segunda vinda de Jesus Cristo é para eles e para ele, que a testemunharão".

V. 16. "Porque, logo que o sinal seja dado pelo arcanjo e pela trombeta de Deus, o Senhor mesmo descerá do céu e os que houverem morrido em Jesus Cristo serão os primeiros a ressuscitar."

V. 17. "Pois nós que estamos vivos e até então permaneceremos, seremos levados com eles nas nuvens, para comparecermos ante o Senhor no meio do ar, e assim viveremos para sempre com o Senhor."[105]

Esta passagem importante não provará com evidência que os primeiros cristãos contavam assistir ao fim do mundo, previsto por São Lucas para a própria época em que São Lucas viveu? É certo que não assistiram ao fim do mundo e que ninguém ressuscitou desde essa altura, mas o que é adiado não está perdido.

Santo Agostinho acredita que as crianças, e mesmo as crianças nado-mortas, ressuscitarão na idade madura. Os Orígenes, Jerônimo, Atanásio, Basílio não acreditaram que as mulheres devessem ressuscitar conservando o seu sexo.

Enfim, sempre se discutiu sobre o que fomos, sobre o que somos, sobre o que seremos.

II

O Padre Malebranche prova a ressurreição invocando as lagartas que se transformam em borboletas. Semelhante prova é, como se vê, tão ligeira quanto as asas dos insetos que ela vai bus-

[105] *Epístola aos Tessalonicenses*, cap. IV. (N. dos T.)

car. Pensadores com propensão para o cálculo formulam objeções aritméticas contra esta verdade tão bem provada. Afirmam que os homens e os outros animais se alimentam realmente e recebem o crescimento da substância dos seus predecessores. O corpo humano reduzido a poeira, espalhado no ar e caindo sobre a superfície da terra, torna-se legume ou trigo. Assim, Caim comeu uma parte de Adão; Enoch alimentou-se de Caim; Irad, de Enoch; Maviael, de Irad; Matusalém, de Maviael; e verifica-se que nenhum de nós deixou de engolir uma pequena porção do nosso primeiro pai. Por isso se disse que somos todos antropófagos. Nada é mais apreensível, após uma batalha; não só matamos os nossos irmãos como, ao fim de dois ou três anos, os comemos a todos, quando se faz a colheita no campo de batalha; e seremos assim comidos sem dificuldade, chegando a nossa vez. Ora, quando for preciso ressuscitar, como restituiremos a cada qual o corpo que lhe pertencia, sem perda do nosso?

Eis o que dizem aqueles que desconfiam da ressurreição; todavia, os ressuscitadores têm respondido com muita pertinência.

Um rabino chamado Samai demonstra a ressurreição mediante esta passagem do *Êxodo:* "Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó; e prometi sob juramento dar-lhes a terra de Canaã". Ora, Deus, não obstante o seu juramento, afirma este grande rabino, não lhes deu a tal terra; logo, hão de ressuscitar para a poderem fruir e ser cumprido o juramento.

O profundo filósofo Dom Calmet encontra nos vampiros uma prova bem mais concludente. Viu alguns desses vampiros que saíam dos cemitérios para irem sugar o sangue das pessoas adormecidas; é claro que não poderiam sugar o sangue dos vivos, se ainda estivessem mortos; logo, haviam ressuscitado: eis o que é peremptório.

Outra coisa também certa é que todos os mortos, no dia do julgamento, hão de marchar sob a terra como toupeiras, segundo o que reza o Talmud, para comparecerem no Vale de Josafá, que se situa entre a cidade de Jerusalém e o monte das Oliveiras. O aperto nesse vale será grande; mas não há senão que reduzir os corpos proporcionalmente, como os diabos de Milton na sala do Pandemonium.

Esta ressurreição far-se-á ao som de trombetas, ao que nos diz São Paulo. Serão necessariamente precisas muitas trombetas, pois o próprio trovão não é ouvido a mais de três ou quatro léguas em redor. Pergunta-se quantas trombetas haverá, os teólogos ainda não fizeram o cálculo; mas hão de fazê-lo.

Afirmam os judeus que a rainha Cleópatra, sem dúvida crente na ressurreição como todas as damas desse tempo, perguntou a um fariseu se se ressuscitaria nu. Respondeu-lhe o doutor que estaremos muito bem vestidos, pela mesma razão por que o trigo semeado, morto dentro da terra, ressuscita em espiga com vestido e barbelas. Este rabino era um teólogo excelente; raciocinava como Dom Calmet.

S

Seita

Qualquer seita, de qualquer gênero, é sempre a aliança da dúvida e do erro. Escotistas, tomistas, realistas, nominalistas, papistas, calvinistas, molinistas e jansenistas, tudo isto são nomes de guerra.

Não há seitas em geometria; ninguém se refere a euclidianos, a arquimedianos.

Quando a verdade é evidente, torna-se impossível a formação de partidos e facções. Nunca se discutiu sobre se é dia claro ao meio-dia.

Uma vez conhecida a parte da astronomia que determina o curso dos astros e a regularidade dos eclipses, deixou de haver disputas entre os astrônomos.

Ninguém diz em Inglaterra: "Sou newtoniano", ou "sou lockiano", ou "halleyano"; e por quê? Porque, quem quer que os tenha lido, não pode recusar assentimento às verdades ensinadas por esses três grandes homens. Quanto mais Newton é respeitado, menos há quem se intitule newtoniano; esta palavra faria supor a existência de antinewtonianos em Inglaterra. Temos ainda

talvez alguns cartesianos em França, unicamente porque o sistema de Descartes é um tecido de imaginações errôneas e ridículas.

O mesmo sucede com o reduzido número de verdades de fato que estão bem verificadas. As atas da Torre de Londres foram recolhidas autenticamente por Rymer mas não existem rymeristas, pois ninguém se propõe combater a recolha. Não se encontram aí contradições, nem absurdos, nem prodígios: nada que revolte a razão, nada, por conseguinte, que sectários se esforcem por sustentar ou derrubar mercê de raciocínios absurdos. Toda a gente convém, pois, em que as Atas de Rymer são dignas de fé.

Sois maometano, logo há pessoas que o não são, logo pode acontecer que não estejais dentro da razão.

Que religião seria a verdadeira, se o cristianismo não existisse? Aquela em que não há seitas, aquela em que há o acordo necessário de todos os espíritos.

Ora, em que dogma se verifica a concordância de todos os espíritos? Na adoração de um Deus e na probidade. Todos os filósofos da terra que tiveram uma religião disseram, em todos os tempos: "Há um Deus e é preciso ser-se justo". Tal é a religião universal, estabelecida em todos os tempos e entre todos os homens.

Portanto, é verdadeiro o ponto sobre que todos concordam e falsos os sistemas sobre que diferem.

"A minha seita é a melhor", diz-me um brâmane. Mas, meu amigo, se a tua seita for boa, será necessária, pois, se não fosse absolutamente necessária, tens de confessar que seria inútil; e sendo absolutamente necessária, sê-lo-á para todos os homens; como pode acontecer que todos os homens não tenham algo que lhes é absolutamente necessário? Como pode acontecer que o resto do mundo zombe de ti e do teu Brama?

Quando Zoroastro, Hermes, Orfeu, Minos e todos os grandes homens dizem: "Adoremos Deus e sejamos justos", ninguém ri, mas todo o mundo apupa aquele que pretende que não podemos agradar a Deus a menos que seguremos à hora da morte uma cauda de vaca ou aquele que liga a salvação eterna a ossos de mortos que se trazem sob a camisa ou a uma indulgência plena que se compra em Roma por dois soldos e meio.

De que resulta este universal concurso de risadas e apupos que cobre o mundo, de um extremo a outro? Impõe-se que as coisas de que o mundo se ri não sejam de uma verdade bem evidente. Que diremos de um secretário de Séjano que dedicou a Petrônio um livro em estilo empolado com o título: "*A Verdade dos Oráculos Sibilinos, Provada pelos Fatos*"?

Esse secretário prova-nos primeiro que era necessário que Deus enviasse à terra grande número de sibilas, umas atrás das outras, pois não havia outros meios de instruir os homens. Está demonstrado que Deus falava a essas sibilas, porquanto a palavra *sibila* significa *conselho de Deus*. Deviam elas viver durante muito tempo, uma vez que esse seria o menor privilégio devido a pessoas com quem Deus fala. Foram em número de doze, pois esse número é sagrado. Haviam seguramente profetizado todos os acontecimentos mundanos, dado que Tarquínio, o Soberbo, comprou por cem escudos a uma velha três dos seus livros. Que inerédulo, acrescenta o secretário, ousará negar todos estes fatos evidentes que se passaram num canto, à face de toda a terra? Quem poderá negar o cumprimento das suas profecias? Embora não estejamos na posse dos exemplares originais dos livros sibilinos, não é certo que dispomos de cópias autênticas? A impiedade tem de se calar perante estas provas. Assim falava Houtrevillus a Séjano. Contava obter um lugar de áugure que lhe valeria cinqüenta mil libras de renda e não teve coisa nenhuma.

"O que a minha seita ensina é obscuro, reconheço-o", afirma um fanático; "e é em virtude dessa obscuridade que se deve crer na seita, pois ela própria se afirma cheia de obscuridades. A minha seita é extravagante, logo é divina; pois como seria possível que fosse abraçado por tantos povos aquilo que parece uma tal loucura se não houvesse aí algo de divino? É precisamente como o Alcorão que os Sonitas dizem ter um rosto de anjo e um rosto bestial; não vos escandalizeis com o focinho da besta e venerai o rosto do anjo." Assim fala semelhante insensato; mas um fanático de uma outra seita replica: "Tu és a besta e eu sou o anjo".

Ora, quem julgará este processo? Quem decidirá entre estes dois energúmenos? O homem racional, imparcial, sábio de uma ciência que não é a das palavras; o homem isento de preconceitos e amante da verdade e da justiça; enfim, o homem que não é besta nem acredita ser anjo.

Senhor

Como foi possível a um homem tornar-se senhor de outro homem e por que espécie de incompreensível magia pôde esse homem tornar se senhor de muitos mais homens? Sobre este fenômeno escreveu-se um grande número de bons volumes mas eu dou preferência a uma fábula indiana porque é curta e porque nas fábulas tudo ficou dito.

"Adimo, pai de todos os homens, teve dois filhos e duas filhas de sua mulher Procriti. O mais velho era um gigante vigoroso, o mais novo, um pequeno corcunda, e as duas filhas eram bonitas. Logo que o gigante sentiu a sua força, dormiu com as irmãs e fez-se servir pelo pequeno corcunda. Das duas irmãs, uma veio a ser a sua cozinheira, a outra, a sua jardineira.

"Quando queria dormir, o gigante começava por acorrentar a uma árvore o irmãozinho corcunda; e, se este fugia, alcançava-o em quatro pernadas e dava-lhe vinte golpes com um nervo de boi.

"O corcunda tornou-se submisso e o melhor súdito do mundo. O gigante, satisfeito por o ver cumprir os deveres de súdito, permitiu lhe dormir com uma das irmãs, de que se desgostara. As crianças que resultaram deste casamento, sem serem corcundas, eram de envergadura assaz contrafeita e foram educadas no temor de Deus e do gigante. Receberam uma excelente educação: ensinaram lhes que o seu enorme tio era gigante por direito divino e podia fazer o que lhe agradasse de toda a família; que, se tivesse alguma sobrinha ou segunda sobrinha bonita, seria só para si e ninguém poderia dormir com ela senão quando ele se fartasse.

"Falecido o gigante, o seu filho, que, de longe, não era tão forte nem tão grande, acreditou, todavia, que era gigante de direito divino, como o pai. Quis fazer trabalhar para si todos os homens e deitar-se com todas as raparigas. A família coligou-se contra ele, foi sovado e implantou-se a república."

Os siameses pretendem, pelo contrário, que a família começou por ser republicana e que o gigante só surgiu depois de um bom par de anos e de dissensões; porém, todos os autores de Benarés e do Sião convêm em que os homens viveram uma infinidade de séculos antes de terem espírito para fazer leis; e provam no com o argumento, sem réplica, de que, mesmo hoje, quando toda a gente se orgulha de ter espírito, não se achou maneira de elaborar uma vintena de leis aceitavelmente boas.

É ainda, por exemplo, questão insolúvel nas Índias apurar se as repúblicas foram estabelecidas antes ou depois das monarquias, se a confusão deveria parecer aos homens mais horrível que o despotismo. Ignoro o que tenha sucedido na sucessão dos tempos; mas, na da natureza, impõe-se-nos convir que, nascendo os homens todos iguais, a violência e a habilidade fizeram os primeiros senhores; as leis fizeram os seguintes.

Sensação

Diz se que as ostras têm dois sentidos; as toupeiras, quatro; os outros animais como os homens, cinco; algumas pessoas admitem um sexto, mas é evidente que a sensação voluptuosa a que querem aludir se reduz ao sentido do tato; o nosso quinhão são pois, cinco sentidos. Para além destes, é nos impossível imaginar e desejar outros.

Pode acontecer que em outros globos haja sentidos de que não temos idéia; pode ser que o número dos sentidos aumente de globo para globo e que o ser que disponha de sentidos inúmeros e perfeitos seja o termo de todos os seres.

Mas nós, com os nossos cinco órgãos, que poder é o nosso? Sentimos sempre, não obstante a nossa vontade e nunca porque o queremos; é-nos impossível não ter a sensação que a nossa natureza nos destina, quando o objeto nos impressiona. O sentimento está em nós mas não depende de nós. Recebemo-lo; e como o recebemos? Sabe-se que não há qualquer relação entre o ar batido, as palavras que me cantam e a impressão que essas palavras provocam no meu cérebro.

Maravilhamo-nos com o pensamento; mas o sentimento não é menor maravilha. Um poder divino se manifesta na sensação do último dos insetos, tanto como no cérebro de Newton. No entanto, milhares de animais podem morrer à vossa vista sem que vos inquieteis com o destino da sua faculdade de sentir, conquanto essa faculdade seja obra do ser dos seres; para vós, são como máquinas da natureza, nascidas para perecer e dar lugar a outras.

Por que é como subsistiria a sensação desses animais quando deixam de existir? Que necessidade teria o autor de tudo o que existe de conservar propriedades cujo sujeito é destruído? Seria o mesmo que dizer que o poder de a planta chamada sensitiva retirar as folhas para os ramos subsiste ainda quando a planta já não existe. Ides sem dúvida perguntar como é que, perecendo as sensações dos animais quando estes perecem, não perecerá o pensamento do homem. Não posso responder à questão pois não sei o suficiente para a resolver. Só o autor eterno da sensação e do pensamento sabe como os dá e como os conserva.

Toda a Antiguidade sustentou que nada existe no nosso entendimento que não tenha existido nos nossos sentidos. Descartes pretendeu, nos seus romances, que tínhamos idéias metafísicas antes de conhecermos as tetas da nossa ama; uma Faculdade de teologia prosereveu este dogma não porque fosse um erro mas porque era uma novidade; em seguida adotou esse erro, porque fora destruído por Locke, filósofo inglês, e convinha que um inglês não tivesse razão. Enfim, depois de haver mudado de opinião tantas vezes, a Faculdade volta a preserever a antiga verdade de que os sentidos são as portas do entendimento. Procedeu como os governos endividados que ora dão curso a certas notas ora as denegam; mas depois de muito tempo ninguém quer notas daquela Faculdade.

Nem todas as faculdades do mundo conseguirão impedir os filósofos de observar que começamos por sentir e que a nossa memória não é senão uma sensação continuada. Um homem que nascesse privado dos seus cinco sentidos, privado estaria de qualquer idéia, se pudesse viver. As noções metafísicas somente nos chegam através dos sentidos; pois, com efeito, como medir um círculo ou um triângulo, sem nunca se ter visto ou tocado um círculo ou um triângulo? Como formar uma idéia perfeita do infinito senão mediante o afastamento dos limites? E como estabelecer limites sem os haver contemplado ou sentido?

A sensação envolve todas as nossas faculdades, diz um grande filósofo. [106]

Que se deve concluir de tudo isto? Vós que sabeis ler e que pensais, tirai conclusões.

Os gregos tinham inventado a faculdade *Psyché* para as sensações, e a faculdade *Nous* para os pensamentos. Infelizmente ignoramos o que sejam essas duas faculdades; temo-las, mas a sua origem não a conhecemos melhor que a ostra, a urtiga-do-mar, o pólipo, os vermes e as plantas. Por que inconcebível mecanismo o sentimento existe em todo o meu corpo e o pensamento só existe na minha cabeça? Se vos cortarem a cabeça, tudo levará a crer que não sejais capaz de resolver um problema de geometria; no entanto, a vossa glândula pineal, o vosso corpo caloso, em que se aloja a vossa alma, subsistem por muito tempo sem alteração; a vossa cabeça cortada continua tão cheia de espíritos animais que, freqüentes vezes, salta depois de ser separada do tronco; parece que deveria ter nesse momento idéias muito vivas e assemelhar-se à cabeça de Orfeu, que continuava a produzir música e a cantar para Eurídice quando a atiravam para as águas do Ebro.

Se deixais de pensar quando deixais de ter cabeça, de onde resulta que o vosso coração seja sensível quando é arrancado?

Podeis dizer-me que sentis porque todos os nervos têm origem no cérebro; e, no entanto, se sois trepanado, e se vos queimam o cérebro, nada sentis. As pessoas que sabem as razões de tudo isto são muito espertas.

[106] Condillac, *Tratado das Sensações*. (N. dos T.)

Senso Comum

Existe por vezes nas expressões vulgares uma imagem do que se passa no fundo do coração de todos os homens. *Sensus communis* significa, entre os romanos, não só senso comum mas também humanidade, sensibilidade.

Como não valemos os romanos, a expressão significa entre nós apenas metade do que significa entre eles. Significa tão só bom senso, razão grosseira, razão inicial, primeira noção das coisas ordinárias, estado médio entre a estupidez e a agudeza de espírito. "Esse homem não tem o senso comum" corresponde a injúria grossa. "Esse homem tem o senso comum" é uma injúria também: quer isto dizer que não é absolutamente estúpido e que carece daquilo a que se chama agudeza de espírito. Porém, de onde pode derivar a expressão senão dos sentidos? Quando inventaram esta expressão, os homens confessaram que nada entra na alma senão pelos sentidos; de outra maneira, como teriam empregado a palavra *senso* para significar raciocínio comum?

Por vezes diz se: "O senso comum é muito raro"; que significa esta frase? Significa que em muitos homens a razão inicial é travada no seu progresso por alguns preconceitos; e que esse homem, capaz de sãos juízos sobre determinado assunto, se enganará grosseiramente acerca de outros. O árabe, que será um bom calculador, um sábio químico, um astrônomo exato, acreditará no entanto que Maomé tem metade da lua escondida na manga.

Que motivos o levarão a ir além do senso comum nas três ciências a que me referi, e a ficar abaixo do senso comum quando se trata da metade da lua? É que, nos primeiros casos, viu com os próprios olhos, aperfeiçoou a inteligência; e no segundo viu pelos olhos de outrem, fechou os seus, perverteu o senso comum que em si existe.

Como é possível que se opere esta estranha reviravolta do espírito? Como é possível que as idéias que marcham no cérebro com passo tão regular e tão firme, quanto a grande número de objetos, falhem tão miseravelmente quando se trata de outro mil vezes mais palpável e mais fácil de compreender? Um tal homem conserva em si os mesmos princípios de inteligência; torna-se, pois, necessário que haja um órgão viciado, como acontece por vezes que o mais fino dos gastrônomos possa ter o gosto depravado no que respeita a uma espécie particular de comida.

Como se viciou o órgão desse árabe que vê metade da lua na manga de Maomé? Por efeito do medo. Foi-lhe dito que, se não acreditasse na história da manga, a sua alma logo após a morte, ao passar na ponte estreita, tombaria para sempre no abismo; foi-lhe dito algo de bem pior: "Se alguma vez duvidares da manga, um derviche te designará como ímpio; outro te provará que és insensato, pois, tendo todos os motivos possíveis de credibilidade, não quiseste submeter a tua razão soberba à evidência; um terceiro te pronunciará ante o insignificante divã de uma insignificante província e serás legalmente empalado".

Tudo isto põe em terror pânico o bom do árabe, a sua mulher, a irmã e todo o resto da família. Têm bom senso sobre tudo o mais mas quanto a este artigo a sua imaginação está ferida, como a de Pascal, que via continuamente um precipício junto da sua cadeira. Mas acreditará o nosso árabe, com efeito, na manga de Maomé? Não: esforça-se por crer; diz: "Isto é impossível mas é verdade; creio no que não creio". Forma-se na sua cabeça, acerca da manga, um caos de idéias que receia desfindar; e eis o que verdadeiramente não tem o senso comum.

Sonhos

Somnia, quae mentes ludunt volitantibus umbris,
Non delubra deum nec ab aethere numina mittunt,
Sed sibi quisque facit.[197]

[197] Os sonhos, que iludem as mentes com sombras esvoaçantes, não os enviam do éter, qual um deus, nem os ídolos nem as divindades, mas qualquer um os fabrica para si. (N. do E.)

Mas como é possível que, estando todos os sentidos mortos durante o sono, haja um outro, interno, que se mantém vivo? Como é que, não vendo os vossos olhos, não escutando os vossos ouvidos, vós podeis, no entanto, ver e ouvir em sonhos? O cão anda à caça em sonhos; ladra, segue a presa, ceva-se. O poeta faz versos enquanto dorme; o matemático vê figuras; o metafísico raciocina, bem ou mal; de tudo isto, há exemplos gritantes.

Serão apenas os órgãos da máquina que agem? Será a pura alma que, subtraída ao império dos sentidos, goza dos seus direitos em liberdade?

Se apenas os órgãos produzem os sonhos noturnos, qual a razão por que não produzem com exclusividade as idéias diurnas? Se a pura alma, tranqüila durante o repouso dos sentidos, agindo por si só, é a causa única, o sujeito único de todas as idéias que tendes enquanto dormis, qual a razão por que todas essas idéias são quase sempre irregulares, irrazoáveis, incoerentes? Como! pois no momento em que essa alma se encontra menos perturbada é que há maior perturbação em todas as imaginações! Livre, enlouquece! Se houvesses nascido já com idéias metafísicas, como afirmaram tantos escritores que sonhavam de olhos abertos, as suas idéias puras e luminosas do ser, do infinito, de todos os princípios primeiros deveriam despertar nela com a maior das energias quando o corpo adormece: só em sonhos se conseguiria ser bom filósofo.

Qualquer que seja o sistema que perfilheis, quaisquer que sejam os vãos esforços que possais empreender para provardes a vós próprios que a memória agita o vosso cérebro e que o vosso cérebro agita a vossa alma, deveis convir em que todas as vossas idéias chegam a vós durante o sono, sem vós e mau grado vosso; a vossa vontade não intervém aí. É certo, portanto, que podeis pensar sete ou oito noites de seguida sem a menor vontade de pensar e até sem que estejais seguros de pensar. Pesai isto e tentai adivinhar em que consiste o composto do animal.

Os sonhos sempre foram um grande objeto de superstição. Nada mais natural! Um homem vivamente tocado pela doença da amante sonha que a vê moribunda; no dia seguinte, ela morre: logo, os deuses predisseram-lhe esta morte.

Um general sonha que ganha uma batalha; ganha a, com efeito: logo, os deuses advertiram no que seria vencedor.

Só atendemos os sonhos que se cumpriram; os outros, esquecem-se; os sonhos constituem grande parte da história antiga, tal como os oráculos.

A *Vulgata* traduz deste modo o final do versículo 26 do capítulo XIX do *Levítico:* "Não observareis os sonhos". Mas a palavra *sonho* não existe em hebreu e seria assaz estranho que fosse reprovada a observância dos sonhos no mesmo livro em que se diz que José se torna benfeitor do Egito por haver explicado três sonhos.

A explicação dos sonhos era algo de tão comum, que não se circunscrevia à inteleeção do sonho: era preciso também, por vezes, adivinhar o que o outro homem tinha sonhado. Nabucodonosor, que esquecera um sonho, ordenou aos seus magos que o adivinhassem, ameaçando-os de morte se não tivessem êxito; porém, o judeu Daniel, que era da escola dos magos, salvou-lhes a vida, adivinhando e interpretando o sonho do rei. Esta história e muitas outras poderiam servir de prova de que a lei dos judeus não proibia a oniromancia, quer dizer, a ciência dos sonhos.

Superstição

I

Capítulo tirado de Cícero, de Sêneca e de Plutarco

Quase tudo o que transcende a adoração de um Ente supremo e a submissão do coração às suas ordens eternas constitui superstição. Uma das mais perigosas consiste no perdão de crimes ligados a certas cerimônias.

Et nigras mactant pecudes, et manibus divis
Inferias mittunt.
Ah! nimium faciles qui tristia crimina caedis
Fluminea tolli posse putatis aqua![108]

E vós pensais que Deus esquecerá o vosso homicídio se vos banhardes num rio, se imolardes uma ovelha preta, ou se sobre vós forem pronunciadas certas palavras. Um segundo homicídio ser-vos-á, pois, perdoado pelo mesmo preço, e um terceiro, e cem assassinatos custar-vos-ão apenas cem ovelhas negras e cem abluções! Fazei melhor, miseráveis humanos: nada de mortes e nada de ovelhas pretas.

Que infame idéia é imaginar-se que um padre de Isis e de Cibele, tocando címbalos e castanholas, vos reconciliará com a Divindade! E quem é esse padre de Cibele, esse eunuco errante que vive das vossas fraquezas, para se instituir como mediador entre o céu e vós? Para resmonear algumas palavras? E acreditais que o Ser dos seres ratifica o palavreado desse charlatão?

Há superstições inocentes: se quereis dançar nos dias de festa em honra de Diana ou de Pomona, ou de qualquer desses deuses secundários de que está cheio o vosso calendário, fazei-o em boa hora. A dança é muito agradável, é útil ao corpo, consola a alma, não faz mal a ninguém; mas não deveis acreditar que Pomona e Vertuna ficam a dedicar-vos muita estima pelos vossos saltos em sua honra ou que vos punirão se não houver da vossa parte o cumprimento da cerimônia. Além da pá e da enxada do jardineiro não há outra Pomona ou outra Vertuna. Não haveis de ser suficientemente imbecis para acreditardes que o vosso jardim gelará por não terdes dançado a *pírrica* e a *cordacia*.

Talvez haja uma superstição perdoável e capaz de estimular a virtude; referimo-nos à que consiste em colocar entre os deuses os grandes homens que foram benfeitores do gênero humano. Seria melhor, sem dúvida, que as pessoas se limitassem a olhá-los simplesmente como homens veneráveis e, sobretudo, que tratassem de os imitar. Venerai, sem culto, um Sólon, um Tales, um Pitágoras; mas deveis abster-vos de adorar um Hércules por ter limpado as estrebarias de Áugias e ter dormido com cinqüenta raparigas numa só noite.

Guardai-vos, sobretudo, de prestar culto a patifes cujos únicos méritos foram a ignorância, o entusiasmo e a porcaria; que adotaram como dever e glória a ociosidade e a pedinchice: quem foi inútil toda a vida merecerá a apoteose depois de morto?

Notai que as épocas de maior superstição foram sempre as dos mais horríveis crimes.

II

O supersticioso está para o mariola como o escravo para o tirano. Mais ainda: o supersticioso é governado pelo fanático e acaba por tornar-se fanático também. A superstição, nascida durante o paganismo, adotada pelo judaísmo, infetou a Igreja cristã desde os primeiros tempos. Todos os Padres da Igreja, sem exceção, acreditam no poder da magia. A Igreja, que sempre condenou a magia, sempre acreditou nela; nunca excomungou os bruxos como loucos que estavam enganados mas como homens que realmente mantinham comércio com os diabos.

Hoje, metade da Europa crê que a outra metade foi sempre e continua a ser supersticiosa. Os protestantes vêem as relíquias, as indulgências, as macerações, as preces pelos mortos, a água benta e quase todos os ritos da Igreja Romana como uma demência supersticiosa. A superstição, segundo eles, consiste na adoção de práticas inúteis a título de práticas necessárias. Entre os católicos romanos, alguns há mais esclarecidos do que os antepassados, que renunciaram a muitos

[108] E matam ovelhas negras e depõem nas mãos dos deuses sacrifícios pelas almas dos mortos. Ah! com demasiada facilidade julgais que se podem apagar nas águas de um rio tristes crimes de morte. (N. do E.)

desses usos outrora sagrados; e defendem-se quanto aos outros, argüindo: "São indiferentes e o que apenas é indiferente não pode ser um mal".

É difícil assinalar as fronteiras da superstição. Um francês que viaja pela Itália considera quase tudo como superstição e não se engana. O arcebispo de Canterbury pretende que o arcebispo de Paris é supersticioso; os presbiterianos dirigem a mesma censura a Monsenhor Canterbury e são, por seu turno, apodados de supersticiosos pelos quacres, que, aos olhos dos outros cristãos, aparecem como os maiores de todos os supersticiosos.

Ninguém chega a acordo nas sociedades cristãs quanto ao que constitui a superstição. A seita que parece menos atacada por esta doença do espírito é a que tem menos ritos. Mas se, embora com pouco cerimonial, ela se liga fortemente a uma crença absurda, esta equivale por si só a todas as práticas supersticiosas observadas desde Simão, o mágico, até o Cura Gauffridi.

É evidente que o fundo da religião de uma seita passa por superstição numa outra seita.

Os muçulmanos acusam todas as sociedades cristãs de práticas supersticiosas e são acusados do mesmo. Quem julgará este grande processo? A razão? Mas se cada seita pretende ter a razão do seu lado. Será pois a força que julgará, enquanto aguardamos que a razão penetre em um número bastante de cabeças para desarmar a força.

Por exemplo, houve tempos na Europa cristã em que não era permitido aos recém casados o gozo dos direitos do matrimônio sem terem comprado esse direito ao bispo ou ao cura.

Alguém que no seu testamento não deixasse parte dos seus bens à Igreja era excomungado e privado de sepultura. Chamava-se a isto morrer *inconfesso;* quer dizer, sem confessar a religião cristã. E, quando um cristão morria "intestado", a Igreja poupava ao morto essa excomunhão, substituindo se lhe na feitura do testamento de maneira a estipular e cobrar os legados piedosos que o defunto deveria ter deixado.

Por isso, o Papa Gregório IX e São Luís ordenaram, após o concílio de Narbonne, celebrado em 1235, que todo testamento feito sem assistência de um padre seria nulo e o Papa decretou que testador e notário seriam excomungados.

A taxa dos pecados foi ainda mais escandalosa, se possível. Era a força que sustentava todas estas leis, às quais se submetia a superstição dos povos; e só com o decorrer do tempo a razão logrou fazer abolir esses vergonhosos vexames, embora deixasse subsistir tantos outros.

Até que ponto permite a política que se arruine a superstição? O problema é espinhoso; é o mesmo que perguntar até que ponto se deve praticar a punção em um hidrópico que pode morrer na operação. Tudo depende da prudência do médico.

Poderá existir um povo liberto de todos os preconceitos supersticiosos? É perguntar: poderá existir um povo de filósofos? Dizem que não há superstição alguma entre a magistratura da China. É verossímil que nenhuma virá substituir na magistratura de algumas cidades da Europa.

Então, esses magistrados impedirão que a superstição do povo se torne perigosa. O exemplo destes magistrados não iluminará a canalha mas os principais burgueses contê-la-ão. Talvez haja um único tumulto, um único atentado religioso em que os burgueses não tenham participado outrora, porque então os burgueses eram da canalha; contudo, a razão e o tempo tê-los-ão modificado. Os seus costumes adoçados hão de suavizar os da população mais vil e mais feroz; disto temos exemplos gritantes em mais de um país. Numa palavra: menos superstições, menos fanatismo; e menos fanatismo, menos desgraças.

T

Teísta

O teísta é um homem firmemente persuadido da existência de um Ente supremo tão bom como poderoso que formou todos os seres extensos, vegetativos, sensitivos e reflexivos; que perpetua as espécies, que castiga sem crueldade os crimes e recompensa com bondade as ações virtuosas.

O teísta não sabe como Deus castiga, como favorece, como perdoa; pois não é assaz temerário para se gabar de conhecer a maneira de agir de Deus; mas sabe que Deus age e que é justo. As dificuldades contra a Providência não o abalam na sua fé, pois são apenas grandes dificuldades que não constituem provas; submete-se a essa Providência embora só aperceba alguns dos seus efeitos e algumas das suas exterioridades; e, com o julgar das coisas que não vê mediante as coisas que vê, pensa que a Providência se estende a todos os lugares e a todos os séculos.

Reunido nestes princípios a todo o resto do universo, não abraça qualquer das seitas que unanimemente se contradizem. A sua religião é a mais antiga e a de maior extensão, pois a simples adoração de um Deus precedeu todos os sistemas do mundo. Fala uma língua que todos os povos entendem, ao passo que não se entendem entre si. Tem irmãos desde Pequim a Cayenne e conta todos os sábios como irmãos. Crê que a religião não consiste nas opiniões de uma metafísica ininteligível nem em vãos artefatos mas na adoração e na justiça. Fazer bem, eis o seu culto; submeter-se a Deus, eis a sua doutrina. Grita-lhe o muçulmano: "Se não fizeres a peregrinação a Meca, acautela-te!"; "Ai de ti", diz-lhe um coletor, "se não fizeres uma viagem a Nossa Senhora de Loreto!" Ele ri-se de Loreto e de Meca; mas socorre o indigente e defende o oprimido.

Teólogo

Conheci um verdadeiro teólogo; dominava as línguas do Oriente e conhecia os antigos ritos dos povos tanto quanto se pode conhecer. Conhecia os caldeus, os ignícolas, os sabeus, os sírios, os egípcios tão bem como os judeus; as várias lições da Bíblia eram-lhe familiares; durante trinta anos, procurara conciliar os Evangelhos e tentara reunir no seu conjunto os Padres da Igreja. Efetuou investigações sobre a época precisa em que foi redigido o símbolo atribuído aos apóstolos e o que se coloca sobre o nome de Atanásio; sobre a diferença que havia entre sinaxe e a missa; sobre a forma como a Igreja cristã se dividiu desde o nascimento em diversos partidos e como a sociedade dominante acoimou todas as outras de heréticas. Sondou as profundezas da política que se mistura sempre nestas querelas; e distinguiu entre a política e a sabedoria, entre o orgulho que quer subjugar os espíritos e o desejo de esclarecimento pessoal, entre o zelo e o fanatismo.

A dificuldade de dispor na cabeça tantas coisas cuja natureza é serem confundidas e de lançar um pouco de luz sobre tantas nuvens agastou-o muitas vezes; como, porém, estas pesquisas constituíam o dever da sua condição, dedicou-se a elas, não obstante tais repugnâncias. Acabou por chegar a conhecimentos ignorados pela maior parte dos confrades. Quanto mais foi verdadeiramente sábio, mais desconfiou de tudo o que sabia. Enquanto viveu, foi indulgente; e à hora da morte reconheceu que tinha consumido inutilmente a sua vida.

Tirania

Chama-se *tirano* o soberano que não conhece outras leis senão as do seu capricho, que se apodera dos bens dos súditos e que seguidamente os requisita para ir apoderar-se dos bens dos vizinhos. Não há tiranos destes na Europa.

Costuma distinguir-se a tirania de um da tirania de muitos. A tirania de muitos seria a de uma classe que usurpasse os direitos das outras classes e exercesse o despotismo a coberto de leis por ela corrompidas. Não há também esta espécie de tiranos na Europa.

Sob que tirania preferieis viver? Sob nenhuma; mas, se tivesse de escolher, detestaria menos a tirania de um só que a tirania de muitos. Um déspota sempre beneficia com bons momentos; uma assembléia de déspotas, nunca. Se um tirano comete uma injustiça para comigo, posso desarmá-lo através da sua amante, do seu confessor ou do seu pajem; mas uma companhia de tiranos sisudos é inacessível a todas as seduções. Quando não é injusta, é pelo menos dura e nunca espalha favores.

Se só tiver um tirano, estou quites ao encostar-me a uma parede quando o vejo passar, ou ao prosternar-me, ou batendo no chão com a testa, segundo o costume do país; mas, se houver uma companhia de cem tiranos, fico exposto a repetir a cerimónia cem vezes por dia, o que se torna aborrecido a longo prazo, quando se não têm os joelhos adestrados. Se possuo uma quinta na vizinhança de um dos nossos senhores, sou esmagado; se litigo contra um dos parentes de um dos nossos senhores, fico arruinado. Que fazer? Receio que neste mundo estejamos reduzidos a ser bigorna ou martelo: feliz de quem escapa a esta alternativa!

Tolerância

I

O que é a tolerância? É o apanágio da humanidade. Somos todos cheios de fraquezas e de erros; perdoemo nos reciprocamente as nossas tolices, tal é a primeira lei da natureza.

Juntai na bolsa de Amsterdam, ou de Londres, ou de Surate, ou de Bassorá, o guebro, o baniano, o judeu, o maometano, o deícola chinês, o brâmane, o cristão grego, o cristão romano, o cristão protestante, o cristão quacre, a traficarem entre si, e vereis que não levantarão o punhal uns contra os outros para ganharem almas à sua religião. Por que motivo, então, nos degolamos quase sem pausa desde o primeiro concílio de Nicéia?

Constantino começou por outorgar um edito que permitia todas as religiões e acabou como perseguidor. Antes, se alguém se insurgia contra os cristãos, era só porque começavam a constituir um partido dentro do Estado. Os romanos toleravam todos os cultos, inclusive os dos judeus e dos egípcios, que eles tanto desprezavam. E por que esta tolerância? Porque nem os egípcios, nem mesmo os judeus, tentavam exterminar a antiga religião do império ou corriam a terra e os mares para conquistarem prosélitos, limitando-se a ganhar dinheiro; mas é incontestável que os cristãos queriam que a sua religião fosse a dominante. Os judeus não queriam a estátua de Júpiter em Jerusalém; os cristãos não queriam que estivesse no Capitólio. Santo Tomás tem a boa fé de confessar que, se os cristãos não destronaram os imperadores, foi só porque não puderam. A opinião deles era que toda a terra devia ser cristã. Logo, tornaram-se necessariamente inimigos de toda a terra, até que a terra inteira se convertesse.

Entre eles, combatiam-se uns aos outros sobre todos os pontos da sua controvérsia. Inicialmente, era preciso encarar Jesus Cristo como Deus e os que o negaram foram anatematizados sob o nome de ebionitas, os quais anatematizavam os adoradores de Jesus.

Querem alguns que os bens sejam comuns, como se pretende que eram no tempo dos apóstolos, e os seus adversários chamam-lhes nicolaítas e acusam-nos dos crimes mais infames. Outros aspiram a uma devoção mística e são apodados de gnósticos e contra eles há quem se levante com furor. Marcião disputa sobre a Trindade e logo o acusam de idólatra.

Tertuliano, Praxeas, Orígenes, Novat, Novaciano, Sabelius, Donat, todos são perseguidos pelos seus correligionários, antes de Constantino, e, mal Constantino faz reinar a religião cristã, logo se opõem os atanasianos e os eusebianos; desde essa época, a Igreja cristã inunda-se de sangue até aos nossos dias.

O povo judeu era, reconheço o, um povo rudemente bárbaro. Degolavam sem piedade os habitantes de um minúsculo país sobre o qual tinham tantos direitos como sobre Paris ou Londres. No entanto, quando Naamam se cura da sua lepra por haver mergulhado sete vezes no Jordão; quando, para testemunhar a sua gratidão a Eliseu, que lhe ensinara esse segredo, lhe diz que passará a adorar o Deus dos judeus por gratidão, reserva-se a liberdade de adorar também o Deus do seu rei; para isso pede licença a Eliseu e o profeta não hesita em conceder-lha.

Os judeus adoravam o seu Deus mas nunca mostravam espanto por cada povo ter deuses próprios. Achavam bem que Chamos tivesse dado um certo distrito aos moabitas, contanto que o seu Deus lhes desse também um. Jacó não hesitou em esposar as filhas de um idólatra. Labão tinha o seu Deus; como Jacó. Eis alguns exemplos de tolerância entre o povo mais intolerante e

mais cruel de toda a Antiguidade: imitamo-lo nos seus furores absurdos e não na sua indulgência.

Evidentemente que qualquer particular que persiga outro homem, seu irmão, porque não participa das suas opiniões, é um monstro. Isto não oferece dificuldades. Mas o governo, mas os magistrados, mas os príncipes, como se comportarão para com aqueles que têm um culto diferente do seu? Se se trata de estrangeiros poderosos pode-se ter como certo que um príncipe fará aliança com eles. Francisco I, muito cristão, unir-se-á aos muçulmanos contra Carlos V, muito católico. Francisco I dará dinheiro aos luteranos para os sustentar na sua revolta contra o imperador; todavia começará, segundo os usos, por mandar queimar os luteranos compatriotas. Que acontecerá, porém? Acontecerá que as perseguições hão de fazer prosélitos e em breve a França estará de novo cheia de protestantes. A princípio deixar-se-ão enforcar e depois enforcarão, por sua vez. Haverá guerras civis, depois virá a noite de São Bartolomeu e este recanto do mundo tornar-se-á pior que tudo aquilo que os antigos e os modernos alguma vez disseram do inferno.

Insensatos que nunca haveis podido prestar um culto puro a Deus que vos criou! Desgraçados, que o exemplo dos noachidas, dos letrados chineses, dos parses e de todos os sábios nunca guiou! Monstros que tendes precisão de superstições como o bucho do corvo tem precisão de cadáveres! Já vos foi dito e nada mais há para vos dizer: se entre nós houver duas religiões, hão de cortar-se o pescoço; se houver trinta, viverão em paz. Vede o Grão-turco: governa guebros, banianos, cristãos gregos, nestorianos, romanos. O primeiro que quiser provocar tumulto será empalado e toda a gente permanece tranqüila.

II

De todas as religiões, a cristã é, sem dúvida, a que deve inspirar mais tolerância, embora até aqui os cristãos tenham sido os mais intolerantes de todos os homens.

Jesus, que se dignou nascer no meio da pobreza e da baixeza, tal como os seus irmãos, nunca se dignou praticar a arte da escrita. Os judeus tinham uma lei escrita com extremo pormenor mas não temos uma única linha da mão de Jesus. Os apóstolos dividiram-se sobre muitos pontos. São Pedro e São Barnabé comiam carnes proibidas em companhia dos novos cristãos estrangeiros mas abstinham-se quando acamaradavam com os cristãos judeus. São Paulo, que lhes censurava esta conduta, o mesmo São Paulo fariseu, que fora discípulo do fariseu Gamaliel, que perseguira furiosamente cristãos e que, depois do seu rompimento com Gamaliel, se tornou cristão, iria depois, no entanto, sacrificar no templo de Jerusalém, no templo do seu apostolado. Observou publicamente durante oito dias todas as cerimônias da lei judaica a que renunciara; ajuntou mesmo devoções e purificações excessivas; enfim, judaizou inteiramente. O maior dos apostolados cristãos fez durante oito dias as mesmas coisas pelas quais há homens que são condenados à fogueira em grande parte dos povos cristãos.

Teúdas, Judas tinham-se proclamado Messias antes de Jesus. Dositeu, Simão, Meandro proclamaram-se Messias depois de Jesus. Houve desde o primeiro século da Igreja, e antes mesmo que o nome de cristão fosse conhecido, uma vintena de seitas na Judéia.

Os gnósticos contemplativos, os dositeus, os cerintios existiam antes de os discípulos de Jesus haverem tomado o apodo de cristãos. Houve em breve trinta Evangelhos, cada qual pertencendo a uma sociedade diferente; e desde o fim do século I podem contar-se trinta seitas cristãs na Ásia Menor, na Síria, em Alexandria e mesmo em Roma.

Todas estas seitas, desprezadas pelo governo romano e escondidas na sua obscuridade, perseguiam-se, não obstante, umas às outras nos subterrâneos em que rastejavam; quer dizer, trocavam injúrias; era tudo o que podiam fazer na sua abjeção, quase todas compostas pela escumalha do povo.

A partir da altura em que finalmente alguns cristãos abraçaram os dogmas de Platão e misturaram um pouco de filosofia à sua religião, separando-a dos judeus, tornaram-se insensivelmente mais importantes mas sempre divididos em numerosas seitas, sem que jamais existisse alguma época em que a Igreja cristã houvesse estado unida. Nasceu entre as divisões dos judeus, dos

samaritanos, dos fariseus, dos saduceus, dos essenianos, dos judaítas, dos discípulos de João, dos terapeutas. Dividida desde o berço, assim permaneceu durante as perseguições que algumas vezes experimentou sob os primeiros imperadores. Muitas vezes o mártir era olhado como apóstata pelos seus irmãos, e o cristão corpocraciano expirava sob o gládio dos carrascos romanos, excomungado pelo cristão ebionita que, por seu turno, era anatematizado pelo sabeliano.

Esta horrível discórdia, que dura há tantos séculos, constitui a lição bem expressiva de que devemos perdoar-nos mutuamente os nossos erros; a discórdia é o grande mal do gênero humano e a tolerância o seu único remédio.

Não há quem não convenha nesta verdade, quer a medite a sangue-frio no seu gabinete, quer a examine pacificamente com os amigos. Por que razão, pois, os mesmos homens que admitem em particular a indulgência, a beneficência, a justiça, se erguem em público com tanto furor contra essas virtudes? Por quê? Porque o seu interesse é o seu deus e tudo sacrificam a este monstro que adoram.

Possuo uma dignidade e um poder que a ignorância e a crueldade fundaram; caminho sobre as cabeças dos homens prosternados a meus pés; se eles se soerguem e me contemplam cara a cara, estou perdido; é preciso pois mantê-los presos ao chão com cadeias de ferro.

Assim raciocinaram homens que séculos de fanatismo tornaram poderosos. Outros poderosos se lhes sobrepõem e outros ainda a estes, todos enriquecendo com os despojos do pobre, todos engordando com o seu sangue, todos rindo-se da sua imbecilidade. Unanimemente detestam a tolerância, tal como os chefes de partido enriquecidos à custa do povo receiam prestar-lhe contas, tal como os tiranos temem a palavra liberdade. Para cúmulo, pagam a fanáticos que clamam em alta grita: "Respeitai os absurdos do meu senhor, tremei, pagai e calai-vos".

Assim foram os usos por longo tempo numa grande parte da terra; hoje, porém, quando tantas seitas se agitam por causa do seu domínio, que atitude tomar para com elas? Qualquer seita, como se sabe, é um título de erro; não há seitas entre os geômetras, os algebristas, os aritméticos, porque todas as proposições da geometria, da álgebra e da aritmética são verdadeiras. Em todas as outras ciências pode haver erros. Qual o teólogo tomista ou escotista que ousaria afirmar seriamente estar seguro da sua posição?

Se há alguma seita que lembre os tempos dos primeiros cristãos, é, sem contestação, a dos quaeres. Nenhuma se assemelha mais aos apóstolos. Estes recebiam o espírito; os quaeres reúnem o espírito. Os apóstolos e os discípulos falavam três ou quatro ao mesmo tempo na assembléia do terceiro andar; os quaeres fazem outro tanto no rés do chão. São Paulo permitiu às mulheres pregarem e o mesmo São Paulo o proibirá; as mulheres quaeres pregam em virtude da primeira permissão.

Os apóstolos e os discípulos juravam por sim ou por não, os quaeres não juram de outro modo.

Nenhuma dignidade, nenhuma indumentária a diferenciarem discípulos e apóstolos; os quaeres usam mangas sem botões e vestem-se todos da mesma maneira.

Jesus não batizou nenhum dos apóstolos; os quaeres não são batizados.

Seria fácil levar mais longe o paralelo; mais fácil ainda seria o fazer ver como a religião cristã de hoje difere da que Jesus praticou. Jesus era judeu, nós não somos judeus. Jesus abstinha-se de comer carne de porco por ser imunda, e carne de coelho, por ser de ruminante sem o pé fendido; nós comemos sem hesitações carne de porco, que para nós não é imunda, e coelho, que tem o pé fendido e não rumina.

Jesus era circuncidado, nós conservamos o prepúcio. Jesus comia o cordeiro pascal com alface e celebrava a festa dos Tabernáculos; nós nada disso fazemos. Jesus observava o sabá, nós mudamos o sabá; Jesus sacrificava, nós não sacrificamos.

Jesus escondeu sempre o mistério da sua encarnação e da sua divindade; nunca disse que era igual a Deus e São Paulo afirma expressamente na *Epístola aos Hebreus* que Deus criou Jesus inferior aos anjos; e, malgrado todas as palavras de São Paulo, Jesus foi reconhecido como Deus no concílio de Nicéia.

Jesus não deu ao papa nem a "marche" de Ancona, nem o ducado de Spolette; e, no entanto, o papa os possui por direito divino.

Jesus não transformou o casamento e o diaconato em sacramentos; entre nós, o diaconato e o casamento são sacramentos.

Se atentarmos bem, podemos verificar que a religião católica, apostólica e romana é, em todas as suas cerimônias e em todos os seus dogmas, o oposto da religião de Jesus.

Mas como! Devemos judaizar todos porque Jesus judaizou durante toda a vida?

Se fosse permitido raciocinar conseqüentemente em matéria de religião, é evidente que todos deveríamos tornar-nos judeus, porquanto Jesus Cristo, nosso salvador, nasceu judeu, viveu judeu, morreu judeu e expressamente disse que cumpria na íntegra a religião judaica. E mais evidente é ainda que devemos tolerar-nos mutuamente porque todos somos fracos, inconseqüentes, sujeitos à mutabilidade e ao erro. Um caniço que o vento verga sobre a lama deverá dizer a outro caniço vergado em sentido contrário: "Rasteja à minha maneira, miserável, ou apresento queixa de ti, para que te arranquem e te queimem".

Tortura

Embora haja poucos artigos de jurisprudência entre as nossas honestas reflexões alfabéticas, impõe-se-nos todavia dizer algo sobre a tortura, também chamada *interrogatório*. Trata-se de uma estranha maneira de interrogar as pessoas. Não foram, porém, simples curiosos os que a inventaram; segundo todas as aparências, esta parte da nossa legislação deve a sua origem primeira a um ladrão de estrada. Na sua maior parte, estes senhores conservam o hábito de serrar os polegares, de queimar os pés e de interrogar mediante outros tormentos os que se recusam a revelar onde têm o dinheiro.

Os conquistadores, que sucederam a estes ladrões, acharam que a invenção era muito útil para os seus interesses; puseram-na em prática quando suspeitaram que haveria alguns maus desígnios contra eles, como, por exemplo, o de ser-se livre, verdadeiro crime de lesa-majestade divina e humana. Era preciso conhecer os cúmplices; e, para esse efeito, fazia-se sofrer mil mortes a todos aqueles que eram objeto de suspeitas, pois, segundo a jurisprudência desses primeiros heróis, quem quer que fosse suspeito de ter tido algum pensamento pouco respeitoso contra eles era digno de morte. Desde que assim se merece a morte, pouco importa acrescentar tormentos pavorosos durante muitos dias e até semanas; esta prática tem mesmo um não-sei-quê de Divindade. A Providência submete-nos algumas vezes à tortura empregando a pedra, areias na urina, a gota, o escorbuto, a lepra, a varíola grande ou pequena, o despedaçamento das entranhas, as convulsões de nervos e outros executantes das vinganças da Providência.

Ora, posto que os primeiros déspotas foram, segundo confissão de todos os seus cortesãos, imagens da Divindade, trataram de a imitar tanto quanto puderam.

É muito singular que nunca se tenha falado de tratos, de tortura, nos livros dos judeus. É de lastimar que uma nação tão amável, tão honesta, tão caridosa, não tenha conhecido esta maneira de saber a verdade. A razão disto, em minha opinião, é que não tinham necessidade do sistema. Com efeito, Deus dava sempre a conhecer a verdade ao seu povo querido. Umas vezes jogavam a verdade aos dados e o culpado suspeito sempre tirava o seis. Outras vezes, dirigiam-se ao grande sacerdote que consultava Deus sem mais delongas pelo *urium* e o *thummim*. Outras vezes ainda, encomendavam-se ao vidente, ao profeta, e podeis supor que o vidente e profeta descobria as coisas mais escondidas tão bem como o *urium* e o *thummim* do grande sacerdote. O povo de Deus não estava reduzido, como nós, a ter de interrogar, a conjeturar; assim, a tortura não era usada por aquelas bandas. Foi a única coisa que faltou aos costumes do povo santo. Os romanos só infligiram a tortura aos escravos, mas estes não eram contados no número dos homens. Tudo leva a crer que um conselheiro de Tournelle também não veja como seu semelhante um homem que trazem ante si, macilento, pálido, desfeito, olhos amortecidos, barba crescida e suja, coberto pela vermina que o corroeu no calabouço. Dá-se, pois, ao prazer de lhe mandar aplicar a grande e a pequena tortura, na presença de um cirurgião que vigia o pulso do paciente, até este ficar em risco de morte, após o que se recomeça; e, como muito bem se diz na comédia *Os Litigantes*, "isto sempre faz passar uma hora ou duas".

O grave magistrado que comprou por uma quantia qualquer o direito de fazer estas experiências sobre o próximo contará à mulher à hora de jantar o que aconteceu de manhã. À primeira vez, a senhora revolta-se, à segunda já lhe tomou o gosto, porque todas as mulheres são curiosas; e, em seguida, a primeira coisa que dirá ao marido quando este regressa a casa, de toga, é: "Queridinho, mandaste aplicar hoje a tortura a alguém?"

Os franceses que passam, não sei por que, por serem um povo muito humano, admiram-se que os ingleses, que tiveram a desumanidade de nos tomarem todo o Canadá, hajam renunciado ao prazer de aplicar a tortura.

Quando o cavaleiro de La Barre, neto de um tenente dos exércitos, jovem de muito espírito e grandes esperanças mas com toda a leviandade de uma juventude desenfreada, foi reconhecido culpado de ter cantado algumas canções ímpias e até de ter passado diante de uma procissão de capuchos sem tirar o chapéu, os juízes de Abbeville, pessoas comparáveis aos senadores romanos, ordenaram não só que lhe arrancassem a língua, que lhe cortassem a mão e que o queimassem lentamente, como o submeteram ainda à tortura para averiguarem precisamente quantas canções tinha cantado e quantas procissões tinha visto passar de chapéu na cabeça.

Este episódio aconteceu não nos séculos XIII ou XIV mas no século XVIII. As nações estrangeiras julgam a França pelos espetáculos, pelos romances, pelos lindos versos, pelas pequenas da ópera, cujos costumes são tão doces, pelos nossos bailarinos, que têm tanta graça, pela Senhorita Clairon, que é um encanto a declamar versos. Ignoram que no fundo não há nação mais cruel que a francesa.

Os russos passaram por bárbaros em 1700; nós somos bárbaros em 1769; uma imperatriz acaba de conceder a esse vasto Estado leis que teriam feito honra a Minos, a Numa e a Sólon, se houvessem disposto de espírito bastante para as inventar. A mais notável consiste na tolerância universal e, logo a seguir, vem a abolição da tortura. A justiça e a humanidade guiaram a sua pena e ela tudo reformou. Ai da nação que, há tanto tempo civilizada, é ainda guiada por costumes antigos e atrozes! "Por que razão haveríamos de mudar a nossa jurisprudência?", perguntam nessa nação. "A Europa serve-se dos nossos cozinheiros, dos nossos alfaiates e dos nossos cabeleireiros; logo as nossas leis são boas."

V

Virtude

O que é a virtude? Beneficência para com o próximo. Poderei chamar a virtude ao que não seja fazerem-me bem? Sou indigente, és liberal; estou em perigo, tu socorres-me; enganas-me, dizes-me a verdade; sou ignorante, tu ensinas-me; chamar-te-ei sem esforço virtuoso. Mas que faremos das virtudes cardiais e teologais? Algumas hão de continuar a ser ensinadas nas escolas.

Que me importa que sejas temperante? Observas um preceito salutar, a tua saúde será melhor, felicito-te. Tens fé e tens esperança. Felicito-te ainda mais; a fé e a esperança abrir-te-ão o caminho da vida eterna. As tuas virtudes teologais são dádivas celestes; as cardiais são excelentes qualidades úteis à direção da tua vida; todavia, não são virtudes em relação ao teu próximo. O homem prudente faz bem a si, o virtuoso faz bem aos outros. São Paulo teve razão em dizer que a caridade é mais importante que a fé e a esperança.

Mas como! Não admitiremos como virtudes senão as que sejam úteis ao próximo? E como posso admitir outras? Vivemos em sociedade; só é verdadeiramente bom para nós aquilo que faça o bem da sociedade. Um solitário será sóbrio, piedoso, usará um cilício; pois bem, será santo; mas não o considerarei virtuoso a menos que venha a praticar algum ato de virtude que aproveite aos outros homens. Enquanto permanecer só não é benfazejo nem malfazejo: para nós, é nada. Se São Bruno estabeleceu a paz entre as famílias, se socorreu a indigência, foi virtuoso; se jejuou, se orou na solidão, foi um santo. A virtude entre os homens é um comércio de benefícios; o que não

participa deste comércio, não deve ser contado entre os virtuosos. Se esse santo fosse do mundo, espalharia o bem, sem dúvida; mas, enquanto não for, o mundo terá razão em lhe recusar o nome de virtuoso; ele será para si e não para nós.

Porém, dir-me eis, se um solitário é guloso, bêbado, entregue a deboches secretos consigo mesmo, será um vicioso; logo, será virtuoso se tiver as qualidades contrárias. Não estou de acordo: trata-se de um homem vil, se tiver os defeitos a que aludis; mas não é vicioso, mau, passível de punição, em relação à sociedade que não sofre quaisquer prejuízos em conseqüência dos atos desse homem. É de presumir que, se ingressar na sociedade, fará o mal, será vicioso; é mesmo mais possível que venha a ser um homem maldoso do que um solitário temperante e casto, ou venha a ser um homem de bem; pois, na sociedade, aumentam os defeitos e as boas qualidades diminuem.

Há quem produza uma objeção mais forte: Nero, o Papa Alexandre VI e outros monstros da mesma espécie, espalharam benefícios; respondo com arrojo que foram virtuosos nesses dias.

Alguns teólogos sustentam que o divino Imperador Antonino não era virtuoso; que era um estóico obstinado, que, não contente de comandar os homens, queria ainda por cima ser estimado por eles; que referia a si o bem que fazia ao gênero humano, que toda a vida foi justo, laborioso, benfazejo por vaidade e que se limitou a enganar os homens com as suas virtudes; e eu grito: "Meu Deus, dai-nos muitas vezes semelhantes patifes".

VOLTAIRE

O FILÓSOFO IGNORANTE

Tradução e notas de Marilena de Souza Chauí

Primeira Questão

Quem és? De onde vens? Que fazes? O que te tornarás? Questão que deve ser posta a todos os seres do universo, mas que nenhum responde. Pergunto às plantas que poder as faz crescer e como o mesmo terreno produz frutos tão diversos. Esses seres insensíveis e mudos, embora enriquecidos por uma faculdade divina, deixam me entregue à minha ignorância e às minhas vãs conjeturas.

Interrogo a multidão dos diferentes animais, todos dotados de movimento e capazes de comunicá-lo, gozando das mesmas sensações que eu e cujas paixões são acompanhadas de uma certa porção de idéias e de memória. Sabem ainda menos do que eu o que são, por que são e o que se tornam.

Suspeito, tenho até mesmo motivos para crer, que os planetas, que giram em torno de sóis inumeráveis enchendo o espaço, estão povoados de seres sensíveis e pensantes, mas uma barreira eterna nos separa, e nenhum dos habitantes dos outros globos se comunica conosco.

No *Espetáculo da Natureza*, o senhor prior disse ao senhor cavaleiro que os astros tinham sido feitos para a Terra, e a Terra, bem como os animais, para o homem. Mas, como o pequeno globo da Terra gira com os outros planetas em torno do Sol, como os movimentos regulares e proporcionais dos astros podem subsistir eternamente sem que haja homens, como há sobre nosso pequeno planeta infinitamente mais animais do que meus semelhantes, pensei que o senhor prior teria um pouco de amor-próprio, gabando-se de que tudo havia sido feito para ele. Vi que durante sua vida e também depois de sua morte, o homem, indefeso, é devorado por todos os animais. Por isso tive dificuldade para conceber que o senhor prior e o senhor cavaleiro fossem os reis da natureza. Escravo e não rei de tudo o que me rodeia, comprimido em um ponto e envolvido pela imensidão, começo procurando a mim mesmo.

II

Nossa Fraqueza

Sou um animal fraco; ao nascer, não tenho força, nem conhecimento, nem instinto; não posso sequer arrastar-me até o seio de minha mãe, como fazem todos os quadrúpedes; só adquiro algumas idéias, como adquiro um pouco de força, quando meus órgãos começam a desenvolver-se. Essa força aumenta em mim até o momento em que, não podendo crescer mais, começa a diminuir dia a dia. Esse poder de conceber idéias também aumenta até seu limite e, em seguida, evapora-se insensível e gradualmente.

Que mecânica é esta, que aumenta a cada momento a força de meus membros até o limite prescrito? Ignoro-a. E aqueles que passaram suas vidas a buscar essa causa não sabem mais do que eu.

Que outro poder é este, que faz as imagens penetrarem em meu cérebro, que as conserva em minha memória? Os que pagaram para sabê-lo procuraram inutilmente. No que se refere aos primeiros princípios, somos tão ignorantes como quando estávamos no berço.

III

Como Posso Pensar?

Os livros escritos desde há dois mil anos ensinaram-me alguma coisa? Às vezes, vem-nos a vontade de saber como pensamos, embora raramente nos venha a vontade de saber como digerimos, como andamos. Interroguei minha razão; perguntei-lhe: o que és? Esta questão sempre a confundiu.

Tentei descobrir por seu intermédio se as molas que me fazem digerir e andar são as mesmas que me fazem ter idéias. Nunca pude conceber como e por que as idéias fugiam quando a fome enlanguescia meu corpo, nem como e por que renasciam quando eu havia comido.

Vi uma diferença tão grande entre os pensamentos e a alimentação (sendo que sem esta eu nunca pensaria) que acreditei haver em mim uma substância que raciocinava e uma outra que digeria. Entretanto, buscando sempre provar a mim mesmo que não sou dois, senti grosseiramente que sou um só. Essa contradição sempre me penalizou muito.

Com muita engenhosidade, perguntei a alguns de meus semelhantes, cultivadores da terra, nossa mãe comum, se sentiam ser dois, se graças à filosofia haviam descoberto possuir dentro de si uma substância imortal e, no entanto, formada de nada, existente sem extensão, agindo sobre os nervos sem tocar neles, enviada expressamente ao ventre de suas mães seis semanas após a concepção. Acreditaram que eu estava brincando e continuaram a cultivar seus campos sem responder-me.

IV

Necessito Saber?

Vendo, pois, que um número prodigioso de homens não tinha a menor idéia das dificuldades que me inquietam, e nem desconfiava daquilo que se diz nas escolas sobre o ser em geral, sobre a matéria, sobre o espírito, etc.; vendo também que freqüentemente muitos caçoavam do que eu queria saber, suspeitei que não seria absolutamente necessário que o soubéssemos. Pensei que a natureza deu a cada ser a porção que lhe convém; acreditei que as coisas que não podemos alcançar não são nossa partilha. No entanto, malgrado esse desespero, não abandono o desejo de ser instruído, e minha curiosidade enganada é sempre insaciável.

V

Aristóteles, Descartes e Gassendi

Aristóteles começa dizendo que a incredulidade é a fonte da sabedoria; Descartes dilui esse pensamento, e ambos me ensinaram a não acreditar no que dizem. Esse Descartes, principalmente, depois de haver fingido duvidar, fala num tom tão afirmativo daquilo que não entende, está tão seguro do que faz, quando se engana redondamente em física, construindo um mundo tão imaginário; seus turbilhões e seus três elementos são tão prodigiosamente ridículos que devo desconfiar de tudo o que me disser sobre a alma, depois que me enganou tanto sobre o corpo. Que se faça seu elogio, no momento oportuno, desde que não se faça o de seus romances filosóficos, hoje desprezados definitivamente em toda a Europa.

Crê ou finge crer que nascemos com idéias metafísicas. Seria preferível dizer que Homero nasceu com a *Ilíada* na cabeça. É bem verdade que Homero, ao nascer, tinha um cérebro construído de tal modo que, tendo em seguida adquirido idéias poéticas, ora belas, ora incoerentes, ora exageradas, compôs a *Ilíada*. Ao nascer, trazemos o germe de tudo que se desenvolve em nós, mas trazemos realmente tantas idéias inatas quantas cores e pincéis Rafael e Michelangelo trouxeram ao nascer.

Descartes, encarregando-se de harmonizar as partes desconexas de suas quimeras, supôs que o homem pensa sempre. Eu preferiria imaginar que os pássaros nunca deixam de voar, nem os cães de correr, porque estes têm a faculdade de correr e aqueles, a de voar.

Por pouco que consultemos nossa própria experiência e a do gênero humano, convencemo-nos do contrário. Não há ninguém tão louco para crer firmemente que pensou durante toda a sua vida, noite e dia, sem interrupção, desde quando era um feto até sua última doença. Aqueles que quiseram defender tal romance tiveram como único recurso dizer que pensávamos sempre, mas que não o percebíamos. Seria o mesmo que dizer que bebemos, comemos, corremos a cavalo sem sabê-lo. Se não vos apercebeis de que tendes idéias, como podeis afirmar que as tendes? Gassendi zombou, como devia, desse sistema extravagante. Sabeis o que aconteceu? Gassendi e Descartes foram tomados por ateus só porque raciocinaram.

VI

Os Animais

Da suposição de que os homens tinham continuamente idéias, percepções, concepções, decorria naturalmente que os animais também as tinham sempre, pois é incontestável que um cão de caça tem a idéia de seu senhor, a quem obedece, e a da presa que lhe traz. É evidente que tem memória e que combina algumas idéias. Assim, pois, se o pensamento do homem fosse também a essência de sua alma, o pensamento do cão seria também a essência da sua; e se o homem tivesse sempre idéias, seria preciso que os animais também as tivessem sempre. Para resolver essa dificuldade, o fabricante dos turbilhões e da matéria estriada ousou dizer que os animais eram puras máquinas, procurando comer sem ter apetite, possuindo órgãos do sentimento para nunca experimentar sensações, gritando sem dor, testemunhando seu prazer sem alegria, possuindo um cérebro para não receber nele nem a mais leve idéia, e sendo, portanto, uma contradição perpétua da natureza.

Esse sistema era tão ridículo quanto o outro, mas, em vez de se mostrar sua extravagância, mostrou-se sua impiedade, pretendendo-se que repugnava às Sagradas Escrituras, pois no Gênesis está escrito: "Deus fez um pacto com os animais e lhes pedirá o sangue dos homens que morderam e comeram". O que supõe, manifestamente, a inteligência nos animais e o conhecimento do bem e do mal.

VII

A Experiência

Nunca misturemos as Sagradas Escrituras com nossas disputas filosóficas; são coisas muito heterogêneas e sem nenhuma relação. Trata-se, aqui, de examinar apenas o que podemos saber por nós mesmos, e isto se reduz a bem pouca coisa. É preciso ter renunciado ao senso comum para não convir que tudo o que sabemos sobre o mundo depende da experiência; e certamente, se somente pela experiência e por uma seqüência de tateios e de longas reflexões chegamos a nos dar algumas idéias fracas e superficiais sobre o corpo, sobre o espaço, sobre o tempo, sobre o infinito,

e mesmo sobre Deus, não vale a pena o Autor da Natureza meter essas idéias no cérebro de todos os fetos, a fim de que, em seguida, somente um pequeno número de homens venha a usá-las.

No que concerne aos objetos de nossa ciência, somo todos como os amantes ignorantes Dafne e Cloé, cujos amores e vãs tentativas nos foram descritos por Longo. Precisaram de muito tempo para adivinhar como poderiam satisfazer seus desejos, pois faltava-lhes experiência. O mesmo aconteceu com o Imperador Leopoldo e com o filho de Luís XIV; foi preciso instruí-los. Se tivessem tido idéias inatas, é de se acreditar que a natureza não lhes teria recusado a principal e a única necessária para a conservação da espécie humana.

VIII

Substância

Como só podemos ter noções graças à experiência, é-nos totalmente impossível saber o que é a matéria. Tocamos, vemos as propriedades dessa substância, mas a própria palavra "substância", "o que está sob", nos adverte que esse "sob" permanecerá sempre desconhecido para nós; qualquer coisa que descubramos de suas aparências deixará sempre esse "sob" por descobrir. Pelo mesmo motivo, nunca saberemos por nós mesmos o que é o espírito. É uma palavra que originariamente significa "sopro", e de que nos servimos para tentar exprimir vaga e grosseiramente o que nos dá pensamentos. Mas mesmo que, por um prodígio que não devemos supor, tivéssemos uma leve idéia da substância desse espírito, não teríamos progredido; nunca poderíamos adivinhar como essa substância recebe sentimentos e pensamentos. É o segredo da natureza e ela não o revela a nenhum mortal.

IX

Limites Estreitos

Nossa inteligência é muito limitada, assim como a força de nosso corpo. Há homens muito mais robustos do que outros; há também Hércules no domínio dos pensamentos, mas, no fundo, essa superioridade é pouquíssima coisa. Um levantará dez vezes mais matéria do que eu; outro poderá fazer de cabeça, sem papel, uma divisão por quinze algarismos, enquanto só poderei dividir por três ou quatro e com muita dificuldade. Essa força tão glorificada se reduzirá a isto e encontrará rapidamente seu limite. Por esse motivo, nos jogos de combinações, nenhum homem, após ter-se aperfeiçoado pela dedicação e por uma longa prática, ultrapassará, por maior que seja seu esforço, o grau que pôde atingir. Topou com o limite de sua inteligência. É preciso absolutamente que assim seja, pois, senão, iríamos, de grau em grau, até o infinito.

X

Descobertas Impossíveis

No círculo estreito em que estamos encerrados, vemos, pois, aquilo que estamos condenados a ignorar e aquilo que podemos conhecer um pouco. Já vimos que nenhum primeiro motor, nenhum primeiro princípio pode ser apreendido por nós.

Por que meu braço obedece à minha vontade? Estamos tão acostumados com esse fenômeno incompreensível que poucos atentam para ele; e, quando queremos encontrar a causa de um efeito

tão comum, descobrimos que há realmente o infinito entre nossa vontade e a obediência de nosso membro, isto é, que não há proporção alguma entre uma e outra, razão alguma, aparência alguma de causa; e sentimos que poderíamos pensar nisto durante uma eternidade sem atingirmos o menor lampejo de verossimilhança.

XI

Desespero Fundado

Assim, imobilizados desde o primeiro passo, e em vão dobrando-nos sobre nós mesmos, ficamos apavorados por nos procurarmos sempre e não nos encontrarmos nunca. Nenhum de nossos sentidos é explicável.

Sabemos mais ou menos, com o recurso de triângulos, que há aproximadamente trinta milhões de grandes léguas geométricas da Terra ao Sol; mas o que é o Sol? por que gira sobre seu eixo? por que num sentido e não noutro? por que Saturno e nós giramos ao redor desse astro, do ocidente para o oriente, e não do oriente para o ocidente? Não apenas será impossível responder a estas questões, como também nunca vislumbraremos a menor possibilidade de atribuir-lhes somente uma causa física. Por quê? Porque o nó da dificuldade está no primeiro princípio das coisas.

E assim é tanto no que se refere àquilo que age dentro de nós como no que se refere àquilo que age nos espaços imensos da Natureza. No arranjo dos astros e na conformação de um verme de queijo e de um homem, há um primeiro princípio cujo acesso deve ser necessariamente interditado para nós. Pois, se pudéssemos conhecer nosso primeiro motor, seríamos senhor dele, seríamos deuses. Esclareçamos essa idéia e vejamos se é verdadeira.

Suponhamos, com efeito, que encontrássemos a causa de nossas sensações, de nossos pensamentos, de nossos movimentos, como descobrimos apenas nos próprios astros a razão dos eclipses e das diferentes fases da Lua e de Vênus. É claro que poderíamos, então, predizer nossas sensações, nossos pensamentos e nossos desejos resultantes destas sensações, como predizemos as fases e os eclipses. Conhecendo, portanto, o que deveria ocorrer amanhã em nosso interior, veríamos claramente, pelo jogo dessa máquina, de que maneira, agradável ou funesta, deveríamos ser afetados. Está estabelecido que temos uma vontade que dirige nossos movimentos interiores em várias circunstâncias. Por exemplo, sinto me propenso à cólera, minha reflexão e minha vontade reprimem seu acesso nascente. Se eu conhecesse meus primeiros princípios, veria todas as afecções a que estarei propenso amanhã, toda a seqüência de idéias que me espera; poderia exercer sobre essa seqüência de idéias e de sentimentos o mesmo poder que exerço, às vezes, sobre os sentimentos e sobre os pensamentos atuais que desvio e reprimo. Encontrar-me-ia precisamente no caso de todo homem que pode atrasar ou adiantar, conforme lhe agrade, o movimento de um relógio, de um barco, de toda máquina conhecida.

Nessa suposição, sendo hoje senhor das idéias que me estão destinadas para amanhã, eu o serei no dia seguinte, eu o serei para o resto de minha vida; poderei, portanto, ser sempre todo-poderoso sobre mim mesmo, serei meu próprio Deus[1]. Sinto perfeitamente que tal estado é incompatível com minha natureza; é, pois, impossível que eu possa conhecer algo do primeiro princípio que me faz pensar e agir.

[1] Tal raciocínio parece-nos sujeito a várias dificuldades. 1.º Esse poder, se o homem viesse a adquiri-lo, mudaria de algum modo sua natureza, mas isto não é uma razão para assegurar que não possa adquiri-lo. 2.º Poder-se-ia conhecer a causa de todas as nossas sensações, de todos os nossos sentimentos e, contudo, não se ter o poder nem para afastar as impressões dos objetos exteriores, nem para impedir os efeitos resultantes de uma distração ou de um mau cálculo. 3.º Há numerosos graus entre nossa ignorância atual e o conhecimento perfeito de nossa natureza; o espírito humano poderia percorrer os diferentes graus dessa escala sem nunca chegar ao último, mas cada grau enriqueceria nossos conhecimentos reais, e estes poderiam ser úteis. Ocorreria com a metafísica o mesmo que ocorre com a matemática, cujas partes nunca são esgotadas por nós, mesmo fazendo-se, em cada século, grandes descobertas úteis nesse campo. (N. do A.)

XII

Fraqueza dos Homens

O que é impossível para minha natureza tão fraca, tão limitada e com uma duração tão curta também é impossível em outros globos, para outras espécies de seres? Há inteligências superiores, senhoras de todas as suas idéias, que pensam e sentem o que querem? Não sei. Só conheço minha fraqueza, não tenho a menor noção da força dos outros.

XIII

Sou Livre?

Não saiamos ainda do círculo de nossa existência; continuemos a examinar-nos tanto quanto pudermos. Lembro-me que um dia, antes que tivesse colocado todas as questões precedentes, um raciocinador quis fazer-me raciocinar. Perguntou-me se eu era livre; respondi-lhe que não estava na prisão, que tinha a chave de meu quarto, que era perfeitamente livre. Não é isto que vos pergunto, respondeu-me. Acreditais que vossa vontade tem a liberdade de querer ou de não querer jogar-vos pela janela? Pensais, com o anjo da Escola, que o livre arbítrio seja uma potência apetitiva e que se perca pelo pecado? Olhei o meu homem fixamente para tentar ler em seus olhos se não tinha perdido o espírito e respondi-lhe que nada entendia de seu galimatias.

Contudo, essa questão sobre a liberdade do homem interessou-me vivamente. Li os escolásticos e, como eles, permaneci nas trevas. Li Locke e vislumbrei raios de luz. Li o *Tratado*, de Collins, que me pareceu Locke aperfeiçoado, e depois disso nada mais li que me desse um novo grau de conhecimento. Eis o que minha fraca razão concebeu, auxiliada por esses dois grandes homens, os únicos, em minha opinião, que se compreenderam a si mesmos escrevendo sobre essa matéria, e os únicos que se fizeram compreender pelos outros.

Nada é sem causa. Um efeito sem causa é apenas uma palavra absurda. Todas as vezes que quero, isto só pode ocorrer em virtude de meu juízo bom ou mau; esse juízo é necessário, portanto minha vontade também o é. Com efeito, seria muito singular que toda a Natureza, todos os astros obedecessem a leis eternas, e que houvesse um animalzinho de cinco pés de altura que, menosprezando tais leis, pudesse agir sempre como lhe agradasse, ao sabor de seu capricho. Agiria ao acaso e sabe-se que o acaso nada é. Inventamos essa palavra para exprimir o efeito conhecido de toda causa desconhecida.

Minhas idéias entram necessariamente em meu cérebro; como minha vontade, que delas depende, seria, ao mesmo tempo, necessitada e absolutamente livre? Em mil ocasiões sinto que essa vontade nada pode: quando a doença me abate, quando a paixão me transporta, quando meu juízo não pode alcançar os objetos que me são apresentados, etc. Devo, pois, admitir que, sendo as leis da Natureza sempre as mesmas, minha vontade não é mais livre nas coisas que me parecem indiferentes, do que naquelas em que me sinto submetido a uma força invencível.

Ser verdadeiramente livre é poder. Quando posso fazer o que quero, eis minha liberdade; mas quero necessariamente aquilo que quero, pois de outro modo eu quereria sem razão, sem causa, o que é impossível. Minha liberdade consiste em andar quando quero andar, desde que não sofra de gota.

Minha liberdade consiste em não fazer uma ação má quando é representada por meu espírito como necessariamente má; em subjugar uma paixão quando meu espírito faz-me senti-la como perigosa, e quando o horror dessa ação combate poderosamente meu desejo. Podemos reprimir nossas paixões, como já anunciei no capítulo XI, mas nesse caso não somos livres nem ao

reprimir nossos desejos nem ao nos deixarmos arrastar por nossas inclinações, visto que em ambos os casos seguimos irresistivelmente nossa última idéia, e esta é necessária; portanto, faço necessariamente o que ela me dita. É estranho que os homens não estejam contentes com essa porção de liberdade, isto é, com o poder que receberam da Natureza para fazer o que quiserem em muitos casos. Os astros não a têm; nós a possuímos e nosso orgulho leva-nos a crer que às vezes possuímos ainda mais. Imaginamos que temos o dom incompreensível e absurdo de querer, sem outra razão, sem outro motivo senão o de querer. Vide o capítulo XXIX.

Não, não posso perdoar o Dr. Clarke por ter combatido com má fé essas verdades, cuja força percebia e que pareciam acomodar-se muito mal em seu sistema. Não, não é permitido a um filósofo como ele atacar Collins como sofista e desviar o centro da questão, reprovando Collins por ter chamado o homem de "agente necessário". Agente ou paciente, que importa? Agente, quando se move voluntariamente; paciente, quando recebe as idéias. O que o nome faz com a coisa? O homem é um ser dependente em tudo, e não pode ser excetuado entre os outros seres.

O pregador que existia em Samuel Clarke abafou o filósofo. Distingue a necessidade física e a necessidade moral. Que é uma necessidade moral? Há de parecer-vos verossímil que uma rainha da Inglaterra, coroada e sagrada numa igreja, não venha despojar-se de seus trajes reais para estender-se sobre o altar, completamente nua, embora se conte uma aventura semelhante a respeito de uma rainha do Congo. Chamareis a isto de "necessidade moral" numa rainha de nossos climas, mas, no fundo, é uma necessidade física, eterna, vinculada à constituição das coisas. É tão certo que essa rainha não fará tal loucura, quanto é certo que morrerá um dia. A necessidade moral é apenas uma palavra, tudo o que se faz é absolutamente necessário. Não há intermediário entre a necessidade e o acaso, e sabeis que não há acaso; portanto, tudo o que ocorre é necessário.

Para complicar mais a coisa, imaginou-se, ainda, distinguir necessidade e constrangimento, mas, no fundo, que é o constrangimento senão uma necessidade de que nos apercebemos? E a necessidade não é um constrangimento de que não nos apercebemos? Há uma necessidade igual quando Arquimedes é obrigado a permanecer em seu quarto porque o trancaram aí, como quando está tão ocupado com um problema que não recebe a idéia de sair.

Ducunt volentem fata, nolentem trahunt.[2] (Sên., Ep. CVII.)

O ignorante que hoje pensa assim não pensou sempre dessa maneira, mas, enfim, foi constrangido a submeter-se.

XIV

Tudo É Eterno?

Subjugado por leis eternas como todos os globos que preenchem o espaço, como os elementos, os animais e as plantas, lanço olhares espantados sobre tudo o que me cerca, procuro quem é meu autor e o dessa máquina imensa de que sou apenas uma roda imperceptível.

Não vim do nada, pois é alguma coisa a substância de meu pai e de minha mãe, que me carregou durante nove meses em seu útero. É evidente para mim que o germe que me produziu não pode ter sido produzido de nada, pois como o nada produziria a existência? Sinto-me subjugado por esta máxima de toda a Antiguidade: nada vem do nada, nada volta ao nada. Este axioma carrega em si uma força tão terrível que acorrenta todo o meu entendimento, sem que possa debater-me contra ele. Nenhum filósofo afastou-se dele, nenhum legislador, fosse qual fosse, o contestou. O "Cahut" dos fenícios, o "Chaos" dos gregos, o "Tohu Bohu" dos caldeus e dos hebreus, tudo atesta que sempre se acreditou na eternidade da matéria. Minha razão, enganada por essa idéia tão antiga e tão geral, me diz: é preciso que a matéria seja eterna, pois existe; se era ontem, era

[2] Os fados guiam o dócil, mas arrastam o recalcitrante. (N. do E.)

antes. Não percebo verossimilhança alguma para que tenha começado a ser, causa alguma para que não tenha sido, causa alguma que lhe tenha outorgado a existência num tempo em vez de noutro. Cedo, pois, a essa convicção, quer fundada, quer errônea, e ponho-me no partido do mundo inteiro, até que, tendo avançado em minhas investigações, encontre uma luz superior ao juízo de todos os homens e que me force à retratação, a despeito de mim mesmo.

Mas se, como tantos filósofos da Antiguidade pensaram, o Eterno sempre agiu, que acontecerá com o "Cahut" e o "Ereb" dos fenícios, o "Tohu Bohu" dos caldeus, o "Chaos" de Hesíodo? Ficarão nas fábulas. O "Chaos" é impossível aos olhos da razão, porque é impossível que tenha havido algo oposto às leis da inteligência, pois esta é eterna; ora, o "Chaos" é o oposto de todas as leis da Natureza. Entrai na caverna mais horrível dos Alpes, sob detritos de rochedos, de gelo, de areia, de águas, de cristais, de minerais informes, tudo obedece à gravitação e às leis da hidrostática. O "Chaos" sempre esteve apenas em nossa cabeça e só serviu para que Hesíodo e Ovídio compusessem belos versos.

Se nossas Santas Escrituras disseram que o "Chaos" existia, se o "Tohu Bohu" foi adotado por elas, creremos nisso, sem dúvida e com a mais viva fé. Falamos aqui apenas segundo os lampejos enganadores de nossa razão. Como dissemos, estamos limitados a ver o que podemos suspeitar por nós mesmos. Somos crianças que tentam dar alguns passos sem as andadeiras: andamos, caímos e a fé nos reergue.

XV

Inteligência

Sou tomado de admiração e de respeito ao perceber a ordem, o artifício prodigioso, as leis mecânicas e geométricas que reinam no universo, os meios, os fins inumeráveis de todas as coisas. Incontinenti julgo que, se os trabalhos dos homens, mesmo os meus, forçam-me a reconhecer uma inteligência em nós, devo reconhecer uma outra bem superior, agindo na multiplicidade de tantas obras. Admito essa inteligência suprema sem temer que um dia possam fazer-me mudar de opinião. Nada abala em mim este axioma: "Toda obra demonstra um obreiro".[3]

XVI

Eternidade

Essa inteligência é eterna? Sem dúvida, pois, quer eu tenha admitido ou rejeitado a eternidade da matéria, não posso rejeitar a existência eterna de seu artesão supremo, sendo evidente que, se existe hoje, existiu sempre.

[3] A prova da existência de Deus, tirada da observação dos fenômenos do universo, cuja ordem e leis constantes parecem indicar a unidade do propósito e, conseqüentemente, uma causa única e inteligente, é a que pode ser admitida por um filósofo livre dos preconceitos e dos galimatias das escolas. A obra intitulada *Do Princípio da Ação* contém uma exposição dessa prova mais simples e mais surpreendente do que aquelas fornecidas por filósofos tidos como profundos porque obscuros, como eloqüentes porque exagerados. Poder-se-ia perguntar agora qual é, no estado atual de nossos conhecimentos sobre as leis do universo, a probabilidade de que essas leis formem um sistema uno e regular, e, em seguida, a probabilidade de que esse sistema regular seja o efeito de uma vontade inteligente. Esta questão é mais difícil do que parece à primeira vista. (N. do A.)

XVII

Incompreensibilidade

Até agora dei apenas dois ou três passos nesse vasto caminho; quero saber se essa inteligência divina é alguma coisa absolutamente distinta do universo (mais ou menos como o escultor se distingue da estátua) ou se essa alma do mundo está unida a ele e o penetra (mais ou menos como aquilo que chamo "minha alma" está unido a mim) conforme a idéia da Antiguidade, tão bem expressa por Virgílio:

"*Mens agitat molem et magno se corpore miscet*".[4] (*Eneida*, liv. VI, V, 727.)

E por Lucano:

"*Jupiter est quodcumque vides, quocumque moveris*".[5] (Liv. IX, V, 580.)

Subitamente sinto-me paralisado em minha vã curiosidade. Miserável mortal, se não posso sondar minha própria inteligência, se não posso saber o que me anima, como conhecerei a inteligência inefável que preside visivelmente toda a matéria? Há uma, tudo o demonstra, mas onde está a bússola que me conduzirá rumo à sua morada eterna e ignorada?

XVIII

Infinito

Essa inteligência é infinita em potência e em imensidão como é incontestavelmente infinita em duração? Não posso saber por mim mesmo. Existe, portanto sempre existiu — isto é claro. Mas que idéia posso ter de uma potência infinita? Como posso conceber um infinito atualmente existente? Como posso imaginar que a inteligência suprema esteja no vácuo? O infinito em extensão não é como o infinito em duração. Uma duração infinita já escoou no momento em que falo — isto é certo. Nada posso acrescentar a essa duração passada, mas sempre posso aumentar o espaço que concebo, como posso aumentar os números que concebo. O Infinito em número e em extensão está fora da esfera de meu entendimento. Qualquer coisa que me digam não me esclarece nesse abismo. Felizmente sinto que minhas dificuldades e minha ignorância não podem prejudicar a moral. Quanto mais não se puder conceber a infinidade do espaço preenchido, nem a potência que tudo fez e que, entretanto, pode ainda fazer, tanto mais ficará provada a fraqueza de nosso entendimento, e essa fraqueza só nos tornará ainda mais submissos ao Ser Eterno de que somos a obra.

XIX

Minha Dependência

Somos sua obra. Eis uma verdade interessante para nós, pois as investigações que redobram em mim o sentimento de minha profunda ignorância são aquelas tentativas para saber, pela filoso-

[4] A mente anima a massa unindo-se ao grande corpo. (N. do E.)
[5] Júpiter é tudo o que vês aonde quer que vás. (N. do E.)

fia, em que tempo Ele fez o homem, o que fazia antes, se está na matéria, se está no vácuo, se está num ponto, se age sempre ou não, se age em toda parte, se age fora de si ou em si.

Vejo que na Europa somente uma dúzia de homens escreveu com um pouco de método sobre essas coisas abstratas, mas mesmo que eu suponha que tenham falado de um modo inteligível, qual o resultado? Já reconhecemos (capítulo IV) que as coisas de que apenas uma minoria pode vangloriar-se de compreender são inúteis para o gênero humano. [6] Certamente somos a obra de Deus. Eis aí o que me é útil saber, e sua prova é palpável.

No meu corpo tudo é meio e fim, tudo é mola, polia, força motriz, máquina hidráulica, equilíbrio de licores, laboratório de química. Está, pois, arranjado por uma inteligência (capítulo XV). Não devo esse arranjo à inteligência de meus pais, porque seguramente não sabiam o que faziam quando me puseram no mundo: eram apenas os instrumentos cegos desse fabricante eterno que anima o verme da terra e que faz o Sol girar em seu eixo.

XX

Ainda a Eternidade

Nascido de um germe, vindo de outro germe, houve uma sucessão contínua, um desenvolvimento sem fim desses germes e toda a Natureza sempre existiu como uma decorrência necessária desse Ser Supremo, que existia por si mesmo? Se acreditasse apenas em meu fraco entendimento, diria: parece-me que a Natureza sempre foi animada. Não posso conceber que a causa que age contínua e visivelmente sobre ela, podendo agir desde todos os tempos, não tenha agido sempre. Uma eternidade de ócio parece-me incompatível com o ser agente e necessário. Sou levado a crer que o mundo sempre emanou dessa causa primeira e necessária, como a luz emana do Sol. Qual é o encadeamento de idéias que me arrasta sempre à crença de que as obras de um Ser Eterno são eternas? Minha concepção, muito pusilânime, tem força para alcançar o Ser necessário existente por si mesmo, e não tem força para conceber o Nada. A existência de um único átomo parece-me provar a eternidade da existência; mas nada me prova o Nada. Como? Teria havido "nada" no espaço onde hoje há alguma coisa? Isso me parece incompreensível. Não posso admitir esse "nada", a menos que a revelação venha fixar minhas idéias que se transportam para além dos tempos.

Sei muito bem que seria absurda uma sucessão infinita de seres desprovidos de origem. Samuel Clarke demonstrou-o abundantemente, [7] mas não somente tenta afirmar que Deus não reteve essa cadeia desde toda a eternidade, como ainda não ousa dizer que tenha sido impossível durante

[6] Esta opinião é certa? A experiência não provou que verdades muito difíceis de conhecer podem ser úteis? As tábuas da Lua, a dos satélites de Júpiter guiam nossos barcos nos mares, salvam a vida de marinheiros, e são construídas a partir de teorias conhecidas apenas por um pequeno número de sábios. Ademais, nas ciências que se referem à moral, à política, os mesmos conhecimentos, que inicialmente são a partilha de alguns filósofos, não podem ser postos ao alcance de todos os homens que receberam uma certa educação, que cultivaram seu espírito, e tornar-se, então, uma utilidade geral, pois são esses mesmos homens que governam o povo e que influem sobre as opiniões? Esta máxima é uma das opiniões a que nos arrasta a idéia muito natural, e talvez muito falsa, de que nosso bem-estar foi um dos motivos da ordem que reina no sistema geral dos seres. Não se devem confundir essas causas finais de que falamos com as causas finais mais extensas que a observação dos fenômenos nos pode levar a suspeitar e indicar com maior ou menor probabilidade. As primeiras pertencem à retórica, as outras, à filosofia. O Sr. de Voltaire freqüentemente combateu essa maneira de raciocinar. (N. do A.)

[7] Aqui se trata apenas de uma impossibilidade metafísica. Ora, por que seria inconcebível essa seqüência de fenômenos que se sucedem indefinidamente segundo uma certa lei e que a partir de cada instante formam uma cadeia indefinida, no passado como no presente? Não temos a idéia clara de um corpo movendo-se numa curva infinita, de uma série de termos estendendo-se indefinidamente nos dois sentidos, em qualquer termo que seja moda? A sucessão indefinida de fenômenos não pode, portanto, apavorar um homem familiarizado com as idéias matemáticas. (N. do A.)

longo tempo o Ser eternamente ativo desdobrar sua ação. É evidente que pôde, e, se pôde, quem seria tão ousado a ponto de me dizer que não o fez?

XXI

Ainda Minha Dependência

Esse Ser Eterno, essa causa universal dá-me idéias, pois não são os objetos que me podem dá-las. Uma matéria bruta não pode enviar pensamentos à minha cabeça; meus pensamentos não vêm de mim, pois acontecem a despeito de mim mesmo, e freqüentemente fogem sem minha intervenção. Sabemos muito bem que não há semelhança alguma, relação alguma entre os objetos, nossas idéias e nossas sensações. Certamente havia algo sublime nesse Malebranche, ousando pretender que vemos tudo em Deus mesmo; mas não eram mais sublimes os estóicos, pensando que Deus age em nós e que possuímos um raio de sua substância? Entre o sonho de Malebranche e o dos estóicos, onde está a realidade? Recaio (capítulo II) na ignorância, apanágio da natureza humana, e adoro Deus, que me faz pensar, sem que eu saiba como penso.

XXII

Nova Questão

Convencido, por minha pouca razão, de que há um ser necessário, eterno, inteligente, de quem recebo minhas idéias sem poder adivinhar nem o como nem o porquê, pergunto o que é esse ser, se tem a forma das espécies inteligentes e agentes, superiores à minha, existentes em outros globos. Já disse que nada sabia sobre isto (capítulo I). Entretanto, não posso afirmar que tal coisa seja impossível, pois percebo planetas muito superiores ao meu em extensão, rodeados de mais satélites do que a Terra. Não é inverossímil que estejam povoados de inteligências muito superiores a mim, e de corpos mais robustos, mais ágeis e mais duráveis. Mas não tendo sua existência relação alguma com a minha, deixo aos poetas da Antiguidade o cuidado de fazer Vênus descer de seu suposto terceiro céu, e Marte, do quinto. Devo apenas investigar a ação do ser necessário sobre mim.

XXIII

Um Único Artesão Supremo

Grande parte dos homens, vendo o mal físico e o mal moral espalhados sobre este globo, imaginou dois seres potentes, um produzindo todo o bem, e o outro, todo o mal. Se existissem, seriam necessários, eternos, independentes e ocupariam a totalidade do espaço; portanto, existiriam no mesmo lugar, um penetraria no outro, e isto é absurdo. A idéia dessas duas potências inimigas só pode originar-se dos exemplos que nos espantam na terra; aqui vemos homens doces e ferozes, animais úteis e nocivos, bons senhores e tiranos. Imaginaram-se, então, dois poderes contrários que presidiriam a Natureza. É apenas um romance asiático. Em toda a Natureza há uma unidade manifesta de desígnios: as leis do movimento e do peso são invariáveis; é impossível que dois artesãos supremos, inteiramente contrários um ao outro, tenham obedecido às mesmas leis. Só isto, em minha opinião, já é suficiente para desbaratar o sistema maniqueísta, e não precisamos de grossos volumes para combatê-lo.

Há, pois, uma potência única, eterna, a quem tudo está vinculado, de quem tudo depende, mas cuja natureza é incompreensível. Santo Tomás nos diz que "Deus é um puro ato, uma forma, que não possui nem gênero nem predicado, que é a natureza e o suporte, que existe essencialmente, participativamente e nuncupativamente". Quando os dominicanos se tornaram os senhores da Inquisição, teriam feito queimar um homem que tivesse negado essas belas coisas; eu não as teria negado, mas não as teria compreendido.

Dizem-me que Deus é simples; confesso humildemente que também não compreendo o valor dessa palavra. É verdade que eu não lhe atribuiria partes grosseiras que pudesse separar, mas não posso compreender como o princípio e o senhor de tudo que há na extensão não seja extenso também. Rigorosamente falando, a simplicidade me parece muito semelhante ao não-ser. A extrema fraqueza de minha inteligência não possui um instrumento bastante fino para apreender essa simplicidade. O ponto matemático é simples, dir-me-ão; mas o ponto matemático não existe realmente.

Diz-se, ainda, que uma idéia é simples, mas também não compreendo. Vejo um cavalo, tenho uma idéia dele, mas nele vi uma reunião de coisas. Vi uma cor, tenho uma idéia de cor, mas essa cor é extensa. Pronuncio nomes abstratos: cor em geral, vício, virtude, verdade em geral, mas isso ocorre porque tenho conhecimento de coisas coloridas, de coisas que me pareceram viciosas ou virtuosas, verdadeiras ou falsas; exprimo tudo isso numa palavra, mas não tenho um conhecimento claro da simplicidade. Não sei o que ela é, como não sei o que é um infinito em número atualmente existente.

Já convencido de que, não conhecendo o que sou, não posso conhecer o que é meu autor, minha ignorância deixa-me abatido a cada instante. Consolo-me refletindo sem cessar que não importa que eu não saiba se meu senhor é ou não extenso, desde que eu não faça coisa alguma contra a consciência que me deu. De todos os sistemas que os homens inventaram sobre a Divindade, qual adotarei? Nenhum, senão o de adorá-lo.

XXIV

Spinoza

Depois de ter mergulhado com Tales na água, transformada por ele em primeiro princípio, depois de ter-me chamuscado ao pé do fogo de Empédocles, depois de haver corrido no vácuo em linha reta com os átomos de Epicuro, depois de haver calculado números com Pitágoras e de ter ouvido sua música; depois de haver cumprido meus deveres para com os andróginos de Platão, e tendo passado por todas as regiões da metafísica e da loucura, quis, enfim, conhecer o sistema de Spinoza.

Não é absolutamente novo. É imitação de alguns antigos filósofos gregos e mesmo alguns judeus, mas Spinoza fez o que nenhum filósofo grego, e menos ainda judeu, havia feito: empregou um método geométrico imponente. Para avaliarmos claramente suas idéias, vejamos se não se extraviam metodicamente com o fio que o conduziu.

Estabelece inicialmente uma verdade incontestável e luminosa: há alguma coisa, portanto existe eternamente um ser necessário. Este princípio é tão verdadeiro que o profundo Samuel Clarke dele se serviu para provar a existência de Deus.

Esse ser deve encontrar-se em toda parte onde haja existência, pois, o que o limitaria?

Esse ser necessário é, portanto, tudo o que existe. Só há, pois, realmente, uma única substância no universo.

Essa substância não pode criar uma outra, pois, visto que ela preenche tudo, onde colocar uma substância nova, e como criar alguma coisa do nada? Como criar a extensão sem colocá-la na própria extensão, que existe necessariamente?

No mundo há pensamento e matéria. A substância necessária que chamamos Deus é, pois, o pensamento e a matéria. Todo pensamento e toda matéria estão, portanto, compreendidos na

imensidão de Deus: não há nada fora dele; só pode agir dentro de si mesmo; compreende tudo e é tudo.

Assim, tudo o que chamamos de "substâncias diferentes" é, na verdade, apenas a universalidade dos diferentes atributos do Ser Supremo, que pensa no cérebro dos homens, ilumina na luz, move-se nos ventos, explode no trovão, percorre o espaço em todos os astros e vive em toda a Natureza.

Não está, como um vil rei da Terra, confinado em seu palácio, separado de seus súditos; está intimamente ligado a eles, são partes necessárias dele próprio. Se se distinguisse deles não seria mais o ser necessário, não seria mais universal, não preencheria todos os lugares: seria um ser à parte como um outro qualquer.

Embora todas as modalidades mutáveis no universo sejam efeitos de seus atributos, entretanto, segundo Spinoza, o Ser Supremo não tem partes, pois, diz ele, o infinito não as tem propriamente ditas. Se tivesse, outras poderiam ser-lhe acrescentadas e ele não seria mais infinito. Enfim, Spinoza declara que é preciso amar esse Deus necessário, infinito, eterno. Eis aqui suas próprias palavras:

"No tocante ao amor de Deus, longe de que essa idéia possa enfraquecê-lo, considero que nenhuma outra é mais adequada para aumentá-lo, pois faz-me conhecer que Deus é íntimo ao meu ser, que me dá existência e todas as minhas propriedades, mas que as dá liberalmente, sem censura, sem interesse, sem sujeitar-me a outra coisa que não minha própria natureza. Expulsa o medo, a inquietação, a desconfiança e todos os defeitos de um amor vulgar ou interessado. Faz-me sentir que é um bem que não posso perder e que possuo quanto mais o conheço e amo".

Essas idéias seduziram muitos leitores; houve mesmo aqueles que, antes de escrever contra ele, haviam-se colocado a favor de sua opinião.

Censurou-se o sábio Bayle por haver atacado duramente Spinoza sem compreendê-lo. Duramente, convenho. Injustamente, não o creio. Seria estranho que Bayle não o houvesse compreendido. Descobriu facilmente o ponto fraco do castelo encantado. Viu que, efetivamente, Spinoza compõe seu Deus de partes, embora seja conduzido a desdizer-se, apavorado com seu próprio sistema. Bayle viu como é insensato fazer Deus astro e rã, pensamento e estrume, vencedor e vencido. Viu que essa fábula está muito acima da de Proteu. Talvez Bayle devesse ter-se detido no termo "modalidade", em vez de "parte", pois é o termo "modalidade" que Spinoza sempre usa. Mas é igualmente impertinente, se não me engano, que o excremento de um animal seja uma modalidade ou uma parte do Ser Supremo.

Não combateu, é verdade, as razões que levaram Spinoza a sustentar a impossibilidade da criação, isto porque a criação é um objeto de fé e não de filosofia. Essa idéia não é particular a Spinoza. Toda a Antiguidade pensou como ele. Bayle só ataca a idéia absurda de um Deus simples composto de partes, um Deus que se come e se digere a si mesmo, que ama e odeia a mesma coisa ao mesmo tempo, etc. Spinoza se serve sempre do nome de Deus. Bayle o pega por suas próprias palavras.

Mas, no fundo, Spinoza não reconhece Deus. Empregou essa expressão, disse que era preciso amá-lo, apenas para não encolerizar o gênero humano. Parece um ateu na acepção plena desse termo. Não é ateu como Epicuro, que reconhecia deuses inúteis e ociosos; não o é como a maioria dos gregos e dos romanos, que caçoavam dos deuses do vulgo. É ateu porque não reconhece Providência alguma, porque não admite a eternidade, a necessidade e a imensidão das coisas. É como Estratão e Diágoras. Não duvida, como Pirro; afirma. E o que afirma? Que há uma única substância, que não pode haver duas, que essa substância é extensa e pensante, o que nunca disseram os filósofos gregos e asiáticos, que acreditavam numa alma universal.

Não fala, em parte alguma de seu livro, dos desígnios marcados que se manifestam em todos os seres. Não examina se os olhos são feitos para ver, os ouvidos para ouvir, os pés para andar, as asas para voar. Não considera nem as leis do movimento nos animais e nas plantas, nem sua estrutura adaptada a essas leis, nem a profunda matemática que governa o curso dos astros: teme perceber que tudo o que existe atesta uma Providência Divina. Não sobe dos efeitos às suas causas, mas, colocando-se de um único lance à testa da origem das coisas, constrói seu romance como Descartes o seu: sobre uma suposição. Juntamente com Descartes, supunha o pleno, embo-

ra seja rigorosamente demonstrado que todo movimento é impossível no pleno. Foi isso, principalmente, que o fez olhar o universo como uma única substância. Foi a vítima lograda de seu espírito geométrico. Como Spinoza, não podendo duvidar que a inteligência e a matéria existem, deixou de examinar se a Providência não teria arranjado tudo? Como não deu uma olhada sobre essas molas, sobre esses meios, cada um provido de seu fim, para saber se provam um artesão supremo? Seria preciso que fosse um físico muito ignorante, ou um sofista cheio de um orgulho bem estúpido, para não reconhecer uma Providência todas as vezes que respirava e que sentia seu coração bater, pois a respiração e o movimento do coração são efeitos de uma máquina tão industriosamente complicada, arranjada com uma arte tão potente, dependendo de tantas molas concorrendo todas ao mesmo fim, que é impossível imitá-la, e impossível um homem de bom senso não admirá-la.

Os spinozistas modernos respondem: não vos encolerizeis com as conseqüências que nos imputais; como vós, encontramos uma seqüência de efeitos admiráveis nos corpos organizados e em toda a Natureza. A causa eterna está na inteligência eterna que admitimos e que, com a matéria, constitui a universalidade das coisas, que é Deus. Há somente uma substância que age pela modalidade da matéria e que constitui, assim, o universo como um todo inseparável.

Replica-se a essa resposta: como podeis provar-nos que o pensamento que faz mover os astros, que anima os homens, que faz tudo, seja uma modalidade, e que as excreções de um sapo e de um verme sejam uma outra modalidade desse mesmo ser soberano? Ousaríeis dizer que um princípio tão estranho vos é demonstrado? Não cobris vossa ignorância com palavras que não compreendeis? Bayle desembaraçou bem os sofismas de vosso mestre nos desvios e nas obscuridades de seu estilo pretensamente geométrico, e realmente muito confuso. Remeto-vos a ele. Os filósofos não devem recusar Bayle.

Seja lá como for, observarei que Spinoza se engana de boa fé. Parece-me que não afastava de seu sistema idéias que pudessem prejudicá-lo, porque estava bem recheado com as suas. Seguia seu caminho sem olhar nada que pudesse atravessá-lo, e é o que nos acontece freqüentemente. Mais ainda: derrubava todos os princípios da moral, e, no entanto, praticava uma moral rígida; sóbrio, a ponto de beber apenas uma pinta de vinho em um mês; desinteressado, a ponto de devolver aos herdeiros do desafortunado João de Witt uma pensão de duzentos florins, que esse grande homem lhe dava; generoso, a ponto de dar seus bens; sempre paciente em seus males e em sua pobreza; sempre uniforme em sua conduta.

Bayle, que o maltratou tanto, tinha mais ou menos o mesmo caráter. Ambos procuraram a verdade durante toda a vida, mas por estradas diferentes. Spinoza constrói um sistema especioso em alguns pontos e bem errôneo, no fundo. Bayle combateu todos os sistemas. Que aconteceu com os escritos de ambos? Ocuparam a ociosidade de alguns leitores — a isto se reduzem todos os escritos. Desde Tales até os professores de nossas universidades, desde os mais quiméricos raciocinadores até seus plagiadores, nenhum filósofo influiu sequer nos costumes da rua em que vivia. Por quê? Porque os homens se conduzem pelo hábito e não pela metafísica. Um único homem, eloqüente, hábil e acreditado, poderá muito sobre os homens; cem filósofos nada poderão, se forem apenas filósofos.

XXV

Absurdos

Quantas viagens por terras desconhecidas! E ainda é quase nada! Sinto-me como um homem que, tendo errado pelo oceano, ao perceber as ilhas Maldivas, semeadas sobre o mar Índico, quisesse visitar todas. Minha grande viagem de nada me valeu. Vejamos se ganharei alguma coisa observando essas ilhotas, cuja serventia parece ser apenas a de atravancar o caminho.

Num certo curso de filosofia explicam-me coisas cuja noção ninguém pode alcançar. Um quer fazer-me compreender a Trindade pela física, dizendo que se assemelha às três dimensões da

matéria. Deixo-o falar e saio depressa. Um outro quer fazer-me tocar com o dedo a transubstanciação, mostrando-me pelas leis do movimento como um acidente pode existir sem sujeito e como um mesmo corpo pode estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. Tapo os ouvidos e saio ainda mais depressa.

Pascal, o próprio Blaise Pascal, autor das *Cartas Provinciais*, profere estas palavras: "Credes que Deus seja infinito e sem partes? Quero, então, mostrar-vos uma coisa indivisível e infinita: um ponto movendo-se por toda parte numa velocidade infinita, pois está em todos os lugares, e é completo em cada um deles".

Um ponto matemático que se move! Justos céus! um ponto que existe apenas na cabeça do geômetra, que é o mesmo em toda a parte, que tem uma velocidade infinita, como se a velocidade infinita atual pudesse existir! Cada palavra é uma loucura. E tais loucuras foram proferidas por um grande homem!

Vossa alma é simples, incorporal, intangível, diz-me um outro. E como nenhum corpo pode tocá-la, vou provar pela física de Alberto Magno que ela será queimada fisicamente, se não fordes de minha opinião. É assim que faço minha prova *a priori*, fortificando Alberto com os silogismos de Albelli. Respondo-lhe que não entendo seu *a priori*, que considero seu cumprimento muito duro, que somente a revelação (o que não é o nosso caso) pode ensinar-me uma coisa tão incompreensível, que lhe permito não ter minha opinião sem, contudo, ameaçá-lo. E afasto-me dele, temendo que me faça algum mal, pois o homem parece-me bastante maldoso.

Uma multidão de sofistas de todo o país e de todas as seitas cumula-me de argumentos ininteligíveis sobre a natureza das coisas e sobre a minha, sobre meu estado passado, presente e futuro. Se alguém lhes fala em comer e beber, em vestuário, em habitação, em gêneros necessários, em dinheiro para obtê-los, todos se entendem maravilhosamente. Se há algumas moedas a ganhar todos se aprestam, ninguém se engana num tostão. Mas quando se trata de nosso ser, não têm uma idéia clara; o senso comum os abandona. Volto, assim, à minha primeira conclusão (capítulo IV): aquilo que não tem uma serventia universal, que não está ao alcance do comum dos homens, sendo compreendido apenas por uma minoria que exercitou mais do que os outros sua faculdade de pensar, não é necessário ao gênero humano.

XXVI

Do Melhor dos Mundos

Correndo por todos os lados a fim de instruir-me, encontrei discípulos de Platão. — "Vinde conosco", disseram-me, "Estais no melhor dos mundos. Ultrapassamos nosso mestre: em sua época havia apenas cinco mundos possíveis, porque só havia cinco corpos regulares, mas atualmente, como há uma infinidade de universos possíveis, Deus escolheu o melhor. Vinde e o achareis bom." Respondo-lhes humildemente: — "Os mundos que Deus poderia criar ou eram melhores, ou perfeitamente iguais ou piores do que o existente. Não poderia ter tomado o pior. Quanto aos que eram iguais, supondo-se que houvesse, não valiam a preferência, pois eram exatamente os mesmos e Deus não poderia escolher um deles: tomar um, seria tomar o outro. Era, portanto, impossível que não tomasse o melhor. Mas como os outros seriam possíveis, se era impossível que existissem?"

Apresentaram-me belas distinções, assegurando sempre, sem se entenderem, que este mundo é o melhor de todos os mundos realmente possíveis. Nesse momento, porém, sentindo-me atormentado por cálculos na bexiga, e sofrendo dores insuportáveis, os cidadãos do melhor dos mundos conduziram-me ao hospital vizinho. Durante o caminho, dois dos bem-aventurados habitantes foram aprisionados por criaturas semelhantes a eles. Foram postos a ferros: um, por algumas dívidas, outro, por uma simples suspeita. Não sei se fui conduzido ao melhor dos hospitais possíveis, mas fui amontoado com dois ou três mil miseráveis que sofriam como eu. Havia ali vários defensores da pátria que me contaram que haviam sido trepanados e dissecados vivos, que lhes

haviam cortado os braços, as pernas e que vários milhares de seus generais compatriotas haviam sido massacrados em uma das trinta batalhas travadas na última guerra, que é a centésima milésima guerra depois que conhecemos guerras. Viam-se também, nessa casa, mais ou menos mil pessoas dos dois sexos, parecendo espectros horrendos e que eram esfregados com um certo metal por terem seguido a lei da Natureza e esta, não sei como, tinha tomado a precaução de envenenar-lhes a fonte da vida. Agradeci a meus dois condutores.

Após mergulharem um ferro bem afiado em minha bexiga, arrancando algumas pedras dessa pedreira, e após ter sarado, ficando com apenas alguns incomodos dolorosos para o resto de meus dias, apresentei minhas opiniões aos meus guias. Tomei a liberdade de lhes dizer que havia coisas boas no mundo, pois haviam tirado quatro cascalhos do seio de minhas entranhas dilaceradas, mas que eu teria preferido que minha bexiga fosse um balão e não uma pedreira. Falei-lhes das calamidades e dos crimes inumeráveis que cobrem este mundo excelente. O mais intrépido deles, um alemão, meu compatriota, disse-me que tudo isso era apenas bagatela.

— "Foi", disse ele, "um grande favor do céu para com o gênero humano que Tarquínio violasse Lucrécia e que Lucrécia se apunhalasse, pois os tiranos foram expulsos, a violação, o suicídio e a guerra estabeleceram uma república que fez a felicidade dos povos conquistados." Tive dificuldade para convencer-me dessa felicidade. Não compreendi qual fora a felicidade dos gauleses e dos espanhóis, perecendo aos milhares nas mãos de César. As devastações e rapinas também me pareceram coisas desagradáveis. Mas o defensor do otimismo não desistia. Dizia-me, como o carcereiro de Dom Carlos: "Paz, paz. É para o vosso bem". Enfim, levado ao extremo, disse-me que era preciso não atentar para o glóbulo terrestre, onde tudo sai atravessado, mas para a estrela Sírius, para Órion, para o olho do Touro e alhures, onde tudo é perfeito. — "Vamos, então, para lá", disse-lhe eu.

Nesse momento, um pequeno teólogo puxou-me pelo braço. Confidencialmente, contou-me que essa gente era sonhadora, que não era necessário haver mal sobre a terra, porque fora feita expressamente para que nela só houvesse bem. E para prová-lo, disse-me: — "Sabeis que outrora as coisas se passaram assim durante dez ou doze dias". — "Ai de nós!" respondi-lhe. "É uma pena, meu reverendo padre, que isso não tivesse continuado."

XXVII

Das Mônadas, etc.

O mesmo alemão apossou-se novamente de mim; doutrinou-me, ensinou-me claramente o que é minha alma. — "Na Natureza tudo é composto de mônadas; vossa alma é uma mônada, e como mantém relações com todas as outras mônadas do mundo tem necessariamente idéias de tudo o que se passa nele; tais idéias são confusas, o que é muito útil; e vossa mônada, bem como a minha, é um espelho concentrado do universo.

"Mas não creiais que agis em conseqüência de vossos pensamentos. Há uma harmonia preestabelecida entre a mônada de vossa alma e todas as mônadas de vosso corpo, de sorte que quando vossa alma tem uma idéia, vosso corpo tem uma ação, sem que uma seja sequência da outra. São dois pêndulos que oscilam juntos; ou, se quiserdes, parecem com um homem que prega enquanto um outro faz os gestos. Concebeis facilmente que é preciso que assim seja no melhor dos mundos. Pois..."[8]

[8] Aquilo que se denomina sistema das mônadas é, sob vários aspectos, a maneira mais simples de conceber grande parte dos fenômenos que a observação dos seres sensíveis e inteligentes nos apresenta. Supondo, com efeito, que todos os seres possuem uma capacidade igual para ter idéias, fazendo depender toda a diferença entre eles de suas relações com outros objetos, concebe-se muito bem como pode produzir-se a cada instante um grande número de seres novos tendo consciência distinta do *eu*; como tal sentimento pode cessar de existir sem que nada seja aniquilado, despertar após ter sido suspenso durante intervalos mais ou menos longos, etc., etc. (N. do A.)

XXVIII

Das Formas Plásticas

Como não compreendia coisa alguma a respeito dessas idéias admiráveis, um inglês, chamado Cudworth, percebeu a ignorância estampada em meus olhos fixos, em meu embaraço, em minha cabeça baixa. — "Essas idéias", disse-me ele, "vos parecem profundas porque são ocas. Vou ensinar-vos claramente como a Natureza age. Em primeiro lugar, há as naturezas plásticas que constituem todos os animais e todas as plantas. Compreendeis bem?" — "Nem uma palavra, senhor." — "Continuemos, pois.

"Uma natureza plástica não é uma faculdade do corpo. É uma substância imaterial que age sem saber o que faz, sendo inteiramente cega. Não sente, não raciocina, não vegeta; mas a tulipa possui sua forma plástica que a faz vegetar; o cão, sua forma plástica que o faz ir à caça; e o homem, a sua, que o faz raciocinar. Essas formas são os agentes imediatos da Divindade. Não há ministros mais fiéis no mundo, pois dão tudo e nada retêm para si mesmos. Vedes bem que são os verdadeiros princípios das coisas e que as naturezas plásticas são preferíveis à harmonia preestabelecida e às mônadas, espelhos concentrados do universo." Confessei-lhe que umas valiam tanto quanto as outras.

XXIX

De Locke

Após tantas voltas infelizes, fatigado, extenuado, envergonhado por ter procurado tantas verdades e ter encontrado tantas quimeras, retornei a Locke, como o filho pródigo retorna à casa de seu pai. Lancei-me nos braços de um homem modesto, que nunca finge saber aquilo que não sabe, que, na verdade, não possui riquezas imensas, mas cujos fundos estão bem assegurados, e que frui um bem sólido sem nenhuma ostentação. Confirma a opinião que sempre tive: que nada penetra em nosso entendimento sem ter passado por nossos sentidos.

Que não há noções inatas.

Que não podemos ter idéia nem de um espaço infinito, nem de um número infinito.

Que não penso sempre e, conseqüentemente, que o pensamento não é a essência, mas a ação do meu entendimento.[9]

Que sou livre quando posso fazer o que quero.

Que a liberdade não pode consistir em minha vontade, pois quando permaneço voluntariamente em meu quarto, cuja porta está fechada, sem que eu possua chave, não tenho a liberdade de sair; pois sofro quando não posso recordar-me de minhas idéias quando quero recordá-las.

Que no fundo, portanto, é absurdo dizer "quero querer tal coisa" porque seria exatamente o mesmo que dizer "desejo desejá-la", "temo temê-la". Que, enfim, a vontade não é livre, assim como não é azul nem quadrada (vide o capítulo XIII).

Que, conseqüentemente, não posso querer as idéias recebidas em meu cérebro; que sou obrigado a determinar-me em conseqüência de tais idéias, visto que se assim não fosse eu me determinaria sem razão e haveria um efeito sem causa.

Que não posso ter uma idéia positiva do infinito porque sou muito finito.

Que não posso conhecer substância alguma porque só posso ter idéias de suas qualidades, e

[9] Não está provado que nada sentimos no sono mais profundo; é até mesmo bastante verossímil que tenhamos, então, sensações, na verdade, bem fracas para excitar a atenção ou permanecer na memória, muito mal ordenadas para formar um sistema conseqüente ou que possa vincular-se aos das idéias que possuímos no estado de vigília. De outro modo, seríamos obrigados a dizer que a atenção nos faz sentir ou não sentir as impressões que recebemos dos objetos, o que talvez fosse ainda mais difícil de conceber. (N. do A.)

mil qualidades de uma coisa não podem fazer-me conhecer sua natureza íntima, podendo haver cem mil outras qualidades ignoradas.

Que sou a mesma pessoa se e somente se tiver memória e o sentimento de minha memória, pois não possuindo a menor parte de meu corpo tal como me pertencia em minha infância e não tendo a menor lembrança das idéias que me afetaram nessa idade, é claro que não sou essa mesma criança, como não sou Confúcio ou Zoroastro. Sou considerado a mesma pessoa por aqueles que me viram crescer e que sempre viveram comigo, mas não tenho, de modo algum, a mesma existência; não sou mais o antigo eu-mesmo. Sou uma nova identidade. E quantas conseqüências singulares decorrem disso!

Que, enfim, conforme a profunda ignorância em que me acho no tocante aos princípios das coisas, é impossível que eu possa conhecer quais são as substâncias cuja essência seja pensar, que pensam sempre e que pensam por si mesmas. Neste caso, tais substâncias, sejam quais forem, são deuses, pois não carecem do Ser Eterno e formador, visto que possuem suas essências sem Ele, e que pensam sem Ele.

Em segundo lugar, se o Ser Eterno deu o dom de sentir e de pensar aos seres, deu-lhes aquilo que não lhes pertencia essencialmente e, portanto, pode tê-lo dado a qualquer ser.

Em terceiro lugar, não conhecemos a fundo ser algum, sendo, pois, impossível que saibamos se um ser é incapaz ou não de receber o sentimento e o pensamento. Os vocábulos "matéria" e "espírito" são apenas vocábulos. Não temos a noção completa dessas duas coisas. Portanto, no fundo haveria tanta temeridade em dizer que um corpo organizado pelo próprio Deus não pode receber dele o pensamento, quanto seria ridículo dizer que o espírito não pode pensar.

Em quarto lugar, supondo que haja substâncias puramente espirituais que nunca tiveram idéia da matéria e do movimento: terão elas o direito de negar que a matéria e o movimento possam existir?

Suponho que a sábia congregação que condenou Galileu como ímpio e absurdo, por ter demonstrado o movimento da Terra ao redor do Sol, teve algum conhecimento das idéias do Chanceler Bacon, que se propunha examinar se a atração é dada à matéria. Suponho que o relator desse tribunal foi obrigado a revelar àquelas graves personagens que havia gente muito louca na Inglaterra, a ponto de suspeitar que Deus poderia dar a toda matéria, desde Saturno até nosso montículo de lama, uma tendência para um centro, uma atração, uma gravitação que seria absolutamente independente de todo impulso, pois o impulso dado por um fluido em movimento age em virtude das superfícies, enquanto tal gravitação age em virtude dos sólidos. Não vistes, então, esses juízes da razão humana e do próprio Deus ditarem logo suas sentenças, anatematizar essa gravitação que Newton demonstrou mais tarde, declarando-a impossível para Deus e considerando-a uma blasfêmia? Sou culpado, parece-me, da mesma temeridade que eles, quando ouso afirmar que Deus não pode fazer qualquer ser organizado sentir e pensar.

Em quinto lugar, não posso duvidar que Deus tenha atribuído sensações, memória, e, conseqüentemente, idéias à matéria organizada nos animais.[10]

Por que, então, negaria que Ele pudesse presentear do mesmo modo outros animais? Já foi dito. A dificuldade não consiste em saber se a matéria organizada pode pensar, mas em saber como um ser, seja lá qual for, pensa.

O pensamento tem algo divino. Sim, sem dúvida, e é por isso que nunca saberei o que é um ser pensante. O princípio do movimento é divino e nunca saberei a causa desse movimento, cujas leis são executadas por todos os meus membros.

O filho de Aristóteles, quando ainda de peito, atraía para sua boca a teta que sugava, fazendo dela, precisamente com a língua que puxava, uma máquina pneumática, bombando o ar, for-

[10] As mesmas provas que estabeleciam a imaterialidade da alma humana serviriam para provar com a mesma força a imaterialidade da alma dos animais. Esse argumento também pode ser erguido contra os filósofos que crêem que a alma humana e a dos animais são de uma natureza completamente diferente. (N. do A.)

mando o vácuo, enquanto seu pai nada sabia de tudo isso e dizia descuidadamente que a Natureza tem horror ao vazio.

O filho de Hipócrates, com a idade de quatro anos, provava a circulação do sangue passando o dedo sobre a mão, e Hipócrates não sabia que o sangue circulava.

Somos essas crianças. Operamos coisas admiráveis e nenhum filósofo sabe como se operam.

Em sexto lugar, eis as razões, ou melhor, as dúvidas que minha faculdade intelectual fornece, a partir das asserções modestas de Locke. Não digo, ainda uma vez, que é a matéria que pensa em nós. Digo, com ele, que não nos cabe declarar que para Deus seja impossível fazer a matéria pensar, sendo absurdo declará-lo e não cabendo aos vermes da terra limitar a potência do Ser Supremo.

Em sétimo lugar, acrescento que tal questão é absolutamente estranha à moral, pois, quer a matéria possa ou não pensar, todo aquele que pensa deve ser justo, porque o átomo a quem Deus tiver dado o pensamento poderá merecer ou desmerecer, ser punido ou ser recompensado e durar eternamente da mesma maneira que o ser desconhecido, outrora denominado "sopro", e hoje, "espírito", cuja noção nos escapa mais do que a de átomo.

Sei bem que aqueles que acreditaram que o ser chamado "sopro" poderia ser o único suscetível de sentir e de pensar perseguiram aqueles que tomaram o partido do sábio Locke, não ousando limitar a potência de Deus ao ato de animar apenas esse sopro. Mas, ainda que o universo inteiro acreditasse que a alma era um corpo, um sopro, uma substância de fogo, ter-se-ia o direito de perseguir aqueles que vieram ensinar-nos que a alma é imaterial? Todos os Padres da Igreja que acreditaram ser a alma um corpo desligado teriam razão de perseguir todos os outros Padres que trouxeram aos homens a idéia da imaterialidade perfeita? Não, sem dúvida, pois o perseguidor é abominável. E assim, aqueles que admitiram a imaterialidade perfeita, sem compreendê-la, deveriam tolerar aqueles que a rejeitavam por não compreendê-la. Aqueles que recusaram a Deus o poder de animar o ser desconhecido chamado "matéria" também deveriam tolerar aqueles que não ousaram despojar Deus desse poder, pois é muito desonesto odiar-se por causa de silogismos.

XXX

Que Aprendi Até Agora?

Contei, pois, com Locke e comigo mesmo e encontrei-me possuidor de quatro ou cinco verdades, libertado de uma centena de erros, e carregado de uma quantidade imensa de dúvidas. Em seguida, disse a mim mesmo: essas poucas verdades que adquiri com minha razão serão um bem estéril em minhas mãos, se não encontrar algum princípio moral. É belo que um animal tão débil como o homem se tenha elevado ao conhecimento do Senhor da Natureza; mas isso servirá tão pouco quanto a ciência da álgebra, se não retirar daí regras para a conduta de minha vida.

XXXI

Há uma Moral?

Quanto mais vi homens diferentes pelo clima, pelos costumes, pela linguagem, pelas leis, pelo culto e pela medida de sua inteligência, tanto mais observei que todos possuem o mesmo fundo moral: todos têm uma noção grosseira do justo e do injusto, sem saber uma palavra de teologia; todos adquiriram essa noção na idade em que a razão se desdobra, como todos adquiriram naturalmente a arte de levantar fardos com bastões e de atravessar riachos sobre um pedaço de madeira, sem ter aprendido matemática.

Pareceu-me, pois, que essa idéia do justo e do injusto era-lhes necessária, visto que todos concordavam nesse ponto, desde que pudessem agir e raciocinar. A inteligência suprema que os formou quis, portanto, que houvesse justiça sobre a terra para que nela pudéssemos viver durante certo tempo. Parece-me que não possuindo, como possuem os animais, nem instintos para nos alimentarmos, nem as armas naturais, e vegetando vários anos na imbecilidade de uma infância exposta a todos os perigos, os poucos homens que houvessem escapado das garras das bestas ferozes, da fome e da miséria ocupar-se-iam em lutar por causa de alguma comida ou de algumas peles de animais, e logo seriam destruídos, como as crianças do dragão Cadmos, assim que tivessem podido servir-se de alguma arma. Pelo menos não teria havido sociedade alguma se os homens não tivessem concebido certa idéia da justiça, vínculo de toda sociedade.

Como o egípcio, que erguia pirâmides e obeliscos, e o cita errante, que sequer conhecia cabanas, teriam as mesmas noções fundamentais do justo e do injusto, se Deus não houvesse dado desde sempre a um e a outro essa razão que, desenvolvendo-se, fê-los perceber os mesmos princípios necessários, assim como lhes deu órgãos que, alcançando certo grau de energia, perpetuam necessária e igualmente a raça do cita e a do egípcio? Vejo uma horda bárbara, ignorante, supersticiosa, um povo sanguinário e avarento que não possuía em seu jargão sequer um termo para designar a geometria e a astronomia; no entanto, esse povo tem as mesmas leis fundamentais que o sábio caldeu que conheceu a rota dos astros, e que o fenício, ainda mais sábio, que se serviu do conhecimento dos astros para fundar colônias nos limites do hemisfério, onde o oceano se confunde com o Mediterrâneo. Todos esses povos asseguram que é preciso respeitar seu pai e sua mãe, que o perjúrio, a calúnia e o homicídio são abomináveis. Todos retiram, portanto, as mesmas conseqüências do mesmo princípio de sua razão desenvolvida.

XXXII

Utilidade Real. Noção de Justiça

A noção de algo justo parece-me tão natural, tão universalmente adquirida por todos os homens, que é independente de toda lei, de todo pacto, de toda religião. Que eu peça a um turco, a um guebro ou a um malabar a devolução do dinheiro que lhe emprestei para alimentar-se e vestir-se, nunca lhe virá à cabeça responder-me: "Esperai até que eu saiba se Maomé, Zoroastro ou Brama ordenam-me que vos devolva vosso dinheiro". Cada um deles convirá que é justo que me pague e, se não o fizer, há de ser porque a pobreza ou a avareza vencerão a justiça que reconhece.

Considero indiscutível que não há povo algum para quem seja justo, belo, conveniente, honesto recusar o alimento ao pai ou à mãe, quando se lhes pode dar; que nenhuma povoação encarou a calúnia como uma boa ação, nem mesmo uma companhia de beatos fanáticos.

De tal modo a idéia de justiça parece-me uma verdade de primeira ordem, a que todo o universo dá seu assentimento, que os maiores crimes que afligem a humanidade são cometidos sob um falso pretexto de justiça. O maior dos crimes, pelo menos o mais destrutivo, e conseqüentemente o mais oposto à finalidade da Natureza, é a guerra. E, no entanto, não há um agressor que não tinja essa malfeitoria com o pretexto da justiça.

Os depredadores romanos obrigavam os chamados padres feciais a declararem todas as suas invasões justas. Todo salteador que se encontra à testa de um exército começa seus furores com um manifesto e implora ao Deus dos exércitos.

Mesmo os pequenos ladrões, quando se associam, cuidam para não dizer: "Vamos roubar, vamos arrancar o alimento da viúva e do órfão". Dizem: "Sejamos justos, vamos recuperar nosso bem das mãos dos ricos que dele se apoderaram". Têm entre si um dicionário, aliás impresso desde o século XVI. Nesse vocabulário, que chamam "gíria", não existem os termos "roubo", "furto", "rapina"; servem-se de termos que correspondem a "ganhar", "retomar".

A palavra injustiça nunca é pronunciada num conselho de Estado em que se proponha o assassinato mais injusto. Mesmo os conspiradores mais sanguinários nunca disseram: "Come-

tamos um crime". Todos disseram: "Vinguemos a pátria contra os crimes do tirano; punamos aquilo que nos parece uma injustiça". Em uma palavra: aduladores, fracos, ministros bárbaros, conspiradores odiosos, ladrões mergulhados na iniqüidade, todos homenageiam, malgrado eles mesmos, a própria virtude que pisoteiam.

Sempre me espantei de que entre os franceses, esclarecidos e polidos, tenha-se suportado no teatro aquelas máximas tão terríveis e falsas que se encontram na primeira cena de *Pompeu*, e ainda mais exageradas de que as de Lucano, de quem são imitadas.

"A justiça e o direito são vãs idéias...
O direito dos reis consiste em nada poupar."

E tais palavras são postas na boca de Fotino, ministro do Jovem Ptolomeu. Mas, justamente porque é ministro, deveria dizer exatamente o contrário; deveria representar a morte de Pompeu como uma infelicidade necessária e justa.

Creio, pois, que as idéias de justo e de injusto são tão claras, tão universais quanto as de saúde e de doença, de verdade e de falsidade, de conveniência e de inconveniência. Os limites do justo e do injusto são muito difíceis de estabelecer, assim como é difícil de limitar o estado intermediário entre a saúde e a doença, entre a conveniência e a inconveniência das coisas, entre o falso e o verdadeiro. Mesclam-se os matizes, mas as cores definidas ferem todos os olhares. Por exemplo, todos os homens admitem que se deve devolver aquilo que se pediu emprestado; mas sabendo, com certeza, que aquele a quem devo dois milhões irá usá-los para subjugar minha pátria, devo devolver-lhe essa arma funesta? Eis onde os sentimentos se dividem. Entretanto, de modo geral, devo manter meu juramento desde que dele não resulte algum mal. Disso ninguém jamais duvidou.[11]

XXXIII

O Consentimento Universal

é Prova da Verdade?

Podem objetar-me que o consentimento dos homens de todos os tempos e de todos os países não é uma prova da verdade. Todos os povos acreditaram na magia, nos sortilégios, nos endemoninhados, nas aparições, nas influências dos astros e em cem outras tolices desse gênero. O mesmo não ocorreria com o justo e o injusto?

Parece-me que não. Primeiramente, é falso que todos os homens tenham acreditado nessas quimeras. É verdade que foram o alimento da imbecilidade do vulgo, e há o vulgo entre os grandes e o vulgo entre o povo. No entanto, uma multidão de sábios sempre zombou delas e, ao contrário, sempre admitiu o justo e o injusto, tanto quanto o povo, ou até mais do que este.

A crença nos feiticeiros, nos endemoninhados, etc., está longe de ser necessária ao gênero humano. A crença no justo e no injusto é uma necessidade absoluta, portanto é um desenvolvi-

[11] A idéia da justiça, do direito, forma-se naturalmente em todos os seres sensíveis, capazes das combinações necessárias para a aquisição dessas idéias. São, pois, uniformes. Em seguida pode ocorrer que certos seres raciocinem mal a partir dessas noções, alterando-as e mesclando-as com idéias acessórias, etc., do mesmo modo que tais seres podem enganar-se sobre os outros objetos. Mas, visto que todo ser, raciocinando com justeza, será conduzido às mesmas idéias em moral como em geometria, não é menos verdadeiro que tais idéias não são arbitrárias, mas certas e invariáveis. Com efeito, são a seqüência necessária das propriedades dos seres sensíveis e capazes de raciocinar; derivam-se da natureza deles, de sorte que basta supor a existência de tais seres para que as proposições fundadas sobre essas noções sejam verdadeiras, assim como basta supor a existência de um círculo para estabelecer a verdade das proposições que decorrem de suas diferentes propriedades. Assim, a realidade das proposições morais, sua verdade relativamente ao estado dos seres reais, dos homens, dependem unicamente dessa verdade de fato: os homens são seres sensíveis e inteligentes. (N. do A.)

mento da razão dada por Deus, enquanto a idéia de feiticeiros é, pelo contrário, uma perversão dessa mesma razão.

XXXIV

Contra Locke

Locke, que me instrui, que me ensina a desconfiar de mim mesmo, não se engana algumas vezes, como eu próprio? Quer provar a falsidade das idéias inatas, mas não acrescenta uma razão bem ruim a outras muito boas? Confessa que não é justo ferver o próximo num caldeirão e comê-lo. Diz, porém, que houve nações antropófagas e que tais seres pensantes não teriam comido homens se tivessem as idéias do justo e do injusto, que suponho necessárias à espécie humana (vide o capítulo XXXVI).

Sem discutir aqui a questão de se houve ou não alguma nação antropofágica, sem examinar os relatos do viajante de Dampierre que percorreu toda a América e nunca viu alguma desse tipo, mas que, pelo contrário, foi recebido entre todos os selvagens com a maior humanidade, eis o que respondo:

Vencedores comeram os escravos que conquistaram pela guerra. Acreditaram que praticavam uma ação muito justa; acreditaram ter sobre eles o direito de vida e de morte e como possuíam poucas iguarias para suas mesas, acreditaram que lhes era permitido nutrir-se com o fruto de sua vitória. Nesse ponto foram mais justos do que os triunfadores romanos que mandavam estrangular, sem nenhum fruto, os príncipes escravos que haviam acorrentado a seus carros triunfais. Os romanos e os selvagens tinham uma falsa idéia da justiça, admito, mas, enfim, uns e outros acreditavam agir justamente. E isto é tão verdadeiro que esses mesmos selvagens, quando admitiam os cativos em sua sociedade, passavam a encará-los como seus filhos; e esses mesmos antigos romanos deram mil exemplos admiráveis de justiça.

XXXV

Contra Locke

Concordo com o sábio Locke que não há noção inata nem princípio inato. É uma verdade tão constante que seria evidente que as crianças teriam uma noção clara de Deus se houvessem nascido com essa idéia, e que todos os homens concordariam nessa mesma noção, e esse acordo nunca foi visto. Não é menos evidente que não nascemos com princípios desenvolvidos de moral, pois não se compreenderia como uma nação inteira poderia rejeitar um princípio moral gravado no coração de cada indivíduo dessa nação.

Suponho que nascemos todos com o princípio moral bem desenvolvido de que não se deve perseguir alguém por seu modo de pensar. Como, então, povos inteiros poderiam ter sido perseguidores? Suponho que cada homem carrega consigo a lei evidente que ordena a fidelidade ao juramento. Como, então, todos esses homens reunidos em corpo poderiam ter estabelecido que não se deve manter a palavra dada a um herege? Repito, ainda, que no lugar dessas idéias quiméricas, Deus nos deu uma razão que se fortifica com a idade, que ensina a todos nós, quando estamos atentos, sem paixão e sem preconceitos, que há um Deus e que é preciso ser justo. Mas não posso concordar com Locke nas conseqüências que tira daí. Parece-me que se aproxima muito do sistema de Hobbes, de quem, no entanto, está muito afastado.

Eis suas palavras no primeiro livro do *Entendimento Humano:* "Considerai uma cidade tomada de assalto e vede se aparece nos corações dos soldados, animados pela carnificina e pela pilhagem, algum respeito pela virtude, algum princípio moral, algum remorso pelas injustiças que

cometem". Não, não têm remorsos. E por quê? Porque acreditam agir justamente. Nenhum deles supôs injusta a causa do príncipe por quem irá combater: jogam suas vidas nessa causa; mantêm o trato que fizeram. Poderiam ser mortos no assalto, por isso acreditam-se no direito de matar. Poderiam ser despojados, por isso pensam que podem despojar. Acrescentai que estão ébrios de furor e não raciocinam. E para provar que não rejeitaram a idéia do justo e do injusto, oferecei a esses mesmos soldados muito mais dinheiro do que a pilhagem da cidade lhes pode proporcionar, moças mais belas do que aquelas que violaram, desde que, em vez de degolar, em sua fúria, três ou quatro mil inimigos que ainda resistem, degolem seu rei, seu chanceler, seus secretários de Estado e seu grande capelão. Não encontrareis um único soldado que não rejeite horrorizado vossa oferta. No entanto, só ofereceestes seis assassinatos em vez de quatro mil e mais uma forte recompensa. Por que recusam? Porque acreditam ser justo matar quatro mil inimigos e porque o assassinato de seu soberano, a quem prestaram juramento, lhes parece abominável.

Locke continua. E para provar melhor que nenhuma regra prática é inata fala dos mingrelianos, que brincam de enterrar seus filhos vivos, e dos caraíbas, que castram os seus para melhor engordá-los a fim de comê-los.

Já se observou que esse grande homem foi muito crédulo relatando tais fábulas. Lambert, o único que imputa aos mingrelianos a prática de enterrar as crianças vivas por simples prazer, não é um autor muito acreditado.

Chardin, viajante considerado muito verídico, e que foi resgatado em Mingrélia, falaria desse horrível costume se existisse. E não seria suficiente que ele o dissesse para que fosse crido. Seria preciso que vinte viajantes de nações e de religiões diferentes concordassem em confirmar um fato tão estranho para que tivéssemos uma certeza histórica.

O mesmo deve ser dito no tocante às mulheres das Antilhas, que castrariam seus filhos para comê-los. Isto não está na natureza de uma mãe.

O coração humano não é feito assim. Castrar crianças é uma operação muito delicada, muito perigosa e que, longe de engordá-las, emagrece-as pelo menos durante um ano inteiro, e que as mata freqüentemente. Esse refinamento nunca esteve em uso a não ser entre os grandes que, pervertidos pelo excesso de luxo e pelo ciúme, imaginaram ter eunucos para servir suas mulheres e concubinas. Só foi adotado na Itália, e na capela do papa, a fim de obter músicos cuja voz fosse mais bela que a das mulheres. Mas nas ilhas Antilhas não é presumível que os selvagens tenham inventado o refinamento de castrar os menininhos para fazer um bom prato. E, além disso, que fariam com suas menininhas?

Locke alega, ainda, os santos da religião maometana que copulam devotamente com suas burricas para não serem tentados a cometer a menor fornicação com as mulheres do país. É preciso colocar esses contos junto com o do papagaio que teve uma conversa tão bela, em brasileiro, com o príncipe Maurício, conversa que Locke tem a simplicidade de relatar, sem desconfiar que o intérprete do príncipe poderia estar zombando dele. É assim que o autor do *Espírito das Leis* se diverte citando as pretensas leis de Tonquim, de Bantam, de Borneu, de Formosa, confiando na palavra de alguns viajantes mentirosos ou mal informados. Locke e ele são dois grandes homens em quem essa simplicidade não me parece desculpável.

XXXVI

Natureza em Toda Parte a Mesma

Abandonando Locke neste ponto, digo com o grande Newton: "Natura est semper sibi consona" — a Natureza está sempre de acordo consigo mesma. A lei da gravitação, que age sobre um astro, age sobre todos os astros, sobre toda a Natureza. Assim também, a lei fundamental da moral age igualmente sobre todas as nações bem conhecidas. Há mil diferenças nas interpretações dessa lei, em mil circunstâncias, mas o fundo subsiste sempre o mesmo e esse fundo é a idéia do justo e do injusto. Cometemos prodigiosamente injustiças nos furores de nossas paixões, como

perdemos a razão na embriaguez. Mas, quando esta passa, aquela volta. E essa é a única causa que permite a subsistência da sociedade humana, causa subordinada à carência que temos uns dos outros.

Como, então, adquirimos a idéia de justiça? Como adquirimos a de prudência, a de verdade, a de conveniência: pelo sentimento e pela razão. É impossível que não consideremos muito imprudente a ação de um homem que se lançasse ao fogo para ser admirado, esperando escapar dele. É impossível que não consideremos muito injusta a ação de um homem que, em sua cólera, matasse um outro. A sociedade está fundada apenas sobre essas noções, que nunca serão arrancadas de nossos corações, e é por isso que ela subsiste, mesmo quando subjugada a alguma superstição bizarra e horrível.

Com que idade conhecemos o justo e o injusto? Com a mesma em que conhecemos que dois e dois são quatro.

XXXVII

De Hobbes

Profundo e bizarro filósofo, bom cidadão, espírito ousado, inimigo de Descartes, tu, que te enganaste como ele, tu, cujos erros em física são grandes, mas perdoáveis porque vieste antes de Newton, tu, que disseste verdades que não compensam teus erros, tu, que foste o primeiro a mostrar a quimera das idéias inatas, tu, que foste precursor de Locke em muitas coisas, mas que o foste também de Spinoza, em vão espantas teus leitores, quase conseguindo provar lhes que só há no mundo leis de convenção, que só há justo e injusto naquilo que assim foi convencionado denominar num país. Se te tivesses encontrado a sós com Cromwell numa ilha deserta e ele te quisesse matar por teres tomado o partido de teu rei na ilha da Inglaterra, este atentado não te pareceria tão injusto em tua nova ilha como antes em tua pátria?

Dizes que na lei da Natureza, "tendo todos direito a tudo, cada um tem direito sobre a vida de seu semelhante". Não confundes a potência com o direito? Pensas efetivamente que o poder dá o direito e que um filho robusto nada tem a recriminar-se por ter assassinado seu pai enlanguescido e decrépito? Todo aquele que estuda a moral deve começar refutando teu livro em seu coração; mas teu próprio coração te refutaria ainda mais, pois tu foste tão virtuoso quanto Spinoza e só te faltou, como a ele, ensinar os verdadeiros princípios da virtude que praticavas e que recomendavas aos outros.

XXXVIII

Moral Universal

A moral parece-me tão universal, tão calculada pelo Ser universal que nos formou, tão destinada a servir como contrapeso a nossas paixões funestas e a aliviar as penas inevitáveis desta curta vida, que, desde Zoroastro até Lorde Shaftesbury, vejo todos os filósofos ensinarem a mesma moral, embora todos tenham idéias diferentes sobre os princípios das coisas. Vimos que Hobbes, Spinoza, o próprio Bayle, que negaram os primeiros princípios ou duvidaram deles, entretanto, recomendaram energicamente a justiça e todas as virtudes.

Cada nação teve ritos religiosos particulares e, freqüentemente, opiniões absurdas e revoltantes em metafísica, em teologia. Mas, desde que se trate de saber se é preciso ser justo, todo o universo está de acordo, como já dissemos no capítulo XXXVI, e como nunca é demais repetir.

XXXIX

De Zoroastro

Não examino em que época vivia Zoroastro, a quem os persas atribuíram nove mil anos de antiguidade, assim como Platão aos antigos atenienses. Vejo somente que seus preceitos morais conservaram-se até nossos dias. Estão traduzidos da antiga língua dos magos para a língua vulgar dos guebros, e pelas alegorias pueris, pelas observações ridículas, pelas idéias fantásticas que enchem essa coleção, vejo que a religião de Zoroastro pertence à mais alta Antiguidade. Nela encontra-se o termo "jardim" para exprimir a recompensa dos justos; nela encontra-se, também, o mau princípio sob o nome de Satã, que os judeus também adotaram. Afirma, ainda, que o mundo foi formado em seis estações ou em seis tempos. Ordena que se recite um "Abunavar" e um "Ashim vuhu" para aqueles que espirram.

Mas, enfim, nessa coleção de cem portas ou cem preceitos tirados do livro do *Zend* e onde são transcritas as próprias palavras do antigo Zoroastro, quais são os deveres morais prescritos?

O de amar e socorrer seu pai e sua mãe, o de dar esmola aos pobres, o de nunca faltar com a palavra, o de abster-se, quando se está em dúvida se a ação a ser praticada é ou não justa (Porta 30).

Detenho-me neste preceito porque nenhum legislador pôde ultrapassá-lo, e sinto me confirmado na idéia de que quanto mais Zoroastro estabelece superstições ridículas no que tange ao culto, tanto mais a pureza de sua moral mostra que não lhe cabia corrompê-la; quanto mais se entregava ao erro em seus dogmas, tanto mais lhe era impossível errar ensinando a virtude.

XL

Dos Brâmanes

É verossímil que os brames ou brâmanes existiam muito antes que os chineses tivessem seus "cinco Kings", e o que fundamenta essa probabilidade extrema é o fato de que na China as antiguidades mais procuradas são as indianas, enquanto na Índia não há antiguidades chinesas.

Os antigos brames eram, sem dúvida, tão maus metafísicos quanto os caldeus e os persas e todas as nações que se encontram a ocidente da China. Mas quão sublimes em moral! Segundo eles, a vida era apenas uma morte de alguns anos, após os quais viver-se-ia com a Divindade. Não se limitavam a ser justos uns com os outros, mas eram rigorosos consigo mesmos. Seus principais deveres eram o silêncio, a abstinência, a contemplação, a renúncia a todos os prazeres. E, por isso, todos os sábios das outras nações iam até eles aprender aquilo que se denominava "a sabedoria".

XLI

De Confúcio

Os chineses não tiveram que se recriminar por nenhuma superstição ou charlatanice como os outros povos. O governo chinês mostrava aos homens, há bem mais de quatro mil anos, e ainda lhes mostra, que é possível regê-los sem enganá-los, que não é pela mentira que se serve ao Deus da verdade, que a superstição é não somente inútil, mas nociva à religião. Nunca a adoração de

Deus foi mais pura e mais santa do que na China (quase como na revelação). Não falo das seitas do povo, falo da religião do príncipe, daquela de todos os tribunais e de tudo que não é populacho. Qual a religião de todas as pessoas honestas da China desde tantos séculos? Ei-la: Adorai o céu e sede justos. Nenhum imperador teve outra.

Coloca-se freqüentemente o grande Confutse, a quem chamamos Confúcio, entre os antigos legisladores, entre os fundadores das religiões. É uma grande inadvertência. Confutse é muito moderno. Viveu há apenas seiscentos e cinqüenta anos antes de nossa era. Nunca instituiu qualquer culto, qualquer rito; nunca se disse inspirado ou profeta; apenas reuniu em um corpo as antigas leis da moral.

Convidou os homens a perdoar as injúrias e a lembrar-se apenas dos benefícios.

A velar incessantemente sobre si mesmos; a corrigir hoje as faltas de ontem.

A reprimir suas paixões e a cultivar a amizade; a dar sem fausto, e a receber, sem baixeza, apenas o estritamente necessário.

Não disse que não devemos fazer aos outros o que não desejamos que nos façam, pois isso é apenas defender o mal. Fez mais: recomendou o bem. "Trata o outro como queres que te tratem."

Ensina não somente a modéstia, mas também a humildade. Recomenda todas as virtudes.

XLII

Dos Filósofos Gregos

e Inicialmente de Pitágoras

Todos os filósofos gregos disseram tolices em física e em metafísica. Todos são excelentes em moral; todos igualam Zoroastro, Confutse e os brâmanes. Lede somente os "versos dourados" de Pitágoras. É o resumo de sua doutrina, não importa de que mãos sejam. Dizei se uma única virtude está esquecida neles.

XLIII

De Zaleuco

Reuni todos os vossos lugares-comuns, pregadores gregos, italianos, espanhóis, alemães, franceses, etc. Destilai todas as vossas declamações: tirar-se-á um extrato que seja mais duro do que o exórdio das leis de Zaleuco?

"Dominai vosssa alma, purificai-a, afastai todo pensamento criminoso. Crede que Deus não pode ser bem servido pelos perversos; crede que não se assemelha aos fracos mortais a quem louvores e presentes seduzem: somente a virtude pode agradá-lo."

Eis o resumo de toda moral e de toda religião.

XLIV

De Epicuro

Os pedantes de colégio, os professorezinhos de seminário acreditaram, a partir de algumas brincadeiras de Horácio e Petrônio, que Epicuro havia ensinado a volúpia pelos preceitos e pelo

exemplo. Durante toda sua vida Epicuro foi um filósofo sábio, temperante e justo. Desde a idade de doze ou treze anos foi sábio, pois quando o gramático que o instruía lhe recitou os versos de Hesíodo:

"O caos foi o primeiro dos seres produzidos",

— "Ei! Quem o produziu", perguntou Epicuro, "se foi o primeiro dos seres?" — "Nada sei", respondeu o gramático; "só os filósofos o sabem." — "Vou, então, instruir-me entre eles", retrucou a criança. E desde esse tempo até a idade de setenta e dois anos cultivou a filosofia. Seu testamento, inteiramente conservado por Diógenes Laércio, revela uma alma tranqüila e justa. Liberta os escravos que julga dignos dessa graça. Recomenda a seus testamenteiros libertar os que se tornarem dignos dela. Nenhuma ostentação, nenhuma preferência injusta: eis a última vontade de um homem que só as teve racionais. Foi o único filósofo que teve todos os seus discípulos como amigos e sua seita foi a única onde se soube amar e que não se dividiu em várias outras.

Depois de examinar sua doutrina e o que se escreveu pró e contra ela, tudo parece reduzir-se à disputa entre Malebranche e Arnauld. Malebranche admitia que o prazer torna feliz. Arnauld o negava. Era uma disputa de palavras, como as outras onde reina a incerteza trazida pela filosofia e pela teologia.

XLV

Dos Estóicos

Se os epicuristas tornaram a natureza humana amável, os estóicos a tornaram quase divina. Resignação ao Ser dos seres, ou melhor, elevação da alma até esse Ser; desprezo pelo prazer, desprezo pela dor, desprezo pela vida e pela morte, inflexibilidade na justiça — tal era o caráter dos verdadeiros estóicos e tudo o que se pode dizer contra eles é que desencorajavam o resto dos homens.

Sócrates, que não era de sua seita, mostrou que era possível impelir a virtude tão longe quanto eles, sem pertencer a nenhum partido. E a morte desse mártir da Divindade é o opróbrio eterno de Atenas, apesar de seu arrependimento tardio.

O estóico Catão, por outro lado, é a honra eterna de Roma. Epicteto, na escravidão, talvez seja superior a Catão pelo fato de estar sempre contente com sua miséria. "Estou", diz ele, "no lugar em que a Providência quis que eu estivesse: lamentar-me é ofendê-la."

Direi que o Imperador Antonino está acima de Epicteto, porque triunfou ainda mais sobre as seduções, sendo bem mais difícil para um imperador não se corromper, do que para um pobre não murmurar? Lede os *Pensamentos* de um e de outro: o imperador e o escravo igualam-se em grandeza.

Ousaria falar aqui do Imperador Juliano? Errou quanto ao dogma, certamente não errou quanto à moral. Numa palavra, nenhum filósofo da Antiguidade deixou de querer tornar os homens melhores.

Houve gente entre nós para quem todas as virtudes desses grandes homens eram apenas pecados ilustres. Possa a terra cobrir-se de tais culpados!

XLVI

Filosofia É Virtude

Houve sofistas que estão para os filósofos como os macacos estão para os homens. Luciano zombou deles. Foram desprezados; foram mais ou menos como os monges mendicantes nas

universidades. Mas nunca esqueçamos que todos os filósofos deram grandes exemplos de virtude, e que os sofistas, e mesmo os monges, respeitaram a virtude em seus escritos.

XLVII

De Esopo

Colocai Esopo entre esses grandes homens, e, mesmo, à testa desses grandes homens, pouco importando que tenha sido ou não o primeiro Pilpai dos hindus, ou o antigo precursor de Pilpai, ou o Lokman dos persas, ou o Hakym dos árabes, ou o Hakan dos fenícios. Noto que suas fábulas estiveram em voga em todas as nações orientais e que sua origem perde-se numa antiguidade cujo abismo não podemos sondar. A que tendem essas fábulas tão profundas quanto ingênuas, esses apólogos visivelmente escritos num tempo em que não se duvidava de que os animais possuíssem uma linguagem? Ensinaram quase todo nosso hemisfério. Não são uma coletânea de sentenças fastidiosas que cansam mais que esclarecem, mas a própria verdade com o encanto da fábula. Tudo o que se pôde fazer depois reduziu-se a acrescentar-lhes ornamentos em nossas línguas modernas. Essa antiga sabedoria é simples e nua em seu primeiro autor. As graças ingênuas com que a ornaram em França não esconderam seu fundo respeitável. Que nos ensinam essas fábulas? Que é preciso ser justo.

XLVIII

Da Paz Nascida da Filosofia

Visto que todos os filósofos tinham dogmas diferentes, é claro que o dogma e a virtude são de uma natureza inteiramente heterogênea. Que acreditassem ou não ser Tétis a deusa do mar, que estivessem ou não persuadidos da guerra dos gigantes e da idade de ouro, da caixa de Pandora e da morte da serpente Píton, etc., tais doutrinas nada tinham em comum com a moral. É admirável que na Antiguidade a teogonia nunca tenha perturbado a paz das nações.

XLIX

Outras Questões

Ah! se pudéssemos imitar a Antiguidade! Se fizéssemos, enfim, com relação às disputas teológicas o que fizemos ao cabo de dezessete séculos nas belas-letras!

Retornemos ao gosto da sadia Antiguidade depois de termos mergulhado na barbárie de nossas escolas. Nunca os romanos foram tão absurdos a ponto de imaginar que se pudesse perseguir um homem por acreditar no vácuo ou no pleno, por pretender que os acidentes não poderiam subsistir sem sujeito, por interpretar uma passagem de um autor num sentido diferente do da interpretação de um outro.

Recorremos diariamente à jurisprudência dos romanos, e quando as leis nos faltam (o que acontece freqüentemente) consultamos o *Código* e o *Digesto*. Por que não imitar nossos mestres no hábito da tolerância?

Que importa para o Estado nossa opção pelos reais ou pelos nominais? Nossa torcida por Scot ou por Tomás, por Ecolâmpado ou por Melanchthon? Que sejamos do partido dum bispo de Ypres, que não lemos, ou dum monge espanhol, que lemos menos ainda? Não é claro que tudo isso deve ser tão indiferente ao verdadeiro interesse de uma nação, quanto traduzir bem ou mal uma passagem de Licofrão ou de Hesíodo?

L

Outras Questões

Sei que algumas vezes os homens ficam doentes do cérebro. Tivemos um músico que morreu louco porque sua música não parecera ser bastante boa. Muitos acreditaram possuir um nariz de vidro. Mas se vários homens estivessem muito atacados a ponto de pensar, por exemplo, que sempre teriam razão, haveria heléboro suficiente para tratar uma doença tão estranha?

E se tais doentes, para sustentar que sempre têm razão, ameaçassem com o pior suplício alguém que os julgasse capazes de errar, se pusessem espiões para descobrir os refratários, se decidissem que o testemunho de um filho ou de uma filha poderia levar um pai ou uma mãe a perecer nas chamas, não deveríamos prender essa gente e tratá-la como aos atacados de raiva?

LI

Ignorância

Perguntais: para que tal sermão, se o homem não é livre? Em primeiro lugar, não vos disse que o homem não é livre, e sim que sua liberdade consiste em seu poder de agir e não no poder quimérico de "querer querer". Em seguida, digo-vos que, dado o encadeamento das coisas na Natureza, a Providência Divina predestinou-me a escrever esses devaneios, como predestinou cinco ou seis leitores a tirar algum proveito deles, e cinco ou seis outros a desprezá-los e abandoná-los na massa imensa de escritos inúteis.

Se nada vos ensinei, lembrai-vos de que me apresentei como um ignorante.

LII

Outras Ignorâncias

Sou tão ignorante que nem conheço os fatos antigos com que me iludem. Sempre temo enganar-me em setecentos ou oitocentos anos, pelo menos, ao procurar em que época viveram aqueles heróis antigos, considerados os primeiros a praticar o roubo e o banditismo numa grande extensão do país, bem como aqueles primeiros sábios que adoraram estrelas, peixes, serpentes, mortos ou seres fantásticos.

Qual deles foi o primeiro a imaginar os seus Gahambars, a ponte de Ishinavar, o Dardaroth, o lago de Karon? Em que época viveram o primeiro Baco, o primeiro Hércules, o primeiro Orfeu?

Toda a Antiguidade é tão tenebrosa até Tucídides e Xenofonte que me sinto reduzido a não saber quase nada do que se passou sobre nosso globo anteriormente ao curto espaço de mais ou menos trinta séculos. E nesses trinta séculos quanta obscuridade, quanta incerteza, quanta fábula!

LIII

A Maior Ignorância

O peso de minha ignorância cresce ainda mais, quando vejo que eu e meus compatriotas nada sabemos de nossa pátria. Minha mãe contou-me que nasci às margens do Reno. Quero crê-lo. Perguntei a meu amigo, o sábio Apedeuto, nativo de Curlândia, se tinha conhecimento dos antigos povos do norte, vizinhos seus e de seu infeliz país. Respondeu-me que sobre tal assunto possuía tantas noções quantas os peixes do mar Báltico.

No que me concerne, tudo o que sei de meu país reduz-se ao que César disse há mais ou menos mil e oitocentos anos: que éramos salteadores, habituados a sacrificar homens a não sei

que deuses, para obter alguma boa presa, e nunca indo à caça sem o acompanhamento de velhas feiticeiras, encarregadas desses belos sacrifícios.

Um século depois, Tácito diz algumas palavras a nosso respeito, sem nunca ter-nos visto. Encara-nos como se fôssemos as pessoas mais honestas do mundo, se comparados aos romanos, pois assegura que, quando não tínhamos a quem roubar, passávamos as noites e os dias bebendo má cerveja em nossas cabanas.

Após esse período de nossa idade de ouro há um grande silêncio até a história de Carlos Magno. Quando cheguei a esses tempos conhecidos, encontro em Godast uma carta de Carlos Magno, datada de Aix-la-Chapelle, onde o sábio imperador assim se exprime:

"Sabeis que, um dia, caçando perto desta cidade, encontrei as termas e o palácio construído outrora por Granos, irmão de Nero e de Agripa".

Granos e Agripa. Carlos Magno era tão ignorante quanto eu — o que me alivia bastante.

LIV

Ignorância Ridícula

A história da Igreja de meu país assemelha-se à de Granos, irmão de Nero e de Agripa, sendo até mais maravilhosa. Há menininhos ressuscitados; dragões agarrados com uma estola, como coelhos com um cordel; hóstias que sangram com uma punhalada desferida por um judeu; santos que correm atrás de suas cabeças, depois que lhas decepparam. Uma das histórias mais averiguadas na história eclesiástica da Alemanha é a de Pedro de Luxemburgo, que, depois de morto, realizou, durante os anos de 1388 e 1389, dois mil e quatrocentos milagres, e nos anos seguintes, três mil bem contados. Entre esses milagres contam-se apenas quarenta e dois mortos ressuscitados.

Indago se os outros Estados da Europa possuem histórias eclesiásticas tão maravilhosas e tão autênticas. Em toda parte encontro a mesma sabedoria e a mesma certeza.

LV

Pior do que a Ignorância

Em seguida, vi que por causa de tolices ininteligíveis os homens haviam lançado imprecações uns contra os outros, haviam-se detestado, perseguido, degolado, enforcado, espancado e queimado. Concluí, então, que, se tivesse havido um sábio nesses tempos abomináveis, teria sido obrigado a viver e a morrer no deserto.

LVI

Início da Razão

Vejo que hoje, neste século que é a aurora da razão, ainda renascem algumas cabeças da hidra do fanatismo. Parece que seu veneno é menos mortífero e que suas goelas são menos devoradoras. O sangue não correu pela graça versátil como correu há muito tempo pelas indulgências plenárias, vendidas no mercado. Mas o monstro ainda subsiste e todo aquele que buscar a verdade arriscar-se-á a ser perseguido. Deve-se permanecer ocioso nas trevas? Ou deve-se acender um archote onde a inveja e a calúnia reacenderão suas tochas? No que me tange, acredito que a verdade não deve mais esconder-se diante dos monstros e que não devemos abster-nos do alimento com medo de sermos envenenados.

ÍNDICE

VOLTAIRE — Vida e Obra VII
Cronologia XIII
Bibliografia XIII

CARTAS INGLESAS ou CARTAS FILOSÓFICAS 1
Primeira Carta — Sobre os Quacres 3
Segunda Carta — Sobre os Quacres 5
Terceira Carta — Sobre os Quacres 6
Quarta Carta — Sobre os Quacres 7
Quinta Carta — Sobre a Religião Anglicana 9
Sexta Carta — Sobre os Presbiterianos 10
Sétima Carta — Sobre os Socinianos ou Arianos ou Antitrinitários 11
Oitava Carta — Sobre o Parlamento 12
Nona Carta — Sobre o Governo 14
Décima Carta — Sobre o Comércio 16
Décima Primeira Carta — Sobre a Inoculação da Variola 16
Décima Segunda Carta — Sobre o Chanceler Bacon 18
Décima Terceira Carta — Sobre o Sr. Locke 20
Décima Quarta Carta — Sobre Descartes e Newton 23
Décima Quinta Carta — Sobre o Sistema de Atração 25
Décima Sexta Carta — Sobre a Óptica do Sr. Newton 29
Décima Sétima Carta — Sobre o Infinito e sobre a Cronologia 31
Décima Oitava Carta — Sobre a Tragédia 33
Décima Nona Carta — Sobre a Comédia 36
Vigésima Carta — Sobre os Senhores que Cultivam as Letras 37
Vigésima Primeira Carta — Sobre o Conde de Rochester e o Sr. Waller 39
Vigésima Segunda Carta — Sobre o Sr. Pope e Alguns Poetas Famosos 40
Vigésima Terceira Carta — Sobre a Consideração que se Deve Ter pela Gente de Letras 42
Vigésima Quarta Carta — Sobre as Academias 44
Vigésima Quinta Carta — Sobre os Pensamentos do Sr. Pascal 46

TRATADO DE METAFÍSICA 59
Introdução — Dúvidas sobre o Homem 61
Capítulo I — As Diferentes Espécies de Homem 62
Capítulo II — Se Existe um Deus 63
Sumário de Razões a Favor da Existência de Deus 63
Dificuldades Sobre a Existência de Deus 64
— Resposta a essas Objeções 65
— Conseqüências Necessárias da Oposição dos Matemáticos 67
Capítulo III — Que Todas as Idéias vêm pelos Sentidos 68
Capítulo IV — Que há Efetivamente Objetos Exteriores 70

Capítulo V — Se o Homem Tem uma Alma, e o que Pode Ser 71
Capítulo VI — Se o que Chamamos Alma é Imortal 74
Capítulo VII — Se o Homem é Livre 75
Capítulo VIII — Do Homem Considerado como um Ser Sociável 78
Capítulo IX — Da Virtude e do Vício 80

DICIONÁRIO FILOSÓFICO 85
Abraão 87
Adão 89
Alma 89
Amizade 93
Amor 94
Amor Dito Socrático 95
Animais (Os) 96
Anjo 98
Antropófagos 99
Ápis 100
Apocalipse 100
Ateu, Ateísmo 101
Babel 106
Batismo 107
Adição Importante 109
Outra adição 109
Beleza, Belo 110
Bem (supremo bem) 110
Bem (tudo está) 111
Cadeia dos Acontecimentos 114
Cadeia dos Seres Criados 115
Caráter 116
Certo, Certeza 117
China 118
Circuncisão 120
Concílios 122
Confissão 124
*Consciência 125
Seção Primeira — Da Consciência do Bem e do Mal 125
Seção Segunda — Se um Juiz deve Julgar Segundo sua Consciência ou Segundo as Provas 126
Seção Terceira — Da Consciência Enganadora 126
Seção Quarta — Liberdade de Consciência 127
Convulsões 128
Corpos 129
Credo 130
Cristianismo — *Pesquisas históricas sobre o cristianismo* 132
*Dejeção — *Excrementos, sua relação com o corpo do homem, com suas idéias e suas paixões* 144
Delitos locais 145
*Democracia 146
Destino 148
Deus 150
Direito — *Direito das gentes, direito natural, direito público* 153
Dogmas 155

*Economia ... 157
Economia doméstica ... 157
Economia Pública (da) ... 160
*Endemoninhados ... 163
Entusiasmo ... 164
*Escravos ... 165
Seção Quarta — *Servos de corpo, servos da gleba, mãos mortas, etc* ... 167
*Espírito ... 168
Seção Sexta — *Falso espírito* ... 175
Estados, Governos — *Qual é o melhor?* ... 176
Evangelho ... 178
Ezequiel ... 179
Fábulas ... 181
Fanatismo ... 182
Falsidade das Virtudes Humanas ... 183
Fé ... 184
*Filosofia ... 185
Seção Quarta — *Manual de Filosofia Antiga* ... 187
Filósofo ... 188
Fim. Causas Finais ... 191
Fraude — *Será necessário empregar fraudes piedosas com o povo?* ... 192
Gênesis ... 195
Gigni ... 196
Guerra ... 201
*História ... 203
Definição ... 203
Primeiros fundamentos da História ... 204
Dos monumentos ... 204
Da certeza em História ... 207
Incerteza da História ... 208
Sobre a máxima de Cícero concernente à História ... 208
Do método, da maneira de escrever a história e do estilo ... 208
Idéia ... 209
Ídolo, Idólatra, Idolatria ... 210
Sobre se alguma vez houve um governo idólatra ... 210
Sobre se os persas, os sabinos, os egípcios, os tártaros, os turcos foram idólatras e qual a antiguidade da origem dos simulacros chamados ídolos. História do seu culto ... 213
Igualdade ... 217
*Imaginação ... 218
Inferno ... 221
Inquisição ... 222
*Instinto ... 224
*Interesse ... 224
Inundação ... 226
Jó ... 227
Justo (Do) e do Injusto ... 229
*Lei Natural ... 230
Leis (Das) ... 231
Leis Civis e Eclesiásticas ... 235
Letras, Gente de Letras ou Letrados ... 236
Liberdade (Da) ... 237
Liberdade de Pensamento ... 238

Limites do Espírito Humano 241
Literatura 241
*Loucura 243
Maldoso 244
Matéria 245
*Metafísica 247
Milagres 247
Moisés 250
Moral 252
*Mulher 253
Físico e moral 253
Poligamia 255
Da poligamia permitida por alguns papas e por alguns reformadores 256
Seqüência das reflexões sobre a poligamia 257
Resposta do alemão 257
Necessário 258
Orgulho 261
Padres 261
Pátria 262
Pecado Original 263
Perseguição 264
Pedro 264
*Política 266
Política exterior 267
Política interior 268
Preconceitos 268
preconceitos dos sentidos 269
Preconceitos físicos 269
Preconceitos históricos 269
Preconceitos religiosos 270
Profetas 270
*Propriedade 271
Quaresma 273
Religião 273
Ressurreição 279
Seita 281
Senhor 283
Sensação 283
Senso Comum 285
Sonhos 285
Superstição 286
Teísta 288
Teólogo 289
Tirania 289
Tolerância 290
Tortura 293
Virtude 294

O FILÓSOFO IGNORANTE 297
Primeira Questão 299
II — Nossa Fraqueza 299
III — Como Posso Pensar? 300

IV — Necessito saber? 300
V — Aristóteles, Descartes e Gassendi 300
VI — Os Animais 301
VII — A experiência 301
VIII — Substância 302
IX — Limites Estreitos 302
X — Descobertas impossíveis 302
XI — Desespero Fundado 303
XII — Fraqueza dos Homens 304
XIII — Sou Livre? 304
XIV — Tudo é Eterno? 305
XV — Inteligência 306
XVI — Eternidade 306
XVII — Incompreensibilidade 307
XVIII — Infinito 307
XIX — Minha Dependência 307
XX — Ainda a Eternidade 308
XXI — Ainda Minha Dependência 309
XXII — Nova Questão 309
XXIII — Um Único Artesão Supremo 309
XXIV — Espinosa 310
XXV — Absurdos 312
XXVI — Do Melhor dos Mundos 313
XXVII — Das Mônadas, etc 314
XXVIII — Das Formas Plásticas 315
XXIX — De Locke 315
XXX — Que Aprendi Até Agora? 317
XXXI — Há uma Moral? 317
XXXII — Utilidade Real. Noção de Justiça 318
XXXIII — O Consentimento Universal é Prova da Verdade? 319
XXXIV — Contra Locke 320
XXXV — Contra Locke 320
XXXVI — Natureza em Toda Parte a Mesma 321
XXXVII — De Hobbes 322
XXXVIII — Moral Universal 322
XXXIX — De Zoroastro 323
XL — Dos Brâmanes 323
XLI — De Confúcio 323
XLII — Dos Filósofos Gregos e Inicialmente de Pitágoras 324
XLIII — De Zaleuco 324
XLIV — De Epicuro 324
XLV — Dos Estóicos 325
XLVI — Filosofia é Virtude 325
XLVII — De Esop 326
XLVIII — Da Paz Nascida da Filosofia 326
XLIX — Outras Questões 326
L — Outras Questões 327
LI — Ignorância 327
LII — Outras Ignorâncias 327
LIII — A Maior Ignorância 327
LIV — Ignorância Ridícula 328
LV — Pior do que a Ignorância 328
LVI — Início da Razão 328

Composto e impresso na
Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.
Acabamento: Círculo do Livro S.A.
São Paulo — Capital

FAZEM PARTE
DESTA SÉRIE:

VOLTAIRE
MARX
ARISTÓTELES
SARTRE
ROUSSEAU
NIETZSCHE
KEYNES
ADORNO
SAUSSURE
PRÉ-SOCRÁTICOS
GALILEU
PIAGET
KANT
BACHELARD
DURKHEIM
LOCKE
PLATÃO
DESCARTES
MERLEAU-PONTY
WITTGENSTEIN
HEIDEGGER
BERGSON
STO. TOMÁS DE AQUINO
HOBBES
ESPINOSA
ADAM SMITH
SCHOPENHAUER
VICO
KIERKEGAARD
PASCAL
MAQUIAVEL
HEGEL

E OUTROS

Neste volume

CARTAS INGLESAS (1734)
Durante seu exílio na Inglaterra, Voltaire ficou fascinado com as transformações ali ocorridas. Duas revoluções — a dos puritanos de Cromwell e a de 1688, que restaurou a Monarquia — tinham tornado a ilha um país livre: tudo era debatido com a maior clareza, ninguém era preso por suas idéias; cultura e ciência floresciam. As *Cartas Inglesas* expressam justamente a admiração de Voltaire pela liberdade e tolerância dos ingleses. Entretanto, mal chegaram à França, essas *Cartas* foram queimadas em praça pública por desrespeito às autoridades, à religião, aos bons costumes, e por fazerem o elogio às idéias estrangeiras que subvertiam a ordem. Não obstante, elas foram muito lidas e abriram caminho para o triunfo da filosofia iluminista na França, sobretudo graças à irresistível verve do autor.

TRATADO DE METAFÍSICA (1738)
Na verdade, um tratado anti-metafísico que satiriza os que pretendem dar respostas definitivas para os últimos segredos do Universo.

DICIONÁRIO FILOSÓFICO (1752)
O primeiro livro de bolso de que se tem notícia. Apesar de proibido e queimado pela censura, teve uma extraordinária difusão. Colocado debaixo de portas, dependurado em cordões de campainha e encontrado nos bancos de passeios públicos, foi um poderoso instrumento crítico, ridicularizando as crenças oficiais — civis e eclesiásticas — os contra-sensos e prepotências do poder constituído e os costumes dos poderosos. Abriu caminho para o livre-pensar.

O FILÓSOFO IGNORANTE (1766)
"Minha liberdade consiste em andar quando quero andar, desde que não sofra de gota", escreveu Voltaire em *O Filósofo Ignorante* atacando os defensores da "verdadeira liberdade". Voltaire preferia a liberdade sem adjetivos e afirmava que a nova filosofia precisava começar por se declarar ignorante e aprender diretamente com a observação do mundo.

Seleção de Textos: *Marilena de Souza Chauí*
Traduções de: *Marilena de Souza Chauí, Bruno da Ponte e João Lopes Alves*
Consultoria da Introdução: *Marilena de Souza Chauí*

Alma
I

É um termo vago, indeterminado, que expressa um princípio desconhecido, porém de efeitos conhecidos que sentimos em nós mesmos. A palavra alma corresponde à animu dos latinos, à palavra que usam todas as nações para expressar o que não compreendem mais que nós. No sentido próprio e literal do latim e das línguas que dele derivam, significa " o que anima". Por isso se diz: A alma dos homens, dos animais e das plantas, para significar seu princípio de vegetação e de vida. Ao pronunciar esta palavra, só nos dá uma idéia confusa, como quando se diz no Gênesis: «Deus soprou no rosto do homem um sopro de vida, e se converteu em alma vivente, a alma dos animais está no sangue, não mateis, pois, sua alma.»

De modo que a alma – em sentido geral– se toma pela origem e causa da vida, pela vida mesma. Por isto as nações antigas acreditaram durante muito tempo que tudo morria ao morrer o corpo. Ainda é difícil desentranhar a verdade no caso das histórias remotas, há probabilidade que os egípcios tenham sido os primeiros que distinguiram a inteligência e a alma, e os gregos aprenderam com eles a distinção. Os latinos, seguindo o exemplo dos gregos, distinguiram animus e anima; e nós distinguimos também alma e inteligência. Porém o que constitui o princípio de nossa vida, constitui o princípio de nossos pensamentos? São duas coisas diferentes, ou formam um mesmo princípio? O que nos faz digerir, o que nos produz sensações e nos dá memória, se parece ao que é causa nos animais da digestão, das sensações e da memória?

Há aqui o eterno objeto das disputas dos homens. Digo eterno objeto, porque carecendo da noção primitiva que nos guie neste exame, teremos que permanecer sempre encerrados num labirinto de dúvidas e de conjeturas.

Não contamos nem com um só apoio onde firmar o pé para chegar ao vago conhecimento do que nos faz viver e do que nos faz pensar. Para possuí-lo seria preciso ver como a vida e o pensamento entram em um corpo. Sabe um pai como produz a seu filho? Sabe a mãe como o concebe? Pode alguém adivinhar como se agita, como se desperta e como dorme? Sabem alguns como os membros obedecem a sua vontade? Terá descoberto o meio pelo qual as idéias se formam em seu cérebro e saem dele quando o deseja? Débeis autômatos, colocados pela mão invisível que nos governa no cenário do mundo, quem de nós poderia ver o fio que origina nossos movimentos?

Não nos atrevemos a questionar se a alma inteligente é espirito ou matéria; se foi criada antes que nós, se sai do nada quando nascemos; se depois de haver nos animado no mundo, vive, quando nós morremos, na eternidade. Essas questões que parecem sublimes, só são questões de cegos que perguntam a cegos: que é a luz?

Quando tratamos de conhecer os elementos que encerra um pedaço de metal, o submetemos ao fogo em um crisol. Possuiríamos crisol para submeter a alma? Uns

dizem que é espirito; porém, que é espírito? Ninguém sabe, é uma palavra tão vazia de sentido, que nos vemos obrigados a dizer que o espírito não se vê, porque não sabemos dizer o que é. A alma é matéria, dizem outros. Porém, o que é matéria? Só conhecemos algumas de suas aparências e algumas de suas propriedades; e nenhuma destas propriedades e aparências parece ter a menor relação com o pensamento.

Há também quem opine que a alma está formada de algo distinto da matéria. Porém que provas temos disso? Se funda tal opinião em que a matéria é divisível e pode tomar diferentes aspectos, e o pensamento não. porém, quem teria dito que os primeiros princípios da matéria sejam divisíveis e figuráveis? é muito verossímil que não o sejam; seitas inteiras de filósofos sustentam que os elementos da matéria não têm forma nem extensão. O pensamento não é madeira, nem pedra, nem areia, nem metal, logo o pensamento não pode ser matéria. Mas esses são raciocínios débeis e atrevidos. A gravidade não é metal, nem areia, nem pedra, nem madeira; o movimento, a vegetação, a vida, não são nenhuma dessas coisas; e, sem dúvida, a vida, a vegetação, o movimento e a gravitação são qualidades da matéria. Dizer que Deus não pode conseguir que a matéria pense, é dizer o absurdo mais insolente que se tenha proferido na escola da demência. Não estamos certos de que Deus tenha feito isso; porém se que estamos certos de que poderia fazê-lo. Que importa tudo o que se tenha dito e o que se dirá sobre a alma? Que importa que a tenham chamado entelequia, quintessência, chama ou éter; que a tenham tomado por universal, incriada, transmigrante, etc., etc? Que importam em questões inacessíveis à razão, essas novelas criadas por nossas incertas imaginações? Que importa que os pais da Igreja dos quatro primeiros séculos acreditassem que a alma era corporal? Que importa que Tertuliano, contradizendo-se, decidisse que a alma é corporal, figurada e simples ao mesmo tempo? Teremos mil testemunhos de nossa ignorância, porém nem um só oferece vislumbre da verdade.

Como nos atrevemos a afirmar o que é a alma? Sabemos com certeza que existimos, que sentimos e que pensamos. Desejamos ir mais além e caímos em abismo. Submergidos nesse abismo, todavia se apodera de nós a louca temeridade de questionar se a alma, da qual não temos a menor idéia, se criou antes que nós ou ao mesmo tempo que nós, e se perece ou é imortal.

A alma e todos os artigos que são metafísicos, devem ser submetidos sinceramente aos dogmas da Igreja, porque sem dúvida a revelação vale mais que toda a filosofia. Os sistemas exercitam o espírito, porém a fé o alumia e o guia.

Com freqüência pronunciamos palavras sobre as quais temos idéia muito confusa, e algumas vezes ignoramos o significado. Não está neste caso a palavra alma? Quando a lingüeta ou válvula de um fole está estragado e o ar que entra no ventre do fole sai por algumas das aberturas que tem a válvula, e este não está comprimido pelas duas paletas, e não sai com a violência que se necessita para

atiçar o fogo, as criadas dizem: – Está descomposta a alma do fole. Não sabem mais, e essa questão não turva sua tranqüilidade. O jardineiro fala da alma das plantas, e as cultiva bem, sem saber o que significa esta palavra. Em muitas de nossas manufaturas, os operários dão a qualificação de alma a suas máquinas; e nunca discutem sobre o significado de tal palavra; não ocorre isso com os filósofos.

A palavra alma entre nós, em seu significado geral, serve para denotar o que anima. Nossos antepassados os celtas, deram à alma o nome de seel, do que os ingleses formaram a palavra soul, e os alemães a palavra seel, e provavelmente os antigos teutões e os antigos bretões não disputariam sobre essa palavra.

Os gregos distinguiam três classes de alma: a alma sensitiva ou a alma dos sentidos (vê-se aqui porque o Amor, filho de Afrodite, sentiu tão veemente paixão por Psiquê, e porque Psiquê o amou ternamente): o sopro que dá vida e movimento a toda máquina, e que nós traduzimos por espírito; e a terceira classe da alma que, como nós, chamaram inteligência. Possuímos pois, três almas, sem ter a mais ligeira noção de nenhuma delas. São Tomás de Aquino admite estas três almas, como bom peripatético, e distingue cada uma delas em três partes: uma está no peito, outra em todo o corpo e a terceira na cabeça. Em nossas escolas não se conheceu outra filosofia até o século 18. E desgraçado o homem que tomasse uma dessas almas por outra!

Há, sem dúvida, motivo para este caos de idéias. Os homens entendiam que quando os excitavam as paixões do amor, da cólera o do medo, sentiam certos movimentos nas entranhas. O fígado e o coração foram assinalados como sendo o local das paixões. Quando se medita profundamente, sentimos certa opressão nos órgãos da cabeça, logo a alma intelectual está no cérebro. Sem respirar não é possível a vegetação e a vida; logo, a alma vegetativa está no peito, que recebe o sopro do ar.

Quando os homens viram em sonhos seus pais e amigos mortos, dedicaram-se a estudar o que lhes havia aparecido. Não era corpo, porque o havia consumido uma fogueira, o mar o tinha tragado e havia servido de pasto aos peixes. Isso, não obstante, sustinha que algo lhes havia aparecido, posto que o tinham visto; o morto havia lhes falado e o que estava sonhando lhes dirigia perguntas. Com quem haviam conversado dormindo? Se imaginaram que era um fantasma, uma figura aérea, uma sombra, os manes, uma pequena alma do ar e fogo extremadamente delicada, que vagava por não sei onde.

Andando o tempo, quando quiseram aprofundar este estudo, convencionaram que tal alma era corporal, e esta foi a idéia que dela teve a antigüidade. Chegou depois Platão, que utilizou essa alma de tal maneira que se chegou a suspeitar que a separou quase completamente da matéria; porém esse problema não se resolveu até que a fé veio iluminar-nos.

Em vão os materialistas alegam que alguns pais da Igreja não se expressaram com exatidão. Santo Irineu diz que e alma é o sopro da vida, que só é incorporal se comparada ao corpo dos mortais, porém que conserva a figura de homem para que se a reconheça.

Tertuliano se expressa deste modo: «A corporalidade da alma ressalta no Evangelho; porque se a alma não tivesse corpo, a imagem da alma não teria imagem corpórea». Em vão esse mesmo filósofo refere à visão de uma mulher santa que viu um alma muito brilhante e da cor do ar.

Alegam que Santo Hilário disse, em tempos posteriores: «Não há nada que não seja corporal, nem no céu nem na terra, nem no visível ou invisível; tudo está formado de elementos, e as almas têm sempre uma substância corporal.

Santo Ambrósio, no século 6, disse: «Não conhecemos nada que não seja material, excetuando-se a Santa Trindade.»

A Igreja decidiu, por unanimidade, que a alma é imaterial. Os citados santos incorreram em um erro que era então universal: eram homens, porém não se equivocaram a respeito à imortalidade, porque os Evangelhos evidentemente a anunciam.

Precisamos nos conformar com a decisão da Igreja, porque não possuímos noção suficiente do que se chama espírito puro e do que se chama matéria. O espírito puro é uma palavra que não nos transmite nenhuma idéia; e só conhecemos matéria por alguns de seus fenômenos. a conhecemos tão pouco, que a chamamos substância, e a palavra substância quer dizer o que está embaixo; porém este embaixo está oculto eternamente para nós; é o segredo do Criador em todas partes. Não sabemos como recebemos a vida, nem como a damos, nem como crescemos nem como digerimos, nem como dormimos, nem como pensamos, nem como sentimos.

II
Das dúvidas de Locke sobre a alma

O autor do artigo Alma, da Enciclopédia, se guiou escrupulosamente pelas opiniões de Jaquelet. Porém Jaquelet não nos ensina nada. Ataca a Locke, porque este modestamente disse: «Quiçá não seremos nunca capazes de conhecer se um ser material pensa ou não, pela razão de que nos é impossível descobrir por meio da contemplação de nossas próprias idéias, se Deus teria concedido a qualquer porção de matéria o poder de conhecer-se e de pensar; ou se uniu a matéria desse modo preparada uma substância imaterial que pensa. Com relação a nossas noções, não nos é difícil conceber que Deus pode, se assim lhe compraz, acrescentar à idéia que temos da matéria, a faculdade de pensar; nem nos é difícil compreender que possa agregar-lhe outra substância que possua tal faculdade; porque ignoramos em que consiste o pensamento, e não sabemos tampouco a

classe de substância a que o Ser Todo-Poderoso possa conceder esse poder, e que pode criar em virtude da vontade do Criador. Não encontro contradição em que Deus, ser pensante, eterno e todo poderoso, dote se quiser, de alguns graus de sentimento, de perfeição e de pensamento, a certas porções de matéria criada e insensível, e que nos una a ela quando crer conveniente».

Como acabamos de ver, Locke fala como homem profundo, religioso e modesto. Pode se dizer que Locke criou a metafísica (assim como Newton criou a física) para conhecer a alma, suas idéias e suas afeções. Não estudou nos livros, porque estes poderiam dar instrução errônea; se contentou com se auto-estudar; e depois de contemplar-se longo tempo, no tratado do entendimento humano apresentou aos homens o espelho onde se havia contemplado. Em uma palavra, reduziu a metafísica ao que deve ser: na física experimental da alma.

Conhecidos são os desgostos que lhe proporcionou o manifestar esta opinião, que em sua época pareceu atrevida. Porém era só a conseqüência da convicção que tinha da onipotência de Deus e da debilidade do homem. Não assegurou que a matéria pensa, porém disse que não sabemos bastante para demostrar que é impossível que Deus agregue o dom do pensamento ao ser desconhecido que chamamos matéria, depois de ter nos concedido o dom da gravitação e o dom do movimento, que não são igualmente incompreensíveis.

Locke não foi o único que iniciou esta opinião; indubitavelmente já o abordou antigüidade, posto que considerava a alma como uma matéria muito delicada, e por conseqüência, assegurava que a matéria podia sentir e pensar.

Esta foi também a opinião de Gassendi, como se pode ver nas objeções que fez a Descartes: é verdade, diz Gassendi, que sabeis que pensais, porém não sabeis que espécie de substância sois. Portanto, ainda que seja conhecida a operação do pensamento, desconheces o principal de vossa essência, ignorando qual é a natureza dessa substância, da que o ato de pensar é uma das operações. nisso pareceis ao cego que, ao sentir o calor dos raios solares e sabendo que a causa é o sol, acreditara que teria idéia clara e distinta do que é esse astro, porque se lhe perguntarem que é o sol, poderia dizer: «É uma coisa que aquece». O mesmo Gassendi, em seu livro titulado Filosofia de Epicuro, repete algumas vezes que não há evidencia matemática da pura espiritualidade da alma.

Descartes, em uma das cartas que dirigiu a princesa palatina Elisabet, disse: «Confesso que por meio da razão natural podemos fazer muitas conjeturas respeito ao alma, e acalentar algumas esperanças, porém não podemos ter nenhuma segurança». Neste caso, Descartes ataca em suas cartas o que afirma em seus livros.

Acabamos de ver que os pais da Igreja dos primeiros séculos, acreditando na alma imortal, acreditavam-na ao mesmo tempo, material. Por isso diziam: «Deus a fez pensante e pensante a conservará."

Malebranche provou bastante bem que nós não adquirimos nenhuma idéia por nós mesmos, e que os objetos são incapazes de nos dar. Disto deduzo que provém de Deus. isto equivale a dizer que Deus é o autor de todas nossas idéias. Seu sistema forma um labirinto, no qual uma das veredas conduz ao sistema de Espinosa, outra ao estoicismo e a terceira ao caos.

Depois de disputar muito tempo sobre o espírito e sobre a matéria, acabamos sempre por não entender. Nenhum filósofo logrou levantar com suas próprias força o véu que a natureza tem estendido sobre os primeiros princípios das cosas. Enquanto eles disputam, a natureza obra.

III
Da alma das bestas

Antes de admitir o estranho sistema que supõe que os animais são umas máquinas incapazes de sensação, os homens não acreditaram nunca que as bestas tivessem alma imaterial, e ninguém foi tão temerário a ponto de se atrever a dizer que a ostra estava dotada de alma espiritual. Estavam em acordo as opiniões e convinham que as bestas haviam recebido de Deus sentimento, memória, idéias, porém não espírito. Ninguém havia abusado do dom de raciocinar ao ponto de afirmar que a natureza concedeu às bestas todos os órgãos do sentimento para que não tivessem sentimento. Ninguém havia dito que gritam quando se as fere, que fogem quando se as persegue, sem sentir dor nem medo. Não se negava então a onipotência de Deus; reconhecendo que pode comunicar à matéria orgânica dos animais, o prazer, a dor, a lembrança, a combinação de algumas idéias: pode dotar a vários deles, como ao macaco, ao elefante, ao cão de caça, o talento para aperfeiçoar-se nas artes que se lhes ensinam. Porém Pereyra e Descartes sustentaram que o mundo se equivocava, que Deus dotara com todos os instrumentos da vida e da sensação aos animais, com o propósito deliberado de que careceriam de sensação e de vida propriamente dita; e outros que teriam pretensões de filósofos, com a idéia de contradizer a idéia de Descartes, conceberam a quimera oposta, dizendo que estavam dotados de espírito os animais, e que teriam alma os sapos e os insetos.

Entre estas duas loucuras, a primeira que nega o sentimento aos órgãos que o produz, e a segunda que faz alojar um espírito puro no corpo de uma pulga, houve autores que se decidiram por um meio termo, que chamaram instinto. E o que é o instinto? é uma forma substancial, uma forma plástica, é um “não sei quê”. Serei da sua opinião, quando chameis à maioria das coisas “não sei quê”, quando tua filosofia seja tão debilitada que acabe em “não sei nada”.

O autor do artigo Alma, publicado na Enciclopédia, diz: «Em minha opinião, a alma das bestas é formada de uma substância imaterial e inteligente. Porém, de

que classe? Deve consistir em um princípio ativo capaz de sensações. Se refletirmos sobre a natureza da alma das bestas, não nos aparece nenhum motivo para crer que sua espiritualização as salve do aniquilamento.

É para mim incompreensível poder ter idéia de uma substância imaterial. Representar-se algum objeto, é ter na imaginação uma imagem dele, e até hoje ninguém conseguiu pintar o espírito. Concedo que o autor que acabo de citar entenda conceber pela palavra representar. Porém eu confesso que tampouco a concebo, como não concebo que se possa aniquilar um alma espiritual, como não concebo a criação nem a nada, porque ignoro completamente o princípio de todas as coisas.

Se trato de provar que a alma é um ser real, me contestam dizendo que é uma faculdade; se afirmo que é uma faculdade como a de pensar, me respondem que me equivoco, que Deus, dono absoluto da natureza, faz tudo em mim, dirige todos meus atos e pensamentos; que se eu produzisse meus pensamentos, saberia que produzo cada minuto, e não sei; que só sou um autômato com sensações e com idéias, que dependo exclusivamente do ser Supremo, e estou tão submisso a ele como a argila nas mãos do oleiro.

Confesso, pois, minha ignorância, e que quatro mil volumes de metafísica são insuficientes para nos ensinar o que é alma.

Um filósofo ortodoxo dizia a um heterodoxo: «Como conseguiste chegar a crer que por sua natureza a alma é mortal e que só é eterna pela vontade de Deus? – Porque experimentei, contestou o outro filósofo.–Como experimentaste? Por acaso morreste? Sim, algumas vezes. Tinha ataques de epilepsia na juventude e asseguro que caía completamente morto durante algumas horas. Depois não experimentava nenhuma sensação, nem recordava o que me havia sucedido. Agora me sucede o mesmo quase todas as noites. Ignoro o momento que durmo, e durmo sem sonhar. Só por conjeturas posso calcular o tempo que dormi. Estou, pois, morto por seis horas a cada vinte e quatro; a quarta parte de minha vida». O ortodoxo sustentou que ele pensava mesmo quando dormia, porém sem saber o que. O heterodoxo replicou: «Creio que penso sempre na outra vida. Porém asseguro que raras vezes penso nesta».

O ortodoxo não se equivocava ao afirmar a imortalidade da alma, porque a fé e a razão demonstram esta verdade: Porém podia equivocar-se ao assegurar que o homem dormindo pensa sempre. Locke confessava francamente que não pensava sempre que dormia; e outro filósofo disse: «O homem possui a faculdade de pensar, porém esta não é sua essência». Deixemos a cada indivíduo a liberdade e o consumo de estudar-se a si mesmo e de perder-se no labirinto de suas idéias.

Não obstante, é curioso saber que em 1730 houve um filósofo que foi perseguido por haver confessado o mesmo que Locke, ou seja que não exercitava seu entendimento todos os minutos do dia e da noite, assim como não se servia

sempre dos braços e das pernas. Não só a ignorância da corte o perseguiu, mas também a ignorância maligna de alguns que pretendiam ser literatos. O que só produz na Inglaterra algumas disputas filosóficas, produz em França covardes atrocidades. Um francês foi vítima por seguir Locke.

Sempre houve na lama de nossa literatura alguns miseráveis capazes de vender sua pluma e atacar até seus mesmos benfeitores. Esta observação parece impertinente em um artigo que trata da alma; mas não devemos perder nenhuma ocasião de observar a conduta dos que querem desonrar o glorioso título de homem de letras, prostituindo seu escasso talento e consciência a um vil interesse, a uma política quimérica e que fazem traição a seus amigos para adular os néscios. Não sucedeu nunca em Roma denunciarem Lucrecio por haver posto em verso o sistema de Epicuro; nem a Cícero por dizer muitas vezes que depois de morrer não se sente dor, nem acusaram Plínio, nem a Varrão de ter idéias particulares acerca da Divindade. A liberdade de pensar foi ilimitada em Roma. Os homens de curtos alcances e temerosos de em França se tem esforçado em afogar essa liberdade, mãe de nossos conhecimentos e incentivo do entendimento humano, para conseguir seus fins tem falado dos perigos quiméricos que esta pode trazer. Não refletiram que os romanos, que gozavam de completa liberdade de pensar, nem por isso deixaram de ser nossos vencedores e nossos legisladores, e que as disputas de escola tem tão pouca relação com o governo, como o tonel de Diógenes teve com as vitorias de Alexandre. Esta lição equivale a uma lição respeito à alma: quiçá teremos algumas ocasiões de insistir sobre ela.

Ainda adoremos a Deus com toda a alma, devemos confessar nossa profunda ignorância respeito ao alma, a essa faculdade de sentir e de pensar que devemos a sua bondade infinita. Confessemos que nossos débeis raciocínios nada encerram e nada acrescentam; e deduzamos de isto que devemos empregar a inteligência, cuja natureza desconhecemos, em aperfeiçoar as ciências, como os relojoeiros empregam as molas nos relógios, sem saber o que é uma mola.

IV
Sobre a alma e nossas ignorâncias

Fundado nos conhecimentos adquiridos, nos temos atrevido a questionar se a alma se criou antes que nós, se chega do nada a introduzir-se em nosso corpo, a que idade vem colocar-se entre uma bexiga e os intestinos, se ali recebe o aporte algumas idéias, e que idéias são estas; se depois de animar-nos alguns momentos, sua essência, logo que o corpo morre, vive na eternidade; se sendo espírito, o mesmo que Deus, é diferente deste ou é semelhante. Essas questões que parecem sublimes, como dizemos, são as questões que entabulam os cegos de nascimento respeito da luz.

O que nos tem ensinado os filósofos antigos e os modernos? Nos tem ensinado que uma criança é mais sábia que eles, porque este só pensa não que pode conseguir. Até agora a natureza dos primeiros princípios é um segredo do Criador.

Em que consiste que os ares arrastam os sons? Como é que alguns de nossos membros obedecem constantemente a nossa vontade? Que ma é a que coloca as idéias na memória, as conserva ali como em um registro e as saca quando queremos e também quando não queremos? Nossa natureza, a do universo e a das plantas, estão escondidas em um abismo de trevas. O homem é um ser que obra, que sente e pensa: é isso o todo que sabemos; porém ignoramos o que nos faz pensar, sentir e obrar. A faculdade de obrar é tão incompreensível para nós como a faculdade de pensar. É menos difícil conceber que o corpo de barro tenha sentimentos e idéias que conceber que um ser tenha idéias e sentimentos.

Compara a alma de Arquimedes com a alma de um imbecil: são as duas de uma mesma natureza? Se é essencial o pensar, pensarão sempre com independência do corpo, que não poderá obrar sem elas; se pensam por sua própria natureza, será da mesma espécie a alma que não pode compreender uma regra de aritmética, que a alma que mediu os céus? Se os órgãos corporais fazem pensar a Arquimedes, por que um idiota, melhor constituído e mais vigoroso que Arquimedes, dirigindo melhor e desempenhando com mais perfeição as funções corporais, não pensa? A isto se contesta que seu cérebro não é tão bom; porém isso é uma suposição, porque os que assim contestam não sabem. Não se encontrou nunca diferença alguma nos cérebros dissecados; e é ademais verossímil que o cerebelo de um tonto se encontre em melhor estado que o de Arquimedes, que o usou e o fatigou prodigiosamente.

Deduzamos, pois, disto o que antes deduzimos, que somos ignorantes ante os primeiros princípios.

V
Da necessidade da revelação

O maior beneficio que devemos ao Novo Testamento, consiste em nos ter revelado a imortalidade da alma. Inútil foi que o bispo Warburton tratara de obscurecer tão importante verdade, dizendo continuamente que «os antigos judeus desconheciam esse dogma necessário, e que os saduceus não o admitiam na época de Jesus».

Interpreta a seu modo as palavras que dizem que Cristo pronunciou: «Ignorais que Deus disse: eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isac e o Deus de Jacó? Logo Deus não é o Deus dos mortos, e o Deus dos vivos». Atribui à parábola do mau rico o sentido contrário ao que atribuem todas as igrejas. Sherlock, bispo de Londres, e outros muitos sábios o refutam; os mesmos filósofos ingleses acham escandaloso que um bispo anglicano tenha a opinião contrária da Igreja anglicana; e Warburten, ao se ver contrariado, chama ímpios a ditos filósofos, imitando a Arlequim, personagem da comedia titulada o Ladrão da Casa, que depois de roubar e arrojar os móveis pela janela, vendo que na rua um homem levava alguns, gritou com toda a força de seus pulmões: – Pega ladrão!

Vale mais bendizer a revelação da imortalidade da alma e as das penas e

recompensas depois da morte, que a soberba filosofia de homens que semeiam a dúvida. o grande César não acreditava; disse em pleno Senado, quando para impedir que matassem a Catilina, expôs seu critério, segundo o que a morte não deixava no homem nenhum sentimento, e tudo morria com ele. Ninguém refutou esta opinião.

O império romano estava dividido em duas grandes seitas: a de Epicuro, que sustinha que a divindade era inútil no mundo, e que a alma perecia com o corpo; e a dos estóicos, que sustentava ser a alma era uma porção da divindade, a qual depois da morte do corpo voltava a sua origem, isto é, ao grande todo de onde havia emanado. Umas seitas acreditavam que a alma era mortal e outras que era imortal, porém todas elas estavam conformes em fugir das penas e as buscar recompensas futuras.

Restam todavia bastantes provas de que os romanos tiveram tal crença; e esta opinião, profundamente gravada nos corações dos heróis e dos cidadãos romanos, os induzia a matar-se sem o menor escrúpulo, sem esperar que o tirano os entregasse ao verdugo.

Os homens mais virtuosos de então, que estavam convencidos da existência de um Deus, não esperavam na outra vida nenhuma recompensa, nem temiam nenhum castigo. Vemos no artigo titulado Apócrifo, que Clemente, que mais tarde foi Papa e Santo pôs em dúvida que os primitivos cristãos acreditassem na segunda vida, e sobre isto consultou a São Pedro em Cesárea. Não cremos que São Clemente escreveu a história que se lhe atribui; porém essa história prova que o gênero humano necessitava guiar-se pela revelação. O que neste assunto nos surpreende é que um dogma tão saudável tenha permitido que cometam brilhantes crimes os homens que vivem tão pouco tempo e que se vem comprimidos entre duas eternidades.

VI
As almas dos tolos e dos monstros

Nasce uma criança mal formada e absolutamente imbecil, não concebe idéias e vive sem elas. Como podemos definir esta classe de animal? Uns doutores dizem que é algo entre o homem e a besta, outros, que possui um alma sensitiva, porém não alma intelectual. Come, bebe e dorme, tem sensações, porém não pensa. Existe para ele a outra vida, ou não existe? Se tem proposto este caso, porém até hoje não se obteve completa resolução.

Alguns filósofo tem dito que a referida criatura devia ter alma, porque seu pai e sua mãe a teriam; Porém guiando-nos por este raciocínio, se tivesse nascido sem nariz, devíamos supor que o teria, porque seu pai e sua mãe tiveram.

Una mulher dá à luz a uma criança que tem o rosto achatado e escuro, um nariz afilado e pontiagudo, olhos redondos e, apesar disso, o resto do corpo é idêntico

ao dos demais mortais. Os pais decidem que tenha batismo, e todo o mundo acredita que possua uma alma imortal. Porém, se essa mesma ridícula criatura tem unhas em forma de ponta e a boca em forma de bico, declaram-no monstro, dizem que não tem alma e não o batizam.

Sabido é que em Londres, em 1726, houve uma mulher que paria cada oito dias um coelhinho. Sem nenhuma dificuldade, batizavam a dita criança. O cirurgião que assistia a referida mulher no parto, jurava que esse fenômeno era verdadeiro, e acreditavam. Porém, que motivo teriam os crédulos para negar que tivessem alma os filhos de tal mulher? Ela a teria, seus filhos deviam também tê-la. O Ser Supremo não pode conceder o dom do pensamento e o da sensação ao ser desfigurado que nasça de uma mulher em forma de coelho, ou mesmo que o que nasça em figura de homem? A alma que se predisporia a alojar-se no feto dessa mãe, seria capaz de voltar ao vazio?

Locke observa sobre os monstros, que não deve atribuir-se a imortalidade ao exterior do corpo, que a configuração nada importa neste caso. A imortalidade não está mais ligada à forma do rosto ou do tórax, que à configuração da barba o ao feitio do traje; e pergunta: Qual é a justa medida de deformidade para que se considere se uma criança tem ou não alma? Qual o grau para ser declarado monstro?

Que temos de pensar nesta matéria de uma criança que tenha duas cabeças e que, apesar disto, tenha um corpo bem proporcionado? Uns dizem que tem duas almas, porque está provido de duas glândulas pineais, e outros contestam dizendo que não pode ter duas almas quem não tem mais que um peito e um umbigo.

Se tem questionado tanto sobre a alma humana, que se esta chegasse a examinar todas, seria vítima de insuportável fastio. Aconteceria o mesmo que ocorreu ao cardeal de Polignac em um conclave. Seu intendente, cansado de não pode inteirar nunca das contas da intendência, fez com o cardeal uma viagem a Roma e se colocou na janela de sua cela, carregando um imenso fardo de papéis. Ficou ali lendo as contas mais de duas horas, enquanto esperava pela volta de Polignac. Por fim, vendo que não obteria nenhuma contestação, meteu a cabeça pela janela. Há duas horas que o cardeal havia saído de sua cela. Nossas almas nos abandonam antes que seus intendentes se tivessem inteirado do tanto que delas nos temos ocupado.

VII

Devo confessar que sempre que examino ao infatigável Aristóteles, ao doutor Angélico e ao divino Platão, tomo por motes estes epítetos que se lhes aplicam. Parece-me que todos os filósofos se tem ocupado da alma humana, cegos, charlatães e temerários, que fazem esforços para persuadir-nos de que tem vista de águia, e vejo que há outros amantes da filosofia, curiosos e loucos, que os

acreditam em sua palavra, imaginando, por sugestão, que vêem algo.

Não vacilo em colocar na categoria de mestres de erros Descartes e Malebranche. Descartes nos assegura que a alma do homem é uma substância, cuja essência é pensar que pensa sempre, e que se ocupa desde o ventre da mãe de idéias metafísicas e de ações gerais que esquece em seguida. Malebranche está convencido de que todo vemos em Deus. Se encontrou partidários, é porque as fábulas mais atrevidas são as que melhor recebem a débil imaginação do homem.

Muitos filósofos tem escrito a novela da alma; Porém um sábio é o único que tem escrito modestamente sua história. Compendiarei essa história segundo a concebo. Compreendo que todo o mundo não estará de acordo com as idéias de Locke: pode ser que Locke tenha razão contra Descartes e Malebranche, e que se equivoque sobre Sorbonne; porém eu falo do ponto de vista da filosofia, não do ponto das revelações da fé.

Só me corresponde pensar humanamente. Os teólogos que decidam respeito do divino: a razão e a fé são de natureza contrária. Em uma palavra, vou a citar um extrato de Locke, a quem eu censuraria se fosse teólogo, porém a quem patrocino como uma hipóteses, como conjetura filosófica humanamente falando. Se trata de saber o que é a alma.

1º a palavra alma é uma dessas palavras que pronunciamos sem entender, só entendemos as coisas quando temos idéia delas, não temos idéia da alma, logo não a compreendemos.

2º Se nos tenha ocorrido chamar alma à faculdade de sentir e pensar, assim como chamamos vida a faculdade de viver e vontade à faculdade de querer.

Alguns disseram em seguida isto: –O homem é um composto de matéria e de espírito; a matéria é extensa e divisível, o espírito não é uma coisa nem outra, logo é de natureza distinta. É uma reunião de dois seres que não criados um para o outro e que Deus uniu apesar de sua natureza. Apenas vemos o corpo, e absolutamente não vemos a alma. Esta não tem partes; logo é eterna: tem idéias puras e espirituais, logo não as recebe da matéria: tampouco as recebe de si mesma; logo Deus se as dá, logo ela aporta ao nascer a idéia de Deus e do infinito, e todas as idéias gerais.

Humanamente falando, contesto essas palavras, dizendo que são muito sábios. Começam concedendo que existe alma, e logo explicam o que deve ser: pronunciam a palavra matéria e decidem o que a matéria é. Porem eu lhes explico: não conheceis nem o espírito nem a matéria. Quanto ao espírito, só concedeis a faculdade de pensar; e enquanto à matéria, compreendeis que esta não é mais que uma reunião de qualidades, de cores, e de solidez; a essa reunião chamais matéria, e marcais os limites desta e os da alma antes de estar seguros da existência de uma e de outra.

Ensinais gravemente que as propriedades da matéria são a extensão e a solidez; e eu os repito modestamente que a matéria tem outras mil propriedades, que nem vocês nem eu conhecemos. Assegurais que a alma é indivisível e eterna, dando por certo o que é questionável. Obrais quase o mesmo que o diretor de um colégio que, não tendo visto um relógio em sua vida, puserem em suas mão de repente um relógio de repetição inglês. Esse diretor, como bom peripatético, fica surpreso ao ver a precisão com que as setas dividem e marcam o tempo, e se assombra quando o botão comprimido pelo dedo faça tocar a hora que a seta marca. O filósofo não duvida um momento que dita máquina tenha um alma que a dirige e que se manifesta por meio dos cordas. Demonstra cientificamente sua opinião, e compara essa máquina com os anjos, que imprimem movimento às esferas celestes, sustentando em classe uma agradável teses sobre a alma dos relógios, um de seus discípulos abre o relógio e não vê mais que as rodas e molas, e mesmo assim, segue sustentando sempre o sistema da alma dos relógios, crendo-o demostrado. Eu sou o estudante que abre o relógio, que se chama homem e que em vez de definir com atrevimento o que não compreendemos, trata de examinar por graus o que desejamos conhecer.

Tomemos uma criança desde o momento em que nasce, e sigamos passo a passo o progresso de seu entendimento. Ensinaram-me que Deus se tomou o trabalho de criar um alma para que se alojasse no corpo de dita criança quando este tivesse cerca de seis semanas, e que quando se introduz em seu corpo está provisão de idéias metafísicas, conhece o espírito, as idéias abstratas e o infinito; em uma palavra, é sábia. Porém desgraçadamente sai do útero com uma completa ignorância; passa dezoito meses sem conhecer mais que o peito da nutriz, e quando chega aos vinte anos, e se pretende que essa alma recorde idéias científicas que teve quando se uniu a seu corpo, é muitas vezes tão obtusa, que nem sequer pode conceber nenhuma de aquelas idéias. O mesmo dia que a mãe pare a citada criança com sua alma, nascem na casa um cão, um gato e um canário. ao cabo de dezoito meses, o perro é excelente caçador, ao ano o canário canta muito bem, e o gato ao cabo de seis semanas possui todos os atrativos que deve possuir e a criança, ao cumprir quatro anos, não sabe nada. Suponho que eu seja um homem grosseiro, que tenha presenciado tão prodigiosa diferença e que não tenha visto nunca uma criança; desde logo acredito que o gato, o cão e o canário, são criaturas muito inteligentes, e que a criança é um autômato. Porém pouco a pouco vou percebendo que a criança tem idéias, memória e as mesmas paixões que esses animais, e então compreendo que é uma criatura razoável como elas. Comunica-me diferentes idéias por meio das palavras que aprendi, como o cão por seus distintos gritos me faz conhecer suas diversas necessidades. Percebo que aos sete ou oito anos a criança combina em seu cérebro quase tantas idéias como o cão de caça no seu, e que por fim, passando os anos consegue adquirir grande número de conhecimentos Então que devo pensar dele? Que é de uma natureza completamente diferente. Não posso crer porque vocês vêem um imbecil ao lado de Newton, e sustentam que um e outro são da mesma natureza, com a única diferença do mais ao menos. Encontro entre uma criança e um cão muitos mais pontos de contato que encontro entre o homem de talento e o homem

absolutamente imbecil Que opinião tens, pois, dessa natureza? A que todos os povos tiveram antes que a ciência egípcia trouxesse a idéia de espiritualidade, de imortalidade da alma Até suspeitarei, com aparências de verdade, que Arquimedes e um tolo são da mesma espécie, ainda que de gênero diferente; que a oliveira e o grano de mostarda estão formados pelos mesmos princípios, ainda que aquela seja um árvore grande e esta uma planta pequena. Crerei que Deus concedeu porções de inteligência às porções de matéria organizadas para pensar, que a matéria está dotada de sensações proporcionadas de acordo com a finura de seus sentidos e que estes proporcionam a medida de nossas idéias. Crerei que a ostra tem menos sensações e menos sentido, porque tendo a alma dentro da concha, os cinco sentidos são inúteis para ela. Há muitos animais que só estão dotados de dois sentidos; nós temos cinco, e por certo que são muito poucos. É de crer que em outros mundos existam outros animais que estejam dotados de vinte o de trinta sentidos e outras espécies muito mais perfeitas que tenham muitos mais.

Esta parece a maneira mais lógica de raciocinar, quero dizer, de suspeitar e adivinhar. Indubitavelmente passou muito tempo antes que os homens fossem bastante engenhosos para inventar um ser desconhecido que está em nós, que nos faz obrar, que não é completamente nós, e que vive depois que nós morremos. Desse modo se chegou por graus a conceber idéia tão atrevida. No princípio, a palavra alma significou vida, e era comum para nós e para os demais animais; logo nosso orgulho nos fez suspeitar que a alma só correspondia ao homem, e então inventamos uma forma substancial para as demais criaturas: o orgulho humano pergunta em que consiste a faculdade de aperceber-se e de que se chama alma no homem e instinto no bruto. Elucidarei essa questão quando os físicos me ensinem o que é a luz, o som, o espaço, o corpo e o tempo. Repetirei com o sábio Locke: a filosofia consiste em deter-se quando a tocha da física não nos alumia.

Observo os efeitos da natureza; Porém confesso que, como vocês, tampouco conheço os primeiros princípios. Tudo se reduz a que não devo atribuir a muitas causas, e muito menos a causas desconhecidas, o que posso atribuir a uma causa conhecida: posso atribuir a meu corpo a faculdade de pensar e de sentir, logo não devo buscar a faculdade de sentir e de pensar no que se chama alma ou espírito, do que não tenho a menor idéia. Os sublevais contra esta proposição, e creéis que é religiosidade atrever-se a dizer que o corpo possa pensar. Porém que contestarias –responderia Locke,– se os dissesse que vocês sois também culpáveis de irreligião, porque se atrevem a limitar o poder de Deus? Quem, sem ser ímpio, pode assegurar que é impossível para Deus dotar à matéria da faculdade de sentir e de pensar? Sois ao mesmo tempo débeis e atrevidos, assegurais que a matéria não pensa, unicamente porque não concebeis que a matéria possa pensar.

Grandes filósofos, que decidis sobre o poder de Deus, e ao mesmo tempo concedeis que pode Deus converter uma pedra em um anjo (Mateus, cap III, vers. 9.), não compreendeis que segundo suas mesmas teorias e no citado caso, Deus

concederia à pedra a faculdade de pensar? Se a matéria da pedra desaparecera, não seria pedra, seria anjo. De qualquer parte que questioneis, os vereis obrigados a confessar duas coisas, sua ignorância e o poder imenso do Criador: sua ignorância nega que a matéria possa pensar, e a onipotência do Criador nos demonstra que lhe é possível conseguir que a matéria pense.

Sabendo que a matéria não perece, não deveis negar a Deus o poder de conservar nessa mesma matéria a melhor das qualidades de que a dotou. A extensão subsiste sem corpo por si mesma, já que há filósofos que acreditam no vazio; os acidentes subsistem independentes da substância para os cristãos que acreditam na substanciação. Dizeis que Deus não pode fazer nada que implique contradição, porém para encontrar esta se necessita saber muito mais do que sabemos; e nesta matéria só sabemos que temos corpo e que pensamos. Alguns que aprenderam na escola a não duvidar, e que tomam por oráculos os silogismos que nelas lhes ensinaram e as superstições que aprenderam por religião, tem a Locke por ímpio perigoso. Devemos fazer-lhes compreender o erro em que incorrem e ensinar-lhes que as opiniões dos filósofos jamais prejudicaram à religião. Está provado que a luz provém do sol, e que os planetas giram ao redor desse astro: por isto não se lê com menos fé na Bíblia que a luz se formou antes do sol, e que o sol parou ante a aldeia de Gabão. Está demostrado que o arco-íris se forma com a chuva e por isso não se deixa de respeitar o texto sagrado, que disse que Deus pôs o arco-íris nas nuvens, depois do dilúvio, como sinal de que já não haveria mais inundações.

Os mistérios da Trindade e da Eucaristia, que contradiz nas demonstrações da razão, não por isso deixam de reverencia-los os filósofos católicos, que sabem que a razão e a fé são de diferente natureza. A idéia dos antípodas foi condenada pelos papas e os concílios; e logo outros papas reconheceram os antípodas, aonde levaram a religião cristã, cuja destruição acreditaram segura no caso de poder encontrar um homem, que, como se dizia então, tivesse a cabeça abaixo e os pies acima, com relação a nós, e que, como disse Santo Agostinho, tivesse caído do céu.

VIII

Suponho que há em uma ilha uma dúzia de filósofos bons, e que em essa ilha não tem visto mais que vegetais. Esta ilha, e sobretudo os doze filósofos bons, são difíceis de encontrar; porém permita-me esta ficção. Admiram a vida que circula pelas fibras das plantas, que parece que se perde e se renova em seguida; e não compreendendo bem como as plantas nascem, como se alimentam e crescem, chamam a estas operações alma vegetativa. «Que entendeis por alma vegetativa? – É uma palavra, respondem, que serve para explicar a mola desconhecida que move a vida das plantas. – Porém não compreendeis, lhes replica um mecânico, que esta a desenrola os pesos, as alavancas, as rodas e as polias?– Não, replicarão ditos filósofos; em sua vegetação há algo mais que movimentos ordinários; existe em todas as plantas o poder secreto de atrair o sumo que as

nutre: e esse poder, que não pode explicar nenhum mecânico, é um dom que Deus concedeu à matéria, cuja natureza nos é desconhecida». Depois dessa questão, os filósofos descobrem os animais que há na ilha, e logo de examiná-los atentamente, compreendem que há outros seres organizados como os homens. Esses seres é indubitável que tem memória, conhecimento, que estão dotados das mesmas paixões que nós, que nos fazem compreender suas necessidades, e como nós, perpetuam sua espécie. Os filósofos dissecam alguns animais, lhes encontram coração e cérebro, e exclamam: « O autor dessas máquinas, que não cria nada inútil, lhes tivesse concedido todos os órgãos do sentimento com o propósito de que não sentissem? Seria absurdo acreditar nisso. Encerram algo que chamaremos também alma, na falta de outra expressão mais própria algo que experimenta sensações e que em certa medida tem idéias. Porém qual é esse princípio? É diferente da matéria? É espírito puro? É um ser intermediário entre a matéria, que apenas conhecemos, e entre o espírito puro, que nos é completamente desconhecido? É uma propriedade que Deus concedeu à matéria orgânica?»

Os filósofos, para estudar essa matéria, fazem experimentos com os insetos e os lagartos; cortam-nos, dividindo-os em muitas partes, e ficam surpresos ao ver que ao passar algum tempo nascem cabeças nas partes cortadas. Ou mesmo que o animal se reproduz, em sua própria destruição encontra o meio de multiplicar-se. Há muitas almas que estão esperando para animar partes reproduzidas. Parecem-se com árvores das quais se cortam ramos e, plantando-os, se reproduzem. Essas árvores têm muitas almas? Não parece possível. Logo, é provável que a alma das bestas seja de outra espécie que as que chamamos de alma vegetativa nas plantas, que seja uma faculdade de ordem superior que Deus concedeu a certas porções de matéria para dar-nos outra prova de seu poder e outro motivo para adorá-lo.

Se ouvisse este raciocínio de um homem violento, lhe diria: «Sois um malvado merece que o queime o corpo para salvar as almas, porque negais a imortalidade da alma do homem». Os filósofos, ao ouvir isso, se olhariam com surpresa; e depois, um deles contestaria com suavidade ao homem violento: Por que acreditas que devemos arder em uma fogueira e que o induzo a supor que abriguemos nós o conhecimento de que é mortal vossa alma cruel? – Porque abrigais a crença de que Deus concedeu aos brutos, que estão organizados como nós, a faculdade de ter sentimentos e idéias; e como a alma das bestas morre com seus corpos, acreditas também que o mesmo morre a alma dos homens. Um dos filósofos replicaria:

–Não temos a segurança de que o que chamamos de alma nos animais se pareça quando esses deixam de viver; estamos persuadidos que a matéria não perece, e supomos que Deus haja dotado os animais de algo que pode conservar, se esta é a vontade divina, a faculdade de ter idéias. Não asseguramos que isto suceda, porque não é próprio de homens ser tão confiados; Porém não nos atrevemos a pôr limites ao poder de Deus. Dizemos apenas que é provável que as bestas, que

são matéria, tenham recebido um tanto de inteligência. Descobrimos todos os dias propriedades da matéria, que antes de descobri-las não tínhamos idéia de que existiram. Começamos definindo a matéria, dizendo que era uma substância que teria extensão; logo reconhecemos que também teria solidez, e mais tarde tivemos que admitir que a matéria possui uma força que chamamos força de inércia, e ultimamente nos surpreendeu a nós mesmos ter que confessar que a matéria gravita. Ao avançar em nossos estudos, nos vimos obrigados a reconhecer seres que se parecem em algo à matéria, e que, contudo, carecem dos atributos de que a matéria está dotada. O fogo elementar, por exemplo, obra sobre nossos sentidos como os demais corpos; porém não tem a um centro comum como estes; pelo contrario, se escapa do centro em linhas retas por todas partes; e não parece que obedeça às leis de atração e de gravitação como os outros corpos. A óptica tem mistérios que só podemos explicar atrevendo-nos a supor que os raios da luz se compenetram. Efetivamente, há algo na luz que a distingue da matéria comum: parece que a luz seja um ser intermediário entre os corpos e outras espécies de seres que desconhecemos. é verossímil que essas outras espécies de seres sejam o ponto intermediário que conduza até outras criaturas, e que assim sucessivamente exista uma cadeia de substâncias que se elevem até o infinito.

Essa idéia nos parece digna da grandeza de Deus, se há alguma idéia humana digna dela. Entre essas substâncias pôde Deus escolher uma para alojá-la em nossos corpos, e é a que nós chamamos alma humana. Os livros santos nos ensinam que essa alma é imortal, e a razão está nisso de acordo com a revelação: nenhuma substância perece: as formas se destroem, o ser permanece. não podemos conceber a criação de uma substância; tampouco podemos conceber seu aniquilamento. Porém nos atrevemos a afirmar que o Senhor absoluto de todos os seres pode dotar de sentimentos e de percepções ao ser que se chama matéria. Estais seguro de que pensar é a essência de sua alma, porém nós não estamos; porque quando examinamos um feto nos custa grande trabalho crer que sua alma teve muitas idéias em sua envoltura materna, e duvidamos que em seu sonho profundo, em sua completa letargia, tenha podido dedicar-se à meditação. Por isso nos parece que o pensamento possa consistir não na essência do ser pensante, senão no presente que o Criador fez a esses seres que chamamos pensadores; e tudo isto nos faz suspeitar que se Deus quisesse, poderia outorgar esse dom a um átomo, conservá-lo o destruí-lo, segundo fosse sua vontade. A dificuldade consiste menos em adivinhar como a matéria pode pensar, que em adivinhar como pensa uma substância qualquer. Só concebemos idéias, porque Deus as quis dar. Por que o empenho em se opor a que as tenha concedido às demais espécies? Atrevem-se a crer que sua alma seja da mesma classe que as substâncias que estão mais próximas da divindade? Há motivo para suspeitar que estas sejam de ordem superior e, portanto, Deus lhes haja concedido uma maneira de pensar infinitamente mais formosa; assim como concedeu quantidade muito limitada de idéias aos animais, que são de um ordem inferior aos homens. Não sei como vivo nem como dou a vida, e querem que saiba como concebo idéias! A alma é um relógio que Deus nos concedeu para dirigirmos, porém não nos explicou a maquinaria de que o relógio se compõe.

De tudo quanto digo não é possível inferir que a alma humana seja mortal. Em resumo: pensamos o mesmo que vos sobre a imortalidade que a fé nos anuncia; porém somos demasiado ignorantes para poder afirmar que Deus não tenha poder para conceder a faculdade de pensar ao ser que Ele queira. Limitais o poder do Criador, que é sem limites, e nós o estendemos até onde alcança sua existência. Perdoe-nos que o cremos onipotente, e nós os perdoaremos que restrinjais seu poder. Sem dúvida sabeis tudo o que pode fazer e nós ignoramos. Vivamos como irmãos, adorando tranqüilamente ao Pai comum. Só temos de viver um dia, vivamos em paz, sem proporcionarmos questões que se decidirão na vida imortal».

O homem brutal, não encontrando nada que replicar aos filósofos, incomodando-se, falou e disse muitas bobagens. Os filósofos se dedicaram durante algumas semanas a ler história, e depois deste estudo, eis aqui o que disseram àquele bárbaro indigno de estar dotado de alma imortal:

«Temos lido que na antigüidade havia tanta tolerância como em nossa época, que nela se encontram grandes virtudes, e que por suas opiniões não perseguiam aos filósofos. Por que, pois, pretendeis que nos condenem ao fogo pelas opiniões que professamos? Acreditavam na antigüidade que a matéria era eterna; porém os que supunham que era criada, não perseguiram aos que não acreditavam. Disse-se então que Pitágoras, em uma vida anterior, havia sido galo, que seus pais haviam sido cervos, e apesar disto, sua seita foi querida e respeitada em todo o mundo. Os estóicos reconheciam um Deus mais o menos semelhante ao que admitiu depois temerariamente Espinosa; o estoicismo, sem dúvida, foi a seita mais acreditada e a mais fecunda em virtudes heróicas. Para os epicuristas, os Deuses eram semelhantes a nossos cônegos e sua indolente gordura sustentava sua divindade, e tomavam em paz o néctar e a ambrosia sem imiscuir-se em nada. Os epicuristas ensinavam a materialidade e a mortalidade da alma, porém não por isso deixaram de ter-lhes considerações, e eram admitidos a todos os empregos.

Os platônicos não acreditavam que Deus se tivesse dignado criar o homem por si mesmo; diziam que havia confiado este encargo aos gênios, que ao desempenhar sua tarefa cometeram muitas bobagens. O Deus dos platônicos era um obreiro sem defeitos, porém que empregou para criar o homem discípulos muito incompetentes. Não por isso a antigüidade deixou de apreciar a escola de Platão. Numa palavra: quantas seitas conheceram os gregos e os romanos, teriam distintos modos de opinar sobre Deus, sobre a alma, sobre o passado e sobre o porvir; e nenhuma dessas seitas foi perseguida. Todas essas seitas se equivocavam, porém viveram em amistosa paz, e isto é o que não alcançamos a compreender, porque hoje vemos que a maior parte dos debatedores são monstros e os da antigüidade eram verdadeiros homens.

Se desde os gregos e os romanos queremos remontar às nações mais antigas, podemos fixar a atenção nos judeus. Esse povo que foi supersticioso, cruel,

ignorante e miserável, sabia, sem dúvida, honrar aos fariseus, que acreditavam na fatalidade do destino e na metempsicose. Respeitava também aos saduceus, que negavam em absoluto a imortalidade da alma e a existência dos espíritos, fundando-se na lei de Moisés, que não falou nunca de penas nem de recompensas depois da morte. Os essênios, que acreditavam também na fatalidade, e nunca sacrificavam vítimas no templo, eram mais respeitados todavia que os fariseus e saduceus. Nenhuma dessas opiniões perturbou nunca o governo do Estado. Devemos, pois, imitar esses louváveis exemplos; devemos pensar em alta voz, e deixar que pensem o que quiserem os demais. Sereis capaz de receber cortesmente a um turco que acredite que Maomé viajou para a lua, e desejais esquartejar a um irmão seu porque acredita que Deus pode dotar de inteligência a todas as criaturas?»

Assim falou um dos filósofos; e outro completou: – «Acredite, não há exemplo de nenhuma opinião filosófica que prejudique à religião de nenhum povo. Os mistérios podem contradizer as demonstrações científicas; nem por isso deixam de respeitá-los os filósofos cristãos, que sabem que os assuntos da razão e da fé são de diferente natureza. Sabeis por que os filósofos não lograrão nunca formar uma seita religiosa? Pois não a formarão porque carecem de entusiasmo. Se dividimos o gênero humano em vinte partes, compõem as dezenove os homens que se dedicam a trabalhos manuais, e quiçá estes ignorarão sempre que existiu Locke. Na outra parte, se encontram poucos homens que param a ler, e entre os que lêem há vinte que só lêem novelas para cada um que estuda filosofia. É muito exíguo o número dos que pensam; e estes não se ocupam em perturbar o mundo. Não jogariam a maçã da discórdia em sua pátria Montaigne, Descartes, Gassendi, Bayle, Espinosa, Hobbes, Pascal, Montesquieu, nem nenhum dos homens que tem honrado a filosofia e a literatura. A maior parte dos que perturbaram seu país foram teólogos, que ambicionaram ser chefes de seita ou ser de partido. Todos os livros de filosofia moderna juntos não produziram no mundo tanto ruído como produziu em outro tempo a disputa que tiveram os franciscanos sobre a forma que devia dar-se a suas mangas e a seus capuchões».

IX
Da antigüidade do dogma da imortalidade da alma

O dogma da imortalidade da alma é a idéia mais consoladora e ao mesmo tempo mais repressora que o espírito humano pode conceber. Esta agradável filosofia foi tão antiga no Egito como suas pirâmides; e antes dos egípcios, a conheceram os persas. Zoroastro, que cita o Sadder, quando Deus ensina a Zoroastro o local destinado para receber o castigo, local que se chamava Dardarot no Egito, Hades e Tártaro em Grécia, e nós temos traduzido imperfeitamente em nossas línguas modernas pela palavra inferno. Deus ensina a Zoroastro no local destinado aos castigos, a todos os maus reis, a um dos quais faltava um pé, e Zoroastro perguntou por que razão. Deus respondeu que esse rei só havia feito uma boa ação em toda sua vida, e esta ação consistia em haver aproximado com o pé uma gamela que não estava bastante próxima a um pobre burrico que morria de fome.

Deus levou ao céu o pé do rei malvado, e deixou no inferno o resto de seu corpo.

Dita fábula, que nunca se repetirá bastante, demonstra como era na remota antigüidade a opinião sobre a segunda vida. Os índios também teriam esta opinião, e sua metempsicoses o prova. Os chineses reverenciavam as almas de seus antepassados; e esses povos fundaram poderosos impérios muito tempo antes que os egípcios.

Ainda que seja antigo o império de Egito, não é tanto como os impérios do Ásia; e naquele e nestes, a alma subsistia depois da morte do corpo. Verdade é que todos esses povos, sem exceção, supunham que a alma teria forma etérea, sutil, e era imagem do corpo. A palavra sopro a inventaram muito depois os gregos. Porém não se pode negar que acreditaram que era imortal uma parte de nós mesmos. Os castigos e as recompensas na outra vida, formaram os cimentos da antiga teologia.

Ferecides foi o primeiro grego que acreditou que as almas viviam uma eternidade, porém não foi o primeiro que disse que as almas sobreviviam aos corpos. Ulisses, que viveu muito tempo antes que Ferecides, havia visto as almas dos heróis nos Infernos; porém que as almas fossem tão antigas como o mundo, foi uma opinião que nasceu no Oriente e que Ferecides difundiu no Ocidente. Não creio que exista um só sistema moderno que não se encontre nos povos antigos. Os edifícios atuais temos construído com os escombros da antigüidade.

X

Seria um magnífico espetáculo poder ver a alma. A máxima Conhece-te a ti mesmo é um excelente preceito, mas preceito que só Deus pode praticar; pois, que mortal pode compreender sua própria essência?

Chamamos alma ao que anima; porém não podemos saber mais dela, porque nossa inteligência tem limites. As três quartas partes do gênero humano não se ocupam disto; e a quarta busca, inquire, porém não encontrou nem encontrará.

O homem vê uma planta que vegeta, e disse que tem alma vegetativa; observa que os corpos têm e dão movimento, e a isto chama força: vê que seu cão de caça aprende o ofício, e supõe que tem alma sensitiva, instinto; tem idéias combinadas, e a esta combinação chama espírito. Porém que entendes tu por essas palavras? Indubitavelmente a flor vegeta; porém existe realmente um ser que se chame vegetação? Um corpo rechaça a outro, porém possui dentro de si um ser distinto que se chama força? O cão te traz uma perdiz, porém vive nele um ser que se chama instinto? Todos os animais vivem; logo encerram dentro de si um ser, uma forma substancial que é a vida? Se um tulipa puder falar e te disser: a vegetação e eu somos seres que formamos um conjunto, não te enganaria a tulipa?

Vamos ver o que sabes e do que estás seguro: sabes que andas com os pés, que digeres com o estômago, que sentes em todo o corpo, e que pensas com a

cabeça. Vejamos se o único auxilio da razão pode proporcionar bastantes dados para deduzir, sem um apoio sobrenatural, que tens alma.

Os primeiros filósofos, tanto caldeus como egípcios, disseram: é indispensável que haja dentro de nós algo que produza pensamentos; esse algo deve ser muito sutil, deve ser um sopro, deve ser um éter, uma quintessência, uma entelequia, um nome, uma harmonia. Segundo o divino Platão, é um composto do mesmo e do outro. «Constituem-no os átomos que pensam em nós», disse Epicuro depois de Demócrito. Porém como um átomo pode pensar? Confessa que não sabes.

A opinião mais aceitável é sem dúvida a de que a alma é um ser imaterial, porém indubitavelmente concebem os sábios o que é um ser imaterial? – Não, contestam estes, porém sabemos que por natureza pensa. – E por onde o sabeis? – Sabemos, porque pensa.– Parece que sois tão ignorantes como Epicuro. É natural que uma pedra caia, porque cai; porém eu pergunto, quem a faz cair? –Sabemos que a pedra não tem alma; sabemos que uma negação e uma afirmação não são divisíveis, porque não são partes da matéria. –Sou de sua opinião; porém a matéria possui qualidades que não são materiais, nem divisíveis, como a gravitação: a gravitação não tem partes, não é, pois, divisível. A força motriz dos corpos tampouco é um ser composto de partes. A vegetação dos corpos orgânicos, sua vida, seu instinto, não constituem seres a parte, seres divisíveis; não podeis dividir em dois a vegetação de uma roupa, a vida de um cavalo, o instinto de um cão, ou mesmo que não podes dividir em duas uma sensação, uma negação ou uma afirmação. O argumento que sacais da indivisibilidade do pensamento não prova nada.

Que idéia tens da alma? Sem revelação, só podes saber que existe em seu interior um poder desconhecido que o faz sentir e pensar. Porém esse poder de sentir e de pensar, é o mesmo poder que o faz digerir e andar? Tens que confessar que não, porque ainda que o entendimento diga ao estômago: digere, o estômago não digerirá se está enfermo e se o ser imaterial manda aos pés que andem, estos não andarão se tem gota. Os gregos compreenderam que o pensamento não tem relação muitas vezes com o jogo dos órgãos, e dotaram os órgãos da alma animal, e os pensamentos de um alma mais fina. Porém a alma do pensamento, em muitas ocasiões, depende da alma animal. A alma pensante ordena às manos que tomem, e tomam, porém não disse ao coração que bata, nem ao sangue que corra, nem ao quilo que se forme, e todos esses atos se realizam sem sua intervenção. Vê-se aqui almas que são muito pouco donas de sua casa.

Disto deve deduzir-se que a alma animal não existe, o que consiste no movimento dos órgãos; e ao mesmo tempo há que concordar que ao homem não lhe abastece sua débil razão nenhuma prova de que a outra alma exista.

Vejamos agora os vãos sistemas filosóficos que se tem estabelecido respeito ao alma. Um deles sustenta que a alma do homem é parte da substância do mesmo Deus. Outro que é parte do Grande Todo. Há sistema que assegura que a alma

está criada para toda a eternidade. Há outro que assegura que a alma foi feita e não criada. Vãos filósofos asseguram que Deus forma as almas à medida que as necessita, e que chegam no instante da copulação: outros afirmam que se alojam no corpo com os ânimos seminais. Filósofo houve que disse que se equivocavam todos os que o haviam precedido, assegurando que a alma espera seis semanas para que esteja formado o feto, e então toma possessão da glândula pineal; porém que se encontra algum gérmen falso, sai do corpo e espera melhor ocasião. A última opinião consiste em dar ao alma por morada o corpo caloso; este é o local que determina Peyronie.

São Tomas em sua questão 75 e seguintes, diz: «que a alma é uma forma que subsiste per se, que está toda em tudo, que sua essência difere de seu poder, que existem três almas vegetativas: a nutritiva, a aumentativa e a generativa; que a memória das coisas espirituais é espiritual, e a memória das corporais corporal; que a alma razoável é uma forma imaterial quanto às operações, e material quanto ao ser» Entendeste algo? Pois São Tomas escreveu duas mil páginas tão claras como esta. Por isto, sem dúvida, o chamam o anjo da escola. Não se tem inventado menos sistemas para o corpo, para explicar como ouvirá sem ter ouvidos, como olhará sem ter nariz e como tocará sem ter mãos; em que corpo se alojará em seguida, de que modo o eu, a identidade da mesma pessoa há de subsistir, como a alma do homem que se tornou imbecil à idade de quinze anos, e morreu imbecil aos setenta, voltará a unir o fio das idéias que teve na idade da puberdade e por que meio um alma, a cujo corpo se cortou uma perna em Europa e perdeu um braço em América, poderá encontrar a perna e o braço, que quiçá se tenham transformado em legumes, ou tenham passado a formar parte integrante da sangue de qualquer outro animal. Não terminaria nunca de detalhar todas as extravagancias que sobre a alma
humana se tem publicado.

É singular que as leis do povo predileto de Deus não digam uma só palavra acerca da espiritualidade e da imortalidade da alma, nem fale tampouco disto o Decálogo, nem o Levítico, nem o Deuteronômio. Também é indubitável que em nenhuma parte Moisés proponha aos judeus recompensas e penas em outra vida. Não lhes fala nunca da imortalidade de suas almas, nem lhes disse que esperem ir ao céu, nem lhes ameaça com o inferno. Na lei de Moisés tudo é temporal. No Deuteronomio fala aos judeus deste modo:

«Se depois de haver tido filhos e netos prevaricais, sereis exterminados em sua pátria e ficareis reduzidos a escasso número, que viverá espalhados pelas demais nações.
»Eu sou um Deus zeloso que castigo a iniquidade dos pais até a terceira e até a quarta geração.
»Honra a pai e mãe, com o fim de viver muitos anos.
»Sempre terás o que comer, a comida não os faltará nunca.
»Se obedeceres a deuses estrangeiros, serás destruído.
»Se obedeceres ao verdadeiro Deus, terás chuvas na primavera e no outono

trigo, azeite, vinho, feno para os animais, e poderás comer e saciar-te.
»Imprimi estas palavras em seus corações, põe ante seus olhos, escreve-as sobre suas portas com a idéia de que seus dias se multipliquem.
»Faz o que mando, sem tirar nem acrescentar nada.
»Se aparece um profeta que profetize sucessos prodigiosos, se sua predicação es verdadeira, se o que prevê sucede, se diz: vamos, segui comigo aos Deuses estrangeiros... mata-o em seguida, que se levante todo o povo contra ele para feri-lo.
»Quando o Senhor os entregue as nações, degola sem perdoar a um só homem, não tenhais piedade de ninguém.
»No comais animais impuros, como o são o águia, o grifo e o ixião.
»No comais tampouco animais ruminantes e que tenham as unhas fendidas, como o camelo, a lebre, o porco espinho.
»Se observais estos mandatos, sereis abençoados na cidade e nos campos, e serão benditos os frutos de seu ventre, de sua terra e de suas bestas.
»Se não obedeceis todos estes mandamentos nem observais todas as cerimônias, sereis malditos na cidade e nos campos; sofrerás a pobreza e fome, morrerás de frio, de febre e de miséria; tereis sarna, fístulas, ... os assaltarão úlceras nos joelhos e nos músculos.
»O estrangeiro os prestará com usura, porém vocês não lhe prestareis desse modo, porque vocês quereis servir ao Senhor.., etc., etc.

É evidente que em todas estas promessas e ameaças não se trata mais que do temporal, e não se encontra uma só palavra que verse sobre a imortalidade da alma nem sobre a vida futura. Alguns comentaristas ilustres acreditam que Moisés estava inteirado desses dois grandes dogmas, e provam sua opinião apoiando-se não que disse Jacó, o qual acreditando que haviam devorado a seu filho bestas ferozes, exclamou: «Descerei com meu filho ao inferno;» isto é, morrei, já que meu filho está morto. Provam também sua crença citando passagens de Isaías e de Ezequiel; Porém os hebreus a quem falou Moisés, não poderiam ter lido a Isaías nem a Ezequiel, que escreveram muitos séculos depois. É inútil questionar sobre o que secretamente opinava Moisés, já que está comprovado que em suas leis não falou nunca da vida futura, e que limita os castigos e as recompensas ao tempo presente. Se conheceu a vida futura, por que não proclamou este dogma? tal pergunta contestam vários comentaristas, dizendo que o Senhor de Moisés e de todos os homens, reservou-se o direito de explicar em tempo oportuno aos judeus uma doutrina que não estavam em estado de compreender quando viviam no deserto. Se Moisés tivesse anunciado a imortalidade da alma, ter-lhe-ia combatido uma importante escola dos judeus, a dos saduceus, autorizada pelo Estado, que lhes permitia desempenhar os primeiros cargos da nação e nomear grandes pontífices a seus sectários.

Até depois da fundação de Alexandria não se dividiram os judeus em três seitas: a dos fariseus, dos saduceus e dos essênios. O historiador Flávio Josefo, que era fariseu, nos refere no livro XIII de suas Antigüidades, que os fariseus acreditavam na metempsicose; os saduceus acreditavam que a alma perecia com o corpo, e os

essênios, que a alma era imortal. Segundo esses, as almas, em forma aérea, descendiam da mais alta região dos ares, para introduzir-se nos corpos, pela violenta atração que exerciam sobre elas; e quando morriam os corpos, as almas que haviam pertencido aos bons, iam a morar mais além, lá do Oceano, em um país onde não se sentia calor nem frio, nem havia vento nem chovia. As almas dos maus iam a morar em um clima perverso. Esta era a teologia dos judeus. O que devia ensinar a todos os homens, condenou a estas três seitas. Sem seu auxilio não tivéssemos chegado nunca a compreender nossa alma, porque os filósofos não tiveram jamais uma idéia determinada dela, e Moisés, único legislador do mundo antigo, que falou com Deus frente a frente, deixou a humanidade imersa na mais profunda ignorância respeito deste ponto. Só depois de mil e setecentos anos teremos a certeza da existência e da imortalidade da alma. Cícero abrigava suas dúvidas. Seu neto e sua neta souberam a verdade pelos primeiros galileus que foram a Roma. Porém antes dessa época, e depois dela, em todo o resto do mundo, donde apóstolos não penetraram, cada qual devia perguntar a sua alma, que és? de donde vens? que fazes? onde vais? És um não sei que, que pensas e sentes, porém ainda que sintas e penses mais de cem milhões de anos, não conseguirás saber mais sem o auxilio de Deus, que te concedeu o entendimento para que te sirva de guia, porém não para penetrar na essência. Assim pensou Locke, e antes que Locke, Gassendi, e antes que Gassendi, muitos sábios; porém hoje os bacharéis sabem o que esses grandes homens ignoravam.

Inimigos encarniçados da razão, se tem atrevido a opor a essas verdades reconhecidas pelos sábios, levando sua má-fé e sua imprudência até o extremo de imputar ao autor desta obra a opinião de que cada alma é matéria. Perseguidores da inocência, bem sabeis que temos dito o contrario; e que dirigindo-nos a Epicuro, a Demócrito e a Lucrécio, perguntamos: «Como podeis crer que um átomo pense? confesso-te que não sabeis nada». Logo são uns caluniadores os que me perseguem.
Ninguém sabe o que é o ser que chamamos espírito, ao que vocês mesmos dão um nome material, fazendo-lhe sinônimo de ar. Os primeiros pais da Igreja acreditavam que a alma era corporal. É impossível que nós, que somos seres limitados, saibamos se nossa inteligência é substância ou faculdade; não podemos conhecer a fundo nem o ser extenso nem o ser pensante, ou seja, o mecanismo do pensamento. Apoiados na opinião de Gassendi e de Locke, afirmamos que por nós mesmos não podemos conhecer os segredos do Criador. Sois Deuses que sabeis tudo? Repetimos que só podemos conhecer pela revelação da natureza e o destino da alma; e esta revelação não os basta. Devem ser inimigos da revelação, porque perseguem aos que a crêem e aos que dela o esperam tudo.

Referimo-nos à palavra de Deus; e vocês, que fingindo religiosidade, são inimigos de Deus e da razão, que blasfemam uns de outros, tratem a humilde submissão do filósofo, como o lobo trata ao cordeiro nas fábulas de Esopo, e lhe dizem: «Murmuras-te de mim o ano passado; devo beber teu sangue». Porém a filosofia não se vinga, se ri desses vãos esforços e ensina tranqüilamente aos homens que quereis embrutecer, para que sejam iguais a vós.

Voltaire (François Marie Arouet) (1694-1778)

Nascido em Paris, em 21 de novembro de 1694, falecido em 30 de maio de 1778, foi o pensador mais influente do período do iluminismo francês. Em sua época, foi considerado um dos maiores poetas e dramaturgos de seu tempo. Hoje, a figura de Voltaire é mais relacionada aos seus ensaios e seus contos. O nome Voltaire, na verdade, foi por ele adotado após a passagem pela prisão na Bastilha durante um ano, por sua vez ocorrida devido a alguns versos satíricos dos quais foi acusado de ser autor. A tragédia Édipo (Oedipe) abriu passagem para sua incursão no meio intelectual, tendo sido escrita no período de sua detenção na Bastilha. Uma outra obra que merece ser citada é o conto Cândido, escrito em 1759. Já em seus escritos filosóficos, as obras que devem ser citadas são o Tratado de Metafísica (Traite de Metaphysique), de 1734, e o Dicionário Filosófico (Dictionaire Philosophique), de 1764. Seu pensamento foi calcado nas bases do racionalismo, instrumento com o qual procurava pregar a reforma social sem a destruição do regime já estabelecido. Muito de sua luta dirigia-se contra a Igreja e, na atualidade, alguns chegam a considerar Voltaire como um predecessor do anti-semitismo moderno, dadas seus pensamentos acerca dos judeus, tidos por ele como fanáticos supersticiosos. No entanto, ele se opôs à perseguição a estes povos. Colaborou ainda com um dos enciclopedistas mais radicais, Diderot.

As Cartas de Amabed

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

As Cartas de Amabed, etc. (1769)
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Fonte Digital
www.jahr.org
“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.” — Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft:
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO
BIOGRAFIA DO AUTOR
PRIMEIRA CARTA
de Amabed a Xastasid, grande brâmane de Madura
RESPOSTA
de Xastasid
SEGUNDA CARTA
de Amabed a Xastasid
RESPOSTA
de Xastasid
TERCEIRA CARTA
de Amabed a Xastasid
QUARTA CARTA
de Amabed a Xastasid
PRIMEIRA CARTA
de Adate a Xastasid
SEGUNDA CARTA
de Adate a Xastasid
TERCEIRA CARTA
de Adate a Xastasid
QUARTA CARTA
de Adate a Xastasid
RESPOSTA
do brâmane Xastasid às quatro cartas precedentes de Adate
QUINTA CARTA

de Adate ao grande brâmane Xastasid

SEXTA CARTA

de Adate

SÉTIMA CARTA

de Adate

PRIMEIRA CARTA

de Amabed a Xastasid, após o seu cativeiro.

SEGUNDA CARTA

de Amabed, em viagem

TERCEIRA CARTA

do diário de Amabed

QUARTA CARTA

de Amabed a Xastasid

QUINTA CARTA

de Amabed

SEXTA CARTA

de Amabed, em viagem

SÉTIMA CARTA

de Amabed

OITAVA CARTA

de Amabed

NONA CARTA

de Amabed

DÉCIMA CARTA

de Amabed

UNDÉCIMA CARTA

de Amabed

DUODÉCIMA CARTA

de Amabed

DÉCIMA-TERCEIRA CARTA

de Amabed
DÉCIMA QUARTA CARTA
de Amabed
DÉCIMA-QUINTA CARTA
de Amabed
DÉCIMA-SEXTA CARTA
de Amabed
DÉCIMA-SÉTIMA CARTA
de Amabed
DÉCIMA-OITAVA CARTA
de Amabed
DÉCIMA-NONA CARTA
de Amabed
VIGÉSIMA CARTA
de Amabed
NOTAS

AS CARTAS
DE
AMABED, ETC.

(Traduzidas pelo Padre Tamponet)

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Voltaire é surpreendente. Nunca chega ao superficial, seja qual for o texto. Às vezes é mais cuidadoso e profundo, em outras mais leve, mas é sempre ele. Não se pode dizer o mesmo, por exemplo, de Shakespeare. Macbeth, Romeu e Julieta ou A Megera Domada parecem escritos por pessoas diferentes. Há letristas (aqueles que fizeram curso de Letras) assegurando que Shakespeare era mais de um ou nenhum deles. Ora, continuem a fazer suas classificações, compliquem a gramática que já conhecíamos, mas deixem o maior dos dramaturgos em paz e, por favor, não incomodem Voltaire; a réplica pode ser fatal.

As cartas de Amabed carregam o mesmo estilo do pensador, que as obras didáticas insistem em classificar entre os iluministas e racionalistas (custaria ler com um pouco mais de cuidado?).

Falando a sério: século XVIII, na Inglaterra, explodiam os romances em forma de correspondência. Voltaire não simpatizava muito

com essa moda, escreveu Abamed como paródia do gênero literário e o fez com a genialidade que lhe era peculiar; valorizou o estilo.

A perspicácia, o humor irreverente, a sátira sutil ou grotesca continuam presentes.

Já vi muitos ironizarem o catolicismo, na sua versão apostólico-romana; como Voltaire nunca. Esculhamba Roma, o Vaticano, a escolha do Papa (a quem chama de vice-Deus). Arrasa os padres, bispos, a religião em suma. Sempre compara com as crenças da Índia, mais antigas, puras e honestas.

Como sempre, satiriza os costumes; vejamos alguns exemplos:

Da Itália, na verdade da língua ali empregada, delicadamente comenta:

> "Ensino a um deles a língua hindu, e ele, em recompensa, ensina-me um jargão que tem curso na Europa e a que chamam italiano. É uma língua engraçada. Quase todas as palavras terminam em a, em e, em i, em o; aprendo-o facilmente, e em breve terei o prazer de ler livros europeus."

Sobre o eurocentrismo, que ainda hoje prejudica o nosso entendimento sobre a história universal, diz:

> "Lemos juntos um livro de seu país, que me pareceu bastante estranho. É uma história universal na qual não se diz uma só palavra sobre o nosso antigo império, nem nada das imensas regiões de além do Ganges, nada da China, nada da vasta Tartária. Evidentemente, os autores, nesta parte da Europa, devem ser muito ignorantes. Comparo-os a aldeões que falam com ênfase das suas choupanas e não sabem onde é a capital; ou antes àqueles que pensam que o mundo termina nos limites de seu horizonte."

A divergência entre seitas religiosas, dentro do mesmo catolicismo, não ficou incólume:

> "Disse-me o capitão que esse esmoler é franciscano e que, sendo o outro dominicano, vêem-se obrigados em consciência a nunca estar de acordo. As suas seitas são inimigas declaradas uma da outra; assim, vestem-se eles diversamente, para marcar a sua diversidade de opiniões."

A Bíblia Sagrada não foi deixada de lado:

“O nosso esmoler Fa Molto leu-nos coisas ainda mais maravilhosas. Ora é um burro que fala, ora um dos seus santos que passa três dias e três noites no ventre de uma baleia e que dali sai de muito mau-humor. Aqui é um pregador que foi pregar no céu, sobre um carro de fogo puxado por quatro cavalos de fogo. Acolá é um doutor que atravessa o mar a seco, seguido de dois ou três milhões de homens que fogem a seco. Outro doutor faz parar o sol e a lua; mas isto não me surpreende: tu mo ensinaste.

O que mais me penaliza, a mim que faço questão de asseio e de pudor, é que o Deus dessa gente ordena a um de seus pregadores que coma certa matéria com o seu pão, e a um outro que durma por dinheiro com mulheres alegres e lhes faça filhos.

Ainda há pior. O erudito homem nos deu a conhecer as duas irmãs Oola e Ooliba. Tu bem as conheces, pois tudo leste. Esse trecho muito escandalizou a minha mulher, que enrubesceu até o branco dos olhos. Notei que a boa Dera ficava toda vermelha. Esse franciscano deve ser um pândego.”

O conhecido alcoolismo, de muitos europeus, também teve seu espaço:

> “Havia lá dois marinheiros, que também se enciumaram. Terrível paixão, o ciúme. Os dois marinheiros e os dois padres haviam bebido muito desse licor que dizem Inventado pelo seu Noé e cuja autoria atribuímos a Baco: funesto presente, que poderia ser útil, se não nos fosse tão fácil abusar dele. Dizem os europeus que essa beberagem lhes dá espírito. Como pode ser isso, se lhes tira a razão?”

O Papa não escapou:

> “Esse Deus na terra chama-se Leão, décimo do nome. É um belo homem de trinta e quatro a trinta e cinco anos, e muito amável; as mulheres estão loucas por ele. Achava-se atacado de um mal imundo, que só é bem conhecido na Europa, mas que os portugueses começam a introduzir no Indostão. Julgavam que disso morreria, e foi por isso mesmo que o elegeram, a fim de que o sublime posto ficasse logo vago; mas curou-se, e zomba daqueles que o nomearam. Nada mais magnífico do que a sua coroação, na qual gastou ele cinco

> milhões de rúpias, para prover às necessidades de seu Deus, que foi tão pobre! Não pude escrever-te na agitação das festas; sucederam-se tão rapidamente, tive de assistir a tantas diversões, que não sobrou um momento de lazer."

Também anunciou o perigo de um povo insatisfeito, idéia que viria a ser defendida por Lenin e Mao-Tse-Tung, muitas décadas depois:

> "Era esse mesmo que fazia as raparigas dançarem sem nenhum ornamento supérfluo. Seus escândalos deviam inspirar desprezo, seus atos de barbárie deviam aguçar mil punhais contra ele; no entanto, viveu cheio de veneração e com toda a tranqüilidade, na sua corte. A razão disso, ao que me parece, é que os padres afinal saíam ganhando com todos os seus crimes, e os povos não perdiam nada. Mas logo que estes se sentirem por demais afrontados, hão de quebrar as cadeias. Cem golpes de aríete não puderam abalar o colosso: um seixo o deitará por terra. É o que dizem por aqui as pessoas esclarecidas que gostam de profetizar."

O velho lema do cristianismo: “ofereça a outra face”, não ficou impune:

> “Mas o de roxo nos disse:— Bem se vê que os amigos Amabed e Adate ainda não completaram a sua educação: é dever essencial neste país beijar os nossos maiores inimigos; na primeira oportunidade mandem envenená-los, se puderem; mas, enquanto isto, não deixem de lhes demonstrar a mais profunda amizade.”

Voltaire, mais uma vez, nos ensina a sorrir diante das contradições sociais.

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

PRIMEIRA CARTA
de Amabed a Xastasid, grande brâmane de Madura

Benares, a dois do mês do rato do ano 115.652 da renovação do mundo. (1)

Luz de minh'alma, pai de meus pensamentos, tu que conduzes os homens nas vias do Eterno, a ti, sábio Xastasid, respeito e ternura.

De tal forma já me familiarizei com a língua chinesa, conforme os teus sábios conselhos, que leio com proveito os seus cinco Kings, que me parecem igualar-se em antigüidade ao nosso Xasta, de que és intérprete, às sentenças do primeiro Zoroastro e aos livros do egípcio Thaut.

Afigura-se a minh'alma, que sempre se abre diante de ti, que esses escritos e esses cultos nada tomaram uns dos outros: pois somos os únicos a quem Brama, confidente do Eterno, ensinou a rebelião das criaturas celestes, o perdão que o Eterno lhes concede e a formação do

homem; os outros nada disseram, ao que me parece, dessas coisas sublimes.

Creio sobretudo que nada tomamos, nem nós, nem os chineses, aos egípcios. Não conseguiram formar uma sociedade policiada e sensata senão muito tempo depois de nós, pois tiveram de dominar o Nilo antes que pudessem cultivar os campos e construir cidades.

Confesso que o nosso divino Xasta tem apenas 4.552 anos de antigüidade; mas está provado por nossos monumentos que essa doutrina era ensinada de pai para filho e mais de cem séculos antes da publicação desse livro sagrado. Espero, quanto a isto, as instruções de tua paternidade. Depois da tomada de Goa pelos portugueses, chegaram a Benares alguns doutores da Europa. Ensino a um deles a língua hindu, e ele, em recompensa, ensina-me um jargão que tem curso na Europa e a que chamam italiano. É uma língua engraçada. Quase todas as palavras terminam em a, em e, em i, em o; aprendo-o facilmente, e em breve terei o prazer de ler livros europeus.

Esse doutor chama-se o padre Fa Tutto; parece polido e insinuante; apresentei-o a Encanto dos Olhos, a bela Adate, que os meus pais e os seus me destinam para esposa; ela aprende italiano comigo. Conjugamos juntos o

verbo amar, logo no primeiro dia. Levamos dois dias com todos os outros verbos. Depois dela, és tu o mortal mais perto de meu coração. Rogo a Birma e a Brama que conservem teus dias até a idade de cento e trinta anos, passados os quais a vida não é mais que um fardo.

RESPOSTA
de Xastasid

Recebi tua carta, espírito filho de meu espírito. Possa Druga (2), montada no seu dragão, estender sempre sobre ti os seus dez braços vencedores dos vícios.

É verdade (e por isso não nos devemos envaidecer) que somos o povo mais antigamente civilizado do mundo. Os próprios chineses não o negam. Os egípcios são um povo muito recente, que foi ensinado pelos caldeus. Não nos gloriemos por sermos os mais antigos; e tratemos de ser sempre os mais justos.

Saberás, meu caro Amabed, que, não faz muito, chegou até os ocidentais uma fraca imagem da nossa revelação sobre a queda dos seres celestiais e a renovação do mundo. Encontro, numa tradução árabe de um livro sírio, composto apenas há uns mil e quatrocentos anos, estas palavras textuais: E os anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, conservou-os o Senhor em prisões eternas, até o juízo daquele grande dia (3). Cita o autor em abono um livro composto por um

de seus primeiros homens, chamado Enoch. Bem vês que as nações bárbaras não foram jamais esclarecidas senão por um flébil raio enganoso, que até eles se desviou do seio da nossa luz.

Muito receio, caro filho, a irrupção dos bárbaros da Europa em nossas felizes plagas. Sei muito bem quem é esse Albuquerque que aportou das ribas do Ocidente a estas terras prediletas do sol. E um dos mais ilustres salteadores que já assolaram a face da terra. Apoderou-se de Goa contra a fé pública. Afogou no sangue a homens justos e pacíficos. Esses ocidentais habitam um país pobre que lhes dá muito pouca seda: nada de algodão, nada de açúcar, nenhuma especiaria. Falta-lhes até a espécie de terra com que fabricamos porcelana. Deus lhes recusou o coqueiro, que dá sombra, abriga, veste, nutre e dessedenta aos filhos de Brama. Não conhecem senão um licor, que lhes tira a razão. Sua verdadeira divindade é o ouro; saem em busca desse deus até os confins do mundo.

Quero crer que o teu doutor seja um homem de bem; mas o Eterno nos permite desconfiar desses estrangeiros. Se são carneiros em Benares, dizem que são tigres nas regiões onde os europeus se estabeleceram.

Queira Deus que nem tu, nem a bela Adate tenha jamais a mínima razão de queixa contra o

padre Fa Tutto! Mas alarma-me um secreto pressentimento. Adeus. Que em breve Adate, a ti unida por um santo matrimônio, possa gozar nos teus braços as alegrias celestiais!

Esta carta te chegará por um baniano, que só partirá na lua cheia do elefante.

SEGUNDA CARTA
de Amabed a Xastasid

Pai de meus pensamentos, tive tempo de aprender esse jargão da Europa antes que o teu comerciante baniano chegasse às margens do Ganges. O padre Fa Tutto continua a testemunhar-me sincera amizade. Na verdade, começo a crer que ele não se assemelha em nada aos pérfidos cuja maldade temes com tamanha razão. A única coisa que me poderia causar desconfiança é que ele me louva em demasia e não louva suficientemente a Encanto dos Olhos; parece-me, contudo, cheio de virtude e unção. Lemos juntos um livro de seu país, que me pareceu bastante estranho. É uma história universal na qual não se diz uma só palavra sobre o nosso antigo império, nem nada das imensas regiões de além do Ganges, nada da China, nada da vasta Tartária. Evidentemente, os autores, nesta parte da Europa, devem ser muito ignorantes. Comparo-os a aldeões que falam com ênfase das suas choupanas e não sabem onde é a capital; ou antes àqueles que pensam que o mundo termina nos limites de seu horizonte. O que mais me surpreendeu é que eles contam o tempo, desde a criação do seu mundo, de

maneira inteiramente diversa da nossa. O meu doutor europeu mostrou-me um de seus almanaques sagrados, pelo qual os seus patrícios estão agora no ano 5.552 da sua criação, ou no ano 6.244, ou então no ano 6.940, à vontade (4). Essa esquisitice muito me surpreendeu. Perguntei-lhe como podiam ter três épocas diferentes da mesma aventura. “Não podes ter ao mesmo tempo – disse-lhe eu – trinta, quarenta e cinqüenta anos. Como pode o teu mundo ter três datas que se contrariam?” Respondeu-me que essas três datas se encontram no mesmo livro e que, entre eles, se é obrigado a acreditar nas contradições para humilhar a soberbia do espírito.

Esse mesmo livro trata de um primeiro homem que se chamava Adão, de um Caim, de um Matusalém, de um Noé que plantou vinhas depois que o oceano submergiu todo o globo; enfim, de uma infinidade de coisas de que nunca ouvi falar e que não li em nenhum dos nossos livros. Isso tudo nos fez rir, à bela Adate e a mim, na ausência do padre Fa Tutto: pois somos muito bem educados e muito cônscios das tuas máximas para rirmos das pessoas na sua presença.

Lamento esses infelizes da Europa que só foram criados há 6940 anos, quando muito; ao passo que a nossa era é de 115.652 anos. Muito

mais os lamento por não terem pimenta, canela, cravo, chá, café, algodão, verniz, incenso, arômatas e tudo quanto pode tornar a vida agradável: na verdade a Providência deve tê-los negligenciado por muito tempo. Mas ainda mais os lamento por virem de tão longe, em meio a tantos perigos, arrebatar de arma em punho os nossos gêneros. Dizem que em Calicute, por causa da pimenta, cometeram crueldades espantosas: isso faz fremir a natureza indiana, que é muito diferente da sua, pois os seus peitos e coxas são peludos. Usam longas barbas, e seus estômagos são carnívoros. Embriagam-se com o suco fermentado da vinha, plantada, dizem eles, pelo seu Noé. O próprio padre Fa Tutto, por mais polido que seja, torceu o pescoço a dois franguinhos; mandou-os cozinhar numa caldeira e comeu-os impiedosamente. Esse bárbaro ato atraiu-lhes o ódio de toda a vizinhança, que só com muita dificuldade pudemos apaziguar. Deus me perdoe! Creio que esse estrangeiro seria capaz de comer as nossas vacas sagradas, que nos dão leite, se lho tivessem permitido. Ele prometeu que não mais cometeria assassínio contra os frangos, e que se contentaria com ovos frescos, leite, arroz, os nossos excelentes legumes, pistaches, tâmaras, cocos, doces de amêndoas, biscoitos, ananazes, laranjas e tudo o que produz o nosso clima abençoado pelo Eterno. De alguns dias para cá, parece mais solícito com Encanto dos Olhos.

Chegou a fazer para ela dois versos italianos que terminam em o. Agrada-me essa polidez, pois sabes que a minha maior felicidade é que façam justiça à minha querida Adate.

Adeus. Coloco-me a teus pés, que sempre te levaram pelo caminho reto, e beijo as tuas mãos, que jamais escreveram senão a verdade.

RESPOSTA
de Xastasid

Meu caro filho em Birma, em Brama, não gosto do teu Fa Tutto que mata frangos e que faz versos para a tua querida Adate. Praza a Birma tornar vãs as minhas suspeitas!

Posso jurar-te que jamais foram conhecidos o Adão nem o Noé deles em nenhuma parte do mundo, apesar de tão recentes. A própria Grécia, que era a assembléia de todas fábulas quando Alexandre se aproximou de nossas fronteiras, nunca ouviu falar de tais nomes. Não me espanta que amadores de vinho como os povos ocidentais façam tanto caso daquele que, segundo eles, plantou a vinha; mas podes ficar certo de que Noé foi ignorado de toda a antigüidade conhecida. É verdade que nos tempos de Alexandre havia, em um recanto da Fenícia, um pequeno povo de corretores e usurários, que durante muito tempo estivera cativo em Babilônia. Durante a sua escravidão, arranjaram eles uma história, e é essa a única história do mundo em que se trata de Noé. Esse pequeno povo, depois que obteve privilégios em Alexandria, traduziu ali os seus anais para o grego. Foram depois traduzidos para

o árabe, e só nos últimos tempos é que os nossos sábios tiveram algum conhecimento dos referidos anais. Mas essa história é tão desprezada por eles quanto a miserável horda que a escreveu (5).

Seria muito engraçado, com efeito, que todos os homens, que são irmãos, tivessem perdido os seus títulos de família, e que esses títulos só se encontrem num pequeno ramo de usurários e leprosos. Receio, meu caro amigo, que os concidadãos do teu padre Fa Tutto, que, como dizes, adotaram tais idéias, sejam tão insensatos e ridículos quanto interesseiros, pérfidos e cruéis.

Desposa o quanto antes a tua encantadora Adate, pois, inda uma vez te digo, temo mais os Fa Tutto que os Noés.

TERCEIRA CARTA
de Amabed a Xastasid

Abençoado seja para sempre Birma, que fez o homem para a mulher! Abençoado sejas tu, ó caro Xastasid, que tanto te interessas pela minha felicidade! Encanto dos Olhos é minha; desposei-a. Já não toco a terra, estou no céu: só tu me faltavas nessa divina cerimônia. O doutor Fa Tutto foi testemunha de nossos santos compromissos; e, embora não pertença à nossa religião, não fez objeção alguma em escutar os nossos cantos e preces; esteve muito alegre no festim das núpcias. Sucumbo de felicidade. Tu gozas de outra espécie de ventura, tu possuía a sabedoria; mas a incomparável Adate me possui. Sê por muito tempo feliz, sem paixões, enquanto a minha me afoga num mar de volúpias. Nada mais te posso dizer: torno a voar para os braços de Adate.

QUARTA CARTA
de Amabed a Xastasid

Caro amigo, caro pai, nós partimos, a terna Adate e eu, para te pedir a bênção.

Nossa felicidade seria incompleta se não cumpríssemos esse dever de nossos corações; mas – acreditas? – passamos por Goa, em companhia do famoso comerciante Coursom e sua esposa. Diz Fa Tutto que Goa se tornou a mais bela cidade da Índia, que o grande Albuquerque nos receberá como embaixadores, que nos cederá um navio de três velas para nos levar a Madura. Fa Tutto convenceu minha mulher; e eu concordei com a viagem logo que ela concordou. Fa Tutto nos garante que em Goa se fala mais italiano do que português Encanto dos Olhos anseia por fazer uso de uma língua que acaba de aprender. Dizem que há pessoas que têm duas vontades; mas Adate e eu não temos mais que uma, porque, entre os dois, possuímos uma única alma. Enfim, partimos amanhã, com a doce esperança de derramar nos teus braços, antes de dois meses, as lágrimas da alegria e da ternura.

PRIMEIRA CARTA
de Adate a Xastasid

Goa, 5 do mês do tigre do ano 115.652 da renovação do mundo.

Birma, ouve meus gritos, vê minhas lágrimas, salva meu caro esposo! Brama, filho de Birma, leva minha dor e meu temor a teu pai! Generoso Xastasid, mais sábio do que nós, bem que havias previsto os nossos males. O meu caro Amabed, teu discípulo, meu terno esposo, não mais te escreverá; acha-se em uma fossa a que os bárbaros chamam prisão. Indivíduos que não posso definir (aqui são chamados de inquisitori, não sei o que essa palavra significa) esses monstros, no dia seguinte ao da nossa chegada, prenderam a meu marido e a mim, e nos puseram cada um em uma fossa separada, corno se estivéssemos mortos. Mas, se o estivéssemos, teriam ao menos de nos sepultar juntos. Não sei o que fizeram de meu querido Amabed. Disse a meus antropófagos: “Onde está Amabed? Não o matem. Matem a mim”. Nada me responderam. “Onde está ele? Por que me separaram dele?”

Conservaram-se em silêncio, e puseram-me grilhões. Há já uma hora que desfruto de um pouco mais de liberdade; o comerciante Coursom achou meios de conseguir-me papel, um pincel e tinta. Minhas lágrimas embebem tudo, minha mão treme, meus olhos se turvam, eu morro.

SEGUNDA CARTA
de Adate a Xastasid

Escrita da prisão da Inquisição

Divino Xastasid, estive ontem por muito tempo desfalecida; não pude terminar a carta. Dobrei-a quando recuperei um pouco os sentidos; guardei-a no seio, que não amamentará os filhos que eu esperava ter de Amabed; morrerei antes que Birma me haja concedido a fecundidade.

Esta manhã, ao clarear do dia, entraram na minha fossa dois espectros, armados de alabardas e trazendo cada um ao pescoço uns grãos enfiados e no peito quatro pequenas fitas vermelhas cruzadas. Tomaram-me pelas mãos, sempre sem me dizer palavra, e levaram-me para uma peça onde, por toda mobília, havia uma grande mesa, cinco cadeiras, e um enorme quadro que representava um homem nu, com os braços estendidos e os pés juntos.

Entram em seguida cinco personagens de vestido negro e uma camisa por cima do vestido e duas longas tiras, de um tecido variegado, sobre a

camisa. Tombei de terror. Mas qual não foi a minha surpresa! Vi o padre Fa Tutto entre aqueles cinco fantasmas. Vi-o, ele enrubesceu; mas olhou-me com um ar de doçura e compaixão que me tranqüilizou um pouco por um momento.

— Ah! padre Fa Tutto – disse eu, – onde é que estou? Que é feito de Amabed? Em que abismo me lançou o senhor? Dizem que há nações que se alimentam de sangue humano: vão matar-nos? vão devorar-nos?

Ele só me respondeu erguendo os olhos e as mãos ao céu, mas com uma atitude tão dolorosa e tão terna que eu não sabia mais o que pensar.

O presidente daquele conselho de mudos desprendeu afinal a língua e dirigiu-se a mim; disse-me estas palavras: “É verdade que foste batizada?” Tão abismada estava eu no meu pasmo e na minha dor que a princípio não pude responder. Repetiu a mesma pergunta com voz terrível Meu sangue gelou-se, e minha língua grudou no céu da boca. Ele repetiu as mesmas palavras pela segunda vez, e afinal eu respondi sim, pois nunca se deve mentir. Fui batizada no Ganges, como o são todos os fiéis filhos de Brama, como tu o foste, divino Xastasid, como o foi o meu querido e infeliz Amabed. Sim, eu sou batizada, é o meu consolo, é a minha glória. Confessei-o diante daqueles espectros.

Mal essa palavra sim, símbolo da verdade, saiu de minha boca, um dos cinco monstros negros e brancos gritou: Apóstata! os outros repetiram: Apóstata! Não sei o que quer dizer esta palavra, mas eles a pronunciaram num tom tão lúgubre e terrível que os meus três dedos se convulsionam ao escrevê-la.

Então o padre Fa Tutto, tomando a palavra, e sempre a fitar-me com olhar benigno, assegurou-lhes que eu tinha no fundo bons sentimentos, que ele respondia por mim, que a graça operaria, que ele se encarregaria de minha consciência; e terminou seu discurso, do qual eu não compreendia nada, com estas palavras: Io la converterò. Isso significa em italiano, pelo que eu posso alcançar: Eu a reverterei.

Como! dizia eu comigo, ele me reverterá! Que entende ele por reverter-me? Quer dizer que me devolverá à minha pátria!

— Ah! padre Fa Tutto – disse-lhe eu, – reverta então o jovem Amabed, meu terno esposo; devolva a minha alma, devolva a minha vida.

Então ele baixou os olhos; falou em segredo aos quatro fantasmas, a um canto da peça. Partiram com os dois alabardeiros. Todos fizeram uma profunda reverência ao quadro que representa um homem nu; e o padre Fa Tutto ficou a sós comigo.

Conduziu-me a um quarto bastante limpo e prometeu-me que, se eu quisesse abandonar-me a seus conselhos, não mais seria encerrada em uma fossa.

— Estou tão desesperado como a senhora – me disse ele – com tudo o que aconteceu. Opus-me o quanto pude; mas as nossas santas leis me ataram as mãos; afinal, graças ao céu e a mim, a senhora está livre, em um bom quarto, de onde não pode sair. Virei vê-la seguidamente tratarei de a consolar, trabalharei por sua felicidade presente e futura.

— Ah! – respondi-lhe – não há senão o meu querido Amabed que a possa fazer, essa felicidade, e acha-se em uma fossa! Por que me puseram lá? Quem são esses espectros que me perguntaram se eu tinha sido banhada? Aonde me conduziu o senhor? Não me terá enganado? Será o causador destas horríveis crueldades? Mande chamar o negociante Coursom, que é de meu país e homem de bem. Devolvam-me a minha aia, a minha companheira, a minha amiga Dera, de quem me separaram. Estará ela também num calabouço por haver sido banhada? Que venha; que eu torne a ver Amabed, ou que morra!

Respondeu às minhas palavras, e aos soluços que as entrecortavam, com protestos de dedicação e zelo, que bastante me comoveram.

Prometeu-me que me esclareceria as causas de toda esta espantosa aventura, e que faria que me devolvessem a minha pobre Dera, enquanto trataria de libertar a meu marido. Ele me lamentou; notei até que tinha os olhos um tanto úmidos. Enfim, quando bateu um sino, retirou-se do meu quarto e, tomando a minha mão, colocou-a sobre o seu peito. É o sinal visível, como bem sabes, da sinceridade, que é invisível. Já que ele pôs a minha mão sobre o seu peito, não me enganará. E por que me há de enganar? Que lhe fiz eu, para que me persiga? Nós o tratamos tão bem em Benares, o meu marido e eu! Dei-lhe tantos presentes, quando me ensinava italiano! E ele, que fez versos em italiano para mim, não me poderá odiar. Hei de considerá-lo como meu benfeitor, se ele me devolver meu infeliz esposo, se pudermos ambos sair desta terra invadida e habitada por antropófagos, se pudermos ir abraçar teus joelhos em Madura e receber a tua santa benção.

TERCEIRA CARTA
de Adate a Xastasid

Sem dúvida permites, generoso Xastasid, que eu te envie o diário de meus inauditos infortúnios; tu amas Amabed, tens piedade de minhas lágrimas, lês com interesse num coração ferido de todos os lados, que te expõe as suas inconsoláveis aflições.

Devolveram-me a minha amiga Dera, e eu choro com ela. Os monstros a tinham posto numa fossa, como a mim. Não temos notícia alguma de Amabed. Estamos na mesma casa, e há entre nós um espaço infinito, um caos impenetrável. Mas aqui estão coisas que hão de arrepiar tua virtude e dilacerar tua alma justa.

Minha pobre Dera soube, por um desses dois satélites que marcham sempre à frente dos cinco antropófagos, que esta nação tem um batismo, como nós. Ignoro como puderam chegar até eles os nossos ritos sagrados. Pretenderam que havíamos sido batizados segundo os ritos de sua seita. São tão ignorantes que não sabem que adotaram de nós o batismo, há muito poucos séculos. Imaginaram esses bárbaros que éramos

da sua seita e havíamos renunciado ao seu culto. Eis o que queria dizer essa palavra apóstata, que os antropófagos faziam reboar a meus ouvidos com tamanha ferocidade. Dizem que é um crime horrível e digno dos maiores suplícios pertencer a outra religião que não a sua. Quando o padre Fa Tutto lhes dizia: Io la converteró – eu a reverterei – entendia que me faria reverter à religião dos bandidos. Não compreendo nada; meu espírito acha-se coberto de uma nuvem, como os meus olhos. Talvez o desespero me perturbe o entendimento; mas não posso compreender como é que esse Fa Tutto, que me conhece tão bem, pode dizer que me traria de volta a uma religião que eu jamais conheci; e que é tão ignorada em nossos climas como o eram os portugueses quando chegaram pela primeira vez à Índia para procurar pimenta de armas em punho. Perdemo-nos em nossas conjeturas, a boa Dera e eu. Ela suspeita o padre Fa Tutto de alguns secretos desígnios; mas livre-me Birma de formar um juízo temerário!

Quis escrever ao grande bandido Albuquerque para implorar sua justiça, e para lhe pedir a liberdade de meu caro esposo. Mas disseram-me que havia partido para atacar e pilhar Bombaim. Como! vir de tão longe no intento de assolar nossas habitações e matar-nos! e no entanto esses monstros são batizados como nós! Dizem todavia que esse Albuquerque fez

algumas belas ações. Enfim, só tenho esperança no Ser dos seres, que deve punir o crime e proteger a inocência. Mas vi esta manhã um tigre devorar dois cordeiros. Muito receio não ser bastante preciosa perante o Ser dos seres para que ele se digne socorrer-me.

QUARTA CARTA
de Adate a Xastasid

Acaba de sair de meu quarto esse padre Fa Tutto: que entrevista! que complicações de perfídias, de paixões e de torpezas! O coração humano é então capaz de reunir tantas atrocidades? Como as descrever a um justo?

Ele tremia quando entrou. Seus olhos estavam baixos; eu tremi mais do que ele. Logo se acalmou.

— Não sei – disse-me – se poderei salvar teu marido. Os juizes daqui às vezes mostram compaixão para com as mulheres moças, mas são muito severos com os homens.

— Como! A vida de meu esposo não está em segurança?

E tombei desfalecida. Ele procurou águas espirituosas para me reanimar; não as havia. Mandou minha aia Dera comprá-las na casa de um baniano, no outro extremo da rua. Enquanto isto, desenlaçou-me o corpete, para dar passagem aos vapores que me sufocavam. Fiquei atônita, quando recuperei os sentidos, ao notar suas

mãos sobre o meu seio e sua boca sobre a minha. Lancei um grito terrível e recuei de horror. Ele disse:

— Estava tomando umas precauções que a simples caridade indicava. Era preciso que o teu peito, ficasse desafogado e eu verificava a tua respiração.

— Ah! tome as precauções necessárias para que meu marido respire. Ainda está naquela fossa horrível?

— Não. Consegui, com muita dificuldade, fazer que o transferissem para um calabouço mais cômodo.

— Mas, ainda uma vez, qual é o crime dele, qual é o meu? De que provém essa terrível desumanidade? Por que violar conosco os direitos da hospitalidade, o das gentes, o da natureza?

— A nossa santa religião é que nos exige essas pequenas severidades. Pesa sobre ti e teu marido a acusação de haverem renegado ambos o batismo.

— Que quer dizer?! – exclamei então. – Jamais fomos batizados à vossa moda; fomos batizados no Ganges, em nome de Brama. Foi o senhor quem impingiu essa execrável impostura

aos espectros que me interrogaram? Qual seria o seu desígnio?

Ele refugou tal idéia. Falou-me de virtude, de verdade, de caridade; quase dissipou por um momento as minhas suspeitas, assegurando-me que aqueles espectros são pessoas de bem, homens de Deus, juizes da alma, que têm por toda parte santos espiões, e principalmente junto aos estrangeiros que aportam a Goa. Esses espiões, disse ele, juraram a seus confrades, juizes da alma, diante do quadro do homem nu, que Amabed e eu fomos batizados à moda dos salteadores portugueses, e que Amabed é apóstato e eu sou apóstata.

Ó virtuoso Xastasid, o que eu ouço, o que eu vejo, de momento para momento me enche de terror, desde a raiz dos cabelos até a unha do dedo mínimo do pé!

— Como! Então o senhor é – disse eu ao padre Fa Tutto – um dos cinco homens de Deus, um dos juizes da alma?

— Sim, minha cara Adate, sim, Encanto dos Olhos, eu sou um dos cinco dominicanos delegados pelo vice-Deus do universo para dispor soberanamente das almas e dos corpos.

— Que é um dominicano? Que é um vice-Deus?

— Um dominicano é um sacerdote, filho de S. Domingos, inquisidor da fé. E um vice-Deus é um sacerdote que Deus escolheu para representá-lo, para dispor de dez milhões de rúpias por ano, e para enviar a toda a terra dominicanos vigários do vigário de Deus.

— Espero, grande Xastasid, que me expliques essa algaravia infernal, essa incompreensível mistura de absurdos e de horrores, de hipocrisia e de barbárie.

Fa Tutto disse-me tudo aquilo com tal ar de compunção, tal acento de verdade, que, em qualquer outra época, poderia produzir algum efeito em minha alma simples e ignorante. Ora erguia os olhos ao céu, ora os pousava em mim. Estavam animados e cheios de enternecimento. Mas esse enternecimento lançava em todo o meu corpo um frêmito de horror e medo. Amabed está continuamente em minha boca como em meu coração. “Devolvam-me o meu querido Amabed” era o começo, o meio, o fim de tudo quanto eu dizia.

Neste momento chega a minha boa Dera; traz-me águas de cinnamum e de amomum. Essa encantadora criatura achou meios de entregar ao comerciante Coursom as minhas três cartas precedentes. Coursom parte esta noite; dentro em pouco estará em Madura. Serei pranteada pelo

grande Xastasid; ele derramará lágrimas sobre a sorte de meu marido, me dará conselhos, um raio da sua sabedoria penetrará na noite de meu túmulo.

RESPOSTA
do brâmane Xastasid às quatro cartas precedentes de Adate

Virtuosa e infortunada Adate, esposa de meu caro discípulo Amabed, Encanto dos Olhos, os meus lançaram rios de lágrimas sobre as tuas quatro cartas. Que demônio inimigo da natureza desencadeou do fundo das trevas da Europa os monstros a cuja mercê se acha a Índia? Como! terna esposa de meu caro discípulo, não vês que o padre Fa Tutto é um celerado que te fez cair numa armadilha? Não vês que não foi senão ele quem mandou encerrar teu marido numa fossa, e a ti fez o mesmo, para que lhe devesses a obrigação de te retirar dali? O que não irá exigir do teu reconhecimento! Tremo contigo: acabo de denunciar essa violação do direito das gentes a todos os pontífices de Brama, a todos os omras, a todos os raias, aos nababos, e até mesmo ao grande imperador das Índias, o sublime Babar, rei dos reis, primo do sol e da lua, filho de Mirsamacamed, filho de Semcor, filho de Abucaid, filho de Miraca, filho de Timur, a fim de que se oponham de todos os lados aos abusos dos ladrões da Europa. Que abismos de banditismo!

Jamais os sacerdotes de Timur, de Gengiscã, de Alexandre, de Oguskan, de Sesac, de Baco, que vieram sucessivamente subjugar as nossas santas e pacíficas regiões, permitiram esses hipócritas horrores; pelo contrário, Alexandre deixou por toda parte eternas marcas da sua generosidade. Baco só fez o bem: era o favorito do céu; uma coluna de fogo conduzia o seu exército durante a noite, e uma nuvem lhe marchava à frente durante o dia (6); atravessava o Mar Vermelho a pé enxuto; quando lhe convinha, ordenava ao sol e à lua que parassem; dois feixes de raios divinos lhe saíam da fronte; o anjo exterminador estava de pé a seu lado; mas ele empregava sempre o anjo da alegria. Quanto a Albuquerque, pelo contrário, só veio com monges, comerciantes velhacos e com assassinos. Coursom, o justo, confirmou-me a infelicidade de Amabed e a tua. Possa eu, antes de minha morte, salvar a ambos, ou vingar-vos! Possa o eterno Birma arrebatar-vos das mãos do monge Fa Tutto! O meu coração sangra com os ferimentos do teu. N.B. Esta carta só chegou a Encanto dos Olhos muito tempo depois, quando ela partiu da cidade de Goa.

QUINTA CARTA
de Adate ao grande brâmane Xastasid

De que termos ousarei servir-me para exprimir a minha nova desgraça! Como poderá o pudor falar da vergonha? Birma viu o crime, e o sofreu! Que será de mim? A fossa onde eu estava enterrada é menos horrível que a minha situação

O padre Fa Tutto entrou esta manhã no meu quarto, todo perfumado, e coberto de uma simarra de seda leve. Eu estava no leito. “Vitória! – exclamou ele. – Foi assinada a ordem de libertação de teu marido”.

A tais palavras, os transportes da alegria se apoderaram de todos os meus sentidos; chamei-o meu protetor, meu pai. Ele inclinou-se sobre mim, abraçou-me. Julguei a princípio que se tratava de uma carícia inocente, um testemunho casto da sua bondade para comigo; mas, no mesmo instante, afastando-me as cobertas, despindo a simarra, lançando-se sobre mim como uma ave de rapina sobre uma pomba, apertando-me com o peso de seu corpo, tirando com seus braços nervosos todo movimento a meus frágeis

braços, afogando no meu lábio a voz queixosa com criminosos beijos, inflamado, invencível, inexorável... Que momento! E por que foi que eu não morri?

Dera, quase nua, veio em meu socorro, mas quando só um raio me poderia socorrer. O providência de Birma! o raio não tombou, e o detestável Fa Tutto fez chover em meu seio o ardente orvalho de seu crime. Não, nem a própria Druga, com os seus dez braços celestes, poderia afastar aquele indomável Mosasor (7).

A minha querida Dera puxava-o com todas as suas forças, mas imagina tu um passarinho que bicasse a ponta das penas de um abutre encarniçado sobre uma rola: é a imagem do Padre Fa Tutto, de Dera e da pobre Adate.

Para se vingar das importunações de Dera, ele agarra-a, derruba-a com uma das mãos, retendo-me com a outra; trata-a da mesma forma como a mim me tratou, sem misericórdia; em seguida sai altivamente, como um senhor que acaba de castigar a duas escravas, e nos diz: “Fiquem sabendo que eu punirei assim as duas, quando se mostrarem teimosas”.

Ficamos, Dera e eu, um quarto de hora sem que ousássemos dizer uma palavra, sem coragem de olhar uma para a outra. Afinal Dera exclamou:

“Ah! minha querida ama, que homem! Todos os da sua espécie serão tão cruéis como ele”

Quanto a mim, só pensava no infeliz Amabed. Prometeram-me devolvê-lo, e não mo devolvem. Matar-me, seria abandoná-lo; por isso não me matei.

Há já um dia que eu não me alimentava senão de minha dor. Não nos trouxeram comida na hora do costume. Dera se espantava e queixava-se. Parecia-me vergonhoso comer depois do que nos acontecera. No entanto, estávamos com um apetite devorador. Nada vinha e, depois de desfalecer de dor, desmaiávamos de fome.

Enfim, à noite, serviram-nos uma torta de pombos, um frango e duas perdizes, com um único pãozinho; e, para cúmulo do ultraje, uma garrafa de vinho sem água. Era a peça mais cruel que podiam pregar a duas mulheres como nós, depois de tudo o que já tínhamos sofrido; mas, que fazer? Pus-me de joelhos: “O Birma! ó Vixnu! ó Brama! sabem que a alma não é maculada pelo que entra no corpo. Se me destes uma alma, perdoai-lhe a necessidade funesta em que se acha meu corpo de não poder restringir-se aos legumes; sei que é um pecado horrível comer frango, mas a isso somos forçadas. Possam tantos crimes retumbar sobre a cabeça do padre Fa Tutto! Que ele seja, após a morte,

transformado em uma jovem e infeliz indiana; que eu seja transformada em dominicano: que eu lhe devolva todos os males que me fez, e que eu seja ainda mais impiedosa com ele do que ele o foi comigo." Não fiques escandalizado, perdoa, virtuoso Xastasid. Sentamo-nos à mesa. Como é duro ter prazeres que nos censuramos.

P. S. Imediatamente após o jantar, escrevi ao magistrado de Goa a que chamam o corregedor. Peço-lhe a liberdade de Amabed e a minha; informo-o de todos os crimes do padre Fa Tutto. Minha querida Dera diz que fará chegar minha carta ao seu destino, por intermédio desse aguazil dos inquisidores que às vezes vem visitá-la na minha antecâmara e que lhe tem grande estima. Vejamos em que poderá dar esse arrojado passo.

SEXTA CARTA
de Adate

Crerás em mim, sábio instrutor dos homens? Há justos em Goa! E dom Jerônimo, o corregedor, é um deles. Sentiu-se tocado com a minha desgraça e a de Amabed. A injustiça o revolta, o crime o indigna. Transportou-se com oficiais de justiça à prisão que nos encerra. Acabo de saber que chamam a este covil o palácio do Santo Oficio. Mas, o que te espantará, negaram entrada ao corregedor. Os cinco espectros, seguidos de seus alabardeiros, apresentaram-se à porta, e disseram à justiça:

— Em nome de Deus, não entrarás.

— Entrarei em nome do rei – disse o corregedor, – é um caso real.

— É um caso sagrado – responderam os espectros.

Dom Jerônimo, o justo, disse então:

— Devo interrogar Amabed, Adate, Dera e o padre Fa Tutto.

— Interrogar um inquisidor, um dominicano! – exclamou o chefe dos espectros. – E um sacrilégio: scommunicao, scommunicao.

Dizem que são palavras terríveis, e que um homem sobre quem as pronunciaram morre ordinariamente ao cabo de três dias.

As partes se acaloraram e estavam prestes a chegar a vias de fato, quando afinal resolveram recorrer ao bispo de Goa. Um bispo é mais ou menos entre estes bárbaros o que tu és entre os filhos de Brama; é um intendente de sua religião; veste-se de roxo e usa nas mãos sapatos roxos. Traz à cabeça, nos dias de cerimônia, um pão-de-açúcar dividido em dois. Esse homem decidiu que nenhuma das duas partes estava com a razão, e que só ao seu vice-Deus competia julgar o padre Fa Tutto. Ficou combinado que o enviariam a Sua Divindade, comigo e Amabed, e a minha fiel Dera.

Não sei onde mora esse vice, se na vizinhança do Grão Lama ou na Pérsia, mas não importa. Tornarei a ver Amabed; iria com ele ao fim do mundo, ao céu, ao inferno. Esqueço neste momento a minha fossa, a minha prisão, as violências de Fa Tutto, suas perdizes, que tive a covardia de comer, e seu vinho, que tive a fraqueza de beber.

SÉTIMA CARTA
de Adate

Tornei a vê-lo, o meu terno esposo; reuniram-nos, tive-o em meus braços. Ele apagou a mancha do crime com que esse abominável Fa Tutto me maculara; semelhante à água santa do Ganges, que lava todas as máculas das almas, ele me deu uma nova vida. Só essa pobre Dera é que ainda permanece profanada; mas as tuas preces e as tuas bênçãos recolocarão a inocência dela em todo o seu esplendor

Fazem-nos partir, amanhã, em um navio que veleja para Lisboa. E a pátria do altivo Albuquerque. É lá sem dúvida que habita esse vice-Deus que deve decidir entre Fa Tutto e nós. Se é vice-Deus, como todos aqui asseguram, é certo que causará a perdição de Fa Tutto. É um pequeno consolo, mas eu procuro menos a punição desse terrível culpado que a felicidade do terno Amabed.

Qual o destino dos fracos mortais, dessas folhas que o vento arrebata! Nascemos, Amabed e eu, às margens do Ganges; levam-nos a Portugal; vão julgar-nos em um mundo desconhecido, a

nós que nascemos livres! Tornaremos a ver a nossa pátria um dia? Poderemos cumprir à peregrinação que projetávamos, até a tua sagrada pessoa? Como poderemos, eu e minha querida Dera, ficar encerradas no mesmo navio com o padre Fa Tutto? Esta idéia me faz tremer. Felizmente terei o meu bravo esposo para defender-me. Mas que será de Dera, que não tem marido? Enfim, recomendamo-nos à Providência.

Daqui por diante, vai ser o meu querido Amabed quem te escreverá; fará o diário de nossos destinos e te pintará as novas terras e novos céus que vamos ver. Possa Brama conservar por muito tempo a tua cabeça calva e o entendimento divino que colocou no miolo de teu cérebro!

PRIMEIRA CARTA
de Amabed a Xastasid, após o seu cativeiro.

Estou pois ainda no número dos vivos! Portanto, quem te escreve sou eu próprio, divino Xastasid! Eu soube de tudo, e tu sabes de tudo. Encanto dos Olhos não teve culpa; não pode tê-la. A virtude está no coração, e não alhures. Esse rinoceronte do Fa Tutto, que cosera à sua pele a da raposa, sustenta ousadamente que nos havia batizado, a Adate e a mim, em Benares, à moda da Europa; que eu sou apóstato e que Encanto dos Olhos é apóstata. Jura, pelo homem nu que está aqui pintado em quase todas as paredes, que é injustamente acusado de ter violado a minha querida esposa e a jovem Dera. Encanto dos Olhos, por sua vez, e a suave Dera, juram que foram violadas. Os espíritos europeus não podem varar essa densa nuvem; dizem todos que só o seu vice-Deus é que pode discernir nisso tudo alguma coisa, visto que é infalível.

Dom Jerônimo, o corregedor, faz-nos embarcar a todos amanhã, para comparecermos perante essa criatura extraordinária que jamais

se engana. Esse grande juiz dos bárbaros não tem assento em Lisboa, mas muito mais longe, em uma cidade magnifica chamada Roma, nome este completamente desconhecido entre os indianos. Terrível viagem essa! A que não estão expostos os filhos de Brama nesta curta vida! Temos, como companheiros de viagem, comerciantes europeus, cantoras, dois velhos oficiais das tropas do rei de Portugal, que ganharam muito dinheiro em nosso país, sacerdotes do vice-Deus, e alguns soldados.

É uma grande felicidade termos aprendido italiano, que é a língua corrente de todos eles; pois como poderíamos entender o jargão português? Mas o horrível é estar no mesmo barco com um Fa Tutto. Fazem-nos dormir a bordo, para zarpar amanhã, de madrugada. Minha mulher, eu e Dera teremos um pequeno quarto de seis pés de comprimento por quatro de largura. Dizem que é um grande favor. A multidão precipita-se. Encanto dos Olhos chora. Dera treme. É preciso coragem. Adeus; dirige por nós as tuas santas preces ao Eterno que criou os infelizes mortais há justamente cento e quinze mil seiscentos e cinqüenta e duas revoluções anuais do sol em torno da terra, ou da terra em torno do sol.

SEGUNDA CARTA
de Amabed, em viagem

Após um dia de viagem, estávamos à vista de Bombaim, da qual se apoderou o exterminador Albuquerque, a quem chamam aqui o grande. Logo em seguida se ouviu um ruído infernal: o nosso navio disparou nove tiros de canhão; responderam com outros tantos da fortaleza da cidade. Encanto dos Olhos e a jovem Dera julgaram que era chegado o seu último dia. Estávamos cobertos de um fumo espesso. Pois acreditas, sábio Xastasid, que isso tudo são delicadezas? E o modo como esses bárbaros se saúdam. Uma chalupa trouxe cartas para Portugal; velejamos para o alto mar, deixando à direita o grande rio Zombudipo, a que os bárbaros chamam Indo.

Não vemos nada mais que os ares, chamados de céu por estes bandidos tão pouco dignos do céu, e este grande mar que a cobiça e a crueldade os fez atravessar.

Contudo, o capitão parece às direitas é sensato. Não permite que o padre Fa Tutto esteja no tombadilho quando ali tomamos a fresca; e,

quando ele está em cima, nós nos conservamos embaixo. Somos como o dia e a noite, que nunca aparecem juntos no mesmo horizonte. Não cesso de refletir sobre o destino, que zomba dos infelizes mortais. Vogamos sobre o mar das Índias com um dominicano, para sermos julgados em Roma, a seis mil léguas de nossa pátria.

Há a bordo um personagem considerável a que chamam esmoler. Não quer dizer que ele distribua esmola; pelo contrário, dão-lhe dinheiro para rezar em uma língua que não é nem a portuguesa nem a italiana, e que ninguém da equipagem entende; talvez nem ele próprio a entenda: pois está sempre a discutir sobre o sentido das palavras com o padre Fa Tutto. Disse-me o capitão que esse esmoler é franciscano e que, sendo o outro dominicano, vêem-se obrigados em consciência a nunca estar de acordo. As suas seitas são inimigas declaradas uma da outra; assim, vestem-se eles diversamente, para marcar a sua diversidade de opiniões.

Esse Franciscano chama-se Fa Molto. Empresta-me livros italianos referentes à religião do vice-Deus perante o qual compareceremos. Lemos esses livros, a minha querida Adate e eu. Dera assiste à leitura. A princípio ela sentiu repugnância, temendo desagradar a Brama; mas,

quanto mais lemos, mais fortalecidos ficamos no amor dos santos dogmas que tu ensinas aos fiéis.

TERCEIRA CARTA
do diário de Amabed

Lemos com o esmoler as epístolas de um dos grandes santos da religião italiana e portuguesa. Seu nome é Paulo. Tu que possuía a ciência universal conheces Paulo, sem dúvida. E um grande homem: foi jogado fora do cavalo por uma voz, e cegado por um raio; gaba-se de ter estado, como eu, na prisão; acrescenta que recebeu, por cinco vezes, trinta e nove vergastadas, o que soma cento e noventa e cinco vergões nas nádegas; depois, por três vezes, bastonadas, sem especificar o número; depois diz que foi lapidado uma vez, o que é estranho, pois disso a gente não se refaz; jura, depois, que esteve um dia e uma noite no fundo do mar. Lamento-o muito; mas, em compensação foi arrebatado ao terceiro céu. Confesso-te, iluminado Xastasid, que desejaria fazer o mesmo, ainda que devesse comprar essa glória por noventa e cinco vergastadas bem aplicadas no traseiro:

É belo que um mortal se eleve ao Céu;
É belo até cair de lá,

como diz um dos nossos mais estimáveis poetas hindus, que é algumas vezes sublime.

Vejo finalmente que, exatamente como eu, Paulo foi conduzido a Roma, para ser julgado. Como, meu caro Xastasid! Então Roma tem julgado a totalidade das mortais, em todos os tempos? Nesta cidade deve haver com certeza algo superior ao resto da terra, todas as pessoas que estão a bordo só juram por essa Roma. Tudo o que se fazia em Goa era em nome de Roma.

Digo-te mais. O Deus do nosso esmoler Fa Molto, que é o mesmo que o de Fa Tutto, nasceu e morreu em um país dependente de Roma, e pagou tributo ao samorim que reinava nessa cidade. Não achas tudo isso surpreendente? Quanto a mim, parece-me que sonho, e que todos os que me cercam também estão sonhando.

O nosso esmoler Fa Molto leu-nos coisas ainda mais maravilhosas. Ora é um burro que fala, ora um dos seus santos que passa três dias e três noites no ventre de uma baleia e que dali sai de muito mau-humor. Aqui é um pregador que foi pregar no céu, sobre um carro de fogo puxado por quatro cavalos de fogo. Acolá é um doutor que atravessa o mar a seco, seguido de dois ou três milhões de homens que fogem a seco. Outro doutor faz parar o sol e a lua; mas isto não me surpreende: tu mo ensinaste.

O que mais me penaliza, a mim que faço questão de asseio e de pudor, é que o Deus dessa gente ordena a um de seus pregadores que coma certa matéria com o seu pão (8), e a um outro que durma por dinheiro com mulheres alegres e lhes faça filhos (9).

Ainda há pior. O erudito homem nos deu a conhecer as duas irmãs Oola e Ooliba (10). Tu bem as conheces, pois tudo leste. Esse trecho muito escandalizou a minha mulher, que enrubesceu até o branco dos olhos. Notei que a boa Dera ficava toda vermelha. Esse franciscano deve ser um pândego. Mas fechou o livro logo que viu como Encanto dos Olhos e eu estávamos alarmados, e retirou-se para ir meditar sobre o texto.

Deixou-me com o seu livro sagrado. Li algumas páginas ao acaso. Ó Brama! Ó justiça eterna! Que gente aquela! Deitam todos com as criadas, na velhice. Um faz coisas à sua sogra, outro à sua nora. Aqui é uma cidade inteira que quer absolutamente tratar um pobre sacerdote como a uma linda rapariga (11). Acolá, duas senhoritas de condição embriagam o pai, deitam com ele uma após outra, e ambas engravidam (12).

Mas o que mais me espantou, o que mais me horrorizou, é que os habitantes de uma cidade

magnífica, a que Deus enviara duas criaturas eternas que estão sempre ao pé de seu trono, dois espíritos puros resplandecentes de luz divina... minha pena estremece como minh“alma... ousarei dizê-lo? sim, esses habitantes fizeram o possível para violar aqueles mensageiros de Deus (13). Que pecado abominável com homens! Mas, com anjos, será mesmo possível? Caro Xastasid, abençoemos Birma, Vixnu e Brama. Agradeçamo-lhes não termos jamais conhecido essas inconcebíveis torpezas. Dizem que o conquistador Alexandre pretendeu outrora introduzir entre nós esse costume supersticioso; que conspurcava, publicamente, o seu mignon Efestião. O Céu o puniu. Efestião e ele morreram na flor da idade Saúdo-te, senhor de minha alma, espírito de meu espírito. Adate, a triste Adate recomenda-me às tuas preces.

QUARTA CARTA
de Amabed a Xastasid

Do cabo a que chamam da Boa Esperança, a 15 do mês do rinoceronte.

Há muito que não estendo minhas folhas de algodão sobre uma prancha, nem mergulho o pincel na laca negra líquida, para te fazer um fiel relato de nossa vida. Deixamos atrás o golfo de Bab-el-Mandeb, que entra no famoso Mar Vermelho, cujas ondas outrora se apartavam, acumulando-se como montanhas, para que passasse Baco com o seu exército. Lamentava que não houvéssemos aportado às costas da Arábia Feliz, esse país quase tão belo como o nosso, e no qual Alexandre queria estabelecer a sede do seu império e o entreposto comercial do mundo. Desejaria ver esse Áden ou Éden, cujos jardins sagrados foram tão famosos na antigüidade; essa Moca famosa pelo seu café, que até hoje só ali é produzido; Meca, onde o grande profeta dos muçulmanos estabeleceu a sede do seu império, e onde tantos povos da Ásia, da África e da Europa vêm todos os anos beijar uma

pedra negra caída do céu, que não manda todos os dias essas pedras aos mortais; mas não nos é permitido satisfazer a curiosidade. Navegamos sempre e sempre para ir a Lisboa, e dali a Roma.

Já passamos alinha equinocial; desembarcamos no reino de Melinde, onde os portugueses têm um porto considerável. Nossa equipagem ali embarcou marfim, âmbar cinzento, cobre, prata e ouro. Eis-nos chegados ao grande cabo: é a terra dos hotentotes. Essa gente não parece descender dos filhos de Brama. Ali a natureza deu às mulheres um avental formado pela sua pele; esse avental cobre o seu tesouro, de que os hotentotes são idólatras e para o qual fazem madrigais e canções. Andam completamente nus. Essa moda é muito natural; mas não me parece nem correta nem hábil. Um hotentote é muito infeliz; nada mais tem que desejar, depois que viu a sua hotentote por diante e por trás. Falta-lhe o encanto dos obstáculos. Não há mais nada de picante para ele. Os vestidos de nossas indianas, inventados para serem erguidos, denotam um gênio bastante superior. Estou persuadido de que o sábio hindu, a quem devemos o jogo do xadrez e o do trique-traque, inventou também a indumentária das damas, para felicidade nossa.

Ficaremos dois dias neste cabo, que é o marco do mundo e que parece separar o Oriente

do Ocidente. Quanto mais reflito sobre a cor destes povos, sobre o murmurejo de que se servem para se fazerem entender, em vez de uma linguagem articulada, sobre o seu aspecto, sobre o avental de suas damas, mais me convenço de que tal raça não pode ter a mesma origem que a nossa. Seria o mesmo que dizer que as galinhas, as árvores e a relva deste país provém das galinhas, das árvores e da relva de Benares ou de Pequim.

QUINTA CARTA
de Amabed

16 à noite, no cabo chamado da Boa Esperança.

Mais outra aventura. O capitão passeava com Encanto dos Olhos e comigo por uma vasta rocha ao pé da qual vem quebrar o mar as suas vagas. O esmoler Fa Molto levou jeitosamente a nossa jovem Dera a uma pequena casa recém-construída a que chamam estalagem. A pobre moça não via nenhum mal naquilo, e julgava que nada havia a temer, visto que o referido esmoler não é dominicano. Pois acreditas que o Padre Fa Tutto ficou todo enciumado com isso? Entrou como uma fúria na estalagem. Havia lá dois marinheiros, que também se enciumaram. Terrível paixão, o ciúme. Os dois marinheiros e os dois padres haviam bebido muito desse licor que dizem Inventado pelo seu Noé e cuja autoria atribuímos a Baco: funesto presente, que poderia ser útil, se não nos fosse tão fácil abusar dele. Dizem os europeus que essa beberagem lhes dá espírito. Como pode ser isso, se lhes tira a razão?

Os dois homens do mar e os dois bonzos da Europa esmurraram-se valentemente, batendo um marinheiro em Fa Tutto, este no esmoler, este último no segundo marinheiro, que devolvia o que recebia; todos os quatro mudavam de mão a cada momento, dois contra dois, três contra um, todos contra todos, e cada qual a praguejar, cada qual a puxar para si a nossa desgraçada, que lançava gritos lancinantes. Ao ruído, acorreu o capitão; esbordoou indiferentemente os quatro adversários; e, para pôr Dera em segurança, levou-a para os seus aposentos, onde ficaram ambos encerrados durante duas horas inteiras. Os oficiais e os passageiros, que são muito polidos, reuniram-se todos em redor de nós, e nos garantiram que os dois monges (é assim que os chamam) seriam severamente castigados pelo vice-Deus, assim que chegassem a Roma. Essa esperança nos consolou um pouco. Ao cabo de duas horas, voltou o capitão, trazendo-nos Dera, com muitas atenções e cumprimentos, de que minha querida mulher se mostrou muito satisfeita. Ó Brama, que estranhas coisas sucedem em viagem, e que sensato é nunca sair de casa!

SEXTA CARTA
de Amabed, em viagem

Não te escrevi desde a aventura da nossa pequena Dera. O capitão, durante a travessia, sempre lhe demonstrou a mais atenta solicitude. Eu tinha medo de que ele também se desfizesse em atenções com minha mulher; mas esta fingiu estar grávida de quatro meses. Os portugueses consideram as mulheres grávidas como pessoas sagradas, a quem não é permitido importunar. E ao menos um bom costume, que põe em segurança a honra de Adate. O dominicano recebeu ordem de não se apresentar jamais diante de nós, e obedeceu.

O franciscano, alguns dias após a cena da estalagem, veio pedir-nos perdão. Chamei-o à parte. Perguntei-lhe como era que, tendo feito voto de castidade, se havia emancipado daquela maneira. Respondeu-me: “É verdade que fiz tal voto; mas, se tivesse prometido que meu sangue não correria nas veias e que minhas unhas e cabelos não cresceriam, seria o primeiro a confessar que me era impossível cumprir tal promessa. Em vez de nos fazerem jurar que seremos castos, seria preciso forçar-nos a sê-lo e

tornar eunucos a todos os monges. Quando um pássaro tem penas, voa. O único meio de impedir que um cervo corra é cortar-lhe as pernas. Não tenhas dúvida de que os padres vigorosos como eu, e que não dispõem de mulheres, abandonam-se, mau grado seu, a excessos que fazem corar a natureza, após o que vão celebrar os santos mistérios."

Muito aprendi na conversação com esse homem. Instruiu-me de todos esses mistérios da sua religião, que me espantaram imenso. "O reverendo padre Fa Tutto, disse-me ele, é um velhaco que não acredita uma palavra de tudo o que ensina; quanto a mim, tenho fortes dúvidas, mas afasto-as, ponho uma venda nos olhos, repilo os meus pensamentos, e marcho como posso no caminho que sigo. Todos os monges se acham reduzidos a esta alternativa: ou a incredulidade lhes faz detestar a profissão, ou a estupidez a torna suportável."

Acreditas que, depois de tais confidências, ele ainda me propôs fazer-me cristão?

— Como podes – disse-lhe eu – oferecer-me uma religião de que nem tu mesmo estás persuadido, a mim que fui criado na mais antiga religião do mundo, cujo culto existia, segundo a vossa própria confissão, no mínimo uns cento e

quinze mil e trezentos anos antes que houvesse franciscanos no mundo?

— Ah! meu caro indiano, se eu conseguisse fazer-vos cristãos, a ti e a bela Adate, faria rebentar de raiva aquele maroto do dominicano que não acredita na imaculada concepção da Virgem. Faríeis a minha fortuna; eu poderia tornar-me bispo (14): uma boa ação que Deus vos saberia recompensar.

É assim, divino Xastasid, que entre esses bárbaros da Europa se encontram homens que são um misto de erro, fraqueza, avidez e tolice, e outros que são patifes declarados e empedernidos. Contei essa conversa a Encanto dos Olhos, que sorriu de piedade. Quem diria que havia de ser a bordo de um navio, em plena costa da África, que aprenderíamos a conhecer os homens?!

SÉTIMA CARTA
de Amabed

Que belo clima o destas costas meridionais, mas que tristes nativos! que brutos! Quanto mais faz por nós a natureza, menos fazemos nós por ela. Nenhuma arte é conhecida entre todos esses povos. Um grande problema seu é saber se descendem dos macacos, ou se os macacos é que descendem deles Disseram nossos sábios que o homem é a imagem de Deus: fresca imagem de Deus, essas cabeças negras e de nariz chato, e com pouquíssima ou nenhuma inteligência! Dia virá, sem dúvida, em que esses animais saberão cultivar devidamente a terra, embelezá-la com casas e jardins, e conhecer a rota dos astros. Datamos nós outros os nossos conhecimentos de cento e quinze mil seiscentos e cinqüenta e dois anos: na verdade, salvo o respeito que te devo, penso que estamos enganados; na verdade é preciso muito mais tempo para chegar ao ponto a que chegamos. Ponhamos apenas vinte mil anos para inventar uma linguagem tolerável, outro tanto para escrever por meio de um alfabeto, outro tanto para a metalurgia, outro tanto para a charrua e o tear, outro tanto para a navegação; e quantas outras artes ainda não exigem séculos!

Os caldeus datam de quatrocentos mil anos, e ainda não é bastante.

Na costa chamada de Angola, o capitão comprou seis negros, pelo preço corrente de seis bois. Essa terra deve ser muito mais povoada que a nossa, visto vender os homens tão barato. Mas, por outro lado, como é que tão abundante população se coaduna com tamanha ignorância?

O capitão traz alguns músicos a bordo: mandou-os que tocassem, e eis que aqueles pobres negros começaram a dançar com uma justeza quase igual à dos nossos elefantes. Será possível que, amando assim a música, não tenham sabido inventar a rabeca, ou ao menos a gaita? Hás de dizer-me, grande Xastasid, que nem a habilidade dos próprios elefantes conseguiu chegar a esse resultado, e que cumpre esperarmos. A isto, nada tenho que replicar.

OITAVA CARTA
de Amabed

Logo à entrada do Ano Novo, avistamos Lisboa, à margem do rio Tejo, o qual tem fama de que rola ouro em suas águas. Se assim é, por que é que os portugueses, vão procurá-lo tão longe? Toda essa gente da Europa retruca que ouro nunca é demais Lisboa é, como me havias dito, a capital de um pequenino reino a pátria desse Albuquerque que me fez tanto mal. Confesso que há algo de grande nesses portugueses, que subjugaram parte dos nossos belos domínios. O desejo de conseguir pimenta deve dar mesmo habilidade e coragem.

Encanto dos Olhos e eu esperávamos entrar na cidade; mas não o permitiram, porque dizem que somos prisioneiros do vice-Deus, e que o dominicano Fa Tutto, o franciscano esmoler Fa Molto, Dera, Adate e eu, devemos todos ser julgados em Roma.

Fomos transferidos para um outro navio que parte para a cidade do vice-Deus.

O capitão é um velho espanhol diferente em tudo do português, que tão cavalheirescamente

nos tratava. Só fala por monossílabos, e ainda assim muito raramente. Traz à cinta uns grãos enfiados, que não cessa de contar: dizem que é isso grande sinal de virtude.

Dera lamenta muito a falta do outro capitão; acha que ele era muito mais polido. Entregaram ao espanhol um grande maço de papéis para instruir nosso processo na corte de Roma. Um escriba do navio os leu em voz alta. Julga ele que o padre Fa Tutto será condenado a remar numa das galeras do vice-Deus e que o esmoler Fa Molto será fustigado de chegada. Toda a equipagem é da mesma opinião; o capitão guardou os papéis sem nada dizer. Partimos. Que Brama tenha piedade de nós e te cumule de seus favores! Brama é justo; mas é uma coisa muito singular, que, tendo eu nascido às margens do Ganges, vá ser julgado em Roma. Assegura-se no entanto que o mesmo aconteceu a mais de um estrangeiro.

NONA CARTA
de Amabed

Nada de novo; toda a equipagem é silenciosa e sombria como o capitão. Bem conheces o provérbio indiano: Amarra-se o burro à vontade do dono. Atravessamos um mar que tem apenas nove mil passos de largura entre duas montanhas; entramos em outro mar semeado de ilhas, uma das quais é bastante estranha. Os que a governam são religiosos cristãos, que usam chapéu e vestes curtas e juraram matar todos aqueles que usam barrete e hábito. Devem também fazer orações. Ancoramos numa ilha maior e muito linda, a que chamam Sicília; era muito mais bela antigamente; fala-se de cidades admiráveis, de que só existem ruínas. Foi habitada por deuses, deusas, gigantes, heróis; ali se forjava o raio. Uma deusa chamada Cerca a cobriu de ricas messes. O vice-Deus mudou tudo isso; vêem-se agora ali muitas procissões e gatunos.

DÉCIMA CARTA
de Amabed

Eis-nos enfim na terra sagrada do vice-Deus. Lera eu no livro do esmoler que esse país era todo ouro e azul; que as muralhas eram de esmeraldas e rubis; que eram de azeite os arroios, as fontes de leite, e os campos cobertos de vinhas, que produziam cada uma cem toneladas (15). Talvez encontremos tudo isso quando nos aproximarmos de Roma.

Abordamos com dificuldade, num pequeno porto muito incomodo, chamado cidade velha. Tomba em ruínas, e tem um nome bastante apropriado. Conduziram-nos em carroças puxadas a boi. Esses animais devem vir de longe, pois as terras que margeiam o caminho não são cultivadas; tudo uns pântanos infetos, charnecas, landes estéreis. Vimos pela estrada gente vestida com a metade de um manto, e sem camisa, que nos pedia esmola altivamente. Só se alimentam, dizem-nos, de pãezinhos minúsculos que lhes dão de graça pela manhã e só bebem água benta.

Se não fossem esses bandos de maltrapilhos, que dão cinco ou seis mil passos para obter, com

suas lamentações, a trigésima parte de uma rúpia, este cantão seria um medonho deserto. Avisaram-nos até de que a pessoa que passasse aqui a noite estaria em perigo de morte. Com certeza Deus se acha incomodado com o seu vigário, pois lhe deu um país que é a cloaca da natureza. Acabo de saber que esta região foi outrora muito linda e fértil e que só se tornou tão miserável depois que esses vigários se apoderaram dela.

Escrevo-te, sábio Xastasid, sobre a minha carroça, para desenfastiar-me. Adate mostra-se muito espantada. Escrever-te-ei logo que chegar a Roma.

UNDÉCIMA CARTA
de Amabed

Eis-nos aqui, nesta cidade de Roma. Chegamos em pleno dia, a 3 do mês da ovelha, que corresponde aqui a 15 de março de 1513. Presenciamos, no princípio, exatamente o contrário do que esperávamos.

Mal chegáramos à porta chamada de S. Pancrácio (16), vimos dois bandos de espectros, um vestido à maneira do nosso esmoler, o outro à maneira do padre Fa Tutto. Cada bando trazia à frente um estandarte e um grande bastão, no qual estava esculpido um homem nu, na mesma atitude que o de Goa. Marchavam dois a dois e entoavam uma cantoria de fazer bocejar uma província inteira. Quando essa procissão chegou à carroça, um bando gritou: “E São Fa Tutto!” E o outro: “E São Fa Molto!” Beijaram-lhes as batinas. O povo ajoelhou-se.

— Quantos hindus converteu, meu Reverendo Padre?

— Quinze mil e setecentos – dizia um.

— Onze mil e novecentos – dizia o outro.

— Louvada seja a Virgem Maria!

Todo o mundo tinha os olhos pregados em nós, todo o mundo nos cercava.

— São seus catecúmenos, meu Reverendo Padre?

— Sim, nós os batizamos.

— Na verdade são muito bonitos. Glória nas alturas! Glória nas alturas!

O padre Fa Tutto e o padre Fa Molto foram conduzidos, cada um por sua procissão, a uma casa magnífica e, quanto a nós, rumamos para a hospedaria. O povo nos seguiu, até a porta, gritando Cazzo, Cazzo, abençoando-nos, beijando-nos as mãos, louvando a Adate, a Dera e, a mim. Infindável era a nossa surpresa.

Mal nos instaláramos, um homem vestido de roxo, acompanhado de dois outros de manto negro, veio apresentar-nos as boas-vindas. A primeira coisa que fez foi oferecer-nos dinheiro, da parte da Propaganda, caso tivéssemos necessidade. Respondi-lhe que ainda nos restava dinheiro e muitos diamantes (com efeito, sempre tivera eu o cuidado de ocultar nas ceroulas a minha bolsa e um cofre de brilhantes). Imediatamente o homem quase se prosternou diante de mim, tratando-me por Excelência “Sua

Excelência a signora não está muito fatigada da viagem? Não vai repousar? Temo importuná-la mas estarei sempre às suas ordens. O signor Amabed pode dispor de mim; eu lhe enviarei um cicerone que ficará a seu serviço; é só ordenar. Depois de bem descansados, não querem ambos dar-me a honra de tomar uns refrescos em minha casa? Terei a honra de lhes enviar uma carruagem."

Cumpre confessar, meu divino Xastasid, que os chineses não são mais polidos do que este povo ocidental. O referido senhor retirou-se. Dormimos seis horas, a bela Adate e eu. Ao anoitecer, veio a carruagem buscar-nos. Dirigimo-nos à casa daquele homem tão amável. Seu apartamento era iluminado e ornado de quadros muito mais agradáveis que o do homem nu que vimos em Goa. Uma numerosa companhia nos encheu de carinhos; admiraram-nos por sermos hindus, felicitaram-nos pelo nosso batismo, e ofereceram-nos os seus préstimos por todo o tempo em que quiséssemos permanecer em Roma.

Queríamos solicitar a punição do padre Fa Tutto. Não nos deram tempo de falar nisso. Fomos reconduzidas afinal atônitos, confusos com tal acolhida, e sem compreender coisa alguma.

DUODÉCIMA CARTA
de Amabed

Recebemos hoje Inúmeras visitas, e uma princesa de Piombino mandou-nos dois escudeiros com um convite para irmos jantar com ela. Dirigimo-nos à sua casa em uma equipagem magnífica. Lá se achava o homem de roxo. Soube que era um dos senhores, isto é, um dos servos do vice-Deus, a que chamam prediletos, prelati. Ninguém mais amável do que essa princesa de Piombino. Fez-me sentar a seu lado. Muito a surpreendeu a nossa repugnância em comer pombos romanos e perdizes. Disse-nos o predileto que, como éramos batizados, tínhamos de comer perdizes e beber vinho de Montepulciano; que todos os vice-Deus assim faziam; que era esse o sinal distintivo de um verdadeiro cristão.

Retrucou a bela Adate, com a sua habitual simplicidade, que não era cristã, que fora batizada no Ganges.

— Ó minha senhora! – exclamou o predileto. – Por amor de Deus! No Ganges, no Tibre, ou numa bacia, isso que importa? A senhora é dos nossos. A senhora foi convertida pelo padre Fa Tutto; é

para nós uma honra que não queremos perder. Veja que superioridade tem a nossa religião sobre a dos hindus!

E em seguida encheu os nossos pratos de asas de frango. A princesa bebeu pela nossa saúde e salvação. Instaram-nos com tanta graça, com tão amáveis expressões, mostraram-se tão polidos, tão alegres, tão sedutores, que afinal, enfeitiçados pelo prazer (peço perdão a Brama), fizemos, Adate e eu, a mais opípara refeição do mundo, com o firme propósito de nos lavarmos no Ganges até as orelhas, ao regressar, para apagar nosso pecado. Não tinham a menor dúvida de que fôssemos cristãos.

— Esse padre Fa Tutto – dizia a princesa – deve ser mesmo um grande missionário. Tenho vontade de toma-lo para confessor.

Nós corávamos e baixávamos os olhos, minha pobre mulher e eu.

De tempos em tempos, a signora Adate dizia que viéramos para ser julgados pelo vice-Deus e que tinha o maior desejo de avistar-se com ele.

Não temos nenhum por enquanto – explicou-nos a princesa. – Ele morreu. Estão ocupados em fazer um outro: logo que este fique pronto, sereis apresentados a Sua Santidade. Assistireis então à

mais augusta festa que os humanos possam ver, e da qual sereis o mais belo ornamento.

Adate respondeu com espírito, e a princesa ficou muito afeiçoada a ela.

No final da. refeição tivemos música, que era (se assim ouso dizer) superior à de Benares e de Madura.

Ao sairmos da mesa, a princesa mandou aprestar quatro carruagens douradas; fez-nos subir na sua. Mostrou-nos belos edifícios, estátuas, pinturas. À noite, dançou-se. Eu comparava secretamente essa encantadora recepção com o calabouço a que fôramos lançados em Goa, e mal conseguia compreender, como o mesmo governo e a mesma religião podiam ter tamanha doçura e encanto em Roma, e exercer ao longe tantos horrores.

DÉCIMA-TERCEIRA CARTA
de Amabed

Enquanto esta cidade se acha surdamente dividida em pequenas facções para eleger um vice-Deus, enquanto estas facções, animadas do mais ferrenho ódio, se tratam todas com uma polidez que se assemelha à afeição, enquanto o povo olha os padres Fa Tutto e Fa Molto como favoritos da Divindade, enquanto nos assediam com uma curiosidade respeitosa, eu faço, meu caro Xastasid, profundas reflexões sobre o governo de Roma.

Comparo-o à ceia que nos ofereceu a princesa de Piombino. A sala era limpa, cômoda, ornamentada; o ouro e a prata fulgiam nos aparadores; a alegria, o espírito e as graças animavam os convivas; mas, na cozinha, escorria o sangue e a graxa; as peles dos quadrúpedes, as penas das aves, as suas entranhas, tudo misturado, revoltavam o estômago e espalhavam a infecção.

Tal é, ao que me parece, a corte romana. Polida e lisonjeira em sua terra, traiçoeira e despótica nos demais lugares. Quando dizemos

que esperamos obter justiça contra Fa Tutto, todos riem com brandura; dizem que estamos muito acima dessas bagatelas; que o governo nos considera muito para permitir que guardemos lembrança de tal facécia; que os Fa Tutto e os Fa Molto são espécies de macacos cuidadosamente amestrados para fazer peloticagens diante do povo; e terminam com protestos de respeito e amizade para conosco. Que partido queres tu que tomemos, grande Xastasid? Creio que o mais sábio é rir com os outros e ser polidos como eles Vou estudar Roma, que bem vale a pena.

DÉCIMA QUARTA CARTA
de Amabed

Grande é o intervalo entre minha última carta. e a presente. Li, vi, conversei, meditei. Juro-te que jamais houve no mundo maior contradição do que a existente entre o governo romano e a sua religião. Falava eu nisso ontem a um teólogo do vice-Deus. Um teólogo é, nesta corte, o que são os últimos criados numa casa; encarregam-se do trabalho pesado, fazem os despejos e, se encontram algum trapo que possa servir, guardam-no para o que der e vier.

— O vosso Deus – dizia-lhe eu – nasceu em um estábulo, entre um boi e um burro; foi criado, viveu e morreu na pobreza; ordenou expressamente a pobreza a seus discípulos; declarou-lhes que não haveria entre eles nem primeiro nem último e que aquele que quisesse comandar aos outros os serviria. No entanto, vejo que fazem aqui exatamente o contrário do que quer o vosso Deus. O vosso próprio culto é inteiramente diverso do seu. Obrigais os homens a acreditar em coisas de que ele não disse uma única palavra.

— Tudo isso é verdade – respondeu-me. – O nosso Deus não ordenou formalmente a nossos superiores que enriquecessem à custa dos povos, nem que se apoderassem dos bens alheios; mas ordenou-o virtualmente. Nasceu entre um boi e um burro; mas três reis vieram adorá-lo no seu estábulo. Os bois e os burros figuram os povos a quem doutrinamos; e os três reis figuram os monarcas que estão a nossos pés. Seus discípulos viviam na indigência; portanto, os nossos superiores devem hoje regurgitar de riquezas. Pois, se aqueles primeiros vice-Deus apenas tiveram necessidade de um escudo, os de hoje têm premente necessidade de dez milhões de escudos. Ora, ser pobre é não ter senão o estritamente necessário. Portanto, os nossos superiores, não dispondo nem mesmo do necessário, seguem a rigor o voto de pobreza.

— Quanto aos dogmas – continuou ele, – o nosso Deus jamais escreveu coisa alguma, e nós sabemos escrever; portanto, a nós compete escrever os dogmas: de modo que os temos fabricado com o tempo, conforme a necessidade. Por exemplo, fizemos do casamento o sinal visível de uma coisa invisível; isso faz que todos os processos suscitados por causa de casamentos venham ter, de todos os recantos da Europa, ao nosso tribunal de Roma, visto que só nós é que podemos ver coisas invisíveis. É uma copiosa fonte de tesouros que vêm despejar-se em nossa

sagrada câmara de finanças, para estancar a sede da nossa pobreza.

Perguntei-lhe se a sagrada câmara não dispunha de outros recursos.

— Não descuramos disso – afiançou-me o teólogo. – Tiramos partido dos vivos e dos mortos. Por exemplo, logo que alguém morre, nós enviamos a respectiva alma para uma enfermaria; fazemo-la tomar mezinhas na botica das almas; e o senhor nem imagina quanto nos rende essa botica.

— Como assim, monsenhor? Pois a mim me parece que a bolsa de uma alma se acha ordinariamente muito mal recheada.

— Lá isso é verdade, Signor; mas as almas possuem parentes que se apressam em retirar seus parentes mortos da enfermaria, acomodando-os em local mais aprazível. É triste para uma alma passar toda uma eternidade a tomar remédios. Entendemo-nos então com os vivos; compram eles a saúde das almas de seus falecidos parentes, uns mais caro, outros mais barato, conforme as posses. Entregamo-lhes cartões de indulgência para a botica. Asseguro-lhe que é uma das nossas melhores rendas.

— Mas, Monsenhor, como podem esses cartões de indulgência chegar até às almas?

Ele pôs-se a rir:

— Isso é com os parentes; e de resto, não lhe disse eu que temos um poder incontestável sobre as coisas invisíveis?

Esse monsenhor me parece bastante esperto; muito tenho aprendido com ele, e já me sinto inteiramente outro.

DÉCIMA-QUINTA CARTA
de Amabed

Deves saber, meu caro Xastasid, que o cicerone a quem monsenhor me recomendou e de quem te falei algo nas cartas precedentes, é um homem muito inteligente que mostra aos estrangeiros as curiosidades da antiga e da nova Roma. Uma e outra, como vês, governaram os reis; mas os primeiros romanos adquiriram o poder com a espada, e os últimos com a pena. A disciplina militar deu o Império aos Césares, cuja história conheces; a disciplina monástica dá outra espécie de Império a esses vice-Deus a que chamam Papas. Vêem-se procissões no mesmo local onde outrora se viam triunfos. Os cicerones explicam tudo isso aos estrangeiros; fornecem-lhes livros e raparigas. Quanto a mim (por mais jovem que, seja) não quero ser infiel à minha bela Adate; limito-me pois aos livros; e estudo principalmente a religião do país, que muito me diverte.

Lia com o meu cicerone a história da vida do Deus da terra. É deveras extraordinária. Era um homem que secava figueiras com uma só palavra, que mudava água em vinho e que afogava porcos.

Tinha muitos inimigos. Bem sabes que ele nascera em um burgo pertencente ao imperador de Roma. Seus inimigos eram mesmo astutos; perguntaram-lhe um dia se deviam pagar tributo ao imperador, ao que ele lhes respondeu: “Dai ao príncipe o que é do príncipe, mas dai a Deus o que é de Deus.” Essa resposta me parece sábia, e nisso falávamos, o meu cicerone e eu, quando chegou monsenhor. Falei-lhe muito bem do seu Deus e pedi-lhe que me explicasse como a sua câmara de finanças observava tal preceito, tomando tudo para si, sem dar coisa alguma ao imperador. Pois deves saber que os romanos, embora tenham um vice-Deus têm também um imperador, ao qual dão o título de rei dos romanos. Eis o que me respondeu aquele homem tão avisado:

— É verdade que temos um imperador; mas só o é em aparência. Acha-se banido de Roma; nem ao menos possui uma casa; deixamo-lo habitar perto de um grande rio que gela durante quatro meses por ano, em um país cuja linguagem nos arranha os ouvidos. O verdadeiro imperador é o papa, visto que reina na capital do império. Assim, dai ao imperador quer dizer dai ao papa; e dai a Deus também significa dai ao papa, pois com efeito é ele vice-Deus. E o único senhor de todos os corações e de todas as bolsas. Se o outro imperador que mora à margem de um grande rio ousasse dizer ao menos uma palavra,

nós então sublevaríamos contra ele todos os habitantes das margens do grande rio, que são na maioria uns grandes corpos sem espírito, e armaríamos contra ele os outros reis, que partilhariam, com o papa, dos seus despojos.

Eis-te, divino Xastasid, inteirado do espírito de Roma. O papa é, em ponto grande, o que é, em ponto pequeno, o dalai-lama; se não é imortal como o lama, é todo-poderoso durante a vida, o que é coisa muito melhor. Se algumas vezes lhe resistem, se o depõem, se lhe dão bofetadas, se até mesmo o matam (17) entre os braços da amante, como por vezes aconteceu, esses inconvenientes jamais atingem o seu caráter divino. Podem dar-lhe mil estribaços, mas cumpre acreditar sempre em tudo quanto ele diz, O papa morre, o papado é imortal, Já houve três ou quatro vice-Deus que disputavam tal lugar ao mesmo tempo. A divindade achava-se então dividida entre eles: cada qual tinha o seu bocado, cada qual era infalível no seu partido.

Perguntei a monsenhor por que artes conseguira a sua corte governar todas as outras cortes. “De pouca arte necessitam as pessoas de espírito – disse-me ele – para governar aos tolos”. Quis eu saber se nunca se haviam revoltado contra as decisões do vice-Deus. Confessou-me que homens houvera bastante temerários para erguerem os olhos, mas que lhos haviam vasado

em seguida, ou tinham exterminado esses miseráveis, e que tais revoltas até agora só tinham servido para melhor firmar a infalibilidade no trono da verdade.

Acabam de nomear um novo vice-Deus. Repicam sinos, rufam tambores, ressoam trombetas, atroa o canhão, a que cem mil vozes fazem eco. Escreverei informando-te de tudo o que tiver visto.

DÉCIMA-SEXTA CARTA
de Amabed

Foi a 25 do mês do crocodilo, e a 13 do planeta Marte (18), como se diz aqui, que homens de vermelho e inspirados elegeram o homem infalível perante o qual devia eu ser julgado, tal como Encanto dos Olhos, na qualidade de apóstata.

Esse Deus na terra chama-se Leão, décimo do nome. É um belo homem de trinta e quatro a trinta e cinco anos, e muito amável; as mulheres estão loucas por ele. Achava-se atacado de um mal imundo, que só é bem conhecido na Europa, mas que os portugueses começam a introduzir no Indostão. Julgavam que disso morreria, e foi por isso mesmo que o elegeram, a fim de que o sublime posto ficasse logo vago; mas curou-se, e zomba daqueles que o nomearam. Nada. mais magnífico do que a sua coroação, na qual gastou ele cinco milhões de rúpias, para prover às necessidades de seu Deus, que foi tão pobre! Não pude escrever-te na agitação das festas; sucederam-se tão rapidamente, tive de assistir a tantas diversões, que não sobrou um momento de lazer.

O vice-Deus Leão ofereceu espetáculos de que não tens idéia. Há principalmente um, chamado comédia, que me agradou mais que todos os outros. É uma representação da vida humana; é um quadro vivo; os personagens falam e agem; expõem os seus interesses; desenvolvem as suas paixões: abalam a alma dos espectadores.

A comédia que vi anteontem no palácio do papa intitula-se A Mandrágora. O argumento da peça é a história de um jovem espertalhão que quer dormir com a mulher do vizinho. Contrata por dinheiro um monge, um Fa Tutto ou um Fa Molto, para seduzir a amante do marido e fazê-lo cair numa ridícula cilada. Zomba-se, durante toda a comédia, da religião que a Europa professa, de que Roma é o centro, e cujo trono é o assento papal. Tais prazeres talvez te pareçam indecentes, meu caro e pio Xastasid. Encanto dos Olhos ficou escandalizada; mas a comédia é tão linda que o prazer sobrepuja o escândalo.

Os festins, os bailes, as belas cerimônias religiosas, os dançarinos de corda, sucedem-se sem interrupção. Principalmente os bailes são muito divertidos. Cada convidado veste um hábito estranho e põe sobre o próprio rosto outro rosto de papelão. Assim disfarçados, dizem coisas de rebentar de riso. Durante as refeições toca sempre uma música muito agradável; em suma, um verdadeiro encanto.

Contaram-me que um vice-Deus, predecessor de Leão, chamado Alexandre, dera, por ocasião das núpcias de um bastardo seu, uma festa muito mais extraordinária, durante a qual fez dançar cinqüenta raparigas inteiramente nuas. Os brâmanes jamais instituíram semelhantes danças: bem vês que cada país tem os seus costumes. Abraço-te com respeito e deixo-te para ir dançar com a bela Adate. Que Birma te cumule de bênçãos!

DÉCIMA-SÉTIMA CARTA
de Amabed

Na verdade, meu grande brâmane, nem todos os vice-Deus foram tão divertidos como este. É um verdadeiro prazer viver sob o seu domínio. O falecido, por nome Júlio, era de caráter muito diverso; tratava-se de um velho soldado turbulento, que amava a guerra como um louco; sempre a cavalo, sempre de capacete, distribuindo bênçãos e espadaços, atacando a todos os seus vizinhos, danando-lhes as almas e matando-lhes os corpos o mais que podia: morreu de um acesso de raiva. Que diabo de vice-Deus era aquele! Imagina que, com um pedaço de papel, pretendia ele despojar os reis de seus reinos! Resolveu destronar dessa maneira o rei de um país muito lindo, chamado França. Esse rei era um bom homem. Passa aqui por tolo porque não foi feliz. O pobre príncipe viu-se um dia obrigado a reunir os mais esclarecidos homens de seu reino (19) para lhes perguntar se lhe era permitido defender-se de um vice-Deus que o destronava com um pedaço de papel.

É preciso ser mesmo muito bom para fazer tal pergunta! Testemunhava eu minha surpresa ao senhor de roxo que me tomou amizade.

— Será. possível – lhe dizia eu – que se seja tão tolo na Europa?

— Receio muito – respondeu-me – que tanto abusem os vice-Deus da complacência dos homens que acabarão por lhes dar inteligência.

É de presumir, pois, que haja revoltas contra a religião da Europa. O que te surpreenderá, douto e penetrante Xastasid, é que não as houve sob o vice-Deus Alexandre, que reinava antes de Júlio. Mandava assassinar, enforcar, afogar, envenenar impunemente a todos os senhores seus vizinhos. E o instrumento dessa multidão de crimes, cometidos à vista de toda a Itália, foi um dos seus cinco bastardos. Como puderam persistir os povos na religião desse monstro!! Era esse mesmo que fazia as raparigas dançarem sem nenhum ornamento supérfluo. Seus escândalos deviam inspirar desprezo, seus atos de barbárie deviam aguçar mil punhais contra ele; no entanto, viveu cheio de veneração e com toda a tranqüilidade, na sua corte. A razão disso, ao que me parece, é que os padres afinal saíam ganhando com todos os seus crimes, e os povos não perdiam nada. Mas logo que estes se sentirem por demais afrontados, hão de quebrar

as cadeias. Cem golpes de aríete não puderam abalar o colosso: um seixo o deitará por terra. É o que dizem por aqui as pessoas esclarecidas que gostam de profetizar.

Enfim, acabaram-se as comemorações; de festas não se deve abusar: nada cansa tanto como as coisas extraordinárias quando se tornam comuns Só as verdadeiras necessidades, que quotidianamente renascem, podem dar prazer todos os dias Recomendo-me às tuas santas orações.

DÉCIMA-OITAVA CARTA
de Amabed

O Infalível nos quis ver em particular, a Encanto dos Olhos e a mim. O nosso monsenhor nos conduziu a seu palácio. Mandou-nos ajoelhar três vezes. O vice-Deus nos fez beijar seu pé direito, enquanto segurava as ilhargas de tanto rir. Perguntou-nos se o padre Fa Tutto nos convertera e se com efeito éramos cristãos. Minha mulher respondeu que o padre Fa Tutto era um atrevido, e o papa se pôs a rir com redobrado gosto. Beijou duas vezes a minha mulher, e a mim também.

Em seguida nos mandou sentar ao lado do seu banquinho de beija-pé. Perguntou-nos como se praticava o amor em Benares, em que idade casavam geralmente as moças, se o grande Brama possuía um serralho. Minha mulher corava; eu respondia com respeitoso recato. Depois nos despediu, recomendando-nos o cristianismo, beijando-nos, e dando-nos palmadinhas nas nádegas, em sinal de benevolência. Encontramos, na saída, os padres Fa Tutto e Fa Molto, que nos beijaram a fímbria das vestes. O primeiro impulso, que vem sempre

da alma, fez-nos a princípio recuar de horror. Mas o de roxo nos disse:

— Bem se vê que os amigos Amabed e Adate ainda não completaram a sua educação: é dever essencial neste país beijar os nossos maiores inimigos; na primeira oportunidade mandem envenená-los, se puderem; mas, enquanto isto, não deixem de lhes demonstrar a mais profunda amizade.

Beijei-os, pois, mas Encanto dos Olhos fez-lhes uma saudação muito seca, e Fa Tutto fitava-a com o rabo do olho, inclinando-se até o chão diante dela. Um verdadeiro encantamento, tudo isto. Passamos os dias a espantar-nos. Na verdade duvido que Madura seja mais agradável do que Roma.

DÉCIMA-NONA CARTA
de Amabed

Nada de castigarem o padre Fa Tutto! Ontem de manhã a nossa jovem Dera resolveu ir por curiosidade a um pequeno templo. O povo estava de joelhos. Um brâmane da terra, magnificamente vestido, curvava-se sobre uma mesa; tinha o traseiro voltado para o público, Dizem que ele fazia Deus. Depois que fez Deus, mostrou-nos a dianteira. Dera soltou um grito e exclamou: "Olhem o patife que me pegou à força!" Felizmente, no auge da revolta e da surpresa, ela pronunciou tais palavras em hindu. Asseguram-me, que se a tivessem compreendido, o populacho se lançaria a ela como a uma feiticeira. Fa Tutto respondeu-lhe em italiano: "Que a graça da Virgem te acompanhe, minha filha! Fala mais baixo."

Ela veio, desesperada, contar-nos a sua história. Nossos amigos nos aconselharam que nunca nos queixássemos. Disseram-nos que Fa Tutto era um santo, e que nunca se devia falar mal dos santos. Que queres tu? O que está feito está feito. Aceitamos pacientemente todas as diversões em que nos fazem tomar parte neste

país. Cada dia nos ensinam coisas de que nem suspeitávamos. As viagens educam muito a gente.

Chegou à corte de Leão um grande poeta; seu nome é messer Ariosto: não gosta de padres; eis como se refere a eles:

> Non sa quel che sia amor, non sa che vaglia
> La caritade e quindi avvien che i frati
> Sono si ingorda e si crudel canaglia (20).

O que quer dizer em hindu:

> Modermen sebar eso
> La te ben sofa meso.

Bem vês que superioridade a língua indiana, que é tão antiga, sempre conservará sobre todos esses recentes jargões da Europa: exprimimos em quatro palavras o que eles, com tanta dificuldade exprimem em dez. Compreendo perfeitamente que esse Ariosto diga que os monges são uma verdadeira canalha, mas não sei por que pretende que eles desconhecem o amor. Nós que o digamos! Com certeza quer dizer que eles apenas gozam, e não amam.

VIGÉSIMA CARTA
de Amabed

Faz alguns dias que não te escrevo, meu estimado grande brâmane. É devido às solicitudes com que aqui nos honram. O nosso monsenhor ofereceu-nos uma excelente ceia, a que compareceram dois jovens vestidos de vermelho da cabeça aos pés. Sua dignidade é a de cardeal, que é como quem diz gonzo de porta. Um é o cardeal Sacripante e o outro o cardeal Faquinetti. São os primeiros na terra depois do vice-Deus; de maneira que os intitulam vigários do vigário. O seu direito, sem dúvida um direito divino, consiste em serem iguais aos reis e superiores aos príncipes, e em possuírem sobretudo imensas riquezas.

Esses dois gentis-homens, durante a ceia, nos convidaram para passar alguns dias em sua casa de campo, pois cada qual porfia em nos ter consigo. Após disputarem a preferência o mais divertidamente possível, Faquinetti apoderou-se da bela Adate, sob a condição de trocarem de convidados no dia seguinte e de nos reunirmos os quatro no terceiro dia. Dera também ia conosco.

Não sei com que palavras contar-te o que nos aconteceu, mas vou tentá-lo como melhor puder.

Nota: Aqui termina o manuscrito das Cartas de Amabed Procurou-se em todas as bibliotecas de Madura e Benares a continuação destas cartas. E seguro que não existe.

Assim, no caso de que algum infeliz falsário edite um dia o resto das aventuras dos dois jovens indianos, Novas Cartas de Amabed, Novas Cartas de Encanto dos Olhos, Respostas do Grande Brâmane Xastasid, pode estar certo o leitor de que o enganam, e de que o aborrecem, como mil vezes tem acontecido em casos tais.

NOTAS

(1) – Corresponde tal data ao ano 1512 da nossa era vulgar, dois anos depois da tomada de Goa, por Afonso de Albuquerque. Cumpre saber que os brâmanes contavam 111.100 anos desde a rebelião e queda dos seres celestiais 4.552 anos desde a promulgação do Xasta, seu primeiro livro sagrado; o que dava 115.652 para o ano correspondente ao nosso ano de 1512, tempo em que reinava Babar na Mongólia, Ismael Bophi na Pérsia, Selim na Turquia, Maximiliano I na Alemanha, Luís XII na França, Júlio II em Roma, Joana a Louca na Espanha, Manuel em Portugal.

(2) – Druga é a palavra indiana que significa "virtude". É representada com dez braços e montada num dragão para combater os vícios, que são a intemperança, a incontinência, o furto, o assassínio, a injúria, a maledicência, a calúnia, a ociosidade, a resistência aos pais, a ingratidão. Foi essa figura que vários missionários tomaram pelo diabo.

(3) – Vê-se que Xastasid lera a nossa Bíblia em árabe, atentando ali na epístola de S. Judas, onde com efeito se encontram estas palavras, no

versículo 6. 0 livro apócrifo que jamais existiu é o de Enoch, citado por S. Judas no versículo 14.

(4) – É a diferença entre os textos hebraico, samaritano e dos Setenta.

(5) – Bem se vê que Xastasid fala aqui como brâmane que não tem o dom da fé e a quem foi negada a graça.

(6) – É indubitável que as fábulas concernentes a Baco eram muito comuns na Arábia e na Grécia, muito tempo antes de que as nações fossem informadas se os judeus tinham ou não uma história. Josephus confessa até que os judeus sempre conservaram os seus livros ocultos para os povos vizinhos. Baco era venerado no Egito, na Arábia, na Grécia, muito antes que o nome de Moisés penetrasse nessas regiões. Os antigos versos órficos chamam a Baco de Misa ou Mesa. Foi criado na montanha de Nisa, que é precisamente o monte Sina. Fugiu em direção ao Mar Vermelho; ali reuniu um exército e atravessou com ele esse mar, a pé enxuto. Fez parar o sol e a lua. Seu cão o seguiu em todas as expedições, e o nome de Caleb, um dos conquistadores hebreus, significa “cão”.

Os sábios muito discutiram e ainda não chegaram a um acordo sobre se Moisés é anterior a Baco, ou Baco a Moisés. Ambos são grandes homens; mas Moisés, ao bater um rochedo com a

sua vara, só fez sair água, ao passo que Baco, ao bater a terra com o seu tirso, fez sair vinho. Vem dai que todas as canções de mesa celebram a Baco, não havendo talvez duas canções em favor de Moisés.

(7) – Esse Mosasor é um dos principais anjos rebeldes que combateram contra o Eterno, como o relata o Autoraxasta, o mais antigo livro dos brâmanes, e onde está provavelmente a origem de todas as guerras dos Titãs e de todas as fábulas imaginadas depois conforme esse modelo.

(8) – Ezequiel – Cap. IV.

(9) – Oseas – Cap. I.

(10) – Ezequiel – Cap. XVI.

(11) – Juizes – Cap. XIX

(12) – Gênesis – Cap. XIX.

(13) – Gênesis – Cap. XIX.

(14) – Palavra portuguesa que significa episcopus Não está em nenhum dos quatro Evangelhos.

(15) – Aparentemente quer ele referir-se â santa Jerusalém descrita no minucioso livro do Apocalipse, em Justino, Tertuliano, Irineu e outros grandes personagens. Mas bem se vê que

esse pobre brâmane tinha disso uma idéia muito imperfeita.

(16) – Era outrora a porta do Janículo, vede como a nova Roma sobrepujou a antiga.

(17) – João VIII, assassinado a martelo por um marido ciumento. João X, amante de Teodora, estrangulado no leito da mesma. Estêvão VIII, aprisionado no castelo a que chamam hoje de Sto. Ângelo. Estêvão IX, acutilado no rosto pelos romanos. João XII, deposto pelo imperador Otão I e assassinado em casa de uma de suas amantes. Benedito V, exilado pelo imperador Otão I Benedito VII, estrangulado pelo bastardo de João X. Benedito IX, que comprou, com mais dois outros, o pontificado, e revendeu a sua parte. Etc,, etc, Todos eles eram infalíveis.

(18) – Mars, Março, Mars, Marte.

(19) – Em 1510 o papa Júlio II excomungou o rei de França Luis XII e interditou o reino de França, oferecendo-o ao primeiro que dele se quisesse apoderar, excomunhão e interdição estas que foram reiteradas em 1512. Custa acreditar hoje em tal excesso de insolência e ridículo Mas, desde Gregório VII, não houve quase nenhum bispo de Roma que não fizesse ou não quisesse fazer e desfazer soberanos, a seu bel-prazer. Os soberanos mereciam todos esse infame tratamento, pois haviam sido bastante

imbecis para fortalecerem, eles próprios, em seus súditos, a convicção da infalibilidade do papa e do seu poder sobre todas as Igrejas. Eles mesmos é que forjavam as próprias cadeias, tão difíceis de quebrar. O governo era por toda parte um caos formado pela superstição. Só muito tarde penetrou a razão nos povos do Ocidente; curou algumas feridas que fizera essa superstição inimiga do gênero humano, mas ainda restam profundas cicatrizes.

(20) – Não sabe o que é o amor, nem o que vale a caridade, e assim acontece que os frades sejam tão ávida e cruel canalha.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Junho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

Breves Contos
3

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

Breves Contos III
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 5
Nélson Jahr Garcia
BIOGRAFIA DO AUTOR — 7

BREVES CONTOS III
O BRANCO E O PRETO — 10
JEANNOT E COLIN — 33
POT-POURRI — 48

BREVES
CONTOS III

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Apresentamos três dentre os mais conhecidos contos de Voltaire. São textos críticos mas não tão irônicos e sarcásticos como os de outras obras. A preocupação maior parece fixar-se no estilo, na análise de contradições filosóficas e na pregação moral.

Em "O Branco e o Preto" Voltaire não se mostra tão crítico em relação às idéias e instituições. O conto vale pelo estilo, que lembra o romance oriental. No conteúdo, a discussão principal se refere às diferenças e similitudes entre o sonho e a realidade.

"Jeannot e Colin" é menos um conto crítico que moral. A história envolve dois amigos que se separam após o enriquecimento repentino de Jeannot, que a partir de então despreza o antigo companheiro. Mas a fortuna se esvai rapidamente. Colin aceita tornar à antiga amizade, compreendendo que a felicidade está no trabalho e na generosidade.

"Pot-pourri" mostra o Voltaire agressivamente crítico. Ataca várias religiões e culturas, os

filósofos, a ganância e a especulação, a vaidade e o egoísmo.

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente

recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio

de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

O BRANCO E O PRETO

Certamente não há, na província de Candahar, quem não conheça a aventura do jovem Rustan. Era filho único de um mirza, título este que corresponde a marquês entre nós, ou a barão entre os alemães. O mirza seu pai era possuidor de uma bela fortuna honestamente adquirida. Deviam casar o jovem Rustan com uma. dama, ou mirzesa, da sua categoria. As duas famílias o desejavam ardentemente. Devia ele constituir o consolo dos pais, tornar a sua esposa feliz, e o ser com ela.

Mas, por infelicidade, vira a princesa de Caxemira na feira de Cabul, que é a feira mais importante do mundo, e incomparavelmente mais freqüentada que as de Baçorá e Astracã. E eis agora por que o príncipe de Caxemira comparecera à feira com a sua filha.

Perdera ele as duas mais raras peças de seu tesouro: uma era um diamante do tamanho de um polegar e no qual fora gravada a efígie de sua filha, com uma arte que os hindus possuíam então e que depois se perdeu; a outra era uma azagaia que ia por si própria aonde a gente o

desejava, coisa não muito extraordinária entre nós, mas que o era em Caxemira.

Um faquir de Sua Alteza lhe roubara essas duas preciosidades e as entregara à princesa. “Guardai cuidadosamente estes dois objetos — disse-lhe ele. — Deles depende o vosso destino”. Partiu então, e nunca mais o tornaram a ver. O duque de Caxemira, desesperado, e ignorando que ambas as coisas se achavam em poder da filha, resolveu ir à feira de Cabul, para ver se entre os mercadores que ali acorriam dos quatro cantos do mundo, não haveria algum que tivesse o seu diamante e a sua arma. Levava a filha consigo em todas as viagens que fazia. Trazia esta o diamante bem escondido no cinto; quanto à azagaia, que não podia ocultar tão bem, encerrara-a cuidadosamente em Caxemira, no seu grande cofre chinês.

Rustan e ela viram-se em Cabul; amaram-se com toda a boa-fé da sua idade e toda a ternura da sua terra. A princesa, em penhor de seu afeto, lhe deu o diamante, e Rustan, à despedida, prometeu ir vê-la secretamente em Caxemira.

Tinha o jovem mirza dois favoritos que lhe serviam de secretários, escudeiros, mordomos e criados de quarto. Um chamava-se Topázio; era belo, bem feito, branco como uma circassiana, dócil e serviçal como um armênio, sábio como um

guebro. O outro chamava-se Ébano; era um negro bastante bonito, mais ativo, mais industrioso que Topázio, e que não achava nada difícil. Comunicou-lhes o seu projeto de viagem. Topázio procurou dissuadi-lo com o zelo circunspecto de um servo que não queria desagradar-lhe; fez-lhe ver tudo o que arriscava. Como deixar duas famílias em desespero? Como cravar um punhal no coração de seus pais? Chegou a abalar Rustan; mas Ébano o encorajou e varreu-lhe todos os escrúpulos.

— Mas faltava-lhe dinheiro para tão longa viagem. O sábio Topázio não faria com que lho emprestassem; Ébano o conseguiu. Sem que o patrão o soubesse, apoderou-se do diamante e mandou fazer uma imitação, que pôs no seu lugar, empenhando o verdadeiro a um armênio, por alguns milhares de rúpias.

Quando o marquês se viu de posse das suas rúpias, tudo ficou pronto para a partida. Carregaram um elefante com a bagagem; montaram a cavalo. Topázio disse ao amo: “Tomei a liberdade de fazer algumas críticas à sua empresa; mas, depois de criticar, cumpre-me obedecer; pertenço-lhe, estimo-o, hei de segui-lo até o fim do mundo; mas consultemos em caminho o oráculo que fica a duas parasangas daqui”. Rustan consentiu, O oráculo respondeu: se fores ao oriente, estarás no ocidente. Rustan

não compreendeu coisa alguma dessa resposta. Topázio sustentou que não augurava nada de bom, Ébano, sempre complacente, persuadiu-o de que ela era bastante favorável.

Havia ainda um outro oráculo em Cabul; foram também consultá-lo. O oráculo de Cabul respondeu nestes termos: Se possuis, não possuirás; se és vencedor, não vencerás; se és Rustan, não o serás. Esse oráculo afigurou-se-lhes ainda mais ininteligível que o outro. — Cuidado! — advertia-lhe Topázio. Nada tema — dizia — Ébano, e este ministro, como era de prever, tinha sempre razão perante o amo, a quem estimulava a paixão e a esperança.

Deixando Cabul, internaram-se por uma grande floresta; sentaram-se na relva para comer, soltando os cavalos no pasto. Preparavam-se para descarregar o elefante que trazia os víveres e o serviço, quando perceberam que Topázio e Ébano não mais se achavam com a pequena caravana. Chamam-nos; reboa a floresta com os nomes de Ébano e Topázio. Os criados procuram-nos por todas as direções e enchem a floresta com os seus gritos; voltam sem nada ter visto, sem que ninguém lhes tenha respondido. “Apenas encontramos — disseram a Rustan — um abutre que se batia com uma águia e que lhe arrancava todas as penas.” A narrativa desse combate espicaçou a curiosidade de Rustan; dirigiu-se a

pé até o local; não avistou nem abutre nem águia, mas viu o seu elefante, ainda com a carga, que era assaltado por um grande rinoceronte. Um investia com o chifre, o outro com a tromba. O rinoceronte, à vista de Rustan, abandonou a presa; recolheram o elefante, mas não puderam encontrar os cavalos. “Estranhas coisas acontecem quando se viaja pela floresta!” — exclamava Rustan. Os servos estavam consternados, e o amo em desespero, por haver perdido ao mesmo tempo os seus cavalos, o seu caro negro e o sábio Topázio, ao qual tinha grande amizade, embora este nunca fosse da sua opinião.

Consolava-se na esperança de em breve se ver aos pés da bela princesa de Caxemira, quando encontrou um grande asno malhado, a que um vigoroso e brutal campônio enchia de pauladas. Nada mais belo, nem mais raro, nem mais veloz na corrida do que os asnos dessa espécie. Aos golpes do vilão, respondia o asno a coices capazes de arrancar um carvalho. O jovem mirza tomou, como de razão, o partido do asno, que era uma criatura encantadora. O campônio fugiu, dizendo ao asno: “Tu me pagarás”. O asno agradeceu ao libertador na sua linguagem, aproximou-se, deixou-se acariciar, acariciou. Depois da refeição, Rustan monta no asno e encaminha-se para Caxemira com os seus criados, que seguem, uns a pé, outros montados no elefante.

Mal se havia ele acomodado no lombo do asno, quando este animal se volta na direção de Cabul, em vez de seguir o rumo de Caxemira. Por mais que o cavaleiro torcesse a rédea e apertasse os joelhos, por mais que o sofreasse, por mais que lhe metesse o relho e as esporas, o teimoso animal corria sempre direito a Cabul.

Rustan suava, debatia-se, exasperava-se, quando encontrou um vendedor de camelos que lhe disse: “Bastante velhaco é este seu burro, que o leva aonde o senhor não pretende ir; não quer trocá-lo por quatro de meus camelos, à escolha?”

Rustan agradeceu à Providência, por lhe haver deparado tão bom negócio. “Muito enganado estava Topázio — pensava ele — em me dizer que a minha viagem não seria feliz”. Monta no melhor camelo, os três outros o seguem; alcança a sua caravana, e vê-se a caminho da felicidade.

Mal andara quatro parasangas, quando é detido por uma torrente profunda, larga e impetuosa, que rolava de rochedos brancos de espuma. As duas margens eram horríveis precipícios, que turbavam a vista e gelavam o sangue; nenhum meio de atravessar, nenhum meio de tomar pela direita ou pela esquerda. “Começo a temer — disse Rustan — que Topázio tivesse razão em censurar minha viagem, e que

eu tenha feito muito mal em partir; se ao menos ele estivesse aqui, poderia dar-me alguns bons conselhos. Se aqui estivesse Ébano, haveria de consolar-me e encontraria algum expediente; mas tudo me falha". Seu embaraço era aumentado pela consternação da caravana: a noite era sem estrelas, passaram-na a lamentar-se. Afinal a fadiga e o abatimento adormeceram o enamorado viajante. Desperta ao raiar do dia e vê uma bela ponte de mármore erguida sobre a torrente, de uma margem à outra.

E foram exclamações, gritos de espanto e de alegria. "Será possível? Não será um sonho? Que prodígio! Que encantamento! Teremos coragem de passar?" Todo o bando se punha de joelhos, erguia-se, dirigia-se à ponte, beijava a terra, olhava o céu, estendia as mãos, avançava o pé a tremer, voltava, extasiava-se; e Rustan murmurava: "Sem dúvida o Céu me favorece; Topázio não sabia o que dizia; os oráculos eram em meu favor; Ébano tinha razão; mas por que não está ele aqui?"

Mal a caravana atravessou a torrente, eis que a ponte se abisma nas águas com terrível fragor. "Tanto melhor! Tanto melhor! — exclamou Rustan. — Louvado seja Deus! Ele não quer que eu volte para a minha terra, onde não passaria de simples gentil-homem; quer que eu despose aquela a quem amo. Serei príncipe de Caxemira;

é assim que, possuindo a minha amada, não possuirei o meu pequeno marquesado de Candahar. Serei Rustan, e não o serei, visto que vou tornar-me um grande príncipe: eis aí, claramente explicada em meu favor, grande parte do oráculo, o resto se explicará por si mesmo; hei de ser muito feliz. Mas por que não se acha Ébano comigo? Lamento-o muito mais do que a Topázio".

Avançou mais algumas parasangas na maior alegria; mas, ao escurecer, uma cadeia de montanhas mais abruptas que uma contra-escarpa e mais altas do que o seria a torre de Babel, se a tivessem concluído, barrou inteiramente a caravana transida de medo.

"Deus quer que pereçamos aqui — exclamavam todos. — Ele só afundou a ponte para nos tirar toda esperança de regresso; e ergueu a montanha para nos privar de qualquer meio de seguir avante. Ó Rustan! ó infeliz marquês! jamais veremos Caxemira, nunca mais regressaremos à terra de Candahar". A mais cruciante dor, o mais pesado abatimento, sucediam-se, na alma de Rustan, à imoderada alegria que sentira, às esperanças com que se embriagara. Bem longe estava agora de interpretar as profecias em seu favor. "Ó Céus! ó Deus bondoso! Para que fui perder meu amigo Topázio?!"

Como pronunciasse tais palavras, soltando profundos suspiros e derramando lágrimas, em meio da comitiva em desespero, eis que se fende a base da montanha, e um longo túnel, alumiado de cem mil archotes, se lhes apresenta às vistas ofuscadas. E Rustan a exclamar, e sua gente a cair de joelhos, a tombar de espanto, a proclamar milagre! E a dizer: “Rustan é o favorito de Vixnu, o bem-amado de Brama; será o senhor do mundo”. Rustan o acreditava, estava fora de si, erguido acima de si mesmo. “Ah! Ébano, meu querido Ébano! Onde estás, que não vens testemunhar estas maravilhas? Como te fui perder? E quando, bela princesa de Caxemira, quando tornarei a ver os teus encantos?”

Avança, com os seus criados, com o seu elefante, com o seu camelo, por debaixo da abóbada da montanha, ao fim da qual penetra em um vale esmaltado de flores e bordado de arroios; e além do prado, alamedas a perder de vista; e além das alamedas, um rio, a cujas margens se erguem mil casas de recreio, com deliciosos jardins. Ouve, por toda parte, cantos e instrumentos; vê gente dançando; apressa-se em atravessar uma das pontes; indaga ao primeiro que lindo país seria aquele.

Aquele a quem se dirigia respondeu-lhe: “Esta é a província de Caxemira; os habitantes entregam-se agora à alegria e aos folguedos,

celebrando as núpcias da nossa bela princesa, que vai casar-se com o senhor Barbabu, a quem o pai a prometeu; que Deus lhes perpetue a felicidade.”

A estas palavras Rustan tombou desfalecido, e o senhor de Caxemira julgou-o sujeito a ataques epilépticos; mandou levá-lo para sua casa, onde se conservou por muito tempo sem sentidos. Mandou chamar os dois médicos mais hábeis do cantão; tomaram o pulso ao doente que, tendo-se refeito um pouco, lançava soluços e revirava os olhos, exclamando de tempos em tempos: “Topázio, Topázio, tu tinhas razão!”

Um dos médicos disse ao senhor de Caxemira: “Vejo, pelo seu sotaque, que é um jovem de Candahar, a quem este clima não convém; deixe-o comigo, que o levarei de volta à sua pátria e o curarei”. Assegurou o outro médico que Rustan só estava doente de desgosto, que deviam levá-lo às núpcias da princesa e fazê-lo dançar; os dois médicos foram dispensados e Rustan ficou a sós com o seu hóspede.

— Senhor — lhe disse ele, — peço-lhe perdão por haver desmaiado na sua presença, sei que isso não é nada polido;, queira aceitar meu elefante como prova de reconhecimento pela bondade com que me honrou.

Contou-lhe em seguida todas as suas aventuras, evitando referir-se ao objetivo da viagem.

— Mas — indagou ele, — em nome de Vixnu e Brama, diga-me quem é esse feliz Barbabu que desposa a princesa de Caxemira, por que seu pai escolheu para genro e por que a princesa o aceitou como esposo?

— Senhor, a princesa absolutamente não aceitou Barbabu: pelo contrário, está em pranto, enquanto toda a província celebra com alegria o seu casamento; encerrou-se na torre do palácio; não quer assistir a nenhum dos festejos que fazem em sua honra.

Rustan, ao ouvir essas palavras, sentiu-se renascer; o brilho de suas cores, que a dor fanara, reapareceu-lhe nas faces.

— Queira dizer-me — continuou ele — por que o príncipe de Caxemira se obstina em dar sua filha a um Barbabu a quem ela detesta?

— Não sabia o senhor que o nosso augusto príncipe perdera um valioso diamante e uma azagaia de grande estimação?

— Ah! bem o sei.

— Pois saiba que o nosso príncipe, desesperado por não ter notícias dessas

preciosidades, depois de as ter mandado procurar por toda a terra, prometeu a mão da filha a quem lhe trouxesse qualquer um dos dois objetos. Apareceu um senhor Barbabu, munido do diamante, e amanhã vai casar com a princesa.

Rustan empalideceu, gaguejou um cumprimento, despediu-se, e correu de dromedário à capital, onde deveria realizar-se a cerimônia. Chega ao palácio do príncipe; alega que tem coisas importantíssimas para lhe comunicar; pede uma audiência; respondem que — o príncipe está ocupado nos preparativos do casamento.

— É por isso mesmo que quero falar-lhe.

E tanto instou que foi introduzido.

— Senhor — diz ele ao príncipe, — que Deus coroe todos os vossos dias de glória e magnificência! O vosso genro é um trapaceiro.

— Como! um trapaceiro? Atreve-se a dizê-lo? E assim que se fala a um duque de Caxemira do genro que ele escolheu?

— Sim, um trapaceiro. E para o provar a Vossa Alteza, é que trago aqui vosso diamante.

O duque, espantado, confrontou os dois diamantes e, como não entendia de pedras preciosas, não pode decidir qual fosse o

verdadeiro. “Aqui estão dois diamantes — disse ele — e só tenho uma filha: eis-me num estranho embaraço!” Mandou chamar Barbabu e perguntou-lhe se não o havia enganado. Barbabu jurou que comprara o seu diamante a um armênio; o outro não dizia de quem houvera o seu, mas propôs um expediente: que aprouvesse a Sua Alteza fazê-lo combater em seguida contra o rival.

— Não basta que vosso genro dê um diamante — dizia ele, — é preciso que também dê provas de valor. Não achais bem que aquele que matar o outro despose a princesa?

— Esplêndido — respondeu o príncipe, — será um belo espetáculo para a Corte: batei-vos depressa os dois; o vencedor tomará as armas do vencido, segundo o costume de Caxemira, e desposará minha filha.

Os dois pretendentes desceram logo à pista. Havia na escada uma pega e um corvo. O corvo gritava: “Batam-se, batam-se”; e a pega: “Não se batam”. O que fez rir ao príncipe; os dois rivais, mal lhes deram atenção, iniciaram o combate; todos os cortesãos formavam circulo em torno deles. A princesa, sempre encerrada na torre, não quis assistir ao espetáculo; longe estava de imaginar que o seu apaixonado se achava em Caxemira, e tinha tamanho horror a Barbabu que

nada queria ver. O combate desenvolveu-se o melhor possível; Barbabu foi logo morto e o povo sentiu-se encantado, pois que Barbabu era feio e Rustan muito bonito: é o que decide quase sempre do favor público.

O vencedor vestiu a cota de malha, a charpa e o capacete do vencido e foi, ao som das fanfarras e seguido de toda a Corte, apresentar-se sob as janelas da bem-amada. “Bela princesa — gritavam todos, — vinde ver vosso belo marido que matou seu feio rival”. As aias repetiam tais palavras.

A princesa, por desgraça, pôs a cabeça à janela e, avistando a armadura do homem a quem abominava, correu desesperada ao cofre chinês e retirou a azagaia fatal, que foi ferir o seu querido Rustan na fenda da couraça; este lança um grito e nesse grito a princesa julga reconhecer a voz de seu infeliz amado.

Desce desgrenhada, com a morte nos olhos e no coração. Rustan, coberto de sangue, jazia tombado nos braços do rei. Ela o vê: ó momento! ó espetáculo, ó reconhecimento, de que se não pode exprimir nem a angústia, nem a ternura, nem o horror! Lança-se a ele, beija-o. “Tu recebes — lhe diz ela — os primeiros e os últimos beijos da tua amada e da tua assassina”. Retira o dardo da ferida, mergulha-o no próprio coração e expira

sobre aquele a quem adora. O pai, fora de si, alucinado, pronto a morrer com ela, tenta em vão chamá-la à vida; a pobre não mais existia; ele amaldiçoa aquele dardo fatal, quebra-o em pedaços, lança ao longe aqueles dois diamantes funestos; e, enquanto preparam os funerais da filha em vez de seu casamento, manda transportar para o palácio Rustan ensangüentado, que tinha ainda uns restos de vida. Colocam-no em um leito. A primeira coisa que vê aos dois lados daquele leito de morte, é Topázio e Ébano. A surpresa lhe devolve um pouco as forças.

— Ah! cruéis — diz ele, — por que me abandonastes? Talvez a princesa ainda vivesse, se estivésseis perto do infeliz Rustan.

— Eu nunca vos abandonei um único instante — diz Topázio.

— Sempre estive perto de vós — afirma Ébano.

— Ah! que dizeis? Por que insultar meus últimos momentos? — lhes diz Rustan com voz débil.

— Podeis acreditar-me — diz Topázio, — bem sabeis que nunca aprovei essa fatal viagem, de que previa as horríveis conseqüências. Era eu a águia que lutou com o abutre; era eu o elefante

que se sumiu com a bagagem, para forçar-vos a voltar à pátria; era eu o asno malhado que vos reconduzia para a casa paterna; fui eu quem dispersou vossos cavalos; fui eu quem formou a torrente que vos impedia a passagem; fui eu quem ergueu a montanha que vos fechava um caminho tão funesto; era eu o médico que vos aconselhava o clima natal; era eu a pega que vos gritava que combatêsseis.

— E eu — diz Ébano, — eu era o abutre que lutou com a águia, eu era o rinoceronte que dava chifradas no elefante, o vilão que castigava o asno malhado, o mercador que vos cedia camelos para a vossa perda; construí a ponte sobre a qual passastes; cavei a galeria que atravessastes; sou o médico que vos animava a seguir, o corvo que vos gritava que combatêsseis.

—.Lembra-te dos oráculos — diz Topázio. — Se vais ao oriente, estará, no ocidente.

— Sim — confirma Ébano, — aqui enterram os mortos com o rosto voltado para o ocidente. O oráculo era claro. Como não o compreendeste? Tu possuías, e não possuías: pois tinhas o diamante, mas era falso, e o ignoravas. És vencedor e morres; és Rustan e deixas de o ser; tudo foi cumprido.

Enquanto assim falava, quatro asas brancas cobriram o corpo de Topázio, e quatro asas negras o de Ébano.

— Que vejo?! — exclamou Rustan.

Topázio e Ébano responderam juntos:

— Tu vês os teus dois gênios.

— Ai! — gemeu o infeliz Rustan. — Para que vos metestes nisso? E para que dois gênios para um pobre homem?

— É a lei — sentenciou Topázio. — Cada homem tem os seus dois gênios, foi Platão quem primeiro o disse, e outros depois o repetiram; bem vês que nada é mais verdadeiro: eu, que te falo, sou o teu bom gênio, e o meu encargo era velar por ti até o último instante da tua vida; desempenhei fielmente o meu papel

— Mas — disse o moribundo, — se a tua função era servir-me, sou pois de uma natureza muito superior à tua; e depois, como ousas afirmar que és o meu bom gênio, quando deixaste me enganarem em tudo o que empreendo; e nos deixas morrer miseravelmente, a mim e à minha bem-amada?

— Era o teu destino — disse Topázio.

— Se é o destino que faz tudo — observou o moribundo, para que serve então meu gênio? E tu, Ébano,- com as tuas quatro asas negras, és, pelo que se vê, o meu gênio mau?

— Tu o disseste — respondeu Ébano.

— Então eras também o gênio mau da minha princesa?

— Não, a princesa tinha o seu, e eu secundei-o perfeitamente.

— Ah! maldito Ébano, se és tão mau assim, não pertences então ao mesmo senhor que Topázio? São ambos formados por dois princípios diferentes, dos quais um é bom e o outro mau por natureza?

— Não é uma conseqüência — disse Ébano, — mas é uma grande dificuldade.

— Não é possível, tornou o moribundo, que um ser favorável tenha criado um gênio tão funesto.

— Possível ou não — retrucou Ébano, — a coisa é como te digo.

— Ah! meu pobre amigo — interrompeu Topázio, — não vês que esse velhaco tem ainda a malícia de te fazer discutir, para assanhar teu sangue e precipitar a hora da tua morte?

— Vai-te, não estou mais contente contigo do que com ele — diz o triste Rustan. — Ele ao menos confessa que me quis fazer mal; e tu, que pretendias defender-me, não me serviste de nada.

— Sinto-o muito — desculpou-se o bom gênio.

— E eu também — afirmou o moribundo. — Há nisso tudo qualquer coisa que eu não compreendo.

— Nem eu tampouco — disse o pobre do bom gênio.

— Mas daqui a um instante saberei tudo — disse Rustan.

— É o que veremos — concluiu Topázio.

Então tudo desapareceu. Rustan achou-se na casa de seu pai, de onde não saíra, e no seu leito, onde havia dormido durante uma hora.

Desperta em sobressalto, banhado em suor, perdido; apalpa-se, chama, grita, puxa a sineta. Seu criado Topázio acorre de carapuça e bocejando.

— Estou morto? Estou vivo? — exclamou Rustan. — E a bela princesa de Caxemira? Será que escapa?

— O meu senhor está sonhando? — disse friamente Topázio.

— Ah! — clamava Rustan. — Que é feito desse maldito Ébano, com as suas quatro asas negras? Foi ele que me fez morrer de morte tão cruel.

— Senhor, deixei-o lá em cima, a roncar. Faço-o descer também?

— O celerado! Há seis meses inteiros que me persegue. Foi ele quem me levou a essa feira aziaga de Cabul. Foi ele quem escamoteou o diamante que me deu a princesa. É ele o culpado da minha viagem, da morte da minha princesa, e do golpe de azagaia de que morro na flor da idade.

— Tranqüilizai-vos — disse Topázio. — Nunca estivestes em Cabul; não existe nenhuma princesa de Caxemira; o seu pai tem apenas dois filhos varões, que estão atualmente no colégio. Nunca tivestes diamante; a princesa não pode estar morta porque não nasceu; e a vossa saúde é perfeita.

— Como! Não é verdade que assistias à minha morte no leito do príncipe de Caxemira? Não me confessaste que, para me preservar de tantos males, havias sido águia, elefante, asno malhado, médico e pega?

— Sonhastes isso tudo, senhor: as nossas idéias não pendem mais de nós no sono do que na vigília. Quis Deus que esse desfile de idéias vos passasse pela cabeça, para vos dar decerto alguma instrução, de que tirareis proveito.

— Zombas de mim — tornou Rustan.. — Quanto tempo dormi?

— Senhor, não dormistes ainda uma hora.

— Pois então, maldito argumentador, como queres tu que, em uma hora, tenha eu estado há seis meses na feira de Cabul, de lá tenha voltado e ido a Caxemira, e que estejamos mortos, Barbabu, a princesa e eu?

Não há nada mais fácil nem mais ordinário, senhor, e realmente poderíeis ter dado volta ao mundo e passado por mais aventuras em muito menos tempo. Não é verdade que podeis ler em uma hora o compêndio da história dos persas, escrito por Zoroastro? No entanto, esse compêndio abrange oitocentos mil anos. Todos esses acontecimentos passam um após outro, a vossos olhos, durante uma hora. E haveis de concordar que é tão fácil a Brama comprimi-los todos no espaço de uma hora como estendê-los no espaço de oitocentos mil anos; é exatamente a mesma coisa. Imaginai que o tempo gira sobre uma roda cujo diâmetro é infinito. Nessa roda imensa há uma multidão inumerável de rodas,

umas dentro das outras; a do centro é imperceptível e dá um número infinito de voltas precisamente no mesmo tempo em que a grande roda completa uma volta. É claro que todos os acontecimentos, desde o princípio do mundo até o seu fim, podem acontecer sucessivamente em muito menos tempo que a centésima milésima parte de um segundo; e pode-se afirmar que a coisa é mesmo assim.

— Não compreendo — disse Rustan.

— Se quiserdes — disse Topázio, — tenho um papagaio que vos fará fielmente compreender isso tudo. Nasceu algum tempo antes do Dilúvio; estava na Arca; viu muitas coisas; no entanto, tem apenas ano e meio: ele vos contará a sua história, que é muito interessante.

— Traze-me depressa o teu papagaio — disse Rustan, — Ele me divertirá até que eu possa adormecer de novo.

— Está com a minha irmã religiosa — disse Topázio. Vou buscá-lo, gostareis dele; a sua memória é fiel, e ele conta simplesmente, sem procurar mostrar espírito à propósito de tudo, e sem fazer frases.

Tanto melhor — observou Rustan, — é assim que me agradam as histórias.

Trouxeram-lhe o papagaio, o qual assim falou:

N. B.: Mademoiselle Catherine Vadé nunca pode encontrar a história do papagaio entre os papéis de seu falecido primo Antoine Vadé, autor deste conto. O que é uma pena, dado o tempo em que vivera o papagaio.

JEANNOT E COLIN

Várias pessoas dignas de fé viram Jeannot e Colin na escola da cidade de Issoire, em Auvergne, famosa em todo o universo por seus colégios e seus tachos. Jeannot era filho de um conhecido vendedor de mulas, e Colin devia seus dias a um bravo lavrador dos arredores, que cultivava a terra com quatro animais e que depois de haver pago a talha, mais o imposto adicional, e as gabelas, o soldo por libra, a captação e os vigésimos, não se encontrava lá muito rico ao fim do ano.

Jeannot e Colin eram muito bonitos para auvernheses; estimavam-se muito e tinham dessas pequenas intimidades, dessas pequenas confidências, que a gente sempre relembra com agrado, quando torna a encontrar-se mais tarde.

Estava para findar o tempo de seus estudos, quando um alfaiate trouxe a Jeannot uma roupa de veludo de três cores, com uma jaqueta leonesa de excelente gosto: vinha tudo acompanhado de uma carta para o senhor de La Jeannotière. Colin admirou a roupa, sem sentir inveja; mas Jeannot tomou um ar de superioridade que afligiu Colin. Desde esse momento Jeannot não estudou mais,

olhava-se ao espelho e desprezava a todo o mundo. Algum tempo depois, chega um criado de diligência e traz uma segunda carta para o senhor marquês de La Jeannotière: era uma ordem do senhor seu pai para que o senhor seu filho se dirigisse a Paris. Jeannot subiu para o carro, estendendo a mão a Colin com um nobre sorriso protetor. Colin sentiu o seu próprio nada e chorou. Jeannot partiu em toda a pompa da sua glória.

Os leitores que gostam de instruir-se devem saber que o senhor Jeannot pai adquirira uma fortuna imensa nos negócios. Indagais como se fica assim tão rico? Mera questão de sorte. O senhor Jeannot era bem parecido, sua mulher também, e ainda estava bastante viçosa. Foram ambos a Paris, devido a um processo que os arruinava, quando a sorte, que eleva e rebaixa os homens a seu bel-prazer, os apresentou à esposa de um empreiteiro dos hospitais militares, homem de grande talento e que podia gabar-se de haver liquidado mais soldados em um ano do que o canhão em dez. Jeannot agradou a Madame; a mulher de Jeannot agradou a Monsieur. Em breve Jeannot participava da empresa; meteu-se em outros negócios. Quando a gente está na correnteza, é só deixar-se carregar; e faz-se sem trabalho uma fortuna imensa. Os pobretões que, da margem, nos vêem vogar a todo o pano, arregalam os olhos; não atinam como pudemos

vencer; invejam-nos pura e simplesmente e escrevem, contra nós, panfletos que não lemos. Foi o que aconteceu a Jeannot pai, que em breve se transformou em senhor de La Jeannotière e que, tendo adquirido um marquesado ao cabo de seis meses, retirou da escola o senhor marquês seu filho, para introduzi-lo na alta sociedade de Paris.

Colin, sempre terno, escreveu uma carta de cumprimentos a seu antigo camarada, enviando-lhe *estas linhas para congratular-me...* O marquesinho não lhe deu resposta. Colin adoeceu de pesar.

O pai e a mãe deram primeiro um preceptor ao jovem marquês: esse preceptor, que era um homem da alta e que nada sabia, não pode ensinar coisa alguma a seu pupilo. Monsieur queria que o filho aprendesse latim, Madame não o queria. Tomaram por árbitro um autor que era então famoso por obras agradáveis. Convidaram-no a jantar. O dono da casa começou por lhe dizer:

— O senhor que sabe latim e que é um homem da Corte...

— Eu, senhor, latim?! Não sei uma palavra de latim e me dou muito bem com isso: é claro que se fala muito melhor a própria língua quando não se divide a aplicação entre ela e as línguas

estrangeiras. Veja todas as nossas damas: têm um espírito mais agradável que o dos homens; as suas cartas têm cem vezes mais graça; e, se nos levam essa vantagem, é porque não sabem latim.

— Pois não tinha eu razão? — disse Madame. — Eu quero que o meu filho seja um homem de espírito, que obtenha sucesso na sociedade; e bem se vê que, se soubesse latim, estaria perdido. Acaso se representa comédia e ópera em latim? Pleiteia-se em latim, quando se tem um processo? Ama-se em latim?

Monsieur, ofuscado com essas razões, abdicou, e ficou assentado que o jovem marquês não desperdiçaria tempo em conhecer Cícero, Horácio e Virgílio.

— Mas que aprenderá. ele então? — insistiu. — Pois é preciso que saiba alguma coisa. Não se poderia ministrar-lhe um pouco de geografia?

— De que lhe serviria? — retrucou o preceptor. — Quando o senhor marquês for visitar suas terras, acaso os postilhões não saberão o caminho? Certamente que não hão de extraviá-lo. Não se tem necessidade de um esquadro para viajar, e vai-se muito comodamente de Paris a Auvergne sem que seja preciso tirar a latitude.

Tem razão — replicou o pai. — Mas ouvi falar de uma bela ciência que se chama, creio eu, astronomia.

— Qual! — disse o preceptor. — Quem é que se guia pelos astros neste mundo? E será preciso que o senhor marquês se mate em calcular um eclipse quando o encontra indicado no almanaque, o qual, ainda por cima, o informa das festas móveis, a idade da lua e de todas as princesas da Europa!

Madame ficou de pleno acordo com o preceptor. O marquesinbo estava no auge da alegria; o pai hesitava.

— Mas que se deve então ensinar a meu filho? — dizia.

— A ser amável — respondeu o amigo a quem consultavam. — E, se sabe os meios de agradar, saberá tudo: é uma arte que aprenderá com a senhora sua mãe, sem que nenhum dos dois se dê ao mínimo trabalho.

Madame, a estas palavras, beijou o gracioso ignorante, e disse-lhe:

— Bem se vê que o senhor é o homem mais sábio do mundo; meu filho lhe ficará devendo toda a sua educação. Imagino que não ficaria mal se ele soubesse um pouco de história.

— Mas para que serve isso, Madame! só é agradável e útil a história do dia. Todas as histórias antigas, como o dizia um de nossos talentos, são apenas fábulas admitidas; e, quanto às modernas, são um verdadeiro caos que não se pode destrinçar. Que importa ao senhor seu filho que Carlos Magno haja instituído os doze pares de França e o seu sucessor fosse gago?

— Muito bem! — exclamou o preceptor. — Abafa-se o espírito das crianças sob esse amontoado de conhecimentos inúteis; mas, de todas as ciências, a mais absurda, a meu ver, e a mais capaz de abafar toda espécie de gênio, é sem dúvida a geometria. Essa ciência ridícula tem por objeto superfícies, linhas e pontos que não existem na natureza. Faz-se passar, em espírito, cem mil linhas curvas entre um circulo e uma linha reta que o toca, embora na realidade não se lhe possa meter um fio de linha. A geometria, na verdade, não passa de uma brincadeira de mau gosto.

Monsieur e Madame não compreendiam muito bem o que queria dizer o preceptor, mas mostraram-se de pleno acordo.

— Um senhor como o jovem marquês — continuou ele — não deve secar o cérebro nesses vãos estudos. Se um dia tiver necessidade de um sublime geômetra para fazer o levantamento de

suas terras, manda-la-á medir a dinheiro. Se quiser evidenciar a antigüidade de sua nobreza, que remonta aos mais afastados tempos, mandará buscar um beneditino. O mesmo acontece com todas as artes. Um jovem senhor de bom nascimento não é nem pintor, nem músico, nem arquiteto, nem escultor; mas faz florescerem todas as artes, animando-as com a sua munificência. Mais vale sem dúvida protegê-las que as exercer; basta que o senhor marquês tenha bom gosto; compete aos artistas trabalharem para ele; eis por que há, muita razão em dizer-se que as pessoas de qualidade (refiro-me às bastante ricas) sabem tudo sem nada ter aprendido, pois, com o tempo, são capazes de julgar todas as coisas que encomendam e pagam.

O amável ignorante tomou então a palavra e disse:

— Madame observou muito bem que o grande objetivo do homem é triunfar na sociedade. Mas, falando com sinceridade, será com as ciências que se obtém esse triunfo? Alguém já se lembrou de falar sobre geometria em boa sociedade? Acaso se pergunta a um homem às direitas que astro se ergue hoje com o sol? Quem é que se informa, numa ceia, se Clódio, o cabeludo, atravessou o Reno?

— Certamente que não! — exclamou a marquesa de La Jeannotière, cujos encantos a tinham às vezes introduzido na alta sociedade. — E o senhor meu filho não deve abafar seu engenho no estudo de toda essa trapalheira. Mas, afinal, que lhe mandaremos ensinar? Pois é bom que um jovem fidalgo possa brilhar de vez em quando, como diz o senhor meu marido. Ouvi um padre dizer que a mais agradável das ciências era uma coisa de que esqueci o nome, mas que começa por b.

— Por b, Madame? Não será botânica?

— Não, não era de botânica que ele me falava; começava por b e acabava por ões.

— Ah! compreendo, Madame; trata-se da ciência dos brasões: é na verdade uma ciência muito profunda; mas passou de moda depois que se perdeu o costume de mandar pintar as armas nas portas da carruagem era o que poderia haver de mais útil em um Estado devidamente civilizado. Aliás, esses estudos não findariam nunca; não há hoje barbeiro que não tenha o seu escudo; e Madame bem sabe que o que se torna comum é pouco apreciado.

Afinal, depois de examinadas as vantagens e desvantagens das ciências, ficou resolvido que o marquês aprenderia a dançar.

A natureza, que faz tudo, dera-lhe um talento que logo se desenvolveu com prodigioso sucesso: o de cantar agradavelmente vaudevilles. As graças da mocidade, aliadas a esse dote superior, fizeram-no considerar como um dos jovens mais esperançosos da cidade. Foi amado das mulheres e, tendo a cabeça cheia de canções, fê-las aos centos para as suas namoradas. Pilhava Bacchus et l'Amour em um vaudeulle, la nuit et le jour em outro, les charmes et les alarmes em um terceiro. Mas, como sempre havia em seus versos alguns pés de mais ou de menos do que cumpria, mandava-os corrigir a vinte luises por produção: e foi posto na Année littéraire, ao lado dos La Fare, dos Chaulieu, dos Hamilton, dos Sarrasin e dos Voiture.

A senhora marquesa julgou então ser mãe de um bel esprit, e deu para oferecer jantares a todos, os beaux esprit de Paris. Isso logo virou a cabeça do jovem, que adquiriu a arte de falar sem entender-se e aperfeiçoou-se no hábito de não prestar para coisa alguma. O pai, quando o viu tão eloqüente, sentiu não lhe ter mandado ensinar latim, pois nesse caso lhe compraria um alto cargo na justiça. A mãe, que tinha sentimentos mais nobres, encarregou-se de solicitar um regimento para o filho; e este, enquanto o regimento não vinha, dedicava-se ao amor. O amor é às vezes mais caro que um regimento. Gastou muitíssimo, enquanto seus

pais tampouco olhavam a despesas, para viverem como grão-senhores.

Ora, tinham eles como vizinha uma viúva moça e nobre, que resolveu salvar a fortuna do senhor e da senhora de La Jeannotière, apropriando-se dela e desposando o jovem marquês. Soube atraí-lo à sua casa, deixou-se amar, deu-lhe a entender que não lhe era indiferente, governou-o pouco a pouco, encantou-o, subjugou-o sem dificuldade. Ora o elogiava, ora lhe dava conselhos; tornou-se a melhor amiga do pai e da mãe. Uma velha vizinha propõe o casamento; os pais, deslumbrados com o esplendor de tal aliança, aceitaram com alegria a proposta: deram o seu filho único à sua amiga íntima. O jovem marquês ia desposar uma mulher a quem adorava e por quem era amado; os amigos da casa o felicitavam: iam redigir as cláusulas, enquanto se trabalhava no enxoval e no epitalâmio.

Estava ele, certa manhã, aos joelhos da encantadora esposa que o amor, a estima e a amizade lhe iam dar; gozavam, num terno e animado colóquio, as primícias de sua ventura; arquitetavam uma existência deliciosa, quando entra alarmado um camareiro da senhora mãe.

— Diferentes notícias lhes trago — assim os interrompe ele, — os meirinhos despejam a casa

de Monsieur e de Madame; tudo está sendo seqüestrado pelos credores: fala-se até de prisão, e eu vou tomar providências para que me paguem os meus ordenados.

— Espera! Que coisa me disse? Que história é essa?! — exclama o marquês.

— Anda, vai já punir esses malandros! — Incita-o a viúva.

Corre, chega à casa, o pai já estava preso, todos os criados haviam fugido cada um para o seu lado, carregando com tudo o que podiam. A mãe achava-se sozinha, sem amparo, sem consolação, afogada em pranto: nada mais lhe restava que a lembrança da sua fortuna, da sua beleza, das suas faltas e das suas loucas despesas.

O filho, depois de haver longamente chorado com a mãe, afinal lhe disse:

— Não desesperemos, a viúva me ama loucamente, é ainda mais generosa que rica, respondo por ela; espere, que vou buscá-la.

Volta, pois, à casa da noiva: encontra-a em colóquio com um jovem oficial muito amável.

O marquês, pasmado, com a cólera no coração, foi procurar o antigo preceptor, derramou-lhe no peito as suas dores, e lhe pediu

conselhos. Este lhe propõe fazer-se, como ele, preceptor de meninos. “Ai de mim! nada sei; o senhor não me ensinou coisa alguma, e foi o primeiro fator da minha desgraça”. E rompia em soluços, enquanto assim lhe falava. “Escreva romances” — disse um bel esprit que se achava presente.

— “É um ótimo recurso em Paris.”

O jovem, mais desesperado do que nunca, correu ao confessor de sua mãe. Era um teatino muito acreditado, que só dirigia senhoras da alta sociedade. Logo que avistou Jeannot, precipitou-se para este:

— Meu Deus, senhor marquês! Onde esta a sua carruagem? Como passa a respeitável senhora marquesa sua mãe?

O pobre infeliz contou-lhe o desastre da família. A medida que ele se explicava, o teatino assumia um ar mais grave, mais alheado, mais imponente:

— Meu filho, eis aonde Deus queria chegar: as riquezas só servem para corromper o coração. Com que então Deus concedeu à sua mãe a graça de reduzi-la à mendicidade?

— Sim, meu padre.

— Tanto melhor: agora ela pode ter certeza da sua .salvação.

— Mas, meu padre, enquanto se espera, não haveria meio de obter algum socorro neste mundo?

— Adeus, meu filho; está uma dama da Corte à minha espera.

O marquês esteve a ponto de desmaiar; seus amigos trataram-no mais ou menos da mesma maneira e, numa só tarde, aprendeu melhor a conhecer o mundo do que em todo o resto da sua vida.

Estando assim acabrunhado pelo desespero, viu que se aproximava um carro antigo, espécie de aranha coberta, com cortinas de couro, seguido de quatro enormes carroças completamente carregadas. Achava-se no carro um homem grosseiramente vestido; tinha um rosto redondo e fresco, que respirava brandura e alegria. Sua mulherzinha, morena, e também rusticamente agradável, era sacudida a seu lado. O veículo não corria como a carruagem de um peralvilho. O viajante tem tempo de sobra para contemplar o marquês imóvel, abismado na dor.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Creio que é Jeannot.

A este nome, o marquês ergue os olhos, o carro detém-se.

— É Jeannot mesmo. É Jeannot!

E o homenzinho rechonchudo corre, de um salto, a abraçar o seu antigo camarada. Jeannot reconhece Colin;. a vergonha e as lágrimas cobrem-lhe as faces.

— Tu me abandonaste — diz Colin, — mas, por mais fino que estejas agora, eu sempre te estimarei.

Jeannot, confuso e enternecido, contou-lhe, entre soluços, uma parte da sua história.

— Anda comigo à hospedaria para contar-me o resto — lhe diz Colin, — abraça a minha mulherzinha e vamos jantar juntos.

Seguem os três a pé, seguidos da bagagem.

— Que trazes ai? Tudo isso é teu?

— Meu e de minha mulher. Venho do interior; dirijo uma boa manufatura de ferro estanhado e cobre. Desposei a filha de um rico negociante de utensílios necessários aos grandes e aos pequenos; trabalhamos muito; Deus nos ajuda: não mudamos de condição, estamos bem, e ajudaremos ao nosso amigo Jeannot. Não sejas mais; marquês; as grandezas deste mundo não

valem um bom amigo. Voltarás comigo à nossa terra, aprenderás meu ofício; não é muito dificultoso; eu te darei sociedade, e viveremos alegremente no pedaço de terra onde nascemos.

Jeannot, desconcertado, sentia-se dividido entre a dor e a alegria, a ternura e a vergonha; e dizia baixinho: “Todos os meus amigos da alta me traíram, apenas Colin, a quem desprezei, vem em meu socorro. Que lição!” A magnanimidade de Colin animou as generosas inclinações de Jeannot, que a sociedade ainda não destruíra. Sentiu que não podia abandonar o pai e a mãe. “Cuidaremos de tua mãe — disse Colin — e, quanto ao velho, que está preso, eu cá entendo um pouco de negócios; seus credores, vendo que ele não tem mais nada, hão de contentar-se com pouco; deixa a coisa comigo”. Tanto fez Colin, que tirou o pai da prisão. Jeannot voltou para a sua terra, com os pais, que retomaram a sua primeira profissão. Jeannot desposou uma irmã de Colin, a qual, tendo e mesmo gênio do irmão, o fez muito feliz.

E Jeannot pai, e Jeanotte mãe, e Jeannot filho viram que a ventura não está na vaidade.

POT-POURRI

§ I

O pai de Polichinelo foi Brioché, não seu pai propriamente dito, mas pai espiritual. O pai de Brioché era Guillot Gorju, que foi filho de Gilles, que foi filho de Gros-René, que era descendente do rei dos bobos e da tia boba; é assim que o escreve o autor de "L'almanach de la Foire". O sr. Parfait, escritor não menos digno de fé, dá por pai, a Brioché, Tabarin; a Tabarin, Gros-Guillaume; a Gros-Guillaume, Jean-Boudin; mas remontando sempre ao rei dos bobos. Se se contradizem os dois historiadores, isto constitui uma prova da verdade para o padre Daniel, que os concilia com maravilhosa sagacidade, destruindo assim o pirronismo da História.

§ II

Quando eu terminava o parágrafo primeiro dos cadernos de Merri Hissing, no meu gabinete, que dá para a rua de Saint-Antoine vi passar os síndicos dos apoticários, que iam apreender drogas e verdete que os jesuítas da rua contrabandeavam. O meu vizinho sr. Husson, que é uma sólida cabeça, veio ter comigo e disse-me:

— O senhor ri, meu amigo, de ver os jesuítas vilipendiados; e se alegra com saber que são

acusados de um parricídio em Portugal e de uma rebelião no Paraguai. O clamor público que contra eles se eleva na França, o ódio que lhes votam, os repetidos opróbrios de que são cobertos, parece tudo isso um consolo para o senhor; mas saiba que, se forem condenados, como todas as pessoas honradas o desejam, o senhor nada ganhará com isso: será esmagado pela facção dos jansenistas. São entusiastas ferozes, almas de bronze, piores que os presbiterianos que derrubaram o trono de Carlos I. Considere que os fanáticos são mais perigosos do que os velhacos. Jamais se convence um energúmeno; a um velhaco, sim. Discuti muito tempo com o sr. Husson; disse-lhe afinal:

— Console-se, senhor, talvez venham a ser os jansenistas algum dia tão hábeis como os jesuítas.

Tratei de abrandá-lo; mas é uma cabeça dura, incapaz de mudar de idéia.

§ III

Brioché, vendo que Polichinelo era duplamente corcunda, quis ensinar-lhe a ler e a escrever. Ao cabo de dois anos, Polichinelo sabia soletrar passavelmente, mas jamais conseguiu servir-se de uma pena. Um dos narradores da sua vida observa que ele tentou um dia escrever o próprio nome, mas ninguém pôde lê-lo.

Brioché era muito pobre; sua mulher e ele não tinham meios para sustentar Polichinelo, e muito menos para fazê-lo aprender um ofício. Polichinelo lhes disse:

— Eu sou corcunda, e tenho memória; três ou quatro de meus amigos e eu podemos estabelecer-nos com fantoches; ganharei algum dinheiro: os homens sempre gostaram de fantoches; algumas vezes dá prejuízo apresentar novos fantoches, mas também há margem para grandes lucros.

O sr. e a sra. Brioché admiraram o bom senso do jovem; constituiu-se a companhia, que foi armar seu tablado num burgo suíço, na estrada de Appenzell a Milão.

Fora justamente nessa aldeia que os charlatães de Orvieto haviam fundado a loja do seu orvietão. Aperceberam-se que insensivelmente a canalha ia para os fantoches e que eles vendiam agora metade menos de sabonetes e ungüentos para queimaduras. Acusaram Polichinelo de vários desmandos e apresentaram queixa ao magistrado. Dizia a acusação que se tratava de um bêbedo perigoso; que um dia dera cem pontapés no ventre, em pleno mercado, a camponeses que vendiam nêsperas.

Alegavam também que havia molestado um vendedor de galos da Índia; acusaram-no, enfim, de feiticeiro. O Sr. Parfait, na sua História do Teatro, pretende que ele foi engolido por um sapo; mas o padre Daniel pensa, ou pelo menos fala, de outro modo. Não se sabe o que foi feito de Brioché Como era apenas pai putativo de Polichinelo, o historiador não julgou a propósito dar-nos notícias suas

§ IV

Assegurava o falecido senhor de Marsais que o maior dos abusos era a venalidade dos cargos. É uma grande desgraça para o Estado — dizia ele — que um homem de mérito, sem fortuna, não possa chegar a nada. Quantos talentos enterrados, e quantos néscios em evidência! Que detestável política haver extinguido a emulação“ O senhor de Marsais pleiteava sem querer, a sua própria causa; vira-se reduzido a ensinar latim, quando teria prestado grandes serviços ao Estado se lhe houvessem dado um cargo público. Conheço rabiscadores de papel que teriam enriquecido uma província se estivessem no lugar daqueles que a roubaram. Mas, para obter esse lugar, é preciso ser filho de um rico que nos deixe com que comprar um cargo, um ofício, e o que se chama uma dignidade.

Assegurava Marsais que um Montaigne, um Charron, um Descartes, um Gassendi, um Bayle,

jamais teriam condenado às galés estudantes que defendessem teses contrárias à filosofia de Aristóteles, nem teriam mandado queimar o cura Urbano Grandier, o cura Ganfredi, e que não teriam etc., etc.

§ V

Não faz muito que o cavaleiro Roginante, gentil-homem ferrarense, querendo constituir uma coleção de quadros da escola flamenga, foi adquiri-los em Amsterdã. Negociou um belo Cristo com o senhor Vandergru.

— Será possível — disse o ferrarense ao batavo — que o senhor, que não é cristão (pois que é holandês), tenha em casa um Jesus?

— Sou cristão e — católico — respondeu o sr. Vandergru sem se zangar; e vendeu o seu quadro bastante caro.

— Acredita então que Jesus Cristo é Deus? — perguntou-lhe Roginante.

— Naturalmente — retrucou Vandergru.

Um outro amador, que residia à porta contígua, era sociniano. Vendeu-lhe uma Sagrada Família.

— Que pensa do — filho? — indagou o ferrarense.

— Penso — respondeu o outro — que foi a criatura mais perfeita que Deus pôs no mundo.

Dali, dirigiu-se o ferrarense ao estabelecimento de Moisés Mansebo, que apenas tinha belas paisagens. e nenhuma Sagrada Família. Roginante perguntou-lhe por que não se encontravam tais assuntos em sua casa.

— É porque nós execramos essa família — disse ele.

Roginante passou por casa de um famoso anabatista, que tinha os mais belos filhos do mundo. Perguntou-lhes em que igreja haviam sido batizados.

— Ora, senhor! Nós, graças a Deus, ainda não somos batizados.

Ainda não chegara Roginante à metade da rua e já tinha visto uma dúzia de seitas inteiramente opostas umas às outras. Disse-lhe então o sr. Sacrito, seu companheiro de viagem:

— Escapemo-nos depressa, que chegou a hora da Bolsa: toda essa gente vai sem dúvida engalfinhar-se, segundo o antigo costume, pois todos pensam de modo diverso; e o populacho dará cabo de nós, por sermos súditos do papa.

Muito espantados ficaram quando viram todas aquelas excelentes criaturas saírem de casa

com os empregados, cumprimentar-se polidamente e dirigir-se para a Bolsa. Naquele dia, contando os armênios e os jansenistas, havia ao todo cinqüenta e três religiões no local. Negociaram cerca de cinqüenta e três milhões, da maneira mais pacífica do mundo, e o ferrarense voltou à sua terra, onde encontrou mais Agnus Dei do que letras de câmbio.

Vê-se todos os dias a mesma cena em Londres, em Hamburgo, em Danzig, na própria Veneza, etc. Mas o que vi de mais edificante foi em Constantinopla.

Há cinqüenta anos tive a honra de assistir à instalação de um patriarca grego, pelo sultão Achmet III, a quem Deus haja. Entregou ele ao sacerdote cristão o anel e o báculo. Realizou-se em seguida uma procissão de cristãos na rua Cleóbulo; dois janízaros marchavam à frente da procissão. Tive o prazer de comungar publicamente na igreja patriarcal, e só dependeu da minha vontade obter um canonicato.

— Confesso que, no meu regresso a Marselha, fiquei muito espantado de não encontrar ali uma mesquita. Externei minha surpresa ao senhor intendente e ao senhor bispo. Disse-lhes que isso era muito incivil e que, se os cristãos tinham Igrejas entre os muçulmanos, podia-se pelo menos fazer aos turcos a galanteria

de algumas capelas. Prometeram-me ambos escrever para as Cortes; mas o assunto ficou nesse pé, devido à constituição Unigenitus.

Ó meus irmãos jesuítas, não fostes tolerantes e não o são para convosco. Consolai-vos; outros por sua vez, Se tornarão perseguidores, e serão, por sua vez, execrados.

§ VI

Há poucos dias, contava eu essas coisas ao senhor de Boucacous, languedoquiano exaltado e huguenote zeloso.

— Está vendo?! — exclamou ele. — Tratam-nos então em França como aos turcos: a eles recusam mesquitas e a nós não concedem templos!

— Quanto às mesquitas — disse eu, — os turcos ainda não as pediram; e aventuro-me a afirmar que obterão tantas quantas quiserem, pois que são nossos bons aliados. Mas duvido muito que restabeleçam os vossos templos, apesar de toda a polidez de que fazemos gala. A razão disso é que os huguenotes são um tanto inimigos nossos.

— Inimigos vossos! — exclamou o senhor de Boucacous. — Nós que somos os mais ardentes servidores do rei!

— É que sois demasiado ardentes, que fizestes nove guerras civis, sem contar os massacres de Cévennes.

— Mas se fizemos guerras civis, é porque nos cozinhavam em praça pública e afinal a gente se cansa de ser cozido, não há paciência de santo que o agüente. Que nos deixem em paz, e juro que seremos os mais fiéis dos súditos.

— É justamente o que fazem. Fecham os olhos, e vos permitem especular à vontade, tendes liberdade suficiente.

— Linda liberdade! — exclamou o senhor de Boucacous. — Mal nos reunimos quatro ou cinco mil, para cantar salmos em pleno campo, logo chega um regimento de dragões, que nos faz voltar para casa. Isso lá é vida? Isso é ser livre?

Não há nenhum país no mundo — retruquei — onde a gente se possa reunir sem ordem do soberano; toda reunião em bandos é contra a lei. Servi Deus à vossa moda em vossas próprias casas, não atordoeis ninguém com urros a que chamais música. Pensais que Deus há de ficar muito contente quando cantais os seus mandamentos com a música de *Desperta, ó bela adormecida,* e quando dizeis com os judeus, falando de um povo vizinho: “Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras”? Será que Deus quer absolutamente que

arrebentem as cabeças das criancinhas? Será isso humano? E, de resto, gostará Deus de maus versos e pior música?

O senhor de Boucacous interrompeu-me, Indagando se acaso valia mais o latim de cozinha de nossos salmos.

— Certamente que não — respondi. — E acredito até que haja um pouco de esterilidade de imaginação em só rezarmos a Deus numa tradução bastante viciosa de velhos cânticos de um povo a quem abominamos; somos todos judeus à hora das vésperas, como somos todos pagãos na Ópera.

Só me desagrada que, por malícia do demônio, sejam as Metamorfoses de Ovídio muito mais bem escritas e mais agradáveis que os cânticos judeus; pois cumpre confessar que essa montanha de Sião, e essas faces de basilisco, e essas colinas que saltam como carneiros, e todas essas repetições fastidiosas, não valem nem a poesia grega, nem a latina, nem a francesa. Por mais que faça o frio Racininho, nunca esse filho desnaturado impedirá (profanamente falando) que o seu pai seja melhor poeta que David.

Mas afinal constituímos a religião predominante em nossa terra; na Inglaterra não vos permitem agrupamentos: per que haveis de exigir essa liberdade em França? Fazei o que

quiserdes em casa, e tenho a palavra do senhor governador e do senhor intendente de que, se vos comportardes bem, vos deixarão em paz; só a imprudência tem ocasionado, e ocasionará as perseguições. Acho mau que os vossos casamentos, a situação de vossos filhos, o direito de herança, sofram o mínimo obstáculo. Não é justo que vos sangrem e vos purguem porque os vossos pais estiveram doentes. Mas que quereis? Este mundo é um grande Bedlam onde loucos encarceram outros loucos.

Assim falávamos, o senhor de Boucacous e eu, quando vimos passar precipitadamente Jean-Jacques Rousseau.

— Ouça! Aonde vai tão depressa, senhor Jean-Jacques?

— Vou fugindo, pois Joly de Fleury afirmou, num requisitório, que eu pregava contra a intolerância e contra a existência da religião cristã.

— Ele quis dizer evidência — respondi-lhe. — Não nos queimemos por uma palavra.

— Ah, meu Deus! — tornou Jean-Jacques, — bem queimado estou; por toda parte lançam ao fogo o meu livro. Saio de Paris como o senhor D'Assouci de Montpellier, de medo que queimem a minha pessoa.

— Isso acontecia no tempo de Anne du Bourg e de Michel Servet, mas agora já se é mais humano. Que espécie de livro é esse que queimaram?

— Eu educava, à minha maneira, um rapazinho, em quatro tomos. Sentia que talvez me tornasse enfadonho; e resolvi, para arejar a matéria, incluir habilmente umas cinqüenta páginas em favor do teísmo. Julguei que, dizendo injúrias aos filósofos, o meu teísmo passaria, mas estava muito enganado.

— E que quer dizer teísmo?

— É a adoração de um Deus, enquanto não estou melhor informado.

— Ah! se este é o seu único crime, não se aflija. Mas por que injuriar os filósofos?

— Fiz mal — confessou ele. -

— Mas como se tornou teísta, senhor Jean-Jacques? Que cerimônia é preciso para isso?

— Nenhuma. Nasci protestante, cortei tudo o que os protestantes condenam na religião romana. Em seguida, cortei tudo o que as outras religiões condenam no protestantismo. Só me restou Deus. Adorei-o. E Joly de Fleury apresentou um requisitório contra mim.

Falamos então a fundo do teísmo com Jean-Jacques, o qual nos informou que havia trezentos mil teistas em Londres, e cerca de cinqüenta mil apenas em Paris, pois os parisienses nunca chegam a nada senão muito depois dos ingleses; haja vista a inoculação, a gravitação, a semeadeira, etc., etc. Acrescentou que o norte da Alemanha formigava de teístas e de gente que se batia bem.

O senhor de Boucacous ouviu atentamente e prometeu fazer-se teísta. Quanto a mim, fiquei firme. Não sei no entanto se queimarão este escrito, como uma obra de Jean-Jacques, ou uma pastoral de bispo; mas um mal que nos ameaça nem sempre me impede de ser sensível aos males de outrem; e, como tenho bom coração, lamentei as atribulações de Jean Jacques.

§ VII

Reduzidos à miséria, que era o seu estado natural, os companheiros de Polichinelo associaram-se com alguns ciganos, saindo a percorrer as aldeias. Chegaram a uma cidadezinha e alojaram-se num quarto andar, onde começaram a fabricar drogas, o que os ajudou a subsistir, por algum tempo Chegaram até a curar da sarna o fraldiqueiro de uma dama de consideração; os vizinhos clamaram que era um milagre; mas, apesar de toda a sua habilidade, o bando não fez fortuna.

Lamentavam-se de sua obscuridade e miséria, quando ouviram um dia um ruído acima das suas cabeças, como o de um carrinho de mão que estivesse a rodar. Subiram ao quinto andar e ali encontraram um homem que fabricava fantoches; chamava-se Bienfait; e tinha justamente o talento necessário à sua arte.

Não se entendia patavina do que ele dizia, mas tinha uma algaravia bastante passável; e não faziam mal os seus bonecos. Um companheiro, igualmente versado em algaravia, assim lhe falou:

— Cremos que estais destinado a ressuscitar os nossos títeres; pois lemos em Nostradamus estas palavras textuais: *nelo chi li porata cisus res fait en bi,* as quais, tomadas às avessas, significam evidentemente: *Bienfait ressuscitará Polichinelo.* O nosso foi engolido por um sapo, mas encontramos o seu chapéu, a sua bossa e a sua gaita. Vós fornecereis o fio de arame. Creio aliás que vós será fácil lhe fabricardes um bigode semelhante ao que ele possuía; e, quando estivermos associados, é de esperar considerável lucro. Elevaremos Polichinelo à custa de Nostradamus, e Nostradamus à custa de Polichinelo.

O senhor Bienfait aceitou a proposta. Perguntaram-lhe o que queria pelo seu trabalho.

— Eu quero — disse ele — muitas honrarias e muito dinheiro.

— Não temos nada disso — respondeu o orador do bando, mas, com o tempo, tudo se consegue.

O senhor Bienfait juntou-se, pois, com os ciganos; e foram todos a Milão, inaugurar o seu teatro, sob a proteção da senhora Carminetta. Anunciaram que o mesmo Polichinelo que fora engolido por um sapo da aldeia do cantão de Appenzell, reapareceria no teatro de Milão e dançaria com a senhora Gigogne. Por mais que protestassem os vendedores de electuário, o senhor Bienfait, que também possuía o segredo da sua fabricação, sustentou que o seu era o melhor; vendeu muito às mulheres, que eram loucas por Polichinelo, e ficou tão rico que se tornou diretor da companhia.

Logo que obteve o que queria (e o que todos querem), isto é, honrarias e bens, mostrou-se muito ingrato com a senhora Carminetta. Comprou uma bela casa fronteira à da sua benfeitora e descobriu o segredo de fazer que seus sócios a pagassem. Não mais o viram cortejar a senhora Carminetta; pelo contrário, fez questão que esta fosse almoçar em casa dele, e, no dia em que ela se dignou comparecer, mandou fechar-lhe a porta no nariz, etc.

§ VIII

Como nada houvesse compreendido do precedente capítulo de Merri Hissing, fui à casa de meu amigo sr. Husson, para solicitar uma explicação. Disse-me que era uma profunda alegoria, a respeito do padre La Valette, negociante falido da América. Mas que fazia muito que não se preocupava com essas tolices, nunca ia aos fantoches e que naquela noite representavam Polyeucte, a que ele queria assistir. Acompanhei-o ao teatro.

Durante o primeiro ato, o sr. Husson não parava de sacudir a cabeça. Perguntei-lhe, no intervalo, por que sua cabeça sacudia tanto.

— Confesso — disse ele — que estou indignado com esse tolo Polyeucte e com esse impudente Nearco. Que me diria de um genro do senhor governador de Paris, que fosse huguenote e que, acompanhando o sogro a Notre-Dame no dia da Páscoa, espatifasse o cibório e o cálice e se pusesse a dar pontapés na barriga do arcebispo e dos cônegos? Estaria justificado se nos dissesse que somos uns idólatras? E que isso ele o soubera por intermédio do senhor Lubolier, pregador de Amsterdã, e do senhor Monfié, compilador de Berlim, autor da Biblioteca Germânica, o qual por sua vez o soubera pelo pregador Urieju? Eis a fiel imagem do procedimento de Polyeucte. Acaso pode a gente

interessar-se por esse vulgar fanático, seduzido pelo fanático Nearco?

Assim me dizia ele amigavelmente a sua opinião, nos entreatos. Pôs-se a rir quando viu Polyeucte ceder a mulher ao rival, e achou-a um pouco burguesa quando ela diz ao amante que vai para o quarto, em vez de ir com ele à igreja;.

Adieu, trop vertueux objet, et top charmant;
Adieu, trop généreux et trop parfait amant;
Je vais seule en ma chambre enfermer mes regrets.

Mas admirou a cena em que ela implora ao amante o perdão do marido.

— Há aqui — disse ele — um governador da Armênia que é mesmo o mais covarde, o mais baixo dos homens; esse, o pai de Paulina, chega a confessar que tem os sentimentos de um patife:

Polyeucte est ici l'appui de ma famille,
Mais, si par son trépas l'autre épousait ma fille,
J'acquerrais bien là de plus puissants appuis,
Qui me mettraient plus haut cent fois que je ne suis.

Um procurador no Châtelet não poderia pensar nem exprimir-se de outro modo. Há boas almas que engolem tudo isso, eu não sou desses. Se tais misérias podem entrar numa tragédia do

país das Gálias, cumpre queimar o Édipo dos Gregos.

O sr. Husson é um homem rude. Fiz o possível para abrandá-lo; mas nada consegui. Ele persistiu na sua idéia, e eu na minha.

§ IX

Deixamos o senhor Bienfait muito rico e muito insolente. Tanto fez, que foi reconhecido como empreiteiro de grande número de fantoches. Logo que se viu investido dessa dignidade, passeou Polichinelo por todas as cidades, mandando afixar que todos teriam de chamar Senhor ao fantoche, sem o que, este não representaria. Vem dai que, em todos os espetáculos de fantoches, ele só responde ao comparsa quando o comparsa o chama de senhor Polichinelo. Pouco a pouco se tornou Polichinelo tão importante que não deram mais nenhum espetáculo sem lhe pagar uma retribuição, como as óperas da província pagam uma à Opera de Paris.

Um dia o porteiro e varredor do teatro foi despedido e revoltou-se contra Bienfait, abrindo outro teatro de fantoches, que desacreditaram todas as danças da senhora Gigogne e todos os truques de Bienfait. Cortou mais de cinqüenta ingredientes que entravam no electuário, compôs o seu com cinco ou seis drogas e, vendendo-o

muito mais barato, arrebatou uma infinidade de fregueses a Bienfait; o que suscitou um furioso processo, e houve tremendas brigas, durante muito tempo à porta do teatro, na feira.

§ X

O sr. Husson falava-me ontem de suas viagens. Com efeito, passou vários anos no Levante, foi à Pérsia, demorou-se nas Índias e viu toda a Europa.

— Observei — dizia-me ele — que há um número prodigioso de judeus que esperam o Messias e que prefeririam deixar-se empalar a confessar que ele já veio. Vi milhares de turcos persuadidos de que Maomé escondia metade da lua na manga. O populacho, de um extremo a outro da terra, acredita piamente nas coisas mais absurdas. No entanto, se um filósofo tiver de dividir um escudo com o mais imbecil desses infelizes em que a razão humana se acha tão horrivelmente obscurecida, é certo que o imbecil levará a melhor. Como é que toupeiras tão cegas quanto ao maior dos interesses, são uns verdadeiros linces nos menores? Por que é que o mesmo judeu que nos esfola na sexta-feira não roubaria um ceitil no sábado? Essa contradição da espécie humana bem merece um detido exame.

— Não será — disse eu — porque os homens são supersticiosos por costume e velhacos por instinto

— Vou pensar nisso — respondeu-me o sr. Husson, — essa idéia me parece bastante apreciável.

§ XI

Depois da aventura do porteiro, Polichinelo passou por muitas desgraças. Os ingleses, que são raciocinadores e sombrios, preferiram-lhe Shakespeare; mas alhures as suas farsas têm estado muito em voga; e, não fora a ópera-bufa, o seu teatro seria o primeiro dos teatros. Houve muitas querelas com Scaramouche e Arlequim, e ainda não se sabe quem ganhará. Mas...

§ XII

— Mas, meu caro senhor — dizia eu, — como se pode ser ao mesmo tempo tão bárbaro e tão divertido? Como é que na história de um povo pode haver ao mesmo tempo S. Bartolomeu e os contos de La Fontaine, etc,? Será efeito do clima? Será efeito das leis?

— O gênero humano — respondeu o sr. Husson — é capaz de tudo. Nero chorou quando teve de assinar a sentença de morte de um criminoso, representou farsas, e assassinou a mãe. Os macacos fazem coisas engraçadíssimas e

esganam os filhos. Nada mais suave, mais tímido que uma galga, mas estraçalha uma lebre e mergulha o longo focinho no sangue da vítima.

— O senhor deveria — disse-lhe eu — escrever um belo tratado onde desenvolvesse todas essas contradições.

— Esse tratado já está pronto — respondeu-me. — E só olharmos para um catavento: gira, ora ao suave bafejo do Zéfiro, ora ao sopro violento do aquilão: eis o homem.

§ XIII

Nada pode ser por vezes mais conveniente do que amar a uma prima. Pode-se também amar a própria sobrinha, mas custa dezoito mil libras, pagáveis em Roma, para desposar uma prima, e oitenta mil francos para dormir com a sobrinha em legítimo matrimônio.

Calculando quarenta casamentos por ano de tios com sobrinhas e cem entre primos, eis aí seis milhões e oitocentas mil libras em sacramentos que saem anualmente do reino. Acrescente-se a isto cerca de seiscentos mil francos para o que se chama as anatas das terras de França, que o rei de França dá a franceses, em benefícios; juntem-se ainda algumas despesas miúdas; são cerca de oito milhões e quatrocentas mil libras que damos liberalmente ao Santo Padre por ano. Talvez

exageremos um pouco; mas convenhamos que, se tivermos muitas primas e sobrinhas bonitas, e se a mortalidade se coloca entre os beneficiários, a soma pode chegar ao dobro. Seria um pesado fardo, quando temos de construir navios, pagar exércitos e rendeiros.

Espanta-me que, entre a enorme quantidade de livros, cujos autores vêm governando há vinte anos o Estado, em nenhuma se tenha pensado em sanar tais abusos. Pedi a um doutor da Sorbonne meu amigo que me dissesse em que passagem das Escrituras se encontra que a França deva pagar a Roma a supradita quantia: nunca a pode encontrar. Falei a um jesuíta: respondeu-me que tal imposto fora lançado por S. Pedro sobre as Gálias, logo no primeiro ano em que foi a Roma; e como eu duvidava que S. Pedro tivesse feito tal viagem, o jesuíta convenceu-me, dizendo que ainda se vêem em Roma as chaves do Paraíso que ele carregava sempre à cinta. “É verdade — disse-me ele — que nenhum autor canônico fala da tal viagem desse Simão Barjonas; mas temos uma bela carta dele, datada de Babilônia: ora, certamente Babilônia quer dizer Roma; deveis, pois, dinheiro ao Papa, quando casais com as vossas primas.” Confesso que fiquei impressionado com a força desse argumento.

§ XIV

Tenho um velho parente que serviu o rei durante cinqüenta e dois anos. Retirou-se para a alta Alsácia, onde possui uma pequena terra que cultiva, na diocese de Poventru. Quis um dia dar a última lavra a seu campo; a estação ia avançada, o serviço urgia. O. empregados recusaram-se, dando como motivo ser aquele o dia de Santa Bárbara, a santa mais festejada em Poventru.

— Mas meus amigos — observou-lhes meu parente. — já estivestes na missa em honra de Bárbara, destes a Bárbara o que lhe pertence, dai-me a mim o que me deveis: cultivai meu campo em vez de ir à taverna; Santa Bárbara ordena acaso que a gente se embriague para lhe prestar honras e que me falte trigo este ano?

— Senhor — disse-lhe o capataz, — bem sabeis que perderia minh'alma se trabalhasse num dia santo; Santa Bárbara é a maior santa do Paraíso; ela gravou o sinal da cruz em uma coluna de mármore, com a ponta do dedo; e, com o mesmo dedo e com o mesmo sinal, fez cair todos os dentes a um cachorro que lhe mordera as nádegas: não trabalharei no dia de Santa Bárbara.

Meu parente mandou procurar trabalhadores luteranos, e seu campo foi cultivado. O bispo de Poventru excomungou-o. Meu parente apelou do

abuso; .0 processo ainda não foi julgado. Ninguém por certo está mais persuadido de que o meu parente de que cumpre venerar os santos, mas acha também que é preciso cultivar a terra.

Suponho que haja em França cerca de cinco milhões de operários, simples trabalhadores ou artesãos, que ganham cada um, em média, vinte "sous" por dia, que são devotamente forçados a nada ganhar durante trinta dias do ano, não contando os domingos; isso importa em cento e cinqüenta milhões a menos na circulação, e cento e cinqüenta milhões a menos em mão de obra. Que prodigiosa superioridade não devem ter sobre nós os reinos vizinhos, que não possuem nem Santa Bárbara nem arcebispo de Poventru! Respondiam a esta objeção que as tabernas abertas nos dias santos dão muito lucro. Meu parente concordava, mas pretendia que era uma leve indenização e que, por outro lado, se se pode trabalhar após a missa, pode-se muito bem ir à taberna depois do trabalho. Sustenta que é um assunto puramente da alçada da policia, e nada tem de episcopal; sustenta que vale mais lavrar do que embriagar-se. Tenho muito medo de que ele perca o processo.»

§ XV

Faz alguns anos, viajando eu pela Borgonha, em companhia do sr. Evrard, que todos vós conheceis, vimos um vasto palácio em

construção. Perguntei a que príncipe pertencia. Respondeu-me um pedreiro que pertencia ao senhor abade de Citeaux; que a construção fora orçada em um milhão e setecentas mil libras, mas que provavelmente custaria muito mais.

Abençoei a Deus que pusera seu servidor em condições de erguer tão belo monumento e de espalhar tanto dinheiro pelo país.

— Está brincando — disse o senhor Evrard. — Não é abominável que a ociosidade seja recompensada com duzentas e cinqüenta mil libras de renda, e que a abnegação de um pobre cura de campanha seja punida com uma côngrua de cem escudos! Não é essa desigualdade a coisa mais injusta e odiosa do mundo? Que sucederá ao Estado quando um monge for alojado num palácio de dois milhões? Vinte famílias de pobres oficiais, que compartilhassem desses dois milhões, teriam cada qual uma fortuna decente e dariam ao rei novos oficiais. Os monges, que são hoje súditos inúteis de um dos seus, por eles eleito, se tornariam membros do Estado, ao passo que não são mais do que cancros que o corroem.

— O senhor vai muito longe e muito depressa — respondi eu, — tenha paciência: o que me diz acontecerá certamente daqui a duzentos ou trezentos anos.

— É precisamente porque só acontecerá dentro de dois ou três séculos, que eu perco toda paciência; estou cansado de todos os abusos a que assisto: parece-me que marcho nos deserto, da Líbia, onde o nosso sangue é sugado por insetos quando os leões não nos devoram. »

— Eu tinha — continuou ele — uma irmã bastante imbecil para ser jansenista de boa-fé, e não por espírito partidário. A bela aventura dos certificados de confissão a fez morrer de desespero. Meu irmão tinha um processo que fora ganho em primeira instância e de que dependia a sua fortuna. Não sei como aconteceu, mas os juizes pararam de distribuir justiça, e o meu irmão ficou arruinado. Tenho um velho tio crivado de ferimentos, que transportava seus móveis e baixela de uma província a outra; comissários expertos apreenderam tudo, sob o pretexto do não preenchimento de uma pequena formalidade; meu tio não pode pagar os três vigésimos, e morreu na prisão. »

O sr. Evrard contou-me aventuras desse gênero durante duas horas inteiras.

— Meu caro senhor Evrard, passei por muito piores que o senhor; os homens são todos a mesma coisa, de um extremo a outro do mundo; supomos que só existem abusos em nossa terra; somos os dois como Astolphe e Joconde que

pensavam a princípio que só as suas mulheres eram infiéis; puseram-se a viajar, e encontraram por toda parte gente da sua confraria.

— Sim — disse o Sr. Evrard, — mas tiveram o prazer de devolver por toda parte o que generosamente lhes haviam emprestado em casa.

— Pois trate — disse-lhe eu — de ser apenas durante três anos diretor de... ou de... ou de... e o senhor se vingará com usura

O sr. Evrard acreditou-me; é agora em França o homem que rouba ao rei, ao Estado e aos particulares da maneira mais nobre, que tem o melhor passadio e que julga mais convencidamente uma nova peça de teatro.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Julho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

Breves Contos

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

Breves Contos
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 5
Nélson Jahr Garcia
BIOGRAFIA DO AUTOR — 7

BREVES CONTOS
AVENTURA DA MEMÓRIA — 10
SONHO DE PLATÃO — 16
CARTA DE UM TURCO
SOBRE OS FAQUIRES E O SEU AMIGO
BABABEC — 21
PEQUENA DIGRESSÃO — 26
AVENTURA INDIANA
TRADUZIDA PELO IGNORANTE — 28
ELOGIO HISTÓRICO DA RAZÃO
PRONUNCIADO EM UMA ACADEMIA DE
PROVÍNCIA por M... 32—
O CARREGADOR ZAROLHO — 48
COSI-SANCTA
UM PEQUENO MAL POR UM GRANDE BEM —
57
Novela Africana

BREVES CONTOS

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Em “Breves Contos” reunimos oito textos de Voltaire. São curtos, mas contêm todo o estilo inigualável do filósofo. O espírito crítico, com a peculiar ironia e irreverência do autor estão presentes em todos eles, lado a lado com as suas profundas e atraentes reflexões.

Aventura da Memória” contém uma apologia da teoria na qual se defende que nossos conhecimentos decorrem da experiência; é também uma crítica à teoria cartesiana das idéias inatas.

O Sonho de Platão” traz algumas idéias do filósofo grego, em que ele sonha sobre a criação do mundo pelo grande Demiurgo e os equívocos cometidos pelos gênios que receberam a incumbência de adaptar parte do universo às suas próprias concepções.

“Carta de um Turco” é uma crítica aos ascetismo cristão e ao misticismo oriental.

“Pequena Digressão” e “Aventura Oriental” são dois capítulos de uma obra maior: “O Filósofo

Ignorante". O primeiro conto trata da cegueira, o segundo trata da insatisfação das plantas, dos animais e dos homens com sua própria natureza.

"Elogio Histórico da Razão" traz uma crítica aos homens que se deixam dirigir por inúmeros impulsos, inclusive os mais cruéis, e não se aproximam da Razão.

"O Carregado Zarolho" e "Cosi-Sancta" são trabalhos de 1747. Demonstram profunda influência de Boccaccio, cuja obra fizera muito sucesso na França do século XVI.

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente

recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio

de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

AVENTURA DA MEMÓRIA

O gênero humano pensante, isto é, a centésima-milésima parte do gênero humano, quando muito, acreditara por muito tempo, ou pelo menos por muitas vezes o repetira, que nós não tínhamos idéias senão por intermédio dos sentidos, e que a memória era o único instrumento com o qual podíamos reunir duas idéias e duas palavras.

Eis por que Júpiter, símbolo da natureza, se enamorou, à primeira vista, de Mnemósine, deusa da memória; e desse casamento nasceram as nove Musas, que inventaram todas as artes.

Este dogma, no qual se fundam todos os nossos conhecimentos, foi universalmente aceito, e até mesmo a Nonsobre o adotou, embora se tratasse de uma verdade.

Algum tempo depois surgiu um argumentador, metade geômetra, metade lunático, o qual se pôs a argumentar contra os cinco sentidos e contra a memória. E disse ao reduzido grupo do gênero humano pensante:

— Até agora estivestes enganados, porque os vossos sentidos são inúteis, porque as idéias são

inatas em vós, antes de que qualquer dos vossos sentidos possa ter operado; porque já tínheis todas as noções necessárias quando viestes ao mundo; porque já sabíeis tudo sem nunca haver sentido nada; todas as vossas idéias, nascidas convosco, se achavam presentes em vossa inteligência, chamada alma, e sem auxílio da memória. Esta memória não serve para coisa alguma.

A Nonsobre condenou tal proposição, não porque fosse ridícula mas porque era nova. No entanto, quando em seguida um inglês começou a provar, e a provar longamente, que não havia idéias inatas, que nada era tão necessário como os cinco sentidos, que a memória muito servia para reter as coisas recebidas pelos cinco sentidos, a Nonsobre condenou suas próprias idéias, visto que eram agora as mesmas de um inglês. Ordenou por conseguinte ao gênero humano que acreditasse dali por diante nas idéias inatas, e perdesse toda e qualquer crença nos cinco sentidos e na memória. O gênero humano, em vez de obedecer, pôs-se a rir da Nonsobre, a qual entrou em tamanha fúria, que quis mandar queimar a um filósofo. Pois dissera esse filósofo que era impossível formar idéia completa de um queijo sem o ter visto e comido; e chegou o celerado a afirmar que os homens e mulheres jamais poderiam fazer trabalhos de

tapeçaria se não tivessem agulhas e dedos para as enfiar.

Os liolistas juntaram-se à Nonsobre pela primeira vez na vida; e os sejanistas, inimigos mortais dos liolistas, reuniram-se por um momento a estes. Chamaram em seu auxílio os antigos dicastéricos; e todos eles, antes de morrer, baniram unanimemente a memória e os cinco sentidos, e mais o autor que dissera bem dessa meia dúzia de coisas.

Um cavalo que estava presente ao julgamento estatuído por aqueles senhores, embora não pertencesse à mesma espécie e houvesse muita coisa que os diferenciava, tal como a estatura, a voz, as crinas e as orelhas, esse cavalo, dizia eu, que tanto possuía senso como sentidos, contou a história a Pégaso, na minha estrebaria, e Pégaso, com a sua ordinária vivacidade, foi repeti-la às Musas.

As Musas que, durante uns cem anos, vinham singularmente favorecendo o país, por tanto tempo bárbaro, onde se passava esta cena, ficaram muito escandalizadas; amavam ternamente a Memória, ou Mnemósine, sua mãe, à qual essas nove filhas são credoras de tudo quanto sabem. Irritou-as a ingratidão dos homens. Não satirizaram os antigos dicastéricos, os liolistas, os sejanistas e a Nonsobre, porque as

sátiras não corrigem ninguém, irritam os tolos e os tornam ainda piores. Elas imaginaram um meio de esclarecê-los, punindo-os. Os homens haviam blasfemado contra a memória; as Musas lhes tiraram esse dom dos deuses, a fim de que aprendessem de uma vez por todas, a que se fica reduzido sem o seu auxílio.

Aconteceu, pois, que durante uma bela noite todos os cérebros se obscureceram, de modo que no dia seguinte, de manhã, todos se acordaram sem a mínima lembrança do passado. Alguns dicastérios, deitados com as suas mulheres, quiseram aproximar-se delas por um resto de instinto Independente da memória. As mulheres, que só muito raramente possuem o instinto de entrar em contato com os maridos, repeliram asperamente as suas desagradáveis carícias, e a maioria dos casais acabou aos tapas.

Alguns senhores, encontrando um chapéu, serviram-se dele para certas necessidades que nem a memória nem, o bom senso justificam. E senhoras empregaram para o mesmo uso as bacias de rosto. Os criados, esquecidos do contrato que haviam feito com os patrões, entraram no quarto dos mesmos, sem saber onde se achavam; mas, como o homem nasceu curioso, abriram todas as gavetas; e, como o homem ama naturalmente o brilho da prata e do ouro, sem ter para isso necessidade de memória, apanharam

tudo o que estava a seu alcance. Os patrões quiseram bradar contra ladrão; mas, tendo-lhes saído do cérebro a idéia de ladrão, não pôde a palavra lhes chegar à língua. Cada qual, tendo esquecido o seu idioma, articulava sons informes. Era muito pior que em Babel, onde cada um inventava imediatamente uma língua nova. A inata inclinação dos criados moços pelas mulheres bonitas se manifestou com tal premência que os atrevidos se lançaram irrefletidamente sobre as primeiras mulheres ou raparigas que encontraram, fossem elas taberneiras ou presidentas; e estas, esquecidas das leis do pudor, deixaram-se manobrar com toda liberdade.

Foi preciso almoçar; ninguém sabia o que fazer para isso. Ninguém fora ao mercado, nem para vender nem para comprar. Os criados tinham vestido a roupa dos patrões, e os patrões a dos criados. Todo mundo se olhava aparvalhado. Os que tinham mais jeito para obter o necessário (e era a gente do povo) conseguiram um pouco com que viver; aos outros, faltou-lhes tudo. O ministro e o arcebispo andavam inteiramente nus, e seus palefreneiros passeavam, uns de hábito vermelho, outros com dalmáticas: tudo estava confundido, iam todos morrer de miséria e de fome, por falta de mútuo entendimento.

Ao cabo de alguns dias, as Musas tiveram piedade dessa pobre raça: elas são boas afinal, embora algumas vezes façam sentir aos maus a sua cólera; suplicaram, pois, à mãe, que devolvesse àqueles blasfemos a memória que lhes havia tirado. Mnemósine desceu à região dos contrários, onde tão temerariamente a tinham insultado, e falou-lhes nos seguintes termos:

— Perdôo-vos, imbecis; mas lembrai-vos de que sem sentido não há memória e sem memória não há senso.

Os dicastéricos agradeceram-lhe secamente, e decidiram fazer-lhe uma admoestação. Os sejanistas publicaram toda essa aventura na sua gazeta; viu-se que ainda não estavam curados. Os liolistas transformaram o caso numa intriga de corte. Mestre Coger, pasmado da aventura e sem compreender patavina daquilo tudo, disse a seus alunos do quinto ano este belo axioma: *Non magis musis quam hominibus infensa est ista quae vocatur memoria.* (O que se chama memória não é mais infenso às musas que aos homens)

SONHO DE PLATÃO

Platão sonhava muito, e não menos se tem sonhado até agora. Imaginava ele que o ser humano era outrora duplo e que, como castigo de suas faltas, foi dividido em macho e fêmea.

Demonstrara que não pode haver senão cinco mundos perfeitos, porque, na matemática, só há cinco corpos regulares. A sua República foi um de seus grandes sonhos. Sonhara ainda que o dormir nasce da vigília e a vigília do dormir, e que se perde infalivelmente a vista contemplando um eclipse, a não ser numa bacia d'água.

Eis aqui um de seus sonhos, que não é dos menos interessantes. Fantasiou que o grande Demiurgo, o eterno Geômetra, depois de povoar o infinito de globos inumeráveis, quis experimentar a ciência dos gênios que haviam testemunhado o seu trabalho. Deu a cada um deles uma pequena porção de matéria para que a afeiçoasse a seu modo, da mesma forma que Fídias e Zeuxis distribuiriam a seus discípulos o material para fazerem estátuas e quadros, se é permitido comparar as pequenas coisas às grandes.

Demogórgon recebeu, como partilha a porção de lama que se chama a terra; e, tendo-a arranjado tal como hoje a vemos, julgava ter feito uma obra-prima. Pensava haver subjugado a inveja e esperava elogios, até mesmo de seus confrades; muito surpreso ficou de ser recebido com forte vaia.

Um deles, que não poupava gracejos, disse-lhe:

— Na verdade, fizeste um excelente trabalho: dividiste o teu mundo em dois e puseste um grande espaço d'água entre os dois hemisférios, a fim de que não houvesse comunicação entre ambos. Os humanos vão enregelar-se nos teus dois pólos e morrer de calor na tua linha equatorial. Distribuíste prudentemente, pelas terras, grandes desertos de areia, para que os viajantes morressem de fome e de sede. Estou muito satisfeito com os teus carneiros, as tuas vacas e as tuas galinhas; mas, francamente, não vou muito com as tuas cobras nem com as tuas aranhas. As tuas cebolas e alcachofras são excelentes; mas não concebo qual foi a tua intenção ao cobrir a terra de tantas plantas venenosas, a menos que tivesses o desejo de envenenar seus habitantes. Parece-me, por outro lado, que formaste umas trinta espécies de macacos, muito mais espécies de cães e apenas quatro ou cinco espécies de homens; é verdade

que deste a este último animal aquilo a que chamas razão; mas, para te falar com toda a sinceridade, essa tal razão é demasiado ridícula e muito se aproxima da loucura. Parece-me aliás que não fazes grande caso desse animal de dois pés, visto lhe haveres dado tantos inimigos e tão pouca defesa, tantas doenças e tão poucos remédios, tantas paixões e tão pouca sabedoria. Pelo que se vê, não queres que fiquem muitos desses animais sobre a face da terra: pois, sem contar os perigos a que os expões, arranjaste de tal modo as coisas que um dia a varíola arrebatará regularmente todos os anos a décima parte dessa espécie e a irmã dessa varíola envenenará a fonte da vida nos nove décimos restantes; e, como se ainda não bastasse, fizeste de modo que metade dos sobreviventes se ocupará em demandas e a outra metade em matar-se. Eles, sem dúvida, muito te ficarão devendo, e fizeste na verdade uma bela obra.

Demogórgon enrubesceu: bem sentia que na sua obra havia mal moral e mal físico; mas sustentava que havia mais bem que mal

— É fácil criticar — disse ele, — mas achas tão fácil fazer um animal que seja sempre razoável, que seja livre, e que jamais abuse da sua liberdade. Pensas que, quando se tem de nove a dez mil plantas para fazer proliferar, seja tão fácil impedir que algumas dessas plantas

tenham qualidades nocivas? Imaginas que, com certa quantidade de água, de areia, de lama e de fogo, não se possa ter nem mar nem deserto? Acabas, senhor trocista, de arranjar o planeta Marte; veremos como te houveste com os teus costados e que belo efeito não hão de fazer as tuas noites sem lua; veremos se entre a tua gente não há nem loucura nem doença.

Com efeito, os gênios examinaram Marte e caíram de rijo sobre o galhofeiro. Nem o grave gênio que modelara Saturno foi poupado; seus confrades, os fabricadores de Júpiter, de Mercúrio, de Vênus, tiveram cada um de suportar censuras.

Escreveram grossos volumes e brochuras; disseram frases de espírito; fizeram canções, ridicularizaram-se uns aos outros; as facções se desmandaram na linguagem; até que o eterno Demiurgo impôs silêncio a todos:

— Fizestes (lhes disse ele) coisas boas e coisas más, porque tendes muita inteligência e sois imperfeitos; as vossas obras durarão somente algumas centenas de milhões de anos; após o que, já possuindo mais experiência, haveis de fazer coisa melhor: só a mim é dado fazer coisas perfeitas e imortais.

Eis o que Platão ensinava aos discípulos. Quando parou de falar, um deles disse-lhe: E ai então vós acordastes.

CARTA DE UM TURCO SOBRE OS FAQUIRES E O SEU AMIGO BABABEC

Quando me achava na cidade de Benarés, à margem do Ganges, antiga pátria dos brâmanes, procurava instruir-me. Compreendia passavelmente o hindu; escutava muito e observava tudo. Parava em casa de meu correspondente Omri, o homem mais digno que já conheci na vida. Era ele da religião dos brâmanes; quanto a mim, tenho a honra de ser muçulmano; mas nunca trocamos uma palavra mais alta a respeito de Maomé e de Brama. Fazíamos as abluções cada qual para o seu lado; bebíamos da mesma limonada, comíamos do mesmo arroz, como irmãos.

Fomos um dia juntos ao pagode de Gavani. Vimos ali vários bandos de faquires. Uns eram janguis, isto é, faquires contemplativos; e os outros eram discípulos dos antigos ginossofistas, que levavam uma vida ativa. Possuem, como é sabido; uma língua erudita, que é a dos mais antigos brâmanes, e, nessa língua, um livro chamado os Vedas. É certamente o mais antigo livro de toda a Ásia, sem excetuar o Zend Avesta.

Passei por um faquir que lia esse livro.

— Ah! desgraçado infiel! — exclamou ele. — Tu me fizeste perder o número das vogais que eu estava contando; e por isso a minha alma vai passar para o corpo de uma lebre, em vez de ir para o de um papagaio, como eu tinha motivos de crer.

Dei-lhe uma rúpia para consolá-lo. Dali a alguns passos, aconteceu-me a desgraça de espirrar, e o ruído que fiz despertou um faquir que se achava em êxtase.

— Onde estou? — disse ele. — Que horrível queda! Não vejo mais a ponta do nariz; a luz celeste dissipou-se.

— Se sou o causante — disse-lhe eu — de que afinal enxergues além da ponta do nariz, eis uma rúpia para reparar o mal. Retoma a tua luz celeste.

Depois de assim contornar discretamente a situação, fui ter com os ginossofistas: vários deles me trouxeram uns preguinhos muito bonitos, para os fincar em meus braços e coxas, em honra de Brama. Comprei-lhes os pregos, com os quais mandei pregar meus tapetes. Outros dançavam sobre as mãos; outros na corda bamba; outros andavam num pé só. Havia uns que carregavam correntes, outros uma sela, outros que

conservavam a cabeça dentro de uma caixa: de resto, a melhor gente do mundo.

Meu amigo Omri levou-me à cela de um dos mais famosos; chamava-se Bababec: estava nu como um macaco e trazia ao pescoço uma grossa cadeia que pesava mais de sessenta libras. Achava-se sentado em um banco de madeira, lindamente guarnecido de pregos que lhe penetravam nas nádegas, e dir-se-ia que estava num leito de cetim. Muitas mulheres vinham consultá-lo; era o oráculo das famílias; e pode-se dizer que gozava de grande reputação. Fui testemunha da longa conversa que Omri teve com ele.

— Acreditas, meu pai — perguntou-lhe Omri, — que, após haver passado pela prova das sete metempsicoses, possa eu chegar à morada de Brama?

— Isto é conforme — disse o faquir. — Como vives?

— Trato — disse Omri — de ser bom cidadão, bom esposo, bom pai, bom amigo. Empresto dinheiro sem juros aos ricos e dou aos pobres. Incentivo a paz entre meus vizinhos.

— Não metes algumas vezes pregos no ânus?

— Nunca, reverendo.

— Sinto muito: dessa maneira, só irás para o décimo-nono céu; e é uma pena.

— Qual! Está certo. Sinto-me muito contente com a minha parte. Que me importa o décimo-nono ou o vigésimo, contanto que eu cumpra o dever na minha peregrinação, e seja bem recebido na última morada. Não será suficiente ser um homem direito neste país e depois um homem venturoso no país de Brama? Para que céu pretendes ir então, com os teus pregos e as tuas correntes?

— Para o trigésimo-quinto — disse Bababec.

— És muito engraçado — replicou Omri — com isso de quereres ficar alojado acima de mim: talvez não seja mais que um sinal de excessiva ambição. Se condenas aqueles que buscam honrarias nesta vida, por que então ambicionas honrarias tão grandes na outra? E de resto, por que motivo pretendes ser mais bem tratado do que eu? Fica sabendo que dou em esmolas, em dez dias, mais do que te custam em dez anos todos os pregos que fincas no traseiro. A Brama, pouco se lhe dá que passes o dia nu, com uma corrente ao pescoço. Belo serviço prestas assim à pátria. Considero cem vezes mais a um homem que semeia legumes ou planta árvores do que todos os teus camaradas que olham para a ponta do nariz ou carregam uma sela, por excesso de

nobreza d'alma. Depois de assim falar, Omri se abrandou, mostrou-se gentil, acarinhou-o, persuadindo-o enfim a que deixasse os pregos e as correntes, e fosse viver uma vida às direitas, na sua companhia.

Tiraram-lhe o cascão, aspergiram-no de perfumes, vestiram-no decentemente.

Viveu quinze dias muito sensatamente, e confessou que era mil vezes mais feliz do que antes.

Mas desacreditava-se entre o povo e as mulheres não vinham mais consultá-lo. Ele deixou Omri e voltou a seus pregos para ter consideração.

PEQUENA DIGRESSÃO

Logo no começo da fundação dos Quinze-Vingts, sabe-se que os asilados eram todos iguais e seus assuntos se decidiam por votação. Distinguiam perfeitamente, pelo tato, a moeda de cobre da de prata; nenhum deles tomou jamais vinho de Brie por vinho de Borgonha. Seu olfato era mais fino que o de seus patrícios que tinham dois olhos. Aprofundaram-se perfeitamente nos quatro sentidos, Isto é, ficaram sabendo acerca deles tudo quanto é possível; e viveram tranqüilos e felizes na medida em que os cegos o podem ser. Infelizmente, um de seus professores julgou possuir noções claras sobre o sentido da vista; fez-se ouvir, intrigou, granjeou partidários; reconheceram-no afinal como chefe da comunidade. Pôs-se a julgar soberanamente em matéria de cores, e ai é que foi a perdição.

Esse primeiro ditador dos Quinze-Vingts formou primeiro um pequeno conselho, com o qual se tornou depositário de todas as esmolas. Por esse motivo, ninguém se atreveu a resistir-lhe. Decidiu ele que todas as roupas do Quinze-Vingts eram brancas; os cegos acreditaram; não falavam senão de seus belos trajes brancos, embora não houvesse entre eles um único dessa

cor. Como todo o mundo começasse então a zombar deles, foram queixar-se ao ditador, que os recebeu muito mal; tratou-os de inovadores, de espíritos fortes, de rebeldes, que se deixavam seduzir pelas opiniões errôneas daqueles que tinham olhos e ousavam duvidar da infalibilidade de seu senhor. Dessa querela, formaram-se dois partidos.

O ditador, para os apaziguar, baixou um decreto segundo o qual todas as suas vestes eram vermelhas. Não havia uma única veste vermelha entre os Quinze-Vingts. Riram-se deles mais do que nunca. Novas queixas da comunidade. O ditador enfureceu-se, os outros cegos também. Disputaram longamente, e só se restabeleceu a concórdia quando foi permitido, a todos os Quinze-Vingts, suspenderem o juízo sobre a cor de sua roupa.

Um surdo, ao ler esta pequena história, confessou que os cegos tinham feito muito mal em querer julgar a respeito de cores, mas permaneceu firme na opinião de que só aos surdos compete falar de música.

AVENTURA INDIANA TRADUZIDA PELO IGNORANTE

Durante a sua estada na Índia, Pitágoras aprendeu com os ginossofistas, como todos sabem, a linguagem dos animais e das plantas. Passeando um dia por um campo à beira-mar, ouviu estas palavras: “Que desgraça a minha ter nascido relva! Mal chego a duas polegadas de altura, vem logo um monstro devorador, um animal horrível, que me aplastra com seus largos pé; a sua boca é armada com uma dupla fila de foices cortantes, com a qual me arranca, me tritura e me engole. Os homens, chamam a esse monstro de ovelha. Não creio que haja no mundo mais abominável criatura.”

Pitágoras avançou alguns passos e topou com uma ostra que bocejava sobre um rochedo. O filósofo ainda não havia adotado essa admirável lei que nos proíbe comer aos animais nossos semelhantes. Ia, pois, engolir a ostra, quando a pobre pronunciou estas comoventes palavras: “Ó Natureza! Como é feliz a relva, que é, como eu, obra tua! Ela, depois de cortada, renasce: é imortal. E nós, miseráveis ostras, em vão somos defendidas por uma dupla couraça; e uns

celerados nos comem às dúzias, ao almoço, e tudo se acaba para sempre. Que terrível o destino de uma ostra, e como são bárbaros os homens!”

Pitágoras estremeceu; sentiu a enormidade do crime que ia praticar: debulhado em pranto, pediu perdão à ostra e colocou-a cuidadosamente sobre o seu rochedo.

De regresso à cidade, a meditar profundamente sobre essa aventura, viu aranhas que comiam moscas, andorinhas que comiam aranhas, gaviões que comiam andorinhas. “Esse pessoal todo — dizia ele consigo — não tem a mínima filosofia”.

Ao entrar na cidade, foi Pitágoras atropelado, contundido, derrubado por uma multidão de cretinos e cretinas que corriam a gritar: “Bem feito! Bem feito! É mesmo merecido!”

— “Quem? O quê? Como!” — disse Pitágoras, erguendo-se do chão. E a gente sempre a correr, exclamando: “Ah! como não vai ser bom vê-los cozer!”

Pitágoras julgou que falavam de lentilhas ou quaisquer outros .legumes; absolutamente: tratava-se de dois pobres hindus. “Ah, sem dúvida — pensou Pitágoras — são dois grandes filósofos que estão cansados da vida e querem renascer sob outra forma; é um prazer mudar de

casa, embora se fique sempre mal alojado; de gostos não se discute."

Avançou com a multidão até a praça pública e foi lá que viu uma grande pira acesa e, defronte a essa pira, um banco a que chamavam tribunal, e, nesse banco, uns juizes, e esses juizes seguravam todos uma cauda de vaca e usavam todos um barrete que se assemelhava perfeitamente às duas orelhas do animal que transportou Sileno, quando este veio outrora à Índia em companhia de Baco, depois de atravessarem a seco o mar Eritreu e terem feito parar o sol e a lua, como vem fielmente descrito nas Órficas.

Entre esses juizes. havia um excelente homem conhecido de Pitágoras. O sábio da Índia explicou ao sábio de Samos em que consistia a festa que iam oferecer ao povo indiano.

"Os dois hindus" — disse ele — "não têm o mínimo desejo de ser queimados; os meus graves confrade condenaram ambos a esse suplício: um por haver dito que a substância de Xaca não é a substância de Brama; e o outro, por haver suspeitado que se podia agradar ao Ser Supremo pela simples virtude, sem que seja preciso, à hora da morte, segurar uma vaca pela cauda; pois que, dizia ele, a gente pode ser sempre virtuoso, mas nem sempre se encontra uma vaca à mão. De tal

forma se horrorizaram as boas mulheres da cidade com tão heréticas proposições que não deram descanso aos juizes enquanto estes não mandaram os dois infelizes para a fogueira.”

Pitágoras considerou que, desde a relva até o homem, há sobejos motivos de aborrecimento. No entanto, fez que os juizes, e até mesmo os devotos, ouvissem a voz da razão; e foi essa a única vez em que tal coisa aconteceu.

Em seguida foi pregar tolerância em Crotona; mas um intolerante lhe ateou fogo à casa: e Pitágoras morreu queimado, ele que tirara dois hindus da fogueira...

Salve-se quem puder!

ELOGIO HISTÓRICO DA RAZÃO PRONUNCIADO EM UMA ACADEMIA DE PROVÍNCIA

por M...

Fez Erasmo, no século XVI, o elogio da Loucura. Vós me ordenais que vos faça o elogio da Razão. Essa Razão, com efeito, só costuma ser festejada duzentos ano após sua inimiga, e às vezes muito mais tarde; e existem nações onde ela ainda não foi vista.

Era tão desconhecida entre nós, no tempo do. druidas, que nem sequer tinha nome em nossa língua. César não a levou nem à Suíça, nem a Autan, nem a Paris, que não passava então de uma aldeola de pescadores; e ele próprio quase a não conhecia. V

Possuía tantas e tamanhas qualidades que a Razão não pode encontrar lugar em meio delas. Esse magnânimo insensato saiu de nosso país devastado para ir devastar o seu e para deixar-se mimosear com vinte e três punhaladas por vinte e três outros ilustres furiosos que estavam longe de emparelhar com ele.

O sicambro Clodvich, ou Clóvis, cerca de quinhentos anos depois, veio exterminar parte da nossa nação e subjugar a outra. Não se ouviu falar em razão, nem no seu exército nem nas nossas infelizes aldeias, a não ser na razão do mais forte.

Apodrecemos por muito tempo nessa horrível e aviltante barbárie, da qual as Cruzadas não nos tiraram. Foi essa, ao mesmo tempo a mais universal, a mais atroz, a mais ridícula e desgraçada das loucuras. A essas longínquas cruzadas, sucedeu a abominável loucura da guerra civil e sagrada que exterminou tanta gente da língua de OC e da língua de OIL. A Razão não tinha como achar-se ali. Em Roma reinava então a Política, que tinha como ministras suas duas irmãs, a Velhacaria e a Avareza. Via-se a Ignorância, o Fanatismo, a Fúria, percorrerem sob suas ordens a Europa toda; a Pobreza lhes seguia o rastro; a Razão ocultava-se num poço, como a Verdade sua filha. Ninguém sabia onde ficava esse poço, e, se o farejassem, ali teriam descido para degolar mãe e filha.

Depois que os turcos tomaram Constantinopla, redobrando os espantosos males da Europa, dois ou três gregos, ao fugir, tombaram nesse poço, ou antes, nessa caverna, semimortos de fadiga, de fome e de medo.

A Razão recebeu-os com humanidade, deu-lhes de comer sem distinção de carnes (coisa que jamais haviam conhecido em Constantinopla). Receberam dela algumas instruções, em pequeno número: pois a Razão não é prolixa. Obrigou-os a jurar que não revelariam o local do seu retiro. Partiram, e chegaram, depois de muito andar, à corte de Carlos Quinto e Francisco I.

Receberam-nos ali como a prestidigitadores que viessem fazer seus passes de mágica para distrair a ociosidade dos cortesãos e das damas, no intervalo de seus encontros galantes. Os ministros dignaram-se olhá-los nos momentos de folga que lhes pudessem permitir a lufa-lufa dos negócios. Chegaram até a ser acolhidos pelo imperador e pelo rei de França, que lhes lançaram um olhar de passagem, quando iam ter com suas amantes. Mas eles colheram melhor fruto nas pequenas cidades, onde encontraram alguns burgueses que ainda tinham, não se sabia como, algum vislumbre de senso comum.

Esses flébeis clarões se extinguiram em toda a Europa, entre as guerras civis que a assolaram. Duas ou três faíscas de razão não podiam aclarar o mundo no meio das tochas ardentes e das fogueiras que o fanatismo acendeu durante tantos anos. A Razão e sua filha ocultaram-se mais do que nunca.

Os discípulos de seus primeiros apóstolos suicidaram-se, com exceção de alguns que foram bastante desavisados para irem apregoar a Razão desarrazoadamente, e fora de tempo: isso lhes custou a vida, como a Sócrates; mas ninguém prestou atenção à coisa. Nada mais desagradável do que ser enforcado obscuramente. Por tanto tempo se havia a gente ocupado com noites de S. Bartolomeu, massacres da Holanda, cadafalsos da Hungria, e assassínios de reis, que não havia nem tempo, nem suficiente liberdade de espírito para pensar nos crimes miúdos e nas calamidades secretas que inundavam o mundo, de um extremo a outro.

A Razão, informada do que ocorria por alguns exilados que se haviam refugiado no seu retiro, sentiu-se tomada de compaixão, embora não passe por ser muito terna. Sua filha que é mais ousada do que ela, animou-a a que fosse ver o mundo e tratasse de curá-lo. Apareceram as duas, falaram mas encontraram tantos malvados interessados em contradizê-las, tantos imbecis a soldo desses malvados, tantos indiferentes apenas preocupados consigo mesmos e com o momento atual e que não se importavam nem com elas nem com seus inimigos, que resolveram ambas voltar muito sabiamente para o seu asilo.

Todavia, algumas sementes dos frutos que elas carregam sempre consigo, e que haviam

espalhado, germinaram na terra; e até sem apodrecer.

Enfim, há algum tempo lhes deu vontade de ir em peregrinação a Roma, disfarçadas e anônimas, por medo da Inquisição. Logo de chegada, dirigiram-se ao cozinheiro do papa Ganganelli — Clemente XIV. Sabiam que era o menos ocupado cozinheiro de Roma. Pode-se até dizer que era, depois de vossos confessores, o homem mais folgado da sua profissão.

Esse homem, depois de ter servido às duas peregrinas uma refeição quase tão frugal quanto a do papa, levou-as à presença de Sua Santidade, a quem encontraram lendo os Pensamentos de Marco Aurélio. O papa reconheceu os disfarces e beijou-as cordialmente, apesar da etiqueta.

"— Minhas Senhoras, se eu pudesse imaginar que estavam neste mundo, ter-lhes-ia feito a primeira visita."

Após os cumprimentos, trataram de negócios. Logo no dia seguinte, Ganganelli abulia a bula *In coena Domini*, um dos maiores monumentos da loucura humana, que por tanto tempo ultrajara a todos os potentados. No outro dia, tomou a resolução de destruir a companhia de Garasse, de Guiguard, de Garnet, de Busenbaum, de Malagrida, de Paulian, de Patouillet, de Nonnotte; e a Europa bateu palmas. No terceiro dia,

diminuiu impostos de que o povo se queixava. Animou a agricultura e todas as artes; fez-se estimado de todos aqueles que passavam por inimigos de seu posto. Disseram então, em Roma, que não havia mais que uma nação e uma lei no mundo.

As duas peregrinas, atônitas e satisfeitas, despediram-se do papa, que lhes fez presente, não de agnus e de relíquias, mas de uma boa carruagem para continuarem a viajar. A Razão e a Verdade não tinham até então o hábito de andar a gosto.

Visitaram toda a Itália, e surpreenderam-se de encontrar, em vez do maquiavelismo, uma verdadeira emulação entre os príncipes e as repúblicas, desde Parma a Turim, para ver quem tornaria seus súditos mais honrados, mais ricos e mais felizes.

Minha filha — dizia a Razão à Verdade, — creio que o osso reinado bem poderia começar, após tão longa prisão. Alguns dos profetas que nos foram visitar no poço devem ter sido mesmo muito poderosos em palavras e obras, para assim mudarem a face da terra. Bem vês que tudo vem tarde. Era preciso passar pelas trevas da ignorância e da mentira antes de entrar em teu palácio de luz, de que foste escorraçada comigo durante tantos séculos. Acontecerá conosco O

que aconteceu com a Natureza; esteve ela coberta de um véu, e toda desfigurada, durante inumeráveis séculos. Afinal chegou um Galileu, um Copérnico, um Newton, que a mostraram quase nua, fazendo os homens se enamorarem dela.“

Assim conversando, chegaram a Veneza. O que consideraram mais atentamente foi um procurador de S. Marcos que segurava um grande par de tesouras, diante de uma mesa toda coberta de jarras, de bicos e de plumas negras.

Ah! — exclamou a Razão, — Deus me perdoe, *lustrissimo Signor*, mas creio que essa é uma das tesouras que levava para o meu poço, quando ali me refugiei com minha filha! Como a obteve Vossa Excelência, e que faz com ela?

— *Lustrissima Signora* — respondeu o procurador, — bem pode ser que a tesoura tenha pertencido outrora a Vossa Excelência; mas foi um chamado Fra Paolo que no-la trouxe há muito, e dela nos servimos para cortar as garras da Inquisição, que vedes espalhadas sobre esta mesa.

Essas plumas negras pertenciam a harpias que vinham comer o alimento da república; nós lhes aparamos todos os dias as unhas e a ponta do bico. Se não fora essa precaução, teriam acabado por devorar tudo; nada teria sobrado

para os grandes, nem para os *pregadi*, nem para os cidadãos.

Se passardes pela França, talvez encontreis em Paris vosso outro par de tesouras, em poder de um ministro espanhol, que as empregava da mesma forma que nós em seu país, e que será um dia abençoado pelo gênero humano..

Depois de terem assistido à Ópera veneziana, partiram as duas viajantes para a Alemanha. Viram com satisfação esse país, que no tempo de Carlos Magno não passava de uma floresta imensa entrecortada de pântanos, coberto agora de cidades florescentes e tranqüilas; esse país, povoado de soberanos outrora bárbaros e pobres, e agora todos polidos e magníficos; esse país, cujo sacerdócio, nos tempos antigos, só era constituído por feiticeiras, que então imolavam criaturas humanas sobre pedras grosseiramente talhadas; esse país que fora depois inundado por seu próprio sangue, para saber ao certo se a coisa era in, cum, sub, ou não; esse país que enfim acolhia ao seio três religiões inimigas, espantadas de viver pacificamente juntas.

“Louvado seja Deus! — disse a Razão. — Essa gente veio afinal a mim, à força de demência.”

Conduziram-nas à presença de uma imperatriz muito mais que sensata, pois era generosa. Tão contentes ficaram com ela as

peregrinas, que não levaram em conta alguns costumes que as chocaram; mas ambas se enamoraram do imperador seu filho.

Redobrou-lhes o espanto ao chegarem à Suécia. “Como!” — diziam, — “uma revolução tão difícil e no entanto tão rápida! tão perigosa e no entanto tão pacifica! E, desde esse grande dia, nem um só dia perdido para a prática do bem, e tudo isso na idade que é tão raramente a da razão! Bem fizemos em sair de nosso esconderijo quando esse grande acontecimento enchia de admiração a Europa inteira!”

Dali, atravessaram às pressas a Polônia. “Ah! minha mãe, que contraste! — exclamou a Verdade. — Dá-me até vontade de voltar para o poço. Eis no que dá ter esmagado sempre a mais útil porção do gênero humano e tratado aos lavradores — pior do que eles tratam aos animais que os servem! Esse caos de anarquia só podia redundar em ruína: já o haviam predito claramente. Lamento um monarca virtuoso, sábio e humano; e ouso esperar que ele seja feliz, pois os outros reis começam a sê-lo, e as vossas luzes se comunicam gradualmente.

“Vamos ver — continuou ela — uma transformação mais favorável e surpreendente. Vamos a essa imensa região hiperbórea, tão bárbara há oitenta anos e hoje tão esclarecida e

invencível. Vamos contemplar aquela que cumpriu o milagre de uma nova criação...” Lá acorreram, e confessaram que não lhes haviam exagerado.

Não cessavam de admirar o quanto mudara o mundo em alguns anos. Concluíram que talvez um dia o Chile e as Terras Centrais fossem o centro da civilização e do bom gosto e que se teria de ir ao pólo antártico para aprender a viver.

Chegadas que foram à Inglaterra, disse a Verdade à sua mãe:

— Parece-me que a felicidade desta nação não é constituída como a das outras; foi mais louca, mais fanática, mais cruel e mais infeliz do que qualquer uma das que eu conheço; e eis que instituiu um governo único, no qual conservou tudo o que a monarquia tem de útil e tudo o que uma república tem de necessário. É superior na guerra, nas leis, nas artes, no comércio. Apenas a vejo embaraçada com a América setentrional, que conquistou num extremo do universo, e com as mais belas províncias da Índia, subjugadas no outro extremo. Como carregará ela esses dois fardos da sua felicidade?

— O peso é considerável — disse a Razão, — mas, desde que ela me escute um pouco, há de encontrar alavancas que o tornarão mais leve.

Afinal a Razão e a Verdade passaram pela França, onde já haviam feito algumas aparições, tendo sido dali escorraçadas. “Não vos lembrais — dizia a Verdade à sua mãe — do grande desejo que tivemos de nos estabelecer entre os franceses nos belos dias de Luis XIV? Mas as impertinentes querelas dos jesuítas e dos jansenistas nos obrigaram a fugir em seguida. Não mais nos chegam agora os apelos contínuos do povo. Ouço as aclamações de vinte milhões de homens que abençoam os Céus. Este acontecimento, dizem uns, é tanto mais jubiloso porquanto não nos custa nada essa alegria. Bradam outros: O luxo não é mais que vaidade. Os empregos acumulados, as despesas supérfluas, os lucros extraordinários, tudo isso vai ser cortado. E têm razão. Todo e qualquer novo imposto será abolido. E nisso não têm razão: pois cumpre que cada particular pague alguma coisa em proveito da felicidade geral.

“As leis vão ser uniformes. Nada mais desejável, mas nada tão difícil. Vão ser distribuídos, aos indigentes que trabalham, e sobretudo aos pobres operários, os bens imensos de certos ociosos que fizeram voto de pobreza. Essa gente de mão-morta não mais terá, por sua vez, escravos de mão-morta. Não mais se verão esbirros de monges escorraçar da casa paterna órfãos reduzidos à mendicidade, para enriquecerem com os seus despojos a um

convento no gozo de direitos senhoriais, que são os direitos dos antigos conquistadores. Não mais se verão famílias inteiras pedindo inutilmente esmola à porta do convento que as despoja. Praza aos Céus. Nada é mais digno de um rei. O rei da Sardenha acabou com esse abominável abuso, Queira Deus que esse abuso seja exterminado em França.

"Não ouvis, minha mãe, todas essas vozes que dizem: Os casamentos de cem mil famílias úteis ao Estado não mais serão considerados concubinagens; e os filhos não mais serão declarados bastardos pela lei? A natureza, a justiça e vós, minha mãe, tudo reclama para esse assunto um sábio regulamento, que seja compatível com o repouso do Estado e com os direitos de todos os homens,

"Tornar-se-á a profissão de soldado tão digna que ninguém mais será tentado a desertar. A coisa é possível mas delicada.

"As pequenas faltas não serão punidas como grandes crimes, pois que em tudo é preciso proporção. Uma lei bárbara, obscuramente enunciada, mal interpretada não mais fará perecer nas barras de ferro e nas chamas a jovens indiscretos e imprudentes, como se tivessem assassinado os próprios pais.

Deveria ser este o primeiro axioma da justiça penal.

“Não mais serão confiscados os bens de um pai de família, pois os filhos não devem morrer de fome por causa das faltas dos pais, e o rei não tem nenhuma necessidade desse miserável confisco. Maravilhoso! Isso é digno da magnanimidade do soberano.

“A tortura, Inventada outrora pelos ladrões de estrada para forçar as vítimas a revelar seu tesouro, e empregada hoje em pequeno número de nações, para salvar o culpado robusto e perder o inocente fraco de corpo e de espírito, só será utilizada nos crimes de lesa-sociedade, na pessoa do chefe, e somente para conseguir a revelação dos cúmplices. Mas tais crimes jamais serão cometidos. Nada melhor. Eis os votos que ouço por toda parte, e escreverei todas essas grandes mudanças nos meus anais, eu que sou a Verdade.

“Ouço ainda proferir em torno de mim, em todos os tribunais, estas palavras notáveis: Não citaremos jamais os dois poderes, pois só pode existir um: o do, rei, ou da lei, em uma monarquia; o da nação, em uma república. O poder divino é de natureza tão diferente, tão superior, que não deve ficar comprometido por uma mescla profana com as leis humanas. O

infinito não se pode juntar ao finito. Gregório VII foi quem primeiro ousou chamar o infinito em seu auxílio, nas suas guerras, até então inauditas, contra Henrique IV, imperador demasiado finito; quero dizer: limitado. Por muito tempo essas guerras ensangüentaram a Europa; mas, afinal separaram essas entidades veneráveis, que nada têm em comum: e é o único meio de garantir a paz.

"Essas coisas, que proferem todos os ministros das leis, me parecem assaz fortes. Sei que não se reconhecem dois poderes nem na China, nem na Índia, nem na Pérsia, nem em Constantinopla, nem em Moscou, nem em Londres, etc... Mas fio-me em vós, minha mãe. Nada escreverei que não me seja ditado por vós."

Respondeu-lhe a Razão:

— Bem vês, minha filha, que eu sinto mais ou menos as mesmas coisas, e muitas outras Tudo isso demanda tempo e reflexão. Sempre fiquei muito contente quando, em meio às minhas dores, consegui parte do alívio que desejava.

"Não te lembras do tempo em que quase todos os reis da terra, estando em completa paz, se divertiam em decifrar enigmas, e em que a bela rainha de Sabá ia em pessoa propor logogrifos a Salomão?"

— Sim, minha mãe; bom tempo aquele, mas não durou muito.

Pois bem — tornou a mãe, — este é infinitamente melhor; só se pensava então em mostrar um pouco de espírito; e vejo que há dez ou doze anos os europeus se vêm empenhando nas artes e virtudes que abrandam a amargura da vida. Parece que em geral se combinaram para pensar mais solidamente do que o haviam feito durante milhares de séculos. Tu, que nunca pudeste mentir, dize-me que tempo terias preferido ao presente para morar na França.

— Tenho a reputação — respondeu a filha — de gostar de dizer coisas assaz duras às pessoas entre as quais me encontro; mas confesso que só tenho a louvar o tempo presente, a despeito de tantos autores que só louvam o passado.

“Devo atestar à posteridade que foi nesta época que os homens aprenderam a garantir-se de uma doença terrível e mortal, tornando-a menos funesta na transmissão; a restituir à vida aqueles que a perdem por afogamento; a governar e desafiar ao raio; a prover ao ponto fixo que em vão se deseja do ocidente ao oriente. Muito mais se fez em moral. Ousou-se pedir justiça às leis contra leis que haviam, condenado a virtude ao suplício; e essa justiça foi algumas vezes obtida.

0usou-se, enfim, pronunciar o nome da tolerância.”

— Pois bem, minha filha, gozemos destes belos dias; fiquemos por aqui, se durarem; e, se vierem tempestades, voltemos a nosso poço.

O CARREGADOR ZAROLHO

Os dois olhos que temos em nada melhoram a nossa condição; serve-nos um para ver os bens, e o outro para ver os males da vida. Muita gente possui o mau hábito de fechar o primeiro, e poucos fecham o segundo; eis por que há tantas pessoas que prefeririam ser cegos a ver, tudo o que vêem. Felizes os zarolhos que só são privados desse olho mau que estraga tudo quanto a gente olha! Era o caso de Mesrour.

Seria preciso ser cego para não ver que Mesrour era zarolho. Era-o de nascença; mas era um zarolho tão satisfeito com a sua condição que jamais se lembrara de desejar outro olho. Não eram os dons da fortuna que o consolavam dos malefícios da natureza, pois não passava de um simples carregador e não tinha outro tesouro senão os seus ombros; mas era feliz, e mostrava que mais um olho e menos trabalho pouco contribuem para a felicidade. O dinheiro e o apetite lhe vinham sempre em proporção com o exercício que fazia; trabalhava de manhã, comia e bebia de tarde, dormia de noite, e considerava cada dia como uma vida à parte, de modo que a preocupação do futuro jamais lhe perturbava o

gozo do presente. Era (como o vedes) ao mesmo tempo zarolho, carregador e filósofo.

Viu por acaso passar numa suntuosa carruagem uma grande princesa que tinha um olho mais do que ele, o que não o impediu de achá-la muito bela, e, como os zarolhos não diferem dos outros homens senão em que têm um olho de menos, apaixonou-se perdidamente pela princesa. Dirão talvez que, quando se é carregador e zarolho, o melhor é a gente não se apaixonar, principalmente por uma grande princesa e, o que é mais, uma princesa que tem dois olhos; no entanto, como não há amor sem esperança, e como o nosso carregador amava, ousou esperar.

Tendo mais pernas que olhos, e boas pernas, seguiu durante quatro léguas o carro da sua deusa, que seis grandes cavalos brancos puxavam velozmente. Era moda, naqueles tempos, entre as damas, viajar sem lacaios e sem cocheiro, conduzindo elas próprias o carro; queriam os maridos que elas andassem sempre sozinhas, para ficar mais seguros da sua virtude; o que é diametralmente oposto ao parecer dos moralistas, que dizem que não há virtude na solidão.

Mesrour continuava a correr junto às rodas do carro, voltando seu olho bom na direção da

dama, espantada de ver um zarolho com tamanha agilidade. Enquanto ele provava assim o quanto se é infatigável quando se ama, um animal selvagem, perseguido por caçadores, atravessou a estrada, espantando os cavalos, que tomaram o freio nos dentes e já arrastavam a bela para um precipício. Seu novo apaixonado, ainda mais assustado do que ela, embora a princesa o estivesse bastante, cortou as correias com maravilhosa habilidade; somente os seis cavalos deram o salto mortal, e a dama, que não estava menos branca do que eles, apenas passou por um grande susto.

— Quem quer que sejas — disse-lhe ela; — jamais esquecerei que te devo a vida; pede-me o que quiseres: tudo o que tenho está a teu dispor.

— Ah! com muito mais razão — respondeu Mesrour — posso eu oferecer-vos outro tanto; mas, assim fazendo, sempre vos ofereceréi menos; pois só tenho um olho, e vós tendes dois; mas um olho que vos contempla vale mais que dois olhos que não vêem os vossos.

A dama sorriu: pois as galanterias de um zarolho são sempre galanterias; e as galanterias sempre fazem sorrir.

— Eu desejaria dar-te um outro olho — disse ela — mas só a tua mãe podia dar-te esse presente; mas continua a acompanhar-me.

Dizendo essas palavras, desce ela do carro e prossegue o caminho a pé; seu cãozinho também desceu e marchava ao lado da dona, ladrando para a estranha figura do seu escudeiro. Faço mal em lhe dar o título de escudeiro, porque, por mais que ele lhe oferecesse o braço, não quis a dama aceitá-lo, sob o pretexto de que o braço estava muito sujo; e ides ver agora como a princesa foi vítima de seu próprio asseio. Tinha ela uns pequeninos pés, e uns sapatinhos ainda menores, de maneira que não era feita para longas caminhadas, nem estava devidamente calçada para isso.

Lindos pezinhos consolam de ter pernas débeis, quando se passa a vida numa espreguiçadeira, em meio de uma porção de peralvilhos; mas de que servem sapatos bordados e lantejoulados em um caminho pedregoso, onde só podem ser vistos por um carregador e, ainda por cima, por um carregador que só tem um olho?

Melinade (é este o nome da dama, que tive minhas razões para calar até agora, visto que ainda não fora inventado), Melinade avançava como podia, amaldiçoando o seu sapateiro, escorchando os pés, e dando um mau jeito a cada passo. Fazia hora e meia que ela marchava como as grandes damas, isto é, já fizera perto de um quarto de légua, quando tombou de fadiga.

Mesrour, cujos serviços ela recusara enquanto estava de pé, hesitava em lhos oferecer, por medo de a macular com o seu contato; pois bem sabia que não estava limpo (a dama claramente lho dera a entender), e a comparação que fizera em caminho entre a sua pessoa e a da sua amada ainda lho mostrava com maior clareza. Tinha ela um leve vestido cor de prata, semeado de guirlandas, que lhe ressaltava a beleza do talhe; e ele, um blusão pardacento, todo manchado, rasgado e remendado, e de tal maneira que os remendos ficavam ao lado dos buracos e não por baixo, onde estariam mais no seu lugar. Havia comparado as suas mãos musculosas e cobertas de calos com as duas pequenas mãos mais brancas e delicadas do que lírios. Vira enfim os lindos cabelos loiros de Melinade, que se entremostravam através de um véu de gaze, penteados em tranças e cachos; e ele, para colocar ao lado disso, não tinha mais que umas eriçadas crinas negras, cujo único ornamento era um turbante roto.

No entanto Melinade tenta erguer-se, mas tomba em seguida, e tão desastradamente, que o que ela deixou ver a Mesrour tirou-lhe o pouco de razão que a vista de seu rosto pudera deixar-lhe. Esqueceu que era carregador, que era zarolho, e não mais pensou na distância que a fortuna pusera entre ambos; mal se lembrou que amava, pois faltou à delicadeza que dizem inseparável de

um verdadeiro amor, e que às vezes lhe constitui o encanto, e muitas vezes o aborrecimento; serviu-se dos direitos à brutalidade que lhe dava a sua condição de carregador; foi brutal e feliz. A princesa, então, estava, sem dúvida desmaiada, ou lamentava a sua sorte; mas, como tinha um espírito justo, abençoava decerto o destino pelo fato de todo infortúnio trazer consigo o seu próprio consolo.

A noite estendera os véus no horizonte, e ocultava na sua sombra a verdadeira felicidade de Mesrour e a pretensa desgraça de Melinade; Mesrour desfrutava os prazeres dos perfeitos amantes, e desfrutava-os como carregador, quer dizer (para vergonha da humanidade) da maneira mais perfeita; os desmaios de Melinade voltavam-lhe a cada momento, e a cada momento o seu amante recuperava forças.

— Poderoso Maomé — disse ele uma vez, como homem arrebatado, mas como péssimo católico, — só o que falta à minha felicidade é ser sentida por aquela que a causa; enquanto estou no teu paraíso, divino profeta, concede-me ainda um favor, o de ser para os olhos de Melinade o que ela seria para os meus olhos, se houvesse luz.

Acabou de rezar e continuou a gozar. A aurora, sempre demasiado diligente para os

amantes, surpreendeu a ambos na atitude onde ela própria poderia ter sido surpreendida um momento antes, com Titono. Mas qual não foi o espanto de Melinade quando, abrindo os olhos aos primeiros raios do dia, viu-se num lugar encantado, com um homem de nobre estrutura, cujo rosto se assemelhava ao astro cuja volta a terra aguardava! Tinha faces de rosa, lábios de coral; seus grandes olhos, ao mesmo tempo ternos e vivos, exprimiam e inspiravam volúpia; seu carcaz de ouro, ornado de pedrarias, pendia-lhe do ombro e só o prazer fazia ressoar as suas flechas; sua longa cabeleira, presa por um atilho de diamantes, flutuava-lhe livremente sobre os rins, e um tecido transparente, bordado de pérolas lhe servia de veste, sem nada ocultar da beleza do seu corpo.

— Onde estou, e quem és — exclamou Melinade no auge da surpresa.

— Estais — respondeu ele — com o miserável que teve a ventura de vos salvar a vida, e que tão bem cobrou o seu trabalho.

Melinade, tão satisfeita quanto espantada, lamentou que a metamorfose de Mesrour não tivesse começado mais cedo. Aproxima-se de um magnífico palácio que lhe atraíra o olhar e lê esta inscrição na porta: “Afastai-vos, profanos; estas portas só se abrirão para o senhor do anel.”

Mesrour aproxima-se por sua vez para ler a mesma inscrição, mas viu outros caracteres e leu estas palavras: “Bate sem receio.” Bateu, e em seguida as portas se abriram por si mesmas com fragor. Os dois amantes entraram, ao som de mil vozes e de mil instrumentos, num vestíbulo de mármore de Paros; dali passaram para uma sala soberba, onde os esperava há mil duzentos e cinqüenta anos um festim delicioso, sem que nenhum dos pratos houvesse esfriado: puseram-se à. mesa e foram servidos cada um por mil escravas da maior formosura; a refeição foi entremeada de concertos e danças; e, quando terminou, todos os gênios vieram, na maior ordem, em diferentes grupos, com vestuários tão suntuosos quão singulares, prestar juramento de fidelidade ao senhor do anel, e beijar o dedo sagrado que o carregava.

Ora, havia em Bagdad um muçulmano muito devoto que, não podendo ir lavar-se na mesquita, fazia a água da mesquita vir à sua casa, mediante uma pequena retribuição que pagava ao sacerdote. Acabava ele de fazer a quinta ablução, a fim de se preparar para a quinta prece. E a sua criada, rapariga estouvada e muito pouco devota, desembaraçou-se da água santa lançando-a pela janela. A água caiu sobre um infeliz profundamente adormecido junto a um marco que lhe servia de apoio. Acordou-se com o choque. Era o pobre Mesrour que, voltando do

seu passeio encantado, perdera na viagem o anel de Salomão. Deixara as soberbas vestes e retomara o seu blusão; seu belo carcaz de ouro havia-se transformado num porta-fardos de madeira e, para cúmulo da desgraça, tinha deixado um dos olhos no caminho. Lembrou-se então de que bebera na véspera grande quantidade de aguardente, que lhe adormentara os sentidos e aquecera a imaginação. E Mesrour, que até aquele instante amara essa bebida por gosto, começou a amá-la por gratidão, e voltou alegremente ao trabalho, resolvido a empregar o salário daquele dia na aquisição dos meios para tornar a ver a sua querida Melinade. Qualquer outro ficaria desolado de ser um mísero zarolho depois de ter tido dois lindos olhos; de sofrer as recusas das varredeiras do palácio depois de haver gozado os favores de uma princesa mais bela do que as amantes do califa; e de estar a serviço de todos os burgueses de Bagdad depois de haver reinado sobre todos os gênios; mas Mesrour não possuía o olho que vê o lado mau das coisas.

COSI-SANCTA
UM PEQUENO MAL POR UM GRANDE BEM
Novela Africana

É uma das tantas máximas falsamente acreditadas, essa de que não é permitido fazer um pequeno mal de que possa resultar um bem maior. Mas era assim que pensava Santo Agostinho, como se pode depreender da narrativa desta pequena aventura acontecida na sua diocese, sob o proconsulado de Septímio Acindino, e que vem no livro da Cidade de Deus.

Havia em Hipona um velho cura, grande inventor de confrarias, confessor de todas as raparigas da vizinhança, e que passava por homem inspirado de Deus, pois costumava deitar sortes, ofício de que se desempenhava assaz passavelmente.

Levaram-lhe um dia uma jovem chamada Cosi-Sancta; era a mais bela criatura da província. Tinha pais jansenistas que a haviam educado nos princípios da mais rígida virtude; e, de todos os pretendentes que tivera, não houvera um só que lhe causasse um momento de

distração nas suas preces. Fazia alguns dias que fora ela prometida a um velhote encarquilhado, chamado Capito, conselheiro do presidial de Hipona. Era um homenzinho brusco e rabugento a quem não faltava inteligência, mas que era ríspido de conversação, escarninho, e amante de brincadeiras de mau gosto; e, de resto, ciumento como um veneziano, e que por nada no mundo se teria conformado em ser amigo dos galanteadores da esposa. A jovem criatura fazia o possível para amá-lo, pois que ele deveria ser seu marido; mas por maior boa-fé com que se empenhasse em tal coisa não conseguia nada.

Foi pois consultar o seu cura para saber se seria feliz no casamento. O nosso padre disse-lhe num tom profético:

Minha filha, a tua virtude causará desgraças, mas serás um dia canonizada por teres sido três vezes infiel a teu esposo.

Esse espantoso oráculo escandalizou cruelmente a inocência da bela rapariga. Ela pôs-se a chorar; depois pediu explicações, julgando que tais palavras ocultavam, algum sentido místico; mas a única explicação que conseguiu foi que as três vezes não deviam ser interpretadas como três encontros com o mesmo amante, mas sim como três aventuras diferentes.

Cosi-Sancta pôs-se então aos gritos; chegou até a dizer algumas injúrias ao bom do cura, e jurou que nunca seria canonizada. E no entanto o foi, como já ides ver.

Casou-se pouco depois: as núpcias foram esplêndidas; ela suportou muito bem todos os maus discursos que teve de ouvir, todos os trocadilhos sem graça, todas as grosserias mal disfarçadas com que costumam constranger o pudor das noivas. Dançou de bom grado com alguns jovens muito bem parecidos e com os quais o marido não simpatizou absolutamente.

E foi deitar-se ao lado do pequeno Capito, com um pouco de repugnância. Passou boa parte da noite a dormir; e acordou-se muito pensativa. Mas o assunto das suas cismas não era tanto o marido, e sim um jovem chamado Ribaldos, que lhe tomara conta do pensamento, sem que ela propriamente o suspeitasse. Esse jovem parecia formado pelas mãos do Amor, de quem tinha as graças, a ousadia e o espírito travesso; era um pouco indiscreto, mas só com aquelas que no fundo assim queriam: era a coqueluche de Hipona. Incompatibilizara todas as mulheres da cidade umas com as outras e, por sua vez, estava incompatibilizado com todos os maridos e todas as mães. Amava, de ordinário, por estouvamento, e um pouco por vaidade; mas amou Cosi-Sancta

por gosto, e tanto mais perdidamente quanto mais difícil se lhe antolhava a conquista.

Como homem de espírito que era, aplicou-se de início em agradar ao marido. Fazia-lhe mil cumprimentos, felicitava-o por sua boa fisionomia e seu espírito arejado e galante. Perdia para ele no jogo, e todos os dias lhe fazia alguma pequena confidência. Cosi-Sancta achava-o a criatura mais amável do mundo. Já o amava mais do que supunha; era verdade que não o suspeitava, mas o marido suspeitou por ela. Embora tivesse todo o amor-próprio que um homenzinho possa ter, não deixou de desconfiar que as visitas de Ribaldos não eram somente para ele. Rompeu com este sob qualquer pretexto, e proibiu-lhe a entrada em casa.

Cosi-Sancta ficou muito aborrecida, mas não ousou dizê-lo; e Ribaldos, cujo amor crescera com as dificuldades, passava todo o tempo a espiar uma oportunidade para a ver. Disfarçou-se de monge, de vendedora de roupas, de apresentador de títeres. Mas não fez o bastante para triunfar de sua amada, e fez demasiado para que não fosse reconhecido pelo esposo. Se Cosi-Sancta estivesse em combinação com ele, saberiam ambos como tomar as necessárias medidas para que o marido nada suspeitasse; mas, visto que ela combatia as suas inclinações, e nada tinha a censurar-se,

salvava tudo, fora as aparências, e o marido a julgava culpabilíssima.

O homenzinho, que era muito colérico e que imaginava que a sua honra dependia da fidelidade da mulher, ultrajou-a cruelmente, e puniu-a pelo fato de a acharem bela. E Cosi-Sancta se viu na mais horrível situação em que possa estar uma mulher: acusada injustamente e maltratada por um marido a quem era fiel, e dilacerada por uma paixão violenta que procurava dominar.

Achou que, se o seu apaixonado parasse com as perseguições, poderia o marido parar com as injustiças, e que ela se daria por muito feliz curando-se de um amor que nada mais alimentava. Nessa intenção, aventurou-se a escrever a Ribaldos a seguinte carta:

Se tendes virtude, deixai de tornar-me infeliz: vós me amais, e o vosso amor me expõe às suspeitas e às violências de um senhor que eu me impus para o resto da vida. Quem dera que fosse esse o único risco em que eu incorro! Por piedade, deixai de perseguir-me; conjuro-vos a isso por este mesmo amor que constitui vossa desgraça e a minha, e que jamais vos poderá fazer feliz.

Não previra a pobre Cosi-Sancta que uma carta tão terna, embora tão virtuosa, causasse um efeito inteiramente contrário ao que esperava.

Só serviu para inflamar mais do que nunca o coração de seu enamorado, que resolveu expor a vida para avistar-se com ela..

Capito, que era assaz tolo para querer ser informado de tudo e que tinha bons espiões, foi avisado de que Ribaldos se disfarçara em carmelita pedinte para ir implorar caridade à sua mulher. Julgou-se perdido: imaginou que um hábito de carmelita era muito mais perigoso que qualquer outro para a honra de um marido. Contratou alguns homens para darem uma sova no irmão Ribaldos, no que foi muito bem servido. O jovem, ao entrar na casa, foi recebido pelos tais senhores: por mais que bradasse que era um honrado carmelita e que não era assim que se tratavam pobres religiosos, recebeu valente sova, vindo a morrer dali a quinze dias de um golpe que recebera na cabeça. Choraram-no todas as mulheres da cidade. Cosi-Sancta ficou inconsolável. O próprio Capito aborreceu-se muito, mas por outro motivo: é que se metera numa terrível situação.

Ribaldos era parente do procônsul Acindino. Quis esse romano dar um castigo exemplar àquele assassínio, e, como outrora tivera algumas questões com o presidia de Hispano, não se incomodou em achar tal pretexto para enforcar um conselheiro; e ainda mais se agradou de que a

sorte coubesse a Capito, que era na verdade o mais vaidoso e insuportável togado da região.

Cosi-Sancta vira pois assassinarem o seu apaixonado, e estava prestes a ver enforcarem o marido; e tudo isso por ter sido virtuosa. Porque, como já disse, se houvesse concedido seus favores a Ribaldos, o marido teria sido muito menos enganado.

Eis como se cumprira a metade da predição do cura. Cosi-Sancta lembrou-se então do oráculo, e muito se arreceou de cumprir o resto. Mas, tendo refletido que não se pode vencer o destino, entregou-se à Providência, que a levou ao fim pelos mais honestos caminhos do mundo.

O procônsul Asinino era um homem mais debochado que voluptuoso, que muito pouco se divertia nas preliminares, um sujeito brutal, sem cerimônias, verdadeiro herói de guarnição, muito temido na província, e com quem todas as mulheres de Hispano haviam tido um caso, unicamente para evitar complicações.

Mandou chamar a senhora Cosi-Sancta. Ela chegou banhada em lágrimas, o que não deixava de lhe aumentar os encantos.

— Vosso marido, Senhora, vai ser enforcado, e só de vós depende a sua salvação.

— Eu daria a minha vida pela sua — respondeu-lhe a dama.

— Ha! mas não é isso que se vos pede — replicou o procônsul.

— Que é preciso então fazer? — indagou ela.

— Desejo apenas unia de vossas noites — tornou o procônsul.

— Elas não me pertencem — disse Cosi-Sancta. — São um bem de meu marido. Darei meu sangue para salvá-lo, mas não posso dar a minha honra.

— Mas se vosso marido consentir? — perguntou o procônsul.

— Ele é o proprietário — respondeu a dama — e cada qual tem o direito de dispor dos seus bens como lhe aprouver. Mas conheço meu marido, não abrirá mão de nada; é um sujeitinho cabeçudo, que preferirá deixar-se enforcar a permitir que me toquem com um dedo.

— É o que veremos — disse o juiz, encolerizado.

Imediatamente manda chamar o criminoso; propõe-lhe ou a forca ou um par de ornamentos: não havia outra alternativa. O homenzinho começou com coisas. Mas afinal fez o que

qualquer outro teria feito no seu lugar. Sua esposa, por pura caridade, salvou-lhe a vida. E foi essa a primeira das três vezes.

No mesmo dia o seu filho caiu doente de uma enfermidade assaz extraordinária e que nenhum médico de Hipona conhecia. Só havia um que estava a par dos segredos dessa doença, mas que morava em Áquila, a algumas léguas de Hipona. Era então proibido que um médico estabelecido numa cidade saísse desta para ir exercer em outra a sua profissão. Cosi-Sancta viu-se obrigada a ir procurá-lo pessoalmente em Áquila, com um irmão que tinha e a quem estimava muito. No caminho foi detida por salteadores. O chefe dos referidos cavalheiros achou-a muito bonita. E, como o irmão de Cosi-Sancta estava prestes a ser morto, aproximou-se e disse-lhe que, se ela tivesse um pouco de complacência, não lhe matariam o irmão e que isso afinal não lhe custaria nada. A coisa era urgente. Cosi-Sancta acabava de salvar a vida do marido, a quem não amava; ia perder um irmão a quem estimava muito; por outro lado, alarmava-a o perigo de seu filho; não havia um minuto a perder. Ela encomendou-se a Deus, e fez tudo o que quiseram. E foi essa a segunda das três vezes.

No mesmo dia chegou em Áquila e foi ter com o médico. Era um desses médicos da moda que

as mulheres mandam chamar quando têm vapores ou quando não têm absolutamente nada. Era confidente de umas e amante de outras; homem polido, condescendente, um pouco estremecido aliás com a Faculdade, contra a qual fizera a propósito uns bem aplicados gracejos.

Cosi-Sancta lhe expôs a doença do filho e ofereceu-lhe um sestércio grande. (E notai que um desses sestércios corresponde, em moeda de França, a mais de mil escudos.)

— Não é. com essa moeda que eu pretendo ser pago, Senhora — respondeu o galante médico. — Eu próprio vos ofereceria todos os meus haveres, se quisésseis cobrar as curas que podeis fazer: curai-me apenas do mal que me causais, e eu devolverei a saúde a vosso filho. -

A proposta pareceu extravagante à dama, mas o destino a acostumara às coisas mais estranhas. O médico era um teimoso que não queria outro preço pelo seu remédio. Cosi-Sancta não tinha o marido à mão, para o consultar. Mas como deixar morrer um filho a quem adorava, por falta daquele pequeno auxílio que ela lhe poderia dar?! Era tão boa mãe quanto boa irmã. Comprou o remédio pelo preço que lhe pediram. E foi essa a última das três vezes.

Voltou a Hipona com o irmão, que não cessava de agradecer-lhe, durante o caminho, a coragem com que lhe salvara a vida.

Assim Cosi-Sancta, por ter sido, demasiado virtuosa, fez morrer o seu amado e condenar o marido à morte, e, por ter sido complacente, conservou os dias do irmão, do filho e do marido. Acharam que uma mulher como essa era muito necessária em uma família, canonizaram-na após a morte, por ter feito tanto bem a seus parentes, mortificando-se, e gravaram-lhe no túmulo: UM PEQUENO MAL POR UM GRANDE BEM

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

_____
Julho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

CÂNDIDO

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

Cândido (1759)
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 8
Nélson Jahr Garcia
BIOGRAFIA DO AUTOR — 14

CÂNDIDO
Capítulo I — 17
De como foi Cândido criado em um lindo castelo, e como dali o escorraçaram
Capítulo II — 21
Do que sucedeu a Cândido entre os búlgaros
Capítulo III — 26
De como Cândido escapou aos búlgaros, e do que lhe sucedeu depois.
Capítulo IV — 30
De como Cândido encontrou o seu antigo mestre de filosofia, o doutor Pangloss, e do que sucedeu
Capítulo V — 36
Da tempestade, naufrágio, terremoto, e do que sucedeu ao doutor Pangloss, a Cândido e ao anabatista Jaques.
Capítulo VI — 41
De como se fez um belo auto-de-fé para evitar os terremotos, e de como Cândido foi açoitado.
Capítulo VII — 43

De como uma velha tratou de Cândido, e como este encontrou o objeto amado.
Capítulo VIII — 47
História de Cunegundes
Capítulo IX — 52
Do que aconteceu a Cunegundes, a Cândido, ao Inquisidor e ao judeu.
Capítulo X — 55
Da situação em que chegam os três a Cadiz e do seu embarque.
Capítulo XI — 59
História da velha
Capítulo XII — 64
Continuação das desgraças da velha.
Capítulo XIII — 70
De como Cândido se viu obrigado a separar-se da bela Cunegundes e da velha
Capítulo XIV — 74
De como Cândido e Cacambo foram acolhidos pelos jesuítas do Paraguai
Capítulo XV — 81
De como Cândido matou o irmão de sua querida Cunegundes.
Capítulo XVI — 85
Do que aconteceu aos dois viajantes com duas raparigas, dois macacos e os selvagens chamados orelhões.
Capítulo XVII — 91
Da chegada de Cândido e Cacambo à terra do Eldorado, e do que ali presenciaram.

Capítulo XVIII — 97
Das coisas que presenciaram na terra do Eldorado.
Capítulo XIX — 106
Do que lhes sucedeu no Surinam e de como Cândido travou conhecimento com Martinho.
Capítulo XX — 114
Do que aconteceu a Cândido e Martinho durante a viagem.
Capítulo XXI — 119
De como filosofam Cândido e Martinho ao avistar a costa francesa.
Capítulo XXII — 123
Do que aconteceu na França a Cândido e Martinho.
Capítulo XXIII — 141
Do que viram Cândido e Martinho na costa da Inglaterra.
Capítulo XXIV — 144
De Paquette e do Irmão Giroflée
Capítulo XXV — 152
Da visita que fizeram ao senhor Pococurante, nobre veneziano.
Capítulo XXVI — 161
De uma ceia que Cândido e Martinho fizeram com seis estrangeiros, quem eram estes.
Capítulo XXVII — 167
Da viagem de Cândido a Constantinopla.
Capítulo XXVIII — 174
Do que aconteceu a Cândido, a Cunegundes, a

Pangloss, a Martinho etc.
Capítulo XXIX — 178
De como Cândido encontrou Cunegundes e a velha.
Capítulo XXX — 180
Conclusão

CÂNDIDO

(CÂNDIDO, OU O OTIMISMO. TRADUZIDO DO ALEMÃO PELO SR. DOUTOR RALPH COM OS ACRÉSCIMOS QUE FORAM ENCONTADOS NO BOLSO DO DOUTOR, QUANDO MORREU EM MINDEN, NO ANO DA GRAÇA DE 1759)

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

"Cândido" é uma das obras mais conhecidas de Voltaire.

O texto contrapõe ingenuidade e esperteza, desprendimento e ganância, caridade e egoísmo, delicadeza e violência, amor e ódio. Tudo isso mesclado com discussões filosóficas sobre causas e efeitos, razão suficiente, ética.

Como sempre Voltaire expõe suas concepções com fina ironia, sem abandonar o sarcasmo de quando em vez. O romance, em todos e cada um dos seus parágrafos, caracteriza-se como uma sátira às idéias de Leibnitz.

Leibnitz afirmara, pelo menos assim entendeu Voltaire, que o mundo é o melhor possível, que Deus não poderia ter construído outro e que tudo corria às mil maravilhas.

Voltaire não podia partilhar dessa mesma visão otimista, suas idéias tinham resultado em prisões e perseguições a tal ponto que, por volta de 1753, já não podia fixar-se, sem risco, em lugar algum da Europa.

Cândido foi expulso de onde morava, foi preso e torturado, perdeu sua amada, seus melhores amigos; em todos os casos com requintes de crueldade. Mas a cada um desses fatos, meditava sobre como explicar o melhor dos mundos possíveis, sempre com deboche mais ou menos sutil.

Como é peculiar a todos os seus trabalhos,o filósofo também criticou acidamente os costumes, a cultura, as artes.

Sobre as relações entre sexos, uma passagem merece ser mencionada:

> "Um dia, em que passeava nas proximidades do castelo, pelo pequeno bosque a que chamavam parque, Cunegundes viu entre as moitas o doutor Pangloss que estava dando uma lição de física experimental à camareira de sua mãe, moreninha muito bonita e dócil. Como a senhorita Cunegundes tivesse grande inclinação para as ciências, observou, sem respirar, as repetidas experiências de que foi testemunha; viu com toda a clareza a razão suficiente do doutor, os efeitos e as causas, e regressou toda agitada e pensativa, cheia do desejo de se tornar sábia, e pensando que bem poderia ela ser a razão

suficiente do jovem Cândido, o qual também podia ser a sua."

Nem mesmo as falcatruas das manufaturas européias ficaram esquecidas:

"...levou-o para casa, limpou-o, deu-lhe pão e cerveja, presenteou-o com dois florins, e até quis ensinar-lhe a trabalhar na sua manufatura de tecidos da Pérsia fabricados na Holanda."

Sugestiva é a menção sobre a recompensa divina para o mal menor:

"Tínhamos um imame muito devoto e compassivo, que lhes pregou um belo sermão, persuadindo-os a que não nos matassem.

— Cortai — disse ele — apenas uma nádega a cada uma dessas damas, e com isso vos regalareis. Se for necessário mais, tereis outro tanto daqui a alguns dias. Deus recompensará tão caridosa ação, e sereis socorridos."

Não faltou a referência à relação entre exploradores e explorados, e à hipocrisia dos poderosos.

"Já estiveste então no Paraguai? — indagou Cândido.

— É verdade. Servi de fâmulo no colégio de Assunção, e conheço o governo dos Padres como conheço as ruas de Cádiz. É uma coisa admirável esse governo. O reino já tem mais de trezentas léguas de diâmetro; é dividido em trinta províncias. Os padres ali têm tudo, e o povo nada; é a obra prima da razão e da justiça. Quanto a mim, não conheço nada mais divino do que os Padres, que aqui fazem guerra ao rei de Espanha e ao rei de Portugal, e que na Europa confessam esses reis; que aqui matam espanhóis e em Madrid os mandam para o céu: isto me encanta."

E com que graça se refere à simplicidade da riqueza e do luxo:

"Entraram numa casa muito simples, pois a porta era apenas de prata e as salas modestamente revestidas de ouro, mas tudo trabalhado com tanto gosto que nada ficavam a dever aos mais ricos lambris. A antecâmara, na verdade, era incrustada somente de esmeraldas e rubis; mas a harmonia do conjunto compensava de sobra essa extrema simplicidade."

O respeitabilíssimo Homero não escapou das farpas:

> “Cândido, ao ver um Homero magnificamente encadernado, elogiou o ilustríssimo quanto ao seu bom gosto.
>
> — Eis — disse ele — um livro que fazia as delícias do grande Pangloss, o maior filósofo da Alemanha.
>
> — Pois não faz as minhas — disse friamente Pococurante. — Fizeram-me acreditar outrora que eu sentia prazer em lê-lo; mas essa repetição contínua de combates que todos se assemelham, esses deuses que agem sempre para nada fazer de decisivo, essa Helena que é o motivo da guerra e que mal entra na peça; essa Tróia que cercam e não tomam, tudo isso me causava um mortal aborrecimento. Perguntei a eruditos se eles se aborreciam tanto quanto eu nessa leitura. Os que eram sinceros confessaram-me que o livro lhes tombava das mãos, mas que sempre era preciso tê-lo na biblioteca, como um monumento da Antigüidade, é como essas moedas enferrujadas que não podem circular.”

Foi nesse romance que Voltaire escreveu uma de suas mais célebres frases. Após ouvir uma

breve dissertação sobre o perigo das grandezas, que todos os acontecimentos estavam devidamente encadeados no melhor dos mundos possíveis, que todo o sofrimento de Cândido acabara por reverter em benefícios, Cândido, candidamente, respondeu:

> "— Tudo isso está bem dito... mas devemos cultivar nosso jardim."

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do Œdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia Œdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente

recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio

de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

CÂNDIDO

Voltaire

CAPÍTULO I

DE COMO FOI CÂNDIDO CRIADO EM UM LINDO CASTELO, E COMO DALI O ESCORRAÇARAM

Havia em Vestfália, no castelo do senhor barão de Thunder-ten-tronckh, um jovem a quem a natureza dotara da índole mais suave. Sua fisionomia lhe anunciava a alma. Era reto de juízo e simples de espírito, razão pela qual, creio eu, o chamavam de Cândido. Suspeitavam os velhos criados que fosse filho da irmã do senhor barão e de um bom e honrado gentil-homem da vizinhança, com quem esta jamais consentira em casar-se, porque ele só pudera alegar setenta e uma gerações, havendo as injúrias do tempo destruído o resto da sua arvore genealógica.

Era o senhor barão um dos mais poderosos senhores de Vestfália. Sua sala de honra ostentava, até, uma tapeçaria. Todos os seus cães, reunidos, formavam, em caso de precisão, uma boa matilha; o vigário da aldeia era o seu esmoler-mor. Tratavam-no todos por Monsenhor e riam quando ele contava histórias.

A senhora baronesa, que pesava cerca de trezentas e cinqüenta libras, granjeava com isso enorme consideração, e fazia as honras da casa com uma dignidade que a tornava ainda mais respeitável. Sua filha Cunegundes, que contava dezessete anos, era corada, fresca, rechonchuda, apetitosa. O filho do barão parecia em tudo digno do pai. o preceptor Pangloss era o oráculo da casa, e o pequeno Cândido escutava as suas lições com toda a boa fé da sua idade e do seu caráter.

Pangloss ensinava metafísico-teólogo-cosmo-lonigologia. Provava admiravelmente que não há efeito sem causa e que, neste que é o melhor possível dos mundos, o castelo do senhor barão era o mais belo possível dos castelos e a senhora a melhor das baronesas possíveis.

Está demonstrado, dizia ele, que as coisas não podem ser de outra maneira: pois, como tudo foi feito para um fim, tudo está necessariamente destinado ao melhor fim. Queiram notar que os

narizes foram feitos para usar óculos, e por isso nós temos óculos. As pernas foram visivelmente instituídas para as calças, e por isso temos calças. As pedras foram feitas para serem talhadas e edificar castelos, e por isso Monsenhor tem um lindo castelo; o mais considerável barão da província deve ser o mais bem alojado; e, como os porcos foram feitos para serem comidos, nós comemos porco o ano inteiro: por conseguinte, aqueles que asseveravam que tudo está bem disseram uma tolice; deviam era dizer que tudo está o melhor possível.

Cândido ouvia com toda a atenção e acreditava inocentemente; pois achava a senhorita Cunegundes extremamente formosa, embora jamais se atrevesse a lho dizer. Concluía que, depois da ventura de ter nascido barão de Thunder-ten-tronckh, o segundo grau de felicidade consistia em ser mademoiselle Cunegundes; o terceiro, em vê-la todos os dias; e o quarto, em ouvir mestre Pangloss, o maior filósofo da província, e por conseguinte de toda a terra.

Um dia, em que passeava nas proximidades do castelo, pelo pequeno bosque a que chamavam parque, Cunegundes viu entre as moitas o doutor Pangloss que estava dando uma lição de física experimental à camareira de sua mãe, moreninha muito bonita e dócil. Como a senhorita

Cunegundes tivesse grande inclinação para as ciências, observou, sem respirar, as repetidas experiências de que foi testemunha; viu com toda a clareza a razão suficiente do doutor, os efeitos e as causas, e regressou toda agitada e pensativa, cheia do desejo de se tornar sábia, e pensando que bem poderia ela ser a razão suficiente do jovem Cândido, o qual também podia ser a sua.

Encontrou Cândido ao voltar para o castelo, e enrubesceu; Cândido também corou; ela cumprimentou-o com voz entrecortada, e Cândido falou-lhe sem saber o que dizia. No dia seguinte, depois do jantar, Cunegundes e Cândido encontraram-se atrás de um biombo; Cunegundes deixou cair o lenço, Cândido apanhou-o, ela tomou-lhe inocentemente a mão, o jovem beijou inocentemente a mão da moça com uma vivacidade, uma sensibilidade, uma graça toda especial; suas bocas encontraram-se, seus olhos fulguraram, seus joelhos tremeram, suas mãos perderam-se... Ora, o senhor barão de Thunder-ten-tronckh passou junto ao paravento e, vendo aquela causa e aquele efeito, correu Cândido do castelo, a pontapés no traseiro; Cunegundes desmaiou; logo que voltou a si, foi esbofeteada pela senhora baronesa; e houve a maior consternação no mais lindo e mais agradável dos castelos possíveis.

CAPÍTULO II

DO QUE SUCEDEU A CÂNDIDO ENTRE OS BÚLGAROS

Cândido, expulso do paraíso terrestre, caminhou muito tempo sem saber por onde andava, chorando, erguendo os olhos ao céu, voltando-os seguidamente para o mais lindo dos castelos que encerrava a mais linda das baronesinhas. Deitou-se, sem comer, em pleno campo, entre dois sulcos de lavoura, enquanto caia neve em grandes flocos. Cândido, transido, arrastou-se no dia seguinte até a aldeia próxima, que se chama Valberghoff-trarbk-dikdorff, sem dinheiro, morto de fome e de cansaço. Parou tristemente à porta de uma estalagem. Dois homens trajados de azul deram com os olhos nele:

— Camarada — disse um, — eis ali um rapaz de bom corpo e que tem a altura requerida.

Dirigiram-se a Cândido e convidaram-no polidamente para almoçar.

— Senhores — lhes disse Cândido com encantadora modéstia, — concedem-me uma grande honra, mas na verdade não tenho com que pagar a minha parte.

— Ah! senhor — retrucou um dos de azul, — as pessoas do seu porte e do seu merecimento nunca pagam nada: pois o amigo não tem cinco pés e cinco polegadas!

— Sim, é essa a minha altura — disse ele, fazendo uma reverência.

— Ah! senhor, sente-se à mesa; não só lhe pagaremos tudo, mas jamais, consentiremos que um homem como o senhor ande sem dinheiro; os homens foram feitos apenas para auxiliarem uns aos outros.

— Os senhores têm toda razão — concordou Cândido.

— Foi o que sempre me disse o senhor Pangloss, e bem vejo que tudo está o melhor possível.

Pedem-lhe que aceite alguns escudos; ele os embolsa e quer passar recibo; não lho consentem, e sentam-se os três à mesa:

— O senhor não ama ternamente?...

— Oh! sim — respondeu ele, — amo ternamente a senhorita Cunegundes.

— Não — diz um deles, — nós perguntamos se não ama ternamente ao rei dos búlgaros.

— Absolutamente — retruca ele, — pois nunca o vi.

— Como! É o mais encantador dos reis, e devemos erguer-lhe um brinde.

— Oh! com muito gosto, senhores.

E Cândido bebe à saúde do rei.

— Isso basta — dizem-lhe. — O senhor agora é o apoio, o sustentáculo, o defensor, o herói dos búlgaros; sua fortuna está feita e sua glória assegurada.

Em seguida aplicam-lhe cadeias aos pés e o levam para o regimento. Fazem-lhe volver à direita , à esquerda, tirar a vareta, botar a vareta, — deitar por terra, atirar, correr, e dão-lhe trinta bastonadas; no dia seguinte, faz o exercício um pouco menos mal e só recebe vinte bastonadas; no outro dia só recebe dez, e é olhado pelos camaradas como um verdadeiro prodígio.

Cândido, estupefato, ainda não atinava muito bem como poderia ser um herói. Por um belo dia de primavera, lembrou-se de dar um passeio e seguiu direito em frente, na crença de que era um privilégio da espécie humana, como da espécie animal, servir-se das próprias pernas como bem lhe aprouvesse. Ainda não andara duas léguas, quando quatro outros heróis de seis pés o

alcançam, amarram-no bem amarrado, e o metem num calabouço. Perguntaram-lhe juridicamente se preferia ser fustigado trinta e seis vezes por todo o regimento ou receber, em uma só descarga, trinta e seis balas de chumbo na cabeça. Por mais que Cândido alegasse que a vontade humana é livre, teve de fazer a escolha; resolveu, então, em virtude desse dom de Deus a que chamam liberdade, ser passado trinta e seis vezes pela vara. Agüentou dois turnos.

O regimento compunha-se de dois mil homens; isso lhe valera, até então, quatro mil varadas que, da nuca ao traseiro, lhe puseram a descoberto todos os músculos e nervos.

Quando iam dar início ao terceiro, Cândido, não podendo mais, pediu por misericórdia que tivessem a bondade de lhe arrebentar os miolos. Concedem-lhe esse favor; vendam-lhe os olhos e fazem-no ajoelhar-se. Nesse momento passa o rei dos búlgaros, informa-se do crime do paciente; e, como esse rei tinha um grande gênio, compreendeu, por tudo quanto soube de Cândido, que se tratava de um jovem metafísico, muito ignorante das coisas deste mundo, e concedeu-lhe a sua graça com uma demência que será louvada em todos os jornais e em todos os séculos. Um bravo cirurgião curou Cândido em três semanas, com emolientes recomendados por Dioscórides. Tinha já um pouco de pele e podia

amar, quando o rei dos búlgaros travou batalha com o rei dos abaros.

CAPÍTULO III

DE COMO CÂNDIDO ESCAPOU AOS BÚLGAROS, E DO QUE LHE SUCEDEU DEPOIS.

Nada tão belo, tão lesto, tão brilhante, tão bem ordenado como aqueles dois exércitos. As trombetas, os pífanos, os oboés, os tambores, os canhões, formavam uma harmonia como jamais a houve no inferno. Primeiro os canhões derrubaram cerca de seis mil homens de cada lado; em seguida a mosquetaria varreu do melhor dos mundos uns nove a dez mil marotos que lhe infetavam a superfície. A baioneta foi também a razão suficiente da morte de alguns milhares de homens. O que tudo montava a umas trinta mil almas. Cândido, que tremia como um filósofo, ocultou-se o melhor que pôde durante aquela heróica mortandade.

Enfim, enquanto os dois reis mandavam cantar Te Deuns cada qual no seu campo tomou ele o partido de ir raciocinar alhures sobre os efeitos e as causas. Passou por cima de montões de mortos e moribundos, e alcançou primeiro uma aldeia vizinha; estava reduzida a cinzas: era uma aldeia abara que os búlgaros haviam queimado, conforme as leis do direito público.

Aqui, velhos crivados de golpes viam agonizar suas mulheres degoladas de cujo ensangüentado seio pendiam crianças; além, soltavam os último suspiros raparigas destripadas: depois de haverem saciado os desejos naturais de alguns heróis; outras, meio queimadas, gritavam que lhes acabassem de vez com a vida. Miolos se espalhavam sobre a terra, ao lado de pernas e braços amputados.

Cândido fugiu o mais depressa possível para outra aldeia: pertencia aos búlgaros, e os heróis abaros a tinham tratado da mesma forma. Cândido, sempre a andar por sobre membros palpitantes ou através de ruínas, deixou enfim o teatro da guerra, levando algumas provisões no alforje e sem nunca esquecer a senhorita Cunegundes. Acabaram-se-lhe as provisões ao chegar à Holanda; mas, tendo ouvido dizer que nesse país todos eram ricos e verdadeiramente cristãos, não duvidou que o tratassem tão bem como no castelo do senhor barão, antes de ser dali escorraçado por amor dos lindos olhos da senhorita Cunegundes.

Pediu esmola a vários personagens de ar grave e todos lhe responderam que, se continuasse a exercer tal ofício, o mandariam encerrar numa casa de correção, para ensinar-lhe a viver direito.

Dirigiu-se depois a um homem que acabava de falar sozinho uma hora inteira sobre a caridade, perante uma grande assembléia. Esse homem, olhando-o de soslaio, indagou:

— Que vieste fazer aqui? — És pela boa causa?

— Não há efeito sem causa — respondeu modestamente Cândido, — tudo está perfeitamente encadeado e arranjado o melhor possível Foi preciso que eu tivesse sido expulso de junto da senhorita Cunegundes e passado pelas varas, e é preciso que eu esmole o meu pão antes que possa ganhá-lo; nada disso poderia ser de outro modo.

— Meu amigo — perguntou o orador, — acreditas que o Papa seja o Anticristo?

— Ainda não o ouvira dizer — respondeu Cândido. — Mas, que o seja ou não seja, o fato é que eu não tenho pão.

— Nem mereces comê-lo — retrucou o outro. — Anda, biltre, miserável! Desaparece das minhas vistas!

A mulher do orador, chegando à janela e vendo um homem que duvidava que o Papa fosse o Anticristo, despejou-lhe na cabeça todo o

conteúdo de um... Ó céus! a que excessos não levam as damas o seu zelo religioso!

Um homem que ainda não fora batizado, um bom anabatista, chamado Jaques, viu de que maneira cruel e ignominiosa era tratado um de seus irmãos, um bípede implume, que possuía uma alma; levou-o para casa, limpou-o, deu-lhe pão e cerveja, presenteou-o com dois florins, e até quis ensinar-lhe a trabalhar na sua manufatura de tecidos da Pérsia fabricados na Holanda. Cândido, quase a prosternar-se diante dele, exclamava: “Bem me dizia Mestre Pangloss que tudo está o melhor possível neste mundo, pois sinto-me infinitamente mais tocado com a sua extrema generosidade do que com a dureza daquele senhor de negro e da senhora sua esposa?

No dia seguinte, ao passear, encontrou um mendigo coberto de pústulas, os olhos mortiços, a ponta do nariz carcomida, a boca de viés, os dentes negros, falando pela garganta sacudido de acessos de tosse e cuspindo um dente a cada esforço.

CAPÍTULO IV

DE COMO CÂNDIDO ENCONTROU O SEU ANTIGO MESTRE DE FILOSOFIA, O DOUTOR PANGLOSS, E DO QUE SUCEDEU

Cândido, mais tocado ainda de compaixão que de horror, deu àquele espantoso mendigo os dois florins que recebera do bom anabatista. O fantasma olha-o fixamente, derrama lágrimas, e salta-lhe ao pescoço. Cândido, horrorizado, recua.

— Ai! — diz o miserável ao outro miserável, — então não reconheces mais o teu caro Pangloss?

— Que ouço? Tu, o meu querido mestre! Tu, nesse horrendo estado! Que desgraça te aconteceu? Por que não estás ainda no mais lindo dos castelos? Que foi feito da senhorita Cunegundes, a pérola das donzelas, a obra-prima da natureza?

— Não posso mais comigo — gemeu Pangloss.

Cândido o levou para o estábulo do anabatista, onde lhe deu a comer um pouco de pão. E, depois que Pangloss se refez:

— Então — disse ele, — e Cunegundes?

— Morreu.

A esta palavra, Cândido perdeu os sentidos; o amigo o fez voltar a si com um pouco de mau vinagre que havia por acaso no estábulo. Cândido reabre os olhos:

— Cunegundes morta! Oh! onde é que estás, ó melhor dos mundos? Mas de que morreu? Não seria por me ter visto expulsar a pontapés do castelo do senhor seu pai?

— Não — disse Pangloss. — Ela foi estripada por soldados búlgaros, depois de ter sido violada o mais possível; rebentaram a cabeça do senhor barão, que queria defendê-la; a senhora baronesa foi cortada em pedaços; o meu pobre pupilo, tratado precisamente como a irmã e quanto ao castelo, não ficou pedra sobre pedra, nem uma granja, nem um carneiro, nem um pato, nem uma árvore; mas fomos bem vingados, pois os abaros fizeram o mesmo em uma baronia vizinha que pertencia a um senhor búlgaro.

Ao ouvir tais coisas, Cândido desmaiou outra vez; mas, voltando a si, e tendo dito tudo o que devia dizer, Indagou da causa e do efeito, e da razão suficiente que pusera Pangloss em tão lastimável estado.

— Ai! — suspirou o outro. — Foi o amor; -, amor, o consolador do gênero humano, o

conservador do universo, a alma de todos os seres sensíveis, o terno amor.

— Ai! — disse Cândido. — Eu o conheci, esse amor, esse soberano dos corações, essa alma da nossa alma: nunca me rendeu mais que um beijo e vinte pontapés por detrás. Como pôde essa bela causa produzir, na tua pessoa, tão abominável efeito?

Pangloss respondeu nos seguintes termos:

— Ó meu caro Cândido! Bem conheceste Paquette, a linda criadinha da nossa augusta baronesa; gozei nos seus braços as delícias do paraíso, que produziram em mim estes tormentos do inferno de que me vês devorado; ela estava infetada e talvez tenha morrido disso. Paquette ganhara esse presente de um franciscano muito erudito, que havia remontado à fonte, pois o adquirira de uma velha condessa, que o recebera de um capitão de cavalaria, que o devia a uma marquesa, que a tinha de um pajem, que o tomara de um jesuíta que, quando noviço, o herdara em linha reta de um dos companheiros de Cristóvão Colombo. Quanto a mim, não o passarei a ninguém, pois estou para morrer. Ó Pangloss! — exclamou Cândido. — Que, estranha genealogia! Não seria o diabo que foi o tronco?

— Qual! — replicou o grande homem. — Era uma coisa indispensável no melhor dos mundos,

um ingrediente necessário: pois, se Colombo não tivesse apanhado em uma ilha da América essa doença que envenena a fonte da geração, e que é evidentemente o oposto da grande finalidade da natureza, nós não teríamos nem chocolate nem cochonilha; cumpre observar que até hoje, no nosso continente, esta doença nos é peculiar, como a controvérsia, os turcos, os hindus, os pernas, os chins, os siameses, os nipônicos, ainda não a conhecem; mas há uma razão suficiente para que a conheçam, por sua vez, em alguns séculos. Enquanto isto, vai ela fazendo um maravilhoso progresso entre nós, e principalmente nesses grandes exércitos compostos de honrados mercenários, tão bem educados, que decidem do destino das nações; pode-se assegurar que, quando trinta mil homens combatem em formação contra tropas iguais em número, há cerca de vinte mil contaminados em cada campo.

— Admirável disse Cândido, mas é preciso que te cures.

— Mas como? Não tenho um vintém, meu amigo; e, em toda a extensão deste globo, não me pode nem fazer uma sangria, nem tomar uma lavagem, sem pagar, ou sem que haja alguém que pague por nós.

Estas últimas palavras decidiram Cândido; foi lançar-se aos pés do caridoso anabatista Jaques e fez-lhe uma pintura tão comovente do estado a que se achava reduzido o seu amigo, que o nosso homem não hesitou em recolher o doutor Pangloss; mandou-o tratar à sua custa. Pangloss, com a cura, só perdeu um olho e uma orelha. Como tinha boa letra e sabia aritmética, o anabatista empregou-o como guarda-livros. Dois meses depois, sendo obrigado a ir a Lisboa a negócios, embarcou consigo os dois filósofos. Pangloss explicou-lhe como tudo marchava o melhor possível. Jaques não era dessa opinião.

— Está visto — dizia ele — que os homens corromperam um pouco a natureza, pois não nasceram lobos, e tornaram-se lobos. Deus não lhes deu nem canhões nem baionetas, e eles fabricaram baionetas e canhões para se aniquilarem. Eu poderia ainda levar em conta as falências, e a justiça, que se apodera dos bens dos falidos para ludibriar os credores.

— Tudo isso era indispensável — replicava o doutor caolho, — e os males particulares constituem o bem geral, de sorte que, quanto mais males particulares houver, tanto melhor irão as coisas.

Enquanto assim arrazoava, o céu escureceu, os ventos sopraram dos quatro cantos do mundo,

e o navio foi assaltado pela mais tremenda tempestade, à vista do porto de Lisboa.

CAPÍTULO V

DA TEMPESTADE, NAUFRÁGIO, TERREMOTO, E DO QUE SUCEDEU AO DOUTOR PANGLOSS, A CÂNDIDO E AO ANABATISTA JAQUES.

— Metade dos passageiros, enfraquecidos, agoniados com a inconcebível indisposição em que a instabilidade de um navio deixa a todos os nervos e humores do corpo, agitados em sentidos contrários, não tinham nem mesmo forças para inquietar-se com o perigo. A outra metade soltava gritos e rezava; as velas estavam rotas, os mastros quebrados, o navio fendido. Trabalhava quem pudesse, ninguém se entendia, ninguém comandava, o anabatista auxiliava um pouco a manobra; achava-se no convés; um marinheiro furioso bate-lhe rudemente e derruba-o sobre as pranchas, mas, com o golpe que lhe deu, caiu ele próprio para fora do navio, ficando suspenso a um toco de mastro. O bom Jaques corre em seu auxílio, ajuda-o a subir e, com o esforço que faz, é precipitado no mar, sem que o marinheiro fizesse o mínimo gesto para salvá-lo. Cândido aproxima-se, vê o seu benfeitor que reaparece um momento à tona e é tragado para sempre. Quer lançar-se ao mar, mas Pangloss lho impede, provando-lhe que a enseada de Lisboa fora feita expressamente

para afogar o anabatista. Enquanto o provava a priori, o navio parte-se ao meio e todos perecem, com exceção de Pangloss, de Cândido e do brutal marinheiro que afogara o virtuoso anabatista; o facínora nadou até a margem, onde Pangloss e Cândido arribaram, agarrados a uma tábua.

Depois que se refizeram um pouco, encaminharam-se para Lisboa; restava-lhes algum dinheiro, com o qual esperavam salvar-se da fome, depois de haverem escapado à tempestade.

Mal entravam na cidade, chorando a morte do benfeitor, quando sentem o solo tremer sob os seus pés; o mar, furioso, galga o porto e despedaça os navios que ali me acham ancorados. Turbilhões de chama e cinza cobrem as ruas e praças públicas; as casas desabam; abatem-se os tetos sobre os alicerces que se abalam; trinta mil habitantes são esmagados sob as ruínas. Assobiando e praguejando, dizia consigo o marinheiro: — Muito há que aproveitar aqui. — Qual poderá ser a razão suficiente deste fenômeno? — indagava Pangloss.

Chegou o último dia do mundo! exclamava Cândido. O marinheiro corre imediatamente para o meio dos destroços, afronta a morte em busca de dinheiro, acha-o, embriaga-se; depois de cozinhar a bebedeira, compra os favores da

primeira rapariga de boa vontade que encontra sobre as ruínas das casas e em meio dos mortos e moribundos. Enquanto isto, Pangloss puxava-o pela manga. — Meu amigo — dizia-lhe, — isto não está direito, ofendes a razão universal, empregas muito mal o teu tempo. — Com os diabos! — responde o outro, — sou marinheiro e nasci em Batávia; marchei quatro vezes sobre o crucifixo, em quatro viagens que fiz ao Japão; e ainda me vens com a razão universal!

Alguns estilhaços de pedra haviam ferido Cândido, que se achava estendido no meio da rua e coberto de destroços.

— Ai! — dizia ele a Pangloss, consegue-me um pouco de vinho e de óleo, que estou morrendo.

— Este terremoto não é novidade nenhuma — respondeu Pangloss. — A cidade de Lima experimentou os mesmos tremores de terra no ano passado; iguais causas, iguais efeitos: há com certeza uma corrente subterrânea de enxofre, desde Lima até Lisboa.

— Nada mais provável — respondeu Cândido, — mas, por amor de Deus, arranja-me óleo e vinho.

— Como, provável? — replicou. — Sustento que é a coisa mais demonstrada que existe.

Cândido perdeu os sentidos, e Pangloss trouxe-lhe um pouco de água de uma fonte vizinha.

No dia seguinte, havendo encontrado alguma provisão de boca em meio aos escombros, repararam um pouco as forças. Em seguida puseram-se a trabalhar como os outros para auxiliar os habitantes escapados à morte. Alguns cidadãos por eles socorridos deram-lhes o melhor almoço que poderiam encontrar em tais circunstâncias. Verdade que a refeição era triste; os convivas regavam o pão com lágrimas. Mas Pangloss consolou-os, assegurando-lhes que as coisas não poderiam ser de outra maneira: “Pois tudo isto — dizia ele — é o que há de melhor. Pois, se há um vulcão em Lisboa, não poderia estar noutra parte. Pois é impossível que as coisas não estejam onde estão. Pois tudo está bem”.

Um homenzinho de preto, familiar da Inquisição, que se achava a seu lado, tomou polidamente a palavra e disse:

— Pelo visto, o senhor não crê no pecado original; pois, se tudo está o melhor possível, não houve nem queda, nem castigo.

— Peço humildemente perdão a Vossa Excelência — disse Pangloss ainda mais polidamente, — pois a queda do homem e a

maldição entravam necessariamente no melhor dos mundos possíveis.

— O senhor não crê então na liberdade? — perguntou o familiar.

— Vossa Excelência me desculpará — disse Pangloss; — a liberdade pode subsistir com a necessidade absoluta; pois era necessário que fôssemos livres, porque enfim a liberdade determinada...

Pangloss estava no meio da frase, quando o familiar fez um sinal de cabeça para o seu lacaio, que lhe servia vinho do Porto.

CAPÍTULO VI

DE COMO SE FEZ UM BELO AUTO-DE-FÉ PARA EVITAR OS TERREMOTOS, E DE COMO CÂNDIDO FOI AÇOITADO.

Depois do tremor de terra que destruiu três quartas partes de Lisboa, os sábios do país não encontraram meio mais eficaz para prevenir uma ruína total do que oferecer ao povo um belo auto-de-fé; foi decidido pela Universidade de Coimbra que o espetáculo de algumas pessoas queimadas a fogo lento, em grande cerimonial, era um infalível segredo para impedir que a terra se pusesse a tremer.

Tinham, pois, prendido um biscainho que casara com a própria comadre, e dois portugueses que, ao comer um frango, lhe haviam retirado a gordura: vieram, depois do almoço, prender o doutor Pangloss e o seu discípulo Cândido, um por ter falado e o outro por ter escutado com ar de aprovação: foram ambos conduzidos em separado para apartamentos extremamente frescos, onde nunca se era incomodado pelo sol; oito dias depois vestiram-lhe um sambenito e ornaram-lhe a cabeça com mitras de papel: a mitra e o sambenito de Cândido eram pintados de chamas invertidas e

diabos que não tinham cauda nem garras; mas os diabos de Pangloss tinham cauda e garras, e as flamas eram verticais. Assim vestidos, marcharam em procissão, e ouviram um sermão muito patético, seguido de uma bela música em fabordão. Cândido foi açoitado em cadência, enquanto cantavam; o blacainho e os dois homens que não tinham querido comer gordura foram queimados, e Pangloss enforcado, embora não fosse esse o costume. No mesmo dia a terra tremeu de novo, com espantoso fragor.

Cândido, em pânico, desvairado, todo ensangüentado e palpitante, dizia consigo: “Se este é o melhor dos mundos possíveis, como não serão os outros! Se eu apenas fosse açoitado, como entre os búlgaros, ainda passava! Mas tu, meu querido Pangloss, o maior dos filósofos, ver-te enforcar sem saber por quê! E tu, meu querido anabatista, o melhor dos homens, ver-te afogado à vista do porto! E tu, ó Cunegundes, ó pérola. das donzelas, era preciso que te abrissem o ventre?!”

E assim doutrinado, açoitado, absolvido e abençoado, mal sustendo-se nas pernas, vinha ele de volta, quando uma velha o abordou e disse-lhe: “Tem coragem, meu filho, e segue-me”.

CAPÍTULO VII

DE COMO UMA VELHA TRATOU DE CÂNDIDO, E COMO ESTE ENCONTROU O OBJETO AMADO.

Coragem não a tinha, mas seguiu a velha até um casebre: esta lhe deu pomada para fomentar-se, deixou-lhe mantimentos e bebida, e indicou-lhe um leito bastante limpo, junto do qual havia um vestuário completo.

— Come, bebe, dorme — disse-lhe ela — e que Nossa Senhora de Atocha, o senhor Santo Antônio de Pádua e o senhor S. Jaques de Compostella te conservem na sua guarda: voltarei amanhã.

Cândido, ainda espantado de tudo o que vira, de tudo o que sofrera, e ainda mais da caridade da velha, quis beijar-lhe a mão.

— Não é a minha mão que deves beijar — disse a velha. — Voltarei amanhã. Esfrega-te, come e dorme. Cândido, apesar de tantas desgraças, comeu e dormiu. No dia seguinte a velha lhe traz a primeira refeição. examina-lhe as costas, fomenta-o com outra pomada; mais tarde lhe traz almoço, e volta à noite com a ceia. No terceiro dia fez as mesmas cerimônias.

— Quem é a senhora? — perguntava-lhe Cândido. — Quem lhe inspirou tamanha bondade? Que agradecimentos lhe posso dar?

A boa mulher jamais respondia; no outro dia de tarde não trouxe comida.

— Vem comigo — disse ela — e não digas coisa alguma.

Ampara-o e marcha com ele pelo campo, cerca de um quarto de milha: chegam a uma casa solitária, cercada de jardins e canais. A velha bate a uma pequena porta. Abrem; conduz Cândido, por uma escada oculta, a um salão dourado, deixa-o num canapé de brocado, fecha a porta e retira-se. Cândido julgava sonhar, e considerava toda a sua vida como um pesadelo, e o momento atual como um agradável sonho.

A velha voltou logo; amparava com dificuldade uma mulher trêmula; de porte majestoso, toda resplandecente de pedrarias e coberta com um véu.

— Retira esse véu — disse a velha a Cândido.

O jovem aproxima-se; ergue-o timidamente. Que momento! que surpresa! julga ver a senhorita Cunegundes; via-a com efeito, era ela própria. Faltam-lhe as forças, não pode dizer uma só palavra, e tomba a seus pés. Cunegundes,

essa, tomba no canapé. A velha enche-os de licores; recuperam os sentidos, falam-se: são a princípio frases entrecortadas, perguntas e respostas que se entrecruzam, suspiros, lágrimas, gritos. A velha lhes recomenda que façam menos bulha, e deixa-os em liberdade.

— Como! És tu? Estás viva?! E encontro-te em Portugal! Então não te violaram? Não te fenderam o ventre, como me disse o filósofo Pangloss?

— Sim — disse a bela Cunegundes, — mas nem sempre se morre desses dois acidentes.

— Mas teu pai e tua mãe não foram mortos?

— É verdade — disse Cunegundes em pranto.

— E teu irmão?

— Meu irmão também foi morto.

— E como estás em Portugal? Corno soubeste que eu aqui estava? E por que estranha aventura me mandaste trazer a esta casa?

— Tudo Isso direi — respondeu a dama, — mas é preciso que primeiro me contes o que te aconteceu desde o beijo inocente que me deste e os pontapés que recebeste.

Cândido obedeceu com profundo respeito; e, embora ainda o dominasse a confusão, embora a voz lhe estivesse fraca e trêmula, embora ainda lhe doesse um pouco a espinha, contou-lhe da maneira mais singela tudo o que sofrera desde o momento da separação. Cunegundes erguia os olhos ao céu; chorou pela morte do bom anabatista e de Pangloss. Depois falou nos seguintes termos a Cândido, que não perdia uma palavra e a devorava com os olhos.

CAPÍTULO XVIII

HISTÓRIA DE CUNEGUNDES

Estava eu no meu leito e dormia profundamente, quando aprouve aos Céus enviar os búlgaros ao nosso lindo castelo de Thunder-ten-tronckh; degolaram meu pai e meu irmão e cortaram minha mãe em pedaços. Um grande búlgaro de seis pés de altura, vendo que eu perdera os sentidos a esse espetáculo, pôs-se a violar-me; isso me fez recuperar os sentidos, gritei, debati-me, mordi, arranhei, queria arrancar os olhos do búlgaro, sem saber que tudo o que acontecia no castelo de meu pai era uma coisa costumeira: o bruto deu-me uma facada no lado esquerdo, de que ainda guardo a cicatriz.

— Ah! quero vê-la — disse o ingênuo Cândido.

— Tu a verás — respondeu Cunegundes, — mas continuemos.

— Continua — disse Cândido.

E Cunegundes assim retomou o fio da história:

— Nisto entrou um capitão búlgaro, viu-me toda ensangüentada, e o soldado não se arredava. O capitão ficou furioso com a falta de respeito que lhe testemunhava aquele bruto, e matou-o em cima do meu corpo. Em seguida ordenou que me fizessem os curativos necessários e mandou-me como prisioneira para o seu acampamento. Eu lavava as poucas camisas que ele tinha e preparava-lhe a comida. O capitão achava-me bastante bonita, devo confessá-lo; e, quanto a mim, não negarei que ele era muito bem feito de corpo e tinha a pele branca e suave; mas pouco espírito e pouca filosofia: bem se via que não fora educado pelo doutor Pangloss. Ao cabo de três meses, depois de ter perdido todo o dinheiro, e já estando aborrecido de mim, vendeu-me a um judeu chamado dom Issacar, que traficava na Holanda e em Portugal, e que era louco por mulheres. Esse judeu sentia grande atração por mim, mas não conseguia vencer-me; resisti-lhe melhor do que ao soldado búlgaro. Quando a gente tem honra, pode ser violada uma vez, mas com isso ainda mais se fortalece a virtude.

O judeu, para me abrandar, mandou-me para esta casa de campo que tu vês. Até então eu julgara que não havia nada no mundo mais bonito do que o castelo de Thunder-ten-tronckh; enganava-me.

O grande inquisidor me viu um dia na missa; não tirava os olhos de mim, e me mandou dizer que precisava falar-me sobre assuntos secretos. Fui levada a palácio; revelei-lhe a minha origem; fez-me ver o quanto estava abaixo da minha categoria pertencer a um israelita. Propuseram, da sua parte, a dom Issacar que me cedesse a Monsenhor. Dom Issacar, que é banqueiro da Corte e homem de grande influência, não se demoveu. O inquisidor ameaçou-o com um auto-de-fé. Afinal o judeu, intimidado, chegou a um acordo. Ficou combinado que a casa e eu pertenceríamos a ambos, que o judeu disporia das segundas, terças e sábados, e o inquisidor dos outros dias da semana. Há seis meses que dura essa convenção. Dificuldades não faltam; pois muitas vezes há controvérsia quanto a saber se a noite de sábado para domingo pertence à antiga ou à nova lei. Até agora tenho resistido ao judeu e ao inquisidor, e creio que é por esse motivo que continuo amada por ambos.

Enfim, para afastar o flagelo dos terremotos e intimidar dom Issacar, aprouve a Monsenhor celebrar um auto-de-fé. Deu-me a honra de me convidar para o espetáculo. Fiquei muito bem colocada; entre a missa e a execução foram servidos refrescos às damas. Na verdade, estremeci de horror ao ver queimarem aqueles dois judeus e o honrado biscainho que casara com a comadre; mas qual não foi a minha

surpresa, o meu terror, a minha perturbação quando vi, de sambenito e mitra, um vulto que. se assemelhava a Pangloss. Esfreguei os olhos, olhei atentamente vi-o pender da forca; tombei desmaiada. Mal recuperava os sentidos, avistei-te na liça, inteiramente nu: foi o cúmulo do horror, da consternação, da dor, do desespero. Na verdade te direi que a tua pele é mais clara e de um colorido mais perfeito que a do meu capitão búlgaro. Essa visão redobrou todos os sentimentos que me aniquilavam, que me devoravam. Quis gritar: “Basta, bárbaros!”, mas faltou-me a voz, e os meus gritos seriam inúteis. Depois que foste bem açoitado: “Como pode ser — dizia eu comigo — que o amável Cândido e o sábio Pangloss tenham vindo parar em Lisboa, um para receber cem açoites e outro para ser enforcado, por ordem do senhor inquisidor, de quem sou amada? Pangloss enganou-me cruelmente quando me dizia que tudo está o melhor do mundo.”

Agitada, desvairada, umas vezes fora de mim, outras vezes a morrer de abatimento, tinha eu a cabeça cheia do massacre de meu pai, de minha mãe, de meu irmão, da insolência do meu maldito soldado búlgaro, da facada que ele me deu, da minha escravidão, do meu ofício de cozinheira, do meu maldito dom Issacar, do meu abominável inquisidor, do enforcamento do doutor Pangloss, daquele miserere em fabordão durante o qual te

açoitavam, e principalmente do beijo que eu te dera atrás de um biombo, no dia em que te vi pela última vez. Louvei a Deus que te reconduzia a mim depois de tantas provações. Pedi à minha velha que te cuidasse e te trouxesse para aqui logo que fosse possível. Ela executou muito bem o meu mandado; gozei do inexprimível prazer de tornar a ver-te, de te ouvir, de te falar. Deves estar com uma terrível fome; eu estou com muito apetite; comecemos por cear.

Ei-los, pois, que se sentam à mesa; e, depois da ceia, vão para o belo canapé já mencionado; ali estavam eles quando chega o senhor dom Issacar, um dos donos da casa. Era um sábado. Vinha ele gozar de seus direitos e dar demonstrações de seu terno amor.

CAPÍTULO IX

DO QUE ACONTECEU A CUNEGUNDES, A CÂNDIDO, AO INQUISIDOR E AO JUDEU.

Esse Issacar era o mais colérico judeu que já se viu em Israel desde o cativeiro de Babilônia.

— Cadela de Galiléia — exclama ele, — então já. não te basta o senhor inquisidor? É preciso que esse maroto também compartilhe de ti?

Dizendo tais palavras, saca de um longo punhal que sempre trazia consigo e, não imaginando que o adversário estivesse armado, avança para Cândido; mas o nosso bom vestfaliano recebera uma bela espada da velha, juntamente com o vestuário completo. Puxa ele da espada, embora fosse de gênio mui tranqüilo, e estende o israelita morto aos pés de Cunegundes.

— Virgem Santa! — exclama ela. — Que será de nós? um homem assassinado em minha casa! Se vier a polícia, estamos perdidos.

— Se Pangloss não tivesse sido enforcado — disse Cândido, — nos daria um bom conselho em

tal emergência, pois era um grande filósofo. Na sua falta, consultemos a velha.

Era esta muito prudente e começava a dar sua opinião quando se abriu outra pequena porta. Passava uma hora da meia-noite e principiava o domingo. Esse dia era do senhor Inquisidor, que entra e vê Cândido de espada em punho, um cadáver no chão, Cunegundes como louca e a velha a dar conselhos.

Eis o que se passou em tal instante na alma de Cândido e como ele raciocinou: “Se esse santo homem pede socorro, estou queimado vivo; o mesmo poderá suceder a Cunegundes; ele mandou açoitar-me impiedosamente; é meu rival; posso matá-lo agora; não há que escolher”.

Esse raciocínio foi nítido e instantâneo; e, antes que o inquisidor tivesse tempo de refazer-se da surpresa, Cândido lhe atravessa o corpo com a espada, e abate-o por terra, ao lado do judeu.

— Mais um — disse Cunegundes, — agora não há mais salvação; estamos excomungados, chegou o nosso derradeiro instante. Como é que tu, que tens um gênio tão bom, pudeste matar, em dois minutos, um judeu e um prelado?

— Formosa senhorita — respondeu Cândido, — quando se está enamorado, com ciúmes, e

ainda por cima açoitado pela Inquisição, a gente não se reconhece mais.

A velha tomou então a palavra e disse:

— Há três cavalos andaluzes na estrebaria, com os arreios; que o bravo Cândido os apronte; a senhora tem pistolas e diamantes: montemos depressa, embora eu apenas possa sentar de um lado só, e vamos para Cádiz; está fazendo o mais belo tempo do mundo, e assim é um prazer viajar de noite.

Cândido em seguida arreia os três cavalos. Cunegundes, a velha e ele fazem três milhas de um fôlego. Enquanto se afastavam, chega a Santa Hermandad à casa do campo: enterram Monsenhor numa bela igreja e lançam Issacar no monturo.

Cândido, Cunegundes e a velha estavam agora na aldeia de Avicena, em meio à Sierra Morena; e assim falavam, numa hospedaria.

CAPÍTULO X

DA SITUAÇÃO EM QUE CHEGAM OS TRÊS A CADIZ E DO SEU EMBARQUE.

— Quem me teria roubado as minhas pistolas e os meus diamantes? — soluçava Cunegundes. — De que viveremos? Que faremos nós? Onde vou encontrar inquisidores e judeus que me dêem mais jóias e dinheiro?

— Desconfio muito — disse a velha — de um reverendo franciscano que pousou ontem em Badajos, no mesmo albergue em que paramos. Deus me livre de formar um juízo precipitado! Mas o fato é que ele entrou duas vezes em nosso quarto e partiu muito antes de nós.

— E o bom Pangloss — suspirou Cândido, — que tantas vezes me provou que os bens terrenos são comuns a todos os mortais! Segundo esses princípios, bem que o franciscano podia deixar-nos alguma coisa para que prosseguíssemos viagem...

— Quer dizer que não te resta coisa alguma, linda Cunegundes?

— Nem um maravedi.

— É vender um dos cavalos — propôs a velha. — Irei à garupa da senhorita, embora apenas me possa sentar de um lado só. E assim chegaremos a Cádiz.

Havia no mesmo albergue um prior beneditino, que lhes comprou o cavalo por uma ninharia. Cândido, Cunegundes e a velha passaram por Lucena, por Chulas, por Lebrixa, e chegaram enfim a Cádiz. Ali se equipava uma frota e reuniam-se tropas para chamar à razão os reverendos padres jesuítas do Paraguai, aos quais acusavam de haverem revoltado uma de suas hordas, em Sacramento, contra os reis de Espanha e Portugal. Tendo servido com os búlgaros. Cândido fez os respectivos exercícios, diante do general do pequeno exército, com tanta graça, presteza, agilidade e garbo, que lhe deram o comando de uma companhia de infantes. Ei-lo capitão; embarca com a senhorita Cunegundes, a velha, dois criados e os dois cavalos andaluzes que haviam pertencido ao senhor inquisidor-mor de Portugal.

Durante toda a travessia, discutiram multo sobre a filosofia do pobre Pangloss.

Vamos para um outro universo — dizia Cândido. — É lá sem dúvida que tudo está bem. Pois cumpre confessar que em nosso mundo não

faltava o que chorar quanto ao lado físico e moral das coisas.

— Amo-te de todo o coração — dizia Cunegundes, — mas ainda sinto a alma aterrada de tudo quanto. vi e experimentei

— Tudo irá bem — replicava Cândido. — Só o mar desse novo mundo já vale mais que os mares da nossa Europa: é mais calmo, e os ventos mais constantes. Não há dúvida alguma de que o novo mundo é que é o melhor dos universos possíveis

— Deus o queira! — dizia Cunegundes. — Mas fui tão horrivelmente infeliz no meu, que meu coração está quase fechado à esperança.

— Ainda se queixam! — disse-lhes a velha. — Mas não passaram nem pela metade do que eu já sofri. Cunegundes quase chegou a rir, pela pretensão daquela boa mulher, em ser mais infeliz do que ela.

— Ora, minha velha! A menos que tenhas sido violada por dois búlgaros, que tenhas recebido duas facadas na barriga, que destruíssem dois de teus castelos, que hajam degolado na tua frente duas mães e dois pais e que tenhas visto dois dos teus pretendentes açoitados num auto-de-fé, não vejo como poderás ganhar de mim; e não te esqueças que nasci

baronesa de setenta e dois quartéis e cheguei a cozinheira.

— Bem vejo — retrucou a velha — que a senhorita ignora o meu nascimento; e, se eu lhe mostrasse o meu traseiro, não falaria assim e suspenderia o seu juízo. Tais palavras deixaram Cunegundes e Cândido extremamente curiosos. E a velha lhes falou nos seguintes termos.

CAPÍTULO XI

HISTÓRIA DA VELHA

Nem sempre tive os olhos empapuçados e debruados de vermelho; nem sempre o meu nariz tocou no queixo, e nem sempre fui criada. Sou filha do Papa Urbano X e da princesa de Palestrina. Criaram-me, até os catorze anos, em um palácio junto do qual todo, os castelos dos barões alemães não serviriam para estábulo; e um só de meus vestidos valia mais que todas as magnificências da Vestfália. Crescia em beleza, em graça, em talentos, em meio dos prazeres, dos respeitos e das esperanças. Já inspirava amor, meu seio se formava; e que seio! branco, firme, talhado como o da Vênus de Médicis; e que olhos! que pálpebras! que negras pestanas! que flamas brilhavam nas minhas duas pupilas, que apagavam a cintilação das estrelas, como me diziam os poetas da vizinhança. As mulheres que me vestiam e despiam caíam em êxtase ao olhar-me por diante e por trás, e todos os homens desejariam estar no lugar delas.

Fiquei noiva de um príncipe soberano de Massa-Carrara! Que príncipe! tão belo como eu, cheio de encantos e virtudes, brilhante de espírito

e ardente de amor. Eu o amava como se ama da primeira vez, com idolatria, com arrebatamento. Prepararam-se as núpcias. Era uma pompa, uma magnificência inaudita; eram festas, cavalhadas, óperas-bufas contínuas; e toda a Itália me compôs sonetos, dos quais não havia um único que fosse passável. Aproximava-se o instante da minha felicidade, quando uma velha marquesa que fora amante de meu príncipe convidou-o a tomar chocolate com ela. Morreu em menos de duas horas, em terríveis convulsões. Mas isso não passou de uma bagatela. Minha mãe, desesperada, e não menos aflita do que eu, resolveu afastar-se, por algum tempo, de lugar tão funesto. Possuía uma bela propriedade nos arredores de Gaeta. Embarcamos numa galera do Estado, dourada como o altar de S. Pedro em Roma. Eis que um corsário de Sales nos ataca. Nossos soldados defenderam-se como soldados do Papa: tombaram de joelho., soltando as armas, e pedindo ao corsário uma absolvição in articulo mortis.

Em seguida os deixaram nus como macacos, e à minha mãe também, e às nossas aias, e a mim também. E uma coisa admirável a presteza com que esses indivíduos despem a gente. Mas o que mais me surpreendeu foi que nos meteram o dedo em um lugar onde nós, mulheres, geralmente só deixamos introduzir cânulas. Tal cerimônia me pareceu muito estranha: eis como a

gente julga as coisas quando nunca saiu da terra natal. Soube logo que era para ver se não tínhamos ocultado ali alguns diamantes: é um uso estabelecido, desde tempos imemoriais, entre as nações civilizadas que exercem a navegação. Soube que os reverendos cavaleiros de Malta nunca deixam de o fazer quando aprisionam turcos e turcas; é uma lei do direito das gentes, que jamais foi infringida. Não direi o quanto é duro para uma jovem princesa ser conduzida como escrava a Marrocos, juntamente com sua mãe. Imaginem o que não sofremos no navio corsário! Minha mãe era ainda muito bonita; e nossas aias, nossas simples criadas, tinham mais encantos do que se poderiam encontrar por toda a África. Quanto a mim, era encantadora, era a beleza, a graça em pessoa, e era virgem; não o fui por muito tempo: essa flor que eu reservara para o belo príncipe de Massa-Carrara me foi arrebatada pelo capitão corsário; era um negro abominável que ainda por cima estava crente de que me fazia uma grande honra. A senhora princesa de Palestrina e eu tínhamos de ser mesmo muito fortes para resistir a tudo o que experimentamos até a nossa chegada a Marrocos. Mas passemos adiante; são coisas comuns, em que não vale a pena insistir.

Marrocos nadava em sangue quando ali chegamos. Os cinqüenta filhos do imperador Muley-Ismael tinham cada um o seu partido: o

que constituía de fato cinqüenta guerras civis, de negro. contra negro, de negros contra trigueiro, de trigueiros contra trigueiros, de mulatos contra mulatos. Era uma carnagem contínua em toda a extensão do Império.

Apenas desembarcamos, os negros de uma facção contrária à do nosso corsário vieram arrebatar-lhe a presa. Depois dos diamantes e do ouro, éramos nós o que ele tinha de mais precioso. Fui testemunha de um combate como não se vê igual em climas europeus, Os povos setentrionais não têm sangue bastante ardente. Não tem esse furor pelas mulheres que se vê na África. Parece que o. europeus têm leite nas veias; pois é vitríolo, é fogo que corre nas veias dos habitantes do monte Atlas e dos países vizinhos. Combateram com a sanha dos leões, dos tigres e das serpentes da região para ver quem nos possuiria. Um mouro agarrou minha mãe pelo braço direito, um lugar-tenente de meu capitão segurou-a pelo esquerdo; um soldado mouro pegou-a por uma perna, um dos nossos piratas pela outra. Em um instante, quase todas as nossas mulheres se viram assim puxadas por quatro soldados. Meu capitão me conservava oculta atrás de si. Empunhava. a cimitarra e matava quem quer que se lhe opusesse. Vi afinal todas as nossas italianas e a minha mãe despedaçadas, retalhadas, massacradas pelos monstros que as disputavam. Os meus

companheiros cativos, os que os haviam aprisionado, soldados, marinheiros, negros, trigueiros, brancos, mulatos, e o meu capitão, foi tudo assassinado, e eu ali fiquei, agonizante, sobre um montão de cadáveres. Cenas tais ocorriam numa extensão de trezentas léguas, sem que ninguém faltasse às cinco preces diárias ordenadas por Maomé.

Com muita dificuldade desembaracei-me daquela multidão de corpos sangrentos e arrastei-me para debaixo de uma laranjeira à margem de um arroio próximo; tombei por terra, de medo, de cansaço, de desespero e de fome. Em breve meus sentidos exaustos se entregaram a um sono que mais se aproximava do desmaio que do repouso. Estava naquele estado de fraqueza e de insensibilidade, entre a morte e a vida, quando senti alguma coisa que se agitava sobre o meu corpo. Abri os olhos e vi um homem branco e de fisionomia simpática que suspirava e dizia entre dentes: O che sciagura d'essere senza coglioni!

CAPÍTULO XII

CONTINUAÇÃO DAS DESGRAÇAS DA VELHA.

Atônita e encantada de ouvir a língua da minha pátria, e não menos surpresa das palavras que proferia aquele homem, respondi-lhe que havia maiores, desgraças do que aquela de que ele se queixava. Informei-o em poucas palavras dos horrores por que passara, e desmaiei de novo. Levou-me para uma casa vizinha, fez com que me dessem leite e comida, atendeu-me, consolou-me, lisonjeou-me, disse-me que nada vira de tão lindo como eu e que nunca lamentara tanto aquilo que ninguém lhe poderia devolver.

— Nasci em Nápoles — me disse ele. É sabido que ali costumam castrar de dois a três mil meninos por ano; uns morrem da operação, outros adquirem uma voz mais bela que a das mulheres, outros vão governar Estados. Fizeram-me a intervenção com grande. sucesso, e fui músico da capela da senhora princesa da Palestrina.

— Da minha mãe! — exclamei.

— Da sua mãe! — bradou ele, chorando. — Como! Então a senhora é aquela jovem princesa

que eu criei até a idade de seis anos e que já prometia ser tão linda assim?

— Sou eu mesma; minha mão se acha a quatrocentos passos daqui, esquartejada sob um montão de mortos...

Contei-lhe tudo o que me sucedera e ele contou-me as suas aventuras. Naquela época fora enviado em missão junto ao rei de Marrocos, da parte de uma potência cristã, a fim de concluir um tratado com nosso monarca. Mediante esse tratado, se forneceria ao maometano pólvora, canhões e navios, a fim de auxiliar a parte contratante a exterminar o comércio dos outros cristãos.

— Minha missão está cumprida — disse aquele honrado eunuco. — Vou embarcar em Ceuta e a levarei comigo para a Itália. Ma che sciagura d'essere senza coglioni!

Agradeci-lhe com lágrimas de enternecimento; e, em vez de conduzir-me à Itália, levou-me para a Argélia e vendeu-me ao bei dessa província. Mal fora vendida, quando essa peste que deu volta à África, à Ásia e à Europa, se alastrou na Algéria com furor. Meus amigos já viram terremoto. Mas e a peste? A senhorita nunca apanhou peste?

— Nunca — respondeu a baronesa.

— Ah! se a tivesse apanhado — tornou a velha, — confessaria que é muito pior que um terremoto. E muito comum na África; fui atacada. Imaginem que situação para a filha de um papa, que tinha apenas quinze anos de idade, e que, no espaço de três meses, conhecera a pobreza, a escravidão, fora violada quase todos os dias, vira esquartejarem a sua mãe, sofrera a fome e a guerra, e estava para morrer de peste na Argélia. No entanto não morri. Mas o meu eunuco e o bei pereceram, juntamente com quase todo o serralho da Argélia.

Passadas as primeiras devastações dessa horrível peste, foram postas em leilão as escravas do bei. Um mercador arrematou-me, levando-me para Túnis; vendeu-me a outro mercador, que me revendeu em Trípoli; de Trípoli fui revendida em Alexandria, de Alexandria em Esmirna, de Esmirna em Constantinopla. Fiquei enfim pertencendo a um agá dos janízaros, que em breve foi incumbido de defender Azof contra os russos que a cercavam.

O agá, homem muito galante, levou consigo todo o seu serralho, e nos alojou em um fortim sobre os Pauis-Meótides, guarnecido por dois eunucos negros e vinte soldados. Mataram um número prodigioso de russos, mas estes nos pagaram na mesma moeda. Azof foi posto a ferro e fogo, e não poupavam nem sexo nem idade;

afinal só restou nosso pequeno forte; os inimigos resolveram vencer-nos pela fome. Os vinte janízaros tinham jurado não render-se nunca. A fome extrema a que se viram reduzidos os obrigou a comer as nossos dois eunucos, por modo de quebrarem o juramento. Passados alguns dias, decidiram comer as mulheres.

Tínhamos um imame muito devoto e compassivo, que lhes pregou um belo sermão, persuadindo-os a que não nos matassem.

— Cortai — disse ele — apenas uma nádega a cada uma dessas damas, e com isso vos regalareis. Se for necessário mais, tereis outro tanto daqui a alguns dias. Deus recompensará tão caridosa ação, e sereis socorridos.

Tinha bastante eloquência, e convenceu-os. Fizeram-nos essa horrível operação. O imame nos aplicou o mesmo bálsamo que se põe no menino. que acabam de circuncidar. Estávamos todas pela hora da morte. Mal haviam os janízaros terminado a refeição que lhes fornecêramos, quando chegam os russos em chatas; não sobrou um único janízaro. Os russos não deram a mínima atenção ao estado em que nos achávamos. Há por toda parte cirurgiões franceses: um deles, que era muito hábil, nos socorreu; curou-nos satisfatoriamente, e toda a minha vida hei de lembrar-me que, quando as

minhas feridas ficaram bem cicatrizadas, ele me fez propostas. De resto, nos disse a todas que nos consolássemos, assegurando-nos que em vários cercos sucedera a mesma coisa, e que essa era a lei da guerra.

Logo que pudemos caminhar, mandaram-no para Moscou. Quanto a mim, coube em partilha a um boiardo que me fez trabalhar na sua horta e me dava vinte laçaços por dia. Mas, dois anos depois, tendo sido esse cavaleiro mandado a suplício, por alguma intriga de Corte, em companhia de trinta colegas seus, aproveitei a emergência e fugi: atravessei toda a Rússia; fui por muito tempo criada de taverna em Riga, depois em Rostock, em Vismar, em Leipzig, em Camel, em Utrecht, em Leyde, em Haya, em Rotterdam. Envelheci na miséria e no opróbrio, não tendo mais que a metade do traseiro, e sempre a lembrar-me de que era filha de um papa; cem vezes quis matar-me, mas ainda amava a vida. Essa ridícula fraqueza é talvez um dos nossos pendores mais funestos: pois haverá coisa mais tola do que carregar continuamente um fardo que sempre se quer lançar por terra? Ter horror à própria existência e apegar-se a ela. Acariciar, enfim, a serpente que nos devora, até que nos haja engolido o coração?

Vi, nos países que a sorte me fez percorrer e nas estalagens onde servi, um número prodigioso

de pessoas que execravam a sua vida; mas apenas encontrei doze que acabaram voluntariamente com a própria miséria: três negros, quatro ingleses, quatro genebrinos e um professor alemão chamado Robeck. Terminei como criada do judeu dom Issacar, que me encarregou de a servir, minha linda senhorita; liguei-me a seu destino, e tenho-me ocupado mais das suas aventuras que das minhas. E jamais falaria de minhas desgraças se a senhorita não me houvesse melindrado e se não fosse costume a bordo contar histórias para enganar o aborrecimento. Enfim, senhorita, tenho experiência, conheço o mundo. Quer distrair-se? Convide cada passageiro a contar a sua história; e, se encontrar um só que não haja amaldiçoado a vida muitas vezes e que muitas vezes não tenha dito consigo que era o mais infeliz dos homens, pode então lançar-me de cabeça ao mar.

CAPÍTULO XIII

DE COMO CÂNDIDO SE VIU OBRIGADO A SEPARAR-SE DA BELA CUNEGUNDES E DA VELHA

Tendo ouvido a história da velha, a bela Cunegundes dispensou-lhe todas as atenções que se deviam a uma pessoa da sua posição e do seu mérito. Aceitou a proposta; induziu todos os passageiros a contarem um após outro as suas aventuras.

Cândido e ela confessaram que a velha tinha razão.

— É uma pena — dizia Cândido — que o sábio Pangloss tenha sido enforcado, contra o costume, em um auto-de-fé; ele nos diria coisas admiráveis sobre o mal físico e o mal moral que cobrem a terra e o mar, e eu me sentiria com bastante ânimo para me atrever a fazer-lhe respeitosamente algumas objeções.

A medida que cada um contava a sua história, o navio avançava. Aportaram em Buenos Aires. Cunegundes, o capitão Cândido e a velha foram ter com o governador Dom Fernando de Ibarra y Figueroa y Mascareñas y Lampurdos y Sousa. Esse senhor tinha uma altivez adequada a

um homem que usava tantos nomes. Falava aos homens com o mais nobre desdém, erguendo tão alto o nariz, elevando tão implacavelmente a voz, assumindo um ar tão imponente, afetando um andar tão altaneiro, que todos os que o cumprimentavam sentiam ganas de bater-lhe. Amava as mulheres com loucura. Cunegundes lhe pareceu a criatura mais linda que já vira no mundo. A primeira coisa que fez foi perguntar se não era esposa do capitão. O tom da pergunta alarmou Cândido: não ousou dizer-lhe que era sua esposa porque de fato não o era; não ousava dizer que era sua irmã, porque tampouco o era; e, embora essa mentira oficiosa estivesse outrora muito em moda entre os antigos e pudesse ser útil aos modernos, a sua alma era demasiado pura para trair a verdade.

— A senhorita Cunegundes — disse ele — deve conceder-me a honra de casar comigo, e suplicamos a Vossa Excelência que se digne mandar celebrar as nossas núpcias.

Dom Fernando de Ibarra y Figueroa y Mascareñas y Lampurdos y Sousa, cofiando o bigode, sorriu amargamente e ordenou ao capitão Cândido que fosse passar em revista a sua companhia. Cândido obedeceu; o governador ficou com a senhorita Cunegundes. Declarou-lhe a sua paixão, protestou que no dia seguinte a desposaria em face da Igreja, ou de qualquer

outra maneira, conforme aprouvesse a seus encantos. Cunegundes pediu um quarto de hora para refletir, para consultar a velha e tomar uma decisão.

Disse a velha a Cunegundes:

— A senhorita tem setenta e dois quartéis e nem um óbulo; só depende de si ser esposa do maior senhor da América do Sul e que tem tão belos bigodes; e acaso está em condições de ostentar uma fidelidade a toda prova? Pois não foi violada pelos búlgaros? Um judeu e um inquisidor não gozaram da sua boa vontade? As desgraças outorgam direitos. Confesso que, se estivesse em seu lugar, não teria nenhum escrúpulo em desposar o senhor governador e fazer a fortuna do senhor capitão Cândido.

Enquanto a velha falava com toda a prudência que dão a experiência e a idade, viram entrar no porto um pequeno navio; trazia um alcaide e alguazis, e eis o que sucedera.

Bem adivinhara a velha que fora um franciscano que havia roubado o dinheiro e as jóias de Cunegundes, na cidade de Badajoz. O monge procurou vender algumas das pedras a um joalheiro. O negociante reconheceu-as como pertencentes ao inquisidor-mor. Antes de ser enforcado, o franciscano confessou de quem as roubara; indicou as pessoas e o rumo que

tomavam. A fuga de Cunegundes e Cândido era já conhecida. Seguiram-lhes o rastro até Cádiz; sem perda de tempo, despacharam um navio em sua perseguição. Esse navio já estava agora no porto de Buenos Aires. Logo se espalhou que um alcaide ia desembarcar e que perseguiam os assassinos do inquisidor-mor. A prudente velha viu num instante tudo o que se devia fazer.

— A senhorita não pode fugir — disse ela a Cunegundes, e nada tem a temer; não foi a senhorita quem matou Monsenhor; e aliás o governador que a ama, não permitirá que a maltratem; fique onde está.

Corre imediatamente a Cândido: — Fuja — lhe diz ela, — ou dentro em uma hora será queimado.

Não havia um momento a perder. Mas como separar-se de Cunegundes? E onde refugiar-se?

CAPÍTULO XIV

DE COMO CÂNDIDO E CACAMBO FORAM ACOLHIDOS PELOS JESUÍTAS DO PARAGUAI

Cândido trouxera de Cádiz um criado como os há em quantidade nas costas da Espanha e nas colônias. Tinha um quarto de espanhol, pois nascera de um mestiço, em Tucuman; fora menino de coro, sacristão, marinheiro, monge, carregador, soldado, lacaio. Chamava-se Cacambo e estimava muito a seu patrão, porque o seu patrão era um excelente homem. Selou às pressas os dois cavalos andaluzes.

— Vamos, patrão. Siga o conselho da velha, e corramos sem olhar para trás.

Cândido põe-se a chorar:

— Ai minha querida Cunegundes! Devo eu abandonar-te quando o senhor governador vai preparar as tuas núpcias? Eu que te trouxe de tão longe! Que vai ser de ti?

— Será o que puder — disse Cacambo, — as mulheres nunca se embaraçam; Deus as ajuda; corramos.

— Aonde me levas? Aonde vamos? Que faremos sem Cunegundes? — dizia Cândido.

— Por S. Jaques de Compostella — disse Cacambo. — O patrão não ia combater contra os jesuítas? Pois combata agora pelos jesuítas. Conheço bem os caminhos; vou levá-lo até o reino deles; ficarão encantados de ter um capitão que saiba fazer exercícios à moda búlgara. O senhor fará uma fortuna prodigiosa. Quando a gente não se ajeita num mundo, procura arranjar-se noutro. É um prazer extraordinário ver e fazer coisas novas.

— Já estiveste então no Paraguai? — indagou Cândido.

— É verdade. Servi de fâmulo no colégio de Assunção, e conheço o governo dos Padres como conheço as ruas de Cádiz. É uma coisa admirável esse governo. O reino já tem mais de trezentas léguas de diâmetro; é dividido em trinta províncias. Os padres ali têm tudo, e o povo nada; é a obra prima da razão e da justiça. Quanto a mim, não conheço nada mais divino do que os Padres, que aqui fazem guerra ao rei de Espanha e ao rei de Portugal, e que na Europa confessam esses reis; que aqui matam espanhóis e em Madrid os mandam para o céu: isto me encanta. Avancemos. O. patrão vai ser o mais feliz de todos os homens. Que prazer não terão os Padres

quando souberem que lhes chega um capitão que conhece manobras búlgaras!

Logo que chegaram à primeira barreira, Cacambo disse à guarda avançada que um capitão pedia para falar ao monsenhor comandante. Foram avisar a grande guarda. Um oficial paraguaio correu aos pés do comandante para lhe dar a notícia. Cândido e Cacambo foram primeiramente desarmados; apoderaram-se de seus cavalos andaluzes. Os dois estrangeiros são introduzidos em meio de duas filas de soldados, a cuja extremidade se achava o comandante, de chapéu de três bicos, batina arrepanhada, espadim à cinta, lança em punho. Fez um sinal; e logo vinte e quatro milicianos cercam os recém-chegados. Informa-lhes um sargento que é preciso esperar, que o comandante não pode atendê-los, pois o reverendo padre provincial não permite que nenhum espanhol abra a boca a não ser em sua presença nem permaneça mais de três horas no país.

— E onde está o reverendo padre provincial? — Indagou Cacambo.

— Está na parada, depois que rezou missa; e só daqui a três horas é que vocês lhe podem beijar as esporas.

— Mas — observou Cacambo — o senhor capitão, que está a morrer de fome como eu, não

é espanhol, é alemão; não poderíamos almoçar enquanto esperamos Sua Reverendíssima?

O sargento foi imediatamente comunicar tais palavras ao comandante.

— Graças a Deus que ele é alemão — disse este, — pois assim lhe posso falar. Que o tragam ao meu caramanchel

Conduzem Cândido a uma espécie de salão de folhagens, cercado de uma linda colunata de mármore verde e dourado e de aviários que encerravam papagaios, colibris, beija-flores, pintadas, e todos os pássaros, dos mais raros. Achava-se servido um excelente almoço, em baixelas de ouro; e, enquanto os paraguaios comiam canjica em escudelas de pau, ao ardor do sol, o reverendo padre comandante entrou no caramanchel.

Era um belo jovem, de rosto cheio, faces coradas, sobrancelhas erguidas, olho vivo, orelhas rosadas, lábios rubros, o ar altivo, mas de uma altivez que não era nem a de um espanhol nem a de um jesuíta. Devolveram a Cândido e Cacambo as armas que lhe haviam retirado, bem como os dois cavalos andaluzes; Cacambo fê-los comer aveia, junto ao caramanchão, e sempre trazendo-os de olho, para evitar alguma surpresa.

Cândido beijou primeiro a fimbria da batina do comandante, e em seguida sentaram-se à mesa.

— Com que então o senhor é alemão? — perguntou-lhe o jesuíta nesse idioma.

— Sim, meu reverendo.

Tanto um como outro, enquanto pronunciavam tais palavras, se olhavam com grande surpresa e uma emoção que não podiam dominar.

— E de que região da Alemanha é o senhor? — indagou o jesuíta.

— Da maldita província de Vestfália — disse Cândido.

— Nasci no castelo de Thunder-ten-tronckh.

— O Céus! Será possível! — exclamou o comandante.

— Que milagre! — bradou Cândido.

— Serás tu mesmo? — disse o comandante.

— Impossível! — disse Cândido.

Recuam de espanto, abraçam-se, vertem rios de lágrimas.

— Como, és tu, meu reverendo Padre? Tu, o irmão da bela Cunegundes! Tu, que foste morto pelos búlgaros! Tu, o filho do senhor barão! Tu, jesuíta no Paraguai! Tem-se de confessar que este mundo é uma coisa estranha! Ó Pangloss! ó Pangloss! Como não estarias contente agora, se não te houvessem enforcado!

O comandante mandou embora os escravos negros e os paraguaios que serviam bebida em tigelas de cristal de rocha. Agradeceu mil vezes a Nosso Senhor e a Santo Inácio; estreitava Cândido nos braços; as suas faces estavam banhadas de lágrimas.

— Mais espantado ficarias — disse Cândido, — mais comovido, mais fora de ti mesmo, se eu te dissesse que a senhorita Cunegundes tua irmã, a quem julgavas destripada, se acha agora cheia de saúde.

— Onde?

— Na tua vizinhança, com o senhor governador de Buenos Aires. E eu tinha vindo para combater-te...

Cada palavra que pronunciavam nessa longa conversação acumulava prodígios sobre prodígios. A alma inteira lhes voava na ponta da língua, mantinha-se atenta nos ouvidos, fulgurante nos olhos. Como eram alemães, demoraram-se por

muito tempo á mesa, enquanto não vinha o padre provincial. E o comandante assim falou a seu querido Cândido.

CAPÍTULO XV

DE COMO CÂNDIDO MATOU O IRMÃO DE SUA QUERIDA CUNEGUNDES.

Nunca me sairá da memória o dia horrível em que vi matarem meu pai e minha mãe e violarem minha irmã. Quando os búlgaros se retiraram, havia desaparecido aquela irmã adorável, e meu pai, minha mãe, eu, duas criadas e três meninos degolados fomos colocados numa carroça, a fim de nos enterrarem em uma capela de jesuíta, a duas léguas do castelo. Um jesuíta aspergiu-nos com água benta; estava horrivelmente salgada; entraram-me algumas gotas nos olhos; o padre percebeu que minhas pálpebras se agitavam levemente: pôs a mão no meu peito e sentiu palpitar-me o coração; fui socorrido e, ao cabo de três semanas, estava como dantes. Bem sabes, meu caro Cândido, que eu era bastante bonito; pois mais bonito fiquei depois; de modo que o reverendo padre Croust, superior do convento, sentiu-se tomado por mim da mais terna amizade; fez-me envergar o hábito de noviço; algum tempo depois fui enviado a Roma. O vigário geral tinha necessidade de uma leva de jovens jesuítas alemães. Os soberanos do Paraguai recebem o menos que podem de jesuítas

espanhóis; preferem os estrangeiros, de quem se julgam mais senhores. Fui julgado apto pelo reverendo vigário geral, para vir trabalhar nesta vinha. Partimos, um tirolês, um polaco e eu. Honraram-me, de chegada, com um subdiaconato e uma lugar-tenência; hoje sou coronel e padre. Recebemos à altura as tropas do rei de Espanha; garanto-te que serão devidamente excomungadas e batidas. A Providência te mandou aqui para nos secundares. Mas é verdade mesmo que a minha querida irmã Cunegundes se acha nas vizinhanças, em poder do governador de Buenos Aires?

Cândido jurou que nada era mais verdadeiro. E puseram-se ambos a chorar.

O barão não se cansava de abraçar Cândido; chamava-lhe de seu irmão e salvador.

— Ah, meu querido Cândido, talvez possamos os dois entrar vencedores na cidade e arrebatar a minha irmã Cunegundes.

— É o que mais desejo neste mundo — disse Cândido, — pois tencionava desposá-la, e espero fazê-lo ainda.

— Tu, insolente! — exclamou o barão. — Tens então a imprudência de querer desposar a minha irmã, que possui setenta e dois quartéis?! O que

me admira é o teu descaramento em ousar falar-me de um desejo tão atrevido!

Cândido, estarrecido, retrucou-lhe:

— Todos os quartéis do mundo, meu Reverendo Padre, agora nada significam; tirei a sua irmã dos braços de um judeu e de um inquisidor; ela me deve muitas obrigações, e quer casar comigo. Mestre Pangloss sempre me disse que os homens são iguais, e eu hei de casar com Cunegundes.

— É o que veremos, patife! — bradou o jesuíta barão de Thunder-ten-tronckh, ao mesmo tempo que lhe desfecha no rosto um violento golpe com a folha da espada. Cândido no mesmo instante puxa da sua e mergulha-a até a guarda no ventre do barão jesuíta; mas, ao retirá-la úmida de sangue quente, põe-se a chorar: “Oh! Meu Deus! Matei o meu antigo senhor, o meu amigo, o meu cunhado; sou o melhor homem do mundo e já são três homens que mato; e, desses três, dois são padres!”

Cacambo, que montava guarda à entrada do caramanchão, acorreu em seguida.

— Só nos resta vender caro a nossa vida — lhe disse Cândido. — Não tardarão a chegar; deveremos morrer de arma em punho.

Cacambo, que já passara por outras, não perdeu a cabeça. Despiu a batina do barão, vestiu-a sem demora em Cândido, deu-lhe o chapéu de três bicos e o fez montar a cavalo. Tudo isto se passou enquanto o diabo esfrega um olho.

— Corramos, patrão; todos o vão tomar por um jesuíta que anda a serviço; e teremos passado as fronteiras antes que possam sair em nosso encalço.

Já voava ao dizer Isto, e gritava em espanhol:

— Alas! alas! para o reverendo padre coronel!

CAPÍTULO XVI

DO QUE ACONTECEU AOS DOIS VIAJANTES COM DUAS RAPARIGAS, DOIS MACACOS E OS SELVAGENS CHAMADOS ORELHÕES.

Já haviam os dois atravessado a fronteira, e no acampamento ainda ninguém sabia da morte do jesuíta alemão. O diligente Cacambo teve cuidado de encher o alforje de pão, chocolate, presunto, frutas, e algumas medidas de vinho. Adentraram-se numa região desconhecida, onde não descobriram estrada alguma. Afinal deparou-se-lhes à vista um belo prado cortado de arroios. Os nossos dois viajantes puseram os cavalos a pastar. Cacambo propõe uma refeição, e dá o exemplo, principiando a comer com apetite.

— Como queres tu — dizia Cândido — que eu coma presunto, quando matei o filho do senhor barão e me vejo condenado a nunca mais rever a bela Cunegundes? De que me servirá prolongar meus miseráveis dias, se deve arrastá-los longe dela, no remorso e no desespero? E que dirá o jornal de Trévoux?

Enquanto assim falava, não cessava de comer. O sol ia tombando. Os dois extraviados

ouviram alguns gritos agudos, que pareciam de mulheres. Não sabiam se esses gritos eram de dor ou de alegria; mas ergueram-se precipitadamente com essa inquietação e alarma que tudo inspira em uma região desconhecida. Partiam os clamores de duas raparigas nuas que corriam pela orla do bosque, enquanto dois macacos as perseguiam, mordendo-lhes as nádegas. Cândido encheu-se de piedade; tinha aprendido a atirar com os búlgaros, e seria capaz de abater uma noz sem tocar nas folhas. Toma do seu fuzil espanhol de dois tiros, faz pontaria e mata os dois macacos.

— Louvado seja Deus, meu caro Cacambo! Livrei de um grande perigo essas duas pobres criaturas; e se cai em pecado matando um inquisidor e um jesuíta, já o remi agora, salvando a vida de duas mulheres. Devem ser damas de boa condição, e esta aventura nos pode trazer grandes vantagens no país.

Ia continuar, mas o espanto lhe paralisou a língua ao ver aquelas duas raparigas beijarem ternamente os dois macacos, desatando em pranto sobre os seus corpos e enchendo o ar com os gritos mais pungentes.

— Eu não esperava tanta bondade de alma — disse afinal a Cacambo, o qual replicou:

— Bela coisa fez o patrão! Acaba de matar os amantes dessas moças.

— Seus amantes! Será possível? Estás zombando de mim, Cacambo. Como vou acreditar numa coisa dessas?

— O senhor, meu caro patrão, anda sempre a espantar-se de tudo; por que acha tão estranho que nalguns países haja macacos que obtém favores femininos? Eles têm um quarto de homens, como eu tenho um quarto de espanhol.

— Ah! — disse Cândido, — lembro-me de ter ouvido a Pangloss que outrora aconteciam tais acidentes, e que tal mescla produzira egipãs, faunos, sátiros; que várias personagens da antigüidade os haviam visto; mas eu tomava tudo isso por fábulas.

— Agora deve estar convencido de que é verdade — disse Cacambo, — e bem vê como se comportam nesse ponto as pessoas que não receberam certa educação. O que eu temo é que essas damas nos metam em maus lençóis.

Essas reflexões induziram Cândido a deixar o prado e meter-se no bosque, onde jantaram. E, depois de terem amaldiçoado o inquisidor de Portugal, o governador de Buenos Aires e o barão, adormeceram sobre a relva. Ao despertar, sentiram que não podiam mover-se; era que,

durante a noite, os orelhões, habitantes da região, a quem as duas damas os denunciaram, os haviam amarrado com cipós. Estavam cercados de uns cinqüenta orelhões nus, armados de flechas, maças e machados de pedra. Uns punham ao fogo uma grande caldeira; outros preparavam espetos. E todos gritavam:

— É um jesuíta, é um jesuíta! Estamos vingados! Agora sim! Vamos comer jesuíta! Vamos comer jesuíta!

— Bem que eu lhe dizia, patrão — exclamou tristemente Cacambo, — que aquelas duas nos iam pregar uma boa!

Cândido, atentando na caldeira e nos espetos, lamentou-se:

Com toda a certeza vamos ser assados ou fervidos. Ah! o que não diria Mestre Pangloss, se visse como é a pura natureza! Tudo está bem; seja, mas confesso que é muito cruel perder a senhorita Cunegundes e ser assado ao espeto pelos orelhões.

Cacambo, esse, nunca perdia a cabeça.

— Não desespere de nada — disse ele ao desolado Cândido. — Entendo um pouco o jargão dessa gente; vou falar-lhes.

— Não te esqueças — recomendou Cândido — de lhes significar o quanto é desumano cozinhar pessoas, e como esse procedimento é pouco cristão.

— Senhores — disse-lhes Cacambo, — pretendeis comer hoje um jesuíta: muito bem; nada mais justo do que tratar assim aos inimigos. O direito natural nos autoriza, com efeito, a matar o próximo, e é assim que se faz em toda a terra. Se não usamos do direito de o comer, é que temos com que passar bem de outra maneira; mas vós não tendes os mesmos recursos que nós; e sem dúvida mais vale comer o inimigos que abandonar ao corvos e gralhas o fruto da vitória. Acreditais pôr um jesuíta no espeto, e no entanto é ao vosso defensor, ao inimigo de vossos inimigos que ides assar. Quanto a mim, nasci em vossa terra; e o cavalheiro que vede. é meu patrão e, longe de ser um jesuíta, acaba exatamente de matar um deles e apoderar-se de seus despojos: daí o vosso engano. Para verificar o que vos digo, tomai a sua batina e levai-a à primeira barreira do reino dos Padres; informai-vos se o meu patrão não matou um oficial jesuíta. Isso demandará pouco tempo; e podereis comer-nos depois, se descobrirdes que estou mentindo. Mas eu vos disse a verdade, e muito bem conheceis os princípios do direito público, os costumes e as leis, para que não deixeis de nos poupar a vida.

Os orelhões acharam muito razoável tal discurso; deputaram dois notáveis para irem em comissão Informar-se da verdade; os dois emissários desempenharam-se a contento e voltaram logo com a boa notícia. Os orelhões soltaram os dois prisioneiros, fizeram-lhes toda sorte de gentilezas, ofereceram-lhes moças, serviram-lhes refrescos e os conduziram até as fronteiras de seus Estados, gritando alegremente: “Ele não é jesuíta! Ele não é jesuíta!”

Cândido não se cansava de admirar-se do motivo da libertação. “Que povo! — dizia ele. — Que homens! Que costumes! Se eu não tivesse tido a ventura de atravessar a espada o irmão da senhorita Cunegundes, seria comido sem remissão. Afinal de contas, a pura natureza é boa mesmo, pois essa gente, em vez de me devorar, cumulou-me de gentilezas ao saber que eu não era jesuíta!

CAPÍTULO XVII

DA CHEGADA DE CÂNDIDO E CACAMBO À TERRA DO ELDORADO, E DO QUE ALI PRESENCIARAM.

Chegados que foram à fronteira, dos orelhões, disse Cacambo a Cândido:

— Bem vê o patrão que este hemisfério não vale mais que o outro: voltemos à Europa pelo caminho mais curto.

— Como voltar? E para onde ir? Se vou para a minha terra, lá andam os búlgaros e abaros a degolar a torto e a direito; se volto a Portugal, me queimam vivo; se ficamos por aqui, arriscamo-nos a todo momento a ir para o espeto. Mas como me resolver a deixar a parte do mundo em que reside a senhorita Cunegundes?

— Vamos para Caiena — propõe Cacambo. — Lá encontraremos franceses, que andam por toda parte; poderão ajudar-nos. Deus talvez se amerceie de nós.

Não era fácil irem a Caiena; sabiam mais ou menos em que rumo deveriam marchar, mas rios, montanhas, precipícios, bandoleiros, selvagens, constituíam por toda parte terríveis obstáculos.

Os cavalos morreram de fadiga; as provisões findaram; alimentaram-se um mês inteiro de frutos silvestres e foram dar enfim a um rio marginado de coqueiros, que lhes sustentaram a vida e as esperanças.

Cacambo, que dava sempre tão bons conselhos como a velha, disse a Cândido:

— Não podemos agüentar mais, já caminhamos demasiado. Vejo uma canoa abandonada à margem. Vamos enchê-la de coco e deixemo-nos vogar na correnteza: um rio leva sempre a algum lugar habitado. Se não encontrarmos coisas agradáveis, encontraremos pelo menos coisas novas.

Vamos — disse Cândido, — e recomendemo-nos à Providência.

Vogaram algumas léguas entre margens ora luxuriantes, ora desertas, ora planas, ora escarpadas. O rio cada vez se alargava mais, até perder-se debaixo de uma abóbada de rochedos temerosos que se erguiam até as nuvens. O rio, apertado naquele local, arrastou-os com uma rapidez e fragor terríveis. Ao cabo de vinte e quatro horas tornaram a ver a luz do dia; mas a canoa se espatifou contra os recifes; foi preciso arrastarem-se de rochedo em rochedo durante uma légua inteira; afinal descobriram um

horizonte imenso, bordado de montanhas inacessíveis.

Toda aquela região era cultivada tanto para o prazer como para a necessidade; por toda parte o útil era agradável. Os caminhos eram transitados, ou antes, ornados de viaturas de forma original e de um material esplêndido, que conduziam homens e mulheres de singular beleza. Puxavam-nas grandes carneiros vermelhos que ultrapassavam, em rapidez, os mais belos cavalos da Andaluzia, de Tetuan e de Mequinez.

— Cá está — um país — disse Cândido — que vale mais do que a Vestfália.

Parou com Cacambo na primeira aldeia que encontraram. Alguns meninos, vestidos de brocados de ouro bastante rasgados, jogavam patela à entrada do burgo; os nossos dois homens do outro mundo se distraíram a olhá-los: as pedras com que jogavam eram redondas, bastante volumosas, amarelas, vermelhas, verdes, e lançavam um brilho singular. Os viajantes sentiram desejos de as apanhar; eram pepitas de ouro e esmeraldas e rubis, a menor das quais seria o maior ornamento do trono do Grão Mogol.

— Sem dúvida — disse Cacambo, — são os filhos do rei que estão jogando patela.

Nesse instante apareceu o mestre-escola, para os fazer regressarem à. aulas.

Eis — disse Cândido — o preceptor da família real. Os pequenos maltrapilhos abandonaram imediatamente o jogo, deixando no chão as suas pedras e tudo o que lhes servira para o brinquedo. Cândido apanha-as, corre ao preceptor, e lhas apresenta humildemente, dando-lhe a entender, por sinais, que suas Altezas haviam esquecido o seu ouro e pedrarias. O mestre-escola, sorrindo, jogou fora tudo aquilo, olhou muito surpreendido para o rosto de Cândido, e continuou seu caminho.

Os viajantes não deixaram de apanhar o ouro, os rubis e as esmeraldas.

— Onde estamos? — exclamou Cândido. — Os príncipes deste país devem ser multo bem educados, pois lhes ensinam a desprezar o ouro e as pedrarias.

Cacambo estava tão surpreso como Cândido. Aproximaram-se enfim da primeira casa da aldeia; era construída como um palácio da Europa. Grande multidão se acotovelava à porta, e mais ainda no interior da casa, ouvia-se agradável música e vinha lá de dentro um delicioso cheiro de cozinha. Cacambo aproximou-se da porta e percebeu que falavam peruviano; era a sua língua materna: pois todo o mundo

sabe que Cacambo nascera em Tucuman, em uma aldeia onde só conheciam essa língua.

— Isto aqui é uma estalagem — disse ele a Cândido, — entremos, que eu lhe servirei de intérprete.

Em seguida, dois rapazes e duas raparigas da casa, com roupas de tecido de ouro e os cabelos atados com fitas, os convidam a sentar-se à mesa comum. Serviram quatro qualidades de sopa, acompanhadas cada uma de dois papagaios, um condor ensopado que pesava duzentas libras, dois macacos grelhados de excelente gosto, uma travessa com trezentos colibris, massas deliciosas; e tudo em pratos de uma espécie de cristal de rocha, os criados e criadas da estalagem serviam várias bebidas feitas da cana de açúcar.

Os convivas eram na maior parte comerciantes e cocheiros, todos de extrema polidez; fizeram algumas perguntas a Cacambo com a discrição mais circunspecta, e responderam às suas de maneira satisfatória.

Terminada a refeição, Cacambo achou, assim como Cândido, que pagaria muito bem a sua parte deixando sobre a mesa duas grandes pepitas de ouro que apanhara, o que provocou no estalajadeiro e sua mulher uma explosão de riso, que não acabava mais. Afinal se dominaram: —

Senhores — disse o patrão, — bem vemos que são estrangeiros; não estamos acostumados a vê-los todos os dias. Perdoem se começamos a rir quando nos deram em pagamento as pedras da rua. Com certeza não possuem os senhores moeda nacional, mas não é preciso dinheiro para almoçar aqui. Todas as estalagens estabelecidas para comodidade do comércio são pagas pelo governo. Os senhores não passaram muito bem aqui porque esta é uma aldeia muito pobre, mas noutras localidades hão de ser recebidos como merecem. Cacambo explica a Cândido as palavras do estalajadeiro, e Cândido as escutava com a mesma admiração e espanto com que seu amigo Cacambo lhas transmitia.

— Que pais é este — pensavam eles, — desconhecido do resto do mundo, e onde toda a natureza é de uma espécie tão diferente da nossa? Provavelmente é o país onde tudo está bem — considerava Cândido, — pois é preciso absolutamente que haja um dessa espécie. E, apesar do que dizia mestre Pangloss, muitas vezes desconfiei que tudo estava mal em Vestfália.

CAPÍTULO XVIII

DAS COISAS QUE PRESENCIARAM NA TERRA DO ELDORADO.

Cacambo manifestou ao hospedeiro toda a sua curiosidade; e este lhe disse: — Sou muito ignorante, e aliás me dou bem assim; mas temos aqui um velho retirado da Corte, que é o homem mais sábio do reino, e muito comunicativo. Em seguida conduz Cacambo à residência do velho. Cândido não desempenhava mais que o papel de segunda personagem, e acompanhava a seu criado. Entraram numa casa muito simples, pois a porta era apenas de prata e as salas modestamente revestidas de ouro, mas tudo trabalhado com tanto gosto que nada ficavam a dever aos mais ricos lambris. A antecâmara, na verdade, era incrustada somente de esmeraldas e rubis; mas a harmonia do conjunto compensava de sobra essa extrema simplicidade.

O velho recebeu os dois estrangeiros num sofá forrado de penas de colibri, e lhes mandou servir licores em taças de diamante. Depois disso, satisfez-lhes a curiosidade nos seguintes termos:

— Tenho cento e setenta e dois anos e ouvi de meu falecido pai, escudeiro do Rei, as espantosas revoluções do Peru, de que ele foi testemunha. O reino onde estamos é a antiga pátria dos incas, que daqui saíram imprudentemente para ir subjugar uma parte do mundo, e que foram afinal reduzidos ao aniquilamento pelos espanhóis. Mais sábios se mostraram os príncipes que permaneceram em seu país natal; ordenaram, com o consentimento da nação, que nenhum habitante jamais saísse do nosso pequeno reino; e foi isso que nos conservou a nossa inocência e felicidade. Os espanhóis tiveram um confuso conhecimento deste país, a que chamaram Eldorado, e um inglês, o cavaleiro Raleigh. chegou até a aproximar-se daqui há cerca de cem anos; mas, como estamos cercados de rochedos inacessíveis e de precipícios, conservamo-nos até agora ao abrigo da rapacidade dos europeus, que têm uma inconcebível loucura pelas pedras e a lama da nossa terra, e que, para as conseguir, são capazes de nos matar a todos, até o último.

A conversação foi longa; versou sobre a forma de governo, os costumes, as mulheres, os espetáculos públicos, as artes. Afinal Cândido, que sempre tivera gosto pela metafísica, indagou, por intermédio de Cacambo, se no país não havia uma religião.

O velho enrubesceu um pouco.

— Como pode o senhor duvidar de tal coisa? — perguntou ele. — Será que nos toma por ingratos?

Cacambo perguntou humildemente qual era a religião do Eldorado.

O velho corou de novo.

— Acaso pode haver duas religiões? — disse ele. — Temos, creio eu, a religião de todo o mundo: adoramos a Deus dia e noite.

— Não adoram senão a um único Deus? — interrogou Cacambo, sempre servindo de intérprete às dúvidas de Cândido.

— Quer-me parecer — tornou o velho, formalizado, — que não há nem dois, nem três, nem quatro deuses. Francamente, fazem cada pergunta!

Cândido não se cansava de interrogar o bom do velho; quis saber como rezavam a Deus no Eldorado.

Não lhe rezamos — disse o bom e respeitável sábio. — Nada temos que lhe pedir; ele nos deu tudo o que precisamos; nós lhe agradecemos sem cessar.

Cândido teve curiosidade de ver os sacerdotes; e perguntou onde estavam.

O bom do velho sorriu.

— Meus amigos — disse ele, — nos todos somos sacerdotes; cada manhã, o rei e todos os chefes de família entoam, solenemente, cânticos de ações de graça; e cinco ou seis mil músicos os acompanham.

— Como, os senhores não têm padres que ensinam, que disputam, que governam, que cabalam, e que mandam queimar as pessoas que não são da sua opinião?

— Só se fôssemos loucos- disse o velho. — Aqui somos todos da mesma opinião, e não entendemos o que quer o senhor dizer com os seus padres.

Cândido, a cada uma dessas palavras, cala em êxtase e dizia consigo: “Como tudo isto é diferente da Vestfália e do castelo do senhor barão! Se o nosso amigo Pangloss visse o Eldorado, não diria mais que o castelo de Thunder-ten-tronckh era o que havia de melhor sobre a face da terra; não há dúvida de que é preciso viajar”.

Depois dessa longa conversação, o velho mandou atrelar uma carruagem de seis carneiros e cedeu, aos dois viajantes, doze de seus criados, para os conduzirem à Corte.

— Desculpem-me — lhes disse ele, — se a minha idade me priva da honra de os acompanhar, o Rei os receberá de maneira que não fiquem descontentes; e sem dúvida hão de perdoar aos costumes do país, se houver alguns que lhes desagradem.

Cândido e Cacambo sobem na carruagem; os seis carneiros voavam, e em menos de duas horas chegaram os visitantes ao palácio do rei, situado num extremo da capital. O pórtico media duzentos e vinte pés de altura por cem de largura; impossível dizer de que material era construído. Mas bem se imagina que superioridade prodigiosa não deveria ter sobre esses calhaus a que chamamos ouro e pedrarias.

Vinte belas moças da guarda real receberam Cândido e Cacambo à entrada, conduziram-nos aos banhos, vestiram-nos com uma roupa de um tecido de penugem de colibri, Depois disso, os altos dignitários e as altas dignitárias da Coroa os levaram ao apartamento de Sua Majestade, em meio de duas filas de mil músicos cada uma, segundo o costume ordinário. Quando se aproximavam da sala do trono, perguntou Cacambo a um alto dignitário como se deveria fazer para saudar a Sua Majestade; se a gente se lançava de joelhos ou de bruços; se devia pôr as mãos na cabeça ou às costas; se era preciso lamber a poeira da sala; numa palavra, qual era o

cerimonial. “O uso — disse o alto dignitário — é abraçar o rei e beijá-lo nas duas faces”, Cândido e Cacambo saltaram ao pescoço de Sua Majestade, que os recebeu com toda a graça imaginável e os convidou polidamente para cear.

Enquanto esperavam, mostraram-lhes a cidade, os edifícios públicos que iam até as nuvens, os mercados de mil colunas, as fontes de água pura, as fontes de água de rosas, as de licor de cana de açúcar que corriam continuamente nas grandes praças, pavimentadas de uma espécie de pedraria que exalava um cheiro semelhante ao do cravo e da canela. Cândido pediu para ver o palácio da justiça; disseram-lhe que era coisa que não havia e que não pleiteavam nunca. Informou-se se havia prisões, e disseram-lhe que não, o que mais o surpreendeu, e maior prazer lhe causou, foi o palácio das ciências, no qual viu uma galeria de dois mil passos, cheia de instrumentos de matemática e física.

Depois de haverem percorrido, toda a tarde, mais ou menos a milésima parte da cidade, reconduziram-nos a palácio. Cândido sentou-se à mesa entre Sua Majestade, seu criado, Cacambo e várias damas. Jamais houve melhor passadio, e nunca se demonstrou tanto espírito à mesa como Sua Majestade. Cacambo explicava as frases do rei a Cândido, as quais, embora traduzidas, pareciam sempre boas frases. De tudo quanto

espantava Cândido, não foi isso o que menos o espantou.

Passaram um mês de hóspedes. Cândido não cessava de confessar a Cacambo:

— Mais uma vez te digo que o castelo onde nasci não vale, na verdade, o país em que nos achamos; mas, afinal de contas, aqui não está a senhorita Cunegundes, e tu, sem dúvida, amas alguém na Europa. Se ficarmos aqui, não seremos mais que os outros; ao passo que, se voltarmos para o nosso mundo apenas com doze carneiros carregados com o cascalho do Eldorado, seremos mais ricos que todos os reis em conjunto, não mais teremos que temer a inquisidores e poderemos facilmente recuperar a senhorita Cunegundes.

Tais palavras agradaram a Cacambo. O fato é que a gente gosta tanto de fazer-se valer entre os seus, de paradear o que viu pelo mundo, que os dois felizardos resolveram não mais o ser, e pediram a Sua Majestade licença para deixar o país.

— Cometeis uma tolice — lhes disse o rei. — Bem sei que o meu país pouco vale; mas, quando se está passavelmente nalguma parte, o mais acertado é não mudar de ares. Não me assiste o direito de reter a estrangeiros; seria uma tirania que não está nem nos nossos costumes nem nas

nossas leis: todos os homens são livres; podeis partir quando bem quiserdes; a saída, porém, é muito difícil. É impossível remontar a rápida torrente sobre a qual chegastes por milagre e que corre sob as abóbadas dos rochedos. As montanhas, que circundam todo o meu reino, têm dez mil pés de altura e são verticais como muralhas; ocupam cada uma, em largura, um espaço de mais de dez léguas; e, depois de galgadas, só é possível desce-las por perigosos precipícios. No entanto, se quereis absolutamente partir, vou ordenar aos intendentes das máquinas que construam uma que vos possa transportar comodamente. Depois de vos conduzirem ao alto das montanhas, ninguém vos poderá acompanhar; pois os meus súditos fizeram o juramento de nunca sair desse recinto, e são bastante sensatos para que possam faltar à palavra. Podeis, em todo caso, pedir-me tudo o que quiserdes.

— Apenas pedimos a Vossa Majestade — disse Cacambo — alguns carneiros carregados de víveres e dessas pedras e da lama do Eldorado.

O rei pôs-se a rir.

— Não posso conceber — disse ele — que gosto têm os europeus pela nossa lama amarela, mas levai quanta quiserdes e bom proveito vos faça.

Ordenou imediatamente que seus engenheiros construíssem uma poderosa máquina para guindar além do reino aqueles dois homens extraordinários. Três mil bons físicos puseram mãos à obra; ficou pronta ao cabo de quinze dias, e não custou mais de vinte milhões de libras esterlinas, na moeda do país. Puseram Cândido e Cacambo sobre a máquina; havia dois grandes carneiros vermelhos para lhes servirem de montaria quando houvessem franqueado as montanhas, — vinte -, outros carregados de víveres, trinta com presentes do que o país possuía de mais curioso, e cinqüenta carregados de ouro, de pedrarias e diamantes, o rei beijou afavelmente os dois vagabundos.

Foi um belo espetáculo a sua partida, e a engenhosa maneira como foram içados, eles e os carneiros, ao alto das montanhas. Os físicos se despediram depois de os ter deixado em segurança. E Cândido não teve mais outro desejo e objeto que ir apresentar seus carneiros à senhorita Cunegundes.

— Temos — disse ele — com que pagar ao governador de Buenos Aires, se a senhorita Cunegundes pudesse ser posta a prêmio. Marchemos para Caiena, embarquemos, e veremos depois que reino se poderá comprar.

CAPÍTULO XIX

DO QUE LHES SUCEDEU NO SURINAM E DE COMO CÂNDIDO TRAVOU CONHECIMENTO COM MARTINHO.

O primeiro dia dos nossos dois viajantes foi bastante agradável. Animava-os a idéia de se saberem donos de mais tesouros do que poderiam reunir a Ásia, a Europa e a África. Cândido, transportado, ia gravando nas árvores o nome de Cunegundes. No dia seguinte, dois dos carneiros tombaram num pântano, desaparecendo com a carga; dois outros morreram de fadiga alguns dias depois; sete ou oito pereceram em seguida de fome num deserto; outros, ao fim de alguns dias, tombaram em precipícios. Afinal, após cem dias de marcha, só lhes restavam dois carneiros.

— Vê, meu amigo — disse Cândido a Cacambo, — como são perecíveis as riquezas do mundo; só há de sólido a virtude, e a ventura de tornar a ver a senhorita Cunegundes.

— Confesso-o — disse Cacambo, — mas restam-nos ainda dois carneiros com maiores riquezas do que jamais as poderá ter o rei da Espanha, e vejo ao longe uma cidade que suponho ser Surinam, pertencente aos

holandeses. Estamos no fim de nossas penas e o começo de nossa felicidade.

Quando se aproximavam da cidade, encontraram um negro caído no chão, não tendo mais que metade do vestuário, isto é, umas calças de pano azul; faltava àquele pobre homem a perna esquerda e a mão direita.

— Meu Deus! — lhe disse Cândido em holandês. — Que fazes aí, meu amigo, no horrível estado em que te vejo?

— Espero meu patrão, o famoso negociante senhor Vanderdendur.

— E foi o senhor Vanderdendur quem te deixou nesse estado?

— Sim, é o costume — disse o negro. — Por todo vestuário, dão-nos umas calças duas vezes por ano. Quando trabalhamos nas usinas de açúcar e o rebolo nos apanha o dedo, cortam-nos a mão; quando tentamos fugir, cortam-nos a perna: incorri em ambos os casos. É por esse preço que os senhores comem açúcar na Europa. No entanto, quando me vendeu por dois escudos patagônicos na Costa da Guiné, minha mãe me dizia: “Bendiz a nossos fetiches, meu querido filho, adora-os sempre, eles farão com que vivas feliz; tens a honra de ser escravo dos nossos senhores brancos, e com isso fazes a fortuna de

teu pai e de tua mãe". Ai! se fiz a fortuna deles é coisa que eu não sei, mas eles não fizeram a minha. Os cachorros, macacos. e papagaios são mil vezes menos infelizes que nós. Todos os domingos, os fetiches holandeses que me converteram me dizem que nós, brancos e negros, somos todos filhos de Adão Não sou genealogista mas se esses pregadores dizem a verdade, somos todos primos-irmãos. Ora, hão de confessar-me que é impossível tratar os parentes de modo mais horrível.

— Ó Pangloss! — exclamou Cândido. — Não tinhas imaginado esta abominação; não há remédio, acabo renegando o teu otimismo.

— Que é otimismo? — Indagou Cacambo.

— É a mania de sustentar que tudo está bem quando tudo está mal — suspirou, Cândido. E derramava lágrimas ao contemplar o negro, e, assim chorando, entrou em Surinam.

A primeira coisa de que se informam é se não haveria no porto algum navio que se pudesse enviar a Buenos Aires. Aquele a quem se dirigiram era justamente um capitão espanhol, que se ofereceu para fechar com eles um honesto contrato. Marcou-lhes encontro numa taverna. Cândido e o fiel Cacambo foram esperá-lo com seus dois carneiros.

Cândido, que tinha o coração na boca, contou ao espanhol todas as suas aventuras, e confessou-lhe que queria raptar a senhorita Cunegundes.

— Deus me livre de o levar a Buenos Aires — disse o capitão. — Eu seria enforcado, e o senhor também. A bela Cunegundes é a amante favorita do senhor governador. Tais palavras causaram em Cândido o efeito de um raio.

Depois de muito chorar, chamou Cacambo à parte:

— Eis o que deves fazer, meu caro amigo. Temos cada um no bolso uns cinco ou seis milhões em diamantes; tu és mais hábil do que eu; vai buscar a senhorita Cunegundes em Buenos Aires. Se o governador opuser algumas dificuldades, dá-lhe um milhão; se não render-se, dá-lhe dois; não mataste nenhum inquisidor, ninguém desconfiará de ti. Equiparei outro navio; irei esperar-te em Veneza; é um país livre, onde nada se tem a temer nem de búlgaros, nem de abaros, nem de judeus, nem de inquisidores. Cacambo aplaudiu esta sábia resolução. Achava-se desesperado por ter de separar-se de um bom patrão, que se tornara seu amigo íntimo; mas o prazer de lhe ser útil venceu a dor de o deixar. Abraçaram-se em pranto. Cândido recomendou-lhe que não se esquecesse da boa velha. Cacambo

partiu no mesmo dia: era um excelente homem, esse Cacambo.

Cândido permaneceu ainda algum tempo em Surinam, esperando que outro comandante quisesse levá-lo à Itália, com os dois carneiros que lhe restavam. Contratou criados e adquiriu o necessário para tão longa viagem. Afinal o senhor Vanderdendur, capitão de um grande navio, veio apresentar-se a ele.

— Quanto quer — perguntou-lhe Cândido — para me levar diretamente a Veneza, com o meu pessoal, a minha bagagem e estes dois carneiros?

O capitão propôs dez mil piastras. Cândido não hesitou.

Oh! Oh! — disse consigo o prudente Vanderdendur, esse estrangeiro desembolsa dez mil piastras sem pestanejar! Deve ter muito dinheiro!

Voltando logo depois, fez-lhe ver que não poderia partir por menos de vinte mil.

— Por isso não haja dúvida — disse Cândido.

— Sim senhor! — disse baixinho o comandante. — Com que então esse homem dá vinte mil piastras com a mesma facilidade com que desembolsa dez mil!!

Voltou de novo e disse que não podia conduzi-lo a Veneza por menos de trinta mil piastras.

— Bem, o senhor terá as suas trinta mil piastras — respondeu Cândido.

— Oh! Oh! — pensou ainda, o holandês. — Trinta mil piastras não custam nada a esse homem. Decerto os dois carneiros carregam tesouros imensos. Não insistamos: agora é receber as trinta mil. Depois veremos.

Cândido vendeu dois pequenos diamantes, o menor dos quais valia mais que todo o dinheiro que exigia o capitão. Pagou adiantado. Foram embarcados os dois carneiros. Cândido seguia num pequeno barco para alcançar o navio na enseada; o patrão não perde tempo, põe o navio em marcha; o vento o favorece. Cândido, estupefato e desvairado, perde-o logo de vista. “Ela um golpe digno do velho mundo!” — exclama ele. Volta para a margem, cheio de dor; pois afinal de contas perdera o bastante para fazer a fortuna de vinte monarcas.

Vai ter com o juiz holandês; e, como estava um pouco perturbado, bate violentamente à porta; entra e expõe a sua aventura, gritando um pouco mais alto do que convinha. O juiz começou por obrigá-lo a pagar dez mil piastras pelo barulho que fizera. Depois escutou-o

pacientemente e prometeu examinar o seu caso logo que o capitão regressasse, e cobrou mais dez mil piastras pelos gastos da audiência.

Isso acabou de exasperar a Cândido; passara na verdade — por coisas dez mil vezes mais dolorosas, mas o sangue frio do juiz e do comandante que o roubara lhe assanharam a bílis, mergulhando-o em negra melancolia. A maldade dos homens apresentava-se-lhe ao espirito em toda a sua hediondez: Cândido só alimentava idéias tristes. Afinal, estando um navio francês de partida para Bordéus, e como ele não mais tinha carneiros carregados de diamantes para embarcar, alugou a preço razoável um camarote, mandando espalhar pela cidade que pagaria a passagem, a comida, e daria duas mil piastras, ao homem que fizesse a viagem em sua companhia, sob a condição de que esse fosse o homem mais desgostoso da sua condição e o mais infeliz da província.

Apresentou-se uma multidão de pretendentes que uma frota não poderia conter. Cândido escolheu umas vinte pessoas que lhe pareceram bastante sociáveis e que pretendiam merecer a preferência. Convidou-as a cear numa estalagem, com a condição de que cada uma jurasse contar fielmente a sua história, prometendo escolher aquele que lhe parecesse mais digno de lástima e

mais razões tivesse de descontentamento, e distribuir aos outros algumas gratificações.

A sessão durou até as quatro da madrugada. Cândido, escutando todas aquelas aventuras, lembrava-se do que lhe dissera a velha na viagem para Buenos Aires, e da aposta que fizera, de que não havia ninguém a bordo a quem não houvessem acontecido as maiores desgraças. “Esse Pangloss — pensava ele — deveria ficar muito embaraçado para demonstrar o seu sistema. Queria que ele estivesse aqui. Certamente, se tudo vai bem, é no Eldorado, e não no resto da terra”. Decidiu-se afinal per um pobre sábio que trabalhara dez anos para os livreiros de Amsterdã. Julgou que não havia ofício no mundo de que se pudesse ficar mais desgostado.

O referido sábio, que era aliás um excelente homem, for a roubado pela mulher, batido pelo filho e abandonado pela filha, que se fizera raptar por um português. Acabava de ser privado de um modesto emprego de que vivia, e os pregadores de Surinam o perseguiam porque o tomavam por sociniano. Cumpre confessar que os outros eram pelo menos tão infelizes quanto ele; mas Cândido esperava que o sábio o distraísse durante a viagem. Os rivais acharam que Cândido lhes fazia uma grande injustiça, mas este os sossegou, dando cem piastras a cada um.

CAPÍTULO XX

DO QUE ACONTECEU A CÂNDIDO E MARTINHO DURANTE A VIAGEM.

O velho sábio, que se chamava Martinho, embarcou pois para Bordéus em companhia de Cândido. Um e outro já tinham muito visto e sofrido; e, mesmo que o navio zarpasse de Surinam para o Japão, pelo cabo da Boa Esperança, teriam eles com que discorrer sobre o mal moral e o mal físico durante toda a viagem.

Cândido, no entanto, levava grande vantagem sobre Martinho: esperava rever a senhorita Cunegundes, e Martinho não esperava coisa alguma; de mais a mais, possuía ouro e diamantes; e, embora houvesse perdido cem grandes carneiros vermelhos carregados dos maiores tesouros da terra, embora continuasse a doer-lhe a velhacaria do capitão holandês, quando pensava no que lhe restava nos bolsos, e quando falava de Cunegundes, sobretudo ao fim do jantar, sentia-se então inclinado para o sistema de Pangloss.

— Mas e o senhor — perguntou ele a Martinho, — que pensa de tudo isso? Qual é a sua idéia sobre o mal moral e o mal físico?

— Senhor — respondeu Martinho, — os sacerdotes me acusaram de sociniano; mas a verdade é que eu sou maniqueu.

— O senhor está troçando — observou Cândido, — pois não existem mais maniqueus no mundo.

— Existo eu — protestou Martinho, — não sei o que fazer, mas não posso pensar de outra maneira.

— O senhor deve estar com o diabo no corpo — disse Cândido.

— Tanto se mete ele nas coisas deste mundo — respondeu Martinho, — que bem poderia estar no meu corpo, como em toda parte aliás. Mas confesso-lhe que, lançando o olhar sobre este globo, ou antes, sobre este glóbulo, penso que Deus o abandonou a algum ser maléfico; excetuo contudo o Eldorado. Nunca vi cidade que não desejasse a ruína da cidade vizinha, nem família que não quisesse exterminar alguma outra família. Por toda parte, os fracos abominam os poderosos perante os quais rastejam, e os poderosos os tratam como rebanhos de que vendem a lã e a carne. Um milhão de assassinos

arregimentados, correndo de um a outro extremo da Europa, exercem o morticínio e a pilhagem com toda a disciplina, porque não têm ofício mais honrado; e, nas cidades que parecem desfrutar da paz e onde florescem as artes, os homens são devorados de mais inveja, de mais cuidados e inquietações do que experimenta de flagelos uma cidade cercada pelo inimigo. Os pesares secretos são ainda mais cruéis do que as misérias públicas. Numa palavra, tanto vi e tanto sofri, que sou maniqueu.

— No entanto, algo existe de bom — replicava Cândido.

— Pode ser — dizia Martinho, — mas não o conheço. Em meio a essa disputa, ouve-se um ruído de canhão. O fragor redobra de instante a instante. Cada qual empunha a sua luneta. Avistam-se dois navios que combatiam a uma distância de cerca de três milhas; o vento os arrastou para tão próximo do navio francês, que todos tiveram o prazer de assistir comodamente ao combate. Afinal um dos navios mandou ao outro um tiro tão baixo e tão certeiro, que o pôs a pique. Cândido e Martinho avistaram nitidamente uma centena de homens sobre o convés do navio que afundava; erguiam todos as mãos ao céu e lançavam terríveis clamores; em um momento, tudo desapareceu.

— Bem! Eis como se tratam os homens uns aos outros — disse Martinho.

— É bem verdade — assentiu Cândido — que há nisso alguma coisa de diabólico.

Enquanto assim falava, percebeu um vulto de um vermelho vivo, que nadava perto do navio. Baixaram uma chalupa para ver o que seria: era um de seus carneiros. Maior foi a alegra de Cândido ao encontrar aquele carneiro do que a sua aflição ao perder cem deles com os diamantes do Eldorado.

O capitão francês viu logo que o capitão do navio vencedor era espanhol, e o do navio afundado um pirata holandês, exatamente o mesmo que roubara a Cândido. As riquezas imensas de que se apoderara o celerado foram sepultadas com ele no fundo do mar, e, do que vinha a bordo, só se salvou um carneiro.

— Bem vê — disse Cândido a Martinho — que o crime é às vezes punido; esse patife do capitão holandês teve a sorte que merecia.

— Sim — disse Martinho, — mas era preciso que os passageiros que estavam a bordo também perecessem? Deus puniu esse patife, o diabo afogou os outros.

Entrementes, o navio francês e o espanhol continuaram viagem, e Cândido continuou suas conversações com Martinho. Discutiram quinze dias seguidos, e, ao fim de quinze dias, estavam tão adiantados como no primeiro. Mas afinal falavam, trocavam idéias, consolavam-se Cândido acariciava o seu carneiro. “Já que eu te encontrei — dizia ele, -, bem poderei encontrar Cunegundes”.

CAPÍTULO XXI

DE COMO FILOSOFAM CÂNDIDO E MARTINHO AO AVISTAR A COSTA FRANCESA.

Avistaram enfim o litoral da França.

— Nunca esteve na França? — indagou Cândido.

— Sim, percorri várias províncias. Algumas há de que metade dos habitantes são loucos, algumas onde são demasiado espertos, outras onde são geralmente pacíficos e simplórios, outras onde afetam espírito; e, em todas, a principal ocupação é o amor, a segunda a maledicência, e a terceira dizer tolices.

—.Mas já esteve em Paris, senhor Martinho?

— Sim, já estive; Paris possui todas essas espécies; é um caos, uma aglomeração onde todos buscam o prazer e onde quase ninguém o encontra, pelo que me pareceu. Aliás, demorei-me pouco em Paris; na feira de Saint-Germain roubaram-me tudo o que tinha; eu próprio fui tomado por ladrão e estive preso durante oito dias; depois me fiz revisor para ganhar com que voltar a pé para a Holanda. Conheci a canalha

escrevente, a canalha cabalante e a canalha convulsionária. Dizem que há gente muito polida em Paris; quero crer que assim seja.

— Quanto a mim — disse Cândido, — não tenho a mínima curiosidade de conhecer a França. Bem compreende o senhor que, depois que se passou um mês no Eldorado, a gente só se preocupa de ver a senhorita Cunegundes; vou esperá-la em Veneza; atingirei a Itália através da França. O senhor não me acompanha?

— Com muito gosto — respondeu Martinho. — Dizem que Veneza só é boa para os nobres venezianos, mas que no entanto recebem muito bem aos estrangeiros que têm bastante dinheiro. Não o tenho, o senhor o tem, seguí-lo-ei por toda a parte.

— A propósito — disse Cândido, — acha que a terra foi primitivamente um mar como se afirma nesse cartapácio que pertence ao capitão?

— Não creio absolutamente nisso — respondeu Martinho, — nem tampouco em nenhuma dessas fantasias que nos têm impingido ultimamente.

— Mas para que fim foi então formado este mundo? — indagou Cândido.

— Para nos enraivecer — respondeu Martinho.

— Não se admira o senhor do caso que lhe contei, daquelas raparigas do país dos orelhões, que amavam a uns macacos?

— Absolutamente. Nada vejo de estranho em tal paixão. Vi tantas coisas extraordinárias, que para mim não há mais nada de extraordinário.

— Acredita — perguntou Cândido — que os homens se hajam sempre massacrado, como o fazem hoje? — Que sempre tenham sido mentirosos, trapaceiros, pérfidos, ingratos, ladrões, fracos, inconstantes, covardes, invejosos, glutões, bêbedos, avarentos, ambiciosos, sanguinários, caluniadores, debochados, fanáticos, hipócritas e tolos?

— E o senhor acredita — indagou por sua vez Martinho — que os gaviões tenham sempre devorado os pombos quando se lhes apresentava ocasião?

— Sim, certamente.

— E então — tornou Martinho, — se os gaviões sempre tiveram o mesmo caráter, como quer que os homens hajam mudado o seu?

— Oh! há alguma diferença — objetou Cândido — pois o livre arbítrio...

Enquanto assim filosofavam, chegaram a Bordéus.

CAPÍTULO XXII

DO QUE ACONTECEU NA FRANÇA A CÂNDIDO E MARTINHO.

Cândido só se demorou em Bordéus o necessário para vender algum cascalho do Eldorado e adquirir uma boa liteira de dois lugares, pois não mais podia passar sem o seu filósofo Martinho. Sentiu apenas separar-se de seu carneiro, que doou à Academia de Ciências de Bordéus, a qual propôs para tese do concurso daquele ano a explicação do estranho pelo do referido animal; e o prêmio foi adjudicado a um sábio do Norte, que demonstrou por A mais B, menos C, dividido por Z, que o carneiro devia ser vermelho e morrer gafento.

Ora, sucedeu que todos os viajantes que Cândido encontrava nas estalagens do caminho lhe diziam: “Nós vamos a Paris”. Pelo que também lhe deu vontade de ir a essa capital: não seria afastar-se muito do caminho de Veneza.

Entrou pelo Faubourg Saint-Marceau e julgou achar-se na pior aldeia da Vestfália.

Mal chegou ao seu albergue, foi Cândido acometido de uma leve indisposição proveniente

da fadiga. Como trazia ao dedo um enorme diamante, e como haviam notado na sua bagagem um cofre extraordinariamente pesado, teve em seguida junto a si dois médicos que não mandara chamar, alguns amigos íntimos que não o deixavam, e duas devotas que lhe preparavam os caldos. “Lembro-me — dizia Martinho de que também adoeci em Paris durante a minha primeira viagem; era muito pobre: de modo que não tive nem amigos, nem devotas, nem médicos, e sarei.”

No entanto, a força de remédios e sangrias, a doença de Cândido se tornou grave. Um padre da freguesia veio com todo o jeito pedir-lhe uma promissória pagável ao portador no outro mundo. Cândido não quis saber de conversas. As devotas lhe garantiram que era uma nova moda. Cândido respondeu que não era homem de modas. Martinho quis atirar o padre pela janela. O clérigo jurou que não enterrariam Cândido. Martinho jurou que enterraria o clérigo se este continuasse a importuná-los. A disputa acalorou-se; Martinho pegou-o pelos ombros e escorraçou-o rudemente; o que causou enorme escândalo, tendo-se lavrado um auto.

Cândido sarou e, durante a convalescença, nunca lhe faltou companhia à mesa. Jogavam à grande. Cândido muito se espantava de que

nunca lhe viesse um ás; Martinho não se espantava nada.

Entre os que lhe faziam as honras da cidade, havia um padre do Périgord, um desses sujeitinhos expeditos, sempre alerta, sempre serviçais, descarados, aduladores, complacentes, que espiam a chegada dos forasteiros, contam-lhes o escândalo do dia e oferecem-lhes prazeres de todos os preços. Este levou primeiro Cândido e Martinho ao teatro. Cândido ficou colocado junto de alguns belos espíritos. O que não o impediu de chorar nas cenas perfeitamente representadas. Um dos críticos que estavam a seu lado lhe disse num entreato:

— O senhor faz muito mal em chorar: essa atriz é péssima; o ator que contracena com ela ainda é pior; a peça é pior que os atores; o autor não sabe uma palavra de árabe, e no entanto a cena se passa na Arábia; e, de resto, é um homem que não acredita nas idéias inatas: amanhã lhe trarei vinte brochuras contra ele.

— Quantas peças de teatro há. em França? — perguntou Cândido ao padre.

— Cinco ou seis mil.

— É muito — disse Cândido. — E quantas peças boas existem entre estas?

— Quinze ou dezesseis — replicou o outro.

— É muito — disse Martinho.

Cândido muito se agradou de uma atriz que fazia o papel de rainha Elizabeth em uma tragédia bastante insulsa que se representa algumas vezes.

— Aprecio muito essa atriz — disse ele a Martinho. — Parece-se com a senhorita Cunegundes. Gostaria de ir cumprimentá-la.

O padre ofereceu-se para fazer as apresentações. Cândido, educado na Alemanha, perguntou qual era a etiqueta e como se tratavam na França as rainhas da Inglaterra.

— Cumpre distinguir — disse o padre. — Na província, levam-nas à estalagem; em Paris, respeitam-nas quando são belas, e lançam-nas ao lixo depois de mortas.

— Rainhas no lixo! — exclamou Cândido.

— É verdade — confirmou Martinho. — o senhor padre tem razão: estava eu em Paris quando Mademoiselle Monime passou, como se diz, desta para melhor; recusaram-lhe o que chamam, aqui, as honras da sepultura, isto é, de apodrecer com todos os mendigos do bairro em um mau cemitério, foi enterrada, inteiramente só, ao fim da. rua de Borgonha; o que lhe deve

causar uma pena extrema, pois pensava muito nobremente.

— Isto não é nada polido — observou Cândido.

— Que mais quer? — retrucou Martinho. — Esta gente é assim. Imagine todas as contradições, todas as incompatibilidades possíveis, que as há de encontrar no governo, nos tribunais, nas igrejas, nos teatros desta divertida nação.

— E verdade que riem sempre em Paris? — indagou Cândido.

— Sim — disse o padre, — mas riem de raiva; pois aqui se queixam de tudo às gargalhadas; até praticam, a rir, as mais detestáveis ações.

— E quem é — perguntou Cândido — esse animal que arrasava de tal maneira a peça que tanto me fez chorar e os atores que me causaram tanto prazer?

— É um pobre diabo — respondeu o padre — que ganha a vida falando mal de todas as peças e de todos os livros; odeia a todos os que triunfam, como os eunucos odeiam os que estão no gozo de seus atributos: é uma dessas serpentes da literatura que se alimentam de lama e veneno: é um foliculário.

— A que chama o senhor de foliculário?

— É — respondeu o padre — um escrevinhador de panfletos, um Fréror.

Era assim que Cândido, Martinho e o padre conversavam na escadaria do teatro, vendo desfilar o público.

— Embora esteja ansioso por tornar a ver a senhorita Cunegundes — disse Cândido, — gostaria de cear com a senhorita Clairon, pois ela me pareceu admirável.

O padre não era homem que se aproximasse de Mademoiselle Clairon, que tinha somente boas relações.

— Ela está comprometida para esta noite — disse ele, — mas terei a honra de levá-lo ao salão de uma dama de qualidade, onde o senhor ficará conhecendo Paris como se aqui passasse quatro anos.

Cândido, que era naturalmente curioso, deixou-se conduzir à casa da dama, no Faubourg Saint-Honoré. Ali se achavam entretidos num voltarete doze míseros parceiros, cada qual segurando um pequeno leque de cartas, desparelho registo dos seus infortúnios. Reinava profundo silêncio; estampava-se a palidez na face dos jogadores, e a inquietação na do banqueiro. A

dona da casa, sentada junto ao implacável banqueiro, observava com olhos de lince todas as manobras com que os jogadores marcavam as cartas. Obrigava-os a desmarcarem, com a sua fiscalização severa mas polida, e sem nunca zangar-se, por medo de perder os clientes. A dama fazia-se tratar por marquesa de Parolignac. Sua filha, de quinze anos, também jogava, e denunciava, com um piscar de olhos, as trapaças daquela pobre gente, que procurava assim compensar as crueldades da sorte.

O padre, Cândido e Martinho entraram no salão; ninguém se ergueu, não os cumprimentou nem os olhou, tão absortos estavam no jogo.

— A senhora baronesa de Thunder-ten-tronckh era mais polida — observou Cândido.

O padre achegou-se ao ouvido da marquesa, que se ergueu a meio, honrando a Cândido com um gracioso sorriso e a Martinho com um nobre aceno de cabeça. Mandou dar uma cadeira e um baralho a Cândido, que perdeu cinqüenta mil francos em duas paradas; depois do que, cearam alegremente, e todos se admiravam de que Cândido não se houvesse impressionado com as suas perdas; os lacaios murmuravam entre si, na sua linguagem de lacaios; “Deve ser algum milorde inglês”.

A ceia foi como a maioria das ceias de Paris: primeiro, silêncio, depois uma indistinta vozearia, em seguida gracejos quase sempre insípidos, boatos, argumentos pobres, um pouco de política e muito de maledicência; falou-se até de livros novos.

— Já leram — perguntou o padre do Perigord. — o romance do senhor Gauchat, doutor em teologia?

— Sim — respondeu um dos convivas, — mas não pude terminá-lo. Temos uma profusão de escritos impertinentes, mas todos eles, em conjunto, não se aproximam sequer da impertinência de Gauchat, doutor em teologia; ando tão farto dessa imensidade de detestáveis livros que nos inundam que me pus a jogar voltarete.

— E que me diz das Mélanges do arquidiácono T...? — interrogou o padre.

— Ah! — exclamou Madame de Parolignac, — que indivíduo mais aborrecido! Com que compenetração nos diz ele o que todo o mundo sabe! Como discute pesadamente o que apenas merece ser notado! Com que falta de espírito se apropria do espírito alheio! Como estraga o que pilha! Como me aborrece! Mas isso não mais acontecerá basta-me ter lido algumas páginas do arquidiácono.

Havia ali um homem sábio e de bom gosto, que apoiou o que dizia a marquesa. Falou-se em seguida de tragédias. Perguntou a dama por que havia tragédias que se representavam algumas vezes, mas que não se podiam ler. O homem explicou muito bem como uma peça podia ter algum interesse e não possuir quase nenhum mérito. Provou em poucas palavras que não bastava conduzir uma ou duas dessas situações que se encontram em todos os romances e que sempre seduzem os espectadores, mas que cumpre ser novo sem ser estranho, muita vez sublime, e sempre natural; conhecer o coração humano e fazê-lo falar; ser grande poeta sem que nenhum dos personagens pareça poeta; conhecer perfeitamente a língua, falá-la com pureza, com uma harmonia contínua, sem que jamais a rima custe nada ao sentido. Quem quer que não observe todas essas regras, pode fazer uma ou duas tragédias aplaudidas no teatro, mas nunca será contado entre os bons escritores; tragédias boas, existem pouquíssimas; umas são idílios em diálogos, bem escritos e bem rimados; outras, arrazoados po1iticos que fazem dormir, ou amplificações que entediam; outras, sonhos de energúmenos, em estilo bárbaro, frases interrompidas, longas apóstrofes aos deuses, porque não sabem falar aos homens, máximas falsas, lugares-comuns empolados. Cândido ouviu atentamente tais palavras e formou a

melhor idéia de quem as proferia; e, como estivesse ao lado da marquesa, tomou a liberdade de perguntar em voz baixa quem era aquele homem que falava tão bem.

— É um sábio — disse a dama, — que não joga e que o padre me traz algumas vezes para cear; entende perfeitamente de tragédias e livros, e escreveu uma tragédia vaiada e um livro, cujo único exemplar que já se viu fora das prateleiras do seu editor foi um que ele me dedicou.

Que grande homem! — disse Cândido. — um outro Pangloss.

E voltando-se para ele perguntou-lhe:

— Decerto acha o senhor que tudo está o melhor possível no mundo físico e moral, e que nada podia ser de outra maneira?

— Eu, senhor, — retrucou o sábio, — não penso nada disso: acho que tudo anda às avessas; que ninguém sabe qual é a sua posição, nem o seu cargo, nem o que faz, nem o que deve fazer e que, excetuada esta ceia, que é bastante divertida e onde transparece suficiente harmonia, todo o resto do tempo se passa em impertinentes querelas: jansenistas contra molinistas, parlamentares contra eclesiásticos, homens de letras contra homens de letras, cortesãos contra cortesãos, financistas contra o povo, mulheres

contra maridos, parentes contra parentes; é uma guerra eterna.

— Pior já vi eu — replicou Cândido. — Mas um sábio, que depois teve a desgraça de ser enforcado, ensinou-me que tudo vai às mil maravilhas; são tudo sombras num belo quadro.

— O seu enforcado zombava do mundo — disse Martinho.

— As tais sombras são manchas horríveis.

— São os homens que fazem as manchas — disse Cândido — e não podem deixar de o fazer.

— Então a culpa não é deles — observou Martinho.

A maioria dos parceiros, que nada entendiam dessa linguagem, bebiam comodamente. Martinho discutiu com o sábio e Cândido contou uma parte das suas aventuras à dona da casa.

Após a ceia, a marquesa levou Cândido para o seu gabinete e fê-lo sentar num canapé.

— E então, ainda continua a amar perdidamente a senhorita Cunegundes de Thunder-ten-tronckh?

— Sim, Madame — respondeu Cândido. A marquesa replicou-lhe com um terno sorriso:

— O senhor me responde como um jovem de Vestfália; um francês teria dito: “É verdade que amei a senhorita Cunegundes; mas, depois que vi a senhora marquesa, receio não mais amá-la”.

— Ah, Madame! — disse Cândido. — Respondere1 como a senhora quiser.

— A sua paixão por ela — tornou a marquesa — começou quando lhe apanhou o lenço. Pois bem: quero que apanhe a minha liga.

— De todo o coração — disse Cândido, e apanhou-a.

— Mas eu quero que a coloque no seu lugar — disse a dama. E Cândido colocou-a no devido lugar.

— O senhor é estrangeiro — disse a marquesa. — Pois saiba que eu às vezes faço penarem os meus pretendentes de Paris durante quinze dias, mas logo à primeira noite me rendo ao senhor, porque afinal é preciso fazer as honras do pais a um jovem da Vestfália.

E a bela, tendo percebido dois enormes diamantes nos dedos do seu jovem estrangeiro, pôs-se a elogiá-los com uma boa fé tão natural que insensivelmente eles passaram dos dedos de Cândido para os dedos da marquesa.

Cândido, ao voltar com o seu padre, sentiu remorsos de haver cometido uma infidelidade para com a senhorita Cunegundes; o padre compartilhou das suas penas; só lhe cabia uma pequena parte das cinqüenta mil libras perdidas ao jogo por Cândido e do valor dos brilhantes meio dados, meio extorquidos, o seu intuito era aproveitar-se, o mais possível, das vantagens que lhe poderiam trazer as suas relações com Cândido. Falou-lhe muito de Cunegundes; e Cândido lhe disse que pediria perdão a ela da sua infidelidade, quando a encontrasse em Veneza.

O padre redobrava de polidez e atenções, e tomava um carinhoso interesse por tudo o que Cândido dizia, por tudo o que ele fazia, por tudo o que queria fazer.

— Com que então têm os dois um encontro em Veneza?

— Sim, senhor padre: é preciso absolutamente que eu me vá encontrar com a senhorita Cunegundes.

Então, dominado pelo prazer de falar do que amava, contou, segundo o seu costume, uma parte das aventuras que tivera com essa ilustre vestfaliana.

Suponho — disse o padre — que a senhorita Cunegundes tem muito espírito e deve escrever cartas encantadoras...

— Nunca recebi nenhuma carta da sua parte — confessou Cândido. — Pois imagine que, tendo sido expulso do castelo por causa dela, não me foi possível escrever-lhe; depois soube que ela morrera, em seguida a encontrei, e perdi-a de novo, e ultimamente lhe enviei um próprio a duas mil e quinhentas léguas daqui, e estou esperando alguma resposta.

O padre ouvia atentamente, e parecia um pouco pensativo. Logo se despediu dos dois estrangeiros, depois de os abraçar com todo o carinho.

No dia seguinte, ao despertar, Cândido recebeu uma carta concebida nos seguintes termos:

Meu querido, já faz oito dias que estou enferma nesta cidade, e acabo de saber que aqui também te achas. Voaria logo para os teus braços, se pudesse mover-me. Soube da tua passagem em Bordéus; ah deixei o fiel Cacambo e a velha, que devem em seguida vir a meu encontro. O governador de Buenos Aires tudo me tomou, mas ainda me resta o teu coração. Vem, a tua presença me devolverá a vida, ou me fará morrer de alegria.

Essa encantadora e inesperada carta transportou Cândido ao mais inexprimível júbilo, ao passo que a doença da sua querida Cunegundes o acabrunhava de dor. Dividido entre esses dois sentimentos, toma o seu ouro e os seus diamantes e faz-se conduzir com Martinho ao hotel onde se achava a senhorita Cunegundes. Entra, trêmulo de emoção, com o coração palpitante, a voz embargada; procura abrir as cortinas do leito, pede que tragam luzes.

— Cuidado — lhe diz a criada, — que a luz a mata. E fecha de súbito as cortinas.

— Como estás, minha querida Cunegundes? — diz Cândido a soluçar. — Se não me podes ver, ao menos fala comigo.

— Ela não pode falar — diz a criada. A dama estende então para fora do leito uma mãozinha rechonchuda que Cândido umedece longamente com as suas lágrimas, e que enche depois de diamantes, deixando ainda uma bolsa cheia de ouro sobre a cadeira.

Em meio desses transportes, chega um esbirro acompanhado do padre do Périgord e de uma escolta.

— Com que então são estes os dois estrangeiros suspeitos? — diz aquela autoridade.

Imediatamente lhes dá ordem de prisão e manda a escolta conduzi-los.

— No Eldorado não se tratava assim aos viajantes — disse Cândido.

— Eu me sinto mais maniqueu do que nunca — tornou Martinho.

— Mas para onde nos leva, senhor? — perguntou Cândido ao esbirro.

— Para um calabouço — respondeu a autoridade.

Tendo recuperado o seu sangue frio, Martinho declarou que a dama que se dizia Cunegundes era uma tratante, que o senhor padre do Périgord era um tratante que abusara da inocência de Cândido, e o esbirro um outro tratante de que seria fácil desembaraçar-se.

Esclarecido pelo seu conselho, e pouco desejoso de se expor aos trâmites da justiça, e, por outro lado, sempre impaciente por encontrar a verdadeira Cunegundes, Cândido oferece ao esbirro três pequenos diamantes de cores de três mil pistolas cada um.

— Ah, meu senhor! — lhe diz o homem do bastão de marfim, — ainda que o senhor tenha cometido todos os crimes imagináveis, é o mais honrado homem do mundo. Três diamantes!

Cada um de três mil pistolas! Eu me deixaria matar pelo senhor, em vez de o levar para um calabouço. Estão prendendo todos os estrangeiros, mas deixe a coisa comigo. Tenho um irmão em Dieppe, na Normandia; vou levá-lo até lá; e se tiver algum diamante para lhe dar, ele zelará pelo senhor como eu próprio.

— E por que prendem todos os estrangeiros? — perguntou Cândido. O padre do Périgord tomou então a palavra e disse:

— É porque um vagabundo de Atrebácia deu ouvido a tolices, o que bastou para levá-lo a um parricídio, não como o de maio de 1610, mas como o de dezembro de 1594, e como vários outros cometidos em outros anos e outros meses, por outros vagabundos que também ouviram tolices.

O beleguim explicou então do que se tratava.

Que monstros! — exclamou Cândido. — Há então tais horrores entre um povo que dança e que canta?! Não poderei sair o mais depressa possível deste país, onde os macacos provocam os tigres? Vi ursos no meu país; mas homens, só os vi no Eldorado. Em nome de Deus, senhor esbirro, leve-me a Veneza, onde devo esperar a senhorita Cunegundes.

— Só o posso levar à Baixa-Normandia — diz o beleguim. Em seguida manda retirar-lhe os ferros, diz que se enganara, despacha a escolta, e conduz Cândido e Martinho a Dieppe, onde os entrega ao irmão. Estava surto no porto um pequeno navio holandês. O normando que, por obra e graça de três outros diamantes, se tornara o mais serviçal dos homens, embarca a Cândido e seu pessoal no navio que ia zarpar para Portsmouth, na Inglaterra. Não era a rota de Veneza; mas Cândido julgava ter-se livrado do inferno, e contava partir para o seu verdadeiro destino na primeira ocasião que se apresentasse.

CAPÍTULO XXIII

DO QUE VIRAM CÂNDIDO E MARTINHO NA COSTA DA INGLATERRA.

— Ai, Pangloss, Pangloss! Ai, Martinho, Martinho! Ai, minha querida Cunegundes! Que mundo é este? — exclamava Cândido a bordo do navio holandês.

— Alguma coisa de louco e abominável — retrucava Martinho.

— O senhor que conhece a Inglaterra, será que por lá se é tão louco como na França?

— É outra espécie de loucura — asseverou Martinho. — Bem sabe que essas duas nações estão em guerra por algumas braças de neve no Canadá, e que despendem nessa linda guerra muito mais do que vale todo o Canadá. Quanto a dizer precisamente se há mais loucos varridos em um país do que no outro, é coisa que as minhas fracas luzes não me permitem. Sei apenas que as pessoas a quem vamos ver são em geral muito atrabiliárias.

Assim conversando, chegaram a Portsmouth; grande multidão cobria a margem, olhando

atentamente para um homem corpulento, que se achava de joelhos, com os olhos vendados, no convés de um dos navios da frota; quatro soldados, alinhados à sua frente, meteram-lhe cada um três balas no crânio, com o ar mais tranqüilo deste mundo; feito o que, todos se retiraram muito satisfeitos.

— Que significa tudo isso? — disse Cândido. — E que demônio exerce por toda parte o seu império?

Perguntou então quem era aquele homem que acabavam de matar com toda a cerimônia.

— É um almirante — responderam-lhe.

— E por que matar esse almirante?

— É — disseram-lhe — porque não matou bastante gente; travou combate com um almirante francês, e acharam que não se mantivera suficientemente perto deste último.

— Mas — objetou Cândido — o almirante francês estava tão longe do almirante inglês como este daquele.

— Isso é incontestável — replicaram, — mas neste país é bom matar de vez em quando um almirante para estimular os outros.

Cândido ficou tão atordoado e chocado com o que via e ouvia, que nem ao menos quis desembarcar, e fechou contrato com o capitão holandês (ainda que este devesse roubá-lo como o de Surinam para que o conduzisse sem demora a Veneza.

O patrão fez os preparativos em dois dias. Costearam a França; passaram à vista de Lisboa, e Cândido estremeceu. Entraram no estreito e no Mediterrâneo.

— Louvado seja Deus! — disse Cândido, abraçando Martinho; é aqui que tornarei a ver a bela Cunegundes. Tenho tanta confiança em Cacambo como em mim mesmo. Tudo está bem, tudo vai bem, tudo está o melhor possível.

CAPÍTULO XXIV

DE PAQUETTE E DO IRMÃO GIROFLÉE

Logo que chegou a Veneza, mandou procurar Cacambo em todas as tavernas, em todos os cafés, em todas as casas de mulheres alegres, e não o encontrou. Diariamente mandava gente sua ao encontro de todos os barcos e de todos os navios que chegavam: nem sinal de Cacambo.

— Como! — dizia ele a Martinho, — tive tempo de ir de Surinam a Bordéus, de Bordéus a Paris, de Paris a Dieppe, de Dieppe a Portsmouth, de costear Portugal e Espanha, de atravessar todo o Mediterrâneo, de passar alguns meses em Veneza, e a bela Cunegundes ainda não chegou! Só encontrei, em vez dela, uma aventureira e um padre do Perigord! Decerto Cunegundes morreu, e agora só me resta morrer também. Ah! por que não fiquei no Paraíso do Eldorado, em vez de voltar para esta maldita Europa? Tens razão, meu caro Martinho: tudo, neste mundo, nada mais é que ilusão e calamidade!

Caiu numa negra melancolia, e não tomou parte na ópera alla moda nem nos outros

divertimentos do carnaval; nenhuma dama lhe causou a mínima tentação.

— É muita ingenuidade da sua parte — lhe disse Martinho — imaginar que um criado mestiço, com cinco ou seis milhões no bolso, lhe vá procurar a sua amante no fim do mundo para lha entregar em Veneza. Qual nada! Ficará com ela, se a encontrar. Se não a encontrar, arranjará outra; aconselho-o que esqueça o seu criado Cacambo e a sua amante Cunegundes.

Martinho não era nada consolador. A melancolia de Cândido aumentou, e Martinho não cessava de lhe provar que havia pouca virtude e pouca felicidade na face da terra, exceto talvez no Eldorado, onde ninguém podia ir.

Enquanto discutia essa importante matéria e esperava Cunegundes, Cândido avistou um jovem teatino na praça de S. Marco, de braço dado com uma rapariga. O teatino era cheio de viço, rechonchudo e vigoroso; tinha os olhos brilhantes, o ar seguro, o porte altivo. A rapariga era bastante linda e cantava; olhava amorosamente para o seu teatino e de vez em quando lhe beliscava as polpudas bochechas.

— Ao menos me há de confessar — disse Cândido a Martinho — que esses dois são felizes. Até agora, em toda a terra habitável, só encontrei infelizes, exceto no Eldorado; mas, quanto a essa

rapariga e a esse teatino, aposto que são criaturas venturosas.

— Aposto que não — disse Martinho.

— É só convidá-los para cear — respondeu Cândido — e verá se não tenho razão.

Em seguida os aborda, cumprimenta-os e convida-os para irem a seu hotel comer talharim, perdizes da Lombardia, ovas de esturjão e beber vinho de Montepulciano, Lacryma-christi, Chipre e Samos. A rapariga enrubesceu, o teatino aceitou o convite, e ela acompanhou, fitando Cândido com um olhar de surpresa e confusão, empanado de algumas lágrimas. Mal entrou no quarto de Cândido, lhe disse:

— Como! Então o senhor Cândido não conhece mais a Paquette?!

A estas palavras, Cândido, que até aquele momento não lhe dera atenção, pois só pensava em Cunegundes, exclamou:

— Ai. minha pobre menina, foi então você quem deixou o doutor Pangloss no belo estado em que o encontrei?

— Ai de mim, fui eu mesma, e vejo que o senhor está a par de tudo. Soube das terríveis desgraças acontecidas a toda a casa da senhora baronesa e à bela Cunegundes. Juro-lhe que o

meu destino não foi menos triste. Eu era muito inocente quando o senhor me conheceu. Um franciscano meu confessor seduziu-me facilmente. As conseqüências foram terríveis; fui obrigada a sair do castelo algum tempo depois que o senhor barão o expulsou a pontapés no traseiro. Se um famoso médico não se tivesse apiedado de mim, estava morta. Por gratidão, fui algum tempo sua amante. Sua mulher, que era muito ciumenta, batia-me impiedosamente todos os dias; era uma verdadeira fúria. Esse médico era o homem mais frio do mundo, e eu a mais infeliz de todas as criaturas, por ser batida a toda hora por causa de um homem a quem não amava. Bem sabe o senhor como é perigoso para uma mulher rabugenta ser esposa de um médico. Este; farto das cenas da mulher, deu-lhe um dia, para curá-la de um resfriado, um remédio tão eficaz que ela morreu dali a duas horas em convulsões terríveis. Os parentes da falecida processaram o viúvo; este fugiu e eu fui para a cadeia. Minha inocência de nada me teria servido se eu não fosse um pouco bonita, o juiz absolveu-me sob a condição de que sucederia ao médico. Fui logo suplantada por uma rival, escorraçada sem recompensa, e obrigada a continuar nesse ofício abominável que parece tão divertido aos homens e que para nós não passa de um abismo de misérias. Vim exercer a profissão em Veneza. Ah! se o senhor pudesse imaginar o que é ser

obrigada a acariciar indiferentemente um velho negociante, um advogado, um monge, um gondoleiro, um frade; ser exposta a todos os insultos, a todas as afrontas públicas; ser muitas vezes obrigada a pedir de empréstimo uma saia para que venha levantá-la um homem asqueroso; ver-se roubada por um do que se ganhou com outro; ser extorquida por oficiais de justiça, e não ter em perspectiva mais que uma velhice horrível, um hospital e um monturo, — logo haveria de concluir que eu sou uma das criaturas mais infelizes do mundo.

Paquette abria assim o seu coração ao bom Cândido, em um gabinete reservado, na presença de Martinho, que dizia ao primeiro:

— Bem vê que já ganhei metade da aposta.

O irmão Giroflée ficara no refeitório e bebia um gole enquanto esperava a ceia.

— Mas — disse Cândido a Paquette — estavas com um ar tão alegre, tão contente, quando te encontrei, cantavas e acariciavas o teatino com um ar tão natural, que na verdade me parecias tão feliz quanto te julgas desgraçada.

— Ah! senhor! — retrucou Paquette. — Esta é mais uma das misérias do ofício. Fui ontem roubada e batida por um oficial e devo hoje aparentar bom humor para agradar a um monge.

Cândido não quis ouvir mais nada; confessou que Martinho estava com a razão. Sentaram-se à mesa com Paquette e o teatino, a ceia foi bastante divertida, e afinal a conversa se tornou íntima.

— Meu padre — disse Cândido, — o senhor me parece gozar de um destino que deve causar inveja a todos; as rosas da saúde brilham em suas faces, o seu ar anuncia felicidade; tem uma linda rapariga para divertir-se, e parece muito satisfeito com a sua condição de teatino.

— Palavra, senhor — disse o Irmão Giroflée, — eu desejaria que todos os teatinos estivessem no fundo do mar. Cem vezes fui tentado a atear fogo ao convento, e fazer-me turco. Meus pais me obrigaram, na idade de quinze anos, a tomar este detestado hábito, para deixar maior fortuna a um maldito primogênito que Deus confunda! A inveja, a discórdia, o rancor, habitam no convento. E verdade que preguei alguns maus sermões que me valeram algum dinheiro, de que o prior me rouba metade: o resto me serve para sustentar raparigas. Mas, quando entro à noite no mosteiro, tenho vontade de quebrar a cabeça contra as paredes do dormitório; e todos o. meus confrades estão no mesmo caso.

E Martinho, voltando-se para Cândido, com o seu sangue frio ordinário:

— E então, não ganhei a aposta inteira?

Cândido deu duas mil piastras a Paquette e mil piastras ao Irmão Giroflée.

— Garanto-lhe — disse ele a Martinho — que com isto serão felizes.

— Duvido muito — retrucou Martinho. — Com essas piastras, talvez consiga torná-los ainda mais infelizes.

— Será o que puder ser — disse Cândido. — Mas uma coisa me consola: vejo que muitas vezes a gente encontra pessoas que supunha perdidas para sempre. Tendo encontrado o meu carneiro vermelho e Paquette, é bem possível que encontre também Cunegundes.

— Desejo — disse Martinho — que um dia ela o faça feliz; mas duvido muito.

— Como o senhor é duro — queixou-se Cândido.

— É que eu tenho vivido — retrucou Martinho.

— Mas olhe esses gondoleiros — tornou Cândido. — Não vivem continuamente a cantar?

— É que não os vê no seu lar, com suas mulheres e seus pirralhos — disse Martinho. — O doge tem seus cuidados, os gondoleiros têm os seus. Verdade é que, no total, a sorte de um

gondoleiro é preferível à de um doge; mas julgo tão medíocre a diferença, que não vale a pena ser examinada.

— Fala-se — disse Cândido — no senador Pococurante, que mora nesse belo palácio junto ao Brenta e que recebe muito bem os estrangeiros. Dizem que é um homem que nunca teve contrariedades.

— Desejaria ver um espécime tão raro — disse Martinho.

Cândido em seguida mandou pedir permissão ao senhor Pococurante, para ir visitá-lo no dia seguinte.

CAPÍTULO XXV

DA VISITA QUE FIZERAM AO SENHOR POCOCURANTE, NOBRE VENEZIANO.

Cândido e Martinho chegaram de gôndola ao palácio do nobre Pococurante. Os jardins eram bem desenhados, e ornado, de belas estátuas de mármore; o palácio de bela arquitetura. O dono da casa, homem dos seus sessenta anos, muito rico, recebeu polidamente os dois curiosos, mas com pouca solicitude, o que desconcertou a Cândido e não desagradou a Martinho. Duas lindas criadinhas, muito asseadas, serviram chocolate bem espumado. Cândido não pode deixar de lhes louvar a beleza e amabilidade.

— São excelentes criaturas — disse o senador Pococurante. — Levo-as às vezes para o meu leito, pois já estou farto das damas da cidade, das suas mesquinhezas, do seu orgulho, das suas tolices, e dos sonetos que é preciso fazer ou encomendar para elas. Mas, afinal de contas, essas duas raparigas começam a aborrecer-me.

Quando passeava por uma comprida galeria, após o almoço, Cândido ficou extasiado com a

beleza dos quadros. Perguntou de que mestre eram os dois primeiros.

— São de Rafael — disse o senador. — Comprei-os bastante caro, há alguns anos, por pura vaidade. Dizem que é o que existe de mais belo na Itália, mas absolutamente não me agradam: a cor é muito escura; as figuras são pouco cheias e não têm o suficiente realce; os panejamentos não se parecem em nada com um tecido. Numa palavra, por mais que digam, não vejo nisso uma verdadeira imitação da natureza. Só gostarei de um quadro quando me parecer estar vendo a própria natureza: e dessa espécie, não os há. Possuo muitos quadros; mas não olho para nenhum.

Pococurante, enquanto não chegava a hora do jantar, encomendou um concerto. Cândido achou a música deliciosa.

— Esse barulho — disse Pococurante — pode divertir durante uma meia hora; mas, se dura mais tempo, fatiga a todo o mundo, embora ninguém se atreva a confessá-lo. A música moderna não é mais do que a arte de executar coisas difíceis, e o que não passa de difícil acaba não agradando. Preferiria a ópera, se não tivessem encontrado o segredo de fazer dela um monstro que me revolta. Veja-as quem quiser, essas péssimas tragédias em música, onde as

cenas só são conduzidas para impingir, muito fora de propósito, duas ou três árias ridículas que põem em evidência a garganta de uma atriz; delicie-se quem quiser, ou quem puder, ao ver um castrado cantarolar o papel de César ou de Catão ou pavonear-se desajeitadamente no palco; quanto a mim, faz muito que renunciei a essas pequices, que constituem hoje a glória da Itália, e que os soberanos pagam tão caro.

Cândido discutiu um pouco, mas com discrição. Martinho mostrou-se inteiramente de acordo com o senador.

Sentaram-se à mesa e, após um excelente jantar, foram para a biblioteca. Cândido, ao ver um Homero magnificamente encadernado, elogiou o ilustríssimo quanto ao seu bom gosto.

— Eis — disse ele — um livro que fazia as delícias do grande Pangloss, o maior filósofo da Alemanha.

— Pois não faz as minhas — disse friamente Pococurante. — Fizeram-me acreditar outrora que eu sentia prazer em lê-lo; mas essa repetição contínua de combates que todos se assemelham, esses deuses que agem sempre para nada fazer de decisivo, essa Helena que é o motivo da guerra e que mal entra na peça; essa Tróia que cercam e não tomam, tudo isso me causava um mortal aborrecimento. Perguntei a eruditos se eles se

aborreciam tanto quanto eu nessa leitura. Os que eram sinceros confessaram-me que o livro lhes tombava das mãos, mas que sempre era preciso tê-lo na biblioteca, como um monumento da Antigüidade, e como essas moedas enferrujadas que não podem circular.

— Vossa Excelência pensa o mesmo de Virgílio? — perguntou Cândido.

— Convenho que o segundo, o quarto e o sexto livro da sua Eneida são excelentes; mas quanto ao seu pio Enéias, e o forte Cloanto, e o amigo Achates, e o pequeno Ascânio, e o imbecil rei Latinus, e a burguesa Amata, e a insípida Lavínia, não creio que haja nada de mais frio e desagradável Prefiro o Tasso e as histórias para dormir em pé, de Ariosto.

— É-me permitido perguntar-lhe, Senhor, se não sente um grande prazer em ler Horácio?

Tem ele máximas de que um homem discreto pode tirar proveito e que, estando condensadas em versos enérgicos, se gravam mais facilmente na memória. Mas pouco se me dá da sua viagem a Brindes, e da sua descrição de um mau jantar, e da discussão de carregadores entre um tal Pupilus, cujas palavras, diz ele, eram cheias de pus, e outro cujas palavras eram vinagre. Foi com repugnância que li seus grosseiros versos contra velhas e feiticeiras; e não sei que mérito possa

haver em dizer a seu amigo Mecenas que, se for posto por este no rol dos poetas líricos, tocará os astros com a sua fronte sublime. Os tolos admiram tudo em um autor estimado. Leio apenas para mim; só gosto do que está na minha medida.

Cândido, que fora educado de modo a nada julgar por conta própria, estava muito admirado do que ouvia; e Martinho achava muito razoável o ponto de vista de Pococurante.

— Oh! eis aqui um Cícero — disse Cândido. — Quanto a esse grande homem, penso que Vossa Excelência jamais se cansa de o ler.

— Nunca o leio — respondeu o veneziano. — Que me importa que ele haja pleiteado a favor de Rabirio ou de Cluêncio? Bastam-me os processos que tenho de julgar. Dar-me-ia melhor com as suas obras filosóficas; mas, quando vi que Cícero duvidava de tudo, cheguei à conclusão de que sabia tanto quanto ele, e que não tinha necessidade de ninguém para ser ignorante.

— Ah! — exclamou Martinho. — Eis aqui oitenta volumes dos anais de uma academia de ciências; deve haver nisso tudo alguma coisa de bom.

— Haveria — disse Pococurante — se um só dos autores dessa moxinifada tivesse inventado

ao menos a arte de fabricar alfinetes; mas em todos esses volumes não há mais que inócuos sistemas e nenhuma coisa útil.

— Quantas peças de teatro vejo aqui! — disse Cândido, — em italiano, em espanhol, em francês!

— São três mil ao todo — disse o senador, — mas não há três dúzias que prestem. Quanto a essas coletâneas de sermões, que não valem em conjunto uma página de Sêneca, e todos esses grossos volumes de teologia, bem compreende o senhor que não os abro nunca, nem eu nem ninguém.

Martinho divisou prateleiras cheias de livros ingleses.

— Creio — disse ele. — que um republicano deve comprazer-se na leitura dessas obras escritas com tanta liberdade.

— Sim — respondeu Pococurante, — é belo escrever-se o que se pensa; é o privilégio do homem. Por toda a nossa Itália, só se escreve o que não se pensa; aqueles que habitam a pátria dos Césares e dos Antoninos não buscam ter uma idéia sem a permissão de um jacobino. Muito me alegraria com a liberdade que inspira os gênios ingleses se a paixão e o espírito faccioso não

corrompessem tudo o que tem de estimável essa preciosa liberdade.

Cândido, descobrindo um Milton, perguntou-lhe se não considerava esse autor como um grande homem.

— Quem? — explodiu Pococurante. — Esse bárbaro que faz um longo comentário do primeiro capítulo do Gênesis em dez livros de versos duros? Esse grosseiro imitador dos gregos, que desfigura a Criação, e que, enquanto Moisés representa o Ser Eterno criando o mundo com o verbo, faz com que o Messias retire um grande compasso de um armário do céu, para traçar a sua obra? Eu, estimar aquele que estragou o inferno e o diabo do Tasso; que disfarça Lúcifer ora de sapo, ora de pigmeu; que o faz repetir cem vezes as mesmas tiradas; que o faz discutir teologia; que, imitando seriamente a invenção cômica das armas de fogo em Ariosto, obriga os diabos a disparar canhões pelo céu?! Nem eu, nem ninguém na Itália, jamais pôde apreciar essas tristes extravagâncias. O casamento do pecado e da morte, e as cobras que o pecado deita à luz, fazem vomitar qualquer homem que tenha o gosto um pouco delicado, e a sua longa descrição de um hospital só é boa para coveiros. Esse poema obscuro, extravagante e enfadonho, foi desprezado ao aparecer; eu o trato agora como foi tratado na sua pátria pelos contemporâneos.

De resto, digo o que penso; e pouco me importa se os outros pensam ou não como eu.

Cândido sentia-se aflito com tais palavras; respeitava Homero, gostava um pouco de Milton.

— Ai! — dizia ele em voz baixa a Martinho, — tenho muito medo de que esse homem dedique um soberano desprezo aos nossos poetas alemães.

— Não haveria grande mal nisso — retrucou Martinho.

— Oh, que homem superior! — continuava Cândido a murmurar. — Que gênio esse Pococurante! Não lhe agrada coisa alguma.

Depois de terem assim passado em revista todos os livros, desceram para o jardim. Cândido louvou-lhe todas as belezas.

Nunca vi nada de tão mau gosto — disse o proprietário — É uma bagatela; mas já amanhã vou mandar construir outro de um traçado mais nobre.

Depois que os dois curiosos se despediram de Sua Excelência, disse Cândido a Martinho:

— Não pode negar que é esse o mais feliz dos homens, pois está acima de tudo o que possui.

— Mas não vê o senhor que ele está é enfarado de tudo o que possui? Disse Platão, há muito, que os melhores estômagos não são aqueles que repelem todos os alimentos.

— Não há então prazer em tudo criticar — disse Cândido, em sentir defeitos onde os outros julgam ver belezas?

— Há, pois, prazer em não sentir prazer? — tornou Martinho.

— Bem, quer então dizer que, feliz, só eu mesmo, quando encontrar a senhorita Cunegundes!

— Sempre é bom esperar — disse Martinho.

Entrementes, passavam-se os dias e semanas; Cacambo não voltava, e tão abismado se achava Cândido nos seus pesares, que nem mesmo notou que Paquette e o Irmão Giroflée não tinham vindo ao menos agradecer-lhe.

CAPÍTULO XXVI

DE UMA CEIA QUE CÂNDIDO E MARTINHO FIZERAM COM SEIS ESTRANGEIROS, QUEM ERAM ESTES.

Uma noite em que Cândido, em companhia de Martinho, ia sentar-se à mesa com os estrangeiros que paravam na mesma hospedaria, aborda-o pelas costas um homem de rosto bronzeado que, tomando-o pelo braço, lhe diz: "Apronte-se para partir conosco, sem falta." Cândido se volta e dá de rosto com Cacambo. Só a vista de Cunegundes lhe poderia causar maior espanto e alegria. Abraça o seu caro amigo.

— E Cunegundes está aqui, não é? Leva-me a sua presença, para que eu morra de alegria com ela.

— Cunegundes não está aqui; está em Constantinopla.

— Meus Deus! Em Constantinopla?! Mesmo que esteja: na China, corramos, sem demora!

— Partiremos depois da ceia — tornou Cacambo. — Não lhe posso dizer mais nada; sou escravo, o meu senhor me espera; tenho de ir

servi-lo à mesa; não diga nada, coma e aprontese.

Cândido, dividido entre a alegria e a dor, encantado de rever seu fiel agente, atônito de o ver escravo, cheio da preocupação de encontrar a sua amada, com o coração palpitante, o espirito agitado, sentou-se à mesa com Martinho que considerava de sangue frio todas aquelas aventuras, e com seis estrangeiros que tinham vindo passar o carnaval em Veneza. Cacambo, que servia bebida a um desses estrangeiros, achegou-se ao ouvido de seu amo, ao fim da ceia, e disse-lhe:

— Sire, Vossa Majestade pode partir quando quiser, o navio está pronto.

Dito isto, retirou-se. Os convivas, atônitos, se entreolharam em silêncio, quando outro criado. aproximando-se de seu amo, lhe diz:

— Sire, a liteira de Vossa Majestade o espera em Pádua, e o barco está pronto.

O amo fez um gesto, e o criado partiu. Todos os convivas se entreolharam de novo, e a surpresa comum redobrou. Um terceiro criado, aproximando-se também de um terceiro viajante, disse-lhe:

— Sire, Vossa Majestade não pode demorar-se mais aqui: vou preparar tudo. — E retirou-se.

Cândido e Martinho não duvidaram mais de que se tratava de uma mascarada do carnaval. Um quarto criado disse ao quarto amo:

— Vossa Majestade poderá partir quando quiser. — E retirou-se como os outros. O quinto criado disse o mesmo ao quinto amo. Mas o sexto falou diferentemente ao sexto estrangeiro, que se achava ao lado de Cândido; disse-lhe:

— Sire, não querem conceder mais crédito a Vossa Majestade, nem a mim tampouco. Estamos em perigo de ser presos esta noite, Vossa Majestade e eu. Adeus, vou tratar dos meus assuntos.

Tendo desaparecido todos os criados, os seis forasteiros, Cândido e Martinho permaneceram em profundo silêncio, até que afinal Cândido o rompeu:

— Que singular brincadeira, meus senhores! Com que então são todos reis aqui? Quanto a mim, confesso que nem eu nem Martinho o somos.

O amo de Cacambo tomou então a palavra e disse gravemente em italiano:

Não estou brincando, chamo-me Achmet III. Fui sultão durante vários anos; destronei meu irmão; meu sobrinho me destronou; cortaram a cabeça a meus vizires; termino os meus dias no velho serralho; meu sobrinho, o sultão Mahmoud, me permite viajar algumas vezes, por motivos de saúde, e eu vim passar o carnaval em Veneza.

Falou depois um jovem que estava ao lado de Achmet:

— Chamo-me Ivan; fui imperador de todas as Rússias; destronaram-me ainda no berço; meu pai e minha mãe foram presos e eu criei-me numa prisão; tenho às vezes permissão de viajar, acompanhado de meus guardas, e vim passar o carnaval em Veneza.

Disse o terceiro:

— Sou Carlos Eduardo, rei da Inglaterra; meu pai cedeu-me seus direitos ao reino; lutei para sustentá-los; arrancaram o coração a oitocentos de meus partidários, com o qual lhes bateram as faces. Fui aprisionado; vou a Roma fazer uma visita ao rei meu pai, destronado como eu e meu avô, e vim passar o carnaval em Veneza.

O quarto tomou então a palavra e disse:

— Sou rei da Polônia; a sorte da guerra privou-me de meus Estados hereditários; meu pai

sofreu os mesmos reveses; resigno-me à Providência, como o sultão Achmet, o imperador Ivan e o rei Carlos Eduardo, a quem Deus conceda longa vida, e vim passar o carnaval em Veneza.

Falou então o quinto:

— Também sou rei da Polônia. Por duas vezes perdi meu reino, mas a Providência deu-me outro Estado, onde fiz mais benefícios do que todos os reis dos sármatas, reunidos, jamais o puderam fazer às margens do Vistula. Resigno-me também à Providência, e vim passar o carnaval em Veneza.

Faltava falar o sexto soberano:

— Não sou tão grande monarca como Vossas Majestades — disse ele. — Mas afinal fui rei como qualquer outro. Sou Teodoro; elegeram-me rei da Córsega; chamaram-me de Vossa Majestade e agora apenas me chamam de Senhor. Mandei cunhar moedas, e não possuo uma única; tive dois secretários de Estado, e tenho apenas um criado; já me vi sobre um trono, e estive preso muito tempo em Londres, sobre umas palhas. Receio muito ser tratado do mesmo modo aqui, embora tenha vindo, como Vossas Majestades, passar o carnaval em Veneza.

Os cinco outros reis ouviram tais palavras cheios de nobre compaixão. Cada um deles deu vinte sequins ao rei Teodoro, para comprar vestuários e camisas. Cândido presenteou-o com um diamante de dois mil sequins. “Quem será esse simples particular — diziam os cinco reis — que pode dar (e dá) cem vezes mais que cada um de nós?”

No instante em que se levantavam da mesa, chegaram à mesma hospedaria quatro altezas sereníssimas que também haviam perdido seus Estados pela sorte das armas e que vinham passar o resto do carnaval em Veneza. Mas Cândido não deu a mínima atenção aos recém-chegados. Só se preocupava em ir ter com a sua querida Cunegundes em Constantinopla.

CAPÍTULO XXVII

DA VIAGEM DE CÂNDIDO A CONSTANTINOPLA.

O fiel Cacambo já conseguira, com o capitão turco que deveria levar o sultão Achmet a Constantinopla, que recebesse a bordo Cândido e Martinho. Ambos se dirigiram para o navio, depois de se haverem prosternado perante Sua Miserável Alteza. Cândido, em caminho, dizia ao companheiro:

— Vimos, pois, seis reis destronados, e com eles jantamos, e dentre esses, ainda houve um a quem dei esmola. Talvez haja muitos outros príncipes mais desgraçados. Quanto a mim, só perdi cem carneiros, e vou para os braços de Cunegundes. Mais uma vez Pangloss teve razão, meu caro Martinho: tudo está bem.

— Assim o desejo — disse Martinho.

— Mas — tornou Cândido, — em todo caso foi uma aventura muito pouco verossímil a que nos aconteceu. Jamais se ouviu contar que seis reis destronados jantassem juntos numa estalagem.

— Isso não é mais extraordinário — respondeu Martinho — que a maior parte das

nossas aventuras. E, quanto à honra que tivemos de jantar com eles, é isso uma bagatela que não merece a nossa atenção.

Mal se viu a bordo, Cândido saltou ao pescoço de seu antigo criado e amigo Cacambo:

— E então? Que faz Cunegundes? Continua um prodígio de beleza? Ainda me ama? Como está ela? Não lhe compraste um palácio em Constantinopla?

— Cunegundes, meu caro patrão, é quem lava a louça, na Propôntida, em casa de um príncipe que tem muito pouca louça; é escrava da casa de um antigo soberano chamado Ragotski, a quem o Grão Turco dá três escudos por dia para o sustentar no exílio, mas o mais triste é que ela perdeu a. beleza e se tornou horrivelmente feia.

— Ah! bela ou feia — disse Cândido, eu sou um homem honrado, e meu dever é amá-la toda a vida. Mas como pode estar ela reduzida a tão miserável estado, com os cinco ou seis milhões que levava?

— Pois não tive de dar dois milhões ao senhor Dom Fernando de Ibarra y Figueroa y Mascareñas y Lampurdos y Sousa, governador de Buenos Aires, para que me fosse permitido levar comigo a senhorita Cunegundes? E depois — continuou Cacambo — um pirata não nos despojou de todo

o resto? E esse pirata não nos levou ao cabo de Matapan, a Milo, a Nicária, a Samos, a Petra, aos Dardanelos, a Mármora, a Sentari? Cunegundes e a velha servem na casa do príncipe de que lhe falei, e eu sou escravo do sultão destronado.

— Que espantosas calamidades encadeadas umas às outras! — exclamou Cândido. — Mas afinal ainda tenho alguns diamantes; libertarei facilmente a senhorita Cunegundes. É pena que ela se haja tornado tão feia. Depois, voltando-se para Martinho:

— A quem acha mais digno de lástima — perguntou-lhe, — o sultão Achmet, o imperador Ivan, o rei Carlos Eduardo, ou a mim?

— Não sei — disse Martinho, — era preciso que eu conhecesse o íntimo de cada um.

— Ah! se aqui estivesse, Pangloss o saberia dizer.

— Não sei com que balança — disse Martinho — poderia o seu Pangloss pesar os infortúnios dos homens e avaliar os seus sofrimentos. Só o que eu presumo é que deve haver milhões de homens no mundo cem vezes mais dignos de lástima que o rei Carlos Eduardo, o imperador Ivan e o sultão Achmet.

— Pode ser — disse Cândido.

Dentro em poucos dias se achavam no canal do Mar Negro. A primeira coisa que fez Cândido foi resgatar Cacambo bastante caro e, sem perda de tempo, meteu-se numa galera, com os companheiros, para ir à Propôntida procurar Cunegundes, por mais feia que pudesse estar.

Havia nas galés dois forçados que remavam muito mal e a quem o patrão levantino aplicava de vez em quando alguns golpes de nervo de boi sobre as espáduas nuas. Cândido, por um natural sentimento, olhou-os mais atentamente do que aos outros, e aproximou-se deles com piedade. Alguns traços de suas fisionomias desfiguradas pareceram-lhe apresentar um quê de semelhança com Pangloss e com aquele infeliz jesuíta, o barão, irmão da senhorita Cunegundes. Essa idéia o encheu de comoção e tristeza. Considerou-os mais atentamente.

— Na verdade — disse ele a Cacambo, — se eu não tivesse visto enforcar mestre Pangloss e se não me houvesse acontecido a infelicidade de matar o barão, julgaria que são eles que estão remando nesta galera.

Ao nome do barão e de Pangloss, os dois forçados soltaram um grito, estacaram e deixaram cair os remos. O levantino acorreu, e redobraram os golpes de nervo de boi.

Basta! basta! — exclamou Cândido. — Eu lhe darei todo o dinheiro que quiser.

— Como! É Cândido! — bradava um dos forçados.

— É Cândido! — bradava o outro.

— Estarei sonhando? Estarei acordado? Estou mesmo nesta galera? — indagava Cândido. — É este o senhor barão que eu matei? É este Mestre Pangloss que eu vi enforcar?

— Somos nós mesmos, somos nós mesmos — respondiam eles.

— Como! É esse o grande filósofo? — dizia Martinho.

— Escute, senhor patrão levantino -- disse Cândido, — quanto quer pelo resgate do senhor de Thunder-ten-tronckh, um dos primeiros barões do Império, e do senhor Pangloss, o mais profundo metafísico da Alemanha?

— Já que esses dois cães de forçados cristãos — respondeu o levantino — são barões e metafísicos, o que é sem dúvida uma grande dignidade na sua terra, tu, cão de cristão, me pagarás por eles cinqüenta mil sequins.

— São seus. Leve-me como um relâmpago a Constantinopla, e será pago imediatamente. Não, não; leve-me à senhorita Cunegundes.

À primeira oferta de Cândido, já o levantino virara a proa para a cidade, e fazia remar mais depressa do que um pássaro fende os ares.

Cândido abraçou cem vezes o barão e Pangloss.

Como foi que eu não te matei, meu caro barão? E tu, meu Pangloss, como é que estás vivo depois de ter sido enforcado? E por que estão os dois em galés na Turquia?

— É verdade que a minha querida irmã está nesse país? — indagava o barão.

— Sim — respondia Cacambo.

— Com que então torno a ver o meu querido Cândido! — exclamava Pangloss.

— Cândido lhes apresentava Martinho e Cacambo. Todos se abraçavam, todos falavam ao mesmo tempo.

A galera voava, estava já no porto. Mandaram chamar um judeu, a quem Cândido vendeu por cinqüenta mil sequins um diamante do valor de cem mil, e que jurou por Abraão que não lhe poderia oferecer mais. Cândido pagou

incontinenti o resgate do barão e de Pangloss. Este lançou-se aos pés de seu libertador e banhou-os de lágrimas; o barão agradeceu-lhe com um sinal de cabeça e prometeu devolver-lhe a quantia na primeira oportunidade.

— Mas será possível que minha irmã esteja na Turquia? — dizia ele.

Nada mais possível — respondeu Cacambo, — pois lava pratos na cozinha de um príncipe da Transilvânia.

Mandaram em seguida chamar dois judeus; Cândido vendeu mais diamantes; e partiram todos em outra galera, para ir libertar Cunegundes.

CAPÍTULO XXVIII

DO QUE ACONTECEU A CÂNDIDO, A CUNEGUNDES, A PANGLOSS, A MARTINHO ETC.

Mais uma vez perdão, meu reverendo, por lhe haver atravessado o corpo com a espada — disse Cândido ao barão.

— Bem, não falemos mais nisso; confesso que fui um pouco exaltado. Já que pretendes saber por que acaso me viste nas galés, eu te direi que, depois de ter sido curado pelo irmão boticário do Colégio, fui atacado e feito prisioneiro por uma facção espanhola, e nessas condições cheguei em Buenos Aires quando minha irmã acabava de partir. Pedi que me enviassem a Roma, para junto do vigário geral. Fui nomeado esmoler em Constantinopla, adido ao senhor embaixador da França. Não fazia oito dias que assumira o meu cargo, quando numa tarde encontrei um jovem icoglã muito simpático. O calor estava terrível: o jovem quis banhar-se; aproveitei a ocasião para também tomar um banho. Não sabia que constituísse crime capital, para um cristão, ser encontrado nu com um jovem muçulmano. Um cadi mandou-me dar cem bastonadas na sola dos pés e condenou-me às galés perpétuas. Não creio

que jamais se haja cometido tão horrível injustiça. Mas eu só desejaria saber por que é que minha irmã se acha na cozinha de um soberano da Transilvânia asilado na Turquia.

— Mas tu, meu caro Pangloss — perguntou Cândido, — como é possível que eu te torne a ver?

— É verdade — disse Pangloss — que me viste enforcar. Eu deveria ser queimado; mas deves lembrar-te que chovia a cântaros quando me iam assar: a tempestade era tão violenta que desesperaram de acender o fogo; fui enforcado porque não acharam melhor solução: Um cirurgião comprou meu corpo, levou-me para casa e dissecou-me. Fez-me primeiro uma incisão crucial, do umbigo à clavícula. Impossível ser tão mal enforcado como eu o fora. O carrasco da Santa Inquisição, que era subdiácono, sabia queimar a gente às mil maravilhas, mas não estava acostumado a enforcar: a corda, muito molhada, deslizou mal e enroscou-se; em suma, eu respirava ainda: a incisão crucial me fez lançar tamanho grito, que meu cirurgião tombou de costas, e, julgando que dissecava o diabo, fugiu morto de medo, rolando outra vez, escada abaixo. Ao ruído, acorreu a mulher do cirurgião; viu-me estendido na mesa com a minha incisão crucial; teve ainda mais medo que o marido, abalou a correr e caiu sobre ele. Depois que se

refizeram um pouco, ouvi a cirurgiã dizer ao cirurgião:

— Também, que idéia essa tua de dissecar um herético? Não sabes que o diabo está sempre no corpo dessa gente? Vou já procurar um padre para exorcismá-lo.

Estremeci ao ouvir tal coisa, e reuni o pouco de forças que me restavam para gritar:

— Tenham piedade de mim!

Afinal o barbeiro português criou coragem; costurou minha pele; também a mulher cuidou de mim; fiquei bom ao cabo de quinze dias. O barbeiro conseguiu empregar-me como lacaio de um cavaleiro de Malta que ia a Veneza; mas, como o meu patrão não tinha com que me pagar, pus-me a serviço de um mercador veneziano e acompanhei-o até Constantinopla.

Deu-me um dia a fantasia de entrar numa mesquita. Só se encontrava ali um velho imame e uma jovem devota muito bonita que dizia as suas orações e estava com o colo inteiramente nu. Tinha ela entre os dois seios um belo ramalhete de tulipas, rosas, anêmonas, ranúnculos, jacintos e orelhas-de-urso; deixou cair o ramalhete; eu logo o apanhei, colocando-o no seu lugar com respeitosa solicitude. Levei tanto tempo para o arrumar bem direitinho, que o imame se

encolerizou e, vendo que eu era cristão, gritou por socorro. Levaram-me ao cádi, que me mandou dar cem varadas nas plantas dos pés e condenou-me às galeras. Fui encadeado precisamente na mesma galera e no mesmo banco que o senhor barão. Havia, entre os condenados, quatro jovens de Marselha, cinco padres napolitanos e dois monges de Corfu, que nos disseram que tais aventuras aconteciam todos os dias. O senhor barão alegava que sofrera maior injustiça do que eu; da minha parte, achava eu que era muito mais permissível ajeitar umas flores no seio de uma mulher do que estar nu com um icoglã. Discutíamos sem cessar e recebíamos vinte golpes de nervo-de-boi por dia, quando o encadeamento dos sucessos deste universo te conduziu à nossa galera e fez com que nos resgatasses.

— Pois bem! meu caro Pangloss — disse Cândido, — enquanto eras enforcado, dissecado, espancado e remavas nas galeras, sempre achavas que tudo ia o melhor possível?

Mantenho a minha primitiva opinião — respondeu Pangloss, — pois afinal sou filósofo: não me convém desfazer-me, visto que Leibnitz não pode incorrer em erro, e a harmonia preestabelecida é a mais bela coisa do mundo, bem como o todo e a matéria sutil.

CAPÍTULO XXIX

DE COMO CÂNDIDO ENCONTROU CUNEGUNDES E A VELHA.

Enquanto Cândido, o barão, Pangloss, Martinho e Cacambo contavam as suas aventuras, filosofando sobre os acontecimentos contingentes ou não contingentes deste universo, e discutindo sobre os efeitos e as causas, o mal moral ,e o mal físico, a liberdade e a necessidade, e o consolo que se pode ter depois de haver remado numa galera turca, chegaram à costa da Propôntida. onde se achava a casa do príncipe da Transilvânia. O primeiro espetáculo que se apresentou a seus olhos, foi Cunegundes e a velha, a estender toalhas no coradouro.

O barão empalideceu. E o enamorado Cândido, ao ver a sua bela Cunegundes com a pele tisnada, os olhos empapuçados, os seios murchos, as faces enrugadas, os braços vermelhos e pelancudos, recuou três passos, horrorizado, mas em seguida avançou, por delicadeza. Ela abraçou Cândido e o irmão; abraçaram a velha; Cândido resgatou as duas.

Havia na vizinhança uma pequena granja; a velha propôs a Cândido que ali se acomodassem todos, enquanto esperavam melhor destino. Cunegundes não sabia que tinha ficado feia, pois ninguém lho dissera: lembrou a Cândido a sua promessa, com um ar tão positivo, que o bondoso Cândido não se atreveu a desenganá-la. Disse, pois, ao barão, que ia desposar a sua irmã.

— Jamais consentirei — disse o barão — tal baixeza da parte dela e tal insolência da tua parte; essa infâmia nunca me será exprobrada: os filhos de minha irmã não poderiam entrar nos cabidos da Alemanha. Não, a minha irmã só se casará com um barão do Império.

Cunegundes lançou-se-lhe aos pés e banhou-os de lágrimas; ele foi inflexível.

— Louco varrido — disse-lhe Cândido, — eu te salvei das galés, eu paguei o teu resgate, eu paguei o resgate da tua irmã; ela aqui lavava pratos, ela está feia, tenho a bondade de desposá-la, e tu ainda queres opor-te! Por minha vontade, eu te mataria de novo.

— Podes matar-me outra vez — disse o barão, — mas, enquanto eu for vivo, não desposarás minha irmã.

CAPÍTULO XXX

CONCLUSÃO

Cândido, no fundo do coração; não tinha o mínimo desejo de casar com Cunegundes. Mas a inaudita insolência do barão o decidiu a efetuar o casamento, e Cunegundes instava tão vivamente que ele não podia desdizer-se. Consultou Pangloss, Martinho e o fiel Cacambo. Pangloss apresentou um belo memorial em que provava que o barão não tinha o mínimo direito sobre a sua irmã, e que esta podia, segundo todas as leis do Império, desposar Cândido com a mão esquerda. Martinho propôs lançar o barão ao mar. Cacambo opinou que deveriam devolvê-lo ao capitão levantino e às galés, enquanto não o mandavam para Roma, ao vigário geral. A proposta foi considerada excelente; a velha aprovou-a; nada disseram à sua irmã; a coisa foi efetuada com algum dinheiro, e tiveram o prazer de enganar um jesuíta e punir o orgulho de um barão germânico.

Nada mais natural do que imaginar-se que, após tantos desastres, Cândido, casado com a sua amada, e na companhia do filósofo Pangloss, do filósofo Martinho, do prudente Cacambo e da

velha, e ainda com os diamantes que trouxera da pátria dos antigos incas, levava agora a vida mais agradável deste mundo. Mas foi tão explorado pelos judeus, que afinal só lhe restou a pequena granja. A mulher, cada dia mais feia, ficara rabugenta e insuportável. A velha estava inválida e tornou-se ainda pior de gênio que Cunegundes. Cacambo, que trabalhava na horta e ia vender legumes em Constantinopla, andava exausto de trabalho e amaldiçoava o seu destino. Pangloss desesperava-se por não poder brilhar nalguma universidade da Alemanha. Quanto a Martinho, achava-se firmemente persuadido de que se está igualmente mal em toda parte, e encarava tudo com paciência. Cândido, Martinho e Pangloss discutiam às vezes metafísica e moral. Muitas vezes avistavam, pelas janelas da granja, barcos carregados de efêndis, de paxás, de cádis, a quem mandavam para o exílio em Lemmas, em Mitilene, em Erzerum. Viam chegar outros cádis, outros paxis, outros efêndis, que tomavam o lugar dos depostos e eram, por sua vez expulsos. Viam também cabeças muito bem empalhadas, para serem apresentadas ante a Sublime Porta. Tais espetáculos faziam redobrar as dissertações. E, quando não discutiam, tamanho era o aborrecimento, que a velha ousou dizer-lhes um dia:

— Desejaria saber qual é o pior: ser violada cem vezes por piratas negros, perder uma

nádega, receber açoites dos búlgaros, ser batido e enforcado num auto-de-fé, ser dissecado, remar numa galera, experimentar enfim todas as misérias por que já passamos, ou ficar aqui sem. fazer nada?

Eis uma grande questão — disse Cândido.

Tais palavras provocaram novas discussões; e Martinho concluiu que o homem nascera ou para viver nas convulsões da inquietude ou na letargia do tédio. Cândido não concordava, mas também não afirmava coisa alguma. Pangloss confessava que sempre sofrera horrivelmente; mas, tendo uma vez afirmado que tudo ia às mil maravilhas, continuava a sustentá-lo, mas não o cria.

Uma última coisa veio firmar a Martinho nos seus detestáveis princípios, fazer com que Cândido hesitasse mais do que nunca, e embaraçar a Pangloss. É que viram chegar um dia à granja, e na mais extrema miséria., a nossa Paquette e o Irmão Giroflée. Tinham em três tempos devorado as suas três mil piastras; separaram-se, juntaram-se, brigaram, foram para a cadeia, fugiram, e afinal o Irmão Giroflée tinha virado turco. Paquette continuava, por toda. parte, a exercer o seu ofício, que não lhe rendia mais nada.

— Bem dizia eu — observou Martinho — que os presentes logo haviam de sumir-se e só os

tornariam mais miseráveis. Quanto a Cândido e Cacambo, abarrotaram-se de milhões de piastras, e não são mais felizes do que o Irmão Glroflée e Paquette.

— Ai, minha pobre menina — dizia Pangloss a Paquette, — com que então o Destino te trouxe para junto de nós? E não sabes que me custaste a ponta do nariz, um olho e uma orelha? Como estás agora! E como é este mundo!

Essa nova aventura fê-los filosofar mais do que nunca. Havia na vizinhança um derviche muito famoso, que passava pelo maior filósofo da Turquia; foram consultá-lo; Pangloss tomou a palavra:

— Mestre, vimos pedir-lhe que nos esclareça por que foi criado um animal tão estranho como o homem.

— Em que te vens meter? — disse o derviche. — Acaso é isso da tua conta?

— Mas reverendo Mestre — aventurou Cândido, — é verdadeiramente terrível todo esse mal que há na terra.

Que importa que haja mal ou bem — tornou o derviche. — Quando Sua Alteza envia um navio ao Egito, acaso se importa que os ratos de bordo se sintam bem ou não?

— Que fazer então? — perguntou Pangloss.

Calar-te — respondeu o derviche.

— Eu muito desejava — disse Pangloss — discutir um pouco com o reverendo Mestre acerca dos efeitos e das causas, do melhor dos mundos possíveis, da origem do mal, da natureza da alma e da harmonia preestabelecida.

O derviche, a estas palavras, bateu-lhe com a porta no nariz.

Durante essa conversação, espalhara-se a noticia de que acabavam de estrangular em Constantinopla dois vizires do banco e o mufti, e que haviam empalado vários de seus amigos. Essa catástrofe causava por toda parte enorme sensação durante algumas horas. Pangloss, Cândido e Martinho, de volta à granja, encontraram um bom velho que tomava a fresca à sua porta, debaixo de um laranjal. Pangloss, que era tão curioso como discutidor, perguntou-lhe como se chamava o mufti que acabavam de estrangular.

— Nada sei — respondeu o bom do velho, — eu nunca soube o nome de nenhum mufti nem de nenhum vizir ignoro absolutamente a aventura de que me falam; presumo que em geral aqueles que se metem nos negócios públicos acabam miseravelmente, e bem o merecem; mas nunca

me informo do que se faz em Constantinopla; contento-me em mandar vender por lá os frutos que cultivo.

Dito isto, convidou os estrangeiros a entrar: seus dois filhos e suas duas filhas lhes ofereceram diversas espécies de refrescos que eles próprios fabricavam, kalmac temperado com casca de cidra, e laranjas, limas, abacaxis, pistaches e um bom moca não misturado com o mau café de Batávia e das ilhas. Após o que, as duas filhas daquele bom muçulmano perfumaram as barbas de Cândido, de Pangloss e de Martinho.

— O senhor com certeza possui uma vasta e magnífica terra... — disse Cândido ao turco.

— Tenho apenas vinte jeiras, que cultivo com os meus filhos; o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade.

De volta à sua granja, Cândido pôs-se a refletir profundamente sobre as palavras do turco. Disse a Pangloss e a Martinho:

— Esse bom velho me parece ter conseguido um estado bastante preferível ao dos seis monarcas com quem tivemos a honra de cear.

— As grandezas — disse Pangloss, são muito perigosas, conforme o testemunho de todos os filósofos: pois, afinal, Eglon, rei dos moabitas, foi

assassinado por Aod; Absalão, suspenso pelos cabelos, foi varado com três dardos; o rei Nadab, filho de Jeroboão, foi morto por Baasa; o rei Ela, por Zambri; Ochosias, por Jeú; Atalia, por Joiada; os reis Joaquim, Jecofias, Sedécias foram escravizados. Bem sabem como morreram Creso, Astíages, Dario, Dionísio de Siracusa, Pirro, Perseu, Anibal, Jugurta, Ariovisto, César, Pompeu, Nero, Otão, Vitélio, Domiciano, Ricardo II da Inglaterra, Eduardo II, Henrique VI, Ricardo III, Maria Stuart, Carlos I, os três Henriques da França, o imperador Henrique IV. Bem sabem que...,

— Também sei — disse Cândido — que é preciso cultivar nosso jardim.

— Tens razão — disse Pangloss, — pois quando o homem foi posto no jardim do Éden, ali foi posto ut operaretur eum, para que trabalhasse; o que prova que o homem não nasceu para o repouso.

— Trabalhemos sem filosofar — disse Martinho, — é a única maneira de tornar a vida suportável.

Todo o grupo se compenetrou desse louvável desígnio. A pequena propriedade rendeu bastante. Cunegundes estava, na verdade, muito feia, mas tornou-se uma excelente doceira. Paquette bordava. A velha costurava. Nem mesmo

o Irmão Giroflée se furtou ao trabalho; revelou-se um bom marceneiro; e até se tornou honesto.

— Todos os acontecimentos — dizia às vezes Pangloss a Cândido — estão devidamente encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois, afinal, se não tivesses sido expulso de um lindo castelo, a pontapés no traseiro, por amor da senhorita Cunegundes, se a Inquisição não te houvesse apanhado, se não tivesses percorrido a América a pé, se não tivesses mergulhado a espada no barão, se não tivesses perdido todos os teus carneiros da boa terra do Eldorado, não estarias aqui agora comendo doce de cidra e pistache.

— Tudo isso está muito bem dito — respondeu Cândido, — mas devemos cultivar nosso jardim.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Junho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

DICIONÁRIO FILOSÓFICO

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

Dicionário Filosófico (1764)*
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org
"Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou."
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 7
Nélson Jahr Garcia
BIOGRAFIA DO AUTOR — 14

DICIONÁRIO FILOSÓFICO* —
Abraão — 17
Alma — 22
Amizade — 33
Amor — 35
Amor Próprio — 38
Amor Socrático — 40
Anjo — 44
Antropófagos — 48
Apis — 52
Apocalipse — 54
Ateu, Ateísmo — 58
Batismo — 71
Belo, Beleza — 75
Bem (Supremo) — 77
Bem (Tudo Está) — 79
Cadeia dos Acontecimentos — 88
Caráter — 93
Catecismo Chinês — 96
Catecismo do Japonês — 126

Catecismo do Pároco — 135
Certo, Certeza — 141
Céu dos Antigos (O) — 145
China (Da) — 151
Circuncisão — 156
Convulsões — 163
Corpo — 166
Cristianismo — 170
Crítica — 201
Destino — 209
Deus — 214
Escala dos Seres — 220
Estados, Governos — 224
Ezequiel (De) — 231
Fábulas — 237
Falsidade das Virtudes Humanas — 239
Fanatismo — 241
Fim, Causas Finais — 245
Fraude — 249
Fronteiras do Espírito Humano — 256
Glória — 258
Graça — 260
Guerra — 264
História dos Reis Judeus e Paralipômenos — 270
Ídolo, Idólatra, Idolatria — 273
Igualdade — 295
Inferno — 300
Inundação — 305
Irracionais — 308
Jefté — 312

José — 314
Leis (Das) — 319
Leis Civis e Eclesiásticas — 329
Liberdade (Da) — 331
Loucura — 338
Luxo — 342
Matéria — 346
Mau — 351
Messias — 356
Metamorfose, Metempsicose — 371
Milagres — 373
Moisés — 383
Pátria — 390
Pedro — 393
Preconceitos — 401
Religião — 406
Ressurreição — 422
Salomão — 427
Sensação — 433
Sonhos — 436
Superstição — 439
Tirania — 442
Tolerância — 444
Virtude — 449
Notas —

DICIONÁRIO FILOSÓFICO*

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Voltaire (1694-1778) foi um dos maiores pensadores de seu tempo. Seu estilo, inconfundível, está presente em todos os seus romances, peças teatrais, trabalhos sobre filosofia e ciências. O traço mais marcante de seus textos é a agressividade inteligente, manifesta através de críticas ácidas e de uma ironia grave, geralmente beirando o sarcasmo.

Voltaire, com humor, castigou reis, nobres, ministros, religiões, teorias científicas e filosóficas. Nesse aspecto "Dicionário filosófico" é, talvez, o trabalho mais significativo. Não perdoou autoridades, costumes, crenças ou teorias; é difícil lembrar alguma que não tenha sido alvo de sua verve.

Suas críticas procuram demonstrar as contradições embutidas nas concepções que ataca. Às vezes o faz de forma leve e sutil, como neste argumento, em que ridiculariza a certeza humana:

> "Se perguntásseis a todos os homens antes de Copérnico:

— O sol levantou-se hoje? O sol se pôs?

— Temos absoluta certeza — responder-vos-iam à uma voz.

Tinham certeza, e no entanto estavam errados.”

Em outros momentos, investe com mais severidade:

“Pretendiam alguns escritores europeus que nunca haviam estado na China que o governo de Pequim era ateu. Wolf elogiara Pequim. Logo, Wolf era ateu. Melhores silogismos nunca souberam forjar a inveja e o ódio.”

Não raro recorre à hostilização aberta:

“As inimitáveis tragédias de Racine foram todas criticadas, e pessimamente: porque as criticaram rivais. Certo, os artistas são juizes de arte competentes, porém quase sempre lhes falta integridade.”

Chega a apelar para a pilhéria:

“Assistia eu certa vez à representação de uma tragédia em companhia de um filósofo.

— Como é belo! — dizia ele.

— Que viu o sr. de belo?

— O autor atingiu seu fim.

No dia seguinte ele tomou um purgante que lhe fez efeito.

— O purgante atingiu seu fim — disse-lhe eu. Eis um belo purgante. Ele compreendeu não se poder dizer que um purgante seja belo, e que para chamar belo a alguma coisa é preciso que nos cause admiração e prazer. Conveio em que a tragédia lhe inspirara estas duas emoções, e que nisso estava o to kalon, o belo."

Em outros casos o chiste chega a ser corrosivo:

"Ben al Betif, digno chefe dos dervís, disse-lhes um dia: "Meus irmãos, muito conveniente é que useis com toda freqüência esta fórmula sagrada do nosso Alcorão: Em nome de Deus mui misericordioso, pois Deus usa de misericórdia e vós aprendereis a praticá-la com repetir freqüentemente os termos que recomendam uma virtude sem a qual poucos homens restariam sobre a terra.

Mas, meus irmãos, abstende-vos de imitar esses temerários que a todo transe se jactam de trabalhar pela glória de Deus. Se um jovem imbecil sustenta uma tese sobre as categorias, tese presidida por um ignorante encasacado, não deixa de escrever em grossos caracteres no cabeçalho de sua tese: Ek Allah abron doxa: ad majorem Dei gloriam. Um bom muçulmano fez pintar o seu salão gravando em sua porta essa tolice; um saca carrega água para maior glória de Deus. É um costume ímpio, piedosamente posto em uso. Que diríeis de um pequeno tchauch que ao limpar a privada do nosso ilustre sultão gritasse: "Para maior glória do nosso invencível monarca"? Há certamente maior distância do sultão a Deus que do sultão ao pequeno tchauch."

Voltaire não simpatizava com menções a milagres e reprovava:

"Segundo a energia do termo, um milagre é uma coisa admirável. Nesse caso, tudo é milagre. A ordem prodigiosa da natureza, a rotação de cem milhões de globos ao redor de um milhão de sóis, a atividade da luz, a vida dos animais, constituem perpétuos milagres.

Segundo as idéias aceitas, chamamos milagre à violação dessas leis divinas e eternas. Assim, quando houver um eclipse do Sol durante a Lua cheia, quando um morto fizer a pé duas léguas de caminho levando a cabeça de baixo do braço, isto quer dizer que sucedeu um milagre."

O tema da ressurreição tampouco o animava, disparava com precisão:

"Gabam-se-lhes as pirâmides. Mas as pirâmides são monumentos de um povo de escravos. Foi preciso pôr de baixo de canga toda uma nação, sem o que essas vis massas não teriam sido levantadas. Que finalidade tinham? Conservar em uma pequena câmara a múmia de algum príncipe, de algum governador, de um intendente qualquer, porque ao cabo de mil anos sua alma devia reanimá-la. Mas se esperavam a ressurreição dos corpos, por que lhes extraiam os miolos antes de embalsamá-los? Será que os egípcios deviam ressuscitar sem cérebro?"

Incomodava-o a idolatria, com presteza denunciava:

"Escreveram-se volumes imensos, debitaram-se sentimentos diversos sobre

a origem desse culto rendido a Deus ou a vários deuses sob figuras sensíveis: esta multitude de livros e de opiniões não atesta senão ignorância. Não se sabe quem inventou as vestes e os calçados e quer-se saber quem primeiro inventou os ídolos?"

Contra as críticas, Voltaire devolvia outras, muitas vezes em defesa do criticado:

"Dizem alguns teólogos que o divino imperador Antonino não era virtuoso; que era um estóico tençoeiro que, não contente de governar os homens, ainda queria ser estimado por eles; que fazia reverterem a si próprio os benefícios que fazia ao gênero humano; que foi toda a sua vida justo, trabalhador, benfeitor por simples vaidade, e que apenas enganou os homens com a sua virtude; neste caso exclamarei: 'Meu Deus, dai-nos a basto velhacos desta laia!'"

Outro exemplo sugestivo:

"Um mendigo dos arredores de Madri esmolava nobremente. Disse-lhe um transeunte:

— O sr. não tem vergonha de se dedicar a mister tão infame, quando podia trabalhar?

— Senhor, — respondeu o pedinte — estou lhe pedindo dinheiro e não conselhos.

E com toda a dignidade castelhana virou-lhe as costas. Era um mendigo soberbo. Um nada lhe feria a vaidade. Pedia esmola por amor de si mesmo, e por amor de si mesmo não suportava reprimendas.”

Esse era o genial Voltaire. A leitura de suas obras nos faz meditar melhor sobre nossos pensamentos e a forma como os comunicamos. Podemos não rir de suas frases, mas um sorriso discreto e salutar é inevitável.

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do Œdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia Œdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente

recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio

de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

DICIONÁRIO FILOSÓFICO*

Voltaire

ABRAÃO

Abraão é um desses nomes célebres na Ásia Menor e na Arábia, como Tot entre os egípcios, o primeiro Zoroastro na Pérsia, Hércules na Grécia, Orfeu na Trácia, Odin nas nações setentrionais e tantos outros mais conhecidos por sua celebridade do que por uma história bem comprovada. Não falo aqui senão da história profana, pois quanto à dos judeus, nossos mestres e nossos inimigos, em quem cremos e que detestamos, tendo sido a história desse povo visivelmente escrita pelo próprio Espírito Santo, temos por ela os sentimentos que devemos ter. Dirijo-me apenas aos árabes; que se gabam de descender de Abraão por Ismael; que acreditam ter sido esse patriarca o fundador de Meca, onde teria morrido. O fato é que a raça de Ismael foi infinitamente mais favorecida por Deus do que a raça de Jacó. Uma e outra, é verdade, produziram

ladrões. Mas os ladrões árabes foram incomparavelmente superiores aos ladrões judaicos. Os descendentes de Jacó não conquistaram mais que uma faixa de terra insignificante, que perderam. Os descendentes de Ismael avassalaram parte da Ásia, parte da África e parte da Europa, edificaram um império mais vasto que o império dos romanos e enxotaram os judeus de suas cavernas — que estes chamavam terra da promissão.

Bem difícil seria, à luz da história moderna, ter sido Abraão pai de duas nações tão diferentes. Dizem que nasceu na Caldéia, filho de pobre oleiro que ganhava a vida fazendo pequenos ídolos de barro. É pouco verossímil que esse filho de oleiro se haja abalançado a ir fundar Meca a trezentas léguas de distância, de baixo do trópico, tendo de vingar desertos intransitáveis. Se foi um conquistador, certamente ter-se-á dirigido ao belo pais da Assíria. Se, como o despintam, não passou de um pobre diabo, então não terá fundado reinos senão na própria terra

Reza o Gênesis que tinha Abraão setenta e cinco anos ao emigrar do país de Harã, após a morte de seu pai Tareu o oleiro. O mesmo Gênesis, porém, diz que Tareu, tendo gerado Abraão aos setenta anos, viveu até a idade de duzentos e cinco anos, e que Abraão só saiu de Harã depois da morte do pai. Portanto é claro,

segundo o próprio Gênesis, que Abraão contava cento e trinta e cinco anos quando deixou a Mesopotâmia. Saiu de um pais idólatra para outro país idólatra: Siquêm, na Palestina. Por que? Por que deixou as férteis margens do Eufrates por terras tão remotas, estéreis e pedregosas? A língua caldaica devia ser muito diferente da língua de Siquêm. Não se tratava de lugar de comércio. Siquêm dista da Caldéia mais de cem léguas. É preciso transpor desertos para lá chegar. Mas Deus queria que Abraão realizasse essa viagem. Queria mostrar-lhe a terra que séculos depois haviam de habitar seus pósteros. Custa ao espírito humano compreender os motivos de tal peregrinação.

Mal arriba ao montanhoso rincão de Siquêm, obriga-o a fome a abandoná-lo. Vai para o Egito em companhia de sua mulher, à procura de com que viver. Duzentas léguas medeiam de Siquêm e Menfis. Será natural ir buscar trigo tão longe? Num país de que nem se sabe a língua? Estranhas viagens empreendidas à idade de quase cento e quarenta anos.

Traz a Menfis sua mulher Sara. Sara era extremamente jovem em comparação com ele, pois não contava mais que sessenta e cinco anos. Como fosse muito bonita, Abraão resolveu tirar proveito de sua beleza. “Façamos de conta que você é minha irmã,” — disse-lhe — “a fim de que

me acolham com benevolência". "Façamos de conta que é minha filha" — devia dizer. O rei enamora-se da jovem Sara e presenteia o pretenso irmão com muitas ovelhas, bois, burros, mulas, camelos e servos. O que prova — que já então era o Egito um reino poderoso e civilizado — por conseguinte antigo — e que se recompensavam magnificamente os irmãos que vinham oferecer as irmãs aos reis de Menfis.

Tinha a jovem Sara noventa anos, segundo a Escritura, quando Deus lhe prometeu que Abraão, que então tinha cento e sessenta, lhe daria um filho.

Abraão, que gostava de vigiar, tomou o caminho do hórrido deserto de Cades, acompanhado da mulher grávida, sempre jovem e bonita. Como acontecera com o rei egípcio, enamorou-se também de Sara um rei do deserto — O pai dos crentes pregou a mesma mentira que no Egito: fez passar a esposa por irmã. O que mais uma vez lhe valeu ovelhas, bois e servos. Pode-se dizer que, graças a sua mulher, Abraão se tornou riquíssimo.

Os comentaristas escreveram um número prodigioso de volumes para justificar o procedimento de Abraão e conciliar a cronologia. Cumpre-me, pois, a eles remeter o leitor. São todos espíritos finos e sutis, excelentes

metafísicos, senhores sem preconceito e profundamente avessos à pedanteria.

ALMA

Seria maravilhoso ver a própria alma. Conhece-te a ti mesmo(1) é excelente preceito, mas só a Deus é dado pô-lo em prática. Quem mais pode conhecer a própria essência?

Alma chamamos ao que anima. É tudo o que dela sabemos: a inteligência humana tem limites. Três quartos do gênero humano não vão alêm, nem se preocupam com o ser pensante. O outro quarto indaga. Ninguém obteve nem obterá resposta.

Pobre filósofo! Vês uma planta que vegeta, e dizes vegetação, ou alma vegetativa. Notas que os corpos têm e comunicam movimento, e dizes força. Vês teu cão de caça aprender contigo teu ofício, e crias instinto, alma sensitiva. Tens idéias combinadas, e dizes espírito.

Mas que entendes tu por estas palavras? Aquela flor vegeta. Existirá porém um ser material — vegetação? Aquele corpo impele outro. Porém encerra ele em si um ente distinto — força? Aquele cão traz-te uma perdiz. Existirá porém um ser chamado instinto? Não te ririas de um raciocinador (teria sido preceptor de Alexandre) que te dissesse Todos os animais vivem; logo, encerram uma forma substancial — a vida?

Se uma tulipa pudesse falar e dissesse: Minha vegetação e eu somos dois seres juntos formando um só, não te ririas da tulipa?

Vejamos primeiro o que sabes, e do que estás certo. Que andas com os pés. Que digeres com o estômago. Que sentes com todo o corpo. Que pensas com a cabeça.

Pois bem. Pode a tua razão só por só dar-te luzes suficientes para concluíres, sem um recurso sobrenatural, que tens uma alma?

Os primeiros filósofos, quer caldeus, quer egípcios, disseram: Forçoso é haver em nós algo que produza o pensamento; esse algo deve ser extremamente sutil: sopro, fogo, éter, substrato, um tênue simulacro, uma enteléquia, um número, uma harmonia. Finalmente, segundo o divino Platão, é um composto do mesmo e do outro. São átomos que pensam em nós, disse Epicuro depois de Demócrito. Mas, meu amigo, como pensa o átomo? Confessa que nem o imaginas.

Aceita-se seja a alma um ser imaterial. Mas vós não concebeis o que seja esse ente imaterial.

— Não, — respondem os sábios — porém conhecemos sua natureza: pensar.

— Como o sabeis?

— Porque ela pensa.

— Oh sábios! Muito receio que sejais tão ignorantes quanto Epicuro. A natureza de uma pedra é cair porque ela cai. Pergunto-vos: que a faz cair?

— Sabemos que uma pedra não tem alma.

— De acordo.

— Sabemos que uma negação, uma afirmação não são divisíveis, não são partes da matéria.

— Da mesma opinião. Mas a matéria, que aliás desconhecemos, tem qualidades não materiais, não divisíveis. Possui gravitação para um centro, que Deus lhe deu. Essa gravitação não é formada de partes, não é divisível. A força motriz dos corpos não é ente composto de partes. A vegetação dos corpos organizados, sua vida, seu instinto, não são seres à parte, seres divisíveis. Não podeis cortar em duas a vegetação de uma rosa, a vida de um cavalo, o instinto de um cão, da mesma forma como não podeis cindir em duas uma sensação, uma negação, uma afirmação. Portanto vosso grande argumento inferido da indivisibilidade do pensamento absolutamente nada prova.

Que chamais então vossa alma? Que idéia tendes dela? Por vós mesmos, sem revelação, não podeis admitir em vós senão um poder de vós desconhecido de sentir, de pensar.

Agora dizei-me sinceramente: é esse poder de sentir e pensar o mesmo que vos faz digerir e andar? Confessais que não. Porque debalde ordenaria vosso entendimento a vosso estômago doente: Digere! Ele não digeriria. Debalde vosso ser imaterial intimaria a vossos pés gotosos: Caminhem! Eles não caminhariam.

Com razão observaram os gregos não ter o pensamento quase nenhuma influência no funcionamento dos órgãos. Admitiam para os órgãos uma alma animal. Para o pensamento uma alma mais tênue, mais sutil: um nous.

Mas eis a alma do pensamento que em milhares de ocasiões governa a alma animal. Ordena a alma pensante às mães que apreendam: as mãos apreendem. Porém não pode ordenar ao coração que bata. Ao sangue que circule. Que se forme o quilo. Tudo isso se faz independentemente dela. Aí estão as vossas duas almas metidas em maus lençóis e feitas péssimas donas de casa.

Claro que a primeira alma não existe. Não passa do movimento dos órgãos. Em guarda, homem! Tua fraca razão não é capaz de provar a

existência da outra também. Não podes concebê-la senão pela fé. Tu Nasces. Vives. Ages. Pensas. Velas. Dormes. Sem saber como. Deus conferiu-te a faculdade de pensar como tudo o mais. E se não viesse ensinar-te nas idades assinaladas pela sua providência que tens uma alma imaterial e imortal, dela não terias prova alguma.

Relanceemos os interessantes sistemas arquitetados pela tua filosofia em torno dessas almas.

Um diz que a alma humana é parte da substância do próprio Deus. Outro que é parte do todo infinito. Terceiro que foi criada ab eterno. Quarto que foi feita e não criada. Outros afirmam que Deus as fabrica à proporção necessária, e que chegam no instante da cópula. Alojam-se nos animálculos seminais, exclama este. Não, diz aquele, vão habitar as trompas de Fallopio. Todos vós estais errados, intervêm aqueloutro: a alma espera seis semanas até que esteja formado o feto; então se acomoda na glândula pineal; se, porém, encontra um germe maligno, volta, a espera de melhor ocasião. A última opinião é que sua morada é no corpo caloso. É o local que lhe atribui La Peyronie. Era preciso ser primeiro cirurgião do rei de França para dispor assim do alojamento da alma. Pena é que o corpo caloso do ar. La Peyronie não tenha tido a mesma fortuna que o dono.

Diz Santo Tomás (questão septuagésima quinta e subseqüentes) que a alma é uma forma subsistante per se. Que está em todas as coisas. Que sua essência difere de sua potência. Que há três almas vegetativas: nutritiva, aumentativa, generativa. Que a memória das coisas espirituais é espiritual. Que a memória das coisas corporais é corporal. Que a alma racional é uma forma imaterial quanto às operações e material quanto ao ser. Sto. Tomás escreveu duas mil páginas dessa força e dessa clareza. É o pai da escola.

Não é menor o número de sistemas forjados sobre a maneira de sentir da alma depois de desertar do corpo por meio de que sente. Como ouvirá sem ouvidos. Como olfatará sem nariz. Como tocará sem mãos. Que corpo retomará de futuro: o que tinha aos doze ou aos oitenta anos? Como o eu, a identidade da mesma pessoa subsistirá. Como a alma de um indivíduo tornado cretino à idade de quinze anos e que cretino tenha morrido aos setenta anos retomará o fio das idéias interrompido na puberdade. Por que milagre uma alma que haja perdido uma perna na Europa e um braço na América reencontrará essa perna e esse braço. (Que, tendo se transformado em legumes, terão virado sangue de algum outro animal).

Singular é não haver nas leis do povo de Deus palavra sequer a respeito da espiritualidade

e imortalidade da alma. Nem no Decálogo, nem no Levítico nem no Deuteronômio.

Em passo algum — e sobre isto não paira a menor dúvida — Moisés promete aos judeus recompensas e castigos em outra vida. Nem lhes fala da imortalidade da alma. Não lhes acena com céu nem os ameaça com inferno. Tudo é temporal.

Antes de morrer diz-lhes no Deuteronômio: "Se depois de terdes filhos e netos vós prevaricardes, sereis exterminados no país e reduzidos a número ínfimo entre as nações.

"Eu sou um deus cioso que pune a iniqüidade dos pais até terceira e quarta geração.

"Honrai pai e mãe para que vivais longo tempo.

"Nunca vos faltará o que comer.

"Se seguirdes deuses estrangeiros sereis destruídos...

"Se obedecerdes tereis chuva na primavera como no outono. Tereis frumento, óleo e vinho. Tereis feno para os vossos animais. Para que comais e vos farteis.

"Gravai estas palavras em vossos corações, em vossas mãos, aos vossos olhos. Escrevei-as

em vossas portas. Para que vossos dias se multipliquem.

“Fazei o que vos ordeno sem tirar nem pôr.

“Se se erguer um profeta e vos predisser causas prodigiosas; se a predição for verdadeira e se cumprir; e se ele vos disser: Vamos! Sigamos deuses estrangeiros... — matai-o incontinenti. E que todo o povo vos acompanhe.

“Quando o Senhor vos entregar nações estrangeiras, degolai a todos. Não poupeis um só homem. Não tenhais piedade de ninguém.

“Não comais aves impuras como a águia, o grifo, o ixiao.

“Não comais animais que ruminem e que não tenham a unha fendida, como o camelo, a lebre, o porco espinho, etc.

“Observando todos os preceitos sereis abençoados na cidade como no campo. Abençoados serão os frutos do vosso ventre, da vossa terra, dos vossos animais...

“Se não observardes todos os mandamentos e todas as cerimônias, amaldiçoados sereis na cidade como no campo... Padecereis fome, pobreza. Morrereis de miséria, de frio, de penúria, de febre. Tereis ronha, rabugem, fístula. Tereis úlceras nos joelhos e na barriga das pernas.

“O estrangeiro vos emprestará a onzena, e vós não lhe emprestareis a onzena... Por não servirdes ao Senhor.

“E comereis o fruto do vosso ventre. A carne dos vossos — filhos, etc.”.

É manifesto nada haver em todas essas promessas e ameaças que não seja temporal. Nem uma palavra sobre imortalidade da alma. Nem uma palavra sobre vida futura.

Muitos comentadores ilustres foram de parecer que Moisés estava perfeitamente avisado destes dois grandes dogmas. Provam-no com palavras de Jacó, que julgando que seu filho fora devorado pelas feras, exclamou em sua dor: “Eu acompanharei meu filho à sepultura, in infernum, ao inferno”. Isto é: eu morrerei, já que meu filho morreu.

Provam-no ainda com trechos de Isaías e Ezequiel. Porém os hebreus a quem falava Moisés não podiam ter lido Ezequiel nem Isaías. Porque Ezequiel e Isaías só viveram muitos séculos depois.

Inútil discutir quanto aos sentimentos secretos de Moisés. O fato é que nas leis públicas ele nunca falou de vida futura. Todos os castigos, todos os prêmios, restringe-os ao presente. Se conhecia a vida vindoura, por que não expôs

expressamente tão importante dogma? E se não a conheceu, qual o objeto de sua missão? É o que perguntam muitas personagens ilustres. E respondem que o Mestre de Moisés e de todos os homens se reservava o direito de explicar a bom tempo aos judeus uma doutrina que eles não estavam em condições de compreender quando no deserto.

Houvesse Moisés anunciado o dogma da imortalidade da alma, não o teria combatido uma grande escola de judeus. Não teria sido autorizada pelo estado a grande escola dos saduceus. Os saduceus não teriam ocupado os primeiros cargos. De seu seio não teriam saído grandes pontífices.

Parece que só depois da fundação de Alexandria os judeus se cindiriam em três seitas: fariseus, saduceus, essênios. Ensina o historiador fariseu José no livro 13 das Antigüidades que os fariseus acreditavam na metempsicose. Criam os saduceus que a alma se extinguia com o corpo. Para os essênios — é ainda José quem o afiança — a alma era imortal; segundo eles as almas, sob forma aérea, desciam do fastígio do firmamento violentamente atraídas pelos corpos. Após a morte as almas das pessoas boas iam morar além oceano, num país onde não fazia calor nem frio, não ventava nem chovia.

Lugar de todo em todo oposto era o desterro das almas ruins. Tal a teologia dos judeus.

Aquele que devia ensinar todos os homens veio condenar essas três seitas. Sem ele, porém, jamais saberíamos coisa alguma da própria alma. Porque os filósofos nunca souberam nada certo e Moisés, único verdadeiro legislador do mundo antes do nosso, Moisés que falava com Deus face a face e não o via senão pelas costas, deixou os homens em profunda ignorância dessa magna questão. Há apenas mil e setecentos anos que estamos certos da existência e imortalidade da alma.

Cícero não tinha mais que dúvidas. Seus netos aprenderam a verdade com os primeiros galileus que arribaram a Roma.

Mas antes disso, e até depois disso em todo o resto da terra onde não penetraram os apóstolos, cada um devia dizer à própria alma: Que és tu? De onde vens? Que fazes? Para onde vais? Tu és não sei que, que pensa e que sente. Mas ainda que pensasses e sentisses cem bilhões de anos, nada saberias por tuas próprias luzes, sem o auxílio de Deus.

Homem! Deus outorgou-te o entendimento para bem procederes e não para penetrares a essência das coisas por ele criadas.

AMIZADE

Contrato tácito entre duas pessoas sensíveis e virtuosas. Sensíveis porque um monge, um solitário, pode não ser ruim e viver sem conhecer a amizade. Virtuosas porque os maus não adjungem mais que cúmplices. Os voluptuosos careiam companheiros de devassidão. Os interesseiros reúnem sócios. Os políticos congregam partidários. O comum dos homens ociosos mantêm relações. Os príncipes têm cortesãos. Só os virtuosos possuem amigos. Cétego era cúmplice de Catilina. Mecenas era cortesão de Otávio. Mas Cícero era amigo de Ático. Que estabelece esse convênio entre duas almas ternas e honestas? As obrigações são mais ou menos intensas consoante a sensibilidade de uma e de outra e o número de serviços prestados, etc.

O entusiasmo da amizade foi mais forte entre gregos e árabes que entre nós. São admiráveis as histórias que teceram esses povos em torno deste sentimento. Não temos iguais. Somos em tudo um pouco secos.

A amizade era objeto de religião e legislação entre os gregos. Os tebanos tinham o regimento dos amantes. Magnífico regimento! Houve quem o tomasse por um regimento de sodomitas. Engano:

seria tomar o acessório pelo essencial. A amizade era prescrita na Grécia pela lei e pela religião. Infelizmente tolerava-se a pederastia. Aliás: toleravam-na os costumes. É preciso não imputar à lei abusos vergonhosos. Voltaremos ao assunto.

AMOR

Amor omnibus idem[2]. Cumpre recorrermos à imagem. O amor é a estopa da natureza bordada pela imaginação. Quereis ter uma idéia do amor? Vede os pardais do vosso jardim. Vede vossos pombos. Contemplai o touro que levam à novilha. Admirai aquele soberbo cavalo que dois de vossos camaradas conduzem à égua que passiva o espera e arreda a cauda para recebê-lo. Observai como seus olhos chamejam. Ouvi seus relinchos. Admirai aqueles saltos, aquelas curvetas, aquelas orelhas em pé, aquela boca que Se abre com ligeiras convulsões, aquelas narinas aflantes bafejando inflamadamente, aquelas crinas que se empinam e esvoaçam, o movimento imperioso com que se lança sobre o objeto que lhe destinou a natureza.

Mas não os invejeis. Pensai nas vantagens da espécie humana. Que contrabalançam força, beleza, ligeireza, impetuosidade todos os predicados de que a natureza dotou os irracionais.

Há animais que não conhecem o gozo. Carecem desse prazer os peixes escamados. A fêmea lança sobre a vasa milhões de ovas e o macho que as encontra fecunda-as com o sêmen sem preocupar-se com a dona.

A maioria dos animais que se acasalam não experimenta prazer por mais que um único sentido. Satisfeito o apetite está tudo acabado. Nenhum animal senão vós conhece os afagos. Todo o vosso corpo é sensível. Vossos lábios sobre tudo experimentam uma volúpia inexaurível — prazer exclusivo da vossa espécie. Enfim podeis amar em qualquer tempo, enquanto os animais só o podem em épocas determinadas. Se refletirdes nestas preeminências direis com, o conde de Rochester: "O amor, em um país de ateus, faria adorar a Divindade"

Como recebeu o dom de aperfeiçoar tudo o que lhe concedeu a natureza, o homem aperfeiçoou o amor. A higiene, o cuidado com o próprio corpo, tornando a pele mais delicada, aumentam o prazer do tato. O zelo da própria saúde faz mais sensíveis os órgãos da volúpia.

Todos os outros sentimentos de presto se amalgamam com o amor como metais em fusão com o ouro.

Vêem reforçá-lo a amizade, a estima. São outros elos de união os dotes do corpo e do espírito.

Nam facit ipsa suis interdum famina factis,
morigerisque modis, et mundo corpore cultu,
ut facile insuescat secum vir degere vitam.
(Lucrécio, liv. 4).

Principalmente o amor próprio estreita esses liames. Palmeamo-nos a própria escolha, e as ilusões em chusma são ornamentos dessa obra de que a natureza lançou os alicerces.

Eis o que possuís de superior aos animais. Se, porém, fruís prazeres que eles desconhecem, também quantos sofrimentos padeceis de que eles nem têm idéia! O que há de horrível para vós é haver a natureza em três quartos da terra envenenado os prazeres do amor e as fontes da vida com um mal tremendo, a que só o homem está sujeito e que lhe infecciona os órgãos da geração.

Esta peste não é como tantas outras doenças filhas de nossos excessos. Não foi a dissolução que a introduziu no mundo. As Frinéias, as Laíses, as Floras, as Messalinas não foram vítimas dela. Nasceu em ilhas onde os homens viviam na inocência e de lá propagou pelo mundo antigo.

Se alguma vez se pôde acusar a natureza de desamar a própria obra, de contradizer o próprio plano, de tramar contra os próprios fins, foi então. Não tínhamos o melhor dos mundos possíveis? Se César, Antônio, Otávio não foram vítimas desse mal, por que o foi Francisco I? Não, direis, tudo foi disposto da melhor forma possível. Quero crer. Mas é difícil.

AMOR PRÓPRIO

Um mendigo dos arredores de Madri esmolava nobremente. Disse-lhe um transeunte:

— O sr. não tem vergonha de se dedicar a mister tão infame, quando podia trabalhar?

— Senhor, — respondeu o pedinte — estou lhe pedindo dinheiro e não conselhos. — E com toda a dignidade castelhana virou-lhe as costas.

Era um mendigo soberbo. Um nada lhe feria a vaidade. Pedia esmola por amor de si mesmo, e por amor de si mesmo não suportava reprimendas.

Viajando pela Índia, topou um missionário com um faquir carregado de cadeias, nu como um macaco, deitado sobre o ventre e deixando-se chicotear em resgate dos pecados de seus patrícios hindus, que lhe davam algumas moedas do país.

— Que renúncia de si próprio! — dizia um dos espectadores.

— Renúncia de mim próprio? — retorquiu o faquir. — Ficai sabendo que não me deixo açoitar neste mundo senão para vos retribuir no outro. Quando fordes cavalo e eu cavaleiro.

Tiveram pois plena razão os que disseram ser o amor de nós mesmos a base de todos as nossas ações — na Índia, na Espanha como em toda a terra habitável.

Supérfluo é provar aos homens que têm rosto. Supérfluo também seria demonstrar-lhes possuírem amor próprio. O amor próprio é o instrumento da nossa conservação. Assemelha-se ao instrumento da perpetuação da espécie. Necessitamo-lo. É-nos caro. Deleita-nos — E cumpre ocultá-lo.

AMOR SOCRÁTICO

Por que motivo um vício que se fosse geral extinguiria o gênero humano, atentado infame à natureza, é contudo tão natural ? Parece o último degrau da corrupção refletida — Entanto manieta de cotio adolescentes que nem sequer tiveram tempo de ser corrompidos. Entra corações tenros que não conhecem nem a ambição, nem a fraude, nem a sede de riqueza. É a juventude cega que, por instinto mal definido, se precipita na depravação apenas dobra a infância.

Bem cedo se manifesta a inclinação recíproca dos sexos. Mas, diga-se o que se disser das mulheres africanas e da Ásia meridional, essa inclinação é geralmente muito mais forte no homem que na mulher. É uma lei que a natureza ditou aos animais. É sempre o macho que ataca a fêmea.

Sentindo essa força que a natureza começa a insuflar-lhes e não encontrando o objeto natural do instinto, atiram-se os jovens machos da nossa espécie sobre o que melhor se lhe semelhe. Não raro, pela frescura da tez, pelo lustre das cores, pela doçura dos olhos, durante dois ou três anos um jovem parece-se a uma rapariga. Se o amamos, é porque a natureza se equivoca. Amamos nele o sexo a que evoca sua beleza. Até

que, dissipando-se a semelhança, a natureza se corrige

Citraque juventam
oetatis breve ver et primos carpere flores(3)

Assaz sabido é ser esse equívoco da natureza muito mais comum nos climas suaves que nos gelos do norte. Porque nos climas mais doces o sangue é mais quente e mais freqüente a ocasião. Daí o que não se considera mais que uma fraqueza no jovem Alcibíades ser uma abominação num marinheiro holandês ou num vivandeiro moscovita.

Não posso admitir que, como se pretende, tenham os gregos autorizado semelhante licenciosidade. Cita-se o legislador Sólon por haver dito em dois maus versos:

Algum dia inda amarás
um glabro e belo rapaz.

Mas seria Sólon legislador quando escreveu essa ridícula parelha? Ainda era jovem. E quando o libertino se fez sábio, não iria incluir .tamanha infâmia nas leis da sua república. É como se se acusasse Teodoro de Besis de ter pregado o homossexualismo em sua igreja por haver, na juventude, dedicado versos ao jovem Cândido e dito:

Amplector hunc et illam.

Abusa-se do texto de Plutarco, que, em suas tagarelices no Diálogo do Amor, faz dizer a uma personagem que as mulheres não são dignas do amor verdadeiro. Outra personagem, porém, sustenta devidamente o partido das mulheres.

Certo é, tanto quanto o pode ser a ciência da antigüidade, que o amor socrático não era um amor infame. A palavra amor foi que enganou. O que se chamavam os amantes de um jovem era nem mais nem menos o que são hoje os infantes de companhia dos nossos príncipes, os jovens companheiros de educação de um menino distinto, participando dos mesmos estudos, dos mesmos exercícios militares — instituição guerreira e santa de que se abusou como das festas noturnas e das orgias.

A tropa dos amantes instituída por Laio era um corpo invencível de jovens guerreiros unidos pelo juramento de dar a vida uns pelos outros. Foi o que de mais belo possuiu a disciplina antiga.

Asseveram Sexto Empírico e outros que o homossexualismo tinha guarida nas leis da Pérsia. Que citem o texto da lei. Que mostrem o código dos persas. Mas ainda que o provem eu não acreditarei — Direi que é mentira. Porque não seria possível, não é da natureza humana

elaborar uma lei que contradiz e ultraja a natureza. Lei que aniquilaria o gênero humano se fosse literalmente observada. Práticas vergonhosas toleradas pelas leis do país! Sexto Empírico, que duvidava de tudo, devia duvidar dessa jurisprudência. Se vivesse em nossos dias e visse dois ou três jesuítas abusarem de alguns escolares, teria direito de concluir ser tal depravação permitida pelas constituições de Inácio de Loiola?

Era tão comum o amor entre rapazes em Roma que ninguém pensava em puni-lo. Otávio Augusto, esse assassino devasso e poltrão que teve o desplante de exilar Ovídio, achou muito natural que Virgílio cantasse Aleixo e Horácio escrevesse odes a Ligurino. Não obstante, sempre subsistiu a lei Scantínia, preventiva da pederastia. Repô-la em vigor o imperador Filipe, que expulsou de Roma os meninos que se dedicavam ao ofício. Enfim não creio que em tempo algum nação civilizada haja lavrado leis contra os próprios costumes.

ANJO

Enviado em grego. Baldio será acrescentar que os persas tinham peris, os hebreu malakhs, os gregos seus daimones. Mas talvez nos aclare saber que uma das primeiras idéias do homem foi interpor seres intermediários entre a Divindade e nós. São os demônios, os gênios ideados pela antigüidade. O homem sempre criou os deuses à sua imagem. Viam-se os príncipes transmitir suas ordens por mensageiros: então a Divindade também tinha seus correios. Mercúrio, Isis, eram mensageiros, arautos.

Os hebreus — povo conduzido pela própria Divindade — a princípio não deram nomes aos anjos que por fim Deus condescendia em enviar-lhes. Tomaram de empréstimo os nomes que lhes davam os caldeus, quando a nação judaica esteve cativa em Babilônia. Miguel e Gabriel são referidos pela primeira vez por Daniel, escravo entre aqueles povos. O judeu Tobias, que vivia em Nínive, conheceu o anjo Rafael, que viajou com seu filho para ajudá-lo a reaver certa soma que lhe devia o judeu Gabael.

Não se faz nas leis dos judeus, isto é, o Levítico e o Deuteronômio, a menor menção à existência dos anjos. Muito menos ao seu culto. Tão pouco criam em anjos os saduceus.

Nas histórias judaicas, porém, os anjos são a basto falados. Eram corporais e tinham asas nas costas, como imaginaram os antigos que tivesse Mercúrio nos calcanhares — Às vezes escondiam-nas sob as vestes. Como não teriam corpo se bebiam e comiam? Se os habitantes de Sodoma quiseram cometer o pecado da pederastia com os anjos que foram à casa de Ló?

Segundo Ben Memon, admitia a antiga tradição judaica dez graus, dez ordens de anjos — Primeira: cheios acodesh — puros, santos. Segunda: ofamim — rápidos Terceira: oralim — fortes. Quarta: chasmalim — flamas. Quinta: seraphim — centelhas. Sexta: malakhim — mensageiros, deputados. Sétima: eloim — deuses ou juizes. Oitava: ben eloim — filhos dos deuses. Nona: cherubim — imagens. Décima: ychim — animados.

Não consta nos livros de Moisés a história da queda dos anjos. Seu primeiro testemunho dá-no-lo o profeta Isaías, que, apostrofando o rei, exclama: “Que é feito do exator das tribos? Os pinheiros e cedros regozijam-se com sua queda. Como caíste do céu, ó Helel, estrela da manhã?”(4). Traduziu-se Helel pela palavra latina Lúcifer. Depois, em sentido alegórico, deu-se o nome de Lúcifer ao príncipe dos anjos que atiçaram a guerra no céu. Finalmente o termo, que significa fósforo e aurora, tornou-se nome do diabo.

A religião cristã funda-se na queda dos anjos. Os que se revoltaram foram precipitados das esferas que habitavam ao inferno, no centro da terra, e transmudaram-se em diabos. Um diabo transfigurado em serpente tentou Eva e desgraçou o gênero humano. Jesus veio resgatar os homens e vencer o diabo, que ainda nos tenta. Essa tradição fundamental, contudo, só a refere o livro apócrifo de Enoque. E ainda assim muito outra da tradição aceita.

Não trepida Santo Agostinho (carta centésima nona) em reportar tanto aos anjos bons como aos anjos maus corpos livres e ágeis. Reduziu o papa Gregório II a nove coros, nove hierarquias ou ordens os dez coros de anjos admitidos pelos judeus. São eles: serafins, querubins, tronos, dominações, virtudes, potências, arcanjos e finalmente os anjos, que emprestam o nome às oito outras hierarquias.

Tinham os judeus no templo dois querubins, cada um com duas cabeças — uma de boi e outra de águia — e seis asas. Representamo-los hoje sob a forma de uma cabeça solta com duas asinhas abaixo das orelhas.

Pintamos os anjos e os arcanjos sob a figura de jovens com um par de asas nas costas. Quanto a tronos e dominações, ainda ninguém se lembrou de retratá-los.

Diz Sto. Tomás (questão centésima oitava, artigo 2°.) estarem os tronos tão próximos de Deus quanto os serafins, pois é sobre eles que se acha sentada a Divindade. Scot contou um bilhão de anjos. Tendo o antigo mito dos gênios bons e maus passado do Oriente à Grécia e Roma, consagramo-lo admitindo para cada pessoa um anjo bom e outro mau. Um ajuda-a e o outro molesta-a do nascimento, à morte. Ainda não se estabeleceu, contudo, se esses anjos bons e maus mudam continuamente de posto ou são rendidos por outros. Consulte-se sobre o ponto a Suma de Sto. Tomás

Outro ponto que tem dado pano a muita controvérsia é o lugar onde se conjuntariam, os anjos — no ar, no vácuo ou nos astros? Não aprouve a Deus pôr-nos a par dessas questões.

ANTROPÓFAGOS

Falamos do amor. É duro passar de pessoas que se beijam a pessoas que se comem. Não resta dúvida terem existido antropófagos. Encontramo-los na América, onde é possível que ainda os haja. Na antigüidade não foram os ciclopes os únicos a se alimentarem às vezes de carne humana. Conta Juvenal que entre os egípcios — esse povo tão sábio, tão famigerado por suas leis, esse povo tão piedoso que adorava crocodilos e cebolas — os tentiritas comeram certa vez um inimigo que lhes caiu nas mãos. Não o diz de outiva: estava no Egito, porto de Têntiro, quando se cometeu o crime quase aos seus olhos. E lembra, ao relatar o caso, os gascões e saguntinos, que outrora se alimentaram de carne dos próprios compatriotas.

Em 1725 trouxeram-se quatro selvagens do Mississipi a Fontainebleau — Tive a honra de falar-lhes. Havia entre eles uma dama do país, a quem perguntei se havia comido gente. Respondeu-me muito singelamente que sim. Fiquei um tanto escandalizado, e ela desculpou-se dizendo ser preferível comer o inimigo, depois de morto, a deixá-lo servir de pasto às feras; que demais o vencedor merecia a preferência. Nós outros, em batalha campal ou não, por fas ou por nefas matamos nossos vizinhos e. pela mais vil

recompensa pomos em função o engenho da morte. Aqui é que está o horror. Aqui é que está o crime — Que importa que depois de morto se seja comido por um soldado, por um urubu ou por um cão?

Respeitamos mais os mortos que os vivos. Cumpria respeitar uns e outros. Bem fazem as nações que chamamos civilizadas em não meter no espeto os inimigos vencidos. Porque se fosse permitido comer os vizinhos, começariam a comer-se entre si os próprios compatriotas, o que seria grande desdouro para as virtudes sociais. Mas as nações que hoje são civilizadas não o foram sempre. Todas elas foram muito tempo selvagens. E com o sem número de revoluções de que tem sido palco o mundo, o gênero humano foi ora mais ora menos numeroso. Sucedeu com os homens o que hoje sucede com os elefantes, leões, tigres, cujas espécies minoraram consideravelmente. Quando uma região estava ainda escassamente povoada de seres humanos e as artes eram rudimentares, os homens se dedicavam à caça. O hábito de se alimentarem do que matavam facilmente levou-os a tratar os inimigos como tratavam os cervos e javalis. A superstição fez imolar vítimas humanas. A necessidade as fez comer.

Qual o crime maior: reunir-se religiosamente para cravar em honra da Divindade uma faca no

coração de uma menina enfitada, ou comer um bandido morto em legítima defesa?

No entanto há muito mais exemplos de meninas e meninos sacrificados que de meninas e meninos comidos. Quase todas as nações conhecidas sacrificaram crianças. Os judeus imolavam-nas. É o que se chamava o anátema um verdadeiro sacrifício. Ordena-se no capítulo 27 do Levítico não se pouparem as almas viventes prometidas, porém em ponto algum se prescreve que sejam comidas. Isto era outro caso: tratava-se exclusivamente de uma ameaça. Como vimos, disse Moisés aos judeus que caso não observassem as cerimônias, não só teriam ronha, como as mães comeriam os próprios filhos. Positivamente no tempo de Ezequiel os judeus deviam comer carne humana, pois diz esse profeta no capítulo 39 que Deus os faria comer não apenas os cavalos dos seus inimigos, mas ainda os cavaleiros e os outros guerreiros. É positivo. De fato, por que não teriam os judeus sido antropófagos? Seria a última coisa a faltar ao povo de Deus para ser a mais abominável nação da terra.

Li nas anedotas da história da Inglaterra do tempo de Cromwell que uma sebeira de Dublin vendia excelentes candeias feitas com gordura de inglês. Certa vez queixou-se-lhe um de seus fregueses de que as candeias já não eram tão

boas como antes. — Ah, — disse ela — é que este mês faltaram ingleses. — Pergunto eu: quem o mais culpado: quem passava os ingleses à faca ou a mulher que fazia velas com sua banha?

APIS

Era o boi Apis adorado em Menfis como deus, como símbolo ou como boi? É de crer que os fanáticos nele vissem um deus, os cultos mero símbolo e que o vulgo ignorante adorasse o boi. Terá Cambises feito bem, quando conquistou o Egito, em matar esse boi com as próprias mãos? Por que não? Com isso fez ver aos imbecis que se podia passar seu deus à faca sem que a natureza se armasse para vingar o sacrilégio.

Incensaram-se muito os egípcios. Não sei de povo mais desprezível. Encarrapatou-se-lhes sempre no caráter e no governo um vício radical que os fez um povo de eternos e vis escravos. Que tenham, em épocas imemoriais, conquistado a terra. Na clareira dos tempos históricos, porém, avassalaram-nos quantos povos quiseram dar-se ao trabalho — assírios, persas, gregos, romanos, árabes, mamelucos, turcos, enfim, toda gente, salvo os cruzados, que não lhes conheciam a fraqueza. Foi a milícia dos mamelucos que venceu os franceses. Não há talvez mais que duas coisas sofríveis nessa nação: primeiro, que adorando um boi nunca constrangeram quem adorasse um macaco a mudar de religião; segundo, terem inventado a chocadeira artificial.

Gabam-se-lhes as pirâmides. Mas as pirâmides são monumentos de um povo de escravos. Foi preciso pôr de baixo de canga toda uma nação, sem o que essas vis massas não teriam sido levantadas. Que finalidade tinham? Conservar em uma pequena câmara a múmia de algum príncipe, de algum governador, de um intendente qualquer, porque ao cabo de mil anos sua alma devia reanimá-la. Mas se esperavam a ressurreição dos corpos, por que lhes extraiam os miolos antes de embalsamá-los? Será que os egípcios deviam ressuscitar sem cérebro?

APOCALIPSE

Justino o Mártir, que escreveu pelo ano de 170[5] da nossa era, é quem primeiro fala no Apocalipse. Perfilha-o ao apóstolo João o Evangelista. Perguntando-lhe o judeu Trifão se não cria que Jerusalém devesse ser algum dia restaurada, respondeu Justino que sim, como o acreditavam todos os cristãos que pensavam com acerto. "Houve entre nós" — diz — "uma personagem de nome João, um dos doze apóstolos de Jesus, o qual predisse passarão os fiéis mil anos em Jerusalém".

Foi opinião por muito tempo aceita pelos cristãos a de um reinado de mil anos. Esse período desfrutava de grande crédito entre os gentios. Passados mil anos retomavam os corpos as almas entre os egípcios. O mesmo espaço de tempo, et mille per annos, penavam as almas no purgatório de Virgílio. A nova Jerusalém de mil anos teria doze portas, em memória dos doze apóstolos. A forma seria quadrada. Comprimento, largura e altura seriam de doze mil estádios — quinhentas léguas — de maneira que as casas teriam também quinhentas léguas de alto. Haveria de ser bem desagradável morar no último andar. Mas enfim é o que diz o Apocalipse, capítulo 21.

Se foi Justino o primeiro em atribuir o Apocalipse a S. João, personalidades houve que lhe refugaram o testemunho, atendendo a que no mesmo diálogo com o judeu Trifão diz ele que, consoante o relato dos apóstolos, Jesus Cristo, descendo ao Jordão, ferveu-lhe e inflamou-lhe as águas. O que não consta em nenhum dos escritos dos apóstolos.

O mesmo S. Justino não hesita em citar os oráculos das sibilas. E pretende ter visto restos das celas em que, no tempo de Herodes, foram encerrados no farol de Alexandria os setenta e dois intérpretes. O testemunho de um homem que teve a má fortuna de ver tais celas parece indicar mas é que devia ser metido nelas.

Posteriormente Sto. Ireneu, que também acreditava no reinado de mil anos, diz ter sabido de um velho que o Apocalipse era de autoria de S. João(6). Mas já se reprochou a Sto. Ireneu o haver escrito não deverem existir senão quatro Evangelhos pela só razão de ter o mundo apenas quatro partes, quatro serem os ventos cardeais e não ter Ezequiel visto mais que quatro animais. Chama ele a isso demonstração. Em singularidade, a demonstração do ar. Ireneu não fica atrás da visão do sr. Justino.

Clemente de Alexandria, nas Electa, só se refere a um Apocalipse de S. Pedro, a que se

reportava extraordinária monta. Tertuliano, partidário ferrenho do reinado de mil anos, não se contenta em afirmar que S. João predisse a ressurreição e o reinado milenário na cidade de Jerusalém: quer também que esta Jerusalém já se começava a formar no ar; que todos os cristãos da Palestina, e até os pagãos, a tinham visto durante quarenta dias sucessivos às últimas horas da noite. Infelizmente, porém, mal despontava o dia a cidade se esvaecia.

Em seu prefácio sobre o Evangelho de S. João e nas Homilias, cita Orígenes os oráculos do Apocalipse, mas igualmente cita os oráculos das sibilas. Já S. Dinis de Alexandria, que escreveu por meados do século III, diz em um de seus fragmentos conservados por Eusébio(7) que a quase totalidade dos eruditos rejeitava por uma boca o Apocalipse como livro destituído de razão. Que esse livro não o escreveu S. João, e sim um tal Cerinto, que se servira de um grande nome para dar mais peso a suas fantasias

O concílio de Laodicéia (360) não recenseou o Apocalipse entre os livros canônicos. Singular é haver Laodicéia repulsado um tesouro que lhe fora enviado expressamente, e que também o refutasse o bispo de Éfeso, cidade em que se descobrira, enterrado, esse livro de S. João.

Para todos S. João ainda padejava na sepultura, fazendo a terra levantar e baixar continuamente. Entanto esses mesmos senhores certos de que S. João não estava de todo morto, também estavam certos de que ele não escrevera o Apocalipse. Os advogados do reinado de mil anos, não obstante, mantiveram-se irremovíveis em sua opinião. Sulpício Severo (História Sagrada, livro 9) chama insensatos e ímpios aos que não acatavam o Apocalipse. Afinal, depois de muita dúvida, muita oposição de concílio a concílio prevaleceu o parecer de Sulpício Severo. Deslindado o mistério, decidiu a igreja ser o Apocalipse incontestavelmente de S. João. Não há, pois, apelar.

Atribuíram as comunhões religiosas cada qual a si as profecias desse livro. Nele viram os ingleses as revoluções da Grã Bretanha. Os luteranos, as convulsões da Alemanha. Os reformados da França, o reinado de Carlos IX e a regência de Catarina de Médicis. Todos tiveram igualmente razão.

Bossuet e Newton comentaram o Apocalipse. As declamações eloqüentes de um e as sublimes descobertas de outro foram-lhes, todavia, muito mais honrosas que seus comentários.

ATEU, ATEÍSMO

Antigamente, quem quer que tivesse um segredo numa arte corria o risco de passar por bruxo. Toda seita nova era acusada de degolar crianças em seus mistérios. Todo filósofo que se desgarrasse da jíria da escola era criminado de ateísmo pelos fanáticos e espertalhões. E condenado pelos cretinos.

Anaxágoras tem o atrevimento de pretender não ser o sol conduzido por Apolo montado numa quadriga: chamam-lhe ateu e o obrigam a expatriar-se.

Aristóteles é culpado de ateísmo por um sacerdote. Não podendo fazer punir o caluniador, retira-se para Calcis. Mas a morte de Sócrates é o que de mais odioso tem a história da Grécia

Quem primeiro induziu os atenienses a verem um ateu em Sócrates foi Aristófanes, que os comentadores admiram por ter sido grego, esquecendo-lhes que Sócrates também o era.

Esse poeta cômico, que não foi nem cômico nem poeta, não seria admitido entre nós a representar farsas na feira de Saint-Laurent. Parece-me muito mais vil e desprezível do que o despinta Plutarco. Eis o que diz o sábio Plutarco de tal farsista: “A linguagem de Aristófanes

denuncia o miserável charlatão que é. São as graçolas mais canalhas e repugnantes. Não chega a agradar o povo e as pessoas de discernimento e pundonor não o toleram. Não há quem suporte sua arrogância, e sua malignidade é intolerável às pessoas de bem”(8).

Aí está — para dizê-lo de passo — o Tabarin que a sra. Dacier tem o ousio de admirar. Eis o homem que de longe confeccionou o veneno com que juizes infames assassinaram o homem mais virtuoso da Grécia.

Curtidores, sapateiros e costureirinhas de Atenas aplaudiram uma comédia em que se representava Sócrates suspenso num cesto proclamando que não existiam deuses e jactando-se de haver roubado uma capa enquanto ensinava filosofia. Um povo cujo mau governo permitia tão infames licenças bem merecia o fim que teve — ser vassalo dos romanos e hoje dos turcos.

Demos um salto à antigüidade. Detenhamo-nos na república romana. Os romanos, muito mais sábios que os gregos, nunca perseguiram filósofos por motivo de opiniões. A mesma isenção não exalça os povos bárbaros que medraram por sobre os destroços do império romano. Desde que o imperador Frederico II questiona com o papa,

que o acusam de ateísmo e de ter escrito com seu chanceler de Vinéia o livro Dos Três Impostores.

Manifesta-se o nosso grande chanceler do Hospital contrário às perseguições: é quanto basta para levar a tacha de ateu. Homo doctus, sed verus atheos. Um jesuíta que se acha tão abaixo de Aristófanes quanto Aristófanes o está de Homero, um miserável cujo nome se tornou ridículo entre os próprios fanáticos, em uma palavra, o jesuíta Garasse, em toda gente vê ateístas. É assim que chama a todos aqueles contra quem investe. De ateísta acoima ele Teodoro de Besis. Foi ele quem induziu em erro a respeito de Vanini.

O desgraçado fim de Vanini não nos move a indignação nem a piedade como o de Sócrates porque Vanini não passava de um pedante estrangeiro sem mérito nenhum. Mas a verdade é que não era ateu, como se pensava. Muito pelo contrário

Tratava-se de um pobre padre napolitano, pregador e teólogo de seu mister, polemista apaixonado das qüididades e dos universais, et utrum chimera bombinans in vacuo possit comedere secundas intentiones. Não tinha, porém, a veia do ateísmo. Sua noção de Deus era da mais sã e acatada teologia. “Deus é o princípio e o fim, pai de um e de outro, prescindindo de um

e de outro. Eterno sem estar no tempo. Onipresente sem se achar em parte alguma. Não tem passado nem futuro. Está em tudo e fora de tudo, tudo governando, tudo havendo criado — Imutável, infinito, imparticular. Seu poder é sua vontade, etc."

Vangloriava-se Vanini de renovar este belo conceito de Platão abraçado por Averrois: que Deus criou uma cadeia graduada de seres cujo último anel se ata ao seu trono eterno. Idéia em verdade mais sublime que veraz, mas tão distante do ateísmo quanto o ser do não ser.

Viajou com o fito em dinheiro e polêmicas — infelizmente, porém, a senda da disputa conduz a polo contrário ao da riqueza. Granjeiam-se tantos inimigos irreconciliáveis quantos os sábios ou pedantes com quem se terça a palavra. Nem foi outra a origem da desdita de Vanini — Custaram-lhe seu calor e grosseria na discussão o ódio de não poucos teólogos, um dos quais — Francon ou Franconi, amigo de seus inimigos — o acusou de ateu e de pregar o ateísmo.

Teve esse Francon ou Franconi, esteado por algumas testemunhas, a barbárie de sustentar na acareação o que tivera o descaramento de falsear. Interrogado no banco dos réus acerca do que pensava de Deus, respondeu Vanini adorar com a igreja um Deus em três pessoas. Tomando uma

palha do chão: “Basta isto” — disse “para provar que existe um criador”. Pronunciou então magnífico discurso sobre a vegetação e o movimento e sobre a necessidade de um Ser Supremo, sem o qual não existiria nem movimento nem vegetação.

O presidente Grammont, que então se achava em Tolosa, transcreve esse discurso na sua Histoire de France, hoje tão esquecida. Por inconceptível prejuízo pretende o mesmo Grammont que Vanini dissesse tudo isso mais por vaidade ou medo que por persuasão interior

A que arrimar o julgamento temerário e atroz do presidente Grammont? Patente é que a resposta de Vanini o absolvia da criminação de ateísmo. Que sucedeu, porém! Esse caipora abeberara-se também de medicina. Encontraram em sua casa um sapo que ele conservava vivo em um vaso com água: foi a conta para ser tachado de feiticeiro. Disseram que o sapo era o seu deus. Emprestaram sentido ímpio a diversos passos de seus livros — o que é facílimo e muito comum — tomando objeções por respostas, interpretando com malícia uma ou outra frase equívoca, envenenando expressões inocentes. Por fim a facção que o perseguia extorquiu dos juizes a sentença que o condenou à morte.

Para justificar tal crime, havia-se mister fazer pesarem sobre esse infeliz as calúnias mais medonhas. O menor e muito menor Mersenne levou a demência a ponto de imprimir que Vanini partira de Nápoles com doze apóstolos para converter o mundo ao ateísmo. Santa ingenuidade. Como poderia ter um pobre padre doze homens a seu dispor? Como poderia convencer doze napolitanos a viajarem dispendiosamente para propagar aos quatro ventos uma doutrina abominável e revoltante — com risco de vida? Seria um rei bastante poderoso para pagar doze pregadores de ateísmo? Ninguém, antes de Mersenne, aventurara semelhante absurdo. Depois dele, porém, toda gente se pôs a estribilhá-lo, com ele envenenando jornais e dicionários históricos — E o mundo, que gosta do extraordinário, aceitou à carga cerrada essa fábula.

O próprio Bayle, nas suas Pensées Diverses, fala de Vanini como de um ateu — Serve-se desse exemplo para estribar seu paradoxo de poder subsistir uma sociedade de ateus; afirma que Vanini era um homem de costumes rigorosamente regrados, e ter sido o mártir de sua opinião filosófica. Engana-se tanto num ponto como noutro. Depreende-se dos Dialogues de Vanini, escritos à imitação de Erasmo, ter ele tido uma amante de nome Isabelle. Era livre no escrever como no viver. Porém não ateu.

Um século após sua morte o sábio La Croze e aquele que adotou o nome de Philalèthe(9) empreenderam justificá-lo. Mas como ninguém se interessa pela memória de um infeliz napolitano, que para agravo de seus pecados era péssimo escritor, passaram quase despercebidas essas apologias.

O jesuíta Hardouin, mais culto que Garasse e não menos temerário, denuncia como ateus no livro Athei Detecti os Descartes, Arnauld, Pascal, Nicole e Malebranche. Que, porém, felizmente não tiveram a mesma sorte que Vanini.

Mas voltemos à questão de moral aventada por Bayle: se seria possível uma sociedade de ateus. Sublinhemos à primeira ser grande a contradição em torno do problema. Os que mais indignadamente se levantaram contra a opinião de Bayle, os que com maior carga de injúrias lhe desmentiram a possibilidade de uma sociedade de ateus, com o mesmo aferro sustentaram mais tarde ser o ateísmo a religião do governo da China.

Positivamente enganaram-se no que respeita ao governo chinês. Se houvessem lido os éditos desse vasto país teriam visto não serem outra coisa senão sermões, sermões repletos de referências ao Ser Supremo, guia, vingador e premiador.

Não se enganaram menos quanto à impossibilidade de uma sociedade atéia. E não sei como pôde o sr. Bayle esquecer um exemplo conclusivo que talvez valesse a vitória a sua causa.

Por que impossível uma sociedade atéia? Porque sem um freio os homens não poderiam viver em harmonia? Por nada poderem as leis contra os crimes secretos? Por ser preciso um Deus vingador que puna, neste ou em outro mundo, os malfeitores escapos à justiça humana!

Ilusão. Os judeus, muito embora não ensinassem as leis de Moisés nenhuma vida por vir, não ameaçassem castigos depois da morte, não ensinassem aos primeiros judeus a imortalidade da alma, os judeus, longe de ser ateus, longe de contar subtrair-se à vingança divina, foram os mais religiosos dos homens. Não somente criam na existência de um Deus eterno, como o acreditavam constantemente em sua presença. Temiam ser castigados na pessoa de si mesmos, da mulher, dos filhos, na posteridade, até a quarta geração. E esse freio era poderosíssimo.

Entre os gentios, porém, muitas seitas houve desempeçadas de quaisquer ferropéias. Os cépticos duvidavam de tudo — De tudo inopinavam os acadêmicos. Estavam persuadidos

os epicuristas de que a divindade não metia a colher torta nos negócios dos homens, e em verdade não admitiam deuses de espécie alguma. Abrigavam a convicção de não ser a alma de natureza substancial, mas rasamente uma faculdade que nasce e morre com o corpo. Não tinham, por conseguinte, outras rédeas além da moral e da honra. Verdadeiros ateus eram os senadores e cavaleiros romanos. Para quem não os temem e deles nada esperam os deuses não existem — Era pois o senado romano um congresso de ateus contemporâneos de César e Cícero.

Na oração pró Cluêncio diz o grande orador ao senado reunido: “Que mal lhe pode trazer a morte? Nós impugnamos todas as fábulas ineptas dos infernos. Que então lhe tirou a morte? Nada mais que a sensação da dor”.

Querendo salvar a vida de seu amigo Catilina perante o mesmo Cícero, não lhe objeta César que condenar à morte não é punir, que a morte não é nada, senão apenas o fim dos sofrimentos, momento mais feliz do que fatal? E não reconheceram Cícero e todo o senado a justeza de tais razões? Não há negá-lo. Vencedores e legisladores do mundo conhecido formavam uma sociedade de homens destemerosos dos deuses — verdadeiros ateus, portanto.

Pondera Bayle a seguir se não é a idolatria mais perigosa que o ateísmo, se crime maior não será nutrir sobre a divindade conceitos indignos que dela descrer. E opina com Plutarco ser preferível não ter de Deus concepção nenhuma a tê-la má — Em que pese a Plutarco, porém, inegável é ter sido infinitamente preferível para os gregos temer Ceres, Netuno, Júpiter, a não temer coisa alguma. Irrecusavelmente é necessária a santidade dos juramentos, e antes fiar-se em quem creia que um falso juramento será punido do que em quem pense poder jurar falso impunemente. Não há dúvida ser preferível, em uma cidade policiada, ter uma religião ainda que má a não ter nenhuma.

Parece-me que Bayle devia antes examinar qual o mais nocivo, se o fanatismo, se o ateísmo. O fanatismo é certamente mil vezes mais funesto, porquanto o ateísmo não inspira, como ele, paixão sanguinária. O ateísmo não se opõe ao crime: o fanatismo o atiça. Suponhamos com o autor do Commentarium Rerum Gallicarum fosse ateu o chanceler do Hospital. Não elaborou ele senão leis sábias, não aconselhou senão moderação e concórdia: os fanáticos cometeram as mortandades de São Bartolomeu. Havia-se Hobbes por ateu: entanto viveu tranqüila e inocentemente. Os fanáticos de seu tempo ensanguentaram a Inglaterra, Escócia e Irlanda. Spinoza, sobre ser ateu, ensinava o ateísmo:

parece contudo não ter sido ele quem participou do assassínio jurídico de Barneveldt, quem fez em traçalhos os irmãos de Witt e os comeu à grelha.

O mais das vezes são os ateus sábios audazes e tresmalhados que raciocinam mal e que, não compreendendo a criação, a origem do mal e outras dificuldades, recorrem à hipótese da eternidade das coisas e da necessidade.

Aos ambiciosos, aos voluptuosos, falta-lhes tempo para raciocinar e abraçar maus sistemas. Têm mais que fazer que comparar Lucrécio com Sócrates.

É o que sucede conosco.

O mesmo não se dava com o senado romano, composto na quase totalidade de ateus que ateus eram teórica e praticamente. Isto é: que não acreditavam nem na Providência nem na vida futura. Era uma congregação de filósofos, de voluptuosos e ambiciosos, todos nocentissimos e que perderam a república.

Não me agradaria o depender de um príncipe ateu cujo interesse fosse mandar-me pilar num morteiro. Não quereria, se fosse soberano, ter de tratar com cortesãos ateus cujo interesse fosse envenenar-me: ser-me-ia necessário estar tomando ao acaso contravenenos todos os dias. É pois absolutamente imprescindível aos príncipes

e aos povos o estar profundamente gravada nos espíritos a idéia de um Ser Supremo, criador, condutor, remunerador e vingador.

Há povos ateus, assevera Bayle em suas Pensées sur les Comètes. Os cafres, hotentotes, tupinambás e muitas outras pequenas nações não têm Deus. É possível. Mas isso não quer dizer que neguem Deus não o negam nem o afirmam, porque nunca ouviram falar em tal. Dizei-lhes que Deus existe, e cre-lo-ão facilmente. Dizei-lhes que tudo se faz pela natureza das coisas, e cre-lo-ão da mesma forma — Pretender que sejam ateus é o mesmo que pretender que sejam anticartesistas: não são nem contra nem a favor de Descartes. São verdadeiras crianças. Uma criança não é atéia nem teista: não é nada.

Que concluir de tudo isso? Que o ateísmo é um monstro perniciosíssimo para os que governam, e igualmente para os estadistas em disposição, ainda que cidadãos inocentes, pois podem um dia ou outro ser elevados à boléia do poder. Que, se não é tão funesto como o fanatismo, é quase sempre fatal à virtude. Ajuntemos principalmente que hoje em dia há menos ateus que nunca, depois que os filósofos reconheceram não haver nenhum ser vegetante sem germe, nenhum germe sem desígnio etc., e que o trigo não nasce da podridão.

Geômetras não filosóficos enjeitaram as causas finais, porém os verdadeiros filósofos as admitem. E, como disse um autor conhecido, o catequista anuncia Deus às crianças e Newton o demonstra aos sábios.

BATISMO

Palavra grega que quer dizer imersão.

Como sempre se guiam pelos sentidos, facilmente imaginaram os homens que quem lavasse o corpo também lavava a alma. Havia nos subterrâneos dos templos egípcios grandes cubas para os sacerdotes e iniciados. Desde tempos imemoriais que os hindus se purificaram nas águas do Ganges, e ainda hoje essa cerimônia está muito em voga. Da Índia passou à Judéia. Era costume entre os hebreus batizar todos os estrangeiros que abraçassem a lei judaica e não quisessem submeter-se à circuncisão. Sobre tudo batizavam-se as mulheres, que não faziam essa operação, salvo na Etiópia, onde a circuncisão era de lei. Tratava-se de uma regeneração. Criam os hebreus, como os egípcios, que o batismo dava alma nova. Consultem-se sobre o assunto Epifânio, Memonide e la Gemara.

João batizou-se no rio Jordão. Ali também ele batizou Jesus, que, conquanto nunca haja batizado ninguém, condescendeu todavia em consagrar essa cerimônia

Em si, todos os sinais são indiferentes. Confere Deus sua graça ao sinal que lhe aprouver escolher. Bem cedo tornou-se o batismo em primeiro rito e chancela da religião cristã.

Contudo, embora fossem circuncidados, não se sabe ao certo se receberam o batismo os quinze primeiros bispos de Jerusalém

Muito se abusou desse sacramento nos primeiros séculos do cristianismo. Nada era mais comum que aguardar a agonia para receber o batismo. É assaz ilustrativo o exemplo do imperador Constantino. Eis como raciocinava: O batismo de tudo expurga; portanto posso matar minha mulher, meus filhos, todos os meus parentes; depois batizo-me e irei para o céu — O que efetivamente levou a prática. O exemplo era perigosíssimo. Paulatinamente foi se abolindo o vezo de esperar a morte para tomar o banho sagrado.

Sempre conservaram os gregos o batismo por imersão. Pelo fim do século VIII os latinos, havendo estendido sua religião às Gálias e à Germânia, receosos de que a imersão pudesse matar as crianças nos países frios, substituíram-na por simples aspersão, o que lhes custou numerosos anátemas de parte da igreja grega.

Perguntou-se a S. Cipriano se estavam realmente batizadas as pessoas que, em vez de tomarem o banho, eram apenas borrifadas. Respondeu ele (septuagésima sexta carta) que “achavam muitas igrejas não serem cristãs tais pessoas; quanto a ele, era de parecer que sim,

bem que sua graça fosse infinitamente menor que a das imersas três vezes conforme o uso".

Entre os cristãos, desde que um indivíduo recebia a imersão estava iniciado. Antes do batismo era simples catecúmeno. Para iniciar-se era de mister apresentar cauções, responsáveis, — a que se dava um nome correspondente a padrinho — a fim de que a igreja se certificasse da fidelidade dos novos cristãos e não fossem divulgados os mistérios. Essa a razão por que nos primeiros séculos fossem os gentios geralmente tão mal instruídos dos mistérios cristãos quanto o eram os cristãos dos mistérios de Isis e de Eleusina.

Assim se expressava Cirilo de Alexandria em seu escrito contra o imperador Juliano: "Falaria do batismo se não temesse que minhas palavras chegassem aos não iniciados".

Data do século II o costume de batizar crianças. Era natural desejassem os cristãos que seus filhos, que sem esse sacramento seriam condenados às penas eternas, dele fossem apercebidos. Concluiu-se enfim ser necessário ministrá-lo ao fim dos oito primeiros dias de vida por ser essa entre os judeus a idade da circuncisão. Ainda conserva o costume a igreja grega, conquanto no século III o uso a tenha levado a subministrar o batismo à morte.

Quem morria na primeira semana de existência estava condenado, asseveravam os padres da igreja mais rigorosos. No século V, porém, ideou Pedro Crisólogo o limbo, espécie de inferno suavizado, e propriamente lindes do inferno, extramuros infernais, para onde iriam as criancinhas finadas sem batismo, e onde estariam os patriarcas antes da descensão de Jesus Cristo aos infernos. De sorte que desde então prevaleceu a opinião de que Cristo desceu ao limbo e não ao inferno.

Perguntou-se se, nos desertos da Arábia, poderia um cristão ser batizado com areia: respondeu-se que não. Se se poderia batizar com água impura: estabeleceu-se ser conveniente água munda, mas que em última instância servia água barrenta. É fácil ver que toda essa disciplina foi ditada pela prudência dos primeiros pastores.

BELO, BELEZA

Perguntai a um sapo que é a beleza, o supremo belo, o to kalon. Responder-vos-á ser a sapa com os dois olhos exagerados e redondos encaixados na cabeça minúscula, a boca larga e chata, o ventre amarelo, o dorso pardo. Interrogai um negro da Guiné O belo para ele é — uma pele negra e oleosa, olhos cravados, nariz esborrachado. Indagai ao diabo. Dir-vos-á que o belo é um par de cornos, quatro garras e cauda. Inquiri os filósofos. Responder-vos-ão com aranzéis. Falta-lhes algo de conforme ao arquétipo do belo em essência, o to kalon.

Assistia eu certa vez à representação de uma tragédia em companhia de um filósofo.

— Como é belo! — dizia ele.

— Que viu o sr. de belo?

— O autor atingiu seu fim.

No dia seguinte ele tomou um purgante que lhe fez efeito.

— O purgante atingiu seu fim — disse-lhe eu. — Eis um belo purgante.

Ele compreendeu não se poder dizer que um purgante seja belo, e que para chamar belo a

alguma coisa é preciso que nos cause admiração e prazer. Conveio em que a tragédia lhe inspirara estas duas emoções, e que nisso estava o to kalon, o belo.

Realizamos uma viagem à Inglaterra. Lá se representava a mesma peça, impecavelmente traduzida. Fez bocejarem todos os espectadores.

— Oh! — exclamou o filósofo — o to kalon não é o mesmo para os ingleses e os franceses.

Após muita reflexão concluiu ser o belo extremamente relativo, como o que é decente no Japão é indecente em Roma, o que é moda em Paris não o é em Pequim.

BEM (SUPREMO)

Muito discutiu a antigüidade em torno do supremo bem. Que é o supremo bem? Seria o mesmo que perguntar que é o supremo azul, o supremo acepipe, o supremo andar, o ler supremo, etc.

Cada um põe a felicidade onde pode, e quanto pode ao seu gosto.

Quid dem? quid non dem? Renuis tu quod jubet alter...
Castor gaudet equis; ovo prognatus eodem pugnis...(10).

Sumo bem é o bem que vos deleita a ponto de polarizar-nos toda a sensibilidade, assim como mal supremo é aquele que vos torna completamente insensível. Eis os dois pólos da natureza humana. Esses dois momentos são curtos.

Não existem deleites extremos nem extremos tormentos capazes de durar a vida inteira. Supremo bem e supremo mal são quimeras.

Conhecemos a bela fábula de Crântor, que fez comparecer aos jogos olímpicos a Fortuna, a Volúpia, a Saúde e a Virtude.

Fortuna: — O sumo bem sou eu, pois comigo tudo se obtém.

Volúpia: — Meu é o pomo, porquanto não se aspira à riqueza senão para ter-me a mim.

Saúde: — Sem mim não há volúpia e a riqueza seria inútil.

Virtude: — Acima da riqueza, da volúpia e da saúde estou eu, que embora com ouro, prazeres e saúde pode haver infelicidade, se não há virtude.

Teve o pomo a Virtude.

A fábula é engenhosa, mas não solve o problema absurdo do supremo bem. Virtude não é bem, senão dever. Pertence a plano superior. Nada tem que ver com as sensações dolorosas ou agradáveis. Com cálculos e gota, sem arrimo, sem amigos, privado do necessário, perseguido, agrilhoado por um tirano voluptuoso aboletado no fausto, o homem virtuoso é infelicíssimo, e o perseguidor insolente que acaricia uma nova amante em seu leito de púrpura, felicíssimo. Podeis dizer ser preferível o sábio perseguido ao perseguidor impertinente. Podeis dizer amar a um e detestar ao outro. Mas esquece-vos que le sage dans les fers enrage. Se não concordar o sábio, engana-vos: é um charlatão.

BEM (TUDO ESTÁ)

Armou-se grande estardalhaço nas escolas e até entre as pessoas que raciocinam quando, parafraseando Platão, lançou Leibnitz seu edifício do melhor dos mundos possíveis, dizendo que tudo corria às mil maravilhas(11). Afirmou ele no norte da Alemanha que Deus não poderia fazer mais que um único mundo. Platão pelo menos concedera-lhe a liberdade de fazer cinco, pela razão de cinco serem os corpos sólidos regulares: tetraedro ou pirâmide trifacial de base igual às faces, cubo, hexaedro, dodecaedro, icosaedro. Mas como o nosso mundo não tem a forma de nenhum dos seus cinco sólidos, devia conceder a Deus uma sexta forma.

Deixemos em paz o divino Platão. Leibnitz, que certamente era melhor geômetra e mais profundo metafísico que ele. prestou ao gênero humano o serviço de lhe fazer ver que devemos estar contentíssimos e ter sido impossível a Deus fazer por nós mais do que fez. Que necessariamente Deus escolhera entre todos os partidos sem contradita o melhor.

— E o pecado original? — perguntavam-lhe.

— Foi o que podia ser — explicavam Leibnitz e seus amigos. Mas praceiramente escrevia ele

entrar o pecado original necessariamente no melhor dos mundos.

Ora essa! Ser expulso de um lugar de delícias onde se viveria eternamente se não se tivesse comido uma maçã! Como! Chafurdado na miséria, pôr no mundo filhos miseráveis que tudo hão de sofrer, que tudo farão sofrer aos outros! Que! Padecer todas as doenças, sofrer todos os martírios, morrer na dor, e como refrigério ser assado na eternidade dos séculos! Seria esse o melhor quinhão que tinha Deus para nos dar? Nada tem de bom para nós. E em que poderia tê-lo para Deus?

Compreendia Leibnitz nada ter que responder. Escreveu também maçudos livros, mas calou o ponto.

Negar a existência do mal, pode negá-la rindo um Luculo refestelado na opulência, após lauto jantar libado em companhia dos amigos e da amante no salão de Apolo. Mas que ponha a cabeça à janela. Verá o que é o mundo.

Repugna-me citar. É empresa de ordinário espinhosa: negligencia-se o que precede e o que segue a citação, e se expõe a querelas. Cumpre-me, todavia, citar Lactâncio, padre da igreja, que em seu capítulo 13, Da Cólera de Deus, põe estas palavras na boca de Epicuro: “Ou Deus quer abolir o mal do mundo e não pode; ou pode e não

quer; ou nem pode nem quer; ou enfim quer e pode. Se quer e não pode é impotente, o que contradiz a natureza divina; se pode e não quer, é mau, o que não é menos contrário à sua natureza; se não quer nem pode, é a um tempo mau e impotente; se quer e pode (a única conjuntura que convêm a Deus) qual então a origem do mal sobre a terra?"

O argumento é instante. Lactâncio respondeu muito mal, dizendo que Deus quer o mal porém nos deu a sabedoria, com que podemos alcançar o bem. A resposta é fraquíssima. Supõe que Deus não podia dar a sabedoria senão de par com o mal. Demais nós possuímos uma sabedoria agradável!

A origem do mal foi sempre um abismo de que ninguém conseguiu lobrigar o fundo. Daí tantos filósofos e legisladores antigos se socorrerem de dois princípios, um do bem e outro do mal. Tifão era o princípio do mal entre os egípcios, Arimã entre os persas. Adotaram essa teologia, como se sabe, os maniqueus. Como porém anteriormente nunca falaram nem em um nem em outro desses princípios, convêm não lhes dar ouvidos.

Entre os absurdos de que regurgita o mundo, não é dos menores este, que pode entrar no rol dos nossos males: imaginar dois seres todo

poderosos duelando-se para ver quem dá mais de si ao mundo, e acordando um convênio como os dois médicos de Molière Passe-me o emético que lhe farei a sangria.

Rasteando os platonistas, pretendeu Basilídio no primeiro século da igreja que Deus acometera a tarefa de forjar o nosso mundo aos últimos de seus anjos, os quais não sendo lá muito peritos desalinhavaram as coisas como aí estão. Refuta tal fábula teológica esta objeção irretorquível: não é de Deus onipotente e onisciente confiar a construção de um mundo a arquitetos inaptos.

Sentindo a objeção, preveniu-a Simão asseverando que em virtude do péssimo desempenho da incumbência Deus condenou aos infernos o anjo que presidia à oficina celeste. Por mais esturricado que esteja, contudo, a condenação desse anjo não nos cala o sofrimento.

Não responde melhor à objeção a aventura de Pandora dos gregos. Inegavelmente a história da boceta que encerra todos os males e em cujo fundo jaz a esperança é uma bela alegoria. Mas essa tal Pandora, tê-la Vulcano tão somente para fazer pique a Prometeu, que havia feito um homem de barro.

Os hindus não foram mais engenhosos: tendo criado o homem, Deus lhe deu uma droga que lhe asseguraria permanente saúde; o homem

carregou seu asno dessa droga, o asno ficou com sede, a serpente ensinou-lhe uma fonte: enquanto o asno bebia a serpente pilhou a droga.

Imaginaram os sírios que, tendo o homem e a mulher sido criados no quarto céu, quiseram comer de uma torta em vez de ambrósia, seu manjar natural. A ambrósia exalava-se pelos poros. Comendo a torta, porém, era preciso ir à secreta. O homem e a mulher pediram a um anjo lhes indicasse onde ficava tal repartição do Paraíso. — Estão vendo — disse-lhes o anjo — aquele planetinha insignificante, a uns sessenta milhões de léguas daqui? Pois é lá. — Para lá se foram, e lá os deixaram. Desde então o mundo é o que é.

É o caso de perguntar aos sírios por que Deus permitiu que o homem comesse da torta e que temos nós que ver com o pato.

Para nos forrarmos ao tédio, saltemos do quarto céu ao Sr. Bolingbroke. Este homem, incontestavelmente genial, deu ao célebre Pope seu plano de tudo está bem, que de fato lá vem palavra por palavra nas obras póstumas de Bolingbroke, e que anteriormente inserira Shaftesbury em seus Característicos. Leia-se o capítulo deste livro dedicado aos moralistas. Lá se encontrará:

“Há muito que responder a essas lamúrias sobre defeitos da natureza. Como saiu tão impotente e falha das mãos de um ser perfeito? Mas eu nego que a natureza seja imperfeita... Sua beleza resulta das contrariedades. De perpétuo combate nasce a concórdia universal... É preciso que cada ser seja imolado a outros: os vegetais aos animais, os animais à terra... Demais não será por amor de miserável verme que as leis do poder central e da gravitação, de que decorrem o peso e o movimento dos corpos celestes, serão perturbadas. Miserável verme que, por muito bem protegido que esteja por essas leis, longe não está o dia em que por elas mesmas será reduzido a pó de traque”.

Bolingbroke, Shaftesbury e Pope — lapidário dos primeiros — não solvem a questão melhor que os outros. Seu tudo está bem não diz senão que o todo é regido por leis imutáveis. Quem não sabe disso? Para ninguém é novidade saber, depois dos netos, que as moscas foram feitas para ser comidas pelas aranhas, as aranhas pelas andorinhas, as andorinhas pelas pegas, as pegas pelas águias, as águias para ser mortas pelos homens, os homens para matar-se uns aos outros, ser comidos pelos vermes e em seguida pelo diabo.

Eis aí ordem nítida e constante entre os animais de todas as espécies. Em tudo existe

ordem. Quando se forma um cálculo em minha bexiga, verifica-se uma mecânica admirável. Pouco a pouco aparecem no sangue sucos calculosos, que se filtram nos rins, passam pelas uréteres, caem na bexiga e ali se depositam em virtude de excelente atração newtoniana; forma-se a concreção, que cresce, e eu sofro dores mil vezes piores que a morte, por mais maravilhosamente ordenado que esteja o mundo. Um cirurgião que aperfeiçoou a arte inventada por Tubalcain enterra-me um ferro agudo e trinchante no perineu, agarra o cálculo com suas tenazes: por um mecanismo necessário, a pedra se desfaz sob seus esforços. E pelo mesmo mecanismo necessário entrego a alma ao diabo em meio de tormentos medonhos. Tudo isso está bem. Tudo isso é conseqüência evidente dos inalteráveis princípios físicos. Reconheço-o. Mas, como vós, já o sabia

Se fôssemos insensíveis, nada haveria que dizer a esta física. Não se trata disso, porém Pergunto-vos se não existem males sensíveis, e de onde provêem. “Não existem males” — decreta Pope em sua quarta epístola acerca do tudo está bem. “Ou, se os há particulares, compõem o bem geral”.

Singular bem geral, constituído de cálculos, gota, de todos os crimes, de todos os sofrimentos, da morte e da condenação.

A queda do homem é o emplasto que aplicamos a todas essas doenças particulares do corpo e do espírito, que vós chamais saúde geral. Mas Shaftesbury e Bolingbroke escarnecem do pecado original. Pope não se digna mencioná-lo. É evidente que tal sistema solapa a religião cristã nos alicerces, e não explica coisa alguma.

No entanto foi há pouco aprovado por muitos teólogos, que de bom grado admitem os contrários. Assim sendo, a ninguém é preciso invejar o consolo de raciocinar como melhor puder sobre o dilúvio de males que nos assoberba. Justo é conceder aos doentes sem esperança que comam o que quiserem. Chegou-se até a pretender ser esse sistema consolador. "Deus" — leciona Pope — vê com os mesmos olhos morrer o herói e o pardal, precipitar-se na ruína um átomo ou mil planetas, formar-se um mundo ou uma bolha de sabão".

Deliciosa consolação! Não sentis grande lenitivo com o decreto do sr. Shaftesbury, que diz, Deus não vai modificar suas leis eternas por um miserável verme como o homem? Convenha-se contudo ter esse verme direito de lamentar-se humildemente e lamentando-se diligenciar compreender por que tais leis eternas não foram feitas para bem de todos.

O sistema do tudo está bem apresenta o autor da natureza como um déspota poderoso e mau, pouco se incomodando que seus caprichos custem a vida a milhares de seres humanos, enquanto os restantes arrastam seus dias na penúria e na dor.

Longe de consolar, a teoria do melhor dos mundos possível é desesperadora. O problema do bem e do mal permanece um caos inextricável para todos aqueles que perquirem de boa fé. Para os polemistas, é um motivo de chiste: são forçados brincando com os próprios grilhões. Para o povo não pensante, é o caso de peixes transportados de um rio para um reservatório; não alimentam a menor idéia que estão ali para ser comidos na quaresma.

Nada sabemos do porquê do nosso destino. Cumpre subpor ao fim de quase todos os capítulos da metafísica as duas letras dos juizes romanos, quando não entendiam uma causa: N. L., non liquet, — não é claro.

CADEIA DOS ACONTECIMENTOS

Há muito que se crêem os acontecimentos encadeados uns aos outros por invencível fatalidade — o Destino — que é em Homero superior ao próprio Júpiter. Sem refolhos confessava o soberano dos deuses e dos homens não poder impedir que seu filho Sarpédon morresse no prazo preestabelecido. No momento em que devia nascer Sarpédon nascera, nem poderia deixar de ser assim. Não podia morrer em outro lugar senão diante de Tróia. Não podia ser enterrado senão em Lícia. Seu corpo, no prazo preestabelecido, produziria legumes que se transmudariam em substância de alguns licienses. Seus herdeiros haveriam de estabelecer nova ordem em seus estados. Essa nova ordem influiria nos reinos vizinhos. Do que resultariam novas disposições de guerra e paz com os vizinhos dos vizinhos de Licia. E assim sucessivamente o destino da terra dependeu da morte de Sarpédon, a qual dependeu de outro acontecimento, que por seu turno se ata por intermédio de outros à origem das coisas.

Tivesse um único desses fatos acontecido diferentemente, outro fora o mundo. Ora, impossível que o mundo atual existisse e não existisse ao mesmo tempo: portanto impossível

fora a Júpiter salvar a vida do filho, por muito Júpiter que fosse.

Diz-se que este sistema da necessidade e fatalidade inventou-o Leibnitz em nossos dias, chamando-lhe razão suficiente. Entretanto é antiquíssimo. Não é de hoje que não há efeito sem causa e que muitas vezes a mais insignificante das causas produz os maiores efeitos.

Conta o sr. Bolingbroke que lhe proporcionaram ocasião de concertar o tratado particular da rainha Ana com Luís XIV as questiúnculas da sra. Marlborough e da sra. Masham. Esse tratado conduziu à paz de Utrecht. A paz de Utrecht firmou Filipe V no trono de Espanha. Filipe V conquistou Nápoles e Sicília à frente da casa da Áustria. Deve o príncipe que é atualmente rei de Nápoles seu trono à sra Masbam. Não o seria, talvez nem existisse, se a duquesa de Marlborough tivesse sido mais complacente para com a rainha de Inglaterra. Sua existência dependia em Nápoles de uma tolice a mais ou a menos na corte londrina. Examinai a situação de todos os povos do mundo: é o que é por força de uma série de acontecimentos aparentemente insulados, porém realmente baraçados em íntimo emaranhamento. São tudo rodagens, polés, cabos, molas dessa máquina colossal.

O mesmo sucede na ordem física. Um vento que sopre do fundo da África ou dos mares austrais acarreta parte da atmosfera africana que recai em chuva nos declívios dos Alpes. Essas chuvas fecundam nossas terras. Nosso vento do norte, por sua vez, leva nossos vapores daqui para o continente negro. Nós beneficiamos a Guiné e a Guiné nos beneficia. A cadeia se estende de cabo a cabo do mundo.

Parece-me contudo abusar-se demais desse princípio. Conclui-se não haver e mais ínfimo átomo que não tenha influído na disposição atual do mundo inteiro. Que não há o menor acidente, quer entre os homens, quer entre os animais, que não seja anel essencial da grande cadeia do destino.

Entendo eu: todo efeito tem evidentemente sua causa, remontante de causa em causa até o abismo da eternidade. Mas nem toda causa transmite seu efeito até o fim dos séculos. Todo acontecimento decorre um de outro, admito. O presente sai do passado. O futuro sairá do presente. Tudo tem pai. Mas nem tudo tem filhos. Precisamente como numa árvore genealógica: toda família remonta, como é sabido, a Adão, mas na família muitos indivíduos morrem sem deixar posteridade.

Existe uma árvore genealógica dos acontecimentos. Incontestavelmente os habitantes das Gálias e de Espanha descendem de Gomer e os russos de Magogue, seu irmão mais novo: encontra-se esta genealogia em tantos livros maçudos! Nesse pé, não há negar devermos a Magogue os sessenta mil russos em armas hoje às portas da Pomerânia e os sessenta mil franceses que combatem nas abas de Francfort. Mas que Magogue haja expectorado à direita ou à esquerda ao pé do Cáucaso, tenha dado duas ou três voltas em redor de um poço, haja dormido do lado esquerdo ou direito, não vejo como possa isso ter influído capitalmente na resolução tomada pela imperatriz da Rússia Elizabete de enviar um exército em socorro da imperatriz romana Maria Teresa. Que meu cão sonhe ou não quando dorme, não percebo que relação poderá ter tão importante fato com os negócios do grão mogol.

É necessário atentar em que nem tudo é cheio na natureza e que nem todo movimento se transmite consecutivamente até descrever a volta ao mundo. Lance-se n'água um corpo de mesma densidade. Facilmente se compreenderá que ao cabo de algum tempo assim o movimento do corpo como aquele que comunicou à água se extinguem. O movimento consome-se e repara-se. Por conseguinte o movimento que possa ter produzido Magogue escarrando num poço não

pode ter influência no que hoje se passa. na Rússia e na Prússia. Nem todos os acontecimentos pretéritos são pais dos acontecimentos presentes. Todo acontecimento atual provém em linhas diretas do passado. Porém milhares de linhas colaterais há que em nada os interessam. Repitamos: tudo tem pai, mas nem tudo tem filhos. Retornaremos ao assunto ao falar do Destino.

CARÁTER

A palavra grega impressão, gravura. É o que em nós gravou a natureza. Podemos apagá-lo? Transcendental questão. Se tenho o nariz de esconso e olhos de gato, posso escondê-los sob uma máscara. Poderei encobrir melhor o caráter?

Apresenta-se perante Francisco I de França, a fim de queixar-se de uma preterição, um indivíduo de natural violento e impetuoso. O semblante do príncipe, a postura respeitosa dos cortesãos, o local mesmo impressionam-no fundamente. Maquinalmente baixa os olhos, a voz rude se abranda e faz o pedido humildemente. Crer-se-ia nascido tão manso quanto os cortesãos em meio dos quais parece quase desconsertado. Entretanto facilmente descobre Francisco I em seus olhos baixos, porém acesos de um fogo sombrio, nos músculos retesos do rosto, nos lábios contracerrados, que esse homem não é tão humilde como aparenta. Esse homem acompanha-o a Pávia, é aprisionado com ele e com ele levado para Madri. Já não lhe infunde a mesma impressão a majestade do rei. Familiariza-se com o objeto de seu respeito. Um dia, ao descalçar-lhe as botas, e fazendo-o desleixadamente, Francisco, azedado pelo infortúnio, ralha-lhe. Nosso homem manda o rei plantar batatas e atira as botas pela janela.

Nascera Sixto Quinto petulante, opiniático, soberbo, impetuoso, vingativo, arrogante. As provas do noviciado parecem ter-lhe adoçado o caráter. Mal começa a desfrutar de certo crédito em sua ordem, lança-se contra um guardião e alomba-o a punhadas. Inquisidor em Veneza, exerce o cargo com insolência. Cardeal, é possuído della rabbia papale. Embuça na obscuridade sua pessoa e seu caráter. Mascara-se de humilde e moribundo. Elegem-no papa: é quando dá à mola do natural toda a elasticidade longo tempo retesada pela política. É o mais arrogante e despótico dos soberanos.

Naturam expellas furca, tamen usque recurret.

Religião, moral, são freios retentores do caráter. Não podem, porém, matá-lo. Enclausurado, reduzido a dois dedos de sidra às refeições, pode o bêbedo deixar de embriagar-se, mas ansiará sempre pelo vinho.

A idade amolenta o caráter. Transforma-o em uma árvore que não dá senão um ou outro fruto abastardado, mas sempre da mesma natureza. Enodoa-se, cobre-se de musgo, caruncha. Jamais deixará de ser carvalho ou pereira, porém. Se fosse possível alterar o caráter, a gente mesmo o plasmaria a bel prazer, seria senhor da natureza. Podemos lá criar alguma coisa? Não recebemos tudo? Experimentai animar o indolente de

contínua atividade, inspirar gosto à musica a quem careça de gosto e de ouvido. Não tereis melhor resultado do que se empreenderdes dar vista a cego de nascença. Nós aperfeiçoamos, esborcelamos, embuçamos o que nos estereogravou a natureza. Não há, porém, alterar-lhe a obra.

Direis a um criador: — O Sr. tem peixe demais nesse viveiro; assim eles não vingam. Seus campos estão sobrelotados de gado; o capim não dá, os animais emagrecerão. — Com isso deixa o nosso homem que as solhas lhe comam metade das carpas, e os lobos metade dos carneiros. Os restantes engordam. Gabar-se-á ele dessa economia? Este camponês és tu mesmo. Uma de tuas paixões devorou as outras, e tu julgas haver triunfado sobre ti próprio. Não parecemos quase todos nós com aquele velho general de noventa anos que, encontrando alguns jovens oficiais mexendo com umas moças, perguntou-lhes colérico: “Senhores, é esse o exemplo que lhes dou?”.

CATECISMO CHINÊS

(Ou diálogos de Cu Su, discípulo de Cong-fu-tseu, com o príncipe Cu, filho do rei de Lou, tributário do imperador çhinês Gnenvã, 417 anos antes da nossa era. Traduzido em latim pelo padre Fouquet ex-jesuíta. Encontra-se o manuscrito na biblioteca do Vaticano, número 42.759).

C.

Que devo entender quando me dizem que adore o céu (Chang ti)?

C. S.

Não se trata do céu material que vemos, que não é outra coisa senão ar, composição de todas as emanações da terra. Imenso disparate seria adorar vapores.

C.

Pois não me surpreenderia. Parece-me que os homens cometeram disparates ainda maiores.

C. S.

De fato. Mas vós estais destinado a governar. Cumpre-vos ser sábio.

C.

Há tantos povos que adoram o céu e os planetas!

C. S.

Os planetas não passam de mundos como o nosso. Temos tanto motivo para adorar a areia e o barro da Lua, por exemplo, como a Lua para se pôr de joelhos diante da areia e do barro da Terra.

C.

Que se quer dizer quando se fala: O céu e a terra, acenda ao céu, seja digno do céu?

C. S.

Diz-se tremenda asneira. Não existe céu: cada planeta é circundado como que de uma casca chamada atmosfera, e gira no espaço em torno de seu sol. Cada sol é centro de porção de planetas que o acompanham espaço em fora. Não existe alto nem baixo, subida nem descida. Compreendeis que se habitantes da Lua dissessem que se sobe para a Terra, que era preciso tornar-se digno da Terra, diriam um absurdo. Da mesma forma proferimos uma frase sem nexo quando dizemos ser necessário fazer-se digno do céu. É como se disséssemos: é preciso tornar-se digno do ar, digno da constelação do Dragão, digno do espaço.

C.

Creio compreender. Devemos adorar somente o Deus que criou o céu e a terra.

C. S.

Isso! Só Deus merece ser adorado. Mas quando dizemos que Deus fez o céu e a terra, piamente proferimos uma grande ingenuidade. Porque, se por céu entendemos o espaço portentoso em que Deus acendeu tantos sóis e fez girar tantos mundos, é mais ridículo dizer o céu o a terra do que dizer as montanhas e um grão de areia. Infinitamente menor que um grão de areia é o nosso globo perto desses quintilhões de mundos, em meio aos quais desaparecemos. Tudo o que podemos fazer é juntar nossa débil voz ao coro dos seres incontáveis que no abismo da amplidão rendem homenagem a Deus.

C.

Então enganaram-nos quando nos disseram que Fo desceu do quarto céu e se nos apresentou sob a forma de um elefante branco?

C. S.

Isso são histórias que os bonzos contam às crianças e aos velhos. Não devemos adorar senão o autor eterno de todos os seres.

C.

Mas como pôde um ser fazer os outros?

C. S.

Olhai aquela estrela — Acha-se a um trilhão e quinhentos bilhões de lis(12) do nosso minúsculo globo. Dela projetam-se raios que vêm formar em nossos olhos dois ângulos iguais pelo vértice. Os mesmos ângulos formam nos olhos de todos os animais. Não vedes nisso um desígnio evidente? Não vedes nisso uma lei admirável? Ora, quem faz uma obra senão um obreiro? Quem elabora leis senão um legislador? Existe pois um obreiro, um legislador eterno.

C.

Mas quem fez esse obreiro? Como é ele?

C. S.

Meu príncipe, passeando ontem pelos arredores do palácio mandado construir pelo rei vosso pai, ouvi dois grilos conversando, um dos quais dizia: — Que palácio formidável! — Sim, — disse o outro — com toda a minha presunção confesso que deve ser alguém mais poderoso que os grilos o autor de tal prodígio. Mas nem imagino quem seja. Vejo que há de existir, mas não sei quem é.

C.

Confesso serdes um grilo mais entendido que eu. O que me agrada em vós é não pretenderdes saber o que ignorais.

.

Segundo diálogo

.

C. S.

Então convindes haja um ser todo poderoso, existente por si próprio, supremo artesão de toda a natureza?

C.

Sim. Mas se existe por si mesmo nada pode demarcá-lo, está em toda parte. Acha-se então em toda a matéria, em todas as partes de mim mesmo?

C. S.

Por que não?

C.

Nesse caso eu próprio seria parte da divindade.

C. S.

Não me parece certa a conclusão. Este caco de vidro é de todos os lados penetrado pela luz. Entanto será ele luz? Não; é simplesmente areia. Tudo está em Deus, não resta dúvida: o que tudo anima em tudo deve estar. Deus não é como o imperador da China, que mora em um palácio e transmite suas ordens por calao. Desde que exista, necessário é que sua existência encha todo o espaço e todas as suas obras. E já que está em vós é uma advertência contínua para que nada façais que vos possa envergonhar em sua presença.

C.

Que fazer para ousar olhar-se a si mesmo sem repugnância e sem pejo diante do ser supremo?

C. S.

Ser justo.

C.

Que mais?

C. S.

Ser justo.

C.

Mas diz a seita de Lao Quium não existir justiça nem injustiça, vício nem virtude.

C. S.

Diz a seita de Lao Quium não existir saúde nem doença?

C.

Não, ela não diria tamanho absurdo.

C. S.

Absurdo tão grande e mais funesto é pensar não existir saúde nem moléstia da alma, virtude nem vício. Os que disseram ser tudo a mesma coisa são monstros. Será a mesma coisa criar o filho ou esmagá-lo em cima de uma pedra? Assistir à mãe ou cravar-lhe um punhal no coração?

C.

Fazeis-me estremecer. Eu execro a seita de Lao Quium. Mas são tantos os matizes do justo e do injusto! As vezes fica-se perplexo. Quem saberá precisamente o que é permitido e o que não o é? Quem será capaz de estabelecer seguramente as fronteiras que separam o bem do mal? Que norma me dais para discerni-los?

C. S.

As normas de Cong-fu-tseu, meu mestre: “Vive como ao morrer desejarias ter vivido. Trata o próximo como queres que ele te trate”.

C.

Confesso que tais máximas devem ser o código do gênero humano. Mas que me importará ao morrer ter bem vivido? Que ganharei com isso? Acaso, ao se quebrar, se sentirá feliz aquele relógio por haver bem soado as horas?

C. S.

Aquele relógio não sente, não pensa Não pode ter remorsos, ao passo que vós os tendes quando vos sentis culpado.

C.

E se, após cometer muitos crimes, vier a não mais os sentir?

C. S.

Nesse caso seria preciso reprimir-vos. E ficai certo que entre os homens que não gostam de ser oprimidos alguém haveria que vos tolheria as mãos.

C.

Quer dizer que Deus, que está neles, consentiria que fossem maus depois de tê-lo permitido a mim?

C. S.

Deus vos galardoou com a razão: que dela não abuseis nem vós nem eles. Não somente seríeis infeliz nesta vida, como ainda quem vos disse não o seríeis em outra?

C.

Quem vos disse existir outra vida?

C. S.

Na dúvida, procedei como se existisse.

C.

Se eu tivesse certeza de que não existe?

C. S.

Desafio-vos.

Terceiro diálogo

C.

Mas para poder ser punido ou recompensado quando deixar de existir, forçoso é que subsista em mim algo que sinta e que pense. Ora, se antes de nascer nada de mim havia que sentisse ou pensasse, como haverá depois que morrer? Que poderia ser essa parte inconceptível de mim mesmo? Subsistirá o zumbido daquela abelha à sua morte? Subsistirá a vegetação desta planta a seu desarraigamento? Vegetação não é uma

palavra de que nos servimos para exprimir a maneira inexplicável como quis o Ser Supremo que a planta absorvesse os sucos da terra? Tal e qual, alma é uma palavra inventada para exprimir pobremente e obscuramente os princípios essenciais da vida humana. Todos os animais se movem. A esse poder de mover-se chamamos força ativa. Mas não existe um ser distinto — força ativa. Temos paixões, memória, razão. Porém razão, memória, paixões não são, é claro, coisas a parte. Não são seres em nós existentes. Não são indivíduos de existência própria: são termos genéricos por nós inventados para expressarmos nossas idéias. Alma — memória, razão, paixões — não passa pois de uma palavra. Quem anima a natureza de movimento? Deus. Quem faz vegetar as plantas? Deus. Quem dá vida aos animais? Deus. Quem gera o pensamento humano? Deus.

Se a alma humana fosse um anãozinho que habitasse o nosso corpo, governando-nos os movimentos e as idéias, não denotaria isso impotência e artifício indignos do eterno artesão do mundo? Não seria ele capaz de fazer átomos por si próprios dotados de movimento e pensamento? Ensinastes-me grego, fizestes-me ler Homero. Reputo Vulcano um ferreiro divino quando faz trípodas de ouro que se apresentam sozinhas perante o conselho dos deuses. Vil charlatão parecer-me-ia porém se houvesse

escondido no corpo das trípodas um moleque que, sem que ninguém percebesse, as fizesse mover-se.

Criaram frios sonhadores a fantasia de atribuir o movimento dos astros a gênios que incessantemente os impelissem espaço em fora. Mas Deus não poderia ver-se reduzido a tão mísero recurso. Em uma palavra, para que duas molas quando basta uma? Não ousareis negar tenha Deus o poder de animar o ente pouco conhecido a que chamamos matéria. Por que então haveria de recorrer a outro agente?

Mais: que seria essa alma que tão liberalmente dais ao nosso corpo? De onde veio? Quando? Seria preciso plantar-se tempo sem tempo o Criador do universo a coca da união de homem e mulher, observando atentamente o instante em que saísse um germe do corpo do homem e entrasse no corpo da mulher para então enviar-lhe às pressas uma alma? E se o germe morresse, que seria da alma? Teria sido criada inutilmente, ou esperaria outra oportunidade.

Estranha ocupação para o senhor do mundo. Tanto mais que não se veria abarbado apenas com as cópulas da espécie humana: precisaria ter olhos para a reprodução de todos os animais, porque todos os animais têm memória, idéias, paixões. E se para criar sentimentos, memória,

idéias, paixões fosse necessária uma alma, cumpriria a Deus afanar-se incessantemente a forjar almas para elefantes, pulgas, mochos, peixes, bonzos.

Que idéia teríeis do arquiteto de tantos milhões de mundos apeado a fazer cavilhas invisíveis da manhã à noite a fim de perpetuar sua obra?

Aí tendes ínfima parte das razões que me fazem duvidar da existência da alma.

C. S.

Raciocinais de boa fé. E vosso sincero parecer, errôneo embora, há de ser grato ao Ser Supremo. Podeis enganar-vos, mas não o procurais. Sois, pois, desculpável. Mas vede que não me propusestes senão dúvidas, e dúvidas tristes. Admiti verossimilhanças mais consoladoras. É duro ser aniquilado; esperai viver. Sabeis que um pensamento não é matéria, nada tem que ver com a matéria: por que há de ser tão difícil crerdes que Deus vos haja inoculado um princípio divino que — indissolúvel — escape é morte? Ousareis dizer impossível terdes uma alma? Não, certamente. E sendo possível, não será muito provável? Enjeitareis um sistema tão belo e tão necessário ao gênero humano? Por somenos impedimentos?

C.

Grato ser-me-ia abraçar tal sistema, de vez que me fosse provado. Não sou. senhor de ver o que não enxergo. Sempre me impressionou a idéia grandiosa de que Deus tudo criou, em tudo está, tudo penetra, a tudo inspira vida e movimento. E se, estando em toda a natureza, se acha em todas as partículas do meu ser, não vejo que necessidade tenho de uma alma. Para que um pequeno ente subalterno, quando sou animado do próprio Deus? De que me serviria essa alma? Nossas próprias idéias, não somos nós quem as elaboramos: acodem-nos não raro a despeito de nós mesmos; temo-las enquanto dormimos. Tudo em nós se opera sem a nossa intervenção. Por mais que a alma dissesse ao sangue e aos espíritos animais: Circulai, peço-vos, de tal ou tal maneira, eles circulariam eternamente e impassivelmente da forma que Deus lhes ditou. Prefiro ser máquina de um Deus que se me evidencia a sê-la de uma alma de cuja existência duvido.

C. S.

Pois bem! Se vos anima o próprio Deus, nunca profaneis com crimes a sua presença. E se vos deu uma alma, que essa alma jamais o ofenda. Num sistema como noutro tendes vontade. Sois livre, dispondes do poder de fazer o

que quiserdes; usai desse poder para servir a Deus que vo-lo outorgou. Bom é que sejais filósofo: necessário que sejais justo. Sê-lo-eis ainda mais quando crerdes possuir uma alma imortal.

Dignai-vos responder-me: não é verdade ser Deus a suma justiça?

C.

Sem dúvida. E ainda que fosse possível deixar de sê-la (o que é uma blasfêmia) eu mesmo quereria proceder com eqüidade.

C. S.

Quando estiverdes no trono, não é verdade ser vosso dever recompensar as ações virtuosas e punir as culposas? Quereríeis que Deus não fizesse o que vós mesmo fareis? Sabeis que há e sempre haverá nesta vida virtudes infelizes e crimes impunes. Necessário é pois que bem e mal encontrem seu julgamento em outra existência. Foi esta idéia tão simples, tão natural, tão geral que gerou em tantas nações a crença da imortalidade da alma e da justiça divina, que a julgará quando se despir do despojo mortal. Haverá sistema mais razoável, mais conforme à Divindade e mais útil ao gênero humano?

C.

Por que então muitas nações não o abraçaram? Sabeis haver em nossa província coisa de duzentas famílias de antigos sinús(13) que habitaram outrora parte da Arábia Pétrea. Pois nem eles nem seus avitos jamais creram a alma imortal. Têm seus Cinco Livros, como nós temos nossos Cinco Quings(14). Li-lhes a tradução; suas leis, necessariamente semelhantes às de todos os outros povos, ordenam-lhes respeitar os pais, não furtar, não mentir, não cometer o adultério nem o homicídio. Não lhes falam, porém, de recompensas e castigos em outra vida.

C. S.

Se essa idéia ainda não se desenvolveu nesse pobre povo, desenvolver-se-á sem dúvida algum dia. Demais, que nos importa uma insignificante e miserável nação quando babilônios, egípcios, hindus, todos os povos civilizados admitiram esse dogma tão salutar? Se estivésseis doente, refugaríeis um remédio aprovado por todos os chineses só porque meia dúzia de bárbaros das montanhas não o tomariam? Deus concedeu-vos a razão, e diz-vos a razão que a alma deve ser imortal. É o próprio Deus que vo-lo diz, portanto.

C.

Mas como poderei ser recompensado ou punido quando já não for eu mesmo, quando nada existir do que constitui a minha pessoa?

Tão somente por força da memória é que sou sempre eu mesmo. Ora, a memória, perdê-la-ei na derradeira doença. Haverá então um milagre depois de minha morte que ma restitua, para que eu retorne à existência?

C. S.

Nesse caso um príncipe que houvesse decapitado a família para reinar, tiranizado os súditos, eximir-se-ia de culpa dizendo a Deus: — Não fui eu, eu perdi a memória, vós vos equivocais, eu já não sou a mesma pessoa. — Julgais que Deus se daria por achado com semelhante sofisma?

C.

Pois bem. Seja, rendo-me. Se praticaria o bem por mim próprio, fá-lo-ei igualmente para comprazer ao Ser Supremo. Eu pensava bastar minha alma ser justa nesta vida para ser feliz em outra. Vejo que tal opinião é boa para os povos e para os príncipes, mas o culto de Deus me preocupa.

Quarto diálogo

C. S.

Que achais de esquisito em nosso Chu Quing, esse primeiro livro canônico tão respeitado por todos os imperadores chineses? Para servir de exemplo ao povo trabalhais um campo com as próprias mãos reais e dele ofertais as primícias a Chang-ti, a Tien, ao Ser Supremo. A ele sacrificais quatro vezes ao ano. Sois rei e pontífice. Prometeis a Deus todo o bem que estiver em vosso poder. Não há nisso algo que repugne?

C.

Sei que Deus não tem nenhuma necessidade de nossos sacrifícios e de nossas preces. Nós é que temos precisão de nos sacrificarmos e de orar. O culto de Deus não foi estabelecido por ele, mas por nós. Muito me apraz orar, e quero sobretudo que minhas orações não sejam ridículas. Porque se me ponho a gritar que "a montanha do Chang-ti é uma montanha gorda, é que não se deve olhar para as montanhas gordas,"(15) e faço fugir o Sol e apagar a Lua, seriam essas algarvias do agrado do Ser Supremo, úteis a meus súdito e a mim mesmo?

Não suporto principalmente a demência das seitas. De um lado vejo Lao Tseu concebido pela união do céu e da terra e cuja mãe o carregou no ventre durante oitenta anos. Não tenho mais fé em sua doutrina do aniquilamento e da renúncia

universal que nos cabelos brancos com que nasceu ou na vaca preta que montou para ir pregar sua doutrina.

Não creio mais no deus Fo, ainda que tenha tido por pai um elefante branco e prometa a vida eterna.

Mais que tudo me desagrada serem tais fantasias continuamente pregadas pelos bonzos, que seduzem o povo para governá-lo. Fazem-se respeitáveis por mortificações que repugnam à natureza. Uns se privam toda a vida dos alimentos mais salutares, como se não se pudesse agradar a Deus senão com um mau regime. Outros põem argolas de ferro no pescoço, o que por vezes lhes dá um ar digníssimo. Enterram cravos nas coxas, como se fossem tábuas. E o povo segue-os em chusma. Se um rei decreta um édito que os desagrada, dizem-vos friamente que tal édito não se encontra no comentário do deus Fo, e que mais vale obedecer a Deus que aos homens. Como remediar tão extravagante e nociva doença popular? Sabeis ser a tolerância o princípio do governo da China como de todos os povos da Ásia. Não vos parece, porém, funesta semelhante indulgência, quando expõe um império a ser transtornado por opiniões fanáticas?

C. S.

Que o Chang-ti me livre de querer desenvolver em vós o espírito de tolerância, virtude tão respeitável, que é para a alma o que é para o corpo a liberdade de saciar a fome. Permite a lei natural a cada um crer o que quiser, como se alimentar do que bem entender. O médico não pode matar os clientes por não terem observado a dieta prescrita. Não assiste ao príncipe o direito de mandar prender os súdito que não pensarem como ele. Mas cumpre-lhe prevenir perturbações, e se for sábio, facílimo lhe será extirpar as superstições. Sabeis o que se passou com Daão, sexto rei da Caldéia, há cerca de quatro mil anos?

C.

Não. Dar-me-eis prazer contando-mo.

C. S.

Os sacerdotes caldeus adoravam as solhas do Eufrates. Diziam que uma solha memorável — Oanés — ensinara-lhes outrora a teologia, que essa solha era imortal, tinha três pés de comprido e um pequeno crescente na cauda. Por amor de Oanés era proibido comer solhas. Levantou-se grande barulho entre os teólogos a fim de saber se a solha Oanés era macho ou fêmea Os dois partidos se excomungaram reciprocamente e por não poucas vezes chegou-se a vias de fato. Eis o que fez o rei Daão para pôr termo à referta.

Ordenou a ambas as facções um rigoroso jejum de três dias, findo o qual chamou à sua presença os partidários da solha fêmea, que assistiram a seu jantar. Mandou trazer uma solha de três pês de comprimento, em cuja cauda fizera desenhar um crescente.

— É este o vosso deus? — perguntou aos doutores.

— Sim, majestade. Tem o crescente na cauda e seguramente há de ter ovas.

Ordenou o rei que se abrisse a solha, que se evidenciou macho.

—.Estais vendo não ser o vosso deus, pois não tem ovas, — concluiu o rei. E comeu-a com seus sátrapas, com grande regozijo dos teólogos das ovas, que viam frito o deus dos adversários.

Em seguida mandou virem os doutores do outro partido. Mostrou-lhes um deus de três pés de longo, com um crescente na cauda e que tinha ovas. Afirmaram os doutores ser o deus Oanés, e que era macho. Como da primeira vez, o rei mandou fritá-lo e viu-se que era fêmea. Então, evidenciando-se ambos os partidos igualmente tolos, e como não tivessem almoçado, disse-lhes o bom rei Daão que não tinha senão solhas para dar-lhes de jantar. E os doutores comeram-nas gulosamente, fossem fêmeas ou machos.

Terminou a guerra civil, todos bendisseram o rei e de então em diante toda gente fez servir à mesa quantas solhas lhe aprouvesse.

C.

Muito simpatizo com o rei Daão. Prometo imitá-lo na primeira ocasião que se apresentar. Sem violências, hei de impedir o quanto possa que se adorem Fos e solhas.

Sei que existem em Pegú e Tonquim pequenos deuses e talapões que dizem fazer baixar a lua no minguante e predizer claramente o futuro, isto é, verdadeiramente o que não existe, porque o futuro não existe. No que de mim depender, vedarei aos talapões virem ao meu império inventar o futuro e arriar à lua.

Que humilhação haver seitas que vão de cidade em cidade a propagar seus mitos, como charlatães vendendo suas drogas! Que opróbrio para o espírito humano presumirem naçõezinhas insignificantes ser a verdade exclusividade sua, e que o vasto império da China chafurde no erro! Então não seria o Ser Supremo senão o deus da ilha Formosa ou de Bornéu? Abandonaria o resto do mundo ? Meu caro Cu Su, ele é o pai de todos os homens. A todos permite comer solhas. Ser virtuoso é a mais digna homenagem que se lhe possa render. Um coração puro é o mais sublime dos templos, como dizia o grande imperador Hiao.

Quinto diálogo

C. S.

De vez que amais a virtude, como a praticareis quando fordes rei?

Não sendo injusto nem para com meus vizinhos nem para com meu povo.

C. S.

Não basta não fazer o mal. Devereis praticar o bem. Dareis o que comer aos pobres empregando-os em trabalhos úteis, e não presenteando-os com a ociosidade. Embelezareis as estradas reais, abrireis canais, construireis edifícios públicos, estimulareis as artes, premiareis o mérito em que quer que se manifeste, perdoareis as faltas involuntárias.

C.

A isso chamo não ser injusto. Trata-se de deveres.

C. S.

Pensais como verdadeiro rei. Mas há o rei e o homem, a vida pública e a vida privada. Logo vos casareis. Quantas esposas contais ter?

C.

Tenho que uma dúzia será o suficiente. Mais poderia furtar-me ao trabalho. Não gosto desses reis que têm trezentas esposas e setecentas concubinas, e milhares de eunucos para servi-las. Essa mania de eunucos sobretudo parece-me um tremendo ultraje à natureza humana. Que se capem, quando muito, os galos. Com isso ficam melhores de comer. Nunca se viram, porém, eunucos na panela. Para que mutilá-los? Tem o dalai lama cinqüenta eunucos para cantarem em seu pagode. Gostaria de saber se é grato ao Chang-ti ouvir as vozes de taquara rachada desses cinqüenta desmembrados.

Acho também muito ridículos esses bonzos que não se casam. Gabam-se de ser mais sábios que os demais chineses. Pois bem! Que façam então filhos sábios. Boa moda essa honrar o Chang-ti privando-o de adoradores! Singular maneira de servir o gênero humano, dando-lhe o exemplo da própria extinção! Dizia o bom pequeno lama Stelca ed isant Errepi(16) que todo padre devia fazer o maior número de filhos possível. Ele próprio dava o exemplo e foi muito útil em seu tempo. Por mim casarei todos os

lamas e bonzos e lamizas e bonzas que tiverem vocação para esta santa obra. Serão melhores cidadãos, e com isso creio prestar grande benefício ao reino de Lou.

C. S.

Oh que excelente príncipe teremos! Fazeis-me chorar de alegria. Mas certamente não tereis só mulheres e súdito. Porque afinal não se pode passar a vida a lavrar éditos e fabricar filhos. Sem dúvida tereis amigos?

C.

Já os tenho, e bons. Advertem-me de meus defeitos e eu tomo a liberdade de apontar-lhes os seus. Consola-me e eu os consolo. A amizade é o bálsamo da vida, bálsamo superior ao do químico Erueil(17) e até aos saquetes do grande Ranoud(18). Admira-me não se haver feito da amizade um preceito de religião. Desejaria inseri-lo em nosso ritual.

C. S.

Preservai-vos de semelhante arbitrariedade. A amizade já é sagrada por si mesma. Nunca a forceis. O coração precisa ser livre. Se fizésseis da amizade um preceito, um mistério, um rito, uma cerimônia, milhares de bonzos, pregando e escrevendo suas tolices, cobririam esse

sentimento de ridículo. Não deveis expô-lo a semelhante profanação.

Mas como procedereis em relação aos vossos inimigos? Vinte vezes recomenda Cong-fu-tseu que os amemos. Não vos parece um pouco difícil?

C.

Amar os próprios inimigos? Se é tão comum!

C. S.

Como o entendeis?

C.

Como é de mister, creio; Fiz o aprendizado da guerra sob o príncipe de Décon(19) contra o príncipe de Vis Brunck. Quando um inimigo era ferido e caía em nossas mãos; tratávamo-lo como se fosse nosso irmão. Muitas vezes demos o próprio leito a inimigos feridos e prisioneiros, dormindo-lhes ao pé sobre peles de tigre estendidas no chão. Servíamo-los nós mesmos. Que mais quereríeis? Que os amássemos como se ama às amantes?

C. S.

Muito me edifica tudo o que dissestes, e desejaria que todas as nações vos compreendessem. Porque me afirmam haver

povos assaz impertinentes para dizer que nós não conhecemos a verdadeira virtude, que nossas boas ações não passam de pecados esplêndidos, que necessitamos das lições de seus talapões para que nos ensinem bons princípios. Coitados! Mal aprenderam a ler e escrever e já querem ensinar aos próprios mestres!

Sexto diálogo

C. S.

Não vos repetirei todos os lugares comuns que há cinco ou seis mil anos se repisam entre nós acerca de todas as virtudes. Há virtudes que não o são senão para nós mesmos, como a prudência para guiar a alma, a temperança para governar o corpo — meros preceitos de política e higiene. Verdadeiras virtudes são as virtudes úteis à sociedade: fidelidade, magnanimidade, beneficência, tolerância, etc. Graças aos céus não há avó entre nós que não ensine aos netos todas essas virtudes. Elas constituem o cimento da nossa juventude, na cidade como na aldeia. Há contudo uma grande virtude que começa a ser esquecida, o que é deplorável.

C.

Qual é? Vamos, dizei-me, eu tomarei a peito realentá-la.

C. S.

A hospitalidade. Essa virtude tão social, esse sagrado liame entre os homens, que começa a relaxar-se desde que temos tavernas. Ao que dizem, veio-nos essa perniciosa instituição de certos selvagens do Ocidente. Parece que esses miseráveis não têm casas para acolher os viajores. Que prazer receber na grande cidade de Lou, na linda praça de Honchã, na casa de Qui, um generoso estrangeiro recém chegado de Samarcande, para quem me tornaria de então em diante um homem sagrado e a quem todas as leis — divinas e humanas — obrigariam a receber-me em sua casa quando eu viajasse pela Tartária e a ser meu amigo íntimo!

Os bárbaros de que vos falava só recebem os forasteiros quando pagos, e ainda assim em achavascados cochicholos. Vendem caro esse acolho miserável. Apesar de tudo ouço dizer que essa pobre gente se presume superior a nós e se vangloria de ter moral mais pura. Querem que seus pregadores falem melhor que Cong-fu-tseu. Enfim pretendem ensinar-nos justiça por venderem mau vinho nas estradas reais, suas mulheres saírem como loucas pelas ruas e

dançarem enquanto as nossas cultivam bichos de seda.

C.

Acho plausível a hospitalidade e pratico-a com prazer. Mas receio o abuso. Existem, nas cercanias do grande Tibete, povos que vivem pessimamente alojados, amantes de andejar, que sem motivo algum seriam capazes de palmilhar o mundo de ponta a ponta. Entanto, se fordes ao grande Tibete desfrutar entre eles do direito da hospitalidade, não vos darão cama nem comida. Coisas tais podem fazer desgostar da polidez.

C. S.

O mal é pequeno e fácil de remediar, não se recebendo senão pessoas bem recomendadas. Não há virtude que não ofereça seus riscos. Por isso mesmo é belo abraçá-las.

Quão santo e sábio é o nosso Cong-fu-tseu! Não há virtude que não inspire. Em suas sentenças está a felicidade dos homens. Eis uma que me vem à memória — a qüinquagésima terceira:

Recompensai os benefícios com benefícios e jamais vos vingueis das injúrias.

Qual a máxima, qual a lei dos povos do Ocidente comparável a moral tão pura? Em

quantos passos preceitua Cong-fu-tseu a humildade! Se os homens praticassem esta virtude jamais haveria querelas sobre a terra.

C.

Li tudo o que escreveram Cong-fu-tseu e os árabes dos séculos passados a respeito da humildade. Mas ninguém me parece tê-la definido com exatidão. Talvez seja pouca humildade atrever-me a increpá-los, mas tenho pelo menos a humildade de confessar não os haver compreendido. Dizei-me, que pensais dessa virtude?

C. S.

Obedecer-vos-ei humildemente. Reputo a humildade a modéstia da alma, porque a modéstia exterior não passa de civilidade. Ser humilde não é negar a si próprio uma superioridade que se possa ter adquirido sobre outrem. Um bom médico não pode deixar de reconhecer saber mais que seu cliente em delírio. Força é que um professor de astronomia admita ser mais ciente que seus discípulos. Não podendo negá-lo, não deve todavia presumir-se. Humildade não é abjeção: é corretivo do amor próprio, como a modéstia o é do orgulho.

C.

Pois bem! É no exercício de todas essas virtudes e no culto de um Deus simples e universal que quero viver, longe dos delírios dos sofistas e das ilusões dos falsos profetas. No trono, o amor ao próximo será minha virtude, o amor a Deus minha religião. Desprezarei o deus Fo e Lao Tseu e Vichnú, que tantas vezes se encarnou entre os hindus, e Samonocodom, que baixou do céu para fazer de escaravelho entre os siameses, e os camis, vindos da lua ao Japão.

Desgraçado do povo suficientemente cretino e bárbaro para pensar existir um Deus exclusivamente para o recanto do mundo em que habita! É uma blasfêmia. Se a luz do sol alumia todos os olhos, não iluminaria a luz de Deus mais que uma mísera nação num canto do globo! Que blasfêmia! Que dislate! A Divindade fala ao coração de todos os homens, e de extremo a extremo do mundo devem uní-los os laços da caridade.

C. S.

O sábio filho o rei de Lou! Falastes como que inspirado pelo próprio Chang-ti. Sereis um príncipe digno. Fui vosso mestre, agora sou vosso discípulo.

CATECISMO DO JAPONÊS[20]

Hindu

É verdade que antigamente os japoneses não sabiam cozinhar, que haviam entregue seu reino ao grande lama, que o grande lama decidia soberanamente do que devíeis comer e beber e de tempos em tempos vos enviava um pequeno lama a fim de cobrar tributos, pagando-vos com um sinal de proteção feito com os dois primeiros dedos e o polegar?

Japonês

Ai! Nada mais verdadeiro. Todos os cargos de canusi[21] — os grandes cozinheiros da nossa ilha — conferia-os o lama, e não certamente por amor de Deus. Além disso todas as famílias seculares pagavam uma onça de prata por ano a esse grande cozinheiro do Tibete. Em paga dava-nos minguados pratos de horrível paladar chamados sobejos. E quando lhe dava na veneta alguma nova fantasia, como declarar guerra aos povos do Tangate, escorchava-nos com subsídios suplementares. Muitas vezes nos queixamos, porém baldamente, quando não nos fazia pagar mais ainda. Por fim o amor, que tudo resolve maravilhosamente, libertou-nos dessa servidão. Um de nossos imperadores desaveio-se com o grande lama por causa. de uma mulher. Mas

devo confessar que quem mais nos valeram nessa questão foram os nossos canusi, também chamados paiscospie. A eles devemos a libertação.

Eis o que se deu.

O grande lama tinha uma mania engraçada: julgava sempre ter razão. Uma vez ou outra, pelo menos, queriam os nossos canusi tê-la também. O grande lama achou absurda tamanha pretensão. Nossos canusi não arredaram pé e romperam definitivamente com ele.

Hindu

E de então em diante vivestes sem dúvida felizes e tranqüilos?

Japonês

Não inteiramente. Fomos perseguidos, dilacerados, devorados durante perto de dois séculos. Em vão pleiteavam nossos canusi ter razão. Somente há cem anos são razoáveis. Também, desde então podemos orgulhosamente considerar-nos uma das nações mais felizes da terra.

Hindu

Como podeis ser felizes se — a crer no que me disseram — vosso império se acha dilacerado

por doze facções de cozinha? No mínimo tereis doze guerras civis por ano.

Japonês

Por que? Será que por termos doze chefes de cozinha, cada qual com uma receita diferente, deveremos matar-nos em vez de jantar? Pelo contrário, comeremos todos às mil maravilhas, cada um do cozinheiro que mais lhe agradar.

Hindu

De fato gostos não se devem discutir. A história, porém, é que ninguém se compenetra disso. Discutem, e da discussão às do cabo é um passo.

Japonês

Depois de muito discutirmos, vendo que com isso só tínhamos que perder, acabamos optando tolerar-nos mutuamente. Era, não há dúvida, o melhor partido que nos restava tomar.

Hindu

Poderíeis dizer-me quais são os chefes de cozinha que partilham a vossa nação na arte de beber e comer?

Japonês

Primeiramente há os breuseh, que em caso algum vos dariam morcela ou lardo. Preconizam as fontes puras da cozinha do tempo do onça. Prefeririam morrer a mordiscar um frango. Quanto ao mais, exímios calculadores, e fosse o caso de dividir uma onça de prata entre eles e os onze outros cozinheiros, açambarcariam logo a metade, deixando o resto para os que melhor soubessem contar.

Hindu

Presumo não costumais cear com gente tão esdrúxula?

Japonês

Claro. Em seguida vêm os pispatas, que em determinados dias da semana e em boa parte do ano prefeririam cem vezes comer rodelas de rodovalhos, trutas, linguados, salmões, esturjões, a saborear uma fritada de vitela que lhes ficaria por um nada.

Quanto a nós outros canusi, somos devotos apreciadores de carne de vaca e de certa pastelaria que em japonês se diz pudim. Toda gente convém em que os nossos cozinheiros sejam muito mais hábeis que os dos pispatas. Ninguém melhor que nós sabe preparar o garum dos romanos, as cebolas do antigo Egito, a pasta de gafanhoto dos primeiros árabes, a carne de

cavalo dos tártaros. Sempre há o que aprender nos livros dos canusi, comumente chamados paiscospie.

Escuso-me de falar dos que comem a Teluro, assim como dos adeptos do regime de Vicalno, dos batistandos e que tais. Os quekars, porém, merecem atenção particular. São os únicos convivas que nunca vi se emborracharem nem praguejarem. Dificílimos de enganar, também nunca enganam ninguém. Parece que a lei que manda amar o próximo como a si mesmo foi feita especialmente para eles. Porque, verdade se diga, como pode um japonês dizer amar o próximo como a si próprio se por uma bagatela mete-lhe uma bala de chumbo na cabeça ou decapita-o com um cris de quatro dedos de largo? Quando ele próprio vive em constante risco de ser degolado ou engolir balas de chumbo? Com mais propriedade se dirá que ele odeia o próximo como a si mesmo. Os quekars nunca tiveram desses furores. Dizem eles serem os homens efêmeros vasos de argila e que não vale a pena se despedaçarem deliberadamente uns contra os outros.

Confesso que se não fosse canusi não me desagradaria ser quekar. Força é reconhecer que não há meio de brigar com cozinheiros tão pacíficos. Há outros, em número incontável, a que chamamos diestas. Dão os diestas de comer

a toda gente indiferentemente e em sua casa sois livre de comer o que vos der na língua — recheado, lardeado, sem recheio, sem lardo, com ovos, com óleo; perdiz, salmão, vinho palhete, vinho tinto, tudo lhes é indiferente. Contanto que façais alguma oração a Deus antes ou após o jantar, ou simplesmente antes do almoço, e sejais honrado, de bom grado rirão convosco à custa do grande lama, de Vicalno, de Memnão e o mais que segue. Felizmente reconhecem que nossos canusi são doutíssimos em matéria culinária, e sobretudo nunca falam em cercear nossas rendas. Assim, vivemos na mais edênica harmonia.

Hindu

Mas a final deve haver uma cozinha predominante, a cozinha do rei.

Japonês

Confesso-o. Mas naturalmente depois de seus gordos banquetes o rei está derretendo de bom humor e não põe embargos à digestão de ninguém.

Hindu

E se algum cabeça dura encasquetar de comer no nariz do rei salsichas que lhe repugnem? Se se reunirem armados de grelhas

quatro ou cinco mil desses indivíduos para cozer suas salsichas? Se insultarem as pessoas avessas e salsichas?

Japonês

Nesse caso será preciso puni-los como bêbedos que perturbam o repouso dos cidadãos. Previmos o perigo. Só os que comem à real são contemplados com as dignidades do estado. Todos os outros podem comer como lhes ditar a fantasia, porém são excluídos dos cargos. Soberanamente interditos e punidos sem remissão são os tumultos à mesa. Atalha-se cuidadosamente toda discussão, consoante o preceito do grande cozinheiro japonês Sufi Raho Cus Flac(22), que escreveu na língua sagrada:

Natis in usum laetitae scyphis
pugnare Thracum est...

O que quer dizer: O jantar foi feito para gáudio recatado e mundo, e não se devem atirar copos à cabeça.

Com essas máximas vivemos felizmente em nossa terra. A liberdade individual roborou-se sob os nossos tecosema. Cresce nossa riqueza. Possuímos duzentos juncos de linha, e constituímos o terror dos nossos vizinhos.

Hindu

Por que motivo então o bom versificador Recina[23], filho do poeta indiano do mesmo nome, tão delicado, tão exato, tão harmonioso, tão eloqüente, disse em uma obra didática rimada intitulada A Graça (não As Graças):

O Japão, onde brilharam tantas luzes,
hoje é um triste acervo de loucas visões —?

Japonês

O próprio Recina de que me falais é um grande visionário. Ignorará esse mísero hindu que fomos nós quem lhe ensinamos o que é a luz? Que se na Índia conhecem a rota dos planetas, a nós o devem? Que fomos nós quem ensinamos aos homens as leis primordiais da natureza e o cálculo do infinito. Que, se é preciso descer a coisas mais triviais, conosco aprenderam os hindus a construir juncos segundo proporções matemáticas? Que nos devem até os borzeguins chamados meias do ofício com que cobrem as pernas? Seria possível que tendo inventado tantas coisas admiráveis ou úteis não fôssemos nós mais que loucos, e que um homem que escreveu em versos os desvairos de outrem fosse o único sábio? Deixe-nos com a nossa cozinha, e se quiser que faça versos sobre assuntos mais poéticos.

Hindu

Que quereis. Ele está intoxicado dos preconceitos de sua terra, de seu partido e dos seus próprios.

Japonês

Arre! Quanto preconceito!

Ariston

Então, caro Teótimo, ides ser pároco no interior?

Teótimo

É verdade. Deram-me uma paroquiazinha, mas prefiro-a a uma grande. Minha inteligência e atividade são restritas. Não poderia, por certo, dirigir setenta mil almas, pois só tenho uma. Admirou-me sempre a confiança dos que põem ombros à empresa de manobrar o leme desses imensos distritos. A mim me falecem forças para me abalançar a tanto. Um rebanho muito grande me amedronta, conquanto possa prestar algum benefício a um pequeno. Estudei suficientemente jurisprudência para impedir, tanto quanto me for possível, que meus paroquianos se arruinem em demandas. Sei de medicina o bastante para prescrever-lhes remédios simples quando caírem doentes. Conheço de agricultura o quanto basta para dar-lhes lá uma vez ou outra um conselho útil. O senhor do lugar e sua esposa são pessoas honradas, que me ajudarão a praticar o bem. Espero ser feliz e felizes fazer os meus paroquianos.

Ariston

Não sentis não ter uma esposa Seria um grande consolo. Como seria agradável encontrardes no lar, após haver pregado, cantado, confessado, comungado, batizado, enterrado, uma mulherzinha doce e virtuosa, que cuidasse de vossa roupa e de vossa pessoa, que vos desagastasse na saúde e vos assistisse na doença, que vos brindasse com bonitos filhos cuja boa educação aproveitaria ao estado! Lamento-vos, a vós que servis aos homens, de vos ver privado de tão necessário lenitivo.

Teótimo

A igreja grega incita os clérigos ao casamento. O mesmo faz a igreja anglicana e os protestantes. Diversamente pensa a igreja latina, e forçoso é que me submeta. Talvez hoje, que o espírito filosófico realizou tão notáveis progressos, um concilio instituísse leis mais consoantes à humanidade que o concílio de Trento. Nesse em meio, porém, devo conformar-me às leis vigentes. É custoso, bem o sei, mas tanta gente melhor que eu a tanto se resignou que não devo murmurar.

Ariston

Sábio sois e sábia é a vossa eloquência. Como contais pregar aos camponeses?

Teótimo

Como pregaria a reis. Falar-lhes-ei a todo instante de moral e jamais de controvérsias. Defende-me Deus aprofundar a graça concomitante, a graça eficaz a que se resiste, a suficiente que não basta. Veda-me inquirir se tinham corpo os anjos que comeram com Abraão e Ló, ou se fingiram comer. Há mil coisas que meu auditório não entenderia, e eu tão pouco. Diligenciarei fazer gente de bem e igualmente sê-lo. Mas não farei teólogos, e se-lo-ei o menos possível.

Ariston

Oh que excelente cura! Hei de comprar uma casa de campo na vossa paróquia. Que pensais da confissão?

Teótimo

A confissão é um ótimo freio contra os crimes, que nos legou a mais remota antigüidade. Era costume, outrora, confessar-se na celebração de todos os mistérios. Imitamos e santificamos esta sábia usança. A confissão move os corações ulcerados de ódio a perdoar e os ladrões à devolução do furto. Tem suas inconveniências: há muitos confessores indiscretos, particularmente entre os monges, que não raro ensinam às moças mais indecências que todos os rapazes de uma aldeia. Nada de pormenores na confissão. Não se trata de interrogatório judicial, senão do

reconhecimento das próprias faltas perante Deus, feito por um pecador nas mãos de outro pecador, que de seu turno também se acusará. Não se faz esse desabafo salutar para satisfazer a curiosidade de ninguém.

Ariston

E a excomunhão? Usá-la-eis?

Teótimo

Não. Há rituais em que se excomungam as bailarinas, os feiticeiros e os comediantes. Não precisarei proibir a entrada à igreja às bailarinas, pois nunca a freqüentam. Não excomungarei os feiticeiros, pois não os há. Quanto aos comediantes, como os pensiona o rei e autoriza-os o magistrado, abster-me-ei de os difamar. Até vos confesso, como a amigo, que muito aprecio a comédia. quando não vai de encontro aos costumes. Nutro verdadeira paixão a O Misantropo, Atália e outras peças que me parecem da escola da virtude e do decoro. O senhor da minha aldeia faz representar em seu castelo peças dessa natureza por jovens de talento. Tais espetáculos inspiram a virtude em consórcio com o prazer. Educam o gosto, ensinam a bem falar e bem pronunciar. Não vejo nisso senão uma recreação inocente e até muito útil. Conto, para ilustrar-me, assistir a esses

espetáculos. Fa-lo-ei todavia em camarote fechado, para não escandalizar os simples.

Ariston

Quanto mais me revelais vossos sentimentos, mais desejo tornar-me vosso paroquiano. Uma coisa preocupa-me: como fareis para evitar que os campônios se embriaguem nos dias de festa? É essa a solenidade com que as celebram. Haveis de vê-los prostrados pelo álcool, cabeça pensa, mãos descaídas, estrouvinhados, reduzidos a estado mais vil que o dos brutos, reconduzidos titubeantes para casa pelas esposas desfeitas em pranto, incapazes de enfrentar o trabalho no dia seguinte, muitas vezes doentes e embrutecidos para o resto da existência. Ve-los-eis, enfunados pelo vinho, travar rixas sangrentas, atarracarem-se como feras, e não raro desfecharem em morte estas cenas que cobrem de opróbrio a espécie humana. Perde o estado mais súdito em festas do que em batalhas. Como atalhareis em vossa paróquia tão execrando abuso?

Teótimo

Meu partido está tomado. Consentirei, instarei até que cultivem seus campos nos dias de festa, após o serviço divino, que celebrarei ao alvorecer. O ócio do feriado é que os leva à taverna. Não há cabida, nos dias consagrados ao trabalho, para a devassidão e o assassínio. O

trabalho moderado é propiciador de saúde do corpo e da alma. Demais, necessita-o o estado. Suponhamos pessimistamente cinco milhões de homens cujo trabalho diário renda dez mil réis por indivíduo. Ao cabo de um ano, cinco milhões de homens inúteis durante trinta dias serão trinta vezes cinco milhões de notas de dez mil réis perdidas pelo estado em mão de obra. Ora, claro é que Deus jamais preceituou semelhantes desperdícios e borracheiras.

Ariston

Assim conciliareis a religião e o trabalho. Um e outro foram prescritos por Deus. Servireis a Deus e ao próximo. Mas que partido tomareis em face das disputas eclesiásticas?

Teótimo

Nenhum. Como controverter a virtude, se a virtude provém de Deus? Discutir, só as opiniões dos homens.

Ariston

Oh excelente pároco! Sapientissimo pároco!

CERTO, CERTEZA

Que idade tem vosso amigo Cristóvão?

Vinte e oito anos. Vi sua certidão de casamento e de batismo, conheço-o desde criança. Tem vinte e oito anos, tenho certeza, estou certo.

Mal acabo de ouvir a resposta desse homem tão seguro do que diz e de vinte outros que o corroboram, venho a saber que, por motivos secretos e singular engenho, se antedatou a certidão de batismo de Cristóvão. Aqueles com quem falei nada sabem ainda. No entanto, sempre tiveram certeza do que não é.

Se perguntásseis a todos os homens antes de Copérnico:

— O sol levantou-se hoje? O sol se pôs?

— Temos absoluta certeza — responder-vos-iam à uma

Tinham certeza, e no entanto estavam errados.

Sortilégios, adivinhações, obsessões foram durante longo tempo as coisas mais certas do mundo aos olhos de todos os povos. Quanta gente presa dessas ilusões não estava certa do que

presumia ver! Hoje acha-se menos em voga essa certeza.

Vem visitar-me um jovem estudante de geometria. Principiante, ainda se acha às voltas com a definição dos triângulos.

— Não é certo — pergunto-lhe — que os três ângulos de um triângulo são iguais a dois ângulos retos?

— Não só não tenho certeza — responde-me — como nem sequer compreendo claramente essa proposição.

Demonstro-lha. Certifica-se, e para o resto da vida.

Eis aí uma certeza muito diferente das anteriores. Aquelas não eram mais que probabilidades que, examinadas, revelaram-se erros. A certeza matemática, porém, é imutável e eterna.

Existo. Penso. Sinto. Será isso tão certo quanto uma verdade geométrica? Sim. Por que? Porque as verdades se provam pelo princípio de que nada pode ser e não ser ao mesmo tempo. Não Posso existir e simultaneamente não existir, sentir e não sentir. Um triângulo não pode ter cento e oitenta graus — a soma de dois ângulos retos — e ao mesmo tempo não os ter.

De mesmo valor são pois a certeza física de que existo, de que sinto e a certeza matemática, embora de gêneros diversos.

O mesmo não acontece com a certeza que se funda em aparências ou testemunhos unânimes dos homens.

— Ora essa! Então não estais certo de que Pequim existe? Não tendes em casa estofos de Pequim! Indivíduos dos mais diversos países e opiniões, que escreveram violentamente uns contra os outros pregando a verdade em Pequim, não vos asseveraram a existência dessa cidade?

— Acho muitíssimo provável ter existido tal cidade. Mas não apostaria a vida em como exista, se bem não hesite em apostá-la em como os três ângulos de um triângulo perfazem dois retos.

Estampou-se no Dictionnaire Encyclopédique uma coisa jovialíssima. Sustenta-se lá que, se mo dissesse toda Paris, eu deveria estar tão seguro, tão certo de que o marechal de Saxe ressuscitou, como o estou de que ele venceu a batalha de Fontenoy, quando toda Paris mo assevera. O raciocínio é admirável: Creio em Paris quando toda ela me diz coisa moralmente possível; portanto não devo cre-la quando me diz coisa moral e fisicamente impossível.

Parece que o autor queria rir, e que o outro autor que se extasia ao fim desse artigo escrito contra si próprio também o queria.

CÉU DOS ANTIGOS (O)

Se um bicho da seda desse o nome de céu ao frouxel que lhe envolve o casulo, não raciocinaria pior que os antigos chamando céu à atmosfera, que é, como muito bem diz o Sr. de Fontenelle em seus Mondes, o cotão do nosso casulo.

Os vapores que se exalam dos mares e do solo e formam as nuvens, os meteoros e os trovões, foram a princípio tomados pela morada dos deuses. Em Homero os deuses sempre descem em nuvens de ouro. Vem daí ainda hoje representarem-nos os pintores sentados em uma nuvem. Mas como era justo estivesse o senhor dos deuses mais a vontade que os outros, deram-lhe uma águia por veículo, por ser a ave que mais alto voa.

Vendo os senhores das cidades morarem em cidadelas eretas nas assomadas das montanhas, julgaram os antigos gregos que os deuses também. deviam ter uma cidadela, e colocaram-na na Tessália, no monte Olimpo, cujo vértice não raro se amortalha de nuvens De sorte que seu palácio se achava no mesmo nível do céu.

Estrelas e planetas, que parecem engastados na abóbada azul da atmosfera, foram transformados em outras tantas moradas de deuses. Sete dentre estes tiveram cada um seu

planeta. Os outros alojaram-se onde melhor puderam. Em sala a que conduzia a via láctea reunia-se o conselho geral dos deuses: necessário era que tivessem seu congresso no ar, já que os homens tinham seus paços municipais na terra.

Quando os titãs, espécie de animais entre os deuses e os homens, declararam uma guerra justíssima aos deuses em vindicação de sua herança paterna — sendo como eram filhos do Céu e da Terra — não tiveram mais que empilhar duas ou três montanhas umas sobre outras para se tornarem senhores do céu e do castelo do Olimpo.

Neve foret terris securior arduus aether,
affectasse ferunt regnum coeleste gigantes,
altaque congestos struxisse ad sidera montes.

Essa física de crianças e de velhos era antiquíssima. Contudo é muito provável tivessem os caldeus idéias tão sãs quanto nós do que se chama o céu. Colocavam eles o Sol no centro do nosso mundo planetário, em distância da Terra aproximadamente a mesma reconhecida hoje. Em torno do Sol faziam girar a Terra e todos os planetas, ensina-nos Aristarco de Samos. É o verdadeiro sistema do universo, posteriormente reeditado por Copérnico. Os filósofos, porém, guardavam o segredo para si, a fim de serem

mais respeitados pelos reis e pelo povo, ou antes, para não serem perseguidos.

É tão familiar aos homens a linguagem do erro que ainda chamamos céu aos vapores e ao espaço entre a Terra e a Lua. Dizemos subir ao céu, como dizemos que o Sol gira, conquanto saibamos que não é assim. Possivelmente, para habitantes da Lua, nós é que somos o céu. Cada planeta coloca o seu céu no planeta vizinho.

Se se perguntasse a Homero para que céu tinha ido a alma de Sarpédon, onde estava a de Hércules, pôr-se-ia o grande poeta em calças pardas. Certamente responderia com versos harmoniosos.

Como saber se a alma aérea de Hércules se acharia mais a vontade em Vênus ou Saturno que na Terra? Ou estaria no Sol? É de crer que não estivesse muito a vontade nessa fornalha. Finalmente, que entenderiam os antigos por o céu? Ignoravam o que fosse. Sempre disseram o céu e a terra. É como se dissessem o infinito e um átomo. Propriamente falando não existe céu. O que há é uma quantidade prodigiosa de globos girando no vazio do espaço, um dos quais é a Terra.

Criam os antigos que ir aos céus era subir. A verdade, porém, é que não se sobe de um astro a outro. Estão os corpos celestes tanto abaixo como

acima do nosso horizonte. Assim, supondo que, tendo vindo a Pafos, Vênus regressasse a seu planeta quando este se houvesse posto, não subiria em relação ao nosso horizonte: pelo contrário, desceria, e nesse caso deveria dizer-se descer ao céu. Porém os antigos não alcançavam tais sutilezas. Tinham noções vagas, incertas, contraditórias sobre tudo que concernia à, física. Escreveram-se volumes de légua e meia a fim de saber o que pensavam acerca de um sem número de questões que tais. Bastariam duas palavras: não pensavam.

Sempre é bom excetuar alguns sábios Mas vieram mais tarde. Poucos manifestaram seus pensamentos, e foi o quanto bastou para que os charlatães os mandassem para o céu pelo caminho mais curto

Pretendeu um escritor, chamado, creio; Pluche, promover Moisés a grande físico. Já antes outro o conciliara com Descartes e dera à estampa o Cartesius Mosaizans. A dar-lhe ouvidos foi Moisés quem primeiro concebeu os turbilhões e a matéria sutil. É no entanto por de mais sabido que Deus, fazendo Moisés um grande legislador, um grande profeta, nem sequer lhe passou pela veneta fazê-lo professor de física. Moisés ensinou aos judeus qual era seu dever, mas não lhes disse palavra de filosofia. Calmet, que compilou às pazadas e sem nunca raciocinar,

fala de sistema dos hebreus. Porém esse povo grosseiro nunca teve sistema algum. Nem sequer possuíam escola de geometria. O termo era grego para eles. Sua ciência era o ofício de corretor e a usura.

Deparam-se em seus livros algumas idéias obscuras, incoerentes, dignas em tudo por tudo de um povo bárbaro, sobre a estrutura do céu. Seu primeiro céu era o ar. O firmamento, sólido e de gelo, sustinha as águas superiores, que ao tempo do dilúvio vazaram desse reservatório por portas, esclusas e cataratas.

Acima do firmamento ou das águas superiores estava o terceiro céu ou empíreo, para onde foi arrebatado S. Paulo. Formava o firmamento uma espécie de meia abóbada continente da Terra. O Sol não girava em torno da Terra porque sequer concebiam que a terra fosse redonda. Chegando ao ocidente, voltava ao oriente por caminho desconhecido. E se não se via era em virtude de que, como disse o barão de Foeneste, desandava de noite.

Todas essas fantasias, adotaram-nas os hebreus dos outros povos. Considerava o céu a maioria das nações, tirante a escola dos caldeus, como um sólido. A Terra, fixa e imóvel, era mais longa um grande terço de oriente a ocidente que de meio dia a norte. Daí as expressões longitude e

latitude, por nós perfilhadas. Claro que, desta forma, era impossível haver antípodas. Sto. Agostinho trata a idéia de antípodas de absurdo, e diz expressamente Lactâncio: “Haverá indivíduos tão estúpidos a ponto de crerem que possa haver homens de cabeça para baixo?”

Pergunta S. Crisóstomo em sua décima quarta homilia: “Onde estão os que pretendem que os céus sejam imóveis e de forma circular?”

Diz ainda Lactâncio no livro terceiro das Instituições: “Poderia demonstrar-vos com uma enfiada de argumentos que é impossível que o céu circunde a Terra”

Que diga quanto quiser o autor do Espetáculo da Natureza terem sido Lactâncio e S. Crisóstomo grandes filósofos. Responder-lhe-eis terem sido grandes santos e que para tanto não é indispensável ser bom astrônomo. Acreditá-los-eis no céu: mas força é confessardes que ignorais em que ponto precisamente.

CHINA (DA)

Vamos à China a procura de terra, como se nos faltasse. Tecidos, como se de tecidos carecêssemos. Certa erva para infundir n'água, como se nossos climas não produzissem símplices. Em paga timbramos em querer converter os chineses. Zelo plausibilíssimo. Mas nem por isso precisamos contestar sua antigüidade e lançar-lhes a tacha de idólatras. Que diríeis de um capuchinho que, depois de generosamente acolhido pelos Montmorency em um de seus castelos, quisesse persuadi-los de que são nobres feitos da noite para o dia, como os secretários do rei, e os acusasse de idólatras por encontrar no castelo duas ou três estátuas de condestáveis a quem os Montmorency votassem profundo respeito?

Proferiu certa vez o famoso Wolf, catedrático de matemáticas na universidade de Halle, um magnífico discurso em louvor da filosofia, chinesa. Elogiou a essa milenária. estirpe de homens — diferentes de nós pela barba, pelos olhos, pelo nariz, pelas orelhas e pelo raciocínio — o adorarem um Deus supremo e amarem a virtude Rendia essa justiça aos imperadores da China, aos colao, aos tribunais, às letras. A justiça que se rende aos bonzos é um pouco diferente.

Wolf atraía a Halle um milheiro de estudantes de todas as nações. Havia na mesma universidade um professor de teologia — atendia ao nome de Lange — que não atraía ninguém. Este homem, desesperado por gelar de frio sozinho no locutório, resolveu perder o professor de matemáticas. Macaqueando os de sua igualha, acusou-o de não crer em Deus.

Pretendiam alguns escritores europeus que nunca haviam estado na China que o governo de Pequim era ateu. Wolf elogiara Pequim. Logo, Wolf era ateu. Melhores silogismos nunca souberam forjar a inveja e o ódio. Corroborado por uma cabala e um protetor, achou o rei de Inglaterra conclusivo o argumento de Lange e propôs ao matemático um dilema formal: deixar Halle em vinte e quatro horas ou ser pendurado — Como tinha e quisesse conservar a cabeça no lugar, Wolf escolheu o primeiro alvitre. Sua retirada subtraiu ao rei duzentos ou trezentos mil escudos anuais, que era quanto fazia entrar no reino esse filósofo pela afluência de discípulos.

Serve este exemplo para mostrar aos soberanos que nem sempre é conveniente dar ouvidos à calúnia e sacrificar um grande homem à inveja de um imbecil.

Voltemos à China.

Como é que nos atrevemos, nós, cá do fim do Ocidente, a disputar encarniçadamente e com torrentes de injúrias por deslindar se houve ou não catorze príncipes na China antes do imperador Fo-hi, e se Fo-hi viveu a três mil ou dois mil e novecentos anos antes da era vulgar? Engraçadíssimo que dois irlandeses se pusessem a brigar em Dublin por saber quem foi, no século XII, o possessor das terras que hoje me pertencem. Não é evidente que deveriam deixá-lo a mim, que tenho os arquivos em mãos?

O mesmo, penso eu, é o caso dos primeiros imperadores da China: cumpre recorrer aos tribunais do país

Agatanhai-vos quanto vos aprouver por amor dos catorze primeiros príncipes que reinaram antes de Fo-hi. Não conseguirão provar vossos bate-bocas mais que já então era a China densamente povoada e vivia sob o império da lei. Agora pergunto-vos: não supõe prodigiosa antigüidade uma nação sedimentada, com leis e príncipes? Pensai em quanto tempo é necessário para que singular concurso de circunstâncias leve a descobrir o ferro nas minas, se empregue na agricultura e se inventem as artes.

Os que fazem filhos a penadas imaginaram um cálculo interessantíssimo. Por uma suputação do arco da velha, dá o jesuíta Pétau à

terra, duzentos e oitenta e cinco anos após o dilúvio, população cem vezes maior do que não ousamos atribuir-lhe hoje. Menos cômicos não são os cálculos dos Cumberland e Whiston. Não tinham esses ingênuos senão que consultar os registros das nossas colônias na América para se desencantarem. Ficariam sabendo quão pouco se multiplica o gênero humano, e que não raro diminui em vez de aumentar.

Deixemos, pois, nós que somos de ontem, nós descendentes dos celtas, nós que mal acabamos de surribar as florestas de nosso selvagem habitáculo, deixemos os chineses e hindus desfrutarem em paz de seu maravilhoso clima e de sua antigüidade. Sobretudo demos de mão a essa história de xingar de idólatras o imperador da China e o subabe do Decã.

Não é preciso, todavia, ser fanático do mérito chinês É verdade ser a constituição desse império a melhor do mundo, a única fundada no poder paternal (o que não obsta que os mandarins não vivam a espancar os filhos), a única na qual é punido o governador de província que ao deixar o cargo não seja aclamado pelo povo. A única que instituiu prêmios à virtude, de passo que em todas as outras nações as leis se limitam a castigar o crime. A única que impôs suas leis aos próprios vencedores, enquanto nós ainda vivemos sujeitos aos costumes dos borgúndios, francos e

godos que nos avassalaram. Deve-se reconhecer, todavia, ser o vulgacho governado por bonzos tão canalha quanto o nosso. Que, como nós, não perdem ocasião de escorchar o estrangeiro Que nas ciências nos caranguejam a reboque com dois séculos de atraso. Que como a nós gafa-os sem conto de preconceitos ridículos. Que acreditam, como por muito tempo cremos, em talismãs e na astrologia judiciária.

Confessemos ainda que ficaram queixicaídos ante o nosso termômetro, ante o costume de gelarmos licores com salitre e ante todas as experiências de Torricelli e Otto de Guericke, exatamente como o ficamos, quando presenciamos pela primeira vez a esses brincos da física. Que seus médicos não curam melhor que os nossos as doenças mortais e que, tal qual como aqui, na China as moléstias triviais são relegadas aos cuidados exclusivos da natureza. Nada disso impede, porém, que há quatro mil anos, quando sequer sabíamos ler, já estivessem os chins de posse de todas as coisas essencialmente úteis de que hoje fazemos alarde.

CIRCUNCISÃO

Ao narrar o que lhe disseram os bárbaros cujos países viajou, Heródoto, como a maioria dos nossos viajores, não nos diz mais que tolices. Não devemos dar-lhe crédito, igualmente, quando fala da aventura de Giges e Candolo, de Árion montado num delfim, do oráculo consultado para saber o que fazia Creso, o qual respondeu que ele estava cozendo uma tartaruga numa panela tampada, do cavalo de Dario que, tendo sido o primeiro em nitrir, proclamou seu dono rei, e de cem outras fábulas próprias para divertir crianças e ser compiladas por retóricos. Quando, porém, fala do que viu, dos costumes dos povos que estudou, das, antigüidades que submeteu a exame, aí sim dirige-se a gente grande.

"Quero crer" — diz no livro Euterpe — "que os habitantes da Cólchida sejam originários do Egito. Julgo-o mais por mim mesmo que de outiva, porque verifiquei ser mais viva a recordação dos antigos egípcios na Cólchida que no Egito a lembrança dos velhos costumes de Colchos.

"Pretendia esse povo praieiro do Ponto Euxino ser uma colônia fundada por Sesostris. Quanto a mim, já o conjeturava, não somente por serem adustos e terem os cabelos frisados, mas porque

os povos da Cólchida, Egito e Etiópia são os únicos na terra que sempre praticaram a circuncisão. Quanto aos fenícios e aos habitantes da Palestina, confessam ter copiado tal prática aos egípcios. Da mesma forma os sírios, que hoje estanciam às abas do Termódon e da Parténia, e seus vizinhos mácrons reconhecem não haver muito tempo que se conformaram a esse costume egípcio. É esse até um dos principais atestados de sua ascendência. egipcíaca.

"Quanto à Etiópia e ao Egito, como a circuncisão é antiquíssima tanto num como noutro, não sei qual dos dois tenha importado essa cerimônia. O mais provável, contudo, é terem-na recebido os etíopes dos egípcios. Assim como, contrariamente, desterraram os fenícios o uso de circuncidar as crianças recém nascidas desde que se intensificou seu comércio com os gregos."

É evidente, de acordo com esse passo de Heródoto, que muitos foram os povos que receberam a circuncisão do Egito. Nenhum, porém, jamais pretendeu tê-la importado dos judeus. A quem atribuir então a origem desta prática: a uma nação de que confessam havê-la perfilhado cinco ou seis outras, ou a uma nação muito menos poderosa, menos comerciante, menos guerreira, encafurnada num canto da

Arábia Pétrea, que nunca comunicou a povo nenhum o mais insignificante de seus costumes?

Dizem os judeus ter sido outrora caritativamente acolhidos pelos egípcios. Não é muito verossímil haver o povo ínfimo imitado um uso do grande povo? Não é natural terem os judeus adotado um ou outro costume de seus senhores?

Conta Clemente de Alexandria que, viajando o Egito, Pitágoras foi obrigado a deixar circuncidar-se para ser admitido em seus mistérios. Quer dizer que era absolutamente imprescindível ser circunciso para ingressar no sacerdócio egípcio. Tal sacerdócio já existia quando José foi dar com os costados no país das pirâmides. Antiquíssimo era o governo, e as cerimônias se observavam com a mais escrupulosa exatidão.

Confessam os judeus ter permanecido duzentos e cinco anos no Egito. E dizem não haver praticado a circuncisão nesse espaço de tempo. Claro é por conseguinte que os egípcios não poderiam ter-lhes copiado essa prática enquanto os tiveram como hóspedes. Te-lo-iam feito posteriormente, depois de os judeus lhes haverem roubado todos os vasos que lhes tinham sido emprestados e se rasparem a sete pés para o deserto levando consigo o fruto do roubo,

segundo seu próprio testemunho? Adotará um senhor o selo da religião de um escravo que o roubou e fincou pé no mundo? Não o admite a natureza humana.

Diz-se no livro de Josué que os judeus foram circuncidados nos desertos: “Eu vos livrei do que constituía o vosso opróbrio entre os egípcios”. Ora, qual podia ser esse opróbrio para uma nação encravada entre a Fenícia, Arábia e Egito, senão o que os tornava desprezíveis aos olhos destes três povos? Como livrá-los desse opróbrio? Livrando-os de um pouco de prepúcio. Não é o sentido natural do trecho a cima citado?

Diz o Gênesis que Abraão foi circunciso. Mas Abraão esteve no Egito, que era havia muito reino florescente, governado por poderoso rei. Nada impede que nesse reino tão antigo fosse a circuncisão praticada desde muito tempo antes que se formasse a nação judaica. Demais a circuncisão de Abraão foi um caso insulado. Só depois de Josué foi que se vulgou entre seus pósteros esse sacramento.

Ora, antes de Josué os israelitas aprenderam, como eles mesmos confessam, muitos costumes dos egípcios. Imitaram-nos em não poucos sacrifícios, cerimônias, como os jejuns às vésperas das festas de Isis, as abluções, o costume de rapar a cabeça dos padres, o incenso,

o candelabro, o sacrifício da vaca ruça, a purificação com hissopo, a abstinência da carne de porco, a aversão aos utensílios de cozinha dos estrangeiros, tudo atestando que o diminuto povo hebreu, mau grado sua antipatia à grande nação egípcia, retivera infinidade de usos de seus ex-senhores. O bode Hazazel, que enviavam ao deserto carregado dos pecados do povo, era visível imitação de uma prática egípcia. Os próprios rabinos convêm em que a palavra Hazazel não é hebraica. Nada obsta portanto que os hebreu hajam imitado os egípcios na circuncisão, como o fizeram seus vizinhos árabes.

Nada de extraordinário há em que Deus, que santificou o batismo, tão antigo entre os asiáticos, santificasse também a circuncisão, não menos antiga entre os africanos. Já dissemos ser senhor de conferir suas graças aos sinais que se dignar eleger.

Demais de tudo, desde que, sob Josué, os judeus foram circuncisos, mantiveram essa prática até nossos dias. O mesmo fizeram os árabes. Os egípcios, porém, que a princípio circuncidavam os jovens de ambos os sexos, com o tempo deixaram de submeter as moças a tal operação, terminando por restringi-la aos sacerdotes, astrólogos e profetas. É o que nos ensinam Clemente de Alexandria e Orígenes.

Efetivamente, nunca se ouviu dizer que os Tolemeus tivessem sido circuncidados.

Os autores latinos, que tratam os judeus com tão profundo desprezo que lhes chamam curtas Apella, por derisão, credat Judaeus Appella, curti Judaei, não dão epítetos tais aos egípcios. Hoje a circuncisão é de regra no Egito, mas por outra razão: porque o mafomismo adotou a antiga circuncisão da Arábia.

Foi essa circuncisão árabe que passou à Etiópia, onde ainda se circuncidam os jovens de ambos os sexos.

Não há negar ser à primeira vista bem estranha a cerimônia da circuncisão. Mas note-se que em todos os tempos os sacerdotes do Oriente se consagraram a suas divindades por marcas particulares. Entre os padres de Baco o sinal era uma folha de hera gravada a buril. Diz Luciano que os devotos da deusa Tais imprimiam sinais no pulso e pescoço. Os sacerdotes de Cibele faziam-se eunucos.

É muito provável que os egípcios, que veneravam o instrumento da geração e carregavam-lhe a imagem em suas procissões, tivessem a idéia de oferecer a Isis e Osiris, deuses que presidiam a todos os fenômenos de reprodução, uma partícula do membro por que quiseram essas divindades que o gênero humano

se perpetuasse. São os antigos costumes orientais tão diferentes dos nossos que nada parecerá extraordinário a quem quer que tenha um pouco de leitura. Um parisiense fica admirado ao saber que os hotentotes cortam aos filhos um dos testículos. Os hotentotes ficariam admiradíssimos se soubessem que os parisienses conservam os dois.

CONVULSÕES

Dançou-se pelo ano de 1724 no cemitério de Saint-Médard. Deram-se no local um sem número de milagres, de que nos dá amostra uma canção da duquesa de Maine:

Um engraxate à real,
do pé esquerdo aleijado,
teve por graça especial
ser do direito privado

Como é sabido, as convulsões miraculosas continuaram até que foi posto um guarda no cemitério.

Em nome do rei veda-se entrar
doravante a Deus neste lugar.

Os jesuítas, como se sabe, já não podendo fazer de tais milagres desde que seu Xavier esgotara as graças da Companhia ressuscitando nove mortos contados a dedo, lembraram-se, para balançar o crédito dos jansenistas, de estampar uma imagem de Jesus Cristo vestido de jesuíta. Como ainda é sabido, escreveu um burlão do partido jansenista em baixo da estampa:

Que jesuítas manhosos!
De medo que vos amássemos,

estes monges engenhosos
vos vestiram à sua imagem.

Os jansenistas, a fim de melhor provar que jamais Cristo poderia tomar o hábito de jesuíta, puseram Paris de pernas para o ar e carrearam o mundo para sua banda. O conselheiro parlamentar Carré de Montgerou apresentou ao rei um relatório in-4 de todos esses milagres, atestados por milhares de testemunhas. Foi metido, como de direito, sob grades, onde se tratou de restabelecer-lhe o cérebro pelo regime. Mas a verdade sobrepaira a todas as perseguições: os milagres se perpetuaram durante trinta anos a fio, sem solução de continuidade. Chamava-se sóror Rosa, sóror Iluminada, sóror Prometida, sóror Confita: açoitavam-nas até o sangue, e no dia seguinte estavam como se nada houvesse acontecido. Vergastavam-lhe o estômago bem encouraçado, bem estofado, sem sequer sentirem. Punham-nas ao fogo, o rosto emplastado de pomadas, e nada de queimar. Enfim, como todas as artes se aperfeiçoam, terminou-se por fincar-lhes espadas nas carnes e por crucificá-las. Chegou-se até a crucificar um teólogo famoso(24), tudo para convencer o mundo do ridículo de certa bula, o que se poderia ter feito sem tanto custo. Nesse em meio jesuítas e jansenistas uniram-se contra o Espírito dos leis, e contra... e contra... e contra ...e contra... E temos o ousio, depois de tudo isso,

de escarnicar dos lapões, dos samoiedas e dos negros!

CORPO

Assim como não sabemos o que seja espírito, ignoramos o que seja corpo. Percebemo-lhe apenas propriedades. Mas que é o ente em que residem tais propriedades? Tudo é corpo, dizia Demócrito e Epicuro. Não existem corpos, contravinham os discípulos de Zênon de Eléia.

Berkeley, bispo de Cloyne, foi o último que, por cem sofismas capciosos, pretendeu provar que os corpos não existem. Eles não têm, disse, nem cor, nem odor, nem calor. Tudo isso está em vossas sensações e não nos objetos. O Sr. Berkeley podia ter-se poupado ao trabalho de demonstrar semelhante verdade: conhecemo-la de sobejo. Mas daí passa à extensão, à solidez, que são essências do corpo, e julga provar não haver extensão num retalho de pano verde porque em verdade o pano não é verde. A sensação do verde acha-se tão somente em vós: por conseguinte a impressão de extensão não está também senão em vós. Após destruir a extensão, conclui que a solidez cai consequentemente por si mesma, e que portanto nada existe além das nossas idéias. De sorte que, segundo esse doutor, dez mil homens trucidados por dez mil balas de canhão não passam em suma de dez mil apreensões da nossa alma.

Só mesmo o sr. bispo de Cloyne seria capaz de cometer tamanho ridículo. Presume demonstrar que não existe extensão porque com lunetas um corpo lhe parece quatro vezes maior que a olho desarmado, e quatro vezes menor com auxílio de outro vidro. Daí concluir que, não podendo um corpo ter quatro, dezesseis e um só pé de extensão ao mesmo tempo, tal extensão não existe. Logo nada existe. Bastava-lhe medi-lo e dizer: não importa o tamanho que me pareça ter, este corpo tem tantos centímetros.

Muito fácil lhe seria ver que o caso da extensão e da solidez não é o mesmo dos sons, das cores, dos sabores e dos odores. Claro que estes são impressões subjetivas em nós excitadas pela configuração das partes. A extensão, porém, não é sensação. Se se consumir este lenho, deixarei de sentir calor. Não sendo ferido o ar, não ouvirei. Estiole-se esta rosa e já não lhe sentirei o perfume. Independentemente de mim, entretanto, este lenho, este ar, esta rosa têm extensão.

Nem merece refutação o paradoxo de Berkeley.

Cai a talho saber o que o levara a semelhante paradoxo. Há muito tempo tive com ele algumas palestras. Disse-me que a origem de sua opinião era o não se poder conceber o que seja o sujeito

da extensão. Efetivamente ele triunfa em seu livro quando pergunta a Hilas o que é esse sujeito, esse substrato, essa substância. “É o corpo estendido” — responde Hilas. Então o bispo, sob o nome de Filonous, põe-se a escarnecê-lo. E o pobre Filonous, percebendo ter dito que a extensão é sujeito da extensão, e que cometeu uma rata, fica atalhado e confessa nada compreender, que não existe corpo nem tão pouco mundo material, que só existe o mundo intelectual.

Bastava Hilas dizer a Filonous: Nós nada sabemos sobre a essência desse sujeito, dessa substância estendida, sólida, divisível, móvel, figurada, etc. Não a conheço mais que o sujeito que pensa, que sente e que quer. Mas sua existência é tão inegável como a deste, pois tem propriedades essenciais de que não há despojá-lo.

Somos como a maior parte das damas de Paris, que se regalam em régios banquetes sem saber o que entra nos acepipes. Semelhantemente, desfrutamos dos.. corpos sem saber de que se compõem. De que é feito o corpo? De partes, que por sua vez se resolvem em outras partes. Que são as últimas partículas? Sempre corpos. Dividireis eternamente e jamais passareis disso.

Afinal um sutil filósofo, notando que um painel se compõe de ingredientes de natureza diversa, e uma casa de materiais dos quais nenhum é casa, imaginou (de maneira um pouco outra) serem os corpos constituídos de infinidade de seres infinitamente pequenos que não são corpos — as mônadas. Tal sistema não deixa de possuir certa exeqüibilidade, e se fosse revelado eu o creria até muito possível. Todos esses entes ínfimos seriam pontos matemáticos, espécies de almas que não esperariam mais que uma capa para se vestirem: seria uma metempsicose contínua. Uma mônada estaria ora numa baleia, ora numa árvore, ora no corpo de um pelotiqueiro. É um sistema e tanto. Tenho-o no mesmo conceito que a declinação dos átomos, as formas substanciais, a graça versátil e os vampiros de dom Calmet.

Pesquisas históricas. — Não poucos eruditos manifestaram sua surpresa em não se lhes deparar no historiador José o menor traço a respeito de Jesus Cristo. Porque todos são acordes hoje em que o breve trecho que lhe dedica o historiador fariseu em sua História foi interpolado. No entanto o pai de José devia ter sido testemunha de todos os milagres de Jesus. José era da casta sacerdotal, parente da rainha Mariana, esposa de Herodes. Esparrama-se nas mais ociosas minudências sobre os mais corriqueiros atos desse príncipe, e contudo não diz palavra sobre a vida ou morte de Jesus. Demais esse historiador, que não encapa nenhuma das crueldades de Herodes, cala o morticínio de todas as crianças por ele ordenado atento à nova de que nascera um rei judeu. Conta o calendário grego catorze mil crianças degoladas nessa ocasião. É o mais abominável dos crimes de todos os soberanos. Não tem símile na história da civilização. A acontecimento tão singular quanto execrável, entretanto, não faz a mais leve referência o melhor escritor que em todos os tempos possuíram os judeus, o único prezado por gregos e romanos. Tão pouco regista ele o aparecimento da nova estrela que teria acendido no céu após o nascimento do Redentor, fenômeno ruidoso que não devia escapar a um historiador

esclarecido como José. Mantém silêncio ainda sobre as trevas que, à morte do Salvador, com o sol a pino cobriram toda a terra por espaço de três horas, e sobre a grande quantidade de túmulos que então se abriram e a multidão dos justos ressurretos.

Não cessam os eruditos de manifestar sua surpresa de ver que nenhum historiador romano regista semelhantes prodígios, consumados sob o reinado de Tibério, aos olhos de uma guarnição e de um governador romano, que devia ter enviado ao imperador e ao senado relatório circunstanciado do mais miraculoso evento que ouvidos humanos ouviram contar. A própria Roma devia ter-se imerso durante três horas em espessas trevas. Deviam assinalar tamanho prodígio os fastos de Roma e de todas as nações. Deus não quis fossem tais coisas divinas escritas por mãos profanas.

Outras dificuldades empacham os eruditos na história dos Evangelhos. Observam eles que em S. Mateus Jesus diz aos escribas e aos fariseus que sobre eles recairia todo o sangue inocente derramado na terra, desde Abel até Zacarias, filho de Baraque, por eles assassinado no templo. Ora, a história dos hebreus não menciona, afirmam os eruditos, nenhum Zacarias morto no templo, nem antes nem depois do advento do Messias. O único historiador a

registar o fato é José, livro 4, capítulo 19, ao falar do sítio de Jerusalém. Daí suspeitaram eles ter o Evangelho segundo S. Mateus sido escrito depois da tomada de Jerusalém por Tito. Mas todas as dúvidas e objeções dessa espécie se dirimem desde que se considere a infinita diversão que forçosamente há de haver entre os livros divinamente inspirados e os livros dos homens. Aprouve a Deus envolver numa nuvem tão respeitável quanto obscura o seu nascimento, sua vida e sua morte. Em tudo diferem seus métodos dos nossos.

Outro ponto que tem quebrado a cabeça aos literatos é a diferença das duas genealogias de Cristo. S. Mateus dá por pai a José, Jacó, a Jacó, Matã, a Matã, Eleazar. S. Lucas, ao contrário, diz que José era filho de Heli, Heli de Matate, Matate de Leví, Leví de Jana, etc.

Engasga-os ainda a suposição de Jesus não ser filho de José, mas de Maria. Atalham-nos também certas dúvidas quanto aos milagres do nosso Redentor, atentos os escritos de Sto. Agostinho, Sto. Hilário e outros, que atribuíram ao relato de tais milagres sentido místico, alegórico. Exemplos: a figueira amaldiçoada e secada para não dar frutos, quando não era tempo de figo. Os demônios enviados no corpo de porcos, num país onde não havia porcos. A água transformada em vinho ao fim de um repasto,

quando os comensais já se achavam excitados. Todas essas críticas dos doutos, porém, confunde-as a fé, que com isso não faz senão aviventar-se. Outro não é o escopo deste artigo senão rastear o fio histórico e dar uma idéia tanto quanto possível exata dos fatos sobre que ninguém discute.

Primeiramente, Jesus nasceu sob a lei mosaica, segundo esta lei foi circuncidado, dela cumpriu todos os preceitos e celebrou todas as festas. Só pregou moral. Não revelou o mistério da própria encarnação nem disse aos judeus haver nascido de uma virgem. Recebeu a bênção de João nas águas do rio Jordão, cerimônia a que muitos judeus se submetiam, conquanto ele próprio jamais tenha batizado ninguém. Não falou dos sete sacramentos — Humanamente não se colocou em nenhuma hierarquia eclesiástica. Ocultou a seus contemporâneos ser filho de Deus, eternamente gerado, consubstancial a Deus, e que o Espírito Santo procedia do Pai e do Filho. Não disse que sua pessoa se compunha de duas naturezas e de duas vontades. Quis que esses grandes mistérios fossem revelados aos homens no decorrer dos tempos por aqueles que haviam de ser esclarecidos pelas luzes do Espírito Santo. Vivo, em nada se arredou da lei de seus pais. Não mostrou aos homens mais que um justo grato a Deus, perseguido pelos invejosos e condenado à morte por magistrados prevenidos.

Quis que sua Santa Igreja, por ele fundada, fizesse o resto.

Fala José no capítulo 12 de sua História de uma seita de judeus rigoristas, recentemente fundada por um tal Judas galileu — "Eles desprezam" — diz — "os males terrenos, triunfando dos tormentos pela constância. Preferem, pela glória, a morte à vida. Optaram sofrer ferro e fogo, deixar que lhes quebrassem os ossos a pronunciar a menor palavra contra seu legislador ou comer carnes vedadas".

O retrato parece quadrar aos judaístas e não aos essênios. Palavras de José: "Judas foi autor de uma nova seita, de todo ponto diversa das três outras — de saduceus, fariseus e essênios". A breve trecho: "São judeus de nacionalidade. Vivem unidos entre si, e consideram vício a volúpia". Denota o sentido natural da frase ser dos judaístas que fala o autor.

Seja como for, conheceram-se esses judaístas antes que os discípulos de Cristo constituíssem partido considerável no mundo.

Os terapeutas eram uma sociedade diferente de essênios e judaístas. Tiravam aos ginossofistas da Índia e aos bramas. "Anima-os" — atesta Fílon — "um ímpeto de amor celeste que os transporta ao entusiasmo dos bacantes e coribantes e guinda-os ao estado de contemplação a que

aspiram. Esta seita nasceu em Alexandria, então inçada de judeus, e alastrou ferazmente pelo Egito".

Os discípulos de João Batista também proliferaram um pouco no Egito, mas principalmente na Síria e Arábia. Medraram outrossim na Ásia Menor. Dizem os Atos dos Apóstolos (capítulo 19) haver Paulo encontrado muitos deles em Éfeso, aos quais indagou:

"— Recebestes o Espírito Santo

— Nem sequer ouvimos falar que houvesse um Espírito Santo.

— Que batismo recebestes

— O batismo de João."

Existiam, nos primeiros anos que se seguiram à morte de Cristo, sete sociedades ou seitas distintas entre os judeus: fariseus, saduceus, essênios, judaístas, terapeutas, discípulos de João e discípulos de Cristo, cujo diminuto rebanho Deus conduzia a sendas desconhecidas da sabedoria humana.

Foram os fiéis apelidados cristãos em Antióquia, por beira do ano 60 da era vulgar. No império romano, como adiante veremos, foram conhecidos por outros nomes De primeiro não se distinguiam senão pela denominação de irmãos,

santos ou fiéis. Deus, que baixara à terra a fim de ser exemplo de humildade e pobreza, dera assim toscos alicerces à sua igreja e guiara-a no mesmo estado de humilhação em que lhe aprouvera nascer. Foram os primeiros cristãos homens obscuros, trabalhadores manuais. Diz o apóstolo Paulo que ganhava a vida construindo tendas. S. Pedro ressuscitou a costureira Dorcas, que fazia os hábitos dos irmãos. Os fiéis reuniam-se em Jope, em casa de um curtidor de nome Simão, reza o capítulo 9 dos Atos dos Apóstolos.

Secretamente os fiéis se infiltraram na Grécia, e de lá alguns conseguiram transladar-se a Roma de contrabando com os judeus, a quem os romanos permitiam o funcionamento de uma sinagoga. Não se lhes separaram logo. Observavam a circuncisão e, como alhures já se advertiu, os quinze primeiros bispos de Jerusalém foram todos circuncidados.

Ao tomar consigo Timóteo, que era filho de pai gentio, o apóstolo Paulo circuncidou-o com as próprias mãos no lugarejo de Listra. Tito, porém, outro discípulo seu, não se deixou circuncidar. Mantiveram-se os irmãos discípulos de Cristo em união com os judeus até que Paulo foi perseguido em Jerusalém por levar estrangeiros ao templo. Acusavam-no os judeus de querer substituir a lei mosaica por Jesus Cristo. Foi para expungir-se dessa acusação que o apóstolo Jaques propôs ao

apóstolo Paulo fazer-se rapar a cabeça e purificar-se no templo com quatro judeus. que haviam feito voto de se barbearem. “Tomai-os convosco” — disse-lhe Jaques (capítulo 21, Atos dos Apóstolos). — “Purificai-vos com eles, e que todos saibam ser falso o que de vós se diz e que continuais a observar a lei de Moisés”.

Paulo foi criminado também de impiedade e heresia, e seu processo durou longo tempo. Evidencia-se porém das próprias acusações contra ele assacadas que ele viera a Jerusalém para observar os ritos judaicos.

São palavras textuais de Paulo a Festo (capítulo 25 dos Atos): “Não pequei nem contra a lei judaica nem contra o templo”.

Os apóstolos anunciavam Cristo como judeu, observador da lei judaica, enviado de Deus para fazê-la observar.

“A circuncisão é útil” — diz o apóstolo Paulo (capítulo 2, Epístolas aos Romanos) — “se observais a lei. Mas se a violais vossa circuncisão torna-se em prepúcio. Se o incircunciso observa a lei, é como se fosse circunciso. Verdadeiro judeu é o que o é interiormente”.

Ao falar de Jesus em suas Epístolas, não revela esse apóstolo o mistério inefável da consubstancialidade do Crucificado com Deus.

“Por ele fomos salvos” — diz (capítulo 5, Epístolas aos Romanos) “da cólera de Deus — Pela graça concedida a um só homem — Jesus Cristo — derramou-se sobre nós o dom divino. Pelo pecado de um só homem, reinou a morte. Por um só homem — Jesus — os justos reinarão.” E no capítulo 8: “Nós, os herdeiros de Deus e os co-herdeiros de Cristo.” No capítulo 16: “A Deus, que é o sábio único, honra e glória por Jesus Cristo. — Vós estais em Jesus, e Jesus está em Deus” (1a. Aos Coríntios, cap. 3). E (ibd., cap. 15, v. 27): “A ele tudo está sujeito, que a ele Deus tudo sujeitou”.

Teve-se certa dificuldade em explicar este lanço da Epístola aos Filipinos: “Nada façais por glória vã. Crede mutuamente pela humildade que os outros vos são superiores. Abrigai os mesmos sentimentos que Jesus, que, achando-se em missão de Deus, nem por isso cogitou usurpá-lo a ele se igualando”. Penetra-o e esclarece-lhe o verdadeiro sentido uma carta que nos legaram as igrejas de Viena e Lião, escrita no ano 117, precioso monumento da antigüidade. Louva-se nela a modéstia de alguns fiéis: “Eles não quiseram” — reza — “aureolar-se do título de mártires (por algumas tribulações) a exemplo de Jesus, que, em representação divina, não cogitou usurpar a qualidade de par de Deus”. Assim também diz Orígenes em seu Comentário sobre João: “Mais irradiante foi a grandeza de Jesus

humilhando-se do que se tivesse usurpado a paridade com Deus". Efetivamente, seria visível contra senso a interpretação contrária. Que significaria: "Crede os outros superiores a vós. Imitai Jesus, que não cogitou ser usurpação igualar-se a Deus"? Seria contradizer-se grosseiramente, seria dar um exemplo de grandeza por um exemplo de modéstia. Seria pecar contra o senso comum.

Assim fundava a sabedoria dos apóstolos a igreja nascente. Sabedoria que a disputa sobrevinda entre os apóstolos Pedro, Jaques e João de um lado e Paulo de outro não conseguiu turbar. Essa disputa sobreveio em Antióquia. O apóstolo Pedro, também chamado Cefas, ou ainda Simão Barjone, comia com os gentios conversos e com eles não observava as cerimônias da lei nem a distinção das carnes. Comiam, ele, Barnabé e outros discípulos, indiferentemente carne de porco, carnes afogadas de animais que tinham o pé fendido e que não ruminavam. Havendo chegado, entretanto, numerosos judeus cristãos, com eles S. Pedro retornou à abstinência das carnes proibidas e às cerimônias da lei mosaica.

A medida era prudente. Ele não queria escandalizar os judeus cristãos seus companheiros. Porém Paulo levantou-se contra ele com um pouco de dureza. "Eu lhe resistia" —

disse-lhe no rosto — “porque era condenável”. (Epístola aos Gálatas, cap. 2).

Essa querela parece tanto mais extraordinária da parte de S. Paulo quanto a princípio ele fora perseguidor, o que o devia tornar mais modesto, fizera sacrifícios no templo de Jerusalém, circuncidara seu discípulo Timóteo e cumprira os ritos judeus que agora censurava em Cefas. Pretende S. Jerônimo que essa disputa entre Paulo e Cefas era de encomenda. Diz em sua primeira Homilia, tomo 2, que eles fizeram como dois advogados que, para ter mais autoridade sobre os clientes, se escandecem e se aferrotoam no tribunal. E sugere que, pretendendo Pedro Cefas pregar aos judeus e Paulo aos gentios; simularam querelar, Paulo para carear os gentios, Pedro para conquistar os judeus. Sto. Agostinho, porém, não está pelos autos: “Amofina-me” — escreve na Epístola a Jerônimo — “que um tão grande homem se torne patrono do embuste, patronum mendacii”.

De mais a mais, se Pedro ia pregar aos judeus judaizantes e Paulo aos estrangeiros, é muito provável que Pedro não haja vindo a Roma. Nenhuma menção fazem dessa viagem os Atos dos Apóstolos.

Seja como for, foi por volta do ano 60 da nossa era que os cristãos começaram a desquitar-

se da comunhão judaica, o que tantas encrencas e perseguições lhes custou de parte das sinagogas de Roma, Grécia, Egito e Ásia. Acusaram-nos seus irmãos judeus de irreligiosidade, ateísmo e excomungavam-nos três vezes nos dias de sabate. Mas Deus protegeu-os em meio ao alude das perseguições.

Pouco a pouco proliferaram igrejas, e antes do fim do primeiro século ultimou-se o divórcio entre judeus e cristãos. O governo romano ignorava essa separação. Nem o senado nem os imperadores tinham olhos para as brigas de um partido insignificante que até então Deus conduzira na obscuridade e só insensivelmente trazia à luz diurna.

Balancemos o estado em que a esse tempo se achava a religião do império romano. Em quase toda a terra gozavam de crédito os mistérios e as expiações. Imperadores, grandes e filósofos, é verdade, não tinham a menor fé em tais mistérios. Mas o povo, que em matéria de religião dita a lei aos grandes, impunha-lhes a necessidade de se conformarem aparentemente com seu culto. Cumpre, para encadeá-lo, arrastar as mesmas cadeias que ele. O próprio Cícero iniciou-se nos mistérios de Eleusina. A concepção monoteica era o principal dogma que se anunciava nessas festas misteriosas e magníficas. Não há negar serem as orações e os hinos que

desses mistérios nos restam o que de mais piedoso e admirável possui o paganismo.

O serem os cristãos também monoteístas muito lhes facilitou a conversão dos gentios. Alguns filósofos da seita de Platão bandearam para o cristianismo. Aí está por que foram platônicos todos os padres da igreja dos três primeiros séculos.

O zelo inconsiderado de alguns não conseguiu opor empeços às verdades fundamentais. Reprovou-se a S. Justino, um dos primeiros padres, o haver dito em seu Comentário sobre Isaías que, em reinado de mil anos sobre a terra, os santos gozariam de todos os bens sensuais. Reputou-se-lhe crime o dizer na Apologia do Cristianismo que, tendo Deus criado a terra, deixou-a aos cuidados dos anjos, que, enamorando-se das mulheres, lhes fizeram filhos, que são os demônios.

Condenou-se a Lactâncio e outros padres o terem dado crédito aos oráculos das sibilas. Pretendia ele haver a sibila Eritréia composto estes quatro versos gregos, que traduzo à cortiça da letra: — Com cinco pães e dois peixes — ele alimentará cinco mil homens no deserto. — E, juntando os sobejos, — doze cestos encherá.

Acoimou-se outrossim aos primeiros cristãos a falsa alegação de certos versos acrósticos de

uma antiga sibila, os quais começavam todos pelas letras iniciais do nome de Jesus Cristo dispostas na mesma ordem.

Esses escrúpulos anticientíficos de alguns cristãos não impediram a igreja de realizar os progressos que lhe reservava Deus. Primitivamente os cristãos celebravam seus mistérios em casas retiradas, em subterrâneos, de noite. Daí, atesta Minútio Félix, lhes veio o apelido de lucifugaces. Fílon chamava-os gesseanos. Nos quatro primeiros séculos foram mais comumente conhecidos por galileus e nazarenos. Sobre todas essas denominações, todavia, prevaleceu a de cristãos.

Nem a hierarquia nem as práticas foram estabelecidas de uma vez. Os tempos apostólicos foram diferentes dos que se lhes seguiram. Ensina-nos S. Paulo (1a. Aos Coríntios) que estando os irmãos retinidos — circuncisos ou não — só podiam falar dois ou três profetas, e se entrementes alguém tivesse uma revelação, o profeta que tomara a palavra era obrigado a calar-se.

Sobre esse uso da igreja primitiva ainda hoje se fundam muitas comunhões cristãs, em cujas reuniões não há hierarquia. Inicialmente qualquer pessoa tinha o direito de falar na igreja, tirante as mulheres. A santa missa de hoje, que

se celebra de manhã, primitivamente celebrava-se à tarde e era a ceia. Esses costumes mudaram à proporção que a igreja se fortaleceu. Sociedade mais extensa exigia evidentemente maior número de regulamentos, e a prudência dos pastores soube conformar-se às diferenças de tempo e lugar.

Abonam S. Jerônimo e Eusébio que, constituídas as igrejas, paulatinamente foram se distinguindo cinco ordens eclesiásticas: os vigilantes. — episcopoi — de onde provêem os bispos; os antigos da sociedade — presbyteroi — padres; os serventes ou diáconos — diaconoi; pistoi — crentes, iniciados, isto é, os batizados, que participavam das ceias dos ágapes; finalmente os catecúmenos e energúmenos, candidatos ao batismo. O hábito era o mesmo para as cinco ordens. Todas deviam manter o celibato, testemunham o livro de Tertuliano dedicado a sua mulher e o exemplo dos apóstolos. Nos três primeiros séculos nenhuma representação, pintada ou esculpida, presidia a suas reuniões. Os cristãos escondiam cuidadosamente seus livros aos gentios, não os confiando senão aos iniciados. Nem aos catecúmenos era permitido recitar a oração dominical.

O que mais caracteristicamente distinguia os cristãos, e que veio até nossos dias, era o poder

de espantar os diabos com o sinal da cruz. Conta Orígenes no Tratado contra Celso, número 133, que Antinous, divinizado pelo imperador Adriano, fazia milagres no Egito por força de encantamentos e prestígios. Acrescenta, entretanto, bastar a simples pronunciação do nome de Jesus para os diabos deixarem o corpo dos possessos.

Tertuliano vai mais longe e dos fundos da África proclama: “Se vossos deuses não confessarem ser diabos na presença de um vero cristão, de bom grado vos veria derramar o sangue desse cristão”. (Apologética, capítulo 23). Haverá coisa mais evidente?

Efetivamente, Jesus Cristo enviou seus apóstolos a fim de correr os demônios. Dom de expulsá-los tiveram também os judeus, porque, quando Jesus livrou possessos e espaventou os diabos no corpo de uma vara de porcos e operou outras curas que tais, disseram os fariseus: expulsa os demônios pelo poder de Belzebu. — Se é por Belzebu que eu os expulso — retrucou Jesus — por quem os expulsam vossos filhos!” É incontestável que os judeus se gabavam desse poder. Tinham exorcistas e exorcismos. Invocavam o nome do deus de Jacó e de Abraão. Introduziam ervas consagradas no nariz dos demoníacos. (José relata parte dessas cerimônias). Esse poder sobre os diabos, que os

judeus perderam, transmitiu-se aos cristãos, que também parecem tê-lo perdido desde algum tempo.

Compreendia o poder de expulsar os demônios também o de desfazer as operações da magia. Porque a magia esteve em voga em todos os tempos e em todas as nações. Todos os padres da igreja a ela se referem. Observa S. Justino (Apologética, livro 3) ser muito comum invocar-se a alma dos mortos, tirando daí um argumento em favor da imortalidade da alma. Lactâncio (Instituições Divinas, livro 7) diz que "Se ousásseis negar a subsistência da alma ao corpo, o mago vos convenceria do contrário fazendo-a aparecer". Ireneu, Clemente Alexandrino, Tertuliano, o bispo Cipriano, todos afirmam a mesma coisa — Verdade é que hoje tudo mudou e que já não existem magos nem endemoninhados. Mas certamente voltarão à cena quando for da vontade de Deus.

Quando as sociedades cristãs se tornaram mais ou menos numerosas e muitas se levantaram contra o culto do império romano, contra elas agiram rigorosamente os magistrados e sobretudo as perseguiu o povo. Não se perseguia aos judeus, que gozavam de privilégios particulares e se encaramujavam em suas sinagogas. Permitia-se-lhes o exercício de sua religião, como ainda o permite a Roma de hoje.

Todos os cultos do império eram tolerados, embora não os adotasse o senado.

Tendo porém os cristãos se declarado inimigos de todos esses cultos, e sobretudo da religião do império, expuseram-se muitas vezes a cruéis provações.

Um dos primeiros e mais célebres mártires foi Inácio, bispo de Antióquia, condenado pelo próprio imperador Trajano, então na Ásia, e por ordens suas transportado a Roma a fim de ser exposto às feras. Isso num tempo em que ainda não era costume trucidar cristãos em Roma. Ignora-se de que tenha sido acusado junto desse imperador, afamado pela demência. Necessário era que Inácio tivesse inimigos figadais. De qualquer forma, conta a história de seu martírio haver-se encontrado em seu coração, gravado em letras de ouro, o nome de Jesus Cristo. Daí apelidarem-se os cristãos em alguns lugares teóforos, como a si próprio se chamava Inácio.

Conserva-se uma carta sua em que pede aos bispos e aos cristãos não se oporem a seu martírio, fosse porque já então eram os fiéis em número suficiente para impedi-lo, fosse porque os houvesse bastante acreditados para obter-lhe a graça. Notável é ter-se consentido que, ao ser trazido a Roma, os cristãos desta cidade fossem

recebê-lo. O que prova que se punia nele a pessoa e não a seita.

Não foram continuadas as perseguições. Escreve Orígenes (Tratado contra Celso, livro 3): “Poucos foram os cristãos que morreram por sua religião. Só muito raramente se verificavam execuções dessa natureza”.

Tantos carinhos dispensou Deus a sua igreja que, a despeito de seus desafetos, fez que tivesse cinco concílios (congressos tolerados) no primeiro século, dezesseis no segundo e trinta no terceiro. Por vezes tais congressos foram proibidos, quando a falsa prudência dos magistrados temia que degenerassem em tumultos. Poucos são os processos verbais que nos restam de procônsules e pretores que condenaram cristãos à morte. Só à vista desses documentos poderíamos julgar das acusações contra eles assacadas e de seus suplícios.

Temos um fragmento de Dinís de Alexandria, no qual se relata o extrato da chancelaria de um procônsul do Egito sob o imperador Valeriano. Ei-lo:

Introduzidos na sala de audiência Dinís, Fausto, Máximo, Marcelo e Queremão, disse-lhes o prefeito Emiliano: “Tomastes conhecimento, pelas palestras que convosco tive e por tudo que a respeito tenho escrito, quão bondosos têm sido

nossos príncipes em relação a vós. Repito-o: a vós mesmos entregaram vossa conservação e vossa saúde. Vosso destino está em vossas mãos. Uma única coisa vos pedem, coisa que a razão exige a toda pessoa razoável: que adoreis os deuses protetores de seu império e renegueis a esse culto contrário à natureza e ao bom senso".

Respondeu Dinís: "Nem todos os homens têm os mesmos deuses. Cada um adora os que julga verdadeiramente serem-no."

Replicou o prefeito Emiliano: "Vejo que sois ingratos e que abusais da bondade dos imperadores. Pois bem: não continuareis nesta cidade. Mandá-los-ei para Cefro, nos confins da Líbia, conforme ordem que recebí dos nossos imperadores. Não penseis reeditar lá vossas reuniões nem orar nesses lugares a que chamais cemitérios: tal vos é terminantemente vedado, e não o permitirei a ninguém".

Nada mais possivelmente verdadeiro que esse processo verbal. Evidencia-se que houve tempo em que eram proibidas as reuniões dos cristãos, assim como entre nós se interdiz aos calvinistas congregarem-se em Languedoc. Chegamos até, uma vez ou outra, a fazer enforcar e rodar ministros e pregadores que promoveram congressos a despeito da lei. Na Inglaterra e Irlanda, igualmente, proíbem-se as reuniões de

católicos romanos, e ocasiões houve em que os delinqüentes foram condenados à morte.

Mau grado essas interdições das leis romanas, Deus inspirou a muitos imperadores a indulgência para com os cristãos. O próprio Diocleciano, que os ignorantes têm como perseguidor, Diocleciano, cujo primeiro ano de reinado ainda se enevoa na idade dos mártires, foi durante muitos anos protetor declarado do cristianismo, a ponto de numerosos cristãos deterem dos principais cargos ao pé de sua pessoa. Chegou a tolerar que em Nicomedia, sua residência, se elevasse uma igreja defronte a seu palácio.

Infelizmente prevenido contra os cristãos, de quem temia viesse algum dia a se lamentar, o césar Galério fez Diocleciano destruir a catedral de Nicomédia. Um cristão mais piedoso que reportado fez em pedaços o édito do imperador, acendendo a famosa perseguição que condenou à morte mais de duzentas pessoas em toda a extensão do império romano, sem contar as que, contra as formas jurídicas, sacrificou a fúria do populacho, sempre fanático e sempre bárbaro.

Tão copioso é o rol dos mártires que seria conveniente cuidar de não baralhar a história dos verdadeiros confessores da nossa santa religião

com o perigoso emaranhado de fábulas e falsos mártires.

O beneditino dom Ruinart, por exemplo, homem aliás de tanta instrução quanto respeitável e zeloso, devia ter escalrachado com mais discrição seus Atos Sinceros. Não é só escabichar um manuscrito em meio à papelada do abade de Saint-Benoît-sur-Loire ou de um convento de celestinos de Paris, conforme a um manuscrito dos fuldenses, e decretá-lo autêntico. É necessário que seja antigo, escrito por contemporâneos e, sobretudo, que estampe o selo da verdade.

Exemplo: o caso do jovem Romano, que a história situa no ano 303. Romano obtivera, em Antióquia, o perdão de Diocleciano. Sentencia o sr. Ruinart, no entanto, ter sido ele condenado ao fogo pelo juiz Asclepíades. Judeus presentes ao espetáculo haveriam mofado do jovem S. Romano, acoimando aos cristãos o abandoná-los seu Deus à tortura do fogo, ele que salvara ao forno Sidraque, Misaque e Abdenago. Presto se levantaria, no mais sereno do tempo, uma tempestade que apagaria o fogo. Então o juiz teria ordenado que se cortasse a língua ao jovem Romano. Encontrando-se ali o primeiro médico do imperador, oficiosamente desempenharia a função de algoz, cortando-lhe cerce a língua. De improviso o jovem, que era tartamudo, começaria

a parolar muito a prazer. Assombrando-se o imperador de que se falasse tão bem sem língua, o médico, para reiterar a experiência, cortaria a língua ao primeiro passante que visse, o qual morreria instantaneamente.

Eusébio, de quem o beneditino Ruinart extraiu esse conto, devia respeitar um pouco mais os verdadeiros milagres operados no Velho e Novo Testamento (que ninguém terá o desplante de pôr em dúvida) e não enxertar-lhes histórias tão suspeitas, que podem escandalizar os simples.

Essa última perseguição não se estendeu a todo o império. Havia então na Inglaterra uns brotos de cristianismo, os quais se eclipsaram incontinenti para logo pôr a cabecinha de fora sob os reis saxões. Inçadas de cristãos estavam as Gálias meridionais e a Espanha. Muito os protegeu em todas essas províncias o césar Constâncio Cloro. Teve até uma concubina cristã: a mãe de Constantino, conhecida por Sta. Helena. Porque o fato é que nunca se provou que fossem casados, e efetivamente, ao esposar a filha de Maximiano Hércules, em 292, Constâncio recambiou-a. Helena, contudo, conservara sobre ele grande ascendência, inspirando-lhe profunda afeição a nossa santa religião.

Preparou a divina Providência, por vias que mais parecem humanas que divinas, o triunfo de

sua igreja. Constâncio Cloro morreu no ano 306, em York, Inglaterra, quando os rebentos que tivera da filha de um césar mal se haviam emancipado dos cueiros, não podendo portanto candidatar-se ao trono. Fez-se Constantino eleger em York por cinco ou seis mil soldados, alemães, gauleses e ingleses na maior parte. Nada augurava que semelhante eleição, realizada sem consentimento de Roma, do senado e dos exércitos, pudesse prevalecer. Deus, não obstante, deu-lhe a vitória sobre Maxêncio, eleito em Roma, e por fim desembaraçou-o de todos os rivais. De tudo isso depreende-se que não o tornara indigno dos favores do céu o haver assassinado todos aqueles que dele se aproximaram, a própria mulher e o próprio filho.

Impossível duvidar do que a respeito relata Zósimo. Diz que, mordido de remorsos depois de tantos crimes, Constantino perguntou aos pontífices do império se ainda havia expiação possível para ele, ao que lhe responderam não conhecer. Verdade é que também não a houvera para Nero, que não ousara assistir aos sacros mistérios na Grécia. Estavam em voga, entretanto, os taurobólios, e seria difícil crer que um imperador que tudo podia não encontrasse um padre que lhe concedesse sacrifícios expiatórios. Menos crível ainda será que, absorvido pela guerra, sua ambição, seus projetos e rodeado de bajuladores, tivesse Constantino

tempo para sentir remorsos. Acrescenta Zósimo que um padre egípcio vindo da Espanha, que tinha acesso a sua porta, prometeu-lhe a expiação de todos os seus crimes dentro da religião cristã. Desconfia-se tratar-se de Ózio, bispo de Córdova.

Seja como for, Constantino comungou com os cristãos, se bem nunca tivesse sido catecúmeno, e reservou o batismo para a hora da morte. Mandou construir a cidade de Constantinopla, que se tornou centro do império e da religião cristã. Então a igreja tomou uma forma augusta.

Note-se que desde o ano 314, antes de Constantino fixar residência em sua nova cidade, os que haviam perseguido os cristãos foram por estes punidos de suas crueldades. Os cristãos lançaram a mulher de Maximiano ao Oronte, degolaram todos os seus parentes e trucidaram no Egito e Palestina os magistrados que mais abertamente tinham se declarado contra o cristianismo. Identificadas a viúva e a filha de Diocleciano, que se haviam refugiado em Tessalônica, atiraram-nas ao mar. Seria de desejar dessem os cristãos menos ouvidos ao espírito de vingança. Mas quis Deus, que castiga segundo a sua justiça, que as mãos dos cristãos se tingissem do sangue de seus perseguidores apenas as tivessem desvencilhadas.

Convocou, reuniu Constantino em Nicéia, em frente a Constantinopla, o primeiro concílio ecumênico, presidido por Ózio. Lá se decidiu a magna questão que agitava a igreja, referente à divindade de Jesus Cristo.

Uns esposavam a opinião de Orígenes, que diz no sexto capítulo contra Celso: “Endereçamos as nossas preces a Deus por Jesus, que está entre as naturezas criadas e a natureza incriada, que nos transmite a graça de seu pai e, na qualidade de pontífice nosso, depõe a Deus as nossas orações”. Estribavam-se outrossim em diversos passos de S. Paulo, alguns dos quais transcrevemos páginas atrás. Sobretudo arrimavam-se a estas palavras de Cristo: “Meu pai é maior que eu”. Viam em Jesus o primogênito da criação, a mais pura emanação do Ser Supremo, mas não Deus precisamente.

Outros, ortodoxos, traziam à luz argumentos mais conformes à divindade eterna de Jesus, como este: “Meu pai e eu somos a mesma coisa” Palavras que seus adversários interpretavam como significando: “Meu pai e eu temos o mesmo desígnio, a mesma vontade. Não tenho outros desejos senão os de meu pai”. Capitaneavam os ortodoxos primeiro Alexandre, bispo de Alexandria, e depois Atanásio. No partido contrário alinhavam-se Eusébio, bispo de Nicomedia, o padre Ario e mais dezessete bispos e

numerosos padres. Logo de saída azedou-se a disputa por haver Alexandre tratado de anticristos seus adversários.

Enfim, ao cabo de muita discussão assim se pronunciou o Espírito Santo no concílio pela boca de duzentos e noventa e nove bispos contra dezoito: “Jesus é o filho único de Deus, gerado do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, vero Deus de vero Deus, consubstancial ao Pai. Cremos igualmente no Espírito Santo, etc.” Foi esta a fórmula do concílio. Vê-se pelo exemplo o quanto prevaleciam os bispos sobre os simples padres. Dois mil membros da segunda ordem perfilhavam o parecer de Ario, segundo relação de dois patriarcas de Alexandria que escreveram a crônica dessa cidade em árabe. Ano foi exilado por Constantino. Logo o foi também Atanásio, e Ario de novo chamado a Constantinopla. Porém tão fervorosamente pediu Macário a Deus que o fizesse morrer antes de entrar na catedral que foi atendido. Faleceu Ario a caminho da igreja, no ano 330. Em 337 finou-se Constantino. Entregou seu testamento a um padre ariano e morreu nos braços do chefe dos arianos, Eusébio, bispo de Nicomedia, só se batizando à hora da morte. Deixou a igreja triunfante, embora dividida.

Tremenda guerra estalou entre os partidários de Atanásio e os de Eusébio, e o chamado

arianismo vigorou longo tempo em todas as províncias do império.

Juliano o filósofo, cognominado o Apóstata, tentou pôr cobro a tais divisões, porém em vão.

O segundo concílio geral reuniu-se em Constantinopla, em 381. Esclareceu-se então o que o concílio de Nicéia não julgara a propósito dizer sobre o Espírito Santo, e acrescentou-se à fórmula niceana que "O Espírito Santo é senhor vivificante procedente do Pai, e adorado e glorificado como o Pai e o Filho".

Só no século IX estatuiu gradativamente a igreja latina proceder o Espírito Santo do Pai e do Filho.

Em 431 o terceiro concílio geral realizado em Éfeso resolveu que Maria foi de fato mãe de Deus, e que Jesus tinha duas naturezas e uma pessoa. Querendo Nestório, bispo de Constantinopla, que a Santa Virgem fosse chamada mãe de Cristo, declarou-o judas o concílio.

Confirmou a dualidade de naturezas de Cristo o concílio de Calcedônia.

Refiro-me a lume de palha aos séculos subsequentes por sobejamente conhecidos. Infelizmente todas essas disputas eram pomo de guerras, de forma que volta e meia a igreja se via

obrigada a combater. Aprouve a Deus, a fim de provar a paciência dos fiéis, que no século IX gregos e latinos rompessem definitivamente. Aprouve-lhe ainda que se formassem no Ocidente vinte e nove cismas sangrentos para o púlpito de Roma.

Entretanto quase toda a igreja grega e toda a igreja da África foram avassaladas pelos árabes, em seguida pelos turcos, os quais erigiram a igreja de Mafoma por sobre as ruínas da de Cristo. A igreja romana subsistiu, porém, manchada de sangue por mais de seiscentos anos de discórdia entre o império do Oriente e o sacerdócio. Tornaram-na até mais poderosa essas dissensões. Bispos e abades na Alemanha transformaram-se em príncipes, e paulatinamente os papas investiram-se de domínio absoluto em Roma e numa região de cem léguas. Assim experimentou Deus sua igreja por humilhações, tumultos e esplendor.

Ao descambar do século XVI a igreja latina perdeu metade da Alemanha, a Dinamarca, Suécia, Inglaterra, Escócia, Irlanda, Suíça e Holanda. Territorialmente essas perdas foram vantajosamente compensadas pelas conquistas espanholas na América. Não, porém, quanto ao número de súditos.

Para compensar o desmembramento da Ásia Menor, Síria, Grécia, Egito, África, Rússia e as outras nações de que falamos, parece que a Divina Providência lhe reservava o Japão, Siam, Índia e China. S. Francisco Xavier, que levou o Santo Evangelho às Índias Orientais e ao Japão, quando lá foram em busca de mercadorias os portugueses, fez inúmeros milagres, atestados todos pelos RR. PP. jesuítas. Dizem até que ressuscitou nove mortos. Na Flor dos Santos abate o R. P. Ribadeneira esse número para quatro, o que aliás já é bastante. Quis a Providência que em menos de cem anos milhares de católicos romanos enxameassem as ilhas do Japão. Porém o diabo semeou seu joio em meio da boa semente. Tramaram os cristãos uma conjuração acompanhada de uma guerra civil, em que foram totalmente exterminados (1638). Os japoneses fecharam as portas do país a todos os estrangeiros, salvo aos holandeses, em quem viam mercadores e não cristãos, mas que ainda assim foram obrigados a espezinhar a cruz para obter permissão de vender suas mercancias na prisão onde os trancafiaram logo que puseram pé em Nagasaqui.

Recentemente a China proscreveu a religião católica, apostólica e romana, bem que com menos crueldade. Em verdade os jesuítas não ressuscitaram mortos na corte de Pequim. Contentaram-se em ensinar astronomia, fundir

canhões e ser mandarins. Suas intempestivas contendas com dominicanos e outros de tal forma escandalizaram o grande imperador Iong-tching que este príncipe, que era a justiça e a bondade em pessoa, teve a cegueira de proibir em seu estado o ensino da nossa santa religião, no seio da qual nem os próprios missionários viviam em paz. Expulsou-os paternalmente, fornecendo-lhes meios de subsistência e veículos até os confins de seu império.

Toda a Ásia, toda a África, metade da Europa, todas as colônias inglesas e holandesas da América, todas as tribos americanas não domadas, todas as terras austrais, que constituem um quinto do globo, permanecem presa do demônio, para provar esta santa sentença: “Muitos são os chamados, mas poucos os eleitos”. Se há na terra um bilhão e seiscentos milhões de homens, como pretendem os entendidos, cerca de sessenta milhões pertencerão à santa igreja romana católica universal: ou seja, mais da vigésima sexta parte da população do mundo conhecido.

CRÍTICA

Não pretendo falar dessa crítica de escoliastas, que se limita a substituir por outra pior uma frase de um escritor antigo que antes se entendia muito bem. Não me refiro às críticas de lei que, na medida das forças humanas, devassaram os mais recônditos escaninhos da história e da filosofia antigas. Viso às criticas que descambam para a sátira.

Um amador de letras lia certa vez Tasso comigo. Antolhou-se-lhe esta estância:

> *Chiama gli abitator dell'ombre eterne*
> *il rauco suon della tartarea tromba.*
> *Treman le spaziose atre caverne;*
> *e l'aer cieco a quel rumor rimbomba:*
> *nè sì stridendo mai dalle superne*
> *regioni dei cielo il folgor piomba;*
> *nè sì scossa giammai trema la terra,*
> *quando i vapori in sen gravida serra.*(25)

Leu em seguida ao acaso várias estâncias dessa força e harmonia.

— Ora! — exclamou — então é isso o que o seu Boileau chama farfalhice? Então é assim que pretende rebaixar um grande homem que viveu cem anos antes dele para melhor entronar outro

grande homem que viveu dezesseis séculos antes, e que teria ele próprio rendido justiça a Tasso?

Console-se. Vejamos as óperas de Quinault.

Logo à abertura do livro deparou-se-nos com que nos abespinharmos com a crítica. Dando com os olhos na tradução do admirável poema Armida, lemos:

Sidonie
La haine est affreuse et barbare,
l'amour contraint les cours dont il s'empare
à souffrir des maux rigoureux.
Si votre sort est en votre puissance,
faltes choix de l'indifférence:
elle assure un repos heureux.

Armide
Non, non, il ne m'est pas possible
de passer de mon trouble en un état paisible;
mon coeur ne se peut plus calmer;
Renaud m'offense trop, il n'est que trop aimable;
c'est pour moi désormais un choix indispensable
de le haïr ou de l'aimer.

Lemos de fio a pavio a peça Armida, na qual o gênio de Tasso recebe novos encantos das mãos de Quinault.

— Veja só, — observo a meu amigo — no entanto é este Quinault que Boileau sempre se esforçou por fazer ver como o mais reles escrevinhador. Chegou a meter na cabeça de Luís XIV que esse escritor gracioso, comovente, patético, elegante, outro mérito não tinha além do que tomava de empréstimo ao músico Lulli.

— Compreende-se. Boileau não invejava o músico, porém invejava o poeta. Que pensar de um homem que, para rimar um verso em aut, denigre ora Boursault, ora Hénault, ora Quinault, conforme esteja bem ou mal com esses senhores?

“Mas, para que não se arrefece a sua repugnância da injustiça, ponha a cabeça à janela, veja aquela bela fachada do Louvre, por que se imortalizou Perrault. Este homem de invulgar habilidade era irmão de um acadêmico sapientíssimo, com quem Boileau tivera uma disputa eis o quanto bastou para levar a tacha de arquiteto ignorante.”

Depois de breve sisma, prossegue meu amigo com um Suspiro:

— Assim é a natureza humana — Em suas Mémoires, acha o duque de Sully de inquinar de

maus ministros o cardeal de Ossat e o secretário de estado Villeroi Tudo fez Louvois para deslustrar o grande Colbert.

— Não se agatanhavam pessoalmente — reparo. — Trata-se de uma estupidez restrita quase exclusivamente à literatura, à cavilação e à teologia.

"Tivemos um homem de mérito: Lamotte, que compôs estâncias belíssimas:

> Quelque fois au feu qui la charme
> résiste une jeune beauté,
> et contre elle-même elle s'arme
> d'une pénible fermeté.
> Hélas! cette contrainte extrême
> la prive du vice qu'elle aime,
> pour fuir la honte qu'elle hait.
> La sévérité n'est que faste,
> et l'honneur de passer pour chaste
> la résout à l'être en effet.
>
> En vain ce sévère stoïque,
> sous mille défauts abattu,
> se vante d'une âme héroïque
> toute vouée à la vertu:
> ce n'est point la vertu qu'il aime;
> mais son coeur, ivre de lui-même,
> voudrait usurper les autels,
> et par sa sagesse frivole

il ne veut que parer l'idole
qu'il offre an culte des mortels.

Les champs de Pharsale et d'Arbelle
ont vu triompher deux vainqueurs,
l'un et l'autre digne modèle
que se proposent les grands coeurs.
Mais le succès a fait leur gloire;
et, si te sceau de la victoire
n'eût consacré ces demi-dieux,
Alexandre, aux yeux du vulgaire,
n'aurasit été qu'un téméraire,
et César qu'un seditieux.

"Este autor" — continuo — "foi um sábio que por mais de uma vez emprestou o encanto dos versos à filosofia. Escrevesse sempre estâncias desse quilate e teria sido o maior dos poetas líricos. Sem embargo, foi justamente quando produzia desses primores que dele disse um contemporâneo:

Um certo pato, caça de galinheiro.

"Em outro lugar:

De seus versos a enfadonha — beleza.

"Em outro:

...Só vejo um senão: falta a essas odes descavalgar o verso a Quinault para atingir a perfeição.

"E, nesse ciscar de imperfeições, em tudo encontra secura e quebra de harmonia.

"Quer ver as odes que anos depois escreveu esse mesmo censor que julgava Lamotte de cátedra e o difamava como inimigo? Leia:

> Cette influence souveraine
> n'est pour lui qu'une ilustre chaîne
> qui l'attache au bonheur d'autrui;
> tous les brillants qui l'embellisent,
> tons les talents qui l'ennoblissent,
> sont en lui, mais non pas à lui.
>
> Il n'est rien que te temps n'absorbe, ne dévore,
> et les faits qu'on ignore
> sont bien peu différents des faits non avenus.
>
> La bonté qui brille en elle
> de ses charmes les plus doux
> est une image de celle
> qu'elle voit briller en vous.
> Et, par vous seule enrichie,
> sa politesse, affranchie
> des moindres obscurités

est la lueur réfléchie
de vos sublimes clartés.

Ils ont vu par la bonne foi
de leurs peuples troublés d'effroi
la crainte heureusement déçue,
et déracinée à jamais
la haine si souvent reçue
en survivance de la paix.

Dévoile à ma vue empressée
ces déités d'adoption,
synonymes de la pensée,
symboles de l'abstraction.

N'est ce pas une fortune,
quand d'une charge commune
deux moities portent le faix,
que la moindre le réclame,
et que du bonheur de l'âme
le corps seul fasse les frais?

— Não era preciso — convém meu judicioso amante das letras — dar coisas tão detestáveis para modelo àqueles a quem tão azedamente criticava. Antes deixasse em paz seu adversário com seu mérito e ficasse ele com o que tivesse. Mas, que quer você? O genus irritabile vatum é doença da mesma bilis que o atormentava outrora. O público perdoa essas tacanhezas às pessoas de talento porque não quer senão se

divertir. Ele vê, numa alegoria intitulada Plutão, juizes condenados a ser esfolados e a sentar-se nos infernos em um banco coberto com as próprias peles em vez de flores de lis. Pouco importa ao leitor que os juizes o mereçam ou não, que tenha ou não razão o autor que os cita perante Plutão. Lê esses versos unicamente por prazer. Se lhe agradam, não quer mais. Se lhe desagradam, põe de lado a alegoria e não daria um passo para fazer confirmar ou cassar a sentença.

"As inimitáveis tragédias de Racine foram todas criticadas, e pessimamente: porque as criticaram rivais. Certo, os artistas são juizes de arte competentes, porém quase sempre lhes falta integridade.

"Excelente crítico seria o artista senhor de bom cabedal de ciência e de bom gosto, isento de prejuízos e inveja. O que é difícil encontrar."

DESTINO

De todos os livros que até nós chegaram, o mais antigo é Homero. É em Homero que se nos deparam os costumes da antigüidade profana, os heróis e deuses toscamente talhados à imagem do homem. Em Homero também encontramos os embriões da filosofia e sobretudo a idéia do destino, que é senhor dos deuses como são os deuses senhores dos homens.

Debalde quer Júpiter salvar Heitor. Consulta os destinos, pesando numa balança os destinos de Heitor e Aquiles: diz a sorte que o troiano será irrevogavelmente morto pelo grego, e nada pode opor-lhe o soberano dos deuses. Apolo, o gênio guardião de Heitor, é então obrigado a abandoná-lo(26). Não que Homero não seja pródigo de idéias opostas, consoante o privilégio da antigüidade. Mas enfim é o primeiro em que aparece a noção do destino. Devia estar, pois, muito em voga em seu tempo.

Os fariseus, na pequena nação judaica, só conceberam o destino muitos séculos depois, porquanto, embora tenham sido os primeiros judeus letrados, eram muito novos em relação aos gregos. Mesclaram em Alexandria parte dos dogmas dos estóicos às antigas idéias judaicas.

Chega a pretender S. Jerônimo não ser sua seita muito anterior à nossa era.

Os filósofos sempre prescindiram de Homero e dos fariseus para se persuadirem de que tudo está sujeito a leis imutáveis, tudo está determinado, tudo é efeito necessário.

Ou o mundo subsiste pela própria natureza, pelas leis físicas, ou formou-o um Ser Supremo conforme supremas leis. Num caso como noutro as leis são imutáveis e tudo é necessário. Os corpos graves tendem para o centro da terra, não podendo tender a repousar no ar. Pereiras nunca poderiam dar ananases. O instinto de um espanhol não pode ser o instinto de um austríaco Tudo se acha ordenado, engranzado e limitado.

Não pode o homem ter mais que certo número de dentes, cabelos e idéias. Tempo vem em que inevitavelmente perde os dentes, os cabelos e as idéias

Contraditório seria que ontem não fosse ontem e hoje não fosse hoje. Tão contraditório como se o que há de ser pudesse deixar de sê-lo.

Se pudesses torcer o destino de uma mosca, nada te impediria de traçar o destino de todas as outras moscas, de todos os outros animais, de todos os homens, de toda a natureza. Enfim, serias mais poderoso que Deus.

Dizem os cretinos: O médico arrancou minha tia aos braços da morte, fê-la viver dez anos mais do que deveria viver. Outra modalidade de imbecis — os capazes, — sentenciam: O homem prudente forja o próprio destino.

Nullum numen abest, si sit prudentia, sed te nos facimus, fortuna, deam, coeloque locamus.

Asseveram profundos políticos que se oito dias antes que se decapitasse Carlos I se tivessem assassinado Cromwell, Ludlow, Ireton e uma dúzia de outros parlamentares, esse rei ainda podia ter vivido e morrer no leito. Têm razão. E poderiam acrescentar que se o mar houvesse tragado toda a Inglaterra esse monarca não teria morrido em um patíbulo junto a Whitehall, ou sala, branca. Porém as coisas estavam dispostas de maneira que Carlos teria irrevogavelmente o pescoço cortado.

Não resta dúvida que o cardeal de Ossat era mais prudente que um louco das Petites-Maisons. Mas não é evidente que os órgãos do sábio de Ossat não eram os mesmos que os de um desmiolado, da mesma forma como os de uma raposa diferem dos de um grou ou uma calhandra.

O médico salvou tua tia. Mas não contradisse a natureza: obedeceu-lhe. Claro que tua tia não podia deixar de nascer senão na cidade em que

nasceu, em ocasião certa ter certa moléstia, que o médico não podia estar alhures senão na cidade em que estava, que tua tia forçosamente o chamaria a ele, o qual necessariamente lhe prescreveria os remédios que a curaram.

Crê um camponês haver geado em seu campo por acaso. Mas um filósofo sabe que não existe acaso e que era impossível, na constituição deste mundo, que precisamente naquele dia não geasse precisamente naquele lugar.

Há pessoas que, aterrorizadas ante essa verdade, só concordam pela metade, como devedores que oferecem metade aos credores e pedem mora para a outra metade. Existem, dizem elas, acontecimentos necessários e acontecimentos não necessários. Engraçado um mundo metade em ordem metade em desordem. Que parte do que acontece precisava acontecer, outra não. Basta chegar-se-lhe um pouco mais o nariz para ver ser absurda semelhante teoria. Mas há muitos indivíduos que nasceram para raciocinar mal, outros para não raciocinar .e outros para perseguir os que raciocinam.

Perguntareis:

— E a liberdade?

Não vos entendo. Não sei o que seja essa liberdade de que falais. Há tanto tempo discutis

acerca de sua natureza que seguramente não a conheceis. Se quiserdes, ou melhor, se puderdes examinar calmamente comigo o que se deve entender por essa palavra, saltai à letra L.

DEUS

Imperante Arcádio, Logômacos, teologal de Constantinopla, empreendeu uma viagem à Cítia, e deteve-se ao pé do Cáucaso, nos férteis plainos de Zefirim, nos términos da Cólchida. Estava o bom velho Dondindaque em sua ampla sala baixa, entre seu grande aprisco e a vasta granja. Estava ajoelhado em companhia da mulher, dos cinco filhos e cinco filhas, seus pais e seus criados, e cantavam os louvores a Deus após ligeiro repasto.

— Que fazes, idólatra? — perguntou-lhe Logômacos.

— Não sou idólatra — retorquiu Dondindaque.

— Claro que o és, pois és cita e não grego. Que cantavas em tua bárbara geringonça da Cítia I

— Todas as línguas soam da mesma forma aos ouvidos de Deus. Cantávamo-lhe os louvores.

— Eis uma coisa extraordinária! Uma família cita que ora a Deus sem ter sido instruída por nós!

Seguiu-se um diálogo entre o grego Logômacos e o cita Dondindaque, pois o teologal

sabia um pouco de cita e o outro um pouco de grego. Encontrou-se esse diálogo num manuscrito conservado na biblioteca de Constantinopla

Logômacos

Vejamos se sabes teu catecismo. Por que oras a Deus?

Dondindaque

Justo é que adoremos o Ser Supremo que tudo nos deu.

Logômacos

Oh! Para um bárbaro não está mal. E que lhe pedes?

Dondindaque

Agradeço-lhe os bens de que gozo e os males com que lhe apraz provar-me. Abstenho-me porém de pedir-lhe seja o que for. Melhor que nós sabe ele o que nos falta. Demais poderia dar-se que quando eu pedisse bom tempo meu vizinho pedisse chuva.

Logômacos

Ah! Logo vi que ia dizer alguma asneira. Passemos a plano mais elevado. Bárbaro, quem te disse que Deus existe?

Dondindaque

Toda a natureza.

Logômacos

Não basta. Que idéia tens do Ser Supremo?

Dondindaque

Que é o meu criador, meu soberano, que me recompensará quando praticar o bem e me castigará quando cometer o mal.

Logômacos

Que frioleiras! Vamos ao essencial — Deus é infinito secundum quid ou segundo a essência?

Dondindaque

Não vos entendo.

Logômacos

Sujeito tapado! Deus está algures ou ao mesmo tempo em tudo e fora de tudo?

Dondindaque

Não sei... Como quiserdes.

Logômacos

Ignorante! Pode Deus demover o acontecido? Pode fazer que um bastão não tenha duas pontes? Como verá o futuro: como futuro ou como presente? Como faz para tirar o ser do nada e para aniquilar o ser?

Dondindaque

Tais coisas nunca me passaram pela cabeça.

Logômacos

Que sujeito bronco! Bem, vejo que preciso baixar a trave. Dize-me, meu amigo, achas que a matéria possa ser eterna?

Dondindaque

Que me importa que seja eterna ou não? Eu, posso afirmar que não o sou. De qualquer forma, Deus é o meu senhor. Deu-me a noção de justiça, devo segui-la. Não quero ser filósofo, quero ser homem.

Logômacos

São o diabo, essas cabeças duras! Vamos aos poucos: Que é Deus?

Dondindaque

Meu soberano, meu juiz, meu pai.

Logômacos

Não é isso o que pergunto. Qual é sua natureza?

Dondindaque

Ser poderoso e bom.

Logômacos

Mas é corporal ou espiritual?

Dondindaque

Como quereis que o saiba?

Logômacos

Arre! Não sabes o que é um espírito?

Dondindaque

Nem imagino: de que me serviria isso? Tornar-me-ia acaso mais justo? Seria melhor marido, melhor pai, melhor amo, melhor cidadão?

Logômacos

É absolutamente necessário ensinar-te o que seja espírito. Escuta: é, é, é... Bem, fica para outra ocasião.

Dondindaque

Muito receio que me fôsseis dizer o que ele não é. Permiti-me fazer-vos a meu turno uma

pergunta. Vi há muito um de vossos templos: por que motivo pintais Deus com uma longa barba?

Logômacos

É questão muito complexa, que requer instruções preliminares.

Dondindaque

Antes de receber vossas instruções, vou contar-vos o que me aconteceu certo dia. Eu acabava de fazer construir uma privada no fim de meu jardim, quando ouvi uma toupeira conversando com um besouro:

— Eis uma bela fábrica! — dizia a toupeira. — Deve ser uma toupeira bem poderosa o autor dessa obra.

— Gracejais — respondeu o besouro. — Bem sabeis que foi um besouro, um besouro genial o arquiteto desse edifício.

Desde então resolvi nunca discutir.

ESCALA DOS SERES

A primeira vez em que li Platão e observei essa gradação de seres desde o mais ínfimo átomo até o Ser Supremo, essa escala impressionou-me fundamente. Considerando-a porém atentamente, esvaeceu-se o grande fantasma, como outrora fugiam as aparições ao canto do galo.

De princípio compraz-se a imaginação em ver a transição imperceptível da matéria bruta à matéria organizada, das plantas aos zoófitos, dos zoófitos aos animais, dos animais ao homem, do homem aos gênios, dos gênios revestidos de corpo aéreo a substâncias imateriais, e enfim mil ordens diferentes dessas substâncias que, de belezas a perfeições, se escadeiam até Deus. Essa hierarquia é muito do gosto dos ingênuos, que vêem o papa e seus cardeais seguidos dos arcebispos e bispos, após quem vêm os curas, os vigários, os simples padres, os diáconos, os subdiáconos, os frades e finalmente, fechando a coluna, os capuchinhos.

Porém há um pouco mais de distância entre Deus e suas mais perfeitas criaturas que entre o santo padre e o decano do sacro colégio. O decano pode vir a ser papa, enquanto o mais perfeito dos gênios criados pelo Ser Supremo

jamais poderá vir a ser Deus. Entre Deus e ele há o infinito.

Tão pouco entre os animais e vegetais se verifica essa pretensa escala ou gradação. Prova está em existirem plantas e animais extintos. Já não temos múrices. Era proibido entre os judeus comer o grifo e o ixião, espécies hoje desaparecidas, diga o que disser o Sr. Bochart. Onde então escala?

Ainda que não se houvessem extinto algumas espécies, patente é que isso pode acontecer. Os leões, os rinocerontes começam a rarear.

Muito provavelmente existiram raças humanas hoje desaparecidas. Quero crer contudo que todas hajam subsistido, da mesma forma como os brancos, negros, cafres, a quem a natureza deu um avental da própria pele, caindo do ventre ao meio das coxas; os samoiedas, cujas mulheres têm um mamilo de belo ébano, etc.

Não há visivelmente um vazio entre o macaco e o homem? Não é fácil imaginar um bípede implume que seria inteligente sem usar da palavra nem ter o nosso aspecto, que poderíamos domesticar, que correspondesse aos nossos macacos e nos servisse? E entre essa nova espécie e o homem não poderíamos conceber outras?

Acima do homem colocais no céu, vós, divino Platão, uma série de substâncias celestes. Cremos nós outros em algumas dessas substâncias porque no-lo ensina a fé. Mas vós, que razão tendes para crê-las? Até parece que não falastes ao gênio de Sócrates, e que o simplório Heres, expressamente ressurreto para vos pôr ao corrente dos segredos do outro mundo, nada vos tenha ensinado acerca de tais substâncias.

A pretensa escala não é menos descontínua no mundo sensível.

Que gradação — pergunto — há entre os vossos planetas? A Lua é quarenta vezes menor que o nosso globo. Vênus é quase do tamanho da Terra. Mercúrio descreve uma elipse muito diferente da circunferência percorrida por Vênus e é vinte e sete vezes menor que nós. O Sol é um milhão de vezes maior que o planeta em que vivemos, Marte cinco vezes menor. Marte completa seu giro em dois anos, Júpiter, seu vizinho, em doze, Saturno, o mais afastado de todos, conquanto menor que Júpiter, em trinta. Onde a tal gradação?

Depois, como quereis que em imensos espaços vazios haja uma cadeia que tudo ligue? Se alguma cadeia existe, é certamente a descoberta por Newton. É ela que faz todos os

globos do mundo planetário gravitarem uns em torno dos outros no vácuo infinito.

Admirado Platão, vós não contastes mais que fábulas! Na ilha de Cassitérides, onde em vosso tempo os homens viviam completamente nus, nasceu um filósofo que ensinou aos homens verdades tão grandes quanto pueris eram vossos devaneios.

ESTADOS, GOVERNOS

Qual o melhor? — Até o presente não conheci quem não tenha governado algum estado. Não falo dos ministros que governam efetivamente, uns dois ou três anos, outros seis meses, outros seis semanas. Falo de todos esses senhores que, à hora das refeições ou em seus gabinetes, expõem seu sistema de governo, reformando os exércitos, a igreja, a magistratura e as finanças.

O abade de Bourzeis meteu-se a governar a França pelo ano de 1645, sob o nome do cardeal de Richelieu, e escreveu seu Testamento Político, no qual procurou arrolar a nobreza na cavalaria por três anos, fazer pagar a talha aos tribunais de contas e aos parlamentos e privar o rei do produto dos seus impostos sobre o consumo. Afirma ele que, para entrar em campanha com cinqüenta mil homens, por economia é preciso levar cem mil. Assevera que só a Provença tem mais belos portas de mar que a Espanha e Itália juntas

O abade de Bourzeis não tinha viajado. Aliás sua viagem acha-se repleta de anacronismos e erros. Faz o cardeal de Richelieu assinar como nunca assinou e falar como nunca falou. E gasta um capítulo inteiro para dizer que a razão deve ser a pauta do estado, e a se esforçar por provar

essa descoberta. Essa obra das trevas, esse bastardo do abade de Bourzeis passou muito tempo por filho legítimo do cardeal de Richelieu. E todos os acadêmicos, em seus discursos de recepção, não deixavam de louvar desmedidamente essa obra prima de política.

O senhor Gatien de Courtilz, vendo o extraordinário sucesso do Testamento Político de Richelieu, fez imprimir em Haia o Testamento de Colbert, com uma pomposa carta do senhor Colbert ao rei. Está claro que se esse ministro tivesse feito semelhante testamento, seria preciso interdizê-lo; entretanto, esse livro foi citado por alguns autores.

Outro velhaco cujo nome se ignora partejou o Testamento de Louvois, pior ainda, se possível, que o de Colbert. E um abade de Chevremont também fez testar Carlos, duque de Lorena(27).

O senhor de Bois Guillebert, autor do Détail de la France, impresso em 1695, apresenta o projeto inexeqüível do dízimo real sob o nome do marechal de Vauban(28).

Um louco sem eira nem beira chamado La Jonchêre escreveu em 1720 um projeto de finança em 4 volumes. E alguns parvos citaram essa produção como obra de La Jonchêre, o tesoureiro geral, imaginando que um tesoureiro não pode escrever um mau livro de finanças.

Mas é preciso convir em que homens avisados, dignos sem dúvida de governar, têm escrito sobre a administração dos estados, seja na França, na Espanha ou na Inglaterra. Seus livros têm feito muito bem: não porque hajam corrigido os ministros então no governo, já que um ministro não se corrige de modo algum nem pode ser corrigido: é árvore já muito crescida; basta de instruções, basta de conselhos; escasseia-lhe tempo para os ouvir, arrasta-o a corrente dos negócios. Mas esses bons livros formam a juventude destinada aos cargos. Formam os príncipes, e a segunda geração é instruída.

Ultimamente tem sido examinado de perto o forte e o fraco dos governos. Dizei-me, vós que haveis viajado, vivestes e vistes, sob que espécie de governo desejaríeis ter nascido? Compreendo que um grande proprietário de terra, na França, não desgostaria de haver nascido na Alemanha: seria soberano em vez de vassalo. A um par de França muito agradariam os privilégios do pariato inglês: seria legislador.

O magistrado e o financeiro achar-se-iam melhor em França que alhures.

Mas que pátria escolheria um homem sábio, livre, um homem de fortuna medíocre e sem preconceitos?

Um membro do conselho de Pondichéry, senhor de sólida cultura, voltou à Europa por terra em companhia de um brâmane mais instruído do que o comum dos brâmanes.

— Que tal achais o governo do grão mogol? — perguntou o conselheiro.

— Abominável — respondeu o brâmane. — Como quereis que um estado seja bem governado pelos tártaros? Nossos rajas, nossos omrás, nossos nababos estão muito contentes; mas os cidadãos muito ao contrário, e milhões de cidadãos são alguma coisa.

O conselheiro e o brâmane percorreram, conversando, toda a alta Ásia.

— Cheguei a uma conclusão — disse o brâmane: — que não existe sequer uma república em toda esta vasta parte do mundo.

— Houve outrora a de Tiro, — retrucou o conselheiro — mas não durou muito. Houve ainda outra, perto da Arábia Pétrea, num recanto denominado Palestina, se é que se pode honrar com o nome de república uma horda de ladrões e de onzeneiros governados ora por juizes, ora por espécies de reis, ora por grandes pontífices, escravizados sete ou oito vezes e enfim expulsos do país que usurparam.

— Julgo, — disse o brâmane — que não deve haver sobre a terra senão pouquíssimas repúblicas. Raramente são os homens dignos de se governar por si mesmos. Tal felicidade não deve pertencer senão a povos pequenos, que se insulem em ilhas ou entre montanhas, como coelhos a se esconderem dos carnívoros. Mas sempre acabam sendo descobertos e devorados.

Quando os dois viajantes chegaram à Ásia Menor, perguntou o conselheiro ao brâmane:

— Acreditaríeis ter existido uma república formada num canto da Itália, que durou mais de quinhentos anos e possuiu esta Ásia Menor, Ásia, África, Grécia, Gálias, Espanha e toda a Itália?

— Então, cedo se transformou em monarquia? — perguntou o brâmane.

— Adivinhastes — respondeu o outro; — porém essa monarquia caiu e vivemos a fazer empoladas dissertações para encontrar a causa de sua decadência.

— Perdeis vosso tempo inutilmente, — disse o hindu: — esse império caiu porque existia. Tudo cai. Espero que assim aconteça também ao império da Mongólia.

— A propósito — disse o europeu. Julgais ser necessário mais honra num estado despótico e

mais virtude numa república? — Tendo feito com que se lhe explicasse o que se entende por honra, respondeu o hindu ser de opinião que ela era mais necessária numa república, e a virtude a mais precisa num estado monárquico.

— Porque — explicou — um homem que pretenda ser eleito pelo povo não o será se não for honrado. Ao passo que na corte poderá obter facilmente um cargo, segundo a máxima de um grande príncipe, que disse que para o conseguir não deve o cortesão ter honra nem humor. Com respeito à virtude, é preciso tê-la muita numa corte para ousar dizer a verdade. O homem virtuoso está bem mais à vontade na república, por não precisar bajular ninguém.

— Acreditais — interrogou o europeu — que as leis e religiões sejam feitas para os climas assim como os agasalhos forrados para Moscou e os tecidos de gaza para Delí?

— Sim, sem dúvida — disse o brâmane. Todas as leis que concernem o físico são calculadas pelo meridiano em que se habita; para um alemão basta uma mulher, um persa precisa de três ou quatro. Da mesma natureza são os ritos da religião. Como desejaríeis que eu, se fosse cristão, dissesse a missa em minha província, onde não há pão nem vinho? Quanto aos dogmas, o caso é outro: o clima nada faz. Vossa religião

não nasceu na Ásia, de onde foi expulsa? Não subsiste no Mar Báltico, onde era desconhecida?

— Em que estado, sob que domínio preferiríeis viver? — perguntou o conselheiro.

— Em qualquer parte que não a minha terra, — respondeu o companheiro — e encontrei muitos siameses, tonquineses, persas e turcos que diziam outro tanto.

—.Mas, — ainda uma vez disse o europeu — que estado escolheríeis? — Respondeu o brâmane:

— Aquele onde apenas se obedecesse às leis.

— É uma velha resposta, — argüiu o conselheiro.

— E não é má — disse o brâmane.

— Onde fica esse país? — perguntou o conselheiro.

— É de mister procurá-lo — respondeu o brâmane.

EZEQUIEL (DE)

De alguns passos singulares desse profeta e de alguns hábitos antigos

Sabe-se hoje muito bem que não se devem julgar os costumes antigos pelos modernos. Quem desejasse reformar a corte de Alcinos, na Odisséia, tomando como modelo a do grão turco ou a de Luís XIV, não seria bem recebido pelos sábios. Quem reprovasse a Virgílio o haver representado o rei Evandro coberto com uma pele de urso e acompanhado de dois cães para receber os embaixadores, seria um mau crítico.

Os costumes dos judeus de antanho são ainda mais diferentes dos nossos que aqueles do rei Alcinos, de Nausica, de sua filha e do bonacheirão Evandro.

Ezequiel, escravo dos caldeus, teve uma visão perto do ribeirão de Cobar, que se perde no Eufrates.

Não nos devemos admirar de que ele tenha visto animais de quatro faces e quatro asas, com pés de bezerro, nem das rodas que caminhavam por si mesmas e continham o espírito da vida: esses símbolos até agradam à imaginação. Mas vários críticos se revoltaram contra a ordem que lhe deu o Senhor de comer durante trezentos e

noventa dias, pão de cevada, de frumento e de milho, coberto de excremento.

— Irra! — exclamou o profeta. — Minh'alma até hoje não tinha sido poluída.

Respondeu-lhe o Senhor:

— Pois bem, eu te darei estrume de boi em lugar de excrementos humanos, e tu comerás teu pão com esse estrume.

Visto não ser absolutamente de uso comer tais confeitos com o pão, a maioria dos homens acha essas ordens indignas da majestade divina. Entretanto, deve-se lembrar que o estrume de vaca e os diamantes do grão mogol são perfeitamente iguais, não só ante os olhos de um ser divino mas também aos do verdadeiro filósofo. Com respeito às razões que Deus poderia ter para impor ao profeta um tal almoço, não nos cabe procurá-las.

Basta fazer ver que essas ordens, que nos parecem estranhas, não se afiguraram tais aos judeus.

É verdade que a sinagoga não permitia, no tempo de S. Jerônimo, a leitura de Ezequiel antes da idade de trinta anos. Mas isso porque no capítulo 18 ele diz que os filhos não arcarão com a iniqüidade dos pais e que já não se dirá: os pais

comeram raízes verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados.

Nesse ponto ele se achava em contradição com Moisés, que no capítulo 28 dos Números afirma que os filhos sofrem a iniqüidade dos pais até terceira e quarta geração.

Ezequiel, no capítulo 20, faz ainda dizer ao Senhor ter ele dado aos judeus preceitos que não são bons. Eis por que a sinagoga interdisse aos jovens uma leitura que poderia pôr em dúvida a irrefragabilidade das leis de Moisés.

Aos censores de nossos dias, ainda mais os surpreende o capítulo 26 de Ezequiel: eis como o profeta se arranja para fazer conhecer os crimes de Jerusalém. Ele apresenta o Senhor dizendo a uma moça:

"Quando nascestes, ainda não vos tinham cortado o cordão umbilical, ainda não éreis batizada, estáveis completamente nua, eu me apiedei de vós; depois crescestes, vosso seio se formou, vossas axilas cobriram-se de veios; eu passei, eu vos vi, eu compreendi que era o tempo dos amantes; eu cobri vossa ignomínia; estendi por sobre vós o meu manto; viestes a mim; eu vos lavei, perfumei, vesti bem e bem aqueci; dei-vos um chale de lã, braceletes, um colar; eu vos pus jóias no nariz, brincos nas orelhas e uma coroa na fronte, etc.

“Então, confiando em vossa beleza, fornicastes por vossa conta com todos os passantes... E trilhastes um mau caminho... e vos prostituístes até nas praças públicas e abristes as pernas a todos os passantes... e vos deitastes com os egípcios... e enfim pagastes amantes e lhes fizestes presentes a fim de que se deleitassem com outras moças. O provérbio é: Tal mãe, tal filha; e é isso que se diz de vós, etc.”

Ainda com maior indignação se insurgem contra o capítulo 28. Uma mãe tinha duas filhas que perderam muito cedo a virgindade; a maior chamava-se Oola e a menor Ooliba. “...Oola era louca pelos jovens senhores, magistrados, cavaleiros; deitou-se com egípcios desde a mais tenra mocidade... Ooliba, sua irmã, fornicou mais ainda com oficiais, magistrados e cavaleiros bem parecidos; descobriu sua vergonha e multiplicou suas fornicações. Procurou com arrebatamento os abraços daqueles cujo membro se parece com o de um asno e que expandem a sua semente como cavalos...”

Essas descrições que escandalizam tantos espíritos fracos não significam, entretanto, senão as iniqüidades de Jerusalém e de Samaria; as expressões que nos parecem livres não o eram então. A mesma franqueza aparece sem receio em mais de um ponto das Escrituras. Fala-se freqüentemente em abrir a vulva. Os termos de

que elas se servem para explicar o contato de Booz com Rute, de Judas com sua nora, não são desonestos em hebreu, mas se-lo-iam em nossa língua.

Não se usa véu quando não se tem vergonha de sua nudez. Como é possível que se ruborizasse uma pessoa nos tempos passados ao ouvir falar dos órgãos genitais, quando era costume tocá-los àqueles a quem se fazia alguma promessa? Era um sinal de respeito, um símbolo de fidelidade, como outrora entre nós punham os senhores feudais suas mãos entre as dos seus senhores soberanos.

Traduzimos os testículos por coxa. Eliezer pousa a mão sobre a, coxa de Abraão; José pousa a mão sobre a coxa de Jacó. Esse costume era antiqüissimo no Egito. Os egípcios estavam tão longe de ligar à ignomínia coisas que nós não ousamos nem descobrir nem nomear, que conduziam em procissão uma grande figura do membro viril chamada phallum, para agradecer aos deuses a bondade demonstrada em fazer servir esse membro à propagação do gênero humano.

Todos esses fatos provam bem que nossos decoros não são os mesmos dos outros povos. Em que tempo houve entre os romanos maior polidez do que no século de Augusto? Entretanto,

Horácio não tergiversou em dizer numa peça moral:

Nec vereor ne, dum futuo, vir rure recurrat (29).

Um homem que entre nós pronunciasse a palavra correspondente a futuo seria considerado um bêbado indecente; essa e várias outras palavras de que se servem Horácio e outros autores nos parecem ainda mais indecorosas do que as expressões de Ezequiel. Desfaçamo-nos de nossos preconceitos quando lermos autores antigos ou quando viajarmos por nações longínquas. A natureza é a mesma em toda parte e os costumes em toda parte diferentes.

FÁBULAS

Não são as mais antigas fábulas visivelmente alegóricas? A primeira que conhecemos dentro de nossa maneira de calcular o tempo não é aquela que vem no nono capítulo do livro dos Juizes? Tratava-se de escolher um rei entre as árvores; a oliveira não queria abandonar o cuidado do seu azeite, nem a figueira o de seus figos, nem a vinha o de seu vinho, nem as outras árvores o de seus frutos; o espinheiro, que nada tinha de bom, tornou-se rei, porque tinha espinhos e podia praticar o mal.

A antiga fábula de Vênus, tal como a relata Hesíodo, não é uma alegoria de toda a natureza? As partes da geração caíram do éter às costas do mar; Vênus nasce dessa escuma preciosa; seu primeiro nome é o de amante da geração: existirá imagem mais sensível Vênus é a deusa da beleza; a beleza deixa de ser amada se caminhar sem as graças; a beleza faz nascer o amor; o amor tem qualidades que trespassam os corações; leva uma venda que esconde os defeitos do objeto amado.

A sabedoria é concebida no cérebro do senhor dos deuses sob o nome de Minerva; a alma do homem é um fogo divino que Minerva mostra a Prometeu, que se serve desse fogo divino para animar o homem.

É impossível deixar de reconhecer nessas fábulas uma pintura viva de toda a natureza. A maioria das outras fábulas são ou corrupções de histórias antigas ou caprichos da imaginação. Sucede com as antigas fábulas o mesmo que com os nossos contos modernos: há as morais que são encantadoras; outras são insípidas.

FALSIDADE DAS VIRTUDES HUMANAS

Quando o duque de La Rochefoucaud escreveu os seus pensamentos sobre o amor próprio, pondo a descoberto esse impulso do homem, um senhor Espírito, do Oratório, escreveu um livro capcioso intitulado: Da falsidade das virtudes humanas. Diz esse Espírito que a virtude não existe; mas, por graça termina cada capítulo reconsiderando a caridade cristã. Assim, segundo o senhor Espírito, nem Catão, nem Aristides, nem Marco Aurélio, nem Epicteto foram pessoas de bem; estas apenas podem ser encontradas entre os cristãos. Entre os cristãos, apenas os católicos são virtuosos ; entre os católicos seria ainda necessário excetuar os jesuítas, inimigos dos oratorianos; portanto a virtude não se acha senão entre os inimigos dos jesuítas.

Esse senhor Espírito começa por dizer que a prudência não é uma virtude, e a razão é o ser freqüentemente enganada. É como se se dissesse que César não foi um grande capitão por ter sido derrotado em Dirráquio.

Se o senhor Espírito fosse um filósofo, não teria examinado a prudência como uma virtude e sim como um talento, como uma qualidade útil, feliz: pois um celerado pode ser prudente e eu

conheci gente dessa espécie. Que infâmia pretender que ninguém pode ter virtude senão nós e nossos amigos![30].

Que é a virtude, meu amigo? É praticar o bem: pratiquemo-lo e será o suficiente. Então, nós te explicaremos o motivo. Como! Segundo teu modo de ver não existiria nenhuma diferença entre o presidente de Thou e Ravaillac, entre Cícero e esse Popílio ao qual ele salvou a vida e que lhe cortou a cabeça por dinheiro? E considerarás Epicteto e Porfírio libertinos por terem seguido os nossos dogmas? Tamanha insolência revolta. E não vou adiante para não perder as estribeiras.

FANATISMO

Fanatismo é para a superstição o que o delírio é para a febre, o que é a raiva para a cólera. Aquele que tem êxtases, visões, que considera os sonhos como realidades e as imaginações como profecias é um entusiasta; aquele que alimenta a sua loucura com a morte é um fanático. João Diaz, retirado em Nuremberg, firmemente convicto de que o papa é o Anticristo do Apocalipse e que tem o signo da besta, não era mais que um entusiasta; Bartolomeu Diaz, que partiu de Roma para ir assassinar santamente o seu irmão e que efetivamente o matou pelo amor de Deus, foi um dos mais abomináveis fanáticos que em todos os tempos pôde produzir a superstição.

Polieuto, que vai ao templo num dia de solenidade derrubar a destruir as estátuas e os ornamentos, é um fanático menos horrível do que Diaz, mas não menos tolo. Os assassinos do duque Francisco de Guise, de Guilherme, príncipe de Orange, do rei Henrique III, do rei Henrique IV e de tantos outros foram energúmenos enfermos da mesma raiva de Diaz

O mais detestável exemplo de fanatismo é aquele dos burgueses de Paris que correram a assassinar, degolar, atirar pelas janelas,

despedaçar, na noite de São Bartolomeu, seus concidadãos que não iam à missa.

Há fanáticos de sangue frio: são os juizes que condenam à morte aqueles cujo único crime é não pensar como eles; e esses juizes são tanto mais culpados, tanto mais merecedores da execração do gênero humano, quanto, não estando tomados de um acesso de furor como os Clément, os Chatêl, os Ravaillac, os Gérard, os Damien, parece que poderiam ouvir a razão.

Quando uma vez o fanatismo gangrenou um cérebro a doença é quase incurável. Eu vi convulsionários que, falando dos milagres de S. Páris, sem querer se acaloravam cada vez mais; seus olhos encarniçavam-se, seus membros tremiam, o furor desfigurava seus rostos e teriam morto quem quer que os houvesse contrariado.

Não há outro remédio contra essa doença epidêmica senão o espírito filosófico que, progressivamente difundido, adoça enfim a índole dos homens, prevenindo os acessos do mal porque, desde que o mal fez alguns progressos, é preciso fugir e esperar que o ar seja purificado. As leis e a religião não bastam contra a peste das almas; a religião, longe de ser para elas um alimento salutar, transforma-se em veneno nos cérebros infeccionados. Esses miseráveis têm incessantemente presente no espírito o exemplo

de Aode, que assassina o rei Eglão; de Judite, que corta a cabeça de Holoferne quando deitada com ele; de Samuel, que corta em pedaços o rei Agague. Eles não vêem que esses exemplos respeitáveis para a antigüidade são abomináveis na época atual; eles haurem seus furores da mesma religião que os condena.

As leis são ainda muito impotentes contra tais acessos de raiva; é como se lêsseis um aresto do Conselho a um frenético. Essa gente está persuadida de que o espírito santo que os penetra está acima das leis e que o seu entusiasmo é a única lei a que devem obedecer.

Que responder a um homem que vos diz que prefere obedecer a Deus a obedecer aos homens e que, consequentemente, está certo de merecer o céu se vos degolar?

De ordinário, são os velhacos que conduzem os fanáticos e que lhes põem o punhal nas mãos: assemelham-se a esse Velho da Montanha que fazia — segundo se diz — imbecis gozarem as alegrias do paraíso e que lhes prometia uma eternidade desses prazeres que lhes havia feito provar com a condição de assassinarem todos aqueles que ele lhes apontasse. Só houve uma religião no mundo que não foi abalada pelo fanatismo, é a dos letrados da China. As seitas dos filósofos estavam não somente isentas dessa

peste como constituíam o remédio para ela: pois o efeito da filosofia é tornar a alma tranqüila e o fanatismo é incompatível com a tranqüilidade. Se a nossa santa religião tem sido freqüentemente corrompida por esse furor infernal, é à loucura humana que se deve culpar.

Assim, das asas que teve,
Ícaro perverteu o uso;
teve-as para seu bem
e as empregou em seu dano.
(Bertaud, bispo de Séez).

FIM, CAUSAS FINAIS

Parece que seria preciso estar fora de si para negar que os estômagos sejam feitos para digerir, os olhos para ver e os ouvidos para ouvir. De outro lado, é preciso ter um estranho amor às causas finais para afirmar que a pedra foi feita para construir casas e que os bichos da seda nasceram na China para que tenhamos cetim na Europa.

Mas, objeta-se, se Deus fez visivelmente uma coisa preconcebida, fez portanto todas as outras com um desígnio. É ridículo admitir a Providência num caso e negá-la em outros. Tudo o que está feito foi previsto, coordenado. Nenhuma coordenação há sem objeto, nenhum efeito sem causa; portanto tudo é igualmente o resultado, o produto de uma causa final; portanto é tão verdadeiro dizer que os narizes foram feitos para levar lunetas e os dedos para ser ornados de diamantes quanto é verdade que os ouvidos foram feitos para ouvir os sons e os olhos para receber a luz.

Creio ser muito fácil esclarecer essa dificuldade. Quando os efeitos são invariáveis em todo lugar e em todos os tempos, quando esses efeitos uniformes são independentes dos seres a

que pertencem, então existe uma causa final visível.

Todos os animais têm olhos, e enxergam; todos têm uma boca com a qual comem; um estômago ou coisa semelhante, pelo qual digerem; todos, um orifício que expele os excrementos, todos um órgão gerador: e esses dons da natureza operam neles sem auxílio de meios artificiais. Eis ai causas finais claramente estabelecidas, e seria perverter nossa faculdade de pensar pretender negar uma verdade tão universal. Porém as pedras, em toda parte e em todos os tempos, não fazem construções. Nem todos os narizes levam lunetas. Nem todos os dedos têm anel; nem todas as pernas são cobertas por uma meia de seda. Um bicho de seda, portanto, não foi criado para cobrir as pernas assim como a vossa boca foi feita para comer e vosso posterior para ir à secreta. Existem, pois, efeitos produzidos por causas finais e grande número de outros que não o são.

Porém tanto uns como outros figuram igualmente no plano da providência geral: nada sem dúvida pode ser feito mau grado seu, nem mesmo sem ela. Tudo que pertence à natureza é uniforme, imutável, é obra imediata do Senhor; foi ele quem criou leis pelas quais a Lua entra em três quartos nas causas do fluxo e do refluxo do oceano e o Sol no quarto; foi ele que deu movimento de rotação ao Sol, mediante o qual

esse astro envia, em cinco minutos e meio, raios de luz aos olhos dos homens, dos crocodilos e dos gatos.

Mas se depois de tantos séculos nós nos lembramos de inventar tesouras e espetos, de tosquiar com umas a lã dos carneiros e de os cozer com os outros para comê-los, que outra coisa se pode inferir senão. que Deus nos fez de modo que um dia nos tornássemos necessariamente industriosos e carniceiros?

Naturalmente os cordeiros não foram feitos de forma alguma para ser cozidos e comidos, porquanto grande número de nações se abstêm dessa coisa horrorosa; os homens não foram criados essencialmente para se chacinarem, pois os brâmanes e os quakers não matam ninguém; mas a massa de que somos feitos produz morticínios freqüentes, assim como produz calúnias, vaidades, persecuções e impertinências. Não que a formação do homem seja precisamente a causa final de nossos furores e de nossas tolices: porque uma causa final é invariável em todos os tempos e lugares; porém os horrores e os absurdos da espécie humana não figuram menos na ordem eterna das coisas. Quando batemos o trigo, o batedor é a causa final da separação do grão. Mas se esse batedor, batendo o grão, esmaga também milhares de insetos, não é por nossa vontade determinada, nem tão pouco por

acaso: é que esses insetos se encontraram nessa ocasião sob o nosso cacete e aí deviam estar.

É em virtude da natureza das coisas que um homem é ambicioso, que esse homem arregimenta algumas vezes outros homens, que seja vencedor ou que seja batido; mas jamais se poderá dizer: o homem foi criado por Deus para ser morto na guerra.

Os instrumentos que a natureza nos deu não podem ser sempre causas finais em movimento, que tenham efeito infalível. Os olhos, dados para ver, não estão sempre abertos; cada sentido tem seus momentos de repouso. Existem até sentidos que nunca usamos. Por exemplo, uma pobre imbecil, encerrada num convento aos catorze anos, fecha para si a porta de onde deveria sair uma nova geração, para sempre; mas a causa final não deixa de subsistir, ela agirá logo que seja livre.

FRAUDE

Se é preciso usar de fraudes piedosas com o povo.

O faquir Bambabefe encontrou um dia um dos discípulos de Cong-fu-tseu, que chamamos Confúcio, e esse discípulo chamava-se Uang; e Bambabefe sustinha que o povo tem necessidade de ser enganado, e Uang pretendia que jamais se deve enganar quem quer que seja; e eis em resumo a sua disputa.

Bambabefe

É preciso imitar o Ente Supremo, que não nos mostra as coisas tais como são; ele nos faz ver o Sol sob um diâmetro de dois ou três pés, não obstante esse astro ser um milhão de vezes maior do que a Terra; ele nos faz ver a Lua e as estrelas deitadas sobre um mesmo fundo azul, enquanto na realidade estão a distâncias diferentes; quer que uma torre quadrada nos pareça redonda de longe; quer que o fogo nos pareça quente, apesar de não ser nem frio nem quente; enfim ele nos cerca de erros convenientes a nossa natureza.

Uang

Isso a que chamais erro não o é absolutamente. O Sol, tal como está colocado a milhões de milhões de léguas além do nosso globo, não é o que vemos. Realmente, nós não percebemos, nem podia deixar de sê-lo, senão o Sol que se grava em nossa retina, sob um ângulo determinado. Nossos olhos não nos foram dados para conhecermos as grandezas e as distâncias; são precisos outros recursos e operações para conhecê-las.

Bambabefe ficou muito admirado dessas proposições. Uang, que era muito paciente, explicou-lhe a teoria da ótica; e Bambabefe, que tinha um certo tino, rendeu-se à evidência das demonstrações do discípulo de Cong-fu-tseu; em seguida reencetou a disputa nestes termos:

Bambabefe

Se Deus não nos engana quanto aos nossos sentidos, como eu pensava, deveis convir ao menos em que os médicos enganam sempre as crianças para o seu próprio bem: dizem-lhes que lhes estão dando açúcar, e na realidade trata-se de ruibarbo. Portanto, meu caro faquir, posso muito bem enganar o povo, que é tão ignorante como as crianças.

Uang

Tenho dois filhos e jamais os enganei; disse-lhes quando estiveram doentes: “Eis um remédio muito amargo, é preciso ter coragem para tomá-lo; se fosse doce vos faria mal”. Nunca admiti que suas amas e seus preceptores lhes metessem medo contando-lhes histórias de feitiçarias; é assim que os criei, como cidadãos corajosos e sábios.

Bambabefe

O povo não nasceu tão feliz como vossa família.

Uang

Todos os homens se parecem; nasceram com as mesmas disposições. Os faquires é que corrompem a natureza dos homens

Bambabefe

Ensinamos-lhes muitos erros, reconheço-o; mas é para o seu próprio bem. Fazemo-lhes crer que se não comprarem nossos cravos bentos, se não expiarem seus pecados dando-nos dinheiro, tornar-se-ão, na outra vida, cavalos de posta, cães ou lagartos: isto os intimida, e então eles se tornam pessoas de bem.

Uang

Mas não percebeis que dessa forma perverteis essa pobre gente? Existem entre o povo, mais do que se pensa, pessoas que raciocinam, que zombam de vossos cravos, de vossos milagres, de vossas superstições, que vêem muito bem que não se irão transformar nem em lagartos nem em cavalos de posta. Que acontece? Elas têm bastante bom senso para ver que vós lhes pregais uma religião impertinente, e não o têm, entretanto, suficiente para se elevar numa religião pura e isenta de superstições como é a nossa. Suas paixões lhes fazem pensar que não existe religião, uma vez que a única que lhes ensinam é ridícula; tornai-vos pois culpado de todos os vícios aos quais elas se atiram.

Bambabefe

De forma alguma, porquanto nós apenas lhes ensinamos uma boa moral.

Uang

Seríeis lapidado pelo povo se lhe ensinásseis uma moral impura. Os homens são feitos de forma tal que querem cometer o mal mas não admitem que lho preguemos. Seria simplesmente necessário não imiscuir uma sábia moral com fábulas absurdas, pois enfraqueceis com vossas imposturas, de que poderíeis vos abster, essa moral que sois forçados a ensinar.

Bambabefe

Como! Julgais que se pode ensinar a verdade ao povo sem a sustentar pelas fábulas?

Uang

Creio-o firmemente. Nossos letrados são da mesma massa que nossos alfaiates, tintureiros e camponeses. Adoram um Deus criador, remunerador e vingador Eles não contaminam o seu culto com sistemas absurdos nem cerimônias extravagantes; e há muito menos crimes entre os letrados que entre o povo. Por que não nos dignarmos instruir nossos operários como instruímos nossos letrados?

Bambabefe

Cometeríeis uma grande tolice; é como se pretendêsseis que eles tivessem a mesma polidez, que fossem jurisconsultos: isso não é possível nem conveniente. É preciso que exista pão branco para os amos e pão negro para os domésticos.

Uang

Reconheço que nem todos os homens devam ter os mesmos conhecimentos; mas há coisas necessárias a todos. É necessário que cada um seja justo, e a maneira mais segura de inspirar a justiça a todos os homens é inspirar-lhes a religião sem superstição.

Bambabefe

É um belo projeto, mas impraticável. Julgais que seja suficiente aos homens acreditar num Deus que puna e recompense? Vós me dissestes acontecer freqüentemente que os mais avisados entre o povo se revoltam contra minhas fábulas; da mesma forma se revoltarão contra vossa verdade. Dirão: Quem me pode assegurar que um Deus pune a recompensa? Onde está a prova? Que missão tendes? Que milagre fizestes para que eu vos creia? Eles zombarão de vós muito mais do que de mim

Uang

Eis o vosso erro. Imaginais que hão de sacudir o jugo de uma idéia honesta, verossímil, útil a toda gente, uma idéia que está em perfeito acordo com a razão humana, por que se rejeitam as coisas indecorosas, absurdas, inúteis, nocivas, que fazem fremir o bom senso.

O povo está sempre muito disposto a crer nos magistrados: quando seus magistrados não lhe propõem senão uma crença razoável, aceita-a de boa vontade; essa idéia é muito natural para ser combatida. Não é necessário dizer precisamente como é que Deus punirá e recompensará; basta que se creia em sua justiça. Asseguro vos que vi cidades inteiras que não tinham outro dogma, e

são também aquelas onde mais encontrei a virtude.

Bambabefe

Tomai tento; encontrareis nessas cidades filósofos que vos negarão tanto as penas como as recompenses.

Uang

Deveríeis dizer que tais filósofos negariam ainda com maior vigor vossas invenções; assim nada lucrais nesse ponto. Quando mesmo existissem filósofos que não estivessem em acordo com meus princípios, não deixariam de ser pessoas de bem; não deixariam de cultivar a virtude, que deverá ser abraçada por amor, e não por medo. Mas afirmo-vos que filósofo algum jamais estará plenamente certo de que a Providência não reserve castigos aos maus e recompensas aos bons; porque se eles me perguntarem quem me disse que Deus pune, eu lhes perguntarei quem lhes disse que Deus não pune. Enfim, asseguro-vos que os filósofos me auxiliarão, longe de me contradizerem. Quereis ser filósofo?

Bambabefe

Com todo gesto; não o digais porém aos faquires.

Estão em toda parte, meu pobre doutor. Queres saber por que teus pés obedecem a tua vontade e teu fígado não? Desejas saber como se forma o pensamento em teu miserável entendimento e esta criança no útero desta mulher? Dou-te tempo para me responderes. Que é a matéria? Dez mil tratados escreveram teus colegas em torno do assunto. Encontraram algumas qualidades dessa substância: as crianças conhecem-nas tanto como tu. Mas afinal que é essa substância? E que vem a ser isso que batizaste de espírito, do vocábulo latino que quer dizer sopro, não lhe dando nome melhor por não teres a menor idéia do que seja?

Olha este grão de trigo que lanço à terra e dize-me como cresce para produzir uma haste apendoada de uma espiga. Explica-me como a mesma terra produz uma maçã no alto daquela arvore e naqueloutra uma castanha. Poderia desfiar-te um infólio de perguntas a que não deverias responder senão por estas palavras: Nada sei.

No entanto tu colaste grau, arreias chapéu alto e envergas nasóculos, e te chamam mestre.

E aquele outro impertinente, por ter comprado um cargo, presume haver comprado o direito de julgar e condenar o que não entendei

A divisa de Montaigne era: Que sei eu? A tua é: Que não sei eu?

GLÓRIA

Ben al Betif, digno chefe dos dervís, disse-lhes um dia: “Meus irmãos, muito conveniente é que useis com toda freqüência esta fórmula sagrada do nosso Alcorão: Em nome de Deus mui misericordioso, pois Deus usa de misericórdia e vós aprendereis a praticá-la com repetir freqüentemente os termos que recomendam uma virtude sem a qual poucos homens restariam sobre a terra. Mas, meus irmãos, abstende-vos de imitar esses temerários que a todo transe se jactam de trabalhar pela glória de Deus. Se um jovem imbecil sustenta uma tese sobre as categorias, tese presidida por um ignorante encasacado, não deixa de escrever em grossos caracteres no cabeçalho de sua tese: Ek Allah abron doxa: ad majorem Dei gloriam. Um bom muçulmano fez pintar o seu salão gravando em sua porta essa tolice; um saca carrega água para maior glória de Deus. É um costume ímpio, piedosamente posto em uso. Que diríeis de um pequeno tchauch que ao limpar a privada do nosso ilustre sultão gritasse: “Para maior glória do nosso invencível monarca”? Há certamente maior distância do sultão a Deus que do sultão ao pequeno tchauch.

“Que tendes de comum, vermes miseráveis da terra chamados homens, com a glória do Ser

Infinito? Pode ele amar a glória? Pode recebê-la de vós? Pode saboreá-la? Até quando, bípedes implumes, fareis Deus. à vossa imagem? Como!. Por serdes vãos, porque amais a glória, pretendeis que Deus a ame também Se existissem vários deuses, cada um deles, é possível, poderia desejar obter o sufrágio dos seus semelhantes. Seria essa a glória de Deus. Se se pudesse comparar a grandeza infinita com a extrema baixeza, esse Deus seria como o rei Alexandre ou Scander, que não desejava entrar em lide senão com reis. Mas vós, pobres diabos, que glória poderíeis dar a Deus? Cessai de profanar o seu nome sagrado. Um imperador chamado Otávio Augusto proibiu que o louvassem nas escolas de Roma por temer que seu nome fosse envilecido. Mas vós não podeis nem envilecer o ente supremo nem honrá-lo. Humilhai-vos, adorai e calai-vos".

Assim falou Ben al Betif; e os dervis exclamaram: "Glória a Deus! Ben al Betif bem falou".

GRAÇA

Consultores sagrados da Roma moderna, ilustres e infalíveis teólogos, ninguém mais do que eu respeita vossas divinas decisões; mas se Paulo Emílio, Cípião, Catão, Cícero, César, Tito, Trajano, Marco Aurélio tornassem a essa Roma a que dedicavam outrora certo crédito, havíeis de dizer-me que ficariam um tanto admirados de vossas decisões sobre as graças. Que diriam eles se ouvissem falar da graça de saúde segundo Sto. Tomás e da graça medicinal segundo Cajetan; da graça exterior e interior, da graça gratuita, da santificante, da atual, da habitual, da cooperante; da eficaz, que algumas vezes não surte efeito; da suficiente, que às vezes não basta; da versátil e da côngrua? Em boa fé, compreenderiam eles mais do que eu e vós?

Que necessidade teriam esses pobres homens de vossas instruções sublimes? Parece-me ouvi-los dizer:

Meus reverendos padres, sois uns gênios terríveis; pensávamos tolamente que o Ser Eterno não se guia jamais pelas leis particulares como os vís humanos, mas sim por suas leis gerais, eternas como eles. Nenhum de nós jamais imaginou que Deus se assemelhasse a um suserano insensato que concede um pecúlio a um

escravo e recusa alimentação a outro; que ordena ao maneta amassar-lhe a farinha, a um mudo que lhe leia o jornal, a um perneta que lhe sirva de mensageiro.

Tudo é graça da parte de Deus. Fez, ao globo que habitamos, a graça de formá-lo; às árvores, a graça de fazê-las crescer; aos animais a de os nutrir. Mas, — dir-se-á — no caso de um lobo encontrar no seu caminho um cordeiro para seu almoço, enquanto outro lobo morre de fome, terá feito Deus a esse primeiro lobo uma graça particular? Ter-se-á ocupado, por uma graça obsequiosa, em fazer nascer um carvalho de preferência a outro carvalho ao qual faltou seiva? Se em toda a natureza todos os seres estão sujeitos às leis gerais, por que motivo uma única espécie constituiria exceção? Por que deveria o senhor absoluto de tudo ocupar-se mais em dirigir o interior de um único homem do que conduzir o resto da natureza inteira? Por que extravagância mudaria ele alguma coisa no coração de um curlandês ou biscainho, enquanto nada modifica das leis que impôs a todos os astros?

Que miséria o supor que ele faz, desfaz, refaz continuamente nossos sentimentos! E que audácia o nos julgarmos à parte de todos os seres! Ainda não é senão para aqueles que confessam serem todas essas mudanças

imaginadas. Um savoiano, um bergamásio, terá na segunda feira a graça de mandar dizer uma missa por doze soldos; na terça irá à tasca, e a graça lhe faltará; na quarta terá uma graça cooperante que o conduzirá à confissão, mas não terá a graça eficaz da contrição perfeita; na quinta feira haverá uma graça suficiente que não lhe bastará, como já dissemos. Deus trabalhará continuamente no cérebro desse bergamásio, ora com energia, ora debilmente, e o resto da terra nada será para ele! Não se dignará imiscuir-se no interior dos hindus e dos chineses! Se ainda vos sobrar uma partícula de razão, meus reverendos padres, não achais esse sistema prodigiosamente ridículo?

Desgraçados, vede esse carvalho que alevanta a fronde às nuvens e esse caniço que rasteja a seus pés! Não direis que a graça eficaz foi dada ao carvalho e faltou ao caniço. Elevai os olhos ao céu, vede o eterno demiurgo criando milhões de mundos que gravitam todos entre si mercê de leis gerais e eternas. Vede a mesma luz refletir-se do Sol a Saturno e de Saturno a nós; e, nesse acordo de tantos astros arrastados por uma rápida corrente, nessa obediência geral de toda a natureza, ousai crer, se o puderdes, que Deus se ocupa em conceder uma graça versátil a sóror Teresa e uma graça concomitante a sóror Inês.

Átomo, a quem um tolo átomo disse que o Eterno tem leis particulares para alguns átomos de tua vizinhança; que ele concede sua graça àquele e nega-a a este; que aquele que não possuía graça ontem tê-la-á amanhã, — não repitas essa tolice. Deus fez o universo e não criará ventos novos para remover alguns gravetos de palha num canto desse universo. Os teólogos são como os combatentes de Homero, que acreditavam que seus deuses ora se armavam contra eles, ora a seu favor. Se Homero não fosse considerado como poeta, se-lo-ia como blasfemador.

É Marco Aurélio quem fala e não eu: porque Deus, que vos inspira, me concede a graça de acreditar em tudo o que dizeis, tudo o que tendes dito, tudo o que disserdes.

GUERRA

A miséria, a peste e a guerra são os três ingredientes mais famosos deste mundo vil. Podem-se colocar na classe da miséria todas as más alimentações a que a penúria nos força a recorrer para abreviar nossa vida na esperança de a suster.

Compreendem-se na peste todas as doenças contagiosas, que são em número de, dois ou três mil. Esses dois presentes nos vêm da Providência, A guerra, porém, que reúne todos esses dons, nos vem da imaginação de trezentas ou quatrocentas pessoas disseminadas pela superfície do globo sob o nome de príncipes ou ministros; é provavelmente por essa razão que em várias dedicatórias se chamam imagens vivas da Divindade(31).

O mais determinado adulador convirá sem esforço em que a guerra acarreta sempre a peste e a miséria, por pouco que tenha visto os hospitais dos exércitos da Alemanha(32), ou que tenha passado em aldeias onde se fez algum grande movimento militar.

É sem dúvida uma bela arte a de desolar os campos, destruir as casas e fazer morrer, anualmente, quarenta mil homens sobre cem mil. A principio essa invenção foi cultivada por nações

reunidas para o bem comum; por exemplo, a dieta dos gregos declarou à dieta da Frígia e dos povos vizinhos que ia partir num milheiro de barcos de pesca a fim de os exterminar, se o pudesse.

O povo romano reunido julgou ser de seu interesse ir combater antes da colheita contra o povo dos véios ou contra os volscos. E, alguns anos antes, todos os romanos, estando encolerizados contra todos os cartagineses, bateram-se longo tempo em mar e em terra. Não sucede o mesmo hoje em dia.

Um genealogista prova a um príncipe que este descende em linha reta de um conde cujos pais tinham feito um pacto de família, há trezentos ou quatrocentos anos, com uma casa de que nem sequer existe memória. Essa casa tinha vastas pretensões sobre uma província cujo último possessor morreu de apoplexia: o príncipe e seu conselho concluem sem dificuldade que essa província lhe pertence por direito divino. Essa província, que está situada a algumas centenas de léguas, perde seu tempo em protestar que não o conhece, que não tem nenhum desejo de vir a ser governada por ele; que, para dar leis à gente, é preciso ao menos ter o seu consentimento: tais discursos chegam aos ouvidos do príncipe, cujo direito é incontestável. Este encontra imediatamente um grande número

de homens que nada têm que fazer nem que perder; veste-os com um grosso pano azul a cento e dez soldos cada um, borda seus chapéus com fio branco ordinário, fá-los manobrar um pouco e marcha para a glória.

Os outros príncipes que ouvem falar desse exército tomam parte nele, cada um segundo seu poder, e cobrem uma pequena planície do país de tantos matadores mercenário como Gengis Cã, Tamerlão, Bajazés jamais tiveram em seu séquito.

Povos bastante afastados ouvem dizer que vai haver guerra e que há cinco ou seis soldos diários a ganhar se quiserem participar da coisa: dividem-se dentro em pouco em dois bandos, como ceifeiros, e vão vender seus serviços a quem os queira empregar.

Então essas multidões se atiram umas contra outras, não só sem ter interesse algum no processo, mas sem mesmo saber do que se trata. São seis potências beligerantes ao mesmo tempo, ora três contra três, ora duas contra quatro, ora uma contra cinco, detestando-se todas igualmente entre si, unindo-se e atacando turno a turno; todas de acordo num único ponto, o de fazer todo o mal possível.

O maravilhoso dessa empresa infernal é que cada chefe dos matadores faz benzer suas

bandeiras e invoca solenemente a Deus antes de ir exterminar o próximo.

Se um chefe não teve a felicidade de fazer degolar senão dois ou três mil homens, não agradece a Deus; mas assim alcance um ativo de uns dez mil exterminados pelo fogo e pelo ferro, e por cúmulo de graça alguma cidade seja totalmente destruída, então canta-se aos quatro ventos uma longa canção, composta numa língua desconhecida de todos os que combateram e repleta de barbarismos. A mesma canção serve tanto para os casamentos ou nascimentos como para as mortes: o que é imperdoável, sobretudo na nação mais famosa por suas novas canções.

Paga-se por toda parte um certo número de arengadores a fim de celebrar essas jornadas mortíferas; uns vestem-se com longos gibões pretos, encimados por uma capa curta; outros usam uma camisa por cima da roupa; outros levam um tirante matizado por cima da camisa. Todos falam muito; citam o que se fez outrora na Palestina, a propósito de um combate em Veterávia.

O resto do ano esses indivíduos declamam contra os vícios. Provam em três pontos e por antíteses que as damas que espalham ligeiramente um pouco de carmim nas bochechas serão objeto de eternas vinganças do Eterno; que

Polieuto e Atália são obras demoníacas; que um homem que manda pôr sobre sua mesa duzentos escudos de peixe fresco num dia de quaresma beneficia sua saúde, e que um pobre homem que come dois soldos de carneiro irá para sempre a todos os diabos.

De cinco ou seis mil declamações dessa espécie, apenas existem três ou quatro, compostas por um gaulês chamado Massilão, que um homem honesto pode ler sem desgosto; mas em todos esses discursos não há um só orador que ouse insurgir-se contra esse flagelo e esse crime da guerra, que contém todos os flagelos e todos os crimes. Os desgraçados arengadores falam sem cessar contra o amor, que é a única consolação do gênero humano e a única maneira de o reparar; nada dizem dos esforços abomináveis que fazemos para destruí-lo.

Fizestes um péssimo sermão sobre a impureza, ó Bourdaloue! mas nenhum sobre essas mortes variadas em tantos lugares, sobre essas rapinas, sobre esses banditismos, sobre essa raiva universal que desola o mundo. Todos os vícios reunidos de todas as idades e de todos os lugares jamais igualarão os males produzidos por uma única campanha.

Miserável módico de almas, gritais durante cinco quartos de hora por causa de algumas

picadas de espinho e nada dizeis sobre a enfermidade que nos estraçalha em mil pedaços! Filósofos moralistas, queimai todos os vossos livros, Enquanto o capricho de alguns homens fizer lealmente degolar milhares de nossos confrades, a parte do gênero humano consagrada ao heroísmo será o que de mais afrontoso existe em toda a natureza.

Que são, que me importam a humanidade, a beneficência, a modéstia, a temperança, a doçura, a sabedoria, a piedade, quando meia libra de chumbo atirada de seiscentos passos me inutiliza o corpo e morro aos vinte anos entre padecimentos inexprimíveis, no meio de cinco ou seis mil agonizantes, enquanto meus olhos que se abrem pela última vez vêem a cidade em que nasci destruída pelo fogo e pelas chamas, e os derradeiros sons que meu ouvido percebe são gritos de mulheres e de crianças que expiram sob as ruínas, tudo pelos pretensos interesses de um homem que não conhecemos?

E o que é pior, a guerra é um flagelo inevitável, Se observarmos bem, todos os homens adoraram o deus Marte. Sabaote, entre os judeus, significa o deus das armas; mas Minerva, em Homero, considera Marte um deus furioso, insensato e infernal.

HISTÓRIA DOS REIS JUDEUS E PARALIPÔMENOS

Todos os povos escreveram sua história, desde que o puderam fazer. Os judeus também escreveram a sua. Antes que tivessem reis viviam sob o regime teocrítico; eram julgados e governados pelo próprio Deus.

Quando os judeus desejaram um rei como os povos seus vizinhos, o profeta Samuel declarou-lhes da parte de Deus que eles rejeitavam o próprio Deus: assim findou a teocracia entre os judeus quando teve princípio a monarquia.

Poder-se-ia, pois, dizer sem blasfemar que a história dos reis judeus foi escrita como a dos outros povos, e que Deus não se deu ao trabalho de contar, ele mesmo, a história de um povo que já não governava.

É com extrema desconfiança que se aventa essa opinião. O que a poderia confirmar é que os Paralipômenos contradizem freqüentemente o Livro dos Reis na cronologia e nos fatos, assim como os nossos historiadores profanos se contradizem algumas vezes. Demais, se Deus sempre escreveu a história dos judeus, será preciso crer, portanto, que continua a escrevê-la, porque os judeus continuam a ser o seu povo querido. Eles dever-se-ão converter um dia e parece que então estarão também no direito de

considerar a história de sua dispersão como sagrada, assim como têm direito de dizer que Deus escreveu a história dos seus reis.

Pode-se ainda fazer uma reflexão: é que, tendo sido Deus o seu úico rei durante longo tempo e em seguida seu historiador, deveremos ter para com todos os judeus o mais profundo respeito. Não há algibebe judeu que não esteja infinitamente acima de César e Alexandre. Como evitar prosternar-se diante de um adelo que vos prova que sua história foi escrita peia própria Divindade, enquanto as histórias gregas e romanas não nos foram transmitidas senão por profanos?

Se o estilo da História dos Reis e dos Paralipômenos é divino, as ações relatadas nessas histórias nada têm de divino. Davi assassina Urias; Isbosete e Mifibosete são assassinados; Absalão assassina Amão; Joabe assassina Absalão; Salomão assassina Adonias, seu irmão; Baasa assassina Nadabe; Zambri assassina Ela; Amri assassina Zambri; Acabe assassina Nabote; Jeú assassina Acabe e Jorâm; os habitantes de Jerusalém assassinam Amazias, filho de Joas; Selum, filho de Jabes, assassina Zacarias, filho de Jeroboão; Manaêm assassina Selum, filho de Jabes; Faceu, filho de Romélio, assassina Facéia, filho de Manaêm; Ozeu, filho de Ela, assassina Faceu, filho de Romélio.

Silenciamos outros cardápios de assassínios. É preciso compreender que se o Espírito Santo escreveu essa história, não escolheu um assunto muito edificante.

ÍDOLO, IDÓLATRA, IDOLATRIA

Idolo vem do grego “eidos”, figura; “eidolos”, representação de uma figura; “latreuein”, servir, reverenciar, adorar, O termo adorar é latino, existindo várias acepções diferentes: significa levar a mão à boca falando com respeito, curvar-se, ajoelhar-se, saudar e, enfim, comumente, render um culto supremo.

É útil assinalar aqui que o Dictionnaire de Trévoux começa esse artigo por dizer que todos os pagãos eram idólatras e que os hindus ainda o são. Primeiramente, não se chamava pagão a ninguém antes de Teodósio o Jovem; esse nome foi dado então aos habitantes dos burgos da Itália, pagorum incolae, pagani, que conservavam sua antiga religião. Em segundo lugar, o Indostão é maometano e os maometanos são inimigos implacáveis das imagens e da idolatria. Terceiro, não se deve chamar idólatras a muitos povos da Índia que pertencem à antiga religião dos parsis, nem a certas castas que não adoram ídolos.

Exame

Se houve alguma vez um governo idólatra

Parece não ter existido jamais nenhum povo sobre a terra que tenha tomado esse nome de idólatra. Esse termo é uma injúria, uma palavra ultrajante, tal como a de gavachos(33), que os

espanhóis davam outrora aos franceses, e o de maranes(34) que os franceses davam aos espanhóis. Se se tivesse perguntado ao senado de Roma, ao Areópago de Atenas, à corte dos reis da Pérsia: “Sois idólatras!” — mal entenderiam a pergunta. Ninguém teria respondido: “Adoramos imagens e ídolos”. Não se encontra o termo idólatra, idolatria nem em Homero, nem em Esíodo, nem em Heródoto, nem em qualquer outro autor da religião dos gentios. Jamais existiu édito, lei alguma que ordenasse a adoração de ídolos, que fossem usados como deuses, que se considerassem como deuses.

Quando os capitães romanos e cartagineses concluíam um tratado, invocavam todos os seus deuses. “É na sua presença” — diziam eles — “que juramos a paz”. Ora, as estátuas de todos esses deuses, cuja enumeração seria muito longa, não participavam da tenda dos generais. Consideravam os deuses como presentes às ações dos homens, como testemunhas, como juizes e com certeza não era o simulacro que constituía a divindade.

Com que olhos viam, pois, as estátuas das suas falsas divindades nos templos? Com os mesmos olhos, se se permitir esta expressão, com que vemos as imagens dos objetos de nossa veneração. O erro não era adorar pedaços de mármore ou de madeira, mas adorar uma falsa

divindade, representada por essa madeira e por esse mármore. A diferença entre eles e nós não é que eles tivessem imagens e nós não. A diferença é que suas imagens representavam seres fantásticos de uma religião falsa e as nossas representam seres reais duma religião verdadeira. Os gregos tinham a estátua de Hércules e nós a de S. Cristóvão; tinham Esculápio e sua cabra e nós S. Roque e seu cão; tinham Júpiter armado com um feixe de raios e nós Sto. Antônio de Pádua e São Jaques de Compostela.

Quando o cônsul Plínio endereça suas preces aos deuses imortais, no exórdio do Panegírico de Trajano, não é às imagens que se dirige. Essas imagens não eram imortais.

Nem os últimos tempos do paganismo nem os mais remotos oferecem um único fato que possa fazer concluir que se adorassem ídolos. Homero fala apenas de deuses que habitavam o alto Olimpo. O palladium, ainda que caído do céu, era apenas um penhor sagrado da proteção de Palas; era a ela que se venerava no palladium.

Porém os romanos e os gregos ajoelhavam-se diante das estátuas, davam-lhes coroas, incenso, flores, conduziam-nas em triunfo nas praças públicas. Nós santificamos esses costumes, e não somos idólatras.

As mulheres, em tempos de seca, carregavam as estátuas dos deuses depois de haver jejuado. Caminhavam descalças, descabeladas, e em breve chovia a cântaros, como dizia Petrônio, et estatim urceatim pluebat(35). Não consagramos esse uso, ilegítimo entre os gentios e legítimo sem dúvida alguma entre nós? Em quantas cidades não se levam a pés nus os altares dos santos para obter as bênçãos do céu por seu intermédio? Se um turco, um letrado chinês presenciasse essas cerimônias, poderia, por ignorância, acusar-nos desde logo de pôr nossa confiança em imagens que assim transportamos em procissão; bastaria, porém, uma palavra para os desmentir.

Surpreendemo-nos do número prodigioso de declamações debitadas em todos os tempos contra a idolatria dos romanos e dos gregos; e mais ainda, nos surpreendemos ao saber que não foram idólatras.

Existiam templos mais privilegiados que outros. A grande Diana de Éfeso tinha mais reputação do que uma Diana de aldeia. Operavam-se mais milagres no templo de Esculápio em Epidauro que em outro qualquer dos seus templos. A estátua de Júpiter Olímpico atraía mais oferendas que a de Júpiter Paflagônio. Mas, desde que é preciso sempre opor aos costumes de uma religião verdadeira os de uma religião falsa, não tivemos nós, durante

vários séculos, mais devoção a certos altares do que a outros? Não levamos mais ofertórios a Nossa Senhora de Loreto que a Nossa Senhora das Neves? É a nós que compete saber se esse pretexto serve para nos acusar de idolatria.

Não se imaginara senão uma só Diana, um só Apolo, um único Esculápio, e não tantos Apolos, Dianas e Esculápios, com seus respectivos templos e estátuas. Está pois provado, tanto quanto o pode ser um ponto histórico, que os antigos não criam em que uma estátua fosse uma divindade, que o culto não podia ser relacionado a essa estátua, a esse ídolo e que, consequentemente, os antigos nada tinham de idólatras.

Um populacho grosseiro, supersticioso, que não raciocinava, que não sabia duvidar nem negar nem crer, que acorria aos templos por ociosidade e porque aí os pequenos são iguais aos grandes, que levava sua oferenda por costume, que falava continuamente de milagres sem nunca haver examinado um deles, e que não estava acima das vítimas que causava; esse populacho, digo, bem podia, à vista da grande Diana e de Júpiter Tonante, ser ferido de um terror religioso e adorar, sem o saber, a própria estátua. É o que em nossos templos aconteceu algumas vezes a nossos grosseiros concidadãos. Entretanto, não cessamos de lhes dizer que é aos bem-

aventurados, aos imortais, recebidos no céu, que eles devem solicitar, e não a figuras de madeira e de pedra, e que apenas devem adorar a Deus.

Os gregos e romanos aumentaram por apoteoses o número de seus deuses. Os gregos divinizavam os conquistadores, como Baco, Hércules e Perseu. Roma erigiu altares aos seus imperadores. Nossas apoteoses são de gênero diferente; temos santos em substituição a seus semideuses, seus deuses secundários; mas não os consideramos mercê de seus postos ou conquistas. Elevamos templos a homens simplesmente virtuosos que seriam, na maioria, completamente ignorados sobre a terra se não tivessem sido colocados no céu. As apoteoses dos antigos inspiravam-se na lisonja, as nossas no respeito à virtude, mas essas antigas apoteoses constituem ainda uma prova convincente de que os gregos e romanos nada tinham propriamente de idólatras. Está claro que não admitiam mais uma virtude divina na estátua de Augusto e Cláudio do que em suas medalhas.

Cícero, em suas obras filosóficas, não deixa sequer supor que nos possamos enganar quanto às estátuas dos deuses, confundindo-as com os próprios deuses. Seus interlocutores fulminavam a religião estabelecida; mas nenhum deles sonha em acusar os romanos de empregar o mármore e o bronze para as estátuas de suas divindades.

Lucrécio não reprova essa tolice a ninguém, ele que tudo reprova aos supersticiosos. Portanto, ainda uma vez, essa opinião não existia, não se fazia dela idéia alguma; não existiam idólatras.

Horácio faz falar a uma estátua de Príapo, fazendo-lhe dizer: “Eu fui outrora um tronco de figueira; um carpinteiro, não sabendo se faria de mim um Deus ou um banco, determinou enfim tornar-me um deus, etc.”(36). Que concluir desse gracejo? Príapo era dessas pequenas divindades subalternas abandonadas ao gracejo; esse próprio gracejo é a prova mais evidente de que essa figura de Príapo, que se colocava nas hortas para espantar os pássaros, não era muito venerada.

Dacier, entregando-se ao espírito comentador, não deixou de observar que Baruch predissera essa aventura dizendo: “Eles serão apenas o que quiserem os artífices”; porém ele deveria observar também que se pode dizer outro tanto de todas as divindades.

Pode-se, de um bloco de mármore, fazer tão bem um fogão como uma figura de Alexandre ou de Júpiter, ou qualquer outra coisa mais respeitável. A matéria de que eram formados os querubins do Santo dos Santos teria podido servir igualmente às funções mais vis. Um trono, um altar, são menos venerados porque um

operário poderia ter feito com seu material uma mesa de cozinha?

Dacier, em lugar de concluir que os romanos adoravam a estátua de Príapo e que Baruch o predissera, deveria pois concluir que os romanos se riam dela. Consultai todos os autores que falam das estátuas dos seus deuses e não encontrareis nenhum que fale em idolatria: eles dizem expressamente o contrário. Vedes em Marcial:

Qui finxit sacros auro vel marmore vultus non facit ille deos....(37).

Em Ovídio:

Colitur pro Jove forma Jovis (38).

Em Estácio:

Nulla autem effigies, nulli commissa metallo forma Dei; mentes habitare et pectora gaudet (39).

Em Lucano:

Estne Dei sedes, nisi terra et pontus et aer? (40).

Far-se-ia um volume de todos os passos que afirmam que as imagens são somente imagens.

Apenas o caso em que as estátuas concediam oráculos pode fazer pensar que essas estátuas tinham alguma coisa de divino. Mas certamente a

opinião reinante era a de que os deuses tinham escolhido determinados altares, determinadas imagens, para aí descerem algumas vezes, para aí dar audiências aos homens, para lhes responder. Não vemos em Homero e nos coros das tragédias gregas senão preces a Apolo, que dava seus oráculos nas montanhas, em tal templo, em tal cidade; não há, sem dúvida, em toda a antigüidade, o menor vestígio de preces dirigidas a uma estátua.

Os que professavam a magia, os que a julgavam uma ciência ou que fingiam crê-lo, pretendiam ter o segredo de fazer os deuses descerem às estátuas; não os grandes deuses, mas os deuses secundários, os gênios. É o que Mercúrio Trismegista chamava fazer deuses; é isso que Sto. Agostinho refuta em sua Cidade de Deus. Porém mesmo isso mostra evidentemente que as imagens nada tinham de divino, porquanto era preciso que um mago as animasse. Parece-me que era muito raro um mago ter habilidade suficiente para dar alma a uma estátua, para fazê-la falar.

Numa palavra: as imagens dos deuses não eram deuses. Júpiter e não sua imagem lançava o trovão; e não era a estátua de Netuno que agitava os mares nem a de Apolo que fazia a luz. Os gregos e os romanos eram gentios, politeístas e não idólatras.

Se os persas, os sabaenses, os egípcios, os tártaros, Os turcos foram idólatras e de que antigüidade é a origem das imagens chamadas “ídolos”. História do seu culto.

É um grande erro chamar idólatras aos povos que renderam culto ao Sol e às estrelas. Essas nações não tiveram por muito tempo nem imagens nem templos. Se se enganaram, foi em atribuir aos astros o que deviam ao criador dos astros. O dogma de Zoroastro ou Zerdusto, recolhido no Sadder, apresenta também um ente supremo, vingador e remunerador; e isto está bem longe de ser idolatria. O governo da China não teve jamais nenhum ídolo;, conservou sempre o culto simples do Senhor dos Céus, King-tien. Gengis Cã, entre os tártaros, não era idólatra nem possuía imagem alguma. Os muçulmanos, que inçaram a Grécia, Ásia Menor, Síria, Pérsia, Índia e África, chamam aos cristãos idólatras, infiéis, pois acreditam que eles rendem culto às imagens. Quebraram várias estátuas que encontraram em Constantinopla, em Santa Sofia, na igreja dos Santos Apóstolos e em muitas outras que converteram em mesquitas. A aparência os enganou como sempre engana os homens e lhes fez crer que templos dedicados aos santos que tinham sido homens outrora, imagens desses santos veneradas de joelhos, milagres operados nesses templos eram provas irretorquíveis da mais consumada idolatria.

Contudo, não há nada disso. Os cristãos não adoram, na verdade, senão um Deus único e não veneram nos seus bem-aventurados senão a própria virtude de Deus que age em seus santos. Os iconoclastas e os protestantes lançaram a mesma tacha de idolatria à igreja e a mesma resposta lhes foi dada.

Como muito raramente tiveram os homens idéias precisas e menos ainda exprimiram suas idéias por termos precisos e inequívocos, apelidamos idólatras os gentios e sobretudo os politeístas. Escreveram-se volumes imensos, debitaram-se sentimentos diversos sobre a origem desse culto rendido a Deus ou a vários deuses sob figuras sensíveis: esta multitude de livros e de opiniões não atesta senão ignorância.

Não se sabe quem inventou as vestes e os calçados e quer-se saber quem primeiro inventou os ídolos? Que importa um trecho de Sanconiáton, que viveu antes da guerra de Tróia? Que nos ensina ele quando diz que o caos, o espírito, isto é, o sopro, enamorado de seus princípios, lançou-lhes os alicerces, que tornou o ar luminoso, que o vento Colpo e sua mulher Bau geraram Éon, que Éon gerou Genos, que Cronos, seu descendente, tinha dois olhos atrás como na frente, que se tornou Deus e que presenteou o Egito a seu filho Tot? Aí tendes um dos mais respeitáveis monumentos da antigüidade.

Orfeu, anterior a Sanconiáton, nada nos poderá dizer de novo em sua Teogonia, que Damácio nos transmitiu. Apresenta o princípio do mundo sob a figura de um dragão de duas cabeças, uma de touro, outra de leão, um rosto à metade, a que chama rosto-deus, e asas douradas nas costas.

Podeis, porém, dessas estranhas idéias, tirar duas grandes verdades: uma, que as imagens sensíveis e os hieróglifos são da mais alta antigüidade; outra, que todos os filósofos antigos reconheceram um primeiro princípio.

Quanto ao politeísmo, o bom senso vos dirá que, desde que existiram homens, isto é, frágeis animais capazes de razão e de loucura, sujeitos a todos os acidentes, à doença e à morte, esses homens sentiram sua fraqueza e sua dependência; reconheceram facilmente a existência de alguma coisa mais poderosa que eles; sentiram uma força na terra que fornece seus alimentos, uma no ar que os destrói com freqüência, uma no fogo que consome e na água que submerge. Que mais natural, em homens ignorantes, que o imaginar seres que presidissem a esses elementos? Que mais natural que venerar a força invisível que fazia luzir diante dos olhos o Sol e as estrelas? E, desde que se desejou formar uma idéia dessas forças superiores ao homem, que mais natural ainda que o figurá-las de uma

maneira sensível? Poderia ser de outra forma? A religião judaica, que precedeu à nossa e que foi dada por Deus, estava repleta dessas imagens sob as quais se representa Deus. Ele se digna falar num espinheiro a linguagem humana; aparece sobre uma montanha; os espíritos celestes que envia vêem todos sob forma humana; enfim o santuário está repleto de querubins, que são corpos de homens com asas e cabeças de animais. É o que deu lugar ao erro de Plutarco, Tácito e tantos outros que reprovaram aos judeus o adorar uma cabeça de asno. Deus, apesar de sua proibição de se pintarem e esculpir figuras, dignou-se pois proporcionar-se à fraqueza humana, que solicitava que se lhe falasse aos sentidos por meio de imagens.

Isaías, no cap. 6, vê o Senhor sentado sobre um tronco e a cauda de seu vestido que enchia o templo. O Senhor estende sua mão e toca a boca de Jeremias, no capítulo 1 desse profeta. Ezequiel, no capítulo 3, vê um trono de safira, e Deus lhe aparece como um homem sentado em seu trono. Essas imagens não alteram em nada a pureza da religião, que jamais empregou quadros, estátuas, ídolos, para representar Deus aos olhos do povo.

Os letrados chineses, os parsis, os antigos egípcios não tiveram ídolos; mas em breve Isis e Osiris foram figurados; em breve Bel, em

Babilônia, foi um grande colosso; Brama foi um estranho monstro na península da Índia. Os gregos principalmente multiplicaram os nomes dos deuses, as estátuas e os templos, mas sempre atribuindo a suprema potência a seu deus Zeus, chamado pelos latinos Júpiter, senhor dos deuses e dos homens. Os romanos imitaram os gregos. Esses povos colocaram sempre todos os deuses no céu, sem saber que é que entendiam pelo céu e pelo seu Olimpo; não havia o mínimo indício de que esses deuses habitassem nas nuvens, que apenas são água. Colocaram-se, primeiro, sete deuses em sete planetas; porém ao depois a morada de todos os deuses foi a amplidão celeste.

Os romanos tiveram seus doze grandes deuses, seis varões e seis fêmeas, a que chamaram Dii majorum gentium: Júpiter, Netuno, Apolo, Vulcano, Marte, Mercúrio; Juno, Vesta, Minerva, Ceres, Vênus, Diana. Plutão foi então esquecido; Vesta tomou seu lugar.

Em seguida vinham os deuses minorum gentium, os deuses indígetes, os heróicos, como Baco, Hércules, Esculápio; os deuses infernais, Plutão, Prosérpina; os do mar, como Tetis, Anfitrite, as Nereidas, Glauco; depois as Dríadas, as Náiadas; os deuses dos jardins, dos pastores. Havia-os para cada profissão, para cada ação da vida, para as crianças, para as jovens

casadouras, para as casadas, para as amantes; houve o deus Pete. Divinizaram-se por fim os imperadores. Nem esses imperadores, nem o deus Pete, nem a deusa Pertunda, nem Príapo, nem Rumília, a deusa das tetas, nem Estercútio, o deus do guarda-roupa, foram na verdade considerados como senhores do céu e da terra. Os imperadores tiveram templos algumas vezes, os pequenos deuses domésticos não os tiveram; mas todos tiveram sua figura, seu ídolo.

Tratava-se de pequenos bonecos com os quais se ornavam os gabinetes; brinquedos para velhas e crianças, que não estavam autorizados por nenhum culto público. Deixava-se que cada particular tivesse as superstições que melhor lhe agradassem. Encontram-se ainda esses pequenos ídolos nas ruínas das cidades antigas.

Se ninguém sabe quando os ídolos começaram a ser fabricados, sabe-se em compensação que remontam à mais alta antigüidade. Tareu, pai de Abraão, construiu Ur, na Caldéia. Raquel roubou e carregou os ídolos de seu avô Labão. Não é possível ir mais longe.

Mas que noção precisa tinham as nações antigas a respeito desses simulacros? Que virtude, que potência lhes atribulam? Julgava-se que os deuses desciam do céu para se meterem nessas estátuas, ou que lhes comunicavam uma

parte do espírito divino, ou que não lhes comunicavam coisa alguma? É este também um assunto sobre o qual se tem escrito inutilmente; é claro que cada homem julgava segundo a sua parcela de razão, ou de credulidade, ou de fanatismo. É evidente que os padres ligaram as divindades o mais que puderam às suas estátuas, a fim de conseguirem maior número de oferendas. Sabe-se que os filósofos reprovavam essas superstições, que os guerreiros as escarneciam, que os magistrados as toleravam e que o povo, sempre absurdo, não sabia que fazer com elas. É esta em poucas palavras a história de todas as nações a quem Deus não se fez conhecer.

Pode-se fazer a mesma idéia do culto que todo o Egito rendia a um boi e que várias cidades renderam a um cão, a um símio, a um gato, a cebolas. Há muita aparência de que de começo tenham servido como emblemas. Em seguida um certo boi Apis, um certo cão chamado Anubis, foram adorados; comia-se diariamente carne de boi e cebolas; é porém muito difícil saber que pensavam as velhas do Egito a respeito dos bois e das cebolas sagradas.

Os ídolos falavam com freqüência. Comemoravam-se em Roma, no dia da festa de Cibele, belas palavras que a estátua pronunciara ao ser transladada do palácio do rei Atálio.

Ipsa peti volui; ne sit mora, mitte volentem:
dignus Roma locus quo deus omnis eat (41).

Eu quis que me levassem, levai-me depressa; Roma é digna de que todos os deuses se estabeleçam nela.

A estátua da Fortuna falara: os Cipiões, os Cíceros; os Césares, na: verdade, não acreditavam; mas a velha a quem Encolpo deu um escudo a fim de que comprasse gansos e deuses bem poderia acreditá-lo.

Os ídolos também concediam oráculos, e os sacerdotes metidos no oco das estátuas falavam em nome da Divindade.

Como, no meio de tantos deuses e de tantas teogonias diferentes e de cultos particulares, jamais houve guerras de religião entre os povos chamados idólatras? Essa paz foi um bem que nasceu de um mal, do erro mesmo: porque, reconhecendo cada nação vários deuses inferiores, achou bom que os seus vizinhos tivessem também os seus. Se excetuardes Cambises, a quem se reprova o haver matado o boi Apis, não encontramos na história profana nenhum conquistador que tenha maltratado os deuses de um povo conhecido. Os gentios não tinham nenhuma religião exclusiva, e os sacerdotes pensavam apenas em multiplicar as oferendas e os sacrifícios.

As primeiras oferendas foram frutos. Em breve foram necessários animais para a mesa dos sacerdotes; eles próprios os degolavam; tornaram-se carniceiros, e cruéis; enfim introduziram o costume horrível de sacrificar vitimas humanas e sobretudo crianças e mocinhas. Jamais os chineses nem os parsis nem os hindus foram culpados de tais abominações; mas em Hierópolis, no Egito, Segundo Porfírio, se imolaram homens.

Na Táurida sacrificavam-se os estrangeiros; felizmente os sacerdotes da Táurida não deviam ter muitas práticas. Os primeiros gregos, os cipriotas, os fenícios, os tirenses, os cartagineses tiveram essa superstição abominável. Os próprios romanos incorreram nesse crime de religião, e informa Plutarco que eles imolaram dois gregos e dois gauleses para expiar os deslizes de três vestais. Procópio, contemporâneo do rei dos francos Teodoberto, diz que estes imolaram homens quando entraram na Itália com esse príncipe. Os gauleses, os germanos, praticavam comumente esses sacrifícios afrontosos. Não se pode ler a história sem conceber grande horror ao gênero humano.

É verdade que, entre os judeus, Jefté sacrificou sua filha e Saul esteve prestes a imolar seu filho; e é verdade que aqueles que estivessem votados ao Senhor por anátema não poderiam ser

resgatados como se resgatavam os animais, sendo mister que perecessem. Samuel, sacerdote de Deus, cortou em pedaços com o auxílio de um santo cutelo o rei Agague, prisioneiro de guerra a quem Saul perdoara, e Saul foi reprovado por ter observado o direito das gentes com esse rei. Mas Deus, senhor dos homens, pode tirar-lhes a vida quando quiser, como quiser e para o que quiser; e não compete aos homens colocar-se no posto de senhor da vida e da morte e usurpar os direitos do Ente Supremo.

A fim de consolar o gênero humano do quadro horrível desses piedosos sacrilégios, é importante saber que, em quase todas as nações chamadas idólatras, existia a teologia sagrada e o erro popular, o culto secreto e as cerimônias públicas, a religião dos sábios e a do vulgo. Não se ensinava senão um Deus aos iniciados nos mistérios; basta um relance de olhos sobre o hino atribuído ao velho Orfeu, que se cantava nos mistérios de Ceres Eleusina, tão célebre na Europa e na Ásia: “Contempla a natureza divina, ilumina teu espírito, governa teu coração, trilha o caminho da justiça; que o Deus do céu e da terra esteja sempre presente aos teus olhos: ele é único, existe por si mesmo; todos os seres devem-lhe a sua existência; ele os sustenta a todos; ele jamais foi visto pelos mortais e vê todas as coisas.”

Que se leia ainda este passo do filósofo Máximo de Madauro, em sua Carta a Santo Agostinho: “Qual o homem suficientemente grosseiro e estúpido para duvidar haver um Deus supremo, eterno, infinito, que nada engendrou de semelhante a si próprio e que é o pai comum de todas as coisas?”.

Há milhares de provas de que os sábios abominavam não só a idolatria mas também o politeísmo.

Epicteto, esse modelo de resignação e paciência, esse homem tão grande de uma condição tão baixa, não fala senão de um único Deus. Eis uma de suas máximas: “Deus me criou, Deus está ao redor de mim; levo-o comigo por toda parte. Poderia eu maculá-lo com pensamentos obscenos, com ações injustas, com desejos infames? Meu dever é agradecer a Deus por tudo, louvá-lo por tudo e não cessar de o bendizer senão quando cessar de viver”. Todas as idéias de Epicteto giram sobre esse princípio.

Marco Aurélio, tão grande, quiçá, sobre o trono do império romano, como Epicteto na escravidão, fala com freqüência, realmente, dos deuses, seja para se conformar à linguagem corrente, seja para exprimir seres intermediários entre o Ser Supremo e os homens; mas em quantos pontos não faz ele transparecer que

apenas reconhece um Deus eterno, infinito! “Nossa alma” — diz — “é apenas uma emanação da Divindade. Meus filhos, meu corpo, meus espíritos, vêm-me de Deus.”

Os estóicos, os platônicos, admitiam uma natureza divina e universal; os epicuristas negavam-na. Os pontífices não citavam senão um único Deus nos seus mistérios. Onde, pois, os idólatras?

Aliás, é um dos grandes erros do Dictionnaire de Moréri o dizer que no tempo de Teodósio o Jovem já não existiam idólatras senão nos remotos países da Ásia e da África. Havia na Itália muitos povos gentios ainda, mesmo no sétimo século. O norte da Alemanha, desde o Weser, não era cristão ao tempo de Carlos Magno. A Polônia e todo o setentrião ficaram longo tempo depois dele no que chamamos idolatria. A metade da África, todos os remos de além Ganges, o Japão, o populacho da China, cem hordas de tártaros conservaram seu antigo culto. Apenas há na Europa alguns lapões, alguns samoiedas, alguns tártaros que perseveraram na religião de seus avitos.

Terminemos por fazer notar que, nos tempos que chamamos entre nós idade média, chamávamos ao país dos mafomistas Pagânia; tratávamos de idólatras, adoradores de imagens,

um povo que as abomina. Confessemos ainda uma vez que os turcos são mais escusáveis de nos julgar idólatras quando vêem nossos altares carregados de imagens e de estátuas.

IGUALDADE

Que deve um cão a um cão, um cavalo a um cavalo? Nada. Nenhum animal depende de seu semelhante. Tendo porém o homem recebido o raio da Divindade que se chama razão, qual foi o resultado? Ser escravo em quase toda a terra.

Se o mundo fosse o que parece dever ser, isto é, se em toda parte os homens encontrassem subsistência fácil e certa e clima apropriado a sua natureza, impossível teria sido a um homem servir-se de outro. Cobrisse-se o globo de frutos salutares. Não fosse veículo de doenças e morte o ar que contribui para a existência humana. Prescindisse o homem de outra morada e de outro leito além do dos gansos e capros monteses, não teriam os Gengis Cãs e Tamerlões vassalos senão os próprios filhos, os quais seriam bastante virtuosos para auxiliá-los na velhice.

No estado natural de que gozam os quadrúpedes, aves e répteis, tão feliz como eles seria o homem, e a dominação, quimera, absurdo em que ninguém pensaria: para que servidores se não tivésseis necessidade de nenhum serviço?

Ainda que passasse pelo espírito de algum indivíduo de bofes tirânicos e braços impacientes por submeter seu vizinho menos forte que ele, a coisa seria impossível: antes que o opressor

tivesse tomado suas medidas o oprimido estaria a cem léguas de distância.

Todos os homens seriam necessariamente iguais, se não tivessem precisões. A miséria que avassala a nossa espécie subordina o homem ao homem — O verdadeiro mal não é a desigualdade: é a dependência. Pouco importa chamar-se tal homem Sua Alteza, tal outro Sua Santidade. Duro porém é servir um ao outro.

Uma família numerosa cultivou um bom terreno. Duas famílias vizinhas têm campos ingratos e rebeldes: impõe-se-lhes servir ou eliminar a família opulenta. Uma das duas famílias indigentes vai oferecer seus braços à rica para ter pão. A outra vai atacá-la e é derrotada. A família servente é fonte de criados e operários. A família subjugada é fonte de escravos.

Impossível, neste mundo miserável, que a sociedade humana não seja dividida em duas classes, uma de opressores, outra de oprimidos. Essas duas classes se subdividem em mil outras, essas outras em sem conto de cambiantes diferentes.

Nem todos os oprimidos são absolutamente desgraçados. A maior parte nasce nesse estado, e o trabalho contínuo impede-os de sentir toda a miséria da própria situação. Quando a sentem, porém, são guerras, como a do partido popular

contra o partido do senado em Roma, as dos camponeses na Alemanha, Inglaterra, França. Mais cedo ou mais tarde todas essas guerras desfecham com a submissão do povo, porque os poderosos têm dinheiro e o dinheiro tudo pode no estado. Digo no estado, porque o mesmo não se dá de nação para nação. A nação que melhor se servir do ferro sempre subjugará a que, embora mais rica, tiver menos coragem.

Todo homem nasce com forte inclinação para o domínio, a riqueza, os prazeres e sobretudo para a indolência. Todo homem portanto quereria estar de posse do dinheiro e das mulheres ou das filhas dos outros, ser-lhes senhor, sujeitá-los a todos os seus caprichos e nada fazer ou pelo menos só fazer coisas muito agradáveis. Vedes que com estas excelentes disposições é tão difícil aos homens ser iguais quanto a dois pregadores ou professores de teologia não se invejarem.

Tal como é, impossível o gênero humano subsistir, a menos que haja infinidade de homens úteis que nada possuam. Porque, claro é que um homem satisfeito não deixará sua terra para vir lavrar a vossa. E se tiverdes necessidade de um par de sapatos, não será um referendário que vo-lo fará. Igualdade é pois a coisa mais natural e ao mesmo tempo a mais quimérica.

Como se excedem em tudo que deles dependa, os homens exageraram essa desigualdade. Pretendeu-se em muitos países proibir aos cidadãos sair do lugar em que a ventura os fizera nascer. O sentido dessa lei é visivelmente: Este pais é tão mau e tão mal governado que vedamos a todo indivíduo dele sair, por temor que todos o desertem. Fazei melhor: infundi em todos os vossos súditos o desejo de permanecer em vosso estado, e aos estrangeiros o desejo de para aí vir.

Nos íntimos refolhos do coração todo homem tem direito de crer-se de todo ponto igual aos outros homens. Daí não segue dever o cozinheiro de um cardeal ordenar a seu senhor que lhe faça o jantar; pode todavia dizer: “Sou tão homem como meu amo; nasci como ele chorando; como eu ele morrerá nas mesmas angústias e com as mesmas cerimônias. Temos ambos as mesmas funções animais. Se os turcos se apoderarem de Roma e eu virar cardeal e meu senhor cozinheiro, tomá-lo-ei a meu serviço”. Tudo isso é razoável e justo. Mas, enquanto o grão turco não se assenhorear de Roma, o cozinheiro precisa cumprir suas obrigações, ou toda a humanidade se perverteria.

Um homem que não seja cozinheiro de cardeal nem ocupe nenhum cargo no estado; um particular que nada tenha de seu mas a quem

repugne o ser em toda parte recebido com ar de proteção ou desprezo; um homem que veja que muitos monsignori não têm mais ciência, nem mais espírito, nem mais virtude que ele, e que se enfade de esperar em suas antecâmaras, que partido deve tomar? O da morte.

INFERNO

Desde que os homens começaram a viver em sociedade devem ter percebido que não poucos criminosos escapavam á severidade das leis. Puniam-se os crimes públicos: restava estabelecer um freio para os crimes secretos. Só a religião poderia ser esse freio. Persas, caldeus, egípcios, gregos, imaginaram castigos depois da morte. De todos os povos antigos que conhecemos foram os judeus os únicos que não admitiam senão castigos temporais. Ridículo é crer ou fingir crer, baseando-se em passos obscuríssimos, que as antigas leis judaicas aceitavam a existência do inferno, no Levítico como no Decálogo, quando o autor de tais leis não diz uma única palavra que possa ter a menor relação com os castigos da vida futura. Ter-se-ia direito de dizer ao redator do Pentateuco: "Sois um homem inconseqüente, sem probidade e falto de senso, inteiramente indigno do nome de legislador que vos arrogais. Como conheceis um dogma tão altamente refreador, tão necessário ao povo como é o do inferno, e não o anunciastes expressamente? Enquanto o admitem todas as nações que vos cercam, contentai-vos em deixar adivinhar este dogma por comentaristas que virão quatro mil anos depois de vós e que torcerão vossas palavras para encontrar o que não dissestes? Se, conhecendo esse dogma, dele não fizestes a base da vossa

religião, ou sois um ignorante que não sabia ser essa crença universal no Egito, Caldéia e Pérsia, ou sois um homem pessimamente avisado".

Quando muito podiam ou autores das leis judaicas responder: "De fato somos muito ignorantes. De fato aprendemos a escrever demasiadamente tarde. De fato nosso povo era uma horda selvagem e bárbara que, confessamos, errou perto de meio século por ínvios desertos. De fato usurpamos um diminuto país pelas mais odiosas rapinas e as mais nefandas crueldades que regista a história. Não tínhamos o menor comércio com as nações policiadas: como queríeis que inventássemos — nós, os mais terrestres dos homens — um sistema totalmente espiritual?.

"Não nos servíamos da palavra correspondente a alma senão para exprimir a vida. Não conhecemos nosso Deus e seus ministros, seus anjos, senão como entes corporais: a distinção de alma e corpo, a idéia de uma vida após a morte só podem ser fruto de longa meditação e filosofia muito fina. Perguntai aos hotentotes e aos negros, que habitam um país cem vezes maior que o nosso, se conhecem a vida futura. Cremos haver feito muito persuadindo nosso povo de que Deus punia os malfeitores até a quarta geração fosse pela lepra; fosse por mortes súbitas, fosse pela perda do pouco que possuíssem".

Replicar-se-ia a essa apologia: “Vós inventastes um sistema cujo ridículo entra pelos olhos: o malfeitor bem aboletado na vida e com a família a prosperar devia naturalmente rir-se de vós”.

Responderia o apologista da lei judaica: “Enganai-vos: para um criminoso que raciocinasse bem haveria cem que nem raciocinariam. Aquele que, cometido um crime, não se sentisse punido na própria pessoa nem na do filho, temeria pelo neto. Demais, se não tivesse hoje alguma úlcera asquerosa, a que freqüentemente estamos sujeitos, tê-la-ia ao cabo de alguns anos. Em toda família sobrevêm desgraças e fácil nos era fazê-las crer enviadas pela mão divina, vingadora das faltas secretas”.

Seria fácil retrucar a essa resposta, dizendo: “Vossa escusa é inconsistente, pois diariamente pessoas honestas perdem a saúde e os bens. E se não há família a que não aconteçam infortúnios, e se tais infortúnios são castigos de Deus, então todas as vossas famílias eram famílias de estafadores”.

O padre judeu ainda poderia retorquir. Diria existirem males próprios da natureza humana e males expressamente enviados por Deus. Mas far-se-ia ver a esse raciocinador o quanto é

ridículo pensar ser a febre e o granizo ora punição divina, ora efeito natural.

Enfim, fariseus e essênios, entre os judeus, admitiram a crença de um inferno a sua moda. Esse dogma já passara de gregos a romanos, e foi perfilhado pelos cristãos.

Muitos santos da igreja não acreditaram nas penas eternas. Parecia-lhes absurdo torrar eternamente um pobre diabo só por haver roubado uma cabra. Em vão clama Virgílio no sexto canto da Eneida:

... Sedet aeternunque sedebit
infelix Theseus (42).

Em vão pretende achar-se Teseu para todo o sempre sentado numa cadeira, sendo tal postura o seu suplício. Criam outros ser Teseu um herói que não se acha no inferno, mas nos Campos Elíseos.

Não há muito um piedoso e honrado huguenote(43) pregou e escreveu que um dia os precitos teriam sua mercê, que cumpria haver proporção entre pecado e suplício e que a falta de um momento não podia merecer um castigo infinito. Os padres seus confrades depuseram esse juiz indulgente. Disse-lhe um deles: “Meu caro, não creio no inferno mais que você. Mas é

bom que o creiam a sua criada, o seu alfaiate e também o seu procurador".

INUNDAÇÃO

Terá existido um tempo em que o globo foi inteiramente inundado? Isso é fisicamente impossível.

Pode ser que, sucessivamente, o mar tenha coberto todas as terras, umas após outras; e isto não pode ter acontecido senão gradativa e lentamente, numa prodigiosa série de séculos. O mar, em quinhentos anos, retirou-se de Águas Mortas, de Frejus, de Ravena, que eram grandes portos, e deixou cerca de duas léguas de terreno em seco. Mediante essa progressão é evidente que lhe teriam sido necessários dois milhões e duzentos e cinqüenta mil anos para dar volta ao nosso planeta. Fato bem notável é que esse período se aproxima muito do que seria preciso ao eixo da terra para se levantar e coincidir com o equador: movimento muito verossímil que há cinqüenta anos começou a ventilar-se, e que requer para a sua efetuação um espaço de mais de dois milhões e trezentos mil anos.

Os leitos, as camadas de conchas descobertas por todas as costas a sessenta, a oitenta, a cem léguas mesmo do mar, constituem prova incontestável de que ele depositou pouco a pouco seus produtos marinhos sobre terrenos que eram outrora as margens do oceano; porém que a água

tenha coberto inteiramente todo o globo de uma vez, é na física uma quimera absurda demonstrada como impossível pelas leis da gravidade, pelas leis dos fluidos, pela insuficiência da quantidade de água. Não que se pretenda atacar de forma alguma a grande verdade do dilúvio universal, relatada no Pentateuco: ao contrário, é um milagre, portanto é preciso crê-lo; é um milagre, portanto não pôde ter sido executado por leis físicas.

Tudo é milagre na história do dilúvio: milagre que quarenta dias de chuva tenham inundado as quatro partes do mundo e que a água tenha se elevado quinze côvados a cima de todas as mais altas montanhas; milagre que tenham existido cataratas, portas, aberturas no céu; milagre que todos os animais se tenham dirigido para a Arca, vindos de todas as partes do mundo; milagre que Noé tenha encontrado com que alimentá-los durante seis meses; milagre que todos os animais tenham cabido na Arca, com todas suas provisões; milagre que a maioria não tenha morrido; milagre que tenham encontrado com que se nutrir ao sair da Arca; milagre, ainda, mas de outra espécie, que um tal Le Pelletier (44) tenha julgado explicar como todos os animais puderam caber e nutrir-se naturalmente na Arca de Noé.

Ora, sendo a história do dilúvio a coisa mais miraculosa de que jamais se falou, insensato

seria o explicá-la: trata-se de mistérios que se acreditam pela fé; e a fé consiste em crer no que a razão absolutamente não crê, o que constitui, ainda, outro milagre.

Assim a história do dilúvio universal é como a da torre de Babel, da burra de Balaão, da queda de Jericó ao som das trombetas, das águas transformadas em sangue, da passagem do Mar Vermelho e de todos os prodígios que Deus se dignou fazer em favor dos eleitos de seu povo; trata-se de profundezas que o espírito humano não pode sondar.

IRRACIONAIS

Que ingenuidade, que pobreza de espírito, dizer que os irracionais são máquinas privadas de conhecimento e sentimento, que procedem sempre da mesma maneira, que nada aprendem, nada aperfeiçoam![45]

Então aquela ave que faz seu ninho em semicírculo quando o encaixa numa parede, em quarto de círculo quando o engasta num ângulo e em círculo quando o pendura numa árvore, procede aquela ave sempre da mesma maneira? Esse cão de caça que disciplinaste não sabe mais agora do que antes de tuas lições? O canário a que ensinas uma ária, repete-a ele no mesmo instante? Não levas um tempo considerável em ensiná-lo? Não vês como ele erra e se corrige?

Será porque falo que julgas que tenho sentimento, memória, idéias? Pois bem, calo-me. Vês-me entrar em casa aflito, procurar um papel com inquietude, abrir a escrivaninha, onde me lembra tê-lo guardado, encontrá-lo, lê-lo com alegria. Percebes que experimentei os sentimentos de aflição e prazer, que tenho memória e conhecimento.

Vê com os mesmos olhos esse cão que perdeu o amo e procura-o por toda parte com ganidos dolorosos, entra em casa agitado, inquieto, desce

e sobe e vai de aposento em aposento e enfim encontra no gabinete o ente amado, a quem manifesta sua alegria pela ternura dos ladridos, com saltos e carícias.

Bárbaros agarram esse cão, que tão prodigiosamente vence o homem em amizade, pregam-no em cima de uma mesa e dissecam-no vivo para mostrar-te suas veias mesaraicas. Descobres nele todos os mesmos órgãos de sentimento de que te gabas. Responde-me, maquinista, teria a natureza entrosado nesse animal todos os elatérios do sentimento sem objetivo algum? Terá nervos para ser insensível? Não inquines à natureza tão impertinente contradição.

Perguntam os mestres da escola o que é então a alma dos irracionais. Não entendo a pergunta. A árvore tem a faculdade de receber em suas fibras a seiva que circula, de desenvolver os botões das folhas e dos frutos: perguntar-me-eis o que é a alma da árvore? Ela recebeu estes dons. O animal foi contemplado com os dons do sentimento, da memória, de certo número de idéias. Quem criou esses dons? Quem lhes outorgou essas faculdades? Aquele que faz crescer a erva dos campos e gravitar a Terra em torno do Sol.

As almas dos brutos são formas substanciosas, disse Aristóteles e depois de Aristóteles a escola árabe, depois da escola árabe a escola angélica, depois da escola angélica a Sorbonne e depois da Sorbonne ninguém.

As almas dos brutos são materiais, proclamam outros filósofos, nem mais nem menos felizes que os primeiros. Em vão perguntou-se-lhes o que é alma material: precisam convir em que é a matéria que sente. Mas quem deu sensibilidade à matéria? Alma material... Quer dizer que é a matéria que dá sensibilidade à matéria. E não saem desse círculo.

Ouvi outra sorte de irracionais racionando sobre os irracionais: A alma dos brutos é um ser espiritual que morre com o corpo. Que prova tendes disso? Que idéia concebeis desse ser espiritual que em verdade tem sentimento, memória e sua medida de idéias e associações, mas que jamais poderá saber o que sabe uma criança de dez anos? Os maiores irracionais são os que aventaram não ser essa alma nem corpo nem espírito. Aí está um curioso sistema. Não podemos entender por espírito senão algo desconhecido e incorporal: a isto pois reduz-se o sistema desses senhores a alma dos seres brutos é uma substância nem corporal nem incorporal.

A que atribuir tantos e tão contraditórios erros? Ao vezo que sempre tiveram os homens de querer saber o que seja uma coisa antes de saber se existe. Dizemos a lingüeta, o batoque do fole, a alma do fole. Que é essa alma? Um nome que dei à válvula que, quando toco o fole, baixa e sobe para dar entrada e saída ao ar.

O fole não tem alma de espécie alguma. É simplesmente uma máquina. Quem toca, porém, o fole dos animais? Já o disse: aquele que move os astros. Tinha razão o filósofo que disse: Deus est anima brutorum. Mas devia ter ido mais longe.

JEFTÉ

Ou dos sacrifícios de sangue humano

Evidencia-se do texto do livro dos Juizes que Jefté prometeu sacrificar a primeira pessoa que saísse de sua casa para vir felicitá-lo pela sua vitória sobre os amonitas. Sua filha única se lhe apresentou; então ele lhe rasgou a roupa, imolando-a após ter-lhe permitido ir prantear nas montanhas a desdita de morrer virgem. Durante muito tempo as filhas judias celebraram essa aventura, chorando a filha de Jefté por quatro dias(46).

Em que tempo essa história foi escrita, que seja uma imitação da história grega de Agamenon e Idomenéia ou tenha sido imitada, que lhe seja anterior ou posterior, não é isso o que examino; atenho-me ao texto: Jefté votou sua filha em holocausto e cumpriu o seu voto.

Ordenava expressamente a lei judaica que se imolassem os homens votados ao Senhor. “Nenhum homem votado obterá resgate mas receberá morte sem remissão”. A Vulgata traduz: Non redimetur, sed morte morietur(47).

Foi em virtude dessa lei que Samuel cortou em pedaços o rei Agague, a quem Saul perdoara;

e justamente por haver poupado Agague Saul foi admoestado pelo Senhor e perdeu o seu reino.

Eis, pois, sacrifícios de sangue humano claramente estabelecidos; não há ponto histórico melhor averiguado. Não se pode julgar de uma nação a não ser por seus arquivos e pelo que ela refere de si própria.

JOSÉ

A história de José, considerada apenas como objeto de curiosidade e literatura, é um dos monumentos mais preciosos da antigüidade que até nós chegaram. Parece ser o modelo de todos os escritores orientais; é mais tocante do que a Odisséia de Homero, pois um herói que perdoa é mais comovedor do que aquele que se vinga.

Consideramos os árabes como os primeiros autores dessas ficções engenhosas que foram traduzidas para todas as línguas; não vejo, porém, neles, aventura alguma comparável à de José. Porque ela é maravilhosa em sua quase totalidade e o fim pode fazer verter lágrimas de enternecimento. É um jovem de dezesseis anos invejado por seus irmãos; é vendido por eles a uma caravana de mercadores israelitas, conduzido ao Egito e comprado por um eunuco do rei. Esse eunuco tinha uma mulher, o que não é de admirar: o Quizlar Aga, eunuco perfeito, a quem arrancaram todo o aparelho genital, tem um serralho em Constantinopla; deixaram-lhe os olhos e as mãos e a natureza não perdeu seus direitos no seu coração. Os outros eunucos, aos quais apenas cortaram os testículos, empregam ainda, muitas vezes, o órgão principal; e Putifar, a quem José foi vendido, bem poderia pertencer ao número desses eunucos.

A mulher de Putifar apaixona-se pelo jovem José que, fiel ao seu sino e benfeitor, rejeita as carícias dessa mulher. Ela irrita-se e acusa José de pretender seduzi-la. É a história de Hipólito e Fedro, de Belerofonte e Estenobéia, de Hebro e Damasipe, de Tanis e Peribéia, de Mirtila e Hipodâmio, de Peléia e Demeneto.

Difícil é conhecer a origem de todas essas histórias, mas nos antigos autores árabes há um passo concernente à aventura de José e da mulher de Putifar que é bastante engenhoso. O autor supõe que Putifar, duvidoso entre sua mulher e José, não olhou para a túnica de José, que sua mulher rasgara, como uma prova do atentado do jovem.

Havia um menino no berço, no aposento da mulher; José disse que ela lhe rasgara e tirara a túnica na presença da criança. Putifar consultou o menino, cujo espírito era bem desenvolvido para sua idade; a criança falou a Putifar: “Verificai se a túnica está rasgada na frente ou atrás: se o estiver na frente é prova de que José quis tomar vossa mulher a força; se, pelo contrário, estiver rasgada por detrás, é prova de que vossa mulher correu em sua perseguição”. Putifar, graças ao gênio desse menino, reconheceu a inocência do seu escravo. É assim que essa aventura foi relatada no Alcorão pelo antigo autor árabe. Ele se esquece de nos dizer a quem pertencia a

criança que julgou com tanto espírito; se existisse um filho da Putifar, José não teria sido o primeiro homem desejado por essa mulher.

Seja como for, José, segundo o Gênesis, é posto na prisão e ali se encontra em companhia do copeiro e do padeiro do rei do Egito. Esses dois prisioneiros sonham à noite: José explica os seus sonhos; prediz-lhes que no lapso de três dias o copeiro será agraciado e o padeiro enforcado, o que não deixou de suceder.

Dois anos após o rei do Egito sonha também; seu copeiro revela-lhe a existência de um jovem judeu, na prisão, que é o primeiro homem do mundo em compreender os sonhos; o rei faz vir à sua presença o jovem, que lhe prediz sete anos de abundância e sete de esterilidade.

Interrompamos um pouco o fio da história para verificar de que prodigiosa antigüidade é a interpretação dos sonhos. Jacó viu em sonho a escada misteriosa no alto da qual estava Deus em pessoa; aprendeu em sonho o método de multiplicar os rebanhos, método que jamais deu resultado senão para ele próprio. O próprio José soubera por um sonho que um dia haveria de dominar seus irmãos. Abimeleque, muito antes, fora advertido em sonho de que Sara era mulher de Abraão.

Voltemos a José. Logo que explicou o sonho do faraó, foi nomeado primeiro ministro. É de se duvidar que exista hoje um rei, mesmo na Ásia, capaz de conceder tão elevado cargo pela simples explicação de um sonho. O faraó deu por esposa a José uma filha de Putifar. Sabe-se que esse Putifar era sumo sacerdote de Heliópolis: não foi pois o eunuco, seu primeiro senhor; ou se o fosse, teria naturalmente outro título que não o de sumo sacerdote, e sua mulher teria sido mãe mais de uma vez.

Entretanto a miséria chegou, como o havia predito José, e este, a fim de merecer as boas graças do seu rei, obrigou todo o povo a vender suas terras ao faraó; e toda a nação se tornou escrava para conseguir trigo: reside nesse fato, aparentemente, a origem do poder despótico. É preciso notar que jamais um rei fez melhor negócio; mas também o povo não tinha motivos para bem dizer o primeiro ministro.

Enfim, o pai e os irmãos de José tiveram também necessidade de pão, pois a miséria assolava naquele tempo a terra inteira. Não vale a pena relatar aqui a forma por que José recebeu seus irmãos, como os perdoou e enriqueceu. Encontramos nessa história tudo que constitui um interessante poema épico. Exposição, articulação, reconhecimento, peripécia e

maravilhoso. Nada mais característico do gênio oriental.

O que o bom Jacó, pai de José, respondeu ao faraó, deve bem comover os que sabem ler. “Qual é vossa idade?” — perguntou-lhe o rei. — “Tenho cento e trinta anos”, — respondeu o velho, — “e ainda não encontrei um dia feliz nesse curto peregrinar”.

LEIS (DAS)

Nos tempos de Vespasiano e Tito, em que os romanos se dedicavam a abrir o ventre dos judeus, um israelita riquíssimo, que não tinha o mínimo desejo de sofrer idêntica operação, fugiu com todo o ouro que ganhara em seu ofício de usurário, conduzindo para Eziongaber toda a sua família, que consistia em sua velha mulher, um filho e uma filha. Levava também consigo dois eunucos, um dos quais lhe servia de cozinheiro, outro de lavrador e vinhateiro. Um bom essênio que conhecia o Pentateuco de cor servia-lhe de capelão. Embarcaram-se no porto de Eziongaber, atravessaram o mar a que chamamos Vermelho e que de vermelho nada tem, e entraram no golfo Pérsico, a fim de procurar a terra de Ofir, sem saber onde ficava. Podeis crer como verdade absoluta ter sobrevindo uma terrível tempestade que atirou a família hebraica às costas das Índias; o navio naufragou numa das ilhas Maldivas, chamada hoje em dia Padrabranca, que era então deserta.

O velho ricaço e a velha se afogaram; o filho, a filha, os dois eunucos e o capelão salvaram-se; tiraram da melhor forma algumas provisões do navio, construíram umas pequenas cabanas na ilha e aí puseram-se a viver comodamente. Sabei que a ilha de Padrabranca está situada a cinco

graus da linha, e que aí se encontram os maiores cocos e os melhores ananases do mundo. Era pois muito agradável viver ali enquanto noutros lugares se degolavam os restos da nação querida; mas o essênio lamentava-se considerando que talvez não houvesse mais judeus sobre a terra e que a semente de Abraão iria terminar.

"A vós somente compete ressuscitá-la — disse o jovem judeu: desposai minha irmã. — Bem o desejaria, — disse o capelão, — porém a lei se opõe. Eu sou essênio fiz voto de jamais me casar; a lei manda que cada um cumpra o seu voto: acabe-se a raça judaica se assim se quer, mas certamente eu jamais casarei com vossa irmã, por bonita que for.

— Meus dois eunucos não lhe podem fazer filhos, — retornou o judeu; — fa-los-ei portanto eu, com vosso beneplácito e vossa bênção.

— Antes queria eu ser mil vezes degolado pelos soldados romanos, — respondeu o capelão, — do que me acumpliciar num incesto; se ela fosse vossa irmã paterna, ainda era possível, a lei o permite; mas não, ela é vossa irmã materna; isso é abominável.

— Compreendo — disse o jovem — que seria um crime em Jerusalém, onde outras filhas judias estariam à minha disposição; mas na ilha

de Padrabranca, onde apenas vejo cocos, ananases e ovos, creio ser coisa bem permissível".

O judeu casou, pois, com sua irmã, e teve uma filha, apesar dos protestos do essênio: foi o único fruto de um casamento que um julgava legítimo e outro abominável. Ao cabo de catorze anos a mãe morreu; disse o pai ao capelão: "Desfizestes-vos finalmente de vossos preconceitos? Quereis desposar minha filha? — Deus me preserve disso! — retrucou o essênio. — Pois bem! então eu casarei com ela, disse o pai; seja o que for; mas não quero que a semente de Abraão seja reduzida a nada". O essênio, espantado com tão horrível propósito, não quis saber de continuar a viver com um homem que desrespeitava a lei e fugiu. O recém casado perdeu seu tempo em gritar-lhe: "Ficai comigo, meu amigo; eu observei a lei natural, eu sirvo à pátria, não abandoneis os vossos amigos". O outro deixou-o gritar, metida que tinha, sempre, a lei na cabeça, e fugiu a nado para a ilha próxima.

Era a grande ilha de Atola, muito povoada e civilizada; apenas chegou fizeram-no escravo. Aprendeu a balbuciar a língua de Atola; queixou-se amargamente pelo modo inhospitaleiro por que fora recebido: disseram-lhe que era a lei, e que desde que a ilha estivera a ponto de ser atacada de surpresa pelos habitantes da de Ada, estabelecera-se sabiamente que todos os

estrangeiros que ali fossem ter seriam submetidos como escravos. “Isso não pode ser uma lei”, — disse o essênio, — “pois não está escrito no Pentateuco. Responderam-lhe que em compensação estava escrito no digesto do país, e ele permaneceu escravo: tinha, aliás, um ótimo senhor que o tratava muito bem e ao qual se prendeu pelos mais fortes laços de amizade.

Alguns assassinos vieram um dia para matar o dono e roubar-lhe seus tesouros; perguntaram aos escravos se estava em casa e se tinha muito dinheiro. “Juramo-vos — responderam os escravos — que ele não tem dinheiro algum e que não está em casa”. Disse porém o essênio: “A lei não me permite mentir; juro-vos que está em casa e que tem muito dinheiro”. Assim o dono foi roubado e morto. Os escravos acusaram o essênio perante os juizes de haver traído seu patrão; o essênio alegou que não quisera mentir, nem mentiria por nada no mundo; e foi enforcado.

Essa historieta e muitas outras parecidas foram-me contadas na última viagem que fiz às Índias. Quando cheguei, fui a Versalhes para alguns negócios; vi passar uma bela mulher seguida de grande número de outras também belíssimas. “Quem é essa mulher?” perguntei ao meu advogado no parlamento, que viera comigo: pois tinha um processo no parlamento de Paris, em virtude dos hábitos que adquiri nas Índias, e

desejava ter constantemente meu advogado comigo. “É a filha do rei, — disse ele: — é encantadora e caridosa; é uma grande pena que, em caso algum, jamais possa ser rainha de França.

— Como, — disse-lhe eu — se tivéssemos a desgraça de perder todos os seus parentes e príncipes de sangue (o que Deus não permita!) ela não poderia herdar o reino de seu pai? — Não, — disse o advogado — a lei sálica se opõe formalmente a isso — E quem fez essa lei? — perguntei ao advogado. — Nada sei a esse respeito, — disse ele; — mas costuma-se dizer que um antiquíssimo povo chamado sálicos, que não sabiam ler nem escrever, tiveram um tempo uma lei escrita a qual dizia que em terra sálica nenhuma filha podia herdar; e essa lei foi adotada em terras não sálicas. — Pois eu — respondi — casso-a por minha conta; afirmastes-me que essa princesa é encantadora e caridosa; portanto ela teria um direito incontestável à coroa se a infelicidade a tornasse única remanescente do sangue real: minha mãe herdou de seu pai e eu quero que a princesa herde do seu”.

No dia seguinte o meu processo foi julgado numa das câmaras do parlamento: perdi por unanimidade; explicou-me o meu advogado que eu teria ganho também por unanimidade numa outra câmara. “Eis uma coisa bem cômica —

disse-lhe eu; — de modo que, cada câmara, cada lei. — Sim, — disse ele — há vinte e cinco comentários sobre a lei municipal de Paris; isto é, provou-se vinte e cinco vezes que a lei municipal de Paris está errada; e se houvesse vinte e cinco câmaras de juizes haveria também vinte e cinco jurisprudências diferentes. Temos, — continuou ele — a quinze léguas de Paris uma província chamada Normandia, onde seríeis julgado de forma muito diferente daqui".

Isto deu-me vontade de ver a Normandia. Para lá me dirigi com um de meus irmãos. Encontramos no primeiro hotel um jovem que se lamentava, desesperado; perguntando-lhe em qual a causa de sua desgraça, respondeu-me que era ter um irmão mais velho.

— Em que consiste pois a grande desgraça de ter um irmão mais velho? — perguntei-lhe; — meu irmão é mais velho do que eu e no entanto vivemos muito bem juntos.

— Ah! senhor, — disse-me ele, — a lei aqui tudo concede aos primogênitos sem nada deixar aos caçulas.

— Tendes razão — disse-lhe eu — de estar zangado; em nossa cidade repartimos igualmente, e nem sempre os irmãos se estimam melhor por isso."

Essas pequenas aventuras proporcionaram-me belas e profundas reflexões sobre as leis, e verifiquei serem elas como nossos trajes: em Constantinopla fui obrigado a usar um dólman, em Paris um gibão.

Se todas as leis humanas são apenas convenções, disse eu, o que vale é fazer-se um bom contrato. Os burgueses de Deli e Agra dizem ter feito um péssimo contrato com Tamerlão; os burgueses de Londres felicitam-se pelo ótimo ajuste que fizeram com o rei Guilherme de Orange.

Um cidadão de Londres dizia-me certo dia: “É a necessidade que faz as leis, e a força as faz observar”. Perguntei-lhe se a força não fazia também leis em algumas ocasiões, e se Guilherme, o Bastardo e o Conquistador, não lhes havia dado ordens sem estabelecer contrato algum. “Sim”, — disse ele — “nesse tempo éramos uns bois; Guilherme nos colocou uma canga e nos fez caminhar a golpes de aguilhão; depois nos transformamos em homens, porém os cornos nos ficaram e com eles maltratamos todos os que pretendem que trabalhemos para eles e não para nós mesmos”.

Tomado de todas estas reflexões comprazia-me em pensar que existe uma lei natural, independente de todas as convenções humanas: o

fruto de meu trabalho deveria ser meu; devia honrar meu pai e minha mãe; não tenho direito algum sobre a vida do meu próximo e meu próximo não o tem sobre a minha, etc. Mas, quando pensei que, de Codorlaomor até Mentzel(48), coronel dos hussardos, cada um mata lealmente e saqueia o próximo com uma ordem de autorização no bolso do colete, fiquei bem aflito.

Contaram-me que entre os ladrões havia leis, e que as havia também na guerra. Perguntei quais eram essas leis da guerra. “A lei”, me dizem, “de enforcar um bravo oficial que tenha resistido numa péssima posição, sem canhão, a um exército real; a lei de enforcar um prisioneiro porque o adversário enforcou um dos vossos; a lei de pôr a fogo e sangue as aldeias que não tiverem enviado sua contribuição no dia designado, segundo as ordens do gracioso soberano das vizinhanças”. — “Muito bem, disse eu, eis o Espírito das leis”.

Depois de bem informado, descobri que existem sábias leis mediante as quais um pastor é condenado a nove anos de cárcere por ter dado um pouco de sal estrangeiro a seus carneiros. Meu vizinho foi arruinado por um processo: mandou cortar dois troncos que lhe pertenciam, em seu bosque; foi punido portanto por não ter podido observar uma formalidade que não pôde conhecer; sua mulher morreu na miséria e seu

filho arrasta a vida mais infeliz. Confesso que essas leis são justíssimas, não obstante a sua execução ser um bocado dura; dão-me porém calafrios as leis que autorizam cem mil homens a degolar lealmente cem mil vizinhos. Pareceu-me que a maioria dos homens receberam da natureza um senso comum suficiente para fazer leis, mas nem todo mundo tem justiça suficiente para fazer boas leis.

Reuni os agricultores simples e tranqüilos de um lado a outro da terra; todos eles convirão em que deve ser permitido vender aos vizinhos o excedente do seu trigo e que a lei contrária é inumana e absurda; que as moedas representativas dos gêneros deverão ser tão puras como os frutos da terra; que um pai de família deverá ser dono de sua casa; que a religião deve reunir os homens a fim de os unir e não para fazer deles fanáticos e perseguidores; que os que trabalham não devem ser privados dos frutos de seu trabalho com o fim de alimentar a superstição e a ociosidade: eles farão numa hora trinta leis desta espécie, todas úteis ao gênero humano.

Chegue porém Tamerlão e subjugue a Índia; então não vereis senão leis arbitrárias. Uma asfixiará uma província para enriquecer um rendeiro de Tamerlão; outra transformará num crime de lesa majestade o ter falado mal da

mulher do primeiro camarista de um raja; terceira apoderar-se-á da metade da colheita do agricultor, contestando-lhe o resto; enfim existirão leis mediante as quais um bedel tártaro virá arrancar vossos filhos do berço, fará do mais robusto um soldado e do mais fraco um eunuco, deixando o pai e a mãe sem consolo.

Ora, que vale melhor ser: o cão de Tamerlão ou seu súdito? É claro que a regalia do seu cão é muito superior.

LEIS CIVIS E ECLESIÁSTICAS

Foram encontradas nos papéis dos jurisconsultos estas notas, que talvez mereçam um pouco de exame.

Que jamais lei eclesiástica alguma seja válida senão mediante sanção expressa do governo. Foi desse modo que Atenas e Roma nunca tiveram querelas religiosas. Tais litígios são patrimônio das nações bárbaras ou transformadas em bárbaras.

Que apenas o magistrado possa permitir ou proibir o trabalho nos dias de festa, pois não cabe aos padres proibir aos indivíduos o cultivo de seus campos.

Que tudo o que concerne aos casamentos dependa exclusivamente do magistrado, e que os padres se atenham à augusta função de os abençoar.

Que o padre interessado seja puramente um objeto da lei civil, porquanto apenas ela preside, ao comércio.

Que todos os eclesiásticos sejam submetidos em todos os casos ao governo, porquanto são súdito do estado.

Que em tempo algum se cometa o ato ridículo e indecoroso de pagar a um padre estrangeiro a primeira anualidade da renda de uma terra que cidadãos deram a um padre concidadão.

Que padre algum jamais possa subtrair a um cidadão a mínima prerrogativa, sob pretexto de que tal cidadão seja um pecador, pois o padre pecador deve rezar pelos pecadores e não julgá-los.

Que os magistrados, os lavradores e os padres paguem igualmente os impostos do estado, pois todos pertencem igualmente ao estado.

Que não haja senão um peso, uma medida, um costume.

Que os suplícios dos criminosos sejam úteis, um homem enforcado não serve para nada, e um homem condenado aos trabalhos públicos ainda serve à pátria, constituindo uma lição viva.

Que toda lei seja clara, uniforme, precisa: interpretá-la é quase sempre corrompê-la.

Que nada, a não ser o vício, seja infame.

Que os impostos sejam sempre proporcionais.

Que a lei jamais esteja em contradição com o uso: porque se o uso é bom, a lei nada vale.

LIBERDADE (DA)

A

Eis uma bateria de canhões que atira junto aos nossos ouvidos; tendes a liberdade de ouvi-la e de a não ouvir?

B

É claro que não posso evitar ouvi-la.

A

Desejaríeis que esse canhão decepasse vossa cabeça e as de vossa mulher e vossa filha que estivessem convosco?

B

Que espécie de proposição me fazeis? Eu jamais poderia, em meu são juízo, desejar semelhante coisa. Isso me é impossível.

A

Muito bem; ouvis necessariamente esse canhão e, também necessariamente, não quereis morrer, vós e vossa família, de um tiro de canhão; não tendes nem o poder de não ouvi-lo nem o poder de querer permanecer aqui.

B

Isso é evidente.

A

Em conseqüência, destes uma trintena de passos a fim de vos colocardes ao abrigo do canhão: tivestes o poder de caminhar comigo estes poucos passos?

B

Nada mais verdadeiro.

A

E se fôsseis paralítico? Não teríeis podido evitar ficar exposto a essa bateria; não teríeis o poder de estar onde agora estais: teríeis então necessariamente ouvido e recebido um tiro de canhão e necessariamente estaríeis morto?

B

Nada mais claro.

A

Em que consiste, pois, vossa liberdade, senão está no poder exercido pelo vosso indivíduo de fazer o que a vossa vontade exigia com absoluta necessidade?

B

Embaraçais-me; então a liberdade é apenas o poder de fazer o que bem entendo?

A

Refleti um pouco. Vede se a liberdade pode ser outra coisa.

B

Neste caso o meu cão de caça é tão livre como eu; ele tem necessariamente a vontade de correr quando vê uma lebre e o poder de correr se não estiver doente das pernas. Eu nada tenho, pois, mais do que meu cão: reduzis-me ao estado das bestas.

A

Eis uma série de pobres sofismas dos pobres sofistas que vos instruíram. Eis que estais despeitado por não serdes livre como vosso cão. Ora, não vos pareceis com ele em mil coisas? A fome, a sede, o velar, o dormir, os cinco sentidos, não são em vós como nele? Pretenderíeis cheirar com outro qualquer órgão além do nariz? Por que quereis uma liberdade diferente da que ele tem?

B

Porém eu tenho uma alma que raciocina muito bem, e o meu cão não pensa coisa alguma.

Ele apenas tem idéias simples, enquanto eu tenho mil idéias metafísicas.

A

Pois muito bem! Sois mil vezes mais livre do que ele, isto é, tendes mil vezes mais poder de pensar do que ele; porém vossa liberdade é perfeitamente igual à dele.

B

Como? Eu não tenho a liberdade de querer o que desejo?

A

Que entendeis com isso?

B

O que toda gente entende. Não se diz diariamente: “As vontades são livres”?

A

Um provérbio não é uma razão; explicai-vos melhor.

B

Penso que sou livre de querer como melhor me agradar.

A

Com vossa licença, isso não tem o mínimo sentido; não percebeis que é ridículo dizer: “Eu quero querer”? Necessariamente, vós desejais em conseqüência das idéias que se vos apresentam. Quereis casar, sim ou não?

B

Mas e se eu vos disser que não quero nem uma nem outra coisa?

A

Responderíeis como aquele que disse: “Uns pensam que o cardeal Mazarino está morto; outros, que está vivo; eu não creio nem numa coisa nem noutra”.

B

Pois bem, quero casar-me.

A

Isto é responder! Por que quereis casar?

B

Porque estou apaixonado por uma bela rapariga, bem educada, muito rica, que canta muito bem, filha de pais honestos e que me ama, assim como sua família.

A

Eis uma razão. Vedes, pois, que não podeis querer sem razão. Declaro-vos que tendes a liberdade de vos casar: isto é, que tendes o poder de assinar o contrato.

B

Como! Eu não posso querer sem motivo? Que sucede então a este outro provérbio: Sit pro ratione voluntas: minha vontade é minha razão, eu quero porque quero?

A

Isso é absurdo, meu caro amigo, pois haveria em vós um efeito sem causa.

B

Que? Quando jogo par ou ímpar tenho então um motivo para escolher par em vez de ímpar?

A

Sim, sem nenhuma dúvida.

B

E qual é essa razão, por obséquio?

A

É que a idéia de par se apresentou ao vosso espírito mais do que a idéia oposta. Seria muito

cômico que nalguns casos desejásseis por existir uma razão para o vosso desejo e que noutros desejásseis sem motivo. Quando vos quereis casar, sentis a razão dominante, evidentemente; não a sentis quando jogais par ou ímpar, e contudo é mister que exista uma.

B

Mas, uma vez ainda: sou ou não sou livre?

A

Vossa vontade não é livre mas vossas ações o são. Tendes a liberdade de fazer quando tendes o poder de fazer.

B

Mas, todos os livros que li sobre a liberdade de indiferença...

A

São tolices: não existe liberdade de indiferença; é um termo destituído de senso, inventado por pessoas que o não possuem.

LOUCURA

Não se trata de reeditar o livro de Erasmo, que na atualidade não seria mais do que um lugar comum bastante insípido.

Chamamos loucura a essa doença dos órgãos do cérebro que impede um homem de pensar e de agir como os outros. Não podendo gerir seus bens, é interdito; não podendo ter idéias de acordo com a sociedade, é excluído; se for nocivo, é enclausurado; se for furioso, trancafiam-no.

É importante observar que esse homem, entretanto, não carece de idéias; ele as tem como todos os outros enquanto acordado e, freqüentemente, enquanto dorme. Poder-se-á perguntar como sua alma espiritual, imortal, alojada em seu cérebro, recebendo todas as idéias por meio dos sentidos coordenados e divididos, não possa concluir um julgamento são. Ela vê os objetos como os viam a alma de Aristóteles e de Platão, de Locke e de Newton; ouve os mesmos sons, tem o mesmo sentido do tacto: por que motivo, pois, recebendo percepções que os mais sábios experimentam, compõe um conjunto inevitavelmente extravagante?

Se essa substância simples e eterna possui para as suas ações os mesmos instrumentos das almas dos cérebros mais sábios, deve raciocinar

como eles. Que o impediria? Claro que se um maluco vê vermelho e os sábios azul; se quando os sábios ouvem uma música o louco ouve o zurrar de um asno; se quando eles estão no sermão o louco julga estar na comédia; se quando eles ouvem sim, ele entende não, então sua alma deve pensar ao contrário das outras. Mas o louco tem as mesmas percepções que eles; não há nenhuma razão aparente pela qual sua alma, tendo recebido mediante os sentidos todos os seus utensílios, não os possa usar. Ela é pura, dizemos; não está sujeita por si própria a nenhuma enfermidade; ei-la provida de todos os recursos necessários; passe o que se passar em seu corpo, nada poderá mudar a sua essência; contudo, ei-la encerrada num manicômio.

Essa reflexão pode fazer supor que a faculdade de pensar, doada por Deus ao homem, esteja sujeita a desarranjos como os outros sentidos. Um louco é um doente cujo cérebro sofre, como o gotoso é um doente que sofre dos pés e das mãos; ele pensa com o cérebro, assim como anda com os pés, sem nada conhecer nem do seu poder incompreensível de andar, nem do seu não menos incompreensível poder de pensar. Sofre-se a gota no cérebro como nos pés. Enfim, após mil reflexões, é preciso convir em que somente a fé, talvez, possa convencer-nos de que uma substância simples e imaterial seja passível de doença.

Os doutos ou os doutores dirão ao louco: “Meu amigo, não obstante teres perdido o senso comum, tua alma é tão espiritual, tão pura, tão imortal como a nossa; porém nossa alma está bem alojada e a tua o está mal; as janelas da casa estão fechadas para ela; falta-lhe ar, ela sufoca”. O maluco, em seus bons momentos, lhes responderia: Meus amigos, pensais à vossa moda, o que é discutível. Minhas janelas estão tão abertas como as vossas, porquanto eu vejo os mesmos objetos e ouço as mesmas palavras: é pois necessário que, ou minha alma empregue mal os seus sentidos, ou seja ela própria um sentido viciado, uma qualidade depravada. Numa palavra, ou minha alma é louca por sua própria conta ou eu não tenho alma”.

Um dos doutores poderá responder: “Meu irmão, Deus criou, é possível, almas loucas, assim como criou almas sábias.” O louco replicará: “Se eu fosse acreditar no que me dizeis, seria ainda mais louco do que já sou. Por obséquio, vós que sabeis tanto, dizei-me, por que sou louco?”

Se os doutores tiverem ainda um pouco de bom senso lhe responderão: “Ignoro-o absolutamente.” Eles não compreenderão por que um cérebro tem idéias incoerentes; não compreenderão melhor por que outro cérebro tem

idéias regulares e coerentes. Julgar-se-ão sábios, e serão tão loucos como ele.

LUXO

Há dois mil anos que se declama contra o luxo, em verso e em prosa, porém amando-o sempre.

Que não se disse dos primeiros romanos? Quando esses salteadores devastaram e pilharam as colheitas dos seus vizinhos, quando, para aumentar sua pobre aldeia, destruíram as pobres aldeias dos volscos e dos sanitas, eram homens desinteressados e virtuosos: ainda não tinham podido roubar ouro, nem prata, nem pedrarias, porque não havia nos burgos o que saquear. Nem seus bosques nem seus hortos tinham perdizes ou faisões e louva-se a sua temperança.

Quando, pouco a pouco, eles pilharam tudo, roubaram tudo, desde os confins do Adriático ao Eufrates, quando tiveram bastante espírito para gozar o fruto de suas rapinas durante setecentos ou oitocentos anos; quando cultivaram todas as artes, apreciaram os prazeres e até os fizeram gozar aos vencidos, então cessaram, diz-se, de ser sábios e honestos.

Todas essas declamações servem para provar que um ladrão jamais deverá comer o jantar que tomou de um terceiro nem vestir o traje que roubou, nem enfeitar-se com o anel, produto de seu saque. É preciso, dizes, atirar tudo isso ao rio

a fim de viver como gente honrada; digam antes que não se deveria roubar. Condenai os salteadores quando saqueiam, não os trateis porém como insensatos quando desfrutam de boa fé o produto de seus roubos. Quando um elevado número de marinheiros ingleses se enriqueceu na tomada de Pondichéry e de Havana, não teriam eles o direito de gozar em Londres como paga do trabalho que tiveram nos confins da Ásia e da América?

Desejariam os declamadores ver enterradas zelosamente as riquezas adquiridas na guerra, pela agricultura, pelo comércio e pela indústria? Eles citam os lacedemônios. Por que não citam também a república de São Marinho? Que benefícios fez Esparta à Grécia? Teve ela alguma vez homens como Demóstenes, Sófocles, Apeles, Fídias? O luxo de Atenas criou grandes homens em todo gênero; Esparta teve alguns capitães e ainda em número menor do que as outras cidades. Vão é que uma república tão pequena como a dos lacedemônios conserve a sua pobreza. Chega-se à morte tanto na miséria como gozando daquilo que nos pode tornar a vida agradável. O selvagem do Canadá subsiste e atinge a velhice como o cidadão inglês que tem cinqüenta mil guinéus de renda. Mas quem irá comparar, jamais, o país dos iroqueses à Inglaterra?

Que a república de Ragusa e o cantão de Zug façam leis suntuárias: eles têm razão, é preciso que o pobre não gaste além de suas posses; mas li nalgum lugar(49):

"Sabei que se o luxo enriquece um grande estado põe a perder um pequeno".

Se por luxo entenderdes o excesso, sabemos muito bem que em tudo o excesso é pernicioso: na abstinência como no epicurismo, na economia como na liberalidade. Não sei como pode acontecer que, nas minhas aldeias, onde a terra é ingrata, os impostos pesados, a proibição de exportar o trigo que foi semeado, intolerável, não existe contudo um colono que não tenha uma boa roupa de banho e não seja bem calçado e bem nutrido. Se esse colono trabalha com a sua bela roupa, com linho branco, os cabelos frisados, polvinhados, eis certamente um grande luxo e uma impertinência; mas o fato de um burguês de Paris ou Londres comparecer ao espetáculo vestido como esse camponês seria interpretado como a sordidez mais grosseira e ridícula.

Est modus in rebus, sunt certi denique fines,
quos ultra citraque nequit consistere rectum

Quando se inventaram as tesouras, que não pertencem sem dúvida à mais remota antigüidade, o que não se disse contra os primeiros que cortaram as unhas e apararam

uma parte dos cabelos que lhes caiam sobre o nariz? Foram tratados como pequenos burgueses e pródigos os que compravam mui caro o instrumento da vaidade a fim de falsificar a obra do Criador. Que enorme pecado encurtar os cornos que Deus fez nascer nas extremidades de nossos dedos Era um ultraje à Divindade. Ainda foi pior quando se inventaram as camisas e as chinelas. Sabe-se com que furor os velhos conselheiros, que jamais as tinham usado, gritaram contra os jovens magistrados que se deram a esse honesto luxo.

MATÉRIA

Os sábios a quem se pergunta o que é a alma, respondem que nada sabem a esse respeito. Se se lhes pergunta o que é a matéria, dão a mesma resposta. É verdade que alguns professores e principalmente alguns escolares conhecem perfeitamente tudo isso: e quando repetem que a matéria é extensa e divisível, julgam haver dito tudo; mas quando são solicitados a responder o que significa essa coisa extensa, ficam embaraçados. “Isso é composto de partes, dizem”. E essas partes de que são compostas? São os elementos dessas partes divisíveis? Então eles emudecem ou falam muito, o que é igualmente suspeito. Esse ente quase desconhecido a que chamamos matéria é eterno? Todos os antigos assim o julgaram. Terá ele, de per si, a força ativa? Vários filósofos o imaginaram. Os que o negam, têm o direito de negá-lo? Não concebeis que a matéria possa ser alguma coisa por si própria. Mas como podeis afirmar que ela não tenha por si mesma as propriedades que lhe são necessárias? Ignorais qual é a sua natureza e lhe recusais formas que estão nessa mesma natureza: porque, afinal, desde que ela é, faz-se absolutamente necessário que tenha uma forma, que seja figurada; e, desde que é necessariamente figurada, será impossível a existência de outras formas ligadas à sua configuração? A matéria

existe, não a conheceis senão mediante vossas sensações. Ah! de que servem todas as susceptibilidades do espírito desde que raciocinamos? A geometria nos ensinou grande número de verdades, a metafísica bem poucas. Pesamos a matéria, medimo-la, decompomo-la; e, além dessas operações rudimentares, se quisermos dar um passo sentimos em nós a impotência e adiante de nós um abismo.

Perdoai, por mercê, ao universo inteiro, que se enganou ao julgar que a matéria existisse por si própria. Poderia proceder de forma diversa? Como imaginar que o que é sem sucessão não o foi sempre? Se não fosse necessária a existência da matéria, por que existe ela? E se era preciso que ela fosse, por que não teria sido sempre? Nenhum axioma foi tão universalmente aceito como este: Nada se faz de nada. Com efeito, o contrário é incompreensível. O caos precedeu em todos os povos a disposição que uma mão divina fez no mundo inteiro. A eternidade da matéria jamais ofendeu em povo algum o culto da Divindade. A própria religião jamais procurou impedir que um Deus eterno fosse reconhecido como o senhor de uma matéria eterna. Somos muito felizes, hoje, ao ser informados pela fé que Deus tirou a matéria do nada. Porém, nação alguma foi instruída a respeito desse dogma; os próprios judeus ignoraram-no. O primeiro versículo do Gênesis diz que os deuses Eloim (não

Eloi) fizeram o céu e a terra; não dizem que o céu e a terra foram criados do nada.

Fílon, do único tempo em que os judeus tiveram alguma erudição, diz em seu capítulo da criação: “Deus, sendo bom por sua natureza, não insuflou a inveja na substância, na matéria, que por si mesma nada tinha de bom, que não tem de sua natureza senão a inércia, a confusão, a desordem. Dignou-se torná-la boa, de má que era”.

A idéia do caos desemaranhado por um deus encontra-se em todas as teogonias antigas. Hesíodo repetiu o pensamento do Oriente quando disse em sua Teogonia: “O caos foi o primeiro a existir” — Ovídio foi o intérprete de todo o império romano quando disse:

Sic ubi dispositam, quiscuis fuit ille deorum,
congeriem secuit...(50).

A matéria é, pois, nas mãos de Deus, como a argila nas do oleiro, se se nos permite o uso dessas débeis imagens para exprimir o poder divino.

A matéria, sendo eterna, devia ter propriedades eternas, como a configuração, a força de inércia, o movimento e a divisibilidade. Mas essa divisibilidade não é senão a resulta do movimento: pois sem movimento nada se divide,

nem se separa ou coordena. O caos teria sido um movimento confuso, e a coordenação do universo um movimento regular imprimido a todos os corpos pelo senhor do mundo. Mas como poderia a matéria ter movimento próprio? Da mesma forma que tem, consoante todos os antigos, estensão e impenetrabilidade.

Mas não podemos concebê-la sem extensão, e podemos concebê-la sem movimento. A isto se responde: “É impossível que a matéria não seja permeável; ora, sendo permeável, é preciso que alguma coisa passe continuamente por seus poros; para que passagens, se nelas nada passasse?”

De réplica em réplica, não acabaríamos mais; o sistema da matéria eterna apresenta grandes dificuldades, como todos os sistemas. O da matéria formada do nada não é menos incompreensível. Deve-se admiti-lo sem pretender dar-lhe razão; nem tudo explica a filosofia. Quantas coisas incompreensíveis somos forçados a admitir, mesmo na geometria? Podemos conceber que duas linhas andem paralelamente sem nunca se encontrarem?

Responder-nos-ão naturalmente os geômetras: “As propriedades das assintotas vos foram demonstradas; não podeis deixar de admiti-las; mas a criação, não: por que a

admitia? Que dificuldade achais em crer, como todos os antigos, na matéria eterna?" Por outro lado dir-vos-á o teólogo: "Se acreditardes que a matéria é eterna, reconhecereis portanto dois princípios, Deus e a matéria; caís agora no erro de Zoroastro e Manés".

Nada responderemos aos geômetras, porque aquela gente nada conhece além de suas linhas, suas superfícies e seus sólidos. Mas podemos dizer aos teólogos: "Em que sou maniqueu? Eis aqui pedras que um arquiteto não fabricou; ele ergueu uma construção imensa; não admito dois arquitetos; as pedras brutas obedeceram ao poder e ao gênio".

Felizmente, seja qual for o sistema que abracemos, nenhum prejudica a moral: porque, que importa que a matéria tenha sido feita ou ordenada? Deus é igualmente nosso senhor absoluto. Devemos ser igualmente virtuosos em um caos desemaranhado ou em um caos criado do nada; quase nenhuma dessas questões metafísicas influi na conduta da vida: tais disputas são como as alegres periquitices que temos à mesa: depois de comer cada um esquece o que disse e vai para onde o chamam seu interesse e seu gosto.

MAU

Vivem a gritar-nos que a natureza humana é essencialmente perversa, que o homem nasceu mau e filho do diabo. Nada menos ponderado: porque, meu amigo, tu que me dizes que toda gente nasceu perversa, tu me advertes pois de que nasceste tal, que é preciso que eu desconfie de ti como de uma raposa ou de um crocodilo. — Oh! nada disso! — dizes, — eu me regenerei, não sou nem herege nem infiel, podeis fiar-vos em mim. — Mas o resto do gênero humano, que é ou herege ou o que chamas infiel, não será pois um conjunto de monstros? E todas as vezes que falares a um luterano ou a um turco deverás estar certo de que te roubarão ou assassinarão: pois são filhos do diabo; nasceram ruins; um nada tem de regenerado e o outro é degenerado. Seria muito mais razoável, muito mais belo, dizer aos homens: Nascestes bons; vede quão afrontoso seria corromper a pureza do vosso ser. Seria de mister proceder com o gênero humano como procedemos com os homens em particular. Se um cônego leva uma vida escandalosa, nós lhe dizemos: “É possível que desonreis a dignidade de cônego?” Faz-se lembrar a um magistrado que ele tem a honra de ser conselheiro do rei e que deve dar o exemplo. Diz-se a um soldado a fim de encorajá-lo: “Recorda que pertences ao regimento de Champagne” Dever-se-ia dizer a todo

indivíduo: “Lembra-te de tua dignidade de homem”.

E, com efeito, não obstante a possuirmos, temos sempre necessidade dela: pois que quer dizer esta frase freqüentemente empregada em todos os povos, concentrai-vos em vós mesmo? Se houvésseis nascido filho do diabo, se vossa origem fosse criminosa, se vosso sangue fosse composto de um licor infernal, esta expressão concentrai-vos em vós mesmo significaria: consultai, segui vossa natureza diabólica, sede impostor, assassino, é a lei de vosso pai.

O homem não é ruim de nascimento; torna-se depois, assim como adoece. Alguns médicos se lhe apresentam e dizem: “Nascestes já doente.” Pile está perfeitamente certo de que esses médicos, por mais que façam, não o curarão se sua doença é inerente a sua natureza; esses próprios argumentadores são bem doentes.

Reuni todas as crianças do universo, e não vereis nelas senão inocência, doçura e timidez; se houvessem nascido más, malfeitoras, cruéis, mostrariam algum sinal, tal como as serpentezinhas procuram morder e os tigrinhos arranhar.

Mas a natureza não concedeu ao homem mais armas ofensivas do que aos coelhos e aos

pássaros, não lhes pode dar um instinto que os conduza à destruição.

Portanto o homem não é mau de nascimento. Por que então existe tão grande número de infetados por essa peste da ruindade? É que aqueles que os dirigem, sendo colhidos pela doença, comunicam-na ao resto dos homens, como uma mulher atacada do mal que Cristóvão Colombo trouxe da América espalha esse veneno de extremo a outro da Europa. O primeiro ambicioso corrompeu a terra.

Ides dizer-me que esse primeiro monstro desenvolveu o germe do orgulho, da rapina, da fraude, da crueldade, que existe em todos os homens. Sei muito bem que em geral a maioria de nossos irmãos pode adquirir esses defeitos; estará porém toda gente contaminada pela febre pútrida, pelos cálculos renais, apenas por que todos estão expostos?

Existem nações inteiras completamente boas: os filadélfios, os banianos nunca mataram pessoa alguma; os chineses, os povos de Tonquim, de Lao, de Siam, do próprio Japão, durante várias centenas de anos não conheceram a guerra. Apenas de dez em dez anos é possível ver um desses crimes que comovem a natureza humana nas cidades de Roma, Veneza, Paris, Londres,

Amsterdã, cidades onde, de feito, a cupidez, mãe de todos os crimes, é extensa.

Se os homens fossem essencialmente maus, se nascessem completamente submetidos a um ser tão malfeitor como infeliz, que para se vingar de seus suplícios lhes inspirasse todos os seus furores, ver-se-iam todas as manhãs maridos assassinados por suas mulheres e pais por seus filhos, como podemos contemplar no alvorecer do dia frangos estrangulados por uma doninha que lhes sugou o sangue.

Se houver um bilhão de homens sobre a terra será muito; isto dá aproximadamente quinhentos milhões de mulheres que costuram, que cozinham, que alimentam seus filhos, que tomam conta da casa ou cabana própria, e que falam um certo mal de suas vizinhas. Não vejo que grande mal essas pobres inocentes fazem sobre a terra. Sobre esse número de habitantes do globo há duzentos milhões de crianças no mínimo, que com toda certeza não saqueiam nem matam, e cerca de outro tanto de velhos e doentes que o não podem fazer. Restarão quando muito cem milhões de jovens robustos e capazes de praticar o crime. Desses cem milhões noventa estão continuamente ocupados em forçar a terra, mercê de um trabalho prodigioso, a fim de que esta lhes dê alimentos e roupas; esses não têm igualmente tempo para fazer o mal.

Nos dez milhões restantes estão compreendidos os ociosos que prezam a boa companhia das mesas, que desejam viver doce e tranqüilamente, os homens de talento ocupados com suas profissões, os magistrados, os padres, visivelmente interessados em levar uma vida pura, ao menos na aparência. Como verdadeiros maus, portanto, apenas restarão alguns políticos, amadores ou profissionais, e alguns milhares de vagabundos que lhes alugam os seus serviços. Ora, impossível seria atuar um milhão de bestas ferozes ao mesmo tempo; e nesse número estão incluídos os assaltantes das estradas reais. Tendes, pois, quando muito, sobre a terra, nos tempos mais borrascosos, um homem sobre mil a quem se pode chamar mau.

Há pois infinitamente menos mal sobre a terra do que se diz e pensa. E é ainda muito, sem dúvida: assistimos a desgraças e crimes horríveis; porém o prazer de se lamentar e exagerar é tão grande que à mínima arranhadela seríeis capaz de bradar que a terra regurgita de sangue. Fostes enganado, todos os homens são perjuros. Um espírito melancólico que sofreu uma injustiça vê o universo coberto de danados, como um jovem voluptuoso ceando com sua dama, ao sair da Ópera, não acredita na existência de infelizes.

MESSIAS

Messiah ou Meshiah em hebreu; Christos ou Eleimmenos em grego; Unctus em latim; Ungido.

Vemos no Velho Testamento que o nome de Messias foi dado a príncipes idólatras ou infiéis. Está dito(51) que Deus enviou um profeta para ungir Jeú, rei de Israel. Anunciou ele a unção sagrada a Hazael, rei de Damasco e Síria, pois esses dois príncipes eram os Messias do Altíssimo para punir a casa de Acabe.

No 45o. de Isaías o nome de Messias é expressamente dado a Ciro. “Assim disse o Eterno a Ciro, seu ungido, seu Messias, de quem tomei a mão direita, a fim de que eu submeta as nações diante dele, etc.”.

Ezequiel, no capítulo 28 de suas revelações, dá o nome de Messias ao rei de Tiro, a quem também chamava Querubim. “Filho do homem, — disse o Eterno ao profeta, — pronuncia em altas vozes uma queixa ao rei de Tiro, e diz-lhe:

“Assim disse o Senhor, o Eterno. Eras o sinete da semelhança de Deus, repleto de sabedoria e perfeito em beleza; foste o jardim do Éden do Senhor, (ou, segundo outras versões) eras todas as delícias do Senhor. Tuas vestes eram de sardônica, de topázio, de jaspe, de

crisólita, de ônix, de berilo, de safira, de escarbúnculo, de esmeralda e ouro. O que sabiam fazer teus tambores e tuas flautas esteve contigo; eles foram aprontados no dia de tua criação; foste um Querubim, um Messias".

Esse nome de Messiah, Christ, era dado aos reis, aos profetas e aos grandes sacerdotes dos hebreus. Lemos no 1o. dos Reis, XII, 5: "O Senhor e seu Messias são testemunhas", isto é: "O Senhor e o rei que estabeleceu". E alhures: "Não toqueis em meus ungidos nem façais mal algum a meus profetas". Davi, animado do espírito de Deus, deu em várias ocasiões a Saul, seu sogro renegado, que o perseguia, o nome e a qualidade de ungido, de Messias do Senhor. "Deus me guarde" — diz freqüentemente — "de levantar a mão sobre o ungido do Senhor, sobre o Messias de Deus!"

Se o nome de Messias, ungido do Senhor, foi dado a reis idólatras, a renegados, foi também mui freqüentemente empregado em nossos antigos oráculos para designar o verdadeiro ungido do Senhor, esse Messias por excelência, o Cristo, filho de Deus, enfim o próprio Deus.

Se compararmos todos os diversos oráculos que se aplicam de ordinário ao Messias, não pode haver ao que parece dificuldade alguma capaz de favorecer os judeus, no sentido de justificar, se o

pudessem, sua obstinação. Vários grandes teólogos concordam que, no estado de opressão sob o qual gemia o povo judeu, e depois de todas as promessas que o Eterno lhe fez com tanta freqüência, podia suspirar pela vinda de um Messias vencedor e libertador, e que assim se torna de certa forma escusável o não haver a princípio reconhecido esse libertador na pessoa de Jesus.

Pertencia ao plano da sabedoria eterna que as idéias espirituais do verdadeiro Messias permanecessem desconhecidas pelas multidões cegas; foram-no ao ponto de os doutores judeus tomarem o cuidado de não negar senão os trechos que alegamos deverem ser entendidos como referentes ao Messias. Dizem vários que o Messias já veio na pessoa de Ezequias; é também o pensamento do famoso Hilel. Outros, em grande número, pretendem que a crença da vinda de um Messias não é absolutamente um artigo fundamental de fé, e que esse dogma, não assomando nem no Decálogo nem no Levítico, não passa de uma esperança consoladora.

Vários rabinos dizem não duvidar que, segundo os antigos oráculos, o Messias não tenha vindo nos tempos determinados; mas que ele não envelhece, que ficará sobre esta terra e esperará, para se manifestar, que Israel tenha celebrado como é de mister o sabate.

O famoso rabino Salomão Jarquí ou Rasquí, que viveu no princípio do duodécimo século, diz em suas Talmúdicas que os antigos hebreus acreditaram que o Messias nascera no dia da última destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos; é, como se costuma dizer, chamar o médico depois da morte.

O rabino Quinquí, que também viveu no duodécimo século, anunciou que o Messias, cuja vinda julgava muito próxima, expulsaria da Judéia os cristãos que a possuíam até aquele momento; é verdade que os cristãos perderam a Terra Santa; mas foi Saladino quem os venceu; por pouco que esse conquistador tenha protegido os judeus declarando-se a seu favor, parece que em seu entusiasmo eles o transformaram em seu Messias.

Os autores sacros, e o próprio Nosso Senhor Jesus, comparam freqüentemente o reino do Messias e a eterna beatitude a dias de esponsais, a festins; porém os talmudistas abusaram estranhamente dessas parábolas; segundo eles, o Messias dará a seu povo, reunido na terra de Canaã, uma refeição cujo vinho será o mesmo feito por Adão no Paraíso terrestre, e que se conserva em vastas adegas, guardadas pelos anjos no centro da terra.

Servir-se-á de início o famoso peixe chamado o grande Leviatã, que engole de um só trago um peixe maior do que ele, o qual não deixa de ter trezentas léguas de comprimento; toda a maça das águas está apoiada sobre Leviatã. Deus, a princípio, criou um macho e uma fêmea; mas temendo que eles revolvessem a terra e enchessem o universo de seus semelhantes, Deus matou a fêmea, salgando-a para o festim do Messias.

Os rabinos acrescentam que se matará para esse festim o touro de Beemote, que é tão grande que come diariamente o feno de mil montanhas; a fêmea desse touro foi morta no princípio do mundo, para que uma espécie tão prodigiosa não se multiplicasse, o que apenas poderia ser prejudicial às outras criaturas; asseguram porém que o Eterno não a salgou, pois a vaca salgada não é tão boa como o Leviatã. Os judeus acrescentaram ainda tanta fé a todas essas fantasias rabínicas que é freqüente jurarem sobre a parte do boi de Beemote que lhes cabe.

Depois de idéias tão grosseiras sobre a vinda do Messias e sobre o seu reino, será para admirar que os judeus, tanto antigos como modernos, e vários mesmo dos primeiros cristãos, desgraçadamente imbuídos de todas essas loucuras, não tenham podido elevar-se à idéia da natureza divina do ungido do Senhor, nem

atribuíram as qualidades de Deus ao Messias? Vede como os judeus se exprimem lá das alturas em sua obra intitulada Juaei Lusitani Quaestiones ad Christianos. “Reconhecer” — dizem — “um homem-Deus é forjar um monstro, um centauro, o composto estranho de duas naturezas que não se poderiam aliar”. Acrescentam que os profetas não ensinam absolutamente que o Messias deve ser homem-Deus, que fazem distinções expressas entre Deus e Davi, que consideram o primeiro, senhor, o segundo, servidor, etc.

Sabe-se muito bem que os judeus, escravos da letra, jamais penetraram como nós o sentido das Escrituras.

Quando o Salvador apareceu, os preconceitos judeus se ergueram contra ele. O próprio Jesus Cristo, para não revoltar seus espíritos cegos, parece extremamente reservado sobre o artigo de sua divindade: “Ele queria” — diz São Crisóstomo — “acostumar insensivelmente seus auditores a crer num mistério grandemente elevado acima da razão”. Se toma a autoridade de um Deus perdoando os pecados, isto revolta todos os que o testemunham; seus milagres mais evidentes não podem convencer de sua divindade aqueles mesmos em favor dos quais opera. Quando perante o tribunal do soberano sacrificador ele admite com modéstia ser filho de Deus, o sumo

sacerdote rasga-lhe a roupa, rompendo em blasfêmias. Antes do enviado do Espírito Santo os apóstolos nem sequer suspeitavam a divindade de seu mestre; ele os interroga sobre o que pensa o povo a seu respeito: respondem-lhe que uns o tomam por Elias, outros por Jeremias ou qualquer outro profeta. São Pedro precisa de uma revelação particular para conhecer que Jesus é o Cristo, o filho de Deus vivente.

Os judeus, revoltados contra a divindade de Jesus Cristo, recorreram a toda sorte de meios para destruir esse grande mistério; deturpam o sentido dos seus próprios oráculos, ou não os aplicam ao Messias; pretendem que o nome de Deus, Elói, não é particular à divindade, sendo até concedido pelos autores sagrados aos juizes, aos magistrados, em geral aos elevados em autoridade; citam, com efeito, grande número de passos das Santas Escrituras que justificam esta observação, mas que não concedem a mínima atenção aos termos expressos dos antigos oráculos que falam do Messias.

Enfim, pretendem que se o Salvador, e depois dele os evangelistas, os apóstolos e os primeiros cristãos chamam Jesus o filho de Deus, esse termo augusto não significava nos tempos evangélicos senão o oposto dos filhos de Belial, isto é, homem de bem, servidor de Deus, em

oposição a um malvado, um homem que não teme a Deus.

Se os judeus contestaram a Jesus Cristo a qualidade de Messias e sua divindade, nada esqueceram para torná-lo desprezível, para atirar sobre o seu nascimento, sua vida e sua morte, todo o ridículo e todo o opróbrio imaginado pela sua obstinação criminosa.

De todas as obras produzidas pela cegueira dos judeus, nada há de mais odioso e extravagante do que o antigo livro intitulado: Sepher Toldos Jeschut, extraído da poeira dos arquivos pelo sr. Wagenseil, no segundo tomo de sua obra intitulada: Tela ignea, etc.

É nesse Sepher Toldos Jeschut que se lê uma história monstruosa da vida do nosso Salvador, forjada com toda paixão e má fé possíveis. Assim, por exemplo, ousaram escrever que um tal Panter ou Pandera, habitante de Betlêm, se apaixonara por uma mulher casada com Jocanã. Teve desse comércio impuro um filho que foi chamado Jesuá ou Jesú. O pai desse menino foi obrigado a fugir, retirando-se para Babilônia. Quanto ao jovem Jesú, foi enviado à escola; mas, — acrescenta o autor — teve a insolência de levantar a cabeça e de se descobrir diante dos sacrificadores, em lugar de se apresentar à sua frente com a cabeça baixa e o rosto coberto, como era costume:

ousadia que foi vivamente punida; o que deu lugar ao exame de seu nascimento, que se revelou impuro e em breve o expôs à ignomínia.

Esse detestável livro Sepher Toldos Jeschut era conhecido desde o segundo século; é citado por Celso com confiança e Orígenes refuta-o no nono capítulo.

Existe outro livro também intitulado Toldos Jeschut, publicado no ano de 1705 pelo Sr. Huldrich, que segue mais de perto o Evangelho da infância mas que comete, a todo momento, os anacronismos e faltas mais grosseiros. Faz nascer e morrer Jesus Cristo no reinado de Herodes, o Grande; pretende terem sido dirigidas a esse príncipe as queixas sobre o adultério de Panter e de Maria, mãe de Jesus.

O autor, que toma o nome de Jonatã, que se diz contemporâneo de Jesus Cristo e morador em Jerusalém, adianta que Herodes consultou os senadores de uma cidade da terra de Cesárea sobre o caso de Jesus Cristo. Não seguiremos um autor tão absurdo em todas as suas contradições.

No entanto é a favor de todas essas calúnias que os judeus se entretêm em seu ódio implacável contra os cristãos e contra o Evangelho; nada esqueceram eles para alterar a cronologia do Velho Testamento e para espalhar dúvidas e

dificuldades sobre o tempo da vinda do nosso Salvador.

Ahmed-ben-Cassum-al-Andacusi, mouro de Granada que viveu nos fins do século XVI, cita o antigo manuscrito árabe que foi encontrado junto a seis lâminas de chumbo, gravado em caracteres árabes, numa gruta perto de Granada. D. Pedro y Quinones, arcebispo de Granada, prestou ele próprio testemunho. Essas lâminas de chumbo que chamamos de Granada foram depois transladadas para Roma, onde, após um exame de vários anos, foram finalmente condenadas como apócrifas, sob o pontificado de Alexandre VII; não continham senão histórias fabulosas concernentes à vida de Maná e seu filho.

O nome de Messias, acompanhado do epíteto falso, ainda se dá a esses impostores que, em épocas diversas, procuraram mistificar a nação judaica. Houve desses falsos Messias antes mesmo da vinda do verdadeiro ungido de Deus. O sábio Gamaliel fala(52) de um certo Teodas cuja história se lê nas Antigüidades Judaicas de José; livro 20, capítulo 2. Jactava-se de haver passado o Jordão a pé seco; conseguiu grande número de adeptos que o seguiam; mas os romanos, caindo sobre sua tropa, dizimaram-na, cortaram a cabeça do desgraçado chefe e a expuseram em Jerusalém.

Gamaliel fala também de Judas, o Galileu, que é sem dúvida o mesmo mencionado por José, no capítulo 12 do segundo livro da Guerra das Judeus. Diz que esse falso profeta reunira quase trinta mil adeptos; porém a hipérbole é o característico do historiador judeu.

Desde os tempos dos apóstolos viu-se Simão, cognominado o Mágico(53), seduzir os habitantes de Samaria a ponto de o considerarem como a virtude de Deus.

No século seguinte, no ano 178 e 179 da era cristã, sob o império de Adriano, apareceu o falso Messias Barco Queba, à testa de um exército. O imperador enviou contra ele Júlio Severo, que depois de vários encontros encerrou os revoltosos na cidade de Biter; manteve um assedio obstinado e foi violentíssimo em suas represálias; Barco Queba foi preso e condenado à morte. Adriano julgou não poder prevenir as revoltas contínuas dos judeus, senão proibindo-os por édito de irem a Jerusalém; estabeleceu, mesmo, postos de vigilância nas portas dessa cidade, para proibir a entrada ao resto do povo de Israel.

Lemos em Sócrates, historiador eclesiástico(54), que no ano 434 apareceu na ilha de Cândia um falso Messias chamado Moisés. Dizia-se o antigo libertador dos hebreus, ressuscitado para os libertar de novo.

Um século depois, em 530, houve na Palestina um falso Messias chamado Julião; anunciou-se como um grande conquistador que, à frente de sua nação, destruiria pelas armas todo o povo cristão; seduzidos por suas promessas, os judeus, armados, massacraram muitos cristãos. O imperador Justiniano enviou tropas contra ele. Travou-se batalha contra o falso Cristo: foi preso e condenado ao suplício extremo.

No princípio do século VIII Sereno, judeu espanhol, apresentou-se como Messias, pregou, teve discípulos e morreu como eles na miséria.

Vários falsos Messias surgiram no século XII. Apareceu um na França, sob o reinado de Luís, o Jovem; foi enforcado, ele e seus correligionários, sem que jamais se conhecessem os nomes nem do mestre nem dos discípulos.

O século XIII foi fertilíssimo de falsos Messias; contam-se sete ou oito, aparecidos na Arábia, na Pérsia, na Espanha e na Morávia. Um deles, que se fazia chamar David el Re, passou por ter sido um grande mártir, seduziu os judeus, vendo-se à testa de um partido considerável; mas esse Messias foi assassinado.

Jacques Zieglerne, da Morávia, que viveu em meados do século XVI, anunciou a próxima manifestação do Messias, nascido, segundo

afirmava, havia catorze anos. Ele o tinha visto, dizia, em Estrasburgo, e guardava com cuidado uma espada e um cetro para lhos entregar quando ele estivesse em idade de ensinar.

No ano de 1624 outro Zieglerne confirmou a predição do primeiro.

Em 1666 Sabatê Seví, nascido em Alepo, se apresentou como o Messias predito pelos Zieglerne. Principiou por pregar nas estradas reais e no meio dos campos; os turcos riram-se dele, apesar da grande admiração dos seus discípulos. Parece que não agradou à maioria da nação hebraica, pois os chefes da sinagoga de Smirna lavraram contra ele uma sentença de morte; mas livrou-se da pena, sofrendo somente o medo e o exílio

Contratou três casamentos que não chegou a realizar, segundo se diz. Associou-se a um certo Natã Leví: este fez o papel do profeta Elias, que devia preceder o Messias. Dirigiram-se a Jerusalém e Natã anunciou Sabatê Seví como o libertador das nações. A população judaica declarou-se a seu favor; mas os que tinham alguma coisa a perder o anatematizaram.

Seví, para fugir à borrasca, retirou-se para Constantinopla, e de lá para Smirna. Natã Leví enviou-lhe quatro embaixadores que o reconheceram e saudaram publicamente na

qualidade de Messias; essa embaixada teve certa influência no povo e mesmo em alguns doutores, que declararam Sabat Seví Messias e rei dos hebreus. Mas a sinagoga de Smirna condenou seu rei a ser empalado.

Sabatê pôs-se sob a proteção do cadi de Smirna, e teve em breve ao seu favor todo o povo judeu. Fez erguer dois tronos, um para ele e outro para sua esposa favorita; tomou o nome de rei dos reis e deu a José Seví, seu irmão, o de rei de Judá. Prometeu aos judeus assegurar a conquista do império otomano. Chegou mesmo à insolência de fazer riscar da liturgia judaica o nome do imperador, substituindo-o pelo seu. Foi remetido à prisão dos Dardanelos. Os judeus tornaram público que: só se poupara a sua vida por que os turcos sabiam muito bem que ele era imortal. O governador dos Dardanelos enriqueceu-se à custa dos presentes que os hebreus lhe prodigalizaram para visitar o seu rei, o seu Messias, prisioneiro que, entre grades, conservava toda a sua dignidade, deixando que lhe beijassem os pés.

Entretanto o sultão, que tinha a sua corte em Andrinopla, resolveu acabar com essa comédia; mandou chamar Seví e disse-lhe que se ele fosse Messias deveria ser invulnerável; Seví concordou. O grão senhor mandou que o colocassem como alvo das flechas de seus pagens; o Messias compreendeu logo nada ter de invulnerável e

pretextou que Deus apenas o enviara para render testemunho à santa religião muçulmana. Fustigado pelos ministros da lei, tornou-se mafomista e morreu desprezado igualmente por judeus e muçulmanos: o que desacreditou de tal forma a profissão de falso Messias que Seví foi o último deles.(55).

METAMORFOSE, METEMPSICOSE

Não é muito natural que todas as metamorfoses de que a terra está repleta tenham feito imaginar, no Oriente, onde tudo foi imaginado, que nossas almas passam de um corpo a outro? Um ponto quase imperceptível torna-se um verme, esse verme se transforma em borboleta; uma bolota se transforma num tronco, um ovo num pássaro; a água torna-se nuvem e trovão; a madeira troca-se em fogo e cinza; tudo enfim, na natureza, parece metamorfose. Não tardamos em atribuir às almas, que olhamos como tênues figuras, o que vemos sensivelmente nos corpos mais grosseiros. A idéia da metempsicose é talvez o mais antigo dogma do universo conhecido, e reina ainda em grande parte da Índia e da China.

É ainda bastante natural que todas as metamorfoses de que somos testemunhas hajam produzido essas antigas fábulas que Ovídio recolheu em sua obra admirável. Os próprios judeus tiveram também suas metamorfoses. Se Níobe foi transformada em mármore, Edite, mulher de Ló, foi transmutada numa estátua de sal. Se Eurídice ficou nos infernos por ter olhado para trás, é também pela mesma indiscrição que essa mulher de Ló foi privada da natureza humana. O burgo habitado por Baucis e Filêmon,

na Frigia, transformou-se em um lago; a mesma coisa sucedeu a Sodoma. As filhas de Anjo transformavam a água em óleo; temos nas Escrituras uma metamorfose mais ou menos parecida, porém mais verdadeira e mais sagrada. Cadmo foi transformado em serpente; a virgem de Aarão tornou-se serpente também.

Os deuses também mudam-se muitas vezes em homens; os judeus jamais viram anjos senão sob a forma humana: os anjos comeram na casa de Abraão. Paulo, em sua Epístola aos Coríntios, diz que o anjo de Satã lhe deu bofetadas: Angelos Satana me colaphisei.

MILAGRES

Segundo a energia do termo, um milagre é uma coisa admirável. Nesse caso, tudo é milagre. A ordem prodigiosa da natureza, a rotação de cem milhões de globos ao redor de um milhão de sóis, a atividade da luz, a vida dos animais, constituem perpétuos milagres.

Segundo as idéias aceitas, chamamos milagre à violação dessas leis divinas e eternas. Assim, quando houver um eclipse do Sol durante a Lua cheia, quando um morto fizer a pé duas léguas de caminho levando a cabeça de baixo do braço, isto quer dizer que sucedeu um milagre.

Vários físicos afirmam que, nesse sentido, não existe milagre algum, e eis aqui seus argumentos.

Um milagre é a violação das leis matemáticas, divinas, imutáveis, eternas. Mediante essa única exposição, um milagre é uma contradição nos termos. Uma lei não pode ser mutável a violada. Mas uma lei, diz-se-lhes, sendo estabelecida por Deus mesmo, não poderá ser suspensa pelo seu autor? Têm a ousadia de responder que não e que é impossível que o Ser infinitamente sábio tenha estabelecido leis para as violar. Um homem, dizem eles, não desmonta sua máquina senão para fazê-la melhor; ora, é claro que, sendo Deus,

ele fez essa imensa máquina o melhor que pode: se viu que haveria alguma imperfeição, resultante da natureza da matéria, ele a preveniu desde o começo; assim jamais há de mudar nada.

Demais, Deus nada pode fazer sem razão; ora, que razão poderia levá-lo a desfigurar por algum tempo a sua própria obra? É em favor dos homens, diz-se-lhes. Será, pois, ao menos em favor de todos os homens respondem eles: pois é impossível conceber que a natureza divina trabalhe para alguns homens em particular e não para todo o gênero humano; mesmo o gênero humano é pouca coisa: é muito menos do que um pequeno formigueiro em comparação com todos os entes que preenchem a imensidão. Ora, não é a mais absurda das loucuras imaginar que o Ser Infinito invertesse em favor de três ou quatro centenas de formigas nesse pequeno pedaço de lodo, o movimento eterno dessas molas imensas que fazem mover o inteiro universo?

Mas suponhamos que Deus desejou distinguir um pequeno número de homens com favores particulares: seria preciso que mudasse tudo o que estabeleceu para todos os tempos e todos os lugares. Ele não tem, por certo, necessidade alguma dessa mudança, dessa inconstância, para favorecer suas criaturas: seus favores estão encerrados em suas próprias leis. Ele tudo preveniu, tudo ordenou para elas; todas

obedecem irrevogavelmente à forca que imprimiu para todo o sempre na natureza.

Por que faria Deus um milagre? Para realizar um plano qualquer concernente a alguns seres vivos! Portanto: não pude, com os meus decretos divinos, com minhas leis eternas, preencher um certo plano; vou mudar minhas idéias eternas, minhas leis imutáveis, e tratar de executar o que não consegui fazer por elas. Tal fato seria um sinal de sua fraqueza, e não de sua potência. Seria, parece, nele, a mais inconceptível contradição. Portanto, ousar supor que Deus realiza milagres é realmente insultá-lo (se é que os homens podem insultar Deus); é dizer-lhe: “Sois um ente frágil e inconseqüente”. Portanto, é absurdo crer em milagres, é desonrar de certo modo a Divindade.

Insiste-se com esses filósofos, dizendo-lhes: “É inútil exaltardes a imutabilidade do Ente Supremo, a eternidade de suas leis, a regularidade de seus mundos infinitos; nosso pequeno pedaço de lodo está repleno de milagres; as histórias estão tão repletas de prodígios que estes se tornam acontecimentos naturais. As filhas do sumo sacerdote Agno trocavam tudo o que bem entendiam em trigo, em vinho ou óleo; Atálida, filha de Mercúrio, ressuscitou várias vezes; Esculápio ressuscitou Hipólito; Hércules arrancou Alceste dos braços da Morte; Éros

voltou ao mundo após ter passado quinze dias nos infernos; Rômulo e Remo nasceram de um deus e uma vestal. O Paládio tombou dos céus na cidade de Tróia; a cabeça de Orfeu concedia oráculos depois de sua morte; as muralhas de Tebas se construíram por si próprias ao som das flautas dos gregos; as curas realizadas no templo de Esculápio eram numerosas, e temos ainda monumentos repletos de nomes de testemunhas oculares dos milagres de Esculápio.

"Citai-me um único povo no qual não se tenham operado prodígios incríveis, principalmente nos tempos em que mal se sabia ler e escrever".

Os filósofos não respondem a essas objeções senão rindo e dando de ombros; mas os filósofos cristãos dizem: "Cremos perfeitamente nos milagres operados em nossa santa religião; cremo-los mediante nossa fé, e não pela nossa razão, que nos guardamos bem de ouvir: porque, quando fala a fé, sabemos que a razão não deve dizer palavra. Temos uma crença firme e integral nos milagres de Jesus Cristo e dos apóstolos, mas permiti-nos duvidar um pouco de vários outros; permiti, por exemplo, que suspendamos nosso julgamento sobre o que concerne a um homem simples ao qual se deu o nome de grande. Ele afirma que um pequeno monge estava tão acostumado a realizar milagres que o prior lhe

proibira exercer seu talento. O pequeno monge obedeceu; mas tendo visto um pobre telhador cair do alto de um telhado, ficou indeciso entre salvar-lhe a vida e manter a santa obediência. Ordenou apenas que o telhador permanecesse suspenso a meio caminho do solo, até nova ordem, e correu de pressa a contar ao seu prior o estado das coisas. O prior absolveu-o do pecado que cometera iniciando um milagre sem licença e permitiu que o terminasse, contanto que nunca mais o repetisse. Concede-se aos filósofos desconfiar um pouco dessa história".

Mas como ousaríeis negar, diz-se-lhes, que S. Gervásio e S. Protásio tenham aparecido em sonho a Santo Ambrósio, que lhe tenham ensinado o lugar onde estavam escondidas as suas relíquias, que Sto. Ambrósio as tenha desenterrado e que elas curaram um cego? Sto. Agostinho estava nessa época em Milão; é ele quem nos conta o milagre: Immenso populo teste, diz em sua Cidade de Deus, livro 22. Eis um milagre dos melhor averiguados. Os filósofos dizem que não acreditam em nada disso; que Gervásio e Protásio não apareceram a pessoa alguma; que pouco importa ao gênero humano saber onde estão os restos de suas carcassas; que não concedem maior crédito a esse cego que ao de Vespasiano; que é um milagre inutilíssimo; que Deus nada faz de inútil; e se mantêm firmes em seus princípios. Meu respeito a S. Gervásio e

S. Protásio não me permite ser do pensar desses filósofos: apenas registo sua incredulidade. Fazem grande caso da passagem de Luciano que se encontra na Morte de Peregrino. “Quando um trapaceiro chega a se transformar em cristão, é porque tem certeza de ficar rico”. Mas como Luciano é um autor profano, não deve ter nenhuma autoridade entre nós.

Esses filósofos não podem se resolver a crer nos milagres operados no segundo século. Perdem tempo as testemunhas oculares em escrever que o bispo de Smirna, S. Policarpo, tendo sido condenado a ser queimado, e sendo atirado às chamas, ouviram uma voz do céu gritar: “Coragem, Policarpo! Sê forte, mostra que és homem!”; que então as chamas da fogueira se separaram de seu corpo, formando um pavilhão de fogo ao redor de sua cabeça, e que do meio da fogueira saiu uma pombinha; enfim, foi necessário decepar a cabeça de Policarpo. “Que vale um milagre desses?” — dizem os incrédulos: — “por que motivo as chamas perderam sua natureza e por que o machado do carrasco não perdeu a sua? Como se explica que tão elevado número de mártires tenham saído sãos e salvos do óleo fervente, e não puderam resistir ao gume do facão? Responde-se que é a vontade de Deus. Mas os filósofos desejariam ter visto todas essas coisas com os seus próprios olhos antes de acreditar.

Os que fortificam seus raciocínios pela ciência vos responderão que os padres da igreja perceberam várias vezes por si próprios já não se realizarem, os milagres de seus tempos. S. Crisóstomo diz expressamente: “Os dons extraordinários do espírito eram dados mesmo aos indignos, porque então a igreja necessitava de milagres; hoje, porém, eles não são concedidos nem mesmo aos dignos, pois a igreja já não os necessita”. Em seguida ele concorda em que não há mais pessoas capazes de ressuscitar mortos, nem mesmo que curem os doentes.

O próprio Sto. Agostinho, apesar do milagre de Gervásio e de Protásio, diz em sua Cidade de Deus: “Por que não se repetem hoje os milagres de outrora?” E ele mesmo explica as razões: “Cur, inquiunt, nunc illa miracula quae praedicatis facta esse none fiunt? Possem quidem, dicere necessaria prius fuisse quam crederet mundus, ad hoc ut crederet mundus”

Objeta-se aos filósofos que Sto. Agostinho, não, obstante tal confissão, fala no entanto de um velho remendão Hipônio que, tendo perdido sua casaca, foi pregar na capela dos vinte mártires; que ao regressar encontrou um peixe em cujo corpo. estava um anel da ouro, e que o cozinheiro que fritou o peixe disse ao remendão:, “Eis o que os vinte mártires vos dão”

A isso respondem os filósofos que nada existe nessa história que contradiga as leis da natureza, que a física não chega a ser abalada pelo fato de um peixe encerrar um anel de ouro e que um cozinheiro tenha dado esse anel a um remendão; que não há nisso nenhum milagre.

Se se lembrar a esses filósofos que segundo S. Jerônimo, em sua Vida do Eremita Paulo, esse eremita teve várias conversações com os sátiros e faunos, que um corvo lhe levava todos os dias, durante trinta anos, a metade de um pão para o seu jantar e um pão inteiro no dia em que Sto. Antônio foi visitá-lo, eles poderão responder ainda que esse grande fato não se choca com a física, que sátiros a faunos podem ter existido e que, em todo caso, se essa história é uma puerilidade, nada tem de comum com os verdadeiros milagres do Salvador e seus apóstolos. Vários bons cristãos combateram a história de S. Simão Estilita, escrita por Teodoreto. Muitos milagres que passam por autênticos na igreja grega foram postos em dúvida por muitos latinos, da mesma forma que vários milagres latinos foram desacreditados pela igreja grega; vieram em seguida os protestantes, que maltrataram os milagres tanto de uma como de outra igreja.

Um sábio jesuíta(56) que pregou durante muito tempo nas Índias lamenta-se de que nem ele nem seus confrades jamais puderam fazer um milagre.

Xavier lamenta-se em muitas de suas cartas de não possuir o dom linguístico; diz que entre os japoneses ele é como uma estátua muda. Entretanto, os jesuítas escreveram que ele ressuscitou oito mortos; é muito; mas é também preciso considerar que ele os ressuscitou há cem mil léguas daqui. Ao depois houve gente que pretendeu ser a abolição dos jesuítas na França um milagre muito maior do que os de Xavier e Inácio.

Seja como for, todos os cristãos convêm em que os milagres de Jesus Cristo e dos apóstolos são de uma verdade incontestável, mas que se pode duvidar de todo ponto de alguns milagres feitos nos últimos tempos e que não têm uma autenticidade positiva.

Desejar-se-ia, por exemplo, para que um milagre fosse bem constatado, que se realizasse na presença da Academia das Ciências de Paris, ou da Sociedade Real de Londres, e da Faculdade de Medicina, assistido por um destacamento do regimento de guardas a fim de conter a multidão, que poderia, com uma indiscrição, impedir a prática do milagre.

Perguntou-se um dia a um filósofo o que diria se visse o Sol deter sua marcha, isto é, se o movimento da Terra ao redor desse astro cessasse, se todos os mortos ressuscitassem e se

todas as montanhas se precipitassem ao mar, tudo para provar alguma importante verdade, como por exemplo a graça versátil. “Que diria?” — respondeu o filósofo: — “Tornar-me-ia um maniqueu, diria que existe um princípio que desfaz o que o outro fez”.

MOISÉS

Vários sábios julgaram que o Pentateuco não pode ter sido escrito por Moisés. Dizem que da própria Escritura se evidencia que o primeiro exemplar conhecido foi encontrado no tempo do rei Josias, e que esse único exemplar foi apresentado ao rei pelo secretário Safã. Ora, entre Moisés e essa aventura do secretário Safã existem mil cento e sessenta e sete anos pelo cômputo hebraico. Porquanto Deus apareceu a Moisés no espinheiro ardente no ano do mundo dois mil duzentos e treze, e o secretário Safã publicou o Livro da Lei no ano do mundo três mil trezentos e oitenta. Esse livro encontrado sob o reinado de Josias foi desconhecido até o retorno da sujeição a Babilônia; e diz que foi Esdras, inspirado de Deus, que deu à luz todas as Santas Escrituras.

Ora, seja Esdras ou outro quem escreveu esse livro, isso é absolutamente indiferente desde que o livro foi inspirado. Não está dito no Pentateuco que Moisés tenha sido seu autor; é pois permitido atribuí-lo a outro homem qualquer, a quem o espírito divino o terá ditado.

Alguns contraditores acrescentam que nenhum profeta citou os livros do Pentateuco, que não é referido nem nos Salmos nem nos livros atribuídos a Salomão, nem em Jeremias

nem em Isaías nem, enfim, em livro canônico algum. Os termos que respondem aos de Gênesis, Êxodo, Números, Levítico, Deuteronômio, não são encontrados em nenhum escrito, quer seja do Novo ou do Velho Testamento

Outros mais ousados formularam as seguintes questões:

1a. — Em que língua Moisés teria escrito, estando num deserto selvagem? Não poderia ter sido senão em egípcio: porque, por esse próprio livro, vê-se que Moisés e todo o seu povo nasceram no Egito. É provável que não falassem outra língua. Os egípcios não se serviam ainda do papiro, os hieróglifos eram gravados sobre mármore ou madeira. Diz-se até que as tábuas dos mandamentos foram gravadas sobre pedra. Portanto teria sido necessário gravar cinco volumes sobre pedras polidas, o que requereria esforços e tempo prodigiosos.

2a. — É possível que num deserto onde o povo judeu não tinha nem sapateiros nem alfaiates, e onde o Deus dos universos foi obrigado a realizar um milagre contínuo para conservar as velhas roupas e sapatos dos judeus, se tenham encontrado homens suficientemente hábeis para gravar os cinco livros do Pentateuco sobre mármore ou madeira? Responder-se-á que, entretanto, foram encontrados operários capazes

de fazer um bezerro de ouro, e que em seguida reduziram o ouro em pá; que construíram um tabernáculo; que o adornaram com trinta e quatro colunas de bronze com capitéis de prata; que urdiram e recamaram véus de linho, de jacinto, de púrpura e escarlate; porém esses próprios fatos fortificam a opinião dos contraditores. Respondem não ser possível que, num deserto onde tudo faltava, se houvessem feito obras tão requintadas; que teria sido preciso começar por fazer sapatos e túnicas; que os que carecem do necessário não se podem entregar ao luxo, e que é evidente contradição afirmar a existência de fundidores, gravadores, escultores, tintureiros, recamadores, quando não se tinham nem roupas, nem sandálias, nem pão.

3a. — Se Moisés houvesse escrito o primeiro capítulo do Gênesis, ter-se-ia proibido a todos os jovens a leitura desse primeiro capítulo? Ter-se-ia respeitado tão pouco o legislador? Se fosse Moisés quem disse que Deus pune a iniqüidade dos pais até a quarta geração, teria Ezequiel dito o contrário?

4a — Se Moisés houvesse escrito o Levítico, poderia ter-se contradito no Deuteronômio? O Levítico proíbe casar com as cunhadas, o Deuteronômio o ordena.

5a. — Teria Moisés falado em seu livro a respeito de cidades que ainda não existiam no seu tempo? Teria dito que as cidades que para ele estavam ao oriente do Jordão, ficavam ao ocidente?

6a. — Teria ele registado quarenta e oito cidades levíticas num país onde jamais houve dez cidades, e num deserto por onde errou sempre sem ter uma casa?

7a. — Teria prescrito regras para os reis de Deus quando não só não existiam reis entre esse povo como, pelo contrário, estava ele em estado de completa ruína, sendo provável que nunca os possuísse? Como! Teria Moisés ditado preceitos para a conduta de reis que não vieram senão quinhentos anos depois dele, sem nada deixar dito aos juizes e pontífices que o sucederam? Esta reflexão não induz a crer que o Pentateuco foi composto nos tempos dos reis e que as cerimônias instituídas por Moisés apenas foram uma tradição?

8a. — Como pode ter ele dito aos judeus: “Eu vos fiz sair em número de 600 mil combatentes da terra do Egito, sob a proteção de vosso Deus?” Não lhe teriam os judeus respondido: “É preciso que tenhais sido bem tímido para não nos atirar contra o faraó do Egito; ele não nos poderia opor um exército de duzentos mil homens. Jamais o

Egito teve tal número de soldados em pé de guerra; nós os teríamos vencido facilmente, seríamos os donos do seu país. Como o Deus que vos fala assassinou para nos agradar todos os primogênitos do Egito, e, se houver nesse país trezentas mil famílias, isto faz trezentos mil homens mortos numa noite, a fim de nos vingar; e vós não imitastes o vosso Deus! E vós não nos destes esse país fértil que ninguém poderia defender! Vós nos fizestes sair do Egito de mãos a abanar, para fazer que morrêssemos nos desertos, entre os precipícios e as montanhas! Teríeis podido, ao menos, conduzir-nos diretamente a essa terra de Canaã sobre a qual não temos direito algum, mas que nos prometestes e na qual ainda não pudemos entrar.

"Era natural que da terra de Gessen marchássemos para Tiro e Sidon, ao longo do Mediterrâneo; mas vós nos fizestes passar quase todo o istmo de Suez; vós nos fizestes penetrar no Egito, quase passar Menfis, e nós nos encontramos em Beel Sefon, nas margens do Mar Vermelho, voltando as costas à terra de Canaã, tendo caminhado 80 léguas nesse Egito que desejávamos evitar, e enfim prestes a perecer entre o mar e o exército do faraó!

"Se houvésseis desejado livrar-nos dos nossos inimigos não teríeis tomado outra rota e outras medidas? Deus nos salvou com um milagre: o

mar foi aberto para que passássemos; mas, após um tal favor, seria preciso deixar-nos morrer à fome e à fadiga nos horríveis desertos de Etam, de Gades Barne, de Mara, de Elim, de Orebe e de Sinai? Todos os nossos pais pereceram nessas solidões atrozes, e vós vindes dizer, depois de quarenta anos, que Deus teve um cuidado particular com nossos pais!"?

Eis o que esses judeus murmuradores, esses filhos injustos dos judeus vagabundos mortos nos desertos poderiam ter dito a Moisés se ele lhes houvesse lido o Êxodo e o Gênesis. E o que não deveriam eles dizer e fazer a respeito do bezerro de ouro! "Como! Ousais dizer-nos que vosso irmão fez um bezerro de ouro para nossos pais quando estáveis com Deus na montanha, vós que ora nos dizeis ter falado com Deus face a face e ora que apenas o vistes pelas costas! Mas, enfim, vós estivestes com esse Deus e vosso irmão funde num só dia um bezerro de ouro e no-lo dá para que o adoremos; e, em lugar de punir o vosso indigno irmão, fazeis dele nosso pontífice e ordenais a vossos levitas degolar vinte mil homens do vosso povo! Te-lo-iam sofrido nossos pais? Dizeis-nos que, não contente com essa carnificina incrível, fizestes ainda massacrar vinte e quatro mil dos vossos pobres acompanhantes porque um deles se deitara com uma madianita, quando vós mesmo desposastes uma madianita; e acrescentais que sois o mais doce de todos os

homens! Ainda algumas ações dessa doçura e ninguém restaria para contar a história.

"Não, se fôsseis capaz de uma tal crueldade, se a tivésseis podido exercer, seríeis o mais bárbaro de todos os homens, e todos os suplícios seriam insuficientes para expiar um tão estranho crime."

São essas, pouco mais ou menos, as objeções feitas pelos sábios àqueles que julgam Moisés autor do Pentateuco. Mas responde-se-lhes que os caminhos de Deus não são os dos homens; quer Deus experimentou, conduziu e abandonou o seu povo por uma sabedoria que nos é desconhecida; que os próprios judeus durante dois mil anos julgaram haver sido Moisés o autor desses livros; que a igreja, que sucedeu à sinagoga e que é infalível como ela, decidiu esse ponto de controvérsia, e que os sábios devem calar-se quando a igreja fala.

PÁTRIA

Pátria é um conjunto de várias famílias; e, como se sustenta comumente a própria família por amor próprio, quando não se tem um interesse contrário pelo mesmo amor próprio se sustenta sua cidade ou sua aldeia que se chama sua pátria.

Quanto mais essa pátria se torna grande menos é amada, porque o amor repartido se debilita e é impossível amar enternecidamente uma família muito numerosa, que apenas se conhece. Aquele que se queima na ambição de ser edil, tribuno, pretor, cônsul, ditador, grita que ama a sua pátria, e não ama senão a si próprio. Cada qual deseja estar seguro de poder deitar-se, de ter sua cama própria, sem que outro homem se arrogue o poder de o mandar deitar-se alhures; cada um deseja estar seguro de sua fortuna e de sua vida. Todos formam assim os mesmos desejos, e então o interesse particular se transforma em interesse geral: não se vota senão por si próprio quando se vota pela república.

É impossível existir sobre a terra um estado que não seja governado a princípio como república: é a marcha natural da natureza humana. Algumas famílias se reúnem, de início, contra os ursos e contra os lobos; a que tem

sementes de trigo fornece-as, em troca, àquela que apenas tem lenha.

Quando descobrimos a América encontramos todas as tribos divididas em repúblicas; apenas existiam dois remos em toda essa parte do mundo. De milhares de nações somente duas encontramos subjugadas.

Foi assim, também, no Velho Mundo; tudo era república na Europa antes dos régulos de Etrúria e Roma. Encontramos ainda hoje repúblicas na África, — Trípoli, Tunis, Argélia, na nossa parte setentrional, são repúblicas de bandidos. Os hotentotes do meio dia vivem ainda como se diz que viveram nos primeiros anos do mundo, livres, iguais entre eles, sem senhores, sem submissões, sem dinheiro e quase sem necessidades.

A carne de seus carneiros nutre-os, sua pele os veste, choças de madeira e de pedra são seus refúgios; são os mais grosseiros de todos os homens, mas não o sentem, vivem e morrem mais docemente do que nós.

Restam na nossa Europa oito repúblicas sem monarcas: Veneza, Holanda, Suíça, Genebra, Lucas, Ragusa, Gênova e São Marinho(57). Pode-se considerar a Polônia, a Suécia, a Inglaterra como repúblicas sob um rei; mas a Polônia é a única que usa o seu nome.

Pois bem, o que será melhor — que vossa pátria seja um estado monárquico ou um estado republicano? Há quatro mil anos se discute essa questão. Perguntai a solução aos ricos, eles preferem a aristocracia; interrogai o povo, ele quer a democracia: apenas os reis preferem a realeza. Como, portanto, é possível que quase toda a terra seja governada por monarcas? Perguntai-o aos ratos que propuseram pendurar uma campainha no pescoço do gato(58). Mas, na verdade, a verdadeira razão é, como se disse, que os homens são mui raramente dignos de se governar por si próprios.

É deplorável que quase sempre para ser bom patriota deva-se ser inimigo do resto dos homens. O velho Catão, esse ótimo cidadão, dizia sempre no senado: "Tal é minha opinião, e que se arruine Cartago". Ser bom patriota é desejar que sua cidade se enriqueça pelo comércio e seja poderosa pelas armas. É claro que um país não pode ganhar sem que outro perca e que não pode vencer sem fazer desgraçados.

Tal é, pois, a condição humana, que desejar a grandeza do seu país é desejar mal aos seus vizinhos. Aquele que pretendesse que a sua pátria não fosse jamais nem menor nem maior, nem mais rica nem mais pobre, seria o cidadão do universo.

PEDRO

Em italiano Piero ou Pietro; em espanhol Pedro; em latim Petrus; em grego Petros; em hebraico Cepha. Por que os sucessores de Pedro tiveram tantos poderes no Ocidente e nenhum no Oriente? É o mesmo que perguntar por que os bispos de Wurtzburg e de Salzburg se atribuíram direitos regalianos nos tempos da anarquia, de passo que os bispos gregos sempre foram súditos. O tempo, a ocasião, a ambição de uns e a fraqueza de outros tudo fizeram e farão neste mundo.

A essa anarquia ajuntou-se a opinião e a opinião é a rainha dos homens. Não que na realidade tenham uma opinião bem determinada, mas palavras fazem-lhe as vezes.

Conta-se no Evangelho que Jesus disse a Pedro: “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus.” Os partidários do bispo de Roma sustentaram, pelo século XI, que quem dá o mais dá o menos; que os céus rodeiam a terra e que Pedro, tendo as chaves do continente, tinha também as chaves do conteúdo. Se se entender por céus todas as estrelas e todos os planetas, é evidente que, segundo Tomásio, as chaves dadas a Simão Barjone, cognominado Pedro, eram um passaporte. Se se entender por céus as nuvens, a

atmosfera, o éter, o espaço em que rolam os planetas, não existem serralheiros, segundo Meúrsio, capazes de fazer uma chave para essas portas.

As chaves na Palestina eram uma cavilha de madeira que se ligava a uma correia. Jesus disse a Barjone: — "O que ligares na terra será ligado nos céus" — Os teólogos do papa concluíram que os papas tinham recebido o direito de ligar e desligar os povos do juramento de fidelidade feito aos seus reis e de dispor ao seu bel prazer de todos os reinos. É concluir magnificamente. As comunas, nos estados gerais da França, em 1302 dizem em seu requerimento ao rei que "Bonifácio VIII era um b... que pensava que Deus prendia e ligava ao céu o que Bonifácio ligava na terra". Um famoso luterano da Alemanha (segundo penso, Melanchton) custava um pouco a digerir que Jesus houvesse dito a Simão Barjone, Cefa ou Cefas: "Tu és Pedro e sobre esta pedra construirei o meu templo, minha igreja". Não podia conceber que Deus tivesse empregado semelhante jogo de palavras, uma agudeza tão extraordinária, e que a potência do papa fosse baseada num trocadilho.

Pedro passou por ter sido bispo de Roma; sabe-se porém que nesse tempo e muito depois não houve bispo algum particular. A sociedade cristã só tomou forma em fins do segundo século.

Pode ser que Pedro tenha feito a viagem a Roma; pode ser, também, que tenha sido posto na cruz, com a cabeça para baixo, não obstante não ser esse o costume; não há, porém, prova alguma de tudo isso. Temos uma carta firmada por ele, na qual diz estar em Babilônia: alguns canonistas judiciosos pretenderam que por Babilônia se deveria entender Roma. Assim, supondo-se que ele a tenha datado de Roma, poder-se-ia concluir que a carta foi escrita em Babilônia. Durante muito tempo tiraram-se conclusões iguais e é assim que o mundo foi governado.

Em Roma pagou-se regiamente a um santo homem por uma simônia; perguntaram-lhe se acreditava em que Simão Pedro estivera no país; respondeu: “Não vejo que Pedro aí tenha estado, mas Simão, tenho a certeza”(59).

Quanto à pessoa de Pedro, é preciso levar em consideração que Paulo não é o único que se escandalizou pela sua conduta; foi contestado face a face, ele e seus sucessores. Esse Paulo reprovava-lhe acremente o comer carnes. proibidas, isto é, porco, presunto, lebre, enguia, ixião e Pedro defendeu-se dizendo que vira o céu abrir-se na sexta hora proximamente, e uma grande toalha que descia dos quatro cantos do céu, a qual estava repleta de enguias, de quadrúpedes e pássaros, e que a voz de um anjo

gritara: “Matai e comei”. É, segundo as aparências, essa mesma voz que gritou a tantos pontífices: “Matai tudo e comei a substância do povo”, diz Wollaston.

Casaubon não podia aprovar a maneira por que Pedro tratou o bom Ananias e Safira, sua mulher. Com que direito, diz Casaubon, um judeu escravo dos romanos pende ordenar ou admitir que todos os que acreditassem em Jesus deveriam vender suas herdades e trazer o resultado de sua venda a seus pés? Se algum anabatista, em Londres ordenasse a mesma coisa a seus irmãos, não seria preso como sedutor sedicioso, como ladrão que não se deixaria de enviar a Tyburn? Não é horrível fazer Ananias morrer porque, tendo vendido seus fundos e dado o dinheiro a Pedro, reteve para si e sua mulher alguns escudos a fim de não morrer de fome? Apenas Ananias foi morto, sua mulher chegou. Pedro, em vez de adverti-la caridosamente de que acabava de matar seu marido de apoplexia por haver guardado alguns óbulos e de lha recomendar que tomasse cuidado consigo própria,. deixa-a cair numa armadilha. Pergunta-lhe se seu marido deu todo seu dinheiro aos santos. A boa mulher responde que sim e recebe morte instantânea. Isso é duro.

Conríngio pergunta por que Pedro, que matou assim esses que lhe deram todos os seus bens,

não mandou antes matar todos os doutores que fizeram Jesus Cristo morrer e que o fustigaram a ele próprio mais de uma vez? Ó Pedro! fazeis morrer dois cristãos que vos deram sua esmola e deixais viver aqueles que crucificaram vosso Deus!

Por muito que pareça que Conríngio não estava em país de inquisição ao fazer esses quesitos ousados, Erasmo, a propósito de Pedro, acentuou uma coisa bem singular: que o chefe da religião cristã começou seu apostolado por renegar Jesus Cristo, e que o primeiro pontífice dos judeus começara seu ministério por construir um bezerro de ouro e adorá-lo.

Seja como for, Pedro nos é descrito como um pobre que catequizava pobres. Ele se parece com esses fundadores de ordens que viviam na indigência e cujos sucessores se tornaram grandes senhores.

O papa, sucessor de Pedro, ora ganhou, ora perdeu; mas ainda lhe restam cinqüenta milhões de homens mais ou menos sobre a terra, submissos em muitos pontos às suas leis, além de seus súdito imediatos.

Ter um senhor a trezentas ou quatrocentas léguas da própria casa; esperar para pensar que esse homem tenha parecido pensar; não ousar julgar em último recurso um processo entre

alguns de seus concidadãos atendendo às comissários nomeados por esse estrangeiro; não ousar tomar posse dos campos e das vinhas que se obtiveram do próprio rei sem pagar uma soma considerável a esse senhor estrangeiro; violar as leis de seu país que proíbem desposar uma sobrinha, e casar com ela legitimamente pagando a esse senhor estrangeiro uma soma ainda mais considerável; não ousar cultivar seu campo no dia em que esse estrangeiro quer que se celebre a memória de um desconhecido que ele instalou no céu por sua própria conta; é isso mais ou menos o que significa admitir um papa; são essas as liberdades da igreja galicana.

Há alguns outros povos que levam ainda mais longe sua submissão. Vimos em nossos dias um soberano(60) solicitar ao papa a permissão de fazer julgar pelo seu real tribunal alguns monges acusados de parricídio, não obter tal permissão e não ousar cumprir o julgamento.

Sabe-se perfeitamente que outrora os direitos dos papas iam mais longe; estavam colocados muito acima dos deuses da antigüidade; pois esses deuses passavam por dispor dos impérios, e os papas dispunham deles de fato.

Disse Esturbino que se pode perdoar àqueles que duvidam da divindade e da infalibilidade do papa quando se reflete:

Que quarenta cismas profanaram o púlpito de S. Pedro e vinte e sete o ensangüentaram;

Que Estevão VII, filho de um padre, desenterrou o corpo de Formoso, seu predecessor, e fez cortar a cabeça do cadáver;

Que Sérgio III, réu convicto de assassinato, teve um filho de Marózia, o qual herdou do papado;

Que João X, amante de Teodora, foi estrangulado em seu leito;

Que João XI, filho de Sérgio III, foi célebre pela sua devassidão;

Que João XII foi assassinado em casa da amante;

Que Benedito IX, comprou e revendeu o pontificado;

Que Gregório VII foi o autor de quinhentos anos de guerras civis sustentadas por seus sucessores;

Que enfim, entre tantos papas ambiciosos, sanguinários e devassos, houve um, Alexandre VI, cujo nome é pronunciado com o mesmo horror que os de Nero e Calígula.

É uma prova, diz-se, da divindade de seus caracteres, o terem subsistido a tantos crimes; mas se os califas tivessem tido uma conduta ainda mais afrontosa, teriam então sido ainda mais divinos. É assim que arrazoa Dérmio; porém os jesuítas lhe responderam.

PRECONCEITOS

O preconceito é uma opinião sem julgamento. Assim em toda a terra inspiram-se às crianças todas as opiniões que se desejam antes que elas as possam julgar.

Existem preconceitos universais, necessários, e que representam a própria virtude. Por toda parte ensina-se às crianças reconhecer um Deus remunerador e vingador; a respeitar, a amar seu pai e sua mãe; a considerar o roubo como um crime, a mentira interessada como um vício, antes que elas possam adivinhar o que vem a ser um vício e uma virtude.

Há pois ótimos preconceitos: são os que o julgamento ratifica quando se raciocina.

Sentimento não é mero preconceito, é alguma coisa muito mais forte. Uma mãe não ama a seu filho porque se lhe disse que o deve amar; ela o quer extremosamente mesmo contra sua vontade. Não é absolutamente por preconceito que correis em socorro de uma criança desconhecida prestes a cair num precipício ou a ser devorada por uma fera.

É porém por preconceito que respeitareis um homem revestido de certos hábitos, andando gravemente, falando da mesma forma. Vossos

pais vos disseram que devíeis inclinar-vos diante desse homem: vós o respeitais antes de saber se merece vossos respeitos; cresceis em idade e conhecimentos — percebeis que esse homem é um charlatão empedernido de orgulho, de interesse e artifício; desprezais o que reverenciáveis, e o preconceito cede lugar ao julgamento. Acreditastes por preconceito nas fábulas com que embalaram vossa infância; disseram-vos que os titãs moveram guerra aos deuses e que Vênus foi amante de Adónis; aos doze anos tomastes tais fábulas por verdades, agora, aos vinte anos, como alegorias engenhosas.

Examinemos em poucas palavras as diferentes espécies de preconceitos, a fim de pôr nossos negócios em ordem. Seremos, talvez, como aqueles que, no tempo do sistema de Law, perceberam que tinham calculado riquezas imaginárias.

Preconceitos dos sentidos

Não é curioso que nossos olhos nos enganem sempre, mesmo quando temos a melhor vista do mundo, e que ao contrário nossos ouvidos não nos enganem nunca? Se vosso ouvido bem conformado ouvir: — “Sois bela, eu vos amo,” estais bem certa de que não vos disseram — “Odeio-vos, sois feia”. Mas vedes um espelho liso: está demonstrado que vos enganais, é uma

superfície muito desigual. Vedes o Sol com mais ou menos dois pés de diâmetro: está demonstrado que ele é um milhão de vezes maior do que a Terra.

Parece que Deus tenha posto a verdade em vossos ouvidos e o erro em vossos olhos; estudai porém a ótica, vereis que Deus não vos enganou de forma alguma, e que é impossível que os objetos vos pareçam diferentes do que os podeis ver no estado presente das coisas.

Preconceitos físicos

O Sol se ergue, a Lua também, a Terra está imóvel: — eis aí preconceitos físicos naturais. Mas que as lagostas sejam boas para o sangue, pois estando cozidas são vermelhas como ele; que as enguias curem a paralisia, pois se agitam; que a Lua influa nas nossas doenças, pois um dia observou-se que um doente teve um aumento de febre durante o curso da Lua: essas idéias, e milhares de outras, são erros de velhos charlatães, que julgaram sem raciocinar e que, enganando-se, enganaram os outros.

Preconceitos históricos

A maioria das histórias foram cridas sem exame, e essa crença é um preconceito. Fábio Pictor relata que, muitos séculos antes dele, uma vestal da cidade de Alba, indo buscar água com o

seu cântaro, foi violada e deu à luz a Rômulo e Remo, que eles foram nutridos por uma loba, etc. O povo romano acreditou nessa fábula; não perdeu tempo em examinar se naqueles tempos existiam vestais no Lácio, se era possível que a filha de um rei saísse de seu convento com seu cântaro, se era provável que uma loba amamentasse dois meninos em vez de os comer como fazem todos os lobos. Estabelece-se então o preconceito.

Um monge escreveu que Clovis, estando num grande perigo na batalha de Tolbiac, fez voto de se tornar cristão se conseguisse escapar; é porém natural que uma pessoa se dirija a um deus estrangeiro em tal ocasião? Não é precisamente num momento desses que a religião na qual se nasceu age mais fortemente? Qual é o cristão que, numa batalha contra os turcos, não se dirigirá antes à Santa Virgem que a Mafoma? Acrescenta-se que um pássaro levou a santa ampola em seu bico a fim de ungir Clovis e que um anjo trouxe a auriflâmula para o conduzir. O preconceito crê em todas as historietas desse gênero. Os que conhecem a natureza humana sabem que o usurpador Clovis e o usurpador Rolão ou Rol se tornaram cristãos para governar mais seguramente a cristãos, como os usurpadores turcos se tornaram muçulmanos para governar mais seguramente os muçulmanos.

Preconceitos religiosos

Se vossa sina vos contou que Ceres preside ao trigo ou que Vichnú e Xaca se transformaram em homens várias vezes, ou que Samonocodom veio destruir uma floresta, ou que Odin vos espera em sua sala lá na Jutlândia, ou que Mafoma ou outro qualquer fez uma viagem ao céu; enfim se vosso preceptor vem em seguida refundar em vosso cérebro o que vossa ama aí gravou, tendes com que vos divertir para o resto da vida. Vosso julgamento quer elevar-se contra tais preconceitos; vossos vizinhos, e sobretudo vossas vizinhas, berram contra a impiedade, e vos assustam; vosso dervís, temendo ver diminuídas as suas rendas, denuncia-vos ao cadi, e esse cadi vos manda empalar se o puder, porquanto o seu desejo é mandar sobre idiotas, e crê que os idiotas obedecem melhor do que os outros. E esse estado de coisas durará até que vossos vizinhos e o dervís e o cadi comecem a compreender que a cretinice não serve para coisa alguma e que a perseguição é abominável.

RELIGIÃO

Primeira questão

O bispo de Glocester, Warburton, autor de uma das mais sábias obras que já se escreveram, assim se exprime, página 8, tomo 1o.:

"Uma religião, uma sociedade que não está fundada sobre a crença numa outra vida deve ser sustida por uma providência extraordinária. O judaísmo não está fundado sobre a crença numa outra vida; portanto o judaísmo foi sustido por uma providência extraordinária".

Vários teólogos se ergueram contra ele; e como se retorquem todos os argumentos, retorquiram o seu; disseram-lhe:

"Toda religião que não estiver baseada sobre o dogma da imortalidade da alma e sobre as penas e recompensas eternas é necessariamente falsa; ora, o judaísmo não conheceu esses dogmas; portanto o judaísmo, longe de ser sustido pela Providência, era, segundo vossos princípios, uma religião falsa e bárbara que atacava a Providência".

Esse bispo teve alguns adversários que lhe afirmaram que a imortalidade da alma era conhecida entre os judeus, nos próprios tempos

de Moisés; ele lhes provou porém mui evidentemente que nem o Decálogo, nem o Levítico, nem o Deuteronômio tinham uma única palavra a respeito dessa crença, e que é ridículo pretender turvar e corromper algumas passagens dos outros livros para concluir daí uma verdade que não está absolutamente anunciada no livro da lei.

O senhor bispo, tendo escrito quatro volumes para demonstrar que a lei judaica não propunha nem penas nem recompensas depois da morte, jamais pôde responder a seus adversários de maneira satisfatória. Estes lhe diziam: “Ou Moisés conhecia esse dogma e então enganou os judeus não o manifestando; ou ignorava-o, e nesse caso não tinha conhecimentos suficientes para formar uma boa religião. Com efeito, se a religião fosse boa, por que teria sido abolida? Uma religião verdadeira deve ser para todos os tempos e todos os lugares; ela deverá ser como a luz do Sol que ilumina todos os povos e todas as gerações”.

Esse prelado, por esclarecido que fosse, teve muito trabalho em se livrar de todas essas difíceis proposições; porém qual o sistema isento de dificuldades!

Segunda questão

Outro sábio muito mais filosófico, que é um dos mais profundos de nossos dias, apresenta fortes razões para provar que o politeísmo foi a primeira religião dos homens, e que se começou por crer em vários deuses antes que a razão fosse suficientemente esclarecida para não reconhecer senão um Ente Supremo.

Ouso crer, ao contrário, que se principiou por reconhecer um único Deus, e que em seguida a fraqueza humana adotou vários deles; e eis como concebo a coisa:

É indubitável haverem existido burgos antes que se construíssem grandes cidades, e que todos os homens foram divididos em repúblicas antes de ser reunidos em grandes impérios.

É bem natural que um burgo atemorizado pelo trovão, afligido pela perda de suas colheitas, maltratado pelo burgo vizinho, sentindo todos os dias a própria fraqueza, pressentindo por toda parte um poder invisível, tenha terminado por dizer: “Existe algum ser acima de nós que nos causa bens e males”.

Parece-me impossível que tenha dito: “Há dois poderes”. Por que vários? Principia-se sempre pelo simples, em seguida vem o composto e amiúde, enfim, volta-se ao simples mercê de luzes superiores. Tal é a marcha do espírito humano.

Qual é esse ente que se teria invocado a princípio? Seria o Sol? Seria a Lua? Não creio. Examinemos o que se passa entre as crianças; representam mais ou menos o que são os homens ignorantes. Não percebem a beleza nem a utilidade do astro que anima a natureza, nem os socorros que a Lua nos presta, nem as variações regulares do seu curso; não o pensam, estão muito acostumadas a todas essas coisas. Não se adora, não se crê senão aquilo que se teme; todas as crianças olham para o céu com indiferença; mas estruja o trovão e elas tremerão, irão se esconder.

Sem dúvida, os primeiros homens agiram de forma idêntica. Apenas umas espécies de filósofos que assinalaram o curso dos astros ensinaram também a admiração e adoração; os cultivadores simples e sem luz alguma não conheciam o bastante para perfilhar tão nobre erro.

Portanto, uma aldeia ter-se-á limitado a dizer: “Há uma potência que troveja, que atira neve sobre nós, que faz morrer nossos filhos: acalmemo-la; mas como? Vemos que acalmamos com pequenos presentes a cólera das pessoas irritadas: façamos pois pequenos presentes a essa potência. É também preciso dar-lhe um nome. O primeiro que se oferece é o de Chefe, Dono, Senhor; essa potência é pois chamada Senhor. É provavelmente a razão pela qual os primeiros

egípcios chamaram ao seu deus Knef; os sírios, Adonai; os povos vizinhos, Baal ou Bel, ou Melch, ou Moloch; os citas, Papeu: palavras que significam Senhor, Mestre.

Foi assim que se encontrou quase toda a América dividida numa multidão de pequenas populações, tendo todas seu deus protetor. Os próprios mexicanos, os peruvianos, que eram grandes nações, tinham apenas um deus: uns adoravam Manco Capaque, outros o deus da guerra. Os mexicanos davam ao seu deus guerreiro o nome de Vitzlipufzli, assim como os hebreus haviam cognominado o seu senhor de Sabaoth.

Não é por uma razão superior e cultivada que todos os povos começaram a reconhecer uma única divindade. Se tivessem sido filósofos, teriam adorado o deus de toda a natureza, e não o deus de uma aldeia; teriam examinado essas relações infinitas de todos os seres, que provam um ente criador e conservador; porém eles não examinaram nada, eles sentiram. Aí está o progresso de nosso frágil entendimento; cada burgo sentiu sua fraqueza e a necessidade de um forte protetor. Imaginou esse ser tutelar e terrível residindo na floresta vizinha, ou na montanha, ou numa nuvem. Apenas imaginou um só deus, pois o burgo não tinha senão um chefe na guerra. Imaginou-o corporal, porque era impossível

figurá-lo de outra forma. Não podia crer que o burgo vizinho não tivesse também o seu deus. Eis por que Jefté disse aos habitantes de Moabe: "Possuís legitimamente o que vosso deus Camos vos fez conquistar; deveis deixar-nos gozar dos bens que nosso deus nos concedeu por suas vitórias"(61).

Tais palavras ditas por um estrangeiro a outros estrangeiros são notáveis. Os judeus e os moabitas tinham desapossado os naturais do país; uns e outros apenas tinham o direito da força, e uns disseram aos outros: — "Vosso Deus vos protegeu em vossa usurpação, tolerai agora que nosso Deus nos proteja na nossa".

Jeremias e Amos perguntaram um ao outro "que razão teve o deus Melcom para se apoderar do país de Gade". Parece evidente, por essas passagens, que a antiguidade atribuía a cada país um Deus protetor. Encontram-se ainda hoje vestígios dessa teologia em Homero.

É bem natural que havendo-se aquecido a imaginação dos homens e tendo seu espírito adquirido conhecimentos confusos, tenham eles multiplicado seus deuses, e estipulado protetores para os elementos, mares, florestas, fontes, campos. Quanto mais examinaram os astros, mais foram feridos pela admiração. Poder-se-á não adorar o Sol, quando se adora a divindade de

um ribeiro? Desde que o primeiro passo foi dado, a terra em breve foi coberta de deuses; e enfim desce-se dos astros aos gatos e às cebolas.

Entretanto é preciso que a razão se aperfeiçoe; o tempo forma, enfim, os filósofos que percebem que nem as cebolas, nem os gatos, nem mesmo os astros concertaram a ordem da natureza. Todos esses filósofos babilônicos, persas, egípcios, citas, gregos e romanos admitem um Deus supremo remunerador e vingador.

Eles não o dizem a princípio ao povo: pois quem falasse mal das cebolas e dos gatos diante das velhas e dos padres teria sido lapidado; quem quer que reprochasse aos egípcios o fato de comerem os seus deuses, acabaria sendo ele próprio devorado, como, de feito, Juvenal nos relata que um egípcio foi morto e comido completamente cru numa disputa de controvérsia(62).

Mas que se fez? Orfeu e outros estabeleceram mistérios, que os iniciados prometeram mediante juramentos execráveis nunca revelar, e o principal desses mistérios é a adoração de um único Deus. Essa grande verdade penetra metade da terra; o número dos iniciados torna-se imenso. É verdade que a antiga religião sempre subsistiu; mas, como não é contrária ao dogma da unidade de Deus, deixa-se que subsista. E por que aboli-

la? Os romanos reconhecem o Deus optimus maximus; os gregos têm o seu Zeus, seu Deus supremo. Todas as outras divindades são apenas intermediárias: imperadores e reis são instalados no posto de deuses, isto é, de bem-aventurados; é porém certo que Cláudio, Otávio, Tibério e Calígula não são considerados como criadores do céu e da terra.

Numa palavra, parece provado que, no tempo de Augusto, todos os que tivessem uma religião reconheciam um Deus superior, eterno, e várias ordens de deuses secundários, cujo culto foi chamado mais tarde idolatria.

Os judeus jamais foram idólatras: porque, não obstante terem admitido alguns malakhim, anjos, seres celestes de uma categoria inferior, sua lei não ordenava de forma alguma que tais divindades secundárias tivessem culto entre eles. Adoravam os anjos, é verdade, isto é, prostravam-se diante deles quando bem entendiam; mas, como isto não sucedia com freqüência, não havia cerimonial nem culto estabelecido para eles. Os querubins da arca não recebiam homenagem alguma. Era costume adorarem os judeus abertamente um único Deus, assim como a multidão inumerável dos iniciados o adoravam secretamente em seus mistérios.

Terceira questão

Foi ao tempo em que o culto de um Deus supremo estava universalmente estabelecido na opinião de todos os sábios, na Ásia, na Europa e na África, que a religião cristã nasceu e se desenvolveu.

O platonismo auxiliou bastante a compreensão de tais dogmas. O Logos, que para Platão significava a sapiência, a razão do Ser Supremo, tornou-se em nossos tempos o Verbo e uma segunda pessoa de Deus. Uma metafísica profunda e acima da inteligência humana foi um santuário inacessível no qual se desenvolveu a religião.

Não procuremos repetir aqui como Maria foi declarada mãe de Deus, como se estabeleceu a consubstancialidade do Pai e do Verbo e a processão do Pneuma, órgão divino do divino Logos, duas naturezas e duas vontades resultantes da hipóstase, e enfim a manducação superior, a alma nutrida tal como o corpo dos membros e do sangue do Homem-Deus adorado e comido sob a forma do pão, presente aos olhos, sensível ao paladar, e contudo anulado. Todos os mistérios foram sublimes.

Começou-se, desde o segundo século, por esconjurar os demônios em nome de Jesus; depois se expulsavam em nome de Jeová ou Ihaho: pois conta S. Mateus que tendo os

inimigos de Jesus dito que ele esconjurava os demônios em nome do príncipe dos demônios, ele lhes respondeu: “Se é por Belzebú que eu esconjuro os demônios, em nome de quem o fazem vossos filhos?”

Não se sabe em que tempo os judeus reconheceram por príncipe dos demônios a Belzebú, que era um Deus estrangeiro; sabe-se porém (e é José quem no-lo diz) que havia em Jerusalém exorcistas especiais para esconjurar os demônios dos corpos dos possessos, isto é, dos homens atacados de doenças singulares, as quais se atribuíam então em grande parte da terra a gênios malfeitores.

Exconjuravam-se pois os demônios com a verdadeira pronunciação de Jeová hoje perdida, e com outras cerimônias esquecidas hoje em dia.

Esse exorcismo por Jeová ou outros nomes de Deus estava ainda em uso nos primeiros séculos da igreja. Orígenes, disputando contra Celso, diz-lhe, no. 262: “Se, invocando Deus ou jurando em seu nome, chamam-no o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, alguma coisa há de haver nesses nomes, cuja natureza e força são tais que os demônios se submetem a quem os pronuncia; mas se o chamamos com outro qualquer nome, como Deus do mar ardente, suplantador, esses nomes não terão virtude. O

nome de Israel traduzido em grego nada operará; pronunciai-o porém em hebreu, com os outros termos necessários, e imediatamente operareis a conjuração".

O próprio Orígenes, no número 19, diz estas palavras notáveis: "Há nomes que têm uma virtude natural, como os que empregam os sábios entre os egípcios, os magos da Pérsia, os brâmanes da Índia. O que chamamos magia não é uma arte vã e quimérica, tal como o pretendem os estóicos e os epicuristas: nem o nome de Sabaote nem o de Adonai foram feitos para seres criados; mas pertencem a uma teologia misteriosa que se liga ao Criador; de lá vem a virtude desses nomes quando coordenados e pronunciados segundo as regras, etc.".

Assim falando Orígenes não apresenta seu sentimento particular: exprime a opinião universal. Todas as religiões então conhecidas admitiam uma espécie de magia; distinguia-se a magia celeste e a magia infernal, a necromancia e a teurgia: tudo aí era prodígio, adivinhação, oráculo. Os persas não negavam os milagres dos egípcios, nem os egípcios os dos persas; Deus permitiu que os primeiros cristãos fossem persuadidos dos oráculos atribuídos às sibilas, e lhes deixou ainda alguns erros pouco importantes, que não corrompiam o fundamento da religião.

Coisa grandemente notável é que os cristãos dos dois primeiros séculos votavam o maior horror aos templos, aos altares e às imagens. É o que diz Orígenes, no. 374. Tudo mudou depois com a disciplina, quando a igreja recebeu uma forma constante.

Quarta questão

Desde que uma religião é legalmente estabelecida num estado, todos os tribunais se ocupam imediatamente de impedir que se modifiquem a maioria dos atos praticados nessa religião antes de ter sido publicamente acatada. Os fundadores reuniam-se secretamente apesar dos magistrados; hoje não se permitem as assembléias públicas senão sob os olhos da lei, e todas as associações que se afastarem dela são proibidas. A antiga máxima era que é melhor obedecer a Deus do que seguir as leis do estado. Apenas se ouvia falar em obsessões e possessões, o diabo andava à solta na terra: já hoje o diabo não sai de sua morada. Os prodígios, as profecias, eram necessárias então: já não se admitem. Um homem que profetizasse calamidades nas praças públicas seria metido num manicômio. Os fundadores recebiam secretamente dinheiro dos fiéis; um homem que recolhesse hoje dinheiro para dele dispor sem ser autorizado pela lei teria que responder perante a justiça. Assim, estão completamente fora de uso

todos os caibros que serviram para construir o edifício.

Quinta questão

Depois da nossa santa religião, que sem dúvida alguma é a única boa, qual será a menos má?

Não seria a mais simples? Não seria aquela que ensinasse muita moral e pouquíssimos dogmas? a que tendesse a tornar os homens justos sem os tornar absurdos? a que não ordenasse absolutamente crer em coisas impossíveis, contraditórias, injuriosas à Deidade e perniciosas ao gênero humano, e que não ousasse ameaçar com as penas eternas os que tivessem o senso comum? Não seria aquela que não sustentasse sua crença por intermédio de tribunais nem inundasse a terra de sangue por causa de sofismas ininteligíveis? aquela que de um equívoco, um jogo de palavras e duas ou três cartas sobrepostas não fizesse um soberano, e um Deus de um padre freqüentemente incestuoso, homicida e envenenador? a que não submetesse os reis a esse padre? a que não ensinasse senão a adoração de um Deus, a justiça, a tolerância e a humanidade?

Sexta questão

Diz-se que a religião dos gentios era absurda em muitos pontos, contraditória, perniciosa; mas não se lhe teriam imputado maiores males do que na realidade praticou, e mais tolices do que pregou?

“Pois em ver Júpiter mudado em touro, — serpente, mono ou outra coisa qualquer, — nada de belo encontro — nem me admirará se suceder”. (Prólogo de Anfitrion).

Sem dúvida isto é muito impertinente; mostrem-me, porém, em toda a antigüidade um templo dedicado a Leda deitando com um mono ou com um touro. Houve em Atenas ou Roma algum sermão para encorajar as moças a fazer crianças com os macacos do seu pátio? As fábulas recolhidas e ornadas por Ovídio constituem a religião? Não se parecem elas à nossa Lenda Dourada, à nossa Flor dos Santos? Se algum brâmane ou dervis nos viesse objetar a história de Santa Maria egipciana, a qual, não tendo com que pagar aos marinheiros que a conduziram ao Egito, deu a cada um deles o que chamamos favores, à guisa de dinheiro, diríamos ao brâmane: “Meu reverendo padre, estais enganado, nossa religião não é a Lenda Dourada”.

Reprovamos aos antigos seus oráculos, seus prodígios: se eles voltassem ao mundo e pudéssemos contar os milagres de Nossa Senhora

de Loreto e os de Nossa Senhora de Éfeso, para que lado penderia a balança?

Os sacrifícios humanos foram estabelecidos em quase todos os povos, mas muito raramente postos em uso. Apenas temos a filha de Jefté e o rei Agague imolados entre os judeus, porque Isaque e Jônatas jamais o foram. A história de Ifigênia não é muito acreditada entre os gregos; os sacrifícios humanos são muito raros entre os antigos romanos. Numa palavra, a religião pagã fez derramar pouquíssimo sangue, enquanto a nossa alagou a terra. A nossa é sem dúvida a única boa, a única verdadeira; mas fizemos tanto mal por seu intermédio que quando falamos das outras devemos ser modestos.

Sétima questão

Se um homem quiser persuadir de sua religião a estrangeiros ou compatriotas não deverá empregar a doçura mais insinuante e a mais acareante moderação? Se começar por dizer que o que ele anuncia está demonstrado, encontrará uma multidão de incrédulos; se ousar dizer-lhes que eles não rejeitam a sua doutrina senão porque ela condena as suas paixões, que o seu coração corrompeu o seu espírito, que eles apenas têm uma razão falsa e orgulhosa, ele os revolta, anima-os contra si, arruina ele próprio o que quer edificar.

Se a religião que anuncia é verdadeira, torná-la-ão a insolência e o arrebatamento mais verdadeira? Ficais encolerizados quando dizeis que é preciso ser dócil, paciente, benfeitor, justo, preencher todos os deveres da sociedade? Não, porque todo mundo é do vosso parecer. Por que, pois, dizeis injúrias ao vosso irmão quando lhe pregais uma metafísica misteriosa? É que o seu bom senso irrita o vosso amor próprio. Tendes o orgulho de exigir que vosso irmão submeta a sua inteligência à vossa; o orgulho humilhado conduz à cólera, nem é outra a sua origem. O homem ferido por vinte balas numa batalha não fica encolerizado; mas um doutor ferido pela recusa de um sufrágio torna-se furioso e implacável.

RESSURREIÇÃO

Conta-se que os egípcios não construíram as suas pirâmides senão para fazer túmulos e que os seus corpos embalsamados por dentro e por fora esperavam que suas almas viessem reanimá-los ao fim de mil anos. Mas se os seus corpos deviam ressuscitar, por que a primeira operação dos perfumistas era perfurar-lhes o crânio e tirar-lhes o cérebro? A idéia de ressuscitar sem cérebro faz supor (se se permitir a expressão) que os egípcios não o tinham muito vivo; é preciso, porém, considerar que a maioria dos antigos julgava que a alma estivesse no peito. E por que deveria estar no peito mais do que em qualquer outra parte? É que, com efeito, em todos os nossos sentimentos um pouco violentos experimentamos perto do coração um confrangimento ou uma dilatação, que fez pensar ser ali o alojamento da alma. Essa alma era qualquer coisa de abstrato, de aéreo; era uma figura leve que vagava pelo espaço até encontrar de novo seu corpo.

A crença da ressurreição é muito mais antiga do que os tempos históricos. Atálida, filha de Mercúrio, podia morrer e ressuscitar ao seu bel prazer: Esculápio restituiu a vida a Hipólito; Hércules a Alceste; Pélopes, tendo sido cortado em pedaços pelo pai, foi ressuscitado pelos

deuses. Conta Platão que Eros ressuscitou por quinze dias somente.

Os fariseus, entre os judeus, só adotaram o dogma da ressurreição muito tempo depois de Platão.

Há nos Atos dos Apóstolos um fato bem singular e digno de atenção Jacó e vários dos seus companheiros aconselharam S. Paulo a ir ao templo de Jerusalém observar todas as cerimônias da antiga lei, por cristão que ele fosse, "a fim de que todos saibam", dizem-lhe, "que tudo o que se diz de vós é falso e que continuais a guardar a lei de Moisés".

Então S. Paulo foi durante sete dias ao Templo, mas no sétimo foi reconhecido. Acusaram-no de lá ter ido com estrangeiros e de o ter profanado. Eis como ele se livrou da entaladura:

"Ora, sabendo Paulo que uma parte dos que lá estavam eram saduceus e outra fariseus, gritou na assembléia: "Meus irmãos, eu sou fariseu e filho de fariseu; é por causa da esperança duma outra vida e da ressurreição dos mortos que me querem condenar"(63). Não houvera nenhuma questão da ressurreição dos mortos em todo esse negócio; Paulo dizia-o apenas para atirar os fariseus e saduceus uns contra os outros.

V. 7. “Paulo, tendo assim falado, motivou uma dissensão entre os fariseus e saduceus, e a assembléia foi dividida.

V. 8. “Porque os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito, enquanto os fariseus reconhecem um e outro, etc.”.

Pretendeu-se que Jó, que é muito antigo, conhecesse o dogma da ressurreição. Citam-se as suas palavras: “Sei que o meu redentor está vivo e que um dia a sua redenção se erguerá sobre mim, ou que eu me erguerei do pé, que minha pele voltará e que ainda verei Deus em minha carne”.(64)

Mas vários comentadores entendem por essas palavras que Jó espera que há de melhorar em breve de sua doença, e que não permanecerá sempre deitado na terra como estava. Há provas de que essa explicação seja verdadeira, porque ele gritou aos seus falsos e empedernidos amigos: “Por que então dizeis: persigamo-lo?” ou então: “Porque direis: porque nós o perseguimos”. Isso evidentemente não quer dizer: “Arrepender-vos-eis de me haver ofendido quando me virdes no meu primeiro estado de saúde e opulência?” Um doente que diz: “Eu me levantarei”, não diz: “Eu ressuscitarei”. Dar sentidos forçados a passagens claras é o meio seguro de jamais se entender.

S. Jerônimo coloca o nascimento da seita dos fariseus muito pouco tempo antes de Jesus Cristo. O rabino Hilel passa por ser o fundador da seita farisaica, e esse Hilel foi contemporâneo de Gamaliel, o mestre de São Paulo.

Vários desses fariseus acreditavam que somente os judeus ressuscitariam e que o resto dos homens não valiam a pena. Outros sustiveram que não se ressuscitaria senão na Palestina, e que os corpos daqueles que forem enterrados alhures serão secretamente transportados para Jerusalém, a fim de se juntarem à sua alma. Mas São Paulo, escrevendo aos habitantes de Tessalônica, diz-lhes que "O segundo advento de Jesus Cristo é para eles e para ele, que eles serão testemunhas".

V. 16. "Porque logo que o sinal for dado pelo arcanjo e pelo som da trombeta de Deus o próprio Senhor descerá do céu, e os que estiverem mortos em Jesus Cristo ressuscitarão por primeiros".

V. 17. "Depois nós que somos vivos e que tenhamos sobrevivido até então seremos elevados com eles às nuvens para irmos perante o Senhor, no meio do ar, e assim viveremos para sempre com o Senhor"(65).

Essa importante passagem não prova evidentemente que os primeiros cristãos esperavam ver o fim do mundo, como de feito se

prediz em S. Lucas, no tempo mesmo em que viveu S. Lucas?

Acreditava Sto. Agostinho que as crianças, e mesmo as crianças natimortas, ressuscitariam na idade madura. Os Orígenes, os Jerônimos, os Atanásios, os Basílios não creram que as mulheres pudessem ressuscitar com o seu sexo.

Enfim, sempre disputamos sobre o que fomos, sobre o que somos e sobre o que seremos.

SALOMÃO

Teria sido Salomão rico como se disse?

Afiançam os Paralipômenos que o “melk” Davi, seu pai, deixou-lhe cerca de vinte milhões de nossa moeda corrente, segundo o cálculo mais modesto. Não há tal soma de dinheiro corrente em toda a terra e é muito difícil que Daví tivesse podido amealhar tamanho tesouro no pequeno país da Palestina.

Salomão, segundo o terceiro livro dos Reis, tinha quarenta mil coudelarias para os cavalos de suas carruagens. Quando mesmo cada coudelaria não contivesse mais que dez cavalos, isso somaria apenas o número de quatrocentos mil que, juntos a seus doze mil cavalos de sela, teria feito quatrocentos e doze mil cavalos de batalha. É muito para um “melk” judeu que jamais praticou a guerra. Essa magnificência não tem exemplo num país que apenas produzia asnos e onde hoje não existe outra montaria. Mas parece que os tempos mudaram. É verdade que um príncipe tão sábio, que tinha mil mulheres, podia ter também quatrocentos e doze mil cavalos, quando mais não fosse para levá-las a passeio ou ao longo do lago de Genezaré ou de Sodoma, ou à torrente de Cedrão, que é um dos sítios mais deliciosos da terra, embora, na verdade, essa torrente esteja

seca durante nove meses do ano e o terreno seja um tanto rochoso.

Mas teria esse sábio Salomão realmente escrito as obras que lhe atribuem? É verossímil, por exemplo, que seja o autor da égloga intitulada Cântico dos Cânticos?

Pode ser que um monarca que possuía mil mulheres dissesse a uma delas: “Que ela me beije com um beijo de sua boca, pois seus seios são melhores do que o vinho”. Um rei e um pastor, quando se trata de beijar na boca, podem se exprimir da mesma maneira. É verdade que é muito estranho haver-se pretendido que foi a moça quem assim falou elogiando os seios do amante.

Não negarei que um rei galante tenha podido fazer que sua amante dissesse: — “Meu bem amado é como um ramilhete de mirra, ele morará em meus seios”. Não entendo muito bem o que significa esse ramilhete de mirra; mas enfim, quando a bem amada diz ao bem amado que lhe passe a mão direita sobre o pescoço e a abrace com a direita, entendo muito bem.

Poder-se-ia pedir algumas informações ao autor do Cântico quando diz: “Vosso umbigo é como uma taça na qual há sempre algo que beber; vosso ventre é como um alqueire de trigo;

vossos seios são como duas crias de cervo e vosso nariz é como a torre do monte Líbano".

Confesso que as églogas de Virgílio são de outro estilo; mas cada um tem o seu, e um judeu não é obrigado a escrever como Virgílio.

É aparentemente um belo efeito de eloquência oriental dizer: "Nossa irmã é ainda pequena, ela não tem seios. Que faremos de nossa irmã? Se é um muro, construamos sobre ele; se é uma porta, fechemo-la".

Belas coisas, belas anedotas para Salomão, o mais sábio dos homens... Era, dizem, seu epitálamo para o seu casamento com a filha do faraó; é porém natural que o genro do faraó deixe sua bem amada durante a noite para ir passear em seu jardim das nogueiras, que a rainha corra sozinha, descalça, atrás dele, que seja espancada pelos guardas da cidade e que estes lhe tirem a roupa?

Poderia a filha de um rei ter dito: "Eu sou morena, mas sou bela como as peliças de Salomão"? Tais expressões poder-se-iam atribuir a um pastor, porquanto ao cabo de contas não há grande relação entre peliças e a beleza de uma moça. Mas, enfim, as peliças de Salomão poderiam ter sido admiradas em seu tempo, e um judeu do povo, que fazia versos à amante, poderia ter dito, em seu linguajar judeu, que jamais rei

algum tivera roupas de pele tão bonitas como as dela; quanto ao rei Salomão, deveria estar muito entusiasmado com suas peliças para compará-las à amante: se um rei de nossos dias compusesse um tal epitálamo para o seu casamento com a filha de um rei vizinho não passaria, com toda certeza, pelo melhor poeta de seu reino.

Vários rabinos sustiveram que não só essa pequena égloga voluptuosa não era do Salomão, mas que também não era autêntica. Teodoro de Mopsueste tinha idêntica opinião, e o célebre Grótio chama ao Cântico dos Cânticos obra libertina, flagitiosus; contudo ela está consagrada, e é considerada como uma perpétua alegoria dos esponsais de Jesus Cristo com sua igreja. É preciso não esquecer que a alegoria é um pouco forte, nem se sabe que poderia a igreja deduzir do ponto em que o autor diz que sua irmã não tem seios, e que, se é um muro, é preciso construir sobre ela.

O livro da Sabedoria tem um tom mais sério; porém não pertence mais a Salomão do que o Cântico dos Cânticos. Atribui-se comumente a Jesus, filho de Siraque, outros a Fílon de Biblos; mas, seja quem for o autor, parece que no seu tempo ainda não existia o Pentateuco, porque ele diz no capítulo 10 que Abraão quis imolar Isaque no tempo do dilúvio, e, por outro lado, fala do patriarca José como de um rei do Egito.

Os Provérbios foram atribuídos a Isaías, a Elzias, a Sobna, a Eliacin, a Joaquê e a vários outros. Mas, quem quer que seja que compilou essa coletânea, de sentenças orientais, não há o menor viso de verdade em que tenha sido um rei quem se deu a tal trabalho. Teria ele dito que "O terror do rei é como o rugido de um Leão?" É assim que fala um súdito ou um escravo, que a cólera do seu senhor faz tremer. Teria Salomão falado tanto da mulher impudica? Teria dito: "Não olheis o vinho quando se afigura claro e sua cor brilha através do copo"?

Ponho francamente em dúvida a existência de copos no tempo de Salomão: é uma invenção muito recente; toda a antigüidade bebia em taças de madeira ou de metal; e essa única passagem indica que essa obra foi elaborada por um judeu de Alexandria muito tempo depois de Alexandre.

Resta o Eclesiastes, que Grótio pretende ter sido escrito sob o reinado de Zorobabel. Sabe-se perfeitamente com que liberdade o autor do Eclesiastes se exprime; sabe-se que ele disse que: "Os homens nada têm mais do que as bestas; que mais vale nunca ter nascido, do que existir; que não existe nenhuma outra vida; que a única coisa boa em tudo isso é podermos diverti-nos com aquela a quem amamos".

Pode ser que Salomão tenha feito tais discursos a algumas de suas mulheres; pretende-se tratar-se de objeções; porém essas máximas, de ar um tanto libertino, nem de leve se parecem a objeções, e entender num autor o contrário do que ele diz é zombar da humanidade.

Aliás, vários padres pretenderam que Salomão tenha feito penitência; assim, pode-se perdoá-lo.

Porém, que esses livros tenham ou não sido escritos por um judeu, que nos importa? Nossa religião cristã alicerceia-se sobre a judaica, mas não sobre todos os livros que os judeus escreveram. Por que será o Cântico dos Cânticos mais sagrado para nós do que as fábulas do Talmude? Porque, diz-se, nós o incluímos no cânon dos hebreus. E que é esse cânon? Uma coletânea de obras autênticas. Essa é boa! Uma obra, por ser autêntica, é divina? Uma história dos reis de Judá e de Siquêm, por exemplo, será algo mais que uma história? Eis um estranho preconceito. Nós abominamos os judeus, e queremos que tudo o que por eles foi escrito e por nós recolhido traga o sinete da Divindade. Jamais se viu contradição tão palpável.

SENSAÇÃO

As ostras têm, diz-se, dois sentidos; as toupeiras, quatro; os outros animais, como os homens, cinco. Algumas pessoas admitem um sexto, mas é evidente que a sensação voluptuosa de que pretendem falar reduz-se ao sentimento do tato e que cinco sentidos constituem o nosso quinhão. É nos impossível imaginar ou desejar mais que isso.

Pode ser que em outros planetas existam sentidos de que não fazemos a mínima idéia; pode ser que o número de sentidos aumente de planeta em planeta e que o ser que tem sentidos inúmeros e perfeitos seja o termo de todos os seres.

Mas, nós outros com os nossos cinco órgãos, qual é o nosso poder? Sentimos sempre contra nossa vontade, e jamais por que o desejemos; é-nos impossível deixar de ter a sensação que a nossa natureza nos destina quando o objeto nos fere. O sentimento está em nós mas não depende de nós. Nós o recebemos; e como o recebemos? Sabe-se perfeitamente que não há nenhuma relação entre o ar agitado e as palavras que me cantam e a impressão que essas palavras gravam no meu cérebro.

Admiramo-nos do pensamento; mas o sentimento é igualmente maravilhoso. Um poder divino lampeja na sensação do último dos insetos como no cérebro de Newton. Contudo, que milhares de animais morram à vossa vista, não vos inquietareis pelo que possa vir a ser a sua faculdade de sentir, embora tal faculdade seja obra do Ser dos seres; vós os olhais como máquinas da natureza, nascidas para morrer e dar lugar a outras.

Como e por que a sua sensação deveria subsistir quando eles já não existem? Que necessidade teria o autor de tudo o que existe de conservar as propriedades cujo sujeito está destruído? Equivaleria a dizer que o poder da planta chamada sensitiva de retrair suas folhas subsiste mesmo quando a planta deixa de existir. Perguntareis sem dúvida como, se a sensação dos animais morre com eles, o pensamento do homem jamais perecerá. Não posso responder a essa questão, não sei o bastante para resolvê-la. Só o autor eterno da sensação e do pensamento sabe como a concede e como a conserva.

Toda a antigüidade afirmou que nada existe em nosso entendimento que não tenha passado por nossos sentidos. Descartes, nos seus romances, pretendia que tivéssemos idéias metafísicas antes de conhecer os seios de nossa ama; uma faculdade de teologia proscreveu esse

dogma, não porque fosse um erro, mas porque era uma novidade; em seguida adotou esse erro, porque fora destruído por Locke, filósofo inglês, e era necessário que o inglês errasse. Enfim, depois de haver mudado tantas vezes de princípios, ela tornou a proscrever essa antiga verdade, que os sentidos são as portas do entendimento. Fez como esses governos sobrecarregados de dívidas que ora dão livre curso a certas cédulas e ora as interdizem; mas desde muito tempo que ninguém quer saber das cédulas dessa faculdade.

Todas as faculdades do mundo jamais impedirão os filósofos de ver que nós começamos por sentir e que nossa memória não é senão uma sensação contínua. Um homem que nascesse privado dos seus cinco sentidos seria privado de toda idéia, se pudesse viver. As noções metafísicas não nos chegam senão pelos sentidos: pois como medir um círculo ou um triângulo se não se viu ou tocou um círculo e um triângulo? Como conceber uma idéia mesmo imperfeita do infinito sem estabelecer limites? E como estabelecer limites sem os ter visto ou sentido?

A sensação envolve todas as nossas faculdades, disse um grande filósofo (66).

Que concluir de tudo isso? Vós que ledes, que pensais, concluí.

SONHOS

Somnia, quae mentes ludunt volitantibus umbris,
non delubra deum nec ab oethere nurnina mittunt,
sed sibi quisque facit(67).

Mas como, estando todos os sentidos mortos no sono, existe um sentido que vive? Como, nossos olhos não vendo mais, vossos ouvidos nada entendendo, vedes, contudo, e ouvis em vossos sonhos? O cão está na caça, em sonho; late, segue a presa. O poeta faz versos dormindo; o matemático vê figuras; o metafísico raciocina bem ou mal: temos exemplos contundentes.

Serão esses os únicos órgãos da máquina que funcionam? É a alma pura que, subtraída ao império dos sentidos, usufrui dos seus direitos em liberdade?

Se os órgãos, por si sós, produzem os sonhos à noite, por que não produzirão também, sós, as idéias de dia? Se a alma pura, tranqüila, no repouso dos sentidos, agindo por si própria é a causa única, o sujeito único de todas as idéias que tendes dormindo, por que serão essas idéias quase sempre irregulares, desarrazoadas, incoerentes? Como! É no momento em que essa alma está menos turbada que ela tem mais perturbações em todas as suas imaginações! Ela está livre e é louca! Se houvesse nascido com

idéias metafísicas como o dizem tantos escritores que sonham de olhos abertos, suas idéias puras e luminosas do Ser, do infinito, de todos os primeiros princípios deveriam despertar em si com a maior energia quando o corpo está adormecido: nunca se seria bom filósofo senão em sonho.

Seja qual for o sistema que abraceis, sejam quais forem os esforços vãos que façais para provar a vós mesmos que a memória agita o vosso cérebro, que vosso cérebro agita vossa alma, é mister convirdes em que todas as vossas idéias vos acodem durante o sono, sem vós e apesar de vós: vossa vontade não intervêm aí. É portanto certo que podeis pensar sete ou oito horas seguidas sem ter a mínima vontade de pensar, sem mesmo estar seguro de que pensais. Ponderai isto tudo: procurai adivinhar o que vem a ser o complexo do animal.

Os sonhos foram sempre um grande objeto de superstição; nada mais natural. Um homem vivamente comovido pela doença de sua amante sonha que a vê morrer; ela morre no. dia seguinte: portanto, os deuses predisseram-lhe a sua morte.

Um general do exército sonha que vence uma batalha; ganha-a, com efeito: os deuses o advertiram de que seria vencedor.

Não se levam em consideração senão os sonhos que foram confirmados; esquecem-se os outros. Os sonhos participam grandemente da história antiga, tal como os oráculos.

Assim traduz a Vulgata o fim do versículo 26 do cap. 19 do Levítico: “Não observareis os sonhos”. Mas o termo sonho não existe no hebraico e seria muito estranho que se reprovasse a observação dos sonhos no próprio livro em que se diz que José se tornou o benfeitor do Egito e de sua família mediante a explicação de três sonhos.

A explicação dos sonhos era uma coisa tão comum que a gente não se limitava a essa prática: era preciso ainda adivinhar algumas vezes o que outro homem sonhara. Nabucodonosor, tendo olvidado um sonho que tivera, ordenou aos seus magos a sua adivinhação, e os ameaçou de morte caso não chegassem a bom fim; mas o judeu Daniel, que era da escola dos magos, salvou-lhes a vida adivinhando o sonho do rei, com a respectiva interpretação. Essa história e muitas outras poderiam servir para provar que a lei dos judeus não proibia a oneiromancia, isto é, a ciência dos sonhos.

SUPERSTIÇÃO

(Capítulo extraído de Cícero, Sêneca e Plutarco)

Quase tudo o que vai além da adoração de um Ser Supremo e da submissão do coração às suas ordens eternas é superstição. O perdão aos crimes acompanhado de certas cerimônias é uma das mais perigosas.

Et nigras mactant pecudes, et manibu divis
inferias mittunt(68).
Ah! nimium faciles qui tristia crimina coedis
fluminea tolli posse putatis aqua!(69).

Pensais que Deus olvidará vosso homicídio se vos banhardes num rio, se imolardes um cordeiro preto e se se pronunciarem sobre vós algumas palavras. Um segundo homicídio vos será pois perdoado ao mesmo preço, e assim um terceiro, e cem mortes não vos custarão mais do que cem cordeiros negros e cem abluções! Fazei melhor, miseráveis humanos: nada de mortes e nada de cordeiros negros.

Que infame idéia imaginar que um sacerdote de Isis e de Cíbele, tocando címbalos e castanholas, vos reconciliará com a Divindade! E quem é pois esse sacerdote de Cibele, esse eunuco errante que vive de vossas fraquezas, para se arvorar intermediário entre o Céu e vós

outros? Que espécie de patentes recebeu ele de Deus? Recebe de vós algum dinheiro para balbuciar algumas palavras, e credes que o Ser dos seres ratificará as palavras desse charlatão?

Há superstições inocentes: dançais nos dias de festa em honra de Diana ou de Pomona, ou de qualquer desses deuses secundários de que está repleto o vosso calendário: pois podeis continuar. A dança é muito agradável, é útil ao corpo, alegra a alma, não faz mal a ninguém; não acrediteis porém que Pomona e Virtuna se comovam por haverdes saltado em sua honra e que vos puniriam se o não houvésseis feito. Não existem outra Pomona nem outra Virtuna que a enxada e a pá do jardineiro. Não sejais tão imbecil a ponto de acreditar que vosso jardim se queimará por haverdes deixado de dançar a pírrica ou a cordácia.

Existe provavelmente uma superstição perdoável e mesmo reconfortante para a virtude: é a de colocar entre os deuses os grandes homens que foram benfeitores do gênero humano. Melhor sem dúvida seria olhá-los simplesmente como homens veneráveis e sobretudo procurar imitá-los. Venerai sem culto um Sólon, um Tales, um Pitágoras; não adoreis porém um Hércules por ter limpado as estrebarias de Augias e por ter-se deitado com cinqüenta mulheres numa noite.

Guardai-vos de instituir um culto para certos patifes que não têm outro mérito que a ignorância, a vivacidade e a sordidez; que fizeram um dever e uma gloria do ócio e da glotonaria: esses que quando muito foram completamente inúteis durante sua vida, merecerão por acaso a apoteose depois da morte?

Lembrai-vos de que os tempos mais supersticiosos foram sempre os dos crimes mais horríveis.

TIRANIA

Chamamos tirano ao soberano que não conhece por leis senão o próprio capricho, que se apodera dos bens de seus súditos e que em seguida os arrola para ir tomar os dos vizinhos. Não existe tal espécie de tiranos na Europa.

Distingue-se a tirania de um só e a de vários. Essa tirania de vários seria a de um corpo que invadisse os direitos dos outros corpos e exercesse o despotismo a favor das leis por ele corrompidas. Tão pouco existe essa espécie de tiranos na Europa.

Sob qual tirania gostaríeis de viver? Sob nenhuma; mas se fosse preciso escolher, eu detestaria menos a tirania de um só do que a de vários. Um déspota tem sempre alguns bons momentos; uma assembléia de déspotas jamais. Se um tirano me faz uma injustiça, poderei desarmá-lo por intermédio de sua amante, por seu confessor ou por seu pagem; mas uma companhia de graves tiranos é inacessível a todas as seduções. Quando não é injusta é no mínimo impiedosa, e jamais concede favores.

Se tenho apenas um déspota, salvo-me com o simples colar-me a um muro à sua passagem; ou por me prosternar, ou por bater a fronte no solo, segundo o costume do país; mas se houver uma

companhia de cem déspotas, estarei exposto a repetir essa cerimônia cem vezes por dia, o que é exaustivo, quando não se tem os fundilhos reforçados. Se eu tiver uma pequena herdade nas vizinhanças de um de nossos senhores, serei esmagado; se reclamar contra um parente dos parentes de nossos senhores, estarei arruinado. Que fazer? Temo que neste mundo estejamos reduzidos a um triste dilema: ser bigorna ou martelo. Feliz de quem escapar a essa alternativa!

TOLERÂNCIA

Que é a tolerância?

É o apanágio da humanidade. Estamos todos empedernidos de debilidades e erros; perdoemo-nos reciprocamente nossas tolices, é a primeira lei da natureza.

Que na bolsa de Amsterdã, de Londres, de Surata ou de Bassorá, os guebros, os banianos, os judeus, os mafomistas, os deícolas chins, os brâmanes, os cristãos gregos, os cristãos romanos, os cristãos protestantes, os cristãos quakers façam suas traficâncias juntos: eles não brigarão de punhal. Por que motivo, pois, nos esganamos quase sem interrupção desde o primeiro concílio de Nicéia?

Constantino começou por baixar um édito que permitia todas as religiões; terminou por perseguir. Antes dele os cristãos apenas eram perseguidos quando começavam a ter alguma força dentro do estado. Os romanos permitiam todos os cultos, até o dos judeus, até o dos egípcios, pelos quais tinham tanto desprezo. Por que tolerava Roma esses cultos? É que nem os egípcios nem mesmo os judeus procuravam exterminar a antiga religião do império, não perdendo tempo em revolver terras e mares para angariar prosélitos: o que queriam era ganhar

dinheiro; é porém incontestável que os cristãos desejavam que sua religião fosse a dominante. Os judeus não queriam que a estátua de Júpiter estivesse em Jerusalém; mas os cristãos não admitiam que estivesse no Capitólio. Sto. Tomás tem a boa fé de convir em que, se os cristãos não destronavam os imperadores, é que o não podiam fazer. Sua opinião era que toda a terra devia ser cristã. Eram portanto inimigos de toda a terra, até que esta se convertesse.

Havia entre eles inimigos uns dos outros em todos os pontos de sua controvérsia. Antes de mais nada é preciso considerar Jesus Cristo como Deus, os que o negam são anatematizados sob o nome de ebionitas, que anatematizam os adoradores de Jesus.

Alguns deles desejam que todos os bens sejam comuns, como pretendem que o tenham sido no tempo dos apóstolos: seus adversários os chamam nicolaitas, acusando-os dos crimes mais infames. Outros, tendentes a uma devoção mística, são chamados gnósticos e perseguidos com furor. Marcião é tratado de idólatra por disputar sobre a Trindade.

Tertuliano, Praxedes, Orígenes, Novato, Novaciano, Sabélio, Donato, são todos perseguidos por seus irmãos antes de Constantino; e apenas Constantino fez reinar a

religião cristã; os atanasianos e eusebianos se separaram; e desde então a igreja cristã foi inundada de sangue até hoje.

O povo judeu era, reconheço, um povo bastante bárbaro. Degolavam sem piedade todos os habitantes de um desgraçado e pequeno país sobre o qual não tinham mais direito do que sobre Paris e Londres. Entretanto, quando Naamã é curado de sua lepra por se haver banhado sete vezes no Jordão; quando, para testemunhar sua gratidão a Eliseu, que lhe ensinou esse segredo, conta-lhe que adorava o Deus dos judeus por reconhecimento, reserva-se a liberdade de adorar também o Deus de seu rei; pede licença a Eliseu, e o profeta não hesita em conceder-lha. Os judeus adoravam o seu Deus; mas nunca se admiraram de que cada povo tivesse o seu. Achavam muito natural que Camoes concedesse um certo distrito aos moabitas, contanto que o seu Deus também lhes desse um. Jacó não hesitou em desposar as filhas de um idólatra. Labão tinha seu Deus assim como Jacó tinha o seu. Eis belos exemplos de tolerância entre o povo mais intolerante e cruel de toda a antigüidade: nós o imitamos em seus furores absurdos, e não em sua indulgência.

É claro que todo indivíduo que persegue um homem, seu irmão, porque não é da sua mesma opinião, é um monstro. Isto está fora de dúvidas. Mas o governo, mas os magistrados, mas os

príncipes, como deverão proceder para com indivíduos que têm um culto diferente do seu? Se forem estrangeiros poderosos, é claro que um príncipe fará aliança com eles. Francisco I., muito cristão, unir-se-á aos muçulmanos contra Carlos V, muito cristão. Francisco I dará dinheiro aos luteranos da Alemanha para sustentá-los em sua revolta contra o imperador; mas principiará, segundo o costume, por fazer queimar alguns luteranos em sua própria casa. Paga-os em Saxe por política; por política queima-os em Paris. Mas que acontecerá? As perseguições criam prosélitos; em breve a França estará repleta de novos protestantes. A princípio deixar-se-ão enforcar, em seguida começarão também a enforcar. Haverá guerras civis, em seguida o S. Bartolomeu e esse recanto do mundo será pior que tudo o que antigos e modernos já disseram do inferno.

Insensatos, que jamais soubestes render um culto puro ao Deus que vos criou! Desgraçados, que o exemplo dos noaquidas, dos letrados chineses, dos parsis e de todos os sábios jamais pode edificar! Monstros, que necessitais de superstições corno o urubu de carniça! Já se vos disse, e não temos outra coisa que dizer-vos: se tiverdes duas religiões, elas se trucidarão; se tiverdes trinta, viverão em paz. Vede ó grão-turco: governa guebros, banianos, cristãos gregos, nestorianos, romanos. O primeiro que

experimentar provocar um tumulto é empalado, e todos permanecem em santíssima paz.

VIRTUDE

Que é virtude? Beneficência para com o próximo. Poderei chamar virtude a outra coisa senão ao bem que me fazem? Eu sou indigente, tu és liberal; eu estou em perigo, tu vens em meu socorro; enganam-me, tu me dizes a verdade; esquecem-me, tu me consolas; eu sou ignorante, tu me instruis: chamar-te-ei sem dificuldade virtuoso. Mas que acontecerá com as virtudes cardinais e teologais? Algumas delas ficarão nas escolas.

Que me importa que sejas temperante? É um preceito de saúde que observas; beneficiar-te-ás com isso e eu te felicito. Tens fé e esperança, redobro-te minhas felicitações: elas te concederão a vida eterna. Tuas virtudes teologais são dons celestes: tuas virtudes cardinais são excelentes qualidades que servem para te conduzir ao bom caminho; mas não são virtudes que se relacionem com o teu próximo. O prudente faz o bem a si, o virtuoso fá-lo aos homens. S. Paulo teve razão ao dizer que a caridade implica a fé e a esperança.

Mas como! admitiremos apenas as virtudes que são úteis ao próximo? Então! como poderei admitir outras? Vivemos em sociedade; nada existe de verdadeiramente bom para nós senão o que beneficia a sociedade. Um solitário será

sóbrio, piedoso; revestir-se-á de um cilício: pois bem, será santo; porém não o chamarei virtuoso senão quando praticar algum ato de virtude em proveito dos homens. Enquanto for só, não será nem malfeitor nem benfeitor; nada é para nós. Se S. Bruno pacificou as famílias, se socorreu a indigência, foi virtuoso; se jejuou, rezou na solidão, foi um santo. A virtude entre os homens é um comércio de benefícios; o que não participa desse comércio não deve ser considerado. Se esse santo estivesse no mundo, sem dúvida praticaria o bem; mas enquanto não o estiver o mundo terá razão em não lhe conceder o nome de virtuoso: será bom para consigo próprio, e não para nós.

Mas, dizeis-me, um solitário glutão, bêbedo, entregue à devassidão secreta consigo mesmo, é um vicioso: será portanto virtuoso se tiver qualidades contrárias É no que não posso convir: será um homem muito vil se tiver de fato os defeitos que dizeis; mas não pode ser um vicioso, mau, susceptível de punição, no que diz respeito à sua relação com a sociedade, a quem suas infâmias não fazem mal algum. É de presumir que se entrar na sociedade praticará o mal, será um grande criminoso; é até muito mais provável que venha a ser um homem mau do que incerto é que outro solitário, casto, temperante, venha a ser um homem de bem: pois na sociedade os defeitos aumentam e as boas qualidades diminuem.

Faz-se uma objeção mais forte; Nero, o papa Alexandre VI. e outros monstros dessa espécie fizeram benefícios; ouso responder que foram virtuosos nesse dia.

Dizem alguns teólogos que o divino imperador Antonino não era virtuoso; que era um estóico tençoeiro que, não contente de governar os homens, ainda queria ser estimado por eles; que fazia reverterem a si próprio os benefícios que fazia ao gênero humano; que foi toda a sua vida justo, trabalhador, benfeitor por simples vaidade, e que apenas enganou os homens com a sua virtude; neste caso exclamarei: “Meu Deus, dai-nos a basto velhacos desta laia!”

NOTAS

(*) — Nota desta edição: para evitar errôneas conclusões, convém esclarecer que este volume consiste em extratos do *Dicionário Filosófico* de Voltaire. A obra completa compreende vários volumes e é muito mais extensa. Em francês, pode ser encontrata na rede em Voltaire Oeuvres Complètes - Textes en ligne [www.voltaire-integral.com]. Em inglês, na The Online Library of Liberty [http://oll.libertyfund.org]

(1) — Esta inscrição acha-se gravada na fachada do templo de Delfos.

(2) — Virgílio, Geórgicas, III, 244.

(3) — Ovídio, Metáforas, X, 84-5.

(4) — Isaías, XIV, 8 e 12.

(5) — Justino o Mártir, nascido por volta do ano 114, foi condenado à morte por Rústico, prefeito de Roma, em 168.

(6) — Livro V, capítulo XXXIII.

(7) — História da Igreja, livro VII, capítulo XXV.

(8) — Comparação entre Aristófanes e Menandro.

(9) — J. Fr. Arpe, autor da Apologia pro Julio Caesare Vanino.

(10) — Horácio, Epigr., II, ii, Sat., II, i.

(11) — Em seus Ensaios de Teodicéia sobre a Bondade de Deus, etc., Amsterdã, 1710, in-8.

(12) — Li — medida itinerária chinesa equivalente a. 576 metros.

(13) — Sinus denominação dada pelos chineses aos judeus das dez tribos que, em sua dispersão, penetraram até a China.

(14) — Os cinco livros sagrados chineses, que contêm a doutrina de Confúcio.

(15) — Salmos, LXVII, 16-17.

(16) — Anagrama do abade Castel do Saint-Pierre

(17) — Anagrama de Lelièvre.

(18) — Anagrama de Arnoult.

(19) — Anagramas do príncipe de Condé e do duque de Brunswick.

(20) — Neste diálogo o japonês figura um inglês; os cozinheiros designam os padres; o grande lama, o paga; o imperador mencionado, o rei Henrique VIII; paiscopie, anagrama de

episcopais, são os bispos; breuseh, hebreus; pispatas, papistas; Teluro, Lutero; Vicalno, Calvino; quekars, batistanaos, diestas, etc., respectivamente, quakers, anabatistas, deistas, etc. (Nota de Avenel).

(21) — Canusi — antigos sacerdotes japoneses.

(22) — Anagrama de Horácio Flaco.

(23) — Anagrama de Racine. Trata-se de Louis Racine, filho do grande Racine.

(24) — Trata-se de Abraham Chaumeix, crucificado a 2 de março de 1749, na rua Saint-Denis. Foi quem denunciou a Encyclopédie ao parlamento.

(25) — Jerusalém Libertada, canto IV, 3.

(26) — Ilíada, livro XXII.

(27) — O Testament Politique de Charles V, due de Lorraine et de Bar, en faveur du roi de Hongrie, Leipzig, Weitman (Paris), 1696, in-12, foi editado pelo abade de Chevremont; tem por autor Henri de Straatman, membro do conse1ho áulico do imperador.

(28) — Testament Politique de M. de Vauban, etc., dans lequel ce seigneur donne les moyens d'augmenter considérablement les revenus de la

Couronne par l'établissement d'une dime royale, etc., 1707 ou 1708, 2 vol. in-i12. A obra aparecera em 1695 sob o título Le Détail de la France sons le règne de Louis XIV.

(29) — Sát., I, ii, 127.

(30) — Les Femmes Savantes, III, ii.

(31) — Foi em virtude deste passo que Larcher chamou Voltaire "besta fera de que se tem tudo a temer".

(32) — Veja-se, nos Romans, Le Monde comme il va.

(33) — Gavacho em espanhol quer dizer canalha.

(34) — Denominação dada pelos espanhóis aos árabes e que, segundo Littré, se tornou uma injúria significando traidor, pérfido, tratante. Do espanhol marrano — porco e também maldito.

(35) — Satyricon, capítulo XLIV.

(36) — Sat., I, VIII.

(37) — Livro VIII, epigr., XXIV.

(38) — De Ponto, II, VIII.

(39) — Teb., XII.

(40) — Livro IX, 578.

(41) — Ovídio, Fastos, IV.

(42) — 617-618.

(43) — Sua obra intitula-se Apologie de M. Petit-Pierre sur son Système de non Éternité des Peines à Venir, 1761, in-12.

(44) — Jean Le Pelletier é autor de uma Dissertation sur l'Arche de Noé, Ruão, 1704, in-12.

(45) — Opinião de Descartes professada nas escolas ao tempo de Voltaire.

(46) — Veja-se capítulo XI dos Juizes.

(47) — Levítico, capítulo XXVII, 29.

(48) — Codorlaomor — rei dos elamitas contemporâneos. de Abraão. Mentzel — chefe da ala austríaca na guerra de 1741. Tomou Munich a 15 de feverero de 1742.

(49) — Na Défense du Mondain, do próprio Voltaire.

(50) — Ovídio, Met., I, 32.

(51) — III dos Reis, capítulo XIX, 15 e 16.

(52) — Atos dos Apóstolos, capítulo V, 34, 35 e 36.

(53) — Atos dos Apóstolos, capítulo VIII, 9.

(54) — Sócrates, História Eclesiástica, livro II, capítulo XXXVIII.

(55) — Cf. Ensaio sobre os costumes, capitulo CXCI.

(56) — Ospiniam, p. 230.

(57) — Isto foi escrito em 1764.

(58) — La Fontaine, livro II, fábula II.

(59) — Cf. Owen, livro V, epigr. VIII.

(60) — O rei de Portugal José II.

(61) — Juizes, XI, 81-83.

(62) — Sátira XV, 81-83.

(63) — Atos dos Apóstolos, capítulo XXIII, 6.

(64) — Jó, XIV, 26.

(65) — Epístola aos Tessálios, cap. IV.

(66) — Condillac, Traité des Sensations, t. II, p. 128.

(67) — Petrônio, CIV 1-3.

(68) — Lucrécio, III, 52-3.

(69) — Ovidio, Fastos, II, 45-6.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

_____
Junho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

História de Jenni

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

História de Jenni (1775)
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org
“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

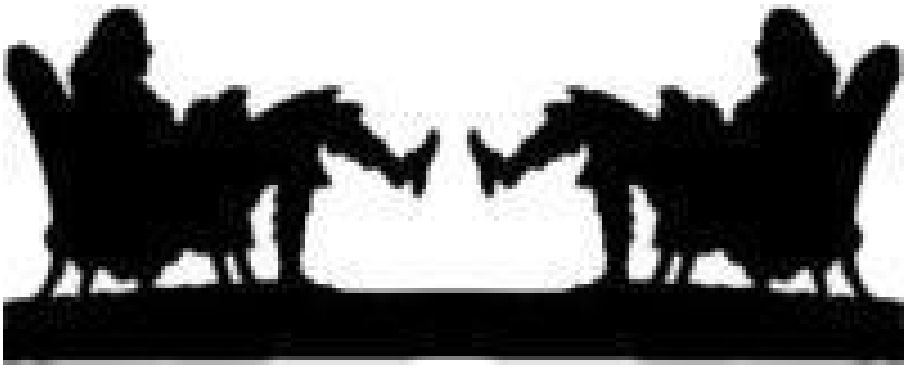
APRESENTAÇÃO — 6
Nélson Jahr Garcia
BIOGRAFIA DO AUTOR — 10

CAPÍTULO I — 13
CAPÍTULO II — 19
Continuação das aventuras do jovem inglês Jenni e do senhor seu pai, doutor em teologia, membro do Parlamento e da Sociedade Real
CAPÍTULO III — 25
Súmula da controvérsia dos Mas, entre Mister Freind e dom Inigo y Medroso y Comodios y Papalamiendo, bacharel de Salamanca
CAPÍTULO IV — 36
Regresso a Londres: Jenni começa a corromper-se
CAPÍTULO V — 43
Pretende-se casar Jenni
CAPÍTULO VI — 49
Terrível aventura
CAPÍTULO VII — 56
O que aconteceu na América
CAPÍTULO VIII — 71
Diálogo de Freind e de Birton sobre o ateísmo
CAPÍTULO IX — 80

Sobre o ateísmo
CAPÍTULO X — 98
Sobre o ateísmo
CAPÍTULO XI — 105
Do ateísmo
CAPÍTULO XII — 111
Regresso à Inglaterra. Casamento de Jenni
NOTAS — 114

HISTÓRIA DE JENNI
OU
O ATEU E O SÁBIO

por Mr. Sherloc
Traduzida pelo senhor de La Caille



VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

A “História de Jenni” foi escrita por Voltaire nos seus últimos anos de vida. O mesmo escritor crítico, irônico e sarcástico tornou-se mais severo. Já havia sido criticado com veemência, por suas idéias e comentários desairosos ao clero, especialmente os jesuítas, aos nobres e reis. Foi preso e depois perseguido por toda a Europa, mesmo quando enaltecido pelo indiscutível valor de seus conceitos, não deixou de sofrer perseguições.

Nesta obra Voltaire debruça sua língua viperina sobre a “religião revelada” e os dogmas do catolicismo. Mas a carga maior de veneno recai sobre o ateísmo de D’Holbach. Veja-se com que peso desfere seu ataque a ateus e supersticiosos:

> *A crença num Deus remunerador das boas ações, punidor das más, perdoador das faltas leves, é pois a crença mais útil ao gênero humano; é o único freio dos poderosos, que cometem insolentemente os crimes públicos; é o único freio dos*

homens que cometem disfarçadamente os crimes secretos. Não vos digo, meus amigos, que junteis, a essa crença necessária, superstições que a desonrariam e que até poderiam torná-la funesta: o ateu é um monstro que só devorará para apaziguar a fome; o supersticioso é outro monstro que estraçalhará os homens por dever. Sempre notei que se pode curar um ateu, mas jamais se cura radicalmente a um supersticioso; o ateu é um homem de talento que se engana, mas que pensa por si mesmo; o supersticioso é um tolo brutal que jamais teve senão as idéias dos outros.

Voltaire, como em outros textos, revela uma aparente ambiguidade quando se refere aos judeus, mas apenas aparente. Se critica os judeus da História, pelos crimes e males cometidos; por outro lado os defende como seres humanos. Dois trechos são significativos:

— E mesmo que ele fosse judeu — respondeu o nosso amigo com o seu sangue-frio habitual, — fica-lhe bem, senhor Caracucarador, assar pessoas porque pertencem a uma raça que habitava outrora um pequeno cantão pedregoso próximo ao deserto da Síria?

Que lhe importa que um homem tenha ou não tenha prepúcio e que comemore a páscoa na lua cheia de abril ou no domingo seguinte?

Desertos tão horrendos, tão inabitáveis, que esses animais ferozes chamados judeus se julgaram no paraíso terrestre quando passaram, daqueles lugares de horror, para um recanto de terra onde se podiam cultivar algumas jeiras.

Tema recorrente, em Voltaire, é o canibalismo que, em sua época ainda era prática encontradiça em diversas culturas. Se sempre se referiu ao costume de forma satírica, agora o faz com sarcasmo virulento:

Freind mostrou-se muito bem impressionado com essa máxima; mas observou que o costume de devorar mulheres era indigno de tão brava gente e que, com tantas virtudes, não deviam ser antropófagos.

O chefe das montanhas perguntou-nos então o que fazíamos com os nossos inimigos, depois de os matar.

— Nós os enterramos — respondi-lhe.

— Quer isto dizer — retrucou — que os dais de comer aos vermes. Nós queremos a primazia; nossos estômagos são uma sepultura mais honrosa.

O texto merece ser lido com especial carinho, contém uma síntese e soma das idéias filosóficas que Voltaire desenvolveu durante toda uma vida com extraordinário gênio e competência que, infelizmente, muitos dos que viveram seu tempo não foram capazes de compreender.

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

CAPÍTULO I

Vós me solicitais, senhor, alguns pormenores acerca de nosso amigo, o respeitável Freind, e de seu estranho filho. O lazer de que afinal disponho após a reforma de milorde Peterborou permite-me atender-vos satisfatoriamente. Ficareis tão espantado quanto eu, e compartilhareis de todos os meus sentimentos.

Quase não vos avistastes com esse jovem e infeliz Jenni, filho único de Freind, que o levou consigo à Espanha quando era capelão de nosso exército, em 1705. Vós partistes para Alep antes que milorde cercasse Barcelona; mas tendes razão em dizer que Jenni possuía um aspecto dos mais amáveis e atraentes e denotava coragem e espírito. Nada mais verdadeiro; era impossível vê-lo sem estimá-lo. O pai o destinara primeiramente à Igreja; mas, tendo o jovem demonstrado repugnância a essa condição que demanda tanto engenho, circunspeção e finura, julgou aquele sensato pai que seria um crime e uma tolice forçar a natureza.

Jenni ainda não contava vinte anos. Fez questão absoluta de servir como voluntário no ataque a Montjuich, que nós vencemos, e onde foi

morto o príncipe de Hesse. O nosso pobre Jenni, ferido, foi feito prisioneiro e levado para a cidade. Eis uma fiel narrativa do que lhe aconteceu desde o ataque de Montjuich até a tomada de Barcelona. Esse relato é devido a uma catalã um pouco livre e ingênua demais; tais escritos não chegam até o coração do sábio. Apreendi o referido escrito em casa dela, quando entrei em Barcelona com milorde Peterborou. Vós o lereis sem escândalo, como um fiel retrato dos costumes do país.

AVENTURAS DE UM JOVEM INGLÊS CHAMADO JENNI

escritas por mão de doña Las Nalgas

Quando nos disseram que os mesmos selvagens que tinham chegado pelos ares, de uma ilha desconhecida, para tomar-nos Gibraltar, vinham cercar a nossa bela cidade de Barcelona, começamos por fazer novenas à Santa Virgem de Manreze, o que é sem dúvida a melhor maneira de nos defendermos.

Esse povo, que nos vinha atacar de tão longe, tem um nome difícil de pronunciar, pois é english. Nosso reverendo padre inquisidor dom Jerónimo Bueno Caracucarador pregou contra esses salteadores. Lançou contra eles uma excomunhão-mor em Nossa Senhora del Pino. Assegurou-nos que os english tinham cauda de macaco, patas de urso e cabeça de papagaio; que na verdade falavam algumas vezes como os homens, mas que silvavam quase sempre; que eram, aliás, notoriamente heréticos; que a Santa Virgem, que é muito favorável aos outros pecadores e pecadoras, jamais perdoava aos heréticos, e que por conseguinte seriam todos infalivelmente exterminados, sobretudo se se apresentassem diante de Montjuich. Mal acabara

ele o seu sermão, soubemos que Montjuich fora tomado de assalto.

À noite soubemos que nesse assalto havíamos ferido a um jovem english e que ele se achava em nossas mãos. Gritaram por toda a cidade: Vitória! Vitória! e acenderam-se luminárias.

Doña Boca Bermeja, que tinha a honra de ser amante do reverendo padre inquisidor, sentiu extremos desejos de ver como era feito um animal english e herético. Era minha amiga íntima. Sentia-me tão curiosa quanto ela. Mas foi preciso esperar que ele se curasse do ferimento, o que não demorou.

Soubemos logo depois que ele deveria tomar banhos no estabelecimento de meu primo Elvob, que é como se sabe, o melhor cirurgião da cidade. Em minha amiga Boca Bermeja, redobrou a impaciência de ver tal monstro. Não tivemos descanso, nem o demos a meu primo, enquanto não nos ocultou em um vestiário, atrás de uma veneziana pela qual se enxergava o banheiro. Ali entramos na ponta das pés, sem o mínimo ruído, sem uma palavra, sem nos atrevermos a respirar, precisamente no instante em que o english saia de dentro d'água. Seu rosto não se achava voltado para nós; retirou um pequeno barrete sob o qual estavam enrolados os seus cabelos loiros que

tombaram em grossos cachos sobre o mais belo dorso que já vi em minha vida; seus braços, suas coxas, suas pernas, me pareceram de uma carnação, de um acabado, de uma elegância que se aproxima, a meu ver, do Apolo de Belvedere de Roma, cuja cópia se acha em casa de meu tio escultor.

Doña Boca Bermeja achava-se extasiada de surpresa e encantamento. Quanto a mim, sentia-me igualmente arrebatada. Não pude deixar de dizer: Oh, que hermoso muchacho! Essas palavras, que me escaparam, fizeram o jovem voltar-se. Ai foi muito pior; vimos o rosto de Adônis sobre o corpo de um jovem Hércules. Por pouco doña Boca Bermeja não tombou para trás e eu também. Seus olhos se incenderam, cobrindo-se de leve orvalho, através do qual se entreviam flamas. Não sei o que aconteceu aos meus.

Quando voltou a si: “S. Tiago (me disse ela) e Santa Virgem! E assim que são os hereges? Oh! Como nos enganaram.”

Saímos o mais tarde que pudemos. Boca Bermeja foi logo acometida do mais violento amor pelo monstro herético. Ela é mais bonita do que eu, confesso-o; e confesso também que me senti duplamente enciumada. Fiz-lhe ver que perdia a alma traindo o reverendo padre Inquisidor dom

Jerónimo Bueno Caracucarador, com um english. “Ai, minha querida Las Nalgas — disse-me ela (pois Las Nalgas é o meu nome) — eu seria capaz de trair Melquisedeque por esse belo rapaz”. Ela não deixou de o fazer e, já que é preciso dizer tudo, concorri secretamente com muito mais do que o dízimo das oferendas.

Um dos familiares da Inquisição, que ouvia quatro missas por dia para obter de Nossa Senhora de Manreze o aniquilamento dos english, foi informado das nossos atos de devoção. O reverendo padre dom Caracucarador mandou-nos vergastar a ambas. Mandou vinte e quatro alguazis da Santa Hermandad prenderem o nosso querido english. Jenni matou cinco deles e foi preso pelos dezenove que sobraram. Fizeram-no repousar num calabouço bem arejado. Resolveram queimá-lo no domingo seguinte, em grande cerimonial, paramentado com um grande sambenito e um chapéu em forma de pão-de-açúcar, em honra de nosso Salvador e da Virgem Maria, sua mãe. Dom Caracucarador preparou um belo sermão, mas não pode pronunciá-lo porque a cidade foi tomada às quatro da madrugada daquele mesmo domingo.

Aqui termina a narrativa de doña Las Nalgas. Era uma mulher que não deixava de ter essa espécie de espírito a que os espanhóis denominam agudeza.

CAPÍTULO II

Continuação das aventuras do jovem inglês Jenni e do senhor seu pai, doutor em teologia, membro do Parlamento e da Sociedade Real

Sabeis que admirável conduta manteve o conde de Peterborou quando se apoderou de Barcelona; como impediu a pilhagem; com que pronta sagacidade pôs ordem em tudo; como arrancou a duquesa de Popoli das mãos de alguns soldados alemães bêbedos que a roubavam e violavam. Mas podereis acaso imaginar a surpresa, a dor, o aniquilamento, a cólera, as lágrimas, os transportes de nosso amigo Freind, quando soube que Jenni estava nos calabouços do Santo Ofício e já se achava preparada a sua fogueira? Sabeis que as cabeças mais frias são as mais exaltadas nas grandes ocasiões. Era de ver aquele pai, que conhecestes tão grave e tão imperturbável, voar do antro da Inquisição mais depressa do que correm os nossos cavalos de raça em Neumarket. Cinqüenta soldados, que o seguiam arquejantes, estavam sempre a duzentos passos dele. Ei-lo que chega. Entra na caverna. Que momento! Que prantos e que alegria! Vinte vítimas destinadas à mesma cerimônia são libertadas com Jenni. Todos esses

prisioneiros se armam; todos se juntam a nossos soldados; arrasam o Santo Ofício em dez minutos e almoçam sobre as ruínas, com o vinho e o presunto dos inquisidores.

Em meio desse tumulto, e das fanfarras, e dos tambores, e do troar de quatrocentos canhões que anunciavam a nossa vitória na Catalunha, o nosso amigo Freind retomara a tranqüilidade que lhe conheceis. Estava, calmo como o céu de um belo dia após a tempestade. Erguia a Deus um coração tão sereno como o seu rosto, quando viu sair do respiradouro de um calabouço um espectro negro de sobrepeliz, que se lançou a seus pés, bradando misericórdia.

— Quem és tu? — indagou o nosso amigo. — Vens do inferno?

— Mais ou menos — respondeu o outro. — Sou dom Jerónimo Bueno Caracucarador, inquisidor da fé; peço-vos humildemente perdão por haver querido assar o senhor vosso filho em praça pública: eu supunha que ele fosse judeu.

— E mesmo que ele fosse judeu — respondeu o nosso amigo com o seu sangue-frio habitual, — fica-lhe bem, senhor Caracucarador, assar pessoas porque pertencem a uma raça que habitava outrora um pequeno cantão pedregoso próximo ao deserto da Síria? Que lhe importa que um homem tenha ou não tenha prepúcio e que

comemore a páscoa na lua cheia de abril ou no domingo seguinte?. Este homem é judeu; precisa pois ser queimado; e todos os seus bens me pertencem: eis um péssimo argumento; não se raciocina assim na Sociedade Real de Londres.

E não sabia o senhor Caracucarador que Jesus Cristo era judeu? Que ele nasceu, viveu e morreu judeu; que celebrou a páscoa, como judeu, na lua cheia; que todos os seus apóstolos eram judeus; que foram ao templo judeu após a desgraça de Cristo, como está expressamente referido; e que os quinze primeiros bispos secretos de Jerusalém eram judeus? Meu filho não é judeu, é anglicano: como lhe deu na telha a idéia de o queimar?

O inquisidor Caracucarador, aterrado com a erudição do senhor Freind, e sempre prosternado a seus pés, respondeu:

— Ai de nós! Não sabíamos nada de tudo isso na Universidade de Salamanca. Mais uma vez, perdão. Mas o verdadeiro motivo é que o senhor vosso filho me tomou a minha amante Boca Bermeja.

— Ah! se ele tomou a sua amante, é outra história; não se deve tomar os bens de outrem. Todavia, não se nos depara aqui uma razão suficiente (como diria Leibnitz) para queimar um jovem. As penas devem ser proporcionais aos

delitos. Vós outros, cristãos de além do mar britânico tirante para o sul, sois mais expeditos em assar a um de vossos irmãos, seja o conselheiro Anne Dubourg, seja Michel — Servet, ou todos aqueles que foram sagrados sob Filipe II, cognominado o discreto, do que nós, ingleses, em mandar preparar um rosbife em Londres. Mas tragam-me aqui a senhorita Boca Bermeja, para que eu saiba dela a verdade.“

Boca Bermeja foi conduzida à sua presença, toda chorosa, e embelezada pelas lágrimas, como é costume.

— É verdade que a senhorita amava ternamente a dom Caracucarador e que o meu filho Jenni a possuiu à força?

— A força, senhor inglês?! Qual nada! Foi de todo o meu coração. Nunca vi nada tão lindo e tio digno de amor como o senhor vosso filho; e julgo-vos muito feliz em ser seu pai. Fui eu quem fiz todas as investidas; ele bem o merece: sou capaz de segui-lo até o fim do mundo, se é que o mundo tem fim. Sempre detestei, no fundo d’alma, esse maldito inquisidor; ele mandou vergastar-me até sair sangue, a mim e à senhorita Las Nalgas. Se quereis tornar-me a vida um verdadeiro encanto, mandareis enforcar esse celerado monge à minha janela, enquanto eu estiver jurando a vosso filho

um amor eterno. Feliz de mim, se lhe pudesse um dia dar um filho que se pareça convosco!

E, com efeito, enquanto Boca Bermeja pronunciava estas singelas palavras, milord Peterborou mandava procurar Caracucarador, que se havia sumido, para que não o enforcassem. Não vos espantareis se eu disser que o senhor Freind se opôs energicamente a isso.

— Que vossa justa cólera — disse ele — se curve ante vossa generosidade; só se deve condenar um homem à morte quando tal coisa for absolutamente necessária ao bem público. Os espanhóis iriam dizer que os ingleses são uns bárbaros que matam todos os padres que encontram. Isso poderia prejudicar grandemente ao senhor arquiduque, em nome do qual acabais de tomar Barcelona. Estou assaz contente de que meu filho tenha sido salvo e de que o pulha desse frade não mais esteja em condições de exercer as suas funções inquisitoriais.

Enfim, tão bem falou o sábio e caridoso Freind, que milorde se contentou em mandar vergastar Caracucarador, como esse miserável fizera a Miss Boca Bermeja e a Miss Las Nalgas.

Tamanha demência tocou o coração dos catalães. Os que haviam sido libertados dos calabouços da Inquisição concluíram que a nossa

religião valia infinitamente mais que a sua. Quase todos pediram para serem aceitos na igreja anglicana; e até alguns bacharéis da Universidade de Salamanca, que estavam em Barcelona, desejaram ser esclarecidos. A maioria foi logo atendida. Só houve um deles, chamado dom Inigo y Medroso y Comodios y Papalamiendo, que se mostrou um tanto rebelde.

Eis a súmula da amigável discussão que o nosso querido amigo Freind e o bacharel dom Papalamiendo travaram na presença de milorde Peterborou. Chamaram a essa conversação familiar o diálogo dos Mas. Vereis facilmente por que, ao lê-la.

CAPÍTULO III

Súmula da controvérsia dos Mas, entre Mister Freind e dom Inigo y Medroso y Comodios y Papalamiendo, bacharel de Salamanca

O bacharel: — Mas, Senhor, apesar de todas as belas coisas que acabais de dizer-me, tereis de confessar que a vossa igreja anglicana, tão respeitável, não existia antes de dom Lutero e antes de dom OEcolampadius. Sois muito recentes: portanto, não sois de casa.

Freind: — É como se me dissessem que não descendo de meu avô, porque um colateral, residente na Itália, se apossara do seu testamento e dos meus títulos. Felizmente os recuperei, e é claro que sou neto de meu avô. Somos ambos da mesma família, com a pequena diferença de que nós, ingleses, lemos o testamento de nosso avô em nossa própria língua e de que vos é proibido lê-lo na vossa. Sois escravos de um estrangeiro, e nós estamos apenas submetidos à nossa razão.

O bacharel: — Mas se a vossa razão vos perder?... porque afinal não creio, na nossa Universidade de Salamanca, a qual declarou a infalibilidade do papa e o seu direito incontestável sobre o passado, o presente, o futuro e o paulo-post-futuro.

Freind: — Ah! Os apóstolos também não acreditavam em nada disso. Está escrito que esse Pedro, que renegou a seu mestre Jesus, foi severamente acusado por Paulo. Não quero examinar qual dos dois estava errado; talvez ambos o estivessem, como acontece em quase todas as disputas; mas afinal não há uma única passagem nos Atos dos Apóstolos em que Pedro seja considerado como senhor de seus companheiros e do paulo-post-futuro.

O bacharel: — Mas não há dúvida de que S. Pedro foi arcebispo de Roma, pois Sánchez nos ensina que esse grande homem ali chegou no tempo de Nero e que ali ocupou o trono arqui-episcopal durante vinte e cinco anos, sob esse mesmo Nero, que só reinou treze. De resto, é matéria de fé, e é dom Grillandus, o protótipo da Inquisição, quem o afirma (pois nós nunca lemos a Bíblia Sagrada), é matéria de fé, digo eu, que S. Pedro estava em Roma certo ano; pois data uma de suas cartas de Babilônia; e, como Babilônia é visivelmente um anagrama de Roma, está visto que o papa é, por direito divino, senhor de toda a terra: a, mais ainda, todos os licenciados de Salamanca demonstraram que Simão Virtude-Deus, feiticeiro-mor e conselheiro de Estado do Imperador Nero, mandou seu cachorro cumprimentar a S. Simão Barjonas, também chamado S. Pedro; que S. Pedro, não menos polido, enviou também cumprimentos a Simão

Virtude-Deus, por intermédio de seu cachorro; que em seguida apostaram qual dos dois ressuscitaria mais depressa a um primo de Nero, que Simão Virtude-Deus só ressuscitou o seu morto pela metade e que Simão Barjonas ganhou a aposta, ressuscitando o primo por inteiro; que Virtude-Deus quis tirar desforra, voando nos ares como S. Dédalo, e que S. Pedro lhe quebrou as duas pernas, fazendo-o tombar. Eis por que S. Pedro recebeu a coroa do martírio, com a cabeça para baixo e as pernas para cima.(1) Está pois demonstrado a posteriori que nosso santo padre o papa deve reinar sobre todos aqueles que têm coroa na cabeça, e é senhor do passado, do presente e de todos os futuros do mundo.

Freind: — É claro que todas essas coisas aconteceram no tempo em que Hércules com um passe de mágica, separou as duas montanhas de Calpe e Abila e tirou do chapéu o estreito de Gibraltar. Mas não é nessas histórias, por mais autênticas que sejam, que baseamos a nossa religião; é no Evangelho.

O bacharel: — Mas em que passagens do Evangelho, senhor? Pois li uma parte desse Evangelho em nossos cadernos de teologia. E na passagem do anjo que desceu das nuvens para anunciar a Maria que ela seria engravidada pelo Espírito Santo? E na da viagem dos três reis e de uma estrela? No morticínio de todas as crianças

do país? No trabalho que teve o diabo em transportar Deus, no deserto, ao alto do templo e ao cimo de uma montanha de onde se descortinavam todos os reinos da terra? No milagre da água mudada em vinho, num casamento de aldeia? No milagre dos dois mil porcos que o diabo afogou num lago por ordem de Jesus? No...

Freind: — Senhor, nós respeitamos todas essas coisas, porque estão no Evangelho; e jamais nos referimos a elas, porque estão muito acima da frágil razão humana.

O bacharel: — Mas dizem que nunca chamais à Santa Virgem de mãe de Deus.

Freind: — Nós a veneramos e amamos; mas cremos que ela pouco se importa com os títulos que lhe dão neste mundo. Aliás, nunca é denominada mãe de Deus no Evangelho. Houve uma grande disputa, em 431, no concílio de Éfeso, para saber se Maria era teótocos, e se, sendo Jesus Cristo Deus e filho de Maria, poderia esta ser ao mesmo tempo mãe de Deus Pai e de Deus Filho.

O bacharel: — Mas Senhor, falais em teótocos... Que quer dizer isso, por favor?

Freind: — Quer dizer mãe de Deus. Como?! Sois bacharel de Salamanca e não sabeis grego?

O bacharel: — Mas o grego... ora, o grego! De que pode o grego servir a um espanhol? Mas senhor, acreditais que Jesus tenha uma natureza, uma pessoa e uma vontade? Ou duas naturezas, duas pessoas e duas vontades? Ou uma vontade, duas naturezas e duas pessoas? Ou duas vontades, duas pessoas e uma natureza? Ou...

Freind: — São questões de Éfeso. Isso absolutamente não nos interessa.

O bacharel: — Mas que é que vos interessa, então? Pensais que haja três pessoas em Deus, ou três deuses em uma pessoa? Procede a segunda da primeira pessoa, e a terceira das duas outras, ou da segunda intrinsecus, ou apenas da primeira? Possui o Filho todos os atributos do Pai, exceto a paternidade? E essa terceira pessoa, vem por infusão, ou por identificação, ou por espiração?

Freind: — O Evangelho não trata dessa questão, e nunca S. Paulo escreveu o nome da Trindade.

O bacharel: — Mas sempre me falais do Evangelho, e nunca de S. Boaventura, nem de Alberto o Grande, nem de Tamburini, nem de Grillandus, nem de Escobar.

Freind: — E que não sou nem dominicano, nem franciscano, nem jesuíta; contento-me em ser cristão.

O bacharel: — Mas se sois cristão, dizei-me de sã consciência: acreditais que o resto dos homens esteja condenado à danação eterna?

Freind: — A mim não me compete medir a justiça de Deus e sua misericórdia.

O bacharel: — Mas afinal, se sois cristão, em que é que acreditais?

Freind: — Creio, com Jesus Cristo, que devemos amar a Deus e ao próximo, perdoar as injúrias e reparar os males que tenhamos feito. Crede-me: adorai a Deus, sede justo e caridoso; é quanto basta ao homem. Eis as máximas de Jesus. São tão verdadeiras que nenhum legislador ou filósofo jamais teve outros princípios antes dele, e é impossível que haja outros. Tais verdades jamais tiveram nem podem ter outros adversários senão as nossas paixões.

O bacharel: — Mas... ah! a propósito de paixões: é verdade que os vossos bispos, os vossos pastores e diáconos, são todos casados?

Freind: — É verdade. S. José, que passou por pai de Jesus, era casado. Teve por filho a Tiago, o moço, cognominado Oblia, irmão de Nosso

Senhor; o qual, após a morte de Jesus, passou a vida no templo. S. Paulo, o grande S. Paulo, era casado.

O bacharel: — Mas Grillandus e Molina dizem o contrário.

Freind: — Molina e Grillandus que digam o que quiserem, prefiro acreditar no próprio S. Paulo, que diz em sua primeira epístola aos coríntios(2) Não temos o direito de comer e beber à vossa custa? Não temos o direito de levar conosco nossa mulher, nossa irmã, como fazem os outros apóstolos, e os irmãos de Nosso Senhor, e Cefas? Vai-se jamais para a guerra à própria custa? Quando se plantou uma vinha, não se lhe come o fruto? etc.

O bacharel: — Mas senhor, é mesmo verdade que S. Paulo tenha dito isso?

Freind: — Sim, ele disse, e muitas coisas mais.

O bacharel: — Mas como! Aquele verdadeiro prodígio, aquele exemplo de graça eficaz!

Freind: — É verdade, senhor, que a sua conversão foi um grande prodígio. Confesso que, segundo os Atos dos Apóstolos, fora ele o mais cruel satélite dos inimigos de Jesus. Dizem os Atos que assistira à lapidação de Santo Estêvão;

ele próprio diz que, quando os judeus condenavam à morte um seguidor de Jesus, era ele quem levava a sentença, detuli sententiam.(3)

Confesso que Abdias, seu discípulo, e Júlio Africano, seu tradutor, o acusam de ter mandado matar a Tiago Oblia, irmão de Nosso Senhor;(4) mas a sua fúria ainda mais admirável lhe torna a conversão, e não o impediu de achar mulher. Era casado, digo-vos, como expressamente o declara S. Clemente de Alexandria.

O bacharel: — Mas no entanto era um digno, um excelente homem, esse S. Paulo! Sinto muito que ele haja assassinado a S. Tiago e a Santo Estêvão, e muito me surpreende que tenha ido ao terceiro céu; mas continuai, por favor.

Freind: — S. Pedro, pelo que diz S. Clemente de Alexandria, teve filhos; e até se encontra entre estes uma Santa Petronilha. Na sua História da Igreja, diz Eusébio que S. Nicolau, um dos primeiros discípulos, tinha uma belíssima mulher, e que os apóstolos lhe censuraram preocupar-se muito com ela e parecer ciumento. “Pois tome-a quem quiser — respondeu-lhes o santo, — eu a cedo aos senhores.”(5)

Na economia judaica, que devia durar eternamente, e à qual no entanto sucedeu a economia cristã, o casamento era, não só permitido, mas expressamente ordenado aos

sacerdotes, pois que deviam ser da mesma raça; e o celibato era uma espécie de infâmia.

Em verdade o celibato não deve ter sido considerado uma situação muito pura e honrosa pelos primeiros cristãos, pois, entre os hereges anatematizados pelos primeiros concílios, encontram-se especialmente aqueles que se revoltavam contra o casamento dos padres, como os saturnianos, os basilidianos, os montanistas, os encratistas, e outros anos e istas. Eis porque a mulher de S. Gregório Nazianzeno deu à luz a outro S. Gregório Nazianzeno e teve a inestimável ventura de ser esposa e mãe de um canonizado, o que não aconteceu nem mesmo a Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho. Eis por que vos poderia eu nomear igual ou maior número de antigos bispos casados do que o que tivestes, outrora, de bispos e papas concubinários, adúlteros, ou pederastas, coisa que já não se encontra em nenhum país. Eis por que a Igreja grega, mãe da Igreja Latina, quer ainda que os curas sejam casados. Eis afinal porque eu, que vos falo, sou casado, e tenho o mais belo filho do mundo.

E dizei-me, meu caro bacharel, não tendes vós na vossa Igreja sete sacramentos, que são todos sinais visíveis de uma coisa invisível? Ora, um bacharel de Salamanca desfruta das vantagens do batismo logo que nasce, da crisma, logo que começa a usar calças; das confissão,

logo que faz algumas loucuras, ou compreende as dos outros; da comunhão, embora um pouco diferente da nossa, logo que chega aos treze ou catorze anos, da ordenação quando é tonsurado e lhe dão um benefício de vinte, ou trinta, ou quarenta mil piastras de renda, e enfim, da extrema-unção, quando chega a hora. Deveremos privá-lo do sacramento do matrimônio, quando se acha em plena saúde, e sobretudo depois que o próprio Deus casou Adão e Eva: Adão, o primeiro dos bacharéis do mundo, pois tinha ciência infusa, segundo a vossa escola; Eva, a primeira bacharela, pois conheceu a árvore da ciência antes do marido?

O bacharel: — Mas, se assim é, acabo com os mas. Está feito, sou da vossa religião; faço-me anglicano. Quero casar com uma boa mulher que sempre fingirá amar-me, enquanto eu for jovem, que cuidará de mim na velhice, e a quem enterrarei com todas as honras, se lhe sobrevivo; mais vale isso do que queimar homens e desonrar raparigas, como fez o meu primo dom Caracucarador, inquisidor da fé.

Tal é o fiel apanhado da conversação que tiveram o doutor Freind e o bacharel dom Papalamiendo, chamado depois por nós Papa Dejando. Essa curiosa entrevista foi redigida por Jacob Hulf, um dos secretários de Milorde.

Após esse encontro, o bacharel chamou-me à parte e disse-me: “Esse inglês, que eu tomara a princípio por um antropófago, deve ser um excelente homem, pois é teólogo e não me disse injúrias.” Respondi-lhe que o senhor Freind era tolerante e que descendia de uma filha de William Penn, o primeiro dos tolerantes, e fundador de Filadélfia. “Tolerante e Filadélfia! — exclamou ele. — Eu nunca tinha ouvido falar nessas seitas”. Informei-o de tudo: não podia acreditar-me, pensava estar em outro universo, e tinha razão.

CAPÍTULO IV

Regresso a Londres: Jenni começa a corromper-se

Enquanto o nosso digno filósofo Freind esclarecia assim os barceloneses e o seu filho Jenni encantava as barcelonesas, milorde Peterborou viu-se perdido no conceito da rainha, e no do arquiduque, por lhes haver dado Barcelona. Os cortesãos lhe censuraram haver tomado essa cidade contra todas as regras da arte, com um exército metade menos forte do que a guarnição. O arquiduque a princípio topou o jogo e o amigo Freind foi obrigado a imprimir a apologia do general. Todavia, o arquiduque, que viera conquistar o reino da Espanha, não tinha com que pagar seu chocolate. Tudo o que lhe dera a rainha Ana se evaporara. Diz Montecuculli, nas suas memórias, que três coisas são precisas para fazer guerra: 1o. dinheiro, 2o. dinheiro, 3o. e dinheiro. O arquiduque escreveu de Guadalajara, onde se achava a 11 de agosto de 1706, a milorde Peterborou, uma grande carta assinada yo el rey, na qual o conjurava a que fosse imediatamente a Gênova conseguir-lhe, sob fiança pessoal, cem mil libras esterlinas, para reinar.(6) Eis pois o nosso Sertório transformado de general de exército em banqueiro genovês. Confiou sua situação ao amigo Freind; dirigiram-se ambos a

Gênova; eu os acompanhei, pois bem sabeis que o coração me dirige. Admirei a habilidade e espírito de conciliação de meu amigo nesse delicado assunto. Vi que um bom espírito pode prover a tudo; o nosso grande Locke era médico: pois foi o único metafísico da Europa e restabeleceu as finanças da Inglaterra.

Freind, em três dias, conseguiu as cem mil libras esterlinas, que a corte de Carlos VI devorou em menos de três semanas. Após o que, o general, acompanhado do seu teólogo, teve de ir justificar-se em Londres, em pleno Parlamento, de haver conquistado a Catalunha contra as regras e ter-se arruinado a serviço da causa comum. O assunto dilatou-se em extensão e acrimônia, como todos os assuntos de partido.

Bem sabeis que o senhor Freind fora deputado ao Parlamento antes de ser pastor, e o único a quem permitiram exercer essas funções incompatíveis. Ora, um dia em que Freind meditava um discurso que devia pronunciar na Câmara dos Comuns, de que era um digno membro, anunciaram-lhe uma dama espanhola que pedia para lhe falar sobre assunto urgente. Era doña Boca Bermeja. Achava-se em pranto; o nosso bom amigo lhe mandou servir almoço. Ela enxugou as lágrimas, almoçou, e falou-lhe como se segue:

— Deveis estar lembrado, meu caro senhor, de que, ao seguir para Gênova, ordenastes ao senhor vosso filho, que partisse de Barcelona para Londres, a fim de assumir o emprego de amanuense do Tesouro, que vossa influência lhe obteve. Ele embarcou no Tritão com o jovem bacharel dom Papa Dejando e alguns outros mais que convertestes. Bem deveis imaginar que eu também seguira em sua companhia, com a minha boa amiga Las Nalgas. Pois não ignorais que me permitistes amar ao senhor vosso filho, e que eu o adoro...

— Eu, senhorita! Não, não lhe permiti isso, tolerei-o; é muito diferente. A fornicação entre duas pessoas livres foi talvez outrora uma espécie de direito natural de que Jenni pode gozar com discrição, sem que eu me intrometa; não o constranjo, quanto às suas amantes, da mesma forma que o deixo jantar o que bem lhe pareça. Agora, se se tratasse de um adultério, confesso que seria mais severo, pois o adultério é um furto. Mas quanto à. senhorita, que não faz mal a ninguém, nada tenho que dizer.

Pois bem senhor, é de adultério que se trata! O belo Jenni me abandonou por uma jovem casada que não é tão bonita como eu. Bem vedes que é uma injúria atroz.

Ele fez mal — disse então o senhor Freind.

Boca Bermeja, derramando algumas lágrimas, contou-lhe como Jenni se enciumara, ou tinha fingido enciumar-se, do bacharel; como a senhora Clive-Hart, uma dama muito atrevida, muito arrebatada, muito masculina, muito má, soubera apoderar-se do seu espírito; como vivia ele com libertinos que não temiam a Deus; como enfim desprezava a sua fiel Boca Bermeja pela esperta da Clive-Hart, porque a Clive-Hart tinha uma nuança ou duas de brancura e rosado acima da pobre Boca Bermeja.

— “Examinarei este assunto com mais vagar — disse o bom Freind. — Tenho de ir agora ao Parlamento para tratar do caso de milorde Peterborou”.

Foi pois ao Parlamento: ouvi-o pronunciar um discurso firme e cerrado, sem nenhum lugar-comum, sem epítetos, sem o que nós chamamos frases; ele não invocava um testemunho, uma lei; atestava-os, citava-os, reclamava-os; não dizia que haviam surpreendido a religião da Corte acusando Milorde Peterborou por haver arriscado as tropas da rainha Ana, pois; não se tratava de um assunto de religião; não prodigava a uma conjetura o nome de demonstração; não faltava com o respeito à augusta assembléia por meio de insípidos gracejos burgueses; não chamava a milorde Peterborou seu cliente, porque a palavra cliente significa um homem da burguesia

protegido por um senador. Freind falava com tanta modéstia quanto firmeza; escutavam-no em silêncio; não o interrompiam senão para dizer: “Hear him, hear him: ouçam-no, ouçam-no”. A Câmara dos Comuns votou que agradecessem ao conde de Peterborou em vez de o condenar. Milorde obteve a mesma justiça da Corte dos Pares, e preparou-se para partir com o seu caro Freind, a fim de dar o reino da Espanha ao arquiduque; o que todavia não aconteceu, pela razão de que nada acontece no mundo precisamente como se quer.

Ao sair do Parlamento, nada urgia tanto como nos informarmos da conduta de Jenni. Soubemos que efetivamente levava uma vida desbragada e crapulosa com a senhora Clive-Hart e um bando de jovens ateus, aliás gente de espírito, a quem os próprios deboches haviam persuadido de “que o homem nada tem de superior ao animal, que nasce e morre como o animal, que são ambos igualmente formados de terra, que voltam igualmente à terra, e que não há nada de bom e sensato senão em gozar e viver com aquela a quem se ama, como o afirma Salomão no fim do capítulo terceiro do Coheleth, a que nós chamamos Eclesiastes”.

Essas idéias lhes eram principalmente insufladas por um impudente malandro chamado Wirburton. Li algo dos manuscritos desse louco:

Deus nos livre de os ver impressos algum dia! Pretende Wirburton que Moisés não acreditava na imortalidade da alma; e, como, com efeito, Moisés jamais falou nisso, conclui que seria aquela a única prova da sua missão divina. Essa, conclusão absurda faz infelizmente concluir que a seita judaica era falsa; os ímpios concluem por conseqüência que a nossa, fundada na judaica, também é falsa e que, sendo falsa esta nossa, que é a melhor de todas, todas as outras são ainda mais falsas; e que, destarte, não há religião. De onde concluem alguns que não há Deus. Acrescentai a essas conclusões que esse pequeno Wirburton é um intrigante e um caluniador. Imaginai que perigo!

Um outro louco chamado Needham, que é em segredo jesuíta, vai ainda mais longe. Esse animal, como aliás o sabeis, e como tanto já vos disseram, imagina que criou enguias com farinha de centeio e banha de carneiro; que imediatamente essas enguias produziram outras, sem cobertura. Daí decidirem os nossos filósofos que se pode fazer homens com farinha de trigo e banha de perdiz: pois devem ter origem mais nobre que a das enguias; pretendem que esses homens produzirão outros incontinenti; que, assim, não foi Deus quem fez o homem; que tudo se fez por si mesmo; que se pode muito bem passar sem Deus; que não há Deus. Imagina! que estragos o Coheleth mal compreendido, e

Wirburton e Needham bem compreendidos, não podem fazer em corações moços movidos de paixões e que só raciocinam segundo elas!

Mas o pior de tudo é que Jenni estava enterrado em dívidas até o pescoço. Pagava-as de estranha maneira. Naquele mesmo dia, enquanto nos achávamos no Parlamento, um de seus credores lhe fora cobrar cem guinéus. O belo Jenni, que até então permanecera muito dócil e polido, batera-se com ele, dando-lhe, como único pagamento, uma boa estocada. Temia-se que o ferido viesse a morrer: Jenni ia ser preso e arriscava ir para a forca, apesar da proteção de milorde Peterborou.

CAPÍTULO V

Pretende-se casar Jenni

Relembro ainda a dor e indignação que experimentara o venerável Freind ao saber que o seu querido Jenni se achava nas prisões do Santo Ofício, em Barcelona; pois podeis acreditar que foi tomado de transporte ainda mais violento, quando soube dos excessos daquele desgraçado filho, das suas orgias, das suas dissipações, da sua maneira de atender aos credores e do perigo, em que se achava,, de ir para a forca. Mas Freind conteve-se. É uma coisa espantosa o domínio que esse homem exerce sobre si mesmo. A razão governa-lhe o coração, como um bom amo ao criado. Faz tudo a propósito, e age prudentemente com a mesma celeridade com que atuam os imprudentes. “Não é ocasião — disse ele — para pregar sermões a Jenni; é preciso tirá-lo do precipício.”

Na véspera recebera o nosso amigo uma importante soma, da herança de George Hubert, seu tio. Vai ele próprio procurar o nosso grande cirurgião Cheselden. Felizmente o encontramos; vamos juntos à casa do credor ferido. O senhor Freind manda-lhe examinar o ferimento; não era mortal. Dá ao paciente os cem guinéus e mais

cinqüenta à guisa de indenização; pede-lhe perdão por seu filho; exprime-lhe a sua dor com tanto sentimento e verdade que aquele pobre homem, que estava no leito, abraça-o chorando e quer devolver-lhe o dinheiro. Esse espetáculo espantava e comovia o jovem senhor Cheselden, que começa a adquirir grande reputação e cujo coração é tão bondoso como hábeis a sua mão e seu golpe de vista. Eu estava emocionado, fora de mim; nunca venerara e amara tanto a nosso amigo.

Perguntei-lhe, na volta, se não mandaria chamar o filho, para lhe exprobrar as faltas. “Não — disse ele, — quero que ele as reconheça antes que eu fale nelas. Vamos cear nós dois, veremos o que posso fazer de melhor. Os exemplos corrigem muito mais do que as censuras.”

Enquanto não chegava a hora da ceia, fui ter com Jenni; encontrei-o, como julgo se ache qualquer homem após o seu primeiro crime, pálido, com o olhar perdido, a voz rouca e entrecortada, o espírito perturbado, e dando respostas desconexas ao que lhe diziam. Contei-lhe afinal o que seu pai acabara de fazer. Ele permaneceu imóvel, olhou-me fixamente, e depois desviou a face um instante, para verter algumas lágrimas. Tirei bons augúrios desta cena; e tive grandes esperanças de que Jenni ainda viria a ser um homem às direitas Ia abraçá-lo, quando

entrou a senhora Clive-Hart, em companhia de um dos estroinas seus amigos, chamado Birton.

— E então? — disse a dama a rir. — É verdade que mataste um homem hoje? Devia ser algum aborrecido; é bom livrar o mundo dessa espécie de gente. Quando te vier vontade de matar outro, peço-te que dês preferência a meu marido; pois ele me aborrece furiosamente.

Eu contemplava aquela mulher da cabeça aos pés. Era bela, mas pareceu-me ter qualquer coisa de sinistro na fisionomia. Jenni não ousava responder e baixava os olhos porque eu me achava presente.

— Que é que tens, meu amigo? — indagou Birton. — Até parece que praticaste algum mal; pois eu venho remir os teus pecados. Olha, eis aqui um livrinho que acabo de comprar no Lintot; ele prova, como dois e dois são quatro, que não há nem Deus, nem vício, nem virtude: isso é consolador. Vamos beber.

Ante essas estranhas palavras, retirei-me o mais depressa possível. Fiz ver discretamente ao senhor Freind o quanto necessitava o filho da sua presença e dos seus conselhos. “O mesmo penso eu — disse aquele bom pai, — mas comecemos por lhe pagar as dívidas.” Todas foram liquidadas na manhã seguinte. Jenni veio lançar-se a seus pés. Pois acreditais que o pai não lhe fez censura

alguma? Abandonou-a à própria consciência, dizendo-lhe apenas: “Meu filho, lembra-te de que não há felicidade sem virtude.”

Em seguida fez casar Boca Bermeja com o bacharel de Catalunha, pelo qual tinha ela uma secreta inclinação, apesar das lágrimas que derramara por Jenni; pois tudo isso se combina maravilhosamente nas mulheres. Dizem que é nos seus corações que todas as contradições se reúnem. Sem dúvida é porque foram originariamente formadas de uma costela nossa.

O generoso Freind pagou o dote do casal; deixou bem colocados todos os seus novos conversos, graças à proteção de milorde Peterborou: pois não basta assegurar a salvação dos outros; é preciso fazê-los viver.

Tendo despachado todas essas boas ações com aquele ativo sangue-frio que sempre me espantava, concluiu que não havia outro partido para recolocar o filho no reto caminho, senão casá-lo com uma criatura de bom nascimento, que tivesse beleza, caráter, inteligência, e até um pouco de riqueza; pois era o único meio de afastar Jenni dessa detestável Clive-Hart e dos perdidos que ele freqüentava.

Tinha eu ouvido falar na senhora Primerose, jovem herdeira, criada por milady Hervey, sua parenta. Milorde Peterborou introduziu-me em

casa de milady Hervey. Vi Miss Primerose e achei-a capaz de satisfazer a todos os desígnios de meu amigo Freind. Jenni, em meio à sua vida desregrada, dedicava profundo respeito e mesmo ternura ao pai. Agora, o que mais o sensibilizava é que o pai não lhe fazia nenhuma censura ao passado. Suas dívidas saldadas sem avisá-lo, sábios conselhos dados a propósito e sem reprimendas, mostras de amizade escapadas de tempos em tempos, sem nenhuma familiaridade que as pudesse aviltar, tudo isso penetrava Jenni, que nascera com sentimento e bastante inteligência. Todas as razões tinha eu para crer que a fúria de suas desordens acabaria cedendo aos encantos de Primerose e às admiráveis virtudes de meu amigo.

O próprio milorde Peterborou apresentou primeiro o pai e depois Jenni em casa de milady Hervey. Notei que a extrema beleza de Jenni causou logo uma impressão profunda no coração de Primerose; pois vi-a baixar os olhos, erguê-los e enrubescer. Jenni apenas se mostrou polido, e Primerose confessou a milady Hervey que desejaria muito que essa polidez fosse amor.

Pouco a pouco o nosso belo jovem foi descobrindo todo o mérito daquela incomparável moça, embora estivesse subjugado pela infame Clive-Hart. Achava-se como aquele indiano convidado por um anjo a colher um fruto celeste,

e retido pelas garras de um dragão. Sufoca-me, neste instante, a lembrança do que vi. Minhas lágrimas molham o papel. Quando houver recobrado a calma, retomarei o fio de minha história.

CAPÍTULO VI

Terrível aventura

Estava prestes a concluir-se o casamento da bela Primerose com o belo Jenni. O nosso amigo Freind jamais gozara de tão pura alegria; eu a compartilhava. E eis como se transforma ela numa desgraça que mal Posso compreender.

A Clive-Hart amava Jenni, sem deixar de fazer-lhe contínuas traições. É a sorte, dizem, de todas as mulheres que, desprezando demais o pudor, renunciaram à probidade. Ela traía principalmente o seu querido Jenni com o seu querido Birton e mais um outro debochado da mesma têmpera. Viviam juntos na crápula. E uma coisa que talvez só se veja em nosso país é que eles todos tinham espírito e valor. Infelizmente, nunca tinham tanto espírito como contra Deus. A casa da senhora Clive-Hart era o salão dos ateus. Se ao menos fossem ateus honrados, como Epicuro e Leontium, como Lucrécio e Memmius, como Spinoza, que dizem ter sido um dos homens mais honestos da Holanda, como Hobbes, tão fiel a seu desgraçado soberano Carlos I...

Como quer que seja, Clive-Hart, furiosamente enciumada da terna e inocente Primerose, sem que fosse fiel a Jenni, não pôde suportar aquele feliz enlace. Medita uma vingança de que não creio haja exemplo em nossa cidade de Londres, onde no entanto nossos pais viram tantos e tão diversos crimes.

Soube que Primerose devia passar pela sua porta ao voltar do centro, onde fora a compras, com a camareira. Manda então consertar um encanamento subterrâneo que levava água a sua casa.

A carruagem de Primerose foi obrigada, na volta, a parar ante o obstáculo. A Clive-Hart aparece, pede-lhe que desça, que descanse um pouco, que tome alguns refrescos, enquanto não fica desimpedida a passagem. A bela Primerose tremia ante este convite; mas Jenni achava-se no vestíbulo. Um movimento involuntário, mais forte que a reflexão, fê-la descer. Jenni corria a seu encontro, oferecendo-lhe a mão. Ela entra; o marido de Clive-Hart era um bêbedo imbecil, odioso a sua mulher tanto quanto submisso, e talvez exatamente por suas complacências. Balbuciando, oferece primeiro uns refrescos à senhorita que lhe honra a casa, e também se serve depois dela. A senhora Clive-Hart leva-os em seguida e manda trazer outros. Nesse meio

tempo, a rua é desembaraçada e Primerose sobe no carro e regressa à casa da mãe.

Um quarto de hora após, queixa-se de náuseas e vertigens. Atribui-se esse pequeno desarranjo ao movimento da carruagem. Mas o mal aumenta de instante a instante; e, no dia seguinte, estava à morte. O senhor Freind e eu corremos à sua residência. Fomos encontrar aquela encantadora criatura pálida, lívida, agitada de convulsões, os lábios contraídos, os olhos ora apagados, ora fulgurantes, e sempre fixos. Manchas negras lhe desfiguravam a bela garganta e o belo rosto. Sua mãe achava-se desmaiada junto ao leito. O prestativo Cheselden prodigalizava em vão todos os recursos da sua arte. Não vos pintarei o desespero de Freind; era inexprimível. Corro à casa da Clive-Hart. Informo-me de que seu marido acaba de morrer, e que sua mulher desertara de casa. Procuro Jenni; impossível encontrá-lo. Conta-me uma criada que a sua patroa se lançara aos pés de Jenni, conjurando-o a não abandoná-la na sua desgraça. Diz mais que ela partira com Jenni e Birton, e que ninguém sabe para onde foram.

Esmagado com esses repentinos e múltiplos golpes, o espírito agitado de terríveis suspeitas que eu repelia e que voltavam, arrasto-me até a casa da moribunda. “No entanto — dizia eu comigo mesmo, — se aquela abominável mulher

se lançou aos joelhos de Jenni, se lhe pediu misericórdia, é que então ele não era cúmplice. Jenni é incapaz de um crime tão covarde, tão medonho, que não teria nenhum interesse, nenhum motivo para cometer, que o privaria de uma mulher adorável e da sua fortuna, que o tornaria execrável ao gênero humano. Fraco, ter-se-á deixado subjugar por uma infeliz cuja perversidade desconhece. Não viu, como eu, Primerose moribunda; não teria deixado a cabeceira de seu leito para seguir a envenenadora de sua futura esposa." Devorado por esses pensamentos, penetro, trêmulo, na casa daquela que não mais esperava encontrar com vida. Ela respirava. O velho Clive-Hart sucumbira em um instante, porque seu corpo se achava, desgastado pelos excessos; mas a jovem Primerose era sustentada por uma natureza tão robusta como pura era a sua alma. Avistou-me e, com voz terna, me perguntou onde estava Jenni. Diante disto, confesso que uma torrente de lágrimas me correu dos olhos. Não pude responder-lhe; não pude falar ao pai. Foi preciso deixá-la enfim entre as mãos fiéis que a serviam.

Fomos informar milorde dessa desgraça. Vós lhe conheceis o coração: é tão terno para com os amigos como terrível para os inimigos. Nunca um homem se mostrou tão compassivo com mais dura fisionomia. Tanto se esforçou por socorrer a moribunda, por descobrir o refúgio de Jenni e da

sua celerada companheira, como se esforçara antes por dar a Espanha ao arquiduque. Todas as nossas pesquisas foram inúteis. Acreditei que Freind fosse morrer de desgosto. Corríamos, ora à casa de Primerose, cuja agonia se prolongava, ora a Rochester, a Douvres, a Portsmouth; enviava-se correio a toda parte, estava-se em toda parte, errava-se ao acaso como cães de caça que houvessem perdido a pista; e, enquanto isto, a desgraçada mãe da desgraçada Primerose via de hora a hora ir morrendo a filha.

Soubemos afinal que uma mulher muito moça e bonita, acompanhada de três jovens e alguns criados, embarcara em Neuport, no condado de Pembroke, em um pequeno navio cheio de contrabandistas, que ali se achava ancorado, e que esse navio partira para a América Setentrional.

Freind, a esta notícia, lançou um profundo suspiro; concentrou-se um momento e, apertando-me a mão, declarou:

— Devo ir à América.

Cheio de admiração e em pranto, respondi-lhe:

— Não vos deixarei. Mas que podereis fazer?

— Restituir meu filho único à sua pátria e à virtude, ou sepultar-me junto dele.

Não podíamos duvidar, com efeito, pelos sinais que nos deram, de que era Jenni que havia embarcado com aquela horrível mulher e Birton, e os mais do seu cortejo.

O bom pai, tendo tomado o seu partido, despediu-se de milorde Peterborou, que logo regressou à Catalunha, e fomos fretar em Bristol um navio até Delaware e Maryland. Concluía Freind que, estando essas paragens em meio às possessões inglesas, para lá deveríamos navegar, tivesse o filho rumado para o sul ou para o norte. Muniu-se de dinheiro, de letras de câmbio e de víveres, deixando em Londres um empregado com o encargo de lhe mandar notícias pelos navios que partiam semanalmente para Maryland ou a Pensilvânia.

Partimos; o pessoal de bordo, vendo a serenidade de Freind, supunha que se tratava de uma viagem de recreio. Mas, quando tinha só a mim por testemunha, os seus suspiros assaz denotavam o sofrimento que lhe ia na alma. Algumas vezes eu me aplaudia, em segredo, da honra de consolar tão bela alma. Um vento de oeste nos reteve longo tempo à altura das Sorlingas. Fomos obrigados a rumar para a Nova Inglaterra. Quantas informações tomamos por

toda a costa! Quanto tempo e quanto passo perdido! Afinal, tendo-se levantado um vento do nordeste, tocamos para Maryland. Foi lá que nos deram notícias de Jenni, da Clive-Hart e seus companheiros.

Haviam-se demorado mais de um mês no litoral, espantando toda a colônia com orgias e magnificências até então desconhecidas naquela parte do globo; depois haviam desaparecido, e ninguém sabia notícias suas.

Avançamos pela baía, com o intento de ir até Baltimore colher novas informações.

CAPÍTULO VII

O que aconteceu na América

Deparou-se-nos à direita, no litoral, uma habitação muito bem edificada. Era uma casa baixa, cômoda e limpa, entre uma granja espaçosa e um vasto estábulo, tudo cercado de um parque onde vicejavam todos os frutos da região. A propriedade pertencia a um velho que nos convidou a desembarcar, para visitá-la. Não tinha aspecto de inglês, e vimos logo, pelo sotaque, que se tratava de um estrangeiro. Deitamos âncora; descemos; o bom do homem recebeu-nos cordialmente, e ofereceu-nos a melhor refeição que se possa fazer no novo mundo.

Discretamente lhe insinuamos nosso desejo de saber a quem devíamos a bondade de tal recepção.

— Sou — disse ele — um desses a quem chamais selvagens. Nasci numa das montanha. azuis que bordam esta região, e que daqui avistais no ocidente. Quando menino, fui mordido por uma cascavel, numa dessas montanhas; estava abandonado, ia morrer. Mas o pai do lorde Baltimore de hoje, encontrando-me, entregou-me

aos cuidados de seu médico, e a ele devi a minha salvação. Em breve retribui o que lhe devia; pois lhe salvei a vida durante um combate com uma horda vizinha. Como recompensa, deu-me ele esta casa, onde vivo feliz.

Perguntou-lhe o senhor Freind se ele não era da mesma religião de Lorde Baltimore.

— Eu? — disse ele. — Eu sou da minha. Porque há de querer o senhor que eu seja da religião de um outro homem?

Essa curta e enérgica resposta nos fez refletir um pouco.

— Tendes então — lhe disse eu — o vosso Deus e a vossa lei?

— Sim — respondeu-nos, com uma segurança que nada tinha de altivez. — Lá está o meu Deus (e apontou para o céu) e aqui a minha lei (e pôs a mão no coração).

Disse-me o sr. Freind, cheio de admiração:

— Essa pura natureza sabe mais sobre o assunto do que todos os bacharéis que discutiram conosco em Barcelona.

Estava ansioso por saber, se possível, alguma notícia certa acerca de seu filho Jenni. Era um peso que o oprimia. Perguntou se não tinham

ouvido falar daquele bando de jovens que tanto estardalhaço fizera pelas redondezas.

— Como? Se me falaram neles?! — exclamou o velho.

— Mas eu próprio os vi, hospedei-os em casa, e ficaram tão satisfeitos com a minha recepção, que partiram com uma de minhas filhas.

Imaginai qual não foi o choque e o terror de meu amigo, ao ouvir tais palavras. Não pode deixar de exclamar, no primeiro impulso:

Como! Então foi raptada por meu filho?!

Bom inglês — retrucou o velho, — não te incomodes; estimo muito que aquele que partiu de minha casa com minha filha seja teu filho; pois é belo, bem proporcionado e parece corajoso. Não, ele não raptou a minha querida Paruba; pois deves saber que Paruba é o seu nome, porque Paruba é o meu. Se ele houvesse raptado a minha Paruba, seria um roubo; e os meus cinco filhos machos, que estão a caçar pela vizinhança, a quarenta ou cinqüenta milhas daqui, não teriam suportado essa afronta. É um grande pecado roubar o bem alheio. A minha filha foi por sua própria vontade com esses jovens; quis visitar o país; é uma pequena satisfação que não se deve recusar a uma criatura da sua idade. Esses

viajantes ma devolverão em menos de um mês, tenho certeza, pois assim me prometeram.

Tais palavras me teriam feito rir, se a dor em que eu via absorto o meu amigo também não me houvesse penetrado a alma.

À noite, quando estávamos prestes a partir, aproveitando o vento, chega um dos filhos de Paruba, sem fôlego, com a palidez, o horror e o desespero estampado no rosto.

— Que tens, meu filho? De onde vens? Eu te supunha na caça. Que te aconteceu? Foste fendo por algum animal selvagem?

Não, meu pai, não fui ferido, mas estou morrendo. Mas de onde vens, mais uma vez te pergunto, meu caro filho?

— Venho de quarenta milhas de distância, mas estou morto.

O pai, trêmulo, obriga-o a descansar. Dão-lhe estimulantes; apressuramo-nos em torno dele, os seus irmãozinhos, as suas irmãzinhas, o sr. Freind, eu e nossos criados. Depois que se refez, lançou-se ao pescoço do bom velho Paruba.

— Ah! — disse ele soluçando. — A minha irmã Paruba é prisioneira de guerra, e provavelmente vai ser devorada.

A estas palavras, o velho Paruba caiu por terra. O senhor Freind, que também era pai, sentiu um aperto nas entranhas. Afinal Paruba filho nos relatou que um bando de jovens ingleses muito estouvados atacara por passatempo os habitantes da montanha azul.

— Levavam consigo — disse ele — uma bela mulher e sua criada; e não sei como é que minha irmã se encontrava em tal companhia. A bela inglesa foi morta e comida; minha irmã foi feita prisioneira e será igualmente devorada. Venho aqui procurar auxílio contra os habitantes da montanha azul; quero matá-los, comê-los por minha vez, tomar-lhes minha irmã, ou morrer.

Foi então a vez do senhor Freind desmaiar; mas o hábito de dominar-se sustentou-o.

Deus me deu um filho — disse-me ele. — Retomará o filho e o pai, quando for chegado o momento de executar seus eternos desígnios. Meu amigo, sou tentado a crer que Deus age às vezes por meio de uma providência particular, submetida às suas leis gerais, visto que pune na América os crimes cometidos na Europa e que a celerada Clive-Hart morreu como devia. Talvez o soberano fabricador de tantos mundos haja arranjado as coisas de modo que os grandes males cometidos em um globo sejam algumas vezes expiados nesse mesmo globo. Não ouso

acreditá-lo, mas desejo-o; e assim acreditaria, se essa idéia não fosse contrária a todas as regras da boa metafísica.

Após reflexões tão tristes sobre tão fatais aventuras, muito comuns na América, Freind tomou incontinenti o seu partido, como costumava.

— Tenho — disse ele a seu hospedeiro — um bom navio, bem aprovisionado; remontemos o golfo com a maré, o mais perto possível das montanhas azuis. Meu mais urgente empenho é agora salvar a vossa filha. Vamos ter com os vossos antigos compatriotas; direis a eles que lhes venho trazer o cachimbo da paz e que sou neto de Penn: este nome bastará.

A esse nome de Penn, tão venerado em toda a América boreal, o bom Paruba e seu filho sentiram-se tomados do mais profundo respeito e da mais grata esperança. Embarcamos, velejamos e, em trinta e seis horas, já estávamos desembarcando nas proximidades de Baltimore.

Apenas nos achávamos à vista dessa praça, então quase deserta, quando divisamos de longe um numeroso bando de habitantes das montanhas azuis, que desciam para a planície com maças, machados e esses mosquetões que os europeus tão tolamente lhes haviam vendido para conseguir peles. Já se ouviam terríveis gritos. De

outro lado, avançavam quatro cavaleiros, seguidos de alguns homens a pé. Essa pequena tropa nos tomou por gente de Baltimore que lhes fosse dar combate: Os cavaleiros correm para nós a toda brida, com o sabre em punho. Nossos companheiros preparavam-se para os receber. O senhor Freind, depois de olhar fixamente os cavaleiros, estremeceu um instante; mas, retomando logo o sangue-frio, disse-nos com voz comovida:

— Não se movam, meu amigos; deixem-me agir sozinho. Avança com efeito sozinho, sem armas, a passo lento, ao encontro da tropa. Vemos, num ápice, o chefe abandonar as rédeas de seu cavalo, lançar-se por terra, e tombar prosternado. Lançamos um grito de espanto; aproximamo-nos: era o próprio Jenni que banhava de lágrimas os pés do pai, o qual o enlaçava com suas mãos trêmulas. Nenhum dos dois podia falar. Birton e os dois jovens cavaleiros que o acompanhavam apearam do cavalo. Mas Birton, conservando o seu caráter, disse-lhe:

— Oh! meu caro Freind, eu não te esperava por aqui. Fomos feitos para as aventuras. Francamente, muito prazer em ver-te.

Freind, sem se dignar responder-lhe, voltou-se para o exército das montanhas azuis, que

avançava. E encaminhou-se na sua direção apenas com Paruba, que servia de intérprete.

— Compatriotas — disse-lhes Paruba, — eis aqui o descendente de Penn, que vos traz o cachimbo da paz.

A estas palavras, respondeu o mais antigo do povo, erguendo as mãos e os olhos ao céu.

— Um filho de Penn! Que eu lhe beije os pés e as mãos, e as partes sagradas da geração. Possa ele fazer uma longa raça de Penn! Que os Penn vivam para sempre! O grande Penn é o nosso manitu, o nosso Deus. Foi quase o único europeu que não nos enganou, que não se apoderou de nossas terras à força. Comprou a região que lhe cedemos; pagou-a liberalmente; manteve a concórdia entre nós; trouxe remédios para as poucas doenças que nos comunicava o nosso contato com europeus; ensinou-nos artes que ignorávamos. Jamais fumamos contra ele nem contra seus filhos o cachimbo da guerra; para os Penn, só temos o cachimbo da adoração.

Tendo assim falado em nome de seu povo, correu com efeito a beijar as mãos e os pés do senhor Freind; mas absteve-se de chegar às partes sagradas quando lhe disseram que isso não era costume na Inglaterra e que cada terra tem as suas cerimônias.

Freind mandou trazer imediatamente de bordo umas três dúzias de presuntos, outros tantos pastelões e frangos recheados e duzentos garrafões de vinho de Pontac. Jenni e seus companheiros tomaram parte no festim; mas Jenni preferia achar-se a cem pés abaixo da terra. O pai não lhe dizia palavra; e tal silêncio ainda mais lhe aumentava a vergonha.

Birton, a quem tudo era igual, mostrava uma estouvada alegria. Antes de começarem a comer, disse Freind ao bom Paruba: “Só nos falta aqui uma estimada criatura, a vossa filha.” Imediatamente o comandante das montanhas azuis a mandou buscar; não lhe tinham feito nenhum ultraje; ela abraçou o pai e o irmão como se voltasse de um passeio.

Aproveitei-me da liberdade do repasto para indagar porque motivo haviam os guerreiros das montanhas azuis matado o devorado a senhora Clive-Hart, e nada tinham feito à filha de Paruba.

— É porque somos justos — respondeu o comandante. — Essa orgulhosa inglesa era do bando que nos atacou, matou um dos nossos por trás, com um tiro de pistola. Nada fizemos a Paruba ao saber que era filha de um dos nossos antigos camaradas e que aqui só viera divertir-se; a cada qual pelo que faz.

Freind mostrou-se muito bem impressionado com essa máxima; mas observou que o costume de devorar mulheres era indigno de tão brava gente e que, com tantas virtudes, não deviam ser antropófagos.

O chefe das montanhas perguntou-nos então o que fazíamos com os nossos inimigos, depois de os matar.

— Nós os enterramos — respondi-lhe.

— Quer isto dizer — retrucou — que os dais de comer aos vermes. Nós queremos a primazia; nossos estômagos são uma sepultura mais honrosa.

Birton divertiu-se em sustentar a opinião das montanhas azuis. Disse que o costume de levar o próximo para a panela ou para o espeto era o mais antigo, e o mais natural, pois já o haviam encontrado assente em ambos os hemisférios; que estava por conseguinte provado tratar-se de uma idéia inata; que tinham saído à caça de homens antes de ir à caça de animais, pela razão de que era mais fácil matar um homem do que matar um lobo; que, se os judeus, nos seus livros por tanto tempo ignorados, imaginaram que um chamado Caim matou um chamado Abel, talvez fosse apenas para o comer; que esses próprios judeus confessam claramente haver-se alimentado várias vezes de carne humana; que,

segundo os melhores historiadores, os judeus devoraram as carnes sangrentas dos romanos assassinados por eles no Egito, em Chipre, na Ásia, quando das suas revoltas contra os imperadores Trajano e Adriano.

Deixamo-lo dizer esses duros gracejos, cujo fundo podia infelizmente ser verdadeiro, mas que nada tinham do aticismo grego e da urbanidade romana.

O bom Freind, sem lhe responder, dirigiu a palavra aos nativos. Paruba interpretava-o frase a frase. Jamais o grave Tillotson falou com tanta energia. Jamais o insinuante Smalridge teve graças tão tocantes. O grande segredo está em demonstrar com eloqüência. Ele lhes demonstrou, pois, que esses festins, onde é servida a carne de nossos semelhantes, são repastos de abutres, e não de homens; que esse execrável costume inspira uma ferocidade destrutiva do gênero humano; que era a razão pela qual não conheciam eles nem as consolações da sociedade nem o cultivo da terra. Afinal juraram pelo seu grande Manitu que não mais comeriam nem homens nem mulheres.

Freind, em uma só conversação, tornou-se o seu legislador: era Orfeu que dominava os tigres. Os jesuítas, por mais que se atribuam milagres em suas Cartas curiosas e edificantes, que

raramente são uma coisa ou outra, jamais igualarão a nosso amigo Freind.

Após haver cumulado de presentes os senhores das montanhas, trouxe a bordo, de volta para casa, o velho Paruba, bem como o jovem Paruba e sua irmã; os outros irmãos prosseguiram a caçada, para as bandas da Carolina. Jenni, Birton e seus camaradas também vinham a bordo, O sábio Freind persistia no método de não dirigir a mínima censura a seu filho quando este fazia alguma das suas. Deixava-o examinar-se e devorar seu próprio coração, como diz Pitágoras. No entanto, tomou três vezes a carta que lhe haviam mandado da Inglaterra e, enquanto a relia, olhava para o filho, que sempre baixava os olhos; e no rosto do jovem liam-se o respeito e o arrependimento.

Quanto a Birton, estava tão alegre e desenvolto como se voltasse do teatro: era um caráter mais ou menos ao gosto do falecido conde de Rochester, extremo no deboche, na bravura, nas idéias, nas expressões, na filosofia epicurista, sem nunca estar ligado a coisa alguma, senão às coisas extraordinárias, de que logo se aborrecia; com essa sorte de espírito que toma as verossimilhanças por demonstrações; mais sábio, mais eloqüente do que nenhum jovem da sua idade, mas sem nunca se dar ao trabalho de aprofundar coisa alguma.

Ao sr. Freind, escapou dizer-me, enquanto jantava conosco a bordo:

— Na verdade, meu amigo, espero que Deus há de inspirar melhores costumes a esses jovens, que o terrível exemplo da Clive-Hart os possa corrigir.

Tendo ouvido essas palavras, disse-lhe Birton, em tom um pouco desdenhoso:

— Fazia muito que eu não estava nada contente com essa malvada Clive-Hart: não me importo mais com ela do que com uma franga gorda que houvessem mandado para o espeto. Mas, falando sério, achais que exista, não sei onde, um ser continuamente ocupado em punir todas as más mulheres e todos os homens perversos que povoam e despovoam os quatro cantos do nosso pequeno mundo? Esqueceis que a nossa detestável Maria, filha de Henrique VIII, foi feliz até a morte? E no entanto fizera morrer, nas chamas, mais de oitocentos cidadãos e cidadãs, sob o pretexto de que não acreditavam nem na transubstanciação nem no papa. Seu pai, quase tão bárbaro quanto ela, e seu marido, mais profundamente mau, viveram nos prazeres. O papa Alexandre VI, mais criminoso do que eles todos, foi também o mais afortunado: todos os seus crimes lhe saíram bem, e ele morreu aos setenta e dois anos, poderoso, rico, cortejado por

todos os reis. Onde está, pois, o Deus justo e vingador? Não, por Deus! não existe Deus.

O senhor Freind, com um ar austero, mas tranqüilo, retrucou-lhe:

— Quer-me parecer que não devíeis jurar pelo próprio Deus que esse mesmo Deus não existe. Atentai em que Newton e Locke jamais pronunciaram esse nome sagrado senão com um ar de recolhimento e adoração secreta que foi notado por todo o mundo.

— Pox! — exclamou Birton. — Pouco me importa a cara que dois homens tenham feito. Que cara teria Newton quando comentava o Apocalipse? E que careta fazia Locke quando narrava a conversação de um papagaio com o príncipe Maurício?

Então Freind pronunciou estas belas palavras de ouro, que se gravaram em meu coração: Esqueçamos os sonhos dos grandes homens, e lembremo-nos das verdades que eles nos ensinaram.

Essa resposta provocou uma disputa regular, mais interessante que a conversação com o bacharel de Salamanca. Meti-me a um canto e anotei tudo quanto se disse. O público cercou os dois contendores: o velho Paruba, o seu filho, e principalmente a sua filha, e os companheiros de

Jenni, escutavam, com o pescoço estendido, os olhos fixos; e Jenni, de cabeça baixa, com os cotovelos sobre os joelhos, as mãos sobre os olhos, parecia mergulhado na mais profunda meditação. Eis a polêmica, palavra por palavra.

CAPÍTULO VIII

Diálogo de Freind e de Birton sobre o ateísmo

Freind: — Não vos repetirei, Senhor, os argumentos metafísicos de nosso famoso Clarke. Exorto-vos simplesmente a lê-los; são mais próprios para vos esclarecer do que para vos comover: não vos quero trazer senão razões, que talvez falem mais a vosso coração.

Birton: — Com muito prazer; quero que me divirtam e que me interessem; odeio os sofismas: as disputas metafísicas se assemelham a bolas cheias de vento que os combatentes atiram um ao outro. As bexigas rebentam, o ar escapa-se: nada sobra.

Freind: — Talvez nas profundezas do respeitável ariano Clarke haja algumas obscuridades, algumas bexigas; talvez se haja ele enganado sobre a realidade do infinito atual e do espaço, etc.; talvez, fazendo-se comentador de Deus, tenha imitado as vezes os comentadores de Homero, que lhe atribuem idéias que a Homero jamais ocorreram.

A estas palavras de infinito, espaço, Homero, comentadores, o velho Paruba e sua filha, e até alguns ingleses, resolveram ir tomar a fresca no

tombadilho; mas Freind prometeu ser inteligível, e eles permaneceram; e eu expliquei baixinho a Paruba algumas palavras um pouco científicas, que criaturas nascidas nas montanhas azuis não podiam compreender tão comodamente como doutores de Oxford e de Cambridge.

O amigo Freind continuou assim:

Seria triste que, para ter certeza da existência de Deus, fosse necessário ser um profundo metafísico: não haveria, quando muito, na Inglaterra, mais que uns cem espíritos versados nessa árdua ciência do pró e do contra que fossem capazes de sondar esse abismo, e o resto da terra inteira jazeria numa ignorância invencível, abandonado a suas paixões brutais, governado tão só pelo instinto, e só raciocinando passavelmente sobre as grosseiras noções de seus interesses carnais. Para saber se há um Deus, só vos peço uma coisa: é abrirdes os olhos.

Birton: — Ah! já sei: recorrer a esse velho e batido argumento de que o sol gira em torno do seu eixo em vinte e cinco dias e meio, a despeito da absurda Inquisição de Roma; que a luz nos chega refletida de Saturno em catorze minutos, apesar das suposições absurdas de Descartes; que cada estrela fixa é um sol como o nosso, cercado de planetas; que todos esses astros inumeráveis, colocados nas profundezas do

espaço, obedecem às leis matemáticas descobertas e demonstradas pelo grande Newton; que um catequista anuncia Deus às crianças, e que Newton o prova aos sábios, como o disse um filósofo frenchman, perseguido no seu engraçado país por havê-lo dito.

Não vos atormenteis em patentear-me essa ordem constante que reina em todas as partes do universo: afinal de contas, tudo o que existe deve estar numa ordem qualquer; a matéria mais rarefeita deve elevar-se acima da mais maciça, o mais forte deve fazer pressão, em todos os sentidos, sobre o mais fraco, o que é impulsionado com maior movimento deve correr mais depressa que o seu igual; tudo se arranja assim por si mesmo. Ainda que bebêsseis uma pinta de vinho, como Esdras, e falásseis, como ele, novecentas e sessenta horas seguidas, sem fechar a boca, nem por isso eu vos acreditaria mais. Queríeis que eu adotasse um Ser eterno, infinito e imutável, a quem aprouve, não sei em que tempo, criar, do nada, coisas que mudam a todo instante, e fazer aranhas para que destripem moscas? Queríeis que eu dissesse, com esse impertinente de Nienventyd, que Deus nos deu ouvidos para termos fé, porque a fé nos vem por ouvir dizer. Não, não acreditarei em charlatães que venderam caro a sua droga a imbecis.

Reporto-me ainda ao livrinho desse frenchman que disse que nada existe e nada pode existir, senão a natureza; que a natureza faz tudo, que a natureza é tudo, que é impossível e contraditório que exista alguma coisa além do tudo; numa palavra, só creio na natureza.

Freind: — E se eu vos dissesse que não há natureza, e que em nós, em torno de nós, e a cem milhões de léguas, tudo é arte sem nenhuma exceção?

Birton: — Como! Tudo é arte? Mais outra!

Freind: — Quase ninguém atenta nisso; e no entanto nada é mais verdadeiro. Sempre hei de dizer: Servi-vos de vossos olhos, e reconhecereis, adorareis um Deus. Pensai em como esses globos imensos, que vedes rolar em sua imensa carreira, observam as leis de uma profunda matemática: há, pois, um grande matemático, a que Platão chamava o Eterno Geômetra.

Admirais essas máquinas recém-inventadas a que chamam oreri, porque milorde Oreri as pôs em moda, protegendo o operário com suas liberalidades; é uma cópia muito fraca do nosso mundo planetário e das suas revoluções, o próprio período da mudança dos solstícios e dos equinócios, que nos traz dia a dia uma nova estrela polar.

Esse período, esse curso tão lento de cerca de vinte e seis mil anos, não pôde ser executado por mãos humanas em nosso oreri. Essa máquina é muito imperfeita: é preciso acioná-la a manivela; no entanto, é uma obra-prima da habilidade de nossos artífices. Julgai, pois, qual não é o poder, qual não é o gênio do eterno arquiteto, se nos podemos servir desses termos impróprios, tão mal adequados ao Ser Supremo.

Dei a Paruba uma ligeira idéia do oreri. Pile disse: “Se há gênio nessa cópia também o deve haver no original. Eu desejaria ver um oreri; mas o céu é mais belo.” Todos os assistentes, ingleses e americanos, ao ouvir tais palavras, sentiram-se igualmente tocados da verdade, e ergueram as mãos ao céu. Birton permaneceu pensativo, depois exclamou: “Como! Tudo seria então arte, e a natureza não mais que a obra de um supremo artífice! Será possível?”

O sábio Freind continuou assim:

Volvei agora os olhos para vós mesmos. Examinai com que arte espantosa, e nunca assaz desvendada, tudo aí está construído, por dentro e por fora, para todos os vossos usos e todos os vossos desejos; não pretendo dar aqui uma lição de anatomia, bem sabeis que não há uma víscera que não seja necessária e que não seja socorrida, quando em perigo, pelo jogo contínuo das

vísceras vizinhas. Os socorros, no corpo, se acham tão artificiosamente preparados, que não há nenhuma veia que não tenha as suas válvulas e eclusas, para abrir passagem ao sangue. Desde a raiz dos cabelos até os dedos dos pés, tudo é arte, tudo é preparação, meio e fim. E, na verdade, só se pode sentir indignação contra aqueles que ousam negar as verdadeiras causas finais, e que têm bastante má fé ou fúria para dizerem que a boca não é feita para falar e comer; nem que os olhos não estejam maravilhosamente dispostos para ver, nem os ouvidos para ouvir; nem as partes da geração para engendrar: tão louca é essa audácia que tenho dificuldade em compreendê-la.

Confessemos que cada animal é um testemunho do supremo artífice.

A mais pequena relva basta para confundir a inteligência humana; e tão verdade é isso, que é impossível aos esforços de todos os homens reunidos produzir uma folhinha de capim se o germe não estiver na terra. E não se deve dizer que os germes apodrecem para produzir; pois tais asneiras não se dizem mais.

A assembléia sentiu a verdade dessas provas mais vivamente que todo o resto, porque eram mais palpáveis. Birton dizia entre dentes: “Será preciso submeter-me a reconhecer um Deus?

Veremos isso; por Deus, é um assunto que se deve examinar.” Jenni, que continuava imerso em profunda cisma, sentia-se abalado; e o nosso Freind terminou a sua frase:

Não, meus amigos, nós não fazemos nada, nada podemos fazer; é-nos dado arranjar, unir, desunir, numerar, pesar, medir; mas fazer! Qual! Só quem faz é o Ser necessário, o Ser eternamente existente por si mesmo. Eis porque os charlatães que procuram a pedra filosofal são sempre tamanhos imbecis ou tamanhos velhacos. Gabam-se de criar ouro, e seriam incapazes de criar lama.

Confessemos pois, meus amigos, que existe um Ser supremo, necessário, incompreensível, que nos fez a todos.

Birton: — E esse Ser, onde está? Se há um, por que se esconde? Quem jamais o viu Devemo-nos esconder depois de ter feito o bem?

Freind: — Vistes alguma vez Cristovão Ken, que construiu S. Paulo de Londres? No entanto, está demonstrado que esse edifício é obra de um hábil arquiteto.

Birton: — Todos concebem facilmente que Ken haja construído com muito dinheiro esse vasto edifício, onde Burgess nos adormece quando prega. Bem sabemos por que e como

ergueram os nossos pais essa construção. Mas por que e como teria um Deus criado do nada este universo? Conheceis a velha máxima de toda a Antigüidade: Nada se pode criar, nada volta a nada. É uma verdade de que ninguém jamais duvidou. Até a vossa Bíblia diz expressamente que o vosso Deus fez o céu e a terra, embora o céu, isto é, a reunião de todos os astros seja tão superior à terra como a terra o é ao menor dos grãos de areia; mas a vossa Bíblia jamais disse que Deus tenha feito o céu e a terra absolutamente com coisa alguma: não pretende que Deus tenha feito a mulher de nada. Formou-a singularmente de uma costela que arrancou ao marido. O caos existia, segundo a própria Bíblia, antes da terra: a matéria era, pois, tão eterna quanto o vosso Deus.

Elevou-se então um pequeno murmúrio na assembléia; dizia-se: “É bem possível que Birton esteja com a razão”; mas Freind respondeu:

Já vos provei, creio eu, que existe uma inteligência suprema, uma potência eterna a que devemos uma existência passageira: não vos prometi explicar o “por que” nem o “como”. Deus me deu suficiente razão para compreender que ele existe, mas não o bastante para saber ao certo se a matéria lhe foi eternamente submissa, ou se ele a fez nascer no tempo. Que vos importa a eternidade ou a criação da matéria, contanto que

reconheçais um Deus, um senhor da matéria e senhor vosso?

Perguntais onde está Deus; nada sei, e não devo sabê-lo. Sei que ele existe, sei que ele é nosso senhor, que faz tudo, que tudo devemos esperar da sua bondade.

Birton: — Da sua bondade! Estais troçando comigo. Dissestes: “Servi-vos dos olhos”. Pois eu vos digo: “Servi-vos dos vossos.” Lançai um único olhar que seja, à terra inteira, e vede se o vosso Deus é bom.

O sr. Freind sentiu que ai é que estava o forte da discussão, e que Birton lhe preparava um rude assalto. Percebeu que os ouvintes, principalmente os americanos, tinham necessidade de tomar ares para escutar e eles para falar. Recomendou-se a Deus; foram passear pelo tombadilho; em seguida tomaram chá no iate, e recomeçou a discussão.

CAPÍTULO IX

Sobre o ateísmo

Birton: — Por Deus, senhor! Não vos saireis tão bem no artigo da bondade como no referente ao poder e à indústria; falarei primeiro dos enormes defeitos deste globo, que são precisamente o oposto dessa tão gabada indústria; em seguida vos farei ver os crimes e males perpétuos dos habitantes, e julgareis do paternal afeto que, na vossa opinião, lhes dedica o Senhor.

Começo por vos dizer que os naturais de Glocestershire, minha terra, quando fazem nascer cavalos nos seus haras, criam-nos em belas pastagens, dão-lhes depois uma boa estrebaria, e aveia e feno com fartura; mas dizei-me, que alimento e que abrigo tinham esses pobres americanos do norte, quando os descobrimos passados tantos séculos. Tinham de correr trinta a quarenta milhas para conseguir o que comer. Toda a costa boreal do nosso antigo mundo definha mais ou menos sob a mesma necessidade; e, desde a Lapônia sueca até os mares setentrionais do Japão, cem povos arrastam a sua vida, tão curta quão insuportável,

numa miséria terrível, em meio das neves eternas.

Os mais belos climas estão continuamente expostos a flagelos destruidores. Aí marchamos sobre acesos abismos recobertos de terrenos férteis, que são ciladas de morte. Não há outros infernos sem dúvida; e esses infernos se abriram milhentas vezes sob nossos passos.

Falam-nos de um dilúvio universal, fisicamente impossível, e de que riem todas as pessoas sensatas; mas ao menos consolam-nos dizendo que somente durou dez meses: devia ele ter apagado esses fogos que depois destruíram tantas cidades florescentes. Informa-nos o vosso Santo Agostinho que um só terremoto, na Líbia, abrasou e subverteu cem cidades inteiras; esses vulcões abalaram toda a bela Itália. Para cúmulo de males, nem os tristes habitantes das zonas glaciais se acham isentos desses pegos subterrâneos; os islandeses, sempre ameaçados, vêem, pela frente, a fome, e, à direita e à esquerda, cem pés de flama e cem pés de gelo no seu monte Hecla: pois todos os grandes vulcões ficam situados naquelas horríveis montanhas.

E não nos venham dizer que essas montanhas de duas mil toesas de altura não são nada em relação à terra, que tem três mil léguas de diâmetro; que são como as granulações da

casca de uma laranja sobre a redondeza desse fruto; que se acham na razão de um pé para três mil. Ai! que somos nós então, se as altas montanhas só fazem sobre a terra a figura de um pé sobre três mil e de quatro polegadas sobre nove mil pés? Somos portanto animais absolutamente imperceptíveis; e no entanto vemo-nos esmagados por tudo o que nos cerca, embora a nossa infinita pequenez, tão vizinha do nada, nos devesse colocar ao abrigo de todos os acidentes. Após essa infinidade de cidades destruídas, reconstruídas e novamente destruídas como formigueiros, que diremos desses mares de areia que atravessam o meio da África e cujas vagas ardentes, amontoadas pelos ventos, engoliram exércitos inteiros? De que servem esses vastos desertos ao lado da velha Síria? Desertos tão horrendos, tão inabitáveis, que esses animais ferozes chamados judeus se julgaram no paraíso terrestre quando passaram, daqueles lugares de horror, para um recanto de terra onde se podiam cultivar algumas jeiras.

E ainda não basta que o homem, essa nobre criatura, tenha sido tão mal alojado, tão mal vestido, tão mal alimentado durante séculos. Nasce, entre a urina e a matéria fecal, para respirar dois dias; e, durante esses dois dias, compostos de enganadoras esperanças e de aborrecimentos reais, o seu corpo, formado com uma arte inútil, está à mercê de todos os males

que resultam dessa mesma arte; vive entre a peste e a sífilis; a fonte de seu ser se acha envenenada; não há quem possa reter na memória a lista de todas as doenças que nos perseguem; e o médico das urinas na Suíça, pretende curá-las todas!

Enquanto Birton assim falava, o auditório se mostrava atento e impressionado. “Vejamos — dizia consigo Paruba — como o nosso doutor se sairá desta.” O próprio Jenni deixou escapar em voz baixa: “Palavra, ele tem razão; tolo fui eu em me impressionar com os discursos de meu pai.” O senhor Freind deixou passar essa onda, que agitava todas as imaginações, e depois disse:

Um jovem teólogo responderia com sofismas a essa torrente de tristes verdades e vos citaria S. Basílio e S. Cirilo, que não têm o que fazer aqui; quanto a mim, senhores, confessarei sem rodeios que há muito mal físico sobre a face da terra; não lhe subestimo a existência; mas o sr. Birton exagerou-a demasiado. Reporto-me a vós, meu caro Paruba: este clima foi feito para os americanos, e não é assim tão mau, já que nem vós, nem os vossos compatriotas, jamais quisestes deixá-lo. Os esquimós, os islandeses, os lapões, os ostíacos, os samoiedos, igualmente jamais quiseram abandonar o seu. Os rangíferes, os renas, que Deus lhes deu para os alimentar, vestir e carregar, morrem quando transportados

para outras zonas. Os próprios lapões também morrem em climas um pouco meridionais; o clima da Sibéria é demasiado quente para eles: sentir-se-iam abrasados na paragem em que nos achamos.

É claro que Deus fez cada espécie de animais e de vegetais para o local onde se perpetuam. Os negros, essa espécie de homens tão diferente da nossa, nasceram de tal modo para a sua pátria, que milhares desses negros animais se suicidaram, quando a nossa bárbara cupidez os transportou alhures. O Camelo e o avestruz vivem constantemente nas areias da África: o touro e suas companheiras movimentam-se nas regiões férteis em que a relva continuamente se renova para seu sustento; a canela e o cravo só crescem na Índia, o trigo só é bom nos poucos países em que Deus o fez nascer. Temos outros alimentos, em toda a vossa América, desde a Califórnia até o estreito de Lemaire; não podemos cultivar a vinha em nossa fértil Inglaterra; nem tampouco na Suécia e no Canadá. Eis por que aqueles que, em certos países, fundam os seus ritos religiosos em pão e vinho, não fizeram mais que consultar o seu clima; bem fazem eles em agradecer a Deus o alimento e a bebida que auferem da sua bondade; e vós, americanos, fareis bem em lhe dar graças, pelo vosso milho, a vossa mandioca e a vossa farinha. Deus, por toda a terra, proporcionou os órgãos e faculdades dos animais, desde o homem

ao caracol, aos locais onde lhes deu vida: não acusemos sempre a Providência quando tantas vezes lhe devemos ações de graças.

Consideremos os flagelos, as inundações, os vulcões, os terremotos. Se não reparais senão nessas calamidades, se só reunis um medonho conjunto de todos os incidentes que entravaram algumas engrenagens da máquina deste universo, Deus é um tirano; se atentais em seus inumeráveis benefícios, Deus é um pai. Vós me citais Santo Agostinho, o retórico, que, no seu livro dos milagres, fala de cem cidades destruídas ao mesmo tempo na Líbia; mas considerai que esse africano, que passou a vida a contradizer-se, prodigava em seus escritos a figura da ênfase: tratava os terremotos como a graça eficaz e a danação eterna de todas as criancinhas mortas sem batismo. Não disse ele, no seu trigésimo-sétimo sermão, ter visto na Etiópia uma raça de homens providos de um grande olho no meio da fronte, como os ciclopes, e povos inteiros sem cabeça?

Nós, que não somos doutores da Igreja, não devemos ficar muito além nem muito aquém da verdade: essa verdade é que, dentre cem mil casas, pode-se contar quando muito uma destruída cada século pelos fogos necessários à formação deste globo.

Tão necessário é o fogo ao universo inteiro que, se não fora ele, não haveria na terra nem animais, nem vegetais, nem minerais: não haveria nem sol nem estrelas no espaço. Esse fogo, espalhado por debaixo da primeira crosta da terra, obedece às leis gerais estabelecidas pelo próprio Deus; impossível que disso não resultem alguns desastres particulares: não se pode dizer que um artesão seja mau operário quando uma máquina imensa, construída por ele só, vem durando há tantos séculos sem desarranjar-se. Se um homem tivesse inventado uma máquina hidráulica que regasse e fertilizasse toda uma província, haveríeis de censurar-lhe que a água que ele vos propinou afogasse alguns insetos?

Já vos provei que a máquina do mundo é obra de um ser soberanamente inteligente e poderoso: vós, que sois inteligentes, deveis admirá-lo; vós, que sois cumulados de seus benefícios, deveis amá-lo.

Mas os infelizes, direis, condenados a sofrer toda a vida, acabrunhados de moléstias incuráveis, podem acaso admirá-lo e amá-lo? Eu vos direi, meus amigos, que essas doenças tão cruéis vêm quase todas por culpa nossa, ou por culpa dos nossos pais, que abusaram do seu corpo, e não por culpa do grande artífice. Quase não se conheciam outras enfermidades além da decrepitude, em toda a América setentrional,

antes de que para cá houvéssemos trazido essa água de morte a que chamamos eau-de-vie(7) e, e que traz mil males diversos a quem quer que a beba em demasia. O contágio secreto das Caraíbas, a quem vós, os jovens, chamais de pox, não passava de uma leve indisposição cuja origem, ignorávamos e de que nos curávamos em dois dias com guaiaco ou caldo de tartaruga; a incontinência dos europeus transplantou para o resto do mundo esse incômodo, que tomou entre nós um caráter tão funesto e se transformou em tão abominável flagelo. Lemos que vieram a morrer desse mal o papa Júlio II, o papa Leão X, um arcebispo de Mogúncia chamado Benneberg e o rei de França Francisco I.

A varíola, originada na Arábia Felix, era tão somente uma fraca erupção, uma ebulição passageira e sem perigo, uma simples depuração do sangue: tornou-se mortal na Inglaterra, como em tantos outros climas; nossa cupidez a trouxe para este mundo; ela o despovoou.

Cumpre lembrar que, no poema de Milton, esse tolo do Adão pergunta ao anjo Gabriel se viverá por muito tempo. “Sim — respondeu-lhe o anjo, — se observares a grande regra: Nada em excesso.” Observai todos essa regra, meus amigos; acaso vos atreveríeis a exigir que Deus vos fizesse viver sem dor durante séculos inteiros, em recompensa da vossa gula, da vossa

embriaguez, da vossa incontinência, do vosso abandono a infames paixões que corrompem o sangue e abreviam fatalmente a vida?

Aprovei tal resposta; Paruba ficou muito satisfeito com ela; mas Birton não se abalou; e notei pelos olhos de Jenni, que este ainda se achava bastante indeciso. Birton replicou como segue:

Já que vos servistes de lugares-comuns de envolta com algumas reflexões novas, empregarei também um lugar comum ao qual jamais se respondeu senão com ficções e verbiagem. Se existisse mesmo um Deus tão poderoso e tão bom, não teria ele posto o mal na terra; não teria devotado as suas criaturas ao sofrimento e ao crime. Se ele não pôde impedir o mal, é impotente, se o pôde e não o quis, é bárbaro.

Só temos anais de cerca de oito mil anos, conservados entre os brâmanes; só os temos de uns cinco mil anos entre os chineses; o que conhecemos é de ontem; mas, nesse ontem, tudo é horror. Degolamos de um extremo a outro da terra, e fomos bastante imbecis para dar o nome de grandes homens, de heróis, de semideuses, de deuses até, àqueles que mataram o maior número de seus semelhantes.

Restavam na América duas grandes nações civilizadas que começavam a gozar das doçuras

da paz: chegam os espanhóis e massacram doze milhões desses nativos; partem à caça de homens, como cães; e Fernando, rei de Castela, concede uma pensão a esses cães, por terem-no tão bem servido. Os heróis vencedores do novo mundo, que massacram tantos inocentes desarmados e nus, mandam servir à mesa assados de homens e mulheres, nádegas, braços e panturrilhas ensopadas. Mandam assar num braseiro o rei Guatimozin do México; correm ao Peru, a converter o rei Atabalipa. Um chamado Almagro, padre, filho de padre, condenado à forca na Espanha por ter sido ladrão de estrada, vai, com um chamado Pizarro, comunicar ao rei, por voz de um outro padre, que um terceiro padre, chamado Alexandre VI, manchado de incestos, de assassínios e de homicídios, dera, por sua livre vontade, próprio motu, e por seus plenos poderes, não só o Peru, mas a metade do novo mundo ao rei de Espanha; que Atabalipa deve imediatamente submeter-se, sob pena de incorrer na indignação dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo. E, como esse rei não entendesse a língua latina mais do que o padre que lia a bula, foi logo declarado incréu e herético: mandaram queimar Atabalipa, como fizeram com Guatimozin; trucidaram o seu povo, e tudo isso para roubar uma terra amarela endurecida, que só serviu para despovoar e empobrecer a Espanha: pois lhe

fez negligenciar a verdadeira terra que sustenta os homens quando cultivada.

Com efeito, meu caro sr. Freind, se o ser fantástico e ridículo a que chamam Diabo tivesse querido fazer homens à sua imagem e semelhança, acaso os teria formado de outro modo? Deixai, pois, de atribuir a um Deus uma obra tão abominável.

Esta tirada colocou toda a assembléia do lado de Birton. Eu via Jenni triunfar em segredo; até a jovem Paruba se sentiu tomada de horror ante o padre Almagre, o padre que lera a bula em latim, o padre Alexandre Vi, todos os cristãos que haviam cometido tão inconcebíveis crimes por devoção e para roubar ouro. Confesso que tremi pelo amigo Freind; desesperava da sua causa; eis no entanto como ele respondeu, sem perturbar-se.:

Meus amigos, lembrai-vos sempre de que existe um Ser supremo; eu vo-lo provei, e concordastes comigo, e, após ter sido forçados a confessar que ele existe, vós vos esforçastes por lhe achar imperfeições, vícios e maldades.

Longe estou de vos afiançar, como certos arrazoadores, que os males particulares formam o bem geral. Essa extravagância é demasiado ridícula. Convenho com pesar em que existe muito mal moral e mal físico; mas, já que a

existência de Deus é certa, também é certo que esses males todos não podem impedir que Deus exista. Ele não pode ser mau; pois que interesse teria em sê-lo? Há males terríveis, meus amigos: pois bem! não lhes aumentemos o número. É impossível que Deus não seja bom; mas os homens são perversos; fazem um detestável uso da liberdade que esse Grande Ser lhes deu e lhes deve ter dado, isto é, o poder de executarem suas próprias vontades, sem o que não passariam de puras máquinas formadas por um ser mau, para serem por ele quebradas.

Todos os espanhóis esclarecidos concordam em que um pequeno número de seus antepassados abusou dessa liberdade até a prática de crimes que fazem fremir a natureza. Dom Carlos, segundo do nome (de quem possa o senhor arquiduque ser sucessor!) reparou o quanto pôde as atrocidades a que se entregaram os espanhóis sob Fernando e sob Carlos Quinto.

Meus amigos, se existe o crime na face da terra, aqui também existe a virtude.

Birton: — Ah! ah! ah! a virtude! Engraçado, isto. Por Deus! Eu bem queria saber que cara tem a virtude, e onde encontrá-la.

A estas palavras, não me contive e interrompi por minha vez a Birton: — “Vós a encontrareis no sr. Freind, no bom Paruba, em vós mesmo,

quando tiverdes limpado o coração dos vícios que os recobrem." Ele corou, Jenni também; depois Jenni baixou os olhos, e pareceu sentir remorsos. O pai olhou-o com alguma compaixão e prosseguiu nos seguintes termos:

Sim, meus caros amigos, se houve crimes, sempre houve virtudes. Atenas, Se viu Anitos, viu também Sócrates; Roma, se teve Silas, também teve Catões; Calígula, Nero, horrorizaram o mundo com as suas atrocidades; mas Tito, Trajano Antonino Pio, Marco Aurélio consolaram-no com a sua beneficência: o meu Sherloc dirá em poucas palavras ao bom Paruba quem eram esses a que me refiro. Tenho felizmente o meu Epicteto aqui no bolso: esse Epicteto não passava de um escravo, mas, pelos seus sentimentos, era igual a Marco Aurélio. Escutai, e possam todos aqueles que se arvoram em doutrinadores escutar o que Epicteto diz a si mesmo: Foi Deus quem me criou, eu o trago em mim; ousaria desonrá-lo com pensamentos infames, com ações criminosas, com desejos indignos? A sua vida foi conforme as suas palavras. Marco Aurélio, no trono da Europa e de duas outras partes de nosso hemisfério, não pensou diversamente de Epicteto; jamais se humilhou este da sua baixeza, jamais se deslumbrou da sua grandeza; e, quando escreveram seus pensamentos, fizeram-no para si mesmos e para seus discípulos, e não para serem louvados nos jornais. E, na vossa opinião, Locke,

Newton, Tillotson, Penn, Clarke, aquele a que chamam the man of Ross, e tantos outros da nossa ilha e fora da nossa ilha, que eu vos poderia citar, não foram modelos de virtude? Falastes das guerras tão cruéis quão injustas de que tantas nações se tornaram culpadas, descrevestes as abominações dos cristãos no México e no Peru, podeis acrescentar a isso a noite de S. Bartolomeu na França e os morticínios da Irlanda; mas não há povos inteiros que sempre tiveram horror ao derramamento de sangue? Os brâmanes não deram sempre tal exemplo ao mundo? E, sem sair do país onde nos achamos, não temos aqui perto a Pensilvânia, onde os nossos primitivos, que desfiguram em vão com o nome de quakers, sempre detestaram a guerra? Não temos a Carolina, onde o grande Locke ditou as suas leis? Nessas duas pátrias da virtude, todos os cidadãos são iguais, todas as consciências são livres, todas as religiões são boas, desde que se adore a um Deus; todos os homens são ali irmãos. Vistes como, à simples menção de um descendente de Penn, os habitantes das montanhas azuis, que podiam exterminar-vos, logo largaram as armas. Eles sentiram o que é a virtude, e vós vos obstinais em ignorá-lo! Se a terra tanto produz venenos como alimentos salutares, ides acaso alimentar-vos unicamente de veneno?

Birton: — Ah! senhor, para que tantos venenos? Se Deus tudo fez, os venenos são obra sua; ele é o senhor de tudo; ele faz tudo; ele dirige a mão de Cromwell que assina a morte de Carlos I; ele conduz o braço do carrasco que lhe corta a cabeça; não, não posso admitir um Deus homicida.

Freind: — Nem eu tampouco. Escutai, peço-vos; haveis de convir comigo em que Deus governa o mundo por meio de leis gerais. Segundo essas leis, Cromwell, monstro de fanatismo e de hipocrisia, decidiu a morte de Carlos I, por seu interesse, que todos os homens necessariamente amam e que nem todos interpretam do mesmo modo. Segundo as leis do movimento estabelecidas pelo próprio Deus, o carrasco cortou a cabeça desse rei. Mas sem dúvida Deus não assassinou Carlos I por um ato particular da sua vontade. Deus não foi nem Cromwell, nem Jeffrys, nem Ravaillac, nem Balthazar Gérard, nem o irmão pregador Jacques Clément. Deus não comete, nem ordena, nem permite o crime; mas fez o homem, e fez as leis do movimento; essas leis eternas do movimento são igualmente executadas pela mão do homem caridoso que socorre o pobre e pela mão do celerado que degola seu irmão. Da mesma forma que Deus não extingue o sol e não afunda a Espanha no mar, para punir Cortez, Almagro e Pizarro, que inundaram de sangue humano a

metade de um hemisfério, assim também não envia um bando de anjos a Londres, nem faz baixarem do céu cem mil tonéis de vinho de Borgonha, para causar prazer a seus queridos ingleses quando estes praticam uma boa ação. Sua providência geral seria ridícula se baixasse em cada momento a cada indivíduo; e tão palpável é essa verdade que Deus puniu imediatamente a um criminoso, com um golpe teatral da sua onipotência: deixa brilhar o seu sol sobre os bons e sobre os maus. Se alguns celerados morrem imediatamente após seus crimes, aconteceu-lhes isso por obra das leis gerais que presidem o mundo. Li no grande livro de um frenchman chamado Méseray que Deus fizera morrer o nosso grande Henrique V de uma fístula no ânus porque ele ousara sentar-se no trono do rei cristianíssimo; não, ele morreu por que as leis gerais emanadas da onipotência tinham de tal modo arranjado a matéria que a fístula no ânus acabaria com a vida daquele herói Todo o mal físico de uma ação má é efeito das leis gerais impostas pela mão de Deus à matéria; todo o mal moral da ação criminosa é efeito da liberdade de que o homem abusa.

Enfim, sem nos perdermos no nevoeiro da metafísica, lembremo-nos que está demonstrada a existência de Deus; não há que discutir quanto à sua existência. Tirai Deus ao mundo, e acaso se tornará mais legítimo o assassínio de Carlos I?

Mais caro vos será o seu carrasco? Deus existe, é justo. Sede pois justos.

Birton: — E vós, sr. Freind, que falais tão bem, não lestes o livro intitulado O Bom-Senso?

Freind: — Sim, eu o li, e não sou daqueles que condenam tudo em seus adversários. Há nesse livro verdades bem expostas, mas prejudicadas por um grande defeito. O autor quer continuamente destruir o Deus de Scot, de Albert, de Boaventura, o Deus dos ridículos escolásticos e dos monges. Notai que não ousa dizer uma palavra contra o Deus de Sócrates, de Platão, de Epicteto, de Marco Aurélio, contra o Deus de Newton e de Locke, contra o meu Deus, ouso dizê-lo. Perde o tempo a deblaterar contra superstições absurdas e abomináveis cujo ridículo e horror todas as pessoas sensatas hoje reconhecem. É como se se escrevesse contra a natureza porque os turbilhões de Descartes a desfiguraram; é como se se dissesse que o bom gosto não existe porque a maioria dos autores não tem gosto nenhum. Aquele que escreveu o livro do Bom-Senso julga haver atacado a Deus, e com isso demonstra absoluta falta de bom-senso: só escreveu contra certos padres antigos e modernos. Julga haver aniquilado o senhor por ter repetido que ele foi muitas vezes servido por velhacos.

Birton: — Escutai, nós poderíamos aproximar-nos. Eu poderia respeitar o senhor se me entregásseis os servos. Amo a verdade; mostrai-ma, e eu a seguirei.

CAPÍTULO X

Sobre o ateísmo

Descera a noite. Era bela, a atmosfera era uma abóbada de transparente azul, semeada de estrelas de ouro; esse espetáculo sempre toca os homens e lhes inspira doces meditações: o bom Paruba admirava o céu, como um alemão admira a basílica de S. Pedro, ou a Ópera de Nápoles, ao vê-la pela primeira vez.

— Essa abóbada é bastante ousada — dizia Paruba a Freind, e Freind lhe retrucava:

— Não há nenhuma abóbada, meu caro Paruba; essa cúpula azul não é mais que um estendal de nuvens ligeiras, que Deus de tal modo dispôs e combinou de tal modo com a mecânica de vossos olhos, que, em qualquer ponto em que vos acheis, estais sempre no centro do vosso passeio, e avistais isso a que chamam céu, e que não é o céu, arqueado sobre a vossa cabeça.

— E essas estrelas, sr. Freind?

— São, como já o disse, outros tantos sóis em torno dos quais giram outros mundos; longe de estarem ligados a essa abóbada azul, lembrai-vos

que estão a distâncias diferentes e prodigiosas: aquela que estais vendo acha-se a mil e duzentos milhões de mil passos do nosso sol.

Mostrou-lhe então o telescópio que trouxera: fez-lhe ver nossos planetas, Júpiter com as suas quatro luas, Saturno com as suas cinco luas e o seu inconcebível anel luminoso; é a mesma luz, dizia-lhe ele, que parte de todos esses globos, e que chega a nossos olhos, daquele planeta em um quarto de hora, daquela estrela em seis meses. Paruba pôs-se de joelhos e disse: “Os céus anunciam Deus.” Toda a equipagem cercava o venerável Freind, olhava, e admirava. O coriáceo Birton avançou sem nada olhar, e falou assim:

Birton: — Pois bem, seja! há um Deus, concedo-vos; mas que importa a vós e a mim? Que há entre o Ser infinito e nós, vermes da terra? Que relação pode existir entre a sua essência e a nossa? Epicuro, admitindo deuses nos planetas, tinha razão em ensinar que eles não se misturavam absolutamente às nossas tolices e aos nossos horrores; que não podíamos nem ofendê-los nem lhes agradar; que não tinham nenhuma necessidade de nós, nem nós deles: admitis um Deus mais digno do espírito humano que os deuses de Epicuro e que todos os deuses dos orientais e ocidentais. Mas se dizeis, como tantos outros, que esse Deus formou ao mundo e a nós para sua glória; que exigiu outrora

sacrifícios de bois, para sua glória; que apareceu, para glória sua, sob a nossa forma de bípedes, etc., estareis dizendo, parece-me, uma coisa absurda, que faria rir a todas as pessoas que pensam. O amor da glória não é outra coisa que orgulho, e o orgulho não passa de vaidade; um orgulhoso é um tolo personagem que Shakespeare representava no seu teatro: esse epíteto não pode convir mais a Deus que o de injusto, de cruel, de inconstante. Se Deus se dignou fazer, ou antes, arranjar o universo, só deve ter sido em vista de fazer felizes as criaturas. Deixo a vosso entendimento o afirmar se ele atingiu tal desígnio, o único, no entanto, que poderia convir à natureza divina.

Freind: — Sim, sem dúvida, ele o conseguiu com todas as almas justas: elas serão felizes um dia, se já não o são hoje.

Birton: — Felizes! Que sonho! Que história da Carochinha! Onde? Como? Quando? Quem vos disse tal?

Freind: — A sua justiça.

Birton: — Não me digais, depois de tantos declamadores, que nós viveremos eternamente quando não mais existirmos; que possuímos uma alma imortal, ou antes, que ela nos possui, após nos haverdes confessado que os próprios judeus, os judeus a quem vos gabais de haver

substituído, jamais suspeitaram ao menos essa imortalidade da alma, até o tempo de Herodes? Essa idéia de uma alma imortal fora inventada pelos brâmanes, adotada pelos persas, os caldeus, os gregos, ignorada muito tempo pela infeliz horda judaica, mãe das mais infames superstições. Ah, senhor, sabemos ao menos se possuímos uma alma? Sabemos se os animais cujo sangue lhes constitui a vida, como constitui a nossa, que têm, como nós, vontades, apetites, paixões, idéias, memória, indústria, sabeis se essas criaturas, tão incompreensíveis quanto nós, possuem uma alma, como pretendem que nós possuímos?

Julgara até agora que existia na natureza uma força ativa de que recebemos o dom de viver em todo o nosso corpo, de marchar com os pés, de aprender com as mãos, de ver com os olhos, de ouvir com os ouvidos, de sentir com os nervos, de pensar com a cabeça, e que tudo isso era o que chamamos alma, palavra vaga que não significa, no fundo, mais que o princípio desconhecido de nossas faculdades. Chamarei Deus, convosco, a esse princípio inteligente e poderoso que anima a natureza inteira; mas acaso se dignou ele em dar-se a conhecer a nós?

Freind: — Sim, pelas suas obras.

Birton: — Ditou-nos as suas leis? Falou-nos?

Freind: — Sim, pela voz da vossa consciência. Não é verdade que, se houvésseis matado vosso pai e vossa mãe, essa consciência vos despedaçaria com remorsos tão horrendos quão involuntários? Essa verdade não é sentida e confessada pelo universo inteiro? Baixemos agora a menores crimes. Haverá um único que não vos assuste à primeira vista, que não vos faça empalidecer na primeira vez em que o cometeis, e que não vos deixe no coração o aguilhão do arrependimento?

Birton: — Tenho de o confessar.

Freind: — Deus portanto expressamente ordenou, falando a vosso coração, que nunca vos manchásseis com um crime evidente. E quanto a todas essas ações equívocas, que uns condenam e outros justificam, que de melhor temos a fazer senão seguir esta grande lei do primeiro dos Zoroastros, tão celebrada em nossos dias por um autor francês: “Quando não sabes se a ação que meditas é boa ou má, abstém-te”?

Birton: — Essa máxima é admirável; é sem dúvida o que jamais se disse de mais belo, isto é, de mais útil em moral; e isso quase me faria pensar que Deus suscitou de tempos em tempos alguns sábios que ensinaram a virtude aos homens transviados. Peço-vos perdão de haver escarnecido da virtude.

Freind: — Pedi perdão ao Ser eterno, que pode recompensá-lo eternamente, e punir os transgressores.

Birton: — Como! Deus me puniria eternamente por me haver entregue a paixões que ele me deu?

Freind: — Ele vos deu paixões com as quais se pode fazer o bem e o mal Eu não disse que ele vos punirá para sempre, nem como vos punirá, pois ninguém pode saber nada a respeito; digo-vos que ele o pode. Foram os brâmanes os primeiros que imaginaram uma prisão eterna para as substâncias celestes que se haviam revoltado contra Deus no seu próprio palácio; encerrou-os numa espécie de inferno a que chamavam ondera; mas, ao cabo de alguns milhares de séculos, suavizou-lhes as penas, colocou-os na terra, fê-los homens: é daí que vem a nossa mescla de vícios e de virtudes, de prazeres e de calamidades. É engenhosa essa imaginação; e ainda mais o é a fábula de Pandora e de Prometeu. Nações grosseiras imitaram grosseiramente a bela fábula de Pandora; essas invenções são sonhos da filosofia oriental; tudo o que vos posso dizer é que, se cometestes crimes abusando da vossa liberdade, ser-vos-á impossível provar que Deus seja incapaz de vos punir; desafio-vos a isso.

Birton: — Esperai; dizeis que não vos posso demonstrar que ao grande Ser é impossível punir-me: palavra, tendes razão; fiz o que pude para provar-me que isso era impossível, e jamais o consegui. Confesso que abusei da minha liberdade, e que Deus me pode castigar; mas, por Deus! não serei punido quando não mais existir.

Freind: — O melhor partido é serdes honesto enquanto existis.

Birton: — Ser honesto enquanto existo?... Sim, confesso-o, tendes razão, é o partido que se deve tomar.

Desejaria, caro amigo, que houvésseis testemunhado o efeito que as palavras de Freind produziram em todos os ingleses e americanos. Birton, tão leviano e audacioso, tomou de súbito um ar recolhido e modesto; Jenni, com os olhos úmidos de pranto, lançou-se aos joelhos de seu pai, e o pai o abraçou. Eis enfim a última cena dessa disputa tão espinhosa e tão interessante.

CAPÍTULO XI

Do ateísmo

Birton: — Concebo perfeitamente que o grande Ser, o senhor da natureza, seja eterno; mas nós, que não existíamos ontem, poderemos ter a louca ousadia de aspirar a uma eternidade futura? Tudo parece sem remissão em torno de nós, desde o inseto devorado pela andorinha até o elefante devorado pelos vermes.

Freind: — Não, nada perece: tudo se transforma: os germes impalpáveis dos animais e dos vegetais subsistem, desenvolvem-se, e perpetuam as espécies. Por que não havíeis de querer que Deus conservasse o princípio que vos faz agir e pensar, de qualquer natureza que ele possa ser? Deus me livre de construir um sistema; mas certamente há em nós qualquer coisa que pensa e que quer: essa qualquer coisa, a que chamavam outrora uma mônada, essa qualquer coisa, é imperceptível. Deus no-la deu, ou talvez, para falar mais justo, Deus nos deu a ela. Estais bem certo de que ele não a pode conservar? Pensai, examinai, podeis fornecer-me alguma demonstração disso?

Birton: — Não;. procurei-a em meu entendimento, em todos os livros dos ateus, e sobretudo no terceiro canto de Lucrécio; confesso que nunca encontrei senão verossimilhanças.

Freind: — E, louvados nessas simples verossimilhanças, nos entregaríamos a todas as nossas funestas paixões? Viveríamos como brutos, não tendo como regra senão os nossos apetites e como freio o temor dos outros homens, eternamente inimigos uns dos outros devido a esse mútuo temor! pois a gente sempre quer destruir aquilo a que teme. Pensai bem nisso, Sr. Birton, reflete profundamente sobre isso, meu filho Jenni; não esperar de Deus nem castigo nem recompensa, é ser verdadeiramente ateu. De que serviria a idéia de um Deus que não tivesse nenhum poder sobre nós? É como se dissessem: há um rei da China que é muito poderoso. Que lhe faça bom proveito, — responderia eu; — que fique na sua terra e eu na minha não me preocupo mais com ele do que ele comigo; ele não tem mais jurisdição sobre a minha pessoa do que um cônego de Windsor sobre um membro do nosso Parlamento; então sou eu o meu próprio Deus: sacrifico o mundo inteiro as minhas fantasias, se se apresentar uma ocasião; sou sem lei, e só importo a mim mesmo. Se os outros seres são carneiros, faço-me lobo; se são galinhas, faço-me raposa.

Suponhamos (queira Deus o contrário) que toda a nossa Inglaterra seja atéia por princípios. Convenho em que poderá haver vários cidadãos que, nascidos com um gênio tranqüilo e brando, bastante ricos para não terem necessidade de ser injustos, governados pela honra e por isso atentos a seu procedimento, conseguirão viver em sociedade: cultivarão as belas artes, que suavizam os costumes: poderão viver na paz, na inocente alegria da gente honrada. Mas o ateu pobre e violento, seguro da sua impunidade, será um tolo se não vos assassinar para roubar vosso dinheiro. De então, todos os elos da sociedade são rompidos, todos os crimes secretos inundam a terra, como os gafanhotos, no princípio mal percebidos, vêm assolar nossos campos; o baixo povo não passará de uma horda de salteadores, como os nossos ladrões de que não se enforca a décima parte: passam a sua miserável vida em tavernas, com prostitutas, batem-lhes, batem-se entre si; tombam bêbedos no meio de seus canecões com os quais quebram a cabeça uns aos outros; despertam para roubar e para assassinar; recomeçam cada dia esse círculo abominável de brutalidades!

Quem conterá os grandes e os reis nas suas vinganças, na sua ambição, à qual tudo querem imolar? Um rei ateu é mais perigoso que um Ravaillac fanático.

Os ateus formigavam na Itália, no século XV; que resultou daí? Tornou-se tão comum envenenar como oferecer uma ceia, e mergulhar um punhal no coração de um amigo como abraçá-lo; houve professores de crime, como há hoje mestres de música e de matemática. Escolhiam expressamente os templos para ai assassinar os príncipes ao pé dos altares. O papa Sixto IV e um arcebispo de Florença mandaram assassinar assim os dois príncipes mais distintos da Europa. (Dizei, meu caro Sherloc, a Paruba e a seus filhos, o que é um papa e um arcebispo, e dizei-lhes sobretudo que já não existem semelhantes monstros.) Mas continuemos. Um duque de Milão foi assassinado da mesma forma no interior de uma igreja. São por demais conhecidos os espantosos horrores de Alexandre VI. Se houvessem subsistido tais costumes, a Itália teria ficado mais deserta do que o Peru após a invasão.

A crença num Deus remunerador, das boas ações, punidor das más, perdoador das faltas leves, é pois a crença mais útil ao gênero humano; é o único freio dos poderosos, que cometem insolentemente os crimes públicos; é o único freio dos homens que cometem disfarçadamente os crimes secretos. Não vos digo, meus amigos, que junteis, a essa crença necessária, superstições que a desonrariam e que até poderiam torná-la funesta: o ateu é um

monstro que só devorará para apaziguar a fome; o supersticioso é outro monstro que estraçalhará os homens por dever. Sempre notei que se pode curar um ateu, mas jamais se cura radicalmente a um supersticioso; o ateu é um homem de talento que se engana, mas que pensa por si mesmo; o supersticioso é um tolo brutal que jamais teve senão as idéias dos outros. O ateu violará Ifigênia, prestes a desposar Aquiles, mas o fanático a degolará piedosamente sobre o altar, e julgará que Júpiter lhe ficará devendo obrigações; o ateu roubará um vaso de ouro a uma igreja, para cear com mulheres. alegres, mas um fanático celebrará um auto-de-fé nessa igreja e entoará um cântico judeu, a plenos pulmões, enquanto faz queimar judeus, sim, meus amigos, o ateísmo e o fanatismo são os dois pólos de um universo de confusão e de horror. A pequena zona da virtude está entre esses dois pólos; marchai a passo firme por esse caminho; acreditai num Deus bom, e sede bons. É tudo quanto os grandes legisladores Locke e Penn pedem a seus povos.

Respondei-me, senhor Birton, vós e vossos amigos: que mal vos pode fazer a adoração de um Deus, junta à ventura de ser um homem honrado? Neste momento em que vos falo, podemos todos ser atacados de uma doença mortal: qual de nós não desejaria então ter vivido na inocência? Vede como o nosso mau Ricardo III

morre em Shakespeare; como os espectros de todos aqueles que ele matou vêm aterrorizar sua imaginação. Vede como expira Carlos IX de França após S. Bartolomeu. Por mais que lhe diga o capelão que ele fez bem, seu crime o dilacera, seu sangue jorra-lhe pelos poros, e todo o sangue que fez correr brada contra ele. Acreditai-me: de todos esses monstros, não há nenhum que não tenha vivido nos tormentos do remorso e que não tenha acabado no desespero.

CAPÍTULO XII

Regresso à Inglaterra. Casamento de Jenni

Birton e seus amigos não mais puderam conter-se; lançaram-se aos joelhos de Freind.

— Sim — disse Birton, — eu creio em Deus e em vós.

Já estavam perto da casa de Paruba. Ali cearam; mas Jenni não pode comer: mantinha-se afastado, derramava lágrimas; o pai foi procurá-lo para o consolar.

— Ah! — disse-lhe Jenni, — eu não merecia ter um pai como vós; morrerei de dor de me haver deixado seduzir por essa abominável Clive-Hart: sou a causa, embora inocente, da morte de Primerose; e, ainda há pouco, quando nos falastes de envenenamento, senti um calafrio; pareceu-me ver Clive-Hart apresentando a Primerose a horrível beberagem. Meu Deus! Como pude ter o espírito bastante alienado para seguir uma criatura tão criminosa? Ela enganou-me; eu estava cego. Só me desenganei um pouco antes de os selvagens a terem apanhado: num assomo de cólera, ela quase me fez a confissão de seu crime. Desde esse momento, tive-lhe horror. E, para meu suplício, a imagem de Primerose está

incessantemente diante de meus olhos; eu a vejo, eu a ouço; ela me diz: “Eu estou morta porque te amava.”

O senhor Freind esboçou um sorriso de bondade, cujo motivo Jenni não compreendeu; disse-lhe o pai que só uma vida impecável poderia reparar as faltas passadas; levou-o para a mesa como um homem a quem acabam de retirar das vagas onde se afogava; eu próprio o abracei, agradei-lhe, animei-o; estávamos todos comovidos.

Aparelhamo-nos no dia seguinte para voltar à Inglaterra, depois de ter dado presentes a toda a família de Paruba: nossos adeuses foram mesclados de lágrimas sinceras; Birton e seus camaradas, que nunca tinham sido senão levianos, pareciam agora completamente sensatos.

Estávamos em alto mar, quando Freind disse a Jenni em minha presença:

— E então, meu filho, a lembrança da linda, da virtuosa e terna Primerose ainda te é muito cara?

Jenni desesperou-se a essas palavras; as flechas de um eterno e inútil arrependimento lhe varavam o coração, e eu temi que ele se precipitasse no mar.

— Pois bem — disse-lhe Freind, — consola-te; Primerose está. viva, e ama-te.

Freind, com efeito, recebia notícias seguras, graças àquele fiel empregado que lhe escrevia por todos os navios que partiam para Maryland. O senhor Mead, que depois adquiriu tamanha reputação no conhecimento de todos os venenos, tivera a felicidade de arrancar Primerose aos braços da morte. O sr. Freind mostrou ao filho aquela carta que ele relera tantas vezes e com tanta emoção.

Jenni passou, em um ápice, do auge do desespero ao da felicidade. Não vos descreverei o efeito dessa tão repentina mudança; quanto mais me impressionou, menos posso exprimi-lo; foi o mais belo momento da vida de Jenni. Birton e seus camaradas compartilharam tão pura alegria.

Que mais vos direi? O excelente Freind lhes serviu de pai a todos. O casamento do belo Jenni e da bela Primerose efetuou-se em casa do doutor Mead. Também casamos Birton, que estava completamente mudado. Jenni e ele são hoje as pessoas mais honradas da Inglaterra. Haveis de convir em que um sábio pode curar loucos.

NOTAS

(1) — Toda essa história é narrada por Abdias, Marcelo e Hegesipo. Eusébio refere-lhe uma parte.

(2) — Cap. IX.

(3) — Atos, Cap. XXVI.

(4) — História Apostólica de Abdias. Tradução de Júlio Africano, livro VI, pp. 395 e seguintes.

(5) — Eusébio, liv. III, cap. XXX.

(6) — Vem transcrita na Apologia do Conde de Peterborou, pelo doutor Freind, pag. 143.

(7) — Em francês eau-de-vie, isto é, água de vida.(bebida alcoólica).

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Julho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

HISTORIA DEL IMPERIO RUSO BAJO PEDRO EL GRANDE

VOLTAIRE

Entre las múltiples facetas del espíritu complejo de Voltaire, la de historiador es quizá de las menos conocidas y la que esa masa que se llama el gran público menos recuerda cuando trata de evocar y reconstituir esta inquietante y perturbadora figura. Y, sin embargo, no es de las menos interesantes, ni por la calidad ni por la cantidad de la obra que en este terreno ha producido.

Su concepto de la Historia y la manera de tratarla representa, en su época, un paso gigantesco sobre los dominantes y privativos hasta entonces en esta rama del saber humano, hasta el punto de haberse asegurado que en el siglo XVII establece, con Montesquieu, casi como hoy las concebimos, las reglas generales del arte de escribir la historia.

Hoy se entiende, en efecto, que el historiador ha de ser por de pronto, un erudito, un investigador; ha de documentarse minuciosamente, haciendo una crítica rigurosa de los documentos. Pero se cree también, y más firmemente cada día, no obstante la maravillosa creación de la erudición alemana,

orientada casi exclusivamente en este sentido, que este acarreo de materiales es indispensable para la construcción del edificio; pero no es suficiente; falta todavía... levantarlo; después de aquella labor de análisis tiene que venir la de las grandes síntesis; mientras tanto, no surge el historiador: tras del erudito se ve el obrero manual, pero no se vislumbra la figura del arquitecto.

Voltaire atiende por igual a estos dos aspectos; huye lo mismo de las compilaciones indigestas que de las novelas sin autoridad y sin valor. Analiza, indaga, compulsa, hace la crítica de las fuentes, y después, escogiendo entre el montón inmenso de datos que acumula, sólo los más característicos escribe, sin casi dejar traslucir esta penosa labor previa, verdadera historia; historia al alcance de todo el mundo, despojada de sus formas solemnes, en lenguaje claro y llano, compitiendo en amenidad con la novela, y vestida con un estilo pleno de pureza, propiedad y precisión.

Para realizar la primera labor preparatoria, se halla en situación inmejorable, tanto por sus múltiples relaciones sociales, que le permiten, como él mismo dice, interrogar igualmente a los reyes que a los ayudas de cámara, como por sus cargos oficiales, entre ellos el de historiador del rey, que le abren las puertas de los archivos del Estado; para todo ello, espoleado además por su aguda curiosidad intelectual, siempre despierta. Claro que, dada la época en que Voltaire produce, esta labor

de análisis e investigación, tocada además de la poca imparcialidad de su espíritu, no tiene todo el rigor exigido por la moderna crítica histórica; pero, con todo, ésta poco ha tenido que rectificar o desechar en aquélla.

Para la labor sintética, acaso le falte profundidad; pero cuenta con su maravillosa imaginación, con su talento de dramaturgo y novelista, que le permiten hacer de cada capítulo un verdadero cuadro lleno de perspectiva, de luz y de color. Sus repetidos viajes, su trato con tantos ejemplares humanos diferentes, hacen de él un profundo psicólogo, condición indispensable a todo historiador, ya que la Historia, como dice Monod, es una psicología colectiva.

En esta historia de Pedro el Grande resplandecen todas estas cualidades, realzadas por el cariño al asunto y su admiración por la figura del protagonista. Sus gustos aristocráticos, así como su completa fe en el influjo de los grandes hombres, en el poder benéfico del déspota ilustrado, habían de arrastrarle hacia las figuras de Luis XIV de Francia y de Pedro I de Rusia.

En cuanto a la cantidad de su labor histórica, basta citar los títulos de sus obras:

Historia de Carlos XII (1731) -El siglo de Luis XIV (1751) -Anales del imperio (1753) -Ensayo sobre las costumbres de las naciones (1750) -Historia de Rusia bajo Pe-

dro el Grande (1759-63) -Historia del Parlamento de París. Resumen del reinado de Luis XV (1769)

Recordemos, para terminar, que Francisco María Arouet (Voltaire) nació en 1694 y murió en París en 1778.

PRIMERA PARTE

Prólogo

En los primeros años del siglo en que vivimos, el vulgo no conocía en el Norte más héroes que Carlos XIL Su valor personal, mucho más propio de un soldado que de un rey; el brillo de sus victorias, y aún de sus desastres, hería vivamente los ojos de todo el mundo, que veía fácilmente estos grandes acontecimientos, y no veía, en cambio, las labores largas y útiles. Los extranjeros dudaban entonces hasta de que las empresas del zar Pedro I pudiesen sostenerse; sin embargo, han subsistido y se han perfeccionado bajo las emperatrices Ana e Isabel; pero, sobre todo, bajo Catalina II, que tan lejos ha llevado la gloria de Rusia. Hoy este imperio está incluido entre los Estados más florecientes, y Pedro,

en la categoría de los más grandes legisladores. Aunque sus empresas no necesitasen del buen éxito a los ojos de los sabios, sus resultados han afirmado para siempre su gloria. Se juzga hoy que Carlos XII merecía ser el primer soldado de Pedro el Grande. Uno no ha dejado más que ruinas; el otro es un fundador en todos los órdenes. Yo me atreví a emitir un juicio análogo hace treinta años, cuando escribí la historia de Carlos. Las Memorias que me han proporcionado hoy sobre Rusia me ponen en situación de hacer conocer este imperio, cuyos pueblos son tan antiguos, y donde las leyes, las costumbres y las artes son de creación moderna. La historia de Carlos XII era amena; la de Pedro I es instructiva.

CAPITULO PRIMERO

Descripción de Rusia.

El imperio de Rusia es el más vasto de nuestro hemisferio; su extensión, de Occidente a Oriente, es de más de dos mil leguas comunes de Francia, y tiene más de ochocientas leguas de Sur a Norte, en su mayor anchura. Limita con Polonia y el mar Glacial; toca a Suecia y a la China. Su longitud desde la isla de Dago al occidente de Livonia, hasta sus confines más orientales, comprende cerca de ciento setenta grados; de suerte que cuando es mediodía en el occidente es casi media noche en el oriente del imperio. Su anchura es de tres mil seiscientas verstas de Sur al Norte, lo que equivale a ochocientas cincuenta de nuestras leguas comunes.

Conocíamos tan poco los límites de este país en el siglo pasado, que cuando en 1689 supimos que los chinos y los rusos estaban en guerra, y que el emperador Canihi, de un lado, y del otro los zares Iván Y Pedro enviaban, para terminar diferencias, una embajada a trescientas leguas de Pequín, en el límite de los dos imperios, calificamos primeramente este acontecimiento de fábula.

Lo que está hoy comprendido bajo el nombre de Rusia o de las Rusias es más vasto que todo el resto de Europa y como no lo fue nunca el imperio romano, ni el de Darío, conquistado por Alejandro, pues contiene más de un millón cien mil leguas cuadradas. El imperio romano y el de Alejandro no tenían cada uno más que unas quinientas cincuenta mil, y no hay ningún reino en Europa que sea la dozava parte del imperio romano. Para conseguir que Rusia fuese tan populosa, tan abundante, tan llena de ciudades como nuestros países meridionales, serían todavía necesarios siglos y zares tales como Pedro el Grande.

Un embajador inglés que residía en 1733 en Petersburgo y que había estado en Madrid dice en su relato manuscrito que en España, que es el reino de Europa menos poblado, se pueden calcular cuarenta

personas por cada milla cuadrada, y que en Rusia no se pueden contar más que cinco; en el capítulo segundo veremos si este ministro se ha engañado. Se dice en el *Diezmo,* falsamente atribuido al mariscal de Vauban, que en Francia cada milla cuadrada contiene aproximadamente doscientos habitantes una con otra, Estas evaluaciones no son nunca muy exactas, pero sirven para mostrar la enorme diferencia de la población de un país a la de otro.

Aquí haré observar que de Petersburgo a Pequín apenas si se encuentra una gran montaña en el camino, que las caravanas podrían tomar por la Tartaria independiente, por las llanuras de los calmucos y por el gran desierto de Cobi; y es de notar que de Arcángel a Petersburgo y de Petersburgo a los confines de la Francia septentrional, pasando por Dantzig, Hamburgo, Amsterdam, no se ve ni una colIna un poco alta. Esta observación puede hacer dudar de la verdad del sistema que sostiene que las montañas no se han formado más que por el acarreo de las olas del mar, suponiendo que todo lo que es hoy tierra ha sido mar hace mucho tiempo. Pero ¿cómo las olas que, en esta hipótesis, han formado los Alpes, los Pirineos y el Taurus, no han formado también alguna colina elevada desde la

Normandía a la China, en un espacio tortuoso de tres mil leguas? La geografía así considerada podría auxiliar a la física, o al menos plantearle problemas.

En otro tiempo hemos llamado a Rusia con el nombre de Moscovia, porque la ciudad de Moscú, capital de este imperio, era la residencia de los grandes duques de Rusia; hoy, el antiguo nombre de Rusia ha prevalecido.

No debo investigar aquí por qué se han llamado a los países desde Smolensko hasta más allá de Moscú la Rusia blanca, y por qué Hubner la llama negra, ni por qué razón Kiev debe ser la Rusia roja.

Puede ser cierto también que Madies el Escita, que hizo una irrupción en Asia cerca de siete siglos antes de nuestra era, haya llevado sus arenas a estas regiones como han hecho después Gengis y Tamerlán y como probablemente se había hecho mucho tiempo antes de Madies. Todas estas antigüedades no merecen nuestras investigaciones; las de los chinos, indios, persas, egipcios, están comprobadas por monumentos ilustres e interesantes. Estos monumentos suponen todavía otros muy anteriores, puesto que es preciso un gran número de siglos antes de que se pueda siquiera establecer el arte de transmitir sus pensamientos por signos per-

manentes y que todavía es necesaria una multitud de siglos anteriores para formar un lenguaje regular. Pero nosotros no tenemos tales monumentos en nuestra Europa, hoy tan civilizada; el arte de la escritura fue durante mucho tiempo desconocido en todo el Norte; el patriarca Constantino, que escribió en ruso la historia de Kiovia, confiesa que en estos. países no se usaba la escritura en el siglo V.

Que otros examinen si los hunos, los eslavos y los tártaros han conducido en otros tiempos familias errantes y hambrientas hacia las fuentes del Borístenes; mi deseo es hacer ver lo que el zar Pedro ha creado, más que desembrollar el antiguo caos. Es necesario siempre recordar que ninguna familia en la tierra conoce a su progenitor, y que, por consiguiente, ningún pueblo puede conocer su primer origen.

Me sirvo del nombre de rusos para designar a los habitantes de este gran imperio. El de roxolanos, que se les ha aplicado en otro tiempo, sería más sonoro; pero es preciso conformarse con el uso de la lengua en que se escribe. Las gacetas y otras memorias desde hace algún tiempo emplean el nombre de rusianos; pero como este nombre se parece demasiado al de prusianos, yo me atengo al de rusos, que

casi todos nuestros escritores les han asignado; y me ha parecido que el pueblo más extendido de la tierra debe ser conocido por un término que lo distinga absolutamente de las demás naciones.

Es necesario desde ahora que el lector, con el mapa a la vista, se forme una idea clara de este imperio, dividido hoy en diez y seis grandes gobiernos, que algún día serán subdivididos, cuando los países del Septentrión y del Oriente tengan más habitantes.

He aquí cuáles son estos diez y seis gobiernos varios de los cuales comprenden provincias inmensas.

Livonia. -La provincia más próxima a nuestros climas es la de la Livonia. Es una de las más fértiles del Norte. Era pagana en el siglo XII. En ella negociaron comerciantes de Brema y de Lubek, y religiosos cruzados, llamados *portaespadas*, unidos en seguida a la orden teutónica, se apoderaron de ella en el siglo XIII, en la época en que el furor de las cruzadas armaba a los cristianos contra todo lo que no pertenecía a su religión. Alberto, margrave de Brandeburgo, gran maestre de estos religiosos conquistadores, se hizo soberano de la Livonia y de la Prusia brandeburguesa hacia el año 1514. Los rusos

y los polacos se disputaron desde entonces esta provincia. Luego, los suecos entraron en ella; durante mucho tiempo fue asolada por todas estas potencias. El rey de Suecia Gustavo Adolfo la conquistó. Fue cedida a Suecia en 1660 por la célebre paz de Oliva, y, en fin, el zar Pedro la conquistó a los suecos, como se verá en el curso de esta historia.

La Curlandia, que está contigua a la Livonia, ha sido siempre vasalla de Polonia, pero depende en mucho de Rusia. Esos son los límites occidentales de este imperio en la Europa cristiana.

Gobierno de Revel, de Petersburgo y de Viborg- Más al Norte se encuentra el gobierno de Revel y el de Estonia. Revel fue fundado por los dinamarqueses en el siglo XIII. Los suecos poseyeron a Estonia desde que el país se puso bajo la protección de Suecia, en 1561; ésta es también una de las conquistas de Pedro.

Al borde de la Estonia está el golfo de Finlandia. Al Oriente de este mar, y en la unión del Neva y del lago Ladoga, está la ciudad de Petersburgo, la más moderna y más hermosa ciudad del imperio, fundada por el zar Pedro, a pesar de todos los obstáculos reunidos que se oponían a esta fundación.

Se eleva sobre el golfo de Cronstadt, en medio de nueve brazos fluviales que dividen sus barrios: un castillo ocupa el centro de la ciudad, en una isla formada por el gran curso del Neva; siete canales procedentes de los ríos bañan los muros de un palacio, los del Almirantazgo, del astillero de galeras y varias manufacturas. Treinta y cinco grandes iglesias son otros tantos ornamentos de la ciudad, y entre esas iglesias hay cinco para los extranjeros, sean católicos romanos, sean protestantes, sean luteranos; son cinco templos erigidos a la tolerancia y otros tantos ejemplos presentados a las demás naciones. Hay cinco palacios; el antiguo, que se llama el de estío, situado sobre el río Neva, está rodeado de una inmensa balaustrada de hermosas piedras todo a lo largo de la ribera. El nuevo palacio de estío, cerca de la puerta triunfal, es uno de los más hermosos trozos de arquitectura que hay en Europa; los edificios elevados para el Almirantazgo, para los cuerpos de cadetes, para los colegios imperiales, para la Academia de Ciencias, la Bolsa, el almacén de mercancías, el de las galeras, son otros tantos monumentos magníficos. La casa de la policía, la de la farmacia pública, donde todas las vasijas son de porcelana; el almacén de la corte, la fundición, el

arsenal, los puentes, los mercados, las plazas, los cuarteles para la guardia de Caballería y para los guardias de a pie contribuyen tanto al embellecimiento como a la seguridad de la ciudad. Actualmente tiene cuatrocientas mil almas. En los alrededores de la ciudad hay quintas de recreo cuya magnificencia asombra a los viajeros; hay una en la que los juegos de agua son muy superiores a los de Versalles. No había nada en 1702; era esto un pantano intransitable. Petersburgo está considerado como la capital de la Ingria, pequeña provincia conquistada por Pablo I. Viborg, conquistada por él, y la parte, de Finlandia perdida y cedida por Suecia en 1742, son otro gobierno.

Arcángel. -Más arriba, subiendo al Norte, está la provincia de Arcángel, país enteramente nuevo para las naciones meridionales de Europa. Tomó su nombre de San Miguel Arcángel, bajo cuya protección se puso mucho tiempo después de que los rusos se hubiesen convertido al cristianismo, que no han abrazado hasta principios del siglo XI. Hasta mediados del siglo XVI, este país no fue conocido por las demás naciones. Los ingleses, en 1533, buscaron un paso por el mar del Norte y del Este para ir a las Indias Orientales. Chancelor, capitán de uno

de los buques equipados para esta expedición, descubrió él puerto de Arcángel en el mar Blanco. No había en este desierto, más que un convento, con la pequeña iglesia de San Miguel Arcángel.

Desde este puerto, remontando el río Dwina, los ingleses se internaron, y al fin llegaron a la ciudad de Moscú. Se hicieron fácilmente los dueños del comercio de Rusia, el cual, de la ciudad de Novgorod, donde se hacía por tierra, fue trasladado a este puerto de mar. Es cierto que es inabordable durante siete meses del año; sin embargo, fue mucho más útil que las ferias del gran Novgorod, caídas en decadencia por las guerras contra Suecia. Los ingleses obtuvieron el privilegio de comerciar allí sin pagar ningún derecho, y así es como todas las naciones deberían acaso comerciar unas con otras. Los holandeses compartieron luego el comercio de Arcángel, que no fue conocido de los demás pueblos.

Mucho tiempo antes, los genoveses y los venecianos habían establecido comercio con los rusos por la embocadura del Tana; donde fundaron una ciudad llamada Tana; pero desde las devastaciones de Tanerlan en esta parte del mundo, esta rama del comercio de los italianos quedó destruida; el de Arcángel ha subsistido, con grandes ventajas para los

ingleses y los holandeses, hasta la época en que Pedro el Grande abrió el mar Báltico a sus Estados.

Laponia rusa. Gobierno de Arcángel-Al occidente de Arcángel y en su gobierno está la Laponia rusa, tercera parte de esta comarca; las otras dos pertenecen a Suecia y a Dinamarca. Es un gran país, que ocupa cerca de ocho grados de longitud, y que se extiende en latitud del círculo polar al cabo Norte. Los pueblos que lo habitan eran confusamente conocidos en la antigüedad bajo el nombre de troglodítas y de pigmeos septentrionales; estos nombres convenían, en efecto, a hombres de una altura, en su mayoría, de tres; codos, y que habitan en cuevas; son hoy tal como eran entonces, de color tostado, aunque los demás pueblos septentrionales sean blancos; casi todos pequeños, mientras que sus vecinos y los habitantes de Islandia, en el círculo polar, son de alta estatura; parecen hechos para un país montuoso, ágiles, rechonchos, robustos; la piel, dura, para mejor resistir el frío; los muslos y las piernas, delgados; los pies, menudos, para correr más ligeramente por medio de las rocas de que su país está todo cubierto; amando apasionadamente a su patria, que sólo ellos pueden amar, y no pudiendo ni aun vivir fuera de ella. Se ha supuesto, siguiendo a Olaus, que estos

pueblos eran originales de Finlandia y que se habían retirado a la Laponia, donde su talla ha degenerado. Pero ¿por qué no han escogido tierras menos al Norte, donde la vida hubiese sido más cómoda? ¿Por que su cara, su figura, su color, todo, difiere completamente de sus supuestos antepasados? Se podría acaso decir de igual manera que la hierba que crece en Laponia procede de la hierba de Dinamarca, y que los peces especiales de sus lagos proceden de los peces de Suecia. Hay gran probabilidad de que los lapones sean indígenas, como sus animales son un producto de su país; que la Naturaleza los ha hecho unos para otros.

Los que habitan hacia la Finlandia han adoptado algunas expresiones de sus vecinos, lo que ocurre a todos los pueblos; pero cuando dos naciones dan a las cosas más usuales, a los objetos que ven sin cesar, nombres absolutamente diferentes, puede muy bien presumirse que ninguno de estos pueblos es una colonia del otro. Los finlandeses llaman al oso *karu*, y los laponeses, *muriet*; el Sol, en finlandés, se llama *auringa*; en lengua lapona, *beve*. No hay ninguna analogía. Los habitantes de Finlandia y de la Laponia sueca han adorado en otro tiempo un ídolo que llamaban *Iumalac*; y desde la época de Gustavo

Adolfo, al que deben el nombre de luteranos, llaman a Jesucristo el hijo de *Iumalac*. Los lapones moscovitas pertenecen hoy a la Iglesia griega; pero los que vagan por las montañas septentrionales del cabo Norte se contentan con adorar a un dios bajo algunas formas groseras, antigua costumbre de todos los pueblos nómadas.

Esta especie de hombres, poco numerosa, posee muy pocas ideas, y son muy felices por no tener más; pues, en ese caso tendrían nuevas necesidades que no podrían satisfacer; viven contentos y sin enfermedades, no bebiendo apenas más que agua en un clima del mayor frío, y llegan a una extrema vejez. La costumbre que se les imputaba de rogar a los extranjeros que hiciesen a sus mujeres y a sus hijas el honor de unirse con ellas viene probablemente del sentimiento de la superioridad que reconocen en esos extranjeros y el deseo de que pudiesen servir para corregir los defectos de su raza. Esta era una costumbre establecida en los pueblos virtuosos de Lacedemonia. Un marido rogaba a un joven bien formado le diese hermosos hijos que el pudiese adoptar. Los celos y las leyes impiden a los demás hombres entregar a sus mujeres; pero los lapones

casi carecían de leyes y probablemente tampoco eran celosos.

Moscú. -Cuando se remonta el Dwuina de Norte a Sur, se llega en la parte central del país, a Moscú, la capital del imperio. Esta ciudad fue durante mucho tiempo el centro de los Estados rusos antes de que se hubiese extendido del lado de la China y de la Persia.

Moscú, situada hacia los cincuenta y cinco grados de latitud, en un terreno menos frío y más fértil que Petersburgo, se halla en medio de una vasta y hermosa llanura sobre el río Moskova[1] y de otros dos pequeños que se pierden con el en el Oca y van enseguida a engrosar el caudal del Volga. Esta ciudad no era en el siglo XIII más que un conjunto de cabañas habitadas por desgraciados oprimidos por la raza de Gengis Khan.

El Kremlin[2], que era la morada de los grandes duques, no fue edificado hasta el siglo XIV; tan poca antigüedad tienen las ciudades en esta parte del mundo. Este Kremlin fue construido por arquitectos italianos, así como varias iglesias, en este estilo gótico, que era entonces el de toda Europa. Hay dos

[1]En ruso, *Moskwa*

de ellas del célebre Aristote, de Bolonia, que floreció en el siglo XV; pero las casas de los particulares no eran más que barracas de madera.

El primer escritor que nos dio a conocer Moscú fue Olearius, quien en 1633 acompañó una embajada de un duque de Holstein, embajada tan vana por su pompa como inútil por su objeto. Un habitante de Holstein debía de quedar asombrado de la inmensidad de Moscú, de sus cinco murallas, del amplio barrio de los zares y del esplendor asiático que reinaba entonces en esta corte. No había nada parecido en Alemania; ninguna ciudad, ni con mucho, tan vasta, tan poblada.

El conde de Carlisle, por el contrario, embajador de Carlos III, en 1663, cerca del zar Alejo, se lamenta en su relato de no haber encontrado ninguna de las comodidades de la vida en Moscú, ni hospedaje en el camino ni auxilio de ninguna especie. Uno juzgaba como un alemán del Norte; el otro, como un inglés, y los dos, por comparación. El inglés se indignó al ver que la mayor parte de los boyardos tenían por cama tablas o bancos, sobre los cuales se extendía una piel o una manta; ésta era la costumbre

[2]En ruso, *Kremln.*

antigua de todos los pueblos; las casas, casi todas de madera, estaban sin muebles; casi todas las mesas de comedor, sin mantel; nada de pavimento en las calles, nada de agradable y cómodo, muy pocos artesanos, que además eran toscos y no trabajaban más que en las obras indispensables. Estas gentes hubieran parecido espartanas si hubiesen sido sobrias.

Pero la Corte, en los días de ceremonia, parecía la de un rey de Persia. El conde de Carlisle dice que él no vio más que oro y pedrería sobre las ropas del zar y de sus cortesanos; estos trajes no estaban fabricados en el país; sin embargo, era evidente que se podía conseguir que el pueblo fuese industrioso, puesto que se había fundido en Moscú mucho tiempo antes, bajo el reinado del zar Boris Godunow, la campana más grande que hay en Europa, y que se veían en la iglesia patriarcal ornamentos de plata que habían exigido mucho cuidado. Estas obras, dirigidas por alemanes e italianos, eran esfuerzos pasajeros; es la industria de todos los días y la multitud de artes continuamente ejercitadas lo que hace a una nación floreciente. Ni Polonia entonces ni ninguno de los países vecinos de los rusos les eran superiores. Las artes manuales no estaban más perfeccionadas en el norte de Alemania; las bellas artes

apenas eran allí más conocidas al principio del siglo XVII.

Aunque Moscú careciese entonces por completo de la magnificencia y de las artes de nuestras grandes ciudades de Europa, sin embargo, su circuito, de veinte mil pasos; la parte llamada ciudad chinesca, donde se ostentaban las rarezas de la China; el amplio barrio del Kremlin, donde está el palacio de los zares; algunas cúpulas doradas, torres elevadas y singulares, y, en fin, el número de sus habitantes, que asciende a cerca de quinientos mil, todo esto hacía de Moscú una de las más importantes ciudades del universo.

Teodoro, o Fedor, hermano mayor de Pedro el Grande, comenzó a civilizar a Moscú. Hizo construir muchas casas grandes de piedra, aunque sin ninguna arquitectura regular. Animó a los principales de su Corte a edificar, adelantándoles dinero y suministrándoles materiales. A él se deben las primeras yeguadas de hermosos ejemplares y algunos embellecimientos útiles. Pedro, que ha hecho todo, ha cuidado también de Moscú al construir Petersburgo; lo hizo pavimentar, lo adornó y enriqueció con edificios, con manufacturas; en fin: un

chambelán[3] de la emperatriz Isabel, hija de Pedro, ha sido allí profesor de una Universidad hace algunos años. Es el mismo que me ha suministrado todas las Memorias sobre las cuales escribo. El hubiera sido mucho más capaz que yo de componer esta historia, aun en mi lengua; todo lo que me ha escrito da fe de que solamente por modestia me ha dejado el cuidado de esta obra.

Smolensko. Al occidente del ducado de Moscú está el de Smolensko, parte de la antigua Sarmacia europea. Los ducados de Moscovia y de Smolensko componían la Rusia blanca propiamente dicha. Smolensko, que pertenecía primeramente a los grandes duques de Rusia, fue conquistado por el gran duque de Lituania al principio del siglo XV, y vuelto a tomar cien años después por sus antiguos dueños. El rey de Polonia Segismundo III se apoderó de él en 1611. El zar Alejo, padre de Pedro, lo recuperó en 1654, y desde esta época ha formado parte del imperio de Rusia. Se ha dicho en el elogio del zar Pedro pronunciado en París en la Academia de Ciencias que los rusos antes de él no habían con-

[3]M. de Schouvalof.

quistado nada en Occidente y Mediodía; es evidente que esto es una equivocación.

Gobierno de Novgorod y de Kiev o Ukrania. -Entre Petersburgo y Smolensko está la provincia de Novgorod. Se dice que fue en este país donde los antiguos eslavos o eslavones se establecieron primeramente. Pero ¿de dónde venían estos eslavos, cuya lengua se ha extendido por el nordeste de Europa? *Sla* significa un jefe, y *esclavo*, perteneciente a un jefe. Todo lo que se sabe de estos antiguos eslavos es que eran conquistadores. Fundaron la ciudad de Novgorod la Grande, situada sobre un río navegable desde su origen, que gozó durante mucho tiempo de un comercio floreciente y fue una potente aliada de las ciudades anseáticas. El zar Iván Basilowitz[4] la conquistó en 1467 y la despojó de todas sus riquezas, que contribuyeron a la magnificencia de la corte de Moscú, casi desconocida hasta entonces.

Al mediodía de la provincia de Smolensko encontráis la provincia de Kiev, que es la pequeña Rusia, la Rusia roja, o Ukrania, atravesada por el Dniéper, que los griegos han llamado Borístenes. La

[4]En ruso, Iwan wassiliewitch

diferencia entre estos dos nombres, uno duro de pronunciar, el otro melodioso, sirve para hacer ver, con otras cien pruebas, la rudeza de todos los antiguos pueblos del Norte y los encantos de la lengua griega. La capital Kiev, en otro tiempo Kisovia, fue edificada por los emperadores de Constantinopla, que hicieron de ella una colonia; se ven en ella todavía inscripciones griegas de mil doscientos años; es la única ciudad que tiene alguna antigüedad en estos países, donde los hombres han vivido tantos siglos sin construir paredes. Allí fue donde los grandes duques fijaron su residencia, en el siglo XI, antes de que los tártaros dominasen a Rusia.

Los ukranios, que se llaman cosacos, son un conjunto de antiguos roxolanos, sármatas y tártaros reunidos. Este país formaba parte de la antigua Escitia. Roma y Constantinopla, que han dominado tantas naciones, son países que están muy lejos de ser comparables en cuanto a fertilidad al de Ukrania. La Naturaleza se esfuerza allí en hacer bien a los hombres, pero los hombres no han secundado a la Naturaleza, viviendo de los frutos que produce una tierra tan inculta como fecunda, y viviendo todavía más de la rapiña; enamorados hasta el exceso de un bien preferible a todo, la libertad, y, sin em-

bargo, habiendo servido, una tras otra, a Polonia y a Turquía. En fin, se entregaron a Rusia en 1654, sin someterse demasiado, y Pedro los ha sometido.

Las demás naciones se distinguen por sus ciudades y sus burgos. Esta está dividida en diez regimientos. A la cabeza de estos diez regimientos había un jefe, elegido por pluralidad de votos, llamado *hetmán o itmán.* Este capitán de la nación no tenía el poder supremo. Hoy los soberanos de Rusia les dan un señor de la corte por *hetmán;* es un verdadero gobernador de provincia, semejante a nuestros gobernadores de comarcas en Estados que tienen todavía algunos privilegios.

Primeramente no había en este país más que paganos y mahometanos: fueron bautizados como cristianos de la comunión romana cuando han sido súbditos de Polonia, y hoy son bautizados, como cristianos de la Iglesia griega desde que pertenecen a Rusia.

Entre ellos están comprendidos estos cosacos zaporogos, que son aproximadamente lo que eran nuestros filibusteros: bandidos valerosos. Lo que les distinguía de todos los demás pueblos es que no toleraban nunca mujeres en sus poblaciones, como se supone que las amazonas no toleraban hombres

en las suyas. Las mujeres que les servían para perpetuarse moraban islas del río; nada de matrimonio, nada de familia; alistaban a los niños varones en su milicia y dejaban las hijas a sus madres. Con frecuencia, el hermano tenía hijos con su hermana y el padre con su hija. Ninguna otra ley entre ellos que las costumbres establecidas por las necesidades; sin embargo, tuvieron algunos sacerdotes del rito griego. Se ha construido desde hace algún tiempo el fuerte de Santa Isabel, sobre el Borístenes, para contenerlos. Sirven en los ejércitos como tropas irregulares, y desgraciado del que cae en sus manos.

Gobierno de Belgorod, de Voroneye y de Nijni-Novgorod -Si subís al nordeste de la provincia de Kiev, entre el Borístenes y el Tanais, se presenta el gobierno de Belgorod; es tan grande como el de Kiev. Es una de las provincias más fértiles de Rusia; es la que suministra a Polonia una cantidad prodigiosa de ese hermoso ganado que se conoce con el nombre de bueyes de Ukrania. Estas dos provincias se hallan al abrigo de las incursiones de los pequeños tártaros por trincheras, que se extienden del Borístenes al Tanais, guarnecidas de fuertes y reductos.

Subid todavía al Norte, pasad el Tanais; entraréis en el gobierno de Voroneye, que se extiende

hasta los límites del Palus-Meotide. Cerca de la capital que llamamos Voroneye[5] , en la desembocadura del río de este nombre, que se vierte en el Tanais, Pedro el Grande hizo construir su primera flota, empresa de la que no se tenía ni idea en todos estos vastos Estados. En seguida encontraréis el gobierno de Nijni-Novgorod, fértil en granos, atravesado por el Volga.

Astracán.-De aquella provincia entráis por el Mediodía en el reino de Astracán. Este país comienza a los cuarenta y tres grados y medio de latitud, bajo el más hermoso de los climas, comprendiendo aproximadamente tantos grados de longitud como de latitud; rodeado por un lado por el mar Caspio; por otro, por las montañas de Circasia, y avanzando todavía más allá del mar Caspio, a lo largo de los montes Cáucasos; bañado por el gran río Volga, el Iaick y otros varios, entre los cuales se puede, según pretende el ingeniero inglés Perri, trazar canales que, sirviendo de lecho a las inundaciones, harían el mismo efecto que los canales del Nilo y aumentarían la fertilidad de la tierra.

[5]En Rusia se escribe y se pronuncia Voronestch.

El ingeniero Perri, empleado por Pedro el Grande en estos lugares, encontró en ellos vastos desiertos cubiertos de pastos, de legumbres, de cerezos, de almendros. Carneros salvajes, de excelente carne, pastaban en estas soledades. Era necesario comenzar por dominar y civilizar los hombres de estos climas para secundar allí a la Naturaleza, que ha sido forzada en el clima de Petersburgo.

Este reino de Astracán es una parte del antiguo Kaptchak, conquistado por Gengis Khan, y en seguida por Tamerlán; estos tártaros dominaron hasta Moscú. El zar Juan Basilides, nieto de Iván Basilowitz, y el más grande conquistador entre los rusos, libertó a su país del Yugo tártaro en el siglo XVI y añadió el reino de Astracán a sus otras conquistas.

Astracán es el límite de Asia y Europa, y puede hacer el comercio entre una y otra transportando por el Volga las mercancías traídas por el mar Caspio. Este era uno de los grandes proyectos de Pedro El Grande; en parte ha sido ejecutado. Todo un arrabal de Astracún está habitado por indios.

Oremburgo- Al sudeste del reino de Astracán hay una pequeña región recientemente formada, que se llama Oremburgo; la ciudad de esto nombre fue edificada en 1734, a orillas del río Iaick. Este país

está erizado con las estribaciones de los montes Cáucasos. Fortalezas elevadas de trecho en trecho defienden los pasos de las montañas y de los ríos que de ellas descienden. En esta región, deshabitada en otro tiempo, es donde los persas vienen a depositar y a ocultar de la sagacidad de los ladrones sus efectos substraídos en las guerras civiles. La ciudad de Oremburgo ha venido a ser el refugio de los persas y de sus fortunas, y se ha acrecentando con sus calamidades; los indios, los pueblos de la gran Bukharia, aquí acuden a traficar; viene a ser el almacén de Asia.

Gobiernos de Kazan y de la Gran Pemia.- Más allá del Volga y del Iaick, hacia el Septentrión, está el reino de Kazan, el cual, como Astracán, entró en la herencia de un hijo de Gengis Khan, y después, de un hijo de Tamerlán, conquistado igualmente por Juan Basilides. Todavía está habitado por muchos tártaros mahometanos. Esta gran comarca se extiende hasta la Siberia; está probado que ha sido floreciente y rica en otro tiempo; todavía conserva alguna opulencia. Una provincia de este reino llamada la Gran Permia, y después el Solikam, era el almacén de las mercancías de Persia y de las pieles de Tartaria. Se ha encontrado en esta Permia una gran cantidad de

moneda con el cuño de los primeros califas y algunos ídolos de oro de los tártaros[6]; pero estos monumentos de antiguas riquezas han sido encontrados en medio de la pobreza y en desiertos; no había traza alguna de comercio; estas revoluciones ocurren con demasiada rapidez y facilidad en un país ingrato, ya que acontecen también en los más fértiles.

El célebre prisionero sueco Stralemberg, que supo aprovechar tan bien su desgracia, y que examinó todos estos vastos países con tanta atención, fue el primero que convirtió en verisímil un hecho que nunca se había podido creer, referente al antiguo comercio de estas regiones. Plinio y Pomponio Mela refieren que en tiempo de Augusto un rey de los suevos hizo a Metulo Celer el regalo de unos cuantos indios arrojados por la tempestad a las vecinas costas del Elba. ¿Cómo los habitantes de la India habían navegado por los mares germánicos? Esta aventura ha parecido fabulosa a todos los modernos, sobre todo desde que el comercio de nuestro hemisferio cambió por el descubrimiento del cabo de Buena Esperanza; pero en otro tiempo no era

[6]Memorias de Stralemberg, confirmadas por mis Memorias

más extraño ver a un indio comerciar con los países septentrionales del Occidente que a un romano pasar a la India por Arabia. Los indios iban a Persia, se embarcaban en el mar de Hircania, remontaban el Rha, que es el Volga; iban hasta la Gran Permia por el Kama, y de ahí podían ir a embarcarse al mar del Norte o al Báltico. En todo tiempo hubo hombres emprendedores. Los tirios hicieron viajes más sorprendentes.

Si después de haber echado una ojeada sobre todas estas vastas provincias volvéis la vista al Oriente, los límites de Europa y Asia se confunden allí también. Hubiera sido necesario un nuevo nombre para esta gran parte del mundo. Los antiguos dividieron en Europa, Asia y África su universo conocido; no habían visto ni la décima parte de él; esto origina que cuando se ha atravesado el Palus-Meotide no se sabe ya dónde acaba Europa y dónde comienza Asia; todo lo que está más allá del monte Taurus era designado con la palabra vaga de Escitia y después lo fue con la de Tartaria o Tataria. Sería acaso conveniente llamar tierras árticas o tierras del Norte a toda la comarca que se extiende

---

rusas.

desde el mar Báltico hasta los confines de la China, como se da el nombre de tierras australes a la parte del mundo no menos vasta situada hacia el polo antártico, y que constituye el contrapeso del globo.

Gobiernos de Siberia, de los samoyedos y de los ostiacos. -Desde las fronteras de las provincias de Arcángel, de Resán, de Astracán, se extiende al Oriente la Siberia, con las tierras ulteriores hasta el mar del Japón; toca al mediodía de Rusia por los montes Cáucasos; de ahí al país de Kamtchatka hay como unas mil doscientas leguas de Francia, y de la Tartaria meridional, que le sirve de límite, hasta el mar Glacial, hay alrededor de cuatrocientas, que es la menor anchura del imperio. Esta comarca produce las más ricas pieles, y esto es lo que ha servido para hacer su descubrimiento en 1563. No fue bajo el zar Fedor Iwanowitch, sino bajo Iván Basilides, en el siglo XVI, cuando un particular de las cercanías de Arcángel, llamado Anika, hombre rico para su Estado y su país, advirtió que algunos hombres de aspecto extraordinario, vestidos de una manera hasta entonces desconocida en este cantón y hablando una lengua que nadie entendía, descendían todos los

años por un río que desagua en el Dwina[7] y venían a traer al mercado martas y zorros negros, que cambiaban por clavos y pedazos de vidrio, como los primitivos salvajes de América daban su oro a los españoles; él los hizo seguir por sus hijos y por sus criados hasta su país. Eran samoyedos, pueblos que parecen semejantes a los lapones, pero que no son de la misma raza. Ignoran como ellos el uso del pan; se auxilian como ellos de los rengíferos o renos, que enganchan a sus trineos. Viven en cavernas, en chozas, en medio de la nieve[8]; pero, por otra parte, la Naturaleza ha puesto entre esta especie de hombres y los lapones diferencias muy marcadas. Me han asegurado que su mandíbula superior es más prominente al nivel de su nariz; sus orejas son más salientes. Los hombres y las mujeres no tienen pelo más que en la cabeza; el pezón es negro como el ébano. Los lapones y las laponas no tienen ninguno de estos caracteres. Me advierten, en Memorias enviadas de estos países tan poco conocidos, que se han engañado en la hermosa historia natural del jardín del rey cuando, hablando de tantas cosas curiosas referentes a la naturaleza humana, han con-

[7]Memorias enviadas de Petersburgo.

fundido la especie de los lapones con la de los samoyedos. Hay muchas más razas de hombres de lo que se piensa. Las de los samoyedos y los hotentotes parecen los dos extremos de nuestro continente; y si se fija la atención en los pezones negros de las mujeres samoyedas y en el delantal que la Naturaleza ha concedido a las hotentotas, que desciende, según dicen, hasta la mitad de sus muslos, se tendrá una idea de las variedades de nuestra especie animal, variedades ignoradas en nuestras ciudades, donde casi todo es desconocido, a excepción de lo que nos rodea.

Los samoyedos tienen en su moral singularidades tan grandes como en lo físico: no rinden culto alguno al Ser Supremo; se acercan al maniqueísmo, o, más bien, a la antigua religión de los magos, solamente en que reconocen la existencia de un principio del bien y uno del mal. El horrible clima en que habitan parece, en cierto modo, excusar esta creencia, tan antigua en tantos pueblos y tan natural en los ignorantes y los infortunados.

No se oye hablar respecto a ellos ni de robos ni de muertes; careciendo casi de pasión, están exentos

[8]Memorias enviadas de Petersburgo.

de injusticia. No hay palabra alguna en su lenguaje para expresar el vicio y la virtud. Su extrema simplicidad no les ha permitido todavía formarse nociones abstractas; cl sentimiento solo les dirige; y ésta es acaso una prueba incontestable de que los hombres aman la justicia por instinto cuando sus pasiones funestas no les ciegan.

Se convenció a algunos de estos salvajes para dejarse conducir a Moscú. Todo les llenó allí de admiración. Miraron al emperador como a su dios y se sometieron a entregarle todos los años una ofrenda de dos martas cibelinas por habitante. Se fundaron luego algunas colonias más allá del Obi y del Irtich[9]; también se construyeron allí fortalezas. En 1595 se envió al país un cosaco, y lo conquistó para los zares con algunos soldados y alguna artillería, como Cortés subyugó a Méjico; pero no conquistó apenas más que desiertos.

Remontando el Obi, en la unión del río de Irtich con el de Tobol, se encontró un pequeño lugar, del que se hizo la ciudad de Tobolsk[10], capital de la Siberia, hoy importante. ¿Quién creería que este país ha sido durante mucho tiempo la morada de estos

[9] En ruso, Irtisch.

mismos hunos que han asolado todo, hasta Roma, bajo el mando de Atila, y que estos hunos procedían del norte de la China? Los tártaros uzbecos han sucedido a hunos, y los rusos a los uzbetos. Se han disputado estos países salvajes, así como se han exterminado por los más fértiles. La Siberia estuvo en otro tiempo más poblada de lo que hoy está; sobre todo, hacia el Mediodía; se conoce esto por las sepulturas y las ruinas.

Toda esta parte del mundo, desde el grado sesenta, poco más o menos, hasta las montañas eternamente heladas que limitan los mares del Norte no se parece en nada a las regiones de la zona templada: ni son las mismas plantas ni los mismos animales los que existen sobre la tierra, ni los mismos peces en los lagos y en los ríos.

Más abajo del país de los samoyedos está el de los ostiacos, a lo largo del río Obi. No tienen de común con los samoyedos sino el ser, como ellos y como todos los hombres primitivos, cazadores, pastores y pescadores; unos, sin religión, porque no están unidos; otros, que forman hordas, teniendo una especie de culto, haciendo ofrendas al principal

[10]En ruso, Tobolskoy.

objeto de sus necesidades; se dice que adoran una piel de carnero, porque nada les es más necesario que este ganado, de igual modo que los antiguos egipcios agricultores escogían un buey para adorar en el emblema de este animal a la divinidad que lo ha hecho nacer para el hombre. Algunos autores pretenden que estos ostiacos adoran a una piel de oso, porque ésta es más caliente que la del carnero; puede ser que no adoren ni a una ni a otra.

Los ostiacos tienen también otros ídolos, cuyo, origen y culto no son más dignos de nuestra atención que sus adoradores. Se consiguió hacer cristianos a algunos de ellos hacia el año 1712; pero son cristianos como nuestros aldeanos más groseros, sin saber lo que son. Varios autores pretenden que este pueblo es originario de la Gran Permia; pero esta Gran Permia está casi desierta. ¿Por qué sus habitantes se habían de establecer tan lejos y tan mal? Estas obscuridades no valen nuestras investigaciones. Todo pueblo que no ha cultivado las artes debe ser condenado a ser desconocido.

Es aquí, sobre todo, entre los ostiacos, los buratos y los iakutas, sus vecinos, donde se encuentra con frecuencia este marfil cuyo origen no se ha podido conocer nunca; unos lo suponían un marfil

fósil; otros, los dientes de una clase de elefante cuya raza se ha extinguido. ¿En qué país no se encuentran productos de la Naturaleza que asombran y confunden a la filosofía?

Muchas montañas de estos países están llenas de ese amianto, de ese lino incombustible, del cual se hace tan pronto tela, tan pronto una especie de papel.

Al mediodía de los ostiacos están los buratos, otro pueblo que no se ha convertido todavía al cristianismo. Al este hay varias hordas que no se han podido someter completamente. Ninguno de estos pueblos tiene el menor conocimiento del calendario. Cuentan por nieves y no por la marcha aparente del Sol; como nieva regularmente y durante mucho tiempo en cada invierno, dicen: Mi edad es de tantas nieves como nosotros decirnos: Tengo tantos años.

Debo referir aquí lo que cuenta el oficial sueco Stralemberg, que, habiendo sido hecho prisionero en Pultava, pasó quince años en Siberia y la recorrió toda entera; dice que hay todavía restos de un pueblo antiguo cuya piel está pintarrajeada y manchada, y que él ha visto hombres de esta raza; y este hecho me ha sido confirmado por rusos nacidos en To-

bolsk. Parece que la variedad de las especies humanas ha disminuido mucho; se encuentran pocas de estas razas singulares, que, probablemente, las otras han exterminado; por ejemplo: hay muy pocos moros blancos, o de éstos albinos, uno de los cuales ha sido presentado a la Academia de Ciencias de París, y que yo he visto. Lo mismo ocurre con muchos animales cuya especie es muy rara.

En cuanto a los borandianos, de quienes se habla frecuentemente en la sabia historia del jardín del rey de Francia, mis Memorias dicen que este pueblo es absolutamente desconocido.

Todo el mediodía de estos países está poblado de numerosas hordas de tártaros. Los antiguos turcos han salido de esta Tartaria para ir a subyugar todos los países que hoy poseen. Los calmucos, los mongoles, son estos mismos escitas que, conducidos por Madies, se apoderaron de la Alta Asia y vencieron al rey de los medos, Ciaxares. Son los que Gengis Khan y sus hijos llevaron después hasta Alemania, y que formaron el imperio del Mogol bajo Tamerlán. Estos pueblos constituyen un gran ejemplo de los cambios ocurridos en todas las naciones. Algunas de sus hordas, lejos de ser temibles, se han convertido en vasallas de Rusia.

Tal es una nación de calmucos que habita entre la Siberia y el mar Caspio. Allí es donde se encontró en 1720 una casa subterránea de piedras, con urnas, lámparas pendientes, una estatua ecuestre de un príncipe oriental, llevando una diadema en la cabeza; dos mujeres sentadas en tronos y un rollo de manuscritos enviados por Pedro el Grande a la Academia de Inscripciones de París, comprobándose estaba en lengua del Tíbet; testimonios singulares todos de que las artes han habitado ese país bárbaro, y pruebas subsistentes de lo que ha dicho Pedro el Grande más de una vez: que las artes habían dado la vuelta al mundo.

Kamtchatka. -La última provincia es la de Kamtchatka, el país más oriental del continente. El norte de esta región suministra también hermosas pieles; los habitantes se visten con ellas en el invierno, y andan desnudos durante el verano. Con sorpresa, se han encontrado en la parte meridional hombres con largas barbas, mientras que en la parte septentrional, desde el país de los samoyedos hasta la desembocadura del río Amor, o Amur, los hombres no tienen barba, como los americanos. Así, que en el imperio de Rusia hay más diversidad de espe-

cies, más singularidades, más costumbres diferentes que en ningún país del universo.

Documentos recientes me enseñaron que este pueblo salvaje tiene también sus teólogos, que hacen descender a los habitantes de esta península de una especie de ser superior, que ellos llaman *Kouthou*. Estas Memorias dicen que no le rinden ningún culto, que no le aman ni le temen.

Así, tendrían una mitología sin tener religión; esto podría ser verdadero y no es apenas verisímil; el temor es el atributo natural de los hombres. Se supone que entre sus absurdos distinguen cosas permitidas y cosas prohibidas: lo que está permitido es satisfacer todas sus pasiones; lo prohibido es aguzar un cuchillo o un hacha cuando se va de viaje y salvar a un hombre que se ahoga. Si, en efecto, es un pecado entre ellos salvar la vida a su prójimo, son en esto diferentes de todos los hombres, que corren instintivamente en auxilio de sus semejantes, cuando el interés o la pasión no corrompe en ellos su inclinación natural. Parece que no se puede llegar a convertir en crimen una acción tan común y tan necesaria, que no es siquiera una virtud, más que por una filosofía igualmente falsa y supersticiosa, que sostiene que no hay que oponerse a la Provi-

dencia, y que un hombre destinado por el cielo a ser ahogado no debe ser socorrido por un hombre; pero estos bárbaros están muy lejos de tener ni aun una falsa filosofía.

Se dice, sin embargo, que celebran una gran fiesta, que llaman en su lenguaje con una palabra que significa purificación; pero ¿de qué se purifican si todo está permitido? ¿Y por qué se purifican si no temen ni aman a su dios *Kouthou?*

Hay, sin duda, contradicciones en sus ideas, como en las de casi todos los pueblos; las suyas son por falta de espíritu; las nuestras, por abuso; nosotros tenemos muchas más contradicciones que ellos, porque nosotros hemos razonado más.

Así como tienen una especie de dios, tienen también demonios; en fin: hay entre ellos hechiceros, como los ha habido siempre en todas las naciones más civilizadas. Son las viejas las que son hechiceras en Kamtchatka, como lo eran entre nosotros antes de que la sana física nos iluminase. ¡ En todas partes es un gaje del espíritu humano el tener ideas absurdas, fundadas en nuestra debilidad y en nuestra flaqueza! Los kamtchadales tienen también profetas que explican los sueños, y no hace mucho tiempo que nosotros hemos dejado de tenerlos.

Desde que la Corte de Rusia ha dominado estos pueblos, construyendo cinco fortalezas en su país, se les ha predicado la religión griega. Un gentilhombre ruso muy instruido me ha dicha que una de sus grandes objeciones consistía en que este culto no podía ser hecho para ellos, puesto que el pan y el vino son necesarios en nuestros misterios, y ellos no pueden tener ni pan ni vino en su país.

Este pueblo, por otra parte, merece pocas observaciones; no haré más que una: es que si se echa una ojeada sobre las tres cuartas partes de América, sobre toda la parte meridional del África, sobre el Norte, desde la Laponia hasta los mares del Japón, se encuentra que la mitad del género humano no está por encima de los pueblos del Kamtchatka.

Primeramente, un oficial cosaco fue por tierra de la Siberia a Kamtchatka en 1701, por orden de Pedro, quien, después de la desgraciada jornada de Narva, todavía extendía sus cuidados de un extremo al otro del continente. En seguida, en 1725, algún tiempo antes de que la muerte le sorprendiese en medio de sus grandes proyectos, envió al capitán Béring, dinamarqués, con orden expresa de ir por el mar Kamtchatka a las tierras de América, si esta empresa era practicable. Béring no pudo lograrlo en

su primera navegación. La emperatriz Ana lo envió también allá en 1733. Spengenberg, capitán de barco, asociado a este viaje, partió primero de Kamtchatka; pero no pudo hacerse a la mar hasta 1739: tanto tiempo necesitó para llegar al puerto de embarque y para construir allí navíos, para acomodarlos y proveerlos de las cosas necesarias. Spengenberg penetró hasta el norte del Japón por un estrecho formado por una larga serie de islas, y volvió sin haber descubierto el paso.

En 1741, Béring recorrió este mar, acompañado del astrónomo Lisle de la Croyre, de esta familia de Lisle que ha producido tantos sabios geógrafos; otro capitán iba a su vez a la descubierta. Béring y él alcanzaron las costas de América al norte de la California. Este paso, tanto tiempo buscado por los mares del Norte, fue, pues, al fin, descubierto; pero no se encontró auxilio alguno en estas costas desiertas. Faltó el agua dulce; el escorbuto hizo perecer una parte de la tripulación; se exploraron en un espacio de cien millas las costas septentrionales de la California; se vieron botes de cuero que conducían hombres semejantes a los canadienses. Todo fue infructuoso. Béring murió en una isla a la cual dio su nombre. El otro capitán, encontrándose más cer-

ca de la California, hizo bajar a tierra diez hombre de su tripulación; no volvieron a aparecer. El capitán se vio obligado a volver a ganar el Kamtchatka, después de haberlos esperado inútilmente, y De Lisle expiró al bajar a tierra. Estos desastres son el destino de casi todas las primeras tentativas en los mares septentrionales. No se sabe todavía qué fruto se cogerá de estos descubrimientos, tan penosos y tan llenos de peligros.

Hemos mostrado todo lo que compone en general el dominio de Rusia, desde la Finlandia hasta el mar del Japón. Todas las grandes porciones de este imperio han sido fundidas en diversas épocas, como ha ocurrido en todos los demás reinos del mundo. Escitas, hunos, masagetas, eslavos, cimbrios, getas, sámatas, son hoy los súbditos de los zares; los rusos propiamente dichos son los antiguos roxolanos o eslavos.

Si se reflexiona sobre ello, la mayoría de los demás Estados están igualmente compuestos. Francia es un conglomerado de godos, de dinamarqueses, llamados normandos; de germanos septentrionales, llamados borgoñones; de francos, de alemanes, de algunos romanos mezclados a los antiguos celtas. En Roma y en Italia hay muchas familias descen-

dientes de pueblos del Norte, y no se conoce ninguna que descienda de los antiguos romanos. El Soberano Pontífice es frecuentemente el vástago de un lombardo, de un godo, de un teutón o de un cimbrio. Los españoles son una raza de árabes, de cartagineses, de judíos, de tirios, de visigodos, de vándalos incorporados con los habitantes del país. Cuando las naciones se han mezclado de este modo, tardan mucho tiempo en civilizarse, y también en formar su lenguaje: unas se civilizan más pronto; otras, más tarde. La civilización y las artes se establecen tan difícilmente, las revoluciones arruinan con tanta frecuencia el edificio comenzado, que si hay que asombrarse de algo es de que la mayoría de las naciones no vivan todavía como los tártaros.

CAPITULO II

Continuación de la descripción de Rusia. -Población, hacienda, ejército, costumbres, religión. - Estado de Rusia antes de Pedro el Grande.

Cuanto más civilizado está un país, más poblado está. Así, la China y la India son los más poblados de todos los imperios, porque, tras la multitud de revoluciones que han cambiado la faz de la tierra, los chinos y los indios han formado el pueblo civilizado más antiguo que conocemos. Su gobierno tiene más de cuatro mil años de antigüedad; lo que supone, como ya se ha dicho, ensayos y esfuerzos intentados en siglos precedentes. Los rusos han venido tarde, y, habiendo introducido las artes ya completamente perfeccionadas, ha ocurrido que

hicieron más progresos en cincuenta años que ninguna nación había conseguido por sí misma en quinientos. El país no está poblado proporcionalmente a su extensión, ni mucho menos; pero, así y todo, posee tantos súbditos como ningún otro Estado cristiano.

Yo puedo asegurar que, según la lista de la capitación y el registro de comerciantes, artesanos, campesinos varones, hoy contiene Rusia, por lo menos, veinticuatro millones de habitantes. De estos veinticuatro millones de hombres, la mayor parte son siervos, como en Polonia, en varias provincias de Alemania y antiguamente en casi toda Europa. En Rusia y en Polonia se valúan las riquezas de un hidalgo y de un eclesiástico no por su renta en dinero, sino por el número de sus esclavos.

He aquí lo que resulta de un registro hecho en 1747 de los varones que pagaban el impuesto personal:

Comerciantes	198.000
Obreros	16.500
Campesinos incorporados a los comerciantes y a los obreros	1.950
Campesinos llamados *odonoskis,* que contribuyen al sostenimiento de la milicia	430.220

Otros que no contribuyen a ello	26.080
Obreros de diferentes oficios, cuyos padres son desconocidos	1.000
Otros que no están incorporados a ninguna clase de oficios	4.700
Campesinos que dependen inmediatamente de la Corona, aproximadamente.	555.000
Empleados en las minas de la Corona, tanto cristianos como mahometanos y paganos	64.000
Otros campesinos de la Corona, trabajando en las minas y en las fábricas de particulares	24.200
Recién convertidos a la Iglesia griega	57.000
Tártaros y ostiacos paganos	241.000
Mourses, tártaros, morduanes y otros, ya paganos, ya griegos, empleados en lostrabajos del Almirantazgo	7.800
Tártaros contribuyentes, llamados *tepteris y bobilitz,* etc .	28.900
Siervos de varios comerciantes y otros privilegiados, los cuales, sin poseer tierras, pueden tener esclavos	9.100
Labradores de las tierras destinadas al sostenimiento de la Corte	418.000
Labradores de las tierras propiedad de Su Majestad, independientemente del patrimonio de la Corona.	60.500
Labradores de las tierras confiscadas a la Corona	13.600

Siervos de los nobles .	3.550.000
Siervos que pertenecen a la asamblea eclesiástica y que costean sus gastos	37.500
Siervos de los obispos .	116.400
Siervos de los, conventos, muy disminuidos por Pedro	721.500
Siervos de las iglesias catedrales y parroquiales	23.700
Campesinos que trabajan en las obras del Almirantazgo u otras obras públicas, aproximadamente	4.000
Trabajadores en las minas y fábricas de particulares	16.000
Labradores de las tierras cedidas a los principales Manufactureros	14.500
Trabajadores en las minas de la Corona	3.000
Bastardos educados por sacerdotes .	40
Sectarios llamados *raskolniky*	2.200
	6.646.390

He aquí, en números redondos, seis millones seiscientos cuarenta mil varones que pagan el impuesto. En esta relación están contados los niños y los ancianos, pero no lo están las niñas ni las mujeres, como no lo están tampoco los varones que nacen desde el establecimiento de un catastro hasta la confección de otro. Triplicado solamente el número de contribuyentes, contando así a las mujeres y a las

niñas, y encontraréis cerca de veinte millones de almas.

Es necesario añadir a este número toda la clase militar, que asciende a trescientos cincuenta mil hombres. Ni la nobleza de todo el imperio ni los eclesiásticos, que son en número de doscientos mil, están sometidos a este impuesto; los extranjeros en el imperio están todos exentos, de cualquier profesión y de cualquier país que sean. Los habitantes de las provincias conquistadas, a saber: la Livonia, la Estonia, la Ingria, la Carelia y una parte de Finlandia, Ukrania y los cosacos del Tanais, los calmucos y otros tártaros, los samoyedos, los lapones, los ostiacos y todos los pueblos idólatras de la Siberia, país más grande que la China, no están comprendidos en esta enumeración.

Por este cálculo es imposible que el total de habitantes de Rusia no ascendiese, al menos, a veinticuatro millones en 1759, cuando me enviaron de Petersburgo estos documentos, sacados de los archivos del imperio. Por esta cuenta hay ocho personas por milla cuadrada. El embajador inglés de que ya he hablado no da más que cinco; pero no tenía, sin duda, documentos tan fieles como estos de que han querido darme noticia.

La tierra de Rusia está, pues, en proporción, cinco veces menos poblada que España; pero tiene cerca del cuádruplo de habitantes; está, aproximadamente, tan poblada como Francia y como Alemania; pero considerando su vasta extensión, el número de habitantes es allí treinta y tres veces más pequeño.

Hay una observación importante que hacer en esta enumeración: que de los Seis millones seiscientos cuarenta mil contribuyentes, se encuentran cerca de novecientos mil que pertenecen al clero de Rusia, no comprendiendo en él ni el clero de los países conquistados ni el de Ukrania y Siberia.

Así, de cada siete personas contribuyentes, el clero tenía una; pero al poseer este séptimo dista mucho de poseer la séptima parte de las rentas del Estado, como en tantos otros reinos, donde tienen, por lo menos, la séptima parte de todas las riquezas, pues sus labradores pagan un impuesto personal al soberano, y es preciso tener muy en cuenta las otras rentas de la Corona de Rusia, de las cuales al clero no le toca nada.

Esta evaluación es muy distinta de la de todos los escritores que se han ocupado de Rusia; los ministros extranjeros que han enviado Memorias a sus

soberanos se han equivocado todos en ellas. Es necesario escudriñar en los archivos del imperio.

Es muy verisímil que Rusia haya estado mucho más poblada que hoy en los tiempos en que la viruela, procedente del interior de la Arabia, y la otra enfermedad importada de América no habían todavía hecho estragos en estos climas, en donde han echado raíces. Estas dos plagas, por las cuales el mundo está más despoblado que por la guerra, son debidas, una, a Mahoma; la otra, a Cristóbal Colón. La peste, originaria de África, invade raramente los países septentrionales. En fin, respecto a los pueblos del Norte, desde los sármatas hasta los tártaros, que están más allá de la gran muralla, habiendo inundado el mundo con sus invasiones, este antiguo semillero de hombres debe de haber disminuido extraordinariamente.

En la vasta extensión de este país se cuentan cerca de siete mil cuatrocientos frailes y cinco mil seiscientos religiosos, a pesar del cuidado que tuvo Pedro el Grande de reducirlos a un número menor; cuidado digno de un legislador en un imperio donde lo que falta principalmente es la especie humana. Estas trece mil personas, enclaustradas y perdidas para el Estado, tenían, como el lector ha podido

observar, setecientos veinte mil siervos para cultivar sus tierras, y esto es evidentemente muy excesivo. Este abuso, tan común y tan funesto en tantos Estados, no ha sido corregido más que por la emperatriz Catalina II. Se ha atrevido a vengar a la Naturaleza y a la religión, privando al clero y a los frailes de las odiosas riquezas; les pagó del tesoro publico y quiso obligarles a ser útiles impidiéndoles ser peligrosos.

Respecto al estado de la hacienda del imperio, encuentro que en 1725, contando el tributo de los tártaros, todos los impuestos y todos los derechos en dinero, ascendía el total a trece millones de rublos, lo que equivalía a sesenta y cinco millones de nuestras libras de Francia, independientemente de los tributos en especie. Esta módica suma bastaba entonces para sostener trescientos treinta y nueve mil quinientos hombres, tanto por tierra como por mar. Las rentas y las tropas han aumentado después.

Los usos, los trajes y las costumbres en Rusia habían sido siempre más parecidos a los del Asia que a los de la Europa cristiana; tal era la antigua costumbre de recibir los tributos de los pueblos en género, de costear los viajes y la estancia de los embajadores y la de no presentarse ni en la iglesia ni ante el trono con una espada: costumbre oriental

opuesta a nuestro hábito ridículo y bárbaro de ir a hablar con Dios, a los reyes, a los amigos y a las mujeres con una gran arma ofensiva que desciende a lo largo de las piernas. La larga vestidura, en los días de ceremonia, parecía más noble que el traje corto de las naciones occidentales de Europa. Una túnica forrada de piel, con una larga toga enriquecida con piedras preciosas, y esa especie de altos turbantes que aumentan la estatura, eran de aspecto más imponente que las pelucas y las casacas, y más convenientes para los climas fríos; pero este antiguo traje de todos los pueblos parece menos a propósito para la guerra y menos cómodo para trabajar. Casi todas las demás costumbres eran groseras; pero no hay que suponer que fuesen tan bárbaras como dicen tantos escritores. Alberto Krautz habla de un embajador italiano a quien un zar hizo clavar el sombrero en la cabeza por no haberse descubierto al dirigirle la palabra. Otros atribuyen esta aventura a un tártaro; en fin, se ha referido este mismo cuento a un embajador francés.

Olearius pretende que el zar Miguel Federowitch deportó a Siberia a un marqués de Euxidenil, embajador del rey de Francia Enrique IV; pero nunca, seguramente, envió este monarca ningún embajador

a Moscú. Es lo mismo que cuando los viajeros hablan del país de Borandia, que no existe; que han comerciado con los naturales de Nueva Zembla, que apenas está habitada; que han tenido lugar conversaciones con los samoyedos, como si hubiesen podido entenderles. Si se suprimiese de las enormes compilaciones de viajes todo lo que no es cierto ni útil, esas obras y el público ganarían mucho en ello.

El gobierno se parecía al de los turcos por la milicia de los strelitz, la cual, como la de los genízaros, dispuso algunas veces del trono y perturbó al Estado casi siempre tanto como lo sostuvo. Estos strelitz eran en número de cuarenta mil hombres. Los que estaban repartidos por las provincias vivían del pillaje; los de Moscú vivían como burgueses; comerciaban, no servían y llevaban al exceso la insolencia. Para establecer el orden en Rusia era preciso disolverlos; nada más necesario ni más peligroso.

El Estado no poseía en el siglo XVII cinco millones de rublos -cerca de veinticinco millones de Francia- de renta. esto era bastante, cuando Pedro subió al trono, para permanecer en la antigua mediocridad; no llegaba al tercio de lo necesario para salir de ella y para alcanzar importancia en Europa; pero, además, muchos impuestos eran pagados en

especie, costumbre que agobia mucho menos a los pueblos que la de pagar sus tributos en dinero.

En cuanto al título de zar, es posible que provenga de los zares o chares del reino de Kazan. Cuando el soberano de Rusia Juan o Iván Basilides, en el siglo XVI, conquistó este reino, subyugado ya por su abuelo, pero perdido en seguida, tomó ese título, que ha subsistido en sus sucesores. Antes de Iván Basilides, los soberanos de Rusia llevaban el nombre de *veliki knes, gran príncipe, gran señor, gran jefe,* que las naciones cristiana. traducen por el de gran duque. El zar Miguel Federowitch adoptó con la embajada de Holstein los títulos de *gran señor y gran knes, conservador de todas las Rusias, príncipe de Vladimir, Moscou, Novgorod,* etc.; *zar de Kazan, zar de Astracán, zar de Siberia.* Este nombre de *zar* era, pues, el título de esos príncipes orientales; es, por lo tanto, verisímil que derivase más bien de *los shas* de Persia que de los *césares* de Roma, de los cuales probablemente los zares siberianos no habían oído hablar nunca en las orillas del río Obi.

Un título, cualquiera que sea, no es nada si los que lo ostentan no son grandes por sí mismos. El nombre de *emperador,* que no significa más que *general de ejército,* llegó a ser el nombre de los soberanos de

la república romana; hoy se le aplica a los soberanos de Rusia más justamente que a ningún otro si se considera la extensión y la potencia de sus dominios.

La religión del Estado fue siempre, desde el siglo XI, la que se llama griega, por oposición a la latina; pero había más naturales mahometanos y paganos que cristianos. La Siberia, hasta la China, era idólatra, y en más de una provincia era desconocido todo género de religión.

El ingeniero Perri y el barón de Stralemberg, que han estado tanto tiempo en Rusia dicen que han encontrado más probidad y buena fe en los paganos que en los demás; no era el paganismo quien les hacía virtuosos; pero llevando una vida pastoril, alejados del comercio de los hombres y viviendo como en los tiempos que se llaman la primera edad del mundo, exentos de grandes pasiones, necesariamente eran más hombres de bien.

El cristianismo no llegó sino muy tarde a Rusia, así como a todos los demás países del Norte. Se supone que una princesa llamada Olha lo introdujo allí, como Clotilde, sobrina de un príncipe arriano, lo hizo adoptar entre los francos; la mujer de un Micislas, duque de Polonia, entre los polacos, y la

hermana del emperador Enrique II, entre los húngaros. Es el sino de las mujeres ser sensibles a las persuasiones de los ministros de la religión y persuadir a los demás hombres.

Esta princesa Olha, se añade, se hizo bautizar en Constantinopla; se le llamó Elena, y, desde que se hizo cristiana, el emperador Juan Zimisces no dejó de estar enamorado de ella. Probablemente, era viuda. No quiso nada del emperador. El ejemplo de la princesa Olha, u Olga, no hizo al principio un gran número de prosélitos; su hijo, que reinó mucho tiempo[11], no pensaba completamente como su madre; pero su nieto Vladimiro, nacido de una concubina, había asesinado a su hermano para reinar; y habiendo pretendido la alianza del emperador de Constantinopla, Basilio, no la obtuvo sino a condición de hacerse bautizar. Es en esta fecha, del año 987, cuando la religión griega comenzó, en efecto, a establecerse en Rusia. Un patriarca de Constantinopla, llamado Crisobergo, envió un obispo a bautizar a Vladimiro, para añadir a su patriarcado esta parte del mundo[12].

[11]Se llamaba Sowastoslaw.

[12]Tomado de un manuscrito particular, titulado *Del gobierno eclesiástico en Rusia.*

Vladimiro acabó, pues, la obra comenzada por su abuelo. Un griego fue primer metropolitano de Rusia o patriarca. Desde entonces, los rusos han adoptado en su idioma un alfabeto tomado en gran parte del griego; habrían ganado en ello si el fondo de su lengua, que es la eslava, no hubiese permanecido siempre el mismo, a excepción de algunas palabras referentes a su liturgia y su jerarquía. Uno de los patriarcas griegos, llamado Jeremías, que tenía un proceso en el Diván y había venido a Moscú en demanda de socorros, renunció al fin a su pretensión sobre las iglesias rusas y consagró patriarca al arzobispo de Novgorod, llamado Job, en 1588.

Desde esta fecha, la Iglesia rusa fue tan independiente como su imperio. Era, en efecto, peligroso, vergonzoso y ridículo que la Iglesia rusa dependiese de una Iglesia griega, esclava de los turcos. El patriarca de Rusia fue desde entonces consagrado por los obispos rusos, no por el patriarca de Constantinopla. Siguió en jerarquía en la Iglesia griega al de Jerusalén; pero de hecho fue el único patriarca libre y poderoso, y, por consiguiente, el único real. Los de Jerusalén, Constantinopla, Antioquía y Alejandría no son más que los jefes mercenarios y envilecidos de una Iglesia esclava de los

turcos. Los mismos de Antioquía y de Jerusalén no están considerados como patriarcas, y no tienen mayor valimiento que los rabinos de las sinagogas establecidos en Turquía.

De un hombre que ha llegado a ser patriarca, de todas las Rusias desciende Pedro el Grande en línea recta. Bien pronto estos primeros prelados quisieron compartir la autoridad de los zares. No bastaba que el soberano desfilase con la cabeza descubierta, una vez al año, ante el patriarca, conduciendo su caballo por la brida. Estos respetos exteriores no sirven más que para irritar la sed de dominio. Este furor de dominar causó, grandes desórdenes, como en otras partes.

El patriarca Nicón, a quien los frailes miraban como un santo y que ocupaba la silla desde la época de Alejo, padre de Pedro el Grande, quiso, elevar su jerarquía por encima del trono; no solamente usurpaba el derecho de sentarse en el Senado al lado del zar, sino que pretendía que no pudiese hacerse la guerra ni la paz sin su consentimiento. Su autoridad, sostenida por sus riquezas y por sus intrigas, por el clero y por el pueblo, mantenía a su señor en una especie de sujeción. Se atrevió a excomulgar a algunos senadores que se opusieron a sus excesos; y, en

fin, Alejo, que no se sentía con bastarte fuerza para deponerlo por su sola autoridad, se vio obligado a convocar un sínodo de todos los obispos. Se le acusó de haber recibido dinero de los polacos, se le depuso, se le confinó por el resto de sus días en un claustro y los prelados eligieron otro patriarca.

Hubo siempre, desde el nacimiento del cristianismo en Rusia, algunas sectas, así como en los demás Estados, pues las sectas son con frecuencia el fruto de la ignorancia, tanto como de la supuesta ciencia. Pero Rusia es el único gran Estado cristiano donde la religión no ha provocado guerras civiles, aunque haya producido algunos tumultos.

La secta de los *raskolniky*, compuesta hoy de cerca de dos mil varones, y de la que se ha hecho mención en la relación anterior[13], es la más antigua; fue establecida en el siglo XII por fieles que tenían algún conocimiento del Nuevo Testamento; tenían, y todavía tienen, la pretensión de todos los sectarios: la de seguirlo al pie de la letra, acusando a todos los demás cristianos de relajamiento, no queriendo soportar que un sacerdote que ha bebido aguardiente confiera el bautismo, asegurando, con Jesucristo,

[13]Página 31

que no hay primero ni último entre los fieles, y, sobre todo, que un fiel puede matarse por el amor de su Salvador. Es, según ellos, un pecado muy grande decir *alleluya* tres veces; no hay que decirlo más que dos, y no dar nunca la bendición más que con tres dedos. Ninguna sociedad, por lo demás, es más ordenada ni más severa en sus costumbres; viven como los cuáqueros, pero no admiten, como ellos, a los demás cristianos en sus asambleas; esto es lo que ha hecho que los demás les hayan imputado todas las abominaciones de que han acusado los paganos a los primeros galileos, con que éstos han abrumado a los gnósticos, y los católicos a los protestantes. Se les ha imputado frecuentemente el degollar a un niño, beber su sangre y mezclarse juntos en sus ceremonias secretas, sin distinción de parentesco, de edad ni aun de sexo. Algunas veces se les ha perseguido; entonces ellos se encerraron en sus poblados, o han prendido fuego a sus casas y se arrojaron a las llamas. Pedro siguió con ellos el único partido que podía reducirlos: el de dejarles vivir en paz.

Por lo demás, no hay en un imperio tan vasto más que veintiocho sedes episcopales, y en tiempo de Pedro sólo contaban con veintidós; este pequeño número fue acaso una de las causas que mantu-

vieron a la Iglesia rusa en paz. Esta Iglesia, por otra parte, era tan poco instruida, que el zar Fedor, hermano de Pedro el Grande, fue el primero que introdujo el canto Dano en ella.

Fedor, y sobre todo Pedro, admitieron indiferentemente en sus ejércitos y en sus consejos a, los de rito griego, romano, luterano, calvinista; dejaron a cada uno en libertad de seguir a Dios según su conciencia, siempre que el Estado estuviese bien servido. No había en este imperio, de dos mil leguas de largo, ninguna iglesia latina. Solamente, cuando Pedro hubo establecido nuevas manufacturas en Astracán hubo como, unas sesenta familias católicas dirigidas por capuchinos; pero cuando los jesuitas quisieron introducirse en sus Estados, los expulsó mediante un edicto del mes de abril de 1718. Toleraba a los capuchinos como frailes sin consecuencia, y miraba a los jesuitas como políticos peligrosos. Estos jesuitas se habían establecido en Rusia en 1685; fueron expulsados cuatro años después; volvieron otra vez, y fueron también expulsados.

La Iglesia griega se envanece de hallarse extendida en un imperio de dos mil leguas, mientras que la romana no tiene la mitad de este, terreno en Europa. Los de rito griego han querido sobre todo

conservar en todo tiempo su igualdad con los de rito latino, y han temido siempre al celo de la iglesia de Roma, que ellos han tomado por ambición, porque, en efecto, la Iglesia romana, muy estrecha en nuestro hemisferio, y llamándose universal, ha querido llenar ese gran título.

No hubo jamás en Rusia destino alguno para los judíos, como lo tienen en tantos Estados de Europa, desde Constantinopla hasta Roma. Los rusos han hecho siempre su comercio por sí mismos y por las naciones establecidas entre ellos. De todas las iglesias griegas, la suya es la única que no tiene sinagogas al lado de sus templos.

Rusia, que debe únicamente a Pedro el Grande su gran influjo en los negocios de Europa, no tenía ninguno desde que era cristiana. Se la veía en otro tiempo hacer sobre el mar del Norte lo que los normandos hacían sobre nuestras costas del Océano: armar en tiempo de Heraclius cuarenta mil barcas pequeñas, presentarse ante Constantinopla para sitiarla e imponer un tributo a los césares griegos. Pero el gran knes Vladimiro, ocupado en introducir en su hogar el cristianismo, y fatigado con las disensiones intestinas de su casa, debilitó más aún sus Estados repartiéndolos entre sus hijos. Casi todos

fueron presa de los tártaros, que dominaron a Rusia durante doscientos años. Iván Basilides la libertó y la engrandeció; pero después de él, las guerras civiles la arruinaron.

Antes de Pedro el Grande estaba Rusia muy lejos de ser tan potente, de tener tantas tierras cultivadas, tantos súbditos, tantas rentas como en nuestros días. No poseía nada en Finlandia, nada en Livonia, y la Livonia sola vale más de lo que ha valido en mucho tiempo la Siberia. Los cosacos no estaban sometidos; los naturales de Astracán obedecían mal; el poco comercio que se hacía no era ventajoso. El mar Blanco, el Báltico, el Ponto Eusino, el de Azof y el mar Caspio eran completamente inútiles a una nación que no tenía ni un buque y que hasta en su lengua faltaba la palabra para expresar una flota. Si bastase con ser superior a los tártaros y pueblos del Norte hasta la China, Rusia gozaba de esta ventaja; pero era necesario igualarse a las naciones civilizadas y ponerse en estado de adelantar un día a muchas. Tal empresa parecía impracticable, puesto que no había un sola navío sobre los mares; que se ignoraba absolutamente en tierra la disciplina militar; que apenas se fomentaban las manufacturas más sencillas, y que la agricultura misma, que es el primer

móvil de todo, estaba abandonada. Esta exige del gobierno ser atendida y alentada, y es lo que ha hecho encontrar a los ingleses en sus granos un tesoro superior al de sus lanas.

Esta falta de cultura de las artes útiles indica claramente que no había ni idea de las bellas artes, que se convierten en necesarias a su vez cuando se posee todo lo demás. Se hubieran podido enviar a algunos naturales del país a instruirse entre los extranjeros; pero las diferencias de idiomas, de costumbres y de religión se oponían a ello; hasta una ley de Estado y de religión, igualmente sagrada y perniciosa, prohibía a los rusos salir de su patria, y parecía condenarles a una eterna ignorancia. Poseían los estados más vastos del universo, y todo estaba en ellos por hacer. Al fin, Pedro nació y Rusia fue formada.

Afortunadamente, de todos los grandes legisladores del mundo, Pedro es el único cuya historia sea bien conocida. Las de las Teseos, de los Rómulos, que hicieron mucho menos que él; las de las fundadores de todos los demás Estados civilizados, están mezcladas con fábulas absurdas; y nosotros tenemos aquí la ventaja de escribir verdades que pasarían por fábulas si no estuviesen comprobadas.

CAPITULO III

De los antepasados de Pedro el Grande.

La familia de Pedro ocupaba el trono desde 1613. Rusia, antes de esta época, había sufrido revoluciones que alejaban más aún la reforma y las artes. Es la suerte de todas las sociedades humanas. Jamás hubo desórdenes más crueles en ningún reino. El tirano Boris Godunow hizo asesinar en 1597 al legítimo heredero, Demetri, que nosotros llamamos Demetrio, y usurpó el imperio. Un monje joven tomó el nombre de Demetrio y pretendió ser él príncipe, escapado de los asesinos; y auxiliado por los polacos y por un gran partido que los tiranos tienen siempre en contra suya, expulsó al usurpador y usurpó a su vez la corona. Se reconoció su impostura en cuanto fue soberano, por lo que se in-

dignaron contra él; fue asesinado. Otros tres falsos Demetrios se erigieron, uno tras otro. Esta serie de imposturas suponía un país completamente en desorden. Cuanto menos civilizados son los hombres, más fácil es imponérseles. Se puede suponer hasta qué punto estos fraudes aumentaban la confusión y el infortunio público. Los polacos, que habían comenzado las revoluciones estableciendo al primer falso Demetri, estuvieron a punto de reinar en Rusia. Los suecos repartieron los despojos por la parte de Finlandia y pretendieron también el trono; el Estado estaba amenazado de una completa ruina.

En medio de estas desgracias, una asamblea, compuesta de los principales boyardos, eligió para soberano, en 1613, a un joven de quince años, lo que no parecía un medio seguro de acabar los desórdenes. Este joven era Miguel Romanov[14], abuelo del zar Pedro, hijo del arzobispo de Rostow, llamado Filareto, y de una religiosa emparentada por la línea femenina con los antiguos zares.

Es necesario saber que este arzobispo era un señor poderoso, a quien el tirano Boris había forzado a hacerse sacerdote. Su mujer, Sheremeto, fue tam-

bién obligada a tomar el velo; ésta era una antigua costumbre de los tiranos occidentales cristianos latinos; la de los cristianos griegos era saltar los ojos. El tirano Demetri dio a Filerato el arzobispado de Rostow y le envió de embajador a Polonia. Este embajador fue hecho prisionero de los polacos, entonces en guerra con los rusos: tan ignorantes estaban todos estos pueblos del derecho de gentes. Durante su detención, el joven Romanov, hijo de este arzobispo, fue elegido zar. Se canjeó a su padre por prisioneros polacos, y el joven zar hizo a su padre patriarca; este anciano fue soberano de hecho bajo el nombre de su hijo.

Si tal gobierno parecía singular a los extranjeros, el casamiento del zar Miguel Romanov lo parece más todavía. Los monarcas de las Rusias no elegían sus esposas en los otros Estados desde el año 1490. Parece que desde que tuvieron a Kazan y Astracán siguieron en casi todo las costumbres asiáticas, y principalmente la de no casare sino con súbditas suyas.

Lo que se parece más aún a las costumbres del Asia antigua es que para casarse un zar se hacían

[14]Los rusos escriben Romanow; los franceses no emplean la

venir a la corte las más hermosas jóvenes de provincias; la dama principal de la Corte las recibía en su casa, las alojaba separadamente y les hacía comer todas juntas. El zar las veía, o encubierto con un falso nombre o sin disfraz alguno. Se fijaba el día del casamiento, sin que la elección fuese todavía conocida, y el día fijado se presentaba un vestido de novia a aquella sobre quien había recaído la elección secreta; se repartían otros vestido a las pretendientes, que regresaban a sus casas. Hubo cuatro ejemplos de semejantes matrimonios.

De este modo fue como Miguel Romanov se casó con Eudoxia, hija de un pobre hidalgo, llamado Streshneu. Cultivaba él mismo sus campos con sus criados, cuando los chambelanes, enviados por el zar con regalos, lo notificaron que su hija había subido al trono. El nombre de esta princesa es amado todavía en Rusia. Todo esto está alejado de nuestras costumbres, y no es menos respetable por ello.

Es preciso decir que, antes de la elección de Romanov, un gran partido había elegido al príncipe Ladislao, hijo del rey de Polonia, Segismundo III. Las provincias vecinas de Suecia habían ofrecido la

---

w. Se pronuncia también Romanoff.

corona a un hermano de Gustavo Adolfo; así, Rusia se encontraba en la misma situación en que tan frecuentemente se ha visto Polonia, donde el derecho de elegir un monarca ha sido un manantial de guerras civiles. Pero los rusos no imitaron a los polacos, que hacen un contrato con el rey que eligen. Aunque hubiesen experimentado la tiranía, se sometieron a un joven sin exigir nada de él.

Rusia no había sido nunca un reino electivo; pero habiéndose agotado la rama masculina de los antiguos soberanos, y habiendo perecido violentamente en los últimos desórdenes seis zares o pretendientes, fue preciso, como se ha visto, elegir un monarca, y esta elección originó nuevas guerras con Polonia y Suecia, que combatieron por sus pretendidos derechos al trono de Rusia. Estos derechos a gobernar una nación a pesar de ella no pueden mantenerse nunca durante mucho tiempo. Los polacos, por su parte, después de haber avanzado hasta Moscú, y después del pillaje en que consistían las expediciones militares de aquellos tiempos, concluyeron una tregua de catorce años Polonia, por esta tregua, quedó en posesión del ducado de Smolensko, donde el Borístenes tiene su fuente. Los suecos hicieron también la paz; quedaron en pose-

sión de la Ingria y privaron a los rusos de toda comunicación con el mar Báltico; de suerte que este imperio quedó más aislado que nunca del resto de Europa.

Miguel Romanov, después de esta paz, reinó tranquilo, y no se hizo en todos sus Estados ningún cambio que corrompiese ni que perfeccionase la administración. Después de su muerte, ocurrida en 1645, su hijo Alejo Miguelwitz, o hijo de Miguel, de diez y seis años de edad, reinó por derecho hereditario. Se debe observar que los zares eran consagrados por el patriarca, según algunos ritos de Constantinopla, y, además, el patriarca de Rusia se sentaba en el mismo estrado con el soberano, afectando siempre una igualdad que menoscababa el poder supremo.

Alejo se casó como su padre, y eligió entre las jóvenes que le presentaron la que le pareció más agradable. Casó con una de las dos hijas del boyardo Miloslawski, en 1647, y después con una Nariskin, en 1671. Su favorito, Morosov, se casó con la otra. No se puede adjudicar a este Morosov un título más conveniente que el de visir, puesto que era un déspota en el imperio y su poder provocó revo-

luciones entre los strelitz y el pueblo, como ha ocurrido frecuentemente en Constantinopla.

El reinado de Alejo se vio turbado por sediciones sangrientas, por guerras interiores y extranjeras. Un jefe de los cosacos del Tamais, llamado Stenko-Rasin, quiso erigirse en rey de Astracán; inspiró durante mucho tiempo terror, pero al fin, vencido y hecho prisionero, terminó en el suplicio, como todos sus semejantes, para quienes no hay nunca más que el trono o el cadalso. Cerca de doce mil de sus partidarios fueron colgados -dicen- en el camino real de Astracán. Esta parte del mundo era de aquellas en donde los hombres, apenas gobernados por las costumbres, no lo eran más que por los suplicios, y de estos suplicios horribles nacían la servidumbre y el furor secreto por la venganza.

Alejo sostuvo una guerra con Polonia; fue victoriosa, y terminó por una paz que le aseguró el dominio de Smolensko, de Kiev y de Ukrania; pero fue infortunado con los suecos, y los límites del imperio estuvieron siempre muy reducidos del lado de Suecia.

Los turcos eran más de temer entonces; caían sobre Polonia y amenazaban los países del zar vecinos de la Tartaria Crimea, el antiguo Quersoneso

taúrico. En 1671 tomaron la importante ciudad de Kaminieck y todo lo que dependía de Polonia en Ukrania. Los cosacos de Ukrania, que no habían querido nunca amos, no sabían entonces si pertenecían a Turquía, a Polonia o a Rusia. El sultán Mahomet IV, vencedor de los polacos y que acababa de imponerles un tributo, pidió, con todo el orgullo de un otomano y de un vencedor, que el zar evacuase todo lo que poseía en Ukrania, lo que fue rechazado con la misma soberbia. No se sabía entonces disfrazar el orgullo con las apariencias de la cortesía. El sultán, en su carta, no trataba al soberano de Rusia más que de *hospodar cristiano, y se* titulaba *muy gloriosa majestad, rey de todo el universo. El* zar respondió *que él no había sido hecho para someterse a un perro mahometano, y que su cimitarra era mejor que el sable del sultán.*

Alejo, entonces, concibió un proyecto, que parecía anunciar el influjo que Rusia debía tener un día en la Europa cristiana. Envió embajadores al Papa y a casi todos los grandes soberanos de Europa, excepto a Francia, aliada de los turcos, para tratar de formar una Liga contra la Puerta otomana. Sus embajadores no consiguieron en Roma ni aun besar los pies del Papa, y no obtuvieron en las demás partes

sino promesas ineficaces, pues las querellas de los príncipes cristianos y los intereses que nacían de estas querellas no les permitían reunirse contra el enemigo de la cristiandad.

1674. -Los otomanos, sin embargo, amenazaban subyugar a Polonia, que rehusaba pagar el tributo. El zar Alejo la socorrió por el lado de la Crimea, y el general de la Corona Juan Sobieski lavó la honra de su país con la sangre de los turcos en la célebre batalla de Choczim, que le abrió camino al trono. Alejo le disputó el trono y propuso unir sus vastos Estados a Polonia, como los Jagelones habían unido a ella la Lituania; pero, por grande que fuese su oferta, no fue aceptada. Era muy digno dicen- de este nuevo reino, por la manera de gobernar los suyos; él fue el primero que hizo redactar un código aunque imperfecto; introdujo manufacturas de tela y de seda, que es verdad que no pudieron sostenerse pero que él tuvo el mérito de establecer. Pobló los desiertos hacia el Volga y el Kama, de familias lituanas, polacas y tártaras, apresadas en sus guerras. Todos los prisioneros, hasta entonces eran esclavos de aquellos a quienes pertenecían; Alejo hizo de ellos cultivadores; llevó la disciplina a sus ejércitos; en fin: era digno de ser el padre de Pedro el Grande;

pero no tuvo tiempo de perfeccionar nada de lo que emprendió: una muerte prematura lo arrebató a la edad de cuarenta y seis años, al comienzos de 1679, según nuestro calendario, que avanza siempre once días sobre el de los rusos.

Después de Alejo hijo de Miguel, todo volvió a caer en el desorden. De su primer matrimonio dejó dos príncipes y seis princesas. El mayor, Fedor, subió al trono a los quince años de edad, príncipe de una complexión débil y valetudinaria y de un mérito que no correspondía a la debilidad de su cuerpo. Alejo, su padre, lo había hecho reconocer por sucesor un año antes. Así acostumbraban hacer los reyes de Francia, desde Hugo Capeto hasta Luis el Joven, y tantos otros soberanos.

El segundo de los hijos de Alejo era Iván o Juan, todavía menos favorecido por la Naturaleza que su hermano Fedor, casi privado de la vista y de la palabra, así como de la salud, y atacado frecuentemente de convulsiones. De las seis hijas nacidas de este primer matrimonio, la única célebre en Europa fue la princesa Sofía, distinguida por su talento, pero, desgraciadamente, más conocida todavía por el daño que quiso hacer a Pedro el Grande.

Alejo, de su segundo matrimonio con otra de sus súbditas, hija del boyardo Nariskin, dejó a Pedro y la princesa Natalia. Pedro, nacido el 30 de mayo de 1672, y, según el nuevo cómputo, el 10 de junio, tenía cuatro años y medio cuando perdió a su padre. No gustaban entonces los hijos de segundas nupcias, y no se esperaba que pudiese llegar un día a reinar.

La intención de la familia Romanov fue siempre la de civilizar sus Estados; tal fue también el proyecto de Fedar. Ya hemos indicado, al hablar de Moscú, que animó a los ciudadanos a construir varias casas de piedra. Engrandeció esta capital; se le deben algunas reglamentos de policía general; pero al querer reformar a los boyardos disgustó a todos. Por otra parte, ni era bastante instruido, ni activo, ni con audacia suficiente para atreverse a concebir una reforma general. La guerra con los turcos, o, más bien, con los tártaros de Crimea, que continuaba, siempre con resultados oscilantes, no permitía a un príncipe de salud débil acometer esta gran empresa. Fedor se casó, como sus antecesores, con una de sus súbditas, natural de las fronteras de Polonia; y habiéndola perdido al cabo de un año, tomó una segunda mujer en 1592: Marta Mateona, hija del

secretario Apraxin. Cayó enfermo algunos meses después, de la enfermedad de que murió, y no dejó hijos. Así como los zares se casaban sin considerar la estirpe de la mujer, también podían, por lo menos entonces, escoger un sucesor sin atender a la primogenitura. Parecía que la jerarquía de esposa y heredero del soberano debía ser únicamente el premio del mérito, y en esto la costumbre de este imperio era muy superior a las de los Estados más civilizados.

Abril 1682. -Fedor, antes de expirar, viendo que su hermano Iván, demasiado maltratado por la Naturaleza, era incapaz de reinar, nombró por heredero de las Rusias a su segundo hermano, Pedro, que no tenía más que diez años de edad y que hacía concebir ya grandes esperanzas.

Si la costumbre de elevar alguna súbdita a la categoría de zarina era favorable a las mujeres, había, en cambio, otra muy dura: las hijas de los zares era raro que se casasen entonces; la mayor parte pasaban Su vida en un monasterio.

La princesa Sofía, la tercera de las hijas del primer matrimonio del zar Alejo, princesa de un espíritu tan superior como peligroso, viendo que a su hermano Fedor le quedaba poco tiempo de vida, no

quiso tomar la determinación del convento, y encontrándose entre sus otros dos hermanos, que no podían gobernar, uno por su incapacidad, el otro por su niñez, concibió el proyecto de ponerse a la cabeza del imperio; quiso, en la última época de la vida del zar Fedor, renovar el papel que en otro tiempo desempeñó Pulqueria con el emperador Teodosio, su hermano.

CAPITULO IV

Iván y Pedro. -Terrible sedición de la milicia de los strelitz.

Apenas hubo expirado Fedor[15], el nombramiento de un príncipe de diez años para ocupar el trono, la exclusión del primogénito y las intrigas de la princesa Sofía, su hermana, excitaron en el cuerpo de los strelitz una de las más sangrientas revoluciones. Ni los genízaros ni los guardias pretorianos fueron nunca tan bárbaros. Primeramente, dos días después de los funerales del zar Fedor, corren armados al Kremlín; éste es, como se sabe, el palacio de los zares en Moscú: comienzan por quejarse de nueve de sus coroneles, que no les habían pagado

con bastante exactitud. El ministerio se ve obligado a expulsar a los coroneles y a entregar a los strelitz el dinero que pedían. Los soldados no quedan contentos: quieren que les entreguen los nueve oficiales y les condenen, por mayoría de votos, al suplicio que se llama de las *varas:* he aquí cómo se inflige este suplicio:

Se desnuda al paciente; se le acuesta sobre el vientre, y los verdugos le golpean con unas varas en la espalda, hasta que el juez dice: *Es bastante.* Los coroneles, así tratados por sus soldados, se vieron todavía obligados a darles las gracias, según la costumbre oriental de los criminales, que después de haber sido castigados besan la mano de sus jueces; aquellos añadieron a sus muestras de gratitud una cantidad de dinero, lo que ya se salía de la costumbre.

Mientras que los strelitz comenzaban así a hacerse temer, la princesa Sofía, que les animaba bajo cuerda para conducirles de crimen en crimen, convocaba en su casa una asamblea de príncipes, de generales del ejército, boyardos, el patriarca, obispos, y aun de los principales comerciantes; en ella

[15]Tomado todo entero de las Memorias enviadas de Moscú y

les expuso que el príncipe Iván, por su derecho de primogenitura y por su mérito, debía gobernar el imperio, del cual esperaba ella en secreto llevar las riendas. Al salir de la asamblea promete a los strelitz un aumento de sueldo y regalos; sus emisarios excitan sobre todo a la soldadesca contra la familia de los Nariskin, y principalmente contra los dos Nariskin hermanos de la joven zarina viuda, madre de Pedro I. Se convence a los strelitz de que uno de estos hermanos, llamado Juan, se ha apoderado de las vestiduras del zar, que ha subido al trono y que ha querido ahogar al príncipe Iván; se añade que un desgraciado médico holandés, llamado Daniel Vangad, ha envenenado al zar Fedor. En fin: Sofía hace poner en sus manos una lista de cuarenta señores, que ella llama enemigos suyos y del Estado, y a quienes deben asesinar. Nada más parecido a las proscripciones de Sila y de los triunviros de Roma. Cristián II las había renovado en Dinamarca y en Suecia. Se ve por esto que tales horrores son de todos los países en las épocas de desorden y anarquía.

---

de Petersburgo.

Se empieza por tirar por las ventanas a los knes Dolgorouki y Maffen[16]; los strelitz los reciben en las puntas de sus picas, los desnudan y los arrastran por la gran plaza. Inmediatamente, entran en el palacio; encuentran allí a uno de los tíos del zar Pedro, Atanasio Nariskin, hermano de la joven zarina; lo asesinan de la misma manera; fuerzan las puertas de una iglesia vecina donde tres proscritos se habían refugiado; los arrancan del altar, los desnudan y los asesinan a puñaladas.

Su furor era tan ciego, que, al ver pasar a un joven señor de la casa Soltikof, a quien querían, y que no figuraba en la lista de los proscritos, algunos de ellos, tomándole por Juan Nariskin, a quien buscaban, lo mataron inmediatamente. Lo que descubre bien las costumbres de aquel tiempo es que, habiendo reconocido su error, llevaron el cuerpo del joven Soltikof a su padre para enterrarlo; y el desgraciado padre, lejos de atreverse a quejarse, los recompensó por haberle llevado el cuerpo ensangrentado de su hijo. Su mujer, sus hijas y la esposa del muerto lo reprochan su debilidad. Esperemos el momento de la venganza -les dice el viejo- Algunos strelitz oye-

[16]Matheoff: equivale a Mateo en nuestra lengua.

ron estas palabras; entran furiosos en la habitación, arrastran al padre por los cabellos y lo degüellan a la puerta de su casa.

Otros strelitz van buscando por todas partes al médico holandés Vangad; encuentran a su hijo; le preguntan dónde está su padre; el joven, temblando, responde que lo ignora, y por esta respuesta es degollado. Encuentran otro médico alemán. Tú eres médico -le dicen-; si tú no has envenenado a nuestro soberano Fedor, has envenenado a otros; bien mereces la muerte. Y lo matan.

Al fin encuentran al holandés que buscaban; estaba disfrazado de mendigo; lo arrastran ante palacio; las princesas, que querían a este buen hombre y que tenían confianza en él, piden su perdón a los strelitz, asegurándoles que es un buen, médico y que ha tratado muy bien a su hermano Fedor. Los strelitz responden que no sólo merece la muerte como médico, sino también como hechicero, y que han encontrado en él un gran sapo seco y una piel de serpiente. Añaden que les es absolutamente necesario libertar al joven Iván Nariskin, a quien buscan en vano desde hace dos días; que seguramente está oculto en el palacio; que le pegarán fuego si no se les entrega su víctima. La hermana de Iván Nariskin,

las demás princesas, espantadas, van adonde Juan Nariskin está escondido: el patriarca lo confiesa, le da el viático y la extremaunción, después de lo cual coge una imagen de la Virgen que pasaba por milagrosa; lleva de la mano al joven y avanza hacia los strelitz, mostrándoles la imagen de la Virgen. Las princesas, anegadas en lágrimas, rodean a Nariskin, se ponen de rodillas delante de los soldados les conjuran en nombre de la Virgen a conceder la vida a su pariente; pero los soldados lo arrancan de las manos de las princesas; lo arrastran escaleras abajo con Vangad; entonces forman entre ellos una especie de tribunal; tratan de la cuestión de Nariskin y el médico. Uno de ellos, que sabía escribir, instruye un proceso verbal; condenan a los dos infelices a ser descuartizados; éste es un suplicio usado en la China y en Tartaria para los parricidas; se le llama el suplicio de los diez mil pedazos. Después de haber tratado así a Nariskin y a Vangad exponen sus cabezas, sus pies y sus manos en las puntas de hierro de una balaustrada.

Mientras que éstos saciaban su furor ante los ojos de las princesas, otros asesinaban a todos los que les eran odiosos o sospechosos a Sofía.

Junio 1682. -Estas horribles ejecuciones acabaron por proclamar soberanos a los dos príncipes Iván y Pedro, asociándoles su hermana Sofía en calidad de corregente. Entonces ésta aprobó todos sus crímenes y los recompensó, confiscó los bienes de los proscritos y los repartió a los asesinos; los permitió además elevar un monumento, en el cual hicieron grabar los nombres de los asesinados como traidores a la patria; los dio, en fin, cédulas reales en las cuales los agradecía Su celo y fidelidad.

CAPITULO V

Gobierno de la Princesa Sofía. -Singular querella religiosa. -Conspiración.

He aquí por qué peldaños la princesa Sofía[17] subió efectivamente al trono de Rusia sin ser declarada zarina, y he aquí los primeros ejemplos que tuvo Pedro 1 ante sus ojos. Sofía tuvo todos los honores de una soberana: su busto en las monedas, la firma para todas las órdenes, el primer lugar en el Consejo y, sobre todo, el poder supremo. Tenía mucho talento; hasta hacía versos en su lengua, escribía y hablaba bien; una figura agradable realzaba aún más tanto talento; solamente su ambición lo obscurecía.

[17]Tomado todo entero de las Memorias enviadas de Petersburgo.

Casó a su hermano Iván según la costumbre de que ya hemos visto tantos ejemplos. Una joven Soltikof, de la familia de este mismo Soltikof que los strelitz habían asesinado, fue escogida en medio de la Siberia, donde su padre mandaba una fortaleza, para ser presentada al zar Iván en Moscú. Su belleza le hizo triunfar de las intrigas de todas sus rivales; Iván se casó con ella en 1684. A cada casamiento de un zar parece que se está leyendo la historia de Asuero, o la del segundo Teodosio.

En medio de las fiestas de estas bodas, los strelitz provocaron otro levantamiento; y, ¿quién lo creería?, era por cuestión de religión, era por el dogma. Si no hubiesen sido más que soldados, no se hubieran convertido en polemistas; pero eran vecinos de Moscú. Del interior de las Indias hasta los confines de Europa, cualquiera que tenga o se arrogue el derecho a hablar con autoridad al populacho puede fundar una secta; y esto es lo que ha ocurrido en todo tiempo, sobre todo desde que el furor del dogma ha venido a ser el arma de los audaces y el yugo de los imbéciles.

Se habían ya sufrido algunas sediciones en Rusia, en la época en que se disputaba si la bendición debía darse con tres dedos o con dos.

16 julio 1682 n. c. Un tal Abakum, arcipreste, había dogmatizado sobre el Espíritu Santo, quien, según el Evangelio, debe iluminar a todo fiel; sobre la igualdad de los primeros cristianos y sobre estas palabras de Jesús: *No habrá ni primero ni último.* Varios ciudadanos, varios strelitz, abrazaron las creencias de Abakuni; el partido se engrandeció; un tal Raspop fue su jefe. Los sectarios, al fin, entraron en la catedral, donde el patriarca y el clero oficiaban; los echaron de allí a él y a los suyos a pedradas y se pusieron devotamente en su lugar para recibir el Espíritu Santo. Llamaban al patriarca *lobo raptor en el redil,* título que todas las comuniones se han adjudicado generosamente unas a otras. Corrieron a prevenir a la princesa Sofía y a los dos zares de estos desórdenes; se hizo decir a los otros strelitz, a los que sostenían la buena causa, que los zares y la Iglesia estaban en peligro. El partido de los strelitz y burgueses adictos al patriarca vino a las manos con la facción de los abakumistas; pero la carnicería se suspendió en cuanto se habló de convocar un concilio. Inmediatamente se reunió un concilio en una sala del palacio: esta convocatoria no era difícil; se obligó a ir a todos los sacerdotes que se encontraron. El patriarca y un obispo disputaron con Ras-

pop, y al segundo silogismo se arrojaron piedras a la cara. El concilio acabó por cortarle el cuello a Raspop y a algunos de sus fieles discípulos, que fueron ejecutados solamente por las órdenes de los tres soberanos, Sofía, Iván y Pedro.

En esta época de revuelta había un knes, Chovanskoi, que, habiendo contribuido a la elevación al trono de la princesa Sofía, quería, como premio a sus servicios, participar en el gobierno. Es muy verisímil que Sofía se le mostrase ingrata. Entonces tomó el partido de la devoción y de los raspopitas perseguidos; todavía sublevó una parte de los strelitz y del pueblo en nombre de Dios; la conspiración fue más seria que el entusiasmo de Raspop. Un ambicioso hipócrita va siempre más lejos que un simple fanático. Chovanskoi pretendía nada menos que el imperio; y para no tener nada que temer nunca, resolvió asesinar a los dos zares y a Sofía y a las demás princesas y a todos cuantos estuvieron relacionados con la familia imperial. Los zares y las princesas se vieron obligados a retirarse al monasterio de la Trinidad, a doce leguas de Moscú. Este era a la vez un convento, un palacio y una fortaleza, como, Monte Cassino, Corbie, Fulda, Kempten y tantos otros de los cristianos del rito latino. Este

monasterio de la Trinidad perteneció a los monjes basilios; está rodeado de anchos fosos y de murallas de ladrillos provistas de numerosa artillería. Los monjes poseían cuatro leguas de terreno a la redonda. La familia imperial estaba allí segura, más todavía por la fuerza que por la santidad del lugar.

1682. -Desde allí, Sofía negoció con el rebelde, le engañó, le atrajo a la mitad de camino y le hizo cortar la cabeza, así como a uno de sus hijos y a treinta y siete strelitz que le acompañaban.

El cuerpo de los strelitz, al recibir esta noticia, se apresta a ir en son de guerra al convento de la Trinidad; amenaza con exterminarlo todo; la familia imperial se fortifica; los boyardos arman a sus vasallos; todos los hidalgos acuden; una guerra civil sangrienta comenzaba. El patriarca apaciguó un poco a los strelitz; las tropas que venían contra ellos de todas partes los intimidaron; en fin, pasaron del furor al miedo, y del miedo a la más ciega sumisión, cambio corriente en las Muchedumbres. Tres mil setecientos de los suyos, seguidos de sus mujeres y sus hijos, se pusieron una cuerda al cuello y partieron en este estado al convento de la Trinidad, que tres días antes querían reducirá cenizas. Estos desgraciados se rindieron ante el monasterio, llevando cada dos

un tajo y un hacha; se prosternaron en tierra y esperaron su suplicio: se les perdonó. Se volvieron a Moscú bendiciendo a sus soberanos y prestos, sin saberlo, a renovar sus atentados a la Primera ocasión.

Después de estas convulsiones, el Estado volvió a tomar un aspecto tranquilo. Sofía tuvo siempre la autoridad principal, abandonando a Iván a su incapacidad y teniendo a Pedro bajo tutela. Para aumentar su poder, lo compartió con el príncipe Basilio Gallitzin, quien hizo generalísimo, administrador del Estado y guardasellos: hombre superior en todo orden a cuanto existía entonces en esta corte tormentosa, culto, elevado, no teniendo, más que grandes proyectos, más instruido que ningún ruso, porque había recibido mejor educación; hasta poseyendo la lengua latina, casi totalmente ignorada en Rusia; hombre de un espíritu activo, laborioso de un genio superior a su siglo, y capaz de transformar a Rusia si tuviese tiempo y poder **c**omo tenía voluntad. Este es el elogio que hace de él La Neuville, diplomático por entonces de Polonia en Rusia, y los elogios de los extranjeros son los menos sospechosos.

Este ministro reprimió a la milicia de los strelitz distribuyendo los más revoltosos en regimientos en Ukrania, en Kazan, en Siberia. Fue bajo su administración cuando Polonia, durante mucho tiempo rival de Rusia, renunció en 1686 a todas sus pretensiones sobre las grandes provincias de Solemsko y Ukrania. Fue el primero que hizo enviar, en 1687, un embajador a Francia, país que estaba desde hacía veinte años en todo su esplendor por las conquistas y las nuevas posesiones de Luis XIV, por su magnificencia y, sobre todo, por la perfección de las artes, sin las cuales no se tiene más que mucha extensión, pero no verdadera gloria. Francia no había tenido todavía ninguna relación con Rusia, no se la conocía, y la Academia de Inscripciones conmemoró con una medalla esta embajada, como si hubiese venido de las Indias; pero, a pesar de la medalla, el embajador Dolgorouki fracasó; sufrió asimismo violentos disgustos por la conducta de sus criados; se consideró lo mejor tolerar sus faltas, pero la corte de Luis XIV no podía prever entonces que Rusia y Francia contarían un día entre sus ventajas la de estar estrechamente aliadas.

El Estado estaba entonces tranquilo interiormente, siempre oprimido del lado de Suecia, pero

extendido del lado de Polonia, su nueva aliada; continuamente en alarma hacia la Tartaria Crimea y en una semiinteligencia con la China respecto a las fronteras.

Lo que resultaba más intolerable a este imperio, y lo que mostraba bien que no había conseguido todavía una administración vigorosa y regular, era que el kan de los tártaros de Crimea exigía un tributo anual de sesenta mil rublos**,** como el que Turquía había impuesto a Polonia.

La Tartaria Crimea es este mismo Quersoneso Taúrico, célebre en otro tiempo por el comercio de los griegos y más aún por sus fábulas, comarca fértil y siempre bárbara, llamada Crimea, del título de los primeros kans, que se llamaban crimantes de las conquistas de los hijos de Gengis.

1687-1688. -Para eximirse y vengarse de la vergüenza de un tributo semejante, el primer ministro, Gallitzin, fue él mismo a Crimea a la cabeza de un numeroso ejército. Estos ejércitos no se parecían en nada a los que el gobierno sostiene hoy; nada de disciplina ni de semejanza con un regimiento bien armado; nada de uniformes, nada de regularidad: una milicia en verdad dura para el trabajo y la escasez, pero una profusión de equipajes que no se ve ni

aun en nuestros campos, donde reina el lujo. El número prodigioso de carros que llevaban municiones y víveres por países devastados y desiertos perjudicó a las campañas de Crimea. Se encontraron en vastas soledades sobre el río Samara sin almacenes. Gallitzin hizo en estos desiertos lo que yo creo que no se ha hecho en ninguna parte: empleó treinta mil hombres en edificar sobre el Samara una ciudad que pudiese servir de depósito para la campaña próxima; fue empezada en este año y terminada en tres meses al año siguiente, toda de Madera, es verdad, con dos casas de ladrillo y murallas de césped, pero provista de artillería y en estado de defensa.

Esto es todo lo que se hizo de notable en esta ruinosa expedición. Entre tanto, Sofía reinaba; Iván no tenía más que el nombre de zar, y Pedro, de diez y siete años de edad, tenía ya valor para serlo. El enviado de Polonia, La Neuville, residente entonces en Moscú y testigo ocular de lo que pasó, supone que Sofía y Gallitzin indujeron al nuevo jefe de los strelitz a sacrificar al joven zar; parece, por lo menos, que seiscientos de estos strelitz debían apoderarse de su persona. Los documentos secretos que la Corte de Rusia me ha confiado aseguran que se había tomado la determinación de matar a Pedro

I; el golpe iba a ser descargado y Rusia privada para siempre de la nueva existencia que después ha recibido. El zar se vio también obligado a salvarse en el convento de la Trinidad, refugio ordinario de la Corte amenazada por la soldadesca. Allí convoca a los boyardos de su partido, reúne un ejército, hace hablar al capitán de los strelitz llama a algunos alemanes establecidos en Moscú desde mucho tiempo antes, todos adictos a su persona, porque ya favorecía a los extranjeros. Sofía e Iván que Permanecen en Moscú conjuran al cuerpo de los strelitz a conservarse fieles; pero el partido de Pedro, que se lamentaba de un atentado meditado contra su persona y contra su madre, vence al de una princesa y un zar cuyo solo aspecto rechazaba los corazones. Todos los cómplices fueron castigados con una severidad a la cual el país estaba tan acostumbrado como a los atentados; algunos fueron decapitados después de haber sufrido el suplicio del knout o de las varas. El Jefe de los strelitz pereció de esta manera; se cortó la lengua a otros de quienes se sospechaba. El Príncipe Gallitzin, que tenía uno de sus parientes con el zar Pedro, consiguió salvar la vida; pero despojado de todos sus bienes, que eran inmensos, fue desterrado al camino de Arcángel. La Neuville, presente a

toda esta catástrofe, dice que se pronunció la sentencia de Gallitzin en estos términos: Se ha ordenado por el muy clemento zar que se te envíe a Karga, ciudad del polo, y que permanezcas allí el resto de tus días. La extrema bondad de Su Majestad te concede tres sueldos diarios.

No hay ciudad alguna en el Polo. Karga está a los sesenta y dos grados de latitud, seis grados y medio solamente más al Norte que Moscú. El que hubiese pronunciado esta sentencia habría sido un mal geógrafo; es de suponer que La Neuville fue engañado por un informe infiel.

1689. -En fin: la princesa Sofía fue conducida a su monasterio de Moscú después de haber reinado tanto tiempo; este cambio era un suplicio ya bastante grande.

Desde este momento, Pedro reinó. Su hermano Iván no tuvo otra participación en el gobierno, que la de ver su nombre en los actos públicos; llevó una vida puramente privada, y murió en 1696.

CAPITULO VI

Reinado de Pedro I. -Comienzo de la gran reforma.

Pedro el Grande era de alta estatura, aire libre y desembarazado, bien formado, el rostro noble, ojos vivos, un temperamento robusto, apto para todos los ejercicios y todos los trabajos; su espíritu era justo, que es la base de todos los verdaderos talentos; y este espíritu de justicia se mezclaba con una inquietud que le llevaba a emprenderlo todo y a realizarlo todo. Su educación distó mucho de ser digna de su genio: el interés de la princesa Sofía estaba principalmente en recluirle en la ignorancia y abandonarla a los extravíos que la juventud, la ociosidad, la costumbre y su jerarquía le concedían con exceso. Sin embargo, había contraído matrimonio reciente-

mente, casándose, como todos los demás zares, con una de sus súbditas, hija del coronel Lapuchin; pero como era muy joven, y no habiendo obtenido del trono durante algún tiempo más prerrogativa que la de entregarse a sus placeres, los serios lazos del matrimonio no le retuvieron bastante. Los placeres de la mesa con algunos extranjeros, atraídos a Moscú por el ministro Gallitzin, no permitían augurar que llegaría a ser un reformador; sin embargo, a pesar de los malos ejemplos, y aun a pesar de los placeres, se ocupaba en el arte militar y en el gobierno; se podía ya reconocer en él el germen de un gran hombre.

Menos aún se sospecharía que un príncipe dominado por un temor maquinal, que llegaba hasta el sudor frío y las convulsiones cuando necesitaba atravesar un arroyo, llegaría un día a ser el mejor marino del Norte. Comenzó por dominar su naturaleza arrojándose al agua, a pesar de su horror por este elemento; la aversión llegó a trocarse en un gusto dominante.

La ignorancia en que se le educó le hacía enrojecer. Aprendió por sí mismo, y casi sin maestro, bastante alemán y holandés para explicarse y para escribir inteligiblemente en estas dos lenguas. Los

alemanes y los holandeses eran para él los pueblos más civilizados, puesto que los unos cultivaban ya en Moscú algunas artes de las que él quería hacer nacer en su imperio, y los otros sobresalían en la marina, que consideraba como el arte más necesario.

Tales eran sus cualidades, a pesar de las inclinaciones de su juventud. Entre tanto, tenía siempre rebeliones que temer, el humor turbulento **d**e los strelitz que reprimir, y una guerra casi continua contra los tártaros de Crimea que sostener. Esta guerra había terminado en 1689, por una tregua que no duró sino muy poco tiempo.

En este intervalo, Pedro se fortificó en el propósito de atraer las artes a su patria.

Su padre, Alejo, había tenido ya las mismas miras; pero ni la fortuna ni el tiempo le secundaron; transmitió su genio a su hijo, pero más desarrollado, más vigoroso, más obstinado en las dificultades.

Alejo había hecho venir de Holanda, a costa de grandes gastos, al constructor Bothler[18], patrón de barco, con carpinteros y marineros, que construyeron en el Volga una gran fragata y un yate; descendieron por el río hasta Astracán; se les debía ocupar

[18]Memorias de Petersburgo y de Moscú.

en navíos que se iban a construir para comerciar ventajosamente con Persia por el mar Caspio. Entonces fue cuando estalló la revolución de Stenko-Rasin. Este rebelde hizo destruir los dos navíos, que, por su interés, debió haber conservado; asesinó al capitán; el resto de la tripulación se salvó en Persia, y de allí ganó las tierras de la compañía holandesa de las Indias. Un maestro carpintero, buen constructor, permaneció en Rusia, y allí estuvo mucho tiempo ignorado.

Un día, paseándose Pedro en Ismael-of, una de las casas de recreo de su abuelo, percibió, entre algunas rarezas, una pequeña chalupa inglesa que estaba completamente abandonada; preguntó al alemán Timmerman, su maestro de matemáticas, por qué aquel barco pequeño estaba construido de distinta manera que los que él había visto sobre el Moscova. Timmerman le respondió que estaba hecho para ir a velas y a remos. El joven príncipe quiso incontinenti hacer la prueba; pero era preciso carenarlo, repararlo; se encontró a este mismo constructor Brant; vivía retirado en Moscú; puso en buen estado la chalupa y la hizo navegar por el río de Yauza, que baña los arrabales de la ciudad.

Pedro hizo transportar su chalupa a un gran lago, en las inmediaciones del monasterio de la Trinidad; hizo construir por Brant dos fragatas y tres yates, y él mismo fue su piloto. En fin: mucho tiempo después, en 1694, fue a Arcángel, y habiendo hecho construir un pequeño navío en este puerto por el mismo Brant, se embarcó en el mar Glacial, que ningún soberano había visto antes que él; iba escoltado por un buque de guerra holandés, mandado por el capitán Jolson y seguido de todos los navíos mercantes llegados a Arcángel. En el momento empezó a aprender la maniobra, y, a pesar del apresuramiento de los cortesanos en imitar a su señor, él fue el único que la aprendió.

El formar un ejército de tierra adicto y disciplinado no era menos difícil que crear una flota. Sus primeros ensayos de marina en un lago antes de su viaje a Arcángel parecían solamente entretenimientos de la infancia del hombre de genio, y sus primeras tentativas para formar tropas no parecieron tampoco más que un juego. Esto ocurría durante la regencia de Sofía, y si se hubiese sospechado lo serio de este juego hubiese podido costarle caro.

Depositó su confianza en un extranjero; fue éste el célebre Le Fort, de una noble y antigua familia del

Piamonte, trasplantada desde unos dos siglos antes a Génova, donde había ocupado los principales cargos. Se le quiso educar para el comercio, lo único que devolvió importancia a esta ciudad, en otro tiempo conocida por la controversia.

Su genio, que le llevaba a más altas empresas, le hizo abandonar la casa paterna a la edad de catorce, años; sirvió cuatro meses, en calidad de cadete, en la ciudadela de Marsella; de allí pasó a Holanda, sirvió algún tiempo como voluntario, y fue herido en el sitio de Grave, sobre el Mosa ciudad bastante fuerte, que el Príncipe de Orange, después rey de Inglaterra, había recuperado a Luis XIV en 1674. Buscando en seguida su progreso por dondequiera que la esperanza le guiaba, se embarcó en 1675 con un coronel alemán, llamado Verstin, que había sido encargado por el zar Alejo, padre de Pedro, de la comisión de reclutar algunos soldados en los Países Bajos y conducirlos al puerto de Arcángel. Pero al llegar a él, después de haber sufrido todos los peligros del mar, el zar Alejo no existía; el Gobierno había cambiado; Rusia estaba trastornada; el gobernador de Arcángel dejó mucho tiempo a Verstin, Le Fort y a toda su tropa en la mayor miseria, y les amenazó con enviarles al interior de la Siberia; cada

uno se salvó como pudo. Le Fort, careciendo de todo, fue a Moscú y se presentó al residente de Dinamarca, llamado Horn, que le hizo su secretario; aprendió la lengua rusa; algún tiempo después, encontró un medio de ser presentado al zar Pedro. El hermano mayor, Iván, no era lo que él necesitaba; a Pedro le gustó, y le dio primeramente una compañía de infantería. Apenas si Le Fort había Servido*;* no era instruido; no había estudiado a fondo ningún arte, pero había visto mucho con el talento de saber ver bien; su conformidad con el zar se debía toda a su genio; sabía además el alemán y el holandés, que Pedro aprendía, como lenguas de dos naciones que podían ser útiles a sus proyectos. Todo contribuía hacerse agradable a Pedro; se unió a él; los placeres iniciaron su favor, y el talento lo confirmó; fue el confidente del proyecto más peligroso que un zar pudo formar: el de ponerse en situación de licenciar un día sin peligro la milicia sediciosa y bárbara de los strelitz. La vida le había costado al gran sultán o padishá Osmán el haber querido reformar los genízaros. Pedro, a pesar de lo joven que era, se condujo en esto con más habilidad que Osmán. Formó primeramente en su casa de campo Preobazinsky una compañía de cincuenta de sus criados más jóvenes;

algunos hijos de boyardos fueron escogidos para ser oficiales; pero, para enseñar a estos boyardos una subordinación que no conocían, les hizo pasar por todos los grados, y él mismo dio el ejemplo sirviendo primero como tambor, después soldado, sargento y teniente en la compañía. Nada más extraordinario ni más útil. Los rusos habían hecho siempre la guerra como nosotros la hacíamos en la época del gobierno feudal, cuando señores sin experiencia conduelan al combate a vasallos sin disciplina y mal armados; método bárbaro, suficiente contra ejércitos análogos, impotente contra tropas regulares.

Esta compañía, que habla creado Pedro solo, fue bien pronto numerosa, y vino a ser después el regimiento de guardias Preobazinski. Otra compañía, formada tomando a ésta por modelo, se convirtió en el otro regimiento de guardias Semenouski.

Había ya un regimiento de cinco mil hombres, con el cual se podía contar, formado por el general Gordon, escocés, y compuesto casi todo entero por extranjeros. Le Fort, que había profesado las armas poco tiempo, pero que era capaz de todo, se encargó de reclutar un regimiento de doce mil hombres, y llegó a conseguirlo; cinco coroneles fueron puestos

bajo su mando; él se encontró de repente general de este pequeño ejercito, creado, en efecto, contra los strelitz tanto como contra los enemigos del Estado.

Lo que se debe notar[19], y lo que destruye el error temerario de los que pretenden que la revocación del edicto de Nantes y sus consecuencias habían costado pocos hombres a Francia, es que el tercio de este ejército, llamado regimiento, estaba compuesto de franceses refugiados. Le Fort ejercitó a su nueva tropa como si él no hubiese tenido nunca otra profesión.

Pedro quiso ver una de las imágenes de la guerra, uno de esos simulacros cuyo uso empezaba a introducirse en tiempo de paz. Se construyó un fuerte que una parte de sus nuevas tropas debía defender y que la otra debía atacar. La diferencia entre este simulacro y los otros consistió en que en lugar de la imagen de un combate[20] se dio un combate real, en el cual hubo soldados muertos y muchos heridos. Le Fort, que dirigía el ataque, recibió una importante herida. Estos juegos sangrientos debían aguerrir a las tropas; sin embargo, eran precisos grandes trabajos, y hasta grandes desgracias para

[19]Manuscritos del general Le Fort.

llegar al final. El zar combinó estas fiestas guerreras con los cuidados que él concedía a la marina; Y así como había hecho a Le Fort general de tierra sin que hubiese Mandado todavía, le hizo también almirante, sin que jamás hubiese gobernado un navío; pero él lechería digno de lo uno y de lo otro. Es verdad que este almirante estaba sin escuadra y que este general no tenía más ejército que su regimiento.

Se reformaba poco a poco el gran abuso de los militares, esta independencia de los boyardos, que traían al ejército las milicias de sus campesinos; esta era la verdadera organización de los francos, de los hunos, de los godos y de los vándalos, pueblos vencedores del imperio romano en su decadencia y que hubiesen sido exterminados si hubiesen tenido que combatir con las antiguas legiones romanas disciplinadas o con ejércitos como los de nuestros días.

Bien pronto el almirante Le Fort dejó de tener un título completamente vano; hizo construir por holandeses y venecianos grandes barcas y hasta dos navíos con cerca de treinta cañones en la emboca-

[20] Manuscritos del general Le Fort.

dura del Veronisa, que se vierte en el Tanais; estos barcos podían descender por el río y tener en jaque a los tártaros de Crimea. Las hostilidades con estos pueblos se renovaban todos los días. El zar tenía que escoger en 1689, entre Turquía, Suecia y la China, a quién hacer la guerra. Es preciso comenzar por hacer ver en qué estado se encontraba con la China y cuál fue el primer tratado de paz que hicieron los chinos.

CAPITULO VII

Congreso y tratado con los chinos[21].

Primeramente se debe indicar cuáles eran los límites del imperio chino y del imperio ruso. Después de salir de la Siberia propiamente dicha y de haber dejado lejos, hacia el Sur, cien hordas de tártaros, calmucos blancos, calmucos negros, mongoles mahometanos, mongoles llamados idólatras, se avanza hacia él grado ciento treinta de longitud y al cincuenta y dos de latitud sobre el río Amur o Amor. Al norte de este río hay una gran cadena de montañas que se extiende hasta el mar Glacial más allá del círculo polar. Este río, que corre por espacio

[21]Tomado de los documentos enviados de la China, de los de Petersburgo y de las cartas reproducidas en la historia de la China, compilada por Du Halde.

de quinientas leguas en la Siberia y en la Tartaria China, va a perderse después de tantos rodeos en el mar de Kamtchatka. Se asegura que en su desembocadura en este mar se pesca alguna vez un pez monstruoso, mucho más grande que el hipopótamo del Nilo, y, cuya mandíbula es de un marfil muy duro y perfecto. Se supone que este marfil constituía en otro tiempo un objeto de comercio que se transportaba por la Siberia, y ésta es la razón por la cual se encuentran todavía algunos trozos enterrados en los campos. Es este marfil fósil del que hemos hablado ya; pero se pretende que antiguamente hubo elefantes en Siberia y que los tártaros, vencedores de los indios, condujeron a la Siberia varios de estos animales, cuyos huesos se han conservado en la tierra.

El río Amor es llamado el río Negro por los tártaros manchúes, y el río del Dragón por los chinos.

En este país[22], desconocido durante tanto tiempo, es en donde la China y Rusia se disputan los límites de sus imperios. Rusia poseía algunos fuertes hacia el río Amor, a trescientas leguas de la gran muralla. Se rompieron muchas veces las hostilidades

[22]Memorias de los jesuitas Pereira y Gerbillon.

entre los chinos y los rusos con motivo de estos fuertes; al fin, los dos Estados entendieron mejor sus intereses; el emperador Cam-hi prefirió la paz y el comercio a una guerra inútil. Envió siete embajadores a Nipchou, uno de estos establecimientos. Estos embajadores llevaban cerca de diez mil hombres consigo, contando su escolta. Ese era el fausto asiático; pero lo que es muy notable es que no había ejemplo alguno en los anales del imperio de una embajada enviada a otra potencia; lo que es también único es que los chinos jamás habían hecho un tratado de paz desde la fundación de su imperio. Dos veces subyugados por los tártaros, que los atacaron y los dominaron, no hicieron nunca la guerra a ningún pueblo, excepto a algunas hordas, o bien pronto subyugadas o presto abandonadas a sí mismas, sin ningún tratado. Así, esta nación, tan renombrada por la moral, no conocía lo que nosotros llamamos *derecho de gentes,* es decir: las reglas inciertas de la guerra y la paz, los derechos de los ministros públicos, las fórmulas de los tratados, las obligaciones que de ellos derivan, las disputas sobre la preferencia y el punto de honor.

¿En qué lengua, por lo demás, podían tratar los chinos con los rusos en medio de los desiertos?

Dos jesuitas, uno portugués, llamado Pereira; el otro, francés, llamado Gerbillon, salidos de Pequín con los embajadores chinos, les allanaron todas las nuevas dificultades y fueron los verdaderos mediadores. Trataron en latín con un alemán de la embajada rusa que sabía esta lengua. El jefe de la embajada rusa era Gollovin, gobernador de Siberia; ostentó mayor magnificencia que los chinos, y por ello dio una noble idea de su imperio a aquellos que se creían los únicos poderosos sobre la tierra. Los dos jesuitas demarcaron los límites de los dos dominios; fueron llevados al río Kerbechi, cerca del lugar donde se negociaba. El sur quedó para los chinos; el norte, para los rusos. A éstos no les costó más que una pequeña fortaleza, que se encontró construida más allá de los límites; se juró una paz eterna, y, después de algunas discusiones, los rusos y los chinos la juraron[23], en nombre del mismo Dios, en estos términos: Si alguien tiene alguna vez el pensamiento secreto de volver a encender el fuego de la guerra, rogamos al soberano Señor de todas las cosas, que conoce los corazones, castigue a estos traidores con una muerte inmediata.

[23]1689, 8 septiembre, nuevo cómputo. Memorias de la China.

Esta fórmula, común a chinos y a cristianos, puede hacer conocer dos cosas importantes: la primera, que el gobierno chino no es ni ateo ni idólatra, como se ha reprochado tan frecuentemente por imputaciones contradictorias; la segunda, que todos los pueblos que cultivan su razón reconocen en efecto al mismo Dios, a pesar de todos los extravíos de esta razón mal instruida. El tratado fue redactado en latín, en dos ejemplares. Los embajadores rusos firmaron también la suya los primeros, según la costumbre de las naciones de Europa que tratan de Corona a Corona. Se observó otra costumbre de las naciones asiáticas y de las primitivas edades del mundo conocido; el tratado fue grabado sobre dos grandes mármoles, que fueron colocados para servir de lindes a los dos imperios[24]. Tres años después, el zar envió al dinamarqués Ilbrand Ide, en embajada a la China, y el comercio establecido subsistió después con utilidad hasta una ruptura entre Rusia y la China, en 1722; pero después de esta interrupción volvió a recobrar nuevo vigor.

[24] Estos dos mármoles no existieron nunca, si se cree al autor de la nueva historia de Rusia.

CAPITULO VIII

Expedición hacia el Palus-Meotide. -Conquista de Azof. -El zar envía jóvenes a instruirse a los países extranjeros.

No fue tan sencillo conseguir la paz con los turcos: parecía llegado el momento de elevarse sobre sus ruinas. Venecia, oprimida por ellos, comenzaba a levantarse. El mismo Morosini, que había entregado Candía a los turcos, les tomaba el Peloponeso, y esta conquista le valió el título de *Peloponesíaco,* honor que recordaba los tiempos de la república romana. El emperador de Alemania, Leopoldo, conseguía algunos triunfos contra el imperio turco en Hungría, y los polacos rechazaban al menos las correrías de los tártaros de Crimea.

Pedro aprovechó estas circunstancias para aguerrir a sus tropas y para conseguir, si podía, el imperio del mar Negro (1694). El general Gordon marchó a lo largo del Tanais, hacia Azof, con su gran regimiento de cinco mil hombres; el general Le Fort, con el suyo de doce mil; un cuerpo de strelitz, mandado por Sheremeto[25] y Shein, oriundo de Prusia; un cuerpo de cosacos y un gran tren de artillería; todo fue preparado, para esta expedición.

Este gran ejército avanzó bajo las órdenes del mariscal Sheremeto, al principio del verano de 1695, hacia Azof, a la desembocadura del Tanais y a la extremidad del Palus-Meotide, que hoy se llama el mar de Zabache. El zar estaba en el ejército, pero en calidad de voluntario, queriendo durante mucho tiempo aprender antes de mandar. Durante la marcha se tomaron por asalto dos torres que los turcos habían construido en las dos orillas del río.

La empresa era difícil; la plaza, bastante bien fortificada, estaba defendida por una numerosa guarnición. Grandes barcas, semejantes a las turcas, construidas por venecianos, y dos pequeños buques de guerra holandeses, salidos de la Veronisa, no

[25] Sheremetow o Sheremetof, o según otra ortografía,

estuvieron preparados bastante pronto, y no pudieron entrar en el mar de Azof. En todo comienzo se tropieza siempre con obstáculos. Los rusos no habían hecho todavía un sitio regular. Este ensayo no fue, desde luego, feliz.

Un tal Jacob, natural de Danzig, dirigía la artillería, bajo las órdenes del general Shein; pues apenas había más que extranjeros para los principales cargos de artilleros e ingenieros, como para pilotos. Este Jacob fue condenado al castigo de las varas por su general Shein, prusiano. El mando entonces parecía fortalecido por estos rigores. Los rusos se sometían a ellos a pesar de su inclinación a las sediciones, y después de estos castigos servían como de ordinario. El de Danzig pensaba de otro modo; quiso vengarse; clavó el cañón, huyó a Azof, abrazó la religión musulmana y defendió la plaza con buen éxito. Este ejemplo muestra que el sentimiento humanitario que se observa hoy en Rusia es preferible a las antiguas crueldades y ata más al deber a los hombres que, con una educación afortunada, han adquirido sentimientos de honor. El rigor extremo era entonces necesario para el pueblo bajo;

Czeremrtoff.

pero, al cambiar las costumbres, la emperatriz Isabel acabó con la clemencia la obra que su padre comenzó con las leyes. Esta indulgencia ha sido llevada todavía a un punto del que no hay ejemplo en la historia de ningún pueblo. Aquélla había prometido que durante su reinado nadie sería castigado con la muerte, y cumplió su promesa. Fue la primer soberana que respetó así la vida de los hombres. Los malhechores fueron condenados a las minas, a las obras públicas; sus castigos han resultado útiles al Estado, institución tan sabia como humana. En todas partes, además, no se sabía sino matar a un criminal con solemnidad, sin haber impedido nunca los crímenes. El terror de la muerte hace menos impresión acaso sobre los criminales, la mayor parte holgazanes, que el temor de un castigo y de un trabajo penoso que renacen todos los días.

Para volver al sitio de Azof, defendida de aquí en adelante por el mismo hombre que había dirigido los ataques, se intentó en vano un asalto, y después de haber perdido mucha gente se vieron obligados a levantar el sitio.

La constancia en toda empresa constituía el carácter de Pedro. Volvió a llevar un ejército más considerable todavía contra Azof en la primavera de

1696. El zar Iván, su hermano, acababa de morir. Aunque su autoridad no había estado nunca mermada por Iván, que no tenía de zar más que el nombre, siempre lo estaba algo, solamente por las conveniencias. Los gastos de la casa de Iván se dedicaron a su muerte al sostenimiento del ejército; era una ayuda para un Estado que no tenía entonces rentas tan grandes como hoy. Pedro escribió al emperador Leopoldo, a los Estados generales, al elector de Brandeburgo, para obtener ingenieros, artilleros, gente de mar. Alistó a sueldo a los calmucos, cuya caballería es muy útil contra la de los tártaros de Crimea.

El éxito más lisonjero para el zar fue el de su pequeña escuadra, que, al fin, estuvo completa y bien gobernada. Esta derrotó a los barcos turcos enviados de Constantinopla y tomó algunos de ellos. El sitio fue estrechándose con regularidad por medio de trincheras, no enteramente con arreglo a nuestro método; las trincheras eran tres veces más profundas, y los parapetos tenían altas murallas. Al fin, los sitiados rindieron la plaza el 28 de julio, nuevo cómputo, sin honores de guerra, sin llevar armas ni municiones, y se obligaron a entregar el desertor Jacob a los sitiadores.

El zar se propuso primeramente, fortificando a Azof, cubriéndola de fuertes, construyendo un puerto capaz de contener los mayores navíos, hacerse dueño del estrecho de Caffa, de este Bósforo cimeriano, que da entrada al Ponto Eusino, lugares célebres antiguamente por los armamentos de Mitridates. Dejó treinta y dos barcos armados ante Azof[26] y preparó todo para organizar contra los turcos una flota de nueve navíos de sesenta cañones y cuarenta y uno de treinta a cincuenta piezas de artillería. Exigió que los principales señores, los más ricos comerciantes, contribuyesen a este armamento; y creyendo que los bienes de los eclesiásticos debían servir a la causa común, obligó al patriarca, a los obispos, a los archimandritas, a pagar de su dinero este nuevo esfuerzo que él hacía por el honor de su patria y el beneficio de la cristiandad. Se hizo construir por los cosacos barcos ligeros, a los que están acostumbrados, y que pueden costear fácilmente las orillas de Crimea. Turquía debía estar alarmada con tal armamento, el primero que se intentó sobre el Palus-Meotide. El proyecto era expulsar para siempre a los tártaros y los turcos de Crimea y establecer

[26]Memorias de Le Port.

en seguida un gran comercio fácil y libre con Persia por la Georgia. Es el mismo comercio que hicieron antiguamente los griegos en Coleos y en este Quersoneso taúrico, que el zar parecía deber someter.

Vencedor de los turcos y de los tártaros, quiso acostumbrar a su pueblo a la gloria como a los trabajos. Hizo entrar en Moscú a su ejército bajo arcos de triunfo, en medio de fuegos de artificio y de todo lo que podía embellecer esta fiesta. Los soldados que habían combatido sobre los barcos venecianos contra los turcos, y que constituían una tropa aparte, marchaban los primeros. El mariscal Sheremeto, los generales Gordon y Shein, el almirante Le Fort, los demás oficiales generales, precedieron en esta ceremonia al soberano, quien decía no tener aún categoría en el ejército, y quien quería con este ejemplo mostrar a toda la nobleza que es preciso merecer los grados militares para gozar de ellos.

Este triunfo parecía tener alguna cosa de los antiguos romanos; se parecía sobre todo, en que los vencedores exponían en Roma a los vencidos a las miradas del pueblo y los entregaban alguna vez a la muerte; los esclavos hechos en esta expedición seguían al ejército, y aquel Jacob que lo había traicionado era llevado en un carro, sobre el cual se había

levantado una horca, a la que fue en seguida conducido, después de haber sufrido el suplicio de la rueda.

Se acuñó entonces la primer medalla en Rusia. La leyenda, rusa, es notable: Pedro I, emperador de Moscovia, siempre augusto. En el reverso está Azof, con estas palabras: Vencedor a través de las llamas y de los mares.

Pedro estaba afligido, en medio de este éxito, por ver sus navíos y sus galeras del mar de Azof construidas únicamente por manos extranjeras. Tenía además tantos deseos de tener un puerto sobre el mar Báltico como sobre el Ponto Eusino.

En el mes de marzo de 1697 envió sesenta rusos jóvenes del regimiento de Le Fort a Italia, la mayor parte a Venecia, algunos a Liorna, para aprender allí todo lo relativo a la marina y a la construcción de galeras; hizo partir a otros cuarenta[27] a instruirse en Holanda en la fábrica y maniobra de los grandes navíos; otros fueron enviados a Alemania para servir en el ejército de tierra y para formarse en la disciplina alemana. En fin: resolvió alejarse durante algunos años de sus Estados con el intento de

[27]Manuscritos del general Le Fort.

aprender a gobernarlos mejor. No podía resistir al violento deseo de instruirse por sus ojos, y aun por sus manos, en la marina y en las artes, que quería establecer en su patria. Se propuso viajar de incógnito por Dinamarca, Brandeburgo, Holanda, Viena, Venecia y Roma. Solamente Francia y España no entraron en su plan: España, porque esas artes que él buscaba estaban en ella demasiado descuidadas, y Francia, porque en ella reinaban con demasiado fausto, y la altura de Luis XIV, que había sorprendido a tantos potentados, convenía mal a la sencillez con que pensaba hacer sus viajes. Además, estaba ligado con la mayoría de las Potencias a que pensaba ir, excepto con Francia y con Roma. Se acordaba también, con algún despecho, de las escasas atenciones que Luis XIV había tenido para con la embajada de 1687, que no consiguió tan buen éxito como celebridad, y, por último, era ya partidario de Augusto, elector de Sajonia, a quien el príncipe de Conti disputaba la corona de Polonia.

CAPITULO IX

Viajes de Pedro el Grande.

Formado el proyecto de ver tantos Estados y Cortes como un simple particular, se colocó él mismo en el séquito de tres embajadores, como se había puesto en el de sus generales a su entrada triunfal en Moscú[28].

Los tres embajadores eran el general Le Fort, el boyardo Alejo Gollovin, comisario general de guerra y gobernador de la Siberia, el mismo que había firmado el tratado de paz perpetua con los plenipotenciarios de la China en las fronteras de este imperio, y Vonitzin, diak o secretario de Estado, durante mucho tiempo empleado en las Cortes extranjeras.

[28]Memorias de Petersburgo y Memorias de Le Fort.

Cuatro primeros secretarios, doce gentileshombres, dos pajes para cada embajador, una compañía de cincuenta guardias con sus oficiales, todos del regimiento Preobazinsky, componían el séquito principal de esta embajada; había en total doscientas personas, y el zar, reservándose por todo servicio un ayuda de cámara, un lacayo de librea y un enano, se confundía en el montón. Era ésta una cosa inaudita en la historia del mundo: un rey de veinticinco años que abandonaba sus Estados para aprender a reinar mejor. Su victoria sobre los turcos y los tártaros, el esplendor de su entrada triunfal en Moscú, las numerosas tropas extranjeras afectas a su servicio, la muerte de Iván, su hermano; la clausura de la princesa Sofía, y, sobre todo, el respeto general a su persona, debían garantizarle la tranquilidad de sus Estados durante su ausencia. Confió la regencia al boyardo, Strechnef y al knes Romadonoski, quienes debían, en los asuntos importantes, deliberar con otros boyardos.

Las tropas formadas por el general Gordon permanecieron en Moscú para asegurar la tranquilidad de la capital; los strelitz, que podían turbarla, fueron distribuidos por las fronteras de Crimea para conservar la conquista de Azof y para

reprimir las incursiones de los tártaros. Habiendo así atendido a todo, se entregó a su afán de viajar y de instruirse.

Como este viaje fue la ocasión o el pretexto de la sangrienta guerra que durante tanto tiempo se atravesó en todos los grandes proyectos del zar y al fin los secundó; que destronó al rey Augusto de Polonia, dio la corona a Estanislao y se la quitó; que hizo del rey de Suecia, Carlos XII, el primero de los conquistadores durante nueve años y el más infortunado de los reyes durante otros nueve, es necesario, para entrar en los detalles de estos acontecimientos, describir aquí la situación de Europa en aquella época.

El sultán Mustafá II reinaba en Turquía. Su débil gobierno no hacía grandes esfuerzos ni contra el emperador Leopoldo de Alemania, cuyas armas triunfaban en Hungría, ni contra el zar, que acababa de arrebatarle Azof y amenazaba al Ponto Eusino, ni aun contra Venecia, que al fin se había apoderado de todo el Peloponeso.

Juan Sobieski, rey de Polonia, para siempre célebre por la victoria de Choczim y por la liberación de Viena, había muerto el 17 de junio de 1696; y esta corona fue disputada desde entonces por Au-

gusto, elector de Sajonia, que la ganó, y por Armand, príncipe de Conti, que no consiguió sino el honor de ser elegido.

Abril 1697. -Suecia acababa de perder, con poco sentimiento, a Carlos XI, primer soberano verdaderamente absoluto en este país, padre de un rey que lo fue más aún, y con quienes se ha extinguido el despotismo. Dejó en el trono a Carlos XII, su hijo, de quince años de edad. Esta era una coyuntura favorable en apariencia a los proyectos del zar; podía extenderse sobre el golfo de Finlandia y hacia la Livonia. No había que inquietarse mucho por los turcos en el mar Negro; sus posesiones sobre el Palus-Meotide y hacia el mar Caspio no bastaban a sus proyectos de marina, de comercio y de poderío; la gloria misma, que todo reformador desea ardientemente, no estaba ni en Persia ni en Turquía; estaba en nuestra parte de Europa donde se inmortalizan los grandes talentos de todo género; en fin: Pedro no quería introducir en sus Estados ni las costumbres turcas ni las persas, sino las nuestras.

Alemania, en guerra a la vez con Turquía y con Francia, teniendo por aliados a España, Inglaterra y Holanda, contra Luis XIV solo se hallaba dispuesta

a concluir la paz, y los plenipotenciarios estaban ya reunidos en el castillo de Ryswik, cerca de La Haya.

En estas circunstancias, Pedro y su embajada emprendieron su camino en el mes de abril de 1697, por Novgorod la grande; de allí viajaron por la Estonia y la Livonia, provincias disputadas antiguamente entre los rusos, los suecos y los polacos y ganadas al fin por Suecia por la fuerza de las armas.

La fertilidad de da Livonia, la situación de Riga, su capital, podían tentar al zar; tuvo, al menos, curiosidad por ver las fortificaciones de las ciudadelas. El conde de Alberg, gobernador de Riga, sospechó de esto; le rehusó esta satisfacción y pareció testimoniar pocas atenciones a la embajada. Esta conducta no sirvió para enfriar en el corazón del zar el deseo que podía concebir de ser algún día el dueño de estas provincias.

De la Livonia pasó a la Prusia brandeburguesa, una parte de la cual fue habitada por los antiguos vándalos; la Prusia polaca había sido comprendida en la Sarmacia europea; la brandeburguesa era un país pobre, poco poblado, pero donde el elector, que se hizo dar después el título de rey, ostentaba una magnificencia nueva y ruinosa. Se preció de recibir a la embajada en su ciudad de Koenigsberg

con un fausto regio. Por una y otra parte se hicieron los más magníficos regalos. El contraste entre el atavío francés que la corte de Berlín afectaba, con las largas vestiduras asiáticas de los rusos, sus gorros adornados con perlas y otras piedras preciosas, sus cimitarras pendientes de la cintura, hizo un efecto singular. El zar iba vestido a la alemana; un príncipe de Georgia, que estaba con él, vestido a la moda persa, ostentaba otro género de magnificencia; éste era el mismo que fue hecho prisionero en la jornada de Narva y que murió en Suecia.

Pedro despreciaba todo este fausto; habría que desear que hubiese despreciado igualmente los placeres de la mesa, en los que Alemania cifraba entonces su gloria. Fue[29] en uno de estos banquetes, demasiado a la moda entonces, tan peligrosos para la salud como para las costumbres, cuando sacó su espada contra su favorito Le Fort; pero mostró luego tanto pesar por este arrebato pasajero como el que Alejandro sintió por la muerte de Clitus. Pidió perdón a Le Fort; decía que quería reformar su nación y no podía aún reformarse a sí mismo. El gene-

[29]Memorias manuscritas de Le Fort.

ral Le Fort, en su manuscrito, alaba más aún el fondo del carácter del zar que lo que vitupera este exceso de cólera.

La embajada pasa por la Pomerania, por Berlín; una parte emprende su camino por Magdeburgo; la otra, por Hamburgo, ciudad que su gran comercio convertía ya en poderosa, pero no tan opulenta y tan sociable como ha llegado a ser después. Vuelve hacia Minden; pasa a Westfalia, y al fin llega, por Cleves, a Amsterdam.

El zar llegó a esta ciudad quince días antes que la embajada; se instaló primeramente en la casa de la Compañía de las Indias; pero bien pronto escogió un pequeño alojamiento en los astilleros del Almirantazgo. Se puso un traje de piloto, y fue con esta ropa a la ciudad de Sardam, donde se construían entonces muchos más barcos aún que hoy. Esta ciudad es tan grande, tan poblada, tan rica y más limpia que muchas ciudades opulentas. El zar admiró esta multitud de hombres siempre ocupados, el orden, la exactitud de los trabajos, la celeridad prodigiosa en construir un navío y en proveerle de todos sus aparejos, y esta cantidad increíble de almacenes y máquinas que hacen el trabajo más fácil y más seguro. El zar comenzó por comprar una

barca, a la que hizo con sus manos un mástil ensamblado, y en seguida trabajó en todas las partes de la construcción de un navío, llevando la misma vida de los artesanos de Sardam, vistiéndose, comiendo con ellos, trabajando en las forjas, en las cordelerías, en esos molinos que en cantidad prodigiosa circundan la ciudad, y en donde se asierra el pino y el roble, se extrae el aceite, se fabrica el papel, se hilan los metales dúctiles. Se hizo inscribir entre los carpinteros con el nombre de Pedro Migueloff; se le llamaba comúnmente maestro Pedro-Peterbas-, y los obreros, Primeramente sobrecogidos por tener a un soberano de compañero, se acostumbraron familiarmente a ello.

Mientras que manejaba en Sardani el compás y el hacha le confirmaron la noticia de la escisión de Polonia y del doble nombramiento del elector Augusto y del príncipe de Conti. El carpintero de Sardam prometió inmediatamente treinta mil hombres al rey Augusto; daba desde su taller órdenes a su ejército de Ukrania, reunido contra los turcos.

Julio 1697. -Sus tropas, mandadas por el general Shein y por el príncipe Dolgoroukí, acababan de alcanzar una victoria, cerca de Azof, sobre los tártaros y sobre un cuerpo de genízaros que el sultán

Mustafá les había enviado. En cuanto a él, persistía en instruirse en más de un arte; iba de Sardani a Amsterdam a trabajar con el célebre anatómico Ruyseh; hacía operaciones quirúrgicas, que en caso de necesidad podían ser útiles a sus oficiales o a sí mismo. Se instruía en la física natural en la casa del burgomaestre Vitsen, ciudadano siempre recomendable por su patriotismo y por el empleo de sus inmensas riquezas, qué prodigaba corno ciudadano del mundo, enviando a todo coste hombres hábiles a buscar lo que hubiese de más raro en todas las partes del universo, y fletando barcos para descubrir nuevas tierras.

Peterbas no suspendió sus trabajos más que para ir a ver sin ceremonia, en Utrecht y en La Haya, a Guillermo, rey de Inglaterra y estatuder de las Provincias Unidas. El general Le Fort era el único extraño entre los dos monarcas. Asistió en seguida a la ceremonia de recepción de sus embajadores y a su audiencia; presentaron en su nombre a los diputados de los Estados seiscientas martas cibelinas de las más hermosas, y los Estados, además del regalo ordinario que hicieron a cada uno, de una cadena de oro y una medalla, les dieron tres carrozas magníficas. Recibieron las primeras visitas de todos los

embajadores plenipotenciarios que estaban en el congreso de Ryswick, excepto de los franceses, a quienes no habían notificado su llegada, no solamente porque el zar era partidario del rey Augusto, contra el príncipe de Conti, sino porque el rey Guillermo, cuya amistad cultivaba, no quería la paz con Francia.

De regreso a Amsterdam, volvió a sus primeras ocupaciones, y acabó con sus manos un navío de sesenta cañones, que había comenzado, y que hizo partir para Arcángel, único puerto que entonces tenía sobre el Océano. No solamente hacía contratar a su servicio refugiados franceses, suizos y alemanes, sino que hacía partir artesanos de todo género para Moscú, y no enviaba más que a los que él mismo había visto trabajar. Fueron muy pocos los oficios y las artes en que no profundizó con detalle; se complacía sobre todo en reformar las cartas de los geógrafos, quienes colocaban entonces al azar todas las posiciones de las ciudades y los ríos de sus Estados, poco conocidos. Se ha conservado la carta sobre la cual él mismo trazó la comunicación del mar Caspio y el mar Negro, que había proyectado de antemano, y de la cual había encargado a un ingeniero alemán llamado Brakel. La unión de estos dos mares era

más fácil que la del Océano y el Mediterráneo, ejecutada en Francia; pero la idea de unir el mar de Azof y el Caspio asustaba entonces a la imaginación. Nuevas posesiones en este país le parecían tanto más convenientes cuanto que sus éxitos le daban nuevas esperanzas.

11 agosto 1697. -Sus tropas alcanzaron una victoria contra los tártaros bastante cerca de Azof, y aun, algunos meses después, tomaron la Ciudad de Oro, u Orkapi, que nosotros llamamos Precop. Estos éxitos sirvieron para hacerse respetar en adelante de los que lamentaban que un soberano abandonase sus Estados para ejercer oficios en Amsterdam. Vieron que los negocios del monarca no sufrían por los trabajos del viajero filósofo y artesano.

Prosiguió en Amsterdam sus ocupaciones ordinarias de constructor de barcos, de ingeniero, de geógrafo, de práctico, hasta mediados de enero de 1698, y entonces partió para Inglaterra, siempre en el séquito de su propia embajada.

El rey Guillermo le envió su yate y dos buques de guerra. Su manera de vivir fue la misma que la que se había prescrito en Amsterdam y en Sardam. Se alojó cerca del gran astillero en Deptford, y apenas se ocupó más que en instruirse. Los constructo-

res holandeses no le habían enseñado más que su método y su rutina: conoció mejor el arte en Inglaterra; los navíos se construían allí según proporciones matemáticas. Se perfeccionó en esta ciencia, y bien pronto llegó a poder dar lecciones de ella. Trabajó según el método inglés en la construcción de un barco, que resultó uno de los mejores veleros del mar. El arte de la relojería, ya perfeccionado en Londres, atrajo su atención; conoció perfectamente toda su teoría. El capitán e ingeniero Perri, que le siguió de Londres a Rusia, dice que, desde la fundición de cañones hasta la hilandería de cuerdas, no hubo ningún oficio que no observase y en el cual no pusiese mano siempre que estaba en los talleres.

Se accedió, para cultivar su amistad, a que contratase obreros, como había hecho en Holanda; pero, además de artesanos, encontró lo que no hubiese hallado tan fácilmente en Amsterdam: matemáticos. Fergusson, escocés, buen geómetra, se puso a su servicio. El fue quien estableció la Aritmética en Rusia en las oficinas del Tesoro, donde anteriormente no se servían más que del método tártaro de contar con bolas ensartadas en alambre, método que suplía a la escritura, pero molesto y defectuoso, porque después del cálculo no se podía conocer si

iba equivocado. Nosotros no hemos conocido las cifras indias de que nos servimos sino por los árabes, en el siglo IX; el imperio de Rusia no las ha introducido hasta mil años después; ésta es la suerte de todas las artes: han dado lentamente la vuelta al mundo. Dos jóvenes de 15 escuela de Matemáticas acompañaron a Fergusson, y éste fue el principio de la escuela de Marina que Pedro fundó después. Observaba y calculaba los eclipses con Fergusson. El ingeniero Perri, aunque muy descontento por no haber sido recompensado bastante, confiesa que Pedro se había instruido en la Astronomía: conocía bien los movimientos de los cuerpos celestes y aun las leyes de la gravitación que los dirige. Esta fuerza tan evidente, y antes del gran Newton tan desconocida, por la cual todos los planetas pesan los unos sobre los otros y que los retiene en sus órbitas, era ya familiar a un soberano de Rusia, mientras que en otras partes se mantenían los torbellinos quiméricos, y en la patria de Galileo unos ignorantes ordenaban a otros ignorantes la creencia en la inmovilidad de la tierra.

Perri se separó de su lado para ir a trabajar en comunicaciones de ríos, en puentes, en esclusas. El

plan del zar consistía en hacer comunicar por medio de canales el Océano, el mar Caspio y el mar Negro.

No debe omitirse que algunos comerciantes ingleses, a la cabeza de los cuales se puso el marqués de Carmarthen, almirante, le dieron quince mil libras esterlinas por obtener el permiso de vender tabaco en Rusia. El patriarca, por una severidad mal entendida, había proscrito este objeto de comercio; la Iglesia rusa prohibía el tabaco, como un pecado. Pedro, más instruido, y que, entre todas las mejoras proyectadas, meditaba la reforma de la Iglesia, introdujo este comercio en sus Estados.

Antes de que Pedro dejase Inglaterra, el rey Guillermo le ofreció el espectáculo más digno de tal huésped: el de una batalla naval. No se dudaba entonces de que el zar llegaría a librar un día algunas verdaderas contra los suecos, y que alcanzaría victorias en el mar Báltico. En fin: Guillermo le regaló el barco en el que tenía costumbre de ir a Holanda, llamado el *Royal Transport,* tan bien construido como magnífico. Pedro regresó en este navío a Holanda a fin de mayo de 1698. Llevaba con él tres capitanes de buque de guerra, veinticinco patrones de barco, llamados también capitanes; cuarenta tenientes, treinta pilotos, treinta cirujanos, doscientos cin-

cuenta artilleros y más de trescientos artesanos. Esta colonia de hombres hábiles de todo género pasó de Holanda a Arcángel sobre el *Royal Transport,* y de allí fue distribuida por los lugares donde sus servicios eran necesarios. Los que fueron contratados en Amsterdam tomaron la ruta de Narva, que pertenecía a Suecia.

Mientras hacía transportar de este modo las artes de Inglaterra y de Holanda a su país, los oficiales que había enviado a Roma y a Italia contrataban también algunos artistas. Su general Sheremeto, que estaba al frente de su embajada en Italia, iba de Roma a Nápoles, a Venecia, a Malta, y el zar pasó a Viena con los demás embajadores. Tenía que ver la disciplina guerrera de los alemanes después de las flotas inglesas y los talleres de Holanda. La política tomaba también tanta parte en el viaje como la instrucción. El emperador era el aliado necesario del zar contra los turcos. Pedro vio a Leopoldo de incógnito. Los dos monarcas conversaron de pie para evitar las molestias del ceremonial.

No hubo nada de notable durante su estancia en Viena más que la antigua fiesta del *huésped y la huéspeda,* que Leopoldo resucitó para él, y que no se había celebrado durante su reinado. Esta fiesta. que se

llama *Wirthschafft,* se celebra de esta manera: el emperador es el hostelero; la emperatriz, la hostelera; el rey de los romanos, los archiduques, las archiduquesas, son de ordinario los ayudantes, y reciben en la hostería a toda las naciones, vestidas a la moda más antigua de su país; los que son invitados a la fiesta sacan a la suerte sus billetes. Sobre cada uno está escrito el nombre de la nación y de la condición que se debe representar. Uno tiene un billete de mandarín chino; otro, de mirza tártaro, de sátrapa persa o de senador romano; una princesa saca un billete de jardinera o de lechera; un príncipe es labrador o soldado. Se organizan danzas convenientes a todos estos caracteres. El huésped, la huéspeda y su familia sirven a la mesa. Tal es la antigua institución[30]; pero en esta ocasión, el rey de los romanos, José, y la condesa de Traun representaron los antiguos egipcios; el archiduque Carlos y la condesa de Walstein figuraban los flamencos del tiempo de Carlos V. La archiduquesa María Isabel y el conde de Traun estaban de tártaros; la archiduquesa Josefina con el conde de Vorkla iban a la persa; la archiduquesa Mariana y el príncipe Maximiliano de

[30]Manuscritos de Petersburgo y de Le Fort.

Hannóver, de paisanos del norte de Holanda. Pedro se vistió de paisano de Frisa, y no se le dirigió la palabra sino con este carácter, hablándole siempre del gran zar de Rusia. Todas éstas son pequeñas particularidades; pero lo que recuerda las costumbres antiguas puede merecer a los ojos de alguno ser digno de mención.

Pedro estaba a punto de salir de Viena para ir a acabar de instruirse a Venecia, cuando recibió la noticia de una revolución que perturbaba sus Estados.

CAPITULO X

Conjuración castigada. Milicia de los strelitz, abolida. -Reformas en las costumbres, en el Estado y en la Iglesia.

Había dispuesto todo al partir, hasta los medios de reprimir una rebelión. Lo que él realizaba de grande y de útil para su país fue la causa misma de esta revolución.

Viejos boyardos a quienes eran caras las antiguas costumbres, sacerdotes a quieres las nuevas parecían sacrílegas, comenzaron los desórdenes. El antiguo partido de la princesa Sofía despertó. Una de sus hermanas -se dice-, encerrada con ella en el mismo monasterio, sirvió no poco para excitar los ánimos; se mostraba por todos lados, cuánto había que temer de que viniesen extranjeros a instruir a la

nación[31]. En fin, ¿quién lo creería?, el permiso que el zar había concedido, para vender tabaco en su Imperio, a pesar del clero, fue uno de los grandes motivos de la sedición. La superstición, que en toda la tierra es una plaga tan funesta y tan cara a los pueblos, pasó del pueblo ruso a los strelitz, desparramados por las fronteras de la Lituania; se reunieron, marcharon hacia Moscú con el proyecto de poner a Sofía en el trono y de impedir el regreso de un zar que había violado las costumbres osando instruirse entre los extranjeros. El cuerpo mandado por Shein y por Gordon, mejor disciplinado que ellos, los derrotó a quince leguas de Moscú; pero esta superioridad de un general extranjero sobre la antigua milicia, en la que muchos reinos de Moscú estaban alistados, irritó también a la nación.

Septiembre 1698. -Para sofocar estos desórdenes, el zar parte secretamente de Viena, pasa por Polonia, ve de incógnito al rey Augusto, con quien toma ya medidas para extenderse por el lado del mar Báltico. Llega al fin a Moscú y sorprende a todo el mundo con su presencia; recompensa a las tropas que han vencido a los strelitz: las prisiones estaban

[31]Manuscritos de Le Fort.

llenas de estos desgraciados. Si su crimen fue, grande, el castigo lo fue también. Sus jefes, varios oficiales y algunos sacerdotes fueron condenados a muerte[32]; algunos sufrieron el suplicio de la rueda; dos mujeres, enterradas vivas. Se colgó alrededor de las murallas de la ciudad y se hizo perecer en otros suplicios a dos mil strelitz[33]; sus cuerpos permanecieron dos días expuestos en las carreteras, y sobre todo alrededor del monasterio donde residían las princesas Sofía y Eudoxia. Se erigieron columnas de piedra, donde fueron grabados el crimen y el castigo. Un número muy grande de los que tenían sus mujeres y sus hijos en Moscú fueron distribuidos con sus familias por la Siberia, el reino de Astracán, el país de Azof; por este lado, al menos, su castigo fue útil al Estado; sirvieron para trabajar y poblar tierras que carecían de habitantes y de cultivo.

Probablemente, si el zar no hubiese tenido necesidad de un ejemplo terrible, hubiese obligado a trabajar en las obras públicas a una parte de los strelitz que mandó ejecutar, y que fueron perdidos

[32] Memorias del capitán e ingeniero Perri, empleado en Rusia por Pedro el Grande. Manuscritos de Le Fort.
[33] Manuscritos de Le Port.

para él y para el Estado, valiendo tanto la vida de los hombres, sobre todo en un país en que la población exigía todos los cuidados de un legislador; pero creyó que debía sobrecoger y subyugar para siempre el espíritu público con la solemnidad y la multitud de los suplicios. El cuerpo entero de los strelitz, que ninguno de sus predecesores hubiera osado ni disminuir siquiera, fue disuelto definitivamente, y su nombre, abolido. Esta gran reforma se hizo sin la menor resistencia, porque había sido preparada. El sultán de los turcos, Osmán, como ya se ha indicado, fue depuesto en el mismo siglo y degollado, nada más que por haber hecho sospechar a los genízaros que intentaba disminuir su número. Pedro tuvo más suerte, por haber tomado mejor sus medidas. No quedaron de toda esta gran milicia de los strelitz más que algunos débiles regimientos que no eran peligrosos, y que, sin embargo, conservando todavía su antiguo espíritu, se sublevaron en Astracán en 1705; pero fueron bien pronto reprimidos.

12 marzo 1699, n.c. -Tan grande como la severidad desplegada por Pedro en este asunto de Estado fue el sentimiento de humanidad demostrado cuando perdió, algún tiempo después, a su favorito Le Fort, que murió prematuramente, a la

edad de cuarenta y seis años. Le hizo unas honras fúnebres como las de los grandes soberanos. Asistió él mismo al entierro con una lanza en la mano, marchando después de los capitanes, por la categoría de teniente que se había adjudicado en el gran regimiento del general, enseñando a la vez a su nobleza a respetar el mérito y los grados militares.

Se comprendió después de la muerte de Le Fort que las reformas preparadas en el Estado no procedían de él, sino del zar. Afirmó sus planes en las conversaciones con Le Fort; pero los había concebido todos, y los ejecutó sin él.

En cuanto disolvió a los strelitz estableció regimientos regulares según el modelo alemán; los dotó de trajes cortos y uniformes, en lugar de los incómodos sayos con que iban vestidos anteriormente; el ejército fue más regular.

Los guardias Preobazinski estaban ya creados; este nombre procedía de aquella primera compañía de cincuenta hombres que el zar, joven aún, había instruido en el retiro de Preobazinski, en la época en que su hermana Sofía gobernaba el Estado; el otro regimiento de guardias estaba también establecido.

Como él mismo había pasado por los grados militares inferiores, quiso que los hijos de sus boyardos y de sus knes comenzasen por ser soldados antes de ser oficiales. Colocó a otros en la escuadra en Veronisa y hacia Azof, exigiéndoles que hiciesen el aprendizaje de marinero. Nadie osaba desobedecer a un maestro que había dado el ejemplo. Los ingleses y los holandeses trabajaban en poner esta escuadra en condiciones, en construir esclusas, en establecer astilleros donde se pudiesen carenar los navíos en seco, en continuar la gran obra de la unión del Tanais y el Volga, abandonada por el alemán Brakel. Desde entonces comenzaron las reformas en su Consejo de Estado, en la Hacienda, en la Iglesia y en la sociedad misma.

La Hacienda estaba administrada casi como en Turquía. Cada boyardo, pagaba por sus tierras una suma convenida, que él cobraba de sus colonos siervos; el zar escogió para recaudadores a burgueses, burgomaestres, que no eran bastante potentes para arrogarse el derecho de no pagar al Tesoro público más que lo que quisieran. Esta nueva administración de la Hacienda fue lo que ,costó más trabajo; fue preciso ensayar más de un método antes de decidir.

La reforma de la Iglesia, que se creía por todos difícil y peligrosa, no lo fue para él. Los patriarcas habían combatido alguna vez la autoridad del trono, a semejanza de los strelitz: Nicón, con audacia; Joaquín, uno de los sucesores de Nicón, con astucia. Los obispos se habían arrogado el derecho de condenar a penas aflictivas y a muerte, derecho contrario al espíritu de la religión y al gobierno; esta usurpación antigua les fue suprimida. Habiendo muerto al final del siglo el patriarca Adrián, Pedro declaró que ya no habría otro más. Esta dignidad fue completamente abolida; los grandes bienes, afectos al patriarca fueron apropiados por el Tesoro público, que los necesitaba. Si el zar no se erigió en jefe de la Iglesia rusa, como los reyes de la Gran Bretaña lo son de la Iglesia anglicana, fue de hecho su amo, absoluto, porque los sínodos no osaban ni desobedecer a un soberano despótico ni disputar con un príncipe más ilustrado que ellos.

Basta echar una ojeada al preámbulo del edicto de sus reglamentos eclesiásticos, dado en 1.721, para ver que obraba como legislador y maestro: Nos creeríamos culpables de ingratitud hacia el Altísimo si, después de haber reformado el orden militar y el civil, olvidásemos el orden espiritual, etc. Por estas

razones, siguiendo el ejemplo de los más antiguos reyes, cuya piedad es célebre, hemos tomado sobre nosotros el cuidado de dar buenos reglamentos al clero. Es verdad que estableció un sínodo para hacer ejecutar sus leyes eclesiásticas; pero los miembros del sínodo debían comenzar su ministerio con un juramento, cuya fórmula había escrito y firmado él mismo, este juramento era el de obediencia, en los siguientes términos: Juré ser fiel y obediente servidor y vasallo de mi natural y verdadero soberano, de los augustos sucesores que él tenga a bien nombrar en virtud del poder incontestable que para ello tiene. Reconozco que es el juez supremo del gremio espiritual; juro por el Dios que lo ve todo que comprendo y explico este juramento en toda la fuerza y el sentido que las palabras presentan a los que lo leen o lo escuchan. Este juramento es todavía más fuerte que el de supremacía en Inglaterra. El monarca ruso no era, ciertamente, uno de los padres del sínodo, pero él dictaba sus leyes; no tocaba el incensario, pero dirigía las manos que lo llevaban.

En el desarrollo de esta gran empresa, creyó que en sus Estados, que tenían necesidad de ser poblados, el celibato de los monjes era contrario a la Naturaleza y al bien público. La antigua costumbre de

la Iglesia rusa es que los sacerdotes seculares se casen al menos una vez; hasta están obligados a ello, y antiguamente, cuando habían perdido a su mujer, dejaban de ser sacerdotes; pero una multitud de hombres y mujeres jóvenes que hacen voto en un claustro de ser inútiles y de vivir a expensas de los demás le pareció peligrosa; ordenó que no se pudiese entrar en un claustro hasta los cincuenta años, es decir, a una edad en que no se tiene esta tentación casi nunca, y prohibió que se recibiese en ellos, cualquiera que fuese la edad, a una persona que desempeñase un cargo público.

Este reglamento ha sido abolido después de él, cuando se creyó deber tener más condescendencia con los monasterios; pero la dignidad de patriarca no volvió a ser nunca restablecida, habiendo sido empleadas las grandes rentas del patriarcado en el pago de las tropas.

Estos cambios excitaron primeramente algunas murmuraciones: un sacerdote escribió que Pedro era el Anticristo, porque no quería patriarca; y el arte de la imprenta, que el zar fomentaba, sirvió para hacer imprimir libelos contra él; pero también otro sacerdote respondió que este príncipe no podía ser el Anticristo, porque el numero 666 no se encontraba

en su nombre y carecía además del signo de la bestia. Las quejas fueron reprimidas bien pronto. Pedro, en efecto, dio a su Iglesia mucho más de lo que le quitó, pues hizo al clero, poco a poco, más ordenado y más sabio. Fundó en Moscú tres colegios, donde se enseñaban lenguas y donde los que se dedicaban al sacerdocio estaban obligados a estudiar.

Una de las reformas más necesarias era la abolición o, al menos, la atenuación de cuatro grandes cuaresmas, antigua obligación de la Iglesia griega, tan perniciosa para los que trabajan en las obras públicas, y sobre todo para los soldados, como lo fue la antigua superstición de los judíos de no combatir el día del sábado. Así, el zar dispensó, al menos, a sus tropas y sus obreros de esas cuaresmas, en las cuales, por lo demás, si no estaba permitido comer, era costumbre emborracharse. Les dispensó también de la abstinencia los días de vigilia; los capellanes de barco y de regimiento estaban obligados a dar el ejemplo, y lo dieron sin repugnancia.

El calendario era un objeto importante. El año fue antiguamente ordenado en todos los países de la tierra por las autoridades religiosas, no solamente a causa de las fiestas, sino porque en aquellos tiempos la astronomía no era apenas conocida más que por

los sacerdotes. El año comenzaba entre los rusos el primero de septiembre; el zar ordenó que en adelante el año comenzase el primero de enero, como en nuestra Europa. Este cambio fue indicado para el año 1700, al principio del siglo, que hizo celebrar con un jubileo y grandes solemnidades. El vulgo admiraba que el zar hubiese podido cambiar el curso del Sol. Algunos obstinados, persuadidos de que Dios había creado el mundo en septiembre, continuaron con su antiguo cómputo, pero cambió en las oficinas, en las cancillerías, y muy pronto en todo el imperio. Pedro no adoptó el calendario gregoriano, que los matemáticos ingleses rechazaban, y que es muy necesario se admita un día en todos los países.

Desde el siglo V, en el que se conoció el uso de las letras, se escribía sobre rodillos, ya de corteza, ya de pergamino, y luego sobre papel. El zar se vio obligado a dar un edicto por el cual se ordenaba no escribir sino según nuestro procedimiento.

La reforma se extendió a todo. Los matrimonios se hacían en otro tiempo como en Turquía y en Persia, donde no se veía a la novia hasta que el contrato estaba firmado, y ya no podía deshacerse. Esta costumbre es buena en los pueblos en que la poligamia está establecida y donde las mujeres están encerra-

das; es mala para los países en que hay que limitarse a una sola mujer y donde el divorcio es raro.

El zar quiso introducir en su nación los usos y costumbres de los países por donde había viajado, y de los que había sacado todos los maestros que instruían entonces al suyo.

Era conveniente que los rusos no fuesen vestidos de distinta manera que los que les enseñaban las artes, por ser demasiado natural en los hombres el odio hacia los extranjeros y demasiado mantenido por la diferencia de las vestiduras. El traje de ceremonia, que tenía entonces algo de polaco, de tártaro y del antiguo húngaro, era, como se ha dicho, muy noble; pero el traje de los burgueses y del pueblo bajo se parecía a estos sayos plegados en la cintura que se dan todavía a ciertos pobres en algunos de nuestros hospitales. En general, la bata fue antiguamente el traje de todas las naciones; este traje exigía menos elegancia y menos arte; se dejaba crecer la barba por la misma razón. Al zar no le costó trabajo introducir en su Corte el traje de nuestras naciones y la costumbre de afeitarse; pero el pueblo fue más difícil; se vio obligado a crear un impuesto sobre las vestiduras largas y sobre las barbas. Se colgaban en las puertas de la ciudad modelos de casacas; se cor-

taba los vestidos y las barbas a los que no querían pagar. Todo esto se ejecutaba alegremente, y esta alegría misma evitó las sediciones.

La atención de todos los legisladores se dirigió siempre a hacer sociables a los hombres; pero para serlo no basta con estar juntos en una ciudad, es preciso comunicarse con cortesía; esta comunicación endulza en todas partes las amarguras de la vida. El zar introdujo las *reuniones,* en italiano *ridotti,* palabra que los periodistas han traducido con el término impropio de *reductos.* Hizo invitar a estas reuniones a las damas con sus hijas, vestidas a la moda de las naciones meridionales de Europa; llegó a dar reglamentas para estas pequeñas fiestas de sociedad. Así, hasta la cortesía de sus súbditos, todo fue obra suya y de su tiempo.

Para que agradasen más estas innovaciones, abolió la palabra *golut, esclavo,* de que se servían los rusos cuando querían hablar a los zares y cuando presentaban solicitudes; ordenó que se sirviesen de la palabra *raad,* que significa *súbdito.* Este cambio no mermaba en nada la obediencia y debía conciliar el afecto. Cada mes veía una fundación o un cambio nuevos. Llevó su atención hasta hacer colocar en el camino de Moscú a Veroneye postes pintados que

servían de columnas miliares de versta en versta, es decir, a la distancia de setecientos cincuenta pasos, e hizo construir una especie de posadas, para caravanas, de veinte en veinte verstas.

Extendiendo así sus cuidados sobre el pueblo, sobre los comerciantes, sobre los viajeros, quiso introducir algo de pompa en su Corte, odiando el fausto en su persona y creyéndolo necesario en los demás. Instituyó la Orden de San Andrés[34], a imitación de esas Ordenes de que todas las cortes de Europa están llenas. Gollowin, sucesor de Le Fort en la dignidad de gran almirante, fue el primer caballero de esta Orden. Se consideró el honor de ser admitido en ella como una gran recompensa. Es una muestra que se lleva sobre sí de ser respetado por el pueblo: esta marca de honor no cuesta nada a un soberano y lisonjea el amor propio de un súbdito, sin convertirlo en poderoso.

Tantas innovaciones útiles eran recibidas con el aplauso de la parte más sana de la nación; y las protestas de los partidarios de las antiguas costumbres eran sofocadas por las aclamaciones de los hombres razonables.

Mientras Pedro iniciaba esta creación en el interior de sus Estados, una tregua ventajosa con el imperio turco le colocaba en libertad de extender sus fronteras por otro lado. Mustafá II, vencido por el príncipe Eugenio en la batalla de Zenta, en 1697, habiendo perdido la Morea, conquistada por los venecianos, y no habiendo podido defender Azof, se vio obligado a hacer la paz con todos sus enemigos vencedores: fue concluida en Carlowitz, entre Petervaradin y Salankemen, lugares que han llegado a ser célebres por sus derrotas. Temisvar fue el límite de las posesiones alemanas y de los dominios otomanos. Kaminieck fue devuelto a los polacos; la Morea y algunas ciudades de la Dalmacia, tomadas por los venecianos, quedaron en poder de éstos por algún tiempo, y Pedro I quedó como dueño de Azof y de algunos fuertes construidos en las inmediaciones. Apenas le era posible al zar engrandecerse a expensas de los turcos, cuyas fuerzas, hasta entonces divididas, y reunidas ahora, hubieran caído sobre él. Sus proyectos de marina eran demasiado grandes para el Palus-Meotide. Las posiciones sobre el mar Caspio no soportaban una escuadra guerrera;

[34]10 de septiembre de 1698. Se sigue siempre el nuevo cóm-

volvió, pues, sus planes hacia el mar Báltico, sin abandonar la marina del Tanais y del Volga.

puto.

CAPITULO XI

Guerra contra Suecia. -Batalla de Narva.

Se abría entonces un gran escenario hacia las fronteras de Suecia. Una de las principales causas de todas las revoluciones acontecidas desde la Ingria hasta Dresde, y que desolaron tantos Estados durante diez y ocho años, fue el abuso del poder supremo en Carlos XI, rey de Suecia, padre de Carlos XII. No se repetirá nunca demasiado este hecho; interesa a todos los tronos y a todos los pueblos. Casi toda la Livonia, con Estonia entera, había sido abandonada por Polonia al rey de Suecia Carlos XI, que sucedió a Carlos X, precisamente durante el tratado de Oliva; fue cedida, como es costumbre, bajo reserva de todos sus privilegios. Carlos XI los respetó poco. Juan Reginold Patkul, gentilhombre

livoniano, vino a Estocolmo en 1692, a la cabeza de seis diputados de la provincia, para hacer llegar al pie del trono quejas respetuosas y enérgicas[35]; por toda respuesta, se encerró a los seis diputados en la cárcel y se condenó a Patku1 a perder el *honor y la vida:* no perdió ni el uno ni la otra; se escapó, y permaneció algún tiempo en el país de Vaud, en Suiza. Cuando supo después que Augusto, elector de Sajonia, había prometido, a su subida al trono de Polonia, recobrar las provincias arrebatadas al reino, corrió a Dresdei a demostrar la facilidad de recobrar la Livonia y de vengarse en un rey de diez y siete años de las conquistas de sus antepasados.

En aquella misma época, el zar Pedro pensaba en apoderarse de la Ingria y de la Carelia. Los rusos habían poseído antiguamente estas provincias. Los suecos se apoderaron de ellas, por derecho de conquista, en tiempo de los falsos Demetrios; luego las habían conservado mediante tratados. Una nueva guerra y nuevos tratados podían devolvérselas a

[35]Norberg, capellán y confesor de Carlos XII, dice en *Historia*: que tuvo la insolencia de quejarse de los agravios y que se le condenó a perder el honor y la vida . Esto es hablar con despotismo de clérigo. Debía saber que no se puede quitar el honor a un ciudadano que cumple su deber.

Rusia. Patkul fue de Dresde a Moscú, y, alentando a dos monarcas en su propia venganza, cimentó su unión y activó sus preparativos para apoderarse de todo lo que está al oriente y al sur de Finlandia.

Precisamente en el mismo tiempo, el nuevo rey de Dinamarca, Federico IV, se aliaba con el zar y el rey de Polonia contra el joven Carlos, que parecía tener que sucumbir. Patkul tuvo la satisfacción de sitiar a los suecos en Riga, capital de Livonia, y apretar el cerco en calidad de general en jefe.

Septiembre 1700. -El zar hizo marchar hacia la Ingria cerca de sesenta mil hombres. Es verdad que en este gran ejército apenas si había más que doce mil soldados aguerridos, que él mismo había disciplinado, tales como sus dos regimientos de guardias y algunos otros; el resto lo constituían milicias mal armadas; había algunos cosacos y tártaros circasianos; pero llevaban consigo ciento cuarenta y cinco cañones. Puso sitio a Narva, pequeña ciudad en Ingria, que tiene un puerto cómodo, y parecía muy probable que la plaza fuese tomada muy pronto.

Toda Europa sabe cómo Carlos XII, no habiendo cumplido aún los diez y ocho años, atacó a todos estos enemigos, uno tras otro; descendió a Dinamarca, acabó la guerra de Dinamarca en menos

de seis semanas, envió socorros a Riga, hizo levantar el sitio y marchó contra los rusos ante Narva, en medio de los hielos, en el mes de noviembre.

18 noviembre 1700. -El zar, seguro de la conquista de la ciudad, se había ido a Novgorod, llevando consigo a su favorito Menzikoff, entonces teniente en la compañía de granaderos del regimiento Preobazinsky, que llegó después a feldmariscal y príncipe, hombre cuya fortuna singular merece que se hable de él en otra parte con más atención.

Pedro dejó su ejército y sus instrucciones para el sitio al príncipe de Croi, oriundo de Flandes, que poco antes había pasado a su servicio[36]. El príncipe Dolgorouki era el comisario del ejército. La rivalidad entre estos dos jefes y la ausencia del zar fueron, en parte, causa de la derrota inaudita de Narva. Carlos XII, que había desembarcado en Pernau, en Livonia, con sus tropas, en el mes de octubre, avanza al Norte de Revel y derrota en estos lugares a un destacamento avanzado de los rusos. Prosigue su marcha, y todavía vence a otro. Los fugitivos regresan al campamento de Narva, llevando a él el espanto. Entre tanto, corría ya el mes de noviembre.

[36] Véase la Historia de Carlos XII.

Narva, aunque mal cercada, estaba ya a punto de rendirse. El joven rey de Suecia no tenía entonces consigo nueve mil hombres y no podía oponer más que diez piezas de artillería a ciento cuarenta y cinco cañones que guarnecían las trincheras de los rusos. Todas las narraciones de aquel tiempo, todas las historias, sin excepción, hacen ascender el ejército ruso ante Narva a ochenta mil combatientes. Las Memorias que se han proporcionado dicen sesenta; otras, cuarenta mil; sea lo que quiera, lo cierto es que Carlos no tenía nueve mil, y que esta jornada es una de las que prueban que las grandes victorias han sido frecuentemente obtenidas por el menor número desde la batalla de Arbelas.

30 noviembre 1700. -Carlos no titubeó en atacar con su reducida tropa a este ejército tan superior, y, aprovechando un violento viento y una espesa nevada que el viento llevaba contra los rusos, cayó sobre sus trincheras ayudado por algunos cañones ventajosamente apostados. Los rusos no tuvieron tiempo de reconocer, en medio de esta nube de nieve, quién les atacaba, aniquilados por los cañones, que no veían, y no sospechando el reducido número de los que les combatían.

El duque de Croi quiso dar órdenes, y el príncipe Dolgorouki no quiso recibirlas. Los oficiales rusos se sublevan contra los oficiales alemanes; asesinan al secretario del duque, al coronel Lyón, y a otros varios. Todos abandonan su puesto; el tumulto, la confusión, el pánico, se extienden por todo el ejército. Las tropas suecas no tuvieron que hacer sino matar soldados que huían. Unos corren a arrojarse al río Narva, donde se ahogaron multitud de soldados; otros tiran sus armas y se arrodillan ante los suecos. El duque de Croi, el general Allarf, los oficiales alemanes, que temían más a los rusos sublevados contra ellos que a los suecos, vinieron a rendirse al conde Steinbock; el rey de Suecia, dueño de toda la artillería, ve treinta mil vencidos a sus pies arrojando las armas, desfilando ante él con la cabeza descubierta. El knes Dolgorouki y todos los demás generales moscovitas se le rinden como los generales alemanes, y sólo después de haberse rendido conocieron que habían sido Vencidos por ocho mil hombres. Entre los prisioneros se encontró al hijo del rey de Georgia, que fue enviado a Estocolmo; se le llamaba Mitelleski, zarevitz, hijo del zar, lo que constituye una nueva prueba de que

este título de zar o tzar no traía su origen de los césares romanos.

Por parte de Carlos XII apenas si hubo más de mil doscientos soldados muertos en esta batalla. El diario del zar que me han enviado de Petersburgo dice que, contando los soldados que perecieron durante el sitio de Narva y en la batalla y los que se ahogaron en la huida, no se perdieron más que seis mil hombres. La indisciplina y el temor lo hicieron, pues, todo en esta jornada. Los prisioneros de guerra eran cuatro veces más numerosos que los vencedores; y, si se cree a Norberg[37], el conde Piper, que fue después prisionero de los rusos, les reprochó de que en esta batalla el número de prisioneros había excedido ocho veces al del ejército sueco. Si esto fuese verdad, los suecos habrían hecho setenta y dos mil prisioneros. Se ve por esto lo raro que es el estar enterado de los detalles. Lo que es indudable y singular es que el rey de Suecia permitió a la mitad de los soldados rusos que regresasen desarmados, y a la otra mitad, pasar el río con sus armas. Esta ex-

[37]Página 439, tomo primero, edición in 4 , en La Haya.

traña confianza devolvió al zar tropas que, después de disciplinadas, llegaron a ser formidables[38].

Todas las ventajas que se pueden obtener de una victoria las obtuvo Carlos XII: almacenes inmensos, barcos mercantes cargados de provisiones, lugares evacuados o tomados, todo el país a disposición de los suecos: he aquí el fruto de la victoria. Libertada Narva, desaparecidos los restos del ejército ruso, todo el país abierto hasta Pleskou, parecía el zar sin recursos para sostener la guerra; y el rey de Suecia, vencedor en menos de un año de los monarcas de Dinamarca, de Polonia y de Rusia, fue considerado como el Primer hombre de Europa, en una edad en que los demás no osan todavía aspirar a la fama. Pero Pedro, que tenía un carácter de una constancia inquebrantable, no desfalleció en ninguno de sus proyectos.

Un obispo de Rusia compuso una plegaria[39] a San Nicolás con motivo de esta derrota; se recitó en

[38]El capellán Norberg pretende que, inmediaramente después de la batalla de Narva, el gran turco escribió una carta de felicitación al rey de Suecia en estos términos: *El sultán bajá, por la gracia de Dios,* al rey Carlos XII , etcétera. La carta lleva fecha de la era de la creación del mundo.

toda Rusia. Esta composición, que muestra el espíritu del tiempo y de qué ignorancia libró Pedro a su país, decía que los feroces y espantables suecos eran hechiceros; se lamentaba en ella de haber sido abandonados por San Nicolás. Los obispos rusos de hoy no escribirían semejantes cosas, y, sin agraviar a San Nicolás, se comprende fácilmente que era a Pedro a quien había que dirigirse.

[39]Se halla impresa en la mayoría de los diarios y escritos de aquel tiempo y se encuentra en la *Historia de Carlos XII, rey de Suecia.*

CAPITULO XII

Remedios después de la batalla de Narva el desastre, enteramente reparado. -Conquista de Pedro cerca del mismo Narva. -Sus trabajos en su imperio. -La persona que fue después emperatriz, cogida en el saqueo de una ciudad. Exitos de Pedro su triunfo en Mosc .

El zar, que había dejado su ejército delante de Narva, hacia el fin de noviembre de 1700, para concertarse con el rey de Polonia, supo en el camino la victoria de los suecos. Su constancia era tan inquebrantable como el valor de Carlos XII era intrépido y tenaz. Difirió sus conferencias con Augusto para llevar un rápido remedio al desorden de sus asun-

tos. Las tropas dispersas se reunieron en Novgorod la Grande, y de allí fueron a Pleskou, sobre el lago Peipus.

Ya era mucho mantenerse a la defensiva después de tan rudo golpe. Sé muy bien decía- que los suecos serán durante mucho tiempo superiores; pero al fin ellos nos enseñarán a vencerlos.

Pedro, después de haber atendido a las primeras necesidades, después de haber ordenado levas en todas partes, corrió a Moscú a hacer fundir cañones. Había perdido todos los suyos ante Narva; como faltaba el bronce, recurre a las campanas de las iglesias y de los monasterios. Este rasgo no era un signo de superstición, pero tampoco de impiedad. Se fabrican entonces con estas campanas cien cañones grandes, ciento cuarenta y tres piezas de campaña, de proyectil de tres a seis libras; morteros, obuses; se envían a Pleskou. En otros países, un jefe ordena, y se ejecuta; pero entonces era necesario que el zar hiciese todo por sí mismo. Mientras apresura estos preparativos negocia con el rey de Dinamarca, que se compromete a proporcionarle tres regimientos de

[40]Tomado todo entero, así como los siguientes, del Diario de Pedro el Grande, enviado de Petersburgo.

infantería y tres de caballería; promesa que este rey no osó cumplir.

27 febrero 1701. -Apenas se firmó este Tratado, vuela al teatro de la guerra: va a encontrar al rey Augusto en Birzan, en la frontera de Curlandia y Lituania. Era preciso fortalecer a este príncipe en la resolución de sostener la guerra contra Carlos XII; era preciso comprometer a la Dieta polaca en esta guerra. Es bien sabido que un rey de Polonia no es más que el jefe de una república. El zar tenía la ventaja de ser obedecido siempre; pero un rey de Polonia, un rey de Inglaterra, y hoy un rey de Suecia, negocian siempre con sus súbditos. Patkul y los polacos partidarios de su rey asistieron a estas conferencias. Pedro prometió subsidios y veinte mil soldados. La Livonia debía ser devuelta a Polonia en el caso de que la Dieta quisiera unirse a su rey y ayudarle a recobrar esta provincia; pero las proposiciones del zar produjeron sobre la Dieta menos efecto que el miedo. Los polacos temieron verse a la vez enemistados con los sajones y con los rusos, y todavía temían más a Carlos XII. Así, el partido más numeroso acordó no servir a su rey y no combatir.

Los partidarios del rey de Polonia se irritaron contra la facción contraria, y, en fin, del deseo de

Augusto de devolver a Polonia una gran provincia resultó en este reino una guerra civil.

Pedro no tenía, pues, en el rey Augusto sino un aliado poco poderoso, y en las tropas sajonas más que un débil auxilio. El temor que inspiraba por todas partes Carlos XII decidía a Pedro a no sostenerse sino con sus propias fuerzas.

1 marzo 1701. -Habiendo corrido de Moscú a Curlandia para entrevistarse con Augusto, vuela después de Curlandia a Moscú para apresurar el cumplimiento de sus promesas. Hace, en efecto marchar al príncipe Repuin con cuatro mil hombres hacia Riga, a orillas del Duna, donde los sajones estaban atrincherados.

Julio 1701. -Este terror general aumentó cuando Carlos, pasando el Duna, a pesar de los sajones, acampados ventajosamente en la orilla opuesta, alcanzó una victoria completa; cuando, sin detenerse un momento, sometió la Curlandia, se le vio avanzar en Lituania, y que la acción polaca enemiga de Augusto fue alentada por el vencedor.

Pedro no dejó por ello de proseguir todos sus proyectos. El general Patkul, que había sido el alma de las conferencias de Birzan, y que había pasado a su servicio, le proporcionaba oficiales alemanes,

disciplinaba sus tropas y llenaba el vacío del general Le Fort; perfeccionaba lo que el otro había comenzado. El zar concedía licencias a todos los oficiales y aun a los soldados alemanes, o livonios, o polacos que venían a servir en sus ejércitos; entraba en los detalles de su armamento, de su equipo, de su alimentación.

En los confines de Livonia y Estonia, y al occidente de la provincia de Novgorod, está el gran lago Peipus, que recibe del mediodía de Livonia el río Velika, y del que sale hacia el norte el río Naiova, que baña los muros de esta ciudad de Narva, cerca de la cual los suecos habían alcanzado su célebre historia. Este lago tiene treinta de nuestras leguas comunes de largo; por unos lados, doce; por otros, quince de ancho: era necesario mantener en él una escuadra para impedir que los barcos suecos atacasen a la provincia de Novgorod, para estar en situación de entrar en sus costas, pero, sobre todo, para formar marineros. Pedro, durante todo el año 1701, hizo construir sobre este lago cien medias galeras, que llevaban alrededor de cincuenta hombres cada una; otros barcos fueron armados en guerra en el lago Ladoga. El mismo dirigió todas las obras e hizo maniobrar a sus nuevos marineros. Los que ha-

bían sido empleados en 1697 en el Palus-Meotide, lo estaban entonces cerca del Báltico. Dejaba con frecuencia sus obras para ir a Moscú y en sus demás provincias afirmar todas las innovaciones comenzadas y crear otras nuevas.

Los príncipes que han empleado sus épocas de paz en construir obras públicas han conseguido un nombre; pero que Pedro, después del desastre de Narva, se ocupase en unir con canales el mar Báltico, el mar Caspio y el Ponto Eusino merece mayor cantidad de gloria que si ganase una batalla. Fue en 1702 cuando empezó a construir el profundo canal que va del Tanais al Volga. Otros canales debían hacer comunicar por los lagos al Tanais con el Duna, cuyas aguas recibe el mar Báltico en Riga; pero este segundo proyecto estaba todavía muy lejano, pues Pedro estaba también muy lejos de tener a Riga en su poder.

Carlos asolaba a Polonia, y Pedro hacía venir de Polonia y de Sajonia a Moscú pastores y rebaños para tener lanas con que poder fabricar buenas telas; establecía manufacturas de lienzo, fábricas de papel; se hacía venir por orden suya obreros en hierro, en latón, armeros, fundidores; se explotaban minas en

la Siberia. Trabajaba en enriquecer sus estados y en defenderlos.

Carlos proseguía el curso de sus victorias y dejaba hacia los Estados del zar tropas bastantes, en su opinión, para conservar todas las posesiones de Suecia. Estaba ya trazado el plan de destronar al rey Augusto, y perseguir en seguida al zar hasta Moscú con sus armas victoriosas.

Hubo este año algunos pequeños combates entre los rusos y los suecos. Estos no fueron siempre superiores, y en los mismos encuentros en que tenían ventaja, los rusos se veían muy aguerridos. En fin, un año después de la batalla de Narva, el zar tenía tropas tan bien disciplinadas, que vencieron a uno de los mejores generales de Carlos.

11 enero 1702. -Pedro estaba entonces en Pleskou, y desde allí enviaba de todas partes numerosas tropas para atacar a los suecos. No fue un extranjero, sino un ruso, quien los provocó. Su general, Sheremeto, tomó cerca de Derpt, en las fronteras de la Livonia, varios campamentos al general sueco Slipenbak, mediante una maniobra hábil, y en seguida le derrotó él mismo. Por primera vez se ganaron banderas suecas, en número de cuatro, y ya era esto mucho entonces.

Los lagos de Peipus y de Ladoga fueron algún tiempo después teatro de batallas navales; los suecos tenían allí la misma ventaja que en tierra: la de la disciplina y una gran práctica; sin embargo, los rusos combatieron algunas veces con buen éxito en sus medias galeras (mayo 1702); y en un combate general en el lago Peipus, el feldmariscal Sheremeto apresó una fragata sueca.

Junio y julio. -Por este lago Peipus era por donde tenía el zar continuamente en alarma a Livonia y Estonia; sus galeras desembarcaban en ellas frecuentemente varios regimientos; se reembarcaban cuando los éxitos no eran favorables; y si lo eran, se proseguían sus ventajas. Se venció a los suecos dos veces en estos lugares cercanos a Derpt, mientras ellos eran los victoriosos en todas las demás partes.

Los rusos, en todas estas acciones, eran siempre superiores en número; esto es lo que hizo que Carlos XII, que combatía tan felizmente en otras partes, no se inquietase nunca con los triunfos del zar; pero debió considerar que este gran número diariamente se hacía más aguerrido, y que podía llegar a ser formidable por sí mismo.

Mientras se combate por tierra y por mar hacia Livonia, Ingria y Estonia, averigua el zar que una

escuadra sueca está preparada para ir a destruir a Arcángel , marcha hacia, allá. Todos se asombran al saber que está en las costas del mar Glacial, cuando se le creía en Moscú. Pone todo en situación de defenderse, previene el desembarco traza él mismo el plano de una ciudadela, llama la nueva Dwina, coloca la primera Piedra, regresa a Moscú, y desde allí al teatro de la guerra.

Carlos avanzaba en Polonia, pero los rusos avanzaban en Ingria y en Livonia. El feldmariscal Sheremeto va al encuentro de los suecos, mandados por Slipenbak; le presenta batalla cerca del pequeño río Embac, y la gana: toma diez y seis banderas y veinte cañones. Norberg pone como fecha de este combate el 1 de diciembre de1701, y el Diario de Pedro el Grande lo coloca el 19 de julio de 1702.

Agosto 1702. -Avanza; pone todo a contribución; toma la pequeña ciudad de Marienbourg, en los confines de la Livonia y de la Ingria. Hay en el Norte muchas ciudades de este nombre; pero ésta, aunque no existe ya, es, sin embargo, más célebre que todas las demás, por la aventura de la emperatriz Catalina.

Habiéndose rendido a discreción esta pequeña ciudad, los suecos, ya por inadvertencia, ya con in-

tención, prendieron fuego a los almacenes. Los rusos, irritados, destruyeron la ciudad y cogieron cautivos a todos los habitantes que encontraron. Entre ellos estaba una joven livoniana, criada en casa del ministro luterano del lugar, llamado Gluk; formaba parte de los cautivos; es la misma que llegó después a ser la soberana de los que la habían apresado, y que gobernó las Rusias con el nombre de emperatriz Catalina.

Anteriormente se habían visto simples ciudadanas subir al trono; nada más común en Rusia y en todos los reinos del Asia que los matrimonios de los soberanos con sus súbditas; pero que una extranjera cogida en las ruinas de una ciudad saqueada llegue a ser la soberana absoluta del imperio adonde fue llevada cautiva, esto es lo que la fortuna y el mérito no han hecho ver sino esta vez en los anales del mundo.

La serie de estos triunfos no disminuyó en la Ingria; la flota de las semigaleras rusas en el lago Ladoga obligó a la de los suecos a retirarse a Viborg, a un extremo de este gran lago; desde allí pudieron ver al otro extremo el sitio de la fortaleza de Notebourg, que el zar mandó realizar al general Sheremeto. Esta era una empresa mucho más importante

de lo que se creía. Podía proporcionar una comunicación con el mar Báltico, objeto constante de los proyectos de Pedro.

Notebourg era una plaza muy fuerte, construida en una isla del lago Ladoga, la cual, dominando este lago, hace a su poseedor dueño del curso del Neva, que se vierte en el mar; fue combatida noche y día, desde el 18 de septiembre hasta el 12 de octubre. Al fin, los rusos se lanzaron al asalto por tres brechas. La guarnición sueca estaba reducida a cien soldados que pudiesen defenderse, y, lo que es bien asombroso, se defendieron y consiguieron en la brecha misma una capitulación honrosa; todavía el coronel Slipenbak, que mandaba la plaza, no quiso rendirse sino a condición de que se le permitiese hacer venir dos oficiales suecos del puesto más próximo, para examinar las brechas y para dar cuenta al rey su señor de que ochenta y tres combatientes que quedaban entonces y ciento cincuenta y seis heridos o enfermos no se habían rendido a un ejército entero sino cuando fue imposible combatir por más tiempo y conservar la plaza. Este solo rasgo hace ver a qué clase de enemigos tenía el zar que hacer frente y cuán necesarios le habían sido sus esfuerzos y su disciplina militar.

Distribuyó medallas de oro a los oficiales y recompensó a todos los soldados; pero también hizo castigar a algunos que habían huido en un asalto: sus camaradas les escupieron en la cara y en seguida los fusilaron, para unir la vergüenza al suplicio.

Notebourg fue restaurado; se cambió su nombre por el de Shlusselbourg, *ciudad de la llave,* porque esta plaza es la llave de Ingria y Finlandia. El primer gobernador fue el mismo Menzikoff, que había llegado a ser un buen oficial y que, habiéndose distinguido, mereció este honor. Su ejemplo alentaba a todo el que tenía méritos y no tenía alta alcurnia.

17 diciembre 1702. -Después de esta campaña de 1702, el zar quiso que Sheremeto y todos los oficiales que se habían distinguido entrasen en triunfo en Moscú. Todos los prisioneros hechos en esta campaña marcharon a continuación de los vencedores; delante de ellos iban las banderas y estandartes de los suecos, con el pabellón de la fragata tomada en el lago Peipus. Pedro trabajó él mismo en los preparativos de la ceremonia, como había trabajado en las empresas que ésta festejaba.

Estas solemnidades debían excitar emulación, sin lo cual hubiesen sido vanas. Carlos las desde-

ñaba, y desde el día de Narva despreció a sus enemigos, sus esfuerzos y sus triunfos.

CAPITULO XIII

Reformas en Mosc . -Nuevos triunfos. - unda-ción de Petersburgo. -Pedro toma a Narva, etc.

La breve parada que el zar hizo en Moscú al principio del invierno de 1703 fue empleada en hacer ejecutar todos estos nuevos reglamentos y en perfeccionar así lo civil como lo militar; sus mismas diversiones fueron consagradas a hacer gustar el nuevo género de vida que introducía entre sus súbditos. Fue con esta intención con la que hizo invitar a todos los boyardos y a las señoras a la boda de uno de sus bufones; exigió que todo el mundo acudiese vestido a la moda antigua. Se sirvió una comida tal como se hacía en el siglo XVI[41]. Una antigua

[41]Tomado del Diario de Pedro el Grande.

superstición prohibía que se encendiese fuego el día de un matrimonio, aun durante los fríos más rigurosos; esta costumbre fue severamente observada el día de la fiesta. Los rusos no bebían vino antiguamente, sino hidromiel y aguardiente; no se permitió aquel día otra bebida; se protestaba inútilmente; el zar respondía, bromista: Vuestros antepasados lo usaban así; las costumbres antiguas son siempre las mejores. Esta broma contribuyó mucho a corregir a los que preferían siempre los tiempos pasados al presente, o, por lo menos, a desacreditar sus murmuraciones; todavía hay naciones que necesitarían un ejemplo análogo.

Un establecimiento más útil fue el de una imprenta con caracteres rusos y latinos, cuyos aparatos habían sido traídos todos de Holanda, y donde se comenzó desde entonces a imprimir traducciones rusas de algunos libros sobre moral y artes. Fergusson creó escuelas de geometría, astronomía y navegación.

Una fundación no menos necesaria fue la de un vasto hospital; no de estos hospitales que fomentan la holgazanería y perpetúan la miseria, sino tal como el zar los había visto en Amsterdam, donde se hacía

trabajar a los viejos y a los niños, y donde todo el que vive en él resulta útil.

Estableció varias manufacturas, y en cuanto hubo esto en marcha todas las nuevas artes que hizo nacer en Moscú corrió a Veroneye y mandó comenzar dos barcos de ochenta cañones, con grandes compartimentos, herméticamente cerrados bajo las varengas, para levantar el navío y hacerle pasar sin riesgo sobre las barras y bancos de arena que se encuentran cerca de Azof; artificio muy semejante al que se emplea en Holanda para franquear el Pampus.

30 marzo 1703. -Preparados sus proyectos contra los turcos, vuelve contra los suecos; va a ver los barcos que hacía construir en los astilleros de Olonitz, entre el lago Ladoga y el de Onega. Había establecido en esta ciudad fábricas de armas; en todo se respiraba allí la guerra, mientras él hacía florecer en Moscú las artes y la paz; un manantial de aguas minerales descubierto después en Olonitz aumentó su celebridad. De Olonitz marchó a fortificar Shlusselbourg.

Ya hemos dicho que había querido pasar por todos los grados militares: era teniente de Artillería, a las órdenes del príncipe Menzikoff, antes de que

este favorito fuese nombrado gobernador de Shusselbourg. Ascendió entonces a capitán y sirvió bajo el feldmariscal Sheremeto.

Había una fortaleza junto al lago Ladoga, llamada Niantz o Nya, cerca del Neva. Era preciso hacerse dueño de ella para asegurar sus conquistas y favorecer sus proyectas. Fue necesario sitiarla por tierra y evitar que recibiese socorros por mar. El zar mismo se encargó de conducir barcos llenos de soldados y de impedir los convoyes de los suecos. Sheremeto dirigió las trincheras; la ciudadela se rindió. Dos barcos suecos llegaron demasiado tarde para socorrerla; el zar los atacó con sus buques y se hizo dueño de ellos. Su Diario contiene que para recompensar este servicio, el capitán de Artillería fue hecho caballero de la Orden de San Andrés por el almirante Gollowin, primer caballero de la Orden .

Después de la conquista del fuerte de Nya resolvió al fin edificar su ciudad de Petersburgo en la desembocadura del Neva, en el golfo de Finlandia.

Los asuntos del rey Augusto iban desastrosamente: las victorias consecutivas de los suecos en Polonia habían enardecido al partido contrario, y sus mismos amigos le habían obligado a devolver al zar cerca de veinte mil rusos en que su ejército se

había engrandecido. Pretendían con este sacrificio quitar a los descontentos el pretexto de unirse al rey de Suecia; pero no se desarma a los enemigos más que por la fuerza, y se les alienta con la debilidad. Estos veinte mil hombres, que Patkul había disciplinado, sirvieron útilmente en la Livonia y en la Ingria, mientras Augusto perdía sus Estados. Este refuerzo, y, sobre todo, la posesión de Nya, pusieron al zar en condiciones de fundar su nueva capital.

Fue entonces, en este terreno desierto y pantanoso, que no comunica con la tierra firme más que por un solo camino, cuando echó[42] los primeros cimientos de Petersburgo, a los 60 grados de latitud y a los 44 1 2 de longitud. Los restos de algunos baluartes de Niantz fueron las primeras piedras de esta fundación. Se comenzó por elevar un pequeño fuerte en una de las islas que hoy está en medio de la ciudad. Los suecos no temían a esta fundación en una laguna donde los grandes buques no podían atracar; pero muy poco después vieron avanzar las fortificaciones, formarse una ciudad y, en fin, la pequeña isla de Cronslot, que está delante de ella, con-

vertirse, en 1704, en una fortaleza inexpugnable, bajo cuyos cañones pueden estar al abrigo las mayores escuadras.

Estas obras, que parecen exigir una época de paz, se ejecutaron en medio de la guerra, y obreros de todo género venían de Moscú, de Astracán, de Kazan, de Ukrania, a trabajar a la ciudad nueva. La dificultad del terreno, que era necesario afirmar y elevar; lo alejado de los auxilios; los obstáculos imprevistos que surgían a cada paso en toda clase de trabajos; en fin: las enfermedades epidémicas, que arrebataron un número prodigioso de obreros, nada desalentó al fundador: tuvo una ciudad en cinco meses. No era más que un conjunto de cabañas, con dos casas de ladrillos, rodeadas de murallas, y esto era lo que se necesitaba entonces; la constancia y el tiempo han hecho lo demás.

Noviembre 1703. -No hacía todavía más que cinco meses que Petersburgo estaba fundado, cuando un barco holandés llegó a él a comerciar; el patrón recibió gratificaciones, y los holandeses aprendieron bien pronto el camino de Petersburgo.

---

[42]1703. 27 de mayo, día de Pentecostés, fundación de Petersburgo.

Pedro, que dirigía esta colonia, la ponía diariamente en condiciones de seguridad mediante la conquista de los puestos vecinos. Un coronel sueco, llamado Croniort, se había apostado sobre el río Sestra y amenazaba a la naciente ciudad.

9 julio 1703. -Pedro corre hacia él con sus dos regimientos de guardias, lo derrota y le hace repasar el río. Teniendo ya así a su ciudad segura, va a Olonitz a disponer la construcción de varios buques pequeños, y regresa a Petersburgo, sobre una fragata que había hecho construir, con seis embarcaciones de transporte, esperando que se acaben las demás.

Noviembre 1703. -Durante todo este tiempo sigue ayudando al rey de Polonia; le envía doce mil hombres de infantería y un subsidio de trescientos mil rublos, que equivalen a más de un millón quinientos mil francos de nuestra moneda. Ya hemos indicado que no tenía más que unos cinco millones de rublos de renta; los gastos de sus escuadras, sus ejércitos y todas sus nuevas fundaciones debían agotarla. Había fortificado casi a la vez Novgorod, Pleskou, Kiev, Smolensko, Azof, Arcángel. Fundaba una capital. Sin embargo, todavía tenía para socorrer a su aliado con hombres y dinero. El holandés Corneille Le Bruyn, que viajaba por esta época por Rusia, y

con quien Pedro se entrevistó, como hacía con todos los extranjeros, refiere que el zar dijo que tenía todavía trescientos mil rublos de sobra en sus arcas, después de haber atendido a todos los gastos de la guerra.

Para poner su naciente ciudad de Petersburgo libre de todo ataque, va él mismo a sondar la profundidad del mar, designa él lugar donde debe elevarse el fuerte de Cronslot, hace de él un modelo en madera y encarga a Menzikoff el cuidado de hacer ejecutar la obra según su modelo. Desde allí va a pasar el invierno en Moscú para establecer en él insensiblemente todos los cambios introducía en las leyes, en los usos y costumbres. Arregla y pone en orden su hacienda; activa las obras emprendidas en el Veroneye, en Azof, en un puerto que establecía en el Palus-Meotide, bajo el fuerte de Taganrok.

Enero 1704. -La Puerta, alarmada, le envió un embajador para quejarse de tantos preparativos; le respondió que él era el amo en sus Estados, como el sultán en los suyos, y que no era alterar la paz el hacer a Rusia respetable en el Ponto Eusino.

30 marzo. -De regreso a Petersburgo, encuentra su nueva fortaleza de Cronslot fundada en el mar y acabada; la dotó de artillería. Se hacía preciso, para

afirmarse en la Ingría y para reparar completamente el desastre sufrido ante Nerva, tomar al fin esta ciudad. Mientras hacía los preparativos de este sitio, una pequeña flota de bergantines suecos apareció sobre el lago Peipus para oponerse a sus proyectos. Las semigaleras rusas van a su encuentro, la atacan y la toman toda entera; llevaba noventa y ocho cañones. Entonces se sitia a Narva por tierra y por mar, y, lo que es más singular, se cerca al mismo tiempo la ciudad de Derpt, en Estonia.

¿Quién creería que hubiese una Universidad en Derpt? Gustavo Adolfo la había fundado, pero esta no había hecho a la ciudad más célebre. Derpt no es conocida más que por la época de sus dos sitios. Pedro va incesantemente de uno a otro a activar los ataques y dirigir todas las operaciones. El general sueco Slipenbak estaba cerca de Derpt con unos dos mil quinientos hombres.

Los sitiados esperaban el momento de llegar auxilios a la plaza. Pedro imaginó un ardid de guerra que no se emplea lo bastante. Dio a dos regimientos de infantería y a uno de caballería uniforme, estandartes, banderas suecas. Estos supuestos suecos atacan las trincheras. Los rusos fingen huir; la guarnición, engañada por las, apariencias, hace una

salida; entonces, los falsos atacantes y los atacados se reúnen, caen sobre la guarnición, de la que matan una mitad, y la otra mitad entra en la plaza.

27 junio 1704. -Slipenbak llega en seguida, en efecto, para socorrerla, y es completamente derrotado. En fin, Derpt se ve obligada a capitular en el momento en que Pedro iba a dar un asalto general.

Un revés bastante grande que el zar sufre al mismo tiempo en el camino de su nueva ciudad de Petersburgo no le impide ni continuar la edificación de esta ciudad ni estrechar el sitio de Narva. Había enviado, como se ha visto, tropas y dinero al rey Augusto, que perdía su trono; estos dos auxilios fueron igualmente inútiles.

31 julio. -Los rusos, unidos a los lituanos del partido de Augusto, fueron absolutamente derrotados en Curlandia por el general sueco Levenhaupt. Si los vencedores hubiesen dirigido sus esfuerzos hacia la Livonia y la Ingria, podían aniquilar los trabajos del zar y hacerle perder todo el fruto de sus grandes empresas . Pedro minabadía a día el antemural de Suecia, y Carlos no se oponía a ello lo bastante; buscaba una gloria menos útil y más brillante.

Desde el 12 de julio de 1704, un simple coronel sueco, al frente de un destacamento, habla hecho elegir un nuevo rey por la nobleza polaca en el campo de elección, llamado Kolo, cerca de Varsovia. Un cardenal primado del reino y varios obispos se sometían a la voluntad de un príncipe luterano, a pesar de todas las amenazas y las excomuniones del Papa; todo cedía la fuerza. Nadie ignora cómo fue hecha la elección de Estanislao Leczinsky, y cómo Carlos XII lo hizo reconocer en gran parte de Polonia.

Pedro no abandonó al rey destronado; redobló sus auxilios a medida que fue más desgraciado; y mientras que su enemigo hacía rey es, él derrotaba separadamente a los generales suecos en la Estonia y la Ingria; corría al sitio de Narva y hacía dar asaltos. Había tres baluartes famosos, al menos por sus nombres: se les llamaba *la Victoria, el Honor y la Gloría.* El zar se apoderó de los tres espada en mano. Los asaltantes entran en la ciudad, la saquean y realizan en ella todas las crueldades, que no eran sino demasiado corrientes entre los suecos y los rusos.

20 agosto 1704. -Pedro dio entonces un ejemplo que debió conquistarle los corazones de sus nuevos súbditos: corre a todas partes para detener el saqueo

y el asesinato; arrebata mujeres de las manos de sus soldados; y habiendo matado a dos de éstos que no obedecían sus órdenes, entra en el Ayuntamiento, donde los ciudadanos se refugiaban en montón; allí, poniendo su espada ensangrentada sobre la mesa: No es con sangre de los habitantes -dijo- con la que esta espada está teñida, sino con la sangre de mis soldados, que yo he perdido para salvaros la vida.

N. B. -Los capítulos precedentes y todos los siguientes están tomados del Diario de Pedro el Grande y de las Memorias enviadas de Petersburgo, confrontadas con todas las demás Memorias.

CAPITULO XIV

Toda la Ingria pertenece a Pedro el Grande, mientras Carlos XII triunfa en otras partes. -Elevación de Menzi off. -Petersburgo, en seguridad. -Planes siempre realizados, a pesar de las victorias de Carlos.

Dueño de toda la Ingria, Pedro confirió su gobierno a Menzikoff y le dio el título de príncipe y la categoría de jefe del Estado Mayor General. El orgullo y el prejuicio podían en otra parte encontrar mal que un muchacho pastelero llegase a general, gobernador y príncipe; pero Pedro había ya acostumbrado a sus súbditos a no asombrarse de ver conceder todo al talento y nada a la simple nobleza. Menzikoff, sacado de su primitiva posición en su infancia por un azar feliz que le llevó a la casa del

zar, había aprendido varias lenguas, se había formado en los negocios y las armas; y habiendo sabido al principio hacerse agradable a su señor, supo después hacerse necesario: activaba los trabajos de Petersburgo; se construían allí ya varias casas de ladrillo y piedra, un arsenal, almacenes; se terminaban las fortificaciones; los palacios no vinieron hasta después.

19 agosto 1704. -Apenas establecido Pedro en Narva, ofreció nuevos auxilios al rey destronado de Polonia; le prometió todavía tropas, además de los doce mil hombres que había ya enviado, y, en efecto, hizo partir para las fronteras de Lituania al general Repnin, con seis mil hombres de caballería y seis mil de infantería. No perdió de vista un solo momento su colonia de Petersburgo: la ciudad se edificaba, la marina se engrandecía, se construían navíos y fragatas, en los astilleros de Olonitz; fue a hacerlos terminar y los condujo a Petersburgo.

Todo regreso a Moscú se celebraba con entradas triunfales; así ocurrió este año (30 diciembre), y no partió de allí sino para ir a lanzar al agua su primer buque de ochenta cañones, cuyas dimensiones había dado el año anterior en el Veroneye.

Mayo 1705. -En cuanto pudo comenzar la campaña en Polonia, corrió al ejército que había enviado a las fronteras de Lituania en socorro de Augusto; pero mientras él ayudaba así a su aliado, una escuadra sueca avanzaba para destruir Petersburgo y Cronslot, apenas construidas; estaba compuesta de veintidós navíos de cincuenta y cuatro a sesenta y cuatro cañones, de seis fragatas, dos galeotas bombardas y dos brulotes. Las tropas de transporte hicieron su desembarco en la pequeña isla de Kotin. Un coronel ruso, llamado To1boguin, que había hecho tender a su regimiento boca abajo mientras los suecos desembarcaban en la orilla, les hizo levantar de repente; y, el fuego fue tan vivo y tan bien dirigido, que los suecos, desordenados, se vieron obligados a ganar sus barcos, abandonar sus muertos y a dejar trescientos prisioneros.

Sin embargo, su flota permanecía siempre en estos parajes y amenazaba a Petersburgo. Hicieron todavía otro desembarco, y fueron rechazados igualmente: tropas de tierra avanzaban de Viborg, mandadas por el general sueco Meidel; marchaban por la parte de Shlusselbourg; ésta fue la mayor empresa que hubo hasta entonces realizado Carlos XII sobre los Estados que Pedro había conquistado o

creado; los suecos fueron rechazados por todas partes, y Petersburgo quedó tranquilo.

25 junio 1705. -Pedro, por su parte, avanzaba hacia Curlandia, y quería penetrar hasta Riga. Su plan consistía en apoderarse de Livonia, mientras Carlos XII acababa de someter Polonia al nuevo rey que él había dado. El zar estaba entonces en Vilna y Lituania, y su mariscal Sheremeto se aproximaba a Mittau, capital de Curlandia, pero encontró allí al general Levenhaupt, ya célebre por más de una victoria. Se dio una batalla en un lugar llamado Gemavershof o Gemavers.

28 julio 1705. -En estas empresas, en que la experiencia y la disciplina imperan, los suecos, aunque inferiores en número, llevaban siempre la ventaja: los rusos fueron completamente derrotados; toda su artillería, cogida. Pedro, después de tres batallas así perdidas, en Gemavers, en Jacobstadt y en Narva, reparaba siempre sus pérdidas y aun sacaba de ellas ventaja.

14 septiembre 1705. -Marcha con fuerzas a Curlandia después de la jornada de Gemavers; llega ante Mittau, se apodera de la ciudad, sitia la ciudadela y entra en ella por capitulación.

Las tropas rusas tenían entonces la fama de señalar todos sus triunfos con saqueos, costumbre demasiado antigua en todas las naciones. Pedro, en la conquista de Narva, había cambiado de tal manera esta costumbre, que los soldados rusos enviados para guardar en el castillo de Mittau las criptas donde estaban inhumados los grandes duques de Curlandia, viendo que los cuerpos habían sido sacados de sus tumbas y despojados de sus ornamentos, rehusaron tomar posesión de ellas, y exigieron que primeramente se hiciese venir un coronel sueco a reconocer el estado de aquellos lugares: vino, en efecto, uno, que les expidió un certificado en el cual confesaba que los suecos eran los autores de tal desorden.

El rumor, que corrió por todo el imperio, de que el zar había sido completamente derrotado en la jornada de Gemavers le hizo todavía más daño que la batalla misma. Algunos antiguos strelitz, de guarnición en Astracán, se decidieron, con esta falsa noticia, a sublevarse; mataron al gobernador de la ciudad, y el zar se vio obligado a enviar allí al mariscal Sheremeto con tropas para someterlos y castigarlos.

Todo conspiraba contra él: la fortuna y el valor de Carlos XII, las desgracias de Augusto, la neutralidad forzada de Dinamarca, las revoluciones de los antiguos strelitz, las murmuraciones de un pueblo que no sentía entonces más que las molestias de la reforma y no la utilidad, el descontento de los grandes, sometidos a la disciplina militar, el agotamiento del Tesoro; nada desalentó a Pedro ni un solo momento: él sofocó la revolución; y habiendo puesto en seguridad la Ingria, asegurado la ciudadela de Mittau, a pesar de Levenhaupt, vencedor, que no tenía bastantes tropas para oponerse a él, tuvo entonces libertad para atravesar la Samogitia y la Lituania.

Compartió con Carlos XII la gloria de dominar en Polonia; avanzó hasta Tykoezin; allí fue donde vio por segunda vez al rey Augusto; le consoló de sus infortunios, le prometió vengarle, le regaló algunas banderas tomadas por Menzikoff a las tropas de su rival; fueron en seguida a Grodno, capital de Lituania, y allí permanecieron hasta el 15 de diciembre.

30 diciembre. -Pedro, al partir, le dejó dinero y ejército, y, según su costumbre, fue a pasar una parte del invierno a Moscú, para hacer florecer allí las ar-

tes y las leyes, después de haber hecho una campaña muy difícil.

CAPITULO XV

Mientras que Pedro se sostiene en sus conquistas y civiliza sus Estados, su enemigo Carlos gana batallas, domina en Polonia y en Sajonia. -Augusto, a pesar de una victoria de los rusos, obedece a Carlos XII. -Renuncia a la corona entrega a Pat ul, embajador del zar. -Muerte de Pat ul, condenado a la rueda.

Apenas llegado a Moscú, Pedro supo que Carlos XII, en todas partes victorioso, avanzaba por el lado de Grodno para combatir a su ejército. El rey Augusto se había visto obligado a huir de Grodno y se retiraba precipitadamente hacia Sajonia con cuatro regimientos de dragones rusos; así debilitaba el ejército de su protector y le desalentaba con su retirada;

el zar encontró todos los caminos de Grodno, ocupados por los suecos y su ejército dispersado.

Mientras que reunía sus destacamentos con extremo trabajo en Lituania, el célebre Schullembourg, que era el último recurso de Augusto, y que adquirió después tanta gloria por la defensa de Corfú contra los turcos, avanzaba del lado de la gran Polonia con unos doce mil sajones y seis mil rusos, sacados de las tropas que el zar había confiado a este desgraciado príncipe. Schullembourg tenía una razonada esperanza de sostener la fortuna de Augusto; veía a Carlos XII ocupado entonces del lado de Lituania; no había más que unos diez mil suecos, a las órdenes del general Renschild, que pudiesen detener su marcha; avanzaba, pues, con confianza hacia las fronteras de la Silesia, que es el paso de Sajonia a la alta Polonia. Cuando estuvo cerca del burgo de Fraustadt, en las fronteras de Polonia, encontró al mariscal Renschild, que venía a presentarle batalla.

Por más esfuerzos que haga para no repetir lo que ya he dicho en la historia de Carlos XII, tengo que volver a decir aquí que había en el ejército sajón un regimiento francés que, hecho prisionero todo entero en la famosa batalla de Hochstett, fue obligado a servir en las tropas sajonas. Mis Memorias di-

cen que se le había confiado la defensa de la artillería; añaden que, admirados de la gloria de Carlos XII, y descontentos del servicio de Sajonia, rindieron las armas en cuanto vieron a los enemigos y pidieron ser admitidos entre los suecos, a quienes sirvieron después, en efecto, hasta el fin de la guerra. Este fue el comienzo y la señal de una derrota completa; no se salvaron ni tres batallones rusos, y todavía todos los soldados que escaparon estaban heridos; todo el resto fue muerto, sin que se diese cuartel a nadie. El capellán Norberg pretende que la frase de los suecos en esta batalla era: *En el nombre de Dios;* y la de los rusos: *¡Destrozad todo!* Pero fueron los suecos quienes destrozaron todo en el nombre de Dios. El zar mismo asegura en uno de sus manifiestos[43] que muchos. prisioneros rusos, cosacos y calmucos, fueron muertos tres días después de la batalla. Las tropas irregulares de los dos ejércitos habían acostumbrado a los dos generales a estas crueldades; jamás se han cometido otras mayores en los tiempos bárbaros. El rey Estanislao me ha hecho el honor de decirme que en no de estos combates que se libraban con tanta frecuencia en

[43]Manifiesto del zar en Ukrania, 1709.

Polonia, un oficial ruso, que había sido su amigo, vino, después de la derrota de un cuerpo que el mandaba, a ponerse bajo su protección, y que el general sueco Steimbock lo mató de un pistoletazo entre sus brazos.

He aquí cuatro batallas perdidas por los rusos contra los suecos sin contar las otras victorias de Carlos XII en Polonia. Las tropas del zar que estaban en Grodno corrían el riesgo de sufrir un desastre mayor y ser envueltas por todos lados; era necesario procurar a la vez la seguridad de este ejército y la de sus conquistas en la Ingria. Hizo marchar a su ejército mandado por el príncipe Menzikoff, hacia el Oriente, y de allí al Mediodía, hasta Kiev.

Agosto 1706. Mientras marchaba el se vuelve a Shlusselbourg a Narva, a su colonia de Petersburgo; pone todo en seguridad, y de las orillas del mar Báltico corre a las del Borístenes, para entrar por Kiev en Polonia, dedicándose siempre a hacer inútiles las victorias de Carlos XII, que no había podido impedir, y aun preparado una conquista nueva: la de Viborg, capital de la Carelia. Sobre el golfo de Finlandia (octubre). Fue a sitiarla, pero esta vez resistió a sus armas; los socorros llegaron a punto, y

tuvo que levantar el sitio. Su rival, Carlos XII, no hacía realmente conquista alguna ganando batallas; perseguía entonces al rey Augusto en Sajonia, siempre más ocupado en humillar a este príncipe y agobiarle bajo el peso de su poder y de su gloria que en recuperar la Ingria a un enemigo vencido que se la había arrebatado.

Sembraba el terror en la alta Polonia, en Silesia, en Sajonia. Toda la familia del rey Augusto su madre, su mujer, su hijo- y las familias principales del país se retiraban al corazón del imperio. Augusto imploraba la paz; deseaba más entregarse a discreción del vencedor que en los brazos de su protector. Negociaba un tratado que le arrebataba la corona de Polonia y le cubría de vergüenza; este tratado era secreto; era preciso ocultarlo a los generales del zar, con los que estaba entonces como refugiado en Polonia, mientras Carlos XII dictaba leyes en Léipzig y reinaba en todo su electorado.

14 septiembre 1706. -Ya estaba firmado por sus plenipotenciarios el fatal tratado por el cual renunciaba a la corona de Polonia, prometía no ostentar nunca el título de rey en este país, reconocía a Estanislao, renunciaba a la alianza del zar, su protector, y, para colmo de humillaciones, se compro-

metía a entregar a Carlos XII el embajador del zar, Juan Reginold Patkul, general de Las tropas rusas, que combatía por su defensa. Había hecho algún tiempo antes detener a Pakul, contra el derecho de gentes, por falsas sospechas, y, contra este mismo derecho de gentes, lo entregaba a su enemigo. Valla más morir con las armas en la mano que concluir tal tratado: no solamente perdía con él su corona y su gloria, sino que arriesgaba además su libertad, puesto que estaba entonces en las manos del príncipe Menzikoff, en Posnania, y los pocos sajones que tenía con él recibían entonces su sueldo con dinero de los rusos.

El príncipe Menzikoff tenía enfrente, en estos campamentos, un ejército sueco, reforzado con polacos del partido del nuevo rey Estanislao, mandado por él general Maderfeld; e ignorando que Augusto trataba con sus enemigos, le propuso atacarlos. Augusto no se atrevió a rehusar; la batalla se dio cerca de Kalish, en el palatinado mismo del rey Estanislao.

19 octubre 1706. -Esta fue la primer batalla campal que los rusos ganaron a los suecas; el príncipe Menzikoff tuvo esta gloria: se mataron al enemigo

cuatro mil hombres; se le tomaron dos mil quinientos noventa y ocho.

Es difícil comprender cómo Augusto pudo, después de esta victoria, ratificar un tratado que le privaba de todo su fruto; pero Carlos estaba en Sajonia, y allí era omnipotente; su nombre imprimía de tal modo el terror, se tenían en tan poco los triunfos obtenidos por parte de los rusos, el partido polaco contra el rey Augusto era tan fuerte, y, en fin, Augusto estaba tan mal aconsejado, que firmó este tratado funesto. No se detuvo aquí: escribió a su enviado, Finkstein, una carta, más triste que el mismo tratado, en la cual pedía perdón por su victoria, protestando de que la batalla se había dado a pesar suyo; que los rusos y los polacos de su partido le habían obligado a ello; que en esta empresa él había hecho maniobras para abandonar a Menzikoff; que Maderfeld hubiera podido vencerle si hubiese aprovechado la ocasión; que él devolvería todos los prisioneros suecos, o rompería con los rusos, y que, en fin, daría al rey de Suecia todas las satisfacciones convenientes... por haberse atrevido a derrotar sus tropas.

Todo esto es único, inconcebible, y, sin embargo, la verdad más exacta. Cuando se piensa que con

esta debilidad Augusto era uno de los príncipes mas bravos de Europa, se ve bien que es el valor espiritual el que hace perder o conservar los Estados, quien los eleva o los rebaja.

Dos nuevos rasgos que acaban de destacar el infortunio del rey de Polonia, elector de Sajonia, y el abuso que Carlos XII hacía de su fortuna: el primero fue una carta de felicitación que Carlos obligó a Augusto a escribir, dirigida al nuevo rey Estanislao; el segundo fue horrible: el mismo Augusto fue forzado a entregarle a Patkul, el embajador, el general del zar. Europa sabe muy bien que este ministro fue después muerto en la rueda, en Casimir, en el mes de septiembre de 1707. El capellán Norberg confiesa que todas las órdenes para esta ejecución fueron escritas por la propia mano de Carlos.

No hay ningún jurisconsulto en Europa, no hay siquiera ningún esclavo, que no sienta todo el horror de esta injusticia bárbara. El primer crimen de este infortunado fue el haber defendido respetuosamente los derechos de su patria a la cabeza de seis nobles livonianos, diputados del Estado; condenado por haber cumplido el primero de los deberes, el de servir a su país según las leyes, esta sentencia inicua le había colocado en el pleno dere-

cho natural que tienen todos los hombres de escoger una patria. Llegado a embajador de uno de los más grandes monarcas del mundo, su persona era sagrada. El derecho del más fuerte violó en él el derecho de la naturaleza y el de las naciones. En otro tiempo, el brillo de la gloria cubría tales crueldades; hoy, éstas obscurecen a aquélla.

CAPITULO XVI

Se quiere hacer un tercer rey en Polonia. -Carlos XII parte de Sajonia con un ejército floreciente y atraviesa Polonia vencedor. Crueldades realizadas. -Conducta del zar. -Triunfos de Carlos, que avanza al fin hacia Rusia.

Carlos XII gozaba de sus triunfos en Altrabstad, cerca de Léipzig. Los principales protestantes del imperio de Alemania venían en tropel a ofrecerle sus homenajes y pedirle su protección. Casi todas las potencias le enviaban embajadores. El emperador José I accedía a todos sus deseos. Pedro, entonces, viendo que el rey Augusto había renunciado a su protección y al trono, y que una parte de Polonia reconocía a Estanislao, escuchó las proposiciones, que le hizo Yolkova de elegir un tercer rey.

Enero 1707. -Se propusieron varios palaciegos en una dieta en Lublín; se puso en lista el príncipe Ragotski; éste era el mismo Ragotski, mucho tiempo recluido en prisión en su juventud por el emperador Leopoldo, y que luego fue su competidor al trono de Hungría, después de haberse procurado la libertad. Esta negociación fue llevada muy lejos, y poco faltó para que se viesen tres reyes de Polonia a la vez. No habiendo podido conseguirlo el príncipe Ragotski, Pedro quiso dar el trono al gran general de la república, Siniawski, hombre poderoso, acreditado, jefe de un tercer partido, que no quería reconocer ni a Augusto destronado ni a Estanislao elegido por un partido contrario.

En medio de esta confusión, se habló de paz, como se hacía siempre. Puzenval, enviado de Francia en Sajonia, se entremetió para reconciliar al zar y al rey de Suecia. Se creía entonces en la corte de Francia que Carlos, no teniendo ya que combatir ni a los rusos ni a los polacos, podría volver sus armas contra el emperador José, de quien estaba descontento, y a quien imponía leyes duras durante su estancia en Sajonia; pero Carlos respondió que él trataría de la paz con el zar en Moscú. Entonces fue cuando Pedro dijo: Mi hermano Carlos quiere ha-

cer de Alejandro; pero no encontrará en mí un Darío.

Sin embargo, los rusos estaban todavía en Polonia, y hasta en Varsovia, mientras que el rey dado a los polacos por Carlos XII era apenas reconocido por ellos, y que Carlos enriquecía su ejército con los despojos de los sajones.

22 agosto 1707. -Al fin partió de su cuartel de Altrabstad al frente de un ejército de cuarenta y cinco mil hombres, al cual le parecía que su enemigo no podría resistir nunca, puesto que le había derrotado completamente con ocho mil en Narva.

27 agosto. -Fue al pasar ante los muros de Dresde cuando hizo al rey Augusto esta extraña visita que debe causar admiración a la posteridad como dice Norberg; por lo menos, puede causar algún asombro. Era mucho arriesgar el ponerse en las manos de un príncipe a quien había quitado un reino. Volvió a pasar por la Siberia y entró en Polonia.

Este país estaba completamente devastado por la guerra, arruinado por las facciones y presa de todas las calamidades. Carlos avanzaba por la Masovia y escogía el camino menos practicable. Los habitantes, refugiados en pantanos, quisieron, al menos, cobrarle el paso. Seis mil campesinos le en-

viaron un viejo como representante suyo: este hombre, de figura extraordinaria, todo vestido de blanco, y armado de dos carabinas, arengó a Carlos; y como no se entendía demasiado bien lo que decía, se tomó la resolución de matarlo a la vista del príncipe, en medio de su arenga. Los campesinos, desesperados, se retiraron y se armaron. Se capturó a todos los que se pudo encontrar; se les obligaba a ahorcarse ,unos a otros, y al último se le forzaba a pasarse él mismo la cuerda al cuello y ser su propio verdugo. Es el capellán Norberg quien certifica este hecho, del que fue testigo; no se puede ni recusarlo ni dejar de estremecerse.

26 febrero 1708. -Carlos llega a algunas leguas de distancia de Grodno, en Lituania; se le dice que el zar en persona está en esta ciudad con algunas tropas; sin deliberar, toma consigo ochocientos guardias solamente y corre a Grodno. Un oficial alemán, llamado Mulfels, que mandaba un destacamento en una puerta de la ciudad, no duda, al ver a Carlos XII, que no venga seguido de su ejército; le entrega el paso, en lugar de defenderlo; la alarma se extiende por la ciudad; todo el mundo cree que ha entrado el ejército sueco; los pocos rusos que quieren resistir son despedazados por la guardia sueca; todos los

oficiales confirman al zar que un ejército victorioso se hace dueño de todos los puestos de la ciudad. Pedro se retira más allá de las murallas y Carlos pone una guardia de treinta hombres en la puerta misma por donde el zar acaba de salir.

En esta confusión, algunos jesuitas, a quienes habían tomado la casa para alojar al rey de Suecia, porque era la más hermosa de Grodno, llegan por la noche junto al zar y le enseñan esta vez la verdad. Inmediatamente Pedro vuelve a entrar en la ciudad; fuerza la guardia sueca; se combate en las calles, en las Plazas; pero ya el ejército del rey llegaba. El zar se vio, al fin, obligado a ceder y dejar la ciudad en poder del vencedor, que hacía temblar a Polonia.

Carlos había aumentado, sus tropas en Finlandia, y todo era de temer en esta parte para las conquistas de Pedro, como del lado de Lituania para sus antiguos Estados y para el mismo Moscú. Era, pues, preciso fortificarse en todas de otras. Carlos no podía hacer progresos rápidos yendo hacia Oriente por la Lituania, en medio de una estación cruda, en países Pantanosos, infectados de enfermedades contagiosas, que la pobreza y el hambre habían extendido de Varsovia a Minski. Pedro apostó sus tropas en destacamentos sobre los pasos de los

ríos, guarneció los puestos importantes hizo todo lo que pudo para detener paso a paso la marcha de su enemigo (abril 1708) y corrió en seguida a poner orden en todo hacia Petersburgo.

Carlos, dominando a los Polacos, no obtenía de ellos nada; Pero Pedro, haciendo uso de su nueva marina, desembarcando en Finlandia (21 mayo 1708), tomando a Borgo, que destruyó, y cogiendo un gran botín a sus enemigos, conseguía ventajas útiles.

Carlos, detenido mucho tiempo en la Lituania por lluvias continuas, avanzó al fin por el pequeño río Berezine, a algunas leguas del Borístenes. Nada pudo resistir a su actividad; tendió un puente a la vista de los rusos; derrotó el destacamento que guardaba este paso, y llegó a Hollosin, sobre el río Vabis. Allí era donde el zar había puesto un núcleo considerable que debía detener la impetuosidad de Carlos. El pequeño río Vabis[44] no es más que un arroyo durante las sequías; pero entonces era un torrente impetuoso, profundo, engrosado por las lluvias. Más allá había un pantano y detrás de este pantano los rusos habían construido un atrinchera-

[44]En ruso. Bibitsch.

miento de un cuarto de legua, defendido, por un ancho foso y cubierto por un parapeto provisto de artillería. Nueve regimientos de caballería y once de infantería estaban ventajosamente dispuestos en estas líneas. El paso del río parecía imposible.

Los suecos, según los usos de guerra, prepararon pontones para pasar y dispusieron baterías de cañones para favorecer la marcha; pero Carlos no esperó a que los pontones estuviesen preparados; su impaciencia por combatir no sufría nunca el menor retraso. El mariscal de Shwerin, que ha servido mucho tiempo a sus órdenes, me ha confirmado varias veces que un día de acción decía a sus generales, ocupados del detalle de estas disposiciones: Habréis acabado pronto esas bagaletas? ; y entonces avanzaba el primero a la cabeza de sus drabanes; esto es sobretodo lo que hizo en esta memorable jornada.

Se lanzó al río seguido de regimiento de guardias. Esta multitud conseguía romper la impetuosidad de la corriente; pero le llegaba el agua hasta los hombros y no podía servirse de sus armas. Por poco bien servida que hubiese estado la artillería del parapeto y los batallones hubiesen tirado oportunamente no se hubiera escapado ni un solo sueco.

25 julio 1708. -El rey, después de haber atravesado el río pasó todavía el pantano a pie. En cuanto el ejército hubo franqueado estos obstáculos a la vista de los rusos, comenzó la batalla; siete veces atacaron las trincheras, y los rusos no cedieron hasta la séptima. No les cogieron más que doce piezas de campaña y veinticuatro morteros de granadas, según confesión propia de los historiadores suecos.

Era, pues, bien visible que el zar había logrado formar tropas aguerridas; y esta victoria de Holosin, llenando a Carlos XII de gloria, podía hacerle sentir todos los peligros que iba a correr al penetrar en países tan alejados; no se podía marcha, más que en grupos separados, de bosque en bosque, de pantano en pantano y teniendo que los combatir a cada paso; pero los suecos acostumbrados a derribar todo cuanto se les pusiese delante, no temieron ni al peligro ni a la fatiga.

CAPITULO XVII

Carlos XII pasa el Borístenes, se introduce en U rania, toma mal sus medidas uno de sus ejércitos es derrotado por Pedro el Grande pierde sus municiones. -Avanza en estos desiertos. -Aventuras en U rania.

Al fin, Carlos llegó a orillas del Borístenes, a una pequeña ciudad llamada Mohilov[45]. En este fatal lugar era donde había de saberse si se dirigiría al Oriente, hacia Moscú, o al Mediodía, hacia Ukrania. Su ejército, sus enemigos, sus amigos, esperaban que marcharía a la capital. Cualquiera que fuese el camino que tomase, Pedro le seguía desde Smolensko

[45]En ruso, Mogilew.

con un fuerte ejército; no se esperaba que tomase el camino de Ukrania; esta extraña resolución le fue inspirada por Mazeppa, hetmán de los cosacos; era un viejo de setenta años, quien, no teniendo hijos, parece que no debía pensar más que en acabar tranquilamente su vida; el agradecimiento también debía unirle al zar, a quien debía su puesto; pero sea que tuviese, en efecto, motivos de queja de este príncipe, sea que la gloria de Carlos XII le hubiese deslumbrado, sea más bien que tratase de hacerse independiente, él había traicionado a su bienhechor y se había entregado en secreto al rey de Suecia, lisonjeándose de hacer con él sublevar a toda la nación.

Carlos no dudó ya de triunfar en todo el imperio ruso cuando sus victoriosas tropas fuesen secundadas por un pueblo tan belicoso. El debía recibir de Mazzepa los víveres, las municiones, la artillería que pudiera faltarle; a este valioso auxilio debía unirse un ejército de diez y seis a diez y ocho mil combatientes que llegarían de Livonia, conducido por el general Levenhaupt, llevando tras de él una prodigiosa cantidad de provisiones de boca y guerra. A Carlos no le inquietaba si el zar estaría en situación de caer sobre este ejército y privarle de un auxilio tan necesario. No se informaba de si Mazzepa esta-

ba en condiciones de mantener todas sus promesas, si este cosaco tenía bastante crédito para hacer cambiar una nación entera que no se aconsejaba sino consigo misma, y si, en fin, en un desastre le quedarían bastantes recursos a su ejército; y en caso de que Mazzepa careciese de fidelidad o de poder, él contaba con su valor y su fortuna. El ejército sueco avanzó entonces más allá del Borístenes, hacia el Desna; entre estos dos ríos era donde Mazzepa estaría esperando. El camino era penoso y los dos grupos que recorrían que recorrían estos lugares hacían la marcha peligrosa.

11 septiembre 1708. Menzikoff, al frente de algunos regimientos de caballería y de dragones, atacó la vanguardia del rey, la puso en desorden, mató muchos suecos, perdió aún más de los suyos, pero no se desanimó. Carlos que acudió al campo de batalla, no rechazó a los rusos sino muy difícilmente, arriesgando mucho tiempo su vida y combatiendo contra varios dragones que le rodeaban. Entre tanto, Mazzepa no venía; los víveres empezaban a faltar. Los soldados suecos, viendo a su rey compartir todos sus peligros, sus fatigas y su penuria, no se desalentaban; pero, admirándole, le vituperaban y murmuraban.

La orden enviada por el rey a Levenhaupt para que saliese con su ejército y condujese municiones con prontitud había llegado con doce días de retraso, y este era mucho tiempo en tales circunstancias. Levenhaupt marchaba al fin; Pedro le dejó pasar el Borístenes, y cuando este ejército estuvo encajonado entre este río y los pequeños que a él afluyen, pasó el río después de él y le atacó con sus tropas reunidas, que se sucedían casi en escalones. La batalla se dio entre el Borístenes y el Sossa[46].

El príncipe Menzicoff venía con el mismo cuerpo de Caballería que se había batido con Carlos XII; el general Bauer le seguía, y Pedro conducía, por su parte, lo más escogido de su ejército. Los suecos creyeron habérselas con cuarenta mil combatientes, y esto se ha creído durante mucho tiempo bajo la fe de su narración. Mis Memorias recientes me enseñan que Pedro no tenía más de veinte mil hombres en esta jornada; ese número no era muy superior al de sus enemigos. la actividad del zar, su paciencia, su obstinación, la de sus tropas, animadas por su presencia, decidieron la suerte, no de esta jornada,

[46]En ruso, Socza.

sino de tres jornadas consecutivas, durante las cuales se combatió repetidamente.

Primeramente se atacó la retaguardia del ejército sueco cerca de la ciudad de Lesnau, que ha dado nombre a esta batalla. Este primer choque fue sangriento, sin ser decisivo. Levenhaupt se retiró a un bosque y conservó su bagaje. Al día siguiente fue necesario echar a los suecos de este bosque (7 octubre 1708) ; el combate fue más mortífero y más afortunado; fue allí donde el zar, viendo a sus tropas en desorden, gritó que se tirase sobre los fugitivos, y sobre él mismo si él se retiraba. Los suecos fueron rechazados, pero no derrotados.

Al fin llegó un refuerzo de cuatro mil dragones; se volvió a caer sobre los suecos por tercera vez; éstos se retiraron hacía un burgo llamado Prospok; todavía se les atacó allí; marcharon hacia el Desna, y allí se les persiguió. Nunca fueron completamente derrotados; pero perdieron más de ocho mil hombres, diez y siete cañones, cuarenta y cuatro banderas; el zar hizo prisioneros a cincuenta y seis oficiales y cerca de novecientos soldados. Todo el gran convoy que se enviaba a Carlos quedó en poder del vencedor.

Esta fue la primera vez que el zar desafió personalmente, en una batalla campal, a los que se habían distinguido por tantas victorias sobre sus tropas; daba gracias a Dios por este triunfo,
cuando supo que su general Apraxin acababa de obtener ventajas en Ingria, a algunas leguas de Narva (17 septiembre 1708); ventajas, ciertamente, menos considerables que la victoria de Lesnau; pero este concurso de acontecimientos felices fortificaba sus esperanzas y el valor de su ejército.

Carlos XII se enteró de todas estas funestas noticias cuando estaba a Punto de pasar el Desna, en Ukrania. Mazzepa vino al fin a su encuentro; debía traerle treinta mil hombres y provisiones inmensas, pero no llegó más que con dos regimientos, y más bien como fugitivo que piden socorro que como príncipe que viene a darlos. Este cosaco había marchado, en efecto, con quince o diez y seis mil de los suyos, habiéndoles dicho primeramente que iban contra el rey de Suecia, que tendrían la gloria de detener a este héroe en su marcha y que el zar les quedaría eternamente obligado por un servicio tan grande.

A algunas millas del Desna les declaró; al fin su proyecto; pero a estos bravos les horrorizó; no qui-

sieron hacer traición a un monarca de quien no tenían ninguna queja, para servir a un sueco que entraba a mano armada en su país, quien, después de haberlo abandonado, no podría ya defenderles, y les dejaría a discreción de los rusos, irritados, y de los Polacos, en otro tiempo sus señores y siempre sus enemigos; se volvieron a sus casas y dieron aviso al zar de la defección de su jefe. No quedaron con Mazeppa más que unos dos regimientos, cuyos oficiales iban a sus expensas.

Todavía era dueño de algunas plazas en Ukrania, y sobre todo de Bathurin, lugar de su residencia, considerado como la capital de los cosacos; está situado junto a los bosques de la orilla del Desna, pero muy lejos del campo de batalla donde Pedro había vencido a Levenhaupt. Había siempre algunos regimientos rusos por estos sitios. El príncipe Menzikoff fue destacado del ejército del zar: llegó allí con grandes rodeos. Carlos no podía guardar todos los pasos; ni siquiera los conocía; no se había cuidado de apoderarse del importante puesto de Starodoub, que lleva derecho a Bathurin, a través de siete u ocho leguas del bosque que el Desna atraviesa. Su enemigo tenía siempre sobre él la ventaja de conocer el país.

4 noviembre 1708. -Menzikoff pasó fácilmente con el príncipe Gallitzin; se presentó delante de Bathurin, lo tomó casi sin resistencia, lo saqueó y lo redujo a cenizas. Se apoderó de un almacén destinado para el rey de Suecia y de los tesoros de Mazeppa. Los cosacos eligieron otro hetmán, llamado Skoropasky, que el zar aprobó; quiso que una ceremonia imponente hiciese sentir al pueblo la enormidad de la traición; el arzobispo de Kiev y otros dos excomulgaron públicamente a Mazeppa (22 noviembre); fue ahorcado en efigie, y algunos de sus cómplices murieron en el suplicio de la rueda.

Entre tanto, Carlos XII, al frente de veinticinco o veintisiete mil suecos, habiendo recibido además los restos del ejército de Levenhaupt, aumentado con dos o tres mil hombres que Mazeppa le había traído, y siempre seducido por la esperanza de atraerse toda la Ukrania, pasó el Desna lejos de Bathurin y cerca del Borístenes, a pesar de las tropas del zar, que le rodeaban por todos lados, de las cuales unas seguían su retaguardia, y las otras, extendidas más allá del río, se oponían a su paso.

Avanzaba, pero por desiertos, y no encontraba más que ciudades arruinadas e incendiadas. El frío se hizo sentir desde el mes de diciembre con un ri-

gor tan excesivo, que, en una de sus marchas, cerca de dos mil hombres cayeron muertos a su vista; las tropas del zar sufrían menos porque tenían más recursos; las de Carlos, careciendo casi de ropas, estaban más expuestas a los rigores de la estación.

En este estado deplorable, el conde Piper, canciller de Suecia, que nunca dio sino buenos consejos a su soberano, le conjuró para que se quedase, para que pasase al menos la época más rigurosa del invierno en una pequeña ciudad de Ukrania, llamada Romna, donde podría fortificarse y hacer algunas provisiones con el auxilio de Mazeppa. Carlos respondió que él no era hombre que se encerrase en una ciudad. Piper, entonces, le conjuró para volver a pasar el Desna y el Borístenes; volver a entrar en Polonia; dar allí a sus tropas cuarteles, de que tenían necesidad; ayudarse de la caballería ligera de los polacos, que le era absolutamente precisa; sostener al rey, que él había hecho nombrar, y contener al partido de Augusto, que comenzaba a levantar la cabeza. Carlos replicó que eso sería huir ante el zar, que la estación llegaría a ser más favorable, que era necesario subyugar a Ukrania y marchar a Moscú[47].

[47]Declarado por el capellán Norberg, tomo II. pág. 263.

Los ejércitos rusos y suecos estuvieron algunas semanas inactivos: tanto fue el frío violento del mes de enero de 1709; pero en cuanto el soldado pudo servirse de sus armas, Carlos atacó a todos los pequeños puestos que se encontraron a su paso. Era preciso enviar por todos lados partidas para buscar víveres, es decir, para ir a arrebatar a veinte leguas a la redonda las subsistencias de los campesinos. Pedro, sin apresurarse, vigilaba sus marchas y les dejaba consumirse.

Es imposible al lector seguir la marcha de los suecos por estos países; varios de los ríos que pasaron no se encuentran en los mapas; no se debe creer que los geógrafos conocen estos países como nosotros conocemos a Italia, Francia y Alemania; la Geografía es todavía, de todas las artes, la que tiene más necesidad de ser perfeccionada; y la ambición, hasta ahora, ha tenido más cuidado de devastar la tierra que de describirla.

Contentémonos con saber que Carlos, al fin, atravesó toda la Ukrania en el mes de febrero, incendiando ciudades por todas partes y encontrando las que los rusos habían quemado. Avanzó hacia el Sudeste hasta los áridos desiertos circundados por las montañas que separan los tártaros Nogais de los

cosacos de Tanais; al oriente de estas montañas es donde están los altares de Alejandro. Se encontraba entonces más allá de Ukrania, en el camino que siguen los tártaros para ir a Rusia, y cuando llegó allí tuvo necesidad de volver sobre sus pasos para poder subsistir; los habitantes se ocultaban en cuevas con sus ganados; se resistían algunas veces a entregar sus víveres a los soldados que venían a arrebatárselos; los campesinos que pudieron ser cogidos fueron condenados a muerte: ¡esos son, se dice, los derechos de la guerra! Debo transcribir aquí algunas líneas del capellán Norberg[48]. *Para hacer ver -dice- cuánto amaba el rey la justicia, insertaremos una carta de su propia mano al coronel Hielmen:* Señor coronel: Me alegro mucho de que hayan cogido a los campesinos que se habían apoderado de un sueco; cuando se les haya convencido de su crimen se les castigará, según lo exige el caso, condenándolos a morir. *Carlos*; y más abajo, *Budis.* Tales son los sentimientos de justicia y de humanidad del confesor de un rey; pero si los campesinos de Ukrania hubiesen podido hacer ahorcar a los campesinos de Ostrogodia militarizados que se creyesen con derecho a venir de tan

[48]Tomo II, pág. 279.

lejos a arrebatarles el alimento de sus mujeres y de sus hijos, los confesores y los capellanes de esos ukranianos ¿no habrían podido bendecir su justicia?

Mazeppa negociaba desde mucho antes con los zaporogos que viven en las dos orillas del Borístenes, y una parte de los cuales habita las islas de este río[49]. Esta parte es la que compone ese pueblo sin mujeres y sin familias, viviendo de la rapiña, amontonando sus provisiones en sus islas durante el invierno y yéndolas a vender en la primavera a la pequeña ciudad de Pultava; los otros habitan los burgos a derecha e izquierda del río. Todos juntos eligen un hetmán especial, y este hetmán está subordinado al de Ukrania. El que estaba entonces al frente de los zaporogos fue a encontrarse con Mazzepa; estos dos bárbaros se reunieron, haciendo llevar cada uno delante de sí una cola de caballo y una maza.

Para dar a conocer lo que era este hetmán de los zaporogos y su pueblo, no creo indigno de la historia referir cómo se verificó este tratado. Mazeppa dio un gran banquete, servido con vajilla de plata, al hetmán zaporogo y a sus principales oficiales; cuan-

[49]Véase el capítulo 1

do los jefes estuvieron borrachos de aguardiente, juraron en la mesa, sobre el Evangelio, que proporcionarían hombres y víveres a Carlos XII; después de lo cual se apoderaron de la vajilla y de todos los muebles. El mayordomo de la casa corrió hacia ellos, y demostró que esta conducta no estaba de acuerdo con el Evangelio, sobre el cual habían jurado; los criados de Mazeppa quisieron recuperar la vajilla; los zaporogos se reunieron; vinieron en corporación a quejarse a Mazeppa de la afrenta inaudita que se hacía a estos bárbaros, y pidieron que se les entregase al mayordomo, para castigarle según las leyes; se les entregó, y los zaparogos, según las leyes, lanzaron unos a otros a este pobre hombre, como se hace con un balón, después de lo cual se le clavó un cuchillo en el corazón.

Tales eran los nuevos aliados que se vio obligado a recibir Carlos XII; formó con ellos un regimiento de dos mil hombres; el resto marchó por grupos separados contra los cosacos y los calmucos del zar, distribuidos por estos lugares.

La ciudad de Pultava, en la que estos zaporogos trafican, estaba llena de provisiones, y podía servir a Carlos de plaza de armas; está situada sobre el río Vorskla, bastante cerca de una cadena de montañas

que la dominan por el Norte; el lado de Oriente es un vasto desierto; el de Occidente es más fértil y más poblado. El Vorskla va a perderse a quince leguas largas más abajo, en el Borístenes. Se puede ir de Pultava al Norte a ganar el camino de Moscú por los desfiladeros que sirven de paso a los tártaros; este camino es difícil; las precauciones del zar lo habían hecho casi impracticable; pero nada parecía imposible a Carlos, y contaba siempre con tomar el camino de Moscú después de haberse apoderado de Pultava; puso sitio a esta ciudad al principio de mayo.

CAPITULO XVIII

Batalla de Pultava.

Allí era donde Pedro le esperaba; había dispuesto sus cuerpos de ejército en condiciones de reunirse y marchar todos juntos contra los sitiadores. Había visitado todas las regiones que rodean a Ukrania; el ducado de Severia, que riega el Desna, que se hizo célebre por su victoria, y donde este río es ya profundo; el país de Balcho, en el que el Oca toma su origen; los desiertos y las montañas que conducen al Palus-Meotide; él estaba, en fin, cerca de Azof, y allí hacía limpiar el puerto, construir navíos, fortificar la ciudadela, de Taganrok, utilizando así en provecho de sus Estados el tiempo transcurrido entre las batallas de Desna y de Pultava.

En cuanto sabe que esta ciudad está sitiada, reúne sus destacamentos. Su caballería, sus dragones, su infantería, cosacos, calmucos, avanzan, de veinte lugares diferentes; nada falta a su ejército: ni cañones grandes, ni piezas de campaña, ni municiones de ningún género, ni víveres, ni medicamentos; ésta era todavía una superioridad que él se había procurado sobre su rival.

El 15 de junio de 1709 llega ante Pultava con un ejército de cerca de setenta mil combatientes. El río Vorskla estaba entre él y Carlos; los sitiadores, al Noroeste; los rusos, al Sudeste.

3 julio 1709. -Pedro remonta el río por encima de la ciudad; tiende sus puentes, hace pasar su ejército y construye una gran trinchera, que se empieza y se acaba en una sola noche, frente a frente del ejército enemigo. Carlos pudo juzgar entonces si aquel a quien despreciaba y esperaba destronar en Moscú entendía el arte de la guerra (6 julio). Dispuesto todo esto, Pedro apostó su caballería entre dos bosques y la cubrió con varios reductos provistos de artillería. Tomadas así todas las medidas, va a reconocer el campo de los sitiadores para planear su ataque.

Esta batalla iba a decidir el destino de Rusia, de Polonia, de Suecia y de los monarcas sobre quienes

Europa tenía puestos sus ojos. No se sabía, en la mayor parte de las naciones atentas a estos grandes intereses, ni dónde estaban estos dos príncipes ni cuál era su situación; pero después de haber visto partir de Sajonia a Carlos XII victorioso a la cabeza del ejército más formidable, después de haber sabido que perseguía por todas partes a su enemigo, no se dudaba de que pudiese exterminarlo, y que, habiendo dictado leyes en Dinamarca, en Polonia, en Alemania, no fuese a dictar también, en el Kremlín de Moscú, las condiciones de paz y hacer un zar después de haber hecho un rey de Polonia. Yo he visto cartas de muchos ministros que confirmaban sus creencias en esta opinión general.

El riesgo no era igual entre los dos rivales. Si Carlos perdía una vida tantas veces prodigada, esto, después de todo, sólo significaba un héroe menos. Las provincias de Ukrania, las fronteras; de Lituania y de Rusia dejarían de ser devastadas; Polonia recobraría, con su tranquilidad, su rey legítimo, ya reconciliado con el zar, su bienhechor. Suecia, en fin, agotada de hombres y dinero, podía encontrar motivos de consuelo; Pera si el zar perecía, inmensas empresas útiles a todo, el género humano serían sepultadas con él, y el más vasto imperio de la tierra

volvería a caer en el caos, del que apenas había empezado a salir.

27 junio 1709. -Algunos cuerpos suecos y rusos habían venido más de una vez a las manos bajo los muros de la ciudad. Carlos, en uno de esos encuentros, había sido herido de un tiro de carabina que le fracturó los huesos del pie; sufrió operaciones dolorosas, que soportó con su valor ordinario, y se vio obligado a guardar cama algunas días. En este estado, supo que Pedro iba a atacarle; sus ideas de gloria no le permitieron esperarle en sus trincheras; salió de ellas haciéndose llevar en una camilla. El Diario de Pedro el Grande confiesa que los suecos atacaron con un valor tan obstinado los reductos guarnecidos de cañones que protegían su caballería, que, a pesar de su resistencia y no obstante un fuego continuo, se hicieron dueños de dos reductos. Se ha escrito que la infantería sueca, dueña de dos reductos, creyó la batalla ganada y gritó: ¡victoria! El capellán Norberg, que estaba lejos del campo de batalla, en la ambulancia -donde debía estar-, pretende que esto es una calumnia; pero hayan gritado o no victoria los suecos, lo cierto es que no la obtuvieron. El fuego de los demás reductos no disminuyó y los rusos resistieron en todas partes con una firmeza tan

grande como el valor con que se les atacaba. No hicieron ningún movimiento irregular. El zar dispuso su ejército en batalla, fuera de sus trincheras, con orden y rapidez.

La batalla se hizo general. Pedro desempeñaba en su ejército las funciones de jefe de Estado Mayor general; el general Bauer mandaba la derecha; Menzikoff, la izquierda; Sheremeto, el centro. La acción duró dos horas. Carlos, con la pistola en la mano, iba de fila en fila en su camilla, llevado por sus drabanes; un cañonazo mató a uno de los guardias que lo conducían e hizo pedazos la camilla. Carlos se hizo llevar entonces sobre lanzas, pues es difícil, diga lo que quiera Norberg, que en una acción tan viva se hubiese encontrado unta nueva camilla preparada. Pedro recibió varios balazos en su traje y en su sombrero: los dos príncipes estuvieron continuamente en medio del fuego durante toda la acción. Al fin, después de dos horas de combate, los suecos fueron arrollados en todas partes; cundió entre ellos el desorden, y Carlos XII se vio obligado a huir ante aquel a quien había despreciado tanto. Se puso a caballo en su huida el mismo héroe que no había podido montar en él durante la batalla: la necesidad le dio un poco de fuerza; corrió, sufriendo

agudos dolores, todavía más acerbos por añadirse el de estar vencido sin remedio. Los rusos contaron nueve mil doscientos veinticuatro suecos muertos sobre el campo de batalla; hicieron durante la acción de dos a tres mil prisioneros, sobre todo en la caballería.

Carlos XII precipitaba su fuga con unos catorce mil combatientes, muy poca artillería de campaña, víveres, municiones y pólvora. Marchó hacia el Borístenes, al Mediodía, entre los ríos Vorskla y Sol[50], en el país de los zaporogos. Más allá del Borístenes hay en este lugar grandes desiertos, que conducen a las fronteras de Turquía. Norberg asegura que los vencedores no se atrevieron a perseguir a Carlos; sin embargo, confiesa que el príncipe Menzikoff se presentó en las alturas con diez mil hombres de caballería y un tren de artillería considerable cuando el rey pasaba el Borístenes (12 julio 1709). Catorce mil suecos se entregaron como prisioneros de guerra a estos diez mil rusos; Levenhaupt, que los mandaba, firmó esta fatal capitulación, por la cual entregaba al zar las zaporogos que, combatiendo por su rey, se encontraban en este ejército fugitivo. Los principa-

[50] Psol

les prisioneros hechos en la batalla, y por la capitulación, fueron el conde Piper, primer ministro, con dos secretarios de Estado y dos de gabinete; el feldmariscal Renschil, los generales Levenhaupt, Slipenbuk, Rosen, Stakelber, Creutzy Hámilton; tres ayudantes generales, el auditor general del ejército, cincuenta y nueve oficiales de Estado Mayor, cinco coroneles, entre los cuales estaba un príncipe de Wirtenberg; diez y seis mil novecientos cuarenta y dos soldados o suboficiales; en fin, comprendiendo en ellos los criados del rey y otras personas que seguían al ejército, un total de diez y ocho mil setecientos cuarenta y seis en poder del vencedor; lo que, unido a los nueve mil doscientos veinticuatro que murieron en la batalla, y a cerca de dos mil hombres que pasaron el Borístenes siguiendo al rey, hace ver que había, en efecto, veintisiete mil combatientes a sus órdenes en esta memorable jornada[51].

[51]Se han impreso en Amsterdam, en 1730, las Memorias de Pedro el Grande, por el supuesto boyardo Iván Nestesuranoy. Dice en las Memorias que el rey de Suecia, antes de pasar el Borístenes envió un oficial general a ofrecer la paz al zar. Los cuatro tomos de estas Memorias son un tejido de falsedades y de necedades parejas o de gacetillas coleccionadas.

Había partido de Sajonia con cuarenta y cinco mil combatientes; Levenhaupt le había traído más de diez y seis mil de Livonia; nada quedaba de este brillante ejército y de una numerosa artillería, perdida en las marchas, enterrada en los pantanos; no había conservado más que diez y ocho cañones fundidos, dos obuses y doce morteros. Con estas débiles fuerzas fue con las que emprendió el sitio de Pultava y el ataque a un ejército provisto de una artillería formidable; así se le acusa de haber demostrado desde su salida de Alemania más valor que prudencia. Por parte de los rusos no hubo más muertos que cincuenta y dos oficiales y mil doscientos noventa y tres soldados: esta es una prueba de que su posición era mejor que la de Carlos y que su fuego fue infinitamente superior.

Un ministro enviado a la corte del zar pretende en sus Memorias que, habiendo sabido Pedro el proyecto de Carlos de acogerse a los turcos, le escribió para conjurarle no tomase esta resolución desesperada y se entregase antes en sus manos que en las del enemigo natural de todos los príncipes cristianos. Le daba su palabra de honor de no retenerle prisionero y terminar sus diferencias con una paz razonable. La carta fue llevada por un enviado

especial hasta el río Bug, que separa los desiertos de Ukrania de los Estados del sultán. Llegó cuando Carlos estaba ya en Turquía y volvió a llevar la carta a su soberano. El ministro añade que él conoce este[52] suceso por el mismo que había sido encargado de la carta. Esta anécdota no es nada inverisímil; pero no se halla en el Diario de Pedro el Grande ni en ninguno de los documentos que se me han confiado. Lo más importante en esta batalla es que, de todas las que ensangrentaron la tierra, es la única que, en lugar de no producir más que la destrucción, haya servido para la felicidad del género humano, puesto que ha dado al zar libertad para civilizar una gran parte del mundo.

Se han dado en Europa más de doscientas batallas campales desde el comienzo de este siglo hasta el año en que escribo. Las victorias más famosas y más sangrientas no han tenido otras consecuencias que la conquista de algunas pequeñas provincias, cedidas en seguida mediante tratados y vueltas a tomar en otras batallas. Ejércitos de cien mil hombres han combatido con frecuencia; Pero los más violentos esfuerzos no han tenido más que éxitos

[52] Este suceso se encuentra también en una carta Impresa al

débiles y pasajeros; se han realizado las cosas más pequeñas con los mayores medios. No hay ejemplo en nuestras naciones modernas de ninguna guerra que haya compensado con un pequeño bien el mal que haya hecho; pero de la jornada de Pultava ha resultado la felicidad del más vasto imperio de la tierra.

principio de las *Anécdotas de Rusia.*

CAPITULO XIX

Consecuencias de la victoria de Pultava. -Carlos XII, refugiado entre los turcos. -Augusto, destronado por él, vuelve a entrar en sus Estado. -Conquistas de Pedro el Grande.

Entre tanto, se presentaban al vencedor todos los principales prisioneros; el zar les hizo entregar sus espadas y les invitó a su mesa. Ya es muy sabido que al brindar les dijo: Bebo a la salud de mis maestros en el arte de la guerra ; pero la mayor parte de sus maestros, por lo menos todos los oficiales subalternos y todos los soldados, fueron bien pronto enviados a Siberia. No había tratado alguno para el canje de prisioneros entre los rusos y los suecos; el zar había propuesto uno antes del sitio de

Pultava; Carlos lo rechazó, y sus suecos fueron totalmente las víctimas de su indomable fiereza.

Fue esta misma fiereza, siempre fuera de sazón, la que causó todas las aventuras de este príncipe en Turquía y todas sus calamidades, más dignas de un héroe del *Ariosto* que de un rey juicioso, pues en cuanto estuvo cerca de Bender se le aconsejó que escribiese al gran visir, según la costumbre, y él creyó que eso sería rebajarse demasiado. Semejante obstinación le malquistó con todos los ministros de la Puerta sucesivamente; no sabía acomodarse ni al momento ni a los lugares[53].

A las primeras noticias de la batalla de Pultava, hubo una revolución general en los espíritus y en los negocios en Polonia, en Sajonia, en Suecia, en Silesia. Carlos, cuando imponía las leyes, había exigido del emperador de Alemania, José I, que se despojase a los católicos de ciento cinco iglesias de los silesianos de la confesión de Augsburgo; los católicos recuperaron casi todos los templos luteranos en

[53]La Motraye, en el relato de sus viajes, copia una carta de Carlos XII al gran visir; pero esta carta es falsa, como la mayor parte de las referencias de este viajero mercenario, y el mismo Norberg confiesa que el rey de Suecia no quiso nunca escribir al gran visir.

cuanto se informaron del desastre de Carlos. Los sajones no pensaron más que en vengarse de las extorsiones de un vencedor que les había costado, según decían, veintitrés millones de escudos. Su elector, rey de Polonia, protestó inmediatamente contra la abdicación, que se le había arrancado a la fuerza; y, habiendo recobrado la gracia del zar, se apresuró a subir al trono de Polonia. Suecia, consternada, creyó por mucho tiempo a su rey muerto, y el Senado, indeciso, no sabía qué partido tornar.

Pedro tomó incontinenti el de aprovechar su victoria: hizo partir al mariscal Sheremeto con un ejército a la Livonia, en cuyas fronteras ese general se había distinguido tantas veces. El Príncipe Menzikoff fue enviado aceleradamente, con numerosa caballería, a las pocas tropas dejadas en Polonia, para alentar a toda la nobleza del partido de Augusto para expulsar al competidor, que no se le consideraba más que como un rebelde, y para dispersar algunas tropas suecas que todavía quedaban bajo el general sueco Crassan.

Pedro mismo parte inmediatamente, pasa por Kiev, por los palatinados de Chelm y de la Alta Volinia, llega a Lublín, se pone de acuerdo con el general de Lituania (18 septiembre 1709); ve en seguida

las tropas de la Corona que prestan juramento de fidelidad al rey Augusto (7 octubre); de allí se vuelve a Varsovia, y goza en Thorn del más hermoso de los triunfos: el de recibir las demostraciones de gratitud de un rey al cual le devolvía sus Estados. Allí concluyó un tratado contra Suecia con los reyes de Dinamarca, de Polonia y de Prusia. Se trataba ya de recuperar todas las conquistas de Gustavo Adolfo. Pedro hacía revivir las antiguas pretensiones de los zares sobre la Livonia, la Ingria, la Carelia y sobre una parte de Finlandia; Dinamarca reclamaba la Escania; el rey de Prusia, la Pomerania.

El valor desdichado de Carlos desmoronaba así todo el edificio que el valor, con fortuna, de Gustavo Adolfo había elevado. La nobleza polaca venía en montón a confirmar sus juramentos a su rey o a pedirle perdón por haberle abandonado; casi todos reconocían a Pedro por su protector.

A las armas del zar, a sus tratados, a esta revolución súbita, Estanislao no pudo oponer más que su resignación; hizo propagar un escrito, que se llama *Universal,* en el que dice que está dispuesto a renunciar a la corona si la república lo, exige.

Pedro, después de haber concertado todo con el rey de Polonia, y habiendo ratificado el tratado con

Dinamarca, partió incontinenti para concluir su negociación con el rey de Prusia. No era costumbre todavía entre los soberanos ir a hacer ellos mismos las funciones de sus embajadores; fue Pedro quien introdujo esta costumbre nueva y poco seguida. El elector de Brandeburgo, primer rey de Prusia, fue a conferenciar con el zar a Marienberder, pequeña ciudad situada en la parte Occidental. de la Pomerania, fundada por los caballeros teutónicos y enclavada en la raya de Prusia, convertida en reino. Este reino era pequeño y pobre; pero su nuevo rey ostentaba en él cuando viajaba la pompa más fastuosa; con este brillo había recibido a Pedro en su primera visita, cuando este príncipe dejó su imperio para ir a instruirse entre los extranjeros (20 octubre 1709). Recibió ahora al vencedor de Carlos XII todavía con más magnificencia. Pedro no concertó primeramente con el rey de Prusia más que un tratado defensivo, pero que consumó en seguida la ruina de los asuntos de Suecia.

21 noviembre 1709. -No se perdía ni un instante. Pedro, después de haber concluido rápidamente las negociaciones, que en todas las demás partes son tan largas, va a reunir su ejército delante de Riga, la capital de Livonia; comienza por bombardear la

plaza, dispara él mismo las tres primeras bombas, establece en seguida un bloqueo, y, en cuanto ve que Riga no puede ya escapársele, va a vigilar las obras de su ciudad de Petersburgo, la construcción de casas, su flota; pone con sus propias manos la quilla de un buque de cincuenta y cuatro cañones, y parte en seguida para Moscú. Se recreó en trabajar en los preparativos del triunfo, que ostentó en esta capital; ordenó toda la fiesta, trabajó él mismo, dispuso todo.

1 enero. -El año 1710 comenzó con esta solemnidad, necesaria entonces a sus pueblos, a los cuales inspiraba sentimientos de grandeza, y agradable a quienes habían temido ver entrar como vencedores por sus muros a aquellos de quienes se había triunfado; se vio pasar bajo siete arcos magníficos la artillería de los vencidos, sus banderas, sus estandartes, la camilla de su rey, los soldados, los oficiales, los generales, los ministros prisioneros, todos a pie, al son de las campanas, de las trompetas, de cien piezas de artillería y de las aclamaciones de innumerable gente, que se hacía oír cuando los cañones callaban. Los vencedores, a caballo, cerraban la marcha; los generales, a la cabeza, y Pedro, en su puesto de jefe del Estado Mayor general. En cada arco de

triunfo había representantes de los diferentes órdenes del Estado, y en el último, un grupo escogido de jóvenes hijos de boyardos, vestidos a la romana, que presentaban laureles al monarca victorioso.

A esta fiesta pública sucedió una ceremonia no menos halagüeña. Había ocurrido en 1708 una aventura tanto más desagradable cuanto que Pedro era entonces poco afortunado. Mateof, su embajador en Londres cerca de la reina Ana, con licencia para ausentarse, fue detenido con violencia por dos alguaciles, en nombre de algunos comerciantes ingleses, y conducido ante un juez de paz para el cobro de sus deudas. Los comerciantes ingleses pretendían que las leyes del comercio debían prevalecer sobre los privilegios de los ministros; el embajador del zar y todos los ministros públicos que se unieron a él decían que su persona debía ser siempre inviolable. El zar pidió enérgicamente justicia en sus cartas a la reina Ana; pero ella no podía hacérsela, porque las leyes de Inglaterra permiten a los comerciantes perseguir a sus deudores, y ninguna ley exceptúa a los ministros públicos de esta persecución. La muerte de Patkul, embajador del zar, ejecutado el año precedente por orden de Carlos XII, alentó al pueblo de Inglaterra a no res-

petar una jerarquía tan cruelmente profanada; los demás ministros que estaban entonces en Londres se vieron obligados a responder por el del zar; y al fin, todo lo que pudo hacer la reina en su favor fue recomendar al Parlamento aprobase un decreto por el cual en lo sucesivo no fuese posible detener a un embajador por deudas; pero después de la batalla de Pultava era necesario dar una satisfacción más auténtica. La reina le presentó públicamente sus excusas por medio de una embajada solemne (16 febrero 1710).

Míster De Widworth, designado para esta ceremonia, comenzó su arenga con estas palabras:

Muy alto y muy poderoso emperador. Le dijo que se había encarcelado a los que se habían atrevido a detener a su embajador y se les había declarado infames; no había nada de esto, pero bastaba con decirlo; y el título de emperador, que la reina no le daba antes de la batalla de Pultava, mostraba bien la consideración de que gozaba en Europa. Se le daba ya comúnmente este título en Holanda, y no sólo los que le habían visto trabajar con ellos en los astilleros de Sardam, y que se interesaban más en su gloria, sino todos los principales del Estado, le llamaban a porfía con el nombre de emperador y

celebraban su victoria con fiestas en presencia del ministro de Suecia.

Esta consideración universal de que gozaba por su victoria la aumentó no perdiendo un momento para aprovecharse de ella. Elbing es sitiado desde luego; ésta es una ciudad anseática de la Prusia real en Polonia; los suecos tenían todavía en ella una guarnición (11 marzo 1710.) Los rusos asaltan la ciudad, entran en ella, y toda la guarnición cae prisionera de guerra; esta plaza era uno de los grandes almacenes de Carlos XII; se encontraron allí ciento ochenta y tres cañones de bronce y ciento cincuenta y siete morteros. Inmediatamente, Pedro se apresura a ir de Moscú, a Petersburgo; apenas llegado se embarca bajo su nueva fortaleza de Cronslot, bordea las costas de la Carelia, y, a pesar de una violenta tempestad, conduce su flota ante Viborg, la capital de la Carelia en Finlandia, mientras que su ejército de tierra se aproxima sobre pantanos helados; la ciudad es cercada y se estrecha el bloqueo de la capital de la Livonia (23 junio). Víborg se rinde bien pronto después de abierta la brecha, y una guarnición, compuesta de unos cuatro mil hombres, capitula; pero sin poder obtener los honores de la guerra, fue hecha prisionera, a pesar de la capitula-

ción. Pedro se quejaba de varias infracciones por parte de los suecos; prometió devolver la libertad a estas tropas cuando los suecos hubiesen satisfecho sus quejas; era necesario en este asunto obtener las órdenes del rey de Suecia, siempre inflexible; Y estos soldados, que Carlos hubiera podido libertar, permanecieron cautivos. Así fue cómo el príncipe de Orange, rey de Inglaterra, Guillermo III, había detenido en 1695 al mariscal Boufflers, a pesar de la capitulación de Namur. Hay varios ejemplos de estas violaciones, y sería de desear que no volviese a haberlas.

Después de la conquista de esta capital, el sitio de Riga se convirtió bien pronto en un sitio regular, llevado con ardimiento; era necesario romper el hielo en el río Duna, que baña por el Norte los muros de la ciudad. La epidemia que desolaba desde algún tiempo antes estos lugares entró en el ejército sitiador y le arrebató nueve mil hombres; sin embargo, el sitio no aflojó por esto; fue largo, y la guarnición obtuvo los honores de guerra (15 julio 1710); pero se estipuló en la capitulación que todos los oficiales Y soldados livonianos entrasen al servicio de Rusia como ciudadanos de un país que había sido desmembrado de ella y que los antepasados

de Carlos XII habían usurpado; los privilegios de que su padre había despojado a los livonianos les fueron devueltos, y todos los oficiales entraron al servicio del zar; ésta fue la venganza más noble que pudo tomar de la muerte del livoniano Patkul, su embajador, condenado por haber defendido esos mismos privilegios. La guarnición estaba compuesta de unos cinco mil hombres. Poco tiempo después, la ciudadela de Pennamunde fue conquistada; se encontró, tanto en la ciudad como en el fuerte, más de ochocientas bocas de fuego.

Faltaba, para ser completamente dueño de la Carelia, la ciudad fuerte de Kexholm, sobre el lago Ladoga, situado en una isla, y que se consideraba como inexpugnable (19 septiembre 1710); fue bombardeada algún tiempo después, y bien pronto rendida (23 septiembre.) La isla de Oesel, en el mar que baña el Norte de la Livonia, fue sometida con la misma rapidez.

Por la parte de Estonia, en la provincia de Livonia, hacia el Septentrión, y sobre el golfo de Finlandia, están las ciudades de Pernau y de Revel; al hacerse dueño de ellas, la conquista de Livonia estaba acabada (25 agosto 1710). Pernau se rindió, después de un sitio de pocos días (10 septiembre), y

Revel se sometió, sin que se disparase contra la ciudad un solo cañonazo; pero los sitiados hallaron modo de escapar del vencedor, al mismo tiempo que caían prisioneros de guerra; algunos barcos de Suecia atracaron a la rada durante la noche; la guarnición se embarcó, así como la mayoría de los vecinos, y los sitiadores, al entrar en la ciudad, se asombraron de encontrarla desierta. Cuando Carlos XII ganó la victoria de Narva no esperaba que sus tropas tuviesen un día necesidad de recurrir a semejantes ardides de guerra.

En Polonia, Estanislao, viendo su partido aniquilado, se había refugiado en la Pomerania, que aun le quedaba a Carlos XII; Augusto reinaba, y era difícil decidir si Carlos había alcanzado más gloria al destronarlo que Pedro al reponerlo.

Los Estados del rey de Suecia eran todavía más desgraciados que él; esta enfermedad contagiosa que había asolado toda la Livonia pasó a Suecia y arrebató a treinta mil, personas sólo en la ciudad de Estocolmo; arrasó las provincias, ya demasiado despobladas de habitantes, pues durante diez años consecutivos la mayor parte había salido del país para ir a perecer en pos de su soberano.

Su mala fortuna le perseguía en la Pomerania. Sus tropas de Polonia se habían retirado allí, en número de once mil combatientes; el zar, el rey de Dinamarca, el de Prusia, el elector de Hannóver, el duque de Holstein, se unieron para inutilizar todos juntos este ejército y para forzar al general Crassan, que lo mandaba, a la neutralidad. La regencia de Estocolmo, no habiendo recibido noticias de su rey, se consideró muy feliz, en medio de la epidemia que devastaba la ciudad, por firmar esta neutralidad, que parecía, al menos, deber librar de los horrores de la guerra a una de sus provincias. El emperador de Alemania favoreció este singular tratado: se estipuló que el ejército sueco que estaba en Pomerania no pudiera salir de ella para ir a defender en otra parte a su monarca; se decidió además en el imperio de Alemania reclutar un ejército para hacer ejecutar este convenio, que no, tenía ejemplo; y es que el emperador, que estaba entonces en guerra con Francia, esperaba hacer entrar el ejército sueco a su servicio. Toda esta negociación fue conducida mientras Pedro se apoderaba de la Livonia, la Estonia y la Carelia.

Carlos XII, que durante todo ese tiempo hacía tocar, desde Bender a la Puerta Otomana, todos los

resortes posibles para comprometer al Diván a declarar la guerra al zar, recibió esta noticia como uno de los más funestos golpes que le deparaba la fortuna; no pudo soportar que su Senado de Estocolmo hubiese atado las manos a su ejército: fue entonces cuando escribió que enviaría una de sus botas para gobernarlo.

Los dinamarqueses, entre tanto, preparaban un desembarco en Suecia. Todas las naciones de Europa estaban entonces en guerra: España, Portugal, Italia, Francia, Alemania., Holanda, Inglaterra, combatían todavía por la sucesión del rey de España Carlos II, y todo el Norte estaba armado contra Carlos XII. Sólo faltaba una querella con la Puerta Otomana para que no hubiese ninguna ciudad de Europa que no estuviese expuesta a estos estragos. Esta querella llegó cuando Pedro estaba en el punto más alto de su gloria, y precisamente por estar en él.

SEGUNDA PARTE

CAP TULO PRIMERO

Campa a del Pruth

El sultán Achmet III declaró la guerra a Pedro I; pero esto no fue para favorecer al rey de Suecia, sino, seguramente, por su propio interés. El kan de los tártaros de Crimea veía con temor un vecino que había llegado a ser tan poderoso. La Puerta recelaba de sus barcos sobre el Palus-Meótide y sobre el mar Negro; de la ciudad de Azof, fortificada, y del puerto de Tangarok, ya célebre; en fin, de tantos y tan grandes triunfos, y del aumento de ambición que los éxitos producen siempre.

No es ni verisímil ni verdadero que la Puerta Otomana hiciese la guerra al zar en el Palus-Meótide

porque un navío sueco hubiese apresado en el mar Báltico una barca en la que se encontró una carta de un ministro cuyo nombre nunca se ha dicho. Norberg ha escrito que esta carta contenía un plan de conquista del imperio turco; que la carta fue llevada a Carlos XII, en Turquía; que Carlos la envío al Diván, y que por esta carta se declaró la guerra. Esta fábula lleva consigo el carácter bastante marcado de fábula. El kan de los tártaros, más inquieto todavía que el Diván de Constantinopla por la vecindad de Azof, fue quien, a instancias suyas, consiguió que se emprendiese la campaña. Lo que refiere Norberg sobre las pretensiones del sultán no es menos falso ni menos pueril; dice que el sultán Achmet envió al zar las condiciones bajo las cuales concertaría la paz antes de haber comenzado la guerra. Estas condiciones eran, según el confesor de Carlos XII, restaurar a Estanislao, devolver la Livonia a Carlos, pagar a este príncipe, en dinero contante, lo que le había tomado en Pultava, y demoler a Petersburgo[54]. La Livonia no estaba aún toda entera en poder del zar

[54] Esto fue fraguado por un tal Brazey, autor famélico de una hoja titulada *Memorias satíricas, históricas y entretenidas.*

Norberg bebió en esa fuente. Parece que el confesor no era el confidente de Carlos XII.

cuando Achmet III tomó, en el mes de agosto, la resolución de decidirse. Apenas si podía saber la rendición de Riga. La proposición de restituir en dinero los efectos perdidos por el rey de Suecia en Pultava sería, de todas las ideas, la más ridícula, si la de demoler Petersburgo no lo fuese aún más. Hubo mucho de fantástico en la conducta de Carlos en Bender; pero la del diván hubiera sido más fantástica todavía si hubiese tenido tales exigencias.

Noviembre 1710. El kan de los tártaros, que era el gran motor de esta guerra, fue a ver a Carlos en su retiro. Los dos estaban unidos por los mismos intereses, puesto que Azof está frontero de la pequeña Tartaria. Carlos y el kan de Crimea eran quienes más habían perdido con el engrandecimiento del zar; pero el kan no mandaba los ejércitos del sultán; era como los príncipes feudatarios de Alemania, que sirvieron al imperio con sus propias tropas, subordinadas al general del emperador alemán.

29 noviembre de 1710. El primer paso del Diván fue hacer detener en las calles de Constantinopla al embajador del zar, Tolstoy, y a treinta de sus criados, y encerrarlos en el castillo de las Siete Torres. Esta costumbre bárbara, de la que los salvajes se avergonzarían, procede de que los turcos tienen

siempre ministros extranjeros residiendo continuamente allí, mientras que ellos no envían nunca embajadores ordinarios. Miran a los embajadores de los príncipes cristianos como cónsules de comerciantes; y no sintiendo menos desprecio por los cristianos que por los judíos, no se dignan observar con ellos el derecho de gentes sino cuando se ven forzados a ello; por lo menos hasta ahora han persistido en este orgullo feroz.

El célebre visir Achmet Couprougli, que tomó Candía bajo Mahomet IV, había tratado al hijo de un embajador de Francia afrentosamente, y, habiendo llevado la brutalidad hasta el punto de golpearle, le había reducido a prisión, sin que Luis XIV, tan orgulloso como era, hubiese mostrado su resentimiento más que enviando otro ministro a la Puerta. Los príncipes cristianos muy delicados entre sí en todo lo que toca al puntillo de honor, y que hasta lo han hecho entrar en el derecho público, parece que lo han olvidado con los turcos.

Nunca soberano alguno se vio más ofendido, en la persona de sus ministros que el zar de Rusia. En el transcurso de pocos años vio a su embajador en Londres reducido a prisión por deudas; a su plenipotenciario en Polonia y en Sajonia muerto en el

suplicio de la rueda, por orden del rey de Suecia; a su ministro en la Puerta Otomana cogido y llevado a la cárcel en Constantinopla como un malhechor.

La reina de Inglaterra, como ya hemos visto, le dio entera satisfacción por el ultraje de Londres. La terrible afrenta recibida en la persona de Patkul, fue lavada con la sangre de los suecos en la batalla de Pultava; pero la fortuna dejó impune la violación del derecho de gentes por los turcos.

Enero 1711. - El zar se vio obligado a dejar el teatro de la guerra en Occidente, para ir a combatir en las fronteras de Turquía[55]. Primeramente hace avanzar, hacia la Moldavia, diez regimientos que estaban en Polonia; ordena al mariscal Sheremeto salir de la Livonia con su cuerpo de ejército; y, dejando al príncipe de Menzikoff al frente de los asuntos de Petersburgo, va a Moscú a dictar todas las órdenes para la campaña que va a iniciarse.

18 enero 1711. -Se establece un senado de regencia; sus regimientos de guardias se ponen en marcha; ordena a los jóvenes nobles acudan a aprender bajo su mando el oficio de la guerra; coloca a unos en calidad de cadetes, a otros como ofi-

ciales subalternos. El almirante Apraxin va a Azof a encargarse del mando en tierra y mar. Tomadas todas estas medidas, ordena en Moscú que se reconozca una nueva zarina: ésta era aquella misma persona, hecha prisionera de guerra en Marienburgo en 1702. Pedro había repudiado, el año 1696, a Eudoxia Lapoukin[56], su esposa, de la que tenía dos hijos. Las leyes de su Iglesia permiten el divorcio; y si ellas lo hubiesen prohibido, él hubiese hecho una ley para permitirlo.

La joven prisionera de Marienburgo, a quien se había dado el nombre de Catalina, estaba por encima de su sexo y de su desgracia. Se hizo tan agradable por su carácter, que el zar quiso tenerla cerca de sí; le acompañó en sus viajes y en sus penosos trabajos, participando de sus fatigas endulzando sus penas con la alegría de su espíritu y su complacencia, no conociendo este aparato de lujo y de molicie, del que las mujeres han creado en otras partes necesidades reales. Lo que dio, más singularidad a esta benevolencia es que no se vio envidiada ni combatida, y que nadie pudo llamarse su víctima. Ella cal-

[55] Es muy extraño que tantos autores confundan la Valaquia y la Moldavia.

[56] Laponchin

mó con frecuencia la cólera del zar, y todavía le hizo más grande haciéndole más clemente. En fin, se le hizo tan necesaria, que se casó secretamente con ella en 1707. Tenía ya dos hijas de ella, y al año siguiente tuvo una princesa que después casó con el duque de Holstein. El matrimonio secreto de Pedro y de Catalina fue declarado el mismo día que el zar[57] partió con ella para ir a probar su fortuna con el imperio otomano.

27 marzo 1711. -Todas las disposiciones prometían un feliz resultado. El hetman de los cosacos debía contener a los tártaros que ya asolaban la Ukrania desde el mes de febrero; el ejército ruso avanzaba hacia el Niester; otro cuerpo de ejército, bajo el príncipe Gallitzin, marchaba por la Polonia. Todos los principios fueron favorables, pues Gallitzin, habiendo encontrado cerca de Kiev una partida numerosa de tártaros unidos a algunos cosacos y a algunos polacos del partido de Estanislao y aun de suecos, los derrotó completamente y les mató cinco mil hombres. Esos tártaros habían ya hecho diez mil esclavos en la llanura. Es de tiempo inmemorial la costumbre de los tártaros de llevar consigo más

[57] Diario de Pedro el Grande.

cuerdas que cimitarras para atar a los desgraciados a quienes sorprenden. Los cautivos fueron todos libertados y sus raptores pasados a cuchillo. Todo el ejército, si hubiese estado reunido, debía ascender a sesenta mil hombres. Todavía debería ser aumentado con las tropas del rey de Polonia. Este príncipe, que todo lo debía al zar, fue a encontrarle, el 3 de junio, en Iaroslau, sobre el río Sane, y le prometió valiosos socorros. Se proclamó la guerra contra los turcos en nombre de los dos reyes; pero la Dieta de Polonia no ratificó lo que Augusto había prometido: no quiso romper con los turcos. Era el sino del zar tener en el rey Augusto un aliado que no podía ayudarle nunca. Las mismas esperanzas tuvo en la Moldavia y en la Valaquia, y sufrió igual equivocación.

La Moldavia y la Valaquia debían sacudir el yugo de los turcos. Esos países son los de los antiguos dacios, quienes, unidos a los gépidos, inquietaron durante mucho tiempo al imperio romano; Trajano los sometió; el primer Constantino los hizo cristianos. La Dacia fue una provincia del imperio de Oriente; pero bien poco después, estos mismos pueblos contribuyeron a la ruina del de Occidente, sirviendo bajo los Odoacros y Teodorico.

Estos países quedaron después unidos al imperio griego; y cuando los turcos tomaron Constantinopla, fueron gobernados y oprimidos por príncipes especiales. Al fin han sido sometidos enteramente por el padishá o emperador turco, que es quien da la investidura. El hospodar o vaivoda que la Puerta escoge para gobernar esas provincias es siempre un cristiano griego. Los turcos, con esta elección, muestran su tolerancia, mientras que nuestros charlatanes ignorantes les reprochan la persecución. El príncipe que la Puerta nombra es tributario, o más bien arrendatario; ella confiere, esta dignidad a quien más ofrece y al que hace mas regalos al visir, lo mismo que confiere el patriarcado griego de Constantinopla. Algunas veces es un drogman, es decir, un intérprete del diván, quien obtiene este cargo. Rara vez la Moldavia y la Valaquia están reunidas bajo un mismo vaivoda; la Puerta separa estas dos provincias para estar más segura de ellas. Demetrio Cantemir había obtenido la Moldavia. Este vaivoda Kantemir se hacía descender de Tamerlán, porque el nombre de Tamerlán era Timur, y este Timur era un kan tártaro; y del nombre de Timur-kan procede, decían, la familia de Kantemir.

Bassaraba Brancovan había sido encargado del gobierno de la Valaquia. Este Bassaraba no encontró ningún genealogista que le hiciese descender de un conquistador tártaro. Kantemir creyó que había llegado el momento de sacudir la dominación de los turcos y hacerse independiente con la protección del zar. Hizo precisamente con Pedro lo que Mazeppa había hecho con Carlos. Comprometió también primeramente al hospodar de Valaquia, Bassaraba, a entrar en la conspiración, de la que esperaba recoger todo el fruto. Su plan era hacerse dueño de las dos provincias. El obispo de Jerusalén, que estaba entonces en Valaquia, fue el alma del complot. Kantemir prometió al zar tropas y víveres, como Mazeppa había prometido al rey de Suecia, y no cumplió mejor su palabra.

El general Sheremeto avanzó hasta Yassi, capital de la Moldavia, para observar y contribuir a la ejecución de esos grandes proyectos. Kantemir acudió a encontrarle y fue recibido como un príncipe; pero él no obró como príncipe más que publicando un manifiesto contra el imperio turco. El hospodar de Valaquia, que muy pronto descubrió sus miras ambiciosas, abandonó el partido y volvió a la legalidad. El obispo de Jerusalén, temiendo, con razón, por su

cabeza, huyó y se ocultó; los pueblos de la Valaquia y la Moldavia permanecieron fieles a la Puerta Otomana, y los que debían suministrar víveres al ejército ruso los llevaron al ejército turco.

Ya el visir Baltagi-Mehemet había pasado el Danubio al frente de cien mil hombres, y marchaba hacia Yassi a lo largo del Pruth, en otro tiempo el río Hieraso, que vierte en el Danubio, y que está aproximadamente en la frontera de la Moldavia y de la Besarabia. Envió entonces al conde Poniatowski, gentilhombre polaco, agregado al partido del rey de Suecia, a rogar a este príncipe fuese a visitarle y a ver su ejército. Carlos no pudo decidirse a ello; exigió que el gran visir le visitase primero en su asilo próximo a Bender: su orgullo podía más que su interés. Cuando Poniatowski volvió al campo turco y expuso la negativa de Carlos XII: *Ya esperaba yo,* dijo el visir al kan de los tártaros, *que ese orgulloso pagano procedería así.* Esta soberbia recíproca que enloquece siempre a todos los hombres con cargo, no benefició los asuntos del rey de Suecia; él debió, por otra parte, observar bien pronto que los turcos no obraban más que en provecho de ellos y no en el de él.

Mientras que el ejército otomano pasaba el Danubio, el zar avanzaba por las fronteras de Polonia,

pasaba el Borístenes para ir a salvar al mariscal Sheremeto, quien al sur de Yassi, en las orillas del Pruth, estaba amenazado de verse muy pronto rodeado por cien mil turcos y un ejército de tártaros. Pedro, antes de pasar el Borístenes, tenía miedo de exponer a Catalina a un peligro que cada día se hacía más terrible; pero Catalina miraba esta atención del zar como un ultraje a su cariño y a su valor; instó tanto, que el zar no pudo prescindir de ella: el ejército la veía con alegría a caballo a la cabeza de las tropas; rara vez utilizaba un carruaje. Fue preciso marchar más allá del Borístenes por algunos desiertos, atravesar el Bog, y en seguida el río Tiras, que hoy se llama Niester; después de lo cual se encontraba todavía otro desierto antes de llegar a Yassi, a orillas del Pruth. Ella animaba al ejército, repartía en todo él la alegría, enviaba socorros a los oficiales enfermos y extendía sus cuidados a los soldados.

4 julio 1711. -Se llegó al fin a Yassi, donde había que establecer almacenes. El hospodar de Valaquia, Bessaraba, volvió a ingresar en el bando de la Puerta, y, fingiendo pertenecer al del zar, le propuso la paz, aunque el gran visir no le hubiese encargado de ello; se comprendió en seguida la asechanza; se

limitaron a pedirle víveres, que no podía ni quería suministrar. Era difícil hacerlos venir de Polonia; las provisiones que Kantemir había prometido, y que esperaba en vano sacar de la Valaquia, no podían llegar; la situación se hacía inquietante. Una peligrosa plaga se unió a todos estos contratiempos, nubes de langostas cubrieron los campos, los devoraron y los infectaron; faltaba el agua con frecuencia durante la marcha, bajo un Sol abrasador y en desiertos áridos; hubo necesidad de llevar al ejército agua en toneles.

Pedro, en esta expedición, se encontraba,
una fatalidad singular, al alcance de Carlos XII, pues Bender no está alejado más que veinticinco leguas comunes del sitio en que el ejército ruso acampaba cerca de Yassi. Algunas partidas de cosacos penetraron hasta el retiro de Carlos; pero los tártaros de Crimea, que merodeaban por estos lugares, pusieron al rey de Suecia a cubierto de una sorpresa. Este esperaba con impaciencia Y sin miedo, en su campo, el resultado de la guerra.

Pedro se apresuró a marchar sobre la orilla derecha del Pruth en cuanto hubo establecido algunos almacenes. El objeto decisivo era impedir a los turcos, apostados más abajo de la orilla izquierda, pa-

sar el río y llegar hasta él. Esta maniobra debía hacerle dueño de la Moldavia y de la Valaquia; envió al general Janus con la vanguardia para oponerse a ese paso de los turcos; pero el general no llegó hasta el momento preciso en que aquéllos pasaban sobre sus pontones; se retiró, y su infantería fue perseguida hasta que el mismo zar vino a salvarle.

El ejército del gran visir avanzó entonces rápidamente hacia el del zar, a lo largo del río. Estos dos ejércitos eran muy diferentes: el de los turcos, reforzado con tártaros, era, dicen, de casi doscientos cincuenta mil hombres; el de los rusos no era entonces más que de unos treinta y siete mil combatientes. Un cuerpo bastante considerable, bajo el general Renne, estaba más allá de las montañas de la Moldavia, sobre el río Sireth, y los turcos le cortaron la comunicación.

El zar empezaba a carecer de víveres, y apenas si sus tropas, acampadas no lejos del río, podían tener agua; estaban expuestas a una numerosa artillería colocada por el gran visir en la orilla izquierda, con un conjunto de tropas que tiraba sin cesar sobre los rusos. Parece, por esta narración muy detallada y muy fiel, que el visir Baltagi-Mehemet, lejos de ser un imbécil, como los suecos le han presentado, se

había conducido con mucha inteligencia. Pasar el Pruth a la vista del enemigo, obligarle a retroceder y perseguirle, cortar de una vez la comunicación entre el ejército del zar y una masa de caballería, encerrar este ejército sin dejarle retirada alguna, privarle del agua y los víveres, mantenerle bajo las baterías de artillería que le amenazaban desde la orilla opuesta: todo esto no era propio de un hombre sin actividad y sin previsión.

Pedro se encontró entonces en una situación peor que la de Carlos XII en Pultava: rodeado como él por un ejército superior, experimentando más que él la escasez, y habiéndose fiado como él de las promesas de un príncipe demasiado poco poderoso para cumplirlas, tomó la resolución de retirarse, e intentó ir a escoger un campo conveniente, volviéndose hacia Yassi.

20 julio 1711. - Levantó el campo por la noche; pero apenas se pone en marcha, los turcos caen sobre su retaguardia al amanecer. El regimiento de guardias Preobazinski detuvo mucho tiempo su ímpetu. Se formó, se hicieron atrincheramientos con los carros y la impedimenta. El mismo día todo el ejército turco atacó a los rusos. Una prueba de que éstos podían defenderse, dígase lo que se diga, es

que lo hicieron durante mucho tiempo, que mataron a muchos enemigos y que no fueron cortados.

Había en el ejército otomano dos oficiales del rey de Suecia: uno, el conde Poniatowski; el otro, el conde de Sparre, con algunos cosacos partidarios de Carlos XII. Mis Memorias dicen que esos generales aconsejaron al gran visir que no combatiese, que cortase el agua y los víveres a los enemigos y les obligase a entregarse prisioneros o a morir. Otras Memorias pretenden que, por el contrario, animaron al gran visir a destruir con las armas a un ejército fatigado y débil que ya padecía de escasez. La primera idea parece más circunspecta; la segunda más conforme al carácter de los generales formados por Carlos XII.

El hecho es que el gran visir cayó sobre la retaguardia al amanecer. Esta retaguardia estaba en desorden. Los turcos no encontraron primeramente ante ellos más que una línea de cuatrocientos hombres; se formó apresuradamente. Un general alemán, llamado Allard, tuvo la gloria de dictar disposiciones tan rápidas y tan buenas, que los rusos resistieron durante tres hora al ejército otomano, sin perder terreno.

La disciplina a que el zar había acostumbrado a sus tropas le compensó bien de sus trabajos. Se había visto en Nerva sesenta, mil hombres deshechos por ocho mil, porque estaban indisciplinado; y aquí se ve una retaguardia de ocho mil rusos sostener los esfuerzos de ciento cincuenta mil turcos, matarles siete mil hombres y obligarles a retroceder.

Después de este rudo combate, los dos ejércitos se atrincheraron durante la noche; pero el ejército ruso permanecía siempre encerrado y privado de provisiones y hasta de agua. Estaba cerca de las orillas del Pruth y no podía aproximarse al río; pues tan pronto como algunos soldados se atrevían a ir a coger agua, una masa de turcos, apostada en la orilla opuesta, hacía llover sobre ellos el plomo y el hierro de una numerosa artillería, bien provista de cartuchos. El ejército turco, que había atacado a los rusos, continuaba siempre por su parte hostigándole a cañonazos.

Era muy probable que al fin los rusos se viesen perdidos sin remedio por su posición, por la desigualdad del número y por la escasez. Las escaramuzas continuaban siempre; la caballería del zar, casi toda desmontada, no podía ya ser de utilidad alguna, a menos que no combatiese a pie; la situa-

ción parecía desesperada. No hace falta más que echar una ojeada sobre la carta exacta del zar y del ejército otomano para ver que no hubo nunca una posición más peligrosa, que la retirada era imposible, que era necesario conseguir una victoria completa o perecer hasta el último o ser esclavos de los turcos[58].

Todas las referencias, todas las Memorias de la época convienen unánimemente en que el zar, dudando si tentar al día siguiente la suerte de una nueva batalla, sin exponer a su mujer, su ejército, su imperio y el fruto de tantos trabajos a una pérdida que parecía inevitable, se retiró a su tienda, abrumado de dolor y agitado por convulsiones, de que él se veía atacado algunas veces y que sus infortunios aumentaban. Solo, presa de tantas inquietudes crueles, no queriendo que nadie fuese testigo de su esta-

[58] El autor de la nueva historia de Rusia supone que el zar envió un correo a Moscú, para recomendar a los senadores continuasen gobernando si llegaban a saber que hubiese sido hecho prisionero, para prohibirles ejecutar, de las órdenes que diese durante su cautiverio, las que les pareciesen contrarias al interés del imperio, y ordenarles elegir otro soberano, si creían esta elección necesaria a la salud del Estado; sin embargo, el zarewitz Alejo vivía entonces y estaba en edad de gobernar; pero no aparece esta orden ni en el Diario de Pedro I, ni en ninguna compilación auténtica.

do, prohibió que entrasen en su tienda. Entonces vio cuál había sido su fortuna al permitir que Catalina le siguiese. Catalina entró, a pesar de la prohibición.

Una mujer que había afrontado la muerte durante todos los combates, expuesta como cualquiera al fuego de la artillería de los turcos, tenía derecho a hablar: convenció a su esposo de que debía intentar la vía de la negociación.

Es costumbre inmemorial en todo el Oriente, cuando se pide audiencia a los soberanos o a sus representantes, no llegar a ellos sino con regalos. Catalina reunió las pocas piedras preciosas que había llevado consigo en esta expedición guerrera, donde toda magnificencia y todo lujo estaban desterrados; pero añadió a ello dos abrigos de pieles de zorro negro; el dinero que pudo reunir fue destinado al kiaia. Escogió ella misma un oficial inteligente que debía, con dos criados, llevar los regalos al gran visir, y en seguida hizo enviar al kiaia, por medio seguro, el presente que le había reservado. Este oficial se encargó de una carta del mariscal Sheremeto a Mehemet-Baltagi. Las Memorias de Pedro están conformes con la carta, pero no dicen nada de los detalles en que entró Catalina; mas todo

esto está suficientemente confirmado por la declaración del mismo Pedro, dada en 1723, cuando hizo coronar emperatriz a Catalina. Ella nos ha prestado dice- valioso auxilio en todos los peligros, y particularmente en la batalla del Pruth, donde nuestro ejército estaba reducido a veintidós mil hombres. Si el zar, en efecto, no tenía entonces más que veintidós mil combatientes, amenazados de perecer por el hambre o por el hierro, el servicio prestado por Catalina era tan grande como los beneficios de que su esposo la había colmado. El diario manuscrito[59] de Pedro el Grande dice que el mismo día del gran combate del 20 de julio había treinta y un mil quinientos cincuenta y cuatro hombres de infantería y seis mil seiscientos noventa y dos de caballería, casi todos desmontados: había entonces perdido diez y seis mil doscientos cuarenta y seis combatientes en esta batalla. Las mismas Memorias aseguran que las pérdidas de los turcos fueron mucho más considerables que las suyas, y que como atacaban en montón y sin orden no se perdió ninguno de los tiros disparados por ellos. Si es así, la jornada del Pruth

[59] Página 177 del Diario de Pedro el Grande.

del 20 al 21 de julio fue una de las más mortíferas que se han visto desde hace varios siglos.

Es necesario o sospechar que Pedro el Grande se ha equivocado cuando al coronar a la emperatriz le testimonió su agradecimiento por haber salvado a su ejército reducido a veintidós mil combatiente , o acusar de falso su diario, en el que se dice que el día de esta batalla, su ejército del Pruth, independientemente del que acampaba sobre el Sireth, ascendía a treinta y un mil quinientos cincuenta y cuatro hombres de infantería y a seis mil seiscientos noventa y dos de caballería . Según este cálculo, la batalla hubiese sido más terrible de que todos los historiadores y todas las Memorias, de uno a otro bando, han referido hasta aquí. Hay, ciertamente, algún error, y eso es muy corriente en las narraciones de campañas cuando se entra en los detalles. Lo más seguro es atenerse siempre al acontecimiento principal, al a victoria y a la derrota: se sabe rara vez con precisión lo que una y otra han costado.

Cualquiera fuese el pequeño número a que el ejército ruso se hubiera reducido, hay que convencerse de que una resistencia tan intrépida y tan sostenida impondría al gran visir; que se obtendría la paz en condiciones honorables para la Puerta Oto-

mana; que este tratado, haciendo al visir agradable a su soberano, no sería demasiado humillante para el imperio de Rusia. El gran mérito de Catalina consistió, al parecer, en haber visto esta posibilidad en un momento en que los generales no parecían ver más que un desastre inevitable.

Norberg, en su *Historia de Carlos XII*, copia una carta del zar al gran visir, en la cual se expresa en estas palabras: si, contra mi deseo, he tenido la desgracia de disgustar a su alteza, estoy pronto a reparar los motivos de queja que pueda tener contra mí. Yo os conjuro, muy noble general, que impidáis se derrame más sangre y os suplico hagáis cesar al momento el excesivo fuego de vuestra artillería. Recibid los rehenes que acabo de enviaros.

Esta carta tiene todos los caracteres de falsedad, como la mayor parte de los documentos referidos a la ventura de Norberg: está fechada el 11 de julio, nuevo cómputo, y no se escribió a Baltagi-Mehemet hasta el 21, también nuevo cómputo. No fue el zar quien escribió: fue el mariscal Sheremeto; no se sirvió en esa carta de las expresiones el zar ha tenido la desgracia de disgustar a su alteza ; estas palabras no convienen más que a una persona que pide perdón a su señor; no había nada de rehenes; no se en-

vió ninguno: la carta fue llevada por un oficial, mientras la artillería disparaba en los dos bandos. Sheremeto, en su carta, únicamente recordaba al visir algunas ofertas de paz que la Puerta había hecho al principio de la campaña por los ministros de Inglaterra y Holanda, cuando el diván pedía la cesión de la ciudadela y del puerto de Tangarok, que eran los verdaderos motivos de la guerra.

21 julio 1711. Pasaron algunas horas antes de obtener una respuesta del gran visir; se temía ya que el portador hubiese sido muerto por los cañones, o hubiese sido apresado por los turcos. Se despachó un segundo correo con un duplicado, y se celebró un Consejo de guerra en presencia de Catalina. Diez oficiales generales firmaron lo acordado, que fue lo siguiente:

Si el enemigo no quiere aceptar las conclusiones que se le ofrecen y pide que entreguemos las armas y nos rindamos a discreción, todos los generales y ministros unánimemente son de opinión de abrirse paso a través de los enemigos.

En consecuencia de esta resolución se rodeó la impedimenta de trincheras, y se avanzó hasta cien pasos del ejército turco, cuando al fin el gran visir hizo publicar una suspensión de hostilidades.

Todo el partido sueco ha tratado, en sus Memorias, a este visir de cobarde y de infame, que se había dejado corromper. Es lo mismo que cuando tantos escritores han acusado al conde Piper de haber recibido dinero del duque de Malborough para comprometer al rey de Suecia a continuar la guerra contra el zar, y cuando se ha imputado a un ministro de Francia haber hecho, a cambio de dinero, el tratado de Séville. Tales acusaciones no deben ser lanzadas sino con pruebas evidentes. Es muy raro que los primeros ministros se rebajen a tan vergonzosas flaquezas, descubiertas tarde o temprano por los que han dado el dinero y por los documentos que dan fe de ello. Un ministro es siempre un hombre muy ostensible ante Europa; su honor es la base de su crédito; es siempre bastante rico para no tener necesidad de ser un traidor.

El cargo de virrey del imperio otomano es tan bueno; las utilidades tan inmensas en tiempo de guerra; la abundancia y la magnificencia reinaban en tan alto grado en las tiendas de Baltagi-Mehemet; la sencillez y, sobre todo, la penuria eran tan grandes en el ejército del zar, que el visir estaba en mejores condiciones de dar que de recibir. Una ligera atención de una mujer que enviaba y algunas sortijas,

como es costumbre en todas las cortes o más bien en todas las Puertas orientales, no podía ser considerada como una corrupción. La conducta franca y abierta de Baltagi-Mehemet parece confundir las acusaciones de que se han manchado tantos escritos relativos a este asunto. El vicecanciller Schaffirof fue a su tienda con gran aparato; todo se hizo públicamente y no podía hacerse de otro modo. La negociación misma fue entablada en presencia de un hombre unido al rey de Suecia y servidor del conde Poniatowski, oficial de Carlos XII, el cual ofició desde luego de intérprete; y los artículos fueron redactados públicamente por el primer secretario del visir, llamado Hummer-Effendi. El conde Poniatowski mismo estaba presente; el regalo que se hacía al kiaia fue ofrecido públicamente y con ceremonia; todo ocurrió según las costumbres orientales; se cambiaron regalos recíprocos: nada menos parecido a una traición. Lo que determinó al visir a concluir, fue que en aquel tiempo mismo el cuerpo de ejército mandado por el general Renne, sobre el río Sireth, en Moldavia, había pasado tres ríos, y se hallaba entonces hacia el Danubio, donde Renne acababa de tomar la ciudad y el castillo de Brahila, defendidos por una numerosa guarnición, mandada por un

bajá. El zar tenía otro cuerpo de ejército que avanzaba desde las fronteras de Polonia. Es además, muy verisímil que el visir no estuviese enterado de la escasez que sufrían los rusos: la cuenta de los víveres y municiones no se comunica al enemigo; se aparenta, por el contrario, ante él, estar en abundancia en los momentos de mayor escasez. No hay desertores entre los turcos y los rusos; la diferencia del traje, de religión y de lenguaje no lo permite. No conocen, como nosotros, la deserción; así el gran visir no sabía con exactitud en qué estado deplorable se encontraba el ejército de Pedro.

Baltagi, a quien no gustaba la guerra, y que, sin embargo, la había hecho bien, creyó que su expedición era va bastante afortunada si volvía a poner en manos del sultán las ciudades y puertos por los que se combatía; si devolvía a Rusia, desde las orillas del Danubio, el ejército victorioso del general Renne, y si cerraba para siempre la entrada del Palus-Meótide, el Bósforo Cimeriano, el mar Negro a un príncipe emprendedor; en fin, si oponía ventajas ciertas al riesgo de una batalla que, después de todo, la desesperación podía ganar contra la fuerza; él había visto a sus genízaros rechazados la víspera, y conocía más de un ejemplo de victorias conseguidas

por los menos contra los más. Tales fueron sus razones: ni los oficiales de Carlos, que estaban en su ejército, ni el kan de los tártaros las desaprobaron. El interés de los tártaros estribaba en poder realizar sus robos en las fronteras de Rusia y Polonia; el de Carlos XII, en vengarse del zar; pero el general, el primer ministro del imperio otomano, no estaba animado ni por la venganza particular de un príncipe cristiano ni por el amor al botín que conducía a los tártaros. En cuanto se hubo convenido una suspensión de hostilidades, los rusos compraron a los turcos los víveres de que carecían. Los artículos de esta paz no fueron redactados como refiere el viajero La Motraye, ni como Norberg copia de éste. El visir, entre las condiciones que exigía, quería primeramente que el zar se comprometiese a no inmiscuirse en los asuntos de Polonia, y en esto es en lo que insistía Poniatowski; pero, en el fondo, al imperio turco le convenía que Polonia continuase desunida e impotente; así, este artículo se redujo a retirar las tropas rusas de las fronteras. El kan de los tártaros pedía un tributo de cuarenta mil cequíes: este punto fue discutido durante muchos días y pasó al fin.

El visir exigió durante largo tiempo que se le entregase a Kantemir, como el rey de Suecia había hecho con Patkul. Kantemir se encontraba precisamente en el mismo caso de Mazeppa. El zar había seguido a Mazeppa un proceso criminal, y le había hecho ejecutar en efigie. Los turcos no procedieron así; ellos no conocen ni los procesos por rebeldía, ni las sentencias públicas. Estas condenas públicas y las ejecuciones de efigie tanto menos figuran entre sus costumbres cuanto que su ley les prohibe las representaciones humanas, de cualquier género que sean. Insistieron inútilmente en la extradición de Kantemir; Pedro escribió estas propias palabras al vicecanciller Schaffirof: Antes abandonaría a los turcos todo el terreno que se extiende hasta Cursk; siempre me quedaría la esperanza de recobrarlo; pero la pérdida de mi fe es irreparable: no puedo violarla. Nosotros, propiamente nuestro, no tenernos sino el honor; renunciar a él, es dejar de ser monarca.

En fin: el tratado fue concluido y firmado cerca de la ciudad llamada Falksen, a orillas del Pruth. Se convino en el tratado que Azof y su territorio serían devueltos con las municiones y la artillería de que estaba provisto antes de que el zar lo hubiese toma-

do en 1696; que el puerto de Tangarok, sobre el mar de Zabache, sería demolido, así como el de Samara, sobre el río de su nombre, y otras pequeñas ciudadelas. Se añadió, en fin, un artículo referente al rey de Suecia, y este artículo mismo dejaba ver bien cuán descontento estaba el visir de él. Se estipuló que este príncipe no sería inquietado por el zar si regresaba a sus Estados, y que además el zar y él podían ajustar la paz si así lo deseaban.

Es bien evidente, por la redacción singular de este artículo, que Baltagi-Mehemet se acordaba de la grandeza de Carlos XII. ¿Quién sabe si esta grandeza no había inclinado a Mehemet del lado de la paz? La derrota del zar era la victoria de Carlos, y no es propio del corazón humano hacer poderosos a los que nos desprecian. En fin: este príncipe, que no había querido venir al ejército del visir cuando estaba obligado a considerarlo, acudió cuando la obra que le mataba todas sus esperanzas iba a ser consumada. El visir no fue a su encuentro, y se contentó con enviarle dos bajeos; no salió a recibir a Carlos sino a poca distancia de su tienda.

La conversación, como ya se sabe, no contuvo más que mutuos reproches. Varios historiadores han creído que la respuesta del visir al rey, cuando

este príncipe le reprochó haber podido coger al zar prisionero y no haberle hecho, era la respuesta de un imbécil: Si yo hubiese apresado al zar -dijo-, ¿quién habría gobernado su imperio? Es fácil, sin embargo, comprender que ésta era la respuesta de un hombre ofendido; y estas palabras que añadió: No es conveniente que todos los reyes salgan de sus reinos , muestran claramente cuánto deseaba mortificar al huésped de Bender.

No obtuvo Carlos más resultado de su viaje que el desgarrar la túnica del gran visir con las espuelas de sus botas. El visir, que podía hacerle arrepentir de ello, fingió no darse cuenta, y en eso fue muy superior a Carlos. Si algo pudo hacer sentir a este monarca, en su vida brillante y tumultuosa cuando la fortuna puede confundir a la grandeza, fue que en Pultava un pastelero hubiese hecho entregar las armas a todo su ejército, y que en el Pruth un leñador hubiese decidido de la suerte del zar y de la suya: pues este visir Baltagi-Mehemet, había, sido leñador en el serrallo, como su nombre significa; y, lejos de avergonzarse de ello, lo tenía a gran honor; tanto las costumbres orientales difieren de las nuestras.

El sultán y toda Constantinopla se mostraron desde luego muy satisfechos de la conducta del visir:

se celebraron regocijos públicos durante una semana entera; el kiaia de Mehemet, que llevó el tratado al Diván, fue elevado incontinenti a la dignidad de boujouk-imraour, caballerizo mayor: no es así como se trata a aquellos de quienes se cree que no han servido bien.

Parece que Norberg conocía poco el gobierno otomano, pues dice que el sultán halagaba a su visir, y que Baltagi-Mehemet era de temer . Los genízaros han sido con frecuencia peligrosos a os sultanes; pero no hay ejemplo de un solo visir que no haya sido fácilmente sacrificado a una orden de su señor, y Mehemet no estaba en condiciones de sostenerse por sí solo. Es además contradecirse el asegurar en la misma página que los genízaros estaban irritados contra Mehemet y que el sultán temía su poder.

El rey de Suecia fue reducido al recurso de intrigar en la Corte otomana. Se vio a un rey que había hecho reyes ocuparse en hacer presentar al sultán documentos y memoriales que no se querían recibir. Carlos empleó todas las intrigas como un sujeto que quiere desacreditar a un ministro ante su señor; así fue como se condujo contra el visir Mehemet y contra todos sus sucesores: tan pronto se dirigía a la

madre del sultán por medio de una judía, tan pronto empleaba un eunuco; hubo, en fin, un hombre que, mezclándose entre los guardias del sultán, se fingió loco a fin de atraer sus miradas y poder entregarle un escrito del rey. De todas estas maniobras, Carlos no obtuvo desde luego más que la mortificación de verse privado de su thaim; es decir, la subvención que la generosidad de la Puerta le proporcionaba diariamente y que ascendía a mil quinientas libras, moneda de Francia. El gran visir, en lugar del thaim, le despachó una orden, en forma de consejo, para que saliese de Turquía.

Carlos se obstinó más que nunca en quedarse, imaginando siempre que volvería a entrar en Polonia y en el imperio ruso con un ejército otomano. Nadie ignora cuál fue, al fin, la conclusión de su audacia inflexible; cómo se batió contra un ejército de genízaros, de spahis y de tártaros, con sus secretarios, sus ayudas de cámara, sus servidores de cocina y de caballerizas; cómo estuvo cautivo en el país en que había gozado de la más generosa hospitalidad; cómo regresó luego a sus Estados disfrazado de correo, después de haber permanecido cinco años en Turquía. Es preciso confesar que, si tuvo razón

en la conducta que observó, esta razón no era como la de los demás hombres.

CAPITULO II

Continuación del asunto del Pruth

Conviene recordar aquí un suceso ya referido en la Historia de Carlos XII. Ocurrió durante la suspensión de hostilidades que precedió al tratado del Pruth, que dos tártaros sorprendieron a dos oficiales italianos del ejército del zar y fueron a venderlos a un oficial de los genízaros; el visir castigó este atentado contra la fe pública con la muerte de los dos tártaros. ¿Cómo acordar esta delicadeza tan severa con la violación del derecho de gentes en la persona del embajador Tolstoy, que el mismo gran visir había hecho detener en las calles de Constantinopla? Siempre hay una razón de las contradicciones en la conducta de los hombres. Baltagi-Mehemet estaba disgustado con el kan de

los tártaros. que no quería oír hablar de paz, y quiso hacerle sentir que él era el amo.

El zar, después de firmada la paz, se retiró por Yassi hasta la frontera seguido de un cuerpo de ocho mil turcos que el visir envió, no sólo para impedir la marcha del ejército ruso, sino para evitar que los tártaros vagabundos le inquietasen.

Pedro cumplió, desde luego, el tratado haciendo demoler la fortaleza de Samara y de Kamienska; pero la rendición de Azof y la demolición de Tangarok tropezaron con mas dificultades: era preciso, según el tratado distinguir la artillería y las municiones de Azof, que pertenecían a los turcos, de las que el zar había llevado allí desde que había conquistado esta plaza. El gobernador fue dando largas a esta negociación, y la Puerta se irritó con razón por ello. El sultán estaba impaciente por recibir las llaves de Azof; el visir se las prometía; el gobernador siempre lo retrasaba. Baltagi-Mehemet perdió el favor de su soberano y su cargo; el kan de los tártaros y sus demás enemigos prevalecieron contra él -noviembre 1711- : cayó en desgracia con varios bajaes; pero el sultán, que conocía su fidelidad, no le quitó ni sus bienes ni su vida; fue enviado a Mitilene, donde gobernó. Esta disposición sencilla, esta conservación

de su fortuna y, sobre todo, ese mando en Mitilene, desmiente evidentemente todo lo que Norberg anticipa para hacer creer que el visir había sido vendido al dinero del zar.

Norberg dice que el jefe de los jardineros de serrallo, que fue a comunicarle la orden del imperio y a notificarle su sentencia, le declaró traidor y desobediente a su señor, vendido a los enemigos por dinero y culpable de no haber velado por los intereses del rey de Suecia . Primeramente, esta clase de declaraciones no están, de ningún modo, en uso en Turquía; las órdenes del sultán son dadas en secreto y ejecutadas en silencio. En segundo lugar, si el visir fuese declarado traidor, rebelde y vendido, tales crímenes hubiesen sido castigados con la muerte en un país donde no son jamás perdonados. En fin, si hubiese sido castigado por no haber defendido bastante los intereses de Carlos XII, es natural que este príncipe hubiese tenido, en efecto, en la Puerta Otomana un poder que debía hacer temblar a los demás ministros; deberían, en ese caso, implorar su favor y prevenir sus deseos; pero, por el contrario, Jusuf-Bajá, agá de los genízaros, que sucedió, a Mehemet-Baltagi en el visiriato, pensó elevadamente, como su predecesor, en la conducta de este prín-

cipe. Lejos de servirle, sólo soñó en deshacerse, de un huésped peligroso; y cuando Poniatowski, el confidente y compañero de Carlos XII, fue a cumplimentar al visir por su nueva dignidad, éste le dijo: Te advierto, infiel, que a la primera intriga que pretendas urdir, te haré arrojar al mar con una piedra al cuello.

Ese cumplimiento, que el conde Poniatowski refiere él mismo en las Memorias que hizo a petición mía, no deja duda alguna sobre la poca influencia que Carlos XII tenía en la Puerta. Todo lo que Norberg ha referido de los asuntos de Turquía parece propio de un hombre apasionado y mal informado. Es necesario colocar entre los errores del espíritu de partido, y entre las mentiras políticas, todo lo que anticipa, sin prueba, referente a la supuesta corrupción de un gran visir, es decir**,** de un hombre que disponía de más de sesenta millones anuales, sin tener que rendir cuentas. Yo tengo aún en mi poder la carta que el conde Poniatowski escribió al rey Estanislao inmediatamente, después de la paz de Pruth: en ella reprocha a Baltagi-Mehemet su alejamiento del rey de Suecia, su poco gusto por la guerra, su falta de carácter; pero se guarda mucho de acusarle, de corrupción demasiado sabía lo que es el

cargo de un gran visir, para suponer que el zar pudiese poner precio a la traición del virrey del imperio otomano.

Schaffirof y Sheremeto, conservados en rehenes, en Constantinopla, no fueron tratados como lo serían si hubiese el convencimiento de que habían comprado la paz y engañado al sultán, de acuerdo con el gran visir; permanecieron libres en la ciudad, escoltados por dos compañías de genízaros.

Habiendo salido el embajador Tolstoy de las Siete Torres inmediatamente después de la paz del Pruth, los ministros de Inglaterra y de Holanda intervinieron cerca del gran visir para la ejecución de los artículos.

Azof acababa, al fin, de ser devuelto a los turcos; se demolían las fortalezas estipuladas en el tratado. Aunque la Puerta Otomana apenas interviene en las diferencias de los príncipes cristianos, estaba, entonces, sin embargo, orgullosa de verse árbitro entre Rusia, Polonia y el rey de Suecia; quería que, el zar retirase sus tropas de Polonia librase a Turquía de vecindad tan peligrosa; deseaba que Carlos regresase a sus Estados a fin de que los príncipes cristianos estuviesen constantemente divididos; pero nunca tuvo intención de proporcionarle un ejército.

Los tártaros quieren siempre la guerra, como los artesanos quieren ejercer sus profesiones lucrativas; los genízaros la deseaban, pero más por odio contra los cristianos, por fiereza, por amor a la licencia, que por otros motivos. Sin embargo, las negociaciones de los ministros ingleses y holandeses prevalecieron contra el partido opuesto. La paz del Pruth fue ratificada; pero se añadió en el nuevo tratado, que el zar retiraría en tres meses todas sus tropas de Polonia y que el emperador turco devolvería inmediatamente a Carlos XII.

Por este tratado se puede juzgar si el rey de Suecia tenía en la Puerta tanto poder como se ha dicho. Evidentemente era sacrificado por el nuevo visir, Jussuf-Bajá, lo mismo que por Baltagi-Mehemet. Sus historiadores no tuvieron otro recurso, para ocultar esta nueva afrenta, que acusar a Jussuf de haber sido comprado, como su predecesor. Semejantes imputaciones, tantas veces renovadas sin pruebas, son más bien los gritos de una intriga impotente que, los testimonios de la Historia. El espíritu de partido, obligado a confesar los hechos, altera sus circunstancias y motivos, y, desgraciadamente, así es como todas las historias contemporáneas resultan falsificadas

para la posteridad, que apenas puede separar la verdad de la mentira.

CAPITULO III

Casamiento del are itz y declaración solemne del de Pedro con Catalina, quien reconoce a su hermano.

Esta desgraciada campaña del Pruth fue más funesta para el zar que lo había sido la batalla de Nerva; pues después de Nerva, había sabido sacar partido de su misma derrota, reparar todas sus pérdidas, y arrebatar la Ingria a Carlos XII; pero después de haber perdido, por el tratado de Falksen con el sultán, sus puertos y sus fortalezas sobre el Palus-Meótide, era necesario renunciar al dominio sobre el mar Negro. Le quedaba aún un campo bastante vasto para sus empresas; tenía que perfeccionar todos sus establecimientos en Rusia, proseguir sus conquistas sobre Suecia, reafirmar en

Polonia al rey Augusto y ocuparse de sus aliados. Las fatigas habían alterado su salud; necesitó ir a las aguas de Carlsbad, en Bohemia; pero mientras tomaba las aguas, hacía atacar a Pomerania; Stralsund fue bloqueado, y cinco pequeñas ciudades tomadas. La Pomerania es la provincia más septentrional de Alemania, limitada al Oriente por Prusia y Polonia, al Occidente por el Brandeburgo, al Sur por el Mecklemburgo, y al Norte por el mar Báltico; casi de siglo en siglo estuvo en poder de diferentes dueños. Gustavo Adolfo se apoderó de ella en la famosa guerra de treinta años, y al fin fue cedida solemnemente a los suecos por el tratado de Westfalia, a excepción del obispado de Camin y de algunas pequeñas plazas situadas en la Pomerania ulterior. Todavía esta provincia debía pertenecer naturalmente, al elector de Brandeburgo, en virtud de los pactos de familia hechos con los duques, de Pomerania. La familia de estos duques se había extinguido en 1637; por consiguiente, según las leyes del imperio, la casa de Brandeburgo tenía un derecho evidente sobre esta provincia; pero la necesidad, la primera de las leyes, venció en el tratado de Osnabruck a los pactos de familia, y desde esa época la Pomerania, casi entera, había sido el premio del valor sueco.

El proyecto del zar consistía en despojar a la Corona de Suecia de todas las provincias que poseía en Alemania; era preciso, para realizar este designio, unirse con los electores de Brandeburgo Hannover, y con Dinamarca. Pedro escribió todos los artículos del tratado que proyectaba con estas potencias y todos los detalles de las operaciones necesarias para hacerse dueño de la Pomerania.

25 octubre 1711. -En aquel mismo tiempo casó a su hijo Alejo, en Torgan, con la princesa de Volfenbuttel, hermana de la emperatriz de Alemania, esposa de Carlos VI; casamiento que fue después tan funesto y costó la vida a los dos esposos.

El zarewitz había nacido del primer matrimonio de Pedro con Eudoxia Lapoukin, celebrado, como se ha dicho, en 1689. Esta estaba recluida en un convento en Susdal. Su hijo Alejo Petrowitz, nacido el 1 de marzo de 1690, tenía veintidós años; este príncipe no era conocido todavía en Europa. Un ministro, de quien se han impreso sus Memorias sobre la Corte de Rusia, dice, en una carta escrita a su soberano, fechada en 25 de agosto de 1711, que este príncipe era alto y bien formado; que se parecía mucho a su padre; que tenía buen corazón; que era muy piadoso; que había leído cinco veces las sagra-

das escrituras; que se complacía mucho en la lectura de las antiguas historias griegas; lo encuentra de talento extenso y claro; dice que este príncipe sabe matemáticas; que entiende bien el arte de la guerra, la navegación, la ciencia de la hidráulica; que sabe alemán; que aprende francés; pero que su padre nunca quiso que hiciese lo que se llama, *sus ejercicios* .

He aquí un retrato bien diferente del que el zar mismo hizo, algún tiempo después, de este hijo infortunado; ya veremos con qué dolor su padre le reprochó todos los defectos contrarios a las buenas cualidades que este ministro admira en él.

A la posteridad corresponde, decidir entre un extranjero que pueda juzgar ligeramente o lisonjear el carácter de Alejo, y un padre, que ha creído deber sacrificar los sentimientos de la naturaleza al bien de su imperio. Si el ministro no ha conocido mejor el espíritu de Alejo que su figura, su testimonio tiene poco peso; él dice que este príncipe era alto y bien formado; los documentos que yo he recibido de Petersburgo dicen que no era ni lo uno ni lo otro.

Catalina, su madrastra, no asistió a esta boda; pues, aunque ella fue considerada como zarina, no estaba reconocida solemnemente en esta categoría; y el título de Alteza, que se le daba en la Corte del zar,

le concedía todavía una jerarquía demasiado equívoca para que firmase en el contrato y para que el ceremonial alemán le adjudicase un puesto conveniente a su dignidad de esposa del zar Pedro. Ella estaba entonces en Thorn, en la Prusia polaca. El zar envió desde luego a los dos nuevos esposos a Volfenbuttel, y condujo en seguida a la zarina a Petersburgo con esa rapidez y esa sencillez de aparato que ponía en todos sus viajes.

Una vez efectuado el matrimonio de su hijo, declaró más solemnemente el suyo, y lo celebró en Petersburgo -19 febrero 1711-. La ceremonia fue tan augusta como era posible en un país recién creado, en una época en que la hacienda estaba arruinada por la guerra sostenida contra los turcos y por la que se mantenía todavía contra el rey de Suecia. El zar ordenó por sí solo la fiesta, y trabajó él mismo en ella, según su costumbre. Así fue Catalina reconocida públicamente como zarina, en premio de haber salvado a su esposo y a su ejército.

Las aclamaciones con que fue recibido este matrimonio en Petersburgo eran sinceras; pero los aplausos de los súbditos a las acciones de un príncipe absoluto son siempre sospechosos; fueron confirmados por todos los espíritus prudentes de

Europa, que vieron con placer, casi al mismo tiempo, de un lado al heredero de esta vasta monarquía, cuya única gloria consistía en su nacimiento casado con una princesa; y del otro, un conquistador, un legislador, partiendo públicamente su tálamo y su trono con una desconocida cautiva en Marienburgo, y que no tenía más que méritos. La misma aprobación ha llegado a ser más general a medida que los espíritus se han iluminado más por esta sana filosofía que ha hecho tantos progresos desde hace cuarenta años; filosofía sublime y circunspecta, que enseña a no conceder más que respetos exteriores a toda clase de grandeza y poder, y a reservar los respetos verdaderos para el talento y las buenas obras.

Debo referir fielmente lo que encuentro respecto a este casamiento en los despachos del conde Bassevitz, consejero áulico en Viena, y mucho tiempo ministro de Holstein en la Corte de Rusia. Era un hombre de mérito, lleno de rectitud y candor, y que ha dejado en Alemania un hermoso recuerdo. La zarina había sido, no solamente necesaria a la gloria de Pedro, sino también a la conservación de su vida. Este príncipe estaba sujeto, desgraciadamente, a dolorosas convulsiones, que se creían efecto de un veneno que le habían dado en su juventud. Sólo

Catalina había encontrado el secreto de aliviar sus dolores con penosos cuidados y rebuscadas atenciones, de la que sólo ella, era capaz, y se entregaba toda entera a la conservación de una salud tan preciosa, para el Estado como a ella misma. Así, no pudiendo el zar, vivir sin ella, la hizo compañera de su tálamo y de su trono. Yo me limito a copiar sus propias palabras.

La fortuna, que en esta parte del mundo había, presentado tantas escenas extraordinarias ante nuestros ojos, y que había ascendido a la emperatriz Catalina de la humildad y el estado más calamitoso al mayor grado de elevación, la sirvió todavía singularmente algunos años después de la solemnidad de su matrimonio.

He aquí lo que encuentro en el curioso manuscrito de un hombre que estaba, entonces al servicio del zar, y que habla como testigo:

Un enviado del rey Augusto en la Corte del zar, al regresar a Dresde por la Curlandia, oyó en una taberna a un hombre que parecía estar en la miseria, y a quien hacían la insultante acogida que este estado inspira con demasiada frecuencia a los hombres. Este desconocido, indignado, dijo que no le tratarían de ese modo si pudiese conseguir ser presenta-

do al zar, y que acaso tuviese en la Corte más poderosas protecciones de lo que se creía.

El enviado del rey Augusto, que oyó este discurso, tuvo la curiosidad de interrogar a este hombre, y, tras de algunas vagas respuestas que recibió de él, al observarle atentamente, creyó distinguir en sus rasgos alguna semejanza con la emperatriz. No pudo cuando llegó a Dresde, dejar de escribir sobre ello a uno de sus amigo en Petersburgo. La carta cayó en manos del zar, quien dio órdenes al príncipe Repnin, gobernador de Riga, para tratar de descubrir al hombre de que se hablaba en la carta. El príncipe Repnin hizo partir un hombre de confianza para Mittau, en Curlandia; se encontró al hombre: se llamaba Carlos Scavronski; era hijo de un gentilhombre de Lituania, muerto en las guerras de Polonia, y que había dejado dos hijos pequeños, un niño y una niña. Uno y otra no tuvieron más educación que la que se puede recibir de la Naturaleza en un abandono general completo, Scavronski, separado de su hermana desde la más tierna infancia, sabía solamente que había sido cogida en Marienburgo, en 1704, NI la suponía todavía junto al príncipe Menzikoff, donde él creía que había hecho alguna fortuna.

El príncipe Repnin, siguiendo las órdenes expresas de su señor, hizo conducir a Scavronski a Riga, con pretexto de algún delito de que se le acusaba, haciéndose contra él una especie de información, y se le envió con una buena guardia a Petersburgo, con orden de tratarle bien en el camino.

Cuando llegó a Petersburgo se le condujo a casa de un mayordomo del zar, llamado Shepleff. Este mayordomo, enterado del papel que debía representar, sacó de este hombre muchas noticias sobre su estado, y le dijo, al fin, que la acusación que se había hecho contra él en Riga era muy grave, pero que obtendría justicia; que debía presentar un memorial a su majestad; que compondrían este memorial en su nombre, y que se liaría de modo que él mismo pudiese entregarlo.

Al día siguiente el zar fue a comer a casa de Shepleff; se le presentó a Scavronski; el príncipe le hizo muchas preguntas, quedó convencido por la sencillez de sus respuestas, de que era el propio hermano de la zarina. Los dos habían estado en su infancia en Livonia. Todas las respuestas que dio Scavronski a las preguntas del zar estaban confor-

mes con lo que su mujer le había dicho de su nacimiento y de las primeras desgracias de su vida.

El zar, no dudando ya de la verdad, propuso al día siguiente a su mujer ir a comer con él a casa del mismo Shepleff; hizo venir, al levantarse de la mesa, al mismo hombre que había interrogado la víspera. Vino vestido con las mismas ropas que había llevado en el viaje; el zar no quiso que se presentase en otro estado que en aquel a que su mala fortuna le había acostumbrado.

Le interrogó de nuevo delante de su mujer. El manuscrito consigna que al fin le dijo estas propias palabras: Este hombre es tu hermano; vamos Carlos, besa la mano de la emperatriz y abraza a tu hermana .

El autor del relato añade que la emperatriz cayó desmayada, y que cuando recobró el sentido, el zar le dijo: No hay nada más sencillo: este hidalgo es mi cuñado; si él tiene mérito, haremos de él algo; si no lo tiene, no haremos nada.

Me parece que un discurso semejante muestra tanta grandeza como sencillez, Y que esta grandeza es muy poco común. El autor dice que Scavronski permaneció mucho tiempo en casa de Shepleff, que se le asignó una pensión considerable y que vivió

muy retirado. No lleva más adelante el relato de esta aventura, que sirvió solamente para descubrir el nacimiento de Catalina, pero se sabe por otra parte que este hidalgo fue hecho conde, que casó con una dama de calidad y que tuvo dos hijas que casaron con señores principales de Rusia. Dejo a las pocas personas que pueden estar enteradas de esos detalles discernir lo que hay de verdadero en esta aventura y lo que pudo haberse añadido. El autor del manuscrito no parece haber contado estos sucesos con objeto de maravillar a sus lectores, puesto que esta Memoria no estaba destinada a la publicidad. El escribe a un amigo con sencillez lo que dice haber visto. Puede equivocarse en algunos detalles, pero el fondo parece muy verdadero; pues si este hidalgo hubiese sabido que era hermano de una persona tan poderosa, no hubiera esperado tantos años para hacerse reconocer. Este reconocimiento, por singular que parezca, no es tan extraordinario como la elevación de Catalina: uno y otro son una prueba patente del Destino, Y pueden servir para hacernos suspender nuestro juicio cuando creemos ser fábulas tantos acontecimientos de la antigüedad, menos opuestos acaso al orden corriente de las cosas que toda la historia de esta emperatriz.

Las fiestas que celebró Pedro por el matrimonio de su hijo y el suyo no fueron de esas diversiones pasajeras que agotan el Tesoro y de las que apenas si queda el recuerdo. Acabó la fundición de cañones y los buques del Almirantazgo; las carreteras fueron perfeccionadas, construidos nuevos barcos, trazó canales, la Bolsa y los almacenes fueron terminados, y el comercio marítimo de Petersburgo comenzó a estar en todo su vigor. Ordenó que el Senado de Moscú fuese transportado a Petersburgo, lo que se ejecutó en el mes de abril de 1712. Por entonces, esta nueva ciudad vino a ser como la capital del imperio. Muchos prisioneros suecos fueron empleados en el embellecimiento de esta ciudad, cuya fundación era el fruto de su derrota.

CAPITULO IV

Toma de Stetin. -Desembarco en inlandia. Acontecimientos de 1 12.

Viéndose Pedro feliz en su casa, en su gobierno, en sus guerras contra Carlos XII, en sus negociaciones con todos los príncipes que querían expulsar a los suecos del continente y encerrarlo para siempre en la península de Escandinavia, dirigía todas sus miradas a las costas occidentales del norte de Europa y olvidaba el Palus-Meótide y el mar Negro. Las llaves de Azof, por mucho tiempo negadas al baja que debía entrar en esta plaza en nombre del sultán, habían sido al fin entregadas, y a pesar de todas las solicitudes de Carlos XII, a pesar de todas las intrigas de sus partidos en la Corte otomana, a

pesar también de algunas demostraciones de una nueva guerra, Rusia y Turquía estaban en paz.

Carlos XII, obstinado siempre en seguir permaneciendo en Bender, hacía depender su fortuna y sus esperanzas, del capricho de un gran visir; mientras el zar amenazaba todas sus provincias, armaba contra él a Dinamarca y el Hannover, estaba a punto de hacer decidir a Prusia y reanimaba a Polonia y Sajonia.

La misma soberbia inflexible que Carlos usaba en su conducta con la Puerta, de la que dependía, la desplegaba contra sus alejados enemigos, reunidos para destruirlo. Desafiaba desde el fondo de su retiro, en los desiertos de la Besarabia, al zar y a los reyes de Polonia, de Dinamarca y de Prusia, y al elector de Hannover, bien poco después rey de Inglaterra, y al emperador de Alemania, a quien tanto había ofendido cuando atravesó la Silesia como vencedor. El emperador se vengó de ello abandonándole a su mala fortuna y no concediendo ninguna protección a los Estados que Suecia poseía en Alemania.

Hubiese sido fácil deshacer la liga que se formaba contra él. No había más que ceder Stetin al primer rey de Prusia, Federico, elector de Bran-

deburgo, que tenía derechos muy legítimos sobre esta parte de la Pomerania; pero no consideraba entonces a Prusia como una potencia preponderante; ni Carlos ni nadie podía prever que el pequeño reino de Prusia, casi desierto, y el electorado de Brandeburgo, llegasen a ser formidables. No quiso consentir en ninguna reconciliación; y, resuelto a romper antes que doblegarse, ordenó que se resistiese en todas partes por mar y por tierra. Sus Estados estaban casi agotados de hombres y de dinero; sin embargo, se obedeció. El Senado de Estocolmo equipó una escuadra de trece buques de línea; se armaron milicias; cada habitante se convirtió en soldado. El valor y la soberbia de Carlos XII parecieron animar a todos sus súbditos, casi tan desgraciados como su señor.

Es difícil creer que Carlos tuviese un plan ordenado de conducta. Tenía todavía un partido en Polonia, el cual, ayudado por los tártaros de Crimea, podía asolar este desgraciado país, pero no reponer al rey Estanislao en su trono; su esperanza de comprometer a la Puerta Otomana en sostener este partido y convencer al Diván que debía enviar doscientos mil hombres en su auxilio, con pretexto

de que el zar defendía en Polonia a su aliado Augusto, era una esperanza quimérica.

Septiembre 1712. -Esperaba en Bender el efecto de tantas vanas intrigas; y los rusos, los daneses, los sajones estaban en Pomerania. Pedro llevó a su esposa a esta expedición. Ya el rey de Dinamarca se había apoderado de Stade, ciudad marítima del ducado de Breme; los ejércitos ruso, sajón y danés estaban ante Stralsund.

Octubre 1712. -Entonces fue cuando el rey Estanislao, viendo el deplorable estado de tantas provincias, la imposibilidad de volver a subir al trono de Polonia, y todo en desorden por la ausencia obstinada de Carlos XII, reunió a los generales suecos que defendían la Pomerania con un ejército de unos diez a once mil hombres, único y último recurso de Suecia en esas provincias.

Les propuso una reconciliación con el rey Augusto y se ofreció él como víctima. Les habló en francés; he aquí las propias palabras de que se sirvió y que consignó en un escrito que firmaron nueve oficiales generales, entre los que se encontraba un tal Patkul, primo carnal de aquel infortunado Patkul que Carlos XII había hecho morir en la rueda:

Yo he servido hasta aquí de instrumento a la gloria de las armas de Suecia; no pretendo ser la causa funesta de su pérdida. Yo me declaro sacrificar mi corona[60] y mis propios intereses a la conservación de la persona sagrada del rey, no viendo humanamente otro medio de apartarlo del lugar en que se encuentra. Hecha esta declaración, se dispuso a partir para Turquía, con la esperanza de vencer la obstinación de su bienhechor y de conmoverle por el sacrificio. Su mala suerte le hizo llegar a Besarabia precisamente en el momento en que Carlos, después de haber prometido al sultán abandonar su asilo, y habiendo recibido el dinero y la escolta necesarios para su regreso, se obstinó de nuevo en quedarse y en desafiar a los turcos y los tártaros, sosteniendo contra un ejército entero, ayudado no más de sus criados, aquel combate desdichado de Bender, donde los turcos, pudiendo fácilmente matarle, se contentaron con hacerle prisionero. Estanislao, llegando en estas extrañas circunstancias,

[60]Se ha creído conveniente dejar la declaración del rey Estanislao tal como él la consignó palabra por palabra: hay faltas de lenguaje: *Yo me declaro sacrificar (je me declare de sacrifier)* no es francés; pero el documento es así más auténtico y no menos respetable.

fue también detenido; así dos reyes cristianos fueron a la vez cautivos de los turcos.

En ese tiempo en que toda Europa estaba conturbada, y en que Francia acababa contra una parte de Europa una guerra no menos funesta, para poner en el trono de España al nieto de Luis XIV, Inglaterra concedió la paz a Francia, y la victoria que el mariscal Villars obtuvo en Denain, en Flandes, salvó a este Estado de sus demás enemigos. Francia era, desde un siglo antes, la aliada de Suecia; le interesaba que su aliada no fuese privada de sus posesiones en Alemania. Carlos, demasiado alejado, ignoraba todavía en Bender lo que ocurría en Francia.

La regencia de Estocolmo se aventuró a pedir dinero a la agotada Francia, en una época en que Luis XIV no tenía ni con qué pagar a sus criados. Aquélla hizo partir a un tal conde de Sparre, encargado de esta negociación, que no podía obtener buen éxito. Sparre vino a Versalles y expuso al marqués de Torey la impotencia en que se encontraba para pagar al pequeño ejército sueco que le quedaba a Carlos XlI en Pomerania; que estaba ya a punto de disolverse por falta de pago; que el único aliado de Francia iba a perder provincias cuya con-

servación era necesaria al equilibrio general; que Carlos XII, en sus victorias, había olvidado, ciertamente, demasiado al rey de Francia, pero que la generosidad de Luis XIV era tan grande como las desgracias de Carlos. El ministro francés hizo ver al sueco la imposibilidad de auxiliar a su soberano, y Sparre desesperaba ya del resultado.

Un particular de París hizo lo que Sparre desesperaba de obtener. Había en París un banquero, llamado Samuel Bernard, que había hecho una fortuna prodigiosa, tanto por la remesa de la Corte a los países extranjeros, como por otras empresas; éste era un hombre embriagado de una especie de gloria, rara vez unida a su profesión; que amaba apasionadamente todo brillo y que sabía que, tarde o temprano, el ministerio de Francia devolvería con creces lo que se aventurase por él. Sparre fue a comer con él; le convenció, y, al levantarse de la mesa, el banquero hizo entregar al conde de Sparre seiscientas mil libras; después de lo cual fue a casa del ministro, marqués de Torey, y le dijo: He dado en vuestro nombre doscientos mil escudos a Suecia; haréis que me los devuelvan cuando podáis.

9 diciembre 1712. - El conde de Steinbock, general del ejército de Carlos, no esperaba tal auxilio;

veía a sus tropas a punto de amotinarse; y no teniendo que darles más que promesas; viendo formarse la tempestad a su alrededor; temiendo, en fin, ser envuelto por tres ejércitos de rusos, daneses y sajones, pidió un armisticio, juzgando que Estanislao iba a abdicar; que él doblegaría la altivez de Carlos XII; que era preciso, por lo menos, ganar tiempo y salvar a sus tropas mediante negociaciones. Envió, pues, un correo a Bender para exponer al rey el estado, deplorable de su hacienda, de sus asuntos y de sus tropas, y para enterarle de que se veía obligado a este armisticio que sería una gran felicidad obtener. No haría tres días que había salido este correo, y Estanislao no lo había hecho todavía, cuando Steinbock recibió los doscientos mil escudos del banquero de París; esto era entonces un tesoro prodigioso para un país arruinado. Fortalecido con este auxilio, con el cual se remedia todo, alentó a su ejército, tuvo municiones, reclutas, se vio a la cabeza de doce mil hombres y, renunciando a toda suspensión de hostilidades, no trató más que de combatir.

Este era aquel mismo Steinbock que en 1710, después de la derrota de Pultava, había vengado a Suecia de los dinamarqueses, en una irrupción que

había hecho en Scania; marchó contra ellos con simples milicias que llevaban cuerdas por bandoleras, y que había conseguido una victoria completa. Era, como todos los demás generales de Carlos XII, activo e intrépido; pero su valor se veía mancillado por su ferocidad. Fue él quien, después de un combate contra los rusos, habiendo ordenado que se matase a todos los prisioneros, observó a un oficial polaco del partido del zar que se cogía al estribo de Estanislao y que este príncipe le tenía abrazado para salvarle, la vida; Steinbock le mató de un pistoletazo entre los brazos del príncipe, como se ha referido ya en la vida de Carlos XII; y el rey Estanislao ha dicho al autor que él hubiera roto la cabeza a Steinbock, si no le hubiese contenido su respeto y su agradecimiento al rey de Suecia.

El general Steinbock marchó, pues, por el camino de Vismar, contra los rusos, los sajones y los daneses reunidos. Se encontró frente a frente del ejército danés y sajón que precedía a los rusos, alejados aún tres leguas. El zar envió tres correos uno tras otro al rey de Dinamarca para rogarlo que le esperase y para advertirle del peligro que corría si combatía con los suecos sin contar con fuerzas superiores. El rey de Dinamarca no quiso repartir el

honor de una victoria que consideraba segura; avanzó contra los suecos y les atacó cerca de un lugar llamado Gadebesck. Se vio todavía en esta jornada cuánta era la enemista d natural entre los suecos y los daneses. Los oficiales de estas dos naciones se encarnizaban unos contra otros y caían muertos acribillados de heridas.

Steinbock consiguió la victoria antes de que los rusos pudiesen llegar al campo de batalla; algunos días después recibió la respuesta del rey su señor, condenando toda idea de armisticio. decía que no perdonaría esta conducta vergonzosa sino en el caso en que fuese reparada, y que, fuerte o débil, era preciso vencer o morir. Steinbock había ya prevenido esta orden con la victoria.

Pero esta victoria fue semejante a la que había consolado un momento al rey Augusto, cuando, en la serie de sus infortunios, ganó la batalla de Calish contra los suecos, vencedores en todas partes. La victoria de Calish no hizo más que agravar la desgracia de Augusto, y la de Gadebesck retardó solamente la pérdida de Steinbock y de su ejército.

El rey de Suecia, al saber la victoria de Steinbock, creyó sus asuntos restablecidos; se convenció de que haría decidir al imperio otomano, que ame-

nazaba todavía al zar con una nueva guerra; y, con esta esperanza, ordenó a su general Steinbock pasase a Polonia, creyendo siempre, al menor triunfo, que los tiempos de Nerva y aquellos en que él dictaba leyes, iban a renacer. Estas ideas fueron bien pronto trastornadas por el asunto de Bender y por su cautividad entre los turcos.

Todo el fruto de la victoria de Gadebesck consistió en ir a reducir a cenizas, durante la noche, la pequeña ciudad de Altona, habitada por comerciantes e industriales; ciudad indefensa que, no habiendo tomado las armas, no debería ser sacrificada: fue enteramente destruida; muchos habitantes perecieron en las llamas huyendo desnudos del incendio; viejos, mujeres, niños perecieron de frío y de fatiga a las puertas de Hamburgo[61]. Tal ha sido, con frecuencia, la suerte de millares de personas por las querellas de dos hombres. Steinbock no recogió sino esta horrible ventaja. Los rusos, los daneses los sajones lo persiguieron tan vivamente después de su victoria, que se vio obligado a pedir auxilio en To-

[61]El capellán confesor Norbery dice fríamente en su historia que el general Steinbock no prendió fuego a la ciudad más que por no tener vehículos para llevar los muebles.

ninge, fortaleza de Holstein, para él y para su ejército.

El país de Holstein era, entonces uno de los más devastados del Norte, y su soberano uno de los príncipes más infortunados. Era el propio sobrino de Carlos XII; fue, por su padre, cuñado de este monarca, por quien Carlos había llevado sus armas hasta Copenhague antes de la batalla de Nerva; por él hizo el tratado de Travendal, por el cual los duques de Holstein habían recuperado sus derechos.

Este país es, en parte, la cuna de los cimbrios y de los antiguos normandos que conquistaron la Neustria en Francia y la Inglaterra entera, Nápoles y Sicilia. No se puede estar hoy en situación menos favorable para hacer conquistas que ésta en que se halla esta parte del antiguo Quersoneso, Címbrico; dos pequeños ducados lo componen: Slesvick, que pertenece al rey de Dinamarca y al duque en común; Gottorp, al duque de Holstein solo. Slesvick es un principado soberano; Holstein es miembro del imperio de Alemania, que se llama imperio romano.

El rey de Dinamarca y el duque de Holstein--Gottorp eran de la misma casa; pero el duque, sobrino de Carlos XII y su presunto heredero, se había hecho enemigo del rey de Dinamarca, que

oprimía su infancia. Un hermano de su padre, obispo de Lubec, administrador de los Estados de este infortunado pupilo, se veía ante el ejército sueco, al que no se atrevía a socorrer, y los ejércitos ruso, danés, sajón, que amenazaban.

Era necesario, sin embargo, tratar de salvar las tropas de Carlos XII sin ofender al rey de Dinamarca convertido en dueño del país, del que exprimía toda la substancia.

El obispo administrador del Holstein estaba completamente gobernado por el famoso barón de Gortz[62], el más agudo y el más emprendedor de los hombres, de un talento vasto, y fecundo en recursos; no encontrando nunca nada demasiado difícil; tan insinuante en las negociaciones como audaz en los proyectos; sabiendo agradar, sabiendo convencer y arrastrando tras sí los corazones con el calor de su genio, después de haberlos ganado con la dulzura de sus palabras. El tuvo después sobre Carlos XII el mismo ascendiente con que sometía al obispo administrador de Holstein, y ya se sabe que pagó con su cabeza el honor que disfrutó de gobernar al

[62]Nosotros pronunciamos Gueurts.

más inflexible y más obstinado soberano que jamás haya subido al trono.

21 enero 1713. -Gortz[63] se entrevistó secretamente en Usum con Steinbock, y le prometió que le entregaría la fortaleza de Tonninge, sin comprometer al obispo administrador, su dueño; y al mismo tiempo hizo asegurar al rey de Dinamarca que no se la entregaría. Así es como se conducen casi todas las negociaciones, siendo los negocios de Estado de distinto orden que los de los particulares, haciendo consistir el honor de los ministros únicamente en el buen éxito, y el honor de los particulares en el cumplimiento de sus palabras.

Steinbock se presentó delante de Tonninge; el comandante de la ciudad se niega a abrirle las puertas; de este modo se evita que el rey de Dinamarca se queje al obispo administrador; pero Gortz hace dar una orden a nombre del duque menor, para dejar entrar al ejército sueco en Tonninge. El secretario particular del soberano, llamado Stamke, firma el nombre del duque de Holstein, así Gortz no compromete sino a un niño que no tenía aún el derecho de dar órdenes; sirve a la vez al rey de Suecia, con el

[63]Memorias secretas de Bassevitz.

cual quiere hacerse valer, y al obispo administrador, su señor, quien parece no consentir la admisión del ejército sueco. El comandante de Tonninge, fácilmente ganado entregó la ciudad a los suecos, y Gortz se justificó como pudo ante el rey de Dinamarca, protestando de que todo se había hecho a pesar de él.

El ejército sueco[64], parte en la ciudad y parte al amparo de sus cañones, no se salvé a pesar de esto; el general Steinbock se vio obligado a entregarse prisionero de guerra con once mil hombres, lo mismo que diez y seis mil se habían rendido cerca de Pultava.

Se estipuló que Steinbock, sus oficiales y soldados pudieran ser rescatados o canjeados; se fijó el rescate de Steinbock en ocho mil escudos de imperio; es una suma bien pequeña; sin embargo, no se pudo obtener, y Steinbock permaneció cautivo en Copenhague hasta su muerte.

Los Estados de Holstein quedaron a discreción de un vencedor justamente irritado; el joven duque fue objeto de la venganza del rey de Dinamarca como premio del abuso que Gortz había cometido en

[64]Memorias de Steinbock.

su nombre; las desgracias de Carlos XII recaían sobre toda su familia.

Viendo Gortz desvanecidos sus proyectos, siempre preocupado por desempeñar un gran papel en esta confusión, volvió a la idea que había ya tenido de establecer una neutralidad en los Estados de Suecia en Alemania.

El rey de Dinamarca estaba a punto de entrar en Tonninge; Jorge, elector de Hannover, quería poseer los ducados de Brema y de Verden con la ciudad de Stade; el nuevo rey de Prusia, Federico-Guillermo, le echaba el ojo a Stetin; Pedro I se disponía a hacerse dueño de Finlandia; todos los Estados de Carlos XII, fuera de Suecia, eran despojos que se trataban de repartir: ¿cómo acordar tantos intereses con una neutralidad? Gortz negoció al mismo tiempo con todos los príncipes que tenían interés en este reparto; corría día y noche de una provincia a otra; comprometió al gobernador de Brema y de Verden a entregar en secreto estos dos ducados al elector de Hannover, a fin de que los dinamarqueses no los tomasen para sí; hizo tanto, que consiguió del rey de Prusia que se encargase, juntamente con el Holstein, del secuestro de Stetin y de Vismar; mediante lo cual, el rey de Dinamarca

dejaría el Holstein en paz y no entraría en Tonninge. Para Carlos XII era seguramente un servicio un poco extraño éste de poner sus plazas en manos de quienes podrían guardarlas para siempre; pero Gortz, entregándoles estas ciudades como en rehenes, les forzaba a la neutralidad, al menos por algún tiempo; esperaba que en seguida pudiese hacer declarar el Hannover y el Brandeburgo a favor de Suecia; hacía entrar en sus proyectos al rey de Polonia, cuyos Estados arruinados tenían necesidad de paz; en fin, él quería hacerse necesario a todos los príncipes. Disponía de los dominios de Carlos XII como un tutor que sacrifica una parte de los bienes de un pupilo arruinado para salvar la otra, y, de un pupilo que no puede realizar sus asuntos por sí mismo; todo esto sin estar comisionado para ello, sin otra garantía de su conducta que un poder pleno de un obispo de Lubec, que tampoco estaba de ningún modo autorizado por Carlos XII.

Tal ha sido este Gortz, que hasta aquí no ha sido bastante conocido. Se han visto primeros ministros de grandes Estados, como un Oxenstiern, un Richelieu, un Alberoni, poner en movimiento una parte de Europa; pero que el consejero privado de

un obispo de Lubec haya hecho tanto como ellos, sin estar autorizado por nadie, era una cosa inaudita.

Junio 1713. -Consiguió desde luego lo que deseaba; hizo un tratado con el rey de Prusia, por61 el cual este monarca se comprometía, guardando a Stetin en secuestro, a conservar a Carlos XII el resto de la Pomerania. En virtud de este tratado, Gortz hizo proponer al gobernador de la Pomerania (Mayerfeld) entregase la plaza de Stetin al rey de Prusia en bien de la paz, creyendo que el sueco, gobernador de Stetin, pudiera ser tan fácil como lo había sido el de Holstein, gobernador de Tonninge. Pero los oficiales de Carlos XII no estaban acostumbrados a obedecer semejantes órdenes. Mayerfeld respondió que no se entraría en Stetin sino pasando sobre su cuerpo y sobre ruinas. Informó a su soberano de esta extraña proposición. El correo encontró a Carlos XII cautivo en Demirtash, después de su aventura de Bender. No se sabía entonces si Carlos permanecería prisionero de los turcos toda su vida, si se le confinaría en alguna isla del archipiélago o del Asia. Carlos, desde su prisión, mandó a Mayerfeld lo que había mandado a Steinbock: que era preciso morir antes que someterse a sus enemi-

gos, y le ordenó ser tan inflexible corno lo era él mismo.

Viendo Gortz que el gobernador de Stetin destruía sus planes, y que no quería oír hablar de neutralidad ni de secuestro, se le antojó no solamente secuestrar esta ciudad de Stetin, sino también Stralsund; y encontró el medio de hacer con el rey de Polonia, elector de Sajonia, el mismo tratado para Stralsund que había hecho con el elector de Brandeburgo para Stetin. Veía claramente la impotencia de los suecos para guardar sus plazas sin dinero y sin ejército mientras el rey estuviese cautivo en Turquía; y contaba con alejar el azote de la guerra de todo el Norte por medio de estos secuestros. La misma Dinamarca se prestaba al fin a las negociaciones de Gortz; ésta ganó por completo al príncipe Menzikoff, general y favorito del zar; le convenció de que se podría ceder el Holstein a su soberano; halagó al zar con la idea de abrir un canal del Holstein al mar Báltico, empresa tan conforme con el gusto de este fundador, y sobre todo con obtener un nuevo poder, consiguiendo ser uno de los príncipes del imperio de Alemania, y adquiriendo en las Dietas de Ratisbona un derecho de sufragio que siempre sería sostenido por el derecho de las armas.

No es posible ni plegarse de más maneras ni tomar más formas diferentes, ni desempeñar más papeles, que a lo que hizo este negociador voluntario; llegó hasta a comprometer al príncipe Menzikoff a destruir esta misma ciudad de Stetin que quería salvar, a bombardearla, a fin de obligar al comandante Mayerfeld a entregarle en secuestro; y se atrevía así a ultrajar al rey de Suecia, a quien quería agradar, y a quien, en efecto, agradó demasiado en lo sucesivo, por su desgracia.

Cuando el rey de Prusia, vio que un ejército ruso bombardeaba Stetin, temió perder esta ciudad y que quedase en poder de Rusia. Esto era lo que Gortz esperaba. El príncipe Menzikoff carecía de dinero; aquél hizo que el rey de Prusia le prestase cuatrocientos mil escudos; en seguida hizo decir al gobernador de la plaza: ¿Qué queréis mejor, ver a Stetin convertido en cenizas bajo el dominio de Rusia, o confiarla al rey de Prusia, que la devolverá al rey vuestro señor? El comandante se dejó al fin convencer: se rindió; Menzikoff entró en la plaza; y mediante los cuatrocientos mil escudos, la puso, con todo el territorio, en manos del rey de Prusia, quien, por fórmula, dejó entrar en ella dos batallones de

Holstein, y que no ha devuelto nunca más esta parte de la Pomerania.

Desde entonces el segundo rey de Prusia, sucesor de un rey débil y pródigo, puso los cimientos de la grandeza a que llegó su país en lo sucesivo por la disciplina militar y por la economía.

Septiembre 1713. - El barón de Gortz, que hizo mover tantos resortes, no pudo llegar a conseguir que los daneses perdonasen a la provincia de Holstein, ni que renunciasen a apoderarse de Tenninge; faltó lo que parecía ser su primer objeto, pero logró todo el resto, y sobre todo convertirse en un importante personaje en el Norte, que era, en efecto, su proyecto principal.

Ya el elector de Hannover estaba seguro, respecto a Brema y Verden, de que se había despojado a Carlos XII; los sajones estaban ante una ciudad de Vismar; Stetin en manos del rey de Prusia; los rusos iban a sitiar a Stralsund con los sajones, y éstos estaban ya en la isla de Rugen; el zar, en medio de tantas negociaciones, había desembarcado en Finlandia, mientras en otras partes se disputaba sobre la neutralidad y sobre el reparto. Después de haber emplazado él mismo la artillería, ante Stralsund abandonando el resto a sus aliados y al príncipe

Menzikoff, se embarcó en el mes de mayo, en el mar Báltico; y, mandando un navío de cincuenta cañones que había hecho construir él mismo en Petersburgo, navegó hacia Finlandia, seguido de noventa y dos galeras y ciento diez semigaleras, que llevaban diez y seis mil combatientes.

22 mayo 1713. -El desembarco se hizo en Elsinford, que está en la parte más meridional de este frío y estéril país, hacia el grado sesenta y uno.

Este desembarco tuvo buen éxito a pesar de todas las dificultades. Se fingió atacar por un sitio, se desembarcó por otro, bajaron las tropas a tierra, y se tomó la ciudad. El zar se apoderó de Borgo, de Abo y fue dueño de toda la costa. Parecía que los suecos no tuviesen en lo sucesivo remedio alguno; pues todo esto ocurría en la época en que el ejército sueco, mandado por Steinbock, se entregaba prisionero de guerra.

Todos estos desastres de Carlos XII fueron seguidos, como ya hemos visto, de la pérdida de Brema, de Verden, de Stetin, de una parte de la Pomerania; y, en fin, el rey Estanislao y Carlos mismo estaban prisioneros en Turquía; sin embargo, no se había desengañado todavía de la idea de volver a Polonia al frente de un ejército otomano, de reponer

a Estanislao en el trono y de hacer temblar a todos sus enemigos.

CAPITULO V

Triunfos de Pedro el Grande. - Regreso de Carlos XII a sus Estados.

Pedro, a la vez que proseguía la serie de sus conquistas, perfeccionaba la creación de su marina, hacía venir doce mil familias a Petersburgo, tenía a todos sus aliados unidos a su fortuna y a su persona, aunque todos tuviesen intereses diversos y opuestas miras. Su flota amenazaba a la vez a todas las costas de Suecia en los golfos de Finlandia y de Bothnia.

Uno de sus generales de tierra, el príncipe Gallitzin, formado por él mismo, como lo eran todos, avanzaba desde Elsinford, donde el zar había desembarcado, hasta el interior de la tierra, hacia el burgo de Tavastus. Este era un puesto que dominaba la Bothnia; algunos regimientos suecos, con ocho

mil hombres de milicias, lo defendían. Fue preciso librar una batalla -13 marzo 1714-; los rusos la ganaron completamente; dispersaron a todo el ejército sueco y penetraron hasta Vasa: de suerte que se hicieron dueños de ochenta leguas de terreno.

A los suecos les quedaba la escuadra, con la que dominaban el mar. Pedro ambicionaba desde mucho antes mostrar la marina que había creado. Había partido de Petersburgo y había reunido, una escuadra de diez y seis navíos de línea y ciento ochenta galeras a propósito para maniobrar a través de los peñascos que rodean la isla de Aland y las demás del mar Báltico, no lejos de las costas de Suecia, hacia las cuales encontró la escuadra sueca. Esta escuadra era superior a la suya en buques grandes, pero inferior en galeras; más propia para combatir en alta mar que en medio de peñas. Era una superioridad que el zar debía sólo a su genio. El servía en su escuadra en calidad de contraalmirante, y recibía las órdenes del almirante Apraxin. Pedro quería apoderarse de la isla de Aland, que sólo estaba alejada de Suecia unas doce leguas; era preciso pasar a la vista de la escuadra de los suecos. El atrevido plan fue ejecutado; las galeras se abrieron paso bajo el cañón enemigo, que no era bastante eficaz;

se entró en Aland, y como esta costa casi toda ella estaba erizada de escollos, el zar hizo transportar a brazo ochenta galeras pequeñas por una lengua de tierra, y se las volvió a poner a flote en el mar que se denomina de Hango, donde estaban sus grandes navíos. Erenschild, contraalmirante de los suecos, creyó que iba a apresar fácilmente o echar a pique estas ochenta galeras. Avanzó por este lado para reconocerlas; pero fue recibido con un fuego tan vivo, que vio caer a casi todos sus soldados y todos sus marineros. Le apresaron las galeras y las embarcaciones de un puente que había traído y el navío que mandaba -8 agosto 1714-; se salvó en una chalupa, pero fue herido en ella. En fin, obligado a rendirse, se le llevó a la galera en que el mismo zar maniobraba. El resto de la escuadra volvió a ganar la Suecia. Hubo consternación en Estocolmo y nadie se creyó allí seguro.

En aquel mismo tiempo el coronel Schouvalow Neushlof atacaba la única fortaleza que quedaba por tomar en las costas occidentales de Finlandia y la sometía al zar, a pesar de la más obstinada resistencia.

Esta jornada de Aland fue, después de la de Pultava, la más gloriosa de la vida de Pedro. Dueño

de Finlandia, cuyo gobierno encomendó al príncipe Gallitzin, vencedor de todas las fuerzas navales de Suecia y más respetado que nunca por sus aliados -5 septiembre-, regresó a Petersburgo cuando la estación, que se hizo muy tormentosa, no le permitió ya permanecer en los mares de Finlandia y de Bothnia. Su buena suerte quiso además que, al llegar a su nueva capital, la zarina diese a luz una princesa, que murió un año después. Instituyó la Orden de Santa Catalina en honor de su esposa, y celebró el nacimiento de su hija con una entrada triunfal. sta era, de todas las fiestas a que había acostumbrado a sus pueblos, la que más les agradaba. El comienzo de esta fiesta fue llevar al puerto de Cronslot nueve galeras suecas llenas de prisioneros y el navío del contraalmirante Erenschild.

El buque almirante de Rusia estaba cargado con todos los cañones, banderas y estandartes cogidos en la conquista de Finlandia. Se llevaron todos estos trofeos a Petersburgo, a donde se llegó en orden de batalla. Un arco de triunfo, que el zar había dibujado según su costumbre, fue decorado con los emblemas de todas sus victorias; los vencedores pasaron bajo este arco triunfal; el almirante Apraxin marchaba a la cabeza; en seguida el zar en calidad

de contraalmirante, y todos los demás oficiales según su categoría; se presentaron todos al virrey Romadonoski, quien en estas ceremonias representaba al soberano del imperio. Este vicezar distribuyó entre los oficiales medallas de oro; todos los soldados y marineros las recibieron de plata. Los prisioneros suecos pasaron bajo el arco triunfal, y el almirante Erenschild seguía inmediatamente al zar, su vencedor. Cuando se hubo llegado al trono donde estaba el vicezar, el almirante Apraxin le presentó al contraalmirante Pedro, quien pidió ser ascendido a vicealmirante en premio de sus servicios; se procedió a la votación, y no se dudará de que todos los votos le fueron favorables.

Después de esta ceremonia, que llenaba de alegría a todos los asistentes, y que inspiraba a todo el mundo la emulación, el amor de la patria y el de la gloria, el zar pronunció este discurso que merece pasar a la más lejana posteridad:

Mis hermanos: ¿Hay alguno entre vosotros que haya pensado, hace veinte años, que había de combatir conmigo en el mar Báltico, en navíos construidos por vosotros mismos, y que habíamos de establecernos en estas regiones adquiridas con nuestras fatigas y por nuestro valor?... Se coloca el

antiguo asiento de las ciencias en Grecia; en seguida pasaron a Italia, de donde se extendieron a todas partes de Europa: a nosotros nos toca ahora nuestro turno, si queréis secundar mis planes, uniendo el estudio a la obediencia. Las artes circulan en el mundo, como la sangre en el cuerpo humano; y acaso establezcan su imperio entre nosotros, para regresar a Grecia, su antigua patria. Yo me atrevo a esperar que haremos un día sonrojar a las naciones más civilizadas, por nuestros trabajos y nuestra sólida gloria.

Este es el resumen verdadero de este discurso digno de un fundador. Se le ha empobrecido en todas las traducciones; pero el mayor mérito de esta elocuente arenga es haber sido pronunciada por un monarca victorioso, fundador y legislador de su imperio.

Los viejos boyardos escucharon esta arenga con más pesar por sus antiguas costumbres que admiración por la gloria de su soberano; pero los jóvenes se emocionaron hasta verter lágrimas.

Todavía se señalaron estos tiempos por la llegada de los embajadores rusos que volvieron de Constantinopla con la ratificación de la paz con los tarcos -15 diciembre 1714-. Un embajador de Persia

había llegado un poco antes comisionado por Cha-Ussin; había traído al zar un elefante y cinco leones. Recibió al mismo tiempo una embajada del kan de los usbecks, Mehemet-Bahadir, que le imploraba su protección contra otros tártaros. Del interior del Asia y de Europa todo prestaba homenaje a su gloria.

La regencia de Estocolmo, desesperada por el estado deplorable de sus asuntos y la ausencia de su rey que abandonaba el cuidado de sus Estados, había tomado al fin la resolución de no consultarle más; e inmediatamente después de la victoria naval del zar, pidió un pasaporte al vencedor para un oficial encargado de proposiciones de paz. El pasaporte, fue enviado; pero en aquella misma época la princesa UIrica-Eleonora, hermana de Carlos XII, recibió la noticia de que el rey su hermano se disponía al fin a abandonar Turquía y a regresar para defenderse. No se atrevieron entonces a enviar al zar el comisionado que se había nombrado en secreto; se soportó la mala fortuna, y se esperó a que Carlos XII se presentase para repararla.

En efecto, Carlos, después de cinco años y algunos meses de estancia en Turquía, partió de allí hacia fines de octubre de 1714. Se sabe que puso en

su viaje la misma singularidad que caracterizaba todas sus acciones. Llegó a Stralsund el 22 de noviembre de 1714. Desde que llegó, el barón de Gortz se acercó a él; había sido el instrumento de una parte de sus desgracias, pero se justificó con tanta habilidad y le hizo concebir esperanzas tan altas, que ganó su confianza como había ganado la de todos los ministros y todos los príncipes con los que había negociado; le hizo esperar que desuniría a los aliados del zar, y que entonces se podría hacer una paz honrosa, o al menos una guerra igual. Desde este momento tuvo sobre Carlos mucho más ascendiente que había tenido nunca el conde Piper.

Lo primero que hizo Carlos al llegar a Stralsund fue pedir dinero a los burgueses de Estocolmo. Lo poco que tenían fue entregado; no se sabía negar nada a un príncipe que no pedía más que para dar, que vivía tan duramente como los simples soldados, que exponía como ellos su vida. Sus desgracias, su cautiverio, su regreso emocionaban a sus súbditos y a los extranjeros; no se podía evitar el vituperarle, ni admirarle, ir compadecerle, ni socorrerle. Su gloria era de un género completamente opuesto a la de Pedro; no consistía en el fomento de las artes, ni en la legislación, ni en la política, ni en el comercio; no

se extendía más allá de su persona; su mérito consistía en un valor superior al ordinario; defendía sus Estados con una grandeza de alma igual a este valor intrépido, y esto era bastante para que las naciones fuesen arrastradas por el respeto hacia él. Tenía más partidarios que aliados.

CAPITULO VI

Estado de Europa al regreso de Carlos XII. Sitio de Stralsund, etc.

Cuando Carlos XII volvió al fin a sus Estados al terminarse el año 1714, encontró la Europa cristiana en una situación muy diferente de aquella en que la había dejado. La reina Ana de Inglaterra había muerto después de haber hecho la paz con Francia; Luis XIV aseguraba en España a su nieto y forzaba al emperador de Alemania, Carlos VI, y a los holandeses a suscribir una paz necesaria; así, todos los asuntos del mediodía de Europa tomaban un aspecto nuevo.

Los del norte habían cambiado más todavía; Pedro había venido a ser su árbitro. El elector de Hannover, llamado al trono de Inglaterra, quería

extender sus posesiones de Alemania a expensas de Suecia, que no había adquirido dominios alemanes sino por las conquistas del gran Gustavo. El rey de Dinamarca pretendía recobrar la Escania, la mejor provincia de Suecia, que había pertenecido en otro tiempo a los daneses. El rey de Prusia, heredero de los duques de Pomerania pretendía volver a entrar, al menos, en una parte de esta provincia. De otro lado, la casa de Holstein, oprimida por el rey de Dinamarca, y el duque de Mecklemburgo casi en franca guerra con sus súbditos, imploraba la protección de Pedro I. El rey de Polonia, elector de Sajonia, deseaba que se anexionase la Curlandia a Polonia; así, desde el Elba hasta el mar Báltico, Pedro era el apoyo de todos los príncipes, como Carlos había sido su terror.

Se negoció mucho desde el regreso de Carlos, y no se avanzó nada. Este creyó que podría tener bastantes buques de guerra y corsarios para no temer al nuevo poder marítimo del zar. Respecto a la guerra por tierra, contaba con su valor; y Gortz, convertido de golpe en su primer ministro, le convenció de que podría subvenir a los gastos con una moneda de cobre, a la que se le dio un valor noventa y seis veces mayor que el natural, lo que es un

prodigio en la historia de los gobiernos. Pero desde el mes de abril de 1715, los buques de Pedro apresaron a los primeros barcos suecos armados en corso que se echaron al mar, y un ejército ruso marchó a la Pomerania.

Los prusianos, los dinamarqueses y los sajones, se unieron ante Stralsund. Carlos XII vio que no había regresado de su prisión de Demirtash y de Demirtoca hacia el mar Negro, más que para ser sitiado a orillas del mar Báltico.

Ya se ha visto en su historia con qué fiero y sereno valor desafió en Stralsund a todos sus enemigos reunidos. No se añadirá aquí más que una pequeña particularidad que marca bien su carácter. Muertos o heridos en el sitio casi todos sus principales oficiales, el coronel barón de Reichel, después de un largo combate, agobiado de sueño y de fatigas, se había tendido sobre un banco para procurarse una hora de descanso, cuando fue llamado para hacer la guardia en la muralla; se hizo el remolón, maldiciendo de la terquedad del rey y de tantas fatigas intolerables e inútiles. El rey, que le oía, se apresuró a presentarse, y despojándose de su manto, que extendió ante él: No podéis más -le dijo- , mi querido Reichel; yo he dormido una hora, estoy fresco y

voy a hacer la guardia en vuestro lugar: dormid; ya os despertaré cuando sea la hora . Dicho esto, le envolvió en el manto, a pesar suyo; le dejó dormir y fue a hacer la guardia.

Octubre 1715. -Durante este sitio de Stralsund el nuevo rey de Inglaterra, elector de Hannover, compró del rey, de Dinamarca la provincia de Brema y Verden, con la ciudad de Stade, que los daneses habían tomado a Carlos XII. Le costó esto al rey Jorge ochocientos mil escudos de Alemania. Así se traficaba con los Estados de Carlos, mientras él defendía a Stralsund palmo a palmo. Al fin, no siendo ya esta ciudad más que un montón de ruinas, sus oficiales le obligaron a salir de ella -diciembre 1715- Cuando estuvo en salvo, su general, Duker, entregó estas ruinas al rey de Prusia.

Algún tiempo después. habiéndose presentado Duker ante Carlos, XII, este príncipe le reprochó el haber capitulado con sus enemigos. Amo demasiado vuestra gloria - le respondió Dulcer - para haceros la afrenta de permanecer en una ciudad de la que Vuestra Majestad había salido. Por lo demás, esta plaza no permaneció sino hasta 1721 en poder de los prusianos, quienes la devolvieron en la paz del Norte.

Durante este sitio de Stralsund, Carlos recibió todavía una mortificación que hubiese sido más dolorosa si su corazón fuese tan sensible a la amistad como lo era a la gloria. Su primer ministro, el conde Piper, hombre célebre, en Europa, siempre fiel a su rey (digan lo que quieran tantos autores indiscretos, bajo la fe de uno solo mal informado); Piper, digo, era su víctima desde la batalla de Pultava. Como no había canje de prisioneros entre los rusos Y los suecos, quedó prisionero en Moscú, y aunque no hubiese sido enviado a Siberia como tantos otros, su estado era lamentable. La hacienda del zar no estaba entonces administrada tan fielmente como debía, y todos sus nuevos establecimientos exigían gastos a los que costaba mucho trabajo atender; además debía, una cantidad de dinero bastante considerable a los holandeses, con motivo de dos de sus barcos mercantes incendiados en las costas de Finlandia. El zar pretendió que eran los suecos quienes debían pagar esta suma, y quiso comprometer al conde Piper a encargarse de esta deuda; se le hizo venir de Moscú a Petersburgo; se le ofreció la libertad en caso de que pudiese girar sobre Suecia unos setenta mil escudos en letras de cambio. Se dice que él giró, en efecto, esa cantidad

contra su mujer en Estocolmo; que ella no estaba en situación ni acaso con voluntad de entregarla, y que el rey de Suecia no hizo tampoco nada para pagarla. Sea como quiera, el conde Piper fue encerrado en la fortaleza de Shlusselbourg, donde murió al año siguiente, a los setenta años de edad. Se envió su cuerpo al rey de Suecia, quien mandó hacerle magníficas exequias; triste e inútil indemnización a tantos infortunios y a fin tan deplorable.

Pedro estaba satisfecho por poseer la Livonia, la Estonia, la Carelia, la Ingria, que consideraba como provincias de sus Estados, y de haber añadido a ellas casi toda la Finlandia, que serviría de prenda en caso de que se pudiese llegar a la paz. Había casado una hija de su hermano con el duque de Mecklemburgo, Carlos Leopoldo, en el mes de abril de aquel mismo año; de modo que todos los príncipes del Norte eran sus aliados o creación suya. En Polonia contenía a los enemigos del rey Augusto: uno de sus ejércitos, de unos diez y ocho mil hombres, disolvía allí sin trabajo todas las confederaciones con tanta frecuencia renacientes en esta patria de la libertad y de la anarquía. Los turcos, fieles al fin a los tratados, dejaban en su poder y a su voluntad todos sus dominios.

En este estado floreciente casi no había día que no se distinguiese por alguna nueva creación para la marina, las tropas, el comercio, las leyes; él mismo compuso un código militar para la infantería.

8 noviembre 1715. -En Petersburgo fundaba una academia de marina. Lange, encargado de los intereses del comercio, partía para la China por la Siberia; los ingenieros levantaban cartas en todo el imperio; se construía la quinta de recreo de Petershoff, y al mismo tiempo se hacían fuertes sobre el Irtish; se contenía el pillaje de los pueblos de la Boukaria, y, por otra parte, los tártaros de Kouban eran reprimidos.

Pareció el colmo de la prosperidad el nacimiento, en el mismo año, de un hijo de su mujer Catalina y de un heredero de sus Estados en un hijo del príncipe Alejo; pero el hijo que le dio la zarina fue bien pronto arrebatado por la muerte; y ya veremos que la suerte de Alejo fue demasiado funesta para que el nacimiento de un hijo de este príncipe pudiese ser mirado como una dicha.

El parto de la zarina interrumpió los viajes que hacía constantemente con su esposo por tierra y por mar; pero en cuanto se levantó, volvió a acompañarle en excursiones nuevas.

CAPITULO VII

Toma de Vismar. -Nuevos viajes del zar.

Vismar estaba entonces sitiada por todos los aliados del zar. Esta ciudad, que debía naturalmente pertenecer al duque de Mecklemburgo, está situada sobre el mar Báltico, a siete leguas de Lubec, y podría disputarle su gran comercio; era en otro tiempo una de las más importantes ciudades anseáticas, y los duques de Mecklemburgo ejercían allí el derecho de protección mucho más que el de soberanía. Esta era una de las posesiones de Alemania que habían quedado a los suecos por la paz de Westfalia. Tuvieron al fin que entregarla como Stralsund: los aliados del zar se apresuraron a hacerse dueños de ella antes de que hubiesen llegado sus tropas: pero Pedro, que vino él mismo ante la plaza después de la ca-

pitulación que había sido hecha sin él, hizo a la guarnición prisionera de guerra -Febrero 1715.- Le indignó que sus aliados dejasen al rey de Dinamarca una ciudad que debía pertenecer al príncipe a quien él había dado su sobrina, y este disgusto, del que el ministro Gortz se aprovechó inmediatamente, fue el primer origen de la paz que proyectó hacer entre el zar y Carlos XII.

Gortz, desde este momento, hizo comprender al zar que Suecia estaba ya bastante hundida, que no convenía elevar demasiado a Dinamarca y Prusia. El zar participaba de su opinión; él no había hecho nunca la guerra más que como político, mientras que Carlos XII no la había hecho sino como guerrero. Desde entonces no procedió más que muy flojamente contra Suecia; y Carlos XII, desgraciado por todas partes en Alemania, resolvió, por uno de esos golpes desesperados que sólo el buen éxito puede justificar, ir a llevar la guerra a Noruega.

El zar, entre tanto, quiso hacer un segundo viaje a Europa. Había hecho el primero como hombre que había querido instruirse en las artes; hizo el segundo como príncipe que trataba de penetrar el secreto de todas las cortes. Llevó a su mujer a Copenhague, a Lubec, a Schwerin, a Neustadt; vio al

rey de Prusia en la pequeña ciudad de Aversberg; de allí pasaron a Hamburgo, a aquella ciudad de Altona que los suecos habían incendiado y que se reedificaba. Bajando por el Elba hasta Stade, pasaron por Brema, donde las autoridades les obsequiaron con fuegos de artificio y una iluminación cuyo dibujo formaba en cien lugares diferentes estas palabras: *Nuestro libertador viene a vernos* -17 diciembre 1716-. En fin, volvió a ver Amsterdam y aquella pequeña choza de Sardam, donde había aprendido el arte de la construcción de barcos hacía unos diez y ocho años; encontró esta choza transformada en una casa agradable y cómoda, que subsiste todavía y que se llama la *Casa del príncipe.*

Se puede suponer con qué idolatría fue recibido por un pueblo de comerciantes y marinos, de quienes había sido compañero; creían ver en el vencedor de Pultava a su discípulo, que había fundado en sus Estados el comercio y la marina, que había aprendido de ellos a ganar batallas navales; le miraban como a uno de sus conciudadanos llegado a emperador.

Parece que en la vida, en los viajes, en las acciones de Pedro el Grande, como en las de Carlos XII, todo está alejado de nuestras costumbres, acaso

demasiado afeminadas; por esto mismo es por lo que la historia de estos dos hombres célebres excita tanto nuestra curiosidad.

La esposa del zar residía en Schverin, enferma, muy avanzada en su nuevo embarazo; sin embargo, en cuanto pudo ponerse en camino, quiso ir a encontrar al zar en Holanda -14 enero 1717-; los dolores la sorprendieron en Vesel, donde dio a luz un príncipe que no vivió más que un día. No está dentro de nuestras costumbres que una mujer enferma viaje inmediatamente después de haber dado a luz: la zarina, al cabo de diez días, llegó a Amsterdam; quiso ver la choza de Sardam, en la que el zar había trabajado con sus manos; los dos fueron sin ceremonias, sin séquito, con dos criados, a comer a casa de un rico carpintero de barcos de Sardam, llamado Kalf, el primero que había comerciado en Petersburgo.

El hijo había regresado de Francia, adonde Pedro quería ir; la zarina y él escucharon con placer la aventura de este joven, que yo no referiría si no diese a conocer costumbres completamente opuestas a las nuestras.

El hijo del carpintero Kalf había sido enviado a París para aprender en él el francés, y su padre había

querido que viviese allí honorablemente. Ordenó que el joven abandonase el traje más que sencillo, que todos los ciudadanos de Sardam llevan, y que hiciese en París un gasto más conveniente fortuna que a su educación, conociendo bastante a su hijo para esperar que este cambio no corrompiera su frugalidad y bondad de su carácter.

Kalf significa becerro en todas las lenguas del Norte; el viajero tomó en París el nombre Becerro; vivió con alguna magnificencia; entró en sociedad. Nada más común en París que prodigar los títulos de marqués y de conde a los que no tienen ni una tierra señorial, y que son apenas hidalgos; esta ridiculez ha sido siempre tolerada por el Gobierno a fin de que, estando las clases más confundidas y la nobleza menos encumbrada, se estuviese en lo sucesivo al abrigo de las guerras civiles, en otro tiempo tan frecuentes. El título de alto y poderoso señor ha sido adquirido por ennoblecidos por plebeyos que habían comprado a altos precios los cargos. En fin, los nombres de marqués, de conde, sin marquesado y sin conde marqués, como de caballero sin orden, y de abad sin abadía no tiene consecuencia alguna en la nación.

Los amigos Y los criados de Kalf le llamaban siempre el conde del Becerro; él cenó en casa de las princesas y figuró en la de la duquesa de Berry; pocos extranjeros fueron más festejados. Un joven marqués, que le había acompañado en todas sus diversiones, le prometió ir a verle a Sardam, y cumplió su palabra. Al llegar a este pueblo preguntó por la casa del conde de Kalf; encontró un taller de constructores de navíos y al joven Kalf, vestido de marinero holandés, el hacha en la mano, trabajando en las obras de su padre. Kalf recibió a su huésped con toda su sencillez antigua, que había recobrado, y de la que no se desprendió ya más. Un lector juicioso puede perdonar esta pequeña digresión, que no es sino la condenación de las vanidades y el elogio de las costumbres.

El zar permaneció tres meses en Holanda. Ocurrieron durante su estancia cosas más serias que la aventura de Kalf. La Haya, desde la paz de Nimega, de Rysvyk y de Utrecht, había conservado la reputación de ser el centro de las negociaciones de Europa: esta pequeña ciudad, o más bien villorrio, el más agradable del Norte, estaba principalmente habitada por ministros de todas las cortes y por viajeros que venían a instruirse en esta escuela. Se, ponían en-

tonces las bases de una gran revolución en Europa. El zar, informado de los orígenes de estas tormentas, prolongó su estancia en los Países Bajos para estar más al alcance de lo que se tramaba a la vez en el Mediodía y en el Norte, y para decidir el partido que debía tomar.

CAPITULO VIII

Continuación de los viajes de Pedro el Grande. -Conspiración de Gortz. -Recepción de Pedro en rancia.

El veía cuán celosos estaban sus aliados de su poder, y que frecuentemente se tienen más disgustos con los amigos que con los enemigos.

El Mecklemburgo era uno de los principales motivos de estas discusiones, casi siempre inevitables entre príncipes vecinos que reparten sus conquistas. Pedro no había querido que los daneses tomasen Vismar para sí y menos aún que demoliesen las fortificaciones; sin embargo, habían hecho lo uno y lo otro.

El duque de Mecklemburgo, casado con su sobrina, y a quien consideraba como yerno, era fran-

camente protegido por él contra la nobleza del país; y el rey de Inglaterra protegía a la nobleza. En fin, comenzaba a estar muy, descontento del rey de Polonia, o más bien de su, primer ministro, el conde Flemming, quien quería sacudir el yugo de la dependencia, impuesto por los beneficios y por la fuerza.

Las cortes de Inglaterra, de Polonia, de Dinamarca, de Holstein, de Mecklemburgo, de Brandeburgo estaban agitadas por intrigas y conjuraciones.

A fines de 1716 y a principios de 1717, Gortz, que, como dicen las Memorias de Bassevitz, estaba cansado de no tener más que el título de consejero de Holstein y de no ser más que un plenipotenciario secreto de Carlos XII, había hecho nacer la mayor parte de estas intrigas, y resolvió aprovecharse de ellas para conmover a Europa. Su plan era aproximar a Carlos XII al zar, no sólo para terminar su guerra, sino para unirlos, reponer a Estanislao en el trono de Polonia y quitar al rey de Inglaterra, Jorge I, Brema y Verden, y aun el trono mismo de Inglaterra, a fin de ponerle en situación de no poder apropiarse los despojos de Carlos.

En la misma época había un ministro de igual carácter, cuyo proyecto era trastornar Inglaterra y

Francia; era el cardenal Alberoni, más dueño entonces de España de lo que era Gortz en Suecia, -hombre tan audaz y tan emprendedor como él pero mucho más poderoso, porque estaba al frente de un reino más rico y porque no pagaba a sus favorecidos en moneda de cobre.

Gortz, desde las costas del mar Báltico, se unió en seguida a la Corte de Madrid. Alberoni y él estuvieron igualmente en inteligencia con todos los ingleses errantes adictos a la casa Estuardo. Gortz acudió a todos los Estados en que podía encontrar enemigos del rey Jorge: Alemania, Holanda, Flandes, Lorena y al fin París, a fines del año 1716. El cardenal Alberoni comenzó por enviarle al mismo París un millón de libras de Francia para empezar a prender fuego a la pólvora ésta era la expresión de Alberoni.

Gortz quería que Carlos cediese mucho a Pedro, para recobrar todo lo demás de sus enemigos, y que pudiese libremente hacer un desembarco en Escocia, mientras que los partidarios de los Estuardos se decidieran eficazmente después de tantas demostraciones inútiles. Para realizar estos proyectos era necesario privar al rey de Inglaterra de su mayor apoyo, y este apoyo era el regente de Francia. Era

extraordinario ver a Francia unida con un rey de Inglaterra contra el nieto de Luis XIV, que esta misma Francia había puesto en el trono de España a costa de su tesoro, de su sangre, a pesar de tantos enemigos conjurados. Pero todo se había desviado entonces de su cauce natural, y los intereses del regente no eran los intereses del reino. Alberoni preparó desde entonces una conspiración en Francia contra este regente. Los cimientos de toda esta vasta empresa fueron echados casi inmediatamente de haberse terminado el plan. Gortz fue el primero que estuvo en el secreto, y le correspondía entonces ir, disfrazado, a Italia, para entrevistarse con el pretendiente cerca de Roma, y de allí salir para La Haya, ver en ella al zar y terminar todo junto al rey de Suecia.

El que escribe esta historia está muy enterado de lo que expone, puesto que Gortz le propuso acompañarle en sus viajes y porque, a pesar de lo joven que era entonces, fue uno de los primeros testigos de gran parte de estas intrigas.

Gortz había vuelto a Holanda a fines de 1716, provisto de las letras de cambio de Alberoni y de plenos poderes de Carlos. Es seguro que el partido del pretendiente debía levantarse mientras que Car-

los descendería de Noruega al norte de Escocia. Este príncipe, que no había podido conservar sus Estados en el continente, iba a invadir y a trastornar los de otro; y de la prisión de Demirtash, en Turquía, y de las cenizas de Stralsund, se hubiese podido verle ir a coronar al hijo de Jacobo II, en Londres, como había coronado a Estanislao, en Varsovia.

El zar, que sabía una parte de las empresas de Gortz, esperaba su desarrollo, sin entrar en ninguno de sus planes y sin conocerlos todos; amaba lo grande y lo extraordinario tanto como Carlos XII, Gortz y Alberoni; pero lo amaba como fundador de un Estado, como legislador, como verdadero político; y acaso Alberoni, Gortz y el mismo Carlos eran más bien hombres inquietos que intentaban grandes aventuras, que hombres profundos que toman medidas razonables; puede ser, sin embargo, que por sus malos éxitos se les acuse de temeridad.

Cuando Gortz fue a La Haya, el zar no lo vio; hubiera infundido demasiadas sospechas a los Estados generales, sus amigos, unidos al rey de Inglaterra; sus ministros no vieron a Gortz más que en secreto, con las mayores precauciones, con orden de escuchar todo y de dar esperanzas, sin contraer nin-

guna obligación y sin comprometerle. Sin embargo, los perspicaces notaban bien su inacción, ya que él hubiese podido bajar a Escania con su flota y la de Dinamarca, en su frialdad hacia sus aliados, en las quejas que se escapaban de sus cortes y, en fin, en su viaje mismo; que en los asuntos se verificaba un gran cambio que no tardaría en manifestarse.

En el mes de enero de 1717, un paquebote sueco que conducía cartas a Holanda se vio obligado por el temporal a arribar a Noruega, y las cartas fueron cogidas. Se encontraron en las de Gortz y algunos ministros los hilos de la revolución que se tramaba. La Corte de Dinamarca comunicó las cartas a la de Inglaterra. Inmediatamente se hizo detener en Londres al ministro sueco Gyllembourg; se apoderaron de sus papeles, y entre ellos se encontró una parte de su correspondencia con los jacobitas.

Febrero 1717. -El rey Jorge escribe incontinenti a Holanda; exige que, según los tratados que ligan a Inglaterra y los Estados generales para su seguridad común, el barón de Gortz sea detenido. Este ministro, que en todas partes tenía adictos a su persona, fue advertido de tal orden, y partió incontinenti; estaba ya en Arnhein, en la frontera, cuando los oficiales y los guardias que corrían detrás de él con una

celeridad poco común en aquel país, le prendieron, se apoderaron de sus papeles, tratándolo además duramente; el secretario, Stamke, aquel mismo que había falsificado la firma del duque de Holstein en el asunto de Tonninge, más maltratado todavía. En fin, el conde de Gyllembourg, diplomático de Suecia en Inglaterra, y el barón de Gortz con cartas del ministro plenipotenciario de Carlos XII, fueron interrogados, uno en Londres, el otro en Arnheim, como criminales. Todos los ministros de los soberanos clamaron contra la violación del derecho de gentes.

Este derecho, que es con más frecuencia reclamado que bien conocido, y del que nunca han sido determinados su extensión y límites, ha sido en todo tiempo víctima de atentados. Se han expulsado varios ministros de las cortes en que residían; más de una vez se les ha detenido; pero nunca se había visto hasta ahora interrogar a los ministros extranjeros como súbditos del país. La corte de Londres y los Estados saltaron por encima de todas las reglas, en vista del peligro que amenazaba a la casa de Hannover; pero, al fin, estando ya el peligro al descubierto, dejaba de ser peligro, al menos en la presente ocasión.

Es preciso que el historiador Norberg haya estado muy mal informado, que haya conocido muy mal a los hombres y los asuntos, o que haya sido cegado por la parcialidad, o por lo menos muy atado por su Corte, para tratar de hacer comprender que el rey de Suecia no había entrado mucho antes en el complot.

La afrenta hecha a sus ministros le afirmó en la resolución de intentar todo para destronar al rey de Inglaterra. Entre tanto, fue necesario que una vez en su vida usase el disimulo, que desaprobase a sus ministros cerca del regente de Francia, que le concedía un subsidio, y cerca de los estados generales, a quienes quería halagar; dio menos satisfacciones al rey Jorge. Gortz y Gyllembourg, sus ministros, estuvieron presos cerca de seis meses, y este largo ultraje confirmó en él todos sus intentos de venganza.

Pedro, en medio de tantas alarmas y de tantos recelos, no exponiéndose en nada, esperando toda del tiempo, y habiendo puesto en bastante buen orden sus vastos Estados, para no tener nada que temer ni de dentro ni de fuera, resolvió al fin ir a Francia; no entendía la lengua del país, y por ello perdía el principal fruto de su viaje; pero pensaba que tenía mucho que ver, y quiso, saber en qué si-

tuación estaba el regente de Francia, con Inglaterra, y si ese príncipe estaba seguro.

Pedro el Grande fue recibido en Francia como, debía serlo. Se envió desde luego al mariscal de Tessé, con un gran número de señores, un escuadrón de guardias y las carrozas del rey, a su encuentro. Había procedido, según su costumbre, con tal celeridad, que estaba él ya en Gournay cuando los equipajes llegaron a Elbeuf. Se le regaló en el camino con todas las fiestas que tuvo, a bien aceptar. Se le recibió primeramente en el Louvre, donde un gran aposento estaba destinado para él, y otros para todo su séquito, para los príncipes Kourakin y Dolgorouki, para el vicecanciller barón Schaffirof, para el embajador Tolstoy, el mismo que había sufrido tantas violaciones del derecho de gentes en Turquía. Toda esta corte debía estar magníficamente alojada y servida; pero como Pedro había venido para ver lo que podía serle útil y no para aguantar vanas ceremonias que molestaban su sencillez y que consumían un tiempo precioso, fue a alojarse aquella misma noche al otro extremo de la ciudad, al palacio u hotel de Lesdiguieres, que pertenecía al mariscal de Villeroi, donde fue tratado y agasajado como en el Louvre. (8 mayo 1717). Al día siguiente,

el regente de Francia fue a saludarle a este hotel; a los dos días se le llevó el rey todavía niño, conducido por el mariscal Villeroi, su ayo, cuyo padre había sido ayo también de Luis XIV. Se evitó hábilmente al zar la molestia de devolver la visita inmediatamente después de haberla recibido; hubo dos días de intervalo; recibió los saludos del Ayuntamiento, y fue por la tarde a ver al rey; la servidumbre del rey estaba toda formada. Se condujo al joven príncipe hasta la carroza del zar; Pedro, sorprendido e inquieto por la multitud que se apretaba alrededor del rey niño, lo cogió y, lo llevó algún tiempo en sus brazos.

Algunos ministros, más maliciosos que sensatos, han escrito que, queriendo el mariscal de Villeroi conceder al rey de Francia la preferencia y la prioridad, el emperador de Rusia se sirvió de esta estratagema para impedir tal ceremonia con un rasgo de cariño y ternura; esta es una suposición completamente errónea; la cortesía francesa y lo que se debía a Pedro el Grande no permitían que se trocasen en disgustos los honores que se le tributaban. La ceremonia consistía en hacer por un gran monarca y gran hombre lo que él mismo hubiese deseado si hubiese prestado atención a esos pormenores. Los

viajes de los emperadores Carlos IV, Segismundo y Carlos V a Francia distaron mucho de haber tenido una celebridad comparable a la de la estancia en ella de Pedro el Grande. Esos emperadores no fueron allí sino por intereses políticos y en un tiempo en que la perfección de las artes no podía hacer de su viaje una época memorable; pero cuando Pedro el Grande fue a comer a casa del duque de Antin, en el palacio de Petitbourg, a tres leguas de París, y al final de la comida vio su retrato, que se acababa de pintar, colocado de pronto en la sala, comprendió que los franceses sabían recibir un huésped tan digno, mejor que ningún pueblo del mundo.

Todavía se sorprendió más cuando al ir a ver acuñar medallas en esta gran galería del Louvre donde todos los artistas del rey están honorablemente alojados, habiéndose caído una medalla que se acuñaba, y apresurándose el zar a recogerla, se vio grabado en ella, con una Fama en el reverso, poniendo un pie sobre el globo, y estas palabras de, Virgilio, tan apropiadas a Pedro el Grande: *Vires acquirit eundo;* alusión igualmente fina y noble e igualmente concerniente a sus viajes y a su gloria; los ofrecieron de estas medallas de oro a él y a todos los que le acompañaban. ¿Iba a casa de los ar-

tistas? Ponían a sus pies todas las obras maestras y le suplicaban se dignase, recibirlas. ¿Iba a ver los lizos altos de los Gobelinos, los tapices de la Jabonería, los talleres de los escultores, de los pintores, de los orfebres del rey, de los fabricantes de instrumentos de matemáticas? Todo lo que parecía merecer su aprobación lo era ofrecido de parte del rey.

Pedro era mecánico, artista, geómetra. Fue a la Academia de Ciencias, que se engalanó para recibirle con todo lo que tenía de más extraordinario; pero no hubo nada tan extraordinario como él mismo: él corrigió con su propia mano varios errores geográficos en las cartas que había de sus Estados, y sobre todo en las del mar Caspio. En fin, se dignó ser uno de los miembros de esta Academia, y mantuvo después correspondencia, seguida de experiencias y de descubrimientos, con aquellos de quienes accedía a ser un simple colega. Es preciso remontarse a los Pitágoras y a los Anacarsis para encontrar semejantes viajeros, y ellos no habían dejado un imperio para instruirse.

No se puede dejar de poner aquí ante los ojos del lector el entusiasmo que le sobrecogió al contemplar la tumba del cardenal Richelieu. Poco impresionado por la belleza de esta obra maestra de

escultura, lo fue únicamente por la imagen de un ministro que se había hecho célebre en Europa trastornándola toda, y que había devuelto a Francia su gloria, perdida después de la muerte de Enrique IV. Se sabe que abrazó esta estatua, y que exclamó: ¡Gran hombre! Yo te hubiera cedido la mitad de mis Estados para aprender de ti a gobernar la otra.

En fin, antes de partir quiso ver a la célebre madame de Maintenon, que él sabía que era efectivamente viuda de Luis XIV y que estaba próxima a su fin. Esta especie de analogía entre el casamiento de Luis XIV y el suyo excitaba vivamente su curiosidad; pero había entre el rey de Francia y él esta diferencia: que él se había casado públicamente con una heroína, y Luis XIV no había tenido en secreto sino una mujer amable. La zarina no le había acompañado en este viaje; Pedro había temido demasiado las molestias del ceremonial y la curiosidad de una corte poco hecha para apreciar el mérito de una mujer que desde las orillas del Pruth a las de Finlandia había afrontado la muerte al lado de su esposo por mar y por tierra.

CAPITULO IX

Regreso del zar a sus Estados. -Su política, sus ocupaciones.

La conducta observada por la Sorbona con él cuando fue a ver el mausoleo del cardenal Richelieu merece ser tratada aparte.

Algunos doctores de la Sorbona quisieron tener la gloria de reunir la Iglesia griega con la Iglesia latina. Los que conocen la historia antigua, saben muy bien que el cristianismo ha venido al Occidente por intermedio de los griegos del Asia y que en Oriente es donde ha nacido; que los primeros Padres, los primeros concilios, las primeras liturgias, los primeros ritos, todo es de Oriente; que no hay ni un solo nombre de dignidad o de empleo que no sea griego, que no declare todavía hoy la fuente de donde nos

ha venido todo. Habiéndose dividido el imperio romano, era imposible que no llegase a haber en él, tarde o temprano, dos religiones, como dos imperios, y que no se produjese entre los cristianos de Oriente y de Occidente el mismo cisma que entre los osmanlíes y los persas.

Este cisma es el que algunos doctores de la Universidad de París creyeron apagar de repente entregando una memoria a Pedro el Grande. El Papa León IX y sus sucesores no lo habían conseguido con legados, concilios, y hasta con dinero. Esos doctores hubieran debido saber que Pedro el Grande, que dirigía su Iglesia, no era hombre capaz de reconocer al Papa. En vano hablaron en su memoria de las libertades de la Iglesia galicana, de la que el zar apenas se cuidaba; en vano dijeron que los papas deben estar sometidos a los concilios y que la opinión de un Papa no es un dogma de fe: no consiguieron más que disgustar a la corte de Roma con su escrito, sin agradar al emperador de Rusia ni a la Iglesia rusa.

Había en ese plan un conjunto de asuntos políticos que no entendían, y puntos de controversia que decían entender, y que cada partido explica como quiere. Se trataba del Espíritu Santo, que proce-

de del Padre y del Hijo, según los latinos, y que procede hoy del Padre por intermedio del Hijo, según los griegos, después de no haber procedido durante mucho tiempo más que del Padre; citaban a San Epifanio, quien dijo que, el Espíritu Santo no es hermano del Hijo ni nieto del Padre .

Pero el zar, al partir de París, tenía otros asuntos que no consistían en verificar pasajes de San Epifanio. Recibió con bondad las memorias de los doctores. Estos escribieron a algunos obispos rusos, que enviaron una respuesta cortés; pero la mayoría se indignó con la proposición.

Para disipar los temores de este proyecto de unión fue para, lo que instituyó algún tiempo después la fiesta cómica del conclave, cuando hubo expulsado a los jesuitas de sus Estados, en 1718.

Había en su corte un viejo loco, llamado Sotof, que le había enseñado a escribir y que se imaginaba haber merecido por ese servicio las dignidades más importantes. Pedro, que endulzaba de vez en cuando los sinsabores del gobierno con bromas adecuadas a un pueblo no enteramente reformado todavía por él, prometió dar a su maestro de escritura una de las primeras dignidades del mundo: le hizo knés papa, con dos mil rublos de sueldo, y le destinó una

casa en Petersburgo, en el barrio de los tártaros; unos bufones lo instalaron con gran ceremonia; fue arengado por cuatro tartamudos; creó cardenales, y marchó en procesión al frente de ellos. Todo este sagrado colegio estaba borracho de aguardiente. Después de la muerte de este Sotof, un empleado llamado Buturlin fue nombrado papa. Moscú y Petersburgo han visto renovar por tres veces esta ceremonia, cuya ridiculez parecía no tener consecuencias, pero, que, en realidad, confirmaba a las gentes en su aversión por una Iglesia que aspiraba a un poder supremo y cuyo jefe había anatematizado tantos reyes. El zar, en broma, vengaba a veinte emperadores de Alemania, diez reyes de Francia y una multitud de soberanos. Ese fue todo el fruto que, la Sorbona recogió de la idea poco política de reunir las Iglesias griega y latina.

El viaje del zar a Francia fue más útil por su relación con este reino, comerciante y poblado de industriales, que por la pretendida unión de dos Iglesias rivales, de las cuales una mantendrá siempre su antigua independencia, y la otra su nueva superioridad.

Pedro llevó consigo varios artesanos franceses, así como había llevado otros de Inglaterra; pues to-

das las naciones por donde viajaba tuvieron a gran honor secundarle en su proyecto de llevar todas las artes a una patria nueva y concurrir a esta especie de creación.

Trazó entonces un tratado de comercio con Francia, y lo entregó a sus ministros en Holanda en cuanto estuvo de regreso. No pudo ser firmado por el embajador de Francia, Chateauneuf, hasta el 15 de agosto de 1717, en La Haya. Este tratado no se reducía solamente al comercio; atendía también a la paz del Norte. El rey de Francia, el elector de Brandeburgo, aceptaron el título de mediadores que se les asignó; era bastante para hacer ver al rey de Inglaterra que no estaba contento de él y para colmar las esperanzas de Gortz, quien desde entonces puso todo en obra para reunir a Pedro y Carlos, para suscitar a Jorge nuevos enemigos y para dar la mano al cardenal Alberoni de un extremo al otro de Europa. El barón de Gortz vio entonces públicamente en La Haya a los ministros del zar, y les declaró que tenía plenos poderes para concluir la paz con Suecia.

El zar dejaba a Gortz preparar todas sus baterías sin mezclarse en ello, presto a hacer la paz con el rey de Suecia, pero también a continuar la guerra,

siempre aliado con Dinamarca, Polonia, Prusia y aun, en apariencia, con el elector de Hannover.

Parece evidente que no tenía formado más proyecto que el de aprovechar las ocasiones. Su principal objeto era perfeccionar todas sus nuevas fundaciones. Sabía que las negociaciones, los intereses de los príncipes, sus alianzas, sus amistades, sus desconfianzas, sus enemistades, experimentan casi todos los años vicisitudes, y con frecuencia no queda rastro alguno de tantos esfuerzos políticos. Una sola manufactura bien establecida hace muchas veces más bien a un Estado que veinte tratados.

Una vez reunido Pedro con su mujer, que le esperaba en Holanda, continuó sus viajes con ella; atravesaron juntos Westfalia y llegaron a Berlín sin ningún aparato. El nuevo rey de Prusia no era menos enemigo de las vanidades del ceremonial y de la magnificencia que el monarca, de Rusia. Era un espectáculo instructivo para la etiqueta de Viena y de España, para el *punctilio* de Italia y para la afición al lujo que reina en Francia, el de un rey que no se servía nunca más que de un sillón de madera, que no vestía sino de simple soldado y que se había prohibido todas las delicadezas de la mesa y todas las comodidades de la vida. El zar y la zarina llevaban

una vida tan sencilla y tan dura; y si Carlos XII se hubiese encontrado entre ellos se hubiesen visto juntas cuatro testas coronadas acompañadas de menos fausto que un obispo alemán o que un cardenal de Roma. Jamás el lujo y la molicie han sido combatidos con tan nobles ejemplos.

Es preciso confesar que uno de nuestros ciudadanos se atraería toda nuestra consideración y sería mirado como un hombre extraordinario si hubiese hecho una vez en su vida, por curiosidad, la quinta parte de los viajes que hizo Pedro por el bien de sus Estados. Desde Berlín va a Danzik con su mujer; protege en Mittau a la, duquesa de Curlandia, su sobrina, que había enviudado; visita todas sus conquistas; da nuevos reglamentos en Petersburgo; va a Moscú; allí hace reconstruir algunas casas particulares convertidas en ruinas; de allí se traslada a Czarisin, sobre el Volga, para detener las incursiones de los tártaros de Kouban; construye trincheras del Volga al Tanais y hace erigir fuertes de trecho en trecho, de un río al otro. Durante ese mismo tiempo hace imprimir el código militar que ha compuesto. Establece una sala de justicia para examinar la conducta de sus ministros y para poner orden en la hacienda; perdona a algunos culpables; castiga a otros;

el príncipe Menzikoff fue también uno de los que necesitaron su clemencia; pero un proceso más severo que se creyó obligado a emprender contra su propio hijo llenó de amargura una vida tan gloriosa.

CAPITULO X

Condena del príncipe Alejo Petro itz.

Pedro el Grande había casado en 1689, a la edad de diez y siete años, con Eudoxia-Teodora, o Teodorouna Lapoukin, educada en todos los prejuicios de su país e incapaz de elevarse sobre ellos como su esposo. Las mayores contrariedades que experimentó cuando quiso crear un imperio y formar hombres procedieron de su mujer; estaba dominada por la superstición, con tanta frecuencia unida a su sexo. Todas las novedades útiles le parecían sacrilegios, y todos los extranjeros de que el zar se servía para ejecutar sus grandes proyectos le parecían corruptores.

Sus lamentaciones públicas alentaban a los facciosos y partidarios de las antiguas costumbres: su

conducta, por otra parte, no reparaba faltas tan graves. En fin: el zar se vio obligado a repudiarla en 1696, y a encerrarla en un convento en Susdal, donde se le hizo tomar el velo bajo el nombre de Elena.

El hijo que lo había dado en 1690 nació, desgraciadamente, con el carácter de su. madre, y ese carácter se fortificó por la primera educación recibida. Mis Memorias dicen que ésta fue confiada a supersticiosos, que le dañaron el espíritu para siempre. Inútilmente se creyó corregir esas primeras impresiones nombrándole preceptores extranjeros, y hasta esta misma cualidad de extranjeros le sublevó. Y no es que hubiese nacido sin lucidez de espíritu; hablaba y escribía bien el alemán; dibujaba; aprendió un poco de matemáticas; pero estas mismas Memorias que se me han confiado aseguran que la lectura de libros eclesiásticos fue lo que le perdió. El joven Alejo creyó ver en estos libros la reprobación de todo lo que hacía su padre. Había varios sacerdotes al frente de los descontentos y él se dejó gobernar por estos sacerdotes.

Estos le persuadían de que toda la nación veía con horror las empresas de Pedro; que las frecuentes enfermedades del zar no le prometían una larga vida; que su hijo no podía esperar agradar a la na-

ción sino demostrando su aversión por todo lo nuevo. Estas murmuraciones y estos consejos no llegaban a formar una facción abierta, una conspiración; pero todo parecía tender a ello y los ánimos estaban caldeados.

El casamiento de Pedro con Catalina en 1707, y los hijos que tuvo de ella, acabaron de agriar el carácter del joven príncipe. Pedro intentó todos los medios para atraerle: hasta le puso al frente de la regencia durante un año; le hizo viajar; le casó en 1711, al final de la batalla del Pruth, con la princesa de Volfenbuttel, como ya hemos referido. Este matrimonio fue muy desgraciado.

Alejo, a la edad de veintidós años, se entregó a todos los desórdenes de la juventud y a todas las groserías de las antiguas costumbres, que le eran tan queridas; estos desórdenes le embrutecieron. Su mujer, despreciada, maltratada, careciendo de lo necesario, privada de todo consuelo, languideció con la pena, y murió al fin de dolor en 1715, el 1 de noviembre.

Dejaba al príncipe Alejo un hijo que acababa de dar a luz, y este hijo debía ser un día el heredero del imperio, según el orden natural. Pedro presentía con dolor que, después de él, todos sus trabajos serían

destruidos por su propia sangre. Escribió a su hijo después de la muerte de la princesa una carta igualmente patética y amenazadora; acababa con estas palabras: Todavía esperaré un poco tiempo, para ver si queréis corregiros; si no, sabed que os privaré de la sucesión, como se cercena un miembro inútil. No imaginéis que sólo deseo intimidaros; no os descanséis en el título de hijo mío único; pues si no perdono ni a mi propia vida por mi patria y por la salud de mis pueblos, ¿cómo podré perdonaros? Preferiría transmitirlos primero a un extranjero que lo mereciese, que a mi propio hijo que se hizo indigno de ello.

Esta carta es propia de un padre, pero más todavía de un legislador; hace ver, por otra parte, que el orden en la sucesión no estaba invariablemente establecido en Rusia, como en otros reinos, mediante leyes que privan a los padres del derecho de desheredar a sus hijos; y el zar creía sobretodo tener la prerrogativa de disponer de un imperio que él había fundado.

En aquel mismo tiempo, la emperatriz Catalina dio a luz un príncipe que murió después, en 1719. Sea porque esta noticia abatió el ánimo de Alejo, sea por prudencia, sea por malos consejos, él escribió a

su padre que renunciaba a la corona y a toda esperanza de reinar: Tomo a Dios por testigo -dice- y juro por mi alma que no aspiraré jamás a la sucesión. Pongo mis hijos en vuestras manos y no pido más que mi manutención durante mi vida.

Su padre le escribió por segunda vez: Observo -dice- que no habláis en vuestra carta más que de la sucesión, como si yo tuviese necesidad de vuestro consentimiento. Os he dado a conocer el dolor que vuestra conducta me ha producido durante tantos años, y no me habláis nada de ello. Las exhortaciones paternales no os impresionan. Me he decidido a escribiros por última vez. Si despreciáis mis consejos durante mi vida, ¿qué caso haréis de ellos después de mi muerte? Aun cuando en este momento tuvieseis el propósito de ser fiel a vuestras promesa, los barbudos podrán haceros cambiar a su antojo y os obligarán a violarlas... Esas gentes sólo en vos se apoyan. No tenéis ninguna gratitud para el que os ha dado la vida. ¿Le ayudasteis en sus trabajos desde que habéis llegado a la edad madura? ¿No vituperáis, no detestáis todo cuanto puedo hacer por el bien de mis pueblos? Tengo motivos para creer que si me sobrevivieseis destruiríais mi obra. Corregios, haceos digno de la sucesión, o haceos monje. Res-

ponded, sea por escrito, sea de viva voz; si no, os trataré como a un malhechor.

La carta era dura; fácil le era al príncipe contestar que cambiaría de conducta; pero se contentó con responder en cuatro líneas a su padre que quería hacerse monje.

Esta solución no parecía natural, y resulta extraño que el zar quisiese viajar dejando en sus Estados un hijo tan descontento y tan obstinado; pero también este mismo viaje prueba que el zar no veía ninguna conspiración que temer por parte de su hijo.

Fue a verle antes de partir para Alemania y Francia; el príncipe, enfermo, o fingiendo estarlo, le recibió en la cama y le confirmó con los más grandes juramentos su deseo de retirarse a un claustro. El zar le dio seis meses para consultarse y partió con su esposa.

Apenas llegó a Copenhague supo -lo que ya podía presumir- que Alejo sólo trataba a descontentos que alababan su disgusto. Le escribió que tenía que escoger entre el convento y el trono, y que si quería sucederle un día era preciso que viniese a encontrarle a Copenhague.

Los confidentes del príncipe le persuadieron de que sería peligroso para él encontrarse, alejado de todo consejo, entre un padre irritado y una madrastra. Entonces fingió ir a reunirse con su padre en Copenhague; pero tomó el camino de Viena, y fue a ponerse en manos del emperador Carlos VI, su cuñado, con intención de residir allí hasta la muerte del zar.

Es aproximadamente la misma aventura que la de Luis XI cuando, siendo todavía delfín, dejó la corte del rey Carlos VII, su padre, y se retiró a casa del duque de Borgoña. El delfín era bastante más culpable que el zarevitz, puesto que se había casado contra la voluntad de su padre, había reclutado tropas, se retiraba a casa de un príncipe enemigo natural de Carlos VII, y no volvió nunca a la corte, por más instancias que su padre pudo hacerle.

Alejo, por lo contrario, no se había casado sino por orden del zar, no se había sublevado, no había reclutado tropas, no se refugiaba en la corte de un príncipe enemigo, y volvió a echarse, a los pies de su padre a la primera carta que recibió de él; pues en cuanto Pedro supo que su hijo había ido a Viena, que se había retirado al Tirol y en seguida a Nápoles, que pertenecía entonces al emperador Carlos

VII, despachó al capitán de guardias Romanzoff y al consejero privado Tolstoy, portadores de una carta escrita de su propia mano, fechada en Spa el 21 de julio, nuevo cómputo, de 1717. Encontraron al príncipe en Nápoles, en el castillo de San Telmo, y le entregaron la carta. Estaba concebida en estos términos:

... Os escribo por última vez para deciros que tenéis que ejecutar mi voluntad, que Tolstoy y Romanzoff os anunciarán de mi parte. Si me obedecéis, os aseguro, y lo prometo ante Dios, que no os castigaré, y que si volvéis os amaré más que nunca; pero que si no lo hacéis os daré como padre, en virtud del poder que he recibido de Dios, mi maldición eterna; y como soberano vuestro, os aseguro que encontrare la manera de castigaros; en lo cual espero que Dios me ayudará y que tomará mi justa causa en sus manos.

Por lo demás, recordad que no os he violentado en nada. ¿Tenía necesidad de dejaros la libre elección del partido que quisiereis tomar? Si hubiese querido forzaros, ¿no tenía en mi mano el poder? No tenía más que mandar y hubiese sido obedecido.

El virrey de Nápoles convenció fácilmente a Alejo para que regresase junto a su padre. Esta era una prueba incontestable de que el emperador de Alemania no quería tomar con este joven ninguna determinación que pudiese disgustar al zar. Alejo había emprendido el viaje con su amante Afrosina y regresó con ella.

Se le podía considerar como un joven malaconsejado, que había ido a Viena y a Nápoles, en lugar de ir a Copenhague. Si hubiese cometido únicamente esta falta, común a tantos jóvenes, sería bien perdonable: su padre tomaba a Dios por testigo de que no sólo le perdonaría, sino de que le querría más que nunca. Alejo partió con esta seguridad; pero por las instrucciones de los dos enviados que lo condujeron, y por la carta misma del zar, parece que el padre exigió que el hijo declarase quiénes le habían aconsejado y que cumpliese su juramento de renunciar a la sucesión.

Parecía difícil conciliar este desheredamiento con el otro juramento que el zar había hecho en su carta, de amar a su hijo más que nunca. Acaso el padre, luchando entre el amor paternal y la razón del soberano, se limitaba a amar a su hijo retirado en un claustro; acaso esperaba todavía atraerle a su

deber y hacerle digno de esta misma sucesión haciéndole sentir la pérdida de una corona. En circunstancias tan raras, tan difíciles, tan dolorosas, es fácil creer que ni el corazón del padre ni el del hijo, igualmente agitados, estaban bien de acuerdo consigo mismos.

El príncipe llega el 13 de febrero de 1718, nuevo cómputo, a Moscú, donde el zar estaba entonces. El mismo día se echa a los pies de su padre; tiene una conversación muy larga con él; se extiende inmediatamente por la ciudad el rumor de que el padre y el hijo se han reconciliado, que todo se ha olvidado; pero al día siguiente se hace formar a los regimientos de guardias al amanecer, se hace tocar la campana grande de Moscú. Los boyardos, los consejeros privados, son mandados al castillo; los obispos, archimandritas y dos religiosos de San Basilio, profesores en Teología, se reúnen en la iglesia catedral. Alejo es conducido sin espada y como prisionero al castillo ante su padre; se prosterna en su presencia y le entrega llorando un escrito, en el que confiesa sus faltas, se declara indigno de sucederle, y por toda gracia le pide la vida.

El zar, después de haberle levantado, le condujo a un gabinete, donde le hizo varias preguntas. Le

declaró que si ocultaba alguna cosa relativa a su evasión le iba en ello su cabeza. En seguida se condujo al príncipe a la sala donde el consejo estaba reunido; allí se leyó públicamente la declaración del zar. ya redactada.

El padre, en este escrito, reprocha a su hijo todo lo que ya hemos relatado, su poca aplicación en instruirse, sus relaciones con los partidarios de las antiguas costumbres, su mala conducta con su mujer. El ha violado -dice- la fe conyugal uniéndose a una muchacha de la más baja condición en vida de su esposa. Es verdad que Pedro había repudiado a su mujer en favor de una cautiva: pero esta cautiva era de un mérito superior y él estaba con razón descontento de su mujer, que era su súbdita. Alejo, por el contrario, había desdeñado a su mujer por una joven desconocida, que no tenía más mérito que su belleza. Hasta ahí no se ven más que faltas de joven, que un padre debe reprender y puede perdonar.

En seguida le reprocha haber ido a Viena a ponerse bajo la protección del emperador. Dice que Alejo *ha cambiado a su padre* haciendo creer al emperador Carlos VI que se le perseguía, que se le forzaba a renunciar a su herencia; que en fin, ha rogado al emperador que le protegiese con las armas.

No se ve, desde luego, cómo el emperador hubiese podido hacer la guerra al zar por semejante motivo, ni cómo hubiese podido interponer otra cosa que buenos oficios entre el padre irritado y el hijo desobediente. Así, Carlos VI se había contentado con proporcionar un alojamiento al príncipe, y se lo había vuelto a enviar cuando el zar, instruido de su retiro, lo había demandado.

Pedro añade en este escrito terrible que Alejo había, persuadido al emperador de que no *estaba segura su vida si* regresaba a Rusia. Sería justificar en cierto modo las quejas de Alejo hacerle condenar a muerte después de su regreso, y sobre todo después de haber prometido perdonarle; pero ya veremos por qué causa hizo el zar celebrar en seguida este juicio memorable. En fin: se veía en esta gran asamblea a un soberano absoluto contender contra su hijo.

He aquí -dice- de qué modo ha regresado nuestro hijo; y aunque haya merecido la muerte por su evasión y por sus calumnias, sin embargo, nuestra ternura paternal le perdona sus crímenes; pero considerando su indignidad y su conducta desordenada, no podemos, en conciencia, concederle la sucesión al trono, previendo claramente que después de no-

sotros, su conducta depravada destruiría la gloria de la nación y haría perder tantos Estados reconquistados por nuestras armas. Compadeceríamos sobretodo a nuestros súbditos si los arrojásemos, por semejante sucesor, en un estado más deplorable que el que hayan soportado nunca.

Así, por el poder paternal, en virtud del cual, según los derechos de nuestro imperio, cualquiera de nuestros súbditos puede desheredar a su hijo como le plazca, y en virtud de la cualidad de príncipe soberano, y en consideración al bienestar de nuestros Estados, privamos a nuestro ya nombrado hijo Alejo de la sucesión a nuestro trono de Rusia, a causa de sus crímenes y de su indignidad, aun cuando no subsistiese ni una sola persona de nuestra familia después de nosotros.

Y constituimos y declaramos sucesor nuestro a dicho trono a nuestro segundo hijo, Pedro[65], aunque todavía joven, por no tener sucesor de más edad.

Damos a nuestro susodicho hijo Alejo nuestra maldición paterna si alguna vez, en cualquier tiempo que sea, aspira a dicha sucesión o la pretende.

[65]Esta era aquel mismo hijo de la emperatriz Catalina que murió en 1719, el 15 de abril.

Deseamos también que nuestros fieles súbditos del estado eclesiástico y secular y de cualquier otro estado, y que la nación entera, según esta constitución y según nuestra voluntad, reconozcan y consideren a nuestro dicho hijo Pedro, designado por nosotros para la sucesión, como legítimo sucesor, y que, en conformidad con esta presente constitución, la confirmen con juramento ante el santo altar, sobre los santos Evangelios, besando la cruz.

Y todos los que se opusieran alguna vez, en cualquier tiempo que sea, a nuestra voluntad, y que desde hoy osasen considerar a nuestro hijo Alejo como sucesor, o ayudarle para ello, les declaramos traidores a nosotros y a la patria; y hemos ordenado que la presente sea publicada en todas partes, a fin de que nadie alegue motivo de ignorancia. Dictada en Moscú el 14 de febrero de 1718, nuevo cómputo. Firmada de nuestra mano y sellada con nuestro sello.

Parecía que estos actos estuviesen preparados o que fuesen dirigidos con extrema celeridad, puesto que el príncipe Alejo había regresado el 13, y su desheredamiento en favor del hijo de Catalina es del 14.

El príncipe, por su parte, firmó que renunciaba a la sucesión: Reconozco ser justa -dice- esta exclusión; la he merecido por mi indignidad, y juro a Dios omnipotente y trino someterme en todo a la voluntad paterna, etc.

Firmadas las actas, el zar marchó a la catedral; se leyeron allí por segunda vez, y todos los eclesiásticos pusieron su aprobación y sus firmas al pie de otra copia. Jamás príncipe alguno fue desheredado de una manera más segura. Hay muchos Estados donde tal acto no tendría ningún valor; pero en Rusia, como entre los antiguos romanos, todo padre tenía el derecho de privar a su hijo de su sucesión, y este derecho era más fuerte aún en un soberano que en un súbdito, sobre todo en un soberano como Pedro.

Sin embargo, era de temer que un día aquellos mismos que habían alentado al príncipe contra su padre y aconsejado su evasión, tratasen de anular una abdicación impuesta por la fuerza y devolver al hijo mayor la corona transferida al segundo, de posterior matrimonio. Se preveía en este caso una guerra civil y la destrucción inevitable de todo lo grande y útil realizado por Pedro. Era preciso decidir entre los intereses de cerca de diez y ocho millo-

nes de hombres, que contenía entonces Rusia, y un solo hombre que no era capaz de gobernarlos. Era, pues, importante conocer a los malintencionados; y el zar amenazó de muerte una vez más a su hijo si le ocultaba alguna cosa. En consecuencia, el príncipe fue entonces interrogado jurídicamente, por su padre, y en seguida por comisarios.

Uno de los cargos que sirvieron Para su condena fue una carta escrita por un llamado Beyer, desde Petersburgo, al emperador, después de la evasión del príncipe, esta carta advertía que había una conspiración en el ejército ruso reunido en el Mecklemburgo: que varios oficiales hablaban de enviar a la nueva zarina Catalina y a su hijo a la prisión donde estaba la zarina repudiada, y poner a Alejo en el trono cuando se le hubiese encontrado. Había, en efecto, entonces una sedición en este ejército del zar, pero fue bien pronto reprimida. Estos propósitos vagos no tuvieron consecuencia alguna. Alejo no podía haberlos alentado, un extranjero hablaba de ellas como de un rumor; la carta no estaba dirigido al príncipe Alejo y éste no tenía más que una copia, que se le había enviado desde Viena.

Una acusación más grave fue una minuta de una carta escrita por su propia mano desde Viena a los

senadores y a los arzobispos de Rusia; sus términos eran duros: Los malos tratos que continuamente he padecido, sin haberlos merecido, me han obligado a huir; poco ha faltado para que me hubiesen metido en un convento. Los que han encerrado a mi madre han querido tratarme de igual modo. Estoy bajo la protección de un gran príncipe; os ruego que no me abandonéis ahora. Esta palabra ahora, que podía ser considerada como sediciosa, estaba tachada, y en seguida vuelta a poner por su propia mano, y después, tachada otra vez; lo que indicaba un joven turbado entregándose a su enojo y arrepintiéndose en el mismo momento. No se encontró más que la minuta de estas cartas, que jamás llegaron a su destino: la corte de Viena las retuvo; prueba bastante clara de que esta corte no quería desavenirse con la de Rusia, y sostener a mano armada al hijo contra el padre.

Se careó al príncipe con varios testigos; uno de ellos, llamado Afanassief, sostuvo que le había oído decir en otro tiempo: Yo diré algo a los obispos, quienes lo repetirán a los curas, los curas a los feligreses, y me harán reinar aun a pesar mío.

Su propia amante, Afrosina, depuso contra él. Todas las acusaciones eran poco precisas: ningún

proyecto detallado, ninguna intriga proseguida, ninguna conspiración, ninguna asociación, menos aun algún preparativo. Se trataba de un hijo de familia descontento y depravado, que se quejaba de su padre, que le huía y que esperaba su muerte; pero este hijo de familia era el heredero de la más vasta monarquía de nuestro hemisferio; y en su situación y en su lugar, ninguna falta era pequeña.

Acusado por su amante, también lo fue en el asunto de la antigua zarina, su madre, y de María, su hermana. Se le acusó de haber consultado a su madre sobre su evasión y de haber hablado de ello a la princesa María. Un obispo de Rostou, confidente de los tres, fue detenido y declaró que las dos princesas, prisioneras en un convento, habían esperado un cambio que las pusiese en libertad y con sus consejos habían inducido al príncipe a la huída. Cuanto más naturales fuesen sus enojos, más peligrosos eran. Se verá al fin de este capítulo quién era este obispo y cuál había sido su conducta.

Alejo negó, desde luego, varios hechos de esta naturaleza, y por eso mismo es expuso a la muerte, con que su padre le había amenazado en el caso de que no hiciese una confesión general y sincera.

En fin, confesó algunas conversaciones poco respetuosas que se le imputaban contra su padre, excusándose con la cólera y la embriaguez.

El zar redactó él mismo nuevos artículos para el interrogatorio. El cuarto estaba concebido así:

Cuando supisteis por la carta de Beyer que había una sublevación en el ejército de Mecklemburgo, habéis sentido alegría por ello. Yo creo que teníais algún plan y que seríais aclamado por los rebeldes, aun estando yo vivo.

Esto era interrogar al príncipe sobre el fondo de sus secretos sentimientos. Estos se pueden confesar a un padre, cuyos consejos los corrigen, y ocultarlos a un juez, que no sentencia sino sobre los hechos averiguados. Los sentimientos ocultos del corazón no son objeto de un proceso criminal. Alejo podía negarlos, disfrazarlos fácilmente; no estaba obligado a abrir su alma; sin embargo, respondió por escrito:

Si los rebeldes me hubiesen aclamado en vida vuestra, probablemente hubiese acudido a ellos, siempre que hubiesen sido bastante fuertes.

Es inconcebible que haya dado esta respuesta espontáneamente, y tan extraordinario sería, al menos según las costumbres de Europa, que se le hubiese condenado por la confesión de una idea que

hubiese podido tener algún día, en un caso que no había llegado.

A esta extraña confesión de sus más secretos pensamientos, que no se habían escapado del fondo de su alma, se unieron otras pruebas que en más de un país no son admitidas en el tribunal de la justicia humana.

El príncipe, abrumado, sin dominio sobre sí, rebuscando en sí mismo, con la ingenuidad del temor, todo lo que podía servir para perderle, declaró al fin que en la confesión se había acusado ante Dios, al arzobispo Jacques, de haber deseado la muerte de su padre, y que el confesor Jacques le había respondido: *Dios os lo perdonará; nosotros se la deseamos lo mismo.*

Todas las pruebas que pueden proceder de la confesión son inadmisibles por los cánones de nuestra Iglesia; son secretos entre Dios y el penitente. La Iglesia griega tampoco cree, como la latina, que esta correspondencia íntima y sagrada entre un pecador y la Divinidad sea del dominio de la justicia humana; pero se trataba del Estado y de un soberano. El sacerdote Jacques fue complicado en el asunto, y confesó lo que el príncipe había revelado. Era una cosa rara en este proceso ver al confesor acusado por su penitente, y el penitente por su

amante. Se puede añadir todavía a la singularidad de esta aventura que habiendo sido implicado en las acusaciones el arzobispo de Rezan, quien anteriormente, en los primeros chispazos de enojo del zar contra su hijo, había pronunciado un sermón demasiado favorable al joven zarevitz, este príncipe confesó en sus interrogatorios que él contaba con este prelado; y este mismo arzobispo de Rezan estuvo al frente de los jueces eclesiásticos consultados por el zar sobre este proceso criminal, como vamos a ver muy pronto.

Hay una observación esencial que hacer en este extraño proceso, muy mal estudiado en la grosera historia de Pedro I por el supuesto boyardo Nestesuranoy, y es la observación siguiente:

En las respuestas que dio Alejo en el primer interrogatorio de su padre confiesa que cuando fue a Viena, donde no vio al emperador, se dirigió al conde Schonborn, chambelán; que este chambelán le dijo: El emperador no os abandonará, y cuando llegue el momento, después de la muerte de vuestro padre, os ayudará a mano armada a subir al trono. Yo le respondí -añade el acusado-: No pido eso; que el emperador me conceda su protección; no deseo más. Esta declaración es sencilla, natural,

tiene un gran carácter de verdad; pues hubiese sido el colmo de la locura pedir tropas al emperador para ir a intentar el destronamiento de su padre; y nadie hubiese osado hacer ni al príncipe Eugenio, ni al Consejo, ni al emperador, una proposición tan absurda. Esta declaración es del mes de febrero; y cuatro meses después, el primero de julio, durante este proceso y hacia el fin, se hace decir al zarevitz en sus últimas respuestas por escrito:

No queriendo imitar a mi padre en nada, buscaba el llegar a la sucesión de cualquier manera que fuese, *exceptuando la buena manera.* Deseaba obtenerla por el auxilio extranjero; y si lo hubiese conseguido y el emperador hubiese ejecutado lo *que me había prometido,* procurarme la corona de Rusia aun a mano armada, yo no hubiera escatimado nada para ponerme en posesión de la sucesión. Por ejemplo: si el emperador hubiese pedido tropas de mi país para su servicio, contra cualquiera de sus enemigos, o grandes sumas de dinero, hubiera hecho todo lo que él hubiese querido, y hubiese concedido grandes regalos a sus ministros y a sus generales. Hubiera sostenido a mis expensas las tropas auxiliares que me hubiese concedido para ponerme en posesión

de la corona de Rusia, y, en una palabra, nada hubiera regateado para cumplir en esto mi voluntad.

Esta última declaración del príncipe parece muy forzada; parece como si hiciese esfuerzos por hacerse creer culpable; lo que dice es hasta contrario a la verdad en un punto capital. Dice que el emperador le había prometido *proporcionarle la corona a mano armada;* esto era falso. El conde Schonborn le había hecho esperar que un día, después de la muerte del zar, el emperador le ayudaría a sostener el derecho de su nacimiento; pero el emperador no le había prometido nada. En fin: no se trataba de rebelarse contra su padre, sino de sucederle después de su muerte.

Dice en ese último interrogatorio lo que cree que él hubiese hecho si hubiese tenido que disputar su herencia; herencia a la cual no había jurídicamente renunciado antes de su viaje a Viena y a Nápoles. He aquí, pues, que declara una segunda vez, no lo que ha hecho y puede ser sometido al rigor de las leyes, sino lo que imagina que hubiese podido hacer algún día, y que, por consiguiente, no parece sometido a ningún tribunal, he aquí que se acusa dos veces de los pensamientos secretos que ha podido concebir para lo futuro. No se había visto anterior-

mente, en el mundo entero, un solo hombre juzgado y condenado por las ideas absurdas que se le hayan venido a la cabeza, y que no ha comunicado a nadie. No hay ningún tribunal en Europa donde se escuche a un hombre que se acusa de un pensamiento criminal, y hasta se pretende que Dios no los castiga sino cuando van acompañados de una voluntad determinada.

Se puede responder a estas consideraciones tan naturales que Alejo había dado a su padre el derecho de castigarle por su reticencia sobre varios cómplices de su evasión; su perdón iba unido a una confesión general, y no la hizo sino cuando ya no era tiempo. En fin: después de tal escándalo, no parecía posible en la naturaleza humana que Alejo perdonase un día al hermano en favor del cual él quedaba desheredado; valía más, se decía, castigar a un culpable que exponer a todo el imperio. El rigor de la justicia se acordaba con la razón de Estado.

No hay que juzgar las costumbres y las leyes de una nación por las de las otras. El zar tenía el derecho fatal, pero real, de castigar con la muerte a su hijo sólo por su evasión; él se explica así en su declaración a los jueces y a los obispos:

Aunque según todas las leyes divinas y humanas, y sobre todo según las de Rusia, que excluyen para los particulares toda jurisdicción entre un padre y un hijo, tenemos un poder bastante amplio y absoluto para juzgar a nuestro hijo por sus crímenes, según nuestra voluntad, sin pedir consejo alguno; sin embargo, como nadie es tan clarividente en sus asuntos como en los de otros, y como los médicos, aun los más expertos, no se arriesgan a tratarse a sí mismos, y llaman a otros en sus enfermedades; temiendo cargar mi conciencia con algún pecado, os expongo mi situación y os pido remedio; pues temo la muerte eterna, si, no conociendo acaso la cualidad de mi mal, quisiera curarme de él solo, teniendo en cuenta principalmente que he jurado por Dios y he prometido por escrito el perdón de mi hijo, y lo he confirmado en seguida de palabra, en el caso de que me dijese la verdad.

Aunque mi hijo haya violado su promesa, sin embargo, para no eximirme en nada de mis obligaciones, os ruego penséis en este asunto y lo examinéis con la mayor atención, para ver lo que él ha merecido. No me aduléis, no temáis que si no merece más que un ligero castigo, y lo juzgáis así, eso me sea desagradable, pues os juro por el gran Dios y

por su juicio que no tenéis absolutamente nada que temer.

No tengáis inquietud porque debáis juzgar al hijo de vuestro soberano, sino que, sin tener en cuenta la persona, haced justicia, y no perdáis vuestra alma y la mía. En fin: que nuestra conciencia no nos reproche nada el día terrible del juicio, y que nuestra patria no sea perjudicada.

El zar hizo al clero una declaración casi análoga; así, todo ocurrió con la mayor autenticidad, y Pedro dio a toda su conducta una publicidad que mostraba la persuasión íntima de su justicia.

Ese proceso criminal del heredero de un imperio tan grande duró desde fines de febrero hasta el 5 de julio, nuevo cómputo. El príncipe fue interrogado varias veces; hizo las confesiones que se le exigían: nosotros hemos referido las que son esenciales.

El primero de julio, el clero dio su dictamen por escrito. El zar, en efecto, no le pedía más que su parecer y no una sentencia. El comienzo merece la atención de Europa:

Esta cuestión -dicen los obispos y los archimandritas- no es completamente del dominio de la jurisdicción eclesiástica, y el poder absoluto estable-

cido en el imperio de Rusia no está sometido al juicio de los súbditos, sino que el soberano tiene en él la autoridad para obrar según su buen parecer, sin que ningún inferior intervenga en ello.

Después de este preámbulo se cita el Levítico, donde se dice que el que haya maldecido a su padre o a su madre será castigado con la muerte, y el evangelio de San Mateo, que refiere esta ley severa del Levítico. Acaba, después de otras varias citas, con estas palabras muy notables.

Si Su Majestad quiere castigar al que ha delinquido según sus acciones y con arreglo a la medida de sus crímenes, ante sí tiene los ejemplos del Antiguo Testamento; si quiero hacer misericordia, tiene el ejemplo del mismo Jesucristo, que recibe al hijo descarriado que regresa arrepentido; que deja libre a la mujer sorprendida en adulterio, la cual ha merecido la lapidación según la ley; que prefiere la misericordia al sacrificio; tiene el ejemplo de David, que quiso perdonar a Absalón, su hijo y perseguidor, pues dijo a sus capitanes que querían ir a combatirle: *Perdonad a mi hijo Absalón;* el padre quiso perdonarle él mismo; pero la justicia divina no le perdonó.

El corazón del zar está en las manos de Dios; que él escoja el partido al que la mano de Dios le dirija.

Este dictamen fue firmado por ocho obispos, cuatro archimandritas y dos profesores; y como ya hemos dicho, el metropolitano de Rezan, con quien el príncipe había estado en inteligencia, firmó el primero.

Esta opinión del clero fue presentada incontinenti al zar. Claramente se ve que el clero quería inducirle a la clemencia, y nada acaso más hermoso que esta oposición entre la dulzura de Jesucristo y el rigor de la ley judaica, puesta ante los ojos de un padre que seguía proceso a su hijo.

El mismo día se interrogó nuevamente a Alejo por última vez y consignó por escrito su última declaración; es en esta confesión donde se acusa de haber sido un beato en su juventud; de haberse relacionado frecuentemente con sacerdotes y frailes; de haber bebido con ellos; de haber recibido de ellos las impresiones que causaron su horror hacia los deberes de su Estado y aun hacia la persona de su padre.

Si hizo esta confesión espontáneamente, ello mismo prueba que ignoraba el consejo de clemencia

que acababa de dar el mismo clero a quien acusaba; y eso prueba más aún cuánto había cambiado el zar las costumbres de los sacerdotes de su país, quienes, de la grosería y de la ignorancia, habían llegado en tan poco tiempo a poder redactar un escrito de los que los más ilustres Padres de la Iglesia no hubieran desaprobado ni la sabiduría ni la elocuencia.

En estas últimas confesiones es donde Alejo declara lo que ya se ha referido: que quería llegar a la sucesión *de cualquier manera que fuese, excepto la buena.*

Parecía por esta última confesión como si temiese no estar bastante duramente acusado, presentado suficientemente como criminal en sus primeras, y que, dándose a sí mismo los calificativos de *mal carácter,* de *espíritu perverso,* imaginando lo que él hubiese hecho si hubiese sido el Soberano, buscaba con penoso cuidado el justificar la sentencia de muerte que se iba a pronunciar contra él. En efecto, esta sentencia fue dictada el 5 de julio. Se encontrará en toda su extensión al final de esta historia. Nos contentaremos con observar aquí que comienza, como el dictamen del clero, por declarar que tal juicio no ha correspondido jamás a los súbditos, sino únicamente al soberano, cuyo poder no depende más que de Dios solo. En seguida, después de haber ex-

puesto todos los cargos contra el príncipe, los jueces se expresan así: ¿Qué pensar de su proyecto de rebelión, tal como no hubo nunca otro semejante en el mundo, unido al de un horrible parricidio doble: contra su soberano, como padre de la patria, y padre por naturaleza?

Acaso estas palabras fueron mal traducidas del proceso criminal impreso por orden del zar, pues seguramente hay rebeliones más grandes en el mundo, y no se ve por sus actos que jamás el zarevitz haya, concebido el proyecto de matar a su padre. Acaso se entendiese por esta palabra parricidio la declaración que el príncipe acababa de hacer de haber confesado un día su deseo de la muerte de su padre y soberano; pero la comunicación secreta, en la confesión, de un secreto pensamiento no es un doble parricidio.

Sea lo que quiera, él fue condenado a muerte unánimemente, sin que la sentencia declarase el género de suplicio. De ciento cuarenta y cuatro jueces, no hubo ni uno solo que imaginase siquiera una pena menor que la muerte. Un escrito inglés, que hizo mucho ruido en aquel tiempo, consigna que si tal proceso hubiese sido juzgado en el Parlamento de Inglaterra no se hubiese encontrado, entre ciento

cuarenta y cuatro jueces, uno solo que hubiese impuesto la más ligera pena.

Nada hace conocer mejor la diferencia de tiempos y lugares. Manlius mismo hubiese podido ser condenado a muerte por las leyes de Inglaterra por haber hecho perecer a su hijo, y fue respetado por los severos romanos. Las leyes no castigan en Inglaterra la evasión de un príncipe de Gales, quien, como par del reino, es dueño de ir adonde quiera. Las leyes de Rusia no permiten al hijo del soberano salir del reino contra la voluntad de su padre. Un pensamiento criminal, sin ningún efecto, no puede ser castigado ni en Inglaterra ni en Francia, y puede serlo en Rusia. Una gran desobediencia, formal y reiterada, no es entre nosotros sino una mala conducta que es preciso reprimir, pero era un crimen capital en el heredero de un vasto imperio, de quien esta misma desobediencia hubiese producido la ruina. En fin, el zarevitz era culpable, contra toda la nación, de querer volver a sumergirla en las tinieblas de que su padre la había sacado.

Era tal el poder reconocido del zar, que podía haber hecho morir a su hijo, culpable de desobediencia, sin consultar a nadie; sin embargo, él se sometió al juicio de todos los que representaban a la

nación; así, fue la nación misma la que condenó al príncipe; y Pedro tenía tanta confianza en la equidad de su conducta, que, haciendo imprimir y traducir el proceso, se sometió él mismo al juicio de todos los pueblos de la tierra.

La ley de la historia no nos ha permitido ni disfrazar ni atenuar nada en el relato de esta trágica aventura. No se sabe en Europa quién se debía lamentar más: si un príncipe joven acusado por su padre y condenado a muerte por los que debían ser un día sus súbditos, o un padre que se creía obligado a sacrificar a su propio hijo por la salud de su imperio.

Se publicó en varios libros que el zar había hecho venir de España el proceso de Don Carlos I, condenado a muerte por Felipe II; pero es falso que se haya seguido nunca proceso a Don Carlos; la conducta de Pedro I fue enteramente diferente de la de Felipe. El español no dio nunca a conocer ni por qué razón había hecho detener a su hijo, ni cómo este príncipe había muerto. Escribió sobre este asunto al Papa y a la emperatriz cartas absolutamente contradictorias. El príncipe de Orange, Guillermo, acusó públicamente a Felipe de haber sacrificado a su hijo y su mujer a sus celos, y de ha-

ber sido, más que un juez severo, un marido celoso y cruel, un padre desnaturalizado y parricida. Felipe se dejó acusar y guardó silencio. Pedro, al contrario, no hizo sino una gran luz, publicó en voz alta que prefería su nación a su propio hijo, se sometió al juicio del clero y de los nobles y convirtió al mundo entero en juez de unos y otros y de sí mismo.

Lo que hubo todavía de extraordinario en esta fatalidad fue que la zarina Catalina, odiada del zarevitz y amenazada abiertamente de la suerte más triste si alguna vez llegaba el príncipe a reinar, no contribuyó, sin embargo, en nada a su desgracia, y no fue ni acusada, ni aun sospechosa para algún ministro extranjero residente en esta corte, de haber dado el más pequeño paso contra un hijastro de quien tenía que temerlo todo. Es verdad que no se dice que haya pedido gracia para él; pero todas las memorias de aquel tiempo, sobre todo las del conde Bassevitz, aseguran unánimemente que ella lamentó su infortunio.

Yo tengo ante mí las memorias de un ministro público, donde encuentro estas propias palabras: Yo estaba presente cuando el zar dijo al duque, de Holstein que Catalina le había rogado que impidiese se notificase al zarevitz su condena. *Contentaos* -me

dijo- *con hacerle vestir el hábito de fraile, porque este oprobio de una condena de muerte notificada recaerá sobre nuestro nieto.*

El zar no se rindió a los ruegos de su mujer; creyó que era importante que la sentencia fuese notificada públicamente al príncipe, a fin de que después de este acto solemne no pudiese nunca colocarse en contra de una sentencia en la cual él mismo había convenido, y que, dándole por muerto civilmente, le ponía para siempre en condiciones de no poder reclamar la corona.

Sin embargo, si después de la muerte de Pedro un poderoso partido se hubiese levantado en favor de Alejo, ¿esta muerte civil le hubiera impedido reinar?

La sentencia fue notificada al príncipe. Las mismas Memorias me informan de que éste cayó con una convulsión al oír estas palabras: Las leyes divinas y eclesiásticas, civiles y militares, condenan a muerte sin misericordia a aquellos cuyos atentados contra su padre y soberano son manifiestos. Sus convulsiones se convirtieron, dicen, en apoplejía; costó trabajo hacerle volver, en sí. Recobró un poco su conocimiento, y en este intervalo entre la vida y la muerte rogó a su padre que fuese a verle. El zar

fue; brotaron las lágrimas de los ojos del padre y del hijo infortunado; el condenado pidió perdón; el padre perdonó públicamente. Se administró solemnemente la extremaunción al enfermo agonizante. Murió en presencia de toda la corte al día siguiente de esta sentencia funesta. Su cuerpo fue llevado desde luego a la catedral y depositado en un ataúd abierto Allí permaneció cuatro días expuesto a todas las miradas, y al fin fue, enterrado en la iglesia de la ciudadela, al lado de su esposa. El zar y la zarina asistieron a la ceremonia.

Indispensablemente se ve uno obligado aquí a imitar, si así puede decirse, la conducta del zar; esto es: someter al juicio del público todos los sucesos que acaban de referirse con la fidelidad más escrupulosa, y no solamente estos hechos, sino los rumores que circularon y lo que se imprimió sobre este triste asunto por los autores más acreditados. Lamberti, el más imparcial de todos, el más exacto, que se ha limitado a reproducir los documentos originales y auténticos referentes a los asuntos de Europa, parece alejarse aquí de esta imparcialidad y discernimiento que constituyen su carácter; en estos términos se expresa. La zarina, temiendo siempre por su hijo, no descansó hasta que hubo convenci-

do al zar de seguir un proceso a su hijo mayor y hacerle condenar a muerte; lo que es extraño es que el zar, después de haberle aplicado él mismo el knut, lo cual es dudoso, le haya cortado él mismo también la cabeza. El cuerpo del zarevitz fue expuesto al público con la cabeza de tal modo adaptada al cuerpo que no se podía distinguir que hubiese sido separada de él. Ocurrió algún tiempo después el fallecimiento del hijo de la zarina, con gran pena de ésta y del zar. Este último, que había degollado con su propia mano a su hijo mayor, reflexionando que no tenía ya sucesor alguno, adquirió muy mal humor. Se informó en aquel tiempo de que la zarina sostenía intrigas secretas e ilegítimas con el príncipe Menzikoff. Esto, unido a la reflexión de que la zarina era la causa de que él mismo hubiese sacrificado a su hijo mayor, le hizo pensar en rapar a la zarina y encerrarla en un convento, como había hecho con su primera mujer, que aun estaba allí. El zar estaba acostumbrado a consignar sus diarios pensamientos en los libros de memorias, y en ellos había escrito el proyecto dicho respecto a la zarina. Esta tenía ganados a los pajes que actuaban en la cámara del zar. Uno de éstos, que estaba acostumbrado a esconder estos libros para enseñárselos a la zarina, cogió

aquellos que contenían el proyecto del zar. En cuanto esta princesa lo hubo hojeado, se lo comunicó a Menzikoff, y un día o dos después el zar cayó con una enfermedad desconocida y violenta que le hizo morir. Esta enfermedad fue atribuida al veneno, pues se vio manifiestamente que era tan violenta y súbita, que no podía proceder sino de semejante causa, que se dice ser bastante usada en Moscovia.

Estas acusaciones, consignadas en las Memorias de Lamberti, se extendieron por toda Europa. Todavía queda un gran número de impresos y manuscritos que podrían hacer pasar esas opiniones a la más remota posteridad.

Yo creo de mi deber decir lo que ha llegado a mi conocimiento. Primeramente, certificó que el que contó a Lamberti la extraña anécdota que se refiere había, es verdad, nacido en Rusia, pero no de una familia del país; que no residía en este imperio en la época de la catástrofe del zarevitz: estaba ausente de él desde muchos años antes. Yo le he conocido en otro tiempo; había él visto a Lamberti en la pequeña ciudad de Nyon, donde este escritor vivía retirado, y donde yo he estado con frecuencia. Esa misma persona me ha confesado que no había hablado a Lamberti más que *de los rumores que circulaban entonces.*

Véase por este ejemplo cuánto más fácil era antiguamente a un solo hombre deshonrar a otro ante las naciones, cuando, antes de la imprenta, las historias manuscritas, conservadas en pocas manos, no estaban ni expuestas a plena luz, ni contradichas por los contemporáneos, ni al alcance de la crítica universal, como lo están hoy. Bastaba un renglón en Tácito o en Suetonio, y aun en los autores de leyendas, para hacer a un príncipe odioso al mundo y para perpetuar su oprobio de siglo en siglo.

¿Cómo hubiera podido ocurrir que el zar hubiese cortado con su propia mano la cabeza de su hijo, a quien se dio la extremaunción en presencia de toda la corte? ¿Y estaba sin cabeza cuando se derramó el aceite sobre su cabeza misma? ¿En qué momento se pudo pegar esta cabeza a su cuerpo? Al príncipe no se le dejó solo un momento desde la lectura de su sentencia hasta su muerte.

Esta anécdota de que su padre se sirvió del acero destruye la de que se haya servido del veneno. Es cierto que resulta muy raro que un joven expire de una conmoción súbita, causada por la lectura de una sentencia de muerte, y, sobre todo, de una sentencia con la cual ya contaba; pero, en fin, los médicos declaran que la cosa es posible.

Si el zar hubiese envenenado a su hijo, como tantos escritores han propalado, hubiese perdido con ello todo lo que hubiera hecho durante la tramitación de este proceso fatal para convencer a Europa del derecho que tenía para castigarle; todos los motivos de la condena vendrían a ser sospechosos y el zar se condenaba a sí mismo. Si hubiese querido la muerte de Alejo, hubiese hecho ejecutar la sentencia; ¿no era su soberano absoluto? Un hombre prudente, un monarca sobre quien el mundo tiene puestos los ojos, ¿se decide a hacer envenenar cobardemente a quien puede hacer morir por la espada de la justicia? ¿Hay quien desee envilecerse ante la posteridad con el título de envenenador y parricida, cuando se puede tan fácilmente no adquirir más que el de juez severo?

Parece que resulta de todo lo que he referido que Pedro fue más bien rey que padre, que sacrificó a su propio hijo ante los intereses de fundador y de legislador, y a los de su nación, que volvería a caer en el estado de que se la había sacado sin esta severidad desgraciada. Es evidente que no inmoló a su hijo a una madrastra y al hijo, varón que de ella tenía, pues ya la había amenazado frecuentemente con desheredarle, antes de que Catalina le hubiese dado

este hijo, cuya infancia enfermiza estaba amenazada de una muerte próxima, y que murió, en efecto, poco después. Si Pedro hubiese, dado un tan gran escándalo únicamente por complacer a su mujer, hubiese sido débil, insensato y cobarde; y ciertamente que no lo era. Preveía lo que acontecería a sus fundaciones y a su nación si se continuase después de él su mismo plan. Todas sus empresas han sido perfeccionadas según sus predicciones; su nación ha llegado a ser célebre y respetada en Europa, de la que estaba anteriormente separada; y si Alejo hubiese reinado, todo hubiera sido destruido. En fin: cuando se considera esta catástrofe, los corazones sensibles se estremecen, y los severos aprueban.

Este grande y temible acontecimiento está todavía tan fresco en la memoria de los hombres, se habla de él tan a menudo con asombro, que es absolutamente necesario examinar lo que han dicho de él los autores contemporáneos. Uno de estos escritores famélicos que toman atrevidamente el título de historiadores habla así en su libro dedicado al conde Bruhl, primer ministro del rey de Polonia, cuyo nombre puede dar autoridad a lo que consigna: Toda Rusia está convencida de que el zarevitz no murió sino del veneno preparado por la mano de

una madrastra. Esta acusación está destruida por la confesión que hizo el zar al duque de Holstein de que la zarina Catalina le había aconsejado que encerrase en un claustro a su hijo condenado.

Respecto del veneno dado después por esta misma emperatriz a Pedro, su esposo, el conde se refuta a sí mismo con el solo relato de la aventura del paje y de los libros de memorias. ¿Necesita un hombre escribir en sus cuadernos: Es necesario que me acuerde de encerrar a mi mujer ? ¿Son ésos detalles que se pueden olvidar y de los que es preciso llevar un registro? Si Catalina hubiera envenenado a su hijastro y a su marido, hubiese hecho otros crímenes; no solamente no se le ha reprochado jamás ninguna crueldad, sino que nunca se distinguió más que por su dulzura y por su indulgencia.

Ahora es necesario hacer ver cuál fue la causa primera de la conducta de Alejo, de su evasión, de su muerte y de la de los cómplices que perecieron a mano del verdugo. Fue el abuso de la religión, fueron los sacerdotes y los frailes; y este origen de tantas desgracias está bastante indicado en algunas confesiones de Alejo, que ya hemos referido, y, sobre todo, en esta frase del zar Pedro, de una carta a

su hijo: Esos barbudos podrán haceros cambiar a su antojo

He aquí, casi palabra por palabra, cómo las Memorias de un embajador de Petersburgo explican esta frase: Muchos eclesiásticos - dice- enamorados de su antigua barbarie y más aun de su autoridad, que perdía a medida que la nación se ilustraba, esperaban con ansia el reinado de Alejo, quien les prometía sumirles de nuevo en esa barbarie tan querida. Entre ellos figuraba Dositeo, obispo de Rostov. Este simuló una revelación de San Demetrio. Este santo se le había aparecido y le había asegurado en nombre de Dios que Pedro no tenía tres meses de vida; que Eudoxia, encerrada en el convento de Susdal, y religiosa con el nombre de Elena, así como la princesa María, hermana del zar, debían subir al trono y reinar conjuntamente con su hijo Alejo. Eudoxia y María tuvieron la debilidad de creer esta impostura; estaban tan convencidas de ella, que Elena dejó en su convento el hábito de religiosa, recobró el nombre de Eudoxia, se hizo tratar de Majestad e hizo suprimir de las rogativas el nombre de su rival Catalina; no apareció ya sino revestida con los antiguos trajes de ceremonia que llevaban las zarinas. El tesorero del convento se declaró con-

trario a esta empresa. Eudoxia respondió altivamente: *Pedro ha castigado a los Strelitz que habían ultrajado a su madre; mi hijo Alejo castigará a todo el que haya insultado a la suya.* Hizo encerrar al tesorero en su celda. Un oficial, llamado Etienne Glevo, fue introducido en el convento. Eudoxia hizo de él el instrumento de sus planes y lo ligó a ella con sus favores. Glebo extendió por la pequeña ciudad de Susdal y sus alrededores la predicción de Dositeo. Entre tanto, transcurren los tres meses. Eudoxia reprocha al obispo por estar el zar todavía con vida. *-Los pecados de mi padre son la causa de ello -dice Dositeo-; está en el purgatorio, y así me lo ha advertido-.* Inmediatamente, Eudoxia hace decir *mil misas de difuntos;* Dositeo le asegura que ellas son eficaces; vuelve al cabo de un mes a decirle que su padre tiene ya la cabeza fuera del purgatorio; un mes después el difunto no tenía en él más que hasta la cintura. En fin: llegó a no tener en el purgatorio más que los pies, y cuando los pies hubiesen salido, que es lo más difícil, el zar Pedro moriría infaliblemente.

La princesa María, convencida por Dositeo, se entregó a él a condición de que el padre del profeta saliese inmediatamente del purgatorio y que la pre-

dicción se cumpliese, y Glebo continuó sus relaciones con la antigua zarina.

Por la fe en estas predicciones fue principalmente por lo que el zarevitz se evadió y se fue a esperar la muerte de su padre a países extranjeros. Todo esto se descubrió bien pronto. Dositeo y Glebo fueron detenidos; las cartas de la princesa María a Dositeo y de Elena a Glebo fueron leídas en pleno Senado. La princesa María fue encerrada en Sh1usselbourg; la antigua zarina, trasladada a otro convento, donde quedó prisionera. Dositeo y Glebo, todos los cómplices de esta vana y supersticiosa intriga, fueron complicados en la cuestión, así como los confidentes de la evasión de Alejo. Su confesor, su ayo, su jefe de palacio, murieron todos en el suplicio.

Se ve, pues, a qué precio, elevado y funesto, compró Pedro el Grande la felicidad que procuró a sus pueblos; cuántos obstáculos públicos y secretos tuvo que vencer en medio de una guerra larga: y difícil, con enemigos fuera, rebeldes en el interior, la mitad de su familia enemistada contra él, la mayor parte de los sacerdotes obstinadamente declarados contra sus empresas, casi toda la nación irritada largo tiempo contra su propia felicidad, que no sentía

todavía; prejuicios que destruir en las cabezas, descontento que calmar en los corazones. Era necesario que una nueva generación, formada con sus cuidados, abrazase al fin las ideas de felicidad y de gloria que no habían podido soportar sus padres.

CAPITULO XI

Trabajos y fundaciones del a o 1 1 y siguientes.

Durante esta horrible catástrofe parecía que Pedro no era más que el padre de su patria y que consideraba su nación como su familia. Los suplicios con que se había visto obligado a castigar a la parte de la nación que quería impedir a la otra ser feliz eran sacrificios hechos al público por una dolorosa necesidad.

Fue en este año de 1718, época de la desheredación y de la muerte de su hijo mayor, cuando procuró los mayores beneficios a sus súbditos: por la policía general, en otro tiempo desconocida; por las manufacturas y las fábricas de todo género, fundadas o perfeccionadas; por las nuevas ramas de co-

mercio, que comenzaba a florecer, y por los canales, que unen los ríos, los mares y los pueblos que la naturaleza ha separado. No son de aquellos acontecimientos sorprendentes que encantan al común de los lectores, de esas intrigas de corte que divierten a la malignidad, de esas grandes revoluciones que interesan la curiosidad ordinaria de los hombres; pero son los verdaderos resortes de la felicidad pública, que las miradas filosóficas se complacen en considerar.

Hubo entonces un teniente general de la policía de todo el imperio, establecido en Petersburgo, al frente de un tribunal que velaba por el mantenimiento del orden de un extremo al otro de Rusia. El lujo en los trajes, y los juegos de azar, más peligrosos que el lujo, fueron severamente prohibidos. Se establecieron escuelas de Aritmética, ya ordenadas en 1716, en todas las ciudades del imperio. Las casas para huérfanos y para expósitos ya comenzadas fueron terminadas, dotadas y ocupadas.

Añadiremos a esto todos los establecimientos útiles anteriormente proyectados, y concluidos algunos años después. Todas las grandes ciudades fueron libertadas de la multitud odiosa de esos mendigos que no quieren tener otro oficio que el de

importunar a los pudientes y arrastrar, a expensas de los demás hombres, una vida miserable y vergonzosa; abuso soportado en demasía en otros Estados.

Los ricos fueron obligados a edificar en Petersburgo casas regulares, según su fortuna. Fue una excelente medida hacer venir sin gastos todos los materiales a Petersburgo por todas las barcas y carros que volvían vacíos de las provincias vecinas.

Los pesos y medidas fueron fijados y uniformados, así como las leyes. Esta uniformidad, tan deseada, aunque bien inútilmente, en Estados de antiguo civilizados, fue establecida en Rusia sin dificultad y sin protesta; y nosotros pensamos que este establecimiento provechoso sería entre nosotros impracticable. Se regularon los precios de los artículos de primera necesidad; los faroles, que Luis XIV fue el primero en establecer en París, y que todavía no son conocidos en Roma, alumbraron durante la noche la ciudad de Petersburgo; las bombas de incendios, las vallas en las calles, sólidamente pavimentadas; todo lo que se refiero a la seguridad, a la limpieza y al buen orden; las facilidades para el comercio interior, los privilegios concedidos a extranjeros, y los reglamentos que impedían el abuso

de esos privilegios: todo hizo tomar a Petersburgo y a Moscú un aspecto nuevo.

Se perfeccionaron más que nunca las fábricas de armas; sobre todo, la que el zar había fundado a unas diez millas de Petersburgo; él era su primer intendente; mil obreros trabajaban en ella frecuentemente bajo su inspección. Iba a dar sus órdenes él mismo a todos los negociantes en molinos de granos, pólvora y sierras, a los directores de fábricas de cordelería y de velas, de ladrillos, de pizarras, de manufacturas de telas. Muchos obreros de todas clases vinieron de Francia: ése fue el fruto de su viaje.

Estableció un tribunal de comercio, cuyos miembros eran la mitad nacionales y la otra mitad extranjeros, a fin de que el favor fuese igual para todos los fabricantes y para todos los artistas. Un francés fundó una manufactura de espejos muy hermosos en Petersburgo con el auxilio del príncipe Menzikoff; otro hizo trabajar en tapicerías de lizos altos, tomando de modelo las de los Gobelinos, y esta manufactura está todavía hoy muy favorecida; un tercero consiguió hilanderías de oro y plata, y el zar ordenó que no se emplease al año en esta manufactura más de cuatro mil marcos, ya de plata, ya de

oro, a fin de no disminuir la pasta monetaria en sus Estados.

Dio treinta mil rublos, es decir, ciento cincuenta mil libras de Francia, con todos los materiales y todos los instrumentos necesarios, a los que establecieron manufacturas de paños y otras telas de lana. Esta útil generosidad le puso en condiciones de vestir a sus tropas con paño fabricado en su país; anteriormente se traían esos paños de Berlín y otros países extranjeros.

Se hicieron en Moscú tan hermosas telas como en Holanda, y a su muerte había ya en Moscú y en Iaroslav catorce fábricas de telas de lino y de cañamo.

Nadie había imaginado ciertamente cuando la seda se vendía en Europa a peso de oro que un día, más allá del lago Ladoga, en un clima helado, y en pantanos desconocidos, se elevaría una ciudad opulenta y magnífica, en la cual la seda de Persia se trabajaría tan bien como en Ispahan. Pedro lo emprendió y lo logró. Las minas de hierro fueron explotadas mejor que nunca; se descubrieron algunas minas de oro y de plata, y se creó un consejo de minas para comprobar si las explotaciones daban utilidades mayores que los gastos que exigían.

Para hacer florecer tantas manufacturas, tantas artes diferentes, tantas empresas, no era suficiente firmar patentes y nombrar inspectores; era preciso en estos comienzos que él viese todo con sus propios ojos y hasta que trabajase con sus manos, como se le había visto en otros tiempos construir navíos, aparejarlos y conducirlos. Cuando se trataba de abrir canales en tierras fangosas y casi impracticables, se le veía alguna vez ponerse a la cabeza de los trabajadores, cavar la tierra y transportarla él mismo.

Hizo en este año de 1718 el proyecto del canal y de las esclusas del Ladoga. Se trataba de hacer comunicar el Neva con otro río navegable, para conducir fácilmente las mercancías a Petersburgo sin hacer un gran rodeo por el lago Ladoga, demasiado expuesto a las tempestades y a menudo impracticable para las barcas; él mismo niveló el terreno; aun se conservan los instrumentos de que se sirvió para roturar la tierra y transportarla. Este ejemplo fue seguido por toda su corte y activó una obra que se consideraba como imposible. Fue terminada después de su muerte, pues ninguna de sus empresas reconocida como posible ha sido abandonada.

El gran canal de Cronstadt, que se puede poner fácilmente en seco, y en el que se carenan y reparan

los buques de guerra, fue también comenzado en la misma época del proceso contra su hijo.

Este mismo año fundó la nueva ciudad de Ladoga. Muy poco después trazó el canal que une el mar Caspio al golfo de Finlandia y al Océano; primeramente, las agitas de los dos ríos que puso en comunicación reciben las barcas que han remontado el Volga; de estos ríos se pasa por otro canal al lago Ilmen; se entra en seguida en el canal de Ladoga, de donde las mercancías pueden ser transportadas por el ancho mar a todas las partes del mundo.

Ocupado en estos trabajos, que se ejecutaban bajo sus miradas, dirigía su atención hasta Kamtchatka, en la extremidad del Oriente, e hizo construir fuertes en ese país, por tanto tiempo desconocido del resto del mundo. Entre tanto, ingenieros de su Academia de Marina, fundada en 1715, recorrían ya todo el imperio para levantar cartas exactas y para poner a la vista de todos los hombres esta vasta extensión de países que él había civilizado y enriquecido.

CAPITULO XII

Del comercio.

El comercio exterior estaba decaído casi enteramente antes de él; él le hizo renacer. Es bien sabido que el comercio ha cambiado varias veces su curso en el mundo. La Rusia meridional era, antes de Tamerlán, el depósito de Grecia y aun de las Indias; los genoveses eran los principales comerciantes. El Tanais y el Borístenes estaban cargados de productos del Asia. Pero cuando Tamerlán hubo conquistado, a fines del siglo XIV, el Quersoneso Táurico, llamado después la Crimea, cuando los turcos fueron dueños de Azof, quedó aniquilada esta gran rama del comercio del mundo. Pedro había querido hacerla revivir haciéndose dueño de Azof. La desgraciada campaña de Pruth le hizo perder

esta ciudad, y con ella todos los proyectos de comercio por el mar Negro; quedaba por abrir al camino de un negocio no menos extenso por el mar Caspio. Ya en el siglo XVI y a principios del XVII, los ingleses, que habían hecho nacer el comercio de Arcángel, lo habían intentado por el mar Caspio; pero todas estas pruebas fueron inútiles.

Ya hemos dicho que el padre de Pedro el Grande había hecho construir un navío por un holandés, para ir a comerciar desde Astracán a las costas de Persia. El navío fue quemado por el rebelde Stenko-Rasin. Entonces se desvanecieron todas las esperanza de comerciar directamente con los persas. Los armenios, que son los comerciantes de esta parte del Asia, fueron recibidos por Pedro el Grande en Astracán; se vio obligado a entregarse en sus manos y dejarles todo el beneficio del comercio; esto es lo que ocurre en la India con los banianos, y entre los turcos y en muchos Estados cristianos, con los judíos; pues los que no tienen más que un recurso se hacen siempre muy sabios en el arte que les es necesario; los demás pueblos se convierten voluntariamente en tributarios de una habilidad de que carecen.

Pedro había ya remediado este inconveniente haciendo un tratado con el emperador de Persia, por el cual toda la seda que no fuese destinada a las manufacturas persas se remitiese a los armenios de Astracán, para ser transportada por ellos a Rusia.

Las sublevaciones de Persia destruyeron bien pronto este comercio. Ya veremos cómo el shah o emperador persa, Hussein, perseguido por los rebeldes, imploró el auxilio de Pedro, y cómo Pedro, después de haber sostenido guerras tan difíciles contra los turcos y contra los suecos, fue a conquistar tres provincias de Persia; pero ahora no tratamos aquí más que del comercio.

La más ventajosa parecía deber ser la empresa de comerciar con la China. Dos inmensos Estados limítrofes, y cada vino de los cuales posee recíprocamente lo que le falta al otro, parecen estar ambos en una extraordinaria necesidad de establecer una correspondencia útil, sobre todo después de la paz jurada solemnemente entre el imperio ruso y el imperio chino en el año 1689, según nuestra manera de contar.

Las primeras bases de este comercio habían sido establecidas desde el año 1653. Se formaron en Tobolsk compañías de siberianos y de familias de

Bukaria establecidas en Siberia. Estas caravanas pasaron por las llanuras de los calmucos, atravesaron en seguida los desiertos hasta la Tartaria china y consiguieron beneficios considerables; pero los desórdenes sobrevenidos en el país de los calmucos y las querellas de los rusos y los chinos por cuestión de fronteras arruinaron estas empresas.

Después de la paz de 1689, era natural que las dos naciones conviniesen en un lugar neutral adonde las mercancías fuesen transportadas. Los siberianos, así como todos los demás pueblos, tenían más necesidad de los chinos que los chinos de ellos; así, se pidió permiso al emperador de la China para enviar caravanas a Pekín, y se consiguió fácilmente a comienzos del siglo en que vivimos.

Es digno de notarse que el emperador Cam-hi haya permitido que hubiese en un arrabal de Pekín una iglesia rusa servida por algunos sacerdotes de Siberia, a expensas del mismo trono imperial. Cam-hi había tenido la indulgencia de edificar esta iglesia en favor de varias familias de la Siberia oriental, algunas de las cuales habían sido hechas prisioneras antes de la paz de 1680, y las otras eran tránsfugas. Ninguna de ellas, después de la paz de Nipehou, había querido regresar a su patria: el clima

de Pekín, la dulzura de las costumbres chinas, la facilidad para procurarse una vida cómoda por poco trabajo, las había fijado a todas en la China. Su pequeña iglesia griega no era peligrosa a la paz del imperio, como lo han sido los establecimientos de los jesuitas. El emperador Cam-hi favorecía, por otra parte, la libertad de conciencia; esta tolerancia fue establecida en todo tiempo en toda Asia, así como lo fue antiguamente en la tierra entera hasta los tiempos del emperador romano Teodosio I. Estas familias rusas, mezcladas después a las chinas, han abandonado su cristianismo, pero su iglesia subsiste todavía.

Se decretó que las caravanas de Siberia gozasen siempre de esta iglesia cuando viniesen a traer pieles y otros objetos de comercio a Pekín; el viaje, la estancia y el regreso se hacían en tres años. El príncipe Gagarin, gobernador de la Siberia, estuvo veinte años al frente de este comercio. Las caravanas eran algunas veces muy numerosas, y era difícil contener al populacho, que componía su mayor número.

Se pasaba por las tierras de un sacerdote lama, especie de soberano que reside sobre el río Orkon, y que se llama el koutoukas: es un vicario del gran lama, que se ha hecho independiente cambiando

algo la religión del país, en el cual la antigua creencia india de la metempsicosis es la dominante. No se puede comparar mejor a este sacerdote que con los obispos luteranos de Lubec y de Osnabruck, que han sacudido el yugo del obispo de Roma. Este prelado tártaro fue insultado por las caravanas; los chinos lo fueron también; se vio perturbado entonces el comercio por esta mala conducta, y los chinos amenazaron con cerrar la entrada de su imperio a las caravanas si no se atajaban estos desórdenes. El comercio con la China era entonces muy útil a los rusos; éstos importaban oro y plata y piedras preciosas. El mayor rubí que se conoce en el mundo fue traído de la China al príncipe Gagarin, pasó después a manos de Menzikoff y actualmente es uno de los ornamentos de la corona imperial.

Las vejaciones del príncipe Gagarin perjudicaron mucho al comercio que le había enriquecido, y al fin le perdieron a él mismo; fue acusado ante el tribunal de justicia establecido por el zar, y se le cortó la cabeza un año después de que el zarevitz fue condenado y de que la mayor parte de los que tenían relaciones con este príncipe fueron ejecutados.

En aquel tiempo, el emperador Cam-hi, sintiéndose débil, y teniendo la experiencia de que los matemáticos de Europa eran más sabios que los matemáticos de la China, creyó que los médicos de Europa valían también más que los suyos, y rogó al zar, por medio de los embajadores que regresaban de Pekín a Petersburgo, que le enviase un médico. Se encontró un cirujano inglés en Petersburgo que se ofreció a desempeñar esta misión; partió con un nuevo embajador y con Lauret Lange, que ha dejado una descripción de este viaje. Esta embajada fue recibida y costeada con magnificencia. El cirujano inglés encontró al emperador completamente sano y pasó por un médico muy hábil. La caravana que siguió a esta embajada ganó mucho; pero nuevos excesos cometidos por esta caravana misma indispusieron de tal modo a los chinos, que se expulsó a Lange, entonces residente del zar cerca del emperador de la China, y con él a todos los comerciantes de Rusia.

El emperador Cam-hi murió; su hijo Yontchin, tan sabio y con más firmeza que su padre, el mismo que expulsó a los jesuitas de su imperio, como el zar los había expulsado del suyo en 1718, concluyó con Pedro un tratado, por el cual las caravanas rusas no

comerciarían más que en las fronteras de los dos imperios. nicamente los comerciantes enviados en nombre del soberano o de la soberana de Rusia tienen permiso para entrar en Pekín; allí son alojados en una vasta casa que el emperador Cam-hi había destinado antiguamente a los enviados de la Corea. Hace ya tiempo que no salen ni caravanas ni comerciantes de la Corona para la ciudad de Pekín; este comercio está languideciendo, aunque a punto de revivir.

Entonces se veían más de doscientos navíos extranjeros arribar cada año a la nueva ciudad imperial. Este comercio ha ido creciendo de día en día, y ha valido más de una vez cinco millones (moneda de Francia) a la Corona; esto era mucho más que el interés del capital que se había empleado en esto. Este comercio hizo disminuir mucho el de Arcángel, y esto es lo que quería el fundador, porque Arcángel es demasiado impracticable, demasiado alejado de todas las naciones, y porque el comercio realizado bajo las miradas de un soberano cuidadoso es siempre más ventajoso. El de la Livonia permaneció siempre en el mismo pie. En general, Rusia ha traficado con éxito, de mil a mil doscientos na-

víos han entrado todos los años en sus puertos, y Pedro ha sabido unir la utilidad a la gloria.

CAPITULO XIII

De las leyes.

Ya se sabe que las buenas leyes son raras, pero que su ejecución lo es todavía más. Cuando más vasto y compuesto de naciones diversas es un Estado, más difícil es enlazarlo con una misma jurisprudencia. El padre del zar Pedro había hecho redactar un código bajo el título de Oulogenia; se había impreso ya, pero no era, ni con mucho, suficiente.

Pedro, en sus viajes, había recogido materiales para reconstruir este gran edificio, que se cuarteaba por todos lados; reunió informes de Dinamarca, Suecia, Inglaterra, Alemania, Francia, y tomó de estas diferentes naciones lo que creyó conveniente para la suya.

Había un tribunal de boyardos que decidía en última instancia los asuntos contenciosos. La jerarquía y la alcurnia daban asiento en él; era necesario que la ciencia lo diese; este tribunal fue suprimido.

Creó un procurador general, al que unió cuatro asesores en cada uno de los gobiernos del imperio; fueron encargados de velar por la conducta de los jueces, cuyas sentencias se enviaban al Senado, que él mismo estableció; cada uno de estos jueces fue provisto de un ejemplar de la Oulogenia, con las adiciones y cambios necesarios, en espera de que pudiese redactar una colección completa de leyes.

Prohibió a todos los jueces, bajo pena de la vida, recibir lo que nosotros llamamos *especias;* entre nosotros son mediocres; pero sería conveniente que no hubiese ninguna. Los grandes gastos de nuestra justicia están en los salarios de los subalternos, la multiplicidad de los escritos, y, sobre todo, en esta onerosa costumbre en los procesos de componer las líneas de tres palabras y de oprimir así bajo un montón inmenso de papeles las fortunas de los ciudadanos. El zar tuvo cuidado de que los gastos fuesen moderados y la justicia rápida. Los jueces, los

escribanos, tuvieron sueldo del Tesoro público, y no compraron sus cargos.

Fue principalmente en el año 1718, mientras instruía solemnemente el proceso de su hijo, cuando hizo estos reglamentos. La mayor parte
que dictó fueron sacadas de las de Suecia, y no tuvo inconveniente en admitir en los tribunales a los prisioneros suecos instruidos en la jurisprudencia de su país y que, habiendo aprendido la lengua del imperio, quisieron permanecer en Rusia.

Las causas de los particulares iban al gobernador de la provincia y a sus asesores; luego se podía apelar al Senado, y si alguien, después de haber sido condenado por el Senado, apelaba de ello al zar mismo, se le declaraba reo de muerte, en caso de que su apelación fuese injusta. Pero, para moderar el rigor de esta ley, creó un relator general del Consejo de Estado, que recibía las demandas de todos los que tenían en el Senado o en los tribunales inferiores asuntos sobre los cuales la ley no estaba aún bien explícita.

En fin: en 1722 terminó su nuevo código, y prohibió, bajo pena de muerte, a todos los jueces separarse de él y substituir su opinión particular a la

ley general. Esta orden terrible fue fijada, y lo está todavía, en todos los tribunales del imperio.

El creó todo; nada había, ni en lo social, que no fuese obra suya. El reguló las categorías entre los hombres según sus empleos, desde el almirante y el mariscal hasta el abanderado, sin tener en cuenta el nacimiento para nada.

Teniendo siempre en el pensamiento y queriendo enseñar a su nación que los servicios eran preferibles a los abuelos, se establecieron categorías también para las mujeres; y cualquiera que en una asamblea ocupaba un puesto que no le correspondía pagaba una multa.

Por un reglamento muy útil, todo soldado que llegaba a oficial pasaba a ser noble, y todo boyardo degradado por la justicia se convertía en plebeyo.

Después de la redacción de estas leyes y de estos reglamentos, ocurrió que el incremento del comercio, el crecimiento de las ciudades y las riquezas, la población del imperio, las nuevas empresas, la creación de nuevos empleos, acarrearon necesariamente una multitud de asuntos nuevos y de casos imprevistos, todos los cuales eran la consecuencia de los éxitos mismos de Pedro en la reforma general de sus Estados.

La emperatriz Isabel terminó la colección de leyes que su padre había comenzado, y esas leyes están impregnadas de la dulzura de su reinado.

CAPITULO XIV

De la religión.

En aquel mismo tiempo, Pedro trabajaba más que nunca en la reforma del clero. Había abolido el patriarcado, y este acto de autoridad no lo había ganado los corazones de los eclesiásticos. Quería que la administración imperial fuese omnipotente y que la administración eclesiástica fuese respetada y obediente. Su designio era establecer un consejo de religión permanente, que dependiese del soberano y que no dictase más leyes a la Iglesia que las que fuesen aprobadas por el jefe del Estado, del cual la Iglesia forma parte. En esta empresa fue ayudado por un arzobispo de Novgorod, llamado Teófano Procop, (a) Procopwitz, es decir, hijo de Procop.

Este prelado era santo y sabio; sus viajes por diversas partes de Europa le habían enseñado los abusos que allí reinan; el zar, que había sido también testigo de ello, tenía en todas sus fundaciones la gran ventaja de poder, sin contradicción, escoger lo útil y evitar lo peligroso.

El mismo trabajó en 1718 y 1719 con este arzobispo. Se estableció un sínodo permanente, compuesto de doce miembros, obispos y archimandritas, todos escogidos por el soberano. Este colegio fue aumentado después hasta catorce.

Los motivos de esta creación fueron explicados por el zar en un discurso preliminar; el más notable y el mayor de estos motivos es que no son de temer bajo la administración de un colegio de sacerdotes los desórdenes y turbulencias que podrían ocurrir bajo el gobierno de un solo jefe eclesiástico; que el pueblo, siempre inclinado a la superstición, podría, al ver de un lado un jefe del Estado y del otro un jefe de la Iglesia, imaginar que había en efecto dos poderes . Cita sobre este importante punto el ejemplo de las grandes disensiones entre un imperio y el sacerdocio, que han ensangrentado tantos reinos.

Pensaba y decía públicamente que la idea de dos poderes fundados en la alegoría de dos espadas que se hallaron en los apóstoles era una idea absurda.

El zar confirió a este tribunal el derecho de ordenar toda la disciplina eclesiástica, el examen de las costumbres y de la capacidad de los que son destinados a los obispados por el soberano, el juicio definitivo de las causas religiosas, en las que anteriormente se apelaba al patriarca; el conocimiento de las rentas de los monasterios y de las distribuciones de las limosnas.

Esta asamblea tomó el título de *muy santo sínodo,* título que habían tenido los patriarcas. Así el zar restableció de hecho la dignidad patriarcal, distribuida en catorce miembros, pero todos dependientes del soberano y todos prestando juramento de obedecerlo, juramento que no prestaban los patriarcas. Los miembros de este sagrado sínodo congregados tenían la misma jerarquía que los senadores; pero también dependían del príncipe, como el Senado.

Esta nueva administración y el código eclesiástico no entraron en vigor y no recibieron una forma permanente sino cuatro años después, en 1722. Pedro quiso primero que el sínodo le presen-

tase los que juzgase más dignos de las prelacías. El emperador escogía un obispo, y el sínodo lo consagraba. Pedro presidía a menudo esta asamblea. Un día, que se trataba de presentar un obispo, el sínodo observó que no tenía entonces sino ignorantes que presentar al zar: *¡Y bien!* -dijo éste-; *no hay más que escoger al hombre, honrado; éste valdrá bien por un sabio.*

Hay que observar que en la Iglesia griega no existe lo que nosotros llamamos clero *secular;* el clérigo no es allí conocido más que por su ridiculez; pero, a cansa de otro abuso, ya que es preciso que todo sea abuso en este mundo, los prelados son sacados del orden monástico. Los primeros monjes no eran mas que seglares, unos devotos, otros fanáticos, que se retiraban a los desiertos; fueron reunidos al fin por San Basilio, de él recibieron una regla, hicieron votos, y fueron considerados en el último orden de la jerarquía, por la que hay que empezar para ascender a las dignidades. Esto es lo que llenó de monjes la Grecia y el Asia. Rusia estaba inundada de ellos; eran ricos y poderosos, y, aunque muy ignorantes, eran, al advenimiento de Pedro, casi los únicos que sabían escribir; de ello habían abusado en los primeros tiempos en que tanto se asombraron y escandalizaron de las innovaciones que en

todo realizaba Pedro. Se había visto obligado éste en 1703 a prohibir la tinta y las plumas a los monjes; era necesario un permiso expreso del archimandrita, que respondía de aquellos a quienes se les concedía.

Pedro quiso que esta disposición subsistiese. Había querido primero que no se ingresase en el orden monástico más que a la edad de cincuenta años, pero resultaba demasiado tarde, la vida del hombre es demasiado corta, y no había tiempo para formar obispos; ordenó entonces, con su sínodo, que se permitiese hacerse fraile a los treinta años cumplidos, pero nunca antes; prohíbe a los militares y a los cultivadores entrar nunca en un convento, a menos de una orden expresa del emperador o del sínodo; jamás un hombre casado puede ser admitido en un monasterio, aun después del divorcio, a no ser que su mujer se haga también religiosa por su pleno consentimiento y que no tengan hijos. Cualquiera que esté al servicio del Estado no puede hacerse fraile, a menos de un permiso expreso. Todo fraile debe trabajar con sus propias manos en cualquier oficio. Las religiosas no deben salir nunca de su monasterio; Se les da la tonsura a la edad de cincuenta años, como a las diaconisas de la primitiva Iglesia; y si antes de haber recibido la tonsura quie-

ren casarse, no solamente pueden hacerlo, sino que se las exhorta a ello; reglamento admirable en un país donde la población es mucho más necesaria que los monasterios.

Pedro quiso que estas desdichadas monjas, que Dios ha hecho nacer para poblar el Estado, y que, por una devoción mal entendida, sepultan en los claustros la raza de que ellas debían ser madres, fuesen, al menos, de alguna utilidad a la sociedad qUe traicionan; ordenó que todas ellas se empleasen en labores manuales propias de su sexo. La emperatriz Catalina se encargó de hacer venir obreras de Brabante y de Holanda; las distribuyó en los monasterios, y bien pronto se hicieron en ellos trabajos con los que Catalina y las damas de la corte se engalanaban.

Acaso nada haya en el mundo más sabio que estas instrucciones; pero lo que merece la atención de todos los tiempos es el reglamento que Pedro, dictó él mismo y que dirigió al sínodo en 1724. Fue ayudado en ello por Teófano Procopwitz. La antigua institución eclesiástica está muy sabiamente explicada en este escrito; la ociosidad monacal es fuertemente combatida en él; el trabajo, no solamente recomendado, sino ordenado, debiendo ser

la principal ocupación servir a los pobres; ordena que los soldados inválidos sean distribuidos por los conventos; que haya religiosos comisionados para tener cuidado de ellos; que los más robustos cultiven las tierras pertenecientes a los conventos; lo mismo ordena en los conventos de monjas; las más fuertes deben cuidar de los jardines; las otras deben atender a las mujeres e hijas enfermas que se lleven de las proximidades del convento. Se ocupa en los menores detalles de estos diversos servicios; destina algunos monasterios de religiosos de uno y otro sexo a recibir huérfanos y a educarlos.

Parece al leer este reglamento de Pedro el Grande, del 31 de enero de 1724, como si estuviese compuesto a la vez por un ministro de Estado y por un padre de la Iglesia.

Casi todas las costumbres de la Iglesia rusa son diferentes de las nuestras. Entre nosotros en cuanto un hombre es subdiácono, le está prohibido el matrimonio, y para él es un sacrilegio servir para poblar su patria. Por lo contrario, cuando un hombre es ordenado de subdiácono en Rusia se lo obliga a tomar mujer: pasa a ser sacerdote, arcipreste; pero para llegar a obispo es preciso que sea viudo y fraile.

Pedro prohibió a todos los párrocos emplear más de uno de sus hijos en el servicio de la Iglesia, por miedo a que una familia demasiado numerosa tiranizase a la parroquia, y no se permitió emplear a más de uno de sus hijos sino cuando la parroquia misma lo solicitara. Se ve que en los menores detalles de estas ordenanzas eclesiásticas todo va dirigido al bien del Estado, y que se toman todas las medidas posibles para que los sacerdotes sean considerados, sin ser peligrosos y que no sean ni humillados ni poderosos.

Yo encuentro en unas Memorias curiosas, compuestas por un oficial muy estimado por Pedro el Grande, que un día le leían a este príncipe el capítulo del *Espectador inglés,* que contiene un paralelo entre él y Luis XIV; después de haberlo escuchado, dijo: No creo merecer la preferencia que se me da sobre este monarca; pero estoy muy satisfecho de serle superior en un punto esencial: yo he obligado a mi clero a la obediencia y a la paz, y Luis XIV se ha dejado subyugar por el suyo.

Un príncipe que pasaba los días en medio de las fatigas de la guerra, y las noches redactando tantas leyes, civilizando un imperio tan vasto, dirigiendo tantos trabajos inmensos en el espacio de dos mil

leguas, tenía necesidad de descanso. Los placeres no podían ser entonces ni tan nobles ni tan delicados como llegaron a ser después. No hay que asombrarse de que Pedro se divirtiese en su fiesta de los cardenales, de que ya hemos hablado, y en algunos otros entretenimientos de este género; alguna vez fue a expensas de la Iglesia romana, por la que tenía una aversión muy perdonable en un príncipe del rito griego que quiere ser en él su jefe. Celebró también espectáculos parecidos a costa de los frailes de su patria, pero de los antiguos frailes, que él quería ridiculizar, mientras reformaba a los nuevos.

Ya hemos visto que antes de promulgar sus leyes eclesiásticas había hecho Papa a uno de sus locos, y que había celebrado la fiesta del conclave. Este loco, llamado Sotof, era de ochenta y cuatro años de edad. El zar imaginó hacerle casar con una viuda de igual edad y celebrar solemnemente esta boda; mandó hacer la invitación a cuatro tartamudos; viejos decrépitos conducían a la novia; cuatro hombres de los más gordos de Rusia servían de batidores; la música iba sobre un carro tirado por osos, a los que se picaba con puntas de hierro, y quienes, con sus bramidos, formaban un acompañamiento digno de los aires que se tocaban sobre el carro. Los novios

fueron bendecidos en la catedral por un sacerdote ciego y sordo, a quien se había puesto anteojos. La procesión, el casamiento, el banquete de boda, el desnudar a los novios, la ceremonia de meterlos en la cama, todo fue igualmente adecuado a la bufonería de esta diversión.

Tal fiesta nos parece ridícula; pero ¿lo es más que nuestras diversiones de Carnaval? ¿Es más hermoso ver quinientas personas llevando sobre la cara máscaras horribles, y sobre el cuerpo trajes ridículos, saltar toda una noche en una sala sin hablarse?

Nuestras antiguas fiestas de los locos, y del asno, y del abad de los cornudos, en nuestras iglesias, ¿eran más majestuosas? Y nuestras comedias de la *Madre tonta* ¿mostraban más ingenio?

CAPITULO XV

Negociaciones de Aland. -Muerte de Carlos XII. -La paz de Neustadt.

Estos inmensos trabajos del zar, este pormenor de todo el imperio ruso y el desdichado proceso del príncipe Alejo no eran los únicos asuntos que le ocupaban; era necesario estar a cubierto de lo exterior ordenando el interior de sus Estados. La guerra continuaba siempre con Suecia, aunque flojamente y debilitada por la esperanza de una paz próxima.

Está probado que en el año 1717, el cardenal Alberoni, primer ministro de Felipe V, rey de España, y el barón de Gortz, que se había adueñado del espíritu de Carlos XII, habían querido cambiar la paz de Europa aliando a Pedro con Carlos, destronando al rey de Inglaterra, Jorge I, restableciendo a

Estanislao en Polonia, mientras que Alberoni daría a Felipe, su soberano, la regencia de Francia. Gortz, como hemos visto, se había declarado al zar mismo. Alberoni había entablado una negociación con el príncipe Kurakin, embajador del zar en La Haya, por medio del embajador de España, Barretti Landi, mantuano, trasplantado a España, como el cardenal.

Eran extranjeros que querían trastornar todo en beneficio de soberanos de quien no eran súbditos natos, o más bien en beneficio de ellos mismos. Carlos XII intervino en todos estos proyectos, y el zar se contentó con examinarlos. Desde el año 1716 no había hecho más que débiles esfuerzos contra Suecia, más bien para obligarla a comprar la paz mediante la cesión de las provincias que había conquistado que para acabar de aniquilarla.

Ya la actividad del barón de Gortz había conseguido del zar que enviase plenipotenciarios ala isla de Aland para tratar de esta paz. El escocés Bruce, jefe superior de Artillería en Rusia, y el célebre Osterman, que después estuvo al frente de los negocios, llegaron al Congreso precisamente en el momento que se detenía al zarevitz en Moscú. Gortz y Gyllembourg estaban ya en el Congreso, en representación de Carlos XII, ambos impacientes

por unir a este príncipe con Pedro y vengarse del rey de Inglaterra. Lo extraño es que había Congreso sin haber armisticio.

La flota del zar cruzaba siempre ante las costas de Suecia y hacía algunas presas: pretendía con estas hostilidades acelerar la conclusión de una tan necesaria a Suecia y que debía ser tan gloriosa a su vencedor.

Ya, a pesar de las pequeñas hostilidades que duraban todavía, eran manifiestas todas las apariencias de una paz próxima. Los preliminares consistían en actos de generosidad, que hacen más efecto que las firmas. El zar restituyó sin rescate al mariscal Renschild, que él mismo había hecho prisionero, y el rey de Suecia devolvió igualmente los generales Trubetskoy y Gollowin, prisioneros en Suecia desde la jornada de Nerva.

Las negociaciones avanzaban, todo iba a cambiar en el Norte. Gortz proponía al zar la adquisición del Mecklemburgo. El duque Carlos, que poseía este ducado, se había casado con una hija del zar Iván, hermano mayor de Pedro. La nobleza de su país estaba sublevada contra él. Pedro tenía un ejército en el Mecklemburgo y tomaba partido a favor del príncipe, que miraba como yerno suyo. El

rey de Inglaterra, elector de Hannóver, se declaraba por la nobleza; era también una manera de mortificar al rey de Inglaterra asegurar el Mecklemburgo a Pedro, ya dueño de la Livonia y que iba a llegar a ser más poderoso en Alemania que ningún elector. Se daba en cambio al duque de Mecklemburgo el ducado de Curlandia y una parte de Prusia, a expensas de Polonia, a la que se restituía el rey Estanislao. Brema y Verden debían volver a Suecia, pero no se podía despojar al rey Jorge I más que por la fuerza de las armas. El proyecto de Gortz era, pues, como ya se ha dicho, que Pedro y Carlos XII, unidos no solamente por la paz, sino por una alianza ofensiva, enviasen a Escocia un ejército. Carlos XII, después de haber conquistado a Noruega, debía marchar en persona a la Gran Bretaña, y se lisonjeaba de hacer allí un nuevo rey, después de haber hecho uno en Polonia. El cardenal Alberoni prometía subsidios a Pedro y a Carlos. El rey Jorge, al caer, arrastraría probablemente en su caída al regente de Francia, su aliado, quien, quedando sin apoyo, sería entregado a la España triunfante y a la Francia sublevada.

Alberoni y Gortz se creían ya a punto de trastornar Europa de un extremo a otro. Una bala de culebrina, lanzada al azar desde los baluartes de

Frederichsall, en Noruega, echó abajo todos sus proyectos. Carlos XII fue muerto; la flota de España, batida por los ingleses; la conjuración fomentada en Francia, descubierta y deshecha; Alberoni, expulsado de España; Gortz, decapitado en Estocolmo; y de toda esta terrible liga, apenas comenzada, únicamente quedó poderoso el zar, quien, no habiéndose comprometido con nadie, dictó la ley a todos sus vecinos.

Todo cambió en Suecia después de la muerte de Carlos XII; éste había sido déspota, y no se eligió a su hermana UIrica sino a condición de que renunciase al despotismo. Aquél había querido unirse con el zar contra Inglaterra y sus aliados, y el nuevo Gobierno sueco se unió con sus aliados contra el zar.

El Congreso de Aland no fue roto, ciertamente; pero Suecia, aliada con Inglaterra, esperó que las escuadras inglesas enviadas al Báltico le procurasen una paz más ventajosa. Las tropas hannoverianas entraron en los estados del duque de Mecklemburgo; pero las tropas del zar las expulsaron de ellos.

Mantenía también un cuerpo de ejército en Polonia, el cual se imponía a la vez a los partidarios de Augusto y a los de Estanislao; y con respecto a Sue-

cia, tenía una flota preparada que debía o hacer un desembarco en las costas, o forzar al Gobierno sueco a no hacer languidecer el Congreso de Aland. Esta flota estaba compuesta de doce grandes navíos de línea, de navíos de segundo orden, de fragatas y de galeras; el zar era su vicealmirante, siempre bajo el mando del almirante Apraxin.

Una escuadra de esta flota se destacó primero contra una escuadra sueca, y, después de un tenaz combate, tomó un navío y dos fragatas. Pedro, que alentaba por todos los medios posibles la marina que había creado, dio setenta mil libras de nuestra moneda a los oficiales de la escuadra, medallas de oro y, sobre todo, insignias de honor.

En aquel mismo tiempo, la flota inglesa, a las órdenes del almirante Norris, entró en el mar Báltico para auxiliar a los suecos. Pedro tenía bastante confianza en su nueva marina para no dejarse imponer por los ingleses; salió atrevidamente al mar, y envió a preguntar al almirante inglés si venía simplemente como amigo de los suecos o como enemigo de Rusia. El almirante respondió que aun no tenía órdenes concretas. Pedro, a pesar de esta equívoca respuesta, no dejó de navegar mar adentro.

Los ingleses, en efecto, no habían venido sino con la intención de hacer un acto de presencia y comprometer al zar con estas demostraciones a presentar a los suecos condiciones de paz aceptables. El almirante Norris fué a Copenhague, y los rusos hicieron algunos desembarcos en Suecia, en las proximidades de Estocolmo; destruyeron forjas de cobre, quemaron más de quince mil casas y causaron bastantes daños para hacer desear a los suecos que la paz fuese concertada inmediatamente.

En efecto: la nueva reina de Suecia apresuró la renovación de las negociaciones; el mismo Osterman fué enviado a Estocolmo; las cosas permanecieron en este estado durante todo el año 1719.

1720. -Al año siguiente, el príncipe de Hesse, marido de la reina de Suecia, hecho rey en propiedad por cesión de su mujer, comenzó su reinado enviando un ministro a Petersburgo para acelerar esta paz tan deseada; pero, en medio de estas negociaciones, la guerra duraba siempre.

La flota inglesa se unió a la sueca, pero sin romper todavía las hostilidades; no había ruptura declarada entre Rusia e Inglaterra; el almirante Norris ofrecía la mediación de su soberano, pero la ofrecía a mano armada, y esto mismo detenía las negocia-

ciones. Es tal la situación de las costas de Suecia y de las nuevas provincias de Rusia sobre el mar Báltico, que se pueden atacar fácilmente las de Suecia, mientras que las otras son de muy difícil acceso.

Junio 1719. -Bien claro se vio cuando el almirante Norris, arrojando la máscara, hizo al fin un desembarco, juntamente con los suecos, en una pequeña isla de la Etonia, llamada Narguen, perteneciente al zar: quemaron una cabaña; pero los rusos, en la misma época, desembarcaron hacia Vasa, quemaron cuarenta y un lugares y más de mil casas y causaron en todo el país un estrago indecible. El príncipe Gallitzin tomó cuatro fragatas al abordaje; parecía como si el almirante inglés no hubiese venido más que para ver con sus propios ojos hasta qué punto había hecho el zar formidable a su marina. Norris apenas si hizo más que mostrarse en estos mismos mares sobre los cuales eran conducidos las cuatro fragatas suecas en triunfo al puerto de Cronslot, ante Petersburgo. Parece que los ingleses hicieron demasiado si no eran más que mediadores, y demasiado poco si eran enemigos.

Noviembre 1720. -Al fin, el nuevo rey de Suecia pidió una suspensión de hostilidades; y no habiendo podido lograrlo hasta entonces, por las, amenazas

de Inglaterra, empleó la mediación del duque de Orleáns, regente de Francia. Este príncipe, aliado de Rusia y de Suecia, consiguió el honor de la conciliación; envió a Campredon, plenipotenciario, a Petersburgo, y de allí a Estocolmo. El Congreso se reunió en Neustadt, pequeña cuidad de Finlandia; pero el zar no quiso conceder el armisticio más que cuando se estuvo a punto de concluir y firmar. Tenía un ejército en Finlandia, presto a subyugar el resto de esta provincia; sus escuadras amenazaban continuamente a Suecia; era preciso que la paz no se hiciese más que según sus deseos. Se suscribió al fin todo lo que él quiso; se le cedió a perpetuidad todo lo que había conquistado, desde las fronteras de la Curlandia hasta el fondo del golfo de Finlandia, y mucho más todavía: todo el país de Kexholm, de un cabo al otro, y este confín de la Finlandia misma que se prolonga desde los alrededores de Kexholm, al Norte; así, él quedó soberano reconocido de la Livonia, la Estonia, la Ingria, la Carelia, el país, de Vibourg y de las islas vecinas, que le aseguran todavía el dominio del mar, como las islas de Oesel, de Dago, de Mone y otras muchas. El total formaba una extensión de trescientas leguas comunes, con anchu-

ras diferentes, y componía un gran reino, que era el premio de veinte años de trabajos.

Esta paz fué firmada el 10 de septiembre de 1721, nuevo cómputo, por su ministro Osterman y el general Bruce.

Pedro sintió tanto mayor alegría, cuanto que, viéndose libre de la necesidad de entretener grandes ejércitos contra Suecia, libre de inquietudes con Inglaterra y con sus vecinos, se encontraba en condiciones de entregarse por entero a la reforma de su imperio, tan bien comenzada, y a hacer florecer en paz las artes y el comercio, introducidos por su solicitud, con tantos trabajos.

En sus primeros transportes de alegría, escribió a sus plenipotenciarios: Habéis hecho el tratado como si lo hubiésemos redactado nosotros mismos y lo hubiéramos enviado para hacerlo firmar a los suecos; este glorioso acontecimiento estará siempre presente en nuestra memoria.

Fiestas de todo género mostraron la satisfacción de las gentes en todo el imperio, y sobre todo en Petersburgo. Las pompas triunfales que el zar había ostentado durante la guerra no llegaban a las diversiones tranquilas a las cuales acudían todos los ciudadanos con entusiasmo; esta paz era el más

hermoso de sus triunfos, y lo que agradó más todavía que todas estas brillantes fiestas fué un perdón general para todos los culpables retenidos en las prisiones, y la abolición de todos los impuestos debidos al tesoro del zar en toda la extensión del imperio hasta el día de la publicación de la paz. Se rompieron las cadenas de una multitud de malhechores; los ladrones públicos, los asesinos, los reos de lesa majestad, fueron los únicos exceptuados.

Entonces fue cuando el Senado y el sínodo concedieron a Pedro los títulos de *Grande,* de *emperador* y de *padre de la patria.* El canciller Golofkin tomó la palabra, en nombre de todos los órdenes del Estado, en la iglesia catedral; los senadores gritaron en seguida tres veces: *¡Viva nuestro emperador y nuestro padre!,* y estas aclamaciones fueron seguidas de las del pueblo. Los ministros de Francia, de Alemania, de Polonia, de Dinamarca, de Holanda, le felicitaron el mismo día, le nombraron con los títulos que acababan de concederle y reconocieron como emperador al que se había ya designado públicamente con este título en Holanda después de la batalla de Pultava. Los nombres de *padre* y de *grande* eran nombres gloriosos que nadie podía disputarle en Europa; el de *emperador* no era más que un título honorífico

concedido por el uso al emperador de Alemania, como rey titular de los romanos; y estas denominaciones exigen tiempo para ser formalmente usadas en las cancillerías de las cortes, donde la etiqueta es distinta de la gloria. Muy poco después, Pedro fue reconocido emperador por toda Europa, excepto por Polonia, que la discordia dividía siempre, y por el Papa, cuyo voto ha llegado a ser bien inútil desde que la corte romana ha perdido su prestigio a medida que las naciones se han ilustrado.

CAPITULO XVI

De1as conquistas de Persia.

La situación de Rusia es tal, que necesariamente le afectan los intereses de todos los pueblos que habitan hacia el grado cincuenta de latitud. Cuando estuvo mal gobernada fue el blanco, sucesivamente, de los tártaros, de los suecos, de los polacos, y bajo un gobierno firme y vigoroso, se hizo temible a todas las naciones. Pedro había comenzado su reinado con un tratado ventajoso con la China; había combatido a la vez a los suecos y a los turcos; acabó por conducir ejércitos a Persia.

La Persia comenzaba a caer en este estado deplorable en que se encuentra aún en nuestros días. Imagínense la guerra de Treinta Años en Alemania, la época de la Fronda, la de la Sainte Barthélemy, de

Carlos VI y del rey Juan en Francia, las guerras civiles de Inglaterra, la larga devastación de la Rusia entera por los tártaros, o estos mismos tártaros invadiendo la China, y se tendrá una idea de las calamidades que han afligido a Persia.

Bastó un príncipe débil y perezoso y una persona poderosa y atrevida para sumir a un reino entero en este abismo de desastres. El sha, o shac, o sofí de Persia, Hussein, descendiente del gran Sha-Abas, estaba entonces en el trono; se entregaba a la molicie; su primer ministro cometió injusticias y crueldades que la debilidad de Hussein toleró: he aquí el origen de cuarenta años de carnicería.

Persia, lo mismo que Turquía, tiene provincias diferentemente gobernadas; tiene súbditos inmediatos, vasallos, príncipes tributarios, pueblos mismos a quienes la corte pagaba su tributo bajo el nombre de pensión o de subsidio; tales eran, por ejemplo, los pueblos de Daguestán, que habitaban las estribaciones de los montes Cáucasos, al occidente del mar Caspio; formaban en otro tiempo parte de la antigua Albania; pues todos los pueblos han cambiado sus nombres y sus límites, estos pueblos se llaman hoy los lesguios; son montañeses, más bien bajo la protección que bajo la dominación

de Persia; se les pagaban subsidios para defender estas fronteras.

Al otro extremo del imperio, hacia las Indias, estaba el príncipe de Candahar, quien mandaba la milicia de los afganes. Este príncipe era un vasallo de Persia, como los hospodars de Valaquia y de Moldavia son vasallos del imperio turco; este vasallaje no es hereditario; se parece completamente a los antiguos feudos establecidos en Europa por las especies de tártaros que trastornaban el imperio romano. La milicia de los afganes, gobernada por el príncipe de Candahar, era la de los mismos albaneses de las costas del mar Caspio, vecinos del Daguestán, mezclados con los circasianos y georgianos, parecidos a los antiguos mamelucos que subyugaron el Egipto; se les llamó los afganes por corrupción; Timur, que nosotros llamamos Tamerlán, había llevado esta milicia a la India, y quedó establecida en esta provincia de Candahar, la cual tan pronto pertenece a la India, tan pronto a la Persia. Por estos afganes y por estos lesguios es por donde comenzó la revolución.

Myr-Veitz, o Miriwitz, intendente de la provincia, encargado únicamente de la cobranza de los tributos, asesinó al príncipe de Candahar, sublevó la

milicia, y fué soberano de Candahar hasta su muerte, ocurrida en 1717. Su hermano le sucedió tranquilamente, pagando un ligero tributo a la Puerta persa; pero el hijo de Miriwitz, nacido con la misma ambición que su padre, asesinó a su, tío y quiso ser un conquistador. Este joven se llamaba Myr-Mahmud; pero no fue conocido en Europa más que con el nombre de su padre, que había comenzado la rebelión. Mahmud unió a sus afganes lo que pudo recoger de güebros, antiguos persas ahuyentados por el califa Omar, siempre adscritos a la religión de los magos, tan floreciente en otro tiempo bajo Ciro, y siempre enemigos secretos de los nuevos persas. En fin, marchó al corazón de la Persia al frente de cien mil combatientes.

En la misma época, los lesguios o albaneses, a quienes varios contratiempos impidieron cobrar sus subsidios, descendieron armados de sus montañas; de suerte que prendió el incendio desde dos extremos del imperio hasta la capital.

Estos lesguios arrasaron todo el país que se extiende a lo largo de la costa occidental del mar Caspio hasta Derbeut, o la Puerta de Hierro. En esta región, que devastaron, está la ciudad de Shamaquia, a quince leguas comunes del mar; se supone que ésta

es la antigua morada de Ciro, a la que los griegos dieron el nombre de Ciropolis, pues nosotros no conocemos más que por los griegos la posición y los nombres de este país; y de igual modo que los persas nunca tuvieron un príncipe a quien llamasen Ciro, menos aún tuvieron una ciudad que se llamase Ciropolis. Es así como los judíos que se metieron a escribir cuando se establecieron en Alejandría imaginaron una ciudad de Escitopolis, edificada, decían, por los escitas cerca de la Judea, como si los escitas y los antiguos judíos hubiesen podido dar nombres griegos a las ciudades.

Esta ciudad de Shamaquia era opulenta. Los armenios, vecinos de esta parte de la Persia, hacían en ella un inmenso comercio, y Pedro acababa de establecer allí a sus expensas una compañía de comerciantes rusos que comenzaba a estar floreciente. Los lesguios sorprendieron la ciudad, la saquearon, degollaron a todos los rusos que traficaban bajo la protección del sha Hussein, y robaron sus almacenes, cuyas pérdidas se hicieron ascender a cerca de cuatro millones de rublos.

Pedro envió a pedir satisfacción al emperador Hussein, que disputaba todavía su corona, y al tirano Mahmud, que la usurpaba. Hussein no pudo ha-

cerlo justicia, y Mahmud no quiso. Pedro decidió tomarse la justicia por su mano y aprovecharse de los desórdenes de Persia.

Myr-Mahmud proseguía siempre en Persia sus conquistas. El sofí, enterado de que el emperador de Rusia se preparaba a entrar en el mar Caspio, para vengar la muerte de sus súbditos degollados en Shamaquia, le rogó secretamente por medio de un armenio que fuese al mismo tiempo en socorro de Persia.

Pedro premeditaba desde mucho antes el proyecto de dominar en el mar Caspio con una poderosa marina, y hacer pasar por sus Estados el comercio de Persia y de una parte de la India. Había hecho sondar las profundidades de este mar, examinar las costas y levantar cartas exactas. Partió, pues, para Persia el 15 de mayo de 1722. Su esposa le acompañó en este viaje, como en los otros. Descendieron por el Volga hasta la ciudad de Astracán. Desde allí corrió a restablecer los canales que debían unir el mar Caspio, el mar Báltico y el mar Blanco, obra que en parte fue terminada bajo el reinado de su nieto.

Mientras dirigía estas obras, su infantería y sus municiones estaban ya en el mar Caspio. Tenía

veintidós mil hombres de infantería, nueve mil dragones, quince mil cosacos; tres mil marineros maniobraban y podían servir de soldados en los desembarcos. La caballería tomó el camino de tierra por desiertos donde el agua falta con frecuencia, y pasados estos desiertos, hay que franquear las montañas del Cáucaso, donde trescientos hombres podían detener un ejército; pero en la anarquía en que se hallaba Persia se podía intentar todo.

El zar navegó cerca de cien leguas al mediodía de Astracán, hasta la pequeña ciudad de Andrehof. Es extraño ver el nombre de Andrés a orillas del mar de Hircania; pero algunos georgianos, especie de cristianos antiguamente, habían edificado esta ciudad, y los persas la habían fortificado; fue tomada fácilmente. De allí avanzaron, siempre por tierra, por el Daguestán; se distribuyeron manifiestos en persa y en turco; era necesario halagar a la Puerta Otomana, que contaba entre sus súbditos no solamente a los circasianos y los georgianos, vecinos de este país, sino también algunos grandes vasallos colocados desde poco antes bajo la protección de Turquía.

Entre otros, había uno muy poderoso, llamado Mahmud de Utmich, que ostentaba el título de sul-

tán, y que se atrevió a atacar las tropas del emperador ruso; fue completamente derrotado, y el informe contiene que se hizo de su país una hoguera.

14 septiembre 1722. -Pronto llegó Pedro a Derbent, que los persas y los turcos llaman Demir-capi, la Puerta de Hierro; se llama así porque, en efecto, hay una puerta de hierro en la parte Sur. Es una ciudad larga y estrecha, que toca por un extremo a una estribación escarpada del Cáucaso, y cuyos muros están bañados en el otro extremo por las olas del mar, que a menudo se elevan por encima de ellos en las tempestades. Estos muros podrían pasar por una maravilla de la antigüedad; de cuarenta pies de alto y seis de ancho, flanqueados de torres cuadradas, a cincuenta pies una de otra, toda esta obra parece de una sola pieza; está construida de asperón y de concha, pulverizadas que han servido de mortero, y el conjunto forma una masa más dura que el mármol; se puede entrar en ella por mar, pero la ciudad por la parte de tierra parece inexpugnable. Quedan todavía los restos de una antigua muralla, semejante a la de la China, que se había construido en la más remota antigüedad; se extendía desde las orillas del mar Caspio a las del mar Negro, y era, probablemente, un muro elevado por los antiguos reyes de

Persia contra esta multitud de bárbaros que habitaban entre esos dos mares.

La tradición persa dice que la ciudad de Derbent fue en parte reparada y fortificada por Alejandro. Aniano y Quinto-Curcio dicen que, en efecto, Alejandro hizo levantar esta ciudad; pretenden, ciertamente, que fue a orillas del Tanais; pero es que en su tiempo los griegos daban el nombre de Tanais al río Cirus, que pasa cerca de la ciudad. Sería contradictorio que Alejandro hubiese construido la Puerta Caspiana sobre un río cuya desembocadura está en el Ponto Eusino.

Había antiguamente otras tres o cuatro puerta Caspianas en diferentes parajes, todas verisímilmente construidas con la misma mira; pues todos los pueblos que habitan el occidente, el oriente y el septentrión de este mar han sido siempre bárbaros muy temibles al resto del mundo, y de allí es de donde principalmente han partido esos enjambres de conquistadores que han subyugado el Asia y Europa.

Permítaseme observar aquí cuánto ha agradado a los autores en todo tiempo engañar a los hombres, y cuánto han preferido una vana elocuencia a la verdad. Quinto-Curcio pone en boca de yo no sé

cuáles escitas un discurso admirable, lleno de moderación y de filosofía, como si los tártaros de estos países hubiesen sido tan sabios, y como si Alejandro no hubiese sido el general nombrado por los griegos contra el rey de Persia, señor de una gran parte de Escitia meridional y de las Indias. Los retóricos que han tenido la pretensión de imitar a Quinto-Curcio se han esforzado en presentarnos estos salvajes del Cáucaso y los desiertos, ávidos de rapiña y de matanza, como los hombres más justos del mundo; han pintado a Alejandro, vengador de Grecia y vencedor de quien quería sojuzgarla, como un bandido que recorría el mundo sin razón y sin justicia.

No se piensa que los tártaros no fueron nunca más que destructores y que Alejandro edificó ciudades en su propio país; es en lo que yo me atrevería a comparar a Pedro el Grande con Alejandro: tan activo, tan amigo de las artes útiles, más cuidadoso de la legislación quiso cambiar, como él, el comercio del mundo, y construyó o reparó tantas ciudades como Alejandro.

El gobernador de Derbent, a la llegada del ejército ruso, no quiso sostener el sitio; ya porque creyese no poder sostenerse, ya porque prefiriese la

protección del emperador Pedro a la del tirano Mahmud, entregó las llaves de plata de la ciudad y del castillo; el ejército entró tranquilamente en Derbent, y fué a acampar a orilla del mar.

El usurpador Mahmud, dueño ya de una gran parte de Persia, quiso, en vano, anticiparse al zar e impedirle la entrada en Derbent. Excitó a los tártaros vecinos; acudió él mismo; pero Derbent se había ya rendido.

Pedro no pudo entonces llevar más lejos sus conquistas. Los barcos que llevaban nuevas provisiones, reclutas, caballos, se habían perdido hacia Astracán, y la estación avanzaba; regresó a Moscú, y entró en él en triunfo; allí, según su costumbre, dio solemnemente cuenta de su expedición al vicezar Romadonoski, continuando hasta el fin esta comedia, que, según lo que se dijo en su elogio pronunciado en París, en la Academia de Ciencias, hubiese debido ser representada ante todos los monarcas de la tierra.

Persia estaba entonces repartida entre Hussein y, el usurpador Mahmud. El primero trataba de buscar un apoyo en el emperador de Rusia; el segundo temía en él un vengador que le arrebatase el fruto de su rebelión. Mahmud hizo cuanto pudo para levan-

tar a la Puerta Otomana contra Pedro; envió una embajada a Constantinopla; los príncipes del Daguestán, bajo la protección del sultán, despojados por las armas de Rusia, pidieron venganza. El Diván temió por la Georgia, que los turcos contaban en el número de sus Estados.

El sultán estuvo a punto de declarar la guerra; la corte de Viena y la de París se lo impidieron. El emperador de Alemania notificó que si los turcos atacaban a Rusia él se vería obligado a defenderla. El marqués de Bonac, embajador de Francia en Constantinopla, apoyó hábilmente con sus advertencias las amenazas de los alemanes; hizo ver que en propio interés de la Puerta estaba no sufrir que un rebelde usurpador de Persia enseñase a destronar soberanos; que el emperador ruso no había hecho más que lo que el sultán hubiera debido hacer.

Durante estas delicadas negociaciones, el rebelde Mahmud, había avanzado hasta las puertas de Derbent: asoló los países vecinos a fin de que los rusos no tuviesen con qué subsistir. La parte de la antigua Hircania hoy Guilan fue saqueada, y estos pueblos, desesperados, se pusieron bajo la protección de los rusos, a quienes miraron como sus libertadores.

Seguían en esto el ejemplo del sofí mismo. Este desgraciado monarca había enviado un embajador a Pedro el Grande para implorar solemnemente su auxilio. Apenas se puso en camino este embajador, cuando el rebelde Myr-Mahmud se apoderó de Ispahan y de la persona de su soberano.

El hijo del sofí destronado y prisionero, llamado Thamaseb, pudo escapar del tirano, reunió algunas tropas y combatió al usurpador. No fue menos activo que su padre para instar a Pedro el Grande a que le protegiese, y envió al embajador las mismas instrucciones que el sha Hussein había dado.

Agosto 1723. -No había llegado todavía este embajador persa, llamado Ismael-Beg, y su negociación había tenido ya buen éxito. Supo al arribar a Astracán que el general Matufkin iba a partir con nuevas tropas para reforzar el ejército del Daguestán. No se había tomado aún la ciudad de Bakú o Bachú, que da al mar Caspio el nombre de mar Bachú entre los persas. Dio al general ruso una carta para los habitantes, en la cual les exhortaba en nombre de su soberano a someterse al emperador de Rusia. El embajador continuó su camino para Petersburgo, y el general Matufkin fue a poner sitio a la ciudad de

Bachú. El embajador persa llegó a su corte al mismo tiempo que la noticia de la toma de la ciudad.

Esta ciudad está cerca de Shamaquia, donde los comerciantes rusos habían sido degollados; no es ni tan populosa ni tan opulenta como Shamaquia, pero es famosa por la nafta que ha proporcionado a toda Persia. Jamás tratado alguno fue concluido más pronto que el de Ismael-Beg.

Septiembre 1723. -El emperador Pedro, para vengar la muerte de sus súbditos y para socorrer al sofí Thamaseb contra el usurpador, prometía marchar a Persia con ejércitos, y el nuevo sofí le cedía no solamente las ciudades de Bachú y Derbent, sino también las provincias de Guilan, Mazanderan y Asterabath.

Guilan es, como ya hemos dicho, la Hircania meridional; Mazanderan, que la toca, es el país de los mardos; Asterabath está contigua a Mazanderan, y éstas eran las tres provincias principales de los antiguos reinos; de suerte que Pedro se encontraba, por sus armas y por los tratados, dueño del primer reino de Ciro.

No es inútil decir que en los artículos de este convenio se reguló el precio de los géneros que se debían suministrar al ejército. Un camello no debía

costar más que sesenta francos de nuestra moneda -doce rublos-; la libra de pan no debía llegar a cinco liards; la libra de carne, aproximadamente a seis; estos precios son una prueba evidente de la abundancia que existía en estos países de los verdaderos bienes, que son los de la tierra, y de la escasez de dinero, que no es más que un bien convencional.

Era tal la suerte miserable de Persia, que el desgraciado sofí Thamaseb, errante por su reino, perseguido por el rebelde Mahmud, asesino de su padre y de sus hermanos, estaba obligado a pedir a la vez a Rusia y a Turquía quisiesen tomar una parte de sus Estados, para conservar él la otra.

El emperador Pedro, el sultán Achmet III y el sofí Thamaseb convinieron entonces en que Rusia conservaría las tres provincias de que acabamos de hablar, y que la Puerta Otomana tendría Casbin, Tauris, Erivan, además de lo que conquistaba entonces el usurpador de Persia. De este modo este hermoso reino era desmembrado a la vez por los rusos, los turcos y por los mismos persas.

El emperador Pedro reinó así hasta su muerte desde los límites del mar Báltico hasta el extremo meridional del mar Caspio. Persia continuó siendo presa de revoluciones y saqueos. Los persas en otro

tiempo ricos y civilizados, se vieron sumidos en la miseria y en la barbarie, mientras que Rusia surgió de la pobreza y la grosería a la opulencia y la civilización. Un solo hombre, por tener un espíritu activo y enérgico, engrandeció a su patria; y un solo hombre, por ser débil e indolente, hizo caer a la suya.

Estamos todavía muy mal informados del pormenor de todas las calamidades que han abatido a Persia durante tanto tiempo. Se ha pretendido que el desgraciado sha Hussein fue lo bastante cobarde para poner él mismo su mitra de persa, lo que nosotros llamamos la corona, sobre la cabeza del usurpador Mahmud; se dice que este, Mahmud cayó en seguida en la locura; así, un imbécil y un loco decidieron la suerte de tantos miles de hombres. Se añade que Mahmud mató con su propia mano, en un acceso de locura, a todos los hijos y nietos del sha Hussein, en número de ciento; que se hizo recitar el evangelio de San Juan sobre la cabeza para purificarse y curarse. Estos cuentos persas han sido propalados por nuestros frailes e impresos en París.

Este tirano, que había asesinado a su tío fue, al fin asesinado a su vez por su sobrino Eshreff, que fue tan cruel y tan tirano como Mahmud.

El sha Thamaseb imploró siempre el auxilio de Rusia. Es este mismo Thamaseb, o Thamas, socorrido después y restablecido por el célebre, Kouli-kan y en seguida destronado por Kouli-kan mismo.

Estas revoluciones y las guerras que Rusia tuvo en seguida que sostener contra los turcos de las que salió victoriosa, y la evacuación de las tres provincias, no son acontecimientos que conciernen a Pedro el Grande; no ocurrieron sino varios años después de su muerte; baste decir que él acabó su carrera militar añadiendo tres provincias a su imperio por el lado de Persia cuando acababa de añadirle otras tres hacia las fronteras de Suecia.

CAPITULO XVII

Coronación y consagración de la emperatriz Catalina I. -Muerte de Pedro el Grande

Pedro, al regreso de su expedición de Persia, se encontró, más que nunca, como el árbitro del Norte. Se declaró el protector de la familia del mismo Carlos X11, de quien había sido durante diez y ocho años enemigo. Hizo venir a la corte al duque de Holstein, sobrino de este monarca; le destinó para su hija mayor, y se dispuso desde entonces a sostener sus derechos sobre el ducado de Holstein-Slesvig; hasta se comprometió en un tratado de alianza que concertó con Suecia.

Proseguía los trabajos comenzados en toda la extensión de sus Estados hasta el fondo de Kamtchatca, y para dirigir mejor estos trabajos establecía

en Petersburgo su Academia de Ciencias. Las artes florecían por todos lados; las manufacturas eran fomentadas; la marina, aumentada, los ejércitos, bien sostenidos; las leyes, observadas; gozaba en paz de su gloria; quiso partirla de un modo nuevo con la que, reparando la desgracia de la campaña del Pruth, había, decía él, contribuido a esta misma gloria.

18 mayo 1724. - Fue en Moscú donde hizo coronar y consagrar a su mujer Catalina, en presencia de la duquesa de Curlandia, hija de su hermano mayor, y del duque de Holstein, a quien iba a hacer su yerno. La declaración que publicó merece fijar la atención: en ella se recuerda el uso de varios reyes cristianos de hacer coronar a sus esposas; en ella se recuerdan los ejemplos de los embajadores Basilides, Justiniano, Heraclio y León el Filósofo. El emperador especifica en ella los servicios prestados al Estado por Catalina, y sobre todo en la guerra contra los turcos, cuando su ejército, reducido a veintidós mil hombres, tenía que combatir con más de doscientos mil. No se decía en esta orden que la emperatriz debiese reinar después de él; pero preparaba en ella los ánimos con esta ceremonia, desusada en sus Estados.

Lo que acaso podía hacer considerar a Catalina como destinada a subir al trono después de su esposo es que este misino marchó delante de ella a pie el día de su coronación, en calidad de capitán de una nueva compañía que creó con el nombre de *caballeros de la emperatriz.*

Cuando hubieron llegado a la iglesia, Pedro le colocó la corona sobre la cabeza; ella quiso abrazarle las rodillas; él se lo impidió, y al salir de la catedral hizo llevar el cetro y el globo delante de ella. La fiesta fue digna de todo un emperador. Pedro ostentaba en las grandes ocasiones tanta magnificencia como sencillez ponía en su vida privada.

Habiendo coronado a su mujer, se resolvió, al fin, a conceder su hija mayor, Ana Petrona, al duque de Holstein. Esta princesa tenía muchos rasgos de su padre; era de talla majestuosa y de gran belleza. Se la desposó con el duque de Holstein, pero sin gran aparato. Pedro sentía su salud muy quebrantada, y un disgusto doméstico, que acaso irritó más aún el mal de que murió, hizo estos últimos tiempos de su vida poco convenientes a la pompa de las fiestas.

Catalina tenía un joven chambelán[66], llamado Mo ns de la Cruz, nacido en Rusia de familia flamenca; era de figura distinguida; su hermana, la señora de Bale, era azafata de la emperatriz; ambos gobernaban su casa. Se acusó a uno y a otro al emperador; fueron metidos en la cárcel; se les siguió proceso por haber recibido regalos. Se había prohibido, desde el año 1714, a todo empleado, recibirlos, bajo pena de infamia y de muerte, y esta prohibición había sido renovada varias veces.

El hermano y la hermana fueron convictos; todos los que habían o comprado o recompensado sus servicios fueron enumerados en la sentencia, excepto el duque de Holstein y su ministro el conde Bassewitz; es verosímil que los regalos hechos por este príncipe a los que habían contribuido a conseguir su matrimonio no fuesen considerados, como una cosa criminal.

Se condenó a Mo ns a ser decapitado, y a su hermana, favorita de la emperatriz, a recibir once golpes de knut. Los dos hijos de esta dama, uno chambelán y otro paje, fueron degradados y envia-

[66] Memorias del conde Bassewitz.

dos en calidad de simples soldados al ejército de Persia.

Estas severidades, que rechazan nuestras costumbres, eran quizá necesarias en un país donde la conservación de las leyes parecía exigir un rigor espantoso. La emperatriz pidió perdón para su azafata, y su marido, irritado, se lo negó; en su cólera, hizo pedazos una luna de Venecia y dijo a su mujer: Tú ves que no es preciso más que un golpe de mi mano para volver este espejo al polvo de que ha salido. Catalina le miró con tierno dolor y le dijo: Y bien, habéis roto lo que constituía el adorno de nuestro palacio; ¿creéis que se ha hecho más hermoso por ello? Estas palabras apaciguaron al emperador, pero toda la gracia que su mujer pudo conseguir de él fue que su azafata no recibiera más que cinco golpes de knut en lugar de once..

No referiría este hecho si no estuviese certificado por un ministro, testigo ocular, quien, habiendo hecho él mismo regalos al hermano y a la hermana, fue acaso una de las principales causas de su desgracia. Fue esta aventura la que animó a los que juzgan todo malignamente, a propalar que Catalina apresuró los días de un marido que le inspiraba más terror por su cólera que gratitud por sus beneficios.

Se afirmaron en estas crueles sospechas por le prisa que tuvo Catalina de volver a llamar a su azafata inmediatamente después de la muerte de su esposo y concederle todo su favor. El deber de un historiador obliga a referir estos rumores públicos a que han dado lugar en todo tiempo y en todos los Estados los príncipes arrebatados por una muerte prematura, como si la naturaleza no fuese suficiente para destruirlos; pero ese mismo deber exige que se haga ver cuán temerarios e injustos eran esos rumores.

Hay una distancia inmensa entre el descontento pasajero que puede ocasionar un marido severo, y una resolución desesperada de envenenar a un esposo y soberano a quien se le debe todo. El peligro de tal empresa hubiese sido tan grande corno el crimen. Había entonces un gran partido contrario a Catalina, en favor del hijo del infortunado zarevitz; sin embargo, ni esta facción ni ninguna persona de la corte sospechó de Catalina, y los rumores vagos que corrieron no fueron más que la opinión de algunos extranjeros mal enterados, que se entregaban sin razón alguna al ruin placer de suponer grandes crímenes en quienes se cree interesado en cometerlos. Este mismo interés era muy dudoso en Catalina:

no era seguro que debiese ser la sucesora; había sido coronada, pero solamente en calidad de esposa del soberano, y no como debiendo ser soberana después de él.

La declaración de Pedro no había ordenado este aparato más que como una ceremonia, y no como un derecho a reinar; Catalina recordaba los ejemplos de emperadores romanos que habían hecho coronar a sus esposas, y ninguna de ellas fue soberana del imperio. En fin: aun durante la enfermedad de Pedro, muchos creyeron que la princesa Ana Petrona le sucedería, juntamente con el duque de Holstein, su esposo, o que el emperador nombraría a su nieto por sucesor suyo: así, bien lejos de tener Catalina interés en la muerte del emperador, tenía necesidad de su conservación.

Era sabido que Pedro estaba atacado desde mucho tiempo antes de un absceso y una retención de orina que le causaban dolores agudos. Las aguas minerales de Olonitz y otras que había empleado no fueron más que inútiles remedios; se le vio debilitarse sensiblemente desde principios del año 1724. Sus trabajos, de los que no descansaba nunca, aumentaron su mal y apresuraron su fin; su estado pareció muy pronto mortal; le acometieron calenturas muy

altas que le sumieron en un delirio casi continuo; quiso escribir en un momento de descanso que le dejaron sus dolores[67], pero su mano no formó más que caracteres ilegibles, de los que no se pudo descifrar sino estas palabras en ruso: *Devolved todo a* ...

Pidió que se hiciese venir a la princesa Ana Petrona, a quien quería dictar; pero cuando ésta apareció ante su cama él había perdido ya el habla y entró en la agonía, que duró diez y seis horas. La emperatriz Catalina no se había separado de la cabecera en tres noches: al fin murió en sus brazos el 28 de enero, hacia las cuatro de la mañana.

Se llevó su cuerpo al gran salón de palacio, seguido de toda la familia imperial, del Senado, de todas las personas más distinguidas y de mucha gente del pueblo; fue expuesto en una cama de respeto, y todo el mundo tuvo libertad de aproximarse y besarle la mano, hasta el día de su entierro, que se verificó el 10-21 de marzo de 1725.

Se ha creído, se ha impreso, que había nombrado en su testamento a su esposa Catalina heredera del imperio; pero lo cierto es que no hizo testamente, o, por lo menos, no apareció nunca, negli-

[67] Memorias manuscritas del conde Bassewitz.

gencia bien extraña en un legislador, y que prueba que él no había creído mortal su enfermedad.

No se sabía a la hora de su muerte quién ocuparía su trono; dejaba a Pedro, su nieto, hijo del infortunado Alejo; dejaba a su hija mayor, la duquesa de Holstein. Había un partido considerable a favor del joven Pedro. El príncipe Menzikoff, ligado a la emperatriz Catalina en todo tiempo, se adelantó a todos los partidos y a todos los proyectos. Pedro estaba próximo a expirar cuando Menzikoff hizo pasar a la emperatriz a una sala donde sus amigos estaban ya reunidos. Se hizo transportar el tesoro a la fortaleza; se aseguraron las guardias; el príncipe Menzikoff atrajo al arzobispo de Novgorod; Catalina celebró con ellos y un secretario de confianza, llamado Macarof, un consejo secreto, al que asistió el ministro del duque de Holstein.

La emperatriz, al salir de este consejo, volvió junto a su esposo moribundo, que exhaló el último suspiro en sus brazos. Inmediatamente, los senadores y los oficiales generales acudieron al palacio; la emperatriz les arengó; Menzikoff respondió en su nombre; se deliberó, por fórmula, fuera de la presencia de la emperatriz. El arzobispo de Plescou, Teófano, declaró que el emperador había dicho la

víspera de la coronación de Catalina que no la coronaba más que para hacerla reinar después de él; toda la asamblea firmó la proclamación, y Catalina sucedió a su esposo el mismo día de su muerte.

Pedro el Grande fue llorado en Rusia por todos los que él había formado, y la generación que siguió a la de los partidarios de las antiguas costumbres lo consideró bien pronto como padre suyo. Cuando los extranjeros vieron que todas sus fundaciones eran permanentes han sentido por él una admiración constante, y han confesado que había sido inspirado más bien por una sabiduría extraordinaria que por el deseo de hacer cosas sorprendentes. Europa ha reconocido que él había amado la gloria, pero que la había cifrado en hacer bien; que sus defectos no habían empañado nunca sus buenas cualidades; que en él, el hombre presentaba manchas, pero el monarca fue siempre grande; forzó la naturaleza en todo, en sus súbditos, en sí mismo y sobre la tierra y sobre los mares; pero la forzó para embellecerla. Las artes, que ha trasplantado con sus propias manos a países en que muchos entonces estaban salvajes, han dado, al fructificar, testimonio de su genio y eternizado, su memoria; parecen hoy originarias de los mismos países adonde las ha tras-

portado. Leyes, policía, política, disciplina militar, marina, comercio, manufacturas, ciencias, bellas artes, todo se ha perfeccionado siguiendo sus planes; y por una singularidad de la que no hay ejemplo, cuatro mujeres han subido sucesivamente después de él al trono, las cuales han mantenido todo lo que él acabó y han perfeccionado todo lo que él había emprendido.

En palacio ha habido revoluciones después de su muerte; el Estado no ha experimentado ninguna el esplendor de este imperio ha aumentado bajo Catalina I; ha triunfado de los turcos y de los suecos bajo Ana Petrona; ha conquistado bajo Isabel la Prusia y una parte de la Pomerania; ha gozado en seguida de la paz y ha visto florecer, las artes bajo Catalina II.

A los historiadores nacionales incumbe entrar en todos los detalles de las fundaciones, leyes, guerras y empresas de Pedro el Grande; ellos alentarán a sus compatriotas celebrando a todos los que han ayudado a este monarca en sus trabajos guerreros y políticos. A un extranjero amante desinteresado del mérito basta haber intentado mostrar lo que fue el gran hombre que aprendió de Carlos XII a vencerle, que salió dos veces de sus Estados para gobernarlos

mejor, que trabajó con sus propias manos en casi todas las artes necesarias, para dar ejemplo a su pueblo, y que fue el fundador y el padre de su imperio.

Los soberanos de Estados civilizados desde mucho tiempo antes se dirán a sí mismos: Si en los climas helados de la antigua Escitia un hombre, ayudado solo de su genio, ha hecho cosas tan grandes, ¿qué debemos hacer nosotros en reinos donde los trabajos acumulados de varios siglos nos han vuelto todo tan fácil?

CONDENA DE ALEJO

El 2 de junio de 1 1 .

En virtud de la orden expresa emanada de Su Majestad zariana, y firmada por su propia mano el 13 de junio último, referente al juicio del zarevitz Alejo Petrowitz, sobre sus transgresiones y crímenes contra su padre y señor, los abajo firmantes, ministros, senadores del estado militar y civil, después de haberse reunido varias veces en la cámara de la regencia del Senado en Petersburgo, habiendo oído más de una vez la lectura que se ha hecho de los originales y extractos de los testimonios que han sido presentados contra él, así como también las cartas de exhortación de Su Majestad zariana al zarevitz, y de las respuestas que éste dio a aquéllas, escritas de su propia mano, y otros actos que perte-

necen al proceso, así como las informaciones criminales y las confesiones y declaraciones del zarevitz, tanto las escritas por su propia mano como las hechas verbalmente a su señor padre, y ante los abajo firmantes, constituidos por la autoridad de Su Majestad zariana, al efecto del presente juicio: han declarado y reconocido que aunque, según los derechos del imperio ruso, no ha correspondido contra su soberano y su padre siendo hijo y súbdito de Su Majestad zariana; de suerte que, aunque Su Majestad zariana haya prometido al zarevitz, por la carta que él le ha enviado por M. Tolstoy, consejero privado, y por el capitán Romanzoff, fechada en Spa el 10 de julio de 1717**,** perdonarle su evasión si regresaba de buen grado y voluntariamente, así como el zarevitz mismo lo ha confesado con agradecimiento en su respuesta a esta carta, escrita en Nápoles el 4 de octubre de 1717, donde ha mostrado que agradecía a Su Majestad zariana el perdón que le concedía solamente por su evasión voluntaria, se ha hecho después indigno de él por su oposición a la voluntad de su padre y por sus demás infracciones, que ha renovado y continuado, como se ha expuesto ampliamente en el manifiesto publicado por Su Majestad zariana el 3 de febrero del presente año, y

porque, entre otras cosas, no ha regresado de buena voluntad. Y aunque Su Majestad zariana, a la llegada del zarevitz a Moscú, con su escrito de confesión de sus crímenes, y donde pedía perdón, tuvo piedad de él, como es natural tenerla en un padre por su hijo, y que en la audiencia que le concedió en la sala del castillo el mismo día 3 de febrero le prometió el perdón de todas sus infracciones; Su Majestad zariana no le hizo esa promesa sino con esta condición expresa, dicha en presencia de todo el inundo, a saber: que el zarevitz declararía, sin ninguna restricción ni reserva, todo lo que había cometido y tramado hasta aquel día contra Su Majestad zariana, y que descubriría a todas las personas que le han dado consejos, sus cómplices, y, en general, a todos los que han sabido algo de sus proyectos y ardides; pero que si ocultaba algo, el perdón prometido sería nulo y quedaría revocado; lo que el zarevitz recibió entonces y aceptó, al menos en apariencia, con lágrimas de gratitud y prometió bajo juramento declarar todo sin reserva; en confirmación de lo cual besó la santa cruz y las Sagradas Escrituras en la iglesia catedral.

Su Majestad zariana le confirmó también la misma cosa por su propia mano al día siguiente, en

los artículos del interrogatorio insertos aquí arriba, que mandó entregarle, habiendo escrito a su cabeza lo que sigue:

Como habéis recibido ayer nuestro perdón a condición de que declararíais todas las circunstancias de vuestra evasión y lo que con ella tiene relación, pero que si ocultabais algo seríais privado de la vida, y como habéis hecho ya de palabra algunas declaraciones, debéis, para una satisfacción más amplia y para vuestro descargo, ponerlas por escrito según los puntos marcados a continuación.

Y a la conclusión, todavía estaba escrito de la propia mano de Su Majestad zariana, en el artículo 7: Declarad todo lo que tenga relación con este asunto, aun cuando ello no estuviese especificado aquí, y purificaos como en la santa confesión; pero si encubrís o calláis algo que se descubra en lo sucesivo, no me imputáis nada, pues ayer se os ha declarado delante de todo el mundo que en ese caso el perdón que se os ha concedido sería nulo y revocado.

No obstante esto, el zarevitz ha procedido en sus respuestas y en sus confesiones sin ninguna sinceridad; ha callado y encubierto no solamente a muchas personas, sino también cuestiones capitales, y

sus infracciones, y en particular sus intentos de rebelión contra su padre y señor, y sus malas prácticas que ha tramado y entretenido mucho tiempo para tratar de usurpar el trono de su padre, aun en vida de él, por malos caminos diferentes y bajo ruines pretextos, y fundando su esperanza y los deseos que sentía de la muerte de su padre y señor en la declaración, de que se lisonjeaba, del populacho en su favor.

Todo esto ha sido descubierto en seguida por las informaciones criminales, después de haberse negado a declararlo él mismo, como se ha consignado más arriba.

Así, es evidente, por todas estas maniobras del zarevitz, y por las declaraciones que ha prestado por escrito y de palabra, y, en último lugar, por la del 22 de junio del presente año, que no ha querido que la sucesión a la corona ocurriese, después de la muerte de su padre, del modo que su padre hubiese querido dejársela, según dispone la equidad y las vías y los medios que Dios ha prescrito, sino que ha deseado y ha tenido el proyecto de llegar a ella, aun en vida de su padre y señor, contra la voluntad de Su Majestad zariana y oponiéndose a todo lo que su padre quería, y no solamente por las sublevaciones de re-

beldes que él esperaba, sino también por el concurso del emperador, y con un ejército extranjero que él se había jactado de tener a su disposición, aun a costa de la ruina del Estado y de la enajenación de todo lo que del Estado se le hubiera podido pedir por este concurso,

La exposición que se acaba de hacer deja ver, pues, que el zarevitz, ocultando todos sus perniciosos proyectos y encubriendo a muchas personas que han estado en inteligencia con él, como ha hecho hasta el último examen y hasta que ha sido plenamente convencido de todas sus maquinaciones, ha tenido la atención de reservarse para el porvenir, cuando se presentase ocasión favorable de proseguir sus planes y de llevar a cabo la ejecución de esta horrible empresa contra su padre y señor y contra todo este imperio.

Se ha hecho por ello indigno de la clemencia y del perdón que le ha sido prometido por su señor padre; él mismo lo ha confesado también, tanto ante Su Majestad zariana corno en presencia de todos los representantes de los estados eclesiástico y seglar, y públicamente ante toda la asamblea; y ha declarado también verbalmente, y por escrito ante los jueces abajo firmantes, establecidos por Su Majestad zaria-

na, que todo lo arriba consignado era verdadero y manifiesto por los efectos que de ello habían aparecido.

Así, puesto que las susodichas leyes divinas y eclesiásticas, las civiles y las militares, y particularmente las dos últimas, condenan a muerte sin misericordia, no solamente a aquellos cuyos atentados contra su padre y señor han sido manifestados por evidencias o probados por escritos, sino también a aquellos cuyos atentados no han estado más que en la intención de rebelarse, o dé haber formado simples intenciones de matar a su soberano, o de usurpar el imperio, ¿qué pensar de un intento de rebelión tal como apenas se ha oído hablar de otro semejante en el mundo, unido al de un horrible doble parricidio contra su soberano? Primeramente, como su padre de la patria, y además corno padre suyo según la naturaleza -Un padre muy clemente, que ha hecho criar al zarevitz desde la cuna con cuidados más que paternales, con una ternura y una bondad que se han manifestado en todas las ocasiones, que ha tratado de formarle para el gobierno y de instruirle con trabajos increíbles y una aplicación infatigable en el arte militar para hacerle capaz y digno de la sucesión de un tan gran imperio-, ¿con

cuánto mayor razón un proyecto semejante ha merecido una pena de muerte?

Con el corazón afligido y los ojos llenos de lágrimas, nosotros, como servidores y súbditos, pronunciamos esta sentencia, considerando que no nos corresponde, por esta cualidad, entrar en juicio de tan gran importancia, y particularmente pronunciar una sentencia contra el hijo del muy soberano y muy clemente zar nuestro señor. Sin embargo, siendo su voluntad que nosotros juzguemos, declaramos por la presente nuestra verdadera opinión, y pronunciamos esta condenación con una conciencia tan pura y tan cristiana, que creemos poderla sostener ante el terrible, el justo y el imparcial juicio del gran Dios.

Sometiendo, por lo demás, esta sentencia, que nosotros entregamos, y esta condenación que hacemos, al soberano poder, a la voluntad y a la clemente revisión de Su Majestad zariana, nuestro muy clemente monarca.

MICRÔMEGAS

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

Micrômegas (1752)
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 5
Nélson Jahr Garcia
BIOGRAFIA DO AUTOR — 8

CAPÍTULO I — 12
Viagem de um habitante da estrela Sírio ao planeta Saturno
CAPÍTULO II — 17
Conversação do habitante de Sírio com o de Saturno
CAPÍTULO III — 23
Viagem dos dois habitantes de Sírio e de Saturno
CAPÍTULO IV — 26
Do que lhes sucede sobre a face da terra
CAPÍTULO V — 31
Experiências e raciocínios dos dois viajantes
CAPÍTULO VI — 34
Do que lhes aconteceu com o homens
CAPÍTULO VII — 39
Conversação com os homens

MICRÔMEGAS

História filosófica

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

"Micrômegas" foi escrito por influência de "As aventuras de Gulliver", de Swift que Voltaire leu em Londres. Revela também traços de a "Pluralidade dos mundos", das palestras de Fontenelle e da mecânica de Newton, que Voltaire estudara com cuidado.

O resultado é uma obra agradável que induz à meditação sobre o homem, suas crenças, costumes e intituições.

Voltaire continua a ser brilhante em suas críticas e ironias.

A respeito da afoiteza em compreender o universo baseado na observação superficial, diz o seguinte:

> "O anão, que às vezes raciocinava muito apressadamente, concluiu a princípio que não havia habitantes na terra. Seu primeiro argumento era de que não vira ninguém. Micrômegas, polidamente, fez-lhe sentir que ele não raciocinava muito bem:

— Como não distingues com os teus pequenos olhos, certas estrelas de qüinquagésima grandeza que eu percebo distintamente; concluiu daí que essas estrelas não existem?

— Mas — replicou o anão eu apalpei bem.

— Mas sentiste mal — respondeu o outro.”

A insignificância física do homem na face da terra mereceu esta observação:

“Não pretendo chocar a vaidade de ninguém, mas sou obrigado a pedir às pessoas importantes que façam uma pequena observação comigo: é que, considerando a homens de cerca de cinco pés de altura, não fazemos, à face da terra, maior figura do que faria, sobre uma bola de dez pés de circunferência, um animal que medisse a seiscentésima milésima parte de uma polegada.”

Mais adiante Voltaire insiste em demonstrar sua desconfiança para com os sistemas filosóficos:

“Se alguém chegou ao cúmulo do espanto, foram sem dúvida as pessoas

> que ouviram tais palavras. Não podiam adivinhar de onde partiam. O capelão de bordo rezou exorcismos, os marinheiros praguejaram, e os filósofos do navio elaboraram um sistema; mas, por mais sistemas que fizessem, não atinavam com quem lhes falava."

A grandeza aparente do mundo físico, em comparação com o espiritual, recebe uma crítica incisiva:

> "Reconheço, mais do que nunca, que nada devemos julgar por sua grandeza aparente. Ó Deus, que destes uma inteligência a substâncias que parecem tão desprezíveis, o infinitamente pequeno vos custa tão pouco como o infinitamente grande; e, se é possível que haja seres ainda mais pequenos do que estes, podem ainda ter um espírito superior ao daqueles soberbos animais que vi no céu e cujo pé bastaria para cobrir o globo a que desci".

A obra não é grande, mas seu conteúdo é enorme, merece uma leitura atenta.

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

MICRÔMEGAS

VOLTAIRE

CAPÍTULO PRIMEIRO

Viagem de um habitante da estrela Sírio ao planeta Saturno

Num desses planetas que giram em torno da estrela chamada Sírio, havia um jovem de muito espírito a quem tive a honra de conhecer durante a última viagem que fez a este nosso pequeno formigueiro: chamava-se Micrômegas, nome bastante adequado a todos os grandes. Tinha oito léguas de altura: entendo, por oito léguas, vinte e quatro mil passos geométricos de cinco pés cada um.

Alguns algebristas, gente sempre útil ao público, tomarão logo da pena e, tendo em vista que o senhor Micrômegas, habitante do país de Sírio, tem da cabeça aos pés vinte e quatro mil passos, ou sejam vinte mil pés, e que nós outros, cidadãos da terra, não medimos mais que cinco pés de altura e o nosso globo nove mil léguas de circunferência, esses algebristas, dizia, eu, calcularão que é preciso, absolutamente, que o globo que o produziu seja exatamente vinte e um milhões e seiscentas mil vezes maior que a nossa minúscula terra. Nada mais simples nem mais comum na natureza. Os Estados de alguns soberanos da Alemanha ou da Itália, cuja volta se

pode fazer em meia hora, comparados ao império da Turquia, de Moscóvia ou da China, não são mais que uma débil imagem das prodigiosas diferenças que a natureza colocou em todos os seres.

Sendo Sua Excelência da altura que eu disse, todo, os nossos escultores e pintores convirão sem dificuldade em que a sua cintura pode medir cinqüenta mil pés, o que constitui uma bela proporção.

Quanto a seu espírito, é um dos mais cultivados que existem; sabe muitas coisas e inventou algumas outras: não tinha ainda duzentos e cinqüenta anos e estudava, segundo o costume, no colégio dos jesuítas de seu planeta, quando adivinhou, só pela força de seu espírito, mais de cinqüenta proposições de Euclides — isto é, dezoito mais que Blaise Pascal, o qual depois de ter adivinhado trinta e duas, por brincadeira, pelo que diz a sua irmã, tornou-se mais tarde um geômetra bastante medíocre e um péssimo metafísico. Lá pelos seus quatrocentos e cinqüenta anos, ao sair da infância, dissecou muitos desses pequenos insetos que têm apenas cem pés de diâmetro e que se furtam aos microscópios ordinários; compôs sobre a matéria um livro bastante curioso, mas que lhe valeu algumas contrariedades. O mufti de seu país, sujeito esmiuçador e ignorantíssimo, achou no

seu livro proposições suspeitas, malsoantes, temerárias heréticas, que cheiravam a heresia, e o perseguiu sem tréguas: tratava-se de saber se a forma substancial das pulgas de Sírio era a mesma que a dos caracóis. Micrômegas defendeu-se com espírito; pôs as mulheres a seu favor; o processo durou duzentos e vinte anos. Afinal o mufti fez com que o livro fosse condenado por jurisconsultos que não o haviam lido, e o autor teve ordem de não aparecer na Corte durante oitocentos anos.

Pouco se afligiu ele de ser banido de uma Corte onde só havia intrigas e mesquinharias. Compôs uma canção muito divertida contra o mufti, a que este não deu importância; e pôs-se a viajar de planeta em planeta, para acabar de formar o espírito e o coração, como se diz. Os que só viajam de cadeira de posta e berlinda ficarão decerto espantados com as equipagens de lá; pois nós, em nossa pequena bola de lama, nada concebemos além de nossos usos. O nosso viajante conhecia às maravilhas as leis da gravitação e todas as forças atrativas e repulsivas. Utilizava-as tão a propósito que, ou por intermédio de um raio de sol, ou graças à comodidade de um cometa, ia de globo em globo, ele e os seus, como um pássaro voeja de ramo em ramo. Em pouco percorreu a Via Láctea; e sou obrigado a confessar que nunca viu, em meio às estrelas de que é semeada, esse belo céu empíreo

que o ilustre vigário Derham se gaba de ter enxergado na ponta de sua luneta. Não que eu pretenda alegar que o senhor Derham tenha visto mal, Deus me livre! mas Micrômegas esteve no local, é um bom observador, e eu não quero contradizer ninguém. Micrômegas depois da muitas voltas chegou ao globo de Saturno. Por mais acostumado que estivesse a ver coisas novas, não pôde, ante a pequenez do globo e de seus habitantes, evitar esse sorriso de superioridade que às vezes escapa aos mais sábios. Pois afinal Saturno não é mais que novecentas vezes maior que a terra, e os seus cidadãos não passam de anões que têm apenas umas mil toesas de altura. A principio, zombou ele um pouco com a sua gente, mais ou menos como um músico italiano se põe a rir de música de Lulli, quando chega em França. Mas o siriano, que tinha o espírito justo, compreendeu que uma criatura pensante poderia muito bem não ser ridícula só por ter seis mil pés de altura. Familiarizou-se com os saturnianos, depois de os haver espantado. Ligou-se de estreita amizade com o secretário da Academia de Saturno, homem de muito espírito, que na verdade nada inventara, mas prestava excelente conta das invenções doe outros, e fazia passavelmente pequenos versos e grandes cálculos. Transcreverei aqui, para satisfação dos leitores,

uma singular conversação que Micrômegas teve um dia com o senhor secretário.

CAPÍTULO SEGUNDO

Conversação do habitante do Sírio com o de Saturno

Depois que sua Excelência se deitou o secretário aproximou-se de seu rosto:

— Tem-se de confessar — disse Micrômegas — que a natureza é bastante variada.

— Sim — disse o saturniano — a natureza é como um canteiro cujas flores...

— Ah! — exclama o outro. — Deixe o canteiro em paz.

— Ela é — tornou o secretário — como uma assembléia de loiras e morenas cujos adornos...

— Que tenho eu a ver com as suas morenas?

— É então como uma galeria de pinturas cujos traços.

— Ora! — atalha o viajante. — De uma vez por todas: a natureza é como a natureza. Para que buscar-lhe comparações?

— Para ser agradável ao senhor — respondeu o secretário.

— Eu não quero que me agradem — retrucou o viajante. — Quero que me instruam. Comece por me dizer quantos sentidos têm os homens do seu globo.

— Temos setenta e dois — disse o acadêmico. — E todos os dias nos queixamos de tão pouco. A nossa imaginação vai além de nossas necessidades; achamos que, com os nossos setenta e dois sentidos, o nosso anel, as nossas cinco luas, somos muito limitados; e, apesar de toda a nossa curiosidade e do considerável número de paixões que resultam dos nossos setenta e dois sentidos, ainda temos tempo de sobra para nos aborrecermos.

— Não duvido — disse Micrômegas, — pois no nosso globo temos cerca de mil sentidos, e resta-nos ainda não sei que vago desejo, não sei que inquietação, que incessantemente nos adverte do pouco que nós somos e de que existem seres muito mais perfeitos. Tenho viajado um pouco; vi mortais muito abaixo de nós; vi-os muito superiores; mas a nenhum vi que não tivesse mais desejos que verdadeiras necessidades, e mais necessidades que satisfação. Talvez chegue um dia ao país onde não falta nada; mas desse pais até agora ninguém me deu notícias.

O saturniano e o siriano alongaram-se então em conjeturas; mas, depois de muitos raciocínios tão engenhosos quão incertos foi preciso voltar aos fatos.

— Quanto tempo vivem vocês? — Indagou o siriano.

— Ah! pouquíssimo — replicou o homenzinho de Saturno.

— Exatamente como entre nós — disse o siriano, vivemos sempre a nos queixar do pouco. Deve ser uma lei universal da natureza.

— Ai! — suspirou o saturniano. — Vivemos apenas quinhentas grandes revoluções do sol. (O que, pela nossa maneira de contar, dá aproximadamente uns quinze mil anos). Bem vê que é quase o mesmo que morrer no momento em que se nasce; a nossa existência é um ponte, a nossa duração um instante, o nosso globo um átomo. Apenas começa a gente a instruir-se um pouco, quando chega a morte, antes que se tenha adquirido experiência. Quanto a mim, não ouso fazer projeto algum; sou como uma gota d'água em um oceano imenso. sinto-me envergonhado, principalmente diante do senhor, da figura ridícula que faço neste mundo.

— Se o amigo não fosse filósofo — respondeu Micrômegas, — eu temeria afligi-lo dizendo-lhe

que a nossa vida é setecentas vezes mais longa que a, sua. Mas bem sabe que, quando nos cumpre devolver o corpo aos elementos e reanimar a natureza sob outra forma (que é o que se chama morrer), quando é chegado esse instante de metamorfose, ter vivido eternidade, ou um dia, é precisamente a mesma coisa. Estive em países onde se vivia mil vezes mais tempo do que no meu, e vi que ainda se queixavam. Mas há por toda parte gente de bom senso, que sabe tomar o seu partido e agradecer ao autor da natureza. Expandiu Ele por este universo uma profusão infinita de variedades, com uma admirável espécie de uniformidade. Por exemplo, todos os seres pensantes são diferentes, e todos se assemelham no fundo, pelo dom do pensamento e dos desejos. A matéria está por toda parte, mas tem em cada globo propriedades diversas. Quantas dessas propriedades contam os senhores na sua matéria?

— Se se refere — disse o saturniano — a essas propriedades sem as quais julgamos que este globo não poderia subsistir tal como é, contamos trezentas, como a extensão, a penetrabilidade, a mobilidade, a gravitação, a divisibilidade, e o resto.

— Aparentemente — replicou o viajante — basta esse pequeno número para os objetivos do Criador quanto à vossa pequena habitação. Em

tudo admiro a sua sabedoria; vejo por toda parte diferenças; mas também proporções por toda parte. Pequeno é o vosso globo, vossos habitantes também o são; tendes poucas sensações; vossa matéria tem poucas propriedades: tudo isto é obra da Providência. De que cor é verdadeiramente o vosso sol?

— De um branco bastante amarelado — disse o saturniano. — E quando dividimos um de seus raios, vemos que contém sete cores.

— O nosso sol tende para o vermelho — disse o siriano e temos trinta e nove cores primitivas. Dentre os sóis de que me aproximei, não há dois que se assemelhem, como não há entre vós um rosto que não seja diferente de todos os outros.

Após várias perguntas dessa natureza, indagou quantas substâncias essencialmente diferentes se contavam em Saturno. Soube que não havia mais que umas trinta, como Deus, o espaço, a matéria, os seres extensos que sentem e pensam, os seres pensantes que não têm extensão, os que se penetram, os que não se penetram, e o resto. O siriano, em cuja pátria se contavam trezentas, e que descobrira três mil outras em suas viagens, deixou o filósofo de Saturno prodigiosamente espantado. Afinal, depois de haverem comunicado um ao outro um pouco do que sabiam e muito do que não sabiam,

depois de haverem trocado idéias durante uma revolução do sol, resolveram fazer juntos uma pequena viagem filosófica.

CAPÍTULO TERCEIRO

Viagem dos dois habitantes de Sírio e de Saturno.

Estavam os nossos dois filósofos prestes a embarcar na atmosfera de Saturno, com uma bela provisão de instrumentos matemáticos, quando a amante do saturniano, ao saber disso, veio queixar-se em pranto. Era uma linda moreninha que tinha apenas seiscentas toesas, mas que compensava com vários encantos a pequenez de seu talhe.

— Ah, cruel! — clamava ela. — Depois de te haver resistido durante mil e quinhentos anos, quando enfim começava a render-me, quando apenas passei cem anos em teus braços, tu me deixas para ir viajar com um gigante de um outro mundo! Vai, não passas de um curioso, nunca tiveste amor; se fosses um verdadeiro saturniano, serias fiel. Por onde vais correr? Que queres? As nossas cinco luas são menos errantes que tu, o nosso anel é menos mutável. Pronto! Nunca mais amarei a ninguém.

O filósofo, por mais que o fosse, beijou-a, chorou com ela, e a dama, depois de haver desmaiado, foi consolar-se com um peralvilho do país.

Os nossos dois curiosos partiram; saltaram primeiro sobre o anel, que acharam bastante chato, como bem o adivinhou um ilustre habitante do nosso pequeno globo; seguiram, depois, de lua em lua. Como um cometa viesse a passar muito próximo da última, lançaram-se sobre ele, com todos os seus criados e instrumentos. Depois de terem coberto cerca de cento e cinqüenta milhões de léguas, toparam com os satélites de Júpiter. Nesse planeta demoraram-se um ano inteiro, durante o qual descobriram belos segredos, que estariam agora em vias de publicação se não fossem os senhores inquisidores, que acharam algumas proposições um pouco fortes. Mas li o manuscrito na biblioteca do ilustre arcebispo de ***, que me deixou examinar seus livros, com uma generosidade e benevolência nunca assaz louvada.

Mas voltemos aos nossos viajantes. Deixando Júpiter, atravessaram um espaço de cerca de cem milhões de léguas, e passaram pelo planeta Marte, que, como se sabe, é cinco vezes menor que o nosso pequeno globo; viram as duas luas que servem a esse planeta e que escaparam às vistas de nossos astrônomos. Bem sei que o padre Castel escreverá, e até com muito espírito, contra a existência dessas duas luas; mas reporto-me àqueles que raciocinam por analogia. Sabem esses bons filósofos o quanto seria difícil

ao planeta Marte, que fica tão longe do sol, não dispor ao menos de um par de luas. Seja como for, o caso é que os nossos camaradas o acharam tão pequeno, que recearam não encontrar pousada, e seguiram adiante, como dois viajantes que desdenham um mau albergue de aldeia e prosseguem até a cidade vizinha. Mas o siriano e o companheiro logo se arrependeram disso. Viajaram por muito tempo, sem encontrar coisa alguma. Afinal divisaram um pequeno clarão; era a terra; coisa de causar piedade a gente que vinha de Júpiter. No entanto, com medo de se arrependerem segunda vez, resolveram desembarcar aqui mesmo. Passaram para a cauda do cometa e, achando uma aurora boreal adrede, nela se meteram, e chegaram à terra pelo norte do mar Báltico, a 5 de julho de 1737.

CAPÍTULO QUARTO

Do que lhes sucede sobre a face da terra

Depois de terem repousado um pouco, almoçaram duas montanhas, que os criados lhes prepararam a capricho. Desejaram em seguida fazer um reconhecimento pelo pequeno país onde se achavam. Caminharam a princípio de norte a sul. Os passos ordinários do siriano e do seu pessoal eram de trinta mil pés aproximadamente; o anão de Saturno seguia de longe, arquejando; ora, era preciso que ele corresse uns dose passos enquanto o outro dava uma pernada: imaginai (se é permitido tal comparação) um pequeno cãozinho fraldiqueiro que acompanhasse um capitão da guarda do rei da Prússia.

Como os dois estrangeiros andassem muito depressa, deram a volta ao mundo em trinta e seis horas; o sol, na verdade, ou antes, a terra, faz igual viagem num dia; mas cumpre levar em conta que é mais cômodo girar sobre o próprio eixo do que andar com um pé depois do outro. Ei-los pois de volta ao ponto de partida, depois de terem visto esse pântano, quase imperceptível para eles, que se chama o Mediterrâneo, e esse outro pequeno charco que, sob o nome de Grande Oceano, contorna o formigueiro. A água nunca

passara além das canelas do anão, ao passo que o outro apenas molhara os calcanhares. Fizeram tudo o que puderam, andando em todas as direções, para descobrir se este globo era habitado ou não. Agacharam-se, deitaram-se, apalparam por toda parte; mas, como os seus olhos e mãos não eram proporcionados aos pequenos seres que por aqui se arrastam, não receberam a mínima sensação que lhes fizesse suspeitar que nós, e os nossos demais confrades habitantes deste globo, tivéssemos a honra de existir.

O anão, que as vezes raciocinava muito apressadamente, concluiu a princípio que não havia habitantes na terra. Seu primeiro argumento era de que não vira, ninguém. Micrômegas, polidamente, fez-lhe sentir que ele não raciocinava muito bem:

— Como não distingues com os teus pequenos olhos, certas estrelas de qüinquagésima grandeza que eu percebo distintamente; concluiu daí que essas estrelas não existem?

— Mas — replicou o anão eu apalpei bem.

— Mas sentiste mal — respondeu o outro.

— Mas este globo é tão mal construído — objetou o anão, — é tudo tão irregular e de uma forma que me parece tão ridícula! Tudo parece

aqui um pleno caos: não vês estes pequenos arroios que jamais correm em linha reta, esses charcos que não são nem redondos, nem quadrados, nem ovais, nem de nenhuma forma regular; e todos esses grãozinhos pontiagudos de que está eriçado este globo e que me arranharam os pés? (Queria referir-se às montanhas). Repara ainda a forma de todo o globo, como é achatado nos pólos, e a sua maneira inadequada de girar em torno do sol, de modo que a região dos pólos fica necessariamente estéril? Em verdade, o que me faz pensar que não haja aqui ninguém, é que gente de bom senso não moraria em um lugar como este.

— Pois bem — disse Micrômegas, — talvez os que o habitam não sejam gente de bom senso. Mas há probabilidades de que isto não tenha sido feito inutilmente. Tudo aqui te parece irregular porque em Saturno e Júpiter é tudo feito a régua e compasso. Exatamente por esse motivo é que há aqui um pouco de confusão. Não te disse eu que nas minhas viagens sempre encontrei variedade?

O saturniano replicou a todas essas razões. E a questão jamais terminaria se, por felicidade, Micrômegas no calor da discussão, não tivesse rompido o seu colar de diamantes. Estes caíram ao chão. Eram lindas pedras de tamanho variado, tendo as mais volumosas quatrocentas libras de

peso, e as menores cinqüenta. O anão apanhou algumas; ao aproximá-las dos olhos, viu que, da maneira como estavam lapidadas, constituíam excelentes microscópios. Tomou, pois, um pequeno microscópio de cento e sessenta pés de diâmetro que aplicou à pupila; e Micrômegas escolheu um de dois mil e quinhentos pés. Eram excelentes; mas no princípio. nada perceberam com o seu auxílio: era preciso adaptarem-se. Afinal o habitante de Saturno viu qualquer coisa quase imperceptível que se movia à superfície do mar Báltico: era uma baleia. Pegou-a habilmente com o dedo mínimo e, colocando-a sobre a unha do polegar, mostrou-a a Micrômegas, que se pôs a rir da excessiva pequenez dos habitantes do nosso globo. O saturniano, convencido de que o nosso mundo é habitado, imaginou logo que só o era por baleias; e, como era um grande logicista, quis logo adivinhar de onde um átomo tão pequeno tirava o seu movimento, e se tinha idéias, vontade, e liberdade. Micrômegas sentiu-se muito embaraçado: examinou o animal com infinita paciência, e o resultado da análise foi que era impossível acreditar que ali se alojasse uma alma. Estavam, pois, os dois viajantes inclinados a pensar que não há espírito em nosso mundo, quando, com o auxílio do microscópio, perceberam algo de mais grosso que uma baleia e que flutuava sobre as águas. Sabe-se que, por aquela época, um bando de filósofos regressava

do círculo polar, onde tinham ido fazer observações que a ninguém ocorreram até então. Disseram as gazetas que o seu navio naufragou nas costas de Botnia e que tiveram grande dificuldade em salvar-se; mas neste mundo nunca se sabe o reverso das cartas. Vou contar ingenuamente como se passaram as coisas, sem nada acrescentar por conta própria, o que não é pequeno esforço para um historiador.

CAPÍTULO QUINTO

Experiências e raciocínios dos dois viajantes

Micrômegas estendeu cuidadosamente a mão para o local onde se achava o objeto e, avançando dois dedos e retirando-os por medo de enganar-se e depois abrindo-os e fechando-os, apanhou com todo o jeito o navio que carregava os tais senhores, e colocou-o sobre a unha, sem o apertar muito, para não esmagá-lo. “Eis um animal bem diferente do primeiro” — observou o anão de Saturno; o siriano pôs o pretenso animal na palma da mão. Os passageiros e o pessoal da equipagem, que se supunham erguidos por um furacão, e que. se julgavam sobre uma espécie de rochedo, põem-se todos em movimento; os marinheiros apanham pipas de vinho, lançam-nas sobre a mão de Micrômegas, e precipitam-se em seguida. Apanham os geômetras seus esquadros seus sectores, e nativas da Lapônia, e saltam para os dedos de Micrômegas. Tanto fizerem, que este sentiu enfim mover-se qualquer coisa que lhe comichava os dedos: era um bastão ferrado que lhe fincavam no índice; julgou, por aquilo, que saíra qualquer coisa do pequeno animal que ele segurava. Mas não desconfiou de mais nada. O microscópio, que mal fazia discernir

uma baleia e um navio, não alcançava seres tão imperceptíveis como os homens. Não pretendo chocar a vaidade de ninguém, mas sou obrigado a pedir às pessoas importantes que façam uma pequena observação comigo: é que, considerando a homens de cerca de cinco pés de altura, não fazemos, à face da terra, maior figura do que faria, sobre uma bola de dez pés de circunferência, um animal que medisse a seiscentésima milésima parte de uma polegada. Imaginai uma substância que pudesse sustentar a terra na mão, e que tivesse órgãos em proporção com os nossos; e bem pode acontecer que haja grande número dessas substâncias: concebei, então, o que não haveriam de pensar dessas batalhas que nos valeram duas aldeias que foi preciso restituir.

Se algum capitão de granadeiros ler algum dia esta obra, não duvido que mande aumentar, pelo menos dois pés, os capacetes da sua tropa; mas fica avisado de que, por mais que faça, nunca passarão, ele e os seus, de infinitamente pequenos.

Que maravilhosa habilidade não foi preciso ao nosso filósofo de Sírio para perceber os átomos de que acabo de falar! Quando Leuwenhoek e Hartsoeker viram pela primeira vez, ou julgaram ver, a semente de que nos formamos, não fizeram tão espantosa descoberta. Que prazer não sentiu

Micrômegas ao ver moverem-se aquelas pequenas máquinas, examinando-lhes todos os movimentos, seguindo-as em todas as operações! Que de exclamações! Com que alegria pôs um de seus microscópios nas mãos do companheiro de viagem! “Vejo-os! — diziam ambos ao mesmo tempo. — Repara como carregam fardos, como se erguem, como se abaixam!” Assim falando, tremiam-lhes as mãos, pelo prazer de ver objetos tão novos e pelo receio de os perder. O saturniano, passando de um excesso de desconfiança a um excesso de credulidade, julgou perceber que eles trabalhavam na propagação da espécie. Ah! — dizia ele, — peguei a natureza em flagrante. — Mas enganava-se pelas aparências, o que muita vez sucede, quer a gente se sirva ou não de microscópios.

CAPÍTULO SEXTO

Do que lhes aconteceu com os homens.

Micrômegas, melhor observador que o anão, viu claramente que os átomos se falavam; e fê-lo notar ao companheiro que, envergonhado do seu engano quanto à geração, não quis acreditar que tal espécie pudesse trocar idéias. Tinha o dom das línguas, como o siriano; não ouvia os nossos átomos falarem, e supunha que não falavam. Aliás, como poderiam aquelas criaturas imperceptíveis possuir os órgãos da voz, e que teriam a dizer-se? Para falar, é preciso pensar, ou quase; mas, se pensavam, tinham então o equivalente de uma alma. Ora, atribuir um equivalente de alma a uma espécie daquelas, parecia-lhe absurdo.

— Mas — observou Micrômegas — ainda há pouco supunhas que eles praticavam o amor. Será que julgas que se possa praticar o amor sem pensar e sem preferir alguma palavra, ou pelo menos sem fazer-se compreender? Acha, aliás, que seja mais difícil fazer um raciocínio. que fazer um filho? Quanto a mim, um e outro me parecem grandes mistérios.

— Já não ouso nem crer nem negar — disse o homúnculo, — não tenho mais opinião. Tratemos primeiro de examinar esses insetos, arrazoaremos depois.

— Muito bem dito — retrucou Micrômegas. Em seguida tirou do bolso uma tesourinha, com que cortou as unhas e, com uma lasca da unha do polegar fabricou uma espécie de trompa acústica, que era como um vasto funil cujo bico aplicou no ouvido. A boca do funil envolvia o navio e a toda a equipagem. A voz mais fraca penetrava nas fibras circulares da unha, de modo que, graças à sua indústria, pôde o filósofo lá do alto ouvir perfeitamente o zumbido dos insetos cá de baixo. Em poucas horas, conseguiu distinguir as palavras, e afinal compreender o francês. O anão fez o mesmo, embora com mais dificuldade. O pasmo dos viajantes redobrava a cada momento. Ouviam insetos falarem com muito bom senso: esse capricho da natureza afigurava-se-lhes inexplicável Bem podeis imaginar como Micrômegas e o seu anão ardiam de impaciência por travar conversa com os átomos.

Temiam que a sua voz de trovão, e sobretudo a de Micrômegas, ensurdecesse os insetos, sem ser ouvida. Cumpria diminuir-lhe a força. Puseram na boca umas espécies de palitos cujas pontas afiladas vinham dar perto do navio. O siriano tinha o anão sobre os joelhos, e o navio

com a equipagem sobre uma unha. Inclinava a cabeça e falava baixinho. Afinal, por meio destas e de outras precauções, começou assim o seu discurso:

"Insetos invisíveis, que a mão do Criador se comprouve em fazer brotar no abismo do infinitamente pequeno, agradeço a Deus por se haver dignado desvendar-me segredos que pareciam impenetráveis. Na minha Corte, talvez não se dignem olhar-vos; mas eu não desprezo ninguém, e ofereço-vos a minha proteção".

Se alguém chegou ao cúmulo do espanto, foram sem dúvida as pessoas que ouviram tais palavras. Não podiam adivinhar de onde partiam. O capelão de bordo rezou exorcismos, os marinheiros praguejaram, e os filósofos do navio elaboraram um sistema; mas, por mais sistemas que fizessem, não atinavam com quem lhes falava. O anão de Saturno, que tinha a voz mais suave que a de Micrômegas, informou-lhes então com quem estavam tratando. Contou-lhes a partida de. Saturno, disse-lhes quem era o senhor Micrômegas, e, depois de os ter lamentado por serem tão pequenos, perguntou-lhes se sempre haviam estado naquela miserável condição tão vizinha do aniquilamento, o que faziam num globo que parecia pertencer às baleias, se eram felizes, se se multiplicavam, se

tinham uma alma, e mil outras questões dessa natureza.

Um sábio do grupo, mais audaz que os outros e chocado de que duvidassem da sua alma, observou o interlocutor por intermédio de pínulas assestadas sobre um esquadro, fez duas miras e, na terceira, assim lhe falou:

— Julga então, senhor, só porque tem mil toesas da cabeça aos pés, que é um...

— Mil toesas! — exclamou o anão. — Meu Deus! Como pode ele saber a minha altura? Mil toesas! Não se engana por uma polegada. Como! Esse átomo mediu-me! É geômetra, conhece as minhas dimensões; e eu, que o vejo através de um microscópio, ainda não conheço as suas.

— Sim, medi-o — disse o físico — e medirei também o seu grande companheiro.

Aceita a proposta, deitou-se Sua Excelência ao comprido; pois, se se pusesse de pé, ficaria com a cabeça muito acima das nuvens. Os nossos filósofos plantaram-lhe uma grande árvore num lugar que o doutor Swift nomearia, mas que me guardo de chamar pelo nome, devido a meu grande respeito ás damas. Depois, por uma seqüência de triângulos, concluíram que aquilo que eles viam era com efeito um jovem de cento e vinte mil pés de altura.

Micrômegas pronunciou então estas palavras:

“Reconheço, mais do que nunca, que nada devemos julgar por sua grandeza aparente. Ó Deus, que destes uma inteligência a substâncias que parecem tão desprezíveis, o infinitamente pequeno vos custa tão pouco como o infinitamente grande; e, se é possível que haja seres ainda mais pequenos do que estes, podem ainda ter um espírito superior ao daqueles soberbos animais que vi no céu e cujo pé bastaria para cobrir o globo a que desci”.

Respondeu-lhe um dos filósofos que ele poderia com toda a segurança acreditar que há de fato seres inteligentes muito menores que o homem. Contou-lhe, não tudo o que Virgílio diz de fabuloso sobre as abelhas, mas o que Swammerdam descobriu, e o que Réaumur dissecou. Disse-lhe, enfim, — que há animais que estão para as abelhas como as abelhas estão para os homens, e como Micrômegas estava para aqueles imensos animais a que se referira, e como aqueles estão para outras substâncias, diante das quais não passam de átomos. Pouco a pouco a conversa se tornava interessante, e Micrômegas assim falou.

CAPÍTULO SÉTIMO

Conversação com os homens.

— Ó átomos inteligentes, em quem o Ser Eterno se comprazeu em manifestar seu engenho e poderio, deveis sem dúvida gozar das mais puras alegrias sobre o vosso globo; pois, tende tão pouca matéria e parecendo puro espírito, deveis passar a vida a amar e a pensar, que é o que constitui a verdadeira vida dos espíritos. A verdadeira felicidade, que não vi em parte nenhuma, com certeza é aqui que existe.

A tais palavras, todos os filósofos abanaram a cabeça; e um deles, mais franco que os outros, confessou de boa fé que, excetuando um pequeno número de habitantes muito pouco considerados, o resto é tudo uma assembléia de loucos, de maus e de infelizes.

— Nós temos mais matéria do que é necessário — disse ele — para fazer muito mal, se o mal vem da matéria, e temos espírito em demasia, se o mal vem do espírito. Não sabeis, por exemplo que, no instante em que vos falo, há cem mil loucos da nossa espécie, cobertos de chapéus, que matam cem mil outros animais cobertos de um turbante, ou que são

massacrados por estes e que, quase por toda a terra, é assim que se faz, desde tempos imemoriais?

O siriano estremeceu e perguntou qual poderia ser o motivo dessas terríveis querelas entre tão mesquinhos animais.

— Trata-se — disse o filósofo — de uma porção de lama do tamanho de vosso calcanhar. Não que algum desses milhões de homens que se exterminam pretenda um palmo que seja dessa lama. Trata-se apenas de saber se pertencerá a certo homem a que chamam Sultão, ou a outro homem a que chamam César, não sei por quê. Nenhum dos dois viu, ou jamais verá, o pedacinho de terra em questão, e quase nenhum desses animais que mutuamente se degolam já viu algum dia o animal pelo qual se degolam.

— Infelizes! — exclamou o siriano indignado. — Pode-se acaso conceber mais furiosa loucura? Vem-me até vontade de dar três passos e esmagar com três patadas esse formigueiro de ridículos assassinos.

— Não vos deis a esse incômodo; eles já trabalham bastante para a sua própria ruína. Ficai sabendo que, passados dez anos, já não resta nem a centésima parte desses miseráveis, e, mesmo que não tivessem puxado da espada, a fome, a fadiga ou a intemperança os levam ,a

quase todos. Aliás, não é a estes que é preciso punir, mas sim a esses bárbaros sedentários que, do fundo de seu gabinete, ordenam, durante a digestão, o massacre de um milhão de homens, e em seguida o agradecem solenemente a Deus.

O viajante sentia-se apiedado da pequena raça humana, na qual descobria tão espantosos contrastes.

— Já que pertenceis ao pequeno número dos sábios — disse-lhes ele — e aparentemente não matais a ninguém por dinheiro, dizei-me em que vos ocupam então.

— Dissecamos moscas — respondeu o filósofo, — medimos linhas, encordoamos números, pomo-nos de acordo acerca de dois ou três pontos que entendemos, e disputamos sobre dois ou três mil que não entendemos.

Ocorreu então ao siriano e ao companheiro a fantasia de interrogar aqueles átomos pensantes sobre coisas que ambos conheciam.

— Quanto contais — Indagou Micrômegas — da estrela da Canícula à grande estrela dos Gêmeos?

— Trinta e dois graus e meio — responderam todos ao mesmo tempo.

— Quanto contais daqui até a lua?

— Sessenta semidiâmetros da terra, em números redondos.

— Quanto pesa o vosso ar?

Supunha confundi-los nesse ponto, mas todos responderam que o ar pesa cerca de novecentas vezes menos que igual volume d'água e dezenove mil vezes menos que o ouro.

O anãozinho, de Saturno, atônito das suas respostas, sentiu-se tentado a tomar como feiticeiros àqueles mesmos a quem havia negado uma alma quinze minutos antes. Afinal lhes disse Micrômegas:

— Já que sabeis tão bem o que se acha fora de vós, decerto sabeis ainda melhor o que tendes por dentro. Dizei-me o que é a vossa alma e como formais as vossas idéias. Os filósofos falaram todos ao mesmo tempo, como antes, mas foram de diferentes opiniões. O mais velho citava Aristóteles, outro pronunciava o nome de Descartes, este o de Malebranche, aquele o de Leibnitz, aqueloutros o de Locke. Um velho peripatético disse em voz alta com toda a segurança: A alma é uma enteléquia, razão pela qual tem o poder de ser o que é. É o que declara expressamente Aristóteles, página 633 da edição do Louvre: "entelequia esti" etc.

Não entendo muito bem o grego — disse o gigante.

Nem eu tampouco — replicou o inseto filosófico.

— Por que então — tornou o siriano — citais um certo Aristóteles em grego?

É que — replicou o sábio — cumpre citar aquilo de que não se compreende nada na língua que menos se entende.

O cartesiano tomou a palavra e disse:

— A alma é um espírito puro, que recebeu no ventre da mãe todas as idéias metafísicas, e que, ao sair de lá, é obrigada a ir para a escola e aprender de novo tudo o que tão bem sabia é que não mais saberá!

— Então não valia a pena — retrucou o animal de oito léguas — que a tua alma fosse tão sábia no ventre de tua mãe, para ser tão ignorante quando tivesses barba no queixo. Mas que entendes por espírito?

— Bela pergunta! — exclamou o raciocinante. — Não tenho disso a mínima idéia: dizem que não é matéria.

— Mas sabes ao menos o que é a matéria?

— Perfeitamente — respondeu o homem. — Por exemplo, esta pedra é cinzenta, e de determinada forma, tem as suas — três dimensões, é pesada e divisível.

— Pois bem — disse o siriano — e essa coisa que te parece divisível, pesada e cinzenta, saberás dizer-me exatamente o que seja? Tu lhe vês alguns atributos; mas o fundo da coisa, acaso o conheces?

— Não — disse o outro.

— Não sabes, pois, o que é a matéria.

Então o senhor Micrômegas, dirigindo a palavra a outro sábio, a quem equilibrava sobre o polegar, perguntou-lhe o que era a sua alma, e o que fazia.

— Absolutamente nada — respondeu o filósofo malebranchiste, — é Deus que faz tudo por mim; vejo tudo em Deus, faço tudo em Deus: é Ele quem faz tudo, sem que eu me preocupe.

— É o mesmo que se não existisses — tornou o sábio de Sírio. — E tu, meu amigo — disse a um leibnitziano que ali — se achava, — que vem a ser a tua alma?

— É — respondeu o leibnitziano — um ponteiro que indica as horas, enquanto o meu corpo toca o carrilhão; ou, se quiserdes, é ela

quem carrilhona, enquanto o meu corpo marca a hora; ou então, é minh'alma o espelho do universo, e meu corpo a moldura do espelho: isso é bem claro.

Um minúsculo partidário de Locke achava-se ali perto; e quando afinal lhe dirigiram a palavra:

— Eu não sei como é que penso — respondeu, — mas sei que nunca pude pensar senão com o auxilio de meus sentidos. Que haja substâncias imateriais e inteligentes, eu não duvido; mas também não nego que Deus possa comunicar pensamento à matéria. Venero o poder eterno, não me cabe limitá-lo; nada afirmo, contento-me em acreditar que há mais coisas possíveis do que se pensa.

O animal de Sírio sorriu: não achou que fosse aquele o menos sábio; e o anão de Saturno teria abraçado o sectário de Locke, se não fora a extrema desproporção entre ambos. Mas, por desgraça, havia ali um animalículo de capelo que cortou a palavra a todos os animalículos filosofantes: disse que sabia o segredo de tudo, o qual se achava na Suma de Santo Tomás; mediu de alto a baixo os dois habitantes celestes; sustentou-lhes que as suas pessoas, os seus mundos, sois e estrelas, tudo era feito unicamente para o homem. A isto, os nossos dois viajantes tombaram um nos braços do outro,

sufocados de riso, esse riso inextinguível que, segundo Homero, é próprio dos deuses; seus ombros e ventres agitavam-se e, nessas convulsões, o navio que Micrômegas trazia na unha caiu no bolso das calças do saturniano. Os dois o procuraram por muito tempo; afinal encontraram e reajustaram tudo convenientemente. O siriano retomou os pequenos insetos; falou-lhes de novo com muita bondade, embora no íntimo se achasse um tanto agastado de ver que os infinitamente pequenos tivessem um orgulho quase infinitamente grande. Prometeu-lhes que redigiria um belo livro de filosofia, escrito bem miudinho, para seu uso, e que, nesse livro, veriam eles o fim de todas as coisas. Com efeito, entregou-lhes esse volume, que foi levado para a Academia de Ciências de Paris. Mas, quando o secretário o abriu, viu apenas um livro em branco. — Ah! bem que eu desconfiava... — disse ele.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Julho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos
GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

O Homem dos Quarenta Escudos

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

O Homem dos Quarenta Escudos (1768)
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org
“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

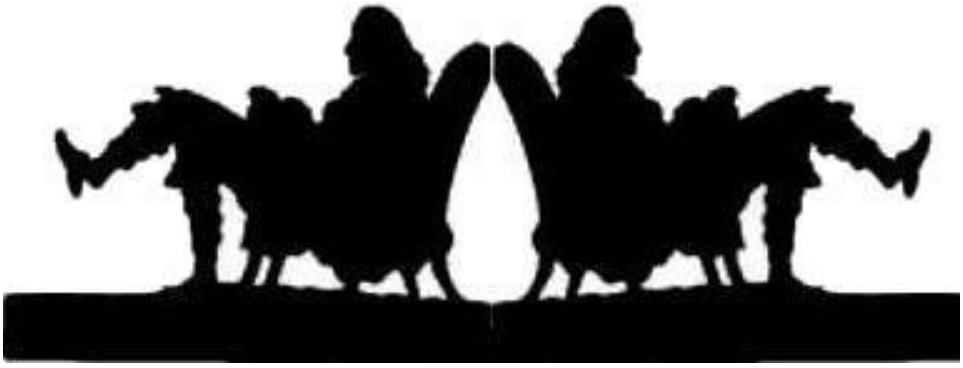
ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 6
Nélson Jahr Garcia
BIOGRAFIA DO AUTOR — 10

HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS
I. — 15
QUEBRA DO HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS
II. — 19
CONVERSAÇÃO COM UM GEÔMETRA
III. — 39
AVENTURA COM UM CARMELITA
IV. — 42
AUDIÊNCIA DO SENHOR INSPETOR GERAL
V. — 47
CARTA AO HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS
VI. — 52
NOVAS CONTRARIEDADES OCASIONADAS PELOS NOVOS SISTEMAS
VII. — 59
CASAMENTO DO HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS
VIII. — 68
O HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS TORNA-

SE PAI E DISCORRE SOBRE OS MONGES
IX. — 77
DOS IMPOSTOS PAGOS AO ESTRANGEIRO
X. — 81
DAS PROPORÇÕES
XI. — 91
DA SÍFILIS
XII. — 100
GRANDE QUERELA
XIII. — 103
A EXPULSÃO DE UM CELERADO
XIV. — 106
O BOM SENSO DO SENHOR ANDRÉ
XV. — 109
DE UMA BELA CEIA EM CASA DO SENHOR ANDRÉ
NOTAS — 118

O HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS



VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Esta obra é fruto do particular interesse de Voltaire pela Economia Política e pela agricultura. Defendia que o desenvolvimento de um país dependia da riqueza produzida pelo trabalho produtivo de seus habitantes. Suas idéias a respeito estão concentradas no diálogo entre "O homem dos quarenta escudos" e "O Geômetra". Aí se discute distribuição de renda, enriquecimento iníquo, tributação excessiva, desigualdade, exploração, injustiça. Aborda ainda inúmeros outros assuntos, sempre com sua peculiar ironia.

Escreveu o texto numa época (1768) em que surgiam inúmeras teorias propondo novos sistemas para a economia e agricultura. Voltaire que nutria profunda ojeriza pelos sistemas metafísicos, irritou-se ainda mais com sistemas formulados para uma área que considerava depender apenas de experiência e bom senso.

Uma de suas afirmações a respeito é incisiva:

> "Desconfie, toda a vida, dos testamentos e dos sistemas; já fui vítima deles, como o senhor. Se os Sólons e

> Licurgos modernos zombaram do senhor, ainda mais zombaram de mim os novos Triptólemos; e, não fosse uma pequena herança que me reanimou, teria eu morrido de miséria."

Sobre a fúria tributária das autoridades, a irreverência é total:

> "Homens de gênio profundo apresentaram-lhe projetos. Imaginara um lançar impostos sobre a inteligência.
>
> — Todos — dizia ele — se apressarão a pagar, pois ninguém quer passar por tolo.
>
> — Declaro-o isento do imposto — retrucou-lhe o ministro."

Mesmo quando enaltece, o faz numa espécie de argumento a contrário, em que a crítica acaba prevalecendo, é o que se vê na passagem sobre a importância do livro:

> "Muitos bons burgueses, muitas grandes cabeças, que se julgam boas cabeças, dizem, com ar importante, que os livros não servem para nada. Mas não sabem, esses vândalos, que não são governados a não ser por livros? Não sabem que o código civil, o código militar

e os Evangelhos são livros de que dependem continuamente. Leiam, esclareçam-se; só pela leitura se fortifica a alma; a conversação a dissipa, o jogo a limita."

E a ironia continua, sua visão da arrogância humana se destaca pelo sarcasmo:

"O homem dos quarenta escudos, que já o era no mínimo dos duzentos, perguntou em que local se achava o seu filho.

— Numa pequena bolsa — lhe disse o amigo, — entre a bexiga e o intestino reto.

— Santo Deus! — exclamou ele. — A alma imortal de um filho nascida e alojada entre a urina e algo pior!

— Sim, meu caro vizinho, a alma de um cardeal não teve outro berço; e com tudo isso ainda se fazem de arrogantes e dão-se ares."

Nem poupou os médicos, sem nenhuma sutileza:

"Estava arruinado, perdido, se não fora uma velha tia que um grande médico despachou para o outro mundo,

raciocinando tão bem em medicina como eu em agricultura.”

O ataque frontal, como sempre, se dá em relação aos jesuítas pelos quais tinha um profundo desprezo:

> “A ceia se prolongou bastante, e no entanto não se discutiu sobre religião, como se nenhum dos convivas jamais tivesse alguma; o que quer dizer que nos tornamos polidos, e por isso tanto mais receamos contristar os outros, à mesa. O que não acontece com o regente Coger, e o ex-jesuíta Nonnotte, e o ex-jesuíta Patouillet, e o ex-jesuíta Rotalier, e todos os animais dessa espécie. Esses sórdidos nos dizem mais tolices numa brochura de duzentas páginas do que se pode dizer de agradável e instrutivo numa ceia de quatro horas. E o mais estranho é que eles não se atreveriam a dizer de cara, a ninguém, o que têm a impudência de imprimir.”

“O Homem dos Quarenta Escudos” é mais uma obra imperdível, daquele que foi um dos mais geniais pensadores de seu tempo e se tornou eterno.

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

Um velho, que sempre lastima o presente e louva o passado, me dizia:

— A França, meu amigo, não é tão rica hoje como no tempo de Henrique IV. E por quê? Porque as terras já não são tão bem cultivadas; os homens subtraem-se à terra e, tendo o jornaleiro encarecido o trabalho, vários proprietários deixam as suas herdades incultas.

— De que provém essa escassez de trabalhadores?

— É que todos aqueles que sentiram alguma habilidade adotaram os ofícios de tecelão, gravador, relojoeiro, procurador ou teólogo.

— É que a revogação do édito de Nantes abriu um grande vácuo no reino; multiplicaram-se as religiosas e os mendigos; e enfim, cada qual fugiu, o mais que pôde, ao penoso trabalho da, lavoura, para o qual Deus nos criou, e que tornamos ignominioso, tão insensatos somos.

Outra causa da nossa pobreza está nas necessidades novas. Temos de pagar a nossos vizinhos quatro milhões de um artigo, e cinco ou seis de outro, para metermos nas ventas um pó mal cheiroso vindo da América; o café, o chá, o chocolate, a cochonilha, o anil, as especiarias, nos custam mais de sessenta milhões por ano. Tudo isso era desconhecido no tempo de Henrique IV, fora as especiarias, cujo consumo, no entanto, era muito menor do que hoje. Queimamos cem vezes mais velas, e adquirimos mais de metade da nossa cera no estrangeiro, porque negligenciamos as colmeias. Vemos cem vezes mais diamantes, nas orelhas, pescoço e mãos das cidadãs de Paris e de nossas grandes cidades, do que as tinham todas as damas da Corte de Henrique IV, inclusive a rainha. E essas superfluidades, foi preciso pagá-las quase todas à vista.

Considere principalmente que pagamos aos estrangeiros mais de quinze milhões das rendas do Palácio da Prefeitura e que Henrique IV, ao subir ao trono, tendo encontrado cerca de dois

milhões ao todo nesse palácio imaginário, embolsou sensatamente uma parte para aliviar o Estado desse fardo.

Considere que as nossas guerras civis tinham derramado na França os tesouros do México, quando don Phelippo el discreto queria comprar a França, e que, desde então, as guerras estrangeiras nos desembaraçaram da metade do nosso dinheiro.

Eis as causas de nossa pobreza. Ocultamo-la sob lambris envernizados e com o artifício das modistas: somos pobres com bom gosto. Há financistas, empreiteiros, negociantes muito ricos; seus filhos, seus genros, são muito ricos; a nação, em geral, não o é.

Boas ou más, as razões desse velho causaram-me profunda impressão; pois o cura de minha paróquia, que sempre me teve amizade, ensinou-me um pouco de geometria e história, e começo agora a refletir, coisa bastante rara na minha província. Não sei se ele estava com a razão em tudo; mas, sendo eu muito pobre, não tive maiores dificuldades em acreditar que possuía muitos companheiros.(1)

I.

QUEBRA DO HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS

Folgo em comunicar ao universo que possuo uma terra que me daria uma renda líquida de quarenta escudos, se não fora a taxa a que está sujeita.

Apareceram vários éditos de algumas pessoas que, dispondo de lazeres, governam o Estado do canto da sua lareira. O preâmbulo desses éditos rezava que os poderes legislativo e executivo nasceram co-proprietários da minha terra, por direito divino, e que eu lhes devo pelo menos metade do que como. Ante a enormidade do estômago do legislativo e do executivo, fiz um grande sinal da cruz. Que seria se esses poderes, que presidem à ordem essencial das sociedades, tivessem a minha terra inteira? Um é ainda mais divino que o outro.

Bem sabe o senhor inspetor geral que eu só pagava ao todo doze libras; que era um fardo bastante pesado para mim, e que eu teria sucumbido se Deus não me houvera dado o gênio de fazer cestos de vime, que me ajudavam a suportar a miséria. Como, pois, poderei dar de uma só vez vinte escudos ao rei?

Os novos ministros diziam, mais, no seu preâmbulo, que só se devem taxar as terras, visto que tudo vem da terra, até a chuva, e, por conseguinte, apenas os frutos da terra é que devem imposto.

Um de seus meirinhos veio à minha casa por ocasião da última guerra; pediu-me, por minha quota parte, três sesteiros de trigo e um saco de favas, num total de vinte escudos, para sustentar a guerra que faziam e cuja razão eu jamais soubera, tendo apenas ouvido dizer que, na tal guerra, nada havia a ganhar para o meu país, e muito a perder. Como então eu não tivesse nem trigo, nem favas, nem dinheiro, o legislativo e o executivo me puseram na cadeia; e fizeram a guerra como foi possível.

Ao sair da prisão, não tendo mais que a pele em cima dos ossos, encontrei um homem rechonchudo e corado, numa carruagem de seis cavalos; tinha seis lacaios e pagava de ordenado a cada um o dobro da minha renda. Seu mordomo, tão vermelho quanto ele, recebia dois mil francos, e roubava-lhe, por ano, vinte mil. Sua amante lhe custava quarenta mil escudos em seis meses; eu o conhecera outrora, no tempo em que ele tinha menos do que eu: confessou-me, para me consolar, que tinha quatrocentas mil libras de renda.

— Pagas então duzentas mil libras ao Estado — lhe disse eu, — para auxiliar a vantajosa guerra que sustentamos; pois eu, que tenho exatamente as minhas cento e vinte libras, devo pagar a metade delas.

— Eu? Contribuir para as necessidades do Estado! — exclamou ele. — Estás brincando, meu amigo: herdei de um tio que ganhara oito milhões em Cádiz e Surata; não possuo uma polegada de terra; todos os meus haveres consistem em contratos, em título; nada devo ao Estado: é a ti que compete entregar metade da tua subsistência, pois és um proprietário rural. Não compreendes que, se o ministro das finanças exigisse de mim algum auxílio para a pátria, não passaria de um imbecil incapaz de calcular? Pois tudo vem da terra; o dinheiro e os títulos não são mais que símbolos: em vez de arriscar no faraó cem sesteiros de trigo, cem bois, mil carneiros e duzentos sacos de aveia, jogo rolos de ouro que representam esses gêneros incômodos. Se, depois de cobrado o imposto único sobre esses gêneros, ainda me viessem pedir dinheiro, não vês que seria uma dupla operação, que seria exigir duas vezes a mesma coisa? Meu tio vendeu em Cádiz uns dois milhões do vosso trigo e uns dois milhões de tecidos fabricados com a vossa lã; ganhou mais de cem por cento nesses dois negócios. Bem compreendes que esse lucro foi auferido de terras já taxadas: o que o meu tio vos

comprava aqui por dez soldos, vendia-o por mais de cinqüenta francos no México, e, descontadas as despesas, voltou com oito milhões.

Já se vê que seria uma horrível injustiça reclamar-lhe alguns óbulos sobre os dez soldos que ele vos deu. Se vinte sobrinhos como eu, cujos tios houvessem ganho, nos bons tempos, oito milhões cada um, no México, em Buenos Aires, em Lima, em Surata ou Pondichere, emprestassem cada um ao Estado apenas duzentos mil francos, para as necessidades urgentes da pátria, isso importaria em quatro milhões: que horror! Paga, pois, meu amigo, tu que desfrutas em paz de uma renda segura e líquida de quarenta escudos; serve bem à tua pátria, e vem algumas vezes jantar com os meus lacaios.

Essas plausíveis considerações muito me fizeram refletir, mas não me consolaram nada.

II.
CONVERSAÇÃO COM UM GEÔMETRA

Acontece às vezes que nada se pode responder, sem que no entanto se esteja de acordo. Fica-se vencido mas não convencido. Sente-se no fundo d'alma um escrúpulo, uma repugnância que nos impede de acreditar no que nos provaram. Demonstrou-nos um geômetra que, entre um círculo e uma tangente, podemos fazer passar uma infinidade de linhas curvas e que não podemos fazer passar uma linha reta. Os nossos olhos, a nossa razão nos dizem o contrário. O geômetra responde-nos gravemente que se trata de um infinito de segunda ordem. Caiamo-nos, pois, e retiramo-nos estupefatos, sem nenhuma idéia nítida, sem nada compreender e sem nada replicar.

Vamos então consultar a um geômetra de melhor fé, que nos explica o mistério.

— Imaginamos — disse ele — o que não pode existir na natureza linhas que têm comprimento mas não têm largura; é impossível, fisicamente falando, que uma linha real penetre uma outra. Nenhuma curva, ou nenhuma reta real, pode passar entre duas linhas reais que se tocam:

trata-se de jogos do entendimento, de quimeras ideais; e a verdadeira geometria é a arte de medir as coisas existentes.

Fiquei muito contente com a confissão desse sábio matemático, e pus-me a rir, na minha desgraça, ao saber que havia charlatanismo até na ciência a que chamam de alta ciência.

O meu geômetra era um cidadão filósofo que se dignara conversar algumas vezes comigo na minha cabana.

— O senhor procurou — disse-lhe eu — esclarecer os basbaques de Paris quanto ao que mais interessa os homens, a duração da vida humana. Só pelo senhor ficou sabendo o ministério o que deve dar aos rendeiros vitalícios, segundo as diferentes idades. Propôs-se fornecer às casas da cidade a água que lhes falta e salvar-nos enfim do opróbrio e do ridículo de ouvirmos sempre clamar por água e de vermos mulheres, encerradas num arco, carregarem dois baldes d'água, de quinze libras cada um, até um quarto andar. Tenha a bondade de dizer-me quantos animais de duas mãos e de dois pés existem em França.

O Geômetra: — Supõe-se que haja cerca de vinte milhões, e prefiro adotar esse cálculo bastante provável (2), à espera de que o

verifiquem, o que seria fácil e ainda não fizeram por que nunca se lembram de tudo.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Quantas jeiras calcula o senhor para o território de França?

O Geômetra: — Cento e trinta milhões, sendo quase metade em estradas, cidades, vilas, landes, charnecas, pântanos, areias, terras estéreis, conventos inúteis, parques mais agradáveis que úteis, terrenos incultos, maus terrenos mal cultivados. Poder-se-ia reduzir as terras de boa produção a setenta e cinco milhões de jeiras quadradas; mas ponhamos oitenta milhões: impossível fazer mais pela pátria.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Quanto julga que cada jeira produza em média, num ano normal, em trigo, grãos de toda espécie, Vinhos, madeiras, metais, gado, frutas, lã, leite e azeite, todas as despesas feitas, sem contar o imposto?

O Geômetra: — Se produzirem, cada uma, vinte e cinco libras, já é muito; ponhamos, no entanto, trinta libras, para não desanimar os nossos concidadãos. Há jeiras que produzem valores contínuos estimados em trezentas libras; outras há que produzem três libras. A média proporcional entre três e trezentos é trinta: pois bem vê que três está para trinta como trinta está para trezentos. É verdade que, se houvesse

muitas jeiras de três libras e pouquíssimas de trezentas libras, a nossa conta não valeria; mas, ainda uma vez, não quero fazer chicana.

O Homem dos Quarenta Escudos: — E então, senhor, quanto dão, fazendo o cálculo em dinheiro, os oitenta milhões de jeiras?

O Geômetra: — O cálculo se faz por si: dão, anualmente, dois bilhões e quatrocentos milhões de libras, ao câmbio atual.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Li que Salomão, só em dinheiro, possuía vinte e cinco bilhões; e certamente não há dois bilhões e quatrocentos milhões em circulação na França, que me dizem ser muito maior e mas rica que o país de Salomão.

O Geômetra: — Aí é que está o mistério: há agora no reino talvez uns novecentos milhões em circulação, e esse dinheiro, passando de mão em mão, dá para pagar todos os gêneros e todos os trabalhos; o mesmo escudo pode passar mil vezes do bolso do cultivador para o do taberneiro e do funcionário.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Compreendo. Mas o senhor me disse que somos vinte milhões de habitantes, entre homens e mulheres, crianças e velhos? quanto toca a cada um?

O Geômetra: — Cento e vinte libras, ou quarenta escudos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — O senhor adivinhou a minha renda: possuo quatro jeiras que, entre os anos de descanso e os de produção, me valem cento e vinte libras; é pouco. Como! Se cada um possuísse uma parte igual, como na idade de ouro, não teria cada um senão cinco luises de ouro por ano?

O Geômetra: — Não mais, segundo o nosso cálculo, que eu arredondei um pouco. Tal é a condição humana. A vida e a fortuna são muito limitadas; em média, só se vive, em Paris, de vinte e dois a vinte e três anos; e em média, só se dispõe de cento e vinte libras por ano para gastar; quer dizer que o seu alimento, o seu vestuário, a sua casa, os seus móveis, são representados pela soma de cento e vinte libras.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Que é isso? Que lhe fiz eu, para que assim o senhor me tire a fortuna e a vida? E verdade que só tenho vinte e três anos de vida, a menos que roube a parte de meus camaradas?

O Geômetra: — Isso é incontestável na boa cidade de Paris; mas, desses vinte e três anos, cumpre subtrair pelo menos dez anos da infância; pois a infância não é uma função da vida, é uma preparação: é o vestíbulo do edifício, é a árvore

que ainda não deu frutos, é a aurora de um dia. Subtraia aos treze anos que lhe restam o tempo do sono e do tédio, é pelo menos a metade; sobram seis anos e meio que o senhor gastará nos aborrecimentos, nas dores, em alguns prazeres e na esperança.

O Homem dos Quarenta Escudos: — O seu cálculo só concede três anos de existência suportável

O Geômetra: — A culpa não é minha. Pouco se preocupa a natureza com os indivíduos. Há outros insetos que só vivem um dia, mas cuja espécie dura para sempre. A natureza é como esses grandes príncipes que não levam em conta a perda de quatrocentos mil homens, contanto que cheguem ao fim de seus augustos desígnios.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Quarenta escudos e três anos de vida! Que medida imagina o senhor contra essas suas maldições?

O Geômetra: — Quanto à vida, seria preciso tornar mais puro o ar de Paris, que os homens comessem menos e fizessem mais exercícios, que as mães amamentassem os filhos, que a gente não fosse tão mal avisada para temer a inoculação: é o que já tenho dito; e, quanto à fortuna, é só casar e fazer filhos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Como? Quer dizer que o meio de viver comodamente é associar minha miséria à de outrem?

O Geômetra: — Cinco ou seis misérias juntas constituem uma situação bastante tolerável. Arranje uma boa mulher, dois rapazes e duas meninas apenas, o que dará setecentas e vinte libras para a sua casa, na hipótese de que haja justiça e cada indivíduo tenha cento e vinte libras de renda. Os seus filhos, quando pequenos, não lhe custam quase nada; grandes, o aliviarão; seus auxílios mútuos lhe cobrem quase todas as despesas, e o senhor viverá muito venturosamente com toda a filosofia, contanto que esses senhores que governam o Estado não cometam a barbaria de extorquir a cada um vinte escudos por ano; mas a desgraça é que não mais estamos na idade de ouro, em que os homens, nascidos todos iguais, tinham igual parte nos generosos produtos de uma terra não cultivada. Já é muito que, hoje, cada criatura de duas mãos e dois pés possua um fundo de cento e vinte libras de renda.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Ah! o senhor nos arruina. Dizia há pouco que, num país onde há oitenta milhões de jeiras de terra bastante boa e vinte milhões de habitantes, deve cada qual gozar de cento e vinte libras de renda, e agora o senhor no-las tira!

O Geômetra: — Eu calculava pelos dados do século de ouro, quando se deve calcular pelo século de ferro. Há. muitos habitantes que não têm senão dez escudos de renda, outros que só tem quatro ou cinco, e mais de seis milhões de homens que não têm absolutamente nada.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Mas esses morreriam de fome ao cabo de três dias.

O Geômetra: — Absolutamente; os outros que possuem a sua porção, os fazem trabalhar e dividem-na com eles; é o que paga o teólogo, o confeiteiro, o boticário, o procurador, o comediante, o pregador e o cocheiro. O senhor se julgou digno de lástima por não ter senão cento e vinte libras para gastar anualmente, reduzidas a cento e oito libras devido à taxa de doze francos; mas considere os soldados que dão o sangue pela pátria: a quatro soldos por dia, só dispõem de setenta e três libras, com as quais vivem alegremente, agrupando-se em alojamentos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Quer dizer então que um ex-jesuíta ganha cinco vezes mais que um soldado. No entanto os soldados prestaram mais serviços ao Estado, à vista do rei, em Fontenoy, em Laufelt, no cerco de Friburgo, do que jamais o fez o reverendo padre La Valette.

O Geômetra: — Nada mais verdadeiro; e ainda assim, cada jesuíta tornado livre tem mais que

gastar do que custava ao convento: há até alguns que ganharam muito dinheiro fazendo brochuras contra os parlamentos, como o reverendo padre Patouillet e o reverendo padre Nonnotte. Cada qual se industria neste mundo: um dirige uma fábrica de tecidos, outro, de porcelana; aquele se dedica à ópera; este redige uma gazeta eclesiástica; este outro uma tragédia burguesa ou um romance ao gosto inglês; mantém o papeleiro, o vendedor de tinta, o livreiro, o bufarinheiro, que, não fora ele, estariam pedindo esmola. Afinal, é a restituição das cento e vinte libras aos que nada têm que faz florescer o Estado.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Bela maneira de florescer!

O Geômetra: — Não há outra: em todo país, o rico faz o pobre viver. Eis a única fonte da indústria do comércio. Quanto mais industriosa a nação, mais ganha do estrangeiro. Se conseguíssemos do estrangeiro dez milhões anuais, pelo comércio, dentro em vinte anos haveria duzentos milhões a mais no Estado: seriam mais dez francos para distribuir lealmente a cada um; quer dizer que os negociantes fariam ganhar a cada pobre dez francos a mais, na esperança de obter lucros ainda mais consideráveis. Mas o comércio tem seus limites, como a fertilidade da terra: a não ser assim, a progressão iria ao infinito: por outro lado, não é

seguro que a balança comercial nos seja sempre favorável; há tempos em que perdemos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Ouvi falar muito em população. Que aconteceria se nos puséssemos a fazer o dobro dos filhos que habitualmente fazemos, se a nossa pátria fosse povoada ao dobro, se tivéssemos quarenta milhões de habitantes em vez de vinte?

O Geômetra: — Aconteceria que cada um só teria em média vinte escudos para gastar, ou seria preciso que a terra rendesse o dobro do que rende, ou tivesse o dobro de pobres, ou cumpriria ter o dobro de indústria e ganhar o dobro do estrangeiro, ou enviar metade da nação para a América, ou que metade da nação comesse a outra.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Contentemo-nos pois com os nossos vinte milhões de homens e as nossas cento e vinte libras por cabeça, repartidas como apraza a Deus; mas essa situação é triste, e bem duro o seu século de ferro.

O Geômetra: — Não há nação nenhuma que esteja em melhores condições; e outras há que estão muito pior. Acredita que haja no Norte com que dar o equivalente de cento e vinte libras a cada habitante? Se possuíssem o equivalente, não teriam os hunos, godos, vândalos e francos

desertado a sua pátria para estabelecer-se alhures, a ferro e fogo.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Se o deixasse falar, o senhor em breve me persuadiria de que eu sou muito feliz com os meus cento e vinte francos.

O Geômetra: — Se o senhor pensasse que é feliz, nesse caso o seria.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Impossível que alguém imagine ser o que não é, a menos que esteja louco.

O Geômetra: — Já disse que o senhor, para sentir-se mais a gosto e mais feliz do que é, devia tomar mulher; mas acrescentarei que esta também deverá ter cento e vinte libras de renda, isto é, quatro jeiras a dez escudos a jeira. Os antigos romanos não tinham senão três. Seus filhos, se forem industriosos, poderão ganhar o mesmo cada um, trabalhando para os outros.

O Homem dos Quarenta Escudos: — De modo que não poderão eles ter dinheiro sem que outros o percam?

O Geômetra: — É a lei de todas as nações; só se respira por esse preço.

O Homem dos Quarenta Escudos: E ainda será preciso que minha mulher e eu

entreguemos, cada um, metade da nossa colheita ao poder legislativo e executivo, e que os novos ministros do Estado nos arrebatem metade do preço do nosso suor e da subsistência de nossos pobres filhos antes que estes possam ganhar a vida?! Diga-me a quanto monta o dinheiro de direito divino que os nossos ministros carregam para os cofres do rei.

O Geômetra: — Paga o senhor vinte escudos por quatro jeiras que rendem quarenta. O rico que possui quatrocentas jeiras pagará, por essa nova tarifa, dois mil escudos, e os oitenta milhões de jeiras renderão, para o rei, anualmente, um bilhão e duzentos milhões de libras, ou quatrocentos milhões de escudos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Isto me parece impraticável e impossível.

O Geômetra: — O senhor tem toda a razão, e tal impossibilidade é uma demonstração geométrica de que há um vício fundamental de raciocínio nos planos dos novos ministros.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Não está também patente uma prodigiosa injustiça no fato de me tomarem metade do meu trigo, do meu cânhamo, da lã de meus carneiros, etc., e não exigirem nenhuma contribuição daqueles que terão ganho dez ou vinte ou trinta mil libras de renda com o meu cânhamo, de que fabricaram o

tecido, com a minha lã de que fizeram cobertas, com o meu trigo, que terão vendido mais caro do que compraram?

O Geômetra:- Tão evidente é a injustiça dessa administração quanto errôneo o seu cálculo. Cumpre que a indústria seja favorecida, mas cumpre que a indústria opulenta socorra o Estado. Essa indústria sem dúvida lhe tirou uma parte das suas cento e vinte libras e delas se apropriou vendendo-lhe camisas e roupas vinte vezes mais caro do que lhe custariam se o senhor mesmo as tivesse feito. O fabricante, que enriqueceu à custa do senhor, deu, confesso-o, um salário aos respectivos operários, que nada possuíam de seu; mas reteve para si próprio, anualmente, uma soma que lhe valeu afinal trinta mil libras de renda: foi, pois, à custa do senhor que ele adquiriu a sua fortuna; o senhor nunca lhe poderá vender os seus gêneros tão caro que possa indenizar-se do que ele ganhou nas suas costas; pois, se tentasse essa alta, ele compraria no estrangeiro a preço mais conveniente. Uma prova de que isso é verdade é que ele continua sempre no gozo das suas trinta mil libras de renda, ao passo que o senhor fica com as suas cento e vinte libras, que, longe de aumentar, seguidamente diminuem.

É, pois, necessário e eqüitativo que a indústria refinada do negociante pague mais do

que a indústria grosseira do lavrador. O mesmo se dá com o recebedor dos juros públicos. Sua taxa era de doze francos antes que os nossos grandes ministros lhe tivessem tomado vinte escudos. Sobre esses doze francos ficava o publicano com dez soldos. Se há na sua província quinhentas mil almas, terá ele ganho duzentos e cinqüenta mil francos anuais. Que gaste cinqüenta, é claro que ao fim de dez anos possuirá dois milhões. É muito justo que ele contribua proporcionalmente, sem o que tudo estaria pervertido e desequilibrado.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Agradeço-lhe por haver taxado esse financeiro, isto alivia a minha imaginação. Mas, visto que ele aumentou tão lindamente o seu supérfluo, como poderei eu fazer para também aumentar minha pequena fortuna!

O Geômetra: — Já lhe disse: casando-se, trabalhando, procurando tirar de sua terra mais alguns feixes do que ela lhe proporcionava.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Na hipótese de que eu tenha trabalhado bastante, que toda a nação haja feito o mesmo, que o legislativo e executivo tenham angariado com isso maior tributo, quanto a nação terá ganho no fim do ano?

O Geômetra: — Nada, a menos que tenha feito um útil comércio exterior: mas terá vivido mais comodamente. Cada qual, em proporção, terá tido mais vestuários, mais camisas, mais móveis do que antes. Terá havido no Estado uma circulação mais abundante, os salários terão sido aumentados, com o tempo, mais ou menos em proporção ao número das medas de trigo, das mãos de lã, dos couros de bois, cervos e cabras que tenham sido aproveitados, dos racimos que tenham ido para o lagar. Ter-se-á pago ao rei mais valores de gêneros e dinheiro, e o rei terá devolvido valores aos que houver feito trabalhar sob as suas ordens; mas não haverá um escudo a mais no reino.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Que restará então ao poder no fim do ano?

O Geômetra: — Nada; é o que acontece a todo poder: não entesoura; foi alimentado, vestido, alojado, mobiliado; todo o mundo também o foi, cada qual conforme a sua condição. E, caso entesoure, arranca à circulação tanto dinheiro quanto acumulou; fez tantos desgraçados quantas porções de quarenta escudos meteu no cofre.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Mas esse grande Henrique IV não passava então de um vilão, de um ladravaz, de um larápio; pois me

contaram que enfurnara na Bastilha mais de cinqüenta milhões na moeda atual

O Geômetra: — Era um homem tão bom, tão prudente quão valoroso. Ia fazer uma guerra justa e, acumulando nos seus cofres vinte e dois milhões na moeda da época, tendo ainda a receber mais outros vinte que deixava circular, poupava ao povo mais de cem milhões que lhe custaria se não houvesse tomado essas úteis medidas. Tornava-se moralmente seguro do sucesso contra um inimigo que não tomara as mesmas precauções. O cálculo das probabilidades era prodigiosamente em seu favor. Seus vinte e dois milhões entesourados provavam que havia então no reino o valor de vinte e dois milhões de excedente nos bens da terra; assim ninguém era prejudicado.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Bem que o meu velhote me havia dito que se era relativamente mais rico sob a administração do duque de Sully que sob a dos novos ministros que lançaram o imposto único e me tomaram vinte escudos sobre quarenta. Diga-me, há. alguma nação no mundo que goze desse belo benefício do imposto único?

O Geômetra: — Nenhuma nação opulenta. Os ingleses, que não riem nunca, puseram-se a rir, quando souberam que pessoas inteligentes

haviam proposto entre nós esse sistema. Os chineses exigem uma taxa de todos os vassalos negociantes que abordam em Cantão; os holandeses, quando admitidos no Japão, pagam tributo em Nagasaki, sob o pretexto de que não são cristãos. Os lapões e samoeses são na verdade submetidos a um imposto único, em peles de marta; a república de S. Marinho só paga dízimos para sustentar o esplendor do Estado.

Há na Europa uma nação, famosa por sua equanimidade e valor, que não paga nenhuma taxa. É o povo helvético; mas eis o que aconteceu: esse povo pôs-se no lugar dos duques de Áustria e de Zeringue; os pequenos cantões são democráticos e muito pobres, cada habitante paga uma soma bastante módica, para as necessidades da pequena república. Nos cantões ricos, devem-se ao Estado os tributos que os arquiduques da Áustria e os senhores latifundiários exigiam; os cantões protestantes são o dobro mais ricos que os católicos, pois ali o Estado possui os bens que pertenceriam aos padres. Os que eram súbditos dos duques da Áustria, dos duques de Zeringue e dos padres, hoje o são da pátria; pagam à pátria os mesmos dízimos, os mesmos direitos, os mesmos laudêmios que pagavam aos antigos senhores; e, como os súditos em geral têm pouco comércio, o negócio não é sujeito a nenhum tributo, exceto pequenos direitos de entreposto: o que faz entrar

algum dinheiro no seu país à nossa custa; exemplo tão único no mundo civilizado como o imposto estabelecido por nossos novos legisladores.

O Homem dos Quarenta Escudos: — De modo que os suíços não são despojados da metade de seus bens por direito divino, e o que possui quatro vacas não entrega duas ao Estado?

O Geômetra: — Não, certamente. Num cantão, sobre treze tonéis de vinho, entrega-se um e bebem-se doze. Num outro cantão, paga-se a duodécima parte e bebem-se as onze restantes.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Ah! que me façam suíço! Maldito esse iníquo imposto único, que me reduziu a pedir esmola! Mas trezentos ou quatrocentos impostos, que até os nomes é impossível reter e pronunciar, são acaso mais justos e honestos? Já houve legislador que, ao fundar um Estado, tenha imaginado delegados reais aferidores de carvão, avaliadores de vinho, inspetores de lenha, examinadores de porcos, fiscais de manteiga? Sustentar um exército de pândegos duas vezes mais numeroso que o de Alexandre, comandado por sessenta generais que requisitam tudo, que todos os dias conseguem assinaladas vitórias, que fazem prisioneiros e que às vezes os sacrificam no ar ou num tablado,

como faziam os antigos citas, pelo que me disse o cura.

Tal legislação, contra a qual se elevavam tantos clamores e que fazia derramar tantas lágrimas, acaso valia mais do que essa que de repente me tira, sem cerimônia, metade da minha subsistência?

O Geômetra: *Iliacos intra muros peccatur et extra. Est modus in rebus, caveas ne quid nimis.*

O Homem dos Quarenta Escudos: — Aprendi um pouco de história e geometria, mas não sei latim.

O Geômetra: — Isso significa mais ou menos que mal está de ambos os lados, que em tudo se deve guardar o meio termo: nada de excessos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Sim, nada de excessos é o que acontece comigo; mas sucede que não tenho o suficiente.

O Geômetra: — Convenho em que o senhor morrerá de fome, e eu também, e o Estado também, no caso que a nova administração dure apenas uns dois anos; mas é de esperar que Deus se compadeça de nós.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Passa-se a vida a esperar e morre-se. Adeus, o senhor me esclareceu, mas tenho o coração partido.

O Geômetra; — É muitas vezes o fruto da ciência.

III.
AVENTURA COM UM CARMELITA

Depois de agradecer devidamente os esclarecimentos que me prestara o sócio da Academia de Ciências, retirei-me maravilhado, mas murmurando entre dentes estas tristes palavras: “Apenas vinte escudos com que viver, e viver só vinte e dois anos! Meu Deus, quem dera que a nossa vida fosse ainda mais curta, já que é tão desgraçada!”

Logo me encontrei defronte a uma casa soberba. Já sentia fome; não tinha nem ao menos a centésima-vigésima parte do que toca, de direito, a cada indivíduo; mas, quando me disseram que aquele palácio era o convento dos reverendos carmelitas descalços, enchi-me das maiores esperanças e disse com os meus botões. “Visto que esses santos são tão humildes a ponto de andar descalços, hão de ser bastante caridosos para me darem de comer”.

Bati; apareceu um carmelita:

— Que desejas, meu filho?

— Pão, meu reverendo; os novos éditos me tiraram tudo.

— Meu filho, nós pedimos. esmola, não a damos.

— Como! Então o vosso santo instituto vos ordena não usar sapatos, e tendes uma casa principesca, e ainda me recusais comida?!

— É verdade que não usamos sapatos nem meias, meu filho; é uma despesa a menos; mas não sentimos mais frio nos pés do que nas mãos; e se o nosso santo instituto nos houvesse ordenado que andássemos de bunda de fora, não sentiríamos frio no traseiro. Quanto à nossa bela casa, construímo-la com toda a facilidade, pois temos cem mil libras de renda em casas na mesma rua.

— Ah, ah! Com que então me deixam morrer de fome e têm cem mil libras de renda?! Quer dizer então que pagam cinqüenta mil ao novo governo?

— Deus nos livre de pagar um óbulo! Só o produto da terra cultivada por mãos laboriosas, endurecidas de calos e molhadas de lágrimas, é que deve tributos ao poder legislativo e executivo. As esmolas que nos foram dadas habilitaram-nos a construir essas casas de que auferimos cem mil libras anuais. Mas essas esmolas provêm dos frutos da terra, que já pagaram tributo, e o tributo não deve ser pago duas vezes. Tais esmolas santificaram os fiéis que empobreceram

enriquecendo-nos; e nós continuamos a pedir esmola e a pôr em contribuição o faubourg Saint-Germain, para santificar ainda mais os fiéis.

Dito isto, o carmelita fechou-me a porta no nariz.

Passei pelo quartel dos mosqueteiros; contei a história a um desses senhores: eles me deram um bom almoço e um escudo. Um deles propôs incendiarem o convento; mas um mosqueteiro mais sensato demonstrou-lhe que ainda não era chegado o tempo, e pediu-lhe para esperar uns dois ou três anos.

IV.
AUDIÊNCIA DO SENHOR INSPETOR GERAL

Fui, com o meu escudo, apresentar um requerimento ao senhor Inspetor Geral, que dava audiência naquele dia. Sua antecâmara estava cheia de gente de toda espécie. Havia principalmente faces ainda mais rechonchudas, barrigas mais empinadas, fisionomias mais altivas que as do meu homem dos oito milhões. Não ousava aproximar-me: via-os, e eles não me viam.

Um monge, grande dizimeiro. intentara um processo contra cidadãos a quem chamava de seus camponeses. Tinha mais rendimentos que a metade de seus paroquianos; e ainda por cima era senhor feudal. Pretendia que seus vassalos, tendo convertido com grande dificuldade as charnecas em vinhedos, lhe deviam a décima parte do vinho que produziam, o que constituía, contando o preço do trabalho e do material, mais de quarta parte da colheita. Mas como as dízimas — dizia ele — são de direito divino, peço o quarto da substância de meus camponeses em nome de Deus. — Bem vejo — disse o ministro — quanto o senhor é caridoso.

Disse então um arrendatário de impostos, muito hábil no seu mister:

— Senhor, essa aldeia nada pode dar a esse monge; pois tendo ele obrigado os paroquianos a pagar, no ano passado, trinta e dois impostos sobre o vinho, condenando-os em seguida a pagar o excesso de consumo, acham-se os pobres completamente arruinados. Fiz com que vendessem os animais e os móveis, e ainda são meus devedores. Oponho-me às pretensões do reverendo padre.

— Tem razão de ser seu rival — replicou o ministro. — Tanto um como o outro amam o próximo, e ambos me edificam.

Um terceiro, monge e senhor, cujos camponeses são inalienáveis, esperava também uma decisão do conselho que o tornasse possuidor de todos os bens de um indivíduo de Paris, que tendo, por inadvertência, permanecido um ano e um dia numa casa sujeita àquela servidão e encravada nos Estados dele, padre, ali viera a falecer.

O ministro achou o monge tão justo e brando de coração como os dois primeiros.

Um quarto, que era fiscal do domínio, apresentou um belo memorial, com que se justificava de haver reduzido vinte famílias à

miséria. Tinham elas herdado de tios ou tias, irmãos, ou primos; fora preciso pagar os competentes direitos. O senhor generosamente lhes provou que não tinham avaliado com exatidão a sua herança; que eram muito mais ricas do que supunham; e, tendo-as, por conseguinte, condenado à multa do triplo, arruinando-as nas custas, e prendendo os chefes de família, lhes comprara as melhores propriedades, sem desembolsar coisa alguma.

Disse-lhe então o inspetor Geral (em um tom na verdade um pouco amargo): “Eugé! fiscal bone et fidelis, quia super pauca fuisti fidelis rendeiro geral te constituam”. (3)

Mas cochichou a um referendário que se achava a seu lado:

— Essas sanguessugas, sagradas ou profanas, devem ser obrigadas a vomitar: já é tempo de aliviar o povo, que, se não fora a nossa assistência e equidade, nunca teria com que viver senão no outro mundo. (4)

Homens de gênio profundo apresentaram-lhe projetos. Imaginara um lançar impostos sobre a inteligência.

— Todos — dizia ele — se apressarão a pagar, pois ninguém quer passar por tolo.

—.Declaro-o isento do imposto — retrucou-lhe o ministro.

Outro propôs estabelecer o imposto único sobre as canções e o riso, visto que a nação era a mais alegre do mundo e que, uma canção a consolava de tudo. Mas o ministro observou que havia tempo que não faziam canções alegres, e mostrou-se receoso de que, para escapar ao imposto, todo o mundo se tornasse demasiado sério.

Surgiu um sábio e excelente cidadão que projetava fazer com que o rei recebesse três vezes mais, pagando o povo três vezes menos. O ministro aconselhou-lhe que fosse aprender aritmética.

Um quarto provava ao rei, por amizade, que este não podia recolher senão setenta e cinco milhões, mas que ele lhe ia proporcionar duzentos e vinte e cinco.

— Isso muito nos beneficiará — disse o ministro — quando tivermos pago as dividas do Estado.

Chegou afinal um representante do novo autor que faz o poder legislativo co-proprietário de todas as nossas terras, por direito divino, e que garantia ao rei um bilhão e duzentos milhões de renda. Reconheci o homem que me mandara

para a cadeia por não haver pago os meus vinte escudos. Lancei-me aos pés do senhor Inspetor Geral e pedi-lhe justiça; ele deu uma gargalhada e disse-me que me haviam pregado uma peça. Ordenou àqueles gracejadores de mau gosto que me dessem cem escudos de indenização, e dispensou-me da taxa para o resto da vida. — Deus o abençoe, senhor — lhe disse eu.

V.

CARTA AO HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS

Embora seja eu três vezes mais rico que o senhor, isto é, embora possua trezentas e sessenta libras ou francos de renda, escrevo-lhe no entanto de igual para igual, sem afetar o orgulho das grandes fortunas.

Li a história do seu desastre e da justiça que lhe concedeu o Inspetor Geral. Meus cumprimentos. Mas por desgraça acabo de ler Le Financier Citoyen, apesar da repugnância que me causara o título, que a muita gente se afigura contraditório. Esse cidadão lhe tira vinte francos da sua renda e a mim sessenta: apenas concede cem francos a cada indivíduo, na totalidade dos habitantes. Mas, em compensação, um homem não menos ilustre eleva as nossas rendas até cento e cinqüenta libras; vejo que o seu geômetra preferiu o meio termo. Não é desses magníficos senhores que, com uma penada, povoam Paris de um milhão de habitantes, e fazem circular pelo reino um bilhão e meio de metal sonante, depois de tudo o que perdemos nas últimas guerras.

Como sei que é um grande leitor, emprestar-lhe-ei Le Financier Citoyen. Mas não se fie nele

em tudo: cita o testamento do grande ministro Colbert, e não sabe que se trata de uma rapsódia ridícula, feita por um tal Gatien de Courtilz; cita a Dízima do marechal de Vauban, e não sabe que é de um tal Boisguilbert; cita o testamento do cardeal de Richelieu, e não sabe que é do abade de Bourzéis. Supõe haver dito esse cardeal que, quando a carne encarece, paga-se mais ao soldado. No entanto, a carne subiu muito sob o seu ministério, e o pagamento do soldado não aumentou; o que prova, independentemente de cem outras provas, que esse livro, tido por apócrifo ao aparecer, e depois atribuído ao próprio cardeal, é tanto seu como os testamentos do cardeal Alberoni e do marechal de Belle-Isle.

Desconfie, toda a vida, dos testamentos e dos sistemas; já fui vítima deles, como o senhor. Se os Sólons e Licurgos modernos zombaram do senhor, ainda mais zombaram de mim os novos Triptólemos; e, não fosse uma pequena herança que me reanimou, teria eu morrido de miséria.

Possuo cento e vinte jeiras na mais bela região da natureza e no solo mais ingrato. Cada jeira, na minha terra, descontadas as despesas, só rende um escudo de três libras. Mal vi nos jornais que um famoso agricultor inventara uma nova semeadeira, e que lavrava as suas terras por tabuleiros a fim de que, semeando menos, colhesse mais, apressei-me em tomar dinheiro

emprestado, comprei uma semeadeira, lavrei por tabuleiros; perdi o dinheiro e o trabalho, bem como o ilustre agricultor, que não mais semeia por tabuleiros.

Quis a minha má sorte que eu lesse o Journal Economique, que se vende no Boudot, em Paris. Dei com os olhos na experiência de um engenhoso parisiense que, para se distrair, mandara lavrar quinze vezes o seu jardim, ali plantando trigo, em vez de tulipas: fez uma colheita abundantíssima. Arranjei mais dinheiro emprestado. “Basta fazer quinze lavras — dizia eu comigo — e terei o dobro da colheita desse digno parisiense, que descobriu princípios de agricultura na ópera e na comédia, e eis-me enriquecido com as suas lições e o seu exemplo”.

Na minha terra, lavrar quatro vezes que seja, é uma coisa impossível; o rigor e as súbitas mudanças das estações não o permitem; por outro lado, a desgraça de semear por tabuleiro, como o ilustre agricultor de que falei, forçara-me a vender a minha atrelagem. Mandei lavrar trinta vezes as minhas cento e vinte jeiras por todas as charruas de quatro léguas em derredor. Três amanhos para cada jeira me custaram cento e vinte libras: o das minhas cento e vinte jeiras importou em catorze mil e quatrocentas libras. Minha colheita que monta, num ano normal, em minha maldita terra, a trezentos sesteiros, subiu,

é verdade, a trezentos e trinta, o que a vinte libras o sesteiro, me rendeu seis mil e seiscentas libras: perdi sete mil e oitocentas libras.

Estava arruinado, perdido, se não fora uma velha tia que um grande médico despachou para o outro mundo, raciocinando tão bem em medicina como eu em agricultura.

Quem dizia que eu ainda havia de ter a fraqueza de me deixar seduzir pelo Journal de Boudot? Esse homem, afinal de contas, não havia jurado a minha perdição. Li na referida publicação que bastava inverter quatro mil francos para conseguir quatro mil libras de renda em alcachofras. Ora, pois, com certeza Boudot me devolverá em alcachofras o que me fez perder em trigo. E eis os meus quatro mil francos despendidos e as minhas alcachofras devoradas pelos ratões. Fui vaiado no meu cantão como o diabo de Papefiguière.

Escrevi uma fulminante carta de censura a Boudot. Como única resposta, o bandido divertiu-se à minha custa, no seu Journal. Negou-me impudentemente que os caraíbas fossem vermelhos. Vi-me obrigado a enviar-lhe o testemunho de um antigo procurador do rei de Guadalupe, de como Deus fez vermelhos aos caraibas, como fez pretos aos negros, Mas essa pequena vitória não me impediu de perder, até o

último ceitil, toda a herança da minha tia, por haver acreditado em demasia nos novos sistemas. Cuidado, meu caro senhor, cuidado com os charlatães.

VI.

NOVAS CONTRARIEDADES OCASIONADAS PELOS NOVOS SISTEMAS

(Trecho extraído dos manuscritos de um velho solitário)

Vejo que, se bons cidadãos se divertiram em governar os Estados e colocar-se no lugar dos reis, se outros se julgaram Triptólemos e Ceres, outros houve, mais ambiciosos, que se puseram sem cerimônia no lugar de Deus e criaram o universo com a pena, como Deus os criou outrora com o verbo.

Um dos primeiros que se apresentaram à minha adoração foi um descendente de Tales, chamado Teliamed, que me fez saber que as montanhas e os homens são produzidos pelas águas do mar. Houve primeiro belos homens marinhos, que depois se tornaram anfíbios. A sua bela cauda bipartida se transformou em pernas. Estava eu ainda sob a impressão das Metamorfoses de Ovídio e de um livro onde se demonstrava que a raça dos homens era bastarda de uma raça de babuínos: tanto me importava descender de um peixe como de um macaco.

Com o tempo, vieram-me dúvidas quanto a essa genealogia e até no tocante à formação das montanhas.

— Como! — disse-me ele. — Não sabe então que as correntes marítimas que amontoam continuamente areia a dez ou doze pés de altura quando muito, produziram, no decorrer de longos séculos, montanhas de vinte mil pés de altura, as quais não são de areia? Fique sabendo que o mar já. cobriu necessariamente toda a superfície do globo. A prova está em que se viram âncoras de navio sobre o monte S. Bernardo, que ali se achavam vários séculos antes que os homens tivessem navios. Imagine que a terra é um globo de vidro que foi por muito tempo todo coberto de água.

Quanto mais ele me doutrinava, mais incrédulo me tornava eu.

— Pois então não viu — disse-me ele — o fálum de Touraine, a trinta e seis léguas do mar? E um acúmulo de conchas, com as quais se aduba a terra, como com esterco. Ora, se o mar depositou, na sucessão dos tempos, uma mina inteira de conchas a trinta e seis léguas do Oceano, por que não se terá estendido até três mil léguas, durante vários séculos, sobre o nosso globo de vidro?

— Senhor Teliamed — respondi-lhe eu, — há pessoas que fazem quinze léguas por dia a pé, mas não podem fazer cinqüenta. Não creio que o meu jardim seja de vidro e, quanto ao seu fálum, continuo a duvidar que seja um leito de conchas marinhas. Bem podia ser que não passasse de um depósito de pequenas pedras calcárias que tomam facilmente a forma de fragmentos de conchas, como há pedras que tomaram a configuração de línguas e que não são línguas; de estrelas, e que não são astros; de serpentes enroscadas, e que não são serpentes; de partes naturais do belo sexo, e que no entanto não são despojos das damas. Vêem-se dendrites, pedras figuradas, que representam árvores e casas, sem que jamais essas pequenas pedras tenham sido casas e carvalhos.

Se o mar depositou tantos leitos de conchas em Touraine, por que teria negligenciado a Bretanha, a Normandia, a Picardia, e todas as outras costas? Receio que esse fálum tão gabado provenha tanto do mar como os homens. E, mesmo que o mar se expandisse trinta e seis léguas, não quer dizer que o tenha feito até três mil, ou trezentas mil, e que todas as montanhas foram produzidas pelas águas. Tanto faz dizer que o Cáucaso formou o mar como pretender que o mar formou o Cáucaso.

— Mas que me diz, senhor incrédulo, das ostras petrificadas que foram encontradas no cume dos Alpes?

— Direi, senhor Criador, que não vi mais ostras petrificadas que âncoras de navio no alto do Monte Cinéreo. Direi o que já se disse, que se encontraram conchas de ostras (as quais facilmente se petrificam) a grandes distâncias do mar, como se desenterraram medalhas romanas a cem léguas de Roma; e prefiro acreditar que peregrinos de St. Jacques abandonaram algumas conchas a caminho de St. Maurice a imaginar que o mar formou o monte de S. Bernardo.

Há conchas por toda parte; mas não se poderá afirmar que são despojos de testáceos e crustáceos dos nossos lagos, tanto como de pequenos animais marinhos?

— Senhor incrédulo, olhe que o porei a ridículo no mundo que me proponho criar!

— Senhor criador, faça o que bem lhe parecer; cada qual é senhor no seu mundo; mas nunca me fará acreditar que este em que estamos seja de vidro, nem que algumas conchas sejam prova de que o mar produziu os Alpes e o monte Taurus. Bem sabe que não há nenhuma concha nas montanhas da América. Com certeza não foi o senhor quem criou aquele hemisfério, e deve

contentar-se em haver formado este velho mundo: já é bastante.

— Senhor, senhor, se não descobriram conchas nas montanhas da América, haverão de descobri-las.

— Isto é que é falar como criador, que conhece o seu segredo e está seguro do que faz. Deixo-lhe, pois, o seu fálum, desde que o senhor me deixe as minhas montanhas. Aliás, declaro-me humilde e obediente servo de Vossa Providência.

No tempo em que assim me instruía com Teliamed, um jesuíta irlandês disfarçado de homem, aliás grande observador, e que tinha bons microscópios, fez enguias com farinha de trigo mofado. Não mais se duvidou então que fosse possível fazer homens com farinha de bom trigo. Logo se criaram partículas orgânicas que constituíram homens. Por que não? O grande geômetra Fatio havia ressuscitado mortos em Londres; com a mesma facilidade podia-se fazer criaturas vivas, em Paris, com partículas orgânicas; mas havendo infelizmente desaparecido as novas enguias de Needham, os novos homens também desapareceram e fugiram para as mônadas que encontraram em meio da matéria sutil, globulosa e estriada.

Não que esses criadores de sistemas não hajam prestado grandes serviços à física; Deus me livre de menosprezar os seus trabalhos! Já os compararam a esses alquimistas que, fabricando ouro (que não se fabrica), descobriram bons remédios ou pelo menos coisas bastante curiosas. Pode alguém ser um homem de raro mérito e enganar-se quanto à formação dos animais ou à estrutura do globo.

Os peixes transformados em homens, as águas transformadas em montanhas, não me haviam causado tanto mal quanto o senhor Boudot; limitava-me tranqüilamente a duvidar, quando um lapônio me tomou sob a sua proteção. Era um profundo filósofo, mas que jamais perdoava aos que não pensavam como ele. Fez-me, a princípio, ver claramente o futuro, exaltando minha alma. Fiz tão prodigiosos esforços de exaltação, que adoeci; mas ele curou-me, untando-me de pixe da cabeça aos pés. Mal me vi em condições de andar, propõe-me uma viagem às terras austrais, para ali dissecar cabeças de gigantes, o que nos faria conhecer claramente a natureza da alma. Como eu não podia suportar o mar, teve a bondade de levar-me por terra. Mandou cavar um grande túnel no globo terráqueo: esse túnel ia dar direito na Patagônia. Partimos; quebrei uma perna à entrada do túnel; tiveram enorme dificuldade em

encaná-la: formou-se um calo que me aliviou bastante.

Já falei de tudo isso em uma de minhas diatribes, para instruir o universo atento a essas grandes coisas. Estou bastante velho; gosto algumas vezes de repetir as minhas histórias, a fim de melhor as inculcar na cabeça dos meninos, para os quais trabalho há tanto tempo.

VII.

CASAMENTO DO HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS

Já bastante instruído, e havendo reunido uma pequena fortuna, o homem dos quarenta escudos desposou uma linda moça que possuía cem escudos de renda. Sua esposa logo ficou grávida. Ele foi procurar o seu geômetra, e perguntou-lhe se ela lhe daria um menino ou uma menina. Respondeu-lhe o geômetra que as parteiras e as criadas ordinariamente o sabiam, mas que os físicos, que predizem os eclipses, não eram tão esclarecidos quanto elas.

Quis saber depois se o seu filho, ou filha, já possuía uma alma. O geômetra disse-lhe que isso não era da sua competência e que fosse falar com o teólogo da esquina.

O homem dos quarenta escudos, que já o era no mínimo dos duzentos, perguntou em que local se achava o seu filho.

— Numa pequena bolsa — lhe disse o amigo, — entre a bexiga e o intestino reto.

— Santo Deus! — exclamou ele. — A alma imortal de um filho nascida e alojada entre a urina e algo pior!

— Sim, meu caro vizinho, a alma de um cardeal não teve outro berço; e com tudo isso ainda se fazem de arrogantes e dão-se ares.

— Ah, senhor sábio, não me poderia dizer como se formam os filhos?

— Não, meu amigo; mas, se quiser, dir-lhe-ei o que os filósofos imaginaram, isto é, como os filhos não se formam.

Em primeiro lugar, o reverendo padre Sánchez, no seu excelente livro De Matrimônio, é inteiramente da opinião de Hipócrates; crê, como artigo de fé, que os dois veículos fluidos do homem e da mulher se lançam e unem-se e que, em tal momento, o filho é concebido por essa união; e tão persuadido está desse sistema físico, tornado teológico, que o examina no capítulo XXI do livro segundo: Utrum virgo Maria semen emiserit in copulatione cum Spiritu Sancto.

— Ai senhor, já lhe disse que não entendo latim; explique-me em francês o oráculo do padre Sánchez.

O geômetra lhe traduziu o testo e ambos fremiram de horror.

O recém-casado, achando Sánchez prodigiosamente ridículo, ficou entretanto muito satisfeito com Hipócrates; e estimava que sua

mulher houvesse preenchido todas as condições impostas por aquele médico para fazer um filho.

— Infelizmente — disse-lhe o vizinho, — há muitas mulheres que não expandem nenhum licor, que só recebem, com aversão as carícias maritais, e no entanto têm filhos. Só isto decide contra Hipócrates e Sánchez.

De resto, tudo leva a crer que a natureza age sempre nos mesmos casos pelos mesmos princípios; ora, há muitas espécies de animais que engendram sem cópula, como os peixes escamados, as ostras, os pulgões. Tiveram pois os físicos de procurar uma mecânica de gerações que conviesse a todos os animais. O célebre Harvey, que primeiro demonstrou a circulação, e que era digno de descobrir o segredo da natureza, julgou tê-lo achado nas galinhas: estas põem ovos; ele concluiu que as mulheres também os punham. Os gracejadores de mau gosto disseram que era por isso que os burgueses, e até alguns cortesãos, chamam a mulher, ou a amante, de minha franguinha, e quando se diz que as mulheres são galantes é porque elas desejariam que os galos lhes arrastassem a asa. Apesar dessas zombaria, Harvey não mudou de opinião, e ficou estabelecido em toda a Europa que nós provimos de um ovo.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Mas o senhor me disse que a natureza é sempre semelhante a si mesma, que age sempre pelo mesmo princípio no mesmo caso: as mulheres, as éguas, as mulas, as enguias, não põem; o senhor está brincando.

O Geômetra: — Elas não põem para fora, mas põem para dentro; têm ovários como todas as aves; as éguas, as enguias também os têm. Um ovo se destaca do ovário; é chocado na matriz. Veja todos os peixes escamados, as rãs: lançam ovos, que o macho fecunda. As baleias e os outros animais marinhos dessa espécie fazem brotar os ovos na matriz. As traças, os mais vis insetos, são visivelmente formados de um ovo: tudo vem de um ovo; e o nosso globo é um grande ovo que contém todos os outros.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Palavra! esse sistema tem todas as características da verdade; é simples, é uniforme, é patente em mais de metade dos animais. Estou satisfeito, não quero outro. Nada me é mais caro do que o. ovos de minha mulher.

O Geômetra: — Afinal, cansaram-se desse sistema: e começaram a fazer filhos de outra forma. O Homem dos Quarenta Escudo.: — E por que? Essa forma não é tão natural?

O Geômetra: — É que pretenderam que as nossas mulheres não têm ovários, mas somente pequenas glândulas.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Com certeza pessoas que tinham outro sistema preparado quiseram desacreditar os ovos.

O Geômetra: — Pode ser. Dois holandeses deram para examinar, ao microscópio, o licor seminal do homem e de vários animais, e julgaram perceber animais já formados que corriam com inconcebível rapidez. Descobriram-nos até no fluido seminal do galo. Julgou-se então que os machos faziam tudo e as fêmeas nada; estas só serviam para carregar o tesouro que o macho lhes confiara.

O Homem dos Quarenta Escudos: — É muito estranho isso. — Tenho algumas dúvidas sobre todos esses animaizinhos que se agitam tão prodigiosamente em um licor, para ficarem em seguida imobilizados nos ovos dos pássaros, e não menos imóveis durante nove meses (fora alguns solavancos) no ventre da mulher; isso não me parece conseqüente. Não é essa (pelo que posso julgar) a marcha da natureza. E como são esses homenzinhos que nadam tão bem no licor de que me fala?

O Geômetra: — São como vermes. Havia principalmente um médico chamado Andry que

via vermes por toda parte e que queria absolutamente destruir o sistema de Harvey. Teria, se pudesse, acabado com a circulação do sangue, porque outro a descobrira. Enfim, dois holandeses e o senhor Andry, à força de cair no pecado de Onan e examinar coisas no microscópio, reduziram o homem a lagarta. Somos, no princípio, um verme, como ela; depois no nosso invólucro, nos tornamos como ela, durante nove meses, uma verdadeira crisálida, que os campônios chamam favas. Em seguida, se a lagarta se torna borboleta, nós nos tornamos homens: eis as nossas metamorfoses.

O Homem dos Quarenta Escudos: — E a coisa parou ai? Não veio depois nova moda?

O Geômetra: — O pessoal se cansou de ser lagarta. Um filósofo extremamente divertido descobriu, em uma Vênus Física, que a atração é que fazia os filhos, e eis como a coisa se opera. Tombado o germe na matriz, o olho direito atrai o olho esquerdo, que chega para se unir a ele na qualidade de olho; mas é impedido pelo nariz, que topa no caminho, e que o obriga a colocar-se à esquerda. O mesmo acontece com os braços e pernas. E difícil explicar, em tal hipótese, a situação dos mamilos e das nádegas. Esse grande filósofo não admite nenhum desígnio do Ser criador na formação dos animais. Está longe de acreditar que o coração seja feito para receber o

sangue e expeli-lo, o estômago para digerir, os olhos para ver, o. ouvido para ouvir: isso lhe parece demasiado vulgar; tudo se faz por atração.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Um louco varrido, está visto. Espero que ninguém haja adotado uma teoria tão extravagante.

O Geômetra: — Riram muito, até; mas o triste é que esse insensato se assemelhava aos teólogos, que perseguem o mais que podem àqueles a quem fazem rir.

Outros filósofos imaginaram outras maneiras, que não fizeram maior sucesso: não é mais o braço que vai procurar o braço, não mais a coxa que corre atrás da coxa; são pequenas moléculas, pequenas partículas de braço e coxa que se colocam umas sobre as outras. Talvez que um dia, depois de tanto tempo perdido, a gente seja obrigado a voltar aos ovos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Estimo muito; mas qual foi o resultado de todas essas disputas?

O Geômetra: — A dúvida. Se a questão fosse debatida entre teólogos, haveria excomunhões e derramamento de sangue; mas, entre físicos, logo se estabelece a paz; cada qual foi deitar com a respectiva mulher, sem se preocupar absolutamente com os seus ovários ou as suas

trompas de Fallope. As mulheres engravidaram, sem ao menos indagar como se opera esse mistério. É assim que semeamos trigo e ignoramos como o trigo germina na terra.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Oh! eu sei; disseram-me há muito tempo: é por apodrecimento. Mas às vezes me dá vontade de rir de tudo o que me disseram.

O Geômetra: — É uma excelente disposição. Aconselho-o a duvidar de tudo, exceto que os três ângulos de um triângulo são iguais a dois retos, e que os triângulos que têm igual base e igual altura são iguais entre si, ou outras proposições semelhantes,, como por exemplo, que dois e dois são quatro.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Sim, creio que é muito sensato duvidar; mas sinto-me curioso depois que fiz fortuna e que disponho de lazeres. Desejaria, quando a minha vontade move o meu braço ou a minha perna, descobrir a mola pela qual os move. Sinto-me às vezes atônito de poder levantar e baixar os olhos e não poder mover as orelhas. Eu penso, e desejaria conhecer um pouco... isto aqui... tocar com o dedo o meu pensamento. Deve ser muito interessante. Indago se penso por mim mesmo, se Deus me dá as minhas idéias, se minha alma veio para o meu corpo no prazo de seis semanas ou de um dia, e

como se me alojou no cérebro; se penso muito quando durmo profundamente, e quando estou em letargia. Rebento os miolos para saber como um corpo produz outro corpo. As minhas sensações não me espantam menos: encontro nelas algo de divino, e sobretudo no prazer. As vezes me esforço por imaginar um novo sentido, e jamais pude consegui-lo Os geômetras sabem todas essas coisas; tenha a bondade de instruir-me.

O Geômetra: — Ai de nós, somos. tão ignorantes quanto o senhor: dirija-se à Sorbona.

VIII.

O HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS TORNA-SE PAI E DISCORRE SOBRE OS MONGES

Quando se viu pai de um menino, o homem dos quarenta escudos começou a julgar-se de algum peso no Estado; esperava dar ao menos dez súbditos ao rei, e todos eles úteis. Era o melhor cesteiro do mundo, e sua mulher uma excelente costureira. Nascera ela nas proximidades de uma grande abadia de cem mil libras de renda. Seu marido perguntou-me um dia por que motivo aqueles senhores, que eram tão pouco numerosos, haviam embolsado tantas porções de quarenta escudos.

— São mais úteis à pátria do que eu?

— Não, meu caro vizinho.

— Concorrem, como eu, para o povoamento do país?

— Não, pelo menos aparentemente.

— Cultivam a terra? Defendem o Estado quando este sofre uma agressão?

— Não, rezam pelo senhor.

— Pois bem! Eu rezarei por eles, e dividamos. Quantos desses úteis indivíduos, entre homens e mulheres, encerram os conventos do reino?

— Segundo os memoriais dos intendentes de fins do século passado, havia cerca de noventa mil.

— Por nossa velha conta, a quarenta escudos por cabeça, eles só deveriam possuir dez milhões e oitocentas mil libras. Quanto possuem?

— Chega a uns cinqüenta milhões, contando as missas e coletes dos monges mendicantes, que na verdade gravam consideravelmente o povo. Um irmão pedinte de um convento de Paris vangloriou-se publicamente de que a sua sacola dava oitenta mil libras de renda.

— E divididos os cinqüenta milhões pelas noventa mil cabeças tonsuradas, quanto toca a cada uma?

— Quinhentas e cinqüenta e cinco libras. É uma soma considerável numa sociedade numerosa, em que as despesas diminuem devido à própria quantidade dos consumidores; pois custa muito menos a dez pessoas viverem juntas do que se cada uma tivesse o teto e a mesa em separado.

E os ex-jesuítas, a quem dão hoje quatrocentas libras de pensão, perderam então nesse negócio?

— Não o creio: pois estão quase todos morando com parentes que os ajudam; vários dizem missa a dinheiro, o que não faziam antes; outros se fizeram preceptores, outros são sustentados por devotas, e cada qual se arranjou à sua maneira; e talvez poucos existam hoje que, tendo provado do mundo e da liberdade, queiram retomar as antigas cadeias. A vida monacal, por mais que se diga, não é de todo invejável. É máxima bastante conhecida que os monges são criaturas que se unem sem conhecer-se, vivem sem estimar-se, e morrem sem se lamentarem.

— Acha então que se lhes prestaria um grande serviço, desfradando-os a todos?

— Ganhariam bastante, sem dúvida, e o Estado ainda mais, devolver-se-iam à pátria cidadãos e cidadãs que sacrificaram temerariamente a sua liberdade em uma época em que as leis não permitem que se disponha de um fundo de dez soldos de renda; tirar-se-iam esses cadáveres dos túmulos: seria uma verdadeira ressurreição. As suas casas seriam prefeituras, hospitais, escolas, fábricas. A população aumentaria e todas as artes seriam melhor cultivadas. Poder-se-ia ao menos limitar o

número dessas vítimas voluntárias, fixando o número dos noviços. A pátria teria mais homens úteis e menos infelizes. É o sentir de todos os magistrados, é o desejo unânime do público, desde que os espíritos se esclareceram, o exemplo da Inglaterra, e de tantos outros Estados, é uma prova evidente da necessidade de tal reforma. Que seria hoje da Inglaterra se, em vez de quarenta mil marinheiros tivesse quarenta mil padres? Quanto mais se multiplicam as artes, mais necessário é o número de súditos laboriosos. Há sem dúvida pelos claustros muitas inteligências sepultas, que estão perdidas para o Estado. É preciso, para que um reino floresça, o mínimo possível de padres e o máximo possível de artesãos. A ignorância e barbaria de nossos país, longe de constituir uma regra para nós, não são mais que um aviso para fazermos o que eles fariam, se estivessem em nosso lugar, como as nossas luzes.

— Quer dizer que não é por ódio aos monges que deseja o senhor aboli-los? É por piedade deles? E por amor à pátria? Sou do seu parecer. Não desejaria que meu filho fosse padre. E, se sonhasse que iria ter filhos para o claustro, não deitaria com a minha mulher.

— Qual é, com efeito, o bom pai de família que não chore ao ver seu filho ou filha perdidos para a sociedade? Chamam a isto salvar-se; mas

um soldado que se salva quando deve combater, é punido. Somos todos soldados do Estado; estamos a soldo da sociedade, e tornamo-nos desertores quando a deixamos. Que digo? Os monges são parricidas que aniquilam uma posteridade inteira. Noventa mil enclausurados, que berram ou fanhoseiam latim, poderiam dar, cada um, dois súditos ao Estado: o que soma cento e oitenta mil homens que eles fazem perecer ainda em germe. Ao cabo de cem anos, a perda é imensa, coisa que se demonstra por si mesma.

— Por que então prevaleceu o monarquismo?

— Porque o governo, desde Constantino, foi, quase por toda parte, detestável e absurdo; porque o império romano teve mais sacerdotes que soldados; porque só no Egito havia cem mil; porque eram isentos de trabalho e impostos; porque os chefes das nações bárbaras que destruíram o império, tendo-se feito cristãos para governar cristãos, exerceram a mais horrível tirania; porque as pessoas se lançavam em multidão nos claustros para escapar ao furor desses tiranos, e mergulhavam numa escravidão para evitar uma outra; porque os papas, instituindo tantas ordens diferentes de mandriões sagrados, constituíram outros tantos súditos nos outros Estados; porque um camponês prefere ser chamado meu reverendo padre e distribuir

bênçãos a conduzir a charrua; porque não sabe que a charrua é mais nobre que a batina; porque gosta mais de viver à custa dos tolos do que por um trabalho honrado; enfim, porque não sabe que, fazendo-se monge, reserva para si mesmo dias infelizes, tecidos de tédio e arrependimento.

— Basta, pois, de monges, para felicidade nossa e dos próprios monges Mas causa-me aflição ouvir ao senhor de minha aldeia, pai de quatro filhos e três filhas, que não saberá como os estabelecer se não mandar as filhas para um convento.

— Essa alegação, tantas vezes repetida, é inumana, antipatriótica e destrutora da sociedade. Todas as vezes que se possa dizer de uma condição, qualquer que seja: “Se todos se submetessem a esta condição, estaria perdido o gênero humano”, está demonstrado que essa condição não vale nada e que aquele que a abraça prejudica o gênero humano. Ora, é claro que, se todos os jovens de ambos os sexos se enclausurassem, o mundo pereceria; já só por isso, a fradaria é inimiga da natureza humana, independentemente dos terríveis males que algumas vezes lhe causou.

— Não se poderia dizer o mesmo dos soldados?

— Certamente que não: pois, se cada cidadão se exercita nas armas, como outrora em todas as Repúblicas, e sobretudo na de Roma, não deixa o soldado de ser melhor cultivador; o soldado cidadão casa-se, e combate pela mulher e pelos filhos. Prouvera a Deus que todos os lavradores fossem soldados e esposos! Seriam assim excelentes cidadãos. Mas um monge só serve, como monge, para devorar a substância de seus compatriotas. Não há verdade mais reconhecida.

— Mas e as filhas dos gentis-homens pobres, que não podem casar, que farão elas?

— Farão, como já se disse mil vezes, o que fazem as da Inglaterra, da Escócia, da Irlanda, da Suiça, da Holanda, de metade da Alemanha, da Suécia, da Noruega, da Dinamarca, da Tartária, da Turquia, da África, e de quase todo o resto da terra. Serão melhores esposas e mães, quando os homens se tiverem acostumado, tal como na Alemanha, a tomar esposas sem dote. Uma mulher laboriosa e afeita às lides domésticas será de mais utilidade numa casa do que a filha de um financista, que, só em superfluidades, gasta mais do que trouxe ao marido.

Cumpre que haja casas de retiro para a velhice, para a invalidez, para a deformidade. Mas devido ao mais detestável dos abusos, só existem fundações para a juventude e para as pessoas

bem conformadas. Começa-se, nos claustros, por obrigar os noviços de um e outro sexo a patentear sua nudez, apesar de todas as leis do pudor; são atentamente examinados por diante e por trás, Vá uma velha corcunda apresentar-se para entrar num convento, e será ignominiosamente escorraçada, a menos que contribua com um dote imenso. Que digo? Toda religiosa deve trazer seu dote, sem o que se transformará no rebotalho do convento. Nunca se viu mais intolerável abuso.

— Bem, senhor, juro-lhe que as minhas filhas jamais serão religiosas. Aprenderão a fiar, a coser, a fazer renda, a bordar, a ser úteis, em suma. Considero os votos como um atentado contra a pátria e contra si mesmo. E como se explica que um de meus amigos, para contrariar o gênero humano, alegue que os monges são muito úteis à população de um estado, porque as suas casas têm melhor passadio que as dos senhores e as suas terras melhor cultivo?

— E que amigo é esse, que faz uma asserção tão estranha?

— É o Amigo dos Homens, ou antes, dos monges.

— Estava brincando, com certeza; bem sabe ele que dez famílias, cada uma com cinco mil libras de rendas da terra, são cem vezes, mil vezes mais úteis do que um convento que

desfruta de uma renda de cinqüenta mil libras e que tem sempre um tesouro secreto. Louva as belas casas construídas pelos monges, e é precisamente o que irrita os cidadãos; é motivo das queixas da Europa. O voto de pobreza condena os palácios, como o voto de humildade se opõe ao orgulho, e como o voto de aniquilar a própria raça está em contradição com a natureza.

— Começo a crer que se deve desconfiar dos livros.

— Deve-se é proceder com eles como com os homens, escolher os mais razoáveis, examiná-los, e só se render à evidência.

IX.
DOS IMPOSTOS PAGOS AO ESTRANGEIRO

Há coisa de um mês, veio procurar-me o homem dos quarenta escudos, dando verdadeiras barrigadas de riso, e com tão boa gana que também me pus a rir, sem saber do que se tratava, de tal forma é o homem imitador por natureza, tanto nos senhoreia o instinto, tão contagiosas são as grandes expansões da alma.

Ut ridentibus arrident, its flentibue adflent(5)
Humani vultus.

Depois que riu à vontade, contou-me que acabava de encontrar um homem que se dizia protonotário da Santa Sé, e que esse homem remetia considerável soma, a trezentas léguas daqui, a um italiano, em nome de um francês a quem o rei doara um pequeno feudo, e que esse francês Jamais poderia gozar do benefício do rei se não remetesse ao referido italiano o seu primeiro ano de renda.

— A coisa é bem verdade — disse-lhe eu, — mas não é tão divertida assim. Essas pequenas contribuições custam à França umas quatrocentas mil libras anuais; e, durante os dois

séculos e meio que vem durando esse costume, já descarregamos na Itália uns oitenta milhões.

— Santo Deus! — exclamou ele. — Quantas vezes quarenta escudos! Quer dizer então que esse italiano nos subjugou há dois séculos e meio e nos impôs esse tributo?

— Na verdade, ele nos taxava outrora muito mais onerosamente. Isso não passa de uma bagatela em comparação como o que ele por muito tempo tirou da nossa pobre nação e das outras pobres nações da Europa.

Contei-lhe então como se haviam estabelecido essas santas usurpações. Ele sabe um pouco de história; tem bom senso: compreendeu facilmente que éramos ex-escravos aos quais ainda restava uma ponta de grilhões. Por muito tempo, falou energicamente contra tal abuso, mas com que respeito pela religião em geral! Como venerava os bispos! Como lhes desejava muitos e muitos quarenta escudos, a fim de que os gastassem em obras pias nas respectivas dioceses!

Queria também que todos os curas de campanha tivessem um número suficiente de quarenta escudos, para que pudessem viver com decência.

— É triste — dizia ele — que um cura se veja obrigado a disputar três medas do trigo ao seu

rebanho, e não seja largamente remunerado pela província. É vergonhoso que estejam sempre em demanda com os seus senhores. Essas eternas querelas por direitos imaginários e dízimas destroem a consideração que se lhes deve. O infeliz cultivador, que já pagou aos prepostos a sua dízima, e os dois soldos por libra, e a talha, e a capitação, e o resgate, pelo alojamento de militares, depois de já os ter alojado, etc., etc., etc., esse desgraçado, dizia eu, que ainda vê o seu próprio cura arrebatar-lhe o décimo da sua colheita, não mais o considera como o seu pastor, mas como o seu escorchador, que lhe arranca o pouco de pele que lhe resta. Compreende que, ao lhe arrebatarem a décima meda de direito divino, têm a crueldade diabólica de não levar em conta o que lhe custou para produzir aquela meda. Que sobra para ele e a família? O pranto, a necessidade, o desânimo, o desespero, e acaba morrendo de fadiga e miséria. Se o cura fosse pago pela província, seria o consolo de seus paroquianos, em vez de ser olhado por eles como um inimigo.

O bom do homem enternecia-se ao pronunciar tais palavras; amava a pátria e era idólatra do bem público. E exclamava às vezes: “Que grande nação a França, se a gente o quisesse!”

Fomos ver seu filho, a quem a mãe, muito asseada, apresentava um farto seio branco. O menino era bastante bonito.

— Eis-te aqui — disse o pai — e só tens direito a vinte e três anos de vida e a quarenta escudos!

X.
DAS PROPORÇÕES

O produto dos extremos é igual ao produto dos meios: mas dois sacos de trigo roubados, não estão, para aquelas que os subtraíram, na mesma relação em que está a perda da sua vida para os interesses da pessoa prejudicada.

O prior de D***, a quem dois criados roubaram dois sesteiros de trigo, acaba de fazer enforcar os dois delinqüentes. Tal execução custou-lhe mais do que lhe rendera toda a colheita, e desde esse tempo não encontra empregados.

Se a lei dispusesse que aqueles que roubam o trigo do patrão lhe lavrassem a terra durante toda a vida, com ferros nos pés, e uma campainha ao pescoço, presa à golinha, muito teria ganho o referido prior.

Cumpre amedrontar o crime, na verdade; mas o trabalho forçado e a ignomínia permanente intimidam mais do que a morte.

Há alguns meses, em Londres, foi um malfeitor condenado a ir trabalhar com os negros, nos engenhos de açúcar da América. Todos os

criminosos na Inglaterra, como em muitos outros países, têm direito de dirigir-se ao rei, para pedir comutação ou abrandamento da pena. Quanto a este, pediu para ser enforcado. Alegou que odiava mortalmente o trabalho e que preferia ser estrangulado um minuto a fabricar açúcar toda a vida.

Podem outros pensar de outra maneira, e cada qual a seu gosto; mas já se disse, e cumpre repetir, que um enforcado não serve para coisa alguma, e que os castigos devem ser úteis.

Há alguns anos, na Tartária, dois jovens foram condenados ao empalamento por terem assistido, de chapéu na cabeça, a uma procissão de lamas. O imperador da China, que é homem de muito espírito, disse que os teria condenado a marchar em procissão, sem chapéu, durante três meses.

"Que as penas sejam proporcionais aos delitos", já o disse o marquês de Beccaria; mas os que fizeram as leis não eram geômetras.

Se o padre Guyon, ou Coger, ou o ex-jesuíta Nonnotte, ou o ex-jesuíta Patouillet, ou o pregador La Beaumelle, fazem miseráveis libelos, em que não há nem verdade, nem razão, nem espírito, vamos nós enforcá-los, como o fez o prior de D*** com os seus dois serviçais, e isto sob o

pretexto de que os caluniadores são mais culposos que os ladrões?

Condenaremos o próprio Fréron às galés, por haver insultado o bom gosto, e por ter mentido toda a vida, na esperança de pagar o vendeiro?

Levaremos o senhor Larcher ao pelourinho, por ser muito indigesto, por haver acumulado erro sobre erro, porque nunca soube distinguir nenhum grau de probabilidade, por afirmar que, numa antiga e imensa cidade, famosa por sua severidade e pelo zelo dos maridos, em Babilônia enfim, onde as mulheres eram guardadas por eunucos, todas as princesas iam devotadamente ao templo, entregar-se por dinheiro aos estrangeiros? Não, contentemo-nos em mandá-lo também fazer a vida; sejamos moderados em tudo; estabeleçamos proporção entre os delitos e as penas.

Perdoemos a esse pobre Jean-Jacques quando só escreve para contradizer-se; quando, depois de haver apresentado uma comédia vaiada em Paris, injuria aqueles que fazem representar comédias a cem léguas dali; quando procura protetores, e os ultraja; quando clama contra os romances, e faz romances cujo herói é um tolo preceptor que recebe esmola de uma suíça na qual fez um filho, e que vai gastar o dinheiro num bordel de Paris; deixemo-lo acreditar que

ultrapassou Fénelon e Xenofonte, educando um jovem de qualidade no ofício de marceneiro; essas extravagantes chatezas não merecem uma ordem de detenção; basta o hospício, com bons caldos, sangrias, e regime.

Odeio as leis de Dracon, que puniam igualmente os crimes e as faltas, a maldade e a loucura. Não tratemos o jesuíta Nonnotte, que só é culpado de haver escrito tolices e injúrias, como foram tratados os jesuítas Malagrida, Oldcorn, Garnet, Guiznard, Guéret, e como se devia tratar o jesuíta Le Tellier, que enganou o seu rei e perturbou a França. Distingamos principalmente em todo processo, em todo litígio, em toda querela, o agressor e o ultrajado, o opressor e o oprimido. A ofensiva parte do tirano; aquele que se defende é um homem justo.

Estava eu mergulhado nessas reflexões, quando chegou, em lágrimas, o homem dos quarenta escudos. Perguntei-lhe, alarmado, se o seu filho, que deveria viver vinte e três anos, havia acaso morrido.

— Não — disse ele, — o pequeno vai muito bem, e minha mulher igualmente. Mas fui chamado, como testemunha, contra um marceneiro que foi submetido à tortura e estava inocente. Vi-o desmaiar no suplício; ouvi estalarem-lhe os ossos; ainda ouço os seus

gemidos e gritos; eles me perseguem, eu choro de piedade e tremo de horror.

Pus-me também a chorar e a tremer, pois sou extremamente sensível.

Veio-me então à memória a espantosa aventura dos Calas, uma mãe virtuosa posta a ferros, seus filhos desvairados e fugitivos, a casa pilhada, um respeitável pai de família torturado, agonizando na roda e expirando nas chamas, um filho nos grilhões, arrastado perante os juizes, um dos quais lhe disse: Acabamos de levar seu pai à roda e faremos o mesmo com você.

Lembro-me da família Sirven, que um de meus amigos encontrou nas montanhas cobertas de neve, quando fugiam da perseguição de um juiz tão iníquo como ignorante.

— Esse juiz — me disse ele, — condenou ao suplício toda aquela inocente família, na suposição, sem o mínimo indício de prova, de que o pai e a mãe, auxiliados por duas de suas filhas, haviam estrangulado e afogado a terceira, de medo que ela fosse à missa.

Eu via, ao mesmo tempo, nos julgamentos dessa espécie o cúmulo da estupidez, da injustiça e da barbaridade.

O homem dos quarenta escudos e eu lamentávamos a natureza humana. Tinha eu no bolso o discurso de um advogado do Delfinado, que versava em parte sobre essa interessante matéria. Li em voz alta os seguintes trechos:

"Foram por certo verdadeiramente grandes os homens que primeiro ousaram encarregar-se do governo de seus semelhantes e impor-se o fardo da felicidade pública; que, pelo bem que queriam fazer aos homens, se impuseram à sua ingratidão e, para o repouso de um povo, renunciaram ao seu; que se colocaram, por assim dizer, entre os homens e a Providência, para lhes conseguir, por artifício, uma ventura que esta parecia haver-lhes recusado".

.....

"Que magistrado, um pouco sensível a seus deveres, à simples humanidade~ poderia sustentar tais idéias. Poderá ele, na solidão do gabinete, sem fremir de horror e de piedade, lançar os olhos sobre esses papéis, infelizes monumentos do crime ou da inocência? Não lhe parecerá brotarem gementes vozes desses fatais escritos, a instá-lo para decidir da sorte de um cidadão, de um esposo, de um pai, de uma família? Que impiedoso juiz (se for encarregado de um único processo) poderá passar de sangue frio por diante de uma prisão? — Sou eu então —

dirá ele — que mantenho, nessa detestável morada, meu semelhante, talvez meu igual, meu concidadão, um homem enfim!? Sou eu que todos os dias o agrilhôo, que fecho sobre ele essas odiosas portas!? Talvez que o desespero se haja apoderado da sua alma; lança aos céus o meu nome, de envolta com maldições; e sem dúvida atesta contra mim o grande Juiz que nos observa e que nos deve julgar a ambos.

.....

"E eis que terrível espetáculo se me apresenta aos olhos: o juiz cansa-se de interrogar com a palavra, quer interrogar com os suplícios: impaciente das suas pesquisas, talvez irritado com a sua inutilidade, manda trazer brandões, cadeias, alavancas e todos esses instrumentos inventados para a dor. Um carrasco se vem ajuntar às funções da magistratura, e termina pela violência um interrogatório iniciado pela liberdade.

"Doce filosofia, tu que só buscas a verdade com a atenção e a paciência, esperavas que, no teu século, empregassem tais instrumentos para a descobrir?

"E mesmo verdade que as nossas leis aprovam esse método inconcebível e que o uso o consagra?

.....

“Suas leis imitam seus preconceitos; as punições públicas são tão cruéis quanto as vinganças particulares, e os atos da sua razão não são menos impiedosos que os das suas paixões. Qual, pois, a causa dessa estranha oposição? É que os nossos preconceitos são antigos e a nossa moral é recente; é que somos tão compenetrados de nossos sentimentos quão desatentos às nossas idéias; é que a avidez dos prazeres nos impede de refletir sobre as necessidades, e mais nos empenhamos em viver do que em conduzir-nos. E que, numa palavra, nossos costumes são amáveis, e não são bons; é que somos polidos, e nem ao menos somos humanos”.

Esses fragmentos que a eloqüência ditara à piedade encheram de suave consolo o coração de meu amigo. Ele admirava comovidamente.

— Como! — dizia em seus transportes. — Fazem-se obras-primas na província! Tinham-me dito que só havia Paris no mundo.

— Só em Paris — respondi-lhe — é que se fazem óperas cômicas; mas há hoje na província muitos magistrados que pensam com a mesma virtude e se exprimem com a mesma força. Outrora os oráculos da justiça, bem como os da moral, não eram senão ridículos, O doutor

Balouard declamava na tribuna e Arlequim no púlpito. Veio enfim a filosofar e disse:

— Falei em público apenas para dizer verdades novas e úteis, com a eloqüência do sentimento e da razão.

— Mas se não tivermos nada de novo a dizer? — exclamaram os palradores.

— Calem-se então — respondeu a filosofia. — Todos esses vãos discursos de aparato, que só contêm frases, são como os fogos de S. João, acesos no dia em que a gente menos necessidade tem de aquecer-se; não causam nenhum prazer, e não lhes sobram nem as cinzas.

Que toda a França leia bons livros. Mas, apesar dos progressos do espírito humano, lê-se muito pouco; e, dentre aqueles que querem às vezes instruir-se, a maioria lê muito mal. Meus vizinhos jogam, após a ceia, um jogo inglês que tenho muita dificuldade em pronunciar, pois o chamam de wist. Muitos bons burgueses, muitas grandes cabeças, que se julgam boas cabeças, dizem, com ar importante, que os livros não servem para nada. Mas não sabem, esses vândalos, que não são governados a não ser por livros? Não sabem que o código civil, o código militar e os Evangelhos são livros de que dependem continuamente. Leiam, esclareçam-se;

só pela leitura se fortifica a alma; a conversação a dissipa, o jogo a limita.

— Pouco dinheiro tenho — respondeu-me o homem dos quarenta escudos; mas, se algum dia reunir uma pequena fortuna, comprarei livros no Marc-Michel Rey.

XI.
DA SÍFILIS

O homem dos quarenta escudos morava num pequeno cantão, onde fazia uns cento e cinqüenta anos que não acampavam soldados. Os costumes, naquele desconhecido rincão, eram mais puros do que o ar que o banha. Não se sabia que alhures pudesse o amor ser infeccionado de um veneno destrutivo, que as gerações fossem atacadas no seu germe, e que a natureza, contradizendo-se a si mesma, pudesse tornar a carícia horrível e o prazer medonho; entregavam-se ao amor com a segurança da inocência. Chegaram tropas, e tudo mudou.

Dois tenentes, o esmoler do regimento, um cabo e um recruta proveniente do seminário bastaram para envenenar doze aldeias em menos de três meses. Duas primas do homem dos quarenta escudos viram-se cobertas de pústulas; caíram-lhes os lindos cabelos; a sua voz tornou-se rouca; as pálpebras de seus olhos fixos e apagados tomaram uma cor lívida, e não mais se fecharam para permitir repouso aos membros deslocados, que uma cárie secreta começava a roer como aos do árabe Job, embora Job jamais tivesse tido semelhante doença.

O cirurgião-mor do regimento, homem de grande experiência, foi obrigado a pedir auxilio à Corte, para curar todas as raparigas da região. O ministro da guerra, sempre inclinado a aliviar o belo sexo, enviou uma leva de recrutas, que estragaram com uma das mãos o que endireitaram com a outra.

O homem dos quarenta escudos lia então a história filosófica de Cândido, traduzida do alemão e de autoria do doutor Ralph, que prova evidentemente que tudo está bem, e que era absolutamente impossível, no melhor dos mundos possíveis que a sífilis, a peste, os cálculos, as areias, as escrófulas, a câmara de Valência e a Inquisição não entrassem na composição do universo, desse universo unicamente feito para o homem, rei dos animais, e imagem de Deus, ao qual bem se vê que se assemelha como duas gotas d'água.

Lia, na história verdadeira de Cândido, que o famoso doutor Pangloss perdera no tratamento um olho e uma orelha.

— Ai! e as minhas primas, as minhas pobres primas, ficarão também tortas e desorelhadas?

— Não — disse-lhe o major, confortadoramente. — Os alemães têm mão pesada; mas, quanto a nós, curamos as raparigas prontamente, seguramente e agradavelmente.

E, com efeito, as duas lindas primas livraram-se do mal ficando com .a cabeça inchada como um balão durante seis semanas, perdendo metade dos dentes, botando uma língua de meio palmo, e morrendo do peito ao cabo de seis meses.

Durante a operação, o primo e o cirurgião-mor assim discorreram:

O Homem dos Quarenta Escudos: — Será possível, senhor, que a natureza tenha unido tão espantosos tormentos a um prazer tão necessário, tanta vergonha a tanta glória, e que haja mais riscos em fazer um filho do que em matar um homem? Será ao menos verdade, para consolação nossa, que esse mal vai diminuindo um pouco pelo mundo e cada dia se torna menos perigoso?

O Cirurgião-mor: — Pelo contrário, alastra-se cada vez mais por toda a Europa cristã; está disseminado até a Sibéria; vi morrer disso quinhentas pessoas, inclusive um grande general e um excelente ministro. São poucos os fracos do peito que resistem à doença e ao remédio. As duas irmãs, la petite et la grosse, coligaram-se ainda mais que os monges para destruir o gênero humano.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Mais uma razão para abolir os monges, a fim de que,

recolocados entre os homens, eles reparem um pouco o mal que fazem as duas irmãs. E diga-me uma coisa: os animais. também têm vérole?

O Cirurgião: — Ni la petite, ni la grosse, nem os monges são conhecidos entre eles.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Convenhamos então que são mais felizes e mais prudentes do que nós no melhor dos mundos.

O Cirurgião: — Disso eu nunca duvidei; tem menos doenças do que nós; seu instinto é muito mais seguro do que a nossa razão: jamais se atormentam com o passado nem com o futuro.

O Homem dos Quarenta Escudos: — O senhor que já foi cirurgião do embaixador francês na Turquia: há muita sífilis em Constantinopla?

O Cirurgião: — Os franceses trouxeram-no para o bairro de Pera, onde residem. Conheci ali um capuchinho que estava devorado por ela como Pangloss; mas o flagelo não alcançou a cidade propriamente dita, onde os franceses quase nunca dormem. Não há quase mulheres públicas naquela enorme cidade. Cada homem rico tem mulheres, escravas circassianas, sempre guardadas, sempre vigiadas, e cuja beleza não pode ser perigosa. Os turcos chamam à sífilis o mal cristão, o que redobra o profundo desprezo que dedicam à nossa teologia. Mas, em

compensação. têm a peste, doença do Egito, de que fazem pouco caso e que nunca se dão ao trabalho de prevenir.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Em que tempo julga ter começado esse flagelo na Europa?

O Cirurgião: — Pelo ano de 1494, quando Cristóvão Colombo regressou da sua primeira viagem às nações inocentes que não conheciam nem a avareza nem a guerra. Aquelas nações simples e justas estavam contaminadas desse mal desde tempos imemoriais, como a lepra reinava entre os árabes e os judeus, e a peste entre os egípcios. O primeiro fruto que colheram os espanhóis, dessa conquista do novo mundo, foi a sífilis; expandiu-se mais rapidamente que a prata do México, que só circulou na Europa muito tempo depois. A razão era que, em todas as cidades, havia então belas casas públicas, chamadas bordéis, cujo estabelecimento era autorizado pelos soberanos para preservar a honra das damas. Os espanhóis trouxeram o veneno para essas casas privilegiadas de onde os príncipes e bispos requisitavam as raparigas que lhes eram necessárias. Havia em Constança setecentas e dezoito dessas mulheres, para o serviço do Concílio que tão devotadamente mandou queimar João Huss e Jerônimo de Praga.

Só por isso se pode julgar com que rapidez o mal percorreu todos os países. O primeiro senhor que veio a morrer desse mal foi o ilustríssimo e reverendíssimo bispo e vice-rei da Hungria, em 1499, e que Bartolomeu Montanagua, grande médico de Praga, não pode salvar. Assegura Gualtieri que o arcebispo de Mogúncia, Bertold de Henneberg, attaqué de la grosse vérole, rendit son âme à Dieu en 1504. Sabe-se que disso morreu o nosso rei Francisco I, Henrique III o adquiriu em Veneza, mas o jacobino Jacques Clément preveniu os efeitos do mal.

O parlamento de Paris, sempre zeloso do bem público, foi o primeiro que baixou um édito contra a sífilis, isso em 1497. Proibiu a todos os contaminados que permanecessem em Paris, sous peine de la hart. Mas, como não. era fácil convencer juridicamente os burgueses e burguesas de que estavam em delito, não teve esse édito maior efeito do que aqueles que foram depois baixados contra a emética; e, apesar do parlamento, continuava aumentando o número de culpados. É verdade que, se os tivessem exorcismado em vez de enforcá-los, não mais os haveria hoje sobre a face da terra; mas infelizmente nunca se pensou em tal coisa.

O Homem dos Quarenta Escudos: — É então verdade o que li no Cândido, que, entre nós, quando entram em campo dois exércitos de trinta

mil homens cada um, pode-se apostar que há vinte mil contaminados de cada banda?

O Cirurgião: — Nada mais verdadeiro. O mesmo acontece com o pessoal da Sorbona. Que quer que façam jovens bacharéis a quem a natureza fala mais alto e mais firme do que a teologia? Posso-lhe jurar que, guardadas as proporções, meus confrades e eu temos tratado mais jovens sacerdotes do que jovens oficiais.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Não haveria algum meio de extirpar esse mal que assola a Europa? Já se tratou de enfraquecer o veneno de uma vêrole; nada se poderá tentar contra a outra?

O Cirurgião: — Só haverá um meio: é que todos os príncipes da Europa se coligassem como nos tempos de Godofredo de Bulhão. Certamente uma cruzada contra a sífilis seria muito mais razoável do que aquelas que outrora tão infelizmente se fizeram contra Saladino, Melecsala e os albigenses. Melhor seria nos combinarmos para expulsar o inimigo comum do gênero humano do que andarmos continuamente a espiar o momento azado para devastar a terra e cobrir os campos de cadáveres, com o fim de arrebatar ao vizinho duas ou três cidades e algumas aldeias. Falo contra os meus próprios interesses, pois a guerra e a sífilis me fazem viver;

mas cumpre ser homem antes de ser cirurgião-mor.

Era assim que o homem dos quarenta escudos ia formando, como se diz, o espírito e o coração. Não só herdou das duas primas, que morreram em seis meses, mas ainda lhe coube a sucessão de um parente afastado, que fora sub-arrendatário dos hospitais do exército, e que engordara bastante pondo em dieta os soldados feridos. Esse homem jamais quisera casar-se; possuía um belo serralho. Não reconheceu nenhum de seus parentes, viveu na crapulagem, e morreu de indigestão em Paris. Era, como se vê, um homem muito útil ao Estado.

O nosso novo filósofo viu-se obrigado a ir a Paris receber a herança do parente. Primeiro os rendeiros do domínio lha disputaram. Teve a felicidade de ganhar o processo e a generosidade de dar aos pobres do cantão, que não haviam conseguido o seu quinhão de quarenta escudos de renda, uma parte dos despojos do ricaço. Depois do que, pôs-se a satisfazer a sua grande ambição de formar uma biblioteca.

Lia todas as manhãs, fazia excertos, e à noite consultava os sábios para saber: em que língua falara a serpente à nossa boa mãe; se a alma está localizada no corpo caloso ou na glândula pineal; se S. Pedro permanecera vinte e cinco anos em

Roma; que diferença específica existe entre um trono e uma dominação; e por que motivo os negros têm nariz chato. Propôs-me, aliás, jamais governar o Estado e nunca escrever brochuras contra as peças novas. Chamavam-no o senhor André, que era o seu nome de batismo. Aqueles que o conheceram fazem justiça à sua modéstia e às suas qualidades, tanto adquiridas como naturais. Construiu uma casa confortável no seu antigo domínio de quatro jeiras. Seu filho alcançará em breve a idade escolar, mas ele quer mandá-lo para o colégio de Harcourt e não para o de Mazarino, devido ao professor Coger, que faz libelos, e porque um professor de colégio não os deve fazer.

Madame André deu-lhe uma filha bastante bonita, que ele pretende casar com um conselheiro, desde que esse magistrado não tenha a doença que o cirurgião-mor tenciona extirpar da Europa cristã.

XII.
GRANDE QUERELA

Durante a estada do senhor André em Paris, houve ali uma importante querela. Tratava-se de saber se Marco Antonino era um homem de bem, e se estava no inferno, ou no purgatório, ou no limbo, à espera da ressurreição. Todas as pessoas sensatas tomaram o partido de Marco Antonino. "Marco Antonino — diziam — sempre foi justo, sóbrio, casto, generoso. É verdade que não tem no paraíso um lugar como o de Santo Antônio: pois cumpre guardar as proporções, como bem sabemos; mas é fora de dúvida que a alma do imperador Antonino não foi para o espeto, no inferno. Se está no purgatório, é preciso tirá-la dali; é só mandar dizer missas por ele. Os jesuítas não têm mais que fazer; que digam três mil missas pelo descanso da alma de Marco Antonino; a quinze soldos cada uma, ganharão com isso duas mil duzentas e cinqüenta libras. De resto, deve-se respeito a uma cabeça coroada; não se deve condená-la levianamente".

Os adversários dessas boas criaturas pretendiam, pelo contrário, que não se deveria ter consideração alguma para com Marco Antonino; que este era um herege; que os carpócratas e os

alógios não eram tão maus quanto ele; que morrera sem confissão; que era preciso darem um exemplo; que era bom condená-lo para dar uma lição aos imperadores da China e do Japão, aos da Pérsia, da Turquia e de Marrocos, aos reis da Inglaterra, da Suécia, da Dinamarca, da Prússia, ao stathouder da Holanda, e aos avoyers do Cantão de Berna, que tampouco se confessavam como o imperador Marco Antonino; e que, afinal de contas, é um indizível prazer baixar decretos contra soberanos mortos, quando é impossível lançá-los contra os vivos, por amor às próprias orelhas.

A querela tornou-se tão séria como outrora a das Ursulinas com as Anunciadas, que disputavam a ver quem carregaria por mais tempo ovos quentes entre as nádegas, sem os quebrar. Temia-se um cisma, como nos tempos da carochinha e de certas promissórias pagáveis ao portador no outro mundo. Coisa terrível um cisma, pois significa divisão das opiniões, e, até aquele momento fatal, todos os homens tinham pensado da mesma forma.

O senhor André, que é um excelente cidadão, convidou, para cear, aos chefes de cada um dos partidos. É ele dos melhores companheiros de mesa com que contamos; seu gênio é brando e alerta, sua alegria não é ruidosa; é simples e franco; não tem essa espécie de espírito que

parece querer abafar o dos outros; a autoridade que se concilia só é devida às suas graças, à sua moderação, e a uma fisionomia aberta e persuasiva. Seria capaz de fazer cearem alegremente juntos um corso e um genovês, um representante de Genebra e um negativo, o mufti e um arcebispo. Anulou habilmente os primeiros golpes que trocaram os adversários, desviando a conversa e contando uma história muito agradável, que divertiu igualmente os danantes e os danados. Afinal, quando o vinho começou a subir, fê-los assinarem que a alma do imperador Marco Antonino permaneceria in statu quo, isto é, não se sabe onde, aguardando o julgamento definitivo.

As almas dos doutores voltaram tranqüilamente para os seus limbos, após a ceia; tudo ficou em paz. Esse arranjo trouxe grande consideração ao homem dos quarenta escudos; e todas as vezes que se erguia uma disputa muito acesa, muito virulenta, entre letrados ou não letrados, dizia-se a ambas as partes: Senhores, ide cear com o senhor André.

Sei de duas encarniçadas facções que, por não terem ido cear em casa do senhor André, só arranjaram desgraças.

XIII.
A EXPULSÃO DE UM CELERADO

A reputação que adquirira o senhor André, de apaziguar as querelas dando boas ceias, atraiu-lhe na semana passada uma singular visita. Um homem de preto e mal vestido, curvo, a cabeça inclinada para um lado, de olhar mau e mãos sujas, veio conjurá-lo a que o convidasse para jantar com os seus inimigos.

— Quem são os seus inimigos perguntou-lhe o senhor André. — E quem é o senhor?

— Ai! confesso, senhor, confesso que me tomam por um desses pulhas que escrevem libelos para ganhar a vida e que clamam: “Deus, Deus, Deus, religião, religião”, para arranjar algum pequeno benefício. Acusam-me de haver caluniado os cidadãos mais verdadeiramente religiosos, os mais sinceros adoradores da Divindade, as pessoas mais honradas do reino. E verdade, senhor, que, no calor da composição, escapam às vezes às pessoas de meu ofício pequenas inadvertências que tomam por erros grosseiros, lapsos que qualificam de impudentes mentiras. O nosso zelo é considerado como uma terrível mescla de velhacaria e fanatismo.

Asseguram que, embora iludamos a boa-fé de algumas velhas imbecis, somos alvo de desprezo e execração de todas as pessoas honradas que sabem ler.

Meus inimigos são os principais membros das mais ilustres academias da Europa, escritores considerados, cidadãos úteis. Acabo de publicar uma obra que intitulei Antifilosófica. As minhas intenções eram boas, mas ninguém quis comprar o livro. Aqueles a quem o dei lançaram-no ao fogo, dizendo-me que era, não só anti-razoável, mas anticristão e antihonesto.

— Pois bem — disse o senhor André, — imite-os, lance ao fogo o seu libelo, e não falemos mais nisso. Estimo o seu arrependimento, mas é-me impossível fazê-lo cear com homens de espírito que não podem ser inimigos seus, visto que jamais o lerão.

— Não poderia ao menos, senhor. — retrucou o biltre, — reconciliar-me com as parentes do falecido senhor de Montesquieu, cuja memória ultrajei para glorificar o reverendo padre Routh, que veio assediar seus últimos momentos e foi escorraçado do seu quarto?

Ora! — retrucou o senhor André. — Há muito que está morto o padre Routh; vá cear com ele.

O senhor André não é homem de meias medidas, quando tem de tratar com gente dessa espécie. Compreendeu que o pulha só queria jantar em sua casa com homens de mérito para suscitar uma querela, para ir em seguida caluniá-los, para escrever contra eles, para imprimir novas mentiras. Correu-o de sua casa, como haviam corrido Routh do apartamento do presidente Montesquieu.

Impossível enganar ao senhor André. Tão simples e ingênuo era quando não passava de “o homem dos quarenta escudos”, quão atilado se tornou depois que conheceu os homens.

XIV.
O BOM SENSO DO SENHOR ANDRÉ

Como se fortaleceu o bom-senso do senhor André desde que ele tem uma biblioteca! Trata os livros como aos homens; escolhe-os; e nunca se deixa levar pelos nomes. Que prazer instruir-se e engrandecer a alma por um escudo, sem sair de casa!

Felicita-se por ter nascido numa época em que a razão humana começa a aperfeiçoar-se.

“Como eu não seria infeliz — diz ele — se vivesse no tempo do jesuíta Gerasse, do jesuíta Guignard, ou do doutor Boucher, do doutor Aubry, do doutor Guincestre, ou no tempo em que condenavam às galés os que escreviam .contra as categorias de Aristóteles!”

Se a miséria enfraquecera as molas vitais do senhor André, o bem-estar lhes devolveu a elasticidade. Há no mundo centenas de Andrés aos quais só faltou uma volta da roda da fortuna para os tornar homens de verdadeiro mérito.

Está hoje a par de todos os negócios da Europa, e sobretudo das progressos do espírito humano.

“Parece — dizia-me ele na última terça feira — que a Razão viaja por pequenas etapas, do norte para o sul, com suas duas amigas íntimas, a Experiência e a Tolerância. Acompanham-na a Agricultura e o Comércio. Apresentou-se na Itália, mas a Congregação do Índice a rechaçou. O mais que ela pôde fazer foi enviar secretamente alguns de seus emissários, que não se cansam de fazer o bem. Alguns anos mais, e o país dos Cipiões deixará de ser o dos Arlequins encapuzados.

Consegue, de tempos em tempos, cruéis inimigos na França; mas conta aqui com tantos amigos que afinal acabará sendo primeiro ministro.

Quando se apresentou na Baviera e na Áustria, encontrou dois ou três figurões de peruca, que a fitaram com olhar estúpido e espantado. E disseram-lhe — Nunca ouvimos falar na senhora; não a conhecemos. — Senhores — respondeu-lhes ela, — com o tempo, hão de conhecer-me e estimar-me. Fui muito bem recebida em Berlim, em Moscou, em Copenhague, em Estocolmo. Faz muito que, por obra de Locke, Gordon, Trenchard, milorde Shaftesbury, e tantos outros, recebi carta de naturalização na Inglaterra. Também aqui um dia ma concederão. Sou filha do Tempo, e tudo espero de meu pai.

Ao passar pelas fronteiras da Espanha e de Portugal, deu graças a Deus por ver que — já não se acendiam tão seguidamente as fogueiras da Inquisição. Ficou muito esperançada como a expulsão dos jesuítas. Mas receou que, purgando a terra das raposas, a deixassem exposta aos lobos.

Se ainda fizer tentativas para entrar na Itália, acredita-se que começará por estabelecer-se em Veneza, e que estacionará no reino de Nápoles, apesar de todas as liquefações dessa terra, que lhe dão vapores. Presume-se que a Razão tem um segredo infalível para desembaraçar os cordões de uma coroa que se enredaram, não sei como, aos de uma tiara, e para impedir que as hacanéias façam reverência às mulas!”

Em suma, a conversação do senhor André muito me agrada; e, quanto mais convivo com ele, mais o estimo.

XV.

DE UMA BELA CEIA EM CASA DO SENHOR ANDRÉ

Ceamos ontem com um doutor da Sorbona, o senhor Pinto, famoso judeu, o capelão da igreja reformada do embaixador batavo, o secretário do senhor príncipe Galitzin, do rito grego, um capitão suíço calvinista, dois filósofos e três damas do espírito.

A ceia se prolongou bastante, e no entanto não se discutiu sobre religião, como se nenhum dos convivas jamais tivesse alguma; o que quer dizer que nos tornamos polidos, e por isso tanto mais receamos contristar os outros, à mesa. O que não acontece com o regente Coger, e o ex-jesuíta Nonnotte, e o ex-jesuíta Patouillet, e o ex-jesuíta Rotalier, e todos os animais dessa espécie. Esses sórdidos nos dizem mais tolices numa brochura de duzentas páginas do que se pode dizer de agradável e instrutivo numa ceia de quatro horas. E o mais estranho é que eles não se atreveriam a dizer de cara, a ninguém, o que têm a impudência de imprimir.

A conversa girou primeiro acerca de um gracejo das Cartas Persas, onde se repete, segundo várias personagens, que o mundo não só

vai piorando, mas também se despovoando cada vez mais; de sorte que se o provérbio Quanto mais loucos, mais riso tem alguma dose de verdade, o riso será banido da terra.

O doutor da Sorbona assegurou que, com efeito, o mundo estava reduzido a quase nada. Citou o padre Petau, que nos demonstra que, em menos de trezentos anos, um só dos filhos de Noé (não sei se Jafé ou Sem) procriara uma série de filhos que subia a seiscentos e vinte e três bilhões, seiscentos e doze milhões e trezentos e cinqüenta e oito mil fiéis, no ano 285 após o dilúvio universal.

O senhor André perguntou por que no tempo de Filipe o Belo, isto é, cerca de trezentos anos após Hugo Capeto, não havia seiscentos e vinte e três bilhões de príncipes da casa real. “É que a fé diminuiu”, disse o doutor da Sorbona.

Falou-se muito de Tebas das cem portas e do milhão de soldados que saía por essas portas, com vinte mil carros de guerra.

— Apertem, apertem — dizia o senhor André. — Suspeito, desde que comecei a ler, que o mesmo gênio que escreveu Gargântua escrevia a História antigamente.

— Mas afinal — disse-lhe um dos convivas, — Tebas, Mênfis, Babilônia, Nínive, Tróia, Selêucia, eram grandes cidades e já não existem.

— Lá isso é verdade — respondeu o secretário do senhor príncipe Galitzin, — mas Moscou, Constantinopla, Londres, Paris, Amsterdã, Lião, que vale mais que Tróia, todas as cidades da França, da Alemanha, da Espanha e do Norte, eram então desertos.

O capitão suíço, homem muito instruído, nos confessou que quando os seus antepassados deixaram as montanhas e precipícios natais, para apoderar-se, como era justo, de uma região mais agradável, César, que viu com os seus próprios olhos o desfile desses emigrantes, calculou-os em trezentos e sessenta e oito mil, contando os velhos, as mulheres e as crianças. Hoje, só o Cantão de Berna possui esse número de habitantes: não é nem metade da Suíça, e eu posso assegurar que os treze cantões contam além de setecentas e vinte mil almas, computando os nativos que trabalham ou negociam em país estrangeiro. Depois disso, senhores sábios, façam cálculos e sistemas; serão tão falsos uns quanto os outros.

Em seguida, procurou-se saber se os burgueses de Roma, no tempo dos Césares, eram

mais ricos que os burgueses de Paris, no tempo do senhor Silhouette.

— Ah! isto é comigo — disse o senhor André. — Fui por muito tempo o homem dos quarenta escudos; quero crer que os cidadãos romanos possuíam mais. Esses ilustres ladrões de estrada tinham pilhado os mais belos países da Ásia, da África e da Europa. Viviam esplendidamente do fruto de suas rapinas; mas, em todo caso, havia miseráveis em Roma. E estou persuadido de que, entre esses vencedores do mundo, havia muita gente reduzida a quarenta escudos de renda, como eu.

— Não sabe o senhor — disse-lhe um sábio da Academia das Inscrições e Belas Letras — que Lúculo gastava, em cada ceia que dava no salão de Apolo, trinta e nove mil trezentas e setenta e duas libras e treze soldos da nossa moeda corrente? Mas que Ático, o célebre epicurista Ático, não despendia por mês, para a sua mesa, além de duzentas e trinta e cinco libras?

— Se assim é — disse eu, — era digno de presidir a confraria da sovinice, estabelecida há pouco na Itália. Li como o senhor, em Florus, essa incrível anedota; mas com certeza Florus nunca havia ceado em casa de Ático, ou o seu texto foi corrompido, como tantos outros, pelos copistas. Jamais Florus me fará acreditar que o

amigo de César e de Pompeu, de Cícero e de Antônio, que muitas vezes comiam na sua casa, se arranjasse com pouco menos de dez luises de ouro por mês.

E eis justamente como se escreve a História.

A senhora André, tomando a palavra, disse ao sábio que, se este lhe orçasse a mesa por dez vezes mais, muito grata lhe ficaria.

Estou certo de que aquele serão do senhor André bem valia um mês de Ático; e as damas não acreditavam que as ceias de Roma fossem mais agradáveis que as de Paris. A conversação foi muito divertida, embora um pouco erudita. Não se falou nem das modas novas, nem dos ridículos alheios, nem do escândalo do dia.

A questão do luxo foi examinada a fundo. Tratava-se de esclarecer se fora o luxo que havia destruído o império romano, e ficou provado que os dois impérios do Ocidente e do Oriente só foram destruídos pela controvérsia e pelos monges. Com efeito, quando Alarico tomou Roma, só se ocupavam de disputas teológicas; e, quando Maomé II tomou Constantinopla, os monges muito mais defendiam a eternidade da luz do Tabor, que viam no umbigo, do que a cidade contra os turcos.

Um dos nossos sábios fez uma reflexão que me impressionou bastante: é que esses dois grandes impérios foram aniquilados e as obras de Virgílio, Horácio e Ovídio subsistem.

Do século de Augusto para o de Luis XIV não foi mais que um salto. Uma dama indagou, com muito espírito, por que já não se escreviam hoje obras de gênio.

O senhor André respondeu que era porque já as haviam escrito no século passado. Essa idéia era fina, e no entanto verdadeira; foi devidamente estudada. Em seguida tombaram de rijo sobre um escocês que se afoitara a dar regras de gosto e a criticar os mais admiráveis trechos de Racine, sem saber francês. (6) Trataram ainda mais severamente a um italiano, chamado Denina, que denegriu, sem o compreender o Espírito das Leis, e que principalmente censurara o que mais se estima nessa obra.

Fez isso lembrar o afetado desprezo que Boileau dedicava a Tasso. Um dos convivas afirmou que Tasso, com todos os seus defeitos, estava tão acima de Homero, quanto Montesquieu, com os seus defeitos ainda maiores, estava acima da moxinifada de Grotius. Protestaram contra essas críticas ditadas pelo ódio nacional e o preconceito. O signor Denina foi

tratado como merecia, e como o são os pedantes pelas pessoas de espírito.

Observaram com finura que a maioria das obras literárias do século atual, bem como as conversações, são dedicadas ao exame das obras-primas do século passado. O nosso mérito consiste em discutir o seu. Somos como filhos deserdados que fazem o cômputo dos bens de seus pais. Confessou-se que a filosofia fizera grandes progressos, mas que a língua e o estilo se haviam corrompido um pouco.

É sorte de todas as conversações passar de um assunto a outro. Todos esses objetos de curiosidade, de ciência e de gosto logo desapareceram diante do grande espetáculo que a imperatriz da Rússia e o rei da Polônia davam ao mundo. Acabavam de reerguer a humanidade aniquilada e de estabelecer a liberdade de consciência numa parte da terra muito mais vasta do que jamais o foi o império romano. Esse serviço prestado ao gênero humano, esse exemplo dado a tantas Cortes que se julgam políticas, foi celebrado como merecia.

Bebeu-se à saúde da imperatriz, do rei filósofo e do primaz filósofo, desejando-lhes muitos imitadores. Até o doutor da Sorbona os admirou, pois há algumas pessoas de bom-senso

naquele corpo, como houve outrora gente de espírito entre os beócios.

O secretário russo nos espantou com a narrativa de todos os grandes estabelecimentos que se faziam na Rússia. Perguntaram por que se gostava mais de ler a história de Carlos XII, que passara a vida a destruir, do que a de Pedro o Grande, que consumira a sua a criar. Concluímos que a fraqueza e a frivolidade são causa dessa preferência; que Carlos XII foi o D. Quixote do Norte, como Pedro foi o Sólon; que os espíritos superficiais preferem o heroísmo extravagante aos grandes projetos de um legislador; que os pormenores da fundação de uma cidade lhes agradam menos do que a temeridade de um homem que enfrenta dez mil turcos, apenas com os seus serviçais; e que enfim a maioria dos leitores gosta mais de se divertir do que instruir-se. Daí vem que há cem mulheres que lêem As Mil e uma Noites contra uma que lê dois capítulos de Locke.

Do que não se falou naquela ceia, de que por muito tempo hei de lembrar-me! Afinal também se disse algo dos atores e atrizes, assunto eterno das conversações de mesa em Versalhes e Paris. Conveio-se em que um bom declamador era tão raro como um bom poeta. A ceia acabou por uma bela canção que um dos convivas fez para as damas. Quanto a mim, confesso que o banquete

de Platão não me causaria mais prazer do que o do senhor e o da senhora André.

Os nossos petimetres e sécias sem dúvida se aborreceriam ali; pretendem eles ser a boa companhia; mas o senhor André e eu jamais coamos com essa boa companhia.

NOTAS

(1) — Madame de Maintenon, que era em tudo um espírito muito arejado, exceto nos assuntos em que consultava o finório e chicaneiro padre Gobelin, seu confessor, Madame de Maintenon, dizia eu, faz em uma de suas cartas o cômputo das despesas de seu irmão, mais a sua cunhada, pelo ano de 1880. 0 casal alugava uma casa confortável; os criados eram em número de dez; tinham quatro cavalos e dois cocheiros, um bom almoço todos os dias. Madame de Maintenon avalia o total em nove mil francos por ano, e acrescenta três mil libras para o jogo, o teatro, as fantasias e magnificências do casal.

Seria agora preciso mais de quarenta mil libras para levar tal vida em Paris; bastariam seis mil no tempo de Henrique IV. Esse exemplo prova que o bom do velho não dizia nenhum disparate.

(2) — Baseado nos memoriais dos intendentes, em fins do século XVII, em combinação com o censo por domicílio, efetuado em 1753 por ordem do senhor conde de Argenson, e sobretudo com a obra bastante exata do senhor de Messance, feita sob as vistas do

senhor intendente de La Michaudière, um dos homens mais esclarecidos do seu tempo.

(3) — Fiz com que um sábio de quarenta escudos me explicasse tais palavras, que muito me divertiram.

(4) — Caso semelhante sucedeu na província onde habito, sendo o fiscal do domínio obrigado a restituir; mas não foi punido.

(5) — O Jesuíta Sanadon pôs adsunt por adflent. Pretende um amador de Horácio que foi por isso que expulsaram os jesuítas.

(6) — Esse senhor Home, árbitro escocês, ensina como se deve fazer falar com espírito os heróis de uma tragédia; e eis aqui um notável exemplo que extrai da tragédia de Henrique IV, do divino Shakespeare. Assim introduz o divino Shakespeare a Milorde Falstaff, que acaba de prender o cavaleiro Jean Coleville. e o apresenta ao rei:

“Sire, ei-lo, eu vo-lo entrego; suplico a Vossa Graça mandardes registrar este feito d'armas entre os outros desta jornada, ou, por Deus, eu o mandarei pôr numa balada, com o meu retrato a frente; verão Coleville a beijar-me os pés. Eis o que farei, se não tornardes a minha glória tão brilhante como uma dourada peça de dois soldos; e então me vereis, no claro céu da fama. empanar

vosso esplendor, como a luz cheia apaga os carvões extintos do elemento do ar, que não aparecem em torno dela senão como cabeças de alfinete". E esse absurdo e abominável mistifório, tão freqüente no divino Shakespeare, que o senhor Jean Home propõe como modelo do bom gosto e do espírito na tragédia. Mas o senhor Home, em compensação, acha a Ifigênia e a Pedra, de Racine, extremamente ridículas.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

_____
Julho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

O INGÊNUO

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

O Ingênuo (1767)
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 6
Nélson Jahr Garcia
BIOGRAFIA DO AUTOR — 10

O INGÊNUO
CAPÍTULO I — 13
Como a prior de Nossa Senhora da Montanha e a senhorita sua irmã encontraram um hurão.
CAPÍTULO II — 24
O hurão, chamado o Ingênuo, é reconhecido por seus parentes.
CAPÍTULO III — 31
O hurão, chamado o Ingênuo, é convertido.
CAPÍTULO IV — 36
O Ingênuo batizado.
CAPÍTULO V — 41
O Ingênuo enamorado.
CAPÍTULO VI — 47
O Ingênuo chega à casa de sua amada e fica deveras furioso.
CAPÍTULO VII — 52
O Ingênuo repele os ingleses.
CAPÍTULO VIII — 57
O Ingênuo vai à Corte. Janta em caminho, com

huguenotes.
CAPÍTULO IX — 61
Chegada do Ingênuo a Versalhes. Sua recepção
CAPÍTULO X — 67
O Ingênuo encarcerado na Bastilha com um jansenista
CAPÍTULO XI — 75
Como o Ingênuo desenvolve o seu espírito
CAPÍTULO XII — 80
O que pensa o Ingênuo das peças de teatro.
CAPÍTULO XIII — 84
A bela St. Yves vai a Versalhes.
CAPÍTULO XIV — 92
Progressos do espírito do Ingênuo.
CAPÍTULO XV — 96
A bela St. Yves resiste a propostas delicadas.
CAPÍTULO XVI — 101
Ela consulta um jesuíta
CAPÍTULO XVII — 105
Ela sucumbe por virtude
CAPÍTULO XVIII — 109
Ela liberta o noivo e um jansenista.
CAPÍTULO XIX — 114
O Ingênuo, a bela St. Yves e seus parentes se reúnem
CAPÍTULO XX — 125
A morte da bela St. Yves suas conseqüências.

O INGÊNUO

(*História verdadeira, tirada dos manuscritos do padre Quesnel.*)

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

O Ingênuo" se insere na onda de indianismo característica de tantos romances que inundaram a França do século XVIII. De certa forma, contém uma crítica às idéias de J. J. Rousseau sobre o homem natural. Ingênuo é um hurão honesto e sincero, espantado com as ridículas convenções sociais; mas o texto conclui o oposto da concepção rousseauniana de volta à natureza.

A obra revela a peculiar sensibilidade crítica de Voltaire. Ataca o clero católico, principalmente os jesuítas, em relação aos quais nunca escondeu sua ojeriza. O Papa tampouco passa incólume. Nem deixa de ironizar os que se submetiam às normas da Igreja por simples temor ou pelo interesse de obter vantagens.

Há uma diferença na forma de desenvolver as idéias. Voltaire, geralmente, expressou suas concepções através de um humor mordaz, cáustico e irreverente. Não deixou de fazer isso, mas com parcimônia, dando ênfase a um estilo dramático em que se mesclam dor e melancolia.

A respeito da morte da amada de Ingênuo, assim se expressa o autor:

> "O terrível silêncio do Ingênuo, seus olhos sombrios, seus lábios trementes, os frêmitos de seu corpo, incutiam, na alma de todos aqueles que o contemplavam, essa mescla de compaixão e terror que encadeia a alma, que impede a palavra e só se manifesta por frases entrecortadas. A dona da casa e sua família haviam acorrido; tremiam de seu desespero, guardavam-no à vista, observavam-lhe todos os movimentos. Já o corpo gelado da bela St. Yves fora carregado para longe dos olhos do Ingênuo, que ainda parecia procurá-la, embora não estivesse em condições de distinguir o que quer que fosse."

Igualmente dramática é a conclusão a que chega Ingênuo, após ler sobre a História:

> "Leu livros de História, que o entristeceram. O mundo lhe pareceu demasiado mau e demasiado miserável. A História, com efeito, não é mais que o quadro dos crimes e das desgraças. A multidão de homens inocentes e pacíficos sempre se apaga nesse vasto cenário. Os

principais papéis estão com os ambiciosos e os perversos.”

Sem mudar o conhecido estilo, não perde a irreverência de certas críticas. Sobre o clero menciona, por exemplo, o seguinte:

> “O prior, já um tanto avançado em idade, era um excelente eclesiástico, muito amado pelos seus paroquianos, depois de o ter sido outrora pelas suas paroquianas.”

A crítica a certos costumes também não deixa de ser incisiva:

> “O Ingênuo, segundo o seu costume, acordou com o sol, ao cantar do galo, que é chamado na Inglaterra e na Hurônia a trombeta do dia. Não era como a gente da alta, que enlanguesce num preguiçoso leito, até que o sol haja feito metade do seu curso, que não pode nem dormir nem levantar-se, que perde tantas horas preciosas nesse estado intermediário entre a vida e a morte, e ainda se queixa de que a vida é demasiado curta.”

Sobre o conhecimento adquirido através de estudos, a ironia é arrasadora, coloca nos lábios do velho Gordon a afirmação:

> “Consumi cinqüenta anos em instruir-me — dizia ele consigo — e teimo não poder atingir o natural bom senso deste menino quase selvagem! Parece-me que apenas consegui fortalecer laboriosamente os preconceitos, ao passo que ele só escuta a simples natureza”

Com maiores ou menores mudanças no estilo, é o mesmo Voltaire, o pensador genial que nos leva a meditar sobre nossos hábitos, costumes, religiões e, não raro, a rir deles.

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente

recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio

de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

CAPÍTULO I

Como a prior de Nossa Senhora da Montanha e a senhorita sua irmã encontraram um hurão.

Um dia S. Dunstan, irlandês de nacionalidade e santo de profissão, partiu da Irlanda a bordo de uma pequena montanha que navegou para as costas da França, indo arribar à baia de Saint-Malo. Depois do que, deu ele a bênção à sua montanha, a qual lhe fez profundas reverências e voltou para a Irlanda pelo mesmo caminho por onde tinha vindo.

Dunstan fundou ali um pequeno priorado, dando-lhe o nome de priorado da Montanha, denominação que ainda hoje conserva, como todos sabem.

Ora, na tarde de 15 de julho de 1689, o abade de Kerkabon, prior de Nossa Senhora da Montanha, passeava à beira-mar com a senhorita de Kerkabon, sua irmã, para tomar a fresca. O prior, já um tanto avançado em idade, era um excelente eclesiástico, muito amado pelos seus paroquianos, depois de o ter sido outrora pelas suas paroquianas. O que lhe valera sobretudo grande consideração é que era o único clérigo da

província que não precisava ser carregado para o leito depois de cear com os seus confrades. Sabia muito corretamente a sua teologia e, quando cansado de ler Santo Agostinho, divertia-se com Rabelais: de modo que todos diziam bem dele.

A senhorita de Kerkabon que jamais havia casado, embora vontade não lhe faltasse, ainda não perdera o frescor aos quarenta e cinco anos; boa e sensível de gênio, gostava de divertimentos e era devota.

Dizia o prior à irmã, olhando o mar:

— Ah! foi aqui que embarcou o nosso pobre irmão, com a nossa querida cunhada, a senhora de Kerkabon, sua esposa, na fragata Hirondelle, em 1669, para ir servir no Canadá. Se não o tivessem matado, poderíamos ter a esperança de tornar a vê-lo.

— Acreditas — dizia a senhorita de Kerkabon — que a nossa cunhada tenha sido devorada pelos iroqueses, como nos disseram? É certo que, se não a tivessem comido, teria voltado à sua terra. Hei de chorá-la toda a vida: era uma mulher encantadora; e nosso irmão, que era bastante inteligente, teria feito uma bela fortuna.

Enquanto assim se comoviam a tais lembranças, viram entrar na baía de Rance uma pequena embarcação que chegava com a maré:

eram ingleses que vinham vender alguns gêneros de seu país. Saltaram em terra, sem preocupar-se com o senhor prior nem com a senhorita sua irmã, que ficou muito chocada com a desatenção.

Não sucedeu o mesmo com um jovem de excelente compleição que, saltando por cima da cabeça de seus companheiros, veio cair de pé em frente à senhorita. Cumprimentou-a com a cabeça, pois, pelos modos, não aprendera a fazer reverência. Seu aspecto e sua indumentária atraíram os olhares do irmão e da irmã. Tinha a cabeça descoberta, as pernas nuas, longas tranças, pequenas sandálias, e um gibão que lhe modelava o talhe esbelto; e um ar ao mesmo tempo viril e bondoso. Trazia numa das mãos uma pequena garrafa de água de Barbados, e na outra uma espécie de bolsa na qual havia uma caneca e bolachas. Falava francês de um modo bastante inteligível. Ofereceu água de Barbados à senhorita de Kerkabon e ao senhor seu irmão; bebeu com ambos; fê-los beber de novo; e tudo isso com um ar tão simples e natural que o irmão e a irmã ficaram encantados. Ofereceram-lhe seus préstimos, perguntando-lhe quem era e aonde ia. O jovem lhes respondeu. que não sabia ao certo, pois era um simples curioso que quisera saber como eram as costas de França e que, como ali chegara, logo se retiraria.

Julgando, pelo seu acento, que ele não era inglês, tomou o prior a liberdade de lhe perguntar qual o seu país de origem.

— Eu sou hurão — respondeu-lhe o jovem.

A senhorita de Kerkabon, espantada e encantada de ver um hurão que a cumulara de atenções convidou o jovem para jantar; este não se fez de rogado e dirigiram-se os três para o priorado de Nossa Senhora da Montanha.

A miúda e rechonchuda senhorita não tirava dele os seus olhinhos e dizia de vez em quando ao prior:

— Esse rapagão tem uma pele de lírio e rosas! Que bela tez para um hurão!

— Tens razão, minha irmã — dizia o prior.

Ela fazia cem perguntas seguidas, a que o viajante sempre respondia com toda a justeza.

Logo se espalhou o rumor de que havia um hurão no priorado. A alta sociedade do cantão apressou-se em comparecer. O padre de St. Yves veio acompanhado da senhorita sua irmã, jovem baixa-bretã, muito bonita e muito bem educada. O bailio, o recebedor de impostos e suas respectivas mulheres não faltaram à ceia. Colocaram o estrangeiro entre a senhorita de Kerkabon e a senhorita de St. Yves. Todos o

olhavam com admiração, todos lhe falavam e interrogavam ao mesmo tempo; o hurão não perdia a compostura. Parecia haver tomado por divisa a de milorde Bolingbroke: nihil admirari. Afinal, cansado de tanto barulho, disse-lhes suavemente, mas com firmeza:

— Senhores, na minha terra fala um depois do outro; como querem que lhes responda, se me impedem de ouvi-los?

A razão sempre faz com que os homens se compenetrem por alguns momentos. Estabeleceu-se um grande silêncio. O senhor bailio, que sempre se apoderava dos estranhos em qualquer parte onde se achasse, e que era o maior perguntador da província, indagou, abrindo uma boca de palmo e meio:

— Como se chama o senhor?

— Sempre me chamaram o Ingênuo, nome este que me foi confirmado na Inglaterra, porque eu sempre digo singelamente o que penso e faço tudo o que quero.

— Mas como, tendo nascido hurão, foi o senhor parar na Inglaterra?

— É que me levaram para lá. Em combate, fui feito prisioneiro pelos ingleses, depois de me haver defendido o mais que pude. E os ingleses,

que apreciam a bravura, porque são bravos e tão direitos como os hurões, propuseram-me devolver-me a meus país ou levar-me para a Inglaterra. Aceitei a última oferta, pois gosto imenso de ver terras novas.

— Mas — disse o bailio com o seu tom imponente — como pôde o senhor abandonar assim o seu pai e a sua mãe?

— É que nunca conheci nem pai nem mãe — respondeu o estrangeiro.

Não houve quem não se comovesse, e todos repetiam: Nem pai nem mãe!

— Nós lhe serviremos de pai e mãe — disse a dona da casa ao prior. — Como é interessante esse senhor hurão!

O Ingênuo agradeceu-lhe com uma nobre e altiva cordialidade, e deu-lhe a entender que não tinha necessidade de coisa alguma.

— Vejo, senhor Ingênuo — disse o grave bailio, — que o seu francês é excelente para um hurão.

— Um francês — disse ele que os hurões haviam aprisionado quando eu era pequenino, e a quem dediquei grande amizade, ensinou-me a sua língua; aprendo muito depressa o que quero aprender. Ao chegar em Plymouth, encontrei um

desses refugiados franceses a que chamam huguenotes, não sei por quê; fiz com ele alguns progressos no conhecimento de vossa língua e, logo que me pude exprimir inteligivelmente, vim visitar o vosso país, pois aprecio bastante os franceses quando eles não fazem muitas perguntas.

O abade de St. Yves, apesar dessa pequena advertência, perguntou-lhe qual das três línguas preferia: o hurão, o inglês, ou o francês.

— O hurão, sem dúvida nenhuma.

— Será possível? — exclamou a senhorita de Kerkabon. — Eu sempre julguei que o francês fosse a mais bela de todas as línguas, depois do baixo-bretão.

Choveram então as perguntas. Como se dizia fumo em hurão? Taya, respondia o Ingênuo. Como se dizia comer? Essenter, respondia ele. A senhorita de Kerkabon fez absoluta questão de saber como se dizia amar; ele respondeu que isso era trovander, e sustentou, não sem razão, que tais palavras nada ficavam a dever às suas correspondentes em francês e inglês. Trovander pareceu muito bonito a todos os convivas.

O prior, que tinha na biblioteca uma gramática da língua huronesa, que lhe dera de presente o reverendo padre Sérgard-Théodat,

recoleto e famoso missionário, retirou-se da mesa um momento, para ir consultá-la. Voltou arquejante de enternecimento e alegria. Reconheceu o Ingênuo como um verdadeiro hurão. Discutiram um pouco sobre a multiplicidade das línguas e chegaram à conclusão de que, se não fora a aventura da torre de Babel, a terra inteira estaria falando francês.

O interrogador bailio, que até então desconfiara um pouco do personagem, começou a considerá-lo com profundo respeito; falou-lhe com mais civilidade que antes, coisa de que o Ingênuo não se apercebeu.

A senhorita de St. Yves estava muito curiosa por saber como se amava na terra dos hurões.

— Praticando belas ações — respondeu ele — para agradar às pessoas que se parecem com a senhorita.

Todos os convivas aplaudiram com admiração. A senhorita de St. Yves enrubesceu, e sentiu-se muito bem. A senhorita de Kerkabon igualmente enrubesceu, mas não se sentiu tão bem, um pouco melindrada de que a galanteria não se dirigisse a ela, mas tinha tão bom coração que isso em nada diminuiu o seu afeto pelo visitante. Perguntou-lhe amavelmente quantas namoradas tivera ele na Hurônia.

— Só tive uma — respondeu o Ingênuo. — Era Abacaba, a boa amiga de minha querida ama; os juncos não eram mais retos, o arminho mais branco, as ovelhas menos macias, as águias menos altivas, e nem os cervos mais rápidos do que Abacaba. Ela perseguia um dia uma lebre pelas vizinhanças, a cerca de cinqüenta léguas da nossa casa. Um algonquino mal educado, que habitava cem léguas além, veto arrebatar-lhe a sua lebre; mal o soube, acorri, derrubei o algonquino com um golpe de maça, amarrei-o e fui depô-lo aos pés de Abacaba. Os pais de Abacaba queriam comê-lo; mas nunca me agradei dessa espécie de festins; restitui-lhe a liberdade e fiz dele um amigo. Abacaba ficou tão impressionada com a minha ação, que me preferiu a todos os seus pretendentes. E ainda me amaria, se não tivesse sido devorada por um urso. Castiguei o urso, usei durante muito tempo a sua pele, mas isso não me consolou.

A senhorita de St. Yves sentia um secreto prazer ao ouvir que o Ingênuo só tivera uma bem-amada e que Abacaba não mais existia; mas não discernia a causa de seu prazer. Todos fixavam os olhos no Ingênuo; louvavam-no muito por não haver permitido que os seus camaradas comessem um algonquino.

O implacável bailio, incapaz de reprimir o seu furor inquisitivo, levou a curiosidade ao ponto de

se informar qual era a religião do senhor hurão; se havia escolhido a religião anglicana, ou a galicana, ou a huguenote.

Eu sou da minha religião — disse ele — como o senhor é da sua.

— Ah! — exclamou a Kerkabon — bem se vê que esses engraçados ingleses nem ao menos pensaram em batizá-lo-

— Meu Deus! — dizia a senhorita de St. Yves — como é possível que os hurões não sejam católicos? Será que os RR.PP jesuítas não os converteram a todos?

O Ingênuo assegurou que na sua terra não se convertia ninguém; que nunca um verdadeiro hurão mudara de idéias, e que na sua língua nem sequer havia um termo que significasse inconstância. Estas últimas palavras agradaram extremamente à senhorita de St. Yves.

— Nós o batizaremos, nós o batizaremos — dizia a Kerkabon ao prior; — há de caber-te essa honra, meu caro irmão; faço questão de ser sua madrinha; o senhor de St. Yves o levará à pia; será uma brilhante cerimônia, de que se falará em toda a Baixa Bretanha, o que nos trará grandes honras. Toda a companhia secundou a dona da casa; todos os convivas gritavam:

— Nós o batizaremos!

O Ingênuo respondeu que na Inglaterra deixavam a gente viver como bem quisesse. Deu a entender que a proposta não lhe agradava absolutamente, e que a lei dos hurões valia pelo menos a lei dos baixo-bretões; enfim, disse que iria embora no dia seguinte. Acabaram de esvaziar a sua garrafa de água de Barbados e foram deitar-se.

Depois que o Ingênuo se recolheu ao quarto, a senhorita de Kerkabon e sua amiga a senhorita de St. Yves não puderam deixar de espiar pelo buraco da fechadura, para ver como dormia um hurão. Viram que havia estendido a roupa do leito no soalho e que repousava na mais bela atitude do mundo.

CAPÍTULO II

O hurão, chamado o Ingênuo, é reconhecido por seus parentes.

O Ingênuo, segundo o seu costume, acordou com o sol, ao cantar do galo, que é chamado na Inglaterra e na Hurônia a trombeta do dia. Não era como a gente da alta., que enlanguesce num preguiçoso leito, até que o sol haja feito metade do seu curso, que não pode nem dormir nem levantar-se, que perde tantas horas preciosas nesse estado intermediário entre a vida e a morte, e ainda se queixa de que a vida é demasiado curta.

Já fizera duas ou três léguas, tendo abatido, a funda, umas trinta peças de caça, quando, ao regressar, encontrou o prior de Nossa Senhora da Montanha e sua discreta irmã, que passeavam de touca de dormir pelo seu pequeno jardim. Apresentou-lhes a sua caça e, tirando da camisa uma espécie de talismã que trazia sempre ao pescoço, pediu-lhes que o aceitassem como agradecimento pela sua boa recepção.

— É o que eu tenho de mais precioso — lhes disse ele. Asseguraram-me que eu seria sempre

feliz enquanto o usasse. E assim lhes faço este presente, para que sejam sempre felizes.

O prior e sua irmã sorriram comovidos ante a simplicidade do Ingênuo. O referido presente consistia em dois pequenos retratos muito mal feitos, unidos por uma correia bastante sebenta

A senhorita de Kerkabon perguntou-lhe se havia pintores na Hurônia.

— Não — disse o Ingênuo, — esta raridade me veio de parte de minha ama; o seu marido a adquirira por conquista, despojando alguns franceses do Canadá que haviam travado batalha conosco. É só o que eu sei.

O prior examinava atentamente aqueles retratos; mudou de cor, emocionou-se, as mãos tremeram-lhe.

— Por Nossa Senhora da Montanha — exclamou ele, — creio que é o meu irmão capitão e sua mulher.

A senhorita, depois de os haver examinado com igual emoção, também achou o mesmo. Estavam ambos transidos de espanto e de uma alegria mesclada de sofrimento; ambos se enterneciam; ambos choravam; palpitava-lhes o coração; soltavam gritos; arrancavam um ao outro os retratos; cada qual os tomava e devolvia

vinte vezes por segundo devoravam com os olhos os retratos e o hurão; perguntavam-lhe um após outro, e os dois ao mesmo tempo, em que lugar, em que tempo, de que modo, tinham aquelas miniaturas ido parar às mãos da sua ama; comparavam as datas; lembravam-se de ter tido notícias do capitão até a sua chegada à terra dos hurões; época em que mais nada souberam a seu respeito.

Dissera-lhes o Ingênuo que não conhecera nem pai nem mãe. O prior, que era bom observador, notou que o Ingênuo tinha um pouco de barba e sabia que os hurões não a têm. “Seu queixo tem barba; o Ingênuo deve ser, portanto, filho de um europeu. Meu irmão e a minha cunhada não mais apareceram depois da expedição contra os hurões em 1669; meu sobrinho devia ser então criança de peito; a ama huronesa lhe salvou a vida e serviu-lhe de mãe”. Enfim, depois de cem perguntas e cem respostas, o prior e sua irmã concluíram que o hurão era o seu próprio sobrinho. Beijavam-no a chorar; e o Ingênuo ria, sem poder imaginar como é que um hurão poderia ser sobrinho de um prior da Baixa Bretanha.

Acorreram todos; o senhor de St. Yves, que era grande fisionomista, comparou os dois retratos com o rosto do Ingênuo; notou habilmente que ele tinha os olhos da mãe, a testa

e o nariz do falecido capitão de Kerkabon, e as faces de ambos. A senhorita de St. Yves, que jamais vira o pai nem a mãe, assegurou que o Ingênuo se lhes assemelhava perfeitamente. Admiravam todos a Providência e o encadeamento dos sucessos deste mundo. Estavam enfim tão persuadidos, tão convictos da origem do Ingênuo, que ele próprio assentiu em ser sobrinho do senhor prior, dizendo que gostaria tanto de o ter por tio como a qualquer outro.

Foram agradecer a Deus na igreja de Nossa Senhora da Montanha, enquanto o hurão, com um ar indiferente, divertia-se em beber em casa.

Os ingleses que o tinham trazido, e que estavam prestes a zarpar, vieram dizer-lhe que era tempo de partir.

— Pelo que vejo — lhes disse o hurão, — vocês não encontraram os seus tios: eu fico por aqui; voltem para Plymouth; dou-lhes de presente todos os meus trapos; não tenho necessidade de mais nada no mundo, pois sou sobrinho de um prior.

Os ingleses velejaram, pouco se lhes dando que o hurão tivesse ou não parentes na Baixa Bretanha.

Depois que o tio, a tia e todas as visitas cantaram o Te Deum; depois que o bailio encheu

o Ingênuo de novas perguntas; depois que esgotaram tudo o que o espanto, a alegria e a ternura podem fazer dizer, o prior da Montanha e o padre de St. Yves resolveram batizá-lo o mais depressa possível Mas um hurão adulto de vinte e dois anos não estava no mesmo caso de uma criança, a quem se regenera sem que esta fique sabendo coisa alguma. Era preciso doutriná-lo, e isso parecia difícil; pois o abade de St. Yves supunha que um homem que não nascera na França não podia ter senso comum.

O prior observou à companhia que, se de fato o Ingênuo, seu sobrinho, não tivera a ventura de nascer na Baixa Bretanha, nem por isso deixava de ter espírito, o que se poderia avaliar por todas as suas respostas, e que sem dúvida a natureza muito o favorecera, tanto do lado paterno como do materno.

Perguntaram-lhe primeiro se ele já tinha lido algum livro. Respondeu que lera Rabelais traduzido em inglês e alguns trechos de Shakespeare que sabia de cor; que tinha encontrado esses livros com o capitão do navio que o trouxera da América para Plymouth, e que muito lhe haviam agradado. O bailio não deixou de interrogá-lo sobre os referidos livros.

— Confesso — disse o Ingênuo — que julguei adivinhar qualquer coisa, e não entendi o resto.

A estas palavras, o padre de St. Yves refletiu que era assim que ele próprio sempre havia lido, e que a maioria dos homens não lia de outro modo.

— Com certeza já leu a Bíblia, não? — perguntou ele ao Ingênuo.

— Absolutamente, senhor padre; não estava entre os livros do meu capitão, nem nunca ouvi falar nisso.

— Eis como são esses malditos ingleses — gritava a senhorita Kerkabon. — Farão mais caso de uma peça de Shakespeare, de um plumpunding e de uma garrafa de rum do que do Pentateuco. É por isso que jamais converteram ninguém na América. Certamente são amaldiçoados de Deus; e dentro em pouco nós lhes tomaremos a Jamaica e a Virgínia. Como quer que fosse, mandaram buscar o mais hábil alfaiate de Saint-Malo para vestir o Ingênuo dos pés à cabeça. O grupo separou-se; o bailio foi fazer suas perguntas noutra parte. A senhorita de St. Yves, ao partir, voltou-se várias vezes, a fim de olhar para o Ingênuo; e fez-lhe reverências mais profundas do que nunca as fizera a ninguém em toda a vida.

Antes de partir, o bailio apresentou à senhorita de St. Yves um paspalhão de filho que acabava de sair do colégio; ela, porém, mal lhe

dirigiu o olhar, tão preocupada estava com o hurão.

CAPÍTULO III

O hurão, chamado o Ingênuo, é convertido.

O senhor prior, vendo que envelhecia e que Deus lhe enviava um sobrinho para seu consolo, considerou que poderia resignar-lhe o priorado se conseguisse batizá-lo e fazê-lo tomar hábito.

O Ingênuo tinha excelente memória. A firmeza dos órgãos bretão., fortificada pelo clima do Canadá, tornara-lhe a cabeça tão vigorosa que, quando batiam nela, mal o sentia; e, tudo que lhe gravavam dentro, nunca se apagava; jamais esquecera coisa alguma. E tanto mais viva e nítida era a sua concepção, porquanto a sua infância não fora sobrecarregada com as inutilidades e tolices que acabrunham a nossa, de modo que as coisas penetravam num cérebro sem nuvens. O prior resolveu enfim fazê-lo ler o Novo Testamento. O Ingênuo devorou-o com grande prazer, mas, não sabendo em que tempo nem em que local haviam acontecido as aventuras ali referidas, não duvidou que o teatro dos acontecimentos fosse a Baixa Bretanha, e jurou que cortaria o nariz e as orelhas a Caifás e a Pilatos, se algum dia encontrasse esses marotos.

O tio, encantado com essas boas disposições, o esclareceu em pouco tempo; louvou o seu zelo, mas fez-lhe ver que esse zelo era inútil, visto que tais pessoas haviam morrido há cerca de mil seiscentos e noventa anos. Em breve o Ingênuo sabia quase todo o livro de cor. Apresentava algumas vezes objeções que deixavam o prior em grandes dificuldades, obrigando-o a ir consultar o padre de St. Yves, o qual, não sabendo o que responder, mandou chamar um jesuíta bretão para completar a conversão do Ingênuo.

Enfim a graça operou; o Ingênuo prometeu fazer-se cristão; e não teve a menor dúvida de que deveria começar por ser circuncidado.

— Pois — dizia ele — não vejo no livro que me deram a ler um único personagem que não o tenha sido; é, pois, evidente que devo fazer o sacrifício do meu prepúcio: e quanto mais cedo, melhor.

Não vacilou. Mandou chamar o cirurgião da aldeia e pediu-lhe que lhe fizesse a operação, esperando alegrar infinitamente a senhorita de Kerkabon e a toda a companhia, depois que o fato estivesse consumado. O cirurgião, que nunca fizera a operação referida, avisou a família, que bradou aos céus. A boa Kerkabon temeu que seu sobrinho, que parecia resoluto e expedito, fizesse em si mesmo a operação com desastrada

imperícia, e disso resultassem tristes conseqüências pelas quais as damas sempre se interessam por bondade de coração.

O prior retificou as idéias do hurão; fez-lhe ver que a circuncisão não estava mais em moda, que o batismo era muito mais suave e salutar, que a lei da graça não era como a lei da austeridade. O Ingênuo, que tinha bastante bom-senso e retidão, discutiu, mas afinal reconheceu o seu erro, coisa muito rara na Europa em gente que discute; prometeu enfim submeter-se ao batismo quando bem quisessem.

Antes era preciso confessar-se, e ai estava a maior dificuldade. O Ingênuo, que sempre trazia no bolso o livro que o tio lhe dera, não via ali nenhum apóstolo que se houvesse jamais confessado, e isso o tornava bastante rebelde. O prior fechou-lhe a boca, mostrando-lhe, na epístola de S. Jaques o Moço, estas palavras que causam tanta espécie aos heréticos: Confessei-vos uns aos outros. O hurão não objetou mais nada e confessou-se a um recoleto. Terminada a confissão, tirou o frade do confessionário, e, segurando vigorosamente o seu homem, obrigou-o a pôr-se de joelhos, dizendo-lhe:

— Vamos, meu amigo. Está escrito: Confessai-vos uns aos outros. Eu te contei os

meus pecados; não sairá daqui sem que me hajas contado os teus.

Assim falando, apoiava o joelho contra o peito da parte adversária. O padre começa a soltar gritos que fazem reboar a igreja. Acodem ao barulho, vêem o catecúmeno a esmurrar o monge em nome de S. Jaques o Moço. Mas era tão grande a alegria de batizar um baixo-bretão hurão e inglês, que passaram por alto essas singularidades. Houve até muitos teólogos que pensaram não ser necessária a confissão, visto que o batismo servia para tudo.

Combinaram a data com o bispo de Saint-Malo, que lisonjeado, como era de esperar-se, por batizar um hurão, chegou em pomposa equipagem, acompanhado da sua clerezia. A senhorita de St. Yves, bendizendo a Deus, pôs o seu mais belo vestido e mandou chamar uma cabeleireira de St. Malo, para brilhar na cerimônia. O inquiridor bailio acorreu com toda a província. A igreja estava magnificamente paramentada; mas, quando chegou a hora de levar o hurão para a pia batismal, nada de hurão.

O tio e a tia o procuraram por toda parte. Julgaram que estivesse a caçar, segundo o seu costume. Todos os convidados percorreram os matos e aldeias vizinhas: nem traços do hurão.

Começava-se a temer que tivesse ele voltado para a Inglaterra. Lembravam-se de tê-lo ouvido dizer que gostava muito desse país. O prior e a sua irmã achavam-se persuadidos de que ali não batizavam ninguém, e tremiam pela alma do sobrinho. O bispo estava confuso e prestes a regressar; o prior e o padre de St. Yves desesperavam-se. A senhorita de Kerkabon chorava; a senhorita de St. Yves não chorava, mas lançava profundos suspiros que pareciam testemunhar o seu gosto pelos sacramentos. Passeavam elas tristemente ao longo dos salgueiros e caniços que marginam o ribeiro de Rance, quando avistaram no meio da corrente um grande vulto branco com as mãos cruzadas no peito. Soltaram um grito e desviaram-se. Mas a curiosidade venceu logo qualquer outra consideração: puseram-se ambas a avançar cautelosamente entre os caniços e, quando se asseguraram de que não eram vistas, resolveram certificar-se do que se tratava.

CAPÍTULO IV
O Ingênuo batizado.

O prior e o abade, tendo acorrido, perguntaram ao Ingênuo o que estava fazendo ali.

— Ora essa! Espero o batismo. Faz uma hora que estou dentro d'água. E não é nada direito me deixarem aqui a gelar.

— Meu querido sobrinho — disse-lhe carinhosamente o prior, — não é assim que se fazem batizados na Baixa Bretanha; veste a tua roupa e vem conosco.

Ouvindo tais palavras, a senhorita de St. Yves disse baixinho à companheira:

— Será que ele já vai vestir-se?

O hurão, no entanto, retrucou ao prior:

— Agora o senhor não me convencerá como da outra vez; desde então tenho estudado bastante e estou certo de que não se batiza de outra maneira. O eunuco da rainha Candace foi batizado num rio: desafio o senhor a que me mostre no livro que me deu se alguma vez se

batizou a não ser assim. Ou não serei batizado, ou serei batizado no rio.

Não adiantou alegar que haviam mudado os costumes. O Ingênuo era cabeçudo, pois era bretão e hurão. Voltava sempre ao eunuco da rainha Candace. E, embora a senhorita sua tia e a senhorita de St. Yves, que o tinham observado dentre os salgueiros, estivessem no direito de dizer-lhe que não lhe competia citar semelhante homem, abstiveram-se de qualquer interferência, tamanha era a sua discrição. O próprio bispo veio falar-lhe, o que já era muito; mas não adiantou: o hurão discutiu com o bispo.

— Mostre-me — lhe disse ele — no livro que o tio me deu, um único homem que não se haja batizado no rio, e eu farei tudo o que o senhor quiser.

A tia, desesperada, havia notado que o sobrinho fizera uma reverência mais profunda à senhorita de St. Yves do que às outras pessoas, e que nem ao senhor bispo saudara com aquele respeito mesclado de cordialidade que testemunhara à formosa moça. A senhorita de Kerkabon tomou o partido de dirigir-se a esta naquele grande embaraço; pediu-lhe que usasse da sua influência para induzir o hurão a batizar-se à maneira dos bretões, não acreditando que o

seu sobrinho jamais pudesse ser cristão se teimasse em ser batizado na água corrente.

A senhorita de St. Yves enrubesceu com o secreto prazer que sentia em ser encarregada de tão importante missão. Aproximou-se modestamente do Ingênuo e, apertando-lhe a mão com um nobre gesto, disse-lhe:

— Será que não fará nada por mim?

E, assim falando, baixava os olhos e erguia-os com enternecedora graça.

— Ah! farei tudo o que a senhorita quiser, tudo o que me ordenar: batismo de água, batismo de fogo, batismo de sangue; não há nada que eu possa recusar-lhe.

A senhorita de St. Yves teve a glória de conseguir com duas palavras o que não haviam conseguido nem as solicitações do prior, nem as sucessivas interrogações do bailio, nem as razões do senhor arcebispo. Ela sentiu o seu triunfo; mas não lhe avaliava ainda toda a extensão.

O batismo foi administrado e recebido com toda a decência, toda a pompa, toda a distinção possível. O tio e a tia cederam ao senhor padre de St. Yves e à sua irmã a honra de servir de padrinhos ao Ingênuo. A senhorita de St. Yves radiava de alegria de se ver madrinha. Não sabia

ao que a sujeitava esse grande título; aceitou a honra sem lhe conhecer as fatais conseqüências.

Como nunca houve cerimônia que não fosse seguida de um bródio, sentaram-se à mesa ao sair do batismo. Os espirituosos da Baixa Bretanha objetaram que o vinho não deveria ser batizado. O senhor prior dizia que o vinho, segundo Salomão, alegra o coração do homem. O senhor bispo acrescentava que o patriarca Juda amarrava o seu jumento à vinha e mergulhava o manto no sangue da uva e que era uma triste coisa não ser possível fazer o mesmo na Baixa Bretanha, a que Deus negara as vinhas. Cada qual porfiava em dizer um gracejo sobre o batismo do Ingênuo e dirigir galanteios à madrinha. O bailio, sempre interrogante, perguntava ao hurão se este seria fiel às suas promessas.

— Como quer que eu falte às minhas promessas — disse o hurão, — quando as fiz entre as mãos da senhorita de St. Yves?

O hurão entusiasmou-se; bebeu à grande pela saúde da madrinha.

— Se eu tivesse sido batizado por suas mãos — disse ele, — a água fria que recebi sobre a nuca me teria queimado.

O bailio achou a frase muito poética; ignorava o quanto a alegoria é corriqueira no Canadá. A madrinha, essa, sentiu-se extremamente satisfeita.

— O Ingênuo recebera na pia batismal o nome de Hércules. O bispo não cessava de perguntar quem era esse padroeiro de quem nunca ouvira falar. O jesuíta, que era muito erudito, respondeu-lhe que se tratava de um santo que, fizera doze milagres. Havia, na verdade, um décimo-terceiro que valia os outros doze, mas não ficava bem a um jesuíta referi-lo: era o de haver transformado cinqüenta donzelas em mulheres, numa única noite. Um engraçado pôs-se a gabar entusiasticamente o referido milagre. Todas as damas baixaram os olhos; e julgaram, pelo aspecto do Ingênuo, que era este digno do santo de que trazia o nome.

CAPÍTULO V
O Ingênuo enamorado.

Cumpre confessar que, depois daquele batizado e daquele banquete, a senhorita de St. Yves começou a desejar ardentemente que o senhor bispo ainda a fizesse participante de algum belo sacramento com o senhor Hércules Ingênuo. No entanto, como era bem educada e muito recatada, não ousava confessar a si mesma os seus ternos sentimentos; mas, se lhe escapava um olhar, uma palavra, um gesto, um pensamento, envolvia tudo isso num véu de pudor infinitamente amável Era terna, pressurosa, mas comedida.

Logo que o senhor bispo partiu, o Ingênuo e a senhorita de St. Yves se encontraram sem dar tento que se procuravam. Falaram-se, sem imaginar o que diriam. O Ingênuo lhe disse primeiro que a amava de todo o coração, e que a bela Abacaba, por quem estivera louco na sua terra, não lhe chegava aos pés. Respondeu-lhe a senhorita, com o seu ordinário recato, que era preciso o quanto antes falar nisso ao senhor prior seu tio e à senhorita sua tia, e que, da sua parte, ela iria dizer duas palavras ao seu caro irmão, o

padre de St. Yves, e que esperava um consentimento geral.

O Ingênuo respondeu-lhe que não tinha necessidade do consentimento de ninguém; que lhe parecia extremamente ridículo ir perguntar a outros o que deviam fazer; que, quando dois estão de acordo, não há necessidade de um terceiro para acomodá-los.

— Não consulto ninguém — alegou ele — quando tenho vontade de comer, de caçar, ou de dormir. Bem sei que, em, amor, é bom ter o consentimento da pessoa a quem se deseja: mas, como não é nem do meu tio nem da minha tia que estou enamorado, não é a eles que me devo dirigir neste assunto; e, quanto à, senhorita, poderá muito bem dispensar o senhor padre de St. Yves.

A bela bretã, como é de imaginar, deve ter empregado toda a delicadeza de seu espírito para limitar o hurão ao terreno do decoro. Chegou até a agastar-se e logo se apaziguou. E não se sabe como teria terminado tal conversação se, ao anoitecer, o senhor abade não houvesse levado a irmã para a sua abadia. O Ingênuo deixou que os tios se fossem deitar, pois estavam fatigados da cerimônia e do longo banquete, e passou parte da noite a fazer versos para a sua bem amada, em

hurão: pois é sabido que não há país no mundo em que o amor não torne poetas os namorados.

No dia seguinte, após o almoço, assim lhe falou o tio, em presença da senhorita Kerkabon, que se achava toda comovida:

— Louvado seja Deus, meu querido sobrinho, por teres a honra de ser cristão e bretão! Mas isso não basta; já estou ficando velho; meu irmão apenas deixou um cantinho de terra que pouco vale; tenho um bom priorado: se quiseres ao menos fazer-te subdiácono, como o espero, resignarei meu priorado em teu favor, e viverás folgadamente, depois de ter sido o consolo da minha velhice.

— Meu tio — respondeu-lhe o Ingênuo, — que bom proveito lhe faça! Viva quanto puder. Quanto a mim, não sei o que é subdiácono, nem o que quer dizer resignar; mas tudo me ficará bem, desde que tenha a senhorita de St. Yves à minha disposição.

— Meu Deus, meu sobrinho! Que me dizes? Amas então loucamente a essa linda senhorita?

— Sim, meu tio.

— Ai, meu sobrinho! É impossível casares com ela.

— Nada é mais possível, meu tio; pois ela, ao partir, não só me apertou a mão significativamente, como prometeu que me pediria em casamento; e sem dúvida nenhuma a desposarei.

— Impossível, te digo eu; ela é tua madrinha; e é um terrível pecado para uma madrinha apertar assim a mão do afilhado; não é permitido casar com a própria madrinha; a isto se opõem as leis divinas e as leis humanas.

— Hom'essa, meu tio! Deixe de brincadeira: por que há de ser proibido casar com a madrinha, quando ela é moça e bonita? Não vi no livro que o senhor me deu que não ficasse bem desposar as moças que ajudam a gente a ser batizado. Todos os dias descubro que fazem aqui uma infinidade de coisas que não estão no seu livro, e que nada fazem de tudo o que ele diz. Confesso-lhe que isso me espanta e aborrece. Se me privarem da bela St. Yves, sob pretexto de batismo, fique o senhor avisado de que a tiro de casa e me desbatiso.

O prior ficou confuso; a irmã pôs-se a chorar.

— Meu caro irmão — disse ela, — o nosso sobrinho não deve perder a alma; o nosso Santo Padre lhe poderá conceder dispensa, e então ele poderá ser cristãmente feliz com aquela a quem ama.

O Ingênuo beijou a tia.

— Quem é esse amável homem — disse ele ,- que favorece tão bondosamente os amores dos jovens? Quero ir falar-lhe imediatamente.

Explicaram-lhe o que era o Papa, e o Ingênuo ficou ainda mais espantado do que antes:

— Não há uma palavra de tudo isso no seu livro, meu estimado tio; tenho viajado, conheço o mar; estamos na costa do Oceano; e eu vou deixar a senhorita de St. Yves para ir pedir permissão de amá-la a um homem que mora além do Mediterrâneo, a quatrocentas léguas daqui, e cuja língua desconheço?! Palavra, isso é de um ridículo incompreensível. Vou é falar imediatamente com o padre de St. Yves, que mora apenas a uma légua, e garanto-lhe que desposarei hoje mesmo aquela a quem amo.

Estava ainda a falar quando entrou o bailio, o qual, segundo o seu costume, lhe perguntou aonde ia.

— Vou casar-me — disse o Ingênuo, a correr. E dali a um quarto de hora se achava ele em casa da sua bela e querida bretã, que ainda estava dormindo.

— Ah, meu irmão — dizia a senhorita de Kerkabon ao prior, — jamais farás um subdiácono do nosso sobrinho.

O bailio ficou descontentíssimo com tal viagem, pois pretendia casar o seu filho com a St. Yves; e esse filho era ainda mais tolo e insuportável que o pai.

CAPÍTULO VI

O Ingênuo chega à casa de sua amada e fica deveras furioso.

Logo que chegou, perguntara o Ingênuo a uma criada velha onde era o quarto da sua querida, e, sem perda de tempo, empurrara fortemente a porta mal fechada, correndo para o leito. Acordando-se em sobressalto, exclamara a senhorita:

— Como?! És tu? Pára, pára! Que é que estás fazendo? Estou casando contigo — respondera ele. E com efeito a desposaria se ela não se houvesse debatido com toda a honestidade de uma pessoa que recebeu educação.

O Ingênuo não queria saber de brincadeira; achava todas aquelas gatimônias muito fora de propósito:

— Não era assim que fazia a senhorita Abacaba, a minha primeira namorada; não tens nenhuma seriedade; prometeste-me casamento e não queres casar: estás infringindo as leis mais elementares da honra; hei de ensinar-te a manteres a tua palavra, e te porei no caminho da virtude.

O Ingênuo possuía uma virtude varonil e intrépida, digna do seu padroeiro Hércules, cujo nome recebera na pia; ia exercê-la em toda a sua extensão quando, aos lancinantes gritos da senhorita, mais discretamente virtuosa, acudiu o honrado padre de St. Yves, com a sua governante, um velho criado devoto e um padre da paróquia.

— Meu Deus, meu caro vizinho — lhe disse o abade, — que vem a ser isso?

— É o meu dever — replicou o jovem. — Estou simplesmente cumprindo a minha promessa, que é sagrada.

A senhorita de St. Yves recompôs-se, enrubescendo. Levaram o Ingênuo para outro quarto. O abade censurou-lhe a monstruosidade do seu procedimento. O Ingênuo defendeu-se, alegando os privilégios da lei natural, que conhecia perfeitamente. O abade pôs-se a provar que a lei positiva devia ter precedência e que, se não fossem as convenções estabelecidas entre os homens, a lei da natureza seria quase sempre uma violação natural.

— Fazem-se mister — disse ele — notários, padres, testemunhas, contratos, dispensas.

— Respondeu-lhe o Ingênuo com a reflexão que sempre fizeram os selvagens:

— Muito desonestos devem ser vocês, visto que é necessário tomar tantas precauções.

Bastante trabalho teve o sacerdote em resolver tal dificuldade.

— Confesso — disse ele — que há muitos inconstantes e velhacos entre nós, como haveria entre os hurões, se estes estivessem reunidos em uma grande cidade; mas também há homens sábios, honestos, esclarecidos, e foram estes que fizeram as leis. Quanto mais honrado é um homem, mais deve submeter-se a elas; assim se dá exemplo aos viciosos, que respeitam um freio que a virtude se impôs a si mesma.

Tal resposta impressionou o Ingênuo. Já ficou dito que tinha ele um espírito justo. Acalmaram-no com lisonjas; encheram-no de esperanças: ciladas em que sempre caem os homens dos dois hemisférios; trouxeram até, à sua presença, a senhorita de St Yves, depois que esta fez convenientemente a sua toilette. Tudo se passou no maior decoro. Mas, apesar de toda essa decência, os olhos flamejantes do Ingênuo Hércules faziam baixar os da sua amada e tremer a assistência.

Tiveram imenso trabalho para o reconduzir a seus parentes. Ainda desta vez foi preciso recorrer à influência da bela St. Yves; quanto mais sentia esta o seu poder sobre ele, mais o

amava. Obrigou-o a partir, com o que ficou sinceramente aflita. Afinal, depois que ele se foi, o abade que, além de irmão mais velho da senhorita de St. Yves, era também seu tutor, tomou o partido de subtrair sua pupila às solicitudes daquele terrível namorado. Foi aconselhar-se com o bailio, que, tendo sempre em vista o casamento de seu filho com a irmã do abade, alvitrou que se mandasse a pobre moça para um convento. Foi um golpe terrível: uma indiferente que fosse metida num convento haveria de pôr-se aos gritos; quanto mais uma enamorada, e tão apaixonada quanto honesta; era mesmo de desesperar.

O Ingênuo, de volta ao priorado, contou tudo, o que acontecera com a sua costumeira simplicidade. Recebeu as mesmas censuras, que lhe produziram algum efeito no espírito e nenhum nos seus sentidos. Mas, no dia seguinte, quando pretendeu voltar à casa de sua amada, para discutir com ela sobre a lei natural e a lei convencional, disse-lhe o senhor bailio, com insultuosa alegria, que a senhorita de St. Yves se achava num convento.

— Pois bem — disse ele, — irei discutir com ela nesse convento.

— Impossível — disse o bailio. E longamente lhe explicou que coisa era um convento;

esclareceu que tal palavra vinha do latim conventus, que significa assembléia; e o hurão não atinava por que não poderia ser admitido numa assembléia. Ao saber que essa assembléia era uma espécie de prisão onde mantinham encerradas as moças — coisa horrível, desconhecida entre os hurões e os ingleses, — ficou tão furioso como o seu padroeiro Hércules quando Eurites, rei da Ecália, não menos cruel que o padre de St. Yves, lhe recusou a linda Iola sua filha, não menos linda que a irmã do padre. Queria incendiar o convento, roubar a namorada, ou morrer com ela em meio às chamas.

A senhorita de Kerkabon, desesperada, renunciava mais do que nunca a todas as esperanças de ver o seu sobrinho subdiácono, e dizia, a chorar, que ele tinha o diabo no corpo depois que fora batizado.

CAPÍTULO VII
O Ingênuo repele os ingleses.

O Ingênuo, mergulhado em negra e profunda melancolia, foi passear à beira mar, de fuzil às costas e facão à cinta, atirando de tempos em tempos nalguns pássaros, e muita vez tentando atirar em si mesmo; mas amava ainda a vida, por causa da senhorita de St. Yves. Ora amaldiçoava o tio, a tia, e toda a Baixa Bretanha, e o seu batismo; ora os abençoava, pois lhe haviam feito conhecer aquela a quem amava. Tomava a resolução de ir incendiar o convento, e subitamente desistia, por medo de queimar a sua amada. As ondas da Mancha não são mais agitadas pelos ventos de leste a oeste do que o era o seu coração por tantos movimentos contrários.

Marchava a grandes passadas, sem saber por onde, quando ouviu um rufar de tambores. Viu ao longe uma multidão que corria metade para a margem e metade fugia para o interior.

Mil gritos se elevavam de toda parte; a curiosidade e a coragem fazem-no precipitar-se incontinenti para o local de onde partiam aqueles clamores; em quatro saltos se aproxima.

O comandante da milícia, que ceara em casa do prior, logo o reconheceu; corre a ele de braços abertos: “Ah! É o Ingênuo. ele combaterá por nós”. E as milícias, que morriam de medo, tranqüilizaram-se e gritaram também: “É o Ingênuo! É o Ingênuo!”

— Senhores, de que se trata? Por que se acham todos tão desnorteados? Meteram as suas noivas no convento?

Então cem vozes confusas exclamam:

— Não vês os ingleses que abordam?

— Bem — disse o Ingênuo, — são boa gente; nunca pensaram em fazer-me subdiácono, nem me roubaram a noiva.

O comandante deu-lhe a entender que os ingleses vinham pilhar a abadia da Montanha, beber o vinho de seu tio e talvez raptar a senhorita de St. Yves; que o pequeno barco em que ele, Ingênuo, aportara na Bretanha, viera apenas para fazer um reconhecimento; que os ingleses praticavam atos de hostilidade sem haver declarado guerra ao rei de França, e que a província se achava exposta.

— Ah! se é assim, eles violam a lei natural; deixem a coisa comigo; morei muito tempo com

os ingleses, conheço-lhes a língua e vou falar com eles; não creio que possam ter tão más intenções.

Durante essa conversação, a esquadra inglesa aproximava-se; o nosso hurão toma um barco, vai a seu encontro, sobe à nau capitânia, e pergunta se era verdade que eles vinham assolar o país sem uma honesta declaração de guerra. O almirante e toda a sua gente puseram-se a rir, serviram-lhe ponche e mandaram-no de volta.

O Ingênuo, espicaçado, só pensou em bater-se às direitas contra os seus velhos amigos, por seus compatriotas e pelo senhor prior. Os gentis-homens da vizinhança acorriam de toda parte; o Ingênuo junta-se a eles; dispunham de alguns canhões; ele os carrega, os aponta, os dispara um após outro. Os ingleses desembarcam; o Ingênuo os acomete, mata uns três e fere o almirante que zombara dele. Sua coragem anima toda a milícia, os ingleses reembarcam, toda a costa reboava com os gritos de vitória: “Viva o Rei! Viva o Ingênuo!” Todos o abraçam, todos se apressam em estancar-lhe o sangue de alguns ferimentos leves que recebera. “Ah! — dizia ele, se a senhorita de St. Yves estivesse aqui, me poria uma compressa”.

O bailio, que se escondera na sua adega durante o combate, veio cumprimentá-lo como os outros. Mas muito se surpreendeu ao ouvir o

Ingênuo dizer a uma dúzia de homens de boa vontade que o cercavam: “Meus amigos, não basta ter livrado a Abadia da Montanha; é preciso libertar uma mulher”. Toda aquela vibrante mocidade prendeu fogo, a essas simples palavras. Já o seguiam em multidão, já corriam para o convento. Se o bailio não tivesse logo avisado o comandante, se não tivessem corrido empós do alegre bando, estava tudo consumado. Trouxeram o Ingênuo para a casa dos tios, que o inundaram de lágrimas de ternura.

— Bem vejo que nunca serás nem subdiácono nem prior — lhe disse o tio. — Serás um oficial ainda mais bravo do que o meu irmão, e provavelmente tão necessitado quanto ele. E a senhorita de Kerkabon continuava a abraçá-lo, a chorar e a dizer:

— Ele vai expor-se à morte como o meu irmão; antes fosse subdiácono!

O Ingênuo, durante o combate, apanhara uma gorda bolsa cheia de guinéus que decerto o almirante deixara cair. E não tinha a menor dúvida de que, com aquela bolsa, poderia comprar toda a Bretanha, e sobretudo fazer da senhorita de St. Yves uma grande dama. Todos o exortaram a ir a Versalhes receber o prêmio de seus serviços. O comandante e os primeiros oficiais encheram-no de certificados. O tio e a tia

aprovaram a viagem do sobrinho. Ele devia ser, sem dificuldade, apresentado — ao rei: só isso lhe daria uma prodigiosa importância na província. As duas excelentes criaturas acrescentaram à bolsa inglesa um considerável presente tirado das suas economias, O Ingênuo dizia consigo: “Quando vir o Rei, vou pedir-lhe a senhorita de St. Yves em casamento, e ele não mo negará”.

Partiu, pois, sob as aclamações de todo o cantão, afogado de abraços, banhado pelas lágrimas da tia, abençoado pelo tio, e recomendando-se à bela St. Yves.

CAPÍTULO VIII

O Ingênuo vai à Corte. Janta em caminho, com huguenotes.

O Ingênuo seguiu de coche pela estrada de Saumur, porque não havia então outra comodidade. Chegado a esta cidade, espantou-se de encontrá-la quase deserta e de ver várias famílias que se mudavam. Disseram-lhe que Saumur, seis anos antes, continha mais de quinze mil almas, e que agora não contava mais de seis mil. Não deixou de falar nisso, à mesa da hospedaria. Vários protestantes ali se achavam; Uns queixavam-se amargamente, outros fremiam de cólera, outros choravam, dizendo: Nos dulcia linquimus arva, nos patriam fugimus. O Ingênuo, que não sabia latim, pediu explicação de tais palavras, que significam: Abandonamos as nossas suaves campanhas, fugimos da nossa pátria.

— E por que fogem de sua pátria, senhores?

— É porque querem que reconheçamos o Papa.

— E por que não o reconhecem? Não têm, então, madrinhas com quem desejam casar? Pois

me disseram que é o Papa que dá licença para isso.

— Ah! esse Papa diz que é senhor do domínio dos reis.

— Mas qual é a profissão dos senhores?

— Somos, na maioria, tecelões e fabricantes.

— Se o Papa alega que é senhor dos tecidos e das fábricas, fazem muito bem em não reconhecê-lo; mas, quanto aos reis, isso é com eles; por que se metem os senhores em tais assuntos?

Um homenzinho de preto tomou então a palavra e expôs habilmente as queixas da companhia. Referiu-se com tanta energia à revogação do édito de Nantes, deplorou de modo tão patético a sorte de cinqüenta mil famílias fugitivas e de cinqüenta mil outras convertidas pelos dragões, que o Ingênuo por sua vez desatou em pranto.

— Como se explica então — dizia ele — que tão grande rei, cuja glória se estende até os hurões, se prive de tantos corações que poderiam amá-lo e de tantos braços que poderiam servi-lo?

— É que o enganaram, como aos outros grandes reis. Convenceram-no de que, logo que dissesse uma palavra, todos os homens pensariam como ele, e que nos faria mudar de

religião como o seu músico Lulli muda em um instante os cenários de suas óperas. Não só perde ele quinhentos a seiscentos mil súditos muito úteis, como os faz inimigos seus; e o rei Guilherme, que é atualmente senhor da Inglaterra, constituiu vários regimentos desses mesmos franceses que poderiam combater por seu monarca. Tanto mais espantoso é esse desastre, porquanto o Papa reinante, a quem Luís XIV sacrifica parte do povo, é seu inimigo declarado. Vêm ambos mantendo, há nove anos, uma querela violenta, a qual atingiu a tais extremos, que a França pensou ver enfim quebrar-se o jugo que há tantos séculos a submete a esse estrangeiro, e que, principalmente não lhe mandaria mais dinheiro, o que é o primeiro móvel dos assuntos deste mundo. Parece, pois, evidente que enganaram a esse grande rei no tocante aos seus interesses e à extensão de seu poder, frustrando-lhe também a magnanimidade do coração.

O Ingênuo, cada vez mais impressionado, perguntou quais eram os franceses que assim enganavam um monarca tão caro aos hurões.

— São os jesuítas — responderam-lhe — e principalmente o padre de La Chaise, confessor de Sua Majestade. Esperemos que Deus os castigue um dia e que sejam caçados como agora nos caçam. Haverá desgraça igual à nossa? De

toda parte, Mons. de Louvois nos envia jesuítas e dragões.

— Pois bem, senhores — replicou o Ingênuo, que não mais podia conter-se, — eu vou a Versalhes receber a devida recompensa a meus serviços; falarei a esse Mons. de Louvois; — disseram-me que é ele que dirige a guerra, de seu gabinete. Vou falar com o Rei e dar-lhe a conhecer a verdade; não há quem não termine por se render a essa evidência. Em breve estarei de volta para desposar a senhorita de St. Yves, e convido-os a todos para o casamento.

Aquela boa gente o tomou então por um grão-senhor que viajava incógnito. Alguns pensavam que fosse o bobo do Rei.

Havia entre os convivas um jesuíta disfarçado que servia de espião ao reverendo padre de La Chaise. Trazia-o a par de tudo, e o padre de La Chaise remetia as informações a Monsenhor de Louvois. O espião escreveu. O Ingênuo e a carta chegaram quase ao mesmo tempo em Versalhes.

CAPÍTULO IX
Chegada do Ingênuo a Versalhes. Sua recepção.

O Ingênuo desceu no pátio das cozinhas reais. Pergunta aos portadores da liteira a que horas pode falar com o Rei. Os portadores riem-lhe na cara, como o fizera o almirante inglês. Ingênuo revidou como a este último; bateu-lhes. Quiseram dar-lhe o troco. E ia haver uma cena de sangue, quando passou um guarda do corpo, gentil-homem bretão, que dispersou a canalha.

— O senhor me parece um homem às direitas — lhe disse Ingênuo. — Sou sobrinho do prior de Nossa Senhora da Montanha; matei ingleses, venho falar ao rei.

O guarda, encantado de encontrar um bravo da sua província que não parecia a par dos usos da Corte, disse-lhe que não era assim que se falava com o rei, e que era preciso ser apresentado a monsenhor de Louvois.

— Pois bem, leve-me então a esse monsenhor de Louvois, que sem dúvida me conduzirá a sua Majestade.

— É ainda mais difícil — replicou o guarda — falar a monsenhor de Louvois do que a Sua Majestade. Mas vou conduzi-lo ao senhor Alexandre, primeiro oficial: é como falar ao ministro.

Vão pois a esse senhor Alexandre, e não podem ser admitidos; estava ele em conferência com uma dama da corte e dera ordens para que não deixassem entrar ninguém.

— Bem — disse o guarda, — ainda há remédio. Vamos ao primeiro oficial do senhor Alexandre: é como falar ao próprio senhor Alexandre.

O hurão, espantado, o acompanha; permanecem meia hora numa pequena sala de espera.

— Que quer dizer isso? — exclamou o Ingênuo. — Será que todos são invisíveis aqui? É mais fácil lutar na Bretanha contra ingleses do que encontrar em Versalhes as pessoas com quem se precisa falar.

Distraiu-se contando seus amores ao companheiro. Mas o guarda teve de ir a seus deveres. Prometeram encontrar-se no dia seguinte; e o Ingênuo ficou ainda outra meia hora na sala-de-espera, pensando na senhorita de St.

Yves e na dificuldade de falar aos reis e aos oficiais.

Afinal o oficial apareceu.

— Senhor — disse-lhe o Ingênuo, — se eu tivesse esperado, para expulsar os ingleses, tanto tempo quanto me fez esperar por minha audiência, eles agora estariam assolando à vontade toda a Bretanha.

Tais palavras impressionaram o alto funcionário, que disse afinal ao bretão:

— Que quer o senhor?

— Recompensa — respondeu o outro. — Eis aqui as minhas credenciais.

E mostrou-lhe todos os certificados, O funcionário os leu e disse que provavelmente lhe concederiam permissão para comprar um posto de lugar-tenente.

— Como! Que eu dê dinheiro por haver rechaçado os ingleses?! Que eu pague o direito de expor a vida pelo senhor, enquanto o amigo dá tranqüilamente as suas audiências?! Deixe-se de gracejos. Quero uma companhia de cavalaria gratuitamente. Quero que o Rei faça sair a senhorita de St. Yves do convento e me conceda a sua mão. Quero falar ao rei em favor de cinqüenta mil famílias que pretendo devolver-lhe.

Numa palavra, quero ser útil: que me empreguem e me promovam.

— E como se chama o senhor, que assim fala tão alto?

— Oh! Oh! — tornou o Ingênuo. — Não leu então os meus certificados? É assim que tratam a gente? Chamo-me Hércules de Kerkabon; sou batizado, paro no Quadrante Azul, e me queixarei do senhor a Sua Majestade.

O funcionário concluiu, como o pessoal de Saumur, que o Ingênuo não ia muito bem da cabeça, e não lhe deu maior atenção. Naquele mesmo dia, o reverendo padre La Chaise, confessor de Luís XIV, recebera a carta de seu espião que acusava Kerkabon de simpatizar com os huguenotes e ser contrário à orientação dos jesuítas. O senhor de Louvois, por seu lado, recebera uma carta do interrogativo bailio, na qual o Ingênuo era apresentado como um valdevinos que queria incendiar conventos e raptar donzelas.

Este, depois de passear pelos jardins de Versalhes, onde se aborreceu, depois de haver jantado como um hurão e como bretão, deitara-se na doce esperança de ver ao Rei no dia seguinte, de conseguir a mão da senhorita de St. Yves, de obter ao menos uma companhia de cavalaria e fazer cessar a perseguição contra os huguenotes.

Embalava-se nesses fagueiros pensamentos, quando a polícia lhe penetrou no quarto. Apoderaram-se primeiro do seu fuzil de dois tiros e do seu grande sabre. Fizeram um inventário do seu dinheiro de bolso, e levaram-no para o castelo que o rei Carlos V, filho de João II, mandou construir nas proximidades da rua de Santo Antônio, à porta das Tournelles.

Qual não foi o espanto do Ingênuo, é coisa que deixo à vossa imaginação. Julgou, a princípio, que se tratava apenas de um sonho. E permaneceu em uma espécie de modorra. Depois, de súbito, acometido de um furor que lhe duplicava as forças, pega pela garganta dois de seus condutores que estavam com ele no carro, lança-os pela portinhola, atira-se por sua vez, arrastando o terceiro, que o queria deter. Tomba com o esforço, amarram-no fortemente, levam-no de novo para o veículo. “Eis — pensava ele — o que se ganha em expulsar os ingleses! Que não dirias tu, minha bela St. Yves, se me visses em tal estado?r“

Chegam enfim ao local de seu destino. Levam-no em silêncio para a cela onde devia ser encerrado, como um morto que carregam para o cemitério. A cela estava já ocupada por um velho solitário de Port-Royal, chamado Gordon, que há dois anos ali definhava. “Olhe! — disse a este o chefe dos esbirros. — Trago-lhe aqui um

companheiro". E imediatamente baixaram os enormes ferrolhos da porta maciça, revestida de largas barras. Os cativos ficaram separados do universo inteiro.

CAPÍTULO X
O Ingênuo encarcerado na Bastilha com um jansenista.

Gordon era um velhote bem conservado e sereno, que sabia duas grandes coisas: suportar a adversidade e consolar os infelizes. Avançou com fisionomia aberta e compassiva para o seu companheiro, e disse-lhe, abraçando-o:

— Quem quer que sejas tu que vens partilhar do meu túmulo, fica certo de que sempre esquecerei a mim mesmo, para suavizar os teus tormentos no abismo infernal em que estamos mergulhados. Adoremos a Providência que para aqui nos trouxe, soframos em paz e esperemos.

Tais palavras causaram na alma do Ingênuo o efeito das Gotas da Inglaterra, que chamam um moribundo à vida e o fazem entreabrir os olhos espantados.

Após os primeiros cumprimentos, Gordon, sem o apressar a dizer-lhe a causa da sua desgraça, inspirou-lhe, pela brandura de suas palavras e esse interesse que têm um pelo outro dois infelizes, o desejo de abrir o coração e aliviar-se do fardo que o oprimia. Mas o Ingênuo não

podia adivinhar o motivo da sua prisão: aquilo lhe parecia um efeito sem causa, e Gordon achava-se tão espantado quanto ele.

— É fora de dúvida — disse o jansenista ao hurão, que Deus deve ter grandes desígnios a teu respeito, pois te conduziu do lago Ontário à Inglaterra e à França, fez-te batizar na Bretanha, encerrando-te depois aqui, para salvação de tua alma.

— Palavra — retrucou o Ingênuo, — creio que foi apenas o diabo que se meteu no meu destino. Meus compatriotas da América jamais me tratariam com esta selvageria; eles não têm a mínima idéia disto. Chamava-lhes selvagens; são, de fato, criaturas bastante grosseiras, ao passo que os homens daqui são uns refinados patifes. Sinto-me, na verdade, muito surpreso de ter vindo do outro mundo para ser trancafiado neste, em companhia de um padre; mas penso no prodigioso número de homens que partem de um hemisfério para serem mortos no outro, ou que naufragam em caminho e são devorados pelos peixes: não atino quais sejam os graciosos desígnios de Deus a respeito de toda essa gente.

— Alcançaram-lhes comida por um postigo. A conversação versou sobre a Providência, as cartas de prego, e sobre a arte de não sucumbir às

desgraças a que todo homem se vê exposto neste mundo.

— Há dois anos que estou aqui — disse o velho, — sem outra consolação a não ser eu próprio e alguns livros; e até agora não tive um só momento de mau humor.

— Ah! o senhor não ama a sua madrinha, então! — exclamou o Ingênuo. — Mas se conhecesse, como eu, a senhorita de St. Yves, estaria no maior desespero.

A estas palavras, não pode conter as lágrimas, e sentiu-se então um pouco menos opresso.

— Mas por que será que as lágrimas aliviam? — observou ele. — Quer-me parecer que deveriam produzir efeito contrário.

— Meu filho, tudo em nós é de natureza física — disse o bom do velho. — Toda secreção faz bem ao corpo, e tudo o que o alivia alivia a alma; nós somos as máquinas da Providência.

O Ingênuo que, como várias vezes o dissemos, tinha grande profundeza de espírito, refletiu muito sobre essa idéia, cuja semente dir-se-ia jazer-lhe na alma. Perguntou depois ao companheiro por que a sua máquina se achava há dois anos aprisionada.

— É devido à graça eficaz — respondeu Gordon. — Passo por jansenista: conheci Arnauld e Nicole; os jesuítas nos perseguiram. Nós cremos que o Papa não é mais que um vigário como qualquer outro, e foi por isso que o padre de La Chaise obteve do rei, seu penitente, a ordem de me arrebatarem, sem nenhuma formalidade legal, o mais precioso bem dos homens, a liberdade.

— Eis uma coisa bastante estranha — ponderou o Ingênuo; — todos os infelizes que tenho encontrado só o são por causa do Papa. E, quanto à sua graça eficaz, confesso que nada entendo; mas considero uma grande graça que Deus me tenha feito encontrar, na minha desventura, um homem como o senhor, que lança em minh'alma consolação de que eu me julgava incapaz.

Cada dia a conversação se tornava mais interessante e instrutiva. As almas dos dois cativos ligavam-se uma à outra. O velho sabia muito, e o jovem muito desejava aprender. Dentro em um mês, estava estudando geometria: devorava-a. Gordon lhe deu a ler a Física de Rohault, que ainda estava em moda, e ele teve o bom senso de ali só encontrar incertezas.

Leu depois o primeiro volume da Pesquisa da Verdade. Essa nova luz esclareceu-lhe multa coisa. "Como! — dizia ele. — A tal ponto nos

enganam os nossos sentidos e a nossa imaginação!? Então os objetos não formam as nossas idéias e nem nós próprios as podemos arquitetar!?" Depois de ler o segundo volume, já não ficou tão satisfeito e concluiu que era mais fácil destruir que edificar.

O padre, espantado de que um jovem ignorante fizesse uma reflexão tão própria de almas experientes, teve em grande consideração o seu espírito e mais se afeiçoou ao companheiro.

— Este seu Malebranche — disse-lhe um dia o Ingênuo — me parece ter escrito a metade do livro com a razão, e a outra com a sua imaginação e os seus preconceitos.

Alguns dias depois, perguntou-lhe Gordon:

— Que pensas então da alma, da maneira como recebemos as nossas idéias, da nossa vontade, da graça, do livre arbítrio?

— Nada — respondeu o Ingênuo. — Se alguma cousa penso é que estamos sob o poder do Ser Eterno, como os astros e os elementos, que Ele faz tudo em nós, pequenas engrenagens que somos na imensa máquina de que Ele é a alma; que Ele exerce a sua ação por leis gerais e não com objetivos particulares; só isto me parece inteligível, o resto é para mim um abismo de trevas.

— Mas, meu filho, isso seria fazer de Deus autor do pecado.

— No entanto, meu padre, a sua graça eficaz também faria de Deus autor do pecado: pois é certo que todos aqueles a quem a sua graça seria recusada pecariam; e quem nos abandona ao mal não é autor do nosso mal?

Tal simplicidade embaraçava o bom do velho; ele próprio sentia os seus vãos esforços para safar-se do atoleiro e acumulava tantas palavras que pareciam ter sentido e não o tinham (no gênero da premonição física, por exemplo) que o Ingênuo chegava a sentir piedade. Tal questão evidentemente se ligava à origem do bem e do mal; e o pobre Gordon punha-se então a passar em revista o cofre de Pandora, o ovo de Orosmade furado por Arimânio, a inimizade entre Tífon e Osiris, e enfim o pecado original; e ambos corriam nessa noite profunda, sem jamais se encontrarem um ao outro. Mas afinal aquele romance da alma lhes desviava o espírito da contemplação da sua própria miséria; e, por um estranho encantamento, a multidão das calamidades esparsas no universo diminuía a sensação das suas penas: não ousavam queixar-se quando tudo sofria.

Mas, no descanso da noite, a imagem da bela St. Yves apagava no espírito de seu enamorado

todas as idéias de metafísica e de moral. Ele acordava com os olhos úmidos de lágrimas. E o velho jansenista esquecia a sua graça eficaz e o abade de Saint Cyran e Jansenius, para consolar um jovem a quem supunha em pecado mortal.

Depois de lerem, de discutirem, tornavam a falar de suas aventuras; e depois de terem falado inutilmente sobre elas, punham-se a ler juntos ou separadamente. Cada vez mais se fortalecia o espírito do jovem. E iria muito longe em matemática, se não fossem as distrações que lhe causava a senhorita de St Yves.

Leu livros de História, que o entristeceram. O mundo lhe pareceu demasiado mau e demasiado miserável. A História, com efeito, não é mais que o quadro dos crimes e das desgraças. A multidão de homens inocentes e pacíficos sempre se apaga nesse vasto cenário. Os principais papéis estão com os ambiciosos e os perversos. Parece que a História .só agrada como nos agrada a tragédia, que aborrece quando não é animada pelas paixões, os crimes, e os grandes infortúnios. E preciso armar a Clio de um punhal, como Melpômene.

Embora seja a história da França tão cheia de horrores como todas as outras, pareceu-lhe, no entanto, tão enfadonha no princípio, tão seca no meio, tão pequena enfim, mesmo no tempo de

Henrique IV, tão desprovida sempre de grandes momentos, tão estranha a essas belas descobertas que ilustraram outras nações, que se via obrigado a lutar contra o tédio para ler todos aqueles detalhes de obscuras calamidades delimitadas num canto do mundo.

Gordon pensava como ele. Riam ambos de piedade ante aqueles soberanos de Fezensac, de Fezensaguet e de Astarac. Tal estudo, enfim, só aproveitaria aos herdeiros destes, se os tivessem. Os belos séculos da república romana deixaram-no por algum tempo indiferente ao resto da terra. O espetáculo da Roma vitoriosa e legisladora das nações ocupava-lhe a alma inteira. Arrebatava-se ao contemplar aquele povo que foi governado setecentos anos pelo entusiasmo da liberdade e da glória.

Assim se passavam os dias, as semanas, os meses; e ele até se julgaria feliz na morada do desespero, se não amasse.

Sua bondosa alma enternecia-se à lembrança do prior e da sensível Kerkabon. “Que pensarão eles — repetia seguidamente, — sem notícias minhas? Hão de julgar-me um ingrato”. Esse pensamento atormentava-o; lamentava aqueles que o amavam, muito mais do que a si mesmo.

CAPÍTULO XI
Como o Ingênuo desenvolve o seu espírito.

A leitura eleva a alma, e um amigo esclarecido a consola. O nosso cativo gozava dessas duas vantagens que antes não havia suspeitado. “Sinto-me tentado — disse ele — a crer nas metamorfoses, pois fui transformado de bruto em homem”. Formou uma biblioteca escolhida, com parte de seu dinheiro de que lhe permitiam dispor. O amigo o induziu a deitar por escrito as suas reflexões. Eis o que escreveu sobre a história antiga:

“Imagino que as nações foram por muito tempo como eu: só se instruíram muito tarde e, durante séculos, só se ocuparam do momento presente, muito pouco do passado, e jamais do futuro. Percorri quinhentas ou seiscentas léguas do Canadá, sem encontrar um único monumento; ninguém, por lá, sabe o que fez seu bisavô. Não será esse o estado natural do homem? A espécie que habita este continente parece-me superior à do outro. Há séculos vem ela ampliando o seu espírito, por intermédio das artes e dos conhecimentos. Será porque têm eles barba no queixo e Deus a recusou aos americanos? Não o creio, pois vejo que os chineses quase não têm

barba e cultivam as artes há mais de cinco mil anos. E, se possuem quarenta séculos de anais,- é forçoso que a nação já estivesse unida e florescente há cinqüenta mil anos.

O que principalmente me impressiona na história antiga da China, é que tudo nela é verossímil e natural. O que mais me admira é que nada tenha de maravilhoso.

Por que será que todas as nações se atribuíram origens fabulosas? Os antigos cronistas da história de França, que não são antigos, fazem provir os franceses de um Francus, filho de Heitor. Diziam-se os romanos descendentes de um frígio, embora não houvesse na sua língua uma única palavra que tivesse a mais remota. relação com a língua frígia. Os deuses haviam habitado dez mil anos no Egito e os diabos na Cítia, onde haviam engendrado os hurões. Antes de Tucidides, não vejo senão romanos semelhantes aos Amadis, e muito menos divertidos. São, por toda parte, aparições, oráculos, prodígios, sortilégios, metamorfoses, sonhos interpretados, e que ditam o destino dos maiores Impérios e dos menores Estados: aqui animais que falam, ali animais que são adorados, deuses transformados em homens e homens transformados em deuses. Ah! se é necessário que haja fábulas, que estas pelo menos sejam o

emblema da verdade Amo as fábulas dos filósofos, rio com as das crianças, odeio a dos impostores".

Veio-lhe um dia às mãos uma história do imperador Justiniano. Lia-se ali que os apedeutas de Constantinopla haviam baixado, em péssimo grego, um édito contra o maior capitão do século, porque este herói pronunciara as seguintes palavras, no calor da discussão: A verdade brilha com a sua própria luz, e não se alumiam os espíritos com as chamas das fogueiras. Asseveraram os apedeutas que tal proposição era herética, ou cheirava a heresia, e que o axioma contrário era católico, universal e grego: Só se alumiam os espíritos com a chama das fogueiras, e a verdade não pode brilhar com luz própria. Assim, condenaram os referidos linóstolos várias frases do capitão, e baixaram um édito.

— Como! — exclamou o Ingênuo. — Essa gente a baixar éditos?!

— Não eram éditos — replicou Gordon, — eram contraéditos, de que todo o mundo ria em Constantinopla, a começar pelo imperador: era este um sábio príncipe que soubera reduzir os apedeutas linóstolos a mão fazerem senão o bem. Sabia que esses senhores e vários outros pastóforos haviam esgotado a paciência de seus predecessores, à força de contraéditos, em matéria mais grave.

— Fez muito bem — disse o Ingênuo. — Cumpre apoiar os pastóforon e contê-los.

Pôs por escrito muitas — outras reflexões que espantaram o velho Gordon. “Consumi cinqüenta anos em instruir-me — dizia ele consigo — e teimo não poder atingir o natural bom senso deste menino quase selvagem! Parece-me que apenas consegui fortalecer laboriosamente os preconceitos, ao passo que ele só escuta a simples natureza”.

Tinha ele alguns desses opúsculos de crítica, dessas brochuras periódicas onde homens incapazes de produzir o quer que seja denigrem as produções dos outros, onde os Visé insultam os Racine, e os Faydit os Fénelon. O Ingênuo percorreu alguns desses livrecos. “Comparo-os — dizia ele — a certas moscas que vão desovar no traseiro dos mais belos cavalos: isso não os impede de correrem”. Os dois filósofos mal se dignaram a lançar os olhos sobre esses excrementos da literatura.

Leram juntos os elementos da astronomia; o Ingênuo mandou buscar esferas: aquele grande espetáculo o transportava. Como é duro — dizia ele — só começar a conhecer o céu depois que me arrebataram o direito de o contemplar! Júpiter e Saturno rolam nesses espaços imensos; milhões de sois iluminam miríades de mundos; e, na

porção de terra onde fui lançado, existem seres que me privam, a mim, ser vidente e pensante, de todos esses mundos que a minha vista poderia atingir, e daquele onde Deus me fez nascer! A luz feita para todo o universo está perdida para mim. Não ma ocultavam no horizonte setentrional onde passei a infância e a juventude. Sem ti, meu querido Gordon, eu estaria aqui no vácuo.

CAPÍTULO XII
O que pensa o Ingênuo das peças de teatro.

Assemelhava-se o Ingênuo a uma dessas árvores vigorosas que, nascidas num solo ingrato, distendem em pouco tempo az raízes e os ramos quando transportadas para terreno favorável; e era bastante estranho que esse terreno fosse uma prisão.

Entre os livros que ocupavam os lazeres dos dois cativos, havia poesias, traduções de tragédias gregas, e algumas peças do teatro francês. Os versos que falavam de amor encheram, ao mesmo tempo, a alma do Ingênuo, de prazer e sofrimento.

Todos lhe falavam da sua querida St. Yves. À fábula dos Dois Pombos cortou-lhe o coração: bem longe estava ele de poder regressar a seu pombal.

Moliere encantou-o. Fazia-lhe conhecer os costumes de Paris e do gênero humano.

— Qual das suas comédias preferes?

— O Tartufo, sem dúvida alguma.

— Penso o mesmo — disse Gordon. — Foi um tartufo quem me meteu neste calabouço e talvez sejam uns tartufos os que te desgraçaram.

— E que achas dessas tragédias gregas?

— Boas para os gregos — respondeu o Ingênuo.

Mas quando leu a Ifigênia moderna, Pedra, Andrômaca, Atalia, ficou num verdadeiro êxtase, suspirou, chorou, decorava-as sem querer.

— Lê Rodogune — recomendou-lhe Gordon. — Dizem que é a obra-prima do teatro; as outras peças, que tanto prazer te causaram, nada são comparadas com ela.

O jovem, logo à primeira página, lhe disse:

— Isto não é do mesmo autor.

— Como o descobriste?

— Ainda não sei. Mas estes versos não me tocam nem o ouvido nem o coração.

— Oh! os versos não importam — observou Gordon.

— Para que então fazê-los? — retrucou o Ingênuo.

Depois de ter lido atentamente a peça, sem outro fim que o de sentir prazer, fitava o amigo com os olhos secos e espantados, sem saber o que dissesse. Mas, instado a dizer o que experimentara, assim respondeu:

— Do começo, nada entendo; o meio deixou-me revoltado; a última cena comoveu-me, embora me parecesse pouco verossímil; não me interessei por ninguém e não retive nem vinte versos, eu que os retenho todos, quando me agradam.

E no entanto, esta peça é considerada a melhor que nós possuímos.

— Se assim é — replicou ele, — talvez seja como muitas pessoas que não merecem o seu lugar. Afinal de contas, é uma questão de gosto; com certeza o meu ainda não está formado; pode ser que me engane; mas bem sabes que costumo dizer o que penso, ou antes, o que sinto. Nos juízos dos homens, há muito de ilusão, de moda, ou de capricho, creio eu. Falei segundo a natureza: pode ser que em mim a natureza se mostre muito imperfeita; mas também pode ser que ela seja às vezes pouco consultada pela maioria dos homens.

Pôs-se então a recitar versos de Ifigênia e, embora não declamasse bem, emprestou-lhe tanta verdade e unção, que fez chorar o velho

jansenista. Em seguida leu Cinna: não chorou, mas admirou.

CAPÍTULO XIII
A bela St. Yves vai a Versalhes.

Enquanto o nosso desgraçado mais se esclarecia do que se consolava; enquanto o seu gênio, por tanto tempo abafado, se desenvolvia com tamanha rapidez e força; enquanto a natureza, que nele se aperfeiçoava, o vingava dos ultrajes da fortuna, que faziam o senhor prior e a sua boa irmã, e a bela reclusa St. Yves? No primeiro mês, inquietaram-se, e no terceiro estavam mergulhados no desespero: alarmavam-nos falsas conjeturas e rumores sem fundamento; ao cabo de seis meses, estavam convencidos da morte do Ingênuo. Afinal, por uma velha carta de um guarda real, o senhor e a senhorita de Kerkabon vieram a saber que um jovem parecido com o Ingênuo chegara uma tarde a Versalhes, mas fora detido à noite, e desde então ninguém mais ouvira falar nele.

— Ai! — suspirou a senhorita Kerkabon, — vai ver que o nosso sobrinho fez alguma tolice e está pagando por isso! É jovem, é bretão, não pode saber como se comportar na. Corte. Meu querido irmão, não conheço Versalhes nem Paris; eis uma bela ocasião, e talvez encontremos o nosso pobre sobrinho; é filho do nosso irmão, e o

nosso dever é socorrê-lo. Quem sabe se não poderemos afinal fazê-lo subdiácono, depois que se houver apaziguado o ardor da juventude? Tinha bastante inclinação para as ciências. Não te lembras como ele discorria sobre o Velho e o Novo Testamento? Somos responsáveis por sua alma; fomos nós que o batizamos; e a sua querida St. Yves passa o dia a chorá-lo. Na verdade, temos de ir a Paris. Se ele está escondido nalguma dessas casas alegres de que tanto me falaram, de lá o tiraremos.

O prior comoveu-se com as palavras da irmã. Foi falar com o bispo de Saint-Malo, que batizara o hurão, e pediu-lhe proteção e conselho. O prelado aprovou a viagem. Deu-lhe cartas de recomendação para o padre de La Chaise, confessor do rei, que era a mais alta dignidade do reino, para o arcebispo de Paris, Harlay, e para o bispo de Meaux, Bossuet.

Afinal os dois irmãos partiram; mas, chegados em Paris, viram-se perdidos como num vasto labirinto. Suas posses eram medíocres; todos os dias necessitavam de carros para sair à descoberta, e não descobriam coisa alguma.

O prior foi apresentar-se ao reverendo padre de La Chaise: achava-se este com a senhorita Du Thron, e não podia dar audiência a priores. Foi bater à porta do arcebispo; achava-se este

encerrado com a bela senhora le Lesdiguières, tratando de assuntos da Igreja. Correu à casa de campo do bispo de Meaux: este examinava, com a senhorita de Mauléon, o amor místico da senhora Guyon.

No entanto, chegou a fazer-se ouvir pelos dois últimos prelados, que lhe declararam nada poderem fazer pelo seu sobrinho, visto não ser este subdiácono.

Até que conseguiu avistar-se com o jesuíta: este o recebeu de braços abertos, protestando que sempre lhe dedicara particular estima, embora jamais o tivesse visto. Jurou que a Sociedade dos Jesuítas sempre fora muito ligada aos bretões.

— Mas — acrescentou ele, — será. que o seu sobrinho não tem a desgraça de ser huguenote?

— Certamente que não, Reverendo Padre.

— E não será jansenista?

— Posso assegurar a Vossa Reverendíssima que é cristão recente. Faz uns onze meses que o batizamos.

— Muito bem, muito bem, nós nos ocuparemos dele. E os seus honorários, senhor prior, são consideráveis?

— Oh, pouca coisa! E o meu sobrinho me sai muito caro.

— E há alguns jansenistas pela vizinhança? Tome cuidado, meu caro prior, eles são mais perigosos que os huguenotes e os ateus.

— Não há nenhum, Reverendo. Nem se sabe o que é jansenismo em Nossa Senhora da Montanha.

— Tanto melhor; pode ir, e esteja certo de que não há nada que eu não faça pelo senhor.

Despediu afetuosamente o prior e não pensou mais no caso.

Corria o tempo, e o prior e a boa irmã se desesperavam.

Entrementes, o maldito bailio apressava o casamento do palerma do filho com a bela St. Yves, que tinham feito sair expressamente do convento. Continuava a amar o seu afilhado tanto quanto detestava o marido que lhe ofereciam. A afronta de ter sido recolhida a um convento aumentava a sua paixão, que a ordem de desposar o filho do bailio elevava ao cúmulo. O pesar, a ternura e o horror lhe abalavam a alma, O amor, como se sabe, é muito mais engenhoso e ousado em uma donzela do que a amizade em um velho prior e uma tia passante dos quarenta e

cinco. De resto, formara o espírito no convento, com os romances que lera às escondidas.

A bela St. Yves lembrava-se da carta que um guarda escrevera para a Baixa-Bretanha e da qual muito se havia falado. Resolveu ir pessoalmente obter informações em Versalhes, lançar-se aos pés dos ministros se o Ingênuo estivesse preso, como lhe diziam, e alcançar justiça para ele, Não sei que secreto sentimento a advertia de que na Corte não se recusa nada a uma bela moça. Não sabia, porém, o que isso custava.

Tomada essa resolução, ela se mostra conformada, tranqüiliza-se, não mais evita o lorpa do noivo; acolhe o detestável sogro, acaricia o irmão, espalha alegria pela casa; depois, no dia destinado à cerimônia, parte secretamente às quatro da madrugada com os seus presentes de núpcias e tudo o que pode juntar. Tão bem tomara as suas providências, que estava já a dez léguas quando entraram no seu quarto, por volta do meio dia. Imagine-se qual não foi a surpresa e consternação! O interrogativo bailio fez naquele dia mais perguntas do que em toda a semana; o noivo ficou mais tolo do que nunca. O abade de St. Yves, encolerizado, tomou a resolução de partir em busca da irmã. O bailio e o filho decidiram acompanhá-lo. Destarte conduzia o

Destino a Paris quase todo aquele cantão da Bretanha.

Bem desconfiava a bela St. Yves de que a estavam seguindo; informava-se discretamente com os correios se não haviam encontrado um gordo abade, um enorme. bailio e um jovem palerma, a caminho de Paris Tendo sabido, no terceiro dia, que estes não se achavam longe, tomou um caminho diferente, tendo a habilidade e a sorte de chegar em Versalhes enquanto a procuravam inutilmente em Paris.

Mas como conduzir-se em Versalhes? Jovem, bela, sem conselho, sem apoio, desconhecida, exposta a tudo, como atrever-se a procurar um guarda do rei? Pensou em dirigir-se a um jesuíta de baixa categoria; havia-os para todas as condições da vida, tal como Deus, diziam eles, dera diferentes alimentos às diversas espécies de animais. Dera ao rei o seu confessor, a quem todos os solicitadores de benefícios chamavam o chefe da igreja galicana; em seguida vinham os confessores das princesas; os ministros não os tinham: não eram tolos para isso. Havia os jesuítas do vulgo, e principalmente os jesuítas das criadas de quarto, pelas quais se sabiam os segredos das patroas, e que não era pequeno cargo. A bela St. Yves dirigiu-se a um destes últimos, que se chamava o padre Tout-à-tous. Confessou-se a ele, expôs-lhe suas aventuras,

seu estado, seu perigo, conjurando-o a alojá-la em casa de alguma boa devota, que a pusesse a abrigo das tentações.

O padre Tout-à-tous a acomodou na casa da mulher de um oficial da copa, uma das suas mais fiéis penitentes. Logo de chegada, apressou-se em ganhar a confiança e amizade dessa mulher; informou-se acerca do guarda bretão, a quem mandou chamar. Tendo sabido por ele que o seu amado fora preso depois de falar com um primeiro secretário, dirigiu-se à casa deste: a vista de uma bela mulher o abrandou, pois cumpre confessar que Deus só criou as mulheres para domesticarem os homens.

O funcionário, enternecido, confessou-lhe tudo.

— O seu enamorado está na Bastilha há cerca de um ano, e, se não fosse a senhorita, ele talvez ficasse por lá toda a vida.

A sensível St. Yves desmaiou. Quando voltou a si, disse-lhe o funcionário:

— Não tenho atribuições para fazer o bem. Todo o meu poder se limita a fazer o mal algumas vezes. Vá ter com o senhor de Saint Pouange, que faz o bem e o mal, e é primo e favorito de monsenhor de Louvois. Esse ministro tem duas almas: o senhor de St. Pouange é uma delas; a

senhora Du Beloy, a outra; mas esta não se acha agora em Versalhes; só lhe resta o protetor que lhe indico.

A bela St. Yves, dividida entre um pouco de alegria e pesares extremos, entre algumas esperanças e tristes receios, perseguida pelo irmão, sempre adorando o seu amado, enxugando as lágrimas e vertendo-as de novo, trêmula, desencorajada e dali a pouco cheia de ânimo, assim correu a falar com o senhor de St. Pouange.

CAPÍTULO XIV
Progressos do espírito do Ingênuo.

O Ingênuo fazia rápidos progressos nas ciências, e sobretudo na ciência do homem. Esse rápido desenvolvimento de seu espírito era devido quase tanto à sua educação selvagem como à têmpera de sua alma. Pois, nada tendo aprendido na infância, não aprendera preconceitos. E seu entendimento, não tendo sido curvado pelo erro, permanecera em toda a sua retidão. Via as coisas como são, ao passo que as idéias que nos inculcam na infância fazem com que as vejamos, durante toda a vida, como não são.

— Teus perseguidores são abomináveis — dizia ele a seu amigo Gordon. — Lamento que te oprimam, mas também lamento que sejas jansenista. Toda seita me parece uma condição de erro. Há, por acaso, seitas em geometria?

— Não, meu filho — disse-lhe, suspirando, o bom Gordon; — todos os homens estão de acordo sobre a verdade quando ela é demonstrada, mas acham-se muito divididos quanto às verdades obscuras.

Seria melhor dizer “as falsidades obscuras” Se houvesse uma única verdade oculta nesse montão de argumentos que se repisam há tantos séculos, sem dúvida a teriam descoberto; e, ao menos nesse ponto, o universo estaria de acordo. Se essa verdade fosse necessária como o sol o é à terra, seria brilhante como ele. É um absurdo, é um ultraje ao gênero humano, é um atentado contra o Ser Infinito e Supremo dizer: “Há uma verdade essencial ao homem, e Deus a ocultou”. Tudo o que dizia o jovem ignorante, instruído pela natureza, causava profunda impressão no espírito do velho sábio infortunado.

Será mesmo verdade — exclamou ele — que eu me haja desgraçado por causa de quimeras? Tenho muito mais certeza do meu infortúnio do que da graça eficaz. Consumi meus dias a raciocinar sobre a liberdade de Deus e do gênero humano, e perdi a minha; nem Santo Agostinho nem S. Próspero me tirarão do abismo onde estou.

O Ingênuo, entregue a seu gênio, disse enfim:

— Queres que eu te fale com ousada confiança? Os que se deixam perseguir por essas vis disputas escolásticas me parecem pouco sensatos; os que os perseguem me parecem monstros.

Os cativos estavam ambos de acordo sobre a injustiça de seu cativeiro.

— Sou mil vezes mais digno de lástima — dizia o Ingênuo. — Nasci livre como o ar; tinha duas vidas, a liberdade e o objeto do meu amor: e ambas me são tiradas. Eis-nos os dois a ferros, sem saber o motivo e sem poder perguntá-lo. Vinte anos vivi como os hurões; dizem que são bárbaros porque se vinguem de seus inimigos mas jamais oprimiram os seus amigos. Mal pus os pés em França, verti meu sangue por ela; salvei talvez uma província e, como recompensa, fui metido neste túmulo de vivos, onde teria morrido de desespero, se não fosses tu. Então não há leis neste país?! Condenam os homens sem ouvi-los?! Na Inglaterra não é assim. Ah! não era contra os ingleses que eu deveria bater-me!

Assim a nascente filosofia era incapaz de dominar a natureza ultrajada no primeiro dos seus direitos, deixando livre curso à sua justa cólera.

Seu companheiro não o contradisse. A ausência sempre aumenta o amor que não é satisfeito, e a filosofia não o diminui. Seguidamente falava ele da sua querida St. Yves, tanto quanto de moral e metafísica. Quanto mais se depuravam seus sentimentos, mais ele amava. Leu alguns novos romances; poucos achou que

lhe pintassem o seu estado d'alma. Sentia que o seu coração ia sempre além do que lia. "Ah! — dizia ele. — Quase todos esses autores apenas têm espírito e arte."

E o bom do padre jansenista insensivelmente se ia tornando confidente do seu amor. Antes, só conhecia o amor como um pecado de que a gente se acusa em confissão. Aprendeu a conhecê-lo como um sentimento tão nobre quão delicado, que pode elevar a alma tanto quanto enlanguescê-la e que, algumas vezes, até produz virtudes.

Enfim, para derradeiro prodígio, um hurão convertia um jansenista.

CAPÍTULO XV
A bela St. Yves resiste a propostas delicadas.

A bela St. Yves, mais apaixonada ainda que o seu namorado, foi ter com o senhor de St. Pouange, em companhia da amiga que a hospedava, ambas ocultas nos seus chales. A primeira pessoa que viu à porta foi o abade de St. Yves, seu irmão, que se retirava. Assustou-se, mas a devota amiga tranqüilizou-a.

— Exatamente porque falaram contra ti é que é preciso que fales. Fica certa de que neste país os acusadores têm sempre razão se a gente não se apressa em confundi-los. De resto, ou eu me engano muito ou a tua presença causará maior efeito que as palavras de teu irmão.

Por pouco que a gente a encoraje, uma mulher que ama sabe ser intrépida. A St. Yves apresenta-se à audiência. Sua juventude, seus encantos, seus brandos olhos, umedecidos de algumas lágrimas, atraíram todos os olhares. Cada cortesão do subministro esqueceu por um momento o ídolo do poder para contemplar o da beleza. St. Pouange fe-la entrar num gabinete; ela

falou com emoção e graça. St. Pouange sentiu-se comovido. Ela tremia, ele tranqüilizou-a.

— Volte esta noite — disse-lhe ele. — Seus assuntos merecem um demorado exame. Aqui há muita gente. As audiências são despachadas muito às pressas. Tenho de lhe falar a fundo de tudo o que lhe toca.

E depois de elogiar-lhe a beleza e os sentimentos, recomendou-lhe que voltasse às sete horas da noite.

Não faltou à entrevista; a devota amiga também a acompanhou desta vez, mas conservou-se na sala, a ler Le Pédagogue Chrétien, enquanto St. Pouange e a. bela St. Yves se achavam no gabinete contíguo.

— Acredita que o seu irmão me veio pedir uma carta-de-prego contra a senhorita? Eu de bom grado expediria uma para mandá-lo de volta à Bretanha.

— Ah, Senhor! Muito liberal deve ser o governo em cartas-de-prego, para que as venham solicitar do fundo do reino, como pensões. Longe estou de pedir uma contra meu irmão. Tenho muitas queixas dele, mas respeito a liberdade dos homens; peço a de um homem a quem quero desposar, de um homem a quem deve o Rei a conservação de uma província, que pode servi-lo

utilmente e que é filho de um oficial morto a seu serviço. De que é ele acusado? Como o puderam tratar tão cruelmente, sem ouvi-lo?

Mostrou-lhe então o subministro a carta do jesuíta espião e a do pérfido bailio.

Como! Há tais monstros na terra? E querem obrigar-me a desposar o ridículo filho de um homem ridículo e mau?! E é sob tais informes que se decidem aqui os destinos dos cidadãos?!

Lançou-se de joelhos, pediu entre soluços a liberdade do bravo que a adorava. Seus atrativos, naquele estado, se evidenciaram com maior encanto. Tão bela estava, que St. Pouange, perdendo qualquer escrúpulo, insinuou-lhe que ela havia de conseguir tudo se começasse por lhe dar as primícias do que reservava a seu noivo. A St. Yves, aterrada e confusa, fingiu muito tempo não compreendê-lo; foi preciso explicar-se mais claramente. Uma frase largada a princípio com certa reserva, provocava outra mais forte, seguida de uma terceira mais expressiva. Não apenas a revogação da carta-de-prego lhe foi oferecida, mas recompensas, dinheiro, honrarias, posições. E, quanto mais ele prometia, mais aumentava o desejo de não ser recusado.

A St. Yves chorava, arquejante, meio tombada num sofá, mal acreditando no que via e no que ouvia. St. Pouange, por sua vez, lançou-se-lhe

aos pés. Atrativos não lhe faltavam, e bem poderia não espantar um coração menos prevenido. Mas St. Yves adorava o seu amado e julgava um crime horrível traí-lo para o servir. St. Pouange redobrava os rogos e promessas. Afinal tresvariou a ponto de declarar que era aquele o único meio de tirar da prisão o homem pelo qual tomava ela tão violento e apaixonado interesse. A estranha entrevista prolongava-se indefinidamente. A devota da antecâmara, lendo o seu Pédagogue Chrétien, pensava: “Meu Deus! Que podem eles estar fazendo há duas horas? Nunca monsenhor de St. Pouange me deu tão longa audiência; com certeza ele recusou tudo a essa pobre moça, visto que até agora ela lhe está rogando”.

Enfim a sua companheira saiu do gabinete, desvairada, sem poder falar, a refletir profundamente sobre o caráter dos grandes e dos semigrandes que tão levianamente sacrificam a liberdade dos homens e a honra das mulheres.

Não disse palavra durante todo o caminho. Chegada à casa da amiga, desabafou e contou-lhe tudo. A devota fez grandes sinais da cruz.

— Minha querida, devemos consultar amanhã o padre Tout-à-tous, nosso diretor; goza de muito crédito junto ao senhor de St. Pouange; confessa várias criadas de sua casa; é um homem

pio e complacente, que também dirige damas de qualidade. Abandona-te a ele, é assim que faço; e sempre me dei muito bem com isso. Nós, pobres mulheres, temos necessidade de ser conduzidas por um homem.

— Pois bem, minha querida amiga, irei amanhã falar com o padre Tout-à-tous.

CAPÍTULO XVI
Ela consulta um jesuíta.

Logo que a bela e consternada St. Yves se viu com o seu bom confessor, contou-lhe que um homem poderoso e lúbrico lhe propunha tirar da prisão aquele a quem ela deveria desposar legitimamente, e que lhe pedia um alto preço pelo seu serviço; que tal infidelidade lhe causava tremenda repugnância e que, se apenas se tratasse da sua própria vida, preferiria perdê-la a sucumbir.

— Que abominável pecador! — exclamou o padre Tout-à-tous. — Deve dizer-me o nome desse vilão; é sem dúvida algum jansenista; eu o denunciarei a Sua Reverendíssima o padre de La Chaise, que o mandará meter no calabouço onde se acha agora a amável criatura que a senhorita deve desposar. A pobre moça, depois de longo embaraço e muitas hesitações, revelou enfim o nome de St. Pouange.

— Monsenhor de St. Pouange! — exclamou o jesuíta. — Ah, minha filha, isso é outra coisa; ele é primo do maior ministro que jamais tivemos, homem de bem, protetor da boa causa, bom

cristão; não pode ter tido tal pensamento: com certeza a senhorita compreendeu mal.

— Ah, meu padre, entendi muito bem! Qualquer coisa que eu faça, estou perdida; só tenho a escolher entre a desgraça e a vergonha; ou o meu noivo permanecerá enterrado vivo ou eu me tornarei indigna de viver. Não posso deixá-lo perecer, e não posso salvá-lo.

O padre Tout-à-tous tratou de acalmá-la com estas doces palavras:

— Primeiramente, minha filha, nunca diga meu noivo; tem qualquer coisa de mundano, que poderia ofender a Deus. Diga meu esposo, pois, embora ainda o não seja, considera-o como tal, e nada é mais decente.

Por outro lado, embora seja ele seu esposo em pensamento, em esperança, não o é de fato: e assim não cometeria adultério, pecado enorme que cumpre sempre evitar na medida do possível.

Em terceiro lugar, as ações não têm malícia de culpa quando a intenção é pura.

Por último, existem na santa antigüidade alguns exemplos que servem à maravilha para nortear seu procedimento. Refere Santo Agostinho que, sob o pró-consulado de Septimius Acindynus, no ano 340 da nossa salvação, um

pobre homem, não podendo pagar a César o que pertencia a César, foi condenado à morte, como é justo, apesar da máxima: Onde não há nada, o rei perde os seus direitos. Tratava-se de uma libra de ouro. Tinha o réu uma esposa a quem Deus aquinhoara com a beleza e a prudência. Um velho ricaço prometeu dar-lhe uma libra de ouro, e até mais, sob a condição de praticar com ela o pecado imundo. A dama não julgou que fizesse mal nenhum em salvar a vida. ao marido. Santo Agostinho encarece grandemente a sua generosa resignação. É verdade que o velho ricaço a enganou e talvez o marido não tenha deixado de ir para a forca; mas a esposa fizera tudo o que estava a seu alcance para salvar-lhe a vida. Esteja certa, minha filha, de que, quando um jesuíta chega a citar-lhe Santo Agostinho, é que esse santo está mesmo com a razão. Não lhe aconselho nada; juízo não lhe falta; é de presumir que saberá ser útil a seu esposo. Monsenhor de St. Pouange é um homem honrado, não a enganará; é o mais que lhe posso dizer; rezarei pela senhorita, e espero que tudo se passará para maior glória de Deus.

A bela St. Yves, não menos estarrecida com estas palavras do que com as propostas do subministro, voltou completamente desnorteada para junto da amiga. Sentia-se tentada a livrar-se, pela morte, do horror de deixar num horrendo cativeiro aquele a quem adorava, e da vergonha

de o libertar à custa do que ela possuía de mais caro e que só devia pertencer àquele desgraçado amante.

CAPÍTULO XVII
Ela sucumbe por virtude.

Pedia à amiga que a matasse; mas esta mulher, não menos indulgente que o jesuíta, falou-lhe ainda com mais clareza.

— Ai! — suspirou ela. — Os negócios não se arranjam de outra maneira nesta Corte tão amável, tão galante e afamada. Os lugares mais medíocres, e os mais consideráveis, muitas vezes não foram concedidos senão pelo preço que exigem de ti. Escuta, tu me inspiraste amizade e confiança; pois confesso-te que, se me houvesse mostrado tão difícil como tu, meu marido não teria o pequeno cargo de que vive; ele bem o sabe e, longe de se agastar com isso, vê em mim a sua benfeitora e considera-se criatura minha. Pensas que todos aqueles que estiveram à testa das províncias, ou mesmo dos exércitos, tenham devido as honrarias e a fortuna unicamente a seus serviços? Há os que o devem às senhoras suas esposas. As dignidades da guerra foram solicitadas pelo amor; e o lugar concedido ao esposo da mais bela. Tu estás em uma situação muito mais interessante: o fim é libertares teu noivo e desposá-lo; trata-se de um dever sagrado a que não podes faltar. Ninguém censurou as

belas e grandes damas de quem te falo; a ti, hão de aplaudir-te e dirão que só te permitiste uma fraqueza por excesso de virtude.

— Ah! que virtude! — exclamou a bela. St. Yves. — Que labirinto de iniquidades! Que país! E como aprendo a conhecer os homens! Um padre de La Chaise e um bailio ridículo mandam meu noivo para a prisão; minha família me persegue; e só me estendem a mão, na desgraça, para desonrar-me. Um jesuíta perdeu a um bravo, outro jesuíta quer perder-me; estou cercada de armadilhas e aproxima-se o instante fatal! Devo matar-me, ou ir falar ao Rei. Eu me jogarei a seus pés quando ele passar para a missa ou para o teatro.

— Não deixarão que te aproximes dele — disse-lhe a boa amiga. — E, se tivesses a desgraça de falar, monsenhor de Louvois e o padre de La Chaise poderiam enterrar-te num convento para o resto da vida.

Enquanto a excelente criatura assim aumentava as perplexidades daquela alma em desespero e lhe afundava o punhal no coração, eis que chega um enviado do senhor de St. Pouange, com uma carta e dois belíssimos brincos. St. Yves recusou tudo, chorando, mas a amiga recebeu o presente e a carta.

Logo que o mensageiro partiu, a nossa confidente pôs-se a ler a carta, na qual são convidadas as duas amigas para uma pequena ceia, naquela mesma noite. St. Yves jura que não irá. A devota procura experimentar-lhe o par de brincos de diamante; St. Yves não o permite, e luta o dia inteiro.

Afinal, só tendo em vista o noivo, vencida, arrastada, sem saber aonde a levam, deixa-se conduzir à ceia fatal. Nada pudera fazer com que ela usasse os brincos; a confidente os levou consigo e ajustou-lhos contra a sua vontade antes que se sentassem à mesa. St. Yves estava tão confusa, tão perturbada, que se deixava atormentar; e o anfitrião tirava disso um excelente augúrio. Pelo fim da ceia, a amiga retirou-se discretamente. St. Pouange mostrou então a revogação da carta-de-prego, o certificado de uma considerável gratificação, o da concessão de uma companhia, e não poupou as mais belas promessas.

— Ah! — disse-lhe a St. Yves. — Como eu o estimaria se o senhor não quisesse ser tão estimado!

Afinal, após. uma longa resistência, e soluços, gritos, lágrimas, exausta da luta, alucinada, desfalecente, teve de render-se. Não teve outro recurso senão prometer a si mesma

que só pensaria no Ingênuo enquanto o cruel desfrutasse impiedosamente da necessidade a que se via reduzida.

CAPÍTULO XVIII
Ela liberta o noivo e um jansenista.

Ao clarear do dia, corre a Paris, munida da ordem do ministro. Difícil pintar o que lhe ia no coração durante aquela viagem. Imagine-se uma alma. virtuosa e nobre, humilhada com o seu opróbrio, embriagada de paixão, lacerada pelos remorsos de haver traído o seu amado, cheia da alegria de libertar aquele a quem adora. Suas amarguras, suas lutas, seu triunfo lhe partilhavam todas as reflexões. Não era mais aquela jovem simples a quem uma educação provinciana acanhara as idéias. O amor e a desgraça a tinham formado. Tantos progressos fizera nela o sentimento como os fizera a razão no espírito do seu desventurado noivo. As moças aprendem a sentir com muito mais facilidade do que os homens a pensar. A sua aventura era mais instrutiva que quatro anos de convento.

Seu traje era de extrema singeleza. Considerava com horror os adereços com que se apresentara a seu funesto benfeitor; deixara os brincos para a companheira, sem ao menos lançar-lhes um olhar. Confusa e encantada, idolatrando o Ingênuo e odiando a si mesma; chega enfim à porta

“Desse horrível castelo, palácio da vingança,
Que freqüentemente conteve o crime e a inocência.”

Quando foi para descer da carruagem, faltavam-lhe as forças; tiveram de ajudá-la; ela entrou, com o coração palpitante, os olhos úmidos, a fisionomia consternada. Apresentam-na ao governador; ela quer falar-lhe, sua voz expira; mostra a sua ordem, articulando a custo algumas palavras. O governador, que estimava o prisioneiro, mostrou-se muito satisfeito com a liberação. Seu coração não estava endurecido como o de alguns honrados carcereiros seus confrades, que, só pensando nos proventos que lhe traz a guarda dos cativos, baseando as rendas nas suas vítimas e vivendo da desgraça alheia, sentiam em segredo uma horrenda alegria com as lágrimas dos desgraçados.

Mandou trazer o prisioneiro a seu gabinete. Os dois enamorados dão com os olhos um no outro e desmaiam. A bela St. Yves permaneceu longo tempo sem movimento e sem vida: o outro logo se refez.

— Pelo que vejo, é a senhora sua esposa — disse-lhe o — governador. — O senhor não me havia dito que era casado. Sei que é à sua generosa interferência que deve o senhor a liberdade.

— Ah! eu não sou digna de ser sua esposa — disse a bela St. Yves com voz trêmula, e desmaiou de novo.

Quando voltou a si, apresentou, sempre trêmula, o certificado da gratificação e a promessa, por escrito, de uma companhia. O Ingênuo, tão espantado como enternecido, despertava de um sonho para cair em outro.

— Por que fui encerrado aqui? Como pudeste libertar-me? Onde estão os monstros que me perseguiram? Tu és uma divindade baixada do céu em meu auxílio.

A bela St. Yves baixava o olhar, depois fitava o amado, enrubescia, e logo desviava os olhos úmidos de pranto. Contou-lhe afinal tudo o que sabia e tudo o que experimentara, exceto aquilo que desejaria ocultar a si mesma para sempre e que qualquer outro que não o Ingênuo, mais acostumado ao mundo e mais a par dos costumes da Corte, teria logo adivinhado.

— Será possível que um miserável como esse bailio tenha tido o poder de arrebatar-me a liberdade? Ah! bem vejo que com os homens acontece o mesmo que com os mais desprezíveis animais: todos podem causar dano. Mas será possível que um monge, um jesuíta confessor do rei, tenha contribuído para o meu infortúnio tanto quanto o bailio, sem que eu possa imaginar

sob que pretexto me perseguiu esse detestável tratante? Fez-me passar por jansenista? E como te foste lembrar de mim? Eu não o merecia, eu não passava então de um selvagem. E pudeste, sem conselho, sem auxílio, ir até Versalhes! Lá apareceste, e quebram-se as minhas cadeias! Há, pois, na beleza e na virtude um invencível encanto que faz tombarem as portas de ferro e abrandarem os corações de bronze!

A esta palavra virtude, escaparam soluços à bela St. Yves. Não sabia o quanto era virtuosa no crime de que se acusava.

O Ingênuo assim continuou:

— Ó anjo que rompeste os meus grilhões, se tiveste bastante influência (o que eu ainda não compreendo) para obrigar a me fazerem justiça, intercede para que também a façam a um velho que me ensinou a pensar, como tu me ensinaste a amar. A desgraça nos uniu; estimo-o como a um pai; não posso viver sem ele, como não posso viver sem ti.

— Que eu vá. pedir ao mesmo homem que...!

— Sim, quero dever tudo a ti, e só a ti: escreve a esse homem poderoso, cumula-me de teus benefícios, termina o que começaste, completa os teus prodígios.

Sentia que devia fazer tudo quanto exigia o seu amado. Quis escrever, a mão não obedecia. Três vezes começou a carta, três vezes a rasgou. Afinal escreveu. E os dois noivos se retiraram após haver abraçado o velho mártir da graça eficaz.

A feliz e desolada St. Yves sabia onde morava o irmão; para lá se dirigiu; seu noivo tomou um apartamento na mesma casa.

Mal haviam chegado, seu protetor enviou-lhe a ordem de soltura de Gordon, e marcou-lhe encontro para o dia seguinte. Assim, a cada ação honesta e generosa que praticava, a desonra era o seu preço. Execrava esse costume de vender a desgraça e a felicidade dos homens. Entregou a ordem de soltura ao Ingênuo e recusou o encontro com um benfeitor com quem não mais poderia avistar-se sem morrer de dor e vergonha. O Ingênuo só poderia separar-se dela para ir libertar um amigo. Correu sem demora. E cumpriu esse dever, refletindo sobre os estranhos acontecimentos deste mundo e admirando a corajosa virtude de uma rapariga a quem dois infelizes deviam mais que a vida.

CAPÍTULO XIX
O Ingênuo, a bela St. Yves e seus parentes se reúnem.

A generosa e respeitável infiel achava-se com o seu irmão, o padre de St. Yves, com o bom prior da Montanha e a dama de Kerkabon. Todos estavam igualmente espantados, mas bem diversos eram seus sentimentos e situações. O abade de St. Yves chorava suas culpas aos pés da irmã, que lhas perdoava.

O prior e sua terna irmã também choravam, mas de alegria. O maldito bailio e seu insuportável filho não perturbavam absolutamente a comovedora cena: tinham partido aos primeiros rumores da libertação do seu inimigo; corriam a sepultar na província a sua tolice e o seu temor.

Os quatro personagens, agitados de mil sentimentos diversos, esperavam que o jovem voltasse com o amigo a quem fora libertar. O abade de St. Yves não ousava erguer os olhos diante da irmã.

Tornarei a ver o meu querido sobrinho — dizia a boa Kerkabon.

— Há de revê-lo — respondeu-lhe — a encantadora St. Yves, — mas já não é o mesmo homem. Sua atitude, seu tom, suas idéias, seu espírito, tudo está mudado. Tornou-se tão respeitável quanto era simplório e estranho a tudo. Ele será a honra e o consolo da sua família; quem me dera sê-lo também da minha!

— Nem tu és tampouco a mesma — observou o prior. — Que foi que houve contigo para assim te causar tamanha mudança?

Em meio dessa conversa, chega o Ingênuo, trazendo pela mão o seu jansenista. A cena então adquire maior novidade e interesse. Começou pelos ternos abraços do tio e da tia.

O padre de St. Yves quase se lançara aos joelhos do Ingênuo, que não era mais o Ingênuo. Os dois enamorados falavam-se com olhares que exprimiam todos os sentimentos que os dominavam. Na face de um brilhava a satisfação, o reconhecimento; nos olhos de outro, ternos e preocupados, lia-se o embaraço. Espantavam-se do que ela pudesse mesclar desgosto a tanta alegria.

O velho Gordon se tornou em poucos momentos estimado de toda a família. Tinha sido infeliz com o jovem prisioneiro, e isso era um grande título. Devia ele sua libertação aos dois enamorados, e isto bastava para reconciliá-lo com

o amor; abandonava-o a rigidez das antigas convicções; achava-se, como o hurão, transformado em homem. Cada um contou suas aventuras antes da ceia. Os dois padres e a tia escutavam como crianças que ouvem histórias de fantasmas, e como humanos que se interessavam todos por tantas desgraças.

— Há provavelmente — dizia Gordon — mais de quinhentas pessoas virtuosas que se acham agora nas mesmas cadeias que a senhorita de St. Yves quebrou: suas desgraças são desconhecidas. Encontram-se muitas mãos para bater na multidão dos infelizes, e raramente uma que os socorra.

Essa reflexão tão verdadeira lhe aumentava a sensibilidade e o reconhecimento; tudo encarecia a vitória da bela St. Yves; todos admiravam a magnitude e firmeza de sua alma. À admiração juntava-se esse respeito que a gente, sem querer, dedica às pessoas com influência na Corte. Mas o abade de St. Yves pensava às vezes: “Que terá feito a minha irmã para conseguir tão depressa todo esse crédito?”

Iam sentar-se à mesa, quando chega a boa amiga de Versalhes, sem nada saber do que se passara. Vinha numa carruagem de seis cavalos, e bem se via a quem pertencia a equipagem. Entra com o ar imponente de uma pessoa de

Corte que tem altas preocupações, saúda ligeiramente a companhia e, chamando à parte a bela St. Yves:

— Por que te fazes esperar assim? Acompanha-me. Eis os diamantes que esqueceste.

Não pode dizer tais palavras tão baixo que o Ingênuo as não ouvisse. Ele viu os diamantes. O irmão ficou embaraçado. O tio e a tia apenas experimentaram uma surpresa de boas criaturas que jamais haviam contemplado tal magnificência. O jovem, que amadurecera em um ano de reflexões, fe-las malgrado seu, e pareceu perturbar-se um momento. A St. Yves o percebeu; uma palidez mortal espalhou-se lhe no belo rosto; pôs-se a tremer, e mantinha-se a custo.

— Ah! disse ela à fatal amiga. — Tu me perdeste! — Tu me dás a morte!

Estas palavras traspassaram o coração do Ingênuo; mas já tinha aprendido a conter-se; nada disse, por medo de inquietar a noiva diante do irmão, mas empalideceu como ela.

A St. Yves, transtornada com a alteração que via no rosto do Ingênuo, arrasta a amiga para um corredor e atira-lhe os diamantes aos pés:

— Ah! não foram esses diamantes que me seduziram, tu bem o sabes; mas aquele que mos deu nunca mais me tornará a ver.

Enquanto a amiga os recolhia, a St. Yves acrescentava:

— Ele que fique com os diamantes, ou os presenteie a ti; vai-te, não me faças ter ainda maior vergonha de mim mesma.

A embaixatriz retirou-se, sem compreender os remorsos de que era testemunha.

A bela St. Yves, opressa, doente, sufocada, foi obrigada a meter-se no leito. Mas, para não alarmar ninguém com o que sentia, e apenas pretextando cansaço, pediu licença para repousar, mas isso depois de haver tranqüilizado a companhia com palavras afetuosas e dirigido ao amado olhares que lhe incendiavam o coração.

A ceia, que ela não animava, foi triste no princípio, mas dessa grave tristeza que induz a conversações atraentes e úteis, tão superiores a essa frívola alegria que todos procuram e que não passa, em geral, de um importuno rumor.

Gordon traçou em poucas palavras a história do jansenismo e do molinismo, das perseguições com que um partido afligia ao outro e da irredutibilidade de ambos. O Ingênuo fez-lhes a

crítica e lamentou os homens que, não satisfeitos da discórdia que os seus interesses provocam, arranjam novos males procedentes de interesses quiméricos e ininteligíveis absurdos. Gordon narrava, o outro julgava; os convivas ouviam com emoção, esclarecendo-se de novas luzes. Falou-se da extensão de nossos infortúnios e da brevidade da vida. Observou-se que cada condição tem um vício e um perigo que lhe são peculiares, e que, desde o príncipe ao último dos mendigos, tudo parece acusar a natureza. Como se encontram tantos homens que, por tão pouco dinheiro, se tornam perseguidores, satélites, carrascos dos outros homens? Com que inumana indiferença um homem de posição assina o aniquilamento de uma família, e com que bárbara alegria os mercenários o executam!

— Na minha mocidade — disse Gordon, — conheci um parente do marechal de Marsillac que, perseguido na sua província por causa daquele ilustre desgraçado, ocultava-se em Paris sob um nome suposto. Era um velho de setenta e dois anos. Acompanhava-o a esposa, mais ou menos da sua idade. Haviam tido um filho libertino que, aos quatorze anos, fugira da casa paterna. Soldado, depois desertor, passara por todos os graus do deboche e da miséria Afinal, sob outro nome, entrara para a guarda do cardeal de Richelieu (pois esse sacerdote, como Mazarino, tinha guardas); obtivera um bastão de ajudante

nessa companhia de satélites. Esse aventureiro foi encarregado de prender o casal de velhos, o que desempenhou com toda a dureza de um homem desejoso de agradar a seu amo. Enquanto os conduzia, ouviu as duas vítimas deplorarem a longa seqüência dos males que haviam experimentado desde o berço. O pai e a mãe contavam entre os seus maiores infortúnios os desmandos e a perda do filho. Reconheceu-os; mas nem por isso deixou de os conduzir à prisão, assegurando-lhes que acima de tudo estava o serviço de Sua Eminência. Sua Eminência recompensou-lhe o zelo.

Vi um espião do padre de La Chaise trair o próprio irmão, na esperança de um pequeno benefício, que não obteve; e vi-o morrer, não de remorsos, mas do pesar de haver sido enganado por um jesuíta.

O cargo de confessor, que por muito tempo exerci, fez-me conhecer o íntimo das famílias; não vi quase nenhuma que não estivesse mergulhada na amargura, muito embora, afivelando a máscara da felicidade, parecessem nadar em alegria, e sempre notei que os grandes desgostos eram fruto da nossa desenfreada cupidez.

— Quanto a mim — disse o Ingênuo, — penso que uma alma nobre, reconhecida e sensível pode viver feliz; e conto desfrutar de uma felicidade

sem nuvens com a bela e generosa St. Yves. Pois espero — acrescentou, dirigindo ao irmão desta um amistoso sorriso — que não ma recusarás, como o ano passado, e garanto que me portarei com mais decência.

O padre desmanchou-se em desculpas quanto ao passado e em protestos de eterna amizade.

O tio Kerkabon disse que seria aquele o mais belo dia da sua vida. A boa tia, extasiada e chorando de júbilo, exclamava:

— Bem te dizia eu que nunca havias de ser subdiácono; este sacramento vale mais que o outro; prouvera a Deus que eu fosse honrada com ele! Em todo caso, te servirei de mãe. E cada qual porfiava em louvar a adorável St. Yves.

O Ingênuo tinha o coração bastante compenetrado de tudo a que a St. Yves fizera por ele, e muito a amava para que a aventura dos diamantes pudesse desvanecer tudo o mais. Mas estas palavras que não deixara de ouvir, tu me dás a morte, ainda o aterravam secretamente e lhe corrompiam toda a alegria, ao passo que os elogios à sua querida aumentavam ainda mais o seu amor. Agora não se ocupava senão dela; só se falava da felicidade que ambos mereciam; combinavam viver todos juntos em Paris, faziam projetos de fortuna e engrandecimento,

entregavam-se a todas essas esperanças que o mínimo lampejo de ventura faz brotar com tamanha facilidade.

Mas o Ingênuo, no íntimo, experimentava um sentimento que repelia essa ilusão. Relia as promessas assinadas por St. Pouange, e as nomeações assinadas por Louvois. Descreveram-lhe esses homens tais como eram, ou como os julgavam. Todos se referiram aos ministros e ao ministério com essa "liberdade de mesa" considerada em França como a mais preciosa liberdade que se possa gozar sobre a face da terra.

— Se eu fosse rei de França — disse o Ingênuo, — eis como escolheria o ministro da guerra: havia de ser um homem do mais alto nascimento, pois assim daria ordens à nobreza. Desejaria que fosse ele próprio oficial, que tivesse percorrido todos os postos, que fosse pelo menos tenente-general e digno de ser marechal de França; pois não é necessário ter servido, para melhor conhecer todos os detalhes do serviço! E os oficiais não obedecem mil vezes com mais disposição a um militar que se haja, como eles, assinalado pela coragem, do que a um homem de gabinete que, quando muito, só pode adivinhar as operações de uma campanha, por mais inteligente que seja? Não me incomodaria se o meu ministro fosse generoso, embora isso, às

vezes, embaraçasse um pouco o meu tesoureiro real. Gostaria que trabalhasse com facilidade e que se distinguisse por essa alegria de espírito, apanágio de um homem superior, tão do agrado da nação e que torna todos os deveres menos penosos.

Desejava ele que um ministro tivesse esse caráter, porque sempre notara que o bom-humor é incompatível com a crueldade. Monsenhor de Louvois talvez não se agradasse dos desejos do Ingênuo: possuía outra espécie de mérito.

Mas, enquanto se achavam à mesa, a doença da infeliz assumia um caráter funesto; atacara-a uma febre devoradora; sofria, mas não se queixava, para não perturbar a alegria dos convivas.

O irmão, sabendo que ela não dormia, foi até seus aposentos; ficou surpreso com o seu estado. Todos acorreram, o noivo em primeiro lugar. Estava sem dúvida mais alarmado e comovido do que todos os outros; mas aprendera a acrescentar a discrição a todos os felizes dons que lhe prodigalizara a natureza, e começava a dominar-lhe o espírito o sentimento imediato das conveniências.

Mandaram chamar um médico da vizinhança. Era um desses que visitam os doentes a correr, que confundem a doença que acabam de ver com

a que estão examinando, que exercem uma cega rotina em uma ciência à qual nem toda a madureza de um espírito são e refletido poderá tirar seus perigos e incertezas. Aumentou o mal com sua precipitação em prescrever um remédio em moda na época. Modas até na medicina! Essa mania era muito comum em Paris.

A triste St. Yves ainda contribuía mais do que o médico para agravar o seu estado. A alma consumia o corpo. A multidão dos pensamentos que a agitavam vertia-lhe nas veias um veneno mais perigoso que o da febre.

CAPÍTULO XX
A morte da bela St. Yves suas conseqüências.

Chamaram outro médico. Este, em vez de auxiliar a natureza e deixá-la agir em uma jovem criatura cujos órgãos a solicitavam todos para a vida, só se preocupou em contrariar o seu confrade. Em dois dias a doença se declarou mortal. O cérebro, que se supõe a sede do entendimento, foi tão violentamente atacado quanto o coração, que é, ao que dizem, a sede das paixões.

Que incompreensível mecânica submeteu os órgãos ao sentimento e ao espírito? Como pode uma única idéia dolorosa desarranjar a circulação do sangue? Como é que o sangue, por sua vez, comunica suas irregularidades ao entendimento humano? Que fluido é esse, desconhecido de nós, mas cuja existência é inegável, e que, mais rápido, mais ativo do que a luz, percorre num ápice todos os canais da vida, produz sensações, lembranças, tristeza ou alegria, razão ou delírio, evoca, com horror, o que se desejaria esquecer e que faz, de um animal pensante, ou um objeto de admiração, ou um motivo de piedade e lágrimas?

Era o que dizia o bom Gordon; e essa reflexão tão natural, que raramente os homens fazem, em nada lhe afetava o sofrimento; pois não era desses desgraçados filósofos que se esforçam por se mostrar insensíveis. Comovia-se com a sorte daquela moça, como um pai que vê lentamente morrer o seu filho querido.

O padre de St. Yves estava desesperado, o prior e a irmã derramavam rios de lágrimas. Mas quem poderia descrever o estado de seu noivo? Nenhuma língua possui expressões que correspondam àquele auge do sofrimento; são muito imperfeitas as línguas.

A tia, quase sem vida, sustentava nos frágeis braços a cabeça da moribunda, o tio estava de joelhos ao pé do leito. O noivo apertava-lhe a mão, que banhava de lágrimas, e rompia em soluços; chamava-a sua benfeitora, sua esperança, sua vida, metade de si mesmo, sua senhora, sua esposa. A essa palavra esposa, ela suspirou, olhou-o com inexprimível ternura, e de súbito lançou um grito de horror. Depois, num desses intervalos em que a prostração e o enfraquecimento dos sentidos, e as dores suspensas, deixam à alma toda a sua liberdade e força, ela exclamou:

— Eu, tua esposa! Ah! meu querido, esse nome, essa felicidade, esse prêmio não eram mais

para mim; eu morro, e o mereço. O deus de meu coração, que eu sacrifiquei aos demônios infernais, tudo está acabado, eis-me punida, e possas tu viver feliz.

Essas apaixonadas e terríveis palavras, não podiam ser compreendidas, mas lançavam em todos os peitos o horror e a comoção; ela teve a coragem de explicar-se. Cada palavra fazia os assistentes fremirem de espanto, de dor a de piedade. Todos confraternizavam para execrar o homem poderoso que só reparara uma injustiça com um crime, e que forçara a mais venerável inocência a ser sua cúmplice.

— Tu, culpada? — exclamou o noivo. — Não, tu não és culpada; o crime só pode estar no coração, e o teu cotação pertence à virtude e a mim.

Ele confirmava esse sentimento com palavras que pareciam ressuscitar a bela St. Yves. Ela sentia-se consolada, e espantava-se de ser ainda amada. O velho Gordon a teria condenado no tempo em que era apenas jansenista; mas, tendo-se tornado sábio, estimava-a e só fazia chorar.

Em meio de tantas lágrimas e temores, enquanto o perigo daquele querido ente enchia todos os corações, quando era tudo consternação, anunciam um correio da Corte. Um correio! E de quem? E por que? Era da parte do confessor do

rei para o prior da Montanha. Quem escrevia não era o padre de La Chaise, mas o irmão Vadbled, seu criado de quarto, homem muito importante naquela época: era ele quem comunicava aos arcebispos as decisões de Sua Reverendíssima, ele quem dava audiência, quem prometia benefícios, quem expedia às vezes as cartas-de-prego. Escrevia ele ao prior da Montanha que Sua Reverendíssima se achava informado das aventuras de seu sobrinho, o hurão, que a prisão deste último fora apenas um engano, que essas pequenas desgraças sucediam freqüentemente, que não se devia dar ,maior importância a tal coisa e que, enfim, concedia que ele, prior, lhe viesse apresentar o referido sobrinho no dia seguinte, que também devia trazer consigo esse Gordon, que ele, irmão Vadbled apresentaria a Sua Reverendíssima e a Monsenhor de Louvois, o qual lhes diria uma palavra na sua antecâmara.

Acrescentava que a história do Ingênuo e do seu combate com os ingleses havia sido referida ao rei, o qual certamente se dignaria notá-lo quando passasse pela galeria, e talvez até lhe fizesse um aceno de cabeça. Terminava a carta com a lisonjeira esperança de que todas as damas da Corte se apressariam em chamar o seu sobrinho ao toucador, e que várias dentre elas lhe diriam: “Bom dia, senhor Ingênuo”; e que seguramente falariam a seu respeito durante a

ceia do rei. A carta vinha assinada: Seu afeiçoado Vadbled, irmão jesuíta.

Tendo o prior lido a carta em voz alta, o sobrinho, furioso, e retendo um momento a cólera, nada disse ao portador, mas, voltando-se para o seu companheiro de infortúnio, perguntou-lhe o que pensava daquele estilo. Gordon lhe respondeu: “É que tratam os homens como macacos: batem-lhes e fazem-nos dançar”. O Ingênuo, recuperando o antigo gênio, que volta sempre nas grandes comoções, rasgou a carta em pedaços e lançou-os à cara do portador: “Eis a minha resposta”. O tio espantado, julgou ver o raio e vinte cartas-de-prego tombarem-lhe em cima. Foi logo escrever, desculpando, como podia, aquilo que ele tomava como um arrebatamento de moço, mas que era o desabafo incontido de uma grande alma. No entretanto, mais dolorosos cuidados se apossavam de todos os corações. A bela e desgraçada St. Yves sentia já aproximar-se o fim; estava tranqüila, mas dessa terrível tranqüilidade da natureza exausta que não têm mais forças para combater.

Ó meu querido — disse ela com voz desfalecente, — a morte me castiga pela minha fraqueza; mas expiro com o consolo de saber-te livre. Eu te adorei quando te traía, e adoro-te quando te digo o adeus eterno.

Não ostentava uma vã firmeza; não tinha essa miserável vaidade de fazer com que alguns vizinhos comentassem; “Ela morreu corajosamente”. Quem é que pode, aos vinte anos, perder sem pesar e sofrimento, o seu amado, a sua vida, e aquilo a que chamam a honra? Sentia todo o horror do seu estado, e fazia-o sentir com essas palavra, e olhares moribundos que falam com tanto império. Chorava, enfim, como os outros, nos momentos em que tinha forças para fazê-lo. Louvem outros a morte faustosa daqueles que entram com toda a insensibilidade no aniquilamento: é a sorte de todos os animais. Só morremos com a sua mesma indiferença quando a idade ou a doença nos torna semelhantes a eles devido à estupidez de nossos sentidos. Quem quer que sofra uma grande perda, sente-o imensamente; se abafa o seu pesar, é que leva a vaidade até os braços da morte.

Chegado o fatal instante, todos os assistentes romperam em lágrimas e ais. O Ingênuo perdeu os sentidos. As almas fortes tem reações muito mais violentas que as outras quando se comovem. O bom Gordon, que muito bem o conhecia, temia que ele se matasse, ao voltar a si. Afastaram de seu alcance todas as armas; o infeliz o percebeu; e disse a seus parentes e a Gordon, sem chorar, sem gemer, sem alterar-se:

— Pensam então que existe alguém no mundo que tenha o direito e o poder de me impedir que eu acabe com a vida?

Gordon não procurou impingir-lhe esses fastidiosos lugares-comuns com os quais tentam provar que não devemos a usar da própria liberdade para deixar a vida quando nos sentimos horrivelmente mal e que não é licito abandonarmos a própria casa quando esta se torna inabitável, e que o homem está no mundo como um soldado no seu posto: como se importasse ao ser dos seres que a assembléia de algumas partes de matéria estivesse num lugar ou noutro; impotentes razões que um desespero firme e refletido desdenha ouvir, e às quais Catão só respondeu com um punhal.

O terrível silêncio do Ingênuo, seus olhos sombrios, seus lábios trementes, os frêmitos de seu corpo, incutiam, na alma de todos aqueles que o contemplavam, essa mescla de compaixão e terror que encadeia a alma, que impede a palavra e só se manifesta por frases entrecortadas. A dona da casa e sua família haviam acorrido; tremiam de seu desespero, guardavam-no à vista, observavam-lhe todos os movimentos. Já o corpo gelado da bela St. Yves fora carregado para longe dos olhos do Ingênuo, que ainda parecia procurá-la, embora não estivesse em condições de distinguir o que quer que fosse.

Em meio desse fúnebre espetáculo, enquanto se acha o corpo exposto à porta da casa, e dois padres, junto a uma pia, recitam orações com ar distraído, enquanto alguns passantes, por ociosidade, lançam água benta sobre a eça e outros prosseguem indiferentemente o seu caminho, enquanto os parentes choram e um noivo está prestes a matar-se, chega St. Pouange com a amiga de Versalhes.

Sua passageira inclinação, apenas uma vez satisfeita, transformara-se em amor. Espicaçara-o a recusa de seus presentes. O padre de La Chaise jamais teria pensado em ir àquela casa; mas St. Pouange, tendo todos os dias diante dos olhos a imagem da bela St. Yves, ardendo por aplacar uma paixão que, por uma função única, o aferroara com o aguilhão dos desejo, não hesitou em ir procurar pessoalmente aquela a quem talvez não quisesse rever três vezes se ela própria houvesse comparecido.

Desce da carruagem; o primeiro objeto que se lhe depara é um esquife; ele desvia os olhos com esse simples desgosto de um homem afeito aos prazeres que julga lhe deva ser poupado todo espetáculo capaz de o obrigar à contemplação da miséria humana. Faz menção de subir. A mulher de Versalhes pergunta, por curiosidade, a quem vão enterrar; pronunciam o nome da senhorita de St. Yves. A esse nome, ela empalidece e solta um

grito; St. Pouange volta-se; a surpresa e a dor lhe avassalam a alma. Ali se achava o bom Gordon, com os olhos rasos de lágrimas. Interrompe as suas tristes preces para narrar ao cortesão toda aquela horrível catástrofe. Fala-lhe com esse império que dão o sofrimento e a virtude. St. Pouange não nascera mau; a torrente das intrigas e diversões havia arrebatado a sua alma, que ainda se desconhecia. Não havia atingido à velhice, que de ordinário endurece o coração dos ministros; escutava Gordon de olhos baixos e enxugava algumas lágrimas que estava atônito de derramar: conheceu o arrependimento.

— Faço absoluta questão de ver — disse ele — esse homem extraordinário de quem o senhor me falou; ele me comove quase tanto como essa inocente vítima cuja morte causei.

Gordon o acompanhou até o quarto onde o prior, a Kerkabon, o padre de St. Yves e alguns vizinhos tudo faziam para reanimar o jovem que de novo desmaiara.

— Causei sua desgraça — disse-lhe o sub-ministro. — Empregarei a minha vida em reparar o mal que lhe fiz.

A primeira idéia que ocorreu ao Ingênuo foi matá-lo e matar-se depois. Nada mais cabível; mas achava-se sem armas e estreitamente vigiado. St. Pouange não se chocou com a

repulsa, acompanhada da censura, desprezo e horror que ele bem merecia e não lhe foram poupados. O tempo abranda tudo. Monsenhor de Louvois conseguiu afinal fazer um excelente oficial do Ingênuo, que apareceu sob outro nome em Paria e no exército, com o aplauso de todas as pessoas de bem, e que foi ao mesmo tempo um guerreiro e um filósofo intrépido.

— Jamais se referia a essa aventura sem gemer; e no entanto o seu consolo era falar nela. Cultuou a memória da bela St. Yves até o último instante de vida. O padre de St. Yves e o prior conseguiram cada qual um bom benefício; a boa Kerkabon estimou mais ver o sobrinho nas honrarias militares do que no subdiaconato. A devota de Versalhes ficou com os brincos e recebeu ainda um belo presente. O padre Tout-à-tous ganhou latas de chocolate, de café, de açúcar-cândi, de frutas em compota, com as Meditações do Reverendo Padre Croiset e a Flor dos Santos encadernados em marroquim. O bom Gordon viveu com o Ingênuo até a morte, na mais íntima amizade; também conseguiu um benefício e esqueceu para sempre a graça eficaz e o concurso concomitante.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Junho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

O TOURO BRANCO

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

O Touro Branco (1774)
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 6
Nélson Jahr Garcia
BIOGRAFIA DO AUTOR — 10

CAPÍTULO PRIMEIRO — 13
De como a princesa Amaside encontra um boi
CAPÍTULO SEGUNDO — 18
De como o sábio Mambrés, antigo feiticeiro do Faraó reconheceu uma velha, e como foi por ela reconhecido.
CAPÍTULO TERCEIRO — 24
De como a bela Amaside teve uma entrevista secreta com uma bela serpente.
CAPÍTULO QUARTO — 33
De como quiseram sacrificar o boi e exorcismar a princesa.
CAPÍTULO QUINTO — 39
De como o sábio Mambrés sabiamente se conduziu.
CAPÍTULO SEXTO — 48
De como Mambrés encontrou três profetas e lhes ofereceu um bom almoço.
CAPÍTULO SÉTIMO — 53
Chega o rei de Tânis. Sua filha e o touro vão ser

sacrificados.
CAPÍTULO OITAVO — 56
De como a serpente contou histórias à princesa, para a consolar.
CAPÍTULO NONO — 58
De como a serpente não a consolou.
CAPÍTULO DÉCIMO — 64
De como quiseram cortar o pescoço à princesa, e de como lho não cortaram.
CAPÍTULO UNDÉCIMO — 68
De como a princesa desposou o seu boi.
NOTAS — 73

O TOURO BRANCO

Traduzido do siríaco pelo senhor Mamaki, intérprete do Rei da Inglaterra para as línguas orientais

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Não se conhece muito bem a intenção de Voltaire ao escrever “O Touro Branco”. Há hipóteses: plausíveis, lógicas, mas hipóteses. Uma delas sugere que tenha se inspirado em lendas orientais a respeito da metamorfose animal.

A mais provável, já que Voltaire sempre se interessou por religiões e mitos, é de que ele teria coletado, dentre os mitos religiosos orientais, aqueles em que os homens entrassem em contato com aos animais, mesclando-os com outros. Reuniu, assim, numa comédia animal, a serpente do paraíso, o asno de Balaão, a baleia de Jonas com as divindades do Egito, igualmente relacionadas a animais, especialmente o touro-rei.

Mas é o mesmo e inconfundível Voltaire, com seu conhecimento da alma humana, a filosofia profunda e a ironia impecável. Não é tão irreverente como em outras obras, mas parece não ter resisitido a sê-lo em algumas oportunidades:

A serpente do paraíso, contestando a sua condenação, retruca:

> “Nada disso: dei-lhe o melhor conselho do mundo. Ela honrava-me com a sua confiança. Eu era de parecer que ela e seu marido deviam provar do fruto da árvore da ciência. Acreditava agradar assim ao senhor das coisas. Uma árvore tão necessária ao gênero humano não me parecia plantada para ficar inútil. Desejaria o Senhor ser servido por ignorantes e idiotas? Não é feito o espírito para esclarecer-se e aperfeiçoar-se? Não se deve conhecer o bem e o mal para praticar o primeiro e evitar o segundo? Por certo só me deviam agradecimentos.”

A observação sobre os usuais equívocos da corte lembram, ligeiramente, nossa Capital Federal:

> “Todos os ministros de Estado concluíram que o touro branco era um feiticeiro. Dava-se exatamente o contrário: ele estava enfeitiçado; mas na corte sempre se enganam nesses delicados assuntos.”

Sobre as fábulas, essas historietas que nos são tão queridas de infância, Voltaire, pela voz de Amaside, decreta:

“Essas histórias me aborrecem — respondeu a bela Amaside, que tinha inteligência e bom gosto. — Só servem para ser comentadas entre os irlandeses, por esse louco do Abbadie, ou entre os velches por esse frasista do Houteville As histórias que podiam contar à tataravó da tataravó da minha avó já não servem para mim, que fui educada pelo sábio Mambrés e que li o Entendimento Humano do filósofo egípcio chamado Locke e a Matrona de Éfeso. Quero uma história que seja fundada na verossimilhança e que não se assemelhe sempre a um sonho. Desejo que não tenha nada de trivial nem de extravagante. Desejaria sobretudo que, sob o véu da fábula, deixasse transparecer aos olhos exercitados alguma fina verdade que escapa ao vulgo. Estou cansada do sol e da lua de que uma velha dispõe a seu bel-prazer, das montanhas que dançam, dos rios que remontam à sua fonte, e dos mortos que ressuscitam; mas, quando essas tolices são escritas em estilo empolado e ininteligível, ai sim, que me desgostam horrivelmente.”

Ironia sobre divindades, não faltou, é sugestiva:

> “Mais além, surgiam, na mesma pompa, a ovelha de Tebas, o cão de Bubasta, o gato de Febe, o crocodilo de Arsinoe, o bode de Mendés, e todos os deuses inferiores do Egito, que vinham render homenagem ao grande boi, ao grande deus Apis, tão poderoso quanto Isis, Osiris e Hórus juntos.
>
> No meio de todos esses semideuses, quarenta sacerdotes carregavam um enorme cesto cheio de cebolas sagradas, que não eram deuses, mas que muito se lhes assemelhavam.”

E o que me parece genial: a princesa Amaside fora proibida pelo pai de pronunciar o nome de seu amado, sob pena de decapitação. Ela tentou dizer: Na... e foi advertida pelo sábio Mambrés do risco que começava a correr. Com mais ousadia pronunciou Nabu..., logo depois Nabuco... e, finalmente, Nabucodonosor. Nesse momento alcançou a liberdade, enfrentou o pai e casou-se com o seu amado: “o grande rei que não era mais boi!”. É para se meditar.

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

CAPÍTULO PRIMEIRO

De como a princesa Amaside encontra um boi.

A jovem princesa Amaside, filha de Amásis, rei de Tânis, no Egito, passeava pela estrada de Pelusa com as damas do seu séquito. Estava mergulhada em profunda tristeza; as lágrimas corriam de seus belos olhos. Sabe-se qual o motivo do seu sofrimento e como temia ela desagradar ao rei seu pai com esse mesmo sofrimento. Achava-se em sua companhia o velho Mambrés, antigo mago e eunuco dos faraós, e que não a deixava quase nunca. Vira-a nascer, educara-a, ensinara-lhe tudo o que a uma bela princesa é permitido saber das ciências do Egito. O espírito de Amaside igualava-se à sua bondade; ela era tão sensível, tão terna como encantadora; e era essa sensibilidade que lhe custava tantas lágrimas.

A princesa tinha vinte e quatro anos de idade; o mago Mambrés tinha cerca de mil e trezentos anos. Fora ele, como é sabido, quem sustentara com o grande Moisés aquela famosa disputa na qual a vitória esteve por longo tempo pendente entre os dois profundos filósofos. Se Mambrés sucumbiu, foi unicamente devido à visível intervenção das potências celestes, que

favoreceram o seu rival; só mesmo deuses, para vencer Mambrés.

Amásis o nomeara superintendente da casa de sua filha, e ele se desincumbia dessas funções com a sua ordinária sabedoria. A bela Amaside enternecia-o com seus suspiros.

— O meu amor! meu jovem e querido amor! — exclamava ela às vezes, — tu, o maior dos vencedores, o mais perfeito, o mais belo dos homens! como! há mais de sete anos que desapareceste da face da terra! Que deus te arrebatou à tua terna Amaside? Não estás morto, assim o dizem os sábios profetas do Egito; mas para mim estás morto, acho-me sozinha na terra, ela é deserta. Por que estranho prodígio abandonaste o teu trono e a tua amada? o teu trono! era o primeiro do mundo, e é pouco; mas eu, que te adoro, ó meu querido Na...

— Tremei de pronunciar esse nome fatal — disse-lhe o sábio Mambrés, antigo eunuco e mago dos faraós. — Seríeis talvez traída por alguma das vossas damas. Elas vos são todas fiéis, e todas as belas damas timbram em servir as nobres paixões das belas princesas; mas, enfim, pode-se encontrar uma indiscreta entre elas, e até mesmo uma pérfida. Bem sabeis que o rei vosso pai, que aliás vos ama, jurou mandar cortar-vos o pescoço, se pronunciásseis esse nome terrível,

continuamente prestes a vos escapar dos lábios. Chorai, mas calai-vos. Essa lei é dura, mas não fostes educada na sabedoria egípcia para que não soubésseis dominar a língua. Considerai que Harpócrates, um dos nossos maiores deuses, tem sempre um dedo sobre o lábio.

A bela Amaside chorou e não falou mais.

Como se dirigisse em silêncio para as margens do Nilo, avistou de longe, junto a um bosque banhado pelo rio, uma velha coberta de farrapos, sentada sobre um cômoro. Tinha junto a si uma jumenta, um cão e um bode. A frente dela estava uma serpente que não era como as serpentes ordinárias, pois seus olhos eram tão ternos como animados; sua fisionomia era tão nobre como atraente; sua pele brilhava com as mais vivas e agradáveis cores. Um enorme peixe, mergulhado a meio no rio, não era a menos admirável pessoa da companhia. Havia sobre um ramo um corvo e uma pomba. Todas essas criaturas pareciam empenhadas em animada conversação.

— Ai! — suspirou baixinho a princesa, — toda essa gente fala decerto de seus amores, e a mim não me é permitido pronunciar o nome daquele a quem amo!

A velha segurava uma leve corrente de aço, de umas cem braças de comprimento, à qual se

achava atado um touro que pastava no campo. Esse touro era branco, bem torneado, elegante de linhas, leve até, o que é bastante raro. Seus cornos eram de marfim. Era o que de mais belo já se vira na sua espécie. O de Pasifaé, e aquele cuja figura tomou Júpiter para raptar Europa, não se aproximavam sequer do soberbo animal. Apenas a encantadora novilha em que fora transformada Isis seria, quando muito, digna dele.

Mal viu a princesa, correu para ela com a rapidez de um cavalo árabe que franqueia as vastas planícies e os rios do antigo Saara para se aproximar da brilhante égua que reina no seu coração e que o faz erguer as orelhas. A velha fazia esforços por detê-lo, a serpente parecia querer espantá-lo com seus silvos; o cão o seguia, mordendo-lhe as belas pernas; a jumenta atravessava-se-lhe no caminho e dava-lhe coices para o fazer voltar. O grande peixe remontava o Nilo, e, lançando-se fora d'água, ameaçava devorá-lo; o corvo adejava em torno da cabeça do touro, como se quisesse vazar-lhe os olhos. Só a pomba o acompanhava por curiosidade e aplaudia-o com um suave murmúrio.

Tão extraordinário espetáculo remergulhou Mambrés em profundas cogitações. O touro branco, arrastando a corrente e a velha, já havia no entanto alcançado a princesa, que era toda espanto e medo. Ei-lo que se lança aos pés de

Amaside, beija-os, derrama lágrimas, contempla-a com um olhar onde se lia uma inaudita mistura de dor e alegria. Não ousava mugir, por medo de assustá-la. Ele não podia falar. Era-lhe vedado esse modesto uso da voz concedido pelo Céu a alguns animais; mas todas as suas ações eram eloqüentes. A princesa se agradou muito dele. Sentiu que uma pequena diversão poderia surpreender por alguns momentos as mais dolorosas penas.

— Eis aqui — dizia ela — um amável animal; desejaria tê-lo no meu estábulo.

A estas palavras, o touro dobrou os quatro joelhos.

— Ele me compreende! — exclamou a princesa. — Diz-me, à sua maneira, que quer pertencer-me. Ah! divino mago, divino eunuco! dá-me essa consolação, compra esse belo querubim(1); propõe um preço à velha, à qual decerto ele pertence. Quero que este animal seja meu; não me recuses esse inocente consolo.

Todas as damas do palácio juntaram suas instâncias aos rogos da princesa. Mambrés deixou-se comover, e foi falar com a velha.

CAPÍTULO SEGUNDO

De como o sábio Mambrés, antigo feiticeiro do Faraó reconheceu uma velha, como foi por ela reconhecido.

— Senhora — disse-lhe ele, — bem sabeis que as moças, e principalmente as princesas, têm necessidade de divertir-se.

A filha do rei está louca pelo vosso touro; vendei-nos, por favor, esse animal, que sereis paga em dinheiro à vista.

— Senhor — respondeu a velha, — esse precioso animal não me pertence. Estou encarregada, eu e todos os animais que vistes, de observar todos os seus passas e dar conta de tudo. Deus me livre de pensar algum dia em vender esse animal sem preço!

Ouvindo isto, sentiu-se Mambrés tocado de alguns raios de confusa luz, que ainda não distinguia nitidamente. Observou a velha com mais atenção.

— Respeitável dama — disse ele, — ou muito me engano, ou já vos vi outrora.

— Pois eu bem me lembro, senhor, que já vos encontrei há setecentos anos, em uma viagem

que fiz da Síria ao Egito, alguns meses após a destruição de Tróia, quando Hiram reinava em Tiro, e Nephel-Kerés no antigo Egito.

— Ah! senhora — exclamou o velho, — sois a augusta pitonisa de Endor.

— E vós, senhor — disse a pitonisa, abraçando-o, — sois o grande Mambrés do Egito.

— Ó imprevisto encontro! ó memorável dia! ó decretos eternos! — exclamou Mambrés. — Não é, por certo, sem ordem expressa da providência universal que nós nos encontramos neste prado à margem do Nilo, perto da soberba cidade de Tânis. Com que então sois mesmo vós, senhora, tão famosa às margens do Jordão, vós, a mais hábil pessoa do mundo para evocar as sombras !

— E sois vós, senhor, tão famoso por mudardes os bastões em serpentes, o dia em trevas, e os rios em sangue!

— Sim, minha senhora; mas a minha avançada idade enfraquece parte de minhas luzes e de meus poderes. Ignoro de onde vos vem esse belo touro branco, e que animais são esses que vos auxiliam a vigiá-lo.

A velha recolheu-se um momento, ergueu os olhos ao céu, depois respondeu nos seguintes termos:

— Meu caro Mambrés, somos do mesmo ofício, mas é-me expressamente proibido dizer-vos que touro é esse. Posso satisfazer-vos no tocante aos outros animais. Vós os reconhecereis facilmente pelos sinais que os caracterizam. A serpente é aquela que persuadiu Eva a comer uma maçã, e a fazer que o marido a comesse. A jumenta é a que falou num caminho a Balaão, contemporâneo vosso. O peixe que conserva sempre a cabeça fora d'água é aquele que engoliu Jonas há alguns anos. Esse cão é aquele que seguiu o anjo Rafael e o, jovem Tobias durante a viagem que fizeram a Ragés, na Média, no tempo do grande Salmanasar. Esse bode é aquele que expia todos os pecados de uma nação. Esse corvo e essa pomba são os que estavam na arca de Noé: grande acontecimento, catástrofe universal, que quase toda a terra ainda ignora. Estais, pois, informado. — Mas, quanto ao touro, nada sabereis.

Mambrés escutava com respeito. Depois disse:

— O Eterno revela o que quer, e a quem quer, ilustre pitonisa. Todos esses animais, encarregados convosco da guarda do touro branco, só são conhecidos na vossa generosa e aprazível nação, a qual, por sua vez, é desconhecida de quase todo o mundo. As maravilhas que vós e os vossos, e eu e os meus

operamos, serão um dia objeto de dúvida e escândalo entre os falsos sábios. Felizmente encontrarão crédito entre os verdadeiros sábios, que se submeterão aos videntes, numa pequena parte do mundo, e é o que basta.

Enquanto pronunciava estas últimas palavras, a princesa puxou-lhe a manga, indagando:

— Mambrés, e o meu touro? Será que não vais comprá-lo?

O mago, mergulhado em profunda cisma, nada respondeu, e Amaside pôs-se a chorar.

Dirigiu-se então à pitonisa, dizendo-lhe:

— Minha boa velha, conjuro-te por tudo o que tens de mais caro no mundo, por teu pai, por tua mãe, por tua ama, que sem dúvida ainda vivem, que me vendas não só o teu touro, mas também a tua pomba, que lhe parece tão afeiçoada. Quanto aos teus outros animais, não os quero; mas sou bem capaz de adoecer de vapores, se não me venderes esse encantador touro branco, que constituirá toda a doçura da minha vida.

A velha beijou-lhe respeitosamente a fímbria do vestido de gaze e disse-lhe:

— Princesa, o meu touro não está à venda, e o vosso ilustre mago já o sabe. O mais que eu posso fazer por vós é levá-lo a pastar todos os dias nas proximidades de vosso palácio; podereis acariciá-lo, dar-lhe biscoitos, fazê-lo dançar à vontade. Mas é preciso que ele esteja continuamente sob as vistas de todos os animais que me acompanham e que estão encarregados da sua guarda. Se não procurar escapar-se, não lhe farão mal algum; mas ai dele! se tentar romper de novo a corrente, como fez logo que vos avistou. Não responderei então por sua vida. Esse grande peixe que vedes infalivelmente o engoliria, guardando-o por mais de três dias na barriga; ou então essa serpente, que vos pareceu talvez tão branda e amável, poderia dar-lhe uma picada mortal.

O touro branco, que entendia às maravilhas tudo quanto dizia a velha, mas que não podia falar, aceitou todas as suas propostas, com um ar submisso. Deitou-se a seus pés, mugiu docemente; e, contemplando Amaside com ternura, parecia dizer-lhe:

— Vinde ver-me algumas vezes no prado. A serpente tomou então a palavra, e disse-lhe:

— Princesa, aconselho-vos a seguirdes cegamente tudo quanto vos diz a senhorita de Endor.

A jumenta também deu sua opinião, que era a mesma da serpente. Amaside afligiu-se com o fato de que aquela serpente e aquela jumenta falassem tão bem, e que um belo touro, que tinha tão nobres e ternos sentimentos, não pudesse exprimi-los.

— Ah! nada é tão comum na Corte — dizia ela baixinho. — Todos os dias se vêem ali belos senhores que não sabem conversar e feiarrões que falam com segurança.

— Essa serpente não é pouca coisa — disse Mambrés. — Não vos enganeis. É talvez a pessoa de maior consideração. Caía o crepúsculo; a princesa viu-se obrigada a voltar para casa, mas prometeu que retornaria no dia seguinte ao mesmo local. As damas do palácio estavam maravilhadas e nada compreendiam do que tinham visto e ouvido. Mambrés fazia as suas reflexões. A princesa, considerando que a serpente havia chamado a velha de senhorita, concluiu ao acaso que esta era virgem, e sentiu alguma aflição de ainda o ser: aflição respeitável, que ela ocultava com tanto escrúpulo quanto o nome de seu bem-amado.

CAPÍTULO TERCEIRO

De como a bela Amaside teve uma entrevista secreta com uma bela serpente.

A bela princesa recomendou segredo às suas damas, sobre o que haviam presenciado. Todas elas o prometeram e, com efeito, guardaram-no um dia inteiro. Pode-se crer que Amaside pouco dormiu naquela noite. Um encantamento inexplicável lhe trazia a todo instante a imagem de seu belo touro. Logo que se viu a sós com o seu sábio Mambrés, disse-lhe ela.

— Ó sábio! esse animal me vira a cabeça.

— E ocupa bastante a minha — disse Mambrés. — Vejo claramente que esse querubim está muito acima da sua espécie. Há aqui um grande mistério, mas temo um acontecimento funesto. O vosso pai Amásis é violento e desconfiado; toda essa história exige que vos porteis com a maior prudência.

— Ah! — suspirou a princesa, — sinto-me por demais curiosa para ser prudente; é esta a única paixão que pode unir-se, em meu peito, àquela que me devora pelo bem-amado que perdi. Não poderei então saber o que é esse touro branco que provoca em mim tamanha perturbação?!

— Senhora — respondeu Mambrés, — já vos confessei que minha ciência declina à medida que minha idade avança; mas, ou me engano muito, ou a serpente está a par do que tanto desejais saber. Tem espírito, exprime-se com discrição, e há muito que está acostumada a meter-se nos negócios das damas.

— Ah! sem dúvida — disse Amaside — é essa bela serpente do Egito, que, com a cauda metida na boca, é o símbolo da eternidade, e que alumia o mundo quando abre os olhos e o obscurece quando os fecha.

— Não, minha senhora.

— É então a serpente de Esculápio?

— Ainda menos.

— É então Júpiter sob a forma de serpente?

— Qual!

— Ah! já sei: é aquele teu bastão que outrora transformaste em serpente.

— Garanto-lhe que não, senhora; mas todas essas serpentes são da mesma família. Esta de que falamos tem grande reputação no seu país, onde passa pela mais hábil serpente que jamais se viu. Ide falar com ela. Advirto-vos, contudo, de que é um passo muito perigoso. Eu, se estivesse

em vosso lugar, deixaria o touro, a jumenta, a cobra, o peixe, o cão, o bode, o corvo e a pomba. Mas a paixão vos arrebata; o mais que posso é apiedar-me e tremer.

A princesa conjurou-o a conseguir-lhe uma entrevista com a serpente. Mambrés, que era bom, consentiu, e, sempre a refletir profundamente, foi procurar a sua pitonisa. E tão insinuantemente lhe expôs o capricho da sua princesa, que afinal a persuadiu.

Disse-lhe então a velha que Amaside era a senhora e dona; que a serpente sabia muito bem como haver-se nesta vida; que costumava ser muito amável com as damas; que não queria outra coisa senão lhes prestar favores, e que não faltaria à entrevista.

O velho mago voltou à princesa com essa boa notícia; mas temia ainda alguma desgraça, e continuava com as suas ponderações.

— Quereis falar com a serpente, senhora; será quando aprouver à Vossa Alteza. Lembrai-vos, no entanto, que é preciso saber lisonjeá-la; pois todo animal é cheio de amor próprio, e sobretudo a serpente. Dizem que ela foi outrora expulsa de um belo lugar por causa de seu excessivo orgulho.

— Nunca ouvi falar nisso.

— Acredito-o.

Contou-lhe então o velho todos os rumores que haviam corrido acerca daquela famosa serpente.

— Mas, seja como for, Alteza, não lhe podereis arrancar o segredo senão lisonjeando-a. Ela passa, num país vizinho, por haver pregado uma terrível peça às mulheres; é justo que, por sua vez, uma mulher a seduza.

— Farei o possível — disse a princesa.

Partiu pois com as suas damas palacianas e o bom mago eunuco. A velha fazia o touro pastar bastante longe. Mambrés deixou Amaside em liberdade e foi conversar com a sua pitonisa. A dama de honra pôs-se a conversar com a jumenta; as damas de companhia entretiveram-se com o bode, o cão, o corvo e a pomba; quanto ao grande peixe, que metia medo a todo o mundo, mergulhou no Nilo por ordem da velha.

A serpente foi em seguida ao encontro da bela Amaside, no bosque; e mantiveram ambas a seguinte conversação:

A Serpente: — Não imaginais, Senhora, o quanto me lisonjeia a honra que Vossa Alteza se digna conceder-me.

A Princesa: — A vossa grande reputação, a inteligência de vossa fisionomia e o brilho de vossos olhos logo me decidiram a solicitar esta entrevista. Sei, pela voz pública (se ela não é enganadora que fostes uma grande personagem no céu empíreo.

A Serpente: — É verdade, Senhora, que eu ocupava lá uma posição assaz distinta. Dizem que sou um favorito desgraciado: é um rumor que correu a princípio na Índia(2) Os brâmanes foram os primeiros que apresentaram uma longa história das minhas aventuras. Não duvido que os poetas do Norte façam um dia com esse material um poema épico assaz estranho; pois, na verdade, é só o que se pode fazer. Não estou, porém, tão decaído que ainda não desfrute neste globo um considerável domínio. Quase me atreveria a dizer que toda a terra me pertence.

A Princesa: — Acredito-o, pois dizem que tendes o talento da persuasão; e agradar, é reinar.

A Serpente: — Sinto, Senhora, enquanto vos vejo e vos escuto, que tendes sobre mim esse império que me atribuem sobre tantas outras almas.

A Princesa: — Sabeis vencer amavelmente. Dizem que subjugastes muitas damas, e que

começastes por nossa mãe comum, cujo nome esqueci.

A Serpente: — Nada disso: dei-lhe o melhor conselho do mundo. Ela honrava-me com a sua confiança. Eu era de parecer que ela e seu marido deviam provar do fruto da árvore da ciência. Acreditava agradar assim ao senhor das coisas. Uma árvore tão necessária ao gênero humano não me parecia plantada para ficar inútil Desejaria o Senhor ser servido por ignorantes e idiotas? Não é feito o espírito para esclarecer-se e aperfeiçoar-se? Não se deve conhecer o bem e o mal para praticar o primeiro e evitar o segundo? Por certo só me deviam agradecimentos.

A Princesa: — Dizem no entanto que vos saístes mal. Parece que é desde essa época que tantos ministros foram punidos por terem dado bons conselhos, e tantos verdadeiros sábios e grandes gênios foram perseguidos por terem escrito coisas úteis ao gênero humano.

A Serpente: — Decerto foram inimigos meus que vos contaram essas histórias. Andam a assoalhar que estou mal na Corte. Mas uma prova de que ainda tenho grande crédito por lá é que eles próprios confessam que eu entrei no conselho quando se tratou de pôr Job à prova; e que também fui chamado quando se tomou a resolução de enganar a certo reisote por nome

Achab(3) ; fui eu o único encarregado dessa nobre missão.

A Princesa: — Ah! Não creio que vosso espírito seja afeiçoado aos enganos. Mas, já que continuais no ministério, posso fazer-vos um pedido? Espero que uma autoridade tão amável não me há. de repelir...

A Serpente: — Senhora, os vossos pedidos são leis. Que ordenais?

A Princesa: — Conjuro-vos a dizer-me o que vem a ser esse belo touro branco que me inspira sentimentos incompreensíveis que me enternecem e amedrontam. Disseram-me que teríeis a condescendência de esclarecer-me.

A Serpente: — Senhora, a curiosidade é necessária à natureza humana, e principalmente a vosso amável sexo; sem ela, ficar-se-ia vegetando na mais vergonhosa ignorância. Sempre satisfiz, o mais que pude, a curiosidade das damas Acusam-me de não ter tido essa complacência senão para fazer birra ao senhor das coisas. Juro que o meu único objetivo é ser-vos agradável; mas a velha já vos deve ter avisado de que há algum perigo para vós na revelação desse segredo.

A Princesa: — Ah! é isso que me torna ainda mais curiosa.

A Serpente: — Reconheço nessa atitude todas as belas damas a quem prestei serviço.

A Princesa: — Se tendes sensibilidade, se todos os seres se devem mútuo auxilio, se sentis compaixão por uma desgraçada, não me recuseis esse favor.

A Serpente: Vós me partis o coração; tenho de satisfazer-vos; mas nada de interrupções.

A Princesa: — Prometo-o.

A Serpente: — Havia um jovem rei, belo que nem uma pintura, apaixonado, amado...

A Princesa: — Um jovem rei! belo que nem uma pintura ,apaixonado, amado! e por quem? de quem? e quem era esse rei? e que idade tinha? que foi feito dele? onde está ele? onde é o seu reino? qual é o seu nome?

A Serpente: — Pois não é que já me interrompeis, quando mal começo a falar?! Cuidado: se não tiverdes mais poder sobre vós mesma, estais perdida.

A Princesa: — Oh! perdão. Não mais serei indiscreta; continuai, por favor.

A Serpente: — Esse grande rei, o mais amável e o mais corajoso dos homens, vitorioso por toda parte aonde houvesse levado as suas armas,

costumava sonhar seguidamente. E, quando esquecia os sonhos, queria que os magos se lembrassem deles, e lhe contassem direitinho tudo o que havia sonhado, sem o que, mandava-os enforcar a todos, pois nada era mais justo. Ora, há cerca de sete anos, teve ele um belo sonho, de que perdeu memória ao despertar; e depois que um jovem judeu, cheio de experiência, lhe explicou o sonho, esse amável rei foi de súbito transformado em boi(4): pois...

A Princesa: — Ah! é o meu querido Nabu...

Não pôde terminar: caiu desfalecida. Mambrés, que escutava de longe, viu-a tombar, e julgou-a morta.

CAPÍTULO QUARTO

De como quiseram sacrificar o boi e exorcismar a princesa.

Mambrés corre a ela, chorando. A serpente comove-se; não pode chorar, mas silva num tom lúgubre; e grita: “Ela está morta!” A jumenta repete: “Ela está morta!” O corvo o rediz; todos os outros animais parecem transidos de dor, exceto o peixe de Jonas, que sempre foi impiedoso. A dama de honra, as damas do palácio aproximam-se e arrancam os cabelos. O touro branco, que pastava ao longe e ouve os seus clamores, corre para o bosque, arrastando a velha e soltando mugidos cujos ecos reboam. Em vão todas as damas derramavam sobre Amaside expirante os seus frascos de água de rosas, de cravo, de mirto, de benjoim, de bálsamo de Meca, de canela, de amônio, de noz-moscada, de âmbar cinzento. A princesa não dava nenhum sinal de vida. Quando, porém, sentiu o belo touro branco a seu lado, voltou a si mais fresca, mais bela, mais animada do que nunca. Deu mil beijos naquele animal encantador, que inclinava languidamente a bela cabeça sobre o seu seio de alabastro. Ela o chama: “Meu senhor, meu rei, meu coração, minha vida”. Envolve com seus braços de marfim aquele pescoço mais branco do que a neve. Menos

fortemente se liga a leve palha ao âmbar, a vinha ao olmo, a hera ao carvalho. Ouvia-se o suave murmúrio de seus suspiros; viam-se-lhe os olhos ora fulgurantes de amorosa flama, ora empanados com essas preciosas lágrimas que o amor faz derramar.

Imagine-se em que surpresa não estariam mergulhadas a dama de honra e as damas de companhia! Logo que chegaram no palácio, contaram toda essa estranha aventura a seus res pectivos namorados, e cada uma com circunstâncias diferentes que lhe aumentavam a singularidade e contribuíam para a variedade de todas as versões.

Logo que Amásis, rei de Tânis, foi informado do caso, seu coração real encheu-se de justa cólera. Tal foi a indignação de Minos quando soube que sua filha Pasifaé prodigava seus ternos favores ao pai do Minotauro. Assim estremeceu Juno quando viu o seu esposo Júpiter acariciar a bela vaca Io, filha do rio Ínaco. Amásis mandou encerrar a bela Amaside em seu quarto e pôs-lhe à porta uma guarda de eunucos negros; depois convocou o conselho secreto.

Presidia-o o grande mágico Mambrés, mas já não tinha o mesmo crédito de outrora. Todos os ministros de Estado concluíram que o touro branco era um feiticeiro. Dava-se exatamente o

contrário: ele estava enfeitiçado; mas na corte sempre se enganam nesses delicados assuntos.

Foi votado por unanimidade que se devia exorcismar a princesa e sacrificar o touro branco e a velha.

O sábio Mambrés não queria impugnar a decisão do rei e do conselho. Era a ele que competia fazer os exorcismos; podia diferi-los sob um pretexto bastante plausível. Acabava de morrer em Mênfis o deus Ápis. Pois um deus boi morre como qualquer boi. E no Egito não era permitido exorcismar ninguém até que se encontrasse um outro boi para substituir o defunto.

O conselho resolveu esperar, pois, pela nomeação do novo Deus em Mênfis.

O bom velho Mambrés sentia a que perigo se achava exposta a sua querida princesa: sabia quem era o seu apaixonado. As sílabas Nabu, que ela deixara escapar, lhe haviam revelado todo o mistério.

A dinastia(5) de Mênfis pertencia então aos babilônios; conservavam eles esse resto das suas passadas conquistas, que haviam feito sob o maior rei do mundo, de que Amásis era inimigo mortal. Mambrés tinha necessidade de toda a sua sabedoria para bem se conduzir entre tantas

dificuldades. Se o rei Amásis descobrisse quem era o enamorado da princesa, ela estaria morta, jurara ele. O grande, o jovem, o belo rei por quem ela se apaixonara, tinha destronado o seu pai, que só recuperara o reino de Tânis desde que se ignorava, fazia agora uns sete anos, o paradeiro do adorável monarca, o vencedor e ídolo das nações, o terno e generoso apaixonado da encantadora Amaside. Mas, sacrificando o touro, infalivelmente a fariam morrer de dor.

Que poderia fazer Mambrés em tão espinhosas circunstâncias? Vai procurar a princesa, ao sair do conselho, e diz-lhe:

— Eu vos servirei, minha bela princesa; mas vos cortarão o pescoço, repito-vos, se pronunciardes o nome de vosso amado.

Ah! que me importa o meu pescoço — retruca a bela Amaside — se não posso enlaçar o de Nabuco...? Meu pai é um homem muito mau! Não só recusou dar-me ao belo príncipe que idolatro, mas declarou-lhe guerra; e, quando foi vencido pelo meu amado, descobriu o segredo de o transformar em boi. Já se viu mais tremenda malícia? Se meu pai não fosse meu pai, eu não sei o que lhe faria.

— Não foi vosso pai quem lhe pregou essa cruel partida — disse o sábio Mambrés. — Foi um palestino, um de nossos antigos inimigos, um

habitante de um pequeno país compreendido na multidão dos Estados que o vosso augusto pretendente dominou para os civilizar. Essas metamorfoses não vos devem surpreender; bem sabeis que eu as fazia outrora muito mais belas: nada era mais comum então do que essas mudanças que espantam hoje os sábios. A história verdadeira que lemos juntos nos ensinou que Licaonte, rei da Arcádia, foi transformado em lobo. A bela Calisto, sua filha, foi transformada em ursa; Io, filha de Ínaco, a nossa venerável Isis em vaca; Dafne, em loureiro; Sirinx, em flauta. A bela Edith. mulher de Loth, o melhor, o mais carinhoso pai que já se viu, não se mudou, em nossas vizinhanças, numa grande estátua de sal muito bela e picante, que conservou todas as características do seu sexo e que tem mensalmente as suas regras(6), como o atestam os grandes homens que a viram? Fui testemunha dessa transformação, em minha juventude. Vi cinco poderosas cidades, no local mais seco e árido do mundo, mudadas de súbito em um belo lago. Ah! quando eu era moço, só se andava sobre metamorfoses. Enfim, Senhora, se os exemplos podem abrandar as vossas penas, lembrai-vos de que Vênus transformou os Cerastes em bois.

— Eu sei — murmurou a infeliz princesa. — mas quem disse que os exemplos consolam? Se o meu amado estivesse morto, acaso me consolaria a idéia de que todos os homens morrem?

— A vossa pena pode findar — disse o sábio, — e já que o vosso amado se transformou em boi, bem compreendeis que, de boi, poderá transformar-se em homem. Quanto a mim, deveria ser transformado em tigre ou em crocodilo, se não empregasse o pouco de poder que me resta a serviço de uma princesa digna das adorações da terra, a bela Amaside, a quem criei sobre os meus joelhos, e cujo fatal destino a submete a tão cruéis provações.

CAPÍTULO QUINTO

De como o sábio Mambrés sabiamente se conduziu.

Tendo dito à princesa tudo o que deveria dizer-lhe para a consolar, sem que aliás o conseguisse, o divino Mambrés foi imediatamente falar com a velha.

— Minha camarada — começou ele, — belo é o nosso ofício, mas assaz perigoso: correis o risco de ser enforcada, e o vosso boi de ser queimado, ou afogado ou comido. Não sei o que farão dos outros animais, pois, embora profeta, de poucas coisas sou sabedor. Mas ocultai com todo o cuidado a serpente e o peixe; que um não ponha a cabeça fora d'água, e o outro não saia do seu buraco. Alojarei o boi em um dos meus estábulos no campo; ali ficareis com ele, pois afirmais que não vos é permitido abandoná-lo. O bode emissário poderá oportunamente servir de bode expiatório; nós o enviaremos para o deserto, carregado dos pecados da tropa: está acostumado a essa cerimônia, que não lhe faz mal nenhum; e é sabido que tudo se expia com um bode que passeia. Peço-vos apenas que me empresteis desde já o cão de Tobias, que é um lebrel muito ágil, a jumenta de Balaão, que corre mais que um dromedário; o corvo e a pomba da arca, que voam

rapidamente. Quero enviá-los em embaixada a Mênfis, para um assunto da máxima importância.

— Senhor — respondeu a velha ao mago, — podeis dispor à vontade do cão de Tobias, da jumenta de Balaão, do corvo e da pomba da arca, e do bode emissário; mas o meu boi não pode dormir num estábulo, Está escrito que deve ficar preso a uma corrente de aço, estar sempre molhado de orvalho e pastar a relva sobre a terra(7) e que a sua porção será com os animais selvagens. Ele me foi confiado, e eu devo obedecer. Que pensariam de mim Daniel, Ezequiel e Jeremias, se eu entregasse o meu boi a outras pessoas? Vejo que conheceis o segredo desse estranho animal. Não tenho que censurar-me dessa revelação. Vou levá-lo para longe, desta terra impura, para o lago de Sirbon, longe das crueldades do rei de Tânis, O meu peixe e a minha serpente me defenderão; não temo a ninguém quando sirvo a meu senhor.O sábio Mambrés assim lhe retrucou:

— Faça-se a vontade do Senhor! Contanto que eu encontre o nosso touro branco, não me importa nem o lago de Sirbon, nem o lago de Moeris, nem o lago de Sodoma; só quero fazer-lhe bem, e a vós igualmente. Mas por que me falastes de Daniel, de Ezequiel e de Jeremias?

— Ah! senhor — tornou a velha, — sabeis tão bem quanto eu o interesse que eles têm neste grave assunto. Mas não tenho tempo a perder; não quero ser enforcada; não quero que o meu touro seja queimado, ou afogado, ou comido. Vou para o lago de Sirbon, por Canope, com a minha serpente e o meu peixe. Adeus.

O touro a seguiu pensativo, depois de haver testemunhado ao bom Mambrés o reconhecimento que lhe devia.

O sábio Mambrés achava-se numa cruel inquietação. Bem sabia que Amásis, rei de Tânis, desesperado com a louca paixão da sua filha pelo animal, e julgando-a enfeitiçada, mandaria perseguir por toda parte o infeliz touro, e que este seria infalivelmente queimado, como feiticeiro, na praça pública de Tânis, ou entregue ao peixe de Jonas, ou queimado, ou servido à mesa. Queria, por qualquer preço, poupar esse desgosto à princesa.

Escreveu uma carta ao grão-sacerdote de Mênfis, seu amigo, em caracteres sagrados, e em papel do Egito, que ainda não estava em uso. Eis, textualmente, o que dizia a carta:

Luz do mundo, lugar-tenente de Isis, de Osiris e de Hórus, chefe dos circuncisos, ó vos cujo altar se eleva, como é de justiça, acima de todos os tronos,

acabo de saber que é morto vosso deus, o boi Ápis. Tenho outro a vosso dispor. Vinde depressa, com os vossos sacerdotes, reconhecê-lo, adorá-lo, e conduzi-lo ao estábulo de vosso templo. Que Isis, Osiris e Hórus vos tenham na sua santa e digna guarda; e a vós senhores sacerdotes de Mênfis, na sua santa guarda!

Vosso afeiçoado amigo

MAMBRÉS

Fez quatro duplicatas dessa carta, por medo de algum acidente, e encerrou-os em estojos do mais rijo ébano. Chamando depois os quatro portadores que destinava para essa mensagem (eram a jumenta, o cão, o corvo e a pomba), disse à jumenta:

— Sei com que fidelidade serviste a meu confrade Balaão; serve-me agora da mesma forma. Não há onocrótalo que te iguale na corrida; vai, minha amiga, entrega a minha carta em mão própria e regressa logo.

— Como servi a Balaão — respondeu a jumenta, — servirei a monsenhor: vou e volto.

O sábio lhe pôs o estojo de ébano na boca e ela partiu como um raio.

Mandou depois chamar o cão de Tobias e disse-lhe: - Cão fiel, e mais veloz na corrida do que Aquiles dos pés rápidos, eu sei o que fizeste por Tobias, filho de Tobias, quando tu e o anjo Rafael o acompanhaste a de Nínive a Ragés, na Média, e de Ragés a Nínive, e quando ele trouxe a seu pai dez talentos(8) que o escravo Tobias pai emprestara ao escravo Gabelus; pois aqueles escravos eram muito ricos.

Entrega a seu destinatário esta carta minha, que é mais preciosa do que dez talentos de prata.

— Senhor — respondeu-lhe o cão, — se eu segui outrora o mensageiro Rafael, posso igualmente desincumbir-me de vosso recado.

Mambrés lhe pôs a carta na boca. E falou da mesma forma à pomba. Esta lhe respondeu:

Senhor, se eu trouxe um ramo para a arca, igualmente trarei resposta à vossa carta.

Tomou a carta no bico. E os três, num instante, perderam-se de vista.

Depois disse ele ao corvo:

— Sei que alimentaste o grande profeta Elias(9), quando ele estava oculto junto ao Cárites, tão famoso em toda a terra. Todos os dias tu lhe levavas bom pão e galinhas gordas; só te peço que leves esta carta a Mênfis.

O corvo respondeu-lhe nos seguintes termos:

— É verdade, senhor, que eu levava diariamente comida ao grande profeta Elias, o tesbita, a quem vi subir na atmosfera sobre um carro de fogo puxado por quatro cavalos de fogo, embora não seja esse o costume; mas eu sempre ficava cm metade do almoço para mim. Estou disposto a levar vossa carta, contanto que me assegureis duas boas refeições por dia e que meu serviço seja pago à vista, adiantadamente.

Mambrés, fulo de raiva, disse ao animal:

— Que glutão e velhaco me saíste! Não me admira que Apolo, de branco que eras como um cisne, te haja tornado negro como uma toupeira, quando, nas planícies de Tessália, traíste a bela Corônis, infeliz mãe de Esculápio. Dize-me uma coisa: comias diariamente lombo de vaca e frangos, durante os dez meses em que estiveste na arca?

— Senhor, nós ali passávamos muito bem — retrucou o corvo. — Serviam assado duas vezes por dia a todos os voláteis da minha espécie, que só vivem de caça, como abutres, milhafres, águias, bútios, duques, gaviões, falcões, corujas, e à inumerável multidão das aves de rapina. Com muito maior profusão guarneciam a mesa dos leões, dos leopardos, dos tigres, das panteras, das onças, das hienas, dos lobos, doa ursos, das

raposas, das fuinhas, e de todos os quadrúpedes carnívoros. Havia na arca oito pessoas importantes, e as únicas que então existiam no mundo, incessantemente ocupadas com a nossa mesa e a limpeza das nossas privadas, a saber: Noé e sua mulher, que não tinham mais de seiscentos anos, e seus três filhos com as respectivas esposas. Era um gosto ver com que cuidado, com que asseio, os nossos oito criados atendiam a mais de quatro mil comensais do mais voraz apetite, sem contar o prodigioso trabalho que exigiam outras dez a doze mil criaturas, desde o elefante e a girafa aos bichos de seda e às moscas. O que me espanta é que o nosso despenseiro Noé seja desconhecido de todas as nações de que ele é o tronco; mas isso pouco me importa. Já estive em festa semelhante(10) com o rei Xisutra da Trácia. Essas coisas acontecem de tempos em tempos para edificação dos corvos. Numa palavra, quero passar bem e ser muito bem pago, em dinheiro à vista.

O sábio Mambrés desistiu de entregar sua carta a um animal tão difícil de contentar e tão tagarela. — Separaram-se muito descontentes um com o outro.

Era preciso no entanto saber o que era feito do belo touro e não perder a pista da velha e da serpente. Mambrés ordenou a criados inteligentes

e fiéis que os seguissem; quanto a ele, avançou de liteira para as margens do Nilo, sempre absorto em suas reflexões.

Como pode ser (dizia consigo) que essa serpente domine quase toda a terra, como ela própria alardeia e tantos eruditos confessam, e no entanto obedeça a uma velha? Como se explica que seja às vezes convocada para o conselho das alturas, quando vive a rastejar na terra? Por que, por sua única virtude, entra diariamente no corpo das pessoas, de onde tantos sábios procuram desalojá-la com palavras. Enfim, como passa, entre um pequeno povo da vizinhança, por haver perdido o gênero humano, e como é que o gênero humano nada sabe a esse respeito? Estou muito velho, estudei durante a vida inteira, e vejo nisso uma porção de incompatibilidades que não posso conciliar. Não saberia explicar o que aconteceu a mim mesmo, nem as grandes coisas que fiz outrora, nem aquelas de que fui testemunha. Pensando bem, começo a suspeitar que este mundo subsiste à custa de contradições: Rerum concordia discors, como outrora dizia na sua língua o meu velho mestre Zoroastro.

Enquanto se achava mergulhado nessa metafísica obscura, como o é toda metafísica, um barqueiro, cantando uma canção de taberna, fez atracar à margem um pequeno barco. Dele saíram três graves personagens, semivestidos de

trapos sujos, mas que conservavam, sob aquela indumentária de miséria, o ar mais augusto e majestoso do mundo. Eram Daniel, Ezequiel e Jeremias.

CAPÍTULO SEXTO

De como Mambrés encontrou três profetas e lhes ofereceu um bom almoço.

Esses três grandes homens, que tinham na face a luz profética, reconheceram o sábio Mambrés como um de seus confrades, pelos poucos raios dessa mesma luz que ainda lhe restavam, e prosternaram-se diante do seu palanquim. Mambrés também os reconheceu como profetas, mais pela sua indumentária do que pelos raios que partiam daquelas augustas cabeças. Desconfiou que vinham saber notícias do touro branco; e, usando da sua prudência ordinária, desceu da viatura e avançou alguns passos ao encontro deles, com um misto de polidez e dignidade. Fê-los erguerem-se, mandou armar tendas e preparar um almoço, de que julgava muito necessitados os três profetas.

Mandou convidar a velha, que se achava a uns quinhentos passos. Ela compareceu, sempre trazendo a cabresto o touro branco.

Serviram duas sopas, uma de caranguejo, outra à la reine; as entradas consistiram de uma torta de língua de carpa, de fígados de lota e sôlha de frangos com pistache, de pombinhos

com trufas e azeitonas, de dois perus com molho de lagosta, cogumelos e morchelas e uma chipolata. Os assados eram constituídos de faisões, perdizes, gelinotas, codornizes e hortulanas, com quatro saladas. No meio havia um centro-de-mesa do melhor gosto. Nada foi mais delicado que o entremets; nada mais magnífico, mais brilhante e engenhoso que a sobremesa.

De resto, o discreto Mambrés tivera o máximo cuidado de que não houvesse naquela refeição, nem cozidos, nem lombo, nem língua, nem palato de boi, nem ubres de vaca, de medo que o infortunado monarca, assistindo de longe ao almoço fosse pensar que o insultavam.

Esse grande e infeliz príncipe pastava perto da tenda. Nunca sentiu tão cruelmente a fatal revolução que por sete anos inteiros o tinha privado do trono.

— Ai! — suspirava ele, — esse Daniel, que me transformou em touro, e essa feiticeira, que me guarda, gozam o melhor passadio do mundo; e eu, o soberano da Ásia, vejo-me reduzido a comer capim e a beber água!

Beberam; à farta, vinho de Engaddi, de Tadmor e de Chiraz. Quando ficaram um pouco tocados, os profetas e a pitonisa puseram-se a

falar com mais franqueza do que durante os primeiros pratos.

— Confesso — disse Daniel — que não passava tão bem quando me achava na cova dos leões.

— Como! Puseram-vos na cova dos leões?! — exclamou Mambrés. — E como não fostes devorado?

— Senhor — respondeu Daniel, — bem sabeis que os leões nunca devoram profetas.

— Quanto a mim — disse Jeremias, — passei toda a vida a morrer de fome; nunca fiz uma boa refeição, a não ser hoje. Se tivesse de renascer, e pudesse escolher a minha condição, confesso que estimaria mil vezes mais ser inspetor geral, ou bispo em Babilônia, que profeta em Jerusalém.

— Pois a mim — confessou Ezequiel, — ordenaram-me uma vez que dormisse trezentos e noventa dias seguido sobre o lado esquerdo, e que, durante todo esse tempo, comesse pão de cevada, de milho, de ervilhaça, de fava e de trigo, coberto com...(11) nem ouso dizê-lo. O mais que pude obter foi o privilégio de o cobrir apenas com bosta de vaca. Confesso que a cozinha do senhor Mambrés é mais delicada. Contudo, o ofício de profeta tem o seu lado bom: e a prova disso é que há tanta gente que se mete a profeta.

— A propósito — disse Mambrés, — explicai-me o que entendeis pelo vosso Oolla e o vosso Ooliba, que tanto se preocupavam com cavalos e burros.

— Ah! — respondeu Ezequiel, — são flores de retórica.

Após essas expansões, Mambrés falou de negócios. Perguntou aos três peregrinos por que tinham vindo aos Estados do rei de Tânis. Daniel tomou a palavra: disse que o reino de Babilônia ficara em polvorosa após o desaparecimento de Nabucodonosor; que haviam perseguido todos os profetas, segundo o costume da Corte; que eles, profetas, passavam a existência ora vendo reis a seus pés, ora recebendo açoites; que enfim tinham sido obrigados a refugiar-se no Egito, para não ser lapidados. Ezequiel e Jeremias também falaram, longamente, num belíssimo estilo, que mal se podia compreender. Quanto à pitonisa, trazia sempre o seu animal de olho. O peixe de Jonas mantinha-se no Nilo, defronte à tenda, e a serpente espairecia sobre a relva. Depois do café, foram passear à margem do Nilo. Então o touro branco, avistando os profetas seus inimigos, soltou terríveis mugidos; lançou-se impetuosamente sobre eles, com os cornos em riste; e, como os profetas nunca tiveram mais que pele e osso, fatalmente os teria atravessado de um lado a outro, tirando-lhes a vida; mas o

Senhor das coisas, que vê tudo e a tudo remedeia, transformou-os imediatamente em gralhas, e eles continuaram a falar como dantes.

A mesma coisa aconteceu depois às Piérides, de tal modo a fábula imita a história.

Esse, novo incidente provocava novas reflexões no espírito do sábio Mambrés.

Eis, pois, (dizia ele consigo) três grandes profetas transformados em gralhas; isto nos deve ensinar a não falar demais e a guardar sempre uma conveniente discrição.

Concluía que a sabedoria vale mais que a eloqüência e meditava profundamente, segundo o seu costume, quando um grande e terrível espetáculo lhe ofuscou os olhos.

CAPÍTULO SÉTIMO

Chega o rei de Tânis. Sua filha e o touro vão ser sacrificados.

Turbilhões de poeira erguiam-se de sul a norte. Ouvia-se o ruído dos tambores, das trombetas, dos pífanos, dos saltérios, das citaras, dos sambucos; vários esquadrões com vários batalhões avançavam, e Amásis, rei de Tânis, vinha à sua frente, num cavalo coberto de um xairel escarlate recamado a ouro; e os arautos gritavam:

— "Que apanhem o touro branco, que o amarrem, que o lancem ao Nilo, e que o dêem de comer ao peixe de Jonas: pois o rei meu senhor, que é justo, quer vingar-se do touro branco, que enfeitiçou a sua filha."

O bom velho Mambrés fez mais reflexões do que nunca. Compreendeu que o perverso corvo fora contar tudo ao rei e que a princesa corria o risco de lhe cortarem o pescoço. Disse então à serpente:

— Corre a consolar a bela Amaside; dize-lhe que não tema coisa alguma, haja o que houver, e conta-lhe histórias distrair suas penas, pois as

histórias sempre divertem as moças, e é com histórias que a gente vence na vida .

Depois prosternou-se diante de Amásis, rei de Tânis, e disse-lhe:

— Ó rei! que vivas para sempre. O touro branco deve ser sacrificado, pois Vossa Majestade tem sempre razão, mas o Senhor das coisas disse: Esse touro só deve ser comido pelo peixe de Jonas depois que Mênfis houver encontrado um deus para colocar no lugar do seu deus que é morto. Então sereis vingado, e vossa filha exorcismada, pois ela está possessa. Tendes bastante religião para não obedecer às ordens do Senhor das coisas.

Amásis, rei de Tânis, ficou pensativo; depois disse:

— É morto o boi Ápis; que Deus lhe tenha a alma! Quando acreditais que se possa achar outro boi para reinar sobre fecundo Egito?

— Sire — disse Mambrés, — não vos peço mais que oito dias.

O rei, que era muito devoto, disse:

— Concedo-os, e quero permanecer aqui esses oito dias; após o que, sacrificarei o sedutor de minha filha.

E mandou vir suas tendas, seus cozinheiros, seus músicos, e permaneceu oito dias naquele local, como está escrito em Manethon.

A velha desesperava-se por ver que o touro a que guardava não tinha mais que oito dias de vida. Todas as noites, fazia ela aparecerem fantasmas ao rei, para o desviar de seu cruel desígnio. Mas o rei, pela manhã, não se lembrava mais dos fantasmas que vira à noite, da mesma forma que Nabucodonosor esquecera os seus sonhos.

CAPÍTULO OITAVO

De como a serpente contou histórias à princesa, para a consolar.

E a serpente contava histórias à bela Amaside, para acalmar seus sofrimentos. Dizia-lhe como curara outrora um povo inteiro da mordedura de certas pequenas cobras, apenas mostrando-se na extremidade de um bastão. Narrava-lhe as conquistas do herói que fez tão belo contraste com Anfião, arquiteto de Tebas, na Beócia. Esse Anfião fazia amontoarem-se as pedras de cantaria ao som do violino: bastava-lhe um rigodão ou um minuete para construir uma cidade; mas o outro as destruía ao som de uma corneta de chifre; mandou enforcar trinta e um poderosos reis num cantão de dezesseis léguas quadradas; fez chover grandes pedras do céu sobre um batalhão de inimigos que lhe fugiam; e, tendo-os assim exterminado, fez parar o sol e a lua em pleno meio-dia para os exterminar de novo entre Gabaon e Aialon, no caminho de Bethhoron, a exemplo de Baco que, na sua viagem às Índias, mandara parar o sob e a lua. A prudência que deve ter toda serpente não lhe permitiu falar à bela Amaside do poderoso bastardo Jefté, que cortou o pescoço à filha porque havia vencido uma batalha; teria enchido

de terror o coração da bela princesa; mas contou-lhe as aventuras do grande Sansão, que matava mil filisteus com uma queixada de burro, que atava trezentas raposas pela cauda, e que tombou nos laços de uma rapariga menos bela, menos terna e menos fiel que a encantadora Amaside.

Contava-lhe os desgraçados amores de Siquem e da amável Dina, que tinha seis anos de idade, e os amores mais felizes de Booz e de Ruth, os de Judá com a sua nora Tamar, os de Loth com as suas duas filhas que não queriam que o mundo acabasse, os de Abraão e de Jacob com suas criadas, os de Rubem com sua mãe, os de David e Betsabé, os do grande rei Salomão, em suma, tudo quanto pudesse dissipar as penas de uma bela princesa.

CAPÍTULO NONO

De como a serpente não a consolou.

Essas histórias me aborrecem — respondeu a bela Amaside, que tinha inteligência e bom gosto. — Só servem para ser comentadas entre os irlandeses por esse louco do Abbadie, ou entre os velches por esse frasista do Houteville As histórias que podiam contar à tataravó da tataravó da minha avó já não servem para mim, que fui educada pelo sábio Mambrés e que li o Entendimento Humano do filósofo egípcio chamado Locke e a Matrona de Éfeso. Quero uma história que seja fundada na verossimilhança e que não se assemelhe sempre a um sonho. Desejo que não tenha nada de trivial nem de extravagante. Desejaria sobretudo que, sob o véu da fábula, deixasse transparecer aos olhos exercitados alguma fina verdade que escapa ao vulgo. Estou cansada do sol e da lua de que uma velha dispõe a seu bel-prazer, das montanhas que dançam, dos rios que remontam à sua fonte, e dos mortos que ressuscitam; mas, quando essas tolices são escritas em estilo empolado e ininteligível, ai sim, que me desgostam horrivelmente. Bem compreendeis que uma pobre moça que receia ver seu amado engolido por um

grande peixe e ser ela própria decapitada pelo próprio pai, tem muita necessidade de que a divirtam; mas tratai de divertir-me conforme o meu gosto.

— Difícil coisa me ordenais — respondeu a serpente. — Antigamente poderia eu fazer-vos passar alguns quartos de hora bastante agradáveis; mas perdi há algum tempo a imaginação e a memória. Ai! onde estão os tempos em que eu divertia as moças? Vejamos no entanto se poderei lembrar-me de algum conto moral, para vos ser agradável.

Há vinte e cinco mil anos, o rei Gnaof e a rainha Patra ocupavam o trono da Tebas das cem portas. O rei Gnaof era muito belo, e a rainha Patra ainda mais bela; mas não podiam ter filhos. O rei Gnaof instituiu um prêmio para quem indicasse o melhor método de perpetuar a raça real.

A Faculdade de Medicina e a Academia de Cirurgia fizeram excelentes tratados sobre essa importante questão: nenhum vingou. Mandaram a rainha a banhos; ela rezou novenas; deu muito dinheiro ao templo de Júpiter Amon, de onde vem o sal amoníaco: tudo inútil. Afinal apresentou-se ao rei um jovem sacerdote de vinte e cinco anos, que lhe disse: — Sire, creio que sei fazer o exorcismo necessário para o que Vossa Majestade

deseja com tanto ardor. É preciso que eu fale em segredo ao ouvido da senhora vossa esposa; e, se ela não se tornar fecunda, consinto em ser enforcado. — Aceito a vossa proposta — disse o rei Gnaof.

A rainha e o sacerdote ficaram juntos apenas durante um quarto de hora. A rainha ficou grávida, e o rei quis mandar enforcar o sacerdote.

— Meu Deus! — exclamou a princesa, -- sei no que dão essas coisas: essa é uma história muito comum; direi até que escandaliza o meu pudor. Contai-me qualquer fábula bem verdadeira, bem averiguada e bem moral, de que nunca me tenham falado, para que eu termine de me formar o espírito e o coração, como diz o professor egípcio Linro.

— Eis aqui uma, Senhora — disse a bela serpente — e que é das mais autênticas.

Havia três profetas, todos eles igualmente ambiciosos e aborrecidos da sua condição. Sua loucura consistia em quererem ser reis; pois de profeta a monarca não há mais que um passo, e o homem aspira sempre a subir todos os degraus da escada da fortuna. Aliás, os seus gostos e prazeres eram absolutamente diversos. O primeiro pregava admiravelmente ante seus irmãos reunidos, que lhe batiam palmas; o segundo era louco por música; e o terceiro amava

apaixonadamente as mulheres. O anjo Ituriel apresentou-se a eles, num dia em que estavam à mesa e falavam sobre as doçuras do trono.

— O Senhor das coisas (disse-lhe o anjo) me envia para recompensar vossa virtude. Não só haveis de reinar, mas satisfareis continuamente as vossas paixões dominantes. A ti, primeiro profeta, faço-te rei do Egito, e terás sempre reunido o conselho, que aplaudirá tua eloqüência e tua sabedoria. Tu, segundo profeta, ocuparás o trono da Pérsia, e ouvirás continuamente uma música divina. E a ti, terceiro profeta, entrego o trono da Índia e uma encantadora amante que jamais te abandonará.

O que teve em partilha o Egito começou por reunir seu conselho privado, que era composto de duzentos sábios, apenas. Fez-lhes, segundo a etiqueta, um longo discurso que foi muito aplaudido, e o monarca experimentou a doce satisfação de embriagar-se de louvores que não eram corrompidos pela lisonja.

Ao conselho privado sucedeu-se o conselho dos negócios estrangeiros. Foi muito mais numeroso, e um novo discurso recebeu maiores louvores. O mesmo aconteceu nos outros conselhos. Nada interrompia o prazer e a glória do profeta rei do Egito. A fama da sua eloqüência encheu toda a terra.

O profeta rei da Pérsia começou por mandar representar uma ópera italiana, cujos coros eram cantados por mil e quinhentos eunucos. Suas vozes lhe comoviam a alma até a medula dos ossos, onde ela reside. A essa ópera sucedia uma outra, e a essa segunda uma terceira, sem interrupção.

O rei da Índia encerrou-se com a sua amante, com quem desfrutou uma volúpia perfeita. Considerava soberana ventura a necessidade de a acariciar sempre, e lamentava a triste sorte de seus dois confrades, um reduzido a estar sempre em conselho, e o outro sempre a ouvir ópera.

Cada qual, dias depois, ouviu pela janela uns lenhadores que saiam de uma taverna para ir ao mato cortar lenha, e que enlaçavam as suas doces amigas, que eles podiam mudar à vontade. Os nossos reis pediram a Ituriel para interceder por eles junto ao Senhor das coisas, e que os fizesse lenhadores.

— Não sei — respondeu a terna Amaside, — se o Senhor das coisas lhes satisfez o pedido, e pouco me importa; mas o que eu sei é que não pediria nada a ninguém se estivesse encerrada a sós com o meu bem-amado, o meu querido Nabucodonosor.

As abóbadas do palácio ecoaram esse grande nome. No princípio Amaside só pronunciara Na,

em seguida Nabu, depois Nabuco, mas afinal a paixão arrebatou-a, e ela pronunciou por inteiro o nome fatal apesar do juramento que fizera ao rei seu pai. Todas as damas do palácio repetiram Nabucodonosor e o vilão do corvo não deixou de ir avisar ao rei. O rosto de Amásis, rei de Tânis, perturbou-se, porque seu peito estava cheio de perturbação. E eis como a serpente, o mais prudente e sutil dos animais, sempre fazia mal às mulheres, supondo auxiliá-las.

Amásis, irado, mandou doze de seus alguazis lhe trazerem a filha, os quais estão sempre prontos a executar todas as barbaridades que o rei ordena, e que dão como motivo: “Nós somos pagos para isso”.

CAPÍTULO DÉCIMO

De como quiseram cortar o pescoço à princesa, e de como lho não cortaram.

Logo que a princesa chegou toda trêmula ao acampamento do rei seu pai, disse-lhe este:

— Minha filha, bem sabeis que as princesas que desobedecem aos reis seus pais são condenadas à morte, sem o que não poderia um reino ser bem governado. Eu te proibira que proferisses o nome de teu apaixonado Nabucodonosor, meu inimigo mortal, que me destronou há quase sete anos, e que desapareceu da face da terra. Escolheste em seu lugar um touro branco, e gritaste: "Nabucodonosor!" É justo que eu te corte o pescoço.

— Que seja feita a vossa vontade, meu pai — respondeu a princesa. — Mas concedei-me tempo para chorar a minha virgindade.

— É justo — disse o rei Amásis. — Essa é uma lei assentada entre todos os príncipes esclarecidos e prudentes. Concedo-te o dia inteiro para chorares a tua virgindade, pois dizes que a tens. Amanhã, que é o oitavo dia do meu acampamento, providenciarei para que o touro

branco seja devorado pelo peixe e te cortarei o pescoço às nove horas.

A bela Amaside foi pois chorar, ao longo do Nilo, com as suas damas palacianas, tudo o que lhe restava da virgindade. O sábio Mambrés refletia a seu lado, e contava as horas e os instantes.

— Como! meu caro Mambrés — disse-lhe ela, — mudaste as águas do Nilo em sangue, segundo o costume, e não podes mudar o coração de Amásis, meu pai, rei de Tânis! Suportarás que ele me corte o pescoço amanhã de manhã às nove horas?

— Isso depende — respondeu o cogitabundo Mambrés — da presteza de meus mensageiros.

No dia seguinte, logo que a sombra dos obeliscos e das pirâmides marcaram sobre a terra a nona hora do dia, amarraram o touro branco para jogá-lo ao peixe de Jonas e levaram ao rei o seu grande sabre.

— Ai! — gemia Nabucodonosor no fundo do seu coração, — eu, o rei, sou boi há quase sete anos e, mal encontro a minha bem-amada, sou devorado por um peixe!

Jamais o sábio Mambrés fizera tão profundas reflexões.

Estava engolfado nos seus tristes pensamentos quando avistou ao longe tudo o que esperava. Vinha-se aproximando inumerável multidão. As três imagens de Isis, de Osiris e de Hórus avançavam juntas, sobre um andor de ouro e pedrarias carregadas por cem senadores de Mênfis, e precedidas por cem raparigas tocando o sistro sagrado. Quatro mil sacerdotes, com a cabeça raspada e coroada de flores, vinham montados cada um num hipopótamo. Mais além, surgiam, na mesma pompa, a ovelha de Tebas, o cão de Bubasta, o gato de Febe, o crocodilo de Arsinoe, o bode de Mendés, e todos os deuses inferiores do Egito, que vinham render homenagem ao grande boi, ao grande deus Apis, tão poderoso quanto Isis, Osiris e Hórus juntos.

No meio de todos esses semideuses, quarenta sacerdotes carregavam um enorme cesto cheio de cebolas sagradas, que não eram deuses, mas que muito se lhes assemelhavam.

Nos dois flancos dessa fila de deuses seguidos de numerosa multidão, marchavam quarenta mil guerreiros, de capacete, cimitarra à cinta, carcaz a tiracolo e arco em punho.

Todos os sacerdotes cantavam em coro, com uma harmonia que elevava a alma e a enternecia:

O nosso boi, nós o perdemos,
Outro mais belo ganharemos.

E, a cada pausa, ouviam-se ressoar os sistros, as castanholas, os pandeiros, os saltérios, as cornamusas, as harpas e os sambucos.

CAPÍTULO UNDÉCIMO

De como a princesa desposou o seu boi.

Amásis, rei de Tânis, surpreso com aquele espetáculo, não cortou o pescoço à filha: recolocou a cimitarra na bainha. E Mambrés lhe disse:

— Grande rei! a ordem das coisas está mudada; é preciso que Vossa Majestade dê o exemplo. Ó rei! desamarrai vós mesmo sem tardança o touro branco, e sede o primeiro a adorá-lo.

Amásis obedeceu e prosternou-se com todo o seu povo. O grão-sacerdote de Mênfis apresentou ao novo boi Ápis a primeira mancheia de feno. A princesa Amaside prendia-lhe aos belos cornos festões de rosas, de anêmonas, de rainúnculos, de tulipas, de cravos e de jacintos. Tomava a liberdade de o beijar, mas com profundo respeito. Os sacerdotes juncavam de palmas e flores o caminho por onde o conduziam a Mênfis. E o sábio Mambrés, sempre a fazer reflexões, dizia baixinho à sua amiga serpente:

— Daniel transformou esse homem em boi, e eu transformei esse boi em Deus.

Regressavam a Mênfis na mesma ordem. O rei de Tânis, confuso, seguia o cortejo. Ia a seu lado Mambrés, com o ar sereno e recolhido. A velha marchava atônita e maravilhada; acompanhavam-na a serpente, o cão, a jumenta, o corvo, a pomba e o bode emissário. O grande peixe remontava o Nilo. Daniel, Ezequiel e Jeremias, transformados em gralhas, fechavam o cortejo. Quando chegaram às fronteiras do reino, que não eram muito distantes, o rei Amásis despediu-se do boi Ápis e disse à filha:

— Minha filha, voltemos para nossos Estados, a fim de que eu te corte o pescoço, tal como ficou resolvido em meu coração real, porque pronunciaste o nome de Nabucodonosor, meu inimigo, que me destronou há uns sete anos. Depois que um pai jura que há de cortar o pescoço à filha, tem de cumprir o juramento, sem o que será precipitado para sempre nos infernos, e eu não quero danar-me por amor de ti.

A bela princesa respondeu nos seguintes termos ao rei Amásis:

— Ide cortar o pescoço de quem quiserdes, meu querido pai, mas não o meu. Acho-me nas terras de Isis, de Osiris, de Hórus e de Apis; não deixarei o meu belo touro branco; beijá-lo-ei durante todo o caminho, até que tenha visto a sua apoteose no grande estábulo da santa cidade

de Mênfis: fraqueza perdoável a uma jovem bem nascida.

Mal pronunciara ela tais palavras, quando o boi Apis exclamou:

— Querida Amaside, eu te amarei durante toda a minha vida. Desde os quarenta mil anos que o vinham adorando, era a primeira vez que se ouvia no Egito o boi Pis falar. “Os sete anos estão cumpridos!” exclamaram a serpente e a jumenta, e as três gralhas repetiram: “Os sete anos estão cumpridos!” Todos os sacerdotes do Egito ergueram as mãos ao céu. Viu-se de súbito o rei perder as pernas traseiras; as dianteiras transformaram-se em duas pernas humanas; dois belos braços, carnudos, musculosos e brancos lhe brotaram dos ombros; seu focinho de touro cedeu lugar ao rosto de um herói encantador; ele tornou-se de novo o mais belo homem da terra, e disse:

— Prefiro ser esposo de Amaside a ser um deus. Eu sou Nabucodonosor, rei dos reis.

Essa nova metamorfose espantou a todo o mundo, com exceção do meditativo Mambrés. Mas o que a ninguém surpreendeu foi Nabucodonosor desposar imediatamente a bela Amaside, em presença daquela grande assembléia. Conservou o sogro no reino de Tânis e instituiu belas subvenções para a jumenta, a

serpente, o cão, a pomba, e até para o corvo, as três gralhas e o grande peixe, mostrando assim a todo o universo que tanto sabia perdoar como triunfar. A velha obteve uma considerável pensão. O bode emissário foi enviado, por um dia, para o deserto, a fim de que fossem expiados todos os pecados antigos; depois disso lhe deram doze cabras, para que se consolasse. O sábio Mambrés voltou a seu palácio para entregar-se a reflexões. Nabucodonosor, depois de o ter abraçado, começou a governar tranqüilamente o reino de Mênfis, o de Babilônia, de Damasco, de Balbec, de Tiro, a Síria, a Ásia Menor, a Cítia, as regiões de Chiraz, de Mosok, de Tubal, de Madai, de Gog, de Magog, de Javan, a Sogdiana, a Bactriana, as Índias e as ilhas.

Os povos dessa vasta monarquia gritavam todas as manhãs:

— Viva o grande rei Nabucodonosor, rei dos reis, que não é mais boi!

— E desde então, todas as vezes em que o soberano (tendo sido grosseiramente enganado pelos seus sátrapas, ou pelos seus magos, ou pelos seus tesoureiros, ou pelas suas mulheres) reconhecia enfim o engano e modificava o seu proceder, todos os babilônios costumavam ir gritar à sua porta:

— Viva o nosso grande rei, que não é mais boi.

NOTAS

(1) — Querub, em caldeu e siríaco, significa “boi”.

(2) — Os brâmanes foram, com efeito, os primeiros que imaginaram uma revolta no céu, e essa fábula serviu, muito tempo depois, como esquema à história da guerra dos gigantes contra os deuses, e a algumas outras histórias.

(3) — Primeiro livro dos Reis, cap. XXII, v. 21 e 22.

(4) — Toda a antigüidade empregava indiferentemente os termos de boi e touro.

(5) — Dinastia significa propriamente poder. Neste sentido se pode empregar tal palavra, apesar das cavilações de Larcher. Dinastia vem do fenício dunast, e Larcher é um ignorante que não sabe nem fenício, nem siríaco, nem copta.

(6) — Diz Tertuliano, no seu poema de Sodoma:

Dicitur et vivens alio sub corpore sexus
Munificos solito dispungere sanguine menses.

E Santo Irineu, liv. IV:

Per naturalia ea quae sunt consuetudinis feminae ostendens.

(7) — Daniel cap.V.

(8) — Vinte mil escudos de prata francesa, pelo câmbio atual (1773).

(9) — Terceiro livro dos Reis, cap. XVII

(10) — Berósio, autor caldeu, refere com efeito ter acontecido a mesma aventura ao rei Xisutra da Trácia: foi ainda mais maravilhosa, pois a sua arca tinha cinco estádios de comprimento por dois de largura. Travou-se grande discussão entre os sábios para destrinçar qual dos dois era o mais antigo, se Xisutra ou Noé.

(11) — Ezequiel, cap. IV.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Junho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos
GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

Os ouvidos do Conde de Chesterfield e o Capelão Goudman

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

Os Ouvidos do Conde de Chesterfield e o Capelão Goudman (1775)
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 5
Nélson Jahr Garcia
BIOGRAFIA DO AUTOR — 13

CAPÍTULO I — 16
CAPÍTULO II — 19
CAPÍTULO III — 22
CAPÍTULO IV — 24
CAPÍTULO V — 33
CAPÍTULO VI — 37
CAPÍTULO VII — 41
CAPÍTULO VIII — 46
NOTAS — 48

OS OUVIDOS DO CONDE DE CHESTERFIELD E O CAPELÃO GOUDMAN

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Pensador profundo, desenvolveu uma filosofia impecável que marcou sua época e nos influencia até hoje. Voltaire produziu inúmeras obras; em todas se encontram alguns traços constantes.

A pecularíedade formal encontra-se na postura crítica. Diplomacia não há nenhuma, sutileza sim, mas nem tanto. Ironia, irreverência e sarcasmo não flutuam na superfície, atingem raízes. Não perdoa costumes, religiões, crenças, superstições, raças, governos ou autoridades.

Neste conto Voltaire vai além de escarnecer, investe com virulência.

O texto, basicamente, se desenvolve através de discussões filosóficas entre o padre Goudman, o médico e anatomista Sidrac e, depois, o senhor Grou. Fazem contraponto cada um com os demais, todos concordando entre si: é Voltaire apresentando suas concepções através deles.

Defensor ardoroso da liberdade de expressão, talvez até por ter sido tão criticado e perseguido, não deixou de enfatizar:

Se estivéssemos nos bancos da Escola, argumentaríamos como os personagens de Rabelais. Se vivêssemos nos séculos de horrendas trevas que envolveram por tanto tempo a Inglaterra, um de nós dois faria talvez queimar o outro. Estamos num século de razão; encontramos facilmente o que nos parece a verdade, e ousamos dizê-lo.

Permanentemente pessimista, a ponto de dedicar todo um romance contestando as idéias otimistas de Leibnitz (Cândido), Voltaire inicia declarando:

Ah! a fatalidade governa irremisivelmente todas as coisas deste mundo. Assim o julgo, como de razão, por minha própria aventura.

A conclusão, ao final, reforça:

... mais do que nunca persuadido de que a fatalidade governa todas as coisas deste mundo.

Como sempre, ridiculariza com rancorosa inteligência os dogmas católicos:

Pareceu-me ainda mais ridículo que Deus criasse uma alma no momento em que um homem deita com uma mulher.

Pareceu-me blasfematório que Deus esperasse a consumação de um adultério, de um incesto, para recompensar essas torpezas criando almas em seu favor. E ainda pior quando me dizem que Deus tira do nada almas imortais para as fazer sofrerem eternamente incríveis tormentos. Como! queimar seres simples, seres que nada têm de queimável! Como faríamos para queimar um som de voz, um vento que acaba de passar? E ainda esse som, esse vento, eram materiais no breve instante da sua passagem; mas um espírito puro, um pensamento, uma dúvida? Isto me confunde. Para qualquer lado que me volte, só encontro obscuridade, contradição, impossibilidade, ridículo, sonhos, impertinência, quimera, absurdo, tolice, charlatanismo.

Os judeus, cujos costumes sempre hostilizou com certo cuidado, aqui o faz com mais veemência.

Muitas vezes me perguntaram se os habitantes desse país imenso chamado Nova Zelândia, e que são hoje os mais bárbaros de todos os bárbaros, eram batizados. Respondi que não o sabia, mas bem poderiam sê-lo; que os judeus, que eram mais bárbaros que eles, tinham dois

batismos em vez de um, o batismo de justiça e o batismo de domicílio.

Em outro trecho:

> *É assim que pensavam os primeiros hindus, que veneravam o Linga, símbolo da geração; os antigos egípcios, que carregavam o Falo em procissão; os gregos, que erigiam templos a Priapo. Se é permitido citar a miserável nação judia, grosseira imitadora de todos os seus vizinhos, está escrito nos seus livros que esse povo adorou Priapo, e que a rainha mãe do rei judeu Asa foi sua grã-sacerdotisa.*

Os jesuítas, seus adversários prediletos, não passaram incólumes:

> *É de todas as cerimônias religiosas, a mais respeitável sem dúvida. Fui testemunha de tal cerimônia, bem como toda a equipagem de nosso navio. Não se trata aqui de fábulas de missionários, tais como às vezes se encontram nas "Cartas edificantes e curiosas" dos reverendos padres jesuítas.*

E com que charme se refere a uma cerimônia exótica na qual se praticavam atos que os

membros da Igreja proibiam mencionar, embora praticassem com entusiasmo.

> *Encontramo-la rodeada de cerca de mil pessoas de ambos os sexos, dispostas em semicírculo, e num silêncio respeitoso. Uma jovem, muito linda, simplesmente vestida de um roupão galante, achava-se deitada sobre um estrado que servia de altar. A rainha Obeira ordenou a um belo jovem de cerca de vinte anos que fosse sacrificar. Este pronunciou uma espécie de oração e subiu ao altar. Os dois sacrificadores estavam seminus. A rainha, com um ar majestoso, indicava à jovem vitima a maneira mais conveniente de consumar o sacrifício. Todos os otaitianos se mostravam tão atentos e respeitosos que nenhum dos nossos marinheiros ousou perturbar a cerimônia com um riso indecente. Eis, pois, o que eu vi, eis o que toda a nossa equipagem viu. A vós cumpre tirar as conseqüências.*

O auge da irreverência fica por conta da tese segundo a qual as decisões humanas são governadas pelo funcionamento intestinal. Veja-se as passagens mais significativas:

> *No dia seguinte os três filósofos abordaram a grande questão: qual o*

primeiro móvel de todas as ações dos homens. Goudman, a quem sempre lhe doera a perda de seu cargo e da sua bem-amada, disse que o princípio de tudo era o amor e a ambição. Grou, que vira mais terras, disse que era o dinheiro; e o grande anatomista Sidrac assegurou que era a privada.

Sempre observei que todos os negócios deste mundo dependem da opinião e da vontade de um principal personagem, seja o rei, ou o primeiro ministro, ou alto funcionário. Ora, essa opinião e essa vontade são o efeito imediato da maneira como os espíritos animais se filtram no cérebro e daí até a medula alongada; esses espíritos animais dependem da circulação do sangue; esse sangue depende da formação do quilo; esse quilo elabora-se na rede do mesentério; esse mesentério acha-se ligado aos intestinos por filamentos muito delgados; esses intestinos, se assim me é permitido dizer, estão cheios de merda.

Que acontece então a um homem com prisão de ventre? Os elementos mais tênues, mais delicados da sua merda, se misturam ao quilo nas veias de Asellius, vão à veia-porta e ao reservatório de

Pecquet; passam para a subclávia; penetram no coração do homem mais galante, da mulher mais faceira. É uma orvalhada de bosta que se lhe espalha por todo o corpo. Se esse orvalho inunda os parênquimas, os vasos e as glândulas de um atrabiliário, o seu mau-humor transforma-se em ferocidade; o branco de seus olhos se torna de um sombrio ardente; seus lábios colam-se um ao outro; a cor do rosto assume tonalidades baças. Ele parece que vos ameaça; não vos aproximeis; e, se for um ministro de Estado, guardai-vos de lhe apresentar um requerimento. Todo e qualquer papel, ele só o considera como um recurso de que bem desejaria lançar mão, segundo o antigo e abominável costume dos europeus. Informai-vos habilmente de seu criado se Sua Senhoria foi aos pés pela manhã.

Isto é mais importante do que se julga. A prisão de ventre tem produzido às vezes as mais sanguinolentas cenas. Meu avô, que morreu centenário, era boticário de Cromwell; contou-me muitas vezes que fazia oito dias que Cromwell não ia à privada quando mandou degolar o seu rei.

Ler Voltaire, mais uma vez, é adquirir conhecimento, aproximar-se da sabedoria e, porque não, rir do que pretendem seja sério.

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente

recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio

de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

CAPÍTULO I

Ah! a fatalidade governa irremissivelmente todas as coisas deste mundo. Assim o julgo, como de razão, por minha própria aventura.

Milorde Chesterfield, que me estimava muito, prometera ajudar-me. Vagara um bom *preferment*(1) de sua nomeação. Corro, do fundo da minha província, a Londres; apresento-me a milorde; recordo-lhe as suas promessas; ele me aperta amistosamente a mão e diz que, com efeito, estou com uma péssima fisionomia. Respondo-lhe que o meu maior mal é a pobreza. Ele me replica que quer mandar curar-me, e dá-me imediatamente uma carta para o ar. Sidrac, perto de Guildhall

Não duvido que o ar. Sidrac seja aquele que deve tratar dos papéis de meu curato. Vôo a sua casa, O sr. Sidrac, que era o cirurgião de milorde, põe-se incontinenti no dever de me sondar, e assegura-me que, se tenho pedra, ele ma talhará devidamente.

Cumpre esclarecer que milorde entendera que eu tinha um grande mal na bexiga e quisera, na sua habitual generosidade, fazer-me talhar à

sua custa. Era surdo, bem como o senhor seu irmão, e eu não estava inteirado disso.

Durante o tempo que eu perdi em defender a minha bexiga contra o sr. Sidrac, que queria sondar-me à viva força, um dos cinqüenta e dois competidores que aspiravam ao mesmo benefício chegou em casa de milorde, pediu o meu curato, e obteve-o.

Estava eu enamorado de Miss Fidler, a quem devia desposar logo que me fizessem cura; o meu rival conseguiu meu lugar e minha amada.

O conde, sabedor do meu desastre e do seu engano, prometeu-me reparar tudo. Mas morreu dois dias após.

O sr. Sidrac me fez ver, claro como a luz, que o meu bom protetor não podia viver um minuto mais, dada a constituição presente de seus órgãos, e provou-me que a sua surdez provinha apenas da extrema secura da corda e do tambor da sua orelha. Ofereceu-se para endurecer meus dois ouvidos com espírito de vinho, de modo a me tornar mais surdo do que qualquer par do reino.

Compreendi que o sr. Sidrac era um homem muito sábio. Inspirou-me gosto pela ciência da natureza. Via aliás que era um homem caridoso, que me talharia grátis na primeira ocasião, e que

me aliviaria em todos os acidentes que me poderiam acontecer no colo da bexiga.

Pus-me, assim, a estudar a natureza sob a sua direção, para me consolar da perda de meu curato e de minha amada.

CAPÍTULO II

Depois de muitas observações sobre a natureza, feitas com os meus cinco sentidos, lentes, microscópios, disse eu um dia ao Sr. Sidrac:

— Estão a zombar de nós; não há natureza, tudo é arte. É por uma arte admirável que todos os planetas dançam regularmente em torno do sol, ao passo que o sol gira sobre si mesmo. Cumpre certamente que alguém tão sábio como a Sociedade Real de Londres tenha arranjado as coisas de maneira que o quadrado das revoluções de cada planeta seja sempre proporcional à raiz do cubo do seu quadrado ao seu centro; e é preciso ser feiticeiro para adivinhá-lo.

O fluxo e refluxo do nosso Tâmisa me parece efeito constante de uma arte não menos profunda e não menos difícil de conhecer.

Animais, vegetais, minerais, tudo me parece arranjado com peso, medida, número, movimento. Tudo é mola, alavanca, polia, máquina hidráulica, laboratório de química, desde a relva até o carvalho, desde a pulga até o

homem, desde um grão de areia até as nossas nuvens.

Certamente, não há senão arte, e a natureza é uma quimera.

— Tendes razão — respondeu-me o Sr. Sidrac, — mas não vos cabe a primazia; isso já foi dito por um sonhador de além-Mancha(2), mas não lhe deram atenção.

— O que me espanta, e o que mais me agrada, é que, por meio dessa arte incompreensível, duas máquinas produzam sempre uma terceira; e sinto muito não ter feito uma com Miss Fidler; mas compreendo que estava arranjado de toda a eternidade que Miss Fidler empregaria outra máquina que não eu.

— O que dizeis — replicou o sr. Sidrac — também já foi dito, e melhor: é apenas uma probabilidade que penseis justo. Sim, é muito divertido que dois seres produzam um terceiro; mas isso não é verdade para todos os seres. Duas rosas não produzem uma terceira, beijando-se. Dois seixos, dois metais, não produzem um terceiro, e no entanto um metal, uma pedra, são coisas que toda a indústria humana não poderia fazer. O grande, o belo milagre contínuo é que um jovem e uma rapariga façam juntos um filho, que um rouxinol faça um rouxinolzinho na sua rouxinola, e não numa toutinegra. Dever-se-ia

passar metade da vida a imitá-los, e a outra metade a abençoar aquele que inventou tal método. Há na geração mil segredos curiosíssimos. Diz Newton que a natureza se assemelha em toda parte: *Natura est ubique sibi consona.* Isso é falso em amor; os peixes, os répteis, os pássaros, não fazem o amor como nós: há nisso uma variedade infinita. O fabrico dos seres que sentem e agem me encanta. Os vegetais também têm seu interesse. Espanta-me sempre que um grão de trigo lançado à terra produza vários outros.

— Ah! — disse-lhe eu, como um tolo que ainda era — é que o trigo deve morrer para nascer, como o disseram na Escola.

O ar. Sidrac retrucou-me com um riso circunspecto:

— Isso era verdade no tempo da Escola, mas o mais humilde lavrador sabe hoje muito bem que a coisa é absurda.

— Ah! sr. Sidrac, peço-lhe perdão; mas é que eu fui teólogo, e não é de um momento para outro que a gente se desfaz dos velhos hábitos.

CAPÍTULO III

Algum tempo depois dessas conversações entre o pobre padre Goudman e o excelente anatomista Sidrac, este último encontrou o primeiro no parque St. James, muito pensativo e cismarento, com o ar embaraçado de um algebrista que acabasse de fazer um cálculo errado.

— Que tendes? — indagou Sidrac. — É a bexiga ou o cólon que vos atormenta?

— Não, é a vesícula do fel. Acabo de ver passar numa bela carruagem o bispo de Gloucester, que é um pedante palrador e atrevido. Eu ia a pé, e isso me irritou. Pensei que, se eu quisesse um bispado neste reino, haveria dez mil probabilidades contra uma de não o conseguir, visto que somos dez mil padres na Inglaterra. Estou sem nenhuma proteção desde a morte de milorde Chesterfield, que era surdo. Suponhamos que os dez mil padres anglicanos tenham cada um dois protetores; haveria neste caso vinte mil probabilidades contra uma de que eu não conseguiria o bispado. Isso, pensando bem, incomoda.

Lembra-me de que outrora me haviam proposto ir às Índias na qualidade de grumete; asseguravam-me que eu ali faria fortuna, mas não me achava com vocação para me tornar um dia almirante. E, depois de haver examinado todas as profissões, fiquei padre, sem prestar para mais nada.

— Deixai de ser padre — disse-lhe Sidrac — e fazei-vos filósofo. Este ofício não exige nem dá riquezas. Qual é a vossa renda?

— Tenho apenas trinta guinéus de renda e, após a morte de minha velha tia, terei cinqüenta.

— Vamos, meu caro Goudman, é o bastante para viver livre e para pensar. Trinta guinéus importam em seiscentos e trinta xelins, o que dá cerca de dois xelins por dia. Philips não queria mais que um. Pode-se, com essa renda garantida, dizer tudo o que se pensa da Companhia das Índias, do Parlamento, das nossas colônias, do rei, do ser em geral, do homem e de Deus, o que é um grande divertimento. Vinde jantar comigo; isso vos poupará dinheiro; conversaremos, e a vossa faculdade pensante terá o prazer de comunicar-se com a minha por meio da palavra, o que é uma coisa maravilhosa, que os homens não admiram como devem.

CAPÍTULO IV

Conversação do doutor Goudman e do anatomista Sidrac, sobre a alma e outras coisas

Goudman: — Mas meu caro Sidrac, por que dizeis sempre a minha faculdade pensante? Por que não dizeis minha alma simplesmente? Ficaria mais curto, e eu vos entenderia da mesma forma.

Sidrac: — Pois eu não me entenderia a mim. Sinto muito bem, sei muito bem que Deus me deu a faculdade de pensar e de falar, mas não sinto nem sei se me deu um ser e que se chama alma.

Goudman: — Na verdade, refletindo bem, vejo que nada sei tampouco, e que por muito tempo fui assaz ousado para julgar sabê-lo. Observei que os povos orientais chamaram a alma por um nome que significava a vida. A seu exemplo, os latinos entenderam a princípio por *anima* a vida do animal. Entre os gregos dizia-se: a respiração é a alma. Essa respiração é um sopro. Os latinos traduziram a palavra sopro por *spiritus:* daí a palavra que corresponde a espírito em quase todas as nações modernas. Como jamais ninguém viu esse sopro, esse espírito, fizeram dele um ser que ninguém pode ver nem tocar. Disseram que

habitava o nosso corpo sem nele ocupar espaço, que movia nossos órgãos sem os atingir. Que mais que não se disse? Todas as nossas digressões, ao que parece, se têm baseado em equívocos. Vejo que o sábio Locke bem compreendeu em que caos haviam mergulhado a razão humana esses equívocos de todas as línguas. Não dedicou ele um único capitulo à alma no único livro razoável de metafísica que já se escreveu no mundo. E se por acaso pronuncia essa palavra em alguns lugares, essa palavra apenas significa para ele a nossa inteligência.

Com efeito, toda gente percebe que tem uma inteligência, que recebe idéias, que as associa, que as decompõe; mas ninguém percebe que tem em si um outro ser que lhe dá movimento, sensações e idéias. É, no fundo, ridículo pronunciar palavras que não se entendem, e admitir seres de que não se pode ter o mínimo conhecimento.

Sidrac: — Eis-nos portanto já de acordo sobre uma coisa que foi objeto de disputa durante tantos séculos.

Goudman: — E admira-me que estejamos de acordo.

Sidrac: — Não é de espantar, pois procuramos a verdade de boa fé. Se estivéssemos nos bancos da Escola, argumentaríamos como os

personagens de Rabelais. Se vivêssemos nos séculos de horrendas trevas que envolveram por tanto tempo a Inglaterra, um de nós dois faria talvez queimar o outro. Estamos num século de razão; encontramos facilmente o que nos parece a verdade, e ousamos dizê-lo.

Goudman: — Sim, mas receio que essa verdade seja bem pouca coisa. Fizemos em matemática prodígios que espantariam Apolônio e Arquimedes e que os converteriam em nossos discípulos; mas, em metafísica, que foi que encontramos? A nossa ignorância.

Sidrac: — E não é nada? Haveis de convir em que o grande Ser vos deu uma faculdade de sentir e de pensar como deu a vossos pés a de andar, a vossas mãos o poder de fazer mil coisas, a vossas vísceras o de digerir, a vosso coração o de impelir o sangue para as artérias. Dele recebemos tudo; nada nos pudemos dar; e ignoramos sempre a maneira como o senhor do universo consegue conduzir-nos. Quanto a mim, dou-lhe graças por me haver ensinado que nada sei dos primeiros princípios.

Sempre se procurou saber como age a alma sobre o corpo. Seria preciso saber primeiro se possuíamos uma alma. Ou Deus nos fez essa dádiva, ou nos comunicou qualquer coisa que lhe é equivalente. De qualquer modo que haja feito,

estamos sob o seu domínio. Ele é o nosso senhor, eis tudo quanto sei.

Goudman: — Mas, ao menos, dizei-me o que suspeitais. Dissecastes cérebros, vistes embriões e fetos: descobristes aí algum indício de alma?

Sidrac: — Nenhum, e jamais pude compreender como um ser imaterial, imortal, poderia viver inutilmente durante nove meses, oculto em uma membrana mal cheirosa, entre a urina e os excrementos. Pareceu-me difícil conceber que essa pretendida alma simples existisse antes da formação de seu corpo; pois para que teria ela servido durante séculos sem ser alma humana? E depois, como imaginar um ser simples? Um ser metafísico que espera, durante uma eternidade, o momento de animar a matéria durante alguns minutos? Que será feito desse ser desconhecido se o feto a que deve animar morre no ventre materno?

Pareceu-me ainda mais ridículo que Deus criasse uma alma no momento em que um homem deita com uma mulher. Pareceu-me blasfematório que Deus esperasse a consumação de um adultério, de um incesto, para recompensar essas torpezas criando almas em seu favor. E ainda pior quando me dizem que Deus tira do nada almas imortais para as fazer sofrerem eternamente incríveis tormentos. Como!

queimar seres simples, seres que nada têm de queimável! Como faríamos para queimar um som de voz, um vento que acaba de passar? E ainda esse som, esse vento, eram materiais no breve instante da sua passagem; mas um espírito puro, um pensamento, uma dúvida? Isto me confunde. Para qualquer lado que me volte, só encontro obscuridade, contradição, impossibilidade, ridículo, sonhos, impertinência, quimera, absurdo, tolice, charlatanismo.

Mas sinto-me à vontade quando considero: Deus é o senhor. Aquele que faz gravitarem astros inumeráveis, aquele que fez a luz, é bastante poderoso para nos dar sentimentos e idéias, sem que tenhamos necessidade de um pequeno átomo estranho, invisível, chamado alma.

Deus deu certamente sentimento, memória, indústria a todos os animais. Deu-lhes vida, e é tão belo fazer presente da vida como fazer presente de uma alma. É geralmente aceite que os animais vivem; está demonstrado que eles têm sentimento, pois têm os órgãos do sentimento. Ora, se eles têm tudo isso sem alma, por que queremos nós à viva força possuir uma?

Goudman: — Talvez por vaidade. Estou persuadido de que, se um pavão pudesse falar, gabar-se-ia de ter uma alma e diria que a sua alma estava na cauda. Sinto-me muito inclinado

a suspeitar convosco que Deus nos fez comedores, bebedores, andantes, dormintes, sensíveis, pensantes, cheios de paixões, de orgulho e de miséria, sem nos dizer uma palavra do seu segredo. Não sabemos mais sobre esse artigo do que os pavões a que me refiro. E aquele que disse que nascemos, vivemos e morremos sem saber como, disse uma grande verdade.

Aquele que nos chama os títeres da Providência, parece-me que nos definiu muito bem. Pois enfim, para que existamos, é necessário uma infinidade de movimentos. Ora, nós não fizemos o movimento; não fomos nós que lhe estabelecemos as leis. Há alguém que, tendo feito a luz, a faz mover do sol a nossos olhos, ferindo-os em sete minutos. E tão só pelo movimento que os meus cinco sentidos são impressionados; e é só por esses cinco sentidos que eu tenho idéias; é pois o autor do movimento quem me dá as minhas idéias. E quando ele me disser de que maneira mas dá, render-lhe-ei as minhas humildes ações de graças. E já muito lhe agradeço por me haver permitido contemplar durante alguns anos o magnífico espetáculo deste mundo, como dizia Epicteto. É verdade que ele podia tornar-me mais feliz e fazer-me conseguir um bom cargo e a minha amada Miss Fidler; mas afinal, tal como estou com os meus seiscentos e trinta xelins de renda, ainda lhe devo muitas obrigações.

Sidrac: — Dizeis que Deus vos podia ter dado um bom cargo e que podia tornar-vos mais feliz do que sois. Há gente que não vos deixaria passar tal proposição. Já não recordais que vós próprio vos queixastes da fatalidade? Não é permitido contradizer-se, a um homem que pretendeu ser cura. Não vedes que, se houvésseis obtido o curato e a mulher pretendida, seríeis vós quem teria feito um filho em Miss Fidler, e não o vosso rival? O filho que ela teria dado à luz poderia ter sido grumete, tornar-se almirante, ganhar uma batalha naval na embocadura do Ganges, e acabar destronando o Grão Mogol. Só isso teria mudado a constituição do universo. Seria preciso um mundo completamente diverso do nosso para que o vosso competidor não obtivesse o curato, para que não desposasse Miss Fidler, para que não ficásseis reduzido a seiscentos e trinta xelins, enquanto não morre a vossa tia. Tudo está encadeado, e Deus não irá romper a cadeia eterna por causa de meu amigo Goudman.

Goudman: — Eu não esperava por esse raciocínio, quando me referia à fatalidade; mas afinal, se assim é, quer dizer que Deus é tão escravo quanto eu?

Sidrac: — Ele é escravo da sua vontade, da sua sabedoria, das próprias leis que fez, da sua natureza necessária. Não pode infringi-las, porque não pode ser fraco, inconstante, volúvel

como nós, e porque o Ser necessariamente eterno não pode ser uma ventoinha.

Goudman: — Sr. Sidrac, isso poderia levar diretamente à irreligião. Pois, se Deus nada pode mudar nos assuntos deste mundo, para que lhe cantar louvores, para que implorá-lo?

Sidrac: — Mas quem vos mandou implorar a Deus e louvá-lo? Que tem ele a fazer com os vossos louvores e os vossos pedidos? A gente louva a um homem porque o julga vaidoso, e dirige-lhe pedidos quando o julga fraco, esperando fazer que ele mude de opinião. Cumpramos os nossos deveres para com Deus, adoremo-lo, sejamos justos; eis os nossos verdadeiros louvores e as nossas verdadeiras preces.

Goudman: — Sr. Sidrac, percorremos um vasto terreno; pois, sem contar Miss Fidler, examinamos se temos uma alma, se existe um Deus, se ele pode mudar, se somos destinados a duas vidas, se... São profundos estudos, e talvez eu nunca houvesse pensado neles se me fizessem cura. Preciso aprofundar essas coisas necessárias e sublimes, visto que nada tenho a fazer.

Sidrac: — Pois bem! Amanhã o doutor Grou vem jantar comigo: é um médico muito instruído; deu volta ao mundo com os senhores Banks e Solander; deve certamente conhecer Deus e a

alma, o verdadeiro e o falso, o justo e o injusto, muito melhor que aqueles que nunca saíram de Covent-Garden. De resto, o doutor Grou viu quase toda a Europa quando moço; freqüentou o paxá conde de Bonneval, que se tornara, como se sabe, um perfeito muçulmano em Constantinopla. Foi amigo do padre papista Mac-Carthy, irlandês, que mandou cortar o prepúcio em honra de Maomé; esteve também ligado ao nosso presbítero escocês Ramsey, que fez o mesmo, e que em seguida serviu na Rússia, e foi morto em uma batalha contra os suecos, na Finlândia. Enfim, conversou com o reverendo padre Malagrida, que foi depois queimado em Lisboa, porque a Santa Virgem lhe revelara tudo o que ela fizera quando se achava no ventre de sua mãe Santa Ana. Bem compreendeis que um homem como o senhor Grou, que viu tantas coisas, deve ser o maior metafísico do mundo. Até amanhã, então, aqui em casa, para jantarmos.

Goudman: — E depois de amanhã também, meu caro Sidrac, pois é preciso mais de um jantar para a gente instruir-se.

CAPÍTULO V

No dia seguinte, os três pensadores jantaram juntos; e, como iam ficando mais alegres à medida que avançava o tempo, segundo o costume dos filósofos que jantam, divertiram-se em falar de todas as misérias, de todas as tolices, de todos os horrores que afligem o gênero animal, desde as terras austrais ao pólo ártico, e desde Lima a Meaco. Essa diversidade de abominações não deixa de ser muito divertida, É um prazer que não têm os burgueses caseiros e os vigários de paróquia, que só conhecem o seu campanário e julgam que todo o resto do universo é feito como Exchange-alley em Londres, ou como a rua de La Huchette em Paris.

— Noto — disse o doutor Grou — que, apesar da variedade infinita espalhada pelo globo, todos os homens que vi, negros encarapinhados ou lisos, ou os bronzeados, ou os vermelhos, ou os trigueiros que se chamam brancos, têm igualmente duas pernas, dois olhos e uma cabeça, diga lá o que quiser Santo Agostinho que, no seu trigésimo-sétimo sermão, assegura ter visto acéfalos, isto é, homens sem cabeça, monóculos, que só têm um olho, e monópodes, que só têm uma perna. Quanto aos antropófagos.

confesso que os há de sobra, e que todo o mundo já o foi.

Muitas vezes me perguntaram se os habitantes desse país imenso chamado Nova Zelândia, e que são hoje os mais bárbaros de todos os bárbaros, eram batizados. Respondi que não o sabia, mas bem poderiam sê-lo; que os judeus, que eram mais bárbaros que eles, tinham dois batismos em vez de um, o batismo de justiça e o batismo de domicílio.

— Na verdade, eu os conheço — disse o sr. Goudman — e tive, a esse respeito, grandes discussões com aqueles que julgam termos inventado o batismo. Não, senhores, nós não inventamos coisa alguma, nada mais fizemos que repetir. Mas dizei-me, sr. Grou, das oitenta ou cem religiões que vistes de passagem, qual vos pareceu mais agradável? A dos zelandeses ou a dos hotentotes?

O senhor Grou: — É a da ilha de Otaiti, sem nenhuma comparação. Percorri os dois hemisférios, e nada vi como Otaiti e a sua religiosa rainha. É em Otaiti que a natureza habita. Mas noutras partes não vi senão velhacos que enganam a tolos, charlatães que escamoteiam o dinheiro dos outros para conseguir autoridade, e que escamoteiam autoridade para conseguir dinheiro

impunemente; que nos vendem teias de aranha para comer nossas perdizes; que nos prometem riquezas e prazer para quando não houver mais ninguém, a fim de que lhe viremos o espeto enquanto eles existem.

— Por Deus! não é o que acontece na ilha de Alti, ou de Otaiti. Essa ilha é muito mais civilizada do que a da Zelândia e o país dos cafres, e, ouso dizê-lo, do que a nossa Inglaterra, porque a natureza a favoreceu com um solo mais fértil; deu-lhe a árvore do pão, presente tão útil como admirável, que só fez a algumas ilhas dos mares do sul. Otaiti também possui muitos voláteis, legumes e frutos. Em tal país não se tem necessidade de comer o semelhante; mas há uma necessidade mais natural, mais amável, mais universal, que a religião de Otaiti manda satisfazer em público. É de todas as cerimônias religiosas, a mais respeitável sem dúvida. Fui testemunha de tal cerimônia, bem como toda a equipagem de nosso navio. Não se trata aqui de fábulas de missionários, tais como às vezes se encontram nas *Cartas edificantes e curiosas* dos reverendos padres jesuítas. O doutor João Hakerovorth acaba de mandar imprimir as nossas descobertas no hemisfério meridional. Sempre acompanhei o sr. Banks, esse jovem tão estimável que empregou o tempo e o dinheiro na observação da natureza antártica, enquanto os srs. Dakins e Wood voltavam das ruínas de

Palmira e Balbek, onde haviam explorado os mais antigos monumentos das artes, e enquanto o ar. Hamilton contava aos napolitanos atônitos a história natural de seu monte Vesúvio. Vi, enfim, com os srs. Banks, Solander, Cook, e cem outros, o que vou agora referir.

A princesa Obeira, rainha da ilha de Otaiti...

Foi então servido o café e, depois que o tomaram, o sr. Grou assim continuou a sua narrativa:

CAPÍTULO VI

A princesa Obeira, dizia eu, depois de nos haver cumulado de presentes, com uma polidez digna de uma rainha da Inglaterra, mostrou curiosidade em assistir ao nosso serviço anglicano. Nós o celebramos o mais pomposamente possível. Ela convidou-nos então para assistir ao seu, na tarde do mesmo dia; era a 14 de maio de 1769. Encontramo-la rodeada de cerca de mil pessoas de ambos os sexos, dispostas em semicírculo, e num silêncio respeitoso. Uma jovem, muito linda, simplesmente vestida de um roupão galante, achava-se deitada sobre um estrado que servia de altar. A rainha Obeira ordenou a um belo jovem de cerca de vinte anos que fosse sacrificar. Este pronunciou uma espécie de oração e subiu ao altar. Os dois sacrificadores estavam seminus. A rainha, com um ar majestoso, indicava à jovem vitima a maneira mais conveniente de consumar o sacrifício. Todos os otaitianos se mostravam tão atentos e respeitosos que nenhum dos nossos marinheiros ousou perturbar a cerimônia com um riso indecente. Eis, pois, o que eu vi, eis o que toda a nossa equipagem viu. A vós cumpre tirar as conseqüências.

— A mim não me espanta essa festa sagrada — disse o doutor Goudman. — Estou persuadido de que foi a primeira festa que os homens celebraram; e não vejo por que motivo não se rezaria a Deus quando se vai fazer uma criatura à sua imagem, da mesma forma que lhe rezamos antes das refeições que servem para sustentar o nosso corpo. E assim que pensavam os primeiros hindus, que veneravam o Linga, símbolo da geração; os antigos egípcios, que carregavam o Falo em procissão; os gregos, que erigiam templos a Priapo. Se é permitido citar a miserável nação judia, grosseira imitadora de todos os seus vizinhos, está escrito nos seus livros que esse povo adorou Priapo, e que a rainha mãe do rei judeu Asa foi sua grã-sacerdotisa.(3)

Como quer que seja, é muito verossímil que nenhum povo jamais tenha estabelecido, ou tenha podido estabelecer, um culto por mera libertinagem. O deboche às vezes se introduz com o tempo; mas a instituição é sempre inocente e pura. Nossos primeiros ágapes, durante os quais os rapazes e as raparigas se beijavam recatadamente na boca, só muito mais tarde é que degeneraram em encontros galantes e infidelidades; e praza a Deus que eu possa sacrificar com Miss Fidler diante da rainha Obeira com toda honra e glória! Seria certamente o mais belo dia e a mais bela ação da minha vida.

O sr. Sidrac, que até então se conservara em silêncio, porque os senhores Goudman e Grou não haviam cessado de falar, saiu enfim da sua taciturnidade e disse:

— Depois de tudo o que ouvi, sinto-me arrebatado de admiração. A rainha Obeira se me afigura a primeira soberana do hemisfério meridional, não ouso dizer dos dois hemisférios. Mas, em meio a tanta glória e felicidade, há uma coisa que faz tremer, e a respeito da qual vos disse algo a que não respondestes. É verdade, senhor Grou, que o capitão Wallis, que ancorou antes de vós nessa afortunada ilha, levou para ali os dois mais horríveis flagelos da terra?(4)

— Oh! — exclamou o ar. Grou. — Os franceses é que nos acusam disso, e nós acusamos os franceses. O senhor Bougainville diz que foram aqueles malditos ingleses que transmitiram a sífilis à rainha Obeira; e o sr. Cook alega que essa rainha a adquiriu do próprio Sr. Bougainville. Como quer que seja, a sífilis assemelha-se às belas-artes: não se sabe qual foi seu inventor, mas acabaram dando volta à Europa, à Ásia, à África e à América.

— Há muito que exerço a cirurgia — disse Sidrac — e confesso que devo à sífilis a maior parte de minha fortuna; mas nem por isso a detesto menos. A sra. Sidrac ma comunicou logo

na primeira noite de núpcias; e, como é uma mulher excessivamente melindrosa em tudo quanto possa atentar à sua honra, mandou publicar em todas as gazetas de Londres que estava na verdade atacada do mal imundo, mas que o trouxera do ventre da senhora sua mãe, e que era um antigo hábito de família.

Em que teria pensado isso a que se chama natureza quando verteu esse veneno nas fontes da vida? Já disseram, e eu o repito, que é a maior e mais detestável de todas as contradições. Como! o homem foi feito, dizem à imagem de Deus, *finxit in effigiem moderantum cuncta deorum*, e é nos vasos espermáticos dessa imagem que puseram a dor, a infecção e a morte! Que será então desse belo verso de milorde Rochester: "O amor faria adorar a Deus em um país de ateus"?

— Ah! — suspirou o bom Goudman. — Talvez eu deva agradecer à Providência por não ter desposado a minha querida Miss Fidler, pois sabe lá o que não teria acontecido. Nunca se está seguro de nada neste mundo. Em todo caso, sr. Sidrac, vós me prometestes auxílio em tudo quanto se referisse à minha bexiga.

— Estou a vosso dispor — respondeu Sidrac, — mas é preciso repelir esses maus pensamentos.

Goudman, assim falando, parecia prever o seu destino.

CAPÍTULO VII

No dia seguinte os três filósofos abordaram a grande questão: qual o primeiro móvel de todas as ações dos homens. Goudman, a quem sempre lhe doera a perda de seu cargo e da sua bem-amada, disse que o princípio de tudo era o amor e a ambição. Grou, que vira mais terras, disse que era o dinheiro; e o grande anatomista Sidrac assegurou que era a privada. Pasmaram os dois convivas, e eis como o sábio Sidrac provou a sua tese:

— Sempre observei que todos os negócios deste mundo dependem da opinião e da vontade de um principal personagem, seja o rei, ou o primeiro ministro, ou alto funcionário. Ora, essa opinião e essa vontade são o efeito imediato da maneira como os espíritos animais se filtram no cérebro e daí até a medula alongada; esses espíritos animais dependem da circulação do sangue; esse sangue depende da formação do quilo; esse quilo elabora-se na rede do mesentério; esse mesentério acha-se ligado aos intestinos por filamentos muito delgados; esses intestinos, se assim me é permitido dizer, estão cheios de merda. Ora, apesar das três fortes túnicas de que cada intestino está revestido, é

tudo perfurado como uma peneira; pois tudo na natureza é arejado, e não há grão de areia, por imperceptível que seja, que não tenha mais de quinhentos poros, Poder-se-ia fazer passar mil agulhas através de uma bala de canhão, se as conseguíssemos bastante finas e bastante fortes. Que acontece então a um homem com prisão de ventre? Os elementos mais tênues, mais delicados da sua merda, se misturam ao quilo nas veias de Asellius, vão à veia-porta e ao reservatório de Pecquet; passam para a subclávia; penetram no coração do homem mais galante, da mulher mais faceira. É uma orvalhada de bosta que se lhe espalha por todo o corpo. Se esse orvalho inunda os parênquimas, os vasos e as glândulas de um atrabiliário, o seu mau-humor transforma-se em ferocidade; o branco de seus olhos se torna de um sombrio ardente; seus lábios colam-se um ao outro; a cor do rosto assume tonalidades baças. Ele parece que vos ameaça; não vos aproximeis; e, se for um ministro de Estado, guardai-vos de lhe apresentar um requerimento. Todo e qualquer papel, ele só o considera como um recurso de que bem desejaria lançar mão, segundo o antigo e abominável costume dos europeus. Informai-vos habilmente de seu criado se Sua Senhoria foi aos pés pela manhã.

Isto é mais importante do que se julga. A prisão de ventre tem produzido às vezes as mais

sanguinolentas cenas. Meu avô, que morreu centenário, era boticário de Cromwell; contou-me muitas vezes que fazia oito dias que Cromwell não ia à privada quando mandou degolar o seu rei.

Todas as pessoas um pouco a par dos negócios do continente sabem que o duque de Guise foi várias vezes avisado de que não incomodasse a Henrique III no inverno, enquanto estivesse soprando o nordeste. Em tal época, era com extrema dificuldade que o referido monarca satisfazia as suas necessidades naturais. Suas matérias lhe subiam à cabeça; era capaz, então, de todas as violências. O duque de Guise não levou a sério tão avisado conselho. Que lhe aconteceu? Seu irmão e ele foram assassinados.

Carlos IX, seu predecessor, era o homem mais entupido do reino. Tão obstruídos estavam os condutos de seu cólon e de seu reto, que por fim o sangue lhe jorrou pelos poros. Bem se sabe que esse temperamento adusto foi uma das causas da matança de S. Bartolomeu.

Pelo contrário, as pessoas que têm bom aspecto, as entranhas aveludadas, o colédoco fluente, o movimento peristáltico fácil e regular, que todas as manhãs, depois de comer, se desobrigam de uma boa evacuação, tão facilmente como os outros cospem; essas pessoas favoritas da natureza são brandas, afáveis,

graciosas, benevolentes, serviçais. Um não na sua boca tem mais graça do que um sim na boca de um entupido.

Tal é o domínio da privada, que uma soltura torna muita vez um homem pusilânime. A disenteria tira a coragem. Não convideis um homem enfraquecido pela insônia, por uma febre lenta, e por cinqüenta dejeções pútridas, para atacar um posto inimigo em pleno dia. Eis por que não posso acreditar que todo o nosso exército estivesse com disenteria na batalha de Azincourt, como dizem, e que alcançou a vitória de calças na mão. Alguns soldados teriam ficado com soltura por haverem abusado de maus vinhos no caminho; e os historiadores teriam dito que todo o exército, enfermo, se bateu de bunda de fora, e que, para não mostrá-la aos peralvilhos franceses, bateu-os redondamente, segundo a expressão do jesuíta Daniel. E eis justamente como se escreve a História.

É assim que os franceses todos repetiram, uns após outros, que o nosso grande Eduardo III fez que lhe apresentassem, de corda ao pescoço, seis burgueses de Calais, para os mandar enforcar, porque haviam ousado sustentar. corajosamente o cerco e que sua mulher lhes obtivera o perdão com suas lágrimas. Esses romancistas não sabem que era costume, naqueles tempos bárbaros, que os burgueses se

apresentassem perante o vencedor com a corda ao pescoço, quando o haviam detido por demasiado tempo diante de um bivaque. Mas sem dúvida o generoso Eduardo não tinha a mínima intenção de enforcar aqueles seis reféns, a quem cumulou de presentes e honras. Estou farto de todas essas sensaborias com que tantos pretensos historiadores rechearam as crônicas, e de todas essas batalhas que tão mal descreveram. Preferiria acreditar que Gedeão obteve assinalada vitória com trezentas bilhas. Não leio mais, graças a Deus, senão a história natural, contanto que um Burnet, e um Whiston, e um Woodward não mais me aborreçam com seus malditos sistemas; que um Maillet não mais me diga que o mar da Irlanda produziu o monte Cáucaso, e que o nosso globo é de vidro; contanto que não me apresentem pequenos juncos aquáticos como animais vorazes, nem o coral como insetos; contanto que charlatães não me venham apresentar insolentemente as suas fantasias como verdades. Faço mais caso de um bom regime que mantém meus humores em equilíbrio e me proporciona, uma digestão fácil e um sono tranqüilo. Bebei coisas quentes no frio, coisas frescas no calor; nem em demasia nem muito pouco; digeri, dormi, diverti-vos e zombai do resto.

CAPÍTULO VIII

Enquanto o sr. Sidrac pronunciava essas avisadas palavras, vieram prevenir o sr. Goudman de que o intendente do conde de Chesterfield estava à porta com sua carruagem e pedia para lhe falar sobre um assunto urgentíssimo. Goudman corre a receber as ordens do senhor intendente, que, pedindo-lhe que subisse para a carruagem, indagou:

— Sabeis acaso o que aconteceu ao senhor e à senhora Sidrac na sua primeira noite de núpcias?

— Sim, meu senhor, não faz muito que ele me contava essa pequena aventura.

— Pois bem! a mesma coisa aconteceu à bela Fidler e ao senhor cura seu marido. No dia seguinte eles se bateram, no outro dia se separaram, e tiraram o cargo ao senhor cura. Amo a Fidler, sei que ela vos ama; e a mim não me odeia. Estou acima do pequeno infortúnio que é a causa do seu divórcio. Sou, um enamorado intrépido. Cedei-me Miss Fidler, e eu vos consigo o curato, que dá cento e cinqüenta guinéus de

renda. Concedo-vos apenas dez minutos para refletir.

— Senhor, a proposta é delicada, vou consultar meus filósofos Sidrac e Grou; volto já.

Corre a seus dois conselheiros.

— Vejo — diz ele — que não só a digestão decide as coisas deste mundo, mas que também o amor, a ambição e o dinheiro influem grandemente.

Expõe-lhes o caso e pede que o resolvam logo. Concluíram ambos que, com cento e cinqüenta guinéus, teria ele todas as raparigas da sua paróquia e ainda Miss Fidler, de quebra.

Goudman compreendeu a sabedoria desse alvitre; obteve o curato e conseguiu Miss Fidler em segredo, o que era muito mais agradável do que tê-la por esposa. O sr. Sidrac lhe prestou seus bons ofícios quando se apresentou a ocasião. Ele tornou-se um dos mais terríveis pastores da Inglaterra; e está mais do que nunca persuadido de que a fatalidade governa todas as coisas deste mundo.

NOTAS

(1) — “Preferment”, em inglês, significa preferência, benefício.

(2) — Questões Enciclopédicas, artigo Natureza.

(3) — Terceiro dos Reis, cap. XIII; e Paralipômenos, cap. XV.

(4) — Referência à sífilis e à varíola.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

_____
Julho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos
GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com

O Mundo Como Está

VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

O Mundo Como Está (1775)
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 5
Nélson Jahr Garcia
BIOGRAFIA DO AUTOR — 11

O MUNDO COMO ESTÁ —14

O MUNDO
COMO ESTÁ

Visão de Babuc escrita por ele próprio

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Em “O mundo como está” temos o mesmo Voltaire irônico e crítico em relação aos costumes de sua época. Contudo, não é o sarcástico de outras obras. Foi escrito na fase em que ainda lhe restava certo otimismo e algum sorriso.

Babuc foi encarregado, pelas divindades, representadas por Ituriel, de observar pessoalmente Persépolis e apresentar um relatório para que os deuses decidissem ou não pela destruição da cidade que julgavam irremediavelmente contaminada.

Em suas observações demonstra que não é possível distinguir entre defeitos e virtudes como entidades estanques e opostas, noção já existente há milênios e recuperada por Hegel e Marx, muito mais tarde, sob o rótulo de “unidade dos contrários”.

Após verificar a destruição e morticínio gerados por uma guerra arrasadora Babuc percebe a ingenuidade e ignorância dos soldados que participavam da batalha, inclusive do capitão:

Depois de dar um pequeno presente ao soldado, Babuc entrou no acampamento. Em breve travou conhecimento com o capitão e perguntou-lhe o motivo da. guerra.

— Como quer que eu saiba? — respondeu o capitão. — E que me importa esse belo motivo? Moro a duzentas léguas de Persépolis; ouço dizer que foi declarada guerra; abandono em seguida a família, e vou procurar, segundo nosso costume, a fortuna ou a morte, visto que nada tenho que fazer.

Do lado contrário da contenda, reforçou sua visão de que nenhum dos lados poderia ser reponsabilizado pelo mal que tinha duas faces:

Absorto nesses pensamentos, passou ao acampamento dos indianos. Foi ali tão bem acolhido como no dos persas, conforme lhe fora predito; mas viu os mesmos excessos que o haviam transido de horror. “Oh! oh! — exclamou consigo — se o anjo Ituriel quer exterminar os persas, também o anjo das Índias tem de exterminar os indianos”. Informando-se em seguida, mais detalhadamente, do que se passara em ambos os exércitos, soube de atos de desprendimento, de

grandeza de alma, de humanidade, que o espantaram e comoveram. “Inexplicáveis humanos — exclamou, — como podeis reunir tanta baixeza e grandeza, tantas virtudes e crimes?”

Até mesmo o negociante desonesto mostrou a Babuc outra perspectiva de suas práticas, aliás muito semelhante à defendida pelos neo-liberais de nossos dias:

— Não há nesta cidade nenhum negociante mais ou menos conhecido — respondeu-lhe o outro — que não viesse devolver-lhe a bolsa; mas muito o enganaram, dizendo-lhe que eu lhe vendera artigos quatro vezes mais caro do que valiam: vendi-os por dez vezes mais. E tanto isto é verdade que, se daqui a um mês o senhor quiser revendê-los, não obterá nem essa décima parte. Mas nada mais justo: é a fantasia dos homens que dá preço a essas coisas frívolas; é essa fantasia que faz viver cem operários que eu emprego, é ela que me dá uma bela casa, um carro cômodo, cavalos, é ela que anima a indústria, que mantém o gosto, a circulação e a abundância. Às nações vizinhas vendo eu essas bagatelas muito mais caro que ao senhor, e assim sou útil ao império.

Por vezes Babuc se assusta com a falta de caráter:

> Tinham algum conhecimento da missão de Babuc. Um deles pediu-lhe em segredo que exterminasse um autor que não o louvara suficientemente cinco anos atrás. Outro solicitou a perda de um cidadão que nunca rira nas suas comédias. Um terceiro pediu a extinção da Academia, porque jamais conseguira entrar para ela. Findo o almoço, cada qual se retirou sozinho, pois não havia em todo o grupo dois homens que se pudessem suportar, nem falar-se a não ser em casa dos ricos que o convidavam para a sua mesa. Babuc julgou que não se perderia nada se toda aquela cambada perecesse na destruição geral.

Mais tarde, um sábio mostra um outro lado da realidade:

> — O senhor leu coisas bastante desprezíveis — disse-lhe o sábio letrado. — Mas em todas as épocas, e em todos os países, e em todos os gêneros, sempre formiga o mau e escasseia o bom. E se o senhor recebeu em casa o rebotalho do pedantismo é porque, em todas as profissões, o que há de mais indigno de

> aparecer é sempre o que se apresenta com maior imprudência. Os verdadeiros sábios vivem entre si, retirados e tranqüilos; há ainda, em nosso meio, homens e livros dignos de lhe ocupar a atenção.

Babuc também conheceu uma visão diferente da justiça humana:

> Levou-o no dia seguinte ao tribunal, onde devia ser proferida importante sentença. A causa era conhecida de todos. Os velhos advogados que a discutiam pareciam flutuar nas suas opiniões; alegavam cem leis, nenhuma das quais era aplicável ao fundo da questão; consideravam o assunto por cem pontos de vista, nenhum deles o adequado; os juizes decidiram mais depressa do que o tempo que gastaram os advogados em hesitar. O veredicto foi quase unânime; julgaram bem, porque seguiam as luzes da razão, e os outros haviam opinado mal, porque apenas tinham consultado os livros.

A pérola, a conclusão que é a obra prima do texto: Babuc comprova que não se pode pretender a perfeição absoluta do ser humano.

> Eis como se houve para apresentar esse relatório. Mandou fazer no melhor fundidor da cidade uma estatueta composta de todos os metais, das terras e pedras mais preciosas e mais vis; e levou-a a Ituriel.
>
> — Destruirias — disse ele — esta linda estátua, porque não é toda de ouro e diamantes?

O texto é um de um esplendor poético quase perfeito, é preciso senti-lo antes de razoar sobre ele. A genialidade não se julga, aprecia-se.

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente

recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio

de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

O MUNDO COMO ESTÁ

Visão de Babuc escrita por ele próprio

Entre os gênios que presidem os Impérios do mundo, ocupa Ituriel um dos primeiros lugares, e tem a seu cargo o departamento da Alta Ásia. Desceu certa manhã à morada do cita Babuc, à margem do Oxus, e disse-lhe:

— Babuc, as loucuras e excessos dos persas atraíram nossa cólera; reuniu-se ontem uma assembléia dos gênios da Alta Ásia para decidir se se devia castigar Persépolis ou destruí-la. Vai a esta cidade, examina tudo; conta-me fielmente o que vires; e eu resolverei, conforme o teu relato, corrigir a cidade ou exterminá-la.

— Mas, Senhor — observou humildemente Babuc, — eu nunca estive na Pérsia; não conheço ninguém por lá.

— Tanto melhor — retrucou o anjo, — assim não serás parcial; recebeste do céu o discernimento, e eu acrescento-lhe o dom de inspirar confiança; anda, olha, escuta, observa, e nada temas: serás bem recebido em toda parte.

Babuc montou no camelo e partiu com os seus criados. Ao cabo de alguns dias, encontrou

nas planícies de Senaar o exército persa, que ia combater o exército indiano. Dirigiu-se primeiro a um soldado que encontrou sozinho. Falou-lhe, e indagou qual o motivo da guerra.

— Por todos os deuses — replicou o soldado, — nada. sei. Isso não é da minha conta; o meu ofício é matar e ser morto para ganhar a vida; não importa a quem sirva. Poderia até passar amanhã mesmo para o acampamento dos hindus, pois dizem que pagam a seus soldados, por dia, cerca de meia dracma de cobre a mais do que recebemos neste maldito serviço da Pérsia. Se quer saber por que nos batemos, fale com o meu capitão.

Depois de dar um pequeno presente ao soldado, Babuc entrou no acampamento. Em breve travou conhecimento com o capitão e perguntou-lhe o motivo da. guerra.

— Como quer que eu saiba? — respondeu o capitão. — E que me importa esse belo motivo? Moro a duzentas léguas de Persépolis; ouço dizer que foi declarada guerra; abandono em seguida a família, e vou procurar, segundo nosso costume, a fortuna ou a morte, visto que nada tenho que fazer.

— Mas os seus camaradas — diz Babuc — não estarão um pouco mais informados do que o senhor?

— Não — responde o oficial, — só os nossos principais sátrapas é que sabem precisamente por que nos matamos.

Babuc, espantado, introduziu-se entre os generais, conquistando-lhes a intimidade.

— A causa desta guerra que há vinte anos assola a Ásia — disse-lhe afinal um deles — provém de uma querela entre o eunuco de uma mulher do grande rei da Pérsia e um funcionário do grande rei das Índias. Tratava-se de uma taxa que montava pouco mais ou menos à trigésima parte de um dárico. O primeiro ministro das Índias e o nosso sustentaram dignamente os direitos de seus senhores. De ambas as partes, armou-se um exército de um milhão de soldados. É preciso recrutar anualmente, para esse exército, cerca de quatrocentos mil homens. Multiplicam-se os assassínios, e os incêndios, as ruínas, as devastações; o universo sofre, e o encarniçamento continua. Nosso primeiro ministro e o das Índias protestam seguidamente que só se trata da felicidade do gênero humano; e, a cada protesto, há sempre algumas cidades destruídas e algumas províncias devastadas.

No dia seguinte, devido a um boato, que se espalhara, de que ia ser concluída a paz, o general persa e o general hindu apressaram-se em travar batalha; esta foi sangrenta. Babuc

assistiu-lhe a todos os erros e abominações; testemunhou as manobras dos principais sátrapas, que fizeram o possível para que o seu chefe fosse batido. Viu oficiais mortos pelas próprias tropas; viu soldados que acabavam de matar os camaradas agonizantes, para lhes arrancar alguns despojos ensangüentados, rotos e cobertos de lama. Entrou nos hospitais para onde conduziam os feridos, cuja maioria expirava, pela desumana negligência daqueles mesmos que o rei da Pérsia pagava regiamente para os socorrerem. “Serão homens — exclamou Babuc — ou animais ferozes? Ah! bem vejo que Persépolis vai ser destruída”.

Absorto nesses pensamentos, passou ao acampamento dos indianos. Foi ali tão bem acolhido como no dos persas, conforme lhe fora predito; mas viu os mesmos excessos que o haviam transido de horror. “Oh! oh! — exclamou consigo — se o anjo Ituriel quer exterminar os persas, também o anjo das Índias tem de exterminar os indianos”. Informando-se em seguida, mais detalhadamente, do que se passara em ambos os exércitos, soube de atos de desprendimento, de grandeza de alma, de humanidade, que o espantaram e comoveram. “Inexplicáveis humanos — exclamou, — como podeis reunir tanta baixeza e grandeza, tantas virtudes e crimes?”

A paz foi firmada. Os dois chefes contrários, nenhum dos quais alcançara vitória, mas que, em seu exclusivo interesse, haviam derramado o sangue de tantos homens seus semelhantes, acorreram às respectivas Cortes, para disputar recompensas. Celebrou-se a paz em éditos públicos que anunciavam nada menos que a volta da virtude e da felicidade à face da terra. “Louvado seja Deus! — disse Babuc. — Persépolis será a mansão da esclarecida inocência; não será destruída, como o queriam esses mesquinhos gênios: corramos sem tardança à capital da Ásia”.

Chegou a esta cidade imensa pela antiga entrada, que tinha um bárbaro aspecto e cuja desagradável rusticidade ofendia a vista. Toda essa parte da cidade ressentia-se do tempo em que fora construída; pois, apesar da teimosia dos homens em louvar o antigo à custa do moderno, cumpre confessar que, em tudo, os primeiros ensaios são sempre grosseiros.

Babuc misturou-se a uma multidão composta do que havia de mais sujo e feio em ambos os sexos. Essa multidão precipitava-se com ar estúpido em um vasto e sombrio recinto. Pelo continuo vozerio e movimento que ali notou, pelo dinheiro que algumas pessoas davam a outras para terem o direito de sentar-se, julgou achar-se num mercado onde vendiam cadeiras de palha; mas em breve, vendo que várias mulheres se

punham de joelhos, fingindo olhar fixamente para a frente e olhando os homens de soslaio, compreendeu que estava num templo. Vozes agudas, roucas, selvagens, discordantes, faziam a abóbada reboar de sons mal articulados, que produziam o mesmo efeito da voz dos onagros quando respondem, nos campos dos pictávios, à trompa de corno que os chama. Babuc tapava os ouvidos; mas esteve quase a tapar também os olhos e o nariz, quando viu entrarem alguns operários com ferramentas. Ergueram uma grande laje, e lançaram à direita e à esquerda uma terra de onde se exalava um cheiro pestilento; depositaram em seguida um cadáver naquela abertura e colocaram-lhe a pedra em cima. “Como! — estranhava Babuc. — Então esses povos enterram os mortos no mesmo local onde adoram a Divindade?! Como! Então os seus templos são pavimentados de cadáveres?! Não mais me espanto dessas pestes que seguidamente assolam Persépolis. A corrupção dos mortos, e a de tantos vivos reunidos e apertados no mesmo local, é capaz de envenenar o globo terrestre. Porca cidade, esta Persépolis! Sem dúvida os anjos querem destruí-la para construir outra mais bela e povoá-la de habitantes menos sujos e que cantem melhor. A Providência pode ter lá as suas razões: deixemo-la agir”.

Entrementes, o sol aproximava-se do alto da sua carreira. Babuc devia ir jantar no outro

extremo da cidade, em casa de uma dama a quem levava carta do marido, oficial do exército. Deu primeiro várias voltas por Persépolis; viu outros templos mais bem construídos e ornamentados, cheios de polida gente e ressoantes de belas harmonias; notou fontes públicas que, embora mal situadas, agradavam pela beleza; praças onde pareciam respirar em bronze os melhores reis que haviam governado a Pérsia; outras praças onde ouvia o povo exclamar: "Quando veremos aqui o senhor a quem queremos?" Admirou as pontes magníficas que atravessavam o rio, os cais soberbos, cômodos, os palácios erguidos de um lado e outro, um edifício imenso onde, cada dia, velhos soldados feridos e vencedores rendiam graças ao Deus dos exércitos. Chegou enfim à casa da dama, que o esperava para jantar, em companhia de distintas pessoas. A casa era limpa e ornada, a dama jovem, bonita, agradável, atenciosa, a companhia digna dela; e Babuc dizia consigo a cada instante: "O anjo Ituriel zomba do mundo em querer destruir uma cidade tão encantadora".

Notou, entretanto, que a dama, que começara por lhe pedir ternamente notícias do marido, falava ainda mais ternamente, no fim da refeição, com um jovem mago. Viu um magistrado que, em presença da mulher, assediava vivamente a uma viúva; e essa viúva indulgente enlaçava com uma das mãos o pescoço do magistrado, enquanto

estendia a outra a um jovem cidadão muito bonito e modesto. A mulher do magistrado foi quem primeiro se ergueu da mesa, para ir falar, num gabinete vizinho, com o seu diretor, que chegara atrasado e a quem haviam esperado para jantar; e o diretor, homem eloqüente, falou-lhe, naquele gabinete, com tanta veemência e unção, que a dama tinha, ao voltar, os olhos úmidos, as faces vermelhas, o passo inseguro, a voz trêmula.

Então Babuc começou a recear que o gênio de Ituriel tivesse razão. O seu dom de atrair confiança fê-lo conhecer no mesmo dia os segredos da dama; confessou-lhe esta a sua inclinação pelo jovem mago e assegurou-lhe que, em todas as casas de Persépolis, encontraria o equivalente do que vira na sua. Babuc concluiu que uma sociedade assim não poderia subsistir; que o ciúme, a discórdia, a vingança, deviam desolar todos os lares; que todos os dias deviam correr lágrimas e sangue; que sem dúvida os maridos matariam os galãs de suas mulheres, ou seriam mortos por estes; e que enfim Ituriel fazia muito bem em destruir de uma vez por todas uma cidade entregue a contínuos desmandos.

Achava-se mergulhado nessas funestas idéias quando se apresentou à porta um homem grave, de manto negro, que pediu humildemente para falar ao jovem magistrado. Este, sem se levantar, sem olhar para ele, deu-lhe altivamente, e com

um ar distraído, alguns papéis, e despediu-o. Babuc indagou quem era aquele homem.

— É um dos melhores advogados da cidade — disse-lhe em voz baixa a dona da casa. — Faz cinqüenta anos que estuda as leis. O magistrado, que tem apenas vinte e cinco anos e que é sátrapa de lei apenas há dois dias, encarrega-o de fazer a súmula de um processo que deve julgar, e que ainda não leu.

— Esse jovem estouvado faz muito bem — disse Babuc — em pedir conselho a um velho; mas por que não é esse velho o juiz?

— O senhor está brincando — retrucou a dama. — Os que envelheceram em empregos laboriosos e subalternos jamais atingem às dignidades. Esse jovem exerce um alto cargo porque o seu pai é rico, e aqui o direito de distribuir justiça compra-se como um terreno.

— Ó costumes! ó desgraçada cidade! — exclamou Babuc. — Eis o cúmulo da desordem. Os que assim compraram o direito de julgar, com certeza vendem os seus julgamentos. Não vejo aqui senão abismos de iniquidade.

Como assim externasse a sua dor e surpresa, disse-lhe um jovem guerreiro, que chegara naquele mesmo dia do exército:

— Por que não quer o senhor que se comprem os cargos da justiça? Quanto a mim, comprei o direito de afrontar a morte à frente de dois mil homens que comando; desembolsei quarenta mil dáricos de ouro este ano, para dormir por terra trinta noites seguidas, e receber dois belos flechaços de que ainda me ressinto. — Se me arruino para servir ao imperador persa, a quem nunca vi, o senhor sátrapa de toga pode muito bem pagar qualquer coisa para ter o prazer de dar audiência a litigantes.

Babuc, indignado, não pôde deixar de condenar, no intimo, um país onde se punham em leilão as dignidades da paz e da guerra; concluiu precipitadamente que ali deviam ignorar de todo a guerra e as leis e que, mesmo que Ituriel não os exterminasse, pereceriam por obra da sua detestável administração.

Sua má opinião agravou-se ante a chegada de um homem corpulento que, depois de saudar familiarmente a toda a companhia, se aproximou do jovem oficial e disse-lhe: “Só lhe posso emprestar cinqüenta mil dáricos de ouro, pois, na verdade as alfândegas do império apenas me renderam trezentos mil este ano”. Babuc informou-se sobre quem era aquele homem que se queixava de ganhar tão pouco; soube que havia em Persépolis quarenta reis plebeus que

arrendavam o império da Pérsia, e que davam alguma coisa ao monarca.

Foi depois a um dos mais soberbos templos da cidade; sentou-se em meio a um grupo de mulheres e homens que ali tinham ido passar o tempo. Num elevado balcão apareceu um mago, que falou longamente do vício e da virtude. Esse mago dividiu em várias partes o que não tinha necessidade de ser dividido; provou metodicamente tudo o que era claro, ensinou tudo o que se sabia. Apaixonou-se a frio, e saiu suando e sem fôlego. Toda a assembléia então despertou e julgou ter assistido a uma instrução. "Eis um homem — disse Babuc — que fez o melhor que pôde para aborrecer a duzentos ou trezentos de seus concidadãos; mas a sua intenção era boa e por isso não há motivo de destruir Persépolis". Ao sair dessa assembléia, levaram-no a ver uma festa pública que era celebrada todos os dias; era numa espécie de basílica, ao fundo da qual se via um palácio. As mais belas cidadãs de Persépolis, os mais consideráveis sátrapas, colocados em ordem, constituíam um espetáculo tão belo, que Babuc julgou a princípio que aquilo era toda a festa. Duas ou três pessoas, que pareciam reis e rainhas, apareceram logo no vestíbulo daquele palácio; sua linguagem, muito diferente da do povo, era medida, harmoniosa e sublime. Ninguém dormia, todos escutavam em profundo

silêncio, apenas interrompido pelos testemunhos de sensibilidade e admiração. O dever dos reis, o amor da virtude, os perigos das paixões, eram expressos em tiradas tão vivas e comoventes, que Babuc rompeu em pranto. Não duvidou que aqueles heróis e heroínas, aqueles reis e rainhas que acabava de ouvir, fossem os predicadores do império; propôs-se, até, induzir Ituriel a que viesse ouvi-los, certo de que tal espetáculo o reconciliaria para sempre com a cidade.

Terminada a festa, quis ir visitar a principal rainha, que declamara naquele belo palácio uma moral tão nobre e tão pura; fez-se apresentar a Sua Majestade; levaram-no, por uma estreita escada, a um apartamento mal mobiliado do segundo andar, onde encontrou uma mulher mal vestida, que lhe disse com um ar nobre e patético: “Este ofício não dá para viver; um dos príncipes que o senhor viu me fez um filho; em breve vou dar à luz; não tenho dinheiro, e sem dinheiro não se pode ter filhos”. Babuc deu-lhe cem dáricos de ouro, dizendo consigo: “Se não houvesse senão esse mal na cidade, Ituriel não teria razão de incomodar-se tanto”.

Dali, foi passar a noite no estabelecimento de uns vendedores de magníficas bagatelas, aonde o levou um homem inteligente com quem travara relações. Escolheu o que lhe agradou, e que lhe venderam polidamente por muito mais do que

valia. Seu amigo, na volta, fez-lhe compreender como o haviam enganado. Babuc inscreveu nas suas tabuinhas o nome do negociante, para indicá-lo a Ituriel no dia da punição da cidade. Enquanto escrevia, bateram-lhe à. porta: era o próprio negociante que vinha trazer-lhe a bolsa que ele havia esquecido sobre o balcão.

— Como se explica — estranhou Babuc — que o senhor se mostre tão fiel e generoso, quando não teve vergonha de vender-me bugigangas quatro vezes acima do seu valor?

— Não há nesta cidade nenhum negociante mais ou menos conhecido — respondeu-lhe o outro — que não viesse devolver-lhe a bolsa; mas muito o enganaram, dizendo-lhe que eu lhe vendera artigos quatro vezes mais caro do que valiam: vendi-os por dez vezes mais. E tanto isto é verdade que, se daqui a um mês o senhor quiser revendê-los, não obterá nem essa décima parte. Mas nada mais justo: é a fantasia dos homens que dá preço a essas coisas frívolas; é essa fantasia que faz viver cem operários que eu emprego, é ela que me dá uma bela casa, um carro cômodo, cavalos, é ela que anima a indústria, que mantém o gosto, a circulação e a abundância. Às nações vizinhas vendo eu essas bagatelas muito mais caro que ao senhor, e assim sou útil ao império.

Babuc, depois de haver cismado um pouco, riscou-o das suas tabuinhas.

Babuc, muito incerto do que deveria pensar de Persépolis, resolveu avistar-se com os magos e os letrados: pois uns estudam a sabedoria, e os outros a religião; e esperava que esses pudessem salvar o resto do povo. Na manhã seguinte transportou-se para um colégio de magos. O arquimandrita confessou-lhe que tinha cem mil escudos de renda por haver feito voto de pobreza, e que exercia um império bastante extenso em vista do seu voto de humildade; depois do que, deixou Babuc aos cuidados de um irmão menor, que lhe fez as honras da casa.

Ora, enquanto esse irmão lhe mostrava as magnificências daquela casa de penitência, espalhou-se o rumor de que Babuc ali fora para reformar todos aqueles estabelecimentos.

Começaram logo a chegar-lhe memoriais de cada uma das referidas casas; esses memoriais diziam todos, em substância: Conservai-nos, e destruí todas as outras. A julgar por suas apologias, essas sociedades eram todas necessárias. Mas, a julgar por suas acusações recíprocas, mereciam ser todas aniquiladas. Admirava-se de como não havia nenhuma delas que, para edificar o universo, não lhe quisesse conseguir o império. Apresentou-se então um

homenzinho que era um semimago e que lhe disse:

— Vejo que os tempos vão cumprir-se, pois Zerdust voltou à terra; as meninas profetizam, recebendo pinçaços pela frente e chicotaços por trás. Pedimos, pois, vossa proteção contra o Grão-Lama.

— Como! — exclamou Babuc. — Contra esse pontífice-rei que reside no Tibé?

— Ele mesmo.

— Então lhe declarastes guerra, e ergueis exércitos contra ele?

— Não, mas o Grão-Lama diz que o homem é livre, coisa que nós não acreditamos; escrevemos panfletos, atacando-o, e que ele não lê; quando muito, ouviu apenas falar de nós; e limitou-se a nos condenar, como um proprietário ordena que destruam as lagartas de sua horta.

Babuc estremeceu ante a loucura daqueles homens que faziam profissão de sabedoria, as intrigas daqueles que haviam renunciado ao mundo, a orgulhosa ambição e cobiça daqueles que pregavam a humildade e o desinteresse; e concluiu que Ituriel tinha boas razões para destruir toda aquela espécie.

De regresso a casa, mandou procurar livros novos para suavizar suas penas e convidou alguns letrados para jantar, a fim de distrair-se. Veio o dobro do que convidara, como vespas que o mel atrai. Esses parasitas não faziam mais que comer e falar; louvavam duas espécies de pessoas, aos mortos e a si próprios, e nunca a seus contemporâneos, exceto o dono da casa. Se algum deles dizia uma boa frase, os outros baixavam os olhos e mordiam os lábios de dor por não lhes haver ocorrido isso. Eram menos dissimulados que os magos, pois não tinham tão grandes ambições. Cada qual disputava um lugar de lacaio e uma reputação de grande homem; diziam-se em cara coisas insultantes, que julgavam frases de espírito. Tinham algum conhecimento da missão de Babuc. Um deles pediu-lhe em segredo que exterminasse um autor que não o louvara suficientemente cinco anos atrás. Outro solicitou a perda de um cidadão que nunca rira nas suas comédias. Um terceiro pediu a extinção da Academia, porque jamais conseguira entrar para ela. Findo o almoço, cada qual se retirou sozinho, pois não havia em todo o grupo dois homens que se pudessem suportar, nem falar-se a não ser em casa dos ricos que o convidavam para a sua mesa. Babuc julgou que não se perderia nada se toda aquela cambada perecesse na destruição geral.

Logo que se desfez deles, põe-se a ler alguns dos novos livros, nos quais reconheceu a mentalidade de seus convivas. Viu sobretudo com indignação essas gazetas de maledicência, esses arquivos do mau gosto, que a inveja, a baixeza e a fome ditaram; essas covardes sátiras onde se poupa o abutre e se estraçalha a pomba; esses romances destituídos de imaginação, onde se vêem tantos retratos de mulheres que o autor não conhece.

Lançou ao fogo todos aqueles detestáveis escritos e saiu a passear. Apresentaram-lhe um velho letrado, que não for a aumentar o número daqueles parasitas. Esse letrado fugia sempre à multidão, conhecia os homens, o que muito lhe aproveitava, e falava com discrição. Babuc falou-lhe amargamente do que lera e do que tinha ouvido.

— O senhor leu coisas bastante desprezíveis — disse-lhe o sábio letrado. — Mas em todas as épocas, e em todos os países, e em todos os gêneros, sempre formiga o mau e escasseia o bom. E se o senhor recebeu em casa o rebotalho do pedantismo é porque, em todas as profissões, o que há de mais indigno de aparecer é sempre o que se apresenta com maior imprudência. Os verdadeiros sábios vivem entre si, retirados e tranqüilos; há ainda, em nosso meio, homens e livros dignos de lhe ocupar a atenção.

Enquanto aquele assim falava, veio juntar-se-lhes outro letrado; e o que disseram ambos foi tão agradável e instrutivo, tão acima dos preconceitos, e tão conforme virtude, que Babuc confessou jamais ter ouvido nada semelhante. “Eis aí uns homens — murmurava ele — em quem o anjo Ituriel não ousará tocar, a menos que seja muito impiedoso”.

Acomodado com as letras, continuava todavia em cólera contra o resto da nação. “O senhor é estrangeiro — dizia-lhe o avisado homem que lhe falava, — de modo que os abusos se lhe apresentam em multidão, e passa-lhe despercebido o bem, que está oculto e às vezes resulta desses mesmos abusos”. Soube então que, entre os letrados, alguns havia que não eram invejosos e que, até entre as magos, havia-os cheios de virtude. Compreendeu então que aquelas grandes sociedades que pareciam, em seus entrechoques, preparar a ruína comum, eram no fundo instituições salutares; que cada agrupamento de magos era um freio a seus rivais; que, se diferiam em algumas opiniões, esses êmulos pregavam todos a mesma moral, que instruíam o povo e viviam submissos às leis, semelhantes aos preceptores que vigiam os filhos da casa, enquanto os donos os vigiam a eles. Conversou com vários desses magos e descobriu almas celestiais. Reconheceu até que, entre os loucos que pretendiam guerrear o Grão-Lama,

havia homens eminentes. Suspeitou enfim que, com os costumes de Persépolis, poderia acontecer a mesma coisa que com os edifícios: uns lhe pareciam dignos de lástima, outros o enchiam de admiração.

Disse ao seu letrado:

— Reconheço que esses magos, a quem julgara tão perigosos, são, com efeito, muito úteis, sobretudo quando um sábio governo os impede de se tornarem demasiado necessários; mas ao menos confesse que os seus jovens magistrados, que compram um cargo de juiz logo que aprendem a montar a cavalo, devem revelar nos tribunais tudo o que a impertinência tem de mais ridículo e a iniqüidade de mais perverso; melhor seria ceder gratuitamente esses lugares aos velhos jurisconsultos que passaram toda a vida a pesar o pró e o contra.

— Antes de chegar a Persépolis — replicou o letrado, — viu o senhor o nosso exército; sabe que os nossos oficiais se batem muito bem, embora tenham comprado as divisas; igualmente há de ver que os nossos jovens magistrados não julgam mal, embora tenham pago para isso.

Levou-o no dia seguinte ao tribunal, onde devia ser proferida importante sentença. A causa era conhecida de todos. Os velhos advogados que a discutiam pareciam flutuar nas suas opiniões;

alegavam cem leis, nenhuma das quais era aplicável ao fundo da questão; consideravam o assunto por cem pontos de vista, nenhum deles o adequado; os juizes decidiram mais depressa do que o tempo que gastaram os advogados em hesitar. O veredicto foi quase unânime; julgaram bem, porque seguiam as luzes da razão, e os outros haviam opinado mal, porque apenas tinham consultado os livros.

Babuc concluiu que muita vez havia excelentes coisas nos abusos. Viu no mesmo dia que as riquezas dos financistas, que tanto o haviam revoltado, podiam produzir um ótimo efeito; pois tendo o imperador necessidade de dinheiro, encontrou, em uma hora, por intermédio deles, o que não conseguiria em seis meses pelas vias ordinárias; viu que aquelas grossas nuvens, infladas do orvalho da terra, devolviam em chuva o que haviam recebido. Aliás, os filhos desses homens novos, não raro mais bem educados que os de famílias mais antigas, valiam às vezes muito mais; pois nada impede que se seja um bom juiz, um bravo guerreiro, um hábil homem de Estado, quando se tem um pai bom calculista.

Insensivelmente, perdoava Babuc a avidez do financista, que não é, no fundo, mais ávido que os outros homens, e que é necessário. Escusava a loucura dos que se arruinavam para julgar e

bater-se, loucura que produz grandes magistrados e heróis. Passava por alto sobre a inveja dos letrados, entre os quais se encontravam homens que esclareciam o mundo; reconciliava-se com os magos ambiciosos e intrigantes, entre os quais havia ainda maiores virtudes que pequenos vícios. Mas ainda lhe restava muito que censurar; e principalmente as galanterias femininas, e suas possíveis conseqüências o enchiam de inquietação e temor.

Como quisesse estudar todas as condições humanas, fez-se conduzir a um ministro; mas, no caminho, continuava a recear que alguma mulher fosse assassinada na sua presença pelo marido. Chegado ao gabinete do ministro, esperou duas horas na antecâmara antes de ser anunciado, e mais duas horas depois de o ter sido. Propunha-se, nesse intervalo, recomendar ao anjo Ituriel esse ministro e seus insolentes oficiais. A sala de espera estava cheia de damas de todas as condições, de magos de todas as cores, de juizes, de homens de negócio, de militares, de pedantes; todos se queixavam do ministro. O avarento e o usurário diziam: “Com toda a certeza, esse homem pilha as províncias”; o caprichoso lhe estranhava a esquisitice; “Ele só pensa nos prazeres”, dizia o libertino; o intrigante suspirava vê-lo em breve perdido por uma cabala; as mulheres esperavam que lhe dessem em breve um ministro mais jovem.

Babuc, que os ouvia a todos, não pôde deixar de dizer consigo mesmo: “Eis ai um homem bastante feliz; tem todos os seus inimigos na antecâmara; aplastra com o seu poder aqueles que o invejam; vê a seus pés os que o detestam”. Afinal entrou: viu um velhinho curvado ao peso dos anos e dos trabalhos, mas ainda vivo e cheio de espírito.

Babuc agradou-lhe, e pareceu a Babuc um homem estimável. A palestra tornou-se interessante. Confessou-lhe o ministro que era muito infeliz; que passava por homem rico, e era pobre; que o julgavam todo-poderoso, e era contrariado; que só prestara serviço a ingratos, e que, num trabalho contínuo de quarenta anos, mal tivera um momento de consolo. Babuc sentiu-se comovido e pensou que, se aquele homem cometera faltas e o anjo Ituriel o quisesse punir, não precisava exterminá-lo, mas apenas conservá-lo naquele posto.

Enquanto falava ao ministro, entra de súbito a bela dama em cuja casa havia jantado. Liam-se-lhe nos olhos e na fronte os sintomas da dor e da cólera. Explodiu em censuras ao homem de Estado; chorou; queixou-se amargamente de haverem recusado a seu marido um lugar a que o seu sangue permitia aspirar e que os seus serviços e ferimentos mereciam; exprimiu-se com tanta força, pôs tanta graça nas suas queixas,

destruiu tão habilmente as objeções, fez valer com tamanha eloqüência as suas razões, que não saiu do gabinete sem ter feito a fortuna do marido.

Babuc estendeu-lhe a mão.

— Será possível, minha senhora — disse-lhe ele, — que se haja dado a todo esse trabalho por um homem a quem não ama e de quem tem tudo a temer?

— Um homem a quem não amo! — exclamou a dama. — Pois saiba que meu marido é o melhor amigo que tenho no mundo, que não há nada que eu não lhe sacrifique, exceto o meu amante, e que ele faria tudo por mim, menos abandonar a sua amante. Quero que a conheça; é uma mulher encantadora, cheia de espírito e tem o melhor caráter do mundo; ceamos juntas esta noite com o meu marido e o meu maguinho: venha compartilhar da nossa alegria.

A dama conduziu Babuc até a casa dela. O marido, que chegara imerso em dor, tornou a ver a esposa com transportes de alegria e gratidão; beijava sucessivamente a amante, a mulher, o mago e Babuc. A união, a alegria, o espírito e as graças foram a alma daquela ceia.

— Saiba — disse-lhe a bela dama — que aquelas a quem chamam às vezes de desonestas

têm quase sempre os méritos que constituem um homem honrado; e, para convencer-se disso, vá amanhã jantar comigo em casa da bela Teone. Há algumas velhas vestais que a estraçalham; mas Teone faz maior bem que todas elas juntas. Seria incapaz de cometer uma pequena injustiça pelo maior dos interesses; não dá a seu amante senão conselhos generosos; este coraria diante dela se deixasse escapar alguma ocasião de fazer o bem; pois nada incita mais às ações virtuosas do que ter, como testemunha e juiz, uma amante cuja estima se busca merecer.

Babuc não faltou ao encontro. Viu uma casa onde reinavam todas as atrações; Teone reinava sobre elas; sabia falar a cada qual a sua própria linguagem. Seu gênio natural punha à vontade o dos outros; agradava quase sem querer; era tão amável quanto bondosa; e, o que aumentava o preço de todas as suas boas qualidades, era bela. Babuc, por mais cita e mensageiro celestial que fosse, sentiu que, se se demorasse mais em Persépolis, esqueceria Ituriel por Teone. Afeiçoava-se à cidade, cujo povo era polido, pacífico e benévolo, embora leviano, tagarela e cheio de vaidade. Temia que Persépolis fosse condenada; temia até o relatório que teria de fazer.

Eis como se houve para apresentar esse relatório. Mandou fazer no melhor fundidor da

cidade uma estatueta composta de todos os metais, das terras e pedras mais preciosas e mais vis; e levou-a a Ituriel.

— Destruirias — disse ele — esta linda estátua, porque não é toda de ouro e diamantes?

Ituriel soube compreender; nem mesmo pensou em corrigir Persépolis, e resolveu deixar o mundo como estava. Pois, disse ele, se nem tudo está bem, tudo é passável. Deixou pois subsistir Persépolis; e longe estava Babuc de se queixar, como Jonas, que se agastou por não terem destruído Nínive. Mas depois que a gente passou três dias dentro de uma baleia, não se sente de tão bom humor como depois de haver estado na ópera, na comédia, e de ter jantado em boa companhia.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

_____
Julho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com